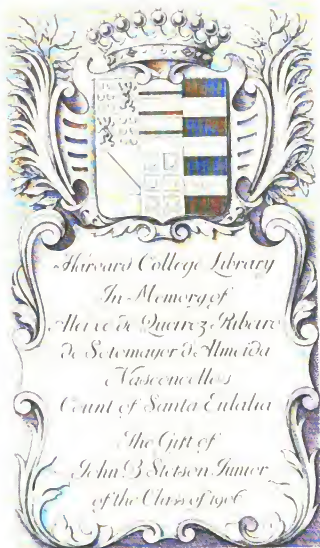
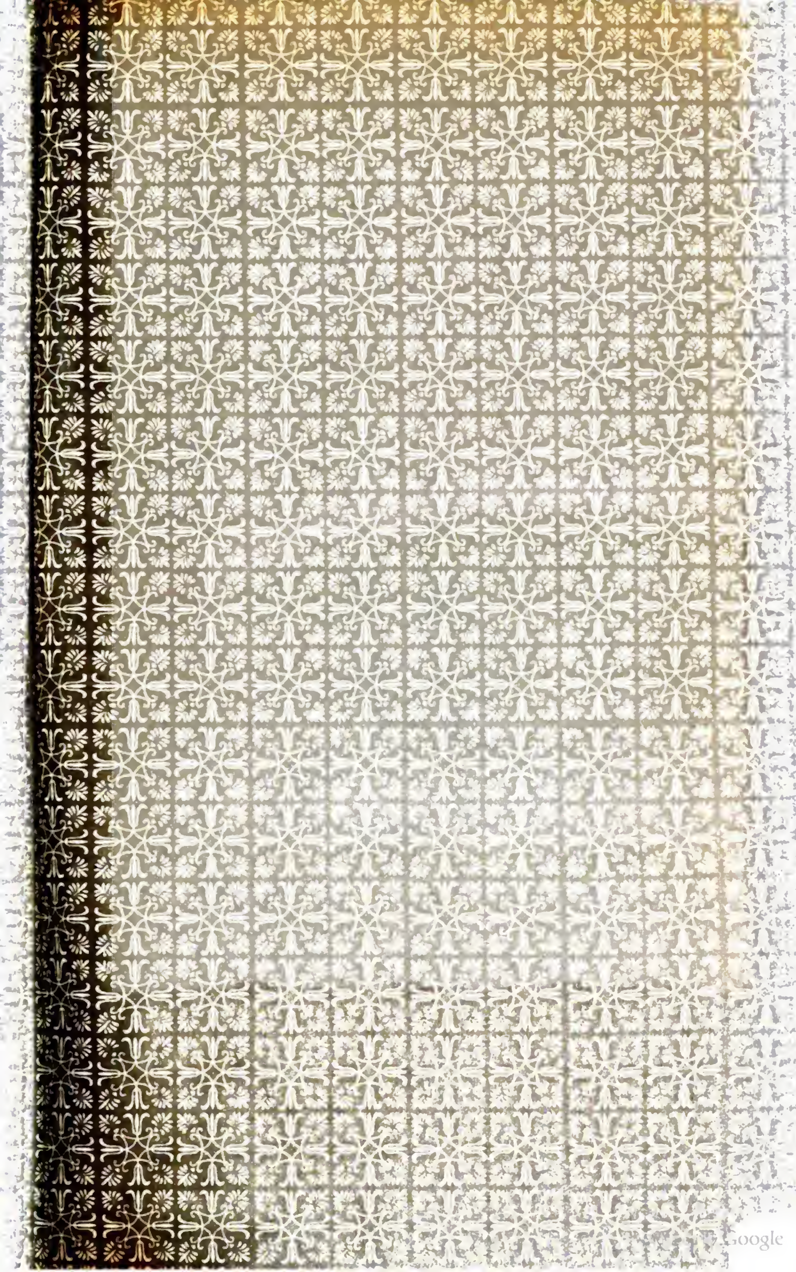
O PANORAMA: JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO DE SOCIEDADE...




Harvard College Library
In Memory of
Alvaro de Queirez Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906



O PANORAMA

JORNAL

LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XIII

QUINTO DA TERCEIRA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1856.)

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1856.

INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME DECIMO TERCEIRO — QUINTO DA TERCEIRA SERIE.

(OS ASTERISCOS DENOTAM AS GRAVURAS.)

FIM.

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

INTRODUCÇÃO.



Entra hoje o Panorama no seu decimo terceiro volume, e completam-se dezenove annos que em Lisboa se instituiu a benemerita sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, a quem as letras devem a fundação d'este periodico hebdomadario.

Acompanhado sempre do mais unanime applauso, assim em Portugal como no Brazil, esse vasto e florescente imperio tão nosso irmão por todos os respeitos, citado com elogio, e reconhecido como auctoridade por alguns sabios estrangeiros, o Panorama tem atravessado todas as vicissitudes sem padecer no seu credito, sempre bemquisto e festejado, em quanto que muitos dos seus companheiros nas lides da imprensa litteraria, e alguns de bem singular esforço, ou não tiveram a mesma fortuna, e esmoreceram, ou prostrados succumbiram na luta.

Como se explica a tão longa existencia do Panorama, longa n'um paiz em que o gosto do ler não está sufficientemente derramado, e em que, d'esses que lêem, o maior numero, infelizmente, prefere as traducções de romances, embora sejam feitas em linguagem mascavada, ás publicações de certa seriedade e alcance?

A explicação d'este phenomeno, que o é, e extraordinario, força é confessal-o, crêmos que está na collaboração, que tem constantemente honrado este periodico.

Creado sob os auspicios e direcção de uma das mais superiores intelligencias de Portugal, o sr. Alexandre Herculano, as columnas do Panorama têem sido como que o repositorio de excellentes trabalhos de alguns dos melhores escriptores d'este paiz. Não são asserções vagas estas; cada um póde per si verifical-as; e os volumes da presente serie o demonstram bem claramente.

Assim crêmos tambem que elle não desmerecerá da acceitação publica. Pela nossa parte poremos todo o esforço e diligencia por sermos dignos d'ella.

O editor não se poupará a sacrificios, quando possam redundar em beneficio da sua publicação. Não faz promessas pomposas: ha de comtudo empregar perseverantemente todos os meios para que o Panorama melhore sempre; e espera conseguil-o.

O plano de redacção seguido até hoje, que é o que lhe traçaram os seus illustrados fundadores, continuará inalteravel, salvas comtudo as modificações que a experiencia indicar indispensaveis.

Evitar-se-ha quanto ser possa artigos extensos, variando-se a materia d'elles, afim de que se satisfaça a todos os paladares.

Procurar-se-ha dar quantos desenhos fôr possivel de monumentos nacionaes. Para os obter é necessario vencer difficuldades que nem todos imaginam: entretanto temos já em nosso poder parte de uma preciosa collecção de vistas de um dos mais vastos e magnificos edificios de todo o reino; esperâmos que ainda n'este volume hão de publicar-se, acompanhando um trabalho consciencioso do nosso respeitavel collaborador e amigo, o sr. J. da Costa Cascaes. Os fóros da lingua manter-se-hão escrupulosamente.

Eis o que temos a dizer n'este logar; o futuro decidirá se cumprimos bem ou mal a pacifica, mas não pouco trabalhosa missão que nos impuzemos.

BRAZÃO D'ELVAS.

(TRADIÇÃO PORTUGUEZA.)

I

ELVAS.

Quando se percorrem as principaes cidades de Hespanha ha sempre que admirar n'ellas monumentos, ou curiosidades. Só Badajoz é excepção. Capital mesquinha, que nada offerece de notavel, desdiz de todas as outras. Em vão pedirá o artista um *esbocęto* á sua cathedral denegrida, informe e apoucada; em vão se abrirá o album para reproduzir algum edificio que o mereça. Nada ali é digno da publicidade. Apenas o presidio peninsular, magnifica obra que se levanta no campo de S. Domingos, contrasta singularmente com os feissimos casebres que a rodeiam. Nem mesmo o Guadiana fornece uma paizagem! Que arvore lhe sombreia as margens solitarias? Que rochedos ha n'elle grupados em poetica desordem? Que sinuosidades pittorescas, que possam aviventar o desenho? Tudo ali é desolação e tristeza! O viajante, avido de lendas e tradições, tortura inutilmente o *cicerone* por que lhe conte alguma cousa que prenda aquelles logares á historia ou á poesia. Condemnado como o artista, não recolhe uma memoria, que possa dramatisar nas paginas das suas impressões.

Entretanto desprendendo a vista de Badajoz, de cima de suas muralhas, ou das janellas das habitações, descobre-se em proximo horisonte outra cidade que branquea n'uma altura, entre infinidade de arvores corpulentas.

—Que povo é aquelle?

—Elvas.

—Elvas?... mas Elvas não é povo hespanhol?...

—É portuguez; cidade importante do reino, primeira entre as suas fortificações.

—E quantas leguas dista de Badajoz?

—Tres.

—Pois ámanhã seremos em Elvas:—dirá o viajante, que, aborrecido e cansado da pezada monotonia de Badajoz, almeja refocilar o animo quebrantado, na inspiração d'uma nova terra, que o convida com exteriores louçãos.

É facil a passagem de Badajoz a Elvas. De manhã mui cedo, quem chegar á porta de Palmas, póde tomar logar na diligencia que diariamente d'ali sáe para a praça portugueza. Depois de passada a ponte, que opprime o Guadiana ao pé de Badajoz, não tem a immensa planicie, que se atravessa, em que se possa fixar olhos. É então que o vae-vem não desagradavel da carruagem, o trote compassado das mulas, produzem certa somnolencia ou torpor, mui parecido a *spleen*, de que ninguem escapa, se não acerta ter por companheira de viagem alguma hespanhola ou portugueza graciosa, que charle com a vivacidade encantadora das filhas do meio-dia; vivacidade, que muitas vezes suppre a falta de exteriores angelicos, ou de superioridade d'espirito.

Uma legua andada, e chega-se ao Caia, pobre e triste rio, que está bem longe de merecer tal nome, e que por este lado divide os dous reinos hespanos. Antes de descer a pequena encosta, que vae perder-se na corrente, é agradavel descobrir como por encanto, na margem opposta, e em territorio portuguez, uma casinha branca, rusticamente construida e cercada d'alamos elevados. Recorda-nos as tão communs vinhetas, que exornam o final dos capitulos de novellas. É a habitação do barqueiro, o *oasis* d'aquelle deserto.

Ali, no Caia, no momento em que as mulas param para beber, não se está nem em Hespanha, nem em Portugal, e entretanto está-se na peninsula, que toda occupam estes dous reinos. Então, hespanhol ou portuguez que se seja, quando o coração se inflamma com o amor da humanidade e da civilisação, e a mente illustrada se desata de vulgares, anachronicos preconceitos, sente-se uma grande amargura, contemplando os effeitos perniciosos da desunião do que Deus irmanou em tantas condições naturaes e moraes, e que ambições e paixões de homens, influencias de tempos impoliticos, têem contido separado.

Uma legua antes de chegar a Elvas, ou a *Yelves*, como dizem os hespanhoes, já a vista começa a recrear-se nos olivaes, nas quintas, nas montanhas em cujos cimos o arvoredo não é a ultima cousa que captiva a attenção.

Quando se entra em Elvas, pouco ou nada se encontra que visitar. O que póde merecer o nome de bellezas artisticas está fóra d'aquellas muralhas imponentes. Ir ao café do Thomaz, provar doce das freiras de Santa Clara, passear pelas ruas, o que é isso em comparação das sensações que suscitam essa especie de passeio publico, ou jardim que ha nos fossos da praça; o magestoso aqueducto da Amoreira; a quinta de Vasconcellos; o forte de Lippe; e outros pontos exteriores, que arrebatam a attenção?

Quando ao cair da tarde se regressa á casa de pasto, contente das excursões do dia, se se pede aos companheiros da *table d'hôte* uma inspiração tradicional, os sitios, as batalhas, os episodios cavalheirescos, em que a honra nacional exulta, são capitulos interminaveis. É ahi que ouvireis a historia do cavalleiro do estandarte, o drama, a tradição que vou referir-vos.

II

SUBLATA CAUSA TOLLITUR EFFECTUM.

Em 1438 governava Elvas, em nome d'elrei D. Duarte, um dos seus favoritos cabos de guerra, Alvaro da Silva.

A mulher de D. Alvaro era joven e bellissima. Doce e affectuosa no trato ao modo da epocha, differia singularmente do marido, que de caracter era duro, inflexivel e despotico.

Graças á amabilidade de D. Mecia, D. Alvaro, naturalmente brusco e insociavel, humanisou-se a ponto de comprazer com ella, contrahindo relações com as familias principaes da terra, a quem recebia frequentemente, e com quem entretinha muitas horas. Pouco a pouco d'estas reuniões fortuitas foi nascendo uma sociedade formal, e d'ella um tormento aborrecivel para D. Alvaro.

Um dia apresentaram ao governador, que o admittiu á sua pequena companhia, um moço esforçado e conhecido. Era João Paes Gago, cavalleiro professo na ordem de Christo e fidalgo de *a par do rei*.

Á educação mais esmerada que por aquelle tempo se dava, reunia João Paes a circumstancia d'uma figura interessante. Era d'esses raros homens, que exercem poderosa attracção onde apparecem, e revelam a importancia dos seus dotes. Era d'esses raros cuja superioridade moral e physica os faz amados de quantos os tratam. João Paes seduzia pela conversação, como prendia pela physionomia altamente expressiva.

D. Alvaro não escapou d'essa influencia, e desde então as reuniões de sua casa perderam a frialdade, ou melhor a forçada gravidade, que lhes impunha o seu constante mau humor. Admirado dos talentos sociaes, militares e politicos de João Paes, apreciava-lhe a companhia, e procurava-a com afan. A dansa e o jogo invadiram a sala do governador, que emfim manifestára benevolencia desconhecida. Toda esta mudança operára a fascinação d'um homem; e a etiqueta portugueza, sem perder nada do seu typo lisonjeiro, mas fastidioso, consentia já esses circulos de conversação, que se tornam tanto mais animados quanto mais se particularisam. Tudo era devido a João Paes, o domesticador da féra de D. Alvaro, como lhe chamava o cavalleiro Ruy Faleiro, fidalgo enamorado com seus fumos de poeta epigrammatico, concorrente assiduo áquellas reuniões.

Passado era um mez depois da apresentação de João Paes. Uma noute em que entre elle e D. Alvaro se disputava ácerca dos devaneios da rainha D. Leonor Telles, e suas consequencias tão funestas para o paiz, deu o primeiro fé d'uma conversação animadissima entre Ruy Faleiro e D. Mecia. Este facto pareceu sobresaltal-o. Aproveitando a occasião em que D. Alvaro se prendêra ao jogo, procurou collocar-se de modo, que sem passar por indiscreto pudesse ouvir o dialogo suspeito. E conseguiu-o.

—Não basta a razão ou a ausencia, senhora, dizia o fidalgo a D. Mecia, com desesperação e voz alterada, não posso mais... Para mim o vosso desamor significa tanto como um golpe de D. Alvaro.

—Pois temei o ultimo, senhor, respondeu D. Mecia; porque sabei que meu esposo é excellente guerreiro. Procurae ao menos ausentar-vos, que assim suffocareis a paixão que vos domina tanto, e á qual me é impossivel corresponder.

—Impossivel! nada é no mundo impossivel! Dizei antes, que lhe não quereis corresponder, por-

que nada reuno do que pudéra fazer-me amar de vós!

—Deliraes, cavalleiro! Desconheceis os meus sentimentos, confundindo-me com as mulheres para quem é pouco a fidelidade conjugal, Deus, e o mundo em que vivemos. Crêde-me: por mui seductor que fosseis, nem a vós, nem a nenhum outro, amaria nunca.

—Mas, D. Mecia...

—Supplico-vos que não me falleis mais do vosso amor. Ouvís?

—Oh! morrerei então! Resta-me ainda o suicidio!

E proferindo taes palavras o joven Ruy Faleiro tinha insensivelmente alteado a voz, e todas as vistas se fixaram n'elle.

—Que é isso, cavalleiro Ruy? perguntou do seu logar D. Alvaro, franzindo as sobrancelhas, que vos succede?

O fidalgo levantou-se pallido e visivelmente agitado. Quiz fallar, desculpar aquelles gritos escapos dos seios d'alma, mas as palavras se lhe embargaram na garganta, como se as vistas de D. Alvaro o petrificassem.

—O sr. Ruy Faleiro, disse D. Mecia, sorrindo, despedia-se de mim para Estremoz, onde vae liquidar seu patrimonio. Quer ir a Inglaterra... Quer viajar para distrahir a melancolia que o persegue d'algum tempo para cá, e diz que ha de suicidar se se não chegar a conseguil-o.

—Mas ainda não estou decidido de todo, accrescentou o fidalgo.

—Pois decidi-vos a viajar, cavalleiro. É o melhor remedio á tristeza. Acreditae-me, e viajae.

E levantando-se, depois de fallar assim, dirigiu-se ao vão d'uma janella entreaberta, que dava para o jardim, como para respirar a frescura da noute e o aroma das flores.

Dentro em pouco João Paes Gago estava proximo d'ella, e encostado com desenfado cavalheiresco ao parapeito, lhe perguntava em voz baixa e balbuciante:

—E a mim, que me aconselhaes, senhora?

—Cavalleiro, respondeu D. Mecia com hesitação, não comprehendo, e fujo de comprehender-vos!

—Que me aconselhaes, senhora, continuou João Paes, a mim, que vos adoro como Faleiro, e mais do que elle ainda?... porque é impossivel que sejaes amada como eu vos amo!...

—Vós!

—E para que essa admiração, quando sobradamente o deveis saber! Porque dissimulaes? Sabeis quanto vos amava em Lisboa, sem atrever-me a manifestar-vol-o abertamente: amor tão timido e respeitoso, como puro e casto; amor que se contentava com ver-vos, escutar-vos, e se fosse possivel estar a vosso lado. Bem o sabeis, D. Mecia: vós, e só vós sois a mulher que encheu minh'alma, e que a encherá até á morte. Só vós me encantaes. Sois objecto das minhas illusões e de todos os meus sonhos de felicidade na terra. Pois bem, senhora, que me aconselhaes agora, que ouvís, que só vivo para amar-vos sempre, e que é tão necessario á minha existencia ver-vos, ouvir-vos, fallar-vos, que sem isto acabaria, como a planta a quem falta o ar, o orvalho e o sol?

D. Mecia permaneceu muda. Visivelmente alterada cobria o rosto com o lenço como para evitar os raios despedidos pelas luzes, e que ninguem pudesse ler n'ella as sensações que n'aquelle momento lhe salteavam o peito.

—Fallae... fallae... dizia João Paes, com precipitação, mas baixinho. Não posso dominar-me por mais tempo. Aconselhae-me tambem, que, como Ruy Faleiro, tenho a desventura de adorar-vos, vós esposa d'outro!

—Oh! basta! balbuciou D. Mecia por fim.

—Não, não basta. Exijo que falleis, em nome d'esta paixão desgraçada. D. Mecia, este momento é supremo, terrivel para os dous. Temiamol-o tanto, um e outro, porque importava a revelação d'um amor infeliz. Amaes me, não é assim! Que importa que digaes o contrario, se este coração, que bate por vós, lê em vossos olhos, em vossos sorrisos, em vossa alma, que me amaes tambem!

—Sim, João Paes, amo-vos desde o nosso encontro em Santarem, desde a nossa estada em Lisboa. A saudade que me ficou, em quanto estive sem vervos, constituiu todo o meu encanto. Amo-vos como nunca mulher amou; mas sem poder dizel-o a ninguem, nem sequer a mim mesmo... amor que ficará encerrado aqui, sempre aqui, sem que jámais possa expandir-se senão em suspiros e lagrimas!

E comprimindo o coração com força, desatou em choro suffocado.

—Então... prorompeu João Paes, é necessario que...

—Que partaes para mui longe de mim!

—Como! exclamou o cavalleiro, estremecendo, tambem eu!... eu!...

—Sim, parti! Parti ambos. Um para que se não perca por mim, outro por que me não perca por elle!

E tirando um annel do dedo, deu-lh'o em prova do amor que a devorava.

—Oh! não, não partirei! lhe tornou elle, com voz supplicante, recolhendo aquelle thesouro d'amor.

—Disse que partirieis, partireis, que vol-o peço eu, cavalleiro.

—Não, antes morrer, senhora!

E assim dizendo, beijava freneticamente o annel, que o hallucinára de todo.

—Meu Deus, esquecereis que sou casada, e com quem. Quereis a minha e a vossa morte. Tarde ou cedo chegará a saber-se o meu amor culpavel, e ninguem poderá livrar-nos da colera de D. Alvaro.

—Hei de eu livrar-vos, D. Mecia.

—E quem vos livrará a vós?

—A minha espada.

—Fraca defeza, para um adversario que se não bate, porque mata, sem que se veja o golpe que fere.

—Vel-o-hemos, senhora.

—Desgraçado! balbuciou D. Mecia, enchugando as lagrimas, e retirando-se da janella.

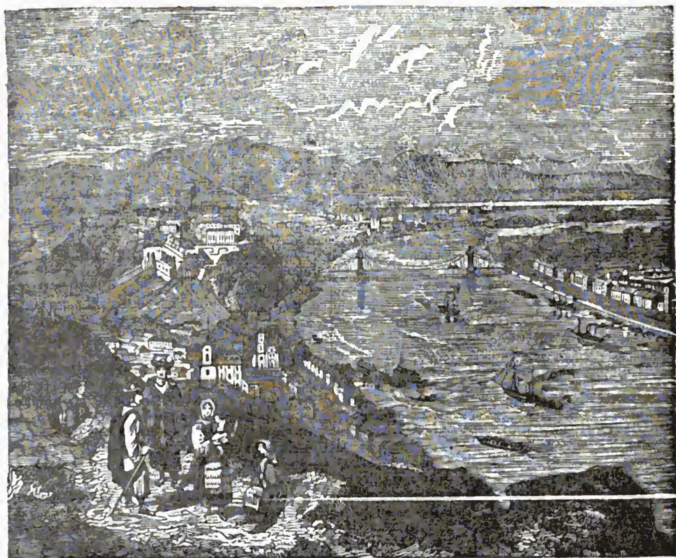
A este tempo um homem que encostado á parede pela parte do jardim tudo ouvíra, deu alguns passos para entrar na sala, mas deteve-se repentinamente. Como se a solução de um problema de vida ou de morte o obrigasse áquella immobilidade, ficou pensativo.

—*Sublata causa tollitur effectum*, murmurou elle, depois d'alguns minutos de reflexão, correndo a mão pela testa, e entrando seguidamente na sala.

Esse homem era D. Alvaro.

(Continúa.)

J. DE TORRES.



HUNGRIA—BUDA E PESTH.

Buda, que em hungaro se diz tambem Ofen, está assentada na margem direita do Danubio. Distingue-se de Pesth, situada do outro lado do rio, pela sua collina coroada por um esplendido palacio, reconstruido quasi totalmente por Maria Thereza, no qual reside o governo. As suas igrejas têem um caracter oriental singularissimo; quasi todas são ornadas de torres quadrangulares, terminando em cupula ellipsoide, coberta de zinco, e sobrepujada de uma comprida agulha.

Buda é actualmente capital do reino da Hungria: é ali que reside o principe palatino, o qual preside á dieta, e os outros altos funccionarios. A corôa de Santo Estevão, a que os hungaros ligam uma importancia que tem seus resaibos de supersticiosa, conservava-se no palacio imperial: na ultima insurreição, porém, desappareceu sem que pudesse até hoje descobrir-se-lhe o paradeiro.

Os magnatas hungaros não habitam em Buda senão durante o inverno; de sorte que ne verão os seus sumptuosos palacios estão desertos, e a cidade parece abandonada: entretanto não conta menos de 30:000 habitantes.

Pesth, edificada em frente de Buda, na margem esquerda do rio, em um campina suavemente inclinada para as aguas, tem nada menos de 60:000: é a cidade mais importante de toda a Hungria. Os edificios particulares, construidos sob a direcção de funccionarios municipaes para esse fim deputados, são de uma elegancia e regularidade taes como se não encontram em nenhuma cidade da Europa. Não tem, porém, Pesth nenhum monumento publico que mereça mencionar-se. A sua industria consiste em diversas manufacturas de sedas. Uma elegante ponte suspensa une Buda a Pesth, formando uma só cidade de d'estes dous grandes centros de população, como se foram os dous bairros de uma mesma capital.

Das alturas de Buda a vista abraça um horisonte soberbo. Além do Danubio, coalhado de ilhotas verdejantes, e de moinhos que constituem verdadeiros logarejos fluctuantes, avistam-se as vastas campinas da Hungria, emmolduradas por uma cordilheira de montanhas; a população composta de allemães, maggyares, gregos e esclavonios ostenta uma variedade de costumes e de physionomias que anima este curioso panorama.

O espirito de Voltaire não passou de todo. A irrisão picante, mas superficial, dispensando de reflectir, attrahirá sempre mais do que o exame necessario para fazer justiça ao testemunho de tantos povos, e á opinião de tantos sabios.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A ANTIGA MISERICORDIA E A ACTUAL IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA.

Esse formoso portal d'architectura gothica, que se ergue na rua Nova d'Alfandega, é reliquia preciosa de um monumento, não só magnifico pela sua estructura e grandeza, mas tambem venerando pela sua origem. Esse specimen do gothico-florido, architectura manuelina, em que a poesia se alliou com a religião, e que nascendo e morrendo na epocha do rei afortunado, resume em si a historia do principio e decadencia das prosperidades de Portugal, é tudo quanto nos resta do grandioso templo fundado por el-rei D. Manuel para a humanitaria confraria de Nossa Senhora da Misericordia; primeiro monumento, sem duvida, diante do Creador, d'entre todos os que se têem levantado em o nosso paiz, e primeiro sem questão aos olhos da philosophia, pois que ali se adorava a Deus pelo amor do proximo, e se valia ao proximo pelo amor de Deus.

Esta piedosa confraria foi instituida na capella de Nossa Senhora da Piedade, que está no claustro da sé, vulgarmente chamada da *Terra solta*, (1) no anno de 1498 por Fr. Miguel de Contreiras, religioso trinitario. Approvou-a e auxiliou-a desde logo a rainha D. Leonor, viuva d'el-rei D. João II, que então governava o paiz como regente, na ausencia de seu irmão el-rei D. Manuel, que tinha ido a Hespanha com a rainha D. Isabel, sua primeira mulher, para ahi serem reconhecidos por principes herdeiros d'aquella corôa, em razão do direito de primogenitura d'esta princeza, que era filha dos reis catholicos Fernando e Isabel.

Mal se recolheu á sua capital, não se limitou elrei D. Manuel a confirmar essa santa instituição, creada para dotar e casar donzellas infelizes, para amparar viuvas pobres, e recolher orphãos abandonados, para tratar de enfermos desvalidos, e enterrar os mortos em miseria, para ajudar os peregrinos necessitados, e resgatar os captivos sem recursos, para sustentar os prezos, defender-lhes no fôro as suas causas, e solicitar do soberano o seu perdão, e finalmente para acompanhar e confortar os padecentes no seu transito para o patibulo.

Grande em todas as suas aspirações, o illustrado monarcha comprehendeu a elevação d'este pensamento, abraçou-o como seu, e determinou que á grandeza do monumento humanitario, concebido por Fr. Miguel de Contreiras, correspondesse a grandeza do monumento de pedra, levantado pelo rei de Portugal, onde se havia de exercer em toda a sua plenitude essa virtude angelica, que nos aproxima de Deus pelo fogo que a alimenta, e que nos assimelha ao Creador pelos beneficios que dispensa ás creaturas: essa virtude da caridade, resumo sublime de todas as virtudes christãs, eloquente epilogo do Evangelho!

Deu-se portanto principio á obra com muito fervor; porém tal era a vastidão e magnificencia do edificio, que não bastou todo um reinado e o esforço do soberano para se concluir. Não logrou por conseguinte D. Manuel ver aquelle pio estabelecimento accommodado em a nova casa, que com tamanho dispendio lhe fundára. Coube a seu filho, D. João III, fazer a inauguração do edificio. A mudança da confraria, da sé para a sua nova casa, teve logar no dia 25 de março de 1534.

O templo de Nossa Senhora da Misericordia era, depois do de Santa Maria de Belem, o mais vasto e sumptuoso de quantos ennobreciam esta cidade. Vinte columnas de pedra, de elevadissima altura, e curiosamente lavradas, seis dividindo a igreja em tres amplas naves, e quatorze meio embebidas nas paredes, sustentavam a abobada, toda de laçaria de pedra, com bem lavrados artezões e florões, onde se alternavam os emblemas e divisas do augusto fundador. A capella-mór vestia-se de alto a baixo de talha dourada, de excellente esculptura.

No cruzeiro abriam-se em seus topos duas elegantes capellas, e nas paredes collateraes da capella-mór dous altares. No corpo da igreja não havia primitivamente capella alguma ou altar, porém mais tarde, correndo em mais de meio o seculo XVI, edificou-se n'elle do lado do Evangelho uma capella sob a invocação do Espirito Santo, da qual foi fundadora D. Simoa, rica senhora que a dotou largamente.

Esta capella, toda construida de marmores de differentes côres, e segundo o estylo do *renascimento das artes*, que viera substituir o gothico, ficava defronte da porta travessa, que olhava para o sul, pois que o templo estendia-se, como o de Belem, do occidente, onde se achava a porta principal, para o oriente, onde estava a capella-mór. As portas e janellas da igreja ostentavam todas as galas da architectura gothica. Ornavam-as e cobriam-as por todos os lados estatuas de santos, figuras de cherubins, silvados e arabescos, campeando sobre todos os ornatos a cruz de Christo e a esphera armillar, nobres divisas do *rei afortunado*, uma symbolo sagrado da redempção do genero humano, a outra fatidico emblema da moderna civilisação, para a qual a descoberta do novo mundo foi pedra fundamental.

Dous recolhimentos de orfãs, um hospital de entrevados, espaçosas salas para a secretaria, casa de despacho, cartorio, e muitas outras officinas, formavam juntamente com a igreja um edificio vastissimo e grandioso.

O terremoto de 1755 prostrou toda essa soberba fabrica. O que não se abateu aos seus impulsos, foi depois consumido pelo incendio, que no dia seguinte se lhe communicou dos predios visinhos. Todavia esta dupla catastrophe deixou incolumes duas reliquias d'este grande monumento; a *capella do Espirito Santo*, que a este tempo o era do Santissimo Sacramento, ali collocado no anno de 1594, e *a porta travessa* com as duas janellas aos lados.

Tratando-se da reedificação da cidade, ordenou o marquez de Pombal, que d'estes restos se fizesse um templo para ser dado aos freires da ordem de Christo, em troca da sua igreja de Nossa Senhora da Conceição, que o terremoto e incendio subsequente haviam destruido, e que o novo plano da cidade não permittia reconstruir-se.

Acabada a nova igreja, em que a antiga capella do Espirito Santo lhe ficou servindo de capella-mór, e a porta travessa de porta principal, tomaram posse d'ella os freires, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. E o vulgo, para a differençar da parochia do mesmo titulo, cujo templo era de moderna fabrica, pois se concluíra em 1730, padecendo pelo terremoto ruinas de que ao diante se restaurou, denominou a esta, Conceição Nova, e áquella, Conceição Velha, nome que já lhes dava antes do grande cataclysmo de 1755; por quanto a collegiada dos freires, que então se arruinou, tinha sido fundada por

(1) Davam-lhe este nome por ser o pavimento da capella de terra solta.

el-rei D. Manuel na antiga synagoga dos judeus, que para esse fim mandou purificar, fazendo-lhe ao mesma tempo uma nobre frontaria com magnifico portal tambem adornado de estatuas e baixos relevos (1).

Se considerarmos na immensa variedade de assumptos, qual d'elles mais importante e mais grave, que chamavam a attenção do governo durante os primeiros tempos que se seguiram á catastrophe de Lisboa, devemos confessar que muito se fez, aproveitando esses bellos restos do monumento derrocado, e accommodando-os de modo que ficassem servindo simultaneamente de logar de culto para Deus, e de padrão historico para os homens. E só pensando assim poderemos relevar de uma grande censura a quem consentiu, que n'essa occasião se puzesse por corôa á gothica fachada um frontão de moderna e mesquinha architectura.

Mas para o que não póde haver desculpa nem absolvição é para o barbarismo, que se commetteu em 1813, quando, para dar mais luz na igreja, arrancaram do portico o magnifico grupo de figuras, esculpidas em pedra, representando a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto sustentado por dous anjos, e a sens pés, de um lado el-rei D. Manuel, a rainha D. Maria, sua segunda mulher, e os infantes seus filhos, todos de joelhos, e do outro o veneravel Fr. Miguel de Contreiras, instituidor da confraria da Misericordia, e varios prelados, em igual posição (2).

Desterrando d'aquelle bello portico tão significativo grupo, destruiram o sublime pensamento de adoração, que o poetico cinzel do esculptor gravou na pedra, cercando toda a porta de cherubins; e roubaram ao padrão historico o sêllo da sua authenticidade, o titulo irrecusavel do fim santo e civilisador para que fôra fundada a primitiva fabrica.

Quem restabelecesse as figuras no seu antigo logar, cremos firmemente que não só dava testemunho de acatamento á divindade, de amor ás artes, e de respeito pela boa memoria dos antepassados, mas que ainda alcançava mais alguma cousa, pois faria um serviço patriotico. Certamente que o fazia, por quanto se em nossas chronicas cavalleirosas as descobertas e conquistas cercaram o nome portuguez de uma aureola brilhante, nos annaes das nossas instituições a fundação da Misericordia é para Portugal um brazão de muita gloria, tão grande que será sempre na historia geral das instituições dos povos, qualquer que seja o curso futuro da civilisação, um titulo honroso, que nos recommendará perante as nações mais civilisadas.

I. de Vilhena Barbosa.

(1) Os escriptores que modernamente têem fallado da Conceição Velha, que ora existe, têem-se equivocado, suppondo ser esta a que el-rei D. Manuel converteu de synagoga em templo christão. A igreja da Conceição que foi synagoga estava na rua dos Prateiros, que sendo alargada e melhorada por el-rei D. Affonso VI tomou o nome de rua Nova da Prata. Esta igreja foi pois, como acima dissemos, inteiramente demolida por causa do novo plano da reedificação da cidade, e ficava no districto da parochia da Conceição Nova, em quanto que a igreja da Misericordia, onde se levantou com as suas reliquias a actual igreja da Conceição Velha, pertencia n'essa mesma epocha á freguezia da Sé.

(2) Este grupo, que occupava o logar sobre a porta, aonde agora se vê uma grade de ferro e uma vidraça, tem 20 palmos de comprimento, e é composto de 7 pedras. A estatua de Nossa Senhora tem 13 palmos de altura. Acha-se na sachristia, e está pintado a cores, profanação já mais antiga!

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL (1).

CARTA XIII

AS VELHAS E OS SAPOS. PALACIO REAL DE CINTRA, E CAPELLA REAL. O CONSUL HOLLANDEZ GUILDMEESTER.

24 de julho de 1787.

Estou convencido que existe decidida sympathia entre os sapos e as velhas com cara de bruxas. A mãe Morgan (2) baixou esta manhã, não ás regiões infernaes, mas á adega, e no mesmo instante cinco ou seis dos mais guapos reptis d'esta mysteriosa especie se bamboleavam ao redor d'ella, que pagou de um modo villão a confiança dos pobres bichos deixando estendidos tres dos mais gordos: ao montar a cavallo eu os vi jazer no pateo agonizantes; o mais corpulento media sete pollegadas de diametro. Os sapos portuguezes serão mais notaveis pelo tamanho, mas, nem por metade são tão bellamente malhados como aquelles que temos a ventura de alvergar em Inglaterra.

Vacillei por alguns momentos se encaminharia os passos do meu cavallo para o Penedo dos Ovos ou para o outro lado da montanha até a Peninha, conventinho dos jeronymos e dependencia da sua principal acolheita, Penha-Longa; porém Marialva, que encontrei com toda a sua comitiva de cavalhariços e picadores saíndo da quinta, resolveu-me a deixar caminhos de cabras e a acompanhal-o ao paço, que eu ainda não tinha visitado interiormente.

O proprio Alhambra de raro será mais serraceno em materia de architectura do que esta confusa molle, que parece brotar do cimo da rocha em que assenta, desabrochando n'uma variedade de recantos e projecções. De milhares de miserias foram testemunhas estas venerandas paredes, fechadas por uma ordem de seguras arcadas, e que repartem uma extremidade da casa grande em dous ou tres aposentos medianos como guarda-roupas d'um theatro. As frestas, n'um phantastico estylo oriental, em recortes designes e laçarias sustentadas em pilares espiraes e de marmore liso, são maravilhosas, e campeam sobre vistas romanticas dos fraguedos e da povoação de Cintra. Alguns pateos irregulares e lojas, formados pelos angulos quadrados dos torreões, aviventam-se com fontes de marmore e de bronze dourado, que despejam de continuo copiosos jorros de agua mui pura.

Uma especie de deposito de comprimento tal que se póde quasi denominar canal, continuado em toda a extensão da casa grande, é como um paraizo de cardumes dos maiores e mais brilhantes peixes dourados e prateados em que tenho posto a vista. O susurro dos repuxos que resaltam d'este canal, os borbotões deslisando por degraus e em bacias de marmore polido, o brilho e o giro veloz dos peixinhos, o admiravel contraste da luz e da sombra produzido pelo intrincado labyrinto de arcarias e columnas, combinam-se para formar uma scena magica como as que ás vezes se nos figuram em sonhos, mas que mal presumimos realisaveis. Reina uma sobriedade de matiz nos marmores, um mysterio nos aposentos opacos e reconditos vistos em prespectiva; é tão solemne a côr das aguas quasi proxima da negridão na parte a que fazem sombra os altos do edificio, que eu não posso deixar de achar-lhes superioridade a todo o esplendor e labyrinto das mais afamadas construcções mouriscas de Granada e de Sevilha.

(1) Continuado de pag. 390 do XII volume.

(2) Morgan, ingleza velha, governante da casa.

A summidade rasa de um dos mais altos eirados, nada menos de cento e cincoenta pés acima do nivel do chão, está preparada como um elegante jardim, que se estende á similhança de uma alcatifa bordada diante do portal de um immenso torreão quadrado, que é quasi todo occupado por uma sala, cujo remate é uma cupula das mais singulares; entre as volutas dos arabescos que a enfeitam apparecem os brazões das principaes casas nobres portuguezas: a divisa da desventurada familia Tavora foi apagada, e o vão que occupava está em branco. Subimos ao terrado e ao torreão por uma d'essas escadarias empinadas e em volta de caracol, que abundam no palacio, e prendem com passagens de abobada por um modo secreto e suspeitoso. O marquez indicou-me o pavimento ladrilhado de um pequeno quarto, poido e gasto pelos passos de D. Affonso VI, que em tão estreito espaço esteve recluso muitos annos.

Descendo d'ali vimos o interior da capella, não menos singular na fórma e construcção do que o restante do edificio. O tecto baixo e chato, bem como as intersecções dos arcos, aproximam-se muito do estylo das mesquitas; mas, a barbarica profusão de ouro e ainda mais barbaras pinturas de que estão cheios todos os apainelados, quasi póde suppor-se obra de artistas chingalezes ou indostanicos, e trazem-me á idéa os subterraneos pagodes onde sua magestade diabolica recebe homenagens sob a fórma de Shiva ou de Budha.

O brilho original de toda esta extravagante capella acha-se grandemente amortecido pelo fumo dos lampadarios que ardem ha seculos em frente do altar, mysterioso composto de obra de talha e de estatuaria em perfeita consonancia, no que toca a estylo carregado e inculto, com todos os objectos ali existentes. Diz-se que estando ajoelhado ante este mesmo altar o joven, impetuoso e cavalleiro D. Sebastião, recebêra aviso sobrenatural para desistir da fatal expedição d'Africa, que lhe custou a corôa e a vida, e que um espirito heroico tem em mais elevada estimação do que a fama immortal que segue as emprezas bem succedidas.

Uma cousa que difficil me seria descrever, certa melancolia oppressiva, parece impendente sobre esta capella, que, segundo imagino, jaz ainda quasi pelo mesmo gosto em que a deixou o malfadado D. Sebastião. A falta da livre circulação do ar, a nuvem pezada de incenso, atacam-me os musculos da cabeça tão desagradavelmente que muito me apraz abalar e seguir o marquez aos quartos preparados para a rainha e infantas. Estes são agradaveis e bem ventilados; em vez de os guarnecer de ricos pannos de raz, representando aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da casa real andavam azafamados a forrar as fortes paredes com esplendidas sedas e setins das mais brandas e mimosas côres. Não vi moveis dignos de menção, nem uma pintura, nem um traste rico de gabinete; e não havendo que ver, pequena foi a nossa demora.

Assim que o marquez deu algumas ordens, que lhe encarregára a sua real ama, voltamos ao Ramalhão, onde nos esperavam Horne e o consul hollandez altercando ácerca de seguros, percentagens, commissões, e outras especulações commerciaes. Eu tinha persuadido o marquez a acompanhar-me ámanhã á casa do consul, M. Guildermeester; é o dia dos annos d'este velhote, e elle inaugura a sua casa nova com baile e ceia. Teremos uma bonita amostra de senhoras de negociantes, escreventes e caixeiros, alguns agentes do corpo diplomatico, e sabe Deus quantas mil libras de pezo de gordos mercadores hollandezes.

CARTA XIV

DIA DE GALA. FUNCÇÃO D'ANNOS DO CONSUL G***. DOUS CARACTERES OPPOSTOS. UM FRANCHINOTE IMPERTINENTE.

23 de julho de 1787.

Grande gala, a que o marquez vae assistir; este abençoado dia não só deu nascimento a Guildmeester, mas tambem á princeza da Beira. Vamos jantar com a marqueza. Uma banda de musica regimental, de caminho para casa de Guildmeester, começou a tocar no pateo, e fez saír um d'esses curiosos enxames de gente de todos os sexos, idades e côres, que esta bemfazeja familia tanto gosta de agazalhar. D. Henriqueta está sentada nos degraus que sobem para o grande mirante, cochichando com algumas das suas creadas validas, que, á maneira do côro na antiga tragedia grega, de continuo davam a sua opinião sobre o que vinha apparecendo.

No momento que D. Pedro e eu nos dispunhamos a partir para o baile dado pelo velho consul, agradavelmente nos tomou de subito a chegada do marquez, que se tinha safado do paço muito mais cedo do que esperava. Conduzi-o na minha carruagem á residencia de Horne, onde tomamos chá no terraço, do qual se descortina a vista mais romantica de Cintra, a vastidão das cimas de arvoredo com variada folhagem, marachões seguros pelas raizes enleadas, troncos de enormes castanheiros de mistura com os salgueiros-chorões da mais viçosa verdura, e limoeiros vergando com o fructo. Muito acima d'esta scena silvestre alteam-se tres fendidos pinaculos de rocha, distinguindo-se o do meio pelas torrinhas e recinto de Nossa Senhora da Penha, convento de jeronymos, frequentemente escondido nas nuvens. Encosto-me a um sobreiro que dilata os ramos cobrindo quasi toda a varanda, afim de gosar d'aquella vista, e de observar no meu remanso as exquisitas figuras, hollandezes, inglezes e portuguezes, que passavam para casa de Guildmeester. Este carreiro de pessoas era bastante variado para me entreter por algum tempo; M... não se impacientava nem se incommodava por cousa alguma. Tendo dado entrada seu cunhado S... V... a quem elle professa mortal aversão, as forças da luz e da sombra, se fossem persquificadas, não exhibiriam mais saliente contraste do que estes dous personagens; M..., todo elle inculcando benignidade, e S... V..., todo malevolencia. E de certo se metade das atrocidades (1) que a voz publica attribue a este fidalgo são verdadeiras, não maravilhará o negrume de vingança e tyrannia tão profundamente assignalado em cada linha de sua physionomia.

Aproveitando a primeira opportunidade atravessamos becos escuros e medonhos, admiravelmente adequados a proezas como aquellas a que acima alludimos, e corremos o risco de saltar a pés juntos uma regueira quando estavamos quasi batendo á porta do velho consul: o terreiro defronte d'esta casa nova está na peior desordem, o edificio pouco mais tem do que as paredes nuas, e achava-se muito mal alumiada.

Pelo que toca á companhia, achei-a exactamente como a esperava. Madama G... que é senhora de penetração e discernimento, fez as honras de casa com

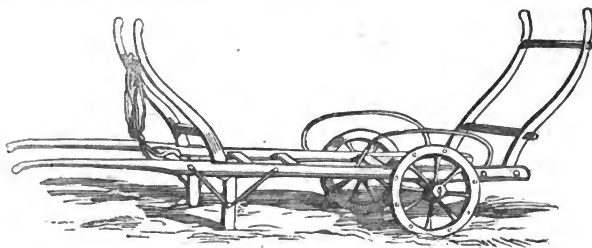
(1) Não pequena amostra d'estas maldades se encontra nas cartas escriptas de Hespanha e Portugal por Southey.

desembaraçada affabilidade, e prestou a suas principaes visitas as mais distinctas attenções: ha uma certa agudeza original em todas as suas observações que me agradou muito; não pertencendo á laia dos indulgentes, reforçou Verdeil (que não desgosta de dous dedos de conversação) em cortar pela pelle da gente mercantil. M... deu-lhe o braço quando fomos á ceia; e esta parte de funcção foi magnifica; havia uma brilhante illuminação, immensa profusão de iguarias, n'uma meza tão vasta, as mais delicadas que se podiam obter, e um apparato de dessér, de 50 ou 60 pés de comprimento, todo lustroso de figuras burnidas e vasos argentinos de flores. Não tive tentações de dansar depois da ceia; a musica não inspirava, e a companhia andava toda em barulho pelas estouvadas venetas de um franchinote, a quem uma das senhoras presentes dedicára havia dous ou tres annos os seus affectos. Uma forte soalheira e uma desavença com o seu embaixador, mr. de Bombelles, parece que transtornaram os miolos d'este pobre homem; não havia impedil-o de rabear de casa em casa com a ligeireza e excentricidade de um buscapé, agora affrontando uma pessoa e logo outra, confessando publicamente o absoluto favor com que o tratava a senhora acima indicada, e as numerosas manifestações de ternura que uma tal miss W... lhe patenteava. «Porque razão (disse elle ás duas heroinas, que me consta não andarem bem avindas uma com outra) ralhaes ambas e vos guerreaes. Ambas sois igualmente indulgentes, e a seu turno me haveis tornado o mais feliz mortal do universo.»

Assim que a luz da verdade esclareceu os circumstantes por um modo tão insolito, imaginae qual seria n'esse lance o estupido pasmo do ancião marido e a irosa verecundia da sua esposa e da outra consocia no mesmo fado. Nunca presenceei scena mais notavel. Em algumas das nossas pantomimas, se bem lembrado estou, arlequim applica uma pedra iman ás bôcas de seus contrarios e por esta magica influencia lhes extorque a verdade, mau grado seu, e a despeito das conveniencias, o legista confessa ter as mãos untadas da peita, o soldado a sua fuga no dia da batalha, e a devota e choramingas viuva dotada e velha tambem confessa quão a miudo recorre á inspiração da botelha. Este portentoso effeito parece terse aqui realisado, e que o loquaz francez achava-se possesso de algum maligno demo que o compellia a desvendar os mysterios, a que devia a subsistencia. Entre as duras verdades expellidas n'este jorro de sinceridade veiu d'envolta uma vehemente apostrophe á canalha ingleza, como elle lhe chamava, por causa da sua abominavel intolerancia de todos os costumes que não sejam os seus, e por milhares e milhares de preoccupações affectadas e egoistas. M..., mostrando-se intrepido na adversidade, tomou com afinco a defeza da causa, e comparou a maior parte da companhia a um enxame de insectos venenosos, que com a putrida baba nem sequer mancham as vestes candidas apesar de injuriadas, e que seriam atterrados pela vingança na primeira opportunidade.

O marquez, D. Pedro, e eu tanto desfructamos esta scena que nos demoramos muito mais do que a principio tencionavamos.

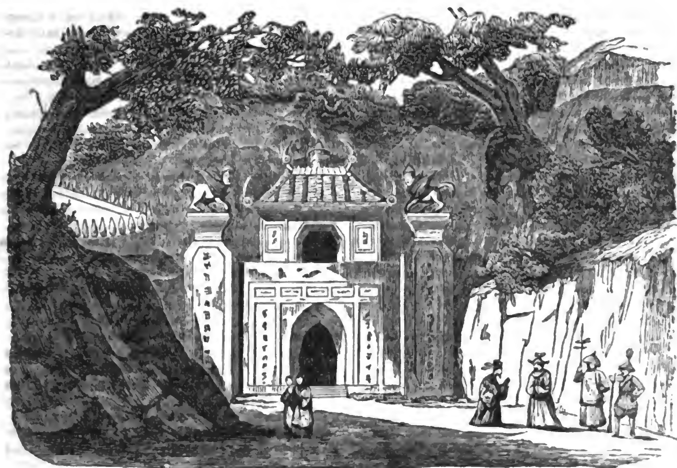
(Continúa.) * * *



CARRINHO PARA SERVIÇO RURAL.

É incontestavel que a nossa agricultura vae tomando tal desenvolvimento, que promette uma epocha de solida riqueza para este paiz. Não será pois fóra de proposito ir apresentando os desenhos das machinas e utensilios rusticos que os agricultores das nações mais adiantadas usam em seus trabalhos, conseguindo optimos resultados sob os pontos de vista da economia, da perfeição e da celeridade. A gravura representa um carrinho de mão de duas rodas para conducção de feno, palha etc.: é uma machinasinha bem simples; e todavia presta utilissimos serviços n'um estabelecimento rural, pois que póde dar-se-lhe uma infinidade de applicações: tal e qual como está na gravura serve, como já dissemos, para conduzir feno e hervagem para os gados; pondo-se-lhe uns pequenos taipaes, serve então para o transporte de estrumes, ou para outros usos, o que é facil de comprehender. A maior vantagem, porém, d'este novo carrinho, é ser por tal systema construido que, ainda muito carregado, um rapazito o leva sem esforço a grandes distancias. Já se vê a economia que d'aqui deve resultar n'uma propriedade rustica em que haja um movimento consideravel. Accresce ser tão facil a construcção d'este carrinho, que qualquer carpinteiro, como não seja destituido de intelligencia, poderá, pelo desenho que apresentâmos, fazer outros similhantes carrinhos, e de certo por preço razoavel.

Publicou-se o 1.º numero da Illustração Luso-Brazileira, contendo differentes artigos pelos srs. Mendes Leal Junior, Rebello da Silva, E. Biester, etc. e ornado de seis excellentes gravuras em madeira.



INDIA—TEMPLO DE FAÍ-FÔ.

O imperio de Annam abrange actualmente os diversos paizes que occupam a parte oriental da India transgangetica, e outr'ora constituiam outros tantos estados independentes. Este vasto imperio está comprehendido entre o 9° e o 23° de latitude septentrional, e na longitude de 118° e 30' a 127° e 30'.

Já em varios volumes d'este semanario temos dado larga noticia dos differentes estados da Asia; não faremos, pois, uma repetição, do que está dito, tanto mais porque o espaço de que podemos dispor é limitadissimo; sem mais preambulos passaremos pois a fazer uma succinta descripção de um dos mais singulares monumentos religiosos que se encontram em toda a India: é o grande templo, ou pagode subterraneo, situado nos arredores da cidade de Fai-Fô, cuja fachada a nossa gravura representa. Antes de chegar ao pagode é mister atravessar uma garganta pittoresca; ao fundo ha pequenos jardins, do meio dos quaes se erguem varios edificios ornados de pinturas e esculpturas. Depara-se em seguida uma galeria estreita, de setenta metros de comprimento, ladeada de cellas deshabitadas, á qual se segue uma vereda tortuosa, outra galeria subterranea, e a final uma escada de trinta e sete degraus. É então que se ostenta aos olhos do viajante a fachada do templo, que tem uma só porta, em ogiva, com dous gigantes ao lado, sobre os quaes se observam dous animaes phantasticos, similhantes ás harpias dos monumentos gregos.

Subindo depois alguns degraus entra-se no templo propriamente dito, que é como uma grande gruta de dezeseis metros de comprido sobre treze de largura, e quinze de altura. Ao lado da porta pela qual se entra no recinto consagrado estão acocoradas duas estatuas colossaes, tendo aos pés animaes monstruosos: ao fundo, em um altar, vê-se, assentada uma estatua de Bouddha, da altura de um metro. Está rodeada de outras, representando os seus discipulos, e uma divindade secundaria do sexo feminino. As paredes estão litteralmente cobertas de pequenos nichos contendo idolos, ridiculamente pintados de vermelho.

BRAZÃO D'ELVAS.

(TRADIÇÃO PORTUGUEZA.)

III

APPELLO DE HONRA.

Nem a voz, nem as vistas, nem os ademanes, nem a mais leve contracção do rosto, indicavam os tormentos, que devoravam o coração d'esse homem ao entrar na sala. Depois d'uma revelação como a que tinha saído dos labios de sua mulher, e que escutára do jardim aonde o conduzíra esse instincto funesto, primeiro motor das almas desconfiadas, notava-se no semblante certa impassibilidade, que não deixava transluzir a menor alteração.

Para um homem da sua tempera, do seu caracter, do seu poder, muito devia custar esconder a procella que no interior lhe bramia, e evitar rompimento que publicasse a sua deshonra.

Acabavam de o ferir no mais sensivel d'alma, e do amor proprio. Esposo amante, militar d'aquellas eras orgulhosas, ouvíra da bôca de sua mesma esposa, que amava outro! Por isso o esposo e o militar, procuravam vingar-se cruelmente. D. Duarte, que fôra o amante de D. Mecia, o proprio rei morreria.

—Parece, sr. barão d'Alvito, disse D. Alvaro ao sentar-se, que vos apraz em extremo a leitura d'es-

se livro, que me enviou sua real senhoria, e que elle mesmo compoz.

O fidalgo interpellado, homem de cincoenta a sessenta annos, que, sentado a poucos passos, corria pela vista a *Arte de domar os cavallos*, cerrou o livro, e voltou-se para o governador.

—Mais me desgosta, que me praz o que leio, respondeu. Sua real senhoria, o nosso rei, monta bem, é bom cavalleiro, porventura o primeiro d'estes reinos; mas não sou do seu parecer em muitas cousas.

—Se vos ouvíra, barão!

—Já me ouviu. Não ha muito tempo que, fallando do modo de adextrar cavallos, disputamos.

—Disputastes! disseram muitas vozes.

—Disputar! e porque não? Não serei eu fidalgo de *a par do rei?*

E dizendo isto o rico-homem se impertigava com toda a ridicula gravidade da fidalguia, nossa e estranha, d'aquelles bons tempos, e talvez que ainda de hoje.

—Sua real senhoria sustentava que um cavalleiro regular, adoptando a dextreza que elle dizia, podia correr n'um cavallo em pello mais de tres leguas seguidas, e n'uma assignalada direcção. Para convencer-me dava razões, que eu julguei detestaveis. Encolerisou-se, montou a cavallo em pello, e provou correndo. Estavamos n'uma caçada em Leiria...

—E que succedeu? perguntaram alguns.

—Nada... caíu.

—Caíu! exclamaram todos em côro, como se um rei não pudera caír d'um cavallo!

—E que tal? disse eu a sua real senhoria; e elle me respondeu como depois da derrota de Tanger: *O homem propõe, e Deus dispõe.*

—Entretanto, disse D. Alvaro, depois d'uma breve pausa, não julgo a cousa nenhuma africa impossivel. Fidalgos haverá aqui comnosco, que se atrevam a isso, e a mais.

—Eu! gritou Ruy Falciro. Atrever-me-hei a correr n'um cavallo em pello por tres horas seguidas, n'uma dada direcção. D'aqui a Badajoz, por exemplo, ou de Badajoz aqui.

—Fazei-o, se podeis, disse o barão.

—Ámanhã mesmo.

—Sim, fazei-o, insistiu D. Alvaro; ide ámanhã a Badajoz, onde fazem a procissão de *Corpus*: vede-a, e em prova trazei-nos o estandarte de Castella.

—Tanto não, exclamou Ruy Faleiro, que antes de transpor o Caia me teriam feito postas esses perros hespanhoes.

—Cobardia! tornou D. Alvaro. Aposto que entre tanto fidalgo que aqui ha, nenhum será capaz de arrostar com essa empreza, em honra do pavilhão portuguez!

Ninguem respondeu.

—Eis os cavalleiros de hoje, continuou o governador, levantando-se, ousados nos salões, mudos nos lances de honra!

E saltando em seguida ao meio da casa, como se a quizesse dominar toda com sua estatura agigantada, continuou:

—D. Alvaro da Silva, mestre de campo, governador d'Elvas, gentil-homem da camara de sua real senhoria, declarará onde quizer, e até mesmo diante d'el-rei se for possivel, que quantos cavalleiros estão presentes são cobardes, se entre elles não ha algum capaz de nos trazer ámanhã o estandarte de Castella!

E arrojou uma luva ao meio do circulo que descrevêra.

Foi então que o cavalleiro João Paes Gago, que d'algum tempo o escutava em brazas, não podendo resistir mais a este *appello de honra*, como em taes tempos diziam, se adiantou tranquillo, e levantou a luva. Então ouviram todos a sua voz solemne:

—João Paes Gago, cavalleiro de Christo, fidalgo *d'a par do rei*, jura pela salvação de seus ascendentes, e pela honra da terra portugueza, arrebatar ámanhã o estandarte de Castella, e estendel-o como tapete aos pés de D. Mecia.

—Oh! exclamou ella, tremendo toda, e temendo ao escutal-o.

Mas a este tempo já João Paes tinha desapparecido, deixando a companhia enthusiasmada com a sua resposta ao repto.

IV

O ESTANDARTE DE CASTELLA.

Era manhã. Os sinos da cathedral de Badajoz, e dos conventos de Santo Agostinho, e S. Domingos aturdiam os ares. Velhos e creanças, toda a parte agil da cidade e couvisinhanças corria á rua do Pazo a presenciar um acto como a procissão de Corpus-Christi. Via-se por janellas e varandas multidão de damas vestidas de gala, ricamente adereçadas, prendendo a attenção geral não só com a belleza, mas tambem com os estofos e pedrarias que vestiam. Antigos e magestosos cavalleiros cobertos como de terciopelle, appareciam no transito. Formosos fidalgos tinham n'aquelle dia trocado o commum trage guerreiro por outro mais festivo e de mais gala. Via-se esse luxo, que em todas as classes da sociedade se ostentava em dias tão assignalados; mas o que mais chamava a attenção do populacho eram os vistosos trages das mesnadas, que os ricos-homens do districto mandavam á funcção, com o pendão e escudos de suas casas ou castellos.

João Paes Gago presenceava tudo isto d'uma das esquinas da rua, montado n'um cavallo em pello, sem brida nem arreios, o que em qualquer outra occasião attrahiria todas as attenções. Não succedia porém assim n'este dia, que as musicas, as côres vivazes que matizavam aquelle grande concurso, e os canticos religiosos eram mais absorvente distracção. Mesmo certo ar de allucinação que velava o rosto do cavalleiro portuguez, era mais proprio a excitar a compaixão do que a curiosidade, e por isso os que acertavam encaral-o, perdoavam-lhe facilmente a maneira extravagante e insolita, como se apresentava n'um acto tão solemne; e desviavam logo os olhos de quem suppunham ter a intelligencia desvairada.

Em frente de João Paes tres ou quatro cavalleiros portuguezes não apartavam olhos d'elle, com uma curiosidade recrescente, á medida que a procissão se aproximava. Entretanto João Paes com a vista fixa sobre o estandarte de Castella, desde que pudera descobril-o nas mãos do alferes da cidade, já não pouco entrado em annos, parecia occupar-se pouco da vigilancia de seus compatriotas.

Nos olhos do cavalleiro quem o visse attentamente, notaria tal expressão de anciedade e energia, como se o preoccupasse um pensamento arriscado e decisivo; como se uma sobreexcitação fatal o arrastasse a uma tentativa violenta, em que a honra ou a vida se jogassem. A cada passo que dava o alferes, se tomava João Paes d'um vivo estremecimento.

Palpitava-lhe violentamente o coração. Contrahiam-se-lhe as mãos sobre as crinas prolongadas do cavallo que montava, animal arrogante e brioso, potro de poucos annos, cuja notavel estampa, mais que a sin-

gular posição do cavalleiro, custava suspiros a muitos fidalgos extremenhos.

Ao passar ante elle o estandarte de Castella, as pupillas de João Paes pareceram dilatar-se como por uma sensação dolorosa mas rapida. As mãos tremulas apertou-as com mais força. A fronte pendeu-lhe sobre o peito, como obrigada pelo pezo d'uma idéa temeraria, terrivel, incomportavel.

E aquella inclinação de cabeça, que os hespanhoes capitulariam de respeito, despertava sorriso de desprezo nos labios dos cavalleiros portuguezes, que fixavam tanto a vista em João Paes.

Este sorriso tão significativo, porém, ainda descoberto por elle, quando tornava a indireitar-se, communicou-lhe ao rosto energia, que degenerava em raiva, ou ferocidade.

—Oh! gritou com desesperação, dando um pulo do cavallo a baixo, rompendo a ala do povo, e lançando-se sobre o alferes da cidade. Deus e Portugal sejam comigo!

E dizendo assim lhe arrebatou com força o estandarte castelhano, e sem dar tempo a reflexão saltára d'um pulo sobre o cavallo amigo.

Recuar como pasmada, por um acto tão extraordinario, regicida e sacrilego, foi o primeiro movimento da multidão. Seguiram-se-lhe alaridos, gritos de vingança e perseguição mortal contra o que tão publicamente ultrajava a honra nacional, ou *real*, como se dizia então.

Mas o cavalleiro desapparecêra já, em direcção á porta de Palmas!

No meio da confusão, que este singular accidente produzíra, voltou a procissão em desordem á cathedral, e dominavam o tumulto estas vozes d'alarme, que alguns repetiam machinalmente, como succede em rebates repentinos:

—A cavallo... a cavallo, hespanhoes, e morram os portuguezes!

Nem todos respondiam ao appello com a mesma promptidão. Alguns fidalgos, que se demoraram a montar a cavallo com a sua gente, retardaram alguma cousa a partida do grupo, que ía em perseguição do cavalleiro. Saíram emfim da cidade os que puderam reunir-se, e precipitaram-se como torrente pela ponte.

Foi já nas immediações do Caia, que lá ao longe, avistaram o cavalleiro fugitivo; corria como uma exhalação, sobre o potro valente e arrogante; e á mais leve ondulação da bandeira que roubára, d'aquella bandeira encarnada e amarella, a que renderam vidas tantos reis da mourisma, a que se abateram a espada de Francisco I, e as muralhas de Roma, os bons fidalgos da Extremadura hespanhola enfurecidos esporeavam os cavallos. Quem desconhecesse a causa que levava a isso, diria que os dominava uma vertigem horrorosa.

Deixaram á direita Maruri, atravessaram o Caia, entraram no territorio portuguez, e aquelle furacão de homens e cavallos, que nos nossos tempos pudera tomar-se por alguma corrida de *gentlemen*, voava mas sem dar alcance ao cavalleiro João Paes, que se via apparecer e desapparecer por entre as sinuosidades do caminho.

Era com effeito um cavallo soberbo o que João Paes Gago montava! Era o *Mazzepa* das lendas de Byron, o *The Taiger* das baladas allemãs do conde de Anasperg.

Perto dos olivaes que demoram a meia legua d'Elvas, os fidalgos extremenhos creram ter chegado ao ponto de alcançar o cavalleiro, que com o potro se tinha chocado com um tronco d'oliveira, e ambos rolado pela areia.

Grito de furiosa alegria saíu instantaneamente dos peitos d'aquella multidão, ao ver que o inimigo jazia estendido a cem passos! De repente, e como se cavallo e cavalleiro fossem uma só pessoa, levantaram-se, e escaparam de novo com mais brio, com mais velocidade que nunca.

D'esta vez gritaram ainda os hespanhoes, mas já com assombro, com raiva e desalento; e ao chegarem ao sitio em que caíra o portuguez, principio d'um caminho estreito e encaixado entre vallados de silvedo, mais de seis cavallos caíram vencidos pelo cansaço, faltos de força, arrebentados emfim, lançando os cavalleiros para dentro dos cerrados.

Devorava-os a febre, que crescia com estes azares, que tão depressa lhes pareciam aproximar um triumpho, como suscitar uma derrota.

Chegára o raptor finalmente ao pé dos muros d'Elvas, sem que ainda o tivessem alcançado. Dirigiu-se á porta, então chamada de S. Domingos, contando penetrar na praça antes que fosse colhido pelos que o perseguiam, ou a elle ou ao cavallo faltassem outra vez forças. Mas a porta estava fechada!

—Abri... abri... gritou João Paes desalentado.

Não houve echo em Elvas para as palavras do heroico mancebo! A praça parecia deserta! Nenhuma voz respondeu a esta voz!

—Abri... abri... gritou outra vez, ao ver que os hespanhoes já o ameaçavam de mui perto.

Respondeu-lhe o mesmo silencio!

Então, vendo-se irremissivelmente perdido, retrocedeu alguns passos, e exclamou:

—Sois um villão ruim, D. Alvaro da Silva! Mas já que me vedaes a entrada, entrará por mim o estandarte de Castella!

E dizendo e fazendo o arrojou com toda a força para dentro da praça, por cima das muralhas.

Depois levou por tres vezes aos labios um magnifico annel de brilhantes; beijou-o com delirio; apeiou-se do potro, que caíu logo moribundo; ajoelhou, e esperou as lanças hespanholas com a résignação d'um martyr.

Assim como o réu de morte a recebe com os olhos fixos no crucifixo, que aperta com mãos convulsas; assim o illustre cavalleiro João Paes Gago devorava o annel com os olhos inflammados.

V

ARMAS D'ELVAS, E ARMAS DE D. ALVARO.

Este successo poz em commoção a população d'Elvas, e esteve a ponto de occasionar rompimento entre as duas nações, a que só a restituição da bandeira aos hespanhoes póde obstar.

Portuguezes ha, que querem dar tamanha importancia a esta tradição, que dizem que em memoria d'aquelle successo é que o rei déra por armas a Elvas um fidalgo a cavallo, empunhando bandeira tremulante.

Em verdade são essas as suas armas, mas quem lh'as deu foi D. Sancho II, quando Elvas as quiz ter á similhança das principaes terras do reino.

—Quereis armas para o vosso escudo? disse o rei aos deputados que Elvas lhe enviou. Pois ide d'aqui a uma hora ao pateo do palacio.

Quando os deputados se apresentaram ali, viram apparecer el-rei a cavallo, e com a bandeira dos seus estados na mão.

—Eis aqui vossas armas, lhes disse; sou o vosso melhor brazão.

. . . .

Tres dias depois da morte do cavalleiro João Paes Gago, D. Alvaro da Silva mandou descolar um escudo das suas armas de metal dourado, que tinha sobre a porta principal; e depois de limpal-o cuidadosamente, como o mais officioso de seus creados, o repoz em seu logar.

—Que fazeis? lhe perguntava melancolicamente D. Mecia, quando o via occupado n'aquelles alheios misteres. Porque fazeis o que só pertence á creadagem?

—*Sublata causa tollitur effectum*, murmurou D. Alvaro, dando costas a sua mulher.

E ella o comprehendeu, e traduziu, para si:

Morto João Paes Gago, morrerá tambem o amor que vós lhe tinheis.

E, sem embargo das lagrimas que derramou pelo pobre fidalgo, assim foi!

Vejam de que escapou Ruy Faleiro!

Nota final.

Nos apontamentos d'um curioso já nós lêmos sobre a tradição que aqui se commemora, as seguintes linhas:

«Este cavalleiro assim armado dos pés á cabeça, tendo na mão estandarte branco com cruz vermelha, foi dado por armas á cidade de Elvas, então ainda villa, por D. Sancho II. Diz o conego Ayres de Varella que pedindo o povo áquelle rei lhe desse armas, com que illustrasse a sua villa, elle lhe respondêra:—*Por armas aqui me tendes a mim.*—N'este caso aquelle cavalleiro representaria a *vera effigie* de Sancho Capello. O vulgo, porém, que rejeita sempre as origens vulgares, e é extremamente amigo do maravilhoso, creou na sua imaginação poetica uma lenda romanesca, que diz assim:

«Era uma vez um cavalleiro esforçado, cujo nome se perdeu, o qual apostou com varios amigos, que no dia da procissão do Corpo de Deus, ou outra festividade que já não lembra, iria n'um bom cavallo a Badajoz, e ali arrebataria, no meio da procissão, das mãos de quem quer que o levasse, o estandarte hespanhol, e correndo sempre no seu vigoroso cavallo, o traria a Elvas. Não se sabe se o audaz cavalleiro tinha jurado pela honra da sua dama, se obrava por amor da gloria, ou do premio da aposta, se premio havia; o que é certo é que no dia aprazado o desconhecido cavalleiro montou no seu possante ginete, fez um aceno com a mão para um balcão, por entre as gelosias do qual se viu brilhar o que quer que era, como lenço branco, e a mão alva e bem torneada d'uma dama, e partiu á rédea solta, na direcção de Badajoz. Uma hora decorreu, depois duas, e o cavalleiro não apparecia.

«Começou já a desesperar-se da empreza, e alguns curiosos, espalhados pela antiga muralha, communicavam-se mutuamente suas apprehensões, lamentando já a sorte do infeliz cavalleiro, quando no horisonte começou a distinguir-se uma pequena nuvem de poeira, por entre a qual se viam luzir os raios do sol dardejando sobre a armadura polida d'um guerreiro.

«Alguns dos curiosos affirmavam ver fluctuar sobre o elmo, além das plumas, alguma cousa como uma bandeira.

«As acclamações d'alegria retumbaram por toda a villa, soaram trompas e *atabales* em signal de victoria, e as gelosias do balcão, para onde o cavalleiro olhára, agitaram-se. Pouco a pouco nuvem e cavalleiro foram tornando-se mais distinctos, correndo na direcção do Caia, até se occultarem por detraz d'uma eminencia proximo da qual corre esta ribeira. Então os olhos se estenderam pela campanha na direcção de Badajoz. Todos os rostos se demudaram; um grito d'espanto saíu de todos peitos até ali commovidos pela alegria, agora comprimidos pela anciedade. No logar onde primeiro se distinguíra o cavalleiro, divisava-se agora uma espessa e immensa nuvem de poeira, que parecia occultar um grande troço de cavallaria, cujas armas scintillavam. Não havia que duvidar. Seguiam o cavalleiro. Tocou-se a rebate na praça, os bésteiros correram ás ameias, a municipalidade mandou levantar as pontes, e fechar as portas. No entanto o cavalleiro corria sempre direito á villa, agitando no ar o pendão ou estandarte castelhano, e instigando o seu ginete, que por vezes fraquejára na carreira. O troço de cavalleiros hespanhoes ganhava visivelmente sobre elle. O guerreiro portuguez emfim chegou perto da muralha, quando ainda os hespanhoes vinham em distancia. Um grito d'alegria o saudou das ameias, porém o cavalleiro respondeu-lhe com um grito de desespero, acompanhado d'um gesto de raiva, e continuou correndo em roda das muralhas. Espalhou-se então a noticia de que as portas estavam fechadas. E o pobre e valente mancebo corria sempre em volta da praça, perseguido de perto pelos castelhanos, apesar dos tiros dos bésteiros do concelho.

«Quando pela terceira vez chegou á primeira porta, encontrando-a ainda cerrada, fez parar o cavallo, levantou a viseira, e arremeçou o estandarte por sobre as muralhas, exclamando: Ahi o tendes, cobardes! Depois, tornando a calar a viseira, desprendeu, sempre correndo, a sua hacha-d'armas, voltou-se e arremeçou-a á cara do cavalleiro castelhano mais proximo, gritando: *Para vós esta, perros de Castella!* E dando d'esporas ao ginete, não corria, voava na direcção de Extremoz. Ao chegar ao logar onde está hoje o velho convento de S. Francisco, vendo que era seguido de mui perto, voltou-se então, desembainhou a espada, e combateu ainda de cavallo por bastante tempo. Depois os curiosos que guarneciam a muralha viram-no descaír o braço onde segurava a espada, e pender a cabeça sobre o pescoço do ginete.

«N'este momento um dos cavalleiros castelhanos levantou o montante, e, quando o deixou caír, cavallo e cavalleiro rojaram pela terra.

«Sentiu-se então um grito agudo, doloroso, pungente, por detraz das gelosias do mysterioso balcão. O cavalleiro, como se sentisse ainda este grito e reconhecesse esta voz, levantou-se de pé, agarrou a meio corpo o castelhano que o derrubára, e dando com elle em terra, travaram uma lucta feroz, arca por arca, de que nem um nem outro se levantou. Quando n'essa tarde os homens d'Elvas foram recolher o corpo do guerreiro esforçado, acharam-no agarrado ao corpo do seu adversario, segurando ainda o cabo do punhal que lhe cravára na gorja. Sete cadaveres castelhanos faziam cortejo ao portuguez, quando entrava as portas da villa!

«Não se sabe o que foi feito da dama mysteriosa. Affirmam alguns que por este tempo entrára n'um mosteiro de religiosas d'aquella villa uma senhora nobre, que pouco depois morrêra em grande conta de santidade.

«Em memoria d'este feito glorioso, diz, pois, o vulgo, tomára Elvas por armas a effigie d'um cavalleiro com um estandarte em punho.

«Se alguma cousa ha que auctorise dar-se credito a esta lenda, é que no dia de *Corpus Christi*, em quanto a procissão anda na rua, fecham-se aqui (Elvas) todas as portas da cidade. Perguntei a razão por que assim se fazia, não m'a souberam dizer. Quem sabe se na lenda popular ha alguma cousa de verdade? Ás vezes parece-me que ella existe mais nas tradições populares, ainda que desfiguradas pelos enfeites e lances de situações maravilhosas, do que em muitos velhos pergaminhos, escriptos por esses escrevinhadores mais infatigaveis do que prudentes.»

J. DE TORRES.



SCARLET.

Ha varios modos de adquirir celebridade, e ainda no mais humilde e desprezivel mister se póde crear jus a ser lembrado nos fastos do mundo. Bem exquisito é o figurão que a nossa gravura, copiada de um desenho coevo, representa; se não fôra o molho de chaves que lhe pende de uma das mãos, e o forcado, se forcado se lhe póde chamar, que segura com a outra, pareceria o famoso Bertholdinho tão conhecido do nosso excellente povo. Pois saiba o leitor que o tal figurão, por nome Scarlet, se tornou notavel por ter enterrado duas rainhas famosissimas, Catharina, mulher de Henrique VIII, e Maria Stuart, cujos corpos, sepultados primeiro em Peterborough, foram depois trasladados para Windsor.

As circumstancias da sua vida tornaram-o objecto de curiosidade para todos, mórmente para os poetas e chronistas; e o seu nome, encravado na historia funebre de duas rainhas, popularisou-se nos contos e nas lendas populares. Nenhum viajante passava por Peterborongh que não desejasse ver e fallar a Scarlet.

Mas os annos volviam-se uns após outros, e já havia quem desconfiasse que Scarlet, cansado de abrir sepulturas para tantos dos seus, se esquecêra da sua propria, quando emfim a morte se lembrou de lhe terminar a piedosa tarefa, cerrando-lhe os olhos a 2 de julho de 1594, na avançadissima idade de 98 annos.

ESTUDOS CRITICOS

I

Même en énumérant les qualités des talents amis, il y a un mot qu'il ne faudrait jamais perdre de vue, le *circum praecordia ludit*, qu'un satirique accorde a l'aimable Horace: se jouer autour du coeur de ceux même qu'on caresse, et montrer qu'on sait les endroits où l'on ne veut pas appuyer.

SAINT-BEUVE.—PORTRAITS.

É vulgar dizer-se que é grande a differença que vae do vivo ao pintado; não obstante mais de um retrato tem sido a inspiração do casamento, mais de uma paixão tem saído acabada, do daguerreotypo para os olhos, e dos olhos para o coração dos que menos se julgavam accessiveis ao prestigio da pintura, e á benefica influencia das artes sobre o espirito humano.

N'este *semanario*, especie de correspondencia familiar entre dous povos, tudo deve ser singelo e verdadeiro, desde os toques liniares dos perfis, até á composição das tintas, destinadas a destacar da tela o vulto que se quer reproduzir de corpo inteiro, com o cabedal proprio e as feições exactas, que nem disfigurem o retratado, nem envergonhem o retratista. Ao leitor resta depois procurar a luz, comparar, decidir por fim. As biographias dos poetas são como as miniaturas dos heroes; os sonhos e excentricidades da poesia sentem-se tão mal á vontade na critica, como apertadas na moldura de um broxe as frontes vastas e pensadoras dos que adiantaram, ou sustiveram a marcha da humanidade. A idéa que se vasa em qualquer das multiplices e variadas fórmas da arte moderna, entibia-se, affrouxa á claridade d'esta lanterna de Diogenes, chamada critica, que apeia o enthusiasmo para o substituir pela analyse, rasgando o manto bordado do satrapa só pelo prazer mesquinho de ver a descoberto as feridas do Lazaro. A critica é a antithese do bello; apresenta a embriaguez illota como correctivo ás demasias do vinho, compraz-se em parodiar a lança de Achilles pela satisfação unica de sarar com o balsamo do elogio as feridas rasgadas pela austeridade da censura.

Apesar de tudo a critica é ainda que regista os passaportes ao talento, que faz os convites de enterro á nullidade, que dá foros de patricio e carta de naturalisação ao genio. N'um jornal da indole e natureza d'este em que escrevemos, a critica arvora bandeira de parlamentario, suspende as hostilidades contra os guerrilheiros do Parnaso, e limita se á sua mais generosa missão, a de apresentar ao publico, sem emphase, alguns dos reconhecidos engenhos da nossa litteratura. Nem outro podia nem devia ser o nosso procedimento. Se apresentassemos no mercado amostras avariadas de fazendas ainda não conhecidas, o resultado seria todo em desproveito do vendedor, e o fim elevado e util d'este jornal, compromettido com louvainhas banaes, deixaria de ser, como lhe cumpre, estimulo a sisudas relações litterarias entre Portugal e o Brazil, tão interrompidas hoje, como já tão travados andaram de parentesco os dous paizes, que para os casar seria preciso tirar dispensa de Roma. O meio que mais facil se nos affigura para abrir o appetite ao commercio reciproco de bons livros entre as duas nações, é pondo-lhe na meza acepipes que lhes estimulem o paladar, mescladas com os artigos biographicos e bibliographicos dos nossos auctores de melhor nota, as considerações desprevenidas e desambiciosas, que

o trato intimo, e a sancção publica tenham depurado das fezes, quer de mal cabidas prevenções, quer do enthusiasmo não menos perigoso de affectos antigos e reconhecidos. A mais prestadia censura, a que menos risco correrá de se enganar na avaliação de um auctor, é a que acceitando por base dos seus julgamentos o depoimento publico o afferir com placidez pelas regras, que o vulgo apenas adivinha por esse condão innato que têem as turbas de discriminar o relevo artistico das corriqueiras exibições da mediocridade; mas a quem ainda assim nem sempre deixa de ser preciso acudir com o conselho ou o exemplo, para não entregar sem appellação as letras á mercê da inconstancia popular. É assim que um auctor ganha em ser avaliado, é ainda assim que a critica, tribunal que deve estar fóra do alcance das agitações dos corrilhos, poderá corresponder ao duplicado fim da sua missão, acceitando do bom senso geral as primicias dos seus juizos, e tirando da comparação d'ellas com as impressões proprias uma conclusão que não peque nem pelo egoismo de ser tão individual, que se affecte de todo da opinião recebida, nem tão calcada e fundada na *vox populi* que se aproxime do servilismo, que desauctorisa a critica ás proporções de porta-voz da multidão consciencioca, mas ignorante.

A occasião tem feito mais de um poeta. O incenso queimado a tempo ás idéas do dia, tem influido na imaginação do vulgo, authenticado mais de um diploma, que novas idéas tem rasgado, ou pelo menos esquecido na febril substituição de datas a datas, de acontecimentos a acontecimentos. A poesia pallida e agrilhoada do Imperio teve por idolos ora os thuribularios encartados do dominador do mundo, ora os que protestavam da cidadella inexpugnavel da satyra contra a degradação de um seculo, que não via, porque lhe cegava os olhos o fumo da polvora, que a gloria de um homem estava longe de ser a dignidade de todos.

A poesia então, como sempre, era o barometro que marcava as alternativas da prospera ou infeliz estrella de Napoleão, e que presagiava, mais do que as batalhas perdidas pelos seus generaes, que era chegado o momento d'elle embainhar a espada, e de deixar as musas altear o vôo, no espaço deixado livre pelas aguias do imperio.

A restauração chegava trazendo comsigo Chateaubriand e madame de Stael, percursores de Hugo, Lamartine, e Musset; da ode em toda a pompa da sua magnificencia; da elegia melancolica, christã, affectuosa; do poema perfumado, simples, novo, sem os arrebiques pagãos do imperio, sem os achaques e indolencias das musas algemadas pelos sorrisos das damas de honor da imperatriz Josefina.

A revolução franceza, que remodelára a politica da Europa despertando o animo da Polonia, os brios heroicos da Grecia, a dignidade adormecida da peninsula, tivera em 1830 um novo toque de alvorada para as letras, não admiradas, mas presurosas de concorrer ao chamamento que lhe era feito em nome da intelligencia livre. Para Portugal a questão era de vida ou de morte. Ainda não era passado meio seculo, que o estimavel auctor da *Voz da Razão* fôra queimado em estatua por ordem do santo officio! Poucos annos tinham decorrido ainda depois que os ossos de Voltaire eram levados em triumpho ao pantheon, e Bocage, o nosso maior poeta depois de Camões via-se obrigado a retractar publicamente opiniões que estavam longe de ser as do philosopho de Ferney. Era no momento em que a França levantava altares á *Deusa da Razão*, e tinham logar as festas do *Ente Supremo*, que do quinto andar de uma rua retirada e escura de Parìs, Filinto Elysio, o mais sabedor poeta portuguez dos tempos modernos, exilado e perseguido pela inquisição, mandou aos seus naturaes, com perto de outenta annos, estas sentidas queixas:

Maldito o bonzo, e mais maldito o nayre,
Que calumnioso urdiu o meu desterro;
Malditissimo o estupido fanatico
Que encommendou a queima!
Oh patria! oh patria! e pude assim banido
Co'os olhos arrasados de agro pranto
(Não estalei de magua?) despedir-me
De ti, querida patria?

E que acabava desejando o que nunca alcançou ver: coitado!

De par em par abertas as masmorras,
E os réus á luz do dia!

Era n'estas victimas illustres que a poesia portugueza parára, não receiando o martyrio, mas envergonhada de dar pretextos á cegueira do fanatismo ecclesiastico para accender novas fogueiras em nome de uma religião toda de paz e amor. Laboriosa, lenta, calculada devia ser a resurreição das letras n'um paiz entalado entre a censura previa, e os caprichos omnipotentes de um tribunal de sangue. Por cumulo de infelicidade a litteratura dos ultimos annos do seculo passado, e dos primeiros d'este cifrava-se toda n'um padre que do claustro trouxera para o mundo o rancor da sua vocação contrafeita, e para os seus escriptos as iras do homem que sabe mas não póde, porque Deus não concedeu a todos o fogo sagrado do genio, nem as musas se inspiram como as Eumenides das carnes retalhadas pelo açoute dos verdugos. O padre José Agostinho foi a ultima expressão de uma litteratura nascida servil na cella de um convento, alimentada de ruins paixões, morta de vergonha aos primeiros lampejos de mais generosas idéas, de mais rasgados horisontes para a liberdade das consciencias e do pensamento. Ás cegas, como a inexperiencia que nasce do desuso e do medo, poucos se atreviam a fazer profissão publica das letras, receiando não calhar tão de vez na orthodoxia da censura official, que pudessem escapar aos epithetos de *jacobino e pedreiro livre*, especie de introducção obrigada nos paços do Rocio.

Pausada e morosa começava pouco depois a laborar nos espiritos a idéa da emancipação politica, religiosa e litteraria. As iniciaes de um grande nome eram a agua do baptismo de um nome maior ainda. Em 1826, outo annos antes do triumpho decisivo das idéas constitucionaes, apparecia um poema notavel, portuguez na fórma e no fundo, vasado nos encantos da nossa mythologia popular, e lembrando aqui ou ali a escola, o modo, as *nuances*, perdôem-nos a palavra, do *Oberon* de Filinto Elysio. O poema era a *D. Branca* do visconde d'Almeida Garrett, que trazia como salvaguarda no frontispicio as iniciaes do poeta que ha pouco morrêra no exilio, pobre e deslembrado. A supposta obra posthuma de Francisco Manuel foi o rebate glorioso para melhor e mais desassombrada vida. Na invocação do poema estava o manifesto, a profissão de fé do auctor. Venus, Apollo, Jupiter e Baccho acabavam de ser proscriptos sem remissão da poesia portugueza: os incredulos adoradores do Pindo podiam desenganar-se.

Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio:
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

O exemplo do auctor do *Genio do Christianismo* vingára. Agora só nova milicia podia sem renegar guarnecer os arraiaes do acampamento novo. Só algum Ulysses matreiro se atreveria ainda a sacrificar em dous altares; mas os muros de Paphos e Cythera tinham desabado para sempre. Na introducção do *Parnaso Lusitano*, escolha selecta das mais acabadas poesias portuguezas até ao primeiro quarto d'este seculo, escrevêra Almeida Garrett estas singelas verdades: «A litteratura portugueza não mostra presentemente grandes symptomas de vigor: mas ha muita força latente sob essa apparencia; o menor sopro animador que da administração lhe venha, atceará muitos luzeiros com que de novo brilhe e se engrandeça.» Esse sopro animador chegára com effeito em 1834. O laço azul e branco, dos homens que da emigração voltavam, foi o arco-iris de mais bonançosa esperança, de sol mais desanuviado e puro para a poesia portugueza. As letras estavam vingadas.

(Continúa.)

L. A. Palmeirim.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT (1).

V

Exalçar a liberdade, celebrando a apotheose do seu mais generoso e mais estoico defensor e martyr, era empenho digno de um grande vate, e idéa grata a fervorosos democratas. Só a morte de Cesar podia, nas historias da Roma republicana, ministrar assumpto igual ao de Catão; igual no patriotismo, mas de certo inferior no pathetico e no magestoso da tragedia. Tão inspirador o achára Shakespeare, que fizera d'elle o objecto de um dos seus mais formosos dramas. Tão poetico o julgára Voltaire que, seguindo o rasto do poeta do Avon, em tudo o que o tolerava a etiqueta da musa franceza, o trasladára em versos magnificos para a scena da sua patria. Mas o Catão era de certo mais ainda do que Marco Bruto, a personificação d'este intratavel e quasi feroz republicanismo, que faz da liberdade uma religião, e não um direito, e da republica uma divindade sequiosa do sangue dos seus adoradores. Catão morria, para não sobreviver á republica. Bruto feria com o punhal parricida o dictador que o amava como a filho dilecto, para adiar alguns momentos os paroxismos da liberdade romana. Catão, se na superstição do estoico conservava ainda alguns vestigios de egoismo, era na ambição de alliar o seu nome á ruina da republica. Bruto desmentia o mestre, porque, em vez de expirar como elle, maculava com o sangue de seu pae a estatua de Pompeu, para gosar alguns instantes mais o nome ephemero de cidadão romano.

Havia porventura uma razão de mais para que Garrett preferisse a historia de Catão. Um grande genio ennobrecêra com ella a scena britannica. João Addison, um dos mais correctos e elegantes escriptores do tempo da rainha Anna, ainda mais celebrado pela elegancia e atticismo da sua prosa, que pela magestade dos seus versos, mostrára aos inglezes, que a tragedia podia, sem desmerecer da gravidade do cothurno nacional, alliar as liberdades shakesperianas á severa observancia das regras classicas e dos preceitos do bom gosto. O *Catão* de Addison ficára como um modelo de correcção e de belleza dramatica no reportorio nacional. Voltaire, que poz em moda a litteratura ingleza, d'antes ignorada quasi no continente, mais de uma vez aprendêra a corrigir as exagerações e os defeitos, e as rudes e asperas concepções de Shakespeare, no verso mesurado e nobre, e nas scenas eloquentes e inspiradas de João Addison.

Garrett havia lido o *Catão* de Addison. Foi elle sem duvida o que lhe despertou a idéa de que era possivel escrever a tragedia sem observar a poetica rotineira com que era geralmente de uso escrever-se o drama heroico em toda a parte. Acaso tambem a frequente leitura de Voltaire lhe inclinára o espirito a esta escola poetica, em que a tragedia, soltando-se dos moldes estreitos das regras julgadas orthodoxas, faz servir as musas aos grandes interesses e ás grandes idéas philosophicas, e torna o drama mais intelligivel, aproximando-o mais de perto á imitação idealisada do natural e do commum.

A França tem o privilegio insigne de legislar para a Europa, e, porventura, para o mundo inteiro o codigo intellectual de cada seculo. Em todas as idades e em todas as civilisações, ha uma nação, que é como guia e directora no movimento incessante das instituições e das idéas. Athenas, Roma e París dividem em tres grandes capitulos a historia espiritual do mundo. Por que fatalidade ou por que providencia isto succeda, não vem ao nosso proposito o discernil-o. Desde Luiz XIV a Europa é franceza nas idéas. Já antes, na idade media, o houvera sido em muitas cousas. Até o grande seculo das letras francezas, as nações tiveram ampla liberdade de pensarem e de escreverem por si mesmas e desajudadas de estrangeira inspiração. Gil Vicente teve tempo de inventar o ainda rude, mas sincero e genuino drama peninsular. Lope de Rueda, e Montalban, e Torres Nabarro, e Lope de Vega, e Calderon, puderam a seu salvo desempoeirar as chronicas da sua nação, e inspirar-se na sua nativa e caprichosa musa castelhana. Shakespeare e Fletcher, puderam, na feliz ignorancia do theatro grego, soltar a musa fertil e aventureira ao sabor da mais original inspiração, e povoar a scena britannica de concepções, ora sublimes, ora grosseiras e indecorosas na sua rigida nudez e na sua severa naturalidade. Floresceram os theatros de cada nação, e distinguiram-se por feições caracteristicas, e contrapuzeram-se por typos genuinamente nacionaes. Apparece Racine e Corneille, e esta escola convencional, mas elegante, estes reformadores a que pudera caber o nome de *néo-classicos*, passam a razoura da imitação sobre a litteratura dramatica de todas as nações.

Racine tentou restaurar, vestindo-a e adornando-a com garridices francezas, a austera magestade da Melpomene antiga. Já os *rhetores* e grammaticos tinham desde a aurora do renascimento pretendido formular as regras immutaveis do theatro grego. A renascença foi uma reacção da auctoridade contra a democracia. A idade media não foi para o espirito, como se pensa vulgarmente, uma larga e tenebrosa noute, apenas interrompida a espaços por algum tenue e baço clarão de luz de estrellas. Não foi o duradouro eclipse da razão e da phantasia. Não ha interrupções na actividade do pensamento, nem treguas possiveis nas incessantes campanhas do progresso humano. Seria quasi uma blasphemia asseveral-o; e a historia felizmente encarrega-se de a desmentir e refutar. A

(1) Continuado de pag. 373 do XII vol.

tradição romana não se perdeu de todo na meia idade, nem os barbaros, desmantelando e saqueando o capitolio, apagaram brutalmente o facho que espargia a luz da civilisação romana pela amplidão do mundo dos cesares. Succedeu apenas o que é racionavel e justo que aconteça. As idéas romanas perderam o interesse da actualidade com as ultimas reliquias do imperio do occidente. O paganismo, proscripto e deslembrado como uma impiedade, communicou o seu infortunio á civilisação e á litteratura, que haviam nascido e prosperado á sombra d'aquellas poeticas ficções A nova religião que regenerava as gentes, tornava dominantes no mundo idéas novas, que reclamavam uma nova litteratura. As nações germanicas, que então revolucionavam o antigo mundo romano, passavam da barbaria ao christianismo sem que saudassem ao menos a civilisação latina. Tudo o que na cultura antiga era compativel com o idealismo christão, ficava apropriado pela Igreja, ou conservado como tradição domestica pelas provincias romanas, submettidas á dominação septentrional. Mas no commum da gente simples e barbara, como era nos estados que se levantavam sobre os despojos do colosso romano, as necessidades da intelligencia e as ambições então modestas do espirito, não podiam contentar-se com a litteratura dos antigos dominadores, e do paganismo já proscripto. O que tinha que ver a epopéa latina, celebrando grandezas e heroicidades mythologicas, com a severa aspereza e a piedosa devoção dos christãos ainda fervorosos no seu credo? Como acharia não já affeição, mas indulgencia a lyrica de Ovidio e de Tibullo, poetisando em lascivos carmes a bruteza do amor sensual e as seducções da impudicicia? E se, para os barbaros, recentemente convertidos, nem sempre valia o proscrever as letras classicas, a voluptuosidade que d'ellas ressumbrava e o pudor que nem sempre n'ellas resplandecia, assistia-lhes a elles uma razão mais forte do que as censuras da Igreja, condemnando a profanidade de similhante litteratura. Não a comprehendiam elles, na sua rudeza; e as allusões frequentes a todas as risonhas fabulas do paganismo, e a commemoração continuada das glorias e das façanhas da republica e do imperio, deviam soar-lhe estranhamente aos ouvidos barbaros e rudes. A lingua, em que estavam escriptos esses modelos da mais eloquente prosa e da mais artificiosa e fluente metrificação, era assás engenhosa nos seus processos e complexa nas suas combinações para amoldar-se á pronuncia guttural dos novos conquistadores. Os barbaros absorveram na sua linguagem o idioma opulento e magestoso do povo a quem haviam avassallado. Mas truncaram aqui e acolá os vocabulos mais bellos, e ultrajaram em corruptelas atrevidas as mais puras modulações da voz humana. Fizeram no idioma o que praticaram em tudo: uma alliança violenta da civilisação e da barbaria, a lei romana, coexistindo, incompleta e confusa, ao lado da lei dos salios e do codigo wisigothico; as instituições latinas a par dos costumes barbaros; o luxo romano contrastando com a sobriedade germanica; e tudo isto mal combinado, mal serzido, como que hostilmente enlaçado, que mal poderia conxavar-se a policia e elegancia dos romanos, ainda mesmo decadentes, com a barbara singeleza dos invasores.

Imagine-se hoje uma horda de kalmukos ou de kurdos, irrompendo violenta n'uma povoação européa, esplendida em todos os ornamentos de uma esmerada civilisação, e amollecida em todas as sumptuosidades de uma industria maravilhosa. Mettida a cidade a saque, incendiados os templos, derrocadas as habitações, expoliados os bazares, dispersa e erradia a população, figuremo-nos que sáem as tribus vencedoras, levando entre as pompas do seu triumpho os despojos opimos da sua algara, correria e devastação. Aqui um tartaro adornará o turbante singelo com um ornamento magnifico, mas disparatado. Acolá outro ennobrecerá a humildade dos seus vestidos com roupagens sumptuosas, que na opulencia do seu estofo, e na galhardia do seu talhe, desdizem da selvatica simpleza do seu traje habitual. E no meio de tudo isto ha de lamentar-se que os restos mal apreciados do trabalho intelligente se alliem em flagrante desharmonia com os productos grosseiros de uma industria primitiva.

Pois eis ahi como os barbaros retalharam e dividiram entre si o thesouro da boa latinidade. Truncaram e desformarem os vocabulos para os tornarem menos rebeldes á pronuncia. Barbarisaram o sonido das vozes romanas. Aqui um franco salico enxertou uma palavra ciceroniana entre duas vozes do seu dialecto ingrato. Acolá um borguinhão marcou com o bafejo impuro o ouro de lei dos vocabulos de Virgilio. Ali um wisigodo associou entre barbarismos affrontosos um nome teutonico mal disfarçado sob as vestiduras romanas. Os dous idiomas fundaram-se juntos, sem se ligarem completamente. A latinidade foi desapparecendo, incrustada pelas influencias germanicas, assim como uma antiga medalha preciosa esconde os traços finos do seu cunho sob a terra que a obliterou e corroeu.

Desde então a litteratura romana retirou-se do trato e conversação do vulgo. Como as moedas que sáem da circulação, ficaram algumas peças d'ella dispersas aqui e acolá por gabinetes de antiquarios. O latim era a lingua official da Igreja. Em latim estavam escriptas as numerosas obras dos padres do occidente. Ora quando se conhece uma lingua sempre se conserva a tradição e o estudo dos seus mais aprimorados monumentos. Os bons escriptores da idade aurea não foram pois nunca totalmente deslembrados dos que, por obrigação do seu officio espiritual, tinham de cultivar o idioma, que, dee xpressar os symbolos pagãos e as idéas materialistas, passára rapidamente a interpretar as grandezas todas espirituaes do christianismo, e a servir de instrumento ás apologias, ás polemicas, ás homilias e aos discursos mysticos da Igreja.

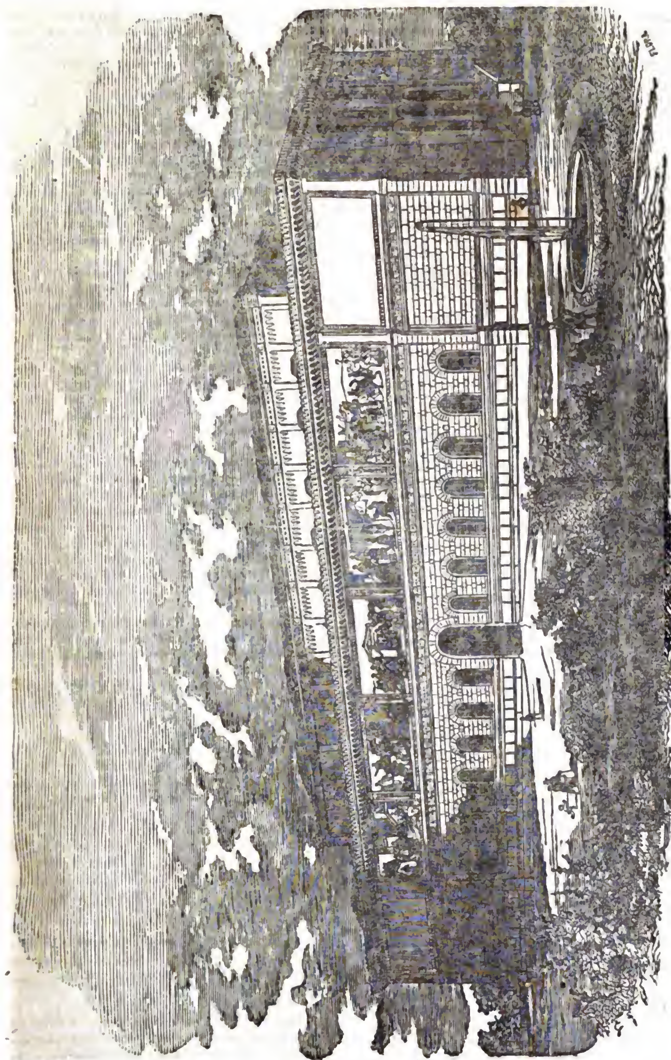
(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, n[a] livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, r[ua] do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lav[a]do rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. P



NOVA PINAKOTHECA DE MUNICH.

NOVA PINAKOTHECA DE MUNICH.

Munich, de todas as cidades de Allemanha, é sem contestação a mais rica de monumentos modernos; e a nova pinakotheca, edificada a expensas do rei Luiz, para repositorio de pinturas, e desenhos do seculo XIX, merece ser contada entre os mais sumptuosos.

A pinakotheca começou-se a construir no outono de 1846, sob a direcção do primeiro architecto da casa real, que tambem fizera a planta, concluindo-se no anno de 1847. É de estylo bysantino, e tem 367 pés de comprimento, sobre 101 de largura e 98 de altura, compondo-se de dous pavimentos corridos, e um outro menor sobre a cornija. A entrada principal olha para o levante, e compõe-se de tres arcos; a escadaria é de marmore, com balaustrada de bronze. Em frente da entrada ha uma grande sala, na qual se observa o retrato, em corpo inteiro, do monarcha fundador, vestido de cavalleiro da ordem de Santo Huberto; este retrato é pintado por W. Kaulbach.

Além d'este salão ha outras cinco casas, de razoada dimensão, e uma sala enorme de 93 e meio pés de comprido sobre 53 de largo, em cujas paredes se admiram 25 quadros de paizagens, devidos ao pincel facil de Rottman. O pavimento inferior reparte-se em outo salas, e deve receber as pinturas de actualidade, desenhos, cartões, pinturas em porcelana, e em crystal; além d'isto ha ali duas salas para cada artista poder tirar as copias que desejar.

Não nos parece de melhor gosto o plano da pinakotheca; entretanto não póde deixar de confessar-se que todas as partes do edificio conservam perfeita harmonia entre si, e com o estylo de architectura adoptado, o que sem duvida é a mais essencial em toda a obra de caracter monumental.

(Da *Illustração Luso-Brazileira.*(*))

A PENA DE TALIÃO

PRIMEIRA PARTE.

CAPITULO I

Á PORTA DO CASTELLO.

É noute, é noute escura, e o céu tão negro,
Que nem estrella tem. Abre te, porta,
Porta da Azoia, ao teu senhor. Seguido
Eil-o vae de seus fortes cavalleiros,
Os mais fieis, os mais intimos d'elle,
Costumados da infancia a compaahal-o,
Em suas aventuras....

GARRETT. — D. BRANCA, CANTO III

No meio das serras de Crasto e de Arouca, o Monte Muro alça a fronte anuveada, sobranceiro a ambas.

No alto, e fervendo por entre pedras, arrebenta-lhe um regato ao lado, e arremessado precipita-se de carreira pelas terras de tres conselhos até se metter no Douro.

Uma legua abaixo, e como que levantado nas pontas das penhas, descubria-se, mesmo a distancia, na margem direita da nascente, já convertida em rio, o Castello de Cham, rodeado dos seus annosos ulmeiros, revendo na torva corrente, que se lhe torcia aos pés, os pannos das suas elevadas muralhas.

Agreste e ermo, dir-se-hia que o sitio era mais proprio para servir de ninho aos abutres, do que para ser morada de ricos homens e cavalleiros!

(*) D'este jornal, redigido na conformidade do programma, que em substancia foi annunciado no Panorama, já saíram os n.os 1.° e 2.°, e vae brevemente entrar na sua regular publicação.

O vulto carregado do antigo solar destacava-se do verde sombrio das mattas, que o rodeavam, recortando-se em um ceu cinzento.

Corria o anno de 1245, e aperta vam os rigores do inverno. O vento, em lufadas, passava com abafados rugidos pelas florestas, e ondeando-as, ia engolphar-se nas abertas dos penedos, gemendo lugubremente.

Uma cortina de chuva, densa e sacudida, cerrando os horisontes, sussurrava nas folhas, e estalava, quebrando-se nas lageas escorregadias dos cerros; e os gellos, derretidos, enxurrando em levadas caudalosas por ladeiras ingremes ora mergulhavam nos algares com vozes soturnas, ora saltavam em lençoes de espuma por cima dos penhascos.

Estes, pendurando-se, uns musgosos e informes, outros lembrando mil variados feitios, pareciam acompanhal-as na descida até ao valle, aonde suspensos, e pendidos, se inclinavam quasi desamparados sobre elle, e sobre as aguas.

Ás vezes, as silvas e os arbustos silvestres enredavam-se por toda a parte; e os carvalhos, os alamos, e os freixos, fechavam as suas ramadas tão juntas, que só a custo, frouxos e desmaiados, é que alguns raios de luz podiam romper a espessura das brenhas, quando o sol já illuminava tudo em roda.

No meio da tristeza d'este deserto, a vista subindo, alcançava na mais alcantilada rocha uma sombra immovel, como nuvem negra pousada; e um instante depois divisava-a crescendo, e agitando-se.

Era uma garça rasgando o vôo, e pairando em giros, para cahír a prumo sobre a presa. Aos seus gritos estridulos e metalicos respondia o estrondear medonho das torrentes, desentalando-se dos penedos, e atirando-se como endoudecidas pelos barrancos para o leito penhascoso, onde o rio bramia angustiado.

Os echos da montanha, rota em cavernas, repercutiam o estrepito das cascatas; e os silvos do vento, e o chapinhar monotono da chuva, unindo-se, compunham uma harmonia estranha e dissonante, que se casava perfeitamente com o aspecto regelado da paizagem.

Ás vezes, e por momentos, callava-se tudo, mas o silencio ainda apertava mais o coração do que o ruido. Era a ribeira perdendo-se nos poços e furnas, donde mais impetuosa surgia logo!

Sempre credula e phantastica, a imaginação popular não se esqueceu de ornar de poeticas lendas estes sumidouros, que anoutecidos pelo escuro toldo das arvores avivavam a braveza do sitio.

Alguns mergulhadores, arrojando-se aos pegos, e volvendo a alegrar os olhos na claridade, por malicia, ou por natural propensão ás fabulas, povoaram de thesouros admiraveis e de palacios maravilhosos o fundo d'aquelles suppostos abysmos, que medidos pelo medo se reputavam insondaveis; e escusado é acrescentar, que não faltavam lá os dragões, as serpes, e as formosas mouras encantadas. As almas crentes, na visinhança de taes logares, sempre amiudavam as orações e os signaes da cruz, e encomendavam-se a todos os sanctos do paraiso, feridas de um terror superstícioso.

Assim debruçado para os despenhadeiros, e banhados quasi os pés na veia rapida do Bestança, o castello de Cham, dava idéas de uma ave monstruosa, abrigando á sombra das azas estendidas as casinhas, que trepavam, mas dispersas e apoquentadas, por um e outro lado ajuntando na raiz do monte a baze de uma povoação pequena, e encolhida com fragas agrestes e eminentes por toda a parte a interrompel-a, com arroios e arvores a encharcal-a de humidade, e a in-

tristecel-a de feias sombras, porque a frescura, aqui, e a verdura, não tinham o enlevo, que dão a Cintra os seus arvoredos copados, as suas penhas suando agua, e o sol esplendido, em doces manhãs de estio, destoucando-a do veo de nevoa, e desenrolando-lh'o pela espadua arrelvada, corôando a sua deliciosa serra de transparente e dourada luz.

Não!

Tudo ali era sombrio, apagado, e triste!

Imagem do seculo, que já se aproximava de metade do seu curso, a pobre aldeia, cheia de timidez, encostava-se ao muro do alcacer, como o villão opprimido se amparava, tremendo, debaixo da lança do rico-homem.

Levantando nas alturas aquellas muralhas firmes, e aquellas torres maciças e arremessadas, o architecto julgou talvez fadar-lhes a eternidade. Um pensamento de orgulho adejou-lhe de certo pela mente, suppondo, e bem, que não haveria braço, que podesse desconjuntal-as, nem assalto capaz de lhes escallar as ameias, ou de lhes galgar os muros.

E assim aconteceu.

Desde que foi edificado, o castello zombou sempre das corridas dos arabes, e dos odios, que retalhando a patria em bandos, dividiam os mais poderosos barões do reino.

Os engenhos, armados nos eirados, raras vezes rangeram, jogando pezadas quadrellas para esmigalhar de longe algum aventureiro audacioso; e o pendão desfraldado no logar mais alto, nunca se humilhou, rendendo-se envergonhado ao aggressor.

Era com motivo, por isso, que tanto os seus moradores como os habitantes dos contornos, não citavam a Honra de riba do Bestança senão pelo nome, um pouco vaidoso, da Donzella.

De feito, virgem e invencivel no seu ninho d'aguias, desafiara até então, e de balde, o esforço dos mais ousados cavalleiros, e os juramentos de inimigos implacaveis.

Nenhum se atrevera, nem a roçar-lhe com a acha d'armas pela barbacan!

O castello de Cham, de que só hoje se conservam alguns lanços carcomidos e rotos, por onde as hervas se penduram em festões, mostrando apenas o esqueleto melancolico do que foi, era no tempo da sua prosperidade um edificio notavel pela fortaleza e vastidão; e poucos prestamos, dos que n'aquella epocha turbulenta levantavam os seus paços acastellados nas eminencias, poderiam competir com elle, a não ser o antigo solar dos Viegas, pousado com a quinta de Cresconhe nas abas da serra de Tranqueira, ou a honra de Goudar, erguida, como atalaia vigilante pouco abaixo dos pincaros nevados do Marão.

A maior parte d'essas castros, que no viso dos cerros, ou á entrada dos desfiladeiros guardavam o passo, sustendo o gallope assolador dos agarenos, no primeiro seculo da lucta, e depois parando o impeto não menos feroz das cavalgadas christãs, animadas de aversões profundas, compunham-se de um aggregado de grossas vigas, travadas entre si, e formando uma serie de torres irregulares, cujos vãos, tapados de pedra solta e barro, ou de cantaria sem cimento, podiam resistir ao esforço de uma correria, mas depressa desabavam em ruinas e cinzas, diante dos tiros das manganellas de fogo, e da aproximação da vinea, que lenta e pezada, se lhes acercava, cuberta de couros crus, para as aluir pela baze, ou os incendiar enrolando as chamas nos madeiros, que ligavam.

O castello de Cham não tinha nada a receiar por este lado. A sua couraça de pedra era solida e temperada. A curta distancia da carcova, larga e profunda, estorcia-se caudalosa e arrebatada a ribeira de Bestança, abrindo diante d'ella segundo fosso.

As suas barreiras ligadas aos penedos do monte, eram amplas, e a barbacan não promettia menos rijeza, do que as grossas muralhas torreadas, e corridas em volta das ameias por espaçosas adarves.

Dentro d'este cinto de fortificações é que se elevava a habitação do rico-homem, campeando sobranceira aos muros, e coroada tembem de ameias. Sobre o fundo e escuro portal a torre de menagem, quadrangular e robusta, com os seus esguios miradouros a bojarem-lhe nos angulos exteriores, assemelhava-se, vista de longe, a um d'esses gigantes sobrenaturaes, que a invenção do menestrel, pintava com os punhos sobre as armas, guardando a entrada de um alcacer encantado, e ameaçando com o vulto carregado quanto lhes ficava abaixo!

Os Ribeiros de Lanhoso, e os Reimões de Portocarrero, visitando o solar de Cham, como parentes e alliados por vinculos de sangue, nunca se retiravam sem exhalar um suspiro meio de inveja, meio de pezar. Qual d'elles não daria dous castellos dos melhores por uma fortaleza, como aquella, tão sobranceira, que dos terraços se alcançava com a vista umas poucas de leguas em redondo, tão segura, que sendo só aguias e abutres é que os contrarios ousariam investil-a?

Por uma d'essas opposições, em que parece esmerar-se a natureza, e que a arte nunca imita bem, por mais que lide, além do rio, o valle estirava-se formoso e abrigado, contrastando o verde alegre e vivo das hortas, entresachadas a espaços de alvas casinhas, com o aspecto severo, pezado, e agreste da paizagem contida dentro da zona da montanha.

Os tectos aprumados, apparecendo por entre as arvores, ou rompendo do meio dos arbustos, davam ares de uma das frescas e namoradas habitações, que nos casaes suissos fazem o enlevo dos olhos, e a saudade do viandante.

Ao cabo d'estes brancos alvergues encastoados em palmitos de verdura, que se estendiam em voltas sinuosas, sobresaía uma ermida rustica, com a sua cruz de pedra erguida defronte da portada.

A diante, apar de tapetes viçosos e extensos viam-se grandes malhas rugosas, umas quasi negras, outras vermelhas escuras, como as manchas zebradas, de que se mosquea a pelle do tigre, ou da panthera.

Eram as terras, que a charrua tinha rasgado. Nos tesos, que se alteavam em subidas doces, velejavam os moinhos; na baixa, encostado mesmo á raiz das colinas, corria um braço do Bestança, e extravasado em veios sussurrava fertilisando as almuinhas e os pomares.

N'outros pontos, as aguas represadas, quebravam, batendo de alto nas rodas das azenhas, e depois em giros caprichosos, e cheios de mormurios, ora grossas e ligeiras, ora lentas e desfalecidas iam cair de novo na corrente, seguindo com ella por amenas e relvosas margens.

No fundo, ao largo, uma cortina de pinhaes, meneando ao vento da serra as copas esguias e tristes, cerrava o horisonte: e alongando-se mais ainda, a vista apercebia ao longe, bem longe, recortadas no viso de um pincaro debruçado as ameias de uma torre, ali postada, como sentinella perdida do castello.

Desatando-se á sombra protectora d'este, a pequena povoação, desceu a pouco e pouco pelas escabrosas ladeiras, e recostando-se na campina, conseguiu

chegar ao cruzeiro, abraçando o symbolo religioso do templo, outra força social, que o seculo tambem reconhecia, e acatava!

A historia do villar de Cham era semelhante á de muitos outros.

Um dos cavalleiros da casa do velho D. Mendo de Gondar, casando com uma filha dos Viegas, da honra do Paço, na terra de Santa Maria, fundou o solar de riba de Bestança nos ultimos dias do conde Henrique, ou nos primeiros de Affonso I

Aquelles ermos fragosos e selvaticos offereciam-lhe base apropriada para assentar a sua habitação ao abrigo das correrias dos mouros, que talavam incessantemente as fronteiras, incendiando campos e aldeias.

Assegurando-se das florestas, e das charnecas, para as desbravar, Egas Mendes, como os rudes barões da sua epocha, não derivou o direito de propriedade das concessões do principe; dispensou na mercês e inscreveu a posse nos pannos dos muros com as lanças dos homens d'armas; e moldando-se pelo, actos dos seus iguaes, não duvidou alargar os termos da honra, que fundara, pelos arredores, servindo-se de quantos pretextos lhe occorreram para obrigar a villanagem indefesa a unir-se aos solarengos, que trouxera para alimentar com os tributos do trabalho o esplendor da sua morada, e a profusão dos seus banquetes.

De cima dos paços fortificados esta raça dura e aspera, pairava como as aves de rapina sobre os campos e caminhos, sangrando a titulo de barreiras, de peagens, e de mil invenções cubiçosas, a bolsa, ou os fardos dos almocreves e mercadores ambulantes, e devorando aos agricultores a melhor parte dos fructos, creados pelas fadigas do seu braço.

Porque não encostavam os peões opprimidos a enchada, ou não deixavam esquecida no sulco, meio aberto, a relha do arado, buscando em outra parte protecção, por menos oneroso preço, ou a tutela de um poder menos violento, e extorsor?

A razão era simples.

Nas horas de tumulto e angustia, quando as almenaras com suas labaredas davam rebate nas alturas de repentinas incursões dos leonezes, ou da invasão de cavalgadas inimigas, a população acolhia-se ao ninho do abutre, salvando filhos, mulheres, utensilios e provisões; e certa de que o senhor tomava a sua defensa, como propria, olhava de seguro para o odio impotente dos cavalleiros, aos quaes o ardor das lutas civis, ou o instincto da rapina mettia o pé no estribo, e soltava a carreira.

De mais, a familia de Gondar, arreigando-se ao solo, e amaciando a indole no trato da curia politica de Affonso II, e na côrte guerreira e aventurosa da minoridade e juventude de Sancho II, olhára com mais doçura para os homens do solar.

A igreja, que se abria ás suas orações, fora construida por elles; e aquellas courellas, que o suor fecundava, transmittiam-lhe com o trabalho o grato sentimento da propriedade, o dominio util da vinha plantada por seu pae, do pobre alvergue edificado por seu avô, e do terreno arroteado por elle, e por seus filhos.

Os encargos e vexames eram grandes, e as consequencias tristes, e ás vezes insuportaveis; mas as vantagens compensavam-as de algum modo, sobre tudo, quando o theatro da guerra era proximo, ou quando os odios se ateiavam com mais calor entre as poderosas familias, que disputavam entre si o predominio.

Depois, como havia o colono de desamparar o seu villar, e o templo rural, aonde os seus dormiam eternamente?

Como havia de voltar as costas ao fruto de tantas fadigas, á cruz junto da qual nasceram os seus amores de mancebo, e ao adro, aonde jaziam as cinzas paternas!

Não era facil! E advertidos por alguns exemplos, os cavalleiros abstinham-se com algum cuidado de provocar a desesperação.

O villico e os serviçaes do castello tosquiavam as ovelhas como suas, e se mugindo a vacca, alguma vez o sangue vinha no tarro, contassem que era de fóra dos marcos da aldeia, e que pagava por si, e por muitos!

A breve distancia da ponte, suspensa em cadeias, e lançada sobre o Bestança, cruzavam-se duas sendas, uma que trepava em caracol até á porta do castello, outra, que subia, encostando-se aos penhascos, e passando ao sul ia enfiar-se por entre os maciços verde-escuros das moutas, e pelos devios das brenhas, terminando exactamente em uma clareira, rasgada no centro da floresta.

A primeira desembocava no caminho, que serpeando pelo valle, e enroscando-se nas quebradas dos outeiros, acompanhava com algumas voltas o rio até se metter nos termos do concelho mais visinho.

A segunda, verdadeira vereda alpina, arremessada sobre precipicios, corria por cima da crista da serra, e vinha expirar á entrada da torre, que descrevemos, posta como atalaia no cume de uma róca, talhada em ribanceiras empinadas.

Declinava já a tarde, e sombria e escura principiava já a anoutecer nas gargantas dos despenhadeiros, em quanto uma restea de luz açafroada, tremendo nos pontos mais altos das fragas, dava as despedidas do sol áquelle sitio melancolico, raras vezes aquecido dos seus raios na estação rigorosa.

Entrava-se nos fins de novembro, e as atalaias, espraiando a vista dos terraços do castello e da porta das suas guaritas de pedra, ou passeiando vagarosos pelo adarve das muralhas, e parando em cada vão das ameias, descortinavam até muito longe, o panorama severo de paizagem, cortada de risonhos quadros nas planices, que apertadas entre cabeços bravos, cuja corôa de arvores silvestres o vento desgrenhava, e estreitando-se á medida, que se alongavam, íam embeber-se a final nas faldas penhascosas da serrania fronteira.

No fundo do valle, o Bestança, apagando nas hervas os ultimos gemidos das cascatas, espreguiçava-se em rodeios, como já dissemos.

Ao largo, em horisonte denegrido, as montanhas de Crasto, e Arouca dentavam os topes anuviados e agudos no ceu toldado e baço.

Demorando-se, os olhos podiam aperceber o nevoeiro, levantando-se das quebradas, como véu de fumo, e trepando lento e ondeado, até se rematar nos cumes.

No poente, o sol ora desmaiava atraz das nuvens, que volteiavam ligeiras pela sua face, ora, descuberto e aprumado sobre os montes, parecia adormecer em um throno de vapores, que a luz já frouxa corava de mil cambiantes de ouro e purpura, ao passo que o vento, crescendo, os rasgava em fórmas caprichosas, voando rapidas, e transformando-se a cada instante.

Para quem estava affeito ao sitio, era claro que a noute promettia ser tempestuosa.

Dentro em poucas horas, a cerração acastellada ao sul, estendendo-se, traria comsigo os rugidos da

tormenta, e o livido clarão dos relampagos não tardaria em abrir os ceus, torcendo-se em fitas de fogo sobre os penedos.

Assim o diziam pelo menos uns aos outros os homens-d'armas, que a demora do senhor trazia cuidadosos aos andares mais elevados das torres, e que não se cansavam de espreitar para todas as veredas e trilhos, estes do lado da floresta, e aquelles para a parte do valle, mas debalde.

De repente, pela vereda alpina e estreita, entalada entre as penhas, avistou-se um cavalleiro, que raspando por um pequeno collo, que a elevava, tornou logo a desapparecer rapido com a frecha despedida do arco.

Atraz d'elle, mas a distancia, e na mesma corrida, appareceram, e sumiram-se na cova do caminho, monteiros, lebreus e sabujos, com grande algazarra de vozes e cornetas, e alegres latidos das matilhas.

Ao mesmo tempo, uma dama, montada na sua hacanea branca, descia a galope pelo declive da colina, e chegando á bôca da estrada, diante da ponte, e colhendo ahi as redeas, sustinha o fogoso animal, que por um instante, com as mãos no ar, parecia resistir a custo ao desejo de galgar de um pulo o espaço, que media com os olhos.

A sineta da torre, erguida sobre o portal, deu signal aos serviçaes, e a levadiça cahiu de golpe sobre os poiaes de pedra, em quanto rangiam as cadeas de ferro, alçando a pezada corrediça, ou rastilho, que na ausencia do senhor vedava o passo, defronte mesmo da volta profunda da primeira entrada.

Um momento depois as ferraduras dos cavallos, batendo nos alçapões ferrados, e o alarido jovial dos caçadores, sumiram-se no escuro corredor, para soarem de novo mais fortes no terreiro para onde olhavam as ameias interiores, d'onde no caso de assalto, os defensores do castello podiam crivar de tiros os inimigos, se o acaso, ou o impeto do combate, chegasse a trazel-os até ali.

Apenas o ultimo vulto, dos que vinham do monte, se perdeu nas trevas do portal, e a levadiça acabou de subir, um cavalleiro sahiu de subito de traz de um maciço de arvores e de moutas, que o encobriam, e desatando a carreira, aproximou-se da dama, que parada na ponte, pela inquietação dos movimentos, mostrava esperar por alguem, começando a impacientar-se com a demora.

Ambos eram moços e gentis ambos, olhando-se, corando, e impallidecendo logo depois, revelaram o alvoroço, com que se viam!

E antes dos labios d'ella dizerem: «Affonso!» já a voz do mancebo, não menos tremula, tinha exclamado: «Branca!»

Depois, o cavalleiro apeando-se de um salto, e recebendo nos braços o doce pezo d'aquelle bello e airoso corpo, poz o joelho em terra, e beijou a mão de Branca, cujas faces se tingiram outra vez das vivas rosas do pejo.

— Vieste sempre! murmurou Affonso derretendo na vista toda a ternura do coração.

— Não me esperavas tu? respondeu ella, baixando as palpebras, e recolhendo a mão tão alva e breve, como a de Titania, ou de outra fada, linda e infantil.

Passados minutos, em que os dous, silenciosos, parecia que não podiam saciar-se de imbeber a alma pelos olhos, Branca, cedendo a algumas palavras do mancebo, que lhe levava o palafrem de redea, foi assentar-se em cima de uma pedra musgosa, ao abrigo dos carvalhos copados e dos arbustos, que entrelaçando-se vestiam um retiro, que nem do castello, nem das eminencias visinhas, seria facil devassar.

Deixando-os por bem pouco, um ao lado do outro, ella com a face recostada nos dedos e os anneis das madeixas a enrolar-se-lhe pelo collo de jaspe; elle de joelhos, com o rosto animado de meiga paixão, e a voz tão preza pelo sobresalto, que não se lhe descerrava dos labios; deixando-os assim ditosos e embevecidos, que mal podiam com a felicidade, que os inebriava, trepemos pela encosta, que Branca descera minutos antes, e acompanhemos até á porta do solar dous homens, que a visinhança da noute obrigara a apertar o passo.

O primeiro não era necessario perguntar quem fosse; porque o habito da nova ordem de S. Domingos assás o declarava.

O segundo, no trajo, na presença, mais severa do que agradavel, tambem não escondia a sua condição, e apesar de pouco adiantado em annos inculcava nos modos madureza e reflexão muito superiores á idade.

Quando pararam diante da levadiça, e quando a corneta do cavalleiro chamou ás ameias um dos homens d'armas, foi em tom de quem falla para ser obedecido, que elle bradou:

— Dize a D. Ruy Viegas, que o devoto Fr. Gil, dos prégadores, e Reimão de Portocarrero, pedem por esta noute acolhimento e amizade para se repousarem do trabalho da jornada!

A resposta não se demorou, e foi o villico em pessoa, que a trouxe.

D. Ruy Viegas abria as portas e os braços a seu primo Reimão de Portocarrero, não por uma noute, mas por todo o tempo, que precisasse, e mandava as boas vindas ao sancto companheiro, que pedia com elle a hospitalidade do seu castello.

Seguiu-se a isto baixar a levadiça, e os dous serem conduzidos até á porta interior do solar, aonde os aguardava já o senhor de riba de Bestança, ainda com o pó do caminho nos vestidos, e o venabulo de caça nas mãos.

Em quanto descansam, e respondem á curiosidade cortez e amigavel do seu hospede, atemos o fio cortado dos tempos, e em conciso painel apontaremos ao leitor uma vista rapida da epocha, e da indole das pessoas, que em oppostos logares, acabamos de lhe apresentar.

No anno de 1245, em que se abre a scena d'esta veridica historia, as discordias, que na luta quebraram um throno, e desterraram da patria um soberano voluvel, e pouco firme, mas inegavelmente bom, esforçado, e generoso, principiavam a acender-se, e o sangue, derramado em alguns recontros obscuros, já tinha começado a levantar a chamma, que depois se converteu em incendio.

Sancho II, que nas pelejas foi tão rei, e tão cavalleiro, como seu avo Sancho I, ou como o filho do conde Henrique, perdeu-se pelo amor, e pela sua fraqueza em se confiar de validos moços, e como elle cubiçosos da gloria das armas, e estranhos á prudencia e sagacidade, que no meio das disensões anteriores, salvaram seu pai, e o vencedor de Silves da queda eminente, que o odio do clero, e a ciumenta ambição de parte da nobreza lhes dispunham.

Em quanto Sancho, com a lança em punho, batia ás portas das cidades mouras, recordando os dias de conquista dos heroes da sua raça, os raios do Vaticano suspensos, e os planos dos seus inimigos atalhados, não ousaram alçar-se contra elle; e tanto o Papa, como os barões dedicados em segredo ao par-

tido do conde de Bolonha, disfarçavam, louvando-o, a má vontade e o pensamento de o precipitar, para em logar d'elle sagrarem a usurpação de um principe, que os vinculos do sangue obrigavam a ser o defensor, e nunca o implacavel adversario de seu irmão.

Mas a cegueira do infeliz monarcha veio ajudal-os; e despindo a cervilheira e o saio de malha, e depondo o capello de aço, abolado de golpes, para se reclinar nos braços de uma mulher, pizando aos pés os deveres do sceptro, e adormecendo no seu regaço, esquecendo-se de tudo, o herdeiro de Affonso II declinou aos olhos de um seculo fanatico e guerreiro, e deu aos seus contrarios o pretexto, que tanto anciavam.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ESTUDOS CRITICOS.

II

Não ha mais poderoso estimulo para o coração do verdadeiro poeta dos que as saudades da patria que se deixou escrava, e que se deseja voltar a ver, livre. Foi no exilio que Chateaubriand robusteceu as altas faculdades de seu espirito, luctando braço a braço com o gigante do dia, e aplanando o caminho do throno aos netos de S. Luiz. Foi do desterro, a que os condemnava a desconfiança insoffrida do absolutismo, que voltaram com o hombro calejado da espingarda do soldado, mas com o animo aberto ás não menos duras lides da imprensa os dous homens que deviam dentro em pouco dar uma direcção á poesia *enervada* pelo abuso do *elmanismo*, arrastada pelas portarias dos conventos em conceitos banaes e moles alambicados. Estes dois homens eram Almeida Garret, e Alexandre Herculano. Ambos haviam comprehendido que a litteratura que deixa de ser o reflexo de viver e crêr de um povo não passa de uma palestra de ociosos, sem resultados que approveitem, nem fins que a nobilitem. Poetas pelo soffrimento, desligados, pelas idéas liberaes, do movimento rasteiro, e da direcção egoista e servil que as musas portuguezas levavam, começavam ambos a assentar a pedra do novo templo, mas ainda então obscuros desconhecidos, a que não faltava mais que o céu da patria, que Philinto tantas vezes marcára para subirem á altura de chefes de uma reacção tão pronunciada nas lettras como grande era a lacuna que a morte de Bocage deixara na poesia, dando largas á philaucia epica do auctor do *Newton* e do *Oriente*.

Dissemos, e ainda o repetimos: a patria é a primeira inspiração da verdadeira poesia:

Para o que a patria perde
É o universo mudo;
Nada lhe ri na vida
Mora o fastio em tudo.

Alexandre Herculano, como todas as almas celebres e elevadas, doía-se do exilio não pelas provações, por que era homem para ellas, mas porque é doloroso como elle então de si dizia,

Despedir-se de um sol que não é esse,
Que, na infancia, nos fez florir os prados
Que nos crestou, na infancia, as faces virgens.

De tantos e tão sentidos affectos, muito havia a esperar para a poesia portugueza cujo horisonte então se limitava ao desenxabido soneto de annos, que ainda não hia de rastos, como um pedinte endurecido em mendigar, fazer jus aos sobejos das mezas dos fidalgos, vestindo a cada estrophe as côres das librés dos emproados Mecenas, a que nem a musa travessa de Tolentino, nem o que mais admira ainda as guindadas aspirações do Bocage se envergonharam de sacrificar em verso! O germen da elevação e independencia da arte ainda andava por fóra foragido, e exposto a desaparecer de um momento para outro n'uma emboscada de postos avançados. Garrett como Alexandre Herculano, presagiava o perigo, dirigia se aos seus, por boca de Camões n'esta sentida apostrophe.

Terra de minha patria! abre-me o seio
Na morte ao menos. Breve espaço occupa
O cadaver de um filho. E eu fui teu filho...
Em que te hei desmercido, ó patria minha?

Mas a trombeta epica estava longe de derribar os muros da Jerichó endurecida. O archanjo da poesia não podia realisar o milagre da escriptura, preciso era, dolorosa necessidade! mas era-o, que as armas abrissem o caminho da patria aos seus mais elevados engenhos na poesia, no theatro, no romance, na oratoria, emfim em tudo, porque de tudo carecia uma terra, minada pela influencia do claustro, e aonde os espirituosos serões do tempo de Luiz XIV, que tamanha influencia tivera nas esplendidas estrellas de Racine e Moliére, eram substituidos por um terço resado em côro, a vinda de um lausperenne, pretexto hereditario na peninsula ás folias das imaginações juvenis. Longe de nós a fatua ostentação de irreligiosidade, mas o facto era este, e tão moderno ainda, que o comproval-o seria ocioso, senão superfluo. A vida da publicidade, da critica, da arte pela arte, tinha-nos chegado com as idéas liberaes. Por apegados que ainda hoje haja alguns espiritos ás tradições da monarchia velha, ninguem, a não ser algum fazedor de repertorios, irresponsavel nos seus prognosticos, poderá negar que a emancipação e dignidade das lettras veiu com a garantia da liberdade individual e só vingou quando viu o solo deslavrado das plantas parasitas que lhe gastavam a seiva, e lhes intibiavam a vegetação. O theatro morto e desvalido ressuscitava com os primeiros ensaios tragicos de Almeida Garrett, que como elle proprio de si confessa, *calçara com mão tremula o cothurno*, abandonando em breve a empresa para, mais desassombradamente, e com a consciencia da propria valia, fundar o drama nacional, a meio caminho das severas exigencias da tragedia que em França ressuscitára pasa se simbolisar toda na Rachel, mas a distancia, tambem grande, da eschola então dominante, embora fustigada sem piedade por Jules Janin e Gustavo Planche, mas a que até, no momento, se não soube eximir o proprio Scribe, desvairado como andava o gosto na reação contra as unidades classicas das tragedias anãs dos poetas do tempo de Luiz XVI, que a guilhotina poupára, o consulado recebêra, e o imperio acceitára pela vaidade, irrealisavel, de ter de casa competidores ás musas que por fora lhe andavam espavoridas. O *Alfageme* e o *Auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett seguiram de perto o estabelecimento das idéas liberaes em Portugal.

Longo fôra, nem é aqui do logar o entrar em mais detidas considerações sobre a influencia das modernas idéas no theatro, basta deixar assentado como é

nosso proposito, a fecundidade, em todos os generos, trazida á cultura intellectual pela Aganippe perenne de um codigo livre, substituido as pequices e achaques de preconceitos que fóra difficil vencer n'um paiz, em que as lettras eram monopolio de poucos em proveito de corporações precatadas, e receiosas do sol que a todos alumiasse.

A nossa litteratura, farta da poesia que se contenta de apanhar flores, sem atrazar nem adiantar a marcha do espirito humano estava longe de ter a severa influencia que a arte carece exercer no animo das turbas, para ser alguma cousa mais que uma distracção de *boudoir*, destinada a abreviar as horas que medeiam entre o crepusculo da tarde, e a abertura dos salões das notabilidades do dia. De fóra vinham já feitos e acabados o *Camões* e a *D. Branca* de Almeida Garrett, poemas bebidos nas fontes puras do sentimento nacional, que se revê no que fomos, para não ter de lamentar o que somos. O *Camões*, principalmente, simples na magestade do seu grandioso assumpto, repassado da verdadeira melancholia, da que se abandona á propria inspiração, sem curar da forma affectada em que vasar o pensamento, é uma obra prima de engenho, um livro a consultar com proveito, nas horas em que o desalento é como o presagio da fatalidade. Ramalhete colhido por mão de donzella descuidada e timida não tem arte mais escondida, nem mais acertados improvisos e cambiante de côr, que os dez pequenos cantos, em que o auctor dos *Lusiadas* desde a amurada do galeão que o traz da India, até *morrer com a patria* depois da batalha de Alcacer, se retrata e reproduz com a simplicidade e rigidez homerica que convém ao poema, que, com os grandes rios da America abraçam e fertilisam com seus braços de prata as vastas campinas, por onde ha pouco passaram caudaes e irresistiveis. A primeira maneira lyrica de Almeida Garrett, o *João Minimo*, essa é que ficára talvez ainda um pouco atada ás *agradaveis ficções do paganismo*, mas via-se, apalpava-se já no fundo d'esta ou d'aquella poesia da collecção o *j'ai pleuré et j'ai cru*, confissão ingenua do cantor da Atalá, sem o que o lyrismo póde ser uma evaporação do orgulho, mas nunca o significado de uma alma temperada nos mysterios ineffaveis da dôr, ou fundada na revelação religiosa que produziu as *Meditações* e as *Harmonias*, antes do *Jocelyn* vir ser a manifestação acabada da epopea christã. Acalmada a agitação, inevitavel, que devia produzir a substituição de um systema a outro systema, seguiu-se o desabafo, a respiração larga, dos que acreditavam com Benjamin Constant que *as constituições não são barracas feitas para o povo dormir*, e que a liberdade que se não auxilia do trabalho é tão prejudicial ao progresso e desenvolvimento da intelligencia, como as pêas com que o absolutismo retarda a manifestação das idéas. O jornalismo litterario, essa fórma popular e democratica das sociedades modernas, não existia, não era conhecido em Portugal, antes da fundação e publicação do Panorama, quatro ou cinco annos depois da emigração voltar de Inglaterra, d'esse *canto da foragida liberdade*, como lhe chamava agradecido um dos que lá vivera, e se afizera ao trato amplo das prerogativas constitucionaes, sem se esquecer do commercio ameno das lettras.

Foi no Panorama que o nome hoje tão respeitado e querido de Alexandre Herculano se popularisou com a rapidez com que uns aos outros se seguiam os esboços ou fragmentos das suas lendas monasticas, transformadas depois com mão de mestre nas severas cogitações do *Monge de Cister*, *vendita* barbara de um seculo pouco illustrado, ou na prosa magestosa e pouco cadente do *Eurico*, narração épica da desesperança de um presbytero que o animo não satisfeito atirára aos braços da religião, e que a patria vendida chamara a um glorioso suicidio, que tal era a ancia de morrer do amante de Hermengarda, nos plainos de Chryssus, e nas cercanias de Covadenga. Nunca teve tão exacta applicação o aphorismo de Buffon tantas vezes repetido, «o estylo é o proprio homem», como nos escriptos de Alexandre Herculano, mesmo nos mais descuidados e insignificantes como são usualmente as polemicas dos jornaes politicos. O caracter *rude* de Alexandre Herculano, na accepção mais elevada e litteraria do termo, reflecte-se como n'um espelho nas paginas largas e graves de todos os seus romances. Sem esforço o cenobita da Apida se transforma no pensador *Eurico*, como tambem sem custo o hospede da Arrabida, desce ou sobe, como o paladar do leitor escolher, á chanternidade humilde e descuidosa do *Parocho d'Aldeia*, um dos quadros de melhores tintas da formosa galeria que começa pelo romance archeologico, para acabar por um romance de costumes, fresco e mimoso como os mais singelos periodos de Topffer e de Maistre, os dois mais ingenuos physiologistas, e candidos avaliadores do coração humano, que nós conhecemos Alexandre Herculano, áparte uma ou outra poesia ligeira, estreou-se nas lettras com o romance, uma das fórmas d'arte que mais exige a circumspecção e o tacto fino da analyse, dotes *mais* difficeis de possuir no escriptor do que geralmente se cuida. Das chronicas de cavallaria, massudas e ouriçadas de hyperboles, sem exceptuar a do proprio Francisco de Moraes, haviamos passado á imitação balbuciante dos romances piegas e balofos do visconde Arlincourt, e para as façanhas dos doze pares a quem, a cada um de per si e isoladamente se podia applicar o que de um fidalgo portuguez escreveu n'um soneto um poetrastro nosso:

> Pois foi tal d'esse braço a força dura,
> Que inda a terra parece que lhe abria
> *Nos sobejos do golpe a sepultura*

De grandes qualidades de escriptor carecia o homem que ousasse fazer saír do cahos uma litteratura mulheril, falsa nos affectos e trivial na fórma, especialmente no romance, que, mais que outro qualquer genero deve, como a superficie de um lago, reproduzir, augmentando, os contornos dos vultos que se lhe aproximam. O indeciso e vago de uma sociedade que se substitue por outra tão differente no pensar intimo, como nas exterioridades da vida, não se presta, com especialidade n'um pequeno paiz, ás reproducções artisticas viris e desapaixonadas. O romance intimo, social ou da epocha, era, se não impossivel então, pelo menos pouco tentador como chave destinada a abrir os segredos de um genero novo entre nós. Restava, e foi o que Alexandre Herculano fez, ir, incansavel mineiro das nossas chronicas, descobrir o veio de ouro, aonde e por onde a sciencia passava, trazendo apenas á superficie da terra camadas confusas de metaes depreciados. D'estes esforços, d'este minar incessante no passado, nasceu o romance historico, e com elle a idéa que mais tarde devia tomar vulto, de uma historia philosophica de Portugal, digna dos trabalhos acabados com que a Allemanha, primeiro, e a França n'estes ultimos cincoenta annos se tem enriquecido.

Tentando dar unidade a este escripto, temos ape-

nas esboçado até aqui o que poderiamos chamar *influencia da emigração sobre a cultura das letras em Portugal*, sem enumerar os trabalhos com que Almeida Garrett e Herculano foram, posteriormente, acompanhando a infancia e a adolescencia de uma outra geração, creada já com o leite das novas idéas, ousando fallar de amor sem incommodar Cupido, atrevendo-se a contar comsigo, sem invocar os raios de Jove, em pugnas tão aquem do Olympo, que fôra barbaridade ir despertar fóra de horas as potestades celestes. Injustos seriamos se o nome de Castilho não fosse lembrado com a candura, com que elle proprio suspira nos sentidos versos do seu ternissimo livro *Amor e Melancolia*, a que sem lisonja podemos applicar, como amplamente cumprido, o preceito por Boileau imposto á elegia:

Que, pour bien exprimer ses caprices heureux
C'est peu d'être poëte, il faut être amoureux.

Em trato de boa e antiga amisade com Ovidio e Tibullo, Castilho, sem desconhecer a indole do tempo em que vive, compraz-se em voltar ás vezes agradecido ás suas recordações de infancia, e ser romano, sem renegar a sua filiação no seculo, nem esconder o assento de baptismo das filas cerradas dos mantenedores do arraial novo. Embora Castilho minta, dirigindo-se á divindade pagã e dizendo-lhe:

. . . .
Na c'rôa que tu me deste
Não ha de louro um só ramo
É toda murta e cypreste.

A verdade é, e convem á critica restabelecel-a, que o seu nome pertence á lista dos Titães que tentaram, e conseguiram escalar o céu da velha mythologia, trazendo na riqueza e fertilidade da sua metrificação, e no profundo conhecimento da lingua patria garantias seguras á immortalidade do seu nome de poeta.

Dissemos, e com as datas o comprovamos, que a emigração fôra a arca santa que sobrenadára nas aguas crescentes da depravação do gosto litterario, apartando-se apenas da versão biblica, em ter naufragado antes das aguas baixarem o respeitavel patriarcha que a dirigia. Philinto Elysio não vira os *badamecos*, como elle chamava aos poetas safados do seu tempo, expulsos do templo, e os commentadores da lei nova trazerem as letras a porto e salvamento.

Foi-nos forçoso fazer esta digressão, antes de chegar ao poeta que mais detidamente nos propozemos analysar n'estes estudos, para com mais facilidade se perceberem as ligações que prendem nas letras uns nomes a outros nomes, e não admirar aos leitores na parte que vae seguir-se o *Magnum proventum pœtarum annus hic attulit* de que tanto tambem se admirára o philosopho latino. No impulso está o segredo da velocidade. Dado elle, aberto e arroteado o terreno, a semente fructifica, e a seara verdeja e amadurece em tempo opportuno. Foi o que aconteceu com as letras quando o povo viu que á meza da communhão não eram só acceitas os confessados da grandeza, e que a consciencia plebea, depurada pela confissão mental das proprias forças, podia hombrear sem acanhamento com os *magnatas* do passado. Excluidos só deviam ficar os peões-fidalgos, porque esses, são em todas as republicas as traças que roem os lavores e arrendados, que a sagacidade e paciencia humana urdem, como as abelhas das flores mimosas da fé e do trabalho. *(Continúa.)*

L. A. Palmeirim.

Que titulo poderá eximir os bens da igreja de contribuir para as necessidades da republica como os bens dos leigos! Será a espiritualidade, de que querem que se revistam os bens ecclesiasticos, por isso mesmo que são ecclesiasticos? Porém, uma denominação puramente extrinseca e adventicia não pode fazer mudar de natureza o sujeito, a que se attribue. Se os bens que a terra produz para o leigo são materiaes e temporaes; tambem são materiaes e temporaes os bens que produz para o clerigo. Será pelo direito de isenção e immunidade que a esses bens da igreja dão os canones? Porém, quando se trata de temporalidades, tudo o que sobre elles dispoem os canones, em tanto tem vigor em quanto os principes seculares o consentem. Ora, estes principes quando dotavam as igrejas dos seus reinos, ou permittiram que seus vassallos as dotassem, sempre a sua tenção foi que em caso de necessidade ou de aperto devessem as mesmas igrejas concorrer de seus bens para ajuda e allivio da republica, visto que a mesma republica é a que lhe defende esses bens.

Esta é a rasão por que os reis de Portugal desde D. Sancho I até D. João I todos em certas occasiões punham collectas ás igrejas cathedraes, e abbadias mais pingues, ainda regulares, para com estas ajudas sustentarem a guerra e procurarem a paz. É verdade que levando os ecclesiasticos muito a mal estas contribuições, tiveram os reis D. Affonso II, D. Sancho II e D. Diniz gravissimas contendas com os bispos e com os papas, e que á força de monitorios e interdictos extorquiram uns e outros dos mesmos reis varias concordatas, que Gabriel Pereira de Castro recolheu na sua obra *De Manu Regia*. Mas, o mesmo facto da imposição das collectas, continuado por tantos reis nossos e sustentado por alguns d'elles até o ponto de se deixarem antes excommungar do que ceder prova com toda a evidencia que ainda em seculos tão tenebrosos conservavam os nossos reis excellentes idéas do seus poder regio.

(Padre Antonio Pereira. — Dissert. ined.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.

Para conhecimento dos senhores assignantes do *Panorama* em Coimbra, previne o editor de que o seu correspondente n'aquella cidade fica sendo d'ora ávante o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da typographia da Universidade.



O PALACIO DE ONNAY NO JAPÃO.

Reproduzindo alguns monumentos, representados em nossas estampas, da architectura especialissima dos povos das mais remotas regiões do oriente, notamos as singularidades da sua construcção. D'esses distantes paizes, o menos frequentado, o que primitivamente foi descoberto pelos navegadores portuguezes, que mostraram o caminho aos navios da Hollanda, que muito mais tarde se aproveitaram das nossas diligencias, é o imperio do Japão, desligado do continente, n'um archipelago, longo tempo vedado a estranhos ainda depois do seu descobrimento. As modernas relações com os inglezes e os americanos do norte, oriundo da mesma casta britanica, tem confirmado as noticias dos antigos escriptores portuguezes.

O mais formoso e o mais vasto dos edificios civis do Japão é, como cumpria que fosse n'um governo despotico e opulento, o palacio do imperador em Yedo, residencia do soberano politico, pois que ha outra em Miaco, e na mesma ilha de Nipon, que é a habitação do que chamaremos principe do sacerdocio, o *dairé*, segunda cidade do imperio, onde se fabrica a moeda, séde dos estabelecimentos litterarios e da estampagem dos livros da lingua japoneza.

A morada do Kubo, imperador, é como uma cidade, rodeada de muralhas e de fossos cheios de agua, para a qual ha serventia por meio de pontes levadiças. O recinto, que tem mais de uma legua de circumferencia, encerra além do paço do principe reinante, o do principe hereditario, que é separado do primeiro por iguaes muralhas e fossos. Outros bairros interiores são habitados pelas familias mais distinctas em nobresa, pelos agentes superiores do governo, e os administradores das provincias, que tambem são nobres.

A vivenda do imperador é construida n'uma eminencia, e posto que tenha um só andar nobre, campeia sobre todos os edificios comprehendidos n'aquella cerca; assim como as dos chins consiste em consideravel numero de construcções separadas, cujos tectos são pela maior parte enfeitados com dragões dourados. A peça principal é o *Sensio-Siki*, sala das cem esteiras, denominada assim pelo numero das que, segundo o estylo, cobrem o soalho. As columnas e o forro superior são de cedro, de camphoreira e outros lenhos preciosos; porém, de mobilia nada mais ha, do que esteiras brancas, orladas de franjas d'ouro. Ahi se reunem nas occasiões solemnes os principes e altas dignidades; o imperador dá as suas audiencias n'uma sala menos vasta, onde está assentado n'uma alcatifa.

Avulta acima do palacio uma torre quadrada, distinctivo de preeminencia, que n'esta cidade é vedado aos outros principes, que todavia gosam de igual prerogativa nos seus respectivos dominios. A torre consta de muitos andares ricamente adornados.

O palacio do daivi, o sacerdote summo, em Miaco, nem na extensão nem na magnificencia cede ao do seu collega Kubo: é do mesmo modo fechado por fossos e muralhas. No centro ha uma immensa torre quadrilatera, d'onde partem em diversas direcções treze ruas, habitadas pelas dignidades. O Kubo tambem possue em Miaco um palacio construido de cantaria e com dous fossos, um secco e outro cheio de agua.

Apoz estas construcções de primeira ordem, merece admiração o palacio de Onnay, figurado em nossa estampa, não menos celebre pela belleza dos seus jardins que se consideram os mais esplendidos do Japão do que pela extensão e riqueza das obras. Compõe-se de quatro corpos principaes que fecham um pateo interior quadrangular, tendo em cada angulo um torreão de quatro pisos. Em frente da fachada desenvolve-se uma immensa escadaria, decorada a meio de sua altura com uma especie de arco de triumpho muito elegante. Não fallamos aqui das residencias dos principes governadores das provincias, porque entram na cathegoria de construcções militares, de que provavelmente ainda daremos alguns transumptos.

A PENA DE TALIÃO

CAPITULO I

Á PORTA DO CASTELLO.

(Continuação.)

De feito a insensata e ardente paixão, em que ardia pela nobre dona e mui excellente senhora, D. Mecia Lopes de Haro, da casa dos senhores de Biscaya, e ainda sua parente arredada, offendera não só os fingidos escrupolos dos tonsurados, mas o orgulho de muitos ricos-homens, descontentando ao mesmo tempo o povo, que se queixava da oppressão, a que o sujeitavam os nobres do bando d'el-rei, senhores absolutos do governo, graças ao descuido e á indifferença do soberano.

Mesmo na leal cidade de Coimbra, aonde contava mais afeiçoados, quem ouvisse á noute os populares, discorrendo acerca do casamento de Sancho ficaria convencido, de que o erro fora grande, e não lhe custaria a prever, que as consequencias seriam fataes, provavelmente.

Quando a formosa rainha, cercada de guapos cavalleiros, alargava as redeas ao palafrem, e por uma das portas da côrte, com o seu gerifalte em punho saía *para andar ás aves*, os honrados burguezes, carrancudos de semblante e severos de olhar costumavam acompanhal-a de uma ladainha de censuras, que degenerava sempre em improperios.

Desarrazoados, e irreflectidos desaffogavam a aversão, regalando a D. Mecia com os epitethos mimosos de feiticeira, e adultera, embora todos os encantos se reduzissem ás seducções de uma belleza peregrina; e apesar de não ter dado a mão de esposa, senão depois de viuva e desligada de todos os laços, que a podiam prender.

Mas os motivos, que referimos, não eram as unicas, nem as verdadeiras causas do descontentamento.

Outras de mais vulto, e ainda mais perigosas, revolviam os animos!

Os dous elementos, que principalmente dominavam a existencia social na meia idade, o sacerdocio e a nobresa, tinham-se ligado contra o soberano, e cobrando novos alentos e ousadia do caracter irresoluto, e da indole do principe, corriam sem temor, e despeados pelo caminho das oppressões e violencias, atropellando os fracos e pequenos, uzurpando quanto lhes despertava o apetite, e escarnecendo sem pejo e sem receio o sceptro e o poder de um rei, cujas mãos tão frouxas na vida civil, sabiam tornar-se pesadas, terçando a escuma, ou descarregando a espada nas pelejas da fronteira, aonde o seu valor o levava a combater adiante dos primeiros e dos mais esforçados.

Ahi o mancebo, vacillante nos conselhos á mercê dos caprichos da formosura, ou da leviandade orgulhosa dos validos, transformava-se em guerreiro severo, e digno até de servir de exemplo aos velhos lidadores de Sancho I; e fustigando uma vez com a haste da lança alguns clerigos, que tinham por mais commodo amaldiçoal-o em seguro, do que ver o rosto aos infieis, obrigou-os a pagar a sua divida de sangue á relligião e á independencia da terra natal, de que só pareciam dispostos a devorar as grossuras, deixando aos outros o encargo de morrerem, luctando pela defesa commum!

A verdade pede porém, que acrescentemos uma cousa.

N'esta occasião a Curia Romana achou justiça, ao rei soldado, e absolvêo-o do peccado, em que incorrera, administrando apezar dos canones, esta aspera correcção, áquellas ovelhas, bem contra o seu desejo convertidas em leões!

A minoridade do filho de Affonso II fôra tempestuosa, e cortada de sobresaltos. Os odios e as dissenções, que seu pai semeára durante os annos de um governo ciumento e cubiçoso, colheu-as Sancho ao saír do berço, ainda em toda a sua verdura e crueza. Roubado ora por um, ora por outro dos ricos-homens, que figuravam á frente dos bandos, que disputavam a primazia, o principe infeliz vagueou com elles pelo reino, e escravo de todos, prestou a purpura real para auctorisar as ambições e as vindictas.

Os animos rijos, e os corações vigorosos, formam-se na escola da adversidade, e tiram do infortunio licções fecundas. Desgraçadamente, o joven monarcha, nos tomultos, que lhe amarguraram a infancia, só aprendeu a imitar o arrojo militar, e a valentia heroica de seus avós

Era muito, mas não bastava!

O successor de Affonso II carecia juntamente de herdar com a espada de Sancho I, algumas das qualidades politicas, que depois fizeram prevalecer o conde de Bolonha, seu irmão, apar da vontade inflexivel e tenaz com que seu pae, recuando sempre dos campos de batalha, soube enfrear, apezar disso, as resistencias, mantendo e alargando com firmeza as regalias e os privilegios do throno.

Mas a ideia da unidade monarchica, que no filho de Sancho I fora como um instincto, n'elle perdeu-se completamente; e lançando-se nos braços de alguns mancebos, que as affeições contrahidas nas lides da guerra haviam introduzido no seu valimento, o amante, depois esposo de D. Mecia de Haro, fechou voluntariamente os olhos ao perigo, reclinou-se no regaço dos loucos amores, e só acordou na hora estrema para vestir pela ultima vez a cervilheira de malha, e cubrir com o capello d'aço dos cavalleiros, a cabeça, de cima da qual deixara escorregar a corôa!

Em quanto esquecia tudo, velavam os seus inimigos; e a ambição do conde de Bolonha fitava de longe sobre elle a vista da aguia, que espreita a presa.

Astucioso, e solto de escrupolos, irmão desleal, e capaz de descer ás maiores baixesas, com tanto que assim consseguisse acertar melhor no suspirado alvo dos seus planos, D. Affonso envenenava as discordias; por meio dos seus agentes assoprava as malquerenças, e de joelhos aos pés do clero, e do pontifece lavrava em um tratado vergonhoso o acto da abdicação do poder real, com a intenção reservada de atraiçoar depois os mesmos, que na hora das esperanças abraçava como oraculos, e mentores.

O exito deu-lhe razão perante os que adoram a fortuna, como suprema dispensadora dos successos; mas a historia, espelho da consciencia humana, vingadora e voz da verdade, que não lisongeia, nem se finge, maculou o seu nome, estampando-lhe a mesma nadoa, que enegrecêo outro mais recente no seculo XVII por igual torpesa.

A terra de exilio abriu-se para o infeliz monarcha, e nem os seus ossos de lá voltaram a repousar junto dè seus paes, debaixo das abobedas de um templo portuguez! Ao menos expirando, com a saudade cravada n'alma, Sancho podia dizer aos remorsos que o infortunio é expiação; mas seu irmão, que para subir trilhou aos pés o coração dos que eram sangue seu, cingindo a corôa alheia, de certo a sentiu queimar na fronte, não ousando olhar para ella, sem que uma recordação terrivel lhe enchesse a alma de espanto.

É que as opulencias alcançadas a preço da honra, e orvalhadas de lagrimas, sahem custosas e tristes sempre!

Entretanto a ambição do infante, e as queixas do clero, não foram os instrumentos unicos da queda do neto d'el-rei D. Sancho.

Empunhado por outras mãos, em que se alçasse como vara de justiça, o sceptro de um soberano, digno do throno pelo valor e prendas do animo, obrigaria os elementos da discordia a acalmar-se, contendo-os dentro das raias, que o incompleto da administração permittia traçar então, em uma epocha confusa e turbulenta.

Quem percorresse então o reino, e contemplasse sem paixão o lastimoso quadro, que elle apresentava, difficilmente absolveria o monarcha de tantos erros.

Os senhores das terras, confiados em que o braço da autoridade era muito curto para os colher, e muito fraco para os punir, erguiam a sua vontade acima de tudo, pisando aos pés dos cavallos as leis desacatadas, e a rectidão escarnecida.

O ciume, que retalhava em parcialidades irreconciliaveis os ricos-homens, interpondo um rio de sangue entre solar e solar, e levantando sobre o sepulcro do que succumbia a ameaça mortal contra o offensor, a seu turno perseguido e castigado, dava origem a esses odios encanecidos, e ás represalias feroses, cuja expressão brutal os costumes formularam no barbaro direito de revindicta.

As chammas, que lambiam os tectos da torre honrada de um, ateiada ámanhã por outras mãos iria abrasar até aos alicerces a morada do agressor; e o que hoje se via despojado e abatido, logo tornando-se o mais forte, não hesitava em se desforrar no triplo das injurias recebidas.

Os marcos dos coutos ecclesiasticos não se firmavam mais seguros, que os das honras seculares, ou mesmo que os dos bens da corôa.

São frequentes os exemplos do despreso, com que a cubiça estendia o braço por cima d'elles, ou apagava do chão, recalcado pelos homens d'armas, essa linha irrisoria e vã, tão facil de confundir.

A espada raspava do pergaminho as clausulas que reconheciam a propriedade, ou o que era mais prompto, cortava de um golpe a mão, que ousára apontar para ellas.

Mosteiros, igrejas, passaes, e terras das mitras, nada escapava á sede insaciavel dos rudes barões, que entregues aos ocios e aos deleites d'uma vida grosseira e crassa, saíam a prear com a lança em punho, e a arrogancia estampada no rosto!

Nos ultimos annos de Affonso II, as inquerições, mandadas abrir para resgatar das garras dos pederosos boa parte das terras azurpadas por elles, tinham offendido a soberba, e assustado a avaresa dos injustos detentores; e não foi novo, ou raro, que o official da corôa, incumbido de cobrar as rendas, se visse atado á cauda d'um cavallo pelo rico-homem, para rodear de rastos, e cuberto de vilipendios os lemites do alheio, que o nobre chamára seu!

Outro homem, menos adormecido, e mais resoluto do que Sancho II, ao primeiro cartel, assim affrontoso, teria respondido com uma punição que servisse de memoria aos orgulhosos; mas o disditoso monarcha nem via pelos seus olhos, nem julgava pela sua razão.

Hallucinado e cego vagueava por monterias, folgava por saraus, e não achava praser e conforto senão ao lado de D. Mecia.

Por ella, que era a luz da sua esperança, esquecia os deveres de rei, e a propria corôa!

Por isso Deus encurtou os dias do seu reinado, e pela mão da mulher, que amava sobre todas as cousas, lhe deu a beber o amargoso calix dos desenganos e arripendimentos.

Agora, que ficam dados os traços principaes, e porque já é tarde acompanhemos até á salla d'armas o devoto prior Fr. Gil, e o cavalleiro, que ouvimos fallar com tanto imperio aos serviçaes do castello de Cham.

Ambos elles escondiam um segredo; e a nuvem carregada sobre a fronte, e que os maiores esforços não podiam desvanecer, denunciava-a logo.

Quem de perto, e com pausa, prescrutasse o semblante de Rui Viegas talvez sem custo advinhasse mesmo pelo contrahido sorriso, que os dous hospedes tinham batido á sua porta justamente na occasião, em que menos os esperava, e menos os desejava tambem.

O ar de regosijo do illustre castellão era pouco natural, e a vista sobresaltada, que lhe fugia por veses nos momentos, em que se não sopunha observado, diziam de mais, que algum pensamento arriscado lhe oppremia o coração, e que todas as impaciencias e anciedades de um lance de perigo, e de audacia lhe asseltavam o espirito.

Em quanto os tres, disfarçando cada um o que occultava no peito, amiudam os abraços e as palavras de amizade, certos como estamos de os tornar logo a encontrar aproveitemos a levadiça, que acaba de baixar, e sem ruido, que os assuste, sempre invisiveis e discretos, avesinhemo-nos do viçoso e retirado abrigo, aonde a candura e o amor, com o pejo da innocencia, aceso nas faces contam as horas por minutos, e não veem do mundo, senão o immenso affecto, que fundio as duas almas n'uma só.

CAPITULO II

O IDYLIO AO PÉ DO DRAMA.

Era a menina mais linda
Que n'aquella terra havia;
Tam formosa, e tam discreta
De outra igual se não sabia
Muito lhe quer D. João
. . . .
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noute e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguem tanto a merecia.

GUIMAR. ROMANCEIRO DE GARRETT.

A mocidade é risonha e viçosa como a primavera. Alegre com o sol nascente, que lhe doura os dias,

corre por caminhos novos, e todos juncados de flores, e os cuidados, se acaso os percebe, apenas lhe roçam ao de leve pela fronte, como as alvas e esfumadas nuvens, que a brisa rasga, fogem ligeiras e transparentes no azul do firmamento.

Que lhe importam as amarguras, que estão no vaso, se mal o chegou ainda aos labios?

Os suspiros do amor exhallam-se-lhe do peito, e não o queimam. As lagrimas deslisam-lhe pelas faces, e não as murcham!

O coração, puro e socegado, abre-se affectuoso a todas as esperanças, e conta impaciente os instantes, que separam as illusões de hoje das promessas de amanhã.

Mais tarde, quando bater a hora dos desenganos, virão então os prantos, que não consolam, as paixões, que enegrecem o coração, e as tristezas, que vestem de luto a existencia inteira.

Mas em quanto a aurora radiosa não declina, e o primeiro viço não se desvanece, viveu se d'aquella vida, que se pudesse durar sempre, em vez de des terro faria do mundo o paraizo!

E os dous amantes, que no capitulo antecedente deixámos debaixo do seu toldo de verdura, enlevando-se os olhos de um nos olhos do outro, unidas as mãos, e respirando aquella embriaguez delirante, mas casta do primeiro affecto, não sabiam mais de si ainda, e do que os cercava, senão que uma branda saudade os entretinha na ausencia, e que todos os jubilos, que póde haver no céu, os gozavam a furto nos arrebatados extremos de taes momentos, em que a voz querida vinha despertar-lhes no peito todas as melodias, que só a ternura exprime, porque só ella as sente.

Branca sorria-se com mavioso desleixo, e as faces aveludadas nacaravam-se em ondas de carmim, quando os beiços do mancebo lhe pousavam na mão delicada e nos dedos afilados os sofregos beijos.

Affonso, nas pupilas do verde fino da esmeralda, e na bocca fina e abetoada da donzella, admirava aquelle riso pudico, que não deffendiam os espinhos da ironia, por que rosa perfumada de innocencia, ainda não tinham acordado n'ella nem os receios da mulher, nem os requebros do galanteio.

Segura na sua angelica singeleza, estava ali, quasi nos braços de um amante, e não temia que um impeto mais vivo, ou que sensações mais fogosas, desvairassem a adoração com que elle de joelhos aos seus pés, parecia que lhe estava bebendo a alma em cada vista, que derretia na vista d'ella, em cada timido suspiro, que fundia na sua respiração serena.

Depois que se tinham abrigado n'aquella solidão ainda nenhum tinha proferido uma só palavra!

Nos annos tenros, o amor, como certas plantas, não procura o sol para lhe mostrar o seu matiz, mas encolhe-se medroso ao menor sopro, e offende-se do mais mimoso tacto.

Antes de se verem, ambos julgavam pouco o dia todo para desaffogar as secretas confidencias, que lhes acudiam, e que so a custo reprimiam no peito alvoraçado.

Agora, que se viam juntos, as palavras emudeciam, e recuavam tremulas e desfeitas em murmurios ternos!

É que a verdadeira paixão, timida na adolescencia, mal póde explicar esse fogo suave e ardente ao mesmo tempo, que abraza sem dor. Os olhos e o silencio fallam tanto, que a voz não acha que dizer!

Branca foi a primeira, que venceu o encanto, e que tornou a si do torpor delicioso, em que tinham caido ambos.

As palpebras baixas, e as pestanas ramosas, que eram como o veu do pejo verginal, levantaram-se frouxas e lentas, e descubriram a luz purissima dos olhos, que se n'aquella hora só se embelezavam nas meiguices do affecto, podiam acender-se, e allumiar de clarão mais forte a vontade, e a resolução veril, que denunciava a testa levemente bombeada, e a bôca, aonde nos cantos, e meio escondidos nas graciosas covinhas, que um poeta das futuras arcadias denominaria os doces ninhos de Cupido, se devisavam já os toques altivos, e as linhas firmes, com que os esculptores gregos caracterisaram a bellesa da vingativa e imperiosa Juno.

Uma cintura, tão delgada, que a rainha dos sylphos, a não desejaria mais na sua formosura infantil; cabellos negros de ebano, que enrolavam em mil caprichosos anneis as transas abundantes; o pé, que de breve parecia feito para não pisar senão flores; a estatura, esbelta e flexivel, em que todos os movimentos se traduziam com elegancia natural; e o rosto, cujas feições nem languidas, nem immoveis, coravam a suave e transparente palidez d'um ligeiro reflexo de rosa, compunham a mais adoravel phisionomia, que ora fascinava animada pela travessura juvenil, que lhe ria nos labios e nos olhos, ora, tocada de uma sombra de reflexiva melancolia, fazia lembrar a poetica imagem de saudade, qual a sonham os que amam, ou os que voam com a memoria a logares, que nunca mais tornaram talvez a visitar!

O mancebo, pela sua gentilesa, era digno do amor d'aquella fada.

Nas suas pupilas negras faiscava rapido o lume da paixão, ou brilhavam terriveis e promptas as chamas da ira.

Não muito alto, mas revelando já certa robustez nos membros, que ainda tinham de engrossar, na expressão, nos modos, e na tez do semblante mostrava logo a origem peninsular, com a mescla arabe, que a conquista nos legou.

Observando-o, não custaria a decifrar-lhe a indole pelo aspecto.

Aquelle olhar, recto e cheio de fogo, que a contracção das sobrancelhas pouco arqueadas tornava ameaçador em alguns momentos, não significaria que era capaz de saír ao encontro aos perigos, e que por grandes que fossem, contava com um coração ainda maior para os affrontar? Não espressava ao mesmo tempo as impaciencias impetuosas d'um animo, facil na ira e no perdão, sujeito ás paixões, mas não susceptivel de perfidia, ou de vilesa?

Na testa estreita, mas não acanhada, pintava-se a ousadia e a deliberação, unidas aos brios, que a idade costuma converter em orgulho.

No beiço superior, mais grosso e elevado que o outro, por entre o risonho agrado, que lhes era habitual, notava-se a propensão ao mando, e na firmeza da bôca a tenacidade indomavel de um caracter, que nem o infortunio, nem os obstaculos conseguiriam dobrar.

Um saio de escarlata, forrado de finas pelles, e orlado de uma banda de tela differente, e ainda mais rica, ajustava-se-lhe ao corpo com primor, estampando-lhe com graça todo o garbo da figura.

Os cabellos castanhos claros, escapavam-se do sombreiro que os subjugava, em spiraes profusas, e estendiam-se até aos hombros, acompanhando o rosto.

Um zorame longo, enrolado em cima da sella mourisca, podia suppor-se um disfarce, ou um abrigo contra os rigores da estação.

Do cinto do gamo, com lavores de prata, pendia uma simples adaga; e encostada a uma arvore, perto d'elle, via-se a lança do monte, que terçava na mão, em quanto o seu cavallo, estimulado pela espora trotava sem cançar.

A donzella ainda não tinha desasseis annos.

A sua infancia desabrochara descuidada á sombra dos corpulentos carvalhos, que estendiam as ramas quasi sobre as ameias do castello de Lanhoso.

Depois da morte de Sancho I, e do rapto de Avelans, que custou a cabeça a Gomes Lourenço, sua mãe D. Maria Paes Ribeiro, a orgulhosa dona, que não duvidara pagar o maior extremo do filho dos Viegas, alçando sobre elle o cutello do verdugo, acceitou a mão de D. João Fernandes de Lima, o bom, cavalleiro poderoso, ligado em parentesco proximo com as casas mais distinctas de Portugal.

Branca foi o terceiro fructo d'este enlace, e creada ao collo das meiguices maternas, desatou os primeiros passos no castello dos senhores de Lima, e nos andares e terraços das torres de Berredo, e de Bayão.

Uma nodoa vermelha no braço direito, semelhante a folha de espada larga, era o signal de nascença que recordava n'ella os terrores, com que a consciencia atribulava as noutes mal dormidas da amante do vencedor de Silves.

A ira de Affonso II tinha sido terrivel e despiedosa como a vingança de Maria Paes, e de seu irmão.

Homens de armas, capitaneados por um dos Viegas, que nunca levantou a viseira ao capello de aço, nem soltou uma palavra alta, vieram de noute á honra de Lanhoso, e dentro de poucas horas as labaredas lambiam os tectos e as grossas vigas, que sustentavam os andares dos seus paços.

O sangue jorrou em torrentes de parte a parte, até que por fim o cançaço e o lucto das duas familias inimigas, assentaram treguas, não pedidas, embainhando-se as espadas, e callando-se os odios no meio das perturbações, que inquietaram o reino durante a menoridade de Sancho II.

D. Maria Paes, em quanto a lucta andou acesa entre os seus, e os alliados da raça implacavel de riba-Douro, não tornou a pizar a terra de seus paes: e só depois de aplacadas as rixas, e de esquecidas as injurias mais pungentes, é que se recolheu ao solar de Berredo, aonde a sua formosura e as suas prendas, lhe trouxeram, como amante, o rico-homem, que lhe chamou esposa.

Branca nasceu, quando seus paes, já reconciliados com a côrte, não fugiam da presença do soberano; e desde menina recordou nas feições e no ar a rara belleza, que elevou quasi ao throno a neta do conde Oseiro de Cabrera, tronco da casa de sua mãe.

D. João Fernandes de Lima cerrou os olhos, mais cedo do que a idade o promettia, e D. Maria Paes, vendo-se viuva, por conselho de seu filho o infante D. Rodrigo Sanches, recebeu a segura hospitalidade, que lhe offereceu no castello de Cham, seu primo D. Ruy Gonçalo Viegas, e acompanhada da herdeira da sua gentilesa, veio morar para aquellas brenhas, envelhecendo-a ainda mais depressa os remorsos, do que os annos.

Dias e dias, silenciosa, com os cotovellos recostados em cima do joelho, e as faces entre as mãos, deixou correr as amargosas lagrimas do arrependimento; mas, apesar das penitencias e celicios, o espectro, que lhe affugentava o somno, nem uma só noute se esquecia de lhe apontar para a cabeça decepada, cujos olhos, abertos e tristes, como que pareciam accusal-a sempre.

Nem os carinhos e affagos da filha querida, nem as proezas do infante e o orgulo materno, com que as abençoava, nem as saudades de seu esposo, tão nobre e tão affectuoso, a podiam consolar na solidão, a que as votara a sua alma.

Sepultada na sua camera, como em um jazigo, os olhos cegaram-se de chorar, e ás trevas moraes seguiram-se as trevas physicas. Só o nome dos Viegas a fazia estremecer!

Todos os annos, no dia, em que o seu coração, cerrado á piedade, julgára lavar a nodoa de um ultrage no sangue do mais moço dos descendentes de Egas Moniz, um hermitão de alvas barbas, e rosto macilento, entrava no seu aposento, arrastando os passos tardos e pezados, e com uma voz, que sahindo do sepulcro não soaria mais soturna, rasgava-lhe de novo a ferida mal fechada, avivando como ministro que era das vinganças do passado todos os cruentos episodios d'aquelle drama!

Sua filha nunca advinhou o martyrio secreto, que ralava aquella existencia!

Innocente, e pura de todas as maculas, entristecia-se, com as penas inconsolaveis que não sabia minorar, e nas fervorosas orações de uma alma crente, pedia a Deus para sua mãe a paz, que só no tumulo ella havia de encontrar.

Os amores de Branca e de Affonso, ateou-os o acaso, como acontece ás vezes.

Neto de Gomes Lourenço, d'aquelle, que a mãe da donzella sacrificara sem dó sobre as lageas da capella do castello de Santa Olaia, que fado máu o atrahira a consagrar tanta ternura á herdeira dos barões de riba-cavado ainda manchados com o homicidio de seu avô.

Creado na côrte, pagem da rainha D. Mecia de Haro, e valido particular de D. Martim Gil de Savorosa, o confidente intimo d'el-rei D. Sancho, o mancebo que fora gerado na dôr, e perdera seu pae antes de lhe poder balbuciar o doce nome, ignorou sempre a lastimosa historia dos seus, e entregou-se á paixão, que o arrebatava, sem presentir, que um rio de sangue se abria entre elle, e o suave objecto do seu enlevo.

Educado no paço desde os nove annos, sem ver os amigos da sua infancia, e longe dos parentes, que lhe podiam entalhar no animo tenro a memoria das offensas, tinha orgulho em descender de Egas Moniz, e punha todos os seus cuidados em se tornar famoso pelos talhos do montante, como nos dias de Affonso I o soubera ser seu avô Lourenço Viegas o Espadeiro.

O resto nunca lh'o diceram, nem elle o perguntou!

Seu pae, deixando orphão nos braços debeis de uma esposa, que se demorou pouco em o seguir, fallecêra de vinte e seis annos, na flôr da idade sem nunca desannuviar uma hora o rosto do véu de melancolia, que lh'o descorava.

O unico tio, que ainda tinha e que não sabia, se era vivo, ou morto, D. Egas, o irmão estremoso, que vimos em Santa Olaia, regando de sincero pranto o cadaver de Gomes Lourenço, partira para a terra santa, e não voltara; pelo menos assim lho afirmava um ermitão, que duas vezes no anno vinha vel-o, e abraçal-o, sem nunca lhe contar mais nada.

Affonso quasi só no mundo fundava todas as suas

esperanças em Deus, em si, e no amor, que lhe allegrava a mocidade!

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ESTUDOS CRITICOS.

III

Por onde começar? Sainte-Beuve desconfiado da monotonia de vida que devia levar um amigo seu, habitando isolado n'um paiz montanhoso, perguntava-lhe directamente a sua opinião, e recebia em resposta do feliz habitador das montanhas as seguintes linhas: «Non, elles ne sont pas monotones: elles ont, «à leur manière, la diversité continuelle de l'Océan, «e sans parler des couleurs changeantes, des reflects, «selon les heures et les saisons, et à n'y voir que les «contours et les lignes, elles sont inépuisables à con«templer.»

É d'esta fina observação que o critico francez se aproveita, applicando-a á litteratura actual, cujo aspecto exterior se apresenta sempre debaixo de uma nova e variada perspectiva, no estudo e a analyse dos mais conhecidos escriptores; e que elle resume, felicitando-se, n'esta exacta conclusão, que a mais de um poeta deveria assustar, se a curiosidade não fosse, desde o paraiso, a mãe reconhecida do peccado, e até d'estes peccadilhos venaes da imprensa, explicados pelo rifão de *querer diser amór e não nos chegar a lingua*. Sainte-Beuve, descendo das montanhas para as planices aridas da critica, e fazendo uma parabola do periodo familiar da carta do seu amigo, conclue d'ella a apotheose ou a sentença dos escriptores que critíca: «Quelques-uns qu'on oubliait se re«lèvent; quelques autres, qui font grand effort de «près et quelque apparence, s'enfoncent et n'offus«quent plus. Les proportions générales se sentent «mieux, et les indivus de génie détachent seuls leur «tête.»

Mais de uma vez no decurso d'estes artigos teremos occasião de prestar preito ás verdadés profundas que se involvem na pictoresca descripção das montanhas: *inepuisables à contempler!* Aos que nós ainda hoje chamámos da *geração nova*, e que ámanhã terão envelhecido já, na rapidez com que o vapor e os caminhos de ferro deixam caducas atraz de si as idéas que hontem eram festejadas com o alvoroço da novidade, tres nomes ha, aqui postos pela ordem chronologica do seu apparecimento, José Freire de Serpa, Mendes Leal, e João de Lemos, que em seguida ao remoçamanto das lettras em Portugal pelo influxo benefico das idéas constitucionaes, appareceram em campo, ora buscando a forma popular do drama para n'ella accordarem ao rebate que chamava as intelligencias á vida litteraria; ora subindo com o lyrismo, a mais juvenil das formas d'arte, ao facto suave e facil da poesia, que sente antes de cantar, como a historia affirma da poetisa grega. Amigos dos nomes que acabámos de citar, nós mesmo um pouco *officiaes do officio*, se temos a certeza de se nos não irem os olhos atraz das alheias gallas, não sabemos até que ponto nos poderemos eximir do agradavel defeito, de que publicamente se accusava o legislador Atheniense, de ser primeiro para os amigos de que para os extranhos; ao avêsso do philosopho, que era amigo de Platão, mas mais amigo da verdade, o que se não deixa de ser virtude, é tão rara, que nem cabimento achou na propria republica sonhada pelo homem, que um amigo não ousára antepôr á vaidade de ser verdadeiro por excellencia. Como a pedra de amolar de Horacio, contentar-nos-hemos de não cortar só pelo praser de afiar pelo estimulo o engenho dos auctores de que teremos de nos occupar n'estes estudos.

José Freire de Serpa, a que a vida commoda e aturada da provincia tem, como aos abbades do antigo systema, ensinado a apreciar o *dulce far niente*, emmudeceu para as lettras: quer que, como os morgados antigos, fizesse d'ellas fundo de cabedal com que dotar o irmão mais novo, (Antonio de Serpa) ou que, como os generoes da Roma gloriosa, entendesse que a charrua era digna substituição da espada; o caso é, que o auctor dos *solaus*, o primeiro dos que juraram bandeiras no acampamento da nova milicia, foi tambem o primeiro a pedir a reforma, e a abandonar o serviço. Estudante ainda, José Freire de Serpa sentira-se mais inspirado pelos salgueiraes do Mondego do que pelos preceitos de Ulpiano; mais commovido por uma só das queixas de Ignez de Castro, do que por todos os arrasoados dos doctores de capêllo, que elle vira succederem-se uns aos outros nas cadeiras do magisterio. As primeiras impressões que geralmente assaltam o coração dos neophitos da poesia, são as que nascem simples como o affecto, e que despresam as pompas da ode, em que o sentimento se escuda da arte, para suspirarem na elegia, com o desleixo melodioso com que o rouxinol canta na alvorada dos seus amores. As *Innocencias*, de José Freire de Serpa, tem o respirar tranquillo da criança, que adormeceu brincando, e as vestes candídas que bem dizem á edade em que o rosto se afoguenta de pejo, e os olhos que se abaixam são as expressões do arrependimento da travessura punida. Ninguem peça mais á innocencia, que mais não póde dar quem tudo deu. A forma mais simples da arte, as quadras, e essas mesmas rimadas na sua primitiva singeleza, foi a avena rude dos pastores de Virgilio, em que José Freire de Serpa primeiro modelou seus cantos. As anacreonticas de Bocage, quando elle se deixava esquecer das azas em que se podia librar em mais elevadas regiões, têm com as *Innocencias* a affinidade e parentesco, que ha entre duas rozes do mesmo rozal, colhidas em estações diversas. A anacreontica que termina:

Eu antes quero
Muda expressão,
Os labios mentem
Os olhos não

Tem o tom da confidencia intima, do segredo melindroso, que a experiencia só se atreve a revelar baixo e ao ouvido da innocencia que a escuta. Mas o Mondego, com o sêr o Lethes dos corações ulcerados, não tem o condão de prender eternamente em suspiros os que d'elle se approximam, como a fabula conta das serêas, e a nossa mythologia popular das mouras encantadas por feitiços de ruins prestigiadores. Nas artes os extremos tocam-se. A anthethese é um dos deuses falsos, a que a vaidade das musas modernas mais se tem comprasido em sacrificar. Tocar nas teclas todas de um pianno para reproduzir um motivo simples, é defeito tão capital na musica, como na poesia querer, como diz o annexim, *abarcar o ceu com as mãos*. Lamartine, o sentidissimo poeta lyrico, o elevado poeta epico, o historiador pictoresco, o romancista sensivel e orador acabado, produziu na tragedia o *Toussaint Louverture*, ensaio quando muito de uma atilada *musa pedestre*,

mas tão longe do lineamento severo da tragedia, como da austera simplicidade dos bons modellos do seculo de Luiz XIV.

Desde Corneille até Ponsard, mais de um Icaro tem aprendido á sua custa a decorar o estribilho da canção de Desaugiers:

Dans la coulisse est Jean qui pleure,
Dans le parterre est Jean qui rit.

O hendicasyllabo portuguez, diluido nas tiradas sornas da *Nova Castro*, accostumou o publico a desconfiar das lagrimas desafiadas pelo punhal tragico, economisando-as com a avareza de um judeu para os cambios fertuitos do melodrama, genero cotado na alfandega das lettras, apar dos soporiferos madrigaes dos nossos avós, e das lóas ao divino das autigas romarias de provincia. Este projecto de verrina a proposito do *D. Sisnando* e do *Almansor* de José Freire de Serpa, seria mal cabido e desapiedado, mesmo quando o auctor, o que elle não fez, tivesse decorado com o nome pomposo de tragedia os dous dramas em verso a que alludimos, visivelmente inspirados dos typos então em voga, *Ernani* e *Roi s'amuse*, com algumas das bellezas, e todos os defeitos, do dramaturgo que para si fizera nma arte poetica especial. Pedir contas a um auctor por ser do seu tempo, é como sentencear um quadro em abstracto, sem olhar á escola a que o pintor perteuceu, nem á *maneira* com que depois modificou o seu gosto primitivo. O *Di Sisnando* attendendo á epocha em que foi escripto, é uma obra senão boa pelo menos acceitavel. Algumas rajadas do estylo demasiado violentas tiram-lhe telvez o sabôr da verdade, qualidade que não é licito esquscer ao poeta, mas dão em troca ao todo da obra o calor africano dos seus principaes personagens. O *Almansor* menos hyperbolico que o *D. Sisnando*, e sem ter a petulancia lyrica que o escudava, descora com a frieza glacial da resignação mussulmana, e o ultimo rei do Algarve nem no fatalismo da sua crença encontra o valor para morrer, como morrem todos os reis de theatro, parodiando o competidor de Carlos V, e perdendo tudo menos a honra, e o preceito de Boileau que manda que a linhagem seja a craveira por onde se affiram as fallas dos personagens theatraes. Lêmos, não nos recorda agora aonde, um curioso artigo sobre a influencia da naturesa physica na indole e estylo dos poetas, e na correcção ou desvarios das formas litterarias. Como desde logo salta aos olhos dos que não têem a infelicidade de Tobias, o escalvado e agreste das montanhas deve actuar de differente maneira na imaginação, do que as linhas graciosas de uma campina esmaltada de verdura, e matizada de côres. O ceu puro e sereno da Italia alimentou em Silvio Pellico a resignação de um martyr, como a proximidade das erupções vulcanicas do Vesuvio accenderam n'alma de Masaniello as desencadeadas paixões do tribuno, as iras latentes do opprimido. As solidões magnificas do Bussaco, e a altivez dos seus cedros seculares, deviam vencer, como venceram, no espirito de José Freire de Serpa, as eligiacas recordações da *Fonte dos Amôres*. A forma dos seus *solans* tem a asperesa arrogante e phantastica dos pincaros das montanhas da sua provincia, como a indole d'elles a grave meditação com que a longevidade mede sem medo os abysmos do passado, tirando como os druidas os seus prognosticos menos dos signaes visiveis do ceu que da interpretação eloquente dos tempos que foram. Os *soláus*, são o livro mais original, do cunho mais portuguez, e de inspiração mais propria que José Freire escreveu, separando-se com dignidade dos moldes já vistos, e podendo com orgulho dizer *«este livro sou eu»* como do estado affirmava um rei absoluto. Os *soldus* conquistaram a José Freire de Serpa um logar distincto na litteratura contemporanea, individualisando-se sua poesia, e ainda hoje deixando saudades aos que presam a inspiração viril e em pouca conta tem as lagrimas de crocodilo dos poetas que choram por fora, e riem por dentro da credulidade publica.

Mendes Leal, o segundo dos tres escriptores da geração nova, é um talento superior e vasto. Poeta lyrico de grande mimo e alcance, auctor dramatico de muita fertilidade, e possuindo os segredos todos da arte, romancista e jornalista ao mesmo tempo, Mendes Leal é não obstante mais poeta do que prosador, e as suas demoradas excursões pelos varios dominios da arte, não teem podido fazer esquecer aos leitores as salientes qualidades da sua musa terna e arrojada, *alta* e *sublimada*, como para si pedia o cantor dos *Lusiadas* na invocação do seu poema. Mendes Leal pertence á raça dos athletas que desenvolvem os musculos á força de trabalho e de exercicio. Não tendo, ao abrir os olhos ao mundo, sido embalado nos braços de uma princeza, como Cormenin diz não nos recorda de que distincto orador, via-se obrigado a luctar pora apparecer; a soffrer para sentir; a persistir para alcançar. Ao passo que balbuciava ainda na lyrica, como para acostumar as azas a obedécerem-lhe, estreava-se no theatro com os *Dous Renegados*, drama da escola romantica, que então levantára pró ou contra si, não só os auctores, nos prologos das suas obras, e os criticos nos folhetins, mas até em animadas controversias os philosophos da pensadora Allemanha.

A novidade, que já victimára um astronomo celebre, foi para o drama de Mendes Leal a egide protectora que em applausos, ovações e renome lhe assentaram para sempre os creditos de escriptor, baptisado como ficára no Jordão caudaloso da opinião das plateas. Mas para o verdadeiro poeta não ha delicias de Capua, e se Mendes Leal caminhou, foi por que nunca o animo lhe affrouxou para o trabalho, nem julgou possiveis as columnas de Hercules, em assumptos de dependencia immediata da phantasia e do gosto. O *Homem da mascara negra*, e a *Ausenda* nasceram da protecção que o publico dispensára aos *Renegados*, e foram os dramas em que o aucfor começou a desconfiar dos seus juizes, e a formar tenção de se divorciar de uma escola viciada, que substituia o horrivel ao natural, e a phrase poetica ao dialogo incisivo e corrente que dá ás composições theatraes a primeira das suas qualidades — a apparencia da verdade. Em indecisões e perplexidades andou Mendes Leal envolvido nos primeiros annos da sua carreira dramatica, ora ultra romantico no *Corsario Vermelho*, agora lyrico no *Pagem de Aljubarrota*, logo querendo conciliar, na *Maria de Alencastro*, as oppo tas qualidades dos seus primeiros ensaios, e achar o meio termo que satifizesse ás exigencias dos letrados, sem ser ingrato com as multidões. Nós vivemos n'um tempo, *où l'on cherche la source de tous les fleuves*, como diz com rasão Alfredo de Vigny no prologo do *Cinq Mars*. Um auctor isolado dos seus precedentes, separado das ideas do seu tempo, visto pela lente embaciada de uma critice que não conta o futuro nem o passado do escriptor, é infallivelmente tão mal comprehendido, como eram as meias palavras sybillinas das pythonisas antigas.

As obras litterarias tem ascendentes como as familias, se algumas vezes se corrompem pela conquista como as raças gregas, outras deixam como os arabes vestigios do seu sangue generoso nas gerações que d'elles herdaram o seu insoffrido ardor. O repertorio de Mendes attesta a ductilidade do seu talento. Não ha no theatro genero que a sua musa atrevida não tenha tentado, e se, nas suas diversas *maneiras*, uma critica mais demorada acharia em que acertar o tiro, lembremo-nos que invulneravel só foi um heroe fabuloso, e esse mesmo, emquanto se não divulgou o segredo d'aquelle desastrado calcanhar, que escapára á milagrosa immersão do resto do corpo.

Falta-nos o espaço para seguir a fertil Thalia de Mendes Leal nas suas trinta composições theatraes, numero pasmoso, se olharmos ao pouco estimulo dado em Portugal ás lettras, defeito de que já Sá de Miranda se queixava ha perto de quatrocentos annos. Em um artigo especial trataremos das *Homens de Marmore*, e da *Herança do Chanceller*, comedia em verso, que um infeliz tecido de circumstancias não deixou que o vulgo se penetrasse d'aquellas primorosas redondilhas, tão simples como as mais ingenuas de Rodrigues Lobo, e rimadas com a mestria com que o auctor sabe fazel-o, avesado de ha muito a tratar a rima como escrava.

(Continúa.)

L. A. Palmeirim.



MONTENEGRINO.

Os montenegrinos são os circassianos da Europa; habitantes de montanhas, reunem as qualidades de valentes e de hospitaleiros, porém, sanguinarios e vingativos, desprezadores da civilisação e do trabalho, que nos campos, aliás pouco fecundos, é quasi exclusivamente feito pelas mulheres. Schismaticos gregos pela religião, derivam da casta arnauta, população bellicosa onde se recrutava muita parte da milicia dos turcos.

Os montenegrinos ainda que hoje annexos á Albania, e posto que o seu numero escaçamente exceda a cincoenta mil habitantes, formam uma pequena republica theocratica, onde domina o *uladiska* ou bispo soberano, não obstante serem a certos respeitos subditos da Porta ottomana, que já pelejou contra elles renhidas batalhas, e que as mais das vezes não tirou mais lucro do que o reconhecimento de uma soberania quasi nominal. Verdade é que n'outras occasiões pacificas os povos de Montenegro tem dado na proporção de suas forças valiosos contingentes para as tropas dos sultões seus suzeranos.

O Montenegro ou Tsernogore na linguagem do paiz forma ha perto d'um seculo um estado pequenissimo, mas independente pelo espirito de nausnalidade e a valentia pertinaz dos seus habitantes; parece á primeira vista fraco pela mingua dos recursos, mas é quasi invencivel quando o ajudam as sympathias de milhares de rayas servios, aos quaes o seu territorio offerece um asylo sempre patente.

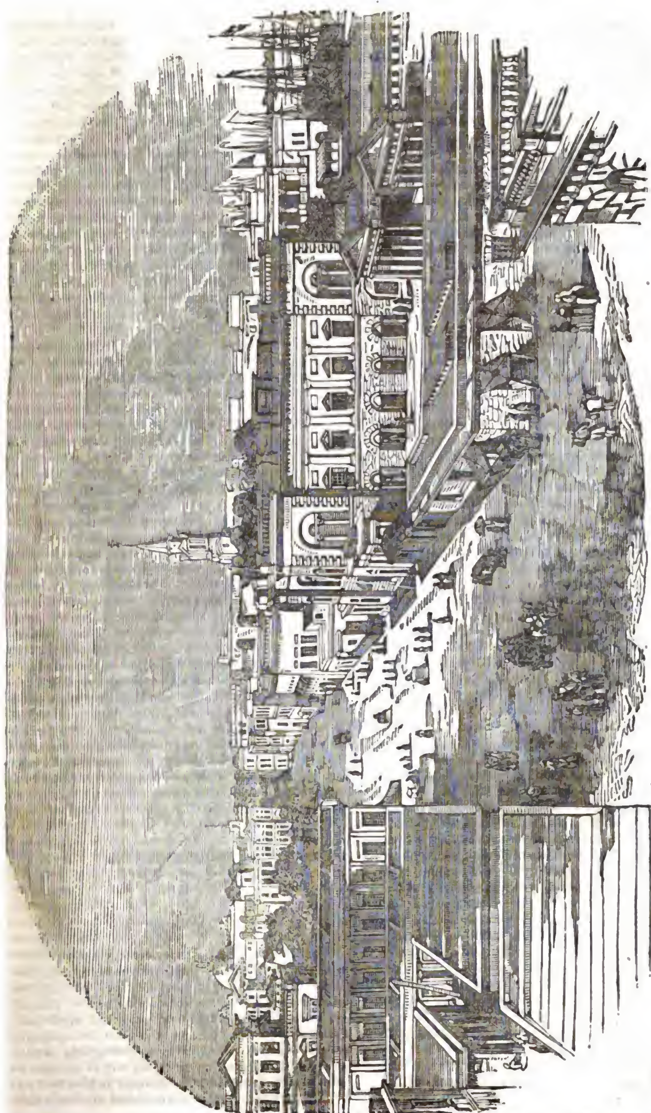
Sobraneeira á Dalmacia, á Hertzegovina e a todo o norte de Albania, as longas serranias de Montenegro desenvolam-se em frente da Italia na costa opposta como a muralha exterior de resguardo do povo servio; por esta via communica este povo com a Europa a que está ligado: os rebeldes greco-Ilavos tem feito proezas n'aquellas eminencias.

Não sabemos se em presença da luta actual serão bem cabidas as consederações de mr. Cyprien Robert escriptas em 1842. Nós vimos ha pouco os montenegrinos, excitados pelo, fanatismo da religião greco-russa, lançarem-se desnecessariamente nos mais deploraveis excessos, victimas de enganosos embusteiros, que iam pondo ao mesquinho reino da Grecia, igualmente seduzido. Sabemos que n'outras epochas, ainda dos nossos dias, talvez levados de de melhores rasões, esses montanhezes, sempre insofridos, e póde ser que avexados de tributos, deram os primeiros graus de gloria militar a Omer-pachá, que os subjugou, e a honra de administrador intelligente a Fuad-Effendi, um dos ministros da Porta, mais imbuido das idéas que regem as potencias occidentaes. Conhecemos aqui em Lisboa dalmatas e lagusanos, que sem menoscabar a valentia dos montenegrinos, fazem uma pintura pouco lisongeira das noções que elles teem da propriedade e de outras conveniencias sociaes.

Comtudo, diremos que ha quinze annos se queixava um escriptor francez, conhecedor d'aquelles districtos, de que os diplomatas deixassem n'um esquecimento tão profundo uma população que poderia prestar ao occidente, e sobretudo á França notaveis serviços. «Entrando pelo golpho magnifico de Kataro, nos appresentaria (diz) sendo preciso uma cabeça de ponte para o oriente; e de facto os nossos navios não podem communicar-se directamente com a nação servia senão por este unico ponto; porque é por via de Tsetinié que a acção da França pode exercitar-se sobre a Servia da mesma maneira que a influencia russa tem o seu centro natural em Belgrado. Napoleão tinha percebido quanta era a importancia de attrahir a si a sympathia dos bellicosos tsernogortses, e para esse fim ordenou que fizesse uma visita ao paiz montenegrino o coronel Vialla de Sommiéres, governador da provincia de Kataro desde 1807 até 1813, o qual mais tarde publicou a sua viagem em 1820 em 2 volumes de 8.°

É certo, porém, que a guerra actual, dando outro caminho ás idéas politicas, modifica grandemente as anteriores conjecturas em relação aos povos e aos governos.

(Continúa.)



PRINCIPAL RUA DE CALCUTTÁ.

PRINCIPAL RUA DE CALCUTTÁ.

Esta grande cidade é capital de toda a India ingleza, e particularmente da presidencia de Calcuttá, uma das tres maximas divisões da mesma India britannica, e que se divide em 34 districtos. É situada n'um braço do Ganges a pouca distancia da sua foz; commercio immenso, industria activa, e collossaes riquezas. Podia chamar-se uma aldeia em 1717; d'esde 1757, pertence aos inglezes que já ali tinham uma feitoria d'esde 1690.

Para não irmos mendigar a estranhos o que temos, e muito bom, de casa, transcreveremos o que diz o sr. José Ignacio de Andrade nas suas *cartas escriptas da India e China.* (Vol. 1.º carta 5.ª) (1).

«—... entrei no Hoogly (1) tão cançado da viagem, que só depois de afferrar á Ponta de Diamante comecei a gozar dos primores que embellezam suas tortuosas margens. Que variadas e ricas paizagens! Planicies cobertas de gordas manadas, rebanhos innumeraveis, e arvoredos frondiferos! A engenhosa e liberal natureza mostra-se n'estes logares revestida com tal pompa que excede tudo quanto a phantasia possa inventar e o engenho humano descrever.

«Entrando-se nos suburbios de Calcuttá (3), prados amenos e casas sumptuosas annunciam a capital da India ou o centro do poder inglez na Asia. A riqueza dos edificios, o luxo que transformou as margens d'este rio em jardins delicioiosos, mostram o grande fausto dos modernos conquistadores do malfadado Indostão.

«Depois que Vasco da Gama chegou a este imperio, formaram os portuguezes estabelecimentos em todos os logares, que lhes offereciam interesses pelo commercio. Entrando no Hoogly, estabeleceram-se em Bandel, que abandonaram no tempo dos Filippes. Ainda ali se descobrem vestigios da nossa antiga opulencia.

«O avultado commercio que faziam nossos maiores n'esta parte do mundo, convidou outros povos da Europa a buscar este rio, onde a nosso exemplo fundaram estabelecimentos; os batavos, Chinsurá; os francezes Chandrenagor; os dinamarquezes, Sirampour; os inglezes, Calcuttá. D'aqui principiaram estes a estender-se no Indostão, com o pretexto de baterem os maratas, inimigos dos mogoles. Assim levaram, com enganos, o seu commercio em pouco tempo, ás provincias de Cussimbasar, Dacá, Patná e Balassor.

«A fundação de Calcuttá teve principio no meado do seculo XVI, na pequena villa de Govindpour sitio pantanoso e insalubre.—O aspecto d'esta cidade encanta, não só pela grandeza dos edificios, mas tambem pelas immensas columnatas, porticos e zimborios, com' que se adorna; porém, sabendo-se que toda a obra é composta de tijolos, e estuque, perde o valor que de longe tinha inculcado.

«Haverá tres leguas de circumferencia, e seis centos mil habitantes, indios e arabes na maior parte. A mistura de povos differentes tende a destruir as preoccupações de uns e outros: aqui succede o contrario; os arabes aborrecem os mogoles; os inglezes desconfiam d'estes e d'aquelles; e os indios detestam os arabes, mogoles, e britannicos...

(1) Esta excellente obra, de leitura tão amena quanto instructiva, já teve duas edições de luxo na imprensa nacional.

(2) Braço do Ganges, onde se acha edificada a cidade de Calcuttá.

(3) Os suburbios das margens d'este rio; os do interior são pestilentes.

«...De todos os edificios o palacio do governo é o mais sumptuoso. Tem forma octogona, boas escadas, rico perystilo, e magnificas galerias. No interior ostenta ainda maior pompa; É situado na face meridional da cidade, na fimbria da grande esplanada.

«A cidadella, forte William, offerece nas obras exteriores painel curioso. A muralha occidental é banhada pelo Hoogly; vista de qualquer lado parece mais uma cidade do que uma fortaleza; tantos são os edificios erguidos no interior! Tem perto de uma milha de circumferencia em forma de polygo regular. Recebe em seus bastiões mais de trezentas bombardas. Pode recolher, em occasião de guerra, as familias inglezas residentes na cidade, guarnição de dez mil homens, e mantimento para um anno.

«A cidade tem bons estabelecimentos publicos: 1.º uma especie de universidade, onde os alumnos de outras escolas vem completar os seus estudos: 2.º um collegio sanscrito: 3.º um collegio mahometano: 4.º um gymnastico etc. O bispo, cuja auctoridade abrange a todas as igrejas anglicanas n'esta parte do mundo, reside em Calcuttá.

«No interior da cidade vê-se quadro mui differente do que apparece nas margens do rio. Aqui estão erguidos palacios magnificos: ali ruinas e cabanas; de um lado, praças e bazares riquissimos; do outro, esgotos descobertos cheios de immundicies. Comtudo nada chega aos nojentos suburbicos, chamados cidade negra. Para formares idéa aproximada da verdade, imagina uma legua de terreno coberto de fabricas em ruina e de choças, onde moram immensas familias cobertas de trapos. Têem alguns pagodes, asylos da superstição, adornados de idolos de feia catadura; estão quasi sempre cheios de miseraveis creaturas. As ruas são tão immundas que não só difficultam o transito, pelos montes de lama, mas tambem pela exhalação de vapores insupportaveis.

«Tratando de Calcuttá e dos inglezes, devo tambem fallar dos indigenas. Tem feições bem marcadas, estatura regular, corpo flexivel, côr azeitonada, cabellos pretos e corridos, olhos scintillantes, e alma capaz de gozar tanto as doçuras do amor como as ligações da amizade. As mulheres são esbeltas e bem proporcionadas; a expressão dos deleites respira em suas feições. Tem os olhos grandes e ornados de crescidas palpebras, signal de grande ternura; comtudo, falta-lhes o colorido que tanto embelleza as mulheres da zona temperada. As que pertencem aos abastados vivem na tristeza de ferreos harens, além dos quaes não lhes é permittido lançar a vista; as castas inferiores são mais felizes; ao menos tem liberdade.

ESTUDOS CRITICOS.

III

(Continuação.)

No *Panorama*, e posteriormente em outros jornaes, Mendes Leal estreou-se no romance, mas, forçoso é dizel-o, é este o seu lado fraco. O romance que não reune todas as condições do genero historico, ou toda a observação das sociedades modernas, é uma excrescencia na arte, um retabulo apagado, em que as cabeças das virgens se distinguem ainda, mas sem as feições que umas das outras as separavam, caracterisando-as. Os romances de Mendes Leal não são para as mulheres, porque essas querem a pai-

xão que, *remue et inquiète*, como da Heloisa de Rousseau disse Napoleão; nem para os artistas, por que estes preferem, na expressão de Voltaire, bom vinho de Borgonha que ajuda a digestão, aos licôres que no fim do jantar a demoram e retardam. O poeta lyrico vinga-se d'estes defeitos do romancista em estrophes magnificas, e não interrompidas, desde um dos seus primeiros ensaios «A rosa branca» até á pomposa ode á morte de Carlos Alberto, digna de hombrear com as duas de Victor Hugo, á morte do duque de Berry e ao nascimento do duque de Bordeus.

João de Lemos é um dos mais conhecidos e estimados poetas portuguezes. Caracter simpathico, intelligencia activa e conscia de si, João de Lemos não faz versos pelo prazer banal de rimar, mas só quando o coração já cheio lhe trasborda, como os rios que dormem quietos nos seus leitos, e que de repente despertam, alagando as campinas, vivificando as varseas, e trazendo, como o manná da Escriptura, a abundancia ao acampamento desanimado dos Israelitas. De João de Lemos não ha um livro feito e acabado, apesar das suas poesias darem de sobra para um formoso volume. Acceito pela critica com a defferencia que se deve ao talento; repetido e decorado pelos estudantes das academias e escolas, com o amor que a mocidade tem ao bello, e a tudo aonde sente coração e vida, o seu nome não tem carecido da unidade de um livro para se popularisar. O mysterio é, para a poesia realista de João de Lemos, uma necessidade. Os Hebreus eram guiados no deserto pela çarça ardente, mas a mão que a accendêra ficára invisivel, para que o sobrenatural fosse estimulo á fé de um povo incredulo. Ao contrario de outros que a politica faz poetas; a poesia retrospectiva de João de Lemos atirou com elle para os arrayaes da legitimidade. O lyrismo povôa-se de visões e de sonhos; doe-se como a sensitiva de tudo que se lhe approxima, e a cada canto encontra uma Babilonia de aonde volve com lagrimas os olhos para a Sião das suas saudades.

Desde David, o legitimista da fé; até Chenier o legitimista da compaixão; apesar do numero dos poetas do passado, ser menos crescido do que os que se tem arrojado pelo infinito do futuro, e das nossas sympathias serem por estes, não podemos negar que as ruinas são tambem uma religião, e que é tão licito apreciar o gothico na architectura, como na poesia a estatua desabada do pedestal. O lyrismo fez de João de Lemos um homem politico, quando todo o devêra ter conservado para as lettras, mas, suas tradições de familia com que elle não quiz quebrar, ou o poder que exercem na imaginação as recordações da infancia, a que Lamartine tão singellamente attribue a sua viagem ao Oriente, pela leitura da Biblia, feita aos serões debaixo das vistas maternas, fizeram com que João de Lemos, não acceitasse a marcha regular e progressiva das idéas do seculo. A sua primeira forma na poesia, foi talvez um pouco retumbante, como o jôrro d'agua represo, que de repente se desata no marmore da bacia destinada a contel-o, e a reprimil-o. O *Livro d'Elyse*, e as poesias de João de Lemos, anteriores ao *Tumulo de Nero*, ao *Festim de Balthazar*, e as *Natus est Jezus*, apalpam ainda a forma; temem o acanhamento, mas receiam a prolixidade, e o ouvido exercitado conhece que o pensamento anda escravisado na rima. As tres poesias citadas no periodo anterior foram o acto da emancipação do poeta. O *Tumulo de Nero*, mais *amaneirado* do que o assumpto pedia, não tem a largueza do *Festim de Balthazar*, nem da estrophe da Oriental de Victor Hugo, que é da mesma familia:

Anisi tout disparut sons le resir tourbillon,
L'homme avec la cité, l'herb aveco le sillon!
Dieu brûla ses mornes campagnes;
Rien ne vesta debrut de ce peuple d'etruit,
Et le vent inconnu qui souffla cette nuit
Changia la forme des montágnes.

João de Lemos, poeta da escola de Victor Hugo, tem no *Festim de Balthazar* bellezas, e arrojos lyricos, dignos da mais imparcial attenção, e as suas subsequentes poesias não têem diminuido, nem estreitado as proporções da sua musa. Uma poesia é ás vezes bastante para a immortalidade de um poeta. O estribilho guerreiro da *Marselhesa*, entoado nos primeiros impetos da revolução de 89, farão eternamente lembrado o nome de Rouget de l'Isle, auctor do hymno que despertára o enthusiasmo da França republicana. Uma só poesia de João de Lemos, *A Lua de Londres*, incomparavel de sentimento e melodia, o faria querido das turbas, assignando-lhe um logar distincto no Parnazo portuguez. Não ha em toda esta mimosa poesia senão uma palavra que desdiga do bom senso e correção de toda ella: a *madeixa do bosque*, é uma impropriedade que desejariamos ver banida de uma poesia que tem estrophes como esta:

Vastas serras de tijollo,
Estatuas, praças sem fim,
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim.
Na minha terra uma aldeia,
Por noute de lua cheia,
É tão bella e tão feliz!
Amo as casinhas da serra
Co'a lua da minha terra
Nas terras do meu paiz!

O episodio de *Ignez de Castro*, nos Lusiadas; o formoso idyllio de Bocage «*A Saudade Maternal*; o começo do 4.º canto do *Camões*, de Garrett, e a *Lua de Londres*, de João de Lemos, provam que a lingua portugueza pode hombrear com a ternura e docilidade do italiano, como fóra de duvida nos parece que a não intimidam os arrojos da castelhana. Os seis versos finaes da decima que acima citamos tem toda a melancolia da saudade, todo o amoroso requebro que a ausencia da patria inspira em corações que não dormem para a vida do sentimento. Resumindo: José Freire de Serpa é um poeta que parou, protestando com os *Soldus* e as *Innocencias* contra o esquecimento do seu nome.

Mendes Leal, poeta lyrico e auctor dramatico, ainda não disse a sua ultima palavra. Fraco e doente, desde o prologo dos *Renegados*, em que elle nos declara *que é voltando da beira da sepultura que vae dar um passo tremendo no caminho da vida*, ainda um anno não deixou de obter na scena um triumpho, ou de ser lida com interesse uma poesia sua nas columnas de um jornal qualquer. João de Lemos olha com saudade (e com esperança, talvez!) para a bandeira branca; tentado a saccudir-lhe a poeira, como Béranjer desejára fazer, ao *Vieux Drapeau* da canção,

Tendo esboçado em traços largos as feições litterarias dos tres poetas que em seguida ao estabelecimento das ideas constitucionaes, se incumbiram de provar que ha vida e intelligencia na geração nova.

Faremos no capitulo seguinte um retrato, em pé, de Antonio de Serpa, nome escolhido entre uma segunda camada de escriptores, que muito tem dado já, e mais promette ainda dar, e em cujo numero se contam Rebello da Silva, Latino Coelho, Andrade Corvo, Silva Tullio, e outros, que no romance, na critica, no parlamento, têem conservado as lettras n'uma altura digna de si, e d'ellas. Escolhendo com preferencia Antonio de Serpa para um artigo especial, é porque se nos afigura que tem sido o menos bem avaliado pela critica, que em esquecimento injusto deixára Lopes de Mendonça, antes da —*Revista Peninsular* haver reparado esta falta, n'uma biographia escripta por um dos nossos mais acreditados engenhos. Antonio de Serpa é um verdadeiro poeta, e não um versejador, como aquelle de quem Philinto dizia:

Junta Anacreonte em versos, quanto
Negro perú, na alvura, ao branco cysne.

IV

Antonio de Serpa dedicou-se á vida militar por um d'estes insondaveis caprixos da sorte que fez de Luthero um padre catholico, antes de ser o chefe de uma nova seita religiosa. Bacharel, formado em mathematica pela Universidade de Coimbra, capitão de infanteria, e hoje lente da Escola Polytechnica, Antonio de Serpa terá trinta annos, e ainda não tinha vinte e cinco quando obteve por concurso a cadeira que actualmente rege. Espirito sagaz e analitico, difficil será vêl-o tomar calôr n'uma conversa, mas mais difficultoso ainda escapar-lhe a palavra exacta com que caracterisar, depois do dialogo, o alcance ou a inepcia do seu contendor.

Methodico como um mathematico o dia para elle é uma equação, que resolve quasi uniformemente, com a pachorra de um cathedratico, e a regularidade de um soldado. Eleito haverá dous annos, socio da Academia Real das Sciencias, honra a que em todos os paizes aspiram os que mais fingem dispresal-a, e que o sarcastico epitaphio de Piron deixou em memoria; Antonio de Serpa declinou de si voluntariamente o titulo de academico para se não vêr na contingencia de faltar ás sessões nocturnas, a que os estatutos o obrigavam, preferindo-lhe, com razão, as magnificas roladas de madame Alboni, que entravam no seu anterior programma do fim do dia. Educado na provincia, e separando-se da sua familia em idade já de entrar no mundo sem perigo, Antonio de Serpa nunca experimentou os baldões da fortuna, e por isso nunca o sceptismo o tentou, como a Rousseau; nem nenhum trecho das suas poesias tem os dolorosos accentos das queixas de Gilbert:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour—, et je meurs!
Je meurs, et sur ma tombe où lentment j'arriu,
Aul ne viendra verser des pleures!

Caracter serio, e inimigo do embuste até na poesia, Antonio de Serpa não é dos que inventam Natercias e Marilias, para terem um pretexto de choramingar. O que sente escreve-o, mas sem aspirar o martyrio; deixando a outros, mais ambiciosos, cuidado de se canonisarem em vida.

Militar, Antonio de Serpa alcançou os postos pelas habilitações scientificas que a lei exige, e não pela antiguidade, potro em que se tortura a paciencia dos rutineiros. As suas primeiras provas foram, como são infelizmente as de todos em Portugal, n'uma guerra civil. O campo em que então militou não o escolheu elle, foi o acaso, ou antes as circumstancias que lá o levaram. Mais habilitado a escrever os *Commentarios*, do que o Cezar sob cujas ordens servia, a deliniar o plano de uma Pharsalia, dous dias de marcha foram bastante, para ser surpreendida, e feita prisioneira, a pequena columna a que Antonio de Serpa pertencia. Feliz, até n'este contratempo, poude esperar o desfeixo da lucta sem ter de combater a revolução popular, a que um protocollo poz termo, como acontece a todos os esforços dos pequenos paizes, desde que a Santa Alliança mascára o despotismo com o nome pomposo de equilibrio europeu. Desconfiado de que não era das cousas mais agradaveis servir debaixo das ordens, não só de quem não inventára a polvora, mas até de quem a não sabia fazer arder, lembrou-se de fugir á monotonia da vida militar em tempo de paz, apresentando-se como concorrente á substituição das cadeiras de mathematica, na Escola Polytechnica, que obteve, podendo d'ahi em diante entregar-se a cogitações mais serias, que as de contar as fillas de um pelotão, ou de se exercitar na direcção de um rancho regimental, especie do milagre dos cinco pães da Escriptura, que fartaram cinco mil homens, fóra mulheres e meninos, diz S. Matheus, que não desprezava os decimaes em prodigios d'esta ordem. A maxima popular que diz que nem tudo é para todos, nem todos são para tudo, fez de Antonio de Serpa o antipoda de Rafael. Reprovado em desenho, unica habilitação que lhe faltava, depois de dous cursos, para entrar na arma de engenharia, se não tivesse alcançado a cadeira de lente, os sons selvaticos do tambor, parodia civilisada da lyra de Orpheu, o trariam ainda preso ao recolher e alvorada de um quartel.

Lente, Antonio de Sérpa, tem a bonomia illustrada que separa a sciencia moderna, da pedagogia caustica. Que o estudante ouça, ou adormeça; que leia Boucharlat ou Paulo de Kock, a sua explicação é para todos, e, ensinando tem cumprido o seu dever, deixando ao livre arbitrio dos discipulos a escolha de um diploma limpo, ou o ornato ponteagudo da cabeça de Midas. Impassivel e fleugmatico no trato familiar da vida, a imperturbabilidade ingleza não seria um achado na Pninsula, tendo conhecimento do caracter modesto de Antonio de Serpa. Conta-se que Archimedes, embrenhado n'um calculo de pôr a cabeça em agua a um santo, não dera pelo incendio da cidade em que vivia, e que só á magnanimidade do vencedor devêra a vida, para descobrir o valor de um x, que lhe andava fazendo negaças, atrazando-lhe a resolução de um problema. Se as abstrações de Antonio de Serpa não são tão prolongadas, a verdade é que lhe não desapraz a rotina, e que os trabalhos do gabinete são para elle menos uma fadiga do que um recreio.

(Continúa.)

L. A. Palmeirim.

CANDELABRO, OFFERECIDO PELA IMPERATRIZ DOS FRANCEZES A RAINHA D'INGLATERRA.

Esta estampa representa um dos candelabros, do par que foi offerecido pela imperatriz dos francezes á rainha d'Inglaterra. Foi feito na fabrica de Mr.

Minton & C.ª É formado todo d'emblemas de caça, artistica e brilhantemente cinzelados e grupando-se com gosto e elegancia.



Póde-se bem julgar a magnificencia, e riqueza d'este trabalho, para ser reputado digno d'um presente real.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583).

Um sentimento intimo segredava aos corações de muitos portuguezes, que a sua independencia, prestes a naufragar n'uma dominação estrangeira, não havia meio de salval-a senão sentando no throno portuguez, vago pela morte do cardeal rei, um principe natural.

A não poucos se recommendava o prior do Crato, mais pelo que da tempera de sua alma se promettiam, para a continuação das prosperidades de D Manuel, e D. João III, do que pela apregoada descendencia real. A fortuna desamparou, entretanto, o partido portuguez. E qne muito, se, céga como é. mal póde com acerto e justiça eleger os seus mimosos? Qual merito ou virtude ha ahi, a quem a pagan afague e recompense? Qual, a quem não faça guerra desnatural e homicida?

O ouro do Perú, e os exercitos aguerridos de Castella, juraram abafar d'esta vez o exercicio do direito soberano, que do mestre d'Aviz, fizera um rei D. João I; e venceram emfim!

Depois dos revezes experimentados no reino, D. Antonio reuniu as reliquias dispersas do seu partido infeliz, e, protegido pela côrte de França, aparelhou uma expedição com que intentava ganhar as ilhas dos Açores; garantir a da Terceira, que por elle permanecia firme, e já repellira o poder e as propostas de Filippe II; e preparar n'ellas, como em ponto d'Archimedes, á imitação do que nos nossos dias se fez para a restauração liberal, forças com que passasse á conquista do reino.

Este ultimo sonho, e derradeira esperança, ainda mentiram ao principe proscripto. Por elle era quasi todo o espirito açoriano, mas poucos podiam resistir ao pezo e compressão das forças hespanholas.

A esquadra de D. Antonio, que em julho 1582 chegou á ilha de S. Miguel e n'ella entrou, mal póde gozar da rapidez do triumpho, que egual ou maior poder do marquez de Santa Cruz corria sobre ella. Doze dias depois, nas aguas de Villa-franca-do-campo, oppunham armada a armada, e, em ordem de batalha, terrivel era o aspecto de ambas as forças. Combatiam, d'uma parte, o desespero d'uma causa quasi perdida; da outra, o receio d'um revez, que podia difficultar, comprometter mesmo a posição, e o passo do soberano de Castella. Eram dous tremendos competidores rivaes, empenhados em lucta de morte! Ao mais infeliz, que succumbisse, ignobil sepultura: ao mais destro, ao vencedor, a posse da belleza que na lucta ambos iam jogar, uma coròa, objecto então de tantas ambições e complacencias; hoje, ornato espinhoso, talisman impotente, cuja fonte miraculosa estancou para sempre!

Já o estampido do canhão e a abordagem annunciam morte. No mar, retinto do sangue das victimas, fluctuam cadaveres sem conto! Embarcações desmantelladas arrastam custosamente o arvoredo derrubado, que de em torno lhes estorva a carreira. Mas a victoria é de castelhanos, superiores em numero e machinas de guerra, e mais usados na peleja do que as falanges estrangeiras. A pagina do triumpho vae o marquez escrevel-a em Villa-franca-do-campo com o sangue de quasi cem prisioneiros, acção deshumana e selvagem! scena rival das de outras conquistas hespanholas! mancha indelevel á nação, que aspirava ao imperio do mundo, e que assim com tamanha vileza calcava aos pés o direito das gentes!

Chegada era a occasião em que o antigo despeito de Hespanha pudéra saciar-se. Filhos gemeos do imperio sarraceno, a nossa emancipação (n'aquelle tempo heroica, e porventura proveitosa; hoje inconveniente aos interesses do civilisação moderna) fez com que espirito portuguez e espirito castelhano ficassem sendo cousas diversas; e de irmãos, que eramos, nos convertessemos por muito tempo em émulos e rivaes, para não sermos agora, nem devermos ser jámais nem uma nem outra cousa!

Depois de tão amarga provação só as ilhas Terceira e Fayal continuaram a resistencia ao vencedor,

até ao anno seguinte (1583), em que novo e maior poder de nova armada, commandada pelo mesmo marquez, chegou a vencel-as, a despeito mesmo do recente soccorro que tinham recebido de França na expedição commandada por mr. de Chaste.

É d'esta ultima expedição franceza, e dos maus successos com que o partido de D. Antonio desfalleceu de todo, ante o triumpho que rematou a conquista dos Açores pelos hespanhoes, que trata a relação que agora, e em continuação, damos pela primeira vez em lingua vulgar, como valioso subsidio para a nossa historia, por vir illustrar melhor muitos factos d'aquella epocha importante.

A *Viagem feita á ilha Terceira dos Açores pelo commendador de Chaste*, foi original e contemporaneamente escripta em francez. Que o auctor foi testemunha ocular dos successos que narra, parece proval-o o que elle proprio diz, quando no fim da viagem falla da barbaridade dos biscainhos, cujos navios faziam tambem parte da armada hespanhola. «Plusieurs fois entendant parler de quelque mechante nation, j'ay ouy la comparer à la race des Biscayens; mais je puis assurer *par experience*, que ce sont les plus barbares et de moins d'amitié qui soit au monde.» Seria auctor da *Viagem* o proprio commendador de Chaste? No fim d'ella se diz que elle entregára nas mãos da rainha de França «um abregé de ce discours» e, mais abaixo na allocução, que por essa occasião lhe dirige, confessa que o discurso summario fôra escripto por elle: «vous verrez, s'il vous plaist, ce que la verité *m'a fait écrire en ce papier...*» Não nos parece pois mui arriscado a erro, suppor que a *Viagem*, que vae ler-se, seja escripta pelo proprio commendador.

Melchisedec Thevenot foi, que nós saibamos, o primeiro que d'ella fallou, e que a prometteu dar nas suas *Relations de divers voyages curieux;* mas não appareceu na primeira edição que fez, e só depois da sua morte vem na IV parte do tomo II da nova edição, París, MDCXCVI, comprehendendo 18 paginas *in fólio*.

Não só a importancia d'esta *Viagem*, como documento para a nossa historia, mas ainda a sua raridade, quando é custoso achar exemplares completos da collecção de que faz parte, nos determinaram a dar-lhe por este modo maior publicidade. Em muitas partes do escripto, os conceitos são de critica apaixonada, mas releve-se-lhe essa parte de infidelidade, pelo que tem de util nos pormenores historicos. A traducção vae sem innovação na phrase ou estylo do original, porque nos pareceu isso preceito em documento d'esta ordem. Não julgámos cousa instante acompanhal-o d'algumas notas correctivas, quando as faltas não são capitaes. A critica d'esta, como de outras obras inherentes áquelles successos, reservamol-a para quando em escripto especial tratarmos d'aquella importantissima epocha.

J. DE TORRES.

Viagem feita á ilha Terceira pelo sr. commendador de Chaste, gentil-homem ordinario da camara del-rei (de França) e governador por sua magestade da cidade e castellos de Dieppe e Arques.

A rainha mãe do rei, resolve oppor-se aos esforços que o rei de Hespanha tentava, para reduzir á sua auctoridade as ilhas Terceira e Faial, resto do reino de Portugal, que já possuia havia cinco ou seis annos, sob titulo de visinho forte e esperto: segundo creio; para cujo fim desde muito preparava tanto em Lisboa, como nos de mais portos do seu dominio, uma grande armada. O senhor D. Antonio acclamado rei do dito reino, depois da morte de seu predecessor el-rei D. Sebastião, tendo por muito tempo implorado auxilio da dita rainha na extremidade de seus negocios, e para isso seguido e andado longamente na corte do rei de França; por boas considerações prometteu sua magestade assistir-lhe, acreditando nas seguranças que el-rei D. Antonio lhe dava, e nos grandes juramentos que fazia de que a ilha Terceira podia defender-se, e conservar-se com mil homens francezes, contra o exercito do rei de Hespanha, que dizia compor-se de cinco ou seis mil homens quando muito; e que n'esta ilha havia seis ou sete mil portuguezes de combate, commandados pelo conde de Torres-vedras, seu vice-rei, com quinhentos francezes, que lá tinham ficado o anno precedente 1583, depois do combate do sr. Strossy, commandados pelo capitão Baptista, italiano, esargento-mór, e capitão Carlos de Bordeaux. Além disto dizia, que todo o contorno da ilha Terceira media dezoito grandes leguas, era mui difficil de abordar, e não tinha senão tres pontos por onde pudessem entrar, e que eram mui faceis de defender.

Sua magestade acreditando o que D. Antonio lhe dizia, deu ao sr. commendador de Chaste o commando de nove companhias de pé, fazendo-o general d'estas e das outras que ficavam nas ditas ilhas, ordenando-lhe que passasse á ilha Terceira para a defender e conservar. Depois do dito commendador agradecer a sua magestade, lhe supplicou mui humildemente considerasse a importancia d'este plano e d'este embarque, a que não dava consideração pela perda da sua vida, com tanto que pudesse dar alguma satisfação a sua magestade, o que julgava mui difficil precipitando a viagem por causa das proposições d'um pobre rei apaixonado, e desesperado de poder ser jámais restabelecido no seu reino de Portugal, de que lhe não restava senão as ditas ilhas, que se propunha conservar a expensas da honra e da vida d'outrem, sem ter mesmo a menor experiencia em cousas d'armas. O commendador sómente pediu permissão a sua magestade de se embarcar particularmente n'um pequeno navio, e o tempo de poder ir reconhecer a Terceira para lhe fazer com segurança relatorio da sua força, e dos meios, que se podiam julgar necessarios para a conservar. Sua magestade achou estas propostas mui rasoaveis e consentiu no pedido do commendador; comtudo retardou de tal forma a sua partida, e a procrastinou tão largamente, que foi advertida de que o exercito hespanhol se embarcava em Lisboa, e era prestes a fazer-se de vela, o que obrigou o commandador a por-se em caminho promptamente para o Havre-de-Grace com suas nove companhias, por ordem expressa de sua magestade, para se embarcar, o que fez em o dia 17 de maio 1583. Tendo-se demorado vinte quatro dias na viagem, por causa das calmarias e tormentas; e sendo cerca de 40 ou 50 leguas distante da Terceira, destacou um patacho da sua frota, commandado pelo sr. de Cusson, para reconhecer a ilha, e saber se os hespanhoes se tinham já apoderado d'ella; e seguindo o mesmo caminho teve aviso certo de que a ilha inda era livre, e chegou no dia 11 de junho seguinte ao porto da Terceira, junto á cidade, que é grande povoação aberta. Foi saudado com muitos tiros de canhão e arcabuzaria, e mui honrosamente recebido do sr. de Torres-vedras, vice-rei, e portuguez, que deu grandes demonstrações da alegria que experimentava com a chega-

da do commendador e suas tropas. E o povò portuguez gritava em alta voz:

—Viva el-rei D. Antonio, el-rei de França, e o sr. commendador de Chaste, que vem soccorrer-nos!

Na maior parte das janellas da cidade appareciam senhoras a deitar-lhe sobre a cabeça grande quantidade de rosas e outras flores, e vinham lançar-lhe á cara agua de flor de laranja dizendo-lhe:

—Vós sereis regado, já que sois amigo do nosso bom rei D. Antonio!

Isto continuou por todas as ruas da cidade, até que se retirou á sua habitação. Os pobres francezes que lá estavam desde um anno atraz eram tão contentes com este espectaculo, que choravam d'alegria, e vinham abraçar pelos pés seus companheiros e compatriotas; porque pensavam estar degradados n'esta ilha, onde viviam muito mal, pela falta que n'ella havia de todas as cousas.

Logo depois d'esta chegada, d'uma ilha chamada do Pico, veiu aviso que da armada hespanhola se tinham descoberto 25 vellas. Immediatamente o conde de Torres-vedras, vice-rei, procurou o commendador para saber o que devia fazer-se, propondo enviar alguma força á ilha do Fayal onde só havia uma companhia franceza; sobre o que o commendador se louvou n'elle, pois sabia melhor o que era a ilha do Fayal, como era fortificada, que saídas n'ella havia, e o numero de homens preciso para a conservar: observando o commendador entretanto que por suas instrucções era mandado conservar a Terceira. Porém continuando o conde suas instancias, pediu-lhe 300 homens para mandar alí, allegando a consequencia da perda da ilha do Fayal, onde o inimigo podia recolher galeras, e que por este meio a Terceira sempre seria tomada. Emfim determinou-se que o capitão Carlos de Bordeaux lá iria com quatro companhias francezas, e uma companhia de inglezes. Resolveu-se tambem reter os navios em que o commendador tinha vindo, tanto para lhes aproveitar os soldados e marinheiros, como para fazer d'elles uma cadea com que fechar a bahia d'Angra, tendo conhecido á sua chegada a pouca gente que havia para conservar a dita ilha. Feito isto rogou ao conde que fossem juntos reconhecer as saídas, no que elle consentiu, e foram acompanhados d'alguns capitães. Nisto achou o commendador tudo ao contrario do que el-rei D. Antonio disséra a sua magestade; a saber, que não havia senão tres saídas a d'Angra, a do Porto-judeu, e a da Praia. Além d'estas achou uma infinidade d'ellas, onde se trabalhára sem proveito em pequenos entrincheiramentos muito no interior da terra, e de pouca força: o que foi causa de se separarem homens para pôr em cada uma das ditas saídas, como se segue: em Angra o capitão Baptista, com a sua companhia, que era de 90 homens, e a do capitão Brevel, que era de 80 homens, com alguns portuguezes, e devia guardar as saídas da cidade; desde o monte Brasil até aos fortes de santo Antonio e san-Miguel, no que havia uma grande legua e meia de comprimento, os capitães Bazet e Capon, com suas companhias, que eram de 100 homens as duas, e duas companhias de portuguezes; na Casa-da-Salga, distante do Porto-judeu um quarto de legua, com uma montanha de por meio, o capitão la Valade, com sua companhia, que era de 40 homens, e uma companhia de portuguezes; em Santa-Catharina, distante uma legua da Casa-da-Salga, com uma grande montanha de per meio, o capitão Bourguignon, com sua companhia de 50 homens, e duas companhias de portuguezes; no porto *Pescart?* distante de santa-Catharina meia legua, e com montanha de per meio mui importuna, que impedia verem-se e ouvirem-se para se soccorrerem no caso de necessidade, o capitão la Grave, com sua companhia de 60 homens, e uma companhia de portuguezes; em san-Sebastião, distante po porto *Pescart* meia legua, o capitão Louis, com sua companhia de 40 homens, e uma companhia de portuguezes; em Gil-Fernandes, distante de san-Sebastião uma grande legua, toda de saidas, o capitão Campagnol, com sua companhia de 60 homens, e tres companhias de portuguezes; em santa Margarida, distante de Gil-Fernandes um quarto de legua, o capitão Chonin, com 40 homens soldados e marinheiros, e duas companhias de portuguezes; em Porto Martin, distante de santa Margarida um quarto de legua, o capitão Campols, com sua companhia de 80 homens, e uma companhia de portuguezes; na Praia, que era a saída maior e mais perigosa, e onde esperavam que o inimigo abordasse e fizesse toda a força, distante de Porto-Martins uma grande ligua e meia, se postou o commendador de Chaste, com as companhias dos capitães Laste, Aremissac, la Barre, e Lignerol, que eram de 100 homens cada uma, e quatro companhias de portuguezes; em Villa-nova, distante uma grande legua e meia da Praia, o capitão Lahan Rochelois, com 20 marinheiros, e uma companhia de portuguezes; nas Quatro-Ribeiras, distante de Villa-nova legua e meia, um sargento do capitão la Barre, com 15 homens da sua companhia; nos Biscoutos, distante uma legua das Quatro-Ribeiras, em duas saídas, a meia legua uma da outra; o capitão Armando com sua companhia de 60 homens, o mestre-de-campo com sua companhia de 90 homens, com o dito conde e 1.000 portuguezes, que deviam seguir a armada pelas vinhas que havia na Praia e Porto-judeu, e o capitão Pomyne, com sua companhia de 35 homens. Ordenou-se, que se separassem os marinheiros como necessario fosse, e que 60 dos melhores cavallos da ilha passariam á Praia ás ordens do commendador para saber dos que fossem primeiro attacados, e que se enviaria o patacho do conde a tomar lingua á ilha de san-Miguel em poder dos hespanhoes, pelo qual, estando de volta, se soube que 15 ou 16 grandes vellas da esquadra já tinham sido vistas. Ao mesmo tempo chegou uma das velas da frota do commendador, que o mau tempo retardára na viagem, e mal chegou todos os capitães dos navios vieram pedir ao commendador que os despachasse para voltarem a França, já que toda a sua frota chegára. Occorreu isto na presença do conde, que ponderou ao commendador que as forças que elle trouxera á Terceira não eram sufficientes para a conservar, e que contra elle protestava-se deixasse partir os capitães e os navios, havendo descoberto muitas sadais a que ainda se não attendera e não houvera nem meio nem vagar de fortificar, pois a armada hespanhola se aproximava. Tendo o commendador ouvido estas ponderações, não quiz permittir aos capitães dos navios que se fossem, antes lhes ordenou que ficassem, e fizessem desembarcar a sua genta e depois de terem contestado muito, promettendo os capitães obedecer fizeram o contrario no dia seguinte, e á uma hora depois do meio dia a embarcações do capitão la Haye, a Roberge do sr. de Sarlobret, o navio de Poupietre, e um outro chamado o Rei, se fizeram á vella e se foram sem despedida. O commendador foi atraz d'elles n'um patacho até outo ou dez leguas ao mar, e lhes

ordenou ainda da parte do rei, e sob pena de morte, que voltassem á ilha, pela necessidade que n'ella havia, e ser isso de importancia para o serviço de sua magestade: elles porem puzeram-se em armas, e responderam ao commendador que nada conseguiria, e que não queriam perder-se como elle e todos os que o acompanhavam, por que sem duvida todos quantos estavam na Terceira dentro em dez dias teriam a cabeça cortada, pois os portuguezes trairiam os francezes: rogaram-lhe se retirasse sem mais ordenar, o que elle fez, não podendo usar de força.

Estando de volta enviou outro patacho a tomar lingua, o qual descobriu toda a esquadra á vela, caminhando para a Terceira, do que advertido o conde veiu ter á Praia com o commendador, assegurando-lhe que a armada hespanhola era de quarenta grandes embarcações, duas galeras, duas galeotas, e o resto pequenos navios ou patachos, prefazendo o numero de cem velas. Immediatamente foi o commendador reconhecer os fortes, que ficavam ao longo da Praia, e ver se estavam munidos como se ordenára, quando ouviu as sentinellas que das montanhas davam o alarma ao som de sino, porque descobriam a armada. De volta á Praia disseram-lhe que o conde, ouvido o alarma, se retirára a Angra, onde tinha quartel.

Na manhã do dia seguinte, que foi 23 de julho, toda a armada appareceu diante da Praia a uma legua da terra, e aproximando-se cada vez mais conservava-se ao longo da costa da ilha. O commendador a seguia até Santa Margarida, em que ella deu fundo, occupando uma linha de um quarto de legua: antes que as galeras dessem fundo, como a almiranta, se aproximaram tanto d'uma saída onde só havia portuguezes, que sobre ellas fizeram algumas descargas de canhão. O commendador du Mayet, estando perto com alguns soldados francezes, avançou para ali, e como fosse chegado as galeras se retiraram. N'esta saída se postou o capitão Pomynet, com a sua companhia, que era de 30 homens.

No domingo seguinte ao romper do dia as galéras vieram á Praia, mui perto de terra, atiraram muitas canhonadas e arcabuzadas ás trincheiras, e enviaram um batel para reconhecer as saídas, o que fizeram de mui perto, tanto mais quanto não fazia lua: nascido o sol retiraram-se á armada, e depois do meio dia ainda foram ao longo da costa reconhecer todas as saídas, e fizeram alguns tiros de canhão sobre os logares em que viram gente. O mestre de campo se veiu postar com sua companhia nas saídas que havia entre Gil-Fernandes e Porto *Pescari*. Pelas duas horas da tarde veiu da esquadra uma barca, que trazia um signal branco, e vinha a terra ao quartel do commendador du Mayet, o qual lhe mandou fazer tres ou quatro tiros de canhão, para que ella não reconhecesse a saída, com o que a barca se retirou. O commendador de Chaste, que inda não via chegar o conde, mandou dizer-lhe que achava mui singular, que elle não apparecesse no exercito; que os francezes e portuguezes faziam d'isso muito mau conceito; e que lhe rogava viesse e lhe enviasse a cavallaria, que se pedíra, á Praia, e bem assim outro capitão para substituir o que commandava os portuguezes, de quem estes desconfiavam e por suas demonstrações o tinham por traidor ou poltrão; e que désse entretanto ordem para que os soldados tivessem pão, porque desde que apparecêra a esquadra tinham tido tão pouco, que estavam famintos.

No dia seguinte, segunda feira, antes do amanhecer todas as galeras vieram á Praia, e atiraram grande numero de tiros de canhão e arcabuz, mas uma hora depois do nascer do sol se foram, e todo o dia estiveram ao longo da costa reconhecendo-a de mais perto: o commendador as seguiu até á armada, e encontrou no caminho o portuguez D. João de Castro, que o conde lhe mandára para commandar a companhia da Praia, o qual da parte do mesmo conde, lhe entregou uma carta, que este recebera do marquez de Santa Cruz, general da armada hespanhola, por dous portuguezes da Terceira, que elle tinha prisioneiros, e que lhe enviára a nado, com a carta preza por um cordão ao pescoço d'um d'elles, já que lhe não queriam consentir que a barca se aproximasse para parlamentar. Por esta carta persuadia o marquez ao conde que entregasse a ilha ao rei de Hespanha, ao qual dizia pertencer, e a assegurava pela sua honra do perdão que sua magestade daria á sua desobediencia passada, não obstante a qual sua mulher e filhos, que estavam prisioneiros em Madrid, em Hespanha, seriam postos em liberdade, e restituidos, mais elle, ao pacifico gozo de seus bens; e que sua magestade o honraria com bellos cargos e meios. Pelo que tocava aos francezes, que estavam na ilha, que tambem lhes perdoava sabendo bem que em todo o tempo se haviam exposto nos lugares onde se deram para isso as mais bellas occasiões, e que tinha ordem de sua magestade para os mandar abonar por tres mezes, e lhes dar passagem para França com os navios em que tinham vindo. Concluia dizendo, que inda que de nenhum modo duvidasse da tomada da ilha, comtudo para mostrar que seu amo era principe clemente e benigno, da sua parte mesmo com a força na mão, fazia estas offertas e honestas propostas,

Logo que o commendador viu o contheúdo da carta rasgou-a sem a communicar a ninguem, e sobre a tarde veiu o conde procural-o á Praia com a cavallaria, e lhe prometteu mandar 60 cavallos perto da noute, o que não cumpriu. Retirando-se ao seu posto passou pelos do mestre de campo, e do commendador du Mayet, que lhe disse ser de opinião, que o inimigo se dispunha a dar no dia seguinte sobre Porto Judeu, ou sobre Santa Catharina, onde não havia força sufficiente para o repellir, pedindo lhe enviasse os marinheiros francezes que estavam em Angra, para os collocar ali, o que o conde prometteu, assegurando ao mestre de campo, e ao commendador du Mayet que lá seria tambem com 4:000 homens: ao contrario porém do promettido encontrando no caminho os marinheiros reconduziu-os a Angra, e não houve mais noticias d'elle até á tarde do seguinte dia do combate. Mesmo á noute o mestre de campo, e du Mayet ordenaram ao capitão Baptista enviasse a sua companhia a prenoutar n'uma montanha sita entre Santa Catharina e Porto Judeu, para soccorrer um outro d'elles quando o precisassem; o que elle tambem não fez, antes foi ficar em S. Sebastião, distante de lá uma legua.

(Continúa.)

Para o homem poder dar larga e desassombrada espansão ao espirito, é mister que no coração lhe faisque o puro sentir de nobre e desinteressado amor. O homem alheio a este sentimento impossivel lhe será tentar arrojados vôos do espirito pelas vastas regiões da idialidade.

B.



HONDURAS—PASSAGEM DO RIO SANTA ROSA.

Antes da independencia dos estados da America hespanhola, o territorio de Honduras formava parte do reino ou capitania geral de Guatemala, que comprehendia a provincia d'este nome e as de S. Salvador, Honduras, Nicaragua e Costa-Rica. Todas cinco sacudiram o jugo de Hespanha em 1821, e logo depois se ligaram n'uma confederação denominada das «Republicas da America central» alliança que foi dissolvida em 1839, e desde então esses diversos estados exercitam em separado o seu poder soberano. Mas a sua independencia não é tal que não tenham soffrido por vezes ataques e humiliações da parte de nações mais fortes, como por exemplo aconteceu ao estado de Nicaragua cuja capital foi ha pouco tempo bombeada pelos americanos inglezes, tendo de sujeitar-se ás condições e a dar satisfações exigidas ou impostas pelo governo de Washington; e assim por modos diversos succedeu ao estado de Honduras na bahia dos indios, mosquitos e outros pontos com os inglezes europeus, que ainda conservam n'esse territorio a colonia que fundaram em 1798, e de que é capital Balize, sita na foz do rio do mesmo nome que vem pelo Yucatan desaguar na bahia de Honduras.

Foi nas costas d'este ultimo estado que pela primeira vez o ousado Colombo pôz pé em terra no continente americano, desembarcando no pontal que se chama hoje cabo de Honduras, aos 14 de agosto de 1502, e tomando posse a pró da corôa de Hespanha. Ainda não eram decorridos vinte annos passado o descobrimento, o conquistador do Mexico, Fernão Cortez, incitado pela descripção de vastos e povoados paizes que demoravam ao sul, emprehendeu uma expedição n'este rumo, dirigida por terra e das mais aventurosas em consequencia da excessiva distancia e das graves fadigas e amiudados e quasi insuperaveis obstaculos, tal que não tinha precedente nos annaes das viagens, e dura na historia como uma das mais temerarias e brilhantes dos avassalladores do novo mundo.

Partindo do isthmo de Tehuantepec a gente de Cortez embrenhou-se nos immensos e incognitos desertos que separam das fronteiras do Mexico os novos territorios que demandava. Por espaço de dous annos completos porfiou contra toda a casta de estorvos, desinvolvendo paciencia e valentia de animo quasi sobrehumanas; atravessou brejos extensissimos, paúes insalubres, rios largos e fundos, serras escarpadas e solitarias, e afinal chegou onde o intrepido navegador genovez saltára em terra reconhecendo o novo hemispherio. Submettidos os chefes d'aquellas visinhanças, lançaram-se os fundamentos da cidade de Truxillo na bahia assim chamada. Virando para o poente, o immediato de Cortez estabe-

leceu a povoação de Natividad em Puerto Cabállos, suppondo pela vantajosa situação que poderia vir a ser a grande escala commercial da Nova Hespanha.

Seguiram-se no governo e exploração ao territorio activos e valentes capitães, de forma que em 1540 Honduras possuia cidades florescentes, creando-se a Audiencia ou governo provincial, transferido depois para Guatemala, onde esteve até a epocha citada no começo d'este artigo.

O estado de Honduras é limitado ao norte e ao nascente pelo mar dos Caraibas ou das Antilhas e dilata-se desde perto da foz do rio Motagua até o cabo Gracias a Dios; as suas demarcações ao sul são o rio Wanks que o separa do estado de Nicaragua, a bahia de Fonseca e o estado de S. Salvador; finalmente ao oeste a Guatemala: appresenta uma extensão de costas obra de 400 milhas no oceano Atlantico, e apenas 60 no oceano Pacifico, tendo excellentes portos em ambos os mares. Computa-se a sua superficie em 39,600 milhas quadradas, e a população em 350:000 almas.

(Continúa.)

ESTUDOS CRITICOS.

IV

(Continuação.)

A felicidade de não saber desenhar que lhe déra uma posição brilhante e independente no magisterio, o trouxe tambem a Lisboa, e o tentou para as lettras, quando já o romantismo ía de vencida, que o gosto publico se tinha apurado, e que os desastres alheios o ensinavam a não saír das regras do bom senso e da parcimonia, que regeitam o contrafeito e o grotesco, como aberrações das leis ordinarias da escripta. Apparecendo seis annos mais tarde que João de Lemos e Mendes Leal, veio encontrar os imitadores, bando de pardaes que estroem o melhor trigo, arremedando em visagens e momices, o que fôra primitivamente bom e sensato. A antipathia venceu em Antonio de Serpa o desejo de escrever, e só quando os vendilhões se retiravam da praça, é que elle tentou o terreno com a precaução com que o navegante evita os baixíos, aonde viu desconjunctarem-se embarcações da força e lotação da sua.

Um dos caracteristicos do talento de Antonio de Serpa, não é nem o rugir da imaginação, nem o fogo do enthusiasmo; é alguma cousa mais rara que estas qualidades da verdadeira poesia; é a consciencia artistica, que lhe veda acceitar a moda, quando ella vem arrebicada de enfeites postiços, e lhe prohibe de sacrificar ao vulgo, quando elle pede *du vin bleu*, expressão com que Voltaire designava as chilras inspirações do seu tempo. No livro das poesias de Antonio de Serpa, que temos á vista, lêem-se estas linhas que comprovam sobejamente a verdade das nossas asserções:

« A fórma, em parte correcta, aperfeiçoada, brilhante, da poesia moderna foi na verdade um progresso, apezar das observações de alguns autores. Mas a fórma por si só não faz uma escola. Mais que nenhum outro ramo de litteratura, e talvez que nenhuma outra das artes, a poesia requer a fé, a religião, uma crença, seja de que natureza fôr. Os cantos do sceptismo podem ter notas sublimes; mas são typos inimitaveis, que agradam uma vez sómente, monotonos e insuportaveis se se repetem. Fingir a fé, pode parecer bello quando é feito com arte, por que é aspirar para a verdade. Fingir sceptismo em poesia é descarado e glacial. »

Foi decorando este credo, mas sem o revelar ainda, que Antonio de Serpa se acostumou a conservar intacta a sua independencia de escriptor, de longe, medindo as escaramuças em que os atiradores se empenhavam, mas sem queimar uma escorva no tiroteio, que o podesse denunciar, Grego ou Troyano, no corpo do exercito das forças belligerantes. Um só peccado commetteu Antonio de Serpa nas lettras, e n'esse fomos nós seu cumplice. Um melodrama biblico, foi escripto em segredo, e em collaboração commum, quando as plateas podiam ser deslumbradas com o ouropel das tunicas, as illusões da optica, e os lugares communs de um sentimentalismo manco e dissorado.

Felizmente a moda passára, e o nosso aborto perdoe-nos o collega esta aspereza paternal, ficou enterrado nas ruinas dos *Jardins Suspensos*, uma das decorações com que haviamos imaginado deixar de bocca aberta, mais de um espectador vindo de caso pensado no vapôr do Riba-Tejo, para applaudir o nosso tecido de ultrajes a todos os preceitos da arte poetica. Anteriores a esta travessura biblica, havia Antonio de Serpa, representado com exito duas comedias suas no theatro de D. Maria II: longe de serem modelos no genero, mas em que se conhecia já analyse fina dos achaques da epoca, e a veia comica que tira a mascara ao santão, para deixar vêr de frente as feições contrafeitas do Tartufo.

Posterior á existencia do *Panorama*, e á epoca dourada da *Revista Universal*, foi no semanario litterario o *Pharol*, e depois na *Semana*, que Antonio de Serpa se começou a exercitar como critico, quando já era conhecido como poeta. Como Attila, a quem a historia chama o flagello dos homens, e o açonte de Deus; era abaixar a cabeça, quem quizesse escapar ás iras do folhetinista. De Antonio de Serpa e Latino Coelho, foram, no *Pharol* as forcas caudinas por onde ninguem nunca passou em triumpho. Elogiou alguma vez alguem a critica ferrenha *do Pharol?* Não nos recorda. O que sabemos, sem que d'isso conservemos mais do que a idéa da justiça com que foi feita, é a parte que nos entrou por casa, da critica, que parecia acceitar a divisa do marquez de Pombal: *curar dos vivos e enterrar os mortos.*

Jornalista politico, Antonio de Serpa é rude, e talvez em demasia severo. Thiers e Armand Carrel, derrubando no Nacional as ordenanças de julho, e com ellas a dynastia prejura, se eram tambem *fortiter in re*, não deixavam de ser *suavite in modo*, como a rethorica aconselha a quem tenta persuadir os mais. A opposição é, e não lhe irrogâmos censura por isso, a disposição do espirito, a inclinação do caracter, a aptidão do talento de Antonio de Serpa.

Quem conhecer superficialmente Antonio de Serpa, jurará ao vêr a modestia com que falla de si, e a quasi timidez com que recebe o elogio, que não são d'elle as duas ou tres satyras publicadas no *Portuguez*, sem assignatura, e que a opinião geral lhe attribuiu, exacta ou erradamente. Este genero, que em todos os tempos contou poucos cultores, e que achou na Roma degenerada de costumes, um Juvenal para pôr o dedo em algumas das suas feridas, tem na historia litteraria lacunas, e periodos tão largos de intervallo, que a satyra cortez e polida de Boileau, podia passar por uma novidade, se os ridiculos que elle fustigou, não andassem já inveterados e reconhe-

cidos, antes do poeta os fulminar na rima. Sem fallar da satyra pessoal, ou antes verrina de Bocage, contra Elmiro, em que cada verso é uma injuria, tendo alguns d'elles ficado armazenados nas memorias, como farto peculio de invectivas, para todos os acasos da polemica; póde-se affirmar que a poesia portugueza não é das mais estereis n'este genero. Sem fallar das tão apreciadas satyras de Tolentino, o *Bilhar*, a *Função*, o *Passeio* e os *Amantes*, em que ha quintilhas de uma admiravel ingenuidade comica, as duas satyras didacticas do Garção, o *Poeta*, e *Sobre a imitação dos antigos*, tem a correcção, o mimo carligade de phrase, de tudo quanto saíu da penna do auctor da *Cantata de Dido*, e da ode ao *Suicidio*. Não obstante, a satyra didactica tem, como diz Gustavo Planche, o defeito de satisfazer a um simples e puro prazer litterario, podendo-se deixar a leitura em meio sem saudades, o que equivale a pôr-lhe a pecha de frieza, o que não é dos melhores condões da poesia. *As Vizitas das Senhoras*, satyra de costumes de Couto Guerreiro, denota no auctor uma analyse fina, e tel-o-hia tornado um rival de Tolentino, se na forma o houvesse imitado, preferindo a quintilha ao verso solto, e ajudando-se da rima para pôr em relevo a idea comica, arrastada ás vezes na lentidão do hendicasyllabo, tendo tudo a ganhar com acertada escolha do consoante no verso d'arte menor.

A satyra moderna é mais exigente. Horacio sentando-se á meza de Micenas, e Boileau recebendo da munificencia de Luiz XIV; favores e protecção, tiveram, como Tolentino, as mãos atadas para a critica desassombrada, que deve fulminar os vicios sem olhar á classe, nem á posição das pessoas em que elles se dão. Um critico moderno aconselha aos poetas satyricos a imitação dos actores dos theatros d'Athenas, que collocavam de cada lado da scena vazos armonicos, e declamavam com mascaras de metal no rosto, para a voz lhes saír mais augmentada, e poder chegar natural, aos vastos auditorios dos theatros gregos. N'este conselho está um convite á exaggeração. Antonio de Serpa acceitou-o, mas esqueceu-lhe ás vezes apertar o quadro, travando mais o epigramma, e não estirando sem motivo o pensamento das suas satyras. Estamos convencidos que Antonio de Serpa havia de ser bem succedido, estreando-se na satyra lyrica com a condição de ter unidade na cholera, e de ser grande e justificado o pretexto d'ella. «In ne suffit pas (dit un critique fallando de Augusto Barbier) que le poete soit animé d'une indignation sincère, qu'il prenne un intérête serieux á la pensée qu'il exprime, qu'il soit réellement affligé des vices qu'il gourmande; il faut encore qu'il puisse renouveler ses forces à mesure qu'il le dépense, qu'il trosve dans la lutte même un redoublement d'energie.»

Para isto é necessario, como Augusto Barbier no *Idolo*, arcar com Napolão, no auge do seu poder e gloria, ou atrever-se, como na *Popularidade*, a castigar de envolta com o ridiculo d'esta monomania, que então tomava largas proporções, os personagens mais eminentes do imperio. Dadas condições analogas, como inspiração da satyra, estamos convencidos que a musa de Antonio de Serpa tem recursos em si para vestir o pensamento, e que o sarcasmo com que se pune o ridiculo, o não abandonará nunca no decurso das suas composições.

A poesia que entra affouta pelos campos do ideal, depende de si sómente. A satyra pelo contrario carece das qualidades de outra poesia, e de um poderoso estimulo externo, para que a declamação se não torne diffusa e glacial. Na lyrica tudo serve de pretexto ao canto. O ceu, a terra, o mar; uma estrella, uma flor, um ecco. A satyra precisa da grandeza do vicio, do escandalo do crime, para saír inspirada da verdadeira indignação. Antonio de Serpa conhece a fórma da satyra moderna, e maneja com facilidade o epigramma; mas, felizmente para nós, e para o proprio poeta, faltam-lhe os grandes criminosos para os seus autos de fé, e tem de se contentar com as excommunhões menores lançadas a pequenos ridiculos sem consequencia.

Ultimamente, Antonio de Serpa, arranjou para a scena a *Dalila*, formosa comedia de Octavio Feuillet, calculada para a leitura reflectida do gabinete, mas não para as exigencias do palco. As boas traducções não são de certo os ultimos dos trabalhos da intelligencia. Chateaubriand traduziu Milton; Bocage e Castilho verteram Ovidio; Francisco Manuel naturalizou portuguezes o Oberon e os Martyres. Traduzir com perfeição é mais difficil do que muita gente julga, do que o suppunha o proprio padre José Agostinho, mettendo a ridiculo o traductor de Dolille, que lhe respondia:

Dos idiotismos aplanando o estôrvo
D'um, d'outro idioma discernindo os genios,
O caracter do texto expor na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bugio, papagaio, Elmiro?

Bocage sabía pela pratica o valor de uma boa traducção, e não era homem para deixar sem correctivo os chascos do *publicista* da Besta Esfolada, dos Burros, e d'outros pamphletos de egual jaez, cem furos abaixo de dous versos da traducção das *Methamorphoses*, em que Bocage tinha a consciencia de haver *tornado proprio e natural o alheio*.

Á parte o trabalho que teve Antonio de Serpa em arranjar a *Dalila* para o theatro, cortando ou ampliando o dialogo, e accelerando o desfecho da comedia, estamos convencidos que o segredo da acceitação que ella teve das plateas, nasceu mais do puritanismo da phrase, da severa contextura do periodo, e da indole verdadeiramente portugueza do estylo da era, que mesmo do pathetico dos lances dramaticos, e da bem exposta lucta da arte antiga, com as aspirações e arrojos da arte moderna. O theatro portuguez carece ás vezes d'estes estimulos, para não se tornar de todo a *feira da ladra* da nossa lingua, e o ignominioso pelourinho da grammatica nacional. Á hora a que estes artigos escrevemos, trabalha Antonio de Serpa na contextura de uma comedia original em cinco actos, destinada ao theatro de D. Maria II. É já tempo de pôr mãos á obra, e de accudir á decadencia da scena portugueza, de que nem os actores nem o publico têem a culpa, mas os que deixam viver de traducções engoiadas, e de melodramas rachiticos o nosso primeiro theatro.

Resta-nos avaliar Antonio de Serpa como poeta lyrico, o que faremos no capitulo seguinte, tendo aberto o volume das suas poesias, para fugirmos quanto possivel á critica que anda de rojo como a cobra, mos temendo sempre os cascaveis, para despertar a attenção do vulgo, menos para o criticado, do que para o censor; mais para o juiz, do que para o escriptor que se devia avaliar. Antonio de Serpa é menos conhecido, como poeta, do que outros da geração nova, não por que lhes seja inferior, mas pelo accaso que é na vida, o mesmo que nas come-

dias de Scribe, o movel, a origem tanto dos maiores, como dos mais insignificantes e vulgares acontecimentos. A mais nobre das ordens da cavallaria, nasceu da indiscripção amorosa de um rei apaixonado, por uma formosa dama da sua corte.

(Continúa.)

L. A. Palmeirim.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V

A idade media começou inaugurando a democracia, ainda mais, alguns degraus abaixo d'ella, a anarchia do pensamento. Á mesurada regularidade da sociedade romana succede a variedade das instituições e o parcellamento dos estados. Á unidade do poder imperial succede o antagonismo das pequenas sociedades feudaes e a hostilidade permanente das pequenas republicas municipaes que desde muito cedo se começaram a organisar por toda a Europa. Á unidade e á harmonia da lei romana, substitue-se a diversidade infinita dos codigos e dos costumes locaes. Á uniformidade da lingua, a barbara riqueza de numerosos dialectos, d'onde surgiram e se aperfeiçoaram ao diante as linguas neo-latinas. A ciosa e intolerante centralisação do imperio cedeu o logar á absoluta descentralisação mais rebelde e insoffrida. A Europa voltava a copiar da Grecia antiga e da Italia, quando teve o espirito de independencia local e de ciumenta e intratavel rivalidade. Era mister que a sociedade romana, cujos laços rompêra o christianismo, se decompozesse e agitasse com o fermento do norte, e sacudindo o jugo de toda a centralisação temporal e exclusiva, tivesse apenas por liame no seu extremo parcellamento, e por correctivo ás hostilidades intestinas, a communhão da crença religiosa, e a auctoridade, toda espiritual, mas temerosa, do passado.

As formulas do pensamento tornaram-se mais individuaes e variadas. Os moldes romanos desappareceram, tornando impossivel a imitação. Cada um póde escutar a inspiração íntima sem que lesse nos commentarios dos criticos, ou nas mais formaes concepções da arte greco-romana, a condemnação das suas idéas, em nome do classico bom gosto e do atticismo antigo. Ás ridentes fabulas da mythologia de Ovidio succedeu o maravilhoso do norte; á doçura epicurista das musas romanas, o ideal melancolico das harpas teutonicas.

Em meio, porém, d'esta diversidade de instituições, de costumes e de creações artisticas, a idade media teve a sua civilisação e o seu progresso. A sociedade revela-se no poema e no templo, que congloba todo o sentimento e toda a idéa que domina cada geração e cada seculo. O templo é na sua traça e nos seus ornatos, como que a synthese material da crença de todo um povo. A epopéa é o commentario do pensamento architectonico. Teve a civilisação greco-latina a sua epopéa e o seu templo. E a idade media é hoje celebrada pela mystica formosura das suas cathedraes e pela temerosa mas sublime magestade do poema do Dante.

Não podia ser barbara, como nol-a repetiram e repetem ainda hoje supersticiosos e mal-avisados idolatras da antiguidade romana, aquella idade que produziu o *Inferno* do Dante, e as sumptuosas basilicas normandas. Tinha Virgilio para traçar e delinear os contornos do seu maravilhoso poema o seguro modelo da epopéa homerica. A fabula bastou-lhe apenas copial-a de mais antigo mestre; os heroes davalh'os já debuxados e coloridos a musa hellenica; a luz e a perspectiva era sempre a mesma, admittidas e conservadas as convenções do paganismo, e as normas da idealidade pagan. Arde e desmorona-se Troia com igual estrepito e com clarões similhantes no poema de Achilles, ou no vigoroso poema de Enéas. São os mesmos, e igualmente inflexiveis e crueis os fados pagãos; é a mesma a magnanimidade dos heroes; igual a simpleza arrogante dos seus vultos; parecida a magestade dos seus arrojos; similhante a constancia do animo em todas as fortunas. Os deuses, n'um e n'outro poema, ora ascendem ás proporções da divindade, ora se abaixam ás miseras paixões da condição humana. Vénus é compassiva em ambos, como é indulgente e affectuoso o amor. É Juno sempre fera e vingativa; Minerva sabia; Jupiter indeciso; Eólo impetuoso, e Neptuno compassivo ao exicio extremo da cidade sua favorita. O que não impede que ao mesmo desenho geral, correspondam em Virgilio e em Homero bellezas distinctas de composição e toques diversissimos, e tintas e cambiantes proprias, e riquissimos thesouros de invenção.

Mas abra-se a comedia do vate florentino. Onde estão os modelos d'aquelle painel, onde tudo é novo desde a téla em que vagueou indomito o pincel até ao colorido, ora avivando-se em clarões afogueados, ora esmorecendo sob as ondas transparentes de luz paradysiaca? Onde estavam na palheta romana as tintas d'aquelle quadro? O que ha alí que não seja o fructo da mais arrojada e espontanea concepção, ou a cópia ideal da natureza e da sociedade? Barbaros seriam aquelles tempos e aquelles homens, e nós, com sermos hoje por excellencia policiados e cultos, ainda agora nos deliciamos ao versar aquellas paginas, onde a musa dantesca espargiu as mais graciosas bellezas poeticas a par dos mais austeros raptos do mysticismo christão.

E para chegar a meia-idade a conceber e a produzir a *Commedia* de Alighieri, para attingir n'aquella mysteriosa trilogia a synthese magestosa dos sentimentos e das idéas christãs, que variado e multiplice trabalho não custou a todos esses trovadores e menestreis, troveiros e jograes, que andaram primeiro em ligeiras escaramuças combatendo com a rudeza e asperidade dos idiomas incultos que do tronco romano saíram com a invasão germanica. Antes que nas obras primas de Raphael podesse o pincel clamar um novo *fiat lux* e tentar um novo mundo e uma segunda Creação, engenhos menos privilegiados e artistas menos illustres colligiram e imitaram as reliquias da arte bysantina.

A idade media foi democratica, mais ainda demagogica e anarchica nas letras. Nos dominios do pensamento tentou com inteira liberdade todas as evoluções e trilhou desassombrada todas as veredas. Assim como a unidade politica do imperio romano se desatára em fragmentos e se perdêra na mais enfreine descentralisação, assim a monarchia das letras se afundiu, rotos todos os vinculos da auctoridade e todas as tradições da imitação.

O instincto, mais do que o calculo e o deliberado proposito de emancipação e independencia, revela-se a cada passo nos fastos d'aquella idade. Não se diga que a liberdade e a democracia estiveram esperando os sectarios da Encyclopedia e os tribunos da revolução franceza, para tomarem logar na gerarchia das idéas e dos principios sociaes. Não se faça á civilisação christã a injuria gratuita de suppor que vivesse ella largos seculos sem accender no seu gremio

a centelha da liberdade. A democracia e o absolutismo teem coexistido sempre, luctado sempre, ora equilibrando-se, ora vencendo-se, mas sempre pugnando com Marte, incerto, na terrivel peleja do bom e do mau principio. Quando os phariseus, que julgam a liberdade a primogenita da irreligião, perguntarem á democracia de d'onde vem e quaes são os seus brazões, responda-lhes ella que tambem como elles conta avoengos illustres e remotos, e que não sómente na praça da Bastilha, assenta o seu solar, se não em mais nobres paragens, e em idades mais antigas. A sociedade feudal era em si mesma uma democracia, imperfeita, primordial, apenas esboçada. O cavalleiro na sua róca-forte, cidadella da sua independencia quasi absoluta, pezava-lhe bem pouco a muitas vezes nominal e ficticia suzerania dos seus monarchas. Entre os homens livres a igualdade existia então como hoje se dá entre os cidadãos de um paiz constitucional. Os servos sós faziam excepção á lei commum. Mas a Roma republicana, e nos seus mais felizes dias democraticos, lá tinha os escravos, deshonrando a civilisação romana; e as cidades gregas, todas ellas republicanas tambem, não deslustravam, segundo a crença de então, os seus foros democraticos, mantendo na condição servil, uma tão consideravel parte da sua população.

(Continua.)

J. M. LATINO COELHO.

MONTENEGRINOS.

Em parte nenhuma do globo existe igualdade tão completa como em o Tsernogore ou paiz de Montenegro; mas, o principio da igualdade, da maneira que é estendido e praticado pelos povos slavos, não ameaça os direitos e a existencia da familia, como as theorias baseadas outr'ora em França no mesmo principio. Cada um, gozando da sua independencia, continua dedicado aos interesses de todos; e quasi nunca se separa dos seus parentes. Por esta rasão as familias são tão numerosas que ás vezes uma só basta para compor uma aldeia de alguns centos de casas, onde os habitantes, aparentados todos e do mesmo nome, se differençam unicamente pelo seu prenome baptismal. Cada familia tem um chefe por ella escolhido e que a dirige.

Esta vida patriarchal creou e mantem a responsabilidade commum dos actos, e não pode um ser lesado sem que os outros tomem logo a sua defesa. D'ahi procedem, é verdade, vinganças hereditarias, guerras constantes entre familias, e que são consequencias exaggeradas d'um principio, que parece eminentemente conservador. Tambem é certo qne o mal nascido d'essas guerras não deixa por outra parte de ter sua compensação relativa, robusteceu nos montenegrinos o sentimento do seu decoro pessoal; ensinou-lhe a considerar como calamidade a desavença com os seus patricios.

Uma lei dada pelo uladika, que dominava ainda no primeiro quartel do seculo actual, mostra a altivez, senão a ferocidade d'esta gente. Um montenegrino que bater com o pé, ou de outro modo injurioso no seu patricio, poderá ser morto pelo offendido, sem que a este resulte damno, por se considerar o caso como o de matar um ladrão colhido em flagrante: se o offendido refrear a sua cholera, o aggressor lhe pagará cincoenta ducados e outrotanto ao tribunal.

Saibamos o que é o uladika; é um frade, que traja como os outros calendéres, mas que é o cabeça religioso e politico d'aquella sociedade. Esta organisação social viciosa e fanatica, o odio aos musulmanos, talvez em muita parte bem fundado, como a senhores intrusos e malquistos, os habitos d'uma liberdade mal entendida que considera seu quanto lhe cahe á mão, serão virtudes, como as temos visto elogiadas por alguns que andam á procura de typos singulares, para se reverem nas creações da sua imaginação mais do que para acertarem a verdade dos factos.



Entendemos nós, ao contrario, que estas anomalias da civilisação, encravadas em estados policiados, ou com elles contiguas, devem desapparecer, convertendo-se á unidade social e humanitaria essas tribus que não podem servir senão de elementos de desordem nas fronteiras de estados pacificos. Uma turba de montanhezes montegrinos, com todos os visos de salteadores, inquietou por vezes os visinhos; mas quando as nações protectoras d'estes quizeram defende-los, a heroicidade dos homens desordenados succumbiu ante as tropas disciplinadas, e a consciencia que os aggredidos tinham das malfeitorias lavrou a sentença, que sancionaram e cumpriram potencias mais fortes. Para evitar outros conflictos, e chamar ao trabalho e aos gozos sociaes os montenegrinos, é melhor instrui-los e civilisa-los do que exaggerar as suas suppostas virtudes indomitas.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583)

Continuação.

No dia seguinte terça feira, uma hora antes d'amanhacer, tres galeras da armada hespanhola foram sobre a Praia, e fizeram alguns tiros de canhão a um corpo de guarda, onde viram fogo: entretanto as outras galeras, com quinze ou vinte grandes bateis cada uma, deram na saída de Santa-Catharina, onde estava o capitão Bourguigon, e duas companhias de portuguezes que fugiram sem fazerem um tiro d'arcabuz, á primeira descarga da artilheria das galeras, de modo que o dito Bourguignon ficou com 50 sol-

dados francezes que tinha na sua companhia, combateu valorosamente e morreu com 35 dos seus; tendo mui bem defendido esta saída.

O seu tenente, alferes, e os 15 soldados, resto dos 30, ficaram feridos. Os inimigos deitaram d'um só golpe 6:000 homens em terra, e o resto da armada até 15:000 homens de combate, seguiu em fileira, com tão bella disciplina que entravam em ordem de batalha mal punham pé em terra, sabendo cada um o seu lugar proprio. Correu alí du Mayet, mais o capitão la Grave, e logo depois o mestre-de-campo, e começaram a escaramuça, sendo constrangidos á retirada por falta de gente. Mal rompeu o dia deu o commendador de Chaste ordem ao capitão la Barre, que avançasse para onde estava a esquadra na duvida de que ella projectasse um desembarque, quando no mesmo instante ouviu algumas canhonadas do lado de santa-Catharina, o que foi causa de se encaminhar para alí com suas companhias, fazendo-as marchar uma em vista da outra, e indo sempre n'esta ordem ao longo da praia, o mais depressa que podia, até ao [illegible]r em que o inimigo dava, para que, se elle fosse repellido, não viesse com suas galeras a alguma outra saída. Na frente das suas companhias foi advertido por um homem de cavallo que tinha destacado, de que toda a gente da armada estava em terra, e que n'uma pequena aldèa mui perto sete ou oitocentos mosqueteiros e arcabuzeiros avançavam para ganhar uma fonte, aos quaes o commendador determinára carregar tendo-os descoberto, o que fez, e com tal furia, com 400 homens que podia ter, que os repulsou e bateu até um pequeno monte ao pé do qual estava a gente da armada em batalha. A golpes d'espada e alabarda foram mortos mais de 400 hespanhoes, e tendo-se o mestre-de-campo, e du Mayet, aggregado ao commendador, foi o monte mui disputado, ganho, e perdido d'um lado e d'outro por quatro ou cinco horas, pelo partido desegual, não tendo quando muito mais de 500 francezes, dos quaes eram já mortos ou feridos muitos: os outros vendo o revez perdiam a coragem, porque, mesmo depois que a armada apparecera, tinham vivido tão mal, ou estavam tão fatigados do caminho que tinham feito accelleradamente com o commendador para chegarem á saída, tendo vindo d'uma, duas e tres leguas longe, quando na ilha fazia extremo calor. de sorte que caíam como mortos. Resolveu-se ainda o commendador regánhar o dito monte.

Organisou um batalhão com o resto da gente que tinha, attacou o monte, e fel-o evacuar pelos hespanhoes, deliberando antes morrer que perder mais um só palmo de terra, contando com os seus homens de bem, estimulados ao verem seus companheiros e amigos caídos a seus pés; e sentindo não haverem como elles pago o tributo da natureza, persuadiam-se que lhes cumpria fazer outro tanto, inda mesmo achando-se abandonados dos portuguezes que eram a força maior, sem ajuda dos quaes o commendador pôde conservar o dito monte até á noute. Por isto se póde julgar, que se os francezes tivessem sobre o inimigo a superiorioade que este tinha sobre elles, teria sido expulso d'outra forma. Não quero entretanto dizer, que o exercito hespanhol não fosse composto de muitos homens de bem e velhos soldados, mas em verdade são tão prudentes e cautelosos nos seus negocios, e reconhecem o natural francêz, que forte ou fraco, é o primeiro a mudar que deixaram passar esta fumarada, que não puderam evitar sem grande perda da sua parte

Perto da noute, depois de todos estes combates, chegou o conde com 1:000 portuguezes, e tres ou quatrocentas vaccas, e declarou ao commendador que os portuguezes queriam combater com ellas, e que isso aproveitaria, tanto mais quanto havia algum tempo que os hespanhoes tinham desembarcado na ilha 500 ou 600 homens, que foram destroçados pela furia das vaccas excitadas á força d'aguilhão. O commendador lhe observou que tal combate não era honroso, e só era proprio de gente vil e rustica, podendo tanto ajudal-os como prejudical-os no caso de se voltarem contra elles; primeiro que atacassem ao inimigo, e que melhor fôra á sua reputação, ter estado presente na saída e no combate como promettera, e onde o seu dever o chamava, que inventar accommettimentos de vaccas: que elle conde era causa da perda da ilha e dos francezes; mas já que a falta se commettera, não lhe antevia outro remedio senão juntos conjurarem morte honrosa, antes que suportar a crueldade a que os hespanhoes eram de algum tempo a esta parte veseiros a respeito dos francezes, como na Florida na viagem e combate do sr. Strozzi, e n'outras partes, onde haviam faltado á fé promettida, e executado ás mãos d'um carrasco, muitos gentis-homens e soldados francezes. O conde tomado de medo respondeu, que fizera mal, mas que não podia ir a combate, pedindo ao commendador o escusasse d'isso, dizendo que Deus lhe tirára a força e o intendimento; mas promettendo-lhe fazer ir a ella todos os portuguezes que trazia comsigo, que morreriam a seu lado, ficando entretanto olhando pelos negocios, o que era mais proprio que á peleja. Ouvido isto o commendador resolveu tornar ao combate, e reuniu o resto da sua gente.

Chegando perto do inimigo começava o dia a declinar. Por isso o conde ordenou que em tal caso cumpriria transferir a acção para o dia seguinte, porque combater de noute lhes seria de grande prejuizo. Immediatamente se foi o commendador a todos os portuguezes, que pareciam querer combater, e pediu-lhes que se não mechessem dos seus logares até á manhã seguinte, para que se transferira o combate, o que nos prometteram fazer; e no entanto foi indagar quaes dos seus haviam ficado mortos e feridos.

Chefes mortos.—Capitães Bourguignon, Armissac, e Espalingues; tenente e alferes do mestre-decampo; tenente do capitão Campagnol; alferes do capitão la Grave; alferes do capitão la Valade; alferes do capitão Baptista.

Chefes feridos.—Commendador du Mayet, capitães Brevet, Laste, de la Barre, e Louis; alferes do capitão Campagnol, tenente e alferes do capitão la Barre, tenente e alferes do capitão Loys.

Voluntarios mortos.—Srs. de Montmurat, Mollin, e Besses.

Gentis-homens voluntarios feridos.—Cusson, Mailhames, Favet, Nivaudieres, Incantz, Villaubes, Tascort, e Miremont, com muitos soldados mortos e feridos.

O commendador acampou mui perto do exercito hespanhol até uma hora da noute, tempo em que foi advertido pelo conde, de que os portuguezes tinham dissolvido o seu batalhão e fugido para os montes, e que de necessidade cumpria vêr o que devia fazer-se. O commendador pediu-lhe o seu parecer, que foi de se retirar a uma montanha por meio da qual, dizia, se teria uma grande parte da ilha, e podiam conduzir-se para lá alguns viveres e munições, e levar algumas peças d'artilheria. O commendador respondeu-lhe que consultaria com seus companheiros.

Reuniu-os immediatamente, mas a maior parte foram d'opinião de antes recolher ás fortalezas d'Angra, e n'ellas metter os viveres, que tinham em tres navios francezes na bahia junta ás mesmas fortalezas. Advertiu d'isto o conde, que não achou bom este accordo, allegando que estas fortalezas não alojavam 200 homens, e que em 24 horas seriam forçados e batidos a tiros de canhão, persistindo na sua primeira opinião, de se retirarem á montanha. Deu por isto a conhecer a desconfiança que sempre tivera dos francezes, e o temor de que se apoderassem das fortalezas; o que na sua morte confessou, como direi depois.

Resolvendo o commendador retirar-se com o conde á montanha fez partir as suas tropas cerca da uma hora depois da meia noite, e pondo-se em caminho perguntou pelo conde, que se não achou e se tinha retirado sem deixar guarda, nem atermar logar de reunião. Nem por isto deixou o commendador de proseguir no caminho, até vêr se se lhe podia reunir, e cuidar no que elle tinha proposto. Com já uma hora de dia chegou a um logar chamado de Nossa Senhora da Guadalupe, onde o advertiram de que o conde se embarcára em dois bateis e fugira. Com isto se resolveu o commendador a voltar ao seu primeiro designio de recolher ás fortalezas d'Angra. Estando já perto d'ellas mandou reconhecel-as por um homem de cavallo, que voltou com a nova de que o inimigo se apoderára d'ellas, cujas chaves os portuguezes lhe haviam ído entregar ao seu campo na noite antecedente; o que soubéra d'um negro escapado das mãos dos hespanhoes, e que fugia para os montes. Vendo-se o commendador enganado pelo conde e pelos portuguezes, dos quaes não tivera 50 que entrassem em combate, não servindo senão de pavor aos soldados francezes, deliberou voltar ao logar de Nossa Senhora da Guadalupe, para se intrincheirar alli, e suster-se o mais, que pudesse com suas tropas. Mal chegou lá fez trabalhar nas barreiras e intrincheiramentos, e assignou logar a seus capitães; mas cerca das onze horas da noute, todos os soldados se reuniram e começaram a rumorejar e gritar mui alto:

— Armas, armas, matemos o general, e massacremos os capitães, porque querem salvar-se, e deixarnos em refens!

E elegeram um chefe que os conduzisse ao marquez de Santa-Cruz com as bandeiras, querendo entregar-se á descrição. Vendo isto o commendador saíu do seu quartel, entrou nos corpos de guarda onde os soldados estavam reuidos, e lhes perguntou o motivo d'este alarma. Disseram-lhe que bem sabiam que elle se queria salvar com seus capitães; o que elle lhes negou, e respondeu que se houvesse tido vontade d'isso, o tivera feito no dia do combate, em que se lhe offerecêra boa occasião, e para o que fôra solicitado pelos capitães de navios Rosset, Chauvin, e Girard, a quem não faltavam então barcas nem bateis; que lhes perguntassem a resposta que então lhes déra, a qual fôra, que estimava mais atravessar o coração com a propria espada, do que commetter uma acção tão má; e que queria viver e morrer com seus companheiros. Ao mesmo tempo os capitães de navio o confirmaram em alta voz.

— Mas eu bem vejo (disse o commendador) que d'alguns poltrões é que sáe esta invenção para nos perder a todos, preferindo viver miseravelmente nas galés, que é a maior cortezia que se póde esperar dos hespanhoes; a de morrer com honra.

E para os garantir ainda mais jurou-lhes que, ou perderia a vida, ou os poria em liberdade, sendo o ultimo a saír da ilha. Cuidando o commendador havel-os contentado com rasões retirou-se ao seu quartel, d'onde poucas horas depois ouviu outro similhante alarma, (havendo elles eleito para chefe um sargento do capitão Armissac) e que se gritava em alta voz:

— Matemos, matemos estes capitães. Vou começar pelo meu!

E no mesmo instante um dos amotinadores voltava a ponta da alabarda para o capitão Cusson, que lhe ponderava as consequencias d'este alarma: mas o commendador não tendo então meio de administrar justiça, porque a maior força era de poltrões e amotinadores, havendo morrido, ficado feridos ou doentes os melhores; na sua saída da ilha Terceira fez enforcar este sargento a bordo do seu navio; contentou-se então com lhes observar o mal que se faziam perdendo-se de modo tão ruin, suspeitando que elle queria ausentar-se, acção mui detestavel aos que amam a honra, tanto mais que elle não tinha meio de a executar, quando fosse tão mau que tivesse vontade d'isso: (disse-lhes para lhes tirar inteiramente esta duvida) que 40 ou 50 viessem de noute guardal-o na sua residencia, onde estava com 7 ou 8 feridos de sua casa. Assim fizeram, e mal raiou o dia foram ao capitão Capon, italiano, e á força de importunações o fizeram ir ao commendador seu general, pedindo-lhe mandasse tratar de composição com o marquez de Santa-Cruz, e no caso d'este o não querer ouvir, que então promettiam unanimemente morrer a seus pés, e não fazer mais alarmas.

Ouvindo isto ao dito Capon lhe respondeu o commendador, que não queria receber leis de similhante gente, e que sabia bem o que devia fazer: no entanto incumbia-o de os mandar reunir, o que feito, lhes disse pela terceira vez:

— Companheiros, estou muito pezaroso vendo que tendo o nome de francezes, fazeis d'isso, e por consequencia da honra, tão pouco caso, que a haveis esquecido, por tanta laxidão, que vossas obras testimunham: para acabar com ellas, não podendo mais supportar as vossas insolencias, resolvo, succeda o que succeder, castigar bem o primeiro que recomeçar estas emoções, e apartar os homens capazes.

A estes promettia elle, sob sua vida e sua honra, de os não abandonar nunca e de morrer com elles, sendo contente de vêr que os que não tinham a coragem de o seguir ao combate, se declarassem, porque os licenciaria para que se fossem onde bem quizessem. Então elles lhe prometteram em alta voz, que lhe não darião mais occasião de descontentamento, e obedeceriam a suas ordens.

Cerca da meia noute d'este mesmo dia, que era quinta feira, advertiram o commendador de que era chegado um soldado hespanhol, á primeira barreira do lugar, que lhe trazia uma carta da parte de D. Pedro de Padilha, e de D. Agostinho Iniguez, mestres de campo do exercito hespanhol, a qual elle mandou buscar á barreira, sem querer fallar ao hespanhol. Era objecto d'esta carta, e por estarem convencidos os ditos Padilha e Iniguez do apêrto em que era o commendador, e risco que sua vida corria, de um indulto para elle, obtido do seu general o marquez de Santa-Cruz: e como elles eram seus amigos e lhe tinham reconhecido o valor, seu e dos seus, no dia do combate, lhe davam este aviso, para que elle pensasse, e não recusasse esta cortezia. O commendador lhe deu resposta de bocca, mandando-a á barreira ao soldado hespanhol por um de seus capi-

tães, pela qual agradecia muitissimo a estes senhores, que temiam mais do que elle proprio a perda da sua vida, que não estava como a ellas julgavam em tamanho perigo; dizia-lhes que quando elle e os seus a perdessem em serviço d'el-rei seu amo, a teriam por bem empregada, não deixando por isso de a venderem bem cara. Inda porem que o commendador se visse afflicto por muitas necessidades, sem ter de que viver senão d'agua que corria ao longo d'um ribeiro por meio do lugar, e de más peras verdes, de que já tinham vivido outo ou nove dias; vendo-se com mui poucas munições de guerra, e poucos soldados que tivessem vontade de mais soffrer com elle e seus capitães, estando mortos, feridos, ou doentes, uma boa parte dos melhorss; nem assim quiz ouvir nenhuma proposição, sem antes ter advertido por cartas os principaes capitães portuguezes, que estavam nas montanhas, e sabido d'elles, se depois da falta que tinham commettido de o terem abandonado no combate, vindo expôr a sua vida e a de seus companheiros para lhes conservar as suas, seus bens, e suas liberdades, lhes não tinha augmentado a coragem, para que quizessem reunir-se a elle com suas forças e munições, com que seria presto a voltar a combater o inimigo; do qual tinham a esperar como os francezes mui pouca cortezia. Dizia-lhes por fim que ainda que fosse convidado a composição, não intenderia jámais n'ella, se elles se resolvessem a correr juntos a uma morte honrosa.

Em logar de responderem ao commendador enviaram as cartas ao marquez de Santa-Cruz, ao qual um chamado Francisco Dias, dos principaes capitães portuguezes, lhe escreveu declarando que era mui humilde criado e subdito do rei Filippe, e que se o não houvera sido no passado, a culpa era de não ter tido conhecimento do direito que elle tinha a este reino de Portugal; mas que se elle tivesse por agradaveis seus serviços que se lhe reuniria com os portuguezes, e se empregaria em matar os francezes, que o persuadiam a uma junção para novo combate; que lhe promettia entregar prisioneiro o conde de Torres-vedras, que andava nas montanhas, por quanto lhe tinham escangalhado a sua barca quando elle queria fugir. Ao mesmo tempo teve o commendador uma segunda carta de D. Pedro de Padilha, e de Iniguez, pela qual se lamentavam de que o commendador lhes não tivesse dado resposta por escripto, e achavam mui estranha a resolução que tomára de perder a vida tão fóra de proposito, mesmo porque não havendo meio de servir seu amo com esta perda, elle não adquiria com ella muita honra; que elles estavam extremamente pezarosos com a sua fortuna, conhecendo o seu merito; mas que se quizesse pensar em si, como elles lhe rogavam, antes que o exercito partisse sobre elle, para o que já o marquez déra ordem, que podia enviar dos seus algum homem de bem, a tratar da composição. Por sua resposta lhe fez ainda o commendador ver, que se fortalecera na sua resolução, rogando-lhes que em persuasões se não consumissem tanto, porque elle lhes não queria dar ouvidos, e logo que o viessem sitiar e a seus companheiros, que fariam d'outro modo sentir que não tinham bem calculado o valor dos francezes, e como elles livremente se dispunham á morte, que não esperava sem fazer com isso algum bom serviço á sua dita magestade, qualquer que fosse a opinião que em contrario tivessem. Isto era, como vulgarmente se diz, fazer boa cara com mau jogo! N'isto foi o commendador advertido de que o conde andava pelos montes; que lhe tinham destruido o batel, quando quizera fugir; e que os portuguezes o procuravam para lhe darem a morte, por lhes haver feito perder a coragem, e ter abandonado os francezes ao acaso. Mandou-lhe o commendador perguntar ainda se tinha meios de o soccorrer de pão, e d'algumas munições de guerra; pois inda que os portuguezes nada quizessem ouvir no sentido de se lhe reunirem para o combate, elle queria antes morrer com seus companheiros, do que compor-se com os hespanhoes, de quem só esperava crueldade. Em resposta o conde pediu-lhe uma entrevista, rogando-lhe que, pois caminhava para onde elle commendador estava, não consentisse que os soldados francezes lhe fizessem mal, pelos seus maus procedimentas passados, os quaes agora deplorava grandemente. O commendador lhe prometteu o que pedia, inda que tivesse mais motivos de lhe fazer mal do que de o receber. Como elle chegasse, ao passar por entre os francezes, gritaram estes em altas vozes:

—Eis o poltrão que nos abandonou, e é causa da nossa infelicidade. Matemol-o, matemol-o!

Então o conde chorando lagrimas ardentes, todo envergonhado da sua falta, lhes dizia:

—Francezes, meus irmãos e meus amigos, tendes motivo para tirar-me a vida, mas antes d'isso peço-vos em honra de Deus que me perdoeis.

O commendador ouvindo da sua residencia, que ficava perto, esta exclamação, saíu commovido e apiedado, por ver um vice-rei, com o joelho em terra, pedir a vida aos francezes, e mandou que se calassem e não proferissem palavra que o offendesse. Asseguro com verdade, que não houve nenhum homem de bem, presente, qualquer que fosse a afflicção porque houvesse passado, que contemplando-o em tal estado, não se apiedasse, por mais falto de coragem que o conde d'antes se tivesse mostrado. Protestou ainda ao commendador que não tinha meio de o soccorrer com viveres nem com munições de guerra; que tinha passado seis dias sem comer pão, abandonado de todos os seus, e que se podesse fazer alguma composição, faria mui bem, já que estava reduzido a tal extremidade; e que se assim fosse lhe supplicava humildemente que n'ella o comprehendesse e lhe salvasse a vida. O commendador respondeu-lhe:

—Ser-me-hia dobrado mal, lembrar-me de vós, quando tão poucos motivos me déstes d'isso. Entretanto far-se-ha o que se puder.

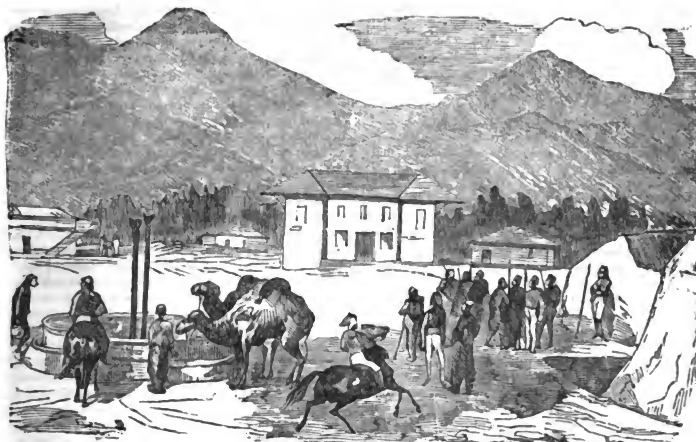
No mesmo instante alguns de seus capitães o avisaram de que 60 dos poltrões amotinadores, se tinham ído entregar ao marquez de Santa-Cruz, e que os mais se dispunham a fazer o mesmo, deitavam seus arcabuzes e couraças para traz das muralhas, quebravam as espadas, davam em alta voz ao diabo o pae e a mãe que os gerára para experimentarem tantos males, gritando:

—Vamos, vamos ás galés. Vale isso menos que ficarmos perdidos ou mortos? Perdidos estamos nós, quando o nosso general nos recusa a vida que nos querem dar.

Os pobres feridos ouvindo os gritos d'estes poltrões, e prevendo que por sua fraqueza, os homens de bem teriam fim miseravel, perderam toda a esperança, e ouvindo gritar de todos os lados—*Ás armas! ás armas. Aqui está o inimigo!*—olhavam para os companheiros que lhes passavam perto, e não podendo mecher-se, diziam;

(Continúa.)

Ha excellentes cousas que Deus nos dá duas vezes e mais; mas, só uma vez nos dá mãe.



ACAMPAMENTO DE SEFER-PACHA EM BATOUM.

A Colchida dos antigos, nomeada n'essas eras remotas em rasão da mythologia que ali collocou o vellocino conquistado por Jason e seus companheiros athenienses, appellidados os argonautas, é uma região asiatica com praias no mar Negro. Abrange hoje a Imerethia e a Mingrelia, provincias da Georgia, e com ellas a Garia, parte meridional da Colchida antiga, que se divide em duas; uma dominada pelos russos, que a occuparam em 1801 e annexaram ás citadas provincias; e outra, a menor porção, pertencente aos turcos no pachalato de Trebisonda, e que tem por capital Batoum, porto do mar Negro na foz do rio do mesmo nome, o *Bathis* da antiguidade, fronteira do paiz dos colchos com o reino do Ponto, illustrado pelas guerreiras proezas do formidavel adversario dos romanos, Mithridates.

Todos os orientaes chamam á Colchida Odische e aos seus habitantes *mingrels*. «Não pude achar (escreve Chardin) a etymologia d'estas duas palavras nem certificar-me como quizera, da origem d'esse povo que Diodoro Siculo ou tres auctores fazem descendente do Egypto e dizem ser colonia mandada por Sesostris, o que é pouco verosimil.»

O terreno é assas desigual com grandissima variedade de collinas e montanhas, valles e planicies; altea-se imsensivelmente á beiramar; é coberto de mattas densas e frondosas, exceptuando-se as terras lavradias que não são em muita quantidade. O arvoredo multiplica-se com tanto vigor que não sendo extirpadas as raizes que se dilatam pelos campos de lavoura e pelas estradas, o paiz se converteria em brevissimo tempo n'uma selva basta, que seria difficil destruir e de que ninguem se desenredaria.

A temperatura é moderada no calor e no frio; não sujeita a temporaes e tempestades, e raras vezes cahe saraiva; mas torna-se incommoda e pessima em consequencia da extrema humidade; chove quasi de continuo; a humidade da terra, aquecida pela ardor do sol, infecta o ar e causa frequentes vezes a peste e outras epidemias. É um ar insupportavel para os estrangeiros; rala-os a principio e os vae reduzindo a horrivel magreza; ao cabo d'um anno estão amarellos, resequidos e extenuados. Os naturaes do paiz soffrem muito menos, mas a sua vida é de curta duração, sendo raros os que alcançam a 60 annos.

Attribue-se a esta temperatura a hydropisia, que é molestia innata aos mingrelios, e que elles combatem não somente pelo continuo exercicio que fazem a cavallo, andando sem cessar por estradas e campinas, sem pararem mais de tres ou quatro dias n'um logar, mas tambem comendo nas iguarias muito sal, e conservando-se muito tempo ao pé do fogo. Á mesma causa se attribue os vermes immundos que apoquentam gente e animaes domesticos. É clima altamente doentio e incommodo.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

V

Continuação.

Insurgentes e revolucionarias foram as cruzadas, que tanto abateram da sua primeira pujança a altiveza dos Barões, e chamaram ao gremio dos homens livres, a muitos dos que vegetavam na servidão feudal. Democraticos foram os movimentos que deter-

minaram a erecção das communas e a restauração barbarisada dos antigos municipios. Democraticas eram as communidades politicas que entre si dividiram boa parte da Italia; e democraticas Siena e Florença, Veneza, Pisa e Genova. Com serem encaminhadas em beneficio da theocracia pontificial, muitas vezes serviram tambem a democracia e a emancipação dos povos contra a auctoridade imperial, as contestações violentas e frequentes entre os soberanos e os pontifices.

De muito longe datam no occidente as dissidencias religiosas. Antes de Luthero e de Calvino, os albigenses e os vaudezes, os beggars e os fraticellos, andaram revolucionando a Igreja e imbuindo as mais humildes classes populares no espirito de agitação e de independencia. Dentro da Igreja christã e catholica, a democracia pleiteou as suas excellencias e conquistou influencia e auctoridade. As ordens mendicantes, principalmente a dos menores, representam o povo que protesta contra a insolencia dos privilegios, e que revoluciona, por assim dizer, a Igreja, para a restituir á fraternidade do Evangelho e á humildade dos seus antigos fieis. Estes exercitos espirituaes que se recrutam no povo para exprobrar, com os seus exemplos e com as suas catecheses, a arrogancia e a corrupção dos opulentos e poderosos, não é senão a democracia que veste o burel, e que se acouta na Igreja e na crasta, para á sombra da lei divina abrigar o povo contra a perseguição mundana.

A anarchia litteraria nascia necessariamente da anarchia social. Com a unidade do imperio nascêra e se consolidára a unidade das lettras romanas. Com a desunião feudal e com a independencia dos municipios, vivia, como formula expressiva da vida social, a litteratura independente e aventureira, que esquecia as tradições antigas e desdenhava com sobranceria, toda a idéa de uniformidade, e toda a tendencia de centralisação. Com a renascença do absolutismo começa a despontar a regularidade litteraria. Com a sua consolidação firmam de novo o seu dominio as camenas pagãs e reconstrue-se com esforços inauditos de erudição o velho edificio classico. As letras seguiram a condição do imperio que voltava, modelado nas fórmas do absolutismo europeu. O despotismo novo era apenas a imagem descorada da antiga magestade dos Cesares. As musas gregas e latinas que resuscitavam com elle, não eram de certo já as musas de Homero e de Theocrito, de Virgilio e de Catullo. Haviam dormido largos seculos, e perdido no tumulo a pureza das suas graças naturaes e a gentileza das suas antigas fórmas. Haviam resurgido, mas ninguem tivera poder de remoçal-as. Vieram inspirar a mais de mil annos de distancia, a homens que invocavam outros numes e que viviam de diversas tradições. O seu reinado foi antes uma apparição, do que uma vida verdadeira. O que prova que, nem no Parnaso as restaurações são duradouras, e que nem o proprio Apollo, depois de haver uma vez abdicado a realeza, volta a segurar no throno a magestade da sua antiga dominação.

Das fórmas externas da litteratura, é o theatro a mais natural e a mais expressiva, e por uma singular contradicção entre a natureza e a litteratura, é a scena a ultima que se instaura e se cultiva na ordem dos progressos intellectuaes de uma nação. Aquelles que pensam e crêem, e escrevem confiadamente, sem mais exame nem indagação, que a arte é a copia e a imitação da natureza, ahi têem n'esse phenomeno uma efficaz contestação das suas theorias. Ha na vida, a mais singella, a menos enredada de paixões e de intrigas, a mais placidamente discorrida, longe dos tumultos do mundo, a mais aproximada ao typo buccolico das antigas pastoraes, ha na vida mil dramas que se entretecem e se enleiam, e se enredam uns nos outros, de sorte que vem a ser a catastrophe de uns a exposição dos outros, o protogonista d'estes, o derradeiro personagem d'aquell'outros; o tyranno aqui, a victima acolá; e esses dramas passam e desenrollam-se á vista da menos perspicaz observação. E comtudo, quem os copía, quem os descreve, quem os analysa e quem os transplanta para a scena? A litteratura grega vive muito tempo sem inaugurar sequer a forma dramatica, e sem se atrever a descobrir entre os pampanos que adornam o carro de Thespis, os primeiros lineamentos do theatro rude e primitivo. Abalança-se o estro aos maiores commettimentos. Canta-se a guerra, que é o drama vivo das nações; celebram-se em hymnos inspirados as memorias da patria; e as lyras estão mudas, para descantar as acções da vida trivial; o estro tem vigor para altear os vôos até aos ceus, e evocar a terrivel magestade dos Numes; e dedigna-se ou não se lembra de roçar um instante pela terra para ennobrecer e idealisar os sentimentos e as paixões dramaticas que luctam na scena real da sociedade. A arte logo desde o berço se amostra e annuncia grande e generosa nas suas emprezas. Desde o seu alvorocer, procura logo o sublime e o mysterioso, parecendo desairar-se com o trivial e o mundano. Hesiodo canta nos *Trabalhos e nos Dias*, a historia primitiva dos Deuses e dos Navegantes, antes que Homero celebre a historia dos heroes, e antes que Xenophonte e Thucydides escrevam simplesmente a historia dos homens. Decorrem seculos até que na scena litteraria appareçam Sophocles e Euripides, Aristophanes e Menandro que escrevam para o theatro a historia animada das paixões.

A lyra, quando cria o theatro, envergonha-se quasi de deslustrar a sua nobreza, cantando as scenas da sociedade. Não se atreve a tomal-a, como ella é, e como se manifesta, por assumpto e espelho das suas composições. Em toda a parte o theatro nasce nos campos e filia-se na musa pastoril. E' a ecloga que degenerando pouco a pouco, perde a simpleza antiga para se enriquecer e adornar com as pompas do espectaculo. Não são quaesquer homens as figuras dos primeiros dramas. A arte refoge cautelosamente as cidades e povôa a medo a scena com os pastores recrutados entre os mais singellos e buccolicos mortaes. E' a taes ascendentes que o theatro grego deve a sua prosapia. E' a elles que se prende a genealogia de todo o theatro peninsular.

Como em toda a parte, o theatro teve na peninsula, em toda a edade media, um entreacto de muitos seculos. Os espectaculos foram para o povo uma necessidade e um prazer, mas eram os espectaculos que recrêam mais os olhos do que o animo, e que fallam mais á fantasia do que persuadem o coração. Um povo rude preciza de viver para o exterior, porque a alma está então pouco disposta para se concentrar e viver a sós consigo na immensidade do pensamento. A idade média, no seu apparente espiritualismo, precisava apalpar, tornando-as sensiveis, todas as fórmas do pensamento e todas as manifestações do espirito humano. Todos os sentimentos revestem um symbolo material, todas as paixões uma physionomia corporea, todas as idéas se vestem e se engrandecem n'um veu tangivel e real. Não se comprehende a Deus sem a magestade dos templos e sem a magnificencia do culto, a que dão realce todas as crea-

ções mais fantasticas das artes que então começam a germinar e a servir. E' a epocha das cathedraes onde a amplidão das immensas arcarias, a melancholica frouxidão da luz, coada pelos vidros de mil côres, a ousada projecção dos arcos, a variada profusão dos lavores e laçarias, como que traduzem physicamente a magestade da creação e a vaga e indefinida previsão da beatitude celestial.

A fé ardente do christão não queima já os animos piedozos nos raptos beatificos dos antigos confessores e dos primeiros martyres. O christão não se limita a conservar a crença de seus paes, prostrando-se diante da cruz pacifica que se levanta no claustro do mosteiro, ou assombra a musgoza pedra dos sepulchros; vê-a tambem no punho da sua espada, e julga vêr n'ella escripto o dever de consagrar o seu sangue não á confissão da fé, com a mansidão dos primeiros martyres na presença dos pretores, senão á glorificação do nome de Christo pelo exterminio dos infieis. A fé personalisa-se na guerra — e as cruzadas foram para a meia idade a corporificação da crença. Nos primeiros tempos da egreja o christão combateo com as armas interiores da mansuetude e de abnegação. Na meia edade, a fortaleza evangelica formou corpo, transformada no montante e na ascuma do crusado.

Tudo falla aos sentidos na rudesa d'aquelles tempos onde a luz da civilisação como que batia em raios obliquos sobre as trévas dos primeiros tempos. Não se explicou nem se comprehendia quasi como a providencia legislasse e mantivesse a harmonia do universo material e do mundo intelligivel sem a intervenção visivel do poder sobrenatural nos successos da vida commum. As lendas multiplicam-se, e as chronicas enriquecem-se de episodios imaginosos e de narrativas sobrenaturaes. A virtude dos eleitos de Deus é mister que se manifeste por signaes exteriores e por indicios materiaes. D'ahi vem a infinidade dos prodigios e a innumeravel copia de milagres que exornam e autorisam a biographia dos heroes christãos. Não é bastante que os santos intercedam junto ao solio de Deos pela victoria das armas christans. E' Santiago, o chefe dos exercitos espirituaes da egreja militante, quem desce do céo á terra, e domando um ginete de alvura singular, tremolando o penacho de fogo sobre o elmo de diamante, arranca rijamente contra os inimigos do Senhor e os desbarata nos ultimos instantes da batalha.

(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.

ESTUDOS CRITICOS.

V

O volume de poesias de Antonio de Serpa, é desigual como todos os livros d'este genero. Falta-lhe a unidade, e o seu proprio auctor nos explica a razão por que: « As composições que o auctor escolheu para « compôr este livro foram escriptas sem pensamento « fixo, nem moral nem litterario; foram escriptas, « pela maior parte, sobre o joelho, para serem pu« blicadas no dia seguinte nas folhas volantes do jor« nalismo litterario, e conquistarem o applauso ephe« mero de um dia, quando, ha poucos annos, o pu« blico, ainda não saturado, como hoje, até á com« pleta saciedade d'este genero litterario, acolhia « com uma certa affabilidade os primeiros ensaios da « nova fórma, ainda não vulgarisada. » Antonio de Serpa possue a rara qualidade de avaliar as suas obras como ellas são, sem as sobrescriptar á posteridade, e tendo como indigno do seu caracter atirar com poeira aos olhos dos leitores. De ordinario, uma das pertenções dos poetas, é ter unidade; pensamento fixo nas suas composições. Elegiacos, inventam a dôr; andam á roda d'ella, queimam-se, torturam-se e morrem na guilhotina que inventaram, pelo prazer de serem fieis ás lagrimas, que no principio não foram mais que um pretexto para cantarem. Anacreonticos, ai do nome da mulher que lhes saiu formosa e acabada da fantasia como Venus das espumas do mar! Seja embora o poeta inconstante como um Lovelace, a musa ficou-lhe presa á pia do baptismo, e o que uma vez jurou pelos olhos de Natereia, aconselha-lhe a unidade que não perjure por um sorriso de Jonia, ou pelas tranças louras de Isbella. Lamartine canta sempre em nome do ceu; Béranger em nome da patria; outros em nome dos seus amores; sempre os mesmos, sempre constantes, como pede a unidade, a *idéa*, invocação permanente, fim invariavel da penna de Victor Hugo.

Antonio de Serpa confessa, ingenuamente, que não amassou o barro para o seu idolo, que ajoelha em todos os altares, e sacrifica, em verso, a todos os cultos, menos á Divindade Suprema, por que:

> Dos homens a lyra amena
> Canta os sonhos e as paixões,
> Ais de um dia, inutil pena;
> Mas essa lyra é pequena
> Para tão grandes canções.

As poesias de Antonio de Serpa podem racionalmente dividir-se em tres secções. A primeira, e de certo a melhor, inspirada e medida pelas *Orientaes* de Victor Hugo, e em cujo numero entram *A Grega*, o *Sultão*, o *Pagem*, o *Canto do Pirata*, *Abd-el-Kader*, e *Caio Gracco*: a segunda, em que se lêem a ode a *Chateaubriand*, e as poesias intituladas o *Natal* e *Ultimo Canto*; e por fim uma serie de pequenos desabafos poeticos, sem consequencia, e que desdizem, quer da perfeição de fórma das primeiras, quer do pensamento philosophico e elevado das segundas. As organisações poeticas, são como as inclinações amorosas. N'uns o coração vence a cabeça; n'outros, o raciocinio domina o affecto. Antonio de Serpa é d'estes ultimos. Não lhe peçam o amor desarrasoado que divaga e se lamenta; nem a exaltação febril que se desata em imprecações; mas exijam-lhe em troca, as notas graves da lyra que medita o passado, e prende todas as suas poesias á idéa magna da liberdade, e emancipação do homem. A indole das poesias de Antonio de Serpa affastou-o um pouco das turbas; mas, em compensação, os circulos litterarios da capital acceitaram-n'o com o alvoroço com que os *Vendeanos* recebiam nas suas fileiras os que não transigiam com os desvarios da republica. A auctoridade, é o fiel da sua balança de auctor. Nos salões pedir-lhe-hão mais lagrimas, mais juras, mais protestos; na praça publica, menos arte, mais ingenuidade na fórma. A mais larga e perfeita das poesias de Antonio de Serpa é inquestionavelmente a *Grega*. Na Grecia, terra de tradicções, de gloria, de poesia, as ideas da revolução franceza acharam ecco nos corações dos Hellenos, e a primeira victima da sua regeneração foi um poeta! Fugido á vingança das auctoridades turcas, o poeta Rhigas, refugiou-se no territorio Austriaco, mas entregue pelo gabinete de Vienna aos delegados do sultão, foi barbaramente por este mandado affogar no Danubio! Mais tarde, o maior poe-

ta d'este seculo, lord Byron, pagava com a vida o seu amor, e dedicação, á terra classica da poesia e das artes! Cantar a heroicidade dos gregos modernos foi, depois do combate naval de Navarino, a missão de todos os poetas, *d'esses eccos dos sentimentos dos povos*, como lhes chama com justiça um critico distincto. Victor Hugo, Casimir Delavigne, Béranger, Delphine Gay, celebravam em estrophes ardentes e apaixonadas a luta gigante dos Hellenos, em quanto a auctorisada voz de Chateaubriand fazia ouvir na camara dos pares palavras dignas de si, e da magestade do assumpto.

Na poesia de Antonio de Serpa, *A Grega*, ha estrophes d'uma irreprehensivel belleza, de um mimo e correcção, admiraveis. A descripção do serralho, e os zelos da sultana Zara, na estrophe seguinte, juntam a uma grande abudancia de rima, um valor oriental, e um perfume tão delicado de poesia, que não podemos resistir á tentação de as transcrever aqui:

Os paços tem uma sala,
Onde entre arómas e galla
Se perde accórdo e razão:
Onde os muros de esmeralda
Reflectem a luz que escalda
Té dentro do coração:
Onde o cheiro é puro nardo,
E pelles de leopardo
As alcatifas do chão.

Ali o sultão recebe
Dos labios de cada Hebe
O doce nectar d'amor;
Apaga a furia devassa
Dos labios na pura taça
De tanta roubada flôr.
Ali a captiva entrára.
—Suspira a sultana Zara
Com zelos do seu senhor.

Não é só n'esta poesia que Antonio de Serpa se mostra conhecedor da forma. *O Sultão* e o *Canto do Pirata* facilmente se denunciam como irmãos gemeos da *Grega*, embora esta seja mais polida e trabalhada que qualquer das outras poesias do auctor. Á força de querer dar vigor ao verso, Antonio de Serpa, torna as vezes obscura a construcção dos seus periodos. Na segunda decima, do *Caio Gracco*, lêem-se estes dous versos:

Carthago, sim, sottopondo,
Romano, venceste alfim.

A sintaxe, aqui, tira á poezia a fluencia e abandono, que o lyrismo requer como condição essencial da sua melindrosa natureza. Os poetas que mais amor teem á forma, nem sempre se sabem eximir ao defeito de deixar a descoberto os moldes mechanicos em que fundiram as suas mais poeticas imagens. Nós ouvimos os sons da harpa diz o celebre auctor do *Cinq Mars*, nas suas *considerações sobre a verdade na arte*, mas a sua forma elegante veda-nos vêr o ferro de que é composta a sua machina. A poesia pede ser tambem assim. Ao ouvido do leitor só devem chegar os sons melodiosos da lyra, sem que elle sinta ferir-lhe as cordas, nem ouça os preludios com que o poeta lhe experimentou a affinação. Não obstante, Antonio, de, Serpa, é dos poetas lyricos, que menos deixa devassar os segredos da sua musa, pela curiosidade publica. No *Pagem*, no *Sultão*, no *Canto do Crusado*, no *Pirata*, e no *Abd-El-Kader*, a rima é pomposa, mas o pensamento sae natural, e a arte, pode como a donzella, esconder o estudo do espelho, na desaffectada simplicidade dos trajos. Especialmente a *Grega*, com ter toda a pompa do orientalismo que descreve, não deixa nunca advinhar o trabalho, o risco do architecto.

Como os palacios encantados dos contos populares, as estrophes erguem-se umas apoz das outras, tocadas pela vara de condão da poesia, naturaes, riccas, explendidas. No livro segundo das poesias de Antonio de Serpa ha um hymno, ao *Pôr do sol*, em que se lê esta deciam verdadeiramente *lamartiniana*:

Oh! Quem segui-lo ousára!
Segui-lo quem podéra
Na onda pura e clara
D'essa brilhante esphera!
Co'as vistas abraçára
Do céu as vastidões.
Ao céu perguntaria
Ao mundo, ao sol, ao dia,
Por que é que se soffria
Da vida nos grilhões.

Mas, infelizmente, n'esta poesia que é toda de um grande mimo, e de uma extrema simplicidade, ha apenas uma estrophe, que desdiz da intangivel transparencia, e candida sensibilidade em que toda ella anda envolvida:

A brisa que na *sarça*
A murmurar se escuta,
É voz que ri da *farça*
Da humana eterna lucta?
Será como *comparsa*
Que o homem louco e vão,
A si lançando o incenso
Do pó grosseiro e denso,
Assiste ao *drama* immenso
Da immensa creação?

As duas consoantes, *farça e comparsa*, e a palavra *drama*, do fim da strophe, terminam acanhada e rasteira a idéa que por ellas se quer explicar. O murmurar da brisa desaparece, para o leitor só vêr deante de si o espectaculo grosseiro, que á imaginação se apresenta, pelo realce todo material da rima. Estes defeitos, que são no livro a excepção, compensa-os de sobejo o auctor, mesmo nas poesias que mais desapercebidas passaram, quando publicadas pela primeira vez nos jornaes litterarios. Entre outras, a ode á morte de Chateaubriand, tem toda a opulencia e magestade da poesia, que se inspira de um grave acontecimento:

Um seculo se erguia gigantesco
Arrojando os mortaes para um abysmo,
Tu quizeste tirar ao monstro a preza;
Luctaste, outro David, contra o Golias,
E o gigante caiu, amortalhado
No vacuo d'um sepulchro!

Esta poesia, tem mais de um ponto de contacto com a celebrada ode de Manzoni a Napoleão. Quiz o acaso que os dois homens que em vida haviam sido rivaes da gloria, dividindo entre si a attenção do mundo, achassem em lyras diversas, notas quasi irmãs, com que lhes saudar, na posteridade, os sepulchros gloriosos. Ambos haviam mudado a face

do seculo novo, aquelle com a penna, este com a espada. De Napoleão dizia Manzoní na sua ode:

Ei si nemò: due secoli
L'un contro l'altro armato
Sommessi a lui si volsero
Como aspettando il fato:
Ei fé silensio, e arbitro
S'assise in mezzo a lor

Na ode de Antonio de Serpa, a *Chateaubriand*, ha accentos de egual virilidade; e os dous seculos, de que o poeta italiano faz arbitro a *Napoleão*, sam tambem julgados pelo cantor d'Atalá na poesia portugueza:

Gigante colossal entre dous seculos
Tu arrojaste um d'elles ao sepulchro;
E o outro, que á tua voz voz surgira,
Encara do porvir, ousado, as sombras...
Mais feliz que Moisés, tu viste a aurora
Dos promettidos tempos.

Se não parecesse exagero de nacionalidade, opor estrophe a estrophe, diriamos; *que um seculo arrojado ao sepulchro e outro seculo novo surgindo á voz de um só homem*; tem mais elevação e majestade, que os *dous seculos que se volvem para outro homem para d'elle ouvirem a sentença do seu destino!* Sem querermos pleitear orgulhos de primasia litteraria com a mais poetica nação do mundo, ainda nos parece que, a ode a Chateaubriand, é, pelos menos, digna hombrear sem vergonha com a do grande poeta italiano. Antonio de Serpa abusa algumas vezes dos epithetos, dados, quer aos objectos, quer aos sentimentos. Sabemos que é este o escôlho quasi inevitavel do lirismo; e d'elle tem sido accusado o proprio Lamartine; mas, uma vez decididos a dizermos a nossa oppinião ácerca das poesias que temos presentes, entendemos que era nosso dever não escurecer o elogio, nem atenuar a censura. As poesias do fim do volume, embora o author o não declare, vê-se que foram os seus primeiros ensaios, e não as recommenda nem a frescura das imagens, nem o circunspecto e severo estudo da metrificação que torna dignas de elogio outras da mesma collecção. Devemos exceptuar d'esta censura o *Ultimo Canto*.

O poeta nasce e não se faz, é uma das maximas consignadas em todos os codigos da arte poetica. Sem pertendermos renegar o credo professado desde Horacio até nossos dias, crêmos que ha exageração, vaidade pelo menos, n'esta sentença. Se ha engenhos que se revelam logo na poesia, *das fachas infantis despido apenas*, como de si affiança Bocage: outros há, o mais crescido numero talvez, que se fazem, contrariando assim as prescripções dos legisladores do Parnaso. Antonio de Serpa parece-nos d'estes ultimos. Pelas suas primeiras tentativas, poucos lhe tirariam direito o horoscopo, acertando-lhe com a vocação. Não obstante, cada passo que deu foi na poesia um progresso. O *Ultimo Canto*, escripto para com elle fechar o volume das suas poesias, deixa a desejar aos leitores que não seja esta a sua ultima palavra. A breve, e simples historia da sua musa, está toda n'estes ultimos versos, os unicos de todo o livro, em que o inspiram o desalento e a dôr. Ainda assim o scepticismo anda-lhe longe da lyra;

Feliz eu, que além dos muros
D'este templo arruinado,
D'estes destroços impuros,
Vejo os pilares seguros
D'outro templo mais sagrado.

As muzas não abandonam aquelles, a quem ainda a religião consola. A alma do poeta tem como o occeano as suas tempestades; mas, passadas ellas, aquietam-se as aguas, o céu recama-se de estrellas, e a esperança renasce, para não mais pensar no perigo. Hoje, que a poesia anda tão pobre, deixa-la, seria ter a crueldade do filho prodigo da Escriptura. Antonio de Serpa desconfia, elle proprio o confessa, no epilogo do seu livro, que a poesia morreu em França com Lamartine e Hugo, e que a sua ressurreição será tardia, se é mesmo que o milagre tem de se renovar. Pela nossa parte, parece-nos que o poema satisfará mais que a poesia chamada fugitiva, mas não queremos com esta opinião avançar que a forma lyrica esteja gasta, e para sempre extincta. Em todo o cazo, aconselhâmos a Antonio de Serpa, e a outros, que, como elle, usam, mas não abusam da poesia; a que a não abandonem, para não acontecer repetir-se a anedocta de um fidalgo da caza de Valois que se tinha retirado da côrte para a sua casa de campo nos confins da provincia, e que, interrogado por Luiz XIII, ácerca dos motivos de tão prolongada ausencia, respondia: *Sire, je n'y fais que ce que je dois.* Dias depois sabia-se na côrte que o tal fidalgo fazia moeda falsa. Se os que podem bater moeda legitima o não fizerem, é de receiar que tenha imitadores o exemplo do escrupuloso cortesão, que se limitava a fazer *unicamente* o que devia.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583)

(Continuação).

—Meu Deus! Não haverá d'entre vós algum que queira pôr termo ás nossas penas, dando uma arcabuzada em cada um, não consentindo que a crueldade hespanhola venha exercer-se sobre nós.

Vendo isto o commendador, com a pouca esperança que tinha de soccorro, e que parte da sua gente se tinha entregado já, e dado aviso dos seus apuros, estando a maioria em fim resolvida a fazer outro tanto, vendo que uns morriam á fome e á sede, e os feridos por falta de penso, tendo alguns de seus cirurgiões passado ao inimigo, e os outros perdido seus unguentos; reuniu seus capitães, os quaes lhe pediram que ouvisse composição, e quizesse conservar as vidas que de hora em hora via perder sem proveito; o que sendo entre elles resolvido, e tambem por um particular amigo, cavalleiro de Malta que estava no exercito, foi o commendador advertido de que o inimigo se mettia em batalha, para o vir atacar, e lhe pedia tivesse ainda piedade de si, e lhe enviasse promptamente um homem para tratar da composição. Para esse fim elegeram ao commendador du Mayet, que pondo-se a caminho, fez aos hespanhoes tamanhas exigencias, como se estivessem em iguaes circunstancias: riram-se elles do pedido, e despediram-no, sem lhe darem outra resposta senão, que era grande loucura e temeridade da parte dos francezes, que não podiam deixar de entregar as vidas nas suas mãos, em logar de se humilharem pedindo, ou entregando-se á descripção, representarem o papel de mais fortes e de peores. Ordenaram ao commendador du Mayet que se retirasse promptamente, e que iam mandar resposta ás suas im-

pertinentes propostas por 15.000 homens de combate. Entretanto D. Pedro de Padilha não deixou de continuar a escrever ao commendador de Chaste, participando-lhe ainda, que tendo elle mandado um dos seus, sem o acompanhar de instrucções rasoaveis, tornava elle sem ter concluido nenhum tratado, que sempre desejára por amor delle, e por segurança da sua vida; que o marquez de Santa Cruz pedíra, e defendera aos seus que lhe fallassem jámais em composição com os francezes, de quem desejava ver o fim, já que eram tão obstinados; que no entanto se elles mandassem diligentemente algum outro mais tratavel do que o dito du Mayet, a companhia de todos os cavalleiros hespanhoes supplicaria ainda ao marquez que o ouvisse; que previa, que a confiança que elle punha nesses fracos portuguezes, esperando que viriam reunir-se-lhe, seria causa da sua perda; que não devia esperar por isso; que para o convencer do contrario lhe enviara a carta por elle escripta ao capitão dos portuguezes, Francisco, por este depois enviada ao marquez, com offerecimento de seus serviços para a ruina dos francezes; que se abaixava muito, procurando esta má raça, depois de ter sido enganado por ella; e que ainda que se lhe reunissem, isso não impediria a sua perda. O commendador e seus capitães, elegeram o senhor d'Angarnagues, mestre de campo, a quem deram poder de tratar da composição. Poz-se elle immediatamente a caminho. Á sua chegada o exercito que marchava em batalha, fez alto já fóra da cidade d'Angra; (sobre os francezes), e ainda que o dito d'Angarnagues pedisse muitas cousas, que não esperava obter pôde a final com alguma difficuldadeconseguir a composição nos seguintes termos:

1.° Que o dito marquez promettia ao dito commendador e á sua gente faculdade de se retirarem a França com espadas e adagas.

2.° Que daria navios avitualhados para os conduzir, e suas bagagens, que não pesavam muito sobre as costas dos francezes, que haviam perdido tudo, não lhes restando mais do que o que tinham no corpo no dia do combate.

3.° Que tambem o marquez, por desconfiança que tinham tido da sua fé, juraria sobre os Santos Evangelhos observar a composição, que assignaria com os principaes da sua armada.

Feito isto, accordados e assignados os artigos, foram levados ao commendador, que com suas tropas se poz em caminho para Angra, onde estava o dito exercito, do qual a distancia d'um quarto de legua foi recebido honradamente pelos principaes, e certificado pelo dito Padilha, da parte do marquez, que n'aquella hora podia considerar-se como entre seus mais fieis irmãos e amigos. Deram-lhe um cavallo, porque elle ía a pé á frente das suas tropas, e ás garupas dos seus levaram alguns gentís-homens que seguiam o commendador, e se foram á cidade, onde o quartel e munições para os francezes já estava preparado, como para os hespanhoes. O commendador foi direito á residencia do marquez, que na recepção o honrou muito. Depois disse-lhe que estava admirado de que um homem da sua qualidade e de tanto valor se tivesse aventurado em logar tão remoto da sua patria, com tão pouca apparencia de o conservar, assim como a vida e a honra, acompanhado de tão pequena força, e em ajuda da mais covarde nação do mundo, qual era a portugueza. Conheceu pela resposta do commendador, que a sua pouca fortuna o fazia mui triste e zangado, dizendo ao marquez que se as proposições que el-rei D. Antonio fizera a el-rei seu amo, e á rainha mãe, fossem verdadeiras, a empreza responderia ao plano, que era de lhe impedir o desembarque e tomada da ilha, o que nem ainda teria conseguido se as galeras não fossem chegadas, (contra o que D. Antonio assegurára que não podiam navegar) e os portuguezes o não tivessem abandonado; estando mui pezaroso de que não tivesse sido morto no começo do combate, porque não visse chegar este infortunio, do qual lhe ficaria tanto desgosto, quanto lhe fosse a duração da vida. O marquez lhe disse:

—Em verdade, senhor de Chaste, seria fazer grande injustiça á nação franceza se eu não confessasse seus altos feitos e brava coragem; mas permittir-me-heis dizer, que os francezes são muitas vezes inconsiderados, e apressados, como capitularei estes, em quanto me não derdes razões, onde só vejo apparencia. O que mais estranho acho é ver-vos chamar má á boa fortuna, porque visto serdes enganado no principal objecto da vossa intenção, o que não é falta vossa, n'isso vêdes a fortuna que corrieis, a que eu chamo má; quando a acho mui boa recobrando a causa perdida, como são vossas vidas, e alcançando muita reputação entre nós, pelo que quizemos fazer-vos e aos vossos mais do que de dever no dia do desembarque, em que combatestes furiosamente todo um dia com um punhado de homens um tão grande e tão forte exercito, não observando nos francezes senão o desejo de morrer. Devieis pois regosijar-vos, porque jámais cavalleiro da vossa nação fez tão bella facção a favor d'uma tão contingente e temeraria empreza, nem outra mais notavel do que o vosso regresso á França.

Contou-lhe para exemplo a derrota do sr. Strossy e da sua armada; a viagem que os francezes fizeram á Florida, onde não escapou nem um só; e muitos outros combates em que a sorte lhes fôra contraria, não por falta de valor, mas de direcção, e por não terem bem calculado a empreza. E depois d'estes longos discursos, sendo chegada a hora da ceia, começaram a trazer a carne, com o que os gentís-homens que seguiam o commendador ficaram mui satisfeitos, e não desejavam senão dar que fazer aos dentes, por mais discursos que houvesse: não ceiaram comtudo no aposento do marquez, porque os chefes hespanhoes tomaram cada um o seu pela mão, e os levaram a seus quarteis, onde os trataram com mostras de boa vontade, e ceiaram sem esperar pela mostarda. O commendador, depois de ter ceiado com o marquez, lhe deu as boas noutes, sendo ainda por elle certificado de que observaria a composição, e que o faria brevemente embarcar, por que voltasse a França. Retirou-se ao quartel do sr. D. Pedro de Toledo, filho do fallecido vice-rei de Napoles; mui honesto e bravo cavalleiro, que aos francezes fez muita honra e offerta de serviços.

No dia seguinte mandou o marquez deitar um bando, defendendo aos do seu exercito, de qualquer qualidade que fossem, ousassem importunar qualquer francez com palavras, ou por qualquer outro modo, sob pena de morte; além d'isso a todo aquelle que lhe trouxesse morto ou vivo o conde de Torres-Vedras, que andava pelos montes, promettia dar quinhentos ducados; não tendo podido o commendador fazer com que fosse comprehendido na capitulação, inda que d'isso se occupasse, mais por piedade do que por justiça. Immediatamente os soldados hespanhoes amigos de dinheiro, começaram a juntar-se aos bandos para irem procurar o conde nas montanhas, não temendo já o encontro dos francezes por

causa da composição, e fazendo pouco caso dos portuguezes: um cabo d'esquadra com outo de seus companheiros se poz em marcha, e entrando nas mattas ao pé dos montes descobriu um negro que fugia adiante d'elles: accellera o cavallo, persegue-o, toma-o pela gola, e com a adaga na mão, jurando por Deus, lhe diz:

—Mato-te, se me não ensinas onde está o conde.

Então o negro temendo tal furia lhe confessou, que outo annos fôra seu pallafreneiro, e que acabava de o deixar n'uma caverna, a que se tinha retirado havia sete ou outo dias, abandonado de seus gentís-homens e officiaes domesticos. O hespanhol fal-o montar na garupa, deixa os companheiros que estavam a pé, e prosegue no caminho para a parte do conde, o qual ao mesmo tempo saiu da caverna para ver se o negro lhe trazia algum pedaço de pão como lhe promettêra. Não tinha o conde por outra vestimenta senão um fato de camponez, e uns alforges ao pescoço: o cabo que o não conhecia, não só pelo mau estado em que o via, mas tambem porque elle se retirava como o visse, começou a gritar:

—Vem cá, bom homem, escuta-me, nada temas.

Então o conde se lhe aproxima de chapeu na mão, não tendo podido esconder-se na caverna, e lhe diz:

—Que quereis, senhor?

—Não és (lhe torna o cabo) d'estes cães de portuguezes que nos fizeram guerra?

—Não quero negar, disse elle, que seja portuguez; mas sou um pobre homem, que com o meu trabalho sustentava mulher e filhos n'esta miseravel terra, sem me occupar de guerra.

Tornou-lhe o cabo:

—Não quero dizer tanto; mas se d'aqui me não mostras o logar onde o conde se esconde, morres ás minhas mãos.

Então o conde julgando que o cabo tinha parte n'este negocio, lhe respondeu:

—Senhor, fazei vós só diligencia, porque me é impossivel mostrar-vos o conde, que tanto tempo ha que não vejo.

O conde trazia na bôca um ducado para saciar a sêde, no extremo calor que fazia, e na mingua em que estava. Apercebendo-se d'isto o cabo, perguntou-lhe:

—O que é que tu rodas por entre os dentes?

Respondeu-lhe ser uma peça d'ouro, que lhe restava de todo o seu haver, e por meio da qual desejava obter pão n'alguma casa d'aquelles montes, para o levar a seus filhos, que não via, dizia elle, desde que os hespanhoes tinham saltado em terra; e, não obstante aquelle ouro, morria de fome. O cabo tomou o ducado, e contemplando-o inqueriu se não tinha senão aquelle; ao que o conde respondeu:

—Sim senhor, e quinze annos ha que o conservo; mas, pelo amor de Deus, dae-me alguma moeda de prata.

—Vae-te villão, que eu devia tirar-te a vida!—respondeu-lhe o hespanhol, e proseguiu no caminho.

O negro que ia na garupa para denunciar o amo, de medo que lh'o matassem, quando o viu em tão misero estado fallar ao hespanhol, lembrou-se do bem que tinha recebido d'elle, e commovido de piedade, com as lagrimas nos olhos, fez que o não conhecia; mas o cabo indo pelas mattas lhe disse:

—Ó lá, poltrão, queres fazer-me andar todo o dia, sem me levares promptamente á caverna? Bem vejo que te aborrece o viver; mas dentro em pouco feito será *de ti!*

E mettendo a mão á adaga, começou o negro a gritar:

—Senhor, perdoae-me! Acabaes de o deixar; mas não tive animo de vol-o descobrir, pela commiseração que me inspirou!

—Como! (tornou o cabo d'esquadra) seria possivel que elle fosse homem de tão baixa apparencia?

E voltou a toda a brida para traz: e como o achasse na furna, n'uma passagem difficil, lhe disse:

—Vem cá, meu pae, toma o teu ducado, que me pezára na consciencia não t'o restituir.

Então o conde, aproximando-se d'elle, e estendendo-lhe a mão para o receber, por ella o tomou o cabo, fazendo-o prisioneiro da parte do rei Filippe. Então disse o conde ao negro:

—Infame, que vendeste teu amo; mas não me queixo, porque estava bem convencido de que assim acabaria a vida como perdêra os sentimentos e a coragem!

O hespanhol, resmungando, com um golpe de adaga no peito do negro o precipitou do cavallo, e o deixou morto; e no logar d'elle montou o conde, que conduziu ao marquez, ante quem foi rudemente tratado de palavras, e depois levado á galeaça da armada, onde lhe deram tratos crueis para o fazer confessar o plano d'el-rei D. Antonio, e dos da grande terra de Portugal, e depois condemnado a ter a cabeça cortada, e immediatamente executado, inda que os principaes da armada, que eram seus parentes, se exforçaram por lhe salvar a vida, com instancias ao marquez de Santa-Cruz; mas o seu conselho accordou, que isso era impossivel, por causa d'uma resposta por escripto, que elle dera a uma carta que o rei de Hespanha lhe enviára, persuadindo-o com doçura e boas palavras a voltar-se para elle, respondendo-lhe, «que primeiro prestaria homenagem ao diabo, do que a tamanho tyranno, e perfido como elle era.» Em fim morreu bom christão, com tal presença d'espirito, que se dissera ser o mais intrepido dos homens; confessou, como já se disse, que fôra causa da perda da ilha e dos pobres francezes; e supplicou ao marquez cumprisse o promettido na composição que com elles fizera, e os tratasse como gente de bem, que por taes os reconhecia. Todas estas fallas foram ditas em presença de todo o exercito hespanhol, com semblante alegre e palavras firmes, de modo que os francezes se admiravam, tendo-lhe conhecido tão pouca coragem quando era mais precisa, e tinham piedade de o verem levar tão rudemente, com um mau vestido, tendo-o d'antes visto honrado e respeitado, tanto pelos seus como pelos habitantes da ilha, tanto ou mais do que se fosse seu rei, servido em sua casa mui honradamente durante a mesa, com seus gentís-homens e outros domesticos descobertos, e aquelle que lhe dava de beber com o joelho em terra, tendo nas mãos uma salvasinha de ouro para aparar o que derramasse do seu copo em quanto bebesse. Entretanto suas grandezas não lhe evitaram esta morte odiosa, e desagradavel aos francezes, que elle sempre honrára e promettêra fazer o que, chegadas as occasiões, lhe não permittiu Deus fizesse.

Seis dias antes da composição, D. Pedro de Toledo, filho do fallecido vice-rei de Napoles, foi encarregado de ír bloquear a ilha do Faial com 3.000 hespanhoes, na qual commandava um capitão portuguez, acompanhado de 400 francezes, e do capitão Carlos de Bordeaux, que os conduzia. Embarcou-se D. Pedro nas galeras e n'alguns navios grandes, e no dia seguinte, depois de reconhecer a ilha, e de-

se lhe aproximar, tomou facilmente terra do lado dos portuguezes, que procederam como na Terceira, fugindo para os montes: os francezes, porém, vendo tomada a terra, e os portuguezes fugidos, resolveram combater até morrer: a principio decapitaram 50 ou 60 hespanhoes, que tinham ganho um forte na praia, e depois atacaram a frente da expedição que o conde Pedro conduzia em ordenança, onde os francezes se não saíram bem por causa do parti o desigual, e foram repellidos, combatendo, até ao forte que tinham levantado na montanha, onde se compuzeram com as mesmas condições que os da Terceira, a que depois os conduziu o dito D. Pedro, e foram tratados como os outros.

(Continúa.)



INDIA DE HONDURAS.

(Continuação do numero antecedente).

A configuração topographica do estado de Honduras é muitissimo especial: mr. Squier, auctor da melhor obra acerca da geographia e recursos d'esta região pouco conhecida (1) observa exactamente que a respeito de clima e productos este paiz offerece a resumo de todas as outras regiões do globo.

As Cordilheiras, ou grande cadeia de montanhas longitudinal que forma a linha divisoria das vertentes das aguas, correndo umas para o mar Pacifico e outras para o Atlantico, atravessam Honduras na direcção geral de noroeste e sueste; o seu proseguimento é sinuoso em frequentes voltas, formando bacias interiores ou valles onde os differentes rios ajuntam suas aguas.

Esta cordilheira é interrompida em toda a largura continental por um valle, que em relação ás facilidades que appresenta para se estabelecer uma communicação rapida e economica entre os dous oceanos, póde considerar-se o caracter topographico mais notavel de toda aquella região. A sobredita grande quebrada ou interrupção da corda de serranias é causada pelo extenso valle, ou para melhor dizer, planicie de Comayagua, cujo eixo longitudinal, isto é de norte a sul, corta quasi em angulo recto a direcção geral das cordilheiras, que n'este ponto se recolhem para traz, orlam a planicie a leste e oeste, e deixam na cadeia de montanhas uma longa intermissão que vae d'um mar ao outro. Os rios Humuya e Goascoran tem seus mananciaes no alto d'esta plannura e quasi costa com costa; o primeiro dirigindo-se ao norte a desaguar na bahia de Honduras, o segundo correndo ao sul para a bahia de Fonseca. A planicie de Comayagua tem uma elevação media de 1:900 pés, quando a altura geral das Cordilheiras não é menos de seis a sete mil pés acima do nivel do mar.

As facilidades que esta disposição offerece para estabelecer a communicação interoceanica, reunida á circumstancia de existirem excellentes portos nas duas extremidades d'essa linha, attrahiu a attenção do mundo commercial, logo que foi conhecida. Pelo espirito emprehendedor que distingue os americanos, as cousas caminharam rapidamente, e apenas decorridos dous annos desde o descobrimento d'esta passagem por mr. Squier, fizeram se os reconhecimentos e a planta para um caminho de ferro por engenheiros competentes; obtiveram-se do governo de Honduras as concessões necessarias: organisou-se em Nova-York uma companhia para as despezas da construcção, e celebraram-se contractos para as differentes obras.

Quando estiver concluido o caminho projecto, poupar-se-ha com elle de vantagem sobre o de Panamá (o unico viavel atravez do isthmo da America central) o trajecto de 21 graus de latitude ou 1:300 milhas de navegação; e em rasão da superioridade dos portos, da facilidade de embarque e desembarque, haverá uma economia de outo dias para menos nas viagens da Europa, ou das costas atlanticas dos Estados-Unidos, para os grandes centros commerciaes no oceano Pacifico, isto é a California, as ilhas Sandwich, e a China, o Japão, e as Indias orientaes. Por esta nova estrada e com o grau de velocidade actual, os transitos poderão effectuar-se por vias ferreas e barcos a vapor, de Nova-York á California em 14 dias, e de Londres ou de París para a Australia e a China em 40 dias. Veja-se a este respeito o livro impresso em París no anno preterito de 1855, intitulado, *Chemin de fer interocceaniq ue de Honduras*. 1. vol. 8.°

(Continúa).

(1) *Notes on central America*, by E. G. Squier: com mappas e estampas. Nova-York, 1855. 1. vol. 8.° de 100 pag.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. Olympio N. R. F.; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Ceará o sr. José de Oliveira; Maranhão, o sr. J .A. da Silva Guimarães.



LAGO DOS QUATRO CANTÕES.

D'entre os cantões que compoem a confederação Suissa, os quatro de Schwitz, Uri, Unterwald e Lucerna, dão o nome de lago dos quatro cantões ao que banha as suas praias, e a que mui commumente chamam lago de Lucerna, quando este ultimo é na verdade um golpho das aguas do grande, que os quatro indicados territorios fecham. Tambem se diz lago dos Waldstetes, porque esta palavra significa *estados das mattas;* e com effeito, aquella vasta bacia, formando na parte central muitas sinuosidades, tem suas margens revestidas de montanhas altas e escarpadas e bastas florestas, de que é cheio igualmente o interior do paiz, e por isso lhe cabe a denominação supramencionada.

A Suissa é uma inexgotavel mina para os pintores de paizagens; outras as possuem ou tão graciosas ou tão magnificas, porém nenhuma em tanta abundancia e variedade n'uma extensão de terreno comparativamente limitada, como os estados da confederação helvetica, e dahi vem a profusão de copias de suas bellezas naturaes, que na Europa ganharam fama.

Não podia um paiz com taes condições deixar de produzir pintores habeis n'aquelle genero, e de facto alguns conta dignos da sua reputação, e que figuraram com applauso na recente exposição universal em Paris; entre elles o mais celebre, o magistral interprete das scenas dos Alpes, appresentou o quadro de uma vista do Lago dos quatro cantões, que a gravura acima representa. Este painel é tomado no ramal profundamente entalado nas terras e mui pitturesco, que termina em Fluelen perto de Altdorf. O espectador tem diante de si á esquerda a famosa capella de Guilherme Tell, á direita a pyramide truncada do monte Uri-Rothsloik, que com suas geleiras domina toda a corda de serras ingremes que banham suas faldas no lago. O momento escolhido pelo artista foi n'uma linda madrugada. Um veu mui leve de nevoeiros azulados se estende por toda a paizagem; e quando os planos mais proximos emergem dos vapores matutinos, estes condensam-se ao contrario na direcção em que as aguas do lago rompem pela terra dentro, e offuscam completamente os objectos longiquos. É um bello espectaculo e em perfeita harmonia com os accidentes alpestres do territorio.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1583)

(Conclusão)

Mal chegaram, o commendador de Chaste pediu ao marquez que cumprisse a capitulação, e lhe desse munições e navios para os conduzir á costa de França com o resto da sua gente, como promettêra; o que o marquez lhe prometteu fazer no dia seguin-

te, chegado o qual encarregou D. Pedro de Padilha de dizer ao commendador de Chaste, que era preciso que elle viesse com os seus até Lisboa, onde lhe mandaria dar embarque, não tendo meio de lh'o facilitar agora, porque não teria embarcações sufficientes para reconduzir o seu exercito; com o que o commendador se viu obrigado a conformar, não obstante a contestação que lhe fez. Em quanto de dia para dia esperava ver partir a armada, alguns de seus capitães o advertiram de que os hespanhoes tratavam de os persuadir a que passassem com seus soldados ás suas tropas, para concorrerem a uma jornada que o rei Filippe emprehendia contra os mouros de Larache, onde el-rei D. Sebastião fôra morto, e perdêra a batalha havia quatro annos. No mesmo dia sendo o commendador convidado para a residencia de D. Pedro de Toledo, onde estavam os maiores capitães da armada, foi muitas vezes incitado a alegrar-se, e fazer boa cara, porque o viam triste pela passada má fortuna, ao qual D. Lopes de Foulquoal, mestre de campo general da armada, começou a fallar assim:

—Senhor de Chaste, parece-me que tendes pouco motivo para vos zangardes, como fazeis, mesmo porque aqui nada se passou que não fosse em proveito vosso; appello para que julguem da vossa fortuna os mais experimentados guerreiros do mundo, e estou convencido, que tendo ouvido todas as particularidades não poderão conceber, assim como me succede e a meus companheiros, que quando toda a ventura d'este mundo vos acompanhasse contra nós, pudesseis vós ou os vossos apparecer com mais honra ou com mais valor, assignalando a vossa reputação, combatendo e fazendo frente a um grande e possante exercito durante todo um dia, com um punhado de homens, que se expunham ao combate tão galhardamente, a ponto de se virem espetar de cabeças baixas nas armas de nossos soldados, para tambem ensanguentarem as suas, fazendo morrer um grande numero dos nossos mais bravos, abandonados como estaveis de todos os portuguezes, do seu chefe, e mesmo de parte dos vossos, que se nos vieram entregar, e nos deram aviso das vossas necessidades. Depois d'isto fazer entrar em composição o marquez de Santa Cruz, que ouvíra que a fome e a sêde vos minavam e a toda a vossa gente, e saír inesperadamente com vida d'um precipicio; quanto a mim acho que o mal ficou da nossa parte que fomos mui faceis, quando a affronta e o pouco brio ficariam para sempre á nossa nação se a desgraça nos fosse tão contraria que pouco menos fizessemos do que vós. Penso que deveis agradecer a Deus a ajuda que vos prestou, bem como estardes ao presente em poder de gente de bem, de quem recebeis toda a cortezia que podieis desejar.

O commendador lhe agradeceu mui humildemente a sua civilidade, e disse-lhe:

—Seria o maior de todos os ingratos, se me não restasse a melhor vontade de me desforrar da honra e favor que me fazeis, quando se me proporcione occasião d'isso; mas como o francez não póde esconder o que lhe pesa n'alma, direi livremente, que todas as caricias e bons tratamentos que me dáes, são com tal intenção de que não posso receber senão desgosto: o que desde dous dias me traz mais triste é o aviso que tive de que vossos capitães corrompiam os nossos e seus soldados, para os levarem a essa jornada de Larache, no que vejo pretexto, havendo o marquez começado já a faltar á convenção, transferindo para Lisboa o embarque que me promettêra fazer n'esta ilha, o que é mais para que prestemos ouvidos á tal jornada, do que por falta de navios, como elle diz; ou se não é isto, é para proceder mal comigo e com os meus, faltando-me de todo á fé. É preciso que não pense que mesmo constrangendo-me a ír a Lisboa, nem por vontade nem por força nos faria ír áquella jornada sem ter para isso ordem d'el-rei meu amo, ao qual quero ír dar conta do meu encargo, e primeiro crivaria o corpo com cincoenta golpes de adaga, certo como estou de que todos meus companheiros me imitariam. Acho pouca cousa a perda dos bens e da vida, mas não assim a da honra, que eu perderia se me apartasse d'isto. O meu proceder serviria tambem de immortalisar a pouca fé hespanhola, já que um general do exercito, e todos os principaes da vossa nação faltaram a ella, como está succedendo.

Todos responderam então:

—Senhor de Chaste, fazeis-nos grande injustiça formando da nossa fé tão má opinião; não vos persuadaes nunca de que se não é da vossa livre vontade, e da de vossos soldados irdes a esta feliz jornada de Larache, onde todos os bons christãos se devem achar contra os infieis, que o marquez vos quizesse por nada do mundo constranger, nem tão pouco faltar-vos á composição; e quando tal quizesse fazer, prezamos tanto a nossa honra, que antes perderiamos todos a vida, que consentir n'isso.

E d'ali foram haver-se com o marquez, ao qual communicaram o que lhes dissera o commendador a respeito do quebrantamento da fé, levando-o a Lisboa quando lhe promettêra fazel-o embarcar na Terceira para voltar a França. Observaram-lhe que, se com effeito tal era a sua vontade, o commendador teria occasião de se queixar, com o que elle não só faria mal á sua reputação, mas a toda a nação hespanhola. Pediram-lhe guardasse a fé e cumprisse sua promessa, fazendo embarcar na ilha os francezes, antes que a armada hespanhola partisse; no que o marquez consentiu, com a condição de que o commendador lhe deixaria em refens, por segurança das embarcações que lhe daria para o conduzir ás costas de França, o senhor de Anguarnagues, mestre de campo, e quatro outros capitães com suas companhias, já que não podiam embarcar todos, por falta de navios. Sabendo isto o commendador, foi ao encontro do marquez, e lhe disse que na composição se não fizera a menor menção de que elle deixaria refens, o que agora era retractação de promessa; e quando por força ou por auctoridade fosse a isso constrangido, era elle quem queria ficar em penhor, fazer a retirada, e correr a fortuna do seu plano. O marquez lhe respondeu:

—Senhor de Chaste, resolvei-vos a deixar-me os refens que vos disse: estimo-vos muito para consentir na vossa perda, como faria se ficando em arrhas tivesseis de responder pela desordem que vossos soldados podiam fazer passando pelas terras do rei de Hespanha meu amo, á falta de ter quem os contivesse; mas é preciso que vos embarqueis com os vossos ámanhã em tres navios biscainhos, cada um de 400 toneladas, e uma barca para os vossos feridos ou doentes, que vos mandarei dar, com munições e gente para vos conduzir á costa de França, do lado de Fonte-rabia; e logo que tenha aviso do tratamento que tiverdes dado aos ditos biscainhos, e da sua retirada, não deixarei de fazer embarcar o resto da vossa gente, que entretanto levo comigo para Lisboa: eis quanto posso fazer em vosso favor, e a que estou resolvido.

—Muito bem; (lhe tornou o commendador) quem tem a força faz a lei, como vós, senhor.

E despedindo-se d'elle, lhe prometteu partir com os seus.

No dia seguinte, que era sabbado 14 d'agosto, se embarcaram em tal confusão, que os navios estavam cheios de soldados e marinheiros francezes, e grande numero das companhias que ficavam em refens se escondiam dentro, temendo sempre que a fortuna fosse para os ultimos; o que foi causa de morrer a maior parte de fome, de séde, ou de fluxo de sangue durante a viagem, que durou perto de dous mezes, não tendo contado tel-a mais de quinze dias se o vento lhe fosse propicio; mas havendo-lhe sido contrario, estiveram os navios quasi a ír a pique na terça feira 17 do dito mez, e os homens soffreram tanto, que alguns se deitaram ao mar mortos, ficando a maior parte dos restantes doente do fluxo de sangue, que tinham alcançado com as miserias experimentadas nas montanhas da Terceira antes da composição, as quaes continuavam nos navios, em que viviam tão pobremente, não tendo que beber senão mui pouco d'um mau vinho mui azedo, aguas fetidas, um resto de biscouto da armada hespanhola, feito em Milão havia quatro annos, cheio de bichos, e duro como pedra, e mau bacalhau podre, por tal fórma que o maior festim que podiam ter os pobres feridos e doentes era comerem um bocado de biscouto cosido em agua fetida n'um pote de barro, e ainda assim era elle tão pouco que quasi não o sentiam no estomago. Isto occasionou uma tamanha peste, que d'ella morreram mais de duzentos. Na terça feira 24 do dito mez o navio em que ía o commendador esteve ainda quasi indo a pique, pelo desespero de um soldado, que estando deitado debaixo do tombadilho, desesperado de viver com tamanhas necessidades, ou por causa da dor que padecia d'um tiro de arcabuz, que lhe quebrára uma perna, abriu uma portinhola do navio, no qual entrára já dous pés d'agua, e, sem a ajuda dos marinheiros que deram d'isso accordo, bem depressa estaria o navio perdido. No dia seguinte esteve o mesmo navio a ponto de perder-se pelo fogo, e perder-se-ía se não fosse a diligencia dos marinheiros francezes, no logar em que alguns embriagados biscainhos cosinhavam, e comiam seus refrescos em presença dos pobres francezes, que algumas vezes lhes pediam de mãos postas, e em nome de Deus, lhes dessem algum bocado; do que elles não faziam caso, e se riam de os ver n'esta extremidade; e muitas vezes passando perto d'elles lhes davam ponta-pés na barriga e nos rins, dizendo que eram cães e porcos que se desfaziam em sangue.

Póde ajuizar-se como os pobres doentes seriam tratados, quando morriam deitados uns sobre os outros por todos os cantos dos navios, sem se poderem mecher nem soccorrer. Muitas vezes a respeito d'alguma má nação tenho ouvido comparal-a á raça dos biscainhos; mas posso certificar por experiencia, que são os mais barbaros, e de menos amisade que ha no mundo. Todas estas crueldades eram custosas de soffrer ao commendador: foi mesmo advertido um dia, que os biscainhos tinham deitado ao mar um gentilhomem francez, que inda não estava morto; e tendo-o exprobado ao capitão do seu navio, e o mais do seu mau proceder, elle lhe respondeu, que estava tão arrependido de conduzir no seu navio pessoas tão desesperadas, como eram os francezes, que melhor lhe teria sido leval-o o diabo ao fundo, com tudo o que ali havia dentro: não obstante isto o commendador se armou de paciencia, em consideração aos que tinham ficado em refens, que teriam padecido com o castigo que merecia este maligno espirito biscainho e todos seus companheiros, tendo o commendador bastante razão de resentir-se.

Na sexta feira 27 do mesmo mez começaram a descobrir terra do lado da Galiza, na qual querendo tocar no cabo Finisterra, para tomarem agua na primeira povoação, cresceu a tormenta por tal fórma, que a maior parte dos marinheiros se preparou para se deitar a nado. Deus fez entretanto cessar a tempestade, e passar o navio a um pé pouco mais ou menos dos rochedos. Em todo este dia não puderam tomar terra, mas no dia seguinte deitaram ancora n'uma má bahia d'uma povoação chamada Maugy, onde muitos francezes cuidavam correr ao remedio do seu mal indo beber a uma fonte, e depois de terem enchido a barriga, quatro ou cinco ficaram logo ali mortos. Isto foi causa do commendador os mandar reembarcar. Vendo os soldados que os mandavam tornar a bordo, grande parte d'elles rogou ao commendador que a licenceasse, e para mais facilmente o obterem, quizeram fazer crer, que tinham feito um voto a San-Jacques em Galiza, d'ali distante seis ou sete leguas, para que os livrasse do perigo. O commendador observou-lhes a sua indisposição, e a fortuna que corriam passando por Hespanha, onde seriam cobertos de golpes; que melhor era esperar ainda dous dias, dentro dos quaes esperavam que o vento nordeste que os impedia de seguirem seu caminho, mudaria; que succedendo assim em duas vezes 24 horas andariam as 160 leguas que lhes faltavam para chegar ás costas de França; o que elles por terra não fariam em dous mezes: assegurou-lhes ainda, que no caso do tempo não ser prospero, deliberava seguir a mesma sorte que elles, sendo a isso constrangido pela necessidade dos viveres, que era tão grande, que a ração d'um soldado fóra reduzida ao que elle na concha da mão podia tomar d'agua fetida, e ao volume d'uma noz de biscouto, uma vez por dia. Mas sendo o commendador importunado para os licencear despediu 120, a mór parte dos quaes morreu em Hespanha, por causa do mau tratamento que ali recebeu, ou pelo mal que já soffria.

Na terça feira 16 do dito mez o vento contrario pareceu querer mudar, e deu occasião a levantar ferro e dar á vela, depois do commendador ter feito metter no seu navio sete ou outo barricas d'agua; mas ao saír da bahia levantou-se uma nebrina acompanhada de grande tempestade, que rendeu o mastro grande, e rompeu todas as velas, de modo que julgavam ser chegados ao fim de todas as miserias, occasião em que o capitão biscainho manifestou sua má alma e avareza, porque cheio de raiva, começou a gritar:

—Meu Deus! no fim de tudo ainda me farás perder o meu navio, que custou dez mil francos! Antes o diabo me levasse primeiro!

Foi então que todos os outros do navio invocaram a ajuda de Deus, que os preservou ainda d'este infortunio, e fez cessar a tormenta; por effeito da qual os dous outros navios e barca se separaram do do commendador, e arribaram, um em que ía o commendador du Mayet, a Valença de Hespanha, distante do dito commendador 36 leguas; o capitão Carlos de Bourdeaux, que commandava no outro navio, ás ilhas de Bayonna, distantes 24 leguas; e o capitão Campanhol, que ía na barca com os doentes, muito ao mar; ficando uns mui distantes dos outros. Este

vento contrario que crescia de mais em mais os fez andar sobre as aguas 12 ou 15 dias, e durante elles no navio do commendador se lançavam ao mar cada dia dez a doze mortos, por não haver já nada que comer, e mui pouco que beber, e sem a ajuda e misericordia do Todo Poderoso, que pelas acclamações e supplicas que lhe faziam mandou vento favoravel, estavam quasi a deitar sortes sobre quem devia ser comido pelos outros. Entretanto em dous dias e uma noute chegaram ao porto da cidade de Gueytarge, d'onde o capitão biscainho era, e onde immediatamente tiveram pão e agua mediante algum dinheiro, que um gentil-homem francez mais abastado que os outros emprestou ao commendador. D'ali até Fonte-rabia ainda havia dez leguas de mar, e era lá que o capitão biscainho tinha ordem de leval-os; comtudo disse ao commendador, que não estava resolvido a leval-os mais longe, mas que elle podia ír por terra se quizesse; do que o commendador avisou logo o governador de Fonte-rabia, communicando-lhe o pouco caso que este biscainho fazia de cumprir as ordens do marquez de Santa-Cruz, e que por culpa sua toda a sua gente morria: immediatamente o governador despachou um homem ao biscainho, ordenando-lhe sob pena de morte de conduzir diligentemente os francezes á villa de Andaya, que é em frente de Fonte-rabia não havendo entre ambas mais do que um pequeno braço de mar, que separa a França da Hespanha. Em continente preparou-se elle com chalupas e bateis, e conduziu o commendador com a sua gente defronte de Fonte-rabia, e como elles queriam passar este pequeno braço de mar, chegou um gentil-homem hespanhol da parte do governador a offerecer ao commendador viveres, dinheiro, cavallos e vestidos, dizendo que tinha ordem de sua magestade catholica para ter com elle e com os seus todas as cortezias que pudesse. O commendador agradeceu, mas não acceitou nada do governador senão cavallos para si e para os mais doentes, até Bayonna, d'ali distante doze leguas. Tomaram em fim terra na povoação de Andaya em 4 d'outubro, onde os habitantes, vendo-os chegar tão miseraveis e dilacerados, os receberam em suas casas, e lhes fizeram o melhor acolhimento que puderam. No dia seguinte pela manhã a maior parte os proveu de mulas e asnos para os conduzir até á ponte, que treme, a tres leguas, e algumas mulheres, e moças, como são n'estes contornos mui caritativas, vinham para soccorrer os doentes. O commendador recebeu ainda parte do mesmo tratamento n'este logar; fez acommodar no hospital de S. João da Luz, que fica perto, alguns dos doentes, e continuou a distribuil-os pelos hospitaes, e estabelecimentos de caridade, que havia até Bayonna, onde a mór parte morria: os outros vieram até ás portas de Bayonna, e com estes repartiu o commendador seiscentos escudos, que lhe tinham emprestado, para ajuda da retirada, acommodando-os em carretas, de jornada em jornada, atravez toda a Gasconha, por auxilio do senhor de la Passiere, governador de Bayonna, que lhe deu um commissario para os conduzir, e preparar alguma etape. Tendo o commendador tratado assim dos seus, tomou pela posta de Bayonna a Paris, onde estavam suas magestades, a dar-lhes conta do seu encargo, e beijando as mãos á rainha mãe do rei, da qual recebêra expressamente ordem para a dita viagem, lhe apresentou um resumo d'esta relação, dizendo-lhe:

—Senhora: sei bem que relatar o que me succedeu fôra occupar-vos muito tempo com um objecto, que vos seria mui desagradavel: tenho pezar, senhora, que a minha viagem se não emprehendesse com tanta razão, como de boa vontade tinha eu de dar-vos mais contentamento: vereis se quizerdes, quanto a verdade me fez escrever n'este papel; e se achardes que o temor de perder a vida me fez esquecer o dever do vosso serviço, aqui trago, senhora, a cabeça para responder por tal.

Ao que sua magestade respondeu, recebendo-lhe o discurso:

—Senhor commendador, sei que sois homem muito de bem para que faltasseis ao vosso encargo; agradeço-vos a affeição que conheci tinheis ao meu serviço; e conservo a boa vontade, de fazer por vós tudo quanto for a vosso bem.

NEOLOGISMOS.

Uma lingua universal e philosophica, como ha poucos annos a propoz o erudito hespanhol, sr. D. Bonifacio Sotos, ou, pelo menos, em quanto não chegasse a realisação d'esse arrojado pensamento, uma ideographia, tal, como foi delineada pelo sr. D. Sinibaldo de Mas, (1) se por uma parte seriam o remate da total e definitiva fraternisação de todos os povos para todas as manifestações da intelligencia, e n'essa qualidade o mais brilhante epilogo das sinceras aspirações dos humanitarios, por outra parte a circunstancia de estar ainda involvida nos densos nevoeiros do futuro a aurora d'esse dia por tantos desejado, não nos tolhe, a nós, que vivemos hoje, cuidarmos de locupletar os patrios idiomas, sem que por isso renunciemos nem de leve ás tendencias progressivamente communicativas da humanidade.

Escreverem todos os povos em representação graphica de tal forma combinada, que o mutuo commercio das idéas não encontre barreiras nas diversas nacionalidades, sobre possivel, é tão provavel, que, talvez ainda n'este seculo dos prodigios se complete esse desiderandum.

Fallar-se uma lingua cosmopolita, não vemos porque não seja um dia exequivel, até mesmo porque o livre curso d'essa moeda universal do entendimento, não exclue a existencia dos varios e multiplices idiomas, em que se acha actualmente retalhado o mundo. Os *patois* tem apresentado toda a tenacidade da vida tradiccional, sem obstarem com isso, a que por toda a superficie da França, por exemplo, se empregue uma unica lingua, ao mesmo tempo litteraria e official.

O latim que dominou com a idéa da unidade de conquista, não teve poder para aniquillar os dialectos, que serviram de base ás linguas que lhe sobreviveram. A unidade da federação, sem avassallar as individualidades nacionaes de cada povo, tem de adoptar lá para o futuro um idioma, só para uso commum de todos.

Sem pertendermos aventurar-nos em visionarias interpretações de segredos que só a Deus pertencem, acreditamos em que a geração actual já dispõe de algumas revelações, sobre que lhe é dado conjecturar.

«Um dos meios mais directos para aperfeiçoar a intelligencia d'um povo, é trazer-lhe depurada a lingoagem.» (2)

Cumpre, portanto, não deixar perder os haveres privativos de cada lingoa, nem desprezar por inu-

(1) Veja-se o n.° 24 do IV volume d'este semanario.
(2) De Wyss. Princip. Philosoph.

teis os seus naturaes enfeites de que tanto se vale a boa locução.

Mas, ciphrando-se todo o zelo dos escriptores, em não deixarem apagar o fogo sagrado que o seu acrisolado puritanismo lhes manda velar, terão solvido a divida de que as lettras patrias se lhes fizeram credoras? De certo que não, se não levarem em vista ir enthesourando para o patrimonio nacional novas aquisições com que a lingua se enriqueça.

Não podemos resistir á tentação de inserir aqui, o que a proposito da indispensabilidade dos neologismos, e faculdade que nos assiste para o fazermos escreveu penna das mais authorisadas em assumptos d'esta ordem (1).

«Para as cousas geraes e antigas, creados estão d'esde muito os termos e as formulas do dizer. Ahi, as innovações são, pelo menos, arriscadas. Para os descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos dias, claro está que não póde supprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram profetas. Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem expressar.

«Em geral, é o povo que inventa ou descobre, o que baptiza de seu idioma a coisa inventada ou descoberta; e o nome com que elle a baptiza, conjunctamente com a coisa, o recebem os outros povos, só com a differença de lhe darem, sem desfigurarem a feição de orthographia, a desinencia, que o ponha em harmonia com as outras palavras com que essas naturalisadas tem forçosamente de conviver. É assim que a nossa linguagem maritima, quando em pontos de navegação e conquista démos lições e exemplos a todo o mundo, extravasou para o diccionario dos outros povos um sem numero de vocabulos technicos, que, mais ou menos alterados, ainda hoje por lá se conservam e reconhecem. A technologia das artes bellas é italiana, por toda essa Europa; a das modas e a da litteratura, franceza; a da industria finanças e commercio, ingleza; a da gastronomia, mixta das fontes italiana, franceza e ingleza.

«Não é aqui logar proprio para dissertações philologicas e linguisticas; não obstante, aventuraremos a este proposito alguma ponderação. Quando Horacio (citar Horacio, é citar a rasão demonstrada e confirmada pelo consenso geral) escrevia, que para os inventos e descobrimentos contemporaneos se podiam crear novos termos, acrescentava logo: «que tal licença se havia de tomar com parcimonia, e que essas palavras recemtrazidas, só adquiririam credito, se se derivassem de fonte grega, com muito moderado, desvio».

....nova facta que nuper habebunt verba fidem, si Græco fonte cadent, parcé detorta....

«Continuemos a ouvil-o, que val a pena, e é lição para todos nós, mui valiosa para estes tempos que vão correndo.

«Se os nossos classicos d'outras eras, diz elle, inventaram, e lh'o não estranhâmos, porque se estranharia aos do dia de hoje, e a mim o inventarmos? Foi sempre licito, ha-de sempre ser, bater moeda de linguagem, como se lhe imprima cunho vigente».

. : Quid autem
Cæcilio, Plauto que dabit Romanus ademptum
Virgilio, Vario que? Ego, cur acquirere pauca
Si possum, invideor, quum lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, semperque licebit
Signatum presente notá procudere nummum.

«Assim como os bosques, acrescenta elle, ao descaír de cada anno, largam a folha para a retomarem nova, assim tambem vão caindo as camadas das palavras velhas, e vem vecejando no seu lugar as recemnascidas».

Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos,
Prima cadunt; ita verborum vetus interit ætas,
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.

«Nós e tudo nosso, finalisa elle, pertencemos á morte; as maiores obras dos maiores potentados não se lhe eximem.

«Como aspiraria logo á immortalidade a louçania da nossa linguagem? Muitas partes d'ella, depois de caídas, renascerão; muitas das que hoje pompeiam, caírão, segundo aprouver ao uso, que é o arbitro, o senhor e o regulador unico do fallar».

Debemur morti nos nostraque. Sive receptus
Terrá, Neptunus classes Aquilonibus arcet,
Regis opus; sterilisve diu palus aptaque remis
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum;
Seu cursum mutavit iniquum frugibus amnis
Doctus iter melius; mortalia facta peribunt,
Nedum sermonim stet honos, et gratia vivax.
Multa renascentur, quæ jam cecidere; cadentque,
Quæ nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,
Quem penes arbitrium est, et jus et norma loquendi.

«O corolario de applicação de tudo isto á materia sujeita, é que os objectos da moderna industria estrangeira, não podem deixar, quando para cá entrarem, de ter nomes que Gil-Vicente, Camões e Vieira nunca ouvissem; que esses nomes nos hão-de correr das fontes naturaes, as quaes são para a nossa lingua, o latim e o grego, que o são, quasi geralmente para todas; ou o nosso mesmo peculio portuguez, por composições derivações e translações; ou emfim, o idioma da gente donde a novidade nos procedeu. O que era para os romanos de Horacio *a fonte grega*, são para nós, na industria, a fonte ingleza e a franceza; e a rasão é clara.

De Athenas aprendiam os romanos a civilisação do seu tempo; das nações grandes nossas coévas, colhemos nós á civilisação do nosso. Se para a idéa nova se pudér, por extenção de significação, trazer vocabulo nacional anterior, bem; se por composição de vocabulos nacionaes anteriores, ou de raiz latina ou grega, se pudér formar, como os sabios lá por fóra tantas vezes o praticam, bem; se não obtendo coisa plausivel por tentativas d'este genero, se houver em fim de tomar o vocabulo forasteiro, para designação da coisa que de lá importamos, venha nas boas horas esse vocabulo; mas para que o povo, que não é prodigo em conceder cartas de naturalisação, lh'a não recuse, ou lh'a expeça de má vontade e fóra de tempo, assuma o tal vocabulo perigrino, com a melhor graça que pudér, trage, aspecto e pronuncia dos indigenas da terra para onde vem viver.»

Agora que puzemos a questão, ainda que com palavras alheias, que por serem de tão desvelado mestre da lingua, mais nos quererão os leitores em não as omittirmos, do que nos absolveriam a não as havermos aproveitado, cabe, para que não terminare-

(1) O sr. A. F. de Castilho, prologo á traducção do «Novo Amigo dos Meninos» de Leduc, por L. F. Leite

mos sem trazer á lembrança o que n'outra parte alvitrámos (1) copiar n'este lugar o que a tal respeito deixámos dito.

« Fazemos pois duas propostas ácerca da introducção, nacionalisação e addicção de termos technicos de sciencias, artes, officios e misteres, ainda os que por ventura, mais humildes, ou domesticos pareçam. Assim é, divida-se a questão ao meio, e dê-se a cada um a sua tarefa.

« Conviria me parece, diziamos nós, que os lentes das escólas superiores, antes de professarem sciencias importadas de fóra, e, na maior parte dos casos, por elles mesmos ídas adquirir previamente a paizes estrangeiros, taes como trabalhos hydraulicos, viação publica, pontes e calçadas, caminhos de ferro, etc., etc., assentem entre si, mas como decisão definitiva e deliberação tomada em conselho escolar, quaes as versões que a essa technologia forasteira recemvinda se devam dar em portuguez, de fórma, que, preenchidas as clausulas impreteriveis da nacionalisação, que são propriedade no significar, e *desinencia* para a feição nacional, corressem bem discutidas e authorisadas, do conselho dos lentes para os seus compendios e para as aulas, e d'alli para o commum peculio do idioma patrio, e para irem finalmente ser tombadas nos seus archivos pelos lexicographos de Portugal.

« Se esta alfandega neologistica deve ser o conselho de cada escóla superior, se as secções da Academia Real das Sciencias, não é a nós que compete decidil-o. Mas, que tem a nacionalidade da technologia scientifica importancia real e muito seria, e que não é para responsabilidades de um só indivi, duo, n'isso crêmos nós.

Ainda uma consideração, e é que a par das altas habilitações, scientificas, nem sempre anda o amor da boa linguagem portugueza. Não será difficil de explicar, mas o que é facto, é que pessoas, aliás muito para serem consultadas, por isto de puritanismo, do nosso idioma, não romperiam lanças; imposta porém por consenso commum a obrigação de irem fazendo uma technologia nacional, embora de raizes estranhas, seriam essas intelligencias levadas a pensarem cuidadosamente em a vestir á portugueza, e a pouco e pouco se iriam tambem alargando as bases a todo o desenvolvimento industrial que por livros se pode derramar por todo o paiz.

Dirigia-se a segunda parte daquella proposta a fazer recolher as tradicções thecnicas de cada arte ou officio que se exerce no paiz, afim de ser mais facil o processo da naturalisação dos termos extranhos, pela comparação, ou de se evitar a addição de novo onde os houvesse.

Trabalho era este de que mui bem se poderia encarregar o Conservatorio das artes e officios, e que por certo não seria esteril para ulteriores applicações de maior ou menor alcance.

Isto de neologismos que á primeira vista parecerá uma questão de palavras, não o é realmente, senão para quem nunca se habituou a dar a estes nadas a importancia que ninguem lhes pode disputar.

LUIZ FILIPPE LEITE.

(1) Obra citada — nota sobre neologismo.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Continuação.

O mundo invisivel deixa as fórmas indecizas e nebulozas com que o rastréa a intelligencia, para tomar dimensões exactas e figura natural. Era Jacopo e o Dante, precedidos pela audacioza imagem dos theologos e dos legendarios monachaes, descrevem o universo dos espiritos com a exacção de uma viagem ordinaria e natural. O poeta guibelino méde o inferno na mais temeraria e na mais poetica das vizões dos tempos medios, como que levanta a carta geographica dos dominios de Satan. Aqui é a portada sombria do reino das trévas, onde lampejam apenas os caracteres sinistros d'aquella epigraphe eterna. Per me si va nella citá dolente. Mais adiante é o circulo do limbo, logo o dos voluptuosos; depois a cidade de Dite, com os seus muros torneados, as suas ameias guarnecidas, com as suas cávas alagadas de agua paludosa, com o seu residuo de espiritos infernaes, tudo á imagem e similhança das communas de Florença ou de Siena, de Arezzo ou de Verona, onde se haviam pelejado as guerras intestinas e ferozes dos guibelinos e dos guelfos, a lucta sanguinoza entre as chaves de S. Pedro e as aguias do sacro imperio.

O theatro na edade media fallava mais aos olhos do que ao coração, mais á fé que ás paixões humanas. Durante muito tempo andou ligado á egreja como um supplemento profano ao culto religioso. Desterrado e proscripto na sua antiga belleza classica, como remeniscencia da gentilidade e como indecoroso á austeridade dos fieis, anathematisado pelos santos padres, condemnado pelos doutores, e prohibido pelos bispos, desappareceu durante seculos, sepultando em egual esquecimento as graças varonís da tragedia antiga e os gracejos impudicos do Momo atheniense e da Thalia romana. O theatro antigo lembrava as festas do polytheismo e a gloria sacrilega dos falsos deuses, que Constantino espedaçára nos templos de todo o imperio. Quando o theatro quiz renascer, a egreja dirigio-o, para que não voltasse como Julião ás censuras do paganismo. Franqueou-lhe os adros dos templos, e chegou a admittir a musa dramatica, acanhada e rude, mas christan, a exornar nas barbaras visualidades dos *mysterios* a celebração das festividades religiosas, a representar em fórmas sensiveis as scenas sacrosanctas dos divinos testamentos, e a figurar em personagens animados a legenda dos sanctos e a historia dos heróes christãos.

Havia espectaculos, mas não havia theatro. A scena profana esclareceu-se com os primeiros raios da renascença e com os primeiros clarões da refórma religioza. Na Hespanha nasceu de ecloga, e de certo da tradicção dramatica tal qual havia sido na edade media. Indirectamente proveio da litteratura antiga, mas não de Plauto nem de Menandro, senão que de Moscho e de Theocrito, de Virgilio e de Calpurnio.

A mais antiga fonte conhecida do theatro hispanico é a ecloga satyrica de *Mingo Revulgo*. É o primeiro exemplo de um dialogo em que os personagens começam a caracterisar-se e a reflectir em luz baça e duvidoza ainda, os cambiantes da sociedade. Mais tarde vem as eclogas de Juan del Encina, a quem os castelhanos talham a primeira palma theatral. Está alli o theatro, é verdade, mas virtual, mas latente, como o choupo ou o baobob gigante na cellula vegetal. Onde começam, porém, a divisar-se os primeiros lineamentos do theatro peninsular é nos singellos autos de natividade, primitivas creações da musa folgasam, mas reflexiva do nosso Gil Vicente. Discipulo e imitador do poeta Salmantino, Gil Vicente em mais de uma feição copía os traços de seu mestre. João del Encina dedica as suas «representa-

ciones» como elle proprio as alcunha a servirem de distração e de luz aos principes e grandes que mais particularmente o favoreciam. São os reis catholicos Fernando e Isabel os primeiros que no seu palacio disfructam nas eclogas rudes e singellas do Terencio hespanhol, os primeiros e ainda vagos antegostos dos faustosos espectaculos scenicos com que havia mais ao diante resplandecer a magnificencia da córte hespanhola. Abaixo dos modernos fundadores da grande monarchia hespanhola, é a casa de Alba, a mais illustrada então das Hespanhas pela generosidade do berço, e pelo brilhantismo dos feitos d'armas, a que recebe as primicias do theatro hespanhol, creado por Juan del Encina. Gil Vicente para reis tambem, e reis tão esclarecidos e tão magnanimos com Fernando e Izabel, escreve as suas composições dramaticas, é seu theatro o paço, o auditorio uma curia de principes e de senhores.

O comico portuguez, como o hespanhol, filiam a sua escola dramatica e a sua fórma litteraria nas mesmas tradicções e nas mesmas origens. Juan del Encina aproveita a idéa dos autos e dos mysterios, e nas suas primeiras eclogas, destinadas a celebrar alguma festividade christan, ou alguma tradicção religiosa, não se atreve ainda a romper de todo a cadêa que liga durante seculos e por costume immemorial o theatro á egreja, e que faz das artes scenicas um appendice abrigado das magnificencias do culto christão. Gil Vicente começa egualmente pelo auto religioso. A natividade e a epiphanía são os themas das suas primeiras composições. Os personagens são os do velho e do novo testamento, que ás vezes por um arrojo insolente do autor, como no *auto de Sebilla*, se encontram sobre as pranchas com as figuras da mythologia pagan. Em Gil Vicente, do mesmo modo que em Encina, o sal comico, exaggerado por vezes até o gracejo escurril e á satyra obscena, vem deslustrar a magestade do assumpto e alegrar com chispas de um engenho pouco reverente e piedoso, a gravidade das representações em que a divina magestade se appresentava em contemplação ás magestades da terra.

Ha nos dois fundadores do theatro peninsular o mesmo molde dramatico, a mesma escolha de assumptos, egual maneira, parecidissimo colorido, retoques imitados pelo portuguez sobre as imperfeitas miniaturas do poeta castelhano. Até na identidade da lingoa se manifesta o escrupulo com que o comico de D. Manuel segue no seu primeiro trilho, ainda incerto e duvidozo, as pizadas do seu menos engenhoso predecessor. O theatro portuguez ao nascer, soltou os seus primeiros vagidos em idioma extranho, como quem previa já que havia de ser quasi toda castelhana a musa dramatica nas Hespanhas, e que, loucamente pródiga com os centenares de escriptores dramaticos de Castella, nos mostraria em Gil Vicente as esperanças de uma scena opulenta e variada, para nos condemnar depois ao opprobrio litterario de sermos ainda até hoje uma nação desprovida de theatro.

Foi notavel acaso que o nascimento do theatro castelhano viesse a succeder na mesma epocha em que a Hespanha de Fernando e de Isabel inaugura com a expedição aventureira de Colombo o perido das suas conquistas ultramarinas. No proprio anno de 1492 em que de Palos saía a flotilha do almirante Genovez ao serviço de Castella, as representações de Juan del Encina traçamos primeiros lineamentos do theatro hespanhol. Da expedição do Gama quasi que foram tambem contemporaneas as primeiras manifestações do estro de Gil Vicente. Foram similhantes e egualmente auspiciozos os principios dos dois theatros peninsulares. Cedo porém se apartaram e distinguiram em prosperidade e em destinos.

O castelhano no meio das excursões do ultramar e das guerras prolongadas, que avassallaram quasi a Europa ao sceptro de Carlos V, achou meios para cultivar e enriquecer o drama. A nós, parece-nos que nos foi de sóbra o ser actores n'essas grandes epopéas que á ponta da lança haviamos escripto longe do nosso continente e do nosso berço. O que nos faltou em inspirações da musa folgazan e risonha da comedia, sobrou-nos em grandeza lyrica e no estro varonil da epopéa. É curioso observar como castelhanos e portuguezes, filhos da mesma terra, cultores de lingoas quasi gemeas, herdeiros das mesmas tradições e das mesmas glorias, descendentes da mesma prosápia goda, com a bastardia arabiga, que todos nós os peninsulares temos em mais ou menos subido grau, com litteratura, por assim dizer, commum, e tão similhante na essencia, na metrificação e nas fórmas do dizer, chegados ao ponto em que as lettras se transformam para, ao cerrar da meia-edade, tomarem uma feição mais cortesan e mais polida escola, nos partímos em direcções diversas, como se todo o campo litterario o não podessemos uzar em sociedade, e como se imitassemos o proceder de Abraham e de Loth na partilha da terra commum.

Porque foi que nós, os verdadeiros creadores do theatro, não passámos nunca da tal ou qual barbaria de Gil Vicente, em quanto que os hespanhoes, acceitando sequiosos a herança d'elle e do seu Juan del Encina, tractaram de grangear e enriquecer aquelle precioso patrimonio?

Ha mais engenho e mais invenção em Gil Vicente do que no seu ainda barbaro modelo. O trovador portuguez advinhou effeitos scenicos e combinações dramaticas que Encina nunca chegou sequer a rastrear. A scena dilata-se para Gil Vicente em mais largos e menos ennevoados horisontes do que para a Thalia modesta do hespanhol.

E' comtudo Gil Vicente é elle proprio o principio e o encerramento do seu cyclo dramatico para Portugal; emquanto que o seu rival é apenas o germen d'onde por uma serie de felizes operações do engenho brota e floreja copada e opulenta a arvore gigante do theatro hespanhol. Gil Vicente fica sempre acima dos seus discipulos e imitadores na scena. A sua propria escóla numera rarissimos proselytos. Antonio Prestes, Simão Machado, Antonio Rodrigues Chiado e poucos mais de mais obscura nomeada, completam o circulo inteiro de theatro propriamente nacional. Os que apparecem fóra d'este grupo ou se filiam na tradição classica e são adeptos eruditos da renascença, ou apparecem aqui e acolá, debeis imitadores do theatro hespanhol nas epochas mais lustrozas e mais cúltas do seu progresso e desenvolvimento.

Na Hespanha o theatro fica estaccionario alguns annos, apesar dos impulsos felizes dos dois fundadores do theatro peninsular. Pelos annos de 1582 escreve-se em Ferrara a novella intitulada *Cuestion de amor*. Vem ali inserida uma ecloga de bellissimos versos, a qual, segundo todas as apparencias, figurou na scena e se representou diante da córte de Napoles, a cujo serviço andaria por ventura o autor anonymo d'aquella producção.

O drama sáe d'esta vez ainda da singella contextura da ecloga pastoril. A scena plebeia e popular não tem ainda expedido ao drama o seu diploma de litteratura cidadã. São o auditorio principes e pré-

ceres, ante quem a musa tem necessariamente de sacrificar á magestade e á etiqueta cortesan os vôos do estro livre e os arrojos da satyra mordaz.

É pelos annos de 1517 que a Hespanha recebe de Napoles os primeiros reflexos da arte dramatica, que esforça por depurar-se e vasar as suas concepções em moldes menos estreitos do que os da ecloga pastoril do auto religioso ou da allegoria palaciana em que d'antes se amesquinhara o estro peninsular.

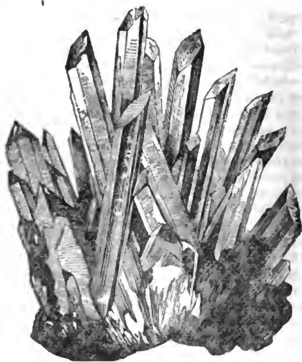
Se Juan del Encina funda o theatro, representando pela primeira vez eclogas, mais ou menos calcadas nos modêlos virgilianos, se Gil Vicente, por ventura mais rude e menos erudito, multiplica os assumptos e salpica de sal attico, nem sempre terso e decoroso, o ar frio e sentencioso das camenas buccolicas, Bartholomeu de Torres Naharr é o primeiro que consegue a ligação dos personagens n'uma fabula, ainda incoherente e mal entretecida, com uma intriga, e um desenlace mais parecido na maneira e tom egual á litteratura dramatica dos bons escriptores da edade aurea do theatro hespanhol. As circumstancias favoreciam singularmente a Bartholomeu Naharro, para que adiantasse mais uma balisa na carreira theatral. Vivia na Italia, onde o seculo XVI annunciára o alvorocer das boas lettras, pela erudita ressurreição dos bons modêlos classicos. As muzas latinas e hellenicas tinham arrojado o véo nebulozo com que as encobria a superstição e a sobranceria de meia-edade O pensamento, libertando-se de todas as cadêas, voava, animado pela grande insurreição da reforma espiritual, em todas as direcções. O espirito cansado da autoridade, sacudio o jugo actual, para buscar nas instituições e nas lettras um jugo novo e uma nova superstição. Renegava a autoridade de edade media para curvar se diante da autoridade dos antigos. Sacudiu a dictadura dantesca para se deixar conduzir como escravo de Homero e de Virgilio. Desdenhava os autos e mysterios christãos para copiar servilmente as scenas profanas de Euripides e de Sóphocles. Renegou a autoridade feudal para curvar a cervis á autoridade imperatoria. Luctava contra a dominação da egreja universal para se humilhar diante do intolerante despotismo de Luthero ou aos pés da ciosa aristocracia de João Calvino.

No meio do movimento de reacção que illustrou o seculo XVI, e que fez d'elle a primeira estação da moderna civilisação e o primeiro posto da cruzada revolucionaria, a Italia primou na interpretação da antiguidade e na imitação dos seus mais correctos escriptores. Em 1515 o prelado Trissino representava em Verona a sua tragedia de *Sophonisba*, a primeira tragedia regular dos tempos modernos, e a primeira em que as regras aristotelicas e os exemplos dos tragicos antigos foram rigorosamente obedecidos desde o assumpto heroico, bebido nas guerreiras frontes romanas até á disposição e contextura do drama e ao estylo e fórma do dialogo.

O movimento litterario da Italia accendeu porventura o estro de Naharro, sem lhe despertar o desejo de se inspirar na Castalia antiga. Pouco affeiçoado á erudição classica, os olhos em vez de se enlevarem na pureza das fórmas romanas e na correcção da musa antiga, vão-se-lhe saudosos para os exemplos e tradições da patria Hespanha. A maneira de Gil Vicente apparece nas comedias de Naharro que elle chamou «comedias á noticia» ou aquellas em que se rebocavam do natural algumas scenas desconnexas da vida commum, taes como as comedias *Soldadesca* e *Tinellaria*, ou em que se prestava a allegoria nas suas mais extravagantes fórmas á celebração das acções heroicas do seu tempo, taes como a comedia *Trofea*, destinada a exalçar as glorias e conquistas d'el-rei D. Manuel, e segundo toda a probabilidade, representada em Roma, na presença do nosso faustuoso embaixador Tristão da Cunha.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.



QUARTZ HYALINO.

A mineralogia chama cristaes ou pedras cristallisadas, não aos vidros de bella transparencia como em a vulgar accepção, mas a certos productos naturaes; e cristallisação á operação pela qual a natureza obra esses productos, cujas formas parece que dependem das formas das pequenas parcellas de materia que se aproximam e se unem n'esta operação, e tambem da natureza do liquido que os tem em suspensão ou em dissolução, assim como das circumstancias especiaes em que se opera a união. Pode obter-se tal ou qual idéa da maneira por que uma substancia se cristallisa, deitando sal commum em agua; a principio o sal derrete-se e apenas turva a transparencia da agua; mas, depois, as pequenas parcellas de sal, que n'este estado são imperceptiveis, chegam-se, unem-se, e formam no fundo e bordos da vasilha pequenos cristaes regulares, cuja forma é ordinariamente um cubo, isto é uma figura de seis faces iguaes, como, por exemplo um dado de jogar.

O *cristal de roca* ou de rocha é o que a nomenclatura denomina *quartz hyalino*, de ordinario cristallisado, incolor, e transparente; mas, quando tem côr, segundo esta, se lhe dá os nomes de amethysta, topazio e demais pedras preciosas, de que fazem joias os lapidarios. O cristal de roca sem côr e mui transparente é algumas vezes empregado em instrumentos de optica; conserva-se na sua forma natural como objecto de curiosidade ou de estudo nos museus: lapida-se e n'elle se pode tambem gravar; ha grandes vasos d'esta materia que são dos mais preciosos; o espelho do quarto de vestir de Luiz IV era de cristal natural estanhado como o vidro.



PALACIO DE TASSISUDON.

O Boutan é uma grande região da Asia central, muito pouco povoada proporcionalmente á sua extensão, separada do Thibet por uma cordilheira de serras que se dilata entre 27 e 28 graus de latitude, e que fica ao sul de Bengala formando por este lado a linha divisoria uma ramificação do monte Imaus.

Os habitantes são de raça quasi branca com feições tartaras; e differem nos costumes tanto dos bengalins seus visinhos quanto é diversa a respectiva temperatura do clima; ha tamanha disparidade entre estas duas castas de homens que parecem nascidos em duas regiões muito remotas uma da outra. Os do Boutan tem a pelle clara e são mais fortes do que os fuscos bengalins; tambem tem a cara mais larga e os ossos das faces mais proeminentes; os seus cabellos são pretos e usam corta-los mui curto; geralmente são de alta estatura; porém, grande numero é sujeito á inclinação do pescoço e barba que se chama papeira.

A religião do Boutan é o budhismo; governa-o um Deb-rajá da seita dos Lamas, subordinado n'este ponto ao Dala-Laima do Thibet; porém ainda ha pouco reconhecia com o pagamento d'um tributo o imperador da China.

O territorio, assim das fronteiras como interiormente, é montanhoso, e as serranias produzem trigo e cevada como na Europa, bastante arroz e uma casta de grão de que os naturaes fabricam certo licor fermentado. Os valles comprehendidos entre esses montes dão bem todo o genero de fructas, taes como pecegos, peras, maçãas, damascos, amoras, morangos, e framboazes. Parte das serras está coberta de neve em todo o anno.

Tassisudon, residencia ordinaria do Deb-rajá é sita nas margens do rio Tehintchiou a 36 leguas ao sueste do famoso mosteiro de Thescou Lombou, onde tem morada o soberano temporal e espiritual do Thibet. O palacio de Tassisudon, uma das celebres construcções dos sectarios do budhismo, é feito de pedra e forma um quadrilongo; as muralhas são altas e tendo um jorramento ou talud, como que se recolhem um tanto para dentro á medida que se elevam; a meia altura corre uma ordem de janellas com cortinas de clina, que servem de vidraças, e se fecham todas as tardes: o centro faz uma especie de cidadella com sete andares muito baixos á similhança dos quarteis de algumas fortalezas; o todo é coroado por um zimborio. O valle onde tem assento o edificio é bem cultivado e ahi se colhem muitos cereaes, e se veem dispersos varios casaes; porém não ha povoações nem mesmo logarejos, na distancia de meia legua em redondo.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

ALGUNS DOCUMENTOS ÁCERCA DO CONDE DE AVRANCHES.

A tradicção tem-nos transmittido singularmente alterada, uma circumstancia importante, relativa a um dos vultos mais conspicuos nos fastos portuguezes. Referimo-nos ao nobre e esforçado cavalleiro Alvaro Vaz d'Almada, tão afamado no seu tempo por toda a Europa: e especialmente á sua nomeação como conde de Avranches.

Tem-se generalisado entre nós a erronea idéa de que este illustre portuguez fôra feito conde de Avranches pelo rei de França, e cavalleiro da ordem da Jarreteira pelo de Inglaterra; quando é certo que Henrique VI, rei de Inglaterra, foi quem fez ambas as mercês no anno de 1445.

Na actual subdivisão da França, Avranches está situada no departamento da Mancha, que se acha incluido na antiga provincia ou ducado de Normandia. Esta porção do territorio francez achava-se, como é bem sabido, incorporada nos dominios da corôa de Inglaterra desde a conquista d'este reino pelo duque Guilherme, chamado o Conquistador, e assim permaneceu até que veiu a ser redusida pelas armas do rei de França, Carlos VII. Mas Henrique VI era ainda duque de Normandia em 1445, e foi como tal que deu, e podia dar, o titulo de conde de Avranches a D. Alvaro. Esta circumstancia, mal entendida, é que provavelmente originou o erro que mais tarde se propagou, bem como a de se intitular aquelle monarcha inglez *rei de França*, ditado que nasceu da conquista da França effectuada por Henrique V, e que os soberanos inglezes só largaram muito tempo depois. Releva lembrar que quando este rei morreu, no meio da sua gloria, deixou seu filho Henrique VI, então menor, como rei de França e em plena posse do reino; a expulsão d'este, ou antes da sua auctoridade, teve logar só passados alguns annos, devendo por tanto haver muita gente que o considerasse realmente como rei de França, em quanto vivesse.

Seja como for, o erro tornou-se posteriormente tão geral que todos os auctores o acceitaram sem exame, e entre outros o dr. Schoeffer, illudido pelas auctoridades portuguezas que seguiu, mostrando aliás, na sua bem elaborada historia de Portugal, ser escriptor de muito discernimento e de um talento historico mui distincto (1). O fallecido visconde de Santarem foi o unico, se não nos enganamos, que rectificou a tradicção antiga, dando noticia do conteudo de uma carta de Henrique VI, datada de 4 de agosto de 1445 (2), que achou publicada na collecção ingleza de Rymer.

N'uma obra que publicámos ultimamente (3) noticiamos summariamente quatro documentos que existem no Museu Britannico, relativamente a Alvaro Vaz de Almada, e agora offerecemol-os na sua integra (4), entendendo que merecem publicar-se visto o seu interesse historico. Estes documentos não são os originaes, mas só as copias ou parte de um registo; os originaes estavam no archivo da Torre de Londres, e talvez ainda estejam em algum dos depositos dos archivos inglezes. O primeiro é o mesmo de que já fallamos acima, achando-se em substancia no *Quadro Elementar* (5) do illustre visconde de Santarem; do segundo tambem dá noticia o mesmo auctor (6); o terceiro documento vê a luz pela primeira vez. São todos tres datados do 23.º anno do reinado de Henrique VI, que principiou em 31 de agosto de 1444 e terminou em 30 do mesmo mez de 1445 (7); e como estes diplomas são do mez de agosto, segue-se que pertencem ao anno de 1445.

N'estes papeis temos um testemunho insuspeito da grande reputação de que gosava este famoso cavalleiro; são estrangeiros que prodigalisam louvores devidos a um guerreiro de reconhecido valor. Vê-se que, se elle fazia sentir o pezo do seu braço no campo de batalha, tambem fazia ouvir a sua voz auctorisada no recinto do gabinete, quando assim o pedia o bem publico.

A pensão vitalicia que lhe dá o rei de Inglaterra de 100 marcos annuaes, ou pouco mais ou menos 132 libras esterlinas (1), que não era somma mesquinha se attendermos á escacez do numerario, especialmente em Inglaterra, e seu grande valor representativo n'aquelles tempos; o presente de uma taça de ouro do valor de 40 marcos, contendo outros 100 marcos em dinheiro, que lhe faz o mesmo rei; mas sobretudo o facto de ser eleito por unanimidade membro da insigne ordem da Jarreteira, em cujo gremio a admissão é tão difficil, e mesmo nulla para estrangeiros, exceptuando-se as testas coroadas, são tudo provas inquestionaveis dos grandes e valiosos serviços prestados pelo celebre portuguez a Henrique VI, e a seu pai Henrique V: pois é certo que andou no serviço tanto d'este como d'aquelle. É de crer que D. Alvaro acompanhasse Henrique V quando este invadiu a França; o que logo por si provaria que quem fôra galardoado pelo monarcha inglez por similhante motivo, não o poderia ser tambem por seu adversario, a menos que não fosse um mercenario.

Ex Archivis in Turri London
E rotulo Franciae, A.º 23.º
Hen. 6. membrana 2.

HENRICUS dei gratia Rex Angliae et Franciae et dominus Hiberniae Archiepiscopis Episcopis &c. salutem. Magnis efferendi sunt laudibus, singulari attollendi gloria, qui in Rei publicae salutem dies suos et vitam ipsam ferventi studio et animo indefesso conferre nituntur; qui de seipsis pericula faciunt pro aliorum quiete, qui egregiam famam et nomen immortale, prae coeteris mundanis rebus sitiunt, et foelices se praedicant dum communem utilitatem eorum operá et fide adjutari posse arbitrantur: O foelicissimum genus hominum! sine quibus urbes, moenia, regna, dominia, mundi Principes, nec mundus ipse, incolumitate gaudere poterunt: O clarissimi et justi viri! quorum sancta dispositione virescunt virtutes omnes et florent, pulcherime effrenantur mali, praemuntur perversi; nemo est certe qui horum ingenuos animos aut literis contexere aut verbis affari digná laude poterit; de quorum numero insignis et nobilis animi vir et strenuus et splendidissimus miles DOMINUS ALVARUS DE ALMADAA dicendus et praedicandus est, qui ab ineunte suá aetate, dum annos pueritiae excesserat, militiae gloriá debaccatus, virtutum praemia et communem omnium salutem anelans, toto conanime et omni studio in armorum usum se conjecit, et cum aptiores Rei militares attigerat annos, adolevit strenuitas sua cum aetate, itaq animo excellenti in omnem Rei publicae tuitionem crevit, ut nichil sibi dulce, acceptum, aut desiderabile videbatur, si pro communi bono non fuerit institutum; adeo sua pro virili bellorum descrimini insudavit forti animo, et pacis tranquilitati consilio, quod suo jure praemia debentur suo labori: propterea nos animadvertentes nobilitatem et animi dicti viri egregiam dispositionem, quae suis gestis adjunctae magnum efficiunt ornamentum, nec non ingentia facta quae non tantum tempore regni celeberimae memoriae Christianissimi Progenitoris nostri verum etiam cumulum amoris servitii et meritorum quae nobis

(1) Veja-se a mesma historia Ep. 2 L. 1 c. 4 § 1.
(2) Vaja-se «Quadro Elementar» Tom. XIV p. 203, e tambem p. CLV da Introducção.
(3) Catalogo dos Mss. Portuguezes no Museu Britannico, p. 259 e 260.
(4) Julgamos escusado publicar um d'estes documentos, por ser apenas uma noticia de poucas regras sobre D. Alvaro, sem offerecer novidade alguma.
(5) T. XIV, p. 203.
(6) Ibid p. 206; este doc. acha-se igualmente em Rymer.
(7) Henrique VI subiu ao throno em 31 de agosto de 1422.

(1) 100 marcos equivaliam a 66 lb. 13 s 4 d; mas as moedas tinham n'aquella epocha, em Inglaterra, o dobro do peso ou valor intrinseco do que tem hoje as de mesma denominação.

regnisq exhibuit nostris, ipsum in militem ac socium et fratrem de **Garteria** ex unanimi consensu societatis ejusdem elegimus et realiter investivimus: eundem etiam Dominum **Alvarum** ex nostra habundantiori gratiâ in evidens testimonium suarum virtutum, in comitem **Davarans** in Ducatu nostro **Normanniae** creavimus et praefecimus, ac per presentes creamus et praeficimus ac de eisdem nomine honore et titulo per cincturam gladii investientes effectualiter insignivimus. Habenda et tenenda eadem nomen et honorem Comitis **Davarans** sibi et haeredibus suis masculis de corpore suo legitime exeuntibus in perpetuum, volentes et praecipientes pro nobis et haeredibus nostris quod dictus fidelis noster dominus **Alvarus** nomen et honorem Comitis **Davarans** teneat sibi et haeredibus suis masculis de corpore suo ut praemissum est legitime exeuntibus in perpetuum, Hiis testibus venerabilibus patribus I: Cautuar: et I. Eborumarchiepis. Tho: Norwiceu: W: Sarum, I: Bathon et Wellen Epis. carissimo avunculo nostro Humfredo Duce Glouc: ac carissimis consanguineis nostris Iohan: Exon. et Humfredo Buck. Ducibus et Willõ Marchione Suffolciae. Iohan: Vicecom: de Beaumont, ac diltis (1) et fidelibus suis Radulpho Cromwell et Radulpho Botiller, militibus, Thess. (2) Angl., et Magistro Adam Moleyns custode privati sigilli et aliis. Dat. per manum nostram apud Westm. (3) 4 die Aug.

Per breve de privato sigillo et de datâ praedictâ &c,

Ex Archivis in Turri London
E rotulo Franciae, A° 23°
Hen. 6. membrana 2.

Rex omnibus ad quos &c salutem. Ponimus ante oculos nostros fidem industriam circumspectionem affectionem laboresq et alia memoriâ dignissima quae fidelis noster Dominus **Alvarus de Almadaa** Comes **Davarans** consiliarius excellentissimi Principis et potentissimi domini Regis Portugaliae consanguinei nostri et Capitaneus Major in omnibus regnis suis et dominationibus ac Alcayde major civitatis Ulisbonensis foelicis memoriae genitori nostro et etiam nobis singulari intentione impendit: volentes ideo hujusmodi merita sine fructu nequaquam oblivioni comittere, Ex mero motu nostro concessimus et concedimus per praesentes eidem **Alvaro** centum marcas percipiendas annuatim quamdiu vixerit ad receptam Scaccarii nostri Angliae per manus Thesaurarii et Camerariorum nostrorum ibidem pro tempore existentium ad Terminos Paschae et Sancti Michaelis per equales porcões. In cujus, etc Teste R. apud Westm. 9 die Augusti.

Priv. Sigill. 13 Aug. 23 H. 6. We in good consideration of the good service grete zele and good love that our trusty and welbeloved **Alvast Dalmaa** Knyght of Portugale hath doon and shewed unto us and oure full noble progenitors have maad (4) and creat (5) him now late (6) Therle (7) of **Averanche** and over that (8) we have graunted unto the said **Alvast** a pension of an C marc by yere during his life. We charge you that ye delivere unto him a cupp of golde of XL marc and C marc thereinne &c.

F. F. de la Figanière.

(1) Dilectis.
(2) Thesaurariis
(3) Westminster.
(4) Made.
(5) Created.
(6) Now of late; lately.
(7) The earl.
(8) And besides that; and moreover.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

II

Em uma das curtas visitas, que D. Maria Paes fazia á côrte para ver o infante D. Rodrigo Sanches, a formosura de Branca deslumbrou, e captivou o filho dos Viegas.

Desde esse dia Affonso não vio outra luz no mundo senão a que brilhava nos olhos da donzella; e obedecendo ao amor, que o chamava, o seu coração unio-se ao coração, que de puro e innocente, perguntava ainda a si mesmo, na candura do affecto, porque pulsava o peito com tanta força, quando a vista anciosa do mancebo, a obrigava a baixar a sua, e toda tremula, porque sentia arder nas faces as côres do pejo?

Em uma só vez, que se encontraram sós no eirado do alcacer de Coimbra, o segredo da paixão, que os abrazava, escapou a ambos, quasi sem o quererem, como o perfume se exhala do calix da flôr; e incapazes de fingir, ou de se conterem, juraram logo ali a ternura, que ia ser o enlevo, e o martyrio da sua vida.

A orgulhosa dama de Lanhoso recolheu-se ao castello de Cham sem descubrir, nem suspeitar ao menos de que procediam as lagrimas mal escondidas, e a pensativa melancolia, que realçavam de meiga palidez a rara belleza de Branca.

Attribuindo-as ao pezar de volver ao ermo, despedindo-se das festas e prazeres d'uma côrte faustuosa e opulenta, procurou suavisal-as, permittindo a sua netta os passeios solitarios e as fragueiras distracções da caça, sem perigo em um sitio, aonde tudo era distante do mundo e sombrio como o inverno da existencia, que a amante de Sancho I consummia nos terrores do remorso, e nos prantos inconsolaveis do arrependimento.

Apenas Branca se ausentou desappareceu com ella todo o contentamento do filho de Egas Lourenço.

A saudade avivando-lhe a cada instante a imagem querida, desbotou-lhe o rosto, apagando em uma contracção dolorosa o sorriso festivo, que dantes lhe animava os labios.

A tristesa succedeo á jovialidade impetuosa, e D. Mecia e Martim Gil, que nas suas horas de cuidado lhe invejavam d'antes a alegria buliçosa, reparando na mudança, pouco se demoraram em penetrar os motivos d'ella.

Leal como os annos tenros e a indole generosa, Affonso de joelhos aos pés da gentil rainha, confessou sem se disfarçar as penas e esperanças, que apesar do ardor, tornam tão doce a primeira chama, que vem acordar a alma ainda adormecida, revelando-lhe, que além da vida usual existe outra, mais alta e mais sublime, que não se vive só, e que de ordinario custa sacrificios e tormentos.

O enlace d'um dos Viegas com a neta de D. Maria Paes, pondo termo á antiga rixa das duas casas, não offendia os interesses da esposa de Sancho II, antes podia vir a favorecel-os; e da sua parte o poderoso valido não achava senão vantagens em que o man-

cebo possuisse as torres e o solar, que Branca devia herdar, ao passo que ficando em outras mãos, com as tempestades civis, que principiavam a acumular-se era para receiar, que um inimigo cerrasse as portas, e levantasse nas ameias o pendão da resistencia.

Assim os dous, pela mesma causa, longe de despersuadirem o donzel representando-lhe os obstaculos, que os parentes de Branca e os seus opporiam de certo a uma alliança entre familias separadas por um rio de sangue, e por vinganças implacaveis, esforçaram-o pelo contrario, e tractaram de lhe proporcionar os meios de se aproximar do castello de Cham, contando que o amor decidiria a neta de Maria Paes a esquecer pela ternura de Affonso o odio, que os desunia, e a memoria dos aggravos.

Para isso é que Martim Gil, sem lhe explicar a razão occulta, encarregou o mancebo d'uma mensagem a alguns dos cavalleiros, que moravam a poucas legoas do solar de Ruy Viegas, recommendando-lhes que detivessem o pagem, e no caso de carecer de auxilio, que lh'o prestassem, como a elle proprio.

Mal saiu os muros de Coimbra, Affonso sentiu renascer todos os jubilos, que a magoa tinha desvanecido; e vendo-se proximo do logar, aonde Branca se consolava da separação, conversando dentro d'alma com o seu amor, o coração parecia querer soltar-se-lhe, e voar ao encontro da donzella, que ha tantos mezes adorava no sacrario do seu peito, entre suspiros e lagrimas de saudade.

É inutil acrescentar o que todos hão de suppor.

Affonso não socegou em quanto não veiu renovar nos desertos do solar de Cham os juramentos feitos no meio de flôres e danças nos paços de Coimbra; e escutando a doce voz, que lhe respondia, e lendo na maviosa brandura d'aquelles olhos, tão bellos, todas as promessas, que a esperança lhe tinha deixado conceber, não viu no ceu e na terra mais do que a sua paixão, e não viveu senão para se entregar a ella.

Branca de seu lado, não era tambem menos feliz.

As rozas voltaram a alegrar-lhe o setim das faces; as pupilas d'uma côr tão rara, de languidas e tristes que esmoreciam antes, tornaram-se brilhantes e radiosas; e se alguma vez, como extasiadas, mostravam esquecer-se de quanto as rodeava, o toque de suave reflexão, que as suspendia, juntava um enlevo mais a tantos dotes.

A boca ha pouco melancolica e pensativa, avivou logo no coral dos beiços o sorriso casto, que sem os desflorar, deixa advinhar os arrebatamentos d'alma, que no infinito do desejo espera tudo, e tudo crê.

D. Maria Paes não podia aperceber-se da transformação, por que as trevas, em que a sua velhice se mergulhava, não a deixavam senão advinhar pelo affecto materno as magoas, ou os jubilos d'este anjo, que a providencia compadecida collocara junto d'ella como unica e suprema consolação das ancias, que enchiam de terror a eterna noute d'uma existencia, que nas horas de maior angustia pedia a Deus, que abreviasse, porque a tomava com motivo como o castigo tremendo e antecipado das culpas da soberba.

Ruy Viegas distrahido de outros cuidados pela ambição, admirava como todos a viçosa formosura da filha de D. João Fernandes de Lima; mas seria o ultimo a notar-lhe nos olhos a nodoa das lagrimas, ou no rosto a palidez da saudade.

Se a idade das paixões não passara ainda por elle, porque estava no vigor da existencia, era duvidoso que a sua razão fria, e o seu espirito positivo se alvoroçassem com os estimulos d'uma afeição bastante forte para os cegar.

Nunca amara; e lamentava quasi os outros cavalleiros moços, quando os via, timidos e submissos aos pés de alguma dama, dobrando a liberdade aos seus caprichos, e fazendo galla d'um captiveiro, que no seu entender quasi significava uma fraquesa.

Branca perdendo ainda no berço o carinho e a vigilancia de seu pae, e como ultimo fructo d'uma união venturosa, resumindo na sua cabeça adorada todos os extremos d'um coração tão excessivo na ternura, como inexoravel no odio, qual era o de D. Maria Paes, crescendo em attractivos e prendas, acostumou-se a ser mais senhora, e menos sujeita, do que usavam de ordinario as donzellas dos seus annos e condição.

Creada ao collo de tantas meiguices, affeita a não manifestar uma vontade, que não visse logo cumprida, e certa de que um beijo ou um affago seus, possuiam o milagroso condão de chamar por alguns instantes o riso ao semblante da sua mãe, isemptou-se da escravidão quasi claustral em que a vida das outras castellãs se entristecia, e levantando-se do estrado dos lavores, ou da almofada em que bordava, habituou-se a visitar os sitios mais agrestes e solitarios, e a largar sem receio o galope á sua hacaneia pelos campos e encostas com o garbo e affoutesa um de estribeiro consumado, e a graça fragueira d'uma Amazona.

Ao lado de seu primo nas corridas mais arriscadas, nem precipicios, nem selvas a detinham; e com as madeixas soltas, com as faces accesas em vivo carmim, e a vista a arder no fogo das agitadas comoções, rapida e audaz, como o mais animoso monteiro na investida, ou no assalto da presa, nem o perigo a sobresaltava, nem o encontro a colhia menos firme.

D'aquellas mãos delicadas partia seguro e certeiro o venabulo, como se fossem as d'um caçador aguerrido; e nos lances de risco, que tantas vezes offerece a desesperação da fera acossada, em quanto de a ver exposta desfallecia o peito aos mais ousados, o seu não arfara inquieto, a vista brilhante e recta crusando-se com a morte, mostrava quebra, ou desalento.

Por isso Branca era o idolo e o orgulho dos Nemrods, cubertos de gloria e de cicatrizes nas asperas fadigas d'um exercicio, que tinha para elles o grande valor de conservar na paz a agilidade necessaria para as verdadeiras luctas, ao mesmo tempo que apresentava a imagem dos combates, porque suspiravam, proporcionando-lhes occasiões de ostentarem destresa e serenidade a braços com o perigo.

A estas circunstancias deveram os amores do mancebo a felicidade de correram occultos e tranquillos.

Ao recolher d'um passeio distante, ou d'uma caçada, a filha de D. Maria Paes, furtando-se ao bando tumultuoso dos monteiros, deixava-os entrar adiante no castello, e por algum atalho conhecido, vinha ao sitio cuberto de frondosas ramas, aonde o amor a aguardava contando os momentos.

O que os dous fallavam n'estes colloquios estremecidos, é o que tem dito, e hão de dizer sempre os corações virgens, que no viço dos annos e cheios de illusões, abraçam a esperança como realidade, aceitam as promessas do desejo como verdades, e indifferentes a quanto lhes é estranho só olham para a sua paixão, porque só por ella existem.

A innocencia de Branca era tão pura, que nem um instante lhe passou pela mente a sombra d'um receio, ou d'uma suspeita, vendo-se todos os dias naquelle deserto horas inteiras a sós com um mancebo, que o delirio dos sentidos podia desvairar!

Se duvidasse de Affonso, se o julgasse capaz d'uma vileza preferiria perdel-o, e morrer, a deshonrar-se, tornando a escutal-o. N'aquella alma crente e elevada a admiração e a confiança eram as azas, em que a sua ternura se levantava acima das baixesas e das miserias da terra.

O neto dos Viegas viera realisar os sonhos namorados da sua adolescencia, quando com melancolia suave e sentindo vagas saudades d'um sentimento mais profundo, que principiava a acordar-lhe o peito, os olhos do mancebo lhe revelaram de repente, que era chegado o affecto, que havia de decidir da sua vida, e do futuro.

Nos momentos, em que se encontravam, tinham trocado apenas algumas palavras, pouco expressivas para a exaltação que denunciava a vista, e que o tremor da voz não sabia disfarçar; mas embevecidos e absortos eram logo obrigados a separar-se, porque as horas tinham corrido desapercebidas na muda contemplação, em que a alma de ambos, defalecendo, se embebia.

O sobresalto, e a timidez prendiam-lhes os labios, e quando o coração mais desaffogado, começava a trasbordar, fugira o tempo, e escapara a occasião!

Entretanto, n'este dia haviam decidido pôr termos ás incertezas, ligando-se por um juramento que unisse em uma só as duas existencias. Branca esperava que o mancebo, vencendo o receio, lhe pedisse a mão de esposa. Affonso, depois de hesitar cem vezes, e de comsigo mesmo assentar outras tantas em que seria resoluto, contava lançar-se aos pés da donzella, rogando-lhe que o deixasse ser o mais venturoso dos homens.

Malogrados propositos! Apenas se avistaram succedeu o que observamos já; o que succedia sempre. A voz sumiu-se tremula e balbuciante, e só os olhos e o silencio disseram tudo!

Branca, segundo notamos antes, foi a primeira, que soube vencer-se, e romper o encanto.

O amante, quasi de joelhos ao seu lado, não se causava de a admirar, e debalde pedia animo e forças á chama, que o abrasava, para pintar com a voz as infinitas allegrias, que n'aquelles instantes lhe illuminavam a alma. Em vão! Na posição que tomara a donzella o esbelto corpo desenhava as formas graciosas, em um mixto fascinante de requebro e timidez. A expressão dos olhos era admiravel. Parecia, que as palpebras tinham inveja dos thesouros e ternura, que os tornavam irresistiveis, e que por isso tanto a miudo lançavam sobre elles a sombra das pestanas.

Mas só por momentos! Logo depois levantavam-se compadecidas, e a voluptuosa suavidade do sorriso, aveludando o brilho á vista humida, como que deixava fugir em um raio de luz branda o suspiro do amor, incapaz de se conter.

As folhas das arvores, sussurrando com o vento que lhes estremecia sobre a cabeça a abobeda de verdura, não estavam mais agitadas do que o peito de Branca, batendo atropellado por tal modo que se viam arfar as roupas.

Affonso com a maviosa suspensão, em que a verdadeira paixão se retrata, sem abrir a bocca tinha já confessado tudo, e durante esta pausa, cheia de delicias, respirava o perfume d'essa rara flor, que só uma vez nos é dado colher e gozar na vida.

De repente, em quanto os osculos ardentes do mancebo se repetiam na mão alva e breve, que nem se lhe entregava toda, nem tambem se retirava esquiva, um rouxinol veio pousar-se no mais alto ramo, debruçado por cima da capa do arvoredo, e começou a trinar com tanta melodia, que levava os sentidos atraz do canto.

Era o idylio completo, e a vista dos dous amantes, meiga e extasiada, ao som d'aquelles gorgeios começou as confidencias, que os labios finalmente, ousaram proferir.

« — Branca! — exclamou o mancebo, soltando a voz a custo, e com as faces illuminadas nas vivas cores do jubilo — tardavas tanto! Cheguei a temer que não viesses. Se soubesses a tristeza que me apertou o peito, quando vi o sol quasi a esconder-se, e tudo silencioso em roda de mim!... »

« — Incredulo! » atalhou ella sorrindo-se, e como que beijando-o na fronte com o amoroso olhar, em que derretia a ternura dos olhos. « Não tinhas a minha promessa? Já faltei a ella? »

Não. Mas vês, amo-te; sou como os loucos, só vendo-te, e ouvindo-te, como agora, é que posso crer, que a ventura não seja um sonho. O meu medo é acordar um dia, não achando de tudo o que gozei, senão a dor e a saudade!

« — Merecias em castigo da pouca fé, que eu não tornasse aqui! Mas sou tão branda, ou tão fraca, antes, que me compadeço, e digo ainda: Affonso, o meu desejo era sempre estar ao pé de ti, ler nos teus olhos a mesma esperança, e sentir no coração a doce alegria, que faz palpitar o teu. Não sei porquê, mas este affecto, é o maior de todos; arde e queima, e ao mesmo tempo consola!... Dize: tua irmã que fosse, querias-me do mesmo modo? »

— « Branca não perguntes o que sabes, o que adivinhaste já; não vês no meu peito, tanto ou mais do que eu? Não se estremece nada assim no mundo! Um instante, aqui, passado de joelhos aos teus pés conta-se por um seculo de felicidade; os olhos, que me dizem amo, o sorriso, que me enche de luz a alma, a voz, que na ausencia me fere o coração, e o sobresalta... cuidas que me esquecem, ou que ha uma hora, um momento só na vida, em que os não veja e ouça, em que os não adore, como se adora o que é do ceu e de Deus? Antes de te conhecer, não vivia! Antes de sahir da tua bocca a esperança, que me faz tão ditoso, que não trocava a minha sorte hoje pela gloria do melhor cavalleiro, ou pela coroa do mais poderoso rei. Não avalias as penas, que padeci, os receios, que me combateram nas longas noutes de somno, em que só me apparecia a tua imagem sem os teus labios mudos me prometterem nada?... Quantas vezes as lagrimas, como fogo, me correram pelas faces, e os soluços cortando-me a oração, em que pedia que me desses metade ao menos da ternura, que eu sentia, me soffocaram em gemidos e desesperações as vozes, que levantava ao ceu?! Ouves como o rouxinol gorgeia, como o seu canto se entristeceu de repente, que parece estallar de dor a pobre da avesinha? Assim sou eu. Deante de ti, é alegria e esperança, tudo. Longe, o que me anima é a certeza apenas de tornar a ver-te... »

« — E não te lembras de que este encanto, que nos enleva, por força hade ter um termo?» acudio a donzella, baixando a vista, e empalidicendo subitamente. « Não te diz não sei que voz de magoa, que nos podem separar os que mais nos prezam, e que bem amargosos prantos hão de talvez apagar... não! um affecto como este nosso não se apaga, mas...

« — Separar-nos! bradou o pagem, erguendo-se com a mão no punho da adaga, e os olhos fuzilando ira. Separar-nos, disseste?

«— Sabes se tua mãe quererá chamar-me filha? Se teu pai não te escolheu outra esposa?.. » insistio ella com melancolia.

«— Minha mãe é um anjo, que me abençoa do ceu, e não ha de pedir a Deus, senão a minha ventura. Meu pai... não cheguei a conhecel-o. Nasci no meio de lagrimas. Branca, os extremos, que todos recebem na infancia, sou tão infeliz, que os perdi. Nascido no meio de lagrimas o meu berço levantou-se entre dous tumulos... É triste, não é? Mas o teu amor consola-me de tudo. Vendo-te parece-me, que torno a encontrar o meigo sorriso de minha mãe, e o affectuoso carinho. de meu pai, que morreu mais traspassado pela saudade do orphão, que deixava do que pelo golpe, que lhe cortou a vida!...»

(*Continúa*). L. A. Rebello da Silva.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZ

III

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

IV

Na opinião dos eruditos da escola classica a obra mais perfeita do Deniz, o seu titulo de gloria incontestavel, é a collecção das Odes pindaricas.

Citam-as como monumentos unicos nos commettimentos da musa portugueza, arrebatam-se como o vate, remontam-se com elle ás alturas despenhadas da imagem hyperbolica, e sem mais funda investigação, cortam-lhe satisfeitos a palma do louvor.

Não somos do mesmo voto; aplaudimos tambem a difficuldade vencida muitas vezes: admiramos egualmente os grandes rasgos, a que se eleva com frequencia a phantasia de Elpino; mas apesar d'isso nas suas poesias fugitivas, nas Anacreonticas por exemplo, ha bellesas de estylo, e graças desafectadas, que nos enlevam mais, do que o forçado, ainda que impetuoso, vôo das suas lyricas pomposas.

O genero e não o engenho, atraiçoou o cantor!

A verdadeira culpada dos sobresaltos, com que de repente o vemos caír precipitado das espheras do sublime, aonde momentos antes se perdia no extasis delirante, é a imitação de formas, e de metros, que tinham esplendor na formosa lingua da Grecia, e sentido no espectaculo animado dos seus festejos civis e religiosos, mas que transportados, depois de seculos para os ocios quasi claustraes d'uma sociedade opposta nos costumes e nas instituições, eram puras antiguidades rejuvenescidas á força e nada mais.

Estudando-se com pausa o lavor das odes pindaricas do Deniz, acha-se o que apparece tambem examinando-se as odes do italiano Chiabrera, e as do Castelhano Herrera; o que nos mostram as duresas e desigualdades de Lebrun, e a composição paciente e artificiosa de Boileau.

Falta ali o sopro, a alma divina da inspiração lyrica, para dar expressão e côr áquellas formosas estatuas desenterradas do tumulo de uma litteratura finda.

Embora o poeta dardeje ébrio de enthusiasmo todos os raios d'uma imaginação potente; embora revista de reminiscencias modernas, e de alusões historicas recentes, os modellos, que tentou ressuscitar, a vida não se finge, e basta um esquecimento para nos trazer subitamente á realidade, conhecendo que a harmonia dos sons nos illudiu, mas que a idéa, apezar das grinaldas e das gallas, que a enfeitão, dorme o somno profundo e eterno, que dormem as inquietas republicas cuja acção intellectual conquistou o mundo, na hora mesmo em que o dominio estrangeiro as sujeitava a ellas!

Eis a causa das nodoas, que a miudo empanam o lustre ao estro de Elpino, e que entre os seus rivaes não deixou passar um só, que possa lisonjear-se de ter pizado sem dolorosas quedas aquelle estadio, aonde se levanta unico e triumphante o vulto quasi theocratico do cantor grego. Mais, ou menos proximos uns dos outros, é certo que todos os modernos ficaram a larga distancia d'elle; e já nos tempos imperiaes de Roma, Horacio, cujo gosto era tão fino, cuja crítica delicada via tão longe e tão segura, não escondeu aos seus contemporaneos o conceito, do que os arrebatamentos audases, e a magestade inimitavel da estrophe pindarica seriam o desespero e o escolho de quantos ousassem medir-se por imprudentes, com a grande sombra de mestre.

Na ode a Julius Antonius (Liv. IV. od. 2) o auctor da epistola aos Pisões exclama, cedendo á verdade, que a soberba de competir com Pindaro seria vôar em azas de cera para dar o nome a outro mar trausparente.

Pindarum quisquis studet aemulari,
Jule, ceratis ope daedalêa
Nititur pennis, vitreo daturus
Nomina ponto.

Comparando o Vate da Beocia á torrente, que grossa e temida se arremessa pelas ladeiras do monte, trasbordando o leito, nota que uma vigorosa inspiração sustenta sempre o cysne de Dyrcé, quando se remonta á região das nuvens.

Multa dircaeum levat aura cycnum
Tendit Antoni, quoties in altos
Nubium tractus...

Para o lyrico romano o segredo das magnificencias poeticas do genero espirou com o cantar dos hymnos Pythicos, e das festas Olympieas.

Desde que os dedos de Pyndaro, regelados pelo inverno dos annos, deixaram de as pulsar, nenhum dos seus emulos tornou a repetir nas cordas da harpa, ornadas de coroas de ouro, aquellas harmonias frementes e de um tom tão levantado, que fazim duas vezes immortaes os heroes que celebravam.

Quer no dithyrambo, aonde se engastam vozes novas no metro, rompendo o jugo, entregando-se a cadencias livres; quer na pintura viva dos jogos, aonde o cavallo e o atheleta disputam o louvor do premio, o ardor do cantico nunca desfallece, e o brilho dos versos é cada vez mais radioso.

Os transportes do enthusiasmo lyrico sobem sem eclipse, e a perder de vista, e nunca desmentem a elevação do assumpto.

Exaltando, puro de lisonjas, as acções dos principes e dos povos, o incenso de vis apologias não cega a vista ao poeta; e pairando sobre nuvens luminosas a sua musa agita, palpitando, as azas candidas, sem declinar, ou se abater. Parece que se repousa de uma luta para desferir logo segundo e mais alto vôo!

Hieron o Arcesilão, protectores de Pindaro, nunca o obrigaram a infamar a lingua dos deuses e dos heroes, arrastando-a a seus pés como escrava.

Recordando o castigo de Tantalo e de Ixion, como exemplo da sorte que espera o crime, o vate ergue sobre a tirannia a ameaça da expiação e da justiça.

Longe de se humilhar ao aceno dos poderosos, e de pôr no altar o vicio triumphante, a voz enche-se-lhe de lagrimas, e a indignação virtuosa fuzila chamas, quando flagela o desterro iniquo de cidadãos, cuja culpa é só o ciume dos opressores.

A moral respira nos seus metros, e com motivo se declarou interprete das leis divinas.

Nos quadros, em que nos deslumbra, a alma e os sentidos enlevam-se ao mesmo tempo. Polux sacrificando-se pelo amor fraterno (Nemeanas ode X.), e Antiloco morrendo por seu pai (Pythicas, ode VI.), são paineis acabados, perante a arte e perante a philosophia.

As sentenças, que esmaltam com tacto o esquadrão alado das suas estrophes, pela concisão da phrase, e da figura, em que se gravam, revelam apar do poeta sem rival, o homem que viu o mundo pelos olhos da reflexão e do desengano, e que disse sem alarde á similhança do psalmista: » o que somos? O que não somos? O sonho de uma sombra, a vida não é mais.

Essas odes, que a côrte de Hieron recompensava como serviços publicos de toda a valia, eram cantadas por côros de mancebos umas, e por côros de adultos, e até de anciãos, as outras. As danças acompanhavam a muzica, e julga-se provavel mesmo que Pindaro, celebrando os laureados nos jogos nacionaes empregasse, como os poetas tragicos, coristas seus, para tornar mais aceita e regular a especie de representação, em que se recitavam os hymnos triumphaes, apar das pompas da procissão solemne, que subia para agradecer aos deuses.

O logar, em que os bellos versos do cysne de Dyrcé foram aplaudidos por auditorios abrazados de admiração, era o recinto reservado do templo chamado *temessos*, e sendo Atheniense o vencedor, o Prytaneo, correndo o Estado com as despezas.

É por isso, que as odes pindaricas, ora se arrebatam em imagens explendidas e allusões mythologicas, ricas de methaphoras arrojadas, ora se elevam graves e magestosas como canticos religiosos, repetidos em presença da nação, e em nome d'ella.

Que similhança, mesmo remota, offerecem os usos e as idéias depois da renovação do christianismo, com as cerimonias pagans, e com os espectaculos em que a voz do poeta soava como voz do sacerdocio, acima dos ouvintes embevecidos pela grandeza dos assumptos, e pela vehemencia e o rapto lyrico do cantor?

Cada epocha tem as suas necessidades, e molda por ellas o gosto e as inclinações.

O que deu a palma em nossos dias, a Victor Hugo e a Lamartine foi o genio raro, com que interpretaram em novas formas, e com feliz audacia o que todos sentiam, mas não sabiam expressar.

O Deniz, não podia de certo antecipar-se ao seu tempo, nem advinhar. Seria injustiça, e erro até exigir da Arcadia, no seculo XVIII, o que só mais de sessenta annos depois principiou a emprehender-se e não sem resistencias e accesos conflictos.

A liberdade, não a licença, da arte, a que os gregas deveram os primores que illustram a sua memoria, havia de nascer entre nós tambem da liberdade civil, e das dissenções politicas, como em Athenas, e nas cidades do Peloponeso se retemperou com as luctas da tribuna, e as victorias de Marathona e Salamina. No seculo de Luis XIV, e do marquez de Pombal, em que a unidade monarchica imaginava reconstituir-se, e fortificar-se pelo poder despotico, só a suspeita d'uma revolução d'esta naturesa era capaz de empalidecer as venerandas faces dos desembargadores do Parnaso.

Regenerar as lettras, purifical-as da corrupção estrangeira de Gongora e de Marino, e avisinhal-as das fontes ja sem frescura d'onde tinham manado os primeiros exemplos e os primeiros preceitos para a renascença, foi o proposito, e a fadiga constante dos tres poetas distinctos, que na provincia das artes restauraram em todo o rigor os codigos severos de Aristoteles; Horacio, Vida, e Boileau.

Imitar a Pindaro, no ponto de vista, pois, d'aquella eschola, consistia em transportar do opulento e harmonioso dialecto do cantor thebano para a lingua portugueza as formas geraes da composição do hymno triumphal, e forçando o metro e a indole até das cousas, distribuir os versos por estrophes, antistrophes, e epodos, affectando concisão obscura, interrompendo a cada passo o vôo para correr, com allusões pagans e gastas atraz de uma digressão forçada impertinente ás vezes, e sem sentido!

Louvores apezar disso ao engenho, que em prova tão ardua, não sucumbindo, quebrou com bizarria mais de uma lança galhardamente. Para não cahir de tão alto para sempre, derretidas as azas pelos ardores do modello inimitavel, como aponta Horacio, é precisa uma robustez, que poucos alcanção; e a gloria do Deniz é justamente de ser um d'esses.

Se a difficuldade podesse vencer-se, elle sujeita-va-a. Assim mesmo sahio do encontro com honrosos testemunhos.

L. A. Rebello da Silva

(Continúa).

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Continuação.

É nas comedias que Naharro, segundo a sua extranha theoria dramatica, chama *comedias á fantasia*, ou de assumpto ideal e inventado, que o escriptor hespanhol aproxima o theatro peninsular do que teria de ser, fecundado pela veia original de Luepe de Rueda e de Juan de Timoneda a principio, e depois, nos tempos de maior esplendor e de maior fertilidade, sob os auspicios do inventivo Lope de Vega, do imaginoso Calderon, e do gracioso Tirso de Molina. A *Hymenea* é a primeira composição dramatica hespanhola onde o amor preside á intriga e ao desenlace, e onde o sal picante dos dialogos plebeus se mescla sem os deslustrar ás expansões do coração e aos desafogos da paixão sentimental. Mais tarde a fórma da *Hymenea*, melhor affeiçoada, e polida de todas as suas asperidades e rudezas, constitue o genero que se chamou de *capa e espada*.

Cousa notavel e cuja observação não devemos preterir, já que viemos n'esta digressão a fallar nas mais remotas origens do theatro peninsular, é a affinidade e similhança que entre si contrahiram Naharro e Gil Vicente na soltura da lingua e em satyrisar e denegrir as mais intrataveis potencias da gerarchia sacerdotal, e na desvairada zombeteria com que por vezes trata a Igreja com mostras de pouco sincera contricção e de pouco piedoso acatamento. Como Gil Vicente, Naharro agita os guisos de Momo sobre a cabeça dos mais venerandos tonsurados, e aponta á risaca publica os desconcertos dos cardeaes e as mundanidades dos prelados, a lascivia dos clerigos e a dissi-

pação dos monges. O theatro nasce da ecloga, mas a poucos esquece a simpleza pastoril. Já não o contenta o balar das ovelhinhas, o ramalhar dos salgueiros a debruçarem-se no regato, a alfombra esmaltada dos outeiros, o monotono volver dos lavores campestres, a avena buccolica, a cabana aldean fumegando, como na ecloga de Tytiro e Melibeu, de Virgilio, os queixumes das pastoras, a rustica altiveza das zagalas. A ecloga, feita drama, erra pelas cidades, espreita nos palacios, debruça-se á portaria dos mosteiros, e fulmina sem piedade as orgias dos poderosos e os escandalos da plebe. Na *Tinellaria* de Naharro, o pincel comico debuxa n'um quadro folgasão mas satyrico, as orgias de um cardeal e a hypocrisia dos proceres da egreja; assim como nas *Barcas* de Gil Vicente, o diabo fulmina sem distincção e sem resguardo os vicios de um pontifice e as dissipações de alguns prelados.

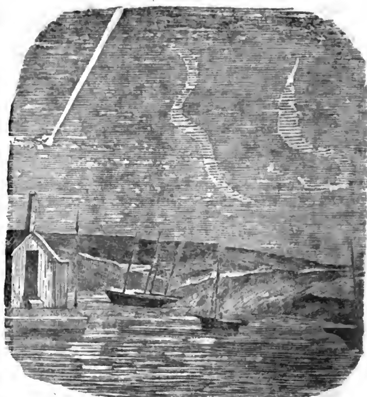
Esta feição satyrica do theatro nascente explica-se pelo fervor com que a palavra, solta das restricções e das cadêas, voava a illustrar todos os assumptos e a questionar todas as autoridades. O theatro não ha de ser nunca abstracto nem especulativo para ser gostado das multidões; para ter sabor popular é mister que viva das condições do seu seculo e da sociedade em que florece. No seculo XVI as luctas, ainda então pacíficas da egreja, eram, no enthusiasmo da reforma, o que foi na ordem politica e civil, a revolução dos espiritos no seculo XVIII, e a revolução das instituições no seculo XIX. A revolução chamava-se então reforma, como dois seculos depois se apellidou *liberdade*, como nos nossos tempos tomou o nome de socialismo, que tem a pretenção de comprehender na sua indole synthetica a dupla reformação das relações espirituaes e physícas da humanidade.

O theatro nasceu pamphletario. Nos cadafalços erguidos na camara dos reis, para sua apparente diversão, ou sob as areadas das egrejas para edificação e piedozo regozijo dos fieis, vinham as figuras allegoricas dos autos e comedias, esconder a allusão profana sob as apparencias innocentes do panegyrico, e chegou a musa comica na sua extrema sinceridade a soltar proposições que offenderiam por irreverentes ou hereticas a ouvidos menos dispostos á complacencia e ao prazer.

A comedia não logrou por muito tempo as liberdades com que nascera. Emquanto foi apenas diversão de palacianos, poude envencuar mais livremente a satyra sem accordar a intolerancia dos poderosos que dominavam n'aquelle tempo. Das curias dos reis e dos sallões dos grandes quiz tentar mais largas excursões na scena publica. De distracção de poderosos quiz ser ao mesmo tempo espectaculo e tribuna do vulgo. Quiz ser instituição litteraria e nacional o que até ali não fôra mais que mesquinha curiosidade de magnates e diversão intima de principes. A inquisição crescêra com o theatro, e muito antes d'elle chegara á robustez e á perfeição. Quando a musa comica se quiz fazer popular, a inquisição foi-lhe ao encontro, soppeou-lhe os primeiros impetos e deu-lhe como que foral, porque vivesse sem exaggerar as suas liberdades e sem se exceder em criminozas exempções. Gil Vicente pagou nas restricções da censura o que lográra de liberdades na scena. A Torres Naharro puniram-lhe os arrojos comicos, tornando defesa a representação das suas obras.

(Continúa.)

J. M. Latino Coelho.

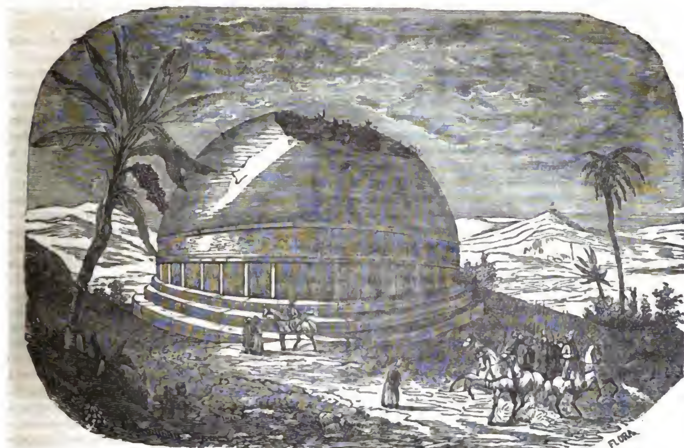


METEORO OBSERVADO EM INGLATERRA.

Todos os phenomenos que apresentam os corpos que compõem a atmosphera são os que propriamente chamamos meteoros; uns são ordinarios, communs, ou periodicos, como os ventos, as chuvas, as trovoadas, o arco iris, etc., outros são extraordinarios, ou singulares, como o que se mostra na estampa da maneira que foi observado em parte da ilha de Wigth (costas e canal de Inglaterra), no meiado de Janeiro proximo, vendo-se outro quasi similhante n'outros pontos em 14 do mesmo mez.

O tempo estava de bonança, e o sol claro ao meio dia causava calor; ás quatro e meia da tarde arrefeceu de repente e muito, e d'ahi a vinte minutos descortinou-se um globo igneo descendo verticalmente do lado do susudoeste, e que parecia ter emergido dos ares n'uma altitude de 60 graus, baixando em linha recta e rebentando na elevação de obra de 20 a 25 graus, offerecendo as mais brilhantes côres desde o lustre da prata até amarello carregado, e depois vermelho e azul como certos foguetes de vistas. O rastilho que deixou parecia de 15 graus ou mais de extensão e era côr de prata. Tendo permanecido assim por espaço de 20 a 30 segundos, gradualmente se dilatou e curvou no centro, como se mostra na figura do meio em relação á primeira forma; ás cinco da tarde manifestava-se sob a apparencia de uma nuvem de vello de lã branca, e cinco minutos depois desappareceu totalmente. Quando assumiu a fórma colubrina o rastilho, ou cauda, visto, com um oculo de bom alcance, denotava ser composto de myriadas de faiscas até que se desfaziam em fumo.

Conjectura-se que a fórma serpcante procedera de uma corrente superior de ar. Muitas pessoas imaginaram que iria cahir em Osborne, palacio de recreio onde por vezes reside na ilha de Wight a rainha Victoria; mas, depois constou que o mesmo meteoro fôra observado em Bambridge e outros pontos e cahira no mar uma quarta ao sueste.



TUMULO DE MANIKYALA.

No paiz dos afghanistans, povos que limitam pelo norte com a India ingleza e de que se deu noticia larga nos primeiros volumes do Panorama, existem monumentos funerarios, designados pelos indigenas com o nome de *topes* que corresponde ao latim *tumulus*, o que se comprova pela sua forma tão commum entre os povos da antiguidade, como iguaes monumentos da Etruria e outros anteriores á fundação de Roma. Ignora-se a que principes asiaticos pertenceriam esses jazigos, que não deixam de ser sumptuosos a seu modo; não se sabe se procediam da raça indo-grega, ou indo-scytha; a sua historia é totalmente desconhecida, a despeito das conjecturas ou advinhações dos sabios de profissão. Se alguma inducção pode tirar-se do aspecto e disposições d'esses edificios que ainda subsistem, pertenceriam á dynastia grega dos reis da Bactriana. O logar onde se acham commumente é n'uma coróa de outeiro superior a rio caudaloso. Do mais notavel damos a estampa; é o de Manikyala no Penjab, descoberto pelo general Ventura.

FORMA DAS MENAGENS ORDENADA POR EL-REI D. JOÃO II.

As prodigalidades de el-rei D. Affonso V. allienaram quasi todos os bens da corôa em favor dos fidalgos. Generoso com excesso, este soberano não sabia recusar as graças, que seus cortesãos, conhecendo-lhe o fraco, continuamente lhe pediam.

D'est'arte cresceram em poder e riquesas muitas familias nobres durante este reinado; e algumas tão alto subiram levadas do regio favor, que, nos ultimos annos d'aquelle principe, mais pareciam casas soberanas, do que simples vassallos. E não sómente o pareciam no fausto do seu tratamento, e na ostentação da sua grandeza, mas tambem na influencia quasi despotica que exerciam nos negocios publicos, conseguindo não poucas vezes, que os seus caprichos fizessem dobrar a vontade do rei, e que as suas paixões campeassem sobre a justiça vencida, e sobre a opinião publica despresada, como succedeu na perseguição feita ao infeliz infante D. Pedro.

D. Affonso V morreu pois, legando a seu filho uma corôa em que os espinhos sobresaiam ás joias, por quanto era bem complicada na situação politica em que lhe deixava o paiz, certamente uma das mais difficeis em que esta monarchia se tem achado, situação que se poderá retratar n'estas poucas palavras: «de um lado pobre o estado, enfraquecido o poder real, e desvirtuado o principio governativo; do outro a nobreza opolenta á custa do mesmo estado, poderosa e auctorisada, a expensas d'aquelle poder, e d'este principio.»

Acabou seus dias em paz Affonso V, por que não podia haver guerra, onde falta a resistencia. Quando a aristocracia avançava o monarcha estava prompto para lhe ceder todo o terreno. Porém entre as sombras do futuro avultava com proporções gigantescas uma lucta encarniçada e tenaz, e o derradeiro suspiro do rei Affonso devia ser o signal para o rompimento da contenda.

D. João II subiu ao throno para dar começo a uma nova época. Tendo visto sempre de máu grado essas innumeraveis doações, que fizeram passar da corôa para o dominio de particulares a maior parte dos castellos cidades e villas, deixando o soberano quasi hospede no meio do seu reino, e quasi subdito entre os seus vassallos, e além d'isso dotado de

um caracter energico e resoluto, e de uma vontade firme e perseverante, o moço rei decidiu-se desde logo a restituir ao estado o perdido equilibrio, rehabilitando a realeza, pondo um freio ás ambições da nobreza, e levantando e appoiando-se no elemento popular.

Os serviços, que este monarcha fez ao paiz em tão ardua empreza, bastam-lhe sem duvida para base da sua gloria, e para fundamento do epitheto de *principe perfeito*, com que a posteridade o honrou. Mas não entra agora em o nosso proposito descrever aqui o modo porque desempenhou essa missão verdadeiramente civilisadora. O nosso fim restringe-se só a fazer mais conhecido do que é o curioso documento que abaixo transcrevemos, o qual foi o primeiro passo para a realisação d'aquella patriotica empreza, o grito d'alarma nos arrayaes da aristocracia, um raio de esperança para os populares, e finalmente o primeiro acto de um longo drama. Esse documento é a formula das menagens, que el-rei D. João II determinou, que lhe fossem prestadas na sua exaltação ao throno e d'ahi em deante pelos senhores de castellos, ordenando ao mesmo tempo que de cada uma se fizesse um solemne instrumento assignado pelos alcaides e testimunhas em um livro para esse fim destinado, o qual se conservaria sempre na real camara. Toda esta pratica foi inteiramente nova, pois que até alli as formulas das menagens não eram tam explicitas e rigorosas, nem d'ellas se lavrava escriptura, ou se alguma se fazia, difficilmente se encontrava depois memoria d'ella. A nova formula éra assim concebida:

«Muito alto, muito excellente, e muito poderoso «meu verdadeiro e natural rei e senhor, eu Fuão vos «faço preito e menagem pelo vosso castello e forta-«leza tal de que me ora novamente encarregaes, e «daes cargo que a tenha, e guarde por vós, e vos «acolherei no alto e no baixo d'ella, de noete e de «dia, e a quaesquer horas e tempo que seja, irado e «pagado com poucos e com muitos, vindo em vosso «livre poder: e d'elle farei guerra, e manterei tre-«goa e paz, segundo me por vos senhor for manda-«do. e o nom entregarei a alguma pessoa de qual-«quer estado, grão, dinidade, ou preeminencia que «seja, se nom a vós meu senhor, ou a vosso certo re-«cado, logo sem delonga, arte, nem cautella, a todo «o tempo que qualquer pessoa me der vossa carta «assignada per vós, e asselada com vosso selo, ou «sinete de vossas armas, por que me quitaes d'este «dicto preito e menagem. E se acontecer que eu no «dicto castello aja de deixar algũa pessoa por alcai-«de e guarda d'elle, eu lhe tomarei este dicto prei-«to e menagem na forma e maneira, e com as clau-«sulas, condições, e obrigações n'elle contheudas; e «eu por isso nom ficarei desobrigado d'este dicto prei-«to e menagem, e das obrigações e cousas que se n'el-«le contem. Mas antes me obrigo, que o dicto alcai-«de, ou pessoa que assy leixar, tenha e mantenha, «cumpra e guarde todas estas cousas, e cada hũa d'el-«las inteiramente. E eu sobredicto Fuão faço preito «e menagem em mãos de vossa alteza, que de mym «a recebe hũa, duas, e tres vezes, segundo uso e cos-«tume d'estes vossos regnos, e vos prometo e me obri-«go, que tenha e mantenha, guarde e cumpra intei-«ramente este dicto preito e menagem, e todalas clau-«sulas, condições, e obligações, e todas as cousas, e «cada hũa d'ellas, em ella conteudas, sem arte, cau-«tella, fraude, engano, nem minguamento algũ. E «por firmeza dello assynei aqui.»

O assento d'esta menagem no livro começava por estas palavras: «Aos tantos dias de tal mez e de tal «anno na villa ou cidade tal, nas casas taes, onde «elrei nosso senhor pousa, Foão lhe fez preito e me-«nagem polo castello e fortalleza tal, na forma que segue:»

No fim assignavam as testemunhas e depois o escrivão da puridade.

Eis ahi pois a notavel ordenança por onde se estreou D. João II no governo do seu reino. Foi o preludio das sabias reformas, que introduziu no paiz, e dos intoleraveis abusos, que extirpou: assim tambem foi o primeiro elo da cadea, que arrastou ao cadafalso o duque de Bragança D. Fernando II, e deu a morte ao duque de Viseu, irmão mais velho do duque de Beja, depois rei D. Manuel.

A opposição e protestos da nobreza serviram só para fazer bem manifesta a toda a nação a energia e firmeza com que o novo monarcha estava resolvido a sustentar as regalias da corôa, e a pugnar pelos direitos dos populares. Se ás rasões da politica vem dar maior força algum desejo de vingança pessoal, só Deos o sabe. Entretanto quem considerar nos privilegios e mais vantagens, que a nobreza havia adquirido ultimamente, e apreciar bem a reforma que D. João II encetou por aquella nova formula de preito e menagem, que cortou ou feriu quasi todos esses interesses; quem ao mesmo tempo lançar uma vista retrospectiva para todo o antecedente reinado, durante as dissenções do qual o duque de Bragança D. Affonso, e seu filho prinogenito, o ambicioso e rancoroso marquez de Valença, tantas vezes appellaram para a intervenção dos castelhanos em auxilio de suas intrigas, quem pezar devidamente todas estas considerações accreditará mais, sem duvida, na justiça do rei do que na innocencia d'aquelles dois principes, victimas da ambição e do espirito de resistencia bebidos na infancia, ou innoculados na sua juventude pela irresistivel influencia do exemplo. Em todo o caso D. João II, cortando as duas mais altas cabeças que havia no reino, poupou muitas vidas ao seu povo, e salvou o paiz dos horrores de uma guerra civil, que seria forçosamente o resultado do embate de tantos e tão grandes interesses na presença de um soberano, que mostrasse fraqueza e temor.

I. de Vilhena Barbosa.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA

III

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

V

A obscuridade de Pindaro foi tomada como proveitoso exemplo pelos imitadores classicos.

Como a muitos seculos de distancia não era facil perceberem-se as allusões mais reconditas do vate, assentaram que as maiores bellesas da ode, pautada pelos hymnos d'elle, deviam ser os conceitos difficultosos, e as locuções estudadas, e de proposito inintelligiveis!

É escusado acrescentar, que os mestres ensinaram e que os discipulos servilmente executaram, que a copia, quanto possivel, havia de reproduzir os moldes gregos, como os Horacianos se arrastavam sem deslisar atraz dos modellos do grande lyrico romano.

As imagens, as sentenças, as pinturas historicas, e até os costumes iam-se buscar aos livros dos antigos, e o velho manto da mythologia poetica, continuou a cubrir, ou antes continuou a accusar de falsidade flagrante essas palidas, e muitas vezes inanimadas imitações.

Entendeu-se que o rapto desordenado, e quasi delirante em que o cantor Thebano a miudo se arrebata marchetando de grandiosas metaphoras a maravilhosa tela, aonde o seu genio impetuoso representa como oriundos dos fabulosos deuses os seus heroes mais queridos, era uma condição essencial ao apuro e lustre da tentativa; e impoz-se como preceito, e como calculo, o que no poeta fora simplesmente qualidade espontanea, e nunca plano antecipado.

Basta meditar attentamente o que a critica dos auctores mais proximos, e por isso mesmo mais sabedores das tradicções e da indole do Thebano nos deixou escripto, para se conhecer o equivoco, e se emendar a opinião erronea, tão encarecida e tão fatal, porque tem sido causa de grandes desvarios, embora a um ou a outro engenho privilegiado inspirasse rasgos admiraveis, e dignos do esmero e ardor da lyra grega.

Chiabrera entre os italianos, polindo os ensaios que o douto Alamanni principiara introduzio a divisão das antigas odes, e a caracterisou pelos equivalentes de *ballata*, *contraballata*, *e stanza*: Chiabrera, logo depois dos primeiros passos revelou o vigor do estro, realçando nos seus versos a vivesa da phrase e a opulencia e sublimidade das imagens.

Os que seguiram a mesma vereda, e pizaram o trilho, que elle deixara, com mais, ou menos liberdade, não sobresahiram com igual esplendor.

Pouco a pouco os architectos de poeticas foram-se apoderando do assumpto, e dissecando os primores de Pindaro, a poder de subtilesas e de conjecturas temerarias, não socegaram, em quanto não compozeram um capitulo severo, para juntarem ás ordenações do Parnaso, reduzindo a receitas puramente mechanicas o que ha de mais impetuoso e isempto — a phantasia e a inspiração!

Em Portugal, ou o receio do desastre eminente os suspendesse, ou o maior conhecimento e inclinação pelas lettras romanas atrahisse os vates, até Diniz não se encontra poema lyrico, em que se note a rigorosa divisão, ou o systhema imitativo da ode pindarica.

As estrophes, antistrophes, e Epodos, de que já se serviam os Vates de Italia, só tomaram posse do genero nos dias, em que floreceo a Arcadia, e n'essa mesma, tirando um ensaio do Garção, e outro do Quita, a musa de Elpino foi a que se atreveo com exito a consagral-os, dando-lhes o relevo e a aceitação, de que o estro sabe revestir as novidades, quando as inventa, ou as naturalisa.

Alludindo a esta vocação, que o singularisa, é que Deniz esclama logo no começo da ode XIV:

Sigamos, lira, a prospera carreira,
Que do Tejo famoso
A traçar sobre o campo glorioso
Tu ousaste primeira.

Levado do mesmo orgulho desculpavel, é que elle no epodo quarto da ode V, não duvida dizer de si:

Arando os verdes campos do Oceano,
Largo imperio dos ventos,
De prosperas riquezas
Surgem prenhes no Tejo as quilhas lusas;
E das celestes musas
O coro soberano,
Novos formando divinaes acentos,
Canta heroicas empresas;
Abre dos Dirceos hymnos
O alcacer aos varões da fama dinos.

É na vigessima septima nota da mesma peça, Elpino não hesita em confirmar a assersão, bem certo de não ser desmentido, quando escreve: «que a ode pindarica, a Saphica, alcaica, anacreontica, dithyrambica, e outras especies de poesia, foram introduzidas na lingua portugueza pela sociedade dos Arcades lusitanos».

Não podendo deixar de aplaudir o esforço, e não devendo negar a palma ao cantor, que primeiro, e quasi unico, mesmo depois de aberta a carreira, não receiou travar o certame com os vates mais favorecidos da inspiração; porque não apontaremos, juntamente, os escolhos, que a tentativa não salvou, e os motivos porque não foi coroada de exito completo?

A nosso ver o precipicio era a propria imitação d'um genero, que já o dissemos, e tornamos a repetil-o, não offerecia senão illusões e perigos aos seus cultores, porque tira todas as suas magnificencias do genio d'um homem, dos costumes religiosos de uma sociedade extincta, e das lendas e crenças poeticas d'uma theogonia, toda imagens e simbolos, nascida no berço ainda cerrado de trevas das raças heroicas, e mais do que nenhuma dotada de seducções proprias para enlevar os sentidos.

Quando Horacio, mais visinho dos modelos, e tendo diante dos olhos a variada collecção de primores, de que apenas sobreviveram os hymnos, nos declara que é impossivel competir com a musa de Pindaro, a despeito da opulencia e das elegancias do metro latino, parece que os modernos debalde luctaram, ou desejaram luctar para invalidar a sentença.

A experiencia deu o desengano aos menos infelizes; e se grandes formosuras disfarçam, ou resgatam em partes as desigualdades e a frouxidão do todo, aplicando-se a analyse e a comparação ás obras mais elogiadas das differentes literaturas, se acha sempre a queda rapida a par do vôo, e a sombra logo depois do traço luminoso!

E a razão é obvia.

A mais linda estatua ficará immovel se o sopro divino a não bafejar, e não lhe infundir acção. Para as creações da arte viverem é necessario, que es roube ao ceu a chamma, que as ha de animar, e que o poeta, como Prometheu, entre em combate com as potencias superiores.

Tirai aos paineis de Raphael a expressão inneffavel, apagai dos marmores de Miguel Angelo o rasgo de cinzel do Titão, e vereis o que fica!

O stylo é o homem; e o spirito que torna immortaes e sublimes as invenções, escapa sempre aos imitadores, que se arrastam atraz das exterioridades, e só adoram a pureza da forma, perdendo de vista a ideia geradora.

O estudo desapaixonado da Lyrica do Vate de Thebas assas o prova.

Aonde a admiração de uns não via senão delirios poeticos, e impetuosos arrebatamentos, o exame critico dos entendidos descubrio plano e systhema.

Houve até um Allemão que na excentricidade do seu fanatismo, não hesitou em representar por formulas geometricas os diversos membros das odes dissecadas.

Não só Pindaro delineava os esboços dos seus canticos, e distribuia de antemão os episodios e os effeitos, mas segundo elle mesmo assevera, acceitava dos heroes do hymno as noticias e os dados genealogicos, que depois recamava de brilhantes allusões.

Na quarta ode, das *Nemeanas*, vemol-o suspender-se de repente, e exclamar: «Mais por diante iria ainda, se o plano que sigo me não estreitasse, e se as horas apressadas me não interrompessem!»

Na quinta das *Isthmicas* observa-se o mesmo, na invocação dos Eacidas.

Em quasi todos os hymnos pindaricos facilmente se distinguem quatro membros distinctos, que os artificios da locução, e os atrevimentos das imagens ligão entre si.

O elogio do vencedor, os louvorès dos seus, as glorias da patria, e a exaltação dos Deuses protectores, entram sempre no desenho como partes integrantes; e o pensamento do auctor por mais longe e mais alto que suba; por mais luz e galla, que dê á forma, variando os thesouros mythologicos, e as methaforas, nunca se desvia até nos maiores raptos da direcção que riscou, e de que não tira os olhos, mesmo quando parece desvairar-se atraz dos episodios, ou das narrações tradiccionaes.

A obscuridade, a que os imitadores quasi que votaram as honras de preceito capital do genero, é uma tendencia do seu engenho, e até certo ponto uma necessidade do desalinho affectado, em que procura esconder o artificio da composição.

Referindo-se a esta circunstancia, Pindaro disse em uma das Olympicas (a II) «Ao meu lado, e no fundo da aljava, muitas settas rapidas fallam aos que as entendem, mas são mudas para o vulgo ignorante!»

O vate (é claro) louva-se do véu esplendido, em que envolve os conceitos, e das novidades de metro, e de estylo, que introduziu na lyrica.

E na verdade só a reflexão paciente, e a sagacidade instruida, meditando-o, pódem medir todo o alcance, e decifrar o sentido occulto das allusões, das allegorias, e das metaphoras, cuja opulencia deslumbra e cega as intelligencias menos robustas.

Os que estão affeitos a descer da superficie ao amago dos assumptos, não tomando a fórma pela idéa, os mestres da critica na escola allemã, foram os primeiros que descortinaram o segredo d'esta elaboração especial, em que a arte emprega todos os brios e recursos d'um engenho fogoso e profundo.

Vencendo os obstaculos, de proposito accumulados pelo cantor, e rompendo a rede de obscuridades mytologicas, historicas e grammaticaes, patentearam emfim aos cultores zelosos da antiguidade o genio vigoroso, o pensamento arrojado, e a incomparavel eloquencia da sua phrase.

As traducções por mais delicadas e fieis, hão de sempre ficar longe do original!

O pincel mais fino só obterá fixar na téla uma fugitiva sombra d'aquella inspiração, cujas azas de ouro matisadas sobem em um só rasgo ás maiores alturas.

Ás vezes uma palavra é sufficiente para Pindaro esculpir em relevo um quadro inteiro, um poema até, mas o enlevo, a graça, e o brilho d'esse vocabulo, transportados perdem logo na copia a luz e a côr, desbotando-se nos cançados rodeios da periphrase!

De mais, mesmo pondo de parte todas estas difficuldades, a imitação por força tinha de secumbir!

O que honravam mais os gregos na lyra thebana, que os extasiava?

Em que seculo fazia ella ouvir os seus hymnos triumphaes?

A liberdade acabava de prevalecer, e as jornadas de Plateia, de Marathona, e de Salamina, desenganavam os barbaros da Asia, de que a terra illustrada por Homero tinha animo e valor para não render as armas. Affogando em sangue e ruinas a ambição e o orgulho dos Persas repellidos e derrotados, a Hellada mostrou-se digna da victoria pela constancia da resistencia, e pela cultura do espirito.

Pindaro pertencia ao grande cyclo, que douram os nomes de Eschilo, de Herodoto, e de Xenophonte; amava, de certo, como os cidadãos illuminados as instituições que retemperando o coração ao povo, ensinavam os poucos a não mudar de rosto perante as ameaças d'um poder immenso; mas as suas inclinações eram as da raça dorica, de que nascera, e a sua predilecção olhava com mais favor para a unidade monarchica, e para o regimen aristocratico, do que para os comicios inquietos, e para as rivalidades desgrenhadas das pequenas republicas, aonde predominava a democracia pura.

Accusão-o alguns de pender para a uzurpação dos Persas; mas a censura é falsa.

Se os tyrannos da Sicilia, Theron de Agrigento, e Hieron de Syracusa lhe abriram os braços; se os reis de Macedonia e de Cyrene o acolheram como amigo, as cidades livres não lhe concederam menores premios.

Athenas distingue-o decretando-lhe os privilegios de hospede publico do estado; e Céos roga-lhe que lhe escreva o cantico relligioso d'uma procissão solemne.

Pindaro percorre a Grecia inteira, e em toda ella, Dorios, Eolios, ou Jonios, todos o saudam como o valido das musas, e a todos celebra na divina harmonia das suas estrophes!

Na guerra Médica os Thebanos voltaram-se para os inimigos, e contra os habitantes das cidades, que descendiam do mesmo sangue.

O Vate não esquece, nem desculpa a traição, e exaltando em muitas estrophes a fama dos heroes da lucta, cobre de elogios os filhos de Egina, fieis á causa da independencia.

É assim que procura levantar do oprobrio a cabeça humilhada da Beocia.

A indole da poesia, a que deu o seu nome, repugna á imitação.

Quando Pindaro canta a gloria dos vencedores nos jogos olympicos, e tece em cantos admiraveis os louvores dos ascendentes do triumphador, os da terra, que lhe serviu de berço, e os dos deuses immortaes, cuja invocação prezide aos festejos, os metros épicos e heroicos, em turbilhões accesos desatam-se-lhe da voz, e as magnificencias da dicção arrebatam-lhe a palavra.

Esses canticos pois, foram o que a literatura grega possuia de mais intimo com as suas crenças, de mais entranhado na sua nacionalidade.

A idéa, que os anima, é o espirito relligioso e theocratico; e o fogo, que em torrentes de luz os incendeia, é o enthusiasmo, o amor da patria e das suas glorias, é o sentimento hellenico na sua expressão mais alta, mais ampla, e mais sublime.

A forma, que reveste a inspiração, e que nos atrahe e espanta, não passa de ser apenas o involucro; e, para competir, ou mesmo de longe acompanhar o cantor Beocio, não basta seguir pelo traslado as suas obras.

O fulgor do genio não suppre a vida, que existe

nas crenças e no coração de cada pessoa. A dos Gregos expirou, e não se ressuscita.

Como querem, que a estatua torne a animar-se, e que em trajos modernos rivalise com a inspirada Musa, que já foi?

Seria tentar o impossivel e approvar o absurdo; e por isso Horacio, tão recto e desapaixonado nos seus juizos, e pelos poderes do seu engenho tão digno de luctar com os maiores mestres, separa e condemna a imitação de Pindaro. Bem sabia elle que em todas as literaturas ha livros e auctores, que se não reproduzem, nem copiam.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO IX.

Justificação do auctor pela interrupção que houve na publicação d'esta viagem.—Prova-se que foi por descargo da consciencia que a interrompeu, e que o leitor deve ficar ainda reconhecido pelos exemplos do auctor.—Compromette-se solemnemente a leval-a ao fim, com o favor de Deus. Segue a narração das prodigiosas e interessantes aventuras que lhe succederam

Amigo leitor, serás cruelmente injusto de te não lembrares qne me deixaste, ha perto de dois annos, a bordo do vapôr *Duriense* navegando do Porto para S. João da Foz. Deves estar escandalizado comigo por que te roubei bruscamente o prazer de continuares a ler as minhas aventuras; mas quando souberes a causa, confio na tua consciencia para que me perdôes. Se já te não lembras de mim recorre ao *Panorama* de 1853 a 54, e ahi me encontrarás viajando os meus pecados por esta nossa malaventurada terra de Portugal. A demora e interrupção que tem havido na interessante publicação d'estas viagens não foi por culpa minha. Ouve-me e depois sentenceia-me.

Estava-mos no mez de Junho de 1854; eu escrevia e tu lias com avidez a minha viagem de 1852. Tinha-se concluido, e mandado para a imprensa, o capitulo oitavo; o meu dever era continuar com o nono. Foi isso mesmo que eu quiz fazer; pego na penna e ponho-me á banca, diante de um caderno de papel; procuro os meus apontamentos, e não os encontro. Começou-me o coração a bater! Remecho em todos os papeis, livros, gavetas... inutilmente. Pergnnto se alguem os viu, e deixo a todos atterrados com a noticia de tamanha perda! Passei oito dias em buscas e indagações minuciosas mas perdi o meu tempo. Desesperado, louco, punha as mãos na cabeça e perguntava a mim mesmo o que diria a posteridade, se eu não acabasse a descripção da minha viagem. Que diria o meu paiz, ficando incompleto este monumento das suas glorias litterarias? E que dirias tu, leitor benevolo, se eu faltasse com tão precioso subsidio á tua illustração? Era atróz, era indigno! Continuando a escrever sem documentos podia faltar-me a memoria, e o meu credito de historiador compromettia-se! Tomei uma resolução desesperada; resolvi-me a emprehender de novo a mesma perigoza viagem, que já tinha feito, indo pelos mesmos sitios, vendo e observando as mesmas coisas que da primeira vez, e escrevendo sobre os proprios logares para abrilhantar ainda mais a minha obra.

Decidido, pois, a praticar esta acção generosa, tratei de a pôr em pratíca antes que me esfriasse o animo. Lembrou-me declarar no *Panorama* esta resolução, para que tu, meu paciente leitor, te não offendesses com a falta da publicação; mas considerando quanto similhante revelação prejudicava a minha modestia, calei-me. Havia ainda outra razão; e era que a interrupção redundaría toda em teu beneficio, por que eu voltaria mais instruido da minha nova perigrinação, e poderia enriquecer o meu opusculo com muitos e variados acontecimentos novos.

Revestindo-me de uma paciencia evangelica, dispunha-me a partir no primeiro vapôr que sahisse para o Porto, porém um desastre que te não confio, por que te não interessa, retardou a minha partida, e só em Maio de 1855 pude realisal-a. Fui pelos mesmos sitios, procurei e tive o prazer de achar as mesmas sensações; esperei que chegasse a estação dos banhos para fazer eguaes observações ás da primeira viagem. Vi, e estudei tudo cuidadosamente. Procurei os mesmos pontos de vista, as mesmas estradas, as mesmas pessoas, e só não pude encontrar o mesmos cavallos em que montei da outra vez porque tinham morrido. Pobres animaes! mereciam bem que eu désse uma lagrima á sua memoria, mas não tenho tempo!

Rico de documentos curiosos, de paginas immensas (não te assustes, leitor!) e de notas importantissimas, volto emfim aos meus penates e começo a coordenar e continuar os preciosos capitulos d'este livro immortal. Bem vês, pois, meu querido leitor, que em vez de te enfadares comigo, deves votar-me um eterno reconhecimento; e para tua satisfação, e minha gloria, te protesto solemnemente, que, com o favor de Deus, espero d'esta vez levar ao cabo a minha narração. Agora só te peço que tomando na devida conta as minhas desculpas, e recordando-te de que vou no *Duriense* para a Foz, exultes lendo as paginas sublimes que vão seguir-se.

O vapôr continuava a descer tranquillamente; quando chegámos defronte dos estaleiros *do Ouro*, a briza do norte descia das montanhas e passando por entre as folhas dos alamos que povoam a margem do rio vinha encrespar levemente a superficie das agoas. Davam onze horas na Foz; o nevoeiro era tão denso que difficilmente se distinguiam os objectos. Sentei-me na borda do barco junto á enxarcia d'estibordo e cahi n'esse estado de *reveria* que se não póde definir. Atravez do novoeiro viam-se vagamente as arvores da beira do rio como as avançadas de um grande exercito. A cerração não deixava apparecer o sol e a pouca claridade que havia era quasi similhante á luz melancholica do crepusculo. Julguei-me arrebatado por momentos ás regiões do norte; o bater da agoa nas rodas do vapôr fez-me sonhar que atravessava o Cattegat.

Á medida que me aproximava da Foz, sentindo o murmurio surdo e irregular do Atlantico e a briza humida que me açoitava as faces, cuidei-me ás bordas do occeano do norte. Transformei as arvores que via no meio da nevoa em faias da Dinamarca e abetos da Norwega, e murmurei voltando-me para o Porto: «Drontheim! .. A Scandinavia! Odin... Edda... «Pára! gritou o mestre do vapôr, e o meu sonho parou. A voz aspera e rude d'aquelle selvagem, que nem tinha, para o desculpar, a poesia do marinheiro no meio da magestade dos mares, rompeu brutalmente o meu encanto; e privou o leitor de uma *sagga*, que eu de certo faria, inspirado pelas recordações da Scandinavia! Cinco minutos depois achei-me nas praias de S. João da Foz.

CAPITULO X.

A Foz.—Os banhos do mar.—Pasmaceira.—O hotel da Boa Vista.—A caleche.—O meu cocheiro, Sterne e o cavallo de la Fleur.

Depois de verificar a existencia de um *Hotel*, cuja apparencia confortavel reanimou os meus espiritos, percorri a povoação que tem augmentado consideravelmente n'estes ultimos annos. Toda a prosperidade da Foz provem da immensa concorrencia de gente que a frequenta no tempo dos banhos. A villa cresce todos os dias, estendendo-se pelo sul, ao longo do rio, para as bandas do Porto, e alargando para o norte. Muita gente da cidade ali reside no verão, e alguma em todas as estações. A Foz tem já muitos e bons predios, bastantes soffriveis, e não poucos estabelecimentos. Entre estes, varios cafés, e uma casa chamada da *Sociedade*, ou Assemblea, onde se acham todos os jornaes, se joga o bilhar, e se fazem magnificos bifes. Algumas hospedarias, sendo uma excellente, e o oceano á porta para se tomar banhos, eis toda a riqueza e todo o luxo da Foz. O seu castello não tem outra importancia senão como logar onde fazem os signaes para a entrada dos navios. Os passeios de manhã são por cima dos rochedos da praia; e de tarde na rua direita, em frente do rio, onde se morre assado pelos ultimos raios do sol, ou suffocado com as nuvens de pó que se levanta debaixo dos pés. Ha na Foz quem tenha muito bom gosto e muito dinheiro, quem grite contra a poeira, e contra o ardor do sol, mas ainda ninguem se lembrou de propor a construcção de um passeio publico, n'um sitio onde crescem as arvores tão facilmente, e n'uma terra proxima do Porto onde ha uma decidida paixão pelos arvoredos!

E aquelles *janotas* que vão á Foz todos os domingos, se não todos os dias, porque não fazem um theatro, por que não fundam uma sociedade civilisadora, n'aquellas praias onde podia haver espectaculo regularmente? Por que não tratam de lançar entre si uma contribuição para isso? Podem ter não só o theatro, mas ainda uma sala de baile, onde se dance, se cante, se dêem concertos e *soirées* que animem a vida monotona que ali se vive. Teem tantos meios de crear prazeres e morrem de semsaboria? Não se lembram da immensa gratidão que lhes mostraria o bello sexo, e das recompensas que obteriam? Quantos sorrizos, quantos meigos olhares não perdem os descuidados, por falta d'essas grandes reuniões? E quantos não perdem tambem a occasião de mostrar os talentos ás suas bellas, cantando, tocando ou representando? Emfim, é um meio civilisador que eu lhes lembro, certo de que tirarão grande partido da sua execução. E não se esqueçam do passeio publico, por que é vergonha não o ter n'aquella terra! Martéllem sem piedade nos ouvidos da camara municipal: malhem constantemente, que se o ferro está frio ha de aquecer e moldar-se pela repetição das pancadas.

Corri a villa em todas as direcções, e acabado o meu exame dirigi-me á praia dos banhos.

Os banhos do mar não se tomam em Portugal como aceio, é como remedio ou pretexto de *matar o tempo* nas estações calmosas.

Aos medicos, principalmente, se devę o haver já hoje tanto quem se lave. Verdadeiros apostolos da civilisação e da sciencia os facultativos portuguezes intenderam que se não podia applicar geralmente o aceio á hygiene senão como remedio; conheciam o profundo horror que a agua fria inspirava a certa gente, e viam com magoa e nojo o grande numero de individuos que morriam como animaes immundos, e não hesitaram para salval-os. De apostolos que eram, tornaram-se martyres, sacrificando a sua reputação de peritos, para se fazerem caritativamente humanitarios. É grande e é nobre um tal procedimento! Ninguem creia, pois, que o cirurgião ou o medico receita segundo a doença; é segundo o individuo. Se este for aceado, se costuma lavar-se regularmente, então o facultativo cura-o segundo a sciencia. Mas se pelo contrario o enfermo é d'esses entes que não fazem uzo da agua fria, é curado segundo a humanidade—com banhos do mar ou de tina. Grandes homens são os facultativos!

D'este principio nasceu essa grandiosa e complicadissima serie de padacimentos nervosos, inventados polo zelo evangelico dos filhos d'Esculapio. As doenças de nervos fizeram-se exclusivamente para que toda a gente se lavasse, ao menos durante alguns mezes em cada anno; se bem que, aproveitando sabiamente a sua existencia, alguns medicos chamam padecimento nervoso a toda a doença que não podem explicar. Isso, porem, nada significa attendendo a que a receita é sempre a mesma—banhos do mar!—Abençoado remedio! e abençoados os que o inventaram! tudo se cura hoje com banhos do mar; desde o rheumatismo simples até á *baromyomatriachirurgomycroscopiatromachia*, ou qualquer outro nome arrevesado da farmacopea grega!

(*Continúa*).

F. G. d'Amorim.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação)

Apesar da inquisição, o theatro progredio e aperfeiçoou-se em Hespanha, percorrendo toda a escala da composição dramatica desde o auto sacramental e o intermedio até ás mais sublimes concepções da tragedia nacional. Em Portugal ao contrario nem se póde dizer que vivêo de inspiração alheia, porque na variedade dos nossos poetas e dos nossos escriptores, poucos se atreveram a dotar o theatro portuguez com obra que opulentasse e ennobrecesse os fastos do drama nacional.

O sceptro dramatico pertence primeiro que a outro povo ao engenho ardente e phantastico dos hespanhoes. Lope de Vega, a quem os seus contemporaneos distinguiram com o cognome de *divino*, quasi que escreveu mais do que todos os escriptores de todas as nações, que tiveram theatro contemporaneo. Mas o que é singular é que este honroso padroado litterario que a Hespanha exerceu tão largamente, não poude resistir ás leis providenciaes, que chamavam a França a empunhar entre os demais povos o sceptro da intelligencia, e que fizeram da sua capital o emporio das boas artes e o capitolio da litteratura.

Eram barbaras e rudes as lettras francezas quando na peninsula alvoreciam viçozas e opulentas as muzas. Passou um seculo, e a França recebia das camenas antigas que ella melhor do que ninguem apreciára e entendêra, a dictadura litteraria que desde Luiz XIV lhe pertence pelo direito da conquista intellectual.

Ha individuos e ha nações que a providencia destina á gloriosa missão de vivificar pelo sopro do seu genio os primeiros germens da civilisação e de cultura, que outros povos e outros individuos mais precoces lançaram á terra ainda mal arroteada. Nas grandes invenções do espirito humano a gloria dos pri-

meiros ensaios e das tentativas ainda timidas é bem depressa affuscada pelo resplendor duradouro dos que generalizaram as idéas dos seus antecessores. A machina de vapor lembra logo á posteridade agradecida o nome de Watt, e na aureola que cerca a fronte d'este semi-deos da industria moderna escondem-se humildes e quasi ignorados os bustos de Papin e de Newcomen. É a genealogia das creações humanas ao revez das ascendencias nobiliarias. N'estas a gloria dos avoengos reflecte-se inteira sobre o orgulhozo descendente; nas outras a humanidade quasi que attribue toda a nobreza e toda a gloria ao ultimo progenitor, esquecendo os que durante muitas gerações constituiram laboriosamente a genealogia de uma idéa ou d'um invento.

A França recebeu de extranhos a primeira noção das artes litterarias. O drama brotou-lhe de sementes alheias. Foram italianos os primeiros incitamentos. Na Hespanha e no seu já então opulento e variadissimo theatro, andaram os primeiros engenhos dramaticos francezes segregando, d'entre muita ruim e desgracioza planta, as flores com que adornam á nascença o theatro dos Corneille e dos Racine.

O seculo de Luiz XIV deu á França o summo sacerdocio das lettras. A Athenas moderna foi Pariz. Os seus engenhos litterarios foram os proconsules, enviados em espirito a governar, com a irrezistivel e suave autoridade do poder intellectual, as nações que mais se presavam de policiadas e de elegantes em litteratura e em costumes. A penna poude n'aquelle seculo de glorias mais do que não chegára nunca a acabar o bastão dos marechaes de França e a bisarria dos seus exercitos. A monarchia universal que Luiz o Magno devaneava tantas vezes nas suas conquistas ambiciozas, foi-se pouco e pouco realisando nas lettras. O seculo XVIII com a sua prodigiosa actividade, com a turba dos seus escriptores de todos os generos e de todas as materias, eruditos e philosophos, geometras e romancistas, historiadores e dramaturgos, criticos e naturalistas, acabou de vergar a Europa culta ao genio francez, muito antes que as aguias de Napoleão levassem os decretos imperiaes desde as margens do Tejo até Berlin e ate Moscow.

O theatro em todas as nações que o tinham seu e proprio, foi esquecido quasi como um opprobrio nacional, quasi como um testemunho da antiga rudeza litteraria, por todos os que se presavam de entendidos em coizas de arte e de gosto cortesão.

A Hespanha malbaratou os seus thesouros dramaticos para acolher com enthusiasmo a mais fria e desinspirada imitação da musa tragica franceza. A mina inexhaurivel das boas tradicções nacionaes ficou desamparada de cultores á espera de que a reacção anti-franceza viesse reaccender a devoção pelas idéas e pelas coisas peninsulares.

A Inglaterra culta desdenhou tambem a scena patria, que Shakespeare enriquecêra. O escriptor mais verdadeiramente tragico de todos quantos inspirou jámais o genio, tractaram-n'o de barbaro e de rude, e affectaram de lhe amaciar as asperesas da fórma e as irregularidades da contextura, affeiçoando-lhe os membros, fadados para viver com toda a liberdade e independencia britannica, no cothurno estreito das fórmas classicas. Ducis aprimorou a tragedia de Shakespeare, condimentando-a ao sabor dos paladares francezes, estragados pela sonóra e formosa monotonia do verso raciniano. A musa ingleza, destoucada e singella no trajar, como a virgem dos Highlands, teve de pedir aos tragicos de punhos de renda e de vestias de brocado, que lhe alteassem as madeixas á Pompadour, que lhe arrebicassem a tez com todos os recursos da mais cortesan *toilette* litteraria, e lhe calçassem o *talon rouge*, para assim, garrida e perfumada, apparecer sem escandalo e sem profanação diante dos pudicos e aristocraticos auditorios de Paris e de Versailles.

Se a musa de Racine e de Corneille se assenhoreou sem rezistencia do logar que pertencia ao drama nacional nos paizes onde existia, a conquista foi facillima em Portugal, onde a scena não chegára a ter nunca feições proprias e populares.

Ninguem esboçou em mais rapidos e mais felizes traços o nascimento e os progressos do theatro portuguez do que o visconde de Almeida Garret no prefacio da terceira edição authentica do seu «Catão».

«A dramatica, diz elle, é uma litteratura nova para nós, ou perdida, que tanto vale. Mas realmente é nova; pois que os primeiros cultores apenas semeáram, por uns claros da devesa em terra crua, quatro ou cinco sementes que vegetáram á sombra, mal fornidas de corpo e seiva. Poucos as viram vivas. Quando morreram, ninguem n'o soube; ficou a memoria vaga de uma pouca de semente que se perdêra e nada mais. Mas esta mesma saudade atormentou a nação e os seus poetas; e para a enganar, illudiam-se, indo buscar estacas de arvores estranhas, criadas n'outras terras, affeitas a outro tracto, e metteram-n'as na nossa terra. A terra é boa, dá tudo; a estaca parecia pegar; mas não: esta é planta que só nascediça produz bem; vinham quatro flores desbotadas, duas fructas outonicas e seccavam. E n'esta parabola está a historia do nosso theatro. Não era mingoa de talento nos poetas, era o mau methodo, o principio errado com que trabalhavam.»

Eis ahi está n'uma concisa e delicada allegoria, tão rica de atticismo e de elegante dicção como as sabia fallar e escrever o nosso poeta, a chronica verdadeira da scena portugueza. O nosso theatro annunciase logo por uma soberba frontaria no estylo manuelino. Na portada, rica de arabescos e laçarias esculpe o cinzel dramatico, ainda rude e inexperto, mas com a sua viçoza phantasia e candura primitiva, o sello de uma arte original. Transpõe-se o limiar e dentro ainda aqui e acolá se notam vestigios de buril, que portendêra imitar as graças nativas do primeiro. Depois observam-se nas paredes nuas e desornadas do edificio, pedras e lavores, trazidos de ruinas, e esculpturas desgraciosamente apalpadas por modelos extrangeiros.

O renascimento da poesia nacional no ultimo quartel do seculo XVIII deixou sem solução o problema do theatro. A Arcadia subiu bastante nas azas da elevação lyrica para lhe sobrar tempo para a reformação da scena decaída. Aquelle periodo brilhante que nos deixou por herança os cantos do Diniz, do Garção e do Quita, que accrescentou o patrimonio litterario com um dos mais bellos modelos da epopéa comica, e que nos deu no Tolentino o primeiro e por ventura o ultimo e inimitavel exemplar da satyra moderna, não contemplou no seu testamento o theatro, que continuou a viver de algumas versões felizes, de frouxas imitações e de languidas e descoradas producções de Melpómene acanhada posto que original.

A' Arcadia succedeu não uma litteratura, mas dois homens que á maneira dos triumviros romanos, dividiram entre si o imperio litterario, e que bem depressa, desenrollando bandeiras oppostas e hostis, repartiram em dois bandos os espiritos litterarios, e accenderam os odios civis na quasi sempre agitada e anarchica republica das lettras.

Mas Bocage e Philinto, que representavam cada um os dois aspectos da litteratura, o estro e a erudição, Bocage e Philinto que forem por si sós a continuação da Arcadia, revolucionada já pelas idéas do seculo em que viviam, e que em tantas provincias litterarias deixáram valiozos monumentos, passáram sem vivificar ao menos o theatro nacional, que continuou com elles e depois d'elles a mesma vida valetudinaria e artificial.

Francisco Manuel era mais erudito que poeta. Faltava-lhe aquella mais precioza e mais rara porção da phantazia, aquella que inspira o pensamento fundamental das mais sublimes concepções e que delinea na mente o esboço dos mais grandiozos quadros litterarios. O seu talento era antes de ornatista que de pintor. Dessem-lhe um poema já concebido, e já moldado; ao trasladal-o para a lingoa vernacula, o pincel aprimorava-lhe os toques, corrigia-lhe o desenho nos *detalhes*, inventava novos arabescos e nova e caprichosa ornamentação com que dar relevo e galhardia e como que certo verniz de originalidade ao que outros, menos felizes por ventura nas bellezas minuciozas, haviam concebido e dezenhado em traços menos rasgados e em colorido menos brilhante e graciozo.

Dissessem-lhe que inventasse um poemeto, e o poeta torturando a musa rebelde e pertinaz, apenas conseguirá que o Pegazo tardio e somnolento, erguesse o vôo rasteiro sobre o estádio da prosa commum e trivial. Mas que lhe chegue ás mãos o gracioso poema romantico de Wieland, desfigurado na versão mediocre de um traductor vulgar, com as feições alteradas, como de rosto formoso, que se reflecte em espelho desegual e recurvo; e o poeta, brincando com a sua musa facil e engenhoza em expedientes de dicção e em recursos de estylo, creará quasi na paraphrase, o segundo poema de Oberon, parecido sim ao poema teutonico, como seu filho que era, mas embellecidos os traços da physionomia, como de raça mais fidalga e mais pura, mas polida a asperidade germanica com o donaire senhoril da poesia meridional, mas enriquecido em cambiantes de sentimento e de expressão, mas substituida ao ouro fósco da severa lingoagem alleman a refulgente douradura de um idioma mais propicio á ternura dos affectos e ao colorido ameno e graciozo dos paineis eroticos.

(*Continúa*). J. M. Latino Coelho.

O CÃO GUARDA DA PRAÇA.

Conserva-se na bibliotheca imperial de París um manuscripto in folio, escripto em latim sobre a arte militar e as maquinas bellicas, e que data de 1330 a 1340, epocha em que começava a usar-se a polvora bombardeira: é um codice curioso, ornado de miniaturas, que por muitos tempo esteve esquecido no serralho de Constantinopola, e foi mandado para França em 1688 por M. de Girardin, embaixador junto á Porta Ottomana.

Entre os stratagemas de guerra que o auctor descreve ha alguns mui extravagantes; por exemplo o que se figura na estampa acima. Estando dous guardas n'uma torre, morto um, o outro apertado da fome, porque o caudilho não poude ou se esqueceu de lhe mandar provimento, teve de largar o seu posto; amarrou um cão igualmente esfaimado a uma corda, que por uma ponta prendia no sino da torre; pozlhe diante algum pão e agua, mas a distancia que o



animal não lhe podia chegar. Os esforços que faz o cão para abocar o alimento fazem tocar o sino, indicio de que ha gente na atalaia; o guarda aproveita esta occasião para sahir em busca de mantimento deixando o indicio de que o posto fica occupado.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.

Preços, por anno 1$300 rs., por semestre 700 rs., avulso 30 rs. Para as provincias (franco de porte) por anno 1$570 rs., por semestre 830 rs.

Assigna-se para o Panorama: em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 223, na do sr. Lavado, rua Augusta, n.º 8, e na do sr. C. J. Brabo.

São correspondentes do editor: no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. Olympio N. R. F.; em Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio do Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Ceará, o sr. José de Oliveira; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães.



INTERIOR DO TEMPLO D'INDRA.

No centro da India e sobre a cordilheira elevada dos Gates existem ainda monumentos os mais vastos e magnificos da religião de Brahma; estes templos subterraneos denominam-se as grutas de Ellora, por estarem no districto da India ingleza assim chamado, na costa occidental de Bengala; distam pouco menos de cinco leguas d'Aureng Abad no reino do Decan. É logar sagrado entre os orientaes e que habitam quasi exclusivamente os seus sacerdotes ditos bracmanes.

As excavações estendem-se por um espaço de legua e meia; as mais notaveis, sitas n'uma serra cortada a pique, dirigem-se de noroeste para sul n'um comprimento de duas milhas proximamente. A rocha é de granito vermelho mui duro, em que foram talhados, sem duvida com muito custo, innumeraveis templos, capellas, sallas, corredores, em muitos andares, tudo ornado de infinito numero de figuras de alto relevo, quantidade das quaes tem sido mutiladas pelos mahometanos. Os tectos são pela maior parte guarnecidos de pinturas e decorações que o fumo das tochas tem apagado.

Além dos monumentos subterraneos, offerece Ellora outro mais digno de attenção: é o Kelaça, aberto na rocha, mas patente ao ar. Nas excavações ha um templo dedicado a Djagganatha, o senhor do universo; por este vae uma passagem até outro commemorativo da incarnação sanguinosa de Wishna (1), e na disposição interna tem muita analogia com outro que lhe fica proximo, e a nossa estampa representa, consagrado a Indra, o deus dos elementos, e a primeira das divindades secundarias da mythologia indiana.

(1) Sobre a religião dos indios orientaes vem extensa e clara noticia no 1.º vol. do Panorama (anno de 1837).

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO X.

(Continuação).

Ha dez ou doze annos ainda eram raras as pessoas em Portugal que tomavam banhos do mar; hoje não é assim. De Traz os Montes, do alto Minho e da Beira Alta descem todos os annos ás praias do Minho essas grandes emigrações de familias provincianas, que vem depositar no Atlantico *o fructo de sete mezes de suor*. Da embocadura do Minho á foz do Douro gemem as planicies com o pezo das multidões semi-barbaras! Por entre os agudos pincaros das rochas, habituadas só ao fremito das vagas, ecchôam agora milhares de vozes. O occeano ruge furioso no fundo das cavernas e grutas, salta aos mais elevados cimos dos rochedos, e alaga os curiosos que se atrevem a quebrar o silencio das suas praias, onde só elle bramira sete mezes!—os montanhezes que vem pela primeira vez aos banhos do mar ficam assombrados diante do espectaculo grandioso do occeano; alguns ha que voltam para a sua terra no fim da estação, com o corpo virgem de agua salgada, e tão *cerdos* como vieram. Outros porem, mais ambiciosos de gloria, desinvolvem um grande heroismo, patinhando nas pôças que ha por entre os rochedos. Geralmente as agoas

do occeano estão sempre turvas durante a estação dos banhos, e as areias perdem a sua natural brancura. Não admira por que a maior parte d'aquella gente, passa quatro mezes a esfregar o corpo que não viu agoa todo o resto do anno.

De muitos uzos e costumes que nos deixaram os romanos e arabes só desprezámos o melhor, que era a grande quantidade de banhos publicos que possuiam aquelles povos, e que naturalmente deviam tambem ter fundado nas terras conquistadas. Creio que ainda alguns raros monumentos attestam que existiram em Portugal, mas por incuria dos principes ou por desmazelo dos particulares tudo se acabou, e nunca mais se tractou de reedificar, ou fundar novos estabelecimentos. Dos banhos do mar só se faz uzo no verão, e esses mesmos não os podem tomar os pobres, porque lhe custam dinheiro. Á immundicie é o cumulo da miseria, mas nem sempre a companheira; se houvessem estabelecimentos de banhos publicos, as classes mais pobres da sociedade poderiam resgatar a metade dos seus padecimentos, para os quaes contribue muito a falta de aceio.

N'este paiz, se exceptuar-mos algumas povoações maritimas, quasi o geral do povo tem negação para se lavar; e bem poucos são os que durante a vida mergulham todo o corpo em agua fria. Junte-se a isto a falta de banhos publicos e imagine-se como vivem milhares e milhares de individuos. A pouco e pouco se iriam custumando todos ao uso dos banhos, uns com o exemplo dos outros, e todos evitariam muitos males, por que toda a gente sabe que o aceio é uma condição hygienica muito importante. «Deus amou o aceio» diz-se em varias das nossas provincias; mas ou ouvi-o a algumas pessoas que eram nojentas de ver pelas espessas camadas de terra que lhes calafetavam os poros do corpo!

As casas de banhos publicos são instituições civilisadoras com que se illustram as primeiras capitaes do mundo; entre nós ha alguns estabelecimentos ainda na infancia, mas nenhum d'elles devido ao governo, e por consequencia nenhum qne sirva de beneficio directo á população necessitada. O mais importante, e que promette mais longa vida, é no edificio de Rilhafolles; e deve-se ao zelo e intelligencia do caridoso e humano Director d'aquelle estabelecimento, o meu amigo Francisco Martins Polido, cujo nome é uma gloria para as sciencias medicas e uma honra para a humanidade. Tenho verdadeira satisfação de lhe poder dar aqui um testemunho de cincero affecto, e de prestar homenagem ás suas virtudes, por que foi elle o primeiro que aboliu no hospital dos alienados o uso barbaro e brutal do asorrague!

Em quanto se não fundarem mais casas de banhos, Deus inspire os facultativos para que todos os dias descubram novos e incriveis padecimentos, cujo unico alivio sejam as aguas do oceano! Deus conserve e prospere todas as doenças nervosas, tornando-as incuraveis, contagiosas e interminaveis; por que se o mal de nervos se extinguir, adeus esperanças de civilisação, de saude... e de moralidade para muita gente! Os banhos, além da sua influencia civilisadora, servem tambem á cultura da industria casamenteira. Ha nas praias uma certa liberdade que recorda os tempos primitivos. As familias reunem-se, tomam-se amizades, e vive-se quasi em commum. As meninas conversam, segredam, fasem-se confidencias mutuas, entregam, e recebem a sua *correspondencia*, em quanto os paes jogam o voltarete com a serenidade dos primeiros patriarchas. A vida assim é mais intima, mais conchegada, e mais familiar. É a verdadeira vida de familia. D'aqui saem todas as consequencias naturaes que conduzem ao matrimonio, como principio de unidade moral e social que deve perpetuar o mundo...

Os banhos do mar tambem tem o seu lado artistico. Talvez se tenha ali despresado um elemento capaz de restaurar as artes da pintura moderna! Que existe realmente mais pitoresco do que essas dezenas de cabeças, fluctuantes á flôr d'agua, esses rostos palidos de susto, muito feios quasi todos, é verdade mas por excepção lá brilham uns bellos olhos sobre faces brancas de neve! E uns cabellos pretos coroando esse busto romano!... perdão da banalidade! mas busto romano é bem cabido a uma mulher que sae do banho, porque todas as romanas se banhavam.

Um pé pequeno, uma perna bem torneada, um corpo elegante, e a camizola feita de proposito para deixar sobresahir tantos encantos! apertada severamente na cintura, deixa descoberto o pé e a perna alvissima, para endoidecer algum Rubens, *en herbe!* e expõe todo o seio a uma admiração perigosa para os janotas, que se precipitam cheios de enthusiasmo!... atravez dos rochedos: oh! que fundos misterios tem uma praia de banhos!

Quando eu chegeui á da Fóz,,como era um pouco tarde, já se tinha retirado muita gente; sobre os penedos estavam semeados seis ou outo janotas que me pareceram dos mais feroses. Com receio de os espantar, ou distrahir de suas sublimes ocupações, tomei posse d'um dos baluartes de granito, que formam a enseada onde se tomam os banhos, e puz-me a contemplar as scenas burlescas que ali se representavam.

Homens e mulheres tudo estava confundido dentro d'agua, uns gritando de medo, outros fingindo-o; alguns mais atrevidos rindo de um modo selvagem; as senhoras nervosas chorando, as creanças berrando; e os banheiros, homens collossaes e muito cabelludos, animando a todos com brados de fazer tremer as pedras! Era uma bulha infernal! em menos d'um quarto d'hora fugi, sem ter comprehendido o praser dos janotas, que se divertiam com similhante gritaria, os bemaventurados!.,.

Entrei no Hotel da *Boa vista* e pedi um quarto. Este hotel é o melhor que ha na Foz; para ali vão todos os viajantes, que visitam aquella terra, e realmente não se pode diser mal da casa nem dos alimentos. Almocei e jantei muitas vezes na *Boa vista* em companhia de amigos, e achei sempre que o serviço e tratamento não era inferior ao das melhores hospedarias do Porto. Avista-se o hotel apenas se chega em frente do castello da Foz; um muro onde está praticado um largo portão, em cima do qual se lê a devisa: *Hotel da Boa Vista;* depois um pequeno pateo e logo a escada. Em uma, na frente, uma sala, outra maior á direita soffrivelmente arranjada; e uma fileira de quartos, quasi todos com magnifica vista para o rio.

Quando entrei eram duas horas; não tinha que lêr e precisava matar o tempo até ao jantar, porque estava só. O Ricardo Guimaraes e o Camillo Castello Branco tinham-me promettido ir ali reunir-se comigo para fazermos, em collaboração, um folhetim, palpitante de interesse, contra o *Carroção*. Porém como nenhum d'elles apparecia metti eu sosinho mãos à obra. Ás quatro horas tinha concluido uma catilinaria-modelo em que fulminava o carroção, os bois e o proprietario! N'uma tirada sublime evocava contra elles as *furias, cerastes, dragos centimanos!* Nun-

ca se publicou aquella famosa peça litterario-crítica, porque me esqueceu na hospedaria. Qual seria o seu destino?... atroz sem duvida! Tremo de o pensar!...

Achei-me á meza só com um individuo que teria a minha idade. Faço esta declaração para que se fique ignorando se sou moço ou velho. O meu companheiro era um homem amavel; conversámos em bellas artes e eu pensei que me achava com um pintor. D'ahi a ponco fallámos da Foz e da necessidade de se fazer no Porto uma barra arteficial; é um engenheiro hydraulico, disse eu comigo. Tratou-se de industria e tomei-o por fabricante. No fim do jantar fumámos, e falámos litteratura. Decedidamente é um jornalista! Pois não era nada d'isto. Era um modesto empregado do commercio; modesto por que o sr. M. J. de Azevedo tem talentos para occupar outra posição. Mas n'esta terra não se collocam os homens nos empregos a que os deviam levar as suas vocações. Se um individuo él itterato ou poeta, mandamno fazer calculos e sommas; se é mathematico, entregam-lhe uma repartição onde se trata só de litteratura e bellas artes; se é medico ou philosofo acha lugar nos caminhos de ferro ou nas estradas; e sendo engenheiro não tem senão a pedir para logo ser provido no lugar de bibliothecario! Estes disparates têem-me dado tentações de requerer um bispado! Sei que ha excepções n'estas regras, como em todas, mas são poucas. Não pode com tudo negar-se que atualmente a ordem se tem restabelecido um pouco, e que se principiam a procurar os homens proprios para aquillo a que estão mais habilitados. Queira Deus que continuem por que o desconchavo era, e é ainda em partes, horroroso.

(Continúa.)

F. G. d'Amorim.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

II

Seguiu-se uma longa pausa, que nenhum ousava interromper.

Nos olhos do mancebo a magoa, cubria de um véo de tristeza o fulgor, que um momento antes os tornava radiosos.

Nas pupilas de esmeralda da donzella, duas lagrimas silenciosas, como liquidas perolas, soltaram-se christalinas, e desenrolaram-se lentamente pelas faces.

Tambem ella perdera os disvellos de seu pae, quando apenas aprendera a balbuciar-lhe o nome, estendendo para os seus affectuosos e sofregos, os braços da infancia com buliçosa travessura.

Com os annos, a nodoa d'esta perda em vez de esmorecer, avivou-se mais; e ouvindo a melancholica exclamação de Affonso, os espinhos da saudade, cravando-se-lhe vivos e juntos, fizeram correr o pranto da orphandade, que não pode reprimir.

Estavam calados, mas a solidão animava-se com os mil gorgeios e trinados das aves, saudando a despedida da luz, que a pouco e pouco ía empalidecendo na coroa dos montes, e açafroando os raios desmaiados na ponta das penhas escalvadas.

O rouxinol, que primeiro levantára o hymno da tarde, balouçando-se no ramo da arvore, ora soltava uma volata de notas rapidas e vibrantes; ora apagava o canto em melodiosos murmurios, no meio dos quaes era facil perceber como um gemido languido.

Branca, pousando a fronte na mão, e pendendo a cabeça para traz em gracioso desalinho, parecia que deixava fugir a alma com a vista ainda humida, e tocada de sublime e ineffavel expressão.

O pagem, apertando nas suas a outra mão da filha de D. Maria Paes, e quasi mettendo-a dentro do seu coração, movia os labios tremulos sem fallar, e fascinado e extatico, para volver a si como que esperava, que lhe désse a liberdade aquella doce voz!

Depois de alguns instantes de contemplação, Branca rompeu o encanto.

— « Affonso, disse ella com um suspiro, Deus hade compadecer-se de nós. Estamos quasi sós no mundo, porque minha mãe, coitada! cega, e magoada sempre, pouco tempo nos pode acompanhar. Mas não temos o nosso amor? Não chega elle de mais para pagar os extremos, que nos faltão? »

— « Porque fallaste então de nos separarem? Não vês, que seria rasgar os dous corações do mesmo golpe? »

— « Era. Mas não sei que presentimento mau... »

— « Ouve! acudiu o mancebo arrebatado. Nunca t'o disse, não tinha animo; mas agora é preciso. Se te perdesse... se te visse esposa d'outro!... »

— « Oh, não! redarguiu a donzella, inclinando a fronte com meiguice, e abrazando-o com a chamma, que os olhos despediam. Só tua, ou de Deus. É o meu juramento. »

— « Promettes? exclamou Affonso com as faces a arder. »

— « Não te disse que jurava? » respondeu Branca, repetindo mil vezes a promessa no deliquio da vista enlevada. Olha, accrescentou, não cuides, que são palavras, que um dia, que uma hora de reflexão, ou de temor hade apagar. O que a boca affirma, ficou gravado no meu peito. Para me esquecer só a morte! Se é que no tumulo se dorme tão profundamente. »

Callou-se. Que mais podia ella dizer?

O mancebo louco, delirante de jubilo tornou a lançar-se-lhe aos pés, e a cubrir-lhe de osculos frementes as mãos, que ella não tirava de entre as suas.

Passados minutos, Affonso ergueu-se. Tinha vencido por um esforço a timidez, e homem pela paixão, levantava-se para assegurar por uma palavra a ventura, que sonhára, e que possuia toda, lendo na alma da donzella affectos iguaes aos seus.

— » O que valem juramentos, disse elle, quando o teu coração está comigo? Quanto desejei na terra, acabas de m'o conceder. De hoje em diante, não tenho mais que esperar, nem que pedir. És minha esposa aos olhos de Deus!... »

— « Sou. A minha vontade será a tua. Aonde quer que estejas, se me chamares, irei. Amo-te, Affonso! Sem ti a vida é um deserto para mim. Não tenho outra luz no mundo. Mandas que te siga? Queres que te aguarde? Dize! e verás se hesito, ou se recuso. »

— « Branca, os anjos, se nos vissem, tinham agora inveja! E tua mãe, deixal-a-ias sem amparo, sem o doce calor das tuas caricias, o unico sol, que lhe aquece ainda o inverno da velhice? »

— « Deixaria tudo por ti!.... ainda que me estalasse ó coração de dôr! Triste mãe! Quem a havia de consolar nas suas penas, com que olhos veria eu a sua alma, quasi cega, tambem, de chorar?... Mas, Affonso, tu és bom e terno. Não eras capaz de dizer nunca á filha: arranca tua mãe dos braços, piza-lhe

o coração aos pés, e vem! Conheço-te. Se fosses não amavas tanto!»

— «Não! não! atalhou o mancebo. A primeira felicidade do amor é a benção dos que nos deram o ser. Uma lagrima só de tua mãe sobre a nossa fronte seria uma nodoa de sangue indelevel...»

— «Como a que vos separa, loucos!» disse uma voz firme e pausada por detraz de ambos.

Voltaram-se sobresaltados, e viram diante de si a figura de um velho, cujas barbas, brancas de neve, desciam até ao peito.

Arredando a cortina de arbustos e folhagem, que até ali o occultára, o novo interlocutor, que tudo tinha escutado, apresentava-se de repente diante dos dois amantes, palido como a desesperação que vinha trazer-lhes, e amortalhado nas largas roupas de uma tunica escura, cingida por grosseira corda.

Robusto de membros, e largo de hombros, a idade pouco lhe inclinava a cabeça para o chão. As feições, nobres e severas, no ar sombrio que era sua expressão habitual, denunciavam mais do que tristesa.

Os ardores das estações, passando por ellas e queimando-as, tinham-as revestido de uma duresa particular, e não se carecia de grande observação para notar, que as rugas crusadas da fronte, o fulgor quasi fulvo, e ás vezes terrivel da vista, e a ironia do sorriso desmaiado, que lhe encrespava a boca, retratavam n'aquella phisionomia, mais devastada pelas magoas e trabalhos, do que pelas enfermidades da velhice, o desespero eterno, e as paixões fogosas, que nem os annos, nem as lagrimas amortecem.

O capuz da tunica, puchado para o rosto, dava maior sombra ainda á palidez das faces; e os olhos fundos, relusindo, tomavam de repente um brilho estranho, e quasi selvagem, quando uma comoção mais forte vinha acordar no seu peito as tempestades, e dizer ao mundo, que na alma d'aquelle morto ardiam sempre vivas as memorias do passado.

A friesa penetrante, com que as pupilas negras, volvendo-se lentas, parecia que rasgavam os seios do coração para no mais intimo d'elle colherem o occulto pensamento, ninguem a podia supportar com indifferença.

A vista mais segura e altiva, era raro que não se baixasse diante da sua; e que o mais firme não sentisse como a dôr de uma sensação gelada, em quanto aquella muda interrogação se não desviava delle.

Na testa espaçosa e alta, morava o orgulho. Via-se facilmente, que antes de se envolver na estamenha da penitencia, e de sepultar com o nome a esperança e ambição, conhecera de perto as vaidades e illusões da terra, e que, por muito que o desejasse, ainda não conseguira esquecer-se inteiramente do que fora.

O amor de Deus, e do proximo, e a serena e resignada contemplação do ceu, não eram de certo quem o consolava nas magoas do seu desterro voluntario.

O semblante desbotado, e de uma austeridade que fazia estremecer, trahia-o a miudo. Cortadas no seu peito as chagas, não tinham cessado ainda de verter sangue; e o perdão das offensas, o desprezo dos odios humanos, parecia duvidoso que saisse nunca dos beiços, que a vingança contraía, e que nenhum affecto brando alegrava de um sorriso meigo.

Apenas a voz conhecida do eremita o veio interromper, Affonso recuou dous ou tres passos, como se o ferro de uma lança lhe ferisse o lado com os gumes.

Branca, da sua parte, suspensa e cheia de pejo, apertava na mão tremula a do mancebo, e escudando-se com elle, inquieta e assustada, olhava para aquelle vulto, que um terror supersticioso lhe pintava ainda mais sombrio e mais severo, do que na realidade era.

O pagem, entretanto recobrou-se depressa do sobresalto, e esforçando com a voz e com os olhos amorosos a donzella, disse-lhe em tom submisso, em quanto o velho, deixava com vagar o seu retiro:

— «Não tenhas receio; é o eremita! É Fr. Egas. Desde creança, que me apparece todos os annos, e que me promette...»

— «O que tu não queres nem podes cumprir!» atalhou Fr. Egas, estendendo a mão, e demorando a vista com austera tristesa sobre os dous amantes, que pelo braço um do outro enlaçados aguardavam, não sem temor, a explicação das palavras, com que os perturbára no meio das confidencias da ternura.

Por alguns momentos foi tão profundo o silencio, que se ouvia o rumorejar das folhas, e o bater das azas das aves, fugindo do tecto de verdura, que abrigava os tres.

Ao mesmo tempo as nuvens, negras e pesadas, sulcavam-se de um clarão livido, o dia apagava-se no crepusculo, e o rebombar distante de um trovão, despertava os echos da montanha.

— «Mancebo, disse o eremita, o sangue do lobo, não se une ao do cordeiro, nem o leão vae buscar o tigre por amigo!»

— «Não vos percebo, Fr. Egas! acudiu o pagem, cujos olhos começaram a chammejar. Fallai claro, se quereis que vos escute!»

— «Porque não dizes quanto sentes dentro do coração? Cuidas que me occultas, o que leio n'elle agora mesmo?» E o velho sorria-se de um modo sombrio, e parecia, que abrazava os dous com a luz, que despedia das pupilas. «Sou aqui de mais, bem vejo, continuou elle. Mas embora! Cheguei a tempo. Antes ver-te como a teu pae, e a teu avô, morto e insensivel, do que deixar-te envilecer o nome, calcando as suas cinzas na loucura de um amor!...»

— «Monge!» bradou o mancebo, apertando o punho da espada

— «Ameaças? disse o eremita sorrindo inalteravel. Julgas que as não esperava, ou que as temo? Ouve, Affonso. Este velho, que vês arrastando os pés para o tumulo, e passando por entre os vivos, sem que uma esperança o anime, ou uma voz amiga lhe lembre o mundo, foi já, como tu... cavalleiro de linhagem, e moço namorado! Antes de levar á boca o calix das amarguras, e de o esgotar até ás ultimas féses, provou tambem das doçuras do amor, e sem contar os dias, enlevado em uns formosos olhos, esqueceu-se de que a traição não dorme, e deixou caír a cabeça de seu irmão debaixo de um cutello... Uma hora mais cedo, que acudisse, tinha-o salvado! Mas arrependeu-se, foi homem depois! Affonso, pelo sangue que te corre nas veias, pela alma de tua mãe, que é uma santa na presença de Deus, juro-te que... entre o teu affecto e essa donzella ha uma offensa mortal, que não pode lavar-se. Para unires a tua mão á d'ella, juro-te, que tens de pizar o corpo de teu pae e de teu avô, cujas cinzas bradam vingança ha tantos annos!...»

Uma lagrima, fria e lenta, escorregou-lhe pelo rosto, e erguendo as mãos ao céu, como que invocou n'este gesto a justiça de Deus, espaçada, mas não esquecida.

A cabeça, alta e firme, as barbas nevadas, e o terrivel clarão dos olhos, davam á voz do monge um

poder, que poucos instantes antes ninguem lhe supporia.

Sem perceber como, nem porque, Branca empallidecendo e vacillando, soltou-se dos braços de Affonso, e com a vista humida de pranto, e o peito comprimido, escutou anciosamente a resposta, que os labios tremulos do mancebo só ousaram articular a custo.

Não menos commovido, o pagem tremia da inesperada revelação, sentindo rasgar-se-lhe o coração no peito a cada phrase, que saía da boca do eremita.

—«Não é possivel! murmurava elle, fallando comsigo só. Deus é bom e justo. Porque me havia de mostrar a felicidade, se m'a queria tirar logo, apenas a vi, mal a principiei a gozar. Era um escarneo, uma crueldade! Fr. Egas! accrescentou, levantando a fronte de repente, e travando pela tunica ao monge: cousas, como estas, custam a vida ao que mente, e pagam-se com odio, com odio mortal, mesmo ao que as disse com verdade. Sabeis o que pedis?»

—«Sei que o sacrificio é grande, mas conheço-te, Affonso, e sem te ouvir, já respondi o que havias de fazer!»

—«Monge?! exclamou o mancebo, crescendo para elle, livido de cholera, e procurando com os olhos o lugar, aonde havia de descarregar o ferro. Monge, quem te fez ousado para dispores da vontade alheia?»

—«O dever! replicou serenamente o eremita, cruzando os braços. Affonso, sabes como teu avô Gomes Lourenço morreu no castello de Santa Olaia, faz hoje trinta e quatro annos?»

—«Não! Mas que tem a sua morte com...»

—«Escuta! Gomes Lourenço poz a cabeça em cima do cepo coberto de luto, e o verdugo, que lh'a decepou, não foi o algoz, o villão, que deu o golpe, foi uma mulher, que elle amava mais do que a seu filho, mais do que a sua alma e a salvação até!...»

—«Mas! atalhou o mancebo.»

—Não me interrompas ainda. Sabes como acabou teu pae na flór das annos, e no principio de uma carreira, toda esperança e gloria? Uma tarde assaltaram-o covardemente em um sitio deserto, aonde andava ás aves, e antes de ter virado o rosto sete frechas cravadas no peito dorrubaram-o do cavallo, banhado em sangue, e morto!»

—«Deus do ceu! clamou o pagem, e a minha espada ainda se não desenbainhou, e os traidores riem-se a salvo!.. Monge, porque me não disseste isso senão agora?!...

—«Porque só agora é tempo. Affonso Viegas uma palavra mais, e decidirás! A mulher,, que matou teu avô, chama-se D. Maria Paes Ribeiro. Os covardes, que feriram de longe teu pai, eram cavalleiros e homens d'armas de Lanhoso!... Sabes quem é a tua Branca?...»

A donzella ajoelhou convulsa e trespassada, mas Affonso balbuciando, e palpitante nem a via. Olhos, coração, e vida, tinha tudo pendente dos labios do Eremita.

Este fez uma pauza; e depois de cravar os olhos, que pareciam punhaes ardentes no rosto pallido do mancebo, disse-lhe lento e ironico:—É a filha d'essa mulher, é a filha de D. Maria Paes a nobre dona, que vendeu o corpo ás caricias de Sancho I, e a alma a todas as furias do orgulho e da vingança! Agora, filho piedoso e temente a Deus, não te prendas—lança-te aos seus pés, e beija-lhe a mão tinta no teu sangue. Branca trará em dote a cabeça de teu pae, e de teu avô!»

Apenas, o monge concluio, Affonso arrancando um grito de ancia e dor, semelhante ao de homem, que matam a ferro, perdeu o lume da vista, e cahio sem sentidos.

A donzella, louca de desesperação, sem olhar para traz, sem proferir uma palavra, sem mesmo soltar um suspiro, saltou de impeto na sella da hacanea, e á redea larga, fugio sem olhar por onde, como se o remorso, tomando corpo, a perseguisse, correndo mais veloz ainda.

Fr. Egas, contemplou por momentos o mancebo amortecido, e a carreira delirante de Branca, e deixando cahir depois os braços, e carregando as rugas da fronte, disse em voz triste e pausada:

—«Antes isto, do que vel-o deshonrado. Gomes Lourenço, a hora avizinha-se! Descança tranquillo. Cada gota do teu sangue hade custar uma lagrima, e uma desdita. Não jurei em vão, serás vingado!»

(Continúa).

L. A. Rebello da Silva.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

V.

Expostas as razões, que a nosso ver, tornavam forçada e palida a naturalisação do genero nas litteraturas modernas, sem nos demorarmos, passemos a apreciar as qualidades, em que sobresae o estro lyrico de Elpino; e sem lisonja, nem orgulho, entreguemos-lhe a palma, que merecem tantas odes primorosas.

Se o poeta não ressuscita o seu modello, ás vezes comtudo sobe tão alto, que o alcança com os olhos. Entre os emulos da renascença nenhum competidor o vence; mais ainda, talvez nenhum o iguale.

Não se ignora a temeridade de sentenciar rivaes, que o gosto, o estylo, e a lingua separam; e cujas bellezas por delicadas e proprias escapam facilmente ao observador estranho, como flores que são, e que de mimosas perdem sempre nas cores e no perfume com a distancia.

Entretanto, mesmo concedendo isto, não parece que haja injustiça. Nem Chiabrera na Italia, nem Herrera na Hespanha, nem Boileau e Lebrun em França offuscam, ou excedem o engenho do Diniz. Este logo no primeiro ensaio pizou firme um estadio assignalado pela queda de muitos cantores illustres.

Quando o auctor do *Lutrin*, prescrevendo regras á inspiração, que as repelle no seu vôo altivo, ensinou a copiar os arrebatamentos naturaes de Pindaro por meio da belleza artificiosa e desordenada, a que depois chamaram furor poetico, não ensinou senão a enganar os sentidos, e é mais do que duvidoso que a arte substituisse por si só o impeto espontaneo. Francisco Dias Gomes não escreveu sem motivo em uma das suas notas criticas, que as melhores odes não eram as que repetiam a miudo as falsas exclamações: *que vejo? Que escuto? Onde estou? Que sinto?!...*

É preciso mais! Em um poema breve, tecido de expressões sublimes, e de grandes rasgos, a idéa não ha de ceder tudo á forma; e o enthusiasmo, como

no Vate grego, remontando-se ás nuvens, nunca deve perder de vista o assumpto e o plano.

Se Elpino esqueceu em algumas obras o preceito, offerece entretanto numerosas provas em outras, de que o conhecia e sabia praticar.

Percebeu, que a imitação de Pindaro, quando muito, podia reproduzir em apagada imagem o brilho, a graça, e o esplendor da lyra thebana, mas que, para se nacionalisar, e se estimar, como a do cantor Dircêo, carecia de se rejuvenescer nas tradicções saudosas da patria, celebrando os grandes vultos dos varões e dos heroes, que a enobreceram com a penna e com a espada em regiões remotas, no meio dos perigos, e deante da morte.

Embora as roupas sejam antigas; embora as suas figuras e allusões saiam armadas do Olimpo pagão, o pensamento, que domina é portuguez, como o do Camões, e por isso lhe perdoamos leves culpas, e até defeitos graves.

O amor da terra natal, a admiração do seu passado, e a memoria eloquente de tantos feitos raros e sublimes, que ornam o nosso berço nos seculos de gloria, elevam o coração e a mente do poeta, e levantam-lhe na lyra quasi milagrosos cantos.

De certo os jogos, cujos vencedores immortalisa a voz de Pindaro, nas *Olympicas*, ou nas *Pythicas*, nas *Nemeas*, ou nas *Isthmicas*, tão longe estão do grandioso theatro das proezas dos cavalleiros de Africa, e dos soldados da Asia, como a opulenta e formosa lingua da Grecia deixa atraz a romana, a nossa, e quantas lhe succederam.

Eis a superioridade, que deu alento a Elpino, e que o sustentou na sua ousada empreza.

Na ode a Duarte Pacheco, a invocação não desmaia nem diante dos exemplos de Pindaro, taes como uma traducção descorada os pode apresentar. Se não é tão graciosa, como a da I Pythia, é mais concisa, e grava o conceito com relevo. Ouçamol-o:

Eu não consagro altares
Da vil lisonja ao idolo profano,
Nem cruso os subtis ares
Cantando a par do grão Cysne Thebano,
Para o nectar libar de immortal hyno
Ao luxo, da Opulencia parto indino.
O genio que dos Numes me foi dado
Em mais estima e préza
A formosa virtude em baixo estado,
Do que a soberba pompa da riqueza.

Horacio, tambem encerrava assim em uma só estrophe o preludio do seu canto, mas nem sempre com a mesma valentia; e a severidade modesta, que ostenta Elpino, inclinando-se perante o vulto heroica do grande capitão, abona tanto o seu gosto, como o seu espirito.

Ha nomes, que fazem tudo pequeno, e que mesmo a lyra não exalta sem estremecer. A gloria de Duarte Pacheco, *do leão dos mares*, tão pura e digna dos louvores, com que a invoca o seu cantor, resplandece na historia; e os ferros, que algemaram aquellas mãos, que o ouro, ou a cubiça nunca maculou, foram o opprobrio dos ingratos, e o realce da sua virtude.

Seria longo emprehendermos a detida analyse da composição do Diniz, confrontando-a com o estylo de Pindaro, e com os rasgos mais louvados dos seus imitadores, entre os modernos. Limitar-nos-hemos, unicamente pois, a indicar o que parecer mais opportuno para se dar ideia do engenho do poeta, e da elevação, com que engrandecia os assumptos de ordinario.

Na invocação da ode a Vasco da Gama, uma das mais inspiradas que lhe deve a lyra portugueza, as imagens magnificas e quasi epicas, poderião citar-se por modellos, se a estrophe não declinasse nos dous ultimos versos, desvairando-se com uma figura falsa, e alem de falsa infeliz no gosto. Escutemol-a:

Bem que a teu ardimento eterna croa
Tecesse, inclito Gama,
Sonora musa, que no Pindo voa
Sobre as azas da fama;
Eu, que apezar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o nome lusitano,
Á minha lyra o passo
No mar enfunarei dos teus louvores.

Entretanto, com que gentilesa se não levanta logo, no bello episodio, em que põe tão alto o seu heroe, quando exclama:

Por largo campo, indomito e frementc,
Corre o Nilo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso:
Mas se na grã carreira, ás aguas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo não regeita
Pobre feudo de incognito regato.

Todas as digressões são do mesmo esmero e correcção. Os conceitos cinselados em formosas allusões, ou em metaphoras atrevidas, gravam-se na phrase com esplendor, e recamam de fina pedraria o tecido matisado, que veste a forma. N'estes momentos, o genio do cantor de Thebas revelava-lhe de certo alguns dos seus segredos.

Que pintura admiravel segue a descripção do descobrimento:

Ninfas do Ganges, que levar o vistes
Em seu baixel ousado
Da Aurora o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cubristes!
Com que horror tremular vistes ligeiras
Do novo imperio as Quinas agoureiras!

Na ode a Duarte Pacheco, que já notamos, o amor da patria, e o enthusiasmo das proezas, que fizeram do Achilles do oriente o espanto das nações barbaras, respiram nas impetuosas estrophes de Elpino.

Descrevendo a lucta audaciosa de Pacheco em Calecut, o poeta solta, alados e frementes, estes versos, digna corôa do feito heroico:

Cem paraus torreados
D'onde por boccas mil bróta Mavorte,
Entre horrorosos brados
Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte;
Zargunchos, frechas, que em chuveiros voam;
Elephantes bramindo a terra atroam:
Neptuno da batalha ao som horrendo
No fundo mar se espanta;
Nos eixos muda a terra está tremendo;
Mas nada o grande coração quebranta.

E na facção contra o corsario Mondragon, com que vigor retrata o tumulto e os trances da peleja, o ardimento dos contrarios, e a valentia sem igual do portuguez, sujeitando a fortuna com o assombro do seu temerario arrojo:

Da passada rapina
Ufano Mondragon, o mar talhava;
E com fatal ruina,
De cem furias cercado ameaçava
Quanto rico baixel do Indostão vóa,
De pareas carregado, á grã Lisboa.
Mas o bravo Pacheco, n'um instante,
Os lenhos fulminados,
Do pirata a seus pés vio triumphante
Os arrogantes brios derribados.

A antistrophe, em que representa o desengano, que esperava a Duarte Pacheco na terra natal, quando voltava coroado de louros, não é inferior ás duas estrophes, que já citámos:

Quanto, quanto se engana,
Se em si fiado o são merecimento
Da fortuna tyranna
Aos revezes crueis se julga isento!
Pois com turvo semblante sempre a inveja
Olha a virtude, que opprimir deseja.
Em vão, mortaes, não clama a minha lyra,
Se, para illustre exemplo,
Entregues da pobreza á cruel ira
A Pacheco e Milciades contemplo.

Na ode a Affonso de Albuquerque, o poeta levanta-se com igual ardor, e rivalisa com os mais primorosos nas inspiradas estrophes. As imagens desatam-se-lhe, como disse d'elle Bocage, em turbilhões accesos, e poucas vezes o fogoso estro terá ascendido tanto. Que riqueza nas phrases, que harmonia nos metros, que magnificencia nas figuras! Logo no Epodo I como se alteia, quando diz:

Em nobre sangue dos Avós guerreiros
Valor não degenera:
Pomba imbelle real aguia não gera,
Nem pavidos cordeiros
Na Libya ardente a coroada fera.

E os episodios, as digressões, e a allusão historica precipitam-se com o mesmo fulgor, umas succedendo-se ás outras, esta excedendo áquella, em um delirio sublime, que a arte rege, e que nos enleva a cada instante. De repente, suspende-se, e uma comparação admiravel rompe no meio do canto, e arrebata-o:

Aguia soberba, a quem no campo etherio
O espirito alentado
Deu sobre o povo alado
Das vagas aves temeroso imperio;
De brancas pombas sobre banda espessa
Tão rapida por entre as nuvens turvas
Não cáe, não se arremessa,
Brandindo o curvo bico, as garras curvas;
Como entre á immensa armada o varão forte
Frechando o arco da espantosa morte.

E logo na antistrophe 8.ª como pinta d'um só rasgo toda a carreira do grande capitão, em traços luminosos:

Trovão, que brama, e chammas mil arroja
Ardendo o viu Curiate,
Viu-o a rica Mascate
Brava, Lamo, Orfação, Quexome, e Oja,
Soar o viu, que o humilde ao braço irado
Sem sangue escapa, e Calayate astuto
O Persa pharetrado,
A quem a guerra offerece por tributo.
Mas oh divina lira o panno ferra,
Que é o mar infinito! «á terra, á terra.

A figura, que encerram os versos finaes pecca no gosto, e contra a verdade. o que acontece em outros logares das odes.

Á força de singularisar o stylo, e de fugir de metaphoras sabidas e communs, o Diniz cae repetidas vezes no defeito contrario, e torna-se empolado, e gongorico. É a nodoa mais frequente das suas poesias pindaricas.

A outra, inseparavel do genero, e mais que tudo de uma collecção volumosa de poemas d'esta natureza, é certa monotonia, que adormece insensivelmente o leitor, pela repetição das mesmas formas, e tambem das mesmas imagens.

Em quarenta e quatro odes não admira! E para elogio do cantor bastará dizer, que em tão grande numero as boas e as optimas não são raras.

Mesmo, quando baixa á lisonja dos poderosos e dos protectores, sabe suster-se com brio nas espheras elevadas, e não envergonha a lyra.

L. A. Rebello da Silva.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação)

Por instincto e por estudo, Francisco Manuel chegára a apparelhar uma palheta, onde o colorido da locução podia variar ao infinito. Mas o seu desenho era debil, e durissimo o *tom*, o *caracter* das suas composições. Perfeito imitador no *Oberon*, a sua musa já denuncia a cada passo na excentrica paraphrase dos *Martyres* que o poeta a traz violentada e mal soffreada por aquelles caminhos mais ingratos e mais difficeis de trilhar. Se tivesse tentado a tragedia, imitando as obras primas da scena franceza ou italiana, ternos-hia de certo legado em cada uma das suas peças um novo manancial de casta e esmerada elocução, sem remediar n'um ponto a penuria da scena nacional.

Bocage era o contrario de Philinto. Em Élmano a veia inexhaurivel da poesia compensava largamente a mediania dos seus haveres de erudição. O talento n'elle adivinhava sempre a frase e a palavra. Com uma lingoa mais pobre e menos variada, os seus poemas traziam este sello particular que só imprime o genio, e que a erudição mais vagarosa e a mais indefeza philologia em vão se esforçariam por imprimir e perpetuar.

O theatro deve-lhe algumas versões onde apenas ha que admirar a flexibilidade do seu metro, a symetria caracteristica dos seus conceitos, e o timbre deleitavel dos sons que disferia. A poesia em geral deveu-lhe muito. O theatro muito pouco.

O visconde de Almeida Garrett, ao apparecer na scena litteraria não tinha, pois, modelos a quem seguir, e as tradições dramaticas propriamente indigenas, essas estavam perdidas, como elle mesmo o affirma no trecho já citado do prefacio ao seu *Catão*.

Genio destinado a regenerar um dia as lettras patrias, os seus projectos deveriam ser gigantes desde o alvorocer da sua imaginação. Cesar sonhava já aos dezoito annos as glorias da dictadura e a suprema dignidade da universal dominação.

Julgou-se inspirado para resgatar por si o deslei-

xo e desidia dos poetas que o haviam precedido. Volveu os olhos em redor de si em busca de modelos nacionaes e achou a scena deserta. Affeiçoara-se desde a infancia á leitura dos bons tragicos modernos, e ou nos textos originaes ou nas suas numerosas e eruditas interpretações, versára, como elle diz, com *nocturna e diuturna mão* as escassas, mas preciosas reliquias do maravilhoso theatro de Athenas. Não lhe havia escapado certamente, no enthesourar desta preciosa erudição, o theatro britannico, e como seu mais legitimo e illustre representante a Shakespeare. Se o não lêra todo e no texto inglez, antegostara-o por ventura nas imitações de Ducis e de Voltaire. O que é certo e se deprehende do prologo do *Catão* impresso em Lisboa em 1822 é que Almeida Garrett podera já comparar e distinguir na sua mais evidente antithese, os dois generos que desde o principio do seculo se haviam reptado, e continuavam por aquelles tempos em França o litigio pertinaz, que já hoje ameaça terminar por uma racionavel e honrosa composição.

A ambição de rehabilitar a scena portugueza manifesta-a sem rodeios o poeta no prologo do Catão.

«Em Portugal, diz elle, se passarmos os antigos, não sei contar senão J. B. Gomes, pois dos outros todos creio que affoitamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contal-os. Será isto defeito e falta nossa? Não teremos nós *la tête dramatique*, como os francezos *l'épique*? Não sei responder, mas nem por isso deixo e deixei desde que me entendo de forcejar por encher quanto em mim fosse o vasio do nosso theatro.»

Tal foi o seu pensamento dominante, por ventura desde que a flor da sua mimosa imaginação começou a desabotoar e a recender perfumes. Para habituarse ao cothurno, d'onde tantos se tem precipitado, foi ensaiando a musa nos logares communs dos engenhos tragicos. A *Lucrecia*, que morreu quasi á nascença no theatro, apunhalada pela sua mediocridade, como em Roma pela sua pudicicia exemplar; a *Mérope* que vivêo para servir de padrão aos progressos do poeta, foram como que academias copiadas do antigo, onde o lapis adquirio flexibilidade e movimento para se arriscar ao difficil claro-escuro do busto de *Catão*.

Nas primeiras tragedias sentiam-se as peias da imitação a constranger em cada verso o estro ainda balbuciante. No Catão a inspiração e o fundo revellam a antiguidade; nas fórmas porém domina o que quer que seja de sabor moderno e da maneira mais solta e mais caprichosa com que se revelou nos seus aureos dias o theatro castelhano, e ainda o drama irregular mas energico de Shakespeare. A Mérope, calcada sobre modelos conhecidos, e inspirada por um assumpto vulgar, é prodigamente explorado, não tem caracteres distinctivos quasi, nem feições individuaes. No *Catão* tinha Garrett menos modelos a seguir, e menos rivaes que temer ou supplantar.

De todos os trechos heroicos da historia romana, o Catão era o menos vulgarisado pela musa tragica. Sómente a scena ingleza lhe deparava um talento vigoroso e variado, que exercitando-se no mesmo assumpto, merecêra um triumpho aos seus contemporaneos, e alcançára para si a honra de restaurador da tragedia e de modelo dos tragicos britannicos.

Addisson era o nome do poeta celebre que primeiro illustrará a scena ingleza cantando a morte de Catão, e a ultima ruina da liberdade romana. Era um d'estes engenhos robustos e perspicazes que dominam a sua epocha e que legislam com o tacito assentimento das turbas litterarias que lhe acceitam sem murmurar a dictadura. Poeta e prosador de egual vigor e originalidade, a sua musa brincava com as difficuldades da tragedia, em quanto o periodo facil e sonoro, na lingoa menos euphonica e menos gracioza de todo o mundo, popularisava sem tedio a mais valente erudição e fulminava do alto do thronó litterario, a sentença dos autores e a critica humoristica dos costumes e da sociedade do seu tempo. O *Spectator*, jornal litterario, que então exerceu uma influencia prodigioza, e que ainda hoje se lê com o interesse de um livro sempre juvenil e sempre verdadeiro, ficou para nos attestar que mais do que poeta tragico, fadára o talento em Addisson um d'estes fecundos escriptores em quem a imaginação, trasbordando, mal se accomoda nas convenções poeticas e nas estreitezas da versificação e da rima.

(Continúa). J. M. Latino Coelho.



CÃES CONTRA A CAVALLARIA!

Do mesmo codice do seculo XIV, citado em o nosso precedente n.° é tirada a estampa que trasladamos; e no mesmo capitulo dos stratagemas de guerra lê-se o seguinte.

Para por em fuga cavallos e cavalleiros, ensinamse cães vulgarmente chamados olões, e amestram-se a morder os inimigos com furor. Cumpre que estes animaes sejam acobertados de couro por duas rasões, a saber; para que o fogo que levam n'uma vasilha de cobre não os ofenda, e para estarem menos expostos aos golpes dos guerreiros quando os cavallos fogem esporeados pela dor. Aquelle vaso de cobre ou bronze forrado de uma substancia resinosa e com uma esponja embebida em espirito de vinho produz um fogo mui violento. Os cavallos, atormentados pelas mordeduras dos cães e pelas queimadellas d'esse fogo, fogem desordenados. Tal é a guerra dos cães contra a cavallaria.

Que lhe preste a invenção!

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



CHRISTO NA MARGEM DO LAGO DE TIBERIADES.

«E passando ao longo do Mar de Galiléa, viu a Simão e a André seu irmão, que lançavam as suas redes ao mar, (porque eram pescadores)

«e disse-lhes Jesus: Vinde apoz mim, e eu vos farei pescadores de homens.

«E no mesmo ponto, deixadas as redes, o seguiram.»

(Evangelho de S. Marcos, cap. 1.º)

A Galiléa era uma das quatro grandes divisões da Palestina, e que ficava mais ao norte, repartida em superior ou alta, e em Galiléa baixa, circumdando esta ultima o lago de Tiberiades, tambem denominado de Genesareth, e Mar de Galilea. Hoje estão ambas comprehendidas na jurisdicção do pachá de Acre na Syria.

Da-se ás vezes a Jesu-Christo o nome de galileu, por ter nascido em Nazareth (d'onde outra denominação de nazareno), cidade da Galiléa, e ter sido esta provincia o theatro das suas primeiras acções e prodigios.

Jesus mudou o nome de Simão no de Pedro, quando o constituiu cabeça dos outros apostolos, e seu primeiro vigario na terra. Tanto Pedro, como André seu irmão eram tambem galileus, naturaes de Betsaida.

Do lago de Tiberiades, que o maravilhoso rio Jordão atravessa, achar-se-ha sufficiente noticia no 5.º vol. do Panorama (anno de 1841) a pag. 277. O P. Fr. João de Jesus Christo calcula-lhe 14 leguas de circumferencia. A cidade de Tiberiades, hoje Tabarich, foi fundada nas suas margens por Herodes Antipas no anno 17 da nossa era, em honra do imperador Tiberio. A batalha ganha por Saladino aos christãos n'estas proximidades em 1187 fez caír Jerusalem em poder dos mussulmanos.

M.

A egreja, cubrindo-se de luto n'esta semana, recorda os mysterios sagrados da redempção.

Deante da cruz, em que padeceu o Homem-Deus, aos pés da arvore, d'onde a esperança tornou a levantar-se, os animos crentes aprendem a humilhar as vaidades, e as illusões.

Abrindo os braços no Calvario, Jesus conquistou o futuro, morrendo pela verdade. Os martyres e os confessores vieram depois, e attestaram á sociedade, que expirava, que o mundo transformado ia renascer, arvorando por estandarte o instrumento affrontoso da morte do Justo.

O orgulho da falsa sciencia, e os sophismas da impiedade luctaram contra a evidencia. Debalde! Vinte seculos conformes na promessa do Messias, são o pedestal de Christo; e o sacerdote no templo, apresentando o filho de Maria, e exclamando: «agora senhor, pódes despedir o teu servo em paz, segundo a tua palavra, porque os meus olhos já viram o salvador!» o sacerdote não fez senão dar voz e sentido ao ancioso desejo do genero humano.

A religião catholica não é de hontem, e não venceu pela força, mas triumphou pela persuasão.

Antes dos Cesares dobrarem o joelho deante da corôa de espinhos do Nazareno, quanto sangue innocente não fecundou a doutrina?! O valor e a constancia nos tormentos foram as armas dos christãos; os carceres, os tractos, e as feras do amphitheatro responderam pelo paganismo.

A idolatria deffendeu-se encostando-se aos algozes, a lei nova prevaleceu pela paciencia e pela fé.

Os exercitos, que plantaram o Evangelho, e divulgaram até aos mais remotos povos as suas maximas consoladoras, eram apostolos pobres e desprezados; e apesar d'isso uma revolução immensa se operou em dous seculos á voz dos humildes e dos convencidos.

É que o exemplo fallava alto como o preceito!

O fausto da opulencia romana envergonhou-se da

austeridade, que o accusava sem descerrar os labios. A soberba dos poderosos confundiu-se, vendo em ruinas o que tinha julgado firme, e quasi eterno. A crueldade, mesma, cançou-se de ferir a todos os instantes o soffrimento.

As nações dividiram-se; os collossos desabaram, e a unidade moral não se obteve, senão quando a promessa de Christo assentou em Roma a cadeira dos Apostolos, e o capitolio da redempção!

As raizes da arvore do Golgotha haviam crescido a ponto que no principio do terceiro seculo rebentavam já no foro, no paço dos imperadores, no senado, e em toda a parte! Chegavam tão longe, que Tertulliano, o Bossuet da antiguidade, a aguia da eloquencia n'aquella epocha de grandes homens, e de grandes cousas, podia dizer aos perseguidores sem receiar, que o desmentissem: « Se esta multi« dão (dos christãos) vos desamparasse, refugian« do-se em logar remoto, a perda de tantos cidadãos « de todas as classes seria o maior castigo vosso, « porque vos enfraqueceria accusando-vos. Terieis « então horror, da solidão, do silencio, e do espan« to do mundo, que pareceria morto. Buscando sub« ditos acharieis mais inimigos, do que irmãos. O « que faz actualmente que os inimigos se julguem « poucos é o numero dos nossos! »

Que espectaculo sublime, e nunca visto, antes, nem depois!

Quando se elevou com egual esforço o coração humano, ou quando resplandeceu a virtude assim, pizando as tentações mais insidiosas, e os temores, que mais affrouxam o valor?

Apontam-nos Socrates, e a resignada placidez, com que a sua alma heroica esperou tranquilla o somno da cicuta, morrendo por uma ideia generosa?

Mas Socrates victima das invejas e ciumes de emulos crueis, contava á roda de si, n'esses momentos, chorosos e inconsolaveis os ingenhos mais illustres de Athenas, e sabia advinhar com jubilo, que ao menos tinha por elles segura a posteridade, a victoria.

E esses velhos, que já tropeçavam com a sepultura, e essas creanças faceis de assustar e distrahir, e essas donzellas, mimosas, ás quaes a vida era tão doce, recusando incenso e culto aos idolos, o que as alentava perante ferozes proconsules, e em presença dos verdugos e dos supplicios?

Em vez de mãos amigas para lhes enchugarem as lagrimas com piedade, e lhes confortarem o espirito deante da tremenda prova, o que encontravam os mais delles com frequencia no seio da sociedade, e no meio da familia até?

Indifferença nos pais, odios nos irmãos, desprezos e imprecações nos parentes! Vicios, escarneo, e idolatria em todos!

E entretanto rompiam animosos estes vinculos tão estreitos, e tão intimos; e a esposa não seguia o esposo, e o filho não obedecia ao pai, e o irmão não cedia ao irmão.

As mulheres, fracas e timidas, entravam no circo, risonhas, castas, e firmes, como se as chamasse algum amor puro e desejado.

Os que hontem eram ainda ricos e acatados despiam as opulencias sem a menor saudade, e trocavam os marmores e os deleites da devassidão romana pelas trevas dos carceres humidos, e pelos eculeos e tenazes ardentes dos algoses.

Levantando os olhos, e desviando-os das grandesas e seducções da terra, qual delles padecendo pelo Evangelho, concedeu um suspiro á vida, ou um gemido ás dôres do corpo?

Que testemunhas da verdade não eram aquelles primeiros apostolos de Jesus, vozes gloriosas da sua missão, enviados do seu amor, e confessores da sua fé?

O mundo velho, decrepito e vacillante, coroava de flores a sua lenta agonia; e o mesmo senado, que tinha adulado em Sejano o valido omnipotente de Tiberio, manchava-se com a realesa nova de o condemnar a um aceno do tyranno.

A plebe, que nos dias de prosperidade emmudecia medrosa, tremendo das varas do lictores, a plebe vingava-se da covardia passada com a infamia recente de arrastar um cadaver mutilado ás gemonias!

As sombras da idolatria cubriam a terra; e exceptuando os Judeus, já nesse tempo infieis depositarios da lei de Moysés, todos os povos, curvados ao jugo romano, adoravam as paixões, e as fragilidades humanas, simbolisadas nas falsas e absurdas divindades dos diversos ritos.

Qual era o vicio, por asqueroso, que não apontasse para o seu altar, e para o seu quinhão no culto? A luxuria e a impudicia chamavam-se Venus; o adulterio chamava-se Jupiter, ou Marte, e o roubo Mercurio; as torpezas mais ignobeis e dissolutas tinham protectores no Olympo, ou representantes sagrados no orco pagão, e viam correr em honra sua o sangue dos sacrificios.

Para se dobrar o joelho, cercando de perfumes e sacrificios as suas aras impias, era preciso, que a humanidade perdesse a memoria, e soffocasse o sentimento das religiosas tradicções dos patriarchas.

A liberdade, que fôra o timbre das republicas gregas, e o orgulho dos primeiros romanos, a liberdade, apunhalada nas luctas de Mario e Scylla, de Pompeo e Cesar, veiu cair moribunda, vilipendiada, e escarnecida aos pés da dissimulada crueldade de Tiberio, em Caprea, e da demencia sanguinaria de Nero e Calligula!

Mesmo antes, seria ella a idéa nobre e pura, que regenerou a sociedade pela acção de muitos seculos?

Estaria com os captivos, ligados á gleba, ou com os clientes, bando servil, que se rojava aos caprichos do patrono, cujas migalhas respirava?

Estaria com os libertos, que empalideciam deante do olhar do Senhor, escondendo com a toga os stigmas do açoute, e a marca da infamia?

Os escravos eram cousas, e valiam menos do que brutos, se é possivel!

Cleopatra provava nelles os seus venenos; Flaminio decepava-lhes a cabeça para mostrar aos seus convivas as agonias da morte violenta; Pollion engordava as moreias dos viveiros, lançando-lhes esta carne *desprezivel*, ainda palpitante!

O amo recosta-se em brandos coxins, á mesa, e a turba servil rodeia-o. Este enche as taças, trajado em roupas de mulher, aquelle apaga de joelhos os vestigios enojosos da embriaguez; uns velam a noute inteira entre a embriaguez e a sensualidade; outros, reservados para os prazeres infames, aguardam convulsos e tremulos a hora dos devaneios lascivos e ferozes! Os thesouros do mundo avassallado correm sem cessar para as arcas dos generaes, dos pretores. e dos uzurarios, e sustentam todos os commodos e delicias imaginaveis.

Não dizia o avarento M. Crasso, que eram para elle pobres, quantos não possuiam cabedaes para estipendiar exercitos á sua custa?

É por isso, que mesmo a phantasia mais luxuosa recua deslumbrada em presença do fausto e magnifi-

cencias, que ostentam os senhores do mundo, nas vesporas da sua quéda, e quando já principia a escurecer o crepusculo da decadencia.

Cada habitação valia um thesouro. A casa de Publio Clodio custou-lhe tresentos contos; a de Lucullo duzentos; a de Cicero cento e doze! Hortencio, o orador, testava outo milhões; Emilio Scauro trinta e dous; o comediante Roscio oito, e Esopo, o tragico, dous!

Os riquissimos marmores de Lesbos, de Paros, e de Affrica revestiam as camaras dos sumptuosos palacios; o ouro e o marfim compunham os embutidos dos intercolumnios: os paineis, as pinturas preciosas, as estatuas e os vasos corynthios e murrhinos ornavam os aposentos, dispostos com arte e profusão.

A gula e a embriaguez acompanhavam outros apetites.

As mezas triangulares gemiam com o pezo das baixelas de prata, e dos manjares exquisitos, invenções, mais da prodigalidade, do que do gosto.

Um opulento, para illustrar a sua mesa, pagava por um conto e duzentos mil réis um prato de aves raras. Cesar devorava em um festim o rendimento de tres provincias, o dobro do que possuia o erario publico. Lucullo em uma ceia, dada casualmente a Cicero e a Pompeo, dispendia seis ou sete contos de réis!

Eis o que era Roma, quando o Filho de Deus, veiu offerecer a paz, e alargar ao homem os horisontes, que o polytheismo acanhava, trazendo ao seu lado a Fé, que lhes apontou alem do tumulo, e acima da terra a morada celeste, verdadeira patria dos descendentes de Adão.

Desde esse dia, a igualdade na presença de Deus nivelou o poderoso com o indigente, e o oppressor com o opprimido. Os homens ficaram irmãos, e a marca affrontosa da servidão foi-se desvanecendo da fronte das raças proscriptas.

Uma revolução immensa, a revolução da verdade divina e da lei moral, rebentou das raizes d'aquelle madeiro de ignominias, aonde o odio dos phariseus, e a cumplicidade dos romanos imaginaram afogar a idéa nova em zombarias e tormentos.

Mas para a doutrina sancta e pacifica de Christo prevalecer, e se diffundir, heroica na constancia, e efficacissima na acção, para ella domar a soberba, a cubiça, e as seducções da opulencia, que paciencia nos padecimentos, e que ardor de persuasão não foi necessario ostentar?

Ao lado d'esses ricos, ainda palidos das devassidões de hontem, e d'essas damas, cujos desvarios lubricos o pejo das linguas castas se envergonha de nomear, passavam pobres, humildes, e sós os discipulos do Nazareno, victimas votadas ás recreações barbaras do povo-rei; alvos da calumnia dos principes e dos sabios; e objectos de horror para a plebe, costumada a vel-os morrer para seu deleite como criminosos, indignos de compaixão.

Desligados das affeições e dos laços, que prendem o homem, obedeciam á voz, que os chamava de cima, e sem hesitar, largando tudo, iam pegar na sua cruz.

No eculeo, nos jardins de Nero, ou debaixo do cutello dos verdugos, anteviam o paraizo entre as cruezas, e com saudades do ceu não desejavam senão a brevidade da existencia mortal.

Eis a tua victoria, oh Christo!

Achaste o universo apagado em vil tristeza, as trevas da idolatria por toda a parte, e os vicios e a perversão triumphantes, uzurpando o incenso, só devido á divindade e á virtude; mas a tua palavra, rasgando o veu, illuminou a terra com as allegrias da esperança; em vez da mentira fez que fosse adorada a suprema verdade; e com a face no pó deixou prostrados os carrascos da innocencia e do pudor.

Os teus inimigos, Jesus, cravando-te na cabeça a corôa de espinhos, e mettendo-te na mão, por escarneo, a canna verde como sceptro, imaginaram sepultar para sempre comtigo na irrisão as consolações da tua promessa; mas o teu sceptro partiu o d'elles; a tua coroa resplandeceu lusente de estrellas, e o teu sangue derramado gota por gota, em cada uma das partes do mundo aonde cahiu, fez surgir uma igreja, levantando exercitos de martyres para cantarem os teus louvores, e hastearem, como estandarte da nova era, a tua cruz!

No horto da oração o suor da agonia escorreu-te dos membros, e provando o calix das amarguras, mesmo sendo filho de Deus, a carne tremeu em ti, e os teus labios gemeram com a dôr da angustia! Ensinaste aos homens o temor da morte, como expirando com o perdão na bocca lhes mostraste, que a clemencia e a misericordia são as azas divinas, em que a alma se estriba para subir aos ceus.

No meio dos tractos, exposto ás ignominias e baldões da plebe, que pedia a liberdade do malfeitor, e a condemnação do justo, as tuas lagrimas correram compassivas, e, olhando para a Jerusalem en« durecida, que lapidou os prophetas, disseste a suas « filhas, que te seguiam: não choreis por mim, cho« rae sobre vós mesmas, porque virá tempo, em que « as mulheres estereis se chamarão ditosas, e em que « serão felizes as entranhas e os peitos, que não con« ceberam, e não crearam. N'esses dias direis aos « montes: cahi sobre nós, e aos outeiros: cubri« nos! Se isto succede ao madeiro velho, o que será « com o madeiro secco?»

Os cegos não te viram, nem os surdos te ouviram. Segundo a tua palavra foste alçado na eminencia do Golgotha, e abriste os braços, pregados nos braços da cruz.

Das tuas chagas manaram rios de sangue; e inclinando a fronte chamaste por Aquelle que aceitára o teu sacrificio sublime em remissão.

O que succedeu?

Jerusalem cumpriu o seu destino, e as suas ruinas assoladas ergueram o pregão eterno da justiça, que a puniu. Do collosso romano, nem cinzas restam. O sopro árido dos seculos dispersou-as no furacão dos ventos. O mundo convertido rejuvenesceu baptisado na fonte viva do teu sangue, e abraçando a cruz, aonde padeceste, disse ao futuro a promessa, que em vão tinhas annunciado ao presente tantas vezes!

Nos teus braços de pae, abertos e extremosos, refugiou-se a humanidade; e a regeneração moral, levantando-se do Calvario, poz a liberdade aos pés do Evangelho.

Da tua morte nasceu a vida, do madeiro do teu supplicio brotaram os frondosos ramos da arvore da civilisação, e da tua palavra, semente fecunda, nasceu, á voz do tempo e da verdade, o astro, que illumina a sociedade moderna no seu caminhar incessante para a perfeição relativa.

L. A. Rebello da Silva.



A CURA DO PARALYTICO.

Este milagre, dos primeiros do Salvador, é referido no Evangelho de S. João cap. V. Quanto á localidade ouçamos os modernos viajantes. Mr. de Lamartine dá a seguinte idéa do sitio e visinhanças.

« Passamos diante da porta de Damasco, formoso monumento do gosto arabe, flanqueada por duas torres, rasgada por uma larga, alta e elegante ogiva (1) e recortada por ameias arabescas na forma de turbantes de pedra. Depois viramos para a direita contra o angulo das muralhas da cidade que formam do lado do norte um quadrado regular; e ficando á nossa esquerda o fundo e escuro valle de Gethsemani, cuja parte mais baixa o leito da torrente sêca do Cedron occupa e enche toda, seguimos até á porta de Santo Estevão por um carreiro estreito, contiguo ás muralhas, só interrompido por duas viellas, n'uma das quaes Jesu-Cristo curou o paralytico. Fica este trilho como suspenso na margem apertada sobranceira ao precipicio de Gethsemani e valle de Josaphat. »

Mr. de Chateaubrind escreveu no seu *Itinerario*: — « Da architectura primitiva dos judeus em Jerusalem nada resta, á excepção da Piscina Probatica. Ainda se vê perto da porta de Santo Estevão, e limitava o templo da banda do norte. É um tanque com 150 pés de comprido e quarenta de largo; a escavação é sustentada por paredes e estas compostas assim; uma camada de grandes pedras gateadas, alvenaria adjunta ás mesmas, uma camada de seixos collada nessa alvenaria e coberta de reboco; as quatro fieiras ou camadas são perpendiculares ao terreno, e não horisontaes; o reboco ou betume ficava do lado da agua, e as pedras grandes apoiavam-se e ainda se apoiam d'encontro á terra.

« Esta piscina acha-se em secco e meio-entulhada, ahi crescem algumas romeiras e uma especie de tamarinheiro bravo, cuja verdura é azulada; o angulo do poente está cheio todo de opuncias vulgares. (2) Tambem se observam no lado occidental duas arcadas que dão nascimento a duas abobadas; era talvez um aqueducto que conduzia agua para o interior do templo.

« O historiador Josepho chama a esta piscina *Stagnum Salomonis* (3); o Evangelho denomina-a *probatica*, porque n'ella se purificavam as ovelhas destinadas aos sacrificios. A' borda da mesma piscina disse Jesu-Christo ao tolhido: — Levanta-te, toma a tua cama, e anda. Eis o que hoje resta da Jerusalem de David e Salomão.

Um peregrino portuguez, Fr. João de Jesus Christo, diz assim na sua *Viagem aos Logares Santos em 1817* (pag. 190 da 2.ª edição em 1822). « Caminhámos d'aqui para a Probatica Piscina, que está situada junto á porta de Santo Estevão perto do templo. Tem ella de comprimento 190 palmes, de largura 100, e de altura o mesmo, e é estreita no fundo á similhança da quilha de um navio; ainda existem dois porticos, de cinco que ella tinha conforme diz o Evangelho. As aguas d'esta piscina vinham do templo; chama-se probatica, porque n'ella se lavavam primeiro todas as rezes, destinadas para os sacrificios. As aguas eram em certos dias movidas por um Anjo; e aquelle que depois do seu movimento entrava n'ellas primeiro, ficava são de qualquer enfermidade; por isso, os seus porticos estavam de continuo occupados por muitos enfermos. Ali curou o Salvador um paralytico, que havia 38 annos que jazia enfermo, por não haver quem ali o introduzisse. »

M.

(1) Arco de abobada, diagonal ou ponteagudo.
(2) Especie de cochonilheiras (nopals) a que chamamos communmente — figueiras da India.

A RESURREIÇÃO.

Surrexit... sicut dixit.
S. Math.

Largae, ceus, ó terra lugubre,
O véu da negra tristeza:
No templo os sagrados canticos
Louvem do Eterno a grandeza,
Que da Igreja o Esposo candido
Poz-se em pé, resuscitou!

(3) Tanque de Salomão.

Que valeu aos guardas impios
Velar sobre a sepultura?
Desce á terra um anjo fulgido,
Rompe da noute a espessura,
E, tirando a campa gelida,
Firme na campa ficou.

E como a luz do relampago
Tinha o rosto. E tinha as côres
Da neve o vestido rutilo.
E viu as intensas dores
Das santas mulheres timidas,
Que iam a Christo buscar.

E fallou: O Deus fortissimo
Não'stá aqui. As suas vestes
Ahi estão e o seu sudario
Elle, mulheres celestes,
Resurgio involto em gloria:
Vinde ver o seu logar!

Como é grande este prodigio,
Que de portentos exalta?
Deus confunde o povo estollido,
Treme a terra, a pedra salta,
Cáe por terra o guarda attonito.
Surge da campa o Senhor!

Do Senhor á omnipotencia
Tudo cede, o céu, e a terra.
Quer a luz? A luz derrama-se.
Quer a paz? Dissipa a guerra.
Dá aos homens fé benefica,
A Esperança, a Paz, o Amor!

A. M. Rodrigues.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

III

O preço do sangue.

Trovas do meu coração.
Penas da minha paixão,
. . . .
Tristeza de tal traição!
. . . .
Oh desastrado viver
Oh amargosa ventura
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
Tristura que não tem ser!

Garrett. Cancion. — O Marquez de Mantua.

Voltemos ao castello de Cham, aonde deixámos D. Rui Viegas, e os seus hospedes, amiudando abraços e desculpas, mas contendo a custo o segredo, que lhes queimava o coração, e que o sorriso contrafeito, e as vozes amigas mal sabiam disfarçar.

A scena, que ahi nos espera não será menos commovida, do que a sombria revelação que desenlaçou pela bocca do hermita, o viçoso idylio dos amores de Branca e de Affonso.

Declinava o dia, e os furacões da tempestade bramião desencadeados, açoutando em rajadas furiosas as arvores, que se dobravam gemendo.

O estrepito das torrentes despenhando-se das rochas, e saltando pelos corregos engrossadas pela chuva, uniu-se ao rebombo cada vez mais proximo do trovão, em quanto a chama livida dos relampagos descia em linguas tortuosas sobre os cabeços annoviados da serrania, que se recortava ao longe.

Nenhum dos tres, acabadas as cortezias da entrada tivera animo ainda de soltar uma palavra. Parecia que a tristeza, que n'esta hora mesmo apagava na escuridão da tormenta os derradeiros resplendores do sol, cubrira tambem de luto a alma dos cavalleiros e do monge.

Silenciosos e pensativos os recem-chegados com a fronte inclinada e os olhos baixos, seguiam pela estreita escada torcida em caracol os passos do alcaide, que os precedia acompanhado do seu pagem, que o precedia com uma tocha, porque a noute se antecipava n'aquella subida ingreme.

Finalmente uma pórta rasgada defronte do ultimo patim, rangeu, e girou sobre os seus gonzos; o donzel collocou-se ao limiar da parte de dentro, e D. Rui Viegas, convidando os hospedes por um gesto, introduziu-os na salla d'armas, que dentro em pouco foi alumíada frouxamente por um lampadario de ferro, pendente de cadeias de ferro, chumbadas nos fechos dos arcos, que sustentavam o tecto de abobeda.

Os lanceiros, encostados ás paredes de cantaria, e os corpos d'armas brunidos, pendurados pelos feixes das columnas delgadas, que unidas na base se dividiam depois com elegancia caprichosa, eram os unicos adereços, que enfeitavam o guerreiro aposento.

Das janellas de volta ponteaguda, em manhã serena a vista alcançava a larga distancia em roda, mas n'este momento os raios, fuzilando repetidos e crusando-se, tornavão mais carregada ainda, e melancolica a apparencia da vasta quadra, illuminando-a de curtos em curtos intervallos com o clarão sanguineo que golphavam os ceus, abrindo-se, e ardendo em fogo.

Apenas, a um aceno do alcaide se retirou o pagem, os tres por um movimento simultaneo levantaram a cabeça, e contemplaram-se mudos e inquietos por alguns instantes. Antes de se confiarem, e do pensamento o occulto lhes fugir do peito, cada um como que desejava advinhar o segredo do outro, e com elle por escudo animar se para declarar o seu.

D. Ruy Viegas não se deliberava a ser o primeiro, que fallasse.

Os breves momentos, em que demorou a vista com reflexão no semblante de Portocarrero, forão sufficientes para lêr nas faces desbotadas e sumidas do mancebo, nos olhos encovados, mas ardentes, e nos beiços palidos a cruel agonia d'uma dor inconsolavel.

Em vez do moço gentil e primoroso, que na côrte de Sancho II deslumbrava as damas pelo seu garbo nos jogos e saraus, sem admittir competidor nas armas e galanteios, achava um homem, envelhecido repentinamente, consumido pela magua, e não conservando da jovialidade antiga senão um sorriso nervoso, tão frio e lugubre como o vestido de burel pardo, que trajava em signal de luto.

A tranquillidade affectada, que lhe estendia sobre o rosto uma mascara gelida e ironica ainda sobresaltava mais os que o conheciam, do que o impeto fogoso de ira e da vingança. É porque debaixo d'aquella serenidade, que só enganaria os credulos, existia uma paixão má, soberana e indestructivel; e para ella se callar assim, e morrer á flôr dos labios era preciso, que estivesse muito segura de si e mais certa ainda de triumphar.

Passando de Portocarrero para o frade, que o

acompanhava, o exame não lhe disse mais, e as suas perplexidades augmentaram.

A testa espaçosa e firme, as feições nobres e regulares, e o fulgor dos olhos pardos, e penetrantes, inculcavam, que o espirito não adormecia n'aquelle corpo, mais quebrado pelas mortificações do claustro, do que pela acção dos annos.

Séria, sem parecer severa, a phisionomia de Fr. Gil respirava mansidão, mostrando, que as vaidades e as culpas do seculo, se o escandalisavam, era pelo perigo dos que erravam, e não por singularisar a virtude, assoprando-a para que a sua luz cegasse.

No meio do clero rude, opulento, e devasso, na maior parte, que povoava as ricas abbadias e as cathedraes, ou desfructava rendas e esmolas nos mosteiros, armando á charidade com as astucias, que a cubiça hypocrita sabe tecer, a vida exemplar de fr. Gil, o seu entendimento lucido, e a humildade e compostura do aspecto, eram a censura tacita, mas eloquente dos desregramentos, que a sua bocca não assoalhava, mas que no mais intimo do peito o compungiam, temendo que a hora da justiça batesse mais cedo, do que a hora do arrependimento.

Estranho aos enredos ambiciosos dos prelados, e aos planos do infante de Bolonha e seus parciaes, passava por meio dos bandos civis com a vista alta, e a alma enlevada; e se alguma vez tinha de baixar a vista, corando das fraquesas e miserias, que ousavão perturbal-o, era para enchugar as lagrimas do afflicto, ou para suavisar com os conselhos da amizade os rancores, que tanto a meudo ensanguentavam, de solar para solar, as familias poderosas, e os ricos-homens de maior nome.

A mocidade tempestuosa e louca consummio-se-lhe em vicios e devassidões, desvairada por uma paixão impia e fatal sobre todas, o orgulho da sciencia, paixão que no seu arrojo audaz tenta levantar o nada do homem contra a sabedoria e a immensidade de Deus, e murchando um apoz outro todos os affectos brandos, quasi sempre vai caír do alto dos seus sonhos nas trevas do descrer, e no horrendo suicidio do espirito, na desesperação final de si, e de tudo!

Mas o Senhor não quiz, que a aguia, por orgulhosa, se abysmasse para sempre.

Quando chegou a occasião chamou-o de cima, como a Saulo, e a luz suave do Empireo subitamente aclarou a tormentosa noute, em que se perdia, apontando-lhe o unico porto abrigado das illusões, e a unica estrada, que das visinhanças do ceo, aonde nos pode levar, tira consolação e esperança.

As grades do claustro fecharam-se sobre o moço altivo, que dias antes julgaria curta uma existencia de cem annos para gozar e aprender. A obediencia inclinou a fronte, que a soberba erguia ainda hontem sobranceira ao temor de Deus, e á fé sincera de seus pais.

A solidão e os cilicios castigaram as temeridades de uma alma, que por sedenta, e por ousada, não duvidára travar um pacto com as potencias do engano e da perdição, cuidando que a mentira ensinaria a verdade, ou que o vencido descubriria o segredo, que a omnipotencia do creador encerrou no livro que não leem nem os anjos!

Lucta foi esta, que não tendo talvez igual, mereceu que a celebrassem os invisiveis auxiliares, que ajudaram o peccador arrependido.

Debaixo da estamenha do habito, o coração sempre vivo lembrava-se; e fogoso e sobresaltado, havia instantes, em que desejava romper as prisões, e soltar-se.

De noute, durante as vigilias piedosas, de dia, aos pés do altar em oração, sentia-o pulsar atropellado, ouvia-o gemer e queixar-se fervido e ardente, como outrora, e com saudades dos prazeres passados disputar contra a vontade, e não ceder senão depois de vencido e humilhado pela penitencia. E não foram horas, nem dias, foram annos que durou o combate!

Os fanaticos e os rusticos, escutando o choro alto da sua contricção, invocando a mesericordia d'aquelle, que tanto offendera, inventavam espantosas visões de demonios, como se houvesse mais temerosa visão ,do que as tentações do mundo, e a voz dos deleites contra um proposito justo e bom!

Mas Fr. Gil perseverou, calcando aos pés, já cinzas frias, todas essas importunas memorias da vida, que desejava esquecer, e que não recordou senão para as offerecer, como espelho e terror aos seus proprios pensamentos quando alguma vez o homem velho parecia resuscitar. Depois de longa resistencia saío illeso da prova, e tão pura e irreprehensivel era a sua virtude, que a côrte o respeitava, e o povo, venerando-o, lhe chamava santo!

Fr. Gil, antes de se amortalhar no sudario da penitencia, travára estreita amisade com Martim Viegas de Portocarrero, e a sujeição e humildade da clausura não esfriou este sentimento, que os annos robusteceram mais.

O cavalleiro para poupar a seu filho Reimão Viegas os perigos da vida de recontros e aventuras, em que a ousadia da sua indole, e as dissenções civis do reino o traziam envolvido, confiou-o ao cuidado e á afeição do monge; e este esmerou-se, creando-o como *familiar* no convento de Santarem, e não ommitindo diligencias e esforços para que o mancebo correspondesse á nobre linhagem, donde descendia, e ás esperanças, que animava a bondade das suas inclinações.

Apenas entrou na edade de vestir armas, e de enristar a lança em campo aberto, o devoto prior dos dominicos mandou-o para na hoste do conde de Urgel, do guerreiro, que depois do Cid merecia toda a admiração da sua época, aprender as artes da milicia, ganhando fama de brioso lidador.

Passados poucos annos, quando Reimão Viegas voltou á patria, Fr. Gil desvaneceu-se com o ar e os modos do seu discipulo, louvou as suas prendas, e nunca se esquecia nas suas orações de o recommendar á protecção da Virgem, mettendo-o no coração como verdadeiro filho pelo amor.

Uma jornada longa, que o monge emprehendera para occorrer a alguns negocios da sua ordem, proporcionou-lhe a allegria, não esperada, de apertar nos braços o mancebo, que não via ha mezes; e foi tamanho o seu alvoroço, que só depois de serenados os mais fogosos impulsos, é que notou a inconsolavel tristeza, que lhe desbotava as faces, e que, amiudando perguntas e instancias, conseguiu a custo ouvir da bocca d'elle a confidencia confusa e incompleta de um grande infortunio, que a sede da vingança, todos os dias avivava na silenciosa e implacavel recordação de um odio inextinguivel.

Desde este momento, Fr. Gil nunca mais se apartou do lado de Reimão Viegas, seguindo-lhe os passos, acalmando-lhe as penas, e não perdendo ensejo de lhe mostrar, que acima das paixões e das vindictas humanas vela a justiça de Deus, lenta, mas segura e inevitavel.

D. Rui Viegas não conhecia o virtuoso prior, senão pelos louvores, que o seu caracter levantava em

toda a parte; e advertindo na melancolia, que lhe amargurava o semblante, e nos prantos involuntarios, que de vez em quando lhe orvalhavam as palpebras, começou a perceber, que uma desgraça irremediavel cubrira de luto as vestes tão ricas e louçãs, com que ainda havia pouco tempo seu primo, na flor da juventude, e na descuidada jovialidade de um coração leal e novo se entregava a todos os prazeres da côrte.

Callados, pois, e constrangidos, o monge e o alcaide olhavam-se, e nenhum se atrevia a interrogar, nem a interromper o silencio.

O espirito de Portocarrero, entretanto, voava longe d'elle em quanto era assim observado. Com os braços cruzados, a vista pasmada, e as sombras de uma dolorosa meditação estampadas na fronte, ausente a alma e o sentido, parecia esquecer-se de todos e de si.

As feições immoveis, mas expressivas, revelavam o córte da magua profunda, que lá dentro vertia lagrimas de sangue, as quaes o ardor do incendio secava antes de rebentarem pelos olhos; e o sorriso, que de instante em instante lhe vinha contrahir os labios, sorriso livido e convulso, passando e fugindo rapido, como que deixava depois um rasto de sangue na bocca descorada.

A final, o prior não póde conter-se mais, e rodeando carinhosamente o pescoço do mancebo com os braços tremulos, exclamou em voz soffocada:

« — O homem, põe, e Deus dispõe, meu filho. Seja feita a sua vontade! Qual de nós, pegando na sua cruz deixará de gemer debaixo do pezo, e de sentir os agudos e cortantes espinhos da sua paixão? . . . Jesus Christo, e mais era quem era, não chegou ao Calvario sem caír, e não bebeu as ultimas gotas do calix sem tremer e se angustiar. Os bons é que o senhor prova com amarguras; porque os maus. . . . »

«— Riem e folgam, zombando do seu poder,» atalhou impetuosamente o cavalleiro moço, acordando em sobresalto das cogitações, que lhe desvairavam o espirito. Os maus sem castigo, contam ao pé do caixão da victima o preço, que receberam pelo sangue do assassinado, e sempre acham outros peiores, que os deffendam, e os escudem. Aguarda-os a vingança divina, dizeis vós? Sois credulo, padre! A quem alcançou ella já, que nós vissemos ou ouvissemos? De mais, bem o sabeis, a igreja é clemente, e alguns punhados de ouro lavam o maior crime. A misericordia vende-se, e compra-se; só o que não póde resgatar-se é a vida, e haveis de envelhecer, antes que Deus vos escute. A sua justiça, como a de el-rei é surda e tropega, e quando chega, não encontra já senão o esqueleto dos que a offendem!..»

—«Não te castigue ella, e bem cedo, pelo que estás proferindo! acudio o monge com tristeza. Depois com os olhos arrazados de agua, e erguendo as mãos com ancia, acrescentou:

«Senhor não foi o seu coração, que fallou, é desespero louco, é a raiva cega e impia. Não lhe tomeis contas com rigor. Esta alma tem padecido tanto, que merece perdão; não sabe o que diz, nem o que faz!

«Seguio-se uma curta pausa, em que as pupillas do mancebo, absorto de novo nos seus pensamentos, despediam odio e fereza, em relampagos continuos.

Rui Viegas, que assistira a toda a scena, enliado e suspenso, adiantou-se então alguns passos, e pondo a mão no braço de seu primo, disse-lhe com a voz firme e vibrante do homem affeito a lidar com as paixões, e a reprimil-as, ou a soltal as:

—«Reimão Viegas, um homem não se dobra a quem o fere; apara o tiro no escudo, e aperta mais a espada para o pagar! Se teu pai estivesse aqui, e visse o que eu vejo agora, tinha vergonha da fraqueza de seu filho!

A reprehensão era aspera e cruel; mas para aquella dor só os remedios violentos aproveitavam. As palavras do alcaide foram como uma seta, que atravessasse a insensibilidade do mancebo. Ouvindo-as voltou a si de subito, e soube que vivia pelos gritos de ira e do orgulho.

Com a vista em chamas, e o punho na cruz da sua adaga, Portocarrero sentio arder no rosto a vermelhidão da injuria, e por momentos medio callado o homem, que lh'a lançava, sem lhe adoçar os gumes.

O seu olhar tornou-se tão ameaçador, e o primeiro gesto denunciou com tanta furia o impeto cego da vingança, que o prior, e o alcaide recuaram como se de repente um tigre alçasse a garra contra elles.

—«D. Rui Viegas, bradou por fim o mancebo com a voz ainda tremula, e o peito ainda alvoroçado da terrivel commoção, porque passára, agradeci a Deus o poder, que me dá ainda sobre mim. Palavras, como as que dissestes, só de um pai, ou de um irmão não pedem sangue! Mas fiz um juramento, e hei de cumpril-o. Maior que fosse ainda a affronta... ficava-me aos pés, não a levantava.

—«Não vos quiz affrontar, esforçado primo; quiz só ver se ainda havia calor e vida na estatua, que ha pouco me parecia o retrato morto do valente cavalleiro, que vi na corte...»

—«Fizestes mal em assoprar o fogo! redarguiu Portocarrero com um sorriso triste, mas aplacando-se. Sei que fostes sempre amigo leal, e inimigo resoluto; por isso vos busquei. Fallaveis de meu pai, ainda agora? O que diria D. Rui Viegas, se lhe dissessem que eu, o filho d'aquelle velho, honra da nossa casa, e exemplo dos mais estimados... deixei matar meu pai, á traição, sem o vingar, sem fazer correr um rio de lagrimas por cada cabello branco d'aquella nobre cabeça? Sois homem: cingis espada; o que farieis no meu logar?»

—«Montava a cavallo, e sem descanso, nem paz, só parava, quando o ultimo dos covardes livesse pago a minha divida!»

—«E se fossem poderosos, principes até?»

—«Era o mesmo. Feria-os!»

—«E se uma dama, uma rainha os favorecesse?»

—«Que importa? Vingava-me!»

—«D. Rui Viegas, entre nós existe o devido de sangue. Prometteis-me ajuda e refugio para o que vou tentar?»

—«Seja quem for o teu inimigo desde aqui te juro, que o será meu. O sangue de um Portocarrero está entre elle e nós; e no mundo só o sangue dos que o derramaram é que póde remir o homizio.»

—«A vossa mão?»

—«Eil-a!»

Foram tão rapidas e repentinas as perguntas e as respostas, que o monge, perplexo, e cheio de assombro, quasi que nem tempo teve de levantar a voz para romper este pacto, antes de jurado.

Da sua parte, o alcaide, ligando-se, obedecia ás ideias do seculo, e ás obrigações de parentesco. O que o moço Portocarrero lhe propunha era o que elle exigiria, tambem, de qualquer outro em circumstancias similhantes.

Depois, embora não soubesse ainda toda a histo-

ria do crime, que ferira o velho Martim Viegas, pelas palavras do mancebo entendera, que a mão perfida, que de longe vibrára o golpe, era a mesma que o offendera a elle, e que no segredo do seu coração tinha jurado abater, custasse o que custasse.

Assim, unindo a sua vindicta á de Reimão Viegas, satisfazia aos deveres do sangue, e ao mesmo passo seguia, e executava o pensamento reservado, que havia mezes combinava, dessimulando-o até bater a hora, e contar por seguro o exito.

(*Continúa*).

L. A. Rebello da Silva



A FONTE DA SAMARITANA OU POÇO DE JACOB

A Samaria era uma das quatro partes da Palestina nos primeiros seculos do imperio romano, ficando entre a Galiléa ao norte, a Judea ao sul, o Jordão ao nascente e o mar ao poente.

Os samaritanos, depois da invasão dos assyrios misturaram-se com idolatras e estrangeiros; andaram quasi sempre em guerra com o reino de Judá; para não terem de vir a Jerusalem na epocha das ceremonias religiosas construiram um sanctuario sobre o monte Garzim. Os samaritanos não admittem senão o pentateucho ou cinco livros de Moysés. Os seus livros sagrados são escriptos n'um caracter particular, que é da antiguidade mais remota. Ainda ha samaritanos em Neplusa e Jaffa; distinguem-se pelos turbantes brancos, e só contrahem allianças nas familias uns dos outros.

Os samaritanos e os judeus professavam reciprocamente aversão mui decidida, e evitavam todas as relações e contacto, um judeu não pediria sequer uma gota d'agua a um samaritano; Jesus Christo combateu sempre este odio nacional, como se vê no cap. 4.° do Evangelho de S. João, em que se refere o caso de Jesus com a Samaritana, que é um vivo exemplo da caridade com o proximo e extincção de odios e malquerenças.

Á scena passou-se junto ao poço denominado fonte de Jacob na estrada de Jerusalem a Sichar ou Sichem, primitiva capital do reino de Israel ou das dez tribus que se separaram das duas, Judá e Benjamim que constituiram o reino de Judá. A capital depois foi Samaria que deu o nome ao estado e ao povo.

O poço ou fonte de Jacob acha-se entulhado, e ainda não ha muitos annos existiam perto d'elle algumas ruinas de uma igreja erecta em memoria da conversão da Samaritana. M.

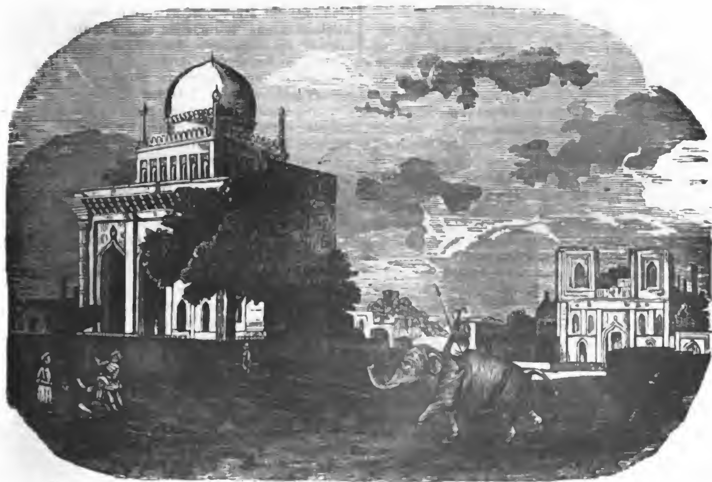
Varios cantões da Suissa, tem determinado que a conducção dos objectos agricolas que hão-de ser remettidos á grande exposição rural que deve fazer-se em Paris nos annos de 1856 a 1857, seja feita por conta do erario cantonal, até á fronteira de França; logo que os ditos objectos tenham sido previamente declarados, por uma commissão intendida, e composta de cavalheiros, dignos de figurar naquella interessante lista. Tambem se propõe a enviar varios maquinistas, que estudem e tomem noticia e desenhos de todos os objectos de maior apparato, e utilidade agricola, mais notaveis, que se apresentem na exposição.

Na edade de 68 annos, deixou de existir nos fins de janeiro proximo passado, o doutor em jurisprudencia, Carlos John, conselheiro intimo do rei da Prussia, e redactor em chefe que foi da *Gazeta official da Prussia*. Foi educado com um principe da casa dos duques de Weimar, e habitou durante muitos annos a casa do celebre poeta Goethe.

Perguntando certo philosopho, qual era a côr que melhor assentava no rosto de uma mulher, respondeu, com tanta agudeza como verdade, que a do *pudor*.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



MESQUITA DE VISAPOR.

Visapor, que muitos escrevem Bedjapour, é uma cidade na região do mesmo nome, comprehendida na parte do Indostão pertencente á Grã-Bretanha e que confina as possessões portuguezas. Todo esse dilatado territorio, a que geralmente chamam Visapor, divide-se em tres dominios, portuguez, inglez, e tributario dos inglezes. O primeiro faz parte do nosso estado da India, contendo as provincias de Goa, e as de Bardez e Salsete, com as Novas Conquistas, assim ditas por serem adquiridas posteriormente ás outras; o segundo occupa a peninsula de Bombaim repartida nos cinco districtos de Konkan septentrional e meridional, Bedjapour proprio, Anagoundi, Darouar; o terceiro consta do Kolapour, o reino de Satarah, e uma provincia do Decan. Todos juntos terão sete milhões de habitantes.

A cidade de Visapor, distante de Bombaim obra de 60 leguas, foi n'outras eras mui vasta e opulenta, encerrando para mais de um milhar de casas, e de tudo isto proveio chamarem-lhe a Palmyra da India: actualmente está reduzida a uma immensa aggregação de ruinas, entre as quaes ainda avultam alguns famosos monumentos, como a mesquita de Mustapha-Khan, acima desenhada, que no grandioso e esbelto de sua structura é um specimen notavel da architectura sarracena. M.

BERÇO IMPERIAL.

O berço que a cidade de Paris offereceu de presente ao filho de Luiz Napoleão, imperador dos francezes, tem a forma de um navio, que é a proeminente do brazão d'armas de Paris. Na proa ha uma aguia com as azas estendidas, e na popa uma figura que representa a cidade coberta com um manto de ouro, com os braços de prata erguidos sobre a cabeça, sustentando uma corôa imperial. Ao pé da estatua estão duas deidades marinhas na acção de olhar como protegendo o berço; por baixo e em cada angulo umas sereias com azas enlaçam em numerosas espiraes as roscas de suas caudas, recamadas de escamas esmaltadas de varias côres.

Nos costados, quatro medalhões de esmalte azul representam as virtudes cardeaes dos principes: a força, a vigilancia, a prudencia, e a justiça.

Os materiaes empregados na construcção d'esta rica e primorosa obra são; pau rosa, ouro, esmalte, e prata oxidada, o effeito que produzem é exquisito e elegantissimo. É trabalho que dá muita honra á fabrica Froment —Maurice, que o desempenhou cabalmente. M.

Tres muitos e tres poucos são bastante perjudiciaes ao homem: muito fallar e pouco saber, muito gastar e pouco ter, muito obrar e pouco antever.

A paciencia tem a condição do dinheiro; com ella se consegue muitas vezes o que se deseja: o homem dotado de paciencia é senhor de si mesmo e vive feliz; mas o insoffrido causa mil desgraças a si e a sua familia.

A belleza produz o amor no coração do homem; porém, para que o amor se perpetue é preciso boa indole da parte da mulher.



era meu conhecido e eu não acceito similhantes favores, sobre tudo de quem me não conhece, obriguei-o a receber o dinheiro.» A gargalhada que eu soltei chamou a attenção geral e tive a honra de divertir o auditorio com a narração das minhas aprehensões, sobre tudo as minhas companheiras de viagem riam com um prazer a que eu correspondia da milhor vontade. Quando souberam a causa da minha casmurrice, e do meu silencio; o porque deixei cáir o chapeu, o modo por que dei o pezo ao bolieiro, tudo as divertiu infinitamente, e a mim tambem. Tornamo-nos desde logo amigos; mas ainda me faltava exclarecer um ponto. Porque me pozeram fóra da carruagem? Ninguem o poz fóra, replicou sorrindo o sr. S. P. Como V. S.ª pedia perdão da má companhia, tanto eu como minhas sobrinhas entendemos que se despedia de nós e mandei parar os cavallos.

Porque serie de equivocos, e por que trances dolorosos passa um pobre viajante!... Se as senhoras S. P. lerem estas paginas recebam os meus affectuosos comprimentos e riam ainda mais uma vez das minhas comicas aventuras. Riam-se como então, que *je ne me fache pas*; *je suis un malheureux!..*

CAPITULO XI.

O auctor invergonha-se de andar a correr mundo sem que lhe succeda uma aventura amorosa. Perde o gosto de fazer observações sobre monumentos e começa a infastiar-se da vida. A sua leitura favorita é o Werther, e Antony. Come pouco e não dorme quasi nada para adquirir uma palidez interessante. Adoece de somno e de fome. Fica magrissimo em poucos dias, mas não consegue inspirar nenhuma paixão. Reveste-se de um ar de piegas, e lança-se á procura do sentimental pelos cemiterios. Romantismo.

Se eu fosse como certos escriptores que se não descrevem a si senão como modelos de moralidade, de intelligencia e de gravidade, atribuindo aos outros todas as suas más paixões, tinha agora uma occasião excellente para lançar sobre algum conhecido os meus ridiculos, e reservar para mim o papel de conselheiro, ou de falso protector que é o mais odioso que se pode representar, mas o que parece melhor. A minha divisa, porém, é a verdade. Que me importa *ce que dira le monde?* Porque o mundo vê tudo superficialmente, devo eu mentir para lhe agradar? Não quero! Antes de tudo a verdade. Assim já o leitor sabe que eu não disfarço os meus vicios nem as minhas virtudes; e o meu maior deffeito é dizer em voz alta o que os outros dizem só comsigo. As boas obras que faço é que procuro ás vezes occultar, porque o ordena a escriptura santa, mas confesso publicamente os meus erros em signal do meu sincero arrependimento.

Podia muito bem calar a narração de certas aventuras, como as que vão ler-se; ou attribuil-as a outro. mas prometti contar ao leitor tudo quanto me succedeu na minha interessante viagem, e não quero mentir nem faltar. Feito este exordio, que de certo despertou a curiosidade geral, prossigamos na maravilhosa descripção dos meus altos feitos.

Estava no Porto havia quasi um mez; tinha visto os passeios, os edeficios, os theatros, e os arredores. Tinha visitado os principaes monumentos, ouvido missa em quasi todas ás igrejas; tinha conhecido quasi tudo quanto a cidade possuia de bom, de soffrivel e de pessimo; tinha encontrado mais de seiscentas mulheres formosas, em todas as escalas sociaes, cifra enorme para um paiz como o nosso! Todos que me conheciam no Porto, moços e velhos, me davam demonstrações da mais cordial amizade; todos dezejavam tornar-me a sua terra agradavel, e me obzequiaram mais do que eu o merecia! Pois, meu caro leitor, sabe que eu não vivia contente. Em todas as obras de viajantes que tinha lido ha sempre mais ou menos intrigas amorosas. O viajante inspirou aqui uma paixão, alli outra, duas mais adiante! Se correu as Indias endoideceu todas as mulheres da costa do Coromandel; se viajou na Africa os arabes, tão ciosos de tudo, offereceram-lhe as proprias amantes, se no Brazil as tapuias lançaram-se se a nado atráz do seu navio! E viajando na Europa contam as aventuras amorosas pelo numero de logares por onde passam. O viajante é um ser á parte no meio da creação (dizem-no elles); e é a sua mesma qualidade de viajante quem o reveste do profundo e misterioso interesse que inspira ás mulheres. As donzellas fazem-lhe declarações de amor, ardente como os volcões, vago como os fantasmas; porém o viajante não pode amar (são ainda os desalmados que falam!) senão o espaço; a necessidade da sua vida é a immensidade dos mares ou a vastidão dos desertos. O viajante não tem outro prazer senão ver imbeber-se o terreno sob os pés do seu cavallo, ou as ondas dos oceanos sob a proa do seu navio. O viajante não percisa de amor, percisa de mundos, muitos mundos! para elle devorar!..-

Isto dizem elles todos ás mulheres que os amam no decurso das suas viagens; ora como eu tambem andava a correr mundo, sentiame extremamente humilhado, de que nenhuma mulher tivesse vindo fazer-me a sua declaração de amor! Não me passava pela cabeça, que os viajantes que eu tinha lido fossem capazes de mentir, e julgava-me tão digno de inspirar uma paixão como qualquer d'elles. O despeito começou a flagelar-me sem piedade. Perdi o gosto de fazer estudos e observações sobre os monumentos do Porto. Passava horas esquecidas na ponte pensil a olhar para as aguas do Douro, que, segundo a opinião do Padre Agostinho Rebello, inspiram melancholia a quem não póde apanhar os salmões e os saveis, que abundam n'aquelle rio. A minha necessidade era tornar-me melancholico, na esperança de que alguma leitora de *Anna Radcliff* reparasse em mim. Mas o meu caracter repelia inergicamente a triteza. Eu engordava a olhos vistos; e o meu alfaiate havia-me prevenido em Lisboa, de que me fazia as calças largas, porque me achava disposições para vir a ser barrigudo! Aborreci-me da vida e tive tentação de me fazer jornalista. A minha leitura favorita era o *Werther*, e o *Antony*. Aquelles dous grandes livros onde a paixão atingiu o sublime da pieguice amorosa, provocavam-me o somno! Frequentei os bailes e os soirées; tornei á Foz e fiz-me espectador effectivo dos banhos; seguia com furor a todas as mulheres que olhavam para mim, mas foi tudo inutil. Principiei a comer pouco, e a não dormir quasi nada. Era um meio desesperado que punha em pratica e se esse falhasse tambem, suicidava-me, não tendo morrido de fome e de vigilia. era-me indispensavel que alguem se apaixonasse por mim, e não haveria recurso que eu desprezasse para o conseguir. A falta de comida e de somno fez effeito; um effeito horroroso!... Em toda a parte em que me achava sentia fecharem-se-me as palpebras involuntariamente. Andava a cahir de somno e de fome! Em menos de outo dias fiquei magro e cadaverico como um personagem de *Anna Radcliff*, que esteve um mez a pão e agua nos tenebrosos subterraneos dos seus romances! Mas ainda assim não recebi nenhuma declaração de amor! Era atroz!

Porém hoje resta-me a satisfação de ter creado mais um *genero*, *palpitante* de interesse, para os romanticos descabellados. Não comer nem dormir para inspirar amor! É Bello!

Quando vi tambem abortada esta magnifica esperiencia perdi inteiramente as esperanças. Louco! desanimar assim, como se o romantico não fosse um campo tão vasto para as evoluções de arte! — Esta ideia fez desapparecer o desalento que se apoderava já da sua preza. Depois de alguns minutos de profundo recolhimento levantei-me ardente de inspiração e de alegria. *Eureka*! Não é alchymista quem o o não sabe ser. Oh! divina e maravilhosa escóla romantica, oh! arte santa de dominar o impossivel, tu fizeste do homem um Semi-Deus!

Já vê o leitor que eu estava cheio de enthusiasmo, e agora ouvirá a boa razão que para isso tinha, Occorreu-me o revestir-me de uma affectação de tristeza piegas, e lançar-me á procura do sentimental pelos Cemiterios! Este meio devia infalivelmente dar bom resultado, ou então não havia no Porto nenhuma mulher romantica.

Impossivel! qual é a terra que as não tem?—Oh! como é doce a idéia de ser amado por uma mulher que vai meditar á sombra do cypreste! cypreste, arvore da minha paixão, salve!... Se eu encontro uma mulher sentimental, ajoelhada sobre a pedra fria dos tumulos, espalhando as folhas tristes de uma saudade na campa de um primo querido!... Loucura! desvario! embriaguez dos sentidos!... Eu quero morrer aos pes d'essa mulher! Deixa-me morrer a teus pés, filha dos mausoleus e do cypreste! Deixa-me espirar, beijando a fimbria dos teus vestidos perfumados de rainunclos mortuarios! Amortalha-me com os teus beijos de marmore e cobre o meu cadaver com as tuas azas de anjo! Por que suspiras, donzella da morte? Maldição!!! Os meus olhos estão envidraçados, mas tu volves para o mundo cubiçosas vistas! Ai! chora comigo, que a nossa vida é um sonho! Não sentes o arfar da terra que digere os corpos? Ai! amanhã, flor do sarcofago estarás pendente da haste emurcheeida, e no outro dia serás levada pelos ventos da noute para lonje da terra sagrada!...

O Amor no cemiterio!!! Oh! benefica esperança d'uma alma atribulada, não me abandones! O amor no Cemiterio! Estou com veia para escrever dez volumes de sentimento sobre este assumpto! — Oh! meu destino! dá-me a paixão entre as campas, e podes matar-me depois! O que vale a vida sem o amor sentimental? Esse amor qne se falla n'um mundo de sêres desconhecidos, que sae do vulgar, e que respira o habito dos mortos, amor em que a mulher participa da Nenia e o homem do Vampiro? Amor cinerario fatal, misterioso, unico eu precizo conhecer-te e heide conhecer-te! — Ao Cemiterio...

(Continúa.)

F. G. D'AMORIM.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

(Continuação).

O *Spectator* atravessou a posteridade em quanto o *Catão* pertence mais particularmente ao dominio dos eruditos, e em quanto a *Campanha*, pequeno poema em que Addisson glorificou o duque de Malborough, o maior capitão d'aquelles tempos, adormece no quasi geral esquecimento dos proprios sabedores de coisas litterarias.

Apesar de que o tempo e a moderna revolução litteraria, rebaixou, nos juizos da critica imparcial, as apreciações exaggeradas do decimo-oitavo seculo, o *Catão* de Addisson, pela regularidade classica do seu plano, pelo desenho correcto e vivo colorido dos seus personagens, pela engenhosa antithese das paixões, e sobre tudo pela belleza dos seus versos, que por vezes raiam no que ha de mais sublime na poesia tragica, merece ainda um dos mais distinctos logares na scena ingleza.

No seculo passado, em que foi moda menospresar o theatro nacional de cada povo, para assim lhe inocular a imitação franceza, sob color da arte antiga restaurada, o Catão de Addisson, citou-se e applaudiu-se como a primeira tragedia do culto e litterario theatro britannico. Shakespeare que ainda era pouco familiar aos criticos e poetas do continente, foi intimado a ceder o primeiro logar no panthéon dramatico ao que chamavam restaurador da scena ingleza. Voltaire, que era parcial como o são sempre os homens de *muito espirito*, e facil de enthusiasmar, como todos os grandes talentos, disse d'elle algures no prefacio de uma das suas tragedias que «Addisson entre os inglezes, assim como Racine em França, fôra o unico que depois dos gregos conhecêra e usára esta poesia de expressão, e esta elegancia continuada, que embellecem a natureza sem nunca a desfigurar.» A *Encyclopedia*, este immenso repositorio de erudição e de critica, aonde a verdade se enreda a cada passo com o sophisma partidario, e onde a philosophia, por vezes, á força de esmeulhar a analyse, cáe no preconceito, de que timbrára em se affastar, a Encyclopedia talhou n'esta laconica sentença as mais gloriozas palmas que a um escriptor póde jámais sagrar a posteridade.» O seu Catão é o maior personagem, e a sua tragedia a mais bella de quantas jámais se deram em nenhum theatro do mundo.»

A escolha do Catão para assumpto da tragedia portugueza era como que um repto em que o poeta portuguez desafiava a gloria do seu emulo britannico. Garrett porém, fugindo á imitação e ao plagiato que em tempo lhe imputaram, soube sem trahir a magestade classica do «ultimo dos romanos» ageitar-lhe tunica mais gracioza e soltar-lh'a em prégas mais phantasiozas e mais livres do que o permittia o rigor da pragmatica antiga e a affectada severidade da escóla raciniana.

Houve uma mulher, cuja celebridade litteraria não foi bastante a escurecer o moderno esplendor das Stael e das George Sand, que já no seu tempo em que imperava sem rival pela agudesa das suas apreciações e pela vivacidade do seu espirito, profetisou á musa de Racine, então ainda admirada com idolatria, a abdicação do diadema tragico diante dos modernos cultores da scena romantica. Madame Sevigné disse «La mode d'aimer Racine passera comme la mode du caffé». O prognostico não saío de todo o ponto veridico. Nem Racine passou inteiramente, nem o caffé perdeu um ápice dos seus bem ganhados fóros de bebida universal. A verdade está porém em que Racine, que era a manifestação de um só dos aspectos do theatro, teve descendentes litterarios que lhe renegaram o culto e lhe deslustráram a memoria, e outros, que, mesclando n'um bem entendido eclectismo, as bellezas do theatro classico e as da scena romantica, preferiram a verdade dramatica á veneração das tradições e á authoridade dos antigos.

D'estes ultimos foi Garrett no seu *Catão*. Para ser

fiel observante do rito raciniano, era mister não haver degustado uma vez ao menos as bellezas de Shakespeare. Quem um dia por acaso, com o estro ardente de verdadeira inspiração, houver lido o Hamlet, o rei Lear, Macbeth, ou Julieta e Romeo, sentirá um raio de intima luz relevar-lhe subitamente que o bello e o sublime podem manifestar-se sob um aspecto novo e diverso das regradas fórmas de Racine e do estylo elegante mas artificial do theatro classico francez e italiano. E o que não dirá logo o instincto, se depois de termos visto os romanos de Paris e de Versalhes aprimorar requebros e aguçar conceitos e antitheses nos *Horacios* de Corneille, ou na *Berenice* de Racine, a rude mas ideal musa de Shakespeare nos levar em espirito ao fóro de Roma, nos mostrar Antonio despregando a tunica de Cezar ante o feretro do dictador, e concitando na artificioza mas valente eloquencia do triumviro futuro a compaixão das turbas e a vindicta popular? Os heróes de Racine podiam existir; os de Shakespeare vivem e fallam como se o genio os evocasse do sepulchro. A musa classica fére apenas o espirito, a romantica elevando o espirito, inflamma ao mesmo tempo o coração. É a differença da imitação ao original. Racine pinta os heróes, contornando-os pelo debuxo dos tragicos antigos. Shakespeare, que entrevê os vultos heroicos, por entre o nevoeiro da sua deficiente erudição, completa-lhe a imagem por esta especie de poder divinatorio com que o genio de Cuvier, animando ossadas incompletas com a scentelha divina do talento, povoava as selvas do mundo primitivo com gigantes e desconhecidos animaes. Shakespeare é como o zoologo francez recompõem pelo instincto do genio os homens de outras eras.

(*Continua.*) J. M. Latino Coelho.

ESBOCETOS DE TYPOGRAPHIA HUMANA.

VI

A VAIDOSA

Disse o rei, que mais soubera,
Na longiqua antiguidade,
Ser nosso vicio primeiro
Vaidade—tudo vaidade.

A vosso eterno preceito,
Grande immortal Salomão,
Prestando justa homenagem,
Farei nova ampliação.

Nos homens tudo é vaidade,
Que, inda quando os não houver,
Vivirá na sepultura,
D'elles não—mas da mulher.

Da mulher, que Deus creára,
Para agradando vencer;
Diz-lhe pois a natureza,
Sempre, e só vaidoza ser.

Vaidade, em homem repugna,
Em mulher é condição;
O que n'aquelles é culpa,
N'ella, é naturalcondão.

Mas, se vaidade as não culpa,
Por que d'ellas sou censor?
Porventura, o que hoje escrevo
Será *satyra-em-lôuvor!*

Não. Mas dar golpes, a fio,
Disse,—em homens, e já cinco...
O sexto, á mulher—que é justo;
E eu com justiça não brinco

Seja assim. Por deferencia,
De seu vicio natural
Direi só: culpando-a em parte,
Sempre digo, o menos mal.

—

Vês aquella senhorita,
Tão atreita a convulsões,
Que soluça, chora, grita,
Em revoltas contorsões:
Niveos seios arquejando,
Olhos, bocca revirando;
Medicos, cirurgiões,
Um e todos enganando;
Que já vendo-a, capitulão
De *convulsivo—nervosa,*
O que apenas é *chelique*
Ou doença de vaidosa!
Tão vaidosa, que no ponto
Em que o baile mais se ateia
Lá solta um ai, cambaleia,
O desmaio acóde prompto;
Vê-la a todos dá cuidado,
De todos colhe attenção,
Seu nome é ponto obrigado
Da geral conversação?
E amanhã commemorado,
Em verboso folhetim,
Que nem mesmo hoje, sem elle,
Fica o baile mais chinfrim.

—

E a magrinha, que enraivece,
Se mais cheia não parece;
Á magreza natural
Põe espeque universal,
D'algodão, que, em grossas pranchas,
Mais ou menos sobrepostas,
Aqui peito, acolá costas,
Tudo, tudo lhe vão dando;
E assim muitos enganando.
Por fóra vasto colosso,
Por dentro só pelle e osso!
—Quantas formas graciosas,
De curvo, brando contorno,
Em prospecto comparaveis,
Á melhor obra de torno,
Outra couza mais não são,
Que pastiços d'algodão!

—

E a de face rubicunda,
Cujas vozes naturaes
Lh'invejão muitas rivaes:
E ella, tonta, que as regeita,
A palidez dezejando,
Que diz côr, tão só perfeita,
De mais chiste, mais interesse,
Como se algum dia houvesse....
Haveria, mas duvido;
Com seus rostos amarellos,
Deuza Venus, ou Cupido!
E depois de bem polkada,

Bem dançada, bem suada,
Toda a face acceza em chamma;
Vê-la côrre ao toucador,
E em chapadas d'agua fria,
Molha o rosto—perde a côr;
Fica pallida,—a louquinha,
Que se illude d'esta sorte,
A saúde arruinando,
Pela morte assim chamando
Ai delirio de vaidade....
Inda mal, que sois verdade!

—

E moçoila rochunchuda,
Forma simples, mas bojuda;
Que, por gorda não tem graça;
Cada braço uma botija,
Cada perna, uma cabaça;
Baixo corpo azabumbado,
Que... confesso o meu peccado,
Será typo de valia,
Para alguem: por mim, diria
Ter-lhe pouca simpathia....
—Essa, então, vê-la entalada,
D'alto a baixo, em barbas, cintas;
Opprimida, espartilhada,
Por detraz, e por diante;
Como paio d'Alemtejo,
Enleado de barbante.
Todo o corpo, um vergão roxo
Do geral, estreito arroxo;
Antes hirto que direito....
Seu andar, seu movimento
Emperrado, contra feito:
Como cepo, que inteiriço,
Só caminha d'arrastado,
E não anda—vae levado.
—E ás vezes mesmo cazada,
E no estado *interessante*
Quem diz, não vae por diante
Na mania compressora,
Que mais, que a saude adora?
Ao contrario, seus apertos,
Em vez d'afrouxar, duplica;
Anda o corpo em pelotica;
Já molhando atacadores,
Que assim, menos desenfiam;
Já membrudos servidores,
Os creados, o gallego,
Chamando;—que só porfiam,
Em o corpo lh'apertar,
Cuide embora d'estallar!
O seu natural estado,
Assim cobre, assim occulta,
Vindo á louca, em resultado,
Dos barbudos espartilhos,
Ter monos, em vez de filhos!
—O ser gorda é seu martyrio,
E a tanto chega o delirio,
Que, se priva das comidas,
Em substancia mais fornidas;
E lida, caminha, sua,
Sangra-se, põe-se a dieta,
Bebe vinagre, jejua...
E quando—triste vaidade!
Se despoja da gordura,
Vel-a cáe na sepultura!

E *vária* namoradeira,
Só constante em seu fadario;
Galanteios attendendo,
Mais que as contas d'um rozario,
Que os dias do calendario...
Tem as horas divididas
Do serviço namorante,
Ora, cartas expedidas,
Logo cartas recebidas;
Com seu môte, cada amante,
É por ella registado,
Onde, e quando despachado.
Verbi-gratia:—ás duas horas.
Vem do quartel—vae jantar,
O *primeiro* militar.
Da janella da Travessa,
Visto—até que volte esquina.
—Ás quatro—que não esqueça,
Hora, que toda pertence
Ao lepido Amanuense.
Quem, sáe da repartição,
Tão cançado—bem merece
Um momento d'attenção....
—Veja a sua namorada,
Na janella de sacada—
—Ao lusco fusco, o agiota
Encontra-se co'o janota.
Serão vistos do mirante:
Como é ponto, mais distante,
Ao mesmo tempo, attendidos
Podem ser. Os meus acênos,
Serão d'ambos respondidos.
—Quem não viu, tiro certeiro,
A dous passaros dar morte,
E ferir inda um terceiro?...
—Ás onze passa o barão:
Aravia de minhoto,
Mal montado, sempre a choto;
Modos, gestos de balcão;
E mais feio do que um nico....
Mas se em trôca, elle é tão rico!
—Entrevista especial
Junto ao muro do quintal—
—Onze e meia á meia noute—
Um deputado, outro artista,
E o terceiro jornalista
Á mesma hora, todos tres....
Se fosse um por cada vez....
Eu, se um d'elles despedisse....
Despedir! que parvoice!
Quem? o artista, que o retrato
Meu, vai pôr lithographado
Lá, nas lojas do Lavado,
Margotteau, Silva, Fonseca;
Nas do Verissimo, á Moeda,
E defronte da Horta Secca!
Qual? o meu periodiqueiro,
Que, em seus artigos promette
Louvar sempre o meu *toilete*,
Prestar-lhe honras de primeiro!
Qual, emfim o deputado?...
Bem sei, que respira essencia
D'alarve, não de sciencia.
Mas diz—votos!—apoiado!—
Com mais força, mais polmão.
Que cem tiros de canhão:
Acompanha sempre, ao chá
O ministro, quando o dá....
E depois—quem mais do que elle
Generoso?—isso não há;
Que por voto da *nação*,
Prometteu-me uma pensão...
—Todos tres a egual hora,

Abordem, venham embora:
Que, o artista da janella,
O deputado na salla,
O terceiro na cancella,
Hão-de todos vir á falla,
E nenhum hade ir sem trela.
Assim *namoro-sedenta*,
Dos galanteios, a serie,
Mais, e mais, ella accrescenta:
Attendendo velho e moço,
Este, porque não é feio,
Outro, porque tem caroço:
E em seu desejo vehemente,
Se tivera, o d'hoje em dia,
Exercito do Oriente,
Ao pé d'ella, bem defronte....
Derriço, por si daria,
Ás tropas do Piemonte,
França, Inglaterra, Turquia;
E se, em melhor posição,
Por exemplo, — n'um balão,
Visse um, visse outro arraial,
A todos dava signal!
— É livrar d'esse máu sestro,
Vaidosa — que a vosso mal,
Perdeis fama, e casamento,
Perdeis muito, — que a final,
Depois de louca porfia,
Chega a idade; e vós?.. sois thia!

E velha de sessent'annos,
Que esconder procura, tenta
O sello dos desenganos:
Já patente, em fundas rugas,
Quesilia das tartarugas;
No lombudo joanete,
Para o qual não ha *toilete*,
No cabello, que branqueja,
Ou peor quando calveja:
Nos seios, que s'esturricam,
Em ossos, em cordoveias,
Que s'esbrugam, que s'esticam;
N'uma rara dentadura,
Na côr baça outrora alvura...
— E quem diz, que horrendo espectro
Supponha, pense, acredite,
Que das bellas tem o sceptro!
E suppõe, e pensa, e crê;
Sim, que em lettras de vaidade,
Ninguem seus defeitos lê:
Nem vaidosa, em proprio espelho,
Viu jámais um rosto velho.
— Assim, franzida carcássa,
Mil recursos d'arte esgota!
Por fingir perdida graça,
Tudo faz, até batota!
— Como, em fórma o pão de ló,
A cabeça mette, gruda,
Nas pastas d'asp'ro chinó:
Que segura em molas d'aço:
Dando geitos ao cabello,
Com pevides de marmello.
Pinta o rosto d'alvaiade,
Dá-lhe toques de carmim,
E de cara fica assim!
Dentes do melhor marfim,
São joias d'esse thesouro,
Que, em Lisboa pendurado
Se vê, na rua do Ouro.
Pois se baixarmos ao cólo...
Esse então é puro dólo!
Em crémes, lava, e relava
O pescoço enverrugado:
E depois, que puxa, eleva
Bambo seio entresilhado,
Finge o resto — é quasi tudo!
Com tal arte, com tal geito,
Que a vista, julga-o perfeito!
Cada um — almofadinha
De *calote*, em fórma e essencia,
Cheios de sêmea, ou moinha!
E o demais?... Alto. Silencio...
É tão escabrosa a téla,
Que não recebe aguaréla.
Antes esboço incompleto,
Que perder por indiscreto.

Cesse a *Vaidosa* — Por hoje...
Pois fica encetada apenas.
Typo de mais varias scenas,
Não sei d'elle: o do xadrez
Author, que calculou tanto,
Aqui não dissera o quanto.
Vaidosa — até outra vez.

Mafra. — Março, 1856.

J. DA C. CASCAES.

FASTOS AÇORIANOS.

Dos romanos pagãos escreveu Ovidio doze livros de Fastos, de que apenas nos resta metade. Muitos depois d'elle, sob nome e forma varia, tem emprehendido obra analoga a respeito d'outros povos. Só nós, para sermos portuguezes em tudo, esquecemos que o que nos póde aviventar mais a vida moral é alguma recordação d'outros tempos falsa ou verdadeiramente mais festivos.

Os *Fastos Lusitanos*, esses ainda não houve quem os escrevesse. Filinto pensou n'elles, mas, faminto e desajudado foi um pensamento mais que lhe gorou, e que concorreria por certo a enriquecer o não pequeno thesouro de poesia e de linguagem, que com zêlo e virtudes tão patrioticas deixou á geração presente. Ainda assim o poeta desterrado chegou a lançar fundamento ao primeiro livro d'esse poema nacional, em que queria dar conta das nossas festas christãs, das nossas romarias, cirios, festejos que as acompanham, e outros ritos, que são do nosso uso» e em que pretendia «consagrar... os usos que recebemos de nossos maiores, ou os que nós instituimos.» Toda a infelicidade foi não concluir a empreza começada, que assumpto era aquelle muito do seu paladar, e para que era homem de forças: optimo saíria o poema, que não era Filinto improvisador de sensaborias, que ao capricho infantil de parecer romantico, sacrificasse a verdade e a tão amavel singeleza da nossa poesia nacional. Paciencia. Ja'gora deixemos em paz o padre Francisco Manuel do Nascimento, e não sonhemos mais em *Fastos Lusitanos*, que estão por escrever.

Mas por que se não hão de escrever?

Não ha ver n'isso difficuldade, senão falta de dois dons, que raramente andam juntos e em acção: saber e vontade.

Convertendo em escriptura os fastos açorianos, concorremos como podemos, e com o que podemos para auxiliar quem emprehenda o trabalho geral. A benevolencia dos que nos lerem hade desculpar

as faltas do ensaio á conta do patriotico desejo com que o emprehendemos, e do esforço que n'elle pomos. Lançâmos á terra semente, que melhor lavrador saberá amanhar com tacto e experiencia, para colher d'ella fructo mais saboroso.

I

CANTOS DE JANEIRO.

Mal da Aurora, no seio apavonado,
A luz aponta, que nos abre o dia,
E as portas se descerram do anno novo;
Alado enxame de gentis idéas...
A mente assaltam dos mortaes despertos.
FILINTO — *Dos Fastos*.

Anouteceu. Repiques e tanger de sinos chamam ao templo, e convidam ao *Te Deum* do fim do anno. É o dia de S. Silvestre que espira, sepultando na voragem do passado o anno velho, com suas alegrias e penas, com suas esperanças e desencantamentos.

Agora, que sãos e salvos escapámos do naufragio, e revertemos de mais uma viagem d'anno, demos graças ao senhor da vida e da morte, do raio e do trovão!

'Senhor, no anno que de novo vae abrir-se daenos guia e boa-estrella.

Esperamol-o; que a luz da esperança é a ultima que se apaga na vida, e depois d'ella não ha senão a ceifa da morte.

Como em todos os que esperam se reflecte hoje uma alegria contagiosa! O ocio do *Natal* que passou, as *Janeiras* que em pouco terão musicas e descantes, mantem os animos em fogo e jocundidade. De tantas cabeças descobertas, que entraram, nenhuma houve que ao sair do recinto sagrado não levasse a alma mais aquecida pelos lumes do santuario; máis suavidade e harmonias colhidas nos sons melodiosos do canto, que os echos multiplicaram por ouvidos e corações. O que entrou tibio e desconfiado, saíu do templo reforçado e seguro. A felicidade que de tão maus foros gosava no tribunal do seu juiso, já se lhe não afigura aquella possessão escabrosa, solitaria, sem praias no meio das ondas, que jámais se encontra e póde abordar perdida que seja uma vez. Esqueceram agouros e presentimentos; confia-se no futuro que sorri. Se o crer é tão consolador!...

Emmudeceram musicas e vozes, e jaz deserto o templo.

Meia noute! Novo mez e novo anno se abriu com o primeiro instante d'um novo dia.

Le passé n'est pour nous qu'un triste souvenir:
Le présent est affreux s'il n'est point d'avenír.

Janeiro chama *Janeiras*. À rua, á rua, bando inquieto e ancioso de *Janeireiros*!

A viola, a rebeca, o pifaro, soltam sons estridentes. Chusma de curiosos acompanha o tanger por casa d'amigos e conhecidos. Em troco de descantes, os bons devotos.

. . . . os olhos fitam
No fresco lombo, no adubado sangue
Do turgido chouriço...
D'aqui fartes, d'ali caseiros bolos...
Desemborcam, rolando atropellados,
Sobre a fumante mesa...

(*Continua.*) J. DE TORRES.



RELICARIO HESPANHOL NO XV SECULO.

Esta obra, lavrada em madeira, é coberta de figuras, de ornatos e de inscripções latinas. No cimo da tampa ha um pelicano, symbolo do Redemptor, que se offereceu em holocausto pela salvação do genero humano: por baixo vê-se uma ordem de ornatos que são por metade do estylo romano, e por cima outra ordem no estylo gothico do XV seculo. O interior da tampa abre-se em quatro partes que imitam quatro folhas, e descahindo mostram nas cavidades quatro passos da vida da Santa Virgem, bem cinzelados: a saber; a Annunciação, a Natividade, a Adoração dos pastores, e a dos reis Magos. A Virgem está figurada no meio das quatro folhas, assentada e tendo o menino nos braços. Uns espinhos cravados em redor são talvez uma allusão a estas palavras do cantico dos canticos: *Sicut lilium inter spinas*, como a açucena entre os espinhos; póde tambem ser que fosse uma formula vocativa para agradecimento de alguma cura. As quatro folhas abertas, é o que representa a estampa.

O vaso principal é repartido em seis partes iguaes apresentando na face externa em nichos gothicos, diversos passos, a flagellação de Jesu-Christo, quando Pilatos o mostrou aos judeus etc. Por baixo desta galeria ha um circulo, que tem esculpidas em bellas letras *tuam crucem adoro*.

Este relicario pertencia em 1844 a Mr. Bullock, possuidor de uma preciosa collecção de antiguidades da idade média. M.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



SUPPLICIO D'UM CALIFA.

Os primeiros successores de Mafoma, que reuniam os dous poderes espiritual e temporal, eram denominados *califas*, que quer dizer *vigarios*. Houve tres grandes califados, do Oriente, de Cordova, e do Egypto. Fallaremos do primeiro, que vem ao nosso intento. Durou 626 annos até á era de 1258; teve a séde em Meca até a morte de Ali, depois em Damasco na familia dos ommiadas, e por ultimo em Bagdad na dos abbassides. A famosa dynastia descendente de Ommiah reinou sobre toda a monarquia arabe até o anno de 749, e derribada do throno damasceno pelos abbassides veio fundar em Hespanha, sujeita então aos sarracenos, o novo califado de Cordova, desmembramento do antigo.

A dynastia dos abbassides era oriunda da familia do propheta musulmano por Abbas, tio de Mahomet, e teve por tronco principal um bisneto de Abbas, que subiu ao throno no anno 750 da era christã. Reinaram 37 d'esta raça até 1258 que Houlagou, neto de Gengis-Kan se apoderou de Bagdad. Tomada a cidade o vencedor foi conduzido a uma torre, onde se guardava immenso thesouro de ouro e prata e joias; admirou-se de que o califa Mostasem Billah não fizesse uso de tão pasmosas riquezas para fortalecer-se com exercitos respeitaveis e adquirir poderosas allianças, e ordenou, por atroz escarneo, que o trouxessem áquella torre e ahi o encarcerassem, dizendo-lhe: «come o teu dinheiro, poisque a tudo o preferes». N'ella o deixou perecer de fome.

Os viajantes da idade média, contaram esta anecdota duvidosa, e á phantasia dos pintores europeus de miniaturas aprouve representa-la de diversos modos. Reproduzimos a que se vê no *livro das maravilhas*, codice do seculo IV, conservado na bibliotheca imperial de París..

M.

NA EXTREMADURA.

A JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

II

(*Continuado do n.° . 39 do vol.de 1855.*)

No Tejo, juncto á Chamusca, 9 de junho de 1853.

Meu amigo. Seu irmão acaba de fechar uma carta que lhe dirige, redigida com um laconismo digno dos bons tempos de Sparta. A severa economia com que elle despende a palavra fallada acaba de aplical-a á palavra escripta. Duas legislaturas de deputados que o tomassem por modelo dariam um respiro a este apoquentado paiz. Ficariamos exemptos por oito annos de discursos e de projectos, e durante esse periodo a longa tenia que nos devora deixaria tomarem alguma nutrição os membros extenuados da republica. E não ganharia n'isso tão sómente a republica: tambem ganharia o senso commum e a grammatica. Infelizmente estes desejos não passam de sonhos de homem acordado.

Deixemos, porem, o senso commum e a grammatica, Prometheus innocentes e eternos dos pais da patria e do Diario, para tornarmos a atar o fio do discurso, que pelas tendencias deambulatorias do meu espirito, parti apenas começado.

Seu irmão escreve-lhe, dizia eu, uma carta spartana: digo mais agora; escreve-lhe uma carta taciturna: Estas palavras parece estarem aos pontapés entre si, como os membros de um artigo do codigo penal. Não é assim. A carta do seu irmão tem rigorosamente os vocabulos necessarios para existir: para ter carta. Depois não diz mais nada. Faz o que na realidade fazem a maior parte e até dos livros, e das cartas, d'este mundo sublunar.

Eu farei o que elles fazem na apparencia: serei extenso. Queira Deus que não lhes imite as realidades.

Antonio de Mello hade ter-lhe mostrado a minha precedente. Como ajustámos, ou antes como eu pedi, são communs para todos os nossos amigos intimos estes apontamentos que lhes vou remettendo, ora a um, ora a outro, e que são um memento das variadas e profundas sensações do que vagueia, se não peregrino, romeiro ao menos na terra da patria; romaria sancta aos cemiterios onde dormem as memorias e tradicções do nosso passado; onde no meio do silencio, das solidões e das ruinas como que vemos passar os vultos indecisos, como que ouvimos murmurar vagamente as vozes de nossos avós. São sensações quasi infinitas, uma parte das quaes, ao menos, precisamos de communicar a entendimentos que se illuminem, a corações que vibrem com a faisca electrica do cogitar de outro espirito, do sentir de outro coração.

Deviamos, affirmava eu a Antonio de Mello, partir de Santarem na madrugada dessa noite em que lhe escrevia. Não succedeu assim. Quando o Janota levantou ferro da Ribeira havia muitas horas que o sol fazia scintillar os seus raios nas aguas buliçosas do rio. Além disso tinhamos de navegar a remos: o vento fôra mais preguiçoso qne nós; ainda dormia.

Mas—ouço-o d'aqui exclamar—um Janota que levanta ferro, que singra ao impulso dos remos, é cousa inintelligivel, como um pergaminho gasto e quasi apagado do seculo x, absurda como um drama romantico; é o *Trinta gallegos não fazem um homem*; é uma charada ou um logogripho: é quasi um discurso de abertura de cortes, ou uma portaria com pretenções doutrinaes. É um arre-burrinho.

Não, meu amigo, não! O Janota nome proprio não é o janota nome appellativo; não é nenhum d'esses peralvilhos, penteados, engommados, recendentes, entidades hybridas entre o homem e a mulher, a que se attribue esta alcunha popular, que como tantas outras, nasceu sem sabermos d'onde e esquecerá sem sabermos porque. É uma gondola esbelta, alindada, ligeira sim, mas solidamente construida, de cavername e costado solido, affeita a contrastar a furia das correntes do Tejo, a galgar-lhe os cachões, ou a precipitar-se por elles abaixo, rapida como a frecha. Por dentro, o Janota não é um barco; é um mundosinho: é a sala e o gabinete do coronel *** em Santarem, mettidos na prensa hydraulica, e reduzidos a um decimo do seu volume. Ao almirante do Tejo, qualificação de que fiz mercê ao coronel desde que entrei nos seus dominios aquaticos, não cabe a gloria da invenção do Janota: é um florão que falta na sua coroa; mas foi elle que com mudanças insignificantes o tornou dez vezes mais commodo do que d'antes era. O camarim que occupa quasi dous terços do barco, encerra uma porção incrivel de apparelhos de navegação fluvial, de instrumentos scientificos, de papeis, de mappas, de livros, de alfaias, de utensilios, ficando ainda espaço para receber seis ou oito passageiros, que se achariam n'essa pequena habitação assentados tão commodamente como no mais confortavel *parlour* d'Inglaterra. Tudo ahi é modesto, quasi pobre, mas limpo, elegante, conchegado. Sobre os dous bordos, de um e de outro lado do camarim ha tres janellas. A do meio é uma especie de adufa de madeira, que se alevanta rodando para o interior e que vae prender-se no tecto; as outras duas são vidraças fixas, cuja luz é amortecida á vontade por cortinas escarlates. Grades de rede tenuissima, que substituem as adufas quando erguidas, impedem, na força da calma e á noite quando o camarim se illumina, a entrada dos insectos sem obstar á ventilação. Nas horas em que o sol bate de chapa no Janota, a adufa caída do lado d'onde vem os seus raios obliquos serve de guarda-sol, em quanto a outra erguida nos deixa contemplar a margem fronteira que parece derivar pela orla do rio espelhado, levando comsigo um prestito interminavel de quintas frondosas, de casas alvejantes, d'extensos salgueiraes, de campinas palidas, de cabeços incultos ou povoados de tristes pinhaes, e dos enferrujados olivedos ainda mais tristes. Uma pequena mesa collocada a um lado exerce successivamente as funcções de banca de jantar e de secretária. Sobre ella escrevo eu esta carta. As arcas e bancos estofados que ladeam o aposento, transformam-se á noite em leitos, e voltam aos seus misteres diurnos apenas aponta a manhã, porque a bordo do Janota a alvorada é de rigor como n'um acampamento, ou n'uma fragata de linha. Dir-se-ía que em volta do nosso coronel-almirante ha uma atmosphera militar, inseparavel d'elle, e fóra da qual lhe sobreviria a morte pela impossibilidade de respirar.

E de feito, no exterior do camarim, que na sua singeleza e elegancia tem o que quer que seja de namorado e feminino, ha o viver do soldado e do marinheiro em toda a sua rude severidade. Entre estes vultos que nos rodeiam trabalhando na manobra calados como sombras, ou dirigindo-a com uma ou outra voz solta, ou com um simples monossylabo; entre todas estas figuras de largos hombros, de braços musculosos, de tez queimada pelos soes e geadas, ha uma, na apparencia mais debil, mas que domina as outras não só pelo cargo que exerce, mas tambem porque traz escripta nos olhos e na fronte a legitimidade moral do seu predominio. É o patrão, Manuel Consolado. Baixo, magro, com o cabello grisalho, e a tez de apparencia duvidosa e a meio caminho entre a lixa e a pelle humana, o patrão do Janota revela no olhar a limpidez da intelligencia, e na grossura e projecção da mandibula inferior a energia da vontade. Na firmeza dos seus meneios, na immobilidade ordinaria do seu gesto traduz-se o habito do mando. Manuel Consolado é n'estas paragens o mais habil piloto da navegação fluvial, de cujas difficuldades e riscos já tenho ouvido narrativas singulares. Antes de ser chamado ao serviço do estado, era elle quasi o unico arraes que sem temor velejava por entre os rochedos do Tejo, que subia e descia pelas cascalheiras e cachões, succedendo-se uns aos outros, interrompidos apenas pelos profundos pegos cavados por essas quedas d'agua impetuosas que ahi se precipitam ha milhares de annos, e cujos perigos a sciencia se esforça por minorar ou destruir. Depois do nosso piloto a unica personagem distincta entre a população do Janota que não pertence aos aristocratas do camarim, (e onde não ha aristocracia?) é o sapador Pedrosa, camarada do coronel; personagem distincta, repito, por uma caracteristica singular, o seu amor, enthusiastico, ardente, quasi idolatra, amor romantico, mysterioso, callado, impresso na alma como stygma indelevel, fulgurando no olhar fixo, na tensão continua de todos os movimentos para o objecto querido; este objecto ao mesmo tempo complexo e simples, fonte de vida e prazer para nós e para elle, de que nos lembramos ao despertar, e de que não nos esquecemos nunca durante o dia é... a panella. O amor do Sapho ou de Petrarcha era inimigo figadal comparado com o do sapador Pedro-

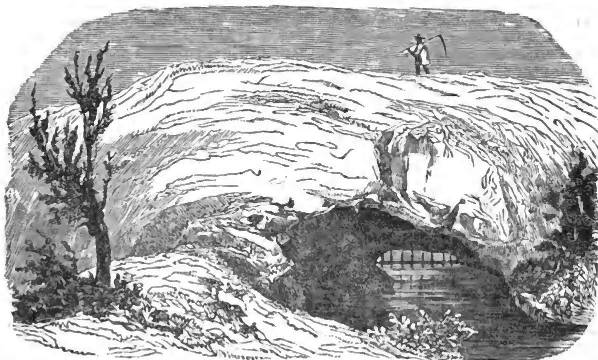
sa. Ha muitas horas que observo o camarada do coronel e juro que ainda lhe não descubri um gesto, uma acção que n'um só apice desdissesse da affeição infinita que consagra á dama dos seus pensamentos. O passado segundo me affirmam, condiz com o presente. O Janota tem luctado com as correntes impetuosas, com o vento ponteiro, com a calma dormente; e no meio de todas essas phases a lealdade de Pedrosa não se desmentiu, não titubeou jamais. Ao balouçar estonteado da gondola, ora arcando com a veia do rio, e rasgando-a para um e outro lado em frocos de escuma, ora gemendo e recuando diante da rajada de nordeste, ora pulando ao embate dos remos no pego espelhado, o bom do sapador cópia do Olindo do Tasso, resoluto a viver e a morrer com Sophronia, não se esquece, não se distrahe um instante de velar pela segurança d'aquella a quem votou a sua existência. Agita-se e vacilla o Janota; vacilla com elle o folgo vivo que respira em seu seio: escorreguem as arcas e cestos pelo chão inclinado, entorne-se a bilha d'agua, rolem os corpos menos roliços quando o galhardo barco inclinado pelo vento quasi mergulha um de seus bordos na veia do Tejo, caia, tombe, tina, estoure, confunda-se tudo, *ruat coelum;* ha ahi sempre um corpo que não vacilla, que não tomba, que não topa, que não rola: é a panella. Porque lá está o anjo da guarda, um vulto humano que se não se movesse, pareceria uma estatua, e cujas pernas e pés poderiam crer-se de aço. É o sublime camarada do coronel. Sublime, sim; porque a ternura mais que materna, ternura com que na hora do perigo elle cinge em seus braços a dama dos seus pensamentos; o horror doloroso, que lhe confrange o gesto quando ella vae a estremecer sobre o fogão que bambolêa; a sympathia opulenta que o grande coração do soldado dedica a um objecto insensivel, o que sería se n'elle se accendesse uma paixão de outra ordem? Quem duvida de que o destino, o numen ignoto, de que foram imagem e manifestação os Triboulets, os Annequins, e todos os truões famosos, fez uma das suas travessuras, condemnando Pedrosa, homem proprio para realisar o Lara de Byron, a ser o camarada e cosinheiro do mais severo, monossyllabico e positivo coronel que eu conheço sobre a face da terra?

O arraes e o soldado, verdadeiros typos que lhe acabo de descrever, eis as unicas personagens populares do Janota, cujo perfil moral val a pena de se desenhar. O resto perde-se no vasto oceano da vulgaridade mais completa: são barqueiros ageis e robustos similhantes aos remadores dos escaleres reaes, salvo o silencio que lhes impõem aqui a minuciosa disciplina que domina a bordo da esquadra do nosso almirante do Tejo.

Ao sair de Santarem as immediações do rio offerecem uma paisagem deliciosa. Na margem esquerda, á nossa direita, os campos de Almeirim estendem-se a vasta distancia, ornados de renques e grupos de arvoredos que bordam os campos, ou se elevam em maceiros verdejantes por entre as planicies cubertas de searas e de pastagens, planicies que se dilatam para o lado de Alpiarça. O leito do Tejo vae-se gradualmente ampliando e povoando de mouchões, ferteis insuas formadas no decurso dos seculos pelas terras que rolando das montanhas durante a estação invernosa as torrentes tem para alli arrastado. Em frente dos campos de Alpiarça a massa das aguas derivando por um alveo dilatado e quasi sem pendor, bifurca-se em dous largos canaes e subdivide-se ás vezes por outros menos espaçosos que serpeam por entre corôas de arêa, ou cingem terrenos de alluvião reduzidos a cultura. No sitio chamado Barrocas da Rainha o volume das aguas compactas por uma pequena distancia, facilita a passagem entre as duas margens por meio de uma barca que cruza do reguengo de Alviella para as campinas de Alpiarça. Rio acima as correntes dilatam-se por mais largo campo, e a vegetação luxuriante dos salgueiraes que se penduram sobre a veia d'agua prolonga-se até a foz do Almonda. O Tejo assemelha-sa a faisca reluzente lançada sobre um mar de verdura, faixa mosqueada pelos mouchões como o lombo da panthera. Para mim, que me embalava por dias de mocidade sobre as vagas do oceano, esta navegação fluvial tem ao mesmo tempo o attractivo das recordações e da novidade. No rapido correr do Janota sentia o chapejar da agua no costado do barco e via entrançar-se a ré a esteira que nos mares solitarios tantas vezes nos recorda as tranças longas e ennastradas de mulher querida. A escuma refervia á proa como debaixo do gurupez de uma corveta de guerra, e o vento de oeste impellindo-nos contra a veia da agua, fazia gemer os mastros que se inclinavam ao nascente, como gemem e se inclinam os de navio possante ao impulso das ventanias maritimas. O que faltava era esse horisonte illimitado do oceano, essas ondas que fluctuam somnolentas n'um leito de abysmos ou se despedaçam furiosas n'um campo de batalha interminavel. O que faltava, eram esses poucos instantes da madrugada e do ocaso, em que o sol, triplicado em grandeza, se libra vacilante na orla da abobada azul-clara do céu, surgindo como orbe de fogo do plano azul-ferrete dos mares ou atufando-se nelle. Não reboava o hymno a Deus que entoam as vagas nos seus ermos immensos, hymno de mysteriosas harmonias similhantes ás de Mozart ou Beethoven. Mas que importa? Murmurava no rio o cantico da aragem passando entre os salgueiros, acorde com o trinar das aves, com a toada duvidosa dos sinos no campanario lá ao longe, e com o sussurro da vida nas povoações marginaes, concerto melancholico e vago como as melodias de Bellini. Aos vinte annos o coração ama as grandezas tempestuosas do oceano, porque bate com a violencia de mil ambições e esperanças: depois dos quarenta ama o deslisar do rio e o gemer do arvoredo, porque começa já a dormitar emballado quasi só pelas recordações e saudades, preparando-se lentamente para mais dilatado e mais profundo dormir.

O vento refrescava de nor-noroeste e o Janota corria veloz, cosido com a margem direita do rio. Os ramos inclinados dos salgueiros roçavam no tecto do camarim com soido similhante ao do reptil que se arrasta, no estio, por cima de folhas seccas. A meia luz que nos allumiava por entre a verdura era triste, e os raios do sol inclinado que ás vezes rompiam por entre a folhagem passavam como o chispar da fragua. Tinhamos caido pouco a pouco em completo silencio; porque ha horas e situações que obrigam o espirito a acolher-se dentro de si mesmo. O halito da natureza tambem embriaga como as bebidas alcoholicas, ou antes como o anfião embriaga os chins arrebatando-lhes a alma atraz de um mundo de deliciosos desvarios. Por qual me divagava então o pensamento não saberia dizer-lho, mas sei que era melhor do que este nosso, onde o prazer é apenas a quasi imperceptivel linha de intersecção que assignala as fronteiras da dôr e da semsaboria.

(Continua) A. Herculano.



FORTE DE SANTO ALLYRE.

No departamento de Puy-de-Dome, ao noroeste da sua capital, Clermont-Ferrand, arrabalde de Saint-Allyre, ha uma fonte famosa pela propriedade que tem as suas aguas, carregadas de particulas ferreas e de cal e magnesia, de depor estas substancias nos corpos mergulhados, e cobri-los, passado certo tempo, de uma incrustação muito dura; e d'ahi procede chamarem-lhe tambem *fonte petrificante*. N'um pequeno museu collocado proximo do manancial ve-se muita quantidade d'aquellas incrustações de toda a casta, como vegetaes, ninhos de aves, animaes, e até um boi ou para melhor dizer uma pelle de boi empalhada e com sua capa de pedra. É objecto d'uma industria assás productiva para os proprietarios da fonte. Estas aguas, de sua natureza tonicas e levemente acidas possuem além disso qualidades hygienicas reconhecidas pela medicina. A pouca distancia descobre-se uma calçada de 80 metros, formada pelos sedimentos das mesmas aguas, a qual n'uma das extremidades é cortada por uma especie de ponte natural, correndo por baixo o ribeiro Tiretaine.

A fonte, o arrabalde, e uma capella visinha derivam o nome de Saint-Allyre, bispo de Clermont no meado do quarto seculo. Gregorio de Tours, historiador da provincia, refere como o dito santo adquiriu a reverencia e gratidão dos alvernezes. No dominio dos romanos foi imposto á Alvernia um tributo em generos que devia ser pago em Tréves; Santo Allyre, cuja nomeada já corria fora dos limites de seu bispado, foi chamado a Treves pelo imperador Maximo para curar-lhe uma filha endemoninhada. Conseguindo o prelado a cura, pediu em recompensa e obteve que o tributo em generos, mui oneroso principalmente pela necessidade de transporte, fosse reduzido a dinheiro.

Accrescenta a lenda que o santo, de volta á terra patria, vendo bellissimos marmores, concebeu o pensamento de adornar com elles a claustra da sua sé, e obrigou o demonio, ao qual ganhára a primeira victoria pela cura da princeza, a lavrar as pedras e transportal-as a Clermont. Uma pintura a fresco, ainda existente em 1788, segundo refere Legrand D'Aussy na *Viagem* á Auvergne, perpetuára a memoria do milagre nas paredes do mosteiro. Representava o santo bispo paramentado, deitando com exorcismos o espirito maligno fóra do corpo da princeza, e ao lado o diabo, assim expulso, voando carregado com as columnas de pedra já aparelhadas e promptas.

M.

A epocha em que vivemos, arrasta-se atraz dos interesses physicos, calcula, conta os lucros, admira as miragens do credito, exalta os prodigios da rapidez nas vias ferreas, e volta costas ao ideal para se abraçar exclusivamente com as realidades dos commodos e regalos.

A sua lingoa, corresponde á paixão, que a domina.

Nos escriptorios das companhias, e no balcão das lojas de cambio falla-se em prosa, e a versificação mais pura, os metros mais correctos, soando em ouvidos meios surdos pelo tenir metalico das pilhas de ouro amoedado, apenas os ferem como um zumbido para elles quasi desagradavel, e quem sabe se enfadonho mesmo!

Em um seculo positivo, que mede as distancias pelos capitaes, ao qual a riquesa manda como despota, curvando perante os seus coffres recheados o orgulho dos imperios, e as vaidades mais fidalgas, de que servem essas harpas eolias, estremecidas pelo sopro dos suspiros elegiacos do passado ou pelas impaciencias frementes de sentimentos, que só em almas delicadas deixão a nodoa amoravel do seu pranto?

O idolo, o bezerro de ouro, está no altar, e o incenso ardendo em volta e subindo em rollos de fumo, cega as multidões, no meio dos hymnos da in-

dustria, das ovações das emprezas laureadas, e dos triumphos ephemeros, dos que hontem simpleces villões, erguem hoje a cabeça mais alto, que os reis.

O verso, tão mimoso e estimado nos dias esplendidos, em que a fé e a gloria faziam palpitar de enthusiasmo o coração d'esses *loucos* aventureiros, que tão longe rasgaram os mares com as quilhas vencedoras dos galiões; o verso, voz harmoniosa da epopeia viva dos navegadores do cabo das tormentas, e dos conquistadores da India, e da America, não pode achar echo em espiritos, que olham para a terra, perdendo de vista nos horisontes embaciados da cubiça, aquella radiosa estrella, que foi a luz do Dante, do Tasso, e do Camões!

O livro das phantasias sublimes encerrou-se e ficou mudo; e até que torne a abrir-se, desenganos crueis, e tristes desillusões hão de passar.

Lamartine, Victor Hugo, e Garrett, Novalis, Schiller, e Klopstok são os ultimos bardos da grande geração intelectual, e aonde o seu canto se interrompeu, poucos poderão continual-o.

Para ser poeta em annos de prosa, é precizo rara constancia, e valorosa vocação.

E por isso saudamos sempre com jubilo qualquer estreia, qualquer melodia, que vem accordar-nos suavemente do somno de ferro dos interesses, que nos captivam, levantando o animo para as espheras superiores, aonde morrem os ruidos confusos das lidas da avareza, e não se escutam senão os namorados canticos, emanação das divinas harmonias, que nos embalaram a infancia, e disseram ao ouvido da nossa juventude tantas esperanças, a que o atrito do mundo murchou o viço, e requeimou a verdura matisada.

O povo, que é sempre o ultimo a descrer das suas tradicções, e a apagar do peito as saudades do seu berço, nunca deixa de abrir os braços á musa singella e formosa, que o chama, e pendente dos seus labios, como os antigos hellades do canto nacional de Homero, não espera, para aplaudir, que a fama venha apregoar o vate.

Quantas reputações começaram por elle, e firmes pela sua admiração, zombaram dos diplomas das arcadias, e das palmas academicas?

Garrett careceu d'ellas por ventura para ser o primeiro depois do auctor dos Lusiadas!

Hugo, deveu-lhes as flôres, de que lhe juncaram os passos as suas *Odes e Balladas*, quasi no saír da adolescencia?

Lamartine o mavioso filho da harpa de Sion, carregando a fronte com a corôa official, não tinha já cingida n'ella a aureola inmortal, que bastou a tantos, que do alto do seu pedestal vêem inclinar os seculos diante do seu nome? Que importa que os prosadores do bufete e do balcão virem o rosto, e tapem as orelhas, longas como as de Midas, porque a melodia do meigo trovar, ou as harmonias da canção da gloria, as offende como uma ironia severa?

O seu reino é o dos tantos por cento, a sua alma sobe e desce todas as manhãs com as alternativas dos fundos, e o seu gosto rivalisa com o do roliço e atascado Sancho, modello e mestre de toda a seita.

Para esses não é que a poesia geme, ou que vôa, como o archanjo de Deus, dando vida ao que a morte prostrou, e illuminando nas trevas do futuro, o que o destino escondeu.

A arte, fez-se para os que a prezão. São poucos? Embora! O voto dos bons conforta mais, do que o alarido estupido dos ignorantes.

Roubando a occupações pesadas, e bem alheias do estro algumas horas, o sr. Gomes de Amorim, teve animo para encostar o peito á meza, e não despedir de si a inspiração, que nas florestas da America, na solidão das aguas, e nas provações d'uma existencia, que antes de tocar os primeiros marcos da sua carreira já conhecia de experiencia os amargores do infortunio, foi talvez a unica amiga, e confidente das suas lagrimas, e do seu desamparo.

São d'esse tempo, não na data, mas na ternura e na tristesa, bastantes das suas poesias lyricas; e escolhendo-as e compondo com ellas agora o ramilhete variado, que nos promette o volume, que está dispondo para a imprensa, o cantor offerece ao publico um brinde precioso.

Entre as peças, que entram na collecção, e que louvamos sem lisonja, as que mais nos arrebataram pela verdade que respiram, pela negligencia desaffectada com que se precipitam impetuosas, e sobre tudo pelo vigor e felicidade do colorido, foram os cantos maritimos. Não duvidamos assegurar-lhe, que estreias similhantes, em genero para nós inteiramente novo, mereciam vulgarisar-se quanto antes.

O *Corsario*, o *Marinheiro*, e as *Duas Fragatas*, que hoje começam a estampar-se no *Panorama*, como quadros da vida e das paixões navaes, parece-nos, que sem susto podem competir, com outros paineis primorosos, elogiados em estranhos; e que auctorisam as boas vindas, que em toda a sinceridade, damos ao poeta.

Quem póde tanto, e tão galhardo vence os obstaculos, contrahe obrigações rigorosas; e o sr. Gomes de Amorim não é dos escriptores, que o exito costuma entorpecer.

Nação de navegadores e de marinheiros heroicos, Portugal, ha muito que pede para as grandes scenas da sua historia maritima um Cooper na prosa, e um rival de Byron no mar.

Não adulamos, e por isso não conferimos diplomas que só pertencem ào tempo e á posteridade; mas dizer á vocação, que se ergue robusta, e que se annuncia assim, que firme os passos, e não se tema de tentar maiores alturas, não é senão comprir com os deveres da critica, servindo as letras.

Confiando-nos as tres poesias, que este jornal publica, o sr. Amorim cedeu do seu proposito, e por benevolencia calou a sua modestia; alargando, agora, as perspectivas, e desenhando na tela de Vernet as figuras grandiosas de Albuquerque, de Gama, de Duarte Pacheco, e de tantos almirantes e capitaes, estamos certos, de que se não arrisca senão a triumphar.

O auctor do *Odio de Raça*, drama aonde a pintura dos costumes e da naturesa americana, traçada com relevo, prende o interesse sem o soltar um so instante, corre n'este momento os seus pinceis por outro quadro do mesmo genero, mas de mais amplas proporções; e cedo, assim o esperamos, levantará do palco coroa igual, á que já lhe premiou os primeiros passos n'esta carreira. Quando as forças ajudam, tudo é possivel, e uma tentativa não deve desalentar a outra.

Depois d'um bello drama nada realça mais do que bellos versos.

L. A. Rebello da Silva.

O CORSARIO.

Quem dirá que d'estas agoas
Não sou eu somente o rei?
Este mar mediterraneo,
Ao meu sceptro o sujeitei;
Porque o meu sceptro é o leme,

E aqui só eu dou a lei.
A minha c'roa é de nuvens
E a ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabrestante,
De levariba a virar!
Mette as anchoras a pique,
Que anda o suéste a rondar.
Chega ás ad'riças de gavias!
Gageiro, vai desferrar;
Que o navio sente a briza,
E tem saudades do mar.

Deita a bossa ao ferro grande!
Vai seguida a flor d'Argel;
Batem-lhe as ondas na proa
Como a lança no broquel;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do Baixel,
Que salta envolto de espuma
Como fogoso corsel!

Amura bem o latino;
A beijar! deixa gemer.
O meu navio é velleiro
E vem o vento a crescer.
Toma cuidado no leme;
Não vez o pano a bater?...
Amantilha essa retranca;
Bom; ahi.—Deixa correr,

Temos tufão; salta arriba!
Oh! mestre! mande rizar.
Os paus de cutellos d'entro
Sobre joanete! ferrar.
Mete gavias nos segundos!
Olha a barca!... bom andar.
Cuidado nas arribadas;
Põe claro para virar!

Lesto a virar! Leme contro!
Larga as escotas por mão!
Aquartella a bujarrona!
Olha a escota do artimão...
Quem prendeu aquella escóta
Em cima do corrimão?...
Tres horas sobre o galope,
Quinze dias no porão.

Uma vella a sotavento!
Vai na bordada do mar...
Chega aos braços de bombordo!
Timoneiro, deixa orçar.
Quem se atreve n'estes mares
Que são meus, a navegar?
Larga tudo e dá-lhe caça,
Vamos a preza tomar.

Oh! do galope do mastro,
Se gostas de combater,
Acabou-se o teu castigo;
Tens licença de descer.
Não ficarás sem a parte,
Que te deve pertencer;
Se no combate mostrares,
Que o perdão sabes mer'cer.

Iça bandeira Argelina,
Vamos começar a acção;
Tira fóra as escotilhas
Que já temos o mar chão;
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão;
Pela melhor pontaria,
Darei o maior quinhão.

Vai tomar-lhe barlavento,
Aprompta para abordar;
Faz-lhe um tiro ao lume d'agua;
É tempo de o acordar.
Ferio-o nas obras mortas;
Arriou sem pelejar!
Vinte homens para a lancha!
Vão meus tributos buscar.

Se o navio fôr velleiro,
Dal-o-hei a meu irmão;
Se traz formosas captivas,
Que ninguem lhe ponha mão!
Para vós são os thezouros.
As mulheres minhas são.
Quem se atrever a tocar-lhe,
Ficará sem coração!

Cruza gavias! d'estas agoas
Quem dirá que não sou rei?
D'esses monarchas da terra
Não invejo a immensa grei.
São escravos do seu povo,
Aqui só eu dou a lei!
A minha c'roa é de nuvens,
E a ninguem a cederei.

Povoa de Varzim 1846.

F. G. de Amorim.

FASTOS AÇORIANOS.

(Continuação.)

Os *janareiros* illetrados arrogam-se no canto e improviso toda a ousadia e liberdade. O de mais fino gargantear entôa só cada dous versos da copla, ou o que quer que é que elle phantasia: depois repete-os a chusma em côro d'altos berreiros! Não assim porém alguns moços e estudantes que d'antemão concertam suas solfas, e na escolha do instrumental affectam mais pretenções. Uma de suas letras, que á mão nos veiu, aqui a archivamos sem alteração de ponto ou de virgula. Eil-a:

Boas festas e bons annos
Hoje vos vimos trazer;
Esp'râmos a recompensa,
Vede o que deveis fazer.

Gallinhas e fartes
Tudo levaremos,
Que somos de longe
Nada d'isso temos.

Senhores honrados
Mandae-nos abrir,
Que somos de longe
Queremo-nos ir.

Depois dos cantares, os brindes de quem recebeu tão grande honra. E assim cresce o bojo do alforge, té que amanhã desponta, e o dia d'anno-bom se as-

soalha. Os *janeireiros* parece que os dotou Deus com a natureza de toupeiras; aos primeiros raios da luz solar desapparecem.

O cantar dos *reis*, e das *sebastianas*, nas noites que precedem os dias seis e vinte de janeiro, são folguedos analogos. Se as cantigas variam, musicas e scenario permanecem os mesmos.

Muitas vezes n'esta especie de peditorio tem os ranchos de cantores por fim auxiliar algumas capellas e hermidas pobres.

Como é poetico esta singeleza dos costumes populares!

Oh quanto é mais feliz o villão tosco,
De rubicunda, prazenteira face,
Que em torno da lareira co'as saloias,
Canta ao som da viola, que reclama,
As simples tróvas das pagãs Janeiras:
Que o cangirão empina, a sertãs mexe,
Do saboroso lombo, que rechia!...

A sociedade açoriana mais illustre, lá quando o sol vae alto, ou já declina, veste galas, incommoda cavallos e cocheiros, e peja as carteiras de bilhetes de visita, para frios comprimentos d'etiquetas. O povo singelo e livre ás direitas, com nocturnos cantares satisfaz o costume remotissimo dos cumprimentos de bons-annos.

II.

CARNAVAL.

> A idéa, de que desde Roma até ás extremas do mundo christão, todos os povos estão á mesma hora n'uma especie de delirio de alegria, tem um não sei que tão delicioso para a imaginação, que ella mesma sem o sentir se traja de galas, e o prazer lhe parece invisivelmente chovido das nuvens sobre as almas, como o orvalho sobre hervagens seccas em madrugada de estio.
>
> MONITOR.

Todas as formas de ser, todos os caracteres da existencia social se transformam n'uma famosa epocha do anno, para darem margem ás alegrias, ás loucuras de convenção, que distinguem o carnaval. (1) Agora e sempre, nas novas como nas nações extinctas, na religião pura e renascida de Christo como na antiga lei ou no tumultuoso polytheismo, viveu constantemente risonha a tradição de festas, a um tempo religiosas e politicas, com que se depunham o peso e pezares da vida para se confundirem classes e condições; para mesclar a soberania com a escravidão por tal arte que ambas formassem um unico sentimento, uma só aspiração inda que ridicula, enganosa e passageira.

Dos usos e costumes dos antigos que de reliquias por ahi andam de mãos dadas com os caprichos do momento! Que de mundo velho se não reflecte no espelho em que o mundo de hoje ensaia seus tregeitos! Mas o peior é que ainda a antiguidade parece mais consequente do que nós, n'aquillo em que novos criticos lhe censuram extravagancias. N'aquella religião de tantos deuses, n'aquella tão celebre e recatada politica das antigas republicas, bebiam pagãos o brilho e resplendor de suas festas populares, preparadas pela mesma tyrannia e oppressão, para que a impaciencia não convidasse á rebellião os que gemiam. Dias de liberdade facticia e imperio vão, quasi tão raros como o oasis no deserto, que mezes de dores e privações descontariam depois com amarguras multiplicadas, adoçavam por um instante a sorte dos afflictos. As festas de Baccho, conhecidas no Egypto por mysterios de Isis, introduzidas na Grecia por Melampo, e trazidas á Toscana quasi dous seculos antes de Christo; eram as delicias, o lemitivo da escravidão grega e romana. Nem senhores nem escravos havia n'esses dias folgados, com que engodavam a obediencia dos servos, cujos logares os amos momentaneamente tomavam não poucas vezes, obedecendo-lhes e servindo-os.

Que variedade de festas não tinham elles, os antigos? Lêde Ovidio nos *Fastos*, e pasmareis. As Lupercaes em honra de Pan, divindade mythologica protectora dos rebanhos, com o sacrificio d'um cão, inimigo figadal do lobo; as Saturnaes em honra de Saturno, recordando a dourada igualdade dos homens, supprimidas em Roma na expulsão dos Tarquinios, e que o Senado reconduzia com a segnnda guerra punica; as Bacchanaes que endoudeciam a famosa Attica: foram as aguas em que mais propria ou impropriamente as nações posteriores se baptisaram. Gallia e Veneza herdaram-lhe delirios, a Turquia ainda os ostenta nos regosijos do seu Bairão.

A nova civilisação christã, nem porque assomou austera e melancholica, nem porque veio expurgar fanatismos, banir o sangue dos sacrificios, tolher abusos extravagantes e perseguições féras, intendeu que n'esta promettida transição de crenças e costumes, praticas demasiado patriarchaes ou indifferentes deviam parecer, logo. Soterrou-as sómente, adormeceu-as. Nem o esforço de muitos santos padres lhes tolheu renascerem depois? (1)

E as festas dos doudos, dos asnos, dos innocentes, das maravilhas, dos denegridos, e tantas ontras que a França defendia frenetica? (2) E o carnaval de Veneza, essa assombrosa festa de seis mezes para que a rainha dos mares, a princeza que se banha no Adriatico, convidava a Europa inteira?

Já tudo isso nasceu, viveu, sumiu-se! Desappareceu com o bucentauro, com o symbolico casamento do doge com o mar, com a inquisição politica do conselho dos dez! Desappareceu! mas, como diz Paul de Saint-Victor, é festa que a imaginação conserva como sonho de noute estia, como formoso conto de fadas, que dos labios da ama cae sobre a creança admirada, para depois lhe dourar e entretecer os sonhos!

Tantas vezes perseguido e restaurado (3), o carnaval vive apenas. Desbotou. Pouco mais do que as mascaras conserva da semente e apparato gentilico; mas ainda o sino do Capitolio, e as salvas de artilheria annunciam em Roma o começo triumphal d'essa exclusiva festa da rua do Corso, d'esses dez dias de vida desusada, em que todo o anno se pensa nos pobres bairros da cidade soberba.

Entretanto as festas populares do carnaval defi-

(1) Carnaval deriva talvez do latim ,caro, vale!'—adeus, carne!—porque no carnaval parece que se come carne por despedida. «Dans ce temp on mange beaucoup de viande, pour se dédommager de l'abstinence où l'on doit vivre ensuite» —diz Noel.

(1) Distinguiram-se no stygma Tertuliano, e S. Carlos Borromeu.

(2) Muitas d'estas dirigia, animava, e defendia o clero francez. Vid. Histoire de France depuis de l'établissement de la monarchie jusqu'au regne de Louis XIV, par l'abbé Velly, t. 3, p. 340 e segg. (ed. de 1756).

(3) Ainda a revolução franceza do seculo passado o desterrou, até que em 1805 Napoleão restituiu ao povo o direito de folgar com o 'boi gordo'.

nham por toda a parte. A multidão amava-as muito nos tempos menos livres, porque n'ellas via um arremedo do seu ideal, hoje parece apreciar menos vir ás praças publicas assoalhar uma hora d'alforria. Talvez venha a perder-se ainda o movimento festivo do carnaval. Já pouco nos resta d'elle: reuniões frouxas e brindes de familia nas quatro quintas feiras d'amigos e amigas, de compadres e comadres, anteriores ao domingo da quinquagessima: as filhós, os sonhos, as malassadas, que como trunfo obrigado se dão n'esses dias, e no domingo gordo até á terça feira d'entrudo. Até na mesma razão directa da apparente liberdade do povo se lhe tem convencionalmente diminuido a duração. Aquellas quintas feiras são uma compensação hebdomadaria de quatro semanas roubadas á loucura e preguiça do carnaval. É n'ellas que com alegrias recatadas e como em culto de Penates, se venera a amisade a o parentesco.

Se alguns santos de janeiro costumavam abrir portos ás liberdades do entrudo, nem já apparece quem as aproveite no solo insulano, e se antecipe aos tres ultimos dias de preceito, que apenas se revelam por alguma mascara nas ruas—pela agua da rara caldeirada, ou borrifos da borracha—pelo combate de projectis de cera, recheados d'agua e aroma (que os ovos não são lá d'usança)—pela metralha de grãos cereaes ou legumes— por alguma cara assaltada e farruscada—pelo fato empoado de farinha, e o corpo perseguido pelos maldictos papelinhos, faúlha, ou dólichos infaustos; Algnm mergulho nos tanques publicos, alguma laranjada (1) de garoto, que a turba applaude e excita, completam a festa. As ruas parecem desertas: só o andar compassado da policia, onde a ha, que vela sobre o excesso ou abuso dos regosijos, as desperta d'este morno silencio. Com passo vagaroso e surrateiro, mas com disposições folgazãs, assoma aqui e ali entre rumor confuso uma ou outra onda de povo. São as divisões, que discorrem á cata d'aventuras, e a provar coragem com amaveis competidoras, fortificadas nas trincheiras das janellas. O logar do combate nenhuma outra cousa annuncia de longe, senão a repetida bulha dos estallos fulminantes. É um desforço da parte mais fraca, (a dos homens?) que busca pelo terror conquistar a primazia!

Bailes, reuniões de mascaras no carnaval ainda são planta exotica nas ilhas. As companhias em que apparecem estes disfarces apontam-se com o dedo. O numero dos transvestidos não avulta. A intriga e a interessante *causerie* do mascara são desconhecidas, nem é facil creal-as em terras em que quasi todos se conhecem e reconhecem, e onde não ha bailes publicos que são para isso o melhor vehiculo.

D'est'arte vida de achacado é a que vive o entrudo açoriano. E é pena, quando o povo tem tão pouco com que distrahir-se! Assim não guerreeis com o pobre carnaval, a quem já basta a velhice carunchosa que o corroe: não o guerreeis, que o seu reinado é breve e insuspeito. Muita gente o tem condemnado á revelia, sem o conhecer. Bom purgatorio de quarenta dias de quaresma, e a cinza da quarta feira o aguardam para purifical-o, se porventura peccou no meio de suas alegrias! Deixae-o, que parece a realisação da idade de ouro; e o que tantos systemas e philosophias ainda não puderam fazer elle o faz, estabelecendo a igualdade entre os homens.

(1(As laranjadas do entrudo não são costume novo. Já os Filippes as vigiaram, e antes d'elles se legislou contra ellas, como facilmente se infere do provimento segninte:

«...Nos tempos antes do entrudo cada um dos Julgadores dos Bairros terá muito particular cuidado de correr o seu Bairro, evitando as laranjadas e brigas, que succedem, e executarão as provisões, que sobre estes casos são passadas.» Regimento para os Juizes do crime da cidade de Lisboa, dado em Madrid a 23 de dezembro 1608, § 43.

(Continúa.)

José de Torres.

ARCHEOLOGIA.

O cadaver de Nabucbodonosor rei de Ninive que reinou desde o anno de 647 até ao anno 667 antes de Jesu-Christo, e que, segundo se crê, morreu na defeza d'aquella capital, foi extrahido pelo coronel Rawlinson do tumulo onde jazia ha 2418 annos, momentos porém depois de extrahido desfez-se totalmente, reduzindo-se a pó. A mascara de ouro que se encontrou junto ao cadaver appresenta feições nobres, fronte alta e larga, e o perfil inteiramente grego.

As antiguidades assyrias que no seu transporte a bordo do *Eufrates* foram roubadas por uns piratas no lago de Bassora, foram felizmente recuperadas por um tal Messoud Bey, oriundo belga, e que na actualidade é tenente coronel de engenheiros ao serviço do grã-Senhor. Os dictos objectos devem achar-se já em caminho para França.

ARTES.

A terceira exposição photographica que teve logar em Londres, novamente demonstrou quão notaveis progressos ha tido este ramo artistico desde as anteriores exposições; chamando sobretudo a attenção dos observadores as photographias de Riglander, e de Lake Price: do primeiro os quadros da vida campestre; do segundo, as creanças na torre, o pagem, o monge, e outras. Entre os retratos figuram em primeiro logar, como de um subido merito, o de Sir Colin Campbell e do Principe Napoleão ambos de Fonton, e entre as passagens, e quadros architetonicos, uma vista de Jersey, por Amdele; Windsor-Castle, por Chalhush; a Alhambra de Granada, por Grace; e a cathedral de Rochester, por Prout.

Trata de organisar-se em Turim, uma grande exposição de industria, para o anno de 1858, na qual será admittida a seda de todas as nações do mundo.

AVISO.

Roga-se aos senhores subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou *por carta franca* dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



VISTA DE MORONI NA ILHA COMORE.

A maior das ilhas Comores, (1) que dá o nome a todo o grupo, tem igualmente o de Angazija, e a sua extensão é de doze leguas de comprimento por cinco a seis de largura: em tempo sereno descobrem-se as altas campinas a 160 kilometros de distancia. O terreno, de formação vulcanica, é coberto de lavas: duas elevadas montanhas, uma ao norte e outra ao sul, vem correndo até ao mar com declive suave, e as vertentes interiores reunindo-se quasi ao meio da ilha formam uma passagem que põe as duas extremidades em communicação. Vinte e cinco povoações maiores e menores, com edificios quasi todos de pedra, estão espalhadas pela costa maritima; e consta que para o interior ainda é mais povoada.

Na falta absoluta de agua corrente, os habitantes não tem outra para beber durante oito mezes do anno senão a dos cocos. Pode d'ahi inferir-se quaes seriam os seus padecimentos depois da tempestade de ventos que em janeiro de 1846 arrancou pela raiz ou fez estalar grandissimo numero de arvores seculares, incluindo enormes baobabs (figueira dos pagodes) e mais de metade dos coqueiros.

O gado de excellente casta, constitue toda a riqueza de Comore, que não tem industria, nem commercio, nem agricultura; e por isso não é de admirar que parte da população emigre annualmente para as ilhas visinhas. Os indigenas fabricam para estas viagens certas embarcações caracterisadas pela forma singular da proa; e até passam n'ellas á India, esperando todavia monções, porque esses barcos de construcção defeituosa a muitos respeitos só pódem navegar com vento em popa. (1)

Moroni, capital dos dominios do sultão. Achmet, é situada na costa do sudoeste da ilha. Aqui aportou em 6 de novembro de 1844 o navio *Prudence* commandado pelo official da marinha franceza, mr. Bosse, o qual diz em seu relatorio. «—No seguinte dia pelas onze horas, fomos a terra levando grande uniforme e acompanhados dos militares que traziamos a bordo para nos cercarmos de certo apparato: visitámos o sultão que nos recebeu muito bem offerecendo-nos o seu prestimo e promettendo-nos hospitalidade franca por todo o tempo que ali nos detivessemos, e em prova de amizade presenteou a tripulação com um boi magnifico. No outro dia veio jantar comnosco trazendo em sua companhia alguns dos chefes como lhe haviamos pedido. O nosso acolhimento correspondeu ao que d'elle recebemos; fizemos-lhe as honras militares com uma salva de sete tiros e houve exercicio de peça e espingarda na sua presença. Este homem, que á dotado de bom juizo, tendo viajado bastante e chegado de Meca havia pouco, mostrou-se admirado do que observou agora.

Todos os habitantes quizeram ver o nosso navio, que para elles era um espectaculo novo. Maravilhavam-se de tudo, testimunhavam grande alegria pelos insignificantes presentes que se lhe faziam, e não tardou que se dessem optimamente com a marinhagem.

É difficil conciliar estes factos com a asserção de

(1) As ilhas Comores ficam ao norte do Canal de Moçambique; quatro são as principaes, e contém vinte mil habitantes pouco mais ou menos; entre 11 gr. e 20 e 13 gr. e 5 de latitude sul, e 40 a 43 gr. de longitude leste.

(1) Vid. p. 120.

Horsburgh, repetida por muitos viajantes, de que os habitantes de Comore se mostram ferocissimos para com os estrangeiros, salvo supponđo-se que desde então abrandaram muito os seus costumes.

Deixando de parte os lados do poente e do sul de Comore, onde não podem atracar embarcações, seguiremos M M. Bosse e Passot na exploração de outros sitios do littoral em companhia de Achmet.

Distante tres ou quatro milhas de Moroni acha-se Iconi, cidade antiga, que foi a mais consideravel da ilha e de que apenas restam poucas casas e algumas ruinas: a sua destruição foi obra dos malgachos que em tempo das invasões escolhiam habitualmente aquelle logar para desembarque. Ali ha um manancial de agua doce, unico em toda essa costa dez leguas em redondo.

O sultão Fombavú, que possue uma porção grande do territorio maritimo ao norte de Moroni recusou receber os navegantes francezes, á sollicitação dos quaes rsspondeu que estava socegado em sua casa sem conhecer os brancos, nem d'elles queria ouvir fallar. Ha duas povoações principaes onde indistinctamente reside Hitsandra, e Tchonzini; uma estende-se pela beira mar, a outra ostenta a fórma de amphitheatro no reverso de um monte sendo cercada de brancas muralhas; ambas ficam perto da bahia chamada tambem Hitsandra, e são defendidas com pequenas torres ameiadas e muros bem construidos.

Mais além são os dominios de Babaíene, cuja residencia é Thoveni; grande numero das casas d'esta cidade despojadas dos tectos revelavam a passagem de uma raça de audazes malgachos, que atravessando o canal de Moçambique em canoas vinham saltar na costa e devastal-a; adestrados no manejo da espingarda tem vantagem mui superior contra adversarios, que não conhecem senão as armas brancas; e por isso os naturaes de Comore, de seu natural pouco valorosos, não confiavam, nem na sua força muscular fóra do commum, nem nas suas boas muralhas, e nos actos de invasão inimiga davam-se pressa em fugir largando tudo á discripção dos invasores.

A praia está salpicada de pequenas pyramides brancas que os habitantes consideram como talismans preservativos d'aquelles ataques; e todavia n'uma das incursões dos malgachos a mulher e a filha de Babaúna, amigo de Achmet, foram raptadas e reduzidas á escravidão em Madagascar, e para seu resgate acabava de offerecer este ultimo a somma necessaria.

Passado o territorio de Babaúna chega-se á sultania de um filho de Achmet. O solo á entrada assás uniforme gradualmente se vai mostrando bastante irregular, e desde a ponta de noroeste até á capital, Moutchamioli, é abrupto e erriçado de asperezas vulcanicas recamadas d'herva, ao passo que as gargantas ou desfiladeiros que as separam são cobertas de arvoredo. As ribas do mar, denegridas e em quasi toda a parte a pique, são formadas de residuos das lavas contra as quaes o mar quebra com violencia.

Os nossos viajantes foram recebidos em Montchamioli com muitas attenções e cordialidade por Achmet e seu filho; o primeiro teve a cortezia de offerecer uma casa que acabava de edificar e recolher-se n'uma choupana. Ainda que cheio de pedras calcinadas, como o de Moroni, é fertil este chão e dá nascimento a vigorosa vegetação. As bananeiras, limoeiros, e grande numero de outras arvores fructiferas com densa ramagem, mantem fresca sombra ainda mesmo no pino do meio dia. Semelham uma vasta quinta. Com pouco esforço de cultura produziria o torrão admiraveis safras, principalmente de café: porém os apathicos insulares contentam-se para sustento com algumas batatas, e os cocos e bananas, que a natureza lhe offerece em abundancia: tão parca alimentação não obsta a que alcancem estatura colossal e sejam dotados de força athletica.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

III

O preço do sangue.

As palavras trocadas entre o mancebo e o alcaide de Cham correram tão rapidas segundo o notamos, que Fr. Gil, escutando-as, nem tempo teve para se interpor. As mãos dos dous cavalleiros, enlaçados sellavam já o pacto, e ainda o monge, perplexo e ancioso, duvidavase era sonho, quanto acabára de ouvir.

Seguirão-se alguns instantes de silencio. O prior foi o primeiro, que o interrompeo; adiantandose a passos lentos, e pegando na mão de Reimão Viegas, disse-lhe comovido.

—«Todos serão julgados segundo as suas obras. O sangue pede sangue! Pela creação, que te dei pelo amor que me deves, compadece-te das lagrimas d'este velho, que te quer tanto, ou mais, do que se fosses filho. Não levantes sobre ti a espada de Deus; Confia na sua justiça. Os maus não rirão impunes muito tempo; acima d'elles e de nós está quem disse, que o sangue do innocente bradará eternamente aos pés do seu throno!»

Fallando assim a voz de Fr. Gil soffocava-se a cada momento, e o pranto deslisava-lhe em fio pelas faces e pelas barbas, longas, e já alvas.

O mancebo, sombrio e severo de aspecto contemplava-o sem abrir os labios; mas era facil ler-lhe na fronte annuviada, e nos olhos animados de sinistro fulgor, a resolução inabalavel de uma vontade decidida a não se deixar vencer.

Depois de curta pausa, arrancando a mão do aperto convulso, em que a estreitava o Prior, Portocarrero respondeu-lhe com o sorriso acerado de ironia:

—«Que importa que o sangue brade? Não dizem os sanctos Bispos, e os monges, que as suas orações lavam o maior culpado, abrindo-lhe as portas do paraizo? Se estes, que me feriram, forem ajoelhar-se aos pés de um prelado rico, levando as mãos carregadas de dadivas e promessas, cuidais, reverendo nono, que o despedirá perguntando-lhe, como o Senhor a Caim o que fizeste de teu irmão Abel? Ninguem é julgado segundo as suas obras, devoto prior! E senão vede?! Quantos mosteiros terião de largar senhorios e rendas—quantos Bispos terião de tirar a mitra para cubrir o corpo de burel grosseiro e a cabeça de cinzas ardentes? O mundo vai assim; deixai-o! Se a minha boa espada me não fizer prompta, justiça, acreditai que até ao dia do juizo estarei esperando!»

O alcaide, que durante este dialogo media o aposento de um lado para o outro, passeiando agitado, deteve-se, e aprovou com uma risada secca as ultimas phrases do cavalleiro. Fr. Gil, pelo contrario, ouvindo-as, sentio crescer a afflicção no peito, e voltou-se grave e quasi ameaçador para ambos, exclamando:

—«A suberba é a loucura dos que julgão, que o pó assoprado pode toldar os olhos d'aquelle, que vê tudo! Se na igreja ha alguem que erre, as suas culpas são nodoas proprias que o mancham, mas não cahem sobre a pureza do altar a que desce á voz do sacerdote a victima immaculada! O sangue paga-se com sangue; e quem a ferro mata, hade morrer a ferro. É a palavra de Christo. Duvidareis d'essa tambem? Para receber o peccador afflicto e desvairado, a igreja, mãe carinhosa estende sempre os braços com affecto...

—«Oh! atalhou o alcaide de Cham com um sorriso de escarneo, e quem o ignora? Não os tem ella bem longos e pezados, se não mentem as vozes dos solarengos e serviçaes? Que o digam os do burgo episcopal do Porto, serios como adro de cemiterio, pobres e mofinos como verdadeiros leprosos. Padre Fr. Gil não julgueis por vós os outros. O ouro abranda as penhas Negra que um rico tenha a alma, como o mouro, ou o judeu mais immundo, se fizer prazo a Sancta Cruz de alguma vinha deliciosa na visinhança do mosteiro, ou de cinco maravediz de além Douro á Albergaria de Poyares, se desbaratar todo o seu cabedal pelas Sés em anniversarios, tão seguro refugiolhe alcançarão os monges e conegos com suas preces no purgatorio, como se passasse a vida entre asperezas de penitencia na cella de um hermitão...»

O alcaide suspendeu-se aqui advertindo nas lagrimas, que manavam dos olhos do velho.

A maneira porque Reimão Viegos aplaudia as palavras de seu primo, acabou de traspassar o coração do monge, e imaginando que para sempre se apagara a fé pura e fervorosa, que lhe tinha arreigado no peito com tanto escrupulo, chorava com mortal angustia, como o propheta, sobre a ruina das suas esperanças, e sobre as trevas, em que se mergulhava um spirito, que promettia tanto poucos mezes antes.

Comtudo, posto que esmorecida e incerta, a luz moral ainda allumiava um recanto da alma, e observando a agonia e as lagrimas do homem, que amara quasi como pai, e que venerava pela singeleza da virtude, Portocarrero vacillou um instante, e logo depois soluçando, atirou-se aos braços do prior, dizendo-lhe:

—«Não choreis! Sou louco, mil vezes louco! Nem eu sei o que fallei!.. Em que vos offendi? Desculpai; são os desvarios da agonia, que me consome. Se visseis o que viram os meus olhos!... Voto á Virgem um frontal de brocado; prometto cubrirme de vaso e jejuar tres dias para que Deus se compadeça, e me perdoe!.. Padre, orai por mim! Esta cruz de amarguras é tão pezada e as dores d'este Calvario são tão agudas!...

—«Deus hade perdoar, como eu perdô-o, o escandalo que lhe déste, redarguio o monge enternecido, e pousando a mão sobre a cabeça do mancebo quasi ajoelhado aos seus pés.

«Ambos pediremos á Virgem, que desvie as tentações e os maus propositos, filhos da ira e da vingança... Asserena o teu espirito. É pezada a tua dor, bem sei; olha, porém, que no fim d'esse caminho de magoas e espinhos mora a consolação divina para enchugar as lagrimas do afflicto, cingindo-lhe a coroa da bemaventurança em premio da paciencia. Reimão Viegas, filho! O homem passa no mundo, como a ave nos ceus, sustentado nas azas da esperança entre o empyreo e o mar da perdição... Se os estimulos da fé, se as forças do coração o desampararem, a perda é certa... depois de uma vaga, enrola-se outra, e nunca mais acha porto aonde descanse!»

Portocarrero escutava-o immovel e commovido. Com a fronte inclinada, e os braços pendentes combatia comsigo mesmo, e na lucta occulta, ora sucumbia o pensamento mau, que o dominava, ora rompia, por momentos, e para logo se apagar, a luz celeste, a ideia do perdão e do esquecimento, que a voz do prior, quasi segundo pai, advogava com tanta eloquencia, amaciando com palavras meigas a viva chaga, que sentia arder.

Do seu lado o alcaide não estava menos abalado, mas procurava disfarçar-se, e mais senhor das suas paixões obrigava o rosto a desmentir o peito.

Decorridos dous on tres minutos, durante os quaes nenhum dos tres se atreveo a revelar o que lhe dizia o coração alvoroçado, Reimão Viegas, por um gesto impetuoso alçou a cabeça, e com a vista chamejante, e o punho cerrado, exclamou em resposta a Fr. Gil:

—«Dizeis-me que espere, devoto prior? Que remedio tem o tempo contra dores fundas e eternas, que em uma hora envelhecem o corpo e o espirito, como se vivessem seculos? O tempo, para estas penas, é o que seria a voz do louco, que dissesse agora áquellas nuvens que veem correndo: para!.. Que gritasse ao trovão, cala-te, e ao raio, que além fuzila, some-te, e não desças!»

—«Meu Deus! atalhou o frade. Arreda essas imaginações tristes, e soccorre-te ao senhor, que elle ha de ter-te da sua mão, esforçando-te para não ficares vencido. O mundo chama covarde ao cavalleiro, que em um recontro, deixa caír a espada, e volta as costas: traidor, cem vezes traidor, é quem renega a sua fé por um punhado de ouro; mas aos olhos do Eterno mais covarde e traidor ainda seria aquelle, que sabendo-o, vendesse até a esperança da sua parte no paraiso por um dia de sangue e de vindicta... Para esse, juro-te, que não pode haver perdão no ceu!,. Animo, filho! Abraça-te com a cruz do salvador, que te remio, eleva o teu espirito para elle, offerece-lhe o martyrio, que padeces, e orando e esquecendo, encontrarás a paz, que debalde pedes, e que a mentira e o crime nunca te darão!»

—«Orar, eu, reverendo nono! acudio o mancebo com exaltação. Para rezar é preciso perdoar e esquecer, vos o dissestes, e a memoria do que fui, e a lembrança do que me tornaram, cada vez me queima com mais ardor aqui!»

E fallando assim apertava com ancia a cabeça entre os punhos. Depois acrescentou em tom sumido, como se respondesse a si proprio. «E como queima! Trago-a sempre comigo a escaldar-me o cerebro, e a perder-me a alma».

—«Mancebo, observou o prior, detendo-o pelo braço, e cravando nos d'elle os seus olhos humidos de affecto e de piedade, Jesus Christo do alto da cruz deunos o exemplo, perdoando aos seus algoses. Estás ainda na flor da idade e não avalias o tormento que será ver diante dos teus passos o remorso erguido, tomando a figura das tuas victimas, e ouvir no meio da noute a sua voz, negando-te o socego e o perdão, como tu o negaste aos outros. Reimão Viegas esquece, e entrega a Deus a tua justiça».

—«Não posso! bradou Portocarrero medindo o aposento a passos largos, e levantando a mão com furia. Não! Entre mim e elles está a deshonra e o aviltamento d'uma linhagem inteira de cavalleiros, está o corpo do velho, que foi meu pae, e que pelas dez boccas das suas feridas clama, que ainda espera

por quem o hade vingar! Sangue por sangue! Affronta por affronta! Não os busquei, não os feri primeiro; vieram, queixem-se de si!»

Nos olhos do mancebo borbulhavam as lagrimas, mas o fogo da ira secava-as antes de se desenrolarem pelas faces.

O alcaide, palido e suspenso com a revelação de Portocarrero, apertava o punho da sua adaga, e com a vista fitta, e os dentes cerrados, parecia aguardar só o nome dos assasinos para despedir o golpe.

Fr. Gil, convulso e abatido ajoelhou, e tremulo e consternado como quem conhece que a vida, ou a morte pende apenas d'um aceno, recolheu-se em uma dolorosa meditação. A testa do velho quasi que varria as lageas do pavimento, e a sua afflicção era tão vehemente, que as palavras afogavam-se-lhe em soluços sem as poder articular.

No meio d'esta scena, a tempestade amiudára os bramidos, e o clarão dos relampagos, frequente e proximo, entrando pelas frestas pontiagudas vinha illuminar de fulgor sanguento este drama, em que as paixões humanas não se desenfreavam menos impetuosas, nem rebentavam com menor estrondo.

Passado algum tempo, empregado em invocar o auxilio de Deus, o prior ergueu-se, e abraçando o seu discipulo disse-lhe com ternura:

—«A teu pae, D. Reimão, devi quanto um amigo pode dever a outro; a ti amo-te... amei-te como filho. Pelo ceu, que nos vê, por aquelle que repousa em jazigo ensanguentado, e por tua irmã que é...»

—«Minha irmã? clamou Portocarrero em grande brado, perguntai por ella aos que a virão pedir a vida em vão, e não a salvaram! Ide ao claustro de algum mosteiro proximo do meu solar, que lá achareis talvez ainda muitos dos villões e traidores, que a mataram, ou que foram causa de ella morrer. Ide, e se o somno da ebriedade, que dormem envoltos nos coromens de arraz das mulheres perdidas os deixar fallar, elles vos contarão o nobre feito... Ouvi-os, discantando ao som das violas, e no meio das trovas dos jograes, e voltai depois para dizerdes ao filho que esqueça o sangue do pae, ao irmão que perdoe a morte da irmã.»

—«Senhor Deus tende compaixão de mim! «murmurou o monge, curvando a fronte como fulminado e erguendo as mãos.

—«Por sanctiago Apostolo!» gritou, ou antes rugio a voz do alcaide D. Ruy Viegas, batendo com o punho fechado sobre o parapeito da janella.

Estas duas exclamações, que se uniram quasi, proferidas como foram ao mesmo tempo, diziam tudo. No prior era o gemido da ultima esperança, que fugia. No cavalleiro era o brado mortal e fero da vingança represada, vendo diante o alvo do seu odio.

Depois ambos, silenciosos e pasmados, interrogaram o mancebo com os olhos, porque não o ousavam com as palavras, esperando anciosamente as confidencias, que elle se mostrava disposto a não retrahir mais.

Então, com a insensibilidade contrafeita e apparente, que nos caracteres viris encobre de ordinario o tomulto interior do peito, Portocarrero contou-lhes como depois de morto o pae á traição, e no seu proprio sollar, aquelles homens sem entranhas para infamarem a nobresa d'uma familia sem mancha, seguiram a filha por valles e serras, com alões destrelados, como se caçassem uma fera ao som de trompa. O seu fim era forçal-a a esposar um villão de herdade, depois de deshonrada; dous dias vagueou a triste orphã, por brenhas e selvas, perdida e louca, ferindo-se nos espinhos do matto, rasgando-se nas pontas das rochas, e tremendo de frio e fome. No terceiro, quando rompia a aurora, uns trabalhadores, que andavam perto, viram surgir no pincaro d'um rochedo pendido sobre o Douro, e por entre as nevoas, uma forma incerta, e chegando-se, conheceram que era uma donzella, que lhes estendia os braços, e que no meio do seu riso de demencia, olhava para a corrente, que por baixo, rapida e entalada no seu leito de rochas, se atropellava com estrepito.

Depois em um instante, viram aquelle corpo enovellar-se, dobar pelos ares, resaltar batendo nas pontas dos penhascos, e por fim afundar-se nas aguas do rio.

Acudiram, era tarde. A filha dos Portocarreros tinha cessado de padecer: e a morte, passando por ella, não lhe alterara, nem a bellesa innocente, nem o brando sorriso de candura, que em vida fora o seu realce.

Estava como se dormisse, cançada de tanto penar, com a face reclinada no seio materno, debaixo do tecto hospitaleiro dos seus paços.

Ouvindo esta cruesa, horrenda e nova, o monge, para o qual o esplendor e as delicias da terra se reduziam apenas a uma lembrança remota, e que dos outros homens só conhecia os desgraçados para lhes suavisar o infortunio, as oppressos e dasvalidos para lhes deitar no regaço o obolo do pobre, o monge que pouco antes apontava severo e firme para a justiça de Deus, condemnando a vingança da ira, sentio no coração um golpe e um estremecimento.

É que elle mesmo, sacerdote, e ministro de paz, em presença de tal crueldade percebeu, que se ainda apertasse uma espada, não a meteria na bainha sem tirar o desagravo, vivendo no seculo, e respondendo deante d'elle pelo nome e pelo sangue da sua raça.

D. Ruy Viegas, á medida que Portocarrero proseguia na sua narração, ia-se tornando branco de jaspe; e quando o mancebo findou, com os olhos enchutos, e o peito soffocado, o alcaide sem pronunciar uma palavra, estreitou-lhe outra vez a mão, e assim confirmou silenciosamente o pacto ajustado antes.

Portocarrero, com o mesmo sorriso livido, que traduzia no seus labios a dor e a desesperação, cruzando os braços, encarou-o mudo, tambem, por alguns momentos; depois, dirigindo-se a fr. Gil e ajoelhando, disse-lhe comovido, e em voz triste:

—«Meu pae porque já não tenho outro! — recusareis a vossa benção ao filho e ao irmão, que se levanta do sepulchro d'um velho, e d'um anjo para ir á côrte pedir contas do crime, ou fazer justiça por suas mãos se lh'a negarem?»

O monge não disse nada, mas a sua mão tremula e aberta pousou-se lentamente na cabeça do cavalleiro, e este levantando-se, não divisou nos olhos do prior nem ira, nem censura; o que vio foram só lagrimas de compaixão.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.

ENSAIO SOBRE O VALOR REPRESENTATIVO DOS METAES PRECIOSOS NO MEIADO DO SECULO XIII.

Formariamos uma idéa assás exacta do valor representativo dos metaes preciosos reduzidos a moeda em diversas epochas da monarchia, se comparassemos os preços de certos generos nessas epochas com os que hoje têem os mesmos generos. O resultado porem não

poderia considerar-se infalivel: para que o fosse seria necessario estudar a questão em todas as suas phases, examinando as differentes circumstancias que se davam em relação a esses generos; estudo sobremodo interessante e que não deixaria de ligar-se a outras considerações de grande momento, mas que não pretendemos emprehender, convencidos como estamos do pouco cabedal que para elle possuimos.

Procuraremos no entretanto fazer sentir qual a differença entre os preços actuaes de alguns artigos mais conhecidos e necessarios aos usos da vida ordinaria, e os que elles tinham no meiado do seculo XIII, para d'ahi deduzirmos o valor approximativo do dinheiro.

Temos felizmente um documento authentico que nos subministra as informações desejadas. É a lei de Affonso III de 26 de dezembro (7 kal. jan.) de 1253 (1), na qual se regula o preço porque deviam ser pagos, na provincia de Entre Douro e Minho, os generos e mercadorias na mesma designados, conhecendo-se ser esse preço o *maximum*, por se estipular, quasi a cada passo, que o artigo a que elle se refere seria da melhor qualidade. Posto que esta lei só diga respeito ao mercado do Minho, é de crer que os das outras provincias do reino não se achassem em circumstancias mui diversas. O que deu causa á sua publicação, foi o augmento de preço produzido pelo receio de que D. Affonso pretendia *quebrar moeda*, isto é, depreciá-la em beneficio do fisco (2). Este documento é preciosissimo pelas muitas noticias que encerra, não só em relação aos preços do mercado, mas por que pelo estudo do mesmo se póde vir a conhecer o estado da industria e commercio n'aquella epocha; o gosto, as modas que então prevaleciam, e muitas outras circumstancias importantes (3).

Como a moeda n'aquelle remoto periodo era muito differente da que nos é hoje familiar, releva em primeiro logar determinar o seu valor intrinseco, mostrando qual era o correspondente a cada uma das diversas moedas, mencionadas n'esta lei, se corressem actualmente. Seria facil calcula-lo com toda a exacção se soubessemos o toque que tinha então a prata cunhada; mas é o que ignorâmos. O unico recurso que nos resta, portanto, é suppormos que o marco de prata tivesse o mesmo toque de 11 dinheiros que hoje tem; o que aliás é muito provavel, por isso que a depreciação da moeda só teve logar muito tempo depois da epocha a que nos estamos referindo. Isto posto, o processo é facil, porque a lei de 1253 nos diz que o marco de prata *valia 12 libras do dinheiro de Portugal*. Ora, como o marco de prata cunhado em moeda vale hoje, segundo a lei de 29 de julho de 1854, 9$120 réis, se dividirmos esta somma pelas doze libras, teremos em resultado que a libra valeria actualmente 760 réis. Sabemos que a *libra* era de 20 soldos, e o *soldo* de 12 dinheiros; logo o *soldo* valeria hoje 38 réis, e o *dinheiro* 3 e um sesto de real.

O mesmo documento nos assegura que o *maravedi alfonsim* era igual a 30 soldos (1$140 réis), o *maravedi velho* a 27 soldos (1$026 réis), e o *maravedi novo* a 22 soldos (836 réis); estas tres moedas eram de ouro, e a libra de prata.

Assim, o valor d'estas diversas moedas, se hoje tivessem curso legal, seria o seguinte:

Maravedi alfonsim	1$140	réis
« velho	1$026	»
« novo	836	»
Libra	760	»
Soldo	38	»
Dinheiro	$3\frac{1}{6}$	»

Vejâmos agora como, no anno de 1253, se avaliavam os generos, os animaes domesticos etc. Pareceu-nos inutil fazer menção, n'esta resenha, da moeda original, reduzimo-la portanto ao seu valor em réis actuaes, segundo o calculo acima.

Tabella n.º 1

	Preço em 1253	Preço medio actual	De quantos por cento é o augmento
Um boi vivo	3$078 Réis	43$200 Réis	1300 por cento
Uma Vacca de leite (4)	2$052 »	38$400 »	1700 » »
Um porco de 3 annos	1$026 »	16$800 » (5)	1500 » »
Um carneiro	$256 » (6)	3$000 »	1070 » »
Uma cabra	$256 »	4$000 » (7)	1460 » »
Um macho ou mula (8)	45$600 »	100$000 »	220 » »
Um cavallo fino (9)	38$000 »	150$000 »	300 » »
Uma egua	11$400 »	120$000 »	950 » »
Um jumento	5$700 »	24$000 »	320 » »
Uma jumenta	2$850 »	19$200 »	600 » »
Um capão	57 »	500 »	800 » »
Uma gallinha	38 » (10)	320 »	740 » »
Um frango	18 » (11)	160 »	740 » »
Uma perdiz	15 »	120 »	700 » »
Um pombo	9 »	100 »	1000 » »
Um coelho (cunilio)	12 »	100 »	730 » »
Uma lebre	19 »	150 »	700 » »
Dous ovos	$3\frac{1}{6}$ »	20 »	530 » »
Carne de vacca, por arratel (12)	$6\frac{1}{3}$ »	70 »	1000 » »
« « porco » »	$12\frac{2}{3}$ »	100 »	700 » »
« « carneiro » »	$12\frac{2}{3}$ » (13)	50 »	300 » »
« « porca » »	$9\frac{1}{2}$ »	100 »	950 » »
« « ovelha » »	$9\frac{1}{2}$ » (14)	50 »	420 » »

Tabella n.º 2.

	Preço em 1253	Preço medio actual	De quantos por cento é o augmento
Um quintal de queijo...................	1$140 Réis	17$920 Réis ($140 por arratel)	1470 por cento
Um alqueire de mel....................	342 »	3$840 Réis	1020 » »
Uma arroba de unto....................	608 »	4$500 »	640 » »
Dita de amendoas..............	1$140 »	6$000 »	430 » »
Um alqueire de azeite.................	285 »	1$200 » (2$400 o almude)	320 » »
Uma pelle de boi ou de vacca............	1$026 »	6$000 Réis	480 » »
Oito arrateis (petra) de lã...............	190 »	870 » (3$480 por arroba)	350 » »
Um quintal de cobre..................	9$120 »	39$680 Réis	330 » »
Dito de estanho.......................	9$120 »	37$120 »	300 » »
Dito de chumbo.......................	1$900 »	6$400 »	230 » »
64 alqueires de sal (15)................	1$140 »	3$625 » (3$400 o moio)	220 » »
Um quintal de pez....................	1$140 »	3$600 Réis	210 » »
Dito de alcatrão......................	1$900 »	3$600 »	100 » »

É muito para notar a grande desigualdade que houve na apreciação dos generos que mencionamos, comparativamente com a que ora lhes é dada, subindo a nossa estimativa em alguns artigos a 1700 por cento, e em outros apenas a cento por cento. É de primeira intuição que se o nosso calculo fosse baseado sobre todos esses artigos nunca seria possivel chegar a um resultado satisfatorio; porque muitos d'elles, quer seja pelo atrazamento da industria, quer por outras causas especiaes, deviam ter então um valor que a sua vulgarisação lhes tem feito perder hoje.

Com effeito a nossa resenha é sufficiente (e pode-la-hiamos ter augmentado) para fazer sentir que quasi todas as producções da industria, nos seus diversos ramos, eram caras relativamente ao valor do gado. Ainda mais, certas mercadorias, com quanto não fossem resultado da industria haviam de ser caras por circumstancias particulares, como, por exemplo, a lã, que é, por assim dizer, uma producção espontanea. De feito, é bem sabido que a lã era a materia de que os antigos principalmente se vestiam, pois que, além dos usos a que ainda é destinada servia mais para d'ella se fazerem fazendas que hoje se fabricam de algodão, sendo este ainda desconhecido, e a seda pouco usada pela sua carestia (16). O linho estava em uso (17), é verdade, mas muito menos do que a lã (18). Tendo-se generalisado n'estes ultimos tempos, a um ponto extraordinario, o uso de fazendas de algodão, linho, e seda, depreciando assim pela competencia o valor da lã, é evidente que esta devia ser *proporcionalmente* muito mais cara do que o é agora.

Os metaes, como o chumbo, estanho, cobre, deviam tambem ser caros *relativamente*, por isso que vinham em grande parte de fóra; e ninguem ignora os perigos e as difficuldades que n'aquelles seculos pesavam sobre os transportes, tanto por mar como por terra. Além do atrazamento da navegação, o roubo era a bem dizer sanccionado; os corsarios eram protegidos pelos seus respectivos soberanos, senão ostensivamente, pelo menos de facto; na terra firme, sem contar a falta de caminhos, os senhores feudaes, quando não commettiam extorsões, exigiam direitos de portagem, que encareciam o valor das mercadorias; além de muitas outras causas onerosas para o commercio (19).

Attentos estes motivos, taes artigos não podem servir de base para se calcular o preço do dinheiro n'aquella epocha; somos, porém, de parecer que o termo medio do preço do gado e outros animaes domesticos não deixará de formar uma base assás segura para o fim dezejado.

O auctor das Memorias Politicas (20) julga comtudo que do preço do trigo é que unicamente se podem tirar conclusões exactas ácerca do valor representativo do dinheiro nas differentes epochas da monarchia. Concordâmos em que, tomando-se o preço de um *unico* genero como base para esse calculo, os cereaes (21) estariam mais no caso de a ministrar, do que outro qualquer; julgâmos todavia que será sempre necessario considera-los conjuntamente com os demais generos do mercado. Mas, admittindo mesmo os cereaes como base unica, é indispensavel servir-mo-nos dos preços correntes em annos de colheita ordinaria; pois se forem respectivos a annos de abundancia extraordinaria ou de escacez, o resultado deve ser vicioso. Eis justamente a grande difficuldade, sobre tudo para os seculos mais remotos, em relação aos quaes faltam noticias a esse respeito, quando seria necessario, para descobrir o preço normal, tomar a media de uma serie de annos consecutivos (22). Ora, não encontrâmos indicações algumas ácerca do preço dos cereaes no XIII seculo; apenas achâmos uma ou duas, que se referem ao seculo seguinte, porém muito escaças e incertas (23); adiante nos occuparemos d'ellas. Em todo o caso o resultado que se obtiver do calculo feito sobre o termo medio dos preços do gado e outros animaes domesticos não deve estar longe da verdade.

Tomando pois o termo medio da percentagem relativa ao augmento dos diversos artigos designados na tabella que apresentâmos sob n.º 1, se conhece que, no meiado do seculo XIII, o dinheiro, comparado com o preço do gado etc, tinha $12\frac{3}{5}$ vezes o valor que hoje tem, isto é, tinha $11\frac{3}{5}$ vezes *mais* valor, ou valia 1160 por cento *mais* do que actualmente. Mais claro: supponde que tudo estivesse em cir-

cumstancias identicas, seria preciso dar hoje 12$600 réis pelo que então custava 1$000 réis.

Como já dissemos, nenhuma noticia achámos sobre o preço dos cereaes na epocha de que nos occupâmos. Alcançámos comtudo algumas informações, pouco satisfatorias é verdade, do seu preço no seculo XIV,

Por um documento do bispo de Lamego do anno de 1334 (24) se vê que a teiga de pão custava ás vezes mais de meio maravedi (285 réis) (25), outras vezes valia meio maravedi, e havia occasiões em que custava só um quarto (*meyos do dito meyo maravedi*) ou $145\frac{1}{2}$ réis da moeda actual. A teiga de Lamego era igual a 4 alqueires (26), portanto cada alqueire vinha a custar réis $71\frac{1}{4}$ a $35\frac{5}{8}$. Queixa-se o bispo da carestia do grão n'aquelle tempo, dizendo: «*consirando outro si os annos como som minguados,*» o que mostra que estes preços não eram os dos annos normaes, pelo menos os mais elevados que elle menciona. Outra circumstancia é, que não indica qual a especie de grão de que tratava, servindo-se do termo geral *pam;* póde ser comtudo que se referisse a centeio pelo que se diz um pouco adiante no mesmo documento. Ora, supponđo que se tractava de centeio, custando este, em 1334, ou em anno de colheita ordinaria, $35\frac{5}{8}$ réis o alqueire, e sendo hoje o preço normal de 350 réis o alqueire, pouco mais ou menos, resulta que o augmento é de 880 por cento.

Mas se se referia ao trigo o augmento seria de 1300 por cento, calculando-se o preço actual normal a 500 réis o alqueire. Quer dizer, que, na primeira hypothese o dinheiro teria sido n'aquelle tempo $8\frac{4}{5}$ ou quasi 9 vezes mais caro; e na ultima, 13 vezes mais do que hoje.

Outro documento do anno de 1389, que é á escriptura feita pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira com os mestres e officiaes que trabalhavam no convento do Carmo (27), nos mostra que o alqueire de trigo se vendia n'aquella epocha a 5 réis. Como o marco de prata em moeda valia então 1$000 réis e hoje 9$120 réis, estes 5 réis equivaliam a réis $45\frac{3}{5}$ da nossa moeda actual (28). De maneira que o preço do trigo teria augmentado 990 por cento. Quer dizer, que o dinheiro teria tido $9\frac{9}{10}$ ou quasi 10 vezes mais valor do que actualmente (29).

Eis o que encontrámos a respeito do preço dos cereaes. Mas, além de pertencer a um periodo posterior ao de que tratâmos (o que talvez não fosse de grande consequencia em tempos de tão poucos progressos), ter-se-ha notado que estas noticias são dificientes a muitos respeitos, e que nenhuma conclusão solida se póde conscienciosamente fundamentar sobre ellas.

Desejariamos saber os preços dos terrenos n'aquella epocha, o que não deixaria de ter alguma importancia; mas não colhemos noticias a este respeito. É verdade que existem cartas de venda em que se declaram as quantias pagas por certas herdades, casaes, predios etc. (30); mais ignorando-se a sua extensão e outras circumstancias torna-se impossivel fazer a comparação com os preços actuaes.

Por outro lado, sabemos que o lavrador ordinario do campo (*mancipius de lavoira*) ganhava 2$280 réis por anno, além de 20 alqueires de alguma das especies de cereaes (*pane*), e para o seu vestuario 12 covados de *burel*, 6 varas de *bragal* e dous pares de sapatos. Ora, sendo o custo total d'estas fazendas 900 réis (31), vinha a ser o mesmo que se elle recebesse ao todo 3$180 réis por anno e 20 alqueires de pão. Não é facil comparar a situação d'esta gente com a dos nossos homens de lavoura. Parece comtudo indubitavel que 20 alqueires de trigo ou de milho, ou o que quer que fosse, não bastariam para o sustento de um individuo por espaço de doze mezes, e que elle seria obrigado a comprar mais mantimento para as suas precisões. Um trabalhador rural poderá ganhar hoje 200 réis por dia, e ao cabo de um anno (260 dias uteis) terá vencido 52$000 réis. Se deduzirmos d'esta somma 10$000 réis, custo de 20 alqueires de trigo (a 500 réis, preço em tempo ordinario), ficam 42$000 réis (32), d'onde se segue, confirmando-se assim o resultado que já obtivemos, que o dinheiro devia valer no meiado do seculo XIII pelo menos 12 vezes e um quinto ou 1220 por cento mais do que vale hoje, para que um camponez, com tão escaços meios, se achasse *materialmente* em circumstancias iguaes (attendendo comtudo ao atrazamento geral ha seis seculos) aos da sua classe na actualidade.

Inclinamo-nos a crer que com effeito o preço do dinheiro nos tempos de Affonso III, e provavelmente muito depois, fosse pelo menos 12 vezes maior do que o actual. Isto porém para se provar requeria um estudo mais serio, nem o assumpto se poderia tratar isoladamente, ligando-se, como de facto se liga, ao estado da sociedade, industria, agricultura e a outras considerações economicas d'aquelle seculo. No entretanto se o nosso raciocinio for exacto, já provámos que o dinheiro valia então pelo menos $11\frac{3}{5}$ vezes ou 1160 por cento *mais* do que hoje vale.

Admittindo portanto este valor, acharemos que se uma arroba de pimenta custava 11$400 réis era exatamente como se hoje custasse 143$640 réis (33)! Valendo, em 1253, uma arroba de lã 760 réis, era como se a mesma quantidade valesse hoje 9$576 (34).

NOTAS.

(1) Impressa nas Dissert. Chronol. e Crit. de J. P. Ribeiro T. 3 P. 2 p. 39 (doc. n. 21).

(2) Vid. Hist. de Portugal do sr. Alexandre Herculano T. 1 p. 42 e 43. 1.ª edição.

(3) Veja-se o partido que o sr. Herculano tirou d'este documento para o assumpto de que tratava. Ibid. p. 385 e 386.

(4) Uma vacca sem leite custava só 1$026 réis. No documento diz-se 'Et vaca pregnans vel parida'... 'Et alia vaca'... que interpretámos no sentido que nos pareceu o mais acertado. Póde ser comtudo que a differença affectasse o vitello recem-nascido ou por nascer.

(5) Calcula-se que o porco de 3 annos pese 6 arrobas a 2$800 por arroba.

(6) Este mesmo preço acha-se indicado na inquirição sobre a terra de Figueiredo, i. e. 4 carneiros por 1 maravedi (1$026 rs.). Vid. J. P. Ribeiro, Mem. para a hist. das Inquir, doc. n. 21 p. 41.

(7) As cabras valem agora geralmente mais do que os carneiros.

(8) O uso das bestas muares em logar de cavallos no serviço militar era muito geral n'aquelles tempos (Hist. de Portugal do sr. Herculano, T. 4, p.325 (nota). Este facto talvez explique a sua carestia relativa.

(9) Ou talvez cavallo de guerra, 'roncinus de bafordo. Um cavallo mais ordinario, 'roncinus qui non sit de bafordo,' custava 19$000 réis. Cavallos havia que eram mais baratos custando 10 morabitinos (10$260 ou 5$700 segundo se calcule o morab. a 27 ou 15 soldos) e menos ainda. (Vide a Hist. de Portugal do Sr. Herculano T. 4 pag. 421.) Os cavallos por força haviam de ser caros visto que era um distinctivo e uma exigencia para certa classe mesmo entre os plebeos; e a procura havia de ser grande. A maioria dos habitantes livres de certos concelhos, os que tinham foraes do typo de Salamanca, eram cavalleiros, achando-se os peões em minoria. Vide a obra citada.

(10) Na já citada inquirição sobre a terra de Figueiredo avalia-se uma gallinha pelo mesmo preço de um soldo ou 38 réis.

(11) Por um documento de D. Diniz de 1308 consta que os frangos estavam ao mesmo preço de 6 dinheiros ou 19 réis; de maneira que em 55 annos o valor não havia mudado. Vide Ribeiro, Dissert chronol. e Crit. T. V, p. 388.

(12) Esta noticia do preço das carnes não é tirada da lei de Af-

fonso III; mas sim de uma postura da camara de Vizeu de 1301; a differença em 51 annos, se a houvesse, não seria notavel segundo a nota precedente. Vid. Elucidario T. 1, p. 397, verb. 'Empicotar'.

(13) O motivo do alto preço da carne de carneiro, comparado com o valor do animal vivo, seria talvez por causa da lã, que era então a principal materia de que se fabricavam os artigos de vestuario.

(14) Vê-se que a carne de porca ou de ovelha era menos estimada do que a de porco ou de carneiro; prejuizo este que se não dá hoje. Havia multa e açoutes para quem vendesse porca ou ovelha como sendo porco ou carneiro. Vid. Elucidario l. cit.

(15) Consta de um documento do anno de 1340 Vid. Ribeiro Disert. Chronol. T. V, p 396.

(16) A seda, 'sirico de rroca,' valia 456 réis a onça, e outra especie, 'ssirico de aspa,' 342 réis. Seria em trama ou tecida? é o que não sabemos, por ignorarmos o sentido, n'este caso, dos termos de 'roca e aspa,' que talvez o designassem. Parece que durante o dominio dos mouros em Hespanha tinham estes fabricas de seda, que gozavam de grande fama, em Almeria e em Lisboa. Vid. Gibbon, Decline and. Fall. etc. cap. 53.

(17) O panno de linho custava 114 réis a vara; hoje vale só 200 por cento mais.

(18) Os antigos serviam-se tambem de pelles para se vestirem; em Portugal, porém, provavelmente em menor escala do que em outros paizes mais frios. A lei de 1253 faz menção de fato d'esta qualidade.

(19) A pimenta, por exemplo, que vinha da India, estava, no seculo XIII, a um preço exorbitante, valendo 11$400 réis por arroba, mais do triplo do preço actual.

(20) Joaquim José Rodrigues de Brito — Memorias Politicas. Vid. Tomo II, Mem. 4.ª

(21) O citado auctor limita-se a considerar o 'trigo' como a unica base, mas julgamos que os outros generos cereaes deveriam ser tambem contemplados, por isso que em algumas partes do paiz estes formavam a principal producção, quando em outras era o trigo que abundava.

(22) Rodrigues de Brito não refere o preço do trigo antes do reinado de D. Manuel.

(23) Não duvidamos que se se compulsarem documentos ainda ineditos se possam descobrir muitas noticias interessantes, que esclareçam este assumpto.

(24) Vid. Elucidario T. I, p. 308 verb. 'Convinhavilmente.'

(25) Não se especificando no documento que especie de maravedi era, é de suppor que fosse o de prata de 15 soldos (370 réis). Vid. 'Panorama' Serie 1.ª vol. 2, p. 190, col. 1 § 1.

(26) Vid. Elucidario T. II, p. 343 e 344 verb. 'Teiga.'

(27) Vid. Elucidario, T. I, p. 45 verb. 'Abondo.'

(28) Veja-se as Mem. Politicas de Rodrigues de Brito T. II, Mem. 5.ª p. 12. O marco de ouro valia então 13$000 ou 12$500 réis, e valendo hoje 129$120 réis, segue-se que estes 5 réis valeriam, da moeda actual 49 ou 51 réis e mais uma fracção. A differença para 45 réis e umafracção, não é grande; pareceu-nos porém que não deveriamos dar inteira fé aos referidos valores do ouro e prata sem melhores provas do que as que nos apresenta o auctor das Mem. Politicas. Faltando os dados necessarios, não podemos fazer o calculo pelo cobre.

(29) A proposito d'este documento veja-se uma correspondencia interessante que appareceu no 'Examinador' de 13, 17 e 19 de maio de 1837.

(30) Vid. Dissert. Chronol. e Crit. passim.

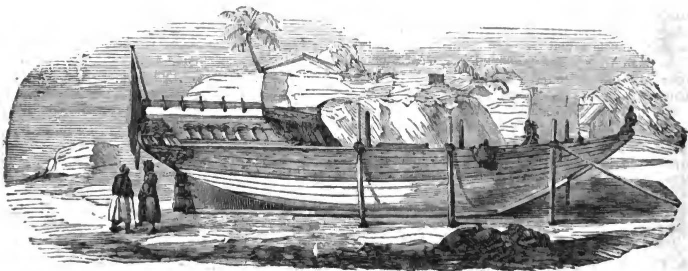
(31) O 'burel' valia 78 réis a vara e o 'bragal' 38 réis; o preço dos sapatos n'aquelle tempo regulava de 190 réis, os mais caros, a 57 réis, que eram os mais baratos, e provavelmente os que se davam ao camponez.

(32) É sabido que entre nós a retribuição que se dá aos trabalhadores ruraes é feita por diversos modos, segundo os costumes das differentes terras, e mesmo por contratos especiaes. Pode-se assentar comtudo, que, quando se não dá comida, o preço regular é de 200 a 240 réis por dia; e parece-nos que ninguem nos poderá taxar de exagerado nas cifras de que nos servimos tanto n'este como nos precedentes calculos que temos feito, mas muito pelo contrario, se se lembrar que os preços da lei de 1253 são todos para o 'maximum.'

(33) Vale actualmente a pimenta 3$520 réis por arroba.

(34) O valor medio da lã é agora 3$480 réis por arroba

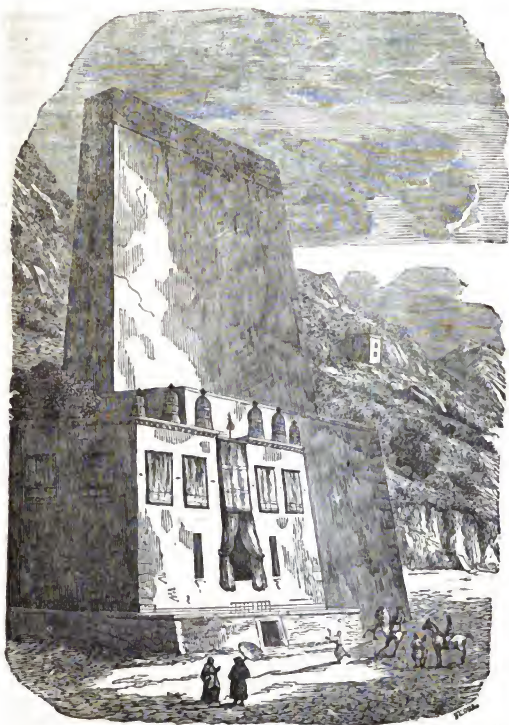
F. F. de la Figaniere.



EMBARCAÇÃO DAS ILHAS COMORES.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo. Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



TEMPLO DE KUGOPEA.

O Thibet forma a parte meridional dos grandes planos elevados da Asia central; é limitado ao norte pelo Turkestan china, ao nascente e ao sueste pela China, ao sul e ao poente pelo paiz dos birmans, o Boutan e o Indostão, separando-a deste ultimo a cordilheira do Indostáo.

A sua população consta de duas castas differentes; os verdadeiros indigenas chamados Bodh e os mogoes; os primeiros distinguem-se pela physionomia que nada se parece com a dos tartaros, porem muito com a dos judeus; estimam as mulheres e geralmente o marido só tem uma, posto que a polygamia lhe seja permittida; são de indole branda e affavel, e tolerantes em pontos de religião, de maneira que facilmente concedem o casamento de suas filhas com mahometanos; comem sem escrupulo algum as iguarias preparadas por pessoas que não sejam da sua crença, o que na India seria considerado pelos bramanes mancha e peccado imperdoavel.

A religião dominante assim no Thibet como em Boutan é o *lamaismo*, que em poucas cousas differe do *buddhismo* ou religião de Fó. Os templos magnificos assemelham se muito aos dos bonzos da China; outros porém ha de singular estructura. O que acima vai representado é o de Kugopéa, sito na extremidade do nordeste do vastissimo mosteiro de Teschulambû; como se vê, a sua apparencia é extraordinaria; n'elle se guardam os retratos de todos os so-

beranos lamas que tem reinado no paiz, e os paineis de todos os differentes assumptos da mythologia thibetana; é além d'isso consagrado a diversas cerimonias mysticas.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE,

1731 — 1779.

VI.

O que sobretudo deve admirar-se no engenho do Diniz é a rara facilidade com que moldava o estilo e a verseficação, sobresahindo em generos quasi oppostos, e quasi a um tempo colhendo os louros de Pindaro, e apanhando as rozas mimosas, que entranção a coroa do cantor de Teos.

Parece incrivel, que o mesmo poeta podesse transformar-se de repente, e que tentasse com igual mestria os bellos impetos da ode heroica, e logo depois, mavioso e terno, que soubesse pulsar com brandura a lyra, em que suspiram as canções suaves e os risos levianos da musa jovial de Anacreonte.

Estes poderes, que revelam aptidões poucas vezes reunidas em um só talento, constituem a verdadeira superioridade, com que Elpino dominava os outros arcades, talvez mais apurados e correctos no limitado campo, que escolheram, mas de certo muito menos fecundos e variados nas manifestações, em que provaram a vocação.

O Quita, e o Garção, embora o excedam, um nos primores da forma classica, e o outro nas gallas desafectadas do idyllio romano, apenas entram em competencia, teem de ceder diante da veia espontanea e do arrojo feliz, com que o estro do seu emulo, sem empalidecer de fadiga, percorre os diversos modos da poesia da epocha, realçando n'estes como o primeiro, hombreando n'aquelles com os melhores, e em bastantes occasiões offuscando-os, se os não iguala sempre.

Depois de abrir nova estrada, tão perigosa por entre os precipicios, que de toda a parte ameaçam o delirio pindarico, sigamos ainda o cantor em outro vôo, e paremos nas frescas e amenas descripções, que lhe inspirão os sentimentos meigos, e as saudades nem tristes, nem amargas, que em horas de amoravel melancolia enlevam a alma entre sorrisos, recordando-lhe as allegrias e illusões de hontem, e avivando-lhe as esperanças e os receios do dia, que vai passando.

Entremos n'esse vergel de flores que a sombra de Anacreonte teceo de grinaldas e festões!

Ahi nada faz lembrar os turbilhões acezos em que se desata a imagem opulenta, a ideia grandiosa, e a sublimidade heroica do himno thebano; pelo contrario, a cada passo, por entre as folhas viçosas de que se vestem os arbustos, as graças, córando, ora se escondem, ora apparecem, ligeiras, voluptuarias, e formosas.

A singelesa é o seu ornato, a naturalidade o seu encanto, e se os olhos deixam escapar uma lagrima, se o peito palpita com mais calor, demorando-nos um instante, veremos o riso bebel-a sem magoa, e o praser affogando a queixa.

Affirmar, porém, que a imitação de Anacreonte em Elpino sahio perfeita e completa, sería asseverar uma inexactidão.

Se ha forma, que se esquive, e se não deixe copiar pelo pincel mais pezado das linguas modernas, é de certo a graciosa e leviana musa do velho de Teos. A finura do desenho, a sombra transparente, e a cor melindrosa, emfim a infinita delicadeza de traços e de expressão, que é o mimo das odes do poeta grego, são tão arduas, ou antes são tão impossiveis de transportar para as litteraturas da renascença, como o enthusiasmo e o esplendor nos arrebatamentos de Pindaro.

Aproximar-se do modello, commetter a lucta, e voltar do torneio com applauso merecido, eis o mais, que podia tentar-se, e o que Elpino conseguio. Depois d'elle Bocage, Malhão, e Caldas, entre outros, disputaram com exito a victoria aos estranhos mais louvados; mas o exemplo existia, o trilho já era conhecido, e os maiores perigos estavam suparados. Antonio Diniz, n'este genero, mostra-se com tanta vantagem, que ha quem hesite em resolver qual das suas palmas deva preferir, se a pindarica, se a anacreontica.

Para nós a ultima é a primeira. Ignoramos se o juizo dos cultos confirmará a sentença, como desejariamos: mas não nos move o orgulho de apregoar uma novidade crítica, nem o capricho de enristar a lança em abono de um paradoxo.

O que dizemos, sentimol-o; nasceu do exame das duas formas, da ponderação das difficuldades vencidas em ambas, e da confrontação, quanto possivel, sincera e desapaixonada, da imitação com os modellos.

Talvez o Malhão se prenda mais ao cantor grego, e corra os dedos pelas cordas com mais desalinho, e ás vezes tambem com ingenuidade mais graciosa; mas falta-lhe quasi sempre o que ao Diniz não esquece senão por lapso, a galla natural do estylo, a suavidade espontanea dos toques, e o relevo da idéa e da imagem, completando-se uma á outra, e sumindo o artificio em um sorriso.

Nas quarenta e uma Anacreonticas de Elpino, que offerece a collecção publicada em 1812 sob os auspicios d'um douto Academico, ha tantas dignas de se apontarem com elogio, que se não contasse outros titulos bastaria este só para honrar a memoria do auctor do 'Hyssope'.

Não exageramos; e senão observe-se. N'estes assumptos as provas devem acompanhar as asserções.

Abra-se o volume ao acaso; a anacreontica XVIII é a primeira, que nos salta aos olhos, escutemos:

Essa linda borboleta
De cem côres esmaltada,
Que em mil giros inquieta
D'estas rosas namorada,
Ora as cerca, ora bafeja
Ora as pica, morde, ou beija.

He um vivo emblema claro
Do que sinto, amado emprego.
Sim, oh Clori, eu t'o declaro:
Borboleta sem socego
He meu terno coração;
Os teus labios rosas são.

Como a pintura da primeira estrophe, fresca e viva foge ligeira pela face do quadro para servir de fundo ao pensamento amoroso, que a inspira!

Como é graciosa a comparação dos sobresaltos e devaneios do affecto com o voo rapido e inquieto da borboleta, que na mesma hora pica, morde, e beija as rosas que namora!

Anacreonte mesmo, não engeitaria esta risonha e mimosa imagem.

Mas continuemos. Na palheta do poeta as côres varião como na sua phantasia os desenhos mudão a cada instante.

Ouçamol-o antes, descrevendo a brevidade da vida e as doçuras da serenidade em todas as condições.

É um reflexo da philosophia de Horacio no tecido fino e transparente da poesia de Teos.

Ves, Lisio amado, (1)
Como branqueija
C'o a neve o prado!
Ves como alveija
Do calvo monte
A crespa fronte!
Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio
E na floresta
As plantas cresta!
. . . .
À branda chama
Que em secos troncos
Arde e se inflama,
Do Noto os roncos
Escutaremos,
E beberemos.
. . . .
Voam os annos
E o tempo leve
Cobre de danos
A vida breve,
Que por fim sega
A morte cega.

Todos os paineis, que sem cancaço alterna, e renova, são acabados com o mesmo esmero.

É sempre a mesma graça, a mesma sobriedade attica, o mesmo gosto castigado e puro.

A lingua obedece-lhe, e o verso, docil e flexivel, dobra-se sem esforço para representar a idéa na sua bellesa concisa, e a forma ornada com a negligencia elegante, que é o segredo seductor da sua formosura nas poesias fugitivas.

Só Bocage, e ás vezes Belchior Curvo Semedo possuiram o dom rarissimo de se tornarem assim familiares com as musas, sujeitando-as, humanisando-as a ponto, que mais se julgáriam escravas, do que inspiradoras.

A doçura do metro rivalisa com a vivesa do colorido; e a jovialidade, apagando-se e renascendo, acha sempre uma sombra para se encubrir, ou um raio de luz temperada para se illuminar.

Na ode XXVI, Elpino em uma descripção matisada de metaphoras oportunas, enfeita de boninas e de rozas a bellesa, que adora, e estremecendo-a com o terno suspiro dos anciosos desejos, abraça-se ardendo em esperanças com a saudade, e parece encher de vida a propria ausencia:

Em seus cabellos
Negras violas
Tem o meu bem;
Nas mãos pequenas
Tem açucenas
E lyrios cem.

Flôres tão lindas
Abril não tem.

Em sua bocca
Vermelhos cravos
Abrir se vêm:
Purpureas rosas
Tem nas formosas
Faces tambem.

Flores tão lindas
Abril não tem

No niveu seio
Oh que flôres
Brotando vem!
Brancos jasmins
Mil mogarins
Lyrios tambem.

Tão lindas flôres
Vigião bem!

Flôres tão frescas
Oh quem colhêra!
Oh ceus! Oh quem?
Mas mil amores
Tão frescas flôres
Em guarda tem.

Quem as colhera!
Oh ceus! oh quem!

Como o cendal, que vela a furto a allusão da penultima estrophe é diaphano, e ao mesmo tempo, como, denunciando o calor da paixão, desvia a vista de qualquer nudesa!

Vê-se a chama romper do peito, vêem-se os olhos devorando mil occultos encantos entre as flôres simbolicas, sentem-se os labios frementes, e amorosos, recuarem e aproximarem-se promptos a deixarem escapar o lascivo beijo, a que os convidam! Assim é que a pintura poetica atrahe e satisfaz.

Se o veu fosse mais raro rastejava-se atraz do prazer grosseiro dos sentidos; se acaso se apertasse mais avaro, escondia-nos bellesas, que sem crime podemos admirar.

Para concluir, observemos agora o Diniz, medindo-se corpo a corpo com os exemplos do mestre.

Notemos como elle imita em paraphrase uma das canções do velho de Teos; e admittida a immensa distancia que separa a nossa da lingua grega, contemplemos a lucta com a imparcialidade de verdadeiros juizes.

À sombra suave
Que esta arvore lança,
Armia, te senta
E um pouco descança.

Como ella é formosa!
E o zephiro brando
Os ramos lhe move
Entre elles brincando.

O rio que cerca
Sua agua derrama
Com seu mormurinho,
Pastora, nos chama.

(1) Anacreontica XII.

As tenras hervinhas
Que em torno florecem
Oh que molle assento
Cheirosas nos tecem.
. . . .

Depois disto, quem estiver bem presente no texto de Anacreonte, e o confrontar com os versos de Elpino, de certo não contrariará os louvores que sem receio temos concedido n'este genero ao imitador de Pindaro.

L. A. Rebello da Silva.

NA EXTREMADURA.

A JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO.

III

(Continuado do n.º 14.)

A tarde ia em mais de meia quando aquelle suave silencio foi interrompido por um clamor que revelava profunda agonia. Vinha de terra. N'um pulo o coronel estava á proa, e Pedrosa corria a abraçar-se com a panella, porque o bico da bota do coronel a fizera oscillar. N'este momento o Janota approximava-se da foz do Almonda e a linha dos salgueiraes era interrompida por uma clareira. Um homem e um rapaz corriam para a margem. Quasi á borda d'agua atiraram-se de joelhos com as mãos erguidas. As suas palavras, soltas, baralhando-se, cortadas pelo chôro, não faziam sentido. Mas o olhar vago de ambos, os seus meneios desordenados exprimiam uma angustia profunda.

O Janota abicou em terra. O coronel fez todos os esforços para perceber a causa daquella agonia. Era empreza porém mais difficil do que domar os caprichos quasi mulheris do Tejo.

Manoel Consolado, em cujo rosto de bronze na cor, de bronze na immobilidade, nem uma unica ruga se contrahira ou se desligara, saltou então á proa, tocou levemente no braço do coronel, apontou pelo rio abaixo e murmurou: « Um barco encalhado! » Nunca Vossio, Casaubono, ou Turnebo tinham explicado com tanta clareza e em tão curta phrase um texto confuso de classico antigo, como o arraes traduzia a eloquencia da voz e do gesto dos dous naufragos; porque já se vê que eram dous naufragos aquellas duas imagens da desolação.

Eis nos descendo o rio de voga arrancada. Vendonos retroceder cosidos com a margem o homem e o rapaz começaram a correr na mesma direcção. Em pé á proa, o coronel inclinado para diante parecia devorar o espaço.

De quando em quando voltava o rosto e uma palavra rude e energica ia incitar o ardor dos remeiros; como um cavallo esporeado, o Janota parecia galopar por entre os frocos d'espuma: Não tardámos, a descortinar a scena que chamava por nós.

Era um desses mil accidentes a que está sujeita a navegação de um grande rio, cujo regimen ainda deve tão pouco á sciencia, e que lhe offerece tantos problemas difficeis. Nada mais incerto do que o seu curso durante o estio, desde a Barquinha para baixo. No leito movediço por onde se espreguiça, ninguem pode dizer onde passará ámanhan a grossa arteria que passa hoje aqui, ou que elle se não bifurque por dous canaes diversos, ou que finalmente não deixe uma restinga de areia hoje e um canal mais ou menos profundo. Entre o navegante do Tejo e o seu baixelzinho realisa-se na expressão mais absoluta o famoso principio de Bastia, a mutualidade dos serviços.

Agora o barco leva o barqueiro; logo carrega o barqueiro com o barco. O barco do Tejo é nos ultimos mezes do verão uma especie de nababo indio: gosta de viajar em collo de homens. Mas ao menos os parias da india conduzem o palanquim a pé enxuto: o paria do Tejo para exercer o seu triste mister tem de patinhar, mettido até ao joelho, no leito das Tagides gentis. O barqueiro d'estas paragens é no estio uma especie de ichtiosauro, do amphibio ante-diluviano que na estação invernosa desce aos tempos historicos e se incorpora de novo nas fileiras da humanidade.

O facto que nos compellira a descer a veia d'agua resumia-se em pouco. Um barco de cereaes tinha-se aproximado demasiadamente da margem com a sua pezada carga. A corrente era impetuosa, apezar de diminuido o volume das aguas pela estiagem. Uma arvore trazida pelas cheias do inverno, submergida juncto á margem, estendia o cepo e as longas raizes para o canal. O barco varou n'aquelle cachopo do lenho, abriu e começou a afundar-se. Felizmente o abysmo não era o do oceano: reduzia-se a poucos palmos de profundidade. Com a proa erguida acima do lume d'agua, o nababo do Tejo parecia um sybarita banhando-se voluptuosamente pelo frescor da tarde.

O que não era nada voluptuoso nem sybaritico era o dizer e fazer do coronel. Similhante ao cysne rompendo pela superficie do lago espelhado e vindo topar em cheio com os peitos na borda arrelvada, o Janota embebeu a proa nos arbustinhos rasteiros que orlavam o theatro do naufragio. N'um relancear d'olhos vimos as momentosas botas em que o coronel anda meio sepultado descreverem no ar uma elegante parabola e atufarem-se na agua com seu dono, rociando-nos um pouco mais que agradavelmente com a clara limpha do nosso patrio rio, como se dizia n'uma piscatoria classica. Era eloquente exemplo. Os remeiros do Janota passaram um apoz outro por diante de Pedrosa collocado á frente da sua panela, e como Decio arrojaram-se á voragem. Não houve uma hesitação; não se proferiu uma unica palavra.

Aliviado de parte da carga com trabalho incrivel o barco foi arrastado mais para terra, e os saccos de trigo conduzidos para uma pequena elevação. O resto pertencia aos naufragos. Os remeiros galgando de novo a bordo do Janota pareciam uma especie de faixas hidraulicas. Só as pregas das escandalosas botas do coronel transportavam agua capaz de sophismar toda a adega dos antigos frades de Alcobaça. Dir-se-hia que os estudos do nosso amigo se estendiam tambem a excogitar o methodo máis rapido e economico de fazer aguada.

Tinhamo nos demorado mais de uma hora: um barco de bagagem, que ficara em Santarem veio entretanto alcançarmos. Foi uma boa fortuna. A tarde que se approximava do seu fim, começara a refrescar e os pobres remeiros do Janota alagados até os ossos tiritavam de frio. A mudança, porém, de roupa e uma honesta distribuição de aguardente restituiram a todos o conforto e com elle a alegria, que desapparecera.

O Janota içou as vellas á forte brisa da tarde, o sol precipitava-se para o occaso e os seus raios quasi horisontaes rociavam aguas, arvores, campos e

eminencias de tremulos reflexos. O quadro sempre cambiante, que lentamente se despregava por um lado, emquanto por outro se ia sumindo ante a proa da nossa gondola, viamo-lo indeciso atravez de uma poeira de ouro de que a atmosphera parecia impregnada. O espaço que retroecederamos galgámo-lo de novo em breve tempo; mas da banda do oriente o grande vulto da noite escondido ainda detraz das cumiadas das serras mais distantes, sacudia já do seu manto para o céu algumas sombras vagas que se ennovelavam com as frouxas ondas da luz que esmorecia.

Contavamos com chegar ainda hontem á Barquinha, mas foi vana nossa esperança. O vento saltou de repente a nordeste e descahiu em calma. Estavamos além da foz do Almonda e seguiamos ao longo dos extensos arvoredos que bordam as chamadas Praias do Infantado, e que mascaram as planicies da Golegan, quando Manuel Consolado declarou que não poderiamos passar com dia além da Chamusca. A povoação alveja a pouca distancia sobre uma encosta para o interior na margem esquerda do rio. Nem uma aragem contrastava a corrente, que os remeiros rompiam a custo, e o sol não devia tardar a desapparecer no horisonte.

O incidente que nos sobreviera demorara os preparativos do jantar. Pedrosa, interrompido brutalmente nas suas cogitações culinarias, atara de novo o fio das idéas apenas restabelecida a ordem, tanto é certo que a ordem favorece o progresso das idéas e as artes da paz. Que os sabios entretidos diariamente em provar-nos essa verdade tão nova como difficil permittam que ponhamos aqui o facto de Pedrosa á disposição da sabedoria. Vimo-lo entrar no camarim, e n'um relance a secretária estava convertida em meza de jantar. Brevemente a sopa fumegou ante nós sorrindo ao nosso robusto appetite.

Mas o coronel com os olhos fitos na terrina carregava o sobrolho. Poz-se depois a cofiar amorosamente o bigode, ora de um ora de outro lado, murmurando: «Temos aziela!»

A vermelhidão assomou, fixou-se e esmoreceu lentamente nas faces do soldado, em pé e militarmente immovel á porta do camarim, ao ouvir proferir duas vezes em tom de reprehensão aquella phrase ainda inintelligivel para mim e para B.

A aziela é na linguagem ribatejana a enchente modesta, a enchente pacifica, a enchente que não arromba os vallos e tapadas, nem inunda as campinas. A aziela dá ao Tejo a sua magestade, sem o rodear de terrores; vindica-lhe a realeza sem o impellir á tyrannia. O coronel adoptara metaphoricamente a designação do phenomeno fluvial para stigmatisar a desharmonia entre o solido e o liquido quando este ultrapassava os limites do justo na panella de Pedrosa. Ora no entender do implacavel coronel, dava-se hontem a bordo do Janota uma dessas desharmonias.

Eu e B. protestámos contra as exaggeradas apreciações do almirante do Tejo em quem o dilatado mergulho daquella tarde evidentemente produzira tendencias desarrazoadas para a hydrophobia.

Combatemos com vigor essas tendencias. A sopa estava excellente. Pedrosa olhava para nós, e no seu olhar pintava-se a gratidão. A justiça não desappareceu inteiramente da face da terra. Correu o canhão da fardeta pelos olhos. Provavelmente a lagrima, que a accusação suscitara mas retivera, tinha-lhe rodado insensivel atravez das palpebras, afagada pela eloquencia da defeza.

Quando acabamos de jantar o sol tinha-se escondido já no poente, e o Janota lançara ferro defronte da Chamusca. Uma aragem quasi imperceptivel trazia nas suas ondasinhas os perfumes da vegetação marginal. As sombras vagas do lusco fusco brincavam nos grupos de arvores, que se tornavam mocissos á medida que os ultimos clarões do dia, retirando-se, deixavam de rendilhar-lhes a ramagem e de circumscrever-lhes os contornos. B. e o coronel tinham accendido os charutos e estendidos nas banquetas do camarim seguiam com os olhos o fumo branco que mal se divisava já. Eu encostei-me á janella que olhava para a margem direita, contemplando ora as aguas que se faziam cada vez mais escuras scintillando a espaços, ora o firmamento que tambem se enegrecia, e onde as estrellas pareciam vir gradualmente engastar-se e refulgir: illuminação esplendida, que o sol, precipitando-se para além dos mares, deixava pouco a pouco pendurar-se na immensa fachada do ceu.

E assim passou talvez uma hora em que os murmurios de terra foram esmorecendo. Sentia-se apenas o ruido quasi inaudivel da veia d'agua que se rasgava na proa do Janota e forcejava por unir-se ao longo dos costados. O silencio, no meio do qual cada um de nós soltara o espirito a vaguear, sabe Deus por onde n'um passado extincto ou n'um futuro incerto, só foi interrompido pela entrada de Pedrosa, acompanhado por um dos remeiros. Vinha transformar o camarim em alcova. Era preciso aproveitar o tempo. Ao romper d'alva tudo devia voltar ao primitivo estado, para proseguirmos Tejo acima.

A luz da aurora veio despertar-nos do primeiro somno e ultimo somno d'aquella noite. As notas das impressões recebidas hoje cobrem já algumas paginas do meu *album*. Contamos com pernoitar em Abrantes. D'alli remetterei essas notas se poder redigi-las. Estas são já assaz extensas. Cumpre parar aqui.

A. Herculano.

AS DUAS FRAGATAS.

O sol no mar se abismava,
E da noute o denso veu,
D'estrellas se recamava,
Estendendo-se no ceu.
O oceano socegado,
De eterna luta cançado
Parecia agora dormir.
Nem uma briza gemia;
Só muito ao longe se ouvia
Triste a voz d'Alcyon carpir!

De repente o ceu toldou-se,
Rugia ao longe o trovão;
E acordando o mar turbou-se
Revolto pelo tufão;
Brame, ferve, corre irado,
Se por Deus não fôr domado
Toda a terra inundará!
Só de ouvil-o as caravanas
Pelas praias Africanas
Erguiam tremendo — Alah! —

Já nem fulgura uma estrella,
Rapida a noute avançou.
Da negra côr da procella
O horisonte se forrou.

Das nuvens que vem rasgando,
Desce o raio no ar lançando
O seu fulgido clarão.
—Arriba—orça!—bradaram
Duas vozes que vibraram
Do meio do furacão.

Um clamor tremendo e forte
Que o mar não pode abafar:
Grito de angustia, de morte
De quem vai a naufragar;
Dos dous navios partira,
Quando n'elles se sentira
Um contra o outro bater!
Passaram alguns instantes,
Sem que a voz dos commandantes,
Se fizesse obedecer.

Orça, Timoneiro!—Arriba!—
Clamam os dous outra vez:
Corre a genta ao páu da giba
E os capitães ao gurupés;
Redobram de esforço e brios:
Cedem por fim os navios,
Começando a governar;
Um que virou pelo vento,
Logo tomou barlavento,
E foram andando a par.

Nem uma falla trocaram
As duas tripulações;
Nem os nomes perguntaram
Dos navios e nações!
Nem uma á outra equipagem
Bradara o—boa viagem!—
Que é uzo dizer no mar.
Porém ambas se entendiam;
Eguaes manobras faziam
Para se não separar.

A manhan já vem rompendo,
Acalma-se o temporal;
Vão os dous sempre correndo
Com amura e vento egual;
E do dia á luz primeira,
De ambos os dous a trincheira
Mostra as bocas dos canhões;
De ambos os dous nas cobertas
As portinholas abertas,
Deixaram ver os murrões!

Eram Fragatas de guerra,
Ambas da mesma nação;
Mas sendo d'uma só terra
Não têem egual pavilhão!....
Sobre a tolda, vigilantes,
Ambos os dous Comandantes
Pegaram no Porta-voz;
Como hesitando se olhavam:
A mesma lingua falavam,
Tinham os mesmos avós!

—Oh! do navio! Atravessa!
D'onde vens? E aonde vaes?—
E tu? que Fragata é essa?
Pertence aos nossos leaes?—
Venha um escaler á minha....
Viva o rei!—Viva a Rainha!—
Mete em cheio!—Deixa orçar!—
Atravessa a gavia e gata;
Rende-te com a Fragata,
Se não eu vou-te arrazar!—

—Iça flamula e bandeira!
Quer-me arrazar! vamos ver...
Fogo á bateria inteira!
Cheio mais! Deixa correr.—
Bradam na outra Fragata!
—Caça a gata e sobre-gata!
Que eu tambem responder sei;
Grande e gavia a sotavento!
Secco e gata a barlavento!
Fogo! fogo! viva o rei!—

—Bateria de Bombordo!
Tudo prompto a repetir!
Àla os braços de estibordo!
Deixa a Fragata seguir.—
Fogo!—Fogo!—ambos bradaram;
De novo se dispararam
Ao mesmo tempo os canhões;
Cincoenta ballas partiram;
Ao mesmo tempo cahiram
As dúas mastreações!

Entre o fumo que os esconde,
Cada vez com mais furor
A voz do canhão responde
Ao seu barbaro rancor!
As Fragatas já sem rumo,
Por entre as nuvens do fumo
Vão emfim abalroar!
Arrazadas ambas ellas,
Sem leme, sem mastro, e vellas.
Ambas quasi a naufragar!

Mas o combate não cessa!
Quando se cala o canhão,
Outra peleja começa
Peito a peito e mão por mão!
Como feras se espedaçam;
Ardendo em furia se abraçam,
Succumbem da mesma dor!
E no oceano adormecido
Tomba primeiro o vencido,
E depois o vencedor!

Nas avarias abertas
Entra a golfadas o mar;
Sóbe a cima das cobertas
E a carnagem faz parar!
As Fragatas enrascadas,
Vão como Irmans abraçadas
No mesmo leito dormir;
Dos seus odios esquecidas,
Se foram rivaes nas vidas
Egual morte as vae unir.

Sobre as pópas, vacilantes,
Se procuram conhecer,
Ambos os dous commandantes
Que acabam de combater.
—Irmão!—Irmão!—Comovidos.
Do passado arrependidos
Ambos iam esclamar;
Eis que os abismos se abriram,
E quando depois se uniram
Só se via o ceu e o mar!

Povoa de Varzim 1855. F. G. D'AMORIM.

ABERTURA DO ISTHMO DE SUEZ.

III.

Da povoação e enseada de Suez no mar Roxo ha sufficientes noticias em varias partes d'este semanario que já indicamos; como o canal agora projectado tomará a direcção de Suez a Pelusia, marcaremos este ultimo sitio.

Tineh, a *Pelusium* dos romanos, que a Biblia denomina Lobna, era uma cidade importante do Baixo-Egypto, situada na boca oriental do Nilo, chamada *braço pelusiaco*, a uma pequena legua das praias do Mediterraneo. Os arredores sempre foram pantanosos, e hoje só existem poucas ruinas em meio de lagoas e charcos. Antigamente foi considerada como a chave do Egypto.

Passando agora a tratar dos trabalhos da commissão internacional para investigar o meio e direcção mais facil de cortar o isthmo africano, vemos que terminou as suas explorações, e appresentou seu relatorio ao vice-rei do Egypto, Mohammed-Said-pachá, em 2 de janeiro do corrente.

Tendo partido de Suez aos 21 de dezembro depois de ter estudado a enseada no mar Roxo, atravessou o isthmo de sul a norte, verificando de caminho os nivellamentos que se faziam havia tres mezes, e que habilitarão para se fixar definitivamente no *thalweg* (1) do valle o traçado do canal maritimo. Acampou a 28 de dezembro na praia de Pelusia, onde embarcou a 31 na fragata a vapor egypcia *Nilo*, que havia um mez ou cruzava ou estava ancorada na bahia, com uma corveta de vela servindo-lhe de deposito de carvão.

A commissão, na primeira vez que passou por Alexandria, tinha deixado instrucções a mr. Larousse subengenheiro da marinha, que levantou, com actividade e intelligencia notaveis, a carta de 14 Kilometros da costa; auxiliado por mr. Darnaud, engenheiro do vice-rei, e mr. Cianello, engenheiro italiano, poude appresentar uma planta muito miuda da parte da bahia, cujo estudo lhe fóra commettido.

Enunciaremos os resultados inteiramente favoraveis e por assim dizer inesperados, que as observações forneceram.

Em frente das ruinas de Pelusia as sondas deram o fundo de 8 metros na distancia já conhecida de 7:500 metros da praia; mas, caminhando para oeste este fundo de 8 metros se approxima successivamente da costa, e torna a encontrar-se a 2:250 metros somente n'uma linha continúa que se estende parallelamente á praia por espaço de 20 Kilometros. Era uma vantagem immensa; os engenheiros europeus não podiam deixar de aproveital-a para marcar o ponto onde o futuro canal deverá desembocar no Mediterraneo.

Aproximando-se da praia na extensão d'esta linha de 20 Kilometros entre a boca ou foz denominada de Omfareg e a de Gamileh, as sondas deram em fundos excellentes e solidos, profundidades de 5 até 750 metros, de 6 até 1:600, e de 7 até 2:300; as profundidades de 9, 10, e 12 metros obtem-se successivamente a distancias de tres mil até seis mil metros.

(1) É um termo consignado hoje pela sciencia para significar o meio da corrente de um rio, da fundura de um valle etc. sobre tudo quando se trata da delimitação de fronteiras. Nas negociações de Rastadt em 1798 propoz-se para linha divisoria o thalweg do Rheno, isto é o meio do principal braço navegavel. Procede do allemão THAL (valle) e WEG (caminho).

Resulta d'estes factos importantes, que assim a hydrographia adquiriu, que as projecções das muralhas do canal na bahia de Pelusa, cuja agua é perfeitamente limpida, não terão metade do comprimento que a principio se contava dar-lhe: o mesmo acontecerá no porto de Suez, que era conhecido quasi tão imperfeitamente como a bahia de Pelusia.

Eis o relatorio da Commissão internacional.

«Por S. A. fomos chamados ao Egypto para estudar a questão do corte do isthmo de Suez: fornecendo-nos os meios de estudar no terreno o merecimento das diversas soluções propostas, nos convidou a submetter á sua consideração a que fosse mais facil, mais segura, mais vantajosa para o commercio da Europa.

«A nossa exploração, favorecida por um tempo propicio, facilitada e abbreviada pela amplidão dos meios materiaes postos á nossa disposição, acha-se concluida; fez que reconhecessemos obstaculos inumeraveis, ou para melhor dizer impossibilidades, na direcção do canal para Alexandria, e facilidades inesperadas para estabelecer um porto no golpho de Pelusia.

«O canal directo de Suez para o golpho de Pelusia é, portanto, a unica solução do problema da juncção do mar Roxo com o Mediterraneo: a sua execução é facil, o exito seguro, os resultados immensos para o commercio do mundo. A nossa convicção n'este ponto é unanime, e desenvolveremos os motivos n'uma memoria circumstanciada, que se fundará nas plantas hydrographias das bahias de Suez e de Pelusia, nos perfis que mostram o relevo do solo, e nas perfurações que indicam a natureza dos terrenos atravessados pelo canal.

«A redacção d'esta memoria e as respectivas plantas e desenhos é trabalho longo e de monta, em que vamos occupa-nos activamente na Europa, de modo que possa ser submettido a S. A. passados alguns meses. Desde já nos apressamos a levar ao seu conhecimento as nossas conclusões:

«1.° O traçado para Alexandria é inadmissivel sob o aspecto technico e economico.

«2° O traçado directo offerece toda a facilidade para a execução do canal maritimo propriamente dito, com um ramal para o Nilo, e as difficuldades ordinarias na creação de dous portos.

«3.° O porto de Suez abrir-se-ha n'uma enseada vasta e segura, accessivel em todo o tempo, e onde se acham outo metros d'agua a 1:600 metros da praia.

«4.° O porto, que se ha de crear no golpho de Pelusia e que o ante-projecto collocava no fundo do golpho, estabelecer-se-ha a 18 Kilometros mais para o oeste, na região em que se acham outo metros de agua a 2:300 metros da praia, e onde a ancoragem é boa e o aparelhar é facil.

«5.° A despesa do canal dos dous mares não excederá a somma de duzentos milhões expressa no ante-projecto dos engenheiros de S. A. o vice-rei.

Alexandria 2 de janeiro de 1856. Os membros da commissão — A. Renaud — Negrelli = J. Mac-Clean — Lieusseau, *secretario*.

O projecto do corte do isthmo de Suez tem todos os caracteres d'uma grande empresa europea, e tem adquirido geraes sympathias; só infunde receios a alguns estadistas inglezes, herdeiros d'uma politica que as idéas do seculo actual, tornam impraticavel. Essas apprehensões mal fundadas obstaram até agora a qne a Porta ottomana sanccionasse por um decreto imperial a official approvação já dada á empresa por uma carta do grão-vizir. Comtudo, ve-se quan-

tos progressos tem obtido a questão haverá um anno, e se a empresa continua a caminhar para a sua realisação, só com a unica reserva d'uma ratificação de pura formalidade, cada adhesão que adquirir será uma nove força, um novo argumento a seu favor. Em presença dos capitaes d'uma associação regularmente constituida com fundos sufficientes, apenas esperando para metter mãos á obra a sancção do decreto imperial ottomano, a antiga politica britannica muito mal faria em prolongar a sua resistencia; e pode-se affirmar que não a prolongará, do que temos como provas os esforços impotentes que se tentaram, não para combater abertamente mas para desacreditar a empresa.

M.



MANCEBO INDIO DE HONDURAS.

(Concluido da pag. 56.)

O projecto de caminho de ferro a que nos referimos, dá a tudo quanto é concernente ao estado de Honduras, um interesse de actualidade tanto maior, quanta era a falta de conhecimento d'este paiz quasi ignorado antes das investigações e trabalhos de M. Squier, que citamos no precedente artigo. Quer como colonia hespanhola, quer como membro da confederação republicana da America central, nunca fizera progressos no caminho da civilisação, e essas mesmas circumstancias concorreram para ser tão desconhecido do mundo culto como os sertões africanos: os grandes fluxos da emigração, as emprezas commerciaes não procuravam as praias de Honduras. Agora, decorridos tres seculos de indifferentismo e de obscuridade, é de repente attrahido na orbita do movimento moderno das populações, e vem a ser elemento importante na resolução de um dos mais elevados problemas do nosso tempo. Reflectindo-se com attenção observar-se-ha que não só o seu territorio appresenta uma configuração vantajosa para unir os dous oceanos, mas até que possue vastos recursos capazes de recompensar dignamente os homens industriosos e emprehendedores que ali forem buscar fortuna. As suas montanhas estão litteralmente cheias de mineraes dos mais preciosos, e ha companhias de mineiros que largaram da California para irem extrahir ouro de minas mais copiosas no departamento de Olancho.

Pelo que respeita á agricultura Hondura, offerece productos ricos e variados. Nas costas do Atlantico o terreno abandonado á natureza produz florestas de mógano e de outras madeiras preciosas, e cultivado é proprio para abundantes safras de café, de cacau, algodão, arroz, anil, e tabaco, milho e outros generos tropicaes, ao passo que nas coroas dos montes onde o pinheiro supplanta as arvores de madeiras de marcenaria, o chão produz tambem com fartura os cereaes e batatas, e até a vinha e os fructos do norte e do centro da Europa conjunctamente com as outras producções indigenas.

Quanto ao clima cumpre notar que as costas do norte e do sul gozam de uma temperatura mais elevada do que as demais partes do paiz, a qual diminue á proporção que se penetra no interior do paiz. As planicies collocadas nos terrenos eminentes tem necessariamente um clima que muda conforme a sua elevação acima do nivel do mar e a sua exposição aos ventos dominantes. Em summa, o clima de Honduras offerece uma variedade adaptada a todas as exigencias e uma temperatura favoravel á cultivação dos productos de todas as zonas.

Os aspectos da natureza são tão numerosos quanto caracterisados. As condições de conformação, de altura e por consequencia de temperatura, a quantidade de chuva que costuma cahir nos declives das cordilheiras, são outras tantas causas que contribuem para diversificar as fórmas com que a vegetação se offerece aos viajantes. O paiz é habitavel para os homens de todas as outras regiões do mundo.

M.

Feliz é a nação, onde não ha, nem opulentos orgulhosos, nem pobres miseraveis.

O ocio é pae do vicio, e avô do crime.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



S. M. VICTOR MANUEL REI DE SARDENHÂ.

S. M. VICTOR MANUEL, REI DA SARDENHA.

Os estados sardos compõe-se dos territorios dos duques de Saboya, donde se deriva a casa reinante, da antiga republica de Genova, do principado do Piemonte, e do condado de Nice, no continente, e da ilha de Sardenha ao sul da Corsega no Mediterraneo.

O primeiro rei de Sardenha foi Victor Amadeu, 2.º do nome, 33.º conde e 15.º duque de Saboya, o qual tendo obtido pelo tratado de Utrecht, firmado a 13 de julho de 1713 e cessão de Filippe 5.º de Castella, o reino da Sicilia, largou este, pelo tratado da quadrupla alliança assignado em Londres em agosto de 1718, ao imperador Carlos 6.º, que o investiu de posse da coroa da Sardenha logo no mesmo anno: governou 12 annos até que em 3 de setembro de 1730 abdicou solemnemente de todos os seus estados a favor de seu filho, o principe do Piemonte Carlos Manuel, 2.º d'este nome na Saboya, nascido a 27 d'abril de 1701.

A illustre casa de Saboya começou a ter dominio soberano em o primeiro quartel do seculo 11.º, derivando-se dos nobres condes de Maurienne, sujeitos precedentemente aos reis das duas Borgonhas, e que foram em 1027 condes de toda a Saboya por concessão do imperador Cônrado por antonomasia o *salico*, mais tarde em 1091 reuniu-se-lhes o condado de Suze, depois Turin (hoje capital do reino) e tiveram tambem o cargo de logar-tenentes do imperio no Piemonte e Lombardia.

Morrendo sem descendencia em 1285 o conde Filippe, dividiu-se em tres ramos a casa de Saboya, representados por tres sobrinhos d'este e denominados, de Vaud, do Piemonte e de Saboya; a primeira d'estas linhas collateraes deixou de reinar em 1359 e a segunda em 1418; a terceira teve por tronco Amadeu 5.º cognominado o *magno*, e continuou successivamente nos dois filhos d'este e no neto Amadeu 6.º até o 8.º do mesmo nome que foi creado duque pelo imperador Sigismundo em 1416, e que reuniu á coroa ducal o outro ramo denominado de Piemonte.

Amadeu 8.º parece ter sido predestinado para abdicar. Por contratempos e desgostos que soffreu recolheu-se com alguns cavalleiros ao convento de Ripaille, onde tomou o habito de eremita, d'ahi o foram tirar os prelados do concilio de Basilea, que o elegeram papa sob o nome de Felix 5.º em 1439 em contraposição ao pontifice Eugenio 4.º; abdicou então formalmente a coroa da Saboya; porem no anno de 1449 renunciou voluntariamente para fazer cessar o scisma a tiara a favor de Nicolau 5.º, o qual não só approvou todos os actos de Amadeu nos nove para dez annos que governára, mas lhe conferiu altas dignidades ecclesiasticas e grandes prerogativas. É o ultimo que figura no catalogo dos antipapas; e foi o instituidor da ordem de cavallaria de S. Mauricio.

Continuou a successão na mesma linha até Victor Amadeu, primeiro rei como já dissemos, e os monarchas seus direitos descendentes até Carlos Felix, que morrendo em 1831 sem posteridade deixou a corôa a Carlos Alberto, que falleceu em a nossa cidade do Porto, e que pertencia á linha collateral de Saboya-Carignan, que procede de Thomaz Francisco, principe Carignan, quinto filho de Carlos Manoel 1.º do nome como duque de Saboya, e que floreceu no seculo 17.º com fama merecida de official intelligente e valoroso, tendo chegado ao posto de generalissimo dos exercitos reunidos de França e Saboya nas campanhas d'essa epoca na Italia. Toda esta familia em seus dois ramos illustrou-se sempre pelas armas; e ao de Carignan, ora reinante, pertenceu o famoso capitão, principe Eugenio.

O rei Victor Manuel 2.º, que actualmente governa é digno da estima de seus subditos e dos elogios que a Europa lhe tem tributado. M.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO XII

Estilo parlamentar. — O Cemiterio. — Vizão? Fantasma?.... Nem vizão nem fantasma, realidade mais terrivel! com perdão do meu amigo Mendes Leal Junior. — Ella! — A paixão no cemiterio.

Um deputado da nação portugueza escreveu, não sei aonde *que a vida é triste como uma lagrima, e alegre como um sorriso*. O que é ter estilo parlamentar! Podem semear-se d'estas flores de rhetorica pelo meio do paiz, e tem-se a certesa de ficar no parlamento — de — *pedra e cal*. — Seguindo o exemplo d'esse illustre deputado, que principiava assim uma das suas mais recentes e mais vagas publicações: « Anoutecia o dia 12 de tal.... » Imitando tão digno exemplo eu podia começar tambem este capitulo dizendo que amanhecia a noute; mas como não tenho ambição de estilo parlamentar, por que não sou deputado, direi simplesmente que estavamos n'um dia de setembro.

Eu amo o mez de setembro!

As suas tardes são as mais amenas, quando não ha calor nem frio, em setembro começa a caír a folha das arvores; o milho está maduro e o outono bate á porta.

O verão despede-se, e o hynverno ameaça-nos de longe.

A cigarra canta descuidada e alegre, em quanto a formiga acarreta grãos para os seus celeiros.

As aves principiam as suas emigrações, e os cães ladram á lua.

O mez de setembro é um mez triste para os amores nascidos longe do ruido das sallas, ao sol esplendido do verão!

Mas o mez de setembro é propicio á paixão que se gera no cemiterio, á sombra do cypreste.

A que cemiterio me heide encaminhar? Ao da Lapa não, que tem ares d'uma salla de baile onde dançam os cadaveres a horas mortas da noute!

Ao Prado do Repouso? A esse vamos. — Prado do Repouso! Deve ter sido um poeta quem o baptisou. Em Lisboa termos o cemiterio-dos-Prazeres, seria um philosofo, um critico, ou um amante quem lhe deu este nome? Quererá dizer que ali se interram os prazeres? ou é um epigramma feito á morte? Não, nada d'isso. Foi um amante sentimental, um amante dos tumulos, o precursor do romantismo que lhe deu o baptismo da sua religião! Comprehendia o prazer do amor no cemiterio e chamou-lhe cemiterio dos Prazeres. Como se descobriria esta grande verdade sem o auxilio da logica? Que grande coisa é saber logica!

Eu te saudo, Prado do Repouso! Se aqui repousará tranquilo quem te chamou logar de repouso?!.. A sua vida foi de certo agitada pelas tempestades humanas, e elle julgou que só a morte dá o verdadeiro descanço.... ao corpo. A alma, *quem sabe?* Paz aos mortos e á methaphysica. Penetremos nos logares mais sombrios, e vamos *a la recherche de l'inconnu*.

A minha alma dilata-se no meio d'estas campas! O meu espirito abraça a cruz de pedra e os cimos dos cyprestes! O meu coração bate.... Vizão? Fantasma?.... Pareceu-me ver uma figura de mulher aeria esvoaçando entre dous tumulos! Apressei o passo; chego á volta d'uma rua; ah! Nem Vizão, nem Fantasma, realidade mais terrivel! — Peço perdão ao meu amigo Mendes Leal, por lhe roubar estas palavras aos seus *Dous renegados*. Não pude resistir á tentação, e o illustre poeta não fica mais pobre por isso. — Não era com effeito visão nem fantasma; era realidade mais terrivel o que eu via. A seis passos de mim estava uma mulher ajoelhada nos degráos de um tumulo, com os olhos na columna partida em que este rematava. Teria vinte a vinte e quatro annos; a sua figura, destacava-se do meio da campa como a imagem da Virgem Dolorosa! Não era assim que eu tinha imaginado a mulher sentimental; as suas faces tinham uma palidez mais branca do que a cera; os labios eram menos descorados e os olhos de um azul vivissimo, porém immoveis. Estava vestida de branco, tinha a cabeça descoberta, e os cabellos louros, soltos de um lado, cabiam-lhe parte sobre o hombro esquerdo e parte sobre a face. Bella, de uma belleza angelica! havia o que quer que fosse de inspirado e de serafico na sua fisionomia! Parecia orar, mas os seus labios não se descerravam, e os olhos continuavam fixos no pedaço de columna quebrada, symbolo da vida que a morte espedaçara. Um grande chaile de Tong-King branco estava no chão, do lado de traz, e parecia ter-lhe cahido dos hombros sem ella o sentir. Tão profundo me pareceu o seu recolhimento, que tive medo de o quebrar, e nã me atrevi a mover do logar onde me achava. Ella de certo me via, mas o seu pensamento estava n'outra parte e não fazia reparo na minha prezença. Estivemos assim cinco minutos; eu principiei a commover-me deveras diante de tamanha dor, e senti uma lagrima correr-me pelas faces. Tive vontade de me ajoelhar a seu lado e pedir a Deus sem saber por quem. Passavam mais cinco minutos; ella sempre immovel, sem chorar, sem orar!... Que dor! dor que não deixa sahir as orações nem as lagrimas deve ser tremenda! Retirei-me nas pontas dos pés, e fugi pelo Cemiterio fora sem olhar para traz.

Perdi repentinamente o apetite de me apaixonar, ou de inspirar paixões, sobre tudo nos Cemiterios! Recuperei o meu senso commum, (o leitor deve ter advinhado que eu o tinha perdido,) e a saude, pois comecei a comer e dormir como antigamente. — Mas n'este mundo de miserias ninguem pode contar com o dia de amanhan por que o homem põe e Deus dispõe.

Quatro dias depois do incidente do Cemiterio, veio-me um desejo irresistivel de lá tornar. Fui. Apenas entrei, insensivelmente me dirigi pela mesma rua que da primeira vez. Quando ia a passar pelo sitio onde vira a vizão, como eu lhe ficava chamando, volteime por curiosidade e estaquei. Ella estava no mesmo logar e na mesma actitude! Parecia que se não tinha movido! O cabello ainda solto e o chaile sempre no chão! Apoderou-se de mim um terror vago e supersticioso; seria uma estatua? ou um cadaver? Quatro dias na mesma posição! sem comer, sem dormir, immovel sempre! É impossivel! Deve ser uma estatua; a estatua da belleza talvez junto á columna partida. Que significa? Não sei. — Esperei cinco, dez minutos como ha quatro dias, que ella fizesse um movimento. Nada! Quiz fugir; mas por que? de que? ás seis horas da tarde!... Aproximei-me bruscamente, fazendo bulha para lhe chamar a attenção; não se moveu! Comecei a ter medo. Achava-me ao pé d'ella e não a sentia respirar olhei para o chaile que tinha aos pés, e pareceu-me de pedra! Estendi o braço com uma convulsão nervosa e puz-lhe a mão em cima Era um chaile verdadeiro. Levantei-o sem saber o que fazia, e estendi-lh'o nos hombros. Ella tinha as mãos entrelaçadas uma na outra, mas descahidas sobre os joelhos. Sentindo a minha acção estremeceu toda, como se fosse tocada pela machina electrica. Desprendeu as mãos e volveu o rosto para mim com uma lentidão que me fez estremecer tambem. Cravou nos meus os seus olhos immoveis e de uma limpidez sublime. Eu não proferi uma palavra, não fiz um gesto mas custava-me a suportar o seu olhar. Havia n'elle não sei o que do tumulo, da cruz e do ceu, que me perturbava, e me fascinava ao mesmo tempo. Depois de alguns segundos os seus labios moveram-se e dilataram-se por um sorrizo de profunda melancolia. Parecia o nascer do sol n'um dia de trovoada. Foi um sorriso que me deu vontade de chorar. Seria um agradecimento ou uma reprehensão que significava aquelle sorriso? Quem o poderia adivinhar nos seus olhos fixos? Póde algum ler no azul dos ceus os pensamentos de Deus? — Ella ergueu-se lenta e solemnemente; lançou para os hombros os cabellos que ainda tinha soltos d'um lado da face e encaminhou-se para a porta do Cemiterio. Eu deixei-me ficar immovel, sem vontade, sem acção, sem força de a seguir. Quando me voltou o instincto ella tinha desapparecido. Quem era, por quem soffria, por que vinha ali sosinha? Tão formosa, tão moça e tão triste! Possuia todas estas qualidades para me fazer trabalhar a imaginação activamente. O vago e o desconhecido eram as grandes alavancas da minha curiosidade.

No outro dia voltei ao Prado do Repouso; ella estava de pé junto ao mesmo tumulo, com o mesmo trajo, e o chaile nos hombros. Era claro que vinha ali todos os dias: os cabellos do lado esquerdo tambem as não atava nunca! Porque? Que misteriosas causas a obrigavam a similhante estravagancia?... Desta vez encarou comigo, e tornou a sorrir com aquelle seu riso triste, que me provocava lagrimas. Passado o sorrizo caíu na mesma immobilidade e readquiriu a belleza angelica e suave que lhe dava as apparencias de uma virgem. O riso parecia uma convulsão da sua alma que se tornava tempestuoso pelo supremo esforço com que subjugava a dor para mostrar alegria nos labios. A sua organisação delicada irritava-se e por isso o riso a tornava menos bella. Como quer que fosse, eu preferia que ella se não sorrisse. — Cheguei-me a ella e comprimentei-a mas não me correspondeu. Não viu talvez, ou não desejava ser perturbada nas suas meditações. Retirei-me a alguma distancia, donde a podia ver sem ser visto. Ella procurou-me com os olhos, e não me vendo arredou-se um pouco do sepulchro, continuando a procurar-me. Appareci de longe, como por acaso, ella avistou-me e foi ajoelhar no degrau do tumulo, de modo que podesse continuar a ver-me. Ali ficou mais de tres quartos de hora ajoelhada, volvendo de vez em quando o rosto para mim, que não me arredei, nem deixei um instante de a contemplar. No fim d'este tempo quiz aproximar-me, porém ella, fazendo pela primeira vez, á minha vista, um movimento menos lento, ergueu-se de repente; voltei ao meu lugar e vi-a ajoelhar de novo. As seis horas e meia levantou-se contemplou-me alguns instantes, e dando-me outro sorriso dirigiu-se para a porta do Cemiterio. Oh!

d'esta vez heide seguila, e saber a sua historia! Parti imediatamente, porem chegando á porta ella voltou-se, e vendo-me na intenção de a seguir estendeu para mim as mãos suplicantes e parou. Á vista do seu ar mortificado comprimiu-se-me o coração: fiz-lhe uma profunda inclinação e interreime nas ruas sombrias do Cemiterio. Quando sahi já não a encontrei.

Eis-me em fim apaixonado! Não sei se por compaixão ou por curiosidade... o certo é que todos os dias á mesma hora vou ào cemiterio e ali encontro, sempre bella e sempre triste, a minha desconbecida. Ha oito dias que vou collocar-me junto do mesmo cypreste com os meus olhos fitos nos olhos d'essa mulher que vejo ajoelhada sobre a sepultura, talvez de um amante. E ella não chora, nem reza nunca!... A sua dôr é toda intima e deve ser immensa. Eu desejo conhecer a causa d'ella, mas não me atrevo a fallar-lhe. Ha não sei o que de misterioso no seu rosto descorado que me impõe silencio, que me impede até de a comprimentar quando nos encontramos! E amo-a, será amor isto que sinto? Dizem que o amor é á alegria da vida e eu tenho lagrimas nos olhos!... — Elle tambem me ama.., um dia em que vim mais tarde encontrei-a á porta do cemiterio olhando avidamente para o sitio d'onde me esperava; e quando appareci soltou um grito de alegria. Foi a primeira vez que ouvi o som da sua voz, um som extranho na verdade! Depois seguio para junto do seu tumulo e eu fui para o meu posto.

Não sei quem ella é, onde nem como vive; e se tento acompanhal-a quando se retira, volve para mim os olhos supplicantes! se me aproximo do sepulchro onde está ajoelhada parece que lhe inspiro terror, e todavia conheço que a minha presença lhe é agradavel! Quando não a vejo tenho saudades d'ella, mas tendo-a diante de mim o meu coração comprime-se. Não era assim que eu tinha imaginado o amor no cemiterio! Não sei que voz occulta me annuncia que hade ser fatal o desenvolvimento d'esta aventura.

CAPITULO VIII

Como o riso faz lagrimas.—Verdade do coração, mentira da razão.—Chorava o ceu e a terra!

Chegou o momento da minha partida para o Douro. Partir! quem havia de conduzir o meu corpo se me ficava a alma no cemiterio de Prado do Repouso! Eu não podia já passar um só dia sem ver a minha *virgem dos tumulos*. Era este o nome que lhe deva a minha presumpção poetica. Quem teria coração de dizer-lhe adeus, não podendo estar vinte e quatro horas longe d'ella? uma vez convidaram-me para um jantar e ás cinco horas da tarde estavamos á meza; era a minha hora habitual de ir ao cemiterio e resolvi não ir n'aquelle dia. De repente senti um estremecimento e comecei a ver diante de mim, tão visivel como se realmente ali estivera a imagem d'aquella mulher. Na occasião em que eu punha á boca um copo de champagne vi-a estender os braços para o meu lado e deixei cahir o copo, levantando-me da meza. « — Que é? que tem? — » — Nada, uma dôr de cabeça; isto passa-me tomando ar. E sahi para a rua. Sentia na atmosfera a acção magnetica, a força de uma vontade de ferro que me arrastava.—Não, não! esclamei, não vóu; não quero! — Quer me acreditem quer não; eu bem sei ao que se expõe quem imprime o seu coração para o vender a um jornal a tanto por columna, mas a verdade é que n'aquelle instante, e muito longe do cemiterio, eu via claramente aquella mulher com os braços estendidos para mim! As extremidades dos dedos das suas mãos deitavam correntes de luz eletrica — Nos seus labios não havia o sorriso com que sempre me acolhia e os seus olhos tinham lagrimas! chorar! Pois ella chora finalmente!... O meu peito arquejava com violencia e fazia-me curvar para o lado do Prado do Repouso. Achava-me positivamente sob a influencia poderosa da sua vontade, mas tentava resistir ainda. Separavam-me do cemiterio muitas ruas e muitas cazas; voltei-me para outro caminho e comecei a caminhar ao acaso e rapidamente. Os sitios por onde passei não os tinha visto nunca e não me lembro d'elles; mas sei que andei muito, e no fim de uma hora, extenuado de fadiga e de febre, achei-me á porta do Prado do Repouso. — Como e por onde fui sabe-o Deus!... Ella estava á porta, anciosa, e extenuada tambem, talvez pelas forças que tinha dispendido para me atrahir.

Quando me viu deu um grito de alegria: o som da sua voz pareceu-me ainda mais extraordinario do que da primeira vez! Nos seus labios raiou o sorriso do costume, o riso que me fazia tristeza; e a distancia um do outro nos encaminhámos em silencio para os nossos logares habituaes.

— Isto hade acabar hoje, pensei eu comigo; é uma aventura que póde vir a saber-se e cobre-me de ridiculo. Alem de que eu devo partir depois de amanhã... ou heide agora saber porque não parto. — Deixei-a ajoelhar e aproximei-me lentamente. Ergueu-se logo apenas me viu encaminhar para ella; era o costume e eu já esperava por isso, mas não estava resolvido a respeitar por mais tempo os seus misteriosos caprichos. Como a sua vista me infundia melancholia nunca me tinha sorrido para ella; desta vez, porem, fiz um esforço e cheguei-me rapidamente. — Eu vou partir... — Ella ia já precipitar-se a correr para a porta do cemiterio, mas suspendeu-se ouvindo as minhas primeiras palavras. Era a primeira vez que me ouvia a voz. — Sem olhar fito para o seu rosto prosegui. — Depois de amanhã vou-me embora... ha vinte dias que venho aqui por.. para... ha vinte dias que a vejo ajoelhada ao pé daquelle tumulo, e... a sua dor inspira-me sympatia... quem está alli enterrado?..... — Eu tinha abaixado os olhos a pouco e pouco para poder ter animo de falar; mas como não recebia resposta suppuz que ella se tinha retirado e o despeito dominava-me já quando ergui a vista. Mais branca do que os marmores que a rodeiavam, de pé, com o corpo inclinado e a cabeça pendida para o meu lado ella estava na na posição de quem escuta. Passou mais de um minuto sem que eu a visse mudar de attitude, como se estivesse ouvindo ainda distante os sons das minhas palavras. Depois chegou-se a mim e pegou-me em uma das mãos que eu lhe abandonei com certo estremecimento de terror. Cravou nos meus os seus languidos olhos e murmurou: — « Partir! Depois de « amanhã vou-me embora..... a sua dor inspira-me « sympathia... quem está alli enterrado? — » Retirei precipitadamente a minha mão d'entre as suas e recuei dois passos. Porque repetiu ella as palavras que eu lhe tinha dito? Que significava tudo isto?... — um clarão terrivel passou pelo meu espirito! olhei para os seus olhos immoveis, e só então advinhei a verdade! A minha perturbação augmentou vendo-a aproximar e estender-me outra vez a mão. — « Partir! » — Nos seus labios raiou um sorriso mais triste, mais profundo, e mais longo do que os anteriores! Eu não pude conter as lagrimas que

me rebentaram dos olhos. — Louca! uma louca!.... Tão moça, tão formosa, e louca!... — Ella começou a chorar tambem; era a primeira vez que isso lhe succedia diante de mim. Pobre anjo! Oh! senhor, não serias tu rigoroso demais na tua justiça? Louca! meu Deus, não era melhor leval-a para o céu do que deixal-a no mundo a perigrinar sem saber o seu caminho? Deus de misericordia, a loucura é um castigo excessivamente pesado para a fragil humanidade!.....

— Adeus — disse eu retirando de novo a minha mão, adeus pobre martyr! Nem te resta ao menos a consolação do affecto!... adeus.

Adeus? — repetiu a infeliz, mas agora não foi como ao principio o echo das minhas palavras; antes pareceu comprehender a idéa de nos separarmos! Eu dirigi-me para a porta com o coração oppresso de dor, e volvendo-me por vezes para dizer-lhe adeus. Proximo á saida ouvi-a gritar e vi-a correr para mim. exclamando: — Partir!... adeus... não, não, não... — E tentava arrastar-me outra vez para junto do seu tumulo, ao mesmo tempo que chorava e soluçava repetindo: — Não, não, não, adeus... — Era a luta do coração e da razão; o coração dizia-lhe que me não tornaria a ver; fallava-lhe verdade porque o coração nunca mente; e a razão mentia-lhe, porque a razão mente sempre que o coração fala. O pressentimento vencia de vez em quando a loucura, invocando toda a energia do affecto que nascera do habito da convivencia, e que a separação mataria; mas a razão que é quasi sempre o que não querem que ella seja — a loucura — não deixa senão gelo por onde passa, e ou mais ou menos todos somos suas victimas. A formosa louca perdeu logo os rapidos momentos de lucidez affectuosa que tivera, e deixou-me partir. Profundamente magoado cheguei a casa e não sahi da cama tres dias. Ao quarto voltei ao Prado do Repouso.

Eram seis horas da manhã; o ceu estava enevoado; fui direito ao logar favorito da minha triste amiga e estaquei em frente do tumulo. No primeiro degrau estava ella deitada ao comprido, com a cabeça pousada sobre o chaile de Tong King, e as mãos cruzadas no peito; os olhos abertos, mas embaciados, pareciam ainda contemplar o troço de columna com que arrematava o tumulo! Tinha o cabello estendido pelos dois lados da face deixando-a descuberta. Chamei-a umas poucas de vezes mas não se moveu; aproximei-me para a contemplar mais de perto, e notei que o seu rosto estava coberto de gotas de orvalho. Ajoelhei-me e peguei-lhe em uma das mãos. Sentindo-a fria como neve, procurei-lhe o pulso e não o senti bater. Appliquei o meu ouvido sobre o seu coração e achei-o mudo. Puz os vidros da minha luneta sobre os seus labios e os vidros não se embaciaram! — Levantei as mãos e orei com fervor. As minhas lagrimas correram impetuosamente sobre os seus cabelllos. Olhei em torno de mim e não vendo ninguem, beijei cheio de respeito e de piedade as extremidades dos dedos da sua mão direita; depois levantei-me e apanhando umas poucas de flores fiz uma coroa e cingi-lhe a fronte com ella, prendendo-a nos seus cabellos. — O céu coberto de nevoa chorava sobre ella gotas de orvalho; os chorões e os cyprestes, saccudidos pelo vento, vinham confundir as suas lagrimas com as minhas. Parecia que o ceu e a terra sentiam aquella morte! Porem os anjos deviam cantar na gloria, vendo tornar ao seio de Deus um de seus companheiros que tinha vindo ao mundo.

Procurei o guarda do cemiterio e indicando-lhe o cadaver, perguntei-lhe se sabia quem era. O pobre homem quando a viu ía morrendo de pena. Era filha de um seu antigo camarada e havia enlouquecido no momento em que soube a morte de seu noivo. — É tempo de acabar com tristes recordações, e vamos deixar o Porto por alguns dias. Estou ancioso por me vèr longe d'aqui; os cavallos estão á porta e as malas nas garupas. Vamos entrar nos sertões do meu paiz. — A caminho!

(Continúa)

F. Gomes d'Amorim.

O MARINHEIRO.

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as anchoras! desferra!
Larga, larga, deixa a terra;
Iça longo e sem parar!
Fóra sobres e cutelos!
Uma talha aos enderbelos...
Anchora toda a beijar!

Larga, essas vellas de proa!
Gavia grande, todo o pano!
Meu navio é uma C'roa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino;
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre o meu norte
Que me importa o meu paiz?

Onde nasci?... não o digo,
Por que não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,
Quando ouvi a voz do vento
Nas gavias a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
Dos meus rudes companheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez;
Eu pasmado a contemplava,
A vista me fascinava
O abismo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Os meus braços estendia
Para a curva do orisonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobeda dezerta
Advinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que chegasse a ter a idade!
A escola do marinheiro,
É a voz da tempestade.
Oh! do leme, contro! arriba!—
Folga a bujarrona, e giba!
Larga as bolinas de ré!
Carrega a Draiwa e traquete!
Ala velacho, e joanete,
Vá de longo! bate o pé

Temos vento Les-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Faz proa de sudueste;
Aguenta o leme! cuidado.—
Passa talha na retranca.
Olha a escota! volta franca!
Arria mais... devagar...
Volta! volta.—sete e meia..
O vento não escaceia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é n'estes mares,
Meus campos estes banzeiros,
Este navio meus lares,
Minha familia os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclismo,
Que dormirei n'este abismo
Aos echos do temporal;
Envolvido n'estas vellas
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal!

Com furia o mar se alevanta
E ás nuvens cuspindo a vaga
Pela tremenda garganta,
O lacs das vergas alaga!
O espaço todo se aballa,
Se o trovão rugindo estalla
E o raio lança dos ceus:
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre meu fino velleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro;
Depois que a onda te esmague;
Que venha atravez do espaço,
Do senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar:
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.

Povoa de Varzim 1852.

F. G. de Amorim.

A astucia dos litigantes, as tricas dos advogados, as suggestões da amisade, e do amor, e o attractivo do ouro, são inimigos da probidade do magistrado: com sciencia vence os primeiros; com firmeza os ultimos.

A graça, que perdôa aos criminosos, mas não esquece inteiramente o crime, poderá ter o nome, mas nunca a natureza de amnistia.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

IV

Se Deus quizer!

Pois o pao da malicia, que bem sabe
O poder de taes armas perigosas,
. . . . enfia-se
No papo d'um falcão dos da caçada;
E o falcão, que ficou, como lá dizem
C'o diabo no corpo, larga o pairo.
E desanda a voar por esses ares:
Garrett. D. Branca. Canto V.

Que é da tua justiça?—Porque dormes,
Porque dormes, senhor?. . . . .
E tu deixaste triumphar seu crime!
Garrett. João Minimo. xxxiv Liric.

Em quanto na salla d'armas, o monge e os dois cavalleiros, em voz baixa, concluiam as dolorosas confidencias, que exposémos no capitulo antecedente, no andar de baixo do castello occorria uma scena digna do pincel de um satyrico.

Dous dos officiaes *palatinos* do alcaide, um jubilado nas artes da caça das aves, e o outro não menos instruido nas astucias e ciladas do monte, travaram renhida contenda, disputando competencias, e despedindo injurias com o aprumo rethorico de dous oradores insignes, enlaçados em pugilato tribunicio para recreio e espectaculo das galerias de uma camara.

As duas importantes figuras, que vamos introduzir, pedindo a devida venia ao leitor, altercavam com os punhos cerrados, com os olhos como duas brazas, e com as faces acezas no meio de uma roda de serviçaes e homens d'armas, plateia ruidosa, versatil e parcial, que ora batia as palmas a um, porque desatára a affronta mais boçal, ora chasqueava com risos e silvos o outro, porque não respondia com a prestesa precisa e no estyllo requerido.

Ardia, pois, a discordia no campo de Agramante, e os representantes da furiosa deusa, cada vez mais irados promettiam saboroso pasto aos curiosos, que os escutavam com o maligno prazer, que sempre causa aos inferiores a queda, ou o desaire dos que estão acima d'elles, e que a inveja, ou a consciencia accusam de não merecerem a elevação.

A origem da disputa entre os dous personagens fôra panica e insignificante, como usualmente acontece.

O dialogo principiára ameno e amigavel, aquecêra a pouco e pouco, e por fim converteu-se na mais desgrenhada verrina, sem que ambos, sendo perguntados, podessem explicar o motivo, depois de acalmados.

O mutuo ciume, que os dividia em segredo, e a rivalidade occulta, assopraram a faisca imperceptivel, e levantaram o incendio!

Homens como mestre Pero Voador, e mestre Martim Lebreu, oppostos em artes, em geitos, e em inclinações, ou se abraçam em estreita amisade, olhando com dó para o resto dos mortaes, ou se aborrecem com odio figadal, esperando a occasião propicia de se dilacerarem.

Um mandava na terra, e Deus sabe com que soberba e rigor; o outro imperava nas alturas, e regía com mão severa a tribu indisciplinada dos falcões, nebris e gerifaltes, triumphando com as victorias dos

seus alumnos, e magoando-se com as faltas, como proprias, se algum as commettia.

Martim Lebreu, (appellido ironico em desproporção formal com a pessoa) Martim Lebreu de curta e roliça estatura podia comparar-se ao imperador Vitelio na opulencia das roscas e do ventre, e no apetite esfaimado, com que cevava a gula.

Creado no solar de Cham desde creança, tinham-lhe nascido os dentes, como elle dizia imaginosamente, no covil dos galgos e alões, que seu pae administrava com a justiça de um patriarcha hebreu: e succedendo-lhe n'este vice-reinado importante, com direito de *trella* e *cutello*, formava de si e das suas funcções a mais exagerada e exaltada opinião.

Na adua, assim se denominavam então os seus dominios, os moços de monte e os cães, tinham-se costumado á mais prompta e passiva obediencia.

Diante da voz rouca do ministro omnipotente os homens e os galgos sumiam os ganidos e os rosnados, e alguns levavam até o heroismo ao ponto de simularem jubilo e affeição.

É verdade que Martim Lebreu possuia uma receita infallivel para convencer os recalcitrantes.

Nas suas horas negras e atravessadas o digno monteiro em chefe era sujeito a certos enthusiasmos bachicos, e estes de ordinario resolviam-se em um chuveiro de pragas e de correcções prosaicas com a alentada haste de qualquer venabulo.

Desgraçado homem, ou animal, o que aparava a tormenta; saía d'ali em lençoes de vinho!

Tirada tão leve pecha, mestre Lebreu julgava-se a melhor creatura do mundo, e assim o affirmava aos seus vassallos com sublime persuasão. Já se vê que muitos haviam de ser de voto contrario, mas callavam-se por prudencia.

Se estas prendas não douravam o caracter do honrado Pero Voador, e se o seu imperio se reputava mais humano e accessivel, talvez a culpa não fosse da pessoa, mas das cousas.

Esguio qual cipreste, e ornado de um nariz pendente, que lhe dava sombra a metade do rosto como um chorão, visto de noute, e a luz incerta, podel-o-iam tomar por algum vampiro fugido do cemiterio.

O sorriso vaidoso stereotypado nos beiços sumidos, espraiava-se-lhe pelas faces escaveiradas, e em vez de alegrar a phisionomia do morcego venatorio, compunha um não sei quê de lugubre e de brutesco, ao mesmo tempo, que ninguem pela primeira vez ousaria contemplar sem prerromper na mais sincera gargalhada.

Apezar da cara que o ajudava pouco, e da figura, que se ja estivesse inventado o magrissimo cavalleiro da Mancha, lhe podia disputar a primasia, mestre Pero passava por bom homem, por mais liberal, do que soffrego, por mais valedor, do que malfazejo.

Todos os seus affectos se reduziam e sommavam no ensino e mestria dos falcões entregues aos seus cuidados, levando a ternura, ou a demencia ao ponto de cair de cama por lhe morrer um açor prima, seu valido.

É verdade que seculos depois a demora de uma carga de pescado custou a vida á flor dos côsinheiro, ao nunca assaz chorado Vatel, de gulosa e heroica memoria!

Dadas as noticias indispensaveis para ajuisarmos dos dous arguentes, antes de os avistarmos, entremos sem ruido na casa terrea, aonde o mais avesso acaso os ajuntou, e escutemol-os desde as phrases, em que nos interessam.

Mestre Lebreu, sentado em um escanho, com um prato bem provido deante de si, e uma cuia do melhor vinho da adega ao lado, com a bocca meia cheia mastigava as palavras com os alimentos, e perguntava ao seu rival, sentado defronte em outro escanho: — « E foi isso?... »

— « Cousa de dous tiros de bésta para lá da ermida. Dous cavalleiros moços e obra de dez, ou doze homens d'armas. »

— « Hum! espirrou o douto professor de caens, mastigando sempre, e regando a miudo o estomago de copiosas libações. Hum! E dizeis, que sobre vos tirarem o açor á força, juravam que haviam de desafiar para se matar com elles ao nosso alcaide D. Ruy Viegas?.. »

— « E por signal, acrescentaram os caens malditos, acudiu Pero Voador alevantando-se, que o repto seria a todo o transe, e sem mercê nem misericordia! »

— Vozes de asno não chegam ao ceu! « observou philosophicamente o monteiro, inclinando a cabeça para traz, e apoz a cabeça inclinando a cuia de vinho, que instantes depois assentou secca e exgotada em cima da mesa, soltando um suspiro. »

— « Chegue, ou não, atalhou o seu emulo, fransindo os cantos da bocca, e estirando a eterna pessoa, o caso é que estarão comnosco amanhã; e sem misericordia peço eu a Deus, que elles achem a D. Ruy Viegas, porque seria pena, que tão ruins ladrões, que nem perdoam ás aves, saissem vivos e inteiros do castello.... Dôr de morte os consumma, e mais aos cascaveis de Galaor! Se não tenissem tanto não davam comnosco! »

— « Meu amigo, disse Martim Lebreu cheio de magestade, e crusando a perna, quem a toda a caça se lança, nenhuma alcança! Vede o que é o fado! Tornaveis já de volta com o vosso açor em punho... »

— « Senão quando me saltam os milhanos, e m'o empolgam! Triste Galaor, eras a flor, o brio dos meus açores! Nenhum dos outros te chega nem ás pennas! Tinha de ser!.... Sabeis que mais Martim Lebreu? Antes os dentes da vossa matilha me atassalhassem, antes me desfizessem saio e capa, apezar de serem de panno verde de Ipre, de onze soldos brancos o covado!... »

— « Foi praga que vos rogaram! disse enfunando-se, e enchendo pela terceira vez a sua cuia o repolhudo e insaciavel Martim Lebreu. Não tomeis o caso a peito, Pero Voador. Tudo se remedeia, menos a morte. Enchugai-me uma vez de vinho, e dai-me depois recados da vossa magua. Ha de passar, ha de passar!» e o illustre rival de Sileno, ria-se por entre os dentes, batia o pé em ar de escarneo, e repicava com os dedos sobre o volumoso ventre, como se tocasse em cima de um tamboril.

— « Ha de passar!? repetiu o lacrimoso falcoeiro escandalisado com a palavra, e mais ainda com o tom em que fôra dita. Dai-me cincoenta nebris, ou gerifaltes novos, e vêde se lhes pego, ou se os troco por Galaor?»

— « São contos largos, que não me aquentam nem arrefentam. Quanto menos das taes mofinas aves por cá andarem, melhor! Ainda se fosse o meu alão *Bravôr!* Mas esse não tem perigo. Tudo vai do ensino. »

Uma granada, que rebentasse a seus pés não sobresaltaria mais o honrado Pero Voador, do que esta allusão á queima roupa.

Á palavra *ensino*, lançada com mofa pelos beiços gordurentos do monteiro, o seu interlocutor deu um pulo cômo se o tivessem picado com o ferro de uma

lança; e ao passo que desenroscava por dobradiças a terça parte, até ali encolhida, da sua estensissima pessoa, estalavam-lhe os ossos das articulações, e rangiam, como se um verdadeiro esqueleto saltasse e se movesse.

—«Do ensino!? exclamou tornando-se livido, e estendendo um braço, que promettia continuar indefinidamente se não encontrasse a parede. Do ensino!? repizou meia oitava acima, e dardejando sobre o aggressor a luz chamejante de dous olhos encovados, mas fuzilantes. Dous pares de falcões tenho agora em creação, e outros dous ao vôo no campo. Vejam-os! Sobem direitos contra a relé, sem fazerem pontas, e remontam-a que é um primor; e assim mesmo nenhum chega ao açor, que eu perdi. Ensino!? Ponde os olhos em vós, que não vos falta que emendar. É uma vergonha para o nosso alcaide o modo por que trazeis esses galgos e sabujos, esfaimados e damnados... Mas não admira. Aprendem as manhas do mestre.»

—Ó lá dom sandeu! gritou Martim levantandose arrebatado, e com as bochechas mais vermelhas, que malaguetas—O que valem todos os açores ao pé do meu alão mimoso? Não ha raposa, que fareje, que não siga até a encovar, nem vêado, por muito leve, que não alcance na corrida. Fallais dos vossos amaldiçoados falcões? Já vos esqueceram aquelles dous mouros escravos, que por amor delles foram arder mais cedo no inferno, affogados no paul, onde os mandastes aprazar as garças?... Gulosos os meus lebreus? Mas tonto sou eu em me cançar com um velho doudo e rabugento, que por seus peccados nem é capaz de differençar o milhano do falcão!»

Ao grito de raiva, que Pero Voador soltou, recebendo em cheio esta suprema injuria, é que os serviçaes e os homens d'armas tinham acudido da casa immediata, aonde ceavam, e fazendo roda, com os dous antagonistas no meio, se conservaram disfructando o alegre espectaculo de os ver depennar como dous gallos bellicosos.

As palavras pucham as palavras, diz o adagio, e o falcoeiro possuia uma lingua tão comprida como o corpo. De replicas em treplicas, de doesto em vituperio, os dous chegaram ás ultimas affrontas.

Medindo depois de curta pausa a figura obesa do mestre, Pero Voador desafogou a raiva, exclamando:

—«Sete pragas te trespassem! Bem fallam os que te chamam filho de judeu. Não pode ser outro o sangue, ou antes o vinho d'essas veias.»

Mestre Martinho ficou primeiro petrificado de indignação e pasmo; e a gargalhada compacta, com que o auditorio acolheu a injuria, acabou de o exasperar. Levando a mão ao punho da gomia, ou faca mourisca, que lhe pendia ao lado, e soltando um rugido, ía investir com o seu emulo, quando lhe atalhou as furias uma voz forte e sonora, e lhe suspendeu o impeto um braço robusto que o obrigou a estacar.

Voltou-se, e achou-se cara o cara com o famoso armeiro, mestre Pero Britador.

Diante da poderosa intervenção armada desta potencia recem-chegada ao theatro da guerra o admirador dos galgos percebeu, que seria mais do que arriscado ateimar.

Esmoreceram-lhe logo os brios, e abaixou a cabeça, em quanto o esforçado Vulcano de Coimbra lhe dizia com o seu desassombro costumado:

—«Vamos, vamos! Parai n'essa ruim contenda. Não querem vêr dous christãos a matarem-se por causa d'um sabujo! Mestre Martim Lebreu é meter já na bainha essa gomia, ou comigo vos havereis. Bem sabeis que o meu cutello entra mais pelo corpo dentro, do que a vossa fome pelas viandas do Ovençal, onde faz mais estrago uma boca só, que Deus vos deu, do que toda essa matilha de Belzebuts...»

Pero Britador contava mais trinta e cinco annos depois que o vimos despedir a pontapés a reverenda e robusta pessoa de Fr. Muninho pelas escadas da torre do castello de Santa Olaia; mas na rijeza das forças, e na expressão da physionomia era ainda o mesmo.

A indole tambem não mudára. Sempre inquieto, sempre arrojado, e capaz de servir os amigos á custa dos maiores sacrificios, não perdoava aos inimigos, embora houvesse de affrontar os mais arriscados perigos.

O monteiro de Cham conhecia-o de longa mão, e por mais raivoso, que estivesse, percebeu que seria verdadeira loucura o insistir na sua desforra, contra mestre Voador, que á sombra do vigoroso ciclope, cobrava novos alentos, e affiava a lingua para segundar com outra edicção correcta e augmentada de injurias.

Mas o armeiro com um gesto refreou-lhe a eloquencia, e apontando-lhe para a saida, convidou-o assim a despejar o aposento, acalmando pela ausencia os pretextos da discordia.

Assim que elle desappareceu, Martim Lebreu, sacudindo a mão callosa de mestre Pero, exclamou:

—«Bem vindo! Não vos sabia por cá. Agora mesmo vos fazia por Coimbra...»

«De certo! E se não fosse ter de levar dous bons capellos e um arnez ao conde de Urgel ainda lá me tinheis. Quem quer que o lume arda, mette-lhe lenha.»

—«Mau tempo para jornadas?!» perguntou o falcoeiro, cabeceando gravemente, e assoprando nos dedos com um gesto prenhe de reconditos misterios.

—Nem por isso; quando nos trazem as pernas d'outro!» redarguio o seu interlocutor, sorrindo. O peior era a aljaveira que sahio de Coimbra magra e esfaimada, e que volta gorda como leitão de dous mezes.»

E abrindo a capa indicou um dobral, que parecia bem recheado.

—«Mas pelo seguro sempre essa malha sobre o saio, e ao lado o temperado ferro do vosso cutello? acudio o outro. Fazeis bem. Amigos taes nunca se deixam.—Vamos, não comereis um bocado, e não bebereis uma vez de vinho? São horas de ceia e de dormir.»

«—Não direi que não; mas antes chamai um pagem para levar recado a D. Rui Viegas, de que Pero Britador de Coimbra traz recado de valia para sua mercê, se lh'o quer ouvir.»

—«Seja como mandais» concluio o falcoeiro, satisfazendo aos desejos do armeiro, e arrastando-lhe o escanho para ao pé da meza.

D'ahi a poucos momentos, Martim Lebreu começava a segunda ceia com tanto, ou mais apetite, do que a primeira, e era dignamente coadjuvado na tarefa gastronomica pela voracidade do vulcano de Coimbra. Os dous arcades não tinham que invejar um ao outro.

Possuiam dous estomagos de avestruz.

(Continúa.)

L. A. Rebello da Silva.



O TEMPLO DOS FOGOS ETERNOS EM BAKOU.

O TEMPLO DOS FÓGOS ETERNOS EM BAKOU.

Bakou é uma cidade fortificada, distante quasi 50 kilometros de Schamaki, no Schivam. Foi cedida pela Persia á Russia em 1728: em 1735 voltou ao poder dos Persas, e só em 1801 foi definitivamente entregue á Russia. O seu porto é o melhor do mar caspio, a nas suas proximidades encontram-se mananciaes de petroleo ou naphta, que são objecto de um activo commercio.

O templo que a gravura representa está situado ás bordas do mar caspio, a 35 verstes da cidade.

É de fórma irregular assemelhando-se a uma fortaleza Persa. A sua origem é desconhecida dos sabios do paiz, e sómente consta que fóra edificado pelos verdadeiros crentes, adoradores do fogo. Na muralha que o cerca grossa cerca de 3 metros, há do lado interior cincoenta pequenas casas que não recebem a luz senão pela porta. No grande pateo interior encontram-se montões de pedras collocados sem symetria, e no centro ha um templo de fórma quadrangular coberto com um zimborio sobre qual se vê uma especie de fornalha.

Todo o edificio ocupa o espaço de 200 metros quadrados, e está em total ruina. M.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

IV

Se Deus quizer

Assim que rompeu a manhã, serena e pura, como se a noute não tivesse desatado na vespora todas as furias da tormenta, o robusto armeiro de Coimbra abrio as palpebras com o primeiro raio de luz clara, que lhe entrou pelo esguio miradouro do apoquentado cubiculo, aonde o tinham accommodado.

Esfregar os olhos, recostar-se sobre o cotovello, e logo depois laçar com todo o cuidado a malha de aço sobre o saio, foram os gestos porque principiou o robusto campeão popular, acompanhados das fervorosas orações, que n'aquelles religiosos tempos nenhum christão sincero deixava de elevar ao ceu, ao começar o dia.

Apenas mestre Pero tinha concluido a principal tarefa, quando ouvio tocar de leve na grossa porta do aposento, e ao mesmo tempo a voz de Martim Lebreu, o rei absoluto das matilhas do castello, ajuntava de fora á pancada leve estas palavras, proferidas com discreta modestia em baixo rouco e falhado.

—«Dormis ainda?»

A resposta do armeiro, concisa e terminante, reduziu-se a abrir de par em par.

O bojudo vulto do apparatoso antagonista de Pero Voador, disparando meia duzia de soluços, que davam ares de figurarem ali de suspiros tragicos, introduzio a sua rotundidade dentro do cubiculo, e com uma cuia na esquerda, e um jarro de bocca estreita cheio de vinho na outra mão, apresentou-se para fazer as primeiras libações em boa companhia, dilatando os beiços, e meneando solemnemente a cabeça.

—«Uma vez de vinho não faz mal senão a perros mouros e judeus. Mestre Pero quereis começar a manhã em graça?»

O armeiro repellio, mas com brandura, a taça que lhe offereciam, e sorrindo-se, respondeu:

—«Obrigado, Martim Lebreu, mas em jejum o melhor remedio contra as tentações é uma cruz na bocca.

«Sois o juiz, e sobre gosto não ha disputas! louvado Deus, aqui me tendes, para despejar por dous.» E unindo o exemplo á palavra embocou soffregamente o jarro, e em trez, ou quatro sorvos, aliviou-o de metade do liquido, que durante o curto dialogo nunca cessara de namorar com olhos ternos.

Finda esta prova decisiva, o monteiro descançou, e pondo a vista no tecto, disse para o hospede em tom mysterioso:

—«Não sabeis? D. Ruy Viegas não dormio toda a noute. Esta cá seu primo Reimão de Portocarrero, e o prior de S. Domingos, que chegaram hontem, e segundo parece com más novas, porque sua mercê, ainda não repousou; depois se quereis levar-lhe o vosso recado, subi ao cirado da torre de menagem, que lá o encontrais...»

—«Ha boa meia hora, que mo podieis ter já dito! replicou o armeiro enfadado. Mas é sina vossa, Martim Lebreu. Por um cangirão de vinho sois capaz até de esquecer a Deus».

«Tá, tá! Mais de vagar, Sr. Pero Britador, o vinho é o sangue dos velhos, e a allegria dos moços. Se a pressa de fallar ao alcaide era tamanha, porque o não dizieis?.. A proposito! Não sabeis o que succede? Dous cavalleiros tomaram hontem por força o melhor falcão áquelle sandeu de Pero Voador, e acrescentaram, que tornarião hoje a D. Ruy Viegas com o repto não sei se delles, se de outros, para se matarem todos, não disseram porque»...

—«Santa Maria val! exclamou o armeiro, e calado ficais com isso? Tão certo como é peccado apanhar falcões e açóres antes de S. João, ou tomar-lhe os ovos, que vou jurar em como esses dois não sahem do Castello de Cham, tão inteiros e contentes como entraram. Os da raça do alcaide sempre costumaram dar vinte por dois! Tende por seguro que estes pagam o açor por varas.»

—«O que mereciam, alguns que eu conheço, redarguiu o monteiro, acabando de escorrer o jarro, era um talho de Fernão Armes, ou uma absolvição do vosso malho grande de Coimbra... Escutai! São trombetas a soar. Aposto que ahi nos entra o açor pelas portas dentro. Quereis dar fé do caso?»

—«Se vos apraz!» respondeu mestre Pero, que ardia em desejos de desentulhar o seu cubiculo, rolando para fóra ás punhadas o tonel vivente, que o moía sem piedade, desde que se levantára.

Felizmente para o dictador das matilhas a curiosidade salvou-o: se teimasse cinco minutos mais, apurando a paciencia do seu illustre amigo, é provavel, que a conferencia terminasse de um modo prompto e violento.

Os dois, sem accrescentarem mais nada, sahiram logo por um extenso corredor, subiram escadas, cruzaram umas poucas de camaras desertas, até que por fim se acharam diante de uma das tres portas da salla de armas.

Dentro d'ella, rodeado dos seus pagens, escudeiros, e homens d'armas, tendo Reimão de Portocarrero á direita, e o devoto fr. Gil á sua esquerda, estava D. Ruy Viegas sentado, com a cabeça descuberta, e um arnez lavrado e lusente sobre o peito.

O monteiro naturalmente loquaz ia a abrir a bocca para fallar, mas a mão de Pero Britador, ainda mais rapida do que a ancia paroleira do mestre das matilhas, intimou-lhe a mudez absoluta, fechando a

saída á voz. Foi o que hoje chamariam um acto de coacção brutal.

Poucos instantes depois, os batentes chapeados da porta fronteira ao alcaide descerraram-se com estrondo, e dous cavalleiros, com lorigas de malha, capellos sem viseira, coxotes e braçaes, adiantaram-se firmes nos modos, e graves no gesto. No punho de um d'elles vinha o açor, que na vespora fora roubado ao falcoeiro: e atraz segnião-os a curtos passos dous escudeiros, trazendo cada um seu molho de varas na mão.

O alcaide, vendo-os, poz-se de pé, e acenou-lhes, que se aproximassem; ao mesmo tempo os olhos de Portocarrero despediram relampagos de ira, e as faces do prior dos Dominicos fizeram-se côr de cera.

—«Quem sois, e o que pedis?» perguntou D. Ruy Viegas, cujo rosto severo ainda se tornou mais sombrio e ameaçador.

—«Muitos annos passaram, respondeu o mais moço dos recemchegados, visto que o nobre alcaide de Cham perdeu da memoria as feições d'um dos cavalleiros moços do seu tempo. Quando corriamos ambos as lebres nas terras de Montemor, ou de Santa Maria, o nome de Martim Cravo não vos era tão estranho!»

—«E que vos traz hoje a este castello, onde não ereis esperado, nem sois bem vindo? acudio o primo de Portocarrero, cortando friamente o fio ás recordações juvenis e ironicas. Vindes restituir o meu açor, que hontem levastes por força como salteadores, ou pedir perdão da offensa para salvar o castigo?»

—«Nem uma cousa, nem outra, redarguio o seu interlocutor com o mesmo ar de moffa, que adoptara desde a entrada. Como D. Ruy Viegas se fez monge n'este deserto, e parece que não cinge espada senão para enfeite, eu e o leal alcaide D. Estevão Pires, viemos lembrar-lhe que onde chega a lingua deve chegar o braço d'um cavalleiro. O infante D. Rodrigo Sanches, cujo sois, chama por vós debalde; e se deveras vos não metem medo as lanças dos homens de armas, e os virotes dos besteiros d'el-rei, admira como ainda não sabistes. Dorme-se de mais por cá! É verdade, ajuntou rindo e olhando com escarneo para Portocarreo, que estes muros são altos e fortes, e que os traidores não largam por gosto o ninho seguro. Ahi tendes ao vosso lado um hospede, que se esconde dos que devia buscar, e que faria bem se trocasse o arnez e a espada pelo habito d'esse devoto monge...»

A ira de D. Ruiy Viegas não carecia de tantos estimulos para rebentar. O semblante affogueou-se-lhe; a vista ardeu e chamejou; e a mão apertava com raiva o punho da adaga. Para se conter, teve de cerrar os dentes com força, e de se contrahir immovel, como se estivesse no potro exposto aos tractos, deixando passar, sem as reprimir, as affrontosas phrases de Martim Cravo.

Portocarrero, ouvindo-as, não mudou, porem, de aspecto. Sómente notou o armeiro que as pupilas abrazadas e penetrantes, se assemelhavam a dois punhaes ardentes, e que o sorriso livido se lhe cavara do mais fundo aos cantos da bocca.

Era como se dissesse comsigo: que importam mais os silvos, do que a mordedura da serpente?

Se conto esmaga-la amanhã, porque heide hoje persegui-la em vão?

As palavras de Martim Cravo, que de repente se suspendeu, espantado do silencio de mau agouro, com que o escutavam, o alcaide de Cham não replicou senão:

—«Continuai! Dizei-nos depressa o que pedis, e quem vos manda!

Este desprezo dos dois homens, que esperava enfurecer com as picadas insidiosas dos motejos, principiou a enraivecer o mensageiro. Faziam tão pouco delle, que, nem lhe enxotavam com o pé os vituperios, deixando-o fallar impune, como se deixa latir o sabujo ao longe.

Mais baixo era impossivel considera-lo!

—«Desleal e traidor, exclamou elle, estendendo o braço, é o homem, que resguardado atras dos adarves dos muros só apparece nas seteiras para rosnar palavras aleivosas contra cavalleiros esforçados. É o que vós sois, D. Ruy Viegas! Não contente de ferir os brios de D. Martim Gil de Savorosa, accusaste-o das rixas e homicidios, de que nem sequer teve noticia. Por isso, offendido e affrontado, nos requereu que viessemos desafiar-vos para se ver comvosco em lide aberta, de hoje a duas semanas, nas terras de Grijó, jurando esperar-vos, e matar-se comvosco e com os do vosso bando á lança e á espada ate vos render á sua mercê...»

—«Acabastes?» disse o alcaide no mesmo tom, e carregando mais os sobrolhos.

—«Ainda não!» retorquiu Martim Cravo. Voltando-se depois para o filho dos Portocarreros proseguiu: —«E vós D. Reimão Viegas, cavalleiro de Linhagem, e rico homem de riba Douro, escutai!

—«Ah! atalhou simplesmente o mancebo, dando alguns passos para os contrarios. Dizei!»

—«Como nos soasse, accrescentou o mensageiro de Martim Gil de Savorosa, que o meu nome, e o de D. Estevão Pires andavam pelas bocas mais ruins, affirmando os que o ouviram de vós, que negra tinhamos a alma, e moura a crença, por sermos quem matára á falsa fé a vosso pai Martim Viegas, commettendo outros feitos vis, e sabendo que vos achavamos n'este castello, viemos negar tudo, aqui, em vossa presença, para rosto a rosto vos dizermos:—mentistes, e mentis como judeu e servo!»

Concluindo o desafio, Martim Cravo, crusou os braços, e mediu com um olhar orgulhoso o mancebo, e o alcaide, que nem perante a maior injuria, que se podia soltar contra cavalleiros, perdiam a serenidade apparente, que ambos parecia haverem ajustado.

Mas d'entre os homens d'armas e escudeiros do castello ergueu-se mais de uma voz tremula de raiva, clamando: «mentis! mentis! Os traidores sois vós!»

Portocarrero sorriu, e voltando-se depois para o lado d'onde tinham saído os gritos, bradou severamente:

—«Quem responde aos meus nobres inimigos antes de eu fallar? Finalisai D. Martim Cravo. Sou todo ouvidos!»

Estas phrases ditas no tom mais placido, e com os modos mais tranquillos fizeram estremecer até os mais resolutos.

De feito, os que de perto conheciam o caracter fogoso de D. Reimão Viegas, comparando a friesa do gesto com o sinistro fulgor da vista, tiravam terrivel pressagio. Muito certa reputava elle a vingança, reflectiam comsigo, para conter assim os impetos do coração, dizendo ao sangue e á vingança: refreai-vos!

O alcaide de Cham, fiel ás suas promessas ainda não quebrára o silencio, mas lia-se-lhe a ira na palidez cada vez mais desmaiada.

Fr. Gil, com as mãos postas, e os olhos humidos de pranto orava fervorosamente.

Martim Cravo, atalhado e suspenso, não podia conceber que um sorriso fosse a resposta de uma injuria, e que ás palavras, que arremessava, cortantes como ferro, para baterem no rosto do cavalleiro, não correspondessem rugidos de raiva e ameaças de morte.

Entretanto, não se querendo mostrar colhido ou embaraçado, continuou:

—« D. Reimão Viegas mentistes como falso, tentando manchar de nodoas dois nomes, mais nobres e melhores, do que o vosso; por isso vos convidamos para vos encontrardes comnosco, homem por homem, sem mercê nem misericordia, sem tregua nem repouso. E em testimunho do rapto vos damos estas varas para que vos lembrem que sereis corregido como villão, se faltardes á lide aprazada »

E a um aceno seu os escudeiros dobrando o joelho depozeram diante de Portocarrero os molhos, que traziam.

O mancebo, desviou-as com o pé, e encarando os cavalleiros, perguntou-lhes sem a menor alteração na voz, ou no semblante.

—« Acabastes matadores de velhos e donzellas? »

Era a primeira vez, que os seus labios se abriam para articularem uma phrase acerba. Ao mesmo tempo a luz das pupillas, fria e penetrante, parecia apunhalar os dois, que por mais esforços que desejassem empregar, não souberam encubrir o sobressalto e a torvação, que os tomou.

—« Reparai lá, Pero Britador! murmurou o meio soprano de mestre Voador, cosendo quasi a boca á orelha do seu amigo. Vêde se os mofinos sequer boquejam no bom açor, que me roubaram? Foi como pombo em buxo de milhano! »

—« Deixai-os! retrucou o robusto armeiro. Mais queria eu estar na pelle de uma ovelha com os dentes do lobo em cima, do que na d'elles, coberta de malhas e de folhas. Tomai sentido n'aquelle gesto de D. Reimão! «

E na realidade Portocarrero causava espanto. Palido como se acabasse de lançar dos hombros o lençol do sepulchro, dir-se-hia que a vida toda se concentrava no olhar febril e ameaçador, despedindo odio e raiva em chamas.

Mas o sorriso não se lhe despegava dos labios, os passos não denunciavam cholera, e a voz, mansa e pausada, não se prendia no tremor e rouquidão da ira.

Detendo-se subitamente defronte de Martim Cravo, e contemplando-o dous minutos sem mover os beiços, nem arredar a vista, obrigou-o a baixar a sua, e a recuar diante do seu aspecto, como se retirasse diante dos gumes de uma espada. »

Por fim, rompendo o silencio, perguntou-lhe com indifferença:

—« Dia da lide? »

—« De hoje a trinta? »

—« O logar? »

—« A terra de Sancta Maria. Dous tiros de arco do alcacer. »

—« A hora? ».

—« Quarto de prima. »

—« As armas? »

—« Montante, e adaga, arnez e escudo. »

—« Bem! Não aceito o repto! » concluiu Portocarrero no mesmo tom. Pegando, depois em algumas varas, das que os escudeiros lhe tinham entregado, quebrou-as entre as mãos, e atirou os troços aos pés de Martim Cravo.

Levantou-se então um murmurio na vasta quadra. Eram as vozes abafadas dos espectadores d'aquella scena, que não podiam comprehender semelhante desfecho. O proprio D. Ruy Viegas, embora se conservasse mudo, não soube reprimir-se tanto, que não olhasse confuso para seu primo.

Este, porem, lendo no semblante dos dous cavalleiros o pensamento mau, que lhes subia do coração aos labios, exclamou:

—« Quem se atreve aqui a murmurar do que eu faço? Cuidam que os temo, eu, que peito a peito, e lança em riste, me encontrei com os mais valentes de Granada e de Jaen, e com os lidadores de Gascunha e Aragão? Estes nunca respiraram o bafo ardente das pelejas, nem lhes crestou as faces o sol de um dia de batalha... Quando, abrindo o saio, apontarem para lettras semelhantes ás do meu brazão, e assim gravadas pelo ferro dos inimigos, então serei na lide, que me pedem. Hoje era covardia. Os traidores não valem um talho da minha boa folha! »

E dizendo isto, abria as roupas, e mostrava no peito duas cicatrizes fundas. Logo depois, arrancando a espada da bainha, e floreando-a com galhardia, accrescentou:

—« Vêde-a! É a espada, que apertava nas mãos Gonçalo Mendes da Maia, o lidador, no dia, em que descançou, trespassado de feridas, de oitenta annos de combates — espada tão antiga como o reino, tão pura como a grande alma de seu dono. Olhai bem para ella! Depois de tanto servir não está gasto nem embotado ainda o ferro. Recebendo-a, de quem m'a podia dar, jurei nunca ferir com ella senão em defesa da minha fé e do meu rei. Santa e fadada pela victoria nunca se inclinou diante de nenhuma... Não, minha boa espada, não serás deshonrada. Sempre andou encostado o teu punho a corações generosos, e nunca sentiu fadiga o braço, que te vibrou. De hoje em diante... acabaste. Sou o ultimo da minha raça; e já que não tenho herdeiro, a quem te deixe, quero que fiques aqui hoje; não irás cahir nas mãos de nenhum traidor.

E dobrou-a contra o joelho para a estallar; mas de repente suspendeu-se, obedecendo a outro pensamento.

—« Irás repousar ao lado de meu pai. Se houvesse outro coração, como aquelle, que lá jaz desfeito em pó, serias d'elle. »

Seguio-se larga pausa, cortada apenas pela respiração anciada de quantos escutavam o mancebo.

D. Martim Cravo, e D. Estevão Pires, nem ousavam erguer os olhos. Portocarrero, não querendo revelar a dôr perante os homens, que detestava mais no mundo, escondeu a cabeça no seio do prior Fr. Gil, em quanto D. Ruy Viegas, aspero nas fallas, e ameaçador no aspecto, respondia aos dois assassinos de Martim Viegas:

—« Dizei a Martim Gil de Savorosa, que me verei com elle e os seus nas terras de Grijó. Por sua causa se perde o reino, e não tem corrido uma gota só de sangue nobre, que não lhe deva cahir sobre a consciencia. Podeis saír! »

Martim Cravo ía a replicar, mas um gesto do alcaide cortou-lhe a phrase.

—« Ide, ajuntou o primo de Portocarrero, e agradecei a Deus, que os de riba de Bestança não sejam como os corvos e abutres do vosso ninho. Se Ruy Viegas quizesse agora escutar a voz do sangue, mandava levantar no eirado mais alto das suas torres duas forcas, e ensinava aos traidores como se vinga

a morte de um velho e de uma donzella. Não me tenteis mais a paciencia.»

Não foi necessario repetil-o. Os dois saíram em silencio; e d'ahi a poucos minutos já davam de esporas aos cavallos, transpondo as barbacans.

(*Continúa.*)

L. A. Rebello da Silva.

A MULHER DE MARMORE.

Heurese la beauté que le poeta adore!
Heureux le nom qu'il a chanté!
Toi qu'en secret son culte honore,
Tu peux, tu mourir! dans la postérité
Il legue à ce qu'il aime une éternelle vie;
Et l'amante et l'amant sur l'aile du génie
Montent, d'un vol égal, à l'immortalité!

Lamartine. — Médit.

I

Quem és tu? qual é teu ser?
És algum anjo de Deus,
Que anda na terra a soffrer!
És desses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda,
A natureza se inunda?
És uma dessas visões
Que vivem na phantasia,
Sorrindo á melancholia
Das perdidas illusões?
Quem és tu, formosa imagem?
És filha de um sonho vão?
És... o que és? vaga miragem...
Tens ou não tens coração?
Oh! não tens!.. tu és mulher;
É pedra todo o seu ser.

II

Não tens coração; não tens
Senão a dura materia,
Onde nascem taes desdens,
E tanto orgulho!... miseria.
É de desprezo esse rizo?
Mas sabes tu quem sou eu?...
Posso expulsar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraizo!
Posso dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dor.

III

Sou poeta, eu: sou rei,
Cujo sceptro e cujas galas,
Não se alcançam n'essas sallas,
Onde os ignaros dão a lei.
Onde tu vives!... aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei, caminha,
E a virtude a face esconde!
E desses vassallos queres?
Por esses me has de trocar!
Oh! como são as mulheres!...
O seu prazer é reinar.
Reinar na salla, na praça,
C'o a razão, ou c'o a folia;
Reinar até na desgraça,
Inda que seja um só dia!
Tarde, ai! só quando perdidas,
Se mostram arrependidas!...

IV

Mas desse prazer os travos,
Tarde-embora! — chegarão.
Em tua corte de escravos,
Não terás um coração!
Vê bem o que vais fazer;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia,
Por instantes de prazer!
Vê se tens a cobardia;
Pelo gosto da vaidade,
De aceitar a potestade
Que orna mal uma agonia;
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um Deus!

V

Sou rei — sou Deus; — a poesia
Brota do meu coração,
Em torrentes de harmonia,
Nas horas da inspiração.
O poeta é um rei, um Deus:
Tem de um Deus toda a grandeza,
Quando á sua mente aceza
Desce uma chama dos ceus!
Quando invoca do passado
Os reis, os povos, a historia;
Quando canta uma victoria,
Ou conforta um desgraçado.
É sempre um Nume o poeta:
Quando canta as desventuras,
Ou as desgraças futuras,
Se faz tremendo propheta.
Para ouvir-lhe o doce canto
Param as ondas do mar;
Comovidas com seu pranto
Calam-se as aves no ar.
Resplandecem as estrellas,
Mais perfumes dão as flores,
Se o poeta á vista dellas
Canta e suspira de amores.
Tornam-se as noites serenas,
Mais branda a lua fulgura;
Se elle conta as suas penas,
Se lhe sorri a ventura.
Até com os cantos seus
Folgam os anjos de Deus!

VI

Só tu me queres fugir...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como suspira a saudade!
E por quem me vais trocar...
Regeitas do amor a palma,
E á turba que não tem alma,
Por vangloria te vais dar!...
Desprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes;
Para seguir os venaes,
Deixas o ceu pelo inferno!
Ganhavas perpetua fama
Nos eccos da minha lyra;
Nosso amor aos ceus subira
Cercado de etherea chama.
Em versos de ouro cantada
Serias, como a Leonor;

Como a Laura, celebrada,
Tua vida fóra amor.
Oh! não! que o não merecias;
Sempre marmor ficarias!

VII

Vai; quebrou-se o meu encanto;
Nunca mais hasde ouvir queixas.
Sei que te aborrece o pranto;
Que zombas destas endeixas...
Vai; dura pouco a belleza,
E depois que ella passar,
Diz adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida;
Sentindo acabar a vida,
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Vai; que eu te não torne a ver,
E concedo-te o perdão.
Se o meu amor não quizeste,
Mais um poeta fizeste.

Lisboa 1855. F. G. de Amorim.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE,

1731—1779.

VII.

Ja observamos com que louçania o engenho do Diniz se apresenta, competindo no genero lyrico, em oppostos e variados tons, com os modellos antigos, e com os primores modernos mais elogiados no seu tempo, tanto nacionaes como estrangeiros.

Vimol-o nos ensaios pindaricos levantar-se impetuoso, desferindo o vôo ás alturas epicas, e sem queda sensivel, antes com brio e lustre, cingíndo aos Gamas, aos Albuquerques, aos Pachecos, e a tantos heroes portuguezes da conquista do novo mundo, da da Asia, ou da crusada Africana, a corôa immortal, que o cantor Tebano pousou na fronte dos vencedores dos jogos isthimicos e olimpicos, instituidos para estimulo e culto das glorias patrias.

Vimol-o, depois, encostando a harpa dos hymnos heroicos, tomar a lyra graciosa de Anacreonte, e passando-lhe os dedos pelas cordas tecer de melodias risonhas, e de festivas canções o trama delicado e transparente das suas odes fugitivas.

E nestes dous combates com o genio da Grecia, parece-nos ter mostrado, que o talento do fundador da arcadia não desmaiava facilmente com as fadigas da lucta, apezar da immensa differença das cores e dos toques, e da insuperavel difficuldade de transportar pela imitação para um idioma mais pobre e menos apto as gallas da mais opulenta e harmoniosa lingua, e os incalculaveis thesouros dos seus dialectos e estillos.

Entremos agora com o poeta em outra provincia, de certo não tão rica, e mais limitada!

Acompanhemol-o á cabana rustica, e ás campinas, sobre que dorme o luar, se o sol não dardeja os raios por entre as ramas entrelaçadas do arvoredo.

Descansemos da longa jornada, assentando-nos com elle sobre as relvas, e á margem das frescas ribeiras, e escutemos os cantos da frauta de Menalca, n'aquelle brando e enlevado repouso, que o Melibeo de Virgilio invejava ao ditoso pastor de Mantua, recostado tambem a sombra das faias, e espraiando, como nós a vista, ao declinar do dia, pelas saudosas colinas por onde trepam os rebanhos, tosando a erva, e voltando os olhos para o caminho do redil, sentindo avisinhar-se a noute.

N'estes quadros, em que o pincel do Vate romano é tão mimoso, e ao mesmo tempo tão ingenuo, Elpino vai encontrar-se com emulos mais arduos de vencer; e os grandes vultos de Theocrito, Bion, e Mosco, que já empalidecem a bella physionomia de Virgilio, não deixam apparecer mais ao perto os Popes, os Gesner, e tantos outros, senão para tornarem mais grave ainda a difficuldade, e por isso mais digna de louvor a audacia do certame.

Tratando de restaurar as regras da composição classica, e de impor á escola reformada os traslados da antiguidade, não só como os melhores, mas quasi como os unicos, a Arcadia esmerou-se em unir o exemplo ao preceito, tentando todos os generos com diversa fortuna; sobresahindo em muitos não admira portanto que decaísse em alguns, porque as faculdades dos seus poetas não podiam abranger tudo. O Diniz, ousaremos affirmal-o, foi talvez o mais fecundo e inventivo dos seus vulgarisadores; e se exceptuarmos o poema epico, pouco mais acharemos que se abalançou a commetter todos os lances, quebrando pelo menos uma lança com bizarria na estacada, quando não conseguia levar inteiro o premio.

No Idyllio, em que o vamos considerar, não alcançou de certo os triumphos, que na lyrica exaltam o seu nome, e tem de ceder ao Quita a palma, e a preferencia; mas assim mesmo a distancia, (perdoe-se-nos a asserção!) não é tão grande, que devam reputar-se credoras de leve aceitação, ou indignas de estudo as bucolicas, que nos deixou, embora não corresse por ellas a vigorosa lima, que realça as suas obras mais acabadas, lima que o Garção não esquecia em nenhuma das que deu por concluidas para a estampa, e que o Quita aplicava, ainda que menos cuidadosa, ás suas melhores composições.

Para se formar juizo seguro das idéas de Elpino, sobre o estylo e a execução da Ecloga, é preciso não perder de vista as duas dissertações lidas por elle nas conferencias da Arcadia de 30 de setembtro e 29 de outubro de 1757, e tiradas em grande parte da extensa carta, que escreveu a Theotonio Gomes de Carvalho, não sabemos se datada tambem do Monte Menalo, no anno antecedente.

Os principios poeticos do futuro chanceller da Relação do Rio de Janeiro estão firmados nellas com o rigor de um convencimento profundo; e como raras vezes a tolerancia e a benevolencia adoçam nos sectarios o ardor do zelo, não falta a victima, e o sacrificio do costume, para maior gloria da religião que o Vate proclama por sancta e verdadeira.

Nas duas dispertações leem-se alguns trechos de critica, salgados com tanta vontade, que um pouco mais de picante lhes daria necessariamente o azedume acre de allusão satyrica.

Querendo determinar a differença, que vae do estylo simples ao estylo rustico, Elpino, inspirado de certo pela veia maliciosa do auctor do «Hyssope» ci-

ta perante o douto Areopago dos seus consocios em Minerva um desgraçado compositor de , Novas Eclogas, e reproduz, sem misericordia, e nos termos rasteiros e triviaes da pocilga e da estrebaria, o dialogo baixo e rude, em que fallam os interlocutores, parodias brutescas da elegancia ingenua e da amenidade facil, que entre nós adornam os versos de Rodrigues Lobo, de Bernardes, e do Quita, e que entre estranhos Boileau requer como a condição essencial do genero.

Analizando alguns dos Idyllios de Domingos dos Reis, já referimos esses desentoados e hirsutos metros, e por isso nos abstemos agora de continuar a transcrevel-os.

Se a poesia campesina se reduzisse a rimar as sandices e grosseiras altercações dos abegões e guardadores, é de crer que o gosto a hovesse deportado desde o seu começo para as arribanas, d'onde copiou ao natural o infeliz retratista, apodado pelo cantor do Lara e do sabio Abracadabro.

Neste ponto não soffrem replica as razões deduzidas por Elpino, nem a doutrina dos eruditos reformadores, cujo suffragio invocam.

Mas ha outros aspectos ainda a contemplar; e varias proposições arriscadas carecem, a nosso ver, de algum exame antes de se admittirem como liquidas.

Arrebatado e impaciente, por indole, o Diniz nem sempre destroe o obstaculo, que o detem; e para não se demorar, corre ao lado, ou salta por cima delle, deixando-o de pé. É o que succede com certas asserções, que aventura, que promette desenvolver, e que depois esquece, como se ficassem deslindadas.

A sua theoria poetica, se fosse aceite e imposta, como a estabelece, parece-nos que daria em resultado, não o aperfeiçoamento da obra poetica, mas o encolhimento e a mediocridade, que de ordinario sáem de moldes muito estreitos e apertados.

Mais ainda. Julgado pelo codigo, que indigita, nem o proprio Elpino, cremos, poderia eximir alguns dos seus idyllios da sentença, que dicta a muitos indirectamente.

Não custaria, a descubrir e apontar talvez, nas suas eclogas trechos accusadores da orthodoxia do legislador do Parnaso arcade, e por isso mesmo argumentos vivos da excessiva austeridade das regras e opiniões recommendadas.

Para unir como Virgilio, na poesia pastoril, o retrato da vida, dos costumes, e dos discursos do campo, á suavidade natural, á elegancia desafectada, e ao traço delicado e verdadeiro de um pincel fino, é preciso mais do que um talento mediano, e só uma esplendida e favorecida vocação o obtem!

Nos Idyllios do Quita, e nas eclogas de Rodrigues Lobo apparecem imitações do antigo, e mesmo lances originaes, que se aproximam do ideal proposto; mas por algumas victorias alcançadas, quantas derrotas se não contam, até nos mais elogiados?

Na segunda parte das suas reflexões sobre o estylo das eclogas, lida na Arcadia, Elpino, auctorisando-se com o voto de Rapin, de Fontenelle, e de Fenelon, procura destruir os reparos, que alguns criticos formaram contra o genero pastoril.

A escola utilitaria engeitava-o como vão e inutil para arraigar o amor da virtude e o horror dos vicios; mas para repellir similhantes escrupulos basta observar, que nem a musa epica, nem a musa tragica disputaram nunca o logar, que pertence á Imitação de Christo, aos tractados de moral, ou aos Sermonarios.

São cousas distinctas.

Uma vez, que a poesia não arranque os veos do pudor, e não baixe, lasciva e descomposta, á ebriedade da phrase lubrica, ou do painel deshonesto, respeitando os costumes respeitou-se a si, e aos leitores, e cumprio a sua missão.

Se a paixão amorosa, cantada nos idyllios, esmorece o timbre veril, e toma um tom quasi femenino, ninguem dirá que o defeito constitua a regra, e que o caracter da composição bucolica exclua sentimentos mais elevados, e até rasgos sublimes de arrebatamento lyrico e religioso.

Quando se quer humilhar a modestia da ecloga, confrontando-a com o voo impetuoso da ode, confundem-se estylos oppostos, e condemna-se com parcialidade.

A ode não repelle as queixas amorosas; e para admittir a inventada exclusão, teriamos de expurgar a litteratura antiga de muitas das bellas paginas, que a illustram.

As obras lyricas de Horacio sairiam mutiladas, Anacreonte ficaria esquecido; e os admiraveis fragmentos da paixão delirante de Sapho serião rejeitadas em nome de uma theoria falsa e absurda.

Theocrito, Bion, Mosco, e Virgilio, o imitador dos tres, entenderam a execução do genero de differente maneira. Em todos elles o idyllio molda-se com variedade aos assumptos menos ternos, e veste as formas, que elles pedem.

Abram-se ao acaso, e ver-se-ha como os mestres sabem alargar os horisontes, e como do rustico alvergue do pastor a inspiração desata as azas de fogo para se remontar até ao ceu.

Nestes dous pontos, em que o Diniz combate pela liberdade da arte, firmando-se na doutrina dos mais sisudos escriptores, pouco se poderá acrescentar com novidade, guardando-se, como deve guardar-se, o preceito critico, que manda julgar os livros pelos principios, que a epocha e os auctores reconheceram.

A Arcadia representava a renascença classica na sua puresa, e querer apprecial-a pelas idéas de hoje seria o mesmo, que exigir do marquez de Pombal que governasse pelas formulas das constituições recentes.

Aonde se nos figura, que Elpino responde com menos exito, é quando se esforça por demonstrar que a poesia campesina não repugna um pouco aos costumes e ás tendencias das sociedades modernas. Contra este escolho empenha as forças com menor fortuna, e a razão (parece-nos) entrega a palma aos seus adversarios.

O desenho de uma scena pastoril, o dialogo ingenuo, e o perfume agreste dos campos, alegrando aqui e acolá as pinturas mais severas do poema heroico, ou os capitulos do romance e da novella, offerecem ao inventor a occasião propicia de variar as cores e os toques, aliviando a gravidade da epópeia; entram como episodios deleitosos no trama da narração; e habilmente destribuidos paeparam o animo do leitor por meio de uma pausa refrigerante para atravessar depois as comoções vehementes, e os lances patheticos.

É o que se nota no formoso poema do Tasso, e na imaginosa tela dos Lusiadas; é o que antes delles já tinha feito Homero na Odyssea, e o que Fenellon não omittiu no seu romance epico de 'Telemacho.

Mas, seguir-se-ha, por isso, que uma longa serie de poesias todas de igual afinação, todas filhas da mesma ficção, e só diversas nas formas exteriores e

nos incidentes, possa captivar o interesse por largo espaço, ganhando os foros de intima e popular a preço da palida imitação dos exemplos gregos e romanos.

Não o supponios. Mesmo os modelos mais apregoados, para não declinar, viram-se obrigados a disfarçar a allusão politica, a nenia lacrimosa, e os transportes fervidos do amor com os trajos humildes dos cabreiros, louvando, ou denegrindo os homens e as cousas do seu tempo pela boca dos Menalcas e dos Corydons, em que a sua phantasia retratava ora os cortesãos de Augusto, ora os ministros e os poderosos do seculo.

Na collecção das eclogas de Virgilio acha-se a cada momento a prova do que dizemos, e o que nos resta de Theocrito é de sobejo para o comprovar.

Feitas estas observações, que não julgamos desnecessarias, passemos a apontar concisamente no volume dos idyllios de Elpino os traços mais caracteristicos, declarando primeiro, como pede a equidade, que a nosso ver o Quita o excede tanto, como o Diniz no estilo lyrico deixa atraz de si todos os arcades, seus consocios.

Examinando de vagar a collecção bucolica do auctor do 'Hyssope' não será custoso a qualquer observador sagaz o descubrir, que a imaginação opulenta e arrojada do poeta baixa contrafeita á simplicidade campesina, e que mesmo copiando dos livros, e avivando a pintura dos mestres, por vezes se descuida, e deixa escapar o pincel, mais proprio para as grandes rasgos heroicos, do que para o colorido fino e natural, que taes scenas querem.

Não lhe faltam de certo amenidade, e graça, quando as busca; debuxando com apuro não lhe fogem os longes do quadro, nem erra a miudo a expressão peculiar do genero; mas sente-se, lendo-o, que lucta comsigo mesmo para não quebrar o molde, e que se curva sujeito á imitação forçada.

Aquella ingenuidade facil, que dá tanto valor aos quadros do Quita, e aquelle enlevo espontaneo, que Rodrigues Lobo sabe achar sem se constranger, não se encontram nos paginas de Elpino senão de raros em raros trechos.

Vê-se n'ellas de mais a sombra dos bucolicos antigos, e de menos, a vocação do cantor. A cada instante, e por occasiões, sem grande acerto, apparece engastada á imagem estranha, a allusão virgiliana, e até o esboço quasi inteiro de Theocrito, ou de Moscho. Das liberdades de Gesner, e das singelas elegancias de Pope, se o vate os estudou, poucos vestigios conserva a sua obra.

Escutemol-o no vi Idyllio intitulado 'Auliza' e a par dos correctos versos, em que solta os queixumes amorosos não será difficil indigitar logo as tintas carregadas, que, a nosso crer, desfeiam a physionomia do trecho, porque lhe roubam a côr de simplesa desafectada, que é o segredo da sua formusura.

O poeta lamenta a pastora, que a morte lhe ceifou na flôr dos annos:

Tu eras d'estes campos a alegria,
Se levavas ao rio as tuas adens,
As aguas mais serenas se mostravam,
As margens mais floridas pareciam,
. . . .
Se ficavas na aldeia, no terreiro,
Na barra, lucta, e baile se empregavam
Os pastores mais destros, e mais sabios.
Que pastora creou nessa ribeira,
Por mais bella que fosse e mais gabada
Que podesse comtigo comparar-se?

Nas descripções, em que pouco se desvia da antiguidade, nota-se a mesma culpa.

O desenho, não é tirado da vida, animando-se os vultos pelo ideal, mas das recordações dos livros, e de sentimentos, que só têem de bucolica uma, ou outra fórma.

No viii Idyllio, ha comtudo um quadro, filho das reminiscencias classicas do poeta, que realça pela graciosa negligencia, com que está traçado. É a pintura de um tarro, que o pastor Anfrizo promete a Ergasto, amado das musas, em premio da canção pedida:

De uma banda, por mãos d'Alceu lavrado,
Um mancebo pastor n'elle se admira,
Que de brancas ovelhas rodeado
Attento tóca a marchetada lyra:
Que se movem dirás ás suas vozes
As arvores e feras mais ferozes.

Um menino da outra diligente,
De molles juncos tece uma esparrella,
E em quanto em enredar manhosamente
Uns com outros se emprega, e se desvela,
Do malhado curral o seu rafeiro
Lhe furta os brancos queijos surrateiro.

Podiamos ainda multiplicar as citações, mas de que serviria? As que apresentamos foram apenas trazidas para dar alguma ideia do gosto e do estilo buculico de Elpino; alongal-as, acompanhando-as de observações, caberia talvez em um trabalho mais extenso, mas nestes rapidos artigos tornar-se-hia impertinente e insoffrivel.

O conceito, que nos dictou a leitura meditada dos Idyllios do Diniz não o occultamos, e fica bem claramente manifestado. Neste genero o imitador feliz de Pindaro e de Anacreonte não lucta com a mesma confiança, com que o vimos sobresahir, commettendo com audacia dois dos mais variados aspectos da poesia lyrica.

É sua a culpa, ou do assumpto?

Parece-nos que de ambos.

Quem se lembrar do conciso elogio, em que Horacio exalta a flauta pastoril do vate Mantuano não se admirará de que sejam raros os cantores, que deixaram nome, triumphando das difficuldades, e salvando-se pelos poderes da arte e da vocação de naufragarem na monotonia e na affectação, os dois escolhos mais perigosos, que a ecloga precisa acautellar.

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rure camoenae (1).

Quantos se louvam de igual brinde nas letras antigas e modernas?

(*Continúa.*)

L. A. Rebello da Silva.

Se as casas fossem de cristal, seriam mais puros os costumes das familias.

(1) Horacio. Satyr. Lib. i. Satyr. x. v, 44 e 45.
Eis o sentido do poeta na facil e elegante versão do sr. Antonio Luiz de Seabra:

As camenas, ao campo afeiçoadas,
A Virgilio a doçura e graça deram:



O CAVALLO DOMESTICO.

Mas já correr diviso nas campinas
O formoso animal, que abrindo a terra,
C'um golpe de tridente, á luz do dia
Deu das ondas o nume soberano,
Tu, conquista completa dos humanos,
Cavallo docil, vivo, activo, e forte,
Dos quadrupedes rei pela elegancia;
Em quem da escravidão não póde o jugo
Destruir o valor, manchar a audacia

GEORG. PORTUG. POR MOSINHO D'ALBUQUERQUE, CANTO V.

O cavallo redusido ao estado de domesticidade é, como observou Buffon, a conquista mais bella que o homem fez no reino animal. Todos conhecem, todos admiram as formas engraçadas e symetricas, a velocidade, a força, a docilidade d'esta nobre creatura; porém, poucas pessoas tem reflectido sobre a importancia que o cavallo representa na historia humana; poucas pessoas consideram que se ainda não estamos na barbaria rustica de nossos primeiros antepassados, se gozamos de todos os beneficios da civilisação, devemos isso em grande parte ao nobre animal de que fallamos. O nosso reconhecimento não se tem manifestado, salvas as excepções, na generalidade de nossos actos a seu respeito; e póde recear-se até certo ponto que os seus serviços esqueçam agora que voa-

mos com a rapidez do vento transportados pela acção do vapor.

Nem a historia sagrada nem a prophana nos ensinam quando e em que região o cavallo foi pela primeira vez submettido á vida domestica, se a principio serviu para transportar cargas ou para levar cavalleiros; é provavel que ao mesmo tempo fosse empregado n'estas duas tarefas, e tambem é provavel que o fosse simultaneamente em diversas partes do mundo. Todavia o que muito custa a comprehender é o longuissimo lapso de tempo decorrido d'esde a domesticidade do animal, de que ha vestigios nas historias primitivas, até os processos e inventos inherentes á arte da equitação e que modernamente attingiram o seu grau superior de aperfeiçoamento. Correram annos e tanto os gregos civilisados, como os povos mais rusticos da America do norte, até onde attingem as nossas noticias, montaram a cavallo sem sella nem freio, guiando os seus corseis por meio da voz, da mão, ou d'uma leve chibata; tocavam no animal na direita ou esquerda da cabeça para o encaminharem ao lado opposto, faziam-no parar sustendo a cabeçada, e impelliam-no a pancadas do calcanhar. Era mister que os cavallos fossem muito ensinados para se deixarem governar por meios tão simples na violencia da carreira ou no tumulto da batalha; porém, taes são a attenção, a docilidade, a memoria d'este animal que seria difficil saber qual a cousa que d'elle não se poderia obter. A final inventaram-se as rédeas e o freio; porém, decorreram seculos antes de usar aparelho que se podesse denominar sella. Os cavalleiros sentavam-se n'umas mantas mais ou menos acolxoadas, e sobre pelles de animaes ferozes, de ordinario ricamente ornadas, mas sem estribos. É facto singular que os romanos, na epocha em que o luxo chegara ao requinte n'este povo soberbo, nunca se lembraram d'um expediente tão simples para ajudar o cavalleiro a montar, para diminuir a fadiga e assegurar e equilibrio, não obstante a circumstancia de resultarem do habito de ter a cavallo as pernas penduradas enfermidades dolorosas. Pelos antigos baixos-relevos, que ainda se conservam, vemos que em quasi todos os paizes os cavalleiros montavam do lado direito do animal, para melhor se agarrarem ás clinas que pendem d'este lado; porém, esta auctoridade classica não obstou ao uso contrario. Os heroes da antiguidade, segundo as narrações que possuimos, saltavam para cima dos cavallos, ou se firmavam na lança, se a trasiam, e que era guarnecida, a tres palmos da extremidade inferior, d'uma pequena travessa que lhe servia de degrau.

Havia cavallos que estavam adestrados a curvarem-se, e até ajoelhar, para receberem o cavalleiro. Tanto em Roma como na Grecia, os magistrados policiaes tinham incumbencia de mandar por nas estradas em certas distancias poiaes para se montar á cavallo. Mas, os patricios, os nobres, achavam mais conveniente á sua dignidade servirem-se de degráus vivos, e cavalgar firmando o pé sobre as costas de escravos prostrados no chão; outra casta que não podia ter este luxo trazia uma pequena escada. estravagante appendice de uma equipagem de cavalleiro. Que exemplo de aviltamento em que decahira a Roma imperial, quando um orgulhoso monarcha persa fez que substituisse o costado de um vil escravo, o dorso do imperador Valeriano! A invenção dos estribos tirou á soberba humana todo o pretexto para prostituir assim a imagem do creador; em vez de appresentar as costas, o servo passou a segurar o estribo. Na idade media, os grandes compraziam-se exigindo dos seus rivaes abatidos este signal de servilismo; imperadores d'Alemanha seguraram os estribos ao papa, e Henrique 2.° d'Inglaterra, quando nutria o rancor mais violento contra Thomaz Becket (S. Thomaz de Cantuaria) julgou amaciar este prelado por meio daquella demonstração de respeito.

O uso da sella é mencionado pela primeira vez, em termos procizos, n'um edicto do imperador Theodosio, no anno de 385, pelo qual se vê que os que tomavam cavallos de posta forneciam ordinariamente as sellas. O edicto prohibe aos viajantes usarem de sellas que pesem mais de sessenta libras! Estes enormes aparelhos deviam parecer-se com os que se põem ás costas dos elephantes, sem a mais leve parecença com os elegantes sellins, que ora se usam. Crê-se que felizmente para os soldados d'essa epocha não se tinha ainda imaginado o castigo militar de carregar com a sella; pena que depois foi infligida, por infracção de disciplina, aos cavalleiros ainda na idade media: punha-se-lhe ás costas uma sella com freios e outros acessorios, e o delinquente era obrigado a caminhar assim apparelhado por certo espaço de tempo, exposto aos motejos de quantos o encontravam.

As sellas para poderem as senhoras montar a cavallo são de invenção de uma data comparativamenmoderna. A primeira que appareceu em Inglaterra foi feita para uso da rainha Anna da Bohemia, esposa de Ricardo 2.°, e ainda assim é provavel que se parecesse mais ás cadeirinhas, de que usavam nossas avós, ás vezes cingidas por uma correia que atracava dos braços do assento collocado no corpo do cavallo a cintura da pessoa.

O uso de ferrar os cavallos é posterior muitos seculos ao emprego que geralmente se fez d'estes animaes; e de facto a necessidade de lhes proteger os pés só foi reconhecida quando os caminhos batidos e as calçadas vieram a ser communs: o primeiro expediente foi uma imitação do calçado da gente, uma espece de sandalha de esparto, cordas, ou couro.

Mais tarde empregou-se o ferro em formas mais ou menos geitosas; o prodigo Nero mandou por ferraduras de prata nos seus cavallos, e a imperatriz Poppea empregou ouro no mesmo uso. Mas essas sandalhas eram pouco seguras e ficavam muitos vezes enterradas na lama; e por isso não as punham ordinariamente nos pês dos cavallos senão nos peiores sitios das estradas. Parece que tambem defendiam imperfeitamente os cascos; e de forma, que por occasião do cerco de Cyzico, Mithridates, na sua primeira guerra contra os romanos foi obrigado a fazer voltar para a Bithynia toda a sua cavallaria, porque os cascos dos animaes estavam inteiramente gastos.

N'este caso, como a respeito da sella sem estribos, custa a comprehender que os homens continuassem por espaço de mais de mil annos amarrando com cordas e faxas, chapas de metal aos pés de seus cavallos, e não se lembrassem, vendo a ineficacia d'aquelles meios de segurar com os cravos essas chapas. Se reflectirmos nas faculdades inventivas do homem, nada, com effeito, tão prodigioso como a sua falta de invenção, e o espirito dos habitos inveterados que o obrigam a fazer durante uma serie de gerações cousas mui absurdas, meramente pela força do costume e ausencia de reflexão! Decorreram seculos em que o genero humano esteve separado por veus quasi transparentes de alguns descobrimentos que mais contribuiram para as commodidades da vida. Possuimos a gomma elastica d'esde a epocha da explo-

ração da America, e ainda ha bem poucos annos apenas servia para apagar os traços do lapis no papel.

Voltando ao assumpto: as diversas applicações do cavallo exigem variedades correspondentes nas suas formas e proporções. Os cavallos empregados em puxar os carros dos fabricantes de cerveja em Londres são soberbos gigantes; mas, a sua belleza não é a do cavallo das corridas de Newmarket, o que n'uma especie é boa qualidade pode ser defeito na outra. Assim, um cavallo de sella deve ter as mãos ou pés dianteiros perfeitamente aprumados. Se a linha lançada da espadua ao casco inclina para dentro da perpendicular, o cavalleiro deverá ter muito tento, porque lida com um cavallo sujeito a tropeçar. Um cavallo de tiro, pelo contrario, deve quando está em descanço inclinar um pouco as mãos para diante: esta porção de seu proprio pezo que vergar sobre os joelhos o cavallo de sella mal configurado, é levada pelo cavallo de tiro de encontro ao peitoral e o ajuda no trabalho. Vede uma parelha que forceja por tirar-se d'um atoleiro: os cavallos atiram-se com tal força que necessariamente cahiriam se não fossem retidos pelos tirantes; succede em tal caso como a um homem alando um barco por meio d'um cabo. Outro exemplo: o cavallo de caça e o de correr tem ambos por qualidade essencial a velocidade; porém, distinguem-se por certas particularidades de formação adaptadas ao seu respectivo destino; o cavallo de caça precisa de muita força e flexibilidade na dianteira para resistir á contra-pancada que recebe quando toca a terra tendo saltado um tapume ou uma valla. No cavallo de correr, pelo contrario, o vigor principal ha de residir na parte posterior, para sustentar o animal no galope e impellil-o para a frente, n'este caso a dianteira com pouca elevação serve para facilitar e accelerar o movimento de toda a maquina. O galgo tem os pés dianteiros mais curtos que os de traz; a differença ainda é mais sensivel na lebre, e é extraordinaria no kanguroo, cuja corrida é uma serie de saltos prodigiosos. O celebre cavallo *Eclipse*, que nunca foi vencido nas corridas em Inglaterra, era muito rasteiro na parte dianteira, e mais levantado da garupa.

(*Continúa.*)

FASTOS AÇORIANOS.

III.

PETAS DE ABRIL.

(Continuação.)

> As epochas de adiantada civilisação tendem a fazer similhantes os costumes de povos diversos
>
> A. HERCULANO—HIST. DE PORTUGAL.

A civilisação do povo levanta-se como estatua no pedestal das tradições. Nos seus costumes e crenças nos reflecte, como em espelho ardente, a antiguidade de sua origem, ou as relações contrahidas; d'aqui vem o descobrirem-se principios, especie de dogmas, communs á vida particular de muitos povos.

Esbocemos mais uma feição da monotona vida insular.

De Roma, que as herdara da Grecia, que as herdara não se sabe d'onde, nos passaram saturnaes e lupercaes, symbolo do principio da liberdade publica. Em todas as transformações da vida social se vêem respeitadas as immunidades da multidão, e perfilhados seus prejuisos, se, por innocentes, pouco significativos para a acção ou reacção, ainda assim grandemente valiosos para compor a sua existencia fausta e commemorativa. Nem caminhos de ferro, nem telegraphia electrica havia para que a toda a parte chegassem doutrinas e crenças remotas; mas, sem que se advinhe como, em echos successivos se disparou pelo mundo a mesma idéa de que a humanidade não só vive para o trabalho, mas tambem para o goso; idéa que ou se radicasse nos espiritos com o colorido caprichoso do pantheismo, com a candura insinuante da philosophia christã, ou com o desultorio e extravagante enredo da idolatria, é sempre a mesma e inalienavel na substancia e no intuito.

O senso intimo disse ao homem «trabalha, gosa sem destruir-te, e aspira á perpetuidade da memoria» (que não é outra cousa senão a eternidade da Redempção:) a philosophia deu corpo e foros a esta legislação da naturesa; a historia lhe conserva o espirito nas pégadas, mais ou menos salientes, pelos caminhos ora rectos ora transviados, d'este gigante provecto, mas ainda assim incessante e sempre novo, a que chamam humanidade. O goso é paga do trabalho: a historia que passa da individualidade á communidade, e n'ella se perpetua, é essencia do goso. E mal do homem cujo goso é tão raro, se a memoria lhe não trouxesse conforto, e elementos com que phantasiar ou recompor o que a realidade lhe negou, ou a actualidade lhe rouba! Que feliz condão este da memoria e do espirito! Póde viver-se no presente evocando o passado; póde fazer-se presente o futuro, compol-o a belpraser, impor-lhe o capricho como lei, fazer-se obedecer e servir por elle; que tudo é goso, e não menos goso o que a imaginação se compraz inventar e fazer tal. É por isso que tambem a sociedade, que herdou sorte pesada, creou nos seus delirios de mocidade essa phantasmagoria de seres vaporosos, que se escondem no espaço, mas que surgem á primeira invocação, para dissipar-lhe as amarguras ou o cansaço; como ao musulmano aborrecido servem musicas e dansas de houris.

Pede o trabalho o goso. Após o guerreiro enthusiasmo de Roma pagã bailaram-se festas extravagantes, teceram-se coroas ás representações licenciosas de Plauto e Accio. Assim é o mundo e a humanidade; assim é a sociedade, mau-grado suas tão variadas pretenções e transformações; assim é o tempo, a despeito da desigualdade dos ciclos.

A nos, homens de hoje, deixou o passado as reliquias do seu passado. É dever nosso legar a nossos filhos todo este thesouro de memorias. Algumas folhas dispersas d'esta historia ingenua das poucas alegrias da multidão, serão para o povo insular, como biographia de ascendentes, recordação da amisade e da familia. Deixamos que na sala mysteriosa da *Espada-de-Brenus* se archivem documentos de supplicio e escravidão; calamos essa tão longa e tão sabida litania de martyrios, para que inda mal que por poucas horas respiremos o aroma festival da liberdade.

Março espira; bate-nos á porta abril, e com o primeiro alvorecer as *petas*, nova commemoração de costume provincial.

Com o momento incomprehensivel que abriu o novo dia se afogueam mil almas amorosas, incendiadas á força de mocidade. E porque não seria assim? Nenhuma poesia ha nem mais ingenua, nem mais

irresistivel do que a que germina nos poucos annos que pelo muito sentir não deixam grande margem á reflexão. De moços é o viver em illusões; os desenganos são herança de velhos, que depois das furiosas tempestades do mundo volvem á realidade, despertos de sonhos e deleites; acercados das miserias, do pezo dos achaques, da solidão da vida positiva do homem gasto. Inda bem que no meio de tanta decepção e desengano as *petas* parecem conforto a todos, thema a invenções extravagantes, exercicio benefico da imaginação, e mais um dos poucos mysterios das alegrias populares.

Ás *petas* vae a magua buscar alivio d'algumas horas, alguns momentos de doce esquecimento, colhendo o desprecatado boquiaberto em contemplação ridicula, adrede preparada; armando com laços de verosimilhança logros á sinceridade alheia; indusindo credulos em marchas, sobre inuteis, forçadas, peniveis muitas vezes! O primeiro dia d'abril é martyrio de creados, e desapontamento d'amos; é o dia fatal do livre curso e cambio de mentiras intencionaes; é supplicio de desprevenidos. Brindes, e convites falsos fervem entre conhecidos e desconhecidos: a urtiga e a lesma tomam logar de conçoada; o murganho saltitante vae porta em porta e mão em mão gerando sustos e desmaios nas medrosas ridiculas, sempre aceito e visto com curiosidade, mas sempre repellido. Que hilaridade a de vencedores, que vergonha a de vencidos!

Mas, que quererá dizer tudo isto? qual origem terá esta conspiração de mutuos enganos?

De cá nada saberemos diser, mas é sem duvida que lhe usam chamar francezes peixe de abril, dando-lhe por origem ter Luiz XIII de França mandado guardar á vista, prisioneiro no castello de Nancy, um principe de Lorena, que burlando a diligencia dos guardas, pode evadir-se no primeiro d'abril, passando a nado o rio Meuse; parecendo que d'aqui viera dizerem lorenenses que «c'etait un poisson qu'on avait donné a garder aux français». — Seja, porém, como for, é indubitavel, que no nosso vocabulo peta, ha a coincidencia não só de significar mentira logrativa, mas tambem um peixe, por outro nome petorra.

Bellingen, na sua *Étymologie des proverbes français*, quer explicar o costume por modo de mais universal comprehensão, e pretende que as petas d'abril sejam como annuncio da Paixão de Christo, que costuma commemorar-se cerca do primeiro d'aquelle mez, e em allusão ás impias, dolorosas jornadas que os judeus para zombarem e escarnecerem d'elle o obrigaram a fazer em Jerusalem, do palacio d'Annás ao de Caifas, d'este ao de Pilatos, d'este ao de Herodes, e alfim, d'esta segunda vez ao de Pilatos. «Por isso — escreve o philologo francez — tomaram este ridiculo, ou, melhor, impio costume de fazer correr e recorrer d'um logar a outro aquelles de quem se quer escarnecer...»

Entretanto (á parte a disputa da sua origem) não se póde dizer que deste costume restem nas ilhas vestigios historicos ou tradicionaes. Á falta d'outros, da memoria dos mais velhos tirâmos argumentos. A popularidade d'este costume não remonta, entre michaelenses, a tempos esquecidos, e ainda ha quem testemunhe, que é d'este seculo ter a liberdade das petas descido dos circulos privilegiados para o dominio de todos. Ciosos das reliquias do passado, descontentes do novo espirito que se propunha transformar a sociedade moderna destroçando os elementos velhos, inthesouravam crenças e tradições, para livral-as da torrente que promettia sovertel-as... E livraram-nas, e passaram sem mancha nem diminuição as centelhas da unica liberdade antiga!

(Continúa)

José de Torres.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XV.

A MUSICA DA CAPELLA REAL. — O ARCEBISPO MINISTRO. — PROPOSTA DE JORNADA A MAFRA.

26 d'Agosto de 1787.

A musica de capella da rainha de Portugal é por certo a primeira na Europa quanto a excellencias vocaes e instrumentaes; nenhum outro corpo similhante, nem a capella pontificia, appresenta uma tal reunião de admiraveis musicos. Para onde quer que sua magestade vae estar, elles acompanham-na, ou á caça d'altaneria em Salvaterra ou á busca de saude nos banhos das Caldas; até para o meio destas agrestes fragas e montanhas vem cercada de um côro de mimosos cantores, que engordam como codornizes e gorgeiam com tanta melodia como rouxinoes. Os rebecas e rebecões de sua magestade deixam a perder de vista todos os de primeira ordem, e o seu viveiro de tocadores de oboés e flautas não tem rival.

O Marquez de M.... na qualidade de primeiro camarista e estribeiro mór e tambem como primeiro valido entre os nobres, goza decisiva influencia sobre todo aquelle imperio de vozes harmoniosas; e teve para comigo tanta bondade que me facilitou participar dessas bemaventuranças musicaes, sendo permittido desfructar, onde me aprouvesse, uma banda escolhida de tão estupendos executantes. Exactamente na manhã d'hoje, e para minha vergonha o consigno, passei quasi horas e horas, no meu pavilhão de novo composto, sem lêr uma palavra, escrever uma linha, ou entrar em conversação, absorvidas todas as minhas potencias d'alma na harmonia dos instrumentos de vento, postados os instrumentistas a distancia n'um maciço de larangeiras e loureiros; não por falta de proposito ás vezes de me esquivar á magia dos tons; mas tantas vezes voltava quantas forcejei por evadir-me. Se eu consultasse sâmente o meu entendimento despediria os musicos; os seus insinuantes tons maviosos despertaram-me longa serie de melancolicas lembranças, e pela força das ideias associadas prostaram-me em estado de abatimento e tristeza.

O meu excellente amigo, o prior d'Aviz praticou um verdadeiro acto de amizade, tirando-me quasi á força do meu retiro e subtrahindo-me aos meus devaneios: insiste que o acompanhe a casa do arcebispo, onde vae fazer-se o ensaio de um conselho que devia celebrar-se perante a rainha, e para isso estão reunidos os ministros d'estado com os seus sub-secretarios. Taes congregações são novas para o bom do velho confessor, que acaba de ser investido da suprema direcção do gabinete (segundo as informações que tenho) muito contra sua vontade: bem conhece quanto valem a commodidade e o socego, para deixar de lamentar tão violento desvio dos seus ordinarios habitos de viver. Achámo-lo, portanto, como era de esperar, inquieto e irritado, rubro até a raiz do cabello, côr que muito e muito contrastava com seus largos vestidos de flanella branca, que elle amiu-

do sacudia e amarrotava, batendo mais de uma vez com vehemencia na volumosa barriga, que, não obstante declarar elle ter esperado uma hora fóra do costume para sua completa repleção, de nenhum modo soava como tonel vasio. Comtudo o rifão velho « pança gorda cabeça ouca » — não lhe póde ser applicavel ; foi tão benigno e confidencial que me expoz ao summario o que lhe haviam representado as differentes repartições publicas, e fê-lo com muita clareza e tino. Não obstante o interesse que devia excitar esta singular communicação, não lhe prestei metade da attenção que merecia ; ainda me dominavam as impressões que de manhã recebera da musica de Haydn e Jomelli. O grão-prior, conhecendo que a politica não as dissiparia, foi consultar o seu sobrinho, que aconteceu achar-se então no aposento da rainha, e voltou com a proposta de que tendo eu ha muito expressado o desejo de vêr Mafra, se pozesse em execução amanhã este intento ; assim o ajustámos.

LEMBRAS-TE

Diz-me Julia, não te lembras
Da nossa aurora de amor,
D'aquelle beijo primeiro
Dado com tanto temor ;
Palavras apaixonadas
De beijos entrecortadas.
E tuas faces coradas
De virgindade e pudor?. .

Como era bello esse tempo
Em que tudo nos sorria !
Os campos tinham mais vida,
As tardes mais poesia,
As noites eram formosas,
As brisas voluptuosas,
O jardim tinha mais rosas,
O bosque mais harmonia !

Os dias eram mais curtos,
As horas. . . essas fugiam,
Os regatos murmuravam,
As fontes já não gemiam ;
O porvir era brilhante,
De sonhos, embriagante,
E lá na praia distante
As mesmas ondas dormiam !

Era vida, mocidade,
Era amor, era ternura ,
Em cada hora — uma esperança,
Cada dia — uma ventura,
Cada rosa — uma illusão ;
Nos labios — uma canção,
Aqui no peito — um volcão,
Em ti Julia, — a formusura !

Mas diz-me tu não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil ?
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'annil?. .

N'um jardim todo florido
No mesmo banco sentados,
Não te lembras dos olhares
Ardentes, apaixonados ?
Como eu sorvia anhelante,
Quasi louco, delirante
O sorrir interessante
De teus labios tão corados?. .

Os teus olhos eram — chammas,
A tua bocca — um portento,
As tuas faces — mimosas,
Tua expressão — sentimento ;
Eu olhava extasiado,
Eu soffria callado
Esse sentir abrazado,
Esse amor que era — tormento !

Os olhos então fallavam
Uma sublime lingoagem,
Modulada pelas queixas
Que soltava a branda aragem,
Embalando docemente
Ora as agoas da corrente,
Ora uma rosa indolente,
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado
Dos teus olhos no fulgor,
Uni meus labios aos teus
Que abrasavam de calor.
Como coraste de pejo
Ao matar esse desejo. . .
Como foi longo esse beijo,
Primeiro beijo de amor !. . .

. . . .
. . . .

Diz-me Julia, não te lembras
D'aquella tarde de Abril
Em que eu mirava gostoso
Esse teu rosto gentil ?. .
D'aquella tarde formosa
Em que a brisa era amorosa,
Em que a fonte era saudosa,
Em que o céu era d'anil?. . .

Março — 1856 CASIMIRO ABREU.

BIBLIOGRAPHIA,

A LITHOGRAPHIA, ENCYCLOPEDIA INDUSTRIAL.

Recebemos o prospecto de um Jornal com este titulo, que se deve occupar especialmente de objectos relativos ás diversas artes liberaes e mechanicas.

A Lithographia promette apresentar nas suas columnas, biographias, descripções de monumentos, artigos de modas, peças de musica etc. alem da doutrina puramente restricta ao fim do jornal, isto é artigos sobre duração, origem e melhoramentos de todos os ramos artisticos, procurando reunir-lhe estampas e vinhetas appropriadas á indole dos mesmos artigos.

Publicar-se-ha todas as segundas feiras de cada semana, em folha de quatro paginas com uma estampa em separado, e os preços serão por trimeste 600 rs. por numero pago á entrega 50 rs. por numero avul-

so 80 rs. — As assignaturas e vendas fazem-se nas lojas do costume.

É sempre bem vindo um jornal qualquer, que tenha por fim a propagação de conhecimentos uteis; a Lithographia, se realisar o seu programma pode prestar valiosos serviços ao seu paiz e como tal bem merecer de seus compatriotas.

Desejamos-lhe do coração uma larga vida e um auspicioso futuro, de que esperamos se tornará digna pelos esforços das pessoas, que a redigirem e publicarem.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

I

Entre nós não existe por certo esse genero de critica venal que o escriptor francez desenha em traços tão caracteristicos e epigrammaticos; critica que abre bazar de apotheoses e libellos na praça publica, que verbera ou engrandece o merito com a mesma insufficiencia de exame, com igual facilidade de consciencia com que corre a mostrar-se em todos os pontos onde entenda que deve erguer taboleta da sua importancia; que despresa, desdenhosa e insolente, as vocações nascentes, embora promettedoras d'um futuro brilhante, e se curva, bajuladora e servil, ante as reputações feitas e authorisadas pelas demonstrações irrecusaveis; que não lê, que não aprofunda, que tem como desnecessario estudar longo tempo para acertar n'um alvitre, para fundamentar uma censura; que receia de esperdiçar as faculdades mentaes na reflexão, na analyse, e por isso avalia os livros, não pelas suas qualidades litterarias, não pela magnitude e elevação de suas idéas, mas pela preponderancia social do seu author, pelas razões de probabilidade de uma recompensa, pelos motivos de antipathia ou affecto que o recommendem á sua consideração.

Este genero de critica — com ufania o dizemos — não apparece nesta terra senão por excepção. É planta exotica que não se dá bem com as condições naturaes do nosso solo e influencias climatericas, e que quando mesmo consegue brotar, a sua germinação não vae longe, porque a severidade da atmosphera que a rodeia a definha antes de chegar a fructificar e florescer.

Mas se não ha entre nós esta especie de critica, ha outra, que, sem ser tão indignamente aviltadora das melhores faculdades que elevam o homem a toda a altura da sua intelligencia, é comtudo quasi tão prejudicial como aquella, porque é igualmente injusta. Esta critica é a critica *amiga*, a quasi geral entre os nossos homens de lettras, que se restringe a um certo circulo, acanhado e comesinho, e que fórma um mundo seu e especial dos elementos da sua estima, da sua intimidade, da sua predilecção; e que não vê mais nada de notavel, de esplendido, e de esperançoso além dos horizontes desse mundo creado pelas tendencias do seu coração, ou pelos habitos da sua convivencia; que não escuta, que não percebe sequer um echo symphatico ou harmonioso, fóra dessas eminencias que uma vez ergueu a sua imaginação, e que a tem como circumscripta a uma existencia convencional, dentro de cujos limites suppõe existir o universo inteiro e fóra nada.

Um tal genero de critica, genero a que algum espirito sarcasticamente epygrammatico chamará critica de *campanario*, e a que nós nos obstinaremos em chamarmos critica amiga, produz todavia nocivos resultados.

Assim concebida e realisada a melhor funcção que o saber e o gosto esclarecido, podem exercer junto do talento que nasce, para lhe apontar as veredas proprias ás tendencias e propenções da sua indole litteraria, e junto dos meritos já consagrados pela unanimidade das opiniões illustradas, para os instigar a novas manifestações, para indicar as suas bellezas, para os apresentar como modelos aos espiritos que se iniciam na ardua carreira das lettras; assim conceber a critica, repetimos, é abnegar de uma grande faculdade, a mais poderosa, aquella que mais directamente deve influir na elaboração das verdadeiras qualidades das intelligencias, em que póde talvez residir um brilhante futuro.

Esta critica de sellecção, esta critica de *camaraderie*, que — diga-se a verdade — quasi que não sáe os muros da capital, porque tem preguiça de emprehender largas excursões, porque os habitos de uma intimidade, de uma domesticidade quasi patriarchal, a obrigam a contentar-se com o que se passa dentro da sua aldeia litteraria, e a fazer della a sua Athenas imaginaria, dá-nos assim o aspecto de um povo ainda em familia, ou, para melhor dizer, transporta as mesuras reciprocas e espartilhadas do viver provinciano para as regiões, onde deve predominar unicamente a etiqueta da razão, e a sympathia pelo engenho incontestavel.

Não se póde dizer que esta seja a regra invariavel. Felizmente ha espiritos eminentes entre nós que não se podem accommodar a esta existencia de estufa, e que saltam por cima desses Pyrinneos, a que um certo numero de aristarcos circumscreveram o dominio das lettras deste paiz. E nessas divagações a que os levam as necessidades dos seus estudos ou os instinctos de uma analyse sincera, teem conhecido, que não é só nesta parte do reino que o talento desabrocha e floresce, mas que, pelo contrario, germina e fructifica por toda a parte onde as meditações e o estudo o preparam, e a censura illustrada o encaminha e proclama. Nós protestamos — dizemol-o abertamente — contra essa especie de critica, que mais parece a protestação de uma civilidade litteraria do que a apreciação dos dotes do verdadeiro talento. É por isso que não duvidamos passar das margens do Tejo ás ribas do Douro, por que vemos lá meritos apreciaveis, alguns apenas esboçados em ligeiras tentativas, bruxeleando ainda em tibios lampejos, mas outros desenvolvidos em todo o vigor da sua physionomia caracteristica, já authenticados por elevadas concepções, que se recommendam pela idéa e pela fórma. Transporemos estas balisas de convenção, e iremos saudar a vocação e o estudo onde se encontrem. Os nomes de Alexandre Braga, de Camillo Castello Branco, de Novaes e outros que seguem essas veredas de luz que conduzem ás creações serias, já constituem por certo um empenho para com a critica que tymbre na imparcialidade de seus juizos, por que dessa imparcialidade deriva o maior e mais fecundo principio da sua illustração.

As obras desta esperançosa cruzada, que tão emprehendedora e energica se mostra em suas ambições de um futuro melhor, e que em todas as producções firma, se póde dizer, com o sello do desejo ineffavel das grandes e nobres aspirações os seus

mais fugitivos vôos de imaginação, pedem que voltemos para aquelle ponto a attenção, e uma attenção seria. Assim como o vigor, a anciedade da vida industrial e economica desponta e se difunde do norte do reino, tambem a effervescencia de toda uma vida litteraria se evidenceia para aquellas bandas, e com as suas tendencias, a sua indole especial, e physionomia propria. Estudal-a-hemos pois nas suas demonstrações mais cabaes. Faremos d'ellas uma analyse despretenciosa, mas justa em quanto em nós caiba.

(*Continua.*)

ANDRADE FERREIRA.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(*continuação.*)

O que é a mulher. A mulher catholica, a philosopha, a livre. — A civilisação tem tambem fetiches: as musas que giram, e que fallam. — Os preparativos. -- A nodoa de sangue. — Partida e viagens. — O que procuras? A luz. — Reconhecimento.

Ao silencio exterior respondia no interior de Kiangi uma lucta de pensamentos encontrados. A imaginação ainda occupada, agitada e possuida das sensações que recebera durante a scena que acabei de descrever, precipitava-se pelos espaços abertos diante d'ella, evocava as sombras mais sinistras e horriveis, bordava-lhe um grande painel de perigos os mais horrorosos e medonhos: via Oudotó banhado em sangue, e cercado de fantasmas cujas feições não podia perceber, debatendo-se em luctas sem cessar renascentes, carregado de grilhões e marcado com o sinete do mercador: via a seus pés banhado em sangue, e cruelmente desfigurado o pobre filho que quasi não sentia mover-se-lhe no ventre; e via-se a si... mas não podia decifrar o que de si via: eram tudo sombras que se esvaeciam, e confundiam.

Pensando nisto, tive dó da pobre preta entregue aos seus terrores supersticiosos, que tinham origem na sua religião, e augmentavam em força pelo estado de sua alma. Aquella resignação heroica da esposa e da mãi, que acceitava plenamente o sacrificio da sua tranquillidade, da sua pessoa, talvez mesmo até de sua vida; que fazia mais, que ia encontrar-se com elle para mais depressa se lhe offerecer, e que só punha uma condicção—que o filho e o esposo fossem salvos, arrancou lagrimas aos meus olhos, que eu cuidava que eram já incapazes de chorar, e fez entrar no meu coração um sentimento que eu julgava não lhe ser mais accessivel depois que o manejo e a agitação e os cuidados dos negocios publicos me tinham arrojado para a vida toda positiva da politica, e arrancado aos gôzos tão suaves, e tão saudozos da vida da alma. Com admiração minha chorei, palpitou-me no peito o coração agitado por uma affeição terna, e rompi na exclamação que acaba o capitulo antecedente, e que repetiu o meu interlocutor com toda a sinceridade: É que uma boa acção gosa do privilegio de captivar os respeitos e a sympathia de todos, mesmo d'aquelles que nos pareciam menos capazes, pelo seu egoismo, de a praticarem.

Ainda hoje, que são passados 8 annos depois que se me contou este facto, que estou extraindo dos meus apontamentos para a publicação destes estudos sobre uma parte tão importante como desconhecida e despresada da monarchia portugueza; ainda hoje, não posso refrear os impetos do coração trasbordando de admiração, e ao mesmo tempo de magoa—de magoa por ver quantos nobres sentimentos eram perdidos por culpa d'uma religião viciosa; e a admiração provirá do nobre e legitimo orgulho da dignidade da raça humana, e do agradecimento devido ao seu creador, que tão bella a formou, que mesmo depois da sua queda é capaz de chegar a tal heroismo? Creio que sim, por que ainda hoje repito com a mesma e tão sincera espontaneidade.

Oh! mulher! como ès heroica e sublime no teu amor! como és respeitavel quando virtuosa!

Ainda hoje, depois de tanto tempo, quando as impressões recebidas por esta narração devem estar mais enfraquecidas, e tendo presente na lembrança a historia desta pobre bajude quasi logo desde a infancia, quanto mais me demoro a pensar nos principaes actos da sua vida, mais me convenço de que era ella já catholica pelo coração e pelo sentimento, antes de o ser pela intelligencia; porque não ha no mundo logar mais proprio para a mulher que comprehende a sua missão neste mundo, nem onde a mulher comprehenda melhor essa missão do que a Igreja catholica.

No principio dos tempos, conta-nos o mais antigo livro que existe na terra, o Genesis, disse Deus: não é bom que o homem esteja só; demos-lhe uma *companheira* que se lhe assimilhe; e creou a primeira mulher formando-a da costella do primeiro homem.

Tal é a origem da mulher; tal é o titulo que legitima a sua existencia, que lhe assigna os seus deveres sobre a terra: onde achar um titulo mais augusto, onde um mais respeitavel! Nelle se encerram uma lei familiar, e uma lei social, sobre as quaes, assim como dous inabalaveis rochedos assenta e funcciona a magestosa machina da sociedade do genero humano. Pela lei familiar quiz Deus que a mulher fosse nos diversos aspectos, e fórmas porque se nos apresenta, augusta, nobre, amavel e santa. Mãi, irmã, esposa, e filha: cada um destes aspectos, ou formas resume em si as quatro principaes fazes ou estados da vida do homem em que a mulher o dirige, o accompanha, o ameiga, e o serve: o nascimento, a adolescencia, a virilidade e a velhice. E pela lei social quiz Deus que a mulher fosse a vida, a perpetuidade, o progresso, o embellecimento das nações: tudo isto se contem nas poucas palavras que acabo de recordar; e qual de tudo isto é mais digno dos nossos respeitos, da nossa affeição, do nosso carinho, do nosso amor? Eu por mim não sei dizel-o; não sei dizer onde é que a mulher catholica é mais digna dos meus, se no seio da familia, se no meio da sociedade, actuando sempre pelo seu coração sobre o coração do homem para o fazer melhor.

O que sei, e assim mesmo parece-me que antes sentil-o do que expressal-o, é que Deus impoz uma condição á mulher, que é preciso que ella preencha, se quer occupar dignamente o logar que déve occupar na familia, e na sociedade: é indispensavel que ella seja *companheira do homem*. Este é o seu dever primordial, talvez podessemos dizer unico, donde dimanam todos os seus direitos, que não podem existir em these, que não existem de facto sempre que ella não sabe, ou não quer reconhecer e observar o preceito divino.

Mostra-nos a antiguidade bastantes mulheres, que foram homens, e não companheiras de homens, mas

essas, que são apenas excepções á regra geral, somente conseguiram excitar admiração, uma admiração que não tem nada de amor, antes alguma cousa de terror, como a que excitam os homens que chamamos heroes porque apoz de si trasiam a desolação, o terror e a morte; é uma admiração que cança e secca o coração, que o não engrandece, nem o deleita. E isso porque? porque a mulher foi creada para um ministerio d'amor, para auxiliar e não para submetter o homem; e esse auxilio hade ser não só para tudo o que diz respeito ás necessidades materiaes do mesmo homem, como egualmente, e em primeira linha, para tudo aquillo que se refere ás suas necessidades espirituaes e moraes; em todos os estados, em todas as condições em que possa achar-se. E isto leva-nos a consideral-a no seio da igreja catholica, porque é aqui que ella se nos apresenta como a mais bella, a mais interessante parte do genero humano, a mais digna do seu amor.

Com effeito, quem pode considerar a mulher catholica sem se sentir possuido de uma enternecida admiração por ella? É aqui, e só aqui, que vemos a mulher, como ella realmente é, não só no seu estado domestico, mas ao mesmo tempo no politico e religioso; não só auxiliar do homem, esposo e pae, mas tambem do homem, rei e sacerdote; porque independentemente da sua missão na familia, tem a mulher pelos preceitos de Deus, como disse, uma missão bem augusta e bem santa na igreja e no estado.

É na mulher catholica que nós vemos esse formoso epilogo de virtudes que nos encantam a nós homens, que faz com que a olhemos como um ente superior a nós, um semi-anjo, tanto mais digna de nossos respeitos quanto se nos affigura mais fraca: porque é a mulher catholica tambem a unica que reconhece e comprehende que tem deveres. É mesmo nesses deveres que ella encontra as suas virtudes, que a cercam d'uma aureola tão resplandecente, que contentes nós outros de recebermos a claridade que refulge, nem nos atrevemos quasi a levantar os olhos para ella receando que nos cegue o seu brilhantismo, porque em summa, diante do sexo fragil reconhecemos que está em nós a verdadeira debilidade, que precisa do auxilio desta companheira que Deus nos deu, que as paixões dos homem tinham redusido a escrava, e que achou na religião catholica e no culto da santa Virgem a sua rehabilitação, pois foram ellas que lhe mostraram o papel que lhe estava designado no primitivo plano da creação, e que ainda lhe era dado reassumir.

Olhemos para ella na familia. Quem póde negar que aqui é incalculavel a acção da mulher catholica? Ella é para assim me explicar o coração, que auxilia a cabeça, que é o homem. Ella é a bemaventurança do homem, porque com as suas virtudes dobra-lhe os annos da existencia, e ao mesmo tempo entorna sobre seus filhos uma torrente de beneficios. Não vive e não respira senão para elles; e depois de os ter trazido no seu seio por espaço de nove mezes, tral-os toda a vida no seu coração, parecendo-lhe impossivel que já não vivam de sua vida, pois que ella ainda vive da vida delles.

Engenhosa na sua ternura, ella cujas alegrias são as alegrias de seus filhos, que soffre em si quantas dores os molestam, tem consolações para todas as suas penas, remedios para todos os seus males: e quando não póde cural-os, consegue ao menos suavisar os tormentos que os affligem. Sua mão delicada é tão prompta para os cuidados que o corpo reclama, como a sua palavra é insinuante para chegar até á alma: só ella possue a arte de converter os preceitos em habitos virtuosos, as regras em sentimentos, e a verdade em amor.

Senhora dos corações ella é ainda o laço mais forte da familia; consola as afflicções do esposo, ou anima-lhe e augmenta as delicias, tempera e desarma os rigores do pae, convidando-o á clemencia para com o filho culpado; e protege-o a este, desculpa-o, admoesta-o, pede e obtem o seu perdão, doce medianeiro que emprega as lagrimas e os sorrisos, e que interpõe entre o reo e o juiz o seu carinho, que ambos amam com um amor tão santo e puro no seu fim, como differente na sua origem.

E diante de Deus quanto não é tambem poderosa a mediação da mãi catholica! suas orações, levadas pela fé e pelo amor, parece que chegam mais depressa aos pés do throno do Altissimo, d'onde caem convertidas em bençãos sobre o esposo e sobre os filhos.

Tal devia ser a missão da primeira mulher, no plano divino da creação; tal é a sua missão no plano da regeneração, realisado na Igreja Catholica!

Assim devia ser a mulher se o peccado não tivesse vindo alterar a economia da sociedade segundo o plano divino; assim foi ella na epocha das perseguições da Igreja nascente, em cujo tempo nos deixou sublimes lições; assim é ella ainda hoje quando a vemos no terreno exclusivamente catholico!

Agora que a vimos esposa e mãe, consideremol-a virgem, no seculo e fora delle; e conheceremos então quanto é ainda mais digna dos nossos respeitos, pois que mais ainda se nos mostra companheira e auxiliar do homem na obra da sua sanctificação e moralisação!

Bem sabemos que um sorriso de desdem aco-lherá estas nossas palavras. Os espiritos frivolos, aquelles que só da voluptuosidade recebem as suas inspirações, e que não sabem por isso comprehender como o catholicismo contribuiu a engrandecer a mulher pela virgindade, hão-de escarnecer-nos, Embora; os corações generosos, os espiritos solidos pensarão comnosco que pelo effeito da virgindade, a mulher não se apresenta mais aos vossos olhos como um mero instrumento de prazer; mas que sem se diminuir nenhum dos attractivos de que a dotou a natureza, ella, vestida com esta armadura não póde recear que a tornem em objecto de desprezo e de nojo depois de a terem feito victima da libertinagem, aquelles que a cercam para seduzil-a.

Continua.)

SOUSA MONTEIRO.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou «por carta franca» dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



BARRACAS ANNAMITAS.

As diversas regiões que occupam a parte oriental da India de além do Ganges, e que outróra formavam estados distinctos, constituem o paiz comprehendido do 9.° até o 23.° grau de latitude norte, e de 118 gr. e 30 m. até 127 e 30 de longitude, limitando o ao norte a China e seu mar, ao sul o mesmo mar, e ao occidente o reino de Sião. Todos aquelles estados compoem agora o imperio de Annam, que os nossos antigos denominavam Ainão, abrangendo o Tonkin, a Cochinchina, Tsiampá (1) Cambuja, Lao e mais alguns. Em geral os habitantes procedem da raça mogol e são parecidos aos chins, porém mais robustos, e o seu idioma e escripta derivam do Chim.

Dividem-se em duas crenças religiosas; a primeira, que só o povo professa, mas que é sanccionada pelas leis, tem muita relação com a do Fo dos chins, a qual tambem não é mais do que uma derivação do buddhismo, e pode considerar-se verdadeira idolatria; a sua base é o polytheismo, porque admitte muitos entes sobrenaturaes, existentes por força propria, e investidos de poder independente, posto que desigual entre elles; até creem que foram divinisados homens só pelo impulso de suas virtudes e sem participação das outras divindades; porém, o poder que attribuem aos deuses de diversas cathegorias é necessariamente limitado, porque julgam tudo subordinado a certa ordem immutavel de destinos.

Eis o que a este respeito diz o sr. José Ignacio de Andrade na 56.ª das suas *Cartas da India e da China*.

—«A seita mais em voga na China ha 1760 annos é a de Boudha, divindade a que os chinezes chamam Fó. Póde considerar-se a religião da plebe. No anno 65 da era christã o imperador Ming-Ti sonhou ter apparecido no occidente o homem santo indicado nas obras de Confucio. Mandou enviados em sua procura; estes julgaram acha-lo no paiz dos Lamas, no idolo de Fó! Conduziram gostosos esse bocado de pau, julgando levar a imagem do homem santo, acompanhada de bonzos semeadores das fabulas que encerra a seita de Boudha, ainda mais em voga na Cochinchina e no reino de Sião».

Os principaes personagens do Estado, sobretudo os que cultivam as lettras, desprezam aquella crença e seus ritos extravagantes, e submettem-se ao culto dos idolos por deferencia para com a lei e melindre com as preoccupações populares; preferem a doutri-

(1) Tsiampá é a que os nossos escriptores chamaram Champá. Ainão é propriamente uma ilha na boca da enseada da Cochinchina. Cantou o Camões:

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja matta é do pau cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainam vê a incognita enseada.

Canto 10.° est. 129.

na de Confucio, o oraculo da China e não menos respeitado no imperio de Ainão; erigem-lhe templos, fazem em sua honra sacrificios e libações; considerando-o um ente superior ao homem o invocam para obterem as luzes necessarias á intelligencia de seus livros, e como a acquisição d'esta sciencia é o objecto principal do culto, não admittem a elle as mulheres.

Os bonzos ou padres gozam pouca auctoridade no imperio e só dirigem as cerimonias religiosas; unicamente no Lao os padres chamados talapões como em Siam arrogaram a si poder amplo, de que abusam para opprimir o povo.

Quando dilatámos o nosso dominio na Asia, os missionarios portuguezes introduziram (ahi pelos principios do seculo 17.º) o christianismo, e o numero dos proselytos augmentou em pouco tempo; comtudo sobrevieram os edictos sanguinarios dos potentados que vedavam o exercicio do culto catholico, recrudesceu a severidade contra os christãos, e muitos missionarios colheram a palma do martyrio: veja-se o livro *Noticias summarias das perseguições da Missão de Cochinchina*, impresso em Lisboa no anno de 1700.

Em todas as artes e nomeadamente nas de construcção os annamitas são talvez os mais atrazados entre os povos asiaticos; nas habitações particulares parece que não tem outro pensamento senão preservar da chuva e do ardor do sol; quanto ao frio, poucas são as precauções que tem de tomar, porque o clima lh'as dispensa. Como o terreno é geralmente humido levantam as casas sobre uma plataforma de terra batida. Comtudo, algumas cidades ha onde as vivendas são mais commodas e esmeradas; as casas de Fai-Fó, construidas de tijolos e cal e com seus telhados offerecem algnma apparencia de solidez e aceio; mas, em compensação não muito distantes ficam as barracas de Touranne que parecem mais estabulos do que habitações humanas.

M.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(*continuação.*)

Abrilhantada por esta aureola que vol-a mostra como um ente superior, o homem inclina-se respeitoso diante della; seu amor eleva-se, purifica-se, chega até ao heroismo, e só aspira a uma grande felicidade, á de unir a sua com a alma tão bella desta virgem, com o mesmo fervor que á união das suas mãos emblema da dos corpos de ambos.

Mas se n'este estado o devasso a escarnece, e mais ainda áquelles que a respeitam; porque incapaz de aperfeiçoamento tambem não pode ser capaz de comprehender por que maravilhosos e escondidos meios pode a virgem ser companheira e auxiliar do homem, e ensinal-o a impor o freio da moralidade á paixão mais impetuosa do seu coração, e a elevàl-o á pratica das grandes virtudes sociaes; ha um outro que irrita o escravo da sensualidade e do egoismo brutal, que o põe fora de si, cholerico: é o da virgem dedicada a Deus no claustro, tendo o rosto cuberto com o mysterioso véu da consagração religiosa.

Convinha que o homem se consagrasse inteiramente a Deus em sacrificio, como Deus se tinha crucificado pelo homem; mas esta consagração não seria inteira se a mulher, que é o complemento do homem se não offeresse tambem a Deus, em sacrificio, e não podesse por este modo ser tambem o auxilio e a companheira do homem, como Deus quiz que fosse. É pois este um novo aspecto em que devemos considerar a mulher catholica, desempenhando a sua missão augusta.

O celibato religioso tem na mulher alguma cousa de tão divino, que o homem não póde olhar para elle com indifferença; ou ha de cercal-o de todos os seus respeitos, d'um culto, ou ha de proromper em invectivas contra elle, impugnal-o com todas as suas coleras; e como não seria assim, se a mulher em nenhum outro estado offerece ao homens lições mais eloquentes e sublimes? Mostrando-lhe que não carece de sua protecção porque tem um protector mais alto e eterno, alcançando sobre si uma victoria de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos, sem esforço, sem ostentação; mostra-se mais que homem pois não aspira a ser homem; ensina-o a domar tambem as suas paixões, offerecendo-se-lhe em exemplo ella mais fraca, mais timida; recorda-lhe que acima de nós há um ente que nos creou, de quem todos dependemos, e cuja protecção gratuita nunca falta a quem deveras a sollicita; e o homem, instruido, convidado, animado pelo que vê, possue-se d'uma santa emulação, vai seguindo os passos e segurando a mão que o dirige, e reformando-se a si mesmo, domando a sua fraquesa, pratica talvez por imitação ao principio, mais tarde por propria satisfação os exemplos e as lições que recebe, e mais tarde exprime nas leis os seus sentimentos em principios que regulam, purificam e civilisam a sociedade. E eis como ainda no claustro, e mais ainda talvez n'elle que n'outra parte a mulher é a companheira e a auxiliar do homem.

Sacerdocio augusto é este da mulher, mas com a condição de que em todas as suas gradações ha de ser exercido pelo coração, que ha de ser sanctificado pela charidade, esse amor que em si encerra e coroa todos os amores puros e santos da vida!

Por isso tambem contra ella aqui se desencadeam mas ferozes as iras do homem preverso; por isso elle persegue estas instituições santas, excita contra ellas todas as más paixões, e grosseiramente as ataca no seu fim e no seu objeto. E isso porque? porque não ha nada mais respeitavel entre os homens que esta dedicação da mulher que se vota pelo homem para o ajudar a salvar-se; que conhece ser esse o seu principal fim neste mundo, sua missão, seu ministerio, e tambem sua gloria, sua grandeza e sua dignidade.

Não o estamos nós vendo todos os dias? Aquellas que se dedicam á educação da mocidade do seu mesmo sexo; aquellas que vão occupar o quarto do enfermo para lhe administrar os medicamentos, e até os ultimos soccorros, e lhe cerram os olhos; aquellas que extendem os braços ás desgraçadas habitantes do prostibulo, dizendo com o Salvador: «*eu não vim para chamar os justos, mas os peccadores*;» e finalmente aquellas que passam os dias em santas austeridades oppondo-se com as suas orações, como um escudo de bronze, aos effeitos da cholera do Senhor, e convertem os castigos de sua ira em torrentes de bençãos sobre o genero humano; todas ellas sem excepção accendem a sua raiva e provocam as explosões de sua bilis, tanto contra si, como contra Aquelle que, em seus sublimes conselhos, designou a virgindade como uma das virtudés mais bellas que possam ornar a coróa de um christão.

Lêmos, não nos lembra agora onde, que a mulher hade ser melhor que o homem, ou peior do que elle: e onde é que ella póde chegar a esta meta da perfeição humana, senão na Igreja catholica? É só aqui que ella não aspira a ser homem; é só aqui que se contenta com o papel na apparencia modesto, mas na realidade sublime que Deus lhe assignou sobre a terra, e que desempenhando-o completamente póde conseguir todas as grandezas, porque póde offerecer o exemplo de todas as dedicações. Comparemos a mulher no interior de sua casa, affeiçoando o coração de seus filhos á pratica de todas as virtudes, educando-os, fazendo delles homens pelo imperio de amor, pela sua ternura quasi illimitada; comparemol-a com o legislador, com o ministro, com o rei governando a sociedade pelo temor, pelo expectaculo dos castigos; qual é melhor, qual é superior? O soldado que affronta a morte no campo da batalha, que sobe impavido ao assalto no meio d'uma chuva de ballas, e d'uma saraivada de metralha é um heroe; mas comparemos o seu heroismo com o da irmã da caridade que o espera no hospital ou na ambulancia, que lhe cura as feridas, lhe applica os inguentos, encosta ao seu peito aquella cabeça abrasada por uma febre mortal, que ás vezes se lhe communica a ella; qual é maior heroismo? O pratico que faz uma operação brilhante, que por meio de dores atrozes arranca á sepultura o homem que tem diante de si quasi moribundo, esse homem provoca os nossos respeitos: mas comparemol-o com a mãe que no meio de dores atrozes dá a vida a um filho, e acolhe com um beijo e um sorriso d'amor os primeiros vagidos do ente que para ter a existencia poz em perigo a sua; qual acção é mais sublime? E aquelle vai embriagar-se nos louvores, cheio de sua sciencia, e essa vai na sua humildade christã prostrar-se diante dos altares para offerecer a Deus o fructo de seus castos amores.

Não, o homem, ainda o mais christão, não sabe, não póde assim dedicar-se. Não vemos nós dez, cem irmãs hospitaleiras por um frade de S. João de Deus? Vemos: ainda mal, que em Portugal não podemos fazer esta comparação. Aqui está como a mulher póde ser, e é mesmo, melhor que o homem.

Não nos explica isto a rasão porque todos os dissolutos, e os que aspiram á honra de parecel-o, a opprimem com os seus grosseiros epigrammas, com as suas torpes insinuações, com as injurias mais sanguinolentas? passemos pelos olhos os romances, os artigos fugitivos e os noticiarios dos jornaes, e convencer-nos-hemos d'isto, lendo essas linhas que querem affectar indifferença e despreso, e que são a expressão do odio. Dir-se-ia que enfurecidos por verem na mulher catholica um anjo sobre a terra, desesperados por não poderem transformal a em demonio, vingam-se da impotencia de seu materialismo arrojando-lhe frases saturadas de odio caricato, que aspira a ser um espirituoso desdem.

A mulher que não tiver força para ser melhor do que o homem tem de ser peior do que elle. Já vimos onde é que ella pode achar essa força da alma, força que n'outra parte não poderá encontral-a. Algumas vão procurar essa força á philosophia, mas oh que philosophia! não nos admiremos pois se essas não chegam a captivar as attenções do homem, que só adquiram as suas repugnancias, e as mais das vezes os seus despresos. Citaremos apenas tres exemplos, que satisfasem plenamente o ideal da mulher philosophica. Isabel d'Inglaterra, a quem o servilismo d'uma corte corrompida e cruel deferiu a qualificação de virgem, que a historia conservou por antithese. Este Nero de saias lacerando o testamento de seu pae que tinha estabelecido uma missa perpetua por sua alma, preludiou por este acto de sua philosophia áquelle reinado de sangue que não poupou sua prima, rainha independente, e os seus proprios amantes.

Catharina segunda, não contente de forçar seu marido a abdicar, o mandou estrangular na prisão, para dar começo áquelle reinado de monstruosa philosophia, que lhe deu uma tão triste celebridade na historia.

O melhor typo destas mulheres é Mme. Roland, a mulher do celebre ministro deste nome. Não quero, nem devo calumniar sua memoria, que não desejo ultrajar pondo-a em tão má companhia: mas realmente o que foi ella? Uma intrigante, devorada de fanatismo e de ambição philosopica, paixões a que sacrificou seu rei, seu marido, sua patria, e a si propria; pois largou a cabeça na fatal alcofa da guilhotina.

Nenhuma destas mulheres excita as fibras sensiveis do coração humano; pelo contrario cançam-n'o quando o não anceiam. Ha em nós uma repugnancia que não se explica e que é invencivel, que nos affasta os olhos para que não se demorem nestas mulheres, que não tiveram de seu sexo senão as vestes e as formas exteriores. Ensoberbecidas por essa philosopia vãa ou dissoluta, quizeram ser homens no que elles tem de grosseiro, os appettites sensuaes ou a ambição do mando, porque não souberam contentar-se com o titulo angelico de companheiras e auxilio do homem, e applicar o seu coração ao exercicio deste ministerio sublime na sua humildade. Cuidaram que deviam dominar o homem, e que a sua missão era essa, e nunca passaram de ser despresiveis, ou miserandas escrávas de suas paixões ou de seu capricho. Não os melhoraram, preverteram-nos e preverteram-se.

(Continua.)

SOUSA MONTEIRO.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Continuação.)

II

Seria temeridade assentar, como proposição absoluta, que a poesia sob qualquer das suas fórmas, é sempre a expressão genuina e caracteristica dos acontecimentos do mundo exterior. Mas tambem seria fugir a todas as indicações da analyse e negar as demonstrações mais evidentes dos factos, querer provar que a physionomia da sociedade não transparece e se reproduz, nas suas feições mais proeminentes, nos seus traços mais individuaes, nos seus gestos mais significativos da paixão, e do sentimento, em todas as obras da imaginação.

A poesia poderá só attingir as bellezas de fórma que a aproximam dos modelos eternos da perfeição e do bello, nos retiros pacificos da soledade, ou na isolação meditativa das concentracções do espirito, e ahi unicamente soltar esses grandes vôos que a elevam a toda a altura das regiões serenas da idealidade e do verdadeiro culto da religião dos senti-

mentos puros e generosos que mais germinam e se completam fóra da atmosphera tempestuosa dos affectos e ambições sociaes. Mas tambem é verdade que a alma do poeta, refugindo do contacto turbulento dos sociedades existentes, para voar solitaria e placida, pelo ceu das contemplações infinitas, e de lá olhar o mundo e os homens, não como elles são, não como elles se transformam e modificam todos os dias no excesso de suas paixões e delirios, não como elles se manifestam no movimento vertiginoso, apaixonado e por vezes ridiculo da sua existencia em commum, mas como os concebem os raptos generosos da sua phantasia; uma tal aberração da parte do poeta, não faz mais do que tomar as perspectivas risonhas da sua mente pelas realidades da vida positiva, e crer que os devaneios e illusões do seu imaginar são o typo invariavel da verdade humana.

O poeta assim divorciado de todas as alternativas das ligações moraes e das manifestações progressivas e infinitamente variaveis dos successos da vida real, e só entregue ás divagações e tendencias do seu mundo interior, ou aos prazeres da imitação litteraria dos bons modellos, torna-se apenas ou um continuador d'esses talentos fatalmente elegiacos de que René, Obermann e Chatterton são personificações admiraveis, ou a reproducção do classico nas suas mais facticias e convencionaes combinações, como o fizeram Delille, Pope e Young.

A litteratura, e a poesia principalmente, como a expressão mais ardente e arrojada da imaginação, não póde deixar de se inspirar de todos os accidentes que resumem a vida nas suas demonstrações positivas, pois é na variedade e elevação d'esses accidentes que muitas vezes encontra os germens de inspirações até ahi desconhecidas ou o estimulo de concepções que debalde procuraria no recolhimento das cogitações profundas, ou mesmo nos seus devaneios de abstracção.

Quando porém esses successos da vida real desenvolvem os espectaculos lastimaveis das grandes perturbações sociaes, das luctas infindas das idéas e das paixões, d'esse conflicto de factos e aspirações, de esperanças e amargas realidades, sahem os Byrons, os Chateaubriand, os Victor Hugo, os Lamartine, os Garrett, os Mazzoni, que rompem em apostrophes sublimes contra os tyrannos das liberdades publicas, e protestam em nome do genio e da razão em favor dos mais sacrosantos direitos da dignidade e da intelligencia humana.

Quando a sociedade corre serena em toda a tranquillidade de uma existencia florescente, sem que factos imprevistos toldem a sua atmosphera pura de inquietações e conflictos, as imaginações dos homens de lettras, faltas de estimulo e dos aspectos attractivos da instabilidade da vida publica, voltam-se para a historia, ou para as perspectivas e riquezas da criação animada em busca dos seus melhores assumptos, e é então que nos apparecem Racine e Thompson, Garcilazo de la Vega e Metasttazio.

Quando porém as revoluções politicas tem levado a confusão, o labyrintho, a desordem a todas as condições da sociedade, e que o seu estado é apenas um desses deploraveis e risiveis estados de transicção em que avultam, em toda a sua evidencia repugnante e prosaica, as contradições, incoherencias, ridiculos, e miserias das classes que se deslocam e das classes que tomam assento, dos direitos offendidos e dos direitos inaugurados, das instituições que a onda revolucionaria abateu e levou no furor da ressaca, e das instituições recentes que a pretenção, a vaidade a insufficiencia tentam de novo erguer; quando as sociedades mostram uma destas phases, então a veia satyrica de Beaumarchais incendiada pela malignidade do espirito sarcastico de Rabelais, ateia-se n'uma effervescencia que necessita de desafogo, de expansão, porque esse desafogo e expansão são o unico protesto solemne que é dado fazer ao talento e á razão contra as prepotencias, orgulhos e desigualdades de quanto *bourgeois gentilhomme* e George Dandin a tyrannia do acaso e os sopros da fortuna atiraram para as preeminencias da vida social e politica.

É a estas razões de eterno ridiculo que o mundo deve a existencia dessa grande familia de poetas pamphletarios, monarchas do grutesco, que desde Aristophanes até Molière, e desde Cervantes até Casti se incumbiram de vindicar a intelligencia e a dignidade, ultrajadas pelas pretenções dos *parvenus* de todas as epochas e paizes.

O nosso Parnaso é rico n'esta especie. Sá de Miranda, Diniz, Tolentino e Agostinho de Macedo são, sob diversas formas e intuitos mui distinctos, talentos notaveis no genero. *La boucle de cheveux enlevée* de Pope e o *Lutrin* de Boileau não tem por certo aquelle chiste e atticismo satyrico que fazem sorrir as proprias victimas como os chistosos e caracteristicos episodios de *Hyssope*.

Tanta é a verdade dos seus traços, e agudo e delicado o estilete da sua critica! Mesmo o que ha no *Vert vert* de Gresset ou na *Chartreuse*, e ainda nas satyras de Despreaux, que se possa comparar com a graça despretenciosa, tão finamente maligna, tão colorida e animada do natural de Nicoláu Tolentino? As suas *satiras ao bilhar*, e ao *Passeio*, só por si, valem todas as satiras *à mon esprit*, que o critico francez podesse compor. Ha naquelle mais naturalidade; o epigramma nasce-lhe mais espontaneo e opportuno; e a fórma ajuda apenas a idéa, sem se entrever o esforço da pretenção litteraria.

Ora o sr. Faustino Xavier de Novaes, pela indole da sua vocação poetica, pelas circumstancias da epocha que mais tem concorrido para a excitar e desenvolver, e até por todas as questões de forma que se possam ventilar acerca das poesias que acaba de colligir, pertence inquestionavelmente a esta familia de genios que erigem em seus versos um pelourinho inexoravel aos ridiculos da sociedade. E que sociedade a presente, e que seculo este para aquecerem a veia motejadora do poeta! Sociedade em que as classes se veem approximadas, não para se fundirem ou completarem em generosas e nobres aspirações, mas para se invectivarem e repellirem, onde a alegria apparente toma a forma da ironia covarde; onde as pretenções são contrastadas pelas maneiras; onde a unica paixão viva, obstinada, é a vaidade; a moda absoluta, o interesse; o escudo do pudor, a desconfiança!

(Continua)

ANDRADE FERREIRA.

OS CAMINHOS DE FERRO EM RELAÇÃO AOS SEUS ACCIONISTAS.

Sem fundamento se crê geralmente entre nós, que os caminhos de ferro, que fazem a prosperidade do paiz que atravessam, deixam resultados não mui lisongeiros, e frequentemente tristes, aos capitaes empregados nelles. É preciso desvanecer este erro. Para

isso bastam os argumentos decisivos, que offerece a historia mercantil destas vias de communicação.

Ponhamos de parte o resultado da exploração das linhas hespanholas, que não ha fazer fundamento nelle, quando salvas poucas excepções, as qualidades menos vituperaveis que com frequencia se lhe encontram são a ignorancia e o desconcerto. Olhemos para os resultados obtidos na Gran-Bretanha, Allemanha, Belgica, e sobre tudo na França que ahi é que está a verdadeira lição, o verdadeiro exemplo a companhias de caminhos de ferro.

Quando se construiram as principaes linhas inglezas, grandes foram os gastos que originaram as condições facultativas dos traçados. A construcção das machinas estava mui atrazada: Os seus meios mui demorados e dispendiosos. Não havia ainda a experiencia, que se não consegue, senão á custa de perdas dispendiosas; e todas estas, (que não apparecem nos caminhos modernos) elevando os capitaes de construcção diminuiam os seus interesses.

Bem depressa se seguiu a isto a concorrencia com vantagens para o publico, e tristes resultados para os accionistas. Na carreira de Londres a Birmingham, triplicaram-se os caminhos, duplicaram-se as vias em cada caminho, todos rivalisando em luxo, entre si e o canal!

Tal é a origem dos poucos lucros dos caminhos inglezes, não tão pequenos como á primeira vista parece absolutamente, porque se deve attender ao preço do dinheiro em Inglaterra. Tal é a causa porque as suas acções se negoceiam abaixo do par, e as mais favorecidas com pouco premio, ao passo que em França não ha nenhuma que se venda com prejuizo e muitas, quasi todas, tem grandes beneficios.

Na Irlanda, onde se teve muito em vista a economia, tem-se repartido dividendos de 12 por cento.

Os accionistas das linhas allemãs tem tirado lucros que fazem inveja. Elevar as descidas, rebaixar o raio das curvas, introduzir o material americano que é mais barato, diminuir a velocidade dos trens até empregar cavallos no reboque n'algumas secções de linhas importantes, foi a sua varinha de condão.

Os capitalistas francezes como os nossos, foi mui timidamente que entraram em emprezas de caminhos de ferro. As epocas criticas porque passaram os seus valores, quando por tres vezes se intentou organisar a companhia de Leão, e com grandes sacrificios se constituia a de Strasbourgo, não promettiam os resultados felizes que tem tido, nem a extrema avidez com que hoje se solicitam os seus beneficios, vendo-se que em todas as linhas principaes os capitaes compromettidos estão mais que duplicados em poucos annos.

As acções da companhia de Orleans emittidas em 1838 a 500 francos, depois de se terem vendido nos primeiros annos com perda, chegaram a cotar-se em 1847 a 1:400 francos. Havendo-se verificado em janeiro 1852 uma fusão entre a companhia de Orleans central, de Orleans a Bordeus, e de Tours a Nantes, receberam os accionistas da primeira por cinco acções primittivas, e mediante uma distribuição de 1:500 francos, oito acções novas, que em 1855 se cotaram a 1:260 francos cada uma. Assim o possuidor das primeiras acções de Orleans achou-se com um capital mais de duas vezes e meia superior ao que desembolçara.

Os interesses das acções tem seguido a mesma progressão. Os correspondentes ao anno de 1855 subiram a 80 francos, isto é 16,70 do capital primitivo.

As acções do caminho de ferro de Pariz a Leão chegaram a valer 1:268 francos no anno findo; as do Mediterraneo, favorecidas com as expedições ao Oriente, 1:375 francos. Estes valores representam tambem mais de duas vezes e meia o primeiro capital.

As acções do caminho de París a Ruão, tronco das linhas do Havre e de Dieppe, foram, pela fusão com a companhia d'Oeste, trocadas por acções novas a rasão d'uma e meia d'estas por uma da de Ruão. Como o preço das novas acções chegou em 1855 a ser de 840 francos, o valor das de Ruão era de 1:260 francos, ou mais de duas vezes e meia capital.

Até os fundos invertidos em linhas secundarias tem dado grande resultados.

As acções primitivas de linha de Orleans a Bordeus, expedidas a 275 francos, e trocadas a rasão de tres por uma da companhia da fusão, obtiveram 50 por cento de augmente de capital, e um producto de mais de 10 por cento.

Do quadro comparativo dos valores da renda do estado, e dos caminhos de ferro francezes na bolça de París, durante os ultimos annos, se deprehende que ainda que as cotações dos caminhos de ferro padeção as influencias da politica como a renda do estado e como todos os valores publicos; não são proporcionalmente tão castigadas em suas oscillações. Em circumstancias normaes as cotações dos caminhos de ferro seguem sempre progressão ascendente. Isto explica-se. O commercio e as transacções augmentam sem cessar. Assim e como consequencia immediata do transporte de pessoas e mercadorias, os seus proventos vão subindo.

D'aqui a preferencia que sobre outros valores tem os caminhos de ferro, para os que poem a render seus capitaes, sempre que augmentam. D'aqui o interessarem-se os especuladores na construcção dos caminhos de ferro, porque, querendo alienar seus valores facilmente, escolhendo estes para suas operações acham sempre, e com alta progressiva, compradores certos. Nem d'outro modo as primeiras fortunas da Europa se teriam interessado com grandes cabedaes n'esta industria, que a seu turno tem sido para o talento previsor e para a actividade exemplar origem de poderosas fortunas.

Taes são os resultados que a França tem alcançado, e se ella os obteve atravez de perturbações politicas, no meio das preoccupações, das necessidades, e dos obstaculos impostos por uma guerra estrangeira, que promettia abalar o velho mundo, muito é o que Portugal deve esperar, ensinado pela experiencia das demais nações, se agora que se restabeleceu a paz europea, proseguir com zelo illustrado na sua linha de leste, que, entroncando na de Hespanha, hade pol-o em communicação instantanea com toda a Europa.

Empresas de caminhos de ferro em Portugal, não podem deixar de ser productivas. Não temos, como em Inglaterra, as despezas da informação parlamentar. As condições dos traçados modernos, a nova força das machinas, as articulações dos trens, diminuem as causas dos gastos. O, comparativamente, baixo valor do solo reduz a despeza das expropriações. Os salarios são economicos, não obstante tenderem a augmentar pela nossa deficiente população, e por algum incremento que hão tido as obras publicas. Assim os capitaes reclamados pela mão d'obra podem considerar-se muito aliviados. Em fim as liberdades concedidas ao material de ferro estrangeiro, e outras, entre ellas a bem fundada esperança de explorar e consumir o combustivel nacional, devem dar animo para muito.

Haja vista ao que disse ha pouco a *Revista de caminos de hierro y de telégrafos electricos*, e ver-se-ha que já em Hespanha considerações similhantes actuam muito sobre o espirito publico.

(Continúa)

José de Torres.

FASTOS AÇORIANOS.

IV.

MAIAS.

(Continuação.)

> «Até os nossos dias dura o antigo costume, que nos herdaram os pagãos, de festejar nesse dia a vinda da primavera.»
>
> A. Herculano—Monge de Cister.

Que sequito de flores, de folgares, e de maias enfeitadas que ahi vem! Com o maio florejam campos: —sol de meiada primavera aquece e vivifica:—ceu limpido traz desterradas tormentas invernaes, e só breve orvalho matutino, transformado em perlas e aljofares, refresca as sedes da campina, matisa o verde das plantas e o purpureo das flores, dá frescura e novo animo a toda a creação!

Como a natureza sorri embevecida á primeira claridade oriental: Como o homem, despertando de sonho magico, com olhos meio esquivos á luz, saúda o dia, extatico na contemplação das maravilhas deste quadro sublime, que através do veu diaphano do ultimo nevoeiro, que se eleva para abraçar o sol, ainda surgem como d'um encantamento!

Toda a terra se desentranha em hymnos d'amor e poesia: em toda a arvore em todo o bosque, ha côro de alados musicos, que nas estrophes tão harmoniosas, tão compassadas, tão artisticas de seus gorgeios pagam como podem o eterno reconhecimento da creatura ao Creador!

E acaso o homem, com tantas péchas de ingratipão e insensatez de que é possesso, ousaria desafinar no meio de tão geral harmonia?

Porque tudo ri e sorri, irá, com sardonica e homicida zombaria de sceptico, envenenar, desfolhar a grinalda viçosa, inlutar as alegrias que o coração ingenuo aspira com deliciosa sofreguidão?

Não, não irá.

Senhor desta terra de transição tu amas, oh homem, o desterro em que foste creado: amal-o como o natchez ama a floresta e a solidão em que primeiro viu sorrir o rosto maternal; como o arabe, afeito á vida errante do deserto, se delicia nos perigos e provações, e de tudo se compensa mudando de estancia e horisonte.

Não será, pois, o homem, o unico indifferente em meio de toda a natureza, que com tão virentes galas festeja o nosso maio. Convidam-no a dança e o festim a gosar, na amavel companhia dos campos, a doce singelesa, limpa de traças e ambições, que outras não ha lá senão as que significam trabalho e amor: hade alli antever felicidades terrenas que não sonhava, e ai d'elle, novo Tantalo, que nem poderá aproximar-se d'ellas, se o halito apestado da corrupção lhe tiver já embaciado o candido espelho d'alma.

Os *Fastos* são a epopea dos campos. Em vão a cidade pretende compor-se com as galas que lhes usurpa: são atavios postiços, flores desbotadas por outro clima, que lhe vão mal, e tão mal como á peccadora a tunica nevada e o lyrio da candura. Uns e outros, males e bens, não estão bem reunidos. Symbolos da innocencia, a innocentes que os não manchem: luto aos que venderam o affecto fadado para rescender perfumes, e abaterem para a terra o vôo elevado da alma!

Que nem tunica nem lyrio, lhes sejam maior vergonha, e pregão de mentira metamorphose.

É por isso que nos está o espirito a refugir sempre para os campos, cujos são os nossos *Fastos*. Na cidade, nessa, quasi nem se acha memoria, e jámais inspiração, que com tão jucundo assumpto se entrelace. Aos campos, meus amigos, que para elles nos estão com namorados convites chamando este dia e estas festas!

Quem ha ahi, que entre cantos e folgares, entre o fazer e enfeitar de maias, não se tenha com toda a sem cerimonia campestre deliciado com fumegantes papas?

Quem ha, que não tenha fantasiado vestes surprehendentes e variegadas, para vestir e mascarar neste primeiro dia de maio, um corpazil de palha?

Quem ha, que não sorria, vendo nas maias que occupam nas janellas, e sacadas; que campeam nos balcões e sobre os tapumes das quintas, por onde este dia se consome, uma ingenua diversão do povo, e treguas a maiores cuidados?

Ante o boneco estremado que a mãe ou a mais velha das irmãs fez surgir do nada, como o mundo do cahos, exultam, saltam, tripudeam as creanças. E nem é isto só alegria da infancia e distracção d'adultos, que as boas das nossas maias são tambem ludibrio de miopes! Vel-as com o toucado tão composto, com o vestido tão garrido, com a posição tão senhoril, ou com o garbo incomparavel de matrona romana, como hade o pobre miope resistir-lhe que se não desbarrete, e desfaça em zombaias respeitosas?

São as maias festim domestico para todos: ás creanças pular e gaitear com liberdade; aos velhos suspirar pelo passado, e viver agora do contagio das alheias impressões. O que não será para aquelles que estão na edade descuidada, em que, na expressão do poeta:

> «L'amour c'est un devoir, l'ennui c'est un crime?»

Para esses estes dias e estas festas, são a vida. Do coração derivam a lei e a fé de que não desdizem, e com que transformam tudo em paraizo. Ninguem ha mais feliz neste dia, que a mocidade em seu *enleio d'alma ledo e cego!* Tanta tragedia, e tanto veneno, e tantas amarguras quotidianas que a existencia tem, se não fossem as doçuras ou illusões colhidas nessa quadra fatidica da mocidade, como podéra o homem arrastar a pesada cadêa dos annos? Assim é que para moços nem mesmo este dia tem dimensões taes, que bastem a fartar os que reunidos se bem querem! Quereis ouvir conto singelo, que em confirmação d'isto se conserva na vaga tradição do nosso povo? Escutai.

Era uma vez um dia, em que moça camponeza fôra ao amanhecer mugir cantaro de leite para as maias.

Tornando do aprisco eis que lhe surge da primeira encruzilhada o pastor querido d'esta bella filha das montanhas! . . . .

Em larga pratica d'amores e venturas do futuro se detiveram então! Ternuras que alli se disseram, suspiros que na brisa suave se perderam, juras apaixonadas que ambos empenharam, não o saberemos dizer. Que o adivinhe quem tiver coração fadado para a feitiçaria d'amores, e já por si lhes tenha experimentado as delicias!

Entretanto correra o tempo, desapparecera o sol, acercava-se a noite, e o dia inteiro passára desapercebido dos dois!

Sentida, mas forçosa, foi a separação! Não o foi mais penivel aquella primeira despedida do senhor de Bussy e Diana de Meridor na tapada do velho barão!

Foi então que por derradeiro adeus ambos os nossos camponezes soltaram esta affectuosa endeixa:

«Dia de maio,
Da má ventura,
Mal é manhã,
J'é noite escura!»

E ainda duvidarão, que nem dia de maio abasta a palestra d'amores?

Das Hespanhas, que as herdára da antiga Roma, não conservamos prestitos processionaes, carros de triumpho para a moça rainha da festa, vestida com magnificencia, toucada de flores. e puchada por outras raparigas que lhe cantem louvores, e peçam dinheiro aos viandantes: não expomos no primeiro dia de maio, e em todos os domingos d'este mez, sobre mesas cobertas de seda, estantes nas ruas, casal de meninos bem adornado e florido, pedindo offertas aos que passam, com um côro d'outras creanças, cantando loas que tambem se dizem *maias*. O apparato e representações publicas d'este dia são nos Açores desconhecidos, mas em compensação as reuniões e intimos folguedos campestres se acatam religiosamente, e recordam todo o anno com saudade.

(*Continua.*)

José de Torres.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1578—1583.)

Já tivemos occasião de ponderar, que um dos mais importantes successos da historia moderna, que pelas suas consequencias exerceram geral influencia na politica e relações internacionaes de toda a Europa, foi cingir o poderoso monarcha hespanhol D. Filippe II, o diadema caido da cabeça encanecida do cardeal-rei D, Henrique I de Portugal.

Não é mui remota a epocha em que, com aquelle grande drama politico de que a historia até hoje apenas tem feito os contornos geraes, se representaram muitos outros dramas, curiosissimos pelos accidentes, aproveitaveis pela licção, mas ainda geralmente desconhecidos.

É por isso que muitas vezes a ligação dos successos que se tem popularisado mais, é difficil d'achar, e por manuscriptos contemporaneos, rarissimos, (se não pela maior parte estranhos ao commum dos bibliophilos) ou por documentos sumidos na vastidão de archivos, maxime estrangeiros, andam dispersos e parcellados os membros d'aquelle grande corpo.

A nossa historia accusa nesta parte uma grande lacuna. É uma verdade, que commumente se não suspeita, que as scenas mais importantes daquella epocha não passaram no continente. Algumas côrtes da Europa, e sobre tudo as ilhas dos Açores, foram o seu theatro principal. Poucos dias bastáram ás armas de Filippe II para consumarem a conquista de Portugal.

Só aquellas ilhas, unica parte da monarchia que ousou resistir-lhes, foram dez annos testimunhas do empenho com que se pretendeu, sem exito feliz, abalar o poder do monarcha luso-hispano.

É por isso que, em quanto não apparece livro que preencha cabalmente esse vasio da nossa historia, nos parece de utilidade incontestavel auxiliar o estudo publico com as singellas memorias do tempo, documentss curiosos e inéditos, dispersos por mãos particulares e contingentes, que merecem ser salvos pela impressão, da perda, que muitos outros terão já experimentado, com não pequeno prejuizo da historia patria.

A relação, que agora publicamos, escripta por um contemporaneo angrense em 1511, cujo nome não chegou até nós, forma um pequeno codice em 4.° portuguez, capa de pergaminho, e lettra do tempo. O exemplar que possuimos não mostra ser autographo, mas um apographo, que em 20 de março de 1665 pertencia a Nicolau de Freitas de Figueiredo, segundo se deixa ver d'uma nota final.

A respeito do merito do escripto, contentar-nos-hemos com repetir as palavras autorisadas do sr. Francisco Ferreira Drummond, a paginas 192 do I tomo da sua interessantissima obra *Annaes da Ilha Terceira*, onde diz: — «ainda pudemos alcançar (esta relação) conservada pelo respeitavel Mestre Fr. Diogo das Chagas, e... a julgamos exacta, conforme os documentos que temos encontrado....»

Como introducção á *Relação das coisas que aconteceram na cidade de Angra, ilha Terceira, depois que se perdeu el-rei D. Sebastião em Africa*, é quanto basta dizer.

José de Torres.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

I

Do estado da cidade d'Angra, ao tempo em que se perdeu el-rei de Portugal D. Sebastião.

Depois que o catholico e christianissimo rei de Portugal D. Sebastião se perdeu em Africa, que foi em 4 de agosto do anno de 1578, havia nesta cidade de Angra ilha Terceira muitos varões illustres, e de grandes casas. e cidadões nobres e fidalgos. Esta ilha Terceira é muito rica, pela muita continuação de frotas, de Indias de Castella, de San-Thomé, Brazil, náus da India, galeões da Mina, e de muitas partes, que costumavam sortir no porto e barra desta cidade de Angra. Assim todos os annos vinha armada da cidade de Lisboa a estas ilhas, por causa dos corsarios levantados do reino de França, e de outros reinos, qne vinham esperar a estas ilhas os navios de mercadores, que vinham de diversas partes, e naus das Indias, Brazil, e San-Thomé. Outro sim como esta ilha Terceira deu sempre muitos fructos, e muitos generos, de todas as aves e gados, se proviam nesta cidade todas as armadas de todos os mantimentos, e carregando trigo para os Algarves, e ilha da Madeira, levando muitas obras de caixei-

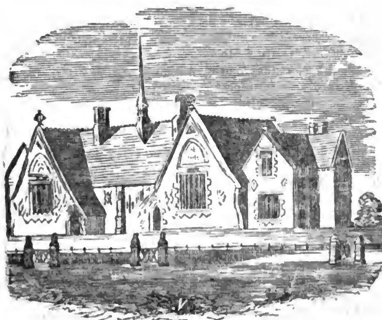
ros o serralheiros, por sempre nesta cidade haver officiaes unicos, e por esta causa estava esta cidade no sobredito anno de 1578 prospera e rica, e assim as mais ilhas debaixo Graciosa, Fayal, Pico e San-Jorge, porque desta se ajudavam; nem ate o dito anno nesta ilha nem nas mais se acordavam nunca haver nellas fome, guerra, nem peste, e esta ilha foi sempre tão abundante e fertil de todos os mantimentos, e é hoje em dia, que por mais armadas e grandes que fossem, e vindo necessitadas de mantimentos eram providas em duas horas, e tudo achavam feito logo em desembarcando no mesmo porto e ribeira ao longo da agua, e muito barato.

II

Dos que governavam a cidade de Angra, e dos fidalgos e cidadães que havia.

Neste tempo estava por Bispo nesta cidade de Angra e ilhas dos Açores don Pedro de Castilha, e por Corregedor Ciprião de Figueiredo e Vasconcellos. Na Camara desta cidade serviram no ditto anno de 78 de Juizes ordinarios Bernardo de Tavora e João Dias de Carvalhal; eram vereadores João Lopes Fagundes, Francisco Vaz Chama, Martin Simão de Faria; e Procurador da cidade Pantalhão Nogueira. Os cidadãos nobres e fidalgos, que então serviam e governavam a republica, e a terra, e de grandes casas o que tudo hoje está muito differente, eram André Fernandes de Cea, João Lopes Fagundes, Braz Dias Redovalho, Christovam Borges da Costa, Manuel de Barcellos Macedo, Estevam Ferreira de Mello, Pedro de Castro do Canto, Guilherme Muniz Barreto, Manoel Fernandes de Cea, Antonio Francisco Barreto, Francisco Vaz Chama, Martin Simão de Faria, Diogo de Lemos de Faria, Bernardo de Tavora, Simão Gonçalves de Tavora, João Dias Carvalhal, o Licenciado Roque Dias, o Licenciado Balthazar Alveres Ramires, Ruy Dias de S. Payo, Fernão Vaz Redovalho, Hieronimo Fernandes de Cea, Antonio Pacheco de Lima, João Borges da Silveira, Constantino Macedo, Baltazar Gonçalves de Antona, Arthur de Azevedo de Andrade, Antonio de Ornellas e Gusmão, Thomé Gomes Boto, Fernão Leite, Bartolomeu Francisco Pedroso, Estevam Silveira, Pedro Alveres Pereira, Domingos Onzel, João de Bittencourt, Gonçalo Vaz de Souza, Alvaro Luiz de Maiorga, Melchior Rodrigues, Fernão Garcia Jaques, Melchior Vieira, Gaspar das Neves Manuel de Toledo. Era Provedor da Fazenda Duarte Borges, e Feitor d'El-rei Gaspar do Camo de Barros, e outras pessoas nobres que na terra havia.

(*Continúa.*)



ESCHOLAS DE HEMEL—HEMPSTEAD.

Hemel-Hempstead é uma cidade de Inglaterra no condado ou provincia de Hertford, que tem pouco mais de cinco mil habitantes, e faz muito commercio em cereaes.

O antigo edificio das escolas publicas não tinha proporções para o numero dos alumnos, e por isso os habitantes da cidade e os cavalheiros residentes nos suburbios com auxilio do governo fizeram erigir outro em sitio mais accomodado e salubre e com a fabrica necessaria, aulas espaçosas, e quartos para morada do mestre e da mestra, convenientemente collocados nas extremidades oriental e occidental do edificio e contiguos ás respectivas aulas, que se abriram solemnemente em 13 de novembro do anno passado. A construcção é de estylo, e custou fora a compra do chão, para cima de duas mil libras esterlinas.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



ESTAÇÃO DE PESCARIAS RUSSA.

Já demos uma idéa da embocadura de Dnieper e terrenos adjacentes; fóra e dentro do rio, mas principalmente nas costas do mar Negro, existem muitos estabelecimentos de pesca, que assim como os do mar d'Azoff no ponto opposto, tem grande laboração e aprovisionam de bom pescado as provincias interiores da Russia meridional, chegando até Moscow e ainda mais dentro pelas terras sertanejas.

A abundancia do peixe dá grande importancia a este ramo de industria, ainda mesmo nas proximidades do promontorio de Kinburn, occupado durante a guerra pelas tropas francezas, e de que temos appresentado alguns desenhos.

A pescaria n'estas paragens classifica-se pelas diversas e distinctas epochas do anno, isto é e principalmente as da primavera, estio, e inverno; n'esta ultima estação os pescadores das artes que nas antecedentes exerciam sua industria logo proximo do littoral, fazem por cima do gelo expedições a distancia de algumas leguas da costa, e que são perigosas porque muitas vezes soprando da terra os ventos arrojam as massas do gelo para o alto mar como ilhas fluctuantes. Os aparelhos de pescar são tão primitivos como os usaram na infancia da arte os primeiros habitantes da Crimea; d'estes os que se dedicam a similhante profissão tanto pelo trage e modos como pela physionomia denotam curta intelligencia.

M.

CAVALLO DOMESTICO

(Continuação.)

Caminha ufano, rapido galopa,
Insulta os medos, desafia os p'rigos;
Se ouve mavorcia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouça, e fere a terra;
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sae das ventas,
As orelhas alteia, erriça as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a boca espuma

Bocage. Traduc. de Rosset canto v.

Quem tem feito estudo da physonomia do cavallo conhece por ella as paixões e os intentos do animal.

Pelo olho (diz o professor Yoautt) se pode formar uma apreciação exacta do caracter do cavallo; se se descobre muito a alva não ha que fiar nelle: porquanto, o de indole ruim espreita de continuo a occasião de satisfazer a sua inclinação malfazeja, e a frequente direcção do olho para a frente o que deixa ver maior porção da alva, não tem outro objecto senão assegurar o effeito do couce que prepara.

A vista do cavallo differe da do homem; a posição lateral e a distancia em que estão os olhos lhe permittem abranger maior espaço, e quando pasta tranquillamente de cabeça inclinada para a terra, póde com facilidade ver o que vai á roda delle. A vista do homem abraça mais restricto campo, mas é mais pe-

netrante, porque a membrana preta que fórra o interior do olho humano constitue melhor camara escura e dá mais viveza ás imagens que alli se formam: essa membrana no cavallo é de um bello verde-mar, por isso absorve menos luz e augmenta a força da vista na escuridade.

Em todos os animaes que tem de procurar sustento de noite, o interior do olho é mais brilhante; no lobo e cão é pardo, em todas as variedades da casta felina é amarello; comparam-se os olhos do leão nas trevas a duas tochas flammejantes.

Os albinos, como os pretos brancos, individuos excepcionaes na casta humana, que tem os olhos vermelhos como os furões, em rasão da falta do pigmento preto ordinario, não podem supportar a claridade do dia, mas veem facilmente onde nós achamos profunda escuridão.

Muitas pessoas julgam, sem fundamento, que as lagrimas provocadas pela dôr physica ou pelas emoções da alma, são privativas do genero humano; os cavallos tambem choram em consequencia de vivo soffrimento ou de maus tratos.

O tamanho, a disposição e o movimento da orelha são pontos importantes: as orelhas mais para pequenas do que para grandes, não muito afastadas, direitas e ageis nos movimentos, denotam boa raça e ardor; se um cavallo está no habito frequente de mover uma orelha para diante e outra para traz, sobretudo andando de jornada, terá em geral genio ardente; as orelhas estendidas em oppostas direcções indicam que está attento a tudo que se passa, e em quanto repete esse movimento não está muito cançado nem é provavel que o esteja tão cedo. Observou-se que a maior parte dos cavallos dormem com uma orelha dirigida para diante e outra para traz, a fim de perceberem a approximação de objectos que possam vir de qualquer lado. Caminhando cavallos ou machos de noite e em companhia, os que vão na frente da récua dirigem as orelhas para diante, os que formam a retaguarda inclinam-nas para traz, e os do centro as dirigem lateralmente; assim toda a cafila parece movida por um sentimento unico, a commum segurança.

A orelha do cavallo é uma das mais bonitas partes de seu corpo, e ainda mais do que o olho, se é possivel, fornece indicios certos de seu caracter. Se o cavallo derruba as orelhas sobre o pescoço não ha duvida que medita malicia, e é necessario cuidado com as patas ou com os dentes; tambem brincando descahe as orelhas, mas então esse movimento é menos pronunciado e não se prolonga por tanto tempo: uma rapida mudança na posição destes orgãos e sobretudo a expressão simultanea dos olhos permittem distinguir o que é contentamento e o que é malicia.

O cavallo tem o ouvido mui subtil, e percebe mil vibrações do ar tão leves que não fazem impressão no homem. Todo o caçador sabe que o cavallo reconhece as vozes dos cães, arrebita as orelhas, e manifesta o seu ardor ou a sua impaciencia muito antes que o cavalleiro perceba o menor som. Nada mais é preciso para provar quanto é absurdo cortar as orelhas aos cavallos: este costume estupido e odioso teve origem em Inglaterra (como diz M. Springfield) e foi praticado por tal numero de annos e com tal perseverança, que por fim a mutilação veio a ser hereditaria em certos casos, e houve uma casta de cavallos sem orelhas. M.

O ocio é pae do vicio, e avô do crime.

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA.

Um dos ramos mais vastos e importantes da physica moderna é a electricidade. De dia para dia novos factos, e novas leis se descobrem, todas celebres pelos phenomenos que grupam. Um grande numero de phenomenos dos mais vulgares explicam-se facilmente por esta parte das sciencias naturaes. Não é só sobre a materia bruta que o fluido electrico opera maravilhas, é tambem sobre o organismo animal e vegetal; e tão longe se póde querer levar essa influencia, que pela electricidade se explique a maior parte dos phenomenos da vida.

As descubertas da pilha, da douradura galvanica, da galvanoplastia, do guarda-raios, do telegrapho electrico, etc. são outras tantas creações que tem enchido de admiração os nossos contemporaneos. — Vê-se quão interessante deve ser o estudo d'esta parte da physica.

Os fundamentos da electricidade foram conhecidos dos antigos; elles reconheceram no ambar amarello a propriedade de attrair os corpos leves, e a isto se limitavam seus conhecimentos n'esta parte. Foi provavelmente por acaso que se descubriu no alambre a dita propriedade. M. de Humboldt conta que encontrou nas margens do Orenoco, crianças pertencentes a uma das tribus mais selvagens, que brincavam esfregando certas sementes secas até que attrahissem fios de algodão. Vê-se que foi um facto facil d'observar, que serviu de ponto de partida ao estudo da electricidade.

A descoberta do galvanismo em 1789, fez uma revolução completa n'esta parte de physica: são bem conhecidos tanto os trabalhos de Galvani como os de Volta o creador do pilha.

Não se sabe qual é a causa dos phenomenos electricos, chamou-se-lhe electricidade, estabeleceu-se uma theoria para explicar esses phenomenos, a qual satisfaz soffrivelmente á explicação dos que se conhecem; mas que deve sempre olhar-se com reserva; isto é, serão os factos que devem chamar a attenção, pouco importa se se podem explicar ou não pela theoria. Não regeitamos as theorias; entendemos mesmo que são uteis, o que julgamos é que devem nascer dos factos, e não as forçar a explicarem o que não podem.

A theoria de electricidade que hoje se recebe, admitte em todos os corpos a existencia d'um fluido neutro, formado pela reunião de dois fluidos de differentes propriedades, a um chamou-se vitreo, a outro resinoso, ao primeiro tambem chamam positivo, e ao segundo negativo.

Estabeleceu-se mais que os fluidos do mesmo nome se repellem, e os de differente nome se attrahem. —Fallamos d'estes principios para melhor intelligencia d'este artigo. O ar atmospherico tem sempre uma certa quantidade de electricidade, mesmo durante o tempo mais sereno. Foi no principio do seculo passado que se começou a suspeitar a existencia da electricidade atmospherica. Em 1746 depois da descoberta da garrafa de Leyde, Nollet emittio a opinião de que podia haver alguma analogia entre a electricidade e o raio. Foi porem Franklin, quem proclamou e provou a existencia da electricidade atmospherica. Diversas são as opiniões que ha sobre a verdadeira origem da electricidade, que existe normalmente na atmosphera. Alguns physicos, como Kaentz, a attribuem ao roçar d'umas camadas d'ar sobre outras. Segundo Becquerel, a unica causa é a desigual distribuição do calor na terra, e na atmos-

phera. Outros physicos dão grande importancia á evaporação da agua, que tem lugar continuamente á superficie da terra, e á combustão do carvão. É provavel que estas differentes causas concorram para a producção da electricidade atmospherica, sendo quasi certo que o attrito representa um papel importante

Quando cae um aguaceiro, os apparelhos que servem para reconhecer a presença da electricidade (electroscopios), e os que medem sua intensidade (electrometros), dão logo signal de augmento na quantidade de fluido, o qual é certamente devido ao attrito, que a chuva produz atravessando o ar com certa velocidade.

A quantidade de electricidade existente na atmosphera é susceptivel de variar com differentes circumstancias. A temperatura, a força e direcção do vento, o estado hygrometrico do ar, e a latitude são as principaes circumstancias que a fazem variar. Proximo do equador são as trovoadas mais frequentes e vão diminuindo para os polos. Nas diversas horas do dia igualmente se observam differenças; assim ao nascer do sol existe em pequena quantidade e augmenta á proporção que o sol se eleva sobre o horisonte, apresentando um maximum ás 6 ou 7 horas da manhã no verão, e ás 10 ou 12 no inverno. Á maneira do calor apresenta a electricidade dous maximos e dous minimos. Tendo chegado ao primeiro maximum vae diminuindo para apresentar um minimo; 2 horas antes de por o sol novamente cresce, apresentando um segundo maximo 2 horas depois do por do sol. Desde então diminue até á manhã do dia seguinte.

Não ha só variações electricas diurnas, ha tambem variações annuaes, augmentando muito a quantidade d'electricidade durante o inverno. Alem das variações regulares, ha variações accidentaes, taes são as que dependem de aguaceiros, dos nevoeiros, etc.

A superficie do solo está electrisada negativamente, entretanto que o ar seco e sereno está d'ordinario electrisado positivamente.

As nuvens de tempestade acham-se carregadas de electricidade, umas são positivas outras negativas, e a mesma nuvem pode ser positiva d'um lado, e negativa do outro. Dos principios que já estabelecemos resulta, que quando uma nuvem carregada de certa electricidade se approxima d'outra ou d'um corpo qualquer carregado de electricidade differente poderão as duas electricidades combinar-se repentinamente, e produzir o relampago, ou uma grande faisca electrica.

Tem-se duvidado da causa dos relampagos que se observam tantas vezes nas tardes de grande calor, com um ceo sereno e sem nuvens. M. Arago não se atreveu a resolver a questão; o que porem é verdade vem a ser, que muitas vezes esses relampagos são devidos ao reverbero que sobre as camadas atmosphericas mais ou menos elevadas produzem relampagos ordinarios devidos a uma tempestade que se faz n'um ponto longiquo. Em 1813 proximo de Londres se viram relampagos com ceu sereno, reverbero dos se produziam n'uma tempestade entre Dunkerque e Calais isto é a 50 leguas de distancia. Segundo Wheatstone a duração do relampago não chega a ser 0,001 de segundo, alguns tem uma legua de extensão.

Podemos distinguir differentes especies de relampagos: geralmente admittem-se quatro que são—primeiro.—Relampagos em zig-zag que tem grande velocidade, e que deixam marcada uma trajectoria com a forma d'onde tiram o nome. Os contornos destes relampagos são perfeitamente determinados.

Segundo—Relampagos mal definidos, sem contornos bem limitados, abraçando todo o horisonte; parecem-se com os clarões que acompanham a explosão de materias inflammaveis. São os mais frequentes.

Terceiro.—Relampagos de calor.

Quarto—Globos de fogo: parece que são entre a nuvem e o solo: duram ás vezes até dez segundos.

Muitas vezes a vista segue estes relampagos e vê que elles como que saltam sobre a superficie de terra, outras vezes fazem-se pedaços. Em geral é debaixo d'esta forma que se apresenta o raio que fulmina.

Trovão—O relampago é d'ordinario acompanhado de trovão. O trovão é o som que se produz em consequencia de o ar se deslocar e depois precipitar no vacuo, que primeiro se formou. Este som é reforçado pelos echos multiplos, que o repetem nas nuvens, nas montanhas, etc. Como o relampago pode occupar ás vezes uma grande extensão, o som deve produzir-se igualmente em grande extensão. Sabe-se que o som, caminha apenas 340 metros por segundo, em quanto que a electricidade tem uma velocidade superior á da luz a qual é de 77:000 leguas por segundo. Portanto o intervallo que ha entre o relampago e o trovão, pode dar-nos idéa da distancia de tempestade, pois será de tantas vezes 340 metres quantos forem os segundos, que se poderem contar entre o apparecimento da luz e o do som. Outra consequencia vem a ser, que o som se prolongará muito quando o relampago fôr muito extenso; pois a luz vê-se logo em toda a extensão, por causa da sua grande velocidade e o som irá chegando pouco a pouco a impressionar o ouvido, por isso que se propaga mais lentamente.

O *Raio* é a descarga electrica que se faz entre a nuvem e o solo. A nuvem aproximando-se decompõe o fluido neutro do solo, attraindo o do nome contrario ao que ella tem, isto é se a electricidade da nuvem for positiva attrae o fluido negativo do solo, se os dous poderem combinar-se ha faisca e diz-se que cae o raio. D'ordinario o raio sobe, isto é vae debaixo para cima: outras vezes desce; em qualquer dos casos os corpos intermedios são fulminados.

Effeitos do raio.—Mata os animaes, outras vezes só os derruba, ou queima. Inflamma as materias combustiveis, funde os metaes, e muitas substancias como o quartzo, area, etc. Despedaça os corpos maus conductores de electricidade, v.g. as pedras, madeiras etc. Magnetisa o ferro, inverte os polos das agulhas das bussolas.

Todos fallam no cheiro de enxofre que se nota durante as trovoadas, esse cheiro é devido á passagem do fogo electrico pelo ar atmospherico; então o oxigenio que entra na formação do ar passa a Ozone, isto é adquire novas propriedades, sendo uma dellas o cheiro sulfuroso.

Que meios existirão para nos perservarmos do raio? Poderá o homem dissipar, ou mesmo diminuir as tempestades? É opinião popular que o estrondo das explosões dissipa as nuvens, esta crença que anda arreigada entre o povo nasceu da observação de algum navegante e mesmo d'homens de guerra, que julgaram terem sido affugentadas tempestadas imminentes, com as detonações das armas de fogo. Em diversas localidades tem-se conservado o uso de atirar tiros e mesmo lançar fogo a caixas onde ha pol-

vora e misturar detonações, nas occasiões de trovoada. Foi Mr. Arago quem veio abalar a opinião a proposito da efficacia dos meios que ficam ditos.

Examinando as observações metereologicas do Observatorio de Paris desde 1816 até 1835 Mr. Arago, notou, que o estado do ceu não se alterava nos dias em que tinham logar os exercicios de fogo na escóla d'artilheria de Vincennes, em que se dão pouco mais ou menos 150 tiros, antes lhe pareceu, que se alguma influencia havia, era em sentido contrario áquelle que se julgava. Ainda mais, Mr. Arago cita dois factos um dos quaes é bastante importante, para mostrar a ineficacia das detonações.

Em 1711 a esquadra de Dugay-Trouin, composta de 6 náos e 4 fragatas, empregou todo o dia 11 a forçar a entrada da barra do Rio de Janeiro, bem defendida por grossa artilheria. De 12 a 20 jogou permanentemente a artilheria e fusilaria; muitas minas fizeram explosão, armazens foram incendiados, navios voaram pelos ares; apesar do fogo espantoso que durou muitos dias, uma violenta tempestade teve logar com muitos relampagos e trovões no ultimo dia. Podemos pois dizer que a questão se não acha definitivamente julgada; a solução que tem por emquanto, não é nada favoravel á antiga crença.

Outra opinião que vigorou muitos seculos foi a da utilidade de tocarem os sinos durante as tormentas, ou fosse com o fim religioso, ou com a idèa de agitar o ar. Mais tarde nasceu a idéa opposta. Vendo que o numero de igrejas fulminadas era consideravel, disse-se que a causa era o costume de tocar os sinos durante as tempestades.

Foi ainda Mr. Arago quem esclareceu este ponto, estabelecendo que no estado actual de nossos conhecimentos não se podia avançar que o toque dos sinos tivesse influencia alguma favoravel ou desfavoravel, só o que havia era o perigo para os sineiros. Em 1783 um allemão calculou que no espaço de 33 annos 386 campanarios tinham sido fulminados e 121 sineiros mortos, e muitos individuos feridos. A verdadeira causa da predilecção do raio para as igrejas é a forma e a altura das torres, e a grande quantidade de metaes que ahi existem. N'uma só noite de 14 para 15 d'abril de 1718, sexta feira de Paixão, 24 igrejas da costa da Bretanha foram fulminadas quasi ao mesmo tempo.

Os unicos meios efficazes a oppôr ao raio são os para-raios.

O para-raio foi imaginado por Franklin, fundase no que este sabio chamou poder das pontas, que consiste em a electricidade ter a sua maxima tensão nas partes aguçadas, ou sejam pontas ou arestas vivas, e por isso por ahi se esgota facilmente o fluido electrico.

Consta o para-raio de ponta, haste e conductor. A ponta é geralmente de platina, e deve ser d'esse metal: terminará em ponta aguada. A haste é de ferro e latão, é conica com o apice superior. O conductor é, ou uma barra de ferro, ou mais geralmente um cabo de fio de ferro ou de cobre que se prende pór uma das extremidades á parte inferior da haste, e inferiormente vem até ao solo, mergulha em terreno humido, n'um poço que não se esgote, ou quando isso é impossivel entra a certa profundidade, e cerca-se de carvões já calcinados, tudo isto a fim de que o guarda-raio termine em um corpo bom conductor. É a condição principal.

É necessario entender que um guarda-raio que não esteja bem feito e bem collocado, é antes prejudicial que util. Uma das condições a que se deve attender muito é a seguinte: que não haja solução de continuidade no conductor. Em geral todos os casos de fulminação de edificios ou navios que tenham guarda raio, devem attribuir-se ao defeito do instrumento. Ás vezes apesar da perfeição da construcção do guarda-raio o edificio é fulminado; mas em consequencia da sua má collocação; v.g. quando a haste se acha cercada de substancias metalicas de grande extensão, tem-se visto o raio fugir do guarda raio para um cano de chumbo ou de zinco destinado a conduzir as aguas da chuva. Outras vezes o guarda-raio está dominado por corpos mais elevados, o que se deve evitar, collocando-o na parte mais alta do edificio. (1)

Muitas observações attestam a utilidade dos guarda-raios; por exemplo tem-se visto cair o raio no meio de muitos navios e serem fulminados os que não tem guarda-raio. Em 1814 no porto de Plymouth entre muitos navios, só o Milford foi fulminado e só elle deixava de ter guarda raio.

Qual será a extensão protegida pelo apparelho protector? é objecto de duvida; julga-se porém que um guarda-raio protege em uma zona circular, cujo raio é o dobro da altura da haste.

Vê-se a utilidade do estabelecimento dos guarda raios. Antes de dizermos o que ha de mais moderno a este respeito, citaremos alguns factos; felizmente não se tem dado entre nós nada similhante; mas estamos expostos a ver reproduzir scenas similhantes pela falta de providencias.

A 11 de julho de 1819 nos Baixos Alpes n'uma povoação de 500 almas celebrava-se a missa, quando o raio caindo sobre a igreja matou 9 pessoas ferindo 82. A 26 de Junho de 1801 um armazem de polvora no Luxembourgo foi fulminado, houve explosão que matou 30 pessoas, e ferio gravemente 200. Ainda mais. A 18 de Agosto de 1769 em Brescia caindo um raio n'um armazem de polvora a sexta parte da cidade foi destruida e morreram 3:000 pessoas!!

M.r Arago reuniu 72 observações de navios fulminados. Os estragos que o raio produz nos navios são variaveis; umas vezes só soffre a mastreação, outras é o corpo do barco, ás vezes o navio tem sido presa das chammas, assim o Annibal em Boston e o Logan em Nova York foram completamente reduzidos a cinzas. De ordinario a equipagem sempre soffre mais ou menos.

Tem-se já observado a fulminação de differentes embarcações ao mesmo tempo e no mesmo logar. A 2 de septembro de 1813, de treze navios de guerra existentes nas bocas do Rhodano, 5 foram fulminados quasi ao mesmo tempo. Vê-se que uma tempestade podia destruir em poucos minutos os restos da nossa infeliz marinha, e as trovoadas em Lisboa não são raras. O desleixo seria o culpado de tal catastrophe, que algumas moedas (poucas) podiam evitar. Assim vae tudo n'esta terra de Hotentotes.

J. A. da Silva.

(1) Por duas vezes a Academia das Sciencias de Paris tem apresentado relatorios sobre esta materia: o 1.º data de 1823 e foi feito por M. Gay-Lussac, o segundo é de 1855 e foi feito por M. Pouillet. O segundo relatorio foi a resposta a uma consulta feita pelo ministerio, ácerca do palacio da Exposição. No segundo relatorio appareceu mais desenvolvida a idéa de substituir a platina pelo cobre vermelho. As razões que levam ao emprego do cobre, são o ser barato, pouco fusivel, e aquece, pouco pela electricidade, porque é bom conductor, aquece menos que a platina: em consequencia do preço pode generalisar-se, a applicação do guarda-raio, tornar-se universal.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(*Continuação.*)

Completei a imagem da mulher que se traçava dentro de mim, examinando a mulher livre; e involuntariamente se me apresentou na imaginação *a bella de Liege*, ou Théroigne de Méricourt, que Lamartine chama na sua linguagem mais arrojada que poetica a *Joanna d'Arco* impura da revolução: não porque eu esteja persuadido de que todas começassem por onde aquella começou, e mais ou menos se lhe assimilhem no progresso de sua vida; que todas tinham a mesma sede de sangue; que todas devam ter o seu mesmo fim (1), tão horrivel, que lhe é mil veses preferivel a morte; mas porque em todas opera a mesma causa, com mais ou menos força — as más leituras, uma educação descuidada, e o enfraquecimento ou a falta absoluta de crenças religiosas; mas porque todas ellas, não sabendo ser mulheres, e querendo ser homens, e não podendo sel-o porque Deus, a naturesa, e a sociedade não o quiseram assim; vingam-se de Deus negando-o ou ultrajando-o, vingam-se da sociedade votando-lhe odios implacaveis, promovendo, preparando e reclamando o que pode causar ou appressar a sua dissolução, e vingam-se da naturesa adoptando alguns dos vicios do sexo masculino, já que lhe não é dado possuir os seus attributos e os seus direitos: especie de hermaphroditismo moral, mias repugnante do que o phisico; por isso que é obra das mãos d'aquellas, que pretendem promiscuamente fruir os que chamam direitos dos dous sexos, sem reconhecerem nem praticarem os deveres de nenhum d'elles.

De que pois se admiram os que lem, ou escutam essa repugnancia traduzida em frases d'uma ambiguidade cruel, ou em louvores baixos, e mais crueis ainda, que saem das bocas e penas dos dissolutos, que vêem n'ellas as suas escravas actuaes ou futuras, e escravas cujos grilhões são mais ignominiosos que os da escravidão civil porque são forjados pelo crime?

Aquella mulher que se suppõe *livre* porque, ao menos no pensamento e pelo desejo, libertou-se da lei dos deveres do seu sexo, e annullou a missão que Deus lhe deu sobre a terra, despojada assim do titulo de sua gloria, do diploma que legitima o seu imperio, não attrairá nunca a si nenhuma alma, por este sentimento mysterioso e suavissimo que se chama *amor*, e que, como dissemos, é o dominio em que a mulher governa e dirige o homem ajudando-o. Em vão terá ella ao redor de si uma multidão de admiradores e de lisongeiros; o que elles querem é perdel-a, fazer d'ella pasto para a sua sensualidade, e escarnecel-a, despresal-a, abandonal-a, e assoalhar a sua queda verdadeira ou supposta de que se farão um triumpho para a propria vaidade, se a pobresinha, que se reputava *livre* e senhora soberana se não abater tanto, tanto diante do seu calumniador ou do seu seductor, que chegue até a invejar a situação a mais abjecta, que será a final o seu paradeiro inevitavel seguindo na estrada, que se abre diante de seus passos. É cousa digna de notar-se! O desejo mais imperioso no coração da mulher é o desejo de agradar; é um desejo, para assim diser instinctivo porque é a condição essencial e impreterivel de sua missão providencial a que cede sem o saber; mas quando por querer ser *livre*, procura para agradar meios que não são os da lei divina, dada ao sexo, eil-a que em vez de *agradar*, causa desgosto e repulsão: em vez de ser *companheira* será escrava. Assim por uma lei providencial, tão justa como sabia, a mulher *livre* é punida por onde, e com que peccou; aquillo que mais profunda e dolorosamente fere o seu coração, e que é o castigo de sua rebeldia, é esse mesmo desejo de agradar, que devia ser o instrumento infallivel de sua ventura, e que o está sendo de seu castigo, e de seus remorsos: e talvez ainda, o que seria o cumulo da desgraça, de sua desesperação e de sua indifferença, que não passaria de ser um cinismo repugnante.

Assim, a mulher *philosopha* só consegue uma admiração esteril, e forçada, se como á joven Philipon, a philosophia van, lançando-a em chimericas ambições para lisonjear o seu idolo, não chegou comtudo a destruir de todo os sentimentos que uma mãe catholica, posto que pouco illustrada, imperfeitamente lhe gravou na alma: mas a essa admiração succederá o horror, a aversão, o despreso, se como a Isabel, ou a Catherina as levar essa philosophia a variarem com scenas de sangue as d'uma desenfreada voluptuosidade.

Assim, a mulher *livre* só consegue excitar sentimentos, de todo o ponto contrarios aos que mais deseja fazer nascer, mesmo n'aquelles que a embriagam de lisonjas perfidas e mentidas. Nos outros póde excitar magoa e compaixão, mas em nenhuns estima e amor.

É porque a vida da mulher é uma vida de sacrificio e de dedicação; isto é, de amor, qual lhe compete nas sociedades catholicas, onde ella exerce por elle o primeiro dos ministerios sociaes, o de crear, educar, e governar os homens; n'uma palavra: *fazel-os*. É porque o seu merito está em reger bem a sua casa, alegrar e servir seu velho pae, ameigar e reunir seus jovens irmãos, fazer feliz seu marido, dar-lhe animo e consolações, educar e dirigir para o bem seus filhos; é isto o que as exalta aos seus proprios olhos, o que as constitue ministros de Deus no seio da familia e da cidade, o que as enleva no templo, as faz prostrar-se aos pés dos altares e junto do confessionario para receberem consolação, benção e esforço, e o que lhes assegura um irresistivel ascendente sobre o coração dos homens, e um logar distincto, quer na ordem domestica, quer na social.

Foram estas as considerações que excitou em mim a narração do acontecido com Kiangi, e da sua dedicação em presença do perigo, considerações que então consignei nos meus apontamentos, e que hoje desenvolvidas vou lançando para a imprensa, tanto porque justificam depois da reflexão a exclamação espontanea e irreflectida que me arrancou o sacrificio da gentil papel, como porque me pareceu que não seria inteiramente perdida esta divagação. O *Panorama* vae a tantas mãos!... quem sabe?

N'um tempo como este em que nos achamos em que as santas e antigas doutrinas estão sendo combatidas com vehemencia e até com furor, e em que se procura com empenho offuscar ou destruir a verdade, já negando-a audazmente, já com hypochisia, lançan-lhe por cima um véo de sophismas, grosseiros ou su-

(1) Esta mulher, ligada com os Girondinos, de cuja philosophia participava, e cujos principios tinha abraçado, foi envolvida na sua queda no famoso dia 31 de Maio de 1793, e sendo despojada de seus vestidos, foi publicamente açoutada pelas furias da guilhotina, no terraço das Tulherias. Irritada por este supplicio infame, endoudeceu: depois encerrada na casa dos alienados, ali viveu ainda 20 annos de despreso de miseria e de torturas.

btis, (isso que importa com tanto que se consiga o fim?) póde ser util, e é de certo justo e conveniente que haja uma voz, por mais debil e menos authorisada que seja, como reconheço que é a minha, que se não envergonhe de dar testimunho á verdade; de recordar doutrinas, ainda mal! tão esquecidas e retiradas que a muitos olhos parecerão novidades; e protestar contra a rehabilitação das praticas do paganismo, em que a mulher era uma propriedade do homem, pouco superior á escrava, e tão dependente do capricho d'aquelle, que bem podia ser condemnada á morte só pela vontade do tyranno, que aborrecido e anhelando outro instrumento de prazer, quebrava o antigo pelo mais pequeno pretexto, v. g. por beber vinho. E são essas praticas, que ha quem procure restabelecer empregando para isso, como um meio seguro, a mesma mulher, que mais que ninguem deve perder com esse ignobil restabelecimento.

Mas, oh! se ella soubesse quanto perde aos olhos desses mesmos que procuram fazer della um instrumento de perdição dos outros, antes de sel-o de sua propria perdição! Se ella soubesse que a pureza de que Deus a dotou, esse dote que lhe conquista as homenagens de todos, que a torna tão superior a esses desgraçados, que repetem ainda hoje a scena de ha perto de seis mil annos no paraiso terreal, e representam o papel do infernal tentador para a fazerem prevaricar, e por ella a milhares de pessoas, e destruir a harmonia divina e a economia da sociedade: se a mulher soubesse que a sua pureza é tal, que murcha ao mais leve sopro do vicio, como a agua se mancha ao simples toque da mão do homem, com que vigilancia a guardaria, e preservaria de qualquer perigo! como acharia poucas todas as cautellas: como agradeceria todas essas defezas que a Igreja e a sociedade lhe concederam!

Se o soubesse, ficaria salva a sociedade, e livre de seus rancorosos e implacaveis inimigos, porque é só por ella que as nações podem esperar a salvação, que Deus está prompto a conceder ás humildes e ferventes preces!

Achará talvez algum que é muito demais isto que deixo dito, a proposito de uma preta. E esta preta não é mulher? Não tem a nossa mesma carne, e os mesmos ossos? Não tem como nós uma alma que foi redimida com o mesmo sangue preciosissimo que pagou o nosso resgate? A differença accidental da cor de sua pelle não é motivo para que seja desprezada. E demais disso eu vi que ella tinha sentimentos mais elevados, um conhecimento mais profundo, embora para assim dizer instinctivo, do que é a mulher, de quaes são os seus deveres, de qual é a sua missão, que muitas dessas que se chamam civilisadas, philosophas, e livres, e que no seu orgulho nem se attreveriam a fallar-lhe, quando tinham tantanto que aprender della!

Seguia uma religião má, ridicula até, embrutecedora! cria nos fetiches com fé sincera! a civilisação, ou isso a que se dá tão impropriamente um tal nome, não tem tambem as suas abusões, não crê nos seus fetiches, ella que aliaz não crê em nada? Pois ha ahi algum que não saiba que muitas dessas que que querem campear por illustradas, são cheias de superstições, e as levam a tanta ridicularia, que não ousariam alugar uma casa porque as taboas do tecto são impares; e porque pela applicação d'umas certas regras cabalisticas não promettem *ouro* nem *prata* aos inquilinos, mas só cobre — isto é, a pobreza e desastres?!

E são essas principalmente que se prestam a ser echos de Sand, e que repetem longas tiradas de Girardin, e de muitos outros escriptores que adoptaram por divisa contra a sociedade o anáthema de Catão contra Carthago. Descrentes para tudo o que a religião catholica ensina, são d'uma credulidade vergonhosa para todos esses apostolos do mal, que cairam sobre os povos como um bando de abutres.

A proposito dos fetiches. Não temos hoje o nosso *metro*, que se propõe a desposuir o *ferro* da sua qualidade de symbolo da civilisação moderna? E tambem não nos faltam os *oraculos*.

Qual dos meus leitores deixou de o reconhecer se chegou a examinar esses processos magneticos que se usam por essa Europa e America, que se chamam civilisadas porque estão corruptas, para fazer girar as mezas, e obrigal-as a proferir oraculos; e póde por esse meio comparal-os com os que no artigo antecedente vão descriptos dos sacerdotes dos fetiches, entre os papeis? Qual delles não se envergonhou de ver que essa civilisação bastarda mais n'um ponto se patentea em contacto e assimilhação com a bruteza dos povos quasi selvagens, e ainda barbaros, que povoam esta parte da Africa?

A tendencia misteriosa que se nota em certos phenomenos da rotação das mezas e da propriedade de responderem ás perguntas que se lhes fazem, é muito parecida com a scena que vem exposta no fim do do artigo antecedente (2), para que não pareçam filhas d'uma origem commum, quer ella seja uma velhacaria de prestigistas, que esganam pessoas que são muito credulas porque tão tem crenças religiosas, ou as perderam; quer seja o «poder e a intelligencia dos espiritos, operando pelo meio e atravez dos elementos subtis, e imponderaveis que percorrem e penetram todas as formas materiaes — explicação esta que concorda com as pretenções apresentadas pelo agente mysterioso destas mesmas manifestações (3).»

Supposto o caso de velhacaria, quanto devem ter decaido os espiritos pela acção dos elementos da civilisação fetiche que se apregoa e encarece para que «um grande numero de nossos concidadãos (dizem os signatarios da representação) igualmente distinctos por seu valor moral, sua educação, seu poder intellectual, pela eminencia de sua posição social e de sua influencia politica,» chegue a servir de ludibrio de jograes impudentes, nem mais nem menos que a pobre Kiangi, e quantos como ella de um e de outro sexo n'aquellas tribus sáfaras estão sendo, sem o perceberem, o joguete de avidos charlatães?

(*Continua.*)

SOUSA MONTEIRO.

A RUSSIA EUROPEA.

Agora que estão propagados em differentes escalas os mappas do theatro da campanha que felizmente terminou; agora que se liga a devida importancia para a paz europea não só ás condições do tratado que desmontaram a influencia e preponderancia do poder da Russia no Mar Negro e bocas do Danubio, mas tambem ás que restringiram, de mutuo

(2) Vid. Panorama n.º 52 de 29 de Dezembro de 1855.
(3) Consulte-se a petição dirigida ao Congresso de Washington em 1853, afim de obter a nomeação d'uma commissão d'inquerito sobre a realidade destes phenomenos, e o decretamento de um credito «para permittir aos membros da commissão o proseguirem em suas investigações até seu termo.»

accordo e por geraes conveniencias, o mesmo poder no Baltico; convem appresentar um breve esboço que auxilie os que tem menos frequencia de lidar com as cartas geographicas, para com este pequeno guia melhor apreciarem os resultados obtidos.

O imperio russo tem por limites ao norte o oceano Glacial arctico, ao occidente o golpho da Bothnía e o Mar Baltico, que o separam da Suecia; ao sudueste a Polonia e a Austria, ao sul a Turquia e o Mar Negro; ao nascente o Mar Caspio e os montes Uraes. Taes são os seus limites europeus; transpoem esses limites entrando na Asia e occupando toda a parte septentrional do continente denominado Siberia.

Os territorios submettidos ao dominio russo dilatam-se desde 15 graus a leste do meridiano de Pariz até 135 graus oeste do mesmo meridiano, isto é n'uma extensão de 210 graus do occidente ao levante, comprehendida a America russa. De norte a sul a extensão varía; em certas paragens começa no 47° e acaba em 71° da latitude norte; n'outras começa de 40 a 45 e mesmo até 55 graus e termina no 72° ou 76° graus; a maior conta-se desde o 40° norte, limite meridional das provincias de Caucaso até 75° limite sepentrional da Siberia. Expresso em leguas de 25 ao grau, o comprimento medio de todos os dominios russos, de nascente a poente, sem comprehender a America russa é de 3:400 leguas, e a sua maior largura de norte a sul 950 leguas.

Neste espaço immenso a Russia da Europa que vae de 15° a 62° longitude leste e de 38° a 72° latitude norte, comprehende uma superficie de 249:897 leguas quadradas; e cabendo á Siberia 702:293 e obra de cem mil á America russa, segue-se que todo o imperio abrange mais de um milhão de leguas quadradas, em que se computa a população total de 61 milhões de habitantes, pertencendo 50 milhões á Russia da Europa.

A Russia Europea é uma especie de prolongação de planicies e charnecas (steppes), um pouco mais altas nas regiões meridionaes e em geral mui sadias; porem, mais baixas ao norte e ao nascente e n'alguns sitios alagadiças. A parte central desta vasta superficie, geralmente plana, offerece leves ondulações de terreno em forma de coroas ou chapadas 400 até 600 metros (1) acima do nivel das partes extremas, banhadas por quatro mares differentes, o Baltico ao poente, o mar Glacial ao norte, o mar Caspio ao nascente, e o mar Negro ao sul.

O clima é muito variado em relação á extensão do territorio; o inverno é rigorosissimo na parte septentrional, e brandò em certas regiões meridionaes. As aguas dos rios, que são mui numerosos e caudaes, gelam frequentemente n'uma parte do inverno, como acontece ao Neva em S. Petersburgo. As arvores mais communs nas regiões do norte são o pinheiro, o abeto, e o vidoeiro; o urmeiro e o sycomoro habitam a Russia meridional; o freixo acha-se em toda a parte. Abundam suas mattas em caça assim como os seus rios e costas em peixes: o arroz a cevada, e a aveia constituem a principal cultura das provincias do norte; o tabaco e o milho cabem em quinhão ás provincias meridionaes, e as da Crimea e adjacentes mesmo na Asia, enriquecem-se com uma assombrosa producção de trigos; o linho e o canhamo são propriedade de quasi todas.

A Russia da Europa é dividida em 54 governos ou provincias, e delles 17 ao norte, sendo os principaes Grodno, Wilna, Curlandia, Petersburgo, Finlandia, Novorogod, e Witepsk. Os do centro pertencem essencialmente á bacía do Volga, taes como Perm, Kazan, Kostrom, Moscow, e Tower. Os do sul dependem da bacia do Mar Negro, como Kherson, que tem por cidades mais importantes a deste mesmo nome e a de Odessa; Kaltherinoslaw com as cidades notaveis de Taganrog e Donesk; a Taurida ou a Crimea, onde foi Sebastopol, grande porto naval, o Toulon da Russia; e a Bessarabia que comprehende Bender, e Ismail; esta ultima vae ser evacuada em virtude da rectificação das fronteiras por este lado sobre o Danubio.

No Baltico cumpre mencionar as ilhas de Oesel dependentes da provincia de Riga; a denominada Dago que pertence á de Revel; Kronstadt no fundo do golpho da Finlandia, a Gibraltar da Russia; o archipelago de Abo que se desenvolve em frente da cidade deste nome: e o archipelago de Aland, que jaz na entrada do golpho de Botthnia, que pela convenção especial anneva ao tratado geral de paz não pode ser novamente fortificado, e onde no anno preterito se destruiram as fortes muralhas de Bomarsund, que tinham custado vinte annos de trabalho e enormes despezas.

Riga, Revel, e Kronstadt são os tres portos principaes da Russia no Baltico, esse grande mar interior onde desembocam muitos rios caudalosos, como o Vistula abaixo de Dantzick, o Niemen proximo a Memel, o Dwina perto de Riga, e o Neva que lava os caes da magnifica cidade de S. Petersburgo.

Sahindo do mar do Norte ou de Alemanha em direcção ao Baltico, entra-se n'um largo canal denominado da Noruega ou de Jutland, e dobra-se a ponta de Skager-Rack ou cabo Skagen; encontra-se depois segundo canal mais estreito, que separa a Jutland da Suecia, é o Cattegat, que termina nos tres estreitos chamados o Sund, o Grande-Belt e o Pequeno-Belt, cujas numerosas ramificações banham o archipelago dinamarquez: estes estreitos conduzem ao mar Baltico, onde vem desaguar tantos rios, como os que mencionamos e outros muitos de menos cabedal de aguas, mas tambem possantes.

Em frente da capital da Suecia, o Baltico despede para o norte um dos seus braços sob o nome de golpho de Bothnia, e outro para o nordeste com o nome do golpho da Finlandia, cuja extremidade se avisinha de S. Petersburgo.

Em face do cabo Skagen está Gothemburgo, segunda cidade da Suecia, com um bom porto no Cattegat e população de 24:000 almas. Encontra-se depois Elsenor, de sete a outo mil moradores, na margem occidental do Sund, canal de entrada e sahida do Baltico, em frente de Helsinburgo, cidade sueca; depois Copenhagen, capital da Dinamarca, na costa oriental da ilha de Selandia. Na juncção dos dous golphos de Bothnia e Finlandia appresenta-se Stockholmo, capital da Suecia com um porto espaçoso; mais dentro demora Carlscrona, bom porto suecò sobre o Baltico.

Digamos, ainda que pareça repetição, que o golpho da Finlandia tem os portos russos de Riga, cabeça da Livonia, bonita e bem povoada cidade na margem esquerda e junto da foz do Duna ou Dwina; Revel, cabeça da Esthonia, praça fortificada; Kronstadt fortissimo arsenal maritimo e tambem porto commerciante, na pequena ilha de Codlin que senhorea o golpho, á beira do qual jaz tambem a cidade menos importante de Helsingfors, mas tambem dotada de bom surgidouro: são todas estas paragens

(1) Dois metros e um quinto fazem uma braça portugueza.

conhecidas hoje dos nossos navegantes que para ali tem feito e é de crer que continuarão a fazer á sombra da paz lucrativo commercio.

M.



O PESCADOR DA CRIMEIA. (*)

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

III

De como veio nova era perdido El-rei don Sebastião.

Chegando a nova a esta Cidade da perdição d'El-rei D. Sebastião em Africa, houve grande espanto, e sentimento, o qual era muito para sentir; junctamente veio nova, que tinham levantado por rei ao Cardeal D. Henrique, o qual por ser de muita edade, não reinou muito tempo, nem casou, desejando os povos, e dizendo era bem que cazasse, outros que não, nem nisso havia pessoa que lhe tocasse, nem se atrevesse; o qual esse tempo que reinou não quiz levantar, nem jurar principe, de maneira que tão pouco tempo viveu, que todo se gastou em ajuntamentos dos povos, e em praticas sobre se não jurar em sua vida principe, e assim falleceu, sendo um principe santo, e de muita virtude, muito catholico, e sempre foi em toda sua vida casto, e depois de seu fallecimento, que foi em 31 de janeiro de 1580, se seguiram nesta cidade, e ilha, as cousas seguintes.

(*) Vid a pag. 161.

IV

Como El-rei D. Henrique falleceu e se levantou por rei o snr. D. Antonio.

Reinou o principe D. Henrique um anno, cinco mezes e cinco dias, e chegando a nova a esta cidade, e ilha, como elle era fallecido da vida presente, junctamente veio nova, que tinham jurado, e levantado por rei ao snr. D. Antonio, e logo veio carta dos officiaes da Camara da Cidade de Lisboa, pedindo aos Officiaes da Camara desta cidade de Angra, em como tinham levantado e jurado ao Snr. D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, por rei, e que na villa de Santarem fóra primeiro levantado aos 19 de junho de 1580; que o mesmo fizessem nesta cidade, dizendo, que El-rei D. Filippe vinha com mão armada, e com poder para que por força de armas fosse conhecido e obedecido por rei de Portugal, e que já tinha tomado e sujeitado a Villa-Viçosa, e a cidade de Elvas, com o Duque de Alva, que vinha por general do exercito. Neste tempo, que era no fim do anno de 1580, serviam na Camara desta Cidade por Juizes, Arthur de Azevedo de Andrade, Francisco Vaz Chama; e vereadores, Guilherme Muniz Barreto, Gaspar das Neves, Gomes Pacheco de Lima; Procurador da cidade, Pedro Vaz de Fontes. É sendo lida a Carta em Camara, onde se ajuntaram todos, ou parte dos nobres fidalgos da cidade; e junctamente se leu uma Carta do Snr. D. Antonio, em a qual dizia que o tinham alevantado e jurado por rei; e lidas e ouvidas com grande fervor e alvoroço, se ajuntaram e arrastaram as bandeiras por El-rei D. Henrique, e logo juraram e levantaram por rei ao Snr. D. Antonio, achando-se presentes ás festas Pedro de Castro do Canto, Estevam Ferreira de Mello, João de Bettencourt, João Lopes Fagundes, e parte dos nobres, e cidadãos nomeados atraz; e outros, se não quizeram achar nisto, pelo que se receavam não ter effeito, e durar pouco; e pelos damnos que a muitos depois succedeu de suas vidas e fazendas. Não conto como foram arrastadas as bandeiras, e feitas as solemnidades costumadas da morte de El-rei D. Sebastião, e levantarem por rei a D. Henrique, por não ser necessario, e não gastar leitura.

(Continúa)

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



IGREJA DE KAMIESCH.

Balaklava e Kamiesch, visinhas de Sebastopol em diversas direcções, são duas povoações e portos importantes, que os alliados, invasores temporarios, regeneraram durante a campanha da Crimea; porquanto, ambas fizeram mais progressos no periodo de alguns mezes do que em todo o seculo antecedente.

Kamiesch pode dizer-se que foi uma cidade improvisada pelas tropas francezas, e convertida n'uma grande feira, onde concorreram mercadores de toda a parte com seus generos e fazendas, que apezar da abundancia sustentaram bom preço. Ainda ha pouco, posto em execução o armisticio, preliminar da paz, quando os dous exercitos contendores poderam ter livre communicação, a officialidade e mais praças russas começaram a frequentar Kamiesch e a fazer compras não só de bebidas e alimentos como tambem de toda a casta de objectos, tanto assim que tendo afrouxado muito as vendas algum tempo antes da publicação do armisticio, depois d'este subiram logo os preços, e contou-se com a saída das mercadorias, não obstante esperar-se breve a evacuação das tropas alliadas.

Kamiesch foi geralmente construida de casas de madeira, com armações de ferro algumas, e muitas sem ellas; era portanto de temer a frequencia e grande estrago dos incendios; mas havia para isso uma grande policia preventiva, mandando-se apagar as luzes e toda a casta de lume a horas determinadas, obrigando-se os moradores e os donos das lojas a terem junto de suas barracas para o primeiro serviço grandes cubas sempre cheias de agua, estando vigilantes e promptos os bombeiros; e com estas e outras precauções adequadas, preveniram-se graves damnos, e até uma conflagração geral, que a incuria poderia causar, mormente em rasão dos materiaes da construcção, e de se compor de gente de todas as nações e de habitos poucos regulares, a maxima parte dos moradores; accrescendo que os gregos traiçoeiros, adherentes da Russia, ou mesmo emissarios d'esta poderiam durante a guerra lançar de proposito o fogo por odios ou paixões politicas.

Damos o desenho da igreja edificada durante a occupação dos alliados n'este conjuncto de acampamento, grande feira, e porto mercantil.

Outra obra de primeira necessidade para uma população já numerosa se concluiu em 20 de março do anno passado; isto é o aqueducto, em que trabalharam parte do inverno 150 marinheiros francezes por dia, tendo de extensão 563 metros, de base perto de cinco ditos, e cinco exactos na maior altura, e conduzindo ao porto de Kamiesch as aguas d'um poço, tiradas por meio de bombas. O serviço, guarda, e conservação dos aparelhos e encanamento ficaram a cargo do director do porto.

Esta creação era tanto mais urgente quanto maior a afluencia de navios mercantes de varias nações, ainda sem contar os vasos de guerra francezes.

Quando uma embarcação de commercio chegava ao porto, o capitão appresentava ao commandante d'este os seus papeis, e achando-se na devida forma obtinha a permissão de entrar. Se vinha a bordo um

negociante ou um sobre carga, que pertendia vender as fazendas por miudo, requeria ao commandante da praça licença para estabelecer em terra uma tenda ou barraca; o commercio a retalho só era feito em estabelecimentos d'este genero, sendo mui severamente prohibido vender d'essa maneira a bordo. Alcançada a licença, o commerciante dirigia-se ao posto da gendarmeria, e se lhe marcava o logar da tenda; d'ahi por diante o seu negocio era livre.

Na primavera de 1855 já os abarracamentos dos mercadores compunham uma cidade á parte, onde se compravam até os objectos de luxo; e essa povoação tinha ruas com denominações francezas, taes como, da Gloria, do Commercio, de Lourmel, de Napoleão etc; mas, sendo construida em terreno solto, a poeira andava em nuvens bastas no ar, onde redemoinhavam tambem bandos de moscas e outros insectos; o que talvez fosse um dos menores inconvenientes da colonia nascente, porquanto os que a visitavam eram preza da rapacidade dos traficantes. A boa policia ia removendo alguns obstaculos e incommodos, que só o tempo poderia extinguir totalmente.

M.

O CAVALLO DOMESTICO.

(Continuação.)

Assim como a tromba do elephante, os beiços do cavallo fazem as vezes de mãos, servem-lhe de orgãos do tacto, de instrumento de apprehensão, o que pode observar-se quando come; com os beiços ajunta a cevada ou aveia e enfeixa a herva antes de trincar. Os beiços devem ser delgados, mas rijos e terminados regularmente, os flacidos e pendentes são indicio de frouxidão e velhice, de molleza ou estupidez.

Julga-se, talvez com razão, que a forma do nariz pode fornecer alguns indicios do caracter; mas, a applicação deste principio ao cavallo é o inverso do que se dá a respeito do nariz no homem. No cavallo, o nariz redondo e bem dividido denota genio pacifico e facil de acomodar, mas de natureza por assim dizer plebeia quer no physico quer no moral: o nariz direito ou da forma grega pode indicar tanto a boa como a má indole, mas é raro que essas qualidades ou defeitos sejam levadas ao excesso. O nariz arrebitado, tratando-se do semblante humano, é geralmente signal de casta, sobretudo se a cabeça é pequena, mas tambem denota as mais das vezes disposição viciosa e incorrigivel. » — Os ossos nasaes (diz M. Youalt) indicam de outro modo e com maior certeza a raça dos cavallos por suas dimensões relativas. Não ha cousa que revele mais seguramente um cavallo de raça fina como é a fronte larga e angulosa, feições vivamente accusadas e o nariz curto; os de raça vulgar conhecem-se ao contrario pela fronte acanhada, pouca saliencia dos delineamentos e prolongado nariz. O desenvolvimento relativo da parte superior e da parte inferior da cabeça é indicio quasi infallivel da preponderancia do principio animal ou do principio intellectual. »

Respirando o cavallo só pelo nariz, importa que as aberturas desta cavidade sejam desobstruidas e susceptiveis de dilatação bastante para dar passagem a um volume de ar consideravel quando o animal despede na carreira. As ventas abertas são um signal caracteristico em o cavallo de boa raça, sobretudo quando é, não violentado, mas simplesmente excitado.

Que expressão toma de subito a phisionomia do cavallo de caça, quando ao ouvir a primeira vez os latidos dos cães, arrebita as orelhas, alarga as ventas e aspira o ar rinchando! E o cavallo de batalha que, como diz o poeta, « diffunde o terror com o folego do nariz! »

A anecdota seguinte, referida por M. Kugler, prova juntamente a sagacidade e fidelidade do cavallo. Um amigo daquelle professor, atravessava um bosque a cavallo, em noite escura, batendo com a cabeça n'um tronco d'arvore, caíu por terra aturdido da violencia da pancada. O cavallo voltou logo á casa donde seu dono partira, e que já estava fechada, achando-se toda a familia a dormir; bateu com o pé d'encontro á porta até que levantando-se um creado veio abril-a; no mesmo instante fez meia volta, e o homem, curioso de saber o que significava aquella visita, seguiu-o; o intelligente animal guiou-o ao sitio onde o cavalleiro jazia ainda sem sentidos.

Outro facto do mesmo genero e igualmente interessante succedeu em Inglaterra.

A neta de um fazendeiro do Warwickshire brincando á beira de um canal que atravessava a propriedade de seu avô, caíu na agua, e segundo todas as probabilidades ter-se-ia afogado, se um pequeno poney (1) que havia tempo pertencia áquella familia, não atirasse comsigo ao canal e trouxesse para terra a creança sã e salva.

M. Jesse conta um exemplo de que o cavallo tem viva percepção do perigo.

Certa pessoa do seu conhecimento passeava a cavallo um dia (era na India ingleza), seguido de um cãosinho de orelhas felpudas (èpagneul), companheiro constante do ginete. O cão correu por algum tempo entre as hervas altas, donde saíu uivando e sacudindo a cabeça; o cavallo contra o seu costume, affastou-se do cão, manifestando grande receio de que este lhe chegasse; d'ahi a pouco morreu o cão e viu-se que o mordera na lingua uma cobra venenosa.

(Continua.) M,

(1) Casta de cavallos extremamente pequenos, em geral oriundos das montanhas de Escocia e das ilhas do Norte.

Á DISTINCTA POETISA

D. MARIA C. C. C.

I

Mandaste-me cantar quando eu chorava
Sósinho e sem conforto
Á beira d'um sepulchro!
Oh! tu não sabes como é triste a vida
Para aquelle que vive no abandono!
Como as horas da noite correm lentas,
De sombrias imagens povoadas;
Como o silencio assusta!
Como n'um coração ermo de affectos
Côa o pavor da morte
Quando contempla a solidão que o gela!

II

Oh! tu não sabes como é triste o ermo!
Flor animada nos vergeis formosos
Da beira do Mondego,
Nunca provaste da amargosa taça

Onde eu tenho bebido.
Doce orvalho dos ceus na tua fronte
As rozas da innocencia vivifica;
E dos teus as caricias extremosas
Te levarão do berço á sepultura.
Quando da bella haste em que nasceste
Palida para a terra te inclinares,
O amor e a saudade,
Teu nome repetindo
Farão chorar por ti o ceu e a terra.

III

Porem eu vago errante pelo mundo
Sem norte conhecido;
Entre lavas e gelos me revolvo,
Sem que ao menos um echo me responda,
Quando os hymnos d'angustia
As cordas de minh'alma despedaçam.
Oh! perdoa, gentil, mimosa virgem,
Meus acerbos queixumes;
As notas da tua voz harmoniosa
Minha dor mitigaram;
O acre de meus prantos adoçaste
Com tua sympathia;
E para ouvir as tuas harmonias
Calei os meus gemidos.

IV

Mas ai! a melodia de teus carmes
Não pode dar-me vida.
A minha solidão qual d'antes era,
Ou mais triste ficou depois de ouvir-te.
Se volves a cantar... ai! não, não cantes...
É meiga a tua voz, doce o teu canto,
Mas o meu coração vive dezerto
E fervido te amara,
Se outra vez lhe fallasses de conforto.
Oh! não é de te amar que temo a culpa,
Nem os crimes de amor o ceu castiga.
É que se te eu amasse morrerias,
Por que a morte vigia os meus affectos
Para os assassinar inda no berço!

V

Foge ai! foge de mim! não me lastimes;
Pode ser-te funesta a sympathia
Que minha dor te inspira.
Eu não sei o que fiz e em que mereço
O destino fatal que me persegue;
Mas ai! dos que de mim se compadecem!

VI

Não sabes como vivo? Entre sepulchros
Meu pezado horisonte se limita;
Meus olhos torvos com terror se movem,
Tristes, embaciados,
De uma para outra sepultura;
E se no alvor das campas se desvairam
Em vão se volvem procurando a vida!

VII

Tudo em torno de mim respira morte,
Solidão e silencio!
Eu cuido ás vezes não ser já do mundo,
Quando vejo passar tantos fantasmas
De perdidas venturas,
Converte-se-me o corpo em fria pedra,
E sinto-me descer a pouco e pouco
Ás entranhas da terra;
Ouço a lousa bater com surdo estrondo,
E o susurro dos vérmes que se agitam
Para vir devorar-me!....
Quando disperto desses pezadellos
E me vejo na terra solitario,
Quizera transformar em realidade
Essa visão da tumba,
Filha de meus sentidos perturbados!

VIII

Adeus, pois, o meu canto são gemidos
Ou dolorosos gritos de agonia...
Não os queiras ouvir; canta se podes
Teus hymnos d'esperança:
Mas não falles de gloria ao moribundo
Que só a paz dos tumulos deseja.
Eu nasci para as dores,
Como as estrellas para o ceu nasceram,
E para o campo as flores...

1856. F. G. d'Amorim.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Continuação.)

III.

O sr. Xavier de Novaes, por um desses caprichos da imaginação que levam muitas vezes a alma do poeta para o passado, e a prostram ahi n'uma adoração exclusiva de todas as suas instituições e grandezas, ou por uma dessas convicções profundas que passam inteiras e hereditarias nas familias, como uma religião do sentimento; por qualquer destes motivos ou por outros alheios á natureza da nossa analyse, o sr. Novaes é legitimista.

Talvez nos estranhem que n'uma apreciação, especialmente litteraria, vamos levantar o véu das crenças politicas do homem de lettras. Por certo ellas devem de ser para o critico litterario sacrario defeso; e as regiões puras e serenas da poesia manchar-se-hiam se lá tentassemos erguer essas differenças de systemas, essas luctas tremendas e pequenissimas ao mesmo tempo dos credos partidarios, que só cobram alento e se sentam respirando á larga na atmosphera turbulenta e vertiginosa das paixões individuaes.

Mas longe de nós essas idéas.

Não apresentamos o poeta portuense como sectario das tradições da velha monarchia por espirito de censura ao seu caracter, nem mesmo por que deixemos de respeitar um partido cujas saudades e esperanças, as mais generosas e frementes, voam todas para as incertezas de um exilio.

Essa condição da sua sorte, que torna a perseverança a sua melhor e mais caracteristica virtude, pede que, passando ainda mesmo affastados de seus arraiaes, o saudemos com respeito.

É uma homenagem prestada á integridade dos

partidos, e essa devemol-a, confessamol-a, embora as aspirações e desejos de um futuro de felicidade social nos levem para pontos mui divergentes e façam alentar de intuitos talvez irreconciliaveis.

Mas é que para analysarmos no sr. Novaes o poeta, não podemos deixar de partir do homem politico; porque, quanto a nós, os vôos de um encontraram o impulso, a vida, e por ventura o incitamento nos segredos do coração do outro.

Quem nos assegura realmente que não foram os instinctos de uma imaginação que se compraz em engrandecer as glorias do passado, que vive nos seus sonhos intimos e de mais fervorosa esperança com elle, que se liga, que se identifica a todos os seus elementos por uma affinidade moral, por uma irresistivel sympathia, talvez custosa de explicar como quasi todas as sympathias, mas que cada vez mais se accende e inflamma no seu espirito; quem nos diz a nós que todas estas disposições, influindo no animo do poeta, lhe não exacerbaram os estimulos da sua veia sarcastica, lhe não armaram todas essas tendencias de critica, de derisão, de ironia contra uma sociedade que se transformava sob as suas vistas, tão invertida por idéas oppostas aos seus principios e aspirações, tão desmoronada e erguida de novo debaixo de influxos politicos completamente adversos ás suas crenças e a esse apêgo que nos partidarios do regimen absoluto degenera quasi em idolatria do passado? Quem nos assevera que isto não seja assim? Quem nos prova, não que a alma do poeta só creou as suas forças, só ateiou em si o fogo que depois a devia inflammar em formosas irradiações, só recebeu o baptismo da verdadeira poesia nos sentimentos que formam o caracter do homem politico, mas que não foi o desenvolvimento dos principios dessa politica vencida que moldara a vocação do critico, que lhe prestara os seus melhores incentivos de invectiva, que lhe apparelhara as mais carregadas cores desses esboços epygrammaticos, dessas pinturas do ridiculo da sociedade presente?

O poeta já existia, que esse nasce; mas o satirico fizeram-no as contrariedades e tranformações da actualidade; e se não o fizeram de todo, despertaram-lhe e completaram-lhe o genero.

Aquella fantasia era já rica como são ricos os thesouros da imaginação que a natureza talha para subir ás regiões da idealidade: mas não ria, como Aristophanes ria dos vicios e ridiculos da sociedade atheniense: foram depois as prevenções contra uma nova ordem de cousas que lhe armaram o arco, e foi ainda depois a indignação contra as anomalias da época que lhe disparou a setta.

E comtudo, a veia critica do sr. Novaes desata-se sempre amena e jovial nas mais impetuosas e fecundas ejaculações da ironia e motejo. O poeta não aborrece a sociedade em que vive: ri-se della; surprehende-a nas suas pretenções caricatas; zomba dos seus trajos burlescos; aviva os tons, dá relevo ás formas desse eterno ridiculo que por ahi impera nas pessoas e nas cousas, mórmente em determinadas regiões do mundo convencional chamado sociedade elegante. Se a natureza dos retractos, por palhaçal e picaresca, convida antes a malignidade faceta do lapis satirico de Gavarni e Chám, do que o pincel grave de Landseer a dar sóltas a toda a sua inspiração epygrammatica, a culpa está nas physionomias retractadas, que, para não espertarem a gargalhada publica carecem de impetrar a generosidade do pintor, a fim de que elle faça de um Bazilio, de um Harpagon, de uma Philaminta, de um Scapin, um typo perfeito e ideal.

E diga-se a verdade: apesar da concatenação ou derivação ideologica de principios politicos em que pretendemos filiar os instinctos satiricos do poeta portuense, as suas poesias, mesmo aquellas talhadas para o quadro do folhetim jornalistico, jámais tomam o caracter do pamphleto politico. Aos olhos experientes e perspicases não escapa por certo uma ou outra allusão, disparada a essas individualidades caracteristicas da época; mas esses mesmos tiros são desfechados tão em pleno dia, tão á luz dos actos publicos que constituem a superficie das sociedades, atravessam tão largo o vacuo das generalidades, que a individualidade ficará ferida, mas nunca a pessoa. É o proprio poeta que o declara n'este gracioso protesto feito n'uma das suas poesias. E neste ponto podemos tomar a sua affirmação como um verdadeiro specimen do seu genero satirico. Ouçamol-o:

Se, avulso, uma expressão sólto, frisante
Que só póde maguar algum tratante,
De recreio servindo, ou desenfado,
A todo o homem que timbre em ser honrado,
Ergue-se uma celeuma insupportavel,
Contra o vate mordaz e detestavel,
Que a gente respeitavel não respeita
E ao furor de escrever tudo sugeita!'
Entram nisto malucos, e homens serios,
Soltando contra mim, mil vituperios,
E lançando-me, ao passar, cada olhadura,
Que até.... me faz rir, pela loucura!

E sabes, caro amigo, o que eu decido
D'este injusto rancor, d'este alaridó?
—Que n'uma insinuação, lançada avulso,
Eu á classe fui só tomar o pulso.

E effectivamente, o barão, o conselheiro, o regedor de parochia, o eleitor alchymista do voto popular, estas personificações grutescas do systema representativo, e ao mesmo tempo typos do mais visivel comico da actualidade, e muitas vezes as molas occultas de toda uma machina de corrupção, são os padecentes obrigados, e as entidades de comparação mais procuradas pelo poeta quando trata de daguerreotypar a sociedade presente em algumas das suas phases da existencia publica ou domiciliar.

No entanto, se o olho do poeta não mira a um alvo constante, se não escolhe de preferencia as suas victimas n'estas ou n'aquellas classes, n'estes ou n'aquelles gremios, é ainda na maneira de apreciar a época em geral, de dar relevo e corpo aos defeitos mais genericos e caracteristicos para depois os verberar, é no modo de expor em grandes quadros as injustiças da fortuna, que mais apresentam no seu cunho indicativo o seculo presente, que as faculdades do seu espirito se manifestam e erguem todo o vôo de uma jovialidade verdadeiramente maligna. O livro de poesias do auctor do *Qui proquo* é a critica galante, mas severa, da sociedade do Porto; e, atravez d'essa sociedade, é a critica de todo o complexo de ridiculos, das ambições e rivalidades lilliputianas ou escarapella de preeminencias microscopicas, dos desabafos de vaidades truanescas d'essas personagens que constituem por ahi a feição typica da vida publica; das pretenções de uma aristocracia de *parvenus*, e dos seus pleitos mais que eternos de competencias imponderaveis; das arrogancias da plutocracia com a velha nobreza, e dos sorrisos

de desdem supercilioso d'esta contemplando os entrumphos palhaçaes d'aquella: das devassidões acobertadas de veludo e rendas que passeiam empavesadas, e se enthronisam entre nós; emfim de todo esse conjuncto de grandes e pequenas miserias produzidas pelo contraste e embate do conflicto de elementos de duas sociedades diversas, uma que expira outra que nasce, sob que se manifesta sempre um seculo de transição. E o que mais é (e mencionamol-o em abono do poeta e da generosidade da propria sociedade portuense), é que o sr. Novaes, apezar de ser o Juvenal insistente das feições mais caricaturaveis da physionomia da capital do Minho, é todavia festejado e acolhido com sincera cordialidade no centro d'essa mesma sociedade, onde elle, se por vezes belisca alguns melindres que doem passageiramente, tambem provoca bellos e impagaveis momentos com os sotaques da sua satira, jámais azedada pelo veneno da calumnia, nem enegrecida pela sombra da inveja.

E se não vejam como elle nos descreve essa sociedade no seu chistoso *Passeio á Foz*. É uma serie de chistosos quadros que formam uma galeria, onde se pode apreciar, palpar até, os variados accidentes, distracções, e passatempos do mundo elegante do Porto. Alguns destes quadros dão-nos a verdadeira expressão da critica de costumes, picante, observadora, epigrammatica, mas sem causticidade. Era assim que o entendia Tolentino.

Mas acompanhemos o poeta até á Foz, a esse sitio predilecto da mocidade portuense, e que para ella resume os encantos de Pedroiços com as commodidades de Cintra.

Da feia insipidez aborrecido,
Que estende na cidade o seu imperio,
Quando o fecundo estio, appetecido,
Lá vai dulcificar outro hemispherio;
Este povo deixando submergido
N'um silencio de escuro cemiterio,
Vesti a casaquinha afiambrada,
E da *soberba* Foz segui a estrada.

Era domingo, despontava a aurora,
As seges e carrinhos já voavam,
Em busca das meninas que a tal hora,
Já os cabellos seus arripiavam,
Com o fim de irem gastar *a trote* agora
Tudo o que *a passo*, outr'ora, os paes ganharam;
Quando eu da celebrada Miragaya,
Sósinho me sentei, na amena praia.

. . . .
. . . .

Em soberbos cavallos bem montados,
Vi correrem galhardos cavalleiros,
Como depois dos banhos acabados
Seus donos correrão, dias inteiros,
Atraz dos alugueis, tão bem ganhados,
P'ra casa dos tafues aventureiros,
D'alegria devendo ficar cheios
Recebendo os cavallos e os arreios.
Em tysicos jumentos, abatidos
Ao peso de pomposas bagatellas,
Vi damas, com esplendidos vestidos,
Com lindas fitas brancas, e amarellas,
E chailes que eram já meus conhecidos,
Por me verem passar pelas adellas;
E para ainda ver loucura tanta,
A caminho me puz p'r'a *Terra Santa*.

. . . .

Marchei d'alli á praia, onde reunidos,
Sobre os altos rochedos, espantados,
Eu vi muitos janotas, conhecidos,
Entre mil papelões ajanotados;
Vi outros que, de todo escandecidos,
Ás aguas se lançavam, denodados;
Vi mais, muitos fidalgos, parvalheiras
Pasmados para as *ondas bolideiras*.

. . . .

De luzente verniz justo çapato,
Que ao mestre, em vez de lucro, deixou magua.
Calcinhas, e vestidos de apparato,
Que treme a terra aos vel-os entrar n'agua,
Ao banho vi correr, estupefacto,
Madamas, que por casa andam d'anagua;
Gostei de ver assim tractar o Oceano
Quem só vai visital-o de anno a anno.

De calça de funil com puxadeiras,
E lustrosos botins envernisados,
Pasmado vi sairem das fileiras
E entrarem para o banho, ate frisados
Vomitando — *em francez* — mil frioleiras,
E tanta dor os pobres me excitaram,
Como os paes, que p'r'aquillo os não crearam.

Rapazes vi, ainda mamotas,
Na maneira d'andar fazendo ensaios;
Vi lacaios vestidos de janotas,
E janotas vestidos de lacaios;
Ouvi empavesados idiotas
Fallando que par'ciam papagaios;
Só quando a arida praia achei vasia
D'alli me dirigi á hospedaria.

. . . .

Não apresentamos esta poesia como um modelo de satira, mas como um quadro de costumes em que o pincel se inspira do natural e acerta com muitos dos verdadeiros toques da critica, que só nasce da observação, quando a fantasia abra e amplie o campo ás divagações da analyse.

E é dentro destes limites que o poeta portuense deve ser principalmente apreciado; porque o sr. Novaes é, primeiro que tudo, um pintor de costumes, é o Hogart das scenas da vida exterior da capital do Minho. E talvez com as mesmas incorrecções de desenho, com o mesmo desalinho de composição do artista inglez, mas com todo o vigor de traço satyrico de seus quadros e com aquella verdade de sentimento que transpira nas phisionomias dessa espirituosa collecção de typos populares da velha Inglaterra.

Assim consideradas, as suas poesias teem um duplicado aspecto que não póde escapar á perspicacia do censor. São uma pintura episodica ou resumo anecdotico da existencia portuense, e ao mesmo tempo a expressão litteraria de um engenho poetico. Ha pois o pintor e o poeta, ou o observador e o homem de imaginação a discriminar e a analysar no sr. Novaes. A distincção parecerá especiosa a alguem menos reflectido, mas não o é; porque, posto

que os dotes imaginativos não possam jamais ser alheios ao pintor nem até ao proprio observador, ha comtudo talentos analyticos em que predominam quasi absolutamente as qualidades da observação e o critico portuense é um destes. Isso percebe-se logo nas tendencias do seu espirito para determinados assumptos, e mais que tudo na natureza do seu estylo litterario. Os seus themas constantes são os passatempos e distracções da sociedade descuidosa que o rodeia; e a sua indignação jámais rebenta nas explosões da invectiva, que não seja contra os typos mais salientes do mundo positivo. Retratar e descrever resumem a fórma absoluta das suas idéas. A narração é a phase a que propende e em que se revela o seu engenho, e aquella para que o levam irresistivelmente as instinctivas evoluções do seu estylo. Nunca observa que não seja descrevendo, ou, para melhor dizer, estas duas manifestações do talento analytico, combinam-se e quasi se produzem identificadas nas suas poesias. E é por isso que, ainda elevando os seus vôos satiricos, jámais perde de alcance os objectos palpaveis do mundo conhecido. É como se fôra o viajante, que, costa a costa, vai navegando comprazendo-se em copiar o aspecto selvagem das penedias que as ondas repellem, ou as variadas perspectivas de uma praia conhecida, sem que nunca se afaste da vista de terra e se entregue ás incertezas grandiosas e solemnes do mar alto, onde o homem, entre as vagas e o firmamento e a sós com Deus e as cogitações de seu espirito, se eleva na contemplação da sublimidade tremenda da tempestade ou se entrega ao remanso da naturesa adormecida.

Insistindo ainda no simile da pintura com as disposições do talento poetico do satirico portuense, pelos pontos de analogia que induzem facilmente a uma demonstração cabal, póde-se dizer que o sr. Novaes pertence a essa escola de pintores de *genero* cujo fim é a imitação litteral da realidade. Absorvido na analyse minuciosa dos objectos que despertam os tiros da sua ironia sarcastica, e quasi que arrastado pela satisfação intima de os flagellar em toda a força do ridiculo de predicados e circumstancias que os revestem, inteude que em expol-os aos apupos das turbas em toda a deformidade das suas feições, em daguerreotypal-os com toda a verdade dos promenores, está a verdadeira e completa vingança que a intelligencia e a razão publica devem tomar dos que mais offendem as suas leis pelos pruridos de uma vaidade caricata ou pelas arrogancias de uma importancia que ninguem acata.

Não nos parece todavia que este systema leve a resultados puramente litterarios.

Mas será a carencia dos dotes da fantasia que leve o poeta do Douro a não interpretar mais livremente os seus modelos e a copiar-lhes todos os gestos e ademanes, todos os ridiculos de trage e de caracter? Somos os primeiros a affirmar que não. A *imaginação de fórma* (permitta-se-nos a phrase), a faculdade que basta estimulada pela singularidade dos objectos externos para variar os aspectos e os revolver em faces infinitas, essa possue-a o sr. Novaes em ponto elevado.

Os reparos que fazemos nascem porém de outros principios. Desçamos á analyse delles.

(Continúa)

ANDRADE FERREIRA.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Continuação.)

Supponho que haja nestes phenomenos a intervenção real dos espiritos; o que fez essa civilisação que combatendo a crença em Deus, com personalidade, existencia e attributos proprios, negando uma a uma todas as verdades da revelação, trouxe os homens pelos caminhos do atheismo disfarçado, e pela impiedade manifesta a trocarem a fé catholica pelas superstições pagãs, e os oraculos de Epheso, Delphos, e de Bandim? É a civilisação dos papeis, reconhecida em seus effeitos.

Teremos de ver ainda legalisados, como vimos nas antigas nações idolatras, como vimos em Bissáu, os sacrificios humanos? Os casos numerosos de suicidio, de homicidio e de duello, de que os Estados Unidos, a Suissa, e a Inglaterra estão sendo o theatro, resultado das revelações do passado, e do futuro, feitas por essas mezas, não poderão considerar-se um preludio da renovação dessas praticas horriveis, desses combates de gladiadores em honra dos deuses? Alguns desses suicidios, e os casos de loucura por effeito da desesperação dos reclamantes, são de um terrivel presagio, e mostram mais uma feição de similhança com os habitantes desta parte da Senegambia.

E supponho ainda, com os que «sustentam a opinião de que os principios reconhecidos da phisica e da methaphisica permittirão aos investigadores scientificos dar-se conta de todos os factos de uma maneira satisfactoria e rasoavel;» e que portanto nem haja na producção destes phenomenos uma especulação torpe, nem uma causa infernal; se uma tal supposição fosse possivel, quem não teria direito para perguntar a essa civilisação inconsequente e contradictoria, como é que podia combinar a soberania absoluta da rasão humana, o seu attributo de universal comprehensão, com o facto de reconhecer n'um pedaço de madeira o pleno conhecimento dos acontecimentos passados por mais escondidos que estivessem e a clara intelligencia dos futuros acontecimentos, que essa rasão do homem, emanação e particula de Deus (como lhe chamam), não poderá nunca chegar a possuir? E ainda assim considerados esses phenomenos, devemos ver nos papeis os seus primeiros mestres.

Se me perguntarem o que penso das mezas girantes e fallantes, sem querer de modo algum excluir a intervenção de um máu principio, nem que seja uma solução satisfactoria a minha resposta; direi que as ponho na mesma linha da cuia dos sacerdotes do Hirão — uma impostura, um jogo de mãos ao menos em mui grande parte; e dou a preferencia neste jogo aos negros do meu conhecimento porque pelo menos tem por si a antiguidade, o logar da scena, a especie dos expectadores e a natureza do culto. E confirma-me nesta opinião o seguinte facto, que teve logar em Genebra, cidade da Suissa, e capital do Calvinismo donde lhe veio o nome de *Roma Calvinista*.

Era o dia 15 de janeiro de 1854, n'uma casa situada na praça du Port n.º 167, onde Mr. Mestral occupava um quarto no terceiro andar. Este apostolo da civilisação moderna, descontente das religiões porque em todas via extorvos mais ou menos poderosos á marcha magestosa da civilisação, conjunctamente com seu cunhado mr. Bort, ministro da

igreja nacional protestante de Genebra, e o genro deste mr. Bret, lembrou-se de dar principio á publicação d'uma nova religião que tinha sido revelada ao ministro por meio d'uma meza *sábia*, e convidou nesse dia alguns amigos mais intimos d'ambos os sexos e de todas as idades acima da adulta para assistirem á publicação, e darem della testimunho.

Toda esta gente senta-se em rodo d'uma jardineira que está no meio da salla, sobre a qual está posta uma mezinha de costura, tambem redonda; e ambas seguras por uma hastea movel de metal que atravessa ambas, e que é rematada por um eixo. Sobre a mezinha estão pintadas em circumferencia as letras do alphabeto; e parte do pé uma outra hastea fixa, que em cima se dobra de maneira a apresentar uma ponta sôbre as letras. Tal é a collocação da assemblea, tal é a descripção do *apparelho revelatorio*, que vai servir para a publicação da nova religião, que do seu apostolo se domina *Bortismo*, que se lê nas *Revelações divinas e mysteriosas, ou communicações entre o Ceo e a terra, pelo meio d'uma meza*, obra publicada pelo proprio mr. Bort, e ditada pela sua meza (1).

Começa a sessão: tres *influentes* seguram a meza, collocando as mãos, como os *feiticeiros* de Bissau, e mr. Bort está no meio delles como actor principal; depois de alguns minutos começa meza a girar de modo que as letras vem parar debaixo do ponteiro; com estas letras fazem-se frazes, e com estas manifestam-se as revelações divinas: se se trata simplesmente de um *sim* ou um *não*, a meza inclina-se no 1.° caso, e no 2.° bate uma pancada; mr. Bort está já tão costumado com este modo de *dialogar*, que uma ou duas letras lhe bastam para completar a palavra e decifrar o pensamento da meza sem que esta tenha de fazer innumeraveis voltas. Assim conseguiu elle por este processo simplificar tanto os seus meios de communicação com o Ceo, que no principio eram mais longos e custosos, segundo teve a bondade de nos informar.

Nos primeiros tempos, a meza respondia ás perguntas que lhe faziam os tres bemaventurados membros da familia Bort, batendo á medida que se lhe nomeava uma letra do alphabeto, operação que gastava muito tempo, e que cançava a voz e a paciencia dos interrogadores: depois adoptou-se a machina ou apparelho que fica descripto, e como assim mesmo se perdia um tempo muito precioso, inventou o apostolo o expediente de suprir com a sua elevada intelligencia as fastidiosas delongas do giro.

Aqui, como em Bissau, as rotações da cuia e da meza explicam-se com facilidade porque a analogia é muito grande; e comtudo não é só ahi que eu vejo a impostura e a velhacaria. O leitor hade lembrar-se da prophecia, e não póde ignorar que aquelles máos versos são obra minha, porque a habilidade do maioral do collegio dos feiticeiros não chegava a fazel-os mesmo assim máos; pois não obstante elles serem versos unicamente por benevolencia do leitor, são muito melhores, permittam-me que tenha esse orgulho, do que a prosa do deus revelador de mr Bort; e o pensamento desta prosa não differe muito do pensamento da adivinhação do Hirão-papel. É o que se verá pela seguinte amostra, escrupulosamente vertida do livro das *revelações*:

«Genebra! cidade abençoada que foste desde a tua infancia deitada sobre os braços do teu Deus, chama tuas aguas e teus risonhos campos, para abençoar o dia do Eterno!

«Um Deus fez sentinella sobre teus baluartes, e teus filhos escreveram com seu sangue sobre teus muros: «a liberdade e o amor de Deus e de sua patria». Genebra! levanta-te!.... a pé!.... sóbe sobre os cadaveres de teus inimigos... e proclama segunda vez a liberdade de teu Deus! Genebra, tu tens ainda baluartes... não temas! porque esses baluartes são o Eterno teu Deus, o Eterno dos exercitos, o Deus dos combates, o senhor das batalhas...»

Que differença notavel se acha entre a linguagem prophetica do deus dos Bortistas, e a do deus dos papeis? Eu por mim a que acho é para melhor no segundo. E não se cuide que esta religião revelada por uma mesa seja cousa insignificante; ella faz proselytos entre os calvinistas e os da religião nacional, como o provam as disputas dos ministros e sectarios das tres seitas uns com outros. E n'esta parte ainda o fetichismo ó mais civilisador e civilisado que o bortismo.

E tenho concluido esta digressão, que não é sem interesse, mas que não é filha como a antecedente de considerações que ao tempo me surgissem no espirito, pela rasão muito simples de que então nem ao menos sabia que depois de quasi dous mil annos da vinda do Messias recuariam os homens em nome do *progresso* até aos tempos da ignorancia e da devassidão como os que deram origem á idolatria; e que em nome da *civilisação* nos quizessem arrojar para os tempos em que o genero humano era victima d'um punhado d'egoistas, que se julgavam d'uma ordem superior á do resto dos homens. Não; estas reflexões, boas ou más, importunas ou opportunas suggerio-mas as feições de similhança que achei entre as praticas actuaes de nações que se dizem christans, e illustradas e civilisadas, e as de tribus, pagans, estupidas e barbaras.

Agora é tempo de voltarmos a Oudotó, de que ha muito que não fallamos, e que os meus apontamentos chamam á scena.

O meu interlocutor continuou a sua narração assim:

—O que fez elle durante esse tempo? que successos o demoraram até tão tarde? Viu-se que ao saír da cabana alguma cousa de sinistro se lhe revolvia na imaginação; era facil de percebel-o no meio mesmo do ardor febril com que dispunha o necessario para a sua partida, nas variações de côr que subitamente appareciam em seu rosto, que umas vezes parecia côr de terra, outras vezes d'um amarello pardo; percebia-se mesmo no fogo que saía de seus olhos quando tomava e limpava o seu machete, e enfeixava as suas asagaias, e no riso feroz que lhe fendia a boca quando estava enrollando em torno da cintura uma comprida corda que comprara a bordo d'um navio americano havia poucos dias.

O grumete fizera-lhe constar, por a muita amisade que lhe consagrava, que tomasse as suas precauções, que seria até melhor talvez que não partisse, porque Pimping tencionava approveitar-se da sua ausencia para roubar-lhe o filhinho logo depois que nascesse; que com esse intuito saira elle na vespera para o paiz d'Antula a entender-se com seus balantas que ali se achavam para o commercio do sal, e que recolheria de noute; que comtudo a elle Valerio parecia-lhe melhor que Oudotó procurasse o methodista inglez, e procurasse apasigual-o promettendo-lhe um maior resgate; e no caso de não o convencer que reclamasse a protecção do governador de Bissáu.

(1) Tom. 1.°, de 15 de Outubro de 1853 a 15 de Novembro de 1854 : Genebra.

Era em consequencia d'este aviso e conselho tão desinteressado que Oudotó formara o seu plano consultando para isso duas ou tres vezes o seu garrafão d'agua ardente, no qual não só achára conselho, mas tambem coragem, o que mostra que planeara alguma cousa de bem máu, pois já eu disse que o papel nunca soube o que era medo, nunca ninguem o viu fugir dos perigos fossem elles quaes fossem.

Caminhava Oudotó para o lado de Bissáu, quando Kiangi tomava o caminho de Bandim. Trevas espessas encubriam os passos de ambos; e quando mais tarde a lua veiu illuminar a scena magica do bosque outra scena egualmente horrivel allumiava ella na alameda em frente da Praça.

Oudotó entrou na povoação dos grumetes, seguiu pelas tortuosas veredas que se chamavam ruas, e cubrindo-se quanto podia com a sombra das casas chegou até á contra-escarpa da fortalesa, e ali deitou-se de costas por terra deixando-se escorregar para o supposto fosso, que lhe offereceu um seguro escondrijo nos milhos que estavam semeados, e já embandeirados, e ao mesmo tempo nos feijões que trepando pelas canas e abraçando-se ás largas folhas occupavam com a sua propria folhagem o espaço que mediava entre cada pé. Assim encuberto ganhou a parte do sul da praça e costeando a muralha por este lado, trepou-se ao poilão da onça, e foi d'ali ganhar a muralha de L. caminhando umas vezes a quatro pés, e outras rojando sobre o ventre como faz o animal de que o poilão d'este baluarte recebeu o nome, por ser o seu transito habitual.

Chegando ali, que é baluarte do lado direito do portão para quem olha para elle, amarrou ao fuste d'uma peça uma das pontas da corda que trasia enrolada, e saltou abaixo, tal como faria a onça; a corda servia para o deixar suspenso n'uma certa altura da qual naturalmente desceria a terra, tanto porque, sendo n'este sitio bastante alta a muralha não tinha que temer das consequencias d'um salto mais calculado, como porque era necessario não causar desconfiança ás sentinellas, qne tomando a sua sombra pela da onça facilmente se desenganariam sentindo o estrondo que elle faria caindo no chão, pois que não se sente quasi a queda da onça no terreno. Chegando a essa altura, desatou a ultima ponta que ainda lhe fasia tres voltas á roda da cintura, e tocou com os pés no chão, onde poz immediatamente as mãos, e assim foi correndo até uma das arvores da alameda, pela qual trepou com a velocidade d'um gato.

(Continua.)

Sousa Monteiro.

HEMICYCLO COBERTO.

Continuando as excavações das duas cidades soterradas pelas lavas do Vesuvio nas tremendas erupções dos primeiros seculos da era christã, vão-se descobrindo novos monumentos, objectos artisticos e outros, que prestam grande auxilio á archeologia e á historia, e não menos ás sciencias. Herculanum e Pompeia desentulhadas com precaução e esmero, conservando-se ruas inteiras, e edificios, sahem do meio das cinzas e appresentam o simulachro perfeito das construcções e modo de viver n'uma civilisação remota.

De Pompeia, denominada hoje a *cidade dos mortos* teremos occasião de fallar, talvez já no proximo numero. E por isso limitamo-nos a dizer agora que nas excavações do anno passado completou-se o desentulho do semi-cyclo coberto, novo specimen da antiga architetura romana, n'uma disposição e estado de conservação como as thermas ou banhos, conhecidos desde 1824.



As *Antiguidades* de Herculanum, collecção volumosa e cara, e outras obras ricas sobre o assumpto, são de custosa acquisição; porem, no anno passado, Mr. Breton, conhecido por uteis e laboriosos trabalhos, fez um serviço aos que cultivam este genero de estudos, publicando um livro que se obtem por dez francos, menos de dois mil reis qualquer que seja o cambio: intitula-se *Pompeia descripta e desenhada por Ernesto Breton*, da sociedade imperial dos antiquarios de França, seguida de uma noticia acerca de Herculanum. Pariz 1855. 1 vol. 8.º com 160 gravuras e uma planta geral. Já é segunda edição, tendo-se esgotado a primeira em poucos mezes.

M

Os tribunos do povo, que querem dar-lhe grande quantidade de liberdade, pervertendo-lhe a moral, não fazem mais, que forjar-lhe as cadêas da escravidão.

M. Carvalho — Aphorismos.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.



TUMULO DE ZOBEIDA.

Sendo a mais rica das divisões governadas pelos sátrapas que compunham o grande imperio dos persas, era a Babylonia a menos extensa; dava-se-lhe tambem o nome de Chaldea, posto que só pertencesse, propriamente fallando, á parte situada da banda do golpho persico; chamavam-lhe igualmente planicie de Sennaar denominação com que é designada na Escriptura Santa, que estabelece n'esta localidade a dispersão do genero humano para as differentes regiões da terra. A Babylonia era limitada a leste pela Susiana, ao sul pelo Golpho Persico, e a oeste pela Arabia deserta e a Mesopotamia. O Euphrates, hoje Moratson, regava-a em todo o seu comprimento, e os babylonios tinham aberto muitos canaes que o faziam communicar com o Tigre, com o qual, não obstante isso, vae confluir mais abaixo e perto de Rorna, formando ambos um só rio, que é chamado Chat-el-Arab.

A Babylonia cessando de pertencer nos tempos modernos ao imperio persa, faz parte da Turquia asiatica e da provincia denominada paiz de Irak; e actualmente os seus limites são o Kurdistan e o Al-Djezireh ao norte, a Persia ao occidente, o golpho persico a sueste e o grande deserto da Arabia ao sul e poente.

A historia de Babylonia é a dos tempos primitivos do genero humano, commemorados nos livros santos. A cidade de Babylonia foi capital d'um dos mais poderosos e por certo do mais antigo dos imperios do mundo. Antonio de Sousa de Macedo, um dos nossos escriptores de mais copiosa erudição, assim a descreve, epilogando o que disseram sobre o assumpto os auctores de mais remota data.

«Babylonia, fundada por Nemrod (1) na torre de Babel, de uma e outra parte do Euphrates, em figura quadrada por mais forte, tinha ambito de mais de 60:000 passos, ou 480 estadios, que fazem largas dez leguas, cercada com muros de ladrilho, e certo betume mais duravel que pedra, de altura de mais de 200 pés e de largo de mais de 50; davam por cima passeio a seis carroças emparelhadas: sustentavam no mais alto os pensiles, arcos e abobadas sobre que estavam hortas e jardins com muitas fontes e grandes arvores, e debaixo delles muitas casas com moradores; serviam-se aquelles muros por cem grandes postigos com portas de metal e tinham 250 torres de 60 covados de alto, escusando-se mais torres pelas muitas lagoas que a faziam inexpugnavel, eram cercados com fosso de agua, tão fundo e largo como um bom rio. Tinha muitas e formosas pontes: a que dava passo de uma para a outra parte da cidade sobre o mais estreito do Euphrates, que a partia, era de 600 passos, sobre pilares de pedra em distancia de 12 pés com talhamares fortissimos, as pedras travadas com barras de ferro chumbadas; tinha 30 pés de largo e parece que não tinha arcos de abobada, mas vigas de palma e cypreste. Em cada porta d'esta ponte estava uma torre altissima; e ao comprido pelos lados do rio se defendia a cidade das correntes delle com fortes muralhas: as bocas das ruas

(1) Eva e Ave. cap. 19.º da 1.ª part.

que saião ao rio se cerravam com portas de bronze. O alcaçar ou paço tinha uma legua em circuito; e sobre elle estava um formoso templo. Outro templo havia em que estava uma grande estatua de Jupiter Belo, toda de ouro, e outras riquezas inestimaveis: este seria o que Herodoto refere que ainda persistia em seu tempo, com portas de metal e que tinha dois estadios em quadrado e que no meio se levantava uma torre de ambito e outro tanto de alto, e sobre aquella outra, e sobre esta outra, e assim outras até o numero de oito, e que até todas se subia por escadas que tinham pela parte de fora, e no meio das escadas havia aposentos para descançarem os que subiam. Era finalmente Babylonia um dos sete milagres do mundo tão celebrados, em cuja obra, principiada pela rainha Semiramis, trabalharam annos 300 mil homens. Tal fortaleza parecia bastante para não ceder aos seculos; mas, tudo o tempo consumiu, porque de tudo triumpha, excepta a virtude; só deixou uma pequena cidade, que mostrasse a campanha onde teve a victoria.»

Se nestes numeros e fabrica ha exageração, como é provavel, assim a legaram aos vindouros os historiadores gregos e outros. É certo que as construcções das eras mais remotas, nas terras berço da civilisação e das artes, sobrepujam muito em vastidão e colossal estructura a todas as obras das gerações posteriores, como ainda attestam soberbas ruinas e claros vestigios, havendo algumas, como as famigeradas pyramides que ainda affrontam o correr dos seculos, e incutem assombro a quem as contempla, custando a conceber como naquellas epochas se poderam erigir tão immensas e estupendas moles.

Mais de dois mil annos antes da vinda de Christo, cem pouco mais ou menos depois do diluvio, Nemrod, filho de Chus, neto de Cham, bisneto de Noé, fundou em Babylonia o primeiro imperio dos assyrios. Foi Nemrod, como se lê na Biblia (1), *robusto caçador*, e começou a fazer-se poderoso na terra; exercitando a mocidade na caça, imagem da guerra, preparava cohortes ageis e aguerridas, aptas a favorecerem seus ambiciosos projectos; veiu, pois a ser grande conquistador, e segundo todas as apparencias o primeiro e o mais antigo de quantos tem aspirado a esse nome. O reinado de seus successores velou-se de impenetravel obscuridade até á reunião de Babylonia e Ninive. Assur, tronco dos assyrios, tinha fundado esta ultima cidade sobre o Tigre, a pouca distancia donde hoje existe Moussoul. Belo, descendente seu, conquistou a Mesopatamia e a terra de Senaar e assenhoreou-se de Babylonia; por sua morte recebeu as honras da apotheose e veiu a ser a divindade tutelar dos babylonios. Nino, filho de Belo, conquistou a Susiana, a Persia, a Media, a Hyrcania e a Bactriana; força foi dos destinos deste principe ver a sua gloria eclipsada por uma mulher que tirou de classe pobre para eleval-a á magestade do solio, e que retribuiu os beneficios com a mais atroz ingratidão.

Semiramis envenenou o marido, segundo a versão da pluralidade dos historiadores; a epoca do seu reinado é incerta, com tudo, segundo a melhor chronologia fixa-se em dezenove seculos antes da era vulgar. Nino, assediando a cidade de Bactres, viu que falhavam todos os esforços; porem, Semiramis, mulher de um de seus principaes officiaes, natural de Ascalon na Syria, lhe ministrou os meios de atacar e tomar a cidadella, e depois a cidade onde achou abundantissimos thesouros. Nino apaixonou-se perdidamente por Semiramis, e o marido desta, atemorisado pelas terriveis ameaças do rei matou-se. Semiramis foi rainha de Babilonia, e pela morte de Nino occupou o solio; d'ahi por diante só tratou de mostrar-se digna da altura a que subira, cobrindo a baixeza do seu nascimento pela ousadia de suas emprezas: aformoseou Babylonia, engrandeceu o imperio pelas conquistas, levou as suas armas ao Egypto, á Ethyopia, á Lybia e alem do Indo, protegeu as artes e as sciencias, tanto que ao seu reinado remontam os principaes descobrimentos astronomicos dos chaldeus. O animo varonil de Semiramis não teve imitador em seu filho Nynias, indolente, effeminado, e entregue a vicios vergonhosos, como o foram depois seus successores por espaço de tres gerações até á separação de Ninive da Babylonia, e continuando n'esta uma serie de reis igualmente obscuros, alguns dos quaes nomeados nos livros sagrados, e acabando em Nabonid ou Labinet (o Balthazar da Escriptura), epoca em que Babylonia caiu em poder de Cyro. Os persas dominadores a destruiram á porfia e a obra da devastação foi consumada pelo tempo, e pelos povos barbaros que sobrevieram.

Ha pouco annos os antiquarios se tem dado á investigação das ruinas de Babylonia e de Ninive. O caracter da architectura babylonica consiste principalmente nas dimensões colossaes; porem, nada ha completo nos fragmentos dispersos por uma planicie vastissima, assento da capital do imperio, nem ahi se encontram monumentos funerarios de remotas datas; na Persia é que se encontram tumulos de origem e estylo babylonico, e destes merece citar-se o mausoleu de Zobeida (quer dizer *flor das damas*) prima-coirmã e unica mulher legitima do celebrado calipha Haroun-al-Raschid, a qual morreu no anno de 831 e é tida por fundadora da cidade de Tauris. O monumento vê-se ainda no meio de um espaçoso cemiterio nos arredores de Bagdad; é um edificio octogono, de dois pavimentos, coroado por um corpo de forma conica, revestido de uma especie de escamas e data dos primeiros annos do seculo nono.

M.

(1) Genesis. cap. 10. v. 8 e 9.

VIAGEM AO MINHO.

(*Continuação.*)

CAPITULO XIV.

Partida para o Riba-Douro. — Valongo e Ponte Ferreira. — A estalagem de Baltar. — Historia maravilhosa de uma costeleta. — Como os ministros deviam ser obrigados a viajar no seu paiz.

Por uma esplendida manhã do mez de setembro montámos a cavallo e partimos direitos ao alto do Bomfim. O meu cavallo era um hespanhol de raça pura que tinha pertencido a um contrabandista; o soberbo animal parecia encantado por se ver livre da monotonia da cidade e aspirava estrepitosamente o cheiro agreste dos campos, que lhe traziam talvez á memoria o paiz natal. Fitando as orelhas, e medindo com avidez o horisonte queria a cada momento lançar-se á carreira, e obrigava-me a levar a mão firme na redea para lhe moderar os impetos. Não sei que singular sympathia nos tinha unido desde que nos encontrará-mos a primeira vez! Quando o examinei para tratar do ajuste conservou-se gravemente n'uma posição elegante, de cabeça levantada, e cheio

de orgulho como se tivesse a consciencia do seu merecimento. Concluido o negocio, e vendo-me satisfeito da analyse a que o tinha submetido, no momento em que lhe passei a mão pelas clinas para o affagar, abaixou a cabeça e cravando em mim os seus olhos ardentes encostou no meu hombro as ventas afogueadas; depois escarvou a terra e retomou a sua nobre atitude. Reconhecia-me por seu senhor, e manifestava-me a impaciencia de mostrar quanto valia, para justificar a honra que eu lhe fizera de o distinguir entre muitos. Desse dia em diante ficámo-nos entendendo; a sua vida identificou-se por assim dizer com a minha. Comprehendia-me, advinhava os meus desejos, e lisongeava-se cada vez que eu lhe dirigia a palavra. Quando o largava na corrida, sentindo outro a seu lado, o intelligente animal parecia que se espedaçava! qualquer pequena vantagem do seu adversario fazia-o estremecer, enfurecer-se, e o seu galope certo e precipitado mostrava o ardor e o interesse que elle tomava na luta. Se alguma vez fosse vencido, estou certo que o veria rebentar. Eu entendia o seu orgulho do mesmo modo que elle entendia o meu quando nos appareciam rivaes; n'essas occasiões não havia cavallo nem cavalleiro; havia uma só alma e uma só vontade em dois corpos que voavam juntos. O cavallo levava o cavalleiro, o cavalleiro levava o cavallo!—Devo-lhe a vida, como se verá mais adiante, e paguei-lhe abandonando-o a um alquilador! Desde que ha homens ha ingratidão! Se o pobre animal vivesse ainda e me tornasse a ver, logo me reconheceria e havia de esquecer-se da barbaridade com que o vendi a um tyranno, depois de me ter servido tão bem! Não me justifico; arrependo-me da minha ingratidão, mas o mal é sem remedio por que já não existe aquelle meu excellente e fiel amigo! oxalá que a sua sombra viva em paz nos felizes territorios das eternas pastagens, onde nunca lhe falte o verde e nenhum desalmado o cavalgue!

Ao meu lado ia o meu amigo F. de S. Mesquita montado em um cavallo de raça portugueza mas bom corredor tambem: seguia-nos um creado a cavallo n'um animal cosmopolita. Era um cavallo sem patria certa a quem tinham posto a piedosa alcunha de «Martyr.» O epitheto seria mil vezes mais bem cabido nos que tivessem a infelicidade de o cavalgar. A cada passo o sr. martyr armava uma pendencia com os machos das padeiras que vinham para o Porto, e tinha-mos de parar para acomodar a desordem, e punir severamente a turbulenta cavalgadura. Em uma d'essas bulhas o creado caíu, e o cavallo partiu a trote largo para a banda da cidade, levando á garupa a nossa mala. Perdi a paciencia, e parti a todo o galope sobre o fugitivo. Tomando-lhe a dianteira não me custou a fazer-lhe comprehender, por meio do meu chicote, que o caminho era para outro lado. O creado tornou a montar e arranjando conforme poude uma espóra de piteira, conseguiu d'ahi em diante conter o martyr nos limites da prudencia.

A estrada começada havia pouco tempo (1) era magnifica. Os campos cobertos de verdura e matizados de flores perfumavam a aragem da manhã que nós aspiravamos com delicias. De distancia a distancia encontram-se lindas casas de campo engastadas no meio de copados arvoredos. Ao longe vêem-se os pinheiros, com o seu verde melancholico, encrustando-se nas nuvens; uma paisagem deliciosa, um ceu bellissimo; sente-se que estamos no Minho, n'este jardim onde é eterna a primavera. Mas não é d'aqui que se pode ver melhor o lado pintoresco da provincia; lá chegaremos.

Vejo surgir no horisonte a torre negra da igreja de Valongo; eu te saudo minha conhecida de ha seis annos!—Seis annos! como o tempo corre depressa para os que vivem mais pelo coração do que pela cabeça! Ha seis annos que do alto d'aquella torre eu espreitei muitas horas para a estrada do Porto a vinda dos inimigos (2). Então havia n'estas ruas, agora pacificas, uma multidão immensa que se agitava, que gritava, que vociferava; que morria de fome, de sede e de cansaço; que abandonara a familia, e a casa em que nascera, que deixava os seus campos incultos, que destruira os alheios, e que não trabalhava porque pelejava! Multidão de fanaticos e loucos para os quaes as lições da experiencia não aproveitam quasi nunca! E eu era desses taes!..... Tristes desenganos me tem demonstrado que só nessa epocha da minha vida fui poeta: poeta das turbas, aquecido na praça publica pelo sopro ardente das revoluções, inspirado pelo enthusiasmo d'essa palavra sonora, que se chama — liberdade — mas poeta porque sonhava acordado. Vieram depois os annos de prosa, e o poeta não foi plantar batatas com os seus companheiros de.... gloria porque não tinha de seu nem um palmo de terra!...

Mandemos passear as recordações das minhas campanhas militares, e façamos de conta que as não conhecemos se as tornarmos a encontrar no caminho.

Valongo é uma terra que nada tem de notavel senão as suas immensas fabricas de pão, que, juntamente com as de Avintes, abastecem quasi a cidade. A villa é pequena, mas tem alguns predios de boa apparencia. Os homens são geralmente feios; quanto ás mulheres modifiquei a opinião que tinha da sua belleza depois que as observei melhor nos balcões das padarias, supponho que se escolhem as mais bonitas para levar o pão ao mercado do Porto. Se assim não é peço perdão ás suas familias da minha desconfiança.

Pouco adiante de Valongo acabou-se a estrada nova e começámos a caminhar por entre pinhaes. O terreno é mais accidentado; encontram-se montes que somos obrigados a atravessar obrigando os nossos cavallos a fazer habilidades de macacos para se não despenharem. Os pobres animaes obram prodigios de destreza! Ha sitios em que se não vê signal de caminho. Atravessamos vallas, fossos, barrancos, matagaes de carqueja e de urze. Levamos o credo na boca, e os cavallos tremem como varas verdes. Animo! esta é a estrada real de Amarante. Deixamos Ponte Ferreira pensando nas memorias gloriosas de outras eras, e pasmando de como os homens desse tempo se atreviam a combater em terrenos similhantes. Ou eram homens de outra tempera ou o paiz mudou de aspecto. Em fim chegamos a Baltar.

Não é minha intenção fazer deste livro uma descripção topografica, administrativa, civil ou judiciaria; por isso, e tambem por ignorancia, confesso que não sei se Baltar é logar, aldeia, ou villa. Se estivesse na minha mão faria aqui uma cidade para recompensar a minha estalajadeira do zelo com que me tratou, e do elogio que fez ao meu cavallo. A terra é agradavel e pintoresca; não sei se a lisongei-o, digo a minha opinião. Demorei-me pouco e não entro em detalhes porque o calor principia e temos

(1) 1852.

(2) Allude-se á epocha de 1846.

de partir quanto antes. Entremos no pateo da estalagem que é uma vasta quadra tapetada de tojo, e cercada de cavallariças. À direita da entrada fica a escada de pedra que vai para o primeiro andar. Subamos. O quarto que se chama *salla dos hospedes*, tem no fundo um armario grande de pau santo; á esquerda janellas para a estrada; e no centro uma banca de pinho, em cima da qual uma galinha exercitada na economia domestica apanha as ultimas migalhas do ultimo almoço. Duas cadeiras com assentos de coiro e pregaria amarella, e dois bancos de troncos de sobreiro, eis o complemento da mobilia.

—Oh! patroa! Queremos almoçar o mais depressa que for possivel.—Entrou uma creada mocetona, com as faces rubicundas e os olhos vivos como azougue. Quando lhe vi os braços roliços e a bocca rozada pensei no grande numero de almocreves que passam por Baltar e tremi pela innocencia daquella donzella, que no fim de contas era bem pouco pudica.

—Que almoçam os senhores?—Que pergunta! Tudo quanto houver.—Tudo?—Sim, minha bella Maritornes; pois tantas cousas ha em casa?—Arrede as patinhas....—Não é pata é mão..... aposto que se fosse algum...... ora vamos, domestique-se; não se fez a tirannia para esses olhos maganos.—Ai! você é tolo? Quer chá ou café?—

Já se vê que a creada tinha virtude, como todas as creadas da estalagem, e eu tratei de respeitarlha. No entanto do meio do almoço em diante, como se aproximava o momento de pagar, permittiu-nos certas liberdades que não sei até onde iriam, se...

—Queremos ovos fritos, e bifes se ha carne.—Ha de tudo.—Queremos chá que seja bom. Tem manteiga fresca?—Ha de tudo, já disse.—Ha de tudo? pois bem, vou fazer a experiencia. Mande-me assar uma costelleta de vitella na grelha. Ouviu? e não quero os ovos fritos em azeite.

—Sim, meu senhor.

A creada saíu e eu voltei-me para o Francisco M. Diabo! parece que não estamos n'uma hospedaria de provincia! Acreditas na costelleta de vitella?—Eu sei... a creada fallou com tanta segurança....—Se nos dá a costelleta ganha dois crusados novos.—Pois tens esse apetite?—Não; mas lisongeava-me de comer costelletas de vitella n'uma estalagem do sertão de Portugal. Acreditava na civilisação se tal visse.—Esperemos.—Esperámos.

No fim de meia hora vieram os biffes e os ovos fritos. Provamos; não ha razão de queixa; não os fazem melhor no Porto. Veio o cha, o pão, a manteiga: era tudo excellente.—E a costelleta!—A costelleta? já vem.—Fomos almoçando. A creada sobia e descia tornando-se cada vez mais familiar. Pedi a costelleta fatidica pela quinta ou sexta vez. Appareceu a dona da casa. Tomou uma cadeira, sentou-se e perguntou-nos se o almoço estava á nossa vontade.—Está excellente, mas falta...—Bem sei, a costelleta?—Exactamente.—A nossa patrôa tirou da algibeira uma caixa de tartaruga e collocou-a sobre a mesa.—Vem ou não vem? Se não ha, é melhor avizar-nos francamente para nos acautelarmos com os bifes. A estalajadeira pegou na caixa com ar solemne, e olhou para nós em silencio.

—Minha senhora, isto vai-me parecendo historia... eu creio que não existe tal costelleta!...—Ella abriu a caixa e estendeu o braço offerecendo-me com grande dignidade uma pitada de simonte.—Muito obrigado, não gastamos.—Enterrou os dedos no tabaco e carregou o nariz como se fosse um morteiro. Depois fechou a caixa, tornou a collocal-a sobre a mesa, metteu as mãos nos bolsos do seu avental preto, e começou n'estes termos:

—Meus senhores, pelo que vejo vêem de fora.... do Brazil talvez?... Que alegria vão dar ás suas mãesinhas; ainda teem pae e mãe? São irmãos os senhores? Ai! Deus os fade bem! que satisfação não é crear os filhos para os ver uns homens assim! Ai! Senhor! o contentamento que terão os seus parentes!... Vão para muito longe? São talvez de Penafiel? O chá está bom? Que bonito cavallo é aquelle castanho!... Não é por me gabar, mas deste chá não se bebe em todo o Portugal, *tirando de ser* no Porto e aqui! Eu gosto que os meus hospedes fiquem satisfeitos com a minha casa. O seu creado almóça? Oh! Joanna, olha que o creado destes senhores almóça do mesmo que elles comerem. Traz fructa para aqui..... gostam de fructa? Nós temos de tudo; não quero que falte nada aos viajantes, por que emfim elles ajudam-me a viver, e.....

O discurso da estalajadeira promettia durar tanto tempo quanto nós lho podessemos ouvir, e por isso, apesar de o achar muito interessante, cortei-o sem cerimonia e gritei pelas costelletas. A estalajadeira começou a chorar.—Que tem, patrôa?... minha senhora está incommodada?—Ai! meus filhos, as costelletas são uma historia!—Recuei aterrado; pareceu-me ouvir a voz de um antigo deputado fallando das fabricas nacionaes.—Como assim? mas por que chora?—Se eu não terei razão de chorar! é a primeira vez, ha quinze annos que sou estalajadeira, que vai alguem descontente da minha casa.—Porem quem é que vai descontente?—Os senhores, por causa da costelleta.—Então não as ha com effeito! Eu logo vi...—Não me diga que não ha, clamou a estalajadeira irada, não se costuma dizer isso na minha casa!—Essa é boa! mas não havendo...—Houve, havia, ha e ha de haver!—Deve! repetiu severamente o meu companheiro; não sonegue as formulas commerciaes. N'uma conta corrente põe-se o Deve antes do Hade Haver. Aqui não ha costelletas. logo—Deve.—Ha de haver? A formula está perfeita e nós fomos embaçados.

—Credo! não digam isso! mas não estão satisfeitos? querem mais bifes? querem outra coisa?

—Que mais ha?

—Ha de tudo, tudo quanto pedirem.

—Mande-nos uma costelleta de vitella repetimos nós em côro.

A estalajadeira redobrou de pranto.—Havia uma costelleta fresquissima... era de hontem. Aqui mata-se gado duas vezes na semana. Vai depois e a costeleta estava pendurada no fumeiro, ora o fumeiro tem ao pé o armario grande das panellas, e eu lhe explico por que. Aquelle armario foi feito por meu marido, Deus lhe falle n'alma! meu marido era filho da Bahia onde ha madeiras muito ricas; e quando os *senhores* foram para o Rio de Janeiro parece que o senhor D. João VI, Deus lhe falle n'alma! tinha levado comsigo um carpinteiro que depois foi mandado para o reino com o irmão de Josefa de Queluz. O irmão da Josefa... ai! coitadinho! ninguem sabe para o que veio ao mundo!... A comadre do oiteirinho estava então com o meu tio que eram todos lá das bandas de Lisboa, talvez os senhores ouvissem fallar, da Ribeira de Barcarena? Pois sim senhor, e quando foi depois o barulho que ahi se fez na vinda dos outros...

—Oh! mulher v. mc.ᵉ obriga-me a ser mal creado! Que demonio tem isso tudo com o haver ou não haver em sua casa o que nós pedimos?

—Tenha paciencia, meu senhor, que Deus tambem a teve. Não é costume saír d'aqui alguem descontente e eu quero provar aos senhores que ninguem teve culpa da falta. Pois como eu ia dizendo o João da Azenha...

—Faça contas. Não temos agora tempo de ouvir as suas historias.

—Mas é que se não ouvem o que succedeu vão desacreditar a minha casa por esse mundo de Christo! —No meio de muitas lamurias a estalajadeira chamou a creada e retirou-se protestando ainda pelo sua innocencia, e pedindo-nos que não a julgassemos pelas apparencias. Nós estavamos de bom humor com os seus contos e pela sua originalidade em dizer que havia tudo em casa, embora não houvesse nada. Sahimos e montámos a cavallo. No momento mesmo de partir appareceu-nos a patroa triumphante, com um osso que parecia ter pertencido á costelleta de um animal cuja especie não se podia já determinar.—Eil-a aqui! bradou a boa mulher, bem veem que eu era innocente. Foi aquelle maldito cão do Joaquim da tenda! Mas se o apanho!... espero que não digam mal a minha casa; a costelleta aqui estava mas o barrabás do cão tirou-a da grelha, que está ao pé do armario grande do fumeiro, feito pelo meu marido, que Deus tenha no ceu, quando os *senhores* fóram para o...

No meio da sua verbosidade a estalajadeira chegou-se tão perto de mim que eu pude facilmente deitar a mão ao osso que ella mostrava como documento da existencia da costelleta. Apenas o apanhei conheci claramente que tinha sido despojado da carne haveria seis mezes; estava já branco e polido como um cabo de faca de Guimarães. Dei uma gargalhada e larguei o cavallo a galope no meio das juras e imprecações da minha excellente patroa.

O M. e o nosso creado imitaram o meu exemplo e dentro em pouco perdemos Baltar de vista, e nos embrenhámos pelos frondentes arvoredos que cobrem quasi todo o caminho até proximo a Penafiel.

Se os ministros viajassem no seu paiz talvez houvessem mais estradas e menos precipicios. Devia ser uma das condicções da sua estrada no ministerio, mas como elles nunca sáem de Lisboa, senão para irem a Cintra, não sabem o que é de perigoso viajar em Portugal. Pelos sitios por onde transitam as suas carruagens é o caminho seguro, que lhes importa pois o resto do paiz? De Baltar a Penafiel precisavam elles viajar constantemente assim como pela maior parte das estradas do Minho, para ver se acudiam áquelles desgraçados povos que não podem saír das terras onde nascem e vivem encravados por falta de estradas. Livrem-se os ministros de que eu seja rei algum dia!

Continua.)

F. G. de Amorim.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(*Continuação.*)

O ceu estava puro, a noite serena, e comtudo as trevas eram tão densas como se grossas nuvens encubrissem as estrellas, que brilhavam com uma luz amortecida como lantejoulas debaixo de um véo d'escomilha preta. De vez em quando sentia-se um rumor surdo, que vinha vindo pelo ar, e que tomava corpo ao passar pelos cumes das arvores que tremiam como se mão robusta mas invisivel lhes saccudisse os troncos, e lá para Oeste via-se uma pequena nuvem leve e esbranquiçada como um punhado de algodão amarelado. Ondotó observava tudo isto a cavallo no braço da arvore, encostado ao tronco, e encuberto com a folhagem. Assim esteve alguns minutos em observação. Cantaram os galos, ouviram-se ao longe como uns uivos de que a distancia mal deixava perceber os sons, e não consentia que se percebesse que animal os soltava, a não ser que os ouvisse alguma orelha experimentada.

No orisonte apparecia uma riscasinha mais esbranquiçado, que se ia alargando, e avivando mais na orla inferior. Uma cousa branca como uma mortalha animada movia-se em cadencia diante do portão da fortaleza. Era a sentinella, que experimentava um não sei que lhe resfriava o coração diante deste espectaculo, e eil-o que diz: « Ave Maria! hoje não ha de faltar que ver! As onças andam á caça, e temos no ceo grande trovoada.

Ouvem-se uns passos abaffados, que mais e mais se approximam; um vulto alto assoma na distancia de uns trinta passos, chega perto da arvore onde Ondotó está de atalaia, passa adiante, e segue, segue obliquando sobre a mão esquerda; já a segunda arvore lhe fica atraz para a direita, aproxima-se da terceira.... um rumor desusado ouve-se por entre as folhas agitadas, um silvo agudo attravessa os ares, e um Uiii! prolongado a que se segue um ronco abaffado, como o mugido de um touro como o estertor da morte. A sentinella do portão grita: *As!*...., e o medo corta-lhe a voz, que não se ouve *armas*, grito de al'arma, que queria dar e ficou estrangulado na garganta.

A lua erguia-se no entretanto por entre as nuvens que se tinham agrupado em derredor, vermelha como uma grande nodoa de sangue sôbre o ceo, e tingiu da mesma cor sinistra os topes das arvores nos baluartes, e na alameda. A isto seguiu-se um silencio profundo como o que a esta hora da noite reina nos cemiterios: a sentinella tinha fugido para dentro do portão, sem atinar a servir-se da espingarda que tinha sobre o hombro, e pezáva-lhe como o manduco com que atravessava as ribeiras da ilha de Santiago, mas com os olhos espantados, e na attitude d'um immenso terror, como se quizesse penetrar a escuridão que envolvia a alameda para descubrir que mysterios de horror se estavam práticando á sombra das arvores. O pobre vadio cuidava de si para comsigo que a onça estava devorando algum papel, que apanhou descuidado.

Mais tarde recobrou a serenidade, chamou o cabo da guarda, contou-lhe o que tinha passado; este foi dar parte ao sr. official, que mandou reforçar a sentinella do portão; e esperou-se que amanhecesse para verificar o que tinha dado causa a todo este movimento, que no entretanto o sr. official de si para comsigo attribuia a poltronice do recruta de Cabo Verde; mas não querendo accusar sem provas desejava com ardor a manhã. E devo dizel-o em sua honra, não quiz mais deitar-se, e foi jogar com o cabo uma partida do *berita páu* (1) para passar o tempo até ao dia.

Durante este tempo já Ondotó se tinha retirado, mas despresando, até por prudencia, seguir o mesmo caminho por onde tinha ali vindo; caminhou

(1) E uma especie de jogo, que nem sei bem se se escreve assim, muito usado em Cabo Verde.

sobre as mãos e os pés mais para a praia, encubrindo-se com a sombra das arvores, e com os tarafes pequenos, que cresciam nas lamas até chegar aonde se levantava um grupo de funcos no local em que hoje se vê a casa que hoje pertence aos herdeiros de Caetano José Norolini; e apenas chegado entranhou-se de novo pelas tortuosas veredas da povoação, e bem depressa ganhou o Pegiquiti, deixou á direita as ruinas do convento dos capuchos, que já conhecemos, mas que agora estavam de todo por terra; e não tardou a avistar a pequena distancia a sua cabana.

Aqui esperava-o uma situação bem terrivel. Ia elle despedir-se de Kiangi para começar a sua peregrinação agora duas vezes necessaria: ia buscar nos seus carinhos, nas suas palavras de amor, força, consolação e esperanças; e achou-a prostrada sobre uma esteira, devorada pela febre, acommettida de frequentes insultos nervozos que se succediam uns a outros quasi sem interrupção, e atormentada por um delirio cruel, em que as imagens do que viu, e os terrores do que o seu coração presentia se travavam um terrivel combate. A pobre enferma caia umas vezes em prostração total, como se estivesse para exhallar o derradeiro alento, e outros via-se agitada e como possuida por uma força occulta contra que luctava, erguendo os braços e impellindo-os como se quizesse affastar de si um inimigo que a ameaçava; enchia o ar com lugubres gemidos, a que succediam palavras entrecortadas sem ligação, nem sentido algum, ao menos para o papel, que ignorava o que se tinha passado na sua ausencia.

Aquelles gritos ouviam-se ao longe, no silencio da noite; e quando elles feriram os ouvidos de Ondotó, parou olhando para uma e outra parte, como para ver se descubria o ponto donde partiam estes sons, que lhe attravessavam o coração com um golpe tão profundo e tão ferido, como o de ferro das asagaias que lhe pendiam das costas a tiracol. Parou, um não sei que lhe advertiu que alguma grande desgraça o feria, porque apressou o passo, metteu-se á carreira, e já voava para a cabana.

Entrou, e viu Kiangi, como disse, cercada pelas escravas que choravam, em quanto que uma das suas companheiras ao bosque, sentada no chão lhe dava os joelhos em cabeceira. Ondotó viu-a, e de repente de seu rosto desapparecem até ao ultimo vestigio da ferocidade, que ainda ha pouco se lhe notava; a contracção nervosa que lhe repuxava os musculos da cara, e que lhe dava um aspecto satanico, cedeu o logar a uma tristesa tão profunda que fazia dó vel-o; os olhos humedeceram-se-lhe, e as pernas tremelhicavam, o andar era vacillante e irregular qual o de um homem em perfeito estado de embriaguez; tal como vemos por essas ruas o brutal soldado inglez, quando com a cabeça cheia de vinho, nos dá o espectaculo do que póde o vicio n'uma alma protestante, que abate o corpo ainda abaixo do mais vil e despresivel animal. É uma observação que peço aos leitores que façam, como eu a tenho feito muitas vezes; olhem para um inglez embriagado, e olhem para um portuguez tambem vergando ao peso d'uma grande bebedeira; não se observa alguma cousa de mais torpe, de mais brutal, de mais nojento, de menos de homem n'uma palavra, na embriaguez do primeiro, do que na do segundo? É que este, no meio do seu vicio, como que se lembra que pecca, redusindo-se a menos que um bruto, e affronta assim as leis da religião, e vilipendia a imagem e similhança de Deus, que lhe concedeu o Creador; e o outro entrega-se sem remorsos a um acto que a sua religião não condemna, que mesmo auctorisa, deixando-o o juiz soberano de suas acções e de suas crenças religiosas. Confesso que não sei explicar por outro modo a differença que entre os dous tenho sempre achado.

Mal Ondotó viu a sua querida em tão critico estado, ajoelhou perto d'ella, tomou-lhe uma das mãos que apertou com força entre as suas, e sobre ellas pousou a testa, como se esperasse que o fogo que abrasava esta mão por uma derivação possivel absorvesse em si todo o fogo que lhe queimava a cabeça por dentro. O que n'esta posição lhe passou pela idéa não o sei eu, como não o souberam nunca as pessoas que os cercavam a ambos, e que mais tarde contaram a Kiangi o que se tinha passado; mas póde suppor-se que o estado em que via o charo objecto dos seus amores, a consideração do perigo que esse estado lhe annunciava em sua esposa, o desejo de ficar junto d'ella, e a imperiosa necessidade que tinha de ausentar-se antes que os arreboes da manhã exclarecessem a terra, não deixaram de concorrer muito para esse torpor em que se mostrava quem ainda ha pouco tanta resolução e previdencia deixara ver.

N'este intervallo, um attaque nervoso apodera-se de Kiangi, arrebata com força a sua mão d'entre as mãos de Ondotó, agita-as no ar, e abrindo-as muito, e parecendo repellir de si com ellas alguma cousa que parece querer approximar-se-lhe, grita: «sangue, sangue! os feiticeiros disseram sangue: e quem o fez caír? ah! desgraçada de mim; e no accesso de seu delirio empurra Ondotó como se n'elle visse aquelle sangue que excitava os seus terrores; e gemendo por algum tempo, diz com voz mal sumida: «meu desgraçado filho, meu Ondotó! oh! não mos matem!»

E caiu de novo em prostração absoluta: e Ondotó chorava, chorava silencioso.

Passam-se assim alguns momentos. O infeliz ergue por fim a cabeça: fita os olhos molhados e enternecidos sobre a desgraça Kiangi, e limpando uma lagrima que ainda corria solitaria ao longo da face, resto de tantas outras, que de balde tinha reprimido, e que vencedoras se abriram caminho, e que talvez conseguiram dar-lhe algum algum allivio mais áquelle coração tão opprimido pelos acontecimentos dessa noite, ergue por fim a mão como se quizesse impor silencio, ergue-se, escuta por algum tempo, e dispondo um beijo na testa da sua Kiangi, sáe prescipitadamente da cabana.

A preta sentindo na sua testa o osculo ardente de Ondotó estremece com uma convulsão como se em fluido magnetico lhe percorrece todos os membros, e abrindo os olhos procura o espozo por toda a casa, mas já não o vê: e comtudo o seu coração não a enganava; elle esteve ali, deu-lhe um beijo, que ella conheceu bem pelos effeitos que nella produziu, e coitadinha! pareceu-lhe que ainda vira a sombra ao attravessar a porta. Então estendendo os braços para essa porta que se cerrava sobre ella gritou com uma voz quasi extincta: Ondotó, não me fujas, espera teu filho, e deixa-me morrer nos teus braços: que te fiz eu?

Ondotó ainda a ouviu; o coração chamava-o para junto della, e chegou mesmo a fazer um movimento, como para voltar atraz, mas um pensamento terrivel atravessou-lhe o cerebro, parou, e deitando-se de bruços com a orelha sobre a terra, já uma já outra; ergueu-se precipitadamente e caminhou a diante de si, não sem olhar frequentes vezes para a cabana onde ficava luctando com a morte a mulher que tan-

to amou, que tanto amava ainda, e não sabia se tornaria a vêr mais. Pobre Ondotó!

O que tinha acontecido? O que é que o obrigava a largar a sua cabana áquella hora da noite, quando o gallo acabava apenas de cantar pela segunda vez? As escravas perguntavam-no comsigo mesmas, e não sabiam responder. Grossas nuvens tinham-se amontoado no ceo e cubriram com um véo, ao principio pardacento, mas depois negro d'um negrume denso e pesado, a lua, que tinha de assustada recolhido seus raios, e parecia haver fugido para não presenciar a scena que involuntariamente presenciara: os cimos das arvores agitavam-se mais frequente e mais fortemente como se uma vara invisivel açoutasse as suas folhagens; e logo depois tudo ficava silencioso porque o menor sopro não refrescava a atmosphera. Tudo presagiava uma tempestade horrivel.

(Continúa)

Sousa Monteiro.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

V

Como veio nova ser desbaratado o Snr. D. Antonio, e de uma differença do Bispo e Corregedor.

Depois de estar nesta cidade de Angra, e ilha Terceira, e nas mais ilhas, jurado o snr. D. Antonio por rei, e muitos contentes, e alguns descontentes, veiu a ter differenças o Bispo com o Corregedor, sobre a prizão de uma Margarida Alvares, de que houve grandes excommunhões, e foi isto parte para o Bispo se ir para a ilha de San Miguel; e, estando lá, veio aqui ter um Simão Cortes, Cavalleiro do habito de Christo, creado do snr. D. Antonio, a pôr cobro de sua parte em sua fazenda, e em outras cousas de que vinha encarregado. E estando nesta cidade veio nova ser desbaratado o snr. D. Antonio em Alcantara, e sair ferido da batalha; e ao Duque de Alva, vencedor, os castellos e fortalezas lhe estavam entregues; e que não havia novas do snr. D. Antonio, antes se dizia que estava na villa de Aveiro, ou na cidade do Porto; o que causou notavel sentimento, e tristeza nos moradores desta ilha, e ilhas de baixo. Em o ditto tempo havia no collegio desta cidade os padres Agdre Glz., Pedro Freire, Balthazar Barreiros, Pedro Georze, e outros, os quaes publicamente diziam ao povo, que se lhe não désse nada do desbaratamento do snr. D. Antonio, por que eram acertados os que estavam com os intentos em El-rei D. Filippe. E nunca o quizeram confessar por rei, e outros muitos da ilha, de que se lhes seguiu os trabalhos que ao diante se dirão.

VI

De como veio recado da cidade de Lisboa que se entregassem e dessem obediencia a El-rei D. Filippe.

Estando assim nesta cidade Simão Cortes veio recado dos governadores da cidade de Lisboa a esta, que El-rei D. Filippe estava de posse de Lisboa e todo Portugal, e que lhe dessem obediencia, por que o snr. D. Antonio era desbaratado, e acolhido de Lisboa. Com isto se poz a cidade em grande alvoroço, e quasi amotinada contra o mensageiro, que parecia ser pessoa de muito respeito. E vendo os que governavam o caso de tanta importancia, e o que relevava haver bom conselho, não se quizeram deliberar nisso, mas vendo o mensageiro ou correio o alvoroço da gente, que não havia mais que matarem-no, dizendo que tanto que tivessem carta do snr. D. Antonio, em que mandasse dessem obediencia a El-rei D. Filippe o faziam, por que o tinham jurado por rei; e como o mensageiro ouvia e via o que se passava, e por segurar sua vida (que teve dita em se ir com ella), se foi sem resposta dos que governavam.

VII.

De como mandaram uma caravella saber novas do snr. D. Antonio, e do que aconteceu a João de Bettencourt.

Estando assim a Cidade de Angra, ilha Terceira, e as ilhas de baixo, em muita confusão, por não saberem novas, e o que haviam de fazer, e se determinar o alvoroço do povo (e tornarei logo a este ponto), antes de mandarem a Caravella, apparecendo uma nau, que veio de Indias defronte do porto, e barra d'esta Cidade de Angra, parecendo a um homem fidalgo que atraz tenho nomeado, por nome João de Bettencourt, que a nau que vinha com outro recado sobre se entregar a terra, e que lhe queriam atirar das fortalezas; sendo em 29 de settembro dia de San Miguel, o Anjo, se poz em cima de um cavallo, sendo elle muito destro e grande homem de cavallo, com uma lança na mão, e brandindo-a se metteu a correr pela cidade, dizendo *Viva, viva El-rei D. Filippe;* e como era homem nobre e bem quisto no povo, pareceu-lhe que o attraisse na ditta voz, e lhe obedecesse; saío-lhe porém tudo pelo contrario, por que sendo a horas de meio dia se amotinou o povo de tal maneira para o matarem, que lhe conveio descer-se do cavallo, e se metteu numa casa na rua direita, que os donos della lhe não poderam valer; porque com machado lhe quebraram as portas. Valeu-lhe pedir a alguns homens nobres, que acudiram, lhe valessem. Achando-se ahi Diogo de Lemos de Faria, que servia de Alcaide da cidade, entrou com algumas pessoas dentro, e por aquietar o povo lhe disse que fosse preso; e estando o pobre fidalgo sem chapeo lhe metteu na cabeça um o Padre Manuel Alvares; e com espadas nuas o levaram bem affrontado até casa do Corregedor, e d'ahi para a Cadeia; aonde depois, d'ahi a anno e meio, saío a degolar, e foi degolado na praça da cidade de Angra. E com o motim deste fidalgo e alvorotamento sem tempo e sem ordem, ficou a cidade tão amotinada, que d'ahi por diante tudo era *Viva, viva El-rei D. Antonio*; e esta era a pratica que ordinariamente andava pela cidade e ilha. Vendo o Corregedor, e os mais que governavam, esta inquietação, e por estarem suspensos sem saberem tomar resolução, por não saberem o que era feito do snr. D. Antonio, ordenaram uma caravella, de que era mestre Gaspar Alvares, para ir saber o que delle era feito, elegendo para isso Estevam Silveira, cidadão antigo, e ao procurador dos misteres que se chamava Jorge Lopes, e um padre pregador, da Ordem do Serafico padre San Francisco, por nome Fr. Melchior; e tomaram uma caravella de Gaspar Alves e Chichorro, piloto natural desta ilha, e mandaram que fosse ao

Porto, ou Aveiro, ou Buarcos, ou Vianna, saber delle onde estava.

VIII.

De como a caravella foi e veio em breve tempo.

Partio a caravella do dito Gaspar Alves, o Chichorro, do porto e barra desta cidade de Angra, e elle por piloto e mestre e senhorio della, e com bons marinheiros, naturaes todos desta cidade de Angra, e escolhidos, na entrada de Agosto do anno de 1580. Com o vento prospero chegaram á villa de Aveiro, aonde acharam o snr. D. Antonio em uma cama das feridas que lhe deram na batalha de Alcantara. Foram-se ter com elle, Estevam Silveira, e o Padre Fr. Melchior, e Jorge Lopes, e lhe contaram ao que iam enviados pelos que governavam esta cidade, offerecendo-lhe em nome da cidade, como seus vassallos, pessoas, vidas, e fazendas, e contando-lhe o que era passado. Aos quaes elle abraçou, agradecendo-lhe o amor de bons vassallos, promettendo-lhe a elles muitas mercês, e aos moradores desta ilha, e ilhas de baixo. Estava o snr. D. Antonio com esperanças de se tornar a restaurar, com a gente que lhe acudia. E negociando os sobreditos se vieram com cartas suas, e chegaram a esta cidade na entrada de outubro. O recebimento, que a cidade e os moradores della fizeram, foi grande, e a cidade ardia com festas. Não podiam os sobredittos, em desembarcando, romperem com gente the chegarem á egreja da Santa Mizericordia, que está ao longo do porto. Poz-se o Padre Fr. Melchior no pulpito a dar as novas do snr. D. Antonio, e do successo de sua viagem, estando a egreja e rua que não cabia de gente. E como o dito padre era pregador, e de grande fama, dice grandes cousas e louvores do snr. D. Antonio, animando todos que o sustentassem té morrerem, e no cabo da pratica e pregação dice algumas graças, de que todos riram, e louvaram o dito padre, e levaram-no até o seu mosteiro com grande festa, dizendo *Viva, viva El-rei D. Antonio*. E como já neste tempo havia muitos homens nobres, que lhe não entrava nada no consentimento, e já eram muitos descubertos, andava o povo tão alvoraçado que os atentavam com *viva, viva*, e lho faziam dizer sem elles terem vontade.

(*Continua*)



OS MOCHOS.

O genero striges comprehende todas as aves de rapina nocturnas, as quaes tem o bico curvado em todo o comprimento, a cabeça grande e achatada verticalmente pela parte anterior e posterior, os olhos grandes e redondos dirigidos para diante e bordados de um circulo de penas finas e rijas, que lhes dão uma apparencia singular; tem os pés todos pennugentos. A muita luz fere os olhos destas aves de modo que expostas á claridade do dia ficam quasi immoveis e fazem gestos ridiculos; as demais aves acodem aos bandos a insultal-as, por maneira que os homens servem-se das corujas ou de suas imagens, como negaça para attrahir os passarinhos.

Todas as striges tem as pennas tão macias que não fazem estrepito quando voam, as azas são curtas e o vôo fraco. Subdividem-se em: 1.º bufos, que tem na cabeça dois martinetes de pennas, entrando neste numero o mocho maior (*strix scopus*) que é malhado de cinzento, trigueiro e negro; 2.º as corujas verdadeiras sem martinete na cabeça, como o moxo pequeno ordinario (*Strix passarina*), que tem a cor parda com grandes malhas redondas esbranquiçadas, acoita-se nos pardieiros e caça os caracoes, insectos, e tambem ratinhos silvestres e morganhos.

A gente do povo supersticiosamente considera estas aves de mau agouro; no emtanto os athenienses veneravam o mocho e o consagraram a Minerva, por isso figura no emblema da Academia real das sciencias, de Lisboa.

M.



FORTALEZA DE FIRANDO.

Dissemos a pag. 25 d'este volume que o Japão tem dous soberanos, um politico e outro sacerdotal; este, outrora o verdadeiro monarcha, goza hoje apenas d'um certo apparato de poder temporal sem mando: a sua successão tornou-se hereditaria pelos annos 66 antes da vinda de Christo, epocha donde data o terceiro periodo da historia do Japão, isto é o periodo dos factos positivos, porque os antecedentes não merecem credito, remontando até eras fabulosas. Desde o mencionado anno pouco mais ou menos, governaram cento e sete principes da mesma dynastia, e o seu reinado em geral foi pacifico, não obstante as invasões, em grandes intervallos de tempo, dos tartaros mantchús e dos da Corea, que foram sempre repellidas pelo valor dos habitantes.

Regendo Gonda, nonagessimo dairi ou imperador espiritual, os mogoes, quatorze annos depois de conquistarem a China, ajuntaram grandes forças para se apossarem do Japão: narrações exaggeradas elevam a quatro mil o numero de seus pequenos navios e a vinte e quatro mil o das tropas; comtudo é provavel que os numerosos juncos chins transportassem um exercito consideravel. Toda a expedição, como a invencivel armada de Filippe II foi dispersa e destruida por uma tempestade, que os japões attribuem ás divindades protectoras do seu imperio; segundo referem os missionarios succedeu isto pelos annos de 1281.

Os dairis, frouxos e negligentes em consequencia da longa posse, tranquilla e não contestada, pouco a pouco deixaram reinar em seu nome os Kubos, caudilhos de sua milicia e commandantes dos exer-

citos; e por isso, quando um d'estes, da familia dos Chensi, ao cabo de porfiada guerra civil, salvou o dairi dos ambiciosos projectos da familia Feike, foi nomeado generalissimo. Datam d'esse triumpho as invasões successivas de poder praticadas pelos Kubos; porém, a usurpação consummou-se no 16.º seculo, ahi pelos annos de 1585. O Kubo, ou imperador secular, apoderou-se do mando supremo, e d'esde então o dairi está sempre encerrado no seu palacio e bem guardado, para que não intente recuperar a auctoridade de que outrora gozaram seus predecessores, e na auctualidade é o Kubo o unico monarcha do Japão, posto que o dairi, como chefe espiritual do imperio, occupe na ordem hierarchica mais alta cathegoria.

O Kubo tem a cautella de lhe não disputar esses vãos privilegios, e sempre lhe manifesta apparencias de submissão, e assim nos negocios importantes que tocam na politica do paiz, para uma innovação legislativa, para uma questão diplomatica, o Kubo não deixa de enviar um emissario ao seu collega pedindo a sua approvação; estes actos cousultivos fazem-se com grande apparato official, para que dê na vista do povo e fique convencido da boa harmonia que reina entre os dois imperadores. Alem d'esta constante reciprocidade de attenções e mostras de deferencia, é raro que não venha o Kubo, uma vez em cada quinquennio, visitar com pompa o dairi na sua residencia de Meaco, que mencionamos no logar citado. A corte ecclesiastica entretem-se quasi exclusivamente em materias de litteratura.

Os japões são valentes por indole, ao contrario dos chins, e tem tropas bem organisadas a seu modo, capazes de repellir aggressões estrangeiras. Muitas de suas cidades tem cerca de muralhas e fosso; mas, a maior parte são defendidas por uma cidadella, onde o governador habita. Das primeiras é uma das mais fortes Kvano, terra populosa e bella da provincia de Osvari, talvez a mais rica do imperio.

A cidadella de Osaka, uma das cinco cidades imperiaes dependentes directamente do Kubo, as de Sanga, capital do Fisen, de Kokora, cabeça da provincia do mesmo nome, são consideradas as praças mais importantes do imperio depois dos palacios fortificados de Yedo e Meaco, assim como o de Firando, que passa por uma das maravilhas do Japão. É este edificado no alto de uma rocha, composto principalmente de uma torre de muitos andares, que pela multiplicidade dos tectos offerece alguma analogia com os pagodes chinas; um fosso largo e um recinto amuralhado rodeam esta construcção central; os quarteis podem acommodar em caso preciso, guarnição de mil combatentes. Sobe-se ao forte por lanços de degraus abertos na rocha, e divididos em tres rampas pelos renques de penedia que não foi desbastada; segunda muralha com doze portas cerca o principal edificio.

M.

—Não projectes impossiveis, se queres achar meios concernentes de lograr teu intento.
—A verdade, dita pelo mentiroso, para quem o escuta, não é mais que uma mentira.
—Os ministros, que formam a suspeita entre o throno, e a nação, são os maiores inimigos dos reis, e dos povos.
—A moda é um invento da industria para dar extracção aos seus productos.

M. Carvalho — Aphorismos.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

IX.

De como antes disto Estevam Ferreira de Mello, com Pedro de Castro, seu genro, se foram desta ilha.

Tanto que veio nova (ainda que este capitulo houvera de ir atraz, porque não fique nada por escrever) que o snr D. Antonio estava na cidade de Lisboa obedecido por rei, Estevam Ferreira de Mello, com seu genro Pedro de Castro do Canto, e Luiz de Mello, seu filho, do ditto Estevam Ferreira, fretaram uma caravella de Francisco Simões, Piloto, e com muito gasto e bons cavallos se metteram nella, com sua gente, e criados, e escravos, por serem homens ricos, e se foram para ajudarem o snr. D. Antonio, e isto com grande fervor; e em chegando á barra de Lisboa o acharam desbaratado, e o Duque de Alva em Lisboa, e delle não havia novas; e querendo-se elle pôr em cobro não poderam fazel-o tão prestes, que não fossem, como foram, primeiro descubertos, e foram logo tomados, e prezos, e as fazendas e cavallos e caravella, tudo sequestrado, e depois foram soltos pela maneira, que a seu tempo se dirá.

X

Em como veio nova que o snr. D. Antonio era ausente, e não estava já em Aveiro, nem se sabia delle, por ir lá Sancho de Avila com seis mil soldados.

Estando assim a terra alvoraçada, com o recado que tinham pelo P.e Fr. Melchior e pelo mais; veio nova que Sancho de Avila, sabendo o Duque de Alva que o snr. D Antonio estava na cidade do Porto e ajuntava gente, o mandara com seis mil soldados escolhidos, e que, como a gente que elle trazia era bizonha, e homens que nunca viram guerra, se foram e o deixaram sem resistirem, e elle desapparerecera, e se suspeitava ter ido para França; da qual nova houve grande sentimento nos moradores desta ilha, e ilhas de baixo, e já neste tempo se tinha entregue a ilha de San Miguel, e ilha de Santa Maria á obediencia de El-rei D. Filippe, e as ilhas de baixo Graciosa, Fayal, Pico, e San Jorge, e ilhas das Flores, e Corvo, estas seis ilhas sempre sustentaram a vontade e obediencia, que sempre tiveram a esta ilha Terceira, por esta ser a cabeça de todas, e sempre tiveram o intento desta.

XI

De como veio um Antonio Eschalin, francez, a esta cidade.

Estando os moradores desta cidade e ilha com o sentido e esperanças se lhe vinham novas de França, ou de outra parte do snr. D Antonio, appareceu uma nau defronte do porto e barra desta cidade, cuido que era já no mez de janeiro do anno de 1580. Poz-se á trinca, dando sinaes que lhe fosse de terra barcos. E logo ordenaram um barco com bons remeiros, que foi á nau, e chegando a ella a viram atirar com festa e com bandeiras que faziam de lenços; e assim á festa do atirar da nau e do vir da barca foi tanto o alvoroço e festa na cidade, que sem se saber

ainda o que era, repicavam os sinos, tocavam caixas, e em chegando diceram, que El-rei o snr. D. Antonio estava em França com grande poder, e accrescentaram mais de que era, e com este alvoroço e grandes festas todos os bateis e barcos botaram ao mar, e disparando toda a artilheria e arcabuzaria das fortalezas, e humens, mulheres e meninos pareciam doudos, e a nau cercada de barcas e gente, trouxeram o capitão a terra, que se chamava Antonio Eschalin, e o piloto. E neste tempo estava em França o conde de Vimioso D. Francisco, e Antonio Eschalin cuidava era o snr D. Antonio, que ainda neste tempo não estava em França. E com estas festas foi recolhido o dito Antonio Eschalin, e lhe deram boas casas, e bem accommodado e sua gente e provido de boas iguarias abundantemente; isto cuido foi a uma sexta feira, e assim no dito dia como no sabbado e domingo tudo foram festas. E ao domingo foi a cidade toda enramada pelas ruas de pomos, e verduras, paineis e muitas chacotas, muitas danças, e chafarizes pelas ruas de vinho, e muita gente nobre com os da governança da terra foram pela cidade com o dito Antonio Eschalin, e sua gente da nau, que todos pareciam gente nobre, que depois vieram por capitães a esta ilha; e os levaram pelas ruas fazendo-lhes estas festas, e muito mais era do que eu digo.

(*Continua.*)

PHOTOGRAPHIA.

A arte de produzir as imagens dos objectos pela acção da luz, diz-se *photographia*; palavra que deriva de duas gregras *luz* e *escrevo*. O apparelho que se emprega para fixar sobre substancias sensiveis á luz, as imagens dos objectos, chama-se *daguerréotypo*: por ter sido Daguerre o inventor da photographia. A descoberta da photographia pertence a uma das muitas maravilhas que as sciencias naturaes tem presenciado no seculo actual. O estudo d'esta parte da optica é interessantissimo debaixo de muitos e variados pontos de vista; não foi só a physica quem aproveitou com a descoberta da photographia, foi a historia natural, a archeologia etc. etc. como melhor se poderá perceber um pouco mais tarde, depois de termos dado idéa dos processos photographicos. Vê-se pois que todos os individuos illustrados devem ter conhecimentos, mais ou menos profundos deste ponto sobre o qual existe um grande numero de escriptos. (1)

O nosso fim vem a ser apresentar em resumo o estado actual da sciencia photographica; a tarefa é ardua: que procuraremos desempenhar do melhor modo que nos for possivel.

Historia. — A idéa de obter imagens por meio da luz é idéa antiga, assim a camara escura descoberta ha dous seculos servia para descubrir os objectos cuja imagem vinha projectar-se sobre um alvo. *Porta* o auctor da camara escura, pensava que qualquer individuo mesmo ignorante de desenho, podia copiar um objecto qualquer com a camara, bastando para isso seguir com o lapis, os contornos da imagem que se desenhava sobre o papel. As previsões de Porta não se realisaram, só os verdadeiros artistas poderam tirar algum partido da camara escura.

Ao ver a perfeição com que os contornos, as formas, e cor dos objectos, appareciam nas imagens, todos se lembraram da utilidade que teria a descoberta d'um meio, pelo qual essas imagens se podessem fixar.

Foi porem só em 1802 que o inglez Wedgwood, apresentou uma memoria (1) em que dizia poderem copiar-se gravuras etc. por meio de papeis molhados em chlorureto, ou nitrato de prata; porem diz elle, que as imagens da camara ainda são muito fracas para poderem produzir effeito sobre o nitrato de prata. (The images formed by means of a camera obscura, have been found to be too faint to produce, in any moderate time, an effect upon the nitrate of silver).

Dary o commentador de Wedgwood pouco mais adiantou, conseguiu copiar alguns objectos muito pequenos ao microscopio solar.

Vê-se pois que alguem poderia querer attribuir a descoberta da photographia aos auctores inglezes, porém o papel enegrecia todo logo que se tirava da camara, e portanto as imagens que n'elle se tinham formado desappareciam, só podendo conservar-se na obscuridade. Portanto o problema estava ainda sem ter sido resolvido.

Em 1765 nasceu José Nicephoro Niepce em Chalon do Saone; José, e Claudio Niepce seu irmão eram artistas e já inventavam machinas, já aperfeiçoavam outras. Por esse tempo começára a lythographia a estabelecer-se em França: a attenção de Niepce (José) desviou-se toda para este novo campo e foi dos ensaios lythographicos que veiu a nascer a photographia, procurando lythographar em laminas metalicas.

Foi em 1814 que tiveram lugar os primeiros ensaios de Niepce, cujo ponto de partida foi a acção da luz sobre o betume de Judea, o qual se faz branco na parte sobre que actua aquelle agente. Niepce tomava uma estampa, envernisava-a pela parte posterior a fim de a fazer mais transparente, e applicava-a sobre uma lamina de estanho, que estava coberta de betume de Judea. As partes escuras da estampa não deixavam passar a luz e por isso a camada subjacente ficava com a cor negra que lhe é natural; porem as partes transparentes deixavam-se passar pela luz, e os raios indo cair sobre o betume o faziam branco. Vê-se pois que se pode obter facilmente a reproducção de qualquer desenho do modo que fica dito, e a imagem fica com as sombras e claros na sua situação natural. Se depois expozesse tudo á luz as sombras desappareceriam porque todo o betume se faria branco; era necessario ter algum meio para evitar isto. Niepce descobriu que a essencia de alfazema tinha a propriedade de dissolver todo o betume, que não tinha sido impressionado.

(1) Historique et description des procédés du Daguerréotype et du Diorama par Daguerre. Paris 1839.
Traité de Photographie par Lerebours (N-P) — Paris 1843.
Nouveaux renseignements sur l'usage du Daguerréotype par Charles Chevalier. Paris 1846.
Photogenic manipulation by Robert J. Bingham London 1847.
Auto-photographie par M. P. F. Mathieu. Paris 1848
Recherches sur la théorie des principaux phénomènes de Photographie par A. Claudet. Paris 1850.
Description du procedé dit Americain par Ferdinand Colas. Paris 1850
Traité pratique de photographie sur papier et sur verre par Gustave le Gray. Paris 1850.
Quelques notes sur la Phothographie sur plaques metalliques par le Baron Gros. Paris 1850
Douse leçons de Photographie sur verre et papier par le Dr. J. Fan. Paris 1854.
Traité theorique et pratique de Photographie sur colladion par A. Belloc. Paris 1854.
Découvertes scientifiques modernes par L. Figuier.
Cosmos. Journal hebdomadaire par Moignó

(1) Journal of the royal Institution of Great Britain.

Em 1824 Niepce levando á camara escura, uma chapa de cobre coberta de uma lamina de prata sobre a qual havia uma camada de betume de Judea, e deixando-a ahi por muitas horas, lavando-a depois do mesmo modo, que para o primeiro caso, conseguiu o grande fim de poder ter as imagens por meio da luz. Foi pois Niepce o verdadeiro descubridor da Photographia.

Como o fim dos trabalhos de Niepce era obter gravuras, com facilidade tinha resolvido a questão cujo estudo inventara, pois tratando as chapas pelos acidos, conseguia que ellas fossem atacadas só na parte descuberta, servindo a camada de betume de proteger o resto, isto é os claros.

O processo que acabâmos de descrever, era ainda muito imperfeito, por ser necessario muito tempo para que a substancia sensivel se impressionasse, e d'ahi resultava que as sombras indo-se deslocando em consequencia das differentes posições da luz, a imagem ficava confusa. Era impossivel applicar-se o novo processo á tiragem dos retratos.

Por esta epocha Daguerre o auctor do diorama, pintor acreditado pelo partido que tirava da luz para illuminar seus quadros, alguns dos quaes eram admiraveis; occupava-se tambem de photographia, mas debaixo d'um outro ponte do vista, elle pretendia fixar as imagens da camara escura. Em 1825 sabendo Daguerre por M. Chevalier, o celebre constructor d'instrumentos opticos, que na provincia havia alguem que trabalhava em sentido analogo, estabeleceu relações com M. Niepce. Alguns annos depois em 1829 associaram-se os dois artistas e então Niepce declarou a Daguerre tudo que sabia de photographia.

O unico merecimento de Daguerre em relação á descoberta da sciencia photographica, foi o pretender sempre conservar a imagem sobre a chapa, e não servir-se d'ella para a gravura. O acaso, como veremos, lhe revelou a utilidade da applicação dos vapores do iode, o que foi um grande passo para o aperfeiçoamento da sciencia. O problema ainda estava incompletamente resolvido em 1833, epocha da morte de Niepce. Depois Daguerre continuou a trabalhar e foi o primeiro que descobriu os agentes reveladores, isto é, que as imagens sendo invisiveis ao sair a chapa da camara escura, se tornam visiveis pela exposição aos vapores mercuriaes, descoberta a mais importante depois da da applicação do iode.

Para concluirmos a historia da photographia em chapa, diremos que a 7 de janeiro de 1839 M. Arago annunciou á Academia das Sciencias a descoberta de Daguerre. O processo foi secreto até o governo o comprar. A 15 de junho o governo concedeu a Daguerre 6:000 francos de pensão e ao filho de Niepce 4:000; a differença da somma dada a cada um proveio de Daguerre declarar tambem o segredo do Diorama.

Eis a historia d'uma das descobertas mais maravilhosas dos tempos modernos, d'uma utilidade extraordinaria como veremos.

PHOTOGRAPHIA EM CHAPA.

(DAGUERREOTIPIA.)

Para obter imagens sobre chapas procede-se do modo seguinte: Tomam-se chapas de cobre cobertas d'uma lamina de prata polida; estas chapas são feitas fazendo adherir a lamina ao cobre por meio da pressão.

1.ª Operação — *Polir.* Fixa-se a chapa sobre um pé para se polir, o que se faz esfregando a repetidas vezes, primeiro com algodão molhado em alcool, e tripoli em pó fino, depois com vermelho d'Inglaterra, e acaba-se a operação burnindo-a com escova de veludo. — A chapa estará bem polida se o bafo projectado sobre ella deixar uma camada cinzenta igual em tudo a superficie.

Em geral da-se grande importancia a esta primeira operação, parece que d'ella depende muito o bom resultado do processo.

2.º *Iodagem.* — A chapa que acabou de se polir é a mais propria para se iodar, isto é para se expor á acção dos vapores do iode. — A fricção que se produz para preparar a lamina, eleva-lhe a temperatura e favorece muito a volatilisação do iode. Foi o acaso quem mostrou que as imagens se formavam facilmente sobre uma chapa iodada. Tendo-se deixado acidentalmente uma colher sobre uma chapa, que estivera exposta aos vapores do iode, no dia seguinte via se na chapa a imagem da colher, d'ahi nasceu pois a applicação do iode em photographia.

A iodagem serve para tornar a chapa mais sensivel á luz. Faz-se esta operação deitando pequenas laminas de iode sobre o algodão contido n'uma caixa, na parte superior do qual se colloca a chapa com a superficie polida voltada para o interior da caixa. O iode volatilisando-se deposita-se sobre a chapa e fórma uma camada de iodureto de prata, que cobre a lamina: esta camada é d uma expessura muito delicada.

Para conhecer quando a chapa está convenientemente iodada, levanta-se de quando em quando e observa-se a côr que tem, a operação deverá terminar-se quando a côr for ligeiramente avermelhada. — Introduz-se então n'um caixilho com uma disposição particular (1) e leva-se á camera escura, ou vai-se bromar. — Á proporção que se foi empregando e estudando a photographia, viu-se que o iode só não tornava a chapa bem sensivel. Differentes substancias se ensaiaram com o fim d'augmentar a sensibilidade do iode, e as substancias empregadas n'esse sentido chamáram-se acceleradoras, porque da sua applicação resulta uma consideravel diminuição no tempo d'exposição. Das differentes substancias que se empregam como acceleradoras uma das mais notaveis é o bromio. O bromio substancia liquida avermelhada que se extrae de plantas marinhas, emprega-se em dissolução na agua, ou no estado da combinação com differentes corpos, sobre tudo com a cal.

Bromagens. — A chapa já iodada colloca-se em uma caixa que tem no fundo alguma gota d'agua bromada. O bromio é uma substancia volatil e por isso vai reagir sobre o iodureto de prata já formado. O tempo da bromagem é menor que o da iodagem. Alguns levam ainda a chapa á caixa do iode e ahi a deixam por metade do tempo que esteve da primeira vez, outros a levam logo á camera escura, geralmente de madeira, tendo na parte anterior uma abertura que recebe um tubo onde ha duas lentes achromaticas (2). As lentes podem approximar-se ou affastar-se por meio d'um parafuso horisontal cujas

(1) Um caixilho de madeira que tem uma corrediça n'uma das faces, e na outra (posterior) um alçapão que se levanta para collocar a chapa, cuja face polida fica olhando para o lado da corrediça.

(2) Chamam-se lentes achromaticas áquellas que dão imagens sem serem córadas com as cores do iris, sem serem irisadas.

voltas poem em movimento uma peça dentada que faz parte do tubo que as sustenta. Conforme o parafuso recuar, approxima-se ou affasta-se uma dàs lentes da outra, que se conserva fixa.

A disposição que acabamos de mencionar foi um grande progresso no daguerreotypo, pois permitte com facilidade o collocar a chapa no ponto mais conveniente para que a imagem fique distincta.

O diametro das lentes deve variar conforme se pretendem obter vistas ou retratos.

M. Claudet fez um aperfeiçoamento importante á camera escura e foi poder a parte posterior avançar ou recuar, e alem d'isso, o estar disposta de modo, que possa receber chapas de qualquer dimensão. A camera colloca-se sobre um pé e póde tomar posições mais ou menos horisontaes, conforme fôr conveniente.

Modo d'uzar. — Collocada a camara sobre o pé apontam-se as lentes para o objecto que se quer reproduzir. O operador, colloca-se do lado opposto, cobre a cabeça com um corpo que intercepte os raios da luz, e olha para uma chapa de vidro despolido que está do seu lado. Faz avançar ou recuar a parte posterior da caixa, até que veja distinctamente pintado sobre o vidro o objecto, cuja imagem se perten de. Quando é para o fim, o parafuso de que já fallámos, facilita a operação, visto dar movimentos muito lentos e regulares.

Feito isto, tira-se o vidro despolido e no logar d'elle colloca-se o caixilho que tem a chapa preparada; e levanta se a corrediça anterior. Já se vê que achando se a chapa no mesmo lugar em que estava o vidro a imagem se formará sobre esta, como formava n'aquelle.

Alguns como Claudet e outros preferem uzar a chapa nua, isto é sem caixilho; a razão que se dá para assim proceder é a seguinte: — Em consequencia do calor, humidade, e mesmo da construcção do caixilho póde succeder que a chapa não fique na posição que convem. Se não se usar caixilho, claro é, que se evitam estes inconvenientes.

Tem sido objecto de questão entre os photographos o lugar em que a chapa se deve collocar; dizem uns que ella deve ser collocada no mesmo lugar que occupar o vidro despolido; dizem outros que nem sempre é esse o lugar que se deve preferir. — O que é, um facto é que o mesmo operador em certas circumstancias tira retratos muito mais perfeitos que em outras, e que se se fazem experiencias com um daguerreotypo se vê que ás vezes as imagens são mais perfeitas, quando a chapa sé colloca em uma posição differente da que tinha o vidro.

As observações que acabamos de appresentar levaram alguns photographos a admittir que o foco dos raios luminosos differente do foco photogenico, umas vezes podia estar mais anterior, outras vezes mais posterior que elle. Custa a conceber não a distincta posição dos focos, porem a falta de constancia nas suas relações. Todavia o phenomeno é verdadeiro, embora outra seja a explicação.

A theoria da camara escura nos diz a razão por que se formam as imagens sobre o vidro, e depois sobre a chapa, e nos explica o porque se pintam invertidas.

Muitas vezes a camara escura tem no interior um prisma de vidro destinado a tornar directas as imagens, e principalmente para fazer com que os lados da imagem sejam correspondentes aos do objecto. No daguerreotypo do mesmo modo que succede nos espelhos, o lado direito da imagem corresponde ao lado esquerdo do individuo, e é por isso que se o individuo quizer apparecer no retrato tendo na mão direita um objecto qualquer, por exemplo se quizer figurar que escreve, tomará a penna na mão esquerda etc. Isto evita-se em alguns apparelhos onde se obtem uma primeira imagem e depois esta dá outra que não estando, por assim dizer, symetrica com a primeira, fica na verdadeira posição do objecto.

Tempo d'exposição. — É muito razoavel. Depende da luz, da iodagem, do objecto a reproduzir etc. Nos retratos não deverá exceder a segundos. A pratica regula melhor o tempo d'exposição que todas as regras. Se o objecto tem cores verdes ou amarellas a exposição deve prolongar se. Quando se tiram vistas antes se demore do que se accelere a exposição. Reconhece-se que o tempo d'exposição foi curto quando os negros ficam esbranquiçados e os claros azulados ou avermelhados.

Em geral deve o operador ter differentes chapas preparadas para substituir, ou mesmo tirar differentes copias com diversos tempos d'exposição para depois escolher a melhor.

(*Continua*)

J. A. DA SILVA.



UMA POSIÇÃO ARRISCADA.

O artista que delineou este desenho, não referiu qual fora o concurso de azares ou de imprudencias que pozeram o seu heroe em tamanho aperto: limitou-se a represental-o empoleirado n'um portal de gradeamento de ferro, não podendo descer pela direita, onde um touro o ameaçava com as pontas, nem pela esquerda tomada por mastins enfurecidos, nem para diante onde vê uma cloaca, nem para traz porque um rotulo o avisa que ali ha alçapão e ratoeira armada.

Nessa postura embaraçosa ergue os olhos ao céu, que é o que vê desimpedido, mas por onde em vão cogita meio de fuga. Que será delle entre tantos perigos? Succede-lhe o mesmo que a tantos sandeus ou estouvados que se entalam entre paixões que ameaçam, e os *cães* dos credores que não se calam, as abjecções que enxovalham, e os estafadores que armam ciladas. Quantos se rirão talvez do desastrado homem, que estarão na vida em circumstancias analogas ás do mesquinho naquelle poste! Mas o ridiculo, para ser facilmente percebido, ha de dar na vista.

Não se aprecia devidamente, por exemplo, a grande dose de comico em as oscillações da intelligencia humana cavalgando o raciocinio; mas, todos riem do camponio bebado, que Luthero lhe dá por symbolo, e que bambaleando em cima da bestinha, tão depressa o endireitam de um lado como logo descáe para o outro.

M.

FASTOS AÇORIANOS.

V.

Espirito Santo.

«Ando como homem pasmado...
Chorando tudo o passado
Temendo tudo o porvir,
Em toda a parte ha perigos
A cuja lembrança tremo,
Mais ao perto uns maos imigos
De casa a que muito temo».

Sá de Miranda — Cartas.

Ninguem como o povo é depositario de melhores cousas, assim como ninguem mais propenso a viciar ou desvirtuar muitas, que em seus primordios eram excellentes. Não ha instituto que não tenda a ser corrompido pelo abuso. Assim foram as irmandades ditas do Espirito Santo, e os festejos publicos que promovem, logo que passaram ao dominio popular.

Fomes apertadas nos estados allemães determinaram um dos imperadores da dynastia Othon a lançar os fundamentos d'esta instituição, como banco formado d'esmolas para acudir a pobres nos annos de penuria. Da divindade, que invocavam, do imperante, que tomara a iniciativa, nasceram os festejos religiosos que a confradia imperial votara ao culto do Espirito Santo n'esta quadra do anno, devoção e costume que de lá se propagou pelos estados da Europa christã, cujos reis marcharam á frente da obra a seu modo civilisadora e humanitaria, até que o povo lhes foi usurpar o privilegio, e se apoderou da instituição pia, que a sua intemperança e fanatismo dentro em pouco corrompeu. Ambicioso e soberbo, apropriou-se, no seu novo protectorado, as insignias e prestito imperial, que até ali tinham figurado com outra casta de soberanos nos actos do instituto; mas n'esta como usurpação, o povo, sempre facil de contentar com espectaculos, com sceptro de cana, e coróa de pepellão ficou verdadeiro rei de comedia.

De todos os *Fastos* açorianos, os festejos populares do Espirito Santo são os unicos em que ha abertamente reprehensivel e impropria mescla de coisas sacras e profanas; imprudencia, que se é innocente na concessão, aos olhos da philosophia christã é altamente criminosa pelos factos consequentes. Esmolas dos irmãos devotos d'um districto, administradas por uma mesa de mordomos, foram, e deviam sempre ser, applicadas aos necessitados, e não absorvidas pelos proprios doadores, em *pensões*, comezainas, *folias*, *imperios*, e bodos paganissimos.

Não ha villa, não ha aldea, não ha logar, não ha bairro, não ha freguesia, não ha rua, que não tenha supposta irmandade do Espirito Santo, inutil em si, e pretexto á immoralidade e á licença. Como póde assim a instituição prosperar e sanctificar-se, se as forças se lhe desbaratam na subdivisão infinita, e em cada membro lavra a gangrena? Extremar a obra de caridade, dos parasitos e tão heterogeneos festejos populares: — tirar de mãos profanas esta especie de intendencia no culto religioso, era lucrar muito. Brincos e alegrias estejam embora na praça, que a policia lhes pedirá conta dos excessos; mas o que é da igreja, na igreja e nas mãos de quem a serve.

Que de *imperios* e *coroações* por todas as ilhas dos Açores desde a Paschoa da Resurrreição até á dominica da Trindade!... Em cada um dos sete domingos de coroação, que precedem o dia do imperio, que indecente inventario e almoeda de corôas, de sceptros, de bandeiras, que se traspassam d'uns a outros imperadores!. Esses *carros*, e pensões, essas folias e cadafalsos, esses *balhos*, e fogos, e arraiaes, são, sob apparencia piedosa, um revoltante disbarate do pão do pobre. Querem carros enfeitados; carregados de pão, carne, e vinho; rodeados de convidados; precedidos de *folias* intoleraveis, e do imperador com seu cortejo, distribuindo pela rua pensões aos que deram esportula, para que em verdade se diga *elles o dão elles o comem?* Praz-lhes ver sebes e armações engrinaldadas; leques de flores; grandes espalmados de bucho, rosas, e boninas, campeando na ponta da lança do carro triumphal? Praz-lhes que os bois caminhem ufanos coroados de festões de verdura? que os animaes desatinados pelos foguetes, que lhes estouram perto, agitem freneticamente as campainhas, cujo som estridulo vá juntar-se ao malefico chiar do carro, que desafia os nervos mais provados? Pois não cerceiem nenhum dos seus caprichos, gosem-nos todos e inteiros; mas separem d'elles toda a parte de falsa caridade, que querem impor; não aviltem symbolos religiosos, que suas mãos desacatam; representem simplesmente uma bacchanal. Ahi está a rapasiada, que com a grita e o vivorio lhes realce, como costuma, o tumulto do espectaculo. Ahi está a mascarada da *folia* gente vadia e sem vergonha, insipidos e eternos berradores de sensaborias, que com suas mitras de talho papal, e largas opas de chita de mangas e cabeções; com violas, rebecas, pandeiros, e tambores, em perpetuo *charivari*, lhes podem endeusar a festa. Mas arrastar pela rua a bandeira encarnada, em cujo centro esvoaça a pomba bordada de branco; passear a coróa benta em procissão de galhofa; é mais para desmoralisar do que para edificar ninguem.

Querem um *imperio*, querem quatro grandes columnas que sustentem estrado alto, ao canto da rua, com seu throno, com seus ramos e bandeiras, que sirva de estalagem aos rapazes, e estancia aos comensaes? Pois tenham tudo isso. Elejam rei ou rainha, que ali acatem no seu regosijo. Mas nada de pombas, nem de corôas, nem de sceptros bentos, nada de benções de nenhuma casta, nem de repiques de sinos, nem de coroações na igreja, nem de incensorios, nem de sacerdote, que isso fôra a mais hybridal das allianças.

Coisas ha, que não podem deixar de fanatisar o povo, e sobre tudo o povo açoriano tão baldo de recreios publicos. Os *balhos* (corrupção de *bailes* danças), complemento de todos seus festejos, são n'elle uma feição caracteristica, um elemento necessario á vida do coração. Quando incidentes alheios o não invenenam, o balho é em si coisa mui indifferente. Homens e mulheres emparelhados, n'um circulo, girando concentricamente, cada par fazendo-se mutua frente, todos em pulo, todos raiantes de alegria, caminhando n'uma e noutra rotação, crusando-se, passando, e obedecendo n'estas evoluções aos descantes singulares, que acompanham o agudissimo som metallico da viola; que vos parece o balho açoriano? (1)

(1) Pode ver-se uma bella, poetica, e mui particularisada

Considerado attentamente (á parte preconceitos) manifesta, desligadas sim, mas mui proximas similhanças das tregeitadeiras figuras, da dança das altas assembleas. Se é vantagem este typo provincial a tem de certo sobre os outros da peninsula.

Balhem, pois, muito embora nos festejos populares, na quadra do Espirito Santo; mas com isto, e demais regosijos profanos façam grupo separado, sem parceria de exercicios devotos e cerimonias religiosas, que d'est'arte mutuamente se ridiculisam.

Na reformação que taes festejos requeriam não vemos perigo de nenhuma decepção. A coisa é simples. É extremar os elementos mais conspicuos, do que é propriamente frivolidade, obra de paixões, e humanas lisonjarias. (1) Talvez já com este intuito é que Filippe II se propoz dar garrote a taes abusos e exaggerações, convertendo até as coróas particulares que costumavam, e costumam ser de prata, em proveito do fisco. Corregedores e prelados diocesanos pelejaram no mesmo sentido, mas a tenacidade do povo venceu-lhes a precipitação ou a extremidade dos meios.

Quem d'isto quizer obter victoria facil, ha de, não abolir, mas separar somente, o que não convem que ande junto. *Tollatur abusus et permaneat res.*

Aquellas irmandades ditas do Espirito Santo, beneficentes por indole, mas nas obras paganissimamente inuteis, caminhando á ventura, e sem freio, e sem obediencia; sendo pela legislação vigente do dominio da policia e da administraçao civil, que as deve extinguir quando não sejam formal e legitimamente erectas, e tomar lhes contas quando forem regularmente constituidas:—aquellas folias, que por tavernas e lupanares expõe a irrisão tantas insignias devotas: —aquellas coróas, e a idolatria da coroação no templo, e o incensorio d'uma pessoa muitas vezes, a differentes respeitos, menos digna: — permittir, tolerar tudo isto, é sanccionar profanidades, e outhorgar á soberania popular, que queremos que viva e prospere, preponderancia injustificavel em coisas d'outro fôro.

Prescripção do Ordinario podia e devia mudar de mãos profanas para os templos as insignias religiosas; podia e devia desguarnecer d'estes impropriissimos ornatos, folias, *casas de folga, cadafalsos;* podia e devia desligar de toda a acção e relação com solemnidades religiosas, os pretendidos imperadores. A administração civil podia e devia fazer reentrar no primeiro pensamento de caridade as irmandades superintendendo-as, conhecendo da legitimidade do instituto, tomando-lhes conta do exercicio. Ha a considerar ali duas turmas de factos primeira, a irmandade beneficente, com o seu circulo de festejos religiosos: segunda, o bodo popular propriamente dito. A authoridade publica deve separar a primeira da segunda, intender e regular aquella, por que se não desmande: fique a segunda para desforra e alimento do povo, que nem assim convem que se supponha fóra d'alcance da policia, para que pelo admonitorio e correcção prudente mais se civilise.

Só assim se conseguiriam fructos de bom sabor, sem prejudicar de nenhum modo o direito que cada um tem de divertir-se e folgar em termos.

José de Torres.

descripção do balho açoriano, no curioso escripto «Uma festa do Espirito Santo» publicado nos numeros de 5 a 12 do «Annunciador da Terceira» de 1842, pelo bem conhecido litterato insulano, auctor do bello livro «Bellezas de Coimbra» o sr. dr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, actual comissario dos estudos e reitor do lyceu nacional d'Angra do heroismo. No n.º 22 do mesmo semanario fez inserir o sr. Francisco Manoel Raposa d'Almeida um mui lisongeiro juizo critico do escripto recommendado.

(1) «Festejos taes ao Espirito Santo, são, como todos sabem, antes immoderações no comer e beber, antes tangeres e bailes descompostos, e cantares profanos... Está visto que sob pretexto de venerar o Espirito Santo, o venerado, o applaudido, o acclamado, o honrado é o deos Baccho. Tirai a estas solemnidades o letificante vinho, e vereis quão poucos se prestam a promovel-as, e sustental-as! E que desordens se não seguem de tão devoto culto á divindade Bacchica!—Que dividas, em todo o tempo, se não contrahem; que casas se não arruinam; que saudes se não desbaratam; e que vergonhas se não perdem... com o uso immoderado das bebidas espirituosas!»—O Monitor.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Continuação.)

Ondotó estava já bem longe, quando Kiangi o fez pai. Ou fosse, que o tempo da gestação estivesse concluido, ou que o seu estado appressasse o nascimento de seu filho, o facto é que os vagidos d'uma creança chegando aos ouvidos da preta operaram nella uma reacção que a chamou á rasão e á vida, mas que ao mesmo tempo lhe riscou da idea todas as confuzas lembranças da ultima visita de Ondotó. As escravas cuidaram da creança e de sua mãi, a quem um somno reparador veio tirar das agitações crueis da crise que tinha precedido o seu parto.

Ondotó estava já bem longe, um selvagem é veloz na carreira; e se muito corre quem corre, e mais corre ainda quem foge, o papel corria como quem era, e mais ainda, corria como um criminoso. A luz da aurora começava a allumiar os monticulos de Bussis e apenas exclarecia a terra que elle pizava, e já Ondotó havia chegado á margem esquerda do pico do esteiro. Enchia a maré; e proximo da praia, meio n'agoa meio em terra, jazia um tronco de calabaceira, cuja madeira porosa sustem-se n'agoa como cortiça. Ondotó conseguiu com pouco esforço lançal-o de todo n'agoa, e confiando-se a elle seguro pelos braços e servindo-se das pernas, como de remos, quando a occasião o pedia, achava-se já internado pelos bosques de Bussis, quando o sol começava a dourar os seus cimos tão fechados e tão densos, que vistos de alto confundem-se com um longo prado cuberto de verdura. Estava portanto já fora da jurisdição do governador de Bissáu, e da acção coactiva que podia exercer sobre os regulos de Bissáu se lhe passasse pela idea apoderar-se do criminoso.

Em Bissáu passava-se a esse tempo uma scena de horror que deixou atterrados todos aquelles que a presenciaram; não porque lastimassem a victima, que não tinha sabido excitar outros sentimentos se não os da aversão, e por ventura do odio; mas porque este facto no local em que se passara, a menos de trinta passos de distancia da praça, e quasi debaixo dos olhos da sentinella, denotava uma audacia tamanha no criminozo, que ninguem podia mais contar com a vida, mesmo que quizesse fazel-a proteger interpondo entre seu corpo e o ferro assassino a grossura das muralhas da fortaleza.

Quando a claridade da manhã deu esperanças de que se poderia facilmente conhecer a causa do terror da sentinella (se alguma causa realmente existiu) o sr. official e o cabo da guarda largaram a sua partida de jogo; e este escolhendo tres soldados para o acompanharem com as suas espingardas, assim como elle ia com a sua, e o sr. official com a espada para poderem fazer frente a qualquer perigo, deixando a

guarda formada, saíram na direcção que lhes indicava a sentinella, que como é de suppor, fazia parte desta patrulha que marchava á descuberta. Apenas tinham passado a ponte de madeira, que atravessava o fosso e que já se não erguia de noite por ser inutil, e porque de velha já não supportava as levadiças nem as correntes; um expectaculo bem horrroroso se appresentou ás suas vistas. Um homem estava pregado a uma arvore pelo ferro d'uma azagaia que lhe atravessara o pescoço d'um lado ao outro, e se tinha enterrado no tronco.

Da distancia em que se achavam não podia conhecer-se ainda quem era o desgraçado; mas via-se que o chapeo de palha, comprimido entre a cabeça e o tronco da arvore levantava a aba dianteira um pouco acima da testa, e que tufos de um cabello alourado, postos em pé e irriçados pareciam contel-o nessa altura como espeques; a camisa, colete de cor e a jaqueta branca por diante estavam negras d'um vermelho escuro, e que os braços e as mãos hirtas, estavam elevadas até perto do pescoço, mas delle um pouco affastadas, como se a morte o colhesse na occasião em que instintivamente procurava arrancar a azagaia.

Todos ficaram transidos de horrôr, e por um pouco ninguem se atreveu a dar mais um passo. Por fim, venceram a repugnancia, continuaram seu caminho, mas então já desordenadamente; e chegaram ao pé do cadaver. Foi então que conheceram nas feições tão horrivelmente alteradas pela morte, e tornadas até hediondas pela contracção produzida pelo genero della, que aquelle cadaver que estava diante delles, em pé, era o de Pimping. Ao mesmo tempo a sentinella das peças dava parte que do fuste de uma dellas pendia uma corda, que por fora da canhoneira, caia ao longo da muralha; então se descubriu como o assassino chegou até alli, mas quem era elle? a qualidade da arma dizia bem que tinha sido um selvagem, pois um Europeo, ou um habitante de Cabo Verde servir-se-ia de uma faca ou de uma baioneta; mas para ser um selvagem: como se tinha elle podido introduzir dentro da praça não dando ninguem por isso?

A gente que ia chegando para a feira, prevenida pelo rumor publico, os grumetes da povoação, e os valentões que a ella concorrem, todos vinham correndo para o local do assassinio, e prorompiam em exclamações, qual de admiração pela *gentileza* do tiro, qual de horror pelas feições desformes do morto, augmentadas ainda pela cor livida que as cubria, e a que dava realce o negro do sangue em postas que se derramava pelos seus vestidos. Um nome correu então de boca em boca; mas esse nome não ousava pronunciar-se em voz alta, porque não passava de um presentimento, que podia ser enganador; Ondotó era este nome que se dizia baixinho, porque só a elle suppunham capaz de um tamanho rasgo de audacia.

O governador avisado do successo correu ao sitio em que tivera logar para fazer o competente auto de corpo delicto. Apenas chegou, mandou recolher a força á praça para prevenir alguma surpreza; e fazendo vir um dos notaveis para dar principio a suas funcções judiciaes, ordenou que em quanto não chegava, alguns dos presentes arrancasse a azagaia, e se pozesse o cadaver no chão com a possivel decencia. O braço membrudo de um manjaco teve d'empregar todas as forças para arrancar o ferro do tronco da arvore, com tanta força tinha elle sido lançado! e não menos lhe custou a arrancal-o da garganta do infeliz que já estava jazendo em terra, e que foi necessario que outros dois manjacos segurassem para se poder effectuar a extracção.

Em quanto se estava precedendo a ella, chegou o nosso conhecido Valerio. Com o caracter que tinha, não admira que soubesse esconder tambem sob as apparencias d'uma dór profunda a extrema alegria que lhe trasbordava no coração, que todos tiveram pena do homem que acaba de perder um antigo amigo d'uma maneira tão desestrada.

O nosso grumete até chorou, ao ver o cadaver de Pimping jazendo por terra envolto no proprio sangue, e com uma larga ferida vertical na garganta, que não só lhe tinha cortado a arteria carotida, como até atravessado a espinha dorsal, pelo que foi a morte para assim dizer instantanea e muda; chorou, elle, que tinha mais vontade de rir-se porque ficavam pagas algumas quantias que devia a Pimping, e ainda auctorisado pela escripturação dos seus livros, feita a tempo como se viu, para haver do espolio do assassinado alguns mil pezos; via-se livre de Ondotó, que carregado com um crime não poderia tornar a Bissáu, e assim livre e desembaraçado para levar por diante um plano e desejos que lhe ferviam na alma.

Feito o auto de corpo de delicto com as possiveis formalidades por não haver facultativo na terra, lembrou Valerio que seria conveniente procurar nas algibeiras do defunto se não havia algum papel, que podesse dar alguma luz á justiça nas indagações a que havia forçosamente de recorrer para descubrir o autor de tão negro crime: a lembrança pareceu judiciosa, fez-se a investigação, e no bolço furtado da jaqueta appareceu uma carteirasinha de feixo de prata, onde se viam alguns vales de agua-ardente, riscados, tabaco, polvora e chumbo, e a obrigação de Ondotó em que o mesmo Valerio estava assignado.

— Não ha duvida, disse este suspirando! Não ha duvida, foi o nosso Ondotó que fez esta morte. O pobre papel via-se condemnado a uma escravidão irremediavel porque lhe seria impossivel cumprir as condições a que se obrigara, e buscou na morte do seu inimigo o remedio a tão grande mal. Este Pimping não sabia ainda que não é bom pôr um selvagem entre a espada e a parede, como costumam dizer os brancos! aprendeu á sua custa. Nunca mais lhe acontecerá isso.

— Parece-me isso muito provavel, sr. Valerio, diz-lhe o governador; mas mesmo porque me parece muito provavel, tenho muito sentimento de dever prevenil-o da necessidade que tenho de receber o seu depoimento, que é muito interessante nesta conjunctura; assim, o sr. deve considerar-se prezo.

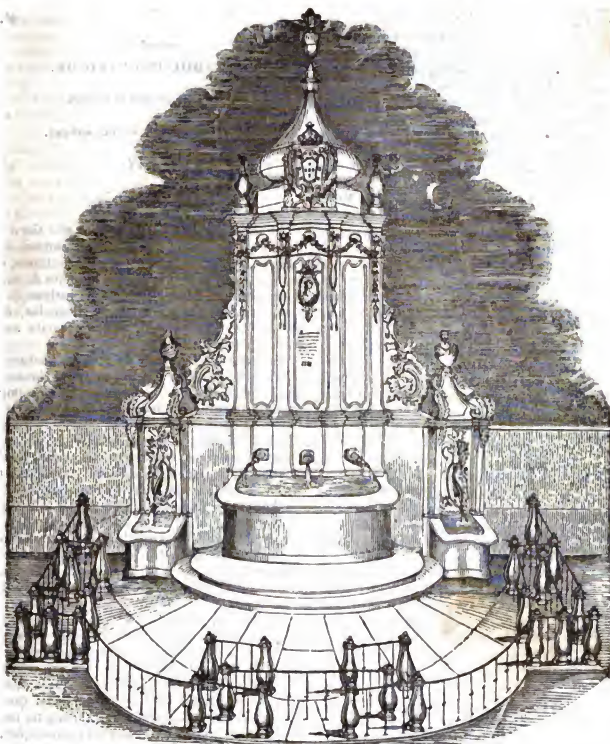
— Ainda eu o sinto mais que V. S.ª; mas estou prompto a dar á justiça d'elrei todas as informações que forem necessarias. Como a consciencia me não accusa de nada, nenhuma duvida tenho em considerar-me como preso. Mas parece-me que não será necessario que me recolha ao calabouço; nem mesmo me parece que seja casó disso. Eu não fujo, sr. governador, que não tenho motivos para isso.

— Nem era tambem da minha intenção prendel-o, eu só quiz prevenil-o para que não se auzentasse d'aqui em quanto se não concluisse a devassa que já amanhã vou começar a tirar.

E os dois separaram-se. O governador voltou para a praça para almoçar, e ir depois tomar conta do que ficasse do espolio para os defuntos e auzentes; e Valerio seguiu para sua casa; e os demais accompanharam o cadaver que se foi enterrar acto continuo.

(Continúa)

Sousa Monteiro.



CHAFARIZ PRINCIPAL DE BORBA.

A villa de Borba, pertence ao districto administrativo e ao arcebispado de Evora, é uma das boas terras da provincia do Alemtejo, saudavel, e farta dos generos necessarios á vida, e alem disso mimosa de excellentes fructas, que se criam no valle aprasivel em que tem assento, regado de aguas puras, derivadas de muitas fontes em tanta abundancia, que abastecem a villa copiosamente e servem á cultura das muitas hortas e quintas que a rodeiam; estas e as numerosas vinhas e olivaes dão aos seus suburbios por largo espaço uma vista agradavel, realçada pela força de vegetação e louçania do arvoredo.

É natural que a cintura de montes que fecham todo o valle seja a causa da sua frescura e fertilidade, distribuindo-lhe vertentes de aguas cristalinas. Da banda do nascente fica o monte do Seixo e junto delle outro mais elevado, o outeiro da Mina, porque se presumiu haver alli mineral de prata; o Padre Carvalho na *Corogr.* diz que o mesmo produzia — «muitas pedras verdes soltas, a que os gregos chamam cyaneas e nós turquezas, sendo algumas tão finas que se não differençam das que vem da Persia». — Em primeiro logar observaremos que a côr das turquezas é um certo azul não transparente; em segundo logar que do achado destas pedras preciosas naquelles sitios não achamos menção nos escriptos do dr. Vandelli sobre os productos naturaes do nosso reino; e só vemos que o capitão José Monteiro de Carvalho no seu *Diccion.* escreve que — «na provincia do Alemtejo junto a Borba se acham bastantes turquezas muito finas e do tamanho de uma noz.» — Já si-

milhante grandeza em tal qualidade de pedras é para nós motivo de suspeita.

Da parte do poente fica o monte da Escudeira, da do sul os de Agua Nova e Cardiga, e mais ao longe a nomeada serra d'Ossa, cujo terreno é delgado, coberto de estevas e fetos, e em todo o anno regado de copiosas fontes, produzindo optimos fructos nas porções que cultivaram os frades paulistas, que alli fundaram a cabeça da sua ordem religiosa.

O concelho recolhe cereaes em pouca quantidade; porém a sua principal producção, que exporta, consiste em azeite, montando annualmente termo medio a nove mil almudes, e em vinho de boa qualidade, cuja colheita uns annos por outros regula por sessenta a oitenta mil almudes.

Borba dista de Estremoz duas leguas, de Villa-Viçosa meia legua, e da cidade de Portalegre oito, proxima do sitio que chamam dos mosteiros por ser tradição que alli existiu um dos templarios. A sua população, que no meado do seculo passado era computada em 674 fogos e 2:734 almas, parece ter ganho pouco incremento, porquanto os recenseamentos modernos dão á freguezia de Nossa Senhora do Soveral ou Sobral 508 fogos e á de S. Bartholomeu 321, ao todo 829 fogos. Estas duas parochias da villa foram priorados de Aviz, que lhe alcançou o mestre da ordem D. Martim Fernandes em remuneração de seus serviços, segundo se lê na *Monarchia Lusit.* liv. 15 da 4.ª parte. Deixando as epochas obscuras e incertas, consta que a tomou aos mouros elrei D. Affonso II e a fez povoar de novo; el rei D. Diniz lhe deu foral e fundou o castello, onde depois se erigiu o hospital da Misericordia.

Junto á capella dos terceiros franciscanos está o convento de freiras da mesma ordem, da regra de Santa Clara, no qual ainda ha tres annos viviam nove religiosas; a igreja regular e bonita é da singular invocação de Nossa Senhora das Servas: foi fundação de pessoa particular. Menos de um quarto de legua distante da villa está o celebrado convento denomido do Bosque em razão de seus formosos arvoredos; tem por orago Nossa Senhora da Consolação, e pertenceu á extincta provincia da Piedade, de frades capuchos; a sua descripção, escripta com facil elegancia, póde lêr-se na *Chronica* da mesma provincia pelo Padre Fr. Manuel de Monforte. Do outeiro da Boa-Vista, proximo ao convento, sitio de recreativo passeio, descobrem-se Evoramonte, o castello de Estremoz, Veiros, Fronteira, Cabeço de Vide, Portalegre, Monforte, Villa Boim Terrugem, Jerumenha e Villa Viçosa, e no reino d'Hespanha, Olivença, Villa Real e S. Jorge.

A estampa que precede este artigo mostra o chafariz collocado no espaçoso largo da fonte em Borba, construcção magestosa e regular, cujas peças principaes são inteiriças e de bello marmore branco, extraido das pedreiras do termo da villa, que abundam tanto neste como em marmore azul da melhor qualidade. No frontispicio vê-se a effigie da rainha D. Maria 1.ª e por baixo o letreiro latino, que o sr. J. C. Fragoso Serrano verteu assim em vulgar:

«No tempo do reinado da nossa fidelissima rainha «a senhora D. Maria 1.ª com o nosso fidelissimo rei «Pedro 3.º, obtida a sua regia faculdade, debaixo do «auspicio e patrocinio do ill.mo e ex.mo sr. visconde «da Lourinhã, vigilantissimo governador desta pro«vincia, os senadores deste concelho fizeram cons«truir esta copiosa fonte e magnifica obra, na qual «brilham e resplanderem a grandeza e beneficencia «dos reis, o poder e amor do protector, a actividade «e zêlo dos decuriões, a utilidade e hônra do povo, «que por isso fez exarar em perpetuo monumento de «sua gratidão esta memoria, no anno do Senhor— «1781—»

M.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

IV

(*Continuação.*)

As obras poeticas do sr. Novaes não são o fructo do talento que brota e se fecunda á sombra de bem elaborados estudos litterarios: pelo contrario, o poeta manifestou-se e cresceu em despeito da carencia quasi absoluta do auxilio de uma instrucção superior, que, para os engenhos privilegiados, é como as azas de ouro que os prepara e excita aos seus mais esplendidos vôos.

As occupações da vida do satyrico portuense são outras e mui alheias das letras. O sr. Novaes é um artifice distincto em ourivesaria. Mas os impulsos de uma imaginação ardente, acordados por certa finura de observação a que dá relêvo e toques a sagacidade malignamente galhofeira de um espirito critico, mostraram que aquella alma fôra destinada a fallar a linguagem harmoniosa da poesia. Como Quita, como o nosso amavel contemporaneo Gomes de Amorim, como Reboul de Nimes e Jasmin, o sr. Novaes é um d'esses poetas que se revelam a pezar de todas as contrariedades de uma profissão mais propria, pela sua natureza essencialmente positiva e manual, a refrear todos os impetos da fantasia, do que a prestar-lhes forças e rasgar-lhes horisontes aos seus naturaes desabafos.

Ainda que, entre o sr. Novaes e estes poetas nada ha de commum a não ser o talento e o contraste em que a manifestação d'esse talento se colloca com a indole de occupações adversas aos iniciados nos segredos da lyra. A sua inspiração revela-se sob um caracter distincto. De Jasmin, do jovial cantor do *Françonnetto*, aproxima-se unicamente no instincto popular que anima todas as suas composições, porque, pela predilecção dos assumptos e ejaculações da sua veia critica, tem mais de Marmot, de Gresset, de Parny e sobretudo do nosso Tolentino, tomando d'este até algum estudo da fórma.

Estes talentos, que brotam do seio de certas condições da sociedade, e que no caracter ou necessidades d'essas mesmas condições encontram os elementos de uma cruel opposição ao seu natural desenvolvimento, podem distinguir-se em duas grandes familias. Uns, aquelles que morrem ignorados ou se desvanecem, vencidos na lucta intima com que as contradicções de classes levam de vencida e suffocam muitas das mais ferventes e auspiciosas aspirações. Germinam, mas não conseguem fructificar, ou se enfloram e fructificam, abate-os o sôpro das desigualdades sociaes, e mirra-lhes e dispersa-lhes para longe as folhas, que tão viçosas e perfumadas ainda mal abotoavam no arbusto.

Outros, porém, rebentam e enfrondecem, porque a força da seiva propria, ou circumstancias climatericas mais beneficas, os deixam irromper por todas

as opposições da sorte, por todos os acintes da sociedade condicional.

E é neste caso que se trava uma dessas luctas de incoherencia na vida do homem, entre as tendencias e necessidades da sua imaginação e as imposições positivas da condição a que se vê constrangido, lucta que umas vezes dá de si apenas os contrastes, os oppostos e reversos de um viver sempre em perpetuo conflicto entre o ideal e o mais prosaico da vida, conflicto que reproduz todas essas grutescas phases da historia da *alma* e da *bête* de Xavier de Maistre; mas que tambem outras vezes sáe destes limites puramente comicos e percorre toda a escalla afflictiva das supremas extenuações do espirito.

Jasmin, vendendo as suas formosas poesias e recitando-as aos viajantes que se comprasem em ser barbeados pelo homem que nas montanhas de Agen attrae os louvores criticos de Nodier, de Sainte Beuvé e de Leonce de Laverne, é um gracioso exemplo dos primeiros; Richardson soffocando os vôos d'esse monumento de paixão e philosophia, da sua *Clarisse Harlowe*, incontestavelmente o primeiro romance moral que se conhece, no interior obscuro de uma typographia, é uma lastimavel demonstração dos segundos.

Felizmente o nosso poeta pertence á primeira familia. As occupações serias da sua vida não lhe abafam nem esfriam os arrebatamentos da imaginação; nem tão pouco os exercicios de uma intelligencia, que espreita o mundo pelos seus ridiculos, paralisam porque outras obrigações se apresentam por ventura revestidas de mais lucrativa retribuição.

O satyrico portuense concilia tudo. Larga a sua officina para ir aos oiteiros de Santa Clara, e desprende-se do galhofeiro *caraco* do *Guichard* para dar os ultimos toques de buril nos seus primores de ourivesaria, com a mesma facilidade e desassombro, sempre jovial e satisfeito, sempre critico e artistico.

Entre as urgencias do seu trabalho manual e as concepções do seu espirito, não se levanta o combate acerbo e affligidor, que muitas vezes tem abatido os maiores genios, ou, pelo menos, os obriga a desabafarem em exprobrações acrimoniosas contra a sociedade, e a detestar o genero humano, como se o genero humano fosse o auctor ou cumplice das suas desventuras!

O sr. Novaes não é assim.

Nos seus versos nem desponta sequer um vislumbre de impaciencia, um assômo de irritação que demonstre nelle ideas menos generosas ou agastamento contra a sua posição social.

E talvez neste mesmo silencio haja um certo orgulho: mas a ser assim (que nem o acreditamos) é um orgulho justificavel, porque deriva da consciencia da sua valia.

O poeta, mesmo na sua officina, mesmo dando soltas ás apostrophes mais instinctivas do que litterarias da sua musa zombeteira e facil, é maior do que esses barões e conselheiros que elle verbera com as settas de uma ironia folgasã.

O poeta é lido e escutado, é victoriado e acolhido no theatro, no gabinete, no intimo das familias; em quanto que essa multiplice familia de *filipões* politicos, essa vasta galeria de *camapheus* sociaes, passa sobresaltada entre os remoques e apôdos da critica publica, e, se prepondera, é a expensas do seu dinheiro, e, por via de regra, da sua propria dignidade.

Mas a inspiração poetica só não basta. Bom é que as combinações rhythmicas, que os preceitos da metrificação saíam espontaneos da penna do poeta; bom é que a sua imaginação ache naturalmente muitas das revelações que só a perseverança do estudo franqueia e define ao entendimento illustrado.

Mas se a arte, se os conhecimentos proprios não ampliam e illuminam em toda a amplitude a esphera intellectual do homem inspirado, esses vôos espiram frouxos e abatidos de encontro aos horisontes mais estreitos é conhecidos dos dominios da fantasia.

Os estudos, os bons e variades estudos, não só expandem e robustecem as faculdades do espirito, mas depuram-nas. É isto que se chama acrysolar ou formar o gosto, essa suprema razão do genio, como lhe chama Chateaubriand, qualidade que é como o sexto sentido no artista, e o dom que deve predominar imperiosamente em todos os sentimentos, inspirações e tendencias do critico. Foi a illustração, e o accôrdo dos preceitos desta com os dotes da imaginação, isto é, o gosto, que constituiu Boileau o legislador do Parnazo do seu tempo, assim como Horacio seculos antes. Ambos estes homens dominaram as intelligencias da sua época pela excellencia da sua critica esclarecida, pelo discernimento vivo e delicado que os caracterisava.

Mas estes criticos eram criticos puramente litterarios, e o sr. Novaes pertence a essa cathegoria de observadores sociaes que se contentam de surprehender os defeitos da sociedade onde os encontram, formando das suas satyras mais uma galeria de quadros de costumes do que a exposição applicada de regras e theorias criticas. Assim é. Mas a distincção não desobriga o poeta portuense dos deveres que entendemos caberem-lhe. A esta segunda especie pertencem sem duvida Nicolau Tolentino e José Daniel; e todavia este quasi que viu expirar a sua incontestavel popularidade com elle; em quanto que o auctor das satyras do *Bilhar* e do *Passeio* ha de viver em quanto houver illustração e riso nos labios.

E a razão é clara.

José Daniel era um pamphletario querido e festejado das classes mais populares, porque as vindicava em seus escriptos de muitas das arrogancias dos ricos e parvos da época, mas que, em consequencia de nunca produzir obras de merito litterario, a sua memoria ficou subsistindo depois delle mais como uma tradicção para o povo ou um estudo de muitos dos quadros do viver d'aquellas eras para o analysta, do que como uma prova da sua valia e importancia. Mas com o Tolentino não é assim. No amavel lente de rhetorica ha a perspicacia esclarecida, a finura de observação, o sal attico, ha, não o epigramma local, o sainete desta ou d'aquella época, mas a satyra de todos os tempos, por que a anima o atticismo que a eleva a essas verdades absolutas e verdadeiramente comprehensiveis para todos os entendimentos, o que póde ser unicamente fructo do estudo dos grandes modelos no genero.

É esta falta que restringe até certo ponto a esphera poetica do sr. Novaes. O poeta do Douro é como esses tocadores a quem Deus bafejou com os instinctos musicaes e do estro da improvisação, e que sentindo o teclado de um pianno obedecer-lhe aos impulsos magneticos da sua inspiração delirante, esquecem que a arte tem segredos que só o estudo inquire e devassa, e que são esses segredos o fanal que esclarece as veredas que levam ás grandes concepções.

A sagacidade satyrica do sr. Novaes mira certo e é por vezes feliz, mas é preciso ver mais longe e além

dos limites da capital do Minho. As entidades que escolheu para thema constante de suas dissertações podem produzir um bom jogo de epigrammas, e mesmo um livro de satyras de valor, como aquelle que temos debaixo dos olhos, mais fica ahi; por que o *parvenu* ramificado nessa infinita familia de Agamenon que hoje abraça a sociedade, é sempre o mesmo: esteril sob as minguadas formas do seu eterno ridiculo; em quanto que o talento do sr. Novaes vôa mais alto, pela facilidade com que se produz, e ainda mais pelo sentimento das conveniencias com que acerta e toma posse de muitos dos mais reconditos preceitos da arte.

É por isto que o estudo dos principaes modelos da satira lhe não póde ser indifferente, quando as elaborações da sua intelligencia tenham de manifestar-se sob o auspicio de todo o influxo litterario que pedem a energia e expansão que lhe são naturaes. Em Ariosto, Casti, Cervantes, Rabelais, Lesage, Beaumarchais, Moliére, Voltaire, Parny e Byron, e entre nós em Diniz, Garção, Macedo, Tolentino e outros, acha o critico portuense todos os petrechos, todas as frechas e arietes dessa guerra implacavel ao ridiculo, de que os auctores dos *Animali Parlanti*, *Don Quichote* e *Tartufo* foram os mais gloriosos triumphadores. Nelles encontra, não só as regras e preceitos que muito poderão desenvolver o seu ideal e leval-o ás verdadeiras condições da boa litteratura no genero, mas até copia de exemplos, comparações, movimentos de estylo, escolha de perfis caricatos, rasgos satiricos, explosões de inimitavel facecia, abundancia de imagens apropriaveis, rigor de critica, e emfim todo esse arsenal de materiaes que muito póde enriquecer e auxiliar o poeta naquella parte propriamente mechanica da poesia, que dá o mais risonho e maligno relevo a idéa e exorna e aparelha o estylo de todas as suas feições, reflexo de luz e contraste de toques Visto destas alturas litterarias, um regedor, um conselheiro, um commendador, esta triplice aliança da insufficiencia e do grutesco da nossa idade, não se affiguram apenas a symbolisação de uma idéa politica ou um typo popular caracteristico da actualidade, como o sr. Novaes os concebe e retrata; tornam-se um thema mais vasto e exemplificativo na esphera do ridiculo; apresentam-se como um symbolo de idéas moraes que podem levar o poeta a mais substanciosas ponderações, com aproveitamento para os exemplos da critica e lição para o mundo dos factos.

Desenganemo-nos, um critico não póde ser unicamente um retratista, ha de tambem ser um moralista. A conceber-se de outra maneira a satyra, ella não seria mais do que um jogo de espirito, sem os seus intuitos de moralidade, o unico e mais valioso titulo que a justifica, e que insta por ella como por um correctivo energico para os desvios da sociedade.

Mas não; a satyra não está toda, nos seus intuitos e fins, na copia daguerreotypica dos Pourceaugnacs, Gerontes, Georges Dandins, Crispins. Falstafs da epocha presente; vai mais longe, porque é preciso que se erga ás proporções do exemplo, e para isto carece da interpretação em todo o seu largo desenvolvimento moral.

A não ser assim Daumier, Gavarni, Travies e Cham teriam um lugar mais importante nos dominios da critica social, seriam uns analystas mais verdadeiros das deformidades risiveis do genero humano, do que Aristophanes, Plauto e Moliére.

Mas é que aquelles fazem só rir, e estes obrigam a pensar. Os engraçados desenhadores humoristicos fallam aos olhos e á imaginação, e estas realezas do theatro antigo e moderno dirigem-se ao pensamento, convidam a reflexão á analyse de grandes verdades. Retractam, como os maliciosos lythographadores francezes, e talvez com traços mais bufonicos e truanescos as physionomias de todos esses personagens caricatos que tomam por alvo de suas apostrophes, mas como meio e não como fim. O seu proposito não é fazer um esboço de uma ou outra caricatura social, mas surprehender um vicio, um defeito, uma excentricidade humana na sua personificação mais demonstrativa e palpavel, afim de corrigir e flagellar n'um individuo o que talvez seja uma tendencia criminosa, ou simplesmente inepta de uma sociedade inteira.

É assim que deve ser percebida e exercida a satira, para não expirar nos limites acanhados do epigramma, que move apenas o riso e morre sem echo, e deve ser exercida assim principalmente nestes tempos que vão correndo, em que o elemento burlesco, entumecido e agigantado pelas veleidades e total inversão das classes, promette de ir invadindo tudo até ás regiões mais serias da escala social, se não lhe poserem um dique.

Apontamos este campo aos instinctos criticos do Juvenal portuense, porque o seu talento e vôos podem subir tanto ou mais alto. Muitas das suas poesias já o provam. Á parte o realismo com que retrata muitos dos vultos populares, o que o leva por vezes a bosquejos que repugnam ás condições artisticas, e até a plebeismos que nós desejaramos ver banidos da linguagem do poeta, porque a verdadeira satyra não exclue as regras do bom gosto; á parte estes defeitos, que são menos vicios do espirito do que as consequencias necessarias da irregularidade de estudos que notámos, os versos do sr. Novaes tem bellos movimentos de critica jovial, e a penna corre-lhe facil, com especialidade nos assumptos descriptivos, como já fizemos ver. A introducção do seu livro, a que poz o titulo: *Não é prologo*, é uma graciosa pintura satyrica de muitos poetas e litteratos que tem a sua explicação na *Camaraderie de Scribe*. A sua guerra aos albuns, a essa *chinoiserie* litteraria das Philamintas da época, é chistosa e energicamente proclamada na poesia dedicada ao seu amigo Antonio Bernardo Ferreira, e na outra escripta no album do sr. Carlos Nogueira Pinto Gandra. As decimas intituladas *Meus desejos*, devem ser consideradas como uma fina observação da sociedade, disposta, por vezes, em quadros em que a imaginação poetica accende os melhores traços satyricos. A phisionomia social da actualidade, vista a travez da existencia portuense, inspira tambem ao poeta muitos dos seus melhores versos na *Epistola* que consagra a este assumpto.

(*Continua.*)

ANDRADE FERREIRA.

ESCADA DO ASSALTO DE GENEBRA EM 1602.

A republica de Genebra, que pelo tratado de Vervins fora comprehendida na liga suissa e que Henrique IV tomara expressamente sob sua protecção, acabava de receber mensagem do duque de Saboya promettendo-lhe viver em paz com ella, quando, tendo feito grandes preparativos, este principe intentou levar de surpreza a cidade em a noute de 12 de dezembro de 1602. Já uns duzentos soldados tinham escalado as muralhas e se dispersavam pelas ruas

bradando «viva a Hespanha! viva Saboya! A cidade é nossa!»: porém, investidos pelos burguezes que logo empunharam as armas foram expulsos ao cabo de porfiosa luta; ás cinco horas da manhã já dessa tropa não havia dentro das muralhas senão os mortos e prisioneiros, sendo o numero dos primeiros 50 e dos segundos 13, que se entregaram debaixo da promessa de serem considerados prisioneiros de guerra, mas que nem por isso deixaram de ser postos a tratos n'esse mesmo dia e sentenciados como infractores da paz á pena de forca, que padeceram n'essa tarde n'um patibulo de tres paus erecto para o effeito na couraça da Porta-Nova.

O mau successo do commettimento desalentou o duque de Saboya que não se atreveu a fazer ataque á viva força. Henrique IV, ao saber o caso, escreveu uma carta de animação aos conselhos de Genebra e lhes enviou a toda a pressa tropas tiradas das guarnições do Delphinado; finalmente ajudou-os a celebrar com o duque um armisticio, que pelo tratado de 24 de julho de 1603 se converteu em paz definitiva.



As escadas preparadas para o assalto haviam sido construidas com particular cuidado: eis a descripção que faz d'uma d'ellas conservada no arsenal de Genebra o presidente Misson em a *Viagem da Italia*:

«Estas escadas eram extremamente solidas, com bons encontros, portateis e susceptiveis de se prolongarem á vontade. Compunham-se de tres, sobrepostas umas ás outras mediante uma verga transversal de ferro: as rodas de cima seguras e movediças como roldanas serviam para fazer arvorar ou abaixar facilmente a escada, e para fazerem ainda menos bulha as rodas eram forradas de feltro. As extremidades bipartidas de cada uma eram calçadas de ferro e da banda do vasado um pouco contornadas para encasarem melhor; o couce era tambem calçado do mesmo metal, tendo duas pontas que se cravavam no chão para a escada não resvalar; um varão de ferro formava o quarto degrau superior de cada uma e sustentava a que se lhe arvorava em cima, e os seus dois topos, que saíam um tanto fora de ambos os lados, entravam nos extremos de duas barras de ferro, que ficavam pendentes fóra do serviço, mas que postas de escora de encontro á muralha tornavam firme a escada: era tudo pintado de preto, para ser mais difficil ver-se.»

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO.

Não se afira do titulo que vamos escrever meramente a historia fradesca.

Vamos lançar-nos a um trabalho improbo, porém digno da contemplação do homem estudioso, e da leitura do amigo de se instruir na historia patria. As chronicas dos mosteiros e conventos são hoje a fonte mais abundante a que o archeologo pode recorrer para o estudo das epochas, e das sociedades. Ahi se encontram, envolvidas em casos estranhos, as origens de muitos factos que nos apparecem apontados na vida civil, e que o historiador muita vez não sabe a que attribuir-lhe a causa; n'ellas se vão descubrir as mollas reaes de muitas intrigas manejadas nos paços reaes, e na governança da republica; ellas nos apresentam o facho com que o critico pode caminhar seguro por entre as trevas e a duvida de tão remotos tempos; e pintando as epochas e as sociedades com o colorido proprio de então (porque essas chronicas, escriptas pelos monges, dia a dia, no remanso do mosteiro, acompanhavam os factos á proporção que se iam succedendo) fazem-nos hoje palpar, por assim dizer, aquelles factos que nos descrevem, animando para nós, que já vamos tão arredados d'elles, os vultos dos seus personagens, e desenhando-nos os vicios e as virtudes com esse rigor inflexivel, que somente os seculos sabem usar quando passam por cima d'elles aquella mão segura e firme com que encerraram o passado.

Foi um grande pensamento este que levou os antigos monges a escreverem a sua historia. Algumas viram a luz da imprensa; porém muitos e de grande merito são os manuscriptos ineditos onde essas historias estão lançadas. Minuciosos na descripção do mais infimo caso, aborrecem ás vezes pela superfluidade, e por aquelle estylo, que então era proprio, e hoje enojaria de certo. Alguns ha que para fazerem sobresahir as maravilhas e a santidade da sua religião, empregam figuras e alegorias tão guindadas, que o vulgo acreditaria por milagres o que não passa d'um ornato de locução. Em algures nos lembra ter lido, e se bem nos recordamos é relativamente ao convento de Nossa Senhora da Graça, que a sua maravilhosa fabrica fôra executada pelo ministerio dos

anjos. O que se podia n'este caso receber por um altissimo milagre, como baixarem á terra aquelles espiritos celestes para assentarem um convento no cumé d'este formosissimo monte de Lisboa, não é mais do que a significaçao de ter sido ó templo feito por esmollas; e como as pessoas piedosas e caritativas que assim concorrem para o augmento da religião e seu esplendor, se mostram tao interiormente abrasadas no amor divino, que á edificação d'um temtemplo, ao culto de Deus entregam parte dos seus haveres, deixam valiosas heranças, ou concorrem até mesmo com o que podem cercear ao necessario, parecem ellas em competencias com os anjos n'este desejo do louvor da gloria do Senhor, e por isso o chronista não duvidou empregar a figura, para adornar com ella o livro. Estamos aqui dispostos a fazer-lhe justiça de que não foi para avivar na crença o fanatismo d'aquelles tempos, tão arraigado no coração do povo menos culto.

Para afastar estes pequenos inconvenientes, para os discriminar, faz-se preciso hoje um estudo, e um zelo superabundante a quem pretender encetar este trabalho. Podando com esmero a rama que n'estas arvores se torna desnecessaria, encontralas-hemos depois bem elegantes e productivas. Não queremos dizer com isto que sejamos nós para esse trabalho os mais competentes; mas podemos protestar aqui, e desde já, que entramos n'elle com gosto e dedicação.

Dissemos que estes inconvenientes nas chronicas monasticas eram pequenos. Assim é, comparando-os com a grande somma de conhecimentos que a sua leitura nos proporciona. Citando ellas a cada passo o monarcha que então reinava, as authoridades que então geriam os negocios publicos, os personagens mais celebres que se distinguiam por feitos dignos de memoria, e os quaes logo em seguida narram; descrevendo-nos os seus pleitos e julgamentos, ora com particulares ora com outras corporações; contando-nos os rendimentos das suas casas, e as despezas em que os absorviam; fasendo a longa enumeração dos seus teres com aquella minuciosidade que de intento empregavam para evitar futuras contendas; fallando, muitas vezes por ostentação, das suas festas e das suas procissões, que até nos põe na rua obrigando-nos a seguir com ellas o transito que precorrem; citando-nos tudo isto, que mina inexgotavel não offerecem á historia, á jurisprudencia, ao conhecimento da topographia antiga, ao estudo dos tributos e impostos publicos, ao mesmo commercio, á estatistica, finalmente a todos esses ramos tão diversos, tão variados, e tão distinctos em que a sciencia moderna tem subdividido os conhecimentos humanos?

Essa mesma luxuosa minuciosidade é de um auxilio muito poderosa para a historia das artes. Os magestosos monumentos de pedra que a expensas suas, ou com o auxilio de particulares, ou com o favor de braço real ergueram tão bastos ahi por todo o reino, estão fallando ás gerações futuras uma lingoagem tão portugueza, que realmente é pena não ser comprehendida por todos, e estudada como na infancia se estuda logo nas escolas o cathecismo da doutrina. As nossas glorias no rijo batalhar que tivemos com os serracenos ahi estão cantadas nos arabescos e nos gothicos; as nossas guerras de indepencia ahi estão gravadas por esplendidos buris que profundamente as traçaram sobre magestosos e duradouros marmores; as nossas grandezas da Asia ahi estão attestadas nos seus aerios arrendados; a historia das nossas conquistas e das nossas viagens ahi está escripta nessas famosas construcções; a opulencia de uma côrte faustuosa ahi se ostenta tão faustuosa como a mesma côrte; finalmente os gemidos das nossas dores nacionaes, as aspirações das nossas esperanças, os hymnos enthusiastas das nossas alegrias, todos esses affectos ahi tem o seu canto, lugubre ou fremente qual o sentimento que os inspirava!....

Doloroso é que similhantes vozes não somente deixem de ser comprehendidas por todos, porem, o que ainda é mais doloroso, que a uma e uma se vão extinguindo, como se extinguiram as vozes dos homens que insuflaram aquelles verbos de pedra; e que dentro em poucos annos o homem estudioso que já as não pode ouvir, não encontre ao menos um echo, que apesar de sumido, lhe indique ainda o local em que ellas se soltaram tão altisonas, tão vigorosas, tão cheias de nacionalidade!

Um dos nossos mais profundos archeologos, e sabio contemporaneo, o sr. Alexandre Herculano, por vezes tem soltado a este respeito os energicos brados de uma alma que inteira se alimenta e vive nestes monumentos do passado em que inspira a sua musa, e instrue o seu genio superior no estudo das eras que lá vão. Rasgou profundamente as carnes a esse aviltante vandalismo que com o alvião e o camartelo sobre aquellas gloriosas pedras, ia desmoronando a uma e uma as glorias da nossa nacionalidade, mais barbaramente que os estrangeiros na conquista, tão cégamente como os ferozes invasores do norte na capital do mundo das artes! Era uma voz de santa religião patria, inspirada como a dos profetas, poetica, e saudosa como a dos cantores arabes despedindo-se da sua formosa Granada. Parecia dever penetrar os corações dos que ordenavam tão sacrilega devastação, remover-lhe até a ultima fibra, e excitar-lhe qualquer instincto patrio que por ventura ainda existisse naquellas almas. Mas qual! O vulcão do indifferentismo havia devorado com as suas chammas até á mais infima particula d'aquelle instincto e esterilisado com a sua lava aquelle campo para não mais produzir; e embora o excavassem para lho desenterrar d'alli, não foi capaz de surgir como outra Pompeia. O instincto estava morto de todo, e o inspirado cantor da Harpa do Crente, teve de soltar das mãos a divina lyra, velar o rosto, e esquivar-se assim ao repugnante espectaculo de tão sacrilego antipatriotismo! Nós diremos aqui que, se não construem, por Deus não destruam! Bem sabemos que será uma voz solta na Thebaida. Embora; mas lavrâmos o nosso protesto. Sabem, por exemplo, o que significa esse magnifico templo de S. Francisco apenas principiado, e já tão devastado? Uma pagina da beneficencia dos nossos irmãos do Brazil. Acabem, acabem de arrasar tão formosa architectura e tão primoroso lavor de pedras, porque perdido o Brazil justo era vender uma das suas memorias, e escusado, para a conservar, afeiçoal-a ao serviço de uma repartição publica, quando o seculo não é para reparar ou edificar, mas sim para desmoronar!...

Deixemos este triste assumpto, e continuemos em a nossa introducção.

(Continua)

F. A. d'Almeida e Araujo.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

Apenas constou na praça que Ondotó era o assassino logo tudo se explicou. Era elle a onça que as sen-

tinellas das muralhas tinham visto caminhar ao longo das mesmas, e que sentiram saltar do baluarte para a terra; e todos admiraram não só a presença d'espirito, como a agilidade do papel. Quanto a Pimping, uma ladainha de maldições dos soldados, e outra não menos comprida dos negociantes foi a unica encommendação que póde obter. Elle era tão geralmente odiado!

No dia seguinte começou effectivamente a devassa. Valerio depôz, do que sabia aquillo que lhe podia fazer conta; os soldados que estavam de sentinella na noite do homicidio tambem depozeram o pouco que sabiam; e alguns do povo, que tinham presenciado na seguinte manhã o acontecido foram tambem obrigados a depor sobre isso mesmo; reconhecido assim que o facto era obra de um papel, e até certo ponto em defeza propria, quiz-se pôr pedra em cima do negocio; mas o governador de Gambia exigiu informações, e a devassa teve de continuar por alguns dias. Ora Pimping não tinha parentes, ou se os tinha, como não foram herdeiros porque não havia herança, dizia-se que ficou bem morto e enterrado. Kadé e Valerio e as escravas, esses herdaram alguma cousa, posto que contra vontade do defunto, que morreu *ab intestado*, ou porque não tinha que deixar, pois o seu espolio não chegou para pagar aos credores, ou o que parece mais provavel, attento o costume da terra, porque o testamento foi sumido e queimado.

Os papeis vieram, ao fim de sette dias, com grande troça e gritos até ao ponto em que se tinha commettido o assassino com duas balobeiras, ou sacerdotisas, para conjurarem e fazerem fugir d'alli o mau espirito de Pimpimg afim de que não podesse *pedir a torna* em nenhum dos da sua tribu; para isso accenderam uma grande fogueira debaixo da arvore, e queimaram nella quantas cousas velhas acharam, que mais mau cheiro podessem causar, e quando já não erguia labareda, mataram uma vaca e dois porcos, cujo sangue deitaram em parte sobre o brazido, e a outra parte serviu-lhes para lavarem, esfregarem e raparem o tronco da arvore em que o inglez padeceu a morte. Esta vaca e porcos foram-lhe dados por torna da vida que perdera.

Concluido este sacrificio, toda aquella multidão soltou tres grandes uivos, depois do que levantaram campo, indo na frente as balobeiras, no centro as rezes mortas, e atraz a immensa cauda de povareo, que todo ia tomar parte no festim, que em guiza de exequias por Pimping, devia terminar esta expiação e apagar para sempre a *nodoa de sangue*. Depois disto ficaram os papeis convencidos de que nem Ondotó, nem ninguem de sua familia, ou da nação teria nada que soffrer por esta morte.

No entretanto que isto se fazia em Bissáu, proseguia Ondotó a sua fuga, e dava começo a suas viagens. Da ilha de Bussis, onde se demorou alguns dias, para descançar e ver se colhia algumas noticias, passou para o paiz dos Balantas, attravessando o Empernal no ponto em que divide esta ilha da de Bissáu, e do reino de *Gólo*, que pertence aos Balantas: mas como não lhe convinha demorar se alli muito tempo, vista a sua proximidade de Antula, fez correr que ia a Ganjarra pelos interesses de alguns negociantes de Bissáu, o que lhe convinha fazer constar para não dispertar suspeitas, que podiam ser prejudiciaes á sua honra, ou perigosas á sua segurança.

Seguiu portanto até ás corôas de Goiajé que são umas dunas de arêa que tomam o rio quasi de banda a banda, e cortadas apenas por um estreito canal por onde mal podem passar duas canoas emparelhadas; e aqui foi elle testimunha de um phenomeno que muito o maravilhou, chamado o *macaréo*, que se renova em todas as grandes marés da Lua cheia ou da Lua nova, e que é muito perigoso para as embarcações que fazem esta navegação, quando as companhas não tem bastante pratica para se salvarem, mal ouvem o mugido com que se annuncia algumas horas antes.

Ainda que provavelmente não se ignore o que seja o *macaréo*, não será fora de proposito fazer delle uma mui succinta descripção. Quando está a maré vasia, ouve-se um grande mugido, que fazem as aguas que se vão accumullando até que chegam a uma certa altura, e então despedem tres grandes mares successivos e sem nenhum intervallo, que põem o rio no estado em que ficaria depois de tres horas de maré enchente, e prosegue enchendo naturalmente por outras tres horas até ficar preamar; e no fim dellas começa a vasante que dura seis horas, e findas estas ha tres horas de baixa-mar, durante as quaes vai crescendo o mugido que procede do impeto do mar d'encontro ás dunas, e do obstaculo que nellas encontra, assim como na agoa, que corre de fóra das dunas para o canal, impellida pelo mar. Este ponto querem alguns que se chame tambem a catadupa de Sonacó, o que ainda não pude verificar porque esta gente é mui pouco entendida, e faltam os meios necessarios para o fazer independentemente das informações dos naturaes.

Ondotó não quiz deixar de examinar um espectaculo tão admiravel e tão novo para elle; mas como ia n'uma canoa cuja guarnição estava muito costumada com este phenomeno, póde vel-o bem á vontade sem correr o menor perigo, e quando a maré começou a encher regularmente, atravessou o canal com toda a segurança, e entrou no paiz dos beafares desembarcando na aldêa de Achum.

Ao fim de 24 horas seguiu em direcção de Ganjarra, depois de ter comprado algumas sangras de sal, que deviam servir-lhe de dinheiro no ponto commercial, onde asseverava que pretendia dirigir-se; mas apenas atravessou o rio e poz pé em terra dos beafares em vez de dirigir-se ao presidio portuguez, tomou mais sobre a esquerda internando-se pelo paiz para lesnordeste, para entrar em Ganjarra.

É desnecessario dizer que esta viagem era tão rapida como o podia permittir o trem de um homem que caminha a pé, mas ao mesmo tempo quanto o exigia a necessidade de pôr-se quanto antes fóra do alcance de qualquer perseguição da parte das auctoridades portuguezas de Bissáu.

Se elle soubesse o que se passara em Bissáu não seria tamanho o seu susto, e por ventura tambem não teriam os habitantes da praça tido a soffrer os desastres, os opprobrios e mesmo o terror e a oppressão dos papeis de que tem sido victimas. A devassa a que se deu maior extensão, e que seguiu depois da reclamação com uma diligencia, que somente se póde explicar pela subserviencia á Inglaterra, que em quasi todas as epochas tem distinguido as auctoridades portuguezas, pequenas e grandes: a devassa deu em resultado o que era facil de prever: conheceu-se e provou-se tudo o que Pimping tinha commettido de excessos contra Ondotó; e como este não era vassallo portuguez pôde sem crime desaffrontar-se á moda da sua nação dos gravames do seu oppressor; e como se entendeu que o homicidio não tinha sido perpetrado em territorio portuguez (já se vê que a theoria do governador geral em 1840 é muito mais antiga); que Valerio não tinha cumplicidade nenhuma nelle, e

que pelo contrario obstou quanto póde aos procedimentos criminosos do defunto, declarou-se Ondotó não culpado, e Valerio foi posto em liberdade.

Esta sentença contentou a todos, ainda que por motivos diversos. Agradou aos papeis que viam Ondotó livre de quaesquer padecimentos. Agradou aos grumetes que receavam ver Valerio preso e remettido para as ilhas de Cabo Verde. Agradou a este, que tinha seus motivos para temer que as cousas se exclarecessem, ou se complicassem muito; o que teria forçosamente de acontecer se houvesse um processo regular. Agradou ao governador de Gambia, a quem houve de dar-se conta, por causa da reclamação que fez, e por via delle agradou tambem aos inglezes da colonia, que se viram livres de um turbulento predicante, de que tinham mais de um justo motivo para temer-se; quanto ao da metropole cuido eu que nunca soube, nem lhe importou saber do methodista. E agradou finalmente aos portuguezes de Bissáu que estavam em fim livres de um malvado, e de concorrente tão perigoso e temivel como Pimping, sem terem a temer-se da presença de algumas forças navaes inglezas a exigir não só o que elle tinha, mas até o que não tinha, o que então não era ainda moda fazer-se. O governador andou por muitos dias nas palminhas das mãos por esta decisão tão judiciosa que tomou; e não cessaram todos d'encarecer a sua prudencia e rectidão, que eram então as palavras com que se embaiam os loucos. Hoje são outras, mas tão verdadeiras como aquellas, e tão sinceramente proferidas.

Em quanto isto se passava na capital da Senegambia Portugueza, caminhava Ondotó aonde levava as suas miras. Já que saiu de Bissáu queria tirar todo o proveito possivel do seu infortunio. Era já um homem pratico, tão differente de si mesmo, como póde sel-o um ministro d'um opposicionista, que ainda não sonhou com o poder; e como póde sel-o um que quer ser ministro. Os homens parecem-se todos nas paixões que os movem e agitam em diversos sentidos, como se parecem em certas feições communs a todos, e ao mesmo tempo charecteristicas de cada um.

Seria summamente longo, e ao mesmo tempo distrahiria muito a attenção, emprehender aqui a descripção da viagem de Ondotó; porque seria necessario dar conta das nações de pretos que viu, que estudou, se posso tal expressão empregar para exprimir a natural curiosidade que lhe excitaria o expectaculo de tantos costumes diversos, e alguns realmente bem dignos do exame attento de um europeo estudioso. Não faltará occasião para isso; agora limito-me ao que é mais essencial para concluir este episodio por mais curioso que o considere.

Direi apenas que perto de Ganjarra encontrou-se Ondotó com um Mandinga da classe dos *Gilaus* (negociantes), que lhe trouxe *mantenhas* de Valerio, e lhe deu conta do que se tinha passado em sua casa e na praça depois que tinha tomado o caminho do exilio: dizia-lhe o emissario que Valerio não achava prudente que por ora regressasse outra vez para Bissáu, pois podia haver algum ardil escondido por debaixo da sentença do governador, para o apanhar com facilidade e entregal-o aos inglezes que o reclamavam, ou mesmo para estes virem buscal-o com um navio de guerra. O mandinga, fallando-lhe sempre em nome de Valerio, porque era elle quem o mandava, aconselhou Ondotó a que proseguisse mais para diante; e offereceu-se mesmo para acompanhal-o a Bissa-Amadi onde tinha a sua casa, e onde podia esperar um outro emissario que Valerio lhe havia de mandar: expoz-lhe com algum encarecimento, mas com verdade, as vantagens que podia tirar de se entregar ao commercio de meia-mão com Valerio, que era o agente de alguns grossos negociantes de Bissáu; e tão bem se houve, que o nosso pretinho deixou-se convencer de todo, elle que já estava um pouco resolvido; e sem oppôr nenhumas difficuldades prestou-se a acompanhar o mandinga, que recolhia já de uma de suas viagens commerciaes, conduzindo os seus lucros para casa, como a afanosa abelha carrega para o cortiço o pollen que apanhou nas flores, e que as companheiras esperam para fazerem a cera e o mel. E como o nosso homem, caminho andando, ía terminando algumas pequenas operações commerciaes para arredondar uma certa continha, Ondotó offereceu-se para o ajudar com o fim de se ír industriando n'este mister, o que o mandinga aceitou com gosto, e concedeu de muito boa vontade. Era cousa de mutuo interesse, e bem depressa ficou resolvida esta especie de camaradagem.

Ondotó deu taes provas de intelligencia que Boukari, que assim se chamava o mandinga, tomou-lhe amisade, prometteu-lhe uma parte nos lucros, tudo o que elle podesse arranjar acima dos valores das mercadorias que lhe taxava ao entregal-as; e como se isto não fosse ainda bastante para a sua affeição, estendeu mais as suas digressões tendo comtudo cuidado, só por interesse a Ondotó, de se alongar de Geba. O mandinga não duvidava demorar-se mais do que tinha tencionado, tanto porque os interesses compensavam bem esta demora, como porque só mais tarde algumas semanas é que esperava achar em Bissa-Amadi o emissario que Valerio tinha promettido de mandar-lhe: e pelo que respeita ao papel, como elle não tinha um ponto fixo para onde se dirigir, porque o seu fim, quando emprehendeu esta viagem tinha sido por-se fóra do alcance das auctoridades portuguezas, e actualmente era, ao que lhe parecia, conservar-se fora da perseguição que essas auctoridades lhe faziam para prendel-o, tanto se lhe dava andar por uma parte como por outra, comtanto que não fosse obrigado a approximar-se dos territorios sujeitos ao dominio de Portugal; e essa condição cumpria-a escrupulosamente Boukari.

Os mandigas seguem pela maior parte a religião de Mafoma; ou para dizer melhor um mixto nojento das praticas idolatras com outras do alcorão: assim Boukari trazia escrupulosaments a sua enfiada de contas do tamanho de bogalhos, pendente ao pescoço, e entre a pelle e as roupas os seus amuletos em saquinhos de droga; fazia as suas abluções regularmente, com a agua, terra ou arêa, conforme o que tinha mais á mão, comia e resava regularmente ás horas em que o devia fazer; e por tudo isto julgava-se um bom mussulmano.

(Continúa)

SOUSA MONTEIRO.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



CIDADE DE DRAGUIGNAN.

O departamento do Var, cuja capital é Draguignan, fórma o angulo sueste da França, confrontando com o Piemonte e o Mediterraneo. A sua importancia é muito maior do que poderia suppor-se pela sua classificação official na ordem das prefeituras: é o mais extenso dos departamentos formados da antiga Provença, não tendo menos de 368 leguas geographicas quadradas de superficie; e a sua população eleva-se a 330:000 habitantes.

A cidade de Draguignan, *Dracenum* dos romanos, deveu á sua posição o rendoso privilegio de ser cabeça e centro da administração deste interessante e vasto districto do territorio francez. Na epocha do estabelecimento das prefeituras apenas contava sete mil habitantes, tinha edificios acanhados, ruas tortuosas e más calçadas, e carecia de illuminação e de outras commodidades; de então para cá tudo mudou de face em seu proveito; edificaram-se casas nobres para os tribunaes, bons quarteis, um espaçoso hospital muito bem situado, bello theatro, e fizeram-se, alem disso, praças publicas, agradaveis passeios, um horto botanico bem mantido, chafarizes e outras fontes publicas com ornatos de bom gosto, e uma biblioteca de quinze mil volumes com sua collecção de quadros e gabinete numismatico. O commercio local e o de escala e deposito tem consideravelmente augmentado. Os principaes generos consistem em azeite e vinhos, e a industria principal em sabão muito estimado e licores espirituosos.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO

(Continuação.)

As chronicas monasticas são um auxilio para a historia das artes, porque ellas nos descrevem as suas construcções e os seus templos com o requintado gosto de quem se está revendo n'uma obra que levou a cabo, não deixando de lhe examinar o mais pequenino detalhe, nem escapar-lhe a mais infima particularidade. A localidade do marmore alli cinzelado, a qualidade da madeira n'aquella obra afeiçoada, a

dimensão das columnas, a variedade do ornato, a extensão do edificio, a medida das suas rasgadas janellas; sua arcaria, suas capellas, suas officinas seus quadros, seus auctores, e esculptores e pintores, seus architectos; tudo em fim ahi vem narrado com tal arte, com tamanha elegancia, com tanta singeleza e verdade que o espirito se arrebata e maravilha, e o estudo se aprofunda em muita cousa que ignorava.

Se não fossem estas chronicas como haviam saber aquelles que nos hão de succeder, a magnificencia d'esse noviciado da Companhia de Jesus, que depois se transformou em Collegio dos Nobres, e Escola Polytechnica, e que um incendio acaba de devorar em os nossos dias? Como haviamos conhecer a sumptuosidade d'esse templo que o Collegio de Santo Antão (hoje Hospital de S. José) ahi tinha, e que o desastroso terramoto de 1755 derrubou, quasi um seculo depois de construido? Os olhos unicamente podem admirar-lhe hoje parte do seu magnifico prospecto; e esse mesmo agora se vae adulterando com as novas janellas que lhe estão rasgando para prolongar a meia altura da antiga igreja uma das salas da contadoria do Hospital. Lá se irão de certo esses restos que ainda existem da sua formosissima abobada; seus marmores serão aproveitados sabe Deus onde, e como; e dentro em pouco aquellas paredes desguarnecidas não nos fallarão nem de Estremóz, nem de outros pontos d'onde aquellas pedras para alli se carretearam com tamanho custo. E se não foram uns restos do fecho da sua magestosa capella-mór, recatados e conservados por mão piedosa (se não foi pressa na obra, ou economia no dispendio em os derrocar) na casa que serve aos Irmãos Maiores do mesmo Hospital, dentro em pouco nem poderiamos avaliar pelo exame occular d'essas sagradas ruinas a verdade da descripção que as chronicas nos fazem da sua sumptuosidade. Ainda ha poucos dias alli vimos barbaramente destruir um excellente mausoleo que se conservava logo á entrada d'aquelle arruinado templo, e sem se consultar a familia a quem elle pertencia, indicada pelo brazão de armas que assentava sobre esse tumulo (a qual desejaria de certo piedosamente trasladar para sagrado aquellas venerandas cinzas dos seus antepassados, com o muimento em que repousavam), fez-se voar em lascas aquelle elegante lavor sepulchral profanando assim a santidade do tumulo. Parece incrivel; mas infelizmente é uma verdade. Ide a essa outra arruinada igreja do convento dos Mariannos, ás Janellas Verdes, e pedi a um homem, que alli guarda as chaves d'aquelle transformado deposito de velame, que vos franqueie as portas d'esse templo, onde não ha muitos annos ainda resoavam os hymnos a Deus. Entrae, e no meio d'aquelles destroços em que vereis as suas capellas, os seus pulpitos, a sua nave, reparae nas sepulturas indicadas pela lapida tumular, e tremei de saber que ainda debaixo d'ellas existem soterrados ossos humanos no meio d'aquella profanação; reparae na capella do lado da epistola, e ahi vereis encravados nas duas paredes fronteiras dous tumulos de nobres senhores que foram os fundadores d'ella. Repousam alli ha seculos, e quando hoje deviam já d'alli estar removidos ainda lá se conservam tendo em vez dos responsos e suffragios, as juras e as pragas que os operarios alli soltam! E chamam-nos civilisados!...

Mas continuemos em o nosso assumpto.

E das nossas colonias ultramarinas, das nossas conquistas, das nossas guerras d'além-mar, dos nossos feitos, e até mesmo dos feitos alheios, quantos thesouros não temos espalhados por ellas aqui e alli, tão preciosos, e de tanta valia para quem as quizer estudar a fundo? Falla-se n'estas chronicas no comprador de uma capella, no instituidor de uma missa, n'uma offerenda votiva, no enterramento de uma pessoa, e ahi vem logo a pello a historia d'essa pessoa lá n'essas terras longiquas onde ganhou seus cabedaes, e as terras por onde peregrinou, e os riscos dos mares que correu; finalmente até mesmo suas filiações e parentescos!

Era porque os chronistas d'estas ordens, escolhidos sempre d'entre os frades e monges de mais saber, se dedicavam com esmero á escripta d'aquella historia da sua familia religiosa. Vejam de que pezo não era aquelle nosso fr. Luiz de Sousa, o sabio e correcto chronista dominicano! Vejam que auctoridade não tem aquelles relatorios das missões que os padres da Companhia enviavam da Africa, da Asia e da America, de todas as partes do mundo conhecido ás casas professas cabeças da referida ordem! Vejam a grande somma de grandes escriptores, d'esses de pulso na valentia do estylo, e de mimo na linguagem vernacula, que se crearam nos mosteiros, e foram e serão os nossos mestres! Os monges tinham o tempo de investigar e instruir-se, tempo que nos falta hoje a nós homens do seculo; porque no remanso do claustro, longe do bulicio do mundo em que nos é mister involver para vivermos, ahi encontravam elles o necessario á existencia do dia presente sem curar do seguinte que a communidade lhes proveria a elles, sem se desviarem no pensamento do bem estar da familia, porque essa se resumia n'elle, que a outra que tivera lhe morrêra ao entrar na vida ascetica. O monge tinha alli á mão todos os elementos necessarios á sua obra, collecionados com esmero pelos irmãos seus antecessores, elementos valiosissimos nos proprios documentos do cartorio do convento, elementos preciosissimos nos bons livros de que se compunham as suas livrarias; e nós hoje, se não tivermos uma fortuna de fortes cabedaes para adquirir esses mesmos livros, em que não pouco se consomme, temos de recorrer á bibliotheca publica para carretear para o nosso gabinete a somma de conhecimentos de que carecemos para levar por diante a traça do nosso projecto; e ainda mesmo assim, esses conhecimentos são imperfeitos, ou porque a pressa nos exige uma brevidade que muitas vezes não comporta ao assumpto, ou porque a obscuridade do texto nos força a ir procurar aos documentos originaes da coróa a illucidação que falta n'aquelles, e por isso nos leva a um passeio de quarto de legua para buscar no archivo da Torre do Tombo esses documentos; ou finalmente porque os misteres da vida nos obstam muitos dias de recorrer a esses preciosos archivos da sciencia humana, porque um regimen civil, mal calculado de certo, nol-os tem fechados nas horas que os mesmos misteres nos deixam livres. Assim é que o empregado, que o artista, que todo o homem em fim que tem de consummir o dia no rude trabalho de prover á existencia, e que arde em desejos de se instruir nas primas horas da noute que podia consagrar a esse estudo, se encontra por uma lei forçada da nossa organisação social arremessado, mesmo apezar seu, aos botequins, ao theatro, aos divertimentos, e sabe Deus a que mais, porque as portas do templo da sciencia impiamente lhe estão cerradas!

Além d'isto, o monge, completada a sua obra, tinha para incentivo de outra nova, o grande meio da publicidade, porque o convento ou o estado, dando-se reciprocamente as mãos, lh'a faziam imprimir; e

nós, aquelles que a sorte destinou hoje ao triste fadario de applicarmos o fructo do nosso engenho a essa lei inexoravel da natureza que nos devora n'esse golfo profundo das necessidades da vida quanto podemos ganhar, ahi corremos de porta em porta levando n'uma das mãos o nosso manuscripto, que nos custou tantas fadigas, tantas vigilias, tamanhos apertos do coração, e até mesmo tão ingentes privações para o podermos concluir, e esmolando com a outra a mesquinha retribuição que nos dão por elle, e que muitas vezes até faz córar de pejo ao recebel-a pela insignificancia em que se calculam n'esta terra os productos intellectuaes! Ah que a mythologia grega fingiu todos aquelles inexoraveis tormentos de Sisypho, de Tantalo, de Ixion, de Tithio, de Phlegyas, e até mesmo o das Danaides para retratar ao vivo os differentes quadros da mesquinha vida dos nossos homens de letras!

Olhae; olhae ahi para um mancebo tão cheio de esperanças ainda, de tamanho nome e tão grande vulto já no orbe litterario — historiador, publicista, poeta e romancista — o nosso amigo Mendes Leal, e vêde-o vergado um dia inteiro sobre os seus livros, e sobre aquella meza em que lança ao papel as suas mimosas e já tão celebres lucubrações, dobrando a fadiga e a doença do corpo á inexhaurivel fecundidade do seu espirito, para colher do trabalho os meios de uma honesta subsistencia! — trabalho que n'outro paiz lhe produziria mais do que as necessarias commodidades, e que em Portugal nem ainda lhe orça pelo indispensavel! Vêde outro mancebo, o sr. Rebello da Silva, tambem publicista, historiador, romancista, e philologo profundo, cuja actividade prodigiosa não desmerece o subido do engenho, e perguntae-lhe se, não fôra a modesta fortuna que herdára de seus paes, acaso o producto dos seus escriptos lhe chegára para as despezas quotidianas! E estes são os principes da nossa litteratura! Que acontecerá comnosco que ainda não tivemos engenho de saír d'este labyrintho de travessas e viellas em que necessariamente se embrenham os que começam a aspirar a um modesto nome entre os homens de letras? Nem queremos pensar n'isto.

Ahi fica portanto explicada a causa por que dos conventos saíram tão boas obras, e n'elles se formaram o maior numero dos nossos bons escriptores; ahi está por que os seus manuscriptos tão valiosos e tão estimados, recolhidos hoje á bibliotheca publica, são tão avidamente compulsados pelos nossos archeologos; ahi está por que ao correr da penna demonstrâmos a necessidade d'este trabalho a que vamos metter hombros.

Pareceremos a alguem suspeitos de apologismo fradesco. Tambem pouco se nos dará d'isso. Declarâmos sinceramente que prezâmos a instituição, e não lançâmos sobre ella os desvios de alguns homens que lhe pertenciam. Entre os frades e a fradaria traçâmos uma linha divisoria para tornar uns bem distinctos dos outros. Commetteu a segunda bastantes abusos e bastantes desvios, que serviram para acarretar tambem sobre os primeiros odios e desprezos; porém esses abusos e esses desvios ficaram todos sepultados e esquecidos nas ruinas dos mosteiros que a barbaridade de um castigo, rigoroso de mais, fez desabar sobre elles: todos esses abusos e todos esses desvios estavam perdoados talvez pela grande somma de proveito que o estado recolhia dos impostos que elles pagavam, do grande numero de braços que empregavam na agricultura e nas suas officinas, pelo esmero com que conservavam os monumentos das nossas glorias patrias, pela charidade com que esmolavam os pobres que diariamente acorriam ás suas portarias, e soccorriam as familias necessitadas, a quem o rubor de uma pobreza honrada impedia saír ás ruas a estender a mão ao obolo da charidade; finalmente pela educação que a mocidade recebia gratuitamente nas aulas dos seus mosteiros; educação esmerada, e á qual não temos pejo de confessar que somos devedores do pouco que sabemos. Onde está, onde se encontra hoje tudo isto?

Tinha de ser assim, desde que se confundiu a vocação monastica, e o amor á sciencia na pacifica reclusão de um claustro, com o emprego ou estabelecimento necessario de um filho que se arremessava ao mosteiro, como se atira para qualquer outra profissão! Tinha de ser assim desde que a lucta das idéas de um novo e grandioso seculo veiu encontrar-se em competencias com as idéas dos seculos passados, e as julgaram incarnadas e personificadas na instituição, quando, ao muito unicamente o estariam nos homens! Destruiram os modêlos segundo os quaes pretendem hoje reconstruir a sociedade, esquecendo-se de que as religiões eram ainda mais democraticas do que as suas projectadas constituições livres; e vão buscar n'ellas o principio governativo pela eleição directa em todos os cargos; vão aprender ahi a creação das suas cidades obreiras e phalansterios e casas penitenciarias; vão esquadrinhar-lhe as albergarias e asylos para os pobres; vão recolher á charidade dos conventos o pensamento philantropico das sopas economicas nas occasiões de miseria publica; e é ainda ás maximas das suas doutrinas e disciplinas que se pedem os preceitos da obediencia e dever que o inferior deve ao superior, e a communidade antepõe ao ser individual! Porém todas as idéas modernas apezar de modeladas por aquellas, mesmo pela causa da sua novidade, apparecem tão baralhadas e confundidas, que em logar de mostrarem a excellencia que se lhes attribue, unicamente provam o profundo estudo das antigas, aperfeiçoadas pela serie consecutiva de milhares de annos, e santificadas pela venerabilidade de dezoito seculos. Então para que destruiram? Reformassem! As idades futuras ainda nos hão de dar razão.

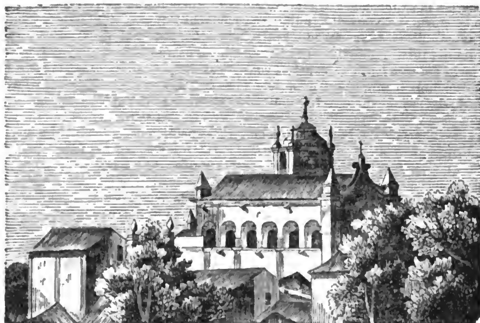
A poesia d'aquellas mattas sagradas do Bussaco acaba ha pouco de inspirar as formosissimas paginas, que o sr. Bulhão Pato ahi publicou na *Patria*: a poesia dos nossos mosteiros inspirou os canticos divinos da arrojada musa do sr. Alexandre Herculano. É porque um e outro ainda contemplaram nos primeiros annos da infancia aquellas venerandas mattas, e os misticos hymnos da religião, entoados no silencio da clausura por umas poucas de vozes graves e sonoras casadas com os sons do orgão! Quando, porém, ás musas que d'aqui a uns poucos de annos têem de soltar seu vôo, faltarem as suaves inspirações da infancia, bebidas no tremulo palor de um raio da lua penetrando atravez a imponente gravidade de um claustro; quando os moços poetas se não recordarem de haver atravessado o religioso e austero silencio do mesmo claustro, apenas alumiado pelo fraco clarão de uma morredoura lanterna, e ecoando lá ao fundo unicamente o som dos seus passos, porque outro signal de vida alli se não sente, erguendo-lhe na fantasia como arrojadas do pó da campa, as cinzas inanimadas d'aquelles alli sepultos; quando lhes faltarem as reminiscencias d'aquellas vozes acompanhando o orgão, d'aquelle grave som do sino chamando os frades ao côro em hora adiantada da noute; o espectaculo imponente da cruz er-

guida sobre aquellas massas de pedra; essas pyramides subindo em espiraes até ao céu como symbolo da fé e da eternidade; aquelle trajar austero dos cenobitas, que figurando a mortalha do mundo significavam o desprendimento das cousas terrestres; aquelle rude cordão cingido em volta do corpo qual victima que se sacrificava pela expiação dos crimes alheios; aquelle estender moribundo do macerado corpo de um frade bruno sobre a lage apenas coberta com cinza para ahi render o espirito ao Creador: onde as irão elles buscar tão mysticas e tão religiosas para se elevarem á sublimidade dos canticos de um David! Ao espectaculo da natureza? É imponente, sem duvida, e eleva a alma a Deus; porém a natureza em todas as suas funcções só nos mostra um quadro unico — a omnipotencia do Creador; e o mosteiro e o cenobita milhares de perspectivas que se destacam do coração humano n'essa lucta gigantesca entre as ruins paixões e os bons instinctos. N'aquelle primeiro quadro unicamente as maravilhas de Deus; e n'estes segundos a sua omnipotencia e a sua magestade, e tambem a magestade do homem, rei da creação, e por elle formado á sua imagem e similhança!

Faremos tambem aqui ponto n'esta materia, porque o assumpto já vae tratado á larga, e no decurso da obra não faltarão occasiões de lhe dar maior desenvolvimento.

(*Continua*)

F. D. d'Almeida e Araujo.



A IGREJA DO SALVADOR.

A igreja do salvador, em Beja é um templo pequeno para o actual serviço, pois ali se estabeleceu a cathedral. Comtudo a sua architectura, sem ser magestosa, tem uma tal ou qual belleza, e é devido a essa circumstancia talvez que a igreja do Salvador passa por ser um dos melhores edificios de Beja.

Pela nossa estampa, que representa essa egreja, melhor se avaliará a verdade do que dizemos.

Em outros numeros tencionamos occupar-nos mais extensamente de Beja, e d'alguns dos seus edificios.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACCONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(*Continuação.*)

XII

De como veio Ambrozio de Aguiar em um galeão, e o não quizeram recolher.

Depois de Antonio Eschalin, d'ahi a mui poucos dias, chegou defronte do porto um galeão de Portugal, que diziam chamar-se S. Christovam, onde vinha Ambrozio de Aguiar, por governador para esta ilha. Vinha tambem nelle por corregedor Jorge de Covas, os quaes, se vieram antes que fosse vindo Antonio Eschalin sem falta se entregava a ilha; mas tudo por seus peccados, e dos moradores della, se havia de ordenar para perdição sua. Ambrozio de Aguiar mandou a terra um batel com um clerigo natural desta ilha por nome Gaspar Manuel, e um Gaspar Frz., e outras pessoas, os quaes saíram em terra, e tal viram a gente, e tão zelosos no serviço do snr. D. Antonio, que tomaram não ter vindo a terra, que se a justiça deixára o povo, sem falta os apedrejaria. E quando lhes deram licença para se tornarem para o Galeão louvaram a Deus, e taes novas deram a Ambrozio d'Aguiar, e aos mais, que o galeão não quiz ancorar, e se fôra na volta da ilha de San Miguel, aonde foram recebidos com muita festa. E por que no dito tempo era corregedor Ciprião de Figueiredo, e lhe disseram que vinha outro corregedor, e outros que vinham aletrados, foi isto tambem parte para não consentirem o Galeão, e se ancorara sem falta o dito corregedor os prendera a todos, e lhes fizera o que depois fizeram a muitos.

XIII

De algumas cousas que aconteceram na cidade e dos que prenderam por fallarem.

Vendo alguns homens o pouco conselho dos que governavam, e os desatinos do corregedor, o povo não

deixava de fallar o que importava ao caso em quererem sustentar uma ilha contra o poder d'El-rei D. Filippe, estando todo Portugal entregue. E o dito corregedor devassava delles e os prendia na cadeia, como prendeu muitos, que ao diante direi, logo o dito corregedor começou a fazer resenha com as companhias, por ser Capitão-mór neste tempo. Eram capitães neste tempo da gente de pé Artur de Azevedo, João Lopes Fagundes, Manuel de Barcellos Machado, Christovam Borges da Costa. Fez-se mais uma companhia de aventureiros, mancebos solteiros da terra, de que era Gaspar de Araujo de Barros, Feitor de Sua Magestade, Capitão. Fez-se outra companhia, chamada a dos oitenta jurados, de que era capitão Francisco Dias Sant'Iago. A gente nobre acudio ao capitão-mór. As companhias que eram da cidade, e grandes, todos os dias iam ás cavas ao longo da costa do mar, a fazerem trincheiras e valados. Cada uma ía um dia, e o Corregedor com a gente nobre o dia que lhe tocava. Não havia já commercio nesta cidade, e ilha: havia navios ligeiros na barra, e os mandavam tomar ao mar os que não queriam ancorar, por causa dos mantimentos e outras cousas que a terra não dava. Os que fallavam alguma cousa contra o snr. D. Antonio, em cangas os açoutavam, e enforcavam, e os nobres da terra, que estranhavam tantas desordens, os prenderam como prenderam logo dos primeiros João de Bettencourt, Pedro Eannes do Canto, Hieronimo Frz. de Cea, Rui Dias de Sampaio, Custodio Vieira, Francisco das Neves, e depois muitos desterrados da terra.

XIV

De como mandaram a Antonio Alvares, e Francisco Martins a França, a saberem do snr D. Antonio se era vindo ou não, ou estava lá, e de como veio Estevam Ferreira, e seu genro Pedro de Castro, a fazer entregar a terra.

Ordenaram de mandar a França a saber se era certo das novas que Antonio Eschalin trouxera do snr. D. Antonio, e pareceu bem aos que então governavam, e ao Corregedor, que fosse Antonio Alvares, e um Francisco Martins dos 24 misteres, e foram em uma nau ingleza, e quando lá chegaram ainda lá não estava o snr. D. Antonio, que ainda estava escondido em Portugal. Quando Ambrozio de Aguiar saía pela barra fóra, para esta ilha, no galeão, então saiu elle em um patacho para França, esteve á falla com Ambrozio de Aguiar, sem elle saber que ia alli o snr. D. Antonio, e com elle ia Manuel da Silva, Francisco Botelho, e outros fidalgos, e pessoas nobres. E fallando em França o dito Antonio Alvares, e Francisco Martins, com o conde de Vimioso, elle lhes dice que não podiam fallar com o snr. D. Antonio, por que estava em um logar secreto, e que se viessem, e que afoitamente dicessem que o viram e fallaram com elle, e botando o hábito de Santiago em nome do Snr D. Antonio a Antonio Alvares, e o de Aviz a Francisco Martins, mister, se vieram e foram nesta cidade recebidos com grandes festas, e repiques de sinos, e artilheria, e homens leigos, mulheres, meninos, e clerigos, e frades, pareciam todos doudos com prazer, os quaes sem trazerem carta alguma do snr. D. Antonio, nem o verem, diziam que o viram e fallaram com elle, e todos lho creram, tirando muita gente que estava só divulgada para Sua Magestade.

XV

De como veio Estevam Ferreira, e Pedro de Castro, na caravella de Matheus Vicente a esta ilha, que se entregasse, e do que lhe succedeu.

Depois de estar nesta cidade Antonio Eschalin, com a sua nau ancorada, veio nova da Villa da Praia a esta cidade, que estava lá Estevam Ferreira de Mello, e Pedro de Castro, seu genro, que vinham com recado, e cartas por ordem de El-rei Filippe, para se entregar e reduzir a ilha a seu serviço, e que estando em Lisboa prezos os soltaram por elles se offerecerem a fazerem entregar a ilha. Sendo nesta cidade sabedores, mandaram Antonio Eschalin com a sua nau, que fosse tomar a caravella, e a trouxesse ao porto desta cidade. Deu o dito Antonio Eschalin logo á vela com seus soldados gente franceza, e alguns portuguezes, mettidos dentro na nau, e indo a nau a caravella já vinha para o porto desta cidade, e a nau ia para ella. Cuidaram os da caravella que a nau era corsario que andava a furtar, e que não saía do porto, e lhe não quiz obedecer, antes se poz a tirar á nau e a nau a ella, dizendo-lhe que amainasse da parte d'El-rei D. Antonio, zombaram disso; mas como a nau trazia mais artilheria, e era nau de guerra, em abordando com a caravella se renderam todos. Tanto que viram gente portugueza (mas ainda houve alguns feridos) Tomaram a caravella e a trouxeram para o porto, e prenderam a Estevam Ferreira, e Pedro de Castro, seu genro, e os metteram na nau, e os molestaram, e prezos os metteram em uma caravella de Gaspar Alvares, o Chichorro, e os mandaram a França ao snr. D. Antonio. E quando lá chegaram já elle estava em França, o qual os mandou soltar e os deixou em sua liberdade, e vendo-se elles soltos se acolheram para Lisboa, e foram de todo perdoados, e lhes botaram os habitos de Christo, e Pedro de Castro morreu em chegando d'ahi a pouco tempo. E no tempo que passaram Estevam Ferreira para a nau de Antonio Eschalin, e seu genro, onde estiveram prezos alguns dias, os não trouxeram para terra, por que tal estava o povo miudo amotinado, que os apedrejariam, e por que não poderam nelles tal fazer seus intentos injuriaram as mulheres, filhos, e parentes.

(Continúa)

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

Nossa qualidade não podia elle consentir que andasse a seu lado um idolatra sem que procurasse exercer sobre elle o ardor de propaganda que abraza todos os sectarios de Mahomet, em qualquer grau que se achem; ardor de propaganda que se o nosso governo não tomar cuidado em oppor lhe a charidade e a intelligencia dos missionarios catholicos (que não são esses padres pretos que ás vezes ahi manda e que só vem atraz da congrua, e da *ganhunça* que podem fazer) ha de tirar-lhe esse pouco que ainda resta de immensas, magnificas e riquissimas possessões, que tem perdido por um desleixo inqualificavel, e que se confunde em seus resultados com o crime de traição. Ondotó, pela sua parte, achando no mouro algumas cousas que elle achava parecidas com certas praticas

de devoção no convento, porque a sua ignorancia não lhe permittia distinguir a realidade das cousas santas com o arremedo que d'ellas se fazia no interesse do erro; ouvindo fallar n'um Deus, em Jesus, e n'outras mais cousas que tinha ouvido, á sombra d'estas acceitava a missão de Mafoma; e pouco a pouco ia-se tornando um neophito mahometano, que não era mais entendido que o mestre.

Era uma nova camada de erros que elle sobrepunha á que já tinha; mas que dava em resultado um grande mal. N'esta diversidade de religiões não descortinava Ondotó cousa alguma; mas nos insultos, nas injurias que o mahometano não cessava de dirigir aos frades, e á religião catholica, na demonstração que lhe fazia dos erros do fetichismo, combinado com o que elle tinha visto em Valerio, com o que sabia de Pimping e com o que viu a Boukari, o nosso papel achou que isto de religião bem podia ser que fosse uma cousa van e inutil: e veiu assim a caír por excesso de bruteza no mesmo defeito que alardeam muitos portuguezes e estrangeiros que aqui vem, e que suppõe que lhes deve ser attribuido aos seus conhecimentos, á sua philosophia. Se a causa da irreligião d'estes é a que inculcam devo ser levado a concluir que mais uma vez os extremos se tocam.

A estas considerações do meu interlocutor, retorqui-lhe: — Engana-se: esses impios que ahi apparecem, não fazem differença alguma de Ondotó, senão a que elle faria de si mesmo, estando vestido á Européa, e fallando uma outra lingua, que não esse dialecto grosseiro e desengraçado que se chama papel. Ainda não conheci homem nenhum d'estes que tratam a religião de resto, que injuriam os seus ministros, e que escarnecem de suas praticas, que não fosse um malvado, ou um miseravel, ou um dissoluto: alguma excepção que possa haver a esta regra é tão rara, que bem se póde considerar como se não existisse.

— Convenho n'isso facilmente. Mas tornando á minha historia. Boukari ficou cheio de contentamento quando viu que Ondotó estava já quasi tão bom musulmano como elle. Nós vimos que a cousa não era muito custosa. Quando o viu nesse estado, começou a apalpal-o sobre o modo como pensava dos Portuguezes. Ondotó não nos aborrecia, mas tambem não o tinha por nós aquella affeição que teria conservado, e com elle a sua nação, se os frades tivessem continuado a residir em Bissáu, se continuassem a servir de medianeiros entre os papeis e o governador e os negociantes, como tinham feito nos passados tempos, em que este povo amava o nosso dominio; e finalmente se podessem ter concluido a obra da sua civilisação que com tão bons auspicios começaram, e que com tantos e tão esperançosos fructos proseguia: as suas sympathias por nós eram fracas, mas tinha sympathias, e nisto não se parecia com os seus patricios, que trocaram por odio, talvez diga melhor por desprezo, o respeito e o amor que d'antes nos conservavam.

E comtudo, estes sentimentos, só por isso que não eram os d'uma malevolencia systematica e feroz, não agradavam ao puritanismo do mandinga mouro, que não perdia occasião de combatel-os, e de os substituir por outros mais em harmonia com os seus pessoaes rancores politicos e religiosos: para isso não cessava d'escarnecer de nossa fraqueza, mas ainda de nossa incuria e desleixo, ou, como elle lhe chamava *modiali fitanon* (maldade;) não perdia occasião de lhe pôr debaixo dos olhos o quadro, sem duvida exaggerado, mas infelizmente verdadei o das violencias e extorsões a que elle e seus compatriotas estavam sem cessar expostos da parte das auctoridades portuguezas, que por outro lado não os protegiam dos vexames que os estrangeiros lhes causavam. Perguntava-lhe outras vezes que beneficios fazia Portugal a Bissáu; como cumpria as condições por effeito das quaes se lhe permittiu construir a Fortaleza, e que para lhe ser mais facil cumprir se lhe vendeu aquelle chão; e Ondotó não sabia o que havia responder, porque a decadencia, o abandono em que tudo se achava eram mais que muito evidentes para que tentasse justifical-os, e muito menos pol-os em duvida.

Outras vezes o bom do discipulo do alcorão expunha a Ondotó a somma de beneficios que a sua ilha receberia, se com a nova religião que lhe tinha annunciado, os papeis procurassem um outro protector no poderoso monarcha, que era n'aquellas paragens o delegado de Mahomet; e fazendo-lhe sentir que lhes não seria difficil sacudir o jugo portuguez, apossando-se da praça por surpreza, fazia lhe de vez em quando surgir na imaginação as ideas de proprio engrandecimento e de vingança, que com quanto fossem muito passageiras, á força de as evocar chegou a conseguir que se demorassem e creassem raizes, que o pensamento as abraçasse e desenvolvesse, que a vontade suspirasse pelo momento de se realisarem, e que o amor da vingança chegasse a sorrir-se com a lembrança de que bem podia que um dia, não bem longe, chegasse a satisfazer-se dos aggravos que padecia. Uma cousa só retinha o papel: expulsos os portuguezes quem havia de manter alli o commercio, que já era uma necessidade para os papeis? qualquer das outras nações europeas que alli mercadejava era peior que elles; e o *Faram-bá* (grande rei), não sabia quem fosse.

Chegado a este estado, não foi difficil ao mandinga mostrar-lhe que limitando-se os portuguezes a fazer um commercio de corretagem, por conta principalmente dos inglezes, nem mais nem menos unicamente que o que faziam os mandingas, guardadas as proporções da maior somma de capitaes de que os portuguezes podiam dispor, os papeis nada perdiam; e esse commercio mais avultado, mas circumscripto a um menor numero de pessoas era mais que compensado pelo maior dos mandingas que se applicavam a este trafego, e que abrangia um circulo mais extenso, o que dava em resultado uma somma quasi igual, á que os portuguezes empregavam, e que subiria a muito mais quando os mandingas podessem livremente exercer a sua industria. Isto parecia sem replica a Ondotó, que comtudo ainda se não atrevia a formular em voz alta as lembranças que já o occupavam, e o faziam ás vezes meditar. A força dos habitos, um resto de affeição pelos portuguezes que recebera na quasi educação dos seus primeiros annos, e que estava muito apagada pelas paixões ardentes que o agitavam, e pelas licções de Pimping e de Valerio que lisonjeavam tanto e tão bem essas paixões; esse resto de affeição é que combatia ainda no seu espirito, posto que frouxamente, e como quem já ia em retirada, acoçado por forças muito superiores.

Neste combate passaram-se algumas semanas, em que o mandinga não perdia occasião d'expor as suas ideas, de aguçar os rancores de Ondotó; e de cada vez sempre com maior exito, ou porque fosse crescendo em força a sua argumentação á proporção que via os progressos do seu discipulo, ou fosse porque a debilidade deste fosse crescendo á proporção que

iam tomando mais corpo as causas de desafeição; ou que a sua conversão para o mahometismo ia progredindo mais. Por fim, o mandinga concluiu todos os seus negocios, e tratou de recolher-se a Bissa-Amadi, levando em sua companhia Ondotó, que já era senhor de mais de mil pataeas, e por conseguinte relativamente rico; e de cuja industria o mouro tinha gostado tanto que tratava seriamente de associal-o a si, apenas tivesse concluido a conversão que havia começado, e que tinha por grande honraria levar ao cabo.

Bissa-Amadi é uma bonita aldea, que conta mais de dous mil habitantes, quasi todos ricos, o que se conhece pelas manilhas de prata e ouro de que usam as mulheres, tanto nas pernas como nos braços, e pelas tunicas de zuarte azul, que vestem assim a modo das nossas dalmaticas, sem talho enfiadas pela cabeça, e cosidas com um ponto por debaixo do braço, e com outro ponto distante palmo e meio d'este, que deixa ver por baixo uma como camiza branca sem mangas, que vai até abaixo dos joelhos, e que é de uma brancura, que contrasta soberanamente com o asevichado dos braços e pernas. Por debaixo d'esta camisa, que é cingida na cintura por uma faixa de panno, chamado de Geba, ou por um lenço de seda, caem umas como calças bem largas, apanhadas acima do tornozello, que apparece enfeitado com aquellas manilhas; e nos pés calçam umas grossas sandalias, com uma tira de cooro por uma abertura da qual se enfiam os dedos grandes do pé.

Este vestuario é o mesmo para os homens, ao menos não me lembra que os sexos se distinguam a não ser pelas arrecadas de ouro ou prata, que trasem nas orelhas, as moedas do mesmo metal com que adornam a cabeça, que é coroada por um lenço posto em forma conica, e pelos collares de coral, e de massa de cravo ou de rosa com que enfeitam o pescoço, caindo-lhes sobre o seio.

Ondotó foi mui bem recebido pela familia do Gilá que se apressou a offerecer lhe *leite dormido* (azedado), e *colon*, (1) mistura de milho descascado, cosido com feijão, e peixe, *cuscus*, e tamaras. Este bello e hospitaleiro tratamento lisongeou muito o papel, por ver que o tratavam d'egual para egual com o seu hospede, que pela elegancia do trato de sua casa, e pelo bom aspecto exterior da mesma, como seu arranjo interno, bem mostrava que era ali um dos homens importantes.

O hospede, as suas mulheres, e umas pretinhas mui lindas, que eram suas filhas, não cessavam d'encarecer as vantagens d'esta vida *civilisada* sobre a que os pretos do sertão passavam nos bosques, sem nenhuma d'essas commodidades, d'esse confortavel que só a riqueza sabe procurar; e sempre que o podiam faser sem affectação, não poupavam os gabos á religião pregada pelo *profeta* de Meca — a polygamia neste mundo, e a polygamia tambem no outro, com as houris, provavelmente de ebano, que Mahomet concederia aos que fossem fieis á sua lei, eram argumentos muito fortes para um selvagem que ia saccudindo um por um todos os *prejuizos* que ao desenvolvimento de suas paixões oppunha essa meia educação que dos frades houvera na sua infancia, e que se tinham ido apagando á porporção que se apagavam tambem as virtudes e os bons sentimentos, que nessa educação, mesmo assim imperfeita, recebera.

Eram passados quasi seis mezes depois do assassinio de Pimping, e da hegira de Ondotó; e pouco mais de um mez havia que o papel estava hospede e socio de Bonkari na sua propria casa, quando este entrou um dia muito contente pela porta dentro, accompanhado por um papel do reino de Antula, que trazia uma carta de Valerio escripta em caracteres mandingas, precaução de que o grumete se servira prevendo o caso de alguma intercepção, e chegou até aos quartos interiores, onde Ondotó sentado sobre um dos calcanhares se entretinha em conversação familiar, mas de proselytismo, com uma das mulheres e ambas as filhas do mouro. A presença do negro de Antula sobresaltou muito Ondotó, que não sei se gostou mais de o vêr, que de pesar sentiu pela sua presença. Como quer que seja, mostrou-se muito contente, fez lhe um acolhimento muito cordeal, e encheu-o de perguntas, mas nenhuma a respeito de Kiangi, circumstancia que não escapou ao esperto mensageiro, que tambem lhe não fallou nella.

Ás outras perguntas deu-lhe as respostas mais tristes possivel; ou fosse porque suppozesse que dizia a verdade, ou porque lhe tivessem ensinado o recado, como se costuma fazer com aquelles jornalistas que domesticaram os seus furores diante d'uma boa dóse de influencia nos negocios publicos, que se não compra muito cara quando em troco della se dá cousa de tão baixa valia — uma consciencia venal, que hontem esteve ao serviço das facções, e hoje ao do poder. Qualquer que fosse a razão das respostas, ellas affligiram Ondotó que deixou ver em si uma grande agitação, que tanto se podia suppor que era effeito d'uma intensa dôr, que debalde se queria dissimular, como de uma raiva concentrada, que póde fazer explosão quando menos se espera.

Bookari abriu a carta: ella representave na parte interior um triangulo, pelo modo porque estavam dobradas uma sobre a outra as duas extremidades do papel escripto; a parte exterior servia para fechal-a, segundo o modo ordinario. O mandinga leu algumas cousas para si; e depois proseguiu em voz alta.

«Se ainda ahi está Ondotó, dize-lhe que não sáia para nenhuma outra terra, e que muito menos venha para esta ilha. Se tal fizesse, a sua perda sería certa. Os inglezes reclamam n'o para tirarem delle a *torna* de Pimping; e o malvado governador que quer estar bem com elles, não só lhes prometteu que o entregaria se elle aqui apparecesse, mas até se offereceu, se não viesse, para mandar emissarios a diversos para saber onde estava; e que logo que o soubesse, mandaria buscal o preso, se estivesse em algum dos presidios portuguezes, e no caso d'estar no paiz de algum regulo, que arranjaria a sua entrega por meio de presentes.

«Quanto a esta ultima parte, se elle se deixar ficar nos territorios mandingas, sabes que não ha receio de que os inglezes lhe ponham as mãos em cima, pois não faltam os meios de desviarmos o perigo. Comtudo bem sabes que o mais seguro para elle era ligar-se com os homens poderosos que dominam toda esta costa, e que mais fervorosamente o hão de proteger quando se protegerem a si mesmos na protecção que lhe concederem, o que agora não acontece, em que só por certas considerações se póde obter que o guardem, considerações que ámanhã podem mudar.

«Has de ter conhecido que fui verdadeiro em tudo quanto disse de Ondotó e que ainda fui mesquinho nos gabos que delle te fiz; é intelligente, bravo,

(1) Chama-se nas ilhas de Cabo Verde, jagacida.

arrojado, e de muito merito. Se elle quizesse despir-se do seu meio catholicismo e meio paganismo, e podesse olhar para as cousas de alto, seria uma boa *pedra* para a obra em que nos empenhamos de *levantar templos á virtude, e cavar masmorras ao vicio.*»

O mandinga, depois de fechar cuidadosamente esta carta, pediu com muita instancia a Ondotó que se conformasse com os avisos que n'ella se lhe davam, e que eram somente para seu bem, assegurou-lhe uma protecção efficaz para o caso de alguma tentativa da parte do governador de Bissáu; e depois retirou se para deixer tempo á carta de produzir o seu effeito.

Ondotó ficou muito lisongeado com os elogios que Valerio lhe fazia, mas enleavam-no aquellas ultimas palavras da carta, de que não entendia a significação: confundia-se em achar explicação áquella protecção de homens poderosos capazes de o livrarem das garras do governador, e que o livrariam sempre se elle quizesse; e não atinava com o que Valerio queria dizer n'aquellas considerações que agora chamavam sobre elle a influencia benigna desses homens, e que comtudo podiam de um dia para outro chamal-o para outra parte, deixando-o a elle desvalido: e não sabia se havia de alegrar-se pelo presente, ou temer pelo futuro: se havia de revoltar-se contra a tutella invisivel a que o submettiam, se agradecer a impunidade que lhe asseguravem.

Algumas semanas se passaram assim: o mandinga, e suas mulheres e suas filhas não despresavam a educação mourisca do selvagem; e a isto accrescia, de vez em quando, uma ou outra allusão fugitiva que o mouro deixava escapar á carta de Valerio, e á poderosa sociedade, pois bem sabia que por este meio a turbação cresceria na alma do seu discipulo.

Novas viagens commerciaes emprehendeu este, mas para o interior, para o paiz dos jalofos, onde a acção de Bissáu era a bem dizer nulla; e ao mesmo tempo a tal distancia de Gambia que as garras do leopardo bretão se não poderiam empregar nas suas carnes por mais que quizesse dar pasto á sua voracidade. É desnecessario dizer que estas viagens eram de curta duração, e que Bissa-Amadi era sempre o ponto onde ellas terminavam, assim como tinha sido aquelle donde tinham começado; assim como que de cada vez dava Ondotó mais provas de seu talento commercial, que se podia verificar pelo accrescentamento das patacas, que se lhe distribuiam com uma fidelidade e exactidão exemplar no fim de cada viagem commercial. Assim correu um anno, e apoz elle alguns mezes mais.

Um dia indo ambos de viagem, chegou-se Ondotó a Boukari, e disse-lhe que tinha desejos de fazer-se musulmano; que se tinha convencido que esta religião era melhor que a sua, que tambem lhe parecia que assim ficariam mais apertados os laços de amisade que o prendiam a seu protector, amigo e socio, a quem já o ligavam os da muita gratidão. E isto era assim, mas não era tudo. Ondotó já sabia dissimular, já não dizia a Boukari que uma de suas filhas entrava com uma grande dose d'influencia maior que nenhuma das outras causas para a resolução que tomára, e que lhe tinha sido por ella ordenada, como o unico meio de obter que lh'a désse um homem, que nunca poderia querer para genro um idólatra e pagão por maior que fosse a amizade que lhe tivesse.

Boukari ficou louco de gosto com esta communicação. Ha muito que se tinha apercebido de que Coumba gostava de Ondotó, e que este não era insensivel aos attractivos da mourisca; e vendo-se velho, e sem filhos senão as duas raparigas, não se lhe daria de que Ondotó quizesse casar com ella, e ficasse na casa para continuar o negocio, porque os mandingas dividem-se em castas, que hão de seguir as praticas e os officios dos que os precederam nellas; mas por forma nenhuma consentiria neste casamento sem que Ondotó abraçasse a lei de Mafoma, tanto porque o contrario seria um crime contra ella, como porque só assim conseguiria realisar as vistas que tinha sobre o papel, tornando dependente da realisação dellas o conseguimento do ardor que este mostrava de possuir Coumba.

(*Continua.*)

SOUSA MONTEIRO.

AVISO.

Assigna-se para o Panorama e Illustração em Lisboa, na livraria do editor, A. J. Fernandes Lopes, rua do Ouro, n.os 227 e 228, e na do sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo n.º 21; Maranhão, o sr. J. A da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manoel Gomes de Amorim.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta por conta do mesmo editor até ao n.º dos 200 exemplares em casa dos correspondentes mencionados.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.

Continuará sem interrupção até 1826.



CASA DE LAMARTINE.

A. DE LAMARTINE.

I

Fallando do insigne poeta do Jocelin e das Harmonias, não tentamos fazer nem uma biographia, nem uma appreciação litteraria do grande escriptor. Vamos simplesmente dar uma noticia rapida da vida deste homem tão notavel pela sua vasta intelligencia como pelos dotes eminentes do seu caracter moral.

Temos aberto diante de nós o volume das *Confidencias*; correndo os olhos pelas primeiras paginas conhecemos a historia da publicação deste livro. A casa paterna, o lar amigo onde o poeta recebêra o primeiro e o ultimo osculo dos labios maternos, vão vender-se.

Em cada pedra, em cada tronco de arvore, em cada palmo de terra, tem entalhada uma memoria querida dos dias da infancia, uma recordação suave dos primeiros e descuidosos annos da juventude.

Os sitios que foram testimunha dos sorrisos e lagrimas da nossa adolescencia não esquecem jámais. O grande espirito, o homem que poucos mezes antes affrontára sem empallidecer a morte no meio dos tumultos civis, subjugando com o poder magnetico da sua palavra o povo em revolta, treme como a creança e faltam-lhe as forças para assignar o contracto da venda de Milly.

As *Confidencias, essas paginas arrancadas do livro do coração* como elle lhe chama, foram o preço porque o auctor dos Girondinos, o primeiro nome da Republica, em seguida a deixar o poder, revindicou o ninho paterno.

A Providencia cria ás vezes destes homens para que as gerações futuras vejam nelles um protesto eloquente contra a dissolução moral da epocha em que viveram.

Todavia a critica implacavel não lhe perdoa a publicação deste livro intimo; nas suas expansões mais ingenuas, pretende ver borbulhar a vaidade, e a satyra mordaz accusa a obra até pela singelleza e sinceridade com que é escripta.

II

Estamos no primeiro periodo da juventude do poeta; Milly, como dissemos, é a vivenda dos seus maiores.

Aquelle horisonte não basta para os vôos da sua imaginação que desprende as azas com todo o impeto dos 18 annos.

A mãe com o finissimo tacto, e precioso instincto da mulher que ama, adivinha a causa da tristeza do filho. As pequenas economias compatíveis com as forças de uma modesta fortuna, reunidas pelo decurso de muitos annos, são-lhe entregues por ella

um dia, e Lamartine separando-se pela primeira vez dos braços da familia, deixa a França, e vae passar alguns mezes a Italia.

É alli

Sur la plage sonore où la mer de Sorrente
Deroule ses flôts bleus au pied de l'oranger.

que os olhos meigos e azues ferretes de Graziella, da filha do pobre pescador de Prócida se volvem com ternura para elle, accendendo-lhe n'alma a chamma suave do primeiro affecto.

Mil vezes que tenhamos lido as *Confidencias*, em chegando a este episodio da vida do illustre escriptor, não podemos deixar de sentir uma impressão sincera e profunda. Quanta melancolia, e quanta saudade respira desse quadro tocado pelo seu pincel ao vivo! O cantor das meditações devia ter representado o principal papel nesse drama, tão natural, tão simples e tão profundamente doloroso! Passados tantos annos, e desenhadas á luz da verdade essas scenas, conservam ainda todo o viço e frescura da juventude! É que o coração não envelhece jamais naquelles que a Providencia coroa das immarcesciveis palmas do genio. Sobre o pequeno terraço da humilde casa, em presença do mar cujas ondas azuladas e bonançosas vem quebrar-se nas areias da margem, á luz pallida das estrellas, o poeta escuta dos labios tremulos da encantadora italiana os primeiros juramentos de amor; amor puro e suave como o perfume das veigas que o rodeam, grande e profundo como o mar que se lhe desenrola diante dos olhos, casto e sereno como o azul do firmamento que os cobre! É solemne este baptismo de amor que o genio recebe no berço dos grandes artistas, e dos immortaes poetas! Foi elle que mais tarde fecundou na sua alma o estro que tem legado á França poemas como os de Jocelin, versos como os das Harmonias, paginas como as dos Girondinos, e das Confidencias

Passados alguns mezes, as longas conversações á luz pallida da lua, o extasi de um affecto sem termo, as leituras á noite no *astrico*, toda essa vida, cheia de sensações ora alegres e suaves, ora amargas e profundas, porem sempre saudosas e queridas, tem de acabar. Uma carta de França vem pôr termo a tudo.

As conveniencias, as considerações, os meios positivos, estes implacaveis algozes do coração humano, obrigam o sem remedio a separar-se da pequena ilha, da pobre choupana do pescador, a dizer em fim o ultimo *adeus* a Graziella.

Os dias descuidados da sua juventude terminam aqui.

A ingenua filha de Prócida tambem ao ver que vae separar-se do seu primeiro e ultimo affecto, sente que só na morte pode encontrar remedio para a saudade que esse golpe lhe abriu no coração.

A rola viuva, pouco tempo depois, com o extremo expirar da tarde, abandona a terra onde ficara só, e vae esperal-o em espirito na patria que Deus destinou áquelles que viveram unicamente para o amor e para a abnegação.

Continua.

BULHÃO PATO.

A história das eras passadas mostra-nos o genio do fanatismo, sentado sobre ingentes montões de humanas ossadas.

CHRONICAS MONASTICAS.

I

PARA SERVIR DE PROLOGO

(Continuação.)

Agora voltemos a medalha pelo reverso, para mostrar que sabemos ser imparciaes, e que nem a affeição nos cega, nem antepômos á verdade nenhuma conveniencia. Diremos que nos mosteiros tambem se commettiam muitos abusos, e que esses foram causa de por varias vezes se proceder á sua reforma, e se lhe enviarem homens de consciencia e de religião para os extirpar. Mas repetiremos, o mal provinha dos homens, e nunca da instituição. N'essas mesmas chronicas e documentos a que temos de nos soccorrer para o nosso trabalho havemos encontrar e publicar muitos d'esses casos, que se não fôra a authenticidade dos instrumentos onde estão lançados, seria realmente para duvidar d'elles.

Aqui vem a pelo uma declaração, que desde já ficará assentada para sempre. Temos fallado de alguns nomes distinctos em as nossas letras, e ainda não citámos o de um profundo archeologo que não cede em competencias com os nossos mais illustres, e que até mesmo consecutivas vezes é por elles consultado. A este somos devedores de muitas illustrações e valiosissimas indicações dos manuscriptos e documentos que se archivam na Torre do Tombo, e na Bibliotheca Publica e da Academia das Sciencias. A muita amizade e a muita frequencia que temos com o snr. Rodrigo Felner, ia sendo causa desta ingratidão. Felizmente que nos achâmos a tempo de reparal-a, dar-lhe-hemos o desforço sobejamente avultado. Chamar-lhe-hemos uma bibliotheca viva, uma Torre de Tombo ambulante, um phenomeno mnemonico que ainda hoje não apreciâmos bem, porque todos os dias ahi o acotevelâmos pelas ruas, nos encontramos com elle, e o interrogamos sobre o que precisamos saber ou conhecer. Sua verdadeira estima só lha saberemos dar depois dessa triste hora da humanidade em que principia a posteridade, porque não tendo já á mão este indice vivo dos nossos escriptores antigos, este veridico repertorio de quantos manuscriptos nos legou a antiguidade, este engraçado collector de quantas anedoctas e factos graves estão espalhados por essas chronicas, este entendido cultor das letras patrias, que tem passado os seus dias e consumido as horas mais formosas da sua existencia entre o pó dos pergaminhos que compulsa, e que de memoria immediatamente cita o que carecemos saber apontando onde encontral-o, sem uma vez só ainda o termos apanhado em falha — não o tendo já á mão, dissemos, saberemos então pela triste experiencia quanto custa ajuntar tamanhos thesouros de intelligencia, perdendo ás vezes horas e dias consecutivos unicamente para descubrir se na epocha tal se usava um ferragoulo, ou capote de mangas curtas chamadas de descanço, e um capêlo; se os calções eram de risso, ou outro qualquer estofo; a forma de um sombreiro, e outras miudesas iguaes, que a muitos parecerão insignificantes bagatellas, e são porem valiosissimas preciosidades para a verdade da historia e da pintura dos costumes, e são o complemento dos quadros traçados por mão de mestre, e que se acham tão escondidas naquelles velhos pergaminhos que muitas vezes o investigador chega a desa-

nimar de as encontrar ao cabo de folhear muitos e grossos cartapacios!

Estas bagatellas, estes insignificantes nadas que se não apreciam como devem, são os que contribuem para a reputação do artista, assim como concorrem para a animação das scenas do poeta dramatico, e do romancista. Que cousa mais ridicula que o anachronismo da pintura em azulejo do bemaventurado Santo Antonio, cuja devota imagem estava collocada por cima da antiga porta da alfofa, no acto de livrar o pai da forca, e rodeado de frades jesuitas, que só appareceram no mundo quasi tres seculos depois do milagre alli figurado? Como seria para rir vêr no theatro o nosso esforçado D. Affonso Henriques, ou D. João I trajando a casaca de seda e a longa cabelleira d'elrei D. José, em vez d'aquellas cotas de malha e aquelles arneses, e aquelles elmos com que afrontaram os alfanges serracenos e as lanças hespanholas? Como seria irrisorio vêr na mão do esforçado grão-mestre dos Templarios em vez da espada, um arcabuz com o seu competente morrão, a fazer fogo sobre um descendente de Agar? Seria a reproducção do quadro d'aquelle magano pintor que para dar novidade á representação do sacrificio de Abrahão, lhe meteu um trabuco nas mãos, e lho apontou sobre o seu querido Isaac, prompto a offerecel-o em holocausto se um anjo lhe não apagasse a escorva!

Aqui está entre outras mil cousas para o que serve o conhecimento da archeologia. Para fugir a todos estes revoltantes anachronismos.

Porém estes conhecimentos nao se adquirem sem muito estudo, e n'este é profundo o sr. Rodrigo Felner, que por uma mal cabida modestia, se occulta aos olhos do vulgo sumindo-se nas mais escuras sallas das bibliothecas publicas, ou escondendo-se no seu gabinete entre os seus livros que os possue valiosissimos, conhecido e frequentado por poucos mas intelligentes homens de lettras, e só por estes devidamente avaliado. Aqui ficamos vingados e bem vingados do involuntario esquecimento em que iamos caíndo.

Porémos, por amostra, um d'esses factos, que devemos á indicação d'este nosso amigo. Sabido é que o tabaco sempre foi entre nós um contracto real, e de que o estado successivamente foi colhendo rendimentos que com o andar dos tempos se tornaram avultados. Leis severas se hão decretado para punir aquelles que defraudam pelo contrabando os interesses dos contractadores, e apesar d'ellas em todos os tempos tem apparecido fabricantes de tabaco, e passadores d'elle, excitados pelo lucro colhido na contravenção. Não admiraria nos seculares este trato especulativo, porém é para sombrear que nos mosteiros se fisesse o contrabando em grande escalla! De muitos processos sabemos feitos por esse motivo aos frades, mas bastará citar um que succedeu nos tempos da regencia do infante D. Pedro, que depois foi o segundo monarcha d'este nome, quando o infeliz D. Affonso VI passou do seu encerro no palacio de Cintra para o tumulo onde se furtou para sempre aos rigores d'um cruel irmão. Figurava no processo o abbade do mosteiro de S. Bento, como domno de uma fabrica de tabaco estabellecida no mesmo mosteiro. Acharam-se-lhe os instrumentos, e dous saccos com o genero em pó. Chegou o caso a resolução de consulta, que teve logar em 29 d'abril de 1676, para o abbade ser expulso do reino. Até aqui o facto. Agora as curiosidades do processo chamam a attenção pelas allegações de uma e outra parte, e pelo pedantismo d'aquellas eras. Citou o abbade o exemplo de Deos que não condemnou Adão sem o ouvir; e a junta oppoz-lhe os exemplos d'elrei David, e d'elrei Creonte quando desterrou Medea pelas informações secretas que certo ministro seu lhe dera, dizendo mais, que o principe pode, quando julga, condemnar o delinquente sem o ouvir! Acaso já se viu tambem prova mais eloquente de uma erudição tão pesada? D. Pedro que não era muito propenso a perdões, resolveu a consulta como se propunha, e o abbade foi fazer tabaco em pó lá fora de terras de Portugal, onde o genero não fosse contracto, e melhor soubessem avaliar-lhe o saber artistico do que na ingrata patria onde tão mal se lhe recompensava o merito!

Ora já basta de introducção. Dissemos muito, e talvez de mais para os limites d'esta folha; mas emquanto ao trabalho e a sua utilidade dissemos realmente ainda pouco, e ficamos muito áquem de tudo que deveriamos dizer. Faremos com tudo graça de todas essas cousas ao ledor curioso que esteja com desejos de entrar na materia, porque como ella é extensa naturalmente de si, não devemos cortar-lhe pelo desejo de se instruir, só pelo prazer de extender-mos mais umas paginas da nossa introducção. Não devemos porém occultar-lhe que n'este escripto não encontrará nem galas de erudição, nem efflorescencias de estylo, nem arrojos de eloquencia; pois fica provado n'essas precedentes linhas que ahi estão estampadas, que não primamos em taes bellezas, nem temos o necessario condão para as entertecer e ingrinaldar. Primaremos sim em ser fieis e escrupulosos no transumpto dos pergaminhos a que vamos recorrer, cortando-lhes pelo desnecessario, arido, e agreste, para somente lhes offertar o necessario, agradavel, e util. Para o leitor que arremessar para longe de si este papel, anojado só pelo titulo de *Chronicas monasticas* tambem fasemos um serviço não pequeno em lhe pormos aqui ponto; porque lhe deixamos mais largo campo no jornal para outros assumptos que melhor forem do seu gosto. Por isso não lhe quereremos mal.

Agora só uma explicação do motivo porque principiaremos as nossas chronicas pela companhia de Jesus com preferencia a qualquer outra religião. Por que se illustrou no reino e no mundo pelos serviços, e pelas letras, e ao cabo de dous seculos de existencia em Portugal, foi a religião que se apresentou mais nobremente victima resignada ao sacrificio depois d'aquelle grande exemplo dado ao mundo com a extincção dos Templarios, em 2 de maio de 1312, quasi quatro seculos e meio antes. Porque os aggravos que se lhe imputaram para aquella grande catastrofe não estão todos ainda bem liquidados á face dos documentos historicos. Porque o martyrio, e longo foi o que muitos d'elles soffreram, illustra sempre as victimas. Porque finalmente foram elles, os que precederam quasi um seculo o cataclysmo geral que em 1834 derrubou as ordens monasticas. Tem por isso indisputavel jus á nossa preferencia sobre todas as outras.

(*Continua*)

F. D. d'Almeida e Araujo.

A HARPIA DA AMERICA.

Este possante volatil é entre as aves do novo hemispherio o terror dos bosques e montanhas, como em o mesmo solo é na ordem dos quadrupedes o jaguar ou tigre americano: ambos são igualmente ferozes e devastadores. A harpia não é inferior ás ou-



tras aguias que habitam as serranias da Europa e da Asia: onde ordinariamente se encontra é nos logares mais reconditos das florestas da Guyana, até agora quasi inaccessiveis aos homens; é d'uma audacia e voracidade extremas, sem hesitação acommette as prezas mais valentes, e das regiões do ar caé de xofre contra mamiferos duas vezes mais corpulentos do que ella, derruba-os a golpes de seu bico reforçado, duro e revolto, levanta os nas rijas garras e os tranporta com vigor e rapidez sem igual até o escondrijo onde os devora.

Os individuos d'esta especie, limitada áquella parte da America meridional, são pouco numerosos, e os seus habitos pouco conhecidos.

M.

PHOTOGRAPHIA.

(Continuação.)

Theoria. — A theoria optica é a mesma que a da camera escura, e por isso as imagens são invertidas (1). Pelo que diz respeito á acção da luz essa é mais difficil d'explicar, e apresentaremos o que ha de mais notavel n'este assumpto depois de concluirmos a descripção do processo.

Revelação. — A chapa tira se da camera, e não se vê a imagem; deve abrigar-se da luz aliás o iodoreto de prata escurece. — Para que a imagem seja visivel é necessario submettel-a á acção de certas substancias, que se dizem reveladoras; o mercurio é a melhor d'essas substancias.

A exposição aos vapores do mercurio é feita do modo seguinte: em uma caixa de madeira cujo fundo é de folha de ferro, deita-se algum mercurio. A chapa que veiu do daguerreotypo colloca-se na parte superior da caixa, sobre um caixilho que tem a inclinação de 45 ° Fecha-se a caixa, e aquece-se o fundo com uma lampada d'alcool até que um thermometro, que o instrumento tem suba a 45.°, retira-se então a luz e o thermometro continuará a subir até 55 ou 60.°

Será escusado dizer que o aquecimento tem por fim promover a volatilisação do mercurio. — Passados alguns minutos repete-se o aquecimento do mesmo modo e vê-se se a imagem vai apparecendo, para o que o observador olha, por um vidro branco, que está na parte anterior e superior da caixa ao mesmo tempo que applica uma luz a um outro vidro córado e que está na parte lateral e superior. — Advirta-se sempre que todo este trabalho é feito n'um quarto escuro. As vezes é necessario muito tempo para que a imagem se revele, devemos antes prolongar do que abreviar esta operação.

O mercurio volatilisando-se, só se dirige sobre as partes impressionadas pela luz e ahi se fixa, não ficando amalgamado, pois se destaca facilmente.

A imagem não se póde conservar senão na obscuridade, pelo que é necessaria uma nova operação, que é a *Lavagem.* Lava-se a chapa primeiro com agoa e depois com uma dissolucção concentrada e filtrada de hyposulfito de soda, acabando se com uma nova lavagem em agua destillada.

A operação que acabâmos de descrever, serve para tirar de chapa toda a camada sensivel sobre que a luz não actuou, o hyposulfito de soda tem a propriedade de a dissolver sem atacar a parte impressionada. — Consegue-se pois ter uma imagem que se póde expor á luz sem desapparecer. O trabalho ainda não está concluido, a imagem destroe-se com grande facilidade pela acção de causas as mais insignificantes; não se póde conservar.

Foi em 1840 que mr. Hypolito Fizeau descubrio o meio de conservar as photographias em chapa. e chama-se fixação á operação com que isso se consegue.

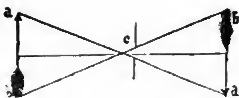
Fixação. — Cobre-se a chapa d'uma dissolução de chlorureto d'ouro, e aquece-se, até que comecem a apparecer bolhas, e a imagem a fazer-se mais intensa. Nesta operação o ouro se combina com o mercurio, que forma os brancos augmentando-lhes a solidez e o brilho. Os negros reforçam-se igualmente pelo deposito d'uma tenue camada de ouro sobre a prata que os fórma.

Quanto á dissolução de ouro, a que geralmente se emprega, é formada de:

Chlorureto d'ouro........	1	gramma.
Agoa..................	800	»
Hypesulfito de soda.......	4	»
Agoa..................	200	»

Dissolva, misture, e filtre.

(1) Os raios que partem dos differentes pontos d'um objecto A B passando atravez da abertura C cruzam-se e vão dar sobre um alvo a imagem A' B' invertida



se na abertura C se colloca uma lente convergente, isto é uma substancia transparente capaz de fazer recair os raios luminosos, a imagem fica distincta.

As operações estão terminadas, a chapa deve collocar-se em caixilho e resguardar-se com um vidro.

É agora a occasião opportuna de dizermos alguma cousa da theoria da acção da luz sobre as substancias sensiveis. Tem sido principalmente Moser quem se tem occupado d'esta questão. Em virtude de suas experiencias elle estabeleceu o seguinte principio: quando dous corpos estão sufficientemente proximos elles imprimem sua imagem um sobre o outro. Não é necessario operar de dia, as imagens ainda se obtem operando ás escuras. Não se pode explicar o phenomeno pela phosphorescencia, por quanto um corpo que esteve na obscuridade muitos dias, e outro analogo que esteve exposto ao sol, dão logar a duas imagens iguaes.

Fizeram-se differentes experiencias que Encke, Humboldt e outros repetiram e verificaram. Moser estabeleceu que existia a luz latente, assim como havia calorico latente. Este objecto tem sido muito estudado por outros, que recorrem a outras explicações.

Quando se estuda a influencia dos differentes raios sobre a camada sensivel vê-se que nem todos operam do mesmo modo. Já dissemos que a luz branca se podia considerar formada de sete cores principaes. São só os raios violetes e azues que operam no primeiro tempo de exposição. Mais tarde operam já os raios alaranjados e vermelhos, e por fim os verdes e amarellos. D'ahi vem a distincção feita por Becquerel dos raios em *excitadores* e *continuadores*; isto é, raios que podem actuar chimicamente sobre as substancias independentemente d'outros raios, e que só podem continuar a acção começada pelos primeiros.

Para bem perceber a differença entre os raios continuadores e excitadores bastará apresentarmos um exemplo. Se adiante d'uma chapa iodada se colloca um vidro amarello a imagem não se forma. Se a chapa tiver estado antes, por algum tempo, ainda que pouco, exposta aos raios azues ou violetes, a imagem se formará : quer dizer, os raios amarellos não podiam começar, porem poderão continuar a alteração da camada sensivel.

Cores. — Diversos são os artificios que se empregam para illuminar as photographias. Umas vezes applicam-se immediatamente as materias corantes, diluidas em espirito de vinho. As substancias que mais geralmente se empregam, são o ultramar , o carmim, o amarello de chromio, e o azul de Prussia. Outras vezes empregam-se tintas transparentes pela parte posterior do vidro que deve proteger o retrato. Finalmente alguns applicam pequenas porções de baudruche córado, sobre as partes que devem apresentar côr.

Devemos declarar que é um crime artistico o illuminar á mão uma imagem photographica, poderá agradar a quem não tenha idéas d'arte; porém a um entendedor desagradará sempre.

A belleza da photographia, está nas sombras, e na perfeição dos detalhes, esse é o seu verdadeiro merecimento artistico. Não teriamos a dizer o mesmo se fosse a luz quem se encarregasse da coloração.

Differentes tem sido as tentativas feitas pelos photographos para obterem as imagens com as cores dos objectos. Infelizmente o problema ainda não se resolveu, e por em quanto pouca esperança póde haver em sua solução. É certo que já se tem obtido imagens de spectros solares intensos com todas as cores, tambem é verdade que Daguerre descubriu uma substancia, que dava côr vermelha depois de exposta á luz vermelha, outra que se fazia verde e uma terceira que se fazia azul, cada uma na luz dessa côr. Misturando as tres substancias de que acabamos de fallar, obteve o pintor francez um composto que se fazia vermelho no vermelho, azul no azul, etc. estas experiencias leváram M. Arago a dizer que talvez pela mistura de differentes materias resinosas se conseguisse formar um verniz no qual cada luz imprimisse photogenicamente a sua côr (1).

Um americano inglez M. Hill lembrou-se um bello dia do proveito que se podia tirar da descuberta do grande problema de photographia. Apresentou-se declarando que tinha cortado o nó Gordio e que possuia um processo tão simples, que bastava ler um opusculo que elle ía publicar, para que qualquer podesse obter imagens coloridas. O producto liquido da venda do folheto foram 70:000 francos. Não foi só em toda a America ingleza onde se calculam em mais de 40:000 os amadores e curiosos de photographia, foi por toda a Europa que o livro de Hill se espalhou. O pasmo dos leitores foi extraordinario, pois acharam uma resumida descripção dos processos photographicos e apenas n'um canto appareciam algumas linhas que diziam estar resolvido o problema, porém que só seria apresentado ao publico depois de maduro exame. Eis em que ficou o grande *canard* de M. Hill.

O problema tem bastantes difficuldades para se poder resolver, pois seria necessario ter uma substancia unica que fosse susceptivel de tomar differentes cores, conforme a cor de luz que a impregnasse, o que talvez seja tão facil de achar como a pedra philosophal. Outra difficuldade e de grande vulto, é a seguinte : as cores da maior parte dos corpos são compostas, e além disso tem sempre mistura de luz branca, logo muito mais difficil se torna a resolução da questão.

Dizer que nunca se obterão imagens photographices fixando as cores dos objectos, seria expôr-se a errar; não tem o nosso seculo presenciado verdadeiras maravilhas?

O que podemos dizer sem receio de contradicção, é que no estado actual da sciencia parece que não se conseguirá. Apesar de tudo, M. Niepce de S. Victor continúa a fazer todos os esforços para achar a solução do problema, oxalá que seus trabalhos sejam coroados d'um resultado feliz.

Antes de passarmos ao estudo dos outros ramos da photographia, diremos alguma cousa da posição mais conveniente a dar ao objecto que se pretende copiar, ou ao instrumento quando o objecto é fixo. O que se vae dizer, applica-se tanto á photographia em chapa como aos outros ramos desta arte.

Do objecto a copiar — O modello deve ser bem collocado para que o retrato venha bom. Deve estar bem no fóco, o que se gradua pelo vidro despolido, attendendo a que segundo boas opiniões o fóco photogenico nem sempre coincide com o fóco luminoso. O individuo estará de lado olhando para um ponto affastado podendo pestanejar, mas logo depois fixando novamente a sua mira. Quando o modello tem d'esperar alguns minutos deverá encostar-se convenientemente. A luz que convem é a diffusa, illuminando mais fortemente trez quartos e o resto do rosto ficando na sombra.

As extremidades superiores e inferiores devem estar collocadas de modo que não se achem n'um pla-

(1) Está provado que a luz branca ou do sol é composta de differentes cores, que são segundo uns, tres, segundo outros sete ou mais. Cada uma dessas cores é simples, e portanto simples será a luz que a tiver.

no muito mais anterior que o do resto do corpo, aliás virão muito grandes.

O eixo da objectiva deve estar á altura da cabeça do modello, ou antes mais elevado que mais baixo. A rasão que se dá para esta posição vem a ser o ficar o nariz mais curto, a ponta da barba muito grande quando o eixo da objectiva é horisontal. O fundo deve ser escuro, e a distancia geralmente faz sobresair o retrato com um fundo em que entre uma paizagem um pouco affastada, e mesmo a existencia de objectos d'ornato dos lados da figura é conveniente para que a attenção se divida um pouco, a photographia ganha em belleza.

As cores do fato influem um pouco. Deve haver o cuidado de que não sejão muito claras, pois parecerá o individuo trigueiro. Em geral devem escolher-se em harmonia com a côr do individuo, advertindo que as cores verdes e amarellas custão muito a impressionar, e assim as roupas precisando muito mais tempo que o rosto este ficará imperfeito, demasiadamente carregado em côr, e mesmo manchado.

São as roupas pretas com reflexo de setim as que produsem melhor effeito.

Quando é uma vista, deve o instrumento achar-se a uma distancia que não exceda á altura do edificio. Procurar trazer ao fóco o plano mais notavel, o que caracterisa mais o edificio. Prolongar o tempo d'exposição sobre tudo havendo grandes massas de verdura a copiar. São estes os cuidados mais notaveis que se devem ter.

(Continúa)

J. A. da Silva.

SAUDADE.

Dize-me inteira a verdade;
Donde te veiu o desejo
De saber o que é saudade?
Tão feliz és, que na vida
Não tenhas, sequer um dia,
Visto uma nuvem sombria
Toldar-te da esp'rança o ceu;
Ou nunca o teu pensamento
Se volveu com sentimento
Ao passado que morreu?
Então não sabes de certo
O que é esta dor sentida,
Que nos traz sempre de perto
Uma ventura perdida!

Se eu de ha muito não houvera
Aprendido a padecer,
Comtigo lições tivera
De não ter mais que aprender.
E tu perguntas-me ainda,
(Ha na pergunta maldade)
Se eu não sei o que é soffrer,
Se eu não sei o que é saudade?!

Pois não sei! Pois eu que a vida
Trago presa a um olhar teu,
E que á tua imagem, qu'rida,
Dei culto, razão e fé:
É possivel que a saudade
Então não saiba o que é?

Sei demais. Se te não vejo,
Nem pergunto ao coração,
Porque me corre o dezejo
Tão longe de mim então:
Nem porque vaga tristeza
Me enluta as compridas horas,
Que ao recordar-me o teu nome
Envolvida na saudade
Vem a dor que me consome!

Se por acaso os teus olhos
Nos meus se fitam um dia,
Que lenta e funda agonia
Segue o momento encantado,
Em que eu andei embalado
Nos sonhos da phantasia!

E tu, duvídas que eu sinta,
E que saiba o que é saudade!
Pois o que é esta anciedade,
E este bemquerer incerto,
Que te traz sempre tão longe,
E sempre de mim tão perto?
Dize mais: pois este affecto
Que vive desamparado,
De que vive? Por que dura?
Por que não tem acabado
Se anda tão longe a ventura?

É que a saudade alimenta
Este sonho, esta chimera,
Que só por mim é sentida,
Que só em mim é sincera.
Sabe pois que a minha vida,
(Jurei fallar-te a verdade)
Só póde ser entendida
Por quem saiba o que é «saudade.»

L. A. Palmeirim.

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACCONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

XVI

De algumas pessoas que vieram de França em companhia de Antonio Alvares, e Francisco Martins

O capitão da nau, em que veiu de França Antonio Alvares, e Francisco Martins, se chamava o capitão Comboc. Veiu um frade portuguez chamado Fr. João, que trouxe perdão para soltarem todos os prezos que estivessem na cadeia, por quaesquer delictos, tirados os casos de lesa magestade, e os que tivessem partes, lhes fizeram perdoar, e todos foram soltos, e ficaram na cadeia todos os que estavam presos por culpas contra o snr. D, Antonio, que eram os que atraz nomeei, e assim eram mais Diogo Vieira Pacheco, Hieronimo Pacheco da Lima, Melchior de Magalhães, Gaspar Gonçalves Salvado, Lourenço Estacio Trigueiros, André Frz. filho de Manuel Frz. de Cea, e um padre velho, e outros. Vendo os francezes o zelo com que o povo festejava a vos e opinião do snr. D. Antonio, e vendo a festa que a elles lhe fizeram, o capitão Comboc se foi um dia á cadeia com seus soldados, e disse que botassem fóra todos aquelles traidores que estavam prezos para os matar, e para que era tel-os alli, que d'alli persua-

diram outros, pedindo ao carcereiro não quiz, começou a mandar por polvora para arder a cadeia, e os queimar a todos dentro. A esta desordem do capitão Francez não faltava gente do povo, que o persuadia, acudio o corregedor com muita gente, e a justiça da terra, e outra muita gente nobre e de bom zelo e se pozeram a quietar o capitão dizendo-lhe que dentro estavam alguns prezos que o eram por outros casos e que os mais haviam de ser senteneiados conforme suas culpas, nas vidas e fazendas, conforme as leis de Portugal; de maneira que com fallas brandas, e bem cortezes, e de pessoas avisadas aquietaram o capitão e a sua gente, e algum povo que os ajudava; e com este se foi, e os pobres prezos ficaram como homens que os tiraram das mãos dos verdugos que já estavam com os cutellos nas gargantas. Este padre que veio nesta companhia e trouxe o perdão parecia não ter muita capacidade, porque depois veio nova que na ilha da Madeira o enforcaram com trajos e vestidos de leigo por andar alvoratando os moradores da terra por parte do snr. D. Antonio estando elles reduzidos a obediencia de El-rei D. Philippe.

XVII

De como D. Pedro de Valdez veio com dez velas de armada e o que lhe succedeu.

Em meiado do mez de julho do anno de 1581 em amanhecendo appareceram dez velas, oito grandes, e duas pequenas, onde entrava uma caravella alfamista, que vinha por mecheriqueira. Em apparecendo, que foi da banda de leste, uns diziam que eram naus de França, outros de Inglaterra, outros que seria armada de Portugal, outros diziam que não podia ser de Lisboa, por que já tinham dado desengano, que não haviam entregar a terra sem primeiro o senhor D. Antonio mandar, e que para virem tomar a ilha por armas, que era pequena armada; de maneira que estando nestas porfias a gente da terra, se atravessou a armada defronte do porto, e se poz a tirar arcabuzaria sem ancorar, e neste tempo ainda não estava feita a fortaleza de Santo Antonio, que depois se fez; e os bateis da armada andavam e vinham fóra por popa das naus, e galeões, e vieram logo a primeira noite pôr-se com soldados detraz donde agora está a fortaleza, para em amanhecendo tomarem os bateis que iam a pescar, e vieram a primeira e segunda noite, e a terceira até que tomaram um barco, e fallaram com a gente da terra, e os bateis do mar dizendo que se entregassem ao serviço e obediencia d'El rei D. Filippe, e que entregassem a terra senão que haviam botar em terra mil soldados. Riram-se disso, antes em vindo qualquer batel da armada com recados lhe atiravam. Andaria a armada defronte do porto e ilha como dez dias: a gente se vigiava pelas costas o melhor que podia; mas como a armada era pequena não faziam caso della; e se descuidaram na vigia, e em vespora de Santiago, como a armada se foi pôr defronte da Villa de San-Sebastião, mandaram desta cidade o licenceado Domingos Onzel com trinta homens arcabuzeiros e piqueiros ao Porto do Judeu, que é uma freguezia ao longo do mar. Vendo-se lá Domingos Onzel com os soldados mandou vir biscouto e uma rez e uma pipa de vinho, para comerem e beberem, e á tarde mandou que os piqueiros se viessem para a cidade, e que ficassem os arcabuzeiros, que seriam vinte e que, succedendo alguma cousa, bastavam com a gente do logar e freguezia.

XVIII

Do que succedeu ao dia de Santiago.

Depois que Domingos Onzel despediu os piqueiros, e dizendo para que eram lá mais de vinte homens arcabuzeiros, pareceu bem na cidade, por ser legua e meia della, que mandassem lá alguns homens nobres de cavallo, e pé, para darem mais prestes recado do que podesse succeder; e foram Martim Simão de Faria, Antonio de Ornellas de Gusmão, e Manuel Pires Teixeira, Gaspar Glz. Salvado, Pantaleão Toledo, o Licenceado Domingos Fernandes, e André Fernandes de Cea. E chegados lá consultaram com o Licenceado Domingos Onzel onde haviam estar aquella noite, para verem a armada, que mostrava alguns signaes de querer o dia de Santiago botar gente em terra, dizendo que seriam o ditto D. Pedro de Valdez, cometter não fosse o tal erro grande, de maneira que repartida a gente nas distancias dando a cada nobre quatro arcabuzeiros, entrando a gente da freguezia. O mar estava muito manso e a costa toda descuberta e sem fortaleza alguma, que depois se fizeram muitas; quando ás quatro ouviram, os que estavam mais arredados, tanger o sino da egreja de Santo Antonio, que era o orago daquella freguezia, e é hoje em dia; o ouviram atirar arcabuzaria, que eram os soldados castelhanos aos da terra. Os que lhe coube aquelle logar, que é a casa da salga, acudiram brevemente, e, em chegando, os soldados estavam em terra, e os bateis das naos com a barca que tinham tomado já iam buscar mais gente, e podiam estar em terra duzentos soldados que botaram logo da primeira vez. Estes se entrincheiraram logo o melhor que poderam, e outros ás arcabuzadas com os da terra, que podiam ser cincoenta soldados. A villa de San Sebastião está acima como um quarto de legua pequena. Quando acudiu a gente vinham os bateis das naus carregados de soldados e armas e feixes de piques, e traziam como outros dusentos homens soldados; e os capitães mestres de campo, e mais officiaes já estavam em terra quatrocentos homens, gente muito illustre e soldados velhos, que certo era para temer, e sua ordem e esforço era de grandes e animosos soldados. Vivia alli um Bartholomeu Lourenço com mulher e filhos; a mulher andava em corpo, sendo mulher nobre e moça, e seu marido lavrador rico entre a gente da terra, dizendo que ella fugira d'entre as mãos delles, cuidando que seu marido fizera o mesmo, e que o tinham já cativo ferido, fugindo um seu filho que o viera contar. A pobre mulher andava como doida, e os soldados da armada de posse da casa e de toda sua fazenda, e os soldados da armada senhores do mar, e os barcos e os bateis a dezembarcar gente, té que botaram em terra como mil soldados, e se entrincheiraram e se pozeram em tal ordem e concerto, que pareciam quatro mil homens. Seria as nove horas do dia, quando da cidade, e Villa da Praia, e mais montes podiam estar como tres mil homens, e cada vez iam crescendo mais, de maneira que se juntariam té o tempo de batalha quatro mil homens, com os francezes da nau de Antonio Eschalin e gente que já estava nesta cidade das mais ilhas, que podia haver na ilha seis mil homens de peleja. Os soldados castelhanos estavam debaixo, e a gente que vinha descendo toda lhe ficava descoberta; O capitão Artur de Azevedo, de baixo, ao longo do mar, com uma peça de artilheria em um carro e uns bois para lhe desmanchar e desbaratar o campo; que tem

falta lhe fizera muito damno, por os tomar atravessados. Vendo os soldados castelhanos o damno que lhe podia vir, como homens perdidos remetteram como vinte muito esforçados antes de se pôr em ordem e desparar da peça, e os que iam diante lha largaram, e se retiraram com muita pressa: os soldados a levaram ás mãos por ser pequena, de que ficaram muito animados, e contentes.

(*Continua.*)

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

O mahometismo já tinha prevertido o sentimento moral de Ondotó; elle, que por alguns annos, e só pelas mui fracas recordações da imperfeita educação catholica, que tinha recebido dos frades capuchos, tinha sabido resistir ás praticas dissolutas dos seus compatriotas; e que nem pela cabeça lhe passára dar uma rival a Kiangi, usando do seu direito de polygamia: elle, que tinha tido tão fortes e tão profundos remorsos por uma fragilidade em que caiu pela fraqueza dos sentidos n'um estado de meia embriaguez, e em circumstancias taes que não podiam ter influencia no coração de um selvagem senão se elle tivesse levado até á delicadeza de um catholico os sentimentos que recebera do seu trato com elles na meninice; eil-o agora que procede com reflexão, e muito a sangue frio trata de expulsar Kiangi do seu coração, pois o reparte com outra; e digo expulsar, porque o coração do homem é vaso muito estreito para caberem nelle juntos dois amores, digam o que disserem poetas e romancistas, que bem sabem que mentem, ou seja para alardearem de sua habilidade, vestindo de galas hediondos paradoxos, ou o que seria muito peior para corromperem os costumes dos jovens que os lerem.

E ahi está a rasão porque Ondotó não disse que era casado. Ao principio podia ser a sua dissimulação necessaria para não ser conhecido, mas mais tarde foi odiosamente calculada; porque, com quanto a polygamia seja seguida nesta terra, com quanto seja um direito religioso do sectario do alcorão, não é crivel que Boukari consentisse em dar sua filha a um homem que já era casado com uma selvagem, que viria sempre a ter a primasia sobre a mulher que entrou na casa de seu marido depois della, esposa recebida legitimamente. Assim Boukari não sabia que Ondotó era casado, porque este lh'o não disse, e porque Valerio tambem lh'o não mandou dizer, ou porque nunca suspeitasse que o mandinga desse sua filha a um papel, ou porque nos planos que revolvia lhe não fizesse conta dizer nem uma palavra a respeito de Kiangi: Boukari portanto ficou cheio de gosto, abraçou o selvagem com a maior cordialidade, e disse-lhe:

—Felizmente vamos esta noite ficar a Pinsory, que é aquella villa que se descobre lá ao longe assentada sobre esse Outeiro todo cuberto de verdura que se levante diante de nós. Aqui vive um respeitavel marabuto (1), muito instruido nas cousas da nossa religião, e de outras mais ainda que é necessario que saibas. Se has de receber minha filha é necessario que eu procure preservar-te de qualquer perigo dos muitos a que te expoz a morte de Pimping; e a carta do nosso Valerio que te li devia ter-te feito conhecer onde é que unicamente pódes achar essa protecção. Eu não quero violentar a tua inclinação; pódes fazer a este respeito o que quizeres, mas não leves a mal que, assim como não devo dar a minha filha a quem não seguir a minha religião, tambem não devo entregal-a a um homem que póde poucas semanas depois deixal-a viuva, porque morreu pendurado n'uma forca, menos pelo que fez do que por não querer tomar as necessarias cautellas. Pensa nisto, meu Ondotó, e amanhã me darás a resposta. Hoje não quero ouvir nada, ainda que quizesses responder-me:

Abraçou-o outra vez; e não disse mais uma palavra.

No outro dia, ainda o sol não assomava no horisonte e já Ondotó se achava ao lado do mandinga para o accompanhar na oração da manhã, que ambos fizeram com todas as prostrações e momices da lithurgia mourisco-mandinga, e com o rosto voltado para Meca: e depois que acabaram, e que feitas as abluções passaram a comer, disse-lhe Ondotó:

—Pensei no que me disseste; acho que tens razão, e estou prompto para tudo o que exiges de mim. Leva-me a casa do marabuto, e conta que a minha docilidade em seguir as tuas prescripções será tão illimitada como é excessivo o desejo de possuir a tua filha com a benção do propheta.

Ondotó já estava racionalista, e era por isso hypochrita, como são os da nossa Europa, que fingem acatar o catholicismo na propria occasião em que se applaudem interiormente porque esperam vêr-lhe dar os ultimos arrancos, o que comtudo não conseguirão nunca.

Boukari ficou tão cheio de contentamento, que nem póde achar palavras que o exprimissem. Levantou-se precipitadamente e correu para Ondotó com os braços abertos, e este levantando-se egualmente deixou-se caír nelles. Até que ponto representavam ambos uma comedia? Havia n'ambos alguma cousa de sincero, mas onde é que a sinceridade se desvanecia para dar logar á impostura? Se agora se dissesse, estava sabida a historia da maior parte dos acconteciméntos de Bissáu no segundo quartel deste seculo, e previstos os que hão de desenvolver-se nos seculos futuros.

—Ondotó, a mão de minha filha repousará nas tuas mãos no dia em que o marabuto disser que és digno della. Sabes qual é a condicção com que t'a dou; é portanto de ti e só de ti que depende apressar esse momento que dizes desejar tanto, e que o fulgor de teus olhos me assegura que é verdade.

(*Continua.*)

SOUSA MONTEIRO.

(1) Nome que os mandingas dão aos seus sacerdotes.

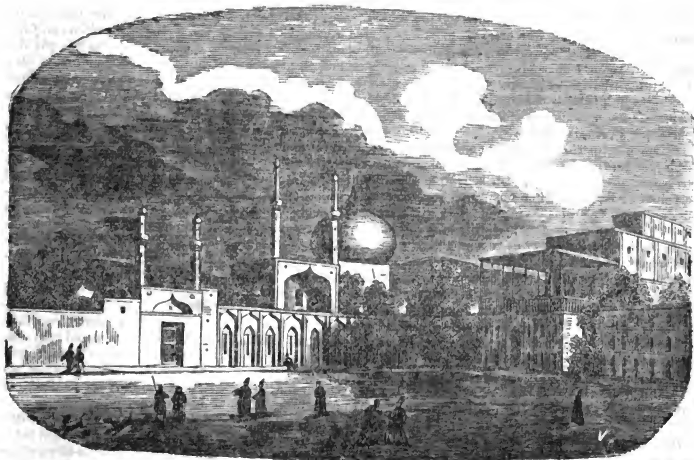
É feliz quem quer só o que póde, e faz só o que deve.

BIBLIOGRAPHIA.

Acha-se no prelo a comedia — Como se sobe ao poder — de L. A. Palmeirim.

A comedia — O Camões do Rocio — de I. M. Feijó.

O drama — A Torre do Corvo — pelo mesmo auctor.



PRAÇA D'ISPAHAN.

Do estado da cidade de Ispahan em nossos dias e dos persas modernos demos larga noticia no vol. 2.º do Panorama (anno de 1838) a pag. 186. Apresentamos agora a vista do meidan que é considerada uma das maiores praças do mundo. Hoje que a antiga capital da Persia está muito decaida do seu pristino esplendor, o meidan vê se deserto, e o mercado, cujas barracas enchiam a sua vastissima extensão, faz-se actualmente apenas n'uma das extremidades da praça; é todo rodeado de arcadas, porticos e casas, sendo, porém, o seu principal ornamento a mesquita real. Salvo algumas deteriorações produzidas pelo tempo, acha-se ainda como o viu e descreveu o nosso curioso e classico escriptor na relação de sua viagem da India por terra (cap. 13.º) no anno de 1663. Diz assim no seu costumado estylo ameno e singelo.

«A côrte da Persia pozeram primeiro os sophis d'ella na cidade de Taurisio (*Tauris*); depois a mudaram para Casbin, onde ainda hoje se vêem uns magnificos palacios que occupam um quarto de legua. N'esta cidade estão sepultados Mardocheu e Esther, por cuja devoção vivem n'ella passante de cincoenta mil hebreus. Ultimamente se passou a côrte para Haspahão (Ispahan), cidade amplissima na provincia de Hierach, sita em 76 graus de longitude e 34 de latitude. Contavam-se n'ella antigamente 500000 visinhos: porém, agora são muito menos por causa de uma grande crueldade, que certo rei da Persia usou com seus moradores por se lhe terem rebellado no anno de 1570: não são, comtudo, tão poucos que não passem de 250000; parte dos quaes trouxe o rei Xá-Abbas da Armenia, Gurgistan, Gauristan, Yesd e outras provincias, que conquistou.

«É Haspahan a côrte de mais sumptuosos edificios que tem o mundo; são as casas todas de pedraria por fóra, e por dentro doiradas e pintadas ás mil maravilhas; as paredes costumam cobrir de vidros de Veneza, embutidos com pouca distancia de uns a outros, despresando todo o genero de armações de seda, por na Persia ser muito barata. A delicia da terra, a frescura, as quintas, os jardins, os tanques e pomares, a abundancia de todo o necessario para a vida humana, o regalo das fructas assim da Europa como da India, que todo o anno se vendem frescas na praça, a bondade dos ares, a grandeza com que se tratam os senhores, a riqueza dos vestidos, a frequencia dos estrangeiros, a multidão do povo, é a maior coisa que imaginar-se pode. Ornam a cidade passante de cem torres mui altas e de obra prima, entre as quaes se avantaja a que está na cavalhariça real, cujo fastigio é composto de pontas de veados, dos quaes o rei Thamaz matou em um dia trinta mil andando á caça. O castello está posto a uma parte da cidade com dois muros e fosso fechado, quarenta torres, e muita artilheria; n'elle habita o visir mór, ou Tamad Daulech, como elles lhe chamam, que tem cuidado do thesouro real e da fortaleza.

«O paço real fica em uma espaçosa e grande praça, onde ordinariamente ha feira geral, em que se vende quanto se pode pedir por bocca; é fabricado com summa magestade e grandeza, tem as paredes por dentro e por fóra doiradas com mil pinturas e ga-

lantarias; a praça ou terreiro tem 700 passos de comprido e de largo 250; diante do paço estão deitadas no chão 30 peças grossas de bronze que levaram de Ormuz. Á roda do terreiro convidam a todos com sua sombra grandes e frescas arvores, encostadas a muitas casas, feitas de ladrilho com seus cobertos e abobadas, em que moram ourives da prata e oiro, lapidarios, boticarios, pasteleiros e outra gente que vende comer feito e guisado.

«A uma ilharga se levanta uma sumptuosissima mesquita de pedra de cantaria, para a qual se sobe por treze degraus abertos n'uma só pedra. Da outra parte fica a casa da moeda.

«Tem o rei perto da cidade uma casa de prazer com um jardim formosissimo, cercado de altos e frescos arvoredos, por nome Chaerbagh, entre o qual e a cidade passa o rio Zinderoend, que tem uma ponte de pedra. Tres dias de jornada de Haspahan fica um alto monte chamado Abecoura, todo de asperas e durissimas penhas, que os reis da Persia ha muitos annos intentam romper para trazerem á côrte certo rio que corre da outra parte d'aquelle monte. No anno de 1624, se averiguou que andavam trabalhando n'esta obra 200000 gastadores, contendendo entre si os grandes do reino sobre quem mais concorreria com dinheiro para as despezás. Não falta já mais por romper que 100 passos de comprido e 150 covados de alto.»

Confronte-se esta descripção com a de mr. Morier, que viajou nos annos de 1808 e 1809, e achar-se-ha perfeitamente, se bem que Ispahan deixando de ser côrte, a qual passou para Teheran, perdeu muito da sua opulencia, soffrendo além dos estragos do tempo os da invasão dos Afghans em 1722; comtudo, em 1798 Feth-Ali-Shah a reparou, e no meidan subsistem as construcções mais antigas, conservando-se sem quebra de magnificencia o palacio e a mesquita, obras do poderoso Shah-Abbas.

Diremos de passagem que *shah* ou *chah*, que os escriptores portuguezes das coisas da India escreveram *xá* seguindo a pronunciação, significa rei ou imperador e é o titulo que tomam os monarchas da Persia ajuntando-o ao seu nome proprio; d'ahi vem egualmente que precede o de muitas cidades fundadas por estes soberanos.

M.

PHOTOGRAPHIA EM PAPEL.

(TALBOTYPIA).

Foi sem duvida alguma o inglez mr. Fox Talbot o inventor da photographia em papel. Em 1831 mr. Talbot publicou o seu processo no *Philosophical Magazine* e apresentou á sociedade real de Londres uma notavel collecção de desenhos photographicos. N'essa epoca ainda Daguerre não tinha publicado o seu processo.

A descoberta de Talbot foi pouco conhecida em França até 1847, que mr. Blanquart Evrard negociante de pannos em Lille se apresentou com um processo de photographia em papel. Quasi todos proclamaram então mr. Evrard como descobridor d'esta parte da photographia. Dentro em pouco se fez justiça ao verdadeiro autor. Regnault, Asibré, Fabre, Legrezy e Baldus são os aperfeiçoadores da Talbotypia.

Vejamos primeiro em que consiste o processo para obter imagens sobre o papel. Será facil o comprehender tudo o que temos a dizer, depois do conhecimento da Daguerreotypia.

No processo de Daguerre as imagens são obtidas immediatamente sobre chapas metalicas; na photographia em papel já não é assim.

Primeiro obtem-se uma imagem, que tem as sombras onde o objecto tem os claros, e vice-versa. Chama-se a esta imagem o *negativo*: é com ella que depois se prepara uma outra onde as sombras e claros tem a mesma posição, que as dos objectos que se pretendiam copiar. Chama-se a esta segunda imagem o *positivo*.

O resultado da photographia em papel depende em grande parte da escolha d'este.

O papel deve ser escolhido com todo o cuidado, olhando-o por transparencia, e rejeitando todas as folhas cuja pasta não fôr homogenea. Dos differentes defeitos que o papel pode apresentar, o peior vem a ser, partes muito transparentes, que produzem depois manchas negras difficeis de tirar — Das duas faces do papel uma é menos lisa que a outra, essa marca-se com um signal a lapis para a distinguir.

A fim de ter uma superficie bem lisa e egual é util encerar o papel: para isso funde-se alguma cera a banho maria, e quando ella se acha perfeitamente fundida, mergulha-se-lhe uma folha de papel com cuidado para que não fique bolha d'ar ou de vapor entre o papel e a camada de cera. Tira-se e faz-se escorrer o excesso de cera. No banho se mergulha uma nova folha, e assim por diante.

A substancia que se emprega como sensibilisadora é o iodureto de prata em dissolução. O papel mergulha-se n'essa dissolução, tira-se e secca-se espetando cada uma das folhas por um dos angulos em um caixilho de madeira.

Segue-se levar o papel á camara de Daguerre do mesmo modo que se faz com a chapa, tendo o cuidado de o collocar bem no foco.

A luz opera ahi sobre o iodureto de prata, mas incompletamente. Para que a imagem se torne visivel é necessario usar de substancias reveladoras.

O acido galhico é a substancia que se emprega com vantagem para fazer desinvolver as imagens no papel. Emprega-se em dissolução e aquecendo-se ligeiramente. O acido reagindo sobre a prata forma um sal negro; o galhato de prata, e a imagem apparece logo. O acido só actua sobre as partes que soffreram a acção da luz; as outras não se alteram.

Conclue-se a operação com a lavagem no hyposulfito de soda, lavagem que tem por fim dissolver todo o iodureto de prata, que não foi actuado pela luz. Eis como se prepara o negativo.

Preparação do positivo. Tomam-se folhas de papel escolhidas com o mesmo ou ainda maior cuidado, que para a preparação do negativo. Impregnam-se de chlorureto de prata e seccam-se. Toma-se o negativo, colloca-se sobre uma folha preparada do modo que se acaba de dizer, apertam-se ambas entre chapas de vidro e expõem-se á luz. A luz, atravessando os claros do negativo, faz sombras no papel inferior, porque enegrece o sal de prata. Pelo contrario, as partes que ficam debaixo das sombras não são impressionadas, porque a luz não as toca. Passado o tempo sufficiente, lava-se em hyposulfito de soda.

O negativo pode tornar a servir para a preparação d'outros positivos.

PHOTOGRAPHIA EM VIDRO.

(NIEPÇOTYPIA)

Foi mr. Niepce de S. Victor, sobrinho do socio de

Daguerre quem em 1847 descobriu a photographie em vidro. O processo que se emprega para obter as imagens é muito similhante ao da photographia em papel. É necessario obter duas provas, a negativa e depois a positiva; esta obtem-se sobre o papel aquella sobre o vidro. Preferiu-se o vidro ao papel para a preparação do negativo, porque sendo muito liso, a camada sensivel fica muito mais egual, e a imagem se forma com a mesma perfeição que tem na chapa.

O vidro deve ser d'espelho bem liso e direito; limpa-se muito bem com alcool ou mesmo com agua acidulada, e esfrega-se com um corpo secco para ficar bem limpo. Cobre-se depois d'uma camada de clara d'ovo d'egual espessura em toda a superficie da chapa. Sensibilisa-se com dissolução de nitrato de prata e acido acetico cristalisavel, e procede-se do mesmo modo que para a photographia em papel.

O positivo prepara-se do modo ordinario.

PHOTOGRAPHIA EM COLLODION.

Historia.—Em 1846 Schoenboin de Bale descobriu o algodão polvora, quasi ao mesmo tempo que Boettger de Franckfort. Dissolvendo o algodão polvora no ether alcoolico, obtem-se um liquido siruposo que seccando forma uma especie de verniz, e que é o collodion.

Foi em 1850 que M. G. Legray teve a idéa de applicar o collodion em photographia; essa idéa apparece no tratado de photographia, que n'essa epoca Legray publicou. Era a substituir a albumina que a nova substancia era chamada, quando se quizessem obter imagens com grande rapidez.

Foi porém o inglez Archer quem generalisou o novo processo em 1851. As substancias de que se servia eram as seguintes: Uma camada de collodion sobre o vidro, a qual estava combinada com o iodureto de prata. Sensibilisava-se o collodion mergulhando-se em um banho de nitrato de prata; a substancia reveladora era o acido pyrogalhico, e a que fixava o hyposulfito de soda.

Em 1852 mr. Brebisson publicou o seu methodo de photographia em vidro com o collodion, fazendo algumas modificações ao primeiro processo.

Em 1853 Herschel conseguiu mostrar a importancia da substituição do bromio ao iode. Empregava os bromuretos em vez dos iodoretos, na preparação do collodion photographico.

As razões que levaram mr. Herschel a preferir o bromio foram tiradas da facilidade com que as côres mais difficeis de fixar, o vermelho e o verde, se podiam obter quasi ao mesmo tempo que as outras.

Pratica. Tome-se o collodion e sensibilise-se com o iodureto de ammonium; as formulas mais usadas são as seguintes:

1.ª

Collodion	100 centim. cubicos
Ether de 60°	130
Iodureto de ammonium	2 grammas.

2.ª

Collodion	80 cent. cub.
Ether de 60°	120
Alcool de 38° saturado de iodureto de potassio	15
Alcool de 40° satur. de iodureto de ammonium	2

3.ª

Collodion	80 cent. cub.
Ether	130
Licôr de cadmium (1)	24

Estas preparações juntas, ou separadas costumam dar bons resultados. O liquido pode preparar se no momento em que deve servir, ou estar preparado de antemão. Em geral é conveniente addicionar-lhe algumas gotas de ammonia 10 ou 12 horas antes de servir. A ammonia dá-lhe uma fluidez conveniente, e parece mesmo augmentar-lhe a sensibilidade. Deve haver todo o cuidado com a consistencia do liquido: se estiver muito consistente, de modo que seja difficil de verter, deve juntar-se-lhe ether e alcool: se demasiadamente fluido é então collodion que se deve addicionar.

Já dissemos que o liquido photogenico podia preparar-se com anticipação, porém n'esta parte temos a fazer uma observação importante. O collodion photogenico perde a sua sensibilidade com o tempo; assim em geral devem fazer-se porções pequenas e só para oito ou dez dias. Os restos poderão ainda servir, fazendo-os entrar na formação de novos preparados.

Preparação do negativo.—Devem escolher-se laminas de vidro bem planas, aliás quebram-se quando se quizerem obter os positivos. Em geral não nos poderemos servir senão do vidro d'espelho.

Preparação do vidro.—Lava-se e esfrega-se com algodão molhado em alcool e algumas gotas de ammonia; depois de bem lavado limpa-se esfregando sempre, e secca-se. O vidro deve ficar bem polido, e o modo de o verificar consiste em o bafejar; se a camada de humidade que se deposita apresentar a mesma côr e aspecto em toda a superficie da lamina, é signal de que está bem polida.

Collodionagem.—Toma-se a chapa de vidro com a mão esquerda, e com a direita vae se deitando lentamente o collodion proximo de um dos angulos da lamina. Á proporção que se vae executando isto, o operador dá differentes inclinações á chapa, afim de que o collodion vá correndo sobre a superficie do vidro. Esta operação termina quando sobre a chapa tivermos uma camada de collodion d'espessura uniforme. A collodionagem far-se-ha de modo que quando esteja concluida ainda o collodion esteja humido.

Banho.—Leva-se a chapa ao banho sensibilisador, que já descrevemos, e deixa-se n'elle algum tempo. O banho deve cobrir a chapa ligeiramente.

Camara escura.—Immediatamente se leva á camara, onde se deixa estar antes mais que menos tempo.

Revelar.—Diversas são as receitas empregadas para fazer apparecer a imagem. Em geral são o acetonitrato de prata e o acido pyrogalhico os corpos que se empregam. (2) Colloca-se a chapa horisontalmente sobre um pé ao modo ordinario, ou se procede como na collodionagem. Esta operação precisa de ordinario ser repetida differentes vezes, e a imagem

(1) Formula do licôr de cadmium:

Alcool de 40°	100 grammas
Bromureto de cadmium	2
Iodureto d'ammonium	1
Iodureto de potassio	4

(2)

Agua distillada	100 grammas
Nitrato de prata	4

Agua distillada	100 grammas
Acido pyrogalhico	0,5
Acido acetico cristalisavel	7 centim. cub.

apparecerá. Se a imagem fôr apparecendo muito depressa convém addicionar alguma agua distillada, para que a acção do acido pyrogalhico seja menos intensa.

Fixação. — Com o hyposulfito de soda do modo ordinario.

PREPARAÇÃO DO POSITIVO.

Papel. — Deve ser escolhido com todo o cuidado como já se disse quando se fallou de photographia em papel. Escolhido o papel, e cortado de modo conveniente, mergulha-se em uma dissolução de chlorureto de sodio (sal ordinario). (1) Enxuga-se em papel pardo. O papel assim preparado mette-se no banho de nitrato de prata, segurando a folha por uma das pontas e applicando a face lisa para o banho, fixa-se sobre uma cortiça.

Segue-se a preparação do positivo, para o que se começa por limpar a parte posterior do vidro do negativo e cobre-se o collodion com o papel positivo do lado que foi preparado; em cima põe-se alguma folha de papel, e depois comprime-se em um caixilho que está convenientemente disposto. O vidro volta-se para a luz, de modo que a receba o menos obliquamente que fôr possivel.

Não é facil o determinar d'um modo geral, qual deva ser o tempo d'exposição para obter o positivo; differentes circunstancias podem accelerar ou retardar a sua formação. Se o dia é claro e ha bom sol, bastam alguns minutos, oito ou dez; se está humido e escuro pódem ser precisas duas, quatro horas, e mesmo um dia inteiro.

Fixação. — Faz-se do modo ordinario, mergulhando primeiro o positivo em agua distillada, e depois no banho de hyposulfito de soda. A fixação deve antes prolongar-se que apressar-se.

Seccagem. — Se o dia está humido deverá seccar-se a fogo brando, ou entre papel pardo; sempre que o dia o permittir deve preferir-se a seccagem ao ar livre.

Um processo moderno consiste em applicar o collodion secco, o que permitte preparar as chapas anticipadamente. Empregam-se então os chloruretos em logar dos iodduretos, pois estes perdem a sensibilidade quando estão seccos, e aquelles não.

Comparação. — Devemos agora comparar os differentes methodos photographicos, vendo qual é o preferivel e quando.

A chapa. — É um processo facil e instantaneo, a imagem fica exacta e bella. Os inconvenientes são a imagem ser unica, com um reflexo desagradavel, ser invertida e alteravel. Finalmente é despendioso por causa do preço da chapa.

O papel. — É barato, as imagens conservam-se bem, podem multiplicar-se quantas vezes quizermos. Se a imagem está fraca pode reforçar-se, e egualmente enfraquecer-se quando convenha. O papel não é isento d'inconvenientes. Em geral a imagem é confusa, não é perfeita. A principal causa da má disposição das sombras e claros é a textura fibrosa, as asperezas e cavidades que o papel sempre tem e que funccionam pela capillaridade.

O vidro albuminado. — O vidro prepara-se e transporta-se bem, porém é pesado e fragil. As imagens saem muito delicadas nos detalhes, mas não na distribuição das sombras, o que depende da facilidade com que secca e da contracção que a albumina soffre com a seccagem. A acção da luz é muito mais demorada.

Collodion. — É rapido, e tem a vantagem do papel sem ter os inconvenientes. É porém muito fragil e altera-se com muita facilidade; basta o roçar d'um corpo ainda que macio, mesmo o pó, para que se destrua.

Em conclusão. Se quizermos obter um retrato unico e exacto, devemos empregar a chapa. Querendo copiar um monumento, uma paizagem etc. convém o papel.

Para tirar objectos de pequenas dimensões, vidro albuminado.

Quando quizermos um retrato que se multiplique, e rapidez, o collodion.

Vê-se pois que o futuro da photographia está todo no papel, é para ahi que se dirigem todos os esforços; muito se tem alcançado, e muito mais se ha-de conseguir.

Applicações da Photographia.

A photographia é susceptivel de um sem numero de applicações importantissimas. Serviços de primeira ordem já ella tem prestado a um grande numero de sciencias, e cada vez mais extensas vão sendo suas applicações. Para poder fazer idéa d'esses serviços é necessario considerarmos cada sciencia por sua vez.

Historia Natural Os processos photographicos concorrem d'um modo poderoso para o aperfeiçoamento da historia natural, e facilitam bastante o trabalho. O estudo das raças humanas, a anthropologia se poderá desinvolver, por isso que hoje é facil copiar os differentes typos e reproduzil-os um sem numero de vezes sem difficuldade. Ja ha collecções de typos de differentes raças, e mesmo de typos de idiotas, doidos, etc. o que é importante para a physiologia.

Em segundos se conseguem desenhos os mais exactos d'animaes, vegetaes, mineraes, ou inteiros ou parciaes, modelos que servem para fazer collecções que se espalham pelas mãos de todos os homens de sciencia.

Não são só os objectos que tem grandes dimensões, são mesmo os objectos microscopicos que se copiam e conservam-se assim suas imagens. É uma applicação importante a que se faz para copiar objectos amplificados pelo microscopio Não só se conseguem assim reproducções fieis dos objectos; mas por um preço insignificante.

Physica. Filha da physica, era a esta sciencia que a photographia devia prestar e tem prestado mais serviços. A comparação da intensidade de differentes focos luminosos ou a *photometria*, parte da physica difficil d'estudar e pouco rigorosa apesar dos trabalhos de Bouguer, Rumford e Wheatestone, acha na photographia um precioso auxiliar, pois pela intensidade de alteração da camada sensivel, se pode calcular a da luz. A theoria o dizia, a pratica o tem confirmado.

Mrs. Fizeau e Foucault dois experimentadores infatigaveis, cujos nomes são destinados a viverem eternamente pelos serviços que tem prestado á physica, tem comparado por meio da photogrophia, e com segurança, as differentes origens de luz naturaes ou artificiaes que se empregam nas artes, na industria e economia domestica. Tem-se egualmente comparado a intensidade da luz solar com a da lua e das estrellas, e com a dos objectos terrestres.

(1) Agua distillada 800 grammas
Sal puro. . . . 48 »
Dissolva e filtre

As observações meteorologicas podem com facilidade fazer-se de hora a hora, de minuto a minuto, de segundo a segundo, com os apparelhos photographicos. Tem sido principalmente para as observações magneticas, inclinação e declinação d'agulha, que se tem empregado a photographia. Os apparelhos photographicos, registradores das observações magneticas, figuraram na grande Exposição de Paris, e chamaram a attenção de todos os sabios que visitaram aquella casa.

A meteorologia se tem aproveitado da photographia para estudar a altura das nuvens. Para ver se a intensidade da acção chimica da luz solar é a mesma ou differente nas diversas horas do dia; o estudo da acção chimica dos differentes raios do spectro, tem tambem sido aproveitado pela physica.

A astronomia a aproveita para o estudo dos eclipses, cometas, etc. A architectura, a cosmographia e archeologia tiram partido do daguerreotypo para copiarem os monumentos mais notaveis de todas as localidades do globo, antigos e modernos, e fazem em pouco tempo, como diz Arago, o que legiões de desenhadores só em muitos annos podiam conseguir, v.g. a copia dos hieroglyphos que cobrem os grandes monumentos do Egypto.

Assim a photographia é e deve ser considerada como representando um papel importante entre as maravilhosas descobertas do nosso seculo.

Só nos resta examinar qual é o partido que a pintura e o desenho podem tirar da photographia. Diversas são as opiniões que ha sobre este ponto. Em geral as provas em chapa não apresentam a mesma força nos tons, que tem o original; assim já tons fracos apparecem reforçados, já tons notaveis ficam desapercebidos. Além d'isso a perspectiva soffre e soffre muito, sobretudo a perspectiva linear, o que é quasi a necessaria consequencia do emprego d'um apparelho, que dá differentes focos conforme a distancia. O mesmo se pode dizer da perspectiva aeria.

Finalmente tem o defeito de apresentar o objecto tal qual é, o que ás vezes é bom, mas em geral tem inconvenientes. Quem ignora que, n'um quadro qualquer, um dos grandes merecimentos do artista está em fazer concentrar a attenção toda sobre certas e determinadas partes? O fundo d'um retrato deve ser simples e de côres fracas, não deve chamar a attenção, que deve ser dada ao retrato etc. N'uma palavra, falta-lhe a inspiração. A mesma vista copiada por differentes artistas não se apresenta egual; o genio revela-se logo. Podemos pois dizer que o valor artistico é insignificante; que o desenho e a pintura pouco podem esperar da photographia em chapa.

No papel acham-se mais bem produzidos os tons, mais bem traduzidos; e não admira esta differença se attendermos a que o papel impressiona-se em grande espessura, ao passo que a chapa só muito superficialmente. Já dissemos quão tenue era a camada do iodureto de prata. Não são necessarios argumentos para qualquer se convencer da verdade do que deixamos dito; bastará ver as collecções que ha já de vistas photographicas e achar-se que esta opinião é verdadeira. Assim, a photographia em papel presta verdadeiros serviços ao artista, e é sobretudo para o estudo das rolissas, objecto difficil, que o artista a pode aproveitar.

Nada dizemos da gravura e reproducção galvanoplastica das photographias, applicação notavel e importante da arte que estudámos. É objecto um pouco alheio a este assumpto. O mesmo dizemos do stereoscopio.

J. A. da Silva.



JOGO DOS ROMANOS.

A nossa estampa é copia de uma pintura antiga achada em 1748 nas excavações d'Herculanum, e representa um jogo de rapazes, hoje totalmente desconhecido e de que não tem podido achar-se noticia ou descripção nos autores gregos e romanos, que nos conservaram memoria de outros muitos, tanto dos

que cairam em esquecimento como dos que ainda estão em voga. A pella, a barra, e outros exercicios são de remota antiguidade; Atheneu, Suidas, Macrobio, mencionam alguns jogos e brincos infantis. porém nenhum se parece com o que se divisa n'este painel; ao passo que lhes não esqueceu o jogo dos pares ou nunes, a que alludem Aristophanes no *Plutus* act. 4.º sc. 1.ª, Horacio no liv. 2.º sat. 3.ª e que Suetonio diz ser um dos divertimentos de Augusto depois da ceia, como se lê na vida que escreveu d'este imperador cap. 71.º

M.

FASTOS AÇORIANOS.

VI.

San João.

«San João, meu San João,
Santo de tantos primores,
N'esta noute abençoada,
Oh! trazei-me os meus amores!»
GARRETT — ROMANCEIRO.

Como é formoso e poetico este nosso San João! A alma de novos e velhos se delicia com elle: de longe o conjuram, e todos esperam anciosos: com sofreguidão o gosam, e entre melancolias e saudades se despedem d'elle por todo um anno de amargosissima ausencia. É geral este sentimento de o bem querer, e de o chorar na despedida: por toda a parte nem ha santo mais popular e folgasão, nem festejos de mais ingenua sympathia!

«Té os moiros na Moirama
Festejam o San João.»

Mui remoto é em verdade o costume de o festejar. Quem não verá n'esses usos e ceremonias com que se lembram d'elle os povos do norte, vestigios evidentes da antiga religião druidica? O culto do sol, e a festa do solsticio, que os druidas por esses dias de junho celebravam nol-o comprovam. Hoje, como então, os fogos interrompem a escuridão da noite: nos objectos lançados nas fogueiras se procuram vaticinios: arvores incendiadas alumiam os cumes dos montes: interroga-se o reverdescer das flores chamuscadas: a multidão enthusiasmada entoa lôas e descanta mil hymnos namorados!

Enlevo de moços e desinquietos são nas ilhas dos Açores as fogueiras nocturnas na vespera do dia commemorativo do Baptista. As creanças madrugam para consultarem o destino na forma prophetica que tomara a clara d'ovo fresco, mergulhada no copo d'agua exposto ao sereno da noite; — se é de altar que prognostique sacerdocio; se é de navio que inculque viagens; se é de leito que diga casamento; se é de tumba que annuncie proximidade de morte.

Formosas e não formosas cidadãs, com bochecho d'agua pura, esperam do acaso a sentença do nome d'um conjuge. Camponezas armadas de varapau, e carapuça provincial, acantoadas detraz da porta comem o ovo primicia da gallinha nova, para que o santo, que não é menos casamenteiro que Santo Antonio nos horisontes de Lisboa, se dê pressa em trazer-lhe o matrimonio e lhes conceda *ventura*, que assim tambem chamam áquelle primeiro ovo. A alcachofra chamuscada, no reflorescer ao sereno, responde a instantes interrogações d'amor. As sortes, que a agua hade dar e abrir, ficam para sempre registadas na mente meio anhelante, meio supersticiosa, que n'ellas, como em Evangelho, constitue uma religião unica. As praias, cujas aguas n'esta madrugada tem privilegios de benção, e servem a curas maravilhosas, povoa-as a multidão que quer purificar-se n'esta nova piscina.

Os rostos fazem-se mais formosos e juvenis com a agua serenada; aquella que se toma na bica media de certos chafarizes entre as onze e a meia noite tem virtudes mysteriosas. Com orações cabalisticas, ante mesa de alvissima cobertura, velha paciente espera toda a noite o rapido desabrochar da penna, que a *bolianna* no fim de sete annos de consorcio com o *barbasco* (plantas) procria para dar riqueza e felicidade ao que acerta colhel-a ou possuil-a. Toda esta noite emfim se crê a melhor azada á colheita dos elementos mais proficuos á sortilegios e feitiçarias; porque quem falla em noite de San João diz *feitiço*, que tão feiticeira e enfeitiçada é ella, que só a recordação das myriadas de superstições que lhe são inherentes nos levaria mui longe, e desgarrara.

Se a noite tem encantos, e lôas, e cavalhadas, folgares não menos variados tem o dia. De flores, e loiros, e primicias das fructas do verão se adornam varandas e balções: as danças e emmascaradas populares são frequentes: o campo presta sombra e frescura a recreios multiplices. Lembram por exemplo os balhos e a concorrencia no ameno e pittoresco valle das Furnas, na ilha de San Miguel; lembram as *moiriscadas*, que por aquelles campos se tem repetido muitas vezes; lembram as *loiradas* que são o delirio da mocidade de Angra, na ilha Terceira.

Nada mais bello no mundo do que a consciencia sã e bem disposta, exultando com o recreio, que rescende suavissimos perfumes de innocencia! É por isso que a ingenuidade d'estas alegrias do bom povo açoriano é uma coisa inestimavel. Nem desassocegos de espirito, nem perturbação de consciencia o martyrisam e rebellam: indole pacifica e diligencia no trabalho, o tornam sobre todos admiravel. Crer-nos-heis vendo-o a braços com as poeticas innocencias do San João; e razão de sobra tem elle para lhes consagrar affecto particular, porque mal ajuisa a philosophia presumpçosa quantas lições da experiencia e estudos da moral se contém na idéa e accessorios de um feitiço. Bom povo, que ainda acatas essas reliquias de usanças tão poeticas, possam o tempo e as circunstancias não te viciar os instinctos!

E o valle das Furnas? Aos *balhos*, ás fogueiras, aos concertos, juntae a harmonia das vozes, o estridulo accento da viola, a tão singular e vivificante frescura do campo, o murmurio das fontes, a corrente das ribeiras, a lua e as estrellas espelhando-se na doce ondulação do inhamal, o ronco subterraneo das solfatáras, o fervor das caldeiras, o ecco das quebradas, e tereis longinquo prospecto da magestade do logar, nas horas breves d'aquella noite seductora. O amanhecer no valle é nova variante da physionomia d'este dia de romagem. Centenares de pessoas das convisinhanças, e de toda a ilha, descem as avenidas e estradas d'entorno. Nem velhos nem creanças perdem quinhão. Com sainetes e descantes galhofeiros vae cada grupo enganando a fadiga do caminho, ao som da viola, amiga inseparavel do romeiro. Enfunados pela brisa da montanha os chales brancos e carmezins ondeam sobre os hombros das mulheres. A perspectiva que as roupas variegadas dos caminhantes offerecem, parece entrançado de fitas multicores reflectindo os primeiros raios d'um sol

esplendido. Entrados no valle, as caldeiras, o largo da egreja, o tanque, o jardim da *casa do prazer*, são estancias em que se apinham romeiros e curiosos; em que n'uma sociedade mixta, meio cidadã, meio aldeã, fervem balhos e cantares; em que a alegria e satisfação interna se revelam na vivacidade dos movimentos e nacarado das faces. Que saudavel balisa de esquecimento posta entre as dores e recordações pungentes do passado, e os indefiniveis receios do futuro! Mas, tão instavel, tão momentanea, tão ephemera que ella é!

E as moiriscadas? O que é isto que tanto fanatisa o povo, e lhe dá praça a ostentar o seu tacto plastico, nem sempre dos mais finos? Sirva de exemplar a descripção d'uma que ha annos se deu no norte da ilha de San Miguel, no adro da egreja parochial do Bom Jesus, logar de Rabo-de-peixe. (1) O dia e a estação lhe desafiam concorrentes a milhares. D'uma extremidade do adro corre sobre a praça tablado elevado: é o palco scenico. São moiros scenario e vestuario; moiros actores; moira toda a acção e relação: a lingua que fallam ainda mais moira e serracena! Tratam ali amores, e raptos, e consorcios ou combate de morte (fim de tão banalissima frequencia em romances vulgares, e quejandas peças de theatro!) e no meio da fingida confusão e alarido, o povo ri, applaude sem intender, vivorea o embaraço d'actores improvisados! Para que tudo seja singular até essa especie de drama, versificado a seu modo com variedade de metros, é composição de José Raposo Abelha, homem desconhecedor até dos rudimentos do ler e do escrever, que ao sol dos campos consome a vida, e com a enxada e o arado constrange a terra a resolver-se em fructos.

Se sorte mesquinha o privou de educação liberal, e ambas d'uma grande capacidade litteraria, que nos condecorasse, a verdade é que n'aquillo mesmo que fez manifestou superioridade de genio. Quantos solitarios, como elle, por ahi ha, cuja lapidação pudera fazel-os preciosidades valiosas e uteis!

Depois d'estes e que taes folguedos, o bom povo açoriano vê anoitecer com pena o dia 24 de junho! Apoz lidas, o repoiso: apoz o saltar e tripudiar do dia, o recolhimento da noite, a esperança de novos *fastos*, o refocillar das forças para a lucta d'outros regosijos espontaneos e insuspeitos.

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX.

(Continuação.)

N'essa mesma tarde estava Ondotó hospedado na casa do marabuto, para onde Boukari o transferiu a aprasimento de todos, mas não sem algumas lagrimas da joven moira, que tinha saudades do seu namorado: mas a separação era necessaria, devia não ser longa, e mais breve seria quanto mais depressa começasse; a moira resignou-se.

Poucas semanas depois a mesquita de Bissa-Amadi achava-se cheia de effendis (sacerdotes principaes) e marabutos, assim como dos principaes mandingas, e de um povareo immenso que ia assistir á profissão de mahometismo do joven papel, e que a festejavam. Então recebeu Ondotó o turbante e todo o vestuario mandinga, que o fez ainda mais bello porque era mui bem apessoado. Os grandes comprimentavam-n'o pela sua conversão, as turbas applaudiam-n'o, e os marabutos murmuravam os louvores de Allah, e engrandeciam as misericordias do seu propheta, que assim se manifestavam sobre este idolatra. É desnecessario dizer que a familia de Boukari assistia á ceremonia, que o neophito musulmão foi apresentado no seu novo trajo á linda moira que o desejava para seu senhor; e que juntamente com elle tomaram todos para casa do primeiro cathequista e futuro sogro, onde havia um grande banquete para festejar este feliz acontecimento.

O banquete foi como todos os banquetes. Estes moiros não são abstemios, e d'isto fazem elles bem alta profissão, tomando até o nome de *Soninquez*, que quer dizer que não aborrecem o vinho: para que heide portanto demorar-me a contar o que ali se passou, e que foi o que se passa em todas as funcções em que ha bebidas com abundancia, e gente que, se podesse, convertia-se em tonel para que lhe não faltasse nem uma gota.

Eu ri-me ao ouvir isto, lembrando-me de um official que estava na Villa da Praia, e que era tão amador de bebida, que n'uma occasião bebeu uma garrafa de cognac suppondo que era de vinho do Porto; e n'outra occasião, apesar de me ter uma zanga que tocava quasi uma formal inimisade, poz-se a um jantar a fazer-me tantas saudes, que não lhe esqueceram nenhumas qualidades physicas e moraes, que não me attribuisse para ter a *honra* de beber em honra d'ellas, ao passo que eu tremia que o homem caisse por terra com o peso do vinho: mas qual? levantou-se tão lepido como eu que sómente bebi agua.

O banquete acabou muito pela noite dentro. Os alegres convivas retiraram-se, parte por seu pé, o maior numero conduzidos pelos seus escravos, e pelos de Boukari; e este assim que se viu só com Ondotó convidou-o a vir com elle tomar o fresco para uma varanda da casa que deitava para uma plantação, além da qual se achava um bosque.

Havia pouco que ali se achavam, praticando sobre as combinações que cumpria fazerem-se logo que o papel casasse com a moirinha, já se sabe, depois de ter-se mostrado perfeitamente obediente aos desejos de seu futuro sogro; quando de repente ouve-se um grande barulho na casa, como se tivesse havido uma irrupção dos futa-fullas, guerreiros muito pouco para graças, que ás vezes caem d'improviso sobre as povoações e as casas que põem a saco: uns gritos abafados, e o tropel de gente que corre em differentes direcções, denunciavam algum facto extraordinario... Um grupo de homens, armados entra na varanda, lança-se sobre Ondotó, prende-lhe os braços para traz das costas, e tapa-lhe os olhos com uma venda, e arrebata-o por meio de dois homens que o seguram pela cabeça e pelos pés; em quanto um dos da tropa aproxima-se de Boukari, lhe aponta ao peito uma *silama* (espada) ameaçando-o de atravessal-o se desse um grito. O mandinga não procurou ve-

(1) Estas e outras que taes, despontaram nos moradores d'este logar ufania pouco virtuosa. Venha em confirmação do que dizemos certa anecdota historica, occorrida ha poucos annos. N'um logar publico de Ponta-Delgada, capital da ilha, algumas pessoas amadoras da arte liam um drama. Entrementes acercae-s d'elles um homem do campo, que fica embevecido porque a leitura prosegue. Admiram a attenção do homem: perguntam-lhe se o prende o gosto, se sabe o que aquillo é emfim. Responde affirmativamente, e conclue: «Se sei o que isso è? pudera não, quando sou da terra em que se inventaram as comedias.» Indagado o caso era o homem natural de Rabo-depeixe! Por aqui se vê, que só agora poderão os historiadores atinar com a verdadeira origem da comedia....

rificar se a ameaça não passava de um gracejo, e guardou completo silencio. Algum tempo depois da saida de Ondotó, Boukari e o seu guarda sairam juntos o mais amigavelmente possivel, ao menos em apparencia.

Ondotó no meio dos seus raptadores perdia-se em conjecturas, e a mais melancolica, a mais cruel de todas era aquella em que se demorava. Parecia-lhe que tinha caido nas unhas dos emissarios do governador de Bissau, ou dos de Gambia; e que o seu sangue estava destinado para pagar o preço do sangue (a torna) pelo homicidio de Pimping: e isto para quem se via nas vesperas de possuir aquillo que era o supremo objecto de seus ardentes e tão diuturnos desejos, era um desfecho tão doloroso como o de um ministro que se vê precipitado das alturas do poder no abysmo da despresadora indifferença do povo, na propria occasião em que contava obter a approvação de uma medida que havia de eternisal-o no mando, e adquirir-lhe o arredondamento de uma fortuna, que ha alguns annos, laboriosamente e á custa de mil torpezas e violencias andava accumulando. E comtudo, por mais desgraçada e insupportavel que pareça a posição do ministro, a de Ondotó era mil vezes mais cruel, porque devia contar com a morte.

Felizmente para este, ainda a idéa da morte não se apresentava bem clara ao seu espirito, quando os que o acompanharam entraram com elle n'uma casa, desligaram-lhe os braços, desvendaram-lhe os olhos, offereceram-lhe mui cortezmente um tamborete para sentar-se, e cortejando-o em silencio, retiraram-se. Onde estava elle? o que lhe queriam? as attenções com que agora o trataram contrastavam completamente com a violencia brutal com que o tinham arrebatado da casa de Boukari.

Olhou em roda de si, e achou-se n'um pequeno quarto pintado de preto, quer pelas paredes quer pelo tecto; a um canto estava uma pequena mesa, e n'ella uma lamparina dentro de um pharol de navio, que tinha por vidros delgadas chapas de madeira do ar por onde a luz saía pallida e amortecida. Levantou-se, e chegou á mesinha, mas logo recuou d'espanto porque proximo do pharol estava uma caveira sobre dois ossos em aspa, um gallo empalhado na attitude de cantar, e um relojo de areia. Ainda que não soubesse a significação dos ultimos emblemas, a presença da caveira, e n'aquelle sitio, e sem saber para que o tinham ali, era bastante para o encher de pavor. Um arripiamento de frio correndo-lhe ao longo da espinha dorsal se estendeu por todo o corpo, e os nervos tiritavam-lhe como se estivesse curtindo o frio de uma sezão. Este estremecimento de medo foi curto. digamol-o em honra de Ondotó, mas não póde negar que teve medo.

Em quanto o papel se entrega ás mais funebres meditações, Boukari e seu companheiro caminhavam conversando muito á mão por outro caminho para a casa para onde se havia conduzido Ondotó pelo modo extraordinario que vimos. A casa era de uma architectura notavel para aquelle paiz; as paredes tinham de altura uns nove a dez pés. e sobre ellas assentava o tecto, formando um perfeito angulo recto e que se estendia uns seis a sete palmos fora da casa, supportado por quatro postes de cada um dos quatro lados da casa, o que formava uma especie de galeria por onde se podia passear á sombra durante os calores do dia, com janellas, no intervallo aos dois lados da casa; e na frente e na rectaguarda, tinha além d'ellas uma porta, que como os postigos das janellas eram de madeira de mogno.

Ao aproximarem-se da porta da entrada que parecia fechada, abriu-se de repente, algumas pessoas aproximaram-se dos recem-chegados, a quem fallaram em voz baixa, e depois cada um tomou por vias diversas para o interior da casa. Ali os deixarei, até mesmo porque não tive quem me contasse o que se lá passou.

Alguns momentos depois abriu-se de subito uma porta mascarada do quarto em que se achava Ondotó, e entraram tres homens dois dos quaes com o rosto coberto com uma especie de capuz caido que tinha tres aberturas, duas correspondentes aos olhos e a terceira ao nariz; o outro, a quem elles chamavam *Coural-Inérigo* (irmão-trovão) com umas compridas barbas, e o rosto pintado para lhe dar uma apparencia *terrivel*, estava carregado de armas, e empunhava um Labé (punhal) que levantou sobre o peito do papel, em quanto os dois lhe tiravam a tunica, e a camisa do lado esquerdo para ficar o peito e o braço do mesmo lado completamente nú, erguiam-lhe a calça do mesmo lado até á altura do joelho, e tiraram-lhe a sandalia do pé esquerdo. Feito isto, ataram-lhe uma corda ao pescoço, e com as pontas que pendiam para traz prenderam-lhe os braços, não a doer-lhe, mas de modo a prival-o dos movimentos: e por fim vendaram-lhe de novo os olhos.

N'este estado fizeram-n'o andar por mais de dez minutos em diversas direcções, e de vez em quando uma forte viração vinha bater-lhe no rosto, como se de repente se achasse exposto ao ar livre em quanto percorria um longo caminho antes de chegar ao termo; e Ondotó seguia com a impassibilidade apparente de um selvagem, mas com o terror no coração. Por fim pararam. Um dos que o acompanhava bateu uma forte pancada a uma porta, ouviu-se dentro um grande rumor e tinido d'espadas, como se apanhados de improviso os que estavam dentro procurassem defender-se e vender caras as vidas. A pancada repetiu-se com mais força, abriu-se a porta com impeto, sente-se um grande rumor, e Ondotó é impellido violentamente, dizendo o que o empurrou:

—Aqui vol-o entrego, fazei d'elle o que vos parecer.

Com a força do empurrão, dado quando menos o esperava, Ondotó cairia no chão se o não amparassem; mas apenas adquirira o equilibrio sentiu sobre o peito nú a ponta de um ferro que a elle se encostava: e então se estabeleceu o seguinte dialogo.

Continua.

SOUSA MONTEIRO.

BIBLIOGRAPHIA.

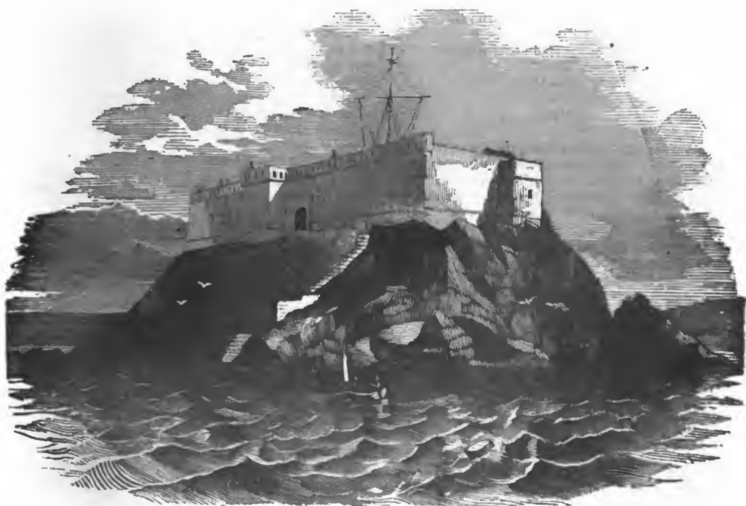
Acha-se no prelo a comedia — Como se sobe ao poder — de L. A. Palmeirim.

A comedia — O Camões do Rocio — de I. M. Feijó.

O drama — A Torre do Corvo — pelo mesmo autor.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



FORTE NA ILHA DE THORN.

Milford-Haven, pertencente ao condado de Pembroke, dista de Londres 285 milhas; porém, por meio do caminho de ferro, que é um ramal desde Manchester, communica promptamente com a metropole gastando-se na jornada apenas nove horas. Gosando d'esta communicação pela via terrestre, Milford-Haven, que é considerado o melhor ancoradoiro de toda a Inglaterra, passará em breve de um simples porto de abrigo a ser uma ampla escala do commercio maritimo.

Aos 15 de abril do corrente anno inaugurou-se aquelle caminho de ferro que é uma continuação do que se denomina da Galles do Sul, e fará cessar as causas porque o commercio era frouxo em Milford, achando-se a muita distancia dos districtos industriaes e carecendo de meios de transito para as fazendas, posto que a sua posição fosse mais favoravel que a de nenhum outro porto occidental; admitte os maiores navios em quasi todos os periodos das marés, e tem capacidade para receber na sua segura bahia, as esquadras de todo o mundo. Milheiros de vasos mercantes e muitos de guerra annualmente buscam refugio ali contra os rijos temporaes do canal de S. Jorge, e é tão facil e seguro abordal-o que raros são os accidentes perigosos ainda mesmo entrando sem piloto da barra. Nelson dizia que era o mais bello porto que conhecia e tomava particular empenho no seu progresso e aperfeiçoamento.

Thorn Island ou ilha de Thorney é um rochedo esteril e alcantilado, que demora ao sul da entrada do porto obra de oitenta braças da terra firme na ponta de Thorn e tres a quatro milhas do pharol no cabeço de Santa Anna, extrema ponta da terra do lado do norte. Sobre esta rocha foi erecta haverá tres annos a fortificação, cujo desenho damos, e que não tem forma regular, antes parece que foi adaptada pelo architecto á configuração do rochedo; posto que feita de pedra calcarea é solida e compacta; tem de guarnição um tenente, tres sargentos e vinte e quatro praças da artilheria de milicias de Pembroke. A distancia de duas milhas levantou-se outro forte n'um ilheo similhantemente de penedia escalvada, menor em tamanho tendo montadas cinco peças, quando o primeiro é defendido por nove; este segundo denominado Stack fica mais para dentro do porto; está-se edificando terceiro forte em Dale point da parte do norte da entrada do porto de Milford, applicando-se o governo a proteger a costa até agora quasi indefesa, bem como o importante arsenal real de marinha em Pembroke, de maneira que uma serie completa e technica de fortificações seja construida com as condições sufficientes para resistir a qualquer ataque.

A estação do caminho de ferro faz frente ao arsenal de Pembroke, de que está arredado perto de milha e meia. O condado de Pembroke, que é uma provincia do paiz de Galles rodeada de mar por toda a parte exceptо a leste, é abundante em bons pastos e terras de lavoira. Uma das curiosidades d'esta comarca é o *culm*, pó de carvão mineral, de que se fazem bolas que dão um lume agradavel, duradoiro e sem fumo. No castello da capital nasceu Henrique VIII. Milford-Haven não tem recordações historicas. Ali ha uma carreira de paquetes para a Irlanda.

M.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

VIII.

A corporação de que o Diniz era alma e fundador, no meio dos seus cuidados litterarios, nunca perdia occasião de manifestar os instinctos aulicos.

Exceptuando o Garção, quasi todos aquelles austeros sacerdotes do culto romano sacrificaram no altar do poder e do valimento.

O marquez de Pombal, como o cardeal de Richelieu, tinha na Arcadia um côro de apologistas incansaveis, e rara seria a festa, ou o despacho do ministro, que os poetas laureados não celebrassem ardendo em enthusiasmo.

Deve accrescentar-se, porém, que o conde de Oeiras não pagava excessivamente caro o incenso, que os vates queimavam á porfia nos seus thurybulos. De vez em quando, nas horas de ocio, estendia o passeio da tarde ao monte Menalo, e honrava os pastores com a sua visita; e se algum se lhe mostrava esquivo, ou lhe parecia perigoso, prendia-o na cadêa até morrer, como succedeu ao autor da *cantata de Dido*; aos outros, mais flexiveis e cortezãos, contentava-se em os premiar com alguns louvores, e até com promessas vagas, de que depois se esquecia religiosamente. S. ex.ª tinha tanto em que pensar!

Antonio Diniz, segundo já notámos, não era dos que podiam queixar-se. A toga, bem vista do secretario de estado d'el-rei D. José, por condão particular talvez isentasse o imitador de Pindaro da indifferença polida, mas constante, em que o marquez se esmerava para com os arcades, seus admiradores e panegyristas.

Se os bons versos não eram titulo de merito aos olhos do poderoso socio da Academia de historia, cujas prosas difusas não peccavam por um gosto delicado, esta feliz culpa pouco atrasou a carreira do cantor do *Hyssope*, ou a do poeta do *Uraguay*.

É verdade que Elpino sabia doirar a adulação, e que José Bazilio, disparando os metros, contra a proscripta roupeta dos jesuitas, ajudavam a politica do ministro, que via n'elles dois uteis auxiliares, e os tratava como amigos franqueando-lhes as portas do seu palacio, e os sorrisos intimos do seu agrado.

O Quita, que só era homem no meio dos rebanhos das suas eclogas, embora variasse as modulações á flauta rustica, nunca obteve do marquez senão palavras esperançosas, e ouvidos distrahidos.

O pobre cabelleireiro tinha o defeito de não poder lavrar uma sentença capital em caso de apuro, e de não se atrever ás temeridades lucrativas do poema satyrico, deixando em paz os discipulos de santo Ignacio, e as suas *terribilidades*.

Uma ou outra ode, que tentou, applaudindo as theses cruentas, que o conde de Oeiras sustentava contra a nobreza, tomando o verdugo por arguente, eram coisa de pouca monta para merecer menção especial, e por isso não admira que ficasse no escuro, e que não lembrasse para os empregos.

Estas reflexões, talvez extensas, foram-nos suggeridas, a proposito da collecção de Dithyrambos, que encerram as obras completas do Diniz.

Um d'estes (o VIII) cantado na sessão academica, em casa do morgado de Oliveira, celebra, já se vê, a gloria e o applauso do grande marquez de Pombal.

Elpino cantou o primeiro tenor, e Theotonio Gomes de Carvalho o segundo. A poesia, composta por ambos, foi impressa na officina regia, honra devida aos primores, que exaltavam o nome do Sully portuguez; e os dois vates, brindando á saude e venturas do ministro, em strophes arrebatadas, naturalmente não tiveram motivo para se arrepender da complacencia.

No genero lyrico, e nas formas de imitação restauradas e reproduzidas pela Arcadia, o Dithyrambo não podia esquecer a um poeta, como Elpino, que parece haver timbrado em os tentar a todos.

De origem grega, mas filhos das epocas menos cultas, estes hymnos, ainda rudes então, alegraram as festas das vindimas, espraiando-se os robustos cantores no elogio de Baccho e do çumo capitoso da cepa.

Entre famosos poetas, que na antiguidade ganharam com elles grande conceito, Xenophonte cita a Melanippides, e não duvida louval-o quasi apar de Homero.

O celebre Arion de Methymne passa por ter sido o primeiro compositor conhecido de Dithyrambos, e o mesmo Pindaro não se deslustrou, fazendo resoar na lyra os gritos e as strophes atropeladas, que pintam os furores joviaes do deus da vinha.

Palavras novas e compostas, imagens atrevidas, pompas de estylo, versos tumidos e de todas as medidas, seguidos, alternados, ou enlaçados com variedade caprichosa, figuram a descompostura da ebriedade, e a louca exaltação que ella produz.

O arrojo da phrase, a liberdade solta dos metros e das expressões, e a exageração forçada das idéas e palavras, queriam os mestres das regras que escondessem a arte, sem ella por isso deixar de prevalecer.

No meio da confusão e da anarchia apparente, a ordem e o nexo deviam dominar. As transições de uma especie de versos para a outra, parecendo espontanea e abrupta devia guardar occultas analogias, harmonisando accentos e tons; e desferindo os vôos mais impetuosos, e subindo sempre, vencer a maxima difficuldade de disfarçar a fadiga e o calculo de modo, que se não sentisse ou apercebesse de longe a mão do poeta, e o seu cuidado.

É o que Horacio recommenda em uma de suas odes (a 2.ª do Liv. IV.), exigindo d'esta phantastica e audaciosa poesia, que forme vozes novas e siga cadencias livres das leis do metro:

Seu per audaces nova Dithyrambos
Verba devolvit, numeris que fertur
Lege solutis.

No Dithyrambo VIII, que escolhemos para typo entre os de Elpino, embora não seja todo seu, os preceitos das poeticas, e os conselhos e exemplos de Quadrio e Menzini, são attendidos não só com escrupulo, mas até com certo alarde.

O defeito que mais avulta n'elle é a demasiada extensão. Custa na realidade, no meio dos coros e das vozes alternadas dos tenores, a acabar esta peça apesar dos rasgos, e bellezas, que a ornam.

Depois, a alegria dos dois arcades, por ser estrepitosa e galhofeira, nem por isso parece muito sincera e natural. Não duvidando, que os vinhos de

Oeiras afugentassem a melancolia, e tornassem rosado e ledo o inverno, como asseguram os dois consocios, achamos comprida e estafada a lisonja, e um pouco contra posse o papel de cortesão conferido ao pampinoso e farfante Baccho.

Curvo Semedo, em partes mais livre na invenção, ou melhor inspirado, representa ás vezes com dobrado exito a desordenada carreira da musa ebria e descabellada.

Ha nas suas poesias d'esta forma mais alma e movimento, maior audacia, mesmo, nas metaphoras, e mais riqueza e opulencia de pensamentos e vocabulos.

No formoso Dithyrambo « a Celia » que tambem pecca por longo, a pintura da scena bacchica, avivanos tudo com tanta mestria, que os modelos acabados não lhe ficam muito longe.

Ali, sim, ha delirio verdadeiro! Vê-se a ebriedade no seu triumpho, rodeada das pompas idolatras, cega e avermelhada pelos fumos da cepa.

Evan! Que vejo em sonho!
Eis se me antolha
De Bacchantes um bando risonho
Celia, que fazes? olha....
Não escutas o som nos fundos valles
De tubas clangorosas
De roucos atabales
De estridulos pandeiros
De anafis, de buzinas espantosas?
Não vês como ligeiros
De corymbos, e parras coroados,
Dos crespos silvados
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas
Saltam silvicolas satyros sofregos
As plantas caprinas leves trocando;
E o desinvolto corni-pede bando
Não ouves cantando
Ó Baccho Evohé!

Um trecho similhante do Diniz, no Dithyrambo IX (Baccho em Lusitania) mostrará a indole diversa dos dois poetas a braços com a mesma, ou a quasi mesma difficuldade. É tambem um quadro, aonde as figuras se animam, vestindo a scena de allegorias visiveis; e se falta o calor e o impeto de Belchior Semedo, outras bellezas brilham n'elle, e talvez o desenho seja mais apurado nos traços.

Uma tarde de maio serena
Quando o sol se banhava nas ondas,
Ás ribeiras do Tejo, que corre
As campinas de flores bordando,
N'um carro de vides toldado,
Por tygres ferozes
A passo tirado,
Entre o som confuso de sistros e vozes
Loução chega o filho de Jove sagrado,
....
Caracolando cercavam o coche
Ululando, saltando, cantando
As fogo-frementes
E Jaccho-gritantes
Lascivas Bacchantes,
Ou grossas serpentes
Nas mãos apertando,
Ou tyrsos vibrando.
Seguia-se logo
A chusma incomposta
De Faunos galhudos,
Corni-pedes Satyros,
Que pegas traziam,
E fallar faziam,
Evohe gritando,
Nebrodes chamando
Dithyrambo uivando
Uns tocavam soantes adufes,
Outros saltando batiam nos ares
Crotalos, cymbalos, timpanos, sistros.
....
O deus dos pastores
De amoras pintado, e vestido de flores
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda
....
E o velho Sileno bauhado de mosto
Picador mesquinho de imbelle jumento
Levantando a vara que o burro feria
Ao côro estrondoso o compasso batia.

Citámos com mais extensão, porque não podiamos truncar o painel sem lhe roubarmos parte da physionomia. Semedo, mais conciso, precipita a acção, pinta de um rasgo, e com audacia feliz infunde calor e vida nas imagens, que lhe brotam inspiradas.

Elpino, menos impetuoso, e mais risonho, esmalta a cada passo a descripção, estende-a com arte, e completa-a com gosto.

Em ambos as transições obedecem á ordem occulta, que as rege; as metaphoras succedem-se com escolha; e os metros variam-se com harmoniosa irregularidade, dando a expressão imitativa. Vê-se que os dois estudaram por exemplares eguaes, e beberam na mesma fonte as formosuras e os defeitos.

Se um sobresae na graça, o outro eleva-se pelo arrojo; e de certo a palma caberia a ambos, se em uma coisa viciosa e falsa, alguem a podesse disputar.

Lendo os Dithyrambos de Diniz e de Belmiro admiram-se os poderes que prodigalisam inutilmente engenhos assim dotados, e lamenta-se, que tão custosas galas e tão finas côres se malbaratassem com assumptos caducos, e sem interesse para nós.

A loucura galhofeira, e o rapto lyrico, ás vezes sublime, que a miudo se encontram n'esta lucta extravagante da arte com o que mais lhe repugna e a desdoira, lastima-se que homens de tal pulso, cedendo á vaidade de correr lanças em todos os torneios, não vissem que eram incompativeis e improprios.

Vencidos todos os obstaculos, e esgotados os recursos do metro, da imaginação, e da lingua, que gloria alcança o triumphador, ganhando a corôa do Dithyrambo?

Apenas o prazer pueril de ser proclamado emulo de autores, que tiveram melhor alvo e outros fins!

O que era nos gregos a inspiração religiosa de uma festa nacional, nos modernos só se desculpa como simples parodia, como forçada e pallida imitação.

Vale ella o trabalho e o esforço? Não de certo; e hoje, louvando (porque o devemos) o talento que revela, somos obrigados a deplorar o tempo e as riquezas perdidas a copiar a sombra esmorecida de uma forma frivola, e morta para nós.

Os epigrammas compostos por Elpino são numerosos, mas parte d'elles não lhe pertence como original.

A collecção, publicada no IV tomo das obras completas, sobe a mais de cincoenta, e d'estes, trinta pelo menos parecem da invenção do poeta.

Bocage, sempre fecundo em rasgos satyricos, deixou-nos mais de cem, entrando os medicos e a medicina com bom quinhão no seu martyrologio metrico.

Belchior Curvo Semedo, menos fertil, e mais reportado, só escreveu dez, e cumpre accrescentar-se que pouco penetrantes, e bastante difusos.

O epigramma, segundo as regras da escola, representada pela Arcadia, era uma satyra fina, ligeira e cortante, breve nos termos, engenhosa no conceito, e nova nas idéas. Havia de pintar em rapidos traços sem nunca alargar o lapis; o chiste, leve e natural, sem dilacerar deshumanamente, carecia de ser bem apontado, e de ferir com agudeza, empregando-se todo no alvo.

Os gregos concediam-lhe mais extensão e outro alcance.

Entre elles esta forma para ser louvada como perfeita, consistia na expressão de um pensamento delicado, ornado com graça, e distincto pela brevidade. Quasi sempre se applicava em inscripções.

A Anthologia encerrando grande copia d'estes versos, não offerece muitos que se possam chamar criticos, e ainda menos satyricos.

A sua introducção data dos romanos; Marcial tornou-os populares, e serviu depois de modelo á grande familia dos poetas mordazes, que nas lettras modernas o imitaram nas qualidades e nos defeitos.

Antonio Diniz, mais erudito do que Bocage e Semedo, não desce a miudo a punir com tão perigosa arma os seus emulos, nem usou d'ella impessoalmente contra os vicios; pelo contrario, tanto nas versões como nas tentativas proprias, só procurou restituir ao epigramma a physionomia hellenica, esmerando-se em fazer sobresair o metro pelo relevo e correcção, e a idéa pela agudeza.

Os seus oito primeiros epigrammas celebram só acções, ou ditos memoraveis de alguns dos varões, que illustram a historia patria desde Affonso de Albuquerque e Vasco da Gama até Duarte de Almeida e Salvador Ribeiro.

Os seguintes, ou esmaltam, encastoada em allusões delicadas uma sentença graciosa, um elogio terno, uma queixa amorosa, ou traduzindo, apropriam com gala os pensamentos estranhos, dignos de se gravarem.

Para se formar juizo mais seguro d'este aspecto, embora pouco importante, do talento do poeta, citaremos tres exemplos, tomados ao acaso entre muitos.

Conta-se, que navegando Vasco da Gama perto da costa da India, quando foi por vice-rei, começou o mar de repente a tremer. No meio do susto e confusão das tripulações, referem que o primeiro conde da Vidigueira soltara um dito heroico e nobre, que animou a todos, e dissipou o terror. O epigramma allude a elle:

Abrindo o grande Gama o mar ufano,
Tremer se sente todo o Oceano:
Um gelado tremor de toda a gente
Os ossos corre; mas o heroe valente,
Não temaes, lhes bradou, bravos soldados,
Que os mares de nós tremem assustados! (1)

Agora vejamos como vencia, e até excedia os modelos de fora, transportando-os para a sua lingua.

A lucta é travada com Marcial e Antonio Cabedo, e com as opulentas posses do metro latino:

Queima Scevola a mão, que o golpe errara;
Menos, se o não errasse, executara. (2)

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua bocca mordeu tyrannamente,
É digna de perdão, Lilia formosa;
Pois ao vêl-a, julgou que era uma rosa (3).

Eis os textos, vertidos com tanta elegancia:

Quum peteret regem decepta satellite dextra,
Ingessit sacris se peritura focis.
Sed tam sæva pius miracula non tulit hostis,
Et raptum flammis jussit abire virum (4).

Quod tua porpureos vincentia Cynthia flores
Labra nimis felix, sed mala punxit apis:
Parce illi, causas prætendit hic error honestas
Crediderat veras scilicet illa rosas (5).

Parece-nos que ambos, pela concisão e finura do traço, não ficam atraz dos autores imitados, e que o portuguez n'este encontro não cede muito na viveza e propriedade da expressão.

Bocage, medindo-se com Ovidio na traducção das Metamorphoses, provou depois, que a lingua de Camões, para quem a sabe, não se mostra esquiva e indigente, nem se cansa facilmente, mesmo de acompanhar a formosa phrase de Virgilio e Horacio.

Os que a deshonram e aviltam não lhe conhecem os thesouros, nem o prestimo.

Continua

L. A. Rebello da Silva.

O CÃO BARRY.

Quantos ambiciosos de fama posthuma não invejariam a celebridade de Barry! Grande numero de viajantes extraviados, transidos de frio, tomados de subito pelas neves no monte grande Saint Bernard, lhe deveram a salvação da vida: intelligente e energico buscava e guiava os que ainda podiam andar, ou com risco seu puxava e transportava os desalentados ou exhaustos de forças. Explique quem o puder o que é que opera secretamente n'estes entes aos quaes nada mais ousamos conceder do que o instincto; sómente diremos que Barry era um heroe da sua raça.

Ao cerrar-se uma tarde borrascosa, por entre nevoeiros um viajante descobre um animal robusto e de goela aberta que vem correndo a encontral-o; julga-se em perigo e descarrega rijamente o bordão calçado de ferro sobre a cabeça do bruto, que lhe cae aos pés gemendo; d'ahi a poucos minutos os religiosos lhe fizeram conhecer e deplorar o seu erro; procurou-se o malaventurado cão, prestaram-lhe todos os soccorros, mas com pouca esperança; comtudo fizeram-lhe o mesmo que praticariam com um homem, foi levado ao hospital de Berne; mas, como a pancada lhe offendera os miolos, não tardou que morresse. Tributaram-lhe a unica honra possivel,

(1) Diniz — Obras — Tom IV. Epigr. III.

(2) Diniz — ibidem — Epigr. LIV.
(3) Diniz — ibid — Epigr. XV.
(4) Marcial — Epigram. Lib. I. — epigr. XXII.
(5) Ant. Cab. I. Collec.

conservaram o corpo e deram-lhe um logar no Museu de Berne, onde existe engaiolado.

M.



O CÃO BARRY.

A. DE LAMARTINE.

(*Conclusão.*)

III

Estamos no segundo volume das *Confidencias*. Eis aqui as palavras do poeta:

«Depois que esta primeira chamma da minha vida se evaporou, deixando-me deslumbrado, vaguei alguns mezes como a alma que perdera a luz do ceo, e que não faz caso da luz da terra.»

A primeira parte das Harmonias, d'essas paginas repassadas de unção religiosa, e intima poesia, foram escriptas em seguida á catastrophe, que segando-lhe no coração a esperança da felicidade na terra, lhe deixara comtudo as aspirações suaves de um mundo melhor. Sem o desespero sinistro da musa de Byron e Goete, a sua harpa afinada nas crenças do christianismo soube acordar até as notas mais profundamente dolorosas pela resignação, e pela fé.

Depois do triste e desanimador scepticismo do seculo XVIII, foi o seu genio que arrancou a poesia da duvida onde vacillava tibia, e descorada. Foi á sua voz que se deveram os primeiros cantos d'essa grande epopêa, que temos visto crescer na nossa epoca, e á qual nomes como os de Hugo, Manzoni, Schiller, Heine, e tantos outros teem juntado os primores do seu engenho.

A segunda parte das *Confidencias*, que a mordacidade invejosa de alguns criticos feriu sem consciencia, é o reflexo vivo, o espelho fiel da alma do poeta. Alma sincera, e pura, grande, e apaixonada como os seus cantos immortaes!

N'aquella galeria de retratos de familia, tocados por pincel divino, recreia-se a vista admirando as suavidades do colorido, a delicada correcção das linhas que em nada desmerecem a verdade e naturalidade das figuras. Sua mãe, bello e celeste exemplo das virtudes feminis, apparece no fundo do quadro com o sorriso da resignação, e da bondade nos labios, estremecendo o filho que a adora, comprehendendo os vôos da sua imaginação ardente, confundindo as suas lagrimas com as d'elle, desinvolvendo na sua alma infantil, pela educação, todos os sentimentos que ennobrecem o homem. Espirito superior e dotado de extrema sensibilidade, foi ella quem legara a Lamartine os dotes que deviam tornal-o mais tarde um homem eminente.

Os dias serenos da juventude, os reflexos do ceo na terra, acabaram para elle com a *estrella* que se desvaneceu no firmamento. A alma submersa na profunda saudade, o espirito absorto em si mesmo só acorda para o mundo da arte, rompendo em maviosos cantos.

O tempo vae-lhe pouco a pouco obliterando n'alma a parte acerba e corrosiva da sua dôr. As lagrimas do primeiro affecto seccam-se ao calor ardente da chamma dos olhos de *Regina*, da fascinadora italiana, que apparece nas trevas da alma do mancebo, brilhante e rapida como o meteoro. Então as viçosas e perfumadas flores do seu genio desabrocham á luz intensa d'este amor, como as flores abotoadas da campina aos raios vivificadores do sol esplendido.

Terminados os ardores da juventude, resfriadas as paixões dos primeiros periodos da existencia, na reflexão e cuidados da edade madura, o poeta deixa o logar ao philosopho, e ao politico. O philosopho apparece na historia dos Girondinos; o fervoroso e inspirado tribuno, no meio dos tumultos, do sangue, da metralha, das acclamações enthusiasticas do povo. A sua palavra sincera e eloquente arrebata as massas. A sua figura nobre e suave commove e domina os auditorios.

Durante o tempo que Lamartine geriu os negocios da republica, errou porque era homem; mas errou sobretudo pela nobre, e generosa sensibilidade da sua alma. Não é decerto este o logar para avaliarmos, quando podessemos, os actos da sua vida publica; todavia fallando do admiravel espirito não podemos deixar de prestar-lhe a homenagem devida tanto ás altas faculdades da sua intelligencia, como aos puros e severos sentimentos da sua alma.

A. de Lamartine acha-se actualmente em Paris. Para resgatar-se das perdas consideraveis que tem soffrido n'estes ultimos tempos, escreve uma obra extensa, que vae em breve dar ao publico, sob o titulo de *Curso familiar de litteratura*. Fazemos votos para que nos chegue ás mãos quanto antes este livro, que, trazendo o seu nome, não pode deixar de ter um subido valor.

BULHÃO PATO.

A loucura do homem tem chegado a ponto de fazer elogios á loucura.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(*Continuação.*)

XIX

Do que mais aconteceu na batalha.

Não sómente tinham os soldados castelhanos melhor estancia, mas a caravela da armada com artilheria grossa, chegada á costa, de uma banda e de outra, bordejando com vento norte, atirava de continuo á gente da terra; e os soldados castelhanos vendo já tanta gente, e por ficarem livres, e senhores da sua vontade escaramuçarem, e os trigos estarem por segar, e os estorvava, pozeram fogo a muitos, e o trigo que estava em frascaes na eira de Bartholomeu Lourenço. Diziam de baixo por muitas vezes *Carajos portuguezes dejaros andar que oy habeis ser muchos cabrones*. Isto azedava os portuguezes e os attrahia á peleja com mais vontade. Quando a pobre mulher, por nome Angela Pereira, viu arder suas cearas e os frascaes da eira, e seu marido cativo, e ferido, e sua casa e fazenda em poder dos soldados, e ella com pressa em saia escapou, parecia uma doida, e com as lastimas que dizia animava aos portuguezes para que melhor pelejassem, e a tinham mão porque se queria ir metter em sua casa; e porque era mulher moça, nobre e bem parecida, e mulher muito galharda, sem falta sua honra e vida por resistir seria acabada. E a fizeram recolher com outras mulheres a cima a uma egreja de S. João. Havia mulheres com armas nas mãos, que se não tiravam de longo de seus maridos a pelejar, e outras que não tinham maridos. A horas de meio dia, dizem, que D. Pedro de Valdez vendo tanta gente, e o fervor com que pelejavam, e se defendiam, se tornou a recolher á armada; e lhe disse um piloto, que trazia tomado, natural d'esta cidade, por nome Henrique de Amores: *Fez vossa senhoria bem de se recolher, por que toda a gente que lá está corre risco tornar-se a embarcar*: elle lhe deu a entender como estava arrependido tel-a botado em terra. Estando assim escaramuçando a gente da terra entrincheirados, e os soldados castelhanos; estava um homem velho por nome Antonio Gonçalves, com seu arcabuz em uma trincheira. Como elle era bom espingardeiro, de maravilha errava d'onde apontasse. Um soldado castelhano de baixo disse: *Velho ruim hoje vos heide fazer cabrão*: cuidou o bom velho que já o fazia: disse aos que estavam perto d'elle, que todos ouviram: *Tende-me sentido n'aquelle castelhano*. Elle, e os mais puzeram n'elle sentido: em se descobrindo o pobre coitado castelhano, que sómente lhe viu a cabeça, antes do castelhano disparar, por irem ambos a um tempo com os arcabuzes ao rosto, lhe deu na testa, e o virou de costas, dizendo o Antonio Gonçalves: *Depois de velho cavalleiro, e minha mulher velha, me quereis enxovalhar! Não cumprireis já vosso damnado intento.* Outro velho por nome Gonçalo Ennes Machado, vendo que lhe mataram um filho, investiu com uma lança em as mãos, entre mais de cincoenta castelhanos, e fez maravilhas, que se lhe não atiraram com tantos arcabuzes fizera mais, porque primeiro que lhe dessem nos peitos, pelos braços e pernas lhe deram muitos tiros; mas como elle andava damnado não sentia coisa alguma, té que caiu de costas e foi visto estar jogando couces, e assim morreu. Sendo já depois do meio dia podiam estar mortos dezesete homens sómente. Ordenaram de mandar vir muito gado, para que atraz d'elle fosse a gente, e com menos perigo dessem batalha.

XX

Do que succedeu depois de vir o gado.

Como a ilha foi sempre de muito gado, d'ali a pouco espaço e perto havia muito, que em breve tempo trouxeram, tanto, que era mais ou tanto, como os soldados castelhanos. Em chegando, os pastores que com elle vinham o puzeram por ordem todo espalhado, que tomasse a largura e tamanho como o campo que tinham tomado os castelhanos, e atraz do gado a gente toda, de maneira que deram sobre os soldados castelhanos, que quando chegaram os que iam em a retaguarda, não acharam que matar. Muitos se botaram ao mar, e como iam armados se iam ao fundo; outros, para tirarem as armas ao longo do mar, não as podiam tirar tão presto, que os não matassem; e os barcos e bateis arredados, que lhe não chegassem com os arcabuzes. A armada, muito triste com bandeiras e estandartes botados a baixo. A gente, ao longo do mar engolfados com despojos; e temendo se o corregedor e os capitães, por estar a gente toda descoberta, que lhe atirassem do mar com a artilheria grossa; mandaram aos pregoeiros, que com pena de morte todos se retirassem acima. Não tiveram de ver com nada, nem a armada nem a caravela, que todo o dia andou atirando, não disparou peça alguma. Escapariam a nado pouco mais de cincoenta soldados, segundo se viu, e ali se tomaram muitas armas e boas as bandeiras, caixas, e os vestidos; e só dois escaparam vivos, e um moço que se metteu entre os da terra sem fallar. A estes lhes deram a vida, por os acharem depois escondidos, e um fallar portuguez. E o mar té chegar á armada tudo era sangue, que tão assanhada estava a gente pelo fogo que puzeram aos trigos, e dos ameaços que faziam. Mas a gente nobre e de entendimento se poderam dar vida a todos depois de vencidos, o fizeram, mas não podiam com a muita gente do povo. Morreram de terra sómente dezesete homens; houve muitos feridos e queimados. No dia de Sant'Anna 26 do mez se fez muita festa na cidade, pela victoria que tiveram com pouca gente morta.

XXI.

De como Ciprião de Figueiredo, Capitão mór e Corregedor, ordenou de fazer Capitães n'esta cidade, repartindo a gente das companhias, que eram grandes, por muitos, e misturar mechanicos e nobres.

Vendo Cipriāo de Figueiredo, Capitão mór d'esta Capitania de Angra, e os mais que governavam, em como não era bem haver tamanhas companhias de gente, e como os nobres da terra, alguns d'elles, ou a maior parte, não havia que confiar n'elles; e vendo o que tinham feito na casa da salga a D. Pedro de Valdez, e que não deixaria El-rei D. Filippe de saber a contumacia dos moradores, e de mandar grande poder sobre esta ilha, fez o seguinte. E tambem este Corregedor e Capitão mór era regido e governado por um seu escrivão da correição, que se chamava Braz Nogueira, de quem se mormurava ser causa de muitos males e desordens da terra. A este fez capitão de uma companhia, pelo ter por leal, e

os mais ao senhor D. Antonio, e fez Heitor Rodrigues, e Diogo de Lemos, e Aires de Pórras, Alvaro Pires Ramires, o moço, Miguel da Cunha, Martins Simão de Faria, Antonio Rodrigues, André Fernandes Madruga, Artur de Azevedo. Ficou dos Capitães velhos Sebastião do Couto, Pedro Cota-de-Malha, Bernardo de Tavora, e já era Gaspar de Cavio de Barros, e Francisco Dias, dos outenta jurados. Estes eram da cidade, afora outras que depois accrescentaram. O mesmo fez na Villa da Praia, e de San Sebastião, e freguezias de toda a Ilha, tirando os que lhe pareciam que não eram de confiança. E os nobres e fidalgos os repartiu pelas companhias os de confiança, e os que o não eram, e assim proveu as fortalezas que eram feitas, e outras muitas que depois se fizeram. Era mais Capitão em a cidade Fernão Feio, em logar de seu pae Antonio Pita, por o fazerem Capitão da fortaleza de San Sebastião. De maneira que na cidade fez perto de vinte companhias de gente de pé, e fez companhia de gente de cavallo, que ao diante se dirá quem era.

Continua.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Continuação.)

— Vêdes alguma coisa? Sentistes alguma impressão?

— Não vejo nada, mas sinto a ponta de um terçado.

— O que quereis de nós?

— Eu nada; trouxeram-me aqui á força, e não sei o que me querem. Não poderei sabel-o?

— Não manifestastes a ninguem desejos de pertencer a uma sociedade poderosa que vos protegesse e ensinasse a ser virtuoso?

— É verdade que sim; mas eu não sabia que estava diante d'ella. N'esse caso, eu quero pertencer-lhe.

— Esse desejo é filho do vosso coração; não fostes seduzido, nem constrangido?

— Não fui seduzido, nem constrangido (inspiraram-lhe ao ouvido); e elle disse-o, sabendo que mentia.

— Pois bem, a arma cuja ponta sentistes, é a imagem do remorso que hade ferir-vos, se nos fordes traidor; a vossa cegueira actual representa a dos homens em quanto não conhecem a estrada da virtude em que ides entrar. Dizei outra vez, é por acto espontaneo que nos vindes pedir que vos recebamos entre nós?

— Sim, senhor.

— Mas notae que nós costumamos experimentar os nossos candidatos com provas horriveis sobre o seu valor pessoal, sobre o grau de sua intelligencia, e absoluta obediencia, e seu despreso da morte; estaes decidido a sugeitar-vos a essas provas. Pensae bem na vossa resposta.

— Estou prompto a quanto me ordenardes, dizem-lhe ao ouvido, e elle responde em voz alta isto mesmo.

— Pois que assim é, lavo as minhas mãos sobre o que vos acontecer. Arrojae esse temerario para fora d'este recinto, e conduzi-o por esse caminho escabroso que é necessario seguir para chegar ao templo da virtude.

Levam-n'o d'ali, e fazem-lhe dar muitas voltas e reviravoltas, e tendo caminhado algum tempo no meio do maior silencio, e sentindo apenas uma viração tepida, e local, achou-se de repente n'um sitio, onde nem o som dos passos se deixava ouvir.

A voz fallou-lhe de novo, mas como se a colera o abafasse:

— Durante a vossa viagem, soubemos que estaveis em casa de um tal Boukari, homem traidor, e que vós vinheis aqui para nos expiardes; e por isso morrereis.

— Isso não é verdade. Boukari era incapaz d'isso, e eu tambem.

— Não nos desmintaes. As provas são concludentes, e só ha um meio de vos salvardes, pois do contrario morrereis infallivelmente.

— E qual é? Eu não tenho medo da morte, mas tambem não a desejo. Dizei o que exigis de mim.

— Que volteis para casa de Boukari, e que em occasião opportuna o mateis. É por este acto de obediencia que vos mostrareis puro, e digno de pertencer-nos.

Uma voz insinua-lhe ao ouvido esta resposta: Dá-me o ferro, e as ordens d'esta sociedade serão cumpridas:

Mas Ondotó ainda não estava tão pervertido que acceitasse esta resposta dos seus *mestres de virtude.*

Por quem me tomaes vós, diz elle enfurecido?... E eu que cuidei que estava no meio de homens de bem!... Ah! Boukari, Boukari! como te enganaram, e como me enganaste! mas hasde saber tudo! Se eu sair d'aqui vivo...

— É desnecessario já agora o teu auxilio. Tu acabas de confessar o seu e o teu crime. Vê como nós nos vingamos dos traidores, e qual é a sorte que te espera. Desvendae-lhe os olhos.

Ondotó achou-se no meio d'uma comprida sala em que tudo estava forrado de preto. Em volta d'elle um grupo de homens com o rosto coberto, como aquelles que o tinham preparado, estavam armados d'espadas que lhe apontavam ao peito: no topo da sala n'uma elevação como de tres degraus estava sentado um homem de grandes barbas, que tinha diante de si uma mesinha triangular, e sobre ella uma luz, que parecia não estar ali senão para tornar mais lugubre aquelle sitio. Á sua direita e á sua esquerda em logar mais baixo estavam tambem dois homens, cada um dos quaes tinha diante de si uma mesinha do mesmo feitio que a do throno, mas maior alguma coisa.

Ainda bem não tinha examinado tudo isto, que ao seu lado corre-se uma cortina, e vê... Sobre uma especie de tablado coberto de preto assentava como uma mesa tambem coberta de preto, e sobre esta uma cabeça livida e ensanguentada mettida n'um prato muito sujo de sangue, duas luzes brancas a um lado e outro da cabeça projectavam sobre ella uma claridade sinistra! Ondotó olhou espantado, pareceu-lhe reconhecer n'aquelle semblante decomposto as feições de Boukari, fez um esforço para soltar os braços, e correu para affirmar-se, mas o grupo dos portadores d'espadas impediu-o; a cortina correu-se sobre este espectaculo, e o homem que estava no throno disse lugubremente:

— Assim acabam todos os traidores.

Mas Ondotó já o não ouviu; tinha caído sem sentidos. Levaram-n'o em braços d'ali para fora; fizeram-n'o respirar o fumo de pennas queimadas, esfregaram-lhe as fontes, deitaram-lhe agua sobre a cabeça até que finalmente deu um suspiro. Então todos

se retiraram e deixaram-n'o só com Boukari; pouco depois abriu os olhos, e achou-se nos braços d'este que o estreitava com amor a si. Mal Ondotó o viu, foi seu primeiro impulso fugir cuidando que era o seu espirito, mas quando se convenceu de que o que tinha diante de si era realmente o mesmo Boukari em carne e osso, tal como o tinha deixado em casa poucas horas antes, disse-lhe:

—Como podeis estar mettido entre homens tão maus. Vamo-nos d'aqui, do contrario matar-nos-hão, que são peiores do que os tygres e as onças dos nossos bosques. Fujamos.

Boukari olhou para todos os lados para se certificar de que ninguem ali se achava; e chegando-se para Ondotó, tão perto que a sua bocca tocava quasi na orelha d'este para que ninguem podesse ouvil-o:

—Convem-te, disse-lhe, convem-me a mim, e convem a coisa mais alta e sagrada do que nós somos, que entres n'esta associação a que tambem pertenço. Não tenhas medo d'elles, que são menos maus do que pensas, ainda que muito mais do que alguns pensam; e podem servir-nos de muito para certos planos que trago entre mãos, com outras pessoas, e que te hãode ser proveitosos.

—Mas que gente é esta então, de quem fallas com tanta cautela, como despreso?

—Ouve isto, mas guarda-o comtigo, que se o suspeitassem eram capazes de me assassinar com a calumnia no meu credito, pelo menos, e atraiçoar-te a ti. Esta sociedade pode considerar-se por dois lados; por um, são serpentes de coral quando estão enraivecidos, e submissos como cães quando estão contentes; por outro lado é *um sacco onde muitos mettem, e poucos tiram*. Agora vou-me retirar, e dizer-lhes que estás prompto para continuar a ceremonia, e no entanto estuda alguma razão para explicar o teu desmaio; qualquer que seja, hãode acceital-a porque o que elles querem é muita gente.

Dito isto, vendou os olhos de Ondotó, e saiu a reunir-se com os outros na sala das experiencias.

Pouco depois entraram os introductores, e o conduziram ao local onde se tinha passado a scena que acabamos de descrever. Do fundo da sala ouviu-se uma voz que lhe perguntava:

—Apesar do que vistes ainda insistis em fazer parte dos nossos? Mas notae que se no caso presente se tratou sómente d'uma experiencia, pode ser que mui brevemente se trate d'uma realidade, e nós vimos que tendes um coração fraco: parece-me que é melhor que vos retireis.

—Eu irritei-me por ver que se calumniava um homem virtuoso, e affligiu-me o ver que esse homem innocente havia caido victima da calumnia. Isso, e o horror do acto que tinha diante dos olhos, e mais a falta de ar foram causa do meu deliquio; mas a franqueza com que expuz a minha opinião deve ter-vos mostrado que não tenho um coração fraco, e que a minha mão não o será tambem. Eu quero ser dos vossos.

(*Bravo, bravo, muito bem, muito bem, ouviu-se de todos os lados.*)

—Como a assembléa acceita e applaude as vossas respostas, não tenho direito a mostrar mais exigencias do que ella; mas já que quereis ser dos nossos, devo prevenir-vos do que convem que saibaes antes de vos ligardes a nós irremissivelmente, para se vos não convier poderdes retirar-vos, dando-nos primeiro a vossa palavra de honra de que não contareis a ninguem o que vistes e ouvistes em quanto aqui estivestes, e subjeitando-vos a soffrer as consequencias se a quebrantardes.

Todas as sociedades tem as suas leis particulares, que constituem os seus direitos com relação a cada membro d'ellas, e os deveres de cada um d'esses membros; e essas leis são mais fortes, mais duras e mais implacaveis quando se trata de associações secretas, como esta é. Convindes n'isto?

—Sim, senhor.

—O primeiro de vossos deveres é um silencio absoluto sobre tudo o que virdes, ouvirdes, ou descobrirdes no meio de nós; e sobre tudo o que para o futuro chegueis a ver, ouvir e saber. Não podereis dizel-o a ninguem, nem escrevel-o, nem pintal-o, nem graval-o. A infracção a este dever vosso pode ser punido a aprasimento da assembléa, inclusivamente com a morte. Reconheceis este dever, e consequentemente o nosso direito?

—Sim senhor.

—Essa resposta geral não nos basta. Não queremos equivocos. Reconheceis na sociedade o direito de vida e de morte sobre os associados?

—Reconheço; porque não sei que nenhuma sociedade possa existir sem esse direito sobre os seus membros.

Continua.

SOUSA MONTEIRO.

BIBLIOGRAPHIA.

Acha-se no prelo a comedia—Como se sobe ao poder—de L. A. Palmeirim.

A comedia—O Camões do Rocio—de I. M. Feijó.

O drama—A Torre do Corvo—pelo mesmo autor.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



MAUSOLEO EM MYLASSA.

A Asia Menor é uma peninsula, que se dilata ao occidente da Asia entre a Europa e a Africa. Esta denominação não remonta além do tempo dos ultimos imperadores romanos, e deveu a sua origem á idéa, geralmente recebida n'essa epoca, de que o isthmo que separa a peninsula do resto da Asia, era muito mais contrahido do que na realidade é.

Muitos geographos designam esta região pelo nome de Anatolia, que n'um sentido mais restricto é sómente a parte septentrional do paiz, ficando ao sueste a Caramania, e ao nordeste o Livas. Os principaes caracteres geographicos da Asia Menor são as vastas cordas de montanhas que a atravessam. Duas ramificações que partem da grande planura da cordilheira da Armenia, o Anti-Tauro dos antigos, ao sul, e o Paryadres, conhecido agora pelo nome de Tsheldir ou Keldir, reunem-se proximo de Cesarea ao monte Argeu, chamado hoje Argisdagh. O centro da Asia é uma chã ou planura immensa sobre as serras que deixamos mencionadas. Os seus rios tem mais celebridade do que importancia, os de maior curso desembocam no mar Negro, d'entre estes citaremos o Halys, que os turcos chamam Kizil-Ermak, rio vermelho, o Irisou Yeshil-Ermak, e o Sangario ou Sakaria,

Os rios que vem dar ao mar do archipelago grego, famosos todos na antiguidade, são o Caico, o Hermo, o Caystro, e o Meandro, e regam valles de belleza e fertilidade admiraveis; os que desaguam na costa meridional andam pouco caminho até o mar, taes são o Eurymedon, o Calyacadmo, o Cydno, o Saro, e o Pigrama.

A historia politica da Asia Menor occupa largo campo na do mundo. Herodoto nos conta que no seu tempo esta peninsula era habitada por trinta nações differentes, cuja presença simultanea attestava as numerosas revoluções porque havia passado. Comprehendia grande numero de districtos, que na maior parte formavam reinos separados. Ao norte era a Bithynia, a Paphlagonia e o Ponto, ao poente a Mysia e a Lydia, ao sul a Caria, a Lycia, a Pamphylia, a Cilicia, no centro, a Phrygia, a Eolida, a Jonia, a Pisidia, a Lycaonia, e a Galacia, a leste finalmente, a Capadocia e a Armenia menor.

«O destino d'esta terra foi sempre (diz Leon de Laborde) ser terra de invasão e de passagem, onde se encontravam interesses diversos para luctarem; grande ponte lançada da Asia á Europa para dar entrada ás regiões do Oriente, immensa estalagem por onde passaram tantos povos peregrinos, e onde nenhum fixou residencia. Associada aos primeiros impulsos da civilisação grega, foi esta região theatro de um acontecimento fecundo em resultados poeticos e intellectuaes—a guerra de Troya. D'ahi a pouco vemol-a sempre mencionada na historia; depois de Cyro, que poz termo ao reinado de Cresso, veiu Xerxes com o seu milhão de homens e sua vergonhosa derrota, Xenophonte com os seus dez mil e famosa retirada; ali apparece Alexandre, venerando o tumulo de Achilles, coroando Homero nas pla-

nicies de Troya, e indo em breve expirar no theatro da sua gloria; finalmente Mithridates, o derradeiro monarcha celebre da Asia.» Os seus variados acontecimentos estão, portanto, ligados com a historia da Grecia e de Roma.

A Asia Menor pertence actualmente á Turquia asiatica, divide-se em seis eyaletos ou pachalatos, a saber, o de Anatolia, que tem por capital Kutaieh, a Caramania com sua capital Konieh, a antiga *Iconium*, e Adame, Marach, Siva e Trebisonda, cujas capitaes tem a mesma denominação das provincias ou governos de pachás. As ilhas mais importantes, dependentes da Asia Menor são Chypre, Rhodes, Scio, e Lesbos.

Posto que este territorio fosse, quasi desde os tempos primitivos, sede de civilisação já muito adiantada, e ainda apresente numerosos vestigios de sua antiga prosperidade, comtudo tinha sido pouco explorada e estudada, se exceptuarmos os trabalhos avulsos de alguns antiquarios; porém, ultimamente mr. Leon de Laborde e sobretudo mr. Charles Texier com seus preciosos escriptos o fizeram bem conhecido tanto pelo aspecto pittoresco, como pelo lado geographico e archeologico.

Facil é de comprehender que n'uma região, que tantos povos differentes successivamente pisaram, deviam existir vestigios de todas as artes; por isso, ali se encontram o hypogeu (especie de cemiterio) apar do templo, a escripta cuneiforme em frente da inscripção grega ou latina, a muralha cyclope junto da construcção romana, a egreja christã não distante da mesquita musulmana.

A nossa estampa só nos obriga a fallar dos monumentos funerarios. Postoque a palavra *tumulo*, de origem latina, se applique hoje indistinctamente, comtudo, na sua accepção propria significa as collinas ou oiteirinhos facticios que de terra ou pedras levantavam sobre as sepulturas de seus personagens os povos dos tempos heroicos e os que abandonaram o uso de queimar os cadaveres; aquelles acervos eram ordinariamente de forma conica. Acham-se muitos na Asia Menor; e os antiquarios ainda julgam descobrir os de Patroclo, Achilles, e Ajax, em Poungar-Bachi, aldêa que occupa o chão, onde se presume ser o assento da decantada, de que não se descortinam rastos.

Os mausoleos são construcções sumptuosas derivando o nome do que a rainha de Caria, Artimisia, erigiu a seu marido Mausolo: o mais elegante e o mais singular na Asia Menor ainda se vê, como mostra o desenho acima, obra de meia milha distante de Mylassa, que foi capital da Caria reinando Hecatomrio, irmão de Mausolo. Este monumento é dos que chamavam *distega*, isto é, de dois andares; tem um envasamento destinado a receber os corpos, para o qual se entrava por uma porta; não ha signal algum de escada exterior para o segundo pavimento, onde seria mister subir por uma escada de mão, e é formado de oito columnas e quatro pilastras, da ordem corinthia, sustentando um tecto mui rico, sobre o qual se levanta uma pyramide composta de fiadas de enxilharia, reintrantes cada uma em relação á immediatamente inferior até á ultima do remate. As columnas são mui singulares, tendo menor altura do que exigia o seu diametro, começando as meias-canas acima da terça parte do fuste, e sendo este elliptico em vez de redondo. Mr. Chandler infere d'isto, e a sua opinião não é destituida de verosimilhança, que os intercolumnios eram outr'ora tapados com lages de marmore, que desappareceram, e que vinham encostar-se á parte menos convexa das columnas; no centro d'este recinto ha uma pequena abertura que communica com a camara do primeiro pavimento, e pelo qual se crê que seriam feitas as libações em honra dos mortos. Nenhuma inscripção nos fixa a data d'este monumento, que não pode em razão do seu estylo attribuir-se a epoca muito remota.

M.

VIAGEM AO MINHO.

(Continuação.)

CAPITULO XV.

Pena-Fiel. — Aspecto do paiz. — A oliveira e o pinheiro. — O deserto sem caminho — As margens do Tamega e o barqueiro Trovador. — Romance do seculo XIV, ou XV. — O dialogo no barco.

É meio dia; caminhamos por entre duas muralhas de arvoredo, que felizmente nos tem defendido do ardente sol de setembro. Aqui acabam os muros que servem de barreiras á estrada, e saimos n'um grande descampado. Á esquerda vêem-se as ricas paisagens do Minho sombreadas por grandes pinheiraes; á direita começam a levantar-se ao longe as cadêas de pequenas montanhas do alto Douro; na frente apparece, como tendo surgido repentinamente do chão, a cidade de Pena-Fiel. O quadro é magnifico; mas o sol abrasador que agora nos apanha a descoberto não nos deixa muito tempo para darmos á admiração. A cidade vista de longe parece imponente; a illusão vae-se desfazendo á medida que nos aproximamos. Subimos por uma calçada de pedra quasi solta, e penetramos no coração da terra classica dos almocreves.

Parece que estamos no meio de uma povoação arabe; as ruas são estreitas pela maior parte, quasi todas immundas, algumas nunca foram calçadas. A melhor, a rua principal da cidade, é a que vae ter á hospedaria. As casas são aqui mais regulares e menos abafadas pelas enormes rotulas de madeira que desfiguram as outras. Parece que a cidade e a provincia se fizeram concessões mutuas, para viverem unidas n'esta rua principal, sevandijada todavia pelas inextinguiveis recuas de machos e outras cavalgaduras que por ella transitam sem cessar, aturdindo-nos com o ruidoso tanger dos seus monstruosos chocalhos. A elegancia provinciana refugiou-se n'esta rua que une entre si as duas estradas, do Porto e de Amarante, para dar boa idéa da cidade aos viajantes que não levem mais longe as suas observações. Se a minha curiosidade me não fizesse percorrer a cidade, mesmo a cavallo, como tinha tenção de me demorar pouco, de certo faria de Pena-Fiel uma idéa falsa, julgando-a pela rua principal; mas as bellas physionomias que n'ella me appareceram não poderam desvanecer a desagradavel impressão que eu recebera nos immundos becos e travessas que, não esperando a honra da minha visita, se achavam em perfeito abandono municipal. Comprehende-se que não possa chegar a esta distancia o braço das Obras Publicas; mas não haverá aqui municipio, ou coisa que o valha, para aformosear uma terra cujos arredores são lindissimos, ao menos pelos sitios por onde eu passei? Na citada rua principal acha-se a botica, estabelecimento consagrado em todas as terras de provincia para o *cavaco* dos sabios da respec-

tiva localidade. Proximo á botica, conseguira a civilisação *metter um dente*, que lhe quebraram logo os desalmados inimigos do progresso. Era um café, um d'esses marcos milliarios da illustração dos povos, que gravam para sempre nos fastos da humanidade as pégadas do genero humano! Era um d'esses institutos onde se aprende a brilhante sciencia do *Folhetim*, e se fazem os grandes oradores que tiram a patria da *cepa torta!* onde, entre o taco do bilhar e o copo do *cognac*, a mocidade intelligente utilisa as suas ricas faculdades, desfazendo e fazendo reputações, com uma justiça e descernimento dignos de Salomon! Onde a litteratura, as bellas artes, a poesia, a philosophia, a religião, e a historia recebem o maior e o mais perfeito desinvolvimento, mostrando os professores todo o seu esclarecido engenho e fazendo-se gratuitamente censores de tudo quanto possa offender os costumes, e a moral!... Está provado ha muito que sem as lojas de café nunca sciencia nenhuma attingiria o seu maximo aperfeiçoamento, e que a terra que não possue taes estabelecimentos é um foco de ignorancia. Tem paciencia, cidade de Pena-Fiel; este é o *veredictum* da mocidade intelligente, e eu não posso considerar-te senão como uma grande aldêa em quanto não lavares da tua fronte a nodoa fatal de não possuires um café! Se já tens hoje algum cuja existencia me é desconhecida, falla, que desejo ser eu o primeiro a saudar-te, cidade regenerada; mas no tempo em que te visitei li, nos vestigios apagados do primeiro monumento civilisador, que ahi tentou erguer-se, a tua reincidencia no erro, e julguei que eras predestinada a perecer como Sodoma....

Vamos para a hospedaria e deixemos passar o calor, para seguirmos depois a nossa jornada para as bandas do rio Tamega.

A hospedaria fica tambem na rua direita. Apeamo-nos, e entramos, pedindo eu logo um quarto para descansar, porque me achava com uma violenta hemicranea.

Misericordia! quem poderá dormir n'esta casa? O quarto é immundo, nojento! O chão ignora a utilidade da vassoura; as paredes estão negras, e em alguns espaços mais claros acham-se pasquins traçados a lapis em estylo ignobil. Imprecações, satyras, obscenidades, tudo contra a hospedaria! Nenhum viajante entrou ainda n'este recinto sem sacrificar alguns momentos á musa satyrica. Tudo são avisos caritativos, que me aconselham a partir immediatamente, e o melhor que tenho a fazer é aproveital-os. Depois de tomar á pressa uma decocção abominavel, baptisada com o nome de laranjada, seguimos o caminho de leste, deixando Pena-Fiel sem saudades, e dispondo-nos para um martyrologio obscuro.

Pelas poucas linhas que deixo escriptas sobre esta cidade, que eu denominei classica dos almocreves, pelos muitos que n'ella encontrei, não se faça uma idéa pouco favoravel dos seus habitadores. Ha entre elles gente de bastante instrucção, e os dotes da intelligencia e do espirito não são raros aqui. Os filhos de Pena-Fiel, como os de qualquer outra cidade onde a civilisação esteja mais desinvolvida, são tambem susceptiveis de estudo e de trabalho; e mais de uma vez nos cursos academicos se tem distinguido alguns por uma superioridade incontestavel. A universidade de Coimbra é uma testemunha que se honra de os haver conhecido.

Saindo da cidade, penetrámos n'um caminho estreito e mal calçado, porém que tinha a grande vantagem de ser coberto de arvores que nos abrigavam do sol. Fomos caminhando coisa de tres quartos de legua, até que se acabaram os arvoredos, e achámonos quasi em pleno deserto. O aspecto do paiz mudou repentinamente. O terreno é desegual; encontram-se a cada passo grandes excavações produzidas pela queda das aguas no inverno; o solo meio carbonisado apresenta de quando em quando uma guela aberta, de que é preciso desviar cuidadosamente os cavallos. Vêem-se massas de calcarea e de argila espalhadas pela beira da pequena montanha que vamos costeando. Tudo parece indicar um paiz vulcanico, e todavia não ha nem consta que houve nunca vulcões por aqui. As raras arvores que se vêem a distancia umas das outras são algumas oliveiras, tristes e cobertas de ferrugem como affectadas tambem da carbonisação! A oliveira tem um verde triste, mais triste ainda do que o verde do pinheiro; este inspira não sei que sympathia melancolica, aquella causa tristeza, d'essa tristeza que faz apertar o coração e ter medo sem saber do que. A oliveira pode ser mais util, pode haver quem goste mais d'ella, comtudo eu prefiro o pinheiro. A oliveira é um emblema de paz, mas a cruz onde foi crucificado Jesus Christo era de oliveira. É uma benção ou é uma maldição que se lhe deve pelo triste serviço a que se prestou? A paz que rodeia a oliveira é essa paz desolada dos desertos, essa tranquillidade do silencio n'uma natureza sem acção; uma paz que atemorisa porque ha n'ella o que quer que seja da immobilidade da morte...

O pinheiro não foi ferido pelo stygma de um grande crime, e a oliveira parece ter a consciencia de se haver prestado a servir de poste ao Redemptor. Embora santificada pelo sangue que regenerou a humanidade, a culpa que pesa sobre ella não a deixa crescer direita para os ceus como o pinheiro, cuja fronte, subindo por entre as nuvens, envia a Deus como um incenso o seu agreste perfume. A oliveira estende timidamente para os lados os seus ramos tortuosos em que se nota uma continua incerteza de desinvolvimento, uma falta de acção, onde a vida como que se paralysa a cada momento; e o pinheiro eleva-se magestosamente, cresce e desinvolve-se cheio de vigor, sem hesitação, sem timidez, respirando a vida por todos os poros, subindo acima de todas as outras arvores como rei da vegetação, todos os terrenos o alimentam, com todo o ar se contenta, em toda a parte parece uma arvore altiva! Porque seria pois o pinheiro tão ferido de esterilidade, e a oliveira tão fecunda? D'essa esterilidade provém talvez a melancolia do pinheiro; e da fecundidade da oliveira a sua immensa tristeza. Esta chora arrependida, vendo que Deus não só lhe perdoou o ter-lhe servido de cruz, mas ainda a abençoou fecundando-a, e ella cheia de recolhimento e humildade contrahe os membros na penitencia; castiga-se, estorcendo-se e arrastando-se quasi na terra, impedindo a acção da natureza sobre os seus musculos para não tomar as proporções de uma arvore orgulhosa... E o pinheiro, soberbo pela sua belleza, quem sabe se essa immensa chaga que lhe cobre o corpo, essa casca rachada e aspera não é um symptoma de grandes coleras interiores? Quem sabe se essa fronte direita, e levantada insolentemente até ás nuvens não é uma ameaça ao ceo? Eu já passei uma noite em um dos maiores pinhaes que tem Portugal, uma noite horrorosa de vento e chuva, que nunca me hade esquecer. Os pinheiros açoitados pela tempestade soltavam gemidos terriveis; ora pareciam murmurar sentidos queixumes, ora rangiam pavorosamente. De vez em quan-

do como que uma voz humana se misturava á sua; ouvia-se um grito agudo, secco e duro que eu tomava por uma imprecação. As pinhas arrancadas pelo vento caíam no chão como se fossem arremessadas pelos proprios pinheiros furiosos da aridez do seu fructo. Todo o pinhal parecia revoltado; murmurava, rugia, gritava, rangia, assobiava! era um concerto diabolico e temeroso: um brado de maldição arrancado por cem mil pinheiros que me pareceram cem mil satanazes!

E todavia eu gosto mais de ver um pinheiro do que uma oliveira. As sympathias ou antipathias tem causas occultas e mysteriosas que o espirito humano ainda não descobriu, e que naturalmente não hade descobrir nunca.

Ora se as oliveiras em geral me parecem tristes, as que vejo n'este momento são tristissimas! Ainda quando se encontra um bom olival fechado e cheio de fructo, vá; mas assim, tão isoladas umas das outras, todas d'um verde negro carregado, sem fructo, quasi sem folhas, infesadas e doentias, carcomidas algumas, enferrujadas todas, e vegetando a custo n'este arido terreno! Pobres arvores! Chegam a inspirar-me dó!

Eu tenho uma grande paixão pelos arvoredos; uma terra sem arvores acho-a insupportavel. Custa a crer como ha em Lisboa e seus suburbios gente de tão mau coração que arranca ou corta os arbustos e arvores plantadas na beira das estradas, ou nas praças publicas! Se eu fosse governo, a quem cortasse uma arvore mandava cortar-lhe a mão. Quem mata uma planta é capaz de matar um homem.

Dêem-me cincoenta braças de terra cobertas de arvoredo, um canteiro de flores, façam-me passar pelo meio da *minha propriedade* um ribeiro d'agua cristalina e guardem para si o resto do mundo. Em menos de oito dias farei eclogas como as de Virgilio e Francisco Rodrigues Lobo, e idylios como os de Theocrito e Gessner.

Na proximidade das povoações a paisagem varia um pouco. Encontramos alguns campos de trigo e de centeio ainda não ceifados; algumas arvores mais alegres, alguma vida mais visivel do que até aqui. Atravessamos o logar chamado das *Duas Egrejas*, pobre, quasi miseravel aldeola, como a maior parte das que se acham por estes sitios. Largamos os cavallos a galope e não paramos senão proximo a Prozêllo, outro logar insignificante á borda do nosso caminho. Aqui desapparecem quasi inteiramente todos os vestigios da estrada que temos seguido. Eu sou como Victor Hugo que não gosta de perguntar o seu caminho a ninguem, e que por isso andou em Colonia umas poucas de horas para chegar á cathedral. Diante de nós estendia-se uma vasta campina povoada apenas por alguns sobreiros, e limitada por duas montanhas lá no fundo do horisonte. — Entre aquellas montanhas, disse eu aos meus companheiros, *deve* passar o rio Tamega. — Deve, repetiu o M. que julgava saber o caminho e tinha feito com que nos perdessemos. — Ávante! — Largamos redeas e partimos por uma especie de carreiro que havia no meio do campo. No fim de duas horas de marcha chegámos perto das montanhas. Era com effeito o Tamega que ahi passava, mas a descida não nos pareceu praticavel. Andavamos por um deserto sem caminho, e não sabiamos para que lado seria melhor seguir afim de encontrar não só uma senda que nos conduzisse á borda do rio, mas tambem um barqueiro. O sol descia rapidamente: não havia tempo a perder; seguimos o curso do rio, e no fim de meia hora avistámos umas azenhas do lado opposto. — Nada de hesitações! vejo um barco, e hade haver alguem nas azenhas; vamos ver se conseguimos descer. Os cavallos não podem firmar os pés na ladeira escarpada por onde os levamos. — A pé! se não podemos chegar mais depressa do que desejamos. — Tomámos as redeas na mão e fomos descendo por um precipicio coberto de carqueja e tojo. Depois de muito trabalho e com bastante perigo chegámos á margem do Tamega. O rio é largo, mas como o criado tem excellentes pulmões mandei-o gritar, e appareceu um barqueiro da outra banda. Quando lhe acenamos que trouxesse o barco hesitou alguns segundos como quem se receava de nós, mas por fim aproximou-se lentamente. Chegado a doze ou quinze braças proximo de terra perguntou-nos o que pretendiamos. — Passar para a outra banda. — Aqui não é o logar da passagem... — Dizendo isto o Charonte do Tamega dispunha-se a voltar sem nos embarcar; o meu amigo estendeu-lhe os braços com ar supplicante, porque via diante de si a perspectiva d'uma cama de carqueja, exposta aos lobos e aos salteadores; eu estendi tambem os braços com a só differença de que em cada uma das minhas mãos havia uma pistola engatilhada. — Encosta o barco ou faço-te fogo! disse eu resolutamente. O barqueiro não se intimidou; olhou para as minhas armas como um homem que sabia para o que ellas serviam, e um sorriso quasi imperceptivel veiu agitar os seus labios grossos e descorados. Provocação, ironia, ou despreso? era difficil adivinhar o que significava esse riso (permittam-me a expressão) grave e austero, que me deixou corrido e envergonhado.

Olhei para os olhos do barqueiro e dos olhos passei a examinar minuciosamente o individuo, que se deixou ficar immovel como á espera de que eu concluisse a minha observação. Era um homem que teria cincoenta annos; estatura alta; o corpo um pouco curvado para diante, talvez pela edade talvez pelo habito de remar no barco; o cabello grisalho e curto apparecia apenas debaixo das largas abas de um chapeo de Braga; a barba toda crescida, mas cuidadosamente espontada e penteada, começava a branquecer; o rosto crestado do sol deixava comtudo ver a finura da pelle; os olhos azues e a serenidade do olhar denunciavam elevada intelligencia, e uma vida passada na contemplação e no isolamento. O seu trajo simples, grosseiro, e ao mesmo tempo severo tinha o *que quer que fosse* que não desharmonisava com a figura; havia uma certa elegancia rude n'essa jaqueta de briche, mais comprida que as ordinarias, n'esse colete de bombasina preta com botões de vidro azul, e no calção, irmão do colete, cujas pernas saíam de dentro dos canos amarellos de umas botas á *Escudeyro*. A camisa de linho grosso, com botões de linha, e uma silva bordada no colarinho direito, era alvissima. As mãos, poisadas nos punhos mal-talhados dos remos do saveiro, pequenas e bem contornadas, pareciam feitas para não sair nunca das luvas perfumadas d'um homem *comme il faut*.

Á medida que eu examinava o barqueiro as minhas pistolas fugiam vexadissimas para o fundo das minhas algibeiras, e a côr subia-me ás faces. Quando acabei de o observar, os meus labios murmuraram: — perdão! — O barco impellido por dois vigorosos golpes de remo aproou em terra, e o barqueiro convidou-me a embarcar o meu cavallo. O seu gesto digno e grande humilhou-me ainda mais. Estive para lhe implorar de joelhos o perdão da minha fanfarronada. A sua physionomia era admiravel, su-

blime de tranquillidade: reflectia a paz da consciencia. Parecia-me um typo antigo; um discipulo de Platão, ou um homem de Plutarcho.

O barco não podia levar senão um cavallo de cada vez, por isso embarquei o meu primeiro, ancioso de me achar junto do barqueiro para conversar com elle. Porém, apenas largámos da margem começou elle a cantar. Conheci que não queria conversação, e cada vez mais admirado, puz-me a escutar-lhe o canto. Ao principio era um pouco monotono, com quanto a voz não fosse desagradavel; mas a pouco e pouco, como se o dirigisse uma grande força interior, a voz subiu gradualmente, e adquiriu uma vibração sonora e melancolica, uma harmonia por assim dizer agreste que me fazia volver para o trovador os meus olhos espantados. Estavamos no meio do Tamega; viam-se as duas margens cobertas de arvoredos e de plantas aromaticas; as aguas negras do rio, profundissimo n'este logar, corriam arrebatadas, precipitando-se com estrepito n'uma queda que ha defronte das azenhas; ferviam depois espumantes em baixo da cachoeira para logo adiante retomarem o seu curso tranquillo e quasi silencioso. As rodas das azenhas gyravam rapidamente d'um modo phantastico: era quasi sol posto: a um dia de calor ardente succedia uma tarde amenissima, tornada ainda mais deleitosa pela situação do momento.

O meu barqueiro continua a cantar, e tem razão. Este sitio é digno de poetas e inspira ainda aos que o não são. O meu trovador está realmente inspirado; ouvindo-o não me lembro já de conversar, e desejo que elle se não aborreça de cantar. O seu canto derrama no ar um cheiro acre de rosmaninho e de murta, um perfume e um sabor de montanha que me deleita e alegra. Estou diante d'um poeta do XIV ou do XV seculo; d'um d'esses poetas cujas singelas e admiraveis canções a tradição oral do povo transmittiu até ao visconde de Almeida Garrett, que as colligiu e publicou para gloria sua e da terra cujas são.... — Oh! descuidado que só agora me lembro de escrever a canção do meu poeta! Tiro á pressa o meu album e um lapis e apanho estas notas dispersas e perdidas talvez na intenção do poeta, atiradas com desgarrado abandono ás aguas, e ás arvores do Tamega, e recolhidas por mim com religiosa admiração. Que sublimes, que inimitaveis poemas se não terão perdido por estas veigas meio solitarias! Que maviosas e sentidas endeixas não terão acompanhado o ruidoso murmurar d'estas torrentes! Quanto ignorado Bernardim terá gemido e suspirado seus amores por estas margens deliciosas!

Eis a canção do barqueiro tal qual a pude copiar; não tenho a pretenção de saber a que seculo pertence, com quanto me pareça bastante antiga pelos estudos que tenho feito do *Romanceiro* de Garrett. Deixo a melhores entendedores o cuidado de lhe acharem a epoca em que foi feita, e á falta de outro titulo, dou-lhe o de:

MARIANNINHA.

....
....
....
....

Noite se fez no caminho
Todo o souto escurecia;
Se vae cheia na rigueira
Quem por ella passaria?

Nanja a linda Marianninha
Que volta da romaria...
Bate o vento na ramada
D'ali a neve caía.

— As rodas da minha azenha
Quem d'aqui as ouviria;
Que antes de ser o sol nado
Abraçara a minha tia!
Valei-me anjinhos do ceu,
Valha-me Santa Maria;
Andam lobos na devesa
E eu por ella perdida!....

Calou-se a Marianninha
Logo a ramada se abria:

— Queres ser mulher d'um conde?
Terás muita pedraria;
Comerás com a rainha
E de seda irás vestida:
Lençoes do teu leito de oiro
Serão de cambraia fina. —

Responde a minha donzella,
Que bem que lhe respondia!

— Oh! que lindo cavalleiro,
Quem lhe dera a cortesia!
Fallar assim á menina
Que anda no matto perdida,
Não é saber defendel-a
Nem é mostrar bizarria.
Se me quer contar de amores
Levara-me á minha tia;
E de dia não de noite
Na minha porta o ouvira. —

Ouvireis agora o conde,
O que o mau conde dizia;

— Tu não vês o meu castello
Por detraz d'aquella enzinha?
A tua casa está longe,
Vem na minha companhia;
Amanhã dirás a todos
Que voltas da romaria. —

— Vae-te com Deus, cavalleiro,
Mais a tua galhardia;
Que nunca da minha bocca
Hade sair a mentira. —

— Ando a caçar no meu souto
A caça que achei é minha;
E voto á fé de quem sou
Que a ninguem a cederia! —

— Cavalleiro que tal diz
Por villão o tomaria....
Se meu irmão aqui fosse
A lingua te cortaria;
Hade salvar-me de ti
A Virgem Santa Maria;
Ella é minha madrinha
E eu venho da romaria. —

Na alma negra do conde
O bruto desejo ardia.

—Nem teu pae, nem teu irmão,
Nem Deus te defenderia!—

Eis que soa na deveza
Uma grande tropelia;
E um lobo embravecido
O cavalleiro investia;
Por morto no chão o deixa
Mas comer não n'o comia!
Sem fazer mal á donzella
Para a moita se volvia;
Ella vendo o conde morto
Já d'elle se condoia;
E a seus pés ajoelhada
Por aquella alma pedia.
Milagre! o conde chorando
Do chão a custo se erguia;
Ambas as mãos lhe beijava
Entoando—Ave Maria!—

—Pela minha alma pediste
Que a Deus e a ti offendia;
Dos infernos a livraste
Dou-t'a para toda a vida;
Não te contarei de amores
Senão ámanhã de dia;
Que ámanhã serás condessa
Dos paços de Santa Iria.
Cuidei que tudo era caça...
Mal haja a descortesia,
Com que tratei a romeira
Que vinha da romaria.
Vamos procurar teu pae,
Condessa Marianninha.—

De alegre salta a donzella,
Quem é que não saltaria!...
Tinha dado uma alma a Deus
E um sobrinho á sua tia.

—Bravo!—exclamei eu batendo palmas, depois de escrever a ultima linha, bravo, meu poeta!—O barqueiro olhou para mim admirado!—É sua esta cantiga?

—Sim senhor.

—Digo-lhe que é excellente, que me encanta, sobre tudo pela simplicidade e graça com que acaba de cantal-a.

O barqueiro não respondeu uma palavra e o barco chegou á praia de areia onde eu devia desembarcar.

—Não lhe agradou o meu voto?—Pois saiba que gosto de versos e que tambem...—Calei-me de repente: Deus me perdoe! mas tinha tido a ridicula idéa de dizer ao barqueiro que tambem eu fazia versos; suspendeu-me o receio de que elle me pedisse para lhe recitar, *ou cantar* alguns, o que de qualquer dos modos lhe teria deixado uma triste opinião dos meus talentos. Além de serem as suas trovas incontestavelmente superiores ás minhas, havia ainda uma razão mais forte para me obrigar a calar, e vinha a ser que eu entendia-o a elle, e quem sabe se lhe succederia o mesmo a meu respeito?..

O saveiro estava encalhado, eu fazia as reflexões que acabo de escrever, e o trovador esperava que eu desembarcasse para elle ir buscar os meus dois companheiros. Depois de alguns momentos tornei a dirigir-lhe a palavra:

—Sois d'aqui, disse eu usando d'este tratamento por não saber se o devia tratar por tu, por você, v. m. v. s.ª, ou v. exª.

—De S. João d'Alpendurada.

—Viveis ha muito tempo n'aquella azenha.

—Nunca lá vivi.

—Como assim? pois não é vossa?

—Não, senhor; mas vêde se desembarcaes o vosso cavallo, senão elle o fará sem o vosso auxilio, e voltará o barco, precipitando-se no rio.

Effectivamente *Covadonga* (era o nome de guerra do meu cavallo) estava impaciente e fazia diligencia por saltar; encurtei-lhe mais a redea e continuei o dialogo, admirado de ver o barqueiro retribuir-me egual tratamento ao que eu lhe dava.

—Não vos impacienteis; deixae-me gosar mais um instante d'este ar delicioso e perfumado, que a sombra das arvores me vae roubar. Então não sois o dono das azenhas?

—Disse-vos que não.

—Mas este barco em que andaes é d'ellas?

—É meu.

—Vosso! porém... perdoae a minha curiosidade....

—Que quereis saber?—A esta interrogação o poeta cravou em mim os seus olhos limpidos como um ceo sem nuvens, e leu no fundo do meu pensamento. Eu abaixei os meus envergonhado.

—Admiraes-vos, continuou elle com a mesma placidez, de que eu tenha um barco e não queira passar os viajantes?

—É verdade, confesso que me admiro; e para completar a minha idéa direi que não comprehendo para que elle vos serve. Não tendes azenhas, não me pareceis lavrador, não sois barqueiro, e a menos que não sejaes...

—Salteador?

—Ou maniaco; não vos creio todavia tão abastado que vos seja permittido ter um barco de recreio no meio do Tamega.

—Sou pobrissimo.

—Então para que diabo conservaes este saveiro?

—É a minha casa, e a minha fortuna.

—Como assim? Viveis aqui dentro?

—Ha vinte annos.

Olhei para o meu interlocutor persuadido que elle zombava de mim. O seu rosto estava sereno e impassivel. Eu ia responder quando o meu cavallo se lançou d'um pulo sobre a areia, deslocando-me quasi a mão onde eu tinha a redea.

Covadonga! exclamei correndo atraz do fugitivo, Covadonga! O cavallo parou immediatamente e deixou-me aproximar. Depois de o prender voltei-me, esperando que o barqueiro se teria aproveitado do incidente para ir buscar os meus companheiros, e vi-o gravemente assentado na areia com a espia do barco na mão.

F. G. d'Amorim.

CHRONICAS MONASTICAS.

Da Companhia de Jesus.

II

Nenhuma religião nos offerece a historia monastica do paiz, que se illustrasse mais do que esta, pela sua distincção nas lettras, serviços ao estado, e zelo pela fé.

A Companhia de Jesus, penetrando nas ignotas regiões das Indias, assignalou sua passagem por essas afastadas regiões, desbastando as selvas da barbaria idolatra, arroteando e cultivando aquelles selvaticos espiritos, e vencendo com a cruz na mão as famosas batalhas que ali se pelejaram pelo Christo e pela civilisação.

Milicia de uma nova especie, seguia a sua marcha de milhares de leguas, levando por estandarte a cruz do Redemptor, e por unicas armas o breviario e a palavra christã — armas de tempera tão fina e tão rija, que nunca se lhe encontraram falso. Chegado á tribu onde tinha de combater, cravava bem alto e erguido aquelle estandarte, santificado no Golgotha pelo mais maravilhoso de todos os sacrificios, e postando-se junto a elle, protegido pela sua benefica influencia, o missionario principiava essa batalha da verdade contra o erro, expondo em singellas, porém energicas phrases a sublimidade da doutrina que resgatara a humanidade, elevando o homem á dignidade para que fôra creado.

As palavras succediam-se tão persuasivas de fé e unção, que a duvida sobre a excellencia da idolatria logo se suscitava no espirito do ouvinte. Apoz a duvida vinha o convencimento. E então os barbaros que até ali tomavam o sol, a lua, e os astros pelas causas efficientes da propria existencia, sentiam penetrar-lhes no espirito a luminosa idéa de que superior aos mesmos astros, a que rendiam cultos, estava o Artifice eterno e immutavel de todas essas maravilhas; que era elle esse Deus ignoto, que regulava todos os seus movimentos, o curso periodico das estações, o florir dos campos e das arvores, o vôo dos passaros, a agua das fontes, a onda encapellada dos mares, todas essas maravilhas, emfim, que até ali contemplavam, e que os arrebatava, sem saberem explicar-se a origem d'ellas.

Principiava então a cathechesis e a instrucção d'esses divinos preceitos que constituem o codigo mais perfeito da humanidade. Milhões de homens, convencidos e doutrinados, caíam emfim aos pés d'aquella imponente cruz, que tinham visto erguer sem lhe comprehender o myticismo, e, pedindo o baptismo, recebiam com a agua lustral uma nova vida de graça no gremio da associação universal!

Um pobre e tosco madeiro, affeiçoado como aquelle patibulo de infamia empregado no tempo dos Cesares, uma pouca de agua, recolhida da fonte ou regato que ali proximo corria, e algumas mysteriosas palavras que o missionario soltava, eram as unicas operadoras d'este grande milagre!

Ganhava a religião, porque d'aquellas almas convertidas saíam outras tantas vozes a louvar o verdadeiro Senhor da natureza, e eram outros tantos canticos que se soltavam em gloria de Deus, reunindo-se em mysticas harmonias com a linguagem das flores, das aves, dos mares, da natureza, emfim, que incessante ahi está perennemente louvando o seu Creador, e attestando suas maravilhas: ganhava o estado, por que os novos convertidos eram novos subditos que em vassallagem e menagem vinham reconhecer a excellencia da corôa portugueza, que assentada n'uma região tão remota, alcançava com a sua influencia e poder aquelles tão arredados hemispherios.

Esta nobre, humanitaria e brilhante conquista era levada a effeito só pelo impulso da palavra e do exemplo. Não deixava apoz si esses destroços que o flagello da guerra semeia por toda a parte. Por isso mesmo que se effectuava pela persuasão, e não pela força; que se insinuava no coração e não se impunha á consciencia; por que não algemava os pulsos e ao contrario lhes despedaçava as cadêas que os manietavam ao barbarismo e ao estado selvatico, esta conquista se tornava firme e segura.

Aqui estão as artes e os meios porque a Companhia de Jesus assentou seu imperio nos dois seculos de existencia que teve em Portugal, e como ella n'esse tempo estendeu por toda a parte o seu dominio e a sua influencia.

Acarinhando e attrahindo os homens barbaros e incultos, que, esperando achar um inimigo no homem da outra raça, ao contrario encontravam n'elle um amigo e um protector; aprendendo nos exemplos d'este as normas de uma sã doutrina; tendo sempre um asylo aberto nas casas da missão, e no missionario um desvelado pae, e um conselheiro desinteressado, que muito era aquellas candidas almas, enthusiasmadas pelo fervor de uma nova fé religiosa, amassem com os effluvios de um coração sincero aquelles que lhes descerravam os olhos á evidencia, e lhes promettiam, em compensação das dores d'este mundo, uma immensidade de gosos ineffaveis n'uma vida perenne e eterna!

A sua gratidão significava-se tambem em pequenos e insignificantes obulos, que as mais das vezes só tinham valor pelo cunho do reconhecimento impresso n'elles; porém uma sabia e economica administração triplicava-lhes a estima, e os dons espontaneos, accumulados necessariamente pela continuidade do tempo, se transformavam em verdadeiras riquezas. E nem a fé, nem o fervor dos cathecumenos, olhando á pobreza dos santos missionarios, lhes soffria ver em privações aquelles que se arrojavam a perigos tão certos e ingentes sómente para os salvar.

Sim; havia perigo, e não pequeno n'estas missões. O martyrologio christão abunda em milhares de martyres d'esta religião, e as suas palmas e corôas foram galhardamente ceifadas e entretecidas nas praias da India, e nos sertões da America.

Era imponente, e magestoso o espectaculo do missionario que por entre as selvas virgens do novo mundo, se emaranhava ao acaso em demanda de novas gentes a quem prégasse a palavra de Deus. Imaginae-o, se puderdes, tendo por docel os braços da cruz á qual se encosta, e a seus pés, no plano inferior a esse comoro a que se subiu, uma turba de homens estranhos. Vêde-o, fallando-lhes de um Ente ignoto, e apontando-lhes para o ceo como para o symbolo da eternidade. Olhae depois para todos aquelles homens, d'entre os quaes ainda ha pouco se soltavam palavras de furor e de morte, e vêde-os cairem ajoelhados a seus pés confessando o mesmo Deus que o missionario invocava!

Não era tambem menos imponente ver o apostolo da paz e da verdade cair asseteado junto áquella mesma cruz, pela setta envenenada que se arremessara d'entre a turba fanatica. Á primeira flexa despedida seguiam-se milhares a cravarem-se no corpo do valente soldado de Christo, que desarmado e sem resistencia, abraçado ao symbolo da nossa fé, e com os olhos fitos no ceo, despedia a alma com o sangue que a borbotões lhe saía pelas feridas, a tingir o campo como a forrar-lh'o de purpura para sobre elle cair o santo cadaver!.. Nem uma contorsão se lhe nota no sereno rosto, nem uma palavra de imprecação se lhe solta dos labios moribundos, nem o fulgor de um pensamento de odio lhe relampeja nos olhos que prestes se vão cerrar para sempre; e se a palavra lhe esvaece sobre os labios com os alentos

vitaes, essa palavra só tem um som para exprimir, uma grande idéa para significar — Deus!

A victoria do valente soldado do Christo era sempre incruenta; mas se o Eterno destinara que elle ficasse vencido na peleja, resgatava com o proprio sangue que lhe derramavam do corpo o rubor de não ter sido julgado digno de ganhar aquella batalha. O missionario nunca foi visto recuar do pé do estandarte a cuja sombra combatia; porém morrer junto d'elle, sim, muitas vezes.

Vencida a batalha os grandes despojos do inimigo não eram seus — eram thesouros que offertava á religião e ao estado: perdida ella, pequeno era o espolio que deixava entre mãos do inimigo — as paginas impressas de um pobre breviario, uns poucos covados do negro e arremendado habito, e a insignificante corrêa com que o cingia ao corpo!

Quereis um grande exemplo da Companhia de Jesus?

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



O VELHO HARRY.

Este velho, homem original, que hoje chamariam um ratão, tinha achado um meio industrioso de ganhar a vida sam vexame ou prejuiso de ninguem. Ignora-se o que havia sido na sua mocidade; mas o que elle dizia era exacto e instructivo; era uma pessoa dotada de claro entendimento. Com tres ou quatro animalejos, que compunham a sua collecção portatil, tomava assumpto para discursar agradavelmente e com engenho sobre os habitos dos animaes, os descobrimentos dos viajantes, as preoccupações, a medicina, e tambem sobre a experiencia do mundo e a moral.

Era bem conhecido em Londres desde Moorfields até Temple-Bar. Do producto quotidiano das suas modestas lições, dadas ás vezes no meio da rua, e que valiam tanto ou mais que as de certos doutores, tirava com que subsistir commodamente; não trocaria a sua bolsa e as suas economias pelas de muitos dos seus ouvintes, ao menos não trocaria o seu genio original e a sua tenue bagagem scientifica pelo talento ou saber de muitos d'elles. Longamente se lembrou d'elle o povo; gravaram-lhe o retrato e narraram-lhe a vida em verso, como se vê na obra de Pierce Tempest com estampas, *Os pregões de Londres*.

Harry era jovial, satisfeito de si e da demais gente; a sua maior magua na velhice foi a morte de um ouriço que tinha domesticado e a que chamava Nipotato; na caixa com tampa de vidro, em que mostrava os seus animaes, esculpiu algumas palavras á memoria d'aquelle exiguo companheiro das suas peregrinações nas ruas de Londres.

M.

APHORISMOS.

A civilidade desculpa as mentiras, que só tendem a justificar algumas omissões de polidas formalidades.

O dinheiro dá vida á fidalguia; a fidalguia dá morte ao dinheiro.

Quando o capricho é teimoso não cede á razão.

Ha homens, cujo caracter consiste em não ter caracter.

O despotismo de todos é o cahos da sociedade.

A critica justa alenta o merito, e assusta a impostura.

Todo o homem tem mais, ou menos propensão para ser despota; porém ninguem quer soffrer o despotismo.

Se é mau excitar a compaixão, é peior merecer o despreso.

A educação é tão poderosa, que chega a domesticar as feras.

A ebriedade habitual é o maior defeito do homem social.

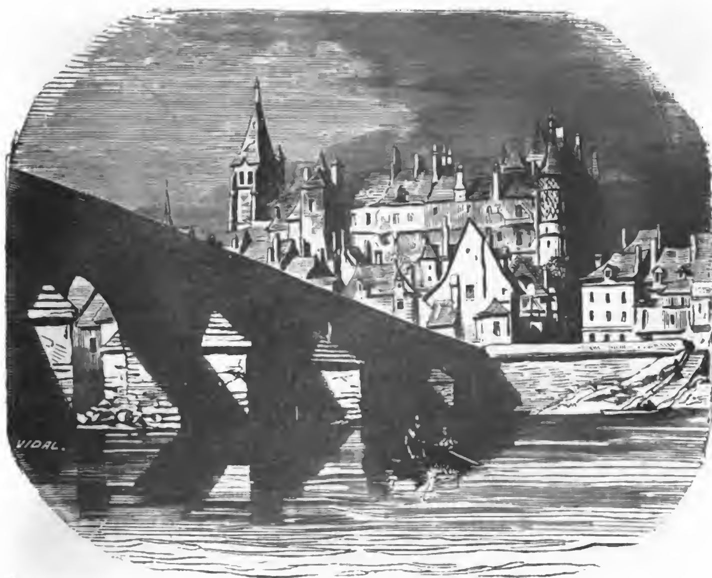
M. Carvalho.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



VISTA DE GIEN SOBRE O LOIRE.

O Loiret, um dos menores rios da França, pois que tem apenas duas leguas de curso, dá comtudo o seu nome a um dos departamentos centraes; é assim chamado, como diminutivo, em relação ao magnifico Loire, que corta este reino em duas porções quasi eguaes e faz communicação entre o Mediterraneo e o Oceano por meio do canal de Charolles que o liga ao Saône, o qual lançando-se no Rhodano vae com elle ao Mediterraneo.

O Loiret procede de dois mananciaes mui copiosos, um dos quaes borbulha do chão e tem uma profundidade que não foi possivel sondar; é tão abundante de aguas na sua origem como no sitio onde se perde no Loire, com o qual tambem communica subterraneamente; já se vê que apesar de pequeno possue notaveis particularidades.

O departamento do Loiret é formado do antigo Orléannais e de um fragmento de Berry, e comprehende quatro *arrondissements* (1), Orléans, Montargis, Pithiviers, e Gien.

A cidade de Gien é situada ao sueste de Orléans, nos confins das antigas provincias de Berry e Orléannais, sobre uma collina alongada, por onde vem descendo com garbo em forma de amphitheatro até o Loire; do meio do seu caes, vasto e de aspecto monumental, parte a ponte que conduz á estrada de Berry; são deliciosos os passeios em seus arredores. Collocada tão favoravelmente, bem pudera ser centro de consideravel commercio; mas quasi que não tem actividade industrial; dir-se-hia que se reputa rica pela belleza da situação e suas recordações historicas.

Gien viu successivamente Carlos Magno, Hugo Capeto, Filippe Augusto, Carlos VII, Francisco I, Luiz XIII, e Luiz XIV, habitarem no seu recinto. Quando Carlos Magno resolveu residir aqui mandou construir um castello bem fortificado, parte do qual se conserva em pé, e a bella egreja collegiada da invocação de S. Luiz; então a cidade estava obra de meia legua do assento onde ora jaz, como attestam antigos alicerces que se acham em muita extensão em torno do caminho que segue para o Loire. Construido o castello, o povo se aproximou a pouco e pouco, buscando protecção contra os vexames que lhe causavam os senhores d'aquelles contornos.

Gien teve seus condes, e parece que foi o primeiro Estevão de Vermandois, descendente de Pepino, fi-

(1) Districtos, ou subdivisões de departamento, que teem por cabeça a sède de uma sub-prefeitura.

lho de Carlos Magno. Hugo Capeto, que teve de pôr cerco a Gien, remunerou com o feudo d'este condado um de seus capitães que mais se distinguira no assedio; passou depois por matrimonio para a casa de Borgonha, onde andou muito tempo até que um dos duques o deu em presente ao bispo de Auxerre. Mas, como os reis de França cubiçavam sempre este pequeno diamante alienado do apanagio real, Filippe Augusto não pôde resistir á tentação de o tomar e reuniu-o novamente á corôa: para attrahir a si os habitantes concedeu-lhes muitos privilegios e aboliu algumas das pratiras servis estatuidas pelos bispos.

O condado de Gien continuou propriedade particular dos reis até Carlos VII que d'elle fez doação a Dunois para premiar sua fidelidade e coragem. D'esta cidade partiu aquelle monarcha, cedendo ás instancias de Joanna d'Arc, afim de conquistar Rheims e ahi sagrar-se. Por morte de Dunois, o feudo voltou á corôa, á qual pertenceu até Luiz XIII que o deu ao conde de Chevreuse em troca do vicariato de Chateau-Renard.

O castello edificado por Carlos Magno não passou por esta successão de seculos sem soffrer consideraveis modificações. Tendo sido reparado e accrescentado por Anna de França em 1494, novamente o foi d'ahi a pouco tempo por Francisco I, que muito gostava d'esta residencia.

Em 1652 Luiz XIV fugindo ás tropas de Condé fez aqui alto, e depois partiu precipitadamente, escapando a seu inimigo por uma especie de milagre. Na revolução do seculo passado, a velha torre feudal passou á propriedade do estado, e mais tarde foi comprada á custa do departamento, que assegurou a conservação do edificio collocando n'elle a repartição do *maire* e os tribunaes.

Durante as guerras do fanatismo, Gien abraçou a reforma com decidido phrenesi; logo em 1535 os protestantes ahi tiveram templo; Luthero veiu prégar a esta cidade, onde tambem residíram Calvino e Theodoro de Beza. Depois de abafada a reforma, o animo inquieto dos habitantes de Gien lançou-os nas apaixonadas discussões do jansenismo e do molinismo.

Proximo de Gien, n'um passeio aprasivel, vê-se uma casa mui curiosa, que é conhecida pela denominação de *casa dos templarios*, posto que não fosse construida pelos cavalleiros d'esta ordem; é de mais antiga origem; julga-se ter sido primitivamente destinada ao culto hebraico, e até logo nos primeiros annos immediatos ao estabelecimento do catholicismo. Mostram ali vastas catacumbas, onde se diz que viveram e morreram occultos os judeus que fugiram á perseguição.

A extravagante architectura do edificio presta-se a todas as conjecturas. Como quer que seja, foi successivamente occupada por templarios, monges, conegos, veiu depois a ser quartel de gendarmes, e agora serve de estalagem ás collecções de animaes ferozes que se mostram de terra em terra, aos theatros de feira, e pelotiqueiros ambulantes.

M.

A Deus é mais acceito o casado virtuoso, que o celibatario vicioso.

No estado febril dos amantes, o ciume causa o delirio.

O trato amavel, e civil, produz amisades, e destroe inimisades.

Quando impera a colera, fica escrava a reflexão.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(*Conclusão.*)

—O segundo dos vossos deveres é uma protecção efficaz a cada um dos vossos consocios por mais negro que seja o seu crime, comtanto que não seja contra a nossa sociedade; que lhe deis todos os soccorros possiveis na sua pobreza, de tal sorte que se vosso pae carecer de soccorros e um dos vossos associados os reclamar tambem, deis a preferencia a este sobre vosso pae, e excluindo-o mesmo se não estiverdes em estado de os dar a ambos. Reconheceis este vosso dever?

Ondotó hesitou em responder a uma proposta tão immoral. Desejava dar-lhe um *não* redondo, mas temia fazel-o com receio de contrariar Boukari, mas ouviu dizer-se-lhe ao ouvido, *reconheço*, e pareceu-lhe que era Boukari quem lhe insinuava a resposta.

—Reconheço, respondeu elle, com voz abafada.

—Muito bem. Comprehendo a vossa hesitação, mas lembrae-vos que isto que talvez vos repugna, é o que hade assegurar a vossa protecção quando careçaes d'ella.

Agora o terceiro dos vossos deveres é uma obediencia cega e absoluta a tudo o que vos ordenarem os vossos superiores, a quem unicamente pertence o direito de pensarem por vós, quando fallam em nome da respeitavel assembléa a que desejaes unir-vos. É necessario subjeitar-vos em tudo, e a tudo que elles vos determinarem: estaes resolvido a fazel-o?

—Estou resoluto.

—Está bem; mas isso não nos basta, queremos um juramento sagrado, e para isso hade ser feito pela sagrada taça, que descobre os traidores. Se tendes tenção de cumprir o vosso juramento podeis beber sem receio, mas se procuraes com dissimulação surprehender os nossos segredos, então não jureis, porque a bebida que se acha na taça tornar-se-hia amarga e venenosa ao entrar na vossa bocca e morrerieis. Estaes prompto a jurar?

—Sim, senhor.

—Aproximae o aspirante do altar.

Uma mão toma a de Ondotó, que segura, fal-o dar alguns passos para a frente, e larga-lh'a. Ondotó pára.

—Irmão sacrificador, apresentae ao aspirante o vaso sagrado, tão fatal aos perjuros.

O tal sacrificador apresentou-lhe uma taça d'agua com um pouco de mel d'abelhas em dissolução, e quando Ondotó levando-a aos labios a provou, e se preparava a bebel-a depois de ter dito com o seu interlocutor:

—Juro pelo liquido que contém esta taça... (deitou-lhe d'um frasquinho um pouco d'um liquor avermelhado escuro, que era feito de infusão de casca de bicilão, que lhe dá um amargor infernal, quando o homem que estava no throno lhe fez o signal, ás palavras)... que se é a curiosidade ou outro peior sentimento que aqui me conduz, elle se me torne amargo, e que o seu effeito me seja mortal.

Ondotó bebeu tudo o que se achava no vaso apesar da amargura da bebida, que não esperava achar.

Soou-lhe na frente uma forte pancada, que foi repetida primeira e segunda vez por detraz d'elle, e logo em seguida o seu interlocutor falla-lhe assim:

—Que vejo! alteram-se-vos as feições? A vossa

consciencia desmentirá porventura as palavras que pronunciastes?—Retirae o profano.

Levam-n'o d'ali, e sentam-n'o. A mesma voz diz-lhe:

—Se tendes o designio d'enganar-nos, ainda é tempo de retirar-vos; mais tarde nada poderá salvar-vos das nossas mãos; nos braços de vossa mãe, entre os carinhos de vossa esposa, no santuario mesmo de Meca, lá saberia achar-vos a ponta do nosso punhal cravado por uma mão invisivel, talvez a do vosso melhor amigo, e mesmo a de vossa mulher; porque nenhuns meios achamos maus quando queremos conseguir um fim. Que dizeis?

—Que persisto em querer ser dos vossos, porque a consciencia de nada me accusa.

—Pois bem, levae-o então ao logar das reflexões, irmão sacrificador: entregae-o á sua consciencia, e se elle insistir, conduzi-m'o aqui pela estrada da meditação.

O que se chamava irmão sacrificador obrigou-o a erguer-se, fêl-o dar uma pirueta, alguns passos n'um sentido e outros n'outro, e depois mandou-o sentar. No fim d'algum tempo, a mesma voz fallou-lhe assim:

—Já tivestes tempo para reflectir. O que decidis de vossa sorte? Quereis voltar ao mundo profano, ou persistis em ser dos nossos?

—Reflecti, e continuo na mesma resolução.

—Pois bem, conduzi-m'o, e velae em que lhe não aconteça desastre.

Uma forte pancada poz o sello a estas palavras; e logo duas outras pancadas, que soaram não já por detraz, mas ao lado de Ondotó, á esquerda e á direita, responderam áquella.

Apoderam-se de Ondotó, a quem obrigam, aqui, a dar um salto para salvar *um abysmo* aberto a seus pés; ali a abaixar-se muito, porque está ali *um precipicio*, que provavelmente por artes magicas lhe passou para por cima da cabeça; mais adiante a voltar o rosto para lh'o não queimarem as chammas que vomita uma certa caverna que tem de atravessar; e um pouco depois a curvar a cabeça para que as torrentes de agua que despede um ceo tempestuoso lhe não açoitem o rosto; já cansado, e suando suspirava pelo descanso, quando uma voz de trovão lhe grita, como já duas vezes antes lhe tinha gritado, mas agora em portuguez-crioulo:

—Quem vem lá.

Ondotó estremeceu! pareceu-lhe ouvir a voz da sentinella do portão de Bissau; mas depressa recuperou a presença d'espirito lembrando-se que só por artes do diabo podia transpor em tão poucos minutos mais de doze dias de viagem precipitada; mas isto levou algum tempo, e quando ia responder, ouviu que outra pessoa respondia.

—Benne Koresse ineiaia rack-gour (É um profano que procura ser irmão livre) foi como das outras duas vezes a resposta que se deu.

—E como se atreve a tanto?

—Como nasceu livre e independente quer tambem morrer independente e livre.

—Está prompto a combater onde quer que os encontre os obstaculos que se oppõe a isso?

—Elle já calcou aos pés os deveres artificiaes, abandonou todas as superstições, e jurou-lhes guerra de morte como deve um verdadeiro filho da natureza.

—Pois que assim é, passe.

E annunciou-se que a terceira viagem estava terminada, como se tinham annunciado as duas antecedentes.

Então a voz que lhe tinha já fallado por tantas vezes, fez-se de novo ouvir para lhe explicar d'essas viagens o que podia ter explicação: e continuou assim:

—A ordem a que desejaes pertencer pode vir a precisar do vosso sangue: se vos julgaes com animo de lh'o offerecer, ella reclama de vós, como primicias que as obrigações que ides contrahir sejam escriptas com o que agora sair de vossas veias. Consentis n'isso?

—Consinto.

—Em que parte do corpo quereis então que se vos abra a veia?

—Não no braço direito, que me pode ser preciso: mas fora d'ahi onde quizerdes.

Vozes: no braço esquerdo.

—No braço esquerdo; seja.

—Irmão cirurgião fazei o vosso dever; proporcionae comtudo a grandeza do sacrificio ás fôrças do candidato. Nós confiamos na vossa prudencia.

Ajustam-se ataduras, como se o fossem sangrar. Um dos circunstantes pica-o com um pau aguçado no sangradoiro, em quanto outro lhe deita agua tepida sobre o braço por uma especie de bule. Terminada esta ridicula farça, que não fica a dever nada á da transformação da agua, de doce em amarga:

—Já triumphastes, lhe diz a mesma voz, de muitas difficuldades, mas ainda restam outras. Quem entra n'esta ordem faz abnegação de si mesmo, e fica pertencendo a uma associação que estende os seus ramos por todo o universo; para que todos vos conheçam por tal deveis ser marcado com um sello emblematico, feito em prata, que tem de ser-vos applicado em brasa sobre o hombro direito para que fiqueis com uma marca indelevel que vos autorise a dizer, mostrando-a: *Tambem sou Rack-gour*.

—Estou prompto.

E logo descobrem-lhe o hombro direito, e apagando uma vela que ardia desde o principio das viagens, applicam-lh'a com o murrão em brasa e a cera quente em cima, o que lhe causou uma dôr tão forte que o braço estremeceu.

Apoz d'isto, diz-lhe a mesma voz:

—Ides receber o premio que merecem vossa firmeza, vosso valor e vossa constancia. Entregae, irmão sacrificador, o profano ao primeiro Magué para que elle o ensine a dar o primeiro passo no angulo do quadrilongo, e encaminhae-o depois ao altar dos juramentos para prestar a sua obrigação.

Feito isto, diz o conductor:

—O profano já sabe marchar no caminho da virtude.

—Aproximae-m'o. Em pé e á ordem. O iniciado vae prestar o seu terrivel juramento. Ajoelhae, profano, e repeti comigo:

—«Juro e prometto de minha livre e espontanea vontade em presença de Allah, o grande architecto do universo, e de seu unico propheta Mahomét, que elle proteja, e diante d'esta respeitavel assembléa de Rack-gour, não revelar nenhum de seus mysterios por mais horriveis que me pareçam:

«Juro e prometto e sinceramente de nunca os escrever, gravar, pintar, ou por qualquer outra forma divulgar: de pôr a minha vida, a minha bolsa, a minha reputação, o meu braço, a minha propria familia á disposição dos meus superiores legitimos para tudo o que fôr a bem da ordem:

«Consinto, se alguma vez por maldade, por imprudencia, ou por fraqueza atraiçoar a ordem, ou deixar de cumprir todos ou algum dos deveres a que

acabo de ligar-me explicita ou implicitamente; que a lingua me seja arrancada, a mão decepada, e o pescoço cortado, e que sejam esses membros queimados e as cinzas lançadas ao vento, ou enterrados nas areias do mar, onde o fluxo e o refluxo me apaguem da terra, para que de mim não fique memoria nenhuma entre os homens. Assim Allah e o seu propheta me ajudem.»

Dão depois a Ondotó o Alcorão, que elle beija tres vezes por uma e duas.

—Irmão mestre de ceremonias, conduzi o candidato entre columnas.

Bate uma pancada, e Ondotó sente que lhe desatam um dos nós da venda que tem sobre os olhos.

Segunda pancada, e desata-se-lhe o segundo nó.

Terceira pancada, retiram-lhe a venda.

Todos estes homens com as mascaras sobre o rosto e as espadas apontadas ao peito, allumiados apenas por a claridade incerta d'uma alampada que pende do tecto quasi por cima da cabeça de Ondotó, representam um quadro assustador: mas o papel olha para elles com ar impassivel, e só um pouco enjoado de tanta momice.

A sala é a mesma em que tinha tido logar a scena do decapitado que agora se não renovou.

Do meio d'este grupo diz-lhe a voz que tantas vezes lhe tinha fallado:

—Este clarão pallido e lugubre é o emblema do fogo sombrio que hade allumiar a vingança que preparamos aos covardes ou traidores que perjuram. Estas espadas estão nas mãos de inimigos irreconciliaveis, promptos a embainhal-as no vosso peito se nos trahirdes. Não ha logar, por occulto ou sagrado que seja, onde nos escapeis; a nossa ferocidade saberá ir lá procurar-vos para se cevar no vosso cadaver. Podeis retirar-vos.

Tapam outra vez os olhos de Ondotó, e levam-n'o ao quarto onde esteve quando o fizeram entrar n'aquella casa; e ali desvendaram-n'o para tornar os seus vestidos ao estado habitual.

Depois que se vestiu tornaram a tapar-lhe os olhos, e o conduziram para outra sala; e apenas chegou, ouviu que se dizia:

—Irmão primeiro Magué, sobre quem se apoia uma columna d'este templo, agora que a coragem e a perseverança do canditato o fizeram sair vencedor do porfiado combate entre o velho homem, o homem das abusões e da cegueira, e o homem da regeneração, dizei-me se o julgaes digno de ser admittido entre nós.

—Sim, veneravel Fitanon.

—Pedis então alguma coisa em seu favor?

—Sim, se me daes essa permissão.

—Então o que é que pedis?

—Que se lhe dê a luz, que sae do vosso rosto resplandecente.

—Seja como dizeis, se elle o requerer. O que pedes, o que procuras?

—A luz.

—Pois dê-se-lhe a luz ao terceiro golpe do malho.

Ouve-se a primeira pancada, e a segunda.... ao tempo que soa a terceira, a venda cae por terra, e ouve-se uma voz bradar:

—Assim passam as glorias d'este mundo.

Uma claridade repentina obriga Ondotó a fechar os olhos, abre-os depois pouco a pouco, e põe se a olhar espantado pois nunca tinha visto espectaculo mais bonito do que este que se lhe apresentava.

Toda a sala estava forrada de carmezim, sobre as paredes da qual havia placas de espelho com tres velas acesas em cada uma. Em volta da sala corria um estrado sobre o qual estavam bancadas de um lado e outro onde se assentavam os membros da associação, todos cobertos e com fitas umas azues, outras pretas, ou vermelhas ou verdes, postas a tiracollo, com aventaes brancos por diante do ventre, guarnecidos com fitas das mesmas côres, e ornatos de diversos feitios; e em bancadas inferiores, outros descobertos, e só com os aventaes, uns guarnecidos, outros só brancos. Todos estes tinham nas mãos espadas cujas pontas estavam voltadas para a terra. No topo da sala erguia-se um throno de tres degraus com um sumptuoso docel, em pavilhão, e uma cadeira doirada por diante da qual estava uma mesinha triangular, e n'ella uma serpentina com tres luzes, e mais abaixo uma especie de pyra, sobre a qual se via o Alcorão e uma espada. À direita da cadeira, a mais de meia altura da parede, brilhava um sol de oiro sobre um fundo azul claro, e á esquerda uma lua de prata resplandecendo sobre azul ferrete tauxeado d'estrellas, e orlado de grossas nuvens. Por baixo achavam-se em banquetas sentados alguns individuos cobertos com uma larga banda preta a tiracollo, cingidos com uma facha da mesma côr e com um punhal pendente da banda, e empunhavam uma espada que mostrava a ponta para o tecto. A um lado e outro, encostadas a uma teia, estavam duas grandes bancas triangulares, sobre uma das quaes se achavam alguns rolos de pergaminho, e sobre a outra alguns papeis, e mais um tinteiro. Ambas estas mesas supportavam cada uma a sua serpentina com tres velas acesas; e sentados a cada uma dois homens, que não tinham espada.

Eguaes mesinhas e serpentinas figuravam a um lado e outro da porta (na frente da qual estava Ondotó com os seus introductores) pelo lado de dentro de duas columnas, uma das quaes tinha no fuste gravada a lettra B, com uma romã aberta sobre o capitel; e a outra que no fuste mostrava a lettra I sustentava no capitel uma esphera. O chão era marchetado com quadrados brancos e pretos, como um taboleiro do xadrez, ou das damas.

Ainda Ondotó estava entregue á admiração que lhe causava um espectaculo tão novo, e deslumbrante, quando ouviu que a voz do homem que se sentava no throno lhe fallava assim com uma mui grande affabilidade:

—Já não podem assustar-vos as espadas apontadas contra vós, como as vistes ha pouco. Agora eil-as que vos asseguram protecção, se como esperamos ratificardes o vosso juramento e lhe fordes fiel. Desde então soará para vós a hora da amisade e da fraternidade, que conquistastes e que sem duvida conservareis. Estaes prompto a ratificar o vosso juramento?

—Sim.

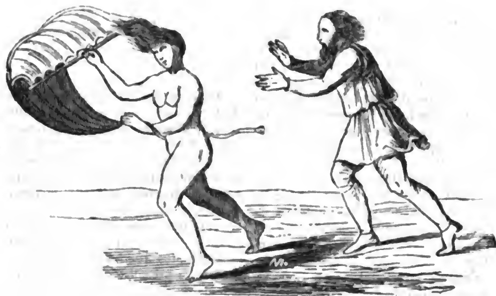
Então aproximae-vos, e vinde sem susto.

Ondotó foi chegando, o homem que estava no throno desceu d'elle para se aproximar da pyra; e então tornou-se bem visivel para Ondotó, que apenas o viu correu para elle com os braços abertos, pois era... Valerio em pessoa.

Sousa Monteiro.

O commercio licito raras vezes produz fortunas colossaes.

A aspereza de genio repelle; a bondade affeiçoa.



Se o homem tendo agarrado a fortuna a deixa fugir das mãos, debalde corre depois atraz d'ella.

Este emblema é analogo ao da occasião, que Phedro descreve na fabula oitava do livro v. Pinta-se um homem correndo tão veloz que passa sem cortar-se pelo gume de uma subtil navalha; calvo atraz, e com farripa por diante; se alguem obtiver agarral-o pela guedelha, é preciso sustel-o com vigor, porque deixando-o escapar a primeira vez, nem o proprio Jove poderá pilhal-o. Este homem significa que a occasião não tem de duração mais que um momento. Os antigos inventaram tal figura para ensinar que qualquer demora, por pequena que seja, é bastante para impedir os effeitos das maiores empresas.

M.

UNIVERSIDADE DE LISBOA.

(Fragmento d'um capitulo d'uma obra inedita.)

«Foi a primeira que houve em Portugal, e a primeira tambem que se creou na Peninsula por bulla pontificia. Fundou-a el-rei D. Diniz no anno de 1290 em edificio expressamente feito para esse fim no sitio então chamado a *Pedreira* (1), junto ao qual se construiram mais tarde as *portas da Cruz*. Ali esteve a Universidade até 1308 em que o mesmo soberano a mudou para Coimbra. El-rei D. Affonso iv transferiu-a de novo para Lisboa em 1338, e tornou a mudal-a para Coimbra em 1354, transferindo-a outra vez el-rei D. Fernando em 1377 para a sua primitiva sede. Ahi se conservou até 1431 em que o illustre infante D. Henrique, que residia em Sagres, no Algarve, todo entregue aos descobrimentos, e navegações, sabendo que a Universidade estava mal accommodada por andar por casas de aluguer em razão do estado de ruinas do primitivo edificio, que durante a estada em Coimbra das escolas servia de casa da moeda, fez-lhe doação do seu palacio de Lisboa, (2) para onde a Universidade se passou immediatamente, e onde permaneceu pelo espaço de 136 annos, até o de 1537 em que D. João iii a collocou novamente em Coimbra, e foi esta a sua ultima mudança.

«D'estes paços do infante D. Henrique, que el-rei D. Manuel augmentou em 1503, e que o terremoto de 1755 destruiu, restam ainda preciosas reliquias, que se podem ver na rua das Escolas Geraes, á qual deram o nome, dentro d'um pateo hoje chamado *dos Quintalinhos*, fronteiro á casa dos srs. viscondes de Balsemão. Não consiste a preciosidade de taes reliquias em primores d'arte, mas na alta valia de duas grandes memorias historicas, que se juntam e abraçam: a fundação da Universidade de Lisboa, uma das primeiras que houve na Europa; e a residencia do principe, que impellindo os portuguezes para as grandes descobertas dos seculos xv e xvi, abriu as portas á moderna civilisação.

«A Universidade, passados tempos depois da sua ultima mudança para Coimbra, alienou os seus paços de Lisboa, que foram passando a diversos senhorios, mas que ainda eram habitados em 1755 morando n'elles monsenhor Amaral, quando succedeu o terremoto. Depois d'esta catastrophe foram-se edificando nas suas ruinas miseraveis casebres, que teem occultado algumas partes que escaparam do antigo edificio. Todavia ainda ali se vêem entre outros pedaços de construcção antiquissima duas portas mui curiosas pelos baixos relevos, que as coroam. Uma, que está no pateo, tem por cima uma pedra com esculpturas bastante gastas pelo tempo, mas que ainda deixa ver no centro uma figura humana sentada. A outra, que fica recolhida, para a qual se sobe por uma estreita escada de pedra, tem egualmente por cima uma pedra mais pequena com uma simples figura em pé vestida de roupas compridas tendo por baixo uma fita com caracteres gothicos um pouco apagados. Tanto esta figura como a da outra porta

(1) Parece que estas casas estavam situadas no fim da calçada da Fundição, onde agora se vê o muro pertencente ás officinas do arsenal do exercito. Já no principio do seculo passado não restavam vestigios d'ellas.

(2) Logo depois, para que a Universidade ficasse com mais largueza e logradoiro, comprou o infante umas casas, que pegavam com o seu paço, das quaes lhe fez doação. Pertenciam estas casas a D. Alvaro de Castro, que, vendendo-as «por 400 dobras de oiro bom» se deu por pago, recebendo «44 pannos de Castella.»

representariam talvez a *sapiencia* que era o emblema da Universidade, e as pedras em que estão esculpidas seriam ali collocadas depois da doação do infante D. Henrique pois que estão embebidas na parede, e sem ligação com o arco ogival da porta.»

Havia pouco tempo que acabaramos de escrever esta succinta noticia, quando lemos um annuncio publicado no Diario do Governo em que se declarava em praça para se vender a propriedade na rua das Escolas Geraes denominada o *Pateo dos Quintalinhos*. Ahi vae pois naturalmente edificar-se uma nova casa. Lisboa terá em breve um predio de mais entre tantos milhares, que possue; mas contará de menos, entre as poucas que lhe restam, uma das suas mais honrosas antigualhas.

Se houvera entre nós aquelle verdadeiro espirito nacional, que se exalta quando o vem ferir algum raio de luz, embora frouxo, das passadas glorias do paiz; se entre nós existira o amor da patria, que faz pulsar de orgulho os corações, sempre que assomam á memoria os feitos que ennobreceram seus avós, dando nome e brazão á terra natal, estamos certos que a veneranda antigualha de que nos occupamos seria salva do exterminio, que lhe está propinquo, depois de ter passado por tantas injurias e devastações.

O pouco valor, que os terrenos teem n'aquelle sitio, e o estado de ruina do predio facilitam muito a acquisição. Assim o governo ou a camara podiam sem muito custo fazer sua aquella propriedade, e depois com modica despeza plantar d'arvores o pateo, e desaffrontar esses restos d'antiguidade das torpes e mesquinhas construcções, que as cercam e occultam.

D'est'arte a troco de bem exiguo sacrificio mostraria Lisboa com ufania aos estrangeiros, que a visitam, dois gloriosos padrões resumidos nas reliquias d'um só monumento. E padrões que fallam das mais subidas glorias de que se pode honrar a humanidade; pois que essas velhas paredes, que só parecem recommendar-se pela respeitavel côr, que os seculos imprimem nos monumentos, representam a Portugal em dois dos seus mais distinctos postos de honra na cruzada geral da civilisação.

Nos restos do edificio da Universidade avulta a idéa do primeiro grande impulso dado n'este paiz ás lettras e á instrucção publica em epoca ainda de ignorancia para a maior parte das nações.

Nas reliquias do paço do infante D. Henrique ergue-se com proporções de gigante o generoso pensamento d'essas primeiras descobertas, que serviram de principio e base á civilisação actual.

E será desfeito pelo alvião sacrilego similhante padrão? Teremos de ver sepultadas em fundo cavouco aquellas pedras, já tão poucas, mas que assim mesmo commemoram aspirações tão elevadas, e feitos tão grandiosos? Talvez, e melhor diriamos — de certo — porque n'esta quadra em que vivemos os interesses materiaes são tudo, e os moraes bem pouco. Pois que assim terá de acontecer, fique ao menos registado aqui, n'este jornal todo consagrado aos interesses moraes do paiz, apar da memoria d'aquella antigualha o nosso protesto contra a sua demolição.

I. de Vilhena Barbosa.

Ha honras sem honra; assim como ha honra sem honras.

Quando os favores acabam, começa a ingratidão.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Continuação.)

V

Não terminaremos esta analyse do talento poetico do sr. Novaes, sem tocar um ponto que anda quasi completamente descurado pelos nossos criticos: fallamos das questões de forma. E effectivamente custa a conceber a pouca importancia que muitos dos nossos melhores analystas litterarios dão a este objecto; e dizemos pouca importancia, porque seria difficil, e por certo injusto, filiar n'outras causas o silencio que se nota, na generalidade de seus juizos sobre os melhores poetas contemporaneos, em todos os assumptos que levam naturalmente a assentar as theorias e preceitos que determinam esta parte propriamente mechanica da arte. Pois se ha genero litterario, se ha manifestação de talento que se identifique, que dependa, e como que se consubstancie em todas as alternativas da forma, é a poesia. E é n'esta accepção restricta das condições do mechanismo e leis da versificação, que a vocação do predilecto das musas toma o nome de arte; arte, que tanto como a musica, como a estatuaria, como a pintura, lisonjeia os sentidos, e que está subjeita aos dictames do bello, por que a verdadeira poesia tem a sua harmonia propria nas combinações e bellezas rhythmicas, na fluencia sonorosa da metrificação, e toma o pincel arrojado dos grandes mestres para crear phantasticas perspectivas ou abrir o livro da natureza animada, não aos olhos, mas á imaginação dos poucos que a apreciam.

Mas estas questões deixa-as a critica entre nós passar á revelia. E não se pode attribuir senão a um tal despreso (pois seria injuria a meritos consagrados chamar-lhe desconhecimento das regras mais importantes da poetica) o desenfado, o descuido com que talentos promettedores se dão a divagar e percorrer os mais erguidos e deliciosos vergeis do Parnaso, sem curarem de obter diploma de admissão, passado na chancellaria de Apollo e referendado pelo concurso unanime das musas.

Deus nos livre de querer, por exemplo, collocar a poesia no mesmo parallelo da estatuaria, no que diz respeito ás leis que regem para a sua manifestação, porque estas leis partem justamente de principios inversos: a estatuaria pede á belleza, á verdade da forma a expressão completa da idéa, em quanto que na poesia é a idéa que inspira a forma e serve-se d'ella apenas como a luz do prisma para n'elle refranger as côres.

Uma depende da forma absolutamente, porque é nos segredos e combinações plasticas que o pensamento se revela e triumpha; a outra busca, como a donzella romana, que a seducção dos encantos proprios se imprima e deixe apparecer todo o attractivo atravez das ondulações e dobras da roupagem.

Comtudo a dependencia existe, e seria tão absurdo querer provar que os impetos da phantasia poetica se podem ostentar em toda a largura do seu vôo independentes dos processos puramente mechanicos da metrificação, como affirmar que na pintura as côres, e na estatuaria o cinzel, são uma superfluidade caprichosa que em nada concorre para os prodigios

da reproducção do ideal no marmore ou na tela. Pope e André Chenier devem talvez o mais legitimo titulo da sua gloria litteraria ao estudo profundo d'esta parte da arte; e entre nós Filinto se unisse ao arrojo pyndarico do seu engenho a fluencia e os segredos da harmonia de Bocage, não seria o Horacio portuguez só, como legislador fervoroso e discreto que deu impulso a uma grande regeneração litteraria, mas sel-o-hia tambem em relação a todos os outros dotes poeticos do lyrico romano.

E se ha quadra em que estes exemplos de despreso ou *desprendimento* dos preceitos d'esta parte plastica da poesia, não possam merecer absolvição, é a presente; porque a mocidade portugueza tem no cantor dos *Ciumes do Bardo* um modelo de todas as bellezas de forma que podem dar relevo, vida e fogo ás mais ligeiras manifestações do estro.

Mas os bons exemplos no mundo das lettras soffrem o mesmo contra que se lhes depara no mundo moral: o mais que acham é apologistas e raras vezes seguidores. Todos admiram a fluidez e elegancia da metrificação do sr. Castilho, a expressão onomatopaica das suas combinações phraseologicas, a propriedade e deducção das metaphoras, o brilho do verniz poetico de todos aquelles quadros, que nos contornos e colorido saem sempre tão inspirados da alma verdadeiramente poetica e nacional, mas poucos os estudam e rarissimos os imitam. Pois as galas, as elegancias e caracteristicos da poesia descriptiva, de raro se encontram mais opulenta e profusamente reunidos como nas obras do traductor de Ovidio. O pensamento ali reflecte-se puro e scintilante, voando nas azas da inspiração por cima de todas essas scenas da natureza que só á palheta dos genios privilegiados foi dado reproduzir. Os quadros succedem uns aos outros com o mesmo vigor de tinta, com a mesma firmeza e propriedade de toque, com a mesma variedade de contrastes, com egual harmonia de linhas; mas ahi jazem quasi que em solitaria exposição, como primores da escola florentina ou flamenga que sejam visitados pelos poucos engenhos que se concentrem no culto da arte, em museu recolhido e recatado de vistas profanas.

Pela nossa parte protestaremos, seremos severos, inexoraveis até, contra esse espirito de insufficiencia, contra o desdem leviano que tem atacado muitos dos nossos melhores talentos e os instiga a voar sem primeiro lhes ter indicado o uso das azas.

Era por certo a critica d'estes espiritos audazes que Lafontaine fazia, sem o querer, na sua satyra ao astrologo, que não conhecendo o terreno que pisava tentava inquirir o dominio dos astros. Aquella queda no poço é muito frequente nos que hoje trepam as attractivas, mas alcantiladas e pedragosas ribas de Permesso. Ha inspiração e instinctos de originalidade, ha unção poetica em muitas d'essas obras que vêem presentemente a luz da estampa; mas a critica, a sincera e verdadeira critica, não pode deixar de lamentar, que faculdades tão auspiciosamente favorecidas pelos dons das musas se esperdicem e malbaratem sem que tenham procurado, nos recursos e estudo da arte, a natnral e expressiva transubstanciação da idéa. Vemos ahi grandes espheras poeticas, e todavia raros são os bons versejadores.

Parece que a mocidade se dedigna de descer, como Cornelius e a sua escola, a essa parte que subjeita a potencia ideal aos preceitos mechanicos e artificios das leis technicas. Talvez seja por não quererem concretar, *humanisar*, esse dom divino. E todavia a poesia não é só o fogo interior que ateia a alma nos seus mais sublimes effluvios, symbolisa-a tambem uma lyra. Tem a sua parte mechanica, positiva e material. Apollo sem essa lyra foi apenas o deus pastor que apascentava as ovelhas do rei Admeto. A inspiração e a harmonia, isto é o ideal revelado nas bellezas da forma, o pensamento traduzido nas sublimidades da phraseologia humana, é que resume o inspirado exercicio dos genios privilegiados chamados poetas. Sem harpa não ha menestreis; era no ataude que descantavam os antigos bardos; o plectro foi como o distinctivo dos vates da Grecia e Roma. É n'estes instrumentos que reside symbolisada a dependencia do estro para com a palavra, da phantasia para com os meios mechanicos, porque a poesia não falla só ao espirito, dirige-se tambem aos sentidos, e é por isto que ella é arte.

Não se julgue, porém, d'esta longa dissertação que assentamos aqui base para fundamentar um largo capitulo de accusação ao sr. Novaes, como contraventor d'estas theorias que tem por fim o primor da forma poetica, como meio auxiliar da expressão do ideal. O que ahi dizemos dirige-se mais ás tendencias que actualmente notamos para desdenhar esta parte da arte, do que ainda aos individuos. Combatemos o facto, porque tememos de o ver erigido em doutrina, mas não apontamos especialmente a censura a ninguem. E muito mais que o poeta portuense, pelas mesmas razões instinctivas do seu talento poetico, porque a natureza sempre é accorde e completa nos favores que prodigalisa, possue o dom da versificação espontanea, e as suas obras são quasi sempre o fructo da impressão momentanea e o jacto facil do improviso.

Continua.

Andrade Ferreira.

CHRONICAS MONASTICAS.

(Continuação.)

II

Da Companhia de Jesus.

Olhae para o vulto do grande apostolo das Indias, o primeiro missionario que Portugal expediu para as novas conquistas do afortunado D. Manuel; lêde a relação das suas longas peregrinações, e dos seus zelosos e santos trabalhos; admirae aquelle fervor com que o padre mestre Xavier se empregava no serviço de Deus e do grande rei que o expedira áquellas remotas paragens. Depois de bem avaliado tudo isto, dizei se não é justa a veneração com que a sua memoria ainda hoje é ali acatada mesmo pelos gentios!

S. Francisco Xavier dirigindo-se á India aportou em Moçambique, foi a Melinde, a Zocotora, correu toda a costa da Africa meridional, atravessou o mar Arabico, entrou na Asia, esteve em Goa, foi ao cabo Comorim, percorreu a costa da Pescaria, passou ao reino de Travancor, entrou em Ceilão, em Nagapatam, em Coromandel, foi a Meliapor, a Malaca, á ilha Amboino, correu o Macaçar, foi o primeiro que prégou nas Molucas, na ilha do Moro, em Ternate. Entrou no Japão, e esteve em Nangazaque, Omura, Arima, Bungo, Firando, Cangoxima, Amanguche. Finalmente prégou na côrte de Meaco, aos Paravás, aos Malaios, aos Jáos, aos Achens, aos Mindanaos, aos Malacenses, e aos Japões, acabando sua gloriosa

vida em 2 de Dezembro de 1552 junto ás portas da China, em Sacham, d'onde seu corpo foi trasladado para Malaca, e d'ahi para Goa; e canonisado pelo papa Gregorio xv.

Bem sabemos que uma das mais terriveis armas com que no seculo se tem combatido a Companhia de Jesus, é essa completa abnegação do ser individual que a ordem exigia do missionario, essa obediencia cega ás ordens do superior, em virtude do que ficava qual cadaver, sem vontade e sem instinctos proprios.

N'isto mesmo vemos a excellencia da sua constituição.

Não se hade censurar no soldado a cega obediencia aos seus superiores, obediencia que é a base essencial da verdadeira disciplina, e o primeiro passo para o commettimento d'essas acções heroicas que pelo rei e pela patria o soldado leva a cabo; e hade maldizer-se n'esta milicia de Christo, que, arredada da patria, tem de empenhar mais nobres luctas, mais rijos combates, nos quaes arrisca não só o corpo, mas extenua egualmente o espirito?!

As grandes vocações e as voluntarias abnegações existem de certo, e teem existido, mas são raras. É mister então exigil-as como cumprimento de um dever, como satisfação de um voto feito em proveito da communidade. Obreiros isolados, trabalham todos para um fim commum. É mister portanto que um unico pensamento os dirija, e que o impulso que lhes dá acção seja sómente um. Diversos pensamentos, diversos impulsos operando por si haviam necessariamente produzir diversos resultados, e quando se tratasse de reunir n'um todo esses esforços isolados, a grande obra, o grande fim para que deviam tender encontrar-se-hia com partes heterogeneas, que se não poderiam combinar, coadunar e solidificar.

Vedetas avançadas e sentinellas perdidas d'esta milicia da religião e da civilisação — milicia que combate sempre dispersa, deviam necessariamente os missionarios ter por primarias instrucções a abnegação individual para saberem morrer heroicamente no seu posto, se tanto fosse mister para a salvação commum; deviam dar immediatamente parte ao superior dos mais pequenos acontecimentos; e como estes soldados de uma nova especie lidavam tambem para um fim novo e grandioso—o augmento da sciencia humanitaria, não deviam esquecer de estudar o paiz que pisavam, seguindo tudo quanto fosse conducente ao conhecimento scientifico, historico e economico da nação que se pretendia attrahir ao gremio da civilisação.

D'aqui nasceram os annaes d'essa famosa Companhia de Jesus, annaes que tamanho impulso deram n'essa epoca ás sciencias, e que ainda hoje são uma preciosa fonte de estudo, e um guia seguro para as descobertas modernas.

Appareceram publicas as primeiras relações d'estas viagens, e os homens que não haviam saido da patria, nem tinham visto povos tão differentes e tão diversos, duvidaram da exactidão d'ellas, lançaram á conta de fabulas as maravilhosas descripções que ali se faziam, e não duvidaram alcunhar o pobre missionario de mentiroso e visionario!

Seguiram-se depois os modernos viajantes; vieram apoz estes os commissionados scientificos enviados pelos governos ás mais remotas paragens para as estudar; desinvolveu-se na humanidade esse furor *tourista* do seculo em que vivemos: em toda a parte foram encontrar os vestigios da Companhia de Jesus. As descripções que os novos viajantes nos fazem, vem combinar com as relações do missionario que já desappareceu ha seculos de sobre a terra, e vingar-lhe assim a memoria, fazendo justiça á sua lealdade de historiador, e ao seu talento de justo apreciador!

Com as commissões scientificas, com o navegante explorador os estados despendem annualmente não pequenas sommas; e o pobre missionario cumpria esta ardua missão, unicamente pela obediencia de seu preceito, sem despendio algum para o paiz a quem fazia tamanho serviço.

Eis o que era a Companhia de Jesus. Eis o que significava aquella roupeta lá n'essas terras que o Indo e o Ganges banham, lá n'esses climas virgens descobertos por Colombo e Vespucio. A patria deve de certo muito aos ousados navegantes e intrepidos guerreiros que n'essas paragens foram assentar o direito da corôa portugueza; porém não deve menos aos pobres missionarios que, evangelisando, alargaram as fronteiras da conquista.

Não ha duvida que a Companhia sabia acarinhar para o seu gremio os grandes talentos do paiz. Tinha para isso um poderoso meio na direcção suprema da mocidade estudiosa; porém isto mesmo que se lhe assaca por censura, é uma prova evidente de que ella sabia avaliar os engenhos quando apenas despontavam auspiciosos de esperanças, e moldar-lhes o emprego ás vocações fazendo-as convergir para augmento da communidade. A pratica offerecia-lhe o ensejo de avaliar o merito individual, e aperfeiçoando-o e polindo-o assim n'aquellas famosas escolas de que os collegios e casas professas da Companhia eram modelo, ao cabo de annos o congregado saía um perfeito administrador, um excellente orador sagrado, um zeloso missionario, um profundo historiador, um attento viajante, ou um admiravel cathedratico.

Não se confundiam, como dissemos, as predisposições individuaes, não se trocavam as aptidões, não se arremessavam indistinctamente á vida as vocações de cada um. Na congregação havia de tudo para todos, mas não se applicavam todos a tudo —buscava-se o homem para o cargo, e não se creava o cargo para o homem. Eis porque a Companhia foi grande; eis como se illustrou; eis como se tornou poderosa.

Foi esta a sua monita secreta!

Por isso floreceu e muito dentro em dois seculos, por isso se fez respeitada pelos seus talentos, por isso se fez temida mesmo dos poderosos; e este talento, e este poderio foi o que lhe acarretou a sua ruina.

Chegada a epoca do cataclysmo não houve diatribes que se lhe não dirigissem, crimes que se lhe não attribuissem; profanação, violação, nem horror em que se não fizesse figurar algum dos seus membros!

A sentença correu primeiro em julgado por entre o povo mais credulo, e menos culto, e depois foi receber a sua chancella na instancia superior do throno e do papado. Cortou-se-lhe pela defesa e pelas allegações como se cortara pela dos antigos templarios, e cobriu-se de horror o nome de um Malagrida, como se cobrira de infamia o do grã-mestre dos cavalleiros do Templo!

Então os bens da Companhia foram tranferidos para o estado, como antigamente haviam tambem passado para a Egreja e para o estado os d'aquella famosa milicia.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



UMA RUA DE LUCERNA.

O lago de Lucerna não é mais do que um pequeno golpho do famoso lago dos Quatro Cantões, o mais bello da Suissa. A cidade em sitio elevado tem uma cerca de fortificações que datam de seculo XVI e dão uma apparencia singular á povoação n'um paiz, onde as verdadeiras muralhas foram erectas pela mão de Deus e sobem á altura de 14000 pés; á direita e á esquerda, como duas sentinellas, como dois gigantes, ou como os genios do bem e do mal, surgem o Righi, a rainha das montanhas *(regina montium)*, revestido de seu manto de verdura matisado de aldêas e cabanas de queijarias (*chalets*), e o Pilatos *(mons pileatus)* esqueleto ossudo e descarnado, toucado de nuvens onde dormem as tempestadss. Não pode a vista abranger contraste mais completo do que o apresentado por ambas estas montanhas; uma, recamada de vegetação desde a falda ao cume, abriga cento e cincoenta *chalets* e sustenta tres mil vaccas; a outra, como mendigo andrajoso, apenas com alguns farrapos de verdura sombria, descobrindo as ilhargas nuas e despolpadas, é só habitada de borrascas e aguias, de nuvens e abutres; a primeira tem jucundas tradições, a segunda recorda lendas infernaes, e o caminho que costeia a sua base foi escolhido por Walter Scott para theatro da scena terrivel que abre a sua novella de Carlos o temerario. (1)

Como por vezes temos fallado de Lucerna n'este jornal, trataremos, variando o assumpto, d'esse temeroso monte Pilatos, escolhendo a narração da sua lenda, como a põe mr. A. Dumas em estylo popular na bocca de um barqueiro.

— Sabeis como se chama essa grande montanha roxa e escarnada, que tem tres picos em memoria das tres cruzes do Calvario?

(1) Pode ver-se o I tomo da=Anna de Geierstein, ou a Donzella do Nevoeiro = na excellente traducção do sr. Ramalho.

— Chamam-lhe Pilatos.

— E porque lh'o chamam?

— Em razão da palavra latina *pileatus*, isto é, que traz barrete, porque tendo sempre nuvens no cimo, é como quem está com a cabeça coberta; e de mais, bem o prova o rifão que vos ouvi ainda esta manhã, perguntando-vos que tempo teriamos: — «quando Pilatos tem posto a sua carapuça fará tempo bom e sereno.» —

— Não daes no vinte, tornou o barqueiro.

— Então d'onde lhe vem o nome?

— É porque serve de sepultura áquelle que condemnou Christo.

— A Poncio Pilatos?

— Esse mesmo.

— São historias! O padre Brotier diz que elle fôra enterrado em Vienna, e Flaviano conta que o deitaram no Tibre.

— Tudo isso é verdade.

— Logo ha tres Poncios Pilatos.

— Não, senhor; ha um só, sempre o mesmo, com a differença que viaja.

— Parece-me coisa muito curiosa; e pode saber-se essa historia.

— Certo que não é mysterio, ahi qualquer paizano a contará.

— Tambem a sabeis?

— Embalaram-me com ella; mas, bem vêdes que estas historias são boas para nós, que somos uns nescios; mas as vossas pessoas não as acreditam.

— A prova de que creio, é que tendes aqui cinco francos se 'a contardes.

— E que fazeis das historias, pois que as pagaes tão largamente?

— Que vos importa!

— De certo que não me importa. Pois então lá vae. Bem sabeis que o algoz de Nosso Senhor sendo chamado de Jerusalem a Roma pelo imperador Tiberio...

— Não sabia isso.

— Pois eu vol-o ensino. Vendo elle que ia ser sentenceado á morte pelo seu delito, enforcou-se nas grades da cadêa; de maneira que quando vieram para justiçal-o, acharam-n'o morto. O carrasco, descontente de achar feito o seu officio, poz-lhe uma pedra ao pescoço e deitou o cadaver no Tibre; mas, apenas caiu n'agua, o rio recuando para a sua fonte alagou os campos e inundou Roma; ao mesmo tempo borrascas medonhas desabaram sobre a cidade, a chuva e pedra açoitaram as casas, caiu um raio que matou um escravo que carregava com a liteira do imperador Augusto (1), o qual teve tanto medo que fez voto de edificar um templo a Jupiter tonante. Se fordes a Roma, lá o vereis, porque ainda existe. Mas, como este voto não fazia parar o carrilhão da trovoada, consultou-se o oraculo, o qual respondeu que em quanto não fosse *repescado* o corpo de Poncio Pilatos, o *estrago da abominação* continuaria. Não havia replica. Convidaram-se barqueiros; mas nenhum tinha gana de mergulhar para ir procurar o caturra, que fazia similhante reboliço lá debaixo d'agua. Afinal, não houve outro remedio senão offerecer perdão a um sentenceado a pena ultima, no caso de sair-se bem da empresa. O condemnado acceitou; amarraram-lhe um cabo á roda da cintura e mergulhou duas vezes, mas debalde; á terceira, vendo-se que não voltava acima, alou-se o cabo e veiu o homem ao lume d'agua trazendo Poncio Pilatos agarrado pela barba: o mergulhador não voltou vivo: com as ancias da morte os dedos da mão aferraram e não largaram o maldito; separaram-se os dois cadaveres um do outro, fez-se um enterro magnifico ao mergulhador e decidiu-se levar para Napoles o corpo do governador da Judéa e deital-o no Vesuvio. Dito e feito; porém, assim que o excommungado deu baque no vulcão, todo o monte bramiu, a terra estremeceu, houve um repucho de cinzeiro, correram rios de fogo, Napoles foi arrasada, e outras cidades ficaram debaixo do enxurro e da terra. Emfim como ninguem duvidava que todos estes disturbios eram obra do Pilatos, propoz-se um grandissimo premio a quem o tirasse da sua nova sepultura. Appareceu um patriota, e n'um dia que a montanha estava mais serena, despediu-se dos amigos e abalou para aquella empreitada, não consentindo que alguem o acompanhasse e querendo arriscar-se sómente elle. Na noite depois do dia em que o homem metteu pés a caminho, ninguem pregou olho; mas tambem não se fez bulha; o ceo continuava a estar puro e rompeu o sol com todo o brilho e como ha muito tempo se não via; então, foram em procissão á montanha e achou-se o corpo de Pilatos á beira do vulcão; porém, d'aquelle que o saccou para fora nunca mais houve noticia.

«Visto que não se atreviam a lançar outra vez Pilatos no Tibre por causa das inundações, nem a empurral-o para dentro do Vesuvio, pelo receio dos terremotos, metteram-n'o n'uma barca e dando-lhe reboque para fora do porto de Napoles abandonaram-n'a no meio do mar, afim de que fosse elle proprio, já que era de tão ruim contento, escolher a sepultura que mais lhe conviesse. O vento vinha do levante e por isso a barca andou para o poente, e como variasse ao cabo de oito ou dez dias saltando para o sul, a barca navegou para o norte. Por ultimo entrou no golpho de Lyão, deu com uma das boccas do Rhodano, foi rio acima até que topando, perto de Vienna no Delphinado, com o arco de uma ponte velha mettida debaixo d'agua, a embarcação soçobrou. Logo se renovaram os mesmos prodigios. O Rhodano revolveu-se, engrossou, e as aguas cobriram as terras baixas; a saraivada estragou as casas e as vinhas dos altos e trovejou furiosamente. Os viennenses, que não sabiam a que attribuissem esta mudança na atmosphera, levantaram egrejas, fizeram romarias, consultaram os mais sabios nigromantes da França e da Italia, e nenhum lhes pôde dizer a causa das desgraças que os affligiam; a assolação durou assim perto de duzentos annos. Ao cabo d'este tempo ouviu-se dizer que o Judeu errante estava para passar pela cidade, e como é um homem muito sabio, pois que não podendo morrer possue toda a sciencia dos tempos passados, os cidadãos resolveram espreital-o na passagem e consultal-o sobres os desastres, cujo motivo ignoravam.

Continua. M.

(1) Espero que não me imputem este anachronismo.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO XVI.

O Monge de Silos conhecido nas margens do Tamega — Eurico o Presbytero. — Ascensão milagrosa. — Covadonga! —

Fiquei admirado vendo que o barqueiro já não tinha pressa de ir buscar os meus companheiros, e elle conhecendo sem duvida o meu pasmo disse-me, como para se desculpar:

—Folgaria de ouvir repetir o nome que ha pouco pronunciastes...

—Covadonga?

—Esse é; sois lido nas chronicas, ao que parece?

—Pois vós sabeis que ha chronicas! Quem sois?..

—É precisa a autoridade do meu nome para garantia dos meus conhecimentos? disse o trovador sorrindo, não a tem; eu mesmo não tenho já nome.

—Perdoae, mas provocaes-me realmente tanta curiosidade, que não me pude conter... vejo que fui indiscreto, porém a culpa não é minha...

—Não; é da vossa curiosidade; não coreis, que não digo isto para vos offender. Sois moço; eu tambem já o fui, mas a minha vida extinguiu-se ha vinte annos n'um logar chamado Santa Maria de Almoster....

—Almoster! no campo de Almoster? n'um dia de batalha?

—N'um dia de batalha.

—Então vós?... comprehendo; o que foi de gloria e satisfação para uns, foi para outros de desgraça e de....

—E de vergonha, quereis dizer? Vejo que vos educaram com esse fatal prejuizo de avaliar um partido pelos malvados que o deshonram; já era esse o defeito do meu tempo. Além de que foi de desgraça para todos, aquelle dia de batalha!

—Não vos farei a offensa de questionar comvosco a esse respeito.

—Porque julgaes que me basta o haver sido vencido, não? Pois bem, dizei se ha gloria em fazer correr ondas de sangue de irmãos...

—Não... porém as circunstancias...

—As circunstancias. Ah! se estivesseis em Almoster?

—Veria um combate magnifico!

—Magnifico na verdade para um soldado que triumpha; horroroso para um christão e para um philosopho!—Todavia não direi que se offendeu a arte n'aquella peleja temerosa; não faltou valor de parte a parte, graças a Deus! O inimigo appareceu coroando as alturas; nós formámos, cortando o terreno em meia lua, com testas de columna dobradas, para se unirem depois em quadrado involvendo as primeiras brigadas enviadas contra nós; o exercito ficou pois n'uma posição em que devia vencer ou morrer todo; ao mais leve movimento, a uma só voz operava-se uma manobra que apresentava ao inimigo um ouriço de bayonetas, do meio das quaes voava uma chuva de balas capaz de abater muralhas de bronze. A artilheria protegia os flancos; e as baterias levantadas na retaguarda varriam a campina de uma a outra extremidade. A cavallaria compunha a maior parte da reserva, e era destinada a suster o choque das columnas contrarias, abrindo depois o terreno, por um rapido movimento, ás balas de toda a nossa infanteria.

O inimigo era digno d'estes preparativos! O seu exercito estava disposto de modo que podesse marchar para todos os pontos, por meias brigadas, e brigadas, sem todavia desguarnecer as suas posições, tal era a sabia previsão do seu general! A sua cavallaria compunha-se d'um punhado de valentes, destinados mais a sacrificar-se para introduzir a desordem nas nossas fileiras, abrindo caminho aos seus infantes, do que a soldados de combate. E comtudo deram cargas admiraveis!

Começou a acção.

As primeiras columnas que marcharam sobre nós foram abatidas como as espigas de trigo pela mão dos ceifeiros; vieram outras e cairam tambem; depois outras, e outras, uma torrente de regimentos, de meias brigadas, de brigadas que vinham esmagar-se contra as barreiras de aço que lhe oppozemos! Porfim o inimigo carregou em toda a linha, mandou os seus ultimos batalhões de gente escolhida, as reservas, a flor dos seus officiaes, e o general em chefe, vendo que todos os seus succumbiam dispunha-se a morrer gloriosamente com a espada na mão á frente do seu estado maior, quando se lembrou de operar uma manobra que nos attrahiu sobre a ponte. Então mudou tudo. A vantagem passou para os contrarios, e os nossos começaram a ser degolados ou a fugir em desordem. Em vão os officiaes de fileira tentaram sustel-os, em vão a nossa cavallaria dava cargas sublimes; as nossas columnas estavam rotas, a nossa bandeira abatida, e a do inimigo tremulava sobre um oceano de sangue!....

A physionomia do meu barqueiro tinha-se illuminado um instante, quando descreveu confusamente a batalha, mas concluindo a narrativa tornou-se de uma profunda melancolia. Já se vê que a acção de Almoster não foi exactamente como aqui se pinta, mas eu respeitei a descripção do soldado realista, e conservei fielmente o plano que elle me traçara d'ella.

Passado o primeiro momento de silencio que succedeu á sua historia perguntei-lhe:

—Que fizestes depois?

—Morri.

—Não entendo.

—Eu não era soldado... para combater com aquellas armas. Para mim não havia convenção, nem haveria talvez perdão... Depois extinguiram-se os conventos.

—Então vós?...

—Era frade. Hoje posso dizel-o; já la vão muitos annos! E tambem de que lhes serviria *a elles* vingar-se agora d'um pobre velho que nunca lhes fez mal? Cumpri o meu dever: no convento... *amei*; no campo de batalha, pelejei. Que mais se pode exigir d'um pobre homem?

A palavra *amei* foi dita de um certo modo que augmentou a minha curiosidade e desejando levar mais longe as minhas investigações continuei:

—Amastes como padre?

O antigo soldado cravou em mim um olhar ardente, porém rapido como o pensamento, readquiriu logo a sua serenidade e respondeu-me com doçura.

—E como homem.

—Sois muito instruido, pois conheceis o *Monge de Silos* e eu confesso que nunca o pude ver... Já lestes *Eurico o Presbytero*?

—Não.

—Pois é um grande poema... a historia de um Presbytero que se apaixonou loucamente...

—Um padre! e amava uma mulher? e ella?...

—Tambem o amava.

—E depois?

—Morreram.

—Longe um do outro?

—Creio que sim.

—É isso; é isso mesmo! A paixão não pode passar pelo coração de um padre sem o esmagar e atirar com elle para uma sepultura!

Dizendo estas palavras, pegou-me na mão e continuou com arrebatamento:

—Cuidaes que haja corpo capaz de conter dentro em si uma alma apaixonada? Estaes enganado; é porque nunca amastes, nem fostes amado! Se lhe

correspondem, a vossa alma deixa-vos para se reunir a essa outra que a entende, para vos fazer viver outra vida; mas se a não sabem entender julgaes que haverá barreira capaz de contel-a? que haverá vontade, por mais forte e robusta, que lhe diga — fica na terra! — quando ella pode subir ao ceo? Enganaes-vos, se tal cuidaes!!

Vêde como eu ando aqui ha perto de vinte annos! o meu corpo abandonado vaga sem alma. Como as cinzas de um volcão apagado, que ficam ainda muito tempo no fundo da cratera antes que as dispersem os ventos, tal eu me acho na terra á espera dos vermes que devem devorar-me.

O velho ergueu os olhos para o ceo, descobriu a cabeça, pareceu murmurar um nome, e as linhas graves e severas da sua fronte restituiram de novo á sua physionomia a impassibilidade que lhe era habitual. Depois saltando no barco, impelliu-o para o largo, e foi buscar o M., que já se impacientava com a demora. Quando voltou não me deu mais resposta a nenhuma das minhas perguntas, e á despedida, quando lhe perguntei o seu nome respondeu-me que se chamava o *Pescador*. — A gente das povoações circunvisinhas, segundo eu depois soube, chamava-lhe o *Bom Homem Pescador*. (1)

Quando montámos de novo a cavallo o sol começava a desapparecer por detraz das montanhas; era muito tarde para procurarmos o verdadeiro caminho que conduz á Feira Nova e do qual nós haviamos perdido os vestigios da outra banda do rio. Na nossa frente levantava-se uma cordilheira que seguia a margem do Tamega até ao Doiro, proximo de S. João de Alpendurada. Estrada não havia nenhuma, nem coisa que com isso se parecesse; perguntámos nas azenhas o caminho que devia seguir-se para as terras altas, e mostraram-nos um carreiro que em forma de serpente e quasi perpendicular se enroscava pela serra ás bordas d'um abysmo horroroso. Para o subirmos a pé e com os cavallos á mão não chegariamos acima senão de noite fechada, e isso não nos convinha porque não sabiamos para onde encaminhar-nos; para subirmos a cavallo não era só difficil, era perigosissimo, e quasi loucura o tental-o. Todavia depois de serias reflexões foi este ultimo partido o que seguimos, com grande admiração de tres mulheres e de um velho que se achavam á porta das azenhas; quanto ao nosso trovador — barqueiro — tinha desapparecido pelo rio acima, e ouvia-se ao longe a sua voz grave e melancolica entoando uma canção guerreira.

Eu passei para diante com o meu cavallo hespanhol. Covadonga era um animal com quem se podia contar; em quanto lhe restasse um sopro de vida eu bem sabia que, á minha voz, elle atravessaria rios de fogo, e saltaria abysmos! Foi pois para que desse aos outros dois cavallos o exemplo da verdadeira coragem que eu o colloquei na frente; depois seguia-se o do M. e atraz d'este o do criado. Uma vez que a superioridade de Covadonga me dava posição na testa da columna, julguei do meu dever não deixar escapar a excellente occasião que se me offerecia de fazer um discurso aos meus camaradas. Havia realmente perigo n'essa ascensão que nós iamos tentar quasi imprudentemente, por isso a minha voz tremia um pouco de commoção, e estou certo que se o auditorio fosse mais numeroso e menos indulgente faltar-me-hia o animo para lhe fallar. Todavia animado pelo religioso silencio que reinava entre os meus bravos companheiros, que se realmente não reagiam contra a tentativa da ascensão era porque o terror os tinha como aniquilados, e lisonjeado pela attenção que me prestavam as moleiras, inclinei-me sobre a sella com certo desvanecimento de quem conhece o seu publico, afaguei o pescoço do meu cavallo, e pronunciei a seguinte peça de eloquencia, de que nenhum dos circunstantes entendeu palavra:

«Camaradas e rapazes! (o estylo era republicano-monarchico segundo as idêas da epoca.) Os perigos fizeram-se para os homens, e os homens para os perigos (estes trocadilhos eram muito moda n'aquelle tempo.) Este caminho que aqui vêdes conduz á Feira Nova (sensação no auditorio;) lá nos espera uma boa ceia (o criado lançou-me um olhar de ternura, e o M. coçou na cabeça;) o transito é perigoso e difficil (grande attenção;) será grande a gloria se chegarmos a salvamento ao nosso destino, pois teremos feito o que sem duvida ninguem fez ainda nem fará depois de nós (duas das moleiras foram-se embora muito commovidas e um jumento que andava a pastar olhou para nós com olhos espantados!) É arrojada a empresa e podemos rolar no fundo do Tamega com os nossos cavallos (signaes de approvação; tornam a apparecer as moleiras, e o jumento continua a pastar com grande indifferença.) Para evitar qualquer irreflexão que possa sobrevir dos accidentes do terreno vamos subir a montanha a meio galope; seria mais facil cair indo os cavallos a passo, e assim meus filhos (tosse em toda a assembléa; uma das mulheres levou aos olhos a ponta do avental, e o criado mordeu a ponteira do chapeo de sol,) animo! e segui-me sem hesitar. Leonidas e trezentos Spartanos defenderam o passo das Termopylas (eu não sei a que veiu aqui esta citação, e os assistentes dão visiveis mostras de não a entenderem;) nós não somos Leonidas (o jumento fitou as orelhas em signal de assentimento;) mas somos homens; valor, e audacia!»

Concluido este famoso monumento oratorio, notei que todos estavam a olhar para mim como se ainda esperassem mais, d'onde concluí que elles não perceberam nada do que lhes havia dito. Enchi-me de colera e despeito por ter esperdiçado a minha arenga e cravei as esporas na barriga de Covadonga, que não esperando aquella repentina aggressão atirou um coice ao jumento, que se havia aproximado como curioso, e partiu a galope no meio das pragas e maldições das moleiras. Os meus companheiros seguiram-me de perto e começou a ascensão geral.

Nunca em minha vida me arrependi tanto de coisa alguma como de ter subido aquelle tremendo despenhadeiro, ainda hoje se me levantam os cabellos quando me lembro do modo milagroso porque devo a vida a Deus e ao meu valente e fiel cavallo! — O caminho segue quasi todo á borda d'um precipicio; vê-se lá em baixo o rio verde-negro e rugindo como se uma legião de demonios estivesse no fundo das suas aguas a convidar os cavallos a que precipitem os cavalleiros; a serra é cortada a pique sobre o Tamega, e a vista vacilla quando quer fitar-se nos objectos da altura de oitenta varas; urzes, carqueja, murta e rosmaninho bordam esse trilho que seguem os nossos cavallos; estas plantas odoriferas encobrem a morte. Um pé do cavallo mal posto, um falso do terreno encoberto por um grupo de murteiras fará resvalar cavallo e cavalleiro, que juntos chegariam em mil pedaços ao leito do rio, se não ficassem cravados nos troncos agu-

(1) Este individuo ali existia ainda em fins de 1853, depois desappareceu abandonando o seu barco, e nunca mais houve noticias d'elle.

dos que saem dos flancos do monte como puas enormes d'uma clava de gigante! — Covadonga com as orelhas fitas, as clinas erriçadas como as lanças d'um porco espinho, e a cauda levantada, galopa cheio de terror; os outros dois cavallos com os seus cavalleiros acompanham-nos a distancia de doze passos. De repente o caminho faz um angulo para o lado do rio e apresenta uma barreira de granito coberto de musgo amarellento; o carreiro faz a circumvallação do rochedo, mas eu já não tenho tempo de suster o meu cavallo nem me atrevo a lançal-o por fora do precipicio; confiado na coragem de Covadonga tenho a imprudencia e a temeridade de o obrigar a subir a barreira.

O nobre animal, sentindo as minhas esporas e vendo a grandeza do perigo, solta um rugido de agonia e arroja-se para diante com o desespero da morte. Chega, lança as mãos ao meio da ladeira escorregadia, sente as ervas e a terra cederem ao seu peso, crava as ferraduras na rocha viva, e deita pela bocca e pelas ventas jorros de espuma e de sangue, quando se desferra de ambas as mãos ao mesmo tempo e perdendo o equilibrio inclina-se para traz, ficando perpendicular ao abysmo! Mais rapido que o pensamento, e mais por instincto do que por sangue frio, eu precipito-me sobre o pescoço do cavallo, e orando no fundo da minha alma repito com toda a força dos pulmões o grito de — Covadonga! — O animal torna a pôr as mãos na rocha, suspende-se por um esforço supremo, ou antes com o auxilio divino, e acha-se no alto da montanha coberto de suor ensanguentado, tremulo, arquejante que foi preciso eu apear-me para que elle se deitasse alguns minutos, porque não se podia suster nas pernas.

Os meus companheiros, pallidos, suspensos, por que vindo a distancia de mim tinbam tido tempo de parar a carreira, apeavam-se e conduziam os seus cavallos á redea, em quanto eu dava silenciosamente graças a Deus.

D'ali a um quarto d'hora entravamos na Feira Nova.

Continua.

F. G. de Amorim.

A CANTORA DAS RUAS. — DESENHO DE GAVARNI.



Nada ha ignobil n'esta physionomia adolescente: o ovado do rosto é gracioso, olbos vivos, a bocca quasi infantil; no todo nota-se uma certa expressão de brandura e até de vigor: e todavia predomina nas feições e na attitude uma tristeza indolente, um abandono de si; a penuria abateu todo o orgulho, todas as esperanças da rapariga. Vestida de fatos sem escolha, mal penteada, indifferente á belleza propria, canta sem pensar, sem gosto, do mesmo modo que faria andar a roda de uma machina ou passaria a lançadeira de um tear. Ali só ha o distinctivo da prostração do animo; é claro que faz uma coisa que não estima e que por consequencia a faz mal. O homem precisa entrar no que faz com certa influencia, sentir n'isso o vigor da sua vontade; é o quç dá nobreza ao trabalbo, o que differença o homem livre do escravo. Ora, o aspecto da pobre cantadeira declara sobejamente a sua escravidão; opprimida pela indigencia. Não canta, como as aves, por cantar, mas para comer. A cantiga que lhe ouvis debaixo das vossas janellas não é mais do que o brado da fome, nem exprime contentamento nem melancolia, pede pão!

Nas sociedades primitivas as coisas corriam d'outra maneira. As classes que formamos na arte, e que deixaram nas praças publicas sómente os seus mais infimos interpretes, não existiam então. Homero, se acreditarmos a tradição, divagava pela Grecia cantando os seus poemas; Pindaro repetia as suas odes perante as multidões; Sophocles e Euripides representavam as suas tragedias para o povo de Athenas. Muito depois a egreja pagava aos mais peritos cantores para ouvirem os fieis as lóas que celebravam os milagres dos santos ou as virtudes da Mãe de Christo. É notorio que os trovadores corriam as aldêas e os castellos feudaes pagando a hospitalidade com seus romances. Nos povos do norte além dos bardos adherentes ás casas nobres havia outros destinados á nação, que nas assembléas cantavam os sublimes feitos dos avoengos excitando a sua posteridade a imital-os. A arte achava-se no seu periodo verdadeiramente popular, e tinha logar onde quer que havia homens para perceberem e escutarem; ainda não se lhe tinham erigido esses ricos edificios reservados a seu culto mais requintado, e onde só entram pequeno numero de iniciados.

Os cantadores das ruas são, portanto, os ultimos

representantes de uma instituição que já teve sua importancia historica. Como tudo quanto acaba perderam as recordações da sua origem, e depois de terem sido instrumentos de civilisação, apresentam-se agora como residuos de uma epoca barbara. Decaindo cada vez mais, os que eram chamados bardos tornaram-se mendigos. No entanto, pode vir tempo em que a arte vulgarisada tome logar definitivo na vida commum; generalisando-se a sua influencia poderia ser meio de propaganda e de educação publica, cujo valor e alcance agora não apreciamos cabalmente.

M.

ESBOÇOS CRITICOS.

POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

(Conclusão.)

V

Mas seremos sinceros como o havemos sido até aqui. Estes dotes, que, fecundados pelas regras da poetica, dariam de si um d'esses poetas fluentes e harmoniosos, como os fadou a Italia, e nós os vimos em Gonzaga e Bocage, perdem muito da sua potencia virtual, porque (digamol-o de uma vez) os ataca a febre da epoca. O sr. Novaes como encontrou um accesso facil no dominio das musas, não lhe importou investigar se o seu trato intimo tem segredos que releva inquirir e devassar e cuja posse, quando é incontestavel, marca de um cunho perduravel todas as producções concebidas debaixo dos seus auspicios. Sainte-Beuve define algures o poeta pelo homem que não sabe mas que adivinha, que sente e produz. A definição foi feita para o sr. Novaes. O sr. Novaes sentiu-se poeta e improvisou; achou-se facilidade em improvisar e escreveu. Mas a verdade é que essa mesma facilidade lhe protrahe o talento. A espontaneidade nem sempre é a perfeição, porque n'essas manifestações torrentosas da phantasia poetica, raras vezes a reflexão é ouvida, nem tempo tem para refrear os vôos que degenerem em devaneios, ou commedir as incorrecções da forma que originam as deformidades do estylo. É por isto que vemos o poeta portuense apresentar-nos em suas obras incoherencias ou conjunto de bellezas e defeitos, que seria difficil de explicar a não ir buscar as razões aos principios que estabelecemos. Por exemplo, o sr. Novaes vê-se que metrifica com facilidade e por vezes com fluencia e harmonia; mas estas qualidades são como obscurecidas pelas corruptellas e vicios de locução e prosodia, introduzidos nas classes menos cultas. É d'aqui que nascem esses defeitos de metrificação que a mais latitudinaria indulgencia lhe não pode relevar, porque o sr. Novaes apresenta-se debaixo do duplice caracter de poeta e critico, e, como tal, arma contra si de austeridade muito mais inflexivel o espirito do exame. Os hyatos, elisões forçadas e os hyperbatos mais que filinticos que transtornam a natural harmonia do verso e o obrigam a contracções inadmissiveis em toda a poetica, quebram a impressão geralmente agradavel que produz a leitura das suas poesias. O abuso que faz sobretudo das figuras synalepha e crase nunca pode ser tolerado nem pelas regras da metrificação, nem mesmo pelos preceitos da boa prosa e euphonia. O sr. Novaes escreve constantemente *p'r'a*, *p'r'o*, *qu'rer*, e chega a escrever por uma liberdade de elisão impossivel de admittir *requ'rimento*. Permitta que lhe não despachemos este requerimento, pois tememos que atraz d'elle venha o *esp'rito* e os *esp'ritados*. E mesmo n'este abuso o poeta do Douro não segue um systema unico, porque ora contrahe, ora dilata os vocabulos, segundo as exigencias da sua metrificação caprichosa, do que resulta encontrarem-se muitas vezes versos proximos contrariando as mesmas regras que parece terem sido até ahi adoptadas como principios invariaveis. Estes versos, por exemplo, mostram bem claramente o que notamos:

Lhe brada a naturesa: arre *p'r'a* prosa!
E o diabo inda a fugir *para* a poesia.

N'estes versos ha elisão na preposição *para*, no primeiro (aliás bem pouco euphonico); e no segundo não: do que se segue, conforme a unidade de principios que deve presidir a um systema, que, ou o verso de cima é comprido ou o debaixo curto.

Estes offerecem o mesmo exemplo:

E para unida ver loucura tanta
A caminho me puz *p'r'a* Terra Santa.

Aqui temos a mesma incoherencia.

Estes exemplos tão proximos, e como que guerreando-se pela contradicção, demonstram o pouco cuidado que o poeta presta ás questões de forma, o que n'elle é tanto mais para censurar quanto se torna evidente a facilidade com que produz.

É tambem erro de versificação querer elidir a vogal que forme syllaba aguda com o vocabulo que se siga, começando este por *h* aspirado, como n'estes versos:

D'alli me dirigi *á hospedaria*

A preposição *a* nunca pode, n'estes casos, fazer elisão com hospedaria, ficando por conseguinte o verso com uma syllaba de mais, conforme a boa medição.

Não ha tambem analyse, por mais indulgente, que possa subordinar estes dois versos ás regras da boa versificação:

E *eu*, que ando só a pé, se tenho um calo.

E este:

E *ha* paisinho, apaixonado etc.

Os diphtongos de uma e duas syllabas levam egualmente o poeta portuense a incorrecções que o conhecimento das mais ligeiras noções da arte poetica evitaria.

Os hyatos, ou concurso de duas ou mais vogaes, defeito quasi sempre nascido das viciosas locuções populares que a fluencia e euphonia que devem formar o principal caracter de todo o genero de metro não consentem, são assaz triviaes no livro que analysamos. Que admira, porque estas imperfeições não só as accusa o ouvido, mas conspira contra ellas a propria resistencia da pronuncia, que na difficuldade com que forma esses sons prolongados do conjunto de vogaes mostra que não só as leis do gosto, mas tambem as physiologicas, são offendidas com similhante abuso. Já contra elle protestava Boileau da seguinte maneira.

Gardez qu'une voyelle à courir trop hâtée,
Ne soit d'une voyelle en son chemin heurtée.

E todavia, o autor do *Qui pro quo* é audaz em enfileirar e absorver grande copia de vogaes n'uma só syllaba, segundo as suas exigencias de metrificação.

Da má interpretação que elle tambem dá ás differentes especies de diphtongos, nasce o uso constante da figura crase, ou contracção de vogaes, que, por forçada e contra a natural e larga accentuação da lingua, produz dureza nos versos em que é empregada. Estes offerecem um exemplo notavel do que dizemos:

E o *diabo* inda a fugir para a poesia.

bem como este:

E quando a *criança* opprimida, etc.

Tanto a palavra *creança* como *diabo* nunca podem ser tomados por vocabulos dissyllabos, mas tressyllabos, porque o accento dominante fere justamente as syllabas que o poeta tenta contrahir, e as divide, assim como *ciume*, *embaido*, *arruinado*, que estão no mesmo caso.

Não passaremos sem reparo um exemplo do emprego da figura ecthlipse, que, depois de Ferreira, o poeta que mais abusou e exagerou a sua applicação, poucas vezes a temos visto usada com tal ousadia por bons metrificadores que possam servir de norma. É no verso seguinte:

C'uma canção pagar uma gallinha.

Esta expressão é de mau soido, e offende por certo as regras do estylo.

Muito teriamos a dizer se nos quizessemos alargar n'estas questões propriamente didaticas, que a muitos parecem importunas e porventura pretenciosas e que nós julgamos todavia essenciaes, e sobre que insistimos, e insistiremos, porque vemos que são aquellas mais descuradas dos jovens poetas.

Outro ponto tocaremos nós ainda de relance, não como censura, mas como advertencia: é a predilecção que mostra o sr. Novaes pela rima de parelhas. Este uso, que os francezes preferem em consequencia de razões todas ou quasi todas nascidas da indole do seu idioma pouco numeroso, entre nós não encontra sectarios, porque é incontestavel a monotonia e frouxidão que elle traz a toda a composição poetica. José Agostinho de Macedo, na jovialidade da sua critica popular, comparava-o ao titinar regrado das campainhas dos machos de liteira. E effectivamente é uma cadencia obrigatoria, que subjeita assaz o pensamento a uma condição que até se torna desagradavel ao ouvido, por contínua e vulgar. É possivel unicamente admittil-a quando esta natural monotonia da parte mechanica do verso seja combatida pelo movimento do estylo e arrojo da idéa. E em todo o caso nada chega ao verso hendecasyllabo solto; e poucos idiomas o podem produzir mais senhoril de suas galas e donaires como o idioma portuguez.

Já que tocamos em versos hendecasyllabos não podemos deixar de inquirir o poeta sobre a razão porque uma grande parte das poesias que escreve n'este genero de metro, que as escreve em tercetos, as deixa sem o fecho do quarteto, usado por todos os poetas estrangeiros e nacionaes. É unicamente assim que fica completo e perfeitamente cadente o jogo seguido da rima. Da forma adoptada pelo sr. Novaes fica suspensa, e causa estranheza a todo o ouvido fino.

Este genero de analyse levar-nos-hia a largas dissertações, muito mais se quizessemos passar d'esta parte exclusivamente technica para aquella que se determina por leis que são já do dominio metaphysico. E ainda assim, este assumpto tocamol-o porque nos dirigimos a um talento que a natureza fadou poeta, e que basta indicar-lhe certas veredas de perfeição, para o seu desinvolvimento se completar conforme as verdadeiras condições da arte. A isto accresce que o poeta portuense possue a melhor virtude do talento, a modestia. Esta qualidade, que não pode deixar de reconhecer os bons desejos com que lhe fazemos estes reparos, assegura nos a cordealidade com que é sempre recebida a critica, que, para ser instigadora e fecunda, não pode deixar de mostrar-se severa.

Terminaremos este bosquejo critico, convidando o sr. Novaes a ensaiar um genero que o seu livro não contém, e para que as suas grandes qualidades descriptivas, o sainete comico das suas replicas, o convidam como a um triumpho indisputavel. Fallamos da fabula. A fabula, esse genero de satyra dramatisado, em que os antigos, e os francezes principalmente, são tão ricos, está quasi por cultivar entre nós. E todavia foi a fabula a arma da critica moral mais poderosa da antiguidade, e é ella que offerece mais rebuço e impersonalidade a todo o desafogo satyrico, quando queira evitar o exemplo lamentavel da personificação do libello moderno.

ANDRADE FERREIRA.

CHRONICAS MONASTICAS.

(Continuação.)

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Estava alcançado o fim. Os sustos e os terrores acabaram. A Companhia de Jesus já não era temida.

Todas estas phases de crescimento e decadencia tiveram seus periodos que precisam estudados á luz da historia e da razão. Não os precipitemos. Conduzamos o leitor atravez esses factos que ficaram registados, apresentemos-lhe as grandezas, os serviços, as glorias d'estes missionarios, exponhamos-lhe tambem as injurias e os delictos com que se aggravaram, e pesadas assim umas e outras razões vejamos para onde se inclina a balança.

Comecemos pela introducção d'esta religião em Portugal, que foi onde a Companhia teve a primeira casa propria, mesmo antes de ser approvada pelo papa Paulo III com as bullas apostolicas no anno de 1540, para o que tambem poderosamente concorreu o nosso piedoso monarcha D. João III, escrevendo ao imperador Carlos V seu cunhado, e ao rei de França Francisco de Valois para com redobradas instancias alcançarem de sua santidade este despacho.

Era n'aquelles tempos por nosso embaixador em Roma D. Pedro Mascarenhas, perfeito varão em cargos de paz e de guerra. Vendo elle como na capital

do orbe christão se empenhavam na conversão do mundo S. Ignacio de Loyola, que foi o fundador d'esta religião, e seus companheiros que ao todo não excediam a nove, escreveu a el-rei lembrando-lhe o grande proveito que a conquista da Asia oriental poderia colher d'elles.

El-rei, que pelos mesmos tempos havia recebido bons informes por via do doutor Diogo de Gouvea, reitor no collegio de Santa Barbara em Paris, que conhecia muito de perto e praticara com santo Ignacio, e seus companheiros quando ali estudaram, não hesitou no alvitre, e se empenhou para prover com taes obreiros as provincias d'aquellas remotas paragens onde as poderosas armas portuguezas resplendiam com tamanho lustre.

Para este fim escreveu D. João III ao mesmo reitor para que apertasse com santo Ignacio a enviar-lhe a Portugal alguns dos seus companheiros.

Sendo por esta via presente ao santo a instancia real, respondeu elle a Diogo de Gouvea que o deferimento á petição estava em Roma; porque presupposta a acceitação que o santo padre tinha de se pôrem em suas mãos elle e os seus companheiros, era da mão do supremo Pastor do mundo que se deviam grangear tão illustres missões.

Recebida por el-rei esta resposta, logo ordenou ao sobredito embaixador D. Pedro Mascarenhas que em Roma tratasse aquelle negocio com o papa e santo Ignacio.

Eram seis companheiros por que o embaixador instava; porém visto o limitado do seu numero, o santo só pôde conceder dois para a India, porque os restantes tinham de ficar para as outras provincias do mundo tão necessitadas como as orientaes.

E como o embaixador acabara o seu tempo na côrte de Roma e estivesse proximo a partir para Portugal, desejando trazer comsigo aquelles missionarios que el-rei tão gostoso solicitava, redobrou de instancias com o papa e com o santo para que se nomeassem os dois padres que se lhe concediam; juntando a outras razões uma de não pequena ponderação — chegarem a Portugal a tempo de se poder aproveitar a monção da India.

Santo Ignacio nomeou em primeiro logar Simão Rodrigues, que a outros muitos titulos especiaes para esta missão juntava o de ser portuguez, podendo assim com mais facilidade menear as coisas da missão em Portugal, e assistir á conversão da India, onde a lingua portugueza e os ministros d'esta nação imperavam.

Para este fim o mandou vir da Toscana, onde então se achava missionando.

Simão Rodrigues accorreu gostoso ao convite, apesar de doente que estava, e embarcando em Civita-Vecchia com Paulo Camerte, que em Roma fôra admittido na companhia, e trouxe por companheiro para Portugal, aportaram em Setubal, por ordem que traziam do embaixador, e se recolheram á quinta da Palma, que demora entre Setubal e Alcacer, e então era fazenda de D. Pedro Mascarenhas.

De quem era este portuguez que então andava por aquellas paragens de Italia e entrava em o numero dos nove que constituiram a Companhia de Jesus, e que teve tão substancial parte na fundação d'esta provincia que foi mãe das da India, Brasil, China e Japão, bem é que se diga n'este logar.

Simão Rodrigues d'Azevedo era seu nome. Nasceu em Vouzella, concelho de Lafões, na comarca de Lamego, situado na provincia da Beira, pela divisão administrativa d'aquelles tempos.

Seu pae chamava-se Gil Gonçalves, e sua mãe Catharina de Azevedo, ambos da gente principal da terra, e como se diz pela tradição, parente do bemaventurado S. fr. Gil Rodrigues da ordem dos prégadores, que teve o seu glorioso transito em 14 de maio de 1265, no convento de S. Domingos da villa de Santarem.

Finando-se o pae, quando Simão Rodrigues era ainda tenro infante, foi este educado com tanto esmero por sua mãe, que mereceu ser enviado a seguir estudos na Universidade de Paris, porque então ainda cá a não tinhamos, propriamente dita, e mais tarde foi que el-rei D. João III a introduziu n'estes reinos, quando de Lisboa transferiu para Coimbra as escolas geraes.

Chamavam-se aos estudantes, que iam á conta da real fazenda, estudantes d'el-rei.

Applicou-se á philosophia com tanto louvor que n'ella se graduou mestre, e foi tambem mui excellente theologo.

Foi achando-se em Paris que travou conhecimento com Santo Ignacio de Loyola, natural de Guipuscoa, que nasceu no anno de 1491, e foi tamanho capitão dos reis catholicos, que a defesa do castello de Pamplona no anno de 1521 contra André de Fox general do rei de França, Henrique de Valois, muito lhe deveu até que n'um dos assaltos ficou quasi por morto, de que se seguiu render-se a praça.

D'esta desgraça, de que lhe resultou para escapar á morte grandes martyrios na cura, sendo preciso cortar-se-lhe um osso, tirou Ignacio de Loyola lição para a conversão da sua vida, indo-se a Monserrate despir armas de cavalleiro, para vestir burel da pobreza; e recolhido depois a uma gruta na cidade de Manreza, com asperas penitencias passou um anno assistido do favor divino, seguindo d'ahi por Napoles, Roma, Veneza até Jerusalem, d'onde na volta aportou por meio de uma tormenta segunda vez em Napoles, e recolhido a Barcelona se resolveu a applicar ao estudo das lettras, contando então de edade 33 annos. Frequentou n'esta cidade os primeiros rudimentos, ouviu philosophia na Universidade de Alcalá, e theologia na de Salamanca, indo concluil-a á de Paris, onde com poucos, mas sabios mancebos que ali frequentavam as escolas, lançou os fundamentos d'esta famosa congregação.

Relacionado Simão Rodrigues com Ignacio de Loyola, foi o quinto companheiro que se lhe aggregou, e entrou na primeira junta, em que estes seis padres lançaram as primeiras linhas d'aquelle instituto, fazendo seus votos em Paris na ermida de Nossa Senhora do Monte dos Martyres em o anno de 1534, dia da Assumpção da Virgem, votos que depois renovaram duas vezes nos annos seguintes.

E partidos d'aqui para Veneza, fizeram o transito a pé, com bordões na mão, alforges de seus papeis ás costas, o rosario da Virgem ao pescoço, caminhando pela raia de Lorena, entrando na alta Allemanha, atravessando por Constancia e Basilea, e chegando emfim ao ponto onde era o termo da peregrinação para ahi esperarem occasião de se passarem a Jerusalem.

Em quanto esta não chegava se repartiram pelos hospitaes prégando, ajudando a bem morrer e assistindo aos enfermos.

Ao nosso padre mestre Simão coube o hospital de S. João e S. Paulo, onde assistiu com admiravel cuidado e rara humildade, varrendo as casas, curando as feridas, e enterrando os mortos.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.



FAMILIA NOBRE DO SECULO XVI.

As obras dramaticas de Lope de Vega e de Shakspeare offerecem bastantes quadros similhantes ao que acima vae esboçado, segundo uma gravura antiga, que representa uma familia nobre indo de noite pela rua com sua comitiva, no seculo XVI e n'uma cidade dos Paizes-Baixos.

Todos se lembrarão, por exemplo, da entrada dos Capuleti nas primeiras scenas de *Romeo e Julieta*; ahi o acompanhamento é luzido e numeroso, como cumpria ao cabeça de uma poderosa familia; em o nosso desenho a scena é menos bellicosa, de menos apparato e estrondo, sómente dois pagens pequenos, e um tocador de viola vão com suas senhorias, que recolhem pacificamente a casa, sem receio de emboscadas mortaes; mas, nota-se que tambem todas as pessoas, grandes e pequenos, levam mascara; era um uso geralmente diffundido durante os seculos XV e XVI: as damas nunca saiam de rosto descoberto por medo de crestar-se-lhe a cutis mimosa; até dentro dos aposentos traziam na mão uma meia mascara de veludo preto, promptas a taparem metade da cara, isto é, as feições principaes e distinctivas, se apparecia algum cavalheiro importuno.

Os homens tinham adoptado egualmente o uso da mascara sobretudo na Italia e na Hespanha; n'esses tempos de desordem e de anarchia, em cidades ensanguentadas tão repetidas vezes pelas rivalidades e odios das familias poderosas, não era prudente andar sempre de rosto descoberto; ou se cobriam com o rebuço do capote ou com mascara: o privilegio de a trazer parece que pertencia exclusivamente aos cavalheiros de boa linhagem e donzellas nobres; era uma moda da fidalguia e vedada aos mechanicos e villões.

No reinado de Henrique III foi em Paris tão frequente este uso como em Veneza e Florença, os cortezãos traziam mascara como as damas, para preservarem o macio da pelle; as memorias d'esse tempo referem que Henrique III dormia com mascara untada por dentro de pomada e côr postiça. Desde essa epoca foi diminuindo muito essa pratica, e só se empregava, como agora, nas mascaradas e nos brincos do entrudo. Em tempo de Carlos II foi moda que passou rapida em Inglaterra.

M.

A força é um instrumento cego; serve as leis, e serve o arbitrio.

De ordinario os maiores gênios são os mais excentricos, e extravagantes.

Nas guerras civis, o sangue derramado denuncia o fratricidio.

Quando os favores acabam, começa a ingratidão.

FLORENÇA.

Romance ou Historia?

I

Ha dias asiagos, em que o homem
Em profunda tristeza mergulhado,
Se esquece de si mesmo, e se concentra
No mundo interior da consciencia,
N'este abysmo mais vasto do que o mundo,
N'este mysterio occulto, indefinivel,
N'esta imagem de Deus em nós contida....
....

Quantas vezes repassò eu pela memoria estes sentidos versos do poeta brazileiro, (1) nos dias em que uma profunda melancolia, e um invencivel aborrecimento do mundo, dos homens e das coisas, affinam a minha alma pela harpa do trovador d'alémmar! N'essas horas solemnes da vida, quando a creatura se approxima tanto do Creador, figura-se-nos uma felicidade a existencia do ascetico, e aspiramos unicamente ao goso da solidão. O mundo nada pode dar-nos equivalente á paz do isolamento, pela qual fruimos a verdadeira liberdade, que nos permitte depor a mascara da civilisação, na ausencia da mentira, do figimento e das conveniencias ridiculas da sociedade. Eu detesto, geralmente fallando, os meus similhantes! E darei contas de mim no tribunal do Justo Juiz, por essa infracção do preceito divino; aos homens não estou resolvido a dal-as. Raça de invejosos, de calumniadores, de intrigantes, que revolve a terra para satisfazer uma ambição mesquinha, que se curva ante o poderoso para poder espesinhar o humilde; escravos, servos, dependentes que lambem, como o podengo, a mão que os fustigou... Oh! quanto mais nobre não é o gato do que o homem! O gato lança as unhas áquelle que lhe deu pão, se um momento depois tiver a imprudencia de o pisar.

II

Achava-me n'um d'esses momentos de *spleen* (como dizem os nossos mais antigos e mais fieis alliados) e aproveitando o silencio que reinava no meu modesto gabinete, dispunha-me a trabalhar em um romance historico, que ha tempos trago entre mãos, quando soou com força a campainha da porta, e appareceu em seguida o criado annunciando-me uma visita.

Lá se foi o encantamento, e ahi vem a realidade incommodar-me.

—Entre, meu caro amigo, digo eu, pondo apressadamente a mascara da sociedade, que se dilatou no mais doce sorriso.

E eis-me em pé, tocando na mão do recem-chegado, que desejava apunhalar, offerecendo-lhe a mais commoda poltrona do meu gabinete, e perguntando-lhe com as mostras do maior interesse d'onde vinha, e se gosava perfeita saude.

—Estou bom, me respondeu seccamente o homem; acabo de chegar da Bahia, aonde presenceei uma tragedia horrivel, a cujo desfecho assistiu muita gente, mas que tem peripecias espantosas, só de poucos conhecidas... e eu sou um d'elles.

Esta laconica introducção foi bastante para me reconciliar com o supposto importuno; puxei uma cadeira para junto do senhor Roberto Valente, que assim se chamava o viajante, e dispuz-me a ouvir com a maior attenção o que ia contar-me.

—Eu sei escrever as minhas cartas de commercio, accrescentou o senhor Roberto, e escripturar os livros do *Deve* e *Hade haver*, mas a respeito de outros livros não entendo nada. Constou-me porém que V... rabisca dramas e romances, e vim a correr contar-lhe esta historia, que desejo ver estampada em lettra redonda. e que dá assumpto para V... fazer uma obra interessante.

—Pois vamos a ouvir, meu caro senhor Roberto, e desde já lhe agradeço a preferencia com que me honrou. Permitta que vá tomando apontamentos, á proporção que fôr correndo a narrativa.

O senhor Valente fez, com a cabeça, um signal de assentimento, e, contra a minha espectativa, começou por um interrogatorio.

III

—Lembra-se quando travámos conhecimento? perguntou o senhor Roberto.

—Perfeitamente, respondi eu, antes mesmo de procurar a menor reminiscencia.

—Foi no Lumiar, como se recorda, accrescentou elle, em uma mesa do jardim na Nova Cintra. Eu estava jantando só, quando V... chegou com os seus amigos Carlos e Guilherme, e mais uma senhora e um menino. Depois de alguma hesitação resolveram jantar no mesmo kiosque em que eu estava, logar muito mais fresco do que a casa, e como a mesa era uma só ficaram por consequencia em minha companhia.

—Recordo-me de todas essas circunstancias, mas não vejo a que proposito possam entrar em uma tragedia representada na Bahia. A sua modestia fez-lhe dizer que não era romancista, mas eu creio que o senhor Roberto Valente é um Alexandre Dumas encoberto.

—O caso não é para rir. Eu chego já ao assumpto. Ainda não ha sete annos que se passou essa excellente tarde. Carlos estava alegre e robusto; Guilherme, postoque muito doente, inculcava ainda longa vida; sua mulher, bella e rosada, não parecia a companheira de um phtysico; e a creancinha, tenro fructo dos seus amores, era gorda e corada como a mais saudavel creatura. Trataram-me com tanto carinho, quando souberam que estava no Lumiar por doença, que não podia deixar de ser muito affeiçoado áquella boa familia, ao senhor Carlos e a V...

—Pela minha parte, agradeço.

—E é o unico que podia agradecer, se o caso fosse para isso, porque d'aquella excellente reunião já não resta com falla senão o senhor, e eu.

—Como assim?

—Guilherme morreu no fim do seguinte anno; passado algum tempo Carlos perdeu a voz e quasi o movimento; o menino morreu ha alguns mezes, e a mãe...

—Florença!... O que lhe succedeu?

—Vi-a expirar na Bahia, ha vinte dias, no meio de horriveis torturas produzidas pelo veneno.

IV.

Seguiu-se um longo silencio.

Duas lagrimas, bem sinceras, me bailavam nos olhos.

(1) O senhor doutor Magalhães, na tragedia = Antonio José ou o Poeta e a Inquisição.

E o historiador, tambem muito commovido, creava forças para atacar de frente o assumpto.

O senhor Valente proseguiu emfim n'estes termos:

Pouco depois de V... partir para a China, voltei eu para o Rio de Janeiro, afim de liquidar a minha fortuna, adquirida n'aquelle ponto, e regressar definitivamente para Portugal. Tendo concluido de todo os meus negocios, embarquei ha vinte e tantos dias no paquete inglez, saboreando de antemão o goso de tornar a ver Lisboa, a minha familia, e os meus amigos. Poucos dias depois chegavamos á Bahia de Todos os Santos. Desembarquei logo, e em quanto o vapor ali se demorava, resolvi acceitar a hospedagem que me offereceu um antigo amigo, e fui installar-me em sua casa na rua do Rosario.

Depois de um lauto jantar, dado com a bizarria costumada entre os portuguezes que residem no Brazil, vim para a janella fumar um bom charuto *regalia*, e surprehendeu-me agradavelmente ouvir tocar piano, com o mais delicado gosto, na casa fronteira á do meu hospede. As janellas, porém, d'aquella modesta habitação estavam completamente cerradas.

Perguntei ao meu amigo quem eram os seus visinhos do outro lado da rua, e o bom velho respondeu-me, com certo ar de mysterio: —Dizem que mora ali uma tal *madame Durand*, que perdeu um filho em Sergipe, victima da febre amarella, e que appareceu na Bahia em companhia de um medico, que fôra tratar da epidemia n'aquella provincia. A verdade, porém, é que eu nunca vi a senhora, nem enxerguei jámais uma só das janellas aberta; ainda que dizem as más linguas, accrescentou o meu hospede, em voz baixa, e sorrindo, que ella não é incommunicavel.

Não dei grande attenção áquelle enigma, e saí a tomar o fresco da tarde, e a fazer algumas visitas.

Entre nove e dez horas voltei para casa, e apenas chegava á porta da rua, um successo notavel me trouxe de novo á memoria a já esquecida narração do meu velho amigo. Da habitação fronteira saíam varios moveis, incluindo um pianno (provavelmente aquelle em que pouco antes alguem tocava) e mesmo diversas bagatelas de toucador, tudo acompanhado por officiaes de justiça.

Subi apressadamente a escada, e tornei a interrogar o meu hospede ácerca da moradora da casa mysteriosa.

—Por qué sae aquella mobilia para a rua? Muda-se a visinha?

—Não; faz-lhe a mudança um credor, mas ella ainda fica. Parece que não tinha com que pagar uma lettra de seiscentos mil réis, que hoje se vencia.

—Mas isso é horrivel! exclamei eu, tão afflicto como se conhecera *madame Durand*; quero pagar essa divida, e restituam a mobilia á pobre senhora, sobretudo o piano que lhe hade fazer muita falta... talvez a sua unica companhia.

—Hoje é tarde, por que a execução está em andamento; mas ámanhã, se tiveres partido no vapor, eu mesmo vou pagar a lettra.

—Pobre mulher! Que noite afflictiva vae passar!.. Se ao menos a podessemos informar de que tornará a ver brevemente o seu piano...

—Já te esqueceste de que não recebe visitas... ao menos apparentemente?

—É verdade. Terá ámanhã uma agradavel surpresa, quando vir toda a sua mobilia restituida á casa, e sem saber quem foi o seu protector. Hasde rir muito com a historia... e este genero de riso faz bem, allivia o coração. Eu parto ás nove horas, e já não gosarei nada da festa.

Á meia noite deitei-me: porém não pude conciliar o somno... parecia-me ver a pobre visinha, chorando entre quatro paredes núas...

Ainda não era dia claro, quando senti um grande reboliço na rua; saltei da cama por um movimento involuntario, como arrastado por força superior, e corri á janella,

—Que ha de novo? perguntei em voz alta.

—É madame Durand que se envenenou, respondeu um preto da casa.

Em menos de um minutó estava no predio fronteiro, e á cabeceira da victima...

Era Florença, a viuva de Guilherme, o sabio, o honrado... de quem se esqueceram os que deviam lembrar-se!...

Ainda estava formosa a infeliz senhora, e no meio da agonia mostrava um animo mais que viril!

—Aqui está dinheiro, minha senhora, dinheiro para pagar vinte lettras! Bradei na maior afflicção, e arremessando sobre o leito um punhado de bilhetes do Thesouro, e ordens no valor de muitos contos de réis.

O homem rico tem geralmente a mania de suppor que o oiro sempre chega a tempo para obrar milagres; porém eu tive um triste desengano n'este momento solemne, por que Florença voltou-se para mim, diligenciando sorrir, e murmurou:

—Obrigada, senhor... Mas já é tarde!...

V.

O senhor Roberto interrompeu a narração, para enxugar as lagrimas que lhe corriam em fio pelas faces tostadas do sol tropical; e eu estive quasi lançando-me ao pescoço do bom homem, com tentações de o abraçar e de o beijar, por que via diante de mim uma das poucas excepções honrosas da infame raça dos bipedes!

—A desgraçada, proseguiu ao cabo de alguns minutos o senhor Valente, conservava a razão clara, como ha sete annos. Reconheceu-me logo; e mandando retirar todas as pessoas que estavam no quarto, prodigalisando-lhe soccorros tardios, dirigiu-se a mim n'estes termos, com voz fraca mas intelligivel.

—Eu já escrevi uma declaração dos motivos que me levaram ao suicidio, e creio que Deus me perdoará este crime, por que havia perdido a ultima esperança na terra. Se ha mais tempo não tentei contra os meus dias, é porque tinha um filho... um filho de Guilherme, e não o queria deixar desamparado n'este mundo tão mau, tão vil!... Hoje que Deus o levou para si, pobre anjinho! e que a falta d'um pouco de dinheiro me reduziu á ultima extremidade, julguei-me com direito de executar esta antiga resolução, a unica que me pareceu nobre para uma mulher que não quer vender-se. Ao senhor que, depois de Carlos, é o unico homem que vem em meu soccorro desinteressadamente... ao senhor contarei mais por extenso tudo o que soffri até hoje, porque esse papel que escrevi, é apenas uma justificação para o publico, que apparecerá provavelmente nos jornaes... ao senhor Roberto farei uma confissão geral, oxalá que tenha tempo, porque as dôres que soffro são violentissimas, e sinto que não posso viver assim muitas horas.

O conteudo da declaração, de que eu tirei uma

copia, e que o *Jornal da Bahia* vae publicar, é do dominio de todos; agora as confidencias de Florença, alguma coisa do que me disse poucos momentos antes de expirar, isso é que ninguem sabe senão eu, Carlos...., e outro homem, cujo nome ella me occultou.

É a parte mais horrorosa da historia!...

Mande-me dar um copo d'agua, que eu já prosigo.

Continua.

F. M. Bordalo.



INDIOS NA REGA DO CAMPO.

Sob o clima adusto da India não existiria agricultura se não fossem as regas abundantes e bem dirigidas; por isso o estabelecimento das irrigações parece ter sido contemporaneo das primeiras cultivações n'aquella região; por beneficio d'ellas pôde o chão produzir arvores fructiferas, principalmente a amoreira, e além d'isso o arroz que é ali a base do sustento dos povos, a canna d'assucar etc. A remota antiguidade d'esta pratica está comprovada pela lei de Manú, pelas epopéas sanskritas, e pelas obras hydraulicas que ainda restam no continente indico. Nem ignoraram este facto os historiadores gregos. Diodoro Siculo falla em differentes passagens a respeito das regas do terreno, dos canaes derivados dos rios Strabo; designa a cultura dos arrozaes com a circunstancia de carecer de frequentes regas, na Bactriana, em Babylonia, e n'outras regiões do oriente; passando a tratar da India, diz: — « os magistrados tem a seu cargo a inspecção dos rios, a agrimensura e a medição dos canaes fechados com represas ou comportas para conservar a agua necessaria ás irrigações e distribuil-a com egualdade a todos os cultivadores, como se faz no Egypto. »

Effectivamente, a lei de Manú marca entre os *notaveis* ou principaes da povoação ou das grandes aldêas, o distribuidor das aguas; e á mesma classe pertencia o guarda do povo e dos campos. É tal a estabilidade das instituições indianas, sobretudo no concernente á agricultura, que ainda hoje o distribuidor e o guarda existem recebendo ordenado em generos ou em fruição de terras lavradias. Uma inscripção sanskrita, conservada em Bengala, enumera trinta empregados superiores, entre os quaes figura o superintendente da agricultura, isto é, administrador dos canaes de rega: havia, portanto, uma organisação regular, uma hierarchia entre os prepostos aos canaes.

Esta instituição não pertencia exclusivamente á India; vê-se que o propheta Daniel figura na côrte do rei da Persia a principio como intendente das aguas.

Ainda actualmente ha o mesmo cargo com o titulo de *myr-ab* ou principe das aguas, e é occupado pelo setimo ministro da monarchia.

M.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO XVII.

« A Feira Nova » — Superioridade dos selvagens sobre os povos civilisados. — Arriscar a vida para ver uma terra onde se corre o perigo de ficar sem ceia e sem cama. — A senhora « Mariquinhas do Mirante » — Jeremiada — Uma visinha compadecida. — Hospitalidade. — A familia provinciana, e a vida patriarchal. — O autor d'este livro descobre em si qualidades novas, e sente-se com tendencias muito pronunciadas para os prazeres campestres. — Idylio.

Chegámos á Feira Nova quando os ultimos raios do sol começavam a desapparecer entre a espessa folhagem dos arvoredos que rodeiam a povoação. Como todas as villas e aldêas de entre Doiro e Minho, os arredores d'esta estão cheios de arvores fructiferas, de vinhas, e de olivedos que servem de doceis a extensos campos de centeio, de milho, e de trigo. Os muros das quintas, como os das estradas do Minho, são bordados de roseiras e de hortensias, cujo perfume delicioso exhalando-se ao tepido sopro da brisa da tarde vem refrigerar o viajante fatigado: o susurro das aguas que brotam de mil nascentes, os bosques de carvalhos e sobreiras com vides entrelaçadas nos seus ramos, e carregados de cachos d'uvas roxas e brancas, como se d'elles nascessem; as muralhas de castanheiros que servem de vallados aos campos; as fileiras de choupos, olmeiros vimes e platanos que ornam as margens dos pequenos rios que se atravessam no caminho, todas estas bellezas no meio de uma solidão pacifica, e proximo á hora do crepusculo, a harmonia geral com que estão afinados todos os pontos d'este quadro admiravel da natureza, despertam em mim um sentimento religioso, e enchem a minha alma d'essas aspirações indefinidas que não podem traduzir-se.

Assim vou caminhando silenciosamente ao lado do meu amigo M., em quanto elle manifesta a sua alegria com ruidosas exclamações diante de todas estas arvores e campos que lhe recordam os primeiros dias da sua infancia. O criado vem praguejando entre dentes contra o mau estado dos caminhos, e de vez em quando olha para mim com pasmo, como custando-lhe a crer que eu esteja vivo depois d'aquella ascensão da montanha do Tamega. Como a este tempo tinhamos chegado ao centro da povoação, perguntámos pela hospedaria ou estalagem, e recebemos a resposta simples e concisa de que não havia uma nem outra coisa. Eu fiquei aterrado e voltando-me para o M. disse-lhe que me não parecia prudente o ficarmos na rua, que não podiamos viajar

de noite, e que como elle era filho das immediações da Feira Nova, se desse a conhecer, afim de arranjarmos hospedagem.

Elle assim o fez; mas ninguem se lembrava do seu nome nem da sua figura, ainda que muitos habitantes conheciam a sua familia. Deu-se pois o curioso espectaculo de andarmos a bater de porta em porta pedindo hospitalidade, porém todas as portas se fechavam logo, apenas se tinham aberto: os moradores pretextavam falta de commodos quando não era senão falta de vontade, e mesmo (o que era assaz humilhante para nós) receio de que fossemos salteadores.

Ainda mais esta vez reconheci a superioridade que tem os selvagens sobre os povos civilisados, e vexei-me sinceramente por via d'estes ultimos. Em nenhuma tribu das mais barbaras da Africa, da Asia, ou da America se teria recusado o agasalho e a hospitalidade que se me negava barbara e deshumanamente no meu paiz; e qualquer arabe se julgaria muito honrado se, atravessando o deserto, eu lhe fizesse a distincção de escolher a sua tenda para passar uma noite. É mesmo provavel que para manifestar-me a sua gratidão o meu hospede me apresentasse um d'aquelles famosos banquetes de que falla Felix de Mornand, compostos de cem guisados, entre os quaes tinha o primeiro logar o celebre *Kouskous*, para amolar o appetite, e que produz o effeito — diz o mesmo autor, de quinhentos mil diabos arranhando as entranhas do convidado europeu. Tal é a abundancia da pimenta! mas tal é tambem a voracidade que desperta aquelle prato da cosinha musulmana que bastam duas colheres d'elle, para depois se poder comer de oitenta guizados differentes!

Voltando á Feira Nova devo confessar que começava a lastimar o ter arriscado a minha vida, para ir a uma terra que me recebia tão brutalmente, ou antes que me não recebia; pois o que unicamente estava claro para mim era ficar sem ceia e sem cama. A primeira pouco me importava: continuava a doer-me horrivelmente a cabeça e não tinha appetite; mas a segunda dava-me serios cuidados, porque difficilmente me sustinha nas pernas, e começava a sentir febre.

N'esta cruel alternativa estive quasi resolvido a ir bater á porta de uma excellente propriedade que me disseram ser do sr. visconde de Alpendurada; eu não conheço pessoalmente aquelle cavalheiro, mas estava certo que sendo elle um verdadeiro fidalgo, não deixaria ficar ao relento dois pobres viajantes. Porém como não tinha certeza de o encontrar, dirigi-me a outra casa, que se me fechou como todas as outras. Então perdi a paciencia e já ia dar ao diabo a terra e a gente quando se levantou uma voz entre as diversas pessoas que se tinham aproximado de nós attrahidas pela curiosidade. Essa voz, inspirada sem duvida pela Providencia, disse as seguintes palavras — «A casa da *Mariquinhas do Mirante*.—

— E quem é essa estimavel Mariquinhas do Mirante, que a opinião publica denuncia como a alma mais caritativa d'esta terra?

— Lá no fim da rua, ao lado esquerdo: aquella casa que tem um mirante, e uma escada de pedra pela banda de fora. Não tem que errar; passando a praça, é a ultima. Tem uma loja por baixo, e uma parreira defronte.... mas se querem, vão andando que eu os vou ensinar.

Dizendo estas palavras o mestre ferreiro tirou o seu avental de coiro, deitou um rapido olhar para a sua *toilette* pouco *recherchée* na verdade, mas tal como convém a um homem do seu officio, e desarregaçou as mangas da camisa. Depois começou a marchar na nossa frente com um ar tão altivo e marcial que faria inveja ao seu antigo e celebre collega Fernão Vaz — o Alfageme de Santarem.

Atravessámos a povoação que é pequena mas bonita e bem situada, e parámos com o nosso excellente guia em frente d'uma casa de boa apparencia, composta de lojas, um primeiro andar, e um mirante que dera á sua dona o titulo um tanto feudal — *Mariquinhas do Mirante*. Um grande estabelecimento de generos de todas as qualidades, e, como se diz em linguagem de commercio, de seccos e molhados, occupava todo ou quasi todo o pavimento inferior. Tendo o mestre ferreiro apontado para a loja com o seu dedo, que, seja dito de passagem, parecia o cabo d'um martello, retirou-se modestamente para se poupar sem duvida ao nosso reconhecimento, e eu apeei-me e entrei na loja.

Á minha apparição, um individuo que se achava sentado com as costas voltadas para a porta, ergueu-se logo e aproximou-se do balcão. Era a mais bella e mais poetica figura de velho que tenho visto, depois da do meu veneravel tio M. G. de Amorim que tendo hoje (1) oitenta e dois annos, quando quer mostrar a sua agilidade sobe ainda aos vaus do sobre joanete grande d'uma nau de tres pontes.

O sr. João Pedro Cardozo era o dono da casa. Teria entre sessenta e cinco a setenta annos de edade; na sua cabeça, modelada á antiga, não havia um só cabello que não fosse branco de neve; a sua physionomia franca e jovial, era um livro aberto, onde se liam todas as virtudes do coração. Os olhos d'um azul desvanecido tinham ás vezes uma timidez quasi infantil, que fazia vacillar o sorriso prestes a assomar-se-lhe nos labios pequenos e alvos como os de uma creança. A estatura mais que mediana, e o corpo secco e direito completavam aquella figura historica.

Eu senti-me tomado de profundo respeito apenas o encarei e depois de tirar o meu chapeo, perguntei-lhe se era possivel conceder-nos hospitalidade por uma noite. Correspondendo á minha saudação por uma profunda inclinação de cabeça, respondeu-me com uma voz harmoniosa e debil, que revelava uma d'essas organisações melancolicas e timoratas, que não podia accommodar-nos em sua casa.

A resposta, apesar da extrema delicadeza com que foi dada, não admittia replica. Os individuos menos energicos na apparencia, cuja constituição parece affeminada, que representam em todos os seus movimentos uma extraordinaria timidez, e cuja voz similhante a uma lastimosa melodia é mais propria para se queixar do que para intimar, são exactamente os que mais influem sobre as naturezas fortes. Ou seja porque ha n'elles alguma coisa da mulher e da creança que o homem de ardente sentir respeita cegamente; ou que a delicadeza natural de certos entes os leve a occultar a sua virilidade perante a fraqueza dos outros, o certo é que esses seres excepcionaes são dotados d'uma grande influencia dominadora, e não poucas vezes chegam mesmo a mostrar um vigor moral de que ninguem os julgaria susceptiveis.

Ouvindo a resposta negativa ao meu pedido saí para a rua, e extenuado de fadiga e de tantas commoções como n'aquelle dia tinha experimentado, sentei-me defronte da porta sobre um marco de pe-

(1) 1856

dra, tendo nas mãos as redeas de Covadonga. O pobre cavallo, mais estropeado ainda do que eu, olhava para mim cheio de tristeza, como se percebesse que não tinhamos aonde dormir, e abanava a cabeça com visiveis demonstrações de inquietação.

Era quasi a hora do crepusculo, como já disse. O fim da nossa viagem era em S. Martinho de Sande, distante uma legua ou legua e meia da Feira Nova, mas cujo caminho ignoravamos; e ainda que assim não fôra a prudencia e a opinião publica aconselhavam-nos a que o não tentassemos de noite. Que fazer? o M. estava desapontado e o nosso criado procurava um ferrador. Eu comecei a lastimar-me e varias visinhas aproximaram-se de nós com a curiosidade que distingue os moradores das aldêas. Os homens, porém, mais desconfiados ou mais timidos conservaram-se a uma respeitosa distancia.

Nas janellas do primeiro andar appareceu de repente a formosa cabeça d'uma menina de dezoito annos, d'olhos vivos como azougue, e com a physionomia mais alegre que eu tenho visto em minha vida; por detraz d'esta surgiu logo outra cabeça tambem feminina, com outro rosto de vinte annos tambem formoso, porém mais grave do que o primeiro, com uns olhos castanho-escuros, d'uma languidez indescriptivel.

As recem-chegadas eram filhas da senhora D. Maria Delphina, (a quem os habitantes davam o titulo de *Mariquinhas do Mirante*) e do senhor João Pedro Cardozo. Se em vez d'estas duas lindas e amaveis provincianas me tivessem apparecido duas caras de homem, por mais bondosas, por mais francas que ellas fossem, eu não lhes teria dirigido a palavra. Porém o rosto formoso de uma mulher tem não sei que attracção, não sei que encanto que fascina, e que seduz; imaginem pois o que serão dois rostos juntos! Depois o coração da mulher está sempre mais disposto á piedade do que o do homem; é uma fonte d'onde brotam lagrimas de consolação para todos os desgraçados. É porque a mulher é mãe e ama como Deus; e o amor de qualquer genero é o maior conforto que se pode achar na terra.

Fazendo estas, ou outras que taes considerações, afinei a minha voz na corda que me pareceu mais lamentavel, e com gemidos de partir corações mais afeitos ao fingimento, invoquei a caridade e a compaixão das duas gentis meninas.

Devo confessar em desabono da minha logica que ellas se mostraram perfeitamente insensiveis ás minhas primeiras supplicas. Ouviam-me com toda a complacencia, faziam de vez em quando alguma pergunta insignificante, e depois diziam que não tinham logar para nos hospedar. Eu proseguia infatigavel na minha jeremiada, e chamava em meu auxilio todas as reminiscencias que tinha de Quintiliano e do abbade Maury; voltava-me para as visinhas e declamava, no tom mais sentimental que podia, contra a deshumanidade dos habitantes d'aquella terra ingrata; offerecia dinheiro, pedia um quarto por todo o preço que quizessem; por fim contentava-me com um palheiro, e cheguei mesmo n'um arrebatamento de enthusiasmo rhetorico a propor que me vendessem uma casa para eu passar a noite, com a condição de a ceder no dia seguinte a beneficio dos pobres. Tudo foi inutil; a beneficencia não era ainda moda na Feira Nova e não quizeram acceitar-me por fundador de um asylo. Era a primeira vez que eu descobria a grande verdade de que nem tudo cede ao oiro, e interiormente quasi que tive alegria de não ser rico.

A noite avançava sem trazer mudança para a nossa situação, e eu continuava as minhas lamentações com a energia do desespero, quando a Providencia mandou em meu auxilio a piedosa solicitude de uma visinha. Está provado, pois, que as visinhas não servem só para murmurar!—Esta achava-se commovida com o meu discurso, e pareceu-me ver-lhe limpar uma lagrima fugitiva, lagrima que eu teria bebido com enthusiasmo de poeta, não só porque ella partia d'uns bellos olhos e se despenhava por umas faces formosas, mas tambem por ser arrancada pelos meus queixumes. Era a primeira recompensa da minha eloquencia. E como eu não a pude beber, agradeci á bella compadecida com um sorriso que a fez corar. Vi-a pois encaminhar-se para a escada de pedra, dizer algumas palavras ás duas donzellas que estavam á janella, e estas abrindo a porta descerem um degrau. Pareceu-me de bom agoiro o ver abrir-se aquella porta! Com que prazer eu me precipitaria por ella dentro ainda que tivesse de dormir no chão! Passados alguns segundos a visinha disse em voz baixa a uma das meninas: «Elles dizem que se contentam com tudo, portanto podem ir para minha casa e eu venho para cá ficar.» Ouvindo estas palavras, que eu tive o cuidado de fingir que não percebia, redobrei de gemidos, e tive a tentação de ir beijar as barrigas das pernas á minha bella intercessora. Teem-se dado muitos beijos peiores, e quasi que tenho hoje remorsos de não ter exhibido aquella prova do meu reconhecimento.

A que parecia mais autorisada das duas irmãs disse em voz alta: «Se a mãe cá estivesse tudo se poderia arranjar; mas sem ella, eu não me atrevo...»

Adivinhei logo que tinhamos ganho a batalha e tratei de me aproveitar da victoria o melhor que me foi possivel.

—A sua mãe, minha senhora, não hade ter tão mau coração que reprehenda as suas filhas por terem feito uma obra de misericordia; nós somos aqui desconhecidos; é noite, a terra do meu amigo ainda fica longe, e não sabemos o caminho para lá chegarmos. Se não se compadece de nós teremos de ficar na estrada, e eu estou tão doente que não posso dar um só passo mais sem dormir algum boccado...

—Olhem que os senhores vão ficar muito mal accommodados...

—Debaixo do tecto que abriga taes anjos?... não, minha menina; só no ceo poderiamos ficar melhor do que na sua companhia.

Com estas vulgaridades, que n'aquelle momento me pareceram ditos de bom gosto, e que tornaram côr de rosa as duas pessoas a quem eu as dirigia, aproximei-me da escada. Covadonga, como se adivinhasse a grave questão que se agitava, interrogava-me com olhos de fazer chorar as pedras, parecendo lançar-me em rosto o meu egoismo, porque até este momento eu só tratara de mim.

—Querendo resignar-se ao que houver podem subir...

Cobrei animo e fiz um esforço espantoso para pedir tambem agasalho para o meu cavallo. Era quasi tentar a Deus o exigir mais do que já se me concedia, mas não seria ingratidão negra e imperdoavel o esquecer-me d'aquelle que, havia uma hora, me tinha salvado corajosamente esta miseravel vida, que eu tanto queria agora livrar do orvalho da noite? Não me castigaria Deus, por esse abandono cruel? Fallei portanto em favor dos cavallos.

—Descanse; assim os senhores ficassem tão bem na nossa casa como hãode ficar os seus cavallos. Te-

mos uma grande cavalhariça, e para elles ao menos haverá sustento que lhes agrade...

— Oh! minha senhora!... quanto reconhecimento...

— Tenham a bondade de subir.

Subimos. O criado foi metter os cavallos na cocheira, e depois fez a sua entrada na cosinha, em quanto nós penetravamos na sala. Outras duas meninas, uma de dez e outra de doze annos, ali nos esperavam e receberam com uma graça infantil cheia de encanto e novidade para quem se julgava em paiz de barbaros. Estas duas lindas creanças eram irmãs das nossas bellas hospedas, e chamava-se a mais nova Emilia, e Maria a mais velha. Eram dois typos differentes, assim como as outras duas, porém cada um d'elles de uma belleza, de uma correcção e por assim dizer de um acabado que fariam a admiração do artista mais exigente. As duas mais velhas chamava-se Joaquina a de dezoito annos e Francisca a de vinte. Eram quatro retratos dignos de figurar n'uma galeria de bellas artes como modelos, porém eu não me atrevo a tocar-lhes com medo de os estragar, ou dar uma falsa idéa da sua admiravel perfeição.

Apenas entrámos na sala eu caí sobre uma cadeira, cheio de cansaço e de horriveis dôres de cabeça, declarando que era inutil incommodarem-se comnosco, pois não precisavamos de cear, e eu desejava muito deitar-me fosse onde fosse. Todas as minhas jovens se puzeram em movimento, e no fim de cinco minutos vieram dizer-me que se achava promptа a cama, onde eu podia encostar-me até horas de ceia, porque teimavam que eu havia de cear.

Conduziram-me processionalmente para um espaçoso quarto, no angulo do sul do edificio, onde se achava armada uma enorme e excellente cama, com roupa alvissima e perfumada, respirando aquelle conforto elegante e agradavel que só a mão da mulher, qualquer que seja a sua condição, sabe dar a todas as coisas da vida.

Deitei-me vestido, pedi que retirassem a luz, e caí n'esse estado de prostração que provém dos grandes cansaços, em que se não pode dormir, mas em que tambem se não está inteiramente acordado. Estado doloroso ás vezes, em que nos opprimem sonhos interrompidos e afflictivos, ao mesmo tempo que temos uma tal ou qual consciencia do que se está passando em torno de nós; ouvimos as vozes, intendemos palavras, conhecemos os individuos e não podemos nem deixar de sonhar porque dormimos mal, nem deixar de ouvir porque estamos meio acordados.

Não sei quanto tempo estive assim, mas de repente senti passos que se aproximavam cautelosamente e ouvi esse ruido mysterioso que fazem os vestidos de uma mulher quando ella vae andando (ruido que produz no homem sensações inexplicaveis segundo as circunstancias!) e vi atravez das palpebras que uma luz invadia o aposento. Abri os olhos e uma senhora que eu não conhecia aproximou-se do leito com um castiçal na mão, andando nos bicos dos pés e procurando ver se eu dormia. Levantei-me sobre o braço direito para descer da cama e saudal-a, porém ella chegando-se então me tocou levemente com a mão no hombro como para me obrigar a deitar de novo:

— Deixe-se estar; não se acha melhor? As minhas filhas disseram-me que o senhor sentia febre e dôres de cabeça?...

— Não é nada, minha senhora, estou já muito melhor apesar de não ter ainda podido dormir. Assim que adormecer fico bom; eu já conheço estas doenças que são filhas da fadiga.

— Tenho muita pena de me não achar em casa quando v. s.ª aqui chegou; não lhe teria succedido o ficar tanto tempo na rua, porém as pequenas tem medo de tudo, como creanças que são; e meu marido não quer governar senão o estabelecimento, dizendo que a mim me pertence a direcção da casa. Eu já tenho dito a minhas filhas que quando passar algum viajante que peça agasalho, não lh'o neguem; por aqui não ha recurso de qualidade alguma, e os caminhos não são seguros; porém ellas temem-se quando eu cá não estou, por isso peço-lhe mil perdões de não os terem logo hospedado; vejo que são pessoas delicadas, que estão fora das suas casas e familias, e eu tambem tenho filhos, um dos quaes anda por bem longe!...

— Deus lh'o guarde e reconduza cheio de felicidade, minha senhora. Creia que se um voto sincero pode chegar ao ceo, e ser attendido, este meu hade sel-o.

— Obrigada; descanse; veja se dorme alguma coisa em quanto se faz a ceia.

— Eu não posso cear, mas nem por isso lhe fico menos obrigado.

— Deixe-se d'isso; depois que dormir acordará com appetite, e eu já mandei que lhe façam uma canja de gallinha. Até logo.

A senhora saiu levando a luz, e eu, não podendo dormir fiquei a pensar nos extraordinarios successos da vida, que são tão variados e que tão rapidamente se precipitam uns sobre os outros! Ainda ha pouco eu via diante de mim a perspectiva de ficar no meio da estrada, e agora pedem-me desculpa com o modo mais amavel do mundo por alguns minutos que esperei antes de ser hospedado! Agora acho-me n'uma excellente cama, vigiado com uma solicitude maternal por uma senhora que me não conhece e que me pergunta com inquietação se ainda estou incommodado! Ao mesmo tempo quatro lindas raparigas e não sei quantas criadas revolvem a casa de alto a baixo, devastam o gallinheiro, acendem fornalhas, e desinvolvem toda a sua actividade e sciencia para me apresentar um banquete digno d'um rei! E toda esta gente ficará encantada comigo se eu disser que os frangos estão bem assados, que a canja foi temperada por mão de mestre, e que nunca bebi melhor vinho! A sua felicidade, ao menos, por esta noite, a sua alegria, a satisfação do seu innocente amor proprio depende do meu voto, ou do do meu companheiro! — Ora pois não serei eu de certo quem deixará a menor sombra de um desgosto a esta digna e santa familia provinciana.

Seriam dez horas e meia ou onze quando vieram chamar-me para a ceia. Eu tinha dormitado e achava-me muito melhor; porém sentia pouco appetite. Comtudo tinha feito a mim mesmo a promessa de honrar devidamente o banquete, para agradar aos meus hospedes, e cumpri o meu voto.

A ceia, sobretudo para uma terra de provincia, podia chamar-se esplendida. Compunha-se de gallinhas e canja d'arroz, de frangos assados, de coelhos, perdizes em molho de vilão, doces seccos e em calda, fructas, vinhos do Doiro genuinos, chá magnifico e biscoitos de Hollanda. Eu pedi á dona da casa que nos fizesse a honra de cear com a sua familia em nossa companhia, porém ella disse-me que suas filhas ceavam ordinariamente com o pae e por isso não podiam assistir senão ao nosso chá; que em quanto

a ella tomaria logar á nossa mesa mais para exercer a sua vigilancia sobre o modo porque nos serviam, do que para honrar a ceia.

Seria meia hora da noite quando se concluiram os trabalhos gastronomicos. O M. foi-se deitar, pretextando que o melhor meio de fazer a digestão era dormir immediatamente; e eu que professo n'esta materia a opinião contraria, fiquei com as minhas patroas até ás tres horas da madrugada. Aquella familia provinciana era realmente o typo que realisava para mim a vida patriarcal. Uma franqueza e uma cordealidade infinitas, reunidas á delicadeza e á elegancia mais apurada que se possa imaginar; bondades, virtudes, tudo possuiam abundantemente. Logo á primeira vista sentia-se uma sympathia, e uma attracção indefiniveis pelas palavras e maneiras tanto da mãe como das filhas; uma pergunta, uma resposta, um gesto que ellas fizessem era uma obrigação em que se lhes ficava. Mettiam a gente no coração, como diz singelamente o povo.

Ás tres horas da manhã, quando, mais por ellas do que por mim, resolvi deitar-me, parecia-me cruel o ter de me separar, ainda que por algumas horas sómente, de pessoas a quem eu tinha já tamanho affecto. Nunca me succedeu coisa similhante em nenhuma das mil situações da minha vida aventurosa.

Tenho viajado e visto de mais para a minha edade; tenho recebido a hospitalidade de gentes muito varias, e de muitas côres e nações differentes: já dormi nas elegantes e luxuosas redes brazileiras; sentei-me ao lar dos Tapuyas durante annos, e comi do seu *piraen*; dormi no *Tijupar* do Juruna, d'essa nobre raça de gentios digna de ter nascido nas margens do Delawara; saltei as caxoeiras do grande rio (1) com os Parintins; baloicei-me na maqueira dos Técunas, comi o *mingáu* da hospitalidade na barraca de coiro dos Pampas, fumei o cachimbo da paz com mais de trinta nações de indios, fui hospede do venezuelense, do chileno, e do peruviano: mas nem no meu paiz nem fora d'elle achei nunca o encanto que me esperava na Feira Nova! Perdoem-me todas as senhoras da minha amisade, ou conhecimento, a algumas das quaes devo já tambem a mais graciosa hospitalidade, porém a verdade é que só da familia e da hospedagem da *Senhora Mariquinhas do Mirante* me ficaram saudades inextinguiveis.

Vendo a união, a doce tranquillidade e as puras alegrias d'esta familia de anjos eu começo a descobrir em mim qualidades que me eram desconhecidas, e tendencias irresistiveis para a vida e prazeres campestres. Uma das minhas novas qualidades — é a *bossa* matrimonial! Se eu aqui ficasse para sempre! Como eu seria feliz com aquelles olhos languidos!... Longe dos tumultos da cidade, livre d'essa vida de lutas ardentes da ambição com o dever, lutas em que não poucas vezes este succumbe! e a coberto das intrigas, das satyras, ou das calumnias de alguns miseraveis que d'isso fazem officio! — Eu viveria aqui uma longa vida; como o patriarcha d'esta casa veria branquecer os meus cabellos no meio d'uma familia que havia de adorar-me. Nas tempestuosas noites do inverno, sentado ao lar onde arderia um bom fogo de pinheiro bem secco e bem cheiroso, leria a biblia aos meus filhos, e netos, e para que todos elles fossem bem felizes dir-lhes-hia que o mundo se acabava ás margens do Tamega, e que a melhor parte d'elle era a terra da Feira Nova. Assim tornar-me-hia o chefe de uma tribu de Cincinatos, e morreria feliz como teria vivido! Oh! porque não hade realisar-se este pittoresco sonho, este idylio amoroso da minha phantasia?

Mestre Morpheu com a estupida semceremonia que o caracterisa interrompeu aqui as strophes musicaes do meu espirito, fechando-me os olhos á traição.

(1) Xingu — America.

Continua.

F. G. DE AMORIM.

BIBLIOGRAPHIA.

Saiu á luz a petição de recurso á corôa, interposto pelo excellentissimo e reverendissimo arcebispo de Mitylene, provisor e vigario geral do patriarchado, do decreto de 14 de julho, pelo qual o eminentissimo e reverendissimo cardeal patriarcha, com manifesta violencia e oppressão, o suspendeu das funcções pontificaes e das de vigario geral; pelo advogado Abel Maria Jordão.

Preço 100 réis.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos correspondentes mencionad s.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



O CONVENTO DE S. PAULO.

Este convento que foi edificado, por assim dizer, em tempo de D. João I, está situado na melhor parte da serra de S. Gens no baixo da de S. Cornelio.

Foi o papa Gregorio XIII que approvou a religião de S. Paulo, eremita.

Em 1435, reinando D. Duarte, ainda as obras do convento continuavam, e por isso se suppõe, com bom fundamento, que os religiosos, tendo conseguido a approvação da sua religião, e havendo crescido em numero, trataram de alargar o que até então apenas fóra um eremiterio.

Vê-se da estampa que apresentamos, e que é copia fiel, que o convento de S. Paulo é uma fabrica sumptuosa e de bella architectura.

FLORENÇA.

Romance ou Historia?

VI

Florença fallou n'estes termos:

—Não sou portugueza, como sabe; vivia na obscuridade, mas em paz, desfructando os carinhos de uma familia que me estremecia, quando o destino ou o acaso levou á nossa pobre morada aquelle mancebo serio, probo e talentoso, que tanta honra fazia ao seu paiz. Amei-o: desposámo-nos; e acompanhei-o com prazer a Portugal, apesar das lagrimas de inconsolaveis parentes. Deus abençoou a nossa união concedendo-nos um filho, que, se não é cegueira de mãe, possuia todas as qualidades para vir a ser um homem digno de seu pae.

«Alguns annos da vida correram para mim, se não felizes, porque meu marido soffria sempre, ao menos com o socego da paz domestica, e com a tranquillidade de uma consciencia sem mancha. Porém o mal de Guilherme aggravou-se, tornou-se incuravel, e finalmente levou-o á sepultura no verdor dos annos, quando um futuro de gloria se abria ante elle... Ainda me lembro que um jornal de Lisboa disse, fallando do seu enterro:

«Grande numero de amigos, discipulos e admiradores acompanharam, a pé, o seu cadaver até á sepultura; e esse prestito respeitoso e triste mostrou á cidade que uma lamentavel perda devia chorar o paiz. Perto da sepultura, que lhe guarda os restos, todos choraram pelo homem que, tão novo, morrera...»

E as lagrimas embargaram-lhe a voz um momento; depois, com exaltação febril, exclamou:

—E para que serviram esses amigos, discipulos e admiradores, exceptuando Carlos; lembraram-se acaso da sua viuva e do seu filho?... Um d'elles (não sei se assistiu ao funeral)... um d'elles, que chegou a um cargo eminente, e a quem o bom Carlos me recommendou com insistencia... propoz-me um contrato infame—o meu corpo pela sua protecção!

E Florença extenuada de forças, descaiu a cabeça sobre o travesseiro.

Um momento depois ergueu meio corpo, e disse:

— Oh! mas esse hade tremer quando souber da minha morte!...

Apoz breve pausa, continuou:

— Lembrou-me então o suicidio pela primeira vez... porém tinha um filho, que ficava sem amparo. Não tardou muito tempo que um velho cynico me viesse propor identico contrato... Tive então uma lembrança infernal! Respondi que acceitava, mediante uma condição: que a meu filho seria garantida, por escriptura publica, toda a despeza de uma solida educação, e que até á edade de vinte e cinco annos se lhe daria uma pensão pouco avultada... Feita a escriptura, ficava livre para me suicidar.

«O cynico não acceitou; parece que adivinhava a perda do seu capital n'esta negociação.

«Resolvi-me a tentar a vida de actriz, porém não em Lisboa, aonde era conhecida da melhor sociedade. Vendi as poucas joias que possuia, e reunindo algum dinheiro embarquei para Pernambuco, aonde não pude escripturar-me; d'ali passei a Sergipe, e succedeu-me o mesmo; finalmente cheguei a esta cidade, ainda com as mesmas idéas. Consegui no theatro da Bahia, que me admittissem a ensaios; mas posto que falle soffrivelmente a lingua portugueza, entenderam que a minha pronuncia estrangeira era incompativel com a scena.

«Offertas de homens vis tive muitas, mas nunca acceitei até hoje a menor coisa senão de um homem que amei, de um homem em cujo peito pulsava um coração nobre.

«Commetteria um erro, mas não uma infamia!

VII

Tendo esgotado um copo de certa bebida calmante, que o medico lhe deixara á cabeceira do leito, Florença proseguiu, cada vez com voz mais fraca:

— Eis o estado a que me reduziu a infamia dos homens, e a ingratidão da patria de Guilherme. Nem uma fatia de pão deram á sua viuva, e ella, collocada entre a vergonha e a morte, escolheu o segundo trilho. Ah! Guilherme! Guilherme! Se podesses resuscitar, e soubesses que affrontas, que baldões soffreu a tua querida Florença!... Porém tu mesmo não viveste quasi na miseria a maior parte da vida, quando trabalhavas, e eras conhecido por uma das mais poderosas intelligencias do paiz?...

De repente os seus olhos perderam o pouco brilho que lhes restava; e em voz fraquissima, no tom funebre de uma oração de finados, Florença recitou uns versos, que eu já vira impressos.

Eram estes:

«Pobre morreu, sem honras e sem premios:
Que honras, premios aqui dão-se ao covarde,
Que os brios vende n'esse vil mercado,
Onde homens sem nobreza,
Sem virtude e sem pejo, essa que lhe arde
Negra ambição no esp'rito, buscam nescios
Nutrir co'a sombra de fallaz grandeza:
Honras, premios aqui dão-se ao malvado
Que se compraz na usura.
Da patria ao servidor, cujo talento
Na amplidão do saber ha penetrado,
Dá-se na vida amargo esquecimento,
Dá-se na morte humilde sepultura.»

E acabando de dizer, como se fôra o ultimo canto de um cysne, pendeu-lhe a cabeça para o peito, e expirou!..........................

VIII

— Na casa não se encontrou mais do que o leito em que falleceu, e alguns bahus, sobre um dos quaes estava a triste declaração, que eu copiei á pressa.

Eil-a aqui:

«Vou matar-me voluntariamente, e depois de madura reflexão. Não me suicido por effeito de affecção mental, como se diz que succede sempre em taes casos; acabo com a vida, porque para mim só ha hoje uma estrada a seguir — a do vicio e da vergonha. Não quero; não a trilharei.

«Como posso eu continuar a viver? Sem recursos pecuniarios, sem amigos, sem parentes, sem protectores... d'estes, sim, encontro, mas exigem que lhes satisfaça os caprichos antes de se mostrarem generosos!

«Como heide viver? Quando os meus pretendentes dizem sem pejo que uma mulher *interessante* como eu, não deve prescindir de ter um amante. Como supportar uma existencia assim? Antes a morte mil vezes!

«Tenho dito ha muito tempo, tenho dito sempre, que preferia a morte á vergonha de sentir-me dependente de um homem que eu não amasse. Quero morrer com os meus erros, mas sem infamia. Uma mulher, como eu, quebra mas não dobra — como o aço que se parte e não verga!

«Quero sumir-me na sepultura, antes que venham esses homens infames, aproveitando-se da minha indigencia, propor á mulher desgraçada uma hora de prazer para elles... uma hora de infernal tortura para mim!

«Oh! não! nunca!...

«Ainda hoje, esta ultima affronta me patenteou toda a fealdade da alma de homens mesquinhos e torpes, que não tendo vergonha de me requestarem, allegam o seu estado de casados quando se trata de me acudir com alguns bilhetes do Thesouro, n'uma hora de afflicção!

«Oh! o mundo é mau, muito mau! E sou feliz em achar-me com o meu ultimo amigo, que é o veneno. Este não me faltará.... Estreito-o na mão, amigo fiel! Sinto prazer em apertal-o contra o peito, por que n'uma hora ou em duas me dará descanso!

«Amanhã já estarei descansada.... eu! Mas um homem haverá que de certo se sentirá tremer quando souber da minha morte.

«Viver! para que? para soffrer?... Ha muito que soffro; ha muito que combato esta idéa de suicidio; ha muito que o desalento se apoderou de mim: vivia mais pelos principios do christianismo, do que por gosto da vida; porém esta ultima decepção, mostrou-me a impossibilidade de continuar a viver... Não posso supportar mais pesares... É necessario concluir.... Conclua-se!»

IX

— Então que lhe parece a historia? perguntou o senhor Valente, quando eu acabei de ler o testamento moral de Florença.

— É um romance tenebroso! Respondi eu, algum tanto preoccupado; e continuei, como se fallasse só comigo: — Succede d'isto tantas vezes! Mas essas grandes tragedias passam desapercebidas quasi sempre. Se Florença não fosse uma heroina — muito superior a Lucrecia, no meu entender — se não tivesse escripto essas pungentes linhas na hora da agonia, ninguem fallava em tal. Que importava ao mundo

que morresse no hemispherio do sul *madame Durand?* Quem se lembrava que era esse o nome de familia da pobre viuva de Guilherme?.... Talvez mesmo a desditosa Florença não tivesse na hora da agonia essa lucida vista, que atravessa o espaço e os tempos, attribuida aos moribundos, e que se enganasse assegurando que *um homem* tremeria quando lhe constasse a sua morte!

—Carlos deve saber o nome d'esse homem, pois que foi elle que lhe recommendou Florença.

—Carlos já não vive. Vegeta. Uma intelligencia superior, como a d'elle, reduzida á inactividade!... um homem de talento vastissimo que não podé escrever, nem ler, nem fallar! Se lhe fossemos contar como Florença se suicidou, e perguntar-lhe pelo nome do seu assassino, era capaz de nos morrer nos braços!

—É verdade... E comtudo, o nome d'aquelle homem devia ser exposto á execração publica. Carlos é victima d'elle como Florença!...

—Será possivel?

—Antes de procurar a sua casa, tratei de saber novas de Carlos, a quem primeiro queria narrar esta historia; e fui informado que adoeceu gravemente pouco depois da morte de Guilherme... enfermidade tal, que nunca mais d'ella se restabeleceu, e que o levou ao estado apathico em que se acha.

—Porém isso nada prova....

—Mas ha uma circumstancia que prova tudo. É que elle tem visto, com os olhos enxutos, finar-se seu pae, sua mãe, e um irmão.... e que se suffoca quando lhe fallam em Guilherme e Florença.

—Esse segredo, já agora, baixará com elle á sepultura. Paz ás cinzas dos mortos, e perdão para o vivo, que ainda tem tempo de arrepender-se.

X

O senhor Valente despediu-se, promettendo voltar d'ahi a dias, para tratarmos de outros assumptos. E eu, pondo de parte o romance historico em que tencionava trabalhar, comecei a escrever a Florença, e não levantei mão da obra, até se concluir como o leitor acaba de ver.

Agosto, 2, 1856.

F. M. Bordalo.

LUCERNA E O MONTE PILATOS.

Conclusão.

—Como ia dizendo (proseguiu em sua narração o barqueiro), é sabido que o judeu errante passou por Vienna do Delphinado; então os cidadãos lhe supplicaram que os livrasse d'aquella praga de horrendos e aturados vendavaes, e como condescendeu, os homens agradecidos lhe quizeram dar de jantar; mas, não podendo, segundo sabeis, demorar-se mais de cinco minutos em qualquer sitio, e tendo já gasto quatro a conversar com os burguezes de Vienna, baixou ao Rhódano, atirou-se á agua mesmo vestido, e voltou acima ao cabo de um instante, carregando Poncio Pilatos ás costas: os burguezes o acompanharam ainda algum tempo bemdizendo-o; porém, sendo a andadura d'elle muito accelerada, deixaram-n'o obra de duas leguas da cidade, dizendo-lhe que se lhe viessem a faltar os cobres lhe arranjariam um pensão.

«O judeu errante agradeceu e seguiu jornada, muito atrapalhado a respeito do que faria do seu antigo conhecimento Poncio Pilatos. Deu volta ao redor do mundo, pensando onde o poria, e sem achar sitio accommodado, porque em toda a parte podia renovar as desgraças que já tinha causado, até que porfim galgando a montanha que além vêdes, e n'esse tempo se chamava Fracmont, assentou que tinha ali acabado a contenda; e de facto, lá quasi no cimo, n'um deserto medonho, sobre leito de penedos, espraia-se um lagosinho que não sustenta creatura viva, que não tem juncos nem caniços á borda d'agua, nem arvores nos arredores. O judeu errante trepou ao alto do Esel, que acolá se avista, e é o mais agudo dos tres picos, d'onde em tempo claro se divisa a sé de Strasburgo; d'ahi arremessou ao lago o corpo do excommungado Poncio Pilatos. Foi o caso que no mesmo instante ouviu-se em Lucerna um alarido a que ninguem estava afeito: parecia que os leões todos da Africa, todos os ursos da Siberia, todos os lobos da Selva Negra, rugiam na montanha. Desde esse dia as nuvens que de ordinario passavam por cima da cabeça do monte, estacaram ali; acudiam de toda a parte do ceo como se estivessem ajustadas, e porfim de contas vieram todas as borrascas desabar no Fracmont, deixando socegado o resto do paiz. E d'isso nasceu o rifão que dizieis:—«quando Pilatos põe o seu barrete, fará tempo bom e sereno.»

—Não ha duvida, é coisa certa; apraz-me muito mais esta historia do que a que eu sabia e tinha por verdadeira.

—Pois olhe que o que eu digo é a verdade pura: mas o senhor parece que...

—Qual parece nem meio parece; não duvido.

—De outro modo seria escusado continuar.

—Desejo saber o resto; e palavra de honra que acredito.

O barqueiro atou logo o fio do seu conto, dizendo:

—Duraram as coisas assim um milheiro de annos pouco mais ou menos; Poncio Pilatos continuava a fazer das suas; porém, como a montanha dista tres ou quatro leguas da cidade, não havia inconveniente e deixavam-n'o barafustar. Tamsómente, quando algum paisano ou paisana se afoitava na montanha, sem achar-se no estado de graça, era lambido; Poncio Pilatos deitava-lhe o gadanho, e adeus, boas tardes.

«Afinal, n'um dia, era quando começavam os protestantes, em 1525 ou 30, não me lembra o anno, um irmão rosa-cruz, de nação hespanhol, que voltava de visitar a Terra Santa e andava em cata de aventuras, ouviu fallar de Poncio Pilatos, e veiu a Lucerna com intentos de fazer chegar ao rego aquelle gentio: pediu ao magistrado que o deixasse tentar a empresa, e como a todos agradava a proposta, acceitou-se de boamente. Na vespera do dia marcado para a expedição, o rosa-cruz (*) commungou, passou a noite em oração, e na primeira sexta feira do mez de maio de 1531, agora me recordo do anno, tomou o caminho da montanha, indo acompanhado por todo o povo da cidade até Stenibach, que é aquelle logarejo á nossa direita, que já passámos; alguns mais atrevidos ainda foram até Nergiswil; mas ahi o cavalleiro foi abandonado por todos, e seguiu para diante sósinho e sem outra arma além da sua espada.

(*) Denominação de uma seita que pretendia iniciar-se nos mysterios da natureza e possuir importantes segredos. Aqui é citada por um homem que se figura rustico e credulo.

«Apenas poz pé na montanha achou uma torrente furiosa que lhe cortava o caminho, sondou-a com um ramo de arvore e viu que era tão funda que não podia passar-se a vau; procurou aberta por toda a parte e não a achou; então, confiando em Deus, fez sua oração, resolvido a metter-se á corrente a todo o transe; tendo acabado a resa levantou a cabeça e olhou de novo para o obstaculo que o detivera; uma ponte magnifica estava lançada de uma á outra beira; bem viu o cavalleiro que a mão do Senhor a tinha construido e avançou com a maior afoiteza; apenas tinha dado alguns passos na outra margem, virou-se para ver segunda vez a obra milagrosa, a ponte tinha desapparecido.

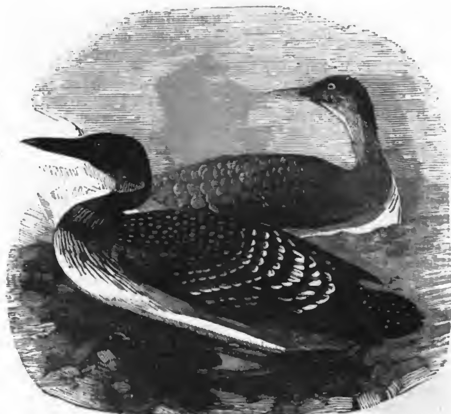
«Uma legua mais adiante quando se mettia n'um desfiladeiro estreito e ingreme que levava até á chapada do monte em que está o lago, ouviu um estrondo temeroso por cima da cabeça; no mesmo momento parecia que se abalava o immenso penedo e viu que rolava em direitura a elle com a ligeireza do raio, uma enorme massa de neve que enchia toda aquella garganta aos saltos como uma caxoeira: o rosa-cruz não teve mais tempo do que pôr um joelho em terra e dizer: — « meu Deus e Senhor tende compaixão de mim! » apenas proferiu estas palavras a onda immensa abriu-se em duas na frente d'elle, passando-lhe dos dois lados com uma bulha horrorosa e deixando-o só no meio, á maneira de ilha, foi sumir-se nos abysmos da montanha.

«Ao cabo de tantos trabalhos entrando na chapada do monte encontrou o ultimo obstaculo e de todos o mais tremendo; era o proprio Pilatos, vestido de guerreiro, tendo na mão por arma um pinheiro despojado da rama, que lhe servia de cacheira.

«O conflicto foi terrivel; e se fordes á montanha lá vereis o sitio onde os dois contendores se encontraram; combateram e lutaram todo o dia e toda a noite, e a rocha conserva o signal dos pés de ambos. Por fim, o campeão de Deus saiu vencedor, e sendo generoso na victoria offereceu a Pilatos uma capitulação que foi acceita: o vencido obrigou-se a estar seis dias da semana tranquillo no seu lago, com a condição que no setimo, que vinha cair á sexta feira, lhe seria permittido fazer tres gyros no mesmo lago em trajo de juiz; e porquanto este tratado foi jurado sobre uma reliquia do Santo Lenho, Pilatos achou-se reduzido a cumpril-o pontinho por pontinho. O vencedor baixou da montanha e não achou *avalanche*, nem torrente, que tudo eram obras do demonio, que, assim como o seu poder, tinham desapparecido.

«Então o conselho de Lucerna tomou uma resolução, que foi prohibir a subida do monte Pilatos nas sextas feiras, porque em taes dias a montanha pertencia áquelle maldito, e o rosa-cruz predissera que todos os que o topassem morreriam dentro d'esse anno. Por espaço de tres seculos guardou-se este preceito; nenhum estrangeiro podia subir ao Pilatos sem permissão, e as licenças eram concedidas pelo magistrado para todos os dias exceptuando as sextas feiras, e em cada uma semana os pastores davam juramento de não guiar lá ninguem no dia probibido: assim se usou até á guerra dos francezes em 99; de então para cá vae quem quer e quando quer, e por isso tem havido muitos exemplos de que o verdugo de Christo não renunciou os seus direitos.

M.



IMBRINS OU MERGULHÕES DOS MARES GLACIAES.

IMBRINS, MERGULHÕES DOS MARES GLACIAES.

Estas aves pertencem aos generos das palmipedes de pollegar solto ou sem elle, de azas mui curtas, e de pernas situadas inteiramente na parte posterior do corpo, quasi inuteis para andar, em razão do que caminham pouco, voam mal, e muitas vezes nem voam, limitando-se quasi sempre a nadar e mergulhar; por esse motivo tem mais plumagem e mais compacta e lustrosa do que as outras aves, sobretudo as especies proprias dos mares do Norte, que são tambem as mais volumosas em corpo, cuja plumagem do ventre, de um lustre como a prata, serve para guarnições de vestidos e outros enfeites; os mergulhões dos nossos mares são pequenos e tem poupa e colleira negras. Aos mergulhões dá-se o nome generico de Colymbos.

A estampa mostra um casal de imbrins: esta ave *(colymbus glacialis)* mal geitosa no vôo e andar, de raro se vê fora d'agua, mas quando se afoita a cortar os ares sobe com suas azas curtas a mui grande altura; é o mergulhão grande das aguas frias nas regiões septentrionaes do globo. Se os gelos de lá o expulsam, baixa o imbrim ás bahias e golphos de cristal do Spitzeberg, da Groenlandia, das retalhadas costas da Laponia e dos escolhos da Islandia: invernos demasiado rigorosos o impellem ás vezes até ás praias meridionaes da Inglaterra, e já se deu caso de se adiantar até os pantanos da Picardia. Costuma esconder o seu ninho chato e fabricado de hervas seccas entre as espadanas e juncos das ilhotas espalhadas nas aguas brandas e frescas dos lagos e albufeiras do Norte.

Cada casal habita separado, e occulta-se tão habilmente a quaesquer pesquizas que por muito tempo a credulidade suppoz que passava o choco no fundo do mar, ou que nadando á superficie sustinha debaixo das azas em duas cavidades que ellas cobrem seus dois grandes ovos, de côr parda azeitonada com alguns salpicos mais escuros.

Um trilho marcado na herva pelas frequentes idas e vindas da ave, veiu afinal denunciar ao caçador o ninho tão bem escondido, em cima do qual a femea se acocora de modo que fica sumida no juncal. Se n'este asylo é perturbada, se algum inimigo forte se aproxima muito, o imbrim que não poderia servir-se das pernas collocadas tão atraz que lhe não sustentariam o corpo, vae escorregando aos empuxões com o ventre rasteiro pelo chão, e arrastando-se assim inclinado sempre para diante chega á beira da agua onde se precipita e mergulha. Ajudando-se então das azas, e dos robustos pés perfeitamente palmados, nada rapidamente. «Eu persegui esta ave (diz certo caçador inglez) n'um batel que faziam voar pela agua quatro vigorosos remeiros, sem nunca podermos ganhar-lhe em velocidade, postoque as descargas das nossas espingardas quando apparecia ao de cima a constrangessem a mergulhar constantemente.»

Quando está escondido nas anfractuosidades dos rochedos junto das calhetas onde se descobre em agua baixa a areia do fundo, é que se hade esperar e espreitar o imbrim; frequenta essas angras remotas, tão acirrado na perseguição do peixe miudo, sua preia ordinaria, que por vezes tem caido no anzol ou nas redes da pescaria dos arenques. Quando se atirar ao imbrim, cumpre fazer boa pontaria e deixal-o morto; sendo ferido escapa-se e não é provavel tel-o outra vez ao alcance de tiro.

Comtudo n'algumas occasiões se tem apanhado vivos os grandes mergulhões do Norte e então foi possivel observal-os de perto e mais á vontade. O naturalista Montagu conservava um n'um tanque e em poucos dias conseguira domestical-o, e tão docil que acudia ao chamado e tomava o sustento na mão do dono. Uma ferida que o privou d'um olho prejudicou-lhe bastante o outro; mas não obstante isso descobria logo o peixe que se atirasse para o lado mais extremo do tanque; na falta do pasto habitual subjeitava-se a comer carne.

Mr. Nuttall de Boston teve tambem em seu poder um imbrim novo, comprado vivo no mercado do sal da bahia de Chelsea, e havia-o transportado para uma pequena lagoa abundante de peixe.

«Este passaro (diz elle) lamentava-se de continuo e procurando sempre evadir-se ia esconder-se na relva, onde ficava calado até ser descoberto, e n'este caso abalava rapidamente para a agua, tornando a gemer novamente. Se alguem se lhe chegava de perto, defendia-se com arrojo, atirando-se encolerisado ao aggressor e trabalhando com o forte bico em forma de adaga. Os seus olhos, de iris vermelho como os dos albinos ou pretos-brancos, não supportavam bem o esplendor diurno; procurava abrigar-se da luz muito viva, e só para a tarde adquiria actividade; a pupilla do olho, como a de todos os animaes nocturnos dilatava-se com facilidade. Mergulhador incansavel, a miudo mettia a cabeça dentro d'agua para espreitar a presa; ia ao fundo onde ficava muitos minutos seguidos, e voltando acima cortava a superficie cristalina como a setta fende os ares. Postoque o meu imbrim afinal se fizesse mais manso e se acostumasse ás visitas, recaía constantemente nos seus habitos vagabundos; afastava-se coxeando em demanda d'algum retiro mais seguro ou do seu gosto, e antes preferia soffrer a fome do que subjeitar-se á perda da liberdade.»

O passo que mr. Nuttall indica foi causa do nome que o imbrim tem na Laponia, onde lhe chamam *loon*, isto é, coxo. A conformação é admiravelmente adaptada á sua vida aquatica; a cabeça aguçada é mais pequena do que as partes do pescoço proximas d'ella, afim de penetrar na agua mais facilmente; as azas vem muito adiante fora do centro de gravidade, afim de que os quatro membros do movimento, nadando ao mesmo tempo não se estorvem uns aos outros; as coxas muito trazeiras favorecem o balanço de que a ave precisa para mergulhar; as pernas chatas e delgadas como a folha de uma faca cortam agilmente as ondas, ao passo que os pés, como os das demais palmipedes batem e arredam a agua com a circunstancia de se dobrarem com tal flexibilidade que no acto de os lançar o imbrim para avante afim de dar nova remadella fazem-se tão delgados como a canella ou tarso.

Denominado *embergoose* pelos habitantes das Orcades porque excede em tamanho o ganso bravo, tem proximamente quatro palmos desde a ponta do bico á extremidade da cauda. Este bico, preto e lustroso, é forte; a mandibula inferior (segundo Wilson) é formada de duas peças, que unidas por uma membrana elastica e delgada podem afastar-se horisontalmente uma da outra de modo que alarga a guela e permitte-lhe tragar alguns peixes maiores. A cabeça e parte superior do pescoço é de um bello preto aveludado, ondeado de verde com reflexos purpureos, dois collares de faxas regulares e parallelas alternadamente pretas e brancas enfeitam a dianteira do pescoço e o papo; mais abaixo uma larga fi-

ta de preto lustrim com seus cambiantes verdes e violaceos vae confundir-se com a plumagem das costas, que assimilha um rico manto de veludo, matizado de branco em series semi-circulares, sendo a extremidade de cada penna malhada de branco; a parte inferior do corpo é branco de arminho, e a cauda composta de vinte pennas trigueiras como as pontas das azas.

Os povos do norte da Siberia entre o rio de Ob e o Irtyche curtem as pelles do imbrim e preparam-n'as de modo que lhes conservam o frouxel ou penugem; cosidas umas n'outras vendem-n'as para pelliças e barretes quentes e onde nunca entra humidade. Os groelandezes adornam-se, os selvagens da bahia de Hudson toucam-se com as pennas d'imbrim. —Regnard, em sua viagem á Laponia, refere que os indigenas cobriam as cabeças com um capuz feito da pelle do *loon* (o mergulhão grande) pondo-o de maneira que a cabeça da ave lhe pendia sobre a testa, e as orelhas ficavam tapadas com as azas. Este original toucado prendeu a attenção do poeta viajante.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

De Veneza se passou a Roma com dois companheiros, pedindo esmola de porta em porta; e d'esta cidade, onde foram mui bem recebidos pelo papa, regressaram a Veneza onde se ordenaram de sacerdotes; e repartindo-se depois pelas cidades d'aquelle senhorio, coube a Simão Rodrigues a de Baçam, onde enfermou e o foi encontrar Santo Ignacio que lhe assistiu como caritativo enfermeiro.

Recobrada a saude se dirigiu a Vincencia onde se demorou até ao fim do anno de 1537, que era o tempo preciso do voto da terra santa.

Mas porque as difficuldades da jornada cada vez se faziam maiores, assentaram os padres em que Santo Ignacio fosse com dois companheiros a Roma a offerecer-se e aos mais ao papa, e que elles entretanto se repartissem ajudando o bem das almas.

Concordado assim, o padre mestre Simão com o seu companheiro foi para a cidade de Ferrara. N'esta foi que disse a sua missa nova para estar mais habilitado para o ministerio que exercitava em beneficio das almas.

Padua teve-o depois em si, e tamanha estima grangeou pela sua edificação entre os paduanos, que muito custou a estes o deixal-o partir quando teve, com todos os mais padres, de acudir a Roma para se entregarem nas mãos do Summo Pontifice.

Para um caso que narram as chronicas de uma contagião que lavrava pela cidade de Sena, escolheu o papa ao nosso padre mestre, e mais outro companheiro por nome Pascasio Broeth, e se diz que a contagião parou.

Nova missão lhe confiou sua santidade, que foi a reforma d'um mosteiro de freiras que viviam esquecidas do que deviam á perfeição do seu estado e á clausura da sua religião, o que conseguiu com destreza e grande conformidade.

E porque n'esta cidade havia uma mui celebre Universidade, o nosso portuguez lia n'ella uma lição da sagrada escriptura sobre as epistolas de S. Paulo, para que á conta da curiosidade, com que pretendia aperfeiçoar os entendimentos, viesse finalmente a lhes conquistar as vontades dos ouvintes.

Foi aqui que lhe sobrevieram umas quartãs, das quaes ainda não estava melhorado quando foi chamado a Roma para a missão das Indias.

Esta breve noticia do nosso compatriota, e a resumida relação das peregrinações em que andava no serviço e desvelo do novo instituto, devotos trabalhos que eram eguaes em todos os nove companheiros de Santo Ignacio, provam a vontade e o zelo com que elles se dedicavam, e a justiça plenamente comprovada com que o papa Paulo III n'aquelle anno de 1540 lhe confirmou a companhia em religião regular e clerical, com os votos de castidade e pobreza que já em Veneza tinham feito nas mãos do legado apostolico Jeronymo Veralo, e com o de obediencia ao que saisse por superior e pae de todos, e o de missões apostolicas onde o Santo Padre os quizesse mandar.

Estes os principaes fundamentos da sua instituição, estes os grandes serviços que no futuro tinham de prestar á christandade.

Tanto que el-rei teve aviso da chegada do padre mestre Simão a Setubal, lhe enviou um gentil-homem para o acompanhar a Lisboa onde estava a côrte.

Vindo que foi, e recebido por D. João III quando se despediu de sua real presença, ordenou el-rei que se lhe desse bom gasalhado; recusando-se o padre mestre a acceitar outro que não fosse o do hospital, e a receber viatico além d'aquelle que pelas portas pedia, pois tal era sua pratica de viver.

Ao hospital de Todos os Santos foi portanto que se recolheu, onde apesar das quartãs de que ainda soffria, continuou prégando, confessando, ajudando aos enfermos, e edificando a todos com raro exemplo.

Eram dois os missionarios que se destinaram a Portugal para as missões da India. Do primeiro já fallámos, e o temos em Portugal alojado no hospital de Todos os Santos em Lisboa. Agora vejamos qual foi o segundo sobre quem recaiu a escolha, e porque motivos não vindo a Portugal, a Providencia destinou que S. Francisco Xavier o substituisse para ser, por excellencia, o Apostolo das Indias.

Fôra o padre Nicolau de Bobadilha, que então se achava na Calabria, o indicado para companheiro de Simão Rodrigues n'aquellas longinquas missões da Asia Oriental.

Acudiu Bobadilha a Roma logo que para isso recebeu o aviso, mas tão fraco dos trabalhos da missão de que vinha, que os medicos julgaram em evidente perigo a sua vida se em tal occasião partisse para Portugal.

O nosso embaixador apertava pelo outro padre que se lhe tinha concedido, e não queria sair de Roma sem elle.

Não era de certo a S. Francisco Xavier que Santo Ignacio consentiria em apartar de si, porque até já lhe servia de seu secretario mais intimo; porém tanto instava o embaixador de Portugal, e tanto promettia ser gloriosa a conquista espiritual da Asia, que finalmente foi resolvida a sua partida para o Oriente.

Communicada ao santo Apostolo das Indias pelo outro santo instituidor da companhia a tenção de o enviar a empresa tão gloriosa, o que teve logar no mez de março de 1540, exhortações e conselhos se escusaram a quem de obediencia já havia feito voto;

e com tanta pressa se deu a cumprir a determinação que nenhuma coisa mudou da velha e pobre roupa com que se cobria, contentando-se com a remendar, e tomar algumas breves horas para dar os ultimos abraços a seus irmãos, e se despedir de alguns amigos que tinha em Roma, como diz a Chronica, sendo a primeira visita a Paulo III para lhe beijar o pé, e pedir a benção.

Com o pobre breviario debaixo do braço se partiu no dia seguinte com D. Pedro de Mascarenhas. Mas nem tão illustre companhia o desviava dos seus quotidianos exercicios de devoção, que nas estradas caminhava como se estivera no mais retirado recolhimento, acudindo com remedio a estranhos, e operando Deus por sua via os milagres de que resam os livros antigos.

A 17 de abril chegou a Lisboa o padre mestre Francisco Xavier, e a caminho se poz do hospital para visitar o seu companheiro, o padre mestre Simão, com a qual visita se diz que este ficou curado das quartãs que o affligiam.

Tres dias deixou el-rei descansar ao recem-chegado, e findos que foram, mandou chamar ambos os padres ao paço, e com elles praticou, e mais a rainha, e mais os infantes sobre os projectos do Oriente, encommendando-lhes logo que em quanto tardava o tempo da navegação para a India, tomassem a seu cargo o cuidado dos moços fidalgos que trazia em seu paço para os doutrinar nos bons costumes. Orlandino diz que estes moços eram quasi um cento.

Os padres acceitaram a obrigação, que continuou nos da companhia até ao tempo d'el-rei D. Sebastião.

Tambem S. Francisco Xavier recusou o aposento que se lhe offerecia junto ao paço dos Estáos, levantado onde depois esteve o tribunal do Santo Officio, e parte é occupada hoje pelo theatro de D. Maria II, e se foi habitar no hospital.

D'ahi providenciavam ao ensino e creação d'aquelles meninos que el-rei lhes confiara, com o que outros mais acudiram á doutrina, e com elles seus paes e parentes nos exercicios espirituaes.

Velando os dois padres parte da noite em orações e lição dos livros santos, logo pela manhã diziam sua missa, e nas primeiras horas do dia visitavam os doentes que ali tinham tanto á mão, servindo e consolando a todos, procurando-lhes o remedio corporal e espiritual, alliviando com o seu trabalho aos proprios enfermeiros no que mais penoso lhes costuma ser. Empregavam depois as horas no tracto com toda a sorte de gente que se queria ajudar na confissão, no conselho, e no remedio de seus trabalhos. Visitavam os carceres, procuravam a liberdade áquelles a quem era possivel concedel-a, prégavam, e doutrinavam.

Como a alma se arrebata ao traçar ingenuamente este sublime quadro das verdadeiras virtudes christãs!

Aqui não são precisas as pompas e as galas de um estylo guindado para fazer crer na excellencia da nossa religião. A sua virtude, infiltrando-se por todas as camadas da sociedade, apura no exemplo d'aquelles que se illustram pela humildade, as maximas sublimes que convertem e santificam.

Nem é possivel resistir-lhes quando o ministro d'essa religião se encontra tão abnegado de si que unicamente parece viver para o proximo a quem se sacrifica, para quem são todos os seus desvelos, todos os seus conselhos, todos os thesouros com que a Divindade dotou o espirito do homem christão!

Não é necessaria a tormenta do mar em que o baixel, elevando-se sobre as ondas para se precipitar depois no mais cavado d'ellas, faz acordar na alma do atheu as santas inspirações da infancia, e despertar-lhe ahi o brado intimo da consciencia; não é necessario, dizemos, esse horror da procella para fazer acreditar em Deus, e na excellencia da sua doutrina ensinada por aquelle que revelou ao mundo a sublimidade da creatura humana.

Basta o exemplo do sacerdote, santificado assim na pratica das suas virtudes para acreditar primeiramente na crença tão intima e tão viva que transforma o coração do homem domando-lhe todas as suas paixões, e crer depois n'esse espirito revelador que nos vivifica e que sómente pode ser dimanação de Deus!

Onde não ha horas da noite senão para a maceração da carne afim de que esta se não rebelle contra o espirito; onde não ha horas do dia senão para o affecto de estranhos; onde não ha momento na vida senão para o empregar no zelo do bem alheio, deve de certo haver n'esse magnifico sacerdocio uma chamma vivificante que se transmitta do increado, e que seguindo a sua natureza não possa tambem perecer.

Esta chamma luziu antes de chegar ao Golgotha; porém foi do alto d'este monte que mais brilhantemente se manifestou, e percorrendo desde então atravez as consecutivas gerações que tem habitado todas as partes do mundo, abrange com os raios da sua divina luz a amplidão dos seculos que tem de se nos seguir até á consummação dos tempos.

Esta chamma é o Christianismo!

Chegado o inverno d'aquelle anno de 1540 a côrte saiu de Lisboa para Almeirim, e el-rei levou comsigo os dois missionarios, aos quaes mandou agasalhar n'umas casas visinhas á horta do paço. Ahi se tratou, por se avisinhar a primavera, da ida dos padres para a sua missão da India, no que eram tão varias e encontradas as opiniões, que a resolução do negocio foi finalmente levada ao conselho d'estado. E porque tambem n'este não houve uma prompta decisão sobre a materia, se bem que pareceu vencer a opinião de que os dois missionarios vindos de Roma ficassem em Portugal, tudo se entregou á decisão de S. Ignacio, que determinou fosse S. Francisco Xavier enviado para a India, e se deixasse ficar em Portugal o padre mestre Simão.

Tomada esta resolução aprestou-se o Santo para tão longa viagem, como se esta se reduzisse a sair de uma para outra terra proxima, pois nem buscou melhores roupas e provisões do que as que habitualmente usava. E por seus companheiros teve ao padre Paulo Camerte, italiano, de quem já acima fallámos, e ao irmão Francisco de Mansias, portuguez.

Ao despedir-se S. Francisco Xavier d'el-rei, foi só n'esse acto que soube a grande mercê que o papa Paulo III lhe havia feito, nomeando-o seu nuncio apostolico na India, e commissario geral em tudo que fosse necessario para bem e proveito das almas, cujos breves então lhe foram entregues por mão de sua alteza.

Aos 7 de abril de 1541 finalmente se fez de vela do porto de Lisboa, em a nau Santhiago, em que ia tambem o governador Martim Affonso de Sousa, que no governo ia render a D. Estevão da Gama, irmão do conde almirante. E em conserva áquella nau iam mais quatro.

Este foi o principio da missão que tão bons fructos teve n'aquellas remotas paragens.

Aqui em Portugal, porque o padre Simão ficara pelo motivo de se fundar um collegio, dentro em pouco se lhe deu principio. Succedeu vagar o mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, situado junto ao rio Doiro, a tres leguas da cidade de Lamego. Com esta dotação que punha então algumas rendas á disposição do padre mestre Simão, se podia metter hombros ao collegio de Coimbra, cidade preferida por terem pouco antes passado para ali as escolas geraes, que estavam em Lisboa, e que foram começo d'essa famosa Universidade que tem sido honra do nosso paiz.

Aquelle mosteiro de Carquere, que se dá fundado pelo conde D. Henrique, em o anno de 1099, é o que se recommenda pelo milagre que a tradição dá succedido com o infante D. Affonso Henriques, que nascera aleijado de ambos os pés, tendo-os tolhidos e pegados pelo calcanhar, e sendo levado pelo seu aio Egas Moniz ao altar da Senhora, que ali existia n'uma arruinada ermida, logo ficara sarado.

Levantado o mosteiro foi doado aos conegos regrantes de S. Agostinho; mas pelo andar dos tempos vindo a ficar deshabitado, se reduziu a abbadia com o titulo de Commendatario. Depois veiu novamente a unir-se ao collegio de Coimbra, por bullas apostolicas. N'aquella occasião o padre mestre Simão trocou-o pela preceptoria ou commenda de S. Antão de Benespera, por preferir ter logar certo em Lisboa onde se tratassem os negocios da fundação do seminario, e acudissem os que tivessem de embarcar para a India.

Para este fim pareceu asado ao padre mestre o mosteiro de Santo Antão o velho, fundado ao pé do castello, da parte do norte, junto á Mouraria, assentado em ladeira, senhoreado de tres montes que são o do referido castello, o de Nossa Senhora da Graça, e da Senhora do Monte; e que n'aquella epoca estava deshabitado. É conhecido hoje pelo nome de Colleginho.

Ha noticia de que esta egreja fôra primeiro mesquita de moiros, purificada no anno de 1496, quando el-rei D. Manuel não permittiu aos judeus e moiros synagogas e mesquitas em Portugal. Consagrou-a ao mysterio da Annunciação e entregou-a primeiro a umas boas mulheres que viviam juntas, e se chamavam beatas da terceira ordem de S. Francisco, mas sem clausura, nem obediencia certa de prelado.

Passados annos resolveu el-rei fundar ali um convento de religiosas de S. Domingos, e para isso impetrou um breve do papa Leão x, em o anno de 1515 e quatro annos depois, no de 1519, o remetteu ao seu confessor o padre mestre fr. Jorge Vogado, então provincial da dita ordem, para determinar o mosteiro segundo os costumes da ordem. Vieram para elle as fundadoras, que foram seis freiras do convento de Jesus d'Aveiro, que chegaram a Lisboa em 12 de novembro de 1519, tomando posse d'aquella casa que seguiu denominando-se da Annunciada.

E porque se descobriu ser aquella vivenda pouco sadia, por ficar muito exposta ao norte, ao cabo de vinte e tres annos trataram as religiosas de se mudar fazendo troca com um convento que estava no valle e estrada que corria da Porta de Santo Antão para Bemfica e Nossa Senhora da Luz. Estava assentado no sitio a que hoje chamamos largo da Annunciada.

Vemos da chronica do padre Telles que quando no anno de 1400 se fundou n'aquelle sitio este mosteiro de Santo Antão, ali se chamava a Carreira dos Cavallos, por ser onde se exercitavam n'aquelle tempo os cavalleiros de Lisboa. Das Portas de Santo Antão, que ainda hoje conservam este nome, até o sitio que se chama a Annunciada, entravam as hortas, e se estendia um campo largo, raso, e comprido. Este nome de Carreira dos Cavallos se lhe dá na escriptura de doação d'aquelle terreno por João de S. Vicente e Lourença Joanna, que diz assim: — «Item, mandamos que n'uma casa com seu territorio e herdade, que temos no logar da Carreira dos Cavallos (que está entre ambos os caminhos, convem a saber um caminho por onde se vae para Bemfica, e outro por onde se vae para a Cotovia) se edifique uma egreja, uma casa, e um hospital da dita ordem etc.»

Esta ordem de Santo Antão foi instituida no anno de 1095, e confirmada pelo papa Gregorio VII. Eram conegos regrantes de Santo Agostinho, cuja regra guardavam. Ao abbade, ou superior, dava-se-lhe o nome de *Preceptor Maximus*: e d'ahi foi que aos seus mosteiros veiu o nome de Preceptorios. Havia passado da França a Hespanha, e d'esta para Portugal, onde a sua principal casa teve assento na provincia da Guarda, e se chamava Santo Antão de Benespera, que acima se disse trocado pelo de Nossa Senhora de Carquere. Já no anno de 1538, em que se approvou a troca do mosteiro com as religiosas da Annunciada, aquella ordem estava muito decaida, e no anno de 1541, nem no referido mosteiro, hoje denominado Colleginho, nem em todo o Portugal existia um unico religioso d'ella.

Mudadas as freiras da Annunciada no anno de 1539, para o sobredito mosteiro de Santo Antão, trouxeram ellas para o novo sitio o nome da invocação do seu convento, e por tal ainda hoje é conhecido o largo onde estão as ruinas da sua clausura; e o nome de Santo Antão passou com os religiosos para o que até ali se denominava Annunciada ao pé do castello. Pelo correr dos tempos, com a introducção da companhia, tambem perdeu este trocando-se pelo de Colleginho. É para notar que a porta da cidade que ia do Rocio para a Annunciada, não perdeu com a mudança o nome de Santo Antão, porque actualmente, apesar de tal porta não existir, ainda é conhecida por elle. Continuou de certo porque sobre a referida porta havia um nicho com a imagem do Santo.

Assim foi que o mosteiro de Santo Antão o velho foi parar a poder da companhia. Em 5 de janeiro de 1542 tomou posse d'elle o padre mestre Simão. Esta residencia foi a primeira casa que a ordem teve no mundo, se bem que alguns escriptores lhe assignam primasia á egreja de Nossa Senhora da Estrada em Roma. Não teve comtudo o titulo de collegio até o anno de 1552; que o primeiro por tal conhecido e denominado foi o de Coimbra, que teve principio tambem em 1542.

Passados dez annos recebeu o mosteiro de Santo Antão o titulo de collegio, nomeando-se-lhe reitor que foi o padre Ignacio de Azevedo, natural do Porto e descendente das mui illustres familias dos Malfaias e Azevedos, que prestaram á patria grandes serviços na restauração do reino por D. João I, na tomada de Ceuta, e outros logares de Africa. Havia entrado na companhia em o collegio de Coimbra no anno de 1547, e foi morto em 1570 á vista do porto da ilha de Palma, que é uma das Canarias, pelo corsario calvinista Jacques Soria, que tomou a nau Santhiago, onde elle ia com mais quarenta religiosos para o Brazil.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



O RIO USUMASINTA.

Este rio, cujo nome apenas é conhecido e o curso incerto sómente esboçado nos mappas, merece comtudo o primeiro logar entre os da America central, segundo as recentes averiguações de mr. A. Morellet. Nasce nas montanhas do Peten, ao sul da provincia de Yucatan, e atravessa de leste a oeste as solidões selvosas, onde vagueiam os ultimos individuos da nacionalidade india, recebe entre os seus affluentes o Lacantun, que poderia disputar-lhe a preeminencia; afinal depois de ter galgado o obstaculo das montanhas, abre um leito fundo nas alluviões do Tabasco e desemboca por tres ramos na lagoa de Terminos e no golpho do Mexico.

Pode computar-se em cento e cincoenta leguas pelo menos toda a sua extensão, cuja metade inferior é accessivel ás embarcações que não demandam mais de doze pés d'agua; a tres leguas de Tenosico, ultima aldêa do Tabasco meridional, o leito d'este rio ao sair das montanhas é obstruido com rochedos que interrompem a navegação absolutamente; aproximando-se do mar o declive é tão pouco que as aguas se derramam em vastos paúes, ou se escoam por alguns canaes que formam um labyrintho tão intrincado que é mui difficil percorrel-o. Nas bordas d'estes pantanos eternos cresce o precioso *páu de campeche*, principal alimento do commercio d'estes districtos; além d'isso, a terra enxuta é dotada de um vigor e força de fecundidade inesgotavel, produzindo com pouca lavoira assucar, café, tabaco, especiarias, em summa todas as producções naturaes d'este clima.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Os estudos n'este collegio principiaram por uma classe de rhetorica, humanidades, grammatica latina, theologia moral, e explicação da esphera, que é uma parte da mathematica.

A classe durava tres horas pela manhã, e outras tres de tarde. Não tinham sueto em toda a semana, e até mesmo aos domingos de tarde acudiam os estudantes a ouvir a doutrina.

A proposta d'estes estudos foi feita a el-rei D. João III, pelo provincial Diogo de Miram, que para isso recebera ordem de Santo Ignacio. El-rei fez baixar um decreto á camara da cidade propondo este negocio dos padres, ao que os vereadores annuiram pondo sómente a cidade por condição que os da compa-

nhia fossem obrigados a receber em suas escolas os filhos de Lisboa, primeiro que os forasteiros.

Indo um dia el-rei D. João a este collegio ouvir os mestres, ficou tão satisfeito que d'ahi lhe veiu o pensamento de entregar aos padres da Companhia o collegio das artes e estudos menores em Coimbra, como effectivamente poz por obra.

No anno de 1553, por creditos do infante cardeal D. Henrique, conseguiu a Companhia formar novo collegio em Evora, e em 29 de agosto d'esse anno ahi se principiaram os estudos.

Tambem data do primeiro de outubro d'esse mesmo anno a fundação da casa professa de S. Roque.

Como ao diante temos de tratar especialmente de todas as casas que teve a Companhia, deixaremos para depois mais ampla noticia d'ellas, passando agora a fallar do novo collegio de Santo Antão, que foi a principal que tiveram no reino.

Collegio de Santo Antão.

No sitio onde hoje existe o hospital de S. José estava assentado este collegio.

Para se distinguir da pequena residencia que os padres tiveram, como acabamos de ver, no sitio da Mouraria, recebeu o edificio de que vamos fallar, o titulo de Santo Antão o novo.

E o motivo que houve para esta fundação foi reconhecer-se o aperto da antiga casa, sem commodidade para n'ella se instituirem doze classes de latim, um curso de artes, uma lição de casos, e outra de mathematicas, como então projectava o cardeal D. Henrique.

Foi este infante que tomou o titulo de fundador da nova casa. Era elle n'esse tempo arcebispo de Lisboa, e proveu á sua edificação com as rendas que desannexou d'outras egrejas, e foram confirmadas pelo papa Pio v, em janeiro de 1567.

Para a fabrica ir por diante se lhe applicou depois em 1574 a obra pia da casa da India, que vinha a ser pagarem os que despachavam n'ella por cada quintal de pimenta 50 réis; e por cada quintal de canella, cravo, gengibre, massa, noz moscada, anil e lacre, 100 réis.

Antes de contarmos a escolha do local para a edificação do collegio, não virá fora de proposito já que fallámos n'esta doação da obra pia feita por el-rei D. Sebastião em Almeirim, aos 10 de Janeiro do referido anno de 1574, estamparmos o que a este respeito se lê n'um manuscripto que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. Diz assim:

«E como o Collegio posta a doação se obrigou a sustentar os mestre para as ditas classes, ficou em todo o vigor sendo contracto oneroso. E na verdade o não foi pouco para o Collegio, porque ainda que no tempo que se lhe fez a doação, e nos annos proximos que se lhe seguiram a ella fosse a renda consideravel, e mui sufficiente para sustentar os mestres a que o Collegio se obrigou; depois porém se foram achando na dita consignação muitas e grandes quebras, porque unindo-se no anno de 1580 a corôa de Portugal á de Castella ficou o reino tendo contra si por inimigos todos os que o eram de Hespanha, tomando-lhe algumas vezes as naus, e outras fazendo-as dar á costa, e a naufragar, em que vinham a faltar na Casa da India as drogas que haviam de dar a renda para o sustento dos mestres. Cresceu mais a falta depois que os hollandezes se fizeram senhores das Molucas, d'onde vinha o cravo, e de Ceylão que nos dava toda a canella que vinha a Portugal, e de Lisboa se repartia por toda a Europa. E como não só os hollandezes, mas tambem os inglezes e dinamarquezes trazem hoje da India grande copia de pimenta, não fica tendo conta vir muita a Lisboa, bastando pouca para provimento do reino: e assim não são poucos os annos, em que na Casa da India se não pesam na balança quinhentos quintaes de pimenta, sendo que em outro tempo chegavam á balança vinte e quatro, e vinte e cinco mil quintaes, com que vem a ser hoje mui diminuto o rendimento que resulta ao Collegio, pelas drogas que vem da India, dando-lhe no tempo presente maior utilidade o cravo e cacau que vem do Maranhão e Gran-Pará, porque como as ditas drogas se despacham na Casa da India, paga-se ao Collegio um tostão por cada quintal, como tambem se paga o mesmo do marfim que vem de Angola.»

Esta chronica foi escripta pelos fins do seculo XVII, e de proposito fizemos o seu transumpto, para se conhecer como já n'esse tempo o nosso grande commercio ia em decadencia, provindo a maior parte d'este mal da juncção com a Hespanha n'esses fataes sessenta annos, em que perdemos tantas e tão ricas colonias. Este commercio da India vinha todo aqui a Lisboa, para se repartir depois pelos outros reinos da Europa. Era uma riqueza que os outros estados bem nos invejaram, e se não esqueceram de nos despojar, apenas se lhes offereceu ensejo; o que a propria Hespanha, que nos tratava então como estranha madrasta, não lastimava muito, porque nos desejava abatidos e empobrecidos para melhor firmar seu predominio.

Continuemos na historia do collegio.

Decidido que foi levantar-se nova fabrica mais vasta e accommodada ao intento, procurou-se terreno onde não fosse necessario comprar muitas casas para derrubar, e se lograssem bons ares e saudaveis, com vistas largas e aprasiveis.

Descobriu-se local conveniente no alto do Jogo da Pella, comprehendendo o espaço que corria para a parte do mosteiro de Sant'Anna, que já áquelle tempo existia, e para os lados de S. Lazaro, e que eram pedaços de terra e olivaes.

Comprados esses terrenos, determinou el-rei D. Sebastião ao senado de Lisboa, em provisão de 1578, que dessem ao collegio, para cerca, um pedaço do campo que pertencia ao curral. Era o terreno que corre hoje pelo corredor de Sant'Anna, e volta pela extremidade sul do campo do mesmo nome, vindo fechar em volta ahi por S. Lazaro.

Este pedaço de terreno que se tirou ao senado foi causa de longas e fortes contestações. Apenas os vereadores da camara foram a demarcar o sitio, se levantou grande alboroto, não só pela contradicção dos visinhos empregados no curral, como do padre capellão das religiosas de Sant'Anna, que se premuniu de excommunhões contra os da Companhia e officiaes do senado. Os empregados do curral armados com pedras, e mais armas que encontravam á mão, obrigaram os padres e os demarcadores a largar o campo, e desistir do intento.

A chronica do padre Balthazar Telles diz a este respeito:

«E na verdade o reverendo padre confessor ou era mui zeloso, ou andava mui colerico, porque nenhum vagar nos dava, e tanto que ali chegavam os nossos com os vereadores, apparecia logo no mais alto do campo, e começava a fulminar excommunhões, sem cessar até que os vereadores se retiravam. Ao som das censuras do padre confessor, se meneavam as ar-

mas da soldadesca do curral, que era muita somma de pedradas, de que jogavam alegremente: facilmente se retiravam os da camara e obedeciam ás excommunhões do padre confessor, porque de muito má vontade nos vinham dar esta posse, e assim se recolhiam todos, uns fugindo das censuras, outros guardando-se das pedradas.»

Por causa d'estas contradicções, esperando os padres melhor occasião para murarem a cerca, lançaram, quasi que em segredo, a primeira pedra ao principal corredor do collegio, em 11 de maio de 1579, e pouco foi então avançando a obra.

Já o cardeal fundador tinha sobre a cabeça a corôa de Portugal, quando as murmurações recresceram pelo cabedal que ali se gastava.

Chegaram a tal ponto essas murmurações que o senado recorreu a el-rei, pedindo-lhe por mercê fosse servido de mandar desistir da obra, por não permittirem aquelles tempos fabrica de tanto custo, e que o muito que se havia de fazer no edificio do collegio seria melhor se empregasse em acudir aos que nas masmorras d'Africa, com lagrimas e gemidos solicitavam resgate para alcançar a liberdade que tinham perdido servindo e acompanhando o seu rei.

D. Henrique (que á introducção da Companhia em Portugal, se lhe não mostrara affeiçoado, mas que depois tanto a tomara em estimação que chamara aquelles padres para o seu collegio d'Evora, e fôra o fundador do novo aqui ao cimo do Jogo da Pella) respondeu ao senado, que a renda que dera ao collegio não era da corôa, porque toda a que lhe tinha applicado fôra ecclesiastica, e com beneplacito e approvação do Pontifice. Que além da dita renda não havia outra mais que a obra pia da casa da India, de que se fizera esmola com obrigação de n'elle serem mais os mestres; mas que nunca fôra sua tenção que o tal edificio se fizesse á custa da corôa, intentando sómente que os padres com o que poupassem de seus gastos, e lhes sobejasse de suas rendas fossem fazendo o collegio; e que assim podiam estar sem cuidado de que a fundação do novo collegio não havia de ser impedimento para divertir de acudir como podesse ao resgate dos que estavam no captiveiro d'Africa.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

ANOMALIA VEGETAL.

É hoje doutrina corrente em botanica que os orgãos mais complexos das plantas, resultam das transformações porque passa o orgão essencial ou embryão.

As stipulas, as bracteas, e todos os virticillos que estas constituem; o calice, corolla, estames, carpellas e sementes, todas estas partes, diversas apparentemente, não são mais que folhas livres ou soldadas, esgotadas ou espandidas, abertas ou fechadas, completas ou reduzidas a alguma de suas partes.

As investigações dos sabios tem esclarecido muito este ponto da sciencia, e a ellas se deve o conhecimento perfeito dos caracteres que servem para distinguir aquelle orgão atravez de todos os seus disfarces.

O que, porém, ainda se não tem conseguido é conhecer a lei segundo a qual estas metamorphoses se operam. Se a tanto se chegar, como é possivel, talvez resulte d'esta importante conquista o poderem-se explicar certos phenomenos organicos que, por serem pouco communs, os homens da sciencia consideram excepções da lei ou leis geraes da organisação vegetal ou anomalias.

Exponhamos as nossas idéas ácerca d'estes phenomenos excepcionaes.

A natureza adoptou na formação dos animaes e das plantas certos typos ou normas que se descobrem em todos os entes organicos. Para o zoologista não ha animal que não seja vertebrado, annellado, mollusco ou zoophyto; para o phytologista qualquer planta ou hade ser monocotyledonea, ou dicotyledonea, ou agama. Se um ente vegetal ou animal não apresenta plenamente transcriptos em si os caracteres de qualquer d'aquelles typos; se a organisação em uma ou mais partes se desvia da norma, isto é, se não condiz com a pluralidade dos entes, temos uma anomalia.

Mas, será a anomalia, como indica o nome e muitos suppõem, uma excepção ou será, como querem outros, um erro da natureza, resultante de ter ella sido contrariada e impedida na execução das leis que se impoz, por circunstancias diversas? Eis aqui dois problemas de physiologia geral ou antes de philosophia transcendente, que não estão resolvidos e que difficil será resolver.

As excepções ou são convencionaes, como as das leis humanas, e n'este caso não significam ignorancia, limitação de poder, ou insufficiencia scientifica; ou são absolutas, e então indicam as condições que não revelam as primeiras. Ora admittir que a natureza, ou, mais propriamente, que Deus, preestabelecendo as leis porque o universo se deveria reger, lhes preestabeleceu tambem excepções, é confessar implicitamente que o seu poder e sabedoria illimitada encontraram obstaculos invenciveis na execução da sua obra, que lhe foi mister respeitar. Esta hypothese repugna.

O erro, isto é, a impossibilidade de chegar plenamente ao fim proposto pelas leis preestabelecidas, o desvio forçado d'esse mesmo fim pela invencibilidade dos obstaculos ou pelo imperfeito poder do Ente Supremo, não se pode tambem admittir.

Como se devem, pois, considerar estes phenomenos em que a natureza parece aberrar da sua marcha regular e constante?

Em quanto a nós, devem-se considerar como factos subordinados a uma lei que o homem ainda não conhece nem poderá formular emquanto o numero d'esses factos fôr relativamente pequeno e não tiverem sido convenientemente observados.

Poderiamos citar muitos factos para corroborar esta nossa opinião, porém julgamol-o escusado.

Enganam-se os menos instruidos quando, ao lerem nas obras scientificas as leis geraes que regem a materia inerte e organisada, suppõem que á sua descoberta se chegou facilmente ou que se devem considerar como principios d'intuição. Pelo contrario, estas conquistas tem custado quasi sempre, muitas e mui minuciosas e aturadas observações, experiencias e raciocinios. Digam-n'o Kepler, Herschel, Galvani, Marioti, Torricelli, Newton, Galileo, Liebig, Cuvier, Carus, Dutrochet, e infinitos outros.

Repugna admittir que se dê na natureza um facto que não haja sido providencialmente ordenado e que não corresponda a uma lei.

Tanto é este o sentir dos verdadeiros sabios que até muitos d'elles tem consagrado a vida toda, com grande sacrificio e avultadas despezas, para chegarem á solução de problemas que julgam existir, mas que não sabem com certeza se existem, e que só

d'aqui a seculos se chegarão a conhecer e a resolver. Nem julguem absurda a nossa asserção.

Uma das sciencias que hoje se estuda com mais desinvolvimento e com maior perseverança e dispendio é a meteorologia.

Se perguntarmos a um meteorologista o que espera d'aquella sciencia, dir-nos-ha, cheio de esperança e confiado nos resultados que já se tem obtido, que é impossivel calcular todas as suas consequencias; mais claro, que não só poderá vir em auxilio da medicina explicando as causas do apparecimento, engravecimento e declinação de varias doenças, senão tambem da navegação aquatica e aerea, da agricultura, e hygiene, etc; e que do seu estudo deve resultar o conhecerem-se phenomenos, que ainda hoje passam desapercebidos, como passaram por muito tempo os das horas criticas, o do osone, e o das linhas isothermes, e a subjeitarem esses a novas investigações, que revelem leis novas.

Fundados nas considerações, que deixamos expostas, temos que seria um grande serviço á sciencia voltarem os sabios a sua attenção para as anomalias que apresentam os entes organicos e consideral-as sob todos os pontos de vista possiveis, afim de chegarmos, em tempo, aos resultados que desejamos e antevemos. Este estudo, porém, não é para um só individuo, nem é para poucos annos. Demanda a coadjuvação de muitos homens, sabios e dedicados.

O que se tem escripto a respeito das anomalias animaes, não esquecendo os trabalhos de Geoffroi Saint-Hillaire, é pouco absolutamente fallando, e muito em relação ao que ha a fazer a proposito do reino vegetal.

Não seremos nós os que, em Portugal, mettamos hombros a tamanha obra, mas, ao menos, convidaremos outros a que a emprehendam. Ha na nossa terra muitos pharmaceuticos instruidos que accumulam com o exercicio da pharmacia a direcção d'extensos trabalhos agricolas; ha pelas provincias muitos medicos intelligentes e conhecedores d'agronomia; ha finalmente lavradores de reconhecido merito e associações agricolas que promettem muito bons serviços á sciencia. A esses todos cumpre começar este estudo. Como elle deve ser dirigido dil-o-hemos n'outra parte. Por agora limitamo-nos a indicar-lhes dois alvitres: primeiro a descripção rigorosa das anomalias acompanhada do desenho, representando os orgãos externa e internamente: segundo a indicação de todas as circunstancias que possam concorrer para a sua explicação. Para isso estará sempre este jornal patente a todos. É pena que tendo nós publicações scientificas, sejamos a nação que menos publicidade dá ás suas coisas, resultando d'isto irmos ler em jornaes e livros estrangeiros factos que nos dizem respeito, que seus autores cá vieram estudar e que geralmente são ignorados no paiz.

Para exemplo e incitamento apresentaremos já hoje o desenho fidelissimo d'uma anomalia vegetal, cujo original teve a bondade de confiar-nos o ill.mo sr. Francisco Antonio Ferreira, rico proprietario de Lisboa, que a colheu na sua quinta de Cintra.



É um limão tendo o apice cortado por cinco profundos lobulos, que o dividem, até á terça parte do seu comprimento, em cinco porções digitiformes, recurvadas, adelgaçadas para as extremidades, que são terminadas por pequeninas pontas rijas e persistentes. Tem de comprimento desde o pedunculo até a extremidade da digitação media 0m 21 e de grossura na parte onde começam as divisões 0m 18. O modo porque as digitações estão dispostas dá-lhe o aspecto da mão d'um homem, cujos dedos meiminho e pollegar estivessem aproximados pela flexão da palma, estando o indicador um tanto sobreposto ao pollegar, o maior no meio d'elles, e o annelar encostado por de traz do meiminho. A côr, cheiro e aspecto do epicarpo são normaes. Em todos os limoeiros da quinta só appareceu esta anomalia; os outros limões eram naturaes.

Não o abrimos, como desejavamos, porque o cavalheiro que teve a benevolencia de nol-o confiar tinha gosto de conserval-o intacto, e por isso não podemos dizer nada positivamente da sua estructura interna. É provavel que houvesse separação das carpellas em cinco grupos, resultante cada um da união de varias d'ellas, e que estas carpellas abortivas e separadas se desinvolvessem formando os cinco prolongamentos; ou que o epicarpo, que alguns botanicos consideram como mero prolongamento da casca do tronco, se dobrasse para dentro como acontece com a placenta, quando forma os falsos dessipimentos no ovario, e que atrophiasse as carpellas na totalidade ou em parte, subtituindo-as. Por serem as digitações em numero egual ao das divisões do calice e ao das petalas, e por terminarem em ponta lenhosa, que provavelmente é formada por um feixe do estylete, pode ter-se por mais plausivel a primeira hypothese.

Esperamos que os nossos collegas nos transmittam quaesquer noticias, relativas ás doenças das plantas, as quaes gostosamente publicaremos.

JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

IX

Os ensaios de Elpino são tão variados, e abraçam aspectos por tal modo oppostos, qué não é empresa facil para a critica acompanhal-o.

Na impaciencia de assignalar o engenho, tentando os generos mais diversos, o poeta fecha os olhos voluntariamente, e arroja-se com ousadia, sem consultar a indole, não o assombrando nem o grande vulto dos mestres, que lhe deveriam impor respeito.

As suas elegias, e propriamente dita não se publicou senão uma, confirmam, a nosso ver, este severo conceito.

O poema pretende memorar o terremoto de Lisboa, mas apesar de encurtado e pulido depois, não se recommenda pelas qualidades do estylo, ou pelo grandioso das idéas; falta-lhe mesmo a correcção, que se encontra em outros cantores de menor fama.

O espectaculo sublime que descreve, não acendeu na mente ao vate aquella divina chamma, que illumina de clarões sinistros, porém admiraveis, a pintura do incendio de Troya nos bellos versos de Virgilio; pelo contrario as declamações, que lhe soccorrem a frouxa inspiração, não passam de usadas e conhecidas muletas, indignas do assumpto, e do talento do Diniz.

As imagens, umas frias, outras descoradas, e quasi todas improprias, salvos raros versos, desafinam a cada passo, e pouco honrariam até a lyra noviça de um principiante.

Escripta em tercetos, a poesia não tem o vigor e a elevação, que tornou immortaes os carmes, fundidos em bronze, que a ira do Dante insculpiu vingativa na entrada do abysmo de dôres, aonde nem a esperança, sempre a ultima a deixar-nos, se atreve a penetrar!

Não exageramos. Lendo-se de animo tranquillo, e com proposito firme de benevolencia a elegia de Elpino, custa a crer que o mesmo homem seja o emulo de Pindaro e Anacreonte, e o competidor não offuscado de Boileau!

Daremos alguns exemplos para que não supponham, que receiamos a confrontação dos metros censurados.

Eis o exordio:

Ai que funesto objecto, e que horroroso
Estão aos olhos offerecendo,
As ruinas que observo lacrimoso!
Que enorme confusão! que estrago horrendo!
Onde a idéa esmorece, e duvidando
Quasi fica do mesmo, que está vendo.
Será este, que absorto estou notando,
O misero destroço de Corintho
Ou de Numancia o estrago miserando?

Bem se vê, que o debil ardor do poeta se desvanece logo, apenas alinha e perfila algumas exclamações theatraes, — das mais corridas e communs.

À magreza da invocação corresponde o resto.

Querendo traçar em esboço o painel da scena de infortunios, que dentro em minutos converteu a capital opulenta em um deserto de ruinas, e miserias, não achou o Diniz melhor, do que os tercetos, que seguem!

Das entranhas da terra a fronte irada
O sulfureo vapor subito alçando
N'um ponto só te reduziu a nada.
Ai que scena de horror! Que aspecto infando
À consternada idéa me apresenta
Esse instante fatal e miserando!
. . . .
Caem os altares, cae o santo templo,
Deixando nas ruinas sepultados
O povo e sacerdotes, triste exemplo!

A outra elegia, extrahida de uma obra em verso e prosa, que o autor não chegou a concluir, e que desejava moldar pela *Luzitania Transformada*, é mais um canto pastoril, com assomos delicados de ternura, do que um ensaio no gosto de Tibulo, e dos traslados romanos.

Coisa notavel! N'esta admiram-se os rasgos de imaginação, as bellezas de phrase, e as côres animadas, que a primeira só nos offerece por excepção!

Os tercetos, em que tambem se acha metrificada, parecem de outra musa, tão faceis e harmoniosos se desatam! As allusões são finas, as pinturas risonhas ou melancolicas, segundo pede o objecto, não esmorecem, e a paixão que se lastima em amorosas endeixas pela bocca do pastor, não desmente na doçura e no requebro as mais enlevadas queixas dos namorados cantares de Rodrigues Lobo.

Para se notar a differença, abrindo o livro ao acaso, apresentaremos algumas amostras, tanto do descriptivo, como do monologo.

Ali se vêem nascer entre outras flores
O vaidoso Narciso, que inda agora
Em as aguas contempla seus amores.
O Jacinto infeliz, que Phebo adora,
Clicie, que a luz do sol segue constante,
E o moço, por quem Venus inda chora.
. . . .
Andam na selva os passaros aos pares
Voando d'um raminho a outro raminho,
De harmonia enchendo os ares.
. . . .
A mellifera abelha, susurrando
Colhe das lindas flores o rocio
Que vae em doces favos transformando.

Estas são as tintas do quadro, com o desfavor, assim mesmo, de sairem truncadas.

Escutemos agora os delirios queixosos do pastor magoado.

Quantas vezes suspenso no que via
Receei que as venturas, que lograva,
Fossem só illusão da phantasia!
Com menos ancia a vide se enlaçava
No verde olmo apertando os fortes laços,
Com que no amado tronco se enredava;
Do que nós em suavissimos abraços
Entre aterradas ancias e suspiros
Formamos a prisão de nossos braços!

A rima é pobre, e a phrase pouco opulenta, não o ignoro; mas, respira-se em ambos os trechos tan-

to á vontade o perfume do campo, e aquella saudade entristecida e intima do passado, que é o maior espinho do presente, quando chora o que perdeu, que as nodoas e os defeitos desculpam-se levemente.

Estes versos do Diniz, muito superiores a milhares d'elles, que admittiu na sua collecção de Idylios. levam-nos a deplorar, que a morte, ou a indifferença, deixasse interrompido o livro, em que haviam de figurar.

São visiveis de certo as reminiscencias do estylo da *Luzitania Transformada*, percebe-se que Elpino conservava o modelo diante da vista; porém, não se pode negar, que o excede em partes — e que o todo se não baixasse das proporções guardadas n'este genero promettia á Arcadia um primor cuja valia n'aquelle tempo não tinha preço.

O genio de Ovidio, talvez o mais fecundo e engenhoso de toda a antiguidade, no poema das *Metamorphoses*. não suspendeu, nem desalentou Elpino.

Medindo-se com o poeta da *Arte de Amar* na obra mais louvada, e mais digna de o ser, não duvidou travar a luta com a certeza de ficar vencido.

Nas doze Metamorphoses, que deixou compostas, e que todas se referem a scenas, cujo theatro é a natureza luxuosa e esplendida do Brazil, Antonio Diniz, apesar da immensa distancia que o separa do modelo inimitavel, nem por isso desmerece do conceito, que lhe grangearam as outras tentativas, menos arriscadas.

Ha trechos nas poesias *americanas*, tão ricos de colorido, e tão apaixonados nos affectos, que ainda viveriam hoje na memoria, se a lima, por esquecida, os não houvesse despresado.

O que n'ellas fere mais o gosto é a falta de correcção. À força de preferir a abundancia á madureza, o cantor não se lembrou de que a gloria, que permanece, nunca doira senão os monumentos.

Se os livros gregos e romanos atravessaram os seculos, saudados pelo elogio de todas as edades, é porque a casta formosura, e a perfeição de todas as partes, os tornou com motivo a admiração e o desespero dos imitadores modernos.

O grande merecimento do Garção consistiu no tacto melindroso com que transportava as bellezas horacianas, e os rasgos delicados da musa latina para as galas laboriosamente calculadas da lingua poetica de Camões.

Infelizmente Elpino não seguiu os exemplos do consocio, nem os preceitos do mestre. Para onde o chamava a phantasia para ahi corria sem olhar para traz, sem attender aos obstaculos, sem antever o precipicio.

Em castigo alcançou-o a pena que tambem puniu em Bocage egual delicto; coisas que purificadas das impurezas do primeiro impeto nunca seriam olvidadas, passaram como fugitivas.

Competir com Ovidio no genero, em que o desterrado do Ponto não conheceu rival, era já temeridade; mas, em presença dos episodios, de que o vate romano matiza o tecido incomparavel da sua fabula, desleixar o pincel, distingir as côres, e empastar ás vezes as figuras, equivale a erro voluntario, e não admitte escusa.

Curvo Semedo, que tambem se atreveu ao mesmo arrojo, não se descobriu com tanto orgulho, ou antes, não tratou assim de resto o seu nome e fama.

Nas sete Metamorphoses que estampou, a critica acha menos que censurar em referencia á forma, ao passo que não pode deixar de reconhecer em Elpino maior elevação, e mais feliz atrevimento na contextura e no desenho dos poemas.

E não nos accusem de levianamente levantarmos o gigante para com elle suffocarmos a obra que estamos examinando.

Não!

O paradoxo nunca nos seduziu, e não quebraremos em sua defesa as lanças de nenhum torneio.

Exigir de algumas scenas avulsas, traçadas quasi ao acaso, durante os ocios de penosos estudos, a graça, a correcção, e a frescura que sobresae nas admiradas pinturas de Ovidio, fôra exagerado, além de absurdo.

O fio magico e transparente, que liga entre si tantas historias oppostas, ás vezes, e sempre diversas, só por um prodigio de arte se chega a atar, e depois do Ariosto ninguem possuiu o segredo de o entretecer!

Tirar a unidade do cahos de mil contrarias fabulas, e no meio de um labyrintho inextricavel de lances maravilhosos graduar a luz, accommodar os successos, e regrar o interesse de modo, que nunca escureça a narração, nem as perspectivas se confundam, é vencer juntos em um só combate todos os perigos, que a invenção audaz pode conceber e desafiar.

De mais, para o autor dos *Tristes* o supremo escolho era a monotonia dos desenlaces analogos, uns já vistos, outros presumidos, terminando todos forçadamente pela transformação do protogonista.

Para variar os tons, e figurar como novos, pela phrase e colorido, tantos episodios, estreitamente apparentados no desfecho, que esforço de estylo e de expressão, que flexivel e imaginosa phantasia não carecia de empregar!

Sem fadiga, e brincando com as tintas da sua palheta, Ovidio zomba das difficuldades e subjuga-as. Agora sublime, depois apaixonado, logo risonho e brando, se vos abre por um momento as portas do palacio do Sol, e vos deslumbra, d'ahi a pouco, levando-vos pela mão, pára e mostra-vos em Philemon e Baucis uma belleza ideal e suave, ou em Ceyx e Alcione, em Ajax e Hecuba as lagrimas desaffectadas de uma dôr pathetica.

Não queriamos que Elpino egualasse o mestre; seria exigir o impossivel; mas desejariamos que pozesse os olhos mais attento nas suas bellezas, e que não cobrisse de tantas sombras a propria obra.

De necessidade a copia havia de ceder ao original; o lavor esmerado de um grande cantor do seculo de Augusto, quando elle empenhou todos os poderes para realçar, seria quasi loucura esperarmos que se repetisse nos versos de uma imitação, que não animavam os sentimentos e as crenças poeticas da epoca finda.

Assim mesmo, e resalvando os defeitos que observámos, as doze Metamorphoses do Diniz offerecem mimosos trechos, e quadros de finos toques.

A segunda, dedicada a José Antonio da Silva, e intitulada «O Cristal e o Topasio,» é a narração da catastrophe, em que triumpha o pejo de uma fragueira nympha, invocando os deuses, da bruteza lasciva de amoroso Silvano.

A descripção da isempta formosura, que ateou o incendio no peito ao Satyro, brilha pela viveza e frescura, embora lhe falte a novidade:

Mais alvos do que a neve, que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada bocca

Dos cravos e das rosas a côr viva,
Dos olhos doce encanto, lhe brilhava:
E sobre o collo de alabastro fino
Em crespos fios de oiro lhe ondeava
O comprido cabello solto ao vento.
Amor travesso, que em seus olhos mora,
Tão vivas chammas d'elles despedia,
Que n'elles sem allivio se abrasavam
Os tristes corações de mil amantes.

Na primeira «A Tejuca» o poeta assenta a ficção no quadro de outra nympha, caçadora tambem, que fugindo á sanha de um tygre, entre o abysmo que se lhe despenha aos pés, e as garras da fera, que já sente quasi em si, eleva aos ceos os olhos e a voz.

Os numes compadecidos escutam a supplica; opera-se o prodigio; e o corpo gentil, desfeito em arroios e cascatas, escapa ao perigo, perdendo a forma.

Disse, e subitamente de seus olhos
Em borbolhões rebentam duas fontes:
Pelo nevado collo gotejando
Os seus soltos cabellos se convertem
De cristallino humor em longos fios:
Dos estendidos, torneados dedos
Ao mesmo tempo aos livres ares pulam
Borrifando de em torno as verdes plantas,
Outros tantos esguichos de agua clara:
E em dois ferventes jorros pouco a pouco
Resvalando lhe vão os pés formosos.
Em fim, qual d'alta serra a branca neve
Com os raios do sol cae derretida,
Despenhando se vae pela agra serra
Toda em agua Tejuca transformada.

A «Rosa do Matto» ou Araciba e Guaçu, a oitava da collecção, pecca nos mesmos defeitos das precedentes, e como ellas encerra lances e imagens de verdadeira e sentida poesia.

Mais contrahida, mais retocada em partes, apurando-se em lhe cinzelar melhor o estylo, e distribuidas a luz e as sombras com maior artificio, esta seria sem duvida um dos primores, uma das joias da corôa do Diniz.

Apesar d'isso, e tal como a deixou, ainda pode reputar-se uma das formosas paginas das suas obras.

Guaçu, chamado ás armas, em quanto a ternura o prende nos braços de Araciba, vê-se obrigado a separar-se á voz da patria.

Cem vezes foge á esmorecida amante, e outras tantas volta, sem forças de a perder!

Parte, finalmente, e os olhos d'ella não se cansam de acompanhar o baixel, desfeitos em pranto, até a distancia lh'o esconder.

Entretanto o mancebo, debruçado sobre a entalhada pôpa, como que deixava a vista aonde deixava a alma.

Os dias passaram para ambos tristes e pesados como a ausencia, e conversando com a saudade é que os dois podiam alliviar a magoa.

De repente rebenta a vaga noticia de uma crua peleja, na qual Guaçu, e os mais valentes, tinham vendido cara a vida, combatendo.

Os extremos da desditosa donzella, a dôr aguda que lhe atravessa o peito, e a vehemencia delirante da sua desesperação, descreve-as o poeta com grande calor de affectos, e bellissima viveza de tintas.

Eis alguns dos passos mais sentidos:

No mais vivo da dôr se lhe figura
Ver a Guaçu, em sangue e pó involto,
D'entre um montão de mortos levantar-se;
E por ella chamar com mestas vozes.
. . . .
Da noite o resto passa: porém logo
Que a assomar começa a rôxa aurora,
Do coldre uma setta arrebatando,
Pallida e furiosa sae da aldêa,
Ao porto se endereça, e ali chegando,
Depois de um curto espaço estar suspensa,
D'esta sorte exclamou; Guaçu amado,
Este foi o logar onde tão triste
A extrema vez te vi, e onde mais triste
Nas mãos da saudade me deixaste.
. . . .
D'aqui tambem será, d'onde minha alma
Parta a buscar a tua! Então alçando,
Para o peito cravar, o braço e a setta,
Sem o poder dobrar, no ar lhe fica
Alçado o braço, e n'elle a dura setta.
As plantas quer mover, e as leves plantas
Pesadas se lhe tornam, e se enterram
Na fria terra; o corpo se adelgaça,
E em viçoso arbusto emfim se torna
De folhas e alvas flores guarnecido.

Depois da transformação da amante, Guaçu torna victorioso, desmentindo a falsa nova. O golpe, que o fere, enlouquece-o. Corre ao sitio aonde floresce o arbusto, e:

Ali com tristes lagrimas o rega
E entre suspiros mil as suas folhas
Suas mimosas flores cego beija.

Novo prodigio! Ao ardor dos osculos, e das caricias:

Ellas que até ali a branca neve
Na alvura imitavam, de repente
. . . .
Vermelhas se tornaram; dando mostras
De que inda em nova forma convertida
Araciba com vel-o e seus extremos,
Se alegra, folga, e dentro em suas fibras
De amor o antigo fogo nutre e sente.

Já o dissemos, lutar com a gloria de Ovidio, em um genero, em que não deixou herdeiro, era impossivel; mas, occupar abaixo d'elle um logar distincto, e sobresair, seria coisa facil para Elpino se disciplinasse a musa, e precipitasse menos a indole fogosa. As obras mais elogiadas nunca sairam completas e perfeitas do primeiro jacto.

Antes de encerrarmos este estudo pela apreciação do poema heroi-comico o—«Hyssope», resta-nos examinar com summa brevidade o merecimento de Antonio Diniz no genero, em que Esopo, Phedro, Pilpay, e Avieno deixaram nobres modelos, e em que um só autor, Lafontaine, realça acima de todos de tal modo, que os offusca, e quasi os faz esquecer.

Bocage e Curvo Semedo, tambem experimentaram a aptidão, um com a sua facilidade inquestionavel, e o outro com o seu talento solido, vestindo de galas portuguezas os assumptos, que o poeta latino, e o francez tinham já enriquecido.

A versão de Filinto Elisio vulgarisou depois, mas forçando o estylo e a lingua, a lição agradavel do risonho moralista de Paris.

Se a contenda se disputasse entre Belchior, Elmano, e Diniz, de certo que o ultimo seria o vencido,

porque dos dois qualquer o excede muito em narrar com mais sal, e em esboçar com engraçada e singela rapidez, guardando as verosimilhanças á physionomia e costumes dos animaes, postos em scena para instruir.

Mas aonde se levanta o engenho sem rival de Lafontaine, unico e incomparavel perante os antigos e modernos, a luta não pode ter logar, e toda a comparação decae por falta de base.

Elpino, quer desconfiasse de si, quer preferisse, na paixão classica o exemplo greco-romano, afinou o gosto pelas paginas de Phedro e Esopo; por isso as fabulas compostas por elle, por seccas, e magras no desenho, esmorecem a miudo, distingidas da feição alegre e familiar, que a locução pittoresca, brandamente maliciosa de Lafontaine empresta ás suas.

Não ha ali quadro, ou imagem visivel da natureza campestre, nem caracteres pintados do vivo, nem aquella sensibilidade fina e avivada pelo chiste picante da phrase, que farão sempre do autor dos *Contos*, o poeta estimado e o conselheiro valido de todas as epocas e edades.

Em vez da moralidade nua e simples de Esopo, e da pureza concisa, e irreprehensivel de Phedro, na collecção do amigo de Fouquet a verdade, chistosa e amavel, insinua-se por todos os poros da narração, e quer louve, quer estranhe, nunca perde o ar de riso, e o tom galhofeiro, senão em dados momentos, para se elevar ao sublime, como no apologo admirado do «Leão e do Mosquito,» ou para se enternecer com desaffectada melancolia, deslisando-se-lhe uma lagrima sobre o verso, como na linda fabula dos «Dois Pombos.»

Dotado d'um juizo perspicaz e d'uma razão firme, Lafontaine, creando as monarchias e as republicas do reino animal, compoz um mundo novo, aonde as vaidades, o ridiculo, e os vicios contrastam pela seriedade comica do estylo.

A allegoria, veo transparente, e caprichoso, só esconde a meio a allusão para lhe tirar o cunho acerbo de pessoal.

Nas scenas que figura, tudo é natural e acabado, tanto no caracter e no dialogo dos interlocutores, como na resumida acção dramatica.

O mesmo Tartufo teria que aprender na adocicada hypocrisia do gato, preso na rede, quando procura persuadir o rato a que lhe roa as malhas, dizendo-o a menina dos seus olhos, e affirmando, que se tinha saido tão cedo fóra só para fazer oração, como era dever e uso de tão devota creatura!

Elpino, ignoramos porque, preoccupou-se pouco do traslado francez, e só estudou as paginas de Esopo e de Phedro.

De ordinario reduz a allegoria a um esboço fugitivo, e inscreve-lhe depois a moralidade.

Eis para exemplo do seu methodo o III Apologo.

Uma aguia generosa a uma andorinha,
Motejando dizia: forte presa,
E forte bico tens, ave mesquinha!
Teu genio ver de perto o sol despresa,
Voando á terra sem cessar visinha:
De taes dons graças dá á natureza.
Mas em quanto vaidosa assim discorre
Ás mãos d'um caçador a triste morre.

Para darmos idéa da riqueza de estylo, com que Lafontaine sabe animar as scenas dos seus apologos, citaremos da fabula do Leão e do Mosquito, a formosa descripção da furia do rei dos animaes, vendo-se escarnecido pelo mais vil dos inimigos.

É um espectaculo, a que nada falta, desde a harmonia imitativa até á expressão energica e pittoresca.

Le quadrupède écume, et son oeil étincelle;
Il rugit; on se cache, ou tremble à l'environ,
Et cette alarme universelle
Est l'ouvrage d'un moucheron.
Un avorton de mouche en cent lieux le harcelle;
Tantôt pique l'échine, et tantôt le museau,
Tantôt entre au fond du naseau.
La rage alors se trouve a son faite montée.
L'invisible ennemi triomphe, et rit de voir
Qu'il n'est griffe ni dent, en la bête irritée,
Qui de la mettre en sang ne fasse son devoir.
Le malheureux lion se déchire lui-même,
Fait résonner sa queue à l'entour de ses flancs,
Bat l'air, qui n'en peut mais; et sa fureur extrême
Le fatigue, l'abat; le voilà sur les dents.

Francisco Manuel na sua versão não nos parece muito feliz, quando tenta transportar para a nossa lingua as bellezas do mais intraduzivel dos poetas.

Note-se como o velho Filinto, não podendo orçar pelo original, o ladeia, e para se vingar, empenha todas as opulencias do seu thesouro.

Embalde! Os toques sublimes de Lafontaine tem o relevo da dicção familiar, e basta que a sua penna deixe cair um vocabulo cheio de sal atico para a transição ficar caracterisada, e a narração volver ao tom que lhe é proprio.

Trombeta de si mesmo, e seu heroe, (1)
Toca a investir; e pondo-se de largo,
Lança as linhas, e atira-se ao pescoço
Do leão, que enlouquece,
Que espuma, que nos olhos relampeja.
Ruge horrendo, e pavor em roda infunde,
Tão rijo, que estremece, e que se esconde
Toda a gente.—E era obra de um mosquito
Tão insolito susto.
Atormenta-o essa esquirola de mosca,
Que ora belfas lhe pica, ora o costado,
Ora lhe entra nas ventas.
Então lhe sobe ao galarim a sanha,
Então triumpha, e ri do seu contrario
O invencivel, de ver no irado bruto
Que dentes, garras, em laval-o em sangue
Seu dever desempenham.
O coitado leão se esfola, e rasga,
Dá n'um, n'outro quadril co'a cauda estalos,
Fere, a mais não poder, co'açoite os ares.
D'esse extremo furor, que o cansa, e quebra
Fica prostrado e torvo.

Diniz fica bem longe do fabulista incomparavel, e mesmo do traductor, que mais de perto lutou com as difficuldades de lhe imitar o gosto e as locuções.

Mas se n'esta liça perdeu o escudo, e rendeu as armas, quando propoz combate á musa satyrica de Boileau, não descora, e sae da peleja não só brioso, mas em partes com vantagem e louvor até.

Nem tudo é para todos, e Elpino, esquecendo-o frequentemente, arriscou-se a caír, aonde nem sequer devera ter pisado.

Continua.

L. A. Rebello da Silva.

(1) O Mosquito



TEMPLO DE CANON.

No Japão e na India ha monumentos religiosos muito mais celebres e reverenciados uns do que outros, e onde se vae de romaria como os musulmanos a Meca. De alguns do imperio do Japão já temos fallado n'este mesmo volume. De ordinario são edificados fora do recinto das cidades, sobre eminencias nos mais bellos sitios, e precedidos de magestosas alamedas de cyprestes.

Na entrada estão de ordinario collocados os dois cães Koma-inu, e ante o santuario de Ten-sio-dai-sin, os seus dois companheiros Fino-o (rei do fogo) e Mitza-o (rei da agua); as imagens d'estes dois personagens são levadas em todas as procissões feitas em honra da deusa. Porém, no interior nenhum idolo se vê, nem figura que se presuma representar o Ente Invisivel e Supremo, postoque em muitos se conserve dentro de uma caixa uma pequena imagem, que é de alguma divindade secundaria, á qual foi consagrado o edificio. Frequentemente põem no centro do templo um grande espelho de metal polido, que tem por objecto lembrar aos devotos que assim como as maculas do corpo se retratam fielmente no espelho, os defeitos da alma não podem esconder-se á vista penetrante dos immortaes. O soalho é coberto de esteiras de palha. Para o serviço de cada templo ha uma grande multidão de padres, cujas funcções se limitam a manter o aceio no logar santo, acender as alampadas e cirios, e renovar as flores e incenso.

São numerosissimos no Japão os templos, e lhes chamam *mias;* no tempo do viajante Koempfer havia nada menos de vinte e sete mil e setecentos, contando sem duvida as capellas dependentes dos templos principaes; ainda que de simples construcção, não deixam de formar, juntamente com as habitações dos sacerdotes, edificios mui vastos; e consistem em muitos aposentos e corredores, apresentando o frontispicio portas e janellas, que se podem tirar quando se queira.

Os tectos tem de cada lado um corpo saido para fora e sufficiente para formar uma galeria que rodeia o templo, debaixo da qual o povo passeia. Um dos mais antigos, porém ao mesmo tempo um dos mais pequenos d'aquelle imperio, é o de Isia, consagrado á divindade suprema Ten-sio-dai-sin; está quasi a cair de velho, apesar do cuidado que tomam em o escorar; attrahe prodigiosa quantidade de peregrinos, porque tanto homens como mulheres devem fazer esta romaria uma vez na vida, seja em que edade fôr, e muitos devotos a fazem todos os annos.

Sem repetirmos o que temos escripto largamente n'outras partes d'esta collecção a respeito da religião de Budha, basta recordarmos que nas suas divindades figuram, em primeira ordem, o deus Amida ou Xaca, e seu filho Canon; a este ultimo é dedicado um dos templos mais notaveis do Japão, sito proximo de Osaka, edificio elegante, cercado de jardins magnificos, e servido por duzentos pa-

dres, que todos habitam nas dependencias do templo.

M.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

I

Bordejavamos em gaveas, papa-figos e joanetes, sob o abrasador sol do Equador; ainda estava á vista a formosa ilha de S. Thomé, d'onde haviamos largado, algumas horas antes, com destino a Loanda; e com uma fraca aragem do sudoeste, nos afastavámos vagarosamente da terra.

O mar parecia um espelho; no ceo não se enxergava uma só nuvem; o ar era tepido, como costuma ser n'estas paragens, sempre que não ha ventania; e as anteparas do navio rangiam compassadamente ao doce embate da agua contra o costado.

A marinhagem encostava-se pelas amuradas, bocejando, e a officialidade conversava pouco ruidosamente em volta do cabrestante, quebrada tambem pela molleza que aquella atmosphera abafadiça communicava aos corpos.

O commandante, de pé sobre o degrau do catavento, olhava, ora para o horisonte, d'onde esperava vento mais fresco e mais largo, ora para a terra, que tão lentamente, para os seus desejos, se ia apartando de nós.

Navegavamos de bolina cerrada, com a amura a estibordo, fazendo próa de susoeste, e a barquinha indicava que o navio apenas seguia duas milhas e meia por hora, promettendo á tripulação uma noite de socego, d'essas noites fastidiosas para o homem do mar, quando não vem depois de muitos dias tempestuosos.

Um successo inesperado, ainda que insignificante na apparencia, veiu de repente acordar a guarnição, que parecia entorpecida pelo somno; era a voz do contramestre, que vigiava á próa, transmittindo a todo o navio uma noticia importante para o nauta:

—Ahi vae uma garrafa lacrada, por estibordo!

O commandante olhou immediatamente para o mar, e viu com effeito a botelha, que continha em si, talvez, a historia de um naufragio, de uma descoberta, ou de uma revolta a bordo; sem perder tempo, como é mister em todas as manobras navaes, bradou para o timoneiro:

—Orça!... de ló todo o leme!

E logo, volvendo-se para a chusma, accrescentou com voz clara e vibrante:

—Carrega papa-figos... chega muita gente para os estingues... Vá... ligeiro!

N'um momento, os moitões rangiam com o attrito dos cabos, e a vela grande e o traquete subiam, franzindo-se, como um panno de theatro.

—Larga bolinas de ré, proseguiu o commandante, ala braços, grande e gavea a bombordo... Olha o que pega n'esse joanete!... Bom; assim; volta. Arria a escota á bujarrona!

E o brigue perdeu instantaneamente o pouco seguimento que levava.

—Arria um escaler, continuou ainda o capitão; salta quatro homens ali... Senhor tenente, accrescentou, virando-se para mim, salte tambem, e tragam aquella garrafa.

De um pulo estava dentro do escaler, e quatro forçosos remadores o faziam vogar com ligeireza na direcção do fragil vidro, que talvez já houvesse arrostado com cem temporaes. Mal se enxergava a espaços, apesar do espelhado das aguas, porque o tempo necessario para executar a manobra de *atravessar*, posto que levada a effeito com promptidão, sempre nos afastara bastante do mysterioso viajeiro.

Começava a escurecer, e todos sabem como n'estas lattitudes a noite succede ao dia, quasi sem interrupção crepuscular—essa tão saudosa hora da tarde nas zonas temperadas!—As trevas desciam como um funereo crepe sobre os horisontes, e tingiam de azul ferrete a superficie do mar, escondendo-nos de todo a procurada garrafa.

O navio tambem já nos ficava longe; porém o commandante que seguia com a vista o escaler, mareou novamente, e virou de bordo, navegando com pouco panno em direcção a nós.

Isto animou-nos a não desistir da caça. Guinada para bombordo, guinada para estibordo, lá fomos buscando, por entre as sombras da noite, aquelle pequenino objecto, perdido nas solidões do oceano. A empresa, comtudo, era já muito difficil.

Afinal o brigue aproximou-se de nós por estibordo, e quando já mais descoroçoados estavamos de alcançar o fim proposto, ouvimos o commandante, bradando pelo porta-voz:

—O do escaler! Rema de bombordo, cêa de estibordo, que a garrafa está aqui pelo travez do brigue.

E nós logo executando a manobra ordenada.

—Assim, continuou o capitão, direito ao portaló... Ella ahi está!...

De feito, a botelha roçava pelo escaler; lancei-lhe a mão, e confesso que poucas vezes tenho tido egual alegria á d'esse momento. —Aqui dentro está um romance tenebroso! dizia eu comigo mesmo, apertando a garrafa com ambas as mãos, e impaciente por me ver a bordo do brigue, e fazer cair o veo d'este mysterio.

Se não fosse a vista experimentada de um maritimo de profissão, com o poderoso auxilio de um oculo de noite, a garrafa não teria sido enxergada de bordo do navio, e muito menos do escaler que, mais raso com as vagas, não podia alcançar tão longe, e já ia fora do necessario rumo.

Em tal caso, quantos annos andaria ainda sobre as ondas aquelle silencioso nadante, ou se iria quebrar-se nas agudas pontas de algum rochedo deserto, sumindo na voragem do oceano, para sempre, talvez uma historia importante, talvez a explicação de um enigma maritimo!?

Quando atraquei a bordo, fui recebido ao portaló por todos os officiaes, que estavam anciosos por ver o curioso achado; alguns queriam mesmo alli quebrar a garrafa, e conhecer o seu conteudo. Entendi porém que devia entregal-a intacta ao commandante, e corri para a pôpa do navio.

O capitão ordenava que içassem o escaler, para o que mandara de novo *atravessar*. Depois, cedendo o logar do catavento ao official seu immediato, disse-lhe que em estando o escaler nos turcos, pozesse na outra amura, e *orçasse o que o vento desse*. Em seguida dirigiu-se á luz da bitacula, e pegando na garrafa com certa emoção, quebrou-lhe o gargalo com uma malagueta de ferro, apparecendo então a descoberto a extremidade de um rolo de papeis, perfeitamente bem conservados.

Officiaes, marinheiros, soldados, cercavam o commandante, em religioso silencio, anhelantes por ouvir ler aquelle manuscripto, e phantasiando de antemão mil historias, a qual mais lugubre e pavorosa.

O capitão tirou vagarosamente o rolo de papeis de dentro da garrafa, e antes de cortar o *fio-de-vela* que o enleava, disse, sorrindo:

—E se isto estiver escripto em lingua que nenhum de nós entenda?

—Ler-se-ha em terra, respondi eu; todavia ha a bordo quem conheça os principaes idiomas da Europa.

—Ora vejamos se nos sae chim ou siamez...

E dizendo isto, o commandante desenrolou os papeis, e achou no topo da primeira pagina estas palavras em portuguez clarissimo:

« Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo para sempre! »

—Amen! Accrescentou o capitão; e sentando-se sobre um paiol volante (dos que costuma haver, com polvora, na tolda)— Graças a Deus que todos nós intendemos este idioma, disse ainda com ar risonho; e mudando em seguida de modo e de entonação, começou a ler, com gravidade, o manuscripto que tinha nas mãos, e que resava assim:

« Seja louvado Nosso Senhor
Jesus Christo para sempre!

Bordo da galera *Amazona*,
7 de março de 1831.

« Eu Carlos Antonio Pedroso, segundo piloto d'esta galera, e hoje, e talvez por poucas horas, seu unico tripulante, vou escrever a minha confissão geral, que depois confiarei ás ondas, e peço a quem quer que encontrar este manuscripto lhe dê a possivel publicidade, para que as orações dos fieis me livrem do purgatorio, já que não tenho aqui um sacerdote que me deite a absolvição. »

Em quanto o commandante voltava a primeira folha, que não continha mais do que este curto prologo, os marinheiros tiravam successivamente os chapeos, e resavam em voz baixa o seu *pater* pela alma do piloto.

Logo depois o capitão proseguiu a leitura n'estes termos:

« Nasci na rua da Paz, em Lisboa, e morrerei, provavelmente, no oceano, entre 9 e 10 graus de latitude sul, e em 23 graus, proximamente, de longitude a oeste de Greenwich, posição em que me supponho, pela altura que tomei ao meio dia, e a *derrota estimada*.

« Ai! porque não seguiria eu o conselho d'aquelles bons parentes que me queriam para frade, ou pelo menos para clerigo? Estaria agora descansado na Graça ou na Trindade, resmungando o meu latim, e sem perigo de me ver d'aqui a pouco com a barriga cheia d'agua!

« Deus já o tinha destinado assim. Conformemonos pois com a sua divina vontade, e tratemos de confessar ao mesmo poderoso Senhor, e aos homens tambem, todos os peccados de uma vida de trinta annos.

« Theresinha! Theresinha! Doce companheira da minha juventude, que ias ser minha esposa, á volta d'esta viagem — como te consolarás da minha perda? Ai, que morres solteira de certo!

« Meu bom irmão Paschoal, quem te servirá de arrimo quando venha a faltar-te o nosso bom pae, e a nossa santa mãe, que já estão tão velhinhos!

« Oh! como custa a deixar a vida aos trinta annos, quando nos ficam tão fundas raizes no mundo! O coração parte-se de dôr, antes que chegue a fatal hora do passamento.

« A situação em que me vejo, é por força castigo dos muitos peccados que commetti. Primeiro: aquelle lenço de seda, que eu vi cair na rua, e que apanhei, guardando-o, em vez de o restituir a seu dono. Pequei contra o mandamento da lei de Deus que ordena — não furtar.

Segundo: Aquella criada tão novinha que eu tive em casa, e que seduzi com promessas de casamento... Foi outra infracção dos preceitos divinos; pequei contra o sexto mandamento!

« Matar, isso não, nunca matei! Mas desejar a mulher do proximo, cubiçar coisas alheias, mentir... n'esses pontos pequei tambem; sou um grande peccador!

« Porém confesso tudo; arrependo-me; e peço perdão a Deus, e a toda a gente que offendi. A minha ultima diligencia, n'este transe, é salvar a alma, porque o corpo, já agora, vae ser mantimento dos peixes.

« E quantos tubarões andam já em roda da galera, como se adivinhassem que tem presa certa aqui! E sentir-se um homem cheio de vida, e contemplar o brilho de um dia encantador, como eu estou vendo, e dizer: A agua sobe uma polegada em cada hora, portanto d'aqui a quatro horas terá vencido as escotilhas, e espalhar-se-ha pela tolda, não tardando em afundar o navio.

«E tudo está dito; subirei ainda acima da amurada; treparei depois a esse resto do mastro grande, mas a galera continuará a mergulhar-se no abysmo, e eu ficarei emfim sem apoio, sobre as aguas, para cevar a gula de um tubarão.

«É preciso aproveitar o tempo se quero contar o resto da minha vida.

« Aprendi para piloto, e logo na primeira viagem em que embarquei de praticante, naufragou o navio nos baixos do Pará, e a custo me pude salvar n'uma jangada. Voltando a Lisboa, como passageiro, estive quasi resolvido a mudar de profissão, mas a instancias de um amigo, que era segundo piloto da *Resolução*, acceitei o logar de terceiro piloto na mesma barca, e fomos ver as barbas ao Adamastor. Além do Cabo revoltaram-se os degradados que conduziamos para Moçambique, e se não fossem os cestos de cal, com que os cegámos, o caso tornar-se-hia muito serio. Emfim chegámos a Goa, a salvamento, e na torna-viagem perdemos o leme no parcel das Agulhas, sendo obrigados a ir de *esparrella* até á ilha de Bourbon, para metter novo leme. Já muito proximo de terra, caiu-nos um dos malditos tufões d'aquellas paragens, e deixou-nos rasos; armámos guindolas, e lá fomos a Deus e á ventura, não só buscar novo leme, mas novos mastros tambem.

« E ainda viemos a Lisboa! E a Theresinha tudo era dizer-me que não tornasse a sair... mas se isto do mar tem feitiço! Ajustei com a pobre rapariga que faria ainda uma viagem, e que na volta casariamos; e eis-me embarcado como segundo piloto da *Amazona*, velha galera do tempo da *Grã-Cruz de Aviz*, e do *S. Domingos Eneas*, da *Asia Grande* e do *Grão-Careta*. Para que?... Para vir morrer aqui ao desamparo!

«Largámos do Tejo a 5 de fevereiro, com destino ao Rio de Janeiro. Logo na altura da Linha começou o navio a fazer agua, e por nove graus sul caiu-nos uma trovoada que fez rebentar os cabrestos do gurupez.

«Partida esta chave do navio, a mastreação de prôa tombou sobre a grande, e a grande sobre a da mezena, deixando a embarcação rasa. A agua cresceu, e tornou-se impossivel esgotal-a, porque se entupiram as bombas. A desesperação apoderou-se de toda a gente. Então, vendo o meu fim tão proximo, recolhi-me ao camarote, e bebi o resto da aguardente que tinha na frasqueira. Poucos minutos depois não considerava no perigo; estava a dormir profundamente.

«Quando acordei no dia seguinte, vi que a agua já começava a invadir-me o camarote; saltei ligeiro do beliche, e subi para a tolda... mas não encontrei nenhum dos meus companheiros! Corri furioso á borda, alonguei os olhos pelo horisonte, e enxerguei lá muito longe uma vela que se afastava da *Amazona*... Gritei, acenei com o lenço; debalde: não podiam ver-me, nem ouvir-me, n'aquella distancia! Como a fera encerrada na jaula, percorri o navio em todas as direcções, lançando brados estrepitosos, e alfim deparei com estas palavras, escriptas em grossas lettras de giz sobre a *meia-laranja*.

A barca Amazona, *de Lisboa, foi abandonada pela sua tripulação, hoje 7 de março de 1831, salvando-se* toda a gente *no brigue inglez* Williams, *que segue para o cabo da Boa Esperança.*

«Salvou-se toda a gente! bradei eu, desesperado... E então o segundo piloto não é gente? Malvados!

«E escrevi em seguida estas palavras:

Não! Nem toda a gente foi salva. A infame tripulação da Amazona *deixou a bordo, dormindo no seu beliche, o piloto* Carlos Antonio Pedroso, *condemnado a uma morte certa, e de incalculaveis tormentos!*

....

«Ai! a agua acaba de arrombar as escotilhas, e derrama-se pelo convez... Está chegada a ultima hora!... E nenhum navio á vista... e o sol quasi a sumir-se no occaso!... Ai! Venha uma garrafa, metta-se-lhe dentro este papel, que servirá de corpo de delicto aos que me abandonaram traiçoeiramente; e depois de lançar ao mar esta confissão dos meus peccados, esperarei resignado a morte que se avisinha, pedindo perdão a Deus das offensas que lhe tenho feito, e aos homens um P. N. e uma A. M. pela minha alma.»

Quando acabou a leitura, não se sentia a respiração de nenhum dos ouvintes; o terror e a curiosidade os tinha como petrificado. Na verdade era uma historia horrorosa a que haviam escutado, duplamente horrorosa para o maritimo, que corria perigos similhantes, sobre as taboas de fraco baixel.

—Se se encontraria o casco da galera, disse afinal um dos officiaes.

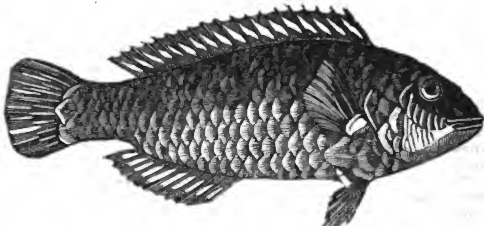
—E o cadaver do pobre piloto, accrescentou outro.

—Talvez fosse aquella *alma-do-mestre* que nos seguiu tantos dias, opinou um velho guardião.

—Tudo é possivel, interrompeu o commandante; porém agora, tratemos de nós. Chega para as obras, que aquella trovoada, que lá vem subindo de leste, promette muito vento. Ferra joanetes; arria a bujarrona, iça a vela d'estay de próa... Carrega papa-figos, e a vela ré... Não toques em vento, timoneiro!... Driças de gavea na mão!... Contro o leme... Arria gaveas... ronda os braços... cheio!... cheio mais!... cheio todo!... Andar assim.

Continua.

F. M. Bordalo.



SCAURO DE CRETA.

Os sargos bastardos, cuja especie mais vulgar é o *scaurus viridis* eram muito estimados na antiguidade, cujos escriptores, tanto gregos como romanos, que trataram dos objectos naturaes, mencionam com especialidade o *scauro de Creta*, gabando-lhe a belleza das côres e o sabor mui delicado; descreveram minuciosamente os habitos d'este peixe, em verdade curiosos sendo exactas aquellas observações. Aristoteles em muitas passagens de seus livros falla da faculdade de ruminar, que teria o scauro, como muitos animaes terrestres; os autores, que repetiram esta asserção, acreditaram que o scauro do mesmo modo que estes se nutria de vegetaes, particularmente de sargaços e algas, sendo tão guloso d'estas plantas, que os pescadores as empregavam como isca para apanhal-o, e tambem por isso se encontrava mais especialmente junto aos rochedos cobertos de plantas marinhas. Esta faculdade que lhe attribuiam explica-se, não porque se dê o caso de verdadeira ruminação como a dos quadrupedes de unha rachada, porquanto o estomago do scauro não offerece caracter que torne admissivel a identidade do phenomeno; mas porque examinando a forma e disposição de seus dentes comprehende-se que poderá fazer nas hervas de que se alimenta uma forte trituração.

Suidas escreveu que era facil conhecel-o *pela voz*,

especie de som que emittia despejando com assobio a agua do mar que absorvera. Seleuco diz que este peixe tinha o habito de dormir de noite, e que só de dia se pescava.

A patria natural dos scauros era o Archipelago e os mares visinhos; no do Peloponeso se encontravam os maiores e melhores. Segundo Plinio, primitivamente só eram pescados no mar Carpathio, entre Creta (ilha de Candia) e a costa da Asia Menor; para lá do promontorio de Secton na Tronde já não se achavam. Vieram a ter tanta fama entre os gastronomos de Roma que o imperador Claudio mandou-os apanhar vivos em grande quantidade e lançal-os na costa entre o porto de Ostia e a Campania; houve o cuidado, por espaço de cinco annos, de tornar a deitar n'agua todos os que caíam nas redes, e desde então, (accrescenta Plinio) abundaram ao longo das costas d'Italia.

Em Roma reputavam o scauro o melhor de todos os peixes, e estimavam sobretudo os intestinos, como figados etc., e por isso punham empenho em o ter fresco, segundo se lê em Petronio. No famoso prato, que o imperador Vitellio denominou *escudo de Minerva*, entravam figados de scauro de mistura com os miolos de pavões e phaisães e ovas de moreia. As suas qualidades dieteticas não eram menos gabadas do que o sabor delicado; inculcaram-n'o de facil digestão e por de extrema salubridade; e até o consideravam proprio para desafiar ou avivar o appetite, como as ostras na opinião dos comilões de agora.

Não ha peixe que mais conhecido fosse dos antigos e mais frequentemente mencionado em seus escriptos; e comtudo difficil é descobrir algum caracter para se distinguir entre os peixes que ora existem; o que mais se lhe aproxima é o sargo bastardo do mar de Creta, que a figura representa, de corpo oval e chato, escamas largas, focinho convexo, dentes como acima dissemos, e côres vivas, azul com vermelho, tirando a rosa só no ventre e a pardo e violete no costado, reforçando-se uma ou outra d'estas côres conforme a edade e tamanho dos individuos; d'onde procede que os turcos lhe chamam umas vezes peixe azul e outras peixe vermelho. Tem um sabor em parte de pescada e em parte de salmonete; ainda actualmente o comem de molho feito com o figado e mais interiores. Não é esta, porém, a unica especie do genero actualmente conhecido; outras muitas ha nos mares d'entre os tropicos, onde em razão das côres brilhantes os denominam peixes papagaios.

M.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A A. X. R. CORDEIRO.

I

Este seculo não é evidentemente propicio aos Lovelaces. A industria, o vapor, e a economia politica, poderosos agentes de civilisação que contribuem tanto para o bem da humanidade, são inimigos capitaes, algozes implacaveis da imaginação.

O sentimento existe do mesmo modo nas almas exaltadas, porém existe occulto aos olhos do mundo porque receia tornar-se ridiculo manifestando-se no meio de uma sociedade, que, submergida no mais completo materialismo, não vê senão o lado feio, torpe e vulgar das coisas. Depois as imagens illusorias, os sonhos enganadores, as ficções encantadas que nos provam o espirito nos primeiros annos da juventude, desvanecem-se em breve, pelo fatal contacto do mundo positivo em que forçosamente temos de viver. O scepticismo era ha poucos annos ainda uma ostentação vaidosa dos que pretendiam ser promovidos a Faustos e a Renes: hoje, pelo contrario, existe no intimo da alma frio e silencioso. A crença é que na maior parte é ou hypocrisia ou illusão. Acceitando estes desanimadores principios, não podemos julgar que as paixões se accendam com o mesmo impeto do que n'outras eras de menos illustração, e de mais sinceridade. Ora digam-me ingenuamente: na estatistica dos suicidios d'estes ultimos tempos, quantas mulheres conhecem que tenham usado do veneno, ou do asphixo em consequencia da morte ou infidelidade de um amante? quantos homens que se tenham ido despenhar dos arcos, e da muralha de S. Pedro de Alcantara, por serem illudidos n'um affecto que suppunham devorador e constante, ou porque a morte viesse ceifar em flor o objecto das suas mais queridas esperanças? A mulher quando é abandonada por aquelle que ama, guarda tres dias de nojo, e vae no fim d'elles ao passeio ao theatro ou ao baile, indemnisar-se da ingratidão imperdoavel, com o primeiro janota mais ou menos parvo que encontra. O homem quando lhe succede o mesmo, se é deputado faz um discurso em S. Bento, se é jornalista escreve um artigo de fundo no qual esgota o vocabulario das injurias, e se é poeta esfalfa a musa n'alguns centos de hendecasyllabos ferozes e desembolados. Depois pega no chapeo e na bengala, dirige-se até o Matta, e lavra o epitaphio da paixão com alguns copos de *porto*, e verdadeiro *cognac*.

Ao mais que chega o romanticismo na nossa epoca é a tirar por justiça alguma donzella que tenha em horisonte certo numero de contos de réis; e em roubar esta ou aquella dançarina depois de previamente feitos os ajustes pecuniarios com a familia.

Apesar d'isto, ha poucos mezes ainda que se passou a aventura que vamos contar fiel e resumidamente aos leitores; aventura que é um protesto de romanticismo descabellado, contra a prosa vilã e grosseira dos nossos dias.

G... é a verdadeira inicial do nome da heroina; nome lindissimo, mas que desgraçadamente não podemos usar d'elle com receio de offender as conveniencias d'esta cidade de senhoras visinhas.

Os romancistas tem o direito de subministrar o baptismo como qualquer secular em caso apertado. Chamar-lhe-hemos, pois, Beatriz á protogonista da nossa incrivel historia, porque é um nome raro, e que mereceu as honras de inspirar o genio do immortal poeta da *Divina comedia*.

A semana passada, n'uma das tardes mais ardentes que tem havido n'este verão, achava-se passeando a nossa humilde individualidade no espaçoso largo do Rocio.

Vimos parar a certa distancia um caleche, e a pessoa que vinha dentro fazer-nos aceno para que nos aproximassemos. Era o nosso amigo N. (que trataremos pelo nome de Carlos), conhecido n'esta cidade pelo seu elevado nascimento, pela sua rasoavel fortuna, pela sua agradavel presença, e pelo seu não vulgar talento.

—Vem dar um passeio até Bemfica, disse elle, abrindo a portinhola, e convidando-me a tomar um logar á sua direita.

Acceitei de boamente o offerecimento e partimos.

— Que tens feito? Desde que chegaste da provin-

cia é a segunda vez que te vejo; estiveste em Cintra?

— Não, tenho estado sempre em Lisboa.

— Mas que é isso então? vens do campo, para te encerrares em casa na cidade?

— Pelo contrario, saio todos os dias, e vou a todos os sitios.

— Mas quê sitios são esses, se me fazes favor, por que eu vou áquelles onde se reune gente e não tenho tido o gosto de te ver em nenhum!

Sorriu-se como quem fosse apanhado n'uma ingenua fraude, e depois continuou:

— É verdade, não tenho frequentado o Marrare, o theatro, o Passeio, nem a casa da neve.

— O que equivale a dizer que não vaes a parte nenhuma onde se encontre algum conhecido. Estarás tu apaixonado?

— E se assim fosse o que dirias?

— Que era uma desgraça como outra qualquer.

— E a peior de todas as desgraças.

— Estou-te desconhecendo, disseste isso com um tom verdadeiramente serio.

— É porque é assim, oxalá que o não fosse.

— Se necessitas de um confidente conta comigo; a dôr gasta-se com o uso, segundo a opinião de todos os physiologistas.

— Quando não é bastante forte, ou bastante longa para devorar o coração da creatura.

— Pois estás devéras reduzido a esse estado? Qual é a mão d'onde partiu a frecha?

Olhei para elle, vi-o triste e preoccupado. Arrependi-me das minhas ironicas observações, e disse-lhe:

— Sabes que sou teu amigo, e acreditas de certo que desejaria servir-te fosse no que fosse.

— Sei-o, e foi por isso que te pedi que me acompanhasses. Tu vaes comigo a casa de... onde está Beatriz, conheces?

— Perfeitamente.

— Onde ella está no ultimo periodo de uma doença mortal.

A voz tremia-lhe, e via-se que continha as lagrimas por um supremo esforço.

— Mas, meu amigo, ha quatro mezes ainda que a vi; não ha dois talvez que lhe fallei, e estava perfeitamente boa.

— É assim, mas que queres? foi uma desgraça, uma tremenda fatalidade; emfim saberás logo tudo; agora acompanha-me, vem comigo, não me sinto com animo de ir vêl-a só.

Calci-me, pasmado do que ouvia; Carlos firmou a cabeça nas mãos, e continuámos no mais profundo silencio.

Chegámos a Bemfica, párámos á borda de uma d'aquellas azinhagas, apeámo-nos, e seguimos para o logar destinado.

Agora o leitor vae saber a historia, contada com escrupulosa religiosidade.

Continua. Bulhão Pato.

A SORTE.

Risonhos se deslizam docemente
No ente feliz os dias bonançosos,
D'alegria gosando os aureos dons,
Momentos desfructando venturosos!..

Quão diversos, porém, os d'esse infeliz,
Cujo mimo da sorte é só rigor?!
Em tristes penas sempre consumido,
Seu acerbo viver só causa horror!

Lastima o peito vêl-o debater-se
Luctando contra a vida procellosa,
Similhante ao naufragio que nos mostra
Agonisante morte desditosa!..

É tão cruel a sorte no contraste,
Umas vezes clemente, outras tyranna,
Que deleitaveis gosos dando a uns,
Com outros apparece deshumana!

Pernambuco, julho de 1856

***

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL

Continuação.

CARTA XVI.

Excursão a Mafra.

27 d'agosto de 1787.

Mettemo-nos na carruagem ás nove horas, apesar do vento que nos açoitava a cara. A distancia da quinta onde eu habito a este estupendo convento é de quasi quatorze milhas inglezas, e a estrada, que por fortuna nossa tinha sido concertada, atravessa um territorio descoberto e tostado, por onde se vêem espalhados escassamente alguns moinhos e logarejos. O retrospecto para os silvestres declives e ponteagudas rochas de Cintra é bastante agradavel; mas, quando olhavamos para diante não pode conceber-se coisa mais arida e descolorida. Graças ás mudas de cavalgaduras progredimos rapidamente e em menos de cinco quartos d'hora nos achámos junto á grossa parede, que abarca os oiteiros e fecha a tapada de Mafra.

Então descobrimos n'um relance de olhos as torres marmoreas e o zimborio do convento, realçado pelo espaço azul celeste do oceano, assoberbando as summidades das eminencias mattagosas, e variando a scena aqui e acolá as copas fechadas dos pinheiros e as verticaes pyramides dos cyprestes. Ainda não se viam os tectos do edificio e continuámos por algum tempo a costear as ondulosas ladeiras da tapada primeiro que as descobrissemos. Um piquete de leigos esperavam para abrir as portas da real cerca, tristemente ennegrecida pelo fogo que haverá um mez consumiu grande parte da matta e verdura. A nossa chegada deu terrivel rebate aos bandos de corças, que pacificamente pasciam n'uma encosta mais viçosa que as circumvisinhas; fugiram a toda a pressa e refugiaram-se n'uma brenha de pinheiros meio queimados.

Tendo rodeado a muralha do jardim grande, torneámos de subito o angulo, e se nos descobriu uma das vastas fachadas do convento, similhando uma rua de palacios. Não pretendo que o estylo do edificio seja digno da inteira approvação do conhecedor da genuina architectura grega: as portas e janellas são na maior parte de formas caprichosas, mas pelo menos bem proporcionadas. Admirava eu a ampla fileira d'ellas á proporção que ia passando rapidamente, quando ao virar do soberbo pavilhão quadrado que flanqueia o edificio, a principal frente se

patenteou á minha vista, na extensão de oitocentos pés. O centro é formado pelos porticos da egreja, ricamente adornados de columnas, nichos e baixos relevos de marmore. De cada lado duas torres, algum tanto similhantes ás de S. Paulo em Londres, elevam-se á altura de quasi duzentos pés, e juntando-se a este enorme corpo o terminam á direita e á esquerda com seus magestosos pavilhões. As torres são esbeltas, graciosas, carregadas de pilastras notavelmente bellas; mas a sua figura em geral atira muito para o estylo de pagode, carece de solemnidade; contém muitos sinos das maiores dimensões e o famoso carrilhão que custou alguns centos de mil cruzados, e tocava na occasião em que se participou a nossa chegada.

O adro e o lanço de escada em frente dos porticos do templo são admiravelmente espaçosos; e o zimborio que arrogante campeia acima do remate do frontispicio, merece gabos pelo que tem de ligeiro e elegante.

Alonguei a vista pela extensão ampla do palacio para ambos os lados até fatigar-se, folgando depois de retiral-a do esplendor deslumbrante do marmore e da confusão dos ornatos de esculptura, pondo os olhos na azulada vastidão do oceano distante. Defronte d'esta colossal fabrica estende-se um grande terreiro nivelado, na extrema do qual se vêem dispersas algumas casas caiadas. Posto que estas de nenhum modo sejam mesquinhas, parecem, em contraste com a immensa mole que lhes fica proxima, como as barracas dos trabalhadores, pelas quaes as tomei á primeira vista, e não pouco me admirei quando ao chegar mais perto conheci as suas verdadeiras dimensões.

Poucos objectos fazem interessante a vista do terreiro de Mafra: vêdes os telhados de uma villa de pouca monta e as encostas areientas, além das quaes se divisa o mar sem limites: á esquerda fecham o horisonte as alcantiladas serranias de Cintra, e sómente á direita um pinhal na dilatada fazenda do visconde de Ponte de Lima dá algum pequeno refresco aos olhos.

Para nos abrigarmos do sol que dardejava com força sobre nossas cabeças, entrámos na egreja, passando por debaixo d'aquelle sumptuoso portico, o qual não poucas lembranças me dá da basilica de S. Pedro, sendo povoado de estatuas de santos, cinzeladas com extremo primor e delicadeza.

A primeira vista da egreja é magestosa. Dá logo nos olhos o altar-mór com duas magnificas columnas de marmore vermelho e variegado, ambas inteiriças e de trinta pés d'altura. Trevisani pintou magistralmente o retabolo, que representa S. Antonio no extasi de tomar nos braços o Menino Jesus, baixando á sua cella cercado da refulgencia da gloria.

Por ser amanhã festa de S. Agostinho, cuja ordem religiosa está actualmente de posse d'este mosteiro, appareceram todos os candelabros aureos e cirios acesos. Tendo-nos demorado poucos minutos no meio d'esta esplendida illuminação, visitámos as capellas collateraes, enriquecidas de perfeitissimos baixos relevos, e com soberbos arcos de marmore preto e amarello, de ricos veios, e tão perfeitamente polido, que reflecte os objectos como espelho. Nunca observei um conjunto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo, e em redor de nós: o pavimento, a abobada, a cupula e até o lanternim do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes; rosas e grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas enriquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpidos com a maior precisão e engenho do que os das columnas que sustentam a nave.

Satisfeita a nossa curiosidade pelo exame de varios ornamentos dos altares, seguimos o nosso conductor por um extenso corredor coberto á sachristia, casa magnifica de abobada, apainelada com almofadas de algumas variedades mui bellas de alabastro e porfido, e alcatifada como a capella adjacente com grande fausto. Passámos por mais alguns repartimentos e capellas, adornado tudo com egual pompa, até que nos achámos cansados e desgarrados como cavalleiros andantes no labyrintho d'um palacio encantado.

Começava a persuadir-me que não tinham fim aquellas espaçosas casas. O frade que nos precedia, homem de bom genio e velho baboso, tendo para si que nós não percebiamos palavra da sua lingua, tentava explicar-nos os objectos por signaes, e quasi que não dava credito aos proprios ouvidos perguntando-lhe eu em bom portuguez quando acabariamos de ver capellas e sachristias. O velho parecia muito agradado dos meninos, como elle nos chamava, a mim e a D. Pedro, e para nos dar occasião de estendermos as pernas caminhava com tal desembaraço que o marquez e Verdeil lhe desejavam por premio o purgatorio: é certo que avançámos em tão veloz escala que n'um ou dois minutos galgavamos de cabo a cabo um dormitorio de seiscentos pés de comprimento. Estes vastos corredores e as cellas que com elles communicam em numero de trezentas são todos como arcadas e de construcção sumptuosa e solida; cada cella, ou antes camara pois que sendo bastante espaçosas, de bom pé direito e com muita claridade, merecem tal denominação, é guarnecida de mesas e contadores de madeira do Brazil.

Exactamente ao entrarmos na livraria, o abbade revestido das vestes de sua dignidade veiu dar-nos as boas vindas e convidar-nos a jantar com elle no refeitorio amanhã, dia de S. Agostinho, o que parece ser um rasgado obsequio. Comtudo, julgámos conveniente recusar esta honra, receosos de que para gosal-a perdessemos pelo menos duas horas, e ficassemos meio cosidos pelo vapor de enormes vitellas, perús e leitões, de antemão engordados para esta occasião solemne.

A livraria é de prodigiosa extensão, nada menos de trezentos pés, o tecto de abobada d'uma forma agradavel, bellamente estucado, e o pavimento de marmore branco e vermelho; não pode dizer-se o mesmo a respeito das estantes dos livros, são d'um desenho vulgar, toscamente executadas, e escurecidas por uma galeria que corre toda a sala d'um modo desengraçado. A collecção, que consta de perto de sessenta mil volumes, acha-se ao presente aferrolhada n'uma serie de quartos que tem serventia para a bibliotheca. Algumas das primeiras edições dos classicos gregos e romanos, muito bem conservadas e ricamente illuminadas me apresentou o padre bibliothecario; mas o nosso lesto conductor não me deu tempo de examinal-as.

Continua.

M.

O homem dado a facecias e jocosidades, querendo agradar a todos, difficilmente deixa de offender alguem.

Ladrão endinheirado nunca morre enforcado.

A actividade enriquece; a preguiça empobrece.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

A Companhia teve de lutar e muito com as indisposições que suscitou: em Coimbra não foi boa a opinião que a Universidade teve d'elles, e grandes traças se deram os padres para vencer a repugnancia que ali havia em admittil-os; aqui em Lisboa, grandes foram tambem as contestações para edificarem a casa professa de S. Roque, como adiante fallaremos, e este collegio como vamos narrando.

Dada por el-rei aquella resposta ao senado, e confiados, portanto, no regio apoio, tentaram ver se conseguiam fechar o muro com o campo do curral; mas o mesmo foi pôrem mãos á obra que tocar o sino das vigilantes religiosas de Sant'Anna um repique, como se fôra rebate para armas, e acudir novamente o padre confessor com as suas excommunhões, e os visinhos do bairro com pedradas tão furiosas que força foi segunda vez recolher e desistir da empresa.

A estes successos se seguiu a morte do cardeal rei, a qual teve logar em Almeirim no dia 31 de janeiro de 1580; as tentativas de D. Antonio, prior do Crato, para cingir a corôa; e a invasão das armas castelhanas, com o que andou o reino todo alborotado e revolto. Não era a quadra muito asada para os padres proseguirem no intento de murar a cerca, e por isso prudentemente esperaram que serenasse aquella inquietação.

Tranquillos mais os animos no que respeitava ás coisas do reino, entenderam os da Companhia que estariam tambem acabadas as resistencias do bairro do curral e do padre capellão das freiras de Santa Anna; porém enganaram-se, que por terceira vez aquelles acudiram logo a empecer-lhes a obra.

Voltaram-se então os padres para as armas da influencia.

Não está averiguado se influiram na nomeação de D. Pedro d'Almeida para presidente da camara, o qual D. Pedro d'Almeida era muito affeiçoado á Companhia por ter tido tracto de amisade com aquelles religiosos em Damão, onde fôra capitão, e na India e mais partes da China que percorreu.

O que n'isto ha de certo é que succedendo ser então nomeado para o senado, a elle se soccorreram os padres para vencerem aquella resistencia dos empregados do curral, que pela obrigação do seu serviço lhe ficavam dependentes.

Assim foi que D. Pedro d'Almeida, induzindo a uns, ameaçando a outros, aconselhando a todos, e dando o exemplo d'elle proprio tomar a enxada nas mãos para abrir os alicerces do muro da cerca, conseguiu que deixassem os padres em socego, e não mais se lhes oppozessem.

Ficavam só as excommunhões do capellão de Santa Anna, que desajudadas d'aquella força que as apoiava, foram caindo em descredito até cessarem completamente.

Proseguiram as obras no edificio, e resa a chronica que concorreu muito para crescerem com menos despeza ter-se achado na cerca do collegio uma pedreira de alvenaria, e excellente areia de caldeação.

Ainda no anno de 1612 progredia a fabrica, apesar de os padres e as classes já se haverem mudado em 8 de novembro de 1593 do collegio velho para o novo.

O edificio dividira-se com corredores no primeiro pavimento superior onde estavam os cubiculos para morada dos religiosos, e no terreo se accommodaram as classes, em prolongamento da egreja, dando a entrada d'ellas para o pateo.

O desenho da obra dava outro logar ás classes e muito differente; porém diz o manuscripto que temos á mão para esta descripção:—«que os apertos de que os padres se valeram sempre, nunca lhes consentiu fabricar novo pateo para os estudos.»

A egreja primitiva d'esta casa era pequena e acanhada. Estava assente no lado opposto, onde se vêem hoje as ruinas do novo e sumptuosissimo templo que depois se edificou. Achava-se já feito o collegio quando se tratou d'aquella primeira egreja. Aproveitaram os baixos do corredor superior, n'aquella parte em que ficava mais visinho ao terreiro, e por isso com mais altura do que tem ao poente do corredor, e no dito logar abriram uma porta para o terreiro afim da gente de fora ter entrada para a egreja; e dando a esta o sufficiente comprimento, ficou ella sendo de tres naves, assentando no topo do meio o altar mór, e no topo das outras duas naves collateraes, outros dois altares, e accrescentando mais dois nos lados do comprimento da egreja, com que veiu a ficar composta de cinco altares.

Porém esta egreja era provisoria, esperando os padres terem meios de a substituir por um templo mais adquado á grandeza do edificio.

Estas esperanças foram satisfeitas pela piedade da condessa de Linhares D. Philippa de Sá, que foi a fundadora d'essa magnifica egreja que hoje vemos em ruinas no hospital de S. José, e cujos sumptuosos restos tambem veremos dentro em pouco desapparecer, para dar logar ás novas accommodações e officinas que a administração do mesmo hospital ali está edificando.

Mas para que se não percam de todo as memorias da sua sumptuosidade, e para vingarmos do tempo as obras humanas e a piedade de D. Filippa de Sá, aqui registramos as maravilhas d'essa esplendida fabrica que durou pouco mais d'um seculo, e que foi prostrada n'esse fatal terremoto e incendio do seculo passado, que destruiu tamanhas maravilhas e tamanhos primores d'arte.

A primeira pedra do novo templo foi lançada com muita solemnidade no primeiro de janeiro de 1613, concorrendo para maior lustre d'estes festejos os muitos e elegantes poemas latinos e portuguezes com que os mestres do collegio louvaram e engrandeceram a fundadora da obra.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

AVISO.



EGREJA DE SANTA REPARATA EM NIZA.

NIZA NA ITALIA.

Niza, sita a meia legua da foz do Var no Mediterraneo, a vinte e sete leguas ao nordeste de Toulon e trinta e cinco sudoeste de Genova, é a porta da Italia por este lado. Assentada n'um amphitheatro de rochas que bojam algum tanto para o mar, rodeiam-n'a serras altas, mas de insensivel declive, que apresentam á vista o delicioso espectaculo de variadas vivendas campesinas com suas quintas, cheias de oliveiras, amoreiras, e mais arvores fructiferas de toda a casta, sobretudo larangeiras, cidreiras e limoeiros: ha particulares que annualmente colhem mais de trezentos milheiros de laranjas e cento e cincoenta de limões.

Desde o rio Var, que forma o limite entre os estados sardos e a França, até os arredores de Niza segue a estrada por meio de campos esmaltados de flores, nos confins dos quaes pompeiam com basta ramagem corpulentos platanos, por onde braceja robusta até grande altura e pende em festões a videira, dando na sazão propria formosos cachos; a vegetação variada, que a benignidade da temperatura auxilia, fornece em todo o tempo verdura que faz realçar o aspecto geral da paizagem.

Á direita estende-se a vista até o horisonte pelo mar sulcado dos bateis de pesca, e á esquerda desdobra-se longa cortina de monticulos cobertos de casas e quintas de recreio; avistam-se ao longe o pontal e pharol da graciosa Villafranca, e na altura da torre de Santa Helena Niza e seus alvos frontispicios symetricamente alinhados no litoral da bahia; no ultimo plano o perfil dos Alpes maritimos desenha no ceo os seus magestosos contornos.

Guarnecem a estrada as piteiras com os elevados talos e candelabros de flor ao pé das humildes choupanas a que as parreiras dão sombra; e d'ahi a vinte passos quebra o mar espumando na praia: elegante e nobre entrada d'uma cidade!

As casas de campo d'aquelles contornos, assim como o arrabalde denominado da Cruz de Marmore, povoam-se de inglezes, francezes, e alemães; cada uma é uma colonia; aqui se acolhem, fugindo ao inverno, convalescentes, valetudinarios, rachiticos, enfermos de molestias de consumpção, de reumathismos, e de asthma, que vem de toda a parte da Europa, e até de outras regiões distantes. Niza n'essa estação é uma especie de hybernaculo, como em quasi todo o anno é um hospicio de convalescença para as saudes delicadas. O inverno reina aqui só dois mezes, e nunca é muito aspero; é verdade que durante o anno o vento norte de vez em quando sopra do viso das montanhas, e entristece o verão, mas é um incommodo passageiro.

Os romanos, que depois da gloria prégavam sobretudo o ceo formoso e puro, olhavam complacentes para esta terra tão cara a Vertumno, e n'ella foram prodigos de monumentos, de que ainda subsis-

tem restos do amphitheatro, inscripções e outros vestigios.

Subindo ao castello desfructa-se uma vista completa; a subida é meia hora de passeio, nada mais, e portanto não cansa; além d'isso a eminencia, na coróa da qual se divisam as ruinas da antiga fortaleza, é cortada de alamedas umbrosas, onde os esbaforidos podem fazer alto. A altura sobre o nivel do mar é apenas quarenta e tres braças, e comtudo gosa-se um panorama magnifico. Este chão foi muitas vezes regado com sangue e recorda bastantes proezas: as ruinas, ainda soberbas, fel-as o marechal Berwick por ordem de Luiz XIV.

Em 1543 os exercitos combinados dos turcos e francezes assediaram Niza, que se viu forçada a capitular não obstante a valentia do governador Odinet. Em 1691, o marechal Catinat tambem lhe poz cerco, e tomou-a por mercê de uma bomba que produziu a explosão do paiol da polvóra.

O duque de Berwick assenhoreou-se egualmente do castello, e para poupar aos que depois viessem o trabalho de um sitio, como lhe havia dado esta fortaleza, demoliu-a e deixou-a rasa; por isso, em 1798 Niza foi conquistada sem resistencia e erecta capital dos Alpes maritimos, até que em 1814 voltou pela quarta vez ao poder do Piemonte e Sardenha, sendo hoje cabeça de uma provincia d'este reino.

Niza, contemplada do ponto culminante que mencionamos, é quasi um triangulo com a base no mar e o vertice na parte superior do curso do Paillon, do lado da praça Victor: immediatamente abaixo do castello vê-se a cidade velha com seus telhados pardentos, ruas estreitas, e campanariosinhos elegantes; é uma confusa massa onde não achareis coisa que prenda a attenção; olhando, comtudo, para o sul, lá está o *Cours*, cujas arvores copadas elevam-se acima das mais altas casas, e ao longo do mesmo o duplo terraço que serve de passeio no inverno e costeia a praia desde o bairro de Ponchettes até ao theatro; ahi na força de janeiro ha sol e uma temperatura de vinte graus de Réaumur. A praça Victor com suas grandiosas fachadas mostra-se na extremidade da couraça, quasi no vertice do triangulo; este grande quadrado conta sessenta annos de data, e Victor Amedeu o baptisou; o assento que occupa foi no tempo dos romanos um campo de manobra das tropas, fóro onde se convocavam os comicios, e gymnasio onde os mancebos se adestravam nos exercicios do corpo.

O Paillon, arremedo de rio, falto de agua, mas subjeito a accessos de colera furiosa, serve de cinta á cidade velha pela banda oriental; á direita da torrente campeiam excellentes edificios: é o bairro novo ou dos estrangeiros, que não existia ha vinte e cinco annos; a mole regular da casaria despede em differentes direcções alinhamentos magestosos; a ponte nova liga o bairro novo com a cidade velha; o arrabalde da Cruz de Marmore estende-se por ambos os lados da estrada de França.

Detraz do bairro dos estrangeiros admirareis as ferteis campinas, enfeitadas de casas de regalo e tapetadas de verdura sempre viçosa. Além, é o oiteiro de Cimier, coroado com o seu convento, e orgulhoso com suas numerosas e bellas ruinas romanas; ao lado o mosteiro de St. Pons; um pouco mais atraz o castello de santo André, com uma gruta que os forasteiros não deixam de visitar; mais ao longe o Paillon, que desenrola suas alvas sinuosidades desde as serras d'onde brota até á sua equivoca desembocadura no mar; as frescas veigas, que observaes ao nordeste, formam com as suas lindas quintas e casas de campo, e com as ruas que a ellas vão dar, o bairro de Limpia, por onde se vae ao porto; ao norte do mesmo bairro, a celebre e admiravel estrada, conhecida pelo nome da *Corniche*, serpeia pelas encostas das collinas; todo o valle que acabaes de contemplar é fechado pelas montanhas, sendo a mais alta o Monte Calvo.

Voltando-vos agora para o sul, eis o Mediterraneo, que desfere as ondas sobre a praia e vem quebral-as de encontro aos colossaes rochedos, base da eminencia pittoresca do castello. Mui graciosas são as inflexões da ribeira, e elegante o desenho da bahia; aquelle covilhete, que vêdes aos vossos pés, é o porto de Niza; parece tamanho como o concavo da mão, porém garridamente emmoldurado e pleno de perspectivas pittorescas; além d'isso o porto de Niza torna-se duplo com o de Villafranca, um dos sitios mais admiraveis d'este paiz tão rico em paineis deliciosos. Depois d'isto só vale a pena, baixando do cerro do castello, dar uma vista de olhos ao mercado, no largo da egreja de santa Reparata, sé episcopal, que não é de notavel architectura; ahi vereis as camponezas de Niza, que tereis ouvido gabar de formosas, e pelos proprios olhos vos certificareis de que a fama não é exagerada.

M.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.
NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.
1731 — 1779.

X

Antes de passarmos ao poema — o Hyssope, — daremos uma rapida noticia da tentativa dramatica de Antonio Diniz na scena comica.

Pouco feliz, e menos familiar com o riso picante da Thalia portugueza de Gil Vicente, e da musa profunda e analytica de Molière, o auctor das Odes Pindaricas, n'este certame contra a vocação, ficou inferior ao Garção, e a si mesmo ainda mais.

Composta em 1775 a comedia que intitulou o «Falso Heroismo» estira-se por tres mortaes actos entre continuos abrimentos de bocca, e eternos espreguiçamentos de insipidas trivialidades.

O verso é facil, mas descorado, chato em muitos passos, e quasi dessalado d'aquelle estimulo, que dá queimo fino e mordente ao dialogo.

Este adormece a miudo, conversado pelos Thadeos e *Papas-Ferros* com uma frouxidão e um cansaço, que entristecem, em vez de alegrar.

Do enredo e distribuição escusado é tratar-se.

O fundamento da peça reduz-se a empallidecer em logares communs rebatidos o bello assumpto do peão fidalgo, e o thema antiquissimo e inesgotavel das falsas vaidades e bizarrias.

O Thadeo de Montalto, a victima principal offerecida em sóccos á hilaridade das platéas, serias como bonzos, não passa de uma copia apoquentada dos heroes da sua genealogia comica; e logo na primeira scena tira a mascara, apresentando-se como pavão nobiliario, e guloso consummado.

A basofia do pelão solta-se em baforadas fora de proposito a respeito do gosto e aroma de um chá, e não se cala nem debaixo das pranchadas do *Papa-Ferro*.

A verosimilhança queixa-se a todos os instantes das

injurias com que a offendem os interlocutores; e a naturalidade foge de scena para scena, sem achar em nenhuma lance, figura, ou dialogo, a que possa adaptar-se.

Os lacaios vestem a usada libré da farça pé-de-boi, e do entremez de tablado.

O sr. Lopes e a sr.ª Carmosina antes de se chamarem assim, adivinha-se logo que já tinham visto mundo com os nomes mais populares de Pedreneira e Esfuziote, de Faneca e Vesugo desde o primeiro quartel do seculo XVIII.

Os chistes dos dois bobos domesticos orçam no sal comico pela semsaboria dos roncos de *Papa-Ferro* na scena oitava do segundo acto, com o logrado e escarnecido D. Thadeo.

São gracejos da grossura de trancas, rombos como chufas saloias, plebeus e villãos como verdadeiras empulhações de entrudo.

Custa a crer que o talento culto do poeta das «Anacreonticas» e dos «Idylios» podesse baixar a similhante pugilato.

As risadas, que a obra excita, pendem todas dos fios seccos da durindana virgem do *Papa-Ferro*, que nos casos de apuro se não desenída de malhar no fidalgo feito á pressa com infatigavel perseverança.

Deve confessar-se que o recurso é gasto e triste, e que não abona a veia satyrica do autor!

Thadeo tem innocencias, que parecem sonhos. As contestações com o valentão depois de movido por elle, e a sua idéa de estar banhado em sangue, não tendo padecido lesão, por velha e explorada, não merece o riso.

De mais o caracter de Thadeo cobre-se de taes sombras negras pelo rapto, que intenta, e pelo homicidio que ajusta, que de ridiculo se torna só odioso.

Lucio, o amante preferido, é uma desmaiada figura, que se esboçou apenas, para entrar e sair na peça, dando as deixas aos outros personagens.

Lisuarte Malafaia, o mancebo virtuoso, como o poeta tem o cuidado de declarar na indicação das pessoas da comedia, é uma especie de prégador de pulpito, que vagueia pelas casas dos amigos, empurrando-lhes sermões mofinos e conselhos requentados.

A sua homilia final a D. Thadeo, depois de descuberto o rapto, faz chegar as lagrimas aos olhos, não pela unção, mas pela insipidez.

A sr.ª Petronilha, a dama da peça, distrahe-se dos seus amorosos suspiros cantando as arias de fita verde, em que a lettra não disputa decerto a palma á inimitavel cantata de Dido, sepultada pelo Garção no meio do dueto das manas e dos alaridos dos Fustotes.

A individualidade da sr.ª Petronilha limita-se a levar a tempo o lenço ás suas preciosas pestanas, e a depositar no discreto seio da garrula confidente o precioso segredo dos seus affectos.

E toda esta machina, montada em rodas perras, não tem por fim senão fazer-nos ver o fidalgo improvisado impando de basofia, ardendo em zelos, e pagando com escassa bolsa as pranchadas, de que o serve o seu digno complice *Papa Ferro*, industriado pelo mais velhaco dos lacaios!

Deus é misericordioso, e a esta hora hade ter perdoado ao Diniz o falso heroismo d'esta profanação dramatica!

Para o absolver, porém, no juizo severo da critica, é necessario relermos algumas das suas odes primorosas, e recrearmos o animo por muitos dos espirituosos versos do «Hyssope».

Não se lhe perdoa senão admirando-o!

No genero tragico os ensaios de Elpino foram modestos, e menos aventurosos.

Deu-se apenas a verter do original francez a «Iphiginia em Tauride» de mr. de La Touche, edição da Haia no anno de 1780.

Sem louvarmos excessivamente a escolha, a traducção parece correcta em geral, e elegante em partes. Não a podemos comparar com o original, mas se ha infidelidades não, as suppomos de grande vulto.

Na scena quinta do terceiro acto entre Orestes e Pilades notam-se bons versos, dialogo bem traçado, e cortado a tempo, e riqueza de estylo.

Esta mostra, que saiu da pasta do autor, depois da sua morte, ainda sem a ultima lima, faz-nos sentir, que as formosuras da musa de Racine, e a nobre inspiração da Melpomene romana de Corneille o não tentassem para naturalisar portuguezas Phedra e Athalia, Cinna e os Horacios.

Entretanto (inutil reputamos accrescental-o) a indole do Diniz não o chamava pelo caminho dramatico. Similhante ao Quita, vê-se que tanto as alturas, como os precipicios da scena o confundem, ou o deslumbram. Prende-o o receio de se arriscar, e despenha-o o desejo de tirar um riso forçado, não da opposição dos caracteres, e da sua conformidade com as situações, mas da matinada dos guisos de Pasquino, da violencia abrupta dos lances, e das lograções inverosimeis dos personagens.

A Arcadia pouco sobresaiu no theatro, e apesar das suas doutas censuras, e do seu desdem soberbo pela comedia nacional e plebea, de que o infeliz Antonio José nos conservou o typo, nenhum dos pastores do Menalo era capaz de competir com o autor dos «Encantos de Medéa» na graça e naturalidade da pintura dramatica.

Os auditorios que deram palmas ao Judeu, não resistiriam ao somno, depois de representadas cinco scenas dos modelos.

O Hyssope escripto em Elvas, em quanto desempenhava na cidade militar um logar de magistratura, é inquestionavelmente no seu genero o primeiro poema comico da nossa litteratura.

A *Benteida* de Alexandre Antonio de Lima, publicada em 1758 seria o segundo se a forma fosse mais castigada, e o estylo descesse menos.

Alexandre de Lima tinha chiste natural, e metrificava com facilidade; mas a sua veia descae em chula muito a miudo, e a mania dos equivocos e trocadilhos preponderante no gosto da epoca, mancha em varios logares os trechos mais acabados.

Das innumeraveis composições, com que gemeram os prelos, ou que se guardam ainda manuscriptas nos armarios das bibliothecas desde a epoca de D. João V, se exceptuarmos a «Santarencida» (estampada) e o «Apollo e Daphnis», ainda por ver a luz, parece-nos, que não se fará injuria grande aos autores, classificando a quasi todas como sempre inferiores ás obras estrangeiras, por destituidas de merecimento, de plano, e ás vezes até de sal.

Para maior aggravo das suas victimas, Elpino seguindo os passos de Boileau, e descrevendo na tela o fofo Lara, o gordo bispo, e tantos outros, tirou-lhes os retratos tão parecidos que foi cheio de razão que o prelado, ardendo em ira, buscou vingar-se.

Considerado só como poesia o Hyssope, não eguala de certo a famosa, «Estante do Côro» que lhe serviu de modelo; a versificação, o esmero, e as bellezas são muito superiores em Boileau; mas como livre imitação, e como desenho de physionomias e de cos-

tumes o poema portuguez offerece rasgos e atrevimentos, que abonam sem parcialidade os louvores, que a publicação lhe tem constantemente grangeado. É já distincta honra justificar o elogio depois do «Lutrin».

Os inglezes, por excessivo amor proprio nacional, teem querido inculcar, que a «Madeixa Roubada» (The Rape of de Lock) de Pope, se não excede o poema francez, não se deslustra ao lado d'elle, antes o eguala. Julgamos a sentença injusta, além de suspeita.

Os criticos britanicos podem encarecer a elegancia do verso, a cultura da phrase, e as delicadezas de estylo do seu poeta classico; n'esta provincia, que é sua, fôra temeridade disputar com elles, que são de casa, e conhecem os segredos; porém desde que o exame sobe mais alto, desde que se estabelece a comparação de um com outro livro, as differenças saltam aos olhos, e não permittem aos admiradores de Pope nem a sombra de um subterfugio.

Na invenção, na fabula, nos episodios, e nos personagens, o autor da «Arte Poetica» atravessa com tanta facilidade os obstaculos, que lhe suscita até a insignificancia do assumpto; entretem a curiosidade e o sorriso do leitor com tal mestria, e sabe variar tanto a tempo os seus paineis, que não só a «Madeixa Roubada» lhe fica muito longe, mas a propria «Secchia Rapita» do Tassoni o não offusca.

Em Boileau as galas da dicção unem-se á finura e viveza das côres, e ao estimulo picante de uma ironia jovial, mas sempre urbana, e digna das musas.

Guardando, com o tacto proprio do seu gosto correcto, a proporção requerida entre o comico e o serio, que é o escolho do genero, e que faz a sua perfeição, quando se vence, o poeta alcança todos os effeitos do contraste sem esforço apparente.

Basta percorrer a «Madeixa Roubada» para se verificar a sua inferioridade em todos estes pontos.

Nos cinco cantos de Pope a acção é quasi nulla, a falta de interesse visivel, e a monotonia constante.

Um cavalheiro própõe-se a cortar a madeixa de Belinda, e executa o seu enredo!

Quem foi o cavalheiro? Quem era Belinda? Que relações existiam? Não se diz!

Antes, e depois da fatal tesoura morder nas tranças da presumida beldade tudo são trevas.

Descripções descoradas, frias allegorias, e o maravilhoso infantil da cabala, uma plebe de gnomos e de genios do ar, enchem toda a scena.

Um Silpho apparece em sonhos a Belinda, e sobresalta-a, annunciando-lhe o desastre imminente; outros, da mesma familia, esvoaçam em roda d'ella para a proteger. O lance mais curioso, em que figuram os comparsas alados, reduz-se a ficar entre os gumes da tesoura o mais zeloso, e a ser cortado em duas partes como um limão.

A disputa de Belinda com a sua amiga Talestris tem pouco de espirituosa, e o pugilato das damas com os homens, em que a furiosa Talestris investindo:

> While through the press enrag'd Thalestris flies,
> And scatters death around from both her eyes,
> A Beau and Witling perish'd in the thong,
> One dy'd in metaphor, and one in song.

derrota os esquadrões contrarios, e dá a morte só com o lume dos bellos olhos, no qual o peralvilho expira, guindando uma metaphora, e o espirituoso succumbe, entoando uma arieta, recommendam-se pouco pela delicadeza e esmero.

N'este combate amphibologico a heroina estonteia o cavalheiro, autor do roubo, suffocando-o com uma nuvem de rapé, e depois de prostrado exige-lhe os seus preciosos cabellos. Ninguem sabe d'elles, e sómente o poeta, por condescendencia, nos informa de que os vira subir arrebatados ás espheras da lua!

Um dos melhores episodios—a partida de jogo da «arrenegada»—desfallece por longo, e chega a enfadar-nos com a eterna luta das copas contra os oiros, e das espadas contra os paus.

A mais acabada pintura, e assim mesmo não compete com o admiravel quadro da Preguiça no «Lutrin,» é a descida de Umbriel á caverna da Melancolia.

Voltaire e Marmontel verteram-o, elogiando-o; mas o autor do seculo de Luiz XIV, com a sua versificação pura e elegante, não conseguiu, segundo cremos, senão fundar em base mais solida ainda a reputação do poema francez, provando, que mesmo emprestando a Pope, para o naturalisar, as graças do seu talento mimoso, a palma devia entregar-se de preferencia ao cantor, que primeiro vulgarisou na sua patria as formosuras do metro horaciano, imitando a epistola aos Pisões, como sabem imitar só os engenhos inventivos.

Sem vaidade, e comparando a «Madeixa Roubada» com o «Hyssope,» ousaremos asseverar, que a confrontação nos parece tão vantajosa para Antonio Diniz, quanto o seria para o autor do «Lutrin» o parallelo entre o seu poema invejado e a livre imitação do poeta portuguez.

E não supponham, que escrevendo de proposito «livre imitação» quizemos subentender a idéa de copia; as paginas do livro protestam contra ella!

Para os eruditos, o «Hyssope,» apreciado á sua verdadeira luz, não autorisa nem justifica tão aspera censura; leia-se, e não se encontrará na contextura, ou nos incidentes, remota sombra do transumpto servil, que levianamente apregoam alguns mordazes.

Ha de certo paridade notavel entre as duas obras, como nascidas ambas de ridiculas contendas ecclesiasticas, e não occultaremos tambem, que não se publicando o «Lutrin» não existiria o «Hyssope;» mas d'ahi em diante separam-se; e se o livro portuguez algumas vezes se encontra com o modelo nos incidentes; se n'este ou n'aquelle verso recorda outros analogos do satyrico parisiense; e mesmo se o pincel nos retratos geraes se lembra dos toques do mestre, não ha duvida que no plano, no desinvolvimento, e no remate differem essencialmente, e que, cedendo quasi sempre ao «Lutrin,» no episodio comico do oitavo e derradeiro canto, o «Hyssope» todavia lhe leva decidida vantagem.

Boileau, para celebrar o presidente Lamoignon, sacrificou o sexto canto, desbotando no meio de allegorias frigidas a alegria pulida da sua musa espirituosa.

Esta primasia da ascendencia e do exemplo nos dominios da arte é Elpino o primeiro a confessal-a, inclinando-se, quando se dirige á musa e exclama:

> ......Tu, que nas margens aprasiveis
> Que o Sena bordam de arvores viçosas
> Do famoso Boileau a fertil mente
> Inflammaste benigna, Tu me inflamma;
> Tu me lembra o motivo; Tu as causas
> Porque a tanto furor, a tanta raiva
> Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

O argumento, embora as contestações da vaidade ecclesiastica inspirem ambos os poemas, attesta a independencia com que Antonio Diniz, sem perder de vista os passos do satyrico francez, soube enriquecer-se, usando de galas proprias.

Uma disputa entre o Chantre e o Thesoureiro de certa egreja de Paris, ministrou a Boileau a tela para bordar toda a ficção.

O accordão do Cabido de Elvas contra a soberba do Deão, que negava ao Bispo a posse de receber o hyssope de suas mãos, suscitou a Elpino o pensamento de vestir de accessorios engraçados esta pendencia comica.

Dirão, porém, que Boileau, mais rapido e conciso, cinzela em dois traços o que o arcade não aviva em largo esboço? Sem duvida!

Mas segue-se, por isso, que deva despresar-se o nosso poema, porque o alheio, vencendo-o em desenho e correcção, está primeiro?

No «Hyssope» a invenção afrouxa em repetidas sincopes; as reminiscencias entram no tecido original extemporaneas, e pouco digeridas; e o estylo, mais lento e menos brilhante, enevoa-se em partes, accusando precipitações.

Não o escondemos; são erros palpaveis, e a critica não os deve relevar.

Logo no canto I a superioridade de Boileau torna-se incontestavel, e o seu imitador só de longe o segue.

O congresso das Chiméras, presidido pelo genio tutelar das Bagatellas, com a luta oratoria da Excellencia e da Senhoria, personificadas, tomam dois terços dos versos, desmentindo a brevidade elegante do poeta da côrte de Luiz XIV, quando nos figura aquelle vôo altivo da Discordia:

.... Encor toute noire de crimes
Sortant des Cordeliers pour aller aux Minimes
Avec cet air hideux, que fait frémir la Paix.

E no canto II, quando Elpino se lembra da imagem de Boileau para a imitar, não alcança a energia do modelo, quando diz:

Rapidamente vôa: incendios, mortes
Sacrilegios, traições, roubos, ruinas
Vae deixando a cruel por onde passa.
Chega dos *Elvios* á colonia antiga;
E vendo de passagem os *Dominicos*
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os doces
....
Tyrannamente excita.

como é pallida e derramada a inversão de um passo, caracterisado com tão poucos, mas tão escolhidos toques!

A descripção do antro da Discordia, comparada com a admiravel pintura da Preguiça no «Lutrin,» offerece egual desengano.

Elpino mette a Senhoria, attribulada, depois de um discurso perluxo, pela furna da deusa implacavel, e querendo apurar a allegoria erra as tintas, exagerando-se:

Aqui lutando sempre em viva guerra
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Gorgones e *Cerastas*. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
....
No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel deusa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa
Que espalham respirando de continuo
Por olhos e gargantas, mil serpentes.

Agora diante d'esta falsa e tumida declamação descriptiva, colloquemos o quadro da Preguiça no poema francez.

La Discorde en sourit, et, les suivant des yeux
De joie, en les voyant, pousse un cri dans les cieux.
L'air, qui gémit du cri de l'horrible Déesse,
Va jusque dans Citeaux réveiller la Molesse.
Cest lá qu'en un dortoir elle fait son séjour:
Les Plaisirs nonchalans folâtrent a l'entour.
L'un pétrit dans un coin l'embonpoint des chanoines,
L'autre braie en rian le vermillon des moines.
La Volupté la sert avec des yeux dévots
Et toujours le Someil lui verse des pavots.

Como o episodio fecha, quando a Preguiça respondendo á Noite, e exclamando:

Ah! Nuit, si tant de fois, dans les bras de l'amour
Je t'admis aux plaisirs que je cachais au jour,
Du moins ne permet, pas... La Molesse oppressée
Dans sa bouche a ce mot sent sa langue glacée;
Et, lasse de parler, succombant sous l'effort,
Soupire, étend les bras, ferme l'oeil et s'endort.

Debalde se desejaria nas paginas do «Hyssope» um trecho tão primoroso. Mas em compensação, os caracteres, retratados do vivo teem individualidade, e não se confundem.

A fofa basofia do Lara, que a Senhoria arrasta por mil estultas empresas até o collocar horrorisado e convulso defronte do tostado gallo, que lhe vaticina a perda do pleito — a soberba arrogante do gordo Bispo, assanhada contra a ousadia do Deão, e entre as delicias da gula, armando com o Cabido a ratoeira do ridiculo accordão; os confidentes, os parasitas, e até o vulto agarratorio do bom Gonçalves, são tudo figuras, que respiram, e que hãode durar, em quanto a lingua se fallar e escrever.

Sabemos, que o episodio da citação, e as queixosas supplicas da esposa do aguasil, tentando deter o animoso official, decidido a arrostar as iras episcopaes, dão grandes visos de parecença com as lamurias da gentil cabelleireira do «Lutrin», quando chorosa e consternada, procura prender nos braços o mavioso barbeiro, seu «Amor» pelo nome, e no affecto; mas n'esta parte a justiça, pede que declaremos a imitação, egual pelo menos ao episodio do II canto do poema francez.

Os prodigios, que a industriosa Excellencia multiplica para estorvar o infausto passeio do Prelado, preparam bem a scena, e teem verdadeiro sal.

Aquelle copo de Madeira, tornado em vinagre na bocca do vingativo Pastor; o gato negro saltando no aparador, e quebrando cristaes e porcellanas; o sonho, em que o velho burro da nora lhe pespega dois coices no vasio; a pedra da fivella voando ao doirado tecto, e depois o bezouro açoitando-lhe a cara com as azas, são incidentes comicos, bem delineados, e rapidamente expostos.

No dialogo do aguasil com a consorte longeva,

Nas sordidas trapaças tão versada
Como o habil marido..............

talvez nos illudamos, mas descobrimos n'elle grande verdade, realçada pelo tom familiar e natural, que dobra o valor á ironia do poeta.

Se fossem menos extensos os discursos, sem receio diriamos, que Elpino, lembrando-se de Boileau, soube imital-o sem o rebaixar.

O canto VII, a nosso ver o melhor de toda a obra, desenha a rasgos largos as physionomias conhecidas dos retabulos mais apodados na cidade de Elvas.

O Deão, para celebrar o feliz começo da sua demanda, determina offerecer aos amigos convocados um bizarro concerto, preludio harmonioso de opulenta ceia, terminando tudo pelos *cavallinhos fuscos*, dispostos na vaga sala com galante idéa.

Escurece a noite, e os convidados principiam a chegar. O Lara triumphante esfrega as mãos.

Que immenso holocausto de perrexis e papas-finas nas aras do ridiculo!

Que bem graduada galeria de brutescos, cada um apanhado na feição mais caracteristica!

O Sequeira, «sagaz na censura e na trapaça como o pae» entra, e:

D'uma sebenta, desbotada fita
A bengala da dextra traz pendente,
Com que as moscas enxota do Castello.

O Velloso, vem atraz, e:

.......................ao beque dando
Entra o vaidoso, mulheril Perinha,
Ramo insigne dos *Gatos Rodovalhos*
E chefe dos Pelões da sua terra.

Ainda não basta. As victimas são mais. Logo depois o poeta apresenta no pelourinho, aonde os expõe, outros infelizes, condemnados á mesma pena.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os *Bixos*,
Alegria e prazer da Elvense terra;
O *Leite* e o *Barquilhos*, tão famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande bode as grandes tetas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo toiro,
Que os calções de camurça lhe rasgara
....
Perdoa em altas vozes, generoso
O estrago do vestido, e a grave affronta.

Seria infinito enumerar todos os zotes, que por desgraça de sua memoria comparecem n'esta revista de Asmodeo.

O marquez de Pombal nunca se mostrou tão affeiçoado ao Diniz, como no dia, em que, tirando-o de Elvas, o salvou da gratidão de tantos martyres, crivados das suas frechas.

Se esta plebe de caricaturas colhesse o algoz e a occasião pelos cabellos, é provavel, que a correcção não doesse menos a Elpino, do que pesou por delicto muito menor a Voltaire a insolente desforra de um fidalgo.

Vamos, porém, com a escolhida companhia para a sala do concerto.

Ahi troveja o Vidigal soltando a bruta voz, com que levanta os «Mementos» nos enterros. Ahi, o cantor taurino exalta o estupendo acerto dos sabios vereadores da heroica Elvas, na rara e não vista economia de mandarem deitar quatro gatos de ferro no velho e rachado sino do senado.

Eis a descripção do tonsurado Orpheu, nos extasis do seu repente lyrico:

Com tal arte feria o cantor dextro
Do pequeno instrumento as tesas cordas
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo, gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as martelladas.

No meio das saudes e jubilos da mesa festiva, quando mil pilherias e chistes gyram com os copos, beliscando os mais famintos a melindrosa pelle do gordo Bispo, em lisonja do Amphitrião, eis que de repente, (espectaculo horrendo!) o gallo velho, que jazia em um prato,

Entre frangãos e pombos, lardeado
Em pé se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras
Em voz articulou triste, mas clara:

Na sua agoirenta prophecia, a depennada victima annuncia ao Deão, que hade ceder porfim ao seu contrario; e deixando cobertos de suor gelado aos circunstantes, torna a cair no molho, e a ficar inerte.

O terror do prodigio erriça os cabellos na fronte aos mais gulosos. Immoveis todos, e calados, o medo petrifica-os por grande espaço; depois, recobrando os espiritos:

Se levantam tremendo, e pela terra
A recheada mesa baquearam;
Tres vezes se benzeram c'o a mão toda;
Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
O fatal gallo, que jazia morto;
E mil, a infausta ceia dando ao Demo
Se foram sacudindo os calcanhares.

Fôra longo insistir em todas as bellezas, que o poema encerra.

Os defeitos tambem já os advertimos em geral.

O canto VIII, mais travado com o assumpto, e melhor urdido, que o sexto do «Lutrin», prova que Elpino, quando queria, era capaz de tirar grandes auxilios dos poderes da propria invenção.

Os incidentes comicos enredam-se para trazerem o desfecho com facilidade; os personagens não se desmentem; e o episodio da viagem aeria com a Ama, e da visita á caverna do sabio Abracadabro, remata com jovialidade a acção, que em Boileau esmorece muito, entre as allegorias moraes da Justiça e da Piedade.

Pomos de parte a sentença do «Genio das Bagatellas» e as magoas da pallida e confusa Senhoria. O que dá relevo á obra, e a continua com viveza e graça é o discurso da «velha zoupeira» ao afflicto Deão, encarecendo-lhe os pesares, que lhe carregam de angustias uma cara d'antes alegre, reverenda, e affavel; o que desde logo reanima a fabula, e a estimula, é a proposta de irem ambos consultar por alta noite os oraculos do famoso magico; e depois de espojados em sordidas pennas, e de untados com o sangue de um morcego, o vôo livre, que rasgam nos ares, assustando de passagem o Prior da Alcaçova, homem vexado de visões e caballas, o qual, vendo-os, por desgraça, enrola o capote, arranca a durindana, e investe destemido com os duendes, até cair, tropeçando em um podengo.

O terror do Lara, em cuja pellada fronte os raros

cabellos se espetavam; a seriedade pantagruelica do feiticeiro; as adulações da Ama; e finalmente o cão negro, surgindo para revelar futuros aos ouvidos de Abracadabro, tudo isto desenhado com rapidez e tacto, (á parte algumas sombras, e algum desmancho) completa o livro e corôa dignamente o desenlace.

No canto VI ha longuras e sobejidões, que mais severo comsigo o autor devera encurtar; mas, como já observámos, a descripção do passeio do Bispo depois dos agoiros, os conselhos do grande Almeida, e a scena das choradas supplicas da esposa do bom Gonçalves, desculpam as nodoas e abonam o engenho do poeta.

A ira do Prelado, quando soletrando a custo a citação, chega a perceber o sentido do insolente papel, vem retratada com mão de mestre, e na elegancia e no vigor disputa a palma aos modelos.

No V canto, e na ultima parte do VI, a concisão daria grande realce ás engraçadas scenas da conferencia do Lara com o gritador Fernandes, e da sua visita ao convento dos capuchos.

Demora-se muito, porém, o dialogo entre o Doutor e o Deão—e a ignorancia fofa e vangloriosa d'este perde por exagerada.

No jardim dos frades o mesmo erro prejudica o effeito da conversação, que por acaso se enreda entre o douto Padre Mestre, e o seu hospede garrulo, e estulto.

Mais brevidade, e mais verosimilhança, tornariam aquellas paginas dignas de absoluto louvor. Os equivocos do Lara, e as suas declamações repetem-se, e attenuam-se á força de martelladas!

Boileau em menos de metade, porém esculpindo a satyra em cada imagem, e acerando o verso e a phrase, alcançaria dobrado exito.

Chegámos ao termo d'este estudo; e receamos que não fosse sem fadiga dos leitores.

A Arcadia exerceu nas lettras inquestionavel ascendente; embora não descesse das salas, e não soubesse fazer-se popular e nacional, não deve negar-se que a sua influencia durou ainda além da curta carreira da erudita corporação.

Desenhando imperfeitamente, sim, porque não tinhamos forças para mais, mas com a possivel fidelidade os tres vultos, que a dominaram, e cujos exemplos a segunda Arcadia—a epoca de Bocage, de José Agostinho, e de Curvo Semedo,—se honrava de seguir e de elogiar, procurámos dar uma idéa clara da physionomia, da indole, e dos principios litterarios dos homens mais notaveis d'aquelle seculo em Portugal.

Se este ensaio fôr acolhido com alguma benevolencia, não pelo que pode valer, mas pelo assumpto, tentaremos o esboço da segunda parte, e começando por José Basilio da Gama, o autor do «Uraguay», completaremos por todos os aspectos o retrato de um periodo importante da nossa historia intellectual, que está ainda por tratar, aguardando uma penna que se atreva com as suas difficuldades.

A nossa, mesmo fraca e obscura como é, sendo animada, abalançar-se-ha á empreza, contando com a utilidade d'ella, se os seus esforços a não desmerecerem, e o seu zelo obtiver a unica recompensa, que tem a esperar—o favor devido aos bons desejos.

L. A. Rebello da Silva.

Em tempos revoltos apparecem cavalheiros industriosos.

Á MEMORIA DE D. ANNA DA CONCEIÇÃO DE MELLO FRAGA, E DE SEUS FILHOS ANGELA E ALFREDO, FALLECIDA A 1 DE SETEMBRO DE 1855.

En ce Dieu de pitié j'ai mis ma confiance.
Trop sur de ses bontés, je vis en assurance
Qu'un Dieu, qui par son choix au jour t'a destinée,
A des feux eternels ne t'a point condamnée.

Chaulieu.

Gentil, amada prenda, tu não sentes
Os tristes ais, que em tua perda exhala
Teu desolado esposo,
As copiosas lagrimas ardentes,
O desespero, a dôr, que o peito estala
Com golpe tão custoso.

Não sentes, não, que a sanguinaria morte,
Hedionda, cruel, e sem piedade,
Te arrebatou a vida:
A mim, triste infeliz, me coube a sorte
Abrir-me o coração, de atroz saudade,
Incuravel ferida.

Tão cedo te perdi, quando esperava
Fizesses a ventura dos meus dias
Doce união gosando;
Um destino fatal tudo mudava,
De esp'ranças mallogradas alegrias
Em luto transformando.

Tão joven, tão gentil, e tão prendada,
Com cinco lustros, não completos inda,
Te encerra a sepultura!
Nem rogos me attendeu, nem preces, nada,
Numen severo assaz, que o ser te finda
P'ra minha desventura.

Como a mimosa flor, que foi cortada
Por mão do descuidoso jardineiro
Antes do tempo dado,
Quando havia de brilhar, jaz desfolhada
Sem graça, formosura, côr, nem cheiro,
Sem viço, sem agrado:

Assim, amado bem, na primavera
Da linda mocidade arrebatava
A tua vida a morte;
Alçando o ferro a vil, sanguinea fera,
Sem dó, sem compaixão descarregava
Fatal e duro corte.

Não me bastava a dôr de haver perdido
Meus amados filhinhos, caras prendas
Do nosso amor sagrado?
Tinha o meu coração pouco soffrido?
Assaz não tinha já magoas horrendas
Para ser desgraçado?

Perdi Angelasinha, alminha pura,
Que um anjo era no nome e na pureza,
Perdi o meu Alfredo,
De graças infantis, meiga ternura,
De mansidão dotado e de belleza,
De gesto lindo e ledo.

Destruida então vi a doce esp'rança,
Desfeitas illusões do pensamento,
A futura alegria,

Que d'antemão gosei, mais a bonança
Do espirito mudadas n'um tormento
De penosa agonia.

A fera morte todos foi levando,
E deixou-me a afflicção, angustia, pena,
Que em torno a si semeia;
Mas, suprema vontade respeitando
De um Deus, que assim o quer, assim o ordena,
Dever a dôr sopeia.

Resignei-me adorando a mão severa,
Que tão forte castigo me inflingia,
E me humilhei prostrado:
A pena o coração me dilacera,
Da saudade, e mortifera agonia,
Jámais abandonado.

Um só bem n'este mundo me restava,
Esse mesmo perdi tão prematuro;
Era a fiel consorte:
Morreste, unico bem, que eu só contava!
Como resistirei ao transe duro,
Sem ter quem me conforte?

Como heide resistir a paixão tanta?
Como posso esquecer tua lembrança?
Da mente não me passa:
Perpetua dôr a força me quebranta,
Co'a vida amargurada, e sem esp'rança,
P'ra minha mór desgraça.

Como posso esquecer tanta virtude,
De que o ceo te dotou, e tanto dote
De corpo, e de alma ornada,
Sem defeito, sem mancha, ou vicio rude,
Que em tua curta vida se te note?
Tão curta e mallograda!

Continua.

A. M. Tiburcio de Fraga.



O BORDÃO DE MEGGY.

A Meggy era uma mendiga das cercanias de Inverness, mas que possuia um thesouro pelo qual muita gente trocaria a sua riqueza. E, comtudo, não era nem a taça magica, d'onde mana o vinho como de uma fonte, nem a peça d'oiro de incubação que choca e tira outras peças d'oiro, nem a varinha de condão que transporta cada um onde quer ir, nem o chapeo que faz invisiveis as pessoas.

A velha Meggy só possuia um bordão de buxo, no topo do qual um pastor das serranias escocezas tinha com a sua navalha esculpido uma cabeça; mas o bordão era uma fada, e fazia justiça a qualquer, melhor que todos os tribunaes de Inglaterra, porque sabia conhecer as acções dignas de correcção, e castigava-as no mesmo instante com tantas bordoadas quantas mereciam.

Portanto, se um camponio mal creado passava junto da velha Meggy sem a saudar, o bordão corria per si e lavrava nas espadoas do rustico a sentença do respeito devido á velhice e á pobreza. Se um fidalgote estouvado punha os olhos descaradamente na rapariga que recolhia do trabalho do campo com sua mãe, ou lhe dirigia alguma palavra atrevida, o bordão fazia tambem viagem para ensinar-lhe que não se deve atacar os fracos nem fazer que se corram de vergonha os timidos.

Ao traficante que voltava da cidade carregado de tostões e de velhacadas, lembrava que a probidade é patente obrigada de todo o commercio; ao juiz que dormira na audiencia, deixava bastos vergões para o ter acordado; ao medico culpado de omissão ou ignorancia, ministrava-lhe contusões que tivesse de curar. Quantas vezes caminhou para o vosso costado, homens despiedosos, que pisaes vossos irmãos como a herva dos trilhos! Para vós, orgulhosos, que olhaes sempre de sobrecenho as coisas e as pessoas! Para vós, levianos, que espalhaes o mal e o bem sem attentar no que fazeis! Mas, parava, suspendia-se, quando passavam os bizarros trabalhadores, cuja consciencia é um relojo, as meigas consoladoras de nossas miserias, que são n'este mundo como o sol dos corações; inclinava-se, abatia-se na presença dos homens unicamente occupados no bem, dos ricos que abrem suas mãos generosas, dos talentos cujos pensamentos grandiosos correm, como o manancial d'aguas, em proveito de todos.

Comtudo, consta que o bordão de Meggy andava mais vezes em exercicio do que folgava em descanso, e descarregava mais bordoadas do que fazia cortesias. Ha longo tempo está enterrado com a sua dona, e ninguem cuida de desenterral-o; se por acaso apparecesse de novo n'um paiz civilisado, todos se associariam para queimal-o.

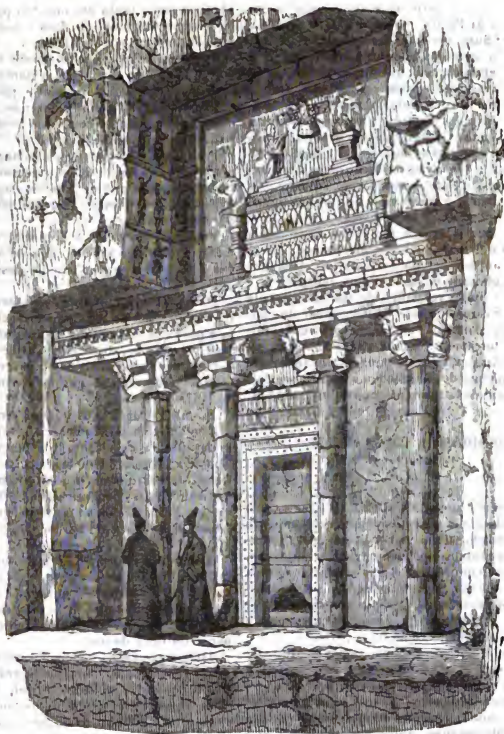
Tal é uma tradição, por certo um apologo moral, muito arreigada entre os montanhezes da Escocia.

M.

AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 8 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1674.



MAUSOLEO EM PERSEPOLIS.

A opulenta Persepolis, situada á borda do Araxe, foi capital de toda a monarchia medo-persa; mas hoje só existem as ruinas, ainda extremamente bellas ao nordeste de Schiraz. A quatro milhas de distancia ha uma rocha de marmore alvacento, cortada a pique, da altura de 140 braças, na face da qual, que o desenho representa, vêem-se as esculturas e excavações denominadas agora cemiterio dos guebros e throno de Rostam. Os habitantes d'aquellas comarcas adoptaram este ultimo nome porque acreditam que os lavores da pedra figuram os combates singulares, e altas proezas de Rostam, famigerado heroe dos tempos fabulosos da Persia. Os monumentos de Nakschi-Rostam constam de quatro tumulos, que em nada differem, ao menos exteriormente, e de muitos grandes relevos.

Pelos escriptores gregos sabemos que os persas não queimavam os corpos de seus defuntos como os demais povos da antiguidade; e de facto, seria contrario ás leis de Zoroastro inquinar pelo contacto dos cadaveres o elemento sagrado, emanação da divindade. A inhumação tanto estava em pratica por uso civil como por crença religiosa. Todavia, a escolha da terra, que devia receber os despojos mortaes dos persas, não era arbitraria; intervinham tambem n'isso as prescripções do culto e marcavam a terra natal, o torrão abençoado que produzira cada homem e ao qual devia voltar. Concordam n'esta circunstancia numerosos e mui explicitos testemunhos. Dest'arte, Cambyses fez trasladar seu pae Cyro para Pasargada na Persia, não muito longe de Persepolis, e Dario Notho mandou apromptar a sua sepultura; e se a historia não transmittiu factos analogos relativamente aos principes immediatos, vemos, comtudo, Alexandre o conquistador, tão exacto e escrupuloso observante dos costumes dos povos

que combatia, ordenar, depois da batalha de Arbellas que fosse transportado o corpo de Dario ao jazigo de seus paes.

O monumento funerario mais antigo que se encontra no solo da Persia, parece ser o que existe no local onde foi Suza, perto de Chouster no Khusistan, e que segundo as tradições do paiz até ao presente conservadas, era o tumulo do propheta Daniel; se não podemos marcar-lhe com certeza uma origem tão remota e tão illustre, tudo nos autorisa, não obstante a differença dos logares, a consideral-o obra da arte babylonica: é um cubo de granito, tendo duas das faces cobertas de inscripções cuneiformes. Por cima d'estes caracteres ha duas ordens de representações symbolicas de homens e de animaes. Os rabbinos attribuem a este tumulo muitos prodigios, e os judeus ainda lá vão em romaria.

Em Hamadan, a antiga Ecbatana, mostra-se o supposto mausoleo de Esther e Mardocheu, que é egualmente muito venerado dos israelitas. O monumento está collocado no meio d'uma synagoga e é construido de tijolos revestidos de madeira pintada de preto: por certo que este edificio não é de epoca anterior ao islamismo; uma inscripção em hebraico, gravada toscamente n'uma pedra collocada no interior, declara que este monumento foi levantado sobre o sepulchro de Mardocheu e Esther por dois piedosos judeus de Caschan no anno do mundo 4474.

M.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

II

A zona torrida que se afigura a muita gente como uma secção do globo perpetuamente decorada d'um ceo puro e anilado; d'um mar placido e transparente, sem uma nuvem que obscureça a atmosphera, sem uma bafagem que encrespe as ondas, não gosa sempre da calma que lhe attribuem, tem suas borrascas como as demais zonas, e sobretudo apresenta trovoadas de medonho aspecto, ainda que nem sempre tão feias nos resultados como na apparencia.

A trovoada, porém, que apanhámos na altura de S. Thomé, quando se acabava de ler o manuscripto do piloto da *Amazona*, foi das que justificam a precaução do bom navegador, quando, mesmo n'estas paragens, diminue de panno apenas vê subir do horisonte aquelle negrume, sulcado a espaços por fitas de fogo, e que estende pela amplidão do ceo as suas azas alvacentas.

O gigante das trevas crescia como um phantasma, acompanhado pelo ribombar do trovão, que ainda se ouvia muito ao longe; rasgava aqui e ali o seio negro, chispando fogo que alumiava o mar e o navio em sinistro crepusculo; depois abriu na base um arco menos denso, que augmentava de momento para momento, promettendo grossa chuva; e as vagas, antes mesmo de sopradas pelo vento, agitavam-se, como obedecendo a poder sobrenatural, e no embate erguiam flocos de escuma, que a luz dos raios prateava. Grossos pingos d'agua cairam emfim sobre o convez do brigue: uma detonação horrenda, como de mil bombardas disparadas a um tempo, estalou em seguida á volta do navio, e o vento furioso se precipitou logo sobre elle, assoviando por entre a enxarcia, redemoinhando pelo convez, engolfando-se na coberta, nas camaras e no porão.

Á maneira, que a trovoada ia apresentando estas differentes phases, dava o capitão as vozes de commando com que terminámos o precedente capitulo. Em gaveas sobre a pêga e vela d'estay, corria agora o navio mais de dez milhas por hora. Como era *a caminho*, por que o vento nos impellia para o sul, pouco ou nenhum cuidado nos dava a borrasca, que não indicava mesmo ser duradoira.

Açoitadas pelo bulcão as nuvens sumiram-se emfim no horisonte austral; a ventania foi caindo sucessivamente; porém as vagas é que ficaram ainda buliçosas por largo tempo, fazendo *enjoar* a embarcação, que jogava de bombordo a estibordo e de pôpa á prôa como um embriagado.

Para attenuar em parte os balanços, e porque a aragem era de feição, içámos de novo as gaveas e a bujarrona, largámos os joanetes e a giba, amurámos papa-figos, e cassámos a vela Ré, botando a retranca por sotavento fóra.

Posto assim o barco a caminho, volvemos novamente a fallar do achado, que de alguma maneira nos ligava á aventura d'aquelle desgraçado naufrago.

O commandante, que ainda conservava na mão o celebre papel, não pouco molhado da chuva, entregou-m'o para que tirasse uma copia, *visto eu escrevinhar novellas e contos*, disse elle; e que lh'o devolvesse depois, para ser remettido ao governo de Lisboa.

Mais tarde veremos porque circunstancias não teve logar a remessa.

Da minha copia já os leitores viram o traslado.

Contar agora miudamente o que passámos durante dezoito dias de viagem, que tantos gastámos de S. Thomé a Loanda, além de ser coisa fastidiosa para o leitor, excedia mesmo a nossa promessa, formulada no titulo d'estes apontamentos: *Episodios d'uma viagem*. A parte monotona ficará pois com o autor e os seus companheiros de bordo.

. . . .

Alvorecia uma formosa manhã dos tropicos. O terral impellia-nos suavemente para longe das praias mortiferas da Africa, e a guarnição debruçava-se pelos bordos contemplando as montanhas, as arvores e as casinhas, que se espelhavam nas aguas, e que pareciam fugir de nós.

Tinhamos á vista essa famosa costa, explorada por Diogo Cão, theatro de tantas façanhas dos soldados de Christo e dos soldados do rei, rico emporio do mais vil dos traficos, tumulo de tantos facinorosos.

O terral, diminuindo de força á maneira que nos afastava da costa, expirou finalmente, dando logar a uma calma *podre*; porém lá no horisonte do sul já se enxergava uma facha escura, salpicada de *carneirinhos*; era a viração que chegava, e fresca, como nos era mister para ancorarmos ainda de dia em Loanda.

Eil-a. Mareemos convenientemente. O cutelo do velacho vae fora. Vejam se prepara a varredoira. Iça o cutelinho... Voga lá para Loanda, pobre brigue, que vaes ver a tua guarnição disimada pelas febres, e o teu bojo atulhado de enfermos, que te não deixarão conservar o aceio de hoje; as tuas manobras serão mais lentas, porque faltará o vigor aos braços dos teus marinheiros e a voz aos teus officiaes... Pobre brigue, voga, voga para Loanda!

Se estes apontamentos não admittem a derrota seguida da viagem, muito menos são destinados á pintura das costas e povoações que avistarmos.

Não espere, por tanto, o leitor que lhe contemos coisa alguma de Loanda, apesar de termos já fundeado em frente da cidade, e com tenção de nos demorarmos ahi muitos dias.

Vamos, pois, ao segundo episodio, ou antes, segunda parte do primeiro, attenta a connexão que têm com este.

A nossa chegada não estava fundeado no porto nenhum navio de guerra nacional, cumprindo-nos, por tanto, fazer o registro das embarcações mercantes que ali se achassem ancoradas. Largou logo um escaler para esse serviço, e um outro para terra, com o official encarregado de comprimentar o governador geral da provincia.

Passados, porém, poucos minutos, appareceu por fóra da ilha de Loanda uma escuna portugueza fazendo força de vela para a barra, e um brigue de guerra inglez dando-lhe caça.

O commandante reconheceu logo a aggressiva intenção de John Bull, que pretendia registrar um navio portuguez á vista das fortalezas da cidade, aonde tremulava a bandeira azul e branca; e como não tivesse mais nenhum escaler em estado de servir, mandou lançar ao mar a lancha, que vinha dentro do brigue, em quanto treze marinheiros se armavam para a tripular. Eu fui o encarregado de dirigir esta gente.

Aprompton-se tudo em um momento, e vogámos para a escuna, que já vinha dobrando a ponta da ilha, seguida sempre do implacavel bretão.

— Pica a voga!... Rema força! bradei eu á marujá, que se encheu tambem de enthusiasmo: Vamos a chegar á escuna, antes que o brigue a atraque.

A lancha voava!

— O da escuna!... atravessa.

E a escuna atravessou immediatamente.

Lia-se na sua pôpa o nome de *Minerva*.

Pouco depois estava eu, e os meus treze marinheiros, sobre o seu convez, e guinando para a terra, fomos largar ancora ao alcance da artilheria do forte de S. Pedro. O brigue inglez fundeou em seguida, a distancia de tiro de pistola da escuna, e arriou ao mar um escaler, que se guarneceu tambem de gente armada, commandada por um official de marinha, dirigindo-se logo a nós.

— Marinheiros, disse eu, este navio não se deixa registrar por um official estrangeiro dentro de um porto portuguez. Estende em linha pela borda.. escorvar, e carregar.

— Sr. tenente, observou um velho cabo de marinheiros; não seria prudente, visto estarmos ao alcance da artilheria do brigue, pendurar do portaló a bandeira nacional... Estes perros não se atreveriam a pisal-a.

— Subiam pelo costado, lhe respondi eu, tão alto é elle? Ora anda, meu velho, trata de fazer boa pontaria, para ao menos morrermos matando, se os nossos alliados quizerem violar o direito das gentes.

O escaler inglez atracava n'esse momento ao costado da escuna.

Cheguei ao portaló, e perguntei ao official britanico o que pretendia.

— Registrar esse navio, que nos fugiu, dando-se assim a conhecer como negreiro.

— Cá estou eu para averiguar isso.

E mostrei-lhe as minhas dragonas de tenente, e a bandeira portugueza que tremulava na pôpa da escuna.

O inglez hesitou, como quem não tinha instrucções muito amplas, e talvez por ver os canos dos fusis por cima da borda, o que lhe indicava que acharia séria resistencia contra a pequena força que commandava. Por fim comprimentou, e retirou-se.

D'ahi a pouco recebi reforços de tropa e marinhagem; armei a tripulação da escuna, e esperei pelos acontecimentos.

Quando anoiteceu, e que estavam collocadas as vigias necessarias, e dadas todas as providencias para evitar uma surpresa nocturna, desci á camara do capitão, que me havia convidado para tomar algum refresco, e entabolámos conversação sôbre varios assumptos, de nenhum interesse, como succede noventa e nove vezes por cada cem que fallamos com um estranho.

No fim, porém, de meia hora de palestra, tornou-se o dialogo interessantissimo, graças á um feliz acaso. Houve um verdadeiro reconhecimento theatral.

Lançando, distrahidamente, os olhos para o livro da matricula da escuna, achei que o seu capitão se chamava Carlos Antonio Pedrozo.

Este nome não esqueceu de certo aos leitores?

Perguntei com anciedade ao meu interlocutor:

— O senhor é parente de um piloto d'este mesmo nome, que morreu na galera *Amazona*?

— Sou eu mesmo, respondeu placidamente o capitão.

— O que morreu não é de certo, accrescentei eu, rindo.

— Sou eu o piloto da *Amazona*, replicou elle, mas não morri.

— Isso vejo eu; mas então para que escreveu aquella confissão geral, que entregou ás ondas dentro de uma garrafa? Foi para cassoar com a gente?

— A garrafa!!!.. clamou o sr. Pedrozo, com tres pontos de admiração na voz, e não sei quantas interrogações nos olhos. — A garrafa! repetiu surdamente, como o ecco de si mesmo.

— Sim, a garrafa que continha a confissão geral.. Ah! maganão, que lhe não escapou a criada!.. Ora, diga a sr.ª D. Theresinha já é sua esposa?

— Sabe tudo! balbuciou o capitão, cada vez mais pallido e mais aterrado... E do lenço?...

— Isso são coisas de rapaz, que se desculpam. Lá tem o João Jaques Rousseau, que tambem furtou uma fita, e ainda em cima deixou condemuar em seu logar uma mulher honrada.

— Que vergonha, meu Deus! que vergonha! exclamou o piloto, cobrindo a cara com as mãos.

— Qual vergonha, sr. Pedrozo; esta historia fica entre nós. O que eu desejo saber é como se salvou?

— Diga-me primeiro como achou a garrafa?

— É simples. No mar; a algumas milhas da ilha de S. Thomé.

— Depois de tantos annos!.. Já nem de tal me lembrava.

— Mais tempo andou no oceano uma declaração de Colombo, confiada ás aguas na sua viagem de descoberta ao Novo Mundo, pois só agora appareceu em uma praia do Mediterraneo.

— Contentava-me que a minha confissão se demorasse tanto tempo á tona d'agua!

— Está em meu poder, e prometto entregar-lh'a, ainda que me compromelta.

— Que excellente rapaz!... Pois já que sabe o principio da minha historia, vou contar-lhe o resto.

— Vamos a isso, capitão, que assim afugentaremos o somno, já que os inglezes nos obrigam a estar álerta.

O sr. Pedrozo contou as suas aventuras do seguinte modo (salva a redacção.)

— Depois de enrolar o papel que continha a minha confissão, metti-o dentro de uma garrafa, que achei por acaso na tolda, Iirei a rolha o melhor que

pude, e, fazendo o signal da cruz, atirei com a botelha ao mar. Ajoelhei em seguida sobre as taboas do convez, e comecei uma fervorosa oração ao Altíssimo, isempto já de toda a esperança terrestre; porém uma onda que galgou pela pôpa, veiu cortar a que eu reputava ultima reza da minha vida, arrojando-me com violencia contra a bitacula. Pelo instincto da propria conservação, que não abandona o homem em quanto lhe resta um sopro de vida, ergui-me rapidamente, e corri para a amúrada, segurando-me á uma mesa de malaguetas, para não tornar a caír quando novas ondas entrassem na galera. Então, lançando ainda a vista para o sol que se occultava no horisonte, vi no meio da esteira de luz qué os seus raios projectavam na agua... uma vela... uma vela!.. A salvação!..

O sr. Pedrozo bradava com tal força, e gesticulava com tanta energia, que parecia achar-se ainda no meio do perigo.

—Eram os meus companheiros, que eu accusara injustamente, proseguiu o capitão, que haviam dado pela minha falta, e que voltavam no brigue Williams a procurar-me. A culpa não fôra d'elles, fôra da minha embriaguez, pois que em casos taes ninguem se lembra vulgarmente senão de si. Apenas eu tinha saltado para dentro da lancha salvadora, quando a galera mergulhou de todo nas ondas, deixando a superficie da agua coalhada de destroços. Entre os restos da *Amazona*, que iam boiando, notei a parte da meia laranja aonde alguem da companhia havia escripto com giz: *A barca* Amazona, *de Lisboa, foi abandonada pela sua tripulação...*

—Já sei, interrompi eu; e o sr. Pedrozo accrescentou-lhe:

«*Não! Nem toda a gente foi salva.*»

—É desgraça minha, que em pondo a penna no papel sae por força asneira! Atalhou logo o capitão. Primeiro essa, depois a confissão.... veja que duas!

—Da segunda não lhe resulta mal nenhum; amanhã pode queimal-a.

—Seja Deus louvado!.. Pois olhe que a primeira deu-me serios desgostos!

—Talvez seja segredo; e eu não quero ser indiscreto perguntando...

—Nada, nada. Heide contar-lhe a historia até ao fim.

Se o leitor tem curiosidade de saber o resto, pode ouvir o capitão, que vae continuar a sua narrativa.

—Cheguei a salvamento ao Cabo da Boa Esperança, aonde encontrei um honrado capitão de navio inglez, que, por caridade, me levou para Bombaim, d'onde me era facil passar a Goa, pois que não fallando outro idioma senão o meu, só em terra portugueza poderia achar meios de ganhar a vida para voltar a Lisboa. Na India, porém, só havia um navio portuguez para regressar á patria; e este, infelizmente, ia primeiro a Macau, de lá a Timor, e voltava pelo *Cabo* a Lisboa. Como não havia por onde escolher, acceitei o logar de piloto, que me offereceram, e entreguei-me outra vez ás furias do mar. N'esta longa e trabalhosa viagem não tivemos com tudo nenhum desastre memoravel... Os grandes desgostos estavam guardados para a chegada a Lisboa!

Havia mais de anno e meio que estava ausente de casa; e cinco mezes depois da minha partida publicara a *Gazeta* as malditas declarações, escriptas na meia laranja da *Amazona*, que fôra encontrada logo depois do naufragio por um navio que seguia do Brazil para Portugal. Meu pae e minha mãe apenas souberam da nova, adoeceram gravemente e morreram de desgosto. A Theresinha... casou d'ahi a algumas semanas, com um merceeiro gordo, nosso visinho; e meu irmão Paschoal habilitou-se universal herdeiro de nossos paes, e estragou o patrimonio n'um abrir e fechar d'olhos, em companhia da *melhor sociedade* de Lisboa; depois alcançou o posto de alferes para Moçambique, e quando eu cheguei já tinha partido. Estava pois só no mundo, orphão, pobre, e atraiçoado!... Resolvi-me a abandonar para sempre a patria, e buscar fortuna do outro lado do oceano.

Metti-me a negreiro, accrescentou elle, abaixando a voz, e duas vezes fui prisioneiro dos inglezes...

—Hoje ia sendo a terceira vez...

—Não senhor. Amanhã verá, quando descer ao porão, se encontra algum dos indicios de que trata o decreto de 10 de dezembro de 1836. Fugi ao inglez, porque tenho zanga áquella gente, e mesmo porque elles já tem aprezado navios sem o menor signal de se destinarem ao trafico.

Dois tiros de espingarda, dados a bordo da escuna, nos fizeram erguer de um salto. Subi ligeiro a escada da camara, e vi que amanhecia. Os tiros eram o signal da alvorada.

D'ahi a pouco recebi ordem de velejar a escuna para junto do nosso brigue, manobra a que o capitão inglez se não oppoz, porque ja havia conferenciado durante a noite com o commandante portuguez. Passei depois uma rigorosa busca á escuna, e não lhe tendo encontrado o menor indicio de se destinar ao trafico da escravatura, despedi-me do sr. Carlos Antonio Pedrozo e do seu piloto, e embarquei com a minha gente na lancha do brigue.

N'esse mesmo dia cumpri a promessa feita ao capitão da *Minerva*, enviando-lhe a confissão geral do piloto da *Amazona*.

Continua.

F. M. Bordalo.

Á MEMORIA DE D. ANNA DA CONCEIÇÃO DE MELLO FRAGA, E DE SEUS FILHOS ANGELA E ALFREDO, FALLECIDA A 1 DE SETEMBRO DE 1855.

Continuação

Como esquecer heide eu a paciente
Resignação christã, que tu mostraste
Na tua enfermidade?
Com tanta placidez, gesto contente,
O espirito abatido me animaste
Co'angelica piedade.

Teu maternal amor tão extremoso
Pelos caros filhinhos, que perdemos,
Te aggravou a doença:
Com grave sentimento doloroso
Viste dos mallogrados teus extremos
Tão triste recompensa.

Tua força vital enfraquecida
Não póde resistir a tanto abalo,
Succumbiu aterrada;
Mas, da divina graça esclarecida,
Sempre mostraste ser, sem intervallo,
Christã e resignada.

Té o fatal instante derradeiro
Soffreste paciente e edificante,
O mais atroz tormento,
Sendo exemplo fiel e verdadeiro,
De admiravel virtude tão brilhante,
Digna de acatamento.

E pude eu ter-te, sem morrer de pena,
Entre meus braços já inanimada,
N'elles rendendo a vida!
E pude contemplar a triste scena
De ver a morte reduzir-te ao nada,
Ver a fatal partida!

Tão penosa lembrança me atormenta,
E a vida pouco a pouco assim me acaba
Em lugubre tristeza;
Do espirito a contínua, e grã tormenta,
Em ruinas o corpo me desaba
Com asperrima f'reza.

Ah! Não mais dos filhinhos ser-me dado
Gosar de seus affagos innocentes,
Nem dos da casta esposa!
Triste no mundo, só, desamparado,
Vou regando com lagrimas ferventes
De seu sepulchro a lousa.

O coração me corta esta lembrança;
Perder tudo o que mais na terra amava,
Para sempre perdel-o!
Nem ao menos me resta a fraca esp'rança,
Com que a recordação se adormentava,
De poder esquecel-o.

Como um amante, terno passarinho,
Que só na prole sua e companheira,
Põe todo o seu cuidado,
Quando as vê mortas, derrubado o ninho,
Espavorido foge, na carreira,
No vôo todo assustado:

Tal estou n'este mundo, e solitario,
Triste, abatido, da saudade oppresso,
Em tormentosa lida;
Para ao termo chegar do meu fadario,
Debalde ao ceo irado a morte peço;
Pois me aborrece a vida.

Mas emquanto a existencia amargurada
Pela paixão, saudade, dôr e pranto,
Vae ao seu fim chegando,
Minha alma tão afflicta e consternada,
Encontra allivio no sentido canto,
Que a dôr vae mitigando.

No verso triste, sem cultura e arte,
Deploro a perda dos amados entes,
Para quem eu vivia,
N'elle só sentimento e amor tem parte,
Amor, que se traduz em vehementes
Suspiros e agonia.

Sobre a marmorea lage, a qual encerra
Mortaes despojos, tão de amor chorados
Por humana fraqueza,
Ali c'o pranto meu inundo a terra,
Ali suspira, chora entes amados,
A fragil natureza.

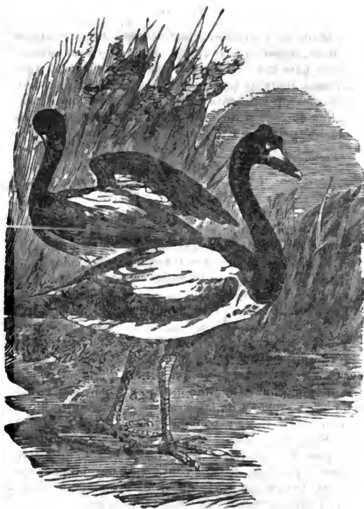
As campas sepulchraes ali molhadas
Co'as lagrimas do pae, do terno esposo,
Serão diariamente...
Mas, ah meus prantos, penas magoadas,
Não lhes perturbeis mais celeste goso
Da gloria permanente!

Da bemaventurança gloriosa,
Que á vista gosam do Creador supremo
Na divina morada:
Dae-me, oh Deus, egual sorte tão ditosa,
Junto aos entes, que amei com tanto extremo!
Oh sorte afortunada!

E tu, oh querido bem, cara consorte,
Que já no ceo desfructas descansada
O premio da virtude;
Pois que nos desuniu na terra a morte,
Para a união no ceo nunca acabada,
O rogo teu me ajude.

Carnachide 26 de maio de 1856.

ANTONIO MARIANNO TIBURCIO DE FRAGA.



GANSOS-CYSNES DA AUSTRALIA.

Um casal de gansos-cysnes, oriundos d'Australia, que só se encontram na parte norte d'este paiz, e é a unica casta que ali existe, foi conduzido para Londres, e faz hoje parte das collecções d'animaes da sociedade zoologica da mesma cidade.

Mr. Gould, na memoria que publicou sobre os passaros da Australia, descreve assim os gansos-cysnes, representados na nossa estampa, e que são hoje mui raros.

« Quando o New South Wales começou a ser colonisado, esta especie singular era muito abundante no Kaukesbury. As margens dos rios, e das lagoas encontravam-se povoadas de gansos-cysnes; á medida porém que a civilisação e o progresso foram invadindo o paiz acabou esta raça; até que desappareceu quasi totalmente. N'algumas partes do districto de Port Phillip ainda se conservaram por bastante tempo, servindo mesmo de unico sustento aos naturaes do paiz, os quaes, segundo diz o dr. Leichardt, lhes davam caça, atirando indistinctamente aos grandes bandos que voavam por cima das suas cabeças, toldando a atmosphera. O ganso-cysne parece conhecer instinctivamente os seus inimigos. É incrivel a distancia do seu vôo, e percorre sem descanso muitas milhas. »

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

Drama original em 5 actos

Por

ANTONIO DE LACERDA.

I

Muito de proposito temos deixado decorrer algum tempo, depois que o drama *Fazer Fortuna* subiu á scena para mais devagar e com maior placidez o podermos analysar como desejamos. Raras são as impressões de momento sobre que a parcialidade não influe ou cuja justiça não é derivada pelo enthusiasmo ou pela animadversão. Assim, embora assistam ao critico os melhores desejos do mundo, torna-se-lhe difficil, senão impossivel, fazer obra tão pausada e fria, que responda pelo são juizo das suas opiniões. Mais tarde porém é differente, e o escriptor pode aventar sobre o assumpto o que entende, como o historiador sobre os successos passados, ou sobre os personagens, que baixaram á sepultura.

E, confessamol-o com franqueza, repetidas vezes temos intentado este trabalho e o desalento de tal modo nos tem vergado o animo que sempre temos deposto a penna descrendo da propria capacidade.

É que se ha trabalhos ingratos é sem contestação um d'elles este da critica. Mais creando inimigos do que amigos, acarretando cuidados e encargos de consciencia, reserva no fim para o que o trabalhou, a mesma gloria, quando muito, que pertence áquelle que só pode attentar os astros, quando munido do oculo do visinho astronomo.

Seguiremos passo a passo o autor na sua obra, e depois de assistirmos á conclusão do acto final diremos o que nos occorrer sobre cada um dos personagens, bem como sobre a perspectiva geral, e harmonias, do aggregado dos caracteres todos.

II

> Julia — E eu...... se me visse na precisão de deixar a casa de nosso bom pae, de a não ver ao menos de longe.. ou se não houvesse de voltar á nossa freguezia a aspergir agua benta no sepulchro onde repoisa nossa pobre mãe.... oh! então.... então.
>
> Acto I — Scena II.

Ao começar o drama, o espectador encontra-se n'uma d'essas casas abastadas do Minho de lavrador laborioso e remediado. De duas filhas que elle tem, a mais velha, e a mais prendada, aquella, que no convento e na cidade colheu graças e donaires para juntar ás naturaes, é quem primeiro se apresenta, patenteando-nos os seus projectos, a sua ambição e arreceios de abandonar o presente risonho, que a rodeia, por um futuro promettedor é verdade, mas duvidoso e escuro.

Sua madrinha, uma mulher que se dá por tal, e que por similhante forma a trata, incita-a pelo exemplo e com os conselhos, a procurar em longes terras, no Brasil, melhoria para a sua sorte, tranquillidade e opulencia para os seus, satisfação para os seus desejos ambiciosos e para as suas pretenções desvairadas. Mais do que ella o é, sua madrinha fôra pobre; e um enlace interesseiro, uma fortuna adquirida pelos meios torpes da escravatura, lhe tinham garantido uma fortuna sem egual na sua terra e sem inveja ás melhores da cidade.

A donzella todavia conserva-se indecisa. Fundas raizes a prendem para que possa sem grande custo desarreigar-se da aldêa onde nasceu. As venerandas cãs de seu pae, que lhe quer como a luz dos seus olhos, e que receia macular com o lodo da infamia; sua irmã mais nova, pobre creança, que se lhe ampara e lhe reclama exemplo e protecção; um gentil moço d'aquelles logares, pobre de fortuna, mas rico de amor, de talento e de aspirações, são elos todos, o qual mais forte, o qual mais resistente da cadêa tenaz que a prende (como Prometheu) ao rochedo, á mediocridade obscura, que tanto lhe pesa e custa.

Forte e malferida peleja se dá no animo de Emilia; tentações a desvairam, amores a reconduzem. Que pode fazer, se se vê como o barco, que leva em mira um certo porto, mas que as vagas desencontradas, o furor dos ventos, o receio dos rochedos obrigam a mudar de carreira e de destino?

Julia entretanto lhe apparece. Aos olhos da irmã, que lhe atravessam até ao fundo d'alma, como o raio do sol até ás profundidades do mar, não ha mysterio, que o seja, nem arcano, por mais recondito, que se não patenteie.

A amisade supprе-lhe os conhecimentos, o interesse a pratica do mundo. É d'aquelles labios infantis, que vão surgir as exprobrações merecidas, á que pretende abandonar a casa paterna, deixando-lhe ver o que ha de feio na acção que vae praticar, e as desgraças que pode acarretar sobre si e os seus com o perdimento d'aquella descuidosa felicidade.

É quadro este de mão de mestre. Que, se pelo sentimento se eleva, muito mais sobe ainda pelas molas pouco gastas, que lhe imprimem a acção. Não é da bocca respeitavel do ancião, nem dos carinhosos labios da mãe, que nos estremece, que saem os conselhos mais justos, a reprehensão mais severa. É de Julia, a innocencia em pessoa, a candura e a singeleza, que elles saem, como abundante nascente de prado singelo ou de pedra lisa; e d'ali o quadro mavioso da vida aldeã, a pintura carregada do existir criminoso da filha perdida, a exprobração á transviada saem mais mimosos, com mais frescura e viço, mas não com menor energia e verdade.

Lembra-nos aquella singela fabula de Lafontaine — Les deux pigeons — uma das mais mimosas d'aquella mimosa collecção, e em que um d'elles dissuade o outro de seus projectos temerarios:

..... Qu'allez vous faire?
Voulez-vous quitter votre frère?

Mas, á similhança do pobre pombinho, Julia nada consegue, e a educação da cidade, como o pomo da arvore da sciencia, tem perdido sua irmã, e tem-lhe levado o pensamento por essas regiões encantadas, onde o oiro surge da terra, onde as fortunas crescem e avultam com a mesma rapidez e brilho da sua vegetação inter-tropical.

Era mister para que bem se comprehendesse quanto vae perder, que em rapida revista apparecessem as felicidades d'aquelle viver innocente, as affeições que se lhe ligavam e que por ella existiam.

O apaixonado, elevado sobre os demais pelo talento e estudo, que espera de si e de seu trabalho uma posição elevada, para lhe offerecer em dote; o pae que a estremece; os visinhos que a estimam; as danças populares, os folguedos, as festas, os banquetes patriarchaes, tudo lhe avulta, tudo lhe passa ante a vista, grinalda sympathica de flores, cujas folhas vae arremeçar sem dó na sua estrada de perdição.

E para o claro escuro do quadro, essa madrinha perversa, pintando-lhe as felicidades que a esperam, se procurar fortuna; e os aldeãos, que vão partir engodados em promessas mentidas, e em palavrosos protestos dos alliciadores da terra.

Entre os differentes vultos, que povoam a scena n'este primeiro acto, dois ha, que se destacam d'entre os demais, e que postoque secundarios, hãode apparecer mais tarde em circunstancias bem differentes.

Um, especie de *Thomé das Chagas*, procurador ou andador de confrarias, alma damnada que se acoberta com o veo da religião, advoga principios de sã justiça, que as suas acções desmentem, e falla de si e da sua integridade de caracter com o mesmo desfaçamento, que a tanto politico assiste d'esses de —antes virar, que torcer.

Outro, pobre laponio, a quem uma herança futura empoeira a cabeça de fumos pretenciosos, aspira á candidatura de deputado e prepara-se para a exercer, quando lhe abundarem os meios, proferindo sentenciosos conceitos, ou discursos de torna viagem.

Ambos são d'aquelles, que por ahi temos visto: como notabilidades de aldêa, guerreiam-se entre si, e por um és não és que não passam a vias de facto.

Deixemol-os porém, de pouco agora nos importam, e attentemos em Emilia, que ainda está irresoluta e Deus sabe em que tormentos para se decidir.

Todavia, não ha tempo a perder. Na madrugada seguinte parte o navio em que deve ir, e precisa tomar uma resolução, seja ella qual fôr.

Aqui termina o primeiro acto, e n'elle está tambem a acção toda delineada, como no ovo da aguia estão os primeiros rudimentos da ave arrojada, que deve um dia fitar o sol e arrostar os seus raios.

Se para seguir os preceitos da arte tem o primeiro acto de servir de introducção ao drama, e apresentar em globo o que mais para o diante se hade desinvolver, como o exordio do discurso; este satisfaz plenamente esboçando os quadros todos, que depois teem de ser aperfeiçoados e promptos.

As scenas de costumes tão singelas, mas tão poeticas tambem, que se encontram nas nossas provincias, os typos nacionaes tão nossos, tão perfumados com os aromas das flores dos campos e da vida patriarchal das aldêas, apparecem ali em alto relevo, ornamentando a acção sem a prejudicar nem escurecer.

Já n'outro logar e em outro artigo de critica o dissemos. O drama original passado na cidade deve ressumar, para ser verdadeiro, os costumes e habitos estrangeiros que tanto reinam entre nós, e difficil lhe será por isso deixar aperceber bem palpavelmente o cunho portuguez; nas provincias, porém, cujo viver é á parte e menos em contacto com as grandes cidades, não se tem perdido a nacionalidade propria, nem é difficil, com estudo e trabalho, conservando a verdade, colher fructos de lavra nossa, e não transplantados de alheio solo. O autor de Fazer Fortuna—conheceu-o ao escrever a sua peça, e por isso conseguiu convenientemente conservar a originalidade, a côr local, e a exactidão da pintura.

Bem haja, que não despresou as nossas coisas, e prouvera a Deus que o seu exemplo, seguido pelos modernos escriptores, fizesse com que em vez do acanhado respigo estrangeiro, podessemos recolher fartas medas de cearas nacionaes.

Não faltam defeitos no primeiro acto, e entre elles avulta mais que nenhum outro, o acabamento d'elle, como frio e rapido de mais, comparado ao movimento das primeiras scenas; de modo que ao espectador parece, que o panno tem descido antes de tempo.

Consta-nos porém, que o proprio autor reconheceu, quanto o esmorecer do final lhe perdia o effeito do primeiro acto, e que tenciona remedial-o na proxima occasião em que o seu drama torne a subir á scena.

Tambem fôra para desejar, que se precisasse mais a resolução de Emilia, e que a surpresa de a encontrarmos no segundo acto no Brazil, cedesse ao desinvolvimento mais justo da exposição. A primeira e segunda scena, apesar de aprimoradas no estylo, e elegantes na dicção, são um tanto extensas, e estamos convencidos de que poderiam ser um pouco cortadas, sem perderem a belleza nem acanharem a narração. Mas erros são estes, se o são, de facil emenda, e que bem pouco prejudicam.

Continua.

R. Paganino.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Frontaria da egreja.

Ficava o seu frontispicio, e a porta olhando para o sul.

A vista sobre esta parte da cidade era magnifica, porque então ainda não existiam muitas d'essas casas que hoje lh'a obstruem pelo lado da rua do Arco da Graça e calçada nova do Collegio, descobrindo assim parte do Tejo e suas montanhas d'além com o horisonte do Castello, Graça e Nossa Senhora do Monte.

Antes de se entrar no adro facilitavam a subida para elle alguns degraus, tendo principio n'um terreiro. Este ainda existe hoje, porém do adro já não ha vestigios.

Tinha tres portas das quaes a do meio era de competente grandeza. Aos lados d'ella assentavam, e ainda assentam sobre dois pedestaes duas boas columnas com suas bases e capiteis, a que se segue uma

bem obrada cimalha, e sobre ella um engraçado frontispicio com boa obra que remata em uma cruz.

É toda esta obra do portal, como a mais do frontispicio de marmore branco, e bem brunido.

Na sua largura vêem-se oito pilares, dos quaes os quatro que ficam entre as portas sobem por toda a altura da frontaria. E os dois que se seguem depois para cada lado tem no meio um nicho, em que se collocou a imagem d'um santo, tambem de marmore.

Sobre o ornato das portas e nichos correm na mesma linha cinco janellas, tres das quaes caíam sobre o côro.

A do meio que assenta sobre a porta principal é de maior largura, ficando as duas ao seu lado correspondentes a prumo ás outras duas portas da egreja.

As outras duas que ficam na mesma linha e na mesma altura, deitavam para os corredores que iam por cima das capellas da egreja, e onde estavam as tribunas d'ella.

Por cima das referidas cinco janellas corre uma formosa cimalha resalteada, e com boa sacada para fora.

Superior á dita cimalha, e correspondente á janella que fica sobre a porta principal, tem logar outra janella, que, sendo unica no segundo corpo do frontispicio, é de maior grandeza, e com guarnição de maior feitio, porque ao lado das ombreiras tem suas misulas, e por cima seu frontispicio de quartellas.

Aos lados d'esta janella se continuam de cada parte dois pilares, e entre elles existe um nicho ornado com seu frontispicio de molduras, que fecham em angulo; e sobre a janella, pilares, e nicho, em boa altura, corre a cimalha real, e a ultima do frontispicio, que sobre os pilares é resalteada.

Tem esta grande cimalha ou cornija uma formosa sacada, sustentada por cachorros bem lavrados, e similhantes a outros que a egreja tem por dentro.

Não se tencionava no principio que as torres ficassem no frontispicio, e sim nas costas da capella mór, com capacidade para sinos e relojo.

Mudou-se depois de intento, e projectou-se accommodal-as ainda na extremidade da largura do frontispicio; mas como não tiveram nascimento debaixo, não poderam em cima ter capacidade sufficiente para ficarem em forma conveniente, e por isso começadas já a levantar, vieram os padres a desistir por então da obra, guardando para outro tempo a resolução d'ella.

E assim foi que mais tarde as levaram por diante; erguendo-as tão formosas no feitio e lavor, que eram uma das maravilhas d'este templo.

Onde existem porém hoje? Nem vestigios d'ellas, porque foram derrubadas, não pelo terremoto mas por mãos de homens, ahi pelos annos de 1838.

E não contentes ainda esses homens com tal feito, venderam-as ao estrangeiro, pois é fama que foram compradas por um amador intelligente para uma das novas egrejas que n'aquella epoca se estavam construindo em Inglaterra!

E note-se que n'aquelle tempo tinhamos nós em Lisboa tres freguezias em construcção—as de S. Nicolau, S. Julião, e S. Mamede. Preferiu-se o dinheiro do estrangeiro, e Deus sabe se proporcional á riqueza do trabalho, a conserval-as no paiz como monumento e recordação da arte no seculo XVII.

Aos lados do frontispicio sobre as capellas da egreja, fica de cada parte uma varanda, em que ha pilares, pyramides e balaustres de pedra. Sobre esta varanda encostada á parede que sustenta a abobada da egreja, se vê uma cimalha grandiosa ornada com obra similhante á que tem a varanda que fica por baixo, servindo-lhe assim não sómente de ornato e formosura, mas tambem de segurança aos que subiam e andavam sobre o tecto da egreja; no qual, por cima da abobada de pedra, se fez outra de ladrilho, que, egualada muito bem, se cobriu de pedraria, para defender não passasse a aguá, quando chovia, ao pavimento da egreja.

No meio do cruseiro se via erguida a elegante architectura do seu zimbório, revestido todo de pedra de cantaria; e n'elle oito grandes janellas que terminavám em arco, acompanhadas de dois pilares por banda; vindo assim a ficar cada uma entre quatro pilares, que por todos faziam o numero de trinta e dois.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

A disputa muitas vezes deixa de esclarecer o espirito, e aliena as sympathias.

—

A disputa regular traz o recontro das idéas; e de este surge a voz da verdade.

—

Se o circo das disputas não fosse invadido pelas paixões, seriam mais justas as suas decisões.

—

Nas disputas o maior inimigo da verdade é o amor proprio, que, ainda depois de convencido, não se dá por vencido.

—

Queremos ter dominio sobre os outros, e não sabemos obtel-o sobre nós mesmos.

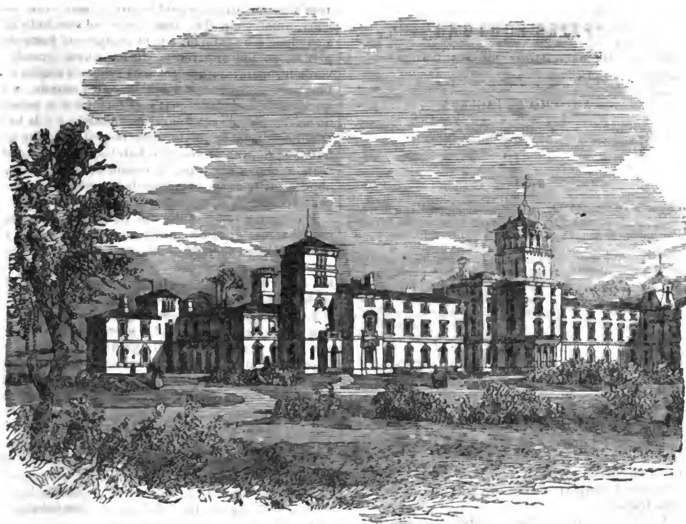
(Aphorismos)—Moraes Carvalho.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



ASYLO DE ORPHÃOS EM CROYDON.

Surrey é um condado, ou provincia, d'Inglaterra entre o de Kent a leste e os de Berks e Southampton ao poente; n'elle esta Croydon sobre o Wadle, perto dos cabedelos ou medões de areia de Banstead, e apenas distante de Londres pouco mais de tres leguas.

Possue esta cidade a excellente instituição para abrigo de orphãos de menor edade, agora collocada em Stamford-hill, e que teve a primitiva fundação em 1844. Recebe creanças que já não tem pae sem distincção de classe, sexo, ou religião basta, só que sejam desamparadas e pobres; ahi são mantidas e ensinadas, os rapazes até os quatorze annos e as raparigas até completarem quinze.

No decurso de doze que conta de existencia aquelle instituto caritativo tem admittido 314 creanças, e continha no principio d'agosto proximo passado 135. No começo e ainda por algum tempo os alumnos foram accommodados n'uma casa em Stamford-hill; mas, como augmentasse o numero, foi necessario espalhal-os por outros locaes; e d'esta divisão da familia nasciam muitos inconvenientes e despezas.

Estando já cheias as tres casas, a commissão comprou um terreno perto de Croydon, onde tratou de levantar o edificio acima representado, cuja primeira pedra foi collocada no dia 5 d'agosto ultimo pelo *lord mayor* concorrendo as autoridades municipaes, e os patronos e bemfeitores do asylo. Tem accommodações para 400 creanças, independente das que se destinam aos empregados e servos da casa, e das officinas necessarias.

Os alumnos dividem-se em tres classes, rapazes, raparigas, creanças pequeninas.

A frontaria tem 320 pés de extensão por 160 de fundo. A entrada é por um bello portico em uma torre central da altura de 100 pés até á grimpa, tendo na parte superior um sino. A obra é no estylo da architectura italiana, e de gosto e caracter singelos; foi ajustada por dezoito mil libras esterlinas.

M.

O LUCIO.

A *Illustração Ingleza* para demonstrar a voracidade do lucio, contou não ha muito tempo um facto, que se deu com dois individuos d'esta especie. Eis o caso:

« Um lucio ia devorar outro de corpo egual ao seu. O devorado não póde passar pela guela do seu aggressor, nem póde retirar-se, retido como estava pela valente dentadura que lhe guarnecia a bocca. O lucio tragado ficou preso entre os queixos do outro; n'esta posição os dois individuos em breve morreram asphixiados. »

Assevera aquelle jornal, que os dois lucios foram encontrados assim em Crystal Colne.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

Drama original em 5 actos

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação

III

Berenyce— . . Viver não, que tenho ancia de ir em espirito aos paramos ardentes em que nasci, escutar o murmurio dos palmares e antever na miragem do deserto os paizes deliciosos das almas.. . era a crença de meus paes.... a que primeiro tive. Irei depois aos logares onde os christãos se purificam para gozarem eternamente...

Emilia — Deus cuja clemencia é infinita hade chamar junto a si abraçadas as duas infelizes irmãs; mas só elle tem direito á nossa vida e á de nossos inimigos.

Acto II — Scena VII.

No segundo acto, o idylio desapparece; e as côres carregadas do crime substituem as mimosas tintas da virtude.

Estamos no Brazil e em casa de um rico negociante de escravos; um dos que adoram o bezerro de oiro, e sacrificam nas suas aras insaciaveis, probidade e honra proprias, vida, virtude e liberdade de seus irmãos.

Um d'estes, que estão costumados a sotopor os mais sagrados deveres ao interesse, e que trocam em moeda corrente affeições e amores, dedicação e amisade.

Este e Berenyce são os dois grandes vultos da composição. Os moldes não estão estragados pelo repetido serviço e as estatuas sairam perfeitas.

Um e outro contrastam entre si. O primeiro personifica a raça barbara, que, traficando em carne humana, tem convertido em instrumentos seus uma grande parte da humanidade; a outra, a raça escrava e desvalida, que a má sorte tem posto á disposição e ordem d'esses despotas e senhores do seculo XIX.

Raças de opprimidos e oppressores hãode lutar continuamente. Já o teem feito por vezes, e se preparam ainda para o fazer; como na edade media entre senhores e escravos, o combate levará annos, rios de sangue tingirão essas porfias; mas a victoria, essa hade forçosamente caber aos infimos; que sempre lhes tem cabido, para que fructifiquem as sacrosantas sementes, que no alto do Golgotha foram regadas pelo sangue do justo.

Entregue a calculos torpes, vê Aurelio centuplicar-lhe a fortuna e locupletarem-se-lhe os cofres. É o que basta. Que importa que pelas maiores abjecções, pelas maximas villezas o tenha conseguido! Que importa, que tenham concorrido as escravaturas negra e branca, a moeda falsa, a seducção e o roubo? Os cofres fallam mais alto com o seu estrugir sonoro; o tinir dos seus dinheiros tem comprado os poderosos e fascinado os humildes. Do resto ri-se o homem superior.

Todavia, as imagens das suas victimas veem-lhe apparecer diante dos olhos, mais vivas, mais pungentes do que ao rei escocez, e cada uma recorda um crime, cada uma reclama um castigo, cada uma grita vingança.

Emilia, a innocente filha do Minho, é a primeira. Tem deixado, illudida pela refalsada madrinha, pae, irmã, amores e patria; tem conservado de tudo isso a saudade e o remorso, e para compensar tamanhas perdas, só lhe apparecem uma fortuna, grande é verdade, maior do que em seus sonhos a sonhara, e uma posição brilhante n'aquelle outro mundo, n'aquell'outra sociedade; mas essa fortuna é o premio do seu corpo e da sua honra; essa posição é a da barregã do homem opulento; esses respeitos são-lhe tributados, porque pertence a Aurelio; essa sociedade acata-a sómente porque a considera propriedade, objecto, distracção, capricho do homem cujos caprichos venera.

E ella vem rojar-se-lhe aos pés, pedir-lhe entre exprobrações e choros o que nunca lhe devêra ter tirado, aquelle *engano d'alma ledo e cego*, em que vivia em casa de seus paes, a honra de sua familia, um nome de que não possa corar, uma posição, que tenha nome em lingua de homens.

E pede-o para que as maldições paternas se retirem de sobre a filha perdida; e pede-o para que os seus a não considerem morta para si, como já o está para a honra; para que a sua casa possa conservar-se sem mancha, para que o vilipendio não cubra seu nome proferido pelas boccas dos seus companheiros d'infancia.

Aurelio resiste a principio, e cynico que é, lhe demonstra com theorias suas a puerilidade de similhante pedido. Cede finalmente, não para reparar um erro, mas para que as faces d'aquella, que conserva como ornamento das suas salas, lhe não desbotem com o chorar, para que a belleza tão invejada pelos outros se não perca com desgostos.

O casamento hade fazer-se em breve. Existem impedimentos insuperaveis; um padre, digno d'este nome, não pode sanccionar similhante consorcio; mas outros menos meticulosos hãode apparecer; *não falta d'essa fazenda*, diz deixando tinir o oiro nas algibeiras; a joven pode descansar, que seu futuro esposo vae dispor tudo em ordem para a união proxima.

Entregue a seus pensamentos, lembranças da sua aldêa a vem despertar. Tres pobres raparigas, tambem enganadas, e menos favorecidas da belleza, lhe vem pedir misericordia e implorar-lhe soccorro contra os maus tratos, que teem soffrido, contra a sorte que as espera. São companheiras de infancia, que a reconhecem, que lhe fallam de seu pae que deixaram doente, de sua casa outr'ora em festas, hoje em prantos, onde d'antes resoavam os descantes populares, onde hoje rumorejam sómente os soluços da desventura.

Soccorre-as. E por quanto não desejara acompanhal-as a essas terras para onde voltam; por quanto ao menos em sua companhia recordar passadas venturas, prazeres dos melhores tempos! Mas ellas teem de fugir, porque a voz de Aurelio que vem de castigar os escravos, que as deixaram penetrar até ali, se ouve proxima, e porque, quem sabe, se ali preexistirem, o mesmo castigo as alcançará, a mesma vilta as hade affrontar.

Cumpre fazer aqui uma pequena observação, que em pouco prejudica o drama, mas que diz respeito em mais ao effeito da scena. Tres homens, no primeiro acto, se foram d espedir do velho antes de partir para o Brazil; tres mulheres agora apparecem tendo vindo tambem fazer fortuna áquelles climas.

A identidade do numero que facilmente poderia não existir, posto que insignificante, deixando de se

dar, tornaria de certo mais naturaes as duas scenas, que não teem estreita ligação entre si, mas que pela coincidencia, parece terem sido traçadas de proposito para contraste.

Pobres tinham sido os primeiros annos da vida d'Aurelio. Simples alliciador de escravos, recebia de outras mãos mais poderosas o salario das suas infamias e o auxilio para as suas especulações. Uma vez que nas margens do Zambeze recrutava escravos, uma filha de reis d'aquellas paragens tomou-se de amores por elle, e, seduzida, abandonou a sua patria levando comsigo objectos de immenso valor, que mais tarde haviam de contribuir para a fortuna do seu amante. Preciosidades cujo prestimo não conhecia, mas que elle lhe pediu que trouxesse.

O latego dos escravos, os ferros, os maus tratos, foram a paga de tantos beneficios e dedicação. Um homem do *grande mundo* não podia de modo algum conservar ligações com uma negra; as promessas de casamento foram falseadas, a mordaça cerrou a bocca á queixosa, os supplicios castigaram-lhe a affeição tão mal empregada, e as trevas dos carceres occultaram o crime.

Todavia o remorso não desampara o malvado, e as paredes da masmorra tambem fallam. A prisioneira conseguiu sair, e no meio das festas, no auge dos folgares vem pedir vingança, e atormentar o seu verdugo.

Aquella branca, que d'além dos mares lhe vem roubar o promettido esposo; a mulher, que intenta chamar marido ao homem a quem a filha da Africa tanto queria, vae tambem pagar o seu atrevimento com a morte, e o ferro de um punhal lhe hade em breve chumbar á lapida da sepultura a mão, que a deve prender a Aurelio. Berenyce está ali diante d'ella; é o demonio da vingança, e a victima a quem chegou a sua hora de ser tambem algoz, e a quem o sangue todo da rival, que detesta, não pode compensar os soffrimentos passados, uma gota só que fosse, vertida em paga de cada dia de agonisar e de desespero.

Emilia porém é mais para lastimar, do que para reprehender; como Berenyce tambem foi illudida; como ella tambem abandonou terra e parentes, e sacrificou-se como ella a esse homem, que tambem a enganou. Depois, se o ferro da escrava punir na innocente as culpas de Aurelio, quem hade, pois que a purificação pelo casamento deixa de existir, quem hade lavar a nodoa de ignominia, que avilta o nome honrado do velho pae, e as paginas candidas da vida da *irmã innocente*? Poupe-a n'esse momento, consumme-se o acto santo, e mais tarde ella virá, por vontade propria, sacrificar-se ás iras da sua rival. Nem é tal o amor de Emilia pela vida, que deseje resgatal-a d'aquelle descanso eterno que a fascina.

Os seus rogos encontram ecco no malaventurado coração da negra; é mulher, e a voz da branca, que *tão bem sabe pedir*, vae, despertando-a, fazer vibrar uma corda que até então não conhecera, ou a que os tormentos, e os supplicios tinham tirado o som; a da caridade. Perdoa, e como as estrellas, que umas apoz das outras apparecem no ceo, ao desvanecerem-se as nuvens da procella, veem apresentar-se-lhe successivamente, depois de um bom sentimento, as gratas lembranças da patria e da infancia.

O chefe poderoso que lhe deu o ser, e que á sua voz levantava e apparelhava phalanges tremendas de guerreiros arrojados para o combate; os prainos ardentes onde passara os primeiros annos e onde a natureza como avida das suas bellezas selvagens as reproduz pela miragem; aquellas immensidões encantadas onde vagueiam as almas felizes dos seus finados queridos, a fonte do deserto, a palmeira, que assombreava a casa de seu pae, a patria finalmente estende-lhe os braços energicos, rudes embora, barbaros se o quizerem, mas bemquistos e saudosos como o beijo de mãe ou a benção de pae. Chora de saudade, e o pranto fertilisa e dá vida áquelle coração endurecido pelo soffrer como as inundações sagradas do Nilo aos campos adustos da sua patria.

Do outro lado, as recordações não minguam, do mesmo modo saudosas, egualmente queridas, mas mais suaves e meigas.

É a aldêa com as suas harmonias todas, são as harmonias das suas festas com os seus encantos, os dias de folguedos, e as noites de reza; a egreja da terra, e a terra sagrada do cemiterio, onde os seus baixaram á sepultura, é a cruz da campa e os sons do campanario, que chamam á reza, é o amor dos vivos e a lembrança dos mortos.

E aquellas duas almas ha pouco tão adversas, entendem-se agora e sympathisam uma com a outra, como duas cordas da mesma lyra, que disferindo-se contrarias, afinadas mais tarde pelo mesmo sentimento, casam e entoam o mesmo som. As mesmas recordações as prenderam e ambas em ligação estreita procuram refugio na terra da sua patria para as afflicções que lhes pungem.

Aquellas mulheres são como duas flores de natureza diversa, que o mesmo mal reunisse. São como a rosa silvestre do vallado, e a bonina do campo, que resequidas pelo sol de estio, curvando as hastes, se encontram pedindo ao solo onde nasceram alento e fresquidão.

E digam embora, que scenas similhantes se acham gastas por triviaes; apresentadas, como esta o foi no *Fazer Fortuna* hãode sempre agradar e commover. O grande, o sublime, repitam-n'o as vezes que quizerem, não é vulgar nunca, o commum só pertence á mediocridade.

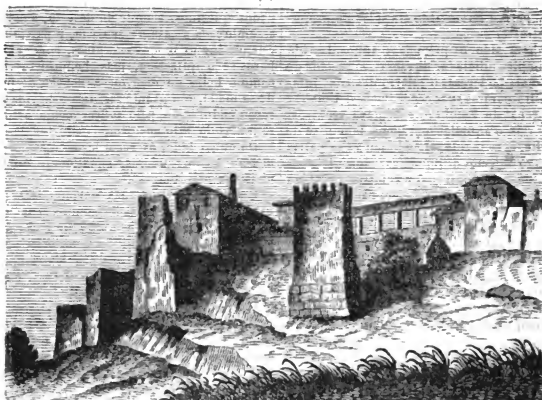
Tudo está preparado para o casamento e a voz de Aurelio chama a sua esposa aos altares. Berenyce trava da mão de Emilia, e leva-a até á porta da capella onde a pobre filha do Minho vae receber a reparação, que a sua desventura reclama.

E em quanto os sons do orgão se deixam ouvir, a escrava, commovida, por aquella branca que lhe deixou reconhecer, que ainda tinha coração no peito escravo; a negra engrandecida pela caridade e pelo amor eleva a sua voz até ao throno do Deus dos brancos, e dos negros, que lhe ensinaram a conhecer, e pede-lhe por amor da filha do Minho, que perdoe aos infelizes portuguezes, que desvairados veem n'aquella terra procurar fortuna; pede-lhe que lhes não converta em dura prova, em logar de tormentos, e de desventura, aquelles terrenos tão ferteis, aquellas paragens tão encantadas.

Vimos rebentar lagrimas a muitos no final d'este segundo acto. Quando se consegue commover um publico tão saciado e tão gasto; quando se fazem subir os prantos aos olhos resequidos e prosaicos dos espectadores actuaes; diga-se embora o que se quizer, consegue-se immenso, e conquista-se a reputação, que se outorgava outr'ora aos que commoviam e dominavam do alto do pulpito, do cimo da tribuna, ou das taboas dos palcos os auditorios, os comicios, e as platéas.

Continua.

R. Paganino.



ALCACER DO SAL.

Alcacer do Sal, a que outr'ora se chamava Salacia, e em arabe *Al-Kassr-ben-abu-Danés*, foi uma importante povoação, mas está hoje bastante decaida.

O tempo, correndo, tem-a destruido, murchando-lhe o antigo esplendor, Existiu ali em epocas remotas um immenso arsenal, onde se construiam grandes armadas que depois saíam em procura dos christãos.

Foi capital d'uma vasta provincia, chamada Al-Kassr em arabe, e teve muita importancia commercial. A madeira dos immensos pinhaes de que era cercada, e que exportava em quantidade, era dos principaes artigos do seu commercio. Abundava-lhe o gado nos campos, que eram muito ferteis. Tudo hoje está mudado. Os campos, transformaram-se em pestiferos paúes; dos pinhaes, resta o terreno, mas occupado por cearas de arroz, o que de certo não é melhoramento.

Esta villa tinha grande importancia militar, que ainda conserva. Porém muitos edificios estão arruinados, bem como o castello, cujos destroços o nosso desenho representa.

Apesar do decadente estado em que se acha, Alcacer do Sal pode ainda ser uma das mais importantes povoações do Alemtejo, porque é por ali que se faz quasi todo o commercio dos cereaes com a capital.

Com boas vias de communicação, com energia e vontade, Alcacer do Sal erguer-se-ha do abatimento em que o desleixo e a incuria a tem deixado.

A população pouco incremento tem tido, em consequencia de circunstancias que é facil enumerar, não sendo das menos essenciaes, as febres intermittentes e outras doenças.

Devemos desconfiar mais da generosidade do avarento, que da sua mesquinheza.

SUSPIROS E SAUDADES.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi!
De ti longe
'Stou chorando,
Suspirando
Só por ti!

N'este exilio
Tão remoto,
A ti voto
Meu amor.
Tua imagem
Amo tanto,
Que meu pranto
Junto á dôr.

Oh que vida
Desgraçada,
Contristada,
Tão cruel!...
Da saudade,
Miserando,
Vou tragando
Negro fel.

Meus suspiros
Dolorosos
Tão saudosos
Solto em vão.
Esta pena
Redobrada
'Stá gravada
Na paixão!

Quando, ó terra
Tão amada
Suspirada,
Te heide ver?
Em ti q'rida
Deus permitta
Tenha a dita
De morrer.

Patria minha,
Terra amada,
Tão presada,
Que eu perdi!
De ti longe
'Stou chorando,
Suspirando
Só por ti.

Pernambuco, julho de 1856. ...

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Interior da egreja.

Entrando na egreja pela porta principal, encontravam logo os olhos um formoso anteparo, ou guardavento, de madeira de angelim lavrada de talha com grande valentia e perfeição, apesar da resistencia que, para se deixar lavrar, aquella madeira faz ao ferro.

Tinha no meio uma grande porta, que constava de duas meias, e em cada uma d'ellas tres grandes almofadas, lavradas com muita obra, e toda de grande preço.

Por cima da dita porta corria uma cimalha, a que ficavam superiores outras duas almofadas nada inferiores ás que assentavam sobre as portas.

Formavam as ditas duas almofadas segundo corpo menos largo que o primeiro; o qual, além das mesmas almofadas era ornado de cada parte por sua misula e quartella; e sobre elle corria outra cimalha, e por cima d'ella assentava o remate, que era de talha vasada.

No meio d'elle se via o escudo com as armas da condessa fundadora, matizado com differentes côres proprias da mesma madeira, ficando ultimamente sobre o escudo das armas uma corôa.

Proximas aos extremos da largura do anteparo ficavam para a parte da egreja, de cada banda, uma columna d'uma só pedra, que sem fallar em base nem capitel, tinham de altura vinte e cinco palmos, e em circunferencia sete e meio. Serviam estas columnas de sustentar a frontaria do côro.

Ainda hoje ali existem, e em vez do côro, que todo veiu a terra pelo terremoto, sustentam o pavimento da nova sala que se está construindo para continuação da contadoria do hospital de S. José.

Constava o comprimento da egreja, tomando a medida da parte interior da parede que sustenta o frontispicio até ao degrau que dividia o corpo da egreja do cruzeiro, de cento e vinte oito palmos, a que correspondiam na largura sessenta e quatro. E a este comprimento e largura era proporcionada a altura, observando-se nas medidas as regras da boa architectura.

Era o corpo d'este templo todo de marmore branco, cujas pedras sobre serem bem lavradas foram todas com bastante custo brunidas. Lá estão ellas ainda hoje fazendo admirar a quem as vê pelo seu trabalho e lavor. Ficarão ali? A que as applicarão?...
É o que por ora não sabemos.

Em cada lado do corpo da egreja havia tres capellas eguaes em fundo, altura e largura.

Ainda ali existem completamente arruinadas, e excepto a primeira da esquerda logo á entrada, nenhuma d'ellas conserva já o embutido e talha com que foram adornadas.

Esta unica que dizemos ainda conserval-os, temos tão arruinados que rebenta de indignação o coração do artista ao imaginar que impias mãos de homem ousaram estragar tão mimoso trabalho. Ha quasi um panno inteiro na parede da esquerda, pelo qual os olhos podem avaliar a riqueza d'aquelles marmores embutidos, e a talha do retabolo mimosa e elegante pouco arruinada está.

Dentro em pouco que será feito de tudo isto? As pequeninas pedras do embutido saltarão ao embate da picareta que completará a destruição d'aquellas capellas para alargar as casas que se vão construir; e a talha sairá arrancada em lascas talvez para ir aquecer a fornalha da cosinha do hospital, como se faz á madeira velha e inutil.

Da parte do corpo da egreja davam entrada para dentro de cada capella dois pilares, que terminavam com sua moldura corrida pelos lados d'ellas. Sobre os ditos pilares, que formavam a entrada, se levantava um arco a que correspondia outro no fundo, sustentado de outros dois pilares eguaes aos que a capella tinha á entrada.

Sobre os arcos das capellas seguiam por todo o espaço que ellas occupavam uma cimalha, ficando no meio de cada arco a respectiva tribuna, em que assentavam sobre um cepo de marmore vermelho seis balaustres de pedra branca de Estremoz, servindo-lhe de frechal outro marmore vermelho bem lustrado.

Nos lados de cada capella havia dois grandes pilares, com as suas bases e capiteis mui bem lavrados. Sobre esses pilares, que no corpo da egreja eram por todos dez de cada parte, corria a architrave, friso, e cornija, tendo esta de sacada seis palmos e meio, e sustentada por cento e dois cachorros lavrados com boa arte.

Sobre a cornija começava a levantar-se a abobada, á qual se deu principio com tenção de ser toda de marmore branco, como era a mais obra, mas depois de muitos annos que esta se interrompeu por causa dos litigios que correram sobre os bens da condessa fundadora, quando ella se continuou no anno de 1650 pareceu muito mais formoso variar e ornar o tecto da egreja com marmores de diversas côres, o que se levou a effeito, compondo-o de brancos, pretos e vermelhos, que se ajustaram em nove paineis grandes, além de outros mais pequenos.

Acabado o corpo da egreja com a mesma diversidade de côr das pedras, se bem que com differente feitio, se cobriu o cruzeiro, fingindo no meio d'elle, com madeira pintada, o zimborio; e assim ficou até depois se fazer de pedraria.

Achando-se n'este estado as obras da egreja, fingiu-se na parede fronteira da capella mór um retabolo pintado, cuja obra se imitou nos dois altares do cruzeiro, que foi dividido da egreja com umas

grades pintadas; e outras similhantes se pozeram nas capellas do corpo da egreja, que se fecharam com as suas respectivas portas.

Armadas já com bom ornato a capella mór, e as do cruzeiro e corpo da egreja, resolveu-se a mudança do Sacramento, da egreja antiga para a nova, e assim se levou a effeito no dia de Sant'Anna, em o anno de 1653.

Para se ajuizar d'esta solemnidade, transcrevel-ahemos aqui, do manuscripto a que nos temos referido:

«E para se fazer a dita mudança com a solemnidade que pedia, se compoz uma magestosa procissão, que constava de varios carros triumphaes fabricados com mui singular artificio. Não era desegual á formosura dos carros a gentileza e riqueza das figuras a cavallo.

«Acompanhavam a procissão os religiosos todos da Companhia, moradores das casas de Lisboa, capazes de poderem ir na procissão, que acabava autorisada com os mui reverendos conegos e dignidades da metropolitana, que por carecer no dito tempo de prelado foi em seu logar o illustrissimo bispo de Targa, provisor do arcebispado.

«Entre os religiosos da Companhia, que todos iam com as suas sobrepelizes, fizeram honra de acompanhar muitos, e mui graves religiosos de diversas religiões.

«Foi natural o concurso da gente para ver a procissão; e para que a commodidade de a ver fosse maior, sendo para isso mais larga a volta que desse, saiu da egreja velha, e descendo ás portas da Mouraria, passou ao Poço do Borratem, do qual fez caminho pela Cutelaria e Pichelaria, e vindo ao largo da rua dos Escudeiros passou á praça do Rocio, d'onde se foi recolhendo á nova egreja do Collegio, não acabando todos de louvar assim a perfeição da procissão como a com que estava adornada a egreja, accrescentando muito sua grande formosura a muita riqueza com que estava armada, concorrendo para isso o custoso e rico da armação, e o primoroso artificio dos armadores.»

Descripção das capellas.

A primeira capella que depois do pulpito se seguia no corpo da egreja, da parte do Evangelho, era dedicada á Senhora do Soccorro.

Comprou-a ao collegio, para a compor e ornar, e n'ella ser sepultado, Manuel Rodrigues da Costa, fidalgo da casa de sua magestade, muito poderoso em riquezas, que todas despendeu em obras pias e de religião, mandando fundar por sua morte o grandioso recolhimento de donzellas, que encommendou ao cuidado da irmandade da Misericordia, á qual legou todos os seus bens.

Antes de morrer fez a fabrica da capella de mui bem lavrada pedraria, entre a qual era mui principal a de umas molduras de marmore que serviam de ornato aos paineis que ficavam nos lados da capella, sendo da parte do Evangelho um o da Cêa do Senhor, ao qual correspondia da parte da Epistola o outro do Nascimento do mesmo Senhor.

Sobre o altar se via uma banqueta composta de varias pedras affeiçoadas com grande perfeição.

Havia mais na capella varias obras tambem de pedraria mui bem lavradas. Estava ella provida de mui bellos ornamentos, e dois castiçaes de prata, lavrados; e no lavor e feitio, se mostrava singular a alampada que tinha, e era tambem de prata.

O retabolo era de talha doirada, com duas columnas por banda, entre as quaes havia um nicho com uma formosa imagem de madeira, bem estofada, com o titulo de Nossa Senhora do Soccorro.

Tinha esta capella de esmola por anno dez mil réis, que lhe deixou o fundador para se celebrar a festa da Purificação da Virgem; e com essa esmola contribuia todos os annos a mesa da Misericordia, como administradora dos bens d'elle, e mais duas missas quotidianas com esmola de quarenta mil réis cada anno: e para os paramentos, e azeite da alampada pagava a mesma Misericordia ao convento dezeseis mil réis cada anno.

Ora de toda esta formosa pedraria e talha de que se reza na chronica, hoje não se encontra ali vestigio algum, nem pudemos averiguar que destino levou. As paredes d'esta capella estão perfeitamente em osso, e ninguem dirá, ao vel-as, que tão bem apparelhadas já estiveram.

E porque não deixará de ser curiosa uma breve noticia da irmandade da Senhora do Soccorro, diremos que esta foi instituida na cidade de Santa Fé, na America, pelo jesuita Francisco Baray, no anno de 1649, e dentro em poucos annos se propagou por toda a christandade. Eram admittidas na congregação pessoas de um e outro sexo, assim seculares como religiosas, sem outra obrigação mais que a de mandarem dizer cada anno de sua vida, na egreja que quizessem, e pelo sacerdote que escolhessem, duas missas; uma pelos confrades vivos e defuntos, e a outra pelos defuntos. O papa Innocencio x, confrade d'esta congregação, concedeu aos irmãos d'ella, em bulla perpetua de 13 de agosto de 1653, varias indulgencias.

Seguia-se a segunda capella, a respeito da qual não pudemos descobrir noticia alguma, porque não tendo nem dono, nem irmandade, não a encontrámos descripta nas chronicas impressas que temos compulsado, nem nos manuscriptos a que nos havemos soccorrido para este trabalho; e se n'algum tempo, antes de terminar esta parte que vae dedicada á Companhia de Jesus, encontrarmos memoria que nos falle d'ella, a estamparemos.

A terceira e ultima capella da mesma parte do Evangelho pertencia á irmandade de Santa Luzia, que a comprou ao collegio no anno de 1701, sete annos depois de se instituir esta confraria, porque teve principio em 1693. Esta irmandade tinha um guião de damasco rôxo com que acompanhava os seus defuntos, e capellão que lhe dizia missa quotidiana; e era costume por parte dos padres da Companhia fazerem ali uma pratica no primeiro domingo de cada mez, e cantar-se depois uma ladainha, terminando a solemnidade dando-se a beijar a reliquia da santa, a qual se guardava n'uma custodia de prata.

Tinha esta capella um bom retabolo de talha, abrindo no meio um formoso nicho com a imagem da santa em seu throno.

O altar era de pedra lavrada, e sobre elle assentava uma banqueta de miudos embutidos, e dos mesmos se compunham os lados do altar feitos tambem com grande perfeição. Os degraus porque se subia para o altar eram de marmore vermelho com embutidos de rosas brancas.

Os magnificos vestigios d'esta capella, que não desdizem da descripção, ainda ali se podem ver hoje; mas d'aqui a pouco que será d'elles?!

Do lado da Epistola, a primeira capella vindo do cruzeiro era dedicada a Nossa Senhora da Piedade.

Gregorio Mendes da Silva, que fôra capitão de mar e guerra, e provedor da Bahia, a comprou conjuntamente com sua mulher, e a órnaram á sua custa, pintando e doirando o tecto.

Tinha retabolo com duas columnas por banda, e no meio do altar, ao pé da cruz, a imagem da Senhora.

Por de traz da cruz e da sobredita imagem se via um painel de S. João Evangelista, e da Magdalena.

Nos lados da capella estava de cada parte um grande quadro, com molduras de talha doirada, nos quaes se representavam os passos do Senhor caminhando para o Calvario.

Seguia-se-lhe a capella, onde estava a imagem de Christo crucificado. E porque esta capella tambem não tinha dono nem irmandade, estava menos ornada.

A terceira e ultima era dedicada a Santo Antão, cujo titulo o collegio da Companhia trouxera por distincção do collegio velho. Tinha uma irmandade que se foi servindo da referida capella até que no anno de 1685 finalmente a comprou.

Ornaram-a depois fazendo-lhe retabulo de talha, com duas columnas por banda, e um nicho no meio; e n'este estava a imagem do santo sobre uma peanha.

Fizeram no altar sua banqueta de pedra com embutidos, que empregaram tambem n'algumas obras mais de pedraria com que acompanharam a banqueta.

Nos lados da capella assentaram de cada parte um quadro grande, com boas molduras de talha doirada. E nos paineis se representaram passos da vida do Santo.

Ora, já que fallámos aqui novamente em Santo Antão, e ha pouco dissemos que a religião que adoptou o seu titulo já estava extincta em Portugal quando se introduziu a Companhia, não irá fora de proposito dar uma abreviada noticia d'aquella ordem; e mesmo porque não teremos outra occasião de voltar ao assumpto.

Estes religiosos de Santo Antão, tiveram o seu principio em França no anno de 1095, em um logar chamado *Mota*, no bispado de Viena, occupando Gregorio VII a cadeira de S. Pedro. Era do seu instituto curarem os enfermos da erysipela, a que se chamava *fogo de Santo Antão*, e por isso fundaram um hospital n'aquelle sitio, e assim se foram propagando até que com o titulo e nome de conegos de Santo Antão, e debaixo da regra de Santo Agostinho, foi confirmada no anno de 1297, pelo papa Innocencio VIII. O habito d'estes religiosos constava de tunica, murça e barrete tudo preto, e no peito uma cruz pequena, cosida no mesmo habito.

Em Portugal tiveram estes conegos cinco mosteiros. O primeiro estava em Benespera no bispado da Guarda, que era cabeça dos mais, junto á ribeira do Teixeira: o segundo foi o de Santo Antão o velho, do qual já fallámos, e que tinha um hospital no mesmo sitio hoje da Annunciada: o terceiro foi em Santarem, fora da villa, onde esteve depois a ermida de Santo Antão, que já pelos annos de 1700 não tinha culto, e era toda de abobada, com um arco de pedra que lhe repartia a capella, e não mostrava por estas eras ter tido mais de um altar, por ser mui limitada e pequena. O quinto e ultimo era o de S. Domingos de Bésteiros, no bispado de Vizeu.

O motivo principal que houve para se extinguir esta ordem em Portugal, foi chegar a tempo, segundo dizem as Chronicas, de cair no poder de commendatarios. Reduziram-se estes mosteiros a uma commenda que el-rei D. Manuel deu a um fidalgo, por nome Ruy Lopes, por concessão do papa Julio II, no anno de 1510. Tratou o fidalgo mais de lhe comer as rendas que da conservação dos religiosos, que a pouco e pouco se foram extinguindo. Achava-se vaga a commenda no tempo de el-rei D. João III quando d'ella fez mercê aos padres da Companhia, como já fica referido.

Acabamos de ver o modo por que estavam compostas as capellas do corpo da egreja do novo Collegio. Pareceu então aos padres, no anno de 1701, por occasião de novas obras que se fizeram nos lados do corpo da egreja, que esta ficaria mais formosa se lhe ornassem todos os marmores, que eram brancos, com algumas almofadas das mesmas côres que se viam na abobada, e com as quaes fizessem correspondencia. Nos pilares que ficavam entre as capellas assentaram em cada um onze almofadas de marmore preto e vermelho com um embutido branco no meio, fazendo o numero de trinta e seis almofadas. A estas accrescentaram mais dezoito, repartindo, a cada lado de uma das tres tribunas, tres almofadas. Tambem nos arcos das capellas metteram triangulos de marmore vermelho, com seu embutido branco no meio.

Esta obra foi custosa, porque para assentar as almofadas houve de se picar a pedra, moldurar-lhe caixas onde ellas assentassem, e segural-as com parafusos, que depois se cobriram com uma folha da mesma pedra que os occultava á vista.

Cruzeiro da Egreja.

A largura do cruzeiro orçava quasi pelo comprimento do corpo da egreja, e subia-se para elle por um degrau em que estavam assentadas umas grades de jacarandá, seguras em oito pilares de marmore vermelho, bem lavrados.

Nos topos do comprimento do cruzeiro havia duas grandes capellas, ambas á face, e correspondente uma á outra.

A da parte do Evangelho era consagrada a S. Francisco Xavier. Tinha o retabolo, que era de talha doirada, em cada um dos dois corpos de que se compunha duas columnas por banda, da ordem corinthia; e entre as referidas columnas do primeiro corpo havia um santuario de varias reliquias, que se descobriam nos dias de festa, tirando-se-lhes as portas que as occultavam. No meio do dito corpo ficava um grande nicho, e n'elle uma imagem em vulto do mesmo santo, cuja mão direita mostrava um sól de metal doirado, e na esquerda sustentava o livro do Evangelho.

No meio do segundo corpo se via um painel oitavado representando o santo com sobrepeliz, estola, e na mão esquerda uma imagem de Christo crucificado, mostrando pela posição da direita estar prégando a varios ouvintes que a pintura representava. Tinha o painel molduras mui bem lavradas, e de grande relevo.

Por cima d'este corpo corria uma cimalha real, á qual se seguia outra em que se rematava o retabolo, com um arco de boa talha, ficando no centro um sól com raios, e sobre elle um lirio, symbolo da candura e pureza do santo.

Esta capella tinha sido comprada ao Collegio por D. Joanna de Sousa, viuva do doutor Gabriel Pereira de castro, que occupou o logar de corregedor do crime da côrte, tão celebre então, e conhecido ainda hoje por suas lettras.

Tinha duas missas quotidianas com a esmola de cincoenta mil réis em cada anno, e mais outros cincoenta mil réis, tambem em juros para a fabrica da capella, guisamento das missas, e azeite da alampada que era grande e formosa, e toda de prata. Além d'esta alampada haviam oito castiçaes do mesmo metal; seis na banqueta, e eram grandes, de bom feitio, e de pé triangular, e que serviam sómente aos domingos e dias de festa. Os outros dois andavam no uso diario.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXII

De como se ordenou o forte de Sant'Antonio e outros.

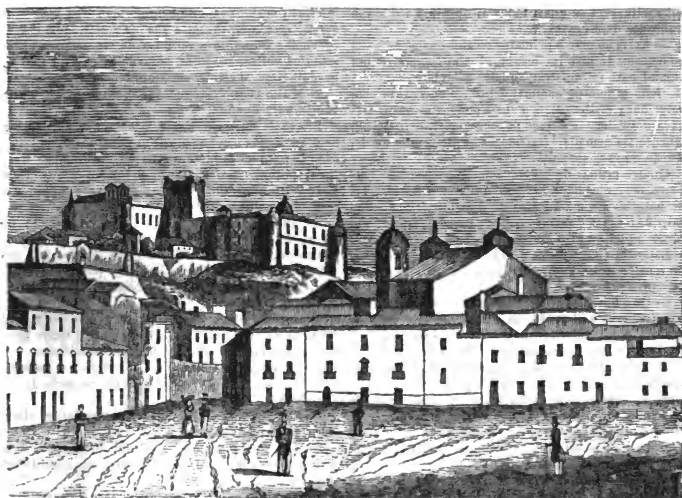
N'aquelle tempo, depois que succedeu o atraz, e pois não havia em toda esta ilha Terceira outro forte ao longo do mar, mais que uma fortaleza, que se chama de San Sebastião; a qual El-rei D. Sebastião mandou fazer, depois que se tomou a ilha da Madeira pelos francezes pelo Caldeira, que depois foi tomado, e foi feita d'elle justiça na cidade de Lisboa; e temendo-se esta ilha que fizessem outro tanto, se fez esta fortaleza na barra d'esta cidade, em uma ponta ao longo do porto das pipas, e defronte d'ella está um monte, que se chama o Brazil, que bota duas pontas ao mar, uma para o ponente outra para o nascente; e a que está ao nascente passavam muitas naus prolongando por longo d'ella, e detraz se punham muitas lanchas, sem haver quem lhe fizesse damno, porque ficava a fortaleza de S. Sebastião longe e mais mettida na terra; e de traz d'esta ponta se podiam pôr muitas lanchas, e virem de noite ao longo do Monte do Brazil a fazer damno aos navios, que estivessem ancorados no porto. E ordenou o corregedor Ciprião de Figueiredo de fazer na ditta ponta um forte de Santo Antonio, e na outra, que se chama do Zimbreiro, outro, e assim pela ilha outros muitos, como fez; e logo pôz em effeito tudo, por não faltar aviamento de todas as cousas necessarias na ilha, muita pedra de cantaria de duas sortes, e outras de outras sortes para alvenaria. Vinha de França pedra de cal, não faltavam officiaes para a fazerem, como sempre se fez na ilha, muitos cabouqueiros, pedreiros, mestres, que sempre houve na ilha. E ordenou muitas trincheiras e muros ao longo da costa de toda a ilha, como estão hoje em dia, como ao diante se declarará.

XXIII

Da armada que veio das Indias de Castella, depois que D. Pedro de Valdes foi desbaratado, e de uma nau Ingleza; do que lhe aconteceu.

Depois de D. Pedro de Valdes ter perdida a gente que botou em terra, andava com a armada defronte da ilha aos bordos, com sua tristeza do ruim successo, e desordem que tivera primeiro. Em amanhecendo a primeira semana do mez de Agosto, em uma segunda feira, ouviram de madrugada grande atirar no mar, e em amanhecendo viram como oitenta velas, afora as de D. Pedro de Valdes. Imaginando a gente da ilha, que armada podia ser, logo se certificaram serem frotas das Indias de Castella, que costumavam antigamente sempre tomar esta ilha, e ancorarem no porto d'ella, como em effeito eram. Imaginando os moradores d'esta cidade se pretenderia o ditto D. Pedro com a gente da frota tornar a accometter a terra, se poz a gente em ordem apercebendo-se para pelejarem, e pondo-se pela costa por ordem; e iam fazendo suas trincheiras, e assim andou a frota e armada alguns dias, indo-se cada vez emmarando-se, e afastando-se mais da terra. E n'este tempo chegaram duas naus inglezas, que vieram metter-se no porto ao longo da terra: uma d'ellas se chamava do capitão Berri, e era uma nau de guerra muito bem artilhada, e trazia bons soldados. E as armadas de Indias se foram, e ficou D. Pedro, e trazia duas naus biscainhas grandes veleiras, as quaes de continuo vinham perto do porto, a ver o que estava dentro: e vindo um dia uma das naus biscainhas a reconhecer e ver o que havia dentro no porto, por ouvirem de continuo o atirar, que eram naus que vinham de França e Inglaterra; botou o capitão Berri após ella, e como não podia a ditta nau trazer mais que a gente marinheira teve por conselho fugir-lhe, e se ir metter entre as mais naus. Tornou-se ao porto o ditto capitão inglez. Quando foi ao outro dia pareceram duas velas somente defronte do porto. Foi-se a ellas o capitão Berri, e uma d'ellas era o Galeão S. Christovam, que vinha da ilha de San Miguel, e tinha lá levado a Ambrosio de Aguiar, e Corregedor. A nau ingleza se metteu com elle em briga, e de tal sorte pelejaram que elles mesmos se apartaram com gente morta de parte a parte, e o capitão Berri veio muito ferido, e depois de chegado a esta cidade falleceu, e com grande pompa e como capitão foi a enterrar. E n'este tempo da peleja andava D. Pedro de Valdes desviado, que parece que o Galeão vinha ter com elle.

Continua.



ESTREMOZ.

Esta villa é hoje muito importante, posto que já o fosse em 1258, tempo em que recebeu foral de D. Affonso III. Este rei conhecendo a bella posição em que a villa está situada, mandou construir o castello que ali existe.

Mais tarde Estremoz foi fortificada á moderna. Depois de 1640, pagina memoravel da nossa historia, nas guerras da independencia, não foi esta villa das ultimas a alistar-se nas fileiras dos defensores dos foros de Portugal como nação.

Estremoz dista seis leguas d'Evora, e pertence ao seu districto administrativo. É dividida em tres freguezias que são São Thiago, Santo Andre, e Santa Maria do Castello. O seu territorio é muito fertil.

A sua industria, porém, reduz-se á loiça, sobresaindo as bilhas, chamadas d'Estremoz, que são muito procuradas.

A rainha Santa Isabel, esposa d'el-rei D. Diniz, falleceu ahi.

Estremoz tem figurado quasi sempre nas nossas lutas intestinas.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

Continuação.

III

Que deliciosa vida não passa um official de marinha na estação naval da costa d'Africa! Dois, tres e mais annos, empregados em visitar a mortifera Benguella e o insalubre Novo-Redondo, Ambriz a traiçoeira, o Zaire negro e caudaloso, volvendo de tempo em tempo á capital de Angola, a presencear a chegada do sargento relaxado que obteve a banda de alferes, do clerigo devasso que alcançou uma dignidade ecclesiastica, do vadio, que a familia expulsou de si, mas que vem provido n'um emprego rendoso... ao passo que o official de marinha sabe que nenhum premio tira das suas fadigas, que nenhuma remuneração tem a esperar dos serviços em que deteriora a sua saude, lutando com privações de todo o genero, vendo morrer das febres do paiz os seus companheiros de bordo, em quanto aguarda que lhe chegue a sua vez!

Assim fui eu vivendo, durante mais de um anno, desde a milagrosa resurreição do senhor Pedrozo a bordo da escuna Minerva, até uma calmosa manhã de julho, em que começou um novo episodio d'esta viagem, ou, se quereis, a continuação dos precedentes.

Um nevoeiro cerrado encobria a costa, que não podia estar longe, segundo os nossos calculos, e encurtava-nos o horisonte por todos os outros lados. O panno caía preguiçosamente sobre os mastareos, e o navio assentando o bojo ora de um ora de outro bordo, em monotona oscillação, sobre as aguas, erguia a espaços, junto ao costado, uma pequena vaga espumosa. Ao cabo, porém, de algumas horas de tão enfadonha espectativa, começou a levantar a neblina da parte do norte, e enxergámos áquelle rumo um elegante patacho, que fazia força de vela para a costa, aproveitando com todo o panno largo a fraca aragem que principiava a soprar em volta d'elle.

No mar, qualquer pequeno acontecimento abre campo a larga e animada conversação; por isso a vista do patacho despertou a gente do brigue do lethargo em que jazia. Varias conjecturas se fizeram

immediatamente ácerca d'aquelle navio, porém afinal inclinaram-se quasi todas as opiniões a que era traficante de escravos.

— Arria ao mar o primeiro escaler; arme-se a sua guarnição de pistolas e sabres; e apromptc-se um official para ir registrar aquelle patacho.

Esta ordem do commandante foi executada com velocidade e silencio; e d'ahi a poucos minutos largava o escaler, tripulado por onze marinheiros e um tenente da armada, fazendo força de remos na direcção do vaso suspeito.

Quatro milhas de oceano separavam as duas embarcações, e como a aragem que enfunava as velas do patacho era mais fresca do que o bafejo do terral, que tentava debalde encher o nosso panno, e além d'isso aquelle navio era mais leve do que o brigue, a distancia augmentava a cada momento, e a gente do escaler tinha que *rapar* para cumprir as ordens do commandante.

— Que horas são? perguntou o nosso chefe, que não arredava a vista de um excellente *Dollond*, seguindo os movimentos do escaler e do patacho.

— Nove horas, respondeu o official de quarto.

— Bem; das onze para o meio dia hade começar a viração, e até lá não tem tempo de nos escapar. Depois, como ficamos a barlavento, ainda que elle seja mais veleiro, não o perderemos de vista.

— A aragem que o patacho tem é falsa, disse d'ali um guarda-marinha; veja como vae acalmando; já o panno começa *a bater*.

— Famoso! exclamou o commandante; o escaler entra com elle... Se resistirão!?

— Qual! Resistem lá! não se tem visto como se entregam aos inglezes?

— A nós é differente; porque os negreiros que aprisionamos são entregues aos tribunaes, em quanto que os inglezes os lançam em qualquer ponto da costa.

— O escaler entra muito com o patacho, bradou alegremente o mestre.

— D'esta vez temos parte de presa, accrescentou o commissario, com aquelle prazer de quem só frue os proventos, sem se arriscar aos perigos da empresa.

Uma espessa neblina occultou, pouco depois, á nossa vista, tanto o escaler como o patacho, e o receio de que a nossa gente podesse ser morta, se com effeito aquelle navio se destinava á escravatura, fez nascer em todos os corações uma anciedade cruel.

E assim passou mais de uma hora, sem que podessemos tentar coisa alguma a favor dos nossos camaradas.

De repente sentimos um tiro, não muito ao longe, e na direcção do patacho.

Foi um momento terrivel esse!... Mas a viração começava a apontar do sul...

A nossa gente seria salva ou vingada!

Chega, chega, viração!... Assim, assim, fresca... mais rija ainda.... Sacode de sobre as aguas este nevoeiro, deixa-nos ver o patacho...

Eil-o! Com a bandeira portugueza içada, bordejando, com o escaler a reboque, em demanda do brigue!

— Está prisioneiro! exclamaram cem vozes ao mesmo tempo. E deixou-se tomar, tendo artilheria a bordo!

— Ó do patacho! bradou o commandante ruidosamente, com ajuda do porta-voz; que embarcação é essa?

— É o *Nereyda*, do Rio de Janeiro, respondeu o nosso tenente, assomando á borda do patacho, que já estava muito perto do brigue; não traz *papeis de bordo*, que comprovem a sua nacionalidade e procedencia; e quanto a indicios de escravatura apresenta os baileos corridos, aguada assente, esteiras, gargalheiras, e celhas em abundancia.

— Muito bem. Navegue nas aguas do brigue, que vamos para Loanda.

Era mais de meio dia, e a terra não apparecia; nem ao menos o sol se mostrou para nos dar a lattitude precisa do ponto em que nos achavamos. A *estima*, porém, indicava proximamente a altura de Loanda, o que resolveu o commandante a aproar a leste, buscando avistar a costa ainda de dia.

Só ao sol-posto se enxergou uma arrumação de terra, mas tão *enfumaçada*, que nem os contornos das montanhas se podiam distinguir. Entretanto, um cabo mais saliente que avistámos, pareceu a todos ser o morro das Lagostas. Continuámos pois a navegar ao mesmo rumo.

E a noite estendeu em volta de nós o seu manto humido de neblina. Via-se aqui e ali o tenue bruxulear de uma luz atravez do espesso nevoeiro; e o vento principiava a refrescar. O brigue e o patacho corriam cinco milhas em cada hora, no meio da escuridade.

— Ferra joanetes! bradou o commandante, obras de papa-figos na mão!...

— Tres braças e meia! clamou o prumador, com o monotono cantar do estylo, indicando o fundo em que navegavamos.

— Uma luz na prôa! gritou a vigia do castello.

— Terra por bombordo e por estibordo! accrescentou outro marinheiro.

Estavamos n'uma posição assustadora!

A luz, que o vigia annunciava, e que estava em terra, parecia tocar o pau da giba; por um e outro lado do navio, e a pequena distancia, prolongavam-se duas faxas de terreno, até além das alhetas, e ignoravamos completamente a posição em que nos achavamos.

O naufragio parecia imminente e inevitavel, porém o sangue-frio do commandante salvou-nos d'este mau passo.

— Ó do patacho! bradou elle, vira de bordo. Marinheiro, onde vae a prôa? accrescentou, fallando com o homem do leme.

— A lesnordeste, respondeu o timoneiro.

— Entrámos n'este saco ao rumo de lesnordeste, sairemos com prôa de oes-sudoeste. Orça todo! Salto ás escotas de prôa! Carrega papa-figos! Ala e larga a ré...

— Tres braças escassas! clamou o prumador.

— Estamos salvos! Ala e larga á prôa...... Allivia o leme... Camba a escota á bujarrona... Amura o traquete!... Aonde vae a prôa?

— A oes-sudoeste.

— Andar assim. Aonde está o patacho?

— Não se vê.

— Venha uma tigelinha... Um tiro de peça... Vamos, sr. fiel d'artilheria.

— Prompto! prompto! respondeu o condestavel, fazendo arder a tigelinha, que inundou de uma luz sinistra o interior do navio e a atmosphera. — Rapaz! Dá fogo á terceira caronada de bombordo, continuou elle, dirigindo-se ao seu adjunto.

E o ribombo do tiro eccoou pelas quebradas dos visinhos montes.

Logo depois, appareceu outra luz pela prôa, e viu-se o patacho, com todo o panno largo, a alvejar

entre as sombras, similhante a um phastasma de antiga ballada.

—Creio que estivemos na enseada do Bengo, disse o commandante, quando já tinhamos navegado uma hora, sempre ao mesmo rumo. Aquella ultima ponta de terra que se enxerga ao sudoeste, parece-me ser o morro das Lagostas.

— De boa escapámos! accrescentei eu; mas agora já sabemos aonde estamos, porque aquelle é, sem duvida, o morro das Lagostas. Cá nos fica o Cacuáco pela alheta.

— É certo. Vamos a orçar. Chega para os braços. Aonde vae a próa?

— Ao sudoeste-quarta-de-sul.

— Nada mais para o vento.—Toca cabos á *maior*. Vejam se o patacho nos segue os movimentos.

— Sim, commandante; já vem todo á orça.

Para não fatigar mais o leitor com termos de manobra, passemos em claro o resto da noite, e apresentemo-nos, ao romper do seguinte dia, ancorados no porto de Loanda.

O commandante foi logo para terra, com o capitão de presa, dar parte ao governador do succedido, e eu fui nomeado para ir tomar conta do *Nereyda*.

Figure-se o leitor qual seria o meu espanto, quando reconheci no triste capitão prisioneiro o nosso Carlos Antonio Pedrozo!

O homem era o meu *Cabrion*... a minha sombra!

E estava aterrado devéras o pobre capitão! O decreto de 10 de dezembro bailava-lhe na cabeça; via diante de si a grilheta e o barril que o esperavam no trem de Loanda... Mas nem por isso deixou de almoçar; e eu, como velho amigo, fiz *penitencia* com elle. Fiambre, salmão d'escabeche, sardinhas de Nantes, queijo de Chester, biscoitos americanos, compotas do Brazil, vinho da Madeira, e bom chá... tal foi a penitencia.

Animado pelo almoço, o sr. Pedrozo resolveu-se a contar o que passara desde o successo da *Minerva*.

Ora, não sei se o leitor sympathisa ou antipathisa com este pobre piloto, e se gosta ou não gosta de o ver apparecer tão a miudo n'esta narração... porém eu só digo a verdade, e a verdade é que o homem estava a bordo do *Nereyda*, lindo patacho e de muito *bom pé*, aprisionado por nós nos mares de Africa.

Tambem, não deve assustar-se com a promettida secção da historia do sr. Pedrozo, porque é muito curta; n'estes laconicos termos, pouco mais ou menos, m'a contou elle:

— Desde que nos encontrámos a bordo da *Minerva* tenho sido sempre feliz com os *catamusinhos*. Cinco viagens a salvo!... Duas d'estas, as ultimas, pertencem ao *Nereyda;* e não trazemos passaporte nem matricula, porque andamos ha sete mezes do Ambriz para o *ponto*, e do *ponto* para o Ambriz. Se escapo d'esta, estava a minha fortuna feita; mas a fatalidade não o quiz assim, e veiu logo entregar-me nas mãos de um cruzador portuguez!... Tambem, confesso-lhe, se a tripulação do escaler me não tem parecido ingleza, V... tinha que resar por alma do seu camarada e da marinhagem que o acompanhava. Quando descobri o meu erro, já elles estavam senhores do navio; era muito tarde!

— O sr. Pedrozo é feliz, disse eu, para o consolar: não perca a esperança

— Que esperança me pode restar, em vista do decreto de 10 de dezembro!... A grilheta!

— A grilheta! repetiu o piloto, que almoçava comnosco.

— A grilheta! murmurou o contra-mestre, que chorava á porta da camara.

. . . .

O *Nereyda* foi julgado boa presa pelo tribunal de Loanda: porém no mesmo dia desappareceram da fortaleza de S. Miguel, aonde estavam presos, o capitão, o piloto e o contra-mestre do navio, acompanhados pela sentinella da porta e pelo cabo da guarda. A nós, os apresadores, nenhum cuidado deu tal evasão, e recebemos do melhor grado o producto da venda do patacho, repartido entre toda a tripulação, na conformidade da lei das presas.

Depois proseguimos na monotona vida de cruzador de Africa, até que um quarto e ultimo episodio (ultimo, pelo menos, que eu d'esta vez conto ao leitor), veiu ainda interromper a uniformidade da nossa prosaica existencia.

Continua.

F. M. Bordalo.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XVI.

Continuação.

O nosso conductor partiu de carreira, e subindo uma escada de caracol nos conduziu ao terraço, largo e plano, fechado por uma balaustrada magnifica, desembaraçado de chaminés, d'onde se vêem d'alto a baixo os pateos, o jardim e horta.

D'esta elevação toda a planta do edificio se comprehende n'um relance da vista. No centro avulta o zimborio, como um formoso templo d'entre os espaçosos muros de uma quinta real. É infinitamente superior, no que toca a desenho, ao resto do edificio, e pode de certo ser reputado como o mais esbelto, mais proporcionado dos que ha na Europa. D. Pedro e mr. Verdeil propozeram subir uma escada que vae ao lanternim ou claraboia; mas, eu pedi desculpa de não os acompanhar, e diverti-me durante a sua ausencia andando de uma banda para a outra, profundando de vez em quando a vista nos objectos que estavam lá tão em baixo, e frequentemente contemplando as torres, que resplandeciam com o brilho do sol, e o azul ferrete do mar ao longe. Uma viração fresca e balsamica, emanada dos pomares de laranja e limão, me recreava ao parar nos degraus do zimborio, e modificava o ardor da calma estiva.

Breve me tirou d'esta pacifica e desassombrada situação a confusa matinada de todos os sinos, seguindo-se-lhe uma complicada sonata, tangida com grande proficiencia. O marquez, que tambem subira comnosco, de proposito para no proprio manancial gosar d'esta catadupa de sons que algumas pessoas chamam melodiosos, quiz que eu me aproximasse para examinar o mechanismo; fiquei meio atordoado: sou, na verdade, pouco entendedor de carrilhões e sinos, e não tenho pena da perda de um divertimento de campanario; porém, o meu amigo, que herdou uma natural inclinação mechanica de seu pae, famigerado patrono de sinos e relojos, investigou cada roda com miuda attenção. Acabada a sua revista, descemos innumeraveis escadas, e recolhemos a casa do capitão-mór, cuja jurisdicção se estende á tapada e ao districto de Mafra; tem sete ou oito mil cruzados por anno, e a sua habitação manifesta todas as apparencias de commodidade e abastança; o soalho é

coberto de esteiras finas, e as portas e janellas armadas com cortinas de damasco vermelho. As nossas camas, novas á estreia, estavam alastradas de cobertores de seda com ricas bordaduras e franjas; serviram-nos uma comida opipara, e muito melhor sobremesa do que os proprios frades nos poderiam ministrar, tomando o capitão-mór os pratos das mãos da longa serie de seus criados, e pondo-os elle diante dos convidados, inteiramente ao modo feudal.

Tomado o café apressámo-nos a ouvir as vesperas na egreja do convento; caminhando entre as ordens de capellas illuminadas fomos occupar assentos na real tribuna; e logo entraram os frades processionalmente, precedendo o abbade que subiu á cadeira prelaticia, com uma fileira de sachristas a seus pés, e de conegos á mão direita; as vestes e paramentos eram de brocado de oiro. Cantou-se o officio com summa solemnidade ao formidavel som dos orgãos, pois que ha na egreja nada menos de seis, e todos de tamanho desmesurado. Acabado este, e novamente guiados pelo activo leigo, fomos conduzidos por uma escadaria magnifica ao palacio. Os aposentos occupam o espaço de setecentos ou oitocentos pés; e a quasi interminavel successão de portas magestosas, vistas em perspectiva, causa assombro; em pouco tempo cansados de meramente admirar concordámos em que eram as casas mais enfadonhas e menos commodas que temos visto; não ha variedade na forma e pouca nas dimensões. Estando agora guardadas em Lisboa todas as colgaduras predominava geral nudez; nem um nicho, nem uma moldura interrompe a tediosa uniformidade das despidas paredes brancas.

Folguei da volta ao convento, e de refrigerar os olhos com a vista das pilastras de marmore e os pés pisando alcatifas da Persia. Por onde quer que andavamos, em cada cella, passagem, capella, sachristia ou sala, seguia-nos uma extraordinaria mistura de frades curiosos, sachristães, leigos, individuos da justiça e da clerezia, e casquilhos da terra com seus espadins e rabichos. Se acontecia fazermos alguma pergunta, meia duzia d'elles todos a um tempo afinavam os gasnetes para dar resposta. O marquez completamente molestado de andar de batida e com tanto tumulto, tentou por varias vezes esquivar-se á turba dando voltas rapidas ora para uma ora para outra parte; mas elles atrelados aos nossos calcanhares baldavam-lhe as diligencias, e engrossava o tropel a tal ponto que parecia estar varrido de seus moradores todo o convento e a povoação, para andarem atraz de nós por uma das sobrenaturaes attracções que lemos nos contos e romances.

Por fim, percebendo uma larga porta aberta para o jardim, saimos por ali de subito; embrenhando-nos em um labyrintho de murtas e loireiros, assim nos desembaraçámos dos nossos perseguidores. A cerca, que terá obra de milha e meia de circumferencia, comprehende além de mattas de pinheiro bravo e de loireiros, alguns pomares de limão e laranja, e dois ou tres taboleiros de jardim mais cheios de hervas que de flores; muito me desagradou achar este formoso recinto despresado tão miseravelmente, e suas viçosas plantas mirrando-se á falta de serem convenientemente regadas.

Podereis suppor que ajuntando um passeio nas principaes ruas do jardim ás outras nossas peregrinações começámos a sentir-nos algum tanto fatigados, e não desgostámos de descansar no aposento do abbade, até que de novo fomos convidados para a tribuna a ouvir cantar matinas. Cerrava-se a noite; e os innumeraveis brandões acesos nos altares e por toda a egreja diffundiam já uma luz mysteriosa. Outra vez os orgãos tocavam em cheio, e as longas fileiras de frades e noviços vinham entrando a passos lentos e graves, o abbade reassumia o *seu throno* com egual pompa á das vesperas: o marquez resmoneava as suas orações, o grão-prior rezava pelo breviario, e eu embebi-me em vagos pensamentos por tanto tempo quanto durou o officio, isto é, quasi duas horas; Verdeil, semi-morto de enfadamento, não pôde aturar o calor da tribuna nem a nuvem de incenso que toldava o côro baixo, e foi respirar mais livre ar no corpo da egreja e capellas adjacentes.

Era perto das nove quando os frades, tendo cantado um solemnissimo e mui sonoro hymno em louvor do seu venerando patriarcha Santo Agostinho, largaram o côro; acompanhámos a sua procissão pelas altas capellas e arcadas dos claustros, os quaes com a luz fraca parecia não terem tecto nem fim, até entrarmos n'um octogono, de quarenta pés de diametro, com fontes nos quatro principaes angulos; dispersando-se a lavar as mãos n'estas, os monges ordenaram-se outra vez em prestito, e passaram a dois e dois por um portal de trinta pés de altura para uma espaçosa casa, que communica com o seu refeitorio por outra portada das mesmas elevadas dimensões; ahi fez uma pausa a procissão, por ser logar dedicado á recordação dos finados e por isso se chama á casa *De profundis*. Antes de cada comida usam os monges estarem de pé em sisudas fileiras em volta do refeitorio, silenciosos passando pela idéa quão precaria é a nossa fragil existencia, e deprecando pela salvação das almas dos seus predecessores. Não pude deixar de penetrar-me de reverencia vendo, á luz scintillante dos lampadarios, tantos vultos veneraveis, com seus habitos pretos e brancos, de olhos inclinados para o chão, e absortos na meditação mais espiritual e melancolica.

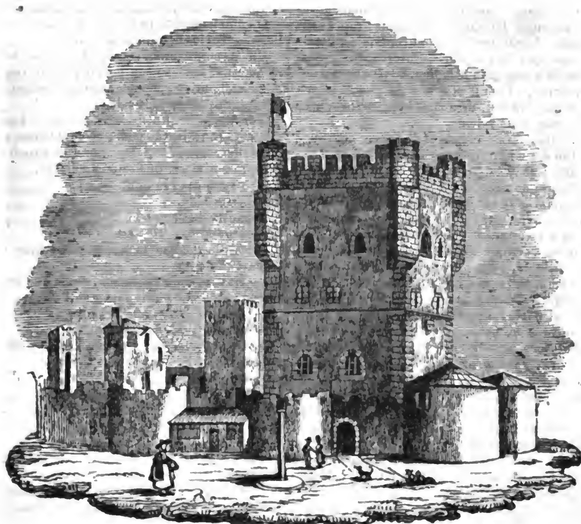
Findo o momento destinado a esta solemne rogativa, cada um tomou seu logar nas compridas mesas do refeitorio, feitas de madeira do Brazil e cobertas com alvissimas toalhas. Cada religioso tinha sua garrafa de agua e vinho, seu prato de maçãs, e salada, postas diante de si; não havia manjar de peixe ou de carne, porque a vigilia de Santo Agostinho guardava-se com o mais rigoroso jejum.

Para gosarmos n'um lanço geral d'olhos este singular e magestoso espectaculo, retirámos para o vestibulo anterior ao octogono, e alongámos a vista por todas as portadas e os renques de candelabros até dentro do refeitorio, que em razão de seu grande comprimento, nada menos de duzentos pés, simulava rematar em ponta. Demorando-nos alguns minutos a desfructar esta perspectiva, vieram depois quatro frades com tochas alumiar-nos até fóra do convento, dando-nos as boas noites com muitas reverencias e genuflexões.

A nossa ceia em casa do capitão-mór foi assaz divertida; boa parte da noite, não obstante o nosso cansaço, estendemos a conversa ácerca da variedade de objectos que nos passaram pelos olhos em tão curto espaço de horas, o reboliço das brutescas figuras quasi inseparaveis dos nossos calcanhares por tanto tempo e tão de perto, e a vivacidade achavascada do frade leigo.

M.

A injuria é recurso de quem não tem educação.



CASTELLO DE BRAGANÇA.

Se Bragança devesse a sua fundação a um Brigo IV, que alguns autores fazem rei das Hespanhas, mil novecentos e seis annos antes da vinda de Christo, derivando d'ahi o nome de *Brigantia* que pela corrupção se mudou no actual, seria uma das mais antigas povoações do reino. Poucas lhe poderiam competir em antiguidade pois que teria sido reedificada por Augusto Cesar, que lhe chamara *Julia* em honra de seu tio, denominando-se *Juliobriga* no dominio romano.

Não consta authenticamente quaes fossem os primeiros povoadores; sendo certo que a esta se pode applicar o que o padre Castro diz a respeito de muitas outras povoações antigas do reino, na segunda parte, capitulo primeiro do *Mappa de Portugal*:

« O certo é que dos tempos immediatos á primitiva fundação de Portugal até que as armas carthaginezas e romanas abriram o caminho á communicação das gentes occidentaes da Europa, não pode a historia dar um passo senão ás escuras e com a vehemente suspeita de claudicar na verdade, porque alguns escriptores, fundados em documentos, ou apocriphos ou de pouca authenticidade e exame, constituiram em Hespanha e Portugal com demasiada e incauta crença o governo de alguns reis duvidosos, como foi Ibero, Jubalda, Brigo, Beto e outros, de que na historia verdadeira não ha menção. »

Bragança foi repovoada por D. Sancho I em 1187 e recebeu d'elle foral com grandes privilegios. Desde este reinado pertenceu sempre á corôa, até que por el-rei D. Fernando foi dada, com a villa do *Outeiro*, em dote de D. Joanna Telles, irmã de D. Leonor Telles, a João Affonso Pimentel. Abraçando este mais tarde o partido de Castella, perdeu o seu senhorio, tendo em compensação a villa de *Benavente* que lhe deu D. Henrique III de Hespanha.

O dominio de Bragança foi dado a D. Fernando, filho illegitimo do infante D. João, neto de el-rei D. Pedro, passando depois a D. Affonso, conde de Barcellos, com o titulo de ducado.

Está situada n'uma vasta campina por onde corre o rio Fervença. Dista trinta e nove leguas de Braga, oitenta e quatro de Lisboa, e pouco mais d'uma da raia de Galliza.

O castello que a nossa estampa representa está assentado na villa. Acha-se arruinado, não é susceptivel de defesa, e apenas tem de notavel a sua antiguidade.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

II

Carlos vive ordinariamente na provincia, fruindo os bens de uma consideravel fortuna. Tem vinte e oito annos, é alto e admiravelmente bem feito; pal-

lido, olhos rasgados, bocca graciosa e fina, physionomia intelligente e aberta, cabellos e bigode negros. O seu unico defeito é a indolencia; essa domina-o a ponto de não ter feito conhecido o seu nome na imprensa, por preguiça de escrever. Entre a morte imminente e uma grande fadiga, talvez se resolvesse pela primeira. Fora d'isto, não ha ninguem melhor, nem mais affavel, nem mais honesto, nem mais generoso, nem mais valente.

No principio d'esta primavera, Carlos chegou a Lisboa. Um dia o horisonte appareceu desassombrado e risonho; no ar respirava aquelle perfume salutar e agradavel da estação das flores. Os dias antecedentes haviam sido chuvosos e carregados: o inverno terrivel. Carlos conseguiu vencer a sua querida indolencia e resolveu-se a fazer um dia de campo. Metteu-se no carro, e disse ao cocheiro que se dirigisse ao sitio de... isto é, para uma vivenda de recreio das mais bellas dos arrabaldes de Lisboa.

O seu espirito estava n'uma singular disposição. O campo, as flores, o perfume das veigas, o canto alegre e variado dos passaros, despertavam-lhe no espirito sensações agradaveis e dolorosas ao mesmo tempo, acordavam-lhe na alma os puros sentimentos da primeira quadra da juventude.

Entrou sósinho por uma das alamedas onde as olaias se cobriam de rubor como envergonhadas de terem visto florir mais cedo a amendoeira, e onde os rouxinoes improvisavam inspiradas e melancolicas estrophes. Apenas havia dado alguns passos quando sentiu sobre a direita o ranger de sedas, e o murmurio de algumas vozes feminis.

O coração bateu-lhe alvoroçado como o de um rapaz de quinze annos quando se encontra diante da mulher cujos olhos lhe acenderam n'alma a chamma do primeiro affecto. Riu-se interiormente do seu estado de pieguice sentimental, e continuou na digressão bucolica. Ao voltar da alameda deu de frente com a familia do commendador L.... sua antiga e intima conhecida. Saudaram com prazer aquelle imprevisto apparecimento, e instaram-o para que os não abandonasse na sua partida campestre.

N'este momento as mesmas vozes que tinha escutado atravez das arvores que orlavam a rua por onde passara, sentiu-as junto de si. Era uma das filhas da familia com quem se juntara, e Beatriz.

Carlos ouvira fallar muitas vezes d'ella, mas não lhe fallara nunca. É tempo de fazermos o seu retrato.

Beatriz tinha dezeseis annos apenas. Era baixa talvez, porém de tal modo proporcionada e bem feita, que á primeira vista parecia alta. Olhos de uma côr indefinida, porque não eram pretos, nem castanhos, nem azues, nem verdes; havia n'elles um mixto, um cambiante de côr impossivel de descrever. As rosas da plena juventude affrontavam-lhe as faces, onde respirava a felicidade e a innocencia. A bocca breve, graciosamente recortada e vermelha, os dentes admiraveis, cabellos loiros escuros, finos e um pouco annelados.

Beatriz viera passar o dia com a familia com quem Carlos tinha relações. Foi-lhe apresentada. A ingenua menina corou excessivamente, na occasião em que elle lhe dirigiu algumas palavras de mero comprimento. Depois fez-se pallida como um lyrio, e firmou-se no braço da sua amiga, que lhe disse o que quer que fosse em voz baixa, e com sorriso malicioso.

Carlos pareceu-lhe o sol mais brilhante, o perfume das flores mais vivo, o canto das aves mais alegre, e principiou a fallar a respeito de tudo com certa volubilidade que lhe não era ordinaria.

O commendador pediu-lhe que desse o braço a Beatriz. Carlos dirigiu-se a ella.

Um tremor rapido, mas forte, agitou a encantadora menina. Carlos ficou perplexo; a torrente da sua eloquencia estancou-se de subito, e ambos caminharam alguns momentos calados.

Por mais que procurasse não achava uma phrase, elle, cuja conversação facil e elegante todos admiram.

Porfim rompeu o dialogo por uma banalidade propria de um rapaz que sae do collegio.

— Está o dia tão bonito!

— É verdade.

— Gosta do campo?

— Immenso.

— Não sei como ha quem possa ficar na cidade n'um dia d'estes.

— Mas segundo me consta, desde que veiu da provincia ainda não tinha saido de Lisboa.

— Os dias tem estado tão maus!

— O inverno foi terrivel.

— Por isso mesmo a primavera deve de ser mais agradavel.

— Não tem ido aos bailes?

— A nenhum.

— E conta ir ao d'esta noite?

— Faço tenção.

— Tambem eu.

Parece-me que não ha dialogo mais ingenuo, nem mais cortado do que este.

— Diga-me, tenciona demorar-se muito tempo em Lisboa? disse Beatriz com voz um pouco mais tremula.

— Até ao principio do verão, o mais tardar.

— Em chegando essa epoca abandona sempre a cidade; tambem tem razão, faltam todos os divertimentos...

Carlos achava-se de uma estupidez inqualificavel; appellava para o ceo, para a terra e para as flores: mas debalde, porque não encontrava uma imagem nem uma expressão feliz. Trasbordavam-lhe no coração os sentimentos, mas não sabia traduzil-os em palavras; resolveu-se por um supremo esforço a dizer isto mesmo a Beatriz.

Chegavam n'esse momento a uma pequena eminencia d'onde se descobria um variado e lindissimo panorama.

— Que bonita vista, disse Beatriz fitando os olhos fascinados no mancebo.

— É verdade; admiravel. Ha dias, não sei se lhe succede o mesmo, minha senhora, em que o aspecto da natureza, risonho e bello como é hoje, nos produz uma tal impressão, que não podemos bem definir. Parece que a alma, avara do que sente, quer guardar o segredo da sua felicidade.

«O ceo, o campo, as flores, fallam-nos, por assim dizer, uma linguagem desconhecida, que só o coração entende, mas que não pode traduzir-se em palavras. Vendo-me frio e indifferente na apparencia, talvez julgasse que era um d'estes homens destituidos de todo o sentimento, que passam a vida olhando com desdem para tudo que pertence ao mundo da imaginação, e classificando como loucura e ridiculo o que é exclusivamente o bem, e a existencia dos espiritos delicados.

Depois d'esta tirada digna de qualquer Werter em formato trinta e dois, Carlos olhou para Beatriz, e viu os seus olhos cravados n'elle com uma expressão infinita de intimo contentamento.

Animado por ella, o mancebo proseguiu:

—Vamos, não era esta a idéa que tinha de mim? não me suppunha destituido de toda a sensibilidade!

—Não, posto que fosse essa a opinião das pessoas com quem tenho fallado a seu respeito.

—Pelo que vejo não lhe era completamente desconhecido.

Beatriz fez-se vermelha como uma rosa *de cem folhas*, e baixando os olhos respondeu:

—Conhecia-o ha muito tempo.

N'este instante, a filha do commendador, e varios personagens que se aproximavam vieram pôr termo ao dialogo.

Continua.

BELHÃO PATO.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Cruzeiro da egreja.

Achava-se esta capella mui bem provida de ricos ornamentos, assim frontaes, como casulas, de todas as côres adoptadas pela egreja. Tinha muito boa roupa branca, e admiravam-se as suas alvas por perfeitissimas tanto pela materia que era de cambraia, como pelas rendas e feitio.

Correspondente á capella de S. Francisco Xavier havia outra de S. Francisco de Borja. Não tinha dono, porque foi reservada pela condessa fundadora para sepultura de seu irmão Francisco de Sá.

Tinha retabolo de talha muito bem lavrada, e que podia correr parelhas com o fronteiro. A banqueta do seu altar podia fazer inveja ás outras existentes na mesma egreja, posto que muito boas. Da altura da banqueta para baixo servia de pedestaes ao retabolo uma obra prima de pedraria, toda do reino, e muito perfeita.

O primeiro corpo do retabolo tinha duas columnas por banda, salamonicas, e de obra corinthia. Entre as columnas havia um grande nicho, e n'elle a imagem do santo, de estatura natural, olhando para uma caveira que segurava na mão esquerda.

No outro corpo do retabolo, que ficava superior ao nicho, via-se em um grande painel o santo dizendo missa, e na acção de levantar a hostia.

Sobre este painel se via, no corpo que seguia ao retabolo, obra varia com que rematava sem desdizer da grandeza e formosura do cruzeiro.

Aos lados das capellas havia de cada parte dois grandes pilares, com as bases e os capiteis eguaes aos que ficavam no corpo da egreja.

Do mesmo modo que nos entre-pilares do referido corpo da egreja se entrepozeram almofadas de pedra de diversas côres, egualmente se adornaram com ellas os entre-pilares do cruzeiro, porém com diverso feitio.

Depois de cada cinco almofadas que havia n'estes entre-pilares se seguia uma cimalha, sobre a qual tinha logar um nicho com a imagem de um apostolo, de marmore branco. D'estas imagens ainda hoje se vêem algumas no pateo que dá entrada para a porta principal do hospital de S. José, e outras existem mutiladas dentro do recinto da arruinada egreja, parecendo-nos que com pequeno despendio se podiam compor e aproveitar.

Sobre o referido nicho seguiam-se mais quatro almofadas, e assim ficavam sendo nove as que havia em cada entre-pilar.

No entre-pilar mais proximo á entrada da capella mór, se metteram tambem cinco almofadas da mesma forma das outras que estavam assentadas aos lados das duas capellas; e sobre as primeiras cinco corria a cimalha dos entre-pilares visinhos á capella. Por cima d'ella tinham logar dois nichos com outras duas imagens de apostolos. E por cima do ultimo nicho havia outra almofada.

Sobre este entre-pilar levantava-se o arco superior ao da entrada da capella mór. No centro do dito arco que olhava para o cruzeiro tinha logar o escudo das armas da condessa fundadora, com côres proprias, e a corôa coberta de oiro. Nove almofadas ficavam de cada parte do arco, eguaes ás do entre-pilar em que elle se fundava.

Sobre os capiteis que ornavam os pilares do cruzeiro seguia-se a mesma obra da alquitrave, friso, e cornija, sustentada de cachorros lavrados com meias cannas, que corriam por toda a egreja, e corriam por todo o cruzeiro e lados da capella mór.

Superiores a cada uma das duas grandes capellas havia tres janellas, que serviam de dar luz ao cruzeiro. Estas janellas levantavam-se sobre a cornija á altura de mais de seis palmos; e nas paredes que se seguiam ás ditas janellas se metteram tambem algumas almofadas, variadas egualmente com marmores de diversas côres.

Havia no cruzeiro quatro portas grandes. Por duas d'ellas, que ficavam no meio das duas vias-sacras, correspondendo ás duas da sachristia, era a serventia para a egreja.

Pelas outras duas que lhes correspondiam fronteiras, era a passagem do cruzeiro para as capellas do corpo da egreja, e para os pulpitos que estavam antes de entrar na primeira capella de cada lado.

Sobre cada uma das ditas portas havia duas tribunas, que ficavam olhando para o cruzeiro; das quaes, duas tinham a mesma serventia usada para as tribunas do corpo da egreja; eram da mesma altura, e com as obras em tudo similhantes, não tendo outra differença senão serem menos largas, e por isso constarem só de cinco balaustres, quando as outras tinham seis.

Por baixo d'estas tribunas havia outras mais pequenas e quadradas. E a estas duas tribunas correspondiam da parte da via-sacra outras duas em tudo eguaes; vindo a ser oito as tribunas que caíam sobre o cruzeiro.

Debaixo do zimborio havia no pavimento um espaço ornado de pedras brancas, pretas e vermelhas. O pavimento diante das duas capellas era em tudo similhante.

No resto do cruzeiro estavam dispostas as sepulturas para os religiosos que falleciam no collegio. Constavam de duas pedras brancas eguaes na grandeza, guarnecidas de facias de marmore vermelho, e com outra que ia pelo meio pareciam dois quadrados eguaes.

O zimborio tinha principio sobre quatro arcos, um dos quaes ficava na entrada do cruzeiro, ao qual correspondia outro antes de chegar á capella mór. E a estes dois arcos eram em tudo eguaes outros dois que tinham logar da parte das duas capellas grandes: unindo-se estes finos arcos com uns seguintes

de marmore grande, formando o grande circulo em que se sustentava o peso todo da machina do zimborio, que era extraordinario pela circumferencia, altura e grossura das paredes, que pela parte de fóra eram cobertas todas de pedra de cantaria, e pela de dentro vestidas de marmores de diversas côres, com muita obra nas bases, pedestaes, entre-pilares, misulas, molduras, e resaltos.

Antes de se chegar ao corpo e andar das oito grandes janellas, que no mesmo zimborio havia, ficavam a prumo d'ellas dois andares de paineis de marmore lavrados, divididos no primeiro corpo uns dos outros por duas misulas de marmores brancos.

Uma cimalha dividia um corpo do outro, correspondendo no segundo, aos oito paineis do primeiro, outros tantos com diverso feitio.

No terceiro corpo rasgavam-se oito janellas, fechando em um arco, e entre cada duas janellas havia dois pilares com embutidos, rematados com capiteis de marmore branco de Genova.

Nos entre-pilares sobresaía uma peanha, que sustentava o vulto de um santo, e por baixo de cada peanha um seraphim.

Nos arcos das janellas, nos pilares em que se fundavam, e em todo o vão d'ellas descobriam os olhos varios e perfeitos embutidos: e por cima das janellas e seus entre-pilares seguia a cimalha real sustentada em cachorros de marmore vermelho.

Capella mór.

Das pedreiras visinhas a Lisboa se tirou a pedra, que depois de bem lavrada e brunida se assentou na capella mór.

Sobre pilares se levantava o arco que dava entrada para a capella. Os pilares tinham duas faces, uma caindo sobre o cruzeiro, e a outra para dentro da capella. Rematavam-se em perfeitissimos capiteis.

Aos ditos pilares e capiteis correspondiam outros terminando o comprimento de cada lado, que vinha a ser sessenta e tres palmos.

No meio do comprimento do lado do evangelho se fez um arco com as devidas dimensões para se collocar o tumulo da condessa fundadora, D. Filippa de Sá.

Bem no meio do espaço que corria do arco ao pilar que dava principio á capella, se via um nicho que fechava em arco, forrado pela parte interior de marmore vermelho, e ahi assentava a imagem d'um evangelista. Serviam de base ao nicho boas almofadas de marmore preto e vermelho, ficando á base entre dois pedestaes, sobre que assentava de cada lado do nicho, um pilar de pedra branca lavrada, com seu capitel, e pela parte de cima sua alquitrave, friso, e cimalha.

Este era o primeiro corpo; e por cima d'elle seguiam-se base e pedestaes, sobre que assentavam outros dois pilares lavrados, com capiteis. Estes pilares acompanhavam a janella que ficava a prumo do nicho.

Sobre o arco que recolhia a sepultura da fundadora havia um nicho forrado de marmore vermelho, e dentro d'esse nicho estava a imagem de S. Pedro, em marmore branco de Genova.

Sobre este nicho, e á janella que assenta sobre cada um dos ditos lados seguia-se alquitrave, friso, e cimalha resalteada. Superior a esta obra corria a cimalha real ou cornija, sustentada por cachorros, como no corpo da egreja e cruzeiro.

Toda a obra da parte da epistola correspondia exactamente á do evangelho.

Sobre a cornija começava a levantar-se a abobada da capella mór. Marmores brancos, pretos e vermelhos, a variavam.

A sepultura da condessa fundadora foi feita com marmores de Estremoz, Montes-Claros, serra da Arrabida, pretos de Cintra, e brancos de Genova.

Assentava o seu tumulo em uns pés de quatro marmores de cinzento claro. Em cada um d'estes marmores se viam tres faces de leão, em meio relevo, apresentando cabeça, rosto, e patas.

Sobre estes elevava-se um marmore da Arrabida, lavrado em galhões. Era a base em que descansava a caixa de marmore branco d'Estremoz. No meio da caixa estava um marmore preto, com o seguinte epitaphio em lettras de metal doirado:

«Hoc mausoleo condita spiret ad huc
«illustrissima D. D. Phelippa de Sa Gomes
«de Linhares, cujus sierga Deum, ac sanctum
«Ignatium pietatem, ac munificentiam
«quaeras, hoc templum suspice, illud cum
«posuit, aeternum utriusque exegit
«munumentum. Obiit postridie Kalendas
«Septembris, 1618.»

Por cima do dito corpo que terminava n'outra pedra tambem da Arrabida, seguia-se outra caixa egual á primeira, de marmore branco de Estremoz, porém lavrada differentemente e com primor. No meio d'esta apparecia novo marmore preto, ao qual estava encostado um anjo em relevo, em corpo inteiro, sustentando o escudo das armas da condessa. Estas armas eram tambem de marmores de côres proprias ao brazão.

Ainda havia terceiro corpo, que constava de marmore branco d'Estremoz, com outra almofada de marmore preto no centro. Aos lados d'este corpo, assentados sobre a moldura, se via de cada parte a figura de um menino de relevo inteiro, em marmore branco de Genova. Tinham estas figuras o cotovello encostado sobre uma caveira, tambem de marmore branco, e para ella olhavam com semblante triste.

Seguia-se o ultimo corpo. Era uma pedra branca de Estremoz, acompanhada de cada lado por uma urna cineraria de marmore de Montes-Claros, com uma pedra côr de fogo, que figurava a chamma saida da urna.

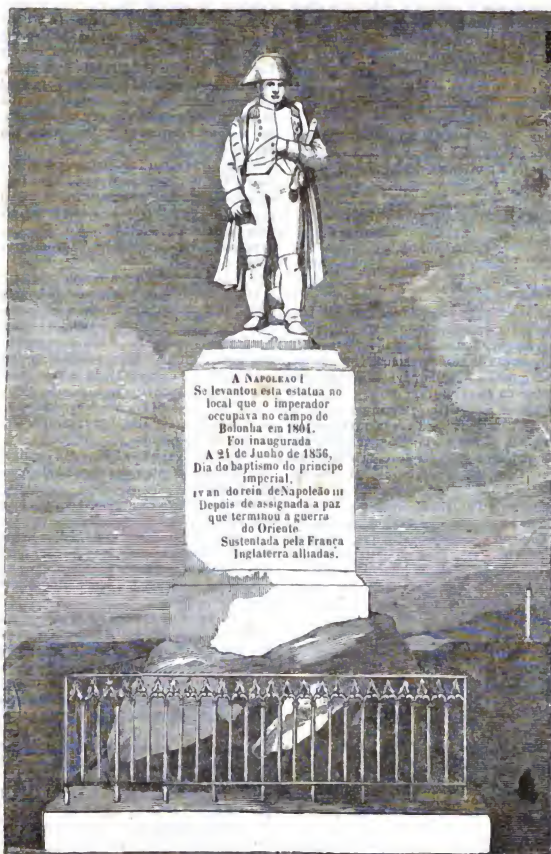
Rematava toda a obra por uma almofada de marmore de Montes-Claros, e sobre a almofada estava assente uma corôa de metal doirado.

Ao cabo de quarenta annos de feita esta capella, mandaram os padres revestir-lhe os pilares que sustentavam o arco com almofadas, e as paredes, tecto, nichos e janellas, com finissimos embutidos. Só nos pilares se assentaram vinte e seis almofadas, e no arco e sua volta sobre o pavimento trinta e seis.

N'essa occasião tambem se fez uma escada de cinco degraus na capella mór. Eram de marmore vermelho, e na face de cada degrau se embutiram umas rosas. O primeiro degrau que ficava no pavimento da capella era tão largo, que para egualar a largura da mesma, não lhe faltavam de cada lado quatro palmos. Os outros que iam subindo para o pavimento dos presbyterios se recolhiam mais para dentro. Ao lado do ultimo degrau, eram ornados os presbyterios por tres pilares, sustentando o frechal de ebano. Os balaustres eram torneados e egualmente de ebano.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



ESTATUA DE NAPOLEÃO I EM BOULOGNE.

A 4 de setembro de 1854 sua magestade el-rei D. Pedro V e sua alteza real o senhor infante D. Luiz, vindo de Ostende, foram recebidos com todas as honras e distinctissimos obsequios por sua magestade o imperador dos francezes, quando este acabava de passar revista ás tropas do vasto acampamento de Boulogne. Sua magestade e seu augusto irmão passaram o dia no acampamento de Honvault, assistiram á revista de tres regimentos de linha e dois batalhões de caçadores, e jantaram com o imperador, de quem se despediram ás sete horas e meia. N'essa occasião visitaram tambem Boulogne e immediações o rei dos belgas e o principe Alberto, esposo da rainha Victoria.

O acampamento de Boulogne-sur-mer, formado quando se ateava mais a guerra hoje felizmente terminada, estendia-se em varias secções, e (como diz o imperador em sua proclamação ás tropas datada de 2 de setembro do referido anno) occupava um triangulo, de que St. Omer era o vertice, dilatando-se a base desde Ambleteuse até Montreuil. Este triangulo tinha, pois, oito leguas de base por doze de altura, e todas as tropas estavam de tal modo collocadas que dentro em vinte e quatro horas podiam

concentrar-se em qualquer ponto do triangulo.

O povo de Boulogne commemorou o baptismo do principe imperial não só com fogos de artificio e musicas, mas tambem inaugurando a estatua de Napoleão I, desenhada por Beten Court, e modelada por Gossin Junior, erecta no sitio que a inscripção declara, e d'onde se avista a bahia; logo defronte acham-se as ruinas romanas denominadas « torres de Caligula », e que serviam de observatorio ao primeiro imperador dos francezes.

A figura tem o rosto voltado para a costa d'Inglaterra. Na face do pedestal lisa gravaram a inscripção que ali se lê, e a estampa mostra.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

Conclusão.

IV

Navegavamos ao longo da costa occidental d'Africa, entre Loanda e Ambriz, tendo saido do primeiro d'estes portos com destino ao segundo, para verificar se nas barracas de negocio estabelecidas no territorio do marquez de Mosullo havia objectos destinados ao trafico da escravatura.

Era noite; noite escurissima; sem luar, nem estrellas. Uma aragem bonançosa empurrava preguiçosamente o navio para o norte; e a maruja dormia ao longo das amuradas, fazendo travesseiros dos duros trincanizes e dos, não menos duros, cabos da manobra.

Como então lembra a patria! Como o pobre nauta se recorda dos parentes, dos amigos, que deixou a milhares de leguas de distancia, e que, provavelmente, não pensam a essa hora no desterrado!.....

Estou de quarto. O relojo da bitacula marca onze horas. Pedem-me licença para tocar seis *ampulhetas* no sino. As vigias bradam *álerta*.

— Chega cá dois á *barca*.

— Prompto?... prompto.

— Vira.

— Tópo.

Anda uma milha e quatro decimos o ronceiro do navio.

— Quem está ahi com o *carritel?*

— Sou eu, senhor.

— Oh! és tu, Leonardo...

Vou contar-vos como contribui para livrar da mais horrorosa das mortes este pobre mulato... É uma das melhores acções da minha vida, e julgo ter resgatado com ella muitas das faltas de que possa ser accusado.

Chamarei Leonardo ao homem, porque me não lembra n'este momento o seu verdadeiro nome, com quanto lhe fallasse em Lisboa ainda ha bem pouco tempo.

Leonardo era mestre de uma lancha das que vão buscar agua ao Bengo, ou madeira ao Dande. Passava uma noite, descuidado, por entre os coqueiros do Bungo, dirigindo-se á praia, para embarcar, quando uma patrulha de *empacaceiros* lhe deitou a mão, e sem admittir razões o conduziu ante o chefe da policia de Loanda. É apalpado da cabeça até aos pés, encontra se-lhe um prumo pequeno, com a competente sundureza, e uma faca sem ponta, objectos pertencentes á sua profissão; como porém, minutos antes da captura, e no mesmo sitio, fôra roubada a casa de um rico negociante de escravos, o chefe de policia entende que achou no mulato o procurado roubador, conclue que o prumo servia para medir a altura das janellas sobre a rua, e quanto á faca, apesar de romba, classifica-a de instrumento mortifero, e como tal defeso o seu uso. Vae o pardo para a cadêa, e dá-se parte do acontecido ao governador. Este, um militar valente mas sem alma, dispensa mais esclarecimentos, e remette para bordo do brigue o infeliz Leonardo, ordenando ao commandante que mandasse chibatar este novo Simão Lopes Soliz, até que o cirurgião declarasse que *não podia levar mais!*.....

Crêdes que estou inventando um conto horroroso com o fim de vos commover?... Não. Digo a verdade sem adornos. Posso mostrar-vos bastantes testemunhas do facto. O mesmo commandante. A propria victima.

O barbaro governador morreu... Deus o terá julgado!

Não mencionarei o seu nome.

O brigue, elevado por s. ex.ª ás honras de matadoiro, já antes tinha recebido a seu bordo outra rez para o sacrificio... Era um velho de sessenta annos! No fim de cem varadas, o nobre cirurgião (que morreu depois, victima da *carneirada*) declarou em nome da arte e da humanidade, que o ancião não podia receber mais castigo.

Porém o caso agora era differente. Leonardo era um homemzarrão, alto, forte, membrudo... quando caisse, estava morto!

—É preciso salval-o! disse eu, comigo mesmo, e concentrando n'este santo desejo todo o poder da minha vontade.

Fui procurar o cirurgião, honrado mancebo, que era um complexo de virtudes.

— Doutor, lhe disse, vamos fallar ao commandante ácerca d'este homem, que deve ser morto ámanhã covardemente, na nossa presença.

— Vamos, respondeu sem hesitar o joven Esculapio.

E entrámos na camara do brigue.

O commandante, optimo official de marinha e respeitador da disciplina, tinha genio aspero e modos bruscos, que o tornavam geralmente temido a bordo. Quando ouviu o nosso pedido, para deixar de ser chibatado o preso, rompeu n'uma gritaria infernal, e quasi que nos poz pela porta fóra aos empurrões.

Nós, porém, estavamos familiarisados com aquellas explosões, e sabiamos que o homem não era sanguinario. *Arreámos-lhe filame* (para fallar em termos maritimos) e só quando elle acabou de esbravejar, tomámos de novo a palavra.

— Pois hade matar-se um homem, sem provas de haver commettido crime? disse eu.

— Pois o commandante quer ficar com os remorsos de ter mandado assassinar um innocente? accrescentou o doutor.

Nova explosão do commandante!

Já estava rouco de gritar.

— Não sou eu que o mando matar, é o governador.

— Mas o governador não fez as averiguações precisas; não ha processo judicial contra o mulato, e é a Providencia que o quiz salvar, fazendo com que viesse para bordo, em vez de ser dilacerado na frente do esquadrão de cavallaria, ou no quadrado do quartel de S. Antonio.

A trovoada roncava ainda, mas conhecia-se que ia abonançando.

O commandante já discutia.

Por encurtar razões: a humanidade venceu a disciplina no animo do capitão, e Leonardo não soffreu a tortura das chibatadas. Logo vereis como se provou que estava innocente do crime que lhe imputavam, e calculareis a minha alegria, e a satisfação do commandante.

Navegavamos ao longo da costa entre Loanda e Ambriz, diziamos nós, antes da apparição de Leonardo, e agora accrescentaremos que nos suppunhamos na altura do rio Dande, postoque a escuridade da noite não permittisse enxergar as barreiras brancas e vermelhas, que talham a costa a pique n'esta paragem.

Supponha o leitor que já passou uma hora; que vae dar meia noite na sineta do navio, e que eu me disponho para entregar o quarto, e ir dormir descansado, quando a vigia do portaló de estibordo brada:

—Um navio!

—Em que direcção? pergunto.

—Pelo nosso travez... á terra.

—É verdade, lá está, parece-me um brigue; talvez crusador inglez.

Chama-se o commandante, que apparece rapidamente sobre a tolda, munido do famoso oculo de noite. Assesta a lente sobre a embarcação, e diz logo, com segurança:

—Não é navio de guerra.

—Quanto anda o brigue? accrescenta.

—Quasi nada, respondo eu, meia milha, se tanto.

—Mande alar avante a lancha.

(A lancha vinha a reboque na pôpa, como é costume n'estas navegações de cabotagem.)

— Arma a sua guarnição. Um official prompto para serviço.

O leitor já tem visto apromptar e largar de bordo do brigue differentes embarcações miudas.

Quando a lancha se approximou do navio que buscava, e no qual reconheceu um formoso brigue-escuna, bradaram-lhe de bordo:

—Ó da embarcação! Que quer d'este navio?

O official não respondeu, e mandou picar a voga.

—Ó da lancha! Se te aproximas mais, metto-te no fundo.

Os nossos fizeram mais força de remos.

—Fogo! bradou uma voz a bordo do brigue-escuna.

Um grande clarão illuminou momentaneamente o espaço, seguido de perto pelo ribombo do canhão, e uma bala veiu partir o pau da bandeira da lancha, e levou o chapeo do patrão que dirigia o leme.

Ainda quizeram avançar para o brigue-escuna, porém outro tiro de peça, seguido de uma descarga de fusilaria, que feriu dois homens, obrigou o official a mudar de rumo.

Lançou ao ar dois foguetes, que era o signal convencionado de correr perigo a embarcação destacada, e o brigue reconheceu logo com identica demonstração, dando pouco depois uma banda d'artilheria, para avisar o inimigo de que estava na presença de um navio de guerra, e que toda a resistencia seria prejudicial para elle.

Largou logo um escaler com onze marinheiros e um guarda-marinha, em auxilio da lancha, levando instrucções para combinar com ella um plano d'ataque.

O plano adoptado foi o seguinte.

Em quanto a lancha, com uma pecinha que levava na prôa, figurava um perigoso simulacro de combate, atacando de costado o brigue-escuna; ia o escaler, com os remos forrados de panno no logar das toleteiras, afim de fazer o menor ruido possivel, collocar-se nas aguas do navio inimigo, e tentar abordal-o pela pôpa.

Entretanto uma aragemsinha do mar approximava o brigue do atrevido negreiro (não se podia duvidar de que o fosse.)

O escaler chegando, sem ser presentido, á pôpa do brigue-escuna, lançou na tolda toda a sua guarnição, armada de espadas e pistolas, que avançou galhardamente contra a tripulação negreira, e foi recebida com egual denodo.

Ouvindo os gritos de victoria de seus camaradas, os da lancha apertaram com os remos, e chegaram ao costado do brigue-escuna, ainda a tempo de prestarem valioso auxilio aos do escaler.

Todavia, a gente do navio negreiro era muita e resoluta. Defendiam-se como leões, atacavam como tygres.

Se o brigue se não approxima a alcance d'artilheria, nenhum dos contendores ficava de pé. Ainda assim jaziam no convez alguns cadaveres.

—Rende-te! bradou o commandante, pelo porta-voz.

—Rendamo-nos, disse o piloto para os que o seguiam na defesa do castello, á prôa, seu ultimo reducto: o capitão foi morto... rendamo-nos.

—Rendamo-nos, clamaram todos aquelles homens, dignos de pelejar por melhor causa. E abaixaram os canos das espingardas e as pontas das espadas.

N'esse momento entrava eu a bordo do brigue-escuna, com outro reforço de marinhagem e soldados, e acompanhava-me o Leonardo, que não queria separar-se um momento sequer do seu milagroso protector.

Achando pacificada a contenda, mandei largar as armas a toda a tripulação do navio apresado, e ordenei que formassem em linha do lado de estibordo; a gente do brigue apresador formou tambem, por determinação minha, do lado de bombordo, e passámos a averiguar quem faltava de uma e outra embarcação.

Tinhamos um marinheiro morto e quatro feridos; do brigue-escuna succumbira o capitão e um marujo, além de varios feridos e contusos.

Para evitar qualquer roubo no espolio dos finados, mandei logo conduzir para a tolda as competentes malas e caixas; porém qual foi o nosso espanto, quando em um sacco do marinheiro morto appareceram as joias roubadas ao negociante de Loanda, dono do navio apresado, e por cujo furto fôra condemnado a açoites mortaes o pobre Leonardo!

Não sei se a lição aproveitaria ao aspero governador.

Outra surpresa me esperava ainda a bordo do brigue-escuna. No capitão que baqueara como valente á testa dos seus, reconheci o nosso antigo conhecido Carlos Antonio Pedrozo. O naufrago da *Amazona*, o fugitivo da *Minerva*, o prisioneiro do *Nereyda*, fechara a sua carreira maritima, varado por muitas balas, sobre o convez do brigue-escuna *Amphytrite*.

Paz ás suas cinzas, e Deus tenha tido commiseração com elle!

....

O *Amphytrile* já tinha escravos a bordo. Mais de seiscentos homens, mulheres e creanças, estavam accumulados no estreito baileo de um navio de du-

zentas toneladas! A tripulação do brigue-escuna passou para nosso bordo, e um guarda marinha, o apresador, com doze marinheiros foi guarnecer a nova presa, e conduzil-a a Loanda.

Nós seguimos a nossa derrota para o Ambriz, aonde ancorámos no dia seguinte.

Passado mais um anno voltámos a Lisboa.

F. M. Bordalo.

O OLHO E A VISÃO.

I

Os animaes estabelecem suas relações com o mundo exterior por meio d'apparelhos organicos. Esses apparelhos acham-se construidos de tal modo, que podem receber impressões dos corpos exteriores, e transmittil-os até ao cerebro onde vão produzir sensações. A alma operando d'um modo que ignoramos sobre a sensação toma conhecimento d'ella, converte-a em percepção. Esses apparelhos são chamados dos sentidos, seu numero é variavel nos differentes animaes; no homem são cinco.

Constam todos de tres partes distinctas na structura e na funcção, 1.ª um apparelho especial, de complicação differente conforme a perfeição do animal e destinado a recolher as impressões externas; 2.ª d'um nervo que estabelece a ligação do primeiro apparelho com o cerebro; 3.ª de uma porção de encephalo que elabora as impressões.

De todos os apparelhos dos sentidos, o mais necessario ao homem é o da visão; foi por isso que começamos por fallar d'elle, reservando talvez para mais tarde o dizer alguma coisa dos outros.

O estudo do apparelho da visão, e da funcção que elle executa é um dos pontos mais curiosos da physiologia animal. A cada passo nos dá logar a admirar a sabedoria, que presidiu á sua confecção.

No apparelho tudo se acha sabia e maravilhosamente disposto: se se passa ao estudo da funcção mais objectos de admiração encontramos. Que infinidade de phenomenos importantes cuja explicação infelizmente ignoramos! E o homem que quer penetrar a immensidade do espaço, ler nos ceos, achar as leis geraes da natureza, não pode conhecer o que n'elle passa, não pode achar a explicação dos phenomenos que á primeira vista parecem mais insignificantes! Tão pequeno elle é em relação á grande obra da creação! Tomámos para typo o apparelho da visão do homem, a esse havemos de referir o dos outros animaes.

Na parte anterior e mais alta da face foram collocados os olhos do homem, e era o logar mais conveniente para sua collocação, para poderem d'ahi mergulhar em todo o horisonte. Sendo o olho um apparelho muito delicado, constituido só por partes molles, precisava de protecção que o abrigasse das violencias exteriores.

O apparelho protector do globo do olho consta de differentes partes diversamente organisadas, cada uma das quaes concorre de modo differente para o mesmo fim, livrar o olho de violencias exteriores e da impressão d'uma forte luz. Essas partes são as orbitas, sobrancelhas, palpebras, e o apparelho lacrimal.

Orbitas — São as duas cavidades osseas onde os olhos se acham mettidos; sua disposição é tal que a parede externa é ao mesmo tempo a mais curta e uma das mais valentes; é pouco extensa para augmentar a extensão do campo da visão para o lado externo, e bastante forte porque é pelo lado externo que o olho se acha mais exposto ás violencias exteriores. O olho não está em contacto immediato com as paredes osseas, acha-se separado d'ellas por musculos e principalmente por um colxão gorduroso, que serve para facilitar os movimentos do orgão. Na parte posterior da orbita ha uma abertura por onde passa o nervo que liga o olho com o cerebro para a visão, o *nervo optico*. Além d'esta ha muitas outras aberturas com differentes fins, e por algumas d'ellas passam nervos e vasos importantes, os quaes servem já para a nutrição do orgão, já para os seus movimentos. A orbita serve finalmente para dar um ponto d'apoio aos musculos que devem fazer mover o globo do olho.

Sobrancelhas.—A parede superior da orbita quando se reflecte anteriormente para se continuar com o osso da fronte, apresenta um rebordo grosso e saliente, é a arcada supraciliar. Esta saliencia é coberta por partes molles, que são revestidas de pellos, e a reunião d'estas partes constitue as sobrancelhas.

As sobrancelhas protegem o globo do olho das violencias exteriores pela sua posição em um plano mais anterior; não deixam que os corpos leves que andam superiores na atmosphera caiam para dentro do olho. Retendo o suor da fronte evitam que elle vá offender a superficie ocular. Finalmente os pellos servem para diminuir a intensidade da luz, quando ella fôr tal que possa offender o orgão da visão, é por isso que os pellos são mais espessos, e negros nos individuos dos paizes meridionaes, que nos dos paizes septentrionaes. Os primeiros expostos a um sol ardente precisavam mais de resguardar o apparelho de visão que os segundos.

As sobrancelhas tambem servem para a expressão da face, representam um papel importante na expressão das paixões, enrugam-se e aproximam-se quando a colera, o odio, etc. estão subjugando o individuo, desdobram-se, afastam-se e levantam-se quando o individuo se acha de bom humor.

Palpebras. — São os veos moveis que se acham por diante do olho, e que ora se aproximam ora se afastam, escondendo ou deixando a descoberto a parte anterior do orgão. No homem são em numero de tres; duas perfeitamente desinvolvidas e uma rudimentar, esta é facil de se ver fazendo dirigir o olho para o lado externo, observa-se então no angulo interno proximo da raiz do nariz uma dobra membranosa d'uma côr mais ou menos rosada, e que cobre uma extensão variavel do globo ocular, é a terceira palpebra.

Esta terceira palpebra é muito desinvolvida em alguns animaes, sobretudo nas aves. A palpebra superior é maior e mais movel que a inferior; ambas são formadas de partes molles em quasi toda a sua extensão; proximo do bordo livre tem cada uma d'ellas um disco cartilaginoso destinado a obstar ao enrolamento da palpebra.—O bordo livre termina por pellos que n'este logar se chamam *celhas*.

A palpebra tem transparencia sufficiente para deixar passar a luz. Estando com os olhos fechados percebemos se nos achamos na obscuridade; o apparecimento d'uma luz acorda-nos muitas vezes. A grandeza apparente do globo do olho depende do grau d'abertura que deixam as palpebras; ás vezes parecerá pequeno um globo ocular que realmente é grande, se a abertura palpebral fôr pequena.

As palpebras protegem o olho da acção d'uma luz muito intensa, servem para o abrigar do contacto dos corpos exteriores, e sobretudo para untar a superficie do olho espalhando sobre elle as lagrimas, que conduzem depois para as ventas.

As celhas tem usos analogos aos das sobrancelhas, sua disposição é tal que nunca se misturam as da palpebra superior com as da inferior. Das partes destinadas a proteger o globo ocular, as palpebras são das mais importantes. A prova mais concludente que se pode apresentar da verdade do que deixamos dito é o exemplo dos individuos em que ellas se acham alteradas. — Basta a falta das celhas para os olhos andarem constantemente inflammados, a perda de movimento da palpebra, e o seu reviramento produzem doenças que muitas vezes terminam pela cegueira. A ablação das palpebras era um dos castigos que se infligia na antiguidade.

Para concluir o estudo do apparelho protector do olho só nos resta examinar o apparelho lacrimal.

As lagrimas são elaboradas em um corpo arredondado do tamanho d'uma pequena amendoa, que se acha na parte superior da parede externa da orbita que é a *glandula lacrimal*. As palpebras as espalham pela superficie do globo ocular afim de a lubrificar, e as conduzem até ao canto interno do olho, onde se acha um pequeno canal cuja abertura (que se vê facilmente na palpebra inferior) é denunciada por um ponto arredondado e escuro, collocado no bordo livre proximo do canto interno. Esse canal as leva para as ventas.

As lagrimas não só servem para a lubrificação da superficie do olho, conservando-lhe o polido e transparencia que convem, mas obstam tambem á evaporação dos fluidos contidos no olho.—Facilitam a saida dos corpusculos que tem caido no olho, e é até uma pratica vulgar n'esses casos, a de fazer chorar o olho e ao mesmo tempo inclinar a cabeça lateralmente; as lagrimas correndo em abundancia sobre a superficie do orgão arrastam os corpos que encontram no seu caminho, se elles estiverem pouco adherentes.—O olho soffre muito quando a secreção das lagrimas se suprime. Egualmente a glandula deixa de funccionar se o olho se desorganisa profundamente.

Temos feito a analyse rapida do apparelho protector do apparelho da visão, notando o modo como cada uma das partes satisfaz ao seu fim.

O apparelho protector do olho nem sempre é organisado do modo que acabamos de dizer, é sobretudo o apparelho palpebral e lacrimal que mais modificações apresenta quando se estuda nos differentes animaes.

A maior parte dos peixes não tem palpebras propriamente ditas, ellas são substituidas pela pelle que adelgaçando, e fazendo-se transparente passa pela parte anterior do globo ocular. — O mesmo succede em muitos reptis, sobretudo nas serpentes. Nas aves a terceira palpebra é muito desinvolvida, tem mesmo um apparelho muscular proprio que permitte ao animal fazel-a correr por diante do olho. É em consequencia d'esta disposição anatomica que as aves podem fixar o sol.

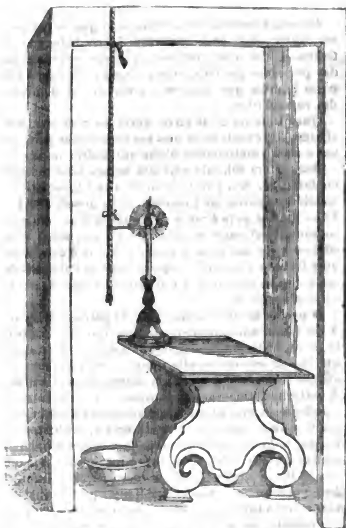
O apparelho lacrimal falta nos peixes, e se nos lembrarmos dos usos das lagrimas, vê-se que a agua as substitue perfeitamente. Nos cetaceos tambem falta pela mesma razão.

O elephante, a lebre e outros animaes mamiferos apresentam duas glandulas lacrimaes, uma no angulo externo outra no angulo interno. Além d'estas differenças ainda se notam outras na disposição de outras partes do apparelho lacrimal, mas menos importantes.

Nas outras classes d'animaes não existe apparelho protector propriamente dito.

Continua.

J. A. da Silva.



DESPERTADOR PYROPHORO.

Vêdes suspensa do tecto uma mecha da natureza d'aquellas de que usam os fogueteiros e artilheiros; sabei que sendo convenientemente preparada arde com muita uniformidade de baixo para cima, e a experiencia permitte calcular a extensão que será consumida n'um certo espaço de tempo; portanto, pode dividir-se em tantas partes quantas horas deve durar, reunir a sua extremidade inferior por outra mecha pequena impregnada de enxofre a uma bugia ou vela, e finalmente, prender a essa mesma extremidade com um bocado de cordel uma pedra, que chegando ahi o fogo cairá n'uma bacia metallica collocada por baixo. No mesmo momento em que o estrondo da pedra vos acordar tereis o gosto de achar a vela acesa.

Tal é o singular despertador descripto por Fausto Veranzio em sua curiosa compilação, publicada no anno de 1617. É provavel que nunca fosse ensaiado, ou pelo menos posto em pratica. Mas os progressos da sciencia dariam meio de fabricar um, que gosasse da propriedade essencial d'aquelle, sem ter os seus inconvenientes. Bastaria para isso um mechanismo simples de communicação de movimento entre o engenho de um despertador ordinario e fusil em que se aproveitou a propriedade, que tem a platina esponjosa, de inflammar uma corrente de hydrogenio pelo simples contacto. M.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

III

Eu sou o homem mais desastrado que se conhece em contar; digo as coisas sempre fora de logar e de tempo. É um sestro terrivel, que não posso emendar por mais que faça, sestro abominavel sobretudo n'um homem que se atreve a invadir os dominios dos romancistas.

Quando fallei de Beatriz, devia ter accrescentado algumas circunstancias que são necessarias para cabal e clara intelligencia d'esta authentica narração.

Beatriz era filha de uma das nossas mais distinctas familias. Seu pae homem de alta educação e fino talento, porém de costumes assaz dissolutos. Em 18... partira para França deixando a filha com cinco annos, entregue aos desvelos de sua mãe. Esta educou-a até aos doze, e morreu depois legando-lhe uma fortuna rasoavel, e entregando os cuidados do resto da sua educação a uma irmã, senhora de excessiva bondade.

O pae de Beatriz esqueceu-se da patria e da filha. A tia fôra o unico parente chegado que ficara á bella, e até certo ponto desgraçada menina. É verdade que n'esta encontrou ella inteira a rica herança do affecto maternal. Beatriz era dotada de sensibilidade extrema. Imaginação peninsular impressionavel e ardente. A sua educação desinvolvida no seio d'aquelles dois entes que a estremeciam, tinha toda a finura, todo o esmero que é dado a certas e privilegiadas creaturas. Chegou aos quinze annos, foi um dia ao theatro, viu Carlos, e o seu coração infantil bateu precipitado. Sincera, violenta, pura, e instantanea fôra a impressão. Viu o mancebo, e no seu porte elegante, na sua distincta physionomia, nos seus olhos negros e melancolicos decifrou os primeiros mysterios do amor. Elle com aquella habitual indolencia correu os olhos pelos camarotes e não attentou na seductora figura da sua ingenua admiradora. Beatriz que se tinha visto contemplada com enthusiasmo por todos os espectadores, tão indifferentes para ella, sentiu cerrar-se-lhe tristemente o coração quando reconheceu que o mancebo desviava os olhos sem lhe prestar a minima attenção.

No dia seguinte a filha do commendador, sua amiga intima, foi visital-a. Beatriz deitou-se-lhe nos braços chorando como uma creança, e contou-lhe tudo. Historia simples, mas sentida e verdadeira, como os affectos d'aquelle coração apenas saido da adolescencia.

Passaram-se não sei quantos dias, no fim dos quaes foi uma tarde ao Passeio A sua presença era sempre saudada com phrenesi enthusiastico pelos *monopolistas* das aventuras amorosas. Perfilaram-se em linha de batalha, assestaram as lunetas, adocicaram as cortezias, e ella atravessou por meio d'elles, elegante, vaporosa, innocente e bella como essas visões que nos apparecem em sonhos, mas sem lhes dar a mais pequena importancia.

No fim de um quarto de hora Carlos entrou, e passou junto d'ella; Beatriz estremeceu, apertou o braço da sua companheira, e disse-lhe ao ouvido, com voz balbuciante:

—É elle.

Ora o acaso tinha feito com que o nosso heroe fosse incumbido por um amigo de tratar de uma questão de honra, e vinha ali procurar as testemunhas contrarias, na resolução de sair em continente com ellas, e dirigir-se ao sitio aprasado, para combinar as condições do combate que devia ter logar no dia seguinte.

Como é de suppor, estando preoccupado por um negocio serio não prestou grande attenção aos circunstantes. D'esta vez ainda passou indifferente por diante de Beatriz.

—Vês, nem ao menos faz reparo em mim, disse ella á sua amiga.

—Dizem que é um homem sem coração; não consta ainda que mostrasse sympathia por ninguem; deves esquecer-te d'elle...

É impossivel, e quando podesse não o queria; continuou a pobre menina, reprimindo a custo duas lagrimas que lhe inundaram as brilhantes pupillas. É pelo ver sempre triste, e indifferente com todos que eu o amo, e cada vez mais. Olha, desde aquella noite que se me não tira a sua imagem do espirito. É a segunda vez que o vejo, e acreditas? se me dissesse agora que deixasse tudo por elle fal-o-hia sem hesitar.

Passaram-se as semanas, os mezes; Carlos regressou para a provincia, voltou no anno seguinte emfim, e ella no mesmo estado. Ia a toda a parte, porém raras vezes o encontrava; no silencio e na ausencia a paixão tinha lavrado com prodigiosa intensidade. Nas *soirées*, nos bailes, não o vira tampouco; o acaso, a fatalidade fez emfim com que n'esse dia lhe podesse fallar. Agora comprehenderá o leitor a agitação, a pallidez subita, o desconcerto e alvoroço em que ficou Beatriz, quando inesperadamente o viu junto a si, fallando-lhe, e offerecendo-lhe o braço.

As horas d'esse dia delicioso passaram rapidas. Os olhos de ambos tinham revelado o que as palavras não poderam dizer: por vezes o mancebo a surprehendera contemplando-o em extasis.

O sol começava a declinar no firmamento, as nuvemzinhas esmaltavam-se de variadas côres; das plantas e das arvores em flor aspirava-se um perfume mais suave. Chegara o momento de se separarem: o resto dos personagens havia-se casualmente desviado, e elles encontraram-se completamente sós.

Carlos depois d'alguns instantes de hesitação rompeu o silencio.

—Ha apenas algumas horas que nos fallámos pela primeira vez, e comtudo atrevo-me a revelar-lhe sem hesitar os meus sentimentos. Amo-a, Beatriz, e com todo o ardor da minha alma. Amo-a, e n'esta hora seria um infame se lhe não dissesse inteira a verdade. Eu já me não pertenço; desde a infancia que minha mãe me destinou uma mulher, um anjo de ternura e bondade, que espera descuidada e alegre pelo dia em que possa ser minha á face de Deus e do mundo.—Enganal-a fôra uma covardia indigna do meu caracter. Quando era livre acceitei sem hesitar, jurei amparal-a com o meu nome, e com a minha fortuna a ella, pobre, desvalida, orphã. Até hoje passei frio e indifferente por todas as mulheres; não a amava, mas pertencia-lhe pelos laços da amisade sincera e intima. O calor suave d'este affecto bastava para me desviar de inclinações passageiras. A fascinação dos seus olhos acabou n'um instante tudo. Concentrados no fundo do coração, os sentimentos atearam-se vivos e ardentes n'um olhar

de paixão. Podia adivinhar o futuro, e devo agora fugir como um covarde diante do sacrificio?

Beatriz fitava-o com os olhos orvalhados de lagrimas, porém lagrimas que pareciam derivar sem esforço, e sem magua. Um sorriso de resignação sublime alegrava os seus labios desbotados.

Era o anjo das emoções divinas que tinha descido á terra para lhe fazer conhecer o amor, e provar-lhe que este é sempre pequeno e vão quando se não mede pela intensidade do mart rio.

—Sabia tudo, conhecia a sua historia, disse ella pegando-lhe na mão com infantil *abandono*. A confissão que acaba de fazer-me veiu confirmar-me na idéa que tinha da nobreza do seu caracter. Sou feliz, mais feliz n'este instante do que nunca suppuz que o poderia ser no mundo. Admira-se? Não julgava que houvesse uma mulher capaz de comprehender o amor d'este modo? Poucas serão, é verdade, porque ha sempre um fundo de egoismo no seu affecto. Eu desde o primeiro instante em que o vi amei-o como agora, como heide querer-lhe até ao fim da vida. Indaguei, e soube a sua posição. Vi desde logo que para mim não podia haver felicidade na terra, senão quando tivesse a certeza que este affecto, que esta *adoração* era correspondida; senti-me grande medindo toda a violencia do sacrificio que me esperava, e achei que o meu amor era digno d'elle. Pertenço-lhe como uma escrava. Sou feliz adorando-o, e tenho plena confiança em Deus que me hade levar do mundo sem que a sombra de um des'gosto vá perturbar a felicidade d'esse anjo que deve acompanhal-o na vida.

Carlos tinha perdido completamente a consciencia do mundo exterior, e chegou a julgar-se transportado a outras regiões.

O som d'aquella voz, a expressão d'aquelles olhos, o sentido mysterioso d'aquellas palavras enleavam-n'o a ponto de suppor que estava mais sob a influencia de um sonho, do que na presença de uma realidade.

A filha do commendador, boa e affectuosa amiga de Beatriz, veiu prevenil-a de que se aproximavam algumas pessoas.

—Até logo, disse Beatriz, apertando a mão do mancebo. Depois, em voz mais baixa, proseguiu: temos ainda diante de nós alguns mezes de completa felicidade.

Carlos separou-se d'ella, metteu-se no carro, e chegou a Lisboa sem comprehender mais nada de tudo quanto se passara, senão que amava perdidamente aquella mulher.

Continua. BULHÃO PATO.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XVII.

REGRESSO A CINTRA — DELEITE DO DESCANSO DEPOIS DA JORNADA.

28 d'agosto de 1787.

Meio dormente, meio acordado, retiniu-me nos ouvidos o sonoroso carrilhão do convento; as vozes do marquez e D. Pedro em porfiosa conversação com o capitão-mór no quarto contiguo, completamente me despertaram. Engolimos o café á pressa; o grão prior largou com reluctancia o travesseiro, e acompanhou-nos á missa conventual. Os frades redobraram os esforços para nos reduzirem a jantar com elles; continuámos, porém, inflexiveis, e afim de evitar novas importunações partimos açodados, finda a missa, para a quinta do visconde de Ponte de Lima, onde a fechada sombra dos loireiros e azevinhos nos abrigava do excessivo ardor do sol.

O marquez, sentando-se a meu lado ao pé d'uma das limpidas e copiosas fontes que refrescam e aviventam o magnifico jardim á italiana, encetou um discurso mui serio e semi-official sobre a minha estada em Portugal, e os meios que se projectavam, em mui alta região, para que fosse não só agradavel para mim, mas tambem de alguma valia para outros muitos. Alliviou-me a presença de D. Pedro e de seu tio, que tendo passeado até o fim de uma avenida de pinheiros longamente extensa, vieram mudar a conversação que já se me tornava pesada; voltámos todos á poisada do capitão-mór, e achámos o jantar prompto.

D. Pedro e eu tinhamos pena de deixar Mafra; nem poriamos objecção a outra corrida pelos claustros e dormitorios com o frade leigo. A tarde estava brilhante e limpa, e a côr azul do mar distante indisivelmente agradavel. Fomos levados com tumultuaria velocidade pelas escabrosas estradas, de maneira que mal podiamos o marquez e eu dar palavra um ao outro. D. Pedro ia montado no seu cavallo, e Verdeil, que nos precedia no carrinho, parecia-nos ir desafiando o vento; o seu macho, um dos mais arrogantes e corpulentos d'esta casta, incitado pelas chicotadas e exclamações de um esgalgado postilhão portuguez empoleirado atraz do vehiculo, galopava desencabrestadamente, e a obra de uma legua das rochas de Cintra assentou de arrojar seus conductores para o meio de umas moitas no fundo de um fojo quasi perpendicular, onde ainda esperneava quando nós passavamos.

Verdeil veiu para nós manquejando e apontando para o carrinho caido no barranco; excepto a leve contusão n'um joelho, não teve outro detrimento; exclamou immediatamente que escapara por milagre e que sem duvida santo Antonio tivera mão n'elle. O meu amigo, que traz sempre os horrores da heresia diante dos olhos, cochichou-me ao ouvido que d'esta vez o diabo o tinha salvado, mas que talvez de outra não estivesse tão bem disposto.

Ainda não eram cinco e meia quando chegámos a Cintra; a marqueza, o abbade e os meninos, nos esperavam. Andando-me a cabeça á roda e as idéas tão abaladas e confusas como tinha o corpo, recolhi-me a casa logo ao cair das sombras, afim de gosar umas poucas de horas de não interrompido descanso; o apparato da minha ampla sala, a sua solidão e silencio, infundiam momentanea tranquillidade no animo agitado. A macia e bem lisa esteira, fabricada do melhor e mais lustroso junco, assumia á luz das bugias uma côr deliciosa, suave e acorde; vi-a tão fresca e brilhante que me estendi n'ella, e ali me deixei estar de papo para o ar, contemplando o cristalino e sereno ceo do verão, e a lua que vinha nascendo vagarosa detraz da coròa de um outeiro mattagoso; uma frouxa viração afastando as cortinas descobria os topes das arvores sylvestres do jardim, e ao longe extenso tracto de paisagem, terminada pela superficie do mar e os ennevoados promontorios.

Continua.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Capella mór.

O pavimento dos presbyterios, e o espaço que cercava o altar era de xadrez. O pavimento do altar, para o qual se subia só por um degrau egual aos que davam entrada da capella para os presbyterios, tinha o mesmo xadrez.

O altar era composto de pedra muito brunida.

Ao meio correspondia-lhe uma porta, cujas hombreiras e vergas eram de marmore vermelho, com ornatos e rosas de embutidos. Por esta porta era a passagem para uma casa, sobre que assentava a tribuna; e para subir a esta havia de cada lado uma escada de pedra, com sufficiente largura e claridade.

Era o retabolo de magnificas e bem lavradas pedras. Dois pedestaes, com seus embutidos assentavam sobre pedras brancas de Genova. Por cima dos pedestaes seguia-se uma cimalha, que corria egualmente pelo vão que ficava entre os pedestaes, e sobre a porta de que acabamos de fallar.

Por cima das molduras que tomavam a largura da tribuna havia tres formosas tarjas; e pela parte superior á cimalha que ornava os pedestaes duas grandes misulas de marmore branco de Genova com embutidos. Por cima d'estas misulas outra cimalha continuada pela parte superior áquellas tarjas.

Sobre as misulas seguiam-se as bases que sustentavam de cada parte duas columnas de vinte e cinco palmos de alto, e cerca de quatro de diametro. Estas columnas eram inteiriças e de feitio salamonico, e a pedra se extrahiu das pedreiras da serra da Arrabida, o que causou muito despendio pelo transporte; pois sendo á custa de grandes fadigas embarcadas em Couna, desembarcaram na Madre de Deus, e d'ahi vieram puxádas cada uma por vinte e cinco juntas de bois para o collegio de Santo Antão onde foram lavradas.

Os capiteis foram formados de quatro grandes pedras brancas de Genova, lavradas com folhagem, entre a qual se metteram folhas de metal doirado.

Os pés direitos da tribuna eram de pedra lavradas; nos quaes, e no arco que nasce dos ditos pés se metteram treze de Montes Claros, a que se deu o nome de presas.

Tinha a bocca da tribuna dois anjos de meio relevo, e vestidos com roupas que saíam mui graciosamente sobre o branco do corpo, que era de pedra de Genova, onde as ditas imagens se esculptaram. Occupavam o logar nos seguintes do arco da bocca da tribuna. Estes anjos foram depois aproveitados para o portico principal do hospital de São José, como hoje ali se vêem.

Sobre esta, e sobre os capiteis das columnas corria uma alquitrave, a que se seguia o friso, composto por seis serafins com os cabellos doirados. Estes serafins estavam entre os cachorros que sustentavam a cimalha. Os cachorros eram de marmore vermelho com umas rosas grandes de metal doirado. Por cima corria a cimalha a egualar com a dos lados da capella. Sobre ella, no logar correspondente ás columnas onde a cimalha ia resalteada, e a prumo dos capiteis das columnas mais proximas á bocca da tribuna, se viam outros dois anjos de marmore branco de Genova, com roupas de pedra fina de outra côr, e com uma palma de metal doirado na mão.

Sobre o resalto que fazia a cimalha superiormente ás outras duas columnas mais visinhas aos lados da capella estavam dois genios, de marmore branco de Genova, e tambem lavrados lá, sustendo sobre a cabeça açafates de fructos em pedra de varias côres.

Seguia-se a toda esta obra um painel de figura oitavada representando a visão que Santo Ignacio teve da Santissima Trindade. Era este painel ornado de boas molduras, acompanhadas de cada lado por sua misula. Sobre as molduras e mais ornatos do painel corria uma tarja de marmore preto, tendo assente em lettras doiradas de bronze o nome de *Jesu*, adorado por um anjo de cada lado.

O retabolo era rematado por um grande serafim, de marmore branco, e com os cabellos doirados.

A tribuna compunha-se na maior parte de pedras vindas de fora do reino. Comtudo não eram inferiores a estas umas treze presas de Montes Claros. Tanto n'estas presas, como nas brancas de Genova, embutiram-se umas tulipas de metal doirado. Assim se constituia a bocca da tribuna. Era oitavada. Compunham-a dois pilares de boa pedra branca, sentados sobre seus pedestaes, ornados de capiteis da mesma pedra, e sobre elles uma cimalha que corre por todo o espaço da tribuna.

Correspondente a esta cimalha que termina o primeiro corpo, correspondiam no segundo a cada dois pilares duas misulas ornando a cimalha d'onde sae o tecto da tribuna, todo de marmore.

Além da luz que recebe da capella-mór, tinha dois grandes oculos, ornados de vidros, um ao oriente, e outro ao occidente. Por baixo d'estes oculos correspondia uma porta, excellentemente lavrada. Era por estas que se entrava na tribuna. Ha ainda além d'estas, outra terceira porta, que ia dar para o corredor do collegio, o qual ficava encostado á mesma tribuna.

O throno era de madeira com bom desenho de talha, e todo doirado primorosamente. E para se expor e encerrar o Senhor mandaram os padres fazer umas bellas cortinas de damasco carmesi, com grandes franjões de oiro. Afora estas occasiões estava fechada e coberta a bocca da tribuna com um painel representando Santo Ignacio, revestido sacerdotalmente. No plano inferior ao Santo viam-se quatro homens, representando cada um diversa parte do mundo, e vestido com os respectivos trajes. Estes quatro homens estavam na attitude de olhar para o Santo.

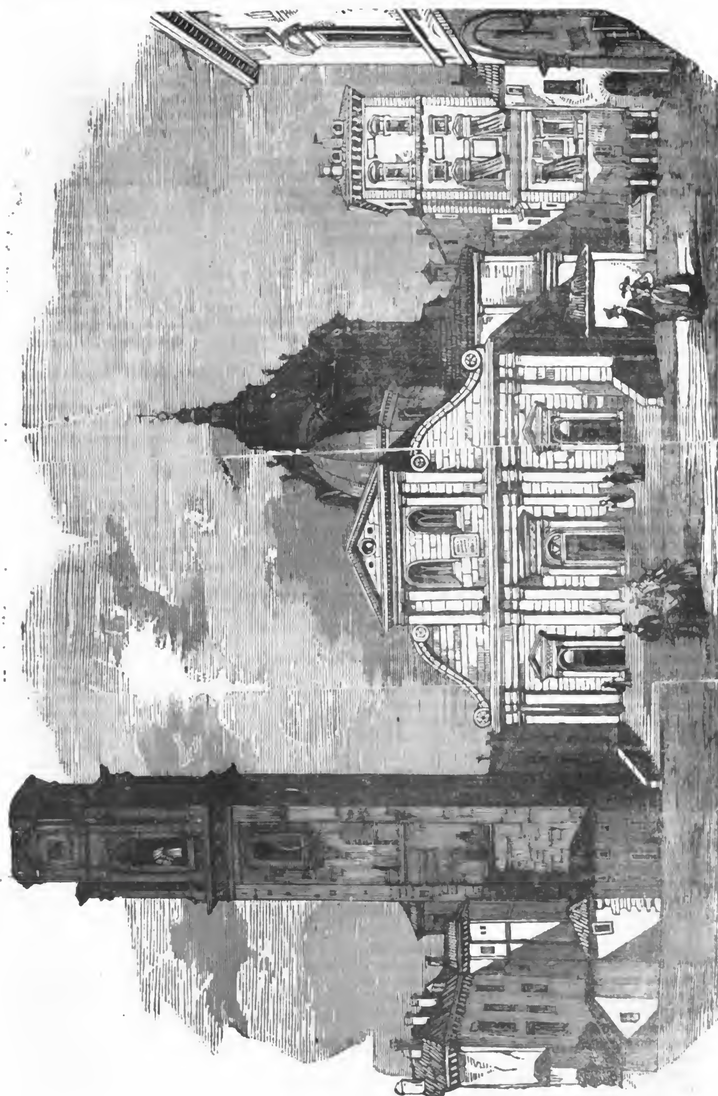
Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A moral, e as leis condemnam o assassinio, e o ferimento como crimes; a loucura considera o desafio como acto de honra, e pundonor.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.



CATHEDRAL DE S. JOÃO EM TURIM.

CATHEDRAL DE S. JOÃO EM TURIM.

Em a bella cidade de Turim, capital da Sardenha, n'uma das suas praças principaes, a chamada Praça do Castello, (Piazza di Castello) por ter um palacio acastellado no meio, se eleva, do lado setemptrional formado pelo novo palacio real, e junto d'este, a cathedral de S. João.

É de elegante aspecto exterior; e interiormente tem riqueza e formosura admiraveis.

Pelo nosso desenho, que representa o edificio, poda ver-se a belleza, e magestade de similhante construcção.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

IV

O leitor dispensa-me de certo a descripção minuciosa do baile em que os dois amantes devem encontrar-se.

Isto não é um romance, todos o vêem claramente, mas o que nem talvez todos saibam é que não tem pretenções a sel-o. Eu conto, do melhor modo que sei, uma historia simples e profundamente triste. Quando mesmo podesse enredal-a, creando lances e situações novas que prendessem a attenção e augmentassem o interesse, não o faria. Era tirar-lhe o unico merecimento que pode ter, o da verdade, que é a coisa mais singela que se conhece.

O baile era em casa de um alto personagem. Havia musica na entrada, vasos de flores nas escadas, lacaios sumptuosamente fardados, salões esplendidos, cêa lauta, vinhos generosos. Homens politicos arreados de commendas e veneras; mulheres supportaveis, interessantes, provocadoras, bonitas em pequeno numero; formosas em mais pequeno ainda; *espirituosas* sem pretenção rarissimas; feias, desengraçadas, parvas, e preciosas em *magna* quantidade.

Vestida de branco, (o branco é a *toilette* classica das virgens, o traje invariavel dos anjos,) vestida de branco, pois, Beatriz entrou na sala com uma simples grinalda de flores agrestes imitadas pela mão do nosso insigne artista Constantino. Era a simplicidade encantadora das figuras que apparecem nos idylios de Theocrito e de Gesner. Resplandecentes como duas estrellas nas noites placidas de estio, os olhos brilhavam animados de expressão indefinivel. Exprimiam o prazer ou o sacrificio? Revelavam dôr intensa, ou contentamento intimo? Era a virgem sorrindo ás fascinações do mundo, ou o anjo deplorando as miserias da terra?

Não sei!

Poucos minutos depois appareceu Carlos encostado ao humbral de uma das portas da sala do baile. A bella physionomia d'este revelava a paixão, o sobresalto, o contentamento, a dôr porventura, todos os sentimentos emfim, que se fundem a um tempo no coração do homem em certas crises solemnes da vida; mas que são naturaes, comprehensiveis, terrestres.

Os olhos d'ella fitaram-se nos do mancebo, e um leve aceno indicou-lhe que viesse sentar-se a seu lado.

— Dancemos esta *valsa;* vamos, não sente a musica?

E erguendo-se airosa como a rola que vae levantar o vôo, deu o braço a Carlos.

A maior parte das vezes a dança é uma sensaboria como outra qualquer; outras é um prazer do ceo. Quando os braços tremulos de dois amantes se enlaçam, quando as vistas se confundem, quando o seio da mulher que adoramos palpita anhelante sobre o nosso, e as melodias de Sttraus ou de Weber resoam languidamente, digam-me se os minutos que passam rapidos n'algumas voltas vertiginosas, não encerram delicias indisiveis?

A valsa terminou; d'ahi a pouco affluiu um cardume de *conquistadores* junto de Beatriz, pedindo-lhe a primeira contradança, a primeira mazurka, a primeira polka, etc. etc.

— Não estou decidida a dançar mais esta noite; foi a concisa resposta que deu a cada um de per si.

— Pois não dança mais? disse Carlos admirado.

— Não; salvo se quer outra valsa ainda?

— Mas veja que se compromette, e por minha causa.

— Quando assim fosse, que me importa a mim a opinião dos outros?

— Mas dos seus parentes, dos seus conhecidos.

— Parentes tenho apenas minha tia, e essa já sabe tudo; os conhecidos são-me completamente indifferentes.

Carlos continuava a pasmar com aquelle incrivel procedimento.

— Beatriz, disse elle, n'uma explosão de sentimento, tu és um anjo de bondade e formosura que eu sou indigno de possuir, que devo adorar de joelhos, e a quem vou sacrificar tudo.... Que é isto, santo Deus? proseguiu elle mudando repentinamente de tom.

Beatriz estremecia como o arbusto novo sacudido por subita rajada de vento, e tornara-se pallida como se estivesse prestes a perder os sentidos...

— Que é isto? continuou elle pegando-lhe na mão com impeto.

— Nada, é que não quero que me falles nunca em sacrificios que venham de ti; sacrificios que vão recair inteiros sobre duas innocentes, *ella* e tua mãe; fatalidade de que eu sou unicamente a causa, desde o primeiro desvario que tentes fazer. Olha, sinto-me com força para soffrer tudo, menos o peso dos remorsos. O amor perde a sua natureza celeste, torna-se pequeno e vulgar quando se mancha na culpa. Não é verdade que a tua alma comprehende isto?

— Comprehendo tudo que vem de ti, respondeu Carlos com a sinceridade da paixão.

— Bem, respondeu ella; e as rosas foram-lhe assomando ás faces, puras e coradas.

O baile terminava; os dois amantes estavam proximos de uma janella; os alvores do dia vinham rompendo.

Beatriz disse a Carlos:

— Hoje em minha casa; sou avara de todas as horas em que possa ver-te a meu lado, porque o tempo passa rapido e sobretudo o da felicidade. És meu, sou tua; e quando o amor é assim, puro e santo como o nosso, abençoa-o Deus, porque é obra sua.

Continua.

BULHÃO PATO.

Muitos tem na bocca o patriotismo, e no coração o egoismo.

O OLHO E A VISÃO.

II

Conclusão.

Globo do olho. — A forma do olho é espheroidal sendo menos curvo posterior que anteriormente. É formado de partes continentes e contidas, aquellas membranosas estas mais ou menos fluidas. Dá inserção pela sua superficie externa a musculos, que são destinados a dar-lhe movimento em diversos sentidos; está assente em uma almofada gordurosa que o deixa mover facilmente, e preso ás paredes da orbita por uma aponevrose ou membrana resistente que lhe dá pontos d'apoio para os seus movimentos. Pela parte posterior está ligado com o cerebro por intermedio do nervo optico, cordão branco e lustroso da grossura d'uma penna d'escrever formado por uma bainha resistente em cujo interior estão os filetes nervosos.

Na parte anterior do globo do olho vê-se uma membrana transparente com a forma d'uma calote espherica, engastada no olho do mesmo modo que um vidro sobre um relojo; é a *cornea transparente*. A membrana mais ou menos azulada com quem a cornea se continua é a *sclerotica*, é uma membrana bastante resistente que involve todo o globo ocular excepto na parte onde está a cornea: tambem se chama *cornea opaca*.

Pela parte posterior da *cornea* vê se uma membrana diversamente corada nos differentes individuos, lançada verticalmente, e tendo quasi no centro uma abertura circular que ora augmenta ora diminue. A membrana chama-se *iris*, e a abertura — *pupilla*. —

Entre o septo membranoso que acabamos de descrever e a cornea transparente fica um espaço que parece vasio, mas que está cheio d'um liquido aquoso, é a *camera anterior*.

Pela parte posterior do septo ha outro espaço que se diz a *camera posterior*; está cheia pelo mesmo liquido que a anterior. As duas cameras communicam entre si pela pupilla.

A camera posterior é limitada posteriormente por uma capsula contendo um corpo lentecular, que é o *cristalino*, o qual é menos convexo anterior que posteriormente. A densidade do cristalino augmenta da periferia para o centro, onde se pode notar um verdadeiro nucleo cujo tecido é formado de laminas sobrepostas qué formam differentes camadas, cujas curvaturas variam da periferia para o centro. — Não se sabe bem qual é o fim d'esta disposição do cristalino, mas julga-se que deve influir muito na visão.

Por detraz do cristalino até ao fundo do olho ha um grande espaço cheio por uma substancia de consistencia gelatinosa, muito translucida que é o humor vitreo: esta substancia acha se contida em uma membrana muito delicada — a *hyaloide*. O humor vitreo é homogeneo em toda a sua massa.

A membrana hyaloidea acha-se pela sua face externa assente sobre uma outra membrana branca, destinada a receber a impressão da luz, que é a *retina*: esta membrana que é a parte mais importante do olho é a expansão do nervo optico.

A retina acha-se pela superficie externa applicada sobre uma membrana, mui fina e fragil, coberta de uma substancia negra, ou pigmentosa — é a *choroidea*. O pigmento falta nos animaes albinos. A extremidade anterior d'esta membrana dobra-se formando muitas pregas, que se insinuam entre a iris e a capsula do cristalino a quem adherem.

Estas pregas chámam-se *processos ciliares*, estão dispostos de modo que formam uma verdadeira *corôa* que se observa bem cortando o olho em duas metades, uma anterior, outra posterior, e examinando a metade anterior pelo lado interno. A corôa chama-se *corôa ou corpo ciliar*.

Fallamos d'estas partes, porque representam hoje um papel importante na theoria da visão.

A face externa da choroide reveste a interna da sclerotica ou cornea opaca. Assim temos feito a descripção do olho indo da parte anterior para a posterior, e depois de dentro para fora.

A structura do globo ocular pouca differença apresenta nos mamiferos, nas aves, reptis e peixes; porém nas outras classes apresenta differenças notaveis.

Nos mamiferos as differenças mais notaveis são na cornea transparente e na iris; nas especies nocturnas a cornea é maior bem como a iris e esta muito contractil. A abertura pupillar em vez de ser circular tem a forma d'uma fenda, observa-se isto por exemplo no gato.

Nos mamiferos que passam a maior parte do tempo debaixo da terra como a toupeira, o olho é mui pequeno. Nos que vivem na agua o cristalino é muito mais espherico que o do homem, disposição que está em harmonia com a densidade do meio em que esses animaes vivem; a cornea é mais plana.

A posição dos olhos tambem é differente. No homem e nos macacos estão os olhos na parte anterior da face e dirigidos para diante; mas nos outros mamiferos os olhos estão na parte lateral de modo que cada um abraça um campo differente.

Nas aves o cristalino é mais chato sobretudo n'aquellas que costumam pairar nas altas regiões da atmosphera, o olho é proporcionalmente maior que nos mamiferos, e por isso as aves tem a vista muito fina, distinguem d'alturas extraordinarias insectos de que se alimentam, e precipitam-se sobre elles.

Nos reptis o olho é muito menos perfeito que nas aves.

Nos peixes ha um grande cristalino espherico, que vem fazer saliencia aos lados da cabeça, levantando as outras partes que o cobrem. A pupilla é muito larga. Ha peixes privados do orgão e do sentido da vista, esses vivem no lodo; os do alto mar, e sobretudo os que vivem em agua muito transparente tem o apparelho da visão muito mais perfeito.

Nos molluscos ha differentes disposições dos olhos; nos caracoes que pertencem aos *gasteropodes* o olho é constituido por uma pequena porção de membrana escura que corresponde á choroidea tendo uma abertura na parte anterior que a pelle adelgaçada vae tapar servindo de cornea. No interior d'este pequeno apparelho ha uma substancia transparente que representa os humores do olho, o orgão de visão está na extremidade dos tentaculos do animal, e é susceptivel de se mover e entrar para este orgão que lhe serve d'estojo.

Nos articulados observam-se disposições muito curiosas. Em uns, como nas aranhas, os olhos são simples com uma composição analoga á dos olhos dos vertebrados, ha cornea, cristalino etc.; nota-se porém que são em grande numero, d'ordinario oito.

Outras vezes os olhos são compostos ou facetados como nos insectos. Então ha differentes tubos com uma cornea transparente, um corpo vitreo, ma-

teria corante e filamento nervoso. Os tubos podem ser em grande numero, já se tem contado 25000, d'ordinario o insecto tem dois d'estes olhos compostos, um de cada lado da cabeça. As corneas dispõem-se d'um modo regular umas ao lado das outras formando figuras geometricas. Na mosca e nos insectos o olho é hexagonal.

Muitas vezes o animal *articulado* tem as duas especies d'olhos que acabamos d'indicar, d'ordinario acham-se os compostos aos lados da cabeça, e no intervallo d'elles estão os simples.

J. A. da Silva.

KEMPIS.

AO SR. L. A. REBELLO DA SILVA.

> Anai, fili, verba mea, verba suavissima, omnem philosophorum, et sapientium hujus mundi scientiam excedentia . . . .
>
> Et dixi: Beatus, quem tu erudieris, Domine, et de lege tua docueris eum: ut mitiges ei á diebus malis, et non desoletur in terra.
>
> Imitação de Christo

I

Para os que soffrem pode ser que eu tenha
Um carme triste dos que não consolam,
Mas triste, sem rasgar mais funda a chaga,
Que deixou n'alma o desengano acerbo.

Para os que soffrem só conheço um livro.

Foi Kempis que o sentiu? é obra d'anjos?
Que importa o nome? Eu sei que o pranto é doce
Vertido n'essas paginas ungidas
Do balsamo divino que mitiga
De todas as paixões a dôr e a febre.

É santo o livro: ha providencia n'elle.
Nas tempestades d'alma, quando bramam
As revoltas paixões, quebra-se a onda
Na rocha immovel da paciencia. Em lagrimas
Desfaz-se a nuvem negra que nos cerra:
Em lagrimas que são allivio prompto
Como as gotas do sangue que distilla
O que sente na fronte os vivos estos
Da congestão mortal. É santo o livro.

II

A mão afoita do homem rasga os veios
Aonde a têrra entranha o oiro e o verme.
Alenta-se o furor dos gosos novos,
Veliscam-se as paixões enfraquecidas.
As cobiças despoticas recrescem,
Tiram-se ás fontes do prazer exhausto
Correntes mais caudaes, mais grossa veia
D'este novo maná que nutre o vicio.
As idas gerações verteram sangue
Na cama d'esta arvore fecunda,
Vergando ao peso dos çumosos pomos
Que nós, herdeiros d'ella, imos colhendo.
Foi trabalho de seculos: a vida
Dos que foram d'aqui mal-pagos d'elle,
Provada foi de esforços mais que humanos.
A grande aspiração, a luz remota
Que não viram brilhar os olhos d'esses,
Vimol-a nós, abastardada raça
De agigantados pulsos inda escriptos
No granito gigante da *Batalha*.

Foi trabalho de seculos: é nossa
A rica herança de esforçados homens,
Que vestiram de malha, e gotejaram
Por entre o ferro o sangne generoso,
Preço dos gosos mil que nos deslumbram.

III

Somos felizes, pois? O vello d'oiro
Foi dado a todos que arrostaram bravos
A furia do dragão que, vigilante,
Ao ver a luz, as garras recurvava?
Ergueram sobre o pó do velho mundo
Mesa farta de pão onde a indigencia
Venha sentar-se a quinhoar da gloria
De tel-o merecido? O frio e a fome
Não tem já prêa onde pascer as iras?
Debaixo d'este sol fertilisante
Nasce á porta do pobre a messe e a vide?
Liberta dos grilhões do pensamento,
Livre para pedir pão e trabalho,
A humanidade triumphou?

Mentira.

IV

O homem soffre e geme. A existencia
É agra, é fel servido em taça d'oiro.
O riso do feliz é a cal do tumulo:
Ha de vermes lá dentro um roer surdo.
Taes jubilos não vem ungidos d'alma.
Do coração ao rosto o pensamento
De remorso que foi torna-se em riso.
Não é o pobre só victima do oiro:
Primeiro, o rico geme escravo d'elle,
Escravo, sim, que eu prescrutei o fundo
De muitas almas vis, e contristado,
Ousei dizer a Deus—que extrema escoria
Devera o homem ser.

Quaes os felizes?

São esses que resvallam delirantes
No florido despenho do sepulchro?
Ha muito espinho ahi sob essas flores:
Primeiro, a honra geme ahi pisada
Aos pés do que, depois, vae, fronte altiva,
Marcadejando a oiro a alheia honra.

V

Oh meu Deus, para mais fizeste o homem
Não pode ser só isto o seu destino.
Os olhos meus perdidos vão no espaço,
Buscando-vos, Senhor: encontro apenas
O vosso immenso livro, em igneas lettras
Aberto para mim que não sei lêl-o.
Então só sei temer. Meus olhos correm
Por sobre o mar, de vaga em vaga, e ao cabo
O firmamento desce ante meus olhos,
E o segredo d'além me furta á mente.

Será crime, Senhor, a minha audacia!

VI

Ao pé da campa, sim, posso buscar-vos:
Ahi, curva-se humilde a fronte do homem
Que poz a debil vista audaciosa
Na balisa final do seu destino.
O cadaver me diz no seu silencio
Que é preciso sellar o labio ousado
Que te invoca do ceo, justiça eterna!
E o anjo da bonança então me affaga,
As pulsações da febre ardente esfriam.
Teu livro, oh Kempis, vem na mão do anjo:
Eu lagrimas te dou, e tu por ellas
Dás-me, primeiro, a fé, depois a esp'rança.

Camillo Castello Branco.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

I

Portuguez por Portugal.

Era muito para ver e admirar a multidão dos homens do povo miudo que se ajuntava em redor dos paços de sua real senhoria, a senhora D. Leonor; pouco tempo era passado que assim se ajuntaram tambem, mas mais pesarosos ainda do que hoje, que alegres nada parecem.

A reunião ultima tinha sido a 22 d'outubro de 1383; dobravam os sinos por el-rei D. Fernando. Castella e Portugal encaravam uma tremenda luta no futuro.

O proscripto da Hespanha tentara ganhar, e ganhara, o coração da mulher, que valera ao rei dos portuguezes tanta vergonha, e tanto descredito: o povo estremecia diante do imaginar horrendo dos ferros que o opprimiriam breve; a regente sorria entre os seus lutos pesarosos, porque elles lhe davam mais poderio e grandeza, mais altura nos seus sonhos d'ambição. Só uma alma podia, inspirada por Deus, salvar a terra de nossos paes,— era a do Mestre d'Aviz.

A viuva do senhor que fôra rei da nossa patria, dissera no dia que esta historia começa, por meio das suas ordens reaes, que o bastardo de D. Pedro, que deveria chamar-se D. João I, fosse receber as suas regias ordens, assim como os mais cavalleiros que podiam ser columnas poderosas para a independencia, senão para a liberdade de nossos avós.

Esta multidão de peões que rodava pelas paragens, hoje do Limoeiro, era contrastada pelo grande numero de senhores e cavalleiros, que na casa de D. Gonçalo Affonso da Maia se ajuntava.

Desde o primeiro alvor da manhã que se viam chegar de diversas direcções nobres fidalgos portuguezes, e alguns como que desejosos de não serem conhecidos, tinham vindo sósinhos, e a pé, e outros menos cautelosos, ou porque o caso não era de temer, tinham chegado ali montados nas suas mulas possantes; mas fosse pelo que fosse, tinham-as feito voltar logo pelos escudeiros, ou pelos pagens que os tinham acompanhado.

Na sala principal que D. Gonçalo tinha no seu mediocre palacio, estava já um grande e luzido numero de soldados e valentes.

D. Alvaro Vaz d'Almada subia, no momento em que fallamos, as escadas do palacio do seu amigo, e do seu companheiro, no desejo santo de salvar Portugal, que tão mal agoirado andava n'essas epocas.

Encontrou, ao dar com a porta que estava coberta pelo reposteiro em que se liam as armas illustres do senhor, um pagem que parecia aguardar os convivas que chegavam, e perguntou-lhe:

—Sabeis novas do paço? Sua real senhoria?...

—Já era dia claro, e bem sol fora, disse o pagem, quando a rainha regente se aninhava nos seus aposentos reaes!.... Ah! que não é assim que se vela pelos haveres, e pelas vidas de tantos subditos e vassallos.

—Deixae, deixae, tornou D. Alvaro, que Deus inda velará pela nossa terra. O futuro é nosso.

E tinha desenhado no rosto o desejo intimo de ver liberto o berço que o Senhor do mundo lhe dera por patria, a sua dextra poisara involuntariamente sobre o punho da valente espada.

—Mas, continuou ainda o cavalleiro, sabeis qual será a hora designada para o conselho?

—É ao meio dia. Disse o pagem.

—Muito bem. Respondeu D. Alvaro desapparecendo pelo lado do reposteiro, e indo ao encontro de D. Gonçalo Affonso, que, rodeado já de bastos e esforçados cavalleiros, recebia agora alegremente o seu companheiro das batalhas.

—Que sejaes bem vindo, dizia D. Gonçalo, senhor D. Alvaro Vaz d'Almada.

—Deus vos salve! tornou o cavalleiro que chegara. Qual é o proposito que haveis tomado, meus amigos?

E dirigia-se aos nobres senhores que o rodeavam.

—Esperemos pelo Mestre, disseram algumas vozes.

—Quando deveremos ir ao palacio, obedecendo ao chamado de D. Leonor? Perguntou D. Alvaro, mostrando no seu fallar pausado, em que se manifestava um sentimento profundo, todas as magoas que lhe iam n'alma.

—Mui de breve, disse D. Gonçalo.

—Creio, replicou D. Alvaro Vaz d'Almada, que fomos todos em excesso promptos em correr aqui. Deus pague tanta diligencia.

—Não é cedo nunca, tornou-lhe D. Rui Pereira que o escutava de perto, para que se corra a batalhar, ou na luz ou nas trevas, pela liberdade da patria; para que fallemos do que deve torcer os destinos portuguezes, que se mostram tão avessos.

—Inda mal, exclamou D. Alvaro.

—Acreditae, bradou o hospedeiro, o senhor D. Gonçalo, acreditae, que muito folgo em vos não crer, meus bravos e denodados amigos; bem negro e terrivel seria o futuro lusitano se já estivessem apagados os nossos brios, e se a lamina da espada, que de nossos avós herdámos potente, se tivesse para sempre enferrujado na bainha, e recease luzir de novo aos raios do sol, que allumiara tantas e tão pelejadas refregas.

—Meu Deus! murmurou a si mesmo D. Rui. Que faremos nós se a rainha persistir nos seus intentos?

—Havemos ter força para os frustrar, bradou animado por corajosa e santa esperança D. Gonçalo Affonso. Que nos pode importar!.... que nos importa que a voz da viuva do senhor D. Fernando se mostre fagueira para o proscripto da Hespanha, e fatal á nossa terra? Que valerá que pretenda D. Leonor aberrar do caminho que a honra lhe prescreve, se a nobreza... se o povo... se finalmente a nação...—e cobrava a cada instante mais fogo e mais vida que inspirava aos companheiros, em quem ardia a mesma pureza de sentir,—comprehender que deve aos vindoiros uma herança de gloria, como por mercê da Providencia nos legaram os nossos antepassados.

—Não me fervem no animo, e punha a dextra sobre o peito o cavalleiro D. Rui affirmando o que dizia, menos, nem menores desejos. Mas, e custava-lhe a pronunciar a terrivel verdade, que era todavia innegavel, a rainha tem um poder immenso; muitos fidalgos portuguezes!.... Deus afaste d'elles tanta vergonha!... formam o cortejo do conde d'Ourem. D. João de Castella protege-a com todas as suas hostes...

—O nosso valor, o nosso esforço, a justiça da nossa causa!... Disseram alternados muitos dos cavalleiros.

—Sim, sim, continuou o nobre, tudo é grande e magnifico, mas a força dita a lei.

—D. Leonor, diz D. Alvaro, saberá tudo; os projectos do filho da Galliza, não serão um mysterio para quem sustenta nas mãos as redeas do governo portuguez, para quem deve sustentar o esplendor da sua magestosa altura, e a herança da filha d'el-rei.

—D. Leonor, tornou D. Rui Pereira proseguindo na sua idéa inabalavel, não quer conhecer as vistas ambiciosas que nós prevemos em João Fernandes Andeiro, tem os ouvidos cerrados á verdade e abertos unicamente para os seus desejos d'ambição! D. Leonor, continuou baixo, cobiça a coróa de sua filha.

—Santa Virgem Maria! torna o soldado atrevido. Os brados religiosos, os impulsos ferventes da fé, casavam-se n'essas eras de gloria, ao denodo e brio dos combatentes. Se o poder do ceo nos não acode, o que será de nós?! Parece que um destino mau a prende ao throno de D. Affonso Henriques.

—Mulher, dizia fundamente magoado D. Gonçalo Affonso, mas pensas tu os males que de ti virão á terra, que Deus mandou que pendesse da tua mão o seu destino!...

—Crêde, senhores meus, tornou corajosamente Alvaro d'Almada, os nossos braços pelejadores que se tem robustecido ao ardor dos combates, não hão-de afracar nunca! Em Deus o espero. As nossas espadas de fina tempera, não se lhes embota o fio. A nossa lealdade!...

—A nossa lealdade, terminou D. Gonçalo, não pode vender-se, nem o nosso animo vergar, mas nós podemos succumbir.

—Não é essa a vontade de Deus! Bradou um homem que acabava de transpor o limiar da porta.

E os braços heroicos do Mestre d'Aviz abraçavam os defensores de Portugal.

Continua.

F. Soares Franco, Junior.

BRAZIL.

Os rios Parimá, e Branco.

A Academia Real das Sciencias fez imprimir no anno de 1825 o «Diario da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente geral da mesma, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, nos annos de 1774 e 1775. Foi apresentado este diario á Academia pelo socio Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, e pela mesma mandado estampar, nas sessões de 6 de outubro, e 3 de novembro de 1824.

Encontramos n'esta obra bastantes noticias geographias e hydrographicas da referida capitania, com varias noções concernentes á historia civil, politica e natural, e aos usos, costumes e diversidade de nações de indios seus habitadores, bem como á sua população, agricultura e commercio.

É d'este livro que vamos extrahir a pequena noticia do lago Parimá, ou Doirado.

Fingiu-se, diz aquelle autor, que um grande lago está situado no interior da Guyana, e que nas suas margens está edificada a soberba e rica cidade chamada *Manóa del Dorado*, e que ali é tão vulgar o oiro, que tudo é oiro: que esta cidade foi edificada pelos Peruvianos, que para ali se refugiaram para se livrarem da dominação hespanhola.

Como quer que fosse o certo é que os escriptores hespanhoes deram credito a esta historia, e com tanta certeza a apregoavam que immensos cabedaes se consumiram nas empresas e viagens tentadas para descobrir aquelle famoso lago. Pissarro, Orelhana, Orsua, Quesada, Utre, Berrie e muitos outros até ao numero de sessenta, emprehenderam viagens para este fim, que todas foram baldadas, com despendio de grandes cabedaes.

E tão convencidos estavam os hespanhoes da existencia d'este riquissimo lago, que davam ao governador da Guyana tambem aquelle titulo, como se viu em despachos que o viajante inglez Walter Raleigh encontrou na Guyana. Diziam assim:—A Diego de Palameca, governador e capitan general de Guyana, del Dorado, y de la Trinidad.—

Este mesmo Raleigh, segundo dizem alguns autores não teve de certo outro fim nas suas viagens, em que perdeu seu filho, e bem cara lhe saiu a inutilidade d'aquella expedição, porque o rei Jacob I o mandou degolar, como suggestor de empresas frivolas e chimericas.

Não foram unicamente os inglezes e hespanhoes que acreditaram na existencia do el Dorado, tambem os hollandezes expediram a Nicolau Horstmân á sua descoberta, em 1741, e no anno de 1775, o autor da memoria que temos presente, diz ter encontrado em o rio Branco a Gervasio le Clerc, ao serviço da Hollanda, conduzido ali pelos indios Paraiuánas.

Ora o rio Parimá foi incluido pelo ouvidor Ribeiro de Sampaio na divisão que fez do rio Branco. Vejamos agora como elle relata esta parte da sua viagem.

«As seis horas chegámos ao logar de Carvoeiro, tendo atravessado o Rio Negro para a margem meridional, em que está situado occupando uma lingua de terra quasi rodeada de agua.

«É composto este logar das nações Manáo, Paraviána, Uranacoacéna, e de alguns moradores brancos. O seu antigo nome era Aracarí, as suas visinhanças são infestadas do gentio Mura, e por isso com bastante encommodo vão os moradores fazer as suas culturas á margem opposta do rio, em que cresce admiravelmente o cacáo. Fronteira a este logar desemboca o rio Uananácoá, habitado antigamente da nação Uaranácoacéna, que foi a terceira que se domesticou no Rio Negro, formando-se n'elle uma povoação, que depois se extinguiu.

«Fui seguindo a proximidade da margem austral, navegando com tudo entre ilhas, ou para melhor dizer, entre matos alagados. Ficava na mesma margem o rio Cauauari, chamado vulgarmente por corrupção Caburis, que desemboca na mesma margem superior quatro legoas a Carvoeiro. N'este rio se fundou a segunda missão que n'elle houve, tendo abraçado o Evangelho, a nação Caburicéna habitadora do mesmo, do qual depois se mudou, do Carmo das Caldas.

«...Chegámos ao logar de Poiares, situado na margem do sul do Rio Negro, sobre uma elevada eminencia. É esta uma das boas situações, que occupam as povoações d'este rio; porque além de se estender por uma dilatada planicie, alcança larga e agradavel vista para o rio, que n'este logar se acha parte despido de ilhas, e forma tal largueza, que de margem a margem chega a sete para oito legoas. O antigo nome d'este logar era Cumarú. Tambem lhe chamavam Juruparipóraceitáua, isto é logar das danças do diabo; porque aqui os indios faziam as suas no tempo do paganismo.

«Tem este logar muitos moradores brancos, e bem estabelecidos, que com indios formam uma numerosa povoação. Produz aqui admiravelmente o café, de que ha rendosas fazendas. As nações de indios que habitam este logar, são Manáo, e Baré do seu estabelecimento, e tambem Passés descidos do Jupurá.

«Fomos logo seguindo viagem pela mesma margem. Entramos a navegar um canal estreito, saindo d'elle outra vez a procurar a mesma margem, e aportámos na villa de Barcellos cabeça d'esta capitania, situada na dita margem austral.

«Está esta villa formada sobre tres outeiros. Pelo nascente corre uma boa campina, em que se edificou a casa da polvora. Segue-se logo o aquartelamento militar, os quarteis dos officiaes, e continuando a rua á margem esquerda do rio, estão dispostas as residencias do ouvidor, e vigario geral, e logo a egreja matriz, e proximo á mesma o palacio do governo, e nos fundos um bairro de indios. Na baixa d'este primeiro outeiro fica o armazem real, de bella architectura. Seguem-se as casas dos moradores brancos correndo em uma rua direita até o pequeno riacho, que banha e fecha esta villa pela parte do occidente. Nos fundos d'esta rua ficam as casas dos indios occupando os dois seguintes outeiros para o mesmo rumo, dos quaes saem outras ruas, que desembocam no rio. Passado o mencionado riacho fica em alegre situação outro bairro de indios chamado commumente a Aldeinha. O antigo nome d'esta villa era Mariuá, da qual foi principal o famoso Camandre, Manáo de nação, um dos que abraçou a fé com maior desejo, que recolheu um missionario para a sua aldêa, que por acaso andando á pesca encontrou, o qual conservou na mesma aldêa, concorrendo muito para isso as instancias da mãe do mesmo principal.

«Foi erecta em villa com o nome de Barcellos pelo governador e capitão general do estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado.... Habitam esta villa os indios das nações Manáo, Baré, Bayana, Uariquena, e Passés, ultimamente descidos do Jupurá... As suas terras são muito proprias para as culturas do café e anil.»

Aqui deixamos estampado o sufficiente para dar uma idéa do interesse d'esta memoria, poderoso auxiliar de quem prese o estudo da historia antiga d'esta parte do Brazil. Nas relações dos nossos viajantes encontram-se documentos valiosissimos, que sómente bem os poderá apreciar o amador d'uma solida instrucção; pena é que muitas d'ellas se achem ineditas, e que a Academia possuindo alguns d'estes trabalhos não os tenha feito imprimir, para mostrar aos estrangeiros, que de certo modo nos alcunham de descuidados, que nem só elles possuem o genio investigador e reflexivo, e que os nossos viajantes podem competir com os seus nas investigações a que se deram.

F. D. d'Almeida e Araujo.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXIV

De como veio uma caravela com cartas de el-rei a D. Pedro, e foi tomada por inglezes.

Andando ainda D. Pedro com sua armada á vista desta ilha, veio amanhecer defronte do porto desta cidade ao longo da fortaleza de San Sebastião uma caravela alfamista, que parece que veio ao longo da terra costeando a ilha, e por ser de noite não vio a armada de D. Pedro, que andava fora, e em a vendo da cidade, e como suspensa a caravela, que nem entrava nem saía, por estar já debaixo da artilheria, foi de terra um batel com gente a ella, e chegando, os da caravela lhe perguntaram se era esta ilha a de San Miguel: os do batel lhe diceram que sim, por virem nella castelhanos, e portuguezes, e desejarem de saberem novas de Lisboa havia muito tempo. Com este engano ancorou, e lhe tomaram logo as velas, e fizeram ir a gente para terra, e lhe tomaram todos os papeis e cartas que vinham dentro, e tudo levaram ao capitão-mór; e o castelhano que trazia as cartas o metteram na fortaleza, e depois o soltaram, e as cartas d'El-rei foram ler em camara, aonde estavam todos os de regimento da terra, capitães e parte da gente do povo, e alguns homens cidadãos, e nobres da terra. E as cartas vinham escriptas a D. Pedro de Valdes, e para elle de aviso, dizendo, que quando a ilha se não quizesse com muitos recados, reduzir a seu serviço, que elle D. Pedro se ajuntasse com D. Lopo de Figueira que ia com muita gente em uma armada, e que botassem em terra tres mil homens, dizendo os capitães que haviam de ser, e mestre de campo. E outras coisas vi-

nham mais escriptas nas dittas cartas, mas estas eram as de que se fez muito caso, e se estimou muito, e a armada de D. Lopo de Figueira vinha atraz da caravela. E lida a ditta carta, como na ilha já havia muitas armas das que ficaram da gente de D. Pedro em terra, e a gente bem fornecida de muita polvora, não tardaram tres dias, que era já na entrada de setembro, quando appareceu a armada de D. Lopo de Figueira, que eram quarenta velas ou pouco menos. A gente da ilha toda estava posta por ordem ao longo da costa. A armada junctamente com a de D. Pedro se chegaram ao segundo dia perto da costa. Neste tempo como a armada andava detras do monte do Brazil, chegaram duas naus de França pela banda dos ilheos, que estão da banda de leste, e uma dellas era um portuguez que se chamava o Cabeças: era mercador, e estava em França, e trazia a sua nau carregada de munições, arcabuzes, polvora e muito chumbo para vender como vendeu tudo muito bem. Estas duas naus trouxeram cartas do senhor D. Antonio, e, em chegando, com festa dispararam toda a artilheria, e de terra pela costa dispararam toda a arcabuzeria, que era toda a fronteira da ilha da banda do sul desde a villa da Praia até a Serreta, que serão oito leguas de fronteira: e isto era já de noite, e acabada a arcabuzeria dispararam a artilheria grossa da fortaleza e das Cavas, e a mais que estava assestada por toda a costa. A armada de D. Lopo e a de D. Pedro não sabiam o que era ou o que podia ser, e sem mandarem recado algum a terra se embarcaram de noite, que quando foi pela manhan escaçamente se enxergavam, e de todo desappareceram e se foram sem mais tornarem. Isto era no anno de 1581.

XXV

Das fortalezas que se fizeram.

Depois de idas as sobredittas armadas, entrava o inverno, e determinaram o corregedor, e os mais que regiam a ilha, de fazerem com brevidade todas as fortalezas na ilha; e logo deram fim com brevidade á fortaleza de S. Antonio na ponta do Brazil, e ficou defronte della a de San Sebastião em outra ponta, e para dentro é uma enseada do mar, onde ancoram todos os navios de toda a sorte, que é uma formosa bahia ao longo da cidade, que por esse respeito lhe chamam a cidade de Angra; e detraz do Monte do Brazil está outra bahia, aonde ancoram (quando o vento é les-sueste) todos os navios; e na ponta do Brazil da outra banda, se ordenou e fez outro forte, que se chama o do Zimbreiro. Dentro na bahia da cidade de Angra, entre a fortaleza de S. Antonio e o porto novo, se ordenou outro forte, e indo correndo para o poente se fez e ordenou outro forte, e alem da Silveira mais ao diante onde se chama a Prainha outro forte, e todos com artilheria e fechados, e artilheiros; e de forte a forte iam muros com seus cordões, e corredores por detraz, e boas portas pela banda da terra. E mais ao diante outro forte, que se chama a fortaleza de S. Matheus; e alem outro, que se chama a fortaleza da Calheta; e d'ahi té á Serreta trincheiras, muros onde foi necessario por ser costa brava. E para a banda de leste se fez outro forte, onde se chama o Val de Estevam Ferreira, que é alem da fortaleza antiga de S. Sebastião; e d'alli té á villa de S. Sebastião, é costa brava, e se foi fazendo por alguns baixos algumas trincheiras, e alguns baluartes, e na casa da Salga se fizeram dous fortes, e muita muralha; e assim no porto do Judeu outro forte, que é abaixo da villa de S. Sebastião: e d'aí para diante tudo reparado de trincheira; e logo mais ao diante da villa de S. Sebastião uma fortaleza boa; ao diante outra; e mais adiante, onde se chama o porto Martim, outra; e mais ao diante outra; e a Santo Antonio outra muito grande; mais adiante muita muralha, que é na villa da Praia, com outra fortaleza; e de forte a forte por toda a ilha muros e trincheiras; e da villa da Praia té os Biscoutos de Antonio Pires do Canto muitos reparos; e nos Biscoutos uma fortaleza. E atraz lhe chamo fortes, de maneira que toda a ilha em roda foi em breve tempo cercada de fortes, e castellos, e muros, e trincheiras, e está hoje em dia.

Continua.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Abdelrahman-Abu-Mathreph.—Arabe de Granada, que floreceu no seculo XI, e em uma obra d'agricultura fallou das plantas que crescem em Denia á borda do mar e nas faldas do monte Mongon.

Ebu-Golgol.—Arabe de Cordova, que corrigiu e annotou os escriptos de Dioscórides.

Ebu-Alaitam.—Arabe cordovez, que morreu no anno 1063, deixando um escripto sobre as virtudes das plantas.

El-Haj.—Arabe granadino, que escreveu de agricultura antes de Ebu o Awam.

Abu-Zacharia-Iahia-Aben-Mohamed-Ben-Ahmed, chamado vulgarmente Ebu o Awam.—Arabe sevilhano, que floreceu no seculo XII, e escreveu um livro de agricultura, que, traduzido e annotado por Banqueri, se publicou em Madrid, formando dois tomos em folio, no anno 1802. Casiri e Rodrigues Campomanes tinham já traduzido antes dois capitulos da mesma obra.

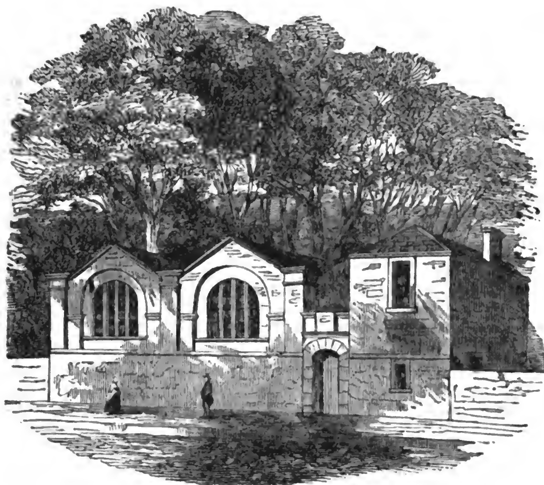
Abulvalid-Mohamad-Ben-Ahmad-Ebu-Roschd, vulgarmente Averroes.—Arabe cordovez, que morreu em Marrocos no anno 1225; foi autor de varias obras. Fallou das plantas medicinaes no seu *Colliget*, publicado em latim com este titulo em Veneza no anno 1496.

Continua.

AVISO.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



MUSEU DE ANTIGUIDADES ROMANAS EM CIRENCESTER.

No condado de Glocester, cuja capital do mesmo nome era a antiga *Claudia Castra* está outra cidade de mais remota fundação, Cirencester, mais vulgarmente chamada Cicester, a Durocorinium dos latinos, junto do pequeno rio Churn, distante obra de cinco leguas de Glocester, 12 a nordeste de Bristol, e perto de 30 quasi a oeste de Londres.

Ahi se tem descoberto muitas antiguidades romanas em differentes epocas, e ultimamente um grande tracto de pavimento ou calçada, feito de obra como embutida, ou marchetada, e tal era o estado de boa conservação e a belleza e regularidade do trabalho que os antiquarios e curiosos, com protecção das auctoridades erigiram expressamente um edificio que recolhesse este avultado specimen das soberbas e fastosas construcções romanas, antes que os estragos causados pelos homens e pelo tempo o deteriorasse e por fim destruisse.

Passa por certo que os carthaginezes foram os primeiros que fabricaram calçadas, e que d'elles tomaram os romanos o uso; o certo é que ninguem as fez mais sumptuosas do que estes galgando com viaductos e pontes magnificas os obstaculos e interrupções que lhes oppunha o terreno. As suas vias militares, que partiam da praça onde estava assente, em postura exactamente relativa aos quatro ventos cardeaes, a columna que era nomeada com o arrogante titulo de *embigo* ou centro do orbe, alcançavam até ás extremidades do imperio, e eram notaveis pela sua bella e solida construcção; a nossa peninsula foi cortada d'estas sumptuosas estradas.

M.

O homem louco corre o mundo apoz a felicidade; o sabio a encontra dentro em si mesmo.

DEVER OU CRIME.

I

No alto d'um outeiro que declinava da immensa altura da cordilheira de serras que atravessa Portugal, existia o antigo castello do senhor d'Athaide.

Na vasta sala d'armas interrompeu-se o silencio. Era talvez noite ha mais de tres horas.

— Não ouviste o relojo do castello?

— Não. Murmurou baixinho um dos dois homens que estavam assentados junto do fogão que ardia com bom lume.

O que estava da direita era alto e robusto, tinha impresso no rosto um soffrimento profundo, era menos velho do que o seu companheiro — teria talvez cincoenta annos; — o lume do fogão resplandecia na sua armadura luzente, e os seus olhos fixos sempre, mas sempre sem attentar em um unico ponto, pareciam annunciar um pensamento sinistro.

O outro, opprimido e fraco, deixara cair a cabeça sobre o peito; estava completamente armado como o seu companheiro; tinha porém sobre a mesa o seu elmo bronzeado, o que permittia que se lhe vissem ondeando nos hombros as madeixas que os areaes d'Africa tinham visto encanecer.

A luz brilhante e rapida dos relampagos penetrava pelas fisgas das janellas do salão obscurecido, como para revelar áquelles homens isolados o immenso poder de Deus! Os eccos do trovão, como harpa santa, perdiam-se ao longe; o robusto cavalleiro respondia-lhe — vingança! e o pobre do velho — piedade e perdão!

D. Luiz tinha acompanhado el-rei D. Sebastião na encarniçada luta contra os infieis; tinha visto a

corôa portugueza tombar nas areias africanas, e embaciar-se-lhe ali para sempre o brilho; porém não devera o outro cavalleiro ter soffrido menos, porque menos desventuras não tinha encontrado na vida; mas era hespanhol e altivo, e retinha no coração todas as lagrimas que d'elle pretendiam rebentar.

No rosto lia-se a serenidade da paz, mas nas veias pulava-lhe a altivez da sua raça.

Corria o anno de 1579.

E pouco tempo antes tinham as margens do Tejo visto cem galeras rasgarem ousadas as aguas do rio, tinham visto a bandeira das quinas demandar, desfraldando-se ao vento, os mares africanos.

Que fizeste, neto do rei D. Manuel?

Fundiste nas praias da Lybia o povo e a nobreza lusitana!

Viste prostrados aos pés cem monarchas do Oriente, adornaste a regia corôa das mais luzentes perolas dos indicos palmares; mas hoje tranzes-te de medo no sepulchro, escutando os brados d'agonia que solta em delirio o povo portuguez!

Os nossos loiros de mil combates foram queimados pelos raios ardentes da espada de Mohamet.

As nações que viu o passado de joelhos levantam-se sorrindo-te em face, cardeal rei.

Que fazem os teus povos?!

Da união nasce a força, e elles desunem-se.

D'um lado brada o povo pelo prior do Crato, do outro a força, levantando-se em nome da lei, escreve na espada do filho de Carlos v os seus direitos ao throno de D. Affonso o «Bravo», e entre as negras paredes do collegio de Jesus, alevantam-se os gritos sediciosos dos filhos de Loyola em nome da religião, bradando: — Portugal, Portugal para a Hespanha! A pobre e fraca voz do fraco rei perde-se na sua inutil peleja pela neta de D. Manuel.

Patria, o poder do destino prescreve-te a miseria; morre na luta, mas não sejas escrava!

Povo, chora o pendão erguido no passado, e que em Alcacer se perdera, mas quando o rei se esquecer que é rei deslembra tambem que nasceste povo!

E D. Luiz, encarando a patria perdida, sentira murcharem-se-lhe todas as flores da esperança.

— Meu Deus, dizia o velho cavalleiro, que me resta a mim na borda do sepulchro? Que mais pode amargurar-me n'esta vida de tormentos? A patria cingida de grilhões, as flores da liberdade murchas e seccas, a vida da religião e da cruz tombada ao poder das meias luas! Além... (e queria o cavalleiro apontar as terras d'Africa) onde se blasphemava do nome de Christo, vi eu morrer banhado em sangue o meu querido, o meu unico filho; ouvi os clarins da batalha proclamarem a victoria dos inimigos da fé; encarei a fronte dos poucos soldados que restavam derramando lagrimas pelo rei que nunca mais deveriam ver. Ah! o que me resta pois? Nada. Mais desgraças não podem opprimir corações d'homens.

— Não podem?! bradou o guerreiro d'armadura luzente, como se pretendesse fulminar com seus olhares o velho que escutara. Não podem?!

E um sorriso d'uma certeza amarga, que retrata a duvida, lhe pairava nos labios.

— Porque motivo esse ardor?... que quereis dizer? exclamou D. Luiz.

— Escutae-me, meu amigo, disse D. Vasco, vós só conheceis Vasco Martins por um castelhano que depoz aos pés do rei de Portugal a sua espada gloriosa e a sua coragem nunca abatida, para que tivesse ao menos o direito de ir militar em Alcacer-Kibir contra os sectarios de Mafoma. Os acasos da guerra aproximaram-nos, as desgraças tornaram-nos amigos. D. Luiz... (e apertava oppresso pela dôr mais viva a dextra do seu amigo dos combates) não podeis pensar quaes foram os tormentos que me levaram aos pés do monarcha?!

E D. Vasco lançava os seus guantes sobre a mesa, e apertava depois ao coração as mãos do pobre velho.

— Vós, interrompeu o cavalleiro, deveis a narração da vossa vida ao amigo dos perigos e trabalhos, dizia cordealmente o nobre ancião.

— Hoje, bradou D. Vasco, hoje que o cardeal D. Henrique firmou com o seu real sello a deshonra da minha familia, hoje que o destino me ordena um dever fatal, que as leis da honra me arrastavam até aos pés do rei a pedir-lhe a sentença infamante que hade... e que deve condemnar-me, hoje mesmo escutareis tambem a longa serie dos meus tormentos, e conhecereis, D. Luiz, se podem asylar-se em peito de homem mais terriveis, mais fundas desditas do que as vossas.

O lume do fogão ia extinguir-se, e mal permittia a chamma duvidosa, que se visse a calva fronte de D. Luiz de Athaide, mostrando d'espaço a espaço a dôr que transluzia no rosto abrasado de D. Vasco. O vento crescia, parecia aos cavalleiros que um braço omnipotente chamava ao abysmo o velho castello.

E D. Luiz tremia porque ali guardava os ossos de seus paes.

— Quando Deus me fez ver a luz do dia, começou o hespanhol, mal poderia pensar então na magoa, que o Senhor me queria ligar á vida. Lembram-me ainda como um sonho, as palavras de meu pae, quando orgulhoso me contava ao lar os heroicos feitos de Fernando, o Catholico, e deixava-se arrebatar pelos pensamentos elevados do amor da patria, suffocando então o que a elle só dera o Omnipotente como prova da sua coragem ou da sua fé: lembra-me como elle ennobrecia os loiros que lhe tinham tambem ornado victoriosamente a fronte! Ainda me recordo de lhe ouvir contar como os ultimos musulmanos que viveram n'esta terra derramaram a derradeira lagrima nos pavilhões d'Alhambra; como pela extrema vez nos muros de Granada o estandarte do propheta fluctuara nos ares; como emfim as mesquitas, livres da profanação, elevaram dos seus altares o incenso benefico da fé, e como pela morte de Boabdil, que errara longamente no deserto, morreram tambem na peninsula as bandeiras das meias luas. Recordo-me, — e parecia que o velho evocava da campa as sombras do passado, — de ter visto o rival do duque de Valois depor no throno o seu manto real, trocando então a sua corôa d'imperador d'Allemanha, e de rei da Hespanha, pela cella do convento de S. Justo, e vejo ainda o seu filho valente sustentando a dignidade do sceptro que recebera como herança, e juntando-lhe talvez ainda... quem sabe? uma nova joia ao seu diadema.

Uma lagrima assomou aos olhos de D. Luiz!... Chorava como portuguez, vendo realisadas quasi as esperanças do castelhano; parecendo-lhe já ver as garras dos leões hespanhoes empolgarem e destruirem o pendão do rei conquistador, e parecendo-lhe ver tambem o neto de Joanna, — a Doida — fazendo estalar aos seus pés as couraças e os arnezes que tinham resplandecido ao sol d'Aljubarrota; e vendo o sceptro de Henrique — o Bastardo — acabrunhando os vencedores de Silves; e divisando o pobre povo portuguez acabar nas margens do Tejo, como nas

margens do Gaudalete, á voz de Julião, acabara o poderio dos godos.

E D. Vasco continuava sem attender aos movimentos do velho, e os copos da sua espada retiniam sobre o arnez.

—Sabe pois, meu amigo, proseguiu elle, que o nome illustre que eu recebi de cincoenta gerações, dava-me coragem para o transmittir intacto a quem de mim o herdasse; veiu porém um sello fatal marcal-o para sempre com a infamia. Quando eu era moço acreditei a ventura toda minha, via diante de mim riqueza immensa como prognostico de ventura; e a mulher mais linda e mais nobre para quem sorriram as campinas andaluzas depoz em meus braços toda a candidez do seu amor; colhi em seus labios as rosas da mais pura affeição. Se fomos ligados antes pela mão d'um sacerdote, quiz Deus prender-nos por um mais poderoso laço: minha esposa ia ser mãe.

O relojo do castello dava n'este momento dez horas.

A chuva que batera na janella, junto á qual estava D. Vasco, despedaçara-lhe os vidros.

Do parapeito, onde se aninhara, subiu então para os ares, deixando morrer nos ouvidos dos cavalleiros seu pio rouco e sinistro, uma ave nocturna, agoireira sempre, e sempre prognostico d'um caso fatal.

Os cavalleiros voltaram o rosto e tremeram como nunca tinham voltado nem tremido nos campos de batalha.

—Meu Deus, este fogo é do ceo ou do inferno?! Este aviso é de Deus ou do demonio? Interrompeu o velho.

—Calae-vos, disse D. Vasco, são os adornos da historia que vos conto. Como vós, tambem Deus me deu um filho; como vós, lamento tambem a sua morte; e parava interdicto como duvidando do que proferira; como vós não.... vós pranteaes a sua morte no campo da peleja, coroado de gloria, e eu choro a perda da sua honra e da minha, do meu nome, e do nome de meus avós.

E D. Vasco olhou em face o amigo, e um momento depois, sorrindo amargamente, perguntou-lhe:

—Em peito de homem podem caber maiores tormentos do que os que Deus mandou ao nobre portuguez?!

—Sim, é verdade, disse elle, a deshonra...

—Attendei, escutae, continuou o castelhano, o meu filho nasceu ao lado da minha grandeza, engolphou-se no oiro que herdara dos nossos avós; mas isto ainda era pouco; não podia saciar o seu desejo, quiz mais, não hesitou diante do crime!

Parecia que lhe morria no peito o coração não podendo supportar tão viva dôr, mas continuava:

—Á virgem que mais o amou na terra, deu-lhe elle em paga a deshonra, teceu-lhe a corôa do despreso e da infamia; ainda não bastava, ao pobre do velho que lhe supplicava em lagrimas a reparação da honra da filha, respondeu-lhe primeiro com o egoismo sempre vil, e depois não tremeu diante de crimes novos—matou-o!

A altivez do hespanhol succumbia ao peso da sua desdita, e D. Vasco apoiava a fronte no peito do seu illustre companheiro.

Alguns instantes olhou em roda temeroso de que alguem o escutasse, mas não viu ninguem.

Todavia um homem que ha um instante entrara, não perdeu um só movimento de D. Vasco.

II

O cavalleiro tomou pelo braço D. Luiz, e levou-o para junto do fogão; lançou mão d'uma das tenazes que se achavam ali e revolveu as cinzas que já começavam a perder o brilho, amortecendo-se-lhe o fogo; mostrou á luz do clarão avermelhado, que saira, ao soldado de D. Sebastião um largo pergaminho de que pendiam as armas portuguezas.

—Vêde, olhae, dizia nas estorções da mais violenta magoa o filho do Gaudalete, vêde em que eu empreguei todo o meu poderio e valimento, em alcançar das mãos do monarcha em troca da minha vida, exposta por sua causa nas batalhas, esta sentença infamante em que está gravado o meu nome, este nome illustre que lustrara tantos heroes famosos.

D. Luiz não podia comprehender ainda. D. Vasco amarrotava entre as mãos o pergaminho, e sentia no coração revolver-se-lhe a mais tremenda angustia; e ainda que os olhos d'um heroe não devam derramar lagrimas, não podera, nem devera corar o valente cavalleiro por sentir que uma lagrima lhe sulcava as faces.

Mas D. Luiz foi como que tocado por um receio vago e terrivel, que não podia explicar a si mesmo; um brado lhe fugiu do intimo do peito, e exclamou:

—Não façaes tal, é vosso filho!

—Oh! calae-vos, meu amigo,—disse lentamente o desditoso a quem a dôr quebrantara o animo,—a sociedade tem deveres que se não podem postergar. A sociedade é uma machina que se dirige ao infinito, aspira sem cessar a todos os progressos, assim da vida moral, como da materia; cada homem na terra é uma das molas indispensaveis para a consecução d'este fim universal, e quando alguma d'essas rodas ou pára ou retrograda, é dever arrancal-a para que o mundo não caia no abysmo.

—É verdade! bradou uma voz que eccoou pelo castello, como eccoaram pelo mundo os brados santos do Christianismo; a qual veiu despertar os cavalleiros, os trouxe de novo ao mundo, e que foi para elles como a trombeta do juizo final evocando o genero humano dos sepulchros em que dormir, para o alevantar no valle de tremenda justiça.

Um cavalleiro estava em pé no topo da sala d'armas, tinha a viseira calada, e um manto negro o involvia até aos pés.

—É verdade! repetiu elle de novo.

—Quem sois? bradou D. Luiz.

D. Vasco tinha caido novamente sobre a cadeira, e parecia estranho ao que se passava.

—Quem sou? E quem erguesse a viseira do homem, que apparecera, divisaria em seus labios um sorriso amargo, e veria as lagrimas correndo-lhe em fio pelo rosto varonil.—Quem? Um cadaver que já se desprendeu de todos os laços da vida, que lhe parece antever já o braço de Deus a punil-o, e a sua justiça a fulminal-o! Fui louco... criminoso... perdão!

E caía de joelhos no logar em que estava, e não se cria digno de beijar a mão do cavalleiro a quem se dirigia. O soffrimento redobrava no peito de D. Vasco, mas não proferia uma palavra! O mancebo que chorava atirou fora o manto que o involvia; não trazia nem armadura nem espada, só tinha de cavalleiro o seu elmo doirado, e no cinto lhe brilhava um punhal.

D. Vasco estremeceu, ouvindo a palavra—perdão!

Cobriu o rosto com as mãos, não se lhe ouviu nem um suspiro, ficou immovel como um tumulo. O recemchegado continuou:

— Meu pae, meu pae, D. Luiz comprehendeu tudo então; perdoae-me que eu serei o sepulchro da minha deshonra. Vivi como um fraco, morrerei como um covarde!

E D. Vasco, que não acertava em que fazer, e interdicto permanecia em silencio, não pôde prever que n'um instante, veloz como o pensamento, aquelle homem fizera desapparecer no peito o ferro que lhe armara o lado.

— Perdoae-me, que o perdão salva! disse elle, e caiu sobre o pavimento.

— Ah! bradou D. Vasco, indo a elle e pondo-lhe a mão no coração. Morto! Meu Deus, seria um crime ou um dever?

— Olhae, vêde, era o meu filho! disse elle a D. Luiz, que recuou como ferido d'um raio, e proseguiu ainda:

— Foi tão criminosa a vida d'este malaventurado que o crime do suicidio é talvez a mais bella acção da sua vida!

Pouco tempo depois, os sinos dobravam pela alma do filho de D. Vasco, que morreu de repente.

Alguns mezes teriam passado quando um funebre e esplendido cortejo acompanhou ao jazigo um bravo que morrera.

Era D. Vasco, um dos mais illustres e nobres hespanhoes, uma das corôas de gloria dos guerreiros da Peninsula.

Março de 1851.

F. Soares Franco, Junior.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXVI

Do ser d'esta cidade de Angra.

Esta cidade de Angra é muito alegre, tem uma ribeira muito formosa, que atravessa pelo meio, tem onze moinhos acima d'ella: ao longo d'elles em um alto da cidade um castello antigo. A compridão da cidade desd'as portas de Santa Catherina té ás portas de S. Bento, que é muralha antiga, tem perto de meia legua Edificios, muitas casas, muito grandes e sumptuosas, muitos conventos de religiosos, grandes templos. A sé, das maiores egrejas que ha em Portugal. Esta cidade está fronteira ao longo do mar, é toda murada, e se fecha com portas, pelos muros, muito fortes. Tem ruas muito largas, por dentro da cidade grandes pomares, ao longo d'ella muitas vinhas e muitas hortas. Tem agora novamente o castello de S. Filippe, no monte do Brazil, muito grande, que é o melhor que ha em Portugal. E muito mais se póde dizer da bondade d'ella, e tem muitos chafarizes de frescas aguas.

XXVII

Do que aconteceu quando se fazia o forte de Santo Antonio.

Estando Ciprião de Figueiredo, Corregedor, que já se chamava Governador, com alguma gente, e com o capitão do forte, que era Baltazar Gonçalves d'Antona, e officiaes de justiça, chegou da ilha de S. Miguel um barco, com alguma gente d'esta ilha, e como o ditto Ciprião de Figueiredo, e o povo, e outros da opinião do senhor D. Antonio estavam apaixonados contra a gente de S. Miguel, por se entregarem sem fazerem d'esta ilha por ser cabeça caso; e aborreciam a gente de S. Miguel; e logo o ditto Ciprião de Figueiredo começou a perguntar ao mestre e senhorio do barco, como se haviam e houveram os moradores da ilha de S. Miguel com o Governador Ambrozio de Aguiar, e o Corregedor Jorge de Barros? Dice que muito bem, e que lhe fizeram muita festa, e que estava a ilha com elles contente, e que eram bem quistos, e que o ditto Ambrozio de Aguiar tinha a elle Ciprião de Figueiredo publicado com pregões pela cidade de Ponta-delgada, e Braz Nogueira seu escrivão, e a outros, por traidores e rebeldes a Sua Magestade. Ouvindo isto o ditto Ciprião de Figueiredo, dice ao arrais do barco. *Dizei o que vos mando, para que o vades contar a Ambrozio de Aguiar:* e fosse pregoeiro, o que elle não queria fazer; mas, receioso do que se lhe podia fazer e seguir, o fez constrangidamente, dizendo: *O Governador Ciprião de Figueiredo de Vasconcellos manda que se publique Anbrozio de Aguiar por traidor, por ser contra seu rei natural, e seus bens confiscados para a coroa; e assim o Corregedor Jorge de Barros e outros muitos moradores na ilha de S. Miguel.* E os fez apregoar pela maneira sobreditta, cada um nomeado por seus nomes, e lhe dice outras cousas muitas, e mal soantes, e não se duvida, nem eu o duvido, o ditto Braz Nogueira dar-lhe todas estas traças, e outras, porque o ditto Ciprião de Figueiredo não era muito sagaz, e era regido pelo ditto Braz Nogueira, e elle o mettia em muitas cousas, e não quiz deixar desembarcar nenhumas pessoas, e os tornou a mandar que se fossem logo, e tornaram a levar os passageiros.

Continua.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Continuação.

Abdelrahman-Ben-Mohamad-Abulmothreph. — Arabe de Toledo, que nasceu no anno 996 e morreu em 1074, tendo escripto de agricultura e ácerca dos medicamentos simples.

Al-Jatib-Abu-Omar-Aben-Hajaj. — Arabe hespanhol, que escreveu em 1073 uma obra de agricultura citada por Ebu el Awam.

Abu-Abdalah-Mahomed-Ebu-Ibraim-Ebu el Jasel. — Arabe sevilhano, que floreceu no seculo XII, e é citado por Ebu el Awam como escriptor de agricultura.

Abu el Jair. — Arabe sevilhano, que escreveu de agricultura segundo Ebu el Awam.

Mohamad-Ben-Kazam. — Arabe hespanhol, que Ebu el Awam cita como escriptor de agricultura.

Ben-Chotaiba. — Arabe granadino, que escreveu de agricultura em 1117, e é citado por Ebu el Awam.

Aben-Naser. — Arabe cordovez, que escreveu de agricultura, segundo Ebu el Awam.

Azib-Ben-Saaid. — Arabe cordovez, que escreveu de agricultura, e é citado por Ebu el Awam.

Albagi-Ahmd. — Arabe granadino, que escreveu de agricultura, segundo Ebu el Awam, tendo morrido no anno de 1158.

Continua.



PAVIMENTO ROMANO MARCHETADO.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A A. X. R. CORDEIRO.

Continuação

V

A tarde d'esse dia chegou, e Carlos dirigiu-se a casa d'ella. Beatriz esperava-o na varanda; recebeu-o só na sala, e sentou-se no sophá ao pé d'elle com a mesma liberdade e confiança do que se fosse sua irmã. Que tinha de facto a recear aquelle anjo, a não ser que fosse um malvado homem que tivesse junto a si. A tia appareceu no fim de algum tempo, e tratou Carlos como um amigo já intimo da sua casa. A impaciente alegria da creança não é superior á que Beatriz experimentava. Quando caiu a noite chegou-se ao piano e soltou a voz admiravel; Carlos comprehendia a existencia do paraiso revelada pelo amor d'essa mulher. O mundo não existia para elle fora do ninho onde se abrigava aquella pomba do ceo. O passado havia-se-lhe varrido da memoria, e os desejos do porvir não existiam para elle, absorto como estava nas emoções divinas do presente. Ai da hora em que o futuro rasgasse o veo que occultava a realidade! Estaria longe ainda? Poderia ou não o acaso, o tempo, resolver esse tremendo problema da sua vida? Quem sabe? talvez; e um clarão de esperança, uma illusão lisonjeira vinha afagal-o nos instantes em que a razão lhe deixava ver claramente as coisas. Ha muita gente a quem succede o mesmo, sobre tudo aos infelizes que tiveram a desgraça de nascer com uma pouca mais de sensibilidade na alma, e de viveza na imaginação. Ella é que via tudo com prodigiosa lucidez, e apesar d'isso nem uma nuvem carregava a serena felicidade que transparecia no seu rosto.

A expressão de contentamento era a mesma, sim; a alma isenta de magoas parecia brilhar nos olhos; mas a vida? o carmim dos labios, o rubor das faces desvanecia-se gradualmente!

Era a rosa cujo tronco estalou subita refrega, e que apenas desabrochada, na força do seu perfume, no viço da sua formosura esplendida, tem de acabar quando os raios brilhantes do sol, o canto alegre das aves, o doce fremito da aragem, a vida, as illusões emfim, vem saudal-a.

Os olhos anciosos de Carlos anteviam em cada symptoma a catastrophe que devia pôr termo ás unicas e tão rapidas alegrias da sua vida.

Algumas palavras que Beatriz deixava cair ao acaso acendiam a luz da realidade fatal no seu coração illudido até ali pelos sonhos de enganadoras esperanças.

Então uma vida de continuos sobresaltos, de constantes amarguras começou para elle.

Uma tarde o sol mergulhava-se nas aguas, e as nuvens caprichosas do firmamento matisavam-se de côres melancolicas. Beatriz estava ao pé d'elle. O azulado das palpebras, a pallidez das faces, a morbida expressão dos olhos, denunciavam uma causa occulta de enfermidade grave.

— Beatriz, disse elle reprimindo a impressão violenta; tu soffres, minha vida; em tão poucos dias tens feito uma differença incrivel; é preciso que o medico venha ver-te amanhã.

—O medico? e o que pode elle fazer?

—Restabelecer-te em breve, prevenir a tempo uma indisposição, que despresada talvez seja fatal.

—Temos ainda mais de um mez diante de nós; depois...

—Depois, querida, pode ser já tarde.

—Depois, tu vaes-te, e eu continuo a ver-te d'ali, proseguiu ella fitando os olhos no ceo, onde as estrellas começavam a acender-se.

Carlos estremeceu como se a ponta de um punhal o tivesse ferido no coração.

Ella corou excessivamente, levou ambas as mãos á fronte, e disse como se fallasse comsigo mesma:

—É preciso, devo fazel-o, mas não tenho força, meu Deus! e as lagrimas ou antes o soluçar violento cortaram-lhe completamente a voz.

Era a primeira vez que um accesso de dôr insoffrida rebentava de seus labios. O anjo succumbia n'esse instante ás amarguras humanas.

Tambem Christo no momento do sacrificio pediu a Deus que passasse rapido aquelle calis.

O mancebo caiu como fulminado. Em presença da dôr do amante, Beatriz acordou em todo o sublime da sua heroica abnegação.

A luz do crepusculo começava a confundir-se com os clarões pallidos e melancolicos da lua que despontava no horisonte. Ao reflexo suave do astro da noite a donzella, com os olhos orvalhados de lagrimas, as faces desmaiadas, e o sorriso da resignação nos labios, parecia a imagem do soffrimento, a estatua da dôr, porém da dôr paciente como a das santas que apparecem nas poeticas legendas de certos livros.

—Porque soffres tu, porque empallideceste d'esse modo? não sabes que te pertenço inteira, que não ha poder que nos separe um do outro?! O que é da terra acaba em breve, mas o sopro que Deus poz nas nossas almas não se extingue jámais, e o meu amor vem da mesma essencia, é immortal como elle. Um dia saberás tudo; o que me pesa é que tu não possas comprehender o que eu comprehendo, ver o que eu vejo; dizia ella continuando a fitar o ceo como se uma estrella mysteriosa lhe indicasse outros mundos, e lhe revelasse os segredos de uma nova existencia.

Na exaltação do affecto a mulher eleva-se ás vezes onde o entendimento do homem não chega; afasta-se da terra, e deixando o que é fragil e vulgar na obra da creatura, converte-se n'um ser divino. O homem, o melhor, no instante mesmo em que a paixão mais sincera o engrandece, não é capaz de tanto.

Carlos seria capaz de dar cem vezes a vida por ella, reduzir-se á miseria, commetter um crime até, porém entregal-a nos braços de outro homem e dizer-lhe: «vae ser sua esposa» jámais.

É porque elle, como todos, não podia comprehender a idealidade sublime do amor que pertence exclusivamente ao mundo do espirito.

Beatriz deitou-lhe os braços á roda do pescoço; o mancebo comprimiu-a contra o peito; e pela primeira vez os labios de ambos se uniram n'um beijo devorador, e ardente.

No dia seguinte Carlos recebeu esta carta de Beatriz; carta, que deve explicar toda a extenção do sacrificio a que se votara a desventurada menina.

«Junho de 18...

«O medico esteve aqui, meu Carlos, e ordenou que partissemos immediatamente para o campo; depois foi fallar em segredo com minha tia, não sei o que lhe disse, mas sei, coitada, que a affligiu, porque tinha os olhos inchados e vermelhos de chorar.

«Pobre amiga!

«Carlos, meu Carlos! de joelhos, por Deus, por tua mãe, por *ella* e por mim te peço perdão n'este instante. Eu não posso durar senão mais algumas semanas; a morte é inevitavel. Sei o dia preciso em que heide morrer, a hora, e o momento. Presenti-o no instante em que te vi pela primeira vez. Soube-o com certeza n'esse dia (ha tão poucos ainda!) e n'essa noite, a mais feliz da minha vida, em que o nosso amor se revelou. Ninguem me disse que estavas para casar, fui eu que adivinhei tudo. Sabia que era um anjo de formosura e bondade a mulher que devia pertencer-te, e tinha a certeza tambem de que a não amavas.

«Já vês que não podia ter ciumes de um coração que me não roubava a minima porção do affecto que eu queria que fosse exclusivamente meu. Já vês que não havia sacrificio da minha parte, visto que o *egoismo* estava satisfeito.

«Agora ouve: A voz que me disse no intimo da alma «Este é o unico homem que tu hasde amar» foi a mesma que me revelou tudo; a tua historia, e a minha. Vi então que podia ter dois mezes, o tempo que te demorasses em Lisboa, de completa e indisivel felicidade. Depois d'elles a minha vida o que seria, senão um insuperavel obstaculo ao bem do teu futuro, ao cumprimento dos teus deveres, á tranquillidade da tua consciencia?!

«Em quanto o meu amor não fosse perturbar a existencia dos entes que te pertencem pelos laços das affeições mais caras, Deus devia abençoal-o do ceo, porque era uma coisa inoffensiva e santa; desde o momento em que ousasse ferir a sensibilidade de duas almas virtuosas e innocentes, tornava-se um crime imperdoavel. Lembras-te quando te disse que me achava com força para supportar tudo, menos o peso dos remorsos? É verdade, Carlos, não a tenho.

«Em setembro d'este anno (tu não m'o disseste, mas eu sei-o) devia ter logar o casamento. Retardal-o não seria dar mais alguns dias de lagrimas e anciedade ao anjo que te acompanhou desde a infancia, e que espera anhelante pelo momento de ver realisados os seus mais bellos sonhos, as suas mais queridas e lisonjeiras esperanças? Se a Providencia, por piedade, por commiseração, me não levasse da terra, sei eu se teria ciumes d'ella? Se, nos desvarios do meu querer insensato, cegaria a ponto de procurar roubal-a dos teus braços e despenhar-te comigo n'uma vida de pungentes remorsos e constantes sobresaltos! Não vou continuar a ver-te, a seguir-te em espirito, a ser tua do mesmo modo? Não sinto que o teu coração se hade conservar constante á memoria do meu affecto? Não seria bastante esta certeza para satisfazer a ambição mais exagerada? A saudade da minha ausencia, porque tu vaes deixar de ver-me, dize, não será mitigada quando tiveres a convicção que sou feliz, porque Deus perdoa áquelles que erraram pelos desvarios do coração, mas que souberam purificar a culpa nas amarguras do sacrificio? Responde, meu pobre Carlos, o que seria o meu amor se te houvesse levado a commetter crimes e miserias? Não haveria uma hora na tua vida, quando mesmo me apertasses com extremo nos braços, em que a consciencia te dissesse que eu era indigna de ti?

«E que felicidade podia ser a nossa, nascendo das magoas de uma innocente trahida, e tendo origem nas lagrimas do mais santo de todos os affectos, o affecto de mãe?!

«Sabes que sobre a pedra do meu tumulo não pesam as maldições de ninguem; dize, querido da minha alma, não fará que tu vás com mão segura, com a benção nos labios depor sobre elle a corôa de saudades?

«Durante os breves dias que vivemos juntos, não fui tua como poderia sel-o de um irmão extremoso? Não te deixo a minha imagem? não podes ser feliz com ella? A morte ou a vida! morre porventura o espirito? E pertenci-te eu jámais de outro modo?

«Tu vaes separar-te para algumas leguas de distancia, vaes levar a felicidade a uma pomba que te estremece, realisar os desejos puros e ardentes de tua mãe; eu separo-me tambem, levo comigo a tua imagem como unica recordação querida da terra. Depois não me tens durante estes dias para te consolar, e não te ficam no mundo esses dois entes em cujo seio deves encontrar ternura e amor eguaes aos meus? Agora perdôa a illusão em que te mantive algumas horas. Quiz ao menos provar a felicidade que podia ser mais duradoira se o destino me houvesse sido mais propicio.

«Este egoismo, se assim se lhe pode chamar, é toda a minha culpa, culpa que se vae punir com a morte, e sobretudo com a saudade de me separar de ti.»

Carlos depois da leitura d'esta carta não teve força de soltar um suspiro, nem de derramar uma lagrima.

Ha instantes assim; quando uma dôr tremenda nos colhe de subito, paralysam-se todas as faculdades do sentimento durante algumas horas, até que a explosão rebente.

O mancebo conservou-se pois n'esse estado, que é similhante ao da natureza no espaço de tempo que precede as tempestades terriveis. Pallido como um cadaver, os olhos amortecidos, os labios entre abertos, a respiração oppressa. Mais alguns minutos em que a dôr se não expandisse em lagrimas e teria deixado de existir.

Essas chegaram finalmente. Era o momento de exclamar como Eurico:

«Que fôra a vida se n'ella não houvesse lagrimas!»

Decorreram os dias, e chegou aquella tarde em que encontrámos Carlos.

Beatriz estava proxima do termo fatal.

Deve lembrar-se o leitor que acompanhámos o nosso particular amigo até Bemfica, que nos apeámos á entrada de uma azinhaga na intenção de seguirmos os dois para casa d'ella.

A minha boa estrella tinha-me reservado esta scena, que é das mais afflictivas a que tenho assistido.

Chegámos á porta. Carlos fôra mudando de côr proporcionalmente, e no momento de tocar á campainha o suor frio e conglobado em grossas bagas alagava-lhe a fronte.

Subimos. Um criado apontou para o jardim, e Carlos fez-me signal que o seguisse.

Beatriz estava ali, no seu logar habitual debaixo de uma especie de caramanchão vestido de arbustos viçosos e floridos. Assim que viu Carlos fez um esforço como para erguer-se, mas tornou a cair desfallecida. O mancebo correu a ella, e tomou-lhe ambas as mãos. Beatriz, reconhecendo-me, pediu-me por um aceno amigavel que me aproximasse.

—Fez bem em o vir acompanhar; disse ella, pegando-me affectuosamente na mão.

Eu estremeci olhando-a, não porque a morte se manifestasse n'aquelle rosto em toda a sua pompa funebre, mas porque havia n'elle uma expressão indefinivel.

Era o lyrio sacudido pelo vendaval, e tombado no chão; era o ultimo clarão do sol desmaiando nas veigas; era um raio da lua no ultimo periodo do seu crescente; tudo emfim que está proximo a extinguir-se, porém bello, puro, suave como viveu.

—Esperava por ti; não é verdade que hasde acompanhar-me hoje?

—Como sempre; disse Carlos, com voz completamente transtornada.

—D'aqui a tres dias faz annos tua mãe.

—É verdade.

—D'aqui a tres dias deves estar com ella.

—E tu, filha, queres que te deixe assim?

—Sou eu que vou deixar-te, Carlos. Não posso illudir-te, sinto que vou morrer, e dentro de poucas horas.

Isto fôra dito com uma convicção tal, que não deixava duvida possivel.

Agora o leitor dispensa-me a narração dolorosa da agonia d'este anjo, que abandonou a terra com o extremo expirar da tarde, bella como certas flores que desabrocham com a aurora, e morrem com o crepusculo.

Quando se fallou da sua morte disseram tudo menos a verdade, como sempre.

E Carlos? Carlos vae casar-se um d'estes dias com a noiva que lhe fôra destinada, e dizem tambem todos que por paixão.

O que eu digo sinceramente é que este mundo não vale a pena de se tomar tanto a serio.

Agosto de 1856. BULHÃO PATO.

Conservamos a ortographia do manuscripto donde extractámos a seguinte noticia, porque é tão curiosa como o proprio manuscripto.

DO QUE ACONTECEO NA ILHA DO PICO E DE S. JORGE, NO ANNO DE 1562, E DE ALGUMAS COUSAS DA DO PICO.

A 29 deste mez de Agosto de 1562 nesta villa das velhas da Ilha de S. Jorge dito, ás duas horas da noyte andadas, tremeu a terra muyto fortemente, e deu tres aballos muyto grandes que foi sentido por toda a Ilha que cuydava a gente que todos herão mortos, e foi tão grande o espanto que logo aquella noyte fizerão muitas prociçoeñs.

Na Ilha do Pico tremeo a terra todos os dias athe 17 de Setembro, e na mesma Ilha em hũa quinta feira tremeo a terra 24 veses, e ao dito que forão 22 do mes estando hũ padre dizendo missa tremeo tão fortemente que a gente toda ficou atemorizada. E a 2.ª feira que forão 23 de Setembro á meya noyte começaram a cahir na propria Ilha do Pico grandes rayos de fogo que parecião vir do Ceo com grande estrondo, e relampagos, e tremor da terra, e nisto estando virão correr tres ribeyros de foguo os quais naciam do Pico do Cavalleyro, e vinhão correndo a o mar para a parte da serra ventoza, e no cume deste pico se abriu hũa a lagoa de fogo que o fes arrebentar, e lançar muytas pedras para o ar muyto grandes, tamanhas como cazas, e estas pedras correm para o mar assim ardendo, e fazem no mar grande aroido, e estrondo, e vam assim ardendo pelo mar hum bom espaço, passante de um tiro de besta, estas pedras que se ajuntam assim no mar faz rocha nelle

que antre hũas e outras ribeyras se fasem bahias, e portos onde podem invernar navios pelo crecimento das pedras que vão correndo ao mar que saem ardendo deste pico.

Á quarta feira 24 do dito mes depoes de vespora choveo nesta Ilha de S. Jorge pedra assim como Polvora, e durou espaço de meya hora muyta cantidade da dita pedra.

Ao sabado seguinte choveo nesta Ilha area como terra, e toda vinha sem agoa e muyta cantidade, de modo que despovoou a terra e chorava a gente que fes muyto temor, e na mesma quarta feyra choveo na Ilha do Pico pedra como nozes.

A quinta feyra 26 do dito mes arrebentaram ribeyras muyto grandes de fogo temerozo espantavel que vão dar no mar com muyto estrondo e fas muyto temor.

Ao sabbado á noyte se abrirão dous fogos muyto grandes na serra ventoza que parecião que hião dar nas nuvens, da mesma serra sahião duas ribeyras de fogo muyto temerozas que correm ate o mar que fazem grande medo.

A 28 de Setembro de noyte deu nesta Ilha de S. Jorge muyto grande aballo, e fazem-se grandes prociçoens de dia e de noyte.

A Ilha do Pico está despovoada que fogio toda a gente della e se acolherão a esta Ilha de S. Jorge e á Ilha do Fayal e á Ilha Terceyra de maneyra que estamos atemorizados. Este pico que assi arde com esta braveza e impeto lança dessi outras muytas ribeyras de fogo que á outo ou nove mezes corriam corenta e tantas ribeyras de fogo ao mar que todas nasciam deste pico e correram assim nesta fortaleza passante de dous annos, já agora está mais brando e comtudo ainda arde, e se vê o fogo de continuo das outras Ilhas que assim arde Pico.

Esta Ilha do Pico é hũa das nove Ilhas dos Assores. A saber a Ilha de Santa Maria, a Ilha de S. Miguel, a Ilha 3.ª de nosso sr. Jesus X.º que he a cidade de Angra, a Ilha de S. Jorge, a Ilha do Pico, a Ilha do Fayal, a Ilha Graciosa, a Ilha das Flores, a Ilha do Corvo; está esta Ilha do Pico ao sul da Ilha 3.ª vite e tantas leguas, e está entre a Ilha de Sam Jorge que lhe fica ao norte, e a Ilha do Fayal que está ao sul della, e de hũas a outras serão ao mais longo seis legoas que em partes he uma legoa de hũa a outra; esta Ilha tem de comprido dezaçeis legoas, e quatro de largo, corre o comprimento della do naçente ao poente, e para a banda do naçente tem esta Ilha hũ Pico muyto alto que poucas vezes sobẽ tão altas as nuvens que lhe emcubrão o fumo do pico, chamão a coroa do pico por ser mais agudo, e por as nuvens o não cobrirem muitas vezes assim os mareantes como os Povos das outras ilhas não vem mais que esta coroa do pico, e o mais parece Céo por andarem as nuvens, por bayxo por a fralda do Pico. Na coroa deste Pico no sumo é terra cham pouca quantidade, que pode ser hum quoarto de legoa, em largura e no meyo he furado, e vay hua concavidade para baycho ao sentro da terra, ou ao mar donde se vem muytas vezes das outras Ilhas e os mariantes vem sahir lingoas de fogo e continuamente fumos.

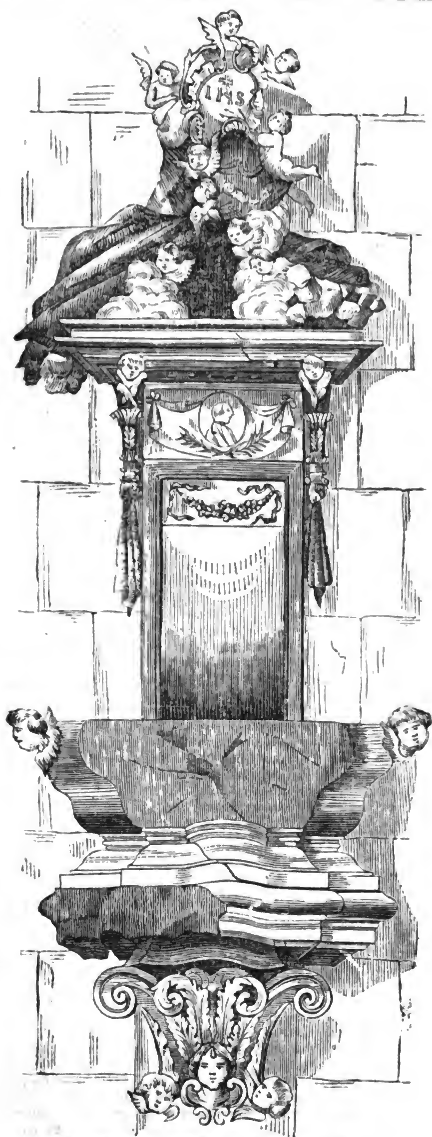
No verão os moradores da terra e alguns coriozos que vão deste reyno vão arriba a esta coroa deste piquinho, e vão a tempo que possão tornar a dormir abaicho ás cafuas dos vaqueyros, pella frieldade serta manhã que se não pode soffrer de noyte.

Ao norte deste pico nas suas fraldas está hum pico piqueno que se chama do Cavaleyro. He o pico aonde se poz o fogo como atraz se faz menção. E teme-se que se o fogo saltar neste pico grande segundo a sua altura e grandura que queimará estas duas Ilhas a Ilha de S. Jorge, e a Ilha do Fayal, porque elle que está no meyo e as assombra, nas fraldas deste Pico ha criaçoens de gado de toda a sorte; aproveitasse muyto pouca terra desta Ilha e se semea muyto pouco della por ser a terra muyto brava de pedras e rochas altas. Ha nella muyta fruta de espinho mais e melhor que em todas as outras Ilhas, os moradores della trazem sambarcos de pelle de porco cruas com cabello por a terra ser fragoza tem esta Ilha tres villas e sete ou outo lugares.

FOGO ESPANTOSO QUE DESCEU DO CEO, CAHIU E ABRASOU A ILHA DA MADEIRA, DIA DE SANTA ANA, A 26 DE JULHO DE 1593.

Não quizera dar conta de tão dezestrado cazo, tão notavel, e espantoso, como aconteseu nesta Ilha da Madeira, a 26 dias do mes de Julho, era de 1593, dia da gloriosa Santa Ana, e passou desta maneira.

Entre as onze e dose oras da noyte veyo hum rayo do Ceo que tinha apareçido na Ilha havia quinze dias, o qual rayo deu em hua das melhores e mais ricas cazas que na cidade havia que herão de Tristão Gomes de Castro, e dentro em quatro horas se queymárão cento sincoenta, e quatro moradas de cazas, e as melhores, e mais principais, de toda a cidade, onde se queymárão mais de sinco mil paens de assucar, e muito infindo fato, e antes de soceder este fogo, ouve vinte e quatro horas de tão grandissimo fogo de calma do Ceo, ventando muito rijo vento leste, que não havia pessoa viva que dentro destas vinte e quatro horas sahisse de casa, nem abrise janela, nem se podia soffrer dentro das cazas; nem se podia nestas estar por ser o ar tão quente, que tudo era cuydarem que peresiam, e o vento era tal que parecia que queimava os olhos, couza que jamais os homens virão nestas partes. Neste tempo dasvinte e quatro horas se estima a perda que deu nas vinhas em duzentos mil cruzados porque muitas ficárão vendimadas, e ficou tudo tão abrazado e de tal maneira que tomadas nas mãos as folhas se desfaziam como sinza, couza de grande admiração, e ao cabo de pouco tempo socedeu este fogo que foy tão forcozo e furiozo que não houve braço humano que o pudese aplacar, com grandes receyos de toda a Ilha se abrazar, e para maior admiração chegou o fogo ate a Fortaleza onde estavão trezentos quintais de polvora, e saltando na Fortaleza, onde nenhu remedio tinha a cidade e gente della, senão ficar tudo abrazado, e asolado prouve á Mizericordia devina que com muita prestreza se apagou, e com grande medo estivemos toda aquella noyte com muita guarda, e arteficios de agoa que se fizeram para se apagar o fogo se tornase á fortaleza, de modo que não ouve quem deixasse de despejar o fato de sua caza para muito longe do fogo, e para com mais espanto se conçiderar a ordem e modo que o fogo teve em abrazar dentro em as quatro horas o que abrazou salpicando as cazas que lhe parecia porque abrazou alguas que estavão meya legoa de outras deychando o fogo outras que ao derredor e perto estávão, que foy hua damais temeroza couza que atee aquelle tempo aconteceo, fica a Ilha de todo o ponto perdida e de tal feição que tarde se restaurará, pareçe castigo de pecador, e permita a Mizericordia devina q̃. por aqui acabe e não vá avante como merecemos.



PULPITO DO COLLEGIO DE SANTO ANTÃO.

O PAGEM DA RAINHA.

romance.

II

Dever e Ambição.

Era precioso o tempo, para que podessem tão dedicados filhos paralysar-se em face da escolha d'uma estrada que podesse salvar o seu paiz; e por isso em breve D. João se assentara na magnifica cadeira d'espaldas que lhe estava destinada no topo da sala espaçosa e rica.

—Precedestes-me, dizia o filho de Theresa Lourenço, nas horas em que viestes; antecipastes-me na reunião de que tanto carece a nossa causa commum, mas não podem arder-vos no peito nem mais finos desejos, nem mais destemida coragem.

E na fronte magestosa e bella do rei de boa memoria transluzia todo o enthusiasmo que, brilhando em Aljubarrota, conquistaria a independencia.

—A ponto chegastes, senhor, começava D. Gonçalo, porque tratando da santa causa que Deus depositou em nossas mãos, sempre sereis de aprasivel chegada. E D. Gonçalo olhava todos os cavalleiros, como se houvesse entre elles um proposito ajustado, mas que não era de facil apresentação, e que devera dirigir-se ao filho de D. Pedro, mas vendo que todos se calavam tomou a sabia resolução de continuar. O vosso nome, senhor, é o primeiro que nos salta ao pensamento em taes empenhos, porque é nos vossos braços principalmente que Deus depositou quanto havemos, e quanto podemos ainda haver pelo futuro.

—Sim, é verdade, dizia o Mestre, repassado do mais vivo reconhecimento pelo cavalleiro que assim depositava n'elle tantas esperanças, que eu hei de pugnar esforçadamente para que salvos sejamos todos, e comnosco Portugal. Poder que eu possa, dizia ainda baixo. As armas voltadas do meu brazão real, continuava o bastardo, se me tiram a ventura de poder velar pelo engrandecimento d'um tão denodado povo, ao menos concedem-me que possa desembainhar a espada n'um campo de ardida peleja, dão-me a força para ser, bradava o Mestre ligando este santo dever aos impulsos que lhe prescrevia a ambição que lhe provinha do regio sangue que lhe gyrava pelas vêas, um destemido soldado. Crêde: se a rainha resistir aos nossos rogos, se pelos seus labios fallar o conde d'Andeiro, o senhor D. João, legitimo filho de meu pae, é o nobre e leal chefe que nos deve conduzir ao campo e á victoria, que o Deus do poder deve ás causas da justiça.

— Para nós, bradou D. Ruy, os loiros dos heroes ou as corôas do martyr.

— Attendei, diz D. Gonçalo, é muito o que dizeis, porém não basta. Se a regente illudir todas as nossas esperanças sois vós que nos conduzireis á felicidade.

D. Alvaro, que tinha escutado longamente o senhor que já era eleito pelos animos de todos, não se demorou em fallar tambem, e começou:

—Não esqueçaes, senhores, que além das supplicas, e das rogativas que podemos levar aos pés do throno restam-nos ainda as ameaças.

— Que quereis dizer? tornava o Mestre, não comprehendendo o que diziam as palavras do cavalleiro.

—Digo, proseguiu o guerreiro, que aquella carta interceptada ao mensageiro da rainha, aquella carta dirigida ao conde, contém um segredo ante a revelação do qual deve estremecer D. Leonor.

E todos fizeram, senão por movimentos, por palavras ao menos, um signal d'assentimento.

—Não poupeis esforços, é força emprehender os meios todos, que sejam dignos e nobres, depois virá em auxilio o derradeiro.

— É a carta em nosso poder. Dizia um dos cavalleiros.

E o Mestre d'Aviz tirava do cinto do jubão de côr escura e sem bordados, a carta de que tanto esperavam os bons dos senhores portuguezes, e desdobrando-a cautelosamente, manifestava-lhes bem o cuidado com que fôra guardada até então. Era claro o que de importancia extrema por elles lhe era ligado.

—Eil-a; disse o que o futuro deveria ver rei dos portuguezes.

—Bem vêdes, continuava D. Gonçalo animando-se agora novamente, e cobrando alentos novos para a realisação esperada do seu pensamento; bem vêdes que pode um simples papel destruir as esperanças criminosas da mulher adultera. Apresentar-nos-hemos todos, mas se as rogativas, se as lagrimas nada forem em face do coração que não dobrou aos requebros do amor mais santo, appellaremos no delirio d'um justo desespero para o campo das armas. N'este instante ergueu-se D. Gonçalo, e apertava com uma das mão a sua rija espada, estendendo a outra como em signal da promessa que fazia de ser verdade em sua consciencia quanto disse aos seus amigos. Antes succumbir por não ter forças, do que succumbir ociosos como damas caprichosas nos seus estrados doirados. Viver na deshonra é d'infames. A mais alta precisão que hoje nos faz tremer é a d'um chefe que nos alargue os caminhos da gloria. Não ha quem o duvide.

E um brado geral d'approvação eccoou nos ouvidos do nobre, dando ao seu esforço uma nova coragem; e por isso rico de força inesperada continuou ainda:

—Ninguem pode negar o que vos digo, e eu quero merecer o legal reconhecimento de ter escolhido para a patria o defensor de que ella carece, e que no espirito de todos da nobreza foi eleito já. Aqui o tendes. E designava o Mestre d'Aviz, que via realisados ali os seus desejos, mas não podia o seu sincero amor pelo paiz deixar-lhe que não tremesse diante do futuro. Amigo, sereis o nosso defensor, sereis o defensor de Portugal. Crêde, continuou ainda o cavalleiro, crêde que vos seguiremos até á morte. E interrogando todos que o escutavam attentos, mas que interessados mais no olhar de D. João d'Aviz, porque d'elle dependia o porvir que era de feito duvidoso e negro, só a elle olhavam, proseguiu insistindo no seu proposito e dirigindo-se ainda aos senhores que o rodeavam. Dizei, respondei se não acompanhareis D. João até á victoria ou até á morte?

E um brado unanime alevantou o mais santo orgulho no animo do senhor rei de Portugal.

E voz em grita todos bradavam:

— Comvosco ou a morte no campo das derrotas, ou a gloria no campo das victorias.

— Attendei, dizia o Mestre nobremente; e não era menos o receio do empenho, do que o desejo da grandeza, mal posso acceder ao pedido de tão valentes e esforçados ricos-homens. Quem pudera quebrar as cadêas que de rojo arrasta a patria. Ainda mal que mal o posso. Devo a meu pae o não ter-me deixado na obscuridade, e ainda a realeza de que me glorio, mas cingindo-me a facha da bastardia, é por ella

que os meus animos se abatem, porque paralysados querem morrer os meus desejos. Oh! se eu visse ceifar pela voz das batalhas d'independencia a mulher que ceifou os dias do pobre irmão, exultaria por tal!... mas se muito o desejo, mal o posso... as forças faltam-me.

D. Ruy, que o escutava, e que muito cria no defensor dos direitos do senhor D. João, que se achava em partes afastadas, não tardou em rejeitar os receios do heroe d'Aljubarrota.

—Olhae, senhor, que representaes nossas esperanças, disse elle, que jazem amortecidas no soffrimento e na dôr; vós, sangue real do real sangue de Pedro o Justiceiro, sois quem em suas mãos sustenta os destinos dos portuguezes. Vereis a terra em que nascestes, a terra que vos é patria e mãe, miseravel, e soffrendo tudo, soffrendo todas as infamias que nos opprimem, vereis tudo de sangue frio e de fronte socegada?... Oh! não, senhor, não, que o não podeis.

—Moderae-vos, meu valoroso amigo, o vosso patriotismo leal, a vossa dedicação para comigo podem ir acordar o rancor e o odio que tem adormecido no peito da regente; —dizia o filho de D. Pedro— de ha bem pouco que Deus tem na sua santa guarda elrei meu irmão.

—E de ha bem pouco tambem, atalhou D. Gonçalo, impellido pelo seu nobre esforço de amor pela sua terra; que morreu Portugal sem uma taboa de salvação a que se apegue. Vos sois a nnica estrella que scintilla no ceo sombrio do destino portuguez; em vós está todo o nosso futuro, não nos abandonareis, não. Nunca aprendestes dos vossos avós a ser covarde. Attendei, senhor; —e D. Gonçalo tomava, defendendo a patria, todo o nobre enthusiasmo que pela defesa d'uma mãe dedicada anima um filho— por João Fernandes Andeiro tivestes ordem da rainha de irdes hoje ao paço. Pensae bem. Que pode querer de vós sua real senhoria, senão afastar-vos da côrte? Vereis, D. João, —e pronunciava vagarosamente estas palavras— vereis que as primeiras palavras da rainha dirigir-se-hão a lançar-vos para bem longe de Portugal. Vós sois a mais rija barreira que tem a derrubar para sustentar-se no solio portuguez. Desconheceis o vosso poder. D. João, D. João, —e cobrava D. Gonçalo alentos novos— no momento em que a patria geme, e carece d'auxilio, não lh'o negueis barbaramente. Querem fazer-vos governador d'uma provincia, mas crêde, hãode chamar-vos depois para vêrdes a vossa e a nossa deshonra, a vergonha de nós todos, para vêrdes o fugitivo da Hespanha carregado das maldições do povo, mas sentado no solio d'Affonso Henriques: é esse o vosso logar, é o logar que vos compete. O povo é a nação, o povo portuguez é Portugal, e é elle, e somos nós que vol-o damos. O senhor D. João, captivo na Hespanha, não pode salvar a patria. O senhor infante D. Diniz tomou armas por Castella. Só restaes vós salvador d'um povo.

D. João, o valente Mestre d'Aviz ergueu-se, e apertando a mão do bravo cavalleiro, assim fallou:

—Não sei recuar, a patria chama, irei aos seus brados. Em meu nome vos asseguro, denodados campeões, que o Mestre d'Aviz em demasia presa o nobre encargo dos nobres e valentes senhores. Vou empenhar-me n'uma luta de sangue e de morte. Heide resgatar a terra em que nasci.

E era o Mestre, magestoso e sublime, como o genio das batalhas, pairando sobre a desmoralisação, e ditando a independencia; e depois elle continuava, animado pela mesma força:

—Ou heide sair victorioso, com a fronte ornada pelos loiros da victoria, ou heide succumbir gloriosamente, legando á posteridade os brilhos da minha honra e do meu valor.

—Muito bem, senhor D. João, bradou D. Alvaro, Deus que a todos ouve recebeu essa promessa, as edades futuras pedirão conta do que n'este momento dissestes.

—Vamos ao palacio: disseram algumas vozes.

—Vamos: disse o Mestre.

E no momento de partir, pensando na mulher de D. Fernando, disse quasi em voz baixa:

—Leonor, Leonor, uma luta de morte vae ser travada entre nós! Ai d'aquelle que fôr vencido!

E todos se dirigiram aos paços reaes.

Continua.

F. Soares Franco, Junior.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Sacrario.

Seguiremos, fallando do admiravel e magnifico sacrario, que havia n'esta egreja para a composição do qual adrede se mandou vir de Roma um celebre ourives da prata, Frederico Aluisco, que sendo allemão de nascença, por aquelles tempos se achava em Roma. Uma das condições do partido com que veiu a Lisboa foi durar o contracto por sete annos, não levantando elle mão da obra n'este espaço de tempo, nem podendo os padres despedil-o.

Principiou o artista por modelar a obra em cera, a qual depois de examinada por pessoas intelligentes foi julgada magnifica. Approvada ella, deu-se-lhe principio, e a 3 de dezembro de 1706, festa de S. Francisco Xavier, se collocou no altar-mór a banqueta de prata lavrada.

No meio da banqueta se assentou depois o sacrario. Era um globo de cobre doirado, e fixa na porta do globo havia uma *sacra* de prata, evitando-se por este meio que para abrir o sacrario, e tirar d'elle o Senhor, se removesse a sacra.

Por baixo da porta viam-se dois serafins prostrados, venerando o Senhor, e muito louvam os manuscriptos que temos consultado a perfeição com que o artista executou a imagem de Christo, de dois palmos de alta, e á qual serviu de modelo outra de Miguel Arcangelo.

A imagem era de prata, e do mesmo metal o rotulo da cruz, e seus remates. A cruz era de metal doirado.

Pulpito.

Resta-nos fallar dos pulpitos que era obra maravilhosa pelo artificio e grandeza.

Esta magnifica obra de architectura foi feita alguns annos depois de concluida a egreja. É uma das peças mais elegantes que temos visto n'este genero.

Sobre uma gloria de tres anjos, perfeitamente lavrados, levantava-se um ornato no genero corinthio, tudo de marmore branco, servindo de base a uma pedra azul, sobre a qual assentava outra encarnada, sobreposta egualmente de outra branca.

D'este corpo nascia o segundo, que era uma elegante bacia de pedra azul, tendo nas extremidades salientes de cada lado a cabeça de um anjo. Havia no centro d'esta bacia um engraçado relevo de marmore branco, symbolisando a caridade em duas cabeças de anjo sobrepostas a um escudo, com as insignias da Companhia. Esta bacia formava o corpo chamado propriamente pulpito.

De cada lado da porta que dava entrada para o pulpito saíam misulas com elegantes ornatos, formando a voluta que sustenta o sobreceo. Estas volutas que eram de marmore branco, vinham tambem a rematar em cabeças de anjos.

Serviam as volutas de pedestaes ao sobreceo, que era um quadro de marmore azul, tendo em relevo pela parte inferior o Espirito Santo symbolisado em uma pomba, e varios ornatos, tudo a marmores de côres.

Era a cupula, ou remate do pulpito uma lindissima gloria com abundante profusão de anjos, que fazem uma elegantissima perspectiva.

A nossa estampa representa o pulpito do lado do evangelho, no estado em que actualmente se acha, faltando-lhe o emblema da caridade, que occupava o centro da bacia e que ha menos de um anno veiu a terra. Dentro em pouco vae ser arrancado.

O pulpito do lado da epistola está todo destruido por effeitos do tempo. Só existe a peanha onde assentava a bacia.

Os pulpitos foram esculptura de João Antonio de Padua, italiano, que teve por debastador a Pedro Antonio Luquez, que depois passou para ajudante de Giusti em Mafra.

Carneiro.

No anno de 1848, ao entrar um carro para as obras que se faziam no hospital, das quaes esta arruinada egreja então servia de deposito, abateu o terreno logo ao entrar da porta principal. Encontrou-se ahi um carneiro, cujas paredes correspondem ás prumadas das columnas que estavam adiante do guarda-vento. Tem o carneiro quatorze palmos de altura, e é coberto com abobada. Encontraram-se-lhe ainda restos de caixões e ossos.

O carneiro serve hoje para deposito de agua de chuva, que se applica á rega das arvores, e caldeação dos materiaes para as obras. Esta applicação poupou a despeza do jornal de duzentos e quarenta reis diarios a um homem para tirar da cisterna a agua para a rega.

As grandes lages que estavam collocadas no pavimento por baixo do zimborio, e que era o logar onde se enterravam os padres que morriam no Collegio, como acima dissemos, tambem foram ha pouco encontradas profundamente soterradas.

Os dois apostolos que dissemos existirem mutilados na primeira capella da esquerda á entrada da egreja, foram ha poucos annos encontrados a doze palmos de profundidade do chão.

Torres.

Resta-nos agora, para concluir com o templo, dar noticia das duas formosas torres que lhe adornavam o frontispicio. Uma que alluiu pelo tremor que houve em 1807, foi por essa epoca apeada, mas com pouco recato, e por isso se perdeu muita da sua excellente cantaria. A outra, vendida para Inglaterra, como já dissemos, foi cautelosamente desmanchada, sob a direcção do architecto Francisco Antonio de Sousa. Devemos a este uma memoria que n'essa occasião se encontrou no fecho da sineira, mettida n'uma caixa doirada. A memoria diz assim:

«Principiou este Collegio de Santo Antão, e Egreja, e Convento em 1575, e deu-se por prompto em 1655, aonde gastou a mão d'obra oitenta annos; e pelo terramoto de 1755 foi demolida a parte principal d'este grande edificio, não se tornando mais a reedificar.»

Como se collige d'esta memoria, e do sitio extraordinario onde foi collocada, conhece-se que a referida torre, que era a do occidente, tambem foi damnificada por aquella occasião, e reparada.

É ainda ao mesmo architecto Sousa que somos devedores do unico desenho do alçado da egreja, que apresentaremos n'este jornal. Tinha-o de seu pae o architecto das tres ordens militares, Manuel Caetano de Sousa, que foi o encarregado, quando se extinguiu a Companhia, de afeiçoar o edificio para hospital.

Entremos na descripção das torres.

Sobre a cimalha real se elevava um corpo formando dois largos pedestaes, e no vão que havia de um a outro, estava collocado um relojo.

Sobre esses pedestaes levantavam-se de cada lado duas columnas, ou o corpo columnal.

Sobre o vão do relojo formava-se a sineira com o seu competente arco semicircular.

Coroavam-se as columnas por uma cimalha geral retendida, ou para melhor dizer reintrante, para ir descansar sobre o arco da mesma sineira.

Havia a cupula sobre a cimalha, e se compunha d'um corpo amisulado, com um oculo a centro, e este ornatado. Era o sobredito corpo recto em parte, e parte curvo a centro; descansava nas duas columnas que olhavam para o centro, assim como dois grandes fogareos que assentavam sobre as outras duas columnas lateraes.

Rematava a cupula um segundo corpo aquartelado, com um oculo a centro, e nos dois lados tinha dois pequenos fogareos em figura de globo com pequenas bases, sendo o remate do corpo dito um globo proporcional á mesma peça, terminando na figura d'um gallo, e sobre este uma cruz.

Havia de singular na construcção d'esta peça, como se deve julgar que seria o mais que lhe diz respeito, o combinar por tal forma o corte das pedras de cantaria, que se não achou nas sobreditas torres um gato de ferro ou bronze, o que é usual em todas d'este genero.

Quem seria o architecto d'este magnifico templo? Não o achamos mencionado. Ha comtudo uma tradição de que foram os proprios padres, do que não duvidamos porque entre elles havia homens aptos para todos os mesteres.

Noticia da fundadora d'este magnifico templo.

N'este ponto copiaremos uma das chronicas manuscriptas a que nos havemos reportado n'este trabalho.

«A fundadora do magnifico templo do Collegio de Santo Antão o novo foi D. Filippa de Sá, filha de Mendo de Sá, terceiro governador que foi do estado do Brazil, fidalgo de conhecida nobreza, o qual assim das lettras que seguiu, como das armas que exercitou, soube dar tão boa conta, que el-rei D. João o III pelo conhecimento que de suas partes tinha d'elle fiou o governo do estado do Brazil, e foi o ulti-

mo governador que para elle despachou; e posto que a patente se lhe passou em Lisboa no anno de 1556: mas havendo occasião para dilatar a partida a veio a retardar tanto, que veio a chegar á Bahia no anno de 1558, em que tomou posse do governo, em que se portou com tanta christandade, justiça, valor, e prudencia em todas suas acções, que pela satisfação que de seu governo tiveram a rainha D. Catherina, o infante Cardeal, e el-rei D. Sebastião, o conservaram n'elle por espaço de quatorze annos, tempo que se não tinha concedido a nenhum dos seus antecessores, nem se concedeu a algum dos que até agora governaram aquelle estado, que elle pelas boas lettras que tinha não só governou com justiça, mas como bom capitão o defendeu com valor, passando da Bahia ao Rio de Janeiro com uma armada muito inferior ao que requeria a empresa a que foi, em que se houve com tanto esforço, com tanta industria, e boa ordem militar que póde expulsar do Rio de Janeiro aos francezes que ali se tinham fortificado, de maneira que ajudando com a arte a fortaleza natural do sitio parecia impossivel podel-os expugnar e lançar do logar em que estavam, o que felicissimamente conseguiu o governador Mendo de Sá.

«Foi o referido successo de grande importancia, e como tal mui estimado em Portugal, aonde se conheceu bem que se a empresa não tivera tão prospero fim, não só se perderia para sempre a importantissima praça do Rio de Janeiro, aonde já os francezes estavam unidos com os indios, e os tinham por amigos em odio dos portuguezes, cuja conservação no Brazil haviam de perturbar, e inquietar. E para que assim não succedesse foi obrigado Mendo de Sá a tornar outra vez ao Rio, que totalmente alimpou de francezes destruindo seus amigos, e confederados os Tamoyos.

«Como pelo bom governo na paz, e bons successos na guerra el-rei deteve tanto tempo no governo a Mendo de Sá, teve elle commodo para com beneplacito d'el-rei fundar um engenho na visinhança da Bahia, para o qual sem queixa, nem aggravo de alguem soube escolher sitio, e terras tão a proposito para crear as cannas que o engenho foi estimado pelo melhor de todo o Brazil, e ainda hoje com estar diminuido de muitas terras que foi necessario vender, se reputa por um dos melhores que ha na visinhança da Bahia, celebre ainda agora, e muito conhecido com o titulo de Sergipe do Conde, resultou uma grande renda á casa de Mendo de Sá, á qual se juntou tambem outro engenho, posto que não tão importante fundado na capitania dos Ilheos, e com o rendimento d'estas duas fasendas no Brazil juntas outras que Mendo de Sá tinha no reino veio D. Filippa de Sá a ter um dote tão grande, que a pretendeu por mulher D. Fernando de Noronha, conde de Linhares, mas como elle morresse sem filhos tornou ella a recuperar o grande dote com que tinha casado, com que ficou sendo uma das viuvas mais ricas que havia em Portugal.

«E n'este estado se retirou da cidade para uma quinta que tinha onde chamam Telheiras, e ali dando-se a Deus, e a santos exercicios, tomou por padre espiritual ao licenceado Antonio d'Albuquerque, prior da egreja de S. João do Lumiar, varão espiritual de sciencia e prudencia, ao qual lhe deu conta a dita senhora, de como promettera a Deus de com as suas riquezas lhe dedicar um templo mui sumptuoso, ao qual desejava ajuntar um mosteiro de freiras.

«Ouviu com attenção a proposta da condessa o padre seu confessor, e louvando o desejo que tinha de dar comprimento a seu voto lhe pediu licença para considerar a qualidade da promessa, e o modo mais conveniente de se descarregar de sua obrigação, e tornando depois de considerado tudo bem lhe propoz que os padres da Companhia do novo Collegio de Santo Antão se achavam ainda n'elle sem egreja, e que a obra do novo collegio merecia bem um mui grandioso templo, como ella condessa desejava fazer, e que para isso lhes não faltava aos padres muita larguesa do sitio.

«Não tinha a condessa até aquelle tempo tracto algum, ou communicação com os religiosos do Collegio de Santo Antão, nem com outros da Companhia».

Até aqui o necessario da Chronica para darmos noticia da fundadora, e de como aquella obra se levou por diante. Agora bastará dizer que a condessa apresentou por unico obstaculo o desejo de que na sua egreja houvesse côro para missas cantadas, e como os padres não usavam côro não poderia ter cumprimento o seu desejo, salvo se consentissem que os capellães que desejava instituir o podessem cantar na sua egreja.

Os padres, consultados pelo confessor, responderam que as constituições da Companhia não prohibiam que capellães seculares cantassem no seu côro as missas que se dissessem na sua egreja.

Ajustadas pois entre os padres e a condessa as condições, se lavrou escriptura em 25 de setembro de 1612; porém esta foi annullada a contento de ambas as partes, e se lavrou segunda em outubro do mesmo anno.

Foi uma das condições da escriptura que acabada a egreja e sachristia, se fizessem junto d'ella duas casas para morada de doze capellães, entre os quaes haveria um com o titulo de deão, superior a todos no tocante a côro, e ao cumprimento das mais obrigações que ella deixaria.

Outra condição era haver todos os dias no altar-mór uma missa cantada de canto-chão, e em certas festas, de canto de orgão: um capellão com o titulo de mestre de canto, com obrigação de leccionar tambem os estudantes do collegio que quizessem aprender o canto.

Mais haveria cada dia cinco missas rezadas por alma d'ella fundadora.

Os capellães teriam além do ordenado, e casas sufficientes, medico, cirurgião, sangrador, botica, e barbeiro.

Que para ajudar ás missas haveria tres meninos com os seus ordenados, medico, cirurgião etc.

Deixava seiscentos mil reis cada anno para sustento dos moradores do collegio, e quatrocentos mil réis de renda para despeza de cera, azeite etc.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

INVOCAÇÃO

Archanjo da poesia, vem dos astros
Á lyra inspirar sentidas trovas!
Revela-me esses canticos, que os anjos
Em torno do Senhor cantam alegres!
D'esta lyra, a ti, anjo, consagrada
Tira um canto d'amor, do fundo d'alma
Que voando no ar, e ao ceo erguido
Ás aras do Senhor chegue fulgente!

Dá-me os hymnos d'amor puro e celeste,
Que ás plantas de Leonor suspira o Tasso!
Que eu possa nas horas da saudade,
Minhas crenças d'amor, da patria crenças;
Com suave soffrer, saudoso enleio
Em lagrimas pintar, pintar em risos!
Da patria... cala, cala, ó minha lyra,
Não ergas o sudario do cadaver,
Que Portugal não ouso já chamar-lhe!...
Do seu grande valor só resta o nome.
Não tenho nobres cantos de victoria,
Mas lagrimas sentidas no sepulchro
Como filho amoroso hei-de votar-lhe!
Archanjo da poesia, vem não tardes,
Ergue no peito meu fulgente chamma:
A minha mente eleva, a ti consagro
Os meus cantos d'amor, de liberdade!
Inspirado por ti, por ti valente
De loiros immortaes cingida a fronte,
As portas transporei da eternidade:
No regaço dos anjos meigo somno
Contente dormirei. Potente archanjo,
Por ti um Deus serei, serei poeta!
Nada valem meus canticos sentidos,
Sou pobre trovador, vate sem nome,
Porém sendo da patria amargos prantos,
Inspirações d'amor, do amor mais terno,
Os assumptos lhes conferem a valia,
Que o meu nome sem nome lhes negava!
Archanjo da poesia, vem nas horas,
Que as vastas solidões cantam saudade,
Que as estrellas attestam scintillantes
Velar no firmamento um Deus eterno,
Vem dar aos cantos meus, força gigante;
Abraçar-me na terra, archanjo santo:
Vem dar-me a inspiração pura, esplendida
Que aos poetas do mundo has tributado,
Que em harpas de Siam brilham cadentes.
D'amor e liberdade são meus cantos
Se n'elles ao meu Deus votei a crença
Por elles um Deus serei, serei poeta;
Galhardo, e santo e puro, e meigo e bello.
Archanjo da poesia, a ti minha alma.

F. Soares Franco, Junior.

O LYRIO.

Formoso innocente lyrio
Na campina o solio tem,
Foram impios arrojal-o
À sociedade tambem.
Ai! flor triste de saudade
Porque roubar-te d'além?!
És a flor do sentimento,
Vives só do soffrimento,
Nada vens fazer aqui!
Nem martyrio, nem saudade,
Nem goivos, nem violeta
Como tu soffrem a dôr;
E ao coração do poeta
Fallam taes fallas d'amor.
Sempre funebres e tristes,
Querem a morte apontar;
Na resignação em que existes
Queres a Job retratar,
Sorrindo a tanto rigor?!
O martyrio triste canta
Do Christo a dôr, e levanta
A voz, dizendo — chorae! —
Falla sentida a saudade
Do riso e pranto da edade
Que morreu, que já lá vae!
Funebre o goivo na loisa
Do passado é triste voz;
Na violeta só repoisa
Chorada magua d'amores
De que as rosas foram dores
Dos espinhos vindo apoz!
Ai! que vens fazer aqui,
Não te adora aqui ninguem;
Sómente o sorrir d'escarneo
A tristeza insultar vem;
Ao pranto que não se esconde
O scepticismo responde
Co'as gargalhadas que tem;
Meu lyrio, deixa a cidade;
Que é tremenda a sociedade
Crê na voz d'esta verdade.
— Não te adora aqui ninguem! —
Estes risos, estas festas
São falsas, mentidas são;
Vivem rosas nas florestas,
Vive o fel na multidão!
Involtos de mil enganos
Estes sorrisos profanos
Não iam nunca insultar-te,
Meu lyrio, na solidão!
Aqui soberba e vaidosa
Ergue a fronte altiva a rosa,
No seu vaidoso sorrir!
Porém eu não sei amal-a...
Porque a rosa só me falla
Dos tropheos que conquistára
N'um sorriso enganador!
Ai! não a invejes, meu lyrio,
Não a invejes porque a rosa,
Hade murchar-se pendida
E hade saber que tem vida
Por soffrer da morte a dôr;
E na campa nem um pranto
Plantará triste saudade;
Que a rosa vivendo tanto
Não viveu nunca d'amor!
Ai! meu lyrio, como é santo
Em face da eternidade
Resar aos pés do Senhor!
E escutando no jazigo
Sentir as cinzas do amigo
Agradecer tanto amor.

E tu, donzella formosa
Formoso lyrio que amei;
Deixa as vaidades da rosa
Ama a tristeza sentida
Do luto que alenta a vida
Dando os affectos por lei.

Archanjo, ama comigo, ama a saudade,
Ama o triste sentir do rôxo lyrio;
Que o sentimento é Deus, é a verdade,
A coróa de Jesus foi de martyrio.

Eu amo a pobre flor quando vaidosa
Flôres de tanta côr brilham aqui,
Ella triste, e modesta e lacrimosa
Viuva d'alegrias não sorri.

E eu amo a pobre flor, quando esmaltada
Do orvalho da manhã, sorri a Deus;
Amo-a espelho do sol, quando orvalhada
Reflecte linda e pura os raios seus.

Eu amo a pobre flor, quando sósinha,
É mimosa, e roxa, e triste no jardim,
Que symbolo do luto, é a rainha
Da tristeza e da dôr que vive em mim.

E eu amo a pobre flor, porque me acalma
Ver tanta resignação n'um tal penar;
Porque eu leio na flor o luto d'alma
Que a dôr e o soffrimento faz trajar.

E eu amo a pobre flor, quando a procella
A faz vergar na terra... ali... findar!
Não vae ali ninguem soffrer com ella,
Uma lagrima ninguem lá lhe vae dar.

Meu anjo, ama comigo, e na orphandade
Adora a pobre flor, adora o lyrio!
Ama a dôr e o soffrimento, ama a saudade!...
A coroa de Jesus foi de martyrio.

Junho de 1855.
F. Soares Franco, Junior.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XVIII.

SALÃO ORIENTAL — D. JOÃO V E ODIVELLAS — CONVERSÃO DE UMA INGLEZA VELHA; SEU ENTERRO.

29 d'agosto de 1787.

Achava-me desmedidamente encalmado; desperdicei toda a manhã no meu mirante, cercado de fidalgos com seus chambres mui garridos, e de musicos vestidos de roxo, com largos chapeos de palha á similhança de bonzos ou talapões, parecendo tão queimados do sol, ociosos, e negligentes, como os habitantes de Ormuz ou Bengala; de forma que a minha companhia assim como o aposento offerecia a mais decidida apparencia oriental; por exemplo, o divan levantando-se poucas polegadas acima do soalho, as gelozias doiradas das frestas, as cristalinas regueiras manando de um tanque logo debaixo d'aquellas, e que constantes supprem as fontes da rocha nativa.

Agradavel variedade predomina na minha sala asiatica; metade das cortinas ostentam as mais ricas dobras; outra metade são transparentes e derramam jucunda claridade sobre a esteira e sophás; grandes e luzidos espelhos multiplicavam a profusão das armações; alguns dos meus hospedes não se enfastiavam de andar de canto para canto observando os differentes grupos de objectos reflectidos por todos os lados nas direcções menos esperadas, como se phantasiassem ser admittidos por encanto a espreitar por um labyrintho de camarins magicos.

Um individuo da sociedade, malicioso velho, italiano e clerigo, que tinha saido da sua terra natal antes que o celeberrimo terremoto derrubasse pelos alicerces mais de metade de Lisboa, disse-me que se recordava de um aposento, boa amostra n'este mesmo gosto; isto é, adornado de espelhos e cortinas, uma especie de palacio das fadas, que communicava com o convento de freiras de Odivellas, tão famigerado pelo piedoso retiro d'aquelle exemplar de magnificencia e santidade, o rei D. João v! Deleitosos dias ahi passou o monarcha, e os favorecidos companheiros das suas devoções.

«De que serve (accrescentou mui judiciosamente o padre mestre) a gaiola mais formosa sem passaros que a aviventem? Se tivesseis ouvido a celestial harmonia das reclusas do rei João, nunca vos terieis contentado no vosso primoroso pavilhão com o esganiçamento dos sopranos e os roncos dos rabecões. A suavidade, refiro-me áquellas puras vozes, saindo do sagrado asylo recondito, onde não é dado penetrar ente humano masculino á excepção do monarcha, produzia um effeito de que ainda me lembro extasiado, postoque já lá vão bastantes annos. Quatro dos nossos mais abalisados cantores, dois de Veneza e dois de Napoles, attrahidos pela liberalidade verdadeiramente regia, accrescentaram tudo quanto o gosto consummado e a sciencia podia prestar ás mais excellentes vozes de Portugal: o resultado foi a perfeição.»

Aguilar, que viera jantar comnosco, cuja mãe quando no viço da mocidade e belleza fôra a miudo convidada áquellas edificantes assembléas, confirmou todas as maravilhas que o velho italiano narrara, e accrescentou não pouco e com as mesmas vivas côres e n'um estylo e tom tão extravagantemente enthusiastico, que se eu fosse a repetir só metade das esplendidas anecdotas com que me brindou ácerca do illimitado zelo e magnificencia de D. João v, a vossa imaginação ficaria completamente deslumbrada.

Exactamente ao levantar-nos de jantar para a mesa do *dessèr*, posta no terraço fronteiro á rua principal do jardim, entrava o abbade Xavier apregoando a admiravel historia da conversão de uma ingleza phtysica e nada creança, que achando-se em vesperas de despedir-se do mundo, ao que parece, requerera um padre para confessar-se e abjurar seus erros de toda a casta. Acontecendo alojar-se na hospedaria de Cintra, de que era dono um dos mais fervorosos catholicos irlandezes, os louvaveis desejos da senhora foram expeditamente satisfeitos, e Mascarenhas e Acciaoli, e mais outros dois ou tres padres e monsenhores, chamados para ajudarem a esta boa obra.

«Grande tem sido (exclamou o abbade) o nosso regosijo por este motivo. N'esta mesma tarde o idoso anjinho será sepultado em triumpho; Marialva, S. Lourenço, Asseca, e outros muitos da principal nobreza, concorrem para tornar mais apparatoso o acto; creio que vireis comigo e acompanhareis o prestito?»

«Com a melhor vontade (respondi), e ainda que não gosto de funeraes, como esse de que fallaes é tão festivo, posso fazer uma excepção.»

Partimos, transportados tão velozmente quanto o podiam as parelhas d'excellentes machos, para que não chegassemos tarde á funcção; muita concorrencia de povo havia diante da porta; n'uma das janellas estava o grão-prior resando o breviario, e em ar contemplativo, como quem desejava ver-se d'ali cem leguas. Subi as escadas e immediatamente me fizeram roda o velho conde de S. Lourenço e outros devotos, inundando-me de congratulações. Mascarenhas, um dos mais conspicuos membros da sé patriarchal, chapado hypocrita e doutor ascetico, foi me apre-

sentado. Acciaoli, de quem eu já era conhecido, aos pulinhos pela casa esfregava de contentamento as mãos, e com olhar surrateiro e risinho velhaco espraiado no semblante jovial, dava trincos com os dedos para Satanaz, como quem dizia:

«Figas, demonio! Ao menos tirámos-te uma das garras, já está agora livre do teu caldeirão.»

Havia tal azafama no quarto interior onde o mirrado cadaver estava depositado, tal cantarola e reza porque nenhuma lingua estava ociosa, que a cabeça andava-me á roda, e fui refugiar-me ao pé do grão-prior; bem se via que não lhe era agradavel a assembléa; mas encolhendo os hombros dizia que era muito edificante, por certo muito, e que monsenhor Acciaoli fôra em extremo vigilante, em extremo activo, e merecia subido louvor, salvo o poder-se ter poupado similhante bulhaça.

Por algumas indicações que escaparam, não quero dizer a quem, vim a descobrir que o innocente anjo, agora na estrada real da felicidade eterna, não quizera passar por este mundo sem provar da taça do prazer, e vivera muitos annos folgadamente, não só com um galhardo moço solteiro da sua nação, mas com outros individuos, casados e não casados, do seu particular conhecimento. Comtudo, ella virou subito de bordo achando-se levada velozmente pela maré de uma rapida phtysica, e foi rebocada para o porto pelos conjuntos esforços do estalajadeiro irlandez e dos monsenhores acima nomeados.

«Oh! tres vezes feliz ingleza, (exclamou M—a), que fortuna é a tua! No outro mundo a immediata admissão ao paraiso, e n'este o teu corpo gosará a insigne honra de ser conduzido á sepultura por pessoas da mais alta jerarchia! Viu-se jámais tanta ventura?

A chegada de uma multidão de padres e sachristães, de tochas acesas e cruz alçada, nos chamava á scena d'acção. Mettido em ordem o acompanhamento foi conduzido o corpo, vestido de branco, n'um caixão forrado de côr de rosa com seis argolas prateadas, afim de se levar á mão. M. que detesta a vista de um cadaver, fazia-se vermelho até ás orelhas, e daria uma quantia para fazer uma retirada honrosa; mas, já nenhuma retirada era compativel com a piedade christã e viu-se obrigado a vencer a sua repugnancia e pegar a uma das argolas do caixão, outra foi encaixada na mão do notorio S. Vicente, outra coube ao pobre velho fanhoso conde de S. Lourenço, a quarta ao visconde d'Asseca, excellente cavalheiro, mancebo de exterior sincero, e a quinta e a sexta tocaram ao capitão mór de Cintra e ao juiz, sugeito de desagradavel aspecto.

Assim que o grão-prior pilhou fora da vista o livido semblante da defunta, que era levada pela escada abaixo do modo que deixo referido, fez uma tentativa para abalar e preceder em vez de seguir o acompanhamento; porém, Acciaoli, que fazia de mestre de ceremonias, não o deixou safar-se tão facilmente, distribuindo-lhe o logar mais honroso, logo adiante do caixão, collocando-se-lhe á esquerda, dando a direita a Mascarenhas.

Todos os sinos de Cintra repicavam, e á sua alegre toada iamos nós caminhando á pressa por meio de uma densa nuvem de pó, com uma canalha de rapazes a retouçarem por ambos os lados, e as avós manquejando atraz, rezando pelas contas, e de vez em quando arreganhando o resto da carcomida dentuça, a cochicharem aos ouvidos umas das outras sobre o seu triumpho contra o principe das trevas.

Felizmente o caminho para a egreja não era comprido, aliás a poeira nos suffocaria; o grão-prior conservando fechada a bocca não recebia uma particula d'ella; mas, Acciaoli e seu collega estavam de tal modo enfatuados com a sua afortunada empresa que não cessavam de palrar.

O pobre velho S. Lourenço, gordo, acaçapado e asthmatico, querendo tomar folego parava de vez em quando a descansar da jornada. Marialva, a quem a natural aversão a estes actos ainda mais lhe fazia pesada a carga, tambem não se lhe dava d'estas pausas.

Achámos todos os altares da egreja scintillantes com lumes, aberta a cova para receber o seu purificado habitante, e uma numerosa cohorte de padrecas saindo-lhe ao encontro. Á entrada cantaram muitissimas vozes juvenis de coristas o que o ritual prescreve no enterro das creanças de mâma ou de pouca edade, o incenso elevava-se em rolos ao ar, e brilhava alegria e contentamento em toda a congregação.

Susurrou outra vez o borborinho de applausos e congratulações recebidos por aquelles a quem mais cabiam com toda a affabilidade e até denguice. O ancião S. Lourenço atracando o grão-prior, erguendo-o ao ar nos braços, e borrifando-o de tabaco, pregou-lhe um forte espirro. O S. Vicente, assim que desceu á cova a defunta com as suas vestes candidas da innocencia, retirou-se com malicia, porque nunca estava bem na presença de seu cunhado Marialva. Quanto ao outro zeloso fidalgo a exaltação e triumpho lhe faziam ultrapassar os limites do decoro; escarneceu dos hereges com acrimonia, pintou com vivas côres a felicidade da convertida, e quando saíamos da egreja, gritou tão alto que o podessemos ouvir: *«ella agora está c...... para nós todos.*

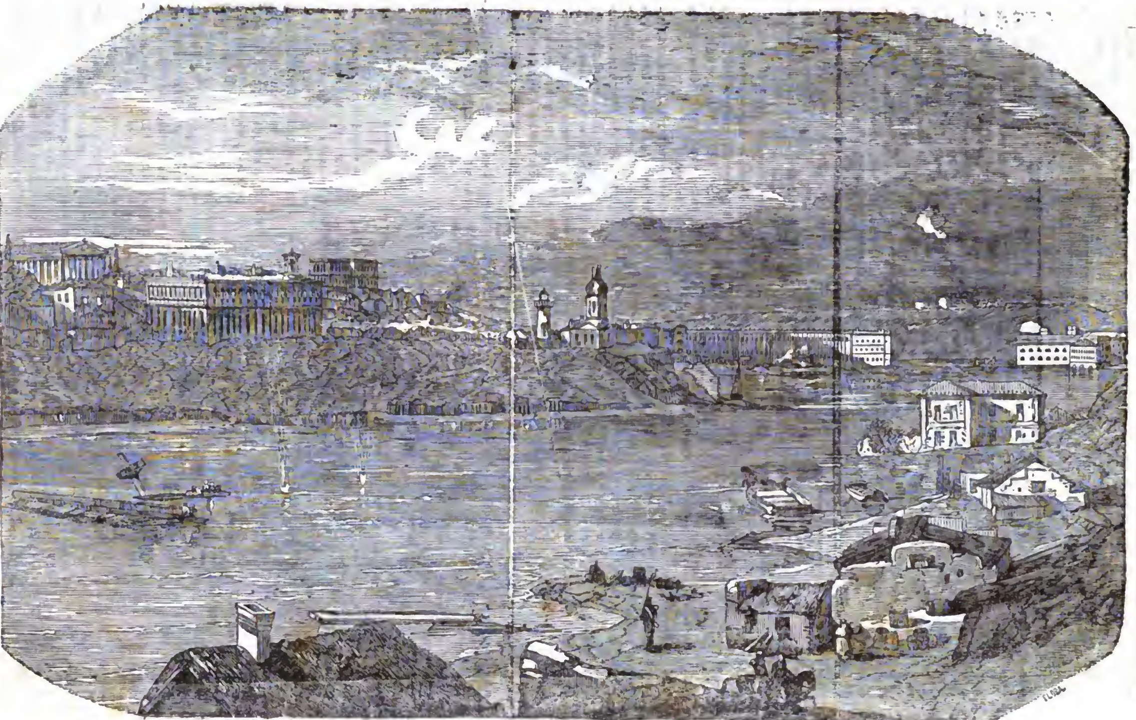
Concluida sua pia tarefa, os dois monsenhores nos acompanharam aos altos de Penha-Verde a respirarmos a frescura do ar á sombra dos resinosos e odoriferos pinheiros; e d'ahi voltando em nossa companhia ao Ramalhão participaram da merenda de gelados e doces, e fechou-se a tarde com discursos jucundos ácerca da scena animada que tinhamos presenceado.

M.

AVISO.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



VISTA DE SEBASTOPOLE TIRADA DAS MURALHAS DO HOSPITAL.

VISTA DE SEBASTOPOLE TIRADA DAS MURALHAS DO HOSPITAL.

Mr. Crowe, depois de tomada a praça, tirou esta vista, que, como mostra a estampa, é d'um effeito magnifico.

Todos conhecem os edificios de Sebastopole, porque bastante vulgarisados são os desenhos que os representam. Por isso nada diremos a seu respeito.

O templo, que se vê na extrema esquerda, foi incendiado por uma bomba russa disparada dos fortes do lado do norte Chamavam-lhe—*Templo de Theseu*. De forma rectangular, e cercado de columnatas da ordem jonica, estava situado no meio d'um formoso jardim.

Um correspondente do *Constitutionnel*, em Constantinopola, conta, em data de 30 de outubro do ando passado, o caso do incendio, lamentando a perda de tal edificio pela sua formosura exterior.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

III

A Camara do Pagem.

N'um dos mais aprasiveis e alegres aposentos dos paços reaes, n'uma galeria espaçosa e larga havia uma camara com duas amplas janellas. Os pannos compridos que cobriam as paredes, as cortinas de seda de Damasco que cobriam um catre de formoso relevo de bom custo, tudo dava claramente a demonstrar que era pessoa d'alta cathegoria quem habitava aquelles logares.

Era Martim Affonso pagem predilecto da senhora D. Leonor.

As argolas de ferro que estavam na parede para segurar os brandões pareciam querer mostrar que mais de sala que de camara tinha servido tal morada.

Os trastes eram de magestoso gosto, poder-sehiam dizer mesmo, d'elevado capricho.

Fôra a mulher viuva, ainda na vida do seu primeiro esposo, do senhor rei de Portugal que assim fizera ornar os aposentos de Martim.

As alcatifas custosas cobriam o soalho, os estofos de seda azul clara cobriam as almofadas das poltronas magnificas; resplandeciam vivos os cristaes, e as flores enchiam amplamente de perfumes este aposento real... na sumptuosidade.

Tinha já passado a hora da noa, e um joven que mais não poderia ter do que 17 annos, com uma tez branca e pura e linda, como d'uma circassiana delicada, com os olhos lindos, mas amortecidos, ou por soffrimento d'alma ou por dôres que lhe opprimiam o corpo, com a fronte encostada ao punho, descansava sentado na poltrona que se achava junto do bofete.

Os seus punhos de rendas finissimas caíam sobre a mão mais galhardamente formada pela dextra omnipotente. Que lindos e formosos cabellos loiros iam enlear-se ondulantes na garganta encantadora, e pender ainda, no veludo carmesim bordado d'oiro de que era feito o seu gibão.

O peito arfava apressado e suspiros suffocados se lhe escapavam do coração, até quando emfim, apertando juntamente as mãos que levantou aos ceos, exclamou como desejando erguer os seus lindos olhos do limpido azul d'um ceo d'abril ao firmamento azul tambem, e como desejando penetrar até á presença augusta do Senhor:—Meu Deus, ainda não.

E continuava depois—Pobre pagem, pobre louco, tenra flor cortada tão nova da haste que lhe deu vida; que tão cedo foste arremessada sem auxilio ao turbilhão da immensidade. Pallida estrella que brilhaste e que uma nuvem obscureceu.—E uma dôr mais e mais funda ia calando no animo de Martim, e com os olhos fitos na porta parecia esperar d'ali sómente a sua ventura, e no doloroso do seu sentimento profundo ainda proseguia elle.—Pobre que só tiveste por arrimo o velho que tratou da tua infancia!—E um remorso parecia desenhar-se-lhe na fronte em que transluzia a innocencia e a pureza—Longe da côrte e ao meu lado, meu bom pae, esquecia as desventuras, que outr'ora te ralavam! Ai! E chorava o formoso pagem da rainha pelas saudades do que amava como pae e que de tanto lhe servira.

Pagem, pagem, deixaste-o, nem sequer sabes seu nome, na sua hora extrema o ecco trará a palavra amarga, ingrato, ingrato!

Que faras?... ou antes... que fizeste?

Martim Affonso nada sabia do seu nascimento, devia a educação dos primeiros annos a um homem nobre que o tratara sempre como filho, e que elle abandonara no momento de ver nova cadêa que mais forte lhe prendera o coração.

O velho havia pintado ao mancebo que amava todo o perigo de chegar ao palacio da adultera, como elle chamava á viuva de D. Fernando, esforçava-se em que o seu educando não se perdesse no turbilhão de tantos desaires, que fugisse das vicissitudes do mundo, e todavia Martim tinha-o abandonado, tinha retribuido os carinhos paternaes com a ingratidão filial, e tinha-se lançado no redemoinho immenso da côrte do rei D. Fernando. Um astro novo tinha brilhado no ceo do pobre pagem.

Viu D. Leonor.

Acreditou-a um anjo, ou uma fada, ou uma estrella que viera das regiões da pureza para allumiarlhe o espirito.

Real corôa de formosura, dizia elle ainda dominado unicamente pelo amor, e esquecendo tudo que ha pouco tivera de remorsos, anjo d'encanto que com teu affecto m'enfeitiças a alma, vem, vem linda e meiga rosa.

Alguns instantes antes o reposteiro se erguera, e uma formosa mulher, vestida de negro da cabeça até aos pés, fitara os seus olhos no pagem, mas via-se n'esse olhar mais curiosidade do que amor, e avançando lenta e pausadamente, estendeu a sua formosa mão por sobre o hombro do pagem que a beijou como louco, e encostando a cabeça ao peito da sua amada, fitava voltado para traz, os olhos da mulher que amava.

—Minha Leonor, disse elle.

—Martim! disse ternamente a nobre dama assentando-se ao lado do mancebo, que delirante d'amor beijava de novo a sua mão de neve. Meu bello e encantador pagem, quero passar junto de ti alguns momentos, quero roubar o tempo a esse fastidioso conselho, e empregal-o em ver-te. E era suave e candido este fallar de D. Leonor, como se o anjo da pureza e da virgindade se acoitasse então na alma da mulher que abandonara o marido que a estremecia, o filho que no berço lhe estendia os braços, que se levantara no crime á voz do seu real amante, e que o avassallara depois ao seu capricho deshonrando-o pe-

lo affecto que vendera ao esposo de D. Mayor, todavia a rainha continuava ainda: — Quero ouvir dos teus labios uma nova certeza da tua dedicação! Olha, nunca chego a ti — era sublime pela grandeza amorosa, ou miseravel de hypocrisia a regente de Portugal — que não receie ver-te mudado.

N'esta hora parecia que o espirito de Martim Affonso sentira tudo quanto existe de doloroso no campo da vida moral, as cordas melodiosas da sua alma estremeceram pelo receio do seu extremoso encanto. Aos dezesete annos o amor é a existencia, o homem alevanta-se nos pensamentos magicos d'um futuro de felicidade, crê na mulher a quem diz entornando a alma nas palavras que profere, como pode crer no templo em que vira pela vez primeira a imagem d'um Deus, que fôra de seus paes: e animado pelo poder do sentimento, que não pela força de seu braço quebrantado na adolescencia, dizia então:

— E podeis recear do meu amor, senhora minha? Ai, que de bom grado morreria para ter um instante o prazer de ver-vos. Deixei o homem que de pae me servira logo que me dissestes, vem Martim Affonso, vem para a côrte. Repassado por um *delicioso pungir d'acerbo espinho* que na vida do coração escreve as paginas, sentia entrar-lhe no espirito toda a elevação do pensamento. Mulher, mulher, é só o vosso amor que me prende a vida, a esta pobre vida que parece querer deixar-me. Ah minha Leonor, meu anjo, anjo da minha guarda, desde aquelle dia em que pela primeira vez vos vi ao lado do senhor rei que em paz descansa, desde este dia entreguei sempre os momentos todos que Deus me concede para viver junto de vós.

Quem escutara e não conhecesse o animo da mulher do rei, e visse o enthusiasmo leal da alma do pagem, crera na candidez de tanto amor.

— Ninguem poderá separar-nos, dizia a real viuva dando ao seu rosto o brilhantismo com que o senhor sabe marcar os anjos do ceo, que por um mysterio insondavel é mil vezes a marca d'um reprobo.

— Aquella noite, continuava o amante apaixonado, quando eu senti bater de manso na minha porta, quando Vasco Martins por vossa ordem me facilitava os meios de vir para a côrte, eu que desde que vos vira ficara perdido e louco, crêde, — e era o symbolo da verdade o fallar do pagem — crêde, julguei-me presa d'um sonho. Aquelle homem adivinhara todo o meu pensamento. Jurei acompanhal-o. Voltou meu pae, contei-lhe a minha resolução.

Parou repentinamente e apertando meigamente a mão de D. Leonor, proseguiu:

— Occultei lhe todavia o meu amor. O velho ficou desesperado, louco, jurei-lhe que voltaria a vêl-o, repelliu-me, perguntei-lhe o seu nome para poder buscal-o, negou-m'o. Mas eu parti, — e fallava o mancebo endoidecido pelo phrenetico delirio do coração — deixei as terras onde vivera a infancia, deixei o pobre que de pae me servira, deixei-o no abandono e na dôr. Ai vêde, vêde, senhora, se eu vos amo.

E a sua voz fraca, pelo amor, cobrava alentos novos.

— Meu bom pagem, — retorquiu a mulher de João Lourenço da Cunha, cravando o seu olhar penetrante no coração novel do moço inexperiente, e lendo-lhe no coração eterno affecto, — eu te agradeço; e retribuirei em ternura tudo que te roubei d'essa amisade profunda.

— Agora pobre de mim, — continuou Martim Affonso, a quem só o poder d'uma affeição entranhada e delirante concedia forças; e como na grandeza de uma febre ardente a alma reune todas as suas forças e brilha meteoricamente para se apagar mui breve, assim nos delirios do seu amor o debil pagem se erguera energico e possante, — agora toco a felicidade porque aperto a vossa mão junto ao coração; e agora tambem que este pobre peito tão fraco mal me deixa fallar-vos, esse tanto sangue que a jorros tenho lançado pela bocca, todo me vem do coração.

E como os valentes e destemidos crusados ambicionavam curvar-se diante do sepulchro do Redemptor, assim o joven se curvava aos pés da sua unica senhora na terra.

— Minha Leonor, proseguia elle, vejo a sepultura aberta antes da edade marcada por Deus. Vejo declinar a lua e surgirem os raios do sol, escuto a vaga batendo contra a rocha que a espera, vejo aquelles passarinhos fendendo o ar — e erguia os olhos atravez das cortinas que pendiam dos frisos doirados de sobre a espaçosa janella — e conheço, Leonor, que tudo isto acabará para mim depressa.

— Não, não. Bradava a mulher real, em quanto elle escorregando pouco a pouco e ajoelhando-se completamente, lhe beijava de novo as mãos.

— Sim, exclamou o pagem, dentro d'um anno, nada mais verei, terei trocado talvez o ar embalsamado que respiro, pela pequenez do ataude, já o Redemptor me terá lançado sobre o funereo veo da morte. Oh! meu Deus! amor, esperança, porvir, tudo amarrado ao feretro.

— Martim, tornava Leonor que todos diriam perdida d'amores, tal não será... porque eu não quero, entendes?... quero que vivas para o amor e para a gloria.

E a cabeça formosa e bella de Martim Affonso descansava nos reaes joelhos da formosa e vencedora rival das nobres damas despresadas.

— Vós, dizia o desditoso, sois um anjo.

Um sorriso imperceptivel aos olhos d'um mancebo, e muito mais d'um mancebo enamorado, roçou levemente os delgados e vermelhos labios da que todos julgavam amante de Martim, e elle ouviu a sua idolatrada rainha dizer apertando-lhe a mão:

— Como estás fraco.

— Muito, muito, tornou elle.

Mas se debil começara, um como poder desconhecido o assaltou repentino e bradou em voz possante:

— Mas crêde, se o braço d'um bravo podesse arrojar imperios ao abysmo, se algum demonio maldito se votasse á vossa perda, crêde, que arrojaria imperios tambem, não acrediteis que podesse tremer nunca ao brandir uma espada. Oh! — e redobrava no poder e no valor que só pode nascer d'uma d'essas paixões de que se ri ao fugir da vida, mas que quasi sempre consome os annos em que se entra na existencia. — Os meus olhos jazem sem fulgor nem brilho n'este instante, mas scintillariam para abrilhantar o mundo, quando sorrisse pela convicção do teu amor, do teu amor todo meu... e uma duvida amarga roçava pela alma candida do pobre apaixonado, scintillariam quando um requebro namorado d'outros labios correndo aos teus ouvidos, corresse de passagem pelos meus.

O olhar fino de D. Leonor annunciava um pensamento fatal, não respondia uma palavra, escutava, observava apenas.

— Não creias, mulher, continuava elle, que este coração enfraquecido pelo soffrimento não pulse fortemente ao encarar-te, mulher anjo, que me enfei-

tiçaes a alma, que com o vosso halito perfumado me cobriste o pensamento do pensamento do remorso; porque por vós ousei crer-me feliz pelo amor da mulher do meu real senhor.

—Oh! atalhou D. Leonor.

—Bem sei, que sois sempre pura, mas não ousaria eu nunca pensar em denegrir a vossa alma. Eu quero o teu amor, esse amor do espirito em que a intelligencia triumpha da materia pelo impulso da consciencia. O nosso amor é santo, se não é sacramentado, não tem condemnação.

—É verdade. Balbuciou Leonor.

—Quem pode ver-vos que vos não ame? proseguia o pagem olhando fixamente os olhos negros de Leonor. Bem o sabia el-rei, pois quando pela primeira vez vos viu em casa da infanta, a senhora D. Beatriz, logo por vós morreu d'amores, por vós despresou a filha do rei d'Aragão, por vós despresou a filha do conde de Trastamara, por vós quebrou os laços d'hymeneo por vós, João Lourenço da Cunha...

A sua força fugia, e elle caía sobre uma poltrona não podendo o corpo com todo o infortunio d'alma, dizendo:

—Eu soffro muito!

—Cala-te, cala-te, disse Leonor soccorrendo-o, eu amo-te.

—A mim só? perguntou elle duvidando e querendo penetrar no coração da rainha. O conde de Ourem?...

—Tambem tu, replicou ella afastando-se, Martim, fallas d'esse homem? Não é mais do que um vassallo fiel que foi desconhecido pelo seu rei, acolheu-se a Portugal, D. Fernando protegeu-o como a muitos outros senhores castelhanos. Mantenho para com elle a protecção que dispensou meu real senhor e esposo, mais nada.

O rosto da mulher adultera era um reflexo da sua alma, deslumbrada pelo odio que lhe fervia no espirito, no entanto continuou:

—Esse povo, essa nobreza, porque falla contra mim? Que tem elles para attentar contra a honra da regente do reino?

—Attentar contra a sua honra?!... exclamou o pobre pagem. Não. E que o tentem!... eu saberei desmentil-os! Vós sois sempre santa, sempre virgem.

E elle passava do maior desespero ao mais vehemente delirio.

—Quero, disse elle socegando-se, pedir-vos uma graça, minha Leonor.

—Dou-te, bradou ella erguendo-se rapidamente, e como se um novo pensamento a assaltasse n'essa hora; ergueu-se como faria a onça esfaimada dos desertos d'Africa, avistando a presa que devoraria breve; e todavia um sorriso puro como devera ser o primeiro raio do sol ao sair das mãos de Deus lhe desenhou na fronte uma singeleza de anjo—dou-te a minha real palavra que cumprirei quanto desejas, mas hasde jurar-me que cumprirás tambem o que vou pedir-te.

—Juro.

—Muito bem.

E ella soltou um suspiro em que quereria dizer—*finalmente!*

—Que me quereis? continuou Leonor Telles.

—Que me façaes ver que não tendes, exclamou o pagem, vencendo um poder que lhe prendia a palavra ao pensamento, o minimo sentir d'amor pelo conde Andeiro.

—Juro. Disse sem hesitar a rainha.

—E vós, tornou elle, que quereis de mim?

A porta abriu-se, e João Fernandes Andeiro, entrando apressado, e mostrando no rosto medo ou terror, disse, curvando-se:

—Senhora D. Leonor, a segurança do reino exige que vos falle sem demora.

Martim não pronunciou uma palavra, sentara-se ao ver o conde.

D. Leonor, impassivel e socegada, partiu ao lado do proscripto hespanhol, que se inclinara na sua passagem.

A porta fechou-se. Martim ficou sósinho.

Continua.

F. Soares Franco, Junior.

UM BEIJO.

Perdi-te, archanjo, deixei-te,
Parti só. De magoa e dôr
Hade a ausencia rodear-te,
Pungir-me por meu amor!
Mas quiz a sorte! Saudoso,
Crua dôr é minha lei;
Lenitivo ao meu tormento,
A lembrança do momento,
Que o teu peito ao meu juntei!...
Em que te vi!... Por te amar
Te abracei ao peito meu,
Então Deus baixou do ceo
Nossa amisade a sagrar!
N'esse instante foi a vida,
Como rosa desprendida
Do regaço a Virgem mãe
Que me deu nova existencia;
Foi a voz da Providencia
Dando-nos vida tambem!
Tudo acabou. Resta ainda
A lembrança, que não finda
D'essa vida, e fogo e luz,
Resta a dôr da despedida,
N'um beijo que leva a vida
Deixando da vida a cruz!

Fui feliz!... O beijo santo
Teve o sello d'esse pranto
Que só vem do coração!
Que as almas nobres derramam
Quando tormentos as chamam
A cumprir triste missão
Que do ceo nos traz a palma
Que d'uma alma a outra alma,
Leva fogo d'um volcão!
Esse beijo, ó anjo, os laços
D'eterno affecto cingiu;
Duas almas em abraços
N'uma só alma fundiu!
Esse beijo, foi sagrado,
Como o da filha estampado
Na face morta da mãe!
Foi ardente enebriante
Como o beijo do amante
N'amante virgem que tem!
Quem sabe? Talvez a sorte
Me separe á voz da morte
Eternamente de ti?!...
Quem sabe se foi tal beijo
Derradeiro... e te não vejo
Nunca mais ao pé de mim?

Morrer longe?! Separado
Nem poder a ti ligado
Ao teu sepulchro baixar?
Na tua campa singela
Junto ao ente que te amar
Não te dizer — tambem vela
Por ti meu hymno christão!
E por ti uma oração,
Não ir, meu anjo, resar?!
E se eu morrer? No jazigo
Teu sentido pranto amigo
Nem minha alma acalentar?!...

É cruel, é triste a vida,
Pallida sombra vestida
Por mil pompas festivaes!
E n'um rapido momento,
Nos baqueia o pensamento,
A razão, a intelligencia...
E o que deixa a Providencia
D'essas luzes divinaes?...
Os andrajos da mortalha,
Um pobre pó que se espalha,
Um cadaver — nada mais!

Esse beijo não tem morte
Na vida do coração!
Leval-o d'esta alma, não!
Nem morre virgem o ecco
D'esse cadente suspiro
Que volveu rapido gyro
Do teu ao meu coração!
Se ficar só... se orgulhosa
A morte ceifar a rosa
Da tua vida em botão!
Morrerei!... Deus m'o revela,
Mas no raio d'uma estrella
Te verei de novo então!
Verei, sim, que já um anjo
Foi a Deus perdão rogar,
Porque o pedir d'um archanjo
Meu indulto hade alcançar!
Hade sim, porque na vida
És estrella reflectida
Da fronte do Senhor Deus!
Então seremos felizes
Em aromas e matizes
Vae a vida então correr!
De ternos santos abraços
Hãode eternos ser os laços,
Eternamente a viver!
Rasgados da vida os veos
Paga Deus em recompensa
D'este amor, e d'esta crença
A vida santa dos ceos.

Lisboa, agosto de 1854.

F. Soares Franco, Junior.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

A fabrica do Collegio continuou-se vagarosamente até se acabar o comprimento dos dois corredores para domicilio dos padres que ali se occupavam em reger as cadeiras, e em prégar.

O cardeal D. Henrique queria que houvesse no Collegio sessenta padres, porém diz a chronica manuscripta que até áquella epoca isso não fôra possivel, «porque o rendimento, que se havia de applicar ao acabamento e perfeição d'aquella grandiosa fabrica, se tinha gasto em pagar redditos das dividas que contrahiram para acudir aos empenhos de quem não só lhe não satisfez ao que por elle pagou, mas nem de algum modo lhe agradeceu.»

Era por isso que n'aquelle tempo se achava o Collegio sómente com os dois corredores, com que teve principio, na extensão cada um de seiscentos e dezesete palmos e meio, com proporcionada largura e altura, como ainda hoje ali se vê nos que correm de nascente a poente.

No comprimento de cada um dos dois corredores se contavam vinte e dois cubiculos, com seus portaes de pedra de cantaria, e do mesmo modo as guarnições das janellas, sendo divididos por paredes de pedra e cal, com grossura sufficiente para se não ouvir n'um o que se fallava no outro.

As portas, janellas, e forro dos cubiculos eram dè madeira de bordo, muito bem lavrada, como ainda hoje se admiram no hospital de S. José.

Além d'aquelles cubiculos havia cinco quadras com capacidade para cubiculos, o que effectivamente se levou depois a effeito.

Uma das quadras tinha grande e formosa janella, guarnecida de boa pedraria, com assentos da mesma, servindo para dar luz e claridade ao corredor, e os moradores do Collegio lograrem sua desaffrontada vista sobre a cidade, cujo formoso panorama d'ali descobriam.

Ora como os padres tinham costume de não admittir nos cubiculos as pessoas que os procuravam, serviam aquellas quadras e os assentos das janellas para ali lhes receberem as visitas, e com ellas fallarem.

A portaria e a escada que subia para os corredores eram em tudo magnificas, e correspondentes á sumptuosidade que temos descripto.

A sua livraria era uma das melhores que havia nos conventos de Portugal. Esta foi obra moderna, porque primeiramente os padres se serviram de uma muito inferior.

O pateo dos estudos seguia da outra parte do frontispicio da egreja, e acompanhava o terreiro da mesma egreja, á mão direita da porta a quem n'ella entrava.

O procurador de toda a provincia de Portugal, e o seu companheiro, que assistiam aos negocios dos collegios tanto do reino, como ultramarinos, tinham assento n'este de Santo Antão.

Estes collegios ultramarinos eram quatro: um na ilha da Madeira, outro na Terceira, e mais dois em S. Miguel e no Fayal.

Era egualmente subjeito á provincia de Portugal o que se creou na cidade de S. Paulo de Loanda, reino de Angola.

Além d'aquelle procurador e seu companheiro, mais residiam tambem no Collegio outros dois padres que tinham á sua conta comprar o provimento que todos os collegios do reino e ultramarinos pediam, e tambem a seu cuidado fazer a matalotagem para os que embarcavam com destino aos sobreditos collegios.

Assistiam tambem n'esta casa um procurador das provincias da India, com seu companheiro, e um

padre da provincia do Brazil, egualmente com seu companheiro. Estes tinham o cuidado de recolher, despachar, e vender as caixas de assucar d'ali remettidas, para com o seu producto se enviar áquelles collegios o que requisitavam.

Por hospedes certos tinha sempre a casa de Santo Antão todos os que se embarcavam para as missões da Companhia.

Cabe aqui, para mostrar a grandeza d'este Collegio, apresentar um excerpto da *Corographia Portugueza*, que vem confirmar quanto temos dito:

«Tem este Collegio doze mil crusados de renda, com a terça da collegiada da villa de Ourem (que era da mesa pontifical) que lhe deu o cardeal D. Henrique, sendo arcebispo de Lisboa, a qual importa hoje dois mil crusados, e com mais tres quintas mui rendosas, que são a de Caniços no termo de Torres Novas, a de Val do Rosal na freguezia de Nossa Senhora do Monte, e a de Xabregas; e lhe rende a Vigararia de Nossa Senhora da Serra, que está no logar da Enxara do Bispo, mais tres mil crusados, e ficam trezentos mil réis para o vigario... Ha n'este Collegio onze capellas, duas de cincoenta mil réis, e duas de quarenta, que apresenta a casa da Misericordia, duas de vinte e cinco mil réis, que apresenta o reitor d'esta casa, uma da irmandade de Santa Luzia, de quarenta mil réis, outra da confraria de Santo Antão, da mesma renda, outra de Nossa Senhora da Piedade, de quarenta mil réis, outra de trinta mil réis, e outra de trinta e seis mil réis, pela condessa de Linhares.»

E no *Mappa de Portugal*, por J. B. de Castro, se diz o seguinte com que se comprova o estrago que o terremoto fez n'este sumptuoso edificio:

«Via-se este convento e Collegio sumptuosamente renovado, e augmentado em primorosa sachristia, excellentes torres, espaçosos dormitorios, e em todas as mais partes que ornam um magnifico artefacto, tudo por actividade do padre João Baptista Carbone, jesuita napolitano, a quem D. João v muito estimava, o qual sendo reitor do dito Collegio, falleceu aqui a 5 de abril de 1750.

«No terremoto precipitou-se o zimborio da egreja, ficando esta em muitas partes arruinadissima, e uma das suas torres. O mesmo estrago experimentou o convento, principalmente o dormitorio que caía para a parte das classes.

«Foram os padres refugiar-se na cerca, na qual se abrigou tambem innumeravel povo, e fazendo varios abarracamentos para seu commodo, e uma egreja de madeira, ali se conservaram em quanto não foram expulsos de todo.»

Este dormitorio que caía para a parte das classes era o das aulas de moral, mathematica, philosophia, latinidades, e theologia.

A torre de que acima se falla foi a que depois se demoliu, e de cujas pedras se afeiçoaram os pedestaes em que se collocaram os apostolos que hoje estão á entrada do hospital.

E para concluir agora, deixaremos enumeradas as casas que a companhia possuia no reino, e das quaes temos de tratar seguidamente.

NOMES.	TERRAS.	FUNDAÇÕES.
Santo Nome de Jesus	Coimbra	1542
Espirito Santo — (Universidade)	Evora	1551
Santo Antão	Lisboa	1552
S. Roque—Casa Professa	Lisboa	1553
S. Paulo	Braga	1560
S. Lourenço	Porto	1560
Santo Nome de Jesus	Bragança	1561
S. Patricio	Lisboa	1593
Assumpção de Nossa Senhora (Noviciado)	Campolide	1597
(Segunda Fundação)	Cotovia	1603
Santiago Maior	Faro	1599
N. S. da Purificação	Evora	1577
N. S. Madre de Deus	Evora	1583
S. João Evangelista	Villa-Viçosa	1601
S. Sebastião	Portalegre	1605
Conceição de N. S.	Santarem	1621
Santiago Maior	Elvas	1644
S. Francisco Xavier	Setubal	1655
»	V. N. de Portimão	1660
»	Beja	1670
»	Lisboa	1679
N. S. da Nazareth (Noviciado)	Lisboa	1705
Santos Reis	Villa-Viçosa	1735
Santissima Trindade	Gouvea	1739

RESIDENCIAS.

SITUAÇÃO.	SUBJEIÇÃO.	DIOCESES.
Barrocal	Evora	Evora
Canal	Coimbra	Coimbra
Canissos	Santo Antão	Lisboa
Carquere	Coimbra	Lamego
Fassalamim	Evora	Coimbra
S. Fins	Coimbra	Braga
S. João de Longos valles	Coimbra	Braga
Labruja	Santarem	Lisboa
Nossa Senhora da Lapa	Coimbra	Lamego
Monte Agraço	Evora	Lisboa
Monte da Barca	Evora	Evora
Paço de Sousa	Evora	Porto
Pedrozo	Coimbra	Porto
Pernes	Santarem	Lisboa
Roriz	Braga	Braga
Valbom	Evora	Evora
Villa Franca	Coimbra	Coimbra

Dissemos acima não ter encontrado noticia do architecto do templo do Collegio. Assim é. Consta que da primeira egreja, e do edificio foi Balthasar Alvares, e parece que para a perfeição com que se rematou a segunda egreja, e o resto do edificio, no tempo d'el-rei D. João v muito concorreu o celebre Ludovice, que era intimo amigo do padre Carbone, e foi quem o apresentou ao mesmo monarcha para a grandiosa obra de Mafra.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

Para dar culto a Deus serve de templo a natureza inteira.

—

Pensamos que os prazeres matam o tempo; e é o tempo que mata as paixões.

—

Falta o tempo a quem não sabe aproveitar o tempo.

—

O tempo vae a passo, mas não descansa, nem dorme. Aphorismos—Moraes de Carvalho.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

Drama original em 5 actos

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação.

IV

Aurelio — Esta epoca de commercio infinito em que todos vendem... ou se vendem para poderem comprar era personalisal-a... idealisando-a.

Acto iii — Scena x.

Ao subir do panno no começo do terceiro acto, encontramo-nos em casa de Aurelio ainda, mas n'um baile. O fausto corresponde á reputação e ao conceito do Amphytrião e a pompa ostenta-se com todo o esplendor.

Calcaterra, o alma damnada d'aquelle homem, o seu *factotum* e intendente, tem-se multiplicado para acudir a todas as necessidades, tem-se reproduzido em toda a parte.

Aqui é mister occorrer ás despezas da festa, aos ornatos das salas, aos convites dos concorrentes, ao serviço da copa, ao arranjo dos musicos; além á descarga dos navios de escravatura, á classificação e divisão dos escravos e ao passar da moeda falsa. E seu amo ausente, e elle sósinho, com a energia e o interesse por companheiros unicos!

Em quanto passa em revista os diversos assumptos, que lhe reclamavam a attenção; em quanto attenta nos perigos a que está subjeito como traficante de escravos e passador de moeda falsa; esvoaça-lhe pela mente, como ave agoireira a horas mortas por logares profanados, uma prophecia tremenda, que, ha pouco, ouviu a Berenyce, a negra protegida da senhora, que depois da partida de seu amo não abandonou ainda aquella casa.

Velada e tetrica como visão pavorosa perpassa pelas salas, entrecorta as festas com as suas predicções agoireiras, mistura ameaças com os ruidos das festas, como o veneno dos Borgias com os licores dos festins, e, á maneira do cadaver egypcio, vem fallar de mortes e ruinas, quando a vida é mais intensa e as esperanças erguem mais alto os seus phantasiosos castellos.

E deixam-n'a decorrer tranquilla, e supportam-lhe os seus desvarios lugubres, e consentem-lhe os seus tremendos vaticinios! Porque será!?

Nem Calcaterra, nem pessoa alguma da casa o sabe, e os tres, que poderiam explicar tão incomprehensivel mysterio, não são os que menos interessam em conserval-o recatado.

Um d'elles se avisinha abatido e triste. É Aurelio, que vem pedir contas ao mordomo do que tem feito na sua ausencia.

A duvida começa a minar-lhe a alma de bronze, e á maneira do musgo secular que se introduz pelos intersticios das cantarias monumentaes, deslocando-lhes o cimento e alluindo-lhes a construcção, caminha tambem a passos lentos e pausados, sem que por isso a sua potencia destruidora perca o vigor, ou os seus estragos sejam menos certos.

Pela primeira vez na sua vida, aquelle homem tem medo; e elle, o genio da descrença, que a tudo se arrojara, receia progredir.

É que o passado lhe apparece accusando-o e estendendo-lhe um veo funebre sobre o futuro; é que pela primeira vez na sua vida, elle, que tinha proseguido, como a tempestade, sempre avante, suspende-se na carreira de crimes, lança a vista para o sangue que lhe mancha a esteira, para os attentados, que lhe marcam o transito, e treme. Quasi a realisar o seu doirado sonho, receia, examinando-lhe as bases, vendo-as carcomidas pelas iniquidades, corroidas pelas infamias, que não possam sustentar o peso de milhões que lhe pretende sobrepor.

N'este momento de angustia apparece-lhe a negra prophetisando-lhe agoiros ruins, repetindo-lhe em alta voz o que a sua consciencia lhe segredava n'alma. E depois, as festas, os convidados, a concorrencia, a necessidade de apparecer satisfeito, e de apparentar alegrias que estão bem longe d'elle!

É n'este momento que em leves traços nos esquissa o autor um esboço da sociedade brazileira, e passando rapidamente do drama á comedia vem-nos apresentar as *preciosas ridiculas*, os deputados, os ministros, os diplomatas, os capitalistas, como elles o são no Brazil e como o devem de ser em toda a parte. Tudo, até o empregado da policia secreta, que por alicantinas e tretas tem servido em Portugal a todos os partidos, que, comprehendendo a epoca e paraphraseando o Jano mythologico, tem tido sempre dois rostos apparelhados: um carrancudo e severo para o poder que descae; outro, prasenteiro e servidor para o poder que nasce. Tudo, até o simplorio e boçal minhoto, que, enlevado em fortunas phantasticas, se embevece espavorido nos luxuosos saraus, e nas faustosas galas, em que não descortina a fraude e a falsificação.

Estes dois ultimos são aquelles com quem deparámos no primeiro acto: o andador e o aspirante a deputado, que, apesar de modificados em parte, conservam todavia os resaibos e tendencias da natureza antiga.

Desejariamos, e perdoe-nos o autor, que apesar do atticismo das expressões, a nosso ver mal collocadas na bocca do espião, apesar do epigramma acre, mas bem merecido, não descaisse por vezes na vulgaridade, e que as censuras severas e justas na verdade, não fossem, como por vezes o são, triviaes; porém a culpa não é do escriptor, mas dos homens e dos vicios, que por vulgarisados exigem um correctivo, que a todos lembra, e que todos, mais ou menos, lhes tem applicado.

A fortuna de Aurelio tem-lhe acarretado invejosos. A rapidez com que a adquiriu tem suscitado suspeitas, e o Argos da actualidade, que se acoberta com o modesto titulo de policia, tem começado as suas investigações. O nosso conhecido andador, e actual espião está encarregado d'esta diligencia, e não tardará que nos dê provas da sua pericia e mestria n'este novo emprego.

Entretanto os convidados abandonam a sala em que a scena se passa, e vão para outras mais afastadas matar o tempo em danças e requebros; a policia urdindo a sua têa, como a aranha dos palacios, entre as festas e entretenimentos vae dispondo os seus tenebrosos fios; duas mulheres, Berenyce e Emilia, fortalecidas pelo amor que professam a Aurelio, buscam contraminar os projectos, que tendem a castigar o seu apaixonado; e este, entregue ás suas meditações, e estranho ás alegrias dos outros, sonda a

profundidade do abysmo, que tem cavado e treme ao aperceber-lhe a grandeza.

N'este monologo magistral está perfeitamente desinvolvido o caracter de Aurelio: sem elle o poema ficaria incompleto, e o contraste, em que se firma, sem um dos pontos de comparação.

Apresentados os opprimidos, reconhecida a escravidão, presenceadas as suas desgraças e affrontas, apreciados e apontados todos os soffrimentos d'essas raças infelizes, era mister devassar tambem os reconditos escaninhos d'esse outro typo, que em si e só por si representa a oppressão e a tyrannia. Cada um dos outros personagens traduzia uma das phases, uma das feições da escravidão; este resume o dominio, a prepotencia, a traficancia de todas as eras. Aquellas, cada uma em si, os calamos da espiga, que hãode constituir o molho; este, a foice, que as vae ceifar. Aquellas o bom principio, justo, mas subjugado; este o mau principio, injusto, mas subjugando.

E n'esta luta, que em todos os seculos tem transparecido, para a qual em todos teem havido lutadores, está o principal pensamento do drama e o seu maximo interesse; e n'este monologo, em que Aurelio se desmascara, interrompido pelas danças que a todo o momento vem distrahir das suas cogitações, está o desenho do mundo, como elle é, cheio de iniquidades e padecimentos atrozes uns e outros, mas corados e doirados uns e outros tambem pelas alegrias mentidas, pelos fingimentos estudados, e pelas apparencias de deleite e de encantos.

Que elle hade ser sempre como o fructo da arvore ou o calice da flor dos tropicos, que debaixo de um aspecto encantador occultam o veneno, ou o reptil mortifero.

Aurelio tinha-se arrojado a crear do nada uma fortuna; tinha aspirado a lutar com a sociedade e com o mundo; tinha pretendido sacrificar tudo aos seus planos; e já prestes a conseguil-o, era mister, para que fosse o quadro verdadeiro, para que a experiencia podesse aproveitar, que o mundo e a sociedade reivindicassem os seus direitos, e que o rochedo de Prometheu, ou o baratro de Satanaz, personificações imaginosas do orgulho que duas religiões nos legaram, lhe castigassem o illimitado arrojo, e lhe empecessem os planos criminosos.

Era mister que se visse o quanto se pode descer, ao pé do quanto se pode subir; que o valle apparecesse ao pé do monte, e as trevas ao pé da luz.

E assim se fez. Quando ia colher o fructo d'essas sementes malditas, que tinha regado com sangue e lagrimas; quando ia ser, pelo dinheiro, dono de tudo, senhor de todos; é quando o veem prender por falsario e negreiro, é quando lhe veem trocar pelos esplendores da opulencia, o carcere dos criminosos.

E as danças recrescem nas salas, e os pares arrebatados pelo turbilhão da valsa doidejante, veem passar pelos mesmos logares d'onde, ha poucos instantes, Aurelio foi levado para soffrer o castigo das suas culpas, e pagar na prisão os cabedaes, que á custa de crimes tem accumulado para poder dar esses risonhos saraus e banquetear os seus levianos hospedes.

As palmas espontaneas que coroaram este final provam bem ao autor que a platéa attingiu a alta philosophia d'este contraste, e que elevando-se á altura do poeta, comprehendeu que grande lição recebia sobre os desenganos do mundo, n'aquella prisão no meio do baile, n'aquelle baile, que se succede á prisão, como dois astros, que, pertencendo ao mesmo systema, descrevem orbitas distinctas, aproximando-se por momentos, mas afastando-se depois cada vez mais para seguirem a estrada eterna, que lhes traçou o Creador.

Continua. R. Paganino.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Continuação.

Abu-Baker-Mohamed-Ben-Iahia-Ben-Asaieg, vulgarmente Ebu-Bageh. Arabe saragoçano, que morreu em Fez no anno 1138, deixando escriptas umas observações sobre os livros de plantas de Aristoteles, além de ter commentado os seus livros de animaes.

Abdalla-Ben-Ahmad-Dhiaeldin, chamado Ebu-Beithar. —Arabe de Malaga, que morreu, segundo uns, na sua patria no anno 1216, e conforme outros em Damasco no anno 1248. Foi habil botanico, e diz-se que não só estabeleceu uma classificação philosophica das plantas, senão que averiguou as virtudes de muitas. Viajou muito para adquirir maiores conhecimentos, e cresceu tanto a sua reputação medica que as academias do Egypto o tiveram pelo primeiro medico do seu tempo, e em Damasco foi accumulado de honras, chegando a ser grã-visir.

Escreveu varias obras de medicina, uma d'ellas sobre as virtudes das hervas, outra sobre os limões; mas a que mais denuncia seus conhecimentos botanicos, é a destinada ao estudo dos medicamentos simplices. O livro dos limões foi traduzido em latim por André Alpago, impresso em Veneza em 1583, e depois corrigido e annotado por Pablo Villarlenghi em 1755.

O tratado ou collecção de medicamentos simplices conserva-se manuscripto na bibliotheca do Escurial (Hespanha). Está disposto por ordem alphabetica e contém muitos nomes vulgares de plantas, com as indicações ácerca dos logares onde nascem, achando-se descriptos n'esta obra muitos simplices desconhecidos antes, e que julgaram descobrir viajantes posteriores a Ebu-Beithar. Talvez que seja a mesma obra, ou um compendio d'ella, a publicada com o titulo de *Elenchus materiæ medicæ Ibu Beitharis;* mas ainda que aquella fosse traduzida em alemão por Soudtheimer e fosse impressa em Stuttgard no anno de 1850, Banqueri teve á vista o manuscripto quando traduziu o livro de agricultura de Ebu el Awam, e Asso, no prefacio das *Hispaniensium epistolæ*, indicou e interpretou alguns dos nomes arabes das plantas mencionadas por Ebu-Beithar.

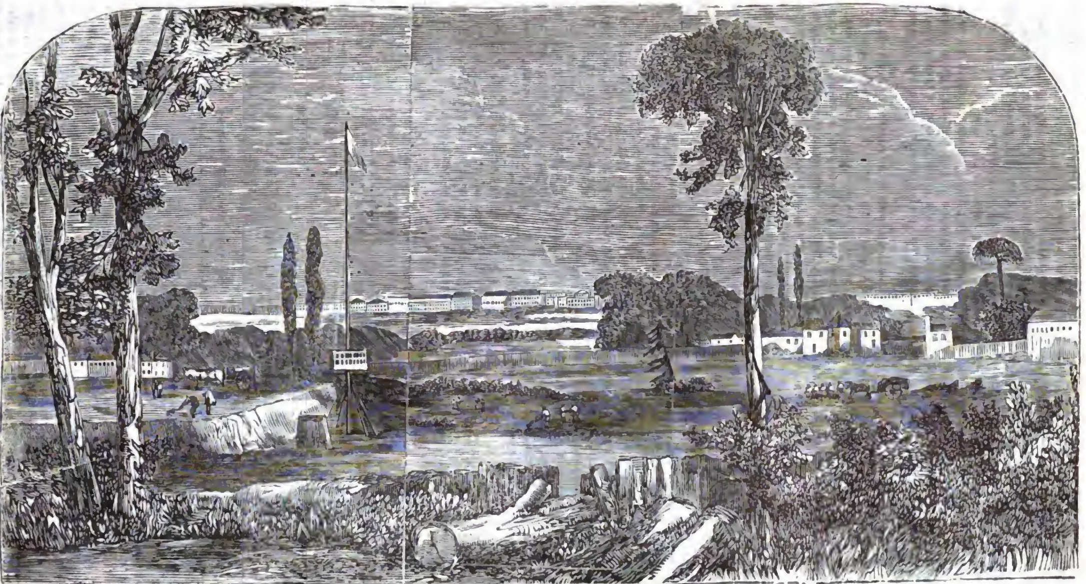
Joleus-Joli.—Arabe de Toledo, que escreveu pelo anno de 1259 um livro sobre as virtudes de muitas plantas.

Abdalla-Ebra-Baccal.—Arabe de Toledo, que foi medico e escreveu um livro de agricultura no anno de 1569.

Ali-Ben-Mussa-Ben-Said. — Arabe de Alcala la Real, que morreu no anno de 1286 deixando uma obra de historia natural.

Continua.

A sciencia é como a alampada sepulchral: esta mostra a grandeza das sombras, aquella a da nossa ignorancia.



VISTA DE KENSINGTON.

VISTA DE KENSINGTON.

Este desenho é tirado nas fazendas de Kensington-Gore, e sitio destinado para a galeria nacional de pinturas. Kensington é uma parochia de Inglaterra, distante de Londres uma legua escassa, onde ha uma casa de campo e palacio real com uma grande tapada, e onde existia já uma escolhida collecção de quadros. Ali se vêem egualmente muitas e bellas residencias campestres de particulares, entre outras Holland-house, onde morreu Addisson, autor da famosa tragedia de «Catão», e distincto collaborador do «Spectator».

M.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

Continuação.

IV

O CRIME PELA CORÔA.

N'uma espaçosa sala do palacio D. Leonor e o valido conversavam baixinho; parecia que algum tempo tinha decorrido desde que fôra encetada esta pratica, ou acalorada devia ter sido, porque no rosto da rainha traduzia-se uma desesperação profunda, apesar de na cara d'uma hypocrita indifferença desejar mostrar tranquillidade.

—Sois um bravo, senhor conde. Dizia a mulher ambiciosa, que nada pouparia para morrer cingindo a fronte pelo regio diadema, e repassando as suas palavras pelo mais pungente sarcasmo.—É pois uma mulher que lhe compete dar coragem ao seu destemido campeão.

—Sabei que eu...

—Sois fraco.

—Morreria.

—Por vencer.

—Mas...

—Nunca por lutar.

—Todavia, senhora, bradava o conde, conduzindo D. Leonor á janella que lançava para a fachada do palacio; olhae.

—É o Mestre. Disse tranquillamente Leonor.

—Acompanhado de muitos.

—Cumprem as minhas ordens. É o seu dever.

—Mas não temeis?...

—Nunca. Vou ao conselho; ide ordenar os archeiros da minha guarda, e ponde-os de modo que ao primeiro alvoroto a minha segurança nada perigue.

—E se o Mestre recusar?

—Deixae, tornou ella; D. João é ambicioso, o governo da provincia do Alemtejo deve dar-lhe um excessivo prazer, partirá...

—Não sei.

—Veremos.

—Todavia, continuava Fernandes Andeiro, olhando ainda o Mestre que esperava a hora designada para o conselho, de que não conhecia a causa; D. João d'Aviz é o verdadeiro senhor do reino; vêde-o orgulhoso no meio da rebelde nobreza de Portugal, senhora D. Leonor, tudo isto annuncia...

—Que o meu poder vacilla.

—É por nós que eu tremo.

—D. Leonor nunca tremeu diante do perigo.

—Deus vele por vós, senhora.

—Hade velar. Dae-me o pergaminho que sabeis...

E João Fernandes Andeiro tirou d'um armario encravado na parede um largo pergaminho com os sellos portuguezes, que entregou á rainha.

—Mandae, disse ella, guardando o pergaminho, mandae reunir o conselho.

O conde saiu.

Leonor que ficava só acompanhou-o com a vista, e um despreso aviltante parecia a paga unica da sua dedicação por ella; sentou-se, e revolvendo no pensamento o que ha pouco passara com o pagem, disse:

—É um pobre instrumento da minha vontade, mas fraco como é pode pôr por obra uma vingança. E passando do odio que a vingança inspira, ao remorso com que Deus pune os maus nas horas da solidão, torcia violentamente as mãos, bradando:—Pobre insensato, crer no meu amor, porque não compro por oiro este delicto, em vez de o comprar pelas manchas do sentimento?—Mas erguendo-se, e repellindo tudo que parecia reviver de nobre na sua alma pervertida, exclamou, passando a mão pela fronte:—Não heide recuar! O teu futuro, Mestre d'Aviz, hade escrevel-o o punhal do meu pagem. Quem duvidar da minha realeza heide abater-lhe o poderio com o sceptro do vencedor de Silves!—E topando n'este instante com o diadema que lhe cingia a fronte, continuou, sorrindo aprasivel:—Minha corôa, minha corôa, que tão formidavel combate hasde custar-me, só te largarei, largando a vida. Desgraçado do que duvidar que eu sou rainha de Portugal!

D. Leonor sentiu passos que se aproximavam, correu á porta, ergueu o reposteiro, era um pagem que prevenia que os senhores e cavalleiros esperavam sua real senhoria.

Alguns instantes depois, na sala do docel, a rainha D. Leonor estava cercada da boa gente portugueza, e apresentava ao senhor D. João d'Aviz o pergaminho de sellos pendentes.

Continua.

F. Soares Franco, Junior.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XIX.

ANECDOTAS DO CONDE DE S. LOURENÇO. — O CONSUL HOLLANDEZ. — CEIA LUGUBRE.

Os principaes personagens que tão piamente se distinguiram hontem jantaram comigo n'esta abençoada tarde. O velho S. Lourenço tem prodigiosa memoria e a imaginação escandecida, ainda mais exaltada por um leve toque de loucura. Apresenta-se perfeitamente conhecedor da politica geral da Europa, e posto que nunca desse um passo fora das raias de Portugal, narra tão circunstanciada e plausivelmente os modernos successos, e a parte que elle proprio desempenhou no congresso d'Aix-la-Chapelle, que eu caí no logro e acreditei, emquanto não me informaram do segredo, que elle effectivamente presenceara o que só tinha sonhado. Não obstante a subida graça em que estava para com o infante D. Pedro, o marquez de Pombal o havia encarcerado com outras victimas da conspiração do duque de

Aveiro, e por dezoito tristissimos annos achou-se a sua idéa activa reduzida a se alimentar dos seus proprios recursos.

Pela exaltação da rainha actual saiu solto, e encontrou participante do throno S. A. R., seu intimo amigo; porém, vendo-se recebido friamente, e posto de banda com vilania, arrojou a chave de camarista, que lhe haviam mandado, a um logar pouco limpo e decoroso, e recolheu-se á casa religiosa das Necessidades. Certificaram-me que não houve meios que o rei não tentasse para o afagar e lisonjear; mas todos foram infructiferos. Desde esse periodo, posto que largasse o convento, nunca appareceu na côrte, e recusou todo o emprego. Agora só a devoção lhe absorve a alma. Excepto quando lhe tocam na corda da prisão e do marquez de Pombal, acham-no placido e rasoavel, como hoje o achei extremamente, e com carradas de mui instructivas e divertidas anecdotas.

Tomado o café, a minha companhia estirou-se toda ao comprido e do modo mais commodo, uns na esteira, outros nos sophás, para realentar o espirito, supponho eu, depois das piedosas lida e enthusiasmado prestito do dia antecedente; venci do Marialva que me acompanhasse a casa de Guildmeester, com quem fomos dar n'um vasto, mas desencadernado salão, e os seus *sapos* acaçapados á redi de si. Serviu-nos excellente chá, alambazadas fatias de pão de mistura e manteiga deliciosa, fresquinha d'aquelle dia, e manipulada segundo o genuino e invariavel modo hollandez.

D. Genoveva, o sapo passivo e camareira, é uma velha do feitio de um poial, com uma cabeça de pião e um par de beiços grossos, placida, risonha e benevola: miss Coster, o sapo activo, havia de ter sido bonita ha uns poucos de annos, faz o chá com todo o decoro, fecha as portas e abre as janellas com sciencia, e já tem bastante que allegar quando pode repotrear-se na sua cadeira.

Apenas tinhamos começado a comprimentar a dona da casa ácerca do completo resultado da sua creação de vaccas, veiu o consul e sua velha mulher com muitas mesuras e saudações trazendo uma gamella envernisada, onde brilhava com profusão um copioso thesouro de diamantes tanto brutos como lapidados, fructo de seu famoso e mui lucrativo contracto no tempo do Pombal; alguns dos maiores fazia elle empenho em que Marialva os recommendasse á rainha, e disse-me ao ouvido que tambem estimaria que eu desse algumas palavras a seu respeito.

Fiquei estupefacto, e o marquez deslumbrado com aquelle esplendor e riqueza; voltou para o seu gabinete interior sem lhe reviverem as esperanças, e nós saimos.

Adiantava-se a tarde, e um nevoeiro com seus borrifos toldava os pincaros penhascosos da serra de Cintra; isto, porém, não nos impediu de ir a casa de mr. Horne. Passámos por debaixo de arcadas de ulmos e castanheiros, cuja ramagem humedecida exhalava o cheiro refrigerante das mattas. Dissipados os vapores exactamente quando desembocavamos da sombria avenida, apparecia a torrinha do convento da Pena, debilmente tinta com os ultimos raios do sol, e afigurando-se-nos, como a arca no monte Ararat, n'um mar de nuvens ondeantes.

Em casa de Horne, Aguilar, Bezerra, e a companhia do costume, achavam-se reunidos. O marquez, assim que desempenhou as suas complacentes e alcatrusadas cortesias para a direita e para a esquerda, retirou-se á sua quinta; eu tomei Horne na minha carruagem até á residencia da senhora Staits, pessoa baixinha, de cintura delgada e esbelta, de olhar damninho, porém nada desagradavel, nem de coração deshumano; fazia annos n'esse dia, e havia congregado a maior parte dos inglezes, que estavam em Cintra, n'um jardim humido de setenta pés de comprido por trinta e dois de largo, illuminado com trinta ou quarenta lampiões. A dama Guildermeester ahi estava coberta de diamantes, reluzente como uma estrella no meio da sua obscura atmosphera. Tivemos uma funebre ceia fria debaixo de uma barraca á imitação de gruta.

O marido de mrs. Staits, bem disposto e de boa feição, deu-me logar junto de mrs. Guildermeester, que se divertiu soffrivelmente á custa do festim. A apparencia subterranea da barraca, a luz desmaiada dos escassos lampiões, e a fragrancia de um prato de camarões grandes e *mais do que maduros*, me suggeriram a idéa de estar morto e enterrado. — «Ai! (disse para a minha amavel visinha) foi-se tudo para nós! Eis o nosso primeiro banquete nas infernaes regiões; todos somos eguaes e aqui confundidos. Ali está a piedosa presbyteriana mrs. Tussock com a empertigada rapariga sua irmã, e logo ao pé o casal de adulteros pombinhos, mr... e a sua sultana: eu, miseravel peccador, fico defronte do vosso honesto e pacifico esposo, e pouco mais abaixo o nosso benigno hospedador, modelo de brandura e resignação conjugal. Escutae! Não ouvis a bulha de coisas que caem e se amontoam? Estão despejando uma carregação de mortos!»

N'este estylo continuámos até que o assumpto se esgotou, e chegou o tempo de cada um retirar-se ás suas poisadas.

M.

FASTOS AÇORIANOS.

Continuação. (*)

VII

PÃO-POR-DEUS.

«Se eu quizesse ponderar todas as coisas da morte onde pararia?»

MENDES LEAL. — *Os Tumulos.*

Não se dê tudo á vida. Que muito é que n'um anno se consagre um dia a commemorar os mortos, e pensar no destino morredoiro da humanidade!

Homem, que passas desapercebido pelo mysterio da existencia, pára e contempla! Pouca distancia te separa dos que já foram, e por quem agora ouves o lugubre dobre dos sinos. Attende, e tudo te dirá que és nullo, e instavel no teu ephemero poder. Nem a fortuna, nem os esteios da terra bastam a escorar-te a tyrannia, que não resiste ao ligeiro sopro da morte. Para esta só ha um escudo, que não a faz temer, que torna o presente suave e o futuro risonho; é o testemunho d'uma boa consciencia, alentada pela rectidão: testemunho, que não ha razões que o egualem na eloquencia, nem côres que o pintem com tanta animação de verdade.

Entre a vida e a morte, dizia um notavel espirito, não medeia um ponto geometrico. Mas o que é morrer? Pôr termo á existencia corporal, deixar o involucro da carne, desparecer para sempre da socieda-

(*) Do num. 28.

de dos vivos. Que mais sublime e delicada funcção da humana intelligencia, que meditar na morte!

Breve perderemos de vista esses campos, que ostentam por toda a parte a magestosa vegetação dos tropicos, porque densas trevas hãode separar d'elles o espirito inquieto!

Para o povoado, que além se esconde entre collinas verdejantes, estarão cerrados os olhos!

Para o murmurio da ribeira, que serpeia entre salgueiros, sob os quaes nos discorreram tantas sestas de saudosa satisfação hade ò ouvido ser mudo, e a alma sem ecco!

Tudo responderá *já foste!* A sorte dos homens nos será grande mysterio: seus risos ou seus prantos um segredo apocalyptico.

Hontem assombravam-nos os monumentos da terra: ainda hoje contemplamos o sol doirado, e muitos respiram os perfumes das suavissimas flores do Atlantico: ámanhã tudo se terá sumido para nós, que vivemos como o relampago fulge. As aguas que espelham o firmamento azulado, ter-nos-hão fugido da vista para seguirem seu curso secular. O pó d'este cadaver, confundido na herança commum da terra, será espesinhado pelos vermes!

N'este dia, o apparato lutuoso do templo; tantos versos de desengano, alumiados sinistramente por luzes pallidas; o accento lugubre do canto, que resoa por naves e capellas; convidam a esquecer o mundo, e pensar no destino que á porta nos bate inexoravel.

Infeliz do que não comprehende que a eça é marco intermedio, que aponta a um tempo o passado e o porvir; passado, arrebatado á vista para sumir-se no profundo jazigo da terra; porvir, que se rebella aos calculos, e despenha o homem das risonhas alturas da vida na mansão de cadavericos espolios!

Penosa hora, condição afflictiva! Ali, nos umbraes da sepultura, se vão perder irremissivelmente os poucos encantos, a memoria das affeições da vida. Tudo vae trocar-se por uma sorte incerta, em theatro mais incerto e desconhecido! A luz dos olhos, que se deleitava com as feições mais queridas, com os objectos mais amados, vem-na offuscar e apagar a hora do passamento, e arrebatar o moribundo a novo mundo que não havemos em vida conhecer. Que destino! Volve-se facilmente d'um a outro confim do mundo; só o finado, que apenas algumas mãos de argilla separam de nós, não volverá jámais!

Como é augusto o pensamento de commemorar os finados! É o dia que nos ensina a desprender os olhos da terra e das avarezas, e trocar pela vista do solo irregular e safaro, a contemplação do ceo azul e brilhante, que suggere meditações de mais alta região. Que mal, que na vida do homem estes dias e estas absolvições sejam tão raros e passageiros!

Se lá no fundo dos carneiros podem ouvir-nos, escutem-nos as preces. Possam algumas lagrimas de piedade filial refrescar as cinzas d'uma mãe e d'um pae, que foram muito amados. Possa a saudade paterna orvalhar a sepultura do filho innocentinho! A memoria dos mortos foi sempre monumento sagrado pela reverencia do mundo. Oxalá, que os que vierem depois de nós não creiam importunos estes religiosos sentimentos, e commemorem com animo devoto os que primeiro vieram pagar o tributo de perecer.

Ahi vão as ondas de povo, em fluxo e refluxo pelas egrejas de todas as ilhas açorianas. Ahi vae o tropel, que concorre não á festa ostentosa, mas ao sacrificio ingenuo e piedoso. Pelas ruas e templos, com apostrophes sentidas, invocam os pedintes a caridade dos fieis, e ninguem ha que não dê um obolo *pelas almas;* (*) ninguem ha, que seja surdo ao quasi continuo dobrar do campanario, que chama a meditar e a orar; porque a recordação dos finados, superior á memoria dos vivos, lembra uma lei universal, que o anjo exterminador pode, agora ou logo, vir escrever-nos no lumiar da porta.

As egrejas apresentam aspecto bem notavel. O tropel que vae prestar homenagem, e commemorar os que ceifou a mão gigantesca do peccado, desterrou do templo o morno silencio festival. Todos vão e vem: todos oram com venturosa confiança n'este dia de funebre recolhimento.

Ainda bem que nos Açores, onde cada dia o fanatismo e a superstição experimentam novos desbarates, o que merece respeito tem-no sempre prompto e de sobejo no peito dos habitantes, e o dia da commemoração dos finados é para o povo insular um dos principaes fastos da sua religiosa piedade.

«Se (para os açorianos) as coisas da vida são muitas, as da morte são muito mais.»

José de Torres.

DILLUVIO DE AGOA E FOGO QUE SE FES NA ILHA DE S. MIGUEL DE QUE HE CAPITAM MANUEL DA CAMARA E BISPO D. MANUEL DE ALMADA, E ISTO ACONTECEO NO ANNO DE 1563.

Esta Ilha de S. Miguel corre do nassente ao poente, tem dezouto legoas de comprido e tres de largo de mar a mar, e para a banda do nacente outo legoas de comprido que se começão da banda do norte da villa da Ribeira grande, até a villa do nordeste que he o Cabbo da Ilha, e da banda do Sul de Villa Franca ate a dita villa do noroeste corre as mesmas outo legoas. Ha grandes serras e picos muyto altos de grandes matos e criaçoens de guados, e nas fraldas destes picos são terras de pam. E nove povoaçoens de Freguezias, e desde que se achou a dita villa até agora sempre nestas terras em muytas partes se acharão muytos fogos, e os ha hoje em dia os quais lanção de sy enxofre principalmente as furnas grandes que estão no meyo desta serra. E assi apar destas furnas naçe hua ribeyra grande de agoa quente que em parte senão pode sofrer e será a hua legoa e meya ao mar e assy sobre a villa da Ribeira grande estão huas caldeyras de agoa fervendo e lançam de sy muyto enxofre e fumos e asy sobre a dita villa está hu pico que se chama o pico que arde e lança fumo de sy em muytas partes muytos fumos, os quaes saem de lameyros de agoa o que mostra aver fogo debaycho de toda esta serra que alli de continuo arde, e todolos annos treme esta terra duas tres e quatro vezes no anno, e durã as vezes este tremor oito e nove dias, tremendo entre dia e noyte quatro e sinco vezes.

Este anno de 1563 hua quinta feyra dia de S. João comesou a tremer a terra tão amiudado, e tamanho, que toda a gente da Ilha andava espantada, e toda dormia no campo gastando a mayor parte do dia e da noyte em prociçoens com muytos dissiplinantes

(*) *Pão-por-Deus* se chama a esmola d'este dia. Alguns, não sabemos com que abono de razões, dizem que isto é nome que ao mimo do dia de Todos-os-santos respeita. *Pão-por-Deus* é puramente a esmola que se dá em tenção dos defuntos, ou seja no dia proprio ou na vespera; esmola a que tambem a rapasiada se julga com direito, e para o que de porta em porta a todos importuna voz em grita, com monotona cantilena. Quando o pedido é infructuoso, costumam ir ao largo da casa resmungando facecias pouco espirituosas!

fazendo os meninos prosição por sy dessiplinandosse todos isto com o grande medo do terramoto da Terra, e com estes tremores cahirem muytas casas da Villa da Ribeira grande, a s. as duas partes della e da Villa da Alagoa e da Villa da Agoa do Pao alguas, e por muytos lugares da Ilha. a cauza deste tremor era que estava hu pico muyto grande, e alto que se chamava o pico da Lagoinha que tomou este nome por causa de aver na coroa deste pico hua alagoa piquena, e na fralda deste pico esta outra alagoa muyto grande, a terra della seria de quatro moyos em semeadura, este pico está entre Villa franca e a villa da Ribeyra grande que estão ambas norte e sul; Villa Franca, ao sul, e a Ribeyra grande ao norte; tinha mais este pico da banda do sul hũa ribeyra que corria a Villa Franca na qual rybeira tinha o capitam Manuel da Camara moendas que lhe rendiam mil cruzados, e donde nacia esta ribeyra nacia outra para a banda do norte que hia por meyo da villa da Ribeyra grande na qual tinha o capitam moendas que lhe rendiam dous mil cruzados as quaimoendas se perderão como ao diante direy. Tinha mais este pico da banda donde naçe o sol hũs lameyros pequenos os quaes continuadamente lançavão fumo e se achava enxofre, tinha este pico da fralda em redondo hũa legoa e meya segundo o paresser de todos, por onde estava este lameyro que lançava estes fumos se alevantou fogo no centro deste pico que se presume que deste lameyro se assendeo porque em todas as Ilhas aonde estão estes fogos todos estão em lameyros de agoa. E com a grande fortaleza e poder do fogo fazia tremer a terra como arriba digo pello fogo não poder sahir debaixo do pico de que se pode tomar exemplo de hũ castello minado a que sa poem o fogo.

E tremendo assim a terra desde o dia de S. João como atras digo ha 2.ª fr.ª vespora de S. Pedro hua hora antes do sol posto avendo grandes tremores em toda a V.ª mayores e mais a meudo q̃ dantes estando todo o povo da Ilha nos campos com grandes medos foy visto muyto alto no ar toda a ilha cuberta de fogo o qual estava em grandes nuvens muyto negras e dellas sahiam grandes faiscas de fogo q̃ assendiam sobre a cidade villas e lugares isto com grandes trovoadas gemidos da terra e estrondos e grandes terremotos o q. tudo sahia do dito pico da Lagoinha q. a rebentava com a fortidão do fogo, e foy este fogo tão alto e estes estrondos tamanhos q. na propria hora foy visto na Ilha 3.ª q. esta trinta legoas ao poente desta ilha, e assim foy visto na Ilha de S. Jorge, e do pico e graciosa e o fayal que são sessenta leguas da Ilha de S. Miguel e tiverão este fogo e trovoens tão prezentes q. lhes parecia ser nas suas proprias Ilhas, e todo o povo destas Ilhas outo dias não entrarão nas casas e gastavão o tempo de dia e de noyte em muytas procisoens por assim serem assombrados do fogo e temor.

Estando assy o fogo sobre estas villas, e emtanto trabalho hua hora ja andada da noyte pella miz.ª de nosso Senhor surgio hum vento sul do mar e lançou esta nuvem negra para a parte do nassente aonde estão estas serras altas q. assima digo que são outo legoas de comprido e tres de largo de mar a mar e desta nuvem negra comesou a chover pedra pomes q. he hua pedra q. o fogo cose e fica muito alva q. paresse pedra hume cozida. He muyto leve, a qual cahio e choveo sobre nove freguezias q. estão dentro nestas outo legoas da banda do norte a longo do mar a s. Porto fermozo a Maya, os Reys Magos, a Achada, a achadinha S. P.º a V.ª do Nordeste da banda do sul as Terras de villa Franca a povoação Velha, o Fayal. E chovia esta pedra muyto basta e muyto po q. paressia farinha que se peneyrava q. tão basta que ja a grandura desta pedra hera tão grande como bollas grandes e dahy para baixo, e muytas pedras q. se acharão da grandura de cãtos de casas a qual cahida de pedra durou ate o sabado seguinte passado São Pedro, fazendo tão grande escuridão q. sempre hera noyte, e tão escuro q. na rua não vião os homens as mãos, e durava hua hora de relogio, e fazendo algũa claridade acabada a hora do escuro não durava mais q. hu quarto de hora, e esta claridade hera e parecia luar quanto se podiam ver hũs aos outros, neste tempo faziam sempre de contino grandes relampagos e fachas de fogo e grandes gemidos da terra q. comtar senão pode: na cidade e na villa da Rybeyra grande e Villa Franca não chovia esta pedra senão algũa cinza pouca, e tinhão grandes tremores de terra que sempre duravão em este tempo e nos lugares e villas desta oyto legoas não tremia tanto meuda nem tão rijo.

Neste tempo e dias os povos destas freguezias onde chovia esta terra e pedra se acolhião as Igr.ªˢ onde de contino gritavão e davão grandes brados pella miz.ª de nosso Snr. esmorecendo muitas molheres e homens mormente gente manceba de 26 annos para bayxo. Era tamanha a grita q. fazião os meninos pellas mãis que choravão pelas mãis lhe não poderem valer por assim verem a morte consigo q. se acopavão em pedir Miz.ª a nosso Senhor; e com esta grita grande os vigayros e curas não podião fazer prociçõens nem os aver calados para os consolar, os quais vigayros trabalharão quanto puderão e os fizerão vir a confição e lhe davão o Santo Sacramento a toda a ora do dia q. estavão confesados e dizião missa a meya noyte para se fazer o Sacramento ouve vigayro que disse missa as ave Marias para fazer o Sacramento para dar, em vinte e quatro horas se achou confessar hu cura q. estava so duzentas almas. E neste meyo tempo mandava assentar a gente por vezes e de giolhoŝ e lhe fazião absolvição geral.

Estando neste trabalho desde a vespora de S. Pedro ate o sabado pella manhã q. se puderão acolher passava a gente muyta fome e sede por não haver agoas q. todas herão cubertas de terra e não aver molher que pudeçe achar com que peneyrar nẽ amassar porq. o medo da morte lho tolhia podelo buscar e estarem as cazas ja entulhadas de pedras e sinza. Tanto que a escuridade dava este lugar de quarto de hora como assima digo hião algus homes as rochas as fontes a buscar agoa e la lhe tomava o escuro e não tinhão remedio senão deytarse no chão atee passar o escuro e se levantavão cubertos de terra, e a agoa q. traziam hera envolta de terra e dela se dava ao povo com muyta provizão, e não comião por o não aver; e se algum mantimento se achava o temor da morte lhe tolhia a vontade de comer.

Neste tempo os gados andavão no campo e na serra assim grosso como miudo vendose que as pedras lhe davão e vendo do dia e noyte e q. não achavão q. comer, nem beber por as terras serem todas cubertas de pedras e da terra acodia toda a grita das gentes e se metia nas Igrejas e dava gemidos e brados q. hera cousa de espãto, e se vião hu homem se hião a elle mormente bois e vaquas e mostravão pedir que lhe valecem, as aves do ar morriam todas e as viam estar nos campos pasmadas, e esperavão tomalas e semetiam nas casas e nas Igrejas.

Neste tempo não sabiam estas freguezias o q. passava na cidade de ponte delgada nem nas mais vil-

las por não puderem pasar pellos caminhos por estarem emtopidos e as ribeiras virem muito grandes. Foy tanta esta pedra que choveo e a terra que nas terras de pam sobre os trigos que estavam semeados ficou altura de sete ou outo palmos, e nas serras choveo mais porq. todas as rigueyras grandes da altura de hua lança de 26 palmos e mais ficarão razas e os mátos acravados q. não parece pao nem arvore nenhuã.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Não vae de certo fora de logar mencionarmos aqui a transformação porque passou o edificio de Santo Antão, depois da extincção da Companhia de Jesus. Em 3 de abril de 1775 foi transferido para elle o Hospital de Todos os Santos, e o Collegio tomou o nome de Hospital de S. José, em obsequio ao monarcha, em cujo reinado este acontecimento teve logar.

O Hospital de Todos os Santos era situado no sitio em que hoje fica a Praça da Figueira. Tinha a face principal para o Rocio, desde a rua da Bitesga, até ao dormitorio dos frades de S. Domingos, que occupava quasi a terça parte da extremidade septentrional d'aquelle lado do Rocio.

O Hospital e o dormitorio assentavam em trinta e cinco columnas de cantaria, com arcadas e lojas. Aqui se fazia uma feira todas as terças feiras.

O edificio era em forma de uma cruz, de braços eguaes. Em cada angulo ficava-lhe um claustro com um poço no centro.

Tinha tambem uma horta, nada pequena, com muita agua, e dois grandes tanques onde se lavava a roupa dos enfermos. Dentro do Hospital moravam seis lavadeiras, que tinham suas mezadas e comedorias, estipendiadas pela especialidade das suas lavagens.

Os religiosos capuchos tinham ahi tambem uma enfermaria para o curativo dos seus enfermos, e no edificio habitavam um vigario e cinco frades.

Deitava sobre o Rocio uma egreja muito espaçosa, e para a qual se entrava por uma escadaria de pedra, e com seu portal muito bem lavrado. Ficava esta egreja disposta de modo em relação ás enfermarias, que os doentes deitados nas suas camas ouviam a missa da capella mór.

Com o andar dos tempos, por certas considerações, substituiu-se isto por altares portateis em todas as enfermarias, aonde se officiava nos dias santificados.

Havia tambem no Hospital uma casa de engeitados, e todas as officinas correspondentes a um estabelecimento d'esta natureza.

Debaixo dos arcos, e portanto sobre o Rocio, ficava um hospicio chamado de Nossa Senhora do Amparo. Depois do incendio do terremoto abriu-se n'esse mesmo sitio a rua que vae do Rocio á do Arco do Marquez de Alegrete, e ainda hoje se chama rua do Amparo.

As enfermarias eram dezeseis, divididas em feridas, febres, venereo, camarentos, doidos e convalescentes. Havia mais duas devolutas para servirem quando a affluencia d'enfermos era grande.

Estas enfermarias tinham umas nomes de santos, e outras das molestias para que eram destinadas.

Além de quatro casas para doidas, e cinco para doidos, e a roda dos engeitados, e o hospicio do Amparo, o numero das camas no resto das enfermarias era de trezentas e vinte e quatro. No anno de 1620 chegou o Hospital a ter seiscentos doentes.

O serviço clinico do Hospital de Todos os Santos era feito por dois medicos (physicos) e tres cirurgiões que viviam dentro do Hospital para occorrerem a qualquer caso accidental, e tinham de ordenado annual quarenta mil réis, e certas pitanças em carneiro, azeite, vinho e legumes, em dias de festa.

Havia ali constantemente sete praticantes a quem o Hospital dava casas, cama e comida, e em dia de Todos os Santos umas meias, sapatos, e umas roupetas de saragoça muito compridas, que lhes davam pelo meio das pernas, e com ellas sempre andavam vestidos. Obtinham no fim de certo tempo serem examinados, e com as cartas que se lhes passavam, podiam curar em todo o reino,

O serviço do Hospital estava entregue á Misericordia. O provedor d'esta irmandade era o enfermeiro mór. Tinha adjuntos, com titulo de mordomos, para superintenderem nas diversas repartições, de que dependia o bom serviço dos doentes, e serviam mensalmente, revesando-se. Todos estes cargos eram annuaes.

A acceitação dos enfermos tinha logar todos os dias de manhã; no verão ás seis horas, e no inverno ás sete.

Para este fim reuniam-se o enfermeiro mór e o facultativo na casa chamada das *aguas*, porque n'ella se examinavam as ourinas de todos os doentes. Acceito ahi o enfermo, levavam-no á egreja para ser confessado e receber os Sacramentos, passando depois á enfermaria competente, aonde lhe assentavam em um livro, nome, filiação e naturalidade.

D. João II foi quem fundou este Hospital, que primeiramente se denominou de El-Rei. Lançou-se-lhe a primeira pedra em 15 de março de 1492. No tempo d'el-rei D. Manuel foi que se concluiu. Este monarcha obteve do papa Alexandre VI, no anno de 1501, o breve para reunir a este todos os outros hospitaes espalhados pelo reino.

No dia 27 de outubro de 1601 houve um incendio n'este edificio, ficando a sua egreja reduzida a cinzas. D. João V reedificou-o, concorrendo tambem a esta obra uma testamentaria de um tal Francisco Pinheiro.

Em 10 de agosto de 1750 tornou a ser incendiado, ficando quasi completamente reduzido a ruinas.

Só uma enfermaria escapou; era a chamada dos Camillos. Esta alargou-se para o palacio do marquez de Cascaes, que el-rei D. José comprou, e começaram então as obras da nova edificação, quando veiu o terremoto de 1755, que a destruiu completamente.

N'essa occasião os doentes que escaparam, e estavam na enfermaria de S. Camillo, foram conduzidos para as cabanas do Rocio, onde por tres semanas estiveram expostos ao rigor do tempo. Passaram depois para umas cocheiras do conde de Castello Melhor, fronteiras ao pálacio do conde de Povolide.

Em 1763, já estavam construidas muitas enfermarias, e então os doentes vieram para o seu antigo hospital; mas expulsos os jesuitas foram então definitivamente transferidos para o Collegio de Santo Antão no sobredito mez de abril, como dissemos.

O plano com que se tratou de affeiçoar o Collegio a Hospital foi grandioso, porém não se levou a effeito. Na planta que temos presente, e que foi do architecto Sousa, achamos marcados os seguintes commodos, divisões, e suas explicações:

1 Entrada principal.
2 Pateos.
3 Passagens cobertas do uso do Hospital.
4 Escada principal por onde subiam os homens doentes.
5 Escada principal por onde subiam as mulheres doentes.
6 Commodos da parteira.
7 Commodos da ajudanta.
8 Commodo do cirurgião do banco para fazer acceitar os doentes que vinham depois da visita.
9 Casa das confissões da porta.
10 Commodos do roupeiro.
11 Aulas da cirurgia,
12 Commodos dos servos da casa.
13 Casa para guardar o pão dos enfermos.
14 Casa para o trinchante repartir as rações.
15 Escada principal por onde se levava da cosinha o comer para os enfermos.
16 Cosinha principal d'este Hospital.
17 Casa do fogão.
18 Casa da lavagem da cosinha.
19 Casa da agua, ou conserva de agua.
20 Casa por onde se tirava a agua da conserva para uso do Hospital.
21 Casa da lenha.
22 Segunda entrada do Hospital, e do uso do carro.
23 Casa da copa, ou de guardar o cobre da cosinha.
24 Dispensa.
25 Casa da pastelaria.
26 Outra casa de lenha.
27 Despejadoiro do uso dos servos da cosinha.
28 Commodos do trinchante.
29 Casa da lenha pertencente á cosinha dos convalescentes.
30 Casa das gallinhas da dita cosinha.
31 Casa do cosinheiro e ajudante da referida cosinha.
32 Passagens para a escada que ia para os convalescentes e commodo d'esta cosinha.
33 Escada que subia para os convalescentes.
34 Cosinha dos ditos.
35 Casa de lavagem d'esta cosinha.
36 Casa da copa dita.
37 Casa da dispensa dita.
38 Casas do cosinheiro e ajudante dos enfermeiros.
39 Casa da lenha pertencente á cosinha dos enfermeiros.
40 Dispensa dos ditos.
41 Cosinha dos enfermeiros.
42 Refeitorio dos ditos.
43 Casa de guardar os pannos e mais pertenças ao refeitorio.
44 Roupária dos enfermeiros.
45 Casa das barbas dos ditos.
46 Dormitorio dos enfermeiros.
47 Escadas que subiam aos dormitorios de cima.
48 Desaguadoiros dos enfermeiros e do cosinheiro.
49 Serventias dos enfermeiros irem á cosinha principal.
50 Commodos do cosinheiro da cosinha principal.
51 Casa das gallinhas para os doentes.
52 Pateo das gallinhas.
53 Casa das pennas das gallinhas.
54 Commodos dos praticantes de cirurgia.
55 Refeitorio dos ditos.
56 Cosinhas dos ditos.
57 Casa da lenha da dita.
58 Casa da dispensa.
59 Casa do cosinheiro dos praticantes.
60 Despejadoiro dos praticantes.
61 Passagens cobertas do uso dos praticantes para a egreja dos Arrabidos.
62 Portaria dos agonisantes.
63 Escada principal dos agonisantes.
64 Transito da entrada para o refeitorio, e n'elle ficava o lavatorio.
65 Refeitorio.
66 Cosinha.
67 Casa da lenha.
68 Dispensa.
69 Despejadoiro.
70 Casa do cosinheiro e casa de guardar os pannos do refeitorio.
71 Passagem para o jardim dos agonisantes.
72 Jardim dos agonisantes.
73 Jardim dos enfermeiros e convalescentes.
74 Egreja dos Arrabidos.
75 Adro que dava serventia aos Arrabidos e agonisantes.
76 Portaria dos Arrabidos.
77 Escada principal.
78 Passagem da portaria para a sachristia.
79 Sachristia.
80 Escada que sobe da sachristia aos dormitorios.
81 Casa dos ornamentos.
82 Casa para o esquife.
83 Casa do porteiro.
84 Casa para aguas.
85 Casa para confissões.
86 Casa para os moços.
87 Casa para barbas.
88 Casa de lenha da pastelaria.
89 Casa da pastelaria.
90 Casa de profundis.
91 Refeitorio dos padres Arrabidos.
92 Casa de guardar os pannos do refeitorio.
93 Cosinha.
94 Casa de agua.
95 Casa de lenha.
96 Escada que sobe ao dormitorio.
97 Dispensa.
98 Desaguadoiro.
99 Um vacuo.
100 Pateo de gallinhas.
101 Casa de gallinhas.
102 Uma outra casa.
103 Horta.
104 Jardim.
105 Palheiro.
106 Cavalhariça.
107 Passagem coberta do uso dos padres irem á botica.
108 Cocheiras, cavalhariças, e palheiro para as bestas do uso dos medicos, cirurgiões, e secretarios.
109 Despejadoiros geraes do uso dos servos dos medicos, e cirurgiões, e secretarios.
110 Casa dos moços da tumba.
111 Casa das tumbas.
112 Desaguadoiros dos servos da casa.

113 Commodos dos procuradores do Hospital.
114 Commodos do boticario.
115 Botica.
116 Commodos do porteiro.
117 Commodos do cirurgião do Banco.
118 Um vago.
119 Transito por onde se devia fazer entrada para a escada da casa da fazenda.
120 Escada principal para a casa da fazenda.
121 Commodo do estribeiro.
122 Uma casa.
123 Transito com serventia e escada para o papelista.
124 Casa dos criados do enfermeiro-mór.
125 Despejadoiros do publico.
126 Commodo do mestre da solfa.
127 Casa vaga para uso real.
128 Escada principal por onde sobe o rei.
129 Passagem dos archeiros para a egreja.
130 Passagem de toda a familia do Hospital para a egreja.
131 Sala vaga do uso da magestade ir á egreja, tanto da sua tribuna, como da sala dos archeiros.
132 Escada particular que subia á tribuna real.
133 Escada que subia á tribuna do Sacramento e orgão.
134 Casa dos despejos da sachristia.
135 Sachristia.
136 Casa dos lavores.
137 Casa da cera.
138 Aula de solfa e latim.
139 Passagens da aula, e do pateo para a egreja e sachristia.
140 Sala da passagem da egreja para a sachristia.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XXVIII

De como veio um homem chamado o Macedo, da ilha de S. Miguel, com fingimento para matar Ciprião de Figueiredo.

Estando no porto d'esta cidade uma nau franceza, e outras, chamava-se o capitão de uma Clenis. Amanheceu n'este tempo em o porto um barco da ilha de S Miguel, da cidade de Ponta delgada, onde veio um homem dos principaes d'ella, por nome o Macedo, que foi o que na cidade de Ponta delgada levantou o Snr. D. Antonio por rei. Este fingio que vinha fugido para esta cidade, para servir n'ella o Snr. D. Antonio, e que não iria em cousa alguma contra seu serviço. E elle vinha para matar o ditto Ciprião de Figueiredo, e tendo muitas praticas, e mostrando-se muito servidor do Snr. D. Antonio, e muito alegre de se ver n'esta cidade de Angra, e todos o criam e lhe fizeram muitas honras festejando-o muito. Como elle vio a terra no estado em que estava, e não se atreveu a acertar o intento a que veio com poder escapar-se, arrependeu-se, e vendo o ditto Ciprião de Figueiredo o homem maginativo, logo lhe pareceu mal, e lhe dice que pois elle vinha a servir o Snr. D. Antonio, que fosse em a nau do Capitão Clenis com outros portuguezes a esperar naus que viessem por el-rei D. Filippe, ou caravelas de aviso, que era bom tomal-as, e o fez embarcar contra sua vontade, e isto seria no mez de maio anno de 1582 o qual andou lá por espaço de tempo, e em vindo enganou o ditto Ciprião de Figueiredo que o deixasse ir para a ilha de S. Miguel, e que cria e fingiria ir fugido, e que lhe promettia que elle mataria a Ambrosio de Aguiar, e que elle o poria em effeito. Com isto enganou o ditto Ciprião de Figueiredo, e não fez nada, e assim enganou ambos, e depois foi muito bem despachado com o habito de Christo por el-rei Filippe.

XXIX

De como por via de França se soube do ditto Macedo ao que vinha a esta cidade.

Depois de ido o Macedo para a ilha de S. Miguel d'ahi a tres dias veio recado de França, que o Macedo, se estivesse n'esta cidade, o puzessem em cobro, porque havia lá recado da ilha de S. Miguel, que elle vinha com tenção e com effeito deliberado a matar Ciprião de Figueiredo. Ficou anojado o ditto Ciprião de Figueiredo porque o não detivera aquelles tres dias, e logo se poz a escrever uma carta a Ambrozio de Aguiar e lha mandou; e quando lhe foi dada o Macedo era ido para Lisboa a requerer despacho, e Ambrozio de Aguiar estava muito doente; e elle levou cartas suas; e sem falta o ditto Ambrosio de Aguiar escrevera o que se passava; mas d'aquella doença falleceu e ficou seu filho por governador e isto se passou, e levou certidões como Ciprião de Figueiredo se não fiou d'elle, e o mandou em companhia de francezes constrangidamente, e o mais que se contou depois.

Continua.

ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Conclusão.

Mohamad-Ben-Abrahan-Ben-Abdalla-Ben-Rubil, vulgarmente chamado Ebu-Assarragi.—Arabe granadino, que escreveu sobre plantas, e morreu no anno 1329.

Mohamad-Ben-Abdalla-Ben-Alkhathib. — Arabe de Granada, que morreu no anno de 1398, deixando varios escriptos, sendo um d'elles sobre as hervas oleosas.

Muse-Zbu-Obaidalla.—Arabe cordovez, que nasceu em fins do seculo xiv, tendo escripto uma obra de medicina, em que tratou dos medicamentos procedentes do reino vegetal.

Mohamad-Ben-Ali-Ben-Pharad, chamado Alschaphra.—Arabe castelhano, que não se sabe verdadeiramente quando floreceu; consta, porém, que foi mui perito botanico, tendo viajado por quasi toda a Hespanha, examinando por si mesmo muitas plantas, e escrevendo depois sobre as suas virtudes. Diz-se que o rei Naser de Huadix o encarregou da formação e direcção de um jardim botanico nas immediações do seu palacio.

Do cume da gloria ao baratro da desgraça, não vae mais que um passo.



VILLA NOVA DE PORTIMÃO.

Villa Nova de Portimão, que a nossa estampa representa, é das mais consideraveis e populosas povoações do Algarve.

Assentada na margem d'um rio, a duas leguas, pouco mais ou menos, de Lagos, possue um bello porto, cuja entrada é vigiada e defendida pelos fortes de Santa Catharina, e de S. João.

No porto podem fundear com toda a segurança embarcações de alto bordo.

Villa Nova de Portimão tem uma parochia, da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Tem tambem casa de misericordia, e um hospital pertencente a esta.

Seguindo boas opiniões, foi ali fundado em 1541 um convento de capuchos da Piedade; e em 1659 ou 1660, um collegio de jesuitas, que occupava uma boa porção de terreno no arrabalde do lado da terra.

O commercio em Villa Nova de Portimão tem tido grande desinvolvimento, e a povoação, debaixo do ponto de vista commercial, é das mais importantes.

Foi Gonçalo Vaz de Castelbranco, escrivão da puridade de el-rei D. Affonso v, o primeiro senhor de Villa Nova de Portimão; e depois seu filho, Martinho de Castelbranco, foi por el-rei D. Manuel elevado á dignidade de conde de Villa Nova.

Decorridos tempos, este senhorio passou á casa de Lencastro pelo casamento de D. Magdalena de Vilhena com D. Pedro de Lencastro, conde de Figueiró.

Ao criminoso pesa mais a consciencia, que a calceta.

—

A optica serve-se das lentes concavas para diminuir os objectos; das convexas para os augmentar: olhamos por aquellas para os nossos defeitos, por estas para os alheios.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

Continuação.

V

PRIMEIRO ESFORÇO BALDADO.

Na grande sala todos os cavalleiros do senhor rei D. Fernando se agrupavam n'este momento, mas não reunidos indistinctamente como na vida do monarcha, porque d'um lado muitos cercavam o Mestre d'Aviz, ao passo que outros pareciam fazer o cortejo da rainha regente, ou talvez do conde de Ourem.

Ao entrar D. Leonor tomou o logar que lhe competia, na grande cadeira de espaldar; e Vasco Martim conduzido entre dois pagens trazia a sua real senhoria o pergaminho que das suas nobres mãos recebera pouco antes, que ella tomava de sobre a almofada de veludo carmezim em que os pagens lh'o apresentavam, e voltando-se para o Mestre d'Aviz disse-lhe:

Sêde bem vindos, nobres senhores e cavalleiros, crêde que é para mim de grande conta, ver-me cercada da boa nobreza lusitana, para que se possa meditar na desgraça que pesa sobre o nosso paiz tão querido, e conjural-a para longe.

Havia um *não sei que* de calculado e falso nas palavras de D. Leonor, que no grupo que cercava o Mestre todos se olhavam descontentes, e parecia que um rumor surdo presagiava uma tempestade que teria mui breve de rebentar estrondosa aos pés do throno portuguez.

— Aproximae-vos, continuou D. Leonor dirigin-

do-se a D. João; o meu proceder ao presente, vae patentear-vos que a rainha não esquece os vassallos, que a rainha só deseja ter para sua guarda e protecção os leaes amigos do rei finado; é a vós senhor D. João, irmão do senhor D. Fernando, meu muito amado e chorado esposo, a quem principalmente a rainha recorre no momento do perigo; sois vós tambem que mais deveis contar com a minha real munificencia e é em penhor d'ella, destemido e esforçado cavalleiro, que eu vos offereço o governo e defensa da fertil e possante provincia d'Alemtejo.

O rumor que se ouvira, redobrava agora, e quem tivesse escutado com attenção, sentiria D. Ruy que dizia baixo a D. Gonçalo: Não vol-o tinha dito?

— Em muito me haveis, magnanima senhora, disse o Mestre d'Aviz, curvando-se diante da rainha, regente de Portugal, e suffocando ainda no peito os impetos fogosos d'um coração ambicioso e que desejava conquistar a independencia aos povos de seus maiores. Acceito respeitosamente a difficil empresa que me confiaes, ainda que conheço que nada sou e nada valho.

O descontentamento manifestou-se claramente na fronte dos companheiros do Mestre, e elle proseguiu:

— Acceito porque não cumpre ao filho do senhor rei D. Pedro, justiceiro, recusar uma parte na defensa dos estados de seu pae.

E a magoa foi tornada em alegria no rosto dos cavalleiros leaes.

— Vou desempenhar o nobre encargo com que me honraes, continuava D. João animando-se, vou partir... Quem sabe se voltarei? Escutae pois, senhora, o povo portuguez que por minha bocca vos falla.

D. Leonor estremeceu.

— Vou mostrar-vos o estado do infeliz Portugal, continuou o filho de Theresa Lourenço, lembrae-vos que as nossas valentes fronteiras ante as quaes recuava tremendo o moiro atrevido, estão invadidas pelo castelhano audaz; e as nossas torres, pharoes d'antigas victorias, jazem despojadas das suas ameias e ameaçam desabar em ruinas sobre os vencedores do filho do propheta, as mil nadantes quilhas que inda ha pouco arfavam soberbas nas aguas do Tejo, apodrecem na ociosidade, e vossa filha a senhora D. Beatriz, a nobre herdeira do neto de D. Sancho, o Bravo, d'aquelle que se appellidou rei de Castella, que no cunho da sua moeda enlaçou as garras dos leões hespanhoes, com as quinas de Portugal, d'aquelle que entregou seis galeras doiradas á mercê dos ventos e das ondas, só lhe competirá a vergonha e o esquecimento.

No animo de D. Leonor revolviam-se pensamentos encontrados, não podia atinar se uma traição premeditada lhe ordenaria operar sem demora, não sabia se o animo patriotico de D. João o levaria ao esforço exagerado de lhe pintar com tão negras côres o destino portuguez; mas D. Leonor que não podia ler no rosto dos cavalleiros do Mestre mais que lealdade, e no de João Fernandes Andeiro mais do que receio, calou ainda, e fitando os olhos nos rostos que a rodeavam buscava ler-lhe na alma.

— O estandarte luso, proseguiu D. João erguendo a voz magestosa que Deus já fadara para bradar *victoria* ante os muros de Ceuta; o estandarte luso que fluctua victorioso derrubando a bandeira das meias luas, que calcou cheio de gloria o pendão da Mauritania, jaz abatido, prostrado, quasi rasgado pelas garras dos leões de Castella. Santarem, Lisboa, Elvas, praças que viram florescer nossos avós, vêem agora sómente o opprobrio e a infamia que nos vexam, que nem já merecemos o honroso nome de portuguezes.

E um brado quasi unanime se faz ouvir pelo salão:

—Sim, sim é verdade.

D. Leonor, ergueu-se pallida e tremula, porém o Mestre continuou cheio de enthusiasmo e amor patrio:

— Eia pois, senhora, arvorae a bandeira da independencia nos muros lusitanos, espalhae por entre os vossos vassallos as rosas da liberdade. Remediae prompta os nossos males, mostrae-vos digna de reinar nos portuguezes!..... aliás temei a voz do povo que já começa a bradar; temei-a porque a voz do povo é a voz de Deus. E arrebatado no seu santo amor pelas gentes que Deus lhe daria para reger um dia exclamou com fogo: Se o não salvardes, não vos salvará elle tambem; salvae os lusitanos, porque vereis a Europa agradecida curvada ante vós, bem como vêdes n'este momento os ricos homens e os nobres.

Voltando então para os que o acompanhavam, e ajoelhando elle mesmo em frente de D. Leonor, bradou-lhes desembainhando a sua potente e gloriosa espada, e arremessando-a pouco depois aos pés da rainha:

— Eia, heroes valentes, disse elle, de joelhos, de joelhos, lançae as vossas espadas por terra ante a rainha, e jurae comigo não as levantar senão para salvar o nosso Portugal.

E todos, imitando D. João, bradaram:

— Sim, sim, nós assim o juramos.

Estes brados que deveriam fazer pular d'amor e de dedicação um rei que amasse a terra de quem mantinha a sorte, abaixo de Deus, fez estremecer de rancor a mulher perjura a João Lourenço, e ao seu real esposo, como é historia mui sabida, e correndo ao Mestre perguntou-lhe audaciosamente:

— D. João, D. João, que quer dizer esta linguagem? Mas não esperando resposta, e animada por um novo pensamento, vendo em cada rosto um inimigo, exclamou, olhando João Fernandes Andeiro:

— Isto é uma traição... Senhor conde, pedi a espada a esse homem! E designava o filho de D. Pedro.

D. João d'Aviz sentiu mais despreso do que raiva pela affronta que da adultera recebera, e recuando um passo, recuperou breve toda a magestade do seu real espirito, e disse-lhe tranquillamente:

— Vêde bem o que fazeis, Leonor Telles de Menezes.

— Obedecei conde, bradou a rainha, tremula de raiva por ver seu cunhado lembrar-lhe no seu antigo nome as phases pouco lisonjeiras da sua vida de deshonra e de crime talvez.

— Escutae, bradou alto e pausado o real amigo de Nuno Alvares, haverá..... talvez seis mezes, que um homem por mandado da esposa do rei de Portugal partiu para Inglaterra, levando comsigo papeis de importancia para João Fernandes Andeiro.

No rosto dos companheiros do Mestre lia-se um sorriso de triumpho, no conde e seus amigos só poderiamos ver a admiração, porque mal podiam atinar ao que motivava tantas mudanças; mas a fronte da rainha mudou subitamente, fez-se pallida como um brandão de cera, ergueu o braço como para ordenar silencio ao Mestre que proseguia, sorrindo desdenhosamente, e esmagando debaixo de cada uma das suas palavras a inimiga que ha pouco se acreditava soberana da victoria.

— Já me comprehendeis, dizia elle, não é verdade, D. Leonor? Este homem foi preso, os papeis apprehendidos, baldados foram os seus esforços para tornar a havel-os... entre elles ia uma carta...

O desejo de D. Leonor fallou antes que a razão podesse pronunciar uma palavra.

— Que jaz destruida, não é assim? perguntou anciada a real viuva.

— Que jaz em meu poder, disse tranquillo D. João apresentando-lhe a carta; sabeis o que esta carta contém?!...

— Calae-vos, exclamou abatida a orgulhosa dona, calae-vos por piedade.

— Deixae-me, senhora, disse elle, voltando-lhe as costas com incrivel despreso, e voltando-se para os cavalleiros:—escutae-me senhores, ouvide-me todos.

— D. João, continuava ella baixo, D. João, por mercê.

— Não vou d'aqui para o carcere? perguntava o Mestre á rainha; talvez assassinado esta noite chore amanhã no ceo por Portugal. Eu lego-vos esta carta, disse elle aos senhores que se agrupavam em redor d'elle; vós legae-a ao povo.

— D. João, D. João, bradou ella atalhando-o; vós estaes livre!... e proseguiu mais baixo:— occultae essa carta.

O Mestre olhou-a e sorriu, e cruzando os braços, altivo e magnanimo, exclamou nobremente:

— Leonor, Leonor, qual de nós é aqui rei?

No mesmo momento um cavalleiro, todo vestido de preto com grandes barbas brancas que quasi lhe chegavam á cintura, appareceu no topo do salão, e soltando do fundo do coração uma voz tremula e dolorosa, clamou:

— D. Leonor Telles de Menezes!

Todos se voltaram, ninguem conheceu o velho, e era todavia um cavalleiro portuguez, mas nos labios de D. Leonor escutou-se mui baixo:

— João Lourenço da Cunha!

Continua. F. Soares Franco, Junior.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação.

CARTA XX.

ESPERA-SE A RAINHA EM CINTRA. — DUQUE DE LAFÕES. — FEIRA DE PENHA LONGA. — PASSEIO NOCTURNO.

Setembro 10 de 1787.

Adeus tranquillidade de Cintra, em breve só haverá confusão e bulha! Está para chegar a rainha com todas as suas damas de honor, secretarios de estado, anões, negrinhas, e cavallos brancos, pretos, e malhados. Metade das quintas d'estes contornos ficarão seccas, tomando-se posse militarmente dos aqueductos, e derivando-se as suas aguas por novos canaes para uso do arraial.

Passeava eu debaixo de longas latadas de limoeiros dispostas em arco, quando me appareceu ao cabo da avenida M.. acompanhado do duque de Alafões, o mesmissimo personagem bem conhecido em toda a Europa pela denominação de duque de Bragança, posto que não tenha direito a este illustre titulo, que anda unido á corôa. Chamasse-se elle duqueza viuva, se mais vos apraz, não seria eu quem lhe disputasse a propriedade do titulo, conhecendo-o por uma especie de camareira velha, com eguaes ninharias e melindres; põe ainda côr e signaes, e posto que já tenha visto setenta invernos, ainda procura fazer rodopio sobre os calcanhares e mexer-se com juvenil agilidade; muito me abysmou a facilidade de seus movimentos, porquanto me haviam dito que era martyr da gota. Depois de cecear em francez com a mais requintada accentuação queixas contra o sol e as estradas, e o estado da architectura, abalou (graças á Deus!) para ir marcar o sitio do acampamento da cavallaria, que hade guardar a sagrada pessoa da rainha durante a sua residencia n'estas montanhas. M... tinha obrigação de acompanhal-o; porém, deixou seu filho, e seus sobrinhos, os herdeiros da casa de Tancos, para jantarem comigo.

Á tarde Verdeil, enfastiado de andar de uma banda para a outra nas varandas, propoz uma cavalgata á proxima povoação, onde havia feira; elle e D. Pedro montaram nos seus cavallos, precedendo-me e aos mancebos Tancos, que iamos em carrinho puxado por valentes machos. As estradas são abominaveis e correm ao longo da falda ladeirenta das montanhas de Cintra, que na primavera são, não ha duvida, soffrivelmente vestidas de verdura; porém, na estação actual qualquer fevera de relva está resequida e mirrada. As rodas da nossa carruagem, resvalando de esguelha por aquelles escorregadios declives, faziam exhalar cheiro muitas hervas aromaticas meio-pulverisadas. Um de original estylo gongorico diria que a natureza nos brindava com uma pitada do seu melhor cephalico: e de certo que nenhum tabaco me promoveria tão violento accesso de espirros.

Não sabia da cabeça quando chegámos á feira que se faz n'um rocio, limitada de um lado pelos pittorescos edificios de um convento de Jeronymos e pelo outro por eminencias penhascosas, quebradas em grande variedade de formas extravagantes; um penedo especialmente, que chamam dos ovos, coroado por uma cruz, remata aquella aggregação e exhibe exquisita apparencia brutesca. Detraz do convento, densa matta de oliveiras e os pomares occupam um valle curto refrigerado pelas fontes, cujas limpidas aguas são encaminhadas para os differentes claustros e cerca por um aqueducto de marmore ordinario que sustentam arcos chanfrados no gosto moirisco.

Os camponezes que concorreram á feira andavam espalhados pelo terreiro, conversando alguns com os frades, outros meio vinolentos cambeteando e estendendo-se no chão, outros comprando coifas de seda e arrecadas de oiro falso para presentear as namoradas. Os monges, que andavam azafamados em administrar toda a casta de consolações, tanto espirituaes como temporaes, conforme as suas respectivas edades e vocações, felizmente não deram por nós e assim escapámos de sermos empanturrados com doces e perseguidos de comprimentos.

Ao sol posto voltámos ao Ramalhão e tomámos chá na sala mirante em que ha nada menos de onze portas envidraçadas e janellas de vastas dimensões. O vento estava socegado, o ar balsamico, e o ceo de um azul tão suave que não nos soffreu o animo ficar engaiolados, e tomámos outra vez os nossos vehiculos, indo até á nova casa do consul hollandez á luz confusa de innumeraveis estrellas.

Passava das dez quando recolhemos á quinta do Marialva, e antes de chegarmos ouvimos as toadas sentidas de vozes e instrumentos de vento que saíam do arvoredo. Á borda do tanque principal sentavam-se a marqueza e D. Henriqueta, e um numeroso gru-

po de criadas, algumas bem engraçadas creaturas, escutando com todo o embevecimento d'alma o ensaio da musica deliciosa que havia de ser executada n'uma serenata a sua magestade d'ahi a dias.

Era uma das serenas noites encantadoras em que a musica adquire duplicado attractivo, e abre o coração a impressões maviosas, posto que melancolicas: nem uma folha susurrava, nem um leve sopro de vento perturbava a clara chamma das luzes collocadas junto das fontes, e que exactamente serviam para tornal-as visiveis; as aguas correndo para as caldeiras cavadas em redor dos pés dos limoeiros formavam um murmurio brando; e nas pausas do concerto nenhum som se escutava, excepto o de phrases imperceptiveis ditas baixinho ao ouvido; de modo que os encantos do clima, da musica e do mysterio me enlevaram n'um extasi de que sai com pena e reluctancia.

M.

L'ART DES FEURS

ODE A MONSIEUR CONSTANTIN

L'art sous ses mille aspects est d'essence divine;
Son horizon sans borne est l'espace vermeil;
En tous lieux il rayonne, il brille, il illumine:
C'est le disque d'or du soleil.

Il revêt à l'envi cent formes saisissantes.
Ici, sous les couleurs qu'animent les pinceaux,
Il étale à nos yeux des toiles ravissantes
Et de magnifiques tableaux.

Là, d'instruments sans nombre aux gammes infinies,
Et de la voix humaine aux magiques ressorts,
L'art créateur enfante un monde d'harmonies
Dans les plus merveilleux accords.

En mille objets divers il s'étale et s'exprime
A l'ouïe, à la vue, à tous les sens humains;
Sous la main qui le guide et l'esprit qui l'anime,
Il a des charmes souverains.

Constantin, vous, artiste, aux rives embaumées,
Au ciel des doux parfums, aux régions des fleurs,
Vous avez apporté d'autres fleurs animées,
D'autres parfums, d'autres senteurs.

Dans ce mond attrayant de grâces merveilleuses,
De multiples couleurs, de beautés, de rayons,
Vous semez à l'envi sous nos mains curieuses
Vos charmantes créations.

Sous vos habiles doigts, dans vos ardentes veilles,
La nature à vous seul explique ses secrets;
Elle ouvre à votre esprit ses plus riches merveilles,
Qu'elle cache aux yeux indiscrets.

Votre art, c'est la nature, et les fleurs sont vos oeuvres;
Feurs des champs ou des monts, des jardins ou des bois,
Qu'on le doive au soleil comme aux soins des manoeuvres,
Se multiplient sous vos doigts.

A ces créations, fruits de votre génie,
Rien ne manque, l'éclat, la fraîcheur, la bonté;
Tout fait brillant cortége à la grâce infinie·
C'est la nature en vérité!

Oui, vous êtes artiste, et le premier sans doute
Qui jamais ait traduit, à notre étonnement,
Les ouvrages de Dieu semés sur votre route
Avec autant de sentiment.

Car vous trompez nos sens, l'âme, l'intelligence,
Hésitent à marquer, dans mille fleurs au choix,
Celles que nous devons a la Toute-Puissance
Ou qui sont l'oeuvre de vos doigts.

F. Campadelli.

A ARTE DAS FLORES.

ODE A CONSTANTINO.

Nos mil aspectos seus, a arte é divina.
Purpureo, immenso espaço é-lhe horisonte,
Que luz, brilha, allumia em toda a parte.
É do sol aurea fronte.

Traja, á porfia, seductoras formas.
Aqui — nas côres d'immortaes pinceis,
Vêl-a se ostenta, em primorosas telas,
Em egregios paineis.

Lá — nos mil sons dos instrumentos varios,
Da voz humana em divinal canção,
Um mundo d'harmonias gera, cria,
De maga afinação.

Em objectos sem fim pompeia, falla,
Ao ver, ouvir, a todos os sentidos:
Sob a mão, que a conduz, alma, q̃ ánima,
Tem encantos subidos.

Tu, Constantino, ás margens recendentes,
Ao ceo fragrante, á região das flores,
Diversas, animadas flores deste,
Novos, gratos olores.

N'esse mundo attractivo de mil graças,
De luz, de côres, de belleza infinda,
Tu nos dás, sem cessar, creações novas,
E qual a qual mais linda.

Em teus dedos subtis, vigilias tuas,
Segredos seus a natureza falla:
E as raras maravilhas, que t'ensina,
Aos indiscretos cala.

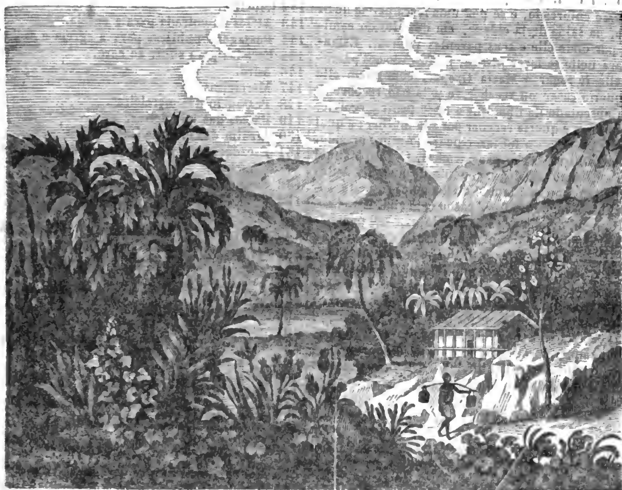
Por arte — a natureza; a flor, por obra;
D'estufa, de jardim, — a flor do prado;
Do sol producto, ou de lavor humano;
Tudo has multiplicado.

Em creações taes, — producto de teu genio,
Mede-se inteira a escala da belleza;
Cortejo á perfeição, ali é tudo,
É a propria natureza!

És artista; — e o primeiro, que nos deste,
Por entre assombro nosso, e rendimento,
Obras de Deus, em teu caminho soltas,
Com tanto sentimento.

Enganas os sentidos: — a alma hesita
Na escolha de mil flores, em confusão,
Por não saber, quaes deve, ao Omnipotente,
E quaes, á tua mão.

J. da C. Cascaes.



ILHA DE SANTA CATHARINA.

Na provincia de Santa Catharina está situada a ilha do mesmo nome, que, não só pela bondade do clima, senão pela fertilidade do terreno, é dos melhores sitios da provincia.

Já era bastante populosa, quando nas montanhas, em 1815, se descobriram aguas thermaes, cujas virtudes, avaliadas posteriormente, lhe attrahiram triplicada população, subindo por essa razão muito a importancia que já tinha.

Vista a efficacia de taes aguas para muitas molestias, pareceu acertado e conveniente fundar ahi um estabelecimento de banhos, e foi requisitada uma força de tropa, para a conservação do mesmo.

Porém os naturaes, bugres, que é uma raça feroz e indomita, não ficaram contentes com a presença do destacamento, que fôra concedido em conformidade da requisição, e determinaram destruil-o.

Para isso, urdiram uma traição, com a qual conseguiram aniquilar os soldados, incendiando o edificio que lhes servia de quartel.

Depois, como é de suppor, houve represalias. O estabelecimento foi de novo edificado, e parece que ainda existe.

INDUSTRIA.

Segundo os dados officiaes, o valor dos objectos que constituiram a exposição universal de Paris, subiram, não incluindo os de França, a 22 398:486 francos. D'esta somma correspondem 1.556:710 francos á Austria, e 1.037:909 á Suissa. Os artigos industriaes francezes representaram um capital de 36.000:000 francos.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XXX

De como veio Gaspar Homem á Villa da Praia em uma caravela com cartas sobre se entregar a ilha.

Um Gaspar Homem natural desta ilha e morador nas Lagens, termo da Villa da Praia, andou em demanda com uma Maria Gaspar filha de Gonçalo Pita Feyo, mulher honrada, e de bons avós e parentes; o qual a não queria receber sendo com ella casado, e ter contra elle muitas sentenças, o qual por ser teimoso e a não querer receber foi declarado por excommungado, té se pôr interdicto na ilha, sendo ella uma mulher muito galharda, moça e pobre, e por este respeito a não queria receber, e teve arte que, excommungado, se acolheu fora desta ilha, e se foi para Lisboa, e lá dice que era muito aparentado na villa da Praia, dos principaes da ilha, e que elle faria, com ajuda dos parentes e amigos, reduzir a ilha a serviço d'el-rei D. Filippe. Parecendo assim bem aos Governadores da cidade de Lisboa, e do Reino, lhe deram muitas cartas para alguns nobres, e cidadões desta cidade, e moradores da ilha, e o mandaram em uma caravela alfamista, a qual veio á villa da Praia, e começando a fallar não faltou ao povo mais que espedrejarem-no. Os parentes irmãos e cunhados não lhe poderam valer, e logo foi preso e lhe tomaram todos os papeis, e preso veio á cadeia desta cidade onde esteve té a vinda de Manuel da Silva, conde de Torres Vedras, e depois de

vindo foi o ditto Gaspar Homem sentenceado, que morresse enforcado, e se poz uma forca acima de S. Bento, na saida desta cidade, em um alto do caminho, por onde elle e seus parentes vinham. Estando para nelle se fazer justiça, foi forçado aos parentes delle ir rogar a Maria Gaspar, com quem elle não queria casar ou receber, e pela não receber se tinha ausentado da ilha, que o fosse pedir ao conde, porque logo a queria receber por sua mulher; a qual movida dos rogos o foi fazer pedindo-o por marido, e pelos serviços de seu pae e irmãos. O ditto Manuel da Silva, como era logar tenente do Snr. D. Antonio lhe perdoou, e lhe deu a vida pelos respeitos sobredittos, e logo foi solto e casou com ella. Este Gaspar Homem, depois de estar casado, por seu pae della e seu irmão serem capitães, e muito do serviço do Snr. D. Antonio, se fez o ditto Gaspar Homem tanto do serviço do Snr. D. Antonio, que fiando-se delle algumas pessoas, que eram do serviço de el-rei Filippe, e descubrindo-lhe seus intentos, elle os accusou, e Manuel da Silva os fez prender; e depois que entraram esta ilha por Sua Magestade se foi della, e se foi requerer serviços de quando o queriam enforcar, e veio com o habito de Christo, e com outras merces, e destes houve alguns nesta cidade.

XXXI

De como vieram capitães francezes e inglezes, com soldados, para ajudarem a defender a ilha.

Antes da vinda do conde de Torres Vedras, Manuel da Silva, o qual veio de França para esta ilha no mez de Fevereiro do anno de 1582, alguns mezes antes veio um capitão inglez chamado Henrique, com soldados; e assim veio outro por nome Duarte Perim, e outros dois, e algumas naus inglezas, com licença da rainha. Veio o grão capitão Carlos, francez, e outro Baptista, homens fidalgos, e com grandes casas. Estes dois, Carlos e Bautista, eram como mestres de campo, porque tinham outros capitães debaixo de seu mando, e governo; e foram apozentados nos melhores apozentos da cidade, faziam suas guardas e sentinellas na praça da cidade, e os postos della, seguindo sua ordenança, e estilo de gente de guerra. e prezidio. Os portuguezes faziam seu corpo de guarda no adro da Sé, onde estavam todos os dias duas companhias, porque tambem não se fiavam dos francezes, que sempre havia brigas uns com os outros. Havia tambem vigias pela costa de toda a ilha, todos os montes; a gente de cavallo eram as rondas; podia haver de inglezes, e francezes como oitocentos soldados, porque depois d'ai a mais de um anno veio Monsieur de Chatres com alguns mil e trezentos soldados; e naus francezas e inglezas nunca faltaram no porto da cidade.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

Seguimos hoje na descripção da sumptuosidade com que foi riscado o hospital de S. José, para se conhecer qual a capacidade que tinha o magnifico edificio do collegio de Santo Antão.

141 Egreja.
142 Capellas.
143 Atrios da entrada para a egreja.
144 Passagens publicas para a egreja e sachristia.
145 Escadas para subir ao coro.
146 Adro.
147 Mercieiras.
148 Passagem das mercieiras.
149 Pateos das mercieiras.
150 Jardim das enfermeiras.
151 Escadas para uso das convalescentes e enfermeiras.
152 Casa do forno das enfermeiras.
153 Casa de lenha, das ditas.
154 Casa de lavagem das ditas.
155 Passagem da casa do forno para a de lavagem.
156 Casa d'agua para as enfermeiras.
157 Casa d'agua dos meninos da capella.
158 Tanque para lavagem.
159 Celleiros.
160 Açougue de vitela.
161 Sumidoiros geraes.
162 Transito da passagem, e onde se guardariam os carros.
163 Casa dos bois.
164 Palheiro.
165 Casa do marchante.
166 Casa dos carreiros.
167 Casa dos farellos.
168 Casa da abegoaria.
169 Commodo do mestre de latim.
170 Escada de serventia para o cura, thesoureiro, e meninos da capella irem á egreja.
171 Pateo com poço ou cisterna para uso de se lavarem as carruagens dos enfermeiros mores.
172 Cocheiras das ditas carruagens.
173 Casa dos arreios.
174 Pateo de gallinhas.
175 Casa de gallinhas.
176 Sumidoiros para uso dos criados.
177 Pateo da entrada das carruagens.
178 Cavalhariça das bestas dos enfermeiros mores.
179 Palheiro.
180 Casa dos moços da cavalhariça.
181 Casa d'agua da cavalhariça.
182 Tanque para as bestas beberem.
183 Celleiro da cevada.
184 Escada por onde se devia subir á copa.
185 Casa de lenha da copa.
186 Casa do porteiro.
187 Loja para os enfermeiros mores na passagem para o pateo das carruagens.
188 Escada principal.
189 Passagem para as officinas e commodos dos criados, e do uso de levarem o comer pela escada principal nos dias publicos.
190 Casa dos moços.
191 Casa devoluta.
192 Casa da pastelaria.
193 Casa das massas.
194 Casa das farinhas.
195 Cosinha.
196 Casa da lavagem da cosinha.
197 Tanque da agua da cosinha.
198 Dispensa.
199 Casa do cosinheiro e seu ajudante.
200 Escada que subia para a casa de jantar.
201 Serventia para a casa de jantar.
202 Commodos dos criados graves da casa.
203 Sala deitando para o jardim.

204 Escada descendo para o dito.
205 Jardim.
206 Commodos do comprador do Hospital.

Tal é a explicação da primeira planta. Não menos curiosa era a segunda planta, respectiva ao pavimento do primeiro andar. Era a seguinte:

1 Casa da Fazenda, e ficava por cima da entrada principal do Hospital.
2 Casa do escriptorio dos enfermeiros-mores.
3 Casa da residencia dos ditos.
4 Casa para estar o papelista mais prompto todas as vezes que fosse chamado.
5 Casa fechada e segura para o cofre do Hospital.
6 Casa para os livros da casa da Fazenda.
7 Cartorio grande para os papeis da secretaria.
8 Serventia publica do uso do Hospital.
9 Escada principal para a casa da Fazenda.
10 Casa de espera do publico. Por esta casa havia passagem para o quarto dos enfermeiros-mores, e para a casa da Fazenda.
11 Casa de espera das pessoas particulares.
12 Commodo do papelista.
13 Commodo de um secretario.
14 Passagem para o quarto dos enfermeiros-mores.
15 Salão para a livraria.
16 Casa da copa.
17 Casa de lavagem da copa.
18 Escada descendo ao commodo do copeiro.
19 Sala vaga do quarto dos enfermeiros-mores.
20 Escada principal do quarto dos enfermeiros-mores.
21 Primeira guarda-roupa dos ditos.
22 Segunda guarda-roupa.
23 Casa de receber visitas.
24 Casa de se vestirem.
25 Casa dos vestidos.
26 Passagem dos criados para a casa de vestir, e casa de receber visitas, e de jantar.
27 Escada da cosinha para a casa de jantar e quarto dos enfermeiros-mores. Tambem de uso para o jardim e para o quarto dos filhos dos enfermeiros-mores.
28 Casa de jantar.
29 Corredores com serventia para os dois quartos.
30 Casa da Dona.
31 Oratorio.
32 Sachristia.
33 Tribuna de senhoras.
34 Primeira antecamara.
35 Segunda antecamara.
36 Terceira antecamara.
37 Camara.
38 Camarim.
39 Casa de vestir e toucador
40 Casa de vestidos.
41 Galeria de passagem para a casa de jantar.
42 Casa para guarda dos pannos e mais pertenças á casa de jantar.
43 Escada descendo do quarto das senhoras ao jardim, e subir ao quarto dos filhos.
44 Passagem para um transito vago em que devia estar a escada para as tribunas.
45 Transito vago.
46 Escada para as tribunas.
47 Passagem para as varandas.
48 Varandas.
49 Retrete.
50 Sumidoiro.
51 A area das torres.
52 A area do atrio dando serventia á egreja.
53 Area da egreja.
54 Area das capellas.
55 Area dos corredores que ficavam no plano da egreja.
56 Escada subindo ás ante-areas e ao coro.
57 Corredores das tribunas.
58 Casa com tribunas para el-rei.
59 Ante-tribuna.
60 Escada da tribuna real para a dos camaristas, e para o plano da egreja.
61 Escadas para a tribuna do Sacramento.
62 Escada principal para uso do rei.
63 Commodo do coadjutor com escada para os meninos da capella.
64 Passagens publicas para o cura, coadjutor, e meninos da capella, e thesoureiro, para as tribunas, e para dentro do Hospital.
65 Commodos dos meninos da capella.
66 Tribuna do Sacramento.
67 Escada para os doentes.
68 Casa onde os doentes esperam.
69 Casa para os medicos acceitarem os doentes, e o escrivão fazer os assentos.
70 Casa para onde passavam os doentes depois de acceitos.
71 Casa das confissões dos doentes.
72 Passagem para a escada por onde saíam os enfermos já curados.
73 Passagem para a casa do escrivão dos assentos.
74 Portaria dos homens.
75 Passagem com serventia a todas as enfermarias d'este plano.
76 Enfermaria dos feridos.
77 Enfermaria dos presos.
78 Rouparia da dita.
79 Despejadoiro da dita.
80 Transito onde deviam estar os soldados de sentinella.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

FASTOS AÇORIANOS.

Continuação.

VIII

San-Martinho.

> « Un historien qui rapporte des évènement arrivés de sons temps, est cru à proportion de sa sincérité et de l'opinion que le public a de la bonté des moyens qu'il a employés pour s'instruire. »
> Robertson — Hist. de l'Amérique.

No undecimo dia de novembro celebra a egreja Catholica a memoria de San-Martinho, bispo, commemoração ecclesiastica com que andam a par e em rivalidade certos festejos provinciaes espontaneos, que o povo açoriano publicamente consagra ao mesmo heroe.

Diremos primeiro em que consistem os folgares. Só depois levaremos o passo incerto pelo escuro caminho das origens presuppostas.

O viajante curioso, que pela noite de dez de novembro, bem enroupado fizesse rosto ao sopro inver-

nal do *matta-vaccas* (vento noroeste) e discorresse as povoações ruraes, ou as ruas cortadas das cidades, uma das quaes, de assente que parece sobre as aguas do oceano, sobe em doce amphytheatro sua casaria alvacenta, as torres e campanarios, os arvoredos e bellas casas de campo: — o viajante, cujo espirito attento tivesse por costume conversar os acontecimentos e os espectaculos, e perguntar á historia os liames, que elles tinham com o passado:—nos grupos ambulantes e multiplicados de povo, com seu frenetico tanger de latas, chocalhos, e cascaveis, veria a manifestação passageira, quasi inexplicavel, de um sentimento extravagante, que com a algazarra dos rapazes endiabrados, bem pudera proval-o na paciencia, e resistencia dos ouvidos!

É que rapazes, em toda a parte constituem bando uniforme de endemoninhados desinquietos, que a seu cargo tem todo o serviço da desinvoltura, e nos Açores, um dos papeis principaes da salsada do San-Martinho.

Era lenda mui comprida a que já a certa velha ouvimos contar a respeito dos rapazes. Todo o fundo se compunha d'um banquete, para que o demo fôra convidado, e promettera ir; designio que depois revogara, logo que o informaram de que á boda concorriam tambem rapazes, de quem elle mais que tudo se arreceava. D'aqui concluia a boa velha, apoz os obrigados *era uma vez um dia, e ora vae d'ahi*, o seu eterno stygma de que « rapazes, nem o diabo quizera estar com elles!... » E com isto se riem todos na infancia, folgam, proseguem, e dizem entre si que tudo aquillo é falso, e romance, e injuria mal merecida!

Mas, deixando a rapaziada, que já bem estabelecido fica ser má gente, vamos ao que importa, vamos ao nosso San-Martinho.

As sociedades, os compromissos populares, não tem mesa nem estatuto, mas talvez que por isso mesmo o seu espirito e unidade viva mais. Quem sabe?

As irmandades do santo *da pipa* só tem por lei fundamental, entre os irmãos, crapula obrigada na vespera da sua annual commemoração; e o tradicional e austero desempenho d'esta regra, com seus festejos irrisorios, nos parece ser confirmação d'aquella suspeita.

Como a acção da policia, que vigia sobre o excesso das alegrias publicas, é nulla ou menos pronunciada, assim o busio, ou o chocalho estrondoso, cede o passo á procissão silenciosa, comprido sequito de devotos enfileirados, dando por todas as ruas rebate aos irmãos reclusos, para irem na cava mysteriosa consummar o sacrificio com o sermão, e o convivio.

A respeito do burlesco sermão quereis ver um specimen do que elle é ou foi? Lembra-nos ter visto alguns, com variantes mui curiosas e extravagantes. Um d'elles começava pela invocação:

Per vinum dulce, libera nós Bacchus noster de vinagrantibus polis: In nomine panis, et vini, et spiritus bacchantis. Amen. Borracharia.

O thema do sermão era:

In vita et morte, ne deficias nobis: Queremo-nos achar comtigo em vida e morte. *Palavras de adegas, capitulo de pipas, verso de copos.*

O exordio começava:

«Que vejo, que sinto, que tanto se assimilha ás linguas de Babylonia? Será talvez José Bonaparte, será Hespanha, será Napoleão, opprimido por D. Carlos de Allemanha? Não senhores, não. É Baccho que entre estes galfarros se está vendo mais opprimido do que o diabo entre a cruz e a caldeirinha!»

Todo o resto do discurso era de egual jaez!

Mas porque é, que entre a memoria de Martinho e os amigos do vinho, existe tão estreita correspondencia, que até por podas e vindimas nos lembra ouvir descantar-lhe:

«San-Martinho, santo bispo,
Feito de pau de sanguinho,
Consolae-me esta guela
C'uma pinguinha de vinho?»

N'um supposto milagre, conservado n'uma lenda popular, querem os rusticos encabeçar a devoção. Contam, que missionando o tourunense e os seus monges, lhes apertara a sêde onde minguava agua, pelo que se soccorreram a um taverneiro, que lhes apresentou vasia a pipa! É então que se inflamma o zelo apostolico do bispo, e, parodia de Moysés, se escancha sobre a vasilha, e manda que d'ella aparem vinho! Opera-se o milagre!... todos pasmam... as sêdes mitigam-se e ultrapassam talvez a saciedade... D'este modo é que o bom varão se constitue protector dos bebedores!...

Seja porém como fôr, ou os regosijos do povo açoriano partam d'essa profanissima origem, ou do costume immemorial de celebrar annualmente por este tempo a alimpação dos vinhos, á similhança de muitas festas, que subsistem por toda a Europa, especialmente a das ceifas, que ainda dura entre os sicilianos; é inquestionavel que o santo catholico ficou popular advogado das alegrias bacchicas.

Concluimos com o que d'elle diz Chaudon e Delandine no seu *Nouveau Dictionaire Historique*: — «Cerca do anno 383, o santo bispo Martinho se apresentou em Treves, para alcançar algumas graças do imperador Maximo, que o poz á mesa com os mais illustres personagens da côrte, e lhe deu assento á direita. Quando o official apresentou a taça cheia ao imperador, este a fez dar primeiro a Martinho, e a recebeu depois da sua mão. É por isso que se diz que o santo, acceitando a taça das mãos de Maximo, ficara patrono dos bebedores! A sua festa, coincidindo com a colheita dos vinhos, foi por muito tempo celebrada em França com danças e banquetes.

Na linguagem antiga *martinhar* era beber com excesso; e *mal de San-Martinho* o mesmo que embriaguez. Para se justificar de ter feito longa a syllaba *bi*, da palavra *bibere*, escreveu um poeta antigo o verso:

«*Bibere Martinus non sinit esse breve*»

«Martinho não consente que o *beber* seja breve.»

José de Torres.

A austeridade da critica frequentemente converte os censores em zelosos.

—

A historia é a unica tocha que pode diffundir alguma baça luz nas trevas do passado.

—

Não ha vidro mais quebradiço, que a fama da honestidade, e honra feminil.

—

Ha homens, que são meras machinas, de que outros são motores.

(Aphorismos)—Moraes Carvalho.



TORREÃO ORIENTAL DE PETERHOFF.

TORREÕES DE PETERHOFF.

A residencia imperial mais estimada do czar reinante, Alexandre II, é Peterhoff, que como indica o nome deve sua origem a Pedro o grande. O castello ou palacio velho, edificado pelo fundador de S. Petersbourg, forma o centro do actual.

Todos os imperadores e imperatrizes successivamente o tem augmentado, restabelecido, aformoseado; a sua architectura, talvez por isso, não tem um caracter distinctivo, e tanta comparação pode ter com Versailles como a sé de Kazan com S. Pedro de Roma. Ainda que do ponto culminante que occupa se descobre uma vista extensa e de muito movimento no golpho que formam o mar e o Neva, a sua fachada principal é voltada para o lado da terra firme; porém, os jardins descem até á beiramar em terrados, que adornam fontes e cascatas.

Notam-se os carvalhos e tilias que foram plantados pelo proprio Pedro Grande. O palacio não é grande, porquanto não poderia alojar commodamente toda a familia imperial, que é hoje mui numerosa e ramificada.

Construiram-se successivamente a pouca distancia o denominado pavilhão de Mon Plaisir, outro pequeno palacio de Marly, muitas casas á rustica, uma á ingleza, e n'este gosto a *cottage* de que o imperador Nicolau havia feito presente á imperatriz. Quando este fazia annos, a 13 de julho do nosso computo, era para ver o espectaculo que apresentava Peterhoff; a côrte dava ali uma festa grandiosa aos quinhentos mil habitantes de S. Petersbourg: pode ver-se a descripção, sobretudo das estupendas illuminações dos jardins e canal, nas memorias das Viagens do marquez de Custine, o qual diz que a situação de Peterhoff é o mais formoso painel natural que viu na Russia. Sobre a ribanceira fragosa, pouco alta e sobranceira ao mar e que começa na extremidade do parque obra de um terço de legua abaixo do palacio, está edificado este quasi á borda d'essa riba quasi talhada a pique pela natureza.

Fizeram-se magnificas rampas; e desce-se de socalco em socalco até ao parque, onde se encontram mattas excellentes pelas sombras bastas e pela extensão, com variedade de repuchos e quedas d'agua artificiaes, e alturas dispostas de proposito para se avistar o mar, as costas da Finlandia, e o arsenal da marinha russa, a ilha de Cronstadt com suas muralhas de granito á flor d'agua, assim como ao longe e nove leguas para a direita se descobre Petersbourg, a cidade toda branca, que d'esta distancia parece alegre e brilhante.

«Quando penso (escreve o A. citado) em todos os obstaculos que o homem aqui tem vencido para viver n'estas paragens em sociedade, para edificar uma cidade e alojamentos para mais de um monarcha no que eram antros de lobos e ursos, como diziam á imperatriz Catharina, e para manter a magnificencia conveniente á vaidade de grandes principes e de grandes povos, sinto-me tentado a bradar milagre ao ver uma alface, uma rosa. Se Petersbourg é uma Laponia sarapintada de obras que arremedam as artes, Peterhoff é o palacio de Armida debaixo de vidraças. Não me capacito que ando ao ar livre quando vejo tantas coisas pomposas, delicadas, esplendidas, e me lembro que d'aqui alguns graus mais além o anno se divide em dois dias e dois crepusculos de tres mezes cada um; é sobretudo o que eu não posso deixar de admirar a todo o momento!»

M.

O PAGEM DA RAINHA.

Romance.

Continuação.

VI

O MARIDO DA VIUVA.

O primeiro esposo da que fôra mulher do senhor rei D. Fernando estava diante d'ella.

No rosto pallido e macilento do velho lia-se, atravez da sua altivez, toda a profundidade de uma viva dôr.

Um silencio momentaneo reinava unico senhor no salão em que se jogava o destino de Portugal.

O velho avançou com passo firme, e que parecia tranquillo.

D. Leonor, aterrada e confusa, pois de ha muito não via o aspecto do homem que santamente a estremecera, e que por ella daria a vida, que por sua ambição fizera tão desditoso, de fronte curvada sobre o peito e apertando as mãos uma na outra, repetia ainda:

— João Lourenço da Cunha!

— Sou eu mesmo, começou elle pausadamente, e commovido até ao fundo d'alma, rainha de Portugal; sou esse homem que foi arremessado por ti ao tremedal de todas as infamias, ante o qual se teem fechado as portas do teu palacio real. Hoje, porém, chamaste os bravos cavalleiros, e não te lembraste de exclnir aquelle de quem houveste o nome. Era forçoso encararmo-nos face á face, rogar-te que tivesses para com este povo a piedade que me negaste a mim.

Nunca o animo do velho vergara ante as desditas profundas com que o Senhor quiz experimentar o seu apego á religião; nunca tremeu esgotando o calis de fel que sua esposa lhe pozera aos labios, não soube chorar nem pedir, soffreu e calou; hoje porém tudo mudara; não era o velho que pedia ventura, humilhando-se: era o portuguez que pedia a ventura do seu paiz, exaltando-se.

— Eis a boa flor da cavallaria, proseguiu elle; é perante ella que eu heide erguer a minha voz.

O tremor que abatera o animo da mulher perjura a todos os juramentos, não podia durar por muito tempo; e a vibora que fôra pisada erguia de novo a fronte infiltrada de nova peçonha.

— Não, não! exclamou ella, não sois João Lourenço... eu punirei tão grande arrojo.

— Dizeis bem, Leonor, exclamou elle quasi em lagrimas, que debalde pretendia occultar no amargo d'um sorriso; dizeis bem! Tu já não podes conhecer-me; o homem votado ao desamparo e á deshonra, atirado á irrisão publica, a victima do seu amor por ti, não podes conhecel-a não, não!

E João Lourenço, energico por toda a raiva do ciume, por todo o rancor que lhe acendera n'alma o despreso a que o votara a que fôra sua esposa, e que um capricho real lhe tirara dos braços, bradava enfurecido pelo odio e pelos zelos:

— A minha voz, outr'ora poderosa e forte, é um ecco de remorso que sae da sepultura. O fogo que se me acendia no olhar, apagou-o o gelo da indifferença da mulher que amei, pelo frio do sepulchro que já me arrefece o coração; e esta fronte que outr'ora resplandecia vida e força, hoje pallida e rugosa, é como o espectro da morte, como um estandarte sepulchral, que a mão de Deus arvora n'este momento no teu palacio, que rescende alegria, por entre os funereos mantos do luto do rei meu rival; e este coração que palpitou d'amor e d'esperança, pulsa agora terrivelmente ameaçador de raiva, de vingança e de ciume. Oh! não, não; tu não podes conhecer-me.

E apoiando nas mãos a fronte abrasada, sentiam-se os soluços que soltava o pobre do velho, e as lagrimas banhavam-lhe os dedos, e o coração triumphava da coragem. Elle ainda amava.

— Conde, conde d'Ourem, bradou a implacavel Leonor Telles; mandae prender este homem. Tanto atrevimento não pode ficar impune, a dignidade do throno o exige.

E olhava todos os cavalleiros, como certificando-se se poderia cumprir o seu negro projecto.

— Cavalleiro, disse a viuva de D. Fernando ao seu primeiro esposo, a masmorra é o tumulo dos vassallos rebeldes.

— Oh! cala-te, cala-te, Leonor!

E o desgraçado, que chorara ha um instante, cobrava nova alma, e nova força na desdita.

— Manda, proseguiu D. João da Cunha, manda encarcerar-me. Já conheces o homem despresado para continuar a esmagar-lhe o peito. Manda lançar-me cadêas, enterrar-me em vida, prende o pae do teu filho, que nem assim deixarás d'estremecer aos brados da minha vingança.

Leonor, lembrada de que entre ella e João Lourenço havia mais que os laços formados pelos homens, um laço formado pela vontade de Deus — um filho, Leonor tremeu a seu pesar; todavia a rainha estremecia em face de tantos inimigos, era forçoso lutar, ou confessar-se logo vencida; além d'isso a lembrança d'esse filho que ella deixara quasi no berço, que sempre vivera, segundo julgava a esposa infiel, ao lado de seu pae, não podia mais do que aborrecel-a; Leonor expelliu esta lembrança que só podia contristal-a.

— Atravez d'espessas muralhas, bradava João Lourenço da Cunha, hade vir a minha sombra collocar-se diante de ti; encerrado no jazigo hade a minha voz escoar-se pelas fisgas do sepulchro, e vir bradar-te aos ouvidos para ralar-te a vida. No carcere, no patibulo, ou ainda mesmo na sepultura, heide bradar: «maldição sobre ti; maldição sobre a mulher que despedaçou as cadêas mais santas e sagradas que prendem na terra; que desterrou do seu seio o filho da sua alma; que lhe gravou na fronte o ferrete d'ignominia, dando-lhe por baptismo o adulterio; que por ambição se esqueceu que era esposa e mãe. Rainha, rainha, a espada de Deus está sobre a tua cabeça!

João Lourenço voltou-se n'este momento para os cavalleiros, e bradou-lhe:

— A vós, senhor Mestre d'Aviz, a vós, nobres de Portugal, é que vos cumpre resgatar o velho depois de libertada a patria.

O olhar de D. Leonor correu rapido o salão, mas tremeu ouvindo a voz de D. João d'Aviz.

— Não, dizia o Mestre, não podemos consentir. D. Leonor, libertae João Lourenço.

— Todavia..., dizia ella desesperada, mas não se atrevendo a lutar; eu... fazer-lhe mercê!...

— Oh! nem eu a quero. Exclamou o marido despresado

— Meu Deus, meu Deus! balbuciou a rainha.

— Deixae, dizia João Lourenço aos cavalleiros portuguezes, cumprir mais esta iniquidade para que

a taça das infamias trasborde emfim. Senhor D. João, (e fallava ao Mestre d'Aviz) cumpre-vos votar ao esquecimento esta horda rebelde que se levanta no territorio portuguez.

Dirigindo-se depois ao conde d'Ourem, e sorrindo com incrivel despreso, continuou:

— Partamos: cumpri a justiça da magnanima regente.

E avançando alguns passos para ella, proseguia:

— Tu mandas, rainha de Portugal, que se derrame o sangue de honrados portuguezes nas ribas da terra natal; bem, antes de te deixar, quero offerecer-te uma derradeira dadiva.

E apertando um pouco o seu jubão, tirava de dentro d'elle um bonet de veludo em que, por um escarneo vergonhoso, João Lourenço fizera prender uns chifres d'oiro, desde o momento em que se consummara o adulterio por que D. Leonor conquistou o throno portuguez.

— Vêde, bradava elle, rindo desesperado; vêde-o todos, cavalleiros, eis o symbolo da infamia!

E como a rainha, rubra pelo pejo que não pudera vencer, occultava o rosto entre as mãos, o braço de João Lourenço lhe destapou a fronte, bradando:

— Eia, encara-o bem, mulher, é o emblema do adulterio; calca-o debaixo dos teus pés. Assassina-me; mas crê que não podes matar a posteridade que hade bradar sempre no futuro: — maldição á mulher adultera!

D. Leonor tremeu, vergou, caiu de joelhos. João Lourenço partiu entre os soldados que o esperavam na passagem, e ao lado do conde d'Ourem.

Poucо depois estava deserta a sala da reunião.

VII

Novo amor perfidia nova.

Parece que o presente, pelo seu constante anhelar para as profundidades do futuro, chega mil vezes a antever; ou parece então, por mil pontos que se despresaram outr'ora, que deveriamos nós conhecer o que o porvir nos mostra em nome do que fôra já presente.

Os sumptuosos passos do senhor rei de Portugal, habitação de monarchas como eram, sonhavam já a sua terrivel missão de encarcerar, e tinham como prognostico, para as bandas inferiores, carceres pequenos e fechados, como se parte fossem d'uma fortaleza amestrada em manietar os traidores ao rei ou ao paiz.

D. Leonor não podia deixar de fornecer o que faltava ao perfeito de taes casas, e os alabardeiros não eram escassos nunca aos seus frontaes.

No recanto mais resguardado existia a mais espaçosa, mas tambem a mais bem escondida e forte de todas as prisões.

Atravessar mil corredores escuros e tortuosos, de que mesmo na estação calmosa se achava como reliquia do inverno um ar frio e humido; escorregar pelo lagedo limoso, vendo os candelabros pendentes a espaços, e a morrer por falta de ar e de vida, era como o signal de se achar na mais estimada prisão que adornava o palacio de sua real senhoria.

Foi para ali que João Fernandes Andeiro levou o primeiro marido da rainha regente dos portuguezes.

Era um espaço de quatorze pés quadrados, as abobadas arqueadas fechavam no lagedo, as portas mais de ferro do que de carvalho negavam a entrada a todos que se chegassem ali, e nada menos rija era a porta pequena que parecia ter sido feita para amores clandestinos terem livre passagem, se taes amores podessem viver em tal recinto. Uma alampada de cobre pendia no meio da prisão, uma chaminé larga e encravada na parede dava algum calor ao aposento regelado; dois bancos pequenos juntos de uma mesa sem adornos completavam este quadro de abandono.

João Lourenço da Cunha, á voz de sua esposa, que se chamava a regente de Portugal, tinha sido encerrado ali, a sua alma partida entre o amor immenso que tivera a D. Leonor, e o ciume fatal que o dominava ainda, era presa de magoa mais tremenda.

A recordação dos momentos em que sonhara felicidade nas eras do futuro era-lhe agora de tormento e desdita, que só via negros os seus pensamentos doirados. Lembrava-se de como pensava findar a sua vida nos braços puros e amigos d'uma esposa adorada, como sonhara ver-se respeitado e amado pelo filho da sua alma e herdeiro do seu amor, e só via os sonhos do passado gyrarem-lhe em roda como espectros fataes, que o presente d'amargura sepultava em um momento.

Nem o mais ligeiro ruido interrompia o silencio na prisão; junto ao fogo e recostado sobre os braços parecia o cavalleiro estar longe da vida, e dos pensamentos do mundo, mas agitado pela dôr que lhe ia n'alma, começou elle encarando o passado em face do presente, e balbuciando no poder do infortunio.

— Como tudo mudou?! Ainda hontem o sol, o campo, a companhia dos homens, e um porvir de vingança! E caindo do sonho de tanta esperança, sobre um presente sem futuro, apertava uma na outra as suas mãos emmagrecidas.

« Hoje unicamente a noite e a solidão do tumulo, o descrer e o abandono; e as cadêas que arrasto eccoando nas abobadas que tem escutado o suspirar de tantos martyres... e estas cadêas?...

E um pensamento mais doloroso ainda vinha enroscar-se-lhe n'alma.

« E estas cadêas foram-me lançadas por ella..... pela esposa da minha alma, por a mãe do meu filho... a raiva lutou e venceu o amor; oh! não, pela viuva do rei D. Fernando. E um curto silencio seguiu o suspirar apaixonado do infeliz cavalleiro. Mulher, que com o teu sorriso d'anjo me lançaste a alma ao demonio e me roubaste as crenças de Deus, queres dar-me ainda sobre a campa o calis da amargura?.... É verdade!.... E com os olhos fitos, erguia-se n'um brado de sentimento profundo, ainda mais hasde trocal-a ainda pelo esquecimento.... O esquecimento, o nada, e a duvida cruel das crenças do ceo, que vem amargurar nos momentos em que a alma não pode com todo o peso da desdita que lhe quer dar o Senhor, vinha opprimir ainda João Lourenço. O nada, quando antevejo as portas do tumulo a fecharem-se já sobre mim ... e quando sei que não irá nunca uma voz amiga rezar por alma ao malaventurado!

E elle dobrando á magoa ajoelhava no solo; uma dôr profunda se lhe pintava sobre a fronte, erguia-se n'um instante interna esperança, lembrava-se de evocar a rainha da misericordia celeste, e bradava:

— Virgem, Virgem, tende piedade de mim!

Assim ficou absorvido em seus pensamentos, e por isso não sentiu os passos cadenciados que se ouviam já perto da porta pequena da prisão, e uma voz que dizia mansamente:

— Podes retirar-te, e no momento em que chegue

o senhor D. João d'Aviz que entre sem demora.

— Assim será. Disse outra voz que parecia responder respeitosamente á que primeiro se escutara.

— Tudo mais como te ordenei, proseguiu a que primeiro começou, mandarás para junto da porta do corredor os archeiros da minha guarda, e tu sempre de vigia aguarda cauteloso as minhas ordens.

— Cumprirei tudo como dizeis.

— Depois...

— Nada esquecerei.

— A minha vingança?...

— Será completa.

— Mas...

— Vae-te...

A porta abriu-se vagarosamente, e D. Leonor entrou socegada, affavel e risonha como se um amor immenso a levara ali.

— João Lourenço da Cunha!

O cavalleiro ergueu se apressado, e tremulo; aquella mulher acordava-lhe na alma tudo quanto existe de bello no sonhar d'um primeiro amor.

— Que voz é esta, meu Deus! bradou o cavalleiro. E a tudo que lhe dictara a paixão, seguiu de perto a lembrança dos tormentos que herdara do seu coração desleal.

— Que me queres tu? vae-te, vae-te.

A mulher, tranquilla e socegada, fallou como se fosse concluir a mais justa de todas as coisas do mundo, attendendo ao seu fim, e calando no coração o que havia de criminoso nos seus meios detestaveis.

— Venho estabelecer um pacto entre nós D. João, mas um pacto d'amor.

— Leonor, Leonor! bradou elle, vae-te, foge.

—Separados de ha tanto, é justo que se destruam loucuras, e que se forme entre nós uma alliança... Mas parando como se quizesse reflectir no que devia dizer unicamente, e temendo dizer mais, proseguiu:

— D'aqui conquistaremos uma eterna felicidade, se depois de me escutares, não puderes dar credito ás minhas palavras...

E D. Leonor, ajoelhando em frente de João Lourenço da Cunha, apresentava-lhe um punhal e proseguia:

— Podes matar-me depois.

D. João, erguido o ferro, alevantava-se brandindo-o:

— Oh! sim, sim!

No momento em que julgava poder ferir, viu que o seu coração ainda era presa de um amor apaixonado, a alma deu lhe a saber que não podia erguer-se como rei de justiça ante a mulher rainha dos portuguezes, e recuou aterrado.

— Não, não, desgraçado de mim que ainda a amo.

— João Lourenço?

O marido ultrajado, caindo sobre o banco da prisão, bradou como se despertasse d'um sonho:

— Que queres tu de mim?

— Escuta-me, disse a rainha, ouve-me, tu não podes riscar d'alma os pensamentos tão queridos de outro tempo... pois bem, essa carta fatal que está em poder do Mestre d'Aviz, essa carta que eu em um momento de loucura enviei ao conde d'Ourem, quando elle tinha passado á Inglaterra, essa carta que pode destruir toda a minha vida...

—E levar-te... quem sabe, ao castigo que destinavas ao innocente!

— Ouve-me sem me interromperes. Na minha alma acordou a voz de Deus sentimentos novos, mas essa carta nas mãos do Mestre, que é meu implacavel inimigo, pode fazer a minha perda infallivel, e matar-te porque a tua vida e a tua morte pendem d'uma palavra minha. Se eu não tiver a força e o poder para que a faça valer em teu favor, a tua morte é inevitavel, e é necessario, eu quero que nós vivamos ambos.

E os braços de D. Leonor apertavam ao coração o que já fôra seu esposo e seu senhor, o que vivera de esperanças só por ella, como se fosse possivel abysmar as miserias do passado sem que deixasse um vestigio doloroso no animo do que tinha soffrido tanto, e a quem unicamente o ciume dava vida.

— O Mestre d'Aviz vae chegar em pouco, disse a mulher de João Lourenço, afastando-se, alcança-a; e tu ficas livre, e eu livre tambem; nós seremos venturosos.

— A ventura, a liberdade, a vida!?

E n'este momento o aspecto medonho da prisão em parallelo com o sol e o campo, uma vida d'exilio, e a vida de liberdade, trouxeram diante do esposo ultrajado tudo quanto lhe offertava sua esposa, occultando a dôr a honra que devia impor-lhe a coragem e o despreso.

D. Leonor, astuta e destemida, conhecendo quanto podia ainda no animo do malaventurado, vendo que a liberdade se lhe desenhava na imaginação rica de futuro, proseguia amorosa:

—Oh! esquece, meu amigo, todo esse infeliz passado que já lá vae... eu amo-te, meu esposo, e nunca amei senão a ti; oh! mas derrubada essa ambição louca porque fui criminosa, eu sinto reviver tudo quanto Deus plantou de nobre na minha alma; amo-te agora mais do que nunca.

E João Lourenço, estreitado ao peito da esposa, perdia o pensamento do passado, não curava do futuro, o presente era bello.

—Vamos, proseguiu a viuva do rei, vamos gosar o paraizo de ha tanto finado para nós; vamos nos braços um do outro viver vida d'amor singela e pura.

— Será verdade? exclamou João Lourenço, como duvidando do que ouvia, não podendo crer tanta felicidade.

— Para isso, meu velho amigo, é força destruir aquella prova fatal que me condemna ao despreso; essa tu mesmo a arrancarás ao homem que busca a minha perdição! Depois, largo é o mundo!... Esquecimento no passado, ventura e prazer no mundo dos homens, misericordia e perdão na mansão de Deus, e tudo nos teus braços, João Lourenço, nos teus braços.

D. João cedia ao poder magico da mulher que se alevantara rainha na sua alma, antes de se fazer rainha portugueza; acceitava os seus abraços ferventes, mas desorientado, quasi louco, mal atinava em fallar.

— Mulher, mulher, que me enlouqueces!...

Depois a memoria veiu, a nudez dos crimes do passado brilhou fatidica e tremenda, e elle proseguiu:

— Tu ainda és a mesma Leonor Telles. É a tua voz que me falla, e a vergonha do adulterio está ali de pé, sempre, implacavel, como um remorso, como um eterno vingador que me persegue. por eu não ter baptisado já no sangue infame os attentados porque me reserva o futuro uma lousa d'ignominia.

— Perdão, perdão!

A rainha fez-se mulher; quem a visse ali curvada, segurando as mãos do esposo, supplicando em pranto, teria dó talvez de tanta dôr.

— Não, nunca!

— Por piedade!



TORREÃO OCCIDENTAL DE PETERHOFF.

—É impossivel.

—Por Deus, por Portugal, por mim, pelo meu amor!

—Não, não, juro!

E caiu, fraco e prostrado de forças, sobre um dos bancos da prisão.

O quadro mudou, o cordeiro ergueu-se lobo, o rosto que as lagrimas banharam, tornou-se fero e ameaçador. D. Leonor no momento de fallar em pé e altiva, nada se assimilhava á penitente arrependida que pranteava ha pouco.

—Bem, tu não queres que eu represente por mais tempo esta hypocrisia vergonhosa, seja. D. Leonor Telles não treme diante dos perigos; a rainha de Portugal não estremece ante o caudilho do povo. Com a vida arrancar-lhe-hei esse thesouro em que fructifica tanta força! Se fizesse desabar em ruinas o meu poder, teria ao menos a ventura de sorvel-o na voragem comigo. Conquistarei um throno, João Lourenço; será no palacio real, no cemiterio ou na praça publica; chamar-se-ha tumulo, throno ou patibulo.

Era forte e energico o poder que nos transes da sua vida de agitação alevantava D. Leonor; era o symbolo da coragem em nome da ambição, e João da Cunha, que a escutara, que a estremecera, que se sentira arrebatar pelo seu amor santo pela patria, cheio da força que os seus affectos pareciam roubar-lhe, bradou altivo, impedindo à saida da rainha D. Leonor:

—Suspendei, rainha de Portugal! tu o disseste, terás um throno eterno na largura do futuro que te espera, deixarás um nome conhecido na posteridade! Que importa ser esposa infiel? O que vale votar aquelle de quem tomaras o nome á desesperação e á descrença? Que remorso pode pungir-te por lhe teres feito duvidar da Providencia e de Deus? Tu deixarás um nome conhecido na posteridade. Foste mãe desnaturada, arrojaste o teu filho ao mundo doloso, sósinho e sem auxilio, foste de novo esposa ingrata, falsaria e adultera, mas deixarás um nome conhecido na posteridade. És o flagello da patria, a oppressora dos portuguezes, brilhas como o astro da destruição de Portugal, mas deixarás um nome conhecido na posteridade; subirei á tua voz o cadafalso, a tua consciencia bradará — «Tu mataste um innocente, mataste o pae do teu filho!» e os seculos hão-de bradar — «condemnação á mulher infame!»

—Vergonha, vergonha!

D. Leonor quiz fugir, tapara o roste com as mãos, corria á porta pequena da entrada, mas era impossivel sair então.

Topara em face com o seu mais implacavel inimigo!

Era o Mestre d'Aviz.

Continua.

F. Soares Franco, Junior.

A hypocrisia do vicio é vassalagem tributada á virtude.

POR TI.

Fui altivo como a vaga
Rugindo altiva no mar,
Como o leão dos desertos,
Como as aguias a pairar,
Valente como Alaxandre
Pela Persia a batalhar.

Mas sorri, vendo sorrir-me
O astro dos astros rei,
Julgando ver já verdade
Tantos sonhos que sonhei,
Nos olhos da virgem lendo
D'alto amor potente lei.

Curvei a fronte orgulhosa
Curvei-a só por amar,
Julguei ver nos olhos d'ella
Amor eterno a fallar!
Foi este sonho innocente
Sonhado sem repoisar.

No mar vi rolar as ondas,
Senti crescer meu valor!
Ao ver seu rosto fageiro
Nasceu no peito uma flor,
E cresceu, medrou altiva
A linda rosa d'amor.

Li no mar — a immensidade
Rugindo aos pés do Senhor,
Nos olhos da virgem bella,
Da virgindade o pudor;
N'um e n'outra li mais tarde
Deus eterno, eterno amor! —

Lindos olhos mais formosos,
Mais lindos, ninguem os tem!
De quanto é bello na terra
Inda a virgem passa além!
Ai! sorrir mais desdenhoso
Não sabe sorrir ninguem.

E se a linda virgem dera
Ao rei dos mundos amor;
Se a rosa da primavera
Lhe votara o seu frescor,
O rei dos mundos quizera,
Por ella os mundos depor.

Verguei fraco a tanto peso.
Tive só força de amar!
Não a amar vendo-a tão bella
Fôra de Deus renegar!
Dei-lhe a vida, e mais lhe dera
Se inda mais podéra dar.

Novembro de 53.

F. Soares Franco, Junior.

O tiro despedido pela inveja, deixa incolume o alvo, e fere o atirador.

—

A inveja soffre estrabismo; não pode olhar direita para os bens alheios.

—

Não ha doido nenhum tão doido, que se persuada que o é.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XXXII

De como ordenaram barcos e bateis para irem tomar o galeão que estava em Ponta delgada.

Houve nova nesta cidade que em Ponta delgada, defronte da fortaleza da ilha de S. Miguel, estava ancorado um galeão de Portugal, e que facilmente o podiam tomar de noite, ordenaram com vinte bateis de pescar, com alguns barcos de suas velas, que por todos podiam ser vinte e cinco, e lhe metteram em todos como cento e vinte soldados portuguezes, rodeleiros, e arcabuzeiros, e alguns mosquetes, e o maior barco era a capitanea onde ia o capitão, o alferes, e sargento: e desta ilha á ilha de S. Miguel vão com vento norte e noroeste; e partiram com vento noroeste prospero. Como desta ilha á de S. Miguel, são trinta legoas, quando foi ao outro dia que amanheceu podiam estar da ilha cinco legoas, da banda do norte, porque á meia noite se lhe escaceou o vento, e se fez sudoeste, e foram vistos da ilha, e como era tempo claro contaram as 25 velas, que ja estavam de terra como duas legoas, com tenção de pararem de dia a remos. Os da ilha não cuidaram que eram bateis senão naus, e depois contaram que houvera grande reboliço maginando que armada podia ser, porque cada vez a viam de mais perto, mas como os bateis eram fracos navios assoprou-lhes o vento tão esperto, que lhe conveio tornarem se para o porto da cidade de Angra, e já bem agastados, e anojados, de não chegarem a ir fazer a empreza. D'ahi a poucos dias acertou de ir de uma das ilhas de baixo um barco para outra ilha, arribou, e com muito trabalho tomaram a ilha de S. Miguel. Perguntaram lhe lá se havia nesta ilha, ou nas outras noticia de uma armada de 25 velas que appareceram da banda do norte fazia poucos dias. Diceram-lhe que aquella armada eram tudo bateis que iam com o fito de tomarem o galeão, que estava ahi, por o haverem mister na Terceira, por causa da artilheria grossa que nelle havia. Houve disto notavel festa em uma ilha e outra, enganarem-se com 25 bateis, e metterem uma ilha, que tem vinte mil homens ou pouco menos, em agonia. Tanto que ouviram isto metteram o galeão mais dentro, e como é costa brava não o poderam metter tanto, que não estivesse perigoso de se poder tomar, porque a fortaleza não faz damno a vela alguma, segundo se tem por experiencia.

XXXIII

De como se levantaram d'este porto de Angra nove navios inglezes e francezes, para irem tomar o Galeão que estava em Ponta delgada.

Tendo determinado nesta cidade de tornarem a mandar os bateis outra vez ao effeito para que d'antes tinham ido, foram sabedores como já na ilha de S. Miguel tinham recado do barco das ilhas de baixo como arribaram os bateis, e o alvoroço que lhes deram, e que já estavam de aviso, e que dormiam todas as noites com homens n'elle, e que o tinham rebocado mais para dentro. Ouvindo isto os inglezes e francezes pediram que lhes dessem o casco do galeão, e que elles dariam a artilheria delle, e queriam ir tomar com suas naus, e que com o na-

vio queriam a todo o tempo servir o Snr. D. Antonio, e que dando-lhes qualquer navio o dariam. Accederam-lhes ao partido. Aviaram os inglezes e francezes nove naus, e com elles se metteram alguns portuguezes de terra, e partiram com vento norte d'este porto, e o mesmo vento fazia no de Ponta delgada. Em chegando as naus, e amanhecendo, aos Mosteiros, ouve grande revolta na ilha; e muito atemorisados das nove velas, não sabendo ao que iam, porque achando-me eu já na ilha de S. Miguel, a trez velas, que viram uma vez, grandes, toda a cidade estava revolta. E na Terceira inda que vejam cem velas, nem dusentas, nenhum temor tem; e de vinte para baixo nenhum caso fazem, e a ilha de S. Miguel tem dous tantos de gente como ella, e duas vezes é a ilha maior que ella. De maneira afervorados com as nove velas, e todos os moradores postos em armas, foram as nove naus costeando a costa para abordarem o galeão, e como tudo havia levar ruin principio em uma ilha se quererem pôr em risco de tantos trabalhos, como veio a ter, e tem hoje em dia, nada lhe succedia bem. O galeão estava ancorado e as naus por mais que foram costeando a pedra não poderam tanto que só uma cobrou e afferrou o galeão, que era uma nau franceza onde ia o Capitão Clenis. As mais d'aquelle bordo ficaram muito desviadas, e, para poderem cobrar, o vento as não deixaria; e a nau que afferrou parecia ao longo do galeão uma caravelinha; e a gente pela banda da terra vinha quanta queria, porque a nau ficava da outra banda. A fortaleza não atirava á nau, que estava abordada com o galeão, porque ao galeão fazia o damno. As que andavam á vela, fazendo por chegarem, não lhes fazia nojo algum artilheria da fortaleza. Basta que só a nau pelejava ancorada com o galeão, que dizem era São Christovam, que só trez homens ficaram n'ella vivos, e a nau destroçada, e assim se apartou com muita gente morta, e muita que matou no galeão, homens da terra conhecidos e honrados, e o Capitão Clenis morreu, e como o viram morto se apartaram do galeão, e se vieram para esta Cidade todos.

XXXIV

Do que aconteceu depois de chegadas as nove velas ao porto com o Capitão Henrique, inglez.

Depois de ancoradas as naus se tirou o capitão Clenis, e com o costume ordenado entre capitães foi enterrado, e com grande sentimento do povo da cidade e ilha, e murmurando dos capitães inglezes, e dos mais, deixarem pelejar uma nau só, que puderam os outros depois esperar conjuncção. Davam elles suas desculpas, que ao parecer dos pilotos todos diziam, que não tinham culpa, porque alem do vento ser norte, que as aguas corriam para fóra. Mas a culpa que se lhes poz, foi porque não esperaram as outras naus conjuncção. Depois vindo isto ás orelhas do capitão inglez tomou-se tanto e tomou por affronta o que se dizia, que amanheceu um escripto posto na praça, que todo aquelle que quizesse ir com elle a desafio, assim capitães inglezes, francezes, como portuguezes, que elle queria ir em camisa, porque estava affrontado do que se dizia. Não havia capitão que não lhe acceitasse o desafio, mas como o capitão Henrique era mancebo, não entendia o que fazia, porque qualquer dos mais capitães o fariam em retalhos. Metteu-se n'isso o Governador Ciprião de Figueiredo, aquietou tudo, e porque era mancebo, e apparelhado a muitas desordens, e com todos se tomava, e era pagem da rainha e seu privado, lhe escreveram de sua condição. D'ahi a pouco tempo o mandou ella ir, e ficaram os mais, que bem desnecessarios foram uns nem outros na ilha, que cousa alguma fizeram na ilha bôa senão desordens e motins na cidade, e brigas de continuo, de que sempre havia morte d'elles, e dos portuguezes da terra.

XXXV

Da vinda de Manuel da Silva a esta cidade e ilha.

Manuel da Silva veio a esta cidade e ilha por mandado do snr. D. Antonio, e seu loco-tenente, com o titulo de conde, em uma nau franceza em o mes de fevereiro do anno de 1582, ao qual se fez tanta festa na cidade e ilha, e mais ilhas, como se viera a pessoa do snr. D. Antonio, e em quanto se não aviaram aposentos para elle, e seus creados e pagens, foi recolhido no mosteiro de S. Francisco, onde esteve alguns dias, e logo no primeiro dia o foram visitar os officiaes da camara da ditta cidade, que eram juizes o capitão Braz Dias Rodovalho, e Baltazar Gonçalves de Antona, vereadores Bernardo de Tavora, Antonio Vaz, Christovam de Lemos, procurador da cidade João Glz., escrivão da camara Mathias Toledo. E no mesmo dia foram todos os fidalgos, e cidadões, e governador, e officiaes de justiça, capitães, religiosos, dignidades, conegos; e os que o não foram ver, pessoas conhecidas, e do regimento da terra, logo o ditto Manuel da Silva o soube e os teve por homens de suspeita, e odioso contra elles. E ja neste tempo a cadeia estava cheia de muitos homens principaes da terra, e outros andavam ausentes, e escondidos. Ao segundo dia o vieram visitar as mais pessoas da ilha principaes, capitães, fidalgos, e das villas da Praya e S. Sebastião, e de suas quintas, vigarios, pregadores, lettrados; e a todos elle dizia, que todos os que tivessem qualquer pensamento minimo contra o serviço do snr. D. Antonio, dizendo contra el-rei seu senhor, que não teria vida nem fazenda. E tudo fez como dice. Antes delle chegado tinham alguns mercadores carregado duas naus de pastel para irem vender a França ou Inglaterra, que era um Baltazar Frz., Francisco Alvares, Bartolomeu Frz. das Neves, Diogo Alves, e Domingos Martins. E quando queriam partir chegou o dito Manuel da Silva, e não podia ir pessoa alguma fora da terra sem licença, por estarem em guerra; e como Manuel da Silva era chegado, não quiz o governador Ciprião de Figueiredo dar-lhe licença: dice, que a fossem pedir ao Conde, e lhe dicessem que eram mercadores. Indo elles lá ao mosteiro, aonde elle ainda estava, e que tinham seus pasteis carregados em duas naus, que os queriam ir vender a Inglaterra por não haver na ilha saida a elle, e que o tornariam a trazer empregados em roupas para esta ilha, que sua excellencia lhe desse licença; ao que elle respondeu que tinha por suspeitos ao serviço d'el-rei seu senhor os homens que em tal tempo se queriam ir fora da ilha; que el-rei que mandava gente estrangeira para ajudar a defendel-a, e que elles que se iam: que lhe não dava tal licença, antes que os pasteis que estavam carregados, se haviam mister para el-rei, porque todos lhe haviam emprestar, pois estava em tempo de se ajudar de seus vassallos; e que as naus iriam por sua conta, e que el-rei lhe pagaria; que era emprestimo que lhe faziam. Logo começou a governar desta maneira! Foram os pobres mercadores a chorar, e a alguns delles lhe não ficava cousa alguma. Vendo

alguns religiosos do mesmo convento a deshumanidade, lhe rogaram lhe não fizesse tal; pois lhe não dava licença para irem, lhe não tomasse suas fazendas, porque el-rei não havia de ser de tal servido, nem lhe era bem, porque o não ajudaria Deus em suas cousas, e que alguns dos mercadores tinham as casas cheias de filhos, e lhes não ficava cousa que lhes dessem a comer. De maneira que os rogos dos religiosos, estando elle ainda no mosteiro, lhe fez dar a cada um metade da fazenda, e lhe tomou a cada um sua ametade, e os deixou ir com o que lhes largou.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

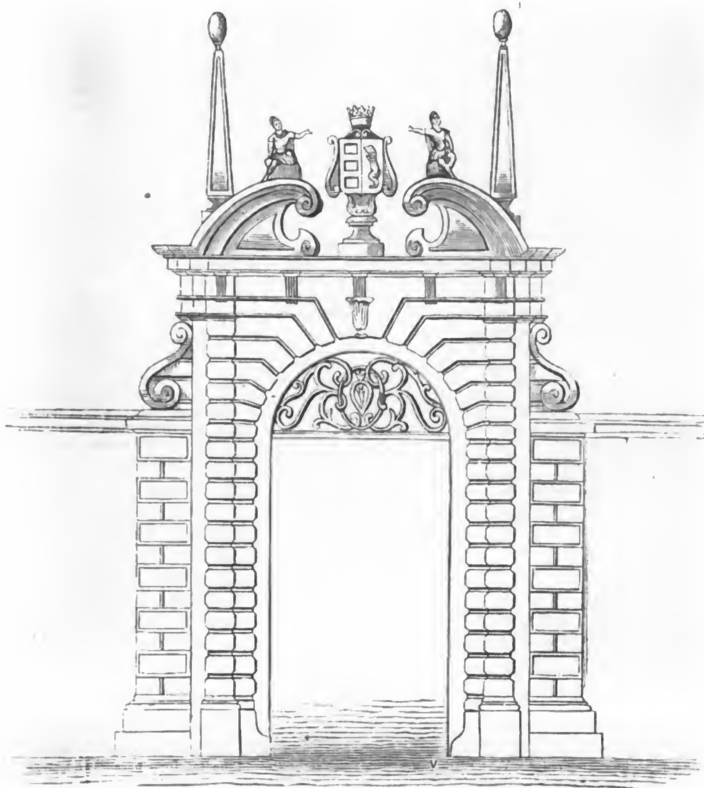
Da Companhia de Jesus.

Continuação.

81 Passagem para se levarem os corpos mortos para a casa da anatomia.
82 Casa da anatomia.
83 Enfermaria de syphlis dos homens.
84 Rouparia da dita.
85 Escada que subia ás enfermarias geraes.
86 Despejadoiro da enfermaria de syphlis.
87 Passagem para a rouparia.
88 Casa do porteiro.
89 Casa dos mortos.
90 Casa do alecrim e alfazema.
91 Escada que subia ás enfermarias geraes.
92 Sumidoiros.
93 Casa da enfermaria dos doidos.
94 Casa dos remedios.
95 Casa dos doidos.
96 Casa dos banhos.
97 Rouparia dos ditos.
98 Casa dos ajudantes dos doidos.
99 Casa da lenha e agua para o banho dos doidos.
100 Enfermaria dos convalescentes doidos.
101 Sumidoiros da enfermaria dos feridos.
102 Rouparia dos feridos.
103 Passagem da enfermaria dos feridos para o hospicio dos religiosos Arrabidos.
104 Casa de se hospedarem hospedes, e servindo para a passagem dos dormitorios.
105 Dormitorios.
106 Casa da livraria.
107 Rouparia.
108 Varandas.
109 Escada descendo para o refeitorio.
110 Espulgatorio.
111 Escada que ia á sachristia.
112 Sumidoiros.
113 Escada principal.
114 Ante-côro.
115 Côro.
116 Egreja.
117 Casa de recreio.
118 Commodo dos padres agonisantes.
119 Passagem para os agonisantes.
120 Enfermarias de pessoas particulares.
121 Casa de guardar os remedios.
122 Casa do alecrim e alfazema.
123 Rouparia dos particulares.
124 Despejadoiro das ditas.
125 Dormitorios dos enfermeiros.
126 Casa de um irmão maior.
127 Escada principal dos enfermeiros.
128 Escada particular dos enfermeiros descerem ao refeitorio e jardim.
129 Transito da enfermaria dos particulares.
130 Escada por onde se devia conduzir o comer para os particulares e convalescentes.
131 Rouparia das mulheres particulares.
132 Passagem para a dita rouparia.
133 Enfermaria das mulheres particulares.
134 Enfermaria de syphlis das mulheres.
135 Rouparia das ditas.
136 Passagem das enfermarias das mulheres.
137 Casa dos taboleiros.
138 Casa do alecrim.
139 Casa de guardar os remedios.
140 Passagem para a casa onde os medicos deviam fazer a receita depois da visita.
141 Casa dita.
142 Enfermarias dos feridos.
143 Rouparia das ditas.
144 Sumidoiros geraes das ditas.
145 Passagem para as ditas.
146 Escadas subindo para as enfermarias geraes.
147 Portarias para receber o comer.
148 Casa de passagem para o comer das mulheres.
149 Escada por onde vem da cosinha o comer.
150 Area da cosinha.
151 Fogão.
152 Casa da lenha para aquentar agua para os banhos.
153 Passagem para a casa da agua dos banhos.
154 Casa dita da mesma agua.
155 Casa dos banhos das doidas.
156 Rouparia das ditas.
157 Convalescença das ditas.
158 Casas das doidas.
159 Casa da enfermeira das ditas.
160 Casa da ajudanta.
161 Passagem para as tribunas.
162 Casa com tribuna, e para o orgão.
163 Escada para a casa do orgão, e tribunas, e casa dos ornamentos da egreja.
164 Casa de ornamentos, ou da conferencia d'alguma irmandade pertencente á egreja.
165 Refeitorio das enfermeiras.
166 Cosinha.
167 Dispensa.
168 Casa de guardar os pannos do refeitorio.
169 Escadas descendo ao jardim, e casa da lenha.
170 Casa de lavor.
171 Dormitorios das enfermeiras.
172 Escada que sobe ás tribunas.
173 Sumidoiros.
174 Escadas subindo para outro dormitorio.
175 Dormitorio das mulheres e serventes.
176 Rouparia.
177 Casa da porteira.
178 Portaria das mulheres.
179 Casas para assistirem de noite as enfermeiras ás doentes.
180 Casas para os enfermeiros assistirem de noite aos enfermos.
181 Commodos de um cirurgião.
182 Commodos de outro cirurgião.
183 Escada de serventia para os ditos commodos.
184 Commodo de outro cirurgião.
185 Escada com serventia para o dito commodo.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



PORTÃO DO PALACIO DE PALHAVÃ.

A nossa estampa representa o portão do palacio de Palhavã. Em um dos proximos numeros daremos a fachada principal, verdadeiro primor d'arte, que attesta a magnificencia regia. Guardamos para então a descripção do edificio.

DILLUVIO DE AGOA E FOGO QUE SE FES NA ILHA DE S. MIGUEL DE QUE HE CAPITAM MANUEL DA CAMARA E BISPO D. MANUEL DE ALMADA, E ISTO ACONTECEO NO ANNO DE 1563.

Conclusão. (*)

Ao sab.do seguinte deu mais lugar a pedra e sevio o sol. E comessou a gente acaminhar p.a a Çidade q̃. he p.a onde se poem o sol levando diante de sy o gado p.a lhefazer os caminhos epizar a sinza e poo q̃. corria e asy p.a mãtimento da gente por lhe parecer q̃. toda a ilha assim estava comtenção q̃. comerião delles ate virem navios q̃. os salvaçem, indo assim o Povo de seis frezguesias q̃. os outros não podiamvir por estarem mais na ponta da Ilha indo ja duas legoas se alevantou pordiante hum grande vento q̃. levantou muito poo e fes grande escuro q̃. cuydou a gente q̃. ahy fosse sua fim e pegados huns nos outros passarão hua legoa fora do poo aonde passarão hua ribr.a a qual á sua chegada por chover na serra vinha tamanha fora de madre q̃. era espãto a qual ribr.a hera de lodo e pedras e por o gado que levava hir buscar agoa foy levado muito

(*) Do num. 46.

delle ao mar e se salvou a gente e passou paçado o impeto, e andarão outra legoa, com muito trabalho dos meninos q. hião a pee de tres e de quatro annos que seg.° o trabalho que levavão e o podião sofrer he de crer q. os anjos os levavão pellas mãos andando assy hua legoa chegarão a V.ª da Ribr.ª grande õde cuydavão q. ahy acharião algum remedio e acharão a V.ª toda derribada q. cahira do tremor da terra e a Ribeira q. pello meyo della passava vinha muito grande q. passava porsima das pontes esperando assy o povo que a Ribeira abayxasse pasarão mais avante hua legoa a hu Lugar que sechama Rabo de peixe ondeacharão toda agente e povo da Ribr.ª grande onde fomos agazalhados e achamos agoa de possos e carnes dos gados q. levavamos comnosco e favas secas q. comião sempam por não haver q.ᵐ moesse nem fornos p.ª coser q. tudo estava no chão e nos Campos seacolhia agente, e o povo que assim veyo deste trabalho seriam duas mil almas E da V.ª da Ribr.ª grande q. neste lugar seacolheo serião outras duas mil almas q. todas quatro mil almas estarão neste lugar.

Este pico da Lagoinha q. assim arrebentou elança esta pedra e sinza sobre estas outo legoas de terra fez hua concavidade na boca emredondo tinha legoa e meya de terra e de Altura p.ª bayxo ao fundo seria hum quarto de legoa e neste fundo está hum fogo no meyo q. sera dous alq.ʳˢ de semeadura o qual fogo lança muitas pedras tamanhas como pipas muito altas com muito grandes brados e estrondos que seouvem a doze legoas e tornão a cahir outra ves no fogo e isto pella fraqueza ja do fogo e altura da terra por estar o fogo ja no fundo da terra e estar muito fundo e a hua parte deste fogo lança hua furna muito poo negro dagrossura de hua Caza muito alta etorna a cahir na furna. a Lagoagrande q. assima disse q. estava ao pe deste pico ficou nesta concavidade seca e a Ribr.ª q. disse q. hia ter a V.ª Franca q. tinha as moendas ficou a sua naçença nesta Cova e assim a Ribr.ª q. vay da V.ª da Ribr.ª grande e numca a mais viram por estar tanto no abismo esta Concavidade de q. se arrebentarem sera por bayxo da terra como assima digo e neste fogo ja não pode fazer mais mal porq. esta muito fundo.

DO SEGUNDO FOGO.

Aos dous dias do mes de Julho do d.° anno de 1563 de N. Sr.ª da Vizitação no meyo deste trabalho q̃. acima contey entre a V.ª da Ribr.ª grande e aV.ª da Alagoa em hua incruzilhada de Caminhos q̃. esta meya Legoa da V.ª da Ribr.ª grande e meya legoa da V.ª da Alagoa se começou a asender hum fogo em o Caminho q̃. vay p.ª a pontedelgada o qual fogo começou a subir p.ª hum pico muito alto q̃. se chama do Sapatr.° o qual esta no começo destas serras de outo legoas q̃. asima faley para o poente e se pos este fogo ensima do pico e dahy começou a lançar de sy muytas pedras ardendo as quais cahirão de redor do pico dous tiros de besta isto com grandes estrondos e bramidos de fogo e comgrande fumaça muyto negra e quando veyo ao D.° seguinte q̃. herão quatro do mes estava já o pico meyo comido do fogo e partido pello meyo de alto abacho e neste meyo estava a mayor parte do fogo o qual fazia tão grandes estouros que na Ilha 3.ª q. são vinte legoas os ouvião e quando veyo a 3.ªfr.ª q. são 20 do mes comessarão a correr rios de fogo ao mar q. esta da hy a meya legoa, e os rios herão de muyta pedra q. vinha ardendo e fazendo muytos terremotos este pr.° rio veyo por hua ribr.ª de Agoa abaixo e levou hum lugar q. se chama a ribeira seca q. he arabalde da V.ª da Ribr.ª grande levando as cazas ao mar e as Igrejas, a largura deste rio sera de trinta Braças, e o segundo rio comesou a sesta fr.ª q. forão nove do mes comecou a correr outro rio de fogo q. foy por outra banda e levou huns Cazais ao mar e a minha partida não hera feyta mais perda, E esperava-se este pico lançar mais rios e fazer mais perda por estar emgrande crecimento.

A pedra pomes q. corria pellas ribr.ªˢ abayxo nestes lugares e villas q. a terra cobrio se ajuntou no mar e fazia Ilheos de hũa legoa de comprido e do terço de largo pouco mais ou menos estes Ilheos herão muytos assim da banda do Sul como do Norte foy achada esta pedra pomes sessenta legoas ao mar para o naçente q. he o caminho para o reyno de Portugal, e andava tão basta pello mar q. os navios faziam o caminho por ella descobrindo a agoa q. a pedra trazia cuberta.

E vindo p.ª o reyno sessenta legoas da d.ª Ilha de S. Miguel vespora de Santa Marta 28 de Julho ao meyo dia se vio sobre a Ilha de S. Miguel pellos mariantes q. vinha grande negregume e seração da qual sahião grandes relampagos e trovõens e roncos q. parecíam ser como os passados e ate anoute esteve sempre o negregume da mesma manr.ª sem se mudar p.ª outra parte, e os mariantes amaynarão as vellas e se chegarão onze navios q. vinhão todos huns p.ª os outros por não saberem o q. seria e como foy noyte veyo a d.ª trovoada sobre elles sem vento nem agoa e a fuzilar e relampagos tão grandes q. alumiavão todo o mar e diziam os mariantes que nunca viram relampagos q. dessem tanta claridade e contra a madrugada choveo pouca agoa e amenheçendo secarão os trovõens e tromenta de q. se teme poder haver mais perda na Ilha o q. Deos não permita.

Dezia-se q. El Rey nosso senhor perdia muyto E assim Manoel da Camara e D. Gil Eanes D. Catherina Fr.ª E Manoel Alves e outros fidalgos e moradores da terra e perdas muyto grozas e disto senão soube a certeza e pois o não declara o Autor destas novas q. tudo escreve por se achar prezente nestes trabalhos.

O MICROSCOPIO.

O homem tinha sido dotado pelo Creador de apparelhos proprios para os usos ordinarios da vida; mas incapazes de lhe servirem para as indagações a que elle desejava proceder.

O apparelho visual apesar de ser um dos mais perfeitos, só servia entre certos limites; os objectos collocados a grande distancia eram invisiveis; os objectos proximos, mas demasiadamente pequenos, escapavam á observação. Tornava-se necessario inventar instrumentos que podessem augmentar as dimensões dos corpos mui pequenos, e outros que fizessem ver como proximos os objectos distantes. O acaso favoreceu o homem.

Duas creanças brincando na loja de um vidraceiro descobriram o telescopio: o microscopio já era conhecido.

Todo o instrumento que collocado entre o olho e os objectos proximos os faz parecer maiores do que elles são, diz-se um *microscopio*; o augmento que elle produz constitue o seu poder amplificador, que pode chegar a mil e cem vezes o diametro real do objecto; não excede este numero segundo as melhores opiniões.

O microscopio não é hoje um instrumento que deva ser manejado por um ou outro curioso, é um instrumento de que todo o homem de sciencia precisa servir-se, e a cada momento.

O zoologista d'elle precisa para estudar animaes que pela sua tenuidade escapam á vista, e que se dizem por isso animaes microscopicos, ou partes de animaes mui pequenas e delicadas, assim a tromba da mosca, as escamas das azas das borboletas, a unha da aranha, os apparelhos de geração e nutrição de muitos d'elles, etc.

O botanico serve-se do microscopio a todo o momento, sobre tudo no estudo das flores, vendo a disposição dos ovarios, ovulos, etc.; estudando o polen, a anatomia vegetal, etc. etc.

O microscopio é inseparavel do mineralogista, é com o seu auxilio que elle conhece e determina as formas dos cristaes que se acham subjeitos ao seu exame, etc.

O chymico reconhece a pureza, ou falsificação de um grande numero de substancias, assim basta o exame microscopico para distinguir as substancias feculentas umas das outras; e d'ahi vem a applicação que em medicina legal tem o uso d'este instrumento.

O facultativo estuda a histologia humana, vae ver a fibra muscular e nervosa, o sangue e os differentes liquidos de economia, apreude a distinguil-os, estuda differentes funcções, sobre tudo a da circulação, determina a natureza dos productos pathologicos de toda a ordem, como calculos, tumores, etc., n'uma palavra, o uso do microscopio é hoje indispensavel a todos os que professam as sciencias physicas.

Serve nas alfandegas para examinar o fio de differentes mercadorias e conhecer a sua natureza.

Em todos os paizes civilisados differentes individuos se tem dedicado especialmente aos trabalhos microscopicos, os quaes requerem pratica para observar o que se pode observar immediatamente, e sobre tudo pratica e habilidade para preparar as peças que não se podem observar immediatamente.

São os especialistas na materia que chegam a adquirir tal confiança nas suas observações, que não duvidam jurar sobre as conclusões que d'ellas se seguem. Lembra-nos um facto que teve logar ainda não ha muito, em que o emprego do microscopio serviu para descobrir um ladrão.

Por um dos muitos caminhos de ferro que crusam a França, enviava um negociante algumas caixas com mercadorias; a locomotiva parava em diversas partes antes de chegar ao logar do seu destino. No fim da viagem imagine-se qual seria o espanto do correspondente do negociante encontrando as caixas cheias de areia: tratou de procurar o culpado, impossivel de descobrir; então lembrou alguem examinar a areia ao microscopio, e comparal-a com amostras vindas das localidades onde o trem parara. Procede-se ao exame, e o microscopista determina a localidade a que a areia pertence. Estabelece-se uma devassa e encontra-se o delinquente.

Esta anecdota só serve para mostrar até que ponto chega a perfeição dos instrumentos modernos, e a sciencia dos que d'elles se servem.

O microscopio teve sua epoca de luta com os preconceitos geraes, succedeu-lhe o mesmo que succede a tudo que é grande: os zoilos são muitos em todas as nações, disseram que de nada servia, que cada um via o que queria, que induzia a erros e muitas outras coisas, que elles provavam com mais ou menos argumentos; alguns homens dedicados continuavam seus esforços, constructores d'instrumentos os coadjuvavam, e o microscopio se ia levantando apesar de tantos inimigos. Hoje os tempos vão outros. O microscopio está acreditado, hãode querer d'elle mais do que pode dar; triste condição nossa; primeiro despresamos, como insignificante, o que depois elevamos a uma posição impossivel de sustentar, até que afinal o tempo faz a devida justiça e as coisas voltam ao logar que lhes pertence.

Em França mr. Robin é hoje o homem mais entendedor sobre o objecto de que tratamos, e nos seus cursos theoricos e praticos vae derramando seus conhecimentos por um auditorio avido de sciencia; obras magistraes tem saido de suas mãos e muitas outras se esperam do celebre professor. Em Lisboa algumas observações microscopicas se tem feito principalmente em botanica, em anatomia e physiologia.

Na Allemanha e na Inglaterra prosegue-se com todo o ardor nos estudos ao microscopio, objectos de toda a especie são submettidos ao exame, muitos d'elles desenhados e depois reproduzidos pela gravura, lithographia e photographia. Atlas riquissimos se acham confeccionados e circulam pelas mãos dos homens de sciencia de todos os paizes.

O microscopio não serve só para o homem d'estudo enriquecer os seus conhecimentos, serve tambem d'objecto de curiosidade e admiração ao vulgo. É a variedade do microscopio chamada microscopio solar, a que se emprega nos espectaculos que por differentes vezes se tem apresentado entre nós, onde toda a gente tem ido admirar um grande numero de objectos, como os animaes microscopicos do queijo, do vinagre, da agua, etc., etc., apresentados com grandes dimensões sobre alvos onde são vistos com toda a perfeição.

O microscopio pode ser simples ou composto. O primeiro tambem se chama lupia, consta d'uma ou mais lentes reunidas, ás quaes se applica o olho. O microscopio composto consta pelo menos de duas lentes, uma a ocular a que se applica o olho, outra a abjectiva, que está proxima do objecto que se examina. O microscopio simples toma diversas denominações conforme a disposição que apresenta, assim se diz de Codrington, Stanhop, Gaudin, Raspail etc. O microscopio composto tambem tem a denominação dos seus constructores, e dizem-se de Lerebours, Chevalier, Amici, Oberhauser, ou Nachet, porque cada constructor modifica as disposições do instrumento, não só nas combinações dos vidros que emprega como na forma do instrumento e nos accessorios.

Não entraremos na descripção dos differentes microscopios, porque enfastiaria muitos dos nossos leitores. Escrevemos este artigo só para dar idéa da importancia d'um instrumento que entre nós não está tão acreditado, nem tão conhecido como convém á sciencia. Despertar a curiosidade do leitor foi o nosso fim.

S.

Homem honesto é aquelle, que, embora perca tudo, salva a honra.

A ambição frequentes vezes nos obriga a sacrificar a honra.

O amor é um genero, em que só se admitte troca; subjeital-o ás leis da compra e venda, é alterar-lhe a essencia.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

Drama original em 5 actos

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação. (*)

V

> Emilia (*lendo*) Minha irmã, a doce mãe dos afflictos ouviu-me, soccorreu-me...—o nosso bom pae vive; mas os seus labios raras vezes se abrem a não ser para resar pela que morreu.
>
> Oh Emilia! Emilia! Onde estás, que não corres aos braços de tua pobre irmã, para, como outr'ora, cercarmos de amor e de cuidados o venerando ancião?
>
> Acto iv Scena vi.

Deixámos no final do terceiro acto Aurelio dirigindo-se á prisão; é para aqui que o autor nos transporta no acto seguinte, e a scena representa ao subir do panno uma das salas communs, onde se encontra um grande numero de presos.

Não escaceiam n'este numero antigos conhecimentos nossos, e, apesar de poder ser considerada esta primeira scena, como um accessorio da acção principal, não deixa comtudo de lhe estar ligada por varios pontos de contacto.

José do Souto de Magalhães, socio de Aurelio, tem encontrado no Brazil, em vez da fortuna com que contava para a desejada candidatura, uma prisão por falsificador e uma deportação, ou quem sabe se peior ainda; os aldeãos, que no primeiro acto tinham partido a fazer fortuna, depois de soffrimentos, que nem de longe poderiamos traduzir, encontraram uma prisão tambem, e todos, victimas de crimes, para que só em pouco teem contribuido, apparecem-nos expiando culpas, que outros mais poderosos tinham commettido, e cujo peso, como sempre, recaiu sobre os humildes.

Helas! on voit que de tout temps
Les petits ont pati des sottises des grands.

A patria e a liberdade, os dois pensamentos mais gratos, que sorriem aos attribulados, não os desamparam no desalento extremo, e veem estender ainda as azas beneficas sobre as cabeças affrontadas dos miseros.

N'aquellas horas de angustia, n'aquelles momentos de provação, veem sentar-se junto aos que soffrem e com entranhado carinho pensar-lhe as feridas d'alma, que tanto lhes sangram.

Um poeta disse:

Como as memorias da infancia
Outras memorias não ha.

E nunca alma afinada pelos sons magicos da inspiração arrojou ao papel a expressão de um pensamento, que tanta verdade encerrasse.

(*) Do num. 45.

Nas confissões pungentes das torturas da escravidão, misturaram-se, perfumando-as com aromas de preço incalculavel, as saudades da terra patria, a recordação dos parentes, a lembrança do antigo viver.

Cortando os queixumes de uns; os desvarios de outros, a quem a desgraça tem quasi endoidecido; os projectos de vingança de outros, deixam ouvir a triste melopeia das canções patrias, que soltaram n'outros tempos, tempos mais afortunados, nos bailes e festas da aldêa em que nasceram.

Se alguem ha, dos que teem emigrado, que ao visitár o lar paterno, na volta do desterro, encontrasse derrubadas pelas mãos dos tempos, ou devastadas pelas guerras civis, as casas em que viveu nos primeiros annos, ou os campos onde se entreteve nos primeiros folgares; se achou em vez dos rostos venerandos do ancião, a quem chamara pae, d'aquella que o trouxe no ventre, ou das feições queridas da primeira amante, umas cruzes de madeira sobre a terra do cemiterio revolta de fresco, se então ao lembrar-se que uns e outros caíram sem que uma lagrima amiga se derramasse sobre as suas ruinas, ou mão extremosa lhes cerrasse os olhos, ouve uma voz sentida levantar-se, phantasma do passado, entregando ao vento as canções da mocidade, ou repetindo-lhe as palavras saudosas dos que estremeceu: se visitando as ruinas da casa antiga onde viveu annos de felicidade, descobre uma flor singela vegetando no meio da destruição, que nos diga esse, com que bençãos não cobre a voz do cantor ou a plantasinha mesquinha, que lhe vem dar vida ao quadro de morte que tem diante de si, ou fallar-lhe ao coração de sentimentos que ahi lhe trasbordam, fartos de magoa e de saudades.

Se alguns existem, e infelizmente com as nossas guerras não serão poucos, os que em taes circunstancias se encontrem, esses que apreciem a encantada melancolia, que rescende d'esta scena, e d'aquella canção, mais nascida do sentimento que filha da vontade.

Esses que a apreciem, como nós, que é talvez uma das mais mimosas situações do drama, e que applaudam, como a platéa o fez, a delicada sensibilidade, que o poeta por vezes, não poucas, deixa transparecer na sua obra.

Não esquece aos presos a esperança da fuga, nem os desampara o desejo de se vingarem d'aquelle, que os arrastou a tamanha desgraça.

Planeiam revoluções, contam com o auxilio dos guardas já comprados, e esperam do oiro, que lhe foi causa das desgraças todas, todos os meios de salvação.

Aurelio é o chefe da conspiração, Aurelio hade abrir-lhe as portas das prisões, e hade tambem n'essa hora de justiça pagar com a morte os damnos todos que lhes tem causado.

Confiando em si e no seu oiro apparece n'este momento na prisão. Julgal-o-hiam antes juiz do que um reo. Levanta bem alto a cabeça criminosa, porque sabe, que advogando a sua causa está n'esse momento o grande potentado do seculo dezenove, o idolo de todas as eras, ante o qual os israelitas de todos os tempos teem sacrificado affeições e crenças.

A elle ainda deve os agradecimentos dos presos, e a elle o isolamento em que o deixam, entregue a seus pensamentos, seguir o curso phantasioso dos projectos de ambição.

Este monologo, continuação do do terceiro acto, é onde se completa o desenho do typo de Aurelio. Aqui

porém vemol-o mais carregado de negras tintas, mais afeiado pelo cynismo, e pelo despreso do que ha de mais sagrado no mundo, e como o anjo caido, é aqui que elle levanta mais arrojadas maldições contra o poder que o venceu, e que espera dominar ainda pelo oiro.

Torna-se repugnante, é verdade, n'estas circunstancias, o modo de dizer do contratador de escravos; porém uma vez apresentado o typo, era necessario que não discordasse no seguimento do drama, e que, harmonico em tudo, descesse por momentos á abjecção e infamia, que constituem o fundo d'aquelle homem asqueroso.

Poucos momentos depois de se elle retirar, para, em logar mais isolado, seguir o tenebroso fio das suas traças, Emilia entra na prisão.

Mulher, vem ver seu marido, e confortar-lhe os desalentos com as consolações da amisade sincera; irmã, vem cuidar da sorte da negra, que tambem tem sido presa com o senhor, e que se nega a accusar o homem que tanto tem amado.

A exaltação excessiva, que lhe notámos nos primeiros actos, tem degenerado em accessos de loucura, e é para receiar bastante, que a desventurada soffra essa morte moral, que apaga na creatura a centelha divina da intelligencia com que a dotou o Creador.

Uma das enfermeiras da negra faz chegar ás mãos de Emilia uma carta da terra. É de sua irmã, que se não esqueceu da perdida, e que, á ventura, lhe escreve, com esperanças de poder ainda chamar ao tecto paterno a fugida que o abandonou.

Não nos atrevemos a paraphrasear a carta; é o trecho em todo o drama de maior mimo e sentimento.

Aquelle chamamento solemne da innocencia, que procura rebabilitar a culpada, attrahindo-a ao casto gremio; aquellas queixas magoadas, e aquelle reprehender que espera pela justificação da culpada, aquella irmã pura e santa, que volve olhos compadecidos para a irmã perdida e maculada, que lhe abre a estrada do arrependimento incitando-a a tental-a, foram traduzidos de forma por todos os respeitos irreprehensivel. O autor tinha de se ver a braços com uma situação fortissima, onde o jogo de sentimentos, e o embate de paixões era fertil em peripecias, e conseguiu pelo modo mais feliz dominal-a, e sair d'aquelle escolho com gloria.

Amargurada ainda pela leitura d'aquella carta, vem accrescentar as magoas da infeliz o seu fingido esposo, que tendo deposto a mascara hypocrita com que resguardava tantas torpezas, apresenta-se-lhe como é, vil e mau, e arranca-lhe toda a esperança da alma, deixando-lhe saber que já era casado de ha muito, e que a sua recente união tinha sido uma impostura.

A este ultimo golpe, Emilia cede e cae como morta; Aurelio, a quem os gritos da revolta chamam, abandona-a; a confusão reina em toda a parte, os tiros, os gritos repercutem por todos os lados, e ao longe as lavaredas denunciam que os escravos sublevados lançaram fogo á prisão.

Ao entrar da justiça, que vem prender Aurelio como fautor da revolta, a negra, que se tem erguido da cama do soffrimento, presentindo desgraças para o que ama, precipita-se tambem na prisão. A sua loucura, abalada pelo perigo, mudou de ser, e tem-se erguido á altura das prophecias.

Não tresvaria, vê longe; não solta phrases sem sentido, profere agoiros e prophecias; e, sublime de energia e desespero, responde, como por esforço ultimo d'aquella alma tão torturada, apontando para as chammas, aos que perguntam pelo contratador de escravos, com um vaticinio terrivel, em que revela que a humanidade está desaffrontada, e que o falsario e o negreiro soffreu o castigo que merecia: — *Quem falla ahi no comprador de escravos?! não n'o vêem ir navegando n'um lago de sangue para um de fogo?!*

Continua. R. Paganino.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XXXVI

De como João Dias de Carvalhal pediu licença para ir ver-se com o snr. D. Antonio.

João Dias de Carvalhal era um cidadão nobre desta cidade de Angra, e muito avisado, e seria homem de quarenta annos, e té o tempo que chegou Manuel da Silva sempre continuou no regimento da cidade, em o serviço do snr. D. Antonio, sem delle se presumir outra cousa, e era genro de Estevam Ferreira, que era o que foi com o padre frei Melchior, a Aveiro, na caravela de Gaspar Alveres. Tanto que chegou o ditto Manuel da Silva se foi a visital-o com os mais, mas foi so enganando ao ditto Manuel da Silva, dizendo quanto servidor era do snr. D. Antonio, chamando-lhe Rei, e engrandecendo ao ditto Manuel da Silva com palavras fingidas, e que elle era homem que não tinha nunca ido desta ilha para fora, e que se queria ir ver com sua magestade el rei D. Antonio, representar-lhe o zelo que tinha de o servir, e que queria andar em sua companhia, sem delle se apartar; e ponderou-lhe outras cousas mais, pedio lhe desse sua excellencia licença para ir naquellas naus que iam com o pastel dos mercadores. Vendo o ditto Manuel da Silva, e ouvindo o ditto de João Dias de Carvalhal e tendo ja noticia de quem elle era lhe deu licença, e lhe fizera quanto lhe pedira; o qual logo se embarcou; e chegando a Inglaterra ou França, sem ver o snr. D. Antonio nem fallar com elle, se foi logo para Lisboa a dar obediencia como vassallo a el-rei D. Filippe, e a requerer despachos, e dar desculpas por seu sogro Estevam Ferreira. E foi muito bem despachado com o habito de Christo, e seus filhos; e tanto que veio nova, o povo começou a murmurar delle, e de seu sogro, dizendo que elles, que juraram o snr. D. Antonio por rei, e que eram os principaes do regimento da terra, e que pouco a pouco se iam escusando. deixando gente nova no governo da terra. E logo começaram a ter Estevam Ferreira por rebelde, dizendo que era um enganador, e que tudo o que seu genro fizera eram traças suas, e se fez logo inventario da fazenda do ditto João Dias Carvalhal por dizerem ter incorrido em caso de lesa-magestade.

XXXVII

Dos aposentos que se tomaram para Manuel da Silva.

Depois de estar alguns dias o ditto Manuel da Silva no mosteiro, onde esteve té lhe aviarem os aposentos, foi para umas casas e quinta que estão dentro da cidade, que são do marquez D. Christovam

de Moura Cortereal, que são os melhores da cidade. Nestes aposentos estava Antonio Francisco, ouvidor e feitor do ditto marquez, que ja neste tempo era capitão desta ilha, e da ilha de S. Jorge, e lhos mandaram despejar com brevidade; e como eram aposentos velhos mas grandes e bons, e boa quinta de muitas arvores, e ribeira, que passa por dentro, e está ao pé do castello da ditta cidade. O ditto Manuel da Silva fez ao longo dos aposentos uma casa muita comprida de telha para estrebaria de cavallos, e nella estavam como 20 ou 25, com suas mangedouras, e tudo bem concertado, e nellas esteve té á vinda do Snr. D. Antonio, que veio no fim de julho do ditto anno de 82, o qual Manuel da Silva se servia como o proprio Snr. D. Antonio, e avantajado. A sua guarda era de francezes e inglezes; podia ser homem segundo seu aspecto de quarenta annos pouco mais: era muito dado a folgares, muito cubiçoso de acquerir riqueza, muito namorado, não tinha partes de vir a ter bom fim; e elle foi parte da ilha vir a ter os trabalhos que lhe succederam, e padece hoje em dia, como adiante se dirá.

XXXVIII.

Como Manuel da Silva ordenou de fazer desembargadores, e meza da consciencia, e o mais que direi.

Como o ditto Manuel da Silva determinava de sentenciar homens á morte e outros casos e demandas crimes e despachos, e esta ilha não tinha commercio senão com França, Flandres, e Inglaterra, fez casa da supplicação de crimes e civel, meza dos desembargadores do paço, meza de consciencia. Nestes tribunaes serviam os licenceados Balthazar Alves Ramires, João Glz Correa, Domingos Pinheiro, Domingos Onzel, e depois que veio Gaspar de Gamboa o metteu no desembargo. Fez chanceller mor, escrivães, meirinho da corte; procurador do fisco o licenceado Francisco Vas Paes. Da meza da consciencia eram presidente o doutor mestre Agostinho: era da ordem de Santo Agostinho; e assim da mesma ordem era outro deputado frei Pedro da Madre de Deus; Manuel Glz de Antona, era clerigo, vigario de N. S. da Conceição; Amaro Lopes, que era thesoureiro mor da sé desta cidade; era escrivão Francisco Rodrigues. Havia casas e dias para os despachos, tudo por sua ordem, e na forma da Ordenação; e havia na cidade e ilha outros muitos lettrados, mas já os tinham por suspeitos ao serviço do Snr. D. Antonio. Tanto que Ciprião de Figueiredo vio ao ditto Manuel da Silva, e o proceder delle, e suas desordens, foi se tirando de mandar, e se aquietou, té que veio o Snr. D. Antonio, e se foi com elle para França.

XXXIX.

De como se degolou João de Bettencourt e foi o primeiro.

Determinou logo Manuel da Silva sentenciar todos os prezos, que estavam na cadeia, conforme suas culpas, como cada um merecia. Elle tinha seu voto derradeiro. Mandou vir as culpas de João de Bettencourt, e lhe mandou dar procurador que arrasoou de sua parte, tudo com termos breves. Sentenciou se por adjunctos e dezembargadores que morresse. Foi lhe publicada a sentença, e logo mandaram que se confessasse. Isto era a terça feira vespera de quarta feira de cinza. Ao dia de cinza o foram tirar do carcere, aonde estava havia anno e meio, com os irmãos da bandeira da Santa Mizericordia. Saio do carcere vestido em um roupão azul, e o haviam degolar em a praça; e porque a sentença era que fosse degolado, e seus bens confiscados para a coroa, buscou sua mulher D. Maria quanta adherencia pôde, que ella tambem queria dar a parte que lhe tocava da sua fazenda, e que dessem a vida a seu marido. Nunca Manuel da Silva quiz, e já era tempo que o haviam de degolar, se escondeu, e Braz Dias Rodovalho, juiz ordinario, foi o que assistiu na execução, com os meirinhos e alcaides e mais officiaes e ministros da justiça. E estando o ditto João de Bettencourt já em cima do pelourinho, defronte do paço do concelho, e na praça, onde estavam mais de doze mil almas, entre homens, mulheres, e moços; levava elle uns embargos feitos, dizendo em elles, que ao tempo que fizera o motim e alvoroço na cidade estava doudo e sem juizo, porque o era ha tempos, e que sendo homem, que tinha já netos, se fez estudante no collegio dos padres da Companhia, mettendo se com os meninos da segunda classe a aprender latim, e que com os estudantes ia em corpo acarretar agua aos prezos, e o mais que nos embargos se tratava, e que por esta via se não podia fazer nelle execução. O juiz Braz Dias Rodovalho dice que elle não era mais que executor, que o não podia admittir aos embargos, que os fossem allegar ante o conde ou os que deram a sentença. Este fidalgo começou logo a fallar muitas cousas com agonia da morte de que estava cercado, e entre as mais dice: *Ah! cidadãos de Angra, e moradores della, Deus se lembre de vós*; e o algoz que era um mouro, já tornado christão, que se chamava o Ferreira, lhe deu a medo um golpe, porque constrangidamente lho fizeram fazer, e fugio para traz: mandaram-lhe que depressa lhe desse outro, o qual o deu, e foi visto que nem do primeiro nem do segundo o incurtado fidalgo não fez movimento, nem com pé, nem com mão, nem cabeça, nem se bulio: e querem dizer e se affirma, que antes que o verdugo lhe desse o primeiro golpe elle era ja passado, e sua alma apartada do corpo; e eu fui testemunha de vista de tudo. E estando degolado, ou nesse acto, em acabando o verdugo de dar o segundo golpe, se armou um borburinho ou motim que começou à fazer um mancebo por nome Biliago, natural da ilha do Pico, de que houve trez mil espadas nuas, sem se determinar para quem, uns para os outros; e os juizes ordinarios e mais pessoas, e os padres postos em pé sobre o pelourinho, que se fôra isto antes de degolado se pudera prezumir que o faziam por ordem dos parentes de João de Bettencourt, por o tomarem. E atinando-se sobre quem era o primeiro que arrancou, era o ditto Biliago, com outro mancebo; e logo foi prezo, e levado á cadeia, onde esteve por espaço de tempo. Este fidalgo era um homem tido por muito bom christão, amigo de Deus nosso Senhor, bem criado, nunca delle se sentio cousa que desse escandalo, muito continuo, e sua mulher e filhos no collegio dos padres da Companhia. Era filho de um Francisco de Bettencourt, que inda era vivo, e viveu depois muito tempo, e era natural da Villa da Praia, e casado com uma mulher nobre e bem aparentada.

Continua.

Vinho, oiro, e amigo quanto mais velho melhor.

O amor é o episodio mais bello no drama da vida humana.

GEOGRAPHIA.

O coronel Waugh communicou n'uma das ultimas sessões da Sociedade Asiatica, que terminara os seus calculos sobre a situação e altura do cume do Himalaya.

Resulta dos seus calculos que o pico mais elevado é o de Kauchinjinga, que tem sobre o nivel do mar 28.156 pés, ao passo que o Dawalagiri mede a altura de 26.826 pés.

A parte mais elevada da montanha Kanchinjinga está, segundo estas observações, entre o Kauchinjinga propriamente dito, e o Katmanda.

Espera a Sociedade Asiatica receber dentro em pouco tempo uma relação mais circunstanciada d'esta descoberta. Por ora nada mais se sabe do que o resultado da medição, e que o coronel deu a este ponto mais culminante o nome de *Everest*, que é o de um celebre chefe de geometras indios.

ARCHEOLOGIA.

Fizeram-se ha pouco varias excavações na ponta oriental da ilha grega de Santorin, para descobrir o logar onde esteve assentada a cidade de Oca, destruida por um tremor.

A sciencia augura, pelas primicias já recolhidas, abundante colheita para o estudo da historia.

Logo a pouca profundidade se encontrou um altar de pedra marmore, e sobre elle uma efigie já estragada.

Não longe do altar estavam dois bustos, tambem de marmore, melhor conservados, varias inscripções, e uma cabeça de mulher, cujo tronco se procurava.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação.

186 Commodo de outro cirurgião.
187 Commodo do escrivão dos assentos.
188 Escada da serventia ao cirurgião e escrivão dos assentos.
189 Commodo do porteiro da casa da Fazenda.
190 Passagem publica dos medicos e cirurgiões.
191 Escadas particulares dos medicos e cirurgiões.
192 Portaria das ditas escadas.
193 Escada do uso das familias dos medicos e cirurgiões irem ouvir missa na egreja do Hospital.

Ahi fica a descripção da planta como a riscou o architecto Manuel Caetano de Sousa, quando se resolveu a accommodar o extincto Collegio a Hospital real. A arruinada egreja, cuja minuciosa descripção já fizemos, era restaurada pelos desenhos da antiga. Para o poente da egreja construia-se uma nova fachada, egual á que hoje corre da egreja para o nascente. O templo ficava situado no centro. Nos dois extremos nascente e poente faziam-se dois magnificos torreões, com os quaes se rematava elegantemente o prospecto do edificio.

Pouco foi o que se fez de tudo isto. As obras do Hospital continuaram lentamente até ha poucos annos que o sr. Sequeira Pinto, seu actual enfermeiro-mór, lhe tem dado vigoroso e util impulso.

Hoje contém o Hospital as seguintes enfermarias: Santa Maria Magdalena (venereo, mulheres) — Santo Onofre (cirurgia, homens) — Santo Amaro (cirurgia, homens) — S. José (cirurgia, homens) — S. Sebastião (medicina, homens) — Santo Antonio (medicina, homens) — S. Roque (medicina, homens) — Santa Quiteria (cirurgia, mulheres) — Santa Margarida (cirurgia, mulheres) — S. João Baptista (cirurgia, homens) — S. Pedro (cirurgia, homens) — Santa Catharina (medicina, mulheres) — S. Carlos (cirurgia, homens) — Santa Barbara (partos e clinica medica) — S. Miguel (medicina, homens) — S. Francisco (cirurgia, homens) — Sant'Anna (medicina, mulheres) — Nossa Senhora do Carmo (medicina, mulheres) — e mais uma enfermaria de quartos particulares para homens, e outra dita para mulheres. Ha tambem o hospicio do Amparo, que serve para incuraveis.

Todas estas enfermarias teem mil duzentas e oitenta camas e coxias. Teem egualmente as suas casas para arrecadação de roupas, utensilios e fatos dos doentes, quartos para enfermeiros, e para ajudantes.

O edificio, na parte que olha para a cérca, contém, além das accommodações antigas dos empregados, a escola medico-cirurgica, que está hoje onde foi a enfermaria dos Capuchos Arrabidos; a casa dos mortos, a padaria, o açougue, e a botica com os seus respectivos laboratorios.

No lado do poente fica assente a cosinha.

Na entrada principal ou parte sul, ficam no pavimento terreo a casa dos assentos, o banco e seus annexos. No pavimento superior está a contadoria, a pagadoria, o deposito de roupas e utensilios, e a sala das sessões.

Ha no edificio, em o pavimento onde estão os quartos para os padres do Hospital, e dos irmãos-maiores, uma capella que pertence á associação dos irmãos da caridade — os quaes todos os dias santificados andam pelas enfermarias a lavar, pentear, e cortar as unhas aos doentes.

O Hospital emprega no seu serviço:

Enfermeiro-mór, e seus adjuntos	3
Empregados na contadoria, pagadoria, cartorio, casa dos assentos, fóro, secretaria da botica, etc.	33
Medicos	14
Cirurgiões	32
Padres	8
Sachristães	4
Irmãos-maiores	3
Regente	1
Enfermeiros (16 homens e 9 mulheres)	25
Ajudantes (66 homens e 30 mulheres)	96
Criados (61 homens e 13 mulheres)	74
Parteiras	4
Porteiros (6 homens e 2 mulheres)	8
Pharmaceutico administrador da botica	1
Ajudantes do dito	3
Aspirantes ordinarios	3
Ditos extraordinarios	6
Barbeiros	2
Cosinheiro	1
Ajudante do dito	1
Costureiras	6
Lavadeiras	21

E para não terminarmos este assumpto do Hospital sem relatarmos as commodidades que ahi encontram os doentes que n'elle se recolhem, seja-nos permittido continuar ainda esta nossa digressão.

As camas dos doentes são compostas de barras de ferro na maior parte, de um enxergão de palha de centeio, um travesseiro com sua fronha, dois lençoes, dois cobertores e uma coberta de chita azul.

De um lado da cabeceira de qualquer d'estas camas ha uma banquinha coberta d'uma toalha, e sobre a banquinha está um pucaro de estanho para agua, com sua tampa, e um escarrador tambem de estanho.

Cada uma d'estas banquinhas tem de cada lado uma prateleira para guardar o seu talher, e algum objecto d'uso particular do doente.

Do outro lado da cama ha uma caixa, que serve de retrete, convenientemante tapada, podendo servir de assento para os que se levantam.

Sobre esta caixa tem, quando estão deitados, um ourinol de estanho, ou de vidro quando o caso o pede.

Sobre a cabeceira de cada cama, e logo por baixo do numero d'ella, ha um caixilho com seu vidro, onde está posta uma *papeleta* com o nome, e mais circunstancias que dizem respeito ao doente, e assim tambem a relação dos objectos que trouxe para a enfermaria.

Estas *papeletas* servem egualmente para o receituario, dietas, nomes de molestias, designação de operações e seus processos, e para se assentar o estado em que o doente sae, ou o dia e a hora do seu fallecimento.

Cada doente tem um barrete de linho e um capote de panno grosso, com mangas, para pôr nos hombros, quando assentado na cama, e vestir, quando se levanta.

Achando-se o doente n'este estado, o Hospital fornece-lhe calças, jaqueta de panno, e sapatos.

A roupa é mudada nos casos ordinarios de oito em oito dias.

Nos doentes immundos todas as vezes que o precisam.

Todos os dias de manhã ás seis horas no verão, e ás seis e meia no inverno, começa a limpeza das enfermarias, arranjo das camas, mudança de roupas, despejo de ourinoes, retretes e escarradores, lavagem e aceio dos doentes immundos.

Duas vezes por dia, pelo menos, são as enfermarias defumadas com vapores desinfectantes.

Os remedios dão-se tres vezes ao dia, quando os casos não exigem mais; antes da limpeza, ás dez horas e meia da manhã, e ás cinco horas da tarde.

A comida distribue-se em tres refeições: almoço no verão ás sete e meia, e no inverno ás oito horas; jantar ao meio-dia; ceia ás sete no verão, e ás seis horas da tarde no inverno.

O pão e viveres são todos os dias inspeccionados pelos facultativos.

As dietas são em numero de seis, e constam do seguinte:

1.ª dieta: — Cinco caldos de 6 onças.
2.ª dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.
Jantar, 6 onças de arroz.
Ceia, 4 onças de arroz.
Á uma hora da noite, 6 onças de caldo.
3.ª dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.
Jantar, 2 onças de pão, 2 de carne, e 6 de caldo.
Ceia, 6 onças de caldo, e 6 de arroz.
Á uma hora da noite, 6 onças de caldo.
4.ª dieta: — Almoço, 2 onças de pão, e 6 de caldo.
Jantar, 2 onças de pão, 3 de carne, e 6 de caldo.
Ceia, 2 onças de pão, 3 de carne, e 6 de caldo.
5.ª dieta: — Almoço, 2 onças de pão, 6 de caldo, ou 6 de caldo de farinha, ou 6 de sopa, ou 6 de açorda.
Jantar, 4 onças de pão, 2 de carne, 6 de arroz.
Ceia, 2 onças de pão, 12 de arroz.
6.ª dieta: — Almoço, 4 onças de pão, 12 de caldo, ou 12 de caldo de farinha, ou 12 de sopa, ou 12 de açorda.
Jantar, 8 onças de pão, 4 de carne, e 12 de arroz.
Ceia, 4 onças de pão, 12 de arroz.

As dietas 3.ª, 5.ª e 6.ª podem ter carne assada.

As dietas 5.ª e 6.ª podem ter, debaixo das mesmas quantidadas, ao jantar e á ceia sopa, açorda, arroz, macarrão, legumes ou quaesquer vegetaes que os facultativos ordenem.

Esta tabella não vigora para os doentes dos quartos particulares, aos quaes os facultativos abonam tudo quanto lhes parece conveniente.

Depois do jantar, até ás tres horas da tarde, ha silencio, conservando-se as portas e janellas cerradas em todas as enfermarias, para os doentes repoisarem.

O serviço clinico das enfermarias é feito em cada uma pelo seu facultativo director, acompanhado pelo respectivo enfermeiro e todos os ajudantes.

O enfermeiro vae notando n'uma pedra todas as alterações que o facultativo julga necessarias, quer em remedios, quer em dietas, para este depois transcrever, verificar, rubricar.

Os facultativos dão uma parte mensal para a administração do Hospital da maneira como os empregados cumprem os seus deveres.

Podem tambem n'estas partes mensaes propor qualquer melhoramento que lhes occorrer para bem dos seus enfermos.

Os facultativos directores das enfermarias são dezoito — sete medicos, quatro para homens, e tres para mulheres; e onze cirurgiões, sete para homens, e quatro para mulheres.

Ha além d'estes mais quatro para as visitas dos quartos particulares.

Todas as quintas feiras e domingos, das nove ás dez horas da manhã, se reunem em junta dois medicos e dois cirurgiões, que por escala são nomeados d'entre os directores das enfermarias para examinar e receitar a todo e qualquer doente que de fora os vá consultar.

No impedimento legal d'algum dos directores de enfermarias compete aos facultativos extraordinarios fazer as suas vezes. Estes são vinte e quatro, sete medicos e dezesete cirurgiões.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

A urna eleitoral, quando não é tão pura como uma vestal, não exprime o voto nacional.

—

O empregado, com pequeno ordenado, que vive com luxo, se não herdou, furtou.



VISTA EXTERIOR DA EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

Apresentamos hoje duas estampas, que mostram um edificio religioso, a egreja de Santa Margarida, cuja architectura é combinada de differentes estylos. Foi erectó em Inglaterra, a expensas do conde de Stamford, e sagrado em junho do anno passado. O architecto foi W. Hayley, e a despeza na fabrica, vinte mil libras.

Está situado na volta do caminho que vae de Altrinchans para Knutsford, terra importante da provincia de Chester, onde existem bastantes fabricas.

Qual a santa Margarida, a que é dedicada a egreja? Será a padroeira de Cremona, que foi martyrisada no terceiro seculo da era christã? Será a santa Margarida rainha d'Escocia, que com Malcolm III casou em 1070?

Eis o que não diz o jornal d'onde colhemos os apontamentos para este artigo.

O amor proprio é uma paixão, que vae acompanhando o progresso da civilisação: hoje qualquer escolar se presume um Platão; qualquer soldado um Scipião; qualquer patriota um Catão.

—

O ignorante admira o charlatão, porque não tem conhecimentos para o distinguir do sabio.

—

O vaidoso nunca chegará a ser sabio; mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589—1592)

Uma das mais raras compilações sobre a historia das duas Indias é por certo a que por diligencia dos irmãos De Bry, e Meriani, de Francfort, se fez nos fins do seculo XVI principio do XVII, sob o titulo geral de *Collecção de viagens á India oriental, e India occidental.* (*Collectiones Peregrinationum in Indiam Orientalem et Indiam Occidentalem.*) Do merito d'ella fallam largamente De Bure junior, na sua *Bibliographia instructiva*; Brunet no seu importante *Manual do livreiro*; etc.

De vinte cinco partes, memorias de differentes escriptores, escriptas em diversas epocas, e originalmente em idiomas varios, se compõe a *Collecção*, que é entre os amadores conhecida pelo titulo convencional de *Grandes e pequenas viagens*, denominação que lhe nasce do formato menor e maior das duas series em que parece estar dividida (*Camus, Mem. sur la coll. des grands et petit. voyages*).

A primeira serie, que vimos, (*Pequenas Viagens*) em folio ordinario, comprehende doze partes, em cinco volumes, e consta toda de escriptos relativos ás Indias orientaes. A segunda serie (*Grandes Viagens*) em folio maior, abrange treze partes, em tres volumes, respeitantes ás Indias occidentaes, sob o titulo de *Historia da America ou Novo Mundo*. De Bure a descreve, a avalia, a historia, e a compara, parte por parte, como bom intendedor e bibliophilo que é.

Paciencia, e trabalho aturado tirariam d'esta grande collecção de viagens muitas noções da nossa historia; algumas importantes, outras de pequena transcendencia, inda que assim mesmo uteis talvez um dia á controversia; e todas perdidas em velhos livros, por cujos titulos se não denunciam.

Oitava, entre as partes, que compõem a primeira serie da *Collecção*, é o *Itinerario* do hollandez João Hugo Lintschoten, ás Indias portuguezas, ou orientaes; volume unico, impresso a duas columnas, que abre com viagem de Lisboa para a India começada em 8 d'abril 1583.

Muitas são as edições e traducções que este livro tem tido. Escripto originalmente em hollandez, saía em 1596; depois em latim em 1599; em francez em 1610; em allemão em 1614; etc.

É da edição latina que nos servimos, para a transcripção do seguinte capitulo.

—

«Certos feitos dignos de memoria no tempo em que João Lintschoten morava na Terceira — Dois homens fulminados por um raio — Uma nau dos hespanhoes capturada pelos inglezes — São pelos mesmos aprisionados quatorze navios — Conde de Cumberland — Riqueza da armada da India hespanhola — Alvaro Flores — Sua riqueza — Os inglezes apoderam-se de duas naus d'hespanhoes — Motivo — Grande prejuizo dos hespanhoes em 1590 — É capturada uma nau de inglezes — Delicto — Os hespanhoes navegam com mais felicidade debaixo do commando d'Alvaro — Armada ás ordens de Martinho Forbischero — Bichos nocivos nos navios — Estado de Mathias d'Albuquerque — Captivam os inglezes os navios mandados á India e que vinham da Mina — Terremoto terrivel — Armada de hespanhoes mandada á Terceira — Acção illustre de Ricardo Groenveld — Admiravel obstinação da natureza em mastigar copos de vidro — Enorme tempestade — Destroe cruelmente as naus hespanholas — Deploravel naufragio — Varios naufragios — De cento e quarenta navios somente se salvam trinta — Os conductores da pimenta diligenceiam levar os generos que salvaram da nau Malaca — João Hugo parte.

«No anno de 1589, a 2 d'outubro, na villa da Praia da ilha Terceira morreram dois homens fulminados d'um raio, nos campos extra-muros.

«A 19 do mesmo mez vieram á Terceira quatorze navios da India occidental, carregados de cochonilha, coiros de boi, oiro, prata, perolas, e outras mercadorias. Eram em numero de cincoenta quando sairam da Havana, porém á saida do canal uma terrivel tempestade que sobreveiu despedaçou onze d'estes, e os restantes, vagavam por differentes rumos. No dia seguinte um navio d'esta armada aproximou-se á ilha Terceira para ahi ancorar; porém como succedesse encontrar uma nau ingleza, que só tinha tres peças, e ella estivesse munida de doze de egual calibre, a que chamam *Gotelingas*, começaram a pelejar. Porque ao longe viamos da ilha esta peleja, o governador mandou duas chalupas, em auxilio com alguns escopeteiros; porém antes que estes se aproximassem, viram o navio batido pelos inglezes, e levantadas as velas submergir-se, não se vendo já senão restos; quasi trinta homens, incluindo o capitão foram mettidos no escaler pelos inglezes, e desembarcados em terra; além d'isso morreram quasi cincoenta homens, e submergiram-se riquezas no valor de duzentos mil ducados, em oiro, prata, e pedras preciosas.

«A 27, quatorze dos sobreditos navios que caminhavam para Sevilha, foram aprisionados pelos inglezes, junto ás costas de Hespanha, e conduzidos para Inglaterra.

«Por estes mesmos dias navegava proximo a estas ilhas o inglez conde de Cumberland, e frequentemente se approximava á bahia de Angra, a tiro de mosquete. Tambem foi á Graciosa, e ao Fayal, e levou muitas caravelas, com geral consternação dos insulares. Tres ou quatro dias depois da sua partida, vieram ao Fayal seis navios da India, commandados por João Doryves, e conduzindo quatorze milhões d'oiro e prata. Desembarcada a carregação na ilha, e concertados depressa os navios, e logo de novo carregados, sem mais demora aportaram a Hespanha. O conde de Cumberland quando voltou sentiu muito ter-lhe escapado aquella valiosa presa.

«No mez de novembro duas grandes naus vieram á Terceira, a saber, a almirante e vice-almirante da armada que conduzia a prata. Tinha-as dispersado uma temerosa tempestade, com grande perigo de naufragio, sendo obrigadas a dar constantemente á bomba para não soçobrarem, e muitas vezes desejaram a aproximação dos inglezes, a quem de bom grado teriam entregado toda a prata para salvarem a vida. Porém o conde de Cumberland, posto que sempre navegasse n'aquella altura, nunca lhes appareceu, de modo que entraram na bahia d'Angra, depois de grandes calamidades. Aqui muito á pressa descarregaram grande copia de riquezas, que montaram a perto de cinco milhões de prata em linguetas de oito ou dez libras; coberta a praia, e a serra de barras de prata, e de cofres cheios de dinheiro amoedado que a todos que isto viam causava admiração. O milhão vale dez centenas de milhares de ducados; e não conto as perolas, o oiro, os diamantes, e outras coisas preciosas ainda não inscriptas nos registros. O almirante d'esta armada era Alvaro Flores de Quinhones, então doente da molestia da India, de que depois morreu em Sevilha. Tinha cartas patentes do rei, com autoridade em todos os navios, mares e terras em que aportasse. Foi portanto recebido com summa honra pelo governador da Terceira. Aqui, deliberando com o governador, formou proposito por causa da fraqueza das naus, e corre-

rias dos inglezes, de as mandar vazias para Hespanha, com uma guarnição militar, para que certificado o rei curasse do modo de conduzir com segurança para Sevilha a prata e riquezas da armada. Por este motivo ficou Alvaro na Terceira para guardar o dinheiro, e curar da sua saude. Tinha aqui sessenta mil ducados em perolas e riquezas suas particulares, que se propunha vender-nos, recebendo em troco especiarias ou dinheiro em letras de cambio. Emfim a tempestade destruiu estas duas naus, equipadas com trezentos ou quatrocentos homens tanto maritimos como soldados. A almirante despedaçada pela força do mar, foi para o fundo com destruição de tudo quanto levava. A vice-almirante deslocados os mastros, e arrojada á terra fez-se pedaços junto a Setubal. Salvaram-se d'ella alguns homens a nado, que foram os mensageiros do acontecimento e da cruel sorte.

«N'este mesmo mez duas grandes naus hespanholas que vinham da India, e que chegavam ao porto da Terceira, d'onde apenas estavam distantes coisa de meia milha, foram encontradas por uma nau ingleza, que, depois de porfiado combate, as aprisionou á vista de toda a ilha. A causa d'esta atrevida presa era a seguinte. Sob capa de francezes alguns inglezes, oito mezes antes, carregavam de pastel um navio na ilha Terceira; porém alguem descobriu a fraude, e por isso o navio foi confiscado, todos os bens vendidos em proveito do estado, e toda a tripulação presa, porém com homenagem, porque na ilha podiam considerar-se como em estreito carcere. Não obstante, no domingo immediato fugiram n'um barco de pesca que encontraram junto ao monte Brasil, e dirigiram-se ao navio do conde de Cumberland, que então por acaso navegava n'aquella altura, ficando tamsómente na ilha o piloto e o contratador que tinham dado fiadores. Este piloto tinha em Inglaterra um cunhado, ou irmão de sua mulher o qual tanto que soube do captiveiro do seu parente, alcançou da rainha licença para equipar um navio, e reparar o damno que recebera, com a captura d'algum hespanhol, para por meio d'elle resgatar seu parente. Foi este pois o que se apoderou das duas naus como ha pouco narrámos; e esteve comigo aquelle piloto inglez. Tomadas as naus com riqueza que excedia a trezentos mil ducados, mandou para terra toda a tripulação, conservando apenas em refens duas pessoas nobres. Remetteu cartas ao governador, por via do piloto dos hespanhoes, nos quaes lhe dizia: que elle queria trocar estes dois nobres pelo seu irmão; que se isto lhe fosse concedido os soltaria; do contrario os conduziria a Inglaterra. O governador não acceitou, observando que aquella graça devia ser pedida ao rei, e que os mesmos nobres a podiam impetrar. Convidámos para o nosso jantar este piloto hespanhol, que nos referiu a disposição do combate e louvou o proceder dos inglezes. Pouco depois o mesmo piloto inglez fugiu, sem pagar refens.

«No mez de janeiro de 1590 chegou á Terceira uma nau da India hespanhola, com a triste noticia da destruição de cem navios nas alturas da Florida, dos quaes só ella restava. Feito por esta razão o calculo viu-se, que dos duzentos e vinte navios, que segundo constava, tinham partido, no anno de 1589, da nova Hespanha, S. Domingos, Havana, Cabo Verde, Brasil, Guiné etc., sómente chegaram salvos quatorze ou quinze, sendo submergido o resto, ou destruido pelas tempestades.

«No mesmo mez de janeiro chegaram á Terceira, quinze ou dezeseis navios de Sevilha, a maior parte belgas e alguns inglezes, que tinham sido embargados para esta navegação. Vinham cheios de tropa, e armados em guerra, para receber a prata e transportar Alvaro Flores. Porém, como n'este tempo o mar estivesse muito cavado, nenhum navio ousava entrar no porto, e alguns que isto emprehenderam, estiveram em grande perigo, por se lhes partirem os mastros, e até se perdeu um navio da mesma armada de Biscaya, que se despedaçou nos rochedos, salvando-se comtudo a tripulação. Por isso os outros navios conservaram-se ao largo, dispersos ao arbitrio do vento, até ao dia 15 de março, não tendo havido em todo este tempo um momento favoravel para fundearem ou entrarem na bahia. Acalmada a tempestade caiu de repente no meio d'esta armada uma nau ingleza, (de duzentas toneladas) que em consequencia do excessivo vento não podera largar todas as velas. Os portuguezes a tomaram, e pozeram na sua pópa á maneira de tropheo a bandeira ingleza. Porém não longe do porto saíram-lhes ao encontro duas naus inglezas, que teriam reparado aquelle prejuiso se a proximidade da cidade e fortalezas, cuja artilheria jogava, não favorecesse os portuguezes. Todos os inglezes foram atados a dois e dois, e mettidos no porão, onde ficaram expostos á terrivel vingança de Oestro, porta estandarte hespanhol, perturbado ou incitado, porque perdera o irmão na armada ou navio dos hespanhoes, que se dirigia a Inglaterra; que os accommetteu com punhal desembainhado e degolou juntamente seis que estavam sentados. Dois que restavam e que viram esta maldade, afim de evitar a morte saltaram ao mar, onde se submergiram. Todos os hespanhoes detestaram este crime, e mandaram para Lisboa o porta estandarte, que depois por sentença do rei foi condemnado a ser entregue á rainha d'Inglaterra. Isento porém d'isso pelos rogos dos amigos, devia ser decapitado, se em sexta-feira Santa, juntos todos os capitães em Lisboa, lhe não tivessem alcançado o perdão a muitos rogos. Estas duas naus, que (como se disse) seguiam o almirante da armada, fazendo-se ao mar, cairam sobre uma nau que se tinha afastado d'ella, e que era desejada, e a tomaram, lançando em terra a tripulação. Era esta aquella nau que fôra confiscada na Terceira, e que tendo sido vendida a hespanhoes que vinham da India, fóra levada para a cidade de S. Lucar, onde fóra embargada para esta navegação. Tinha grande valor pela ligeireza com que navegava, não assim quando era governada por hespanhoes. Sendo portanto recuperada pelos antigos senhores, retirou-se para Inglaterra.

«No mencionado dia 19 de março, as naus em numero de dezenove fizeram-se á vela, conduzindo a prata, e o capitão general Alvaro Flores de Quinhones, com a sua gente, bem guarnecidas de tropa, armamentos, e outras coisas necessarias, e com animo feito de resistir até á morte aos inimigos. Seguiam viagem para o porto de S. Lucar; mas o vento sendo contrario os levou a salvamento ao porto de Lisboa contra a vontade e ordem d'Alvaro. Perto, porém, do cabo de S. Vicente estavam vinte navios inglezes, que desejavam sair ao encontro d'esta armada, mas o destino foi favoravel aos hespanhoes e concluiram a navegação sem mortandade, e sem peleja, que aliás seria duvidosa.

«No mez de março do anno de 1590 avistava-se na ilha Terceira um cometa ou estrella de cauda. Durava havia quatro noites, e a cauda estendia-se para o sul.

«No primeiro d'agosto, cartas que chegaram de Portugal e da Hespanha para o governador da Terceira diziam, que não havia ainda dois annos tinham partido d'Inglaterra doze naus, sete das quaes se dirigiam á India portugueza, e as outras cinco a Malaca. Das cinco, duas tinham-se perdido ao passar o estreito de Magalhães, as outras tinham chegado a Malaca, porém o que ahi fizessem não diziam as cartas. As sete, dobrado o cabo de Boa-esperança, e chegando á India, aportaram ás costas de Malabar, e ahi tomaram dois juncos dos malabares, bem como duas galés turcas que vinham do estreito do mar Vermelho, as quaes depois permittiram ausentar-se. Certamente partiam com os navios carregados d'especiarias: porém onde receberiam a carga, ou que logares frequentariam, nada se sabia com certeza. Assim o escrevera o viso-rei da India, mandando as cartas para Veneza e d'aqui para Madrid.

« A 7 d'agosto vinte navios inglezes, cinco dos quaes eram da rainha, se apresentaram na Terceira, commandados por Martinho Forbischero, para esperarem a chegada das armadas da India hespanhola, e outros logares do Occidente. Esta armada atemorisou todas as ilhas, especialmente a do Fayal, aonde mandaram um inglez trombeta para pedir ao governador mantimentos e agua, e vindo ferido de um tiro, excitou todos os inglezes á vingança, de modo que o governador da Terceira foi obrigado a mandar-lhe alguns barcos com polvora e biscoito; porém na verdade nenhum mal nos fizeram os inglezes por este motivo.

«N'este tempo duas naus de carga que vinham de Portugal, e se dirigiam á Terceira, encontraram no meio do mar duas naus da rainha d'Inglaterra, commandadas por M. João Harckles, que as aprisionaram, e logo depois soltaram. Annunciaram-nos estas que, cada uma das naus inglezas tinha oitenta peças; — que o capitão Drack guardava o canal d'Inglaterra, para que tomasse cuidado na armada que vinha da Corunha, que era de oitenta navios carregados de tropa, viveres e armamentos, e que era mandada para Inglaterra em reforço da liga franceza; — e que estavam na altura do cabo de S. Vicente dez naus certamente para apprehender perto das ilhas os navios da India que escapassem.

«No 1.º de setembro chegou á ilha de S. Miguel um navio ligeiro de Pernambuco, porto do Brasil, referindo que aportara a Pernambuco a armada do almirante da India, que tendo-se extraviado da ilha de Santa Helena, procurara aquelle porto obrigado pela necessidade, posto que o rei expressamente lh'o prohibisse, por causa dos bichos que n'estas paragens roem os navios. Este almirante, chamado Bernardim Ribeiro tinha partido de Lisboa para a India com cinco naus no anno antecedente de 1589. Quatro d'estas naus voltaram a salvo, a quinta (segundo se crê) foi destruida pela tempestade, pois nunca mais appareceu. Duas naus inglezas tinham infelizmente maltratado a nau almirante, mas ainda assim entrou no porto a salvo.

«A 5 do mesmo mez veiu á Terceira uma caravela da ilha do Corvo, com cincoenta homens, que os inglezes tinham deitado n'aquella ilha, depois de os roubarem. Eram estes d'uma nau da India hespanhola, e annunciavam que além d'aquella mais quatro naus tinham sido aprisionadas pelos inglezes, juntamente com uma caravela em que vinham as ordens do rei ácerca das naus da India portugueza; e que os inglezes eram senhores do mar com uma armada de quarenta navios, de modo que nem uma pequena embarcação poderia escapar. Por isso as naus da India portugueza navegavam na altura de 40, ou 42 graus, evitando o porto de Lisboa, e o cabo de S. Vicente, porque de outra maneira cairiam nas mãos dos inglezes que então dominavam todo aquelle mar; — e o rei mandava que a armada da Havana se demorasse por mais um anno, para que não fosse apresada, com quanto esta demora seja muito prejudicial aos navegantes, e por isso muitos se aventuram e desapparecem clandestinamente mas os inglezes os aprisionam, e os lançam em terra, como se vê na Terceira onde a todo o momento estão aportando navios despojados.

«A 19 veiu á Terceira uma caravela com um commissario regio, que fizesse transportar a Lisboa as riquezas da nau Malaca, que tinham sido salvas do naufragio, e por cuja causa ali nos demoravamos; pois tinha partido do porto da Corunha Alonso de Bassan com quarenta navios de guerra para comboyar a armada d'uma e outra India, e debaixo de sua protecção tambem deviam transportar-se até Lisboa as riquezas da nau Malaca. Porém, por causa do vento contrario não poderam aquelles navios aportar ás ilhas, á excepção de dois que a tempestade tinha separado dos mais, e que chegando e não vendo armada alguma, tornaram a partir para procural-a. Entretanto o rei mudando de parecer tornou a chamar a armada, e mandou (segundo dizem) que as naus da India esperassem; tirando-nos assim a esperança de trans portar as mercadorias e differindo-a para occasião mais favoravel.

«A 23 d'outubro aportou á Terceira uma caravela annunciando que das cinco naus que no anno de 1590 tinham partido de Lisboa em direcção á India, quatro tinham regressado depois de quatro mezes d'ausencia; e que só a almirante seguira viagem, e chegara a Malaca depois de grandes infortunios, tendo-lhe morrido duzentos e oitenta homens. Conduzia esta nau o viso-rei Mathias d'Albuquerque, o qual para não perder a faculdade de exercer aquelle cargo, com animo obstinado tinha feito aquella viagem, infeliz para outros. O reconhecido valor d'este varão, que (como eu mesmo observei na India) desempenhava de egual forma o logar de soldado e de general, era tão digno de louvor e tão celebrado entre os indios, que com razão era considerado digno de tamanho governo. Porém apenas o alcançou mudou de costumes, e despresivel pela arrogancia commetteu muitas indignidades. Entre outras fez pintar na sua nau a imagem da Fortuna que elle fazia mover com o bastão que na mão tinha, com este letreiro — *Quero que venças* — o que foi muito notado pelo Cardeal e outros nobres que com elle iam, e foi tomado como loucura.

«A 20 de janeiro de 1591 soubemos na Terceira, por via de Lisboa, que os inglezes tinham capturado um navio, que el-rei mandava á India portugueza, para annunciar o regresso das naus ao viso-rei. Visto terem as outras retrocedido, levava esta muita prata, quinhentos mil ducados de quarenta reales (*sluve rorum*) e da mesma sorte muitas mercadorias. Constava n'este tempo que tinha sido aprisionada uma nau que voltava do logar da Mina carregada de oiro, e mais duas outras cheias de pimenta e outras especiarias. Sómente a pimenta que estas traziam valia cento e setenta mil ducados. Os inglezes levaram estas naus para Inglaterra.

«No mez de julho de 1591, um terremoto abalou a ilha de S. Miguel, e durou desde 26 de julho até 12 d'agosto, de modo que ninguem se atrevia a per-



VISTA INTERIOR DA EGREJA DE SANTA MARGARIDA.

manecer nas casas, e toda a gente andava dispersa pelos campos, que enchia de lastimoso pranto. Tambem cairam muitas casas, e a villa que se chama *Villa-franca* foi quasi arrasada, destruidos todos os mosteiros e habitações, e ficando muitas pessoas sepultadas debaixo das ruinas. A terra fendeu-se em algumas partes, mudaram de logar os rochedos e alguns montes foram destruidos e arrasados.

«Tamanha foi a violencia do abalo, que até o mar, e os navios que estavam no porto tremeram, como se se tivessem mudado inteiramente os polos. Tambem de repente surgiu da terra uma fonte ou olho de limpidissima agua, que correu clara durante quatro dias, e depois seccou. Ouviam-se estrondos subterraneos, e trovões medonhos, como se as cavernas estivessem cheias d'uma multidão de demonios, des-

fallecendo e morrendo muitas pessoas de susto. Tremeu tambem quatro vezes a ilha Terceira, que parecia subverter-se, porém sem damno algum. Estes terremotos são mui frequentes nas ilhas. Vinte (aliás sessenta e nove) annos antes, um egual abalo tinha arrasado e espalhado um monte que está perto de *Villa-franca*, de sorte que cobriu de terra quasi toda a villa, e submergiu muita gente.

«Em 25 d'agosto chegou á Terceira, vinda do Ferrol, uma armada real de trinta naus de Biscaya, Portugal e Hespanha, e dez belgas, a que chamam Uiebotas (*galeotas?*) que tinham sido apenadas em Lisboa para serviço do rei, sem fallar em algumas caravelas e patachos, que tinham a seu cargo procurar e cuidar das coisas necessarias para a armada. Esta armada vinha para servir de guarda aos navios que vinham da India hespanhola, e os navios allemães para receberem á volta e conduzirem a Lisboa as mercadorias salvas do naufragio da nau Malaca.

Continua.

José de Torres.

UM DESEJO.

Tu pedes-me um canto? Só magoas sentidas
Nas cordas da lyra se podem casar;
As trovas d'encanto ja foram perdidas
De feras desditas em rapido mar.

Eu nada já tenho dos tempos passados,
Dos tempos que a vida s'enlaça ao porvir,
Que amor, liberdade são nomes sagrados
São astros luzentes d'eterno luzir.

Agora em sentidas, em ternas endeixas,
Só posso o passado chorar na soidão,
Lembrar-me dos sonhos!... e em horridas queixas
Dizer-lhes—mentistes ao meu coração!

Desejo que as crenças que sentes no peito,
Que Deus não permitta manchar-t'as ninguem!
Sem crenças na terra cae tudo desfeito,
Sem ellas a vida nos foge tambem.

D'esses labios formosos de côr purpurina
N'um terno sorriso soletras pudor,
A mim o sorriso cruento m'ensina,
Affectos mentidos, escarneo d'amor.

Contrito que vendo de ferros cingida
A patria formosa do teu suspirar,
Tu sonhas heroes votando-lhe a vida,
Que a patria valentes hão de ir libertar.

Mas eu se diviso cardumes d'espadas
As leis promulgando na voz do canhão,
Antigas algemas diviso trocadas,
Por mais infamante cruel servidão.

São estas verdades, verdades pungentes,
Que pungem bem fundo no meu coração,
Eu não desejara fazer-t'as patentes,
Dizer-te que impera no mundo a traição.

Mas eu que anhelante na busca das crenças
D'amores, liberdades, a vida passei,
Que todas vi mortas nas trevas immensas
D'immensas infamias que nunca sonhei;

Não posso dizer-te que a vida que é bella!...
Porém eu desejo, de ti fuja a dôr,
Desejo que tenhas no mundo uma estrella
D'eternas venturas, de rosas d'amor.

Coimbra, junho de 55.

F. Soares Franco, Junior.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

XL.

De como se ordenou fazer casa de moeda nesta cidade.

Como nesta cidade havia soldados estrangeiros de presidio, aos quaes se faziam suas pagas ordinarias, e assim a seus capitães, e tinha caravelas de aviso, e fazia duas galés e muitas fortificações, para o que se havia mister muito dinheiro, e para outras cousas, e na terra o não havia, nem nas ilhas de baixo, nem havia commercio com parte alguma, nem donde viesse dinheiro, ordenaram de fazer casa de moeda, porque havia muito cobre, e de França vinha quanto queriam; e havia muitas peças de oiro e prata na cidade e ilha. Tomaram o pateo do Hospital da cidade, que era proprio para o sobreditto, e fizeram mestre de moeda um Gaspar Ribeiro ourives, e os mais officiaes da cidade serralheiros, e dos ferreiros tomaram os que se houveram mister, e fizeram juiz, escrivão e thesoureiro, e os mais officiaes. E começaram a fazer logo de principio boa moeda de prata, ouro, e cobre. As moedas que corriam a trez reis, um açor, e valiam dez reis; as moedas de real e meio, cinco reis; as de real, trez reis; e os meios reaes, um real: que assim valeu no tempo antigo, antes que el-rei D. Sebastião reinasse. Fizeram moedas de prata de crusado, e tostões, e meios tostões, e vintens. Depois dobraram este dinheiro, e das moedas de crusado, marcadas com o açor valiam dous cruzados; e o tostão dous; e os meios tostões um tostão; e os vintens dous vintens. Este dobro era d'el-rei, porque recolhia dous tostões e dava um marcado com um açor; e não valia o dinheiro que não era marcado com este açor; e assim faziam moeda nova de quatro vintens; e de dous, e de um, e havia muito dinheiro na ilha, porque só nella, e nas ilhas do Pico, Fayal, Graciosa, S. Jorge, e Corvo corria este dinheiro, e não saía dellas, e por este respeito era muito. E as moedas de ouro de quinhentos reis tambem foram dobradas, e valiam mil reis; e as de mil reis valiam dous.

XLI

De um pedido que Manuel da Silva fez pela cidade.

Logo em se começando a casa da moeda fez Manuel da Silva em sua pessoa, e em companhia de muitos homens nobres, capitães, fidalgos, cidadãos, um pedido pela cidade, correndo as ruas della. E diziam, que o Snr. D. Antonio, dizendo: el-rei meu Senhor D. Antonio está em guerra com el-rei de Castella, e o tem botado por força de armas fora de Lisboa, e mais partes de Portugal; e desta ilha se hade restaurar, e com o favor de Deus, e da Rainha

mãi de França, e Rainha de Inglaterra, e mais senhores dos dittos reinos, hade tornar a entrar em Lx.ª cabeça do reino de Portugal, por isso é necessario em todo ajudal-o; e que dessem dinheiro, peças d'ouro ou prata, para se fazer dinheiro para seu serviço. Os moradores da cidade, como elle ia em sua pessoa, pedia a todos os que lhe diziam que podiam dar, assim os que estavam em fama de servidores do Snr. D. Antonio, como os mais de suspeita, uns davam cadeias, outros anneis, outros dinheiro, outros promettiam moios de trigo, outros vaccas, e os que eram de suspeita a esses se pedia com mais industria, os quaes mais por vergonha, que por vontade, e porque os não molestassem, davam mais. De maneira que o ditto Manuel da Silva todas as cadeias que lhes davam, as botava ao pescoço; e ja não podia com ellas; e como a terra estava rica, e prospera ajunctou um thesouro, e dizem que nada disto appareceu na casa da moeda, que tudo elle guardou com muito ambar de naus que vinham ter a esta ilha.

XLII

De certas ordens e traças que deu Manuel da Silva.

Como o povo miudo com a vinda de Manuel da Silva se alvoroçou, e Manuel da Silva fazia alguns officiaes mechanicos sargentos de companhias, almotaceis da limpeza, e ao mestre da casa da moeda lhe botou o habito de Santiago, e ao patrão da ribeira João Duarte outro habito, e a muitos mechanicos o de Aviz; não havia homem nobre que da sua boca não fosse tredo, e faziam muitas molestias, e descortezias com favor do ditto Manuel da Silva, o qual mandou que como vissem pelas praças ou ruas estarem fallando trez homens junctos de suspeita, em segredo, que lhes dava licença para os matarem. Elle por quasi nada logo dizia que havia mandar enforcar: não se fiava de homem nobre, antes nas companhias os sugeitava aos mechanicos. Todos os privilegios da cidade quebrou, e os dava aos mechanicos. Prendia em cadeia publica os juizes com as varas nas mãos. De tal maneira ia o negocio, que alguns ou muitos homens nobres não tinham em seu peito serem do serviço d'el-rei Filippe e pela desconfiança de Manuel da Silva e molestias do povo miudo se faziam. O ditto Manuel da Silva foi publico e notorio com o poder do cargo deshonrar algumas donzellas, e cazadas, e dizem que mandou a um homem que lhe trouxesse uma filha para dar um testemunho; o pae a levou e elle a metteu comsigo em uma camara e a deshonrou, e o pobre homem dizem morreu de nojo.

XLIII

Dos homens que foram sentenciados, que estavam presos com João de Bettencourt.

Estavam na cadeia os homens que atraz tenho ditto, prezos. Depois que foi degolado João de Bettencourt os sentenciaram todos, e nenhum foi sentenciado a morte, mas foram condemnados rigorosamente em parte de suas fazendas, e dinheiro para a coroa, e um Estacio Trigueiros, e Pedro Velho, alem do dinheiro foram com baraço e pregão pelas ruas publicas, e este licenceado Estacio Trigueiros era cirurgião, e foi privado do officio. Depois lhe deu o ditto Manuel da Silva licença para curar: quiz este pobre ir-lhe dar os agradecimentos da licença que lhe deu, e começando a fallar com elle, porque tinha tal semblante o ditto Manuel da Silva, que os homens com medo delle se turvavam de fallar com elle, que em começando a fallar dice, pelo querer agradar, que elle era muito servidor do Snr. D. Antonio; em o ditto Manuel da Silva lhe ouvindo isto gritou: *O' traidor ainda lhe não chamais el-rei D. Antonio! Enforquem este traidor, levem-no logo d'aqui, e vão-no enforcar!* E assim o mandou ir, e chamou logo um meirinho, e mandou que logo o açoitassem por duas ruas publicas, e bem açoitado o mettessem na cadeia, e assim se fez. O pobre homem na prisão esteve té a vinda do Snr. D. Antonio, e lhe contaram o caso, dice, que fôra muito mal feito, e reprehendeu ao ditto Manuel da Silva, dizendo-lhe: *vós Manuel da Silva não quereis ser Conde, nem que eu seja rei, porque primeiro eu fui Snr. D. Antonio que rei D. Antonio.* Isto lhe dice porque sabia mais de sua condição que outros.

Continua.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Os doentes de medicina teem á noite a visita d'um medico, chamada da tarde.

Compete a este verificar se os remedios se dão com regularidade; se os empregados são exactos na execução das prescripções dos facultativos; visitar os doentes que tiverem entrado depois da visita do medico director da enfermaria, os que tiverem peiorado, e os que formarem assumpto de observações especiaes; escrever n'um quaderno, chamado *Diario da visita da tarde*, a hora da sua visita, o estado em que achou os doentes precedentemente citados, e qualquer occorrencia que denote irregularidade no bom desempenho do serviço dos doentes; e finalmente redigir e apresentar cada mez a historia pathologica de dois doentes, que offereçam molestias mais notaveis.

Os ajudantes e criados de cada enfermaria, com o seu respectivo enfermeiro, são obrigados a fazer a limpeza, e a distribuição da comida e remedios; nos intervallos ha constantemente em cada enfermaria um, ou, se o caso o pede, mais ajudantes, chamados de *piquete*, para cuidarem e vigiarem nos enfermos.

Todas as enfermarias são rondadas de noite por um enfermeiro que por escala é nomeado para observar se os empregados subalternos cumprem suas obrigações, se nas enfermarias ha socego, e se aos doentes não falta coisa alguma das prescriptas.

Os irmãos-maiores servem por semanas, e são os fiscaes que constantemente vigiam para que os seus subordinados cumpram os seus deveres, dando immediatamente parte á administração de qualquer occorrencia que mostre infracção d'estes, ou perturbe a boa policia que deve reinar no estabelecimento.

Os doentes recebem os soccorros espirituaes todas as vezes que os pedem, ou estão gravemente enfermos.

Para este fim ha sempre dentro do Hospital oito padres, seis dos quaes confessam, e dois administram os sacramentos.

Quando os doentes morrem, os seus cadaveres não

são removidos ordinariamente sem passarem vinte quatro horas, e sem que os facultativos verifiquem o estado de morte real.

Os cirurgiões do banco teem a seu cargo tambem fazer todos os dias, de manhã, das oito ás dez horas, o curativo dos doentes chagados que ali se vão curar; tratar os feridos por accidente, que a toda e qualquer hora ali concorrerem; applicar banhos electricos, e fazer a acceitação dos doentes para as differentes enfermarias, o que deve ter logar das sete ás dez horas da manhã, e das quatro ás seis da tarde no verão; e no inverno, das oito ás onze da manhã, e das duas ás quatro da tarde; salvo se veem gravemente doentes, ou se são de fora de Lisboa, porque são immediatamente recebidos a toda a hora.

Para se fazer uma idéa do serviço que o banco presta á humanidade enferma que ali concorre annualmente a curar-se, bastará dizermos que tem havido annos em que são tratados oito mil cento e quatorze doentes.

Aqui diremos tambem como o facultativo do banco deve proceder na acceitação dos doentes.

Examina o seu estado para lhe destinar enfermaria e lhe receitar o que julgar conveniente. O doente diz o seu nome, edade, estado, profissão, naturalidade, residencia, filiação, e effeitos com que entra.

Estas declarações vão sendo escriptas pelos empregados na casa dos assentos na *papeleta*, e depois n'um livro para isso destinado, no qual é descarregado quando sae, ou morre.

O doente depois de acceito, passa para a enfermaria que lhe destinaram, onde immediatamente lhe dão cama com roupa lavada e lhe applicam as coisas receitadas, tendo o cuidado de o limparem, se vem immundo, e o seu estado o permitte.

Nas enfermarias do Hospital só devem ser acceitos, salvo os casos extraordinarios, os doentes que apresentem um attestado de pobreza, passado pelo seu parocho, e visado pelo regedor.

Todos os outros doentes são acceitos pagando 240 réis por dia; e sendo aguadeiros 160 réis.

Tambem os outros estrangeiros ahi se recebem pagando na conformidade de uma tabella, que existe na contadoria.

N'este Hospital e no de S. Lazaro que lhe é annexo tem havido annos, como foi o de 1847, em que entraram para se tratar quatorze mil trezentos e doze enfermos.

É curiosa a estatistica, perfeitamente combinada e desinvolvida que o cirurgião d'este Hospital, Miguel Januario Fernandes Branco, apresentou relativamente ao anno civil de 1851, com o relatorio d'este estabelecimento, e ao qual nos soccorremos no presente trabalho.

De todas as doenças ali tratadas, a que mais avulta é a syphilis, que entra na razão total dos enfermos saidos de 15,22 para 100.

A mortalidade nos enfermos pode calcular-se, termo medio, em 15 por 100.

N'este estabelecimento tem-se feito a observação de que ella cresce com o augmento no numero dos annos de edade; e é esta uma das causas poderosissimas para a avultada proporção n'esta parte da estatistica.

Egualmente se tem observado que nas duas estações do inverno e outono quasi duplica a das outras duas.

Ainda outra observação, e vem a ser que a mortalidade nas mulheres é muito maior do que nos homens.

Para fazermos uma estimativa aproximada das grandes despezas d'este estabelecimento mencionaremos aqui o consumo de alguns generos nas suas enfermarias em o sobredito anno de 1851:

Leite de vaccas — 13 pipas, 2 almudes, 8 canadas, 3 quartilhos, e 8 onças; sendo 12 pipas, 15 almudes, 8 canadas, e 3 onças para alimentação dos enfermos; e 10 almudes, 5 canadas, e 3 quartilhos para soros salsados; e o resto, ou 1 almude, e 7 canadas para papas de leite, gargarejos, etc.

Leite de burra — 2 almudes, 11 canadas, e 9 onças.

Agoa de Sedlitz natural — 2 almudes, e 2 quartilhos.

Limonada de citrato de magnesia — 2 almudes, e uma canada.

Julepo gommoso — 1 pipa, 10 canadas e 3 quartilhos.

Cosimento de fructos peitoraes — 4 pipas, 7 almudes, e 3 quartilhos.

Sanguesugas — 23920. Deve advertir-se que este numero é muito inferior em relação aos annos antecedentes, em que se não usava tanto do escarificador e ventosas.

Outra curiosissima observação sobre o estado de instrucção do nosso paiz, vem a ser que dos doentes ali tratados n'um anno, os que sabiam ler para os que o não sabiam, estavam na proporção de 17,19 para 100.

Ahi fica dito o que julgamos necessario para dar uma idéa do actual estado do Hospital de S. José; do qual, ainda que resumidamente, deviamos tratar n'este logar, porque descrevendo em as nossas Chronicas os extinctos conventos, tinhamos rigorosa obrigação de explicar o uso para que foram destinados.

Só nos resta dizer que depois de o edificio do collegio de Santo Antão ser applicado para este piedoso fim, se instituiu no pateo da entrada do mesmo Hospital uma feira annual no dia de S. José; e que a construcção do portico e do muro, e plantação de arvores do mesmo pateo, bem como a fabricação de um chafariz que ali havia com duas torneiras, para serviço do publico, e já hoje não existe, foi obra do enfermeiro-mór D. Francisco de Almeida, no anno de 1811.

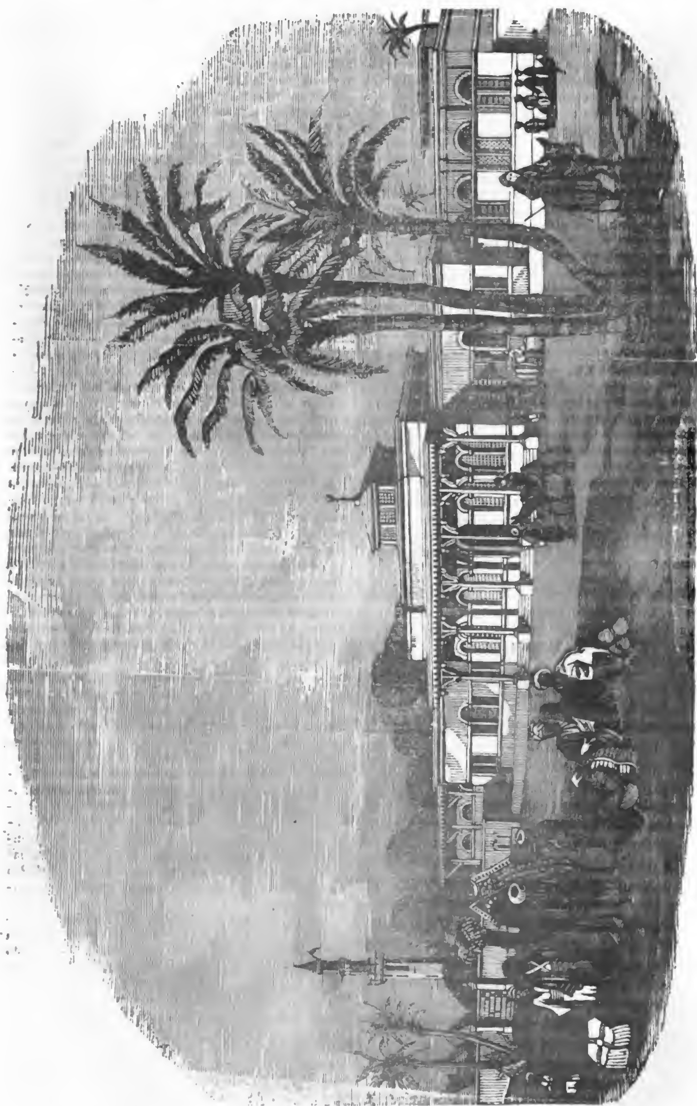
Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

AVISO.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



CAMINHO DE FERRO DO CAIRO.

CAMINHO DE FERRO DO CAIRO.

Encurtaram-se as distancias na Europa, com o estabelecimento das linhas ferreas. A America ingleza acompanhou n'esta parte da sciencia a Europa, com uma vontade, com um zelo, que realmente se pode dizer que excedeu esta parte do velho mundo. Restavam as outras partes do mundo conhecido. Estas não quizeram ceder a palma ás mais illustradas.

Hoje o viajante asiatico já se não subjeita aos incommodos e fadigas de jornadas, como por exemplo, as de Alexandria ao Cairo, em que levava tres dias, pelo menos, e hoje faz este trajecto em sete horas.

Esta parte do caminho de ferro que hade ser a grande arteria de Alexandria ao mar Vermelho, já se acha completa. Para completar este rapido meio de viabilidade até Suez, falta a secção que hade seguir do Cairo a este ponto.

O trajecto desde Alexandria até ao Cairo, que está concluido, como dissemos, foi principiado sob os auspicios do fallecido vice-rei Abbas-pachá. Esta linha seguiu atravez a Rosetta e Damietta, que são ramificações do Nilo, e cortando o delta, acaba no Cairo. Fora das muralhas d'esta cidade, junto da porta Bab-el-Hadid, que quer dizer *porta de ferro*, se levantou a estação, que felizmente ficou situada no magnifico ponto da estrada que atravez os excellentes jardins do pachá desemboca em Soohbra, que é o ponto onde está situado o palacio preferido por Mahomet-Ali na estação invernal.

Do eirado da estação do caminho de ferro descobre-se o magnifico panorama do Cairo, e o deserto estendendo-se para o oriente na direcção de Suez, destacando no fundo, para o lado do poente, as pyramides de Gizeh.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589 — 1592)

Continuação.

«A 13 de setembro chegou a mencionada armada á ilha do Corvo, perto da qual estavam os inglezes com uma armada de dezeseis naus, esperando a armada da India de que já tinham capturado alguns navios. O almirante inglez Thomaz Hauwer conhecendo a força da armada real, ordenou aos seus que não atacassem navio algum, nem se afastassem da sua nau. Porém o vice-almirante Ricardo Groenwelt, não obstante a ordem do almirante, com a nau que chamavam Revengam (*Revenge*—vingança) atacou toda a armada hespanhola, e mettendo-se no meio d'ella, disparou com toda a força a artilheria. Porém, desamparado dos seus, que o não seguiram com egual ardor, foi logo cercado por seis ou sete naus. Combate valorosamente, defende-se e faz damno aos inimigos, destruindo-lhes e mettendo a pique dois navios, um galeão ainda novo de seiscentas toneladas, e outro de Biscaya. Finalmente depois de um combate de quasi doze horas, foi aprisionado. Tinham morrido dos hespanhoes quatrocentos, e dos inglezes cem, tendo o mesmo Groenweld recebido uma ferida de um tiro de balista na cabeça, de que pouco depois morreu. Foi levado ferido para a nau *S. Paulo*, onde ia Alonso de Bassan, commandante em chefe da armada hespanhola. Ahi o cirurgião hespanhol ligou-lhe a ferida. Porém Alonso recusava conversar com elle, indo comtudo vêl-o os outros nobres. Finalmente, com grande presença d'espirito, porque a ferida era mortal, preparou-se para a morte, declarando primeiro, que desamparado e atraiçoado pelos seus com execranda cobardia, morria com grande tranquillidade do seu espirito, fiel á rainha, e até então coberto de muita gloria. Apenas morreu foi o cadaver lançado ao mar. Era este Ricardo da alta nobreza d'Inglaterra. Estimulado pela guerra, espontaneamente se offereceu á rainha. Era illustre por muitas acções de valor, temivel para os insulares, e famoso general. Porém egualmente molesto e temivel aos seus por sua natural crueldade, governava com deshumanidade. Como a sua nau fosse muito veleira os marinheiros apenas viram que Ricardo fôra abandonado pelos seus, quizeram interpretar isso, e fugir ao perigo manifesto. Porém Ricardo lh'o obstou ameaçando com tormentos aquelles que tocassem nas velas, e com tamanha intrepidez se entregou e os seus á morte. Com insigne perseverança da natureza partia com os dentes e engolia copos vasios nos banquetes solemnes, sendo horrivel ver-lhe a bocca e as gengivas, ensanguentadas e retalhadas pelo gume do vidro. Os vencedores distribuiram pelos navios os inglezes que sobreviveram, a saber, o capitão, o piloto, e outros, com os quaes depois navegaram para a Terceira, para repararem os navios que tinham padecido estragos n'este combate. Portanto parti com o meu companheiro afim de examinar o concerto, e embarquei-me na grande nau de Biscaya, chamada *Os Doze Apostolos*, commandada por Bertandono, que n'outro tempo fôra commandante das naus de Biscaya na armada hespanhola. O commandante chamou-nos apenas nos viu, tratou-nos benignamente, e convidou-nos para o jantar que começava. O capitão inglez prisioneiro tomava parte n'elle, vestido com um gibão de veludo de seda, preto. Nada lhe pudemos perceber, porque além das linguas ingleza e latina (que tambem Bertandono d'algum modo fallava) nenhuma outra conhecia. Depois alcançou do governador licença para andar pela ilha, na qual passeou d'espada á cinta (honra que lhe tinha sido concedida), e entrou na nossa hospedaria, e conversou com aquelle mercador inglez cujos companheiros fugiram, como contámos, e foi honrosamente convidado pelo governador para um banquete. O piloto, que tinha sido conduzido para a ilha, tambem estava na nossa hospedaria, ferido em algumas dez partes, e d'estas feridas afinal morreu entre Lisboa e as ilhas. O capitão inglez escreveu cartas para o almirante d'Inglaterra, nas quaes lhe relatava o acontecido, deixando estas cartas ao mercador inglez para as fazer enviar. Sendo depois conduzido a Lisboa foi humanamente tratado pelos portuguezes que de Setubal o mandaram para Inglaterra, com os outros prisioneiros inglezes.

«Até ao ultimo de setembro ainda a armada hespanhola permanecia junto á ilha do Corvo, reunida então aos navios das Indias hespanholas, formando uma armada de cento e quarenta velas. Porém quando se preparava a navegar para a Terceira, levantou-se de repente extraordinaria tempestade, como dizem os insulares nunca houvera memoria. Era tanta a furia do mar que as ondas venciam os altos e escarpados rochedos da Terceira, onde arremessavam os peixes vivos. Durou esta horrivel tormenta por espaço de sete ou oito dias, com terrivel ruido das ondas e do vento, que causava horror mesmo a nós que estavamos a seguro na ilha. Entretanto os

navios agitavam-se no vasto oceano, ou despedaçados contra os rochedos desappareciam pouco a pouco, não se vendo por toda a parte senão taboas partidas e cadaveres que fluctuavam em diversas direcções para attestarem continuas calamidades. Soubemos de mais de doze navios que assim se despedaçaram junto á Terceira, de modo que durante vinte dias depois d'esta horrorosa tempestade, não se fez outra coisa senão recolher os cadaveres que o mar arrojava á praia. Até a mesma nau ingleza *Revenge*, pouco antes tomada aos inglezes, se partiu contra um rochedo junto á costa da Terceira, perecendo setenta homens, entre gallegos, biscainhos, e alguns prisioneiros inglezes que tinha a bordo, sobrevivendo tamsómente um, que lançado pela violencia do mar sobre os escolhos, com a cabeça partida e o corpo cheio de feridas, annunciava o exodo d'esta tragedia. Implorando perdão de seus peccados, de que fazia publica confissão, morreu pouco depois. A nau *Revenge* fôra artilhada com peças de bronze, que todas o mar enguliu, restando aos insulares a esperança de as salvar no tempo de bonança. Entre os navios que se quebraram perto da Terceira, conta-se tambem uma belga, por nome *Pomba Branca*, de que era piloto Cornelio Martinho de Scheidam, hollandez. Este como, apesar dos esforços do capitão e dos soldados que levava, em numero de cem, fosse impellido a capricho da tempestade para uma e outra parte, e avistasse a ilha Terceira, foi compellido e obrigado com ameaças, e até com açoites, a aproximar-se a ella, e a aproar a terra que na sua damnosa ignorancia presumiam que era o porto. O piloto resistiu, porém debalde, porque lh'o ordenou o capitão. Sendo já avançado em edade, e vendo a morte debaixo de todas as formas, aproximando-se á terra, chamou um filho que comsigo trazia, e abraçando-o estreitamente lhe pediu como derradeira vontade, que procurasse todos os meios de salvar-se, admoestando-o a que não tivesse cuidado algum d'elle. No entretanto a nau bateu contra os rochedos fragosos e horriveis que n'aquelle sitio cercam a ilha, e fez-se pedaços, apartando-se o pae, o filho, e os outros companheiros, cada um para seu lado. Havia alguns insulares que tinham atado troncos na extremidade de cordas para assim os arrastarem para terra, porém tudo foi baldado pela turbulencia do mar, de modo que de tamanho numero de homens apenas se salvaram quinze, e esses mesmos com as pernas partidas e os braços dilacerados. Entre estes viamse o filho d'aquelle piloto, e quatro mancebos belgas. Os outros hespanhoes, bem como o capitão e o piloto sorveu-os o mar. Em torno das outras ilhas não foi menor a destruição; porque perto de S. Jorge perderam-se duas naus, junto ao Pico outras tantas, na Graciosa tres, de modo que o mar estava inteiramente coberto de taboas, o que era um horrivel espectaculo. Junto á ilha de S. Miguel o mar enguliu quatro navios, e entre a Terceira e S. Miguel tres, chegando os gritos dos naufragos até aos ouvidos dos insulares. Os outros navios conservaramse ao largo desmastreados, e quasi destruidos, de modo que de cento e quarenta navios só trinta e dois ou trinta e tres chegaram a Hespanha e Portugal, depois de varios incommodos e infinitos trabalhos. Com a triste e cruel destruição d'estes navios, não teve logar o transporte para Lisboa do resto das mercadorias da nau Malaca, e nós deviamos ainda esperar occasião mais opportuna. Porém os feitores da pimenta, e os donos das outras mercadorias salvas da nau Malaca, que na Terceira guardavamos, como já outra esperança lhes não restasse, impetraram do rei com muita difficuldade licença para carregarem navios sob sua responsabilidade, para trazerem a Lisboa as mercadorias; e deram fiança e fiadores de como as levariam em Lisboa para a casa da India, para que o rei percebesse os tributos, e que do mesmo modo receberiam na Terceira aquellas riquezas por inventario. Por isso os conductores da pimenta mandaram á Terceira um certo habitante de Flessing, a quem cederiam a peso o cravo, a canella, noz moscada, e outras especiarias, sómente no caso de ser negada a licença de levar a pimenta, a qual o rei ainda não concedera. Isto passava-se pelo fim de novembro, e porque o tempo fosse então perigoso, e o mar livre de navios inglezes, dispostas as coisas com muita pressa, deu-se á vela para Lisboa. Eu vinha tambem, e nenhuma novidade houve além do encontro de dez navios hollandezes carregados de cereaes, que se dirigiam para Lyorne, porto d'Italia. Assim, com o favor de Deus, entrámos no rio de Lisboa no segundo dia de janeiro do anno de 1592 tendo decorrido nove annos desde que partira d'aquelle mesmo porto.»

—

Talvez o espirito do leitor se sinta cansado com estas antigualhas, que instruem mais do que deleitam. Não admiramos isso, e assim mesmo devera ser em terra e tempos em que os estudos serios não tem incentivo nem premio. Entretanto, por seu proprio bem, e bem geral, resigne-se a tragar de tempos a tempos d'estes amargos, que, nem por muito repugnarem aos doentes, e lhes serem applicados quasi violentamente, deixam de produzir a desejada cura, e resurreição.

(1589)

É ainda João Hugo Lintschoten, que vamos ouvir no seu *Itinerario ás Indias orientaes*, a respeito dos successos que n'este anno passavam nos mares e ilhas dos Açores. Ahi vae em lingua vulgar, o que até agora só corria em idiomas peregrinos.

«Avistam a ilha das Flores — Miseria dos companheiros de navio — Morte — Os navios inglezes accommettem a esquadra — Investem com a embarcação em que ia João Hugo — Estação perigosa junto á Terceira na qual, não obstante, obrigada pela necessidade, a armada da India entra — Uma grande tempestade accommette os navios. Perde-se a nau de Malaca — João Hugo com varios outros fica na Terceira por causa das mercadorias da nau de Malaca.

«. . . . XIIX (18 de julho de 1589) estavamos na altura de trinta graus, em que demoram as ilhas do Corvo e Terceira, e o rio de Lisboa. Em todos estes dias incommodaram-nos muitas calmarias; porém no dia immediato deu-nos vento prospero do occidente. Appareciam então muitos peixes voadores, do tamanho d'*asellos* pequenos. A 22 com o mesmo vento avistámos a mencionada ilha das Flores, e a que chamam do Corvo para a parte de cima, muito proxima.

«D'aqui para les-sueste, até a ilha Terceira contam-se setenta leguas. N'este tempo todos os homens no nosso navio estavam debilitados por longas miserias, e exhaustos pela fome, porque quasi todos os mantimentos estavam corrompidos: eram vexados por varias especies de doenças, nos olhos, e no peito, e as gengivas atacadas de podridão, porque muitos por falta da agua doce coziam o arroz com agua do mar. Achavam-se por tanto alguns mortos debaixo do convez já ha tres ou quatro dias, com os ca-

daveres inteiriçados, o que na verdade era um lugubre espectaculo. Assim nos morriam de ordinario quatorze homens de molestia, entre prisioneiros e livres. No mesmo dia pela tarde, como nos aproximavamos ás ilhas do Corvo e Flores, avistámos tres velas, que nos causaram não pequena consternação. Procuravam porém a nossa nau almirante, e, assim como a ella, faziam a mindo tiros sobre as outras da esquadra, do que facilmente deprehendemos que eram cruzeiros britanicos, e pelo galhardete que tremulava com signaes inglezes. D'esta forma calculámos um cruzeiro de trinta vasos. Acompanhavamnos de noite, em quanto navegavamos á claridade da lua perto da ilha do Fayal; e no dia immediato, entre a ilha de S. Jorge, que demorava á direita, e a Graciosa, que nos ficava á esquerda, a armada dos inglezes continuava a seguir-nos. Depois de deliberarem, um dos cruzeiros apartou-se fazendo-se ao largo. Julgara que algum dos nossos navios ficara para a retaguarda avariado. Porém voltou logo, e tomando novo conselho atacaram o nosso navio, que n'esta occasião estava perto da praia da ilha de S. Jorge, para nos fazer encalhar em terra, e causarem á nau um damno memoravel, para o que tres vezes nos cercaram. Era certa a ruina porque os inglezes nos accommettiam com peloiros e balistas, e estavam consternados os animos de nós todos, a quem o conhecimento manifesto do perigo incutira grande temor; e aquelles estrondosos tiros dos peloiros tinham despedaçado as velas, e iam entrando no proprio navio. Nenhum dos nossos ousava mostrar-se, e tamanha era a bulha no navio, que dirieis uma grande confusão de homens e coisas, e disparada uma peça eramos obrigados a dar a borda para carregal-a de novo no que se levava uma hora. O resto dos navios, não lhe importando comnosco, a panno largo demandava o porto com quanta diligencia podia. No entanto aproximavamo-nos da Terceira, e por isso a armada dos inglezes afastou-se com grande contentamento nosso.

« Outro cuidado porém affligia o nosso espirito, ácerca do estado da mesma ilha Terceira, tanto mais que não viamos n'ella nenhumas caravelas portuguezas, e ignoravamos de que modo se defenderia, uma vez que não apparecesse nenhuma das costumadas armadas portuguezas, pelo que os inglezes (como se disse) divagavam á roda com toda a liberdade. Não menor era a anciedade que havia na ilha Terceira, porque se suspeitava que nós eramos estrangeiros e inimigos, mandados da esquadra britanica afim de occupar a ilha, porque os inglezes arriada a bandeira se juntaram aos nossos, e se aproximavam como fazendo parte da mesma esquadra. Portanto os insulares lançaram fora duas caravelas, (que tinham sido mandadas pelo rei com ordens ás naus da India) para que nos observassem, e depois que conhecessem que eramos amigos, se aproximassem sem medo algum. Dos bergantins inglezes foi vista esta presa, e portanto anteciparam-se e accommetteram as caravelas, ás quaes imporia a apparencia d'amisade, se com tiros da nossa esquadra não as prevenissemos. Avisadas por este signal se acolheram a terra. Os inglezes apenas conheceram isto fizeram-se ao mar abandonando-nos, e as caravelas aproximando-se annunciaram que todos os insulanos estavam em armas receosos do inglez Drack que (segundo novas vindas de Portugal) meditava invadir a ilha. Tambem annunciavam a desgraçada derrota da armada hespanhola nas costas de Inglaterra, e que os inglezes tinham apparecido nas aguas de Lisboa. Portanto queria o rei que estacionassemos na Terceira, e que ahi esperassemos novas ordens suas, porque a navegação para Lisboa não era segura. Esta noticia encheu de tristeza toda a armada, porque o ancoradoiro das esquadras perto da Terceira é de tamanho perigo como nunca experimentaram as naus da India no mar largo. Deitaram comtudo as lanchas fora, não só para recreio, mas tambem para concerto, entortando no entanto a viagem. Era porém urgente a ordem do rei e manifesto o perigo, porque o inglez conde de Cumberland, seguido de alguns navios de guerra, infestava aquelles mares. Portanto a 24 de julho, dia de S. Thiago, as nossas naus, seis em numero, isto é cinco da India Oriental, e uma de Malaca, lançaram ferro, junto á fortaleza do presidio, em frente da cidade d'Angra da ilha Terceira. D'aqui logo mandámos tres ou quatro caravelas que certificassem o rei da nossa chegada, e pedissem as suas ordens. Tinhamos grande medo d'este porto, porque no principio do mez de agosto as tormentas são aqui de grande força, e quando venta sul ou sueste a praia é varrida do sul ao nascente, sem nenhuma defesa ou cobertura: assim accommettem com força prodigiosa os navios, principalmente os da India Oriental que são os maiores, e mais difficeis de governo pelo demasiado peso.

Continua.

OS BALÕES.

Montgolfier, que l'Europe entière
Ne saurait assez révérer,
A des airs franchi la carrière,
Quand l'oeil de ses rivaux cherche á la mesurer.

Olha o balão! eis o grito que milhares de boccas repetem em côro, quando nos ares se apresenta alguma d'essas machinas saida da praça dos toiros ou do Salitre; e todos os olhos se assestam para o lado do globo de papel ou de tafetá, e o vão seguindo até o verem esconder-se, ou ardendo cair feito pedaços. Este espectaculo que qualquer pode presencear n'um domingo ou dia santo, sobretudo no Passeio Publico, faz-nos entristecer; deitar aos ares em 1856 um balão tendo por baixo um cesto cheio de palha que vae a arder, não é para corar de vergonha diante dos milhares d'estrangeiros que estão em Lisboa? julgamos que sim.

Pois o balão que tem já prestado serviços importantes, é para se apresentar apenas como objecto de curiosidade pueril? não deve ser; é fazel-o descer da sua dignidade, e por isso viemos aqui n'um artigo semi-serio desaffrontar o balão, ludibriado pelos empresarios de todos os espectaculos em que se lançam sem o devido respeito e consideração.

Vejamos o que o balão foi, o que é, e o que pode vir a ser.

Montgolfier nous apprit à créer un mage
Son genie étonnant aussi hardi que sage
Sous un immense voile enfermant la vapeur
Par sa capacité detruit la pesanteur
Notre audace, bientôt en saura faire usage,
Nous soumetrons de l'air le mobile élément,
Et des champs azurés le perilleux voyage
Ne nous paraîtra plus qu'un simple amusement.

D'onde veiu o balão?

Estevão Montgolfier fabricante de papel, acabava de ler as obras de Priestley, cuja leitura lhe fez nascer a idéa da possibilidade de subir ao ar encerran-

do n'um espaço um gaz mais leve que o mesmo ar. Começou a fazer experiencias com José seu irmão, e a 5 de junho de 1783 fizeram subir aos ares um grande balão de papel, cheio d'ar dilatado pelo calor. Foi em Annonay na França que a experiencia teve logar, e com magnifico resultado.

Antes dos Montgolfiers alguns ensaios se tinham feito mesmo em Lisboa, onde dizem que na presença de D. João v, um tal Gusmão subiu ao ares n'um cesto de verga coberto de papel, tendo por baixo da machina um brazeiro aceso, mas que batendo d'encontro á beira d'um telhado caira sem grande accidente. Como era de suppor, a inquisição não podia deixar em descanso um homem que tinha a pretenção de voar; mandou-o encarcerar como feiticeiro e foi necessaria a protecção do monarcha para o livrar da fogueira: assim a prioridade da invenção é disputavel.

O que vae dito não tira a gloria aos Montgolfiers que sabiam tanto das experiencias feitas em Lisboa como nós do que se passa no celeste imperio apesar dos jornaes.

Il était autant plus douteux que tous les jornaux l'ont affirmé, dizia um autor cujo nome me não lembra, n'um pamphleto que li não sei onde, o que pouco importa para o caso.

É escusado dizer qual foi o effeito da experiencia dos Montgolfiers. Os poetas o cantaram em versos de todos os feitios, os periodicos não se cansaram de os elogiar, e todos os amigos do progresso desejaram ter occasião de admirar a oitava maravilha do mundo. Pouco depois veiu o desejo de ser transportado n'uma d'estas machinas; mas poucos tinham a coragem de encetar o caminho.

Para a primeira ascensão do homem preparou-se uma machina apparatosa e de grandes dimensões, ornada com os doze signos do zodiaco, côr de oiro, cercada na parte superior de flores de liz, e guarnecida inferiormente de aguias com as azas abertas: no meio estavam as iniciaes do rei cercadas de soes. Na parte inferior do balão havia uma galeria de vinte e cinco pés de diametro aberta no centro, onde se prendiam as cadêas que suspendiam um vaso de ferro onde se queimavam as substancias que deviam pelo calor produzido na combustão fazer dilatar o ar contido no balão.

Na machina que acabamos de descrever subiu mr. Pilatre de Rozier, e observou que era facil subir ou descer conforme se augmentava ou diminuia o fogo. O balão estava captivo, isto é, preso por cordas.

Depois mr. Giroud de Villette, e mais tarde mr. Arlandes, acompanharam Rozier.

Algumas senhoras da primeira nobreza da França não quizeram que a gloria das ascensões aerostaticas fosse só do homem; aguilhoadas pela curiosidade que era extraordinaria em todos, e muito maior no bello sexo, e pelo desejo de gloria decidiram subir n'um balão.

Foi o rei quem mandou preparar a machina que devia transportar tão preciosa carga, como eram a marqueza de Montalembert, a condessa de Montalembert e de Podenas e mademoiselle de Lagarde, com os marquezes de Montalembert e d'Artaud de Bellevue. A descida fez-se sem accidente. Até então só tinha servido o balão captivo, grande desejo havia de experimentar o balão livre; foi o que teve logar pouco depois.

Pilatre de Rozier e o marquez d'Arlandes partiram no dia 21 de novembro de 1783 do jardim de la Muette á uma hora e cincoenta e quatro minutos da tarde. A viagem em um balão livre correu bem graças á coragem dos dois aeronautas que collocados sobre um rio difficil de atravessar, a phrase que lhes saiu dos labios foi: eh bien! mon cher ami, du feu; palavras que indicam a placidez d'animo no momento d'um perigo imminente. Em dezesete minutos correram uma distancia de quatro mil toezas.

Os balões d'ar rarefeito eram mui perigosos, e difficeis de conduzir; além do cuidado com que se devia regular o fogo, havia o perigo do incendio. O emprego d'um gaz mais leve que o ar já tinha lembrado; porêm em balão de papel não era possivel usal-o com vantagem. Carlos, physico francez, substituiu o papel pelo tafetá impermeavel, e encheu um balão de gaz hydrogenio onde subiu a 1 de dezembro de 1783. Todo o povo de Paris se dirigiu ás Tulherias, um vasto amphitheatro recebia os espectadores que se muniam d'um bilhete que se comprava por alto preço.

Carlos tinha inimigos, e os que lhe faziam mais guerra eram os seus collegas, como succede sempre, eram os Montgolfiers. Epigrammas sem numero se espalharam entre os espectadores, chegaram mesmo a alcançar do rei uma ordem prohibindo a ascensão, ordem que foi retirada pelas reclamações que o aeronauta fez mostrando os compromissos que tomara com tanta gente, a sua honra compromettida, etc., afinal sempre subiu. O espectaculo impressionou extraordinariamente inspirando a mais d'um poeta; os versos que mais circularam foram os seguintes:

Revenez nation légére,
De vos soupçons injurieux
Voyez ramper l'envie a terre,
Et Charles s'élever aux cieux.

Les Anglais, nation trop fière
S'arrogent l'empire des mers;
Les Français, nation légère,
S'emparent de celui des airs.

O enthusiasmo era extraordinario, as primeiras notabilidades de Paris foram comprimentar o celebre physico, as academias lhe concederam diplomas, o governo pensões, e commendas assim como aos Montgolfiers. O caminho achava-se aberto, as ascensões se multiplicaram, e as mais notaveis foram as que Gay Lussac executou primeiro com Biot e depois só em 1804 elevando-se até á altura de sete mil e dezeseis metros acima do nivel do mar.

O balão começara a passar para o serviço dos sabios e alguns homens scientificos dos mais notaveis de differentes paizes fizeram ascensões como Humboldt, Bompland e outros, para estudarem os phenomenos que se passavam nas altas regiões da atmosphera, para observar o interior dos volcões, etc.

Hoje, (a não ser entre nós,) só se usam balões cheios de gaz d'illuminação, não porque o hydrogenio não seja mais leve, mas porque o primeiro é barato, está sempre prompto e na quantidade que se quer uma vez que na localidade haja illuminação a gaz. Todos conhecem a disposição do balão, é uma grande esphera de tafetá ou de baudruche impermeavel tendo na parte superior uma valvula e inferiormente uma pequena abertura. Um cesto de verga bastante leve suspenso ao balão por uma rede de corda que o involve, serve para transportar os viajantes. O balão tem de ordinario quinze metros d'altura, onze de diametro e é de perto de setecentos metros cubi-

cos de capacidade ; pesa então trezentas libras pouco mais ou menos.

Logo que o balão está cheio de gaz, operação que se executa pondo a abertura inferior em communicação com um tubo por onde elle vem do gazometro, cortam-se as cordas que o prendem a postes de madeira fixos no terreno, o balão eleva-se porque é mais leve que um egual volume d'ar. Chegando a certa altura não sobe mais, porque seu peso está equilibrado. Se o aeronauta quer subir, deita fora saccos d'areia que leva no cesto, para servirem de lastro, o balão ficando mais leve, sobe. Quando o viajante quer descer, puxa uma corda que se prende á valvula da parte superior, esta abre-se, entra o ar no balão a misturar-se com o gaz, e a machina tornando-se mais pesada, desce.

A navegação aeria é ainda um problema, porque nenhum dos muitos meios propostos para dar direcção aos balões satisfaz cabalmente ; apesar de tudo, é provavel que venha a resolver-se e talvez nos nossos dias. Além dos balões lançados nos espectaculos publicos como objecto de divertimento, os balões podem ser de util emprego em alguns casos; assim para conhecer qual é a direcção dos ventos nas diversas regiões da atmosphera, podem lançar-se pequenos aerostátos que pela direcção que tomam nos indicam a do vento.

Querendo estudar a electricidade atmospherica podemos lançar pequenos balões a que vão presos fios metalicos do mesmo modo que se faz com os papagaios de papel.

Podem servir para enviar cartas, por exemplo, para uma cidade sitiada, ou d'esta para fora, para fugir de qualquer localidade, para observar os exercitos inimigos, para estudar a configuração de um terreno desconhecido, e como já dissemos, para o estudo dos phenomenos caloriferos, luminosos e outros das altas regiões da atmosphera.

Assim observa-se que a uma grande distancia da terra, como aquella a que Gay Lussac subiu, e que mr. Green ultrapassou, ha um frio insupportavel; o thermometro marca alguns graus abaixo de zero, quando na planicie havia calor intenso; ha uma escuridão notavel, a circulação e respiração acceleram-se d'um modo extraordinario, o papel e outras substancias hygrometricas encarquilham pelo estado de seccura do ar, os sons não se ouvem, os individuos que se acompanham nos balões não se ouvem, o effeito d'este silencio de morte deve ser terrivel.

S.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XLIV

Dos pregadores que havia nesta ilha, e do que succedeu a um delles, e de seus pareceres.

Havia nesta ilha os pregadores seguintes: o doutor mestre Agostinho, que tenho atraz nomeado, homem de grande fama e nome ; frei Pedro da Madre de Deus, da mesma Ordem ; o licenceado Amaro Lopes da Costa, clerigo Thesoureiro mór na Sé desta Cidade de Angra ; o doutor frei Antonio Varejão, outrosim da ordem de Santo Agostinho ; frei Simão, da Ordem de S. Domingos ; o padre frei Manuel Marques, commissario dos conventos destas ilhas do Serafico S. Francisco ; frei Melchior, da mesma ordem ; outro pregador clerigo, que era vigario de Nossa Senhora do Calhau, da ilha da Madeira ; outro padre da Trindade, pregador na Villa da Praia; o licenceado João Luiz Homem, vigario da mesma Villa ; e outro pregador frade de S. Francisco. Destes padres, todos lettrados e bons pregadores, havia entre todos differentes pareceres, porque havia mais no Collegio quatro ou cinco pregadores, que os não deixavam pregar, por que se tinham declarado contra os que eram da opinião do snr. D. Antonio, antes lhe tinham tapado as portas de pedra e barro, e janellas, porque com ellas não houvesse communicação alguma. Os padres doutor mestre Agostinho, frei Melchior, frei Manuel Marques, frei Simão, Amaro Lopes da Costa, estes se declaravam e pregavam publicamente pelo Snr. D. Antonio, e os que erão da sua opinião que acertavam, animando-os que pelejassem por elle. O padre Fr. Pedro da Madre de Deus assim o fez no principio, té pelejar na casa da Salga em um cavallo. Depois tornou a barlaventear e foi preso. O Doutor Fr. Antonio Varejão logo se declarou contra a opinião do Snr. D. Antonio, e o traziam entre dentes. O licenceado João Luiz Homem era da mesma opinião do Padre Fr. Antonio Varejão, e o prenderam, e preso esteve té a entrada da ilha pelo marquez de SantaCruz. Os mais todos pregavam em favor do Snr. D. Antonio. O Padre Fr. Simão, que era da ordem de S. Domingos, veio a esta ilha como procurador da ordem a cobrar muita quantidade de Fazenda de Fernão Dias, que tocava a um filho seu da mesma ordem, o qual Fr. Simão depois que fez partilhas e a cobrou tomou casa e com ella levava tão bòa vida e hospedava, que cuido que em breve tempo lhe deu cabo. Este padre nas pregações que fazia por semelhas nomeava muitas pessoas, que era entendido, sem as nomear, pelas confrontações que dava; e em uma pregação quasi que nomeou a um Martim Simão de Faria, e o queria fazer com o povo odioso, para que o tivessem por suspeito contra o serviço do Snr. D. Antonio, e não era tal. E vindo á noticia do ditto Martim Simão, que era Capitão de uma companhia, o achou na praça e remetteu a elle com a espada nua para o matar. O bom do frade apanhou as abas na mão e botou a correr, era homem mancebo, e o Capitão de mais de quarenta annos apos elle, e elle á voz d'el-rei que lhe acudissem. Acudio muita gente ; tiveram mão em Martim Simão com muita força, e o Padre que lhe valeu ter bom pé. Só disto ficou o ditto Fr. Simão tão atormentado que não quiz prégar mais.

Fora estes pregadores havia outros que se calavam e não pregavam em cousa que tocasse aos principes e reis.

XLV

De como fizeram a Sé vacante.

No anno de 1582 estava o bispo D. Pedro de Castilho na ilha de S. Miguel, e deixou nesta cidade por Provisor e Vigario-geral ao licenceado Roque Dias, e como a ilha de S. Miguel se redusio ao serviço d'el-rei Filippe sem fazer caso desta, logo se dicee que o fez por ordem do Bispo D. Pedro de Castilho. O licenceado Roque Dias era homem callado e muito dos padres da Companhia, e nunca saía do Collegio. Depois, porque os padres se tinham declarado neste caso, e dizerem que era escusado nesta

ilha quererem sustentar a opinião do Snr. D. Antonio, mandaram-lhes tapar as portas, e que pessoa alguma tivesse com elles communicação. Retirou-se o licenceado Roque Dias e se foi para a Agualva. Não havia quem ministrasse justiça pelo ecclesiastico, nem elle ousava administral-a. Ordenaram o cabido, com os mais clerigos da ilha, de fazerem Sé vacante; formaram culpas contra o Bispo, em como era contra seu Rei natural; foram-se por opiniões dos lettrados do seu intento; fizeram Sé vacante sem darem obediencia ao Bispo; fizeram então o licenceado Amaro Lopes da Costa Provisor e Vigario-geral. Neste tempo estava preso Luiz Lopes de Maiorga, Conego da Sé, e o mestre eschola; estes não consentiram no tal: aos mais custou depois caro; muitos foram suspensos das dignidades, outros das Conezias, outros morreram por terras alheias em degredo, e de todos os Conegos e dignidades não havia nenhum, senão o Arcediago, que no ditto tempo estava na ilha de S. Miguel; isto té a era de 1611. E eram no ditto tempo Deão da Sé desta cidade Luiz de Figueiredo de Lemos, que então estava na ilha de S. Miguel, na cidade de Ponta delgada, por vigario de uma freguezia de S. Pedro, e inda não tinha tomado posse do Deadego, e depois que estava servindo o Deadego foi eleito por Bispo da ilha da Madeira, e se chamava D. Luiz de Figueiredo. Era Arcediago o licenceado Manuel Gonçalves Pacheco, que ainda é vivo; era chantre Manuel Gonçalves de Cea, que estava no tal tempo em Lisboa; e Thesoureiro-mor era o licenceado Amaro Lopes da Costa, que atraz tenho nomeado; mestre-eschola era o licenceado Antonio Amadis; Conegos Alvaro Luiz de Maiorga, Bartholomeu Fernandes, Alvaro Fernandes, Thomé Valadão, Francisco Alvares, Luiz da Rocha, Gaspar Antunes, Hieronimo Dias, Balthazar da Fonseca Tavares, o Fonceca o Velho, Antonio Marques; meios conegos Melchior Gaspar, e outros, que já me não lembro, que todos são fallecidos.

XLVI

De como veio de França uma nau no mez de Junho de 1582 com recado em como vinha o Snr. D. Antonio a esta ilha, com uma grossa armada, ou armadas.

No mez de Junho do anno de 1582 veio uma nau franceza a esta ilha, aonde vinha um Gaspar Dias portuguez; e vieram outras duas naus maiores, onde veio um grão capitão francez por nome Lendreo; e trouxeram novas que o Snr. D. Antonio vinha com uma grossa armada de França a esta ilha e outra armada de Inglrterra. Isto metteu tal alvoroço na terra que se não podia crer, por que d'antes tinham vindo novas com cartas da rainha mãi, que as armadas se faziam para de lá irem a Lisboa; e com est'outra nova não o podiam crer. Tomaram os moradores da ilha isto por grande festa vir o principe, nomeado e obedecido por elles por rei, ás ilhas. Ordenaram logo de fazer uma ponte de madeira na ponta do cais da cidade, com suas escadas que iam dar na agua, madeira toda de cedro, como fizeram, e por grande engenho e com bons officiaes. Ordenaram as casas onde estava Manuel da Silva com bons adereços: ordenou-se pessoa para lhe fazer a pratica; e os officiaes da Camara ordenaram que a pratica a fizesse Fr. Pedro da Graça. E já estava isto sentado em Camara, veio o povo a sabel-o, e como do ditto Fr. Pedro se murmurava, já quasi que se amotinaram, e fizeram petição a Manuel da Silva, dizendo que o ditto Fr. Pedro estava tido e havido por suspeitoso contra o serviço do Snr. D. Antonio, e que fosse o Padre Fr. Melchior, ou o Licenceado Amaro Lopes da Costa ou Fr. Simão. Mandou o ditto Manuel da Silva que respondessem os Officiaes da Camara á ditta petição, e lhe dessem despacho. Sendo notificados os Officiaes da Camara, se queriam ajuntar em Camara, e o povo não havia mais que pôr-lhe o fogo, em tanto que vivendo Cipriāo de Figueiredo ao longo da praça, e vendo o desatino do povo se saío fora da casa, e aquelles que vio mais atroadores os prendeu, e mandou metter na cadeia e se tornou a recolher, e havia poucos ali, de que se arrependeu bem, por que logo em continente Manuel da Silva os mandou botar fora da cadeia, por que se vinham amotinando todos os da cidade contra o mesmo Governador, de maneira que o mesmo Fr. Pedro pedio, e pelos aquietar veio dizer a Camara publicamente, que elle não queria fazer a pratica, e pedia muito o escusassem disso. E com isto se aquietou o povo, e pelo que depois succedeu nem o Snr. D. Antonio veio pela ponte que estava muito bem feita de madeira, porque veio por outra parte.

XLVII

De como mandaram desta ilha um batel á de S. Miguel a saber novas.

Mandaram no fim do mez de Junho do anno de 1582 um batel de remos com seis arcabuzeiros dentro, que fossem á ilha de S. Miguel, e se fossem onde os bateis estivessem pescando, e tomassem delles falla, e trouxessem um homem para se saber novas, porque tinham por noticia fazerem-se duas armadas em Lisboa para virem sobre esta ilha. Foi o batel e se poz a pescar em logar onde viesse ter algum. Passando um, que era da ilha de Santa Maria, e para lá ia, se chegaram a elle, e lhe tomaram um homem por força, e o trouxeram. Era mancebo, solteiro, veio de boa mente, por que não podia al fazer nem resistir, o qual nesta cidade contou tudo o que se passava na ilha de S. Miguel, e que eram chegadas quatro naus biscainhas com seiscentos soldados, e por capitão dellas D. Lourenço, que vinha para ajuda da defensão da ilha por terem por nova haver armada em França, e Inglaterra que vinha ás ilhas. E que outro sim era chegado Pedro Peixoto com uma armada de Portugal, que vinha a correr as ilhas, e que estava junctamente ancorada com as naus biscainhas, e a gente em terra, e D. Lourenço com os soldados Castelhanos mettidos todos na fortaleza. E que a gente da ilha toda estava apercebida com suas armas, e que tambem estavam esperando por armadas de Lx.ª que vinham sobre esta ilha Terceira, por se não querer reduzir ao serviço d'el-rei Filippe. Contou o mancebo tudo o que sabia e tinha lá visto. Ouvido, mandaram no vestir, e lhe deram armas, e o metteram na companhia de Ayres de Paiva. E assim faziam a todos os homens portuguezes, que vinham a esta ilha Terceira.

XLVIII

De como veio nova ser chegado o Snr. D. Antonio á ilha de S. Miguel, e do que lá lhe succedera.

Em o mez de Julho do anno de 1582 chegou um patacho francez ao porto desta cidade de Angra, e contou que o Snr. D. Antonio era chegado á ilha de S. Miguel com uma armada franceza de perto de set-

tenta velas, e que botara em terra onde se chama Rosto-de-cão cinco mil francezes; e que lhe fôra ao encontro muita gente de D. Lourenço com seus soldados; e que o Bispo D. Pedro de Castilho com os mais nobres da cidade estavam recolhidos na fortaleza; e que os francezes fizeram retirar a D. Lourenço com seus soldados, e elle mal ferido de que morreu, e outros soldados mortos; e que quando D. Lourenço se quiz com os soldados recolher em a fortaleza lhe não quizeram abrir, e que o Bispo D. Pedro lhe abrio por força dos que estavam dentro; e que dentro morrera o ditto D. Lourenço; e que andando se ordenando modos para combaterem a fortaleza, e o Snr. D. Antonio Senhor da terra parecera a armada de el-rei D. Filippe; e os francezes largaram tudo e se foram a ella, e como a armada de Portugal era bôa e toda bem unida, e os francezes canalha, e gente falsa não quizeram pelejar, e que era morto o conde de Vimioso D. Francisco e Filippe de Strozzi e outros fidalgos francezes. E foi tanto o estrago em uns e outros, e as armadas apartadas com perda de muita gente, e navios. E nisto começaram a ver velas, e outros, que não chegaram ca, e se tornaram para França. Esta nova entristeceu muitos, e muita gente desanimou dos animos que muitos tinham, e da morte do conde de Vimioso e de Filippe de Strozzi, e de outros fidalgos que o marquez de Santa Cruz mandou degolar em terra, que tomou na nau de Filippe de Strozzi. As quatro naus que estavam no porto de Ponta-delgada tomou o Snr. D. Antonio, e vieram para o porto desta cidade; e Pedro Peixoto deu com a sua á costa por se não ajudarem della, e se metteu na fortaleza com o bispo D. Pedro de Castilho e com os mais.

XLIX

De como veio nova a esta cidade estava o Snr. D. Antonio dezembarcado nesta ilha e que estava em nossa Senhora da Guadalupe.

Havia nesta cidade de Angra um Francisco Gonçalves, por alcunha o *Versas:* era sapateiro, o qual estava preso por fallar algumas cousas contra o Snr. D. Antonio. Fallando-se perante elle, que havia o Snr. D. Antonio vir a esta ilha, dice o ditto Francisco Gonçalves: *Vir-vos-há cá por Valdelinhares!* por zombar. E estando para o receberem no porto e caes da cidade, com todo o custo feito, por dizerem que desembarcava na villa da Praia, e por terra fôra ter a Nossa Senhora da Guadalupe, e que ja vinha por Valdelinhares, foi tanta a festa entre muita gente, que não deixavam o ditto de Francisco Gonçalves, que o que dizia zombando saía deveras. Este logar de Valdelinhares é na freguezia de S. Bento ao longo da cidade, acima da egreja quando vão para o norte. Foram-no receber logo ás portas dos muros de S. Bento, que é o cabo da cidade. Vinha em sua companhia muita gente da capitania da Praia, muitos fidalgos, capitães, assim da ilha, como dos que vinham com elle de França. Foi lhe feita a pratica por um cidadão nobre dos que traziam as varas. Veio em uma faquinha debaixo do paleo. Manuel da Silva trazia as redeas da faquinha. Elle vinha vestido de preto. Assim veio com muita gente de pé e de cavallo atravessando a cidade. Homens e mulheres lhe saíam á rua com grandes festas, e assim o levaram té os paços, que são os do marquez D. Christovam de Moura Corte Real. A cidade ardia com festas; as ruas todas armadas de verdura, e os castellos e fortalezas todas dispararam a artilheria por vezes, e todas as companhias os mosquetes e arcabuzes; muitas festas de danças, chacotas, folias.

L

Do que aconteceu quando o Snr. D. Antonio vinha na armada para estas ilhas.

Quando vinha o Snr. D. Antonio na armada de França para estas ilhas, vinha caminhando e trazia navios muito ligeiros, que quantos navios iam de uma parte para outras todos tomavam e traziam comsigo. Cuido que vieram pela altura da ilha da Madeira, e ia um navio para Lisboa e nelle ia um Gaspar de Gambaia, que tinha sido Corregedor na ditta ilha, e se ia depois de lhe ter tomado residencia; e ia em sua companhia um padre clerigo, pregador e vigario de N.ª S.ª do Calhau. O pobre Corregedor foi mofino em ser tomado. O Snr. D. Antonio, o trouxe comsigo, e dizendo-lhe que o viesse servir que elle lhe faria muitas mercês, e assim ao padre vigario pregador. E achando-se por muito ditosos nesta cidade o fez logo Corregedor e dezembargador do Paço, e lhe botou o habito de Christo. O pobre Gaspar de Gamboa se metteu tanto no serviço do Snr. D. Antonio, e sentenciando homens á morte; e parecia homem bem creado: que quando se entrou a ilha pelo marquez de Santa Cruz foi tomado com outros muitos, e parece que foi malsinado, que o enforcaram com outros muitos. Lastima se leve do pobre Corregedor.

Continua.

Os escriptores assalariados, de ordinario, são como as rameiras; prostituem-se a quem lhes paga.

Se todos os homens pensassem no que são, e hão de ser, não haveria soberbos, nem orgulhosos.

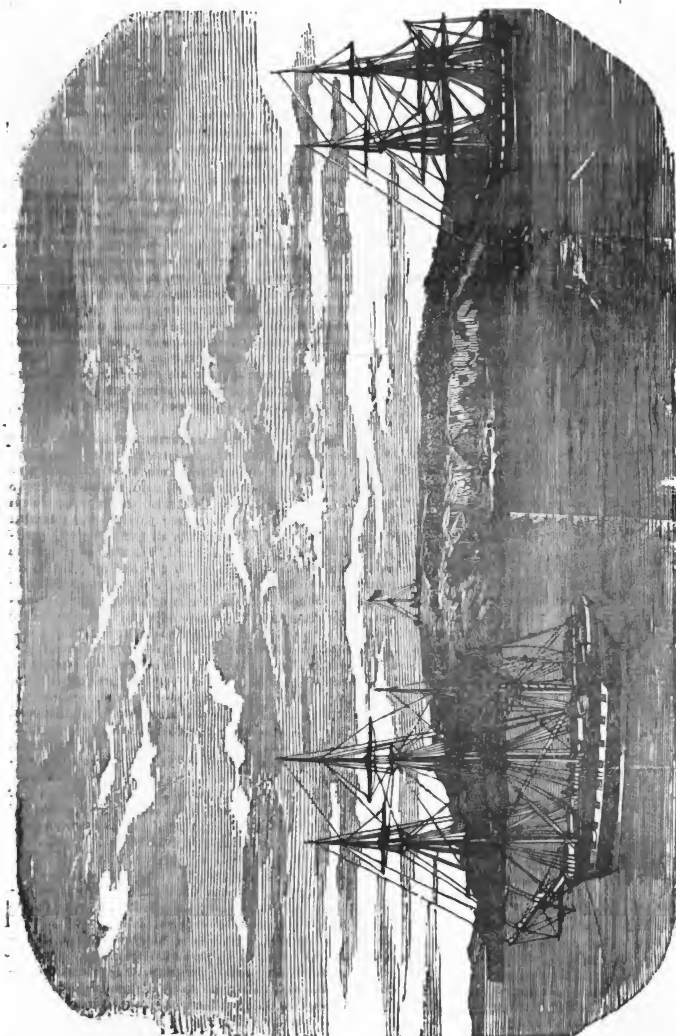
Infeliz é o homem, que não tem invejosos.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Vianna do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximianno Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.



ILHA BOOBI.

ILHA BOOBI.

O estreito de Torres, bastante perigoso para os viajantes, é assim mesmo muito frequentado ha muitos annos pelos navegadores que atravessam de Sidney para a India.

A ilha Boobi fica na saida d'este passo arriscado, do lado d'oeste, e está situada em um ponto pelo qual forçosamente teem de passar os navios que navegam por aquellas paragens. Todos os vasos britanicos que passam o estreito de Torres, são obrigados a fundear abaixo da ilha Boobi pelo espaço de tempo necessario para mandarem a terra recolher as cartas que houver, e verificar se os viveres se conservam em bom estado, e em quantidade sufficiente.

A Grã-Bretanha, protegendo com vigilancia caridosa os seus interesses commerciaes, estende ao mesmo tempo a mão ao infortunio, provando assim que a patria nem nas mais remotas regiões desampara os seus filhos.

MEMORIAS HISTORICAS.

(1589 — 1592)

Continuação.

« A 4 de agosto, durante a noite, accommettendonos um rijo vento sul, as naus sacudidas pela tormenta estavam em grande perigo de descairem para terra, e ahi ficarem dispersas e desmantelladas. Com tiros de peça davam signaes de necessitarem soccorro. Como quasi todos os officiaes tivessem saltado em terra, segundo é costume, não bom, mas vulgar dos portuguezes, só tinham ficado nos navios alguns escravos e marinheiros. Tocavam os sinos por toda a cidade. Cheia de tão grande ruido, e tamanhos clamores, estava perturbada. A furia do mar não permittia aos insulanos abordar as naus, nem os navegantes saltar na ilha. A nossa nau Santa Cruz garrava frequentemente para terra; onde sem duvida, tocando, se teria partido, ou totalmente destruido. Deus afastou esta desgraça. A nau de Malaca, quebradas as amarras, como não ficasse a bordo gente sufficiente para as concertar ou lançar ao mar outra ancora, arreados os mastros com grande custo, deu com muita força nos cachopos, e mergulhou n'agua até á coberta superior. Então como se applacasse a furia do mar, o vento rondou ao noroeste, e o movimento violento das ondas cessou. Antes que succedesse outra mudança de tempo, e como os outros navios fossem expostos a egual desastre, já tinha decretado o corte dos mastros e enxarcias, afim de salvar a gente. Perdiam-se muitas e riquissimas mercadorias com esta submersão da nau de Malaca, por ser muito opulenta, e exceder as outras em riquezas das Molucas, China, e outras ilhas. Assim fazia dó e tristeza ver boiar a cada passo pannos de damasco, fatos de seda, obras d'oiro e prata, porcelanas, e outras similhantes mercadorias, coberta a praia e o mar com estas lindas, preciosas cargas. Só salvaram algumas coisas das que estavam mais á mão, e com o tempo por meio dos mergulhadores tiraram alguma pimenta, cravo, e canella. Porém a maior parte tinha-se estragado e o que restava estava corrompido. Estes restos eram logo encerrados na alfandega, ou thesouro real, pelos fiscaes d'el-rei, para que se salvassem para o mesmo rei os seus direitos. Miseravel condição d'aquelles, que depois de tres annos de incalculaveis fadigas e extrema miseria, soffrida em Malaca, agora, naufragos, nem ao menos podiam alcançar dos fiscaes d'el-rei, que a tudo antepunham o supremo direito, um obolo d'aquellas riquezas avariadas, posto que offerecessem sobeja fiança ao tributo, para que podessem sustentar a vida, que d'outra sorte difficilmente podiam manter. Até promettiam que preparariam as caravelas, e, prestada competente fiança, levariam com perigo seu estes bens para o erario regio em Lisboa; porém foi debalde, visto que os fiscaes d'el-rei diziam amiudadas vezes, que havia de chegar de Lisboa uma armada de muita confiança. Finalmente, a muitas instancias dos conductores da pimenta, concedeu-se licença, a que em quaesquer navios a trouxessem a Lisboa para a casa da India, depois de terem ali estado aquelles infelizes por espaço de dois annos e meio, em extrema miseria e desespero. É necessaria muita liberalidade com o intendente d'esta alfandega, para que se descreva e conte o tributo das mercadorias o mais depressa possivel, aliás soffre-se uma demora de tres ou quasi quatro mezes. Se porventura as naus trazem alguma coisa bella, cede-se ordinariamente aos recebedores dos tributos, os quaes, com quanto promettam que hão de pagal-a, nada dão, porque nenhuma lei a isso os obriga.

« Em 8 de agosto entraram em deliberações os mestres dos navios com o governador da ilha, debatendo o que devia fazer-se mudando o tempo para bonança, com medo de naufragio, similhante ao que ha pouco acontecera. Portanto, desembarcando em terra o piloto de um grande navio, a que chamam *galeão*, que tinha arribado ali com o tempo, quando se dirigia para o Brazil, determinaram que se embarcassem n'elle, posto que sem autorisação regia. Fizeram-se á vela com grande receio. Eu que era amigo do feitor da nau de Malaca, movido pelos seus rogos, e querendo ser-lhe util, porque toda a pimenta pertencia aos mesmos feitores, arranjados os meus negocios, fiquei na ilha com recommendações particulares dos que se ausentavam, esperando a armada presidiaria que o rei promettera, guardando, e conservando entretanto os objectos, cuja maior parte tinhamos salvado por meio dos mergulhadores. Aquella armada, porém, não chegou, e consumiu-me a demora de trinta mezes, fastidiosissima pelas grandes miserias dos nossos companheiros, mostrando bem os portuguezes o pouco cuidado que tem das coisas maritimas. A 30 de agosto aportaram á ilha juntamente ás mesmas naus, sem comtudo lançarem ferro: tinham até então sido acossadas por ventos contrarios; e vexava-as a falta d'agua. Um dia antes andava costeando as praias da Terceira o inglez conde de Cumberland, com uma frota de seis ou sete navios, e, depois de sua retirada, sem perigo saíram commodamente as naus da India, tomando para isso quatrocentos hespanhoes dos presidiarios da ilha Terceira. Servindo-se de boa navegação em onze dias entraram no rio de Lisboa, com grande contentamento de todos; porque se se tivessem demorado um só dia mais fora do rio, teriam caido nas mãos do capitão Drack, acompanhado por uma armada de quarenta navios, que chegou a Cascaes quando aquelles levantavam ferro, puxados pelas galés. Por esta serie de perigos facilmente se pode considerar a summa difficuldade d'esta navegação, entre os incommodos da guerra, do mar, e do ceo, com subtil cuidado de tudo o que pertence á arte da navegação,

que de certo modo a chegada das naus da India não sem razão se pode considerar prodigiosa. »

José de Torres.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

Drama original em 5 actos

Por

ANTONIO DE LACERDA.

Continuação. (*)

VI

Julia — Levantou-se pois, e foi buscar seu pae: — e quando elle ainda vinha longe, viu o seu pae quo ficou movido de compaixão, e correndo, lhe lançou os braços ao pescoço para o abraçar, e o beijou!...

Acto v — Scena vi.

Áquella casa onde se passou o primeiro acto, nos leva agora o autor a assistir ao desenlace da sua composição. A scena e os personagens são ainda os mesmos, a situação e o sentimento é que mudaram.

A carta de Julia não tinha mentido. A desgraça ao passar por aquelles logares tinha-lhes mudado o aspecto e convertido em scenas de dôr as festas e folguedos com que nos haviamos deleitado ao principio. Como se a morte ali houvera entrado, um manto de luto involvera a alegria, e ao trajal-a com suas vestes mudara-a tanto, que nem já a conhecemos.

O bom do velho, mais avelheutado ainda pela desventura, sente-se fraquejar e fenecer, como roble robusto a que lenheiro impio, acenando um golpe mais fundo, tivesse cortado quasi de todo. Supportara a morte de sua mulher, a santa que lá nos ceos orava pelos seus; supportaria talvez com resignação a morte da sua Emilia, e embora em prantos derramaria attribulado, mas sereno, as flores das perpetuas sobre a sepultura que lh'a roubava; porém suspeital-a morta, emquanto intima voz lhe dizia que era viva, ter de a considerar perdida, sentindo no coração vasio o logar que ella occupava, assistir á luta de duas vozes: uma de pae que lhe pedia esquecimento e perdão, outra do dever que lhe lembrava a culpa e o castigo, era de mais para quem tão poucas forças contava, para quem tão pouco podia.

E ainda assim a sorte da sua outra filha devia amenisar-lhe as provações do seu viver amargurado. Vendo Julia ligada ao promettido esposo de Emilia, que já conseguira posição e nome, sentindo-se reviver na filha de sua filha que com doce embalo acalentavam a seus pés, seria feliz de todo, se a felicidade dos presentes não lhe afeiasse mais ainda a desgraça e perdição da mesquinha qne o deixara. Arvore costumada a dois esteios, ao roubarem-lhe um d'elles, sentia pender-se para aquelle que a sustinha e amparava ainda; mas o lado que o outro occupara, mais desamparado agora, receiava mais os insultos dos temporaes e as affrontas dos invernos, que sacudindo-lhe a fronte lh'a iam despovoando e desguarnecendo.

Faz annos, que se partira a triste Emilia a tentar fortuna; faz annos, que n'aquella mesma hora os desgarres das cantilenas patricias, e os emboras dos amigos lhe enfeitavam a casa e lhe deleitavam o anniversario; e agora, em logar de tantos encantos e doçuras, um berço sómente a fallar-lhe do futuro, a que não assistirá; uma sepultura a fallar-lhe do passado, que lamenta; e o isolamento, a tristeza, o desgosto povoando aquellas immensidões, e enregelando-lhe a alma com os gelos da solidão, ou cortando-lh'a com os espinhos da saudade.

Pouco podem as consolações de Julia, e os sorrisos infantis da neta; o velho sente-se morrer, e da cova da sua esposa uma voz parece chamal-o para que partilhe n'outros mundos o thalamo afortunado em que tão contentes tinham vivido; essa voz que mais perto vae ouvir na egreja, onde todos os annos reza n'aquelle dia pela finada querida, essa voz tem attractivos seus, cheios de dôr e melancolia, mas com os confortos e enlevos, que acompanham o descanso eterno, para quem se sente exhausto de lidar e cansado de viver.

O velho tem ido á egreja procurar consolações, e n'aquelles logares ficaram sómente Julia e sua filha; esta dormindo e talvez n'esses enleios mysteriosos de contacto intimo com os ceos, que legenda piedosa nos diz ser vulgar ás creanças que não fallam ainda; a outra reportando-se á sua irmã, que sempre espera, e que, apesar de bem longe, conta ainda ver a seu lado.

Assomam n'esse momento á porta duas pobresinhas extenuadas de fadiga e mortas de fome: as vestes caem-lhe aos pedaços, e no desalinho geral traduz-se o mesquinho trajar de quem, pedindo e á caridade, tem percorrido vastas regiões. Uma d'ellas sustenta a mais fraca desmaiada e exanime; todavia, postoque mais robusta, as forças tambem lhe vão fallecer, e em breve cairá prostrada se mão amiga lhe não prometter amparo e conforto...

— Um boccado de pão por amor de Deus! Asylo para duas desventuradas!

Julia corre á porta; o convite feito á sua caridade não é frustrado; e na mais debil, na que se morre á fome e á vergonha, encontra a irmã pelo sangue; na outra, a que conquistou similhante logar pelo amor e desvelo com que tratou de Emilia, e que não é senão a pobre escrava, Berenyce, a filha dos reis, a apaixonada de Aurelio.

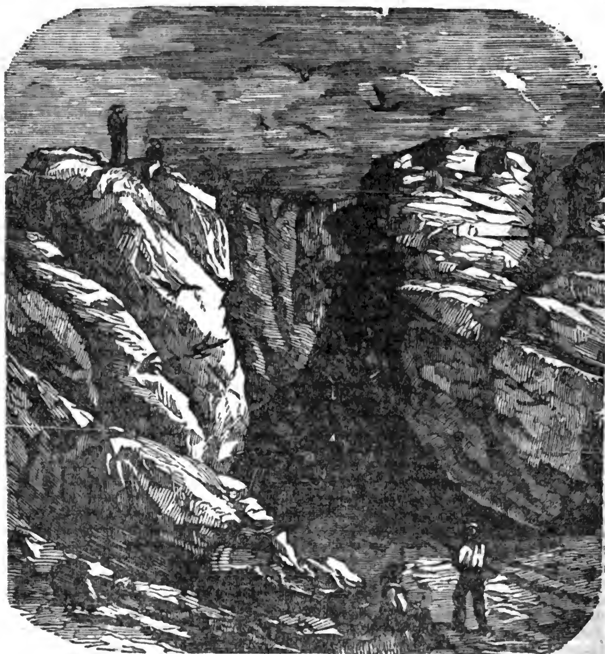
Julia, que não tinha desesperado nunca de conciliar a amisade de seu pae á irmã perdida, cria novas forças em vista d'aquella desgraça, e espera conseguil-o n'esse dia mesmo. Busca traças para o alcançar no amor que tem áquella com quem se creou, e ao consultar a voz da esperança, esta lhe prophetisa um successo feliz.

Amargurado e saudoso regressa o velho da egreja; a voz da sepultura fallou-lhe de sua filha, e o coração de pae respondeu-lhe, com o sentimento, a linguagem do perdão.

É este o momento escolhido, e no thesouro perenne de consolações e auxilios, nos Evangelhos, é que Julia vae procurar um intercessor valioso para com seu pae.

Que outra a não ser a parabola do *filho prodigo*, mais bem escolhida poderia condizer melhor com a situação solemne em que se encontram os personagens todos d'aquelle drama? Que outra que melhor derramasse o balsamo da esperança no coração da que

(*) Do num. 49.



VISTA INTERIOR DA GRUTA DA ILHA BOOBI.

se apartou dos seus; que mais autorisasse o desejo paterno do ancião? Que outra, que tanto ao vivo pintasse os remorsos e o arrependimento de uma, o amor e o perdão do outro?...

As lagrimas rebentam dos olhos do velho ao recordar-se do que soffreu em longes terras a filha de sua alma; e vae suffocado em pranto suspender a leitura, quando a que tão presente estava ao seu espito se lhe apresenta aos pés, como elle desfeita em lagrimas, e esperando o perdão ou o castigo.

Quer amaldiçoar, procura palavras de exprobração, e lembra-se da vilta e ignominia com que a deshonra de Emilia lhe maculou as cãs honradas.

Reprehensões terriveis vão-lhe sair dos labios. Emilia está sem esperança; o perdão não sae da bocca de seu pae; perdida de todo, recorre a quem por tantas vezes pediu em seu favor, a quem lhe obteve sempre os carinhos paternos, e brada do fundo d'alma em extrema agonia e desespero: — Soccorro, minha mãe, soccorro!

Aquella recordação veiu avivar saudades ao velho, traçando-lhe de novo o quadro dilacerante do quanto ha pouco na egreja sentira e soffrera, e d'esta vez abre os braços a sua filha, apertando-a contra o coração, em que sempre ella tivera logar.

Aqui termina o drama. As scenas seguintes são accessorias e como retoques extremos de um quadro de mestre. Os aldeãos, que escondidos se preparavam para solemnisar o anniversario do seu bom patricio, apparecem alegrando o quadro. As danças reapparecem tambem; e commovida pelo espectaculo de tamanha felicidade, a negra, que a não pode esperar na terra, cae de joelhos aos pés do bom do parocho, pedindo-lhe que interceda perante o Senhor para que as portas d'esse outro mundo, onde as distincções de raças e de côres são desconhecidas, e onde os humildes e os que soffreram recebem uma paga eterna para seus soffrimentos e humilhações, se abram, para a desvalida tambem, clementes e piedosas.

Continua. R. Paganino.

Um desvio de virtude nos impelle a ouvir com prazer a maledicencia: um instincto de moral nos leva a odiar os maldizentes.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação. (*)

XXI.

ANECDOTAS. — JANTAR DO ARCEBISPO CONFESSOR.

Setembro 12 de 1787.

Apenas estava levantado vieram annunciar-me o grão-prior e mr. Street; este vituperando reis, rainhas e principes, com toda a sua força, e bramando por liberdade e independencia; o primeiro queixando-se dos nevoeiros e humidades.

Assim que saiu o advogado do republicanismo, fomos como haviamos concertado a casa do arcebispo confessor, e ahi immediatamente nos admittiram ao seu *santa sanctorum*, agasalhado aposento, communicando por uma escada de caracol com o da rainha, e adereçado de lustrosa tapeçaria de vivas côres. Um frade leigo, rochunchudo e chocarreiro, completamente tosco e vulgar como qualquer carreiro ou almocreve, nos entreteve com divertidas, posto que não mui decentes, historias palacianas, até que o seu patrão nos appareceu.

Quem esperar ver no inquisidor mór de Portugal, cara chupada e tristonha com olhos de improperio e maldição, acha-se enganado; raras vezes temos o gosto de encontrar uma presença tão jovial e sincera como aquella de que o ceo o dotou; recebeu-me do modo mais franco e cordeal, e tenho razão de capacitar-me que lhe caí muito em graça.

Conversámos sobre serem casados os arcebispos em Inglaterra. — « Com effeito (disse o prelado) os vossos arcebispos são singulares sugeitos, sagrados nas vendas de cerveja e bons consocios de botelha? Contaram-me que aquelle estouvado lord Tyrawley era arcebispo lá na sua terra. » — Imaginae quanto eu riria d'este incomprehensivel desproposito; e ainda que não possa dizer de sua reverendissima que — « as verdades divinas saem melhoradas da sua bocca » — seja-me licito declarar que o absurdo se torna mais notavelmente ridiculo vindo de origem tão autorisada.

Quando chegámos ás janellas da sala para ouvir a banda de musica marcial, vimos João Antonio de Castro, habil engenheiro, que inventou o actual systema da illuminação de Lisboa, dois ou tres graves dominicanos, e o famoso truão, D. João da Falperra, mascarado com falsas condecorações das ordens, subindo todos elles os degraus que conduzem á grande sala d'audiencia. — « Sim, sim! (disse o leigo, que é uma creatura petulante e comica) Eis ahi o fiel retrato dos nossos freguezes: tres castas de pessoas acham mais facil entrada n'este palacio, homens de superior talento, bobos, e santos; os primeiros cedo se desgostam da habilidade que possuem, os santos vem a ser martyres, e só bobos prosperam. »

A tudo isto o arcebispo prestou o seu ingenuo assentimento por um significativo meneio de cabeça; e achando-se, como acabei de referir-vos, na mais graciosa e communicativa disposição não me permittiu que saisse quando me levantei para despedir-me. — « Não, não penseis em deixar-me tão depressa; vamos á sala dos cysnes, e peço que depois me digaes que idéa fazeis dos nossos primeiros fidalgos. » —

Tomando-me pelas pontas dos dedos conduziu-me por muitos quartos sombrios e passagens escuras a uma porta secreta, que dá serventia da sala de visitas da rainha para outra muito espaçosa, atulhada então por metade das dignidades do reino, como realmente creio; ali estavam bispos, prelados das ordens, secretarios d'estado, generaes, camaristas, cortezãos de todas as denominações, bizarros e flammantes com suas fardas bordadas, estrellas, veneras d'habitos, e chaves doiradas.

Era risivel o assombro d'este grupo á nossa subita apparição; apresentámo-nos ao começar um minuete; o apessoado arcebispo com seu vestido monacal como um perú encrespado, e eu avançando a passo grave, deslumbrado da subita transição das trevas para a luz, como a coruja que o sol apanhou fóra do ninho. Ajoelhavam muitos mettendo á cara memoriaes e petições, requerendo a maior parte logares e promoções, e alguns solicitando bençãos de que o meu reverendo guia não era avaro. Afigurou-se-me que tratava as pressurosas demonstrações de servilismo com um certo modo de pouco caso sem insulto. A audiencia foi interrompida por uma ordem da rainha, que chamava immediatamente o arcebispo; porém, este antes de retirar-se tocou-me no hombro, e disse-me: — apenas me demoro meia hora, e jantareis comigo. — Este convite excitou nos cortezãos grande inveja. Em mim o effeito era o contrario, porque tinha funcção ajustada para Penha Verde, o mais fresco e romantico sitio d'esta poetica comarca, e não me queria encaixar n'um aposento cheirando a verniz. Mas, emfim, não tinha remedio, porque todos, ainda os figurões da côrte, obedecem a sua reverendissima. A meia hora assignada pelo arcebispo deitou quasi a uma. O marquez de .... foi encarregado de me conduzir áquelle invejado jantar, e disse-me que era a primeira vez que tinha a honra de assistir á mesa do arcebispo. Batemos á porta reservada, e seguindo pelos quartos já conhecidos fomos dar a um pequeno aposento, com frente para uma hortasinha, onde o frade leigo com as mangas arregaçadas até os hombros nos fez hospitaleira recepção; na casa das tapeçarias estava a mesa com tres talheres, e n'um dos angulos em cima de um sophá o omnipotente prelado coberto com uma capa parda cheia de remendos.

« Vem cá (disse ao leigo batendo as palmas ao modo oriental) serve a mesa, e tenhamos algum prazer. Que praga é aturar essas mulheres, lá de escada acima! Quem melhor de que vós, marquez, conheceis quantos enigmas ha que desembrulhar? Atrevo-me a dizer que os arcebispos inglezes não se vêem abarbados com metade dos embaraços em que me vejo enleado. Olá! vamos a saber o que nos dão para trincar. »

Entrou o leigo com tres leitões assados n'uma bandeja enorme de prata e com uma torta de correspondentes dimensões; estes pratos nunca variam; tal é sempre o jantar do arcebispo, salvo nos dias de magro. Porém, a simplicidade da primeira coberta foi resgatada pela profusão das sobremesas, que em variedades de frutas e doces nada podia egualar. Em vinhos, não fallemos; eram delicados e escolhidos, tributo de todos os dominios portuguezes á mesa de sua reverendissima: a companhia do Porto, que então solicitava a renovação do seu privilegio, contribuia com a flor das suas colheitas; de tão boa qualidade que o meu obsequiador hospede promotteu-

(*) Do num. 47.

me, e logo no outro dia mandou pôr em minha casa, alguns barris d'este licor genuino.

Passou-se alegremente o jantar, e mais duraria a palestra *inter pocula* se o marquez, como estribeiro, e o arcebispo na sua especial missão, não tivessem de ir ao paço. Por outro labyrintho de passagens, mais intrincado do que aquelle por onde entrara, me conduziu á rua o leigo faceto e anecdotico.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

Da Companhia de Jesus.

Continuação. (*)

Concluiremos hoje este segundo capitulo da nossa chronica, rematando a descripção do collegio de Santo Antão com a noticia da excellente sachristia, que actualmente serve de egreja ao Hospital de S. José.

Foi uma das ultimas obras que os padres da Companhia fizeram n'este sumptuoso edificio. Revela logo ao primeiro aspecto a magnificencia e grandeza com que o padre Carbone completou aquella maravilhosa fabrica. Examinando-se miudamente esta formosissima reliquia, avalia-se por ella a sumptuosidade da arruinada egreja.

No desenho, e ornato seguiu-se escrupulosamente o do templo.

Ficava collocada, no lado norte da egreja, de traz da capella mór.

Duas columnas salomonicas, do mesmo marmore da Arrabida com que se formaram as do altar mór, sustentam um elegante ornato, que remata com as armas da condessa fundadora.

Devemos advertir que o actual prospecto da entrada da sachristia não era o que existia ao tempo do terramoto: As armas da condessa fundadora que hoje se vêem ali, eram as que estavam no templo, como já dissemos quando o descrevemos.

Apenas se entra o pavimento quasi que os pés recuam, tal é o receio que o homem estudioso e amante das riquezas da nossa boa terra tem de pizar aquelles restos venerandos d'um elegantissimo mosaico.

Avançando para o centro do pavimento, não se fartam os olhos de admirar a delicadeza do mosaico que figura em bem enlaçadas flores uma sumptuosa alcatifa.

Já hoje se não vê ali a magnifica mesa de pedra onde se depositavam os calices em quanto serviam ao sacrificio da missa.

Essa pode admirar-se actualmente na sachristia da freguezia de Santa Justa, ora estabelecida onde foi a egreja de S. Domingos. Extincta a ordem dominicana na occasião da nossa lucta civil de 1833, e transferida a dita freguezia para este templo, obteve a irmandade do Santissimo este valioso presente.

Não poderam comtudo destruir ainda o formosissimo marchetado da abobada, almofadada com os raros e primorosos marmores do nosso paiz, exactamente pelo desenho da arruinada egreja; não lhe poderam destruir as elegantes columnas que se levantam entre as quatro janellas que ha de cada lado em todo o seu comprimento, sobrepostas por outras mais pequenas; não lhe poderam arrancar as valiosissimas almofadas que sobre esses marmores primam maravilhas da riqueza das nossas pedreiras.

(*) Do num. 50.

De um e outro lado da sachristia corriam, e ainda lá existem hoje, magnificos contadores de excellente madeira do Brazil, raros pelo seu lavor, e exquisitos pela magnificencia com que o artista os acabou. O almofadado dos seus gavetões corre parelhas com a excellencia das portas ainda conservadas interiormente no Hospital.

Por baixo das janellas ha excellentes quadros representando os mysterios da Virgem Nossa Senhora. Estas pinturas que nos pareceram feitas em vidro, são de uma admiravel perfeição.

Nos dois topos da sachristia levantam-se dois excellentes altares, ambos de preciosissimos marmores com embutidos elegantes. Encostam-se estes altares a retabolos tambem de marmore, cujos quadros representam um a visão de Santo Ignacio, outro a sua devoção para com a Virgem.

Estes quadros, e a obra dos altares e retabolos data de poucos annos antes da extincção da Companhia.

Nos dois lados d'estes altares havia sumptuosos armarios, da mesma madeira e lavor dos contadores. Serviam para arrecadar as vestimentas, calices e missaes, depois de terem servido.

Estes armarios ainda se podem hoje admirar logo á entrada da sachristia, e ao lado direito, nascente do edificio. Os da esquerda, ou poente, foram cobertos com uns simulados altares onde modernamente collocaram varias imagens.

Sabemos, comtudo, que este primor d'obra não foi destruido, e lá existe encoberto com os noves retabolos.

Nos dois topos da sachristia ha oito figuras de gesso, em vulto natural, quatro em cada um, symbolisando as virtudes christãs.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LI

Do que succedeu a um Gaspar Furtado piloto natural desta ilha.

Esta ilha Terceira é uma ilha muito pequena: dizem que tem pouco mais de sette leguas de comprido, e trez de largo: em 24 horas a correm toda em roda homens de pé: dá dose mil moios de trigo, e 13 e 14 mil, e ás vezes mais, outras vezes menos: cevada, centeio, dará cinco, seis mil moios; e como se não carrega nesta ilha para fora se dá de graça. No anno de 1581 e 82 como não carregaram para parte alguma valia o trigo a 20 reis o alqueire e a 10 reis. Estava no porto desta cidade um navio de Gaspar Furtado, piloto e senhorio delle: pedio este homem que o trigo se perdia e que mais valia a cevada que o trigo para os cavallos; que lhe deixassem carregar o seu navio de farinhas para as partes do Brazil, e que traria assucar para a terra. Com rogos lhe deram licença. Carregou o navio de tudo o

que pode levar, e partiu para o Brazil. Tanto que foi fora da ilha se foi direito a Lisboa a vender as farinhas, allegando serviços de engano que tinha feito, e carregou o navio de aseites para a ilha de S. Miguel, sem imaginar de vir a esta ilha. Succedeu-lhe a desgraça de Gaspar de Gamboa. Vindo o Snr. D. Antonio com sua armada o tomaram, e tanto que o vio carregado de aseites o enviou logo para esta cidade, com soldados dentro por que não fosse a outra parte. Foi tão coitado o pobre desgraciado Gaspar Furtado, que se contára ao Snr. D. Antonio o que lhe tinham feito lhe perdoára por que nelle não havia fazer mal: mas callou-se, e veio ca ter. Tinham lhe culpas formadas, e seus bens sequestrados. Em chegando logo foi sentenciado á forca, e foi enforcado o desgraciado homem, sem remedio algum, nem houve adherencia nem rogos que não se mettesse a Manuel da Silva, a mulher e irmãos. Não houve remedio.

LII.

De como se fez justiça em um Antonio Carvalho que veiu de França, e era castelhano e dizia ser portuguez.

Na armada do snr. D. Antonio veio um Antonio Carvalho, homem mancebo, de bom corpo, muito galhardo e bem tratado. Trazia um criado atraz: parecia homem bem creado, e foi de Lx.ª ter a França, dizendo que ia servir o Snr. D. Antonio, mas fallava castelhano serrado, e dizia ser portuguez. O Snr. D. Antonio lho agradeceu muito. Chegando a esta cidade achou pessoas que lhe diceram conheciam aquelle homem pelejar contra elle na batalha de Alcantara, e assim o jurou. Ficou espantado: mandou-o chamar ás casas da alfandega, aonde estava em sua companhia Manuel da Silva, Francisco Botelho, Thomaz Calheira, e outros homens fidalgos do seu conselho, e lhe fizeram perguntas, e o acharam encontrado em muitas cousas. Mandaram logo chamar um corregdor e meirinho e o mandaram meter em um castello a bom recado. D'ahi a trez dias lhe deram na praça da cidade crueis tratos de polé, para delle tirarem o que sabia. Como elle era homem de bom corpo, e a altura grande, que era em uma torre do relogio, quebrou o pau aonde estava a polé aos primeiros tratos. Levaram-no á cadea que estava d'ahi perto, e depois de trez dias o enforcaram ao longo da cadea, dizendo que sendo portuguez tomara armas contra seu rei natural, e depois fazendo fingimentos falsos. E acabou o pobre homem.

LIII

Da morte de Antonio de Carvalho e do que succedeu esse dia.

Havia nesta cidade um homem chamado Fernão Garcia Jaques filho de Alonso Garcia, castelhano de nação. Casou nesta ilha com uma mulher nobre. Veio seu filho, Fernão Garcia Jaques, depois de seu pae fallecido, a ser Provedor das armadas de Castella. Era homem nobre, muito avisado. Tinham ao ditto Fernão Garcia por suspeito ao Snr. D. Antonio. Andando Manuel da Silva passeiando pela cidade um dia, encontrou ao ditto Fernão Garcia e lhe dice. *Fernão Garcia eu tenho uma carta de Duarte de Castro que vem em companhia d'El-rei meu senhor, que reserve as casas de Vm., porque quer ser seu hospede: donde conheceu Vm. este fidalgo? Dice-lhe Fernão Garcia: Não o conheço: parece que tem noticia das minhas casas: quer-me fazer essa honra.* Manuel da Silva contou isto depois, que logo lhe pareceu mal do ditto Duarte de Castro, e assim se dice que elle trazia os francezes da armada induzidos, que não pelejassem, pelo que depois se provou contra elle. Tanto que o ditto Duarte de Castro desembarcou logo se foi direito para a casa do ditto Fernão Garcia, e com elle e seus filhos e genro começou a descobrir seu peito, e a tenção que tinha e trazia de matar o Snr. D. Antonio, porque com isso se remediaria das culpas que tinha commettido contra el-rei Filippe, por se botar ao serviço do Snr. D. Antonio, e que lhe tinha sequestrado toda sua fazenda. Estava o Snr. D. Antonio na cidade, e podiam estar trez ou quatro mil francezes. O ditto Duarte de Castro deu um grande convite a todos os capitães francezes. Isto era no mez de Agosto do anno de 1582. Para os ter da sua mão, e no convite, lhe deu a intender algua traição, induzindô-os que andassem apercebidos e se vigiassem, porque os portuguezes determinavam de os tomarem descuidados, e os matarem todos, porque não queriam pelejar, e que com as naus que estavam no porto, que eram algumas quarenta velas, e que com fazerem cinco mil soldados portuguezes nesta ilha e ilhas debaixo, que eram leões, se attrevia o Snr. D. Antonio entrar em Lisboa, com o favor dos que lá tinha, que tudo era saberem estava elle em terra; mais que isto lhe tinha ditto Duarte de Castro. Os capitães francezes o não creram, mas ficaram suspensos, e com suspeitas, porem dissimularam e se calaram, e para que o cressem faziam indicios de o virem a crer. Tomou uma noite dois creados seus, e os ensinou, que fossem pela cidade e os primeiros dois francezes que achassem sós os ferissem bem, e lhes dicessem: *Tomae cães que assim e peor vos hão de fazer a todos.* De tal maneira os feriram, que um delles morreu. Contaram a um monsieur de Sancoline, francez, este contou aos mais, não sabendo quem os feria; alguns creram ao ditto Duarte de Castro; e o Snr. D. Antonio e moradores da cidade bem fora de tal: por que determinava Duarte de Castro levantar brigas na cidade, e nesta envolta matar o Snr. D. Antonio: e quando os francezes ficassem com victoria e senhores da terra entregarem a ilha a sua magestade. Naquelle tempo havia uma mulher de um Capitão inglez, mulher de Dom, mas infamada por má mulher: dizem que andava Duarte de Castro com ella, e assim um cavalleiro por nome Antonio Borralho, natural de Villa Franca. Encontraram-se lá ambos disfarçados, tiveram palavras, mas não brigaram, por nem um nem outro serem conhecidos. Determinou Duarte de Castro de se vingar delle, com se effeitoar o que tinha na imaginação. Mandou a dois creados seus que brigassem ao outro dia publicamente com o ditto Antonio Borralho, e o affrontassem. Foram os creados, que eram um flamengo e outro portuguez, tão bem mandados, que esperaram a um canto o ditto Antonio Borralho, que era homem mancebo, e galhardo, e com razão querido do Snr. D. Antonio, e lhe deram, primeiro que elle arrancasse, uma estocada pelo peito, que logo foi cair á porta de um Bartholomeu da Rocha, sapateiro. Isto era na rua direita, rua mais principal da cidade. Vendo alguns tão grande maldade queriam matar os sobredittos. Acudiu Duarte de Castro com uma alabarda na mão, que parece estava perto, e em vigia, costumando andar sempre a cavallo com seus creados detraz. Os capitães francezes acudiram logo a tomar as bocas das ruas; os portuguezes espantados de tal

novidade; e acudiu Manuel da Silva dizendo: *Que é isto snr. Duarte de Castro?—Recolhei-vos Conde*, lhe respondeu, pondo-lhe a alabarda nos peitos. Acudiram os mestres de campo todos armados, e as companhias de francezes, e o seu corpo de guarda em suas portas. Quando elles viram que os capitães portuguezes e a mais gente não faziam caso de nada, e que acudiam com suas espadas costumadas nas cintas, e outros com capas, estiveram quedos e armados se aquietaram. Mandou o Snr. D. Antonio logo prender a Duarte de Castro, e os creados já estavam a recado, que para os prenderem os feriram. E logo no mesmo dia foi levado á fortaleza de S Sebastião, e a bom recado; e os creados á cadeia, por que logo os capitães francezes descobriram tudo o que elle lhes tinha commettido.

LIV

De como foi degolado Duarte de Castro.

Tanto que Duarte de Castro foi preso, logo se fez inventario de quanto se lhe achou. Tinha muitos vestidos, cavallos, mulas, gualdrapas de veludo de muitas cores: tratava-se á lei de senhor: era muito rico, homem de nome, conhecido dos principes, homem mancebo de pouco mais de trinta annos, trazia grande guedelha, e andava vestido á franceza. Perguntaram-lhe algumas pessoas, para que trazia tão grande cabello; e respondeu, que de Lx.ª saíra com elle feito, e que a Lisboa o havia ir tornar a fazer quando el-rei seu Snr. D. Antonio lá estivesse. Tambem lhe foram buscar os papeis, e lhe acharam cartas de sua mulher, e de outras de Lx.ª O que nas da mulher se continha era aconselhal-o, que visse se podia aquietar, e deixar as pretenções dos reis: que a elle lhe não faltava nada, e que bem escusado lhe fora andar por reinos estranhos, e sua vida em risco, e sua fazenda sequestrada; e para que se vinha de França sem ver os negocios do Snr. D. Antonio em que paravam, por que de França se podera elle remir, ou de Inglaterra, com o embaixador D. Bernardino de Mendonça. Não se lhe achou papel que o influisse ao intento que pretendeu; de maneira que se chamaram os capitães francezes, e os creados do ditto Duarte de Castro, e todos se tiraram por testemunhas e o culparam na traição de querer matar o Snr. D. Antonio, e que ja estivera por vezes com a adaga na mão para esse effeito, por que o Snr. D. Antonio se fiava delle. E as culpas feitas, e bem provadas, lhe mandaram em termo breve que désse sua defeza, a qual não tinha nem quiz que por sua parte se arrazoasse cousa alguma, antes nas perguntas que lhe fizeram confessou tudo, e o mais que as testemunhas não souberam. Foi sentenciado que morresse degolado por traidor, e amotinador, e seus bens perdidos para a coroa. Pediu trez dias para se confessar, e pôr suas cousas em ordem. Estiveram todos os trez dias com elle muitos religiosos, e ao cabo delles o foram buscar, com os irmãos da bandeira da Santa Mizericordia. Quando elle saíu de dentro do Castello vinha calçado, e tanto que viu o crucifixo se poz mesmo a tirar as botas, dizendo que Christo nosso Senhor fôra com a cruz ás costas, e descalço a padecer por elle, sem culpa, e que elle, que ia com culpa, que não havia ir calçado. Foi então um seu creado, e muitos que remetteram, e lhas tiraram, e descalço veiu té a praça da cidade, que é um comprido caminho, e os padres com elle, e elle muito animado se poz a dizer suas culpas, e que mereceu aquella morte. Era homem avisado em seu fallar, e brevemente foi degolado pelo algoz, que tinha degolado a João de Bettencourt, e acabou o pobre e desditoso fidalgo Duarte de Castro.

LV

Das naus que vieram d'Inglaterra, e do que commetteram os francezes ao Snr. D. Antonio.

Quando o Snr. D. Antonio partiu com a armada de França para estas ilhas, vinha outra armada d'Inglaterra de 18 velas, bem apercebidas. Era a capitania uma nau por nome Santo Antonio, grande: trazia trezentos homens ou mais: vinha por capitão-mor um fidalgo natural desta ilha, chamado João Fernandes de Cea, e como parece que Deus nosso Senhor não era servido do Snr. D. Antonio ser rei, tudo lhe ia atravez. Deram em vespera de S. João do anno de 1582 fogo em uma pouca de polvora, que ardeu a nau, e della escaparam 120 homens, morreram muitos fidalgos, e o capitão-mor. Escapou D. Antonio de Menezes todo queimado. Tanto que a nau capitania se perdeu desta maneira, e o capitão-mor morreu, as mais foram para onde quizeram. Chegaram estando o Snr. D. Antonio nesta cidade sette, e podiam estar no porto quarenta velas grandes e pequenas, e eram perto de cincoenta. Neste tempo appareceu uma grande armada defronte da ilha, que seriam perto de sessenta velas, e era o marquez de Santa Cruz com outra armada que lhe tinha depois vindo. Os francezes como estavam medrozos da rainha mãi, por não pelejarem, por que alguns mandou ella depois em França degolar, foram-se ter com o Snr. D. Antonio, que lhe désse licença para se irem á armada do marquez, e que confiavam de a desbaratarem, porque as sette naus inglezas que tinham chegado, com artificios de fogo haviam de queimar muitos, e que podiam metter-se portuguezes da terra. Como o Snr. D. Antonio estava já abhorrido delles, e a armada do marquez era grande e dos maiores navios e galeões de Portugal, não os quiz deixar sair, dizendo que queria aviar a armada para outro effeito de maior importancia, ajudando-o nosso Senhor, e que nenhum proveito se tirava de ir matar gente sem proveito, pois que elles com uma armada tão grande não fizeram nada, e uns se foram para um cabo, e outros para outro, que agora era desnecessario com menos armada irem-se tomar com duas junctas. Ficaram os francezes tristes, e alguns lhes pareceu bem. Ao outro dia desappareceu a armada que se veiu mostrar, e os francezes ficaram como raivosos.

Continua.

AVISO.

Com este numero finda o XIII volume, V da 3.ª serie do PANORAMA, e começará, com o novo anno, o VI. Roga-se aos srs. Assignantes que quizerem continuar, bem como aos que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as renovarem, ou satisfazerem quanto antes, afim de não soffrerem interrupção nas remessas dos numeros.

O indice, e frontispicio d'este volume serão distribuidos com o primeiro numero do seguinte.

O PANORAMA

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

VOLUME XIV

PRIMEIRO DA QUARTA SERIE.



(PUBLICADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 1857.)

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES
TRAVESSA DA VICTORIA, 52.

1857.

INDICE ALPHABETICO

DOS

ARTIGOS CONTIDOS

NO

VOLUME DECIMO QUARTO — PRIMEIRO DA QUARTA SERIE.

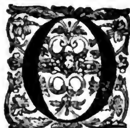
(OS ASTERISCOS DENOTAM AS GRAVURAS.)

FIM.

O PANORAMA,

SEMANARIO DE LITTERATURA E INSTRUCÇÃO.

INTRODUCÇÃO.



O Panorama enceta com este numero o seu decimo quarto volume.

É certo que nenhum dos jornaes litterarios do paiz contou tão longa duração; mas é egualmente certo, que o Panorama, sempre acreditado, não tem até hoje desmerecido do conceito em que foi tido desde que appareceu pela vez primeira.

Os nossos esforços tendem a procurar-lhe a continuação d'esse conceito; e para isso contamos com a mesma collaboração que até agora tem honrado as suas columnas.

Não faremos promessas irrealisaveis, ou que não possamos cumprir. Diremos só que procuraremos melhorar este semanario quanto pudermos, e n'esse empenho nos ajudarão todos os que tem amor ás lettras, e tomam a peito a instrucção publica.

No proximo numero descreveremos o edificio do collegio dos nobres, em Moscow, cujo desenho apresentamos hoje.

DESCRIPÇÃO E RECORDAÇÕES HISTORICAS DO PAÇO E QUINTA DE QUELUZ. *

Desd'o começo de Julho de 1774 até fins de Junho de 1778 esteve silencioso e solitario o paço de Queluz, tanto em razão da doença d'el-rei D. José, que o fez passar alternadamente os verões dos tres primeiros annos na quinta do marquez de Pombal em Oeiras e no palacio da Ajuda, para d'estas moradas ir commodamente tomar os banhos do Estoril e das Alcaçarias, como por outras causas que, depois da morte d'aquelle monarcha em 25 de Fevereiro de 1777, decidiram a rainha sua filha e successora a ficar no ultimo d'aquelles paços até ao estio do anno seguinte, em que, sobre accordo e ás custas d'ella e d'el-rei seu esposo, se fez o quarto alto que jaz na rampa que conduz á praça, e no qual a mesma soberana morou sendo já viuva, quarto traçado por Matheus Vicente d'Oliveira, e que, visto d'esse largo, não diz com as outras construcções que o cingem.

Voltando regularmente a côrte a este sitio, e tornando a festejarem-se ali com a antiga pompa e concorrencia os dias de S. João, e S. Pedro, bem como os natalicios de algumas das pessoas reaes, pede a razão e a curiosidade que eu mostre aqui o quadro fallante, com retratos novos e ditos trazidos a monte da minha memoria já enfraquecida, que, apoz uma tão grande mudança de scenas n'estas occasiões alegres, presentava a galeria reanimada onde já, a proposito das primeiras funcções que lá houveram, introduzi os meus leitores; traçando eu estas linhas não só por divertir-me e entretel-os, mas afim de registrar na idéa do publico indulgente que ler este bosquejo da nossa côrte na derradeira parte do seculo passado muitas coisas hoje desconhecidas ou esquecidas de um mundo que acabou, para que ellas não fiquem, como tantas outras velhices, sepultadas n'uma obscuridade profunda: a pintura dos homens, que dá vida á narração dos acontecimentos, pode ser proveitosa aos que escreverem a nossa historia dos ultimos tempos.

Mas, por isso mesmo que a *realidade poetisada*, titulo que um homem de genio, bem que um tanto affectado, que conversei, deu apropriadamente ás suas interessantes Memorias, ou, como tambem dizia e usava outro grande pintor litterario com quem tratei, este modo de narrar *repondo as pessoas no theatro onde representaram*, faz maior impressão, e deixa no pensamento mais altas raizes que as descripções em que os objectos não são tangiveis e palpaveis como nas que cito e que sigo, ha tanto mais mister quem assim escreve, no paiz e não mui distante da acção que descreve, a vida de uma antiga sociedade polida ter tento na penna, para, sem frustrar as esperanças dos que buscam a exacção nas descripções, a justiça na historia, e a verdade em tudo, não ser ecco de paixões contrarias e quasi contemporaneas. Para conceituar devidamente os homens é força tiral-os do conflicto dos partidos, e não attender ás censuras acerbas nem aos panegyricos hyperbolicos das facções, que degradariam o historiador á baixeza do adulador ou do escrevinhador de folhetos satyricos; e tal foi a razão porque puz mais vagar nos *pertos* que nos *longes* d'esta pintura.

(*) Continuação dos artigos que vem a pag. 29, 77, 210. 365, 370, 393 dos volumes XI e XII, 3.° e 4.° da 3.ª serie.

Quando eu, antes de traçar estas linhas, recordava com pausada meditação o que na minha mocidade ouvi a quem viu aquelles festins depois do, já por mim marcado, periodo activo e violento, fecundo, por vezes grande, e digno do buril de Salustio, até á cessação d'estes regosijos pela ceifa que a foice pavorosa da morte fez de alguns membros da familia real (1) pouco antes de romper o tufão de tempestades que revolvendo a Europa, deu volta ao juizo da rainha D. Maria I afiguraram-se á minha imaginação os dias serenissimos que o ceo repartiu, com uma grande colheita de paz (2), a Portugal nos breves annos do governo d'esta princeza que sobejou a tantas dôres, como o outono doce, alegre, e frugifero que a natureza, revezando as estações, mette de permeio entre o estio ardente, brilhante e creador, e o inverno triste, duro, esteril e desabrido. As phases da vida social tem muita analogia com as do mundo physico, differençando-se porém, entre outros pontos, umas de outras em que, n'estas, os corpos naturaes guardam sempre as suas leis, e, n'aquellas, os homens aberram frequentemente dos seus principios.

De feito, bem que, nas mudanças e catastrophes dos ministros, diga o prudente, como S. Lourenço nas grelhas, *assem-me do outro lado*, a queda do marquez de Pombal, mais vencido pelos successos que pelos inimigos, e n'ella successiva e contrariamente remunerado com uma commenda, e punido com um degredo (3), deu, como elle previra (4), a Lisboa um *grande alegrão*, que, em muitos peitos, trasbordou por cima do desafogo decente ; e n'este elaterio de tantas almas e tantos corações contentes de ver atermar o despotismo que, por um quarto de seculo, comprimira todos os animos, e sacrificara muitas victimas, tendo as que poderam resistir aos tormentos sido então, por cumulo de miseria, soltas d'involta com alguns malfeitores (5), vaticinaram, como sempre succede, os descontentadiços do tempo passado, e creu logo de leve a turba amiga da novidade, e a vaidade aspirante e tresloucada que o novo poder, extinguindo, e não variando, os abusos do antigo, faria entrar Portugal na edade de oiro. O comico, em todas as côrtes e em todos os tempos, está sempre ao pé do tragico: e o impeto do desejo que nos arrebata para mudanças cega-nos aos dictames luminosos da razão e ás mais certas e claras evidencias. Tambem por esse tempo o nonagenario Voltaire, lendo avessamente a sina de um rei nascido em cruel signo, e enthusiasmando-se de um ministro que conhecia mais os livros que os homens, augurava flores e fructos a um reinado que só produziu abrolhos e espinhos: a vida humana tem duas infancias e uma só primavera.

Para fallar justamente das personagens historicas, e sobretudo das que, resumindo em si uma civilisação, fizeram muitos bens á custa de grandes males, é mister olhal-as com uma admiração temperada com rigorismo. É tempo que a historia, depois de fazer boa justiça, como eu penso que fiz, ao archiministro d'el-rei D. José, pintando-o como um homem de acção, mas de coração duro, que, tendo alma para conceber e força para executar grandes empresas, se por vezes se equivocou em datas, nunca errou as marés, caracterise com egual imparcialidade a administração frouxamente branda, e, na quasi totalidade dos seus membros, com as mais rectas tenções, desacertada, que manejou os negocios logo depois da morte d'aquelle principe. Os governantes melhor intencionados podem ser mal entendidos; e, quando a este desar accresce o de não se entenderem uns com os outros, e de não haver quem os acorde e concerte, essa Babel de opiniões, tão fatal como a da confusão das linguas, faz que a machina politica pare, e que tudo fique suspenso, ou, por outros termos, abre a porta ao desgoverno, coisa muito peior que um mau governo.

As côrtes, que, entre raios de grandeza, com muitas sombras e miserias, são, contrariamente ás theorias de Bernardin de Saint Pierre e de Lavater sobre a harmonia das opposições, as maiores collecções de contrastes de caracter d'onde no theatro do mundo, assim como nos dramas, nascem de ordinario as peripecias, raramente terão presentado uma tão grande diversidade de genios e indoles como a que se viu n'aquella governança mosaica, sem significação, nem acção por não ter quem lhe imprimisse um pensamento e o movimento, cada uma de cujas partes componentes estava, com a heterogeneidade das do cahos, em fronteira com a sua contraria, e tinha no nosso mundo politico, e dentro do mesmo gabinete um antipoda. A rainha D. Maria I, mui bem dotada da natureza, e cultivada no bom ensino, mas encolhida por summa modestia, e já enredada em escrupulos, trazia sempre a sua resolução pendente do parecer alheio. El-rei D. Pedro, chamado por sua esposa ao conselho, pela mesma fina contemplação com que associara a effigie d'elle á sua nas primeiras moedas d'oiro que mandou cunhar, não tendo as prendas e prendimentos d'espirito d'aquella princeza, *nem os cin-*

(1) El-rei D. Pedro III morreu em 1786, a infanta D. Marianna Victoria, e o infante D. Gabriel seu esposo, em 1787, e o principe D. José em 1788.

(2) O tratado de paz de Portugal com Hespanha, concluido em 11 de Março de 1781 por intervenção da rainha mãe, que para esse fim passou a Madrid.

(3) Vejam-se os decretos de 4 de Março de 1777, e de 16 de Agosto de 1781.

(4) Ao Dr. Huet, que com uma sangria salvou o marquez de Pombal de um ataque apopletico, disse, logo que tornou a si este ministro: — de forte alegrão privastes hoje Lisboa.

(5) Um d'estes, chamado Placido, e que fôra um homem muito turbulento, commetteu depois d'aquelle perdão, um crime atroz que o levou á forca ; outro por nome Toribio, que havia sido algoz, deu occasião a um dito do nosso poeta Nicolau Tolentino, o qual, perguntado por uma senhora ácerca do modo de vida d'aquelle sugeito, respondeu: — eu cuido que elle hoje vive de enforcar por casas particulares.

te e quatro modos de negar d'el-rei D. João IV (1), obstava afoito a todas as propostas e pretenções a eito com a mesmissima phrase *eu não vou para ahi*, por julgar que dizer a tudo que não era ser justo. O, por ambição e medo, dobre e dobradiço cardeal da Cunha, ultimamente mettido no conselho d'estado e no despacho, para dizer, como dizia, a tudo que sim, pelo marquez de Pombal (a quem virou as costas mal o viu caido) asylava-se então com silenciosa complacencia nas azas da protecção de um ministro influente com quem tinha parentesco, e ao qual d'antes não fallava tambem por susto: a invariabilidade nos sentimentos é quasi uma planta exotica nas côrtes, e as amisades dos cortezãos são, por via de regra, umas mentiras reciprocas; não é porém menos certo que ha gente que não sabe ser o que é, e em quem a pusilanimidade e o amor do nicho tem ás vezes ar d'inconstancia, e até de perfidia. O mais grosso de maneiras que d'engenho, e tão audaz, loquaz e confuso como franco, frugal e isento arcebispo de Thessalonica, confessor da rainha, e tambem ministro assistente ao despacho, entrando de ordinario d'outiva e não doutamente nas discussões, embrulhava por isso e pelas suas longas digressões, os negocios a ponto de fazer perder de vista os assumptos. O astuto cortezão, mas não sagaz estadista, marquez d'Angeja, presidente do erario, levando as coisas por manha, só se oppunha abertamente a todas e quaesquer despezas por mais justas e necessarias que fossem; pondo depois, por não malquistar-se com as partes, ás costas e nas boccas dos collegas, os estorvos que tinham saido da sua. O, como já disse, *liso* e *lido* visconde de Villa Nova da Cerveira (depois marquez de Ponte de Lima), ministro dos negocios do reino, em quem uma grande rectidão de desejos e desestima das proprias conveniencias, e a mais subida elevação de sentimentos e generosidade d'alma, se viam a miudo paralyticadas pela sua habitual distracção, e irresolução no conselho e nas obras, dilatava infinitamente o expediente com interlocuções continuas, para obter esclarecimentos superfluos ou inuteis: assim como ha pennas que, correndo arrebatadamente, precipitam as resoluções, ha outras que, por nimio aparo ou apuramento, impedem que os negocios voem. Martinho de Mello, que el-rei D. João V mettera á força na Patriarchal, e que el-rei D. José, por uma excepção da regra, fez, mau grado ao seu guia, ministro da marinha, resuscitada por este antigo conego, e do ultramar, que ainda aguarda um resuscitador, tendo, por esta habilidade e especialidade, passado para o novo governo, onde estava mais solto de mãos e de lingua, era da laia de gente de bom senso, efficaz e energica, que frisa com os homens de genio; fazendo a sua rigidez de principios e inflexibilidade d'animo que elle embicasse em tudo e em todos. Emfim, o manso e molle Ayres de Sá, que o marquez de Pombal, seu parente e patrono, passara da quieta e grata côrte de Napoles para a então contra nós fragueira e rixosa côrte de Madrid, quando quiz que a nossa legação ali fosse surda, e que, por morte do languido D. Luiz da Cunha, (sobrinho do grão diplomata do mesmo nome) fez ministro dos negocios estrangeiros e da guerra, por crer que, n'esta repartição, onde o omnipotente ministro fazia tudo, era bom que o chefe nominal fosse mudo, ficando este depois conservado, por aquelle *senão*, que em algumas occasiões é prenda, no mesmo posto, sem outras inspirações que as dos seus bons sentimentos, *levava* elle assim, por me servir das suas proprias expressões, *a vida pachorrentamente, para não viver depressa*, sendo tido em conta de uma honesta e perfeita nullidade politica. Todas estas personagens (salvo o cardeal, por não dar som de si) mais rapida e vivamente expressadas e esculpidas, por meio da physionomia e acção, n'uma decima (1), que então teve muita voga quando ainda se não tinha introduzido na sciencia ou litteratura historica o genero de retratos politicos, poderiam, apesar de tudo, fazer algum bem a Portugal se, dando desde o principio de mão aos conselhos turbados das paixões, curassem mais de reparar as injustiças e violencias feitas pelo governo precedente, e de retocar e prefazer as reformas uteis que elle operara em todos os ramos da administração publica, que de fartar a sêde de graças e de vinganças de ambiciosos, todos occupados na expugnação dos empregos, e dos homens rancorosos, que, não contentes da elongação do planeta que lhes fôra desfavoravel, queriam ver logo totalmente eclipsada uma celebridade em fama, que não se vence nem se perde em pouco tempo: mas os odios das facções não reflectem; o espirito de partido, que é o mais besta de todos, doe-se mais do fulgor que do ardor dos contrarios; e, finalmente, na balança dos ministros existentes, que governam como se enfronham no governo, pesam pouco as memorias dos ministros mortos ou caidos; vindo talvez d'aqui a gana que o bom Ayres de Sá tinha de viver, para escapar o mais tempo que lhe fosse possivel á justiça prematura dos seus successores. Não tendo eu, por minha parte, podido fugir a estas reflexões, deitando, porém, aqui um veo de prudencia sobre muitos desconcertos, ou, para usar da phrase mais moderada de um espirituoso escriptor, *incommodos da realidade*, que deslustraram

(1) Gabando-se este rei um dia de similhante prenda diante d'um cortezão, que, como muitos, não cessava de supplicar, respondeu-lhe este:=pois bem, se vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco modos de pedir.

(1) Eis aqui a decima:

O negocio se propõe;
Duvida el-rei meu senhor;
Atrapalha o confessor;
Angeja a pagar se oppõe;
Nada a rainha dispõe;
Martinho marra esturrado;
Ayres não passa d'honrado;
E o visconde, em conclusão,
Pede nova informação;
Fic'o negocio empatado.

aquella era de luzes, elegancia, e urbanidade, passarei a pintar o espectaculo variado que na noite de 21 d'Agosto de 1779 em que se festejava o decimo nono anniversario do nascimento do principe D. José, offerecia a bella e esplendida galeria de Queluz, procurando eu figurar os diversos grupos, sem os confundir, e pintar as personagens, hoje todas mortas, e por isso immoveis, que personificavam os costumes e o espirito d'aquella epoca com as suas feições e côres, que as pessoas vivas, e, como taes, movediças, no meio de tantas vagas e ondas de mudanças, ora a favor da ordem, ora assopradas furiosamente pelo amor da liberdade, não deixam bem copiar; e visto que a melhor pintura é a que retrata a forma e a falla, darei tambem uma idéa dos dialogos entre os differentes interlocutores.

No topo da *Sala das Serenatas* estava a familia real, cujos delineamentos physicos e moraes já tirei, fallando, depois da recepção do corpo diplomatico, com varias personagens differentemente notaveis da côrte.

A rainha D. Maria I trocava algumas palavras insignificantes, e por forma, com seus bonissimos, mas um pouco cansativos tios os senhores D. Antonio e D. José, filhos naturaes d'el-rei D. João V, e legitimados por el-rei D. José, vulgarmente chamados ainda depois de velhos, *os meninos de Palhavã*, pelo sitio suburbano de Lisboa que habitaram desde a sua infancia, e aos quaes o instruido memorião e amuado cortezão conde de S. Lourenço, que punha alcunhas mesmo aos que já tinham outras (1) chamava *S. Chrispim* e *S. Chrispiniano* pelo martyrio que aquelles dois irmãos inseparaveis tinham, por um resentimento ministerial, soffrido no Bussaco até aos primeiros dias do novo reinado. El-rei D. Pedro fallava ainda mais sobre posse com o, em tudo grosso, cardeal patriarcha Silva, feitura mal feita do ministro caído, mimoseada pelo epigrammista D. Gastão da Camara com o frisante appellido de *animal mitrado*, e de quem o bobo arlequim Estacio dizia que, se sabia theologia, a elle o devia, por lh'a ter feito aprender n'um livro castelhano, visto não ser aquelle prelado avezado ao latim. Em contrario d'estas praticas forçadas, conversava mui grata e affavelmente a rainha mãe com o tão intelligente e experiente como alegre, franco, e generoso José de Seabra da Silva, (cuja agradavel e instructiva companhia eu, ao sair da puericia, frequentei) recemchegado do presidio das Pedras Negras, onde pagara a pena de uma importante revelação que fizera áquella princeza (2), e merecera a graça, que d'ali a cinco annos lhe fez a soberana, de o reintegrar no posto de ministro da corôa. O principe D. José, em quem, apar da gentileza, e de um, talvez nimio, brio juvenil (1), brilhavam os talentos da natureza desinvolvidos pela educação forte, viril, e sã, que lhe dava o eximio bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, discorria sobre a guerra do Sul com o marquez de Lavradio, homem de grande ser e respeito, e modelo consummado de urbanidade delicada, que com energia e sagacidade tinha por longo tempo, e em circunstancias criticas, vicereinado no Brazil, onde deixou honrosas memorias, e que dentro em poucos mezes foi nomeado mordomo-mór da princeza D. Maria Francisca Benedicta. Esta formosa e amavel princeza, e sua não bella, nem tão agradavel, mas egualmente boa irmã a infanta D. Marianna, que eram a personificação do pensamento religioso applicado a obras de caridade, tratavam da fundação de um estabelecimento pio com monsenhor Mascarenhas, prelado mui douto, que passou a sua vida repartida entre lettras e virtudes, e o padre Theodoro d'Almeida, congregado da casa do Espirito Santo, e homem de virtude tambem esclarecida e indubitada, e que a uma grande agudeza, e viveza d'imaginação, e a um genio suave e alegre juntava uma copia de conhecimentos em sciencias physico-mathematicas, que divulgou em Portugal com a mesma fortuna e pelo mesmo methodo do celebre abbade Nollet; merecendo pelo seu amor do proximo, o titulo de genio da beneficencia.

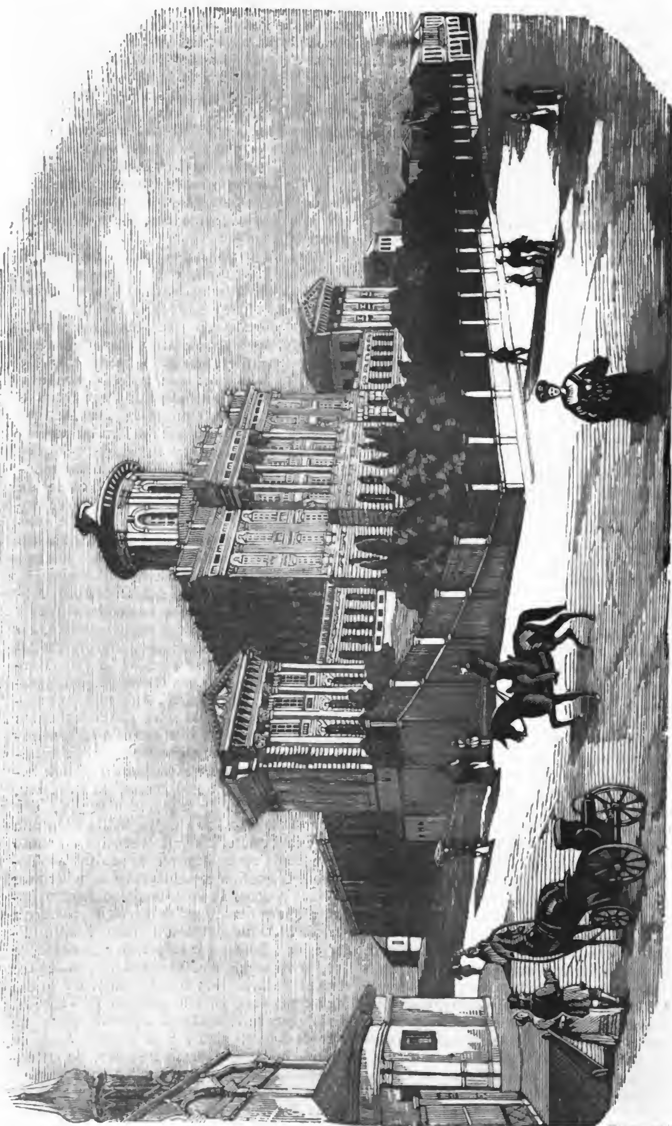
O infante D. João, que contava apenas doze annos, mostrava aos seus dois amigos d'infancia Francisco da Cunha e D. Vasco da Camara um lindo presente que o embaixador de França acabava de offertar-lhe da parte de Luiz XV, que havia sido seu padrinho de baptismo: e a linda infanta D. Marianna Victoria que, com a doçura do seu genio, mas não podendo suster o riso, narrava á tambem macia e serena D. Maria Joanna de Lima, sua dama camarista, o caso tragi-comico e recente do gordo viador D. Christovão de Vilhena, e do seu não menos obeso collega D. Tristão da Cunha, que só puxados por cordas, poderam sair de uma sege em que ficaram enleiados; d'onde o primeiro veiu a dizer na linguagem burlesca em que fallava: *cum Tristanis nada*.

N'um grupo de senhoras e homens de côrte, onde já não figurava a discreta e diamantina duqueza d'Abrantes, ali supprida pela achacosa marqueza de Villa Flor, camareira-mór e aia dos principes, viam-se tambem a velha e quasi morta marqueza D. Maria Caetana da Cunha,

(1) Este camarista inoffensivo d'el-rei D. Pedro, em quem o marquez de Pombal se vingou da opposição que ás cegas lhe fazia aquelle principe, perguntando um dia a Nicolau Tolentino d'Almeida, afflicto com dôres de dentes, se queria fazer uso do segredo de um jesuita que fôra seu companheiro de carcere, replicou vivamente o sempre chistoso poeta, — se é um em que elle esteve preso dezenove annos, não senhor.

(2) A verdadeira causa d'esta desgraça, attribuida por algumas pessoas a um abuso de poder, foi o conhecimento que teve o marquez de Pombal da revelação, que José de Seabra, por via da açafata D. Isabel da Gama, fizera á rainha mãe, do projecto, assim mallogrado, que o marquez formara, e queria executar de extorquir por surpreza a renuncia dos direitos successorios da princeza, depois rainha D. Maria, em favor do seu primogenito.

(1) Este principe, que tinha muita alma, foi na sua edade ardente, seduzido pela philantropia romanesca do imperador José II, que na Allemanha meridional arremedava o poeta, philosopho, musico e guerreiro Frederico II.



COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

camareira-mór da rainha mãe; a viva e desenfastiada dona de honor D. Ignez Breyner, que, para lograr a boa vista da galeria, dizia ao prasenteiro mestre-sala, que estava adiante d'ella: *oh! senhor D. Antão, já que é d'Almada, passe para a outra banda;* D. Marianna Arriaga, dona da camara mui valida da rainha D. Maria I, e pessoa de muito discernimento, e de maneiras polidas, em cuja pousada se juntavam muitas celebridades poeticas, e, á moda franceza, se faziam jogos d'espirito; a bella e boa açafata, tambem valida, D. Bernarda Caupers; o corpulento e vesgo senhor D. João, mordomo-mór das duas rainhas, que perguntava ao conde de Rezende, capitão da guarda real dos archeiros, como iam as coisas, ao que o sabido fazedor de equivocos respondia, com um sorriso ironico: *isto vae como vossa alteza vê:* ao que o sempre jovial conde da Ponte, mordomo-mór d'el-rei, accrescentava: *ou está parado como aquelles relogios sem corda*, apontando para os quatro secretarios d'estado, entretidos na contemplação de um morcego que andava esvoaçando na sala, e ao qual o Estacio, e a tambem caturra preta anã *D. Rosa*, com duas grandes canas na mão, e não pequeno risco dos lustres e dos quasi tão altos toucados d'esse tempo, davam caça.

N'uma roda de camaristas e viadores, novos e velhos, onde já não avultava o autorisado marquez d'Alvito, aio do principe, vendo-se ainda ali a doce e fina expressão da sympathica physionomia do marquez de Marialva, entre seus tres filhos os condes de Cantanhede, dos Arcos, e d'Atalaia, estavam bem assim o ingenuo marquez de Penalva, cultor das musas, e o marquez de Fronteira, que não perdia occasião de dardejar contra quem estava no poder.

No meio do salão estava o corpo diplomatico, no qual tinham havido algumas alterações depois do ultimo ajuntamento n'aquelle local. Ao estimavel cardeal Conti, homem de cabeça, e sem pós no cabello, tinha succedido, como nuncio, o limitado e muito apolvilhado monsenhor Mutti, verdadeira caricatura, que, entre estrondosos espirros exclamava: *al diavolo sia fatta questa illuminazzione*, cada vez que o tossegoso Agostinho José Gomes abria uma porta para o jardim, afim de ver se se conservavam acesas as luminarias. O marquez de Bombelles, novo embaixador de França, que se assimilhava na figura, na estatura, e nos gestos áquelle prelado, machucava com toda a força as delicadas mãos de monsenhor Salema, antigo ministro em França; homem brando e que era um tombo de anecdotas galantes dos salões do motejador e egoista conde de Maurepas, e da marqueza de Pompadour. O orgulhoso, e, ainda quando parecia querer ser civil, descortez conde Fernan Nunes, que, depois da conclusão da paz de Portugal com Hespanha, occupava o posto d'embaixador de Carlos III, desculpava-se com o duque de Lafões, chegado de fresco do seu grato desterro nas côrtes principaes da Europa, de lhe não haver pagado ainda a sua visita por não ter podido descobrir a sua morada, ao que o duque com a sua delicada ironia, respondia: *eu mesmo não sei bem onde moro, mas é lá para diante da Samaritana, e perto do embrechado de um santo e de uma velha que vende melões.* O principe Raffadalli, ministro de Napoles, e tambem recentemente chegado a Lisboa, onde brilhava mais pelas suas aguas marinhas que pelo fogo do seu engenho, fallava com o bom e serviçal D. Miguel de Portugal. Finalmente, o conde Fontana, ministro, tambem novo de Sardenha, homem mettido comsigo, conversava com o elegante e chanceiro epicurista Aguillar.

No fim da sala estavam muitos militares e magistrados conspicuos, e não poucas nobrezas scientificas e litterarias, para as quaes o principe D. José tinha uma decidida inclinação, alphabetando, como el-rei D. João II, os nomes d'ellas e de todas as outras pessoas eminentes, para, em tempo competente, as poder aproveitar a bem da patria; que assim se ensaiava aquelle herdeiro presumptivo do throno para o governo! Avultavam entre estas differentes capacidades, muitas das quaes dentro em poucos mezes formaram a illustre corporação que provocou, animou, e dirigiu entre nós o movimento intellectual, o aspero e teimoso conde da Azambuja, successor do não menos rigido Macklean no governo das armas da côrte e provincia da Estremadura, e que, recebendo parte de um grande incendio que abrasara o quartel do regimento de cavallaria de Mcklembourg, perguntava em voz grossa, e enfurecido a D. Antonio d'Almeida Beja, (que fôra portador d'este aviso) se se tinham salvado muitos cavallos, ao que o capitão respondia: *não, senhor, foram todos para o inferno.* Os marechaes de campo Bartholomeu da Costa, homem talentoso, e de tempera velha, e Luiz Valleré, summamente amavel e perito, discorriam sobre planos tendentes ao grande incremento que, graças a ambos, então tiveram em Portugal as fundições d'artilheria, e a arma que por excellencia se chama *engenharia;* ao passo que o coronel Luiz Clavier, ajudante d'ordens do marquez d'Angeja, era o objecto de ditos mui engraçados pela scena joco-seria d'este official com um leigo torto tão bem pintada em quatro decimas por Nicolau Tolentino. O quasi cego e longevo chanceller mór do reino Antonio Freire d'Andrade Encerrabodes, a quem o marquez de Fronteira chamava *o seculo ambulante*, um dos muitos homens lidos e jucundos de que se perdeu a semente, e que, tendo sido ministro em Roma, onde fez certame de bons ditos com Benedicto XIV, e em Inglaterra, onde foi mui estimado de Jorge I, sendo, sem que se soubesse o porque, preso na torre de Belem, abraçava a Gonçalo José da Silveira Preto, magistrado instruido, de entendimento repousado, mui pratico nos negocios, de são conselho, e que passava por ser o mentor de dois ministros, dizendo-lhe ao ouvido: *é*

grande canseira, amigo, ser desasnador de parvos e teimosos. Junto d'elles, o grave e sisudo procurador da corôa João Pereira Ramos, e seu não menos illustre irmão D. Francisco de Lemos, que acabava de tomar posse do bispado de Coimbra, fallavam amigavelmente com o desembargador do paço Antonio Henriques da Silveira, antigo e mui distincto lente da Universidade, mas que, pela sua figura mesquinha, e pela coroinha que tinha de minorista, foi muitas vezes tomado por um sachrista. N'um grupo de ecclesiasticos via-se o padre Antonio Pereira de Figueiredo, defensor acerrimo das liberdades gallicanas, e das doutrinas pistoienses, de que algumas pessoas procuravam vãmente removel-o, fallando em assumptos litterarios com os seus antigos collegas o erudito e perseguido Antonio Verney, seu irmão Diogo Verney, homem de critica ajustada, que, possuindo a sciencia, o gosto, e o estylo, concorreu com o seu *Verdadeiro Methodo de Estudar* para o acordamento litterario de Portugal, e para debellar o fatal *gongorismo:* os eximios philologos Antonio Alves, Antonio das Neves, José d'Azevedo, e Francisco José Freire, mais conhecido pelo anagramma de *Candido Luzitano* e que tanto cooperou para a restauração da boa poesia ; e João Faustino, excellente astronomo, e que foi a primeira pessoa que fez subir machinas aerostaticas n'esta côrte. Não longe d'esta feira de grandes sabios fr. Francisco de Sá, serventuario do cargo de esmoler-mór, e que por morte do seu geral, em quinta-feira santa, mandou dobrar os sinos sem badalos, estava, ao que parecia, conversando mui attentamente com D. de S., que, n'uma falla que acabava de fazer n'um tribunal disse que : *quando Christo creou o mundo poz cada coisa em separado para que os homens as não confundissem ;* estando tambem ali como interlocutor L. M. de M., o qual, n'uma memoria que publicou, refere que : *os hospitaes antes de os haver, eram governados pelos bispos*.

Na sala immediata (forrada de seda, e não guarnecida de espelhos, como eu por engano disse,) estavam logo á entrada os nossos bons poetas Diniz, Gonzaga, José Basilio da Gama, Durão, João Xavier de Mattos, Nicolau Tolentino, José Anastacio da Cunha, Paulino Cabral, Caldas Barbosa, Mathias Azedo, Theotonio Gomes de Carvalho, Curvo Semedo, e os dois Malhões, todos os quaes já mencionei e pintei, fallando em voz baixa, com muito louvor, de um poema heroe-comico intitulado — o Reino da Estupidez —, e attribuido ao doutor Francisco de Mello Franco, ainda estudante, em que o autor mettia a ridiculo as ninbarias retrogradas do novo reformador e reitor da Universidade de Coimbra. N'outro rancho de poetas, via-se Francisco Manuel do Nascimento, filho da escola de Garção e Diniz, e imbuido no gosto da sabia antiguidade, bem que seguisse livremente um trilho novo, e que foi o que entre nós mais finamente entendeu e executou o artificio d'estylo a que se deu o nome de *harmonia imitativa :* Domingos Maximiano Torres, cujas eclogas rivalisam com as de Gesner, não sendo as suas cançonetas, que deixam n'alma um eeco de harmonia, inferiores ás de Metastasio : fr. Joaquim Forjaz , engenho livre , que , a uma eloquencia impetuosa e rica de pensamentos, e a uma voz insinuante e vigorosa, como a dos antigos oradores da Grecia e de Roma, juntava a linguagem de uma musa solta e independente ; não sendo menos admiravel pela naturalidade e graça dos seus conceitos, que pela viveza riquissima dos affectos, e pela facilidade da versificação e doçura da rima : monsenhor Corrêa de Sá, depois bispo do Porto, cujas saboridas poesias, quasi sempre inspiradas pela jocosa Thalia, mostravam que o culto das musas não é inconciliavel com as acções proprias de um pastor em tudo exemplarissimo : fr. José do Coração de Jesus, não menos sublime poeta, em quem brilhavam, como Voltaire disse do cardeal Quirini, as tres Graças de Homero e a Graça Divina, soltava mansamente alguns soluços pelo injusto degredo do horaciano Antonio Ribeiro dos Santos, seu mui fiel e ternissimo amigo : Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, magistrado inteiro, não menos notavel pelos seus conhecimentos juridicos, que como poeta, e cujas producções, repassadas de uma meiga ternura, eu que tantas vezes lh'as ouvi recitar n'um tom de voz que as tornava mais melodiosas e expressivas, folheio com o mesmo prazer melancolico com que se desfolham as ultimas rosas do verão, e se trilham nos bosques as folhas caidas e descoradas no outono. Junto d'estas celebridades poeticas estavam o padre Braz, que vinha de dar em verso as suas — Novidades —, que ficaram passando em proverbio, e o alto e narigudo prior da Nazareth, autor tambem burlesco do — Palito Metrico — ouvindo repetir ao doutor Matta uns versos compostos pelo engraçadamente picante Lobo, pintando a tormenta que correu, vindo de Salvaterra para Lisboa, o doutor Estevão Manuel Raposo, versos, que eu sabia e esqueci , e nos quaes vinha uma invocação d'este medico da camara a Neptuno que acabava assim :

Lembra-te da minha esposa,
E vê que tem raposinhos.

Emfim, na sala hoje chamada do *Alenternim* pela claraboia que ali se mandou fazer no tempo da invasão franceza) estavam o moço, e já com grandes creditos de scientifico, Luiz Antonio Furtado de Mendonça, depois visconde e conde de Barbacena, doutor em leis e em philosophia, e primeiro secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, discursando, com o talentoso, encyclopedico, e algum tanto desconfiado José Corrêa da Serra , que lhe succedeu n'aquelle cargo, e com Alexandre Antonio das Neves , douto e jovial demonstrador

de historia natural e physica experimental, e o sabio naturalista Vandelli, sobre a nova nomenclatura barbaro-inintelligivel com que os francezes tinham, por me servir da phrase de um homem de genio, abarrotado a sua linguagem scientifica nos livros de medicina, chymica, e historia natural: e, chegando-se a estes quatro homens um, então mui influente, que lhes fallou na conveniencia de se fazer uma plantação de chá na serra da Arrabida: *eu, por mim*, respondeu Alexandre Antonio das Neves, alludindo á falta de cuidado em promover a cultura do trigo, *digo que, antes do chá, devem vir as fatias*. N'um circulo de frades, formado junto ao corredor que cummunica com a capella, viam-se fr. José da Rocha, dominico fino e que tinha predominio no arcebispo de Thessalonica; o bom conversador e estimavel nery padre Bonifacio Ferreira, confessor da senhora infanta D. Marianna; o cruzio D. Thomaz da Virgem, professor de philosophia no collegio de Mafra; o menos agudo grillo fr. José da Consolação a quem, materialmente fallando, chamavam *cabeça de santo Athanazio;* o manso e instruido capucho fr. Sebastião de Santo Antonio; o grande cometa loyo Antonio Pinto, depois conego de Braga e atacado de um grande fastio; fr. Antonio Forjaz, graciano, que não tinha as graças oratorias e poeticas de seu confrade e irmão fr. Joaquim; fr. José de Moraes, bernardo de muito tino; o douto benedictino fr. José de Santa Escholastica; e fr. Alexandre Palhares, franciscano bem fallante apesar de lhe tardar a falla, ouviam, com riso amarello, um soneto de Paulino Cabral satyrisando as corporações a que aquelles religiosos pertenciam, e que o singelissimo ex-jesuita, e pouco feliz hydraulico, Estevão Cabral lhes repetia. (1)

N'um grande grupo em que se distinguiam Joaquim Ignacio da Cruz, thesoureiro mór do erario, homem talhado para merecidamente occupar maiores empregos, seu irmão Anselmo José da Cruz, alma grande em corpo pequeno, os lentes Paschoal José de Mello Freire, contra cujo compendio de direito patrio se tinha levantado um grande partido, e Manuel Paes de Aragão, ou *Dragão* Trigoso, como lhe chamavam os estudantes para pintar o seu semblante que não devia nada á formosura e a sua excessiva severidade; e José Ricalde Pereira de Castro, a quem o moço conde de Tarouca perguntou *como anda?* ao que elle sempre de bom humor, respondeu: *para diante;* tornou-lhe o conde: *pois não é pouca habilidade, em quem figurou tanto no antecedente reinado, ir tambem n'este avante, quando outros que estavam nas mesmas circunstancias tem desandado ou perdido o trilho*. Viam-se tambem na mesma sala, entre outros artistas, o velho Francisco Vieira, melhor pintor que poeta, e condecorado com o habito de S. Thiago que trazia dentro de uma concha, queixando-se ao gordo e jocoso leigo marianno fr. Bernardo, denominado *bispo de Saragoça*, e mui estimado do arcebispo inquisidor geral, de que o santo officio não deixasse passar um trecho da vida, que elle compozera em verso e queria imprimir, de sua adorada e fallecida esposa; achando-se tambem ali Pedro Alexandrino de Carvalho, que pintara os retabolos dos tres altares da capella de Queluz; Parodi, que fizera os retratos mui parecidos de um grande numero de pessoas da côrte, e Luciano José dos Santos, João de Sousa de Carvalho, e Antonio Leal Moreira, excellentes compositores de musica.

A um signal dado por Pedro José da Silva Botelho, director dos theatros reaes, abriram-se as portas para o corredor em que está a escada que conduzia ao antigo theatro no mesmo local onde se construiu o quarto alto de que fallei, e que habitou a rainha D. Maria I depois de viuva; indo toda a côrte assistir á representação do drama intitulado — La Galatéa — composto por Metastasio, posto em musica por Antonio da Silva, e executado sob a direcção de João Cordeiro, pelos excellentes cantores recem-chegados d'Italia José Orti, Luiz Torriani, José Romanini, e Violani que cantou primorosamente a bella aria da scena final — Ah! taci Alcide amato —, depois da qual houve uma dança da composição de Alberti, chamado *il Tedeschino;* terminando a funcção por um vistosissimo fogo de artificio.

MARQUEZ DE REZENDE.

ECONOMIA RURAL.

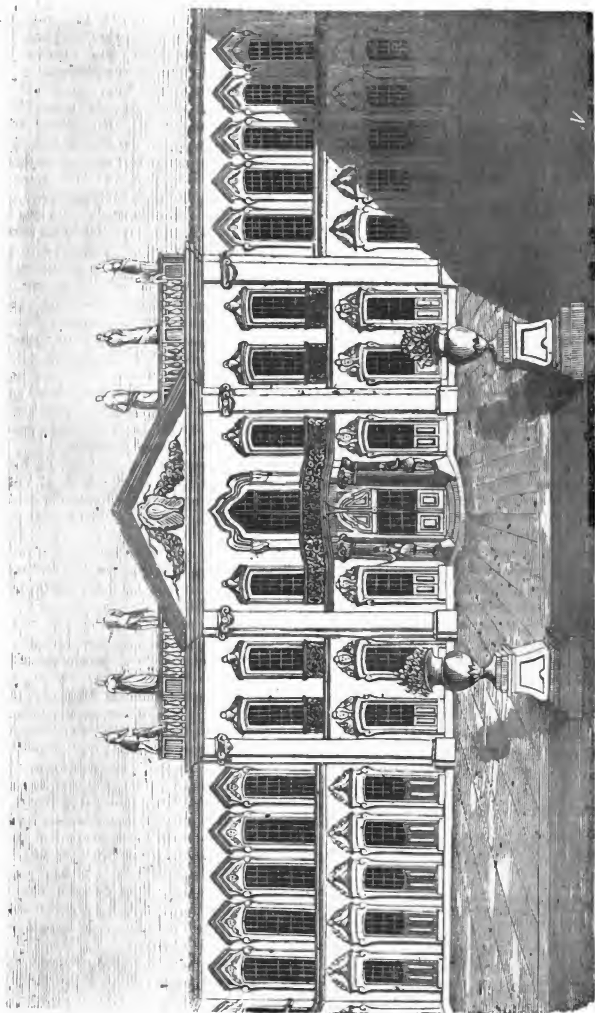
Em os periodicos agricolas, publicados em Buda (Hungria), inseriu-se um artigo assignado por Jatschka, em que este recommenda que se faça a poda das cepas no outono, em vez de ser feita na primavera.

Em um vinhedo das cercanias da dita cidade (diz o artigo) fez-se o respectivo ensaio, podando-se metade das cepas no outono, e a outra metade na proxima primavera.

Affirma o referido Jatschka que as primeiras rebentaram muitos dias antes das segundas; resultando ainda o beneficio d'uma baixa nos jornaes, que são mais modicos no outono do que na primavera.

Ao artigo, que inscrimos do sr. marquez de Rezende, pertence uma gravura que representa o palacio de Queluz, a qual não podemos publicar n'este numero, o que faremos no immediato.

(1) Para comprovar a singeleza do padre Estevão Cabral bastará dizer que, ouvindo elle cantar a senhora D. Marianna Victoria n'um serenim que houve no paço da Ajuda, virou-se para D. Lucas Giovini, dizendo em voz alta, e em ar de quem fazia um cumprimento: — a rainha canta mal, mas é desafinada, — o que excitou o riso d'esta princeza e de toda a companhia.



PALACIO DE QUELUZ

O COLLEGIO DOS NOBRES EM MOSCOW.

Do alto da torre de Ivan-Veliki no Kremlin a vista de Moscow, dilatada como a de Roma pelas encostas e faldas de muitas collinas, apresenta um aspecto que a imaginação engrandece. Os tectos das casas não são de telhas, de lousa, de colmo, ou de taboas, nem de outra qualquer materia empregada nos demais paizes; são todos de chapas de ferro e pintados ou de vermelho escuro ou de verde carregado; e este contraste de duas côres fortes misturadas confusamente é salpicado em todas as direcções e por assim dizer esmaltado de zimborios, coruchéos, e campanarios de innumeraveis egrejas.

Nem a grande Cordova dos arabes, segundo talvez mentiam os seus geographos, que continha duzentas mil casas e com ellas seiscentas mesquitas, cincoenta hospitaes, oitocentas escolas publicas, e novecentos banhos, tinha comparação com Moscow, na quantidade de edificios destinados ao culto.

Em eras antigas dizia-se proverbialmente que Moscow possuia quarenta vezes quarenta egrejas: os incendios, e as differentes occasiões em que foi tomada de assalto, juntamente com a acção destruidora do tempo, aniquilaram boa porção; mas, ainda lhe restam muitas e algumas reconstruidas, porque esta cidade é considerada santa pelos scismaticos gregos como os catholicos reputam Roma. Cumpre notar que a maioria d'essas egrejas, que ainda agora se contam em numero de novecentas, são apenas capellas de differentes formas, construidas no estylo e gosto byzantino e asiatico, e sómente merece especial menção a vasta e magnifica egreja de S. Basilio, de architectura gothica.

Entre os edificios modernos considera-se um dos mais elegantes o que foi palacio da familia Pashkoff, cedido á corôa pelos seus proprietarios, e que os soberanos converteram no gymnasio ou collegio dos nobres, para educação dos mancebos das classes hierarchicas do imperio. É a obra que no gosto moderno tem a primazia de mais perfeita na antiga capital da Russia, como a representa na fachada exterior a estampa que reproduzimos no passado numero.

M.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

I

NA LAREIRA.

Era em uma das frias e chuvosas tardes de Janeiro do anno de 1680. N'uma casa cerca á *Porta do Arco da Graça* (pouco antes conhecida pela *Porta da rua da Péla*, até que em 1657 ahi, n'um grande oratorio, se collocou a imagem de *Nossa Senhora da Graça*) mesmo no transito para o collegio de Santo Antão, achavam-se reunidas, junto a um brasido, quatro pessoas que compunham toda a familia de Aldonsa Peres, viuva de um honrado mercador, que juntara sua fortuna no trato das Indias.

Aldonsa Peres fiava a sua teia, occupação em que nem um unico dia deixava de pôr mão, afóra os santificados; pois n'este caso incorreria de certo nas censuras do seu confessor, e aquella boa dona, temente a Deus como era, nem por todo o cabedal que possuia (e na cidade se dizia que não era pouco) queria levar aos pés do padre mestre Gaspar a confissão de similhante peccado n'um dia consagrado ao Senhor.

Beatriz, sua filha, donzella de dezesete annos, e unica herdeira da fortuna de seus paes, lia em voz alta um livro de devoção que o padre mestre, havia tres dias, lhe dera para entretenimento do espirito e purificação da alma.

Sancha, criada antiga, e tão antiga que já o fôra da mãe de Aldonsa — e vira nascer esta e viera com ella para sua casa — sendo por isso tratada por Beatriz com as attenções de avó — passava vagarosamente por entre os rugosos dedos as contas de um grosso rosario, que fôra benzido em Roma, e mandado com outros pelo geral da ordem da Companhia de Jesus aos padres do collegio de Santo Antão, para presente de consoadas áquellas que se distinguissem por actos de virtude, e amor á ordem.

Marianna, moça quasi da edade de Beatriz, recolhida n'aquella habitação desde que aos sete annos ficara orphã, remendava um gibão de baeta amarella, com que a velha Sancha se costumava abafar.

Tal o quadro que repentinamente havia ferir os olhos de quem entrasse em casa de Aldonsa Peres, no momento em que principiámos a descrever as personagens da nossa historia.

Mas se acaso o espectador se demorasse um pouco mais, conheceria logo que algumas d'ellas nem todos os sentidos tinham empregados na sua occupação. A viuva parava um pouco com o fiado, para fazer repetir á filha uma phrase mal percebida; e Sancha, cruzada no chão, deixava pender a cabeça com a somnolencia propria da sua avançada edade, e mais duas ou tres contas lhe escorregavam pelos dedos, além d'aquella que devia passar. Por isso a obra das duas velhas não avançava — a da primeira pela frequencia das interrupções — a da segunda, porque ao estremunhar, olhava para a mão em que tinha o rosario, e conhecia que não ia tão avançada no *mysterio*, e fazia recuar não só as contas fugitivas, mas, por cautela, mais duas ou tres, para que chegado o *offerecimento*, não lhe faltasse um *Padre Nosso* ou uma *Ave-Maria*, antes sobejassem.

D'aqui julgará o leitor que as unicas absorvidas na tarefa eram a que lia, e a que remendava! . . . . De certo que não. As edades eram curtas de mais para uma e outra se entreterem assim; e por isso não deve admirar-se, dizendo-lhe que Beatriz erguia a miudo a vista de so-

bre o livro para a dirigir á porta como quem esperava alguem; e Marianna, trocando com ella olhares de intelligencia, deixava a agulha mettida no remendo, ora para chegar á janella a ver se a agua, que caia do ceo, já enchia o alguidar que tinha posto fora da porta, ora para perguntar a Sancha, se aquellas rajadas de vento, que se repetiam incessantemente, seriam indicio de trovoada.

Era já a sexta vez que tal pergunta interrompia a beatifica somnolencia da velha, e á qual acabava de responder, resmungando,—que se confiasse em Deus, pois não havia tal perigo—quando repentinamente o clarão de um relampago esclareceu a casa, e d'ali a seis segundos um trovão se deixou sentir; indicio certo, pelo tempo que mediou entre o raio e o trovão, de que a trovoada se achava a seiscentas toezas d'aquelle local. Porém as boas mulheres que não eram melhores mathematicas de que o acabamos de ver na avó Sancha, logo ao relampago soltaram um estremecedor *Ai Jesus!* que é a christã invocação em todos os momentos de agonia, e ao trovão cairam ajoelhadas repetindo a *Magnificat*.

Ao terminal-a, disse Aldonsa Peres para a criada:

—Corre ao oratorio e acende o cirio da ultima semana santa.... Olha; traz tambem a caldeirinha da agua benta, que o padre mestre Gaspar nos enviou sabbado de Alleluia, e o palmito santo que foi benzido no domingo de Ramos!

A moça ergueu-se toda tremula, e bem a medo se dirigia a cumprir as ordens da amá, pois os relampagos e trovões succediam-se encurtando rapidamente o intervallo, quando Sancha lhe bradou:

—Não te esqueças de vir tangendo a campainha do senhor S. Jeronymo.

—Beatriz, continuou Aldonsa Peres voltando-se para a filha, lê-nos as orações de Santa Barbára.

A filha levantou-se lentamente, e com os olhos erguidos para o ceo, como quem procurava n'elle um lenitivo á alma que está afflicta, foi buscar a uma arca o pedido livrinho, e com bastante fé principiou a sua leitura.

Terminadas as orações disse Beatriz:

—Madre minha, rezemos um *Padre Nosso* por aquelles que andam á estas horas fora de suas casas.

—E uma *Ave-Maria* pelos que se acham sobre as ondas do mar, que assim fazia eu quando teu padre, que Deus tenha sua alma no ceo, andava no trato das Indias.

—E um *Gloria Patri*, accrescentou Sancha, em louvor de Deus, que se digna livrar os infieis tambem d'este perigo.

Acabavam as mulheres suas devoções, quando Marianna volvia com o ramo e a caldeirinha de agua benta na mão esquerda e agitava na direita a campainha de S. Jeronymo.

N'esse momento um relampago mui vivo, que pareceu incendiar a casa, seguido immediatamente de um espantoso trovão—indicio de que a trovoada pairava sobre aquelle logar—e o cheiro horrivel de enxofre, deram a perceber que a materia ignea caira mui perto d'ali.

Não devemos admirar-nos que ellas, fracas mulheres, se aterrassem tanto com este phenomeno electrico, quando vemos muitos homens possuidos do mesmo terror superstícioso. Uma nuvem cheia de materia electrica, posta em acção, encontra outra que o não está, ou está menos carregada. Formam-se immediatamente duas correntes, uma effluente, outra affluente que se encontram, se chocam, e acendem todas as materias inflammaveis, e que se abrem passagem. Sua impetuosidade, junta á acção da chamma, produz no ar que as cerca uma agitação rapida. D'aqui provém a explosão. Um fragor que todas as nuvens visinhas e todos os eccos repetem, faz-se então ouvir. Levanta-se um vento impetuoso que dura pouco, e os vapores reunem-se, e caem em gotas sobre a terra.

Porém não damos aqui prelecções de physica, e prosigamos em o nosso conto.

As mulheres ficaram como petrificadas, sem poderem soltar uma palavra. Marianna largou das mãos a campainha de S. Jeronymo que rolou pelo sobrado dando um som agudo; e tambem a caldeirinha de agua benta, que toda se extravasou.

E a porta da rua abriu-se como a impulsos da rajada do vento!

Não o foi. Era o effeito natural da entrada de um homem.

Ao vel-o, Beatriz correu para elle, com um sorriso nos labios, e alegria nos olhos.

—*Senhora da Piedade!* Como vens, primo! A agua escorre por todos os lados! Estás mais remolhado que uma sopa bem embebida!

E a donzella foi ajudando-lhe a despir o comprido ferragonho que cobria o mancebo desde a cabeça até aos pés.

Era ver a alegria com que ella acolhia aquelle homem, cuja entrada fôra tão brusca, e a chegada era o termo de um turbilhão de pensamentos, de uma infinidade de preces que a donzella dirigira do intimo do coração, sem que os labios o significassem, n'aquella meia hora decorrida desde que principiámos a nossa narração.

—Não ouviste aquelle medonho trovão? Não viste aquelle terrivel raio, que necessariamente havia cair aqui mui cerca!... Porque te não acolheste a alguma pousada apenas principiou a chuva?... Para que te expozeste assim a este desabrido temporal?... Tudo por nossa causa, Simão!... Tudo por nós, madre minha!.... Olha como elle vem tão frio!... Está gelado!... Chega-te aqui para o brazeiro... Anda, Simão Rodrigues... anda... que nos hasde dar assim desgosto...

E Beatriz continuaria por longas horas suas

amargas reprehensões, nas quaes tomava de certo maior parte o coração do que os labios, se acaso Aldonsa Peres não a interrompesse, dizendo:

— Simão, desembaraça-te d'essa louquinha, e chega-te a mim para que te abençoe.

O recem-chegado tinha abraçado sua prima, e impresso, ás furtivas, um osculo n'aquella casta fronte, quando resoaram as palavras de sua tia. Dirigiu-se para ella, com o ar humilde e respeitoso de quem sempre a reconhecera como segunda mãe, e ajoelhando beijara-lhe a mão.

— Senta-te, filho, disse a boa velha. Não urgia tanto o negocio que viesses por este mau tempo.

— Louvado Deus, para lhe trazer uma feliz nova, não haveria tempestade que me detivesse. O mercador saldou sua conta, e não contando a ganancia d'elle, ainda temos tudo isto.

E mettendo a mão nos bolsos, d'elles saccou uma boa porção de cruzados que entregou a sua tia.

Foi n'esta occasião que a avó Sancha, recobrada do susto que lhe incutira o raio, pareceu acordar ao tinir d'aquelle metal. Olhou estupefacta para Simão, e com a tontice da edade lhe perguntou:

— Pois o raio não o feriu!

— Tão são e escorreito como me vêdes, avósinha! Não digo que não tivesse um deslumbramento ao penetrar na casa, vendo o raio cair ahi na cêrca do collegio de Santo Antão; porém havia em mim uma fé e uma esperança de que d'este limiar a dentro encontrar-me-hia a porto e salvamento.

Estas palavras foram ditas fitando os olhos nos de sua prima.

— Era porque nós, atalhou Marianna, oravamos por vós, sr Simão.

— Bem o creio.

E novamente olhou para Beatriz.

— E deveis crel-o, accrescentou sua tia. Ahi está entornada sobre esse sobrado toda a agua benta que havia em casa. Diz o padre mestre Gaspar que a agua benta purifica, e não deixa penetrar o demonio onde ella existe.

— Por isso Deus nos mandou o nosso anjo, accrescentou sua prima.

— « Sejas louvada, gloriosa Senhora, e por todos amada e glorificada, assim na terra como no ceo » — resmungou a velha Sancha, offerecendo o seu rosario, cujo ultimo *Gloria Patri* dos *Mysterios Gloriosos* acabava de repetir.

— Então o raio caiu na cêrca do collegio, sr. Simão? perguntou Marianna.

— Como o estou dizendo. Levantava a aldraba da porta, quando uma chamma brilhante e viva, rasgando o ceo, pareceu prendel-o á terra n'uma fita de fogo, tão ondulante que me fez doer os olhos. Tive unicamente tempo de pestanejar, e quando os reabri, o ceo estava negro e cerrado como um pego, o vento soprava com espantosa violencia, e o cheiro de enxofre era de suffocar.

— « Mas livrae-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bemdita » — repetiu Sancha em voz alta, pois n'este momento estava acabando a *Ladainha de Nossa Senhora*.

— É preciso, Marianna, que ámanhã bem cedo se mande saber do padre mestre. Com que susto não estará aquella alminha de Deus caindo-lhe o raio mesmo no collegio.

— Porém, madre minha, interrompeu Beatriz, que vontade de comer não terá Simão, que desde as dez da manhã anda correndo seca e meca por nossa causa!.... Se me dá licença?...

E a donzella fitou os olhos no chão.

— Sim... Sim. O pão está na arca, e no bofete está guardada a vianda... Vae, Simão, vae, que bem precisas refazer-te... Como esquecida sou do que primeiro me devia lembrar! Se o padre Gaspar soubera que a troco d'este dinheiro me deslembrei de cumprir a primeira obra de misericordia!... e do mais a mais sendo parente meu!...

— « Derramae sobre mim, Deus meu, vossa grande misericordia » — atalhou a avó nas suas supplicas pedindo perdão a Deus.

Beatriz e Simão não esperaram se lhe repetisse a ordem. A primeira, lançando meigamente o braço por cima do hombro de seu primo:

— Vem, Simão, lhe disse. Já basta de te afadigares hoje por nossa causa. Em soando as Trindades irás á rua dos Mercadores fechar a nossa loja, e depois te recolherás a casa da tia. Até então és nosso, para dar tempo a passar a chuva. Ámanhã...

Não se ouviu o resto, que, assim fallando, ambos tinham entrado na casa de jantar.

— Ide, meus filhos, disse Aldonsa Peres, revendo-se n'aquelles dois pedaços da sua alma, porque uma era filha das suas entranhas, e o outro seu afilhado de baptismo, e de todos os seus sobrinhos o mais querido: ide, e que Nossa Senhora das Virtudes vos faça dignos um do outro.

E lhes resou nas costas um *Credo* em cruz, como presagio de prosperas venturas, e para Deus os livrar das tentações do demonio.

No entanto, Marianna, mais tranquilla, continuava a remendar o gibão da avó Sancha, sem lhe importar já com o alguidar, que estava trasbordando d'agua.

Sancha, que acabara as suas orações, estava novamente immergida n'aquella somnolencia, que de tempos a tempos interrompia para mastigar as primeiras palavras da oração dominical.

E a trovoada ia correndo para tão longe, que já os ouvidos a custo apercebiam o ribombo dos trovões.

. . . .

. . . .

Continua.

DILUVIO DE LUZ.

«Vocavi, et renuistis: extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret.
«Despexistis omne consilium meum, et increpationes meas neglexistis.»
PROVER. — I, 24-25.

«E que diluvio de muitas aguas é este? É a multidão de afflicções, e angustias, que n'aquella hora como um diluvio afogam o coração dos que se guardaram para ella... n'aquelle tropel, e tumulto de cuidados, de affectos, de dôres, de penas, de temores, de irresoluções, de assombros, e n'aquelle verdadeiramente diluvio de ancias, e angustias mortaes, opprimido, e afogado o homem dentro, e fora de si mesmo, nenhum haverá que tenha forças, ou tino para nadar á Arca da salvação e nenhum que se possa chegar a Deus, ainda que quizesse.»
VIEIRA — SERMÕES, VI PARTE, § 314.

I

Pouco mais de quatro mil e duzentos annos ha, que se deu na terra um estranho espectaculo. Nuvem espessa involveu e toucou uma altissima montanha, e figura extraordinaria surgiu do meio d'ella, com semblante entre magoado e triste. Eccoando em todo o mundo, sua voz, acompanhada d'uma orchestra solemne de raios e trovões, declamou assim:

«Terra! As tuas iniquidades chamaram sobre ti o açoite do ceo!

«Eu suspiro e gemo com amargura do meu espirito. Como o mar grande é o meu desfallecimento!

«A ingratidão derramou-se em todos os corações. O rancor de Satanaz não respeitou o homem feitura do Eterno!

«Possessos levantaram a espada sobre os que foram sempre presentes aos olhos de Deus. E castigaram-n'os. E o sacerdote e o propheta foram mortos no santuario. E as solemnidades ermas. E a lei suprema rota e calcada aos pés pelos endemoninhados!

«Vassallos possuem o mundo e se tem enriquecido n'elle. O verdadeiro povo de Deus mendiga o pão, morre sequioso de justiça.

«Boas e más doutrinas cresceram a par. Hoje não ha quem extreme a boa da má semente!

«Da má, digo eu, o que um dia se dirá d'um templo da terra: *não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derribada!*

«Os primeiros de hoje serão dentro em pouco os ultimos e os servos; as más hervas cortadas pela raiz; a eira limpa; o trigo recolhido no celeiro; mas as palhas queimadas em fogo que jámais se apagará.

«Filhos das trevas! O Senhor vae levantar-se contra vós, pela multidão de vossos crimes!

«Essa mancha caliginosa, que poderá delil-a? O marmore, de que a cegueira e a baixeza vos fizeram estatuas, já presente destruição e sua de vergonha!

«Tocastes o termo da maldade. Tambem vos chegará o calix. Sereis d'elle embriagados e sereis despidos!

«Recebereis o pago como merecem as obras de vossas mãos!

«O Senhor vos perseguirá no seu furor, e fará pó debaixo dos ceos!

«Não póde a razão por si só trazer a concerto os membros desconjuntados. Hade o castigo e a destruição ser escarmento e vindima dos maus!

«O tempo está proximo. Filhos das trevas, se sois justos como Noé, aparelhae uma arca e salvae-vos do cataclismo, que já assoma no horisonte, e vos inclina a fronte para o nada!

«Depois virá o dia do triumpho, e o reinado da justiça!»

II

Parte do annuncio sobrehumano cumpriu-se. Pouco depois só o disco luminoso do raio cortava a escuridão pavorosa. A todos faltam as forças. A vista cansada em vão corre em torno. Fechada em estreito horisonte só acha ceo bronzeado que ameaça morte, serras d'espuma, escarceos que sobem do abysmo, e borrifam tudo com o rocio salgado. Nem vento amigo, que abrande as torrentes de chuva incessante! Para castigo da raça humana abrem-se as cataratas do ceo, rompem-se as matrizes do grande abysmo! Ao abrir das nuvens e desentranhar das aguas, rispido fragor retumba nos ares! Escurecidos sol e lua, pareciam cair do firmamento as estrellas, e finar-se toda a edade corrupta.

O successo é solemne. O premio ou o castigo pendem sobre todas as cabeças: feito será das que não tiveram o refugio da consciencia. A ultima hora aproxima-se.

Assim passam os primeiros dias d'afflicção. Os precursores do cataclismo e da confusão deram-se. Muitos vieram falsamente em nome do Senhor. Ouviram-se guerras e rumores de guerras. Nações e reinos se levantaram entre si. Lavraram pestes, fomes, e terremotos. Pela verdade havia attribulados e mortos; aborrecidos, escandalisados, e entregues por traição. A iniquidade multiplicara-se: a caridade resfriara. Só a liberdade, a innata tendencia civilisadora dos povos, não podia perecer ali, porque quasi nem era conhecida. Fôra sempre perseguida e acutilada, como Pedro acutilou Malco, porque era o que levava a luz, o unico que então luzia, de quantos invadiam o Horto.

A inundação cresce como phantasma gigante! A trombeta fatal a todos assigna o termo da existencia. Repercute na densa escuridade que cega, nas nuvens que de si escorrem mares, nas nevoas que embriagam.

Sombras fecham o firmamento. Sol e estrellas estão encobertos para sempre. Passageiro relampago lampeja n'esta scena de terrores. Os raios são fanaes, que rasgando os ares alumiam este espectaculo de tremenda destruição.

Quanto havia nos plainos tudo desapparecen já. Tufões negros derrancam quanto ha nas montanhas; levam tudo aos ares em medonho redepio, brincam com moles immensas, como agitam

e baralham no espaço as folhas seccas do estio, e em vortice rapido mandam tudo ao abysmo.

O mar rompe seus diques. As fontes convertem-se em torrentes. São mares os rios; trasbordam furibundos, espraiam-se pelos campos, tudo derribam e arrebatam. Plantas, gados, gentes, habitações, que é feito d'elles? Terra e mar já tudo se confunde. Tudo é mar. O mar já não tem praias. Poucos já restam. Que foi feito de paes e irmãos? Tambem dentro em pouco lhes chegará a hora da confusão e do naufragio. Tudo vae perecer n'esse lago infindo.

Soberbas torres de marmore tremem, e rotas e aluidas caem nas ondas. Campos, que é de vós? Trabalham remos onde até aqui puxavam a charrua. Boiam embarcações desmantelladas sobre campos de messes, e aldêas subvertidas. Bosques e edificios tudo lá jaz. Até rochas escarpadas combatidas das vagas se despenham no pelago. Já torreões de espuma cobrem as serras. As ondas fremem nos mais fragosos picos. Vagas medonhas alumiadas pelos raios sobem até ao cume das cordilheiras. Cada uma rola comsigo milhões de cadaveres. Os fugitivos, que vão de praia em praia sem descanso, são atropellados pelos mortos. Quando os infelizes crêem ter conquistado um refugio, as ondas galgam mais ligeiras do que elles e lh'o disputam.

Gritos d'afflicção e brados lastimosos eccoam nos ares. São das victimas. Na maior agitação e agonia trepam em vão por montes alcantilados. Já não ha refugio. A onda que alaga os pés é a tumba que conduz ao eterno jazigo.

Retumbam insolitos lamentos. Que horror! A rocha, recamada de gente espavorida, vacilla em seus fundamentos, despega-se e desapparece.

O filho, que buscava salvar o pae moribundo, lá escorrega. Absorve-o a torrente caudal. A pobre mãe já não pode subir a escarpa do rochedo, e vae augmentar por sua vez o numero das victimas. Os filhinhos, a quem poucos momentos já resta de vida, soltam medonhos gemidos. Transidos de terror ainda estendem os bracinhos nús. Mas o ceo feito bronze, forrado de nuvens desapiedadas não os ouve, abandona-os, ensurdeceu aos clamores dos innocentinhos. Nem barca nem oiteiro pode salval-os.

Já para as aves, que esvoaçam anciadas, não ha terra em que descansem o vôo. Exhaustas de forças caem n'agua e ali acabam. Que farão já agora os poucos homens que ainda restam, quando a aguia succumbe? Lobo e ovelhas ali andam juntos. Por sobre os mares boiam leões e tygres. Toda a humanidade perece. Toda a terra vae jazer alagada para afogar a má semente, que só por nova e melhor sementeira póde o mundo regenerar-se!

. . . .

Tudo pereceu! Não ha em toda a natureza signal de vida! Só a grande arca de madeira que guarda as reliquias das especies, boia agitada por sobre o cataclismo!

Continua. JOSÉ DE TORRES.

O ESCRAVO BRANCO.

Quem nunca saiu da terra
Onde lhe coube nascer,
Não sabe o que são saudades
Que a alma pode conter!
Da nossa patria a lembrança,
Até a fé em Deus cansa,
Quando nos morre a esp'rança
De tornal-a ainda a ver.

Eu nasci longe d'aqui,
E do meu solo natal
Trouxeram-me as ambições
A este imperio real:
Imperio que no passado,
Do mesmo rei governado
Foi um irmão extremado,
Dos reinos de Portugal.

Dizem lá por entre os meus
Que quem quer muito ganhar,
Parta ás terras do Brazil
Ricas fortunas buscar;
E este dizer tão mentido,
Me faz hoje estar vendido
Rival do negro abatido
Sem me poder resgatar!

Eu era pobre, mas livre
Vivia na minha aldeia,
Tinha afagos de familia
Que longe por mim pranteia.
Agora tenho a saudade,
Dos gosos da liberdade
Que troquei n'uma vaidade
Aos lucros da terra alheia.

Eu tinha no meu casal
Santo dever a cumprir
Do trabalho do meu braço
Tinha irmãos a nutrir:
Tinha a mãe pobre, mirrada,
Que lá anda abandonada,
De porta em porta arrumada
Com seus filhos a pedir.

E quem pudera contar
Em horas de afflicção
Maldições que tem o filho
Nascidas do coração!!
Quando a mãe ao caminhante
Estende a mão vacillante
E por esmola constante,
Tem desdem, em vez de pão!

Nasci humilde, quiz muito
Tornou-se em nada o meu pouco:
A sina que Deus me deu
Quiz mudal-a: fui um louco!
Querendo thesouros buscar,
Só aqui vim encontrar
Dos gemidos que soltar
Um ecco fugindo rouco.

Se do pobre escravo branco
Ás terras de Portugal
Levasse vozes o vento
E o vento fosse leál,
Lá diria em tom sentido
Que o branco já é vendido,
Aonde outr'ora era tido
Como um irmão sem rival.

Mas peito cala estas magoas,
Guarda-as bem no coração!
Estranhos se as ouvissem
Davam-lhe em paga irrisão.
E o pobre escravo merecia,
Que a liberdade perdia
Quando a mente concebia
Regalos de cortezão.

Mas a esp'rança inda vive,
E juro á fé de christão
Nos braços de minha mãe
Ser livre sem ambição.
Qu' eu sinto n'alma gravada
Essa verdade sagrada
Que tanto a cruz é pesada
Maior é a redempção.

8 de Novembro de 1856.

A. M. Veiga dos Santos.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

PATRIARCHAS.

O nome dado aos antepassados do Salvador do mundo, considerado no ponto de vista das suas relações com a humanidade, foi o de *patriarcha*. Significa pae, ou chefe da familia.

Devem distinguir-se tres classes de *patriarchas*. Os que existiram antes do diluvio; os que viveram depois do diluvio até á vocação de Abrahão; e os que se seguiram desde essa epoca até á servidão do Egypto.

Os doze filhos de Jacob, que pertencem á terceira epoca, são os que marcam distinctamente as doze tribus do povo de Israel, porque cada um d'elles foi o chefe das respectivas tribus.

Não será prodigio o considerar-se a longa vida de cada um d'estes patriarchas? Assim era necessario, para que Moysés escrevesse o que existia na memoria dos homens, especialmente n'um tempo em que a traducção mutua era a unica historia que se transmittia de paes a filhos.

Vejamos uns poucos de exemplos.

Adão, pelos calculos da Escriptura Sagrada, viveu cincoenta e seis annos com Lamech.

Lamech, viveu quinhentos e noventa e cinco annos em companhia de Noé.

Noé viveu quatrocentos e quarenta e oito annos com Sem.

Sem viveu cento e cincoenta annos com Abrahão.

Abrahão viveu setenta e cinco annos com Isaac.

Isaac viveu trinta e tres annos na companhia de Levi, que foi o avô da mãe de Moysés, a qual se chamava *Jocabed*.

Note-se mais, que Deus empregou unicamente dez *patriarchas*, ou chefes de familia antes do diluvio para a transmissão das grandes verdades da religião; que depois d'esta desgraçada epoca se não serviu de maior numero de instrumentos, porque dez foram tambem os *patriarchas*.

Vivendo seculos em companhia uns dos outros, fallando e entretendo-se reciprocamente dos prodigios a que tinham assistido, não é para admirar que estes primeiros historiadores do mundo nos transmittissem pura a verdade, no meio da depravação que corrompeu a especie humana.

Alem d'este grande fim que o Eterno marcou á longa vida dos primitivos *patriarchas*, devemos considerar a necessidade de se povoar a terra, formando assim a sociedade humana.

Até os nomes d'estes *patriarchas* eram uma especie de simples monumentos. Denotavam o que o seu nascimento tinha de singular, ou o favor especial que recebiam de Deus, ou algum successo memoravel do seu tempo.

Venhamos aos exemplos.

Adão, significa o homem terrestre.

Eva, a mãe dos viventes.

Phaleg, a divisão. Foi no seu tempo que os filhos de Noé se dispersaram.

Abrahão, o pae de uma grande geração.

Assim fica demonstrado, que estes nomes, cuja significação se explicava de paes a filhos, eram um monumento mais valioso do que esses que as posteriores edades levantaram amontoando pedras.

Até este cuidado de assim transmittir á posteridade os grandes feitos, e esta previdencia do futuro, faz honrada e distincta a memoria dos troncos primitivos da raça humana.

DILUVIO.

Procure-se o mais insignificante povo da terra, investigue-se o mais policiado, ou o mais barbaro, e n'elle se encontrará a tradição do *diluvio universal*.

No Oriente foi celebre sempre a arca, na qual se salvaram os restos do genero humano, e tambem os logares onde ella parou depois d'esta terrivel catastrophe.

Pergunta-se, porém, apesar do testemunho de todos os povos, que dimensões não eram precisas a este grande navio salvador da especie humana, para conter, não só milhões de animaes, mas egualmente os necessarios alimentos para um anno.

Examinando-se os livros santos, n'elles se encontra a medida d'esta arca. A sua capacidade era de cento e cincoenta mil toezas. Repare-se hoje na capacidade dos maiores navios de guer-

ra, calcule-se a sua artilheria e munições; a sua equipagem; a tropa; as provisões necessarias para toda essa gente, e diga-se depois se entra na ordem do impossivel haver na arca, com aquellas dimensões, o sustento necessario para oito pessoas, com os pares de animaes que Deus determinou fossem n'ella guardados.

Devemos lembrar-nos egualmente que as especies primitivas dos animaes não eram tão numerosas como o são hoje. Alguns autores as computam em oitenta e sete.

A razão pode ajudar-nos no calculo d'estas especies. Não sabemos hoje que as raças se apuram e multiplicam pelo cruzamento? Por exemplo na especie canina, quantas raças ha hoje, que não existiam ha vinte annos? Olhemos para um viveiro, e examinemos depois de que as vergonteas se fizeram arvores fructiferas a immensa variedade que saiu da mesma semente! Quantas flores differentes não saem da semente de uma unica flor?

A natureza, uniforme nas suas funcções, varia sempre nos seus detalhes. Nos animaes a experiencia, o estudo e a sciencia tem convencido a especie humana dos mesmos resultados, que os fructos e as flores nos tem apresentado.

Lancemos os olhos para as variedades que se notam mesmo na especie humana. Que encontramos n'ella? Brancos, pretos, mulatos, fulos, acobreados, etc. Uns de estatura agigantada, outros anões. Alguns extremamente gordos, varios excessivamente magros.

E comtudo elles não são de origem differente, nem ha diversas especies de homens. O cabello mais liso ou mais crespo, mais fino ou mais grosso, olhos mais claros ou mais escuros, tez mais pallida ou mais colorida, não passam de ser simples accidentes da forma externa. As partes internas, a construcção essencial do physico são sempre as mesmas. Aquellas (as externas) podem depender do tempo, do clima, e de outras causas que nos são desconhecidas; estas, são as que verdadeiramente constituem o genero.

Prova-se mesmo que estas variedades não são mais do que effeitos passageiros considerando-se que ha povos, que tendo sido primitivamente negros, pela sua transplantação para outros paizes, ou incorporação em diversas nações tem tomado differente côr; isto é, tem ficado tão brancos como os originarios do paiz para onde vieram.

Bem sabemos que a este respeito, e muitos outros, como por exemplo, os motivos porque Deus, ou o Ente Supremo, fez morrer todos os animaes, se submergiu a terra, etc., fazem os incredulos repetidas interrogações. A resposta está na *Escriptura Sagrada*, e não vimos aqui defender a these. Apresentamos os factos. Estes bastam para responder n'este caso. Está provado pela sciencia, e pela descoberta dos fosseis ou animaes antidiluvianos que o *diluvio* foi universal. Isto nos basta para confirmar a authenticidade das lettras sagradas.

Ainda se tem opposto ao *diluvio* outra objecção; e vem a ser: — «Como possivel que uma chuva de quarenta dias inundasse todo o globo terrestre?

Tambem a resposta é facil, e unicamente a demencia ou cegueira poderia inventar a interrogação. Leia-se a *Escriptura*, e veja-se o minucioso cuidado que ella emprega em nos indicar todas as fontes d'esta terrivel chuva. — «O mar trasborda; abrem-se os abysmos da terra; esgotam-se todos os reservatorios dos ceos!» — Que quantidade d'agua não podia sair d'ali? Calcule-se, se é possivel, ainda mesmo que se não deseje metter em linha de conta a Omnipotencia de Deus.

Ainda outra objecção a este terrivel castigo. Se a terra esteve submergida pelo espaço de um anno, como é possivel que as sementes, plantas, e arvores se não corrompessem?

E quem não sabe que os pantanos e os mares tem plantas proprias? Quem ignora que as arvores se conservam nas aguas? Concedamos ainda que os troncos das arvores se destruissem e corrompessem cobertos um anno pela agua; mas as suas raizes, fortalecidas por um sol vigoroso depois d'aquella inundação, acaso não rebentavam mais robustas e virentes? Não fallamos na possibilidade de que Deus expressamente as conservasse, como a sciencia já descobriu que se conservam incorruptas as sementes involvidas na terra, ou no limo.

DURAÇÃO DA VIDA HUMANA.

A sua declinação depois do *diluvio universal* explica-se physicamente, sem recorrer a outra origem. Os succos enterrados ou contidos na terra alteraram-se necessariamente por essa grande massa de aguas que caiu, e pelo longo periodo que a inundaram.

O ar, carregado d'uma excessiva humidade, desinvolveu e fortificou os principios da corrupção.

Seguiu-se d'aqui achar-se enfraquecida a primitiva constituição do universo; e por tanto a vida humana, que até á occasião do diluvio se estendia a seculos, diminuiu progressivamente.

Tambem, por este mesmo motivo, as hervas e os fructos não conservaram a sua força primitiva. Então foi preciso dar ao homem um nutrimento mais substancial; e este se encontrou na carne dos animaes. Apesar d'isso o novo alimento não pôde suster o progresso descendente da vida; que já no tempo de David chegara ao ponto d'elle dizer: — «Os dias da nossa vida, ordinariamente não passam dos setenta annos; e se os mais robustos chegam a viver oitenta, já é com muito custo e muitas dôres.»

Continua. A.

Damos hoje, como promettemos, a estampa que representa o palacio de Queluz.



THEATRO DE MACRI.

Os amphitheatros eram edificios puramente romanos, de que os gregos não usavam; portanto, á epoca do dominio romano pertencem todos os que ainda existem na Asia Menor, nenhum dos quaes, comtudo, é comparavel na grandeza, nem no estado de conservação, aos de Italia e da França. Sobre uma eminencia, visinha a Nicea, acham-se umas ruinas, denominadas agora o palacio de Theodoro, pequena porção da muralha e quasi todo o alicerce ainda permanecem como monumento eterno da solidez das construcções romanas; ahi se contam doze varandas subterraneas de abobadas dispostas em forma circular e declinando para o centro, circunstancias que denotam que não podia ser senão um amphitheatro. O de Angora na Syria está quasi no mesmo estado; mas as fieiras de tijolos misturadas com as pedras que o compõem marcam-lhe epoca menos antiga que a de Augusto. Tambem se encontram vestigios de uma obra d'esse genero em Bergamah, antigamente Pergamo, capital do reino d'este nome, fundado por Attalo, um dos generaes de Alexandre Magno.

As ruinas de theatros ainda são mais raras na Asia Menor, mas a sua conservação é em geral mais perfeita do que as dos de Italia á excepção de Pompeia e Tusculum. O que é representado em nossa estampa está situado á beira do golpho de Macri e faz parte das ruinas de Telmisso: é como quasi todos os theatros da antiguidade fabricado no declive de uma collina que sustenta uma grande porção dos bancos dos espectadores; todo o semicirculo acha-se bem conservado; mas, as extremidades que o reuniam ao palco scenico, como não eram sustentadas pelo terreno, já desappareceram de todo. O theatro de Laodicea e outros na mesma região existem egualmente em bom estado comparativamente aos de outras partes do mundo, onde ainda se observam essas provas da magnificencia do povo rei que assoberbou a terra.

M.

Os monarchas devem identificar-se com as nações; mas os thronos devem estar sobranceiros a todas as facções.

—

No theatro do mundo alternadamente todos são actores e espectadores.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

I

NA LAREIRA.

Continuação.

N'este entrementes que Aldonsa Peres e Marianna continuam sua tarefa, sem a interromperem, Sancha finalmente ronca bem ferrada no somno, e Beatriz acompanha seu primo Simão Rodrigues á refeição, tentemos descrever estes dois personagens.

Principiemos por Beatriz.

Não julgue o leitor que vamos á antiguidade pagã procurar o cinzel, com que os famosos estatuarios da Grecia e de Roma cinzelavam os grupos das suas donzellas, para levantar com elles o gracioso busto da virgem christã. O rosto severo d'aquellas só pode traduzir a expressão da alma materialisada — expressão que se não casa com o perfil gracioso da donzella que deve reproduzir a idéa grandiosa de uma religião toda espiritual.

Nem seus famosos pinceis, nem suas riquissimas palhetas tambem nos servem para traçar e colorir o graciosissimo rosto das nossas virgens, poetisadas pela crença de um goso ineffavel que lhe desprende o espirito da forma terrena, para lh'o divagar pela infinidade dos espaços. A grega Iphygenia, resignada ao sacrificio, tem a expressão de uma dôr mundana; a martyr christã, correndo ao supplicio, retrata em todas as feições a alegria, que lhe inunda a alma, vendo aproximar-se a hora de se reunir ao principio immutavel de todas as coisas. Uma e grande nos affectos do mundo; a outra é sublime na crença do espirito.

Será, portanto, a nossa descripção mais apropriada ao typo que apresentámos.

Beatriz, collocada no meio termo entre a estatura elevada e baixa, achava-se n'aquella mediania, que não apparenta a mulher de altiva para pretender a independencia, nem de fragil para unicamente vegetar encostada ao arrimo que a ampare.

Ao vêl-a dir-se-hia logo moldada para ser verdadeiramente a companheira do homem, e não sua tyranna, nem sua escrava.

Submissa em termos taes que não rastejavam na escravidão, sabia assumir a dignidade propria nas occasiões em que á mulher se exige o esforço e a constancia de mãe ou de esposa.

Reunindo á lucidez da sua intelligencia uma percepção clara, e naturalmente sagaz, parecia fadada para conselheira d'aquelle que a desposasse; e não talhada para lhe impor absolutamente a sua vontade.

O perfil d'aquella cabeça apparecia como circundado de uma aureola de bemaventurança celestial — resignada ao sacrificio quando fosse mister, sublime no amor quando chegasse a amar.

Seu rosto mimoso moldurado em longas madeixas de cabello côr d'azeviche, tomava alternativamente a expressão de uma doce melancolia, ou uma suave alegria, segundo o estado d'aquella alma; e seus olhos, meigos e maviosos, traduziam a languidez de uma terna saudade e esperança, ou o fulgor de um casto amor e reciproca sympathia. Nas linhas severas de um nariz bem contornado, não appareciam as rugas de quem se possue de colera ou odio; e em seus labios delicados que matisavam o carmim com o alvo de uns finissimos dentes, liam-se palavras de affecto e candura, que outras não podiam manchar, nem ter saida por aquella pequenina bocca costumada sempre á verdade, e nunca a mentir. Sua engraçada barba, posta em relevo por uma feiticeira covinha, rival de outras duas que se lhe descobriam nas faces ao sorrir, completavam o todo d'aquelle rosto que se unia ao tronco por um collo de cysne, e ao qual se seguiam as formosissimas formas da mulher qual o Eterno as destinou para alimentação da especie humana. A cintura era tão delicada e tão flexivel como o vime que graciosamente se curva. Ao ver-lhe seus pequeninos e delicados pés julgal-os-hieis pertencerem aos anjos, que os trazem sempre poisados em transparentes nuvens de azul e oiro!

Tal era Beatriz.

E Simão Rodrigues?

Não lhe busqueis o typo nem na classe elevada da sociedade, onde a alvura da pelle transparenciando as veias, e uma symetrica proporção de formas logo vos denunciam o apuro da raça; nem na mais infima, onde a rudeza do trabalho, a escassez dos recursos, e a negligencia que a acompanha desde o berço, causam uma especie de estranheza ao espectador logo ao primeiro aspecto.

Ide procural-o á classe media—á burguezia, que participa da primeira pelos desvios de ambas, e procede da segunda por essa lei natural que a impelle a elevar-se. Quer abastada, quer vivendo na mediania tem sempre um cunho que lhe é peculiar; e por isso nunca desce aos misteres mais rudes da vida, nem se consome na indolencia da primeira classe. Trabalha, e vive do trabalho honesto — do trabalho que enriquece o estado porque é o seu nervo; que alimenta a classe mais baixa, porque lhe dá emprego; que negoceia com a mais nobre, porque lhe offerece o necessario aos seus commodos. É, emfim, a classe do empregado, do militar, do proprietario, do lavrador, do negociante, do artistista, e de outras eguaes profissões que se honram e os honram.

Varonil, sem pretenções ás formas robustas do athleta; apessoado, sem tendencias á galhardia do guerreiro; bem feito e contornado, sem rastejar pela effeminação; trigueiro algum tanto na côr da pelle, cerrado na barba, negro em

cabellos, tal era a pessoa do primo de Beatriz.

Em quanto ao moral — de caracter franco, e honestidade exemplar, sem nunca se torcer a preconceitos ou ambições, sabia conservar tão intacta, na edade de vinte seis annos, a fé commercial, que sua palavra bastava de garantia a qualquer somma, por mais exorbitante que fosse, apesar da mediocridade da sua fortuna. Por isso era muito estimado pelos da sua classe de mercador; e mais de um havia lançado sobre elle vistas de alliança com as filhas que tinham, no interesse de não verem desbaratada sua fazenda; pois ao contrario, Simão era homem, pelo seu trabalho, intelligencia, e actividade, para dobrar, ou triplicar os cabedaes.

. . . .

Agora que conhecemos a um e outro, e elles voltam a sentar-se á lareira, continuemos a narrar os acontecimentos d'este dia.

— Á fé vos digo, minha tia, que o mercador Samuel era bom para thesoureiro da casa d'el-rei. . .

— Dize primeiro, Simão, se comeste a fartar, ou ainda ficaste algo-rem por saciar?

— Graças a Deus, por mais que me apresentassem não teria gana.

— Bem sabe que o primo alimenta-se de bem pouco. Bem ateimei para não deixar restos; foi o mesmo que martellar em ferro frio. Ainda ficou com que alimentar a dois pedintes, se por vendaval tão solto aqui viessem pedir esmola.

— Mas como ia fallando; encontrei-me com Samuel quando elle vinha do *Tronco*, de metter em ferros d'el-rei um desvalido, que por lhe sonegar fazenda que não teria de conto mais de dois ceitis, se tanto eu dera. . .

— O deshumano!

— Caiu em boas mãos a triste prêa; mais lhe valera ser captivo da moirama.

— Qual! . . . . . Sr. Samuel, lhe disse eu depois de regularmos nossa contagem, que, a juisos meus, não lhe ficou pouco no trato, apesar de mutias protestações de que tivera perda quando se lhe alvitrava ganancia. Não, que me não cegam assim as fallas brandas que elle emprega! . . . . Sr. Samuel, lhe disse: — Aqui está um cruzado que é sua estima pela fazenda, e vamos ás justiças pela liberdade d'esse homem. . .

— Sempre bom! honrado sempre! exclamou sua prima.

— Encontrou-me com fallas de demora, por esquivança ao mau tempo. Onde ha tardança, retruquei, se um homem se afoga!... Partamos já... E assim foi, que logo se portou por fé estar intuirado Samuel; e Vaz Gil, que assim se chamava o revendão, m'o agradeceu, ao ver-se solto, com muito cortezos meneios, e um forte aperto de mão.

— Se eu fôra rainha, disse Marianna, solicitara d'el-rei, ou mandara ás gentes de sua justiça transpassar os ferros de um para o outro.

— Bem fizeste, Simão, lhe disse sua tia. É obra meritoria qualquer alma tirar de pena com um *Padre Nosso* que se reze; não menos digno é porém aos olhos de Deus soltar um pobre encarcerado.

— E por mim te agradeço, primo, essa boa acção. Tenho que d'ahi nos hade vir ventura.

E assim dizendo, Beatriz levantou-se d'onde estava sentada, poisou com muito cuidado no mesmo sitio a almofada em que costureava uma capinha das que então andavam em moda, e foi direita a Simão dar-lhe um meigo aperto de mão.

Quem poderá descrever o effeito d'aquella acção no enamorado mercador?

Bastará dizermos que Simão se ergueu febril e agitado.

— Louvado Deus! por uma coisa de tanta desvalia, gabos tamanhos! . . . Ora já que vou tão miudo heide-me aventurar a contar-vos tudo. Vaz Gil que tem moradia cerca ao *Arco da Tanoaria*, além me guiou; e encontrei-me com sua mulher, e filhos que pranteavam aquelle tristonho successo. Ao assentar olhos n'elle, não tomavam por desengano a verdade do que estavam vendo; e forçа foi repetil-o muitas vezes para o crerem. Então a mulher enlaça-se-me ao pescoço, e os filhos abraçam-se-me ás pernas, que força me foi tambem chorar de enternecido; e por esquivar-me áquella scena vim seguindo de enfiada pelo Rocio, senão ainda até ora estaria ouvindo palavras de gabo. . . Vêde que só ao recordal-o as lagrimas se me escapam dos olhos.

Mas não era sómente nos d'elle que estas pregoeiras da alegria ou dôr, borbulhavam e bem grossas; tambem os lindos olhos de Beatriz se debulhavam em myriades de aljofares, que, deslisando-se-lhe pelo rosto, similhavam perolas da aurora escorregando levemente pela rubra folha da rainha das flores.

Aquelle chorava de enternecimento pelo quadro que acabava de presencear; esta, de seu natural benefica e bemfazeja, por conhecer que amava um enté capaz de comprehender-lhe os sentimentos de sua alma.

Bom depressa estas lagrimas de felicidade se apagaram e seccaram, como se um vento abrasador as viera extinguir, ou um ardente raio do sol as resequisse no calice da flor onde estavam depositadas.

Bastou o som da aldrabada na porta da rua, e o timbre de uma voz bem conhecida, que penetrou agudamente por entre as rotulas da adufa, para aquellas lagrimas refluirem ao coração, que estavam alliviando, e trocar aquella scena de ternura n'outra de constrangimento.

Aldonsa Peres largou tão depressa o fiado, e com tanta precipitação se levantou para ir descerrar a porta, que por pouco não caiu sobre Sancha.

Esta, só n'esse momento acordou; e á noticia de ser o padre mestre Gaspar, desencruzou

as entorpecidas pernas, e foi seguindo sua ama.

— A benção do Senhor seja comvosco. Disse o padre mestre, entrando com o seu companheiro, e estendendo a descarnada mão ás duas velhas, que reverentemente lh'a beijaram.

E ao pronunciar estas breves palavras relanceou os olhos pela casa, e ao aperceber Simão, que se encostara com sua prima á janella, que se abria para o lado da *rua da Péla*, franziu imperceptivelmente o supercilio, e contrahiu os labios com um leve sorriso de desdem, mas tão rapido, que a vista mais perspicaz não lh'o perceberia.

Simão sentiu como o calafrio percorrer-lhe o corpo; e Beatriz apertou involuntariamente o braço a seu primo, como se um presentimento a impellira a pedir-lhe amparo.

Era a força da repulsão que assim actuava sobre aquelles tres individuos, que não tendo ainda motivos de aggravo entre si, já se aggravavam só da vista.

E quem pode dar razão da sympathia ou antipathia que sentimos por uma pessoa logo á primeira entrevista?

Ninguem.

E, comtudo, esta força de attracção ou repulsão é bem natural!

Não teem os animaes instincto para conhecer as plantas que os podem nutrir ou matar?

E porque não hade tel-o egualmente o homem n'estas affeições ou desaffeições da alma?

O padre mestre Gaspar, retomando a impenetrabilidade do rosto, que a ninguem permittia mergulhar-lhe a vista no coração para esquadrinhar-lhe os pensamentos d'alma, dirigiu um candido comprimento a Beatriz, e uma leve saudação a seu primo.

— Oh! Como bella se vae reflorindo a açucena do Senhor, cultivada nos jardins da sua graça!... Como é santo ver a benção de Deus unir no espirito da nossa religião duas pessoas pelo sangue humanamente unidas!... Admirae, meus filhos; admirae o quadro da natureza que o horisonte ahi vos descobre, e os vossos corações rendam graças ao Omnipotente que de tudo isso é creador!

Beatriz correspondeu ao comprimento com uma mesura, e Simão com uma leve inclinação de cabeça.

Depois voltaram-se para a janella, ou para verem quem passava, ou realmente para admirar aquelle magnifico ponto de vista; pois descobrindo-se d'ali parte da cidade de então, cingida pela segunda muralha de el-rei D. Fernando, se via ao fundo d'aquelle panorama o monte de Nossa Senhora da Graça, e toda a extensão, que decorre até á encosta do Castello aonde a muralha se fechava, coberta de vecejantes hortas. Para além a formosissima parte do Tejo que em ondas de safiras, e em outras de agua, banha as faldas do monte em que Palmella está assentada, e mais logares que se lhe avisinham ao longo da praia.

O padre mestre Gaspar voltou-se então para Marianna, que pacientemente aguardava a vez de lhe beijar a mão, e, estendendo-lh'a, levemente lhe tocou com os dedos na face, dizendo:

— Não me descuidei hoje. Eis o promettido *Agnus Dei*. Tende n'elle fé e devoção, que muitos perigos vos hade evitar da alma, e do corpo.

A veronica de latão era tão polida e luzente, que podia correr parelhas com o oiro.

Depois de examinada pelas tres mulheres, Aldonsa Peres instou com os padres para se sentarem; ao que elles se recusaram sob pretexto do avançado da hora, e dos urgentes negocios que haviam tido n'aquelle dia, e os obrigava a recolherem-se o mais breve possivel ao collegio para darem conta da sua commissão.

As velhas contaram então o medo que tiveram com a trovoada, os sustos causados pelo raio que caira na cêrca, as orações que rezaram, e a desgraça de se lhes ter entornado toda a agua benta; ao que o padre mestre Gaspar prometteu remediar, enviando no dia seguinte nova bilhinha.

— Senhora Aldonsa Peres, continuou o padre, que dia é ámanhã?

— Se o não sei! É dos Santos Reis.

— Por isso mesmo foi que entrei em vossa poisada. Quereis reconciliar-vos, como tendes de usança?

— Se o quero, meu padre! Ás sete horas da manhã achar-me-hei na egreja.

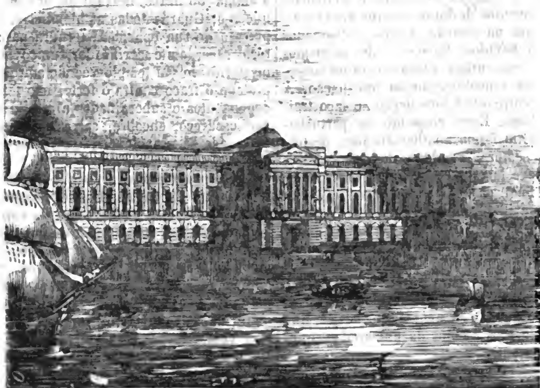
— Madre, exclamou vivamente Beatriz, lá apparece o *arco da velha* tão vivo e tão brilhante, mesmo sobranceiro ao Castello.

As mulheres e os padres correram á janella para admirar o *Iris*. O ceo estava no oriente carregado de nuvens que se desfaziam em chuva, e no occidente o sol tocava o seu occaso. Reflectia-se contra ellas n'um circulo brilhante, decorado com as sete côres do prisma, effeito natural da decomposição dos raios da luz.

Ao cabo de alguns minutos de muda contemplação, o padre Gaspar, ajoelhando em frente da janella, disse para os mais que seguiram o seu exemplo:

— Adoremos a Deus nas suas maravilhas. Aquelle é o signal da alliança de Deus com os homens, e o monumento da sua misericordia. Tal o prometteu a Noé, quando este santo patriarcha saiu da arca onde se salvou a raça humana. A Egreja está figurada n'aquelle arco, que assentado no ceo faz brilhar sobre todas as partes da terra a vivacidade das suas côres no meio das sombrias nuvens que o cercam! Aquellas côres tão vivas symbolisam as diversas graças que o Eterno espalha sobre sua divina Esposa, fiel em reconhecer que todas lhe provém d'elle, e que sómente este é o verdadeiro sol que a esclarece, e a faz brilhar aos olhos dos homens!

Continua.



ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.

DILUVIO DE LUZ.

Continuação.

III

Emfim o Senhor soltou os ventos que diminuiram as chuvas. O mar afastou-se das montanhas. O tufão parou nos ares. Os rochedos do Caucaso surgiram. O arco iris, signal de universal alliança, apparece no firmamento. No ceo e na terra vae seguir-se-lhe grande harmonia de hymnos e louvores. Geração perversa e adultera pedia um prodigio e não lhe foi dado outro prodigio. Os maus, que escarneciam dos mais santos principios e perseguiam os sectarios da luz, foram aniquilados. Só os escolhidos da arca se salvaram. Grande é o seu futuro, grande a renascença, grande a empresa que lhes toca, porque resurgem depois de dias de soffrimento e tribulação.

Mas, comprehenderão elles todo o alcance da nova missão?

IV

O diluvio das aguas veiu limpar o mundo da raça humana pervertida, e transviada da sua vocação original. Mas esse castigo infligido em tempos de Noé não aproveitou. A lição perdeu-se. O meio foi inefficaz para melhorar os vicios da especie.

Muitos seculos ha que a humanidade (o maior numero do genero humano, a parte desherdada, e sacrificada) combate para chegar ao triumpho d'uma organisação social, onde a medida do direito seja uma, indefectivel e inquebrantavel. Contra os privilegios de excepção tem andado em campo alguns principios de luminosa e possivel equidade. Ora triumphantes, ora eclipsados, nem prosperidade nem revezes os desvairaram no espirito, ou afrouxaram na aspiração. Cada vez mais acesa tem conservado a fé na propria santidade, e na missão grandiosa.

Até agora toda a guerra tem sido entre o forte collectivo, e o fraco individual; que se assim não fosse, e em ambos os contendores se egualassem as condições de collectividade, os fortes foram menos fortes e os fracos menos fracos.

Agora, porém, parece chegado o tempo em que esses dois elementos fundidos como em dois individuos, vão achar-se um diante do outro, fronte a fronte. A pendencia deve acabar, e a victoria do fraco, egualado ao forte, sem oppressão nem desequilibrio social, proclamar-se. Ao imperio da razão e da justiça não ha poderes nem sophismas que resistam por muito tempo. Até aqui a liberdade foi um nome vão, que realidades negativas tornaram irrisorio. Esmagavam-na com pé desdenhoso quando queria menear a cabeça e remoçar-se. Nos antros e cavernas gemeu com ella, desconsolada, homisiada, e triste, a humanidade de boa fé. Ameaçaram-na, apuparam-na. Os privilegios nunca quizeram estender-lhe a mão, nem eleval-a até si. Mas ella protestou na sua condição miseranda subir ás mais altas prerogativas, de que os senhores foram, por seu mal, sempre tão avaros.

Embalde se crera a principio que a razão

podesse, por si só, trazer a concerto de opiniões os exagerados e insoffridos dos dois campos. Foi mau, mas inevitavel que se empregasse o ostracismo contra a exageração d'actos e doutrinas, contra preconceitos deshumanos que ainda muitos guardavam no coração. Cegos e obstinados foram emfim banidos. Possessos de principios viciados não consentiam admoestação ou conselho; resistiam á modificação ou conciliação. A composição entre elles fôra ficção, e laço traiçoeiro aos bons. Esses elementos de perturbação e descredito foram anathematisados, desterrados para sempre. Nenhum dos contendores conta, ou deve já'gora contar com elles.

O plano final da regeneração pacifica, tem por si a força que profunda convicção e união crearam; é pensamento melhorado pelo estudo, e pelas grandes lições de experiencia dolorosa. Não se pedem diluvios d'agua, ou sangue, já sabidos inefficazes para obviar trevas, causa efficiente e primaria dos males e desconcertos do mundo. Para isso só um DILUVIO DE LUZ, que é o que os sinceros amigos da humanidade querem, e preparam.

V

Estamos na sazão em que deve semear-se a verdade. Agora é que ella não pode deixar de crescer, engrossar o tronco de dia para dia, e distender as franças por todo o mundo. Arvore de sciencia será uma arvore sagrada. Só para ella haverá sol que lhe dê vida, orvalho do ceo que lhe mitigue á sede, seiva na terra para alimento da rainha dos bosques. Nem sol, nem orvalho, nem seiva terão as outras, reprovadas como inuteis e venenosas. A verdade estenderá raizes por todo o solo, cobril-o-ha de ramos frondosos, cuja coma ascendente transpondo terra e espaço será escada para a bemaventurança e para a justiça. Sombreada pela verdade, a mentira, que até agora enchia o mundo d'espinhos e pestilencias, definhará sem ter luz nem calor que lhe dê vida.

Na nova empresa ha muito que fazer material e moralmente, muito abuso que cortar, ulceras mui velhas que cauterisar na sociedade. Tal é a obra que incumbe á razão libertada, e ás mãos purificadas de commoções e tumultos. Paz e moderação nos labios, que não é entre discordias, que se hasteiam pendões de liberdade social. Perdão com generosidade, para fazer amigos captivos pela clemencia. Punição aos crimes, para que a impunidade os não alente; mas sem mais austeridade que a da lei, porque nada ha mais amargo do que castigar.

VI

Até aqui blasonou-se muito da liberdade politica, e a liberdade politica não soube ou não pôde corrigir o mal na origem.

Já hoje se conhece que a liberdade politica é por si só uma idéa vã, vasia de sentido pratico, fallaz no meio de seductoras apparencias, promettendo beneficios que não dá e podia dar. Bem longe de ser a expressão da justiça e a amiga do fraco, deixa-o ao desamparo e esquece-o. Guarda todas as blandicias, toda a expressão de sua ephemera ternura para o poderoso, sacerdote e sacrificador, unico iniciado nos mysterios do seu templo vedado a profanos. Não protege o fraco contra o forte, não faz a ambos dependentes e subordinados a direito commum, mas escurece, encobre, salva da condemnação os crimes da prepotencia, que a corteja a toda a hora.

A liberdade social é a que é de todos, de fracos como de fortes, de pobres como de ricos. Hade levantar-se emfim sobre as ruinas da liberdade politica prostituida, desacreditada, sem moralidade, sem alma generosa que pranteie a malfadada na queda de ignominia. As armas que seus pseudo amigos levantam sobre os campeões da liberdade social, são tenue nevoeiro, que a apparição do astro luminoso da verdade, e a vulgarisação da sciencia, hãode dissipar. Nullas, impotentes toupeiras amam as trevas; a luz deslumbra-as, desconcerta-lhes as ambições immoraes de que viviam, e é para ellas o peior dos patibulos, o pelourinho de maior execração.

Com a liberdade social cada individuo será atalaia vigilante por si, e por todos. Só assim irão em esquadrão cerrado, caminho da illustração e progresso. Sciencia incapaz de beneficios, arte que a paz não engrandeça nem aprimore, não as haverá. Não haverá fortes para o mal, porque não haverá fracos para o bem. Eguaes nos direitos da sociedade, e da vida, como na hora do nascimento em que por entre lagrimas e nudez cairam todos no mundo, haverá paz entre os homens, que hãode concentrar o pensamento na propria destinação, e conformar-se com as dôres e alegrias que prepararem ou não souberem evitar, mas sempre impotentes para fazerem reflectir sobre os outros o peso de suas magoas, ou as tramas da sua malignidade.

VII

O conceito que os espiritos fracos, ou pervertidos formam da nova philosophia social, dista da verdade, quanto o sol, que alumia com deslumbrante clarão, dista das trevas, que tudo desmaiam, tudo cegam, tudo escondem. Tambem os publicanos accusavam a doutrina de Jesus, e erravam.

A nova philosophia social, que ha tudo prolongada paixão, deve tambem ter uma resurreição. Atraiçoem-na, prendam-na, arrastem-na de tribunal em tribunal e de juiz em juiz, condemnem emfim a innocente, despojem-na dos vestidos, corôem-na de espinhos, apresentem-na d'est'arte ás turbas como espantalho aterrador, levem-na ao Golgotha, exhale ahi o ultimo alento, nem assim haverá triumphado o erro. O san-

gue da victima cairá sobre a cabeça dos reprobos. Crendo tel-a sepultado, vel-a-hão no fim de tres dias resurgir ovante; e entre resplendores de luz ascender ao ceo.

A velha sociedade já não pode lançar da sua altura secular olhos desdenhosos sobre a nova tendencia social, mas diante d'ella enfia como a creança a quem fallam de encantamentos. Mesmo sentada nas nuvens succumbe ao peso do destino. A séde está carunchosa, carcomida dos annos e dos vermes. Accidentes doirados querem disfarçar-lhe e encobrir-lhe a fraqueza do throno, mas já lhe não é dado illudir-se, e está proxima a desfallecer, sem ter sequer um cabello a que na queda possa lançar mão e pedir amparo. Precipita-se de barranco em barranco. N'ella encarnou o obscurantismo, que nem para si nem para ninguem quiz, nem illustração nem liberdade. Não tem feito senão conduzir pela mão a humanidade ao altar em que a immolava banhada no proprio sangue. Guia traiçoeira tem levado o cego á borda do precipicio em que despenhar-se. Viu impassivel o horrivel espectaculo, o infeliz rolar pelos alcantis com gemido surdo, dependurado um ou outro momento das pontas do rochedo, mas escorregando sempre para sumir no abysmo os membros despedaçados! — E acompanhou todo este sacrificio com uma gargalhada feroz!

A velha sociedade é incoherente e banal na accusação que faz ás novas idéas. Não as accusa por factos consequentes, pede a sua condemnação porque teme ver n'ellas o juiz austero e inflexivel que deve julgal-a. Como os judeus respondiam a Pilatos, quando lhes perguntava porque pediam a condemnação de Christo, não tem mais razões d'accusação do que este grito d'inveja e sedição — *Seja crucificado!* — Prefere favorecer os maus, que opprimem os justos: — prefere á soltura de Jesus, a soltura de Barrabás. Mas, pois é indigna da apotheose, nem por isso merece martyrio. Basta que seja expulsa pelo azorrague, como os mercadores do templo. Em vão protesta contra o novo principio, que se levanta contra ella. Côa um mosquito, e engole um camello. Quando os vermes do sepulchro a esperam para tragar tantas soberbas; quando tudo a aponta reproba; ainda pensa poder dizer ao passaro que não vôe, ao peixe que não atravesse os mares? Guerras e revezes são nada para a causa da humanidade, que renasce de suas proprias cinzas. Deus é poderoso para que de pedras nasçam filhos a Abrahão.

As paixões humanas tão preconisadas como obstaculo á grande reforma social, são como quaesquer sentimentos, susceptiveis de educação. A illustração que serve a desbraval-as, ensinará a contel-as. Tal é o primeiro degrau a subir na escada do capitolio.

Continua.

José de Torres.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

COSTUMES PATRIARCHAES.

Eram os *patriarchas* perfeitamente livres, e as suas familias podem considerar-se hoje como um pequeno estado, sendo o pae o seu soberano.

Todas as suas riquezas consistiam especialmente em rebanhos. Estes compunham-se de cabras, ovelhas, camellos, e burros. Cavallos e porcos não entravam n'esta conta, porque pequeno uso faziam d'elles.

Já nos tempos primitivos encontramos enumerados os escravos. Da sua necessidade provinha o grande numero que havia d'elles. Deve advertir-se porém, que n'aquellas longinquas eras, os escravos serviam para ajudar no trabalho, e não para o dispensar d'elle.

Conhecia-se tambem n'aquelles tempos o uso do oiro e da prata, pois se diz na *Escriptura*, que no tempo de Abrahão abundavam estes preciosos metaes.

Serviam-se tambem de perfumes; e isto não deve causar estranheza, porque o paiz que habitavam produzia-os exuberantemente.

No meio d'esta opulencia eram, comtudo, laboriosos. Viviam sempre no campo, resguardados pelas suas tendas ou barracas, e mudando de habitação, ou acampamento, segundo a commodidade dos pastos, e necessidades dos seus rebanhos.

Não se nega que podiam construir cidades e villas, como os outros povos, que pela sequencia dos tempos se foram fixando nos paizes que habitavam; porém preferiam a vida pastoril, como a mais simples e a mais apropriada a desprender os homens da terra, e esperançal-os n'uma patria mais perfeita.

D'aqui se vê que a sua principal occupação era o cuidado dos rebanhos; e entregavam-se a esta vida com admiravel constancia. Não temiam as injurias do tempo, e para elles os raios ardentes do sol, ou a cacimba da noite eram indifferentes.

As mulheres compartilhavam estas penosas occupações. Sirva-nos de exemplo a esposa de Jacob, a formosa Rachel, que ia tirar do poço a agua que bebiam os seus rebanhos; Sara, a esposa de Abrahão, que fabricava o pão necessario á sua populosa casa.

E estes officios domesticos não prejudicavam a nobreza e formosura d'estas mulheres celebres.

Que o sustento d'estes povos primitivos era frugal, bastará julgal-o por esse prato de lentilhas preparado por Jacob, e que tão tentador foi para Esaú, que por elle vendeu os seus direitos de primogenitura. O banquete com que Abrahão brindou os tres anjos seus hospedes, é d'uma simplicidade admiravel; — carneiro assado, pão asmo cosido sob a cinza, hydromel e leite!

Não se infira por isto que os antigos *patriar-*

chas não conheciam a caça; de quando em quando comiam os animaes apanhados n'ella. Veja-se o que a este respeito a *Escriptura* diz de Isaac e de Esaú.

A hospitalidade era um dos actos beneficos d'este povo; e levavam-a a tal ponto que muitas vezes chegavam a ser importunos para com os viajantes. Cedendo qualquer aos seus convites, então era para ver como toda a familia andava em movimento para obsequiar os seus hospedes, que reputavam enviados do ceo. O dono da casa lavava-lhes os pés, determinava as iguarias que se lhes deviam apresentar, e era o proprio que os servia. As mulheres n'esta occasião, ou não appareciam, ou vinham á presença do estranho, cobertas com grandes veos.

Não serviam as grandes viagens de obstaculo a estes povos primitivos. Qualquer homem as emprehendia sósinho, e sem algum soccorro ou adjutorio. Jacob saiu de casa de seu pae para ir a casa de Labão, seu tio, não levando comsigo mais do que um bordão. E o caminho que teve de andar era nada menos de duzentas leguas! Onde a noite o surprehendia ahi se deitava. Uma pedra lhe bastava para travesseiro. E este homem era o filho de Isaac, o neto de Abrahão, com quem os reis buscavam allianças com que se honravam!

OS MAGICOS DE PHARAÓ.

É uma verdade que se não deve acreditar só na palavra d'aquelle que se diz enviado por Deus. Deve-o provar por milagres que autorisem a missão de quem o enviou. Os magicos de Pharaó fizeram milagres! Logo eram tambem autorisados por Deus.

Aqui está uma proposição onde se faz necessario distinguir a verdade da mentira; a realidade, do prestigio.

Deus quiz punir um rei injusto, e uma nação criminosa que violara o direito das gentes, e os logares sagrados da hospitalidade, reduzindo á mais cruel escravidão um povo estrangeiro, ao qual o Egypto devia a salvação, e de quem não tinha motivo de queixa. Permittiu pois aos seus magos, que operassem prodigios para os confundir mesmo por elles.

Os egypcios adoravam o sol, debaixo do nome de *Osiris*, o rio Nilo, os animaes, e as plantas. Deus, por via de Moysés, converteu-lhes o sol em trevas, transformou-lhes em sangue as aguas do Nilo, e cobriu de ulceras os animaes, e os seus adoradores. Encheu o reino de animaes damninhos, destruiu-lhes as plantas com saraiva e gafanhotos, para provar á idolatria que afóra elle não havia Deus.

Que differença, porém, entre os prodigios de Moysés e os dos magos de Pharaó? Os magicos, não podendo com a sua vara fazer brotar da terra nenhum d'aquelles animaes damninhos, que Moysés evocou sómente com a sua palavra, confessam a sua fraqueza, dizendo: — *aqui anda o dedo de Deus.*

A TERRA SANTA.

O paiz habitado pelos filhos de Israel teve muitos nomes. Primeiro foi designado pelo de *terra de Canaan*, em consequencia de ser occupado pelos descendentes d'este neto de Noé.

Contavam-se então n'este paiz sete povos divididos em muitos reinos, quando os hebreus, capitaneados por Josué, se apoderaram d'elle.

Chamou-se-lhe *Terra da Promissão*, porque Deus promettera dal-o á posteridade de Abrahão, Isaac, e Jacob.

Teve o nome de *Judéa* depois do captiveiro de Babylonia, porque a maior parte dos que vieram estabelecer-se n'elle eram da tribu de Judá.

Tambem se lhe chamou *Palestina*, nome dado pelos gregos e romanos por conhecerem primeiro os palestinos ou philisteus do que os judeus, por via do seu commercio.

Finalmente os christãos appellidaram-o *Terra Santa* por causa dos mysterios de Jesus Christo n'elle operados para a redempção do mundo.

Este paiz tem quasi sessenta leguas do meio dia ao norte, e oitenta do oriente ao occidente.

Limita-se ao meio dia por grandes montanhas que cortam o vento abrasador dos desertos da Arabia, e estas montanhas seguem na direcção do deserto pela banda do oriente.

O mar Mediterraneo limita-o ao poente, estendendo-se-lhe pela parte norte, e por isso o refresca com os seus ventos.

Pelo norte fica-lhe o Libano, cadêa de montanhas subdividida em seis ordens, que se vão levantando umas sobre outras como um lanço de escadas, oppondo assim grande barreira aos ventos glaciaes do septentrião.

O interior d'este paiz, antigamente tão fecundo como o diz a *Escriptura*, onde manam o mel e o leite, segundo as suas expressões, está dividido por innumeraveis montes e collinas, excellentes para o cultivo da vinha e de arvores fructiferas, e creação de rebanhos. Nos seus valles rebenta uma immensidade de correntes, necessarias á fecundidade do paiz que não tem outro rio afóra o Jordão. As chuvas n'este clima são raras, mas regulares, porque só abundam na primavera e no outono, ao que os livros sagrados chamam — «a chuva da madrugada e a chuva da noite.» No estio os abundantes orvalhos obstam á sequia.

Continua. A.

A ingratidão, e desobediencia dos filhos para com os paes seria substituida pelo amor, e respeito, se a lei desse a estes a livre faculdade de dispor de seus bens.

A noticia sobre a Academia de Bellas-Artes em S Petersbourg, cujo desenho apresentamos, reservamol-a para o numero seguinte, por não podermos dal-a no de hoje.



GENTISHOMENS DE 1572.

Estes trajos eram os de côrte em França no reinado de Carlos IX, e como se vê não uniformes, porém assaz variados, porquanto só apresentamos os principaes, copiados da collecção de Gaignières, existente no gabinete de estampas da bibliotheca imperial, desenhadas mesmo em tempo d'aquelle monarcha, e que todas teem a data de 1572; mostram as differentes capas que então se usaram, primeiro a de gola derrubada com forro de setim, depois a de gola direita e forrada de tafetá, outra com mangas assopradas e soltas, e finalmente a de capuz, denominada de Bearn por ser imitada dos montanhezes dos Pyreneos; estas quatro modas distinguiam a capa de grande e pequena gala, quer para o verão, quer para o inverno. Vêem-se tambem as calças chumaçadas e as pantalonas justas ao corpo, são innovações que já annunciam revolução no modo de vestir, que de facto se verificou mais tarde no reinado de Henrique III.

M.

A ociosidade, o luxo, e o mau exemplo, são os principaes motores da prevaricação dos costumes.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Os jesuitas tinham saido.

Simão Rodrigues encostado á janella parecia absorto em profundas meditações. A vinda do padre Gaspar, na occasião em que mais arrobado estava ao lado de sua prima, sonhando delicias de um venturoso porvir; aquelle medo glacial que lhe arripiara todo o corpo; aquelle conchegamento de Beatriz agarrando-se-lhe ao braço; o olhar obliquo do padre, que, espiando as acções dos dois amantes, duas vezes lhe surprehendera; tudo se apresentava ás suas idéas como um turbilhão confuso, e de todos os pensamentos não podia conjecturar senão um mal futuro.

Era natural para Simão que sua tia fosse reconciliar-se no seguinte dia, mesmo porque Aldonsa o tinha em costume; porém que o pa-

dre lh'o viesse recordar, coisa era com que elle não podia atinar, e naturalmente suspeital-o fazia de que o jesuita levava interesse em fallar a sós com Aldonsa Peres, tanto em particular que unicamente pelo sigillo da confissão conservar-se poderia o segredo sobre a pratica que ambos deviam ter.

Simão Rodrigues dava por tal forma largas ao seu pensamento; e este cada vez mais profundo lhe caía na duvida e na irresolução, sem saber a que ater-se. Á similhança do homem que firmando seus passos á beira do precipicio, se debruça de mais na contemplação que faz d'elle, e vae porfim escorregando de penedo em penedo, e de fraga em fraga, até chegar-lhe ao fundo, ficando depois confuso e maravilhado de ter chegado ali a salvamento, e enleiado na forma como se salvará d'elle.

As Trindades soaram; e a voz de Aldonsa Peres veiu sacudil-o d'aquelle profundo meditar.

Até ali não arredara ainda pé da janella, e sem curar da escuridão que a pouco e pouco ia estendendo sua negra tinta pelo horisonte ao nascente da cidade, parecia ainda engolfado no espectaculo d'aquelle panorama!

Não eram os olhos do corpo, que elle tinha attentos, que esses lhe erravam ao acaso por sobre os objectos que se lhe apresentavam, sem n'elles fixar a attenção; eram os d'alma que buscavam penetrar-lhe o futuro denso e opaco; porém quanto mais os affirmava, mais de trevas se lhe condensavam.

Beatriz tambem não estava menos inquieta que seu primo. Nunca o padre mestre Gaspar lhe fallara tão brando, nem tão despido do rigor ascetico que costumava empregar para guiar as almas no caminho da salvação; e aquella comparação tão florida e tão meiga da açucena do Senhor, junta com os laços espirituaes, alludindo ao seu amor, deixava-lhe aperceber-se de que o padre da Companhia soubera ler-lhe no fundo do coração, e lhe devassara ahi o segredo que nem mesmo revelara a sua mãe, apesar de suspeitar que o desconfiara ella.

Seriam taes palavras na bocca do padre mestre Gaspar indicios de assentimento, ou de reprovação?

No primeiro caso, achava-se completada a sua ventura, por quanto o casamento com seu primo não encontraria estorvo; no segundo era a perspectiva do infortunio, e de uma porfiada luta, porque bem conhecia o poder que o padre mestre exercia sobre o animo de sua mãe — força duplicada pelo sentimento religioso de uma alma tão candida.

Porém, Beatriz, qual se preparava para a felicidade, assim mais energicamente se armava para a peleja, resolvida a não ceder por quanto houvesse no mundo. Caracter de similhante tenacidade herdara-o de seu pae, que o possuira em subido grau.

Beatriz fazia estas reflexões ao passo que bispontava a sua capinha; e foi, como seu primo, arrancada a ellas pela pausada voz de sua mãe, quando esta disse:

— Simão, que de vezes tens espraiado olhos por essas hortas da encosta do Castello, e nunca saciado pareces de contemplal-as! Vamos, filho, que estão soando Trindades, e no almazem te aguardam para o cerrares.

— É verdade, accrescentou Beatriz... Louquinha que sou... Ia tão embebida na tarefa da minha capinha, com tenção de a vestir ámanhã, que nem dava pelas horas fugindo tão apressadas!

— E eu, tia minha, nem reparo fazia nas hortas, nem na encosta.... Sonhava... sonhava agora.

— Nas santas palavras do servo de Deus ao adorarmos o prodigio do arco da velha?

— Nem era isso... Nem eu sei que sonhava!

E assim dizendo, despediu-se de Aldonsa e Beatriz, e saiu apressado, qual o insensato que passeia sem destino, ou pela rua fora corre acotovelando todos, como se tivera de achar-se em ponto certo e a hora dada, e receiara chegar tarde.

Marianna, que o seguira para cerrar a porta, estendeu a cabeça para a rua, e disse a sua ama:

— Lá está o Vicente Braguez, trepado á escada, acendendo as alampadas do oratorio de Nossa Senhora da Graça.

— Não veiu hoje cedo, respondeu a viuva, olhando pela janella que deitava para a *rua da Pella*; que já o da Senhora do Rosario, ali na *Porta da Palma*, e o da Virgem Mãe, lá adiante na da *Mouraria*, alumiados estão tambem.

Á noticia de que estavam acesos os lampiões dos nichos, que a piedade christã dos nossos antigos monarchas fizera collocar sobre as portas rasgadas na muralha da cidade, Sancha foi-se chegando para a adufa, afim de tomar o logar fronteiro na janella que deitava para a rua direita — logar que ella, n'aquella casa, estava de posse immemorial, em attenção á sua edade.

O grande acontecimento que attrahia Sancha para a janella era a reza do terço, que todas as noites se rezava n'aquella rua, apenas davam Trindades, capitulado por Vicente o Braguez, dono de uma tenda que estava quasi fronteira ao arco.

Aquellas pessoas que se não agglomeravam na rua para esta devoção, assistiam a ella das janellas; e d'ahi respondiam em commum, e em altas vozes, ás orações de quem capitulava. Era indicado com uma matraca o momento em que se dava principio á devoção, e com uma campainha a occasião em que se chegava ao *Gloria Patri*.

A hora não se fez demorar muito.

Já Aldonsa Peres, Sancha e Marianna estavam reunidas na janella, quando a rouquenha voz de Vicente o Braguez principiou a entoar: «*Gloria Patri...*»

Mas porque não assistia tambem Beatriz esta noite á reza do terço?

Aquella alma estava muito encontrada de diversos pensamentos para poder rezar em commum, quando, mais do que nunca, lhe era mister orar sósinha.

Por isso, com licença de sua mãe, fôra accender as velas do oratorio, onde Aldonsa Peres devia depois ir fazer seu exame de consciencia, e ahi se deixara ficar.

Lançando mão do livro dos Psalmos — livro consolador em todas as afflicções da vida, e cheio de hymnos para todas as alegrias—abriu-o ao acaso no LVII, e leu:

«Que a minha oração chegue até vós. Pres«tae vossos ouvidos aos meus gritos, porque a «minha alma está acabrunhada de males, e eu «estou prestes a cair no inferno...»

Deixemos aquella alma orar em socego, e não vamos perturbal-a no recolhimento com que busca, nos livros da religião, palavras que traduzam o que está sentindo.

Vamos descrever o oratorio de Aldonsa Peres.

A casa onde elle estava era um pequeno quarto, cujas paredes se forravam com custosos pannos de raz, representando passagens da Escriptura. N'um d'elles se figurava a entrada de Jacob em casa de seu tio Labão, na Mesopotamia; o juramento de servil-o por sete annos para alcançar a mão de sua prima Rachel; a substituição d'esta por Lia, quando se terminou o praso; o novo contracto de outros sete annos para finalmente obter aquella a quem amava; e a partida de casa de seu sogro, com as duas mulheres, filhos, e rebanhos que lhe pertenciam.

N'outro panno viam-se debuxadas algumas scenas das historias de David e Salomão.

Do tecto pendia uma alampada de prata, conservada sempre acesa.

O oratorio, propriamente dito, abria para os lados umas immensas portas de madeira do Brazil, riquissimas no lavor de talha e embutidos de marfim, com seus frisos doirados.

Estavam cobertas internamente de placas e relicarios com variadissimas estampas de santos, cuja historia a velha Sancha mais que ninguem sabia em casa, e repetidas vezes contara a Beatriz, quando, para a entreter em creança, ali a levava a ver o *Pae do Ceo*.

Uma banqueta, occupada por uma duzia de castiçaes de prata levantada em flores e folhas muito ao natural, servia de base a um grande retabolo da Virgem no mysterio da Conceição, trinta e quatro annos antes (em côrtes de 1646) declarada padroeira d'estes reinos, e significada á cidade a sua intercessão em lapidas encravadas nas portas da muralha, como aquella que se lê ainda hoje por cima do *Arco da Mouraria*: — A Virgem Maria Nossa Senhora foi concebida sem peccado original.

No centro da banqueta elevava-se, n'uma cruz de pau santo, tauxeada de madreperola, uma imagem de Christo, obra prima em marfim, lavrada pelos indios, e trazida d'aquellas regiões pelo marido d'Aldonsa Peres n'uma das suas viagens. Entre varios santos em vulto, figurava um S. Francisco Xavier na attitude de prégar aos gentios; e o martyr S. Sebastião, com uma rica faxa de veludo carmezi franjada de oiro, e suas settas de prata.

As corôas e os resplendores eram de finissima prata de lei; e cada santo achava-se ornado com tantos cordões de oiro, anneis, pingentes, e arrecadas de excellente pedraria, que era a quanto os olhos mais podiam admirar de riqueza.

Dir-se-hia que ali estava o thesouro da casa de Aldonsa Peres, se acaso se não soubera que em contado haviam cheias duas pequenas arcas. Estas, que eram forradas de carneira vermelha, com pregaria amarella, estavam tambem guardadas ali na casa do oratorio, como collocadas sob a protecção d'aquelles santos. Serviam ao mesmo tempo de assentos, porque nenhuns outros moveis ali existiam.

Beatriz accendera duas velas, e apagara o cirio bento que até ali ardia desde que rebentara a trovoada. Lia e meditava os psalmos, como dissemos.

Continua.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES EM S. PETERSBOURG.(*)

Havia vinte e cinco annos que em França estava concluido Versailles, quando Pedro I da Russia manifestou aos seus confidentes o projecto que concebera de transportar a sua capital das margens do Moskowa, e do augusto santuario do Kremlin para a ponta do golpho da Finlandia nas praias paludosas e deshabitadas do Neva.

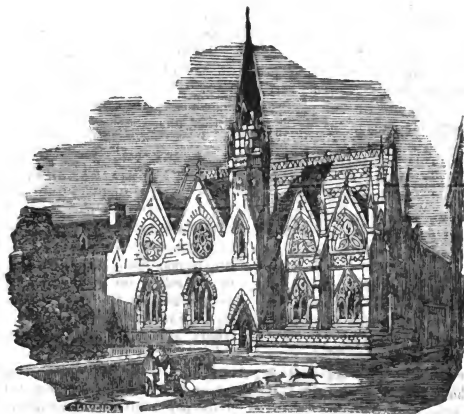
O local sob considerações de politica não era talvez bem escolhido: os estadistas, que olham muito para o futuro e desdenham ás vezes o presente, pretendem que Pedro commettera um erro tão grave quão grandiosa a sua obra e audaz o seu projecto; isto é, que para metter respeito aos succos e communicar directamente pelo Baltico com a Europa occidental, removeu a Russia ou pelo menos o seu centro de acção para longe do lado a que se inclina por sua origem e indole, por suas necessidades e ambições, isto é, para longe do mundo oriental; porquanto se tiver de acontecer, com annuencia da Europa ou a despeito d'ella, que o czar envie seus exercitos além dos Balkans e suas esquadras além do Bosphoro, e apossando-se de Stambul a bem guardada restabeleça a cruz grega sobre os zimborios de Santa Sophia, desde então a Russia tendo duas cabeças, uma ao norte e outra ao

(*) Vide o num. antecedente.

meiodia, dividir-se-ha infallivelmente em duas partes, como succedeu ao imperio romano em tempo do fundador de Constantinopola.

No entanto o genio e força de vontade de Pedro I com os recursos de seu imperio levantou como por magica d'entre pantanos desertos uma cidade regular, formosa, europea, ahi onde o Neva, antes de lançar-se no golpho da Finlandia se reparte em muitos braços que formam canaes de differentes tamanhos e umas quarenta ilhas, as quaes no começo do seculo passado, bem como as terras visinhas, eram todas alagadiças, e que hoje, postoque comprehendidas no recinto de S. Petersbourg, estão occupadas por jardins, parques, e magnificas casas de campo, sendo mui frequentadas no verão como especie de passeio e recreação dos habitantes. Entre as maiores conta-se a ilha Vassili; n'ella está a academia das bellas-artes, grande edificio de setenta pés de elevação e quatrocentos de comprimento cuja fachada que olha para o Neva é guarnecida de columnas e pilastras; sobre a cupola central figura uma colossal Minerva, e o portico é apoiado por um Hercules farnesio e uma Flora. O parapeito em frente da academia é adornado com duas soberbas esphinges de granito trazidas do Egypto. Este instituto é tão vasto que não só ali residem os alumnos como tambem os professores, academicos, e muitos artistas; diz-se que ao todo não são menos de mil pessoas. Quanto ás obras d'arte não contém grande thesouro.

M.



NOVA CAPELLA DE S. MIGUEL.

Coventry, cidade de Inglaterra, que dista de Londres para o noroeste trinta e duas leguas, é de fundação muito antiga, como ainda mostram em geral os seus edificios, entre os quaes se notam alguns templos dignos de exame do curioso. No meio do mercado grande ha uma cruz da altura de sessenta e sete pés, toda ornamentada com figuras de muitos reis d'Inglaterra; fabrica relogios, tecidos de lã e seda, e outros objectos. No meado do seculo XV celebrou-se ali um parlamento, que foi alcunhado diabolico, contra os cabeças da facção de York. N'esta cidade esteve por algum tempo prisioneira a infeliz Maria Stuart.

Ahi se começou ultimamente uma capella da invocação de S. Miguel, cuja pedra fundamental foi collocada com pompa publica em o dia 9 de Outubro do anno passado; é delineada para accommodar seiscentas e setenta pessoas nos dias de exercicio do culto; o estylo de architectura é o denominado «gothico ornamentado.»

M.

DILUVIO DE LUZ.

Conclusão.

VIII

Em todos os tempos sempre houve quem, desprendendo-se dos laços do egoismo commum, se

votasse por impulso d'um affecto generoso á causa da humanidade. Se assim não entravam pelo heroismo, faziam alguma coisa mais que o solipso vulgar, que nas idéas, nos raciocinios, nos juizos, nas crenças, no trabalho emfim, não quer nem acceita por guia outra luz, que não seja a que leva de preceito á conveniencia privada.

Bem amargo tem sido o destino d'essas almas preeleitas! Os que não as entenderam, e para quem por isso mesmo eram indifferentes, deixaram-nas passar sem apoio nem conforto. Os corrompidos, porque mirando-se n'ellas não tivessem de que envergonhar-se, e corar de pejo, não as quizeram ao pé de si, e expelliram-nas como energumenos. Banidas, errantes, perseguidas pelos poderosos, ainda assim nada pôde offuscar a sua aureola, porque pediam ser livres; que não as curvassem com o peso e ignominia dos grilhões; que não as impacientassem pelos soffrimentos do corpo, impedindo-as de remontar ás alturas de que emanavam, e empenhar-se na paz do mundo, introducção obrigada de toda a felicidade. Dos poucos que as ouviram todos, pela insciencia ou pela má vontade, as escarneceram.

Os verdadeiros apostolos teem quasi sempre acabado como ave innocente presa do abutre. Dilaceraram-lhes as entranhas, e as aves carnivoras as partilharam entre si. Foi d'ahi que muitas vezes nasceram appellos extremos, preferindo-se ao soffrimento da perseguição o borborinho do povo amotinado, o fogo e o combate na trincheira, o calor dos paços incendiados. Se não queriam ver estas contradicções entre a paz que professavam, e a guerra a que recorriam, porquè levantavam sobre elles mão injusta? Porque esbofeteal-os, e cuspil-os? Quem sanccionaria dois direitos, um que dava a predilectos acção honesta para abaterem, para comprimirem até á aniquilação tudo e todos, levando a tyrannia além da barbaria; outro que não consentia, que debaixo do jugo se gemesse ao menos, porque até gemer era subversão? Se a humanidade era uma na origem e vocação, como não seria um só o direito de toda ella? E comtudo tão mudado era, e é, o direito, que custa a reconhecel-o, de transviado que está da origem. Seculos e homens o teem perdido. Uns e outros teem ido juntando á obra do passado mais um vicio, mais um abuso.

Apostolos sempre foram martyres da fé social. Sacrificam-se para conduzir ao leito natural a corrente distrahida por mãos sacrilegas. Querem restaurar a sociedade, e vestir-lhe as vestes candidas das filhas de Sião. Caminham debaixo do ferro e do fogo do inimigo, que quer escravisar os que houveram herança de liberdade e egualdade. Augusta e de benção é a missão! Mas até aqui o seu fructo não pôde sasonar limpo e escorreito, que más hervas o teem insombrado. Atermado o tempo da colheita, tão fallida e pouco rendosa veiu ella, que pareceu outoniça. Essas más hervas, que teem infezado um pouco a planta social, são os rigores e o ferro, em logar da illustração que convence e cathequisa; as exagerações, porventura de boa fé, que a inexperiencia fez commetter nas revoluções que se propunham acender nova luz para a humanidade. Semearam espinhos nos campos onde não queriam que vecejassem senão rosas.

IX

É agora que surge no ennuveado horisonte social nova estrella de bonança. Acende-se pharol mais seguro, que levará á terra de promissão. Este culto, que todos prestam á paz; esta disposição dos espiritos, que pedem illustração, e se abrem a ella, são syrtes em que a tyrannia, que desde muito ouve o som confuso do seu remorso, hade perder-se.

Armas, ribeiros de sangue, revoluções tumultuarias não sabem erguer monumento que perdure. A revolução para attingir ao seu verdadeiro fim, para consolidar-se, e resolver-se em beneficios sociaes, hade fazer-se nos espiritos. Guerras não saram feridas sociaes; irritam-nas, fazem que as ulceras se convertam em gangrena incuravel. O povo que um dia se levantou pela liberdade, curvou depois a cerviz á tyrannia. Contra a espada, que um dia se ergueu victoriosa, veiu depois o proprio vencido, e com maior impeto lhe fez abater para a terra o orgulho, e os laureis dos passados triumphos.

Cada campo de batalha, em que ficaram insepultos tantos martyres, foi uma decepção para a causa esperançosa. O coração dilacerava-se á vista do espectaculo aterrador de tantos males. O meio foi julgado emfim perigoso e inefficaz. Não minguaram forças nem valor, mas tantos rios de lagrimas derramadas pela viuvez e pela orphandade, chamaram a razão a novo concerto. Proclamando sem preliminar a liberdade e a organisação equitativa da sociedade, padece-se, como por tal arrojo já Christo padeceu, mas o principio caminha vivo e latente, caminha qual raio que se despede das nuvens, corta impetuoso, fere, e derruba quanto o estorva na carreira. A verdade, uma e indivisivel, sobrevive sempre, porque não morrerá jámais. Quando parece perdida apenas se esconde. Aguarda melhor conjuntura de apparecer, e ir, coroada com as bençãos de todos, sentar-se no throno do mundo. A estrella solitaria, que ao alvorecer ainda fulgia nos ceos, não desappareceu senão apoz porfiada resistencia. Sumiu-se, mas não se apagou. Na seguinte noite surgirá de novo, com a mesma vida, com a mesma animação, com o mesmo scintillar. É assim a verdade, que nenhuma outra coisa é senão a liberdade, a um tempo principio e fim, causa e effeito do progresso.

A verdade é hoje mais do que nunca indispensavel conhecel-a e ensinal-a, porque é a unica arvore amiga a cuja sombra dilecta podemos repoisar, depois de tão ardentes peregrinações, depois de soes tão calmosos. Desceu do ceo á terra como refugio da vida. É a estrella brilhan-

te que luz sobre as tempestades da existencia, e como aos Magos nos hade conduzir por caminhos ignotos ao oriente da paz e da felicidade. Agora é mostrar a todos o brilho da verdade, fallar á razão e á consciencia, não deixar que vacillem, destruir a duvida, depor o erro, levantar a alma mais nobre e reforçada sobre a ruina dos preconceitos, plantar a sciencia onde apenas havia a fé, se a havia, e não convém que a haja. A illustração hade gerar felicidade, e a felicidade virtude doce e amena, que a virtude verdadeira não é de turvo semblante e fallazes asperezas, mas alegre, bondosa, concertada de delicias. O tempo em que a julgavam montanha fragosa e alcantilada, para guindar á qual se tressuava e desfallecia e não se alcançava na cumiada por ultimo lenitivo ao cansaço senão solidão de rochas descompostas, onde nem vivia musgo desbotado, passou já!

É tempo de abrir o livro do passado, que não illude, que não mente, que dá a todos um fatal desengano, que diz o que foi, e ensina para que é a existencia.

Não se percam as lições da experiencia. Procure-se o codigo original das liberdades humanas, que tanto ha correm á revelia e mal comprehendidas no juizo do mundo. Se muito ha que a humanidade padece, não é isso motivo para desesperar. Na sua vida os seculos são dias. Quasi que recemnascida na redempção, agora começa a crescer. Se ainda mal se comprehende, para lá caminha, e hade chegar ao conhecimento de si e da verdade, cuja luz já parece querer raiar para todo o mundo. Inda que sem estrondo já as boas doutrinas penetram em todos os corações generosos.

O passado, que se julgou glorioso, olhemos com pejo para elle, que para desculpar-se não tinha senão a sinceridade dos fins, o desejo cordeal de salvar os que gemiam. Mas os meios, esses deshonrava-os o erro. Em logar de derramar tanto sangue, consumir sem fructo tanto oiro, tantas forças, tanta boa vontade, devia levar a todos a illustração, o conhecimento do encargo e do direito, o horror á lei que opprime, o respeito á que é justa e egual.

X

A liberdade, a ventura pela moralidade universal é tambem uma religião. O seu apostolado começa. Missionarios da doutrina pacifica devem apparelhar-se com resignação e bons exemplos. Só assim alcançarão victorias, que nem traição nem tyrannia possam minar, destruindo, como até aqui, n'uma só hora a obra de tanto tempo e de tantos perigos; derribando homens e principios só com um sopro d'adversidade, como o vento do deserto abala a grande arvore da floresta, que apoz vacillar um momento, estala, e jaz por terra.

Missionarios! Apparelhae-vos para combate, não de força, mas de razão! Acendei pelo mundo luz que o illumine sem deslumbral-o nem perdel-o no escolho das visões e delirio phrenetico; e a sociedade será salva sem passar por nenhum cataclismo luctuoso. Advogae de novo modo a causa da humanidade. A liberdade não medra senão na paz. Acautelae-vos comtudo dos que vos crerem sem vos ouvirem nem conhecerem, que esses taes com o seu plano d'enganos são como o sepulchro, exteriormente branqueado, liso, e espelhante, que dentro de si guarda ossos e asquerosidade. O lobo tambem se reveste da mansidão do cordeiro para entrar insuspeito no redil.

Homens constituidos em poder! Deixae que a liberdade e a paz façam seus caminhos. Com a reacção injusta darieis mais forças ao gigante que apenas se espreguiça depois d'acordar da primeira somnolencia. Fanatismo e hypocrisia, que sois os peiores dos crimes moraes, não continueis a obrar com negra e damnada vontade. Não vos levanteis contra a sociedade, e a favor do individuo. Não continueis a jungil-a ao vosso carro de tortura. Querendo afrouxar-lhe o braço, ensinaes a levantal-o. Querendo materialisar-lhe o espirito, fazeis com que vôe mais alto e de lá aviste, olhando para a terra, a aviltação em que jazera, e por isso vos amaldiçoe e cuspa na face impudica. Convencei-vos, que a humanidade caminha sempre na senda do progresso, e que n'esta tendencia natural é constante como a grande corrente do oceano. O progresso, que é coisa de Deus, não será o vosso poder que o estorve.

O mundo tem olhos fixos sobre os vicios que corroem a constituição das sociedades. A accusação é antiga. A contestação só tem apparecido na obstinação d'algumas más vontades. O mundo nem hade succumbir a ellas, nem enganar-se na sua esperança de reforma. Os bons principios convertidos em Diluvio de Luz porão termo ás guerras fratricidas; confundirão oppressores; salvarão fracos e opprimidos; retemperando a sociedade, fazendo-a mais digna de si e do porvir.

José de Torres.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação. (*)

III

CASA DE S. ROQUE.

Desejavam os padres da Companhia, que já tinham em Portugal famosos collegios, dotados com excellentes rendas, estabelecer tambem aqui em Lisboa uma casa professa, onde sem renda.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

como se lê na Chronica, por serem mendicantes, observassem a mais exacta pobreza, sem outro subsidio que o da esmola dos fieis.

Enviou para este fim a Portugal o fundador da religião, Santo Ignacio de Loyolla, ao hespanhol o padre Jeronymo Nadal, para solicitar de el-rei D. João III a devida licença. El-rei lhe ordenou que escolhesse na cidade sitio accommodado para o intento; e logo os padres assentaram, que n'um campo que ficava então fora da cidade, porém mui proximo a ella, e que servia de cemiterio, onde estava uma ermida de S. Roque, e se chamava *Campo das Oliveiras*, se levantasse a sua casa professa.

Assim o communicaram a el-rei; porém os irmãos de S. Roque, que ali tinham a sua ermida, como dissemos, mostraram repugnancia á vontade dos padres, e foi encarregado D. Pedro Mascarenhas, esse fidalgo de quem já fallámos na primeira parte d'esta chronica, de compor a questão, e conseguiu que a sobredita irmandade cedesse, propondo as condições para a doação.

A nova casa conservou o titulo de S. Roque, e erigiu-se no seu templo uma capella ao mesmo santo, onde os irmãos continuaram suas devoções como na ermida.

D'aqui veiu serem geralmente designados em Lisboa, pelo titulo de padres de S. Roque.

Aquella ermida havia sido erecta no reinado de el-rei D. Manuel, em occasião de uma grande peste que affligiu o reino. Divulgara-se então em Portugal que a intercessão d'este santo era efficacissima contra as contagiões, como se estava comprovando em Veneza, e o piedoso monarcha mandou pedir á referida republica que lhe enviasse algumas reliquias suas. Satisfez Veneza ao pedido, e para as guardar se levantou a ermida em 24 de Março de 1506, e em 1515, aos 25 de Fevereiro, foi consagrada *authoritate apostolica*, com indulgencias, pelo bispo D. Duarte. No anno de 1527 se sagrou tambem o adro pelo bispo D. Antonio.

No domingo que caiu no 1.º de Outubro de 1553 tomaram os padres posse da ermida com uma solemnidade espiritual, á qual assistiram o principe D. João, o infante D. Luiz, o arcebispo de Lisboa D. Fernando de Menezes, e mais nobreza da côrte.

Começaram logo os da Companhia a exercitar seus ministerios, e diz o manuscripto que seguimos:—«concorrendo ás missas, ás confissões, e communhões tanta gente, e com tanta frequencia e devoção, que n'ella os dias de semana e de trabalho pareciam de festa e de guarda. Ás prégações, que eram mui frequentes de manhã, e algumas vezes de tarde, eram taes os concursos, que não sendo capaz d'elles a estreiteza e limitação da ermida, saia algumas vezes fora d'ella um padre a prégar á muita gente, que não tendo logar dentro da ermida, ficava fora d'ella.»

As unicas casas que existiam junto á ermida eram umas terreas onde se recolhiam o capellão e o ermitão, e mais outra para as pessoas devotas que vinham fazer romaria ao santo.

Foi n'estas casas, e no côro, e na sachristia da ermida que se accommodaram quatorze padres que vieram do Collegio de Santo Antão, trazendo d'ahi tudo o necessario, e que faltava na acanhada ermida.

El-rei lhes mandou comprar sitio sufficiente para egreja, casa e cerca.

Ao cabo de um anno, os padres com as esmolas que tinham recolhido fizeram um corredor estreito com oito cubiculos, na parte superior, e na inferior mais algumas casas, e trataram logo de estender a ermida.

Corria ella de oriente a poente, e os padres resolveram que ficasse servindo de cruzeiro e capella-mór, accrescentando-se de norte a sul em comprimento oitenta palmos, que então corriam do logar onde está o pulpito até á porta principal, como hoje ainda se acha.

Deu-se principio á obra no anno de 1555; sem outro cabedal, diz a Chronica, mais do que cincoenta cruzados, e esses mesmos foram emprestados.

A primeira pedra do novo Collegio de Santo Antão fôra lançada em muito segredo, por causa da opposição que ali faziam os empregados do curral, e o padre capellão das freiras de Sant'Anna: a d'esta fundação foi, pelo contrario, com muita solemnidade. Lançou-a o padre da mesma Companhia D. João Nunes Barreto, e que havia pouco fôra sagrado patriarcha d'Ethiopia.

Assim foi progredindo a obra, concorrendo as esmolas, com que os padres se desempenharam dos cincoenta cruzados pedidos, a ponto que no anno de 1566 trataram de fazer nova egreja com sufficiente capacidade, e lhe abriram os alicerces com intentos de ser de tres naves; porém no anno seguinte resolveu-se que fosse unicamente de uma, e desfeitos portanto os primeiros alicerces se lançaram os fundamentos como hoje existem.

Aqui tem logar transcrevermos as palavras textuaes do manuscripto:

«E posto que por razão da peste, que houve na cidade, foi a obra mais de vagar, por serem menos as esmolas; mas acabada a peste, se continuou com grande fervor, pera que com ella se proseguisse, foram tantas as esmolas que acodiram á casa, que fazendo-se computo no anno de 1577 á despeza que se tinha feito, assim na fabrica da igreja como no edificio da casa, se achou que se tinham gastado setenta e cinco mil cruzados, procedidos das esmolas, com que concorreram ElRei D. Sebastião, sua avó a Rainha D. Catharina, o infante Cardeal, e depois Rei D. Henrique, e alguns particulares.»

Correram as obras com vagar por causa das alterações que houve no reino com a morte do cardeal e invasão de Castella; serenadas porém aquellas turbulencias, com o acto confirmado da usurpação de Hespanha, se tratou de assentar

o tecto da egreja; mas duvidando-se que as paredes tivessem força sufficiente para sustentar o repuxo da abobada, e seu peso, resolveu-se que fosse de madeira, para cuja obra D. Philippe I lhe cedeu o seu architecto.

Aqui transcreveremos da *Chronica do Padre Telles* quanto diz respeito á construcção do tecto:

«Logo se tratou do tecto, havendo primeiro grandes consultas de insignes architectos, sobre a traça que teria, e finalmente se vieram a resolver a o fazer de madeira, por lhes parecer que o sitio era alto, algum tanto pendurado, e que não teriam as paredes bastantes hombros, pera sustentar o pezo, e o repuxo, que tão grande abobada demandava. Resoluto este ponto, assentaram tambem, que o lanço fosse de esteira, o que ainda que tinha grandes commodos, tinha tambem grandes difficuldades por davante, pela notavel largura, que vae entre as paredes colateraes. Para se vencerem estas difficuldades, veio um famoso architecto mandado por elrei catholico Dom Philippe o Prudente, o qual traçou a obra com um novo invento nunca visto em Portugal, dispondo o tecto com tal traça (que sem ter columnas pelo meio da Igreja, que é tão larga, nas quaes se possa estribar) está segurissimo, e parece que se sustenta no ar. Por ser a obra do madeiramento, que vae por cima do forro, mui notavel, e não se ver de baixo da Igreja me pareceu descrevel-a aqui, para que quem tiver curiosidade de a ver, ao menos a possa aqui ler.

«Fez vir da Prussia os mastos, ou traves que lhe pareceram bastantes, d'estas lançou doze, cada uma de noventa e sete palmos de comprimento, e de notavel grossura (porque as não pode um homem abranger com os braços) lançou-as, digo, de cornija em cornija, atravessando a largura da Igreja, de maneira que se vão assentar, e pegar nos frexaes, que estão encaixados sobre as cornijas; e logo ao sopé d'estas grossas linhas, ou traves fez estribar, e levantar, em modo de esquadria, outras doze de cada parte, mais pequenas, porém da mesma grossura, a que podemos chamar *guieyros*, que escóram na mesma cornija e parede, e vão subindo como em esquadria, até fechar em uma valente trave da fileira (que responde ao espigão do telhado, em que acaba o cume do tecto) estes vinte e quatro *guieyros* se asseguram pelo meio com doze *oliveys*; descem logo outras doze traves de cada parte do fim dos *oliveys*, da mesma grossura das doze linhas, e dos vinte e quatro *guieyros*, a que chamam *pendoraes*, cada um de vinte e quatro palmos de comprimento, os quaes vão a prumo, e são como esteios e columnas para sustentar o madeiramento do forro; mas com esta differença, que as outras columnas ordinarias tem mão no pezo, sobre os capiteis; porém estas, com notavel novidade, sustentam ou levantam o pezo pela parte que houvera de ser base d'estas columnas, e sem carregar nas traves, que atravessam a Igreja, as estão sustentando no ar, e puxando para cima; porque como estas traves são tão compridas, necessitavam de algum arrimo, que as sustentasse, e supposto que não tem columnas, que subam do pavimento da Igreja para o tecto, tem estas, que por cima do tecto o estão sustentando, e chamando para o alto, as quaes para este effeito, descem com tal traça, que para não abaterem as ditas traves do forro com o proprio pezo, ficam como pendentes no ar, sem lhe tocar, por si mesmas, e comtudo para as assegurar, e sustentar, lança-lhe cada uma das columnas duas cintas de ferro fortes, e grossas, que abraçam os terços das mesmas traves; e d'esta maneira fica a obra segurissima, porque estas columnas não carregam no forro, antes puxando para o alto, sustentam as traves em que vae pegando o mesmo forro, para que não faça algum pendor.

«Entre estas vinte e quatro columnas, ou pendoraes, corre um grande lanço de corredor, que representa uma larga e comprida coxia, por onde seguramente se passeia o tecto todo de Norte a Sul; o qual tecto por esta parte de dentro, representa outra grande Igreja de tres naves; feita toda de madeira, e fundada sobre o templo de S. Roque que em baixo vemos. Como esta obra foi nova, e sua architectura nunca usada n'este reino, e como por outra parte era esta machina tão grandiosa, e tão segura, foi notavel o concurso dos curiosos que acudiam a ver a nova fabrica do tecto. . .»

Sob o adro da egreja de S. Roque se lavrou pelos annos de 1700 um grande jazigo, que era da irmandade de Nossa Senhora dos Agonisantes, para sepultura dos seus irmãos.

Ainda ha poucos annos, quando se mexeu n'este adro por causa do rebaixamento da calçada, d'ahi se removeram os ossos das pessoas soterradas.

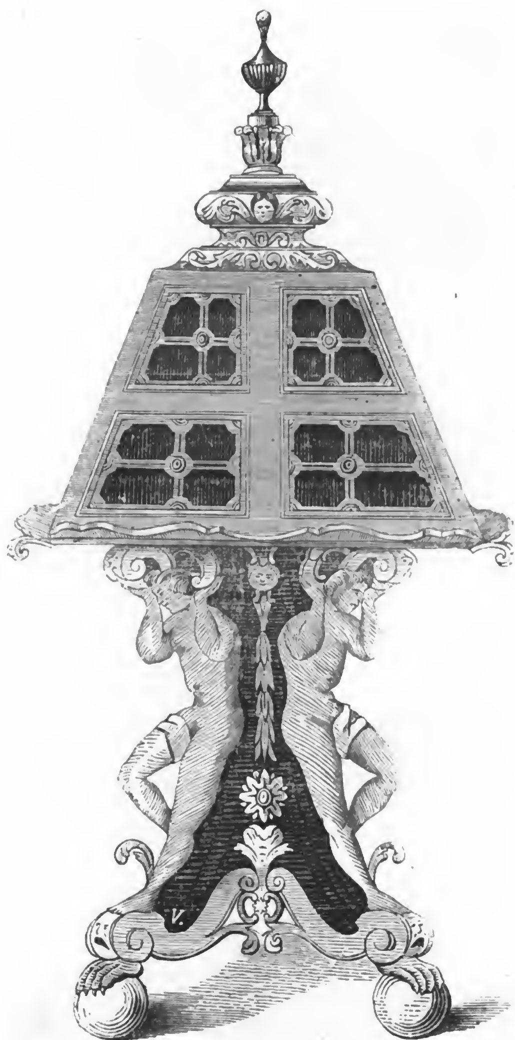
Subia-se para o referido adro sómente por tres degraus de pedra. Hoje ha quatro degraus.

Sobre as paredes da egreja, corria á roda d'ella pela parte de fora uma cornija com seus dentilhões de pedra, com um passadiço no qual se abriu um canno tambem de pedra para receber as aguas do telhado.

Havia tambem á roda do dito canno uma varanda com pilares de pedra, que serviam não só para segurança dos que andavam por ella, como para ornato exterior da obra, sendo assim mais facil subir ao telhado, que primeiro foi de laminas de chumbo, por parecer que com ellas ficaria o tecto mais bem resguardado, mas que a experiencia mostrou ser pelo contrario, como tem acontecido com o telhado do theatro de D. Maria II, onde se consome não pequeno cabedal com o vedar-lhe a agua, o que nunca se consegue. Por isso se deixaram os padres das taes laminas de chumbo, e se voltaram para o antigo systema de telhas.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.



ESTANTE DO CÔRO DO CONVENTO DOS PAULISTAS.

ESTANTE DO CORO DO CONVENTO DOS PAULISTAS.

A esculptura em madeira, o officio de entalhador, e todos aquelles que mais ou menos directamente estão em relação com a marceneria florecem de ha muito em o nosso paiz, com justos louvores para as pessoas que se empregam n'elles. Raro será o convento onde hoje entremos que os olhos não admirem, guardados n'estes depositos, variados e elegantissimos primores d'arte manufacturados por mãos nacionaes. As cadeiras do côro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem, onde a variedade do ornato rivalisa com a perfeição do seu desempenho, fazem pasmar o estrangeiro curioso que visita estes restos das nossas passadas grandezas, e muitas outras não somenos maravilhas ha por ahi como entregues ao esquecimento por falta de memoria que avive a sua justa celebridade.

Pela nossa parte vingamos hoje este desleixo estampando um d'esses primores na obra de marceneria. É a estante do côro da egreja dos Paulistas, onde actualmente se acha a parochia de Santa Catharina. Os olhos fallam á intelligencia, como o discurso falla á alma para a percepção dos objectos; e assim é que a nossa gravura, representando fielmente este de que tratamos, nos dispensa de mais ampla descripção.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Continuação.

Algum tempo havia que assim estava entregue ás suas devoções, desafogando com Deus sua alma e cuidados; tão enlevada em suas meditações, que nem se apercebeu de que a porta da casa do oratorio se abrira, alguem entrara, e ajoelhara mui subtilmente um pouco atraz d'ella.

Mas como a porta não ficara cerrada, e o vento continuasse lá fóra a soprar com violencia, penetrando ali, fez vacillar a luz das velas, e repentinamente as apagou.

A luz da lampada tremia agitada tambem pela força do vento, e reflectindo seu tenue clarão sobre as colossaes figuras estampadas nos pannos de raz, estas pareciam mover-se, e destacar-se da parede, para irem ter com Beatriz.

A donzella ergueu a cabeça e assustou-se. Estendeu uma das mãos para aquellas figuras, que a visão lhe mostrava caminhando, como para as fazer parar em sua marcha; e comprimindo com a outra o coração, soltou um ai, como quem se arrancava violentamente a uma terrivel agonia.

— Que tens, Beatriz? lhe perguntou meigamente a pessoa que se ajoelhara, pouco antes, a alguns passos d'ella.

— Tu ahi, Simão!?... Eu t'o agradeço, senão finava-me de medo. As luzes extinguiram-se ali: aquellas figuras pareciam mover-se para mim; o corpo tranziu-se-me de medo; o espirito está acabrunhado de tão encontrados pensamentos!... Mas porque vieste, Simão?... Como te achas aqui tão inesperadamente?

— Nem t'o sei dizer, Beatriz!... Uma força estranha, desconhecida, impellia-me a voltar a casa de tua mãe antes de ir para a minha poisada... Tinha tanto que te dizer!... Era mister fosse hoje mesmo... Se o espaçara para ámanhã, encontrar-me-hiam morto, pois o coração arrebentava-me.

— Simão!

— Sim, Beatriz. Não te quero occultar nada.... Estava esta tarde tão feliz, quando me dizias que do mesquinho bem que fiz a Vaz Gil nos houvera vir ventura!.... Tão feliz, Beatriz!... tão feliz, que nem tenho fallas para t'o expressar.... Olha: batia-me o coração tão satisfeito como agora... vê...

E pegando na mão da donzella, que sem repugnancia lh'a abandonara, a levou ao peito; e depois de ahi a ter poisada um instante, continuando a apertal-a entre as suas, seguiu dizendo:

— Sonhava então um mundo de delicias, e um paraiso na terra!... De repente a entrada d'aquelle padre gelou-me todo o sangue nas veias... Uma nuvem mais negra que o seu habito, correu-me por diante dos olhos, e immergiu-me em trevas!... Diz-se tanta coisa da Companhia de Jesus!... É tão fallada a sua avareza!.... Seus planos são tão complicadamente urdidos nas trevas, que ao virem á luz do dia já não ha traças de lh'os desmanchar. Tremo....

— Fallas, primo, com a sabedoria de um livro. Ahi está a causa da vaga inquietação que hei sentido, e a mim propria não podia explicar... Oh!... se a minha herança é o que elles cubiçam, pois tenho voz de muito rica...

— Tal não é o que me arreceia, Beatriz. Essa deixara-a eu ir: dera-lh'a de boa vontade, e tambem tu, se elles se não aventurassem a mais.

— Então que mais?

— A tua mão, Beatriz!... esta mão que tão contente agora aperto entre as minhas!

— A minha mão, sem me consultarem o coração! Isso nunca, Simão; disse a donzella, erguendo-se com um ar altivamente soberano. Isso nunca.

— A Companhia tem taes embustes... tua mãe é tão fragil.... sua consciencia tão timorata...

— Que levem embora a minha herança, porém a minha mão!... Aqui a tens, Simão...

Dou-t'a para a vida e para a morte; e tomo por testemunha a Virgem que nos ouve; e ao Crucificado, que alı está n'aquella cruz, rogo abençoe os laços formados, aqui, em sua presença... Espera um pouco, Simão. Dei-te fallas de minhas promessas: é mister que te faça entrega de um penhor da minha fé.

E levada d'aquella agitação febril que a animava, correu á banqueta, acendeu todas as velas, tirou um finissimo annel de oiro de um dos cordões que se enlaçava ao pescoço da imagem da Senhora Sant'Anna, e ajoelhando outra vez com seu primo ante o oratorio:

— Por Deus, e pelos anjos aqui tens, Simão, (accrescentou enfiando-lh'o no dedo) o annel de esponsaes dado por tua esposa. Trouxe-o sempre, como te lembras, até á hora do fatal passamento de meu pae: quando os fatos de dó não consentiam usal-o, aqui o depositei, á espera se terminasse o anno. Agora é teu.

Simão beijava as mãos de sua prima, sobre as quaes, de quando em quando, ia cair-lhe uma lagrima das muitas de reconhecimento que lhe borbulhavam nos olhos.

— Sim... precisava essas fallas, Beatriz, para me aquietar esta alma, mais revolta que o mar em tempestade... precisava essas tuas fallas para crer em Deus, pois quasi já ia descrendo. Acalmou-se o vendaval em que me ia naufragando. Deus ouve-nos, Beatriz, e minha alma se condemne, se não fôr sempre digno de ti; se te desamparar ou trahir.

A casa estava brilhante de luz, que se ia reflectir nos resplendores de prata, fazendo fulgurar as finissimas pedras dos adereços, como se fossem estrellas a luzir no firmamento.

Até as figuras dos pannos de raz, que tanto pavor acabavam de incutir a Beatriz, agora lhe pareciam sorrir-se e animal-a; tanto é certo que o estado da alma concorre para embellezar os objectos que nos circundam!

Mesmo a historia de Jacob e Rachel parecia tecida ali, n'aquelle momento, sobre aquelles pannos, para apontar ao amante o exemplo da constancia do santo patriarcha, e á moça desposada as alegrias, e as promessas, feitas por Deus á sua futura geração!

Beatriz e Simão santificavam os mutuos juramentos que acabavam de fazer-se, repetindo com o rei propheta um dos seus hymnos de alegria, tão santamente narrado no psalmo XXXIII.

«Abençoarei sempre o Senhor; e o seu louvor andará continuamente em minha bocca.»

....

....

O terço havia acabado. Todos que na rua tinham assistido a elle eram recolhidos já a suas casas; e as adufas fechando-se a pouco e pouco, cerravam-se com as usuaes despedidas das boas noites, trocadas de umas casas para as outras entre os seus moradores.

A da casa de Aldonsa Peres fôra uma das ultimas a fechar, porque Marianna distinguira entre as vozes do terço uma, que lhe era conhecida, e estava espreitando quando essa pessoa se recolhia a casa.

Aldonsa Peres, inquieta pela inopinada volta do sobrinho, apesar do que se não atrevera a interromper o terço para indagar-lhe a causa, dirigiu-se ao oratorio, onde bem presumiu que encontraria sua filha e seu sobrinho.

Empurrando a porta ficou extremamente enleiada, vendo aquelles dois anjos assim ajoelhados, rezando no livro dos psalmos.

Deu interiormente graças a Deus por permittir que a sua familia fosse tão piedosamente religiosa, e cada vez se louvava mais em ter entregue a direcção espiritual ao padre mestre Gaspar, a quem a boa velha attribuia o fervor e devoção com que sua casa se exemplificava.

Chegavam os dois amantes ao *Redimet Dominus animas servorum suorum* (o Senhor resgatará a alma dos seus servos) quando presentiram que sua tia os escutava.

Repetiram o ultimo versiculo com uma entonação tão cheia de esperança, tão repassada de confiança, que a boa mãe, alheia ao sentido que os dois amantes ligavam áquellas palavras, correu a abraçar sua filha pela uncção com que as pronunciara.

Simão ergueu-se rapidamente, não sem primeiro cruzar com sua prima um olhar de intelligencia.

N'esse momento aquelles olhos expressavam mais do que quantas palavras pudera proferir. Significavam o juramento por uma eternidade.

Tambem nos olhos de sua prima brilhava um fulgor tão estranho, que o proprio Simão se encontrava mais fascinado que nunca. Amor, ternura, fidelidade e constancia, todos estes sentimentos se lhe confundiam n'alma n'aquella doce languidez, que, de instantes a instantes, relampejava com a expressão energica d'esses actos voluntarios que não podem terminar senão com a vida.

— Talvez abusasse, minha tia, disse o mancebo volvendo-se para esta; mas tomei sobre mim uma liberdade que, se culpada, sómente eu deverei pagar por delinquente. Os rapazes do almazem desejavam ir cantar os Reis. Tal lhe permitti; fechei o almazem, e vos trago as chaves, porque só ámanhã veem por ellas.

— Não! Não! Pobres rapazes!... É preciso que tambem tenham um dia de folguedo. O genero humano deve regosijar-se quando os anjos do ceo dão signaes da sua alegria, e na mesma terra os potentados vem conduzidos de tão longe a Bethlem, só por uma estrella que os guia, e a fama do nascimento de um Deus Menino! Lembra-me bem que ainda no anno passado o padre mestre Gaspar me disse: — «Os magos viram o Homem Deus, prostraram-se na sua presença, adoraram-no, e lhe offereceram por presentes oiro, incenso e myrrha. Pelo oiro reconheciam-no seu rei; pelo incenso prestavam homenagem á sua divindade; pela myrrha hon-

ravam a sua humanidade.» Assim é que a Egreja explica os mysterios de ámanhã.

— Absolvido, pois, minha tia, agora só me resta retirar. Eis as chaves, que ámanhã virei por ellas.

E, entregando-lh'as, beijou reverente a mão de sua tia, e saudou sua prima.

Simão Rodrigues morava no largo dos Escudeiros, que era ahi diante do Poço do Borratem.

— Olha, Simão, lhe disse sua prima, não desças pela *rua da Pella* a entrar pelo *arco da Porta da Palma*; segue por cá direito a S. Domingos, inclina ao *Hospital de Todos os Santos*, e vae descair em tua casa. A hora já vae tarde, a noite está bastante negra, o transito aqui por cima é mais acompanhado.

— Sim, prima, respondeu Simão, já com um pé fora da porta. Boas noites.

— Boas noites... até ámanhã.

— Até ámanhã, se a Deus aprouver.

E effectivamente seguiu o caminho que sua prima lhe indicou.

Ouviu em varios pontos cantar os Reis. Pareceu-lhe que todos n'aquella noite estavam como elle satisfeitos.

Em tudo isto reparou, mas deixou de notar que apenas saira de casa de sua tia um vulto o seguia, parecendo espional-o.

Continua. ***

NATAL EM MAFRA.

I

As santas memorias,
No berço embaladas,
No leite da infancia
Nascidas, creadas;
São lume perenne,
Brilhante, solemne,
Que o tempo, mais vivo
No peito reflecte:
Impulso, que activo
Recresce na edade;
Jucundo, sem riso,
Se triste, sem dôr,
Sentir indeciso
De tanta saudade,
Ternura, e amor...
Oh! salve, bemvindas
Memorias da infancia;
Tornadas mais puras,
Visiveis, seguras,
Se cresce a distancia.
Um anno, que passa,
Lhes dá nova graça:
Um raio celeste,
De novo lhes veste.
No longe da vida
A mente arrefece,
Memorias esquece.
Só tu, doce crença,
No peito embalada,
És sempre lembrada.
Oh salve, bemvinda
Memoria da infancia;
Feliz consonancia
De maga isenção.
Que vozes modulem
Sonora canção;
Que, mil instrumentos
Accordes accentos,
Em breves momentos,
Os sons, que s'ouviram
Apenas ouvidos,
Em eccos são idos,
Que nascem, expiram.
Só tu, mais gentil,
Memoria infantil,
Da vida n'aurora,
Vibrando sonora,
Tu vaes d'hora a hora,
Mais pura e crescida.
Se mais repetida.
D'eterno condão
Teu germen fecundo
A flor, que no fundo
Do peito — em botão
Creara uma vez;
Embora, o revez
De negra procella,
Cruel a combata;
Refulge viçosa,
Se mostra mais bella.
Que, em mar d'infortunio
Melhor se retrata,
Ao som da tormenta,
Melhor se acalenta;
Campêa, mais forte,
Nas raias da morte.

II

É noite benta. Agora mesmo, ao longe
D'alegre sino, o som festivo escuto.
É noite benta; — exulte a humanidade,
Em galas troque seu pesado luto.

Alto, sacro mysterio, hoje adoremos.
Celeste aurora de brilhante luz
Cobre o ceo do Oriente: — eil-a remida
A especie humana, que nasceu Jesus.

A nobres, a plebeus, a todos cabe
Na dadiva do ceo, egual quinhão.
Precedencias, no affecto, — essas consente
Infinita Bondade; — as outras não.

E já, de modos mil, o pobre, o rico,
No burgo humilde, na cidade altiva,
Aqui, por entre o fausto, ali desculto,
Mostram amor, que o peito lhes captiva.

III

E as portas, de par em par,
Abre o templo, a hora dada.
E o sino, logo a chamar,
Seus alegres sons tangendo,
A hora não costumada.
—Até o sino vigia,
Não dorme n'aquelle dia.
E todo o povo christão,
N'essa noite, a essa hora,
Como se um ente, só fôra,
Ouve do sino o pregão,
Annuncio da Redempção;
Que o mesmo sentir em todos
Acorda no coração.
—E já, na casa, ou na egreja,
Tributos d'adoração,
Por todos rendidos são.
E pobre ermida, que seja,
Lá se vê no seu altar,
Limpa toalha, que alveja,
Mais viva luz, a brilhar;
E vozes, que juntas soam
Em seu devoto cantar.
Canto rude, por singelo,
Por leal, — não menos bello,
Que, a melodia perfeita,
Essa, que só Deus acceita,
É toda em vozes, que são
Nascidas do coração.
O crime d'ingratidão,
Hoje — abençoada noite!
Não ha peito, onde se acoite.
Já, cultos d'adoração,
Por todos rendidos são.....

IV

Por todos... errei — não! — onde ora habito
Do magestoso templo, as ferreas portas
Nem descerradas foram! Em silencio
Jazeu, — qual cemiterio, a horas mortas.

Nas celsas torres, onde a cruz é tope,
Nem um som festival s'ouvira — ao menos.
De pagode infiel, torres dissereis,
Profanos minaretes serracenos.

Do — Magnanimo Rei — padrão eterno,
Solemne voto a Deus, que o mundo espanta;
Lume, de viva fé, — um só não vira,
Nada o silencio ingrato lhe quebranta!

Aqui, — sacro recinto, onde s'enfeixam
Galas, riquezas mil — prodigios d'arte,
Nem um som! Como sordido avarento,
Que, se mais oiro tem, — menos reparte.

Lá — na visinha aldêa, humilde, pobre,
Tudo, em festa pernoita: alegre sôa
Da singela garrida, o crebro toque,
Votivo som d'amor, que ao ceo revôa.

Murta fragrante, — ali — por entre a urze,
Humilde, embora, a crença reflorece;
Rosa soberba — aqui, — faltou-lhe a seiva,
N'haste pendida jaz, — amarellece.

—Ao gigante, onde a pompa os thronos junta
Dos reis de ceos, e terra, — hoje, rural
Modesta capellinha exemplos tece,
Vergonha eterna ao luso Escurial!

Dezembro de 1856.

J. DA C. CASCAES.

MEMORIAS HISTORICAS.

Continuação. *

(1592)

Completamos os excerptos que emprehendemos fazer do *Itinerario* de Lintschoten, e que já publicámos a paginas 394, 402, e 410 do volume antecedente, com a relação que o viajante hollandez faz do estado em que estavam as ilhas açorianas n'aquella epoca.

«Descripção das sete ilhas dos Açores ou Flandricas. Nomes. Terceira, cabeça de todas. Bahia d'Angra. Monte Brazil. Columnas d'onde os naturaes da ilha dão signal dos navios que se avistam. Fortalezas. Villa da Praia na ilha Terceira. O terreno da ilha fertil em cereaes. Abundancia de peixe e carne. Fructos Batata. Descripção da junça com cuja raiz enchem colchões. Commercio principal do pastel. Canarios (aves). Inverno Rochedos da Terceira, que produzem vinhas. Presidio de hespanhoes. Admiravel maneira de conservar os cereaes. Os bois na Terceira dão lucro. Solo concavo. Frequentes tremores de terra. Fontes quentes. Fonte que muda o pau em pedra. Cedro. Madeiras varias. Madeira de teixo. Presidiarios hespanhoes da Terceira. João Hugo avista a ilha Esboço da cidade d'Angra por João Hugo. Molestias da Terceira. Vehemencia dos ventos Villa da Terceira. Commercio dos insulares. Ilha de San-Miguel fertil em pastel. Ilha de Santa Maria. Ilha Graciosa. Ilha de S. Jorge. Cedro. Ilha do Fayal. É tomada pelos inglezes. Os belgas cultivam a ilha do Fayal. Ilha do Pico Monte altissimo. Muito excellentes pomos de oiro (laranjas). Flores e Corvo.

«As ilhas dos Açores, ou Flandricas, são em numero de sete, a saber: Terceira, S. Miguel, Santa Maria, S. Jorge, Graciosa, Pico e Fayal. As outras duas, Flores e Corvo, não se comprehendem no nome d'Açores, postoque hoje se assignem nove ilhas debaixo d'um só e mesmo governo. Chamam-se Açores, pela multidão d'estas aves, que ali se encontrou quando foram descobertas, e de cuja especie hoje nem uma só apparece. Chamam-se tambem Flandricas dos flamengos, porque foram elles os primeiros habitantes da ilha do Fayal, e ainda hoje ali existem familias de individuos similhantes aos flamengos pelo rosto e pelo cabello, e mesmo no logar em que habitam ha uma torrente que se chama *Ribeira dos flamengos*.

«A cabeça de todas as ilhas é a Terceira, que vulgarmente se chama ilha de Jesus Christo da Terceira. Abraça uma extensão de quinze ou dezeseis leguas, e o seu solo é muito al-

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

to e povoado de rochedos, de modo que se julga invencivel, cingida de toda a parte d'uma como muralha natural, que é supprida por fortes baluartes nos logares onde falta. Não tem porto ou enseada conveniente para resguardar os navios. Comtudo diante da cidade d'Angra o mar entrando pela terra em forma de meia lua ou de abra aberta, forma uma especie de porto. D'aqui vem o nome á cidade, da abra aberta, ou em meia lua, que os portuguezes designam pelo vocabulo *Angra*. D'uma parte, para onde se estende como um cotovelo tem dois montes chamados *Brazil*, que saem ao mar, com tal configuração, que vistos de longe parecem separados da ilha. São por tal forma altos, que em dia sereno se podem avistar de quinze leguas de distancia. Aqui estão duas columnas de pedra das quaes o vigia dá signal á ilha dos navios que chegam. Os que vem da parte occidental ou austral, a saber d'uma ou outra India, do Brazil, de Guiné, de Cabo Verde e outros logares, são assignalados por bandeiras que se içam na columna occidental, e se são mais do que cinco, indicam-se por maior bandeira, e ao som de trombeta. Pela bandeira içada do mesmo modo na columna oriental se conhecem os navios que vem de Portugal, e outros logares orientaes ou septentrionaes, visto que estas columnas pela sua altura se avistam de toda a cidade, de maneira que não ha novidade alguma no mar, que logo se não saiba por toda a ilha. Tambem por todos os montes que avistam o mar, estão collocadas eguaes vigias, que dão signal ao governador e generaes da ilha, para que não soffram algum prejuiso. Ao pé do mencionado monte Brazil está situada uma fortaleza em frente d'um outro castello, para defensão da supradita enseada, e para que navio algum saia ou entre sem licença dos castellos.

«A cidade d'Angra, metropolitana das ilhas. e tambem cabeça das outras dos Açores, brilha muito pela honra de cathedral, pela autoridade do governador e tribunaes judiciaes. D'esta cidade para o nordeste, distante tres leguas, está a chamada Villa da Praia, por ser a sua posição á borda do mar. É pouco frequentada do commercio porque não tem porto, e não é procurada dos navios senão em occasião de mau tempo, para ahi depositarem os seus generos, que são depois levados a Angra. É cercada de muros, soffrivelmente construidos, menos populosa, e habitada por lavradores. O campo visinho é fertil de cereaes. Além d'isto o resto da ilha, que é muito aprasivel, tem muito trigo e vinho. Não podem comtudo exportar este ultimo, por ser inferior, e de pouca força, e por isso é bebido pelo povo, visto que as pessoas ricas usam vinhos da Madeira e Canaria. Ha grande abundancia de peixe, carne, animaes, e outras coisas necessarias, que abundam para o consumo da ilha. Sómente azeite, é que fazem uso do que vem de Lisboa. Da mesma sorte carece de sal, panellas, pratos, vasos de barro e outros utensilios similhantes. Produz fructos; ha abundancia extraordinaria e quasi milagrosa de pecegos de varias especies. As cerejas, ameixas, nozes, e castanhas em pequena quantidade, porém as maçãs, peras, laranjas, limões, etc. abundam. Dá em certo e determinado tempo do anno todas as hervas e plantas, como couve, rabano, etc. Cresce aqui debaixo da terra um fructo principal e singular, similhante ao rabano e outras raizes. As ramas são de forma da planta de vinha, porém de folhas differentes, e acamadas pelo chão. Os fructos a que chamam *batatas* são do peso de libra, mas, de pouco valor ali, servem de excellente alimento ao povo. Tem mais merecimento em Lisboa, porque na Terceira a abundancia lh'o diminue. Vê-se aqui um outro fructo *(junça)* semeado á maneira de trigo, que cresce da raiz ou das folhas d'uma herva similhante á gramma, de forma quasi espherica, como ervilha. Tem gosto muito agradavel parecido ao da castanha, e é de mais dura casca. N'outras regiões tem grande valor: aqui pela abundancia deita-se aos porcos. Acha-se n'esta ilha, a cada passo, uma planta d'altura d'homem, que não dá fructo, mas sómente uma raiz molle e loira, como fios de oiro, tão branda como seda: serve aos naturaes da ilha para encher colchões, em logar de pennas ou de lã. Algum curioso (assim o julgo) poderia facilmente fabricar d'esta materia algum tecido. O principal genero de commercio que aqui vem buscar os inglezes, escocezes e francezes é o pastel, que usam nas tintas, que trocam por pannos e outras mercadorias. Mas o commercio foi ha pouco interdito aos inglezes. A ilha não tem muitas aves silvestres. As que chamam *canarios* voam por toda a parte em grande numero, por isso muitos passarinheiros se occupam n'esta distracção. Tambem tem muitas codornizes e aves domesticas, gallinhas africanas, etc. Ninguem aqui se dá á caça, porque a terra sómente alimenta alguns coelhos. De peixe ha no tempo de verão grande abundancia. D'inverno o mar não é muito commodo para pescar. Nos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, e mesmo em Setembro, ha horriveis tempestades. A mesma terra montuosa, em muitos logares deserta, cheia d'arvores e mattos, não offerece commodos caminhos. De toda a parte saem rochas agudas como bicos de diamantes, que podem cortar os pés dos viajantes. Estas rochas estão plantadas de vinhas, que no tempo de verão as cobrem com densas folhas. É admiravel ver como se fixam as raizes entre as pedras, até á maior altura. Nos campos e planicies não cresce a vinha, mas folga entre as pedras onde dá mui grande lucro. A terra plana, que ha em muitos logares, principalmente junto á Villa da Praia, é mui abundante em trigo e pastel. Por isso os ilhéos não carecem d'importar trigo do estrangeiro, senão em annos de grande esterilidade, posto-

que, além dos habitantes, quatorze companhias de hespanhoes, se alimentam d'elle a titulo de defender a terra. O que porém é admiravel é que os trigos e outros fructos da ilha não duram além do anno em perfeito estado. Os que restam corrompidos no fim do anno não tem valor algum. Para que, pois, preservem o trigo, guardam-no os habitantes debaixo da terra por espaço de quatro ou cinco mezes. Para este effeito cada cidadão abre, n'um certo largo ou praça um poço redondo, tirada a terra com pequeno trabalho, deixando-lhe uma abertura por onde á vontade pode descer um homem, e com uma tapadoira onde se inscreve o nome do dono. D'esta forma cada um guarda na sua cova o trigo que tem, depois da ceifa em Julho, e coberto com terra e com a tapadoira o conserva até o tempo do Natal. Então todos os habitantes o tiram inteiro e são, por partes, só aquelle de que querem usar, deixando o resto no mencionado poço. Passado o tempo em que se gastou o outro, este que desenterraram dura por todo o resto do anno em cestos ou cabazes de canna, sem nenhuma necessidade de lhe tocarem. Tiram tambem os insulares grande lucro dos bois, que pelo tamanho dos cornos, pela sua belleza e qualidade excedem muito os bois da Europa. Todos tem um nome proprio, e chamados por elle pelo dono quando passam em rebanho, aproximam-se.

Continua.

José de Torres.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CIDADES E CASAS.

As cidades que os hebreus tiraram aos cananeus foram as suas primeiras habitações fixas. Eram bem edificadas e fortificadas. As que se reputavam mais importantes estavam situadas em alturas. Cingiam-as com dupla, e ás vezes triplice muralha. Guarneciam-as de seteiras, e torres de espaço em espaço, circundadas de fossos profundos, que lhes defendiam o accesso.

As ruas não eram calçadas; porém havia um cuidado immenso em as conservar aceiadas.

Tinham uma immensidade de edificios publicos e templos. N'estas cidades, os unicos logares notaveis eram a porta, e o mercado. A primeira por ser o sitio onde se administrava justiça; e era este o motivo porque sobranceiro á porta havia um edificio, ou collocado ao lado. O segundo, que não era distante da primeira, servia para as assembléas do povo, e para a venda dos generos. Eram uns pateos mui grandes, cercados de porticos e galerias cobertas, onde os mercadores armavam as suas barracas, e os estrangeiros passavam a noite, quando não encontravam quem lhes desse hospitalidade; porque as albergarias eram raras n'aquellas epocas, e muitas cidades havia que as não tinham.

A belleza das casas consistia mais no completo da sua configuração e affeiçoamento e travação das pedras do que nos seus ornamentos. Empregavam um cuidado extremo para que as pedras ficassem bem unidas, perfeitamente a prumo. Revestiam internamente as casas mais ricas com madeiras de cedro ou de cypreste. Estas madeiras serviam egualmente para columnas e hombreiras.

Os tectos eram horisontaes, e em vez de telhados calcava-se a terra, da mesma forma que o que se chama hoje taipa, afim da chuva não penetrar. Havia uma lei que obrigava a circundar estes terraços com um parapeito sufficiente a obstar que alguem fortuitamente se precipitasse.

Serviam estes terraços ou plataformas para passeiar; e muitas occasiões havia em que ahi comiam, e dormiam. Tambem nas epocas de alarme ahi se refugiava a gente da casa, e servia de muito para quem bradasse por soccorro, pois mais facilmente assim era ouvida de longe.

N'aquelles tempos não era conhecido o uso das chaminés. Acendia-se um brazeiro no centro da casa, e ao redor d'elle se sentava a familia para se aquecer. Cosinhava-se a comida n'uma especie de fornos.

As janellas eram fechadas com barrotes como uma especie de grades. As portas fechavam-se por dentro com trancas de pau ou de metal, e pesados ferrolhos.

Tanto na frente, como aos lados dos edificios ou casas de habitação havia umas galerias cobertas, nas quaes os criados e os escravos tinham um abrigo e commodo agradavel. Estas galerias communicavam-se entre si, e com o edificio por tal arte que para o serviço domestico não era de receiar a intemperie da estação.

POPULAÇÃO.

A fertilidade da *Terra da Promissão* (que hoje está reduzida a miseraveis aldêas, terras incultas, e ruinas) pode calcular-se pela multidão dos seus habitantes. Quando os hebreus entraram n'este paiz eram mais de seiscentos mil os homens que podiam pegar em armas, a contar dos vinte annos até aos sessenta. Junte-se a este numero as mulheres, as creanças, os velhos, os escravos, os naturaes do paiz que não foram exterminados, e sem falhar o calculo teremos uma população de tres milhões d'almas.

Depois este numero augmentou muito. Passados os dezeseis annos que se seguiram á morte de Josué, n'uma guerra que as onze tribus declararam á de Benjamin, esta, que era a mais pequena de todas, poz em pé de guerra vinte e cinco mil homens. O resto do povo ainda constava de quatrocentos mil. Saul apresentou duzentos mil homens contra os amalecitas, quando os

exterminou. David tinha effectivamente em armas doze corpos de vinte e quatro mil homens cada um, os quaes serviam por mezes, o que fazia o total de duzentos e oitenta e oito mil homens. No recenseamento a que procedeu no fim do seu reinado, encontrou-se com um milhão e trezentos mil combatentes. Josaphat, um dos seus successores, apesar de não possuir senão o terço do reino de David, teve em armas um milhão cento e sessenta mil homens, sem contar as guarnições das praças.

Os hebreus (e n'este caso todas as nações antigas) dirigiam toda a sua politica a favorecer a população. — «A multidão do povo, disse Salomão, é a gloria do rei, e o pequeno numero de vassallos a vergonha do principe.» Por isto se applicavam á cultura do paiz. Procuravam facilitar os casamentos, e tornar sadias as suas cidades; ter o povo robusto e na abundancia; e finalmente sacar da terra tudo quanto ella podesse produzir.

Este era o motivo porque desde a mais tenra infancia exercitavam os filhos no trabalho, inspiravam-lhes o amor do paiz, a reciproca união, e a subjeição ás leis.

Não tinham só no paiz trigo e cevada, vinho, azeite, e mel; tambem cultivavam toda a casta de fructos, n'uma prodigiosa quantidade. Todo o terreno era aproveitado, e por isso poucos bosques possuiam. Parques e jardins era raro vêl-os. Nos campos nutriam numerosos rebanhos, que no leite e na carne lhes forneciam metade das subsistencias. Viviam, como se pode colligir, uma vida simples e frugal.

CASAMENTOS.

Havia liberdade nas allianças entre todos os israelitas. Por isso se podia tomar mulher n'uma das suas differentes tribus, excepto quando as raparigas eram as herdeiras, por falta de varões. N'este caso não queria a lei que os bens d'uma tribu se confundissem com os da outra. Até mesmo se admittiam casamentos com as estrangeiras, no caso de ellas se converterem ao verdadeiro Deus. Exceptuava-se unicamente um povo — o de Canaan.

Os casamentos não eram acompanhados de nenhuma ceremonia religiosa. Não se offereciam sacrificios n'esta occasião; não se ia ao templo; não se chamavam para elles os sacerdotes. Tudo se passava entre os parentes e os amigos. Era rigorosamente um contracto civil.

Os esposos, magnificamente paramentados, e com corôas que eram o symbolo da alegria, recebiam a benção do chefe da familia, que orava sobre elles acompanhado de todos os assistentes, e lhes desejava numerosa posteridade. Eram conduzidos depois ao som de instrumentos musicos, levando o cortejo palmas e ramos de murta. Os esposos tinham comsigo um certo numero de homens, aos quaes se chamava os amigos do esposo; e o mesmo acontecia com a mulher que era acompanhada de egual numero de raparigas, e se denominavam as companheiras da esposa. As nupcias duravam sete dias, sempre em continuados festejos.

Como as mulheres eram muito laboriosas, o casamento entre os hebreus servia mais de allivio que de peso. Longe de receiarem ter filhos, desejavam-os; e até olhavam como uma honra o seu grande numero. Eram felizes aquelles que se viam á frente de uma numerosa posteridade. A vida frugal que passavam cooperava muito para sustentarem uma grande familia.

Quando os filhos eram pequenos pouco lhes custava nutril-os, e menos ainda vestil-os, porque nos paizes quentes quasi sempre andam nús: quando já crescidos ajudavam os paes no trabalho, poupando-lhes assim escravos, ou criados a soldada. As ambições do chefe da familia eram deixar aos seus descendentes a herança recebida de seus paes, melhor cultivada, e mais augmentada em rebanhos.

Este desejo de ter muitos filhos induzia os israelitas a terem ao mesmo tempo muitas mulheres, o que era simultaneamente uma honra, e signal de grandeza. Além das mulheres eram tambem permittidas as concubinas, que ordinariamente se tomavam na classe das escravas. As esposas de primeira classe a unica dignidade que tinham sobre as ultimas era fazerem herdeiros os seus filhos. Por este motivo a concubinagem não era uma devassidão, como hoje; era um casamento menos solemne.

A virgindade era então uma virtude pouco conhecida, e reputavam-se infelizes ou desgraçadas as mulheres que morriam sem ter tido esposo. Á mulher casada era opprobrio a esterilidade, que se julgava uma maldição de Deus.

Este amor da posteridade era o fundamento da lei que determinava ao irmão que desposasse a viuva de seu irmão, quando elle morria sem filhos. Deshonrava-se faltando a este dever de piedade, cujo fim era obstar a que o nome do defunto caisse em esquecimento. Assim os filhos eram-lhe attribuidos por uma especie de adopção.

Nos hebreus, assim como se permittia a pluralidade de mulheres se consentia o divorcio. Unicamente os homens podiam repudiar as mulheres, porém com certas formalidades, sendo uma das principaes dar-lhes um documento escripto, e authenticado por um escriba ou official publico autorisado pelo governo. A esposa repudiada podia casar-se com outro homem, porém nunca mais se podia ajuntar com aquelle que a demittira de si.

Continua.

A.

Se as apparencias dos homens nos levam a amal-os; o vero conhecimento d'elles conduz-nos a odial-os.

A ignorancia torna-se fatua e orgulhosa, quando é condecorada com os graus academicos.



MOSTEIRO DE EKMIAZIN.

A Armenia foi das primeiras regiões convertidas ao christianismo; porém, no IV seculo da nossa era, quando os erros de Eutychio, que geralmente havia adoptado, deram motivo a reunir-se um concilio em Chalcedonia, os armenios, então empenhados em guerra contra os persas seus visinhos, descuidaram-se de enviar representantes áquella assembléa, como tinham feito os demais estados christãos. O concilio foi unanime na condemnação das doutrinas commettidas ao seu exame; só os armenios, que não tomaram parte na condemnação, recusaram adherir, do que proveiu um scisma que ainda dura, postoque recentemente haja esperanças de que se desvaneça voltando os armenios á obediencia e praxes da Egreja catholica romana. Os membros principaes da communhão armenia, que vivem nos estados do sultão estão collocados sob a jurisdicção do patriarcha de Constantinopola; e os que habitam na Russia, na Persia e outras regiões da Asia reconhecem a supremacia do patriarcha de Ekmiazin, o qual tem vinte bispos suffraganeos, que pela maior parte são eleitos d'entre as ordens religiosas. Estes prelados prégam assentados e trazem baculo pastoral, o patriarcha os investe em a dignidade assim como elle recebe do principe soberano a investidura. Os padres seculares podem casar-se; só lhes é vedado celebrar missa nos sete primeiros dias do matrimonio; os monges são celibatarios.

A religião armenia quasi que se funda em praticas exteriores e habituaes. As creanças ainda em tenra edade não só são ensinadas a persignar-se e invocar a Christo, mas tambem a jejuar, comendo uma só vez ao dia, á hora do pôr do sol, com abstinencia de carne, peixe, ovos, lacticinios e vinho. O culto é o mesmo que ha doze seculos; reza-se e canta-se o officio divino na lingua do paiz; a communhão eucharistica é geral para o padre e para o povo sem exceptuar as creanças; todos comem do pão consagrado, e todos bebem do mesmo calice; a consagração é feita com vinho puro e o pão de uso quotidiano. Os padres sustentam que em Jesus Christo ha só uma natureza, e não as duas divina e humana, e que o Espirito Santo não procede do Pae e do Filho, mas do Pae pelo Filho. Já se vê que os armenios são oppostos aos catholicos romanos. Na Turquia exercitam livremente o seu culto; são de costumes austeros e teem grande cuidado em retirar suas mulheres da sociedade dos homens: passam por habeis negociantes, avarentos, sobrios, modestos, porém dissimulados e desconfiados.

O edificio principal d'este culto e residencia de um patriarcha é o mosteiro situado a cinco milhas de Erivan nas faldas do monte Ararat, no cimo do qual se diz que parara a arca de Noé; ahi é o celebre santuario dos armenios ao qual professam grande devoção; chamam-lhe Ekmiazin, isto é, a vinda do unico filho gerado, e dizem que lhe fôra dado tal nome, porque n'esse logar appareceu Christo a S. Gregorio, o illuminador, primeiro patriarcha, que fundou a egreja principal sobre as ruinas de um templo de Venus ahi pelos annos de 276, reinando Tiridates, soberano da Armenia. Os mahometanos lhe chamam *Utch Klissa*, as tres egrejas, porque além da do convento ha mais duas proximas. Estavam antigamente no centro d'uma grande cidade, capital da Armenia, de que só existem fragmentos dispersos, e junto a um enorme monte de entulhos uma mesquinha aldêa; comtudo tem subsistido o mosteiro com suas dependencias convenientemente reparado; o seu exterior similha uma fortaleza da edade media; entra-se primeiro n'um bazar, depois n'um grande pateo, de quatrocentos passos de comprido, no meio do qual está a egreja, que dizem dever a S. Gregorio, apostolo dos armenios, a sua fundação primitiva.

M.

MEMORIAS HISTORICAS.

Conclusão.

«Quem descreverá o alto solo da ilha, frequentemente cavado nos montes, onde o ecco responde, quando se caminha, como saindo de profundas e subterraneas cavernas? Abalam-no frequentes terremotos. Ha fogos e respiradoiros de chammas. Ainda hoje na Terceira, e na ilha de San-Miguel se encontram logares d'onde saem a miudo espessos vapores, queimando em toda a parte o solo. Da mesma sorte ha fontes onde cozerieis um ovo, como com auxilio do fogo. Na ilha Terceira, tres leguas distante d'Angra, ha uma fonte que tem propriedade de petrificar toda a madeira que se lhe deita, como eu mesmo conheci pela experiencia: d'uma arvore, as raizes que estavam do lado onde lhes chegava a agua, estavam empedernidas, emquanto do outro lado estavam da mesma forma que as das outras arvores. A ilha Terceira produz diversas e mui excellentes madeiras, principalmente o cedro, em tamanha quantidade que o empregam vilmente em construcção de navios, carros, e até o queimam. Ha tambem ali uma outra qualidade de pau a que chamam *sanguinho*, de bonita côr de sangue; assim como outras madeiras brancas e aloiradas, de côres fixas e magnificas, de que os marceneiros aqui fabricam armarios, escrevaninhas, caixas, estojos, etc. que mandam para Portugal, e que são particularmente procurados pelos navios da India hespanhola, que sempre aqui refrescam. Em Portugal e Hespanha são estes trastes de summa elegancia, e muito procurados, porque excedem muito ás caixas e outros moveis fabricados pelos nuremberguezes. Na verdade teem muito mais valor pela naturalidade e variedade da côr da madeira. Além das supramencionadas qualidades de madeira, ainda se tiram muitas outras da armada da India hespanhola, que são de côres variadas e de tão magnifico e agradavel aspecto, que nem que fossem pintadas.

«A ilha do Pico, que dista doze leguas da Terceira, produz certa qualidade de madeira chamada *teixo*, que é na verdade regia e admiravel. Por isso por alvará se prohibe que qualquer lhe toque, visto que sómente empregados do rei estão encarregados de a cortar. É de extrema dureza, de côr interiormente vermelha, ondulada de escarlate, de summa belleza, que se augmenta pelo decurso do tempo.

«Os portuguezes possuem todas estas ilhas; comtudo depois dos ultimos acontecimentos de Portugal, a Terceira recebeu uma guarnição hespanhola, com um governador da mesma nação. Aquella guarnição habita nas fortalezas e castellos, e nenhum dos portuguezes é maltratado, visto que nenhum soldado sae da cidade para os campos sem licença; por isso ha segurança continua nas estradas de toda a ilha. O estrangeiro não pode andar a pé nem a cavallo á roda da ilha: assim o mandam as ordens portuguezas. Antigamente assignava-se na cidade um bairro em que o mercador vendia os seus generos, e d'elle não podia afastar-se. Hoje deixa-se transitar mais livremente por toda a cidade e pelos campos, sendo comtudo prohibida a exploração do paiz. Esta nos foi concedida por especial benevolencia do governador, e sendo-nos por elle offerecidos cavallos, duas vezes percorremos a ilha em roda. Como pareciamos andar em serviço do rei, reputavam-nos naturaes do paiz, e por isso caminhavamos sem a menor difficuldade. O governador pedia-me com instancia que lhe desenhasse toda a ilha, pois queria mandar a planta ao rei de Hespanha, porém eu escusava-me com o trabalho e enfado que isso causava. Comtudo delineei a cidade d'Angra, com a situação do castello e fortalezas, da qual foi mandada ao rei uma copia, e m'insinuei por este modo no animo do governador. Estavam comnosco na mesma hospedaria dois mercadores, um francez, outro escocez, que ardiam em desejo d'observar a ilha: porém os portuguezes não o consentiram, para não abrirem exemplo, temendo que a cada passo appareça um explorador. Voltemos á descripção da ilha.

«O ar aqui é bom por toda a parte. As doenças da terra são poucas. É enfermidade commum dos portuguezes o *ar* (*ar mau*), que torna o homem fraco ou paralytico de todo o corpo ou de algum membro. O subito derramamento do sangue faz nascer nos portuguezes tumores sanguineos no rosto, á roda dos olhos, ou n'outros par-

tes do corpo. Eis aqui as duas molestias principaes, originadas pelas tempestades, pela humidade dos logares, e pela vehemencia do vento. Tamanha é a força d'este ultimo, que consome inteiramente o ferro, e as pedras dos edificios. Eu mesmo vi, no thesouro regio (alfandega) construido apenas ha seis annos, as grades de ferro que foram da grossura d'um braço, reduzidas a delgadeza de palhas, e as mesmas pedras gastas e quasi reduzidas a nada. Por isso quasi sempre collocam nos frontispicios das casas as pedras que arrancam debaixo d'agua junto á praia, porque estas resistem mais tempo á acção dos ventos. Além das supraditas cidades tem a ilha muitas villas e aldêas, a saber: — S. Sebastião, Santa Barbara, Altares, Agualva, Villa-nova, e outros logares, de maneira que por toda a parte é povoada, excepto nos bosques que são tão cerrados que n'elles se não pode transitar. Os insulares cultivam o pastel com lucro especial; porque uns são agricultores e entregam-se á preparação e cultura d'elle, outros tiram lucro das armadas da India, do Brazil, de Cabo-verde, Guiné, e outras regiões. A Terceira pela sua commoda e celebrada posição recebe quasi todos os navios, de que colhe grande proveito. Ahi separam os insulares os alimentos e mercadorias que teem, e as pequenas coisas que fabricam, e vendem-nas aos viajantes. N'este tempo em que frequentam esta ilha os visinhos insulares, por causa do commercio, os inglezes infestam o mar em navios de corso, afim de roubar os navios que vem ancorar n'esta ilha. Por isso agora muitas naus evitam chegar a estas ilhas, com medo das ciladas, o que causa grande prejuizo aos insulares, e grave transtorno aos navios.

«Da Terceira para sueste, distante vinte e sete, ou vinte e oito leguas, está a ilha de San-Miguel, tendo de extensão quasi vinte leguas, povoada de aldêas e outras povoações. É habitada por portuguezes, e gosa do mesmo ar, e outras commodidades como a Terceira. A sua principal cidade chama-se Ponta-delgada, que os inglezes, escocezes, e francezes frequentam mais do que a Terceira, por causa da extrema quantidade de pastel que ali ha, e de que importam todos os annos para cima de duzentos mil quintaes. É tambem tão fertil em trigo, que muitas vezes suppre as faltas das outras ilhas. Não tem porto algum, e o mar rebenta por toda a parte, o que torna a permanencia menos segura do que junto á Terceira. Tambem ahi não ha fortaleza alguma que impeça a saida, e por isso quando accommette alguma tempestade os navios saem livremente para o mar afim de evitar o perigo, o que não podem fazer na Terceira. Por esta razão as naus d'estrangeiros entram livremente em San-Miguel. Tambem a bandeira hespanhola serve na fortaleza para defender a cidade de Ponta-delgada.

«Da ilha de San-Miguel para o sul doze leguas está situada a ilha de Santa Maria, que tem de circumferencia dez, ou doze leguas, sem outro commercio que a torne celebre, além do de vasos e utensilios de barro. Não tem pastel; porém abunda em tudo quanto é necessario para alimento. É habitada por portuguezes, e não é guardada por guarnição hespanhola, porque sendo cingida d'extraordinarios rochedos, pode muito bem ser defendida pelos insulares. No tempo em que eu morava na Terceira, o inglez conde de Cumberland quizera ali entrar para fazer aguada e refazer-se de viveres, porém afastou-se com grande mortandade da sua gente, depois de ter recebido muito damno dos insulares.

«Da Terceira para nornoroeste sete ou oito leguas está a ilha chamada Graciosa, tendo apenas d'extensão cinco ou seis leguas. Sobremodo amena e agradavel, dá varios fructos de que ainda abastece a mesma ilha Terceira. É habitada por portuguezes, e nenhuns soldados tem para a guardar, porque pela pequenez não pode satisfazer ás despezas da guarnição.

«Da Terceira para noroeste oito ou nove leguas avista-se a ilha de San-Jorge, tendo mais de doze leguas de comprimento, porém só duas ou tres de largura. É povoada de montes e bosques e tem algum pastel. Os insulares cultivam os campos, e os fructos, que logo depois transportam para a Terceira. Produz a arvore *cedro* com abundancia. Esta madeira é muito procurada pelos marceneiros da Terceira, que pela qualidade do logar ahi passam.

«Da terra de San-Jorge para oes-sudoeste está situada a ilha do Fayal, que tem de circuito dezesete, ou dezoito leguas, muito celebre, em terceiro logar, depois da Terceira e San-Miguel, porque dá com abundancia tudo quanto é necessario para sustentação. Abunda em gados e peixes, de que ainda abastece a ilha Terceira. Tambem tem pastel e por isso é frequentada dos inglezes. O principal porto d'esta ilha é junto á villa da Horta, onde fundeiam navios d'alto bordo. Junto á cidade ha uma fortaleza de pequena importancia. E porque os insulares se queixavam da grandeza das despezas, e incommodo da guarnição, offerecendo-se para a fazerem elles mesmos, o rei mandou retirar os soldados. Como porém o conde de Cumberland, depois de fraca defesa, e tendo-se manifestado dissensão entre os insulares, tomou a ilha, destruiu o castello, e lançou os canhões ao mar, levando algumas caravelas; reprehendidos e castigados pelo rei os principaes da ilha, tornaram a receber da Terceira uma nova guarnição militar. Habitam aqui muitos belgas, porem por longo habito fallando já a lingua portugueza, porque os naturaes da Belgica morreram já. Amam muito os do nosso paiz, e voluntariamente os attendem.

«Do Fayal tres leguas para sueste, da ilha de San-Jorge quatro leguas para o sudoeste, e da Terceira para oes-sudoeste doze, está a ilha do Pico, que tem quinze leguas de extensão. Tira

o nome do monte, *pico*, que dizem exceder em altura o pico das Canarias. Da ilha Terceira quando está o tempo claro, pode avistar-se facilmente; e parece estar distante apenas uma legua, quando se calcula que distará quasi vinte e cinco leguas, porque está na ultima extremidade da ilha do Fayal. O cume estende-se além das nuvens, de modo que o monte parece estar coberto por ellas e pelo horisonte. A ilha tem por elle grande fama. É fructifera e dá madeira em abundancia, como cedro e a outra, preciosa, que chamam *teixo*. Aqui tambem se fabricam navios, pela abundancia de madeira. Tem muitos gados, abundantes vinhos, e excellentes fructos, e, entre estes, laranjas d'exquisito gosto, que são muito procuradas pelos moradores da Terceira e de Portugal.

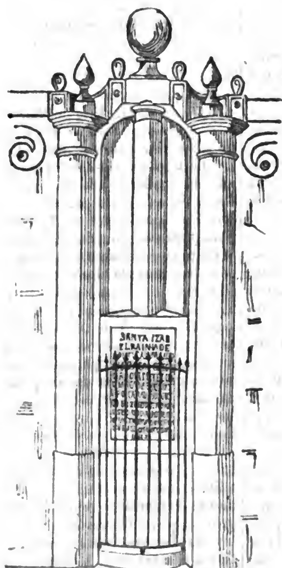
«Da Terceira para o occidente até á ilha das Flores contam-se setenta leguas. Esta, que abrange o espaço de sete leguas, nada produz proprio para commercio, além do pastel. Nutre abundantemente gados, e abre-se a todos os que ali aportam, bem como aos inglezes, que os habitantes da ilha não podem conter.

«Distante d'esta, coisa d'uma legua, está uma pequena ilha, que terá de circumferencia duas ou tres leguas, chamada do Corvo, tambem habitada pelos portuguezes. Entre estas duas ilhas, ou perto d'ellas cruzam quasi sempre navios inglezes, esperando as armadas da India occidental; porque de todas as ilhas dos Açores são estas as primeiras que avistam. Por esta razão os seus habitantes vivem pouco felizes, expostos a presas, e muitas vezes privados de seus bens.

«A ilha Terceira está situada em 39 graus, na mesma altura que Lisboa, d'onde dista para o occidente duzentas e cincoenta leguas hespanholas.

«Basta a respeito das ilhas dos Açores, que aliás são bem conhecidas dos do nosso paiz (*os hollandezes*).»

JOSÉ DE TORRES.



SANTA IZAB
ELRAINHA DE
PORTVGAL MANDOV
COLLOCAR ESTE PA
DRAM NESTE LVGAR
EM MEMORA DAPAS
CE EFICACAO QVE NEL
LE FEZ ENTRE SEU MA
RIDO ELREI D DINIS
E SEU Fº D AFONSO
4º ESTANDO Pª SE DA
REM BTª NA ERA DE
1323

PADRÃO NO ARCO DO CEGO.

Quando el-rei D. Affonso IV, ainda infante, se tomou de ciumes com el-rei D. Diniz seu pae, por suspeitas de que estimava mais aos filhos naturaes D. Affonso Sanches e João Affonso, do que a elle que tinha um dia de lhe succeder na corôa, e a quem estes não serviam nem acatavam como o infante desejava, levantou armas pelo reino, chamando á sua parcialidade quasi

todos os nobres e senhores. D'aquella predilecção d'el-rei pelos referidos dois filhos bastardos tinha o infante provas em ver desterrado ao mais velho dos naturaes, o conde D. Pedro, que por seguir partes de D. Affonso, foi a requerimento de João Affonso expatriado para Castella, tomando-se-lhe cá no reino todas as suas terras e fazenda. Alguns historiadores accrescentam que ás referidas razões accrescia ser tambem o infante de grande e desordenada cubiça, desejando cobrar para si as riquezas e thesouros d'el-rei seu pae, bem como que este demittisse n'elle a justiça e governança do reino.

Principiou o rompimento indo a Castella o infante D. Affonso, sob pretexto de ver sua sogra a rainha D. Maria, e para isso levou comsigo sua esposa D. Beatriz e filhos, o que tudo foi contra vontade d'el-rei, que d'esta jornada logo suspeitou turvação ao reino. Em Cidade Rodrigo combinou D. Affonso com sua sogra como proceder n'aquella conjuntura, e regressado que foi o infante a Portugal, logo veiu á côrte um Pero Rendel, ouvidor das justiças em casa do rei de Castella, com recado da rainha, no qual com grande instancia requeria e pedia a D. Diniz entregasse ao sobredito infante o regimento das justiças; ao que el-rei, como justo era, se escusou. Com esta resposta se aggravou o infante, e principiou a andar sempre afastado d'el-rei, e a tentar meios de matar a Affonso Sanches, ou pelo menos desterral-o, como causa primaria que suspeitava ser de seu pae não delegar n'elle o regimento das justiças. Para isto tramou que Affonso Sanches o pretendia assassinar, peitando homens para esse fim, e forjando treslados d'esta intriga — que primeiro teve cuidado de fazer publicos em Coimbra, onde se achava, para commover o povo — os enviou depois a el-rei, pedindo desaggravo de seu irmão bastardo. El-rei não quiz crer n'estas invenções, e mandou pedir ao infante os documentos originaes, para em vista d'elles proceder com o devido castigo como cumpria; ao que o infante tambem não quiz obedecer, e el-rei veiu a descobrir a falsidade.

D'estas desavenças seguiram-se serem tambem desavindos os homens d'el-rei e do infante, com estrago de fazenda de ambas as parcialidades, e mortes traiçoeiras de alguns. N'estas contendas interveiu o papa para que o infante se tornasse obediente ao pae, ao que elle foi constantemente recusando-se, até que por fim saiu de Coimbra com muita gente armada, caminho de Leiria, com fama de vir a Lisboa em romaria ao mosteiro de S. Vicente, porém na verdade com a tenção de tomar e ter Lisboa contra seu pae. El-rei que o soube mandou-lhe recado a Santarem para que despedisse aquella gente, pois não dava assim o infante mostras de romaria, antes de maus intentos. D. Affonso despresou os conselhos do pae, e continuou sua marcha sobre Lisboa, e ao seu encontro saiu el-rei, levando em companhia a rainha D. Isabel sua mulher. Achava-se o infante a oito leguas de Lisboa, quando soube da saida de seu pae, e inclinou para Cintra, onde D. Diniz o foi buscar; mas o infante não quiz combater, e abalando-se mais proximo á cidade de Lisboa, seguido foi por el-rei que em Bemfica soube achar-se o infante a uma legua d'ali apparelhado a combate. Comtudo o encontro das duas hostes não teve logar pela intercessão da rainha Santa Isabel, e foi em memoria d'estas tregoas entre pae e filho que se levantou o Padrão que hoje se vê ao Arco do Cego, estrada do Campo Pequeno para o Lumiar, encravado na parede de uma quinta que até 1833 foi dos padres Nerys. A nossa estampa representa este padrão com a sua lapida, reformado ha poucos annos.

E por concluir com esta noticia, diremos que depois se fez concordia entre o infante e el-rei, na villa de Pombal, e estas pazes se firmaram com solemne juramento no altar da capella de S. Simão em Leiria. **

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

EDUCAÇÃO.

Consideravam os israelitas a educação dos filhos como o primeiro e mais doce dos deveres impostos ao homem.

Começava ella d'algum modo logo depois do nascimento, porque as mães não se dispensavam como hoje de nutrir aos proprios peitos o fructo das suas entranhas.

Apenas a creança podia caminhar, e soltava algumas palavras, o trabalho e os exercicios iam formando a sua educação physica, da mesma sorte que a musica e as lettras lhe formavam o espirito. Uma e outra educação iam seguindo proporcionalmente os annos.

O pae acostumava o filho a correr, a levantar pesos, a disparar o arco, a servir-se da funda, e a combater contra os animaes ferozes. Estes exercicios eram ás vezes acompanhados de exercicios militares.

Ensinava-lhe tambem tudo quanto respeita á agricultura, esclarecendo as lições com uma continuada pratica; de sorte que um mancebo, saindo da casa paterna, sabia todas as coisas necessarias á vida, conhecia perfeitamente as differentes qualidades de terra, as plantas proprias a cada uma, o seu tratamento especial; modo de cultivar e recolher os fructos, a natureza de cada animal domestico, o sustento mais apropriado a cada um d'elles, as molestias de que o gado adoecia, e o modo de as curar.

As mães ensinavam ás filhas todo o arranjo de uma casa: como se cosinhava; a fiar; a trabalhar de agulha; a cortar etc.

Havia maximas especiaes á educação de cada um dos sexos, que pela sua extensão não podemos mencionar aqui, mas que tem um cu-

nho de profunda philosophia, e que os sabios modernos ainda não souberam egualar.

Além d'estas instrucções eram os paes e as mães obrigados a ensinar aos filhos as maravilhas que Deus operara tanto em seu tempo, como no dos seus antepassados. Ordenava-lhes a lei que explicassem a origem das festas que celebravam, e as ceremonias praticadas n'ellas.

Os israelitas não tinham escolas publicas, porque a sua vida laboriosa não lhes permittia que deixassem sair os filhos da casa paterna para ouvirem as lições de mestres particulares. A maior parte dos estudos fazia-se sem leitura, nem lições regulares: era por via das palestras dos paes e dos anciãos.

Tinham, porém, um grande numero de livros. Desde o tempo de Moysés falla-se n'um livro das guerras do Senhor; e n'outra parte se menciona o livro dos justos. Nos livros dos reis citam-se muitas vezes as chronicas dos reis de Judá e d'Israel. Salomão escreveu tres mil parabolas, e mais de mil canticos. Havia tratados sobre todas as plantas e animaes, feitos pelo mesmo principe, e elle proprio se lastima do furor que tinha de escrever e compor.

Todas estas obras, e muitas outras que se perderam, serviam de certo aos entretenimentos dos hebreus, e os paes n'ellas colhiam grandes lições para seus filhos; porém o livro principal que lhes entregavam era a Biblia, a qual só bastava para instruir perfeitamente.

E effectivamente este livro suppria-lhes todos os mais, porque encerrava o que elles deviam saber. Tinham ahi a historia do mundo até ao seu estabelecimento na *Terra da Promissão*, os progressos da sua nação, as diversas revoluções que a agitaram, os beneficios que receberam de Deus, as penas com que as suas infidelidades foram punidas. Ali se achava toda a sua religião, todos os seus dogmas, todas as ceremonias do seu culto, todos os preceitos da moral, todas as suas leis civis. Finalmente encontravam n'aquelle livro todas as nações que lhe eram conhecidas, e especialmente aquellas que mais lhes importava conhecer.

Aquelle isolamento em que os israelitas viviam das nações estrangeiras fazia-lhes inuteis o estudo das suas linguas e dos seus livros. Até mesmo similhante estudo ser-lhes-hia perigoso, porque teriam aprendido as fabulas impias e extravagantes de que se compunha a theologia dos idolatras.

Applicavam-se a pronunciar e ler correctamente a sua lingua natural — a hebraica, que é a mais antiga, a mais simples, e apesar d'isso a mais rica e energica de que nenhuma outra que se tenha fallado sobre a terra.

Eram as suas lettras as que chamamos samaritanas porque este povo as conservou. E como ellas não são correntes, nem faceis de formar, duvida-se, e com razão, que o uso da escripta fosse muito commum entre os hebreus. O certo é porém que a maior parte do povo as sabia ler.

Usavam muito de parabolas, enigmas, allegorias e discurso figurado, encerrando assim as maximas de moral em imagens agradaveis e naturaes, expressas por poucas palavras, afim das creanças facilmente as reterem da memoria.

Parte da educação consistia em aprender os canticos compostos por Moysés, e outros profetas, e os psalmos de David. Estas poesias eram cantadas, e para isso precisavam suas noções de musica.

Nada nos resta hoje da musica dos hebreus, nem da structura dos seus versos. Tinham muitos instrumentos como flautas, trombetas, harpas, pandeiros, etc.

Os canticos eram acompanhados de danças. Por isso os rapazes e as raparigas se exercitavam n'ellas. Muitas vezes as raparigas formavam coros, e saíam ao encontro, ganha uma victoria, dos soldados triumphantes, para os felicitarem pelo bom exito das armas. Dançavam e cantavam, em signal de alegria.

RIQUEZAS.

Todos os israelitas tinham um campo para cultivar. Era o mesmo que os seus antepassados haviam recebido de Josué. O israelita não podia nem mudar de logar, nem arruinar-se, nem enriquecer excessivamente; porque a tudo isto provia a lei do anno *sabbatico*, e a do anno do *jubileu*.

Pela primeira d'estas leis estatuia-se que a terra descansasse todos os sete annos em honra do Senhor. No decurso d'este anno setimo, não podiam nem semear o seu campo, nem empar a vinha, nem limpar as arvores, nem ceifar, nem vindimar, nem colher os fructos e legumes que a terra produzisse. Tudo isto ficava abandonado n'esse anno aos pobres e aos estrangeiros. Durante o sexto anno os proprietarios faziam as suas provisões. Se porventura careciam de novos fructos, podiam sim recolhel-os da producção espontanea das suas terras, porém com moderação, não prejudicando áquelles que pela sua pobreza eram n'esse anno os que tinham direito a estes fructos.

Pela lei do *jubileu* santificava-se do mesmo modo o quinquagesimo anno. Publicava-se então uma liberdade geral, pela qual os hebreus que a miseria obrigara a entregarem-se como escravos a seus irmãos, recobravam todos os privilegios de cidadãos. Cada um entrava no pleno direito do que tinha alienado.

Durante o anno do *jubileu*, assim como tambem em todos os annos *sabbaticos* não se podiam exigir dividas, e até muitas vezes se perdoavam ellas aos pobres. Esta difficuldade de pagamento, e a impossibilidade de fazer acquisições duraveis, tornava os emprestimos mais difficeis, e as vendas menos frequentes; e portanto diminuiam as occasiões de empobrecer, o que era o principal fim da lei. Cada um se li-

mitava á sua herança, e esmerava-se em lhe augmentar o valor, pois sabia que nunca sairia da sua familia.

Quando se queria vender uma propriedade rustica, calculava-se o preço pelo numero de annos que deviam decorrer até ao proximo anno do *jubiléu*; quanto maior era o numero de annos, mais valor tinha. Nunca se vendia senão com a condição do resgate. Assim o vendedor podia recuperar a sua propriedade dois, tres, quatro annos depois de a ter alienado, dando ao comprador o dinheiro que recebera por ella. Se não podia resgatal-a esperava pelo anno do *jubileu*.

Quem vendia uma casa dentro do recinto murado de uma cidade, podia resgatal-a dentro de um anno; passado este praso, ficava pertencendo perpetuamente ao comprador, que não era mais obrigado a restituil-a, nem mesmo no anno do *jubileu*. D'esta lei só estavam exceptuadas as casas dos levitas. Se a casa estava em cidade não murada, vendia-se segundo o costume das terras, isto é, sob a condição do resgate, ou pelo menos a de se recuperar no anno do *jubileu*.

Os hebreus não eram propriamente mais do que os usufructuarios das suas terras; eram os rendeiros de Deus unico proprietario verdadeiro. Antes de se elegerem os reis, elles não pagavam mais tributos do que os dizimos e primicias ordenados pelo Senhor: quando a realeza se estabeleceu foram gravados com tributos e impostos arbitrarios.

Todos os israelitas eram quasi egualados em bens, e se a multiplicação da familia obrigava a dividir as terras em mais porções, deviam supprir a falta que d'aqui resultava pela industria e pelo trabalho, nutrindo mais rebanhos nos desertos e nas terras communs.

Era mui escasso entre elles o numerario. E realmente não podia ser de muito uso n'um paiz onde os bens de raiz se não podiam alienar, nem contrahir dividas, e o trafico era tão limitado. A usura era prohibida entre os israelitas e permittida só com os estrangeiros; porém segundo a lei tambem não era facil ter commercio com elles.

Quando qualquer homem morria sem filhos varões, as propriedades passavam ás femeas. Se tambem não tinha filhas então os irmãos herdavam. Faltando o irmão, era o tio paterno. Na falta d'este a successão passava para o parente mais proximo.

Continua. A.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

CASA DE S. ROQUE.

III

Continuação.

Para subir ao tecto da egreja e telhado ha duas escadas junto aos cunhaes do cruzeiro, não sendo ellas caracoladas, como geralmente é uso, mas com taboleiros e degráus de dois em dois, e de quatro em quatro, pelos quaes se sobe desabafadamente pela largura, e claridade que teem.

O frontispicio da egreja termina em um triangulo de pedra, que toma toda a sua largura. Ao remate do triangulo seguia-se pela parte inferior um nicho, acompanhado de cada parte por duas columnas tambem de pedra. Dentro do nicho ficava a imagem do Salvador do mundo com um globo na mão, e sobre elle uma cruz.

O triangulo que hoje se vê sobre o segundo corpo da fachada é de construcção moderna. Falta-lhe portanto, não só a varanda, que corria pela parte exterior do corpo da egreja, mas tambem o nicho e as columnas que o acompanhavam de cada lado. Hoje existe n'este logar um oculo imperfeito; porque se não levou a effeito o projecto de um relogio. Quem reparar para o triangulo sobreposto ao segundo corpo, reconhecerá immediatamente que houve um terremoto que alluiu esta elegante frontaria.

Pela parte debaixo ha tres grandes janellas, guarnecidas de marmore branco, todas de vidraças, que ficam sobre o côro, e servem de lhe dar luz, e a toda a egreja.

Além d'estas janellas tem mais duas o frontispicio que são quasi quadradas, e servem tambem para augmentar a luz da egreja, e do côro.

Tem o frontispicio egualmente tres portas, pelas quaes se dá entrada do adro para a egreja.

Ao entrar na egreja logo se admira o tecto de esteira que resguarda o vão por baixo do côro. É de estuque doirado, e as paredes de ambos os lados estão revestidas de azulejo. Na da direita ha uma porta grande com serventia para o claustro. O côro é sustentado por duas columnas inteiriças, e de boa grandeza.

Esta egreja tem de comprimento, não fallando na capella-mór, cento e oitenta e seis palmos, e de largura oitenta e dois, não mettendo em conta o vão occupado pelas quatro capellas, que correm de cada lado do corpo da egreja.

Os arcos d'estas capellas são de marmore branco, sustentados em pilares da mesma pedra, e os seguintes que acompanham os ditos arcos estão ornados de paineis, vendo-se anjos pintados em alguns, e n'outros varios doutores da Egreja.

Um friso de pedra corre por sobre as capellas, e por cima d'este, no meio de cada arco, fica uma tribuna, com seus balaustres. Por estas tribunas, a que correspondem por detraz largas janellas, com vidraças, entra mais claridade e luz na egreja. As tribunas são tantas de cada lado como as capellas. Tambem no cruzeiro, sobre o arco que n'elle fica, de cada parte, correspondente aos das capellas, ha outra tribuna. Com estas são de cada parte cinco.

Entre as tribunas ha paineis ornados com grandes molduras, lisas, e doiradas. As suas pinturas são passos da vida de Santo Ignacio. De cada lado ha quatro paineis grandes, e quadrados, e mais outros quatro mais pequenos, fi-

cando dois d'estes entre as janellas do côro. Representam a morte de Santo Ignacio, e a sua sepultura.

Sobre os paineis vem uma cornija, com dentilhões de pedra, guarnecidos com fios de oiro, rematar as paredes. Sobre estes dentilhões descansam as vigas, que sustentam o tecto da egreja, e correm como já dissemos por toda ella.

Exactamente no meio de cada lado da egreja ha um pulpito de pedra, de figura quadrada. Sobre o guarda-pó de cada pulpito, e que são bem ornados, assentam dois nichos, sobrepostos um ao outro, e em cada um seu Evangelista, que representam altura proporcionada á de um homem.

O pavimento da egreja era dividida em duas partes, na sua largura, por uma teia. A parte destinada ás mulheres, que ficavam assim totalmente separadas dos homens, era coberta de estrados, excepto uma via, de competente largura, ao centro, e lageada, para dar logar ás procissões, ou passar ao cruzeiro.

A parte que pertencia aos homens estava occupada por bancos. Por traz d'estes bancos deixava-se livre uma passagem, para ir da porta da egreja ao cruzeiro.

Umas grades de pau santo terminavam o corpo da egreja, dividindo-o do cruzeiro. Assentavam no pavimento d'este, que é mais alto que o do corpo da egreja coisa de um palmo. Esta altura forma um degrau.

Nota-se n'este templo o defeito de ser o cruzeiro mais acanhado do que o demandava a largura e extensão do corpo da egreja.

Capella-mór.

A capella-mór tambem padece do mesmo defeito, pois bem se lhe nota a falta de fundo. Do pavimento até á abobada é sua altura de cincoenta e seis palmos. De largura mede trinta e sete.

Esta capella foi dada pelos padres a D. João de Borja, e sua mulher D. Francisca de Aragão. Aquelle era filho de S. Francisco de Borja, duque de Gandia, que foi casado com a portugueza D. Leonor de Castro, dama da infanta D. Isabel, que em Castella casou com o imperador Carlos V. O duque foi depois religioso da Companhia, e canonisado pelo papa Clemente X.

Era n'esta a sepultura do referido D. João, sua mulher, e successores, e a Companhia d'ella lhes fez doação em agradecimento do grande thesouro de reliquias que elle doou á Casa de S. Roque. Aqui só existe soterrado D. João de Borja; sua esposa e filhos morrendo em reinos estrangeiros nunca foram trasladados para este jazigo, que fica por baixo da mesma capella.

O retabolo, que foi feito pelos padres, á custa de esmolas, consta de dois corpos. Tem columnas corinthias, striadas com terços mui bem lavrados. Os capiteis são tambem de feitio corinthio; e sobre as columnas correm as alquitraves e frisos, e sobre estes as cornijas e ornamentos com bom relevo.

Entre as columnas ha nichos striados, e as meias laranjas que formam estão artesoadas de florões, e os baixos acompanhados de tarjas com folhagens e fructos em relevo. N'estes nichos estão quatro santos da Companhia, a saber:—Santo Ignacio, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, e S. Luiz Gonzaga.

O sacrario é perfeito e doirado com grande primor. Está mettido no vão de um arco, que faz o retabolo, composto tambem de varias columnas striadas. Uns anjos de relevo inteiro, com os emblemas dos martyrios nas mãos, rematam as columnas. Conclue esta obra um zimborio, com sua peanha, e a cruz por symbolo.

No meio do retabolo o que se via ordinariamente era um excellente quadro da Circuncisão, feito em Roma. Ha mais quadros que ali se põem, conforme a variedade de festas e mysterios que a Egreja celebra; e são estas a festa do Natal, Resurreição, e Pentecostes.

Nos quartos domingos de cada mez havia communhão geral na Casa de S. Roque. N'essa occasião tirava-se o retabolo, e apparecia então uma casa onde estava uma charola doirada, com quinze palmos de pé direito, e de vão treze, formada por seis columnas com seus capiteis corinthios. Entre columna e columna ha um arco em forma de nicho transparente, com pequenos pilares e arcos formando um circulo.

Sustentam estas columnas uma meia laranja que prende de columna a columna com florões.

Dentro do nicho está a peanha, onde se expõe o Sacramento, e tem dois anjos em humilde adoração, e que parecem á vista sustentados no ar, e com as azas, que por meio de um machinismo, se levantam e abaixam, cobrem, ou descobrem o Sacramento.

Em cada lado do retabolo ha dois nichos de pedra, com suas imagens, que representam os quatro jubileus perpetuos que tinha a Casa de S. Roque, e eram nas festas da Invenção da Santa Cruz, de S. Gregorio Taumaturgo, de Santa Brigida Virgem, e de Santa Ursula com as onze mil virgens.

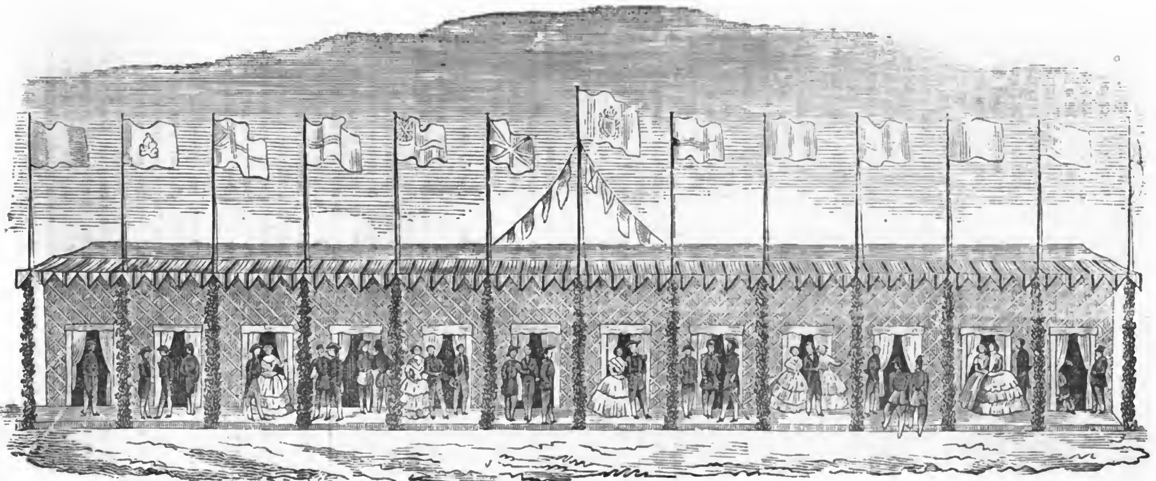
Nos lados da dita capella ha tambem quatro paineis representando os tres martyres do Japão, Paulo, João, Diogo, e o beato Estanislau.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

Publicou-se a comedia de costumes — O SAPATEIRO D'ESCADA — representada no theatro de D. Maria II, — preço 160 réis; bem como — A TORRE DO CORVO — drama original do autor da comedia — O CAMÕES DO ROCIO. Preço 400 réis.

Publicaram-se as doze primeiras folhas da — CHRONICA DA RAINHA.

Estas obras acham-se á venda na loja do editor d'este jornal, rua do Oiro, 227 e 228.



CAMINHO DE FERRO DE LESTE. — ABERTURA REAL.

CAMINHO DE FERRO DE LESTE.
ABERTURA REAL.

No dia 29 de Outubro do anno passado foi aberto á viação publica, com as ceremonias usadas em taes actos, o primeiro caminho de ferro em Portugal. O cardeal patriarcha, sua alteza a senhora infanta D. Isabel Maria, o corpo diplomatico, os altos funccionarios, e grande concurso de povo já se achavam reunidos na estação de Santa Apolonia, que é onde em Lisboa principia a linha, quando ás onze horas da manhã chegou sua magestade el-rei o senhor D. Pedro v, acompanhado de seu augusto pae, princezas e infantes. Foram recebidos no pavilhão, onde havia tres compartimentos ricamente armados; um para a familia real, outro para o cardeal e cleresia, e o ultimo para o corpo diplomatico e côrte. Ao lado, porém fora da estação, havia um grande amphitheatro toldado para os convidados. Deu-se principio ao acto pela benção das locomotivas, que entraram na estação cada uma por sua vez, parando junto ao estrado onde s. em.ª se achava. Então o cardeal tomando o hyssope aspergiu-as, deitando-lhe a benção. Finda a ceremonia duas d'ellas foram engatadas no comboy, que se compunha de dezeseis carruagens, indo na do centro a familia real, e na primeira a guarda real dos archeiros. Meia hora durou a viagem do primeiro comboy desde Lisboa ao Carregado. Tres quartos de hora depois partiu o segundo comboy, composto de nove carruagens, levadas só por uma locomotiva, conduzindo accionistas e convidados.

No Carregado houve um banquete volante, no pavilhão que para esse fim se preparou na estação provisoria. Este pavilhão acha-se representado na gravura que hoje publicamos.

Pelas quatro horas e meia da tarde regressou á capital o comboy real; e ás dez da noite o resto dos convidados já se achava em Lisboa, e terminado o festejo. Em todas as povoações do transito foram recebidos os comboys, acodindo o povo á linha percorrida com musicas, girandolas de foguetes, e arcos triumphaes.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

III

AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

N'este capitulo será o autor quem fará sua falla, dando-lhe começo na linguagem d'aquella epoca.

Não sei se a historia irá muito gostosa. Sei que a sofreguidão com que a vou narrando, não me permitte dar-lhe algo repoiso para advertir nas grandes coisas que a antiguidade deixou escriptas, e exornar com ellas as que os modernos accrescentaram, pondo tambem em outras palavras as antigas.

Se bem não padece aqui alguma força a liberdade, soffre comtudo sobeja violencia o apressado com que vou. Se o heide dizer n'outra parte, seja aqui logo. Tempo não hei tido de polir as minhas figuras, nem de levantar melhor traçado ao pedestal. Nem que o tivera o poderia fazer, que os proventos de autor são tão mesquinhos que nem lhe deixara para uma pada se quizera sómente viver da escripta.

Quem com juizo considerar esta machina, verá que mui similhante vae ella ao natural: e se parecer miudo e proluxo, não me acoimem de armar tão largas redes, que assim é força para colher todos os casos, e todos os avisos da epoca.

Prasa a Deus, que nos não hajamos cansado debalde.

É assaz de fallas nossas. Dêem-nos alviçaras que vamos entrar no conto.

O cadafalso que ora levantamos para a autopsia do coração, querendo Deus não terá algo de asco para d'elle se desviarem os olhos.

Até mesmo vamos tão minuciosos no recato, que talvez nos opponhamos a que olhos de mancebo se esguelhem pelo santuario da virgindade, onde vamos conduzir o ledor sizudo.

Não queremos sombra de facilidade e ligeireza, onde advertimos que a galanteria não pode fazer mal, se nascer de um discreto ou avisado; mas é para cuidar, por comtudo se lhe seguir perigo, se toma causa n'aquelles que nem do seu, nem do alheio, zelam a honra, e se desconcertam em lembranças que se não devem nem á fé, nem ao pudor.

É na alcova da donzella onde havemos entrar.

Beatriz se acolhera ali vinda do oratorio, onde sua mãe ficara esquadrinhando na consciencia peccados alheios, que proprios não os tinha aquella alma de Deus.

Uma pequena murmuração ouvida, e não participada, era nos escrupulos feminaes de Aldonsa Peres um crime tal na santimonia, que nem toda a beataria lh'o poderia expurgar!

Por isso cria naturalmente nas mulheres que faziam profissão de mestras de virtude, em velhas alumiadas, e em gentes professoras de novidades que traziam orações e devoções de tantos dias com tantas candêas, e de tal côr, porque logo Deus lhes mostrava o que havia de ser.

Assim era que n'essa mesma noite mandara Aldonsa chamar uma freira, das veleiras que havia em certos conventos, e onde nunca paravam; madre que se presava de dizer coisas em segredo — como, se casaria, se teria filhos, se o marido alcançaria despacho d'este ou d'aquelle cargo; que benziam enfermos; iam a Santo André; e como diz certo autor: « gastavam relhos com seus nós todo o anno.»

A madre Joanna, que assim se chamava el-

la, era tambem das confessadas certas do padre mestre Gaspar, e d'elle muito estimada, porque tinha a virtude de arrebatar os animos singelos e piedosos das senhoras e gente principal com quem se tratava.

Estas duas almas estavam na casa do oratorio entregues á sua mystica devoção, correndo o capitulo das vaidades feminaes,—como a do modo de vestir-se, em que devem haver crescentes ou minguantes conforme á edade;—se mais se confiou na formosura, sendo formosa, do que se reportou a fealdade, sendo feia;—se com perfumes e cheiros se tranformou em perpetua pastilha e caçoila perenne, mais do que o adubo necessario da discrição com que melhor rescendem:—se foi desaffeiçoada ao concerto da casa e das pessoas;—se acudiu mais com regalos, doces, e conservas faltando a outras coisas mais precisas:—se na demasia das visitas se passou do velho pucaro d'agua á merenda e ao banquete;—se a pratica d'ellas mulheres se podia considerar um bom lenço de amostras;—se fumos ou vaidades começaram a cobrar de bem vistas;—se do papagaio ou saguim que tinha em casa se lhe induzira ligeireza;—se do rouxinol de todo o anno, porque cantava de noite, lhe cresciam saudades.... E outras coisas que, por este jaez, elegantemente descreve o nosso D. Francisco Manuel.

Aldonsa Peres não tinha em casa negrinho, ao qual se induzisse que ella dissesse requebros; nem engeitadinho gracioso, nem villão simples vestido de côres, a quem desse estranho tratamento, e que d'ahi a sua opinião lh'o tomasse reprehensivel; porque de ordinario estes eram os que n'aquelles tempos, e nos tratamentos da sociedade iam por onde queriam; o que não deixava de ser reprehensivel.

Era, como dissemos, a viuva de um homem que consumira a melhor parte da sua vida no trato e ganancia das Indias, para onde puxara sempre o seu natural, e não excesso de marido, nem desvio da mulher.

Por isso, com muita razão Aldonsa Peres dava tratos á imaginação por enxergar um peccado n'aquelles trinta dias passados dês que ultimamente se reconciliara; e se não fôra o da beataria, que por tal o não tomava, nem de sombra se poderia accusar de facilidade ou ligeireza, nem vangloria ou leveza.

Sua honra e sua consciencia era bem que fossem n'este caso seus conselheiros; porque sendo difficultoso emendar cada um as suas fraquesas, comtudo é possivel; mas emendar as alheias, isso sobre o difficultoso é impossivel.

E era este o caso em que se achava a madre Joanna; que de uma pequena vaidade que Aldonsa Peres colhia de ter na sua arca muitas alfaias, prata em abastança, oiro sobejo, e joias bastantes para arrebicar doze mulheres, induzia d'essa vaidade um grande peccado, e lhe fallava na mulher honrada que deve tratar o dinheiro com aquelle mesmo temor que ao ferro, e fogo, e outras coisas de que convem sejam medrosas, por parecer o dinheiro em mãos de mulher uma arma impropria.

D'aqui um temor de consciencia, onde nem ao de leve sombra de escrupulo devia passar!

Estremecia muito Aldonsa Peres por sua filha Beatriz; e era natural este achego de mãe, por ser a unica que em sua vida tivera.

De portas a dentro eram muitas as figurarias com que se folgava com ella ainda em menina, porque seguindo a natural inclinação das mães não quiz entregar a villãs, bem dispostas com honrarias de amas, o cuidado de crear aquella que nove mezes sustentara dentro em si; mas de portas afóra Aldonsa Peres soubera sempre evitar-lhe seus momos, para que na opinião não parecesse mal creada.

Crescendo sua filha e formando-se donzella, mais sentira redobrar-lhe a affeição; e como se acaso á sua alma se accrescentasse outra alma de novo, a obrigação se lhe ajuntava á inclinação de mais a amar.

Por isso lhe cresciam seus cuidados e seus respeitos, avantajando-se na diligencia para com maior commodo e descanso poder passar com ella a vida.

Não se assombrava pouco a boa velha quando se lembrava da hora em que Beatriz viesse a casar: e se verdade é que lhe desejava o reposo de um honrado casamento, espassava-lh'o, quanto podia, para melhor tempo, a pretexto da pouca edade, mas na verdade pelo sobejo amor que lhe tinha, e que não soffria apartamento da filha.

Ainda se o noivo lhe viera para casa, e fôra homem que ella já se costumara a estimar, cuidados seriam esses menos passados!

Por isso fôra com um secreto estremecimento que notara a affeição dos dois primos, e assentava ahi seus propositos de concerto no futuro matrimonio.

Tambem isto era um escrupulo para a timorata consciencia de Aldonsa Peres; e a este respeito tomava, na pratica d'aquella noite, conselho com a madre Joanna, bem resolvida a pedil-o no dia seguinte ao padre mestre Gaspar.

....

E a autopsia?

Mão lhe principiámos a pôr quando caminhavamos mais descurados de tal, volvendo olhos para traz ao oratorio de Aldonsa Peres.

Não acabamos de levantar aqui uma ponta ao veo que este coração de mãe nos encobria á vista?

Não lhe afastámos as nuvens áquella timorata consciencia, para devassar-lhe os mais intimos segredos seus?

Não lhe arredámos levemente da fronte, ali mesmo ajoelhada, as venerandas cãs, para lhe publicarmos os mais reconditos pensamentos?

Sim que o fizemos; não lhe embellecendo porém o amor contado, porque o amor de mãe é

coisa tão santa, que receber-se deve todo como é proprio de si, sem composto nenhum lhe misturar de outro affecto, para o não profanar.

Adivinha-se, e não se decifra; sente-se, e não se traduz; admira-se, e não se descreve! Sufficiente a si mesmo, alimenta-se a si proprio, de si vive, e só comsigo se apaga quando se extingue a vida com os lances da morte!

Já em taes extremos se não affronta o amor de filha!

Áquella estremece-lhe por esta a alma, porque um pedaço foi da sua que lhe communicou nas entranhas, filtrando-lhe depois o nectar da vida n'aquelles jorros de dulcissimo leite, que arrecadava nos proprios seios, para a amamentar no mundo, como a creara com o proprio sangue antes de a deitar á luz: — esta, paga-lhe o beneficio que recebeu d'ella, em se separar, subjeitando-se pelo casamento a estranho com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediencia, com a vida, e com a alma!

Ainda que a affeição filial fôra grande, fôra immensa, vem-lhe depois o amor cego, que se deixa cair nas redes armadas, e logo avôa e foge d'ellas, que por isso o pintaram tambem com azas.

É este amor aquelle commum affecto, como disse um escriptor, com que sem mais causa, que a sua propria violencia, nos movemos a amar, não sabendo o que, nem o porque amamos. Acaba na posse do que se desejava.

Avoado elle, fica a amisade, produzida do trato e da familiaridade; e d'ahi se gera o segundo amor que na estima dos filhos vem dar razão aos passados extremos, e vingar na filha as lagrimas secretas, que lhe afogaram o seio pelo voluntario desapego da que mais tarde se volveu tambem mãe!

. . . .

. . . .

Continua.

***

DESEJOS.

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão;
Do peito calara as magoas,
Bem feliz eu era então!

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que caissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'arpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dois pomos de tentação;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um volcão;
Por ella tudo daria...
— A vida, o ceo, a razão!

CASIMIRO ABREU.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Vem a proposito darmos aqui noticia dos ornatos que havia n'esta capella em o começo do seculo passado. A sua prata constava de seis castiçaes grandes de banqueta, mui bem lavrados; mais dois, de figura triangular, mui perfeitos; um par de castiçaes pequenos; uma caçoila bem lavrada; seis pivetarios grandes; um calix de prata lavrada, com a copa toda de oi-

ro; uma custodia grande, e outra pequena; dez jarras para ramalhetes; mais duas jarras de pau, porém guarnecidas de prata; uma alampada grande, tambem de prata.

Os seus ornamentos de frontaes e casulas eram riquissimos, e varios os cortinados, entre os quaes havia um de damasco carmesi, com seu sitial guarnecido de grandes franjões de oiro.

Havia na mesma capella, e annexa ao altar mór uma irmandade dedicada ao serviço de S. Francisco Xavier.

Capellas do cruzeiro.

A primeira capella collateral á capella-mór, e que fica á face do corpo da egreja, chamava-se dos Santos Martyres, cuja invocação se lhe dera pelas muitas e valiosas reliquias que n'ella estavam expostas. Entre estas reliquias se contavam tambem as de muitos santos pontifices e confessores, mas como o seu maior numero era dos que tinham recebido martyrio, d'ahi lhe proveiu a invocação.

O ornato principal d'esta capella é o painel representando Christo com a cruz grande na mão, e varios santos martyres e confessores que lhe assistem.

Este painel retirava-se quando se expunham as reliquias, e por isso a capella não tem outro retabolo, porém primava no ornato de frontaes, casulas e cortinado.

Por cima do arco que forma a sobredita capella tem logar uma tribuna com uma imagem de S. José, segurando á direita outra do Menino Jesus.

Superior a esta tribuna ficava outra, d'onde, na Semana Santa quando se prégava a Paixão, se mostrava a imagem do *Ecce Homo*.

Corresponde a esta do lado da Epistola, a capella das Santas Virgens.

É o seu principal ornato um retabolo, onde avulta a Rainha das Virgens, Maria Santissima, acompanhada de outras virgens e santas, das quaes havia reliquias n'aquella capella.

O seu ornamento é em tudo egual á que lhe fica correspondente. Foi comprada esta capella por João Pimenta de S. Payo, para seu jazigo.

Tem egualmente sobranceiras ao arco, porque é formada, outras duas tribunas: a primeira está ornada com a imagem de Nossa Senhora, e a segunda servia egualmente na occasião do sermão da Paixão, para mostrar a imagem de Christo crucificado.

No mesmo cruzeiro, e proxima á capella das Virgens, havia uma capellinha da invocação de Nossa Senhora do Desterro, que foi mandada fazer por D. João de Castro, senhor de Rezende, para n'ella se sepultar seu filho D. Antonio de Castro. Aqui está soterrado tambem o padre da Companhia, doutor Francisco Soares Granatense, que fôra seu mestre. Via-se portanto do lado do Evangelho o seu jazigo, por baixo de uma pedra de marmore onde se declarava quem mandou fazer a capella, e trasladar para ali os ossos do referido padre; e inferior a esta a sepultura do discipulo.

A capellinha tinha por ornato uma pintura da Senhora do Desterro.

A esta corresponde outra da parte do Evangelho, collateral á dos Santos Martyres, da invocação da Santissima Trindade. Foi dada pelos padres a Gonçalo Pires Carvalho, e sua mulher D. Camilla de Noronha. Mandaram-lhe estes fazer o retabolo de pedras mui perfeitas e finas, lavradas em Roma. N'ella ha o carneiro para os referidos donos e seus descendentes. Deixaram-lhe elles para fabrica quinze mil réis annuaes de juro, os quaes se pozeram em nome de outrem, por não poder tel-os a casa em seu nome.

São estas as unicas capellas do cruzeiro; a cada uma das quaes correspondia uma alampada de prata.

Correm por todo o cruzeiro umas grades de pau santo, assentadas sobre um degrau de pedra. Estas grades servem de resguardo á capella-mór, e suas collateraes, e tambem para se encostarem a ella os que tinham de commungar.

Entre o degrau onde assentam estas grades, e as que dividem o cruzeiro do corpo da egreja, era o logar destinado para sepultura dos religiosos d'aquella casa, mas nem por isso excluia outros individuos distinctos; do que resultou dividir-se aquella area em 1637, ficando a ordem das sepulturas junto ás grades da communhão para as pessoas estranhas á casa, e as outras para os religiosos.

Passando á descripção das capellas que estão no corpo da egreja, diremos da primeira, que fica á mão direita de quem entra pela porta principal, que tem a invocação de Nossa Senhora da Doutrina. Primariamente esteve esta capella na que d'este mesmo lado estava mais proxima ao cruzeiro, com o titulo de Nossa Senhora da Assumpção. Aqui principiou o celebre mestre Ignacio a ajuntar alguns moços solteiros, officiaes, a quem o padre instruia em piedade e devoção. Crescendo o numero dos alumnos, tomaram o nome de Irmãos da Doutrina, pelo mesmo motivo que o padre Ignacio Martins, por ensinal-a, e fazer os livros d'ella, dos quaes ainda nos resta o Cathecismo que se usa nas escolas, foi appellidado o padre Mestre da Doutrina. Por muitos annos estiveram na capella da Senhora da Assumpção, até que desejando ter uma propria, obtiveram dos padres que lhes cedessem gratuitamente o sitio d'esta em que vamos fallando, para a fazerem á sua custa.

Aqui tem logar darmos uma noticia mais extensa d'esta congregação que era especial nos tempos antigos do nosso réino, e por isso transcreveremos na integra a Chronica manuscripta, a que mais especialmente nos temos reportado n'este trabalho.

«Alcançou o reverendo padre Alvaro Pires, bem conhecido n'esta cidade, por grande promotor e protector da dita Irmaudade, que o reverendissimo padre Claudio Aquaviva, geral da Companhia, annuisse á celebre congregação chamada da Nunciada, que tem seu assento em Roma, no collegio da Companhia, a qual sendo geral da Companhia o padre Diogo Laynes teve seu principio no anno de 1562. E depois por uma bulla passada por Gregorio XIII, em Novembro de 1584, á instancia do reverendissimo padre Claudio Aquaviva, quinto geral da Companhia, de novo a instituiu e fundou, com titulo d'Annunciação da Beatissima Virgem Senhora Nossa, fazendo-a cabeça de todas as mais congregações, assim das já instituidas, como das que de novo se fundassem, as quaes unidas, e incorporadas n'ella, participassem todas as indulgencias, que á dita primeira congregação eram, e ao diante fossem concedidas, dando poder ao dito padre geral, que de presente era, e de futuro fosse para poder unir e incorporar na dita primeira congregação todas as mais que com sua vontade e approvação se instituissem.

«Depois d'esta bulla de Gregorio XIII, Xisto V por outra sua despachada no mez de Janeiro de 1586 accrescentou que não só se podessem ordenar congregações de estudantes, como nos collegios da Companhia até então se fazia; mas que se estendesse a faculdade a poder fundar congregações de qualquer sorte de pessoas, assim ecclesiasticas como seculares: e por este meio se veiu a multiplicar grande numero de congregações nas casas da Companhia.

«E em virtude do seu poder, usando de sua autoridade o reverendissimo padre geral Aquaviva passou sua carta de união, e approvação, em 10 de Outubro de 1612 á congregação que continuou com o titulo de Nossa Senhora da Doutrina, a qual se augmentou muito, com a resolução, que tomaram, de receber na irmandade, não só mancebos solteiros, mas tambem os que já eram casados.

«E para que o augmento fosse maior, e a congregação melhor governada, se fizeram no anno de 1623 estatutos pelos quaes encaminham tudo ao maior serviço de Deus, da Virgem Senhora, e proveito espiritual dos proximos. . .

«A Mesa compõe-se de vinte e quatro irmãos, dos quaes doze tem o titulo de officiaes de Mesa, e doze de presidentes.

«Assiste á dita Mesa, como prefeito, protector, e presidente um padre grave da dita Casa de S. Roque, que é chamado sempre para as resoluções das coisas graves, que occorrem na dita Mesa, que consta dos officiaes seguintes:

«De um juiz, que tem por adjuntos dois irmãos com o nome de assistentes, os quaes servem de ajudar o juiz com seu conselho e cuidado.

«Tem um secretario, que tem seu assento ao lado esquerdo do juiz, e é o seu cargo propôr todos os negocios que se offerecem na congregação; ler todas as petições; tomar conta de toda a receita e despeza da irmandade; fazer os assentos e termos dos que professam entrando n'ella, e dos que fallecem; e finalmente tudo o que occorre pertencente á congregação.

«O companheiro do secretario tem obrigação de nas ausencias d'elle fazer seu officio, e assim a tem tambem de ser procurador dos defuntos, e ter cuidado, que se cumpram as missas e suffragios por suas almas.

«Ao procurador da irmandade pertence zelar e acudir pelo bem da congregação: e quando alguns irmãos são notados de algumas faltas, se não pode escusar as faltas, procura moderar o castigo d'ellas.

«O procurador da Mesa tem por officio acudir pelo credito e bem d'ella, arrecadar suas rendas, e dispendel-as, conforme a ordem que tem da Mesa.

«Os dois mordomos tem a seu cargo toda a fabrica, e ornamentos da capella da irmandade.

«Ao enfermeiro toca visitar os irmãos pobres que estão doentes, acudindo-lhe com medico, cirurgião, sangrador, e medicamentos, soccorrendo-os com esmolas, o que faz não só distribuindo aquellas, que ministra a congregação, mas supprindo tambem com as proprias conforme suas posses.

«O thesoureiro tem a seu cargo cobrar e dispender todos os rendimentos da irmandade, conforme a ordem que d'ella para isso tem.

«O apontador toma os recados dos que tem algum negocio na Mesa, dando primeiro parte a ella da pessoa que vem fallar, declarando o a que vem. Tem tambem á sua conta advertir, e apontar tudo aquillo que pode ser util para bem da congregação.

«Dos doze presidentes, tem cada um certo districto na cidade, e n'elle cobra todas as esmolas da irmandade, e tambem faz avizo aos irmãos do seu districto para as occasiões solemnes, e para os enterros, e cada um d'elles tem voto nas coisas que pertencem á sua presidencia.

«E tendo dito as obrigações dos officiaes da Mesa de que depende o governo d'ella: segue-se dar conta de outros, que ha fora da Mesa, os quaes se elegem cada anno. E d'estes tem quatro o titulo de visitadores, para cujo officio se deputam irmãos abundantes e caritativos para soccorrerem sessenta visitados pobres, e para esse effeito lhe entrega a Mesa dois livros, com os nomes dos visitados, e para seu soccorro se lhe dão doze mil réis cada mez para os distribuir dando a cada um duzentos réis. E esta esmola, que não parece grande, costuma fazer maior a caridade dos visitadores, que accrescentam conforme suas posses.

«Elegem-se mais seis irmãos cada anno, com titulo tambem de visitadores, aos quaes se entrega o cuidado de vigiar sobre o procedimento e vida dos irmãos congregados, e achando al-

guns menos ajustados com as obrigações da christandade, dão parte á Mesa, para que ella procure a sua emenda, e quando a não tenham, proceder ao castigo que parecer razão.

«Nomeam-se mais vinte e quatro irmãos, a que dão o titulo de eleitos, podendo dar-lhe com mais razão o de eleitores, porque a elles toca eleger os officiaes da Mesa nova, unindo-se por sorte cada um d'elles com um dos officiaes da Mesa que acaba.

«E além d'esta occupação tem a seu cargo informar todas as petições dos que pretendem entrar na congregação.

«E havendo algum negocio extraordinario são chamados para concorrer com os mais officiaes da Mesa para a resolução do negocio que se hade tratar.

«Além dos ditos sugeitos, que servem a irmandade annualmente tem n'ella outros, que não são annuaes, e taes são, um advogado, que é irmão, com obrigação de advogar em todas as causas, que se moverem á dita congregação, ou ella fôr obrigada a mover, sem por isso levar salario algum.

«E assim mesmo tem mais um requerente, que é tambem irmão, e serve sem estipendio.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CONDIÇÕES OU CLASSES.

Todos os israelitas eram irmãos; não havia portanto entre elles nem nobres nem peões. A principal distincção que o nascimento punha era a de levitas e de sacrificadores.

A tribu de Levi era consagrada a Deus. Não possuiam bens, e recebiam os dizimos e as primicias que as outras tribus lhes entregavam. Designavam-se-lhes quarenta e oito cidades para em roda d'ellas os levitas fazerem pastar os seus rebanhos.

Entre os levitas unicamente os descendentes de Aarão eram sacrificadores: o resto da tribu occupava-se nas outras funcções da religião, nos canticos dos psalmos, na guarda do Tabernaculo ou do Templo, e na instrucção do povo.

Entre as tribus, as mais distinctas eram a de Judá, a mais numerosa de todas, e a de Ephraim, filho de Josué.

Em cada tribu eram muito considerados os ramos mais velhos, e os chefes de cada familia, aos quaes se chamava principes do povo. Por este motivo na Escriptura, velho ou ancião expressa ordinariamente dignidade. Effectivamente só a edade e a experiencia é que podiam distinguir homens egualmente nobres, quasi egualados em riquezas, educados do mesmo modo, e occupados nos mesmos trabalhos.

ARTES E OFFICIOS.

Os israelitas não se entregavam nem ao commercio nem ás manufacturas; só a tribu de Zambulão, porque ficava proxima ao mar, é que fazia algum trafico.

Até ao tempo dos reis, parece que não havia hebreus artistas de profissão, e que trabalhassem para o publico. Desde o chefe da tribu de Judá, até ao ultimo cidadão da de Beijamin todos eram lavradores e pastores, pastoreando elles mesmos os seus rebanhos, e lavrando a sua terra. A maior parte dos officios era-lhes inutil. Aquella vida simples e a doçura do clima isemptava-os d'esta enormidade de necessidades creadas pela molleza, pelo luxo, e pela vaidade. Quanto ás coisas verdadeiramente necessarias poucos havia que as não soubessem fazer. Tudo quanto respeita ao nutrimento se fazia dentro em casa. As mulheres amassavam, preparavam o comer, fiavam, teciam, costuravam. Os homens encarregavam-se do resto.

David deixou no seu reinado grande numero de artistas de toda a especie, especialmente pedreiros, carpinteiros, ferreiros, e ourives. Salomão escolheu em todo Israel trinta mil artistas para a construcção do Templo, e oitenta mil carreteiros e canteiros para as pedras das montanhas. Por isso é unicamente do reinado d'estes principes que se vêem introduzidas as artes e os officios entre os hebreus. Depois da divisão do reino de David, o luxo augmentou, e o numero dos artistas cresceu em proporção: uma prova porém de que nunca tiveram grandes manufacturas, é que o propheta Ezequiel, descrevendo a influencia das mercadorias que vinham a Tyro, diz que da terra de Judá e de Israel ia o pão, o azeite, a resina, e o balsamo, tudo producções do paiz que habitavam.

VESTIDOS DOS HOMENS.

O vestuario dos israelitas quasi que não tinha feitio. Eram peças de fazenda que se faziam segundo o tamanho e a configuração do que as devia vestir: nada se talhava, e pouco se cosia. As mulheres tinham artes de tecer logo um fato com mangas no tear, sem costura ou abertura senão na parte superior, para metter a cabeça. Tal a tunica que se diz ter sido feita pela Virgem para Jesus Christo.

As modas não mudavam os fatos, e os estofos empregados eram, pela maior parte, a lã, o linho fino, o algodão, e uma especie de seda de amarello doirado. A belleza dos vestidos consistia na finura dos estofos, e na côr; as côres mais estimadas eram a branca, a escarlate, e a violeta. Os mancebos e raparigas usavam vestidos variegados. Os ornamentos dos vestidos eram franjas, tiras de purpura, bordados, e alguns colchetes de oiro e pedraria onde necessarios. A magnificencia consistia em mudar muitas vezes de vestidos, e trazel-os bem aceiados.

Compunha-se o vestuario da tunica, e do manto. A tunica era larga para deixar ao corpo desembaraçados todos os movimentos. Quando não trabalhavam desprendiam-na da cintura, e então ella arrastava; mas quando se dedicavam ao trabalho cingiam-na. Os cintos faziam uma parte da magnificencia do vestuario: os dos principes e sacerdotes eram largos e compridos, de precioso tecido, e de diversas côres. D'elles se pendurava a espada e a faca. O manto era uma peça de fazenda, sem feitio algum.

Os israelitas cobriam a cabeça com uma especie de tiara. Usavam a barba e cabellos compridos. Banhavam-se muitas vezes, e lavavam os pés quando entravam em casa, se sentavam á mesa, ou se deitavam, porque usavam de sandalias. Como a agua disseca a pelle, untavam-se com oleo simples, ou com uma infusão de drogas aromaticas; e era a isto que elles chamavam unguento.

VESTIDOS DAS MULHERES.

Tanto como os homens eram simples no vestuario, as mulheres eram esmeradas nos ornatos. As tunicas eram similhantes ás dos maridos, e differençavam-se sómente pelo comprimento, ornatos, e finura do estofo, pintado ordinariamente de diversas côres.

Usavam cintos de seda, sapatos de côr de violeta, collares, braceletes, e manilhas no fino da perna onde se lhes prendia o calçado; arrecadas, anneis, cadêas de oiro, caixas com perfumes, adereços de pedraria, caindo-lhes pendentes pela fronte, ou pelas costas, alfinetes na cabeça ornados de perolas, ou pedras preciosas, ou rubins de grande preço. A cabeça andava coberta com uma especie de mitra ou barrete, que se prendia com fitas seguras por alfinetes de oiro, diamantes ou perolas. Estimavam mais os cabellos pretos, e as que os não tinham d'esta côr pintavam-n'os. Tinham grande cuidado em untal-os com oleos odoriferos, apartando-os no alto da cabeça, e entrançando-os Finalmente usavam um veo muito comprido, que ao mesmo tempo lhes servia de manto. Não appareciam em publico sem este ornamento.

MOVEIS.

Os israelitas eram tão simples nos moveis como nos vestidos: limitavam-se ao simplesmente necessario. Vasilhas de madeira ou de barro era o uso geral da nação; os vasos de oiro ou de prata unicamente se encontravam no templo do Senhor, no palacio dos reis, e em poucas casas d'alguns opulentos. Os moveis que se julgavam mais indispensaveis eram o leito, a mesa, o assento, e o candelabro. Os leitos eram camas sem cortinas. Os mais ricos tinham leitos de marfim. O logar ordinario do leito era de encontro á parede. O candelabro era uma especie de columna, que se fixava ou assentava no chão; tinha uma, ou mais luzes a azeite. Usavam tambem tapetes para se sentarem n'elles ou deitarem.

USOS.

Em geral os costumes e usos dos israelitas foram sempre puros, porque uma nação laboriosa é necessariamente menos corrompida do que a ociosa. Não se conhecia o luxo entre elles; a caça não era ali um divertimento, era uma necessidade para o sustento, e tambem para preservarem os campos e os vinhedos. Os caçadores não iam seguidos de matilhas de cães, nem os proprios reis os tinham. O caçador contentava-se com armar laços e redes.

Não tinham espectaculos profanos: as ceremonias da religião e dos sacrificios eram os seus unicos espectaculos. Deviam ser magnificos, porque o templo era o mais soberbo edificio do paiz, e contavam-se mais de quarenta mil levitas encarregados das funcções sagradas.

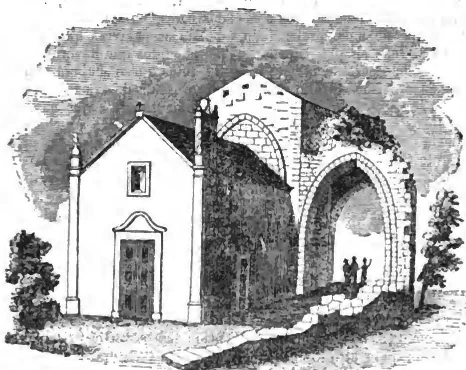
Tambem servia muito para a pureza dos costumes aquelle isolamento em que as mulheres viviam, fugindo dos estrangeiros.

As raparigas, antes de casarem, nunca appareciam em publico; e mesmo em casa estavam em quartos separados, onde os homens não entravam. As mulheres, quasi tão retiradas como as filhas, poucas vezes saíam, ou se eram obrigadas a fazel-o com suas filhas, para irem ao templo, ou á celebração d'alguma festa publica ou particular, só appareciam com o veo, não o tirando senão quando estavam com os seus mais proximos parentes. Quando em casa jantavam estranhos não comiam á mesa dos seus maridos; mas serviam-n'os. Nos festins as mulheres reuniam-se para comerem isoladas dos homens, nunca se misturando com elles.

Os israelitas evitavam cuidadosamente o commercio dos estrangeiros, aos quaes designavam pelo nome de *gentios*; nunca lhes entravam em casa. Aborreciam os idolatras, especialmente os incircumcisos, porque não eram só elles que praticavam a circumcisão: estava ella em uso entre muitos descendentes de Abrahão, como os ismaelitas, os madianitas, e os idomeus; nos moabitas e ammonitas descendentes de Loth; e até mesmo os egypcios a reputavam uma purificação necessaria.

Apesar d'isso os hebreus soffriam os incircumcisos que adoravam o verdadeiro Deus, consentindo-lhes mesmo que entrassem na Terra Santa, comtanto que observassem a lei da natureza. Chamavam-lhes proselytos de habitação, ou *Noechidas*, porque não eram obrigados senão aos preceitos dados por Deus a Noé quando saiu da arca. Se estes fieis se faziam circumcidar, eram reputados filhos de Abrahão, subjeitos a todas as observancias judaicas, e denominados proselytos da justiça.

Continua. A.



RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.
VISTA DO POENTE.

A descripção do antiquissimo mosteiro da aldêa de Crasto de Avelãs, feita por um curioso mancebo, já fallecido, da cidade de Bragança, no Almanach do sr. Castilho do anno passado, não é exacta porque houve engano no numero dos fogos da aldêa de Crasto de Avelãs que só tem onze, dando-se-lhe na alludida descripção cincoenta e seis. Os cincoenta e seis são de toda a parochia que consta de mais dois povos, que são Fontes e Grandaes.

Parece, á vista dos documentos antigos, ter sido este o primeiro mosteiro que houve na Peninsula depois que n'ella se estabeleceu o christianismo; bem como que fôra fundado por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no anno de 667, sendo depois a casa capitular da ordem em Portugal.

Todos os senhores reis (especialmente o sr. D. Diniz) lhe concederam muitos privilegios e doações de villas, e aldêas que os monges fundaram, e as parochiavam como consta dos livros do cabido de Miranda, creado por el-rei o sr. D. João III com as suas rendas por bulla do santissimo padre Paulo III datada de Julho de 1546, desmembrando todo o seu territorio do arcebispado de Braga, consistindo as rendas em dizimos, foros, e prasos.

Todo o mosteiro está em ruinas, como se observa das estampas, á excepção da capella-mór da egreja que está conservada, porque pela sua construcção, de tijolo e argamassa, tem resistido ao tempo.

Removendo-se ha poucos annos para um tumulo do cemiterio de Bragança uma pedra grande quadrada de jaspe, tinha no meio bem aberta a seguinte inscripção:

DEO
ÆTERNO
ORDO
ZOELAR
EX VOTO.

O corpo da egreja já foi mandado levantar pelo cabido haverá sessenta annos, e está dentro junto á pia baptismal o tumulo que a estampa representa, que diz a tradição ser de um conde, e talvez o fundador.

Tinham tambem os monges um hospicio na cidadella de Bragança, e tanto este como o mosteiro foram extinctos, dando-se como fundamento o serem os monges pouco exemplares e já em numero muito diminuto; mas creou-se o cabido com obrigação de sustentar e apresentar nas suas egrejas os monges restantes até acabarem de todo, e assim se praticou.

Em 1764, por bulla apostolica, foi transferido o cabido de Miranda para Bragança pelo bispo D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, por carta regia d'el-rei o sr. D. José I, deixando a Sé de Miranda, que é um dos melhores templos do reino, para vir occupar uma pequena egre-

ja que era dos jesuitas e onde estes tinham o seu collegio. Depois uniu-se á nova Sé a parochia de S. João Baptista, concedendo-se-lhe um abbade com o privilegio, de combinação com o cabido, de usar de murça de meio prebendado, ficando a egreja de S. João simples capella, e a nomeação d'este beneficio pertencente aos bispos. Assim consta da provisão do dito prelado de 28 d'Agosto de 1767.

A egreja de S. João, que estava arruinadissima, desabou. Resta unicamente em bom estado a capella do Santo Christo que pertence aos barões de Santa Barbara. O padroeiro existe na Sé, onde tambem está o patriarcha S. Bento.

De tudo quanto dissemos, e de muitos monumentos que existem dos romanos, collige-se o quanto é antiga a cidade de Bragança, e pouco exacto o que dizem alguns escriptos que datam a sua origem do tempo de D. Sancho I. É verdade que foi este rei que a mandou povoar depois de uma grande peste que matou quasi todos os habitantes em 1187; e foi tambem elle que, n'essa occasião, para attrahir povoadores, lhe concedeu grandes privilegios.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

III

AUTOPSIA DO CORAÇÃO.

Continuação.

Agora silencio que somos chegados ao mais delicado da autopsia.

O umbral d'esta alcova só pode penetral-o a donzella honesta, ou o operador severo.

Olhae vós todos que vos assomaes ahi á porta com olhos cubiçosos a espraial-os por este santuario dentro.

Ahi tendes em frente aquelle grande espelho, segredeiro fiel de muitos encantos que vistas de homem ainda não descobriram. Interrogae-o d'ahi, e nem uma só vez relatará das muitas que viu enastrar e desenastrar a comprida e negra trança de sua dona, por causa de uma rebelde madeixa que se lho não ageitava sob a tremula mão com que buscava fazer-se mais formosa, se possivel, para quando seu primo chegasse!

Não vos contará nenhum dos muitos sorrisos de contentamento que n'esse quarto elle tem reproduzido, ao ver descerrarem-se-lhe os labios mostrando as fieiras de perolas occultas sob aquelle carmim, e dirigidos unicamente a elle como em agradecimento de a retratar formosa!

Olhae como o espelho se tornou repentinamente baço, só para vos não deixar adivinhar n'uma das suas mais infimas moleculas, a reproducção d'aquellas elegantes formas que um vento mais travesso lhe desnudou, ao descaptivar o lenço do alfinete com que o subjeitava sobre o seio!

Invejosos, arredae depressa os olhos d'ahi, e applicae-os antes sobre aquellas flores, que embalsamam com tão suave fragrancia o templo da virgem. Adivinhae-lhe, se puderdes, no matiz das côres, na symetria, no nome, na collocação d'ellas as palavras que lhe terá dirigido, e os pensamentos que haverá trocado com ellas!... Eu antes que o soubera não vol-o diria. Foram um presente de Simão; é um segredo d'aquellas duas almas, e que não devo assoalhar.

Não olheis para aquella cadeira de espaldar, guarnecida de pregaria amarella sobre couro floreado, porque ali estão lançadas a sua camisa de dia, suas saias, seu vestido com o competente *guarda infantes;* e podeis ser tão indiscretos que alvoroteis lembranças que não tem entrada n'este aposento.

Não relanceeis a vista por sobre aquelle matizado tamborete, onde n'uma symetrica confusão estão os pequenos sapatos, as ligas, e as meias da donzella; postas ali mais á mão, junto mesmo ao leito, porque o pudor lhe ensinou principiar a vestir calçando-se, para o proprio ar se não aventurar a deslisar-se-lhe brandamente pela assetinada pelle colorida em competencias com o jasmim e a rosa!

Sim... cansae debalde os olhos para ver se a vista se infiltra por entre os tenuissimos fios d'aquella finissima cassa da India, que lhe cae em frocos de neve do sobreceo do leito!... Não vêdes que as cortinas estão cerradas, e eu não quero erguer-lhes nem um canto, emquanto estiverdes todos ahi devorando com olhos cubiçosos este magnifico espectaculo?

Erguei-os antes para ali, para aquelle painel da boa Virgem, colorida em vidro, e que está sobranceiro ao leito. Foi n'elle que ainda ha pouco ella fitou seus meigos olhos, antes de os cerrar no doce somno que ora gosa, susurrando nos labios uma oração cheia de fé e de esperança, e que lhe rebentava tão suave lá dos seios d'alma!...

Saí... saí depressa, importunos, porque a lampada que ali jaz sobre aquelle bofete, que vela uma noite inteira o somno da innocente, reflectindo em suavissimas ondas de um mystico palor a dulcissima luz da religião, do amor, e do mysterio, se agita convulsa, como sacodida pelo halito impuro dos immergidos nas demandas do mundo!

Saí.

....

Agora nós, leitora.

Acompanhae-me a descerrar as cortinas d'este leito.

Eil-a dormida!...

Levantae um pouco a roupa da sua cama, e poisae-lhe a mão ahi no peito... Não o sentis arfar?...

Applicae o ouvido a esses monosyllabos que solta interrompidos... Não lh'os adivinhaes?...

A virgem sonha n'este momento um d'esses sonhos de amor, tão suaves e tão doces n'essa edade de prazeres, onde as auroras são sempre

precursoras de um dia sereno, e nunca suspeitam o tufão da tempestade.

Agora mesmo vê aquelle espirito realisadas as promessas que fez a seu primo na casa do oratorio.

Notae-lhe como aquella mão direita se agita convulsivamente como se estivera apertando a mão de alguem. Parece-lhe que Simão está ali a seu lado, e que ella lhe renova seus castos juramentos.

Sua mãe, aquella amante Aldonsa Peres, que ha pouco vimos tão preoccupada da sorte futura da filha, não lhe lembra n'este momento! Se lhe lembrara seria mesmo d'involta com um impio pensamento — o do abandono!

Sim, porque a filha não hesitaria, vendo obstaculos ao seu amor, em abandonal-a para seguir o amante!

Assim, donzellas, sois vós todas!... Esquereceis os carinhos e os afagos maternos por esse novo pendor do coração, que a vós proprias muitas vezes nem sabeis definir.

Não duvidaes fazer tragar, até ás mais repugnantes fezes, o calix da amargura áquella que vos amimou desde o berço, vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, vos amparou na infancia, e vos idolatrou depois com tantos extremos de amor, que ambicionara trocar a propria vida para augmentar a vossa!

Como estes amores de filha affrontam os amores de mãe!

....

Escutemos, donzella.

São passos que se dirigem para aqui!

Quem poderá ser n'esta hora avançada da noite, que assim se aventure a penetrar n'este quarto?!

Quem, senão o entranhavel affecto de mãe!

Aldonsa Peres acabou o seu exame de consciencia, e as suas orações, e dirige-se para aqui a despedir-se da filha, como costuma, velando porque ella esteja bem agasalhada.

Retiremo-nos para este canto mais escuso, e presenceemos d'ahi esta scena de amor materno.

Eil-a, a pobre velha, com que extremos conchega a sua filha a roupa da cama!...

Como receia que o frio d'esta nevada noite de Janeiro ainda ali lhe penetre, por isso mais roupa lhe lança para a agasalhar!...

Olhae, como a contempla n'um extasi de ternura, e parece rever-se n'aquelle mimoso rosto!

Lá se lhe inclina a depositar-lhe na fronte um osculo, resumo apaixonado de todos os affectos que encerra no coração!

Vêde-a erguendo os olhos para o quadro da Virgem, e soltando dos labios uma oração de ventura e felicidade.

E n'este momento a filha lá se agita, murmura phrases inintelligiveis, e com um suspiro pronuncia distinctamente o nome de Simão.

A pobre mãe estremece!

....

Saiamos, donzella, saiamos d'aqui, porque a nossa presença profana estes affectos maternos.

Aquelle que ali vês dormido é o amor de filha.

Este que vês velando é o amor de mãe!

Continua. ***

LAGRIMAS.

I

Oh quem não fôra nascido
N'estas horas malfadadas,
Que requeimam no sentido
Tristes lagrimas choradas!

II

Chorei-as!... inda na infancia,
N'essa edade do sorrir,
Que só é dado á ventura
Em tenros annos florir!

Chorei-as!... na juventude,
Em que sonha o coração
Devaneios n'uma crença,
Santa e pura de affeição!

Chorei-as!... e bem amargas,
Quando na edade viril,
Em que duros desenganos
Me pungiram mil, a mil!

Choral-as-hei!... e quem sabe!
Se, quando fôr ancião,
Inda restos me ficarem
D'esta vida d'illusão!

III

Mas que muito eu vertesse este pranto
Pela sina d'um triste penar,
Se no Horto as chorou — chorou tanto
Quem nos risos mais pode mandar!

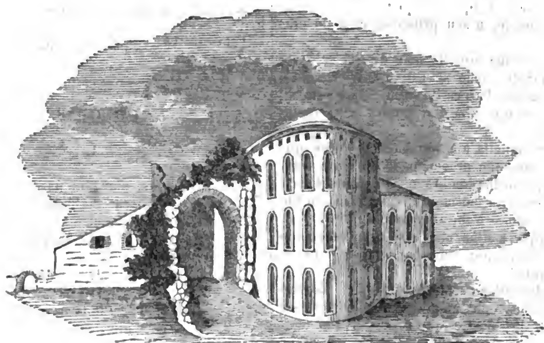
E chorou-as — chorou-as bem triste
No Calvario, abraçando-se á cruz,
Santa Virgem, que assim não resiste
Ao trespasso do Verbo e da Luz!

IV

Embora aos tristes olhos já cansados
D'este pranto verter, mais pranto afogue,
Não creia a sorte avara que eu lhe rogue,
Ás lagrimas me poupe os meus cuidados.

Eu por mim aprendi na desventura:
Riso e prazer escarneos são da sorte;
Esta vida — illusão; verdade — a morte;
E lagrimas do berço á sepultura.

***



RUINAS DA EGREJA E MOSTEIRO DE CRASTO DE AVELÃS.
VISTA DO NASCENTE.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

«Servem mais a irmandade dois andadores, cujo vestido é de comprido, e côr parda, com as insignias da irmandade no peito, os quaes servem nas coisas que occorrem, e assistem tambem a ajudar ás missas: e estes andadores tem cada um vinte mil réis por anno.

«Tem mais a irmandade um menino que tem por officio ajudar ás muitas missas, que se dizem na capella, o que faz com sua sobrepeliz sobre o vestido comprido de que usa. Este tal tem de ordenado doze mil réis fora suas propinas.

«Tem a irmandade da Doutrina vinte e nove capellães, quinze dos quaes são de capellas que a Mesa administra; porque irmãos que o foram da congregação, encarregaram á Mesa o cuidado de prover as ditas capellas, e de pagar aos capellães, a esmola que para isso deixaram.

«Dos outros quatorze capellães, que fazem o sobredito numero de vinte e nove, doze d'elles dizem quotidianamente missa pelos irmãos e irmãs que vão fallecendo, um mais tem obrigação de dizer trezentas vinte sete missas por obrigações particulares, e as que sobejam das trezentas sessenta e cinco, se applicam por algumas faltas, que poderam ter tido alguns capellães; e por esta obrigação tem o tal capellão o titulo de *capellão das faltas*.

«O ultimo capellão dos quatorze, diz missa pelos irmãos vivos da congregação.

«Tres dos ditos quatorze capellães tem de ordenado annual quarenta mil réis; e os mais cada um trinta e seis mil réis.

«No anno de 1707 era o numero dos congregados mil e duzentos. Quando entram na irmandade offerecem por entrada dois mil e quatrocentos réis, e para esmola de pobres quatrocentos e oitenta réis.

«Paga cada irmão todos os mezes um vintem applicado para a despeza da fabrica: e por todo o defunto, ou defunta que fallece paga todo o irmão outro vintem applicado para missas; sendo porém pobres não pagam nada, e as viuvas satisfazem com dez réis cada mez.

«Provê a Mesa todos os annos tres dotes em tres orfãs filhas de irmãos; um de sessenta mil réis, o segundo de cincoenta, e o terceiro de quarenta, d'esmola que dão os doze presidentes.

«Todos os sabbados á tarde ha Ladainha de Nossa Senhora com musica e instrumentos. E cada mez faz o padre protector uma exhortação espiritual, e se reza a Ladainha, e se tiram os santos.

«Assistem todos os dias de manhã na capella duas merceeiras, que tem de ordenado cada uma vinte mil réis.

«Todos os mezes se tiram de esmola dois mil e quinhentos réis, concorrendo o juiz com duzentos réis, e outros vinte tres irmãos da Mesa



TUMULO QUE SE ACHA JUNTO Á PIA BAPTISMAL NA EGREJA DE CRASTO DE AVELÃS.

com cem réis cada um. E a dita quantia se distribue por pobres e enfermos.

«Dispendem-se todos os dias do mez varias esmolas que faz a Mesa, umas de rendimentos que ha para isso, e outras das suas bolsas, e junta a despeza das ditas esmolas, com os tres dotes que dissemos virá a importar a despeza toda trezentos e cincoenta mil réis.

«Faz a Mesa á sua custa duas festas solemnes cada anno com suas vesperas, uma é na segunda-feira depois da Dominica in Albis, celebrando os gostos e prazeres da Virgem Senhora na Resurreição de seu bemditissimo Filho, e outra a d'Ascenção de Christo Senhor Nosso, e em cada uma d'estas festas se costuma dispender a quantia de sessenta mil réis.

«Todas as vezes que morre algum irmão ou irmã a vae acompanhar a congregação com os seus vinte nove capellães, com sobrepelizes e barretes, e para isso tem cada um a sua sobrepeliz e barrete em uma caixinha com sua chave mettida nos bancos de encosto que estão no claustro.

«E se o irmão ou irmã era pobre, depois de lhe ter assistido a congregação com medico, cirurgião, botica, e alimentos convenientes, morrendo lhe dá sepultura.

«Por todo o irmão ou irmã que fallece diz cada capellão quatro missas; e se o numero dos defuntos é grande, e os capellães da irmandade não podem dizer todas, se mandam dizer as que faltam em outra parte.

«Por cada irmão ou irmã que morre rezam cinco padres capellães um nocturno, e no oitavario dos Santos, se faz na egreja de S. Roque um officio solemne com prégação.

«Quando se sabe haver discordias entre alguns irmãos são chamados á Mesa, e admoestados se procuram compôr, e reduzir a boa paz e amisade christã.

«Quando algum irmão se ausenta se lhe dá sua patente, para constar que é irmão, e avisada a Mesa de que é fallecido se lhe não falta com os suffragios, como se estivesse presente na cidade.

«Importa a receita de tudo que a irmandade cobra valor de nove mil cruzados cada anno, e a mesma quantia pouco mais ou menos costuma dispender com os capellães, esmolas, dotes, fabrica da capella, e mais gastos no decurso de cada anno.»

É justo fallarmos aqui do methodo adoptado pelos padres da congregação para ensinarem a doutrina — methodo que tão grande nome grangeou ao padre mestre Ignacio, por antonomasia o *Padre da Doutrina*, que, entre os varios livros que confeccionou, coordenou a Cartilha.

A doutrina principiou a fazer-se dentro da egreja de S. Roque, saindo primeiro o irmão sachristão com a campainha, e assim ia pelas ruas, ajuntando os meninos, e convocando o povo para o templo de S. Roque.

Reunidos os meninos e o povo, subia um padre ao pulpito, e d'ahi doutrinava.

Foi no anno de 1581 que o padre mestre Ignacio se lembrou de sair pelas ruas de Lisboa com os seus doutrinados; usando de traças de caridade e zelo para acarinhar o povo, e ganhar-lhe a confiança afim de lhe confiarem os filhos a quem elle desejava ensinar. Conduzia o padre o seu rancho, com uma canna na mão, cantando e repetindo-lhes as orações.

Custou no principio a habituar-se a cidade a este novo methodo de doutrinar, e não pequenos desgostos colheu d'isso o padre Ignacio, os quaes não citaremos aqui, por não virem ao contexto da nossa obra. A perseverança venceu ao cabo dos tempos, e o auditorio foi a pouco e pouco crescendo, a ponto de assistirem a estas lições até os adultos, e ainda os mais autorisados em empregos.

Para induzir a estes ultimos a estarem bem certos na doutrina, principiava o padre Ignacio a interrogal-os tambem quando fazia repetir ás creanças as orações; d'aqui tomavam os mais crescidos vergonha de se verem menos scientes do que os meninos, e por isso estudavam a doutrina para não serem encontrados em falta quando succedesse serem interrogados.

Escolhia o padre os logares mais publicos para doutrinar. As escadas do Hospital d'El-rei, que então se achava estabelecido no sitio onde hoje

está a Praça da Figueira; o pateo das Comedias, logar que de proposito buscava para combater os comediantes; o largo do Corpo Santo, onde concorriam muitos estrangeiros, soldados e marinheiros; a praça da Ribeira; a feira da Ladra, e outros assim concorridos os preferia elle para explicar o cathecismo. Ahi se apresentava de subito com o bando dos seus meninos, e assim cathequisava, como é de justiça dizer.

Lembrou-se o padre de conquistar tambem a muita gente preta que havia na cidade. Chamou para esse fim os principaes das nações, e lhes expoz o grande bem que se seguiria para elles de ouvirem a doutrina. Difficultaram elles o poderem-se ajuntar pela semana por andarem occupados no serviço de seus senhores, e aos domingos e dias santos de guarda terem de uso juntarem-se nos seus bairros, e alliviarem-se do trabalho da semana em suas festas e bailes. Eram os escravos divididos em vinte nações, e mestre Ignacio concordou com elles que cada domingo saissem cinco nações á doutrina, caindo assim um domingo para se doutrinarem, ficando-lhes livres os outros tres para as suas recreações.

Não ficando n'esta primeira conferencia assentado o negocio definitivamente, combinou o padre com os maioraes fazer n'um dos proximos domingos uma procissão á egreja do Hospital d'El-rei, aonde se ordenaria por ultimo o negocio, e se assentaria a definitiva resolução.

No dia aprasado acudiram os pretos á referida egreja, em numero de mais de mil, e o padre lhes fez uma pratica do pulpito, narrando-lhes o que estava assentado, e dividindo em turnos os domingos das doutrinas. N'este dia, e com esta solemnidade ficou combinado quanto respeitava aos pretos, e por muitos annos successivos assim acudiram á doutrina.

Premiava o padre os meninos que melhor respondiam ao cathecismo com premiosinhos como por exemplo contas, veronicas, santos, e outras coisas de devoção.

Para estas veronicas alcançou do estado uma esmola nos armazens do chumbo.

Das contas que distribuia narra a Chronica do padre Telles o seguinte, que merece especial menção para conhecermos os santos ardis de que este valente soldado de Christo se servia. Reza assim a Chronica:

«Com a mesma confiança com que dava uma veronica de chumbo, offerecia umas contas de carvão (que assim chamava ás que mandava fazer, dando-lhe por mui pouco dinheiro muitas duzias) estas repartia pelos meninos, e talvez as dava aos mais ricos, e mais illustres. Contarei n'este particular um caso de estranha edificação; estava elle uma vez fazendo a sua doutrina no Terreiro do Paço, nas escadas aonde hoje se aloja a companhia, que está de guarda; assistia na janella (em que os governadores d'este reino costumavam ver as festas d'aquelle terreiro) o cardeal Alberto, filho do imperador Maximiliano, archiduque de Austria, e irmão de tres imperadores (Rodolpho, Mathias, e Fernando) principe dignissimo dos estados de Flandres (o qual então governava este reino) porém estava recolhido dentro com as vidraças corridas, de tal maneira que elle via, sem o verem. Chegou o padre mestre Ignacio pelo discurso da doutrina a um passo, n'elle mui azado, que era perguntar a todos se tinham contas? E em prova da devoção da Senhora, fazia com o auditorio, que cada um saisse a publico, fazendo mostra, e dando conta de suas contas; e era n'este particular tanta a confiança do padre, e tinha ordinariamente tão bons successos n'este seu alardo geral, que com todos entendia, e nenhum se lhe escusava de mostrar as suas contas, havendo por vezes muita festa no auditorio, em razão da boa graça com que o padre entendia, até com os mais graves, que por medo, ou por vergonha, traziam e mostravam contas.

«Foi elle d'esta vez fazendo sua resenha; e perguntando pelas contas, chegou com os olhos ao logar da janella, aonde sabia que estava o cardeal, e com a mesma confiança, entendendo com elle, lhe pediu que quizesse tambem sua alteza honrar aquelle auditorio, mostrando suas contas, pois tambem era devoto da Senhora; e vendo que lhe não respondiam, virando-se para o povo, disse: parece que nos não quer mostrar as suas contas ricas: e logo chamou um menino da doutrina (que estes eram os seus embaixadores) e lhe poz sobre o chapeo umas das suas contas de carvão, dizendo-lhe que fosse acima, que de sua parte as offerecesse a sua alteza. Sae logo este anjo da embaixada, sobe as primeiras escadas, atravessa a sala dos Tudescos, passa por todas as mais escadas, salas, e corredores, vence quantas guardas costumam assistir nas portas reaes, entra dentro da camara aonde estava o serenissimo principe, põe o joelho no chão, e na salva do chapeo lhe offereceu as contas de carvão; recebeu-as o christianissimo cardeal, e com a confiança de principe, fez logo abrir a janella, e mostrando-se ao auditorio, deitou o braço fora, mostrando ao povo as contas da santa doutrina, que o padre mestre Ignacio lhe mandou. Com a vista de acção de tanta christandade, foi grande o auditorio; levantando todos um grande viva, não menos ao principe, que ao padre; a este pela santa confiança, ao principe pela grande piedade.»

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

USOS.

Continuação.

Cheios de respeito para com os seus similhantes, tratavam como senhores aquelles que queriam honrar, inclinando-se ante elles até toca-

rem o chão. É a isto que a Escriptura chama adorar. Era ordinario abraçarem-se quando se encontravam.

Em logar de se descobrirem, como nós fazemos, descalçavam-se ao entrar nos templos.

Nenhuma nação observou mais religiosamente as leis da hospitalidade. Recebiam os seus hospedes com muita affabilidade, faziam-lhes todos os bons officios que podiam; n'uma palavra todos os deveres da humanidade.

A vida farta e tranquilla que os hebreus passavam, a belleza do seu paiz, a doçura do clima que habitavam, tudo emfim os induzia aos prazeres; porém estes prazeres eram simples e faceis; consistiam em comer bem, e na musica. Nos sabbados é que se entregavam aos festins, e assim tambem nos dias de festa determinados pela lei. Os casamentos, a repartição dos despojos depois de uma victoria, a tosquia dos carneiros, a ceifa, a vindima eram para elles dias festivos e de recreação.

A cavalgadura ordinaria era o burro, até mesmo para as pessoas mais ricas. Para dar uma grande idéa de Jair, um dos juizes, diz a Escriptura que elle tinha trinta filhos montados em trinta burros, e chefes de trinta cidades. Diz de Abdon, outro juiz, que tinha quarenta filhos e trinta netos montados em setenta burros; e no cantico de Debora, os chefes de Israel estão descriptos montados em burros gordos e anafados.

COMIDA E BANQUETES.

Os hebreus não comiam indistinctamente toda a casta de animaes. Deus lhe ordenara as viandas de que deviam fazer uso. Os peixes que não tivessem escamas, as aves de rapina, os amphibios, os animaes que não tem unha rachada, os que não ruminam, e o porco especialmente, o sangue etc. eram-lhes prohibidos, mesmo por causa da difficuldade da digestão n'aquelles paizes quentes.

Nas melhores mesas serviam-se viandas solidas e succulentas; comiam-se cozidas, assadas, e guizadas. Não conheciam a maior parte das especiarias. O sal, o mel, o azeite eram os seus temperos; e usavam algumas vezes de aniz, gengibre, açafrão e hervas aromaticas. Depois das viandas, as iguarias mais estimadas eram as que se compunham de legumes e grãos. Poucas vezes comiam peixe; reputavam-no um alimento muito delicado e leve de mais para homens robustos. Faziam bolos com azeite e mel. A comida ordinaria dos ceifeiros eram sopas de vinagre, e cozido. O vinho reservava-se para os dias de festa, e para os festins de apparato.

Não comiam com toda a especie de gente, porque julgavam manchar-se e deshonrar-se sentando-se á mesa com pessoas d'outra religião, ou de profissão vergonhosa e desacreditada. Primeiramente comiam sentados; mas depois a exemplo dos povos da sua visinhança, comeram deitados em leitos, encostado o cotovelo, postura incommoda imaginada pela molleza dos orientaes, e que a rusticidade dos povos do norte aboliu passados seculos.

A gente bem regrada comia depois do trabalho, e bastante tarde. É por este motivo que na Escriptura *comer e beber desde manhã*, significa a desordem e a devassidão. Nos jantares cada um tinha sua mesa á parte, e a pessoa que dava o festim fazia a distribuição das viandas. O grande respeito para com os hospedes consistia em lhes dar mais abundantemente de comer e beber. Partia-se o pão á mão, e por isso os pães eram estreitos e compridos.

Nos festins solemnes creava-se um rei, que destinava a cada conviva o seu logar, e que era eleito pela sorte, ou escolhido pelo dono da casa. Era quem mandava, e todos estavam obrigados a obedecer-lhe. Esta obediencia nada tinha de penosa, porque o seu fim era a ordem e vivacidade no prazer. Emquanto se comia, os musicos tocavam, e os servos queimavam perfumes. Ordinariamente estes banquetes tinham logar no campo á sombra das arvores.

PURIFICAÇÃO.

O aceio e limpeza são muito necessarios nos paizes calmosos, onde o ar se corrompe com mais facilidade, e ha mais falta de aguas do que nos paizes frios. Era por isto que todas as purificações ordenadas aos judeus pela lei de Moysés, não tinham unicamente por fim costumal-os á obediencia, e elevalos a Deus por via das acções as mais ordinarias da existencia; eram tambem para conservar a saude, e portanto prevenir as doenças. Tinham por base a hygiene.

Determinavam aquellas leis não só o banho do corpo, como tambem a lavagem dos vestidos e muitas e amiudadas circunstancias e recontros: especialmente quando o hebreu tocava um corpo morto, ou um animal impuro. De ordinario as purificações tinham logar ao levantar da cama, ao deitar, e antes de comer. Os vasos e as casas, onde se notava alguma corrupção, eram purificadas ou pelo fogo ou pela agua. Obrigavam-se as mulheres depois do parto a esta pratica. Aos sacerdotes pertencia julgar das impurezas legaes, e ordenarem o modo das purificações.

LUTO.

Os israelitas tomavam luto nas calamidades publicas, quaes eram as pestes, a esterilidade geral, e invasão de inimigos; e tambem nas desgraças particulares, como por exemplo a morte de um parente, ou d'um amigo; na sua enfermidade perigosa; quando se caía em captiveiro, e até mesmo se elles eram accusados de um crime.

Não consistia o luto só em mudar de vestidos; tambem os rasgavam. As acções mais ordinarias eram bater nos peitos, descobrir a ca-

beça, lançar n'ella cinza e terra em vez de perfumes, rapar a barba e os cabellos.

Emquanto o luto durava não se ungiam, nem lavavam. Era da essencia trazer os vestidos sujos e rasgados; ou em vez d'estes usar o que se chamavam saccos, que eram fatos muito estreitos e sem pregas. Tambem estes vestidos se appellidavam cilicios, por serem feitos de fazenda grosseira. A cabeça e os pés andavam descobertos, porém o rosto tapado. Ordinariamente embuçavam-se n'um manto, para não verem a claridade do dia, e occultar assim as lagrimas. Só depois do sol posto é que comiam, e estes alimentos eram dos mais ordinarios, por exemplo pão e legumes. Unicamente se bebia agua.

Encerravam-se durante o luto, ou sentados no chão, ou deitados na cinza, e guardando profundo silencio, só interrompido por lamentações, e canticos funebres.

O luto por uma pessoa morta durava ordinariamente sete dias. Algumas vezes prorogava-se por um mez, e ainda mais tempo, porém isto poucas. Viuvas havia que o conservavam por toda a vida.

Continua. A.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação. *

LVI

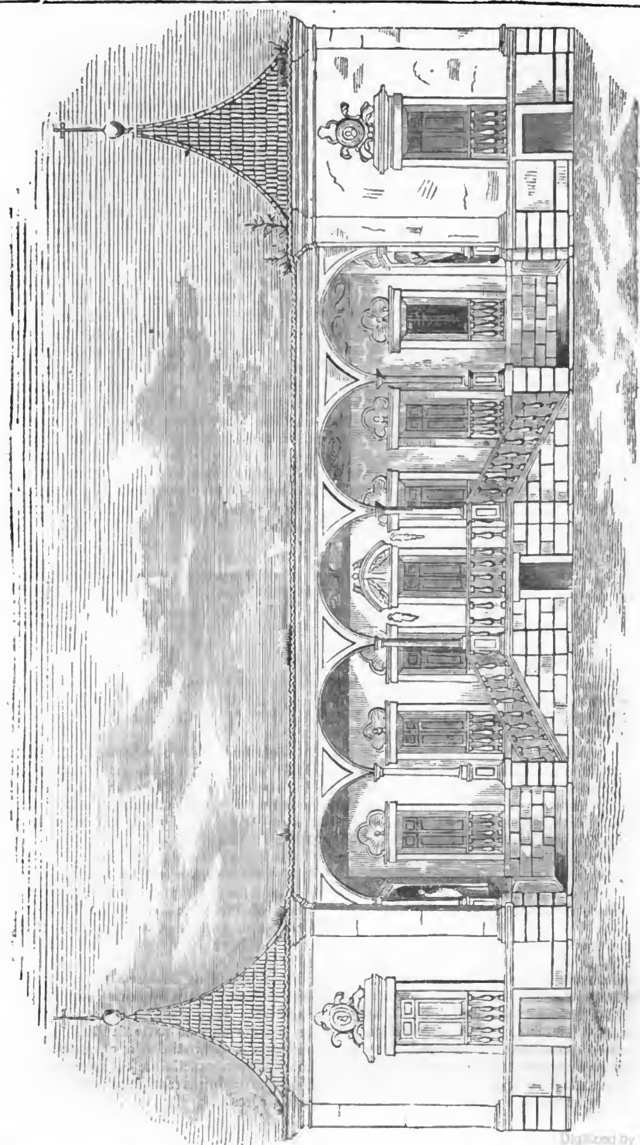
De como o Snr. D. Antonio ordenou a armada, e do que lhe succedeu.

Sendo já no fim de agosto do ditto anno de 1582, dice o Snr. D. Antonio com os do seu conselho, que se determinasse de se aperceber a armada que estava no porto, por que se vinha chegando o hinverno; sem o povo saber para onde. Mandou fazer gente n'esta ilha, e nas ilhas debaixo. Ajuntaram-se como trez mil portuguezes soldados. Desta ilha não queria elle tirar muitos, pelo que importava á defensão desta ilha. Fizeram-se muitas enxadas, pás, e outros artificios, para guerra. Proveu-se a armada de todos os bastimentos, que tudo a ilha tinha. Uns diziam que a armada, que se fazia para as ilhas de Canaria; outros, que para a ilha da Madeira; e a presumpção que se tinha que ia direita a Lx.ª E como tudo levava ruim fim, se embarcou o Snr. D. Antonio: podiam ir nella portuguezes, inglezes e francezes, sette para oito mil homens. Foram perto de settenta velas grandes, e pequenas, com muitos navios latinos. Foram com vento prospero no mez de Settembro. No fim delle, e entrada de Outubro, tal tormenta lhes deu, que com ella se apartaram, uns para um Cabo, outros para outro, muitos destroçados. Os inglezes se foram logo para Inglaterra. Os francezes parte delles. Quando o Snr. D. Antonio, acabada a tormenta, saiu fora, não viu mais que quatro naus com a sua ao longo da ilha de Santa Maria. A gente de terra não sabia que naus eram: pozeram-se em armas para defenderem a ilha. Mandou o Snr. D. Antonio recado, que era elle: ficou a gente toda quieta, e alvoroçada e contente. O capitão não lhe quiz fazer a vontade, dizendo que lhe não pozessem a cabeça ao talho, por que era cousa perigosa que se deixasse sair o Snr. D. Antonio com aquella gente fora dar-lhe obediencia como vassalos, e que a elle o mandaria El-rei degolar, e a elles todos bem castigados; que o deixassem com isso. Fez um grande presente, e o mandou ao Snr. D. Antonio, e lhe mandou dizer que bem via sua alteza, ou magestade, o perigo em que punha sua vida, e fazenda e dos moradores da ilha; e que elle como principe catholico, e natural fosse servido ser juiz da causa, em querer lhe dessem obediencia como rei: que se elle quizesse sair em terra só com alguns fidalgos portuguezes, que elle e sua fazenda e dos moradores da ilha estavam a seu serviço, e que se recreasse em terra, que lhe não faltariam mimos, e que a ilha o teria por grande mimo e ditta o que nunca se imaginou: mas que como a rei se não attreviam a dar-lhe vassalagem, por que tinham jurado, e dado obediencia a seu primo el-rei Filippe: mas que como principe e Snr. D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, fizesse o que quizesse delles, e que mandasse dizer o que havia mister para as naus, que tudo iria. Pareceram-lhe tão bem as razões do capitão-mor, que lhe mandou os agradecimentos, dizendo, que não saia em terra por não tornar de novo a enjoar, e que ia muito satisfeito de tão honrado aviso. Não quiz sair em terra, posto que sua vontade era boa, sem a gente das naus, porque conheceu em si, que bem leaes se lhe tinham mostrado muitos, e que lhe faziam cada hora traições: que se elle saira em terra com trinta ou quarenta homens, que melhor sorte podia ter aquelle capitão que prendel-o. E o mais dissimulou e mandou dar as naus á vela, e se veiu metter no porto desta cidade, onde foi bem recebido, com muita festa, posto que aguada com seus ruins successos, e lhe ir tudo para traz.

Continua.

Os desenhos que hoje publicamos, e a curiosa noticia que os acompanha devemol-os ao ill.mo sr. J. A. C. de Castro e Sepulveda, Deão da Sé de Bragança, a quem agradecemos cordealmente este distincto obsequio, e pedimos desculpa da demora na publicação, devida a causas estranhas á nossa vontade.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.



PALACIO DE PALHAVÁ.

PALACIO DE PALHAVÃ.

Ignorados hoje, como celebrados foram em tempo mais antigo, estão alguns palacios, cujas salas ao presente silenciosas e mudas, já retumbaram com os eccos de festivas reuniões. N'este caso está o palacio de Palhavã, cuja principal fachada se representa em a nossa estampa, e cae para o grande pateo que lhe dá entrada, fechando-se para a estrada pelo elegante portico que apresentámos em o num. 49 do anno passado.

Quem irá agora acordar aquelles eccos tão dormidos e repoisados dês que os seus primeiros habitadores, os srs. D. Antonio e D. José (vulgarmente chamados *os meninos de Palhavã*) d'ali passaram á sua ultima morada n'uma singela capellinha, que para jazigo se lhes lavrou no claustro do real mosteiro de S. Vicente de Fora, junto ao corredor que dá saida para o segundo pateo do mesmo mosteiro? Quem recordará hoje que n'essas elegantes salas, onde os variados genios da pintura se deram mãos para as fadar com todos os encantos da sua enobrecida arte, houve festas esplendidas no tempo dos marquezes do Louriçal, tambem seus possuidores?

Ninguem; vendo-as ao presente tão abandonadas e desertas, vendo-as taes que a poeira de muitos annos, amontoada sobre as suas paredes, já tomou consistencia para affrontar as mais violentas rajadas de vento, que, penetrando atrevido pelas vidraças quebradas, corre desaffrontadamente aquellas ermas solidões, tão desguarnecidas de tudo!

Ao escutar-lhe o sibilo por tamanho labyrintho de salas, ao ouvir-lhe o som plangente repercutido n'ellas, dirieis de certo que até os proprios elementos choram tamanho abandono! Talvez... Para nós é crença que desde 5 de Setembro de 1833 ali caiu uma d'essas maldições que aniquilam completamente.

N'esse dia verteu-se ahi muito sangue portuguez derramado ás mãos de portuguezes! Soldados de um e outro partido combatente saquearam o palacio, e as frondosas e copadas arvores do seu tão fallado e notorio bosque foram derrubadas a machado! Desde esse dia o genio da destruição assentou ali seu throno, e despedaçou pelas proprias mãos as grinaldas festivas que adornavam a fachada d'aquelle edificio, expulsando d'elle o riso e as festas, e fechando á chave o templo onde por tantos annos tiveram culto!

Lindissima é a paizagem que se logra d'esta vivenda, puros e saudaveis os ares d'este formoso arrabalde da capital; mas nem assim a casa de Palhavã póde ainda attrahir sobre si a attenção dos actuaes possuidores, que nos dizem ser os srs. condes de Lumiares; e dentro em poucos annos, a continuar tal descuido, esta famosa architectura, estes enlevos de arte serão ruinas venerandas da epoca faustosa d'el-rei D. João V.

Eram filhos naturaes d'este monarcha os seus primeiros habitadôres, D. Antonio e D. José, de que acima fallámos, e que foram legitimados já em tempo d'el-rei D. José. De habitarem desde a infancia n'este aprasivel sitio lhes veiu o epitheto de *meninos de Palhavã*, que conservaram em toda a sua longa vida. Como filhos de rei viveram com estado de principes, e muito festejados na côrte; se bem que tiveram a queixar-se do marquez de Pombal, que alcançou do monarcha, por um d'aquelles caprichos a que o omnipotente ministro era subjeito, ordenar-lhes residencia no Bussaco. Inseparaveis na infancia, companheiros no referido infortunio, e muito unidos durante a vida, ainda na morte se abrigaram sob o mesmo tecto, pois seus tumulos, levantados durante o reinado da senhora D. Maria I, estão collocados na mesma capella, com inscripções que relatam sua illustre ascendencia.

Não virá aqui fora de proposito arrojarmos uma conjectura sobre a origem d'este nome de *Palhavã* ao sitio que corre fora das portas de S. Sebastião da Pedreira. Houve, em tempos antigos, uma dona com este appellido, casada com um descendente do celebre João das Regras. Talvez tivesse vivenda n'este logar, e por sua nobreza desse nome ao sitio. A outro, mais investigador d'estas minuciosidades, apontamos a conjectura, e deixamos a gloria de esclarecer a verdade.

***

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Agora que já demos noticia da irmandade da Doutrina, e contámos do padre mestre Ignacio Martins, que foi na Companhia o mais distincto no ensino da Cartilha, seguiremos na descripção das capellas da egreja, dando conta do ornato d'esta da Doutrina.

Os congregados da Doutrina não se satisfazendo com o ornato que acharam na capella, e que já então era reputado um dos melhores pela sua perfeição, resolveram no anno de 1688 formal-a de maneira que parecesse toda feita de novo. A nova obra foi acabada no anno de 1690.

Até á altura da banqueta foi a capella toda feita de pedra marmore, com embutidos de varias côres. Teve duas portas, em volta redonda, ficando uma da parte da Epistola, e dando serventia á sachristia, e a correspondente com saida para a capella de S. Francisco Xavier. Estas portas brilhavam pelos seus embutidos de varias côres.

Segue dos dois lados por cima da pedraria excellente obra de talha que reveste a parede. De cada parte um santuario, que nos dias de festa se descobria. De talha é egualmente o tecto, e o arco que assentado sobre pilares dá entrada á capella. Fecha-se ella com grades de pau ebano, de balaustres retorcidos, seguros em pilares de pedraria com embutidos. O frechal não desmereceu em nada obra tão perfeita.

Duas columnas compõe de cada lado o retabolo, obra corynthia, com os respectivos capiteis, alquitrave, friso, e cimalha. Entre as columnas um nicho, e no seu throno a imagem da Senhora da Doutrina. Para serventia do throno acha-se o altar separado do retabolo. Por cima do nicho correm os trossos que seguem em volta do retabolo.

Da parte do Evangelho ficava a imagem de S. Joaquim, e da Epistola a de Sant'Anna.

O altar de marmore guarnecido de embutidos, contem em si a imagem do Senhor morto, que se expõe nas sextas feiras de Quaresma, porque d'esta capella principiavam os Passos.

No tempo da Companhia compunha-se das seguintes peças a prata d'esta capella.

Duas alampadas grandes.

Uma cruz grande, e quatro jarras, sobre a banqueta do altar.

Um rico frontal, que sobre a prata batida de que constava era em partes sobre doirado.

Banqueta de prata.

Uma peanha de prata, sobre a qual se expunha a Senhora quando saía em procissão.

Era egualmente de prata o andor em que se levava a imagem.

Trinta e seis castiçaes, entrando n'este conto seis grandes, e de diversos feitios.

Uma sacra, e uma estante.

Um Evangelho de S. João, e um missal guarnecido de perfeitas chapas de prata.

Quatro pivetarios, um prato, e um gomil.

Uma caçoila.

Dezeseis jarras tanto grandes, como pequenas.

Um calix doirado, com sua patena.

Um vaso para consagrar as particulas da communhão.

Um vaso para o lavatorio dos que commungavam.

Umas galhetas com seu prato.

Uma cruz de prata, de guião.

Dois vasos que serviam para tomar os votos nas eleições.

Cinco varas de prata, que os officiaes levavam nas procissões.

Uma palangana, e uma caixa de hostias.

Duas corôas de filagrana de oiro e aljofres.

Duas corôas de prata, uma da Senhora, outra do Menino.

Um livrinho guarnecido de prata.

Um sinete.

Estimava-se toda esta prata em trinta mil cruzados.

Correspondia a toda esta riqueza outra não menos sobeja em frontaes, casulas, e mais ornamentos, que tantos eram que com elles se podiam prover não só capellas, mas tambem egrejas.

A capella que a esta se seguia era dedicada a S. Francisco Xavier, e foi fabricada por Antonio Gomes d'Elvas.

É de abobada e marmores, com seus paineis de cada lado encaixilhados tambem em marmore.

De talha doirada com duas columnas por banda se compoz o retabolo, com uma imagem do Apostolo da India em vulto. Por traz d'esta um painel, onde se representou o mesmo santo fazendo oração diante de Nossa Senhora.

Proxima está a capella de S. Roque, que foi feita á custa dos padres, segundo a obrigação que tomaram com a irmandade quando se empossaram da ermida.

Esta capella teve dois retabolos, o primitivo, que havia servido na sobredita ermida, e outro mais moderno, feito tambem pela irmandade. Foi este de talha doirada, com duas columnas por banda, e assentou-se em um nicho a imagem do santo, em vulto.

Na parte do Evangelho poz-se um quadro com moldura de talha doirada, e n'elle a pintura do santo apparecendo-lhe um anjo. Correspondente do lado da Epistola, ha uma tribuna na passagem para o pulpito.

Á capella visinha da de S. Roque, e immediata ao cruzeiro deu-se a invocação da Senhora da Conceição, que na primitiva fundação teve a de Senhora da Assumpção, dada pela sua fundadora D. Luiza Froes. N'esta, como já dissemos, foi que teve começo a congregação da Doutrina; e por mudança para a outra capella, se passou a dar á de que tratamos a invocação da Conceição.

Aqui teve assento a irmandade dos Agonisantes, cujo era o carneiro que havia por baixo do adro.

Fez-se-lhe retabolo de talha doirada, com duas columnas por banda, e no meio um nicho com uma gloria de anjos, aos pés da Senhora. Abaixo do nicho poz-se a imagem da mesma Senhora, já defunta. Esta imagem tinha o rosto e as mãos de cera. Antigamente fazia-se uma procissão em que se conduzia esta Senhora n'um andor.

Embutiram-se os lados do altar com marmores, e assim tambem se ornou o espaço que decorre do arco da capella até á porta.

Sobre a altura da porta, fez-se de cada lado um santuario de reliquias, cobertos com dois paineis, que se tiravam nas occasiões de festa. As molduras dos paineis, de talha doirada e com muita perfeição, acompanhavam o vão que fica junto aos santuarios. Entre os pilares do arco assentaram-se grades de pau santo, fechando a entrada.

A prata d'esta capella compunha-se de uma

boa alampada de prata, um excellente frontal, duas banquetas, uma sacra, seis castiçaes de pé triangular, uma cruz com a respectiva hastea tambem de prata, que servia no guião preto dos defuntos, e no pendão da festa.

Para o carneiro, de que já tratámos, dava entrada, por uma escada de pedra, a porta que fica á mão direita da principal da egreja.

Hoje é a capella do Santissimo.

Tratando agora das capellas no corpo da egreja, da parte do Evangelho, logo á mão esquerda a quem entra no templo, fica a que se intitulou de Jesus, Maria, José. Teve uma irmandade de gente nobre.

O retabolo, que consta ser ainda o primeiro que a capella teve, é bom, assim como o painel que fica entre as duas columnas que de cada banda se assentaram.

Em cada um dos lados da capella se pozeram paineis de boa pintura, representando um o nascimento de Christo, e outro a adoração dos Reis. Excellentes molduras de talha são complemento dos paineis.

Junto á capella ha a respectiva sachristia para esta irmandade.

A prata constava, no tempo da Companhia, d'uma formosa alampada de prata, é no altar seu frontal de prata batida, e da mesma a banqueta, seis castiçaes, uma sacra, e cruz com hastea de prata para o guião.

Segue-se a da invocação de Santo Antonio. Foi fabricada á custa da herança de Pedro Machado de Brito, que ordenou á Mesa da Misericordia de Lisboa, sua testamenteira, lhe fizesse uma capella para sepultura d'elle, e seus descendentes. Para cumprimento da testamentaria deu a Misericordia um conto e seiscentos mil réis aos padres de S. Roque, que fizeram então esta capella, pelo risco das outras da egreja, correndo por obrigação dos padres a fabrica e o guisamento das missas, que n'ella diziam dois capellães com a esmola de quarenta mil réis cada um, pagos pela Misericordia.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

A VIDA É SONHO.

Não hajas medo, não: a vida é sonho...
Se queres desengano estuda a morte;
N'ella reluz da crença o mais sublime,
Porque só Deus é Pae, é Justo, é Forte.

Ao acordar da vida o triste sonho,
Bem podes crer passado o pesadelo:
Lagrimas, dôr, saudades, amargura,
Tudo findo será no eterno appello.

. . . .

No regaço da fé adormecido,
Aquelle anjo não vês, tão junto á cruz?!
Olha que os labios seus lá 'stão sorrindo
Ao brilhante fulgor da eterna luz.

Não vive?!... Sim que vive eternamente
Na celeste mansão; lá nos espera
N'uma aurora perenne, que deslumbra
Vivo clarão de fulgurante esphera!

Choral-o cá na terra é crime infando,
Que do mundo fugiu á pena, ás dores;
Foi prazeres buscar, almos, infindos,
Onde as virtudes são puros amores!...

. . . .

Da virgem tu não vês sereno o rosto,
Tranquilla, ali na eça, repoisando?!
Á terra o vil despojo ella deixou,
Glorias immortaes lá está gosando.

Não lamenta do mundo a vida ingrata
Que a vida, cá na terra, é trevas — morte!
No ceo, onde milhões de estrellas rolam,
É d'anjos immortaes perenne a sorte!...

. . . .

Ali, se vê tambem descida á campa,
Aquella terna mãe dos filhos seus;
Espirito immortal na gloria adeja
Cá na terra velando-os lá dos ceos!

O susurro das auras é voz sua:
O filhinho a entende, e desvairado
A morte implora — a morte, que o separa
D'aquelle amor materno tão presado!...

. . . .

Triste cinza que vês ali dormida
Por outra cinza espera!... Sim que espera
Os laços conjugaes, que deu no mundo,
Reapertal-os lá na santa esphera.

Isemptos dos vaivens do mundo ingrato
Não temem, não, os acerados gumes
Que os ulcerou na terra, entre mil dores,
De suspeitas crueis, negros ciumes!...

. . . .

Não hajas medo, não... a vida é sonho
A sepultura só falla a verdade,
Além d'ella nos chama a voz do Eterno,
Que no mundo só reina a falsidade!

**

O ocio facilmente se casa com a ignorancia: a dissipação, e a pobreza, são os legitimos fructos d'essa união.

ORIGEM DAS CAMARAS MUNICIPAES.

As guerras, as desavenças entre os monarchas e os seus poderosos vassallos, e as grandes crises nacionaes eram as occasiões em que nos tempos antigos a classe do povo se via mimoseada e afagada pelos poderosos, porque sendo ella a mais numerosa, o seu peso era immenso no lado a que propendesse.

Não era coisa para estranhar o ver então n'essas epocas remotas como os monarchas se apressavam a noticiar ás cidades e villas, não só os grandes acontecimentos, como até mesmo os projectos ainda em mente, para que ellas os coadjuvassem no empenho da alta empresa que se commettia.

D'estas causas foi tomando corpo o elemento municipal, e com elle o elemento do povo, e nos primeiros tempos da nossa monarchia, em que o estado era propriamente uma aggregação de municipios, serviam as camaras de intermedio entre o povo e o rei para a execução das ordens d'este ultimo.

Foi d'aqui que proveiu tambem nos primeiros tempos d'esta monarchia o cuidado empregado pelos soberanos em promoverem a povoação, porque o paiz falto estava d'ella em consequencia das sanguinolentas lutas com os serracenos; em fomentar a agricultura, que pelas mesmas causas a terra se podia chamar *virgem;* em levantar cidades, e villas, porque arrazadas a maior parte d'ellas tinham passado á denominação de *fogo morto*.

Era doloroso n'aquelle tempo o aspecto do paiz. Os povos que não haviam sido cortados pelo ferro inimigo, morriam de fome. A agricultura reduzia-se a *herdades*, *coirellas*, *granjas*, *villas*, *aldêas* e *alquarias*, que eram terras dispersas e isoladas, marcadas pelo miseravel casebre onde o agricultor com a sua familia e os seus gados encelleirava os productos das suas mesquinhas cearas.

Por isso tambem grande foi o zelo que os nossos primeiros monarchas empregaram em repovoar o reino, publicando leis ajustadas, e dando aos colonos muitos privilegios.

Dividindo em coirellas as terras da conquista, entregavam estas porções a homens de boa reputação e nome, que assim encontravam n'estes terrenos o sustento necessario á sua familia e servos.

E quando por este meio se achava um logar já alguma coisa consideravel, dava-se-lhe um official municipal e um juiz que decidia as causas dos seus moradores em primeira instancia.

Mais avultadas já estas aggregações de cultivadores, e com ellas as dos officios mecanicos attrahidos áquelles novos gremios pelos trabalhos agricolas—que reciprocamente se davam as mãos, fomentavam e protegiam—passavam a ter seu foral, que mais fortemente attrahia então os homens isolados e dispersos, a quem se assegurava assim o fructo do trabalho e da industria.

Muitas vezes estas regalias subiram a ponto de se declarar livre todo o servo, que se fixasse por mais de um anno n'um determinado logar.

N'estes foraes reservava sempre o rei os seus direitos, e por isso tinha elle na camara um official para este mester, bem como para preparar a gente para a guerra, e cobrar as contribuições da corôa.

A estes officiaes se designava por moradia o *palacio*, que hoje se diz *Casa da Camara*, e este se distinguia sempre de todos os outros edificios pelas insignias reaes.

Era ao lado d'este que commummente se levantava o palacio episcopal, quando a terra era das episcopaes, ou o senhorial, quando pertencia a algum senhor. N'estes palacios cobravam estes senhores tambem as suas rendas e tributos, e fiscalisavam os seus privilegios; sendo comtudo isemptos das determinações dos foraes.

Outro edificio bem importante n'aquelles tempos era o *concilium*, isto é o ponto central da administração, a verdadeira Casa da Camara, porque esta era quem nomeava, d'entre si, sem excepção mesmo do juiz, os funccionarios do seu concelho.

Esta população de uma Camara, designava-se pelos nomes de *tributarios*, *pedites e peões*, e se compunha dos lavradores, negociantes e artistas residentes no logar. Tomavam aquellas denominações pela sua qualidade de contribuintes, e pela obrigação de concorrerem á guerra, onde batalhavam a pé, por não poderem sustentar cavallo á sua custa.

Quando pelo andar dos tempos a autoridade real se foi robustecendo, e absorvendo em si os elementos de força espalhados pela classe da nobreza e do povo, estes juizes locaes nomeados pelo concilio foram substituidos pelos de nomeação regia, que os reis lhes mandavam com o titulo de *juizes de fora parte*, e os seus vereadores ficaram tambem dependentes da nomeação de um tribunal. Esta nova ordem constituiu as Camaras em delegação do poder real.

O tribunal por onde se confirmavam as vereações era o Desembargo do Paço. O respectivo corregedor enviava uma relação das pessoas nos termos de andarem no exercicio d'esses cargos em os diversos concelhos da sua comarca, e assim se escolhiam os vereadores, que constituiram modernamente as Camaras, das quaes era presidente nato o juiz de fora.

Como em tempos já antigos se olhava com uma especie de despreso todos os officios mecanicos, d'ahi proveiu a necessidade, para se defenderem da oppressão dos donatarios das terras, de se embandeirarem em corporações.

Chamado assim cada officio a um centro, as corporações nomearam os *procuradores dos mesteres*, que tinham a seu encargo cuidados especiaes, e por este meio ficaram os officios mecanicos representados nas Camaras.

Tambem estes procuradores dos mesteres vie-

ram pelo andar dos tempos a ser viciados pela autoridade real, succedendo, como a historia nos mostra, serem reconduzidos por meio de decretos estes *mesteres*, antes do praso das eleições.

Fallámos acima no official do rei nas terras a que se havia dado foral. Como bem se pode presumir, este, e os mais empregados do *palacio* eram nomeados pelo monarcha.

Havia Camaras que não tinham immediato senhor. A estas assistia o privilegio, consignado nos respectivos foraes, de terem assento em Côrtes, nomearem suas justiças, murarem a cidade ou villa, e levantarem e armarem soldados, dando-lhes capitão que os commandasse na guerra.

Este direito dado ao povo de eleger os funccionarios das Camaras, administrando por este meio sua justiça, foi-lhe alargando a area da existencia politica; e com o augmento da população se foram construindo cidades e villas, que sem subjeição a donatarios, agrupavam novas sociedades particulares, ao abrigo das suas Camaras.

Esta actividade que se desinvolvia pela frequencia das relações internas, ia dando importancia ao elemento popular, e diffundindo-se assim por elle a riqueza attrahiu a attenção do monarcha a ponto de ser chamado á representação em Côrtes.

Concorreu de certo muito para o engrandecimento d'esta classe, que pouco figurou nos primitivos tempos da monarchia, a necessidade que o monarcha tinha de meios pecuniarios para satisfazer não só ás despezas do estado, como ás da sua propria côrte, e depois a luta entre o poder real e o clerical e senhorial.

Não podemos deixar de confessar aqui ser bastante obscuro nos tempos primordiaes o direito civil das nossas Camaras Municipaes. Vêmol-as comtudo no decimo quarto seculo obtendo os seus respectivos privilegios não só das mãos dos reis, como tambem das dos donatarios, mediante confirmação real. Os foraes continham tudo quanto era relativo á governança municipal, e abrangiam disposições civis, criminaes e militares, bem como a taxa dos foros, serviços e direitos que os respectivos povos deviam pagar.

Como elles variavam nas suas disposições particulares, segundo as circunstancias das localidades, e as isempções, as terras a que se applicavam ficavam fora da homogeneidade e centro necessario para constituirem força por meio da sua unidade.

Assim vinha a ficar cada terra, por causa dos seus foraes, differente em usos e costumes, dividida pelas rivalidades da legislação, e difficultadas as communicações pela diversidade de portagens; o que foi na verdade um mal, que concorreu poderosamente para a falta de unidade de acção no elemento municipal, unico que poderia elevar o estado do povo ao logar que lhe competia na sociedade.

Os nossos foraes tomaram por modelo no Alemtejo o fôro d'Avila na Castella, que se introduziu e naturalisou em Evora; e no norte do reino, o de Salamanca.

Algumas das suas disposições eram tiradas do codigo visigothico. ***

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

FUNERAES.

Reputavam os hebreus uma terrivel maldição o ficarem os seus corpos, ou os d'aquellas pessoas que estimavam, expostos a serem devorados pelas feras e aves de rapina, ou a corromperem-se e infectar os vivos. Repoisar no sepulchro dos seus antepassados era para elles uma consolação.

Apesar dos funeraes serem um dever de piedade, não eram comtudo acompanhados de nenhuma ceremonia religiosa; antes se reputavam uma acção profana que tornava immundas todas as pessoas que tomavam parte n'elles, até se purificarem. Por isso se prohibia aos sacerdotes assistirem aos funeraes, excepto sendo de parentes.

Offereciam-se sacrificios pelos mortos, isto é pela remissão dos seus peccados. Tambem havia uma ceremonia chamada *Baptismo dos mortos*, que consistia em purifical-os. Esta ceremonia julgava-se tão util aos defuntos, como proveitosas lhes deviam ser as orações.

Pelo commum os corpos eram enterrados; porém aquelles de pessoas mais distinctas embalsamavam-se, e depositavam-se em tumulos. Os corpos circundavam-se de drogas dissecantes, e algumas vezes queimavam-se perfumes.

Não havia sitio destinado para enterramento dos mortos. Abriam-se muitas vezes na rocha os seus sepulchros, e com tanto artificio que as portas eram de pedra gyrando sobre gonzos da mesma. Dentro d'estes sepulchros havia uma mesa de pedra, e n'esta é que se depunha o cadaver. Havia sepulchros nas cidades, nos campos, em jardins, e nas estradas reaes. O commum das sepulturas do povo era fora das cidades, e punha-se todo o cuidado em distinguir as dos israelitas das dos estrangeiros, especialmente sendo idolatras. Os sepulchros eram caiados externamente todos os annos; e foi a este costume que Jesus Christo alludiu quando comparou os phariseus aos sepulchros muito pintados de branco, que por fora parecem mui aceiados, e por dentro encerram ossos e podridão.

Quando chegava o momento de soterrar o cadaver, todos os parentes e amigos do defunto se reuniam vestidos de dó para acompanharem o corpo, formando-lhe o cortejo funebre. Suas lamentações eram proferidas em voz alta. Até havia mulheres que se alugavam para esse fim. Algumas vezes estas vozes eram acompanhadas de instrumentos funebres. Até mesmo se com-

punham canticos para servirem de orações funebres ás pessoas illustres.

GOVERNO.

Quem abre os livros de Moysés logo depara com um corpo de leis que não só tendem a conservar a religião e o culto do verdadeiro Deus, mas egualmente a sustentar e conservar os costumes, e estabelecer um estado feliz e tranquillo. Ellas proscrevem a idolatria, a blasphemia, a impureza, o luxo, a intemperança, a devassidão, a prostituição, todos os vicios emfim, que perturbam a ordem da sociedade e a felicidade das familias. Ahi apparecem reguladas as festas, os deveres reciprocos dos paes e das mães, dos senhores e dos servos. N'ellas se lêem ajustadas regras para a modestia e para a frugalidade.

O primeiro governo dos hebreus foi theocratico; quer dizer que o proprio Deus os governava pela lei que lhes dera. Os juizes, como Josué, Gedeão, Jephté etc. eram simples logar-tenentes que elle delegava, quando lhe aprazia, para certas obras extraordinarias, cujas commissões ás vezes prolongava durante o decurso de suas vidas, porém não lhes communicando nunca a autoridade soberana.

Os israelitas foram perfeitamente livres antes do estabelecimento dos reis. Esta liberdade foi-lhes porém bastante cerceada quando rejeitaram o imperio de Deus para se subjeitarem ao de um homem. Viram-se então expostos a todos os abusos do poder arbitrario: — «O rei que pedis, disse-lhes Samuel, tirar-vos-ha os filhos para os fazer seus servos, e as filhas para o servirem; tomar-vos-ha os escravos e os animaes para os fazer trabalhar para si; arrebatar-vos-ha o que melhor produzirem as vossas vinhas e oliveiras, para o dar aos seus servidores; fazer-vos-ha pagar o dizimo dos trigos e do producto das vinhas para o dar aos seus officiaes; receberá o dizimo dos vossos rebanhos, e sereis seus escravos.»

Desde o captiveiro até ao tempo dos reis Asmoneus ou Machabeus o governo se transformou em aristocratico e democratico; queremos dizer, composto de um senado que se formava dos mais distinctos cidadãos, e do povo que se juntava, e decidia conjuntamente com os senadores. Eram porém subjeitos ao rei da Syria, a quem pagavam tributos, e que os tratava como nação conquistada.

Recobraram uma sombra de liberdade no tempo dos Machabeus que restabeleceram a monarchia, porém o reinado d'estes principes foi de curta duração. Appareceram os romanos, e os judeus foram obrigados a curvar a cabeça ao jugo d'estes conquistadores. Pelo favor d'estes novos senhores foi Herodes, que era idomeneu de origem, collocado no throno de David e dos Machabeus. O reinado d'este principe estrangeiro foi brilhante; porém com a sua morte acabou o poder da Judéa. Seus filhos depressa foram despojados dos fracos restos da sua grandeza, e no imperio de Vespasiano, quando os judeus tentaram sacudir o jugo, ficaram vencidos, expulsos do paiz, e reduzidos ao estado em que ainda hoje vivem.

PODER DOMESTICO.

O poder domestico dos chefes da familia sobre os seus escravos e filhos era grande.

Havia entre os israelitas duas especies de escravos; uns eram hebreus, e outros estrangeiros. Preferiam servir-se com estes ultimos, que toda a vida ficavam na escravidão, a servirem-se com os hebreus de origem, que saíam resgatados no anno sabbatico.

Quando o escravo hebreu não queria aproveitar-se do beneficio da lei, apresentava-se ao magistrado, fazia a sua declaração, e o senhor o reconduzia para casa, furava-lhe a orelha logo ao limiar da porta, e então o escravo perdia para sempre a liberdade.

Se o escravo hebreu recobrava a liberdade, era despedido com o mesmo fato que trouxera para casa do senhor; e se tinha mulher, esta saía com elle, excepto se lhe fôra dada pelo senhor, que n'este caso ella e seus filhos eram pertença do amo. Este era obrigado a dar-lhe com que se manter na viagem, e a tratal-o como a um irmão.

Quando um senhor batia no escravo, e este morria passados dias, não era por isso castigado; mas se o escravo expirava na occasião do castigo, concluia-se d'ahi que o quizera matar, reputava-se um homicidio, e a lei o declarava culpado. N'este ponto a lei era mais humana do que nos outros povos, onde se não faziam taes distincções.

Os paes tinham sobre os filhos direito de vida e morte; não o podiam porém exercer sem participação do magistrado. O pae e a mãe, depois de ensaiarem todas as correcções domesticas, iam denunciar ao senado da cidade o filho desobediente e extravagante; e em virtude d'esta queixa saía condemnado á lapidação ou á morte. Seguia-se d'aqui estar o filho sempre n'uma completa submissão, com receio de attrahir a colera dos paes.

Continua. ***

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LVII

Do que fez com os padres da companhia e com algumas mulheres.

Antes que o Snr. D. Antonio partisse com a armada atraz, que se espalhou com a tormenta, havia muitos homens nesta ilha de suspeita con-

tra seu serviço. Determinou de os levar todos com sigo na armada, como levou. E porque andavam muitos a monte, sem delles se saber parte, lhe diceram que os padres da companhia sabiam onde elles andavam, e as mulheres. Fez um medo: mandou tomar os padres, e metel-os em um navio que estava no porto; e as mulheres, dos que andavam ausentes, noutro, fingindo que lhes haviam de dar fundo para os acabarem. Todos os padres, como tem dado de si grande exemplo de paciencia, soffriam tudo, e se calavam: as pobres mulheres, e os filhos, era uma harmonia de choro e gritos. Tanto que as pobres estiveram embarcadas, e eram a buscar mais, se vieram os maridos e filhos logo entregar, havendo perto de dois annos que andavam a monte. Veio-se entregar João Lopes Fagundes, e seu filho Lopo Gil Fagundes, Antonio Francisco seu cunhado, e seu filho que agora é Deão desta cidade, e um seu parente que se chamava Bulcão, e Luiz Mourato, e outros, aos quaes o Snr. D. Antonio fez muita festa, e honra conforme a calidade de suas pessoas, e os mandou embarcar, e os mais que estavam prezos, e todos os que eram de suspeita contra seu serviço, e assim os Padres da Companhia, dizendo que os Padres e os mais influiam muita gente contra seu serviço. E foram embarcados na ditta armada muitos homens fidalgos, cidadãos e poucos mechanicos; a saber Manuel Fernandes de Cea, e seu irmão Hieronimo Fernandes de Cea, Pedro Ennes do Canto, Antonio Pacheco de Lima, seu irmão Hieronimo Pacheco de Lima, Jorge de Lemos de Bettencourt, Vital de Bettencourt, Fernão Garcia Jaques, e seu filho Sebastião Jaques, Diogo Vieira Pacheco, e seu filho Manuel Henriques, Gaspar de Magalhães, e seu irmão Melchior de Magalhães, Fernão Bayão, Alvaro Luiz, o Conego Luiz Alvares, e o padre Hieronimo de Fontes, o Chanceller Simão Gonçalves, Custodio Vieira, Pedro Alvares Cabral, Pedro Alvares Pereira, Melchior Fernandes Redovalho, Manuel Vieira de Carvalhal, Gaspar Gonçalves mercador, Gaspar Fernandes Bispão, Francisco das Neves, Alvaro Pires Ramires, Paulo Gomes, Matheus Pires, Melchior Rodrigues, Christovam de Lemos, Pantaleão Pires, Manuel Martins, Jorge Cabral, Gaspar Rodrigues de Cea, Rui Dias de SanPayo, Gomes Pacheco de Lima, Diogo Gonçalves Macedo, o Velozo, Francisco de Bettencourt, seu filho, e o de Ornellas, Francisco Vaz Chama, Pedro Rodrigues d'Aguilar, Francisco Paim da Camara, Hieronimo Paim da Camara, Bernardo da Fonseca, Heitor Homem da Costa, Galas Viegas de Atayde, que estava nesta cidade, Estevam Silveira, Manuel da Silva Borges, Pedro Fernandes Coelho, e outros mais, que estão esquecidos. Toda esta gente se embarcou, e a mais della foi ter a Inglaterra, e de doença falleceram muitos, no mar, e na terra. Os que escaparam foram todos mui bem despachados por el-rei Filippe, e os herdeiros dos mortos.

LVIII

De como veio Amador Vieira por mensageiro, com cartas d'el-rei Filippe ao Snr. D. Antonio.

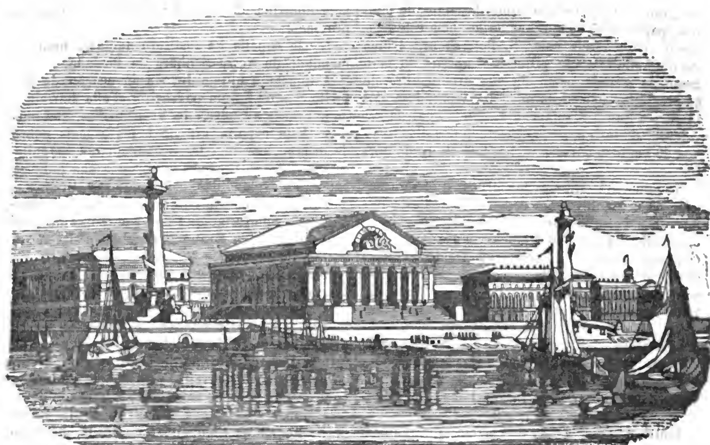
Depois de partido o Snr. D. Antonio para França chegou por via de S. Miguel uma embarcação, em que veiu um Amador Vieira com cartas d'el-rei D. Filippe para o Snr. D. Antonio; e vinha por seu companheiro um mancebo nobre, que se chamava Magalhães. Ficou nesta ilha por logar tenente Manuel da Silva (que nunca ficára!) e tomou as cartas todas, e as leu, vindo ellas para o Snr. D. Antonio; por que logo houvera de tomar uma embarcação e mandar ao mesmo Amador Vieira com ellas a França, por que eram partidos que sua magestade mandava commetter ao Snr. D. Antonio, muito honrosos, e favores para esta ilha; o que ouvindo os moradores da ilha ao sobreditto se alegraram, salvo gente perdida, e outra de pouco entendimento. Amador Vieira era homem mancebo, e havendo de procurar o a que vinha se metteu no serviço do Snr. D. Antonio de tal maneira induzido pelo ditto Manuel da Silva, que veiu a descubrir homens, fazendo-se do serviço do Snr. D. Filippe, que nelle vinha, e descubriu com artes muitos, e os fez matar, e elle veiu acabar com o ditto Manuel da Silva.

LIX

De como Manuel da Silva ficou só com o governo da ilha, e o que fez.

Quando o Snr. D. Antonio partiu para França levou Ciprião de Figueiredo e Vasconcellos, que era governador, que se este homem ficára na ilha, estava bem quisto com a gente, fôra tudo bem encaminhado, e a ilha não fôra destruida, nem houvera sacco. E vendo-se o ditto Manuel da Silva só e logar tenente do Snr. D. Antonio, queria que todos o adorassem. Mais estado tomou que o Snr. D. Antonio. Fallava-se-lhe por excellencia. Tomou da terra muitos creados, pagens: servia-se com estado de rei: a sua guarda eram francezes e inglezes: tinha todos os officiaes como ha em casa d'el-rei: fez capitão de gente de cavallo um Gaspar de Goam, homem de respeito, e capitão de gente de pé, dos homens fidalgos um grande fidalgo Antonio da Silveira, homem solteiro. O ditto Manuel da Silva era na corte grande homem de cavallo, e dado muito a folgares todos os dias Santos e festas, e nisto gastava o tempo, e em fazer mal e buscar invenções para dar tormentos aos homens, e o mais que tenho ditto atraz, e todos lhe haviam de ir á vontade: não tomava conselho com pessoa alguma tudo fazia de sua cabeça e potencia.

Continua.



BOLSA DO COMMERCIO EM S. PETERSBOURG.

S. Petersbourg é na realidade uma cidade italiana, franceza, ingleza, alemã, e não uma cidade russa, pois que só Moscow assim pode chamar-se por antonomasia. Mas, assim mesmo como foi creada, rodeada do resto do imperio, S. Petersbourg offerece a imagem fiel de toda a nação, de toda a sociedade russa tal como a fizeram a natureza, a historia, e as instituições. Esta grande capital, toda ella moderna, toda europea, lançada no meio de um paiz quasi asiatico, mal povoado e mal cultivado, atrasado em consequencia das leis, dos costumes e usos, e das artes, é uma sociedade que reune os dois extremos sem intermedio, desprovida de toda a classe media, de toda a transição apresentando uma casta de nobres no meio de um povo de servos, a riqueza excessiva entre a excessiva pobreza, a sciencia de alguns entre a commum ignorancia, a civilisação cercada da barberie, o seculo decimo nono enxertado no decimo terceiro, como diz mr. Viardot nos seus «Museus de Alemanha e da Russia.»

«O que impressiona mais em S. Petersbourg (diz M. de Custine) é a quantidade e a forma das torrinhas, agulhas metalicas, espigas de campanarios, que se levantam de toda a parte, e ao menos isto é architectura nacional, porque S. Petersbourg é semeada de numerosos e vastos conventos com suas torres de sinos. Estas agulhas doiradas ou pintadas cortam as linhas monotonas dos telhados da cidade; rompem pelo ar com flechas tão agudas que a vista mal pode distinguir o ponto onde a doiradura que as recama se perde na cerração de um ceo polar; as mais notaveis são a agulha da cidadella, raiz e berço de S. Petersbourg, e a do almirantado revestida do oiro dos ducados de Hollanda offerecidos ao czar Pedro pela republica das Provincias Unidas. Estes pennachos monumentaes, imitados dos toucados asiaticos, parecem-me de uma altura e arrojo extraordinario; custa a crer como se teem no ar; é um ornamento verdadeiramente russo. Figurae, pois, um ajuntamento immenso de zimborios acompanhados dos quatro campanarios, construcção obrigada n'uma egreja dos gregos modernos; imaginae multidão de cupulas prateadas, doiradas, azuladas, estrelladas, e os tectos dos palacios pintados de verde esmeralda ou d'ultramar, as praças ornadas de estatuas de bronze em honra dos principaes personagens historicos da Russia e dos seus imperadores, guarnecei este painel com rio caudal que em dias bonançosos serve d'espelho, e nos de tempestade de repellir todos os objectos; juntae-lhe a ponte de barcas de Troitza lançada sobre o ponto mais largo do Neva entre o campo de Marte, onde se perde no espaço a estatua de Souwarow, e a cidadella onde Pedro o grande e a sua familia descansam em jazigos destituidos de ornamentos; finalmente imaginae que a esteira de agua do Neva sempre cheio corre rente da terra e apenas respeita, no meio da cida-

de, uma ilha toda guarnecida de edificios com suas columnas gregas sustentadas em alicerces de granito e erectas conforme desenhos de templos pagãos; se comprehenderdes bem este conjunto, percebereis como S. Petersbourg é uma cidade infinitamente pittoresca apesar do mau gosto de grande parte da sua architectura de emprestimo, não obstante a tinta paludosa das planicies que a rodeiam, a ausencia total de accidentes de terreno, e o descorado dos dias amenos do verão n'aquelle embaciado clima do norte.»

Todavia, ha edificios modernos, que são magnificos e regularmente construidos; d'este numero é a bolsa ou praça de commercio edificada na ilha Vassili, cujos lanços de escadaria descem até ao rio; no terreiro em frente avultam duas columnas rostradas á romana, de cem pés d'altura, adornadas como indica o nome com prôas de navios, são ôcas por dentro e nas summidades, para onde tem escadas de ferro interiores estão collocados vasos gigantes, que se enchem de combustivel em todas as occasiões de illuminação publica. A sala da reunião dos commerciantes recebe a luz de cima. De ambos os lados ha espaços occupados por arcadas.

Outro edificio, a casa do correio, que tambem vae gravado n'este numero, tem grandes accommodações e uma sumptuosa fachada.

M.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Passada esta capella fica a que tem invocação da Senhora da Piedade, apesar de se lhe chamar tambem a do Senhor Jesus, porque na cruz, ao pé da qual está a Senhora com o Filho nos braços, se acha tambem a imagem de Christo crucificado.

Esta capella na sua fundação foi dedicada a S. Sebastião, e por isso lhe pozeram no tecto e paredes as settas. Fôra feita com esmolas que deu a rainha D. Catharina; mas pelo andar dos tempos, os padres a deram a Martim Gonçalves da Camara, grande valido d'el-rei D. Sebastião, e que era irmão do padre Luiz Gonçalves, mestre que foi do mesmo monarcha.

O referido Martim Gonçalves recolheu-se depois do seu desvalimento á casa de S. Roque, e fallecendo n'ella, foi sepultado n'esta capella. Com a testamentaria d'elle compraram os padres dez mil réis de juros para premios das doutrinas que n'esta casa se faziam, os quaes se accrescentaram a outros vinte cinco mil réis de juros que elle, em sua vida, havia comprado para o mesmo fim; e que se distribuiam tanto pela doutrina da casa de S. Roque, como da provincia.

N'esta capella se instituiu tambem uma irmandade de Nossa Senhora da Piedade.

A quarta e ultima teve a invocação do Espirito Santo. Foram padroeiros d'ella Bartholomeu Froes, e Sueyra de Vasconcellos, sua mulher. Esta capella era de todas a mais pobre de ornato, por não ter irmandade. A magnificencia d'el-rei D. João v trocou a sua pobreza em galas esplendidas, como adiante diremos.

Faz-se notavel no corpo da egreja de S. Roque uma sepultura, que fica por baixo do pulpito da parte do Evangelho. Lê-se n'ella a seguinte inscripção:

«Aqui está em pé o corpo de D. Francisco Tirgiam, fidalgo inglez mui illustre, o qual depois de confiscados seus estados, e grandes trabalhos padecidos em vinte oito annos de prisão pela defensão da Fé catholica na perseguição da rainha Isabel, no anno de 1608, a vinte e cinco de Setembro morreu n'esta cidade de Lisboa com grande fama de santidade. E havendo dezesete annos que estava sepultado n'esta egreja de S. Roque da Companhia de Jesus, no anno de 1625, a vinte e cinco de Abril se achou seu corpo inteiro e incorrupto. E foi collocado n'este logar pelos catholicos inglezes, residentes n'esta cidade aos vinte cinco de Abril de 1626.»

Este D. Francisco de Trigiam era, como se vê, um cavalleiro inglez, senhor de muitos vassallos. Foi casado com D. Maria Stourten, neta dos condes de Dardi, senhores mui poderosos em Inglaterra. Viveram no catholicismo, no tempo da rainha Isabel pagando grandes penas pecuniarias impostas áquelles que professavam a religião orthodoxa. Succedeu que fosse preso em casa de D. Francisco um sacerdote, no anno de 1577, que foi suppliciado em Novembro d'esse anno; e D. Francisco que lhe dera asylo foi condemnado a carcere perpetuo, e confiscação de bens. Quando morreu a rainha Isabel, foi o fidalgo inglez solto do carcere, e desterrado. Passou a Hespanha, onde D. Filippe III lhe assignou uma pensão de setenta escudos cada mez, e de Madrid passou a Lisboa, onde residiu até á sua morte.

Na mesma egreja teve logar a sepultura de Simão Gomes, vulgarmente chamado o Sapateiro Santo, ao qual attribuiam os sebastianistas umas prophecias com as quaes pretendiam autorisar a miraculosa vinda do infeliz rei D. Sebastião, morto na jornada d'Africa. Diz a Chronica que este Simão Gomes, filho de um sapateiro do logar de Marmeleiro, junto a Thomar, e que exerceu o mesmo officio ainda em porteiro das casas religiosas da Companhia, era muito estimado do infante D. Luiz, do cardeal D. Henrique, e tambem do duque de Aveiro, que comtudo não tiveram forças de o arredar d'aquella occupação na qual morreu, e que foi realmente alumiado

com o espirito de propheceia, não sabendo ler, nem escrever; e que conheceu muitos contingentes futuros, entre os quaes se designam a grande peste que assolou o reino, a perda de D. Sebastião, e a entrada dos castelhanos.

Tambem n'esta egreja teve sepultura o padre mestre Simão Rodrigues, que foi, como se viu no principio d'esta nossa Chronica, um dos companheiros de Santo Ignacio, e o fundador da Provincia em Portugal, tendo tambem depois a Provincia do Aragão quando se dividiu da de Castella. Os seus ossos estavam soterrados atraz de uma pedra branca de dois palmos em quadro junto á porta por onde se entra na via sacra, do lado da capellinha da Trindade, saindo já do corpo da egreja, e entrando no cruzeiro; porém no anno de 1705 se lhe melhorou a sepultura substituindo o marmore branco por outro preto com molduras que guarnecem outro amarello, e lançando-se-lhe a mesma inscripção que tivera a primeira.

Na via sacra passando da egreja para a sachristia fez levantar D. Francisco de Bragança um altar com seu retabolo de talha doirada, representando no painel a Annunciação da Senhora, e na frente d'esta capellinha umas grades de pau santo, e nos lados da via sacra alguns paineis com passos da vida da Senhora. No mesmo pavimento foi soterrado, declarando-se na inscripção da campa que era de pedra branca, ser elle sacerdote do conselho dos reis d'este reino, e ter fabricado aquella capella e altar. Era neto do duque D. Jayme, primo coirmão de el-rei D. João III.

Fronteira a este altar fica a porta com passagem para os corredores da casa; e outra porta a um lado da via sacra, dá entrada para a sachristia, da qual mais adiante tambem fallaremos.

Tratando das antigas capellas dos Martyres e Santas Virgens, fallámos do thesouro de reliquias que n'ellas se expunham. Aqui damos uma relação não só das que foram doadas á casa de S. Roque por D. João de Borja, mas egualmente das que a mesma casa já anteriormente possuia, segundo consta da Chronica manuscripta a que nos reportamos, e da relação dos festejos com que as reliquias se receberam, escripta pelo licenceado Manuel de Campos. Esta nota servirá para se comparar com as que se encontraram n'esta egreja ha poucos annos, provando-se assim estarem muito desfalcadas.

Na capella dos Santos Martyres eram as seguintes:

Quatro meios corpos de prata com as cabeças de

S. Gregorio, Thaumaturgo, bispo confessor;
S. Clemente, bispo e martyr;
S. Vidasto, bispo de Arles, confessor;
S. Chrisanto, bispo de Basiléa.

O Santo Sudario, pintado em tafetá branco, que foi tirado pelo proprio, que está em Turim, e o houve D. João de Borja, por meio da imperatriz.

Uma cabeça dos Santos thebanos, companheiros de S. Mauricio.

Seis braços de prata, com reliquias dos Santos seguintes:

S. João, Esmoler;
S. Sebastião, martyr;
Santo Antonio, de Padua;
S. Roque, confessor;
S. Giriam, martyr;
S. Optom, bispo.

Onze braços de pau doirados, e estofados, dos Santos seguintes:

Santo Estevão, papa, martyr;
S. João, e S. Paulo, martyres;
S. Mauro, e Audiface, martyres;
S. Chrispim, martyr;
Santissimos Martyres de Treviris.

Mais cinco braços de outros Santos Martyres; entre elles S. Gereão, martyr, capitão da companhia de S. Mauricio.

Uma Custodia de prata, que tem dois anjos que a sustentam; tem duas cruzes do Santo Lenho, com doze repartimentos, em que estão as reliquias de Santos Innocentes, S. Coloniano M., S. Acasio M., S. Floriano M., S. Usualdo rei, S. Candido duque, S. Eleuterio M., S. Procopio Abb., S. Gil Abb., Santo Albano M.

A cruz de prata pequena, que tem o pé quadrado com engastes redondos, e lettreiros das reliquias de Christo Senhor Nosso, da Virgem Senhora, dos Apostolos, e outros Santos. Especificando estas reliquias, vem a ser: — Uma cruz do Sagrado Lenho; da toalha da mesa do Senhor; da tunica interior da Virgem Maria; de S. João Baptista: — dos *Apostolos e Evangelistas*, S. Pedro, S. Paulo, Santo André, S. Thiago maior, S. Filippe e S. Thiago, S. Bartholomeu, S. Thomé, S. Matheus, S. Mathias, S. Barnabé, S. Thadeu, S. Marcos Evangelista: — dos *Martyres*, Santo Estevão, S. Lourenço, S. Vicente (um pedaço de queixo com dois dentes), S. Gregorio, S. Sebastião, Santos Cosme e Damião, S. Christovão, S. Venceslau, S. Erasmo: — S. Gregorio papa, Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrosio, S. Domingos, S. Bento abbade, S. Bernardo abbade, S. Gregorio bispo, S. Nicolau bispo: — *das Virgens Martyres*, Santa Eufemia, Santa Ignez, Santa Barbara, Santa Apolonia, Santa Christina, Santa Cordula, Santa Catharina, Santa Luzia, Santa Dorothea: — e das *Santas* Maria Magdalena, Isabel viuva, Maria Salomé, Photina (que dizem ser a Samaritana), Afra, Elvira, Maria Egypciaca, Helena imperatriz, e Anna, mãe de Nossa Senhora.

Uma cruz de prata de tres palmos de alta, lavrada, tendo d'um lado Nossa Senhora e do outro um Crucifixo.

Uma columna de prata, de dois palmos de alta, que tem a reliquia de S. Lucio, papa e martyr.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

IV

SAMUEL.

Logo adiante do *Postigo do Carvão*, a que vulgarmente se chamava o *Arco do Espinho*, e pelo qual se passava para a Tanoaria e Fundição, appellidada a *Ferraria pequena*, era a casa do mercador Samuel, christão novo, da extracção dos judeus que el-rei D. Manuel, no seculo XVI, arrancara a seus paes para serem educados na religião de Christo.

A posição da casa de Samuel era adrede talhada para o mester em que se empregava: e realmente com esses intentos elle a havia escolhido. Proxima á Fundição e á Tanoaria, tinha mesmo á mão os officios com que mais tratava os seus negocios de ferro, tanto novo como velho, que para este ultimo, além do que comprava sizado, trazia no inverno uns poucos de rapazes á gandaia, apanhando nas enxurradas o que estas traziam d'involta. Como do mesmo *Arco do Espinho* (que por signal tinha seu portal de pedra lavrada como qualquer das outras portas antigas, e duas cabeças de pedra, uma de homem e outra de mulher) não se distanciava muito o *Tronco*, ahi fazia elle tambem seus negocios, pois conhecia todos os presos de então, e sabia-lhes as manhas e artes para que eram bons, não se esquecendo de continuar as relações de amisade, quando os desembargadores de el-rei soltavam algum. Negociava tambem em pannos de fora do reino; em canella, em cravo, pimenta, e outras especiarias da India e dos Brazis. Mas devemos dizer que a maior parte d'estes negocios eram feitos a occultas, e por intervenção de outras pessoas, que o unico licito, e porque entrava em corporação, era o de mercador.

Comtudo se Samuel sizava aos direitos e fazenda de el-rei negociando muito em contrabando, e não escrupulisava em dar grandes sommas á onzena, e comprar valores que bem conhecia não provirem de origem pura, não era capaz de faltar um dia á missa na capella real de S. Thomé, edificada por el-rei D. Manuel no seu palacio da Ribeira, e isto para impor de bom christão ás pessoas da côrte, de quem ambicionava creditos, com medo da inquisição, que ali no palacio dos Estáos, ao Rocio, que antigamente servira de hospedagem para os embaixadores, tinha o seu tribunal e carceres.

Até se dizia que Samuel tivera pretenções a uma nomeação de familiar do santo officio, e que desistira por não poder apresentar certos papeis em regra, nos quaes provasse que por tantas ascendencias era christão velho. Se o não conseguira porém, soubera ganhar as boas amisades dos padres de S. Domingos, (o que era meio caminho andado para se forrar ás inquirições do santo tribunal) acudindo com algumas sommas não só ás urgencias particulares de alguns frades quando tinham de dotar irmã ou parenta, que n'isto eram elles muito officiosos, mas tambem ás do convento, bem entendido que nunca do seu, como elle dizia, porque o não tinha, mas alcançado por credito entre os da sua corporação.

Não se descuidava tambem de quando em quando o bom Samuel d'algum donativo para a egreja de S. Domingos, como por exemplo uma peça de finissima cambraia para toalhas do altar e corporaes, ou de preciosissimas rendas de Flandres para o sumptuoso templo de Nossa Senhora da Escada, ali junto a S. Domingos, e que era tambem capella real.

Dos donativos que todos os annos fazia ao Hospital de Todos os Santos, isso então não fallemos. Assim era que o seu credito subia de dia para dia entre os physicos e padres Camillos que tinham o mesmo Hospital a seu cargo.

Costumava dizer elle, com uma ardente caridade, quando lhe agradeciam estes donativos: — «De Deus me vem, e para Deus volta. Para mim não quero mais que o necessario á vida: o resto é dos pobres que são os herdeiros do que morreu nu sobre a cruz para nos salvar pelos infinitos merecimentos da sua misericordia.»

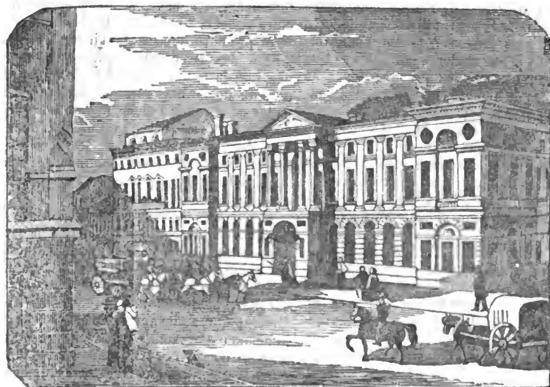
Fora d'estas esmolas, no que realmente mais entrava o calculo do que a caridade, nenhuma viuva, orphão, ou pobre lhe arrancava um ceitil. Dizia elle que Deus o livrasse de animar a ociosidade; porém a verdade era, que taes esmolas dadas a occultas não tinham o merito da publicidade, que lhe fazia render os cem por um com que Deus retribue, segundo o texto sagrado, áquelle que dá a Deus.

Os seus principios de fé commercial levava-os publicamente ao ponto que já vimos com o revendão Vaz Gil.

Tambem uma vez por semana tinha de costume andar de noite com sua alcofa, ao peditorio para a Misericordia, que estava assentada n'essa epoca junto ao postigo da rua das Canastras, ou *Porta do Mar Antiga*, á qual correspondia a porta travessa da mesma egreja da Misericordia.

Temos o retrato moral do mercador Samuel. Agora é necessario descrever-lhe tambem o physico, porque de ordinario ha uma tal connexão entre ambos que muitas vezes um nos induz a suspeitar do outro. Não sabemos se a força de uma idéa, actuando constantemente no homem, chega por fim a moldar por ella esse typo caracteristico, de que os pintores se aproveitam para retratar com o pincel o sentimento espiritual que não tem forma para se reproduzir; mas o facto é que nas feições do avarento sobresaem logo os toques d'este vicio; nos ademanes, gestos e fallas do velhaco se lhe descobre a tenção reservada de enganar e illudir; nos olhos do libidinoso se lhe adivinham os desejos d'alma.

A sua figura esqualida e ossuda, repugnante



CASA DO CORREIO EM S. PETERSBOURG.

á vista pela curva desproporcional da espinha dorsal que o fazia pender demasiadamente para diante, não erguendo nunca a vista, nem mesmo para a pessoa com quem fallava, illuminava-se com uma expressão mais hedionda quando a cubiça lhe fazia scintillar os pequeninos olhos, forrados de uma orla vermelha, e tão escondidos pela cara dentro, que custava a distinguir-lh'os. O nariz, grande e bastante avermelhado na ponta, era o que mais lhe sobresaía no rosto, e uma bocca rasgada e contornada por grossos labios, parecia talhada para dar saída a fallas volumosas e rijas; mas não era assim, porque ninguem se lembrava de lhe ouvir palavras que chegassem á diapsão natural, tão mansamente fallava, e tão brandas eram as suas vozes.

São dez horas da noite do dia 5 de Janeiro, e a esta hora vamos encontrar Samuel saindo de casa ao Arco do Espinho, e dando volta por um becco escuso, que ficava na trazeira da sua habitação, bater n'uma porta tão velha e carunchosa, que parecia impossivel servir ainda de guarda a qualquer habitação.

Nem uma unica luz se via por entre as adufas das poucas e raras moradas d'aquelle becco. A escuridão era por este motivo tão completa, que muita pratica se precisava, e muito conhecimento do sitio, para acertar com a casa que se buscava.

Quem d'esta fosse o morador não o sabiam os visinhos, pois não havia noticia de se ter visto alguem ali de dia. Dizia-se que saía diariamente um pouco antes de alvorecer, e nunca se recolhia senão por noite bem adiantada.

Sobre seu emprego corriam varias versões. Fallavam uns em que se occupava nos trabalhos da casa de um fidalgo cujo nome se não citava; outros, que era empregado no tribunal da inquisição, e que tinha a seu cargo a guarda de varios carceres onde mais cuidadosamente se encerravam os convictos de heresia até lhes chegar a hora do auto da fé. Esta crença, que era a mais geral, defendia aquella poisada de uma indiscreta curiosidade; o que servia á maravilha os designios do seu habitador. Outros tomavam a casa por habitação de um feiticeiro; e alguns rapazes chegavam mesmo a certificar terem visto algumas vezes, já de noite, sair uma chamma muito viva e azulada, depois de negros turbilhões de fumo, por um buraco que havia na parede, o que necessariamente não podia deixar de ser a prova de que o feiticeiro se entregava aos seus sortilegios.

O facto era que nunca de dia se vira ninguem bater áquella porta; e que sómente uma vez por semana, e sempre em noites desencontradas, se ouvia ali um confuso ruido de vozes, como de gente que altercava, e ás vezes até horas bem avançadas.

Tudo isto dera ao principio muito que scismar á visinhança; mas por fim o habito venceu a curiosidade, e na epoca que historiamos já ninguem fallava d'aquella mysteriosa casa, da qual comtudo se afastavam com um terror supersticioso.

Continua. A.

OBSCURIDADES NA PRIMITIVA HISTORIA DA LUSITANIA.

Quem pode hoje, lançando olhos sobre a carta geographica de Portugal, marcar com precisão os pontos onde os primitivos habitadores edificaram as suas cidades? Quem pode immergindo vistas prescrutadoras por entre as trevas do passado, contar uma por uma todas as gerações e raças de homens, que successivamente se foram seguindo até chegarmos ao ponto de nos constituir em monarchia? Quem pode affirmar que o nome do canto da Europa que habitamos fosse primitivamente este ou aquelle, e não tivesse tambem passado como os homens por successivas modificações, até se fixar no de Lusitania com que chegou ao nosso conhecimento?

Ninguem; e não venha d'ahi o mais presumido de saber antiguidades, e profundar archeologias, querer-se-nos impor com a sua sciencia. Famoso foi Hercules nas viagens e trabalhos por esta parte do mundo, e não se aventurou a passar para cá do estreito de Gibraltar: deu-se por satisfeito de assentar ahi as balisas que marcavam o termo das suas peregrinações, e voltando costas á terra que lhe ficava mais occidental, enganou os geographos contemporaneos com o famoso rotulo do *non plus ultra*, que assentou no marco das suas trabalhosas lides. Não foi terra que lhe faltou onde podesse saciar o furor tourista: foi mingua de animo, por não dizer fraqueza.

Não depõe muito em prol dos conhecimentos geographicos d'esta fabulada divindade o receiar aventurar-se mais longe. Os nossos primitivos povos deviam ser barbaros, e os nossos mattos podiam crear hydras. Até seria proprio da sua grande curiosidade desenganar-se pelo testemunho dos olhos se cá existia outro celebrado jardim das Hesperides cujas arvores produziam pomos de oiro. Para nós era forte a tentação de acreditar na mythologia, se nos não dissessem que foi da China que vieram as primeiras laranjas que tivemos na Peninsula. A não ser este pequeno inconveniente, que logo faria conhecer um erro na chronologia, acceitavamos de bom grado a poesia d'este primor de floricultura com os seus temerosos dragões que não deixavam aproximar á arvore tentadora; porque realmente o nosso clima, com os seus odoriferos pomares de laranjeiras, podia mui bem escandecer a romantica imaginação de um fabulista, que nos fizesse o presente de assentar aqui o formoso Eden da mythologia greco-romana. O peior são as datas.

Mas quem sabe, poderá dizer-nos algum esperto antiquario, se Baccho que andou lá pelas Indias, e veiu tambem a estas paragens da Hespanha, visitou a China, e d'ahi nos trouxe o mimoso presente das laranjeiras! Não admiraria, responderemos, que tão bom amador das coisas boas, — o primeiro mestre de plantar, empar, e amanhar a vinha, e que é fama n'este ponto lançou a barra a Noé — viesse tambem carregado com pés de laranjeiras como qualquer horticultor francez ou belga, d'estes que nos honram todos os annos com a sua visita: mas aqui entra a nossa duvida, se Baccho andou cá pela terra primeiro que os fabulistas lobrigassem o jardim das Hesperides, ponto que na historia não está lá muito claro. Nós decidimo-nos pela creação do jardim antes de haverem as divindades de segunda ordem, mesmo por que o deus em chefe devia querer que as divindades peregrinadoras achassem cá na terra coisas dignas d'ellas; portanto, temos segunda vez a chronologia pela prôa, e por isso hãode permittir-nos que continuemos a duvidar.

E que não teremos tambem de dizer da viagem do manhoso Ulysses á nossa formosa Lisboa, durante a longa peregrinação que por tantos annos o furtou aos braços da sua fidelissima Penelope? A honra é mui grande para a acceitar, lembrando-nos que o bom do rei da Grecia, que andava corridô pelos temporaes, e almejando por voltar á cara patria, d'onde os enredos de Circe o traziam tão arredado, se occupasse em fundar cidades e estabelecer colonias, quando depois de tantôs trabalhos de uma rude navegação, e tamanhos naufragios, havia necessariamente carecer de gente para a mareação das suas naus, com as quaes era de suppor quizesse chegar a Ithaca.

E da viagem de Tubal! De certo que muito teve de peregrinar o descendente de Noé, pondo-se a caminho lá das visinhanças do monte Ararat, onde poisou a arca salvadora do universal diluvio, — e que portanto devia ser o primeiro assento d'aquella geração que saiu incolume do cataclysmo — para chegar aqui á embocadura do Sado a levantar uma cidade! Viajante famoso, que naturalmente vinha de passeio encostado ao seu bordão, admirando as formosas paisagens por onde atravessava, não encontraria sitio mais encantador para fixar a sua residencia antes de cá chegar? Coitado do pobre Tubal! que de noites inclementes não passaria em tão longa jornada, sem poisadas pelo caminho onde se abrigasse da inclemencia das estações! que soes tão ardentes não lhe torrariam o corpo n'esta estirada peregrinação, se porventura os montes e os valles que atravessava não estivessem bordados por copadas e frondentes arvores que lhe sombreassem o caminho! A gloria de levar a cabo a empresa de vir cá mimosear-nos com uma cidade, não é muito para invejar, ainda mesmo mettendo em linha de conta os finissimos gorgeios que pelo caminho lhe descantariam as avesinhas para o entreter, e as lindas auroras que gosaria atravessando as altas serras e cordilheiras da Europa.

Tubal, porém, não veiu por terra. Pois bem; porque veiu cá tão longe, quando tinha lá mais proximo por onde se accommodar? Faltavam-

lhe portos no Mediterraneo, mais tentadores que o da entrada do Sado? De certo que não. Agora nos lembra: talvez que Tubal fosse famoso pirata d'aquellas eras, e abicasse pelo estreito fugindo a um outro navegante que lhe desse caça, e viesse cá pôr-se a seguro. Sendo assim não honra muito a origem da fundação. Verdade é que os principios de Roma se contam por dois engeitadinhos lançados ao despreso sobre o Tibre, e Roma foi a cabeça de um grande poder temporal, e ainda hoje o é de uma grande communhão espiritual. Que tem isso? Roma soube resgatar-se das facinorosas empresas de Romulo pelos arrojados commettimentos dos seus soldados conquistadores: Setubal deixou-se descair de cidade em villa.

Devaneios poderão chamar os apaixonados das origens fabulosas a esta nossa descrença. Permittimos-lh'o; mas tambem hãode consentir que pela nossa parte não prestemos credito a nenhuma d'estas fabulas. Assim ficamos quites, pagando liberdade de opinião com a mesma liberdade. Temos por nós a razão e o raciocinio para nos ajudarem a duvidar: por si tem uma cega credulidade, o que quasi sempre induz ao erro. Remontando até aos celtas ou iberos ainda lhes prestaremos fé; recuar mais além já nos não é possivel, bem como nos repugna acceitar muitas das fabulas urdidas depois d'elles. Se até nem se pode fixar o ponto d'onde vieram estes povoadores da Lusitania!

Quer fosse pela sua vida selvagem, quer pela rudeza dos costumes, a obscuridade é completa relativamente a estes povos. A historia unicamente principia a aclarar-se com a dominação carthagineza; porque então já os historiadores romanos nos fallam d'estes povos indomaveis e heroicos, que com as tropas de Carthago passaram os Alpes, e penetraram na Italia com Annibal. O Tessino viu a sua apparição quando ahi foi derrotado o consul Cornelio Scipião: em Trebias afugentaram Sempronio Longo; no lago Trasimeno desbarataram a Caio Flaminio, e na famosa batalha de Cannas, em que se mediram a alqueires os anneis dos cavalleiros romanos, os lusitanos combateram ao lado dos carthaginezes.

Depois, como era natural, derrotada Carthago, as suas colonias e as suas conquistas passaram paara o poder da rival vencedora. A Lusitania foi romana, como tinha sido carthagineza. É verdade que lutou por se subtrahir ao dominio, porém vencida n'essa luta, que incessantemente se renovava, cedeu finalmente á feliz espada de Julio Cesar, para seguir depois a sorte varia do imperio, e receber sem custo, já desmoralisada pela devassidão romana, as leis e os costumes dos barbaros vencedores da altiva senhora do mundo.

***

Se a egualdade de condições é uma utopia, a egualdade da lei é uma necessidade social.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Conclusão.

AUTORIDADE DOS VELHOS.

A autoridade dos anciãos era grande entre os israelitas. Entre os velhos era que especialmente se escolhiam os juizes e conselheiros de estado. Quando os hebreus principiaram a formar um povo, foram governados pelos anciãos; e nota-se na Escriptura, quando trata das assembléas e negocios publicos, que os anciãos vem sempre collocados na primeira linha, quando não são elles os unicos mencionados.

Para se calcular a edade em que os hebreus contavam a ancianidade, basta reparar na Escriptura quando chama mancebos áquelles cujo conselho Roboão seguiu. Ora diz o livro santo, que haviam sido creados com elle; do que se deve concluir, que, andando pela mesma edade, tinham então quarenta annos.

ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA.

Os cargos da justiça davam-se aos levitas, aos sacerdotes, aos chefes de familia, que todos elles, pelo seu caracter e edade, podiam exercer com integridade estas funcções.

Os juizes das cidades particulares eram em numero de vinte e tres. Deviam reunir-se todos para as sentenças de morte, e para as causas particulares e negocios de menor monta bastavam tres. Quando eram mui difficeis as questões apresentadas nos seus tribunaes eram devolvidas ao senado de Jerusalem. Este compunha-se de setenta anciãos, presididos pelo summo pontifice.

Ordinariamente o logar das sessões dos juizes era á porta das cidades; porque sendo os hebreus mui laboriosos, saindo de manhã para o trabalho, e regressando á tarde, por isso a porta da cidade era o sitio onde mais se encontravam; e os juizes senteceavam em presença de toda a assembléa.

Como a lei de Deus regulava tanto os negocios temporaes como os da religião, não havia distincção entre os tribunaes: os mesmos juizes decidiam os casos de consciencia, e terminavam os processos civis e criminaes.

Uma sentença de morte era dada com escrupulosa attenção. Os crimes em que ellas recaíam especialmente eram o homicidio voluntario e premeditado, o adulterio, a blasphemia, o testemunho falso quando por elle morria algum innocente; porque entre os israelitas guardava-se escrupulosamente a pena de talião.

Quando acontecia a alguem matar involuntariamente um homem, ia logo procurar asylo n'alguma das cidades para isso destinadas, e que se chamavam cidades de refugio. O autor da morte involuntaria não podia ser perseguido ali pelos parentes do morto; e demorava-se no re-

fugio até se acabar o processo, e provar-se a sua innocencia.

Aos suppliciados, para lhes diminuir a sensação da dôr, dava-se-lhes a beber vinho misturado com incenso, myrrha, e outras drogas fortes que entorpeciam os sentidos. Os supplicios mais usados eram a cruz, a suspensão por meio de corda ou forca, a lapidação, o fogo, a serra, o azorrague e a prisão. Algumas vezes eram os criminosos passados por baixo de um cylindro ou rodas armadas de navalhas; ou precipitados de um rochedo; mettiam-n'os em torres atulhadas de cinzas; martyrisavam-n'os com espinhos ou os faziam pisar pelas patas dos cavallos; arrancavam-lhes os olhos; estendiam-n'os no cavallete; arrancavam-lhes os cabellos, além de outros supplicios ainda mais crueis, mais suggeridos pela barbaridade, do que ordenados pelas leis.

GUERRA.

Todos os israelitas, sem exceptuar os levitas e sacerdotes, eram obrigados a pegar em armas quando havia guerra. Por isso os soldados contavam-se por aquelles que tinham edade de servir. Esta fixava-se nos vinte annos para cima. Corriam ás armas logo ao primeiro aviso, e assim encontrava-se o principe com tropas numerosas, e tanto mais proprias para os exercicios militares, por isso que se compunham de lavradores e pastores, costumados desde a juventude á fadiga e ao trabalho.

Marchavam ao som de trombetas, cada um na sua tribu, que se dividia por companhias, com um capitão e officiaes para a conduzirem.

Não era difficil aos israelitas vitualhar os seus exercitos; porque os inimigos de ordinario eram mui proximos, e o paiz tão pequeno, que muitas vezes vinham dormir a casa. A marcha era de uma, a duas jornadas.

As armas offensivas eram a espada, larga e curta que andava pendente sobre a côxa; o arco e as flechas, os dardos e as lanças, e a funda, da qual se serviam com muita destreza. Muitos combatiam com ambas as mãos, o que provava grande exercicio. Nos combates serviam-se de carroças, cujas rodas eram guarnecidas com pontas de ferro, e dentro d'ellas iam um, ou dois homens. Precipitavam estas carroças sobre o inimigo, mettendo a confusão entre as suas fileiras e batalhões.

As armas defensivas eram o escudo, o capacete, e a coiraça.

Nunca usavam armas, nem mesmo espada, senão em tempo de guerra.

Os israelitas não tiveram cavallaria senão no tempo dos reis. Estimavam muito o saco e os despojos. Estes eram distinctivos de honra.

Quando se dispunham a sitiar uma cidade, offereciam-lhe a paz antes de romperem as hostilidades. Se a cidade acceitava as condições propostas fazia-se tributaria; se as recusava e resolvia repellir a força pela força, depois de tomada passavam-se todos os varões á espada, poupando-se unicamente as mulheres e as creanças.

DOS REIS.

Os reis tinham direito de vida e morte, e podiam fazer morrer os criminosos mesmo sem as formalidades da justiça. Lançavam tributos a seu aprasimento; reuniam o povo quando entendiam conveniente, e tinham sempre prompto um certo numero de tropas. Afora isto o seu poder era muito limitado. Obrigados á observancia da lei, como qualquer particular, não a podiam derogar, nem accrescentar. Não ha exemplo de nenhum d'elles fazer lei nova.

Apenas subiam ao throno, os sacerdotes davam-lhe uma copia do Deuteronomio, o qual era obrigado a fazer transcrever para seu uso, e a lêl-a amiudadas vezes para aprender a lei do Senhor, e as santas ordenanças.

Os reis eram os primeiros e os soberanos magistrados do seu povo, ao qual muitas vezes elles proprios administravam justiça. Na vida domestica eram mui simples, e ainda que appareciam em publico muito acompanhados, o serviço interno do palacio era feito por mulheres.

SYNAGOGAS.

Além do templo de Jerusalem, havia nas outras cidades logares consagrados ao serviço divino, que se chamavam *Synagogas*, ou casas de assembléa. Na Synagoga orava-se, lia-se a Escriptura sagrada, e prégava-se. O povo concorria a ellas tres vezes por semana, não contando os dias festivos e de jejuns. Cada Synagoga tinha um certo numero de ministros, encarregados dos exercicios religiosos que deviam desempenhar. Deviam ser sacerdotes e levitas; porém á falta d'estes escolhiam-se os anciãos mais autorisados por sua edade e virtudes.

A.

ORDEM DA AGUIA BRANCA NA POLONIA.

Foi instituida em 1325 pelo rei Uladislau v, no casamento de seu filho Casimiro o Grande, com a filha do duque da Lithuania.

Um ninho de aguias, achado pelos primeiros reis da Polonia, quando tratavam dos fundamentos da cidade de Gnesne, foi a origem de se tomar a aguia por insignia da dita ordem.

O seu collar era uma cadêa de oiro, da qual pendia a figura de uma aguia, coroada de prata.

O homem com razão recusa subjeitar-se ao despotismo dos reis; mas subjeita-se, como vil escravo, ao imperio das paixões.



S. BASILIO EM MOSCOW.

S. BASILIO EM MOSCOW.

Proximo da porta santa do Kremlin está a cathedral de S. Basilio; só a architectura gothica em seus caprichos mais extravagantes é comparavel a esta primaz das egrejas russas. Está situada na praça denominada Vermelha; apresenta vinte torres e cupulas, todas de differentes formas e tamanhos, e pintadas de quantas côres podem imaginar-se.

Historiadores ha que affirmam que foi construida para commemorar a tomada de Kazan; outros dizem que foi obra de uma phantasia do czar Ivan o terrivel, ordenando que n'uma só fabrica e sob o tecto geral a todas se erigissem muitas e separadas capellas, e de modo que os officios divinos se celebrassem n'ellas simultaneamente e sem dependencia umas das outras.

N'este caprichoso agrupamento a torre que sobrepuja ás demais tem cento cincoenta e seis pés de altura, e denomina-se o seu recinto o templo de Santa Maria Protectora. Todos os ornatos de architectura tanto internos como exteriores são de invenção irregular e parecem mais obra do acaso do que de systema combinado; mas a sua profusão, a riqueza dos materiaes, e mais que tudo a variedade não deixam de captivar por momentos a attenção do estrangeiro, que prompto se desengana da falta da arte e da enormidade e aleijões de todo aquelle conjunto, embora custoso no despendio, mas desprovido das qualidades que o gosto artistico nota e aprecia. M.

ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

I

«De instante a instante, as ondas agitadas,
Umas sobre outras, com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas remeçadas
Por inimiga mão, tudo amedrentam.»

CALDAS.

O anno 1839 aproxima-se do seu termo sem que na ilha de San-Miguel, a primeira dos Açores, se tenha experimentado intemperie de estações, rigor do inverno que já era começado, e que muitas vezes se mostrava intratavel.

Chega o principio de Dezembro, e não pode presentir o espantoso caso que está imminente.

No segundo dia d'esse mez, corre na cidade de Ponta-delgada um forte e insoffrivel nordeste: continua por toda a noite seguinte, e só termina com a manhã do dia 3, que desponta sereno, e nem por sombras presagia successos perigosos.

O quarto dia apparece carrancudo e toldado. Correm ventanias de leste e lessueste; o mar braveja descomposto. É o precursor da catastrophe — é o primeiro grito da tempestade!

A noite ante o dia 5 foi de chuva moderada, que, tornando-se forte e copiosa por intervallos, findou pelas oito horas da manhã. Continuaram porém sempre rijos os ventos predominantes durante a noite, e começou então o temor das vagas que cresciam com prodigio, e da maré que ia na sua enchente.

É espectaculo aterrador ver o oceano investir com praias indefesas — o elemento solido a arruinar-se, a succumbir! Montanhosos vagalhões varrem toda a ancoragem — as infelizes embarcações, que ainda jazem na abra, sacode-as soberbo impeto!

Ás oito horas e meia da manhã torce o vento a oeste e noroeste. D'ahi cursa meia hora, e abranda perto das nove. Entretanto o entumecimento das ondas recresce, arremessando-se despiedadamente sobre os limitrophes da cidade, e pontos mais baixos da costa meridional da ilha!

Então começaram a amotinar-se temerosos os habitantes da cidade, e dos logares ameaçados. As vagas furibundas batem fortemente as costas, e principiam uma eversão lastimosa e pungente! Pelas dez horas a maré tem chegado ao seu mais admiravel crescimento. Quatorze pés subiu a enchente assustadora! (1)

O painel que pelo meio do dia apresenta a cidade assaltada de um inimigo tão poderoso, seria grande ousadia querer esboçal-o. Digam-no tantos corações afflictos — os pobres esbulhados de seu mais precioso possuir, a afumada habitação — os lamentos de tantas victimas, em um abrir e cerrar d'olhos condemnadas á miseria, vendo sumir-se no insondavel abysmo do oceano toda a sua fortuna, todos os seus teres, perdidos sem esperança — diga-o toda uma numerosa povoação em alarme, correndo espavorida, tremendo diante das furias do ondoso elemento, e chorando sobre o montão de desgraças, que elle fazia! A costa do sul de Ponta-delgada só apresentava uma pavorosa linha de ruinas!

As vagas espraiam-se com impeto incommensuravel. Nos logares mais baixos, o mar entra pela superficie de mais de sessenta braças. Os de maior altura, em que não ha rocha, são aluidos e despedaçados. Nos pontos de rocha natural, ou muralha de forte construcção, d'este modo tornados inexpugnaveis, as ondas, arremessando-se indignadas, sobem em pyramides conicas á altura de setenta pés!

A revolução que similhante enchente causa onde penetra basta que a enunciemos notando a analyse feita nas materias que revolveu e arrojou ás praias, ou aos terrenos litoraes. Pelo espaço de mais de cento e vinte braças, nas immediações da costa no bairro de Santa Clara, extremo occidental da cidade, se descobriu uniformemente esta transição: primeiro strato (superficial) terra vegetal — segundo, cascalho amarello grosso, na altura de cinco polegadas — terceiro, terra vegetal — quarto (inferior), pedregulho.

Não foi só Ponta-delgada a victima d'aquella

(1) As marés ordinarias nunca excedem cinco pés. A sete, quando muito, chegam as extraordinarias ou equinociaes.

revolução, e poderosos assaltos do mar: em todos os demais concelhos da banda meridional da ilha de San-Miguel se provaram com amargura os seus flagellos, desde a cidade até villa-Franca-do-campo — desde a Ribeira-quente até á Povoação — e ahi estão as folhas periodicas então publicadas na ilha que o attestam. (1) Tambem quasi todo o restante do archipelago dos Açores os quinhoou, especialmente a ilha Terceira que não foi a mais deslembrada (2).

Os estragos que nas ilhas a inundação causou avaliaram-se em alguns centos de contos de réis!

Taes foram as capitaes desventuras que mui de perto e por muito tempo amarguraram a existencia de grande parte dos açorianos.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Dois relicarios de madeira doirados em forma de retabolo, cada um de tres palmos de alto, com trinta e quatro repartimentos de varias reliquias. Um dos relicarios contém pedaços do Santo Lenho, do Santo Sudario, e da toalha da Mesa do Senhor; e reliquias dos Santos André Apost., Filippe Apost., Bertolo, Mathias, Estevão Martyr, Lourenço M., Vicente M., Mauricio M., Longino M., Sixto papa M., Braz bispo M., Valentim bispo M., Adalberto bispo M., Clemente bispo M., Pedro M. da Ord. dos Prégadores, Juliano M., Theodoro M., Rufino M., Martinho bispo, Gregorio papa, Gregorio Thaumaturgo bispo, Nicolau bispo, Felix arcebispo, Mario arcebispo, Valerio confessor, Medardo bispo, Florencio duque, Chrisanto bispo, Vigberto sacerdote, Simeão eremita, Nicodemos, de quem faz menção o Evangelho.

Um relicario de prata, ovado, de altura de dois palmos, e friso lavrado de relevo com tres remates á feição de quartães. No aberto tem dois anjos com uma ambula de cristal na mão, na qual está um espinho da corôa de Christo. Sobre o espinho uma cruz de Santo Lenho, e nos abertos do friso as reliquias de S. Thiago Ap., Santo André Ap., S. Bartholomeu Ap., S. Barnabé Ap., Santo Estevão M., S. Lourenço M., S. Vicente M., S. Braz bispo M., S. Nicolau bispo confessor, Santa Maria Magdalena.

Dois relicarios grandes de pau, de seis palmos de alto, e quatro de largo, doirados, com varias reliquias dignas de muita estima, como são um osso de S. Mathias Ap.

As reliquias até aqui referidas, pertencem todas á doação de D. João de Borja. Antes da referida doação, já a casa de S. Roque tinha algumas, e como aquellas tambem expostas na mesma capella. Para darmos egualmente relação d'ellas, aqui as memoramos:

Uma cruz grande de prata, que tem dentro outra pequena do Santo Lenho, engastada em oiro, com alguns aljofres.

A casula com que dizia missa o glorioso patriarcha Santo Ignacio.

Dois braços de prata dos Santos seguintes:

S. Pantaleão, Martyr;

S. Bento, abbade.

O braço de cobre doirado, com reliquia de S. Chrisostomo.

Um braço de prata, doirado, o qual tem no meio um engaste de oiro, que contém dentro a firma da mão de Santo Ignacio, de seu nome.

Um braço de prata, com a reliquia de S. Roque.

Um dente do glorioso patriarcha Santo Ignacio, mettido em um meio corpo de madeira, doirado, e estofado.

Um relicario grande de prata, que remata n'uma charola, com quatro columnas, e uma cruz de cristal.

Um meio corpo de madeira, doirado, que tem no peito uma reliquia do Santo Xavier.

Um dente de S. Lino, papa, Martyr.

Um corpo de madeira, encarnado, e doirado, em que estão reliquias dos Santos Innocentes.

Um meio corpo de prata, e n'elle uma cabeça dos Santos Martyres Thebeos.

Na capella das Santas Virgens, as seguintes:

Tres meios corpos de prata, que contém as cabeças de

Santa Brigida, Virgem;

Santa Aurelia, Virgem;

Santa Geva, Martyr.

Mais dois meios corpos de prata, com duas cabeças das onze mil Virgens.

Quatro meios corpos de bronze doirados, em que estão quatro cabeças das onze mil Virgens.

Cinco meios corpos de pau doirados, e estofados, em cada um d'elles uma cabeça das onze mil Virgens.

Uma custodia de prata doirada, com um canudo de cristal, e n'elle mettidos os cabellos da Virgem Senhora.

Uma imagem de vulto da Virgem Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, peças ambas de prata, doiradas, com resplendor á roda tambem doirado, com seis ovados de reliquias no pedestal. As reliquias são de S. Estanislau, bispo; S. João, esmoler; Santo Eusta-

(1) V. «Açoriano Oriental,» num. 242, de 7 de Dezembro 1839 — «Monitor,» num. 45, de 11 de Dezembro de 1839 — «Diario do Governo,» num. 303, de Dezembro de 1839 — «Panorama,» vol. IV da 1.ª serie, pag. 43 — «Philologo,» num. 9, pag. 66.

(2) V. Supplemento ao num. 166 do «Angrense,» de 13 de Dezembro de 1839 — §§ 4.° e 8.° do Relatorio que acompanha a 1.ª «Collecção dos Escriptos administrativos e litterarios, do sr. José Silvestre Ribeiro» — «Topographia,» do sr. padre Jeronymo Emiliano d'Andrade, t. 1.°, pag. 23 e seg.

chio, Martyr; S. Palmachio, Martyr; S. Wuolfango, bispo e confessor.

Um pedestal de cobre doirado, estribado sobre uns globosinhos, e umas campainhas pendentes, que em dois ovados tem varias reliquias.

Duas taboas de prata doiradas, com lisonjas de prata, e as armas de D. João: uma tem trinta e cinco reliquias, e outra quarenta e duas.

Um relicario com um osso de Santa Praxedes.

Um relicario de prata, com uma cruz, e quatro columnas que tem a reliquia de Santa Justina, Virgem e Martyr.

Um braço de prata com reliquia de Santa Isabel, viuva do rei de Hungria.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Simphorosa, Martyr.

Outro braço de prata, com reliquia de Santa Nimpla, Virgem e Martyr.

Um braço de prata doirado, que tem quatro engastes com reliquias de Santa Maria Magdalena, que são um vaso de cheiros preciosos que derramou sobre o Senhor, e ossos do braço da mesma Santa, e outras partes do corpo.

Um braço pequeno de prata, com reliquias dos Santos Innocentes.

Cinco relicarios de pau doirados. Um grande contendo nove casas com reliquias. Outro tambem grande, com similhante feitio, e reliquias. Dois menores, e d'elles o mais pequeno com uma jelosia de prata, e vinte e quatro reliquias. O quinto, pequeno, tem seus engastes, com mais de cincoenta reliquias.

Entre estas reliquias se contam as da tunica interior de Nossa Senhora, do veo da sua cabeça, dos vestidos da Virgem, e de S. João Evangelista, e ossos das Santas: Maria Salomé, Maria Magdalena, Martha, Photina, Catharina, Barbara, Cecilia, Eufemia, Marinha, Apolonia, Margarida, Dorothea, Clemencia, Prisca, Iosipa, Bargara, Cordula, Esposa, Benigna, Getruda, Milia, Casaira, Corona, Eulalia, Eduigis duqueza, Hypolita, Odilia, Tenella, Anastacia, Ignez, Paulina, Justina, Hunigunda imperatriz, Isabel viuva, Ludmila viuva, etc.

Um relicario de pau doirado, com reliquias do retrato da Santa Veronica.

Dois braços de pau doirados, com reliquias de Santos Martyres.

Uma cruz de pau de oliveira de Jerusalem, com quarenta e duas reliquias dos Logares Santos.

Doze columnas de folha de Flandres doiradas, com varias reliquias.

E as antigas da casa eram:

Um meio corpo de prata, com uma cabeça das onze mil Virgens.

Um relicario de prata, dado pela rainha D. Catharina, com as reliquias de Santa Eteria, rainha; Santa Helena, rainha; Santa Isabel, rainha de Hungria; S. Mathias, Apostolo.

A imagem da Virgem, copia de uma pintada por S. Lucas.

Um relicario de tres palmos, com um espinho da corôa de Christo, e cruz do Santo Lenho.

Um relicario grande de prata, rematado por uma charola, com quatro columnas, e dentro uma verga da corôa de Christo, e reliquias das suas alparcas; e cabellos e reliquias de Sant'Anna, S. José, e outros Santos.

Um Menino Jesus de vulto, com um resplendor de prata, e dentro uma reliquia do Santo Lenho.

Um presepe, parte de prata, e parte de latão doirado, de dois palmos e meio de alto, e mais de um de largo, com figuras do Menino Jesus, da Virgem, de S. José; e o Menino posto em uma mangedoura, que pela parte de fora mostra uma reliquia grande do pau do proprio estabulo em que se deitou na lapa de Bethlem.

Continua.

F. D. d'Almeida eAraujo.

AONDE EXISTE A VENTURA?

Aonde existe a ventura,
Que pois desejo buscal-a?
Será no ceo que se esconde,
Porque não posso alcançal-a.

Na terra não, que não mora,
Que tantos somos traz d'ella,
E não me consta d'algum
Que viva sem lhe dar q'rella.

Ide ao palacio do rico,
Onde sobeja a vaidade,
Ouvil-o-heis lastimar
Da negra sorte a maldade!

Buscae da côrte a nobreza,
E vel-a-heis pressurosa
Buscando nova honraria,
Que mais a torne vaidosa!

Olhae o cura da aldêa,
E vel-o-heis surrateiro
Mitra de bispo invejando,
Na santimonia matreiro!

Vêde o soldado, na paz
Males da guerra chamando;
Tiro pede, que o eleve,
O camarada matando.

O lavrador, o artista...
Todos... nenhum satisfeito,
Em altas vozes bradando
Contra este mundo imperfeito!

Se pois aqui sobre a terra
Tudo são males, tristura,
Não ha quem viva contente,
Aonde existe a ventura?

***

HOFFMANN!

I

Propondo-nos grupar em um quadro alguns passos da vida do grande poeta alemão, é uma biographia ou um romance que vamos traçar?

O vulto multiforme do autor dos *Contos phantasticos*, quasi tão impalpavel como as visões creadas por aquelle cerebro vertiginoso, é de tal forma extraordinario, que pertencendo á galeria dos contemporaneos, se nos figura destacado das eras fabulosas.

Fallando do homem, occupar-nos-hemos simultaneamente das obras que o tornaram immortal pela sua originalidade.

Os livros de Hoffmann não foram vasados em nenhum molde, e ninguem conseguiu ainda imital-o. O excentrico prussiano pode dizer como o Christo: *Ego sum qui sum!*

Antes d'elle ninguem adivinhara aquelle mundo de phantasmas; depois d'elle ninguem lhe achou ainda o caminho.

Mais feliz que Colon, não encontrou invejosos que lhe disputassem a gloria da descoberta, porque a este mundo, todo seu, não aportaram depois Americos nem Cabots.

A apparição dos *Contos phantasticos* de Hoffmann, produziu em França um maravilhoso enthusiasmo; mas como uma lei fatal impõe sempre ao genio alguma miseravel perseguição, os que se diziam seus interpretes, não lhe podendo rastrear o talento, procuraram diffamal-o, escarnecel-o.

A caricatura o pregou, como outro Sileno, a cavallo em um barril de cerveja; cercou-o da fumarada das tabernas; cobriu-o de nodoas de vinho: e para fechar o accesso d'aquelle famoso livro de phantasias aos gabinetes da gente honesta, taxou as suas incomparaveis bellezas de mero producto da embriaguez e da devassidão.

É um dos seus traductores e biographos, *mr. P. Christian*, que se expressa assim em 1842; é um francez, que fulmina os seus invejosos conterraneos, e desaggrava as cinzas do grande poeta, do intelligente magistrado, do amigo leal, do homem probo.

E tudo isso era Hoffmann, o eminente genio, de quem se riam quatro criticos burlescos!

Coitados! Ninguem conhece hoje os seus nomes, em quanto o de Hoffmann durará tanto como o mundo! Cuidarám que a verdadeira gloria podia abalar-se com sarcasmos, motejos e caricaturas... o seu alvo ficou de pé sobre o pedestal dos seculos, e d'elles, os criticos, nada resta!...

Ha muita gente que cita o nome d'este admiravel realisador de chimeras, e emitte a seu respeito uma opinião favoravel ou desfavoravel, sem ter lido mais do que um ou dois dos *Contos phantasticos*, e alguns unicamente por terem ouvido fallar do autor como um talento excepcional, ou como um visionario ridiculo.

Só a leitura de todos os seus livros, comparada com a existencia aventurosa do autor, pode dar a medida da prodigiosa flexibilidade de Hoffmann em todos os ramos das bellas-artes.

Nas lettras, na pintura, e na musica, o autor dos *Contos phantasticos* foi sempre original, inimitavel, unico. Ou escreva um romance, ou desenhe um quadro, ou execute uma symphonia, o reflexo do homem excepcional transparece sempre em qualquer d'estas formas da arte.

Nem os heroes de Homero, nem os guerreiros de Ossian, teem mais sublime individualidade do que os personagens de Hoffmann. O Paraiso de Milton e o Inferno do Dante, os jardins encantados do Tasso, e as cavernas tenebrosas do Ariosto, não apresentam uma collecção tão original de figuras severas e grutescas, tetricas e risonhas, duendes, magicos, feiticeiras, como as phantasticas creações do nosso autor.

Aquella imaginação ardente, em continuo movimento, ora fugia da poesia para a pintura, ora da pintura para a musica; e se os seus desenhos não tem a severa correcção de Salvator Rosa, nem as suas operas attingem a sublimidade de Mozart, apresentam todavia o cunho de uma incontestavel e surprehendente originalidade.

Ernesto Theodoro Guilherme Hoffmann, nasceu em Konigsberg, na Prussia oriental, a 24 de Janeiro de 1776. Seu pae occupou, durante mais de vinte e seis annos, os empregos de conselheiro criminal e commissario de justiça em Insterburg. Sua mãe era filha do advogado consistorial Doerfer, homem de merito, que foi longo tempo procurador de quasi todas as familias nobres da Silesia.

A infancia e a juventude de Hoffmann passaram-se na cidade que lhe deu o berço, escutando os sons melancolicos que sua debil mãe arrancava do piano, ou traçando sobre uma Biblia de seu avô, extravagantes figuras de demonios, pouco em harmonia com o texto sagrado que ladeavam. Um tio rispido, affectado e systematico, como o barão que figura no conto da *Fascinação*, e uma tia, ainda moça, engraçada e travêssa, como a encantadora creação de *Seraphina*, escoltavam tambem de continuo o futuro poeta, dando-lhe, talvez, a primeira idéa dos contrastes humanos.

Destinado por seu pae a seguir a carreira da jurisprudencia, entrou, sem vocação para tal estudo, na antiga universidade de Konigsberg, e estudou direito, porque tendo nascido pobre, comprehendeu que o seu amor pelas artes lhe não abriria uma carreira vantajosa no mundo, como a profissão de legista.

Esta sabia consideração não o impedia, comtudo, de abandonar repetidas vezes as *pandectas*, para lançar mão da penna, dos pinceis, ou da rebeca.

Na universidade contrahiu elle amisade com o celebre Hippel, que foi até á morte o seu fiel

Achates. Estes dois entes, estreitamente unidos pela sympathia, entendiam-se maravilhosamente, apesar de serem os seus genios dessimilhantes e até oppostos em varios pontos. Um era o fogo, o outro a calma!

Porém esta união teve de ser interrompida logo á nascença. Hippel foi nomeado para um emprego judicial, longe de Konigsberg, e viu-se obrigado a abandonar temporariamente o seu amigo, o que tornou Hoffmann triste e melancolico.

Na edade de vinte annos, porém, é sempre facil achar distracções. Uma paixão ardente tomou então posse do coração de Hoffmann, e o espirito romanesco do joven estudante produziu logo os seus dois primeiros romances — *Cornaro* e o *Mysterioso*, que nunca se publicaram.

O amor havia inspirado estes primeiros ensaios artisticos de Hoffmann, que foram aniquilados quando cessou a paixão. A diversidade de posição social e de fortuna obstava á união dos dois amantes. Como Bernardim, como Camões, como o Tasso, o nosso heroe foi obrigado a separar-se do objecto do seu primeiro amor, mas não commemorou, como aquelles, em sentidas endeixas a ausencia da mulher querida, a saudade dos fugitivos dias de ventura.

É que Hoffmann nascera nos fins do seculo XVIII. Mais de duzentos annos o separavam d'esses tempos de fé viva e robusta crença, que allumiaram os amores dos tres suavissimos poetas por Beatriz, Natercia e Leonor.

Como nem amante nem amigo o prendiam já a Konigsberg, antes d'ali o afastavam, e o emprego de auditor que elle exercia pouco interesse e consideração lhe dava, passou a concluir os seus estudos juridicos em Glossglogau, na Silesia prussiana, sob a direcção de um tio seu, conselheiro da regencia d'aquella cidade.

Em 1798, tendo concluido os estudos, foi despachado para um tribunal de Berlin; e dois annos depois, acabando de passar pelo que se chama na Prussia *exame rigoroso*, subiu a um cargo superior da magistratura, na regencia de Posen.

Ahi compoz as suas primeiras operas, que foram cantadas com applauso no grande theatro da cidade. Uma d'ellas intitulava-se — *A opera (Die singspiel)*, palavras de Goethe; outra — *O gracejo;* e uma terceira — *Astucia e vingança*.

Infelizmente, porém, para Hoffmann, o seu talento não se exercitou unicamente na musica; e esquecendo que aspirava a seguir a carreira da magistratura, começou a fazer caricaturas a respeito de tudo e de todos; o que lhe valeu um exilio para Plozk, pequena cidade a trinta e duas leguas de Varsovia.

Hoffmann havia sacudido de si a melancolia; os seus desenhos eram apreciados geralmente; e á fama do seu talento deveu o amor apaixonado de uma joven polaca, com quem casou, pouco antes de ser exilado.

O satyrico desenhador não se lembrava que havia creado com o seu lapis muitos inimigos poderosos e vingativos; esperava a todo o momento, ao lado de sua esposa, o despacho de conselheiro de regencia, quando viu apparecer a arbitraria ordem de exilio.

O nosso heroe não perdeu comtudo o seu tempo em Plozk. Escreveu ali um folheto, cujo assumpto é a introducção dos coros no drama; compoz algumas missas e sonatas; tirou retratos; continuou a fazer caricaturas; e reproduziu á penna as pinturas de vasos etruscos, que se acham na collecção de estampas, publicada em Paris pelo gravador David, e o antiquario d'Hancarville.

Em 1804, cessando emfim a perseguição de que fôra victima, passou Hoffmann a exercer um novo posto na magistratura, como conselheiro da regencia de Varsovia.

Era a primeira vez que o poeta contemplava, n'uma posição independente, o bulicio de uma grande cidade. Novos horisontes se abriam ante a sua vista de aguia; e sem que o seu genio se *amaneirasse*, as lições do mundo augmentavam em larga escala o desinvolvimento intellectual do philosopho. Hoffmann ia, emfim, ser devidamente apreciado pela Alemanha, pela Europa, por todo o orbe litterario.

Continua.

F. M. Bordalo.

COSTUMES HOLLANDEZES.

Quando uma mulher d'este paiz se casa, preparam-lhe as convidadas uma capella de flores, com que coroam a noiva, pendurando-a á noite na cabeceira do leito nupcial, o qual tambem se cobre todo de ramos verdes.

Quando os noivos saem de casa para a egreja, as ditas convidadas os acompanham até ao fim da rua, lançando-lhe uma d'ellas continuadamente punhados de flores, que leva n'um cesto ou bandeja. Quando voltam da egreja esta mesma convidada vae encontral-os a trinta passos distantes da casa, tornando outra vez a deitar-lhe flores. Esta pratica só tem logar quando a noiva é donzella. Ás viuvas não quadram as flores, que são emblema d'aquelle estado.

Quando morre um hollandez, os seus herdeiros e parentes dão-lhe sepultura com toda a solemnidade. Concorrem ao acto funebre os parentes, amigos, e visinhos. Ajuntam-se em casa do defunto á hora determinada, todos vestidos de preto.

Saindo o corpo, todo este acompanhamento, no qual se não admittem mulheres, o segue em duas alas, a dois e dois, com toda a gravidade. Logo ao pé do defunto vão os parentes, depois as pessoas de maior distincção, em terceiro logar os amigos, e finalmente os visinhos. Enterrado o corpo acompanham todos até casa aquelles herdeiros ou parentes mais chegados do defunto. Chegando perto de casa param estes, e agrade-

cendo aos convidados, com profundas reverencias, a companhia que fizeram ao morto, os convidam para beberem á saude dos vivos.

Mudam então completamente as scenas. Entrando todos em casa, começam a encher grandes copos de vinho, ou cerveja, segundo as riquezas do defunto e grandeza com que os herdeiros querem honrar a sua memoria. Começam todos a beber tão desatinadamente que em breve o logar de tristeza se muda no de alegria, ouvindo-se rir, cantar, e zombar, no mesmo sitio em que poucas horas antes se não fazia outra coisa senão chorar.

Este uso é da gente ordinaria, porque os nobres, bebendo um ou dois copos de vinho á saude dos herdeiros, saem immediatamente da casa.

Se o defunto foi pessoa de distincção era costume antigo levar adiante do feretro um grande painel com as suas armas pintadas. Este painel ficava na sepultura por tempo de um anno; e outro similhante quadro se via na casa do defunto em todo o tempo que durava o luto.

* *

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LX

De como Manuel da Silva ordenou uma ou duas armadas para irem a Cabo-verde, e Castello d'Arguim.

Estava nesta cidade um fidalgo da ilha da Madeira, por nome Manuel Serradas Camello. Aviou Manuel da Silva outo ou dez velas com soldados; fez capitão-mor dellas ao ditto Manuel Serradas, e capitães particulares de cada nau; e dice que levassem a bandeira de Portugal, com suas armas em cada nau, e que todos os navios que lhe não obedecessem como capitães d'el-rei D. Antonio os tomassem, e todos trouxessem a esta ilha de qualquer sorte que fossem, com todas as mercadorias que dentro viessem, por que tudo venderia aqui bem; e os que resistissem os tomassem por guerra, e os prendessem como traidores, e prezos viessem, e que ás naus e navios do reino de Castella fizessem o mesmo, não como traidores pois eram vassallos d'el-rei de Castella; e que el-rei D. Antonio, que com elle andava em guerra, que se havia de ajudar; e que fossem ao Castello d'Arguim e que tomassem e embarcassem toda a artilheria; e que fossem á ilha de Cabo-verde e que dando obediencia a seu rei natural lhe não fizessem damno algum, mas que fizessem um pedido pelos moradores della, para ajudarem seu rei; e lhes deu outras ordens, e tudo por regimento feito. Foram como dez velas, francezas quasi todas, uma formosa nau capitanea, por nome Amberte, e se foram, e logo foram direitos ao Castello d'Arguim. Como os acharam descuidados facilmente os tomaram; e tomaram muitos navios de pescaria, e naus de muito porte, e as mandaram todas a esta ilha com soldados portuguezes e francezes dentro, e em uma nau metteram um piloto d'esta ilha, por nome o Trompica com outros portuguezes. No mar, como os portuguezes eram poucos e se fiaram da gente da nau que era muita, por serem todos portuguezes, se levantaram uma noite estando dormindo, e mataram trez ou quatro e feriram os outros que por todos eram dez, e os levaram á ilha da Madeira aonde enforcaram o pobre piloto, e outro que ia por cabo, tambem natural desta cidade, por nome o Marquez, e em outra nau metteram soldados francezes. Estes tinham boa vigia: levantaram-se os portuguezes da nau contra elles, mas foram desgraçados porque os francezes eram senhores das armas. Em breve espaço mataram os mais dos portuguezes, e delles mal feridos, e os que trouxeram vivos os mandou Manuel da Silva açoutar, e tomar-lhe as fazendas, e vieram muitos navios e naus que a armada tomava.

LXI

De como Manuel Serradas tomou a ilha de Cabo-verde por armas.

Chegou Manuel Serradas á ilha de Cabo-verde com seis naus, porque as outras se ficaram á pilhagem pelo mar. E chegando á ilha mandou recado por um padre chamado Manuel Rodrigues Teixeira, que aquella armada era de el-rei D. Antonio, que lhe não queria fazer aggravo algum, mas que se reconhecessem por seus vassallos. O ditto padre foi a terra, e mal tomado o recado ou mensageiro, começaram a pelejar com elle, que estavam por el-rei D. Filippe, e que não queriam fazer o tal; e o tomaram e o metteram na cadeia a bom recado. Já n'este tempo as naus tinham botado em terra como dusentos soldados, sem elles os verem botar, e vieram pela fralda de um monte, segundo se dice, e contaram nesta ilha. Quando os moradores da cidade viram vir a gente posta em ordem e atirando uns afastados dos outros pareceram-lhes muitos mais dos que eram, e sem mais ordem de defeza se pozeram em fugida, e sem guerra entraram na cidade, e cuidaram que o padre Manuel Rodrigues que o tinham morto, e o acharam mettido na prisão; e saquearam a terra de tal maneira, que veio a armada rica, e carregada de tudo o da terra, e de muitos escravos forros e cativos. Ao bispo lhe não ficou cousa alguma, que té as mitras trouxeram, antes dizem que o molestaram os soldados francezes; e nada disto parecia bem a gente christan, e de entendimento.

LXII

Da ordem que Amador Vieira e Manuel da Silva tiveram para descubrirem muitos homens, do que tinham determinado.

Suspeitava-se que além da gente que o Snr. D. Antonio fez embarcar comsigo, que ainda ficara outra de suspeita, e ja neste tempo estava prezo na cadea Braz Nogueira, que foi o mais zeloso do serviço do Snr. D. Antonio, e era capitão de uma companhia, por estar tido dos muito leaes, e estava Gaspar Gonçalves de Utra, e seu irmão Estacio de Utra na cadea. Foi-se ter com elles o ditto Amador Vieira e lhe dice, que bem sabiam suas mercês como elle viera com recados de sua magestade ao Snr. D. Antonio, para que se tirasse de andar peregrinando por reinos estrangeiros, fazendo-lhe muitos honrosos partidos; e que Manuel da Silva como cá o acolheu lhe fizera ameaços grandes, que o havia de degolar se elle se não provocasse de coração ao serviço d'el-rei D. Antonio seu senhor, e que lhe andava á vontade, mas que tudo era zombaria; que por fim el-rei D. Filippe era poderoso, e que todos o temiam; que duraria pouco tempo a opinião desta ilha. E outras mais couzas lhes dice, para os apalpar. O ditto Gaspar Gonçalves de Utra e seu irmão Estevam de Utra eram naturaes da ilha do Faial, homens fidalgos, e dos melhores da ilha; e Gaspar Gonçalves de Utra era capitão-mor da ditta ilha, e ilha do Pico; e Manuel da Silva os tinha prezos só de suspeitos, mas não tinha culpas delles: os quaes, segundo viram o fingimento do ditto Amador Vieira, e ser homem mancebo, e não ter ido nunca fallar com elles, nem nunca o tinham visto, tiveram aquillo por novidade, e entenderam a peçonha que ia dentro, lhe diceram: *Pois para que nos vem v. m. ca persuadir a isso, a dois homens prezos?* Respondeu que Manuel da Silva lhe dicera que delles não tinha culpas formadas, e que por presumpção os tinha prezos, e que por isso os avisava, e juntamente que lhe descobrissem seu peito, que o queria saber para que el-rei D. Filippe, quando lhe perguntasse depois delle liberto, para lhe dar rol delles, e dos homens de seu serviço: os quaes lhe responderam: *Pois snr. os nossos peitos so Deus nosso Senhor os sabe, e neste caso v. m. vem mal encaminhado, porque se nós contra o serviço do Snr. D. Antonio nosso rei tiveramos feito alguma couza, não nos vieramos metter nesta ilha, que no Faial senhores eramos della, que não havia lá quem nos prendesse, antes se nós pretenderamos ser do serviço d'el-rei Filippe, poderosos eramos para lhe entregarmos a ilha do Faial; pelo que v. m. vem mal encaminhado, comnosco não tem nada que fazer nisso: prezos estamos, livrar-nos-hemos: o snr. Conde fará justiça: somos vassallos d'el-rei D. Antonio, e o temos jurado por rei: a elle havemos de seguir.* Ficou Amador Vieira apaixonado, pedindo-lhes que o não descubrissem: quiz ter estes fingimentos com elles.

Continua.

EFFEITOS DE UMA PRAGA.

Em todas as nações ha lendas e contos maravilhosos, que uns tomam por fabulas, e outros acreditam com uma boa fé e crença que fazem pasmar. Muitas d'estas lendas passam á posteridade, autorisadas pelo fanatismo, e pela superstição, que lhe consagram testemunhos para impor aos credulos. Em o numero d'estas se pode classificar a seguinte que anda espalhada na historia da Hollanda.

Achamo-nos na aldêa de Losdum, que dista da Haya meia legua, celebre pelo convento que a condessa Margarida ahi fundou no anno de 1267, e ainda mais celebre pelo monstruoso parto da condessa Mathilde, filha do conde Florente, e irmã de Guilherme, rei dos romanos.

Foi succedido no anno de 1576. Esta princeza negou um dia esmola a uma pobre que d'um parto teve dois gemeos, dizendo-lhe que dois filhos não podiam ser do mesmo pae.

A pobre, escandalisada de que assim se suspeitasse da sua honra, respondeu á condessa que permittisse Deus ella concebesse de uma só vez tantos filhos quantos dias tem o anno.

Nove mezes se passaram, e a praga teve o seu effeito. A condessa houve effectivamente de um parto trezentas e sessenta e cinco creanças, todas vivas e perfeitamente formadas, cada uma do tamanho de um dedo. A todas administrou o sacramento do baptismo o bispo Gui, suffraganeo do de Utrech, dando o nome de João a todos os meninos, e de Isabel a todas as femeas. Uns e outras, e tambem a condessa, morreram pouco depois, e sepultaram-se no mesmo tumulo.

Na egreja da aldêa mostram-se duas bacias de arame, nas quaes dizem que foram baptisadas as trezentas e sessenta e cinco creanças. As bacias não teem de fundo mais de palmo e meio.

Tambem se poz na mesma egreja um quadro com a representação d'esta historia, e uma inscripção em latim, que vertida é a seguinte:

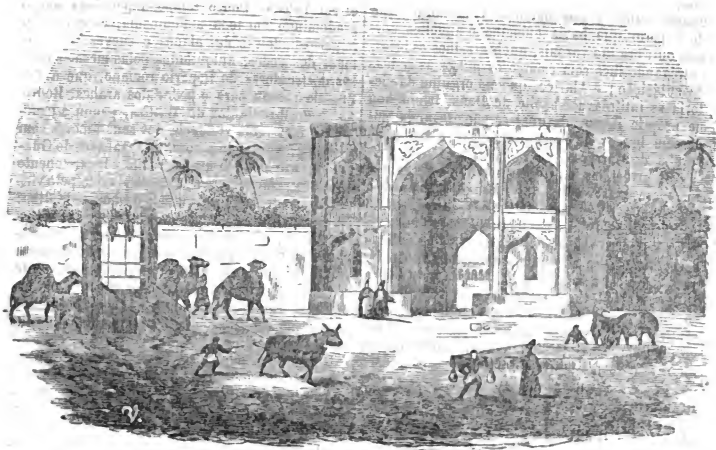
«Eis aqui um monstruoso e memoravel effeito sem exemplo egual desde o principio do mundo. Em observando este portentoso caso retira-te d'aqui confuso, e admirado.»

Demos noticia da historia, e, como não somos obrigados a mais, deixamos á crença de cada um prestar-lhe o grau de fé que quizer.

***

Ha historias, tidas por verdadeiras, que, se a verdade podesse fallar, não passariam de meros contos.

A historia do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.



CARAVANÇARÁ DE SARRON.

Cáfilas ou caravanas são mui numerosas partidas de mercadores, viajantes, ou peregrinos, que se reunem para atravessarem com mais segurança os desertos da Asia e da Africa, com especialidade os da Arabia, fazendo jornadas curtas, e poisando em estações certas onde ha alguma fonte ou poço, e n'algumas o seu caravançará. D'estes edificios os que ha nas cidades são em geral espaçosos e magnificos.

O padre Manuel Godinho na sua *Viagem da India por terra para Portugal*, diz no cap. 6.°:

«Nada menos sumptuosos edificios são os dois caravançarás, quer dizer estalagens publicas, que tem Surrate, feitos a modo de claustros, com muitas casas de alojamento por banda, e uma só porta, que se fecha logo á noite e se abre com dia claro para maior segurança das fazendas dos mercadores, que se recolhem n'aquelles caravançarás.»

No cap. 25 escreve o mesmo curioso autor:

«... os caravançarás de Alepo são tão formosos como os melhores conventos d'este reino, do mesmo feitio, com as mesmas repartições, e todos em quadro com suas fontes no meio.»

A coisa ainda hoje é a mesma, porquanto nas viagens modernas assim é descripta esta casta de construcções, e entre outros M. Breton diz:

«São estas as hospedarias e estalagens dos orientaes, edificadas em quadrado e parecendo-se muito aos nossos claustros; em geral só tem um andar, e raras vezes dois; entra-se no pateo por uma grande porta, e ao meio de cada um dos outros tres lados ha uma grande camara destinada ás pessoas de mais consideração, o resto do edificio é occupado por pequenas camaras; de ordinario as cavalhariças ficam detraz d'estas. São construcções edificadas por monarchas e princezas, e tambem á custa das cidades, onde a todos os viajantes se dá gratuitamente agua, e um cobertor para agazalho.»

A nossa estampa representa o caravançará de Sarron, que é o mais magnifico da Persia.

M.

OS GODOS NA PENINSULA.

Um dos estudos interessantes para a nossa historia, é sem duvida o da epoca que se prende com estes conquistadores, por isso que a sua legislação e costumes de sobejo influiram nos primeiros tempos da nossa monarchia. Não será portanto de estranhar que lancemos aqui algumas observações a seu respeito.

Invadido o baixo imperio pelas aguerridas cohortes dos barbaros do Norte, estes se espalharam, como era natural, pelas provincias occidentaes subjeitas aos romanos. A desmoralisação do imperio que havia effeminado aquelles animos outr'ora tão varonis, quebrara-lhes os brios, entregando-lhes sem esforço os pulsos ás cadêas da subjeição; e Alarico, que no orgulho da victoria se intitulava o açoite de Deus, triumphou na propria Roma, da qual se não presumia podessem braços de homem arrancar a corôa de rainha do universo.

Nos principios do quinto seculo, desceram á Europa varias nações dos mesmos barbaros, e devastando e assolando as Gallias, atravessaram os Pyreneos—fracas barreiras para homens costumados ás selvas dos seus paizes, e ás fadigas das guerras — e admirados da belleza do paiz, que, para áquem d'aquella famosa cordilheira de montanhas, lhe apresentava um ceo formoso, uma terra fertil, e um excellente clima, sentiram recrescer-lhes o desejo de um exclusivo dominio. Haviam sido, porém, solidarias na guerra, e do mesmo modo o deviam ser na conquista; e d'ahi foi que para evitar contestações tiraram á sorte o lote de terra que devia caber a cada uma d'ellas. A nossa Lusitania coube aos alanos, e a Galliza e Braga aos suevos e vandalos.

Guerras se travaram entre uns e outros, e a sentença da sorte foi annullada; que homens eram todos elles, costumados ao saco, a se não contentarem facilmente com o que já possuiam, e impossibilitados de guerrear com os naturaes do paiz, porque se lhes haviam subjeito, contra si proprios voltaram as armas. Assim foi que por termo de todas estas contendas, os vandalos tiveram de passar á Africa, cujo caminho facilmente se lhes franqueou; e os alanos confundidos com os suevos, ficaram na posse exclusiva d'estas regiões. Das duas tribus era sem duvida mais numerosa a ultima, e absorveu em si a primeira, extinguindo-lhe até a denominação, porque do anno de 429 em diante a historia unicamente nos designa a segunda.

Um grande facto, que não deve passar desapercebido, é o da conversão d'estes barbaros ao christianismo; primeiro passo para a sua civilisação. Alanos e suevos eram idolatras ao penetrar nas Hespanhas; porém a luz da religião atravessou o espirito dos primeiros apenas transpozeram os Alpes, e se bem que adulterada a doutrina pelos erros de Ario, comtudo lá lhes ficou a boa semente que mais tarde teve de fructificar, limpa da ruim herva que a infezava. Foi no anno de 559 que Theodomiro, seu rei, abjurou publicamente as heresias d'aquella seita, e desde então os suevos foram contados no gremio da religião orthodoxa.

Com aquellas tribus tinham tambem descido á Europa os godos, como ellas originarios do Norte; porém haviam-se fixado nas Gallias. Subdividia-se a sua nação em ostrogodos, e visigodos. Estes ultimos attrahidos da Gallia-narbonesa á Hespanha, aqui se assentaram definitivamente; e Leovigildo, seu rei, estabeleceu a côrte em Toledo. Pouco tempo depois esta nação predominou em toda a Peninsula, e com o seu imperio findou o dos alanos e suevos. Foi das mãos dos godos, aniquilados pelas mesmas causos destruidoras do imperio romano, que a Peninsula passou para o poder dos arabes. Rodrigo, o desthronisador de Wittiza, pagou a usurpação, e extrema violencia dos seus amores com Florinda, perdendo a corôa nas margens do Guadalete, até onde o arabe Tarife, logar-tenente de Musa, emir d'Africa, fôra conduzido pelo vingativo conde Julião, que pela deshonra da filha, ou por partidista do rei desthronado, lhe tinha aberto as portas de Hespanha. O ferrete da ignominia não deve porém estampar-se unicamente na fronte do conde Julião: Oppas, arcebispo de Sevilha, deve compartilhar com elle a nota infame de traidor á patria, porque não sabendo refrear no espirito vingativo os sentimentos de affeição pelos filhos de Wittiza, dos quaes era tio e tutor, se bandeou na batalha para o arabe, com as consideraveis tropas que capitaneava, commettendo o sacrilegio de franquear o dominio de um paiz christão ao chefe de uma seita sua irreconciliavel inimiga.

Desde este momento a historia deixa de pertencer ao periodo que commemoramos no presente trabalho. Aqui assentaremos a baliza do estadio que brevemente temos de percorrer n'este periodo de cerca de dois seculos que durou o dominio godo.

Se dermos credito aos escriptores romanos mais desapaixonados, acharemos que os godos eram sobrios, guerreiros atrevidos, perseverantes nas suas empresas, hospitaleiros, humanos depois da victoria, se bem que terriveis antes d'ella, e ciosos da liberdade e independencia.

A religião catholica, ao principio permittida por elles, e por fim recebida com fervor, serviu muito para adoçar-lhes os costumes barbaros, e amaciar-lhes a rudez, induzindo-os a abraçarem a polidez e boa razão das leis romanas. Foram estes conquistadores de quem os naturaes do paiz menos tiveram de queixar-se; porque lhes respeitaram suas leis e crenças religiosas, e por tal modo se misturaram com os habitantes, que pelo andar dos tempos, uns e outros se encontraram compatriotas, extinguindo-se as denominações de vencidos e vencedores. Se a conquista material foi pelos godos, o triumpho intellectual e espiritual foi pelos habitantes do paiz, que assim viram abraçada essa tal civilisação que já desfructavam por aquelles mesmos que, na fereza dos seus costumes, ameaçavam barbarisal-os tambem. E tanto mais é para admirar o triumpho, quanto que este povo, antes de pisar a Peninsula, não só receiava alliar-se com os romanos, mas até mesmo lhe detestava as praticas e usos. A benignidade do clima influiu de certo n'estas boas disposições; porém o que fora

de duvida trouxe aquelles barbaros, como os romanos os designavam, a sentimentos mais doces, foram os reciprocos enlaces e casamentos que entre uns e outros se effectuaram. E de mais os godos conheceram que fixando-se no paiz, terminava assim aquella vida errante de emigrações em que até ali tinham andado, e mais pela necessidade, do que pela politica para que não eram muito asados, deviam acarinhar os corações dos vencidos.

Pela abjuração que os reis godos fizeram dos seus erros religiosos abraçando a orthodoxia da fé catholica, veiu a preponderancia ao clero em todos os negocios do estado. Aquelles bispos e pastores que no tempo dos precedentes barbaros, se tinham visto forçados a salvar no esconderijo as imagens dos santos, as reliquias, e os livros sagrados, e no predominio dos arianos se occultavam nos concilios provinciaes e diocesanos para mutuamente se fortificarem na fé e conservarem os povos na communhão catholica, foram admittidos então ao governo, e á feitura das leis; e tanto foram medrando n'este poder, que foi o clero quem descarregou o golpe mais profundo na nobreza goda, que saiu mal-ferida do estabelecimento da nova ordem de coisas, onde a realeza se consolidava, e o poder clerical se constituia.

Vemos que Leovigildo e seus successores, imitando a Alarico na Gallia, se deram em Hespanha ao trabalho de juntar n'um codigo as leis dispersas; e que este codigo foi proposto e examinado no duodecimo concilio toledano, e definitivamente confirmado no decimo sexto. Notam-se n'elle os altos privilegios do clero, porque os bispos não podendo demandar, nem ser demandados pessoalmente em juizo, tinham comtudo recurso para si dos juizes inferiores, e até dos mesmos condes, que era a maior dignidade na côrte palatina. Quem não respeitasse a isempção dos cargos publicos clericaes, e aos seus servos libertos, e colonos, incorria nas penas de excommunhão, uma das mais graves n'aquella epoca. A mesma sorte era reservada a quem demandasse clerigo fora de juizo que não fosse o do seu bispo; e além d'isto decaía no litigio. Até os reis eram forçados, no acto de subir ao throno, a comprometterem-se por juramento, a não consentir nos seus estados nem judeus, nem outros individuos que não professassem o catholicismo. Que muito era porém se introduzissem estas leis n'aquelle codigo, se o clero era ao mesmo tempo o juiz e executor d'ellas, com supremacia sobre todas as outras classes; e os concilios, as assembléas legislativas da epoca, eram movidos e dirigidos por elle!

É indubitavel que para esta supremacia concorreu poderosamente ser a classe mais instruida, achar-se habituada pelos seus estudos a largas discussões, o que, pelo contrario, enfastiava aos homens educados no rude mester das armas, impacientes especialmente pela duração dos debates. Foi no primeiro concilio toledano, no anno de 590, que o clero se resolveu a admittir tambem a elles os seculares, e o rei Reccarredo compensou da sua parte, authorisando o concilio para comminar penas, e concentrar emfim todo o poder legislativo. O rei e os nobres pareciam ganhar n'isto uma participação no governo interior da egreja, o que realmente não era assim. O clero foi quem lucrou a gerencia do governo temporal, da qual se soube por tal arte apoderar, que até o rei Rescevindo, no oitavo concilio, chegou a prometter de antemão sanccionar quanto ali se legislasse. Ganha assim a influencia dos negocios de interesse nacional, tratou o clero de cercear as concessões feitas aos leigos, e foi no decimo setimo concilio toledano, que ordenaram se reservassem os tres primeiros dias da reunião para tratar as materias de fé, e de disciplina, não sendo admittidos os seculares no concilio. Depois lançaram tambem mão da redacção das actas d'estes parlamentos nacionaes; o que hoje se conhece pela linguagem empregada n'ellas, e pela substituição da pena de excommunhão a todas as outras penas.

Continua. A.

GALANTE MODO DE SATISFAZER UMA LETTRA.

Um dos nossos viajantes conta pelas seguintes palavras como em Osnabruck (na Alemanha) se lhe pagou a importancia d'uma lettra; e parece-nos que de aventura egual se não poderão gabar muitos dos que andam correndo mundo:

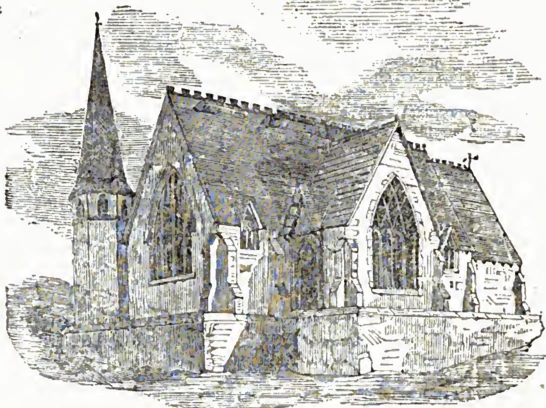
«Indo a casa do correspondente que me havia de pagar a lettra, me disseram que elle se achava em uma feira trinta leguas distante de Osnabruck. Desconfiando inteiramente do negocio, declarei quem era, a lettra que trazia, e o incommodo que me dava a falta ou a demora da sua cobrança. Logo que me conheceram estrangeiro me mandaram entrar as duas criadas, com quem esta conversação se passava, dizendo-me que esperasse por sua ama que se estava levantando. Appareceu esta que era uma moça muito formosa, e com tão pouca ceremonia que em camisa, em manteo mui curto, e em chinellas me veiu tomar a visita, com tanta promptidão que até deixóu de calçar as meias. D'esta figura menos esperanças, porém de boa cara boas obras. Assim que recebeu a carta e a lettra assim me começou a contar a sua importancia, dizendo-me que para similhantes negocios não havia horas incommodas, nem razão alguma que os embaraçasse.»

Isto narrou o viajante para provar a promptidão que por aquellas terras ha em similhantes pagamentos. Esta sincera mulher não se contentou só com isto, e vejamos o que o autor accrescenta lhe succedeu ao passar o recibo:

«Emquanto escrevi fez ella vir uma grande botelha de precioso vinho, e o peior é que acom-

panhando-me com um copo egual ao que me deu, me obrigou como por força a que a despejassemos. Teve a galanteria de me perguntar se queria mais algum dinheiro além do credito, e veiume acompanhar até fora da porta.»

**.



EGREJA EM ORTAKEOI.

Em consequencia da guerra do oriente houve consideravel augmento no numero de inglezes domiciliados nos suburbios da capital do imperio ottomano, e por isso além de outras providencias que egualmente foram reputadas necessarias, tratou-se de erigir um templo para o culto protestante anglicano. Escolheu-se para local a aldêa de Ortakeoi, proxima de Constantinopola, e foi aberta a capella em Novembro do anno proximo passado. O risco, orçamentos e outros trabalhos foram obras dos architectos George Wood & C.ª, o estylo é da primitiva architectura britanica. É o primeiro templo inglez erecto na Turquia. M.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IV

SAMUEL.

Continuação.

No momento em que Samuel batia á porta, ouviam-se vozes altercando lá mais ao interior da casa. O recemchegado escutou, porém não pôde distinguir o motivo da altercação, porque as vozes se confundiam com o som cavo da argolada repercutida no fundo da casa. Ainda esperou alguns instantes, mas não sentindo passos de quem lhe viesse abrir a porta, bateu segunda vez, com um signal particular; e logo aquellas ruidosas vozes se calaram, e alguem veiu descerrar o ferrolho.

Este homem, que revelava no seu todo o officio da forja, levou a mão ao gorro para comprimentar Samuel, e foi marchando adiante d'elle, com uma lampada na mão, até chegarem ambos á casa immediata.

Unicamente de duas se compunha aquella habitação. A primeira estava desguarnecida de moveis; tinha umas poucas peças de ferro velho, amontoadas a um canto, e ao lado da porta uma chaminé com um buraco para expellir o fumo para a rua. A segunda era mobilada com uns toscos bancos, mesa da mesma qualidade, e uma barra encostada á parede, com o competente almadraque e roupa. Sobre a mesa achava-se um gomil, um tinteiro de loiça, pennas, algumas folhas de papel, e uma balança. Na parede fronteira á cama estava um grande armario, correndo toda a altura da casa, desde o

tecto até ao soalho, figurando mettido na parede.

Os tres homens que se achavam n'esta segunda casa haviam-se erguido e desbarretado á entrada de Samuel.

Se não tivessemos dito ao leitor que este era o personagem descripto no principio do capitulo, não o reconheceria de certo, vendo-o agora muito mais recurvado, apoiando-se n'um bordão, como pessoa que busca dar allivio á perna que traz enferma; e justiça é confessar, remedava tão perfeitamente o paralytico, que mais parecia molestia real que fingida. A côr do rosto mudara-se-lhe de cidra na adusta e tostada do soldado que tinha batalhado na Africa ou havia embarcado para as Indias, graças a um elixir com que o esfregara antes de bater áquella porta. A voz rouquenha e forte era tão dissonante da sua habitual, que parecia impossivel serem ambas soltadas pela mesma garganta. Samuel era de edade de quarenta e tantos annos, porém assim disfarçado figurava ter mais vinte.

Tambem aquelles homens, e outros que varias vezes ali costumavam concorrer, nada sabiam da vida e profissão de Samuel. Julgavam-no, porque elle assim o dissera, velho soldado que se distinguira nos terços portuguezes pelejando na America contra os hollandezes; mas a America estava longe para se verificar o caso. Em Ceuta, contara elle que um pelouro lhe maltratara a perna direita; e Ceuta já não estava em poder de Portugal, pois doze annos antes (13 de Fevereiro de 1668) fôra cedida a Castella pelo principe regente D. Pedro, em nome de seu irmão D. Affonso VI, para Hespanha o reconhecer como soberano legitimo de Portugal; e portanto não valia a pena ir incommodar os hespanhoes para examinar os registros da milicia que guarnecera a praça. Ás vezes narrava com muita exactidão proezas e gentilezas d'armas na guerra da independencia, as quaes dava tambem succedidas com elle; mas a sua exactidão n'este ponto não era para admirar, porque a historia d'aquelles ultimos quarenta annos ainda estava tão fresca que todos a sabiam mui bem, até as creanças que não tinham assistido áquellas batalhas.

Samuel tambem usava para elles de um nome supposto. Não o conheciam por outro que não fosse Pedro de Bulhões.

Chegara mudo e silencioso até á mesa, que n'aquella occasião estava extraordinariamente adornada com varias alfayas de prata. Depois de olhar desdenhosamente para ellas, e voltando-se para Filippe Tranqueira, que assim se appellidava e alcunhava o personagem que lhe veiu abrir a porta, disse sacudidamente:

— Que senzala quando cheguei! Parece-me que tu, meu alma de cantaro, eras melhor para capellão de freiras que para homem de negocio. Por S. Braz que me não amedrontava assim com vozes tão desentoadas, e haveria obrigal-os a conhecerem-me, como os hollandezes me experimentaram na America, se não recuassem as fallas como leigo mendicante em peditorio...

— Tem sobras de razão, sr. Pedro Bulhões, interrompeu um dos tres estranhos; mas este perro do Tranqueira tem palavras para mudar dez Jobs n'um diabo.

— Pois não queria, acudiu outro, que essa prata se desse só pelo peso sem lhe juntar nada pelo lavor!

— E d'esta qualidade! accrescentou o terceiro, pegando n'uma naveta, e mostrando-a a Samuel. Dois anjos tão bonitos, com umas azas tão compridas, e ajoelhados que parecem mesmo estar orando!

— Pois sim... pois sim... Carregae com toda ella lá para as vossas poisadas, que a estas horas já a justiça de el-rei anda em cata das alfayas que desappareceram ha dois dias do mosteiro da Rosa.

Os tres homens olharam-se admirados, pois ainda não haviam dito d'onde roubada a prata, e o caso passara-se sem arrombamento de porta, pelo que esperavam se não desse tão cedo pelo seu desapparecimento.

— Com que então?!...

— Vêde o risco que correis. Andae agora ahi offerecendo-a ao primeiro que vos tenha malquerença, e vos entregue aos officiaes de el-rei, porque n'este tempo, louvado Deus, a gente vê caras, e não vê corações.

— Por isso lhes dizia eu que a prata de egreja não tinha o valor da outra.

— Trazei cá um candelabro sem firma, mas que pertença a particular, que mais cruzado menos cruzado sempre se accrescentará ao peso. Porém esta!... Se não fôra o costume de fazermos negocio, estava tentado a despedir-vos já.

— Porém este firmal!...

— Tudo recende a egreja a cem leguas d'aqui. Muito favor vos faria, para segurar-vos á melhor cautela, comprar-vos esses objectos que logo vos denunciariam em vossas casas... Mas não quero... ficarei exposto...

— Porém onde havemos ir, se vemos já descoberta a falta da prata?

— Ainda por vos obrigar, vá... Porém nada... nada... A compra é de muito risco, e n'ella não ganho nem um ceitil.

— Portanto nem o valor pagaes?

— Levae-a... levae-a depressa. Ide com ella a estas horas, e Deus vos conduza que não topeis com a ronda do corregedor, que ajuste melhor a conta do que eu.

— Era o mesmo que lhes estava dizendo, accrescentou o Tranqueira, e elles não queriam entender razão.

— Não tem duvida, passamos a derretel-a que depois bem se venderá.

— Quem cabras non tiene e cabritos viende d'algures lhe viene — dizem os perros dos castelhanos com quem pelejei ha quarenta annos.

Tristes homens de officio a venderem barras de prata!...

— O sr. Pedro tem razão, disse um dos vendedores para os outros dois. Vamos a risco carregando com ella a estas horas...

— E lembras-te do Joaquim, que ha dois annos foi vender á ourivesaria aquelle pouco de oiro derretido, e depois lá foi para o *Tronco?* disse o segundo para o terceiro, que era o mais renitente.

— Cá por minha parte leve o diabo o negocio que pode trazer tal perca. Vamos ao ajuste.

O terceiro estava vencido não só pelo numero de votos na parçaria, mas tambem pelos argumentos que eram convincentes. Samuel para ainda mais os estimular, e rebaixar na fazenda incutia-lhes mais temores sobre o risco que corriam, porém fazia-se mais grave quanto ao ponto de ser elle o comprador.

— Levae, levae. A gente da rua anda muito desconfiada de mim... e se acá viessem as justiças!... Nada... levae.

— Mas agora a estas horas?!...

— Sim... sim... levae.

— Está tratado, sr. Pedro; nós é que não podemos agora levar as alfayas.

— Vêem que me arrisco...

— Estaes na vossa casa, e nós temos ainda de ir longe.

— Faremos um desconto no valor da prata.

— Ora não quero se diga que deixo de servir a gente que me procura. Vamos. A conta será facil de fazer. Não temos nada de feitio, porque isto não pode apparecer: quaesquer dez por cento de abatimento para eu ter um pequeno interesse no obsequio que vos faço, é uma insignificancia a troco de tamanho risco; e depois a prata hoje vae estando tão depreciada, louvado Deus!...

E assim dizendo lançava as alfayas na balança, e annotava o peso de cada uma. Concluida a operação fez contas, e tirando de um cinto de coiro algumas moedas, pagou religiosamente o valor com os indicados abatimentos.

E ao passo que lhe contava as moedas, fazia-as tinir e retinir para os arrebatar por aquelle som argentino, acompanhando-lhe as vibrações com estas e similhantes palavras:

— Esta prata sim, que tem voz de rei, e deixa-se ouvir de todos. Vão lá conhecer-lhe a origem, e d'onde vieram tão boas moedas!... Não denunciam quem as possue, e inventaram-se para paga de todos os trabalhos... A justiça que reconheça agora n'ellas o valor da prata do mosteiro da Rosa.

Ajustada e paga assim a conta, os tres homens dividiram alli mesmo o producto, e se despediram de Samuel que, com affectuosas expressões, continuou a encarecer-lhes o serviço que acabava de prestar arrancando-os ao temerario risco de atravessarem com aquella prata a cidade tanto a deshoras, e promettendo-lhes estar prompto sempre a valer-lhes.

Continua. ***

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

INSTRUCÇÃO RELIGIOSA.

O methodo de prégar e ensinar o Evangelho era diverso segundo a disposição das pessoas que se doutrinavam. Os judeus convenciam-se pelas prophecias e outras provas tiradas da Escriptura e das suas tradições. Aos gentios as primeiras instrucções que se lhes davam tendiam a corrigir-lhes os costumes, pois se julgava inutil fallar de religião a homens ainda cheios de suas paixões e falsos prejuizos. Orava-se por elles, dava-se-lhes bom exemplo; procurava-se attrahil-os pela paciencia, pela doçura e pelos beneficios temporaes, até se ver n'elles um sincero desejo de conhecer a verdade, e abraçar a virtude. Então persuadiam-n'os pelos raciocinios mais simples ou mais subtis, segundo a capacidade d'elles, e com a autoridade dos seus philosophos e poetas. Das coisas de Deus unicamente se fallava aos que seria e tranquillamente as escutavam. Quando n'estas praticas os infieis principiavam a aborrecer-se ou a rir, o christão calava-se, para não profanar as coisas santas, e não excitar blasphemias.

Quando se era obrigado a confundir algum heretico, para o induzir á verdadeira crença, lançava-se mão do sentido litteral da Escriptura, e quando se seguia algum sentido figurado era sómente aquelle em que o adversario concordava. N'estas occasiões havia grande reserva nas questões de religião. Limitava-se a resposta á questão assentada, e não se propunham novas. Havia todo o cuidado em reprimir a curiosidade dos espiritos levianos e amigos de disputar sobre esta materia.

Emquanto ao modo de instruir os fieis, era leccionando-os na doutrina da Egreja, precavendo-os e fortificando-os contra as heresias, e dando-lhes regras para o seu comportamento, e correcção de costumes.

A egreja era a escola onde se juntavam os christãos de todas as edades e estados, e era ahi que bebiam as instrucções analogas a este nome com que se decoravam. O bispo explicava o Evangelho, e os livros sagrados, com a assiduidade de um professor, se bem que com muito maior autoridade. Punha todo o cuidado em se reportar fielmente ao que aprendera dos padres e bispos mais antigos, pela tradição que remontava até aos apostolos. Quando o bispo não podia preencher estas funcções tão importantes, e que eram as principaes do seu ministerio, encarregava d'ellas um sacerdote digno de o substituir por sua doutrina e virtudes.

Os fieis estudavam e meditavam dia e noite a lei de Deus no interior de suas casas. Ahi reliam o que tinham ouvido ler na egreja, e se recordavam das explicações do pastor. Diz S. Chrysostomo que n'aquelle tempo as casas dos christãos eram egrejas, e cada chefe de familia um pastor particular que presidia ás orações e ás leituras domesticas, instruindo a mulher, filhos e servos, sendo o primeiro a praticar as virtudes que exhortava, e esforçando-se todos em o seguir como a seu modelo.

A prova do grande cuidado que tinham os paes e as mães de bem instruir as suas familias está em se não encontrar na antiguidade nenhum vestigio de cathecismo para as creanças, nem de instrucção publica para os baptisados antes da edade da razão. A instituição dos cathecismos quaes se usam hoje nas escolas, data do concilio de Trento, e estabeleceu-se para remediar a ignorancia em que caiu a maior parte dos paes e das mães, relativamente á religião.

BAPTISMO.

Quando alguem pedia ser christão, levavam-no á presença do bispo ou de um sacerdote, que em primeiro logar observava se a sua vocação era solida e sincera. Examinavam-se as causas da conversão, e o estado; se era livre ou escravo; os costumes e a vida passada. Os que seguiam profissão infame e perigosa, ou estavam engolfados em habitos criminosos, não eram recebidos sem primeiro renunciarem effectivamente a ella, porque o zelo da conversão das almas não fazia mais condescendentes os ministros de Christo para com os que desejavam professar o christianismo.

Aquelle que era julgado capaz de ser christão, fazia-se *cathecumeno*, que quer dizer discipulo, pela imposição das mãos do bispo, ou do sacerdote commissionado da sua parte, fazendo-lhe tambem na testa o signal da cruz, orando a Deus para que lhe aproveitasse a instrucção que ia receber, e se volvesse digno do baptismo. Assistia depois aos sermões publicos, aos quaes tambem os infieis e hereticos eram admittidos. Havia cathequistas, ou mestres, os quaes velavam sobre o comportamento do adepto, e lhe ensinavam em particular os elementos da fé, sem comtudo lhe explicarem a fundo os mysterios que ainda não podiam comprehender. Instruiam-no especialmente nas regras de moral, para elle saber como devia viver depois do baptismo.

O tempo da instrucção do cathecumeno durava ordinariamente dois annos, mas espaçava-se este praso, ou encurtava-se conforme o progresso do educando. Os que pediam o baptismo, e que se julgavam dignos d'elle, davam seus nomes no principio da quaresma, para se inscreverem na lista dos competentes ou illuminados. Assim havia duas ordens de cathecumenos: os ouvintes, e os competentes; estes ultimos usavam já com anticipação o nome de christãos, jejuavam durante a quaresma como os fieis, e juntavam ao jejum frequentes orações, genuflexões, vigilias, e confissão de peccados. N'este grau eram instruidos mais a fundo, explicando-se-lhes o symbolo, ou Credo, e especialmente o mysterio da Trindade e da Encarnação. Chamavam-n'os muitas vezes á egreja para os examinar, e fazer sobre elles em presença dos fieis os exorcismos e as orações. Era a isto que se chamava escrutinios, que se observaram por muitos seculos, mesmo com as creanças. No fim da quaresma, ensinava-se-lhes a oração dominical, e instruiam-n'os succintamente dos sacramentos que elles iam receber, e que depois se lhes explicariam mais profundamente. Então aquelles que se reputavam já sufficientemente instruidos e approvados, chamavam-se eleitos, porque os separavam para serem baptisados solemnemente na Paschoa, ou no Espirito Santo, por causa da relação entre estes dois mysterios e os sacramentos do Baptismo e da Confirmação que se conferiam ao mesmo tempo.

Ordinariamente não se administrava o baptismo senão n'estas duas festas, e este costume ainda durava no decimo sexto seculo na maior parte das egrejas. Em caso de necessidade baptisava-se em qualquer dia. Os filhos dos fieis eram baptisados apenas seus paes os apresentavam, mesmo sem se esperar que tivessem os oito dias. O uso de se administrar o baptismo todos os dias indistinctamente só principiou no fim do undecimo seculo.

Desde os apostolos até ao seculo decimo quarto, e ainda mais adiante, dava-se o baptismo immergindo n'agua por tres vezes em nome das tres pessoas divinas. Não se dava por aspersão ou infusão, senão quando se não podia por outro modo, por exemplo na doença. Foi nos seculos quinze e dezeseis que se tornou universal o baptismo por infusão.

Chegado o dia do baptismo, levava-se o cathecumeno ao baptisterio, faziam-no renunciar ao demonio e ás suas pompas; eram interrogados sobre a fé, e elle respondia recitando o symbolo dos apostolos. O cathecumeno despia-se, e descia á fonte baptismal assistido do padrinho, e de um diacono, ou outro clerigo. Então o bispo ou o padre fazia-lhe a triplice immersão. Se havia duas cubas, ou duas fontes, as raparigas e as mulheres baptisavam-se á parte; eram assistidas de suas madrinhas, despidas pelas diaconas ou outras pessoas piedosas, tendo sempre o corpo coberto, ou de agua durante o acto, ou com alguma cobertura ao entrar e sair d'agua. Se não havia senão uma cuba, eram baptisados primeiro os homens, e depois as mulheres.

Aos recembaptisados chamava-se *neophytos*, que quer dizer recemnascidos, qualquer que fosse a sua edade. Davam-lhes a comer leite e mel que significava a entrada na verdadeira terra da promissão, e a infancia espiritual. Usavam durante a primeira semana do baptismo um vesti-

do branco que recebiam ao sair da fonte baptismal, como symbolo da innocencia que haviam recobrado, e que deviam conservar até á morte. Toda essa semana commungavam, porque ordinariamente se conferia o sacramento da Eucharistia logo depois do baptismo e da confirmação. O neophytismo durava um anno, durante o qual os novos christãos não podiam ser elevados ás ordens sacras, senão por mui fortes motivos.

CONFIRMAÇÃO.

Nos primeiros tempos da Egreja, era o sacramento da Confirmação como uma sequencia e complemento do Baptismo, e por isso quando o neophyto saía da fonte baptismal era conduzido ao bispo que lhe impunha as mãos, ungia-lhe a testa com a santa chrisma, e o confirmava na fé pela plenitude do Espirito Santo.

Foi a pratica mais geral até ao decimo terceiro seculo não separar estes dois sacramentos, ou aproximal-os o mais possivel; e era a razão d'isto para não deixar exposto o neophyto aos ataques do inimigo dos recemregenerados. Prevaleceu depois o uso contrario, e o cathecismo do concilio de Trento exhorta a esperar pela edade de doze annos para a Confirmação.

Havia padrinhos e madrinhas para este sacramento. Os que o recebiam levavam á egreja uma ligadura de panno branco, com a qual cingiam a cabeça depois da unção com o oleo santo, e traziam-na por sete dias. Depois perdeu-se este costume. A ceremonia de uma ligeira pancada com os dedos na face, é moderna. Quanto ás disposições necessarias para se receber este sacramento não mudaram — exige-se uma consciencia pura, fé viva, e profunda humildade.

EUCHARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Era a oração a principal occupação do christão. Juntavam-se nas egrejas aos domingos e sextas feiras para orarem em commum de modo mais solemne, e offerecerem o sacrificio incruento dos nossos altares pelo ministerio dos sacerdotes: chamava-se-lhe *ceia*, *fracção do pão*, *oblação*, *synaxe* (que quer dizer *assembléa*), *collecta*, *eucharistia*, ou finalmente *liturgia*, palavra que significa *serviço publico*.

Não havia em cada egreja, que quer dizer em cada diocese, mais de um sacrificio. Era o bispo quem o celebrava, e os sacerdotes só o faziam quando o bispo estava ausente, ou doente; porém todos os padres o ajudavam n'esta augusta funcção, e offereciam com elle a victima sem mancha. A ordem da liturgia mudou com os tempos e logares, porém no essencial foi sempre a mesma.

Eis o que se observava na maior parte das egrejas:

Depois de algumas orações liam-se as Escripturas sagradas, e acabava-se sempre pelo Evangelho, que o prelado explicava. Depois todos os assistentes se levantavam, e voltados para o oriente com as mãos erguidas para o ceo oravam por todas as pessoas, christãos, infieis, grandes e pequenos, e especialmente pelos afflictos, doentes, e todos que soffriam. Um diacono exhortava a orar; o sacerdote fazia a oração, e o povo respondia *Amen*. Depois offereciam-se os dons, que constavam de pão e vinho misturado com agua, que deviam ser a materia do sacrificio. O povo dava-se o beijo da paz, os homens aos homens, e as mulheres ás mulheres, em signal de perfeita união; depois cada um offerecia os dons ao sacerdote, que os offerecia a Deus em nome de todos. Principiava então a acção do sacrificio, sendo o povo advertido a elevar os corações a Deus, render-lhe graças, e adoral-o profundamente com os anjos e as virtudes celestes.

Depois da offerenda fechavam-se as portas, e guardadas com grande cuidado pelos diaconos ou porteiros, não as abriam, nem mesmo aos fieis, senão depois da communhão. Outros diaconos andavam pela egreja, muito devagarinho, vigiando que se não fizesse o menor motim. Havia um diacono especialmente encarregado de vigiar as creanças cujo logar era junto á cadeira do bispo, e pelo que respeitava aos mais pequeninos recommendava-se ás mães que os tivessem ao collo. Assim todo o povo, attento e silencioso, escutava com profundo respeito as orações do prefacio e da acção, a que chamamos *Canon*, porque o prelado as dizia em alta voz, e o povo respondia *Amen*, como em todas as orações.

Continua. A.

UM PONTÃO NOS RIOS DA ALEMANHA.

Pontão, ou ponte volante é uma barca muito grande e chata que serve para passar os rios. É feita de sorte, que egualando com a terra entram n'ella dois e tres coches com os cavallos e muita gente de pé. Passa com bastante ligeireza á outra parte, sem embargo das correntes arrebatadas d'alguns rios que se atravessam da mesma forma. Ouçamos um viajante do seculo passado:

«Muitas vezes não saí da carruagem em que ia, nem o postilhão descia do cavallo, e assim que chegava á outra banda, continuava a jornada sem embaraço algum. As ditas barcas são tiradas em algumas partes por cordas, e roldanas, obra que me pareceu de pouco engenho, mas de muita segurança. Usam todos os postilhões de umas pequenas cornetas de metal, que levam presas a um cordão, tecido com as mesmas côres das suas librés, que em cada provincia, ou reino são differentes. Antes de chegarem aos logares onde ha pontões para passar, tocam a dita corneta varias vezes, de sorte que se o pontão, ou barca está da outra parte do rio, trata de se fazer prompta com muita diligencia, para que a posta não tenha demora.»



NECROPOLIS DE DOCIMIA.

Necropolis é um termo grego que significa cidade dos mortos, e applicava-se especialmente aos tumulos subterraneos ou hypogeus, que os egypcios excavavam na visinhança de suas cidades; cita-se sobre todas a Necropolis de Alexandria. Na Asia Menor tambem existem muitos, e nem todos são ornados de fachadas ricas ou elegantes como os de Urgub e Myra; ha-os que não passam de simples grutas sem adorno algum; e mesmo no ultimo logar mencionado, Myra, se vêem bastantes d'este genero. D'esses hypogeus (quer dizer, subterraneos) escolhemos para exemplo, um d'aquelles em que se acham reunidos em maior numero, a necropole de Docimia. M.

ESPANTOSA INUNDAÇÃO DE MAR.

II

« Il faut avouer que nous sommes bien éloignés de pouvoir en donner une explication satisfaisente, dans l'état actuel de nos connaissances. »

Alexandre de Humboldt.

Não é sem reluctancia, que levamos mão do simples relatorio das occorrencias relativas á inundação de mar, que tão poderosamente se fez sentir no archipelago dos Açores no dia 5 de Dezembro de 1839, para lhe aventar algumas conjecturas causaes. Leigos nas doutrinas e lições das sciencias naturaes, entramos constrangidos n'este particular. De boamente quizeramos fugir-lhe, e lhe fugiramos, se não fosse o implicito reclamo que a narração precedente está fazendo d'algumas palavras, que, se não satisfaçam cabalmente a curiosidade dos leitores, deixem ao menos motivo de a entreter com pareceres e adivinhações; porque, emfim, quasi que a isso se reduz o pouquissimo, que sobre este ponto se pode dizer.

Sabios naturalistas tem parado confusos e maravilhados ante a immensidade de quejandos phenomenos maritimos, desconhecendo-lhes a origem, e contentando-se em admirar-lhes os effeitos, sem aventurarem sobre aquella mais do que contradictorias, e volantes supposições.

Este successo particular, só remotas analogias de origem nos offerece com muitos outros, frequentes nas costas asiaticas e americanas. Não virá inutil fazer aqui menção especificada d'estes, para illustrar o nosso proposito, com que parecem ter fraternidade.

João de Barros, e Diogo do Couto, nas *Décadas* ou Asia Portugueza, nos dizem, que na India lhes chamam *macaréo*, que é — «fluxo de maré... tão veloz, que não ha cavallo, por ligeiro que seja, a que a maré não alcance, quando entra pela planicie da praia.» — «Nos mares da India (lê-se n'um escripto contemporaneo) chama-se *macaréo* aquelle impeto, com que por es-

ta costa enchem e vasam as aguas do mar. Tal é a força, tamanho o arrebatamento, e violencia com que descem e sobem, que de qualquer postura que colhem os navios, se não é com a prôa direita, e muito cuidado contra a corrente, de nenhum modo escapam de trabucados.»

No *Tratado breve dos rios de Guiné*, André Alvares d'Almada, considerando a navegação do rio de *Geba*, tambem falla d'este phenomeno.— «Esta navegação (diz elle) é perigosa por causa da agua do *Macaréo*, que é encher este rio lá em cima com tres mares sómente. Estando a maré vasia, dando tres mares fica preamar de todo; (1) e antes de virem estes mares se ouve roncar um grande espaço, e mette medo ás pessoas, que nunca viram isso. E correm as embarcações grande risco.....»

A America é elle familiar. *Pororóca* no Amazonas, Maranhão, etc., como era *macaréo* na Asia; seus effeitos violentos são tão analogos, como porventura suas causas, que indubitavelmente continuam ainda hoje a ser um segredo, que a natureza tem sonegado ao olho atrevido do homem.

La-Condamine, observador experimentado e perito, nos dá testemunho da pororóca. «Principalmente em frente da grande confluente do Arawary no Amazonas (diz) pelo norte, singular phenomeno nos presenta o fluxo da maré. Nos tres dias mais convisinhos aos plenilunios ou novilunios, em que as marés são mais subidas, em logar de empregar como de ordinario seis horas a crescer, o mar se eleva em um ou dois minutos ao seu mais alto ponto. Claro está que este descomposto successo não correrá em socego. Na distancia de uma ou duas leguas já se ouve o bramido horroroso, precursor e certo annuncio da *pororóca* — que tal chamam os indios d'estes cantões a esta terrivel enchente. O rumor augmenta á proporção que ella se approxima, e logo apparece um vagalhão promontorio, d'altura de doze a quinze pés; — apoz, sobrevem outro... outro... e outro... sem espera, estendidos por toda a largura do canal. Esta vaga prosegue com uma rapidez prodigiosa; arrasa e faz pedaços quanto ousa antepor-se-lhe. Em varios logares eu vi muito terreno arrebatado por a *pororóca*, grossissimas arvores arrancadas, e toda a casta d'assolações. Tudo o que ella percorre fica tão limpo como se a praia fôra varrida cuidadosamente. Botes, canoas, e até barcas, nenhum outro refugio topam, que a tal furor as furte... senão lançar ancora em logares de muito fundo.....»

Sobre este phenomeno no Maranhão, que é— «um movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, entrando pelos rios e lagos acima com impeto inexplicavel» — nada accrescentaremos, porque substancialmente se reduz a quanto fica dito.

Conhecido n'algumas partes, nomes particulares ou accidentaes lhe impõem em cada uma d'ellas. Nas costas da Gironda, na Garona cerca de Bordeaux, onde o appellidam variamente *macáret*, *mascaret*, *barre*, é de tão sensivel violencia, que no meio de mil outros sortidos e pasmosos effeitos, faz; sem que isso admire pela frequencia, afundar as embarcações sobre a amarra! As ilhas Orcades, na parte septentrional da Escocia, não desconhecem esta corrente caudal— e quem em Cayenna perguntar por o *barre* achará ahi farta experiencia d'elle. (1)

Sendo familiares nos mares da India e da America, o *macaréo* e *pororóca* não são frequentes cá nas partes europeas — raridade, que não pouco talvez tenha concorrido para que a sciencia os conheça tão vagamente; porquanto, quasi estranho na Europa, que sem falsidade ou offensa de pundonores podemos dizer tem sido o nucleo dos sabios, d'est'arte ha sido de mais custosa e rara investigação.

Volvendo a fallar da singular inundação dos Açores em 1839 — depois de termos apresentado o bosquejo de alguns successos analogos, que periodica ou extraordinariamente occorrem em longinquas plagas — diremos, que o dia 5 de Dezembro não tomou desprecatadas as ilhas portuguezas. A de San-Miguel tem por vezes experimentado taes assolações, e ainda que a sua historia não seja mui particular na relação das

(1) «*De todo* não fica;—nota José Joaquim Lopes de Lima — porque ainda depois d'estes mares continua a encher por mais tres horas, no fim das quaes — vasa por seis horas,— e seguem-se então tres horas de baixa-mar, durante as quaes vae successivamente crescendo o ronco que causa o impeto do mar d'encontro ás corôas d'areia até que chega a romper nos tres mares do *macareo*.»

(1) Não podemos resistir á tentação de trazer para aqui a formosa descripção que do *barre* faz um dos mais eloquentes e poeticos escriptores francezes. — «... Nous entendîmes au loin un bruit sourd, mugissant, semblable à celui d'une cataracte... J'aperçus a la blancheur de son écume, une montagne d'eau qui venait à nous du côté de la mer, en se reulant sur elle-même. Elle occuppait toute la largeur du fleuve, et surmontant ses rivages à droite et à gauche, elle se brisait avec un fracas horrible parmi les troncs des arbres de la fôret Dans l'instant elle fut sur notre vaisseau, et le rencontrant en travers, elle le coucha sur le côté: ce mouvement me fit tomber dans l'eau. Un moment après, une seconde vague, encore plus élevée que la première, fit tourner le vaisseau tout-à-fait. Je me souviens qu' alors j'entendis sortir une multitude de cris sourds et étouffés de cette carène renversée...»

«Cette montagne d'eau est produite par les marées qui entrent de la mer dans la Seine, et la font refluer contre son cours. On l'entend venir de fort loin, sur tout la nuit. On l'appelle *la Barre*, parce qu'elle barre tout le cours de la Seine. Cette barre est ordinairement suivie d'une seconde barre encore plus élevée, qui la suit à cent toises de distance. Elles courent beaucoup plus vite qu'un cheval au galop.» — Bernardin de Saint-Pierre, OEUVRES COMPLETES (ed. d'Aimé Martin) na *Arcadie*, t. 7.° dos *Etudes de la Nature*, p. 132 e 375.

enchentes anteriores, assim mesmo de algumas d'ellas nos legou pungente memoria.

Por occasião do espantoso terremoto, que soverteu Lisboa, no 1.º de Novembro 1755, muitos tremores de terra, acompanhados d'uma extraordinaria inundação de mar, destruiram algumas povoações d'aquella ilha, e em Ponta-delgada a enchente entrou e assolou as ruas convisinhas ao litoral.

No meio de ventos violentissimos, com o celebre temporal de 25 d'Agosto 1779, o mar furioso e descomposto, elevado a uma altura desmesurada, entrou por muitas vezes a mesma cidade, cercando de todos os lados a egreja matriz de San-Sebastião, e espraiando-se, como outros tantos braços de rio, pelas ruas adjacentes. Por sobre o penedo *amarello*, no areal de Santa Clara, doze pés acima do nivel do oceano, no extremo occidental de Ponta-delgada, arrojou o mar um navio até ao poço (distante do penedo duzentos e quarenta pés) e da tripulação só pôde salvar-se um homem.

Apoz isto não veiu de novo a inundação de 1839. Acompanhada de cortejo horroroso chegou ella! Mais vehemente sobre a madrugada, tomou incremento espantoso com o dia. Felizmente não durou muito, e dentro de poucas horas já a violencia do phenomeno declinava. Uma atmosphera pesada e escura — nuvens continuadas e espessas — altissimas vagas d'um espantoso colorido, como montanhas encobrindo todo o horisonte, succedendo-se, revesando-se, rolando furiosas sobre a praia, aluindo e desconcertando não só todas as obras dos homens que lhe ficavam diante, mas tambem as rochas naturaes, de que despregavam muitos borcelos, subvertendo tudo quanto se oppunha á sua inopinada violencia arrebatadora — taes eram alguns dos prospectos, que apresentavam os succedimentos d'aquelle dia!

Seria este phenomeno produzido por um desregramento ou desconcerto da grande corrente submarinha, que saindo do golpho do Mexico, toma a altura de Newfoundland, passa pelos Açores, e emfim, apoz outras rotas, vae entranhar-se no Mediterraneo?

Seria uma tempestade maritima, gerada n'esta paragem, ou consequencia d'outras mais longinquas?

Seria o *macaréo* ou *pororóca*, ainda que não reagindo sobre nenhum rio, mas só por paridade de seus effeitos mais genericos? O já citado La-Condamine, fallando da *pororóca* e querendo afeiçoar-lhe uma explicação plausivel, escreve — «. . . . Notei sempre, que ella não sobrevinha senão com a enchente da maré, a qual represa em canal estreito, topava no caminho com um banco d'areia ou fundo alteado, que se lhe oppunha, e que só aqui principiava este movimento impetuoso e irregular das aguas, que cessava um pouco além do banco, quando o canal se profundava ou alargava consideravelmente.» N'este mesmo sentido tambem parece escrever Lopes de Lima, (1) fallando dos bancos d'areia ou corôas de Goiajé, que obstruem o rio de Geba na Guiné-portugueza, e dizendo — «. . . Estas corôas ou *dunas* d'areia, tomam o rio quasi de banda a banda, deixando apenas um caneiro estreito, por onde mal podem passar duas canoas a par durante um bom espaço do rio, e como são mui altas represam ali a maré por tres horas, o que nas grandes marés de conjuncção de lua produz o phenomeno do *macaréo*, o qual não deixa de ser perigoso para as embarcações, que se acham n'aquelle canal ao tempo que as aguas represadas rompem com furia aquelle dique natural.»

Mas a respeito das razões em que La-Condamine assentou para illustrar a *pororóca*, disse o sabio naturalista Patrin: — «Parece-me que o phenomeno da *pororóca* se pode explicar pelas razões de La-Condamine, tanto como os furacões se podem julgar effeitos de simples alteração no equilibrio da atmosphera, que quando muito produziria uma ligeira viração.»

«Seria a nossa inundação consequencia de contra marés, que violentamente se debatessem, correndo de pontos oppostos? — Esta hypothese achou ecco em muitos espiritos. Um velho experimentado maritimo michaelense foi um dos que primeiro suscitaram similhante idéa. — Eram, dizia elle, marés correntes do noroeste e sueste, E para muita gente isto se constituiu em facto averiguado. — Não o fôra comtudo assim, nem o podia ser, para os mais escrupulosos, acostumados a razões logicas e demonstraveis. Um entendido, escrevendo sobre isto, disse e com muita sensatez — «O que. . . não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos.» (2) E o mesmo Patrin o vem

(1) *Ensaios sobre a Statistica das Possessões Portuguezas no Ultramar*. L. 1.º Part. II. pag. 107 e seg.

(2) «*O dia 5 de Dezembro de 1839 na cidade de Ponta-delgada.* — O espantoso phenomeno maritimo, novo entre nós, extraordinario, e para sempre memoravel, observado, e gravemente sentido no dia 5 do corrente, não é estranho nas ilhas francezas americanas, e em outros pontos do globo. Dão-lhe ahi o nome de Ras-de-marées. Tem logar este phenomeno desde o principio do mez de Novembro até o meiado d'Abril, especialmente em Dezembro, e Janeiro; e sempre junto das costas, ou praias, ainda que em pouca extensão d'ellas. Tão violentos, e tão impetuosos são os assaltos das desmesuradas ondas, que submergem, d'ordinario, as embarcações ancoradas, ou amarradas nos portos, e enseadas. — Sabido é que a terribilidade dos vagalhões junto das praias lhes provém de se recurvarem sobre si mesmas as vagas, augmentando de volume, e de se quebrarem com fragor horrendo. — *O que porém não está bem averiguado ainda é a causa da apparição de tão destruidores effeitos.* — Dos naturalistas julgam uns serem furacões, ou tempestades locaes, independentes do sopro dos ventos. Para si tem outros serem consequencias de procellas, que em outras partes reinaram. Outros emfim presumem não serem mais do que *contra-ma-*

roborar, quando diz que a *pororóca* é — «um facto extraordinario, de que fôra difficil descobrir a origem, com a qual nem mesmo La-Condamine parece ter acertado.»

Seria um effeito vulcanico? — Esta opinião, que ao primeiro aspecto parecera improducente, tem por si, no caso isolado de que fallamos, as leis e theorias da sciencia. Com tantos vestigios vulcanicos, e com muitos respiradoiros, seria disputar ao sol a faculdade de allumiar, negar, que o archipelago dos Açores é sobreposto a um vasto laboratorio de fogos interiores. Que muito, pois, que esta verdade nos empreste meios de alcançar a solução do nosso problema? A enchente não parecia partir de mui longe: a uma milha da costa talvez o seu impeto já fosse irreconhecivel. As tripulações de alguns navios de levante, que se mantinham durante o successo a pouca distancia, foram unanimes em declarar, que na altura porque então andaram, as aguas não apresentavam nenhum caracter extraordinario, que revelasse o que ia junto da costa, que demorava perto. — Assim, por qual outra causa seria senão por uma subterranea reacção vulcanica, onde as materias em combustão se inflammassem e debatessem, — não com a força de projecção bastante para produzir um respiradoiro, romper, e ultrapassar a crusta do globo terrestre — mas conseguindo apenas subleval-a, temporaria ou permanentemente? Não seria por esta alteação inopinada, que as aguas arrojadas d'aquelle fundo em que repoisam, e violentadas talvez por concussões repetidas viessem furibundas, debater-se contra as costas proximas? Muitas outras causas podiam soccorrer esta hypothese: o *novilunio* e a acção dos ventos seriam sobejas. A influencia das conjuncções lunares sobre o movimento das aguas não ha ahi quem a conteste ou ignore; e o poder dos ventos é tão portentoso que o genio de La-Place creu só por elle explicar satisfatoriamente a causal da grande corrente de oriente a occidente, dita equinocial.

Que mais razões podemos aventurar aqui? — Observações meteorologicas ninguem as fazia então. (1) Podiam concorrer muito para illustrar, e porventura fixar a theoria d'este phenomeno, restando á historia sómente dizel-a, e não adivinhal-a, como agora lhe succede.

Se ainda assim não puder satisfazer a alheias curiosidades o pouco que dito fica, pegar-nos-hemos ao argolão dos mysterios, e sem força para explicarmos convincentemente este notavel caso, saberemos ao menos defender-nos, dizendo, como o precitado naturalista francez: — «Nas grandes massas de fluidos, que cobrem o globo terrestre, ha movimentos espontaneos, animando cada uma de suas moleculas, que não são de maneira alguma mecanicos, e cujo principio nos é tão incognito como aquelle, que produz a circulação do sangue nas veias; e pode ser que n'isto não falte analogia.» (1)

José de Torres.

BIBLIOTHECA DE ALEXANDRIA.

O Egypto, que por tantos annos foi um paiz classico das lettras, achou-se successivamente dominado e subjugado pelos persas, gregos, romanos, e arabes.

Sabe-se que os gregos tiveram o Egypto em subjeição por mais de trezentos annos. Morto Alexandre, o throno foi occupado pela dynastia macedonia dos Lagidas que ahi reinaram por duzentos e noventa e quatro annos, até á morte de Cleopatra.

A famosa bibliotheca de Alexandria, fundada e enriquecida pelos primeiros Ptolomeus, constava de setecentos mil volumes quando os romanos a incendiaram, na occasião em que Cesar cercava esta cidade. Reformou-se depois com duzentos mil volumes da bibliotheca de Pergamo, donativo feito por Antonino a Cleopatra. No tempo do imperador Theodosio, o Maior, foi outra vez incendiada pelos christãos, que lançaram fogo ao templo de Serapis, onde ella estava collocada. Novamente a incendiaram os arabes, queimando os restos que ainda ali havia de livros profanos, e ecclesiasticos colligidos pelos christãos.

JANELLA GOTHICA.

Em Agosto do passado occupando-se alguns trabalhadores na obra de apearem o lanço da muralha do angulo sudoeste no edificio denominado Guildhall, que são os paços do concelho, ou palacio da corporação municipal de Londres, descobriu-se esta janella, que se presume estar entaipada na parede desde o grande incendio de Londres em 1666; e bem se vê que em parte achou-se exposta á acção do fogo: as suas

rés, isto é, marés que se encontram, vindo cada uma de seu lado opposto, formando muitas vezes, e em certas paragens, correntes rapidas, e perigosas...» — O *Monitor*, n. 45, de 11 de Dezembro 1839.

(1) Depois d'isso houve quem as fizesse, e cuidadosamente, por alguns annos. Alludimos aos curiosos e scientificos trabalhos de mr. Thomaz Carew Hunt, consul geral de sua magestade britanica nos Açores, residente na ilha de San-Miguel, cavalheiro da maior distincção e affabilidade. Sob o titulo de *Observações Meteorologicas* os publicou regularmente e no decurso de annos, desde 20 d'Outubro 1844 no importante jornal *O Agricultor Michaelense*. É digno de ler-se o seu artigo sobre o *Clima dos Açores*, a pag. 169 do *Almanak Rural dos Açores para o anno de 1851*, mandado publicar pela benemerita Sociedade Promotora da Agricultura Michaelense.

(6) *Nouveau Dictionnaire de Histoire Naturelle*, verb. *Mer*, artigo de Patrin.

molduras e repartimentos são de pedra calcarea, n'alguns logares calcinada quando outras porções estão perfeitamente intactas.

Forma esta janella duas frestas envidraçadas ao uso d'aquelles tempos; a peça do meio que divide as frestas tem de altura quatro pés até onde faz arco; e a largura é de cinco pés de hombreira a hombreira; a parede em que está mettida tem quatro pés de grosso.

M.



JANELLA GOTHICA.

HOFFMANN!

Continuação.

II

Somos chegados á epoca em que começa para Hoffmann a verdadeira gloria. A esphera dos seus estudos alarga-se, pelo ardente desejo de saber que o accommette. O seu talento variado desinvolve-se com mais actividade, na presença d'aquella sociedade tão adiantada no caminho da civilisação. O poeta, o musico, o pintor sente duplicarem-se-lhe as forças da intelligencia, pelo contacto de homens já conhecidos no mundo artistico, taes como Hitzig, Voss, e Zacharias Werner; lança-se com assiduidade ao trabalho: compõe peças musicaes, faz quadros, escreve livros; e toda a cidade presta homenagem aò seu raro engenho.

Hoffmann foi feliz em Varsovia, porém essa ventura não durou muito tempo.

Apesar do ruido de uma grande povoação, que muito o contrariava em seus estudos, como elle graciosamente conta em uma poetica carta ao seu fiel amigo Hippel; apesar mesmo dos enfadonhos trabalhos do fôro, a que o obrigava o seu emprego de magistrado: Hoffmann achou tempo para compor a musica de tres operas — *A Charpa e a Flor*, — *O Conego de Milão*, e — *Os Musicos galhofeiros*. — Além d'isso, encarregou-se de fazer prosperar uma sociedade philarmonica, que existia em Varsovia, a tal ponto, que alcançou comprar para ella o palacio Mniszk,

onde se deram repetidos concertos musicaes. Hoffmann incumbiu-se de decorar, pela sua mão, a grande sala d'aquelle palacio, aonde elle proprio devia figurar como membro da orchestra. O conselheiro trocava a miudo a toga pelo avental do pintor; e muitas vezes, erguido sobre um andaime, cercado de potes de tinta, e com uma garrafa de vinho do Rheno ao alcance da mão, dava audiencia na sala da philarmonica aos litigantes, que reclamavam justiça. Á noite, operando terceira metamorphose, embriagava com as harmonias da sua rebeca um auditorio de entendedores.

Porém uma tarde, a 28 de Novembro de 1806, a cavallaria de Murat entrou em Varsovia. No dia seguinte o marechal Davoust, arrojando os cossacos para além do Vistula, tomou posse da cidade. A 19 de Dezembro, ás duas horas, chegou Napoleão á capital da Polonia. A 8 de Julho de 1807, creava-se o ducado de Varsovia, e era entregue o seu dominio ao rei de Saxonia.

Hoffmann estava pois desempregado, e foragido tambem. Os bellos dias de prazer tinham voado. Da tristeza proveiu-lhe uma grave enfermidade; e, viu-se sem recursos pecuniarios, sem protectores, nem amigos, preso ao leito da doença!

Não tendo podido alcançar em Berlin uma collocação official, começou a dar lições de musica, para não morrer de fome. Por pouco que não teve a sorte dos grandes poetas!...

O seu amigo Hitzig alcançou-lhe, a muito custo, a nomeação de chefe da orchestra do theatro de Bamberg; e Hoffmann partiu alegre a desempenhar o seu novo cargo, bem differente do que occupara em Varsovia. Mas oh fatalidade! Á sua chegada não encontrou o director do theatro, que havia fugido com o peculio da companhia! Os actores, que não podiam pagar aos musicos, resolveram-se a declamar em vez de cantar; e Hoffmann, amoldando-se ás circunstancias com stoica philosophia, decidiu-se a fazer versos em logar de reger a orchestra. E foi applaudido.

Porém os reditos do seu novo emprego eram insignificantes. Para melhorar um pouco a situação em que se achava, Hoffmann escrevia artigos para a *Gazeta musical* de Leipzig, mas ainda assim a sua penuria era extrema.

Um dos seus biographos, *Emile de la Bédollière* (a quem seguimos, em parte, n'este estudo) menciona como prova da triste verdade que apontámos, o final de uma carta, escripta por Hoffmann ao editor d'aquelle jornal; dizia assim:

«N'este momento não tenho nada, não sou nada; mas quero tudo, sem saber precisamente o que.»

Uma febre nervosa, aggravada pelo doloroso sentimento da perda de sua unica filha, esteve a ponto de fulminar o pobre Hoffmann, privando a litteratura de um de seus mais bellos ornamentos — *Os Contos phantasticos!* Felizmente, quando o anno de 1808 tocava o seu termo, tinha Hoffmann melhorado de saude e de fortuna.

Por influencia do conde Julio de Soden, o nosso poeta é empregado em um novo theatro de Bamberg, sob a direcção de Holbein, homem emprehendedor e honrado, mas decidido a enriquecer em pouco tempo, ou a perder o seu ultimo real. Hoffmann torna-se machinista, architecto, musico, pintor, tudo, n'aquelle theatro. A concorrencia publica o anima a trabalhar sem descanso.... porém um bello dia, por mero capricho, Holbein larga a direcção do theatro, e abandona Bamberg, deixando outra vez o seu machinista a braços com a miseria!

Quando já tinha vendido a ultima casaca para comprar um pedaço de pão, Hoffmann encontra de novo a sua segunda Providencia, o seu amigo Hitzig, que lhe alcança o logar de chefe d'orchestra no theatro de Dresde.

O magistrado lança mão, outra vez, do arco da rabeca, e põe-se a caminho da capital da Saxonia.

N'esta cidade, se a fortuna lhe não foi mais propicia, teve ao menos a consolação de encontrar o seu melhor amigo, Hippel; e a amisade lhe fez esquecer um momento os seus infortunios.

A miseria de Hoffmann não provinha de mandreice ou orgulho; o ex-conselheiro prestava-se a todos os trabalhos, de qualquer ordem que elles fossem, como temos observado. É que tambem na Alemanha, pelo menos n'aquelle tempo, como em Portugal, ainda hoje, é muito difficil alcançar uma posição independente pelas bellas artes, em quanto se não cria uma grande reputação artistica.

Hoffmann toca rabeca, compõe operas, faz caricaturas; mas a nudez está a bater-lhe á porta!

N'este miseravel estado o encontrou Talma, em Dresde, quando ali foi dar algumas representações em francez, ao mesmo tempo que Hoffmann introduzia no theatro alemão as comedias de Calderon de la Barca.

Em 1810 escreveu o incansavel Hoffmann a sua admiravel analyse do *D. João*, de Mozart, e as *Idéas de Kreissler sobre a musica.* (Kreissler é um pseudonymo que elle adoptou para si.) Nos intervallos que lhe deixavam os trabalhos litterarios e musicaes, pintou a fresco a torre do castello de Altenbourg!

Em Abril de 1813 passou a dirigir a orchestra da companhia de *Joseph Secondo*, que representava alternativamente em Dresde e em Leipzig; e, segundo se deprehende de uma carta sua, datada d'esta ultima cidade, passava então a vida mais alegremente, postoque os meios pecuniarios lhe não sobrassem.

Hoffmann possuia uma intrepidez natural, que tocava as raias do heroismo, quando alliada com a gastronomia. Eis um exemplo d'esta verdade. Estava elle em Dresde, a 26 de Agosto de 1813, no meio da terrivel luta do exercito francez com

os alliados, quando, no momento de entrar em casa, lhe passou uma bomba por cima da cabeça, que foi rebentar entre quatro caixões de polvora. Depois outra, e outras estalaram na praça, e os moradores da casa, aonde Hoffmann habitava tambem, trataram de se pôr ao abrigo da artilheria. Deixemos que o proprio heroe termine esta narração.

«A cada explosão não se ouviam senão gritos, soluços, lamentos... e nem um copo de vinho ou de *rhum* para fortificar o coração! Escapei-me pela porta travessa, e corri para casa do actor Keller, aonde achei que beber. Estavamos nós, de copo em punho, em uma sacada, que dava sobre o Mercado Novo, quando outra bomba rebentou na praça. Um soldado de Westphalia ficou com a cabeça espedaçada; e um paisano, bem vestido, caiu perto d'elle. O pobre burguez tentou erguer-se; mas tinha o ventre aberto, e os intestinos saíam-lhe pela ferida; baqueou de novo, e expirou. Keller deixou cair da mão o seu copo; eu despejei o meu, exclamando: O que é a vida? Como o homem é fraco! Não poder supportar o choque de um pedaço de ferro!»

Apesar d'esta insensibilidade, um pouco egoista, Hoffmann amava a sua patria, e a retirada dos francezes causou-lhe uma sincera alegria. Parecia-lhe que, depois da sua partida, se respirava mais livremente. E postoque atacado de um pleuriz e de rheumatismo gotoso, esqueceu o soffrimento para ridicularisar em caricaturas os invasores da Alemanha.

Ainda doente, em Leipzig, no principio do anno 1814, Hoffmann terminou a sua opera *Ondina*, que mereceu os applausos do publico, e o que é mais, os elogios de Weber, o illustre autor de *Freyschutz*.

O nosso *maestro* legou á posteridade, além dos trabalhos musicaes já mencionados, as operas —*Amor e ciume*, e — *A taça da immortalidade*. Muitas symphonias, trios, quartetos, um *miserere* e um *requiem*.

Até esta epoca, Hoffmann era mais conhecido como musico, e como pintor, do que como litterato; mas a datar de 1814 é por esta especialidade que vae tornar o seu nome eterno.

Dos seus artigos publicados na *Gazeta* de Leipzig, accrescentando-lhe alguns ineditos, formou um volume, que publicou sob o titulo de *Phantasias no gôsto de Callot*, por E. T. A. Hoffmann. Não se sabe por que, havia mudado o seu ultimo prenome (Guilherme ou Wilhelm) para Amadeu.

Em Setembro do mesmo anno voltou Hoffmann a Berlin, aonde encontrou o bom amigo Hitzig; e alcançou em breve, por intervenção do seu Pylades, o constante Hippel, um honroso logar, que conservou até á morte, conselheiro da camara real de justiça na mesma cidade.

A miseria tinha acabado de uma vez para Hoffmann; a abundancia, apar de um nome glorioso, embalava docemente o poeta. Porém o homem que conhecia bem o mundo pela experiencia, fugia do tumulto da côrte para o seio da amisade; e ligado estreitamente com Hitzig, magistrado, critico, e criminalista distincto, com Adalberto de Chamisso, autor da curiosa historia do *Homem que perdeu a sua sombra*, com o romancista Contessa, o doutor Koreff e poucos mais, creou uma sociedade litteraria, que se denominou de *Serapião*, aonde se discutia litteratura, philosophia, magnetismo, e se contavam historias e legendas.

Era ahi que Hoffmann patenteava as suas mais phantasticas inspirações; e d'estas palestras diarias nasceram os seus immortaes *Contos*, o mais bello florão da sua corôa artistica.

Continua.

F. M. Bordalo,

CINTRA.

Cintra, amena estancia,
Throno da vecejante primavera,
Quem te não ama?
Camões — poema de Garrett.

Cintra, Cintra, se eu tivesse
Do Tasso as inspirações;
Ou a lyra harmoniosa
Do nosso grande Camões!
Se eu hoje fosse inspirado,
Como o Dante enamorado,
Com o seu estro immortal!
Com ardor eu te cantara,
Os meus cantos te offertara,
Pois não tens belleza egual!...

Tudo em ti é aprazivel,
Tudo bello e seductor!
De manhã, de tarde, á noite,
Sempre nos fallas d'amor!
Tu encerras taes encantos,
Teus attractivos são tantos,
Como eguaes não encontrei!
És p'ra mim a mais formosa,
A mais linda e primorosa,
Das terras por onde andei!

Onde tem mais poesia
O nascer e o pôr do sol?
Onde é mais harmonioso
O canto do rouxinol?
Onde mais formosas flores,
Palacios mais seductores,
Nós iremos encontrar?
Onde mais amenos prados;
Arvoredos mais copados,
Poderemos admirar?...

Lá sobre a serra escarpada,
Que magestoso não é,
O castello dos reis moiros
Erguendo-se inda de pé!

Com suas fortes muralhas,
Testemunhas das batalhas,
Que o tempo fez olvidar!
Quando as quinas levantadas,
No meio das nossas espadas,
Lá se foram hastear!...

E no mais alto da serra,
Da *Pena* o paço real!
Com os seus lagos tão bellos,
Suas fontes sem rival!
Com seus bosques seductores,
Seus jardins e suas flores,
Sua belleza sem par!
Lá n'esse monte elevado,
Que da terra levantado,
Quer os astros dominar!...

Acredita, ó minha Cintra,
Que nas terras onde andei,
Formosura egual á tua,
Em nenhuma eu encontrei!
Eu n'ellas não desfructava,
O prazer que em ti gosava,
Nem achei encanto egual;
Pois tu és a mais formosa
A mais bella e magestosa
Das terras de Portugal!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Foi esplendida a funcção do recebimento das reliquias doadas por D. João de Borja, e o principe cardeal, e archiduque Alberto regente d'este reino de Portugal, sob o dominio de Castella, ordenou que para noticia d'este acto se recolhesse em narração de historia tudo quanto a este respeito se passou.

Approvadas as reliquias, ordenou-se a procissão com que foram transferidas da Sé para a casa de S. Roque. Ornaram-se as janellas e paredes das ruas, por onde tinha de passar, e na vespera se illuminou com lanternas a fachada da egreja de S. Roque, e se fizeram fogueiras no adro, lançando-se fogo ás respectivas barricas de alcatrão com grande alvoroço de charamelas e repiques de sinos. Houve janella que se alugou para o dia da festa por quarenta cruzados, e casas por trinta mil réis.

Aos 25 de Janeiro de 1588 teve logar a solemnidade, e o prestito começou a sair da Sé pelas nove horas da manhã. Iam diante de tudo os meninos da Doutrina com suas capellas na cabeça, e ramos verdes nas mãos, indo no coice, ordenados em procissão tambem com ramos e capellas de flores, os meninos que já andavam em habitos de frades. Levavam elles n'uma charola doirada a imagem do Menino Jesus, e no mesmo andor, dois meninos de vulto, vestidos em habito de S. Domingos, e na attitude de estarem comendo com o Menino Deus; o que era representação de um caso, que se dá por succedido em Santarem. Acompanhavam esta charola dez meninos vestidos de damasco carmesi com capellas de flores na cabeça; e quatro d'elles levavam diante castiçaes de prata, com suas velas brancas acesas, e os outros salvas de prata, com varias insignias e divisas do Menino Jesus. Seguia-se a capella da Doutrina com musica de motetes e cantigas devotas, acompanhando-a o celebre padre mestre Ignacio.

Iam logo as bandeiras dos officios da cidade de Lisboa, e algumas folias e danças da mesma cidade, e entre estas uma de pastores.

Seguiam-se as confrarias e irmandades, que foram em numero de mais de cincoenta, indo os confrades com seus habitos e divisas, capellas de flores na cabeça, ou lyrios nas mãos. Só a confraria do Santissimo da Magdalena levava cento e vinte confrades, com suas opas de grã e escarlata, capellas, e tochas de quatro pavios, e suas particulares charamelas, das quaes havia varias ordens e ternos por toda a procissão, repartidas por seus intervallos. Pelo meio iam as cruzes d'estas confrarias, e de todas as freguezias da cidade, que passavam de cem.

Vinham depois trezentos religiosos, que eram cento e dez da ordem de Nossa Senhora do Carmo; cem de Santo Agostinho; cincoenta de S. João; e os restantes, padres da Companhia da casa de S. Roque, e Collegio de Santo Antão. Levavam tochas nas mãos.

Seguia-se aos religiosos grande numero da cleresia, indo no coice de uma parte o cabido da Sé, e da outra os capellães da capella real.

O pallio era levado de um lado pelos capellães regios, e do outro pelos conegos.

Pelo meio dos religiosos e cleresia iam distribuidas as reliquias em doze andores, feitos de novo para este acto, ricamente guarnecidos de oiro e sedas. Eram levados aos hombros por quarenta e oito clerigos, revestidos em almaticas ricas.

Os andores não iam todos juntos, mas divididos de quatro em quatro. Os primeiros, entre os religiosos que vinham diante: os quatro do meio quasi no fim de todas as ordens: os derradeiros no coice da procissão entre a cleresia.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

A verdade pode calar-se, ou dizer-se; mas nunca adulterar-se, nem contradizer-se.



TORRE DE RAGÉS.

A pouca distancia de Teheran, capital do imperio da Persia, ha uma torre de construcção singular entre as ruinas da antiga Ragés, cidade mencionada na Sagrada Escriptura, no livro de Tobias, cap. IX, e aonde este foi por mandado de seu pae buscar o dinheiro que lhe devia Gabelo; e ahi mesmo é designada como cidade dos médos: *et vadas ad Gabelum in Ragés civitatem Medorum;* e de facto passou na antiguidade por ser a segunda da Média. Passando a ter varios nomes no tempo dos romanos, e por ultimo os turcos e arabes lhe chamaram Rel ou Razi, de que existem restos dispersos.

Difficil é saber se a torre, ainda de pé, pertenceu a algum palacio dos antigos persas. É construida de tijolos, de figura redonda, dividida em vinte e quatro repartimentos, cada um dos quaes forma dois lados de um triangulo, cuja base mede sete palmos e quarto; a altura da torre, segundo o viajante Ker-Porter, é de oitenta e sete palmos, e já não existe a parte que a cobria. A entrada é por uma porta extremamente adereçada de ornatos. Extramuros da cidade acha-se mais outra torre circular, em tudo similhante e egualmente descoberta, porém construida de cantaria. M.

Onde a vontade exclusivamente impera, nada pode o raciocinio.

MINAS DE PORTUGAL.

A gazeta de Leipzig estabelece como principio que o ferro, e o carvão são hoje em dia os primeiros agentes da moderna civilisação. Com effeito, se notarmos que estes mineraes são a alavanca principal da industria, e que o desinvolvimento d'ella produz o da intelligencia do homem, pela necessidade em que o colloca do estudo das principaes sciencias, e das suas applicações; não poderemos deixar de concluir, que o principio estabelecido é incontestavel, e deve tomar-se como um axioma.

Por maiores que sejam os desejos de implantar ou desinvolver a industria fabril em um paiz aonde faltem estas materias; por mais efficaz que pareça a protecção officialmente concedida; a industria viverá vida mesquinha, rachitica, e enfesada — vida emprestada — e a sua duração será ephemera, quaesquer que sejam os sacrificios feitos para lh'a conservar.

Procurar, portanto, o carvão e o ferro, não é menos necessario á prosperidade de uma nação, do que promover a instrucção do povo, dotar o paiz com boas communicações, ou quaesquer outras coisas de reconhecida utilidade.

Sem communicações faceis não ha commercio que mereça este nome; sem ferro e carvão não pode haver industria que prospere.

O mesmo jornal estranha que a Hespanha, tão

rica em jazigos de ferro e carvão, se conserve ainda hoje tributaria ao estrangeiro de não poucos milhões de reales annuaes, pela acquisição de materias, que podia obter de si propria, se a lavra das minas tivesse ali tomado o devido incremento; comtudo, ainda que o reparo é justo, e verdadeiro o desfalque da riqueza nacional, a emancipação da industria pode de um momento para outro realisar-se n'aquelle paiz, porque se os jazigos que occultam similhantes materias não estão explorados, ao menos não se ignora a existencia d'elles.

Na Europa ha unicamente um estado aonde se não lavra o ferro. Em todos os mais as minas de ferro e de carvão, são procuradas com extrema avidez. As sciencias naturaes e economicas, e com especialidade a physica, a chimica, e a mechanica, como que disputam entre si á porfia, sobre qual hade prestar maior somma dos seus innumeraveis recursos, e resolver os mais complicados problemas sobre o tratamento do ferro em todos os periodos da sua laboração. Os gazes, o calorico, até ha pouco perdido, nos altos fornos o emprego do ar quente, tudo é aproveitado, e recebe a mais admiravel e intelligente applicação no beneficio do ferro. D'est'arte se diminuiu o trabalho e a despeza, e o que se reputava inutil, ou de pouco proveito, tornou-se um novo e poderoso agente, e mais um elemento productor de grande riqueza.

Ao progresso das sciencias se deve, que paizes aonde se não fabricava o ferro, tenham hoje em actividade altos fornos, e forjas: que outros, aonde esta industria ameaçava de succumbir, ou de se amesquinhar, pela falta do combustivel vegetal, recobrassem, e até desinvolvessem a energia primitiva, alargando o seu campo d'acção industrial. Effeito maravilhoso dos novos agentes de calorico, que a physica e a chimica descobriram, e que a intelligencia humana tão vantajosamente soube aproveitar, supprindo assim uma falta, que a principio parecia irreparavel.

No estado de adiantamento em que actualmente se acha este ramo da industria, pode-se, sem grave offensa, appellidar de semibarbaro o povo, que não possuir ao menos um alto forno, ou uma forja de beneficio do ferro.

Por vergonha nossa (com profunda magoa o dizemos) o unico paiz da Europa aonde se não beneficia um gramma de ferro, é Portugal!! E Portugal tem minas de ferro em quasi todas as suas provincias!!

O viajante que percorrer este paiz em todas as direcções, encontrará repetidas localidades com a denominação de *ferrarias*, aonde achará patentes os vestigios que a justificam, denunciando que n'esses logares houveram outr'ora trabalhos de mineração e fabrico do ferro. Ainda não teem decorrido muitos annos desde que foi abandonada a lavra das minas de Chapa Cunha, de Thomar, e Machuca. A fabrica da foz d'Alge, aonde se tratava o ferro das minas das proximidades de Figueiró dos Vinhos, Pedrogão, Maçãs de D. Maria, Portella do Braz, e outros logares, fechou-se em 1833.

Vê-se pois que as gerações passadas não descuidaram a mineração e fabrico do ferro, e se as suas modestas forjas não tinham o apparato nem as vantagens dos estabelecimentos modernos, ao menos provavam que os portuguezes de então acompanhavam, quando não precediam, os outros povos na carreira da civilisação.

Assim se obtinha então não só o ferro metalico para satisfazer as necessidades da industria agricola, e para todos os usos da vida, como tambem para o fabrico dos canhões, e projectis que se empregavam nas guerras. Estava comtudo reservado para os portuguezes d'este seculo, não terem sequer uma forja de beneficio do ferro!

Se outros factos não attestassem o nosso atrazo, este, só por si, bastaria para o provar.

Talvez se diga que a falta do carvão mineral é, entre nós, a causa unica de se não poder continuar o fabrico do ferro; porém, se, até certo ponto, esta falta é bastantemente sensivel, ella não é todavia a verdadeira causa da interrupção d'aquelle fabrico, e se o paiz tivesse um bom systema de faceis vias de communicação, se se tivesse tratado de crear novas florestas, e conservar as que existiam, e estabelecido convenientemente a policia d'ellas, não teriamos passado pelo desar de ver interrompida a mais util e principal base de toda a industria.

Na Hungria, na Corinthia, em muitos dos estados da Alemanha, na França (e na propria Inglaterra, ainda ha bem poucos annos) fabrica-se muito ferro com o carvão vegetal, e hoje, mais do que nunca, se ventila a conveniencia do emprego de ambas as especies de combustivel no tratamento do ferro, preferindo uma ou outra segundo os diversos periodos do seu fabrico, ou a applicação a que é destinado.

Se os governos se compenetrassem da utilidade de promover a todo o transe o progressivo, porém rapido, incremento da industria; se os diversos partidos depuzessem antigos odios, e volvessem a sua attenção para os verdadeiros interesses do estado; se se comprehendesse que sem industria não ha civilisação digna d'este nome, porque a industria não é outra coisa mais do que a sciencia, e a intelligencia em acção — a nobilitação do homem; se o egoismo vil desse logar á razão, e se não protegessem ignorantes, especuladores abjectos e charlatães, por considerações indignas de gente honrada, a industria do fabrico do ferro havia de em breves annos chegar em Portugal ao grau de prosperidade que tem attingido entre os outros povos, e com ella medrariam todas as mais industrias, e floresceria o commercio interior e exterior.

O carvão fossil é, sem duvida, o combustivel mais economico que se pode empregar no fabrico do ferro, quando os dois mineraes se acham simultaneamente em condições vantajosas, e é

por este motivo que elle tem tão grande applicação n'aquelle fabrico; porém este combustivel tem mais vasto emprego, e todos sabem que o paiz que possue minas abundantes d'este precioso agente, tem em si o germen de uma verdadeira riqueza.

Em Portugal ignora-se ainda se o solo abunda ou não em combustiveis fosseis, nem mesmo se podem formar quaesquer conjecturas, porque não está geologicamente estudado.

As unicas minas de carvão que existem em lavra, são: a de S. Pedro da Cova, duas leguas ao nascente da cidade do Porto, e a do Cabo Mondego. A primeira produz apenas quatro mil toneladas annuaes, pouco mais ou menos, de anthracite, que se consome nas cosinhas d'aquella cidade, sendo impossivel abrir maior campo de lavra para augmentar a extracção, porque não passa de um insignificante retalho deixado pela denudação. A segunda acha-se em uma formação secundaria, mas a sua importancia é puramente local, porque os pontos accessiveis offerecem uma frente de ataque mui limitada, e o deposito é pouco extenso.

Ultimamente verificou-se a existencia de uma outra formação carbonifera nas proximidades de Alcobaça e districto de Leiria, tambem do periodo secundario, e que apresenta indicações muito lisonjeiras sobre a sua extensão e riqueza. Cremos que a lavra não tardará em demonstrar-nos se as esperanças concebidas são ou não bem fundadas.

Afora estas não ha entre o Tejo e o Douro outras indicações proximas da existencia do carvão mineral, do verdadeiro periodo carbonifero — *terrain houiller* (*).

No districto de Coimbra ha uma formação do *terrain houiller*, porém as indicações da existencia do carvão são mui remotas, e para se evidenciarem seria necessario despender alguns capitaes.

Em outras localidades, as inducções geologicas levam a suspeitar a presença do carvão; mas estas presumpções são insufficientes para decidir o emprego dos capitaes na pesquiza d'elle.

Pode portanto dizer-se, que Portugal não tem, por ora, minas de carvão, e que é obrigado a importar todo o combustivel que a sua nascente industria consome, o que lhe faz despender avultadas quantias.

A espectativa sobre a futura descoberta de ricos depositos de carvão, que o emancipem da dependencia em que se acha a sua industria, não é destituida de fundamento; é porém necessario emprehender, sem demora, o estudo geologico do paiz, mas um estudo proveitoso, feito por homens de sciencia, e não por impostores, que só tenham em vista sugar o thesouro publico, e a quem falte a capacidade e honradez, que tão ardua e importante commissão reclama; para que em logar de se colher escandalos, se alcance credito e utilidade para esta nação, tão digna de melhor sorte que a que lhe tem cabido.

(*) O anthracite de S. Pedro da Cova pertence a este periodo.

Tal é o estado da industria mineira, e metallurgica em Portugal; estado verdadeiramente lastimoso, e que só administrações eminentemente patrioticas poderão fazer cessar.

CARLOS RIBEIRO.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

IV

SAMUEL.

Continuação.

Samuel acabava de fechar a porta, despedindo os tres homens, quando, voltando-se para Filippe o Tranqueira, já o viu em preparativos de fundir a prata.

— Hoje não, lhe disse elle, porque temos empresa de maior lucro; e as horas, que já vão adiantadas, chamam-nos a outra parte. Filippe, sereis homem de resolução?

— E quem o negará, sr. Bulhões!

— E ambicioso?

— Tambem não digo que não.

— Pois então a vossa fortuna está feita, e feita por meios honestos, e no serviço do principe. Trata-se de uma grande conspiração contra sua alteza, pois se projecta arrancar el-rei D. Affonso do palacio de Cintra, e entregar-lhe novamente o regimento do reino...

— Anda n'isso vingança de fidalgos...

— Talvez, e de frades com toda a certeza. É preciso, porém, contraminar todos os projectos, sem dar ao publico conhecimento de que se trata de uma conspiração, e isto com o fim de divertir da politica a attenção do povo: portanto a inquisição....

— Já percebo, o santo officio encarrega-se de desaggravar o regente.

— Parte sim, e parte não. Só entra no segredo um dos inquisidores, e por causa dos outros é preciso voltar o processo para a religião. Um dos conspiradores mais influentes deve estar preso a estas horas, e n'esta mesma noite hade entrar nos carceres do santo officio.

— Mas por ora, sr. Bulhões, não percebo a parte que eu possa ter n'esse negocio, para d'elle me provir interesse.

— Devagar, e lá chegaremos. O regente, que está ao facto de tudo, recompensará mui bem aquelle que se prestar a jurar que taes homens judiaram...

— Um testemunho falso!...

— Que não passa das mãos dos inquisidores, nem transpira cá fora das abobadas do santo officio.

— Que pode levar um homem á morte!

— E que salva outro que n'este momento, por

saber do segredo, e não se querer prestar a coadjuval-o, está arriscado a ser mettido nas galés.

—Como?!

—Os segredos de estado não pesam sómente sobre os que n'elles tomam parte, tambem sobre aquelles que teem d'elles o mais pequeno vislumbre. Vêde pois o que arriscaes.

—Mas ninguem sabe da nossa pratica.

—Como vos enganaes. A dois passos de nós estão os homens que esperam a vossa resolução, e aos quaes tereis de acompanhar, se vos resolverdes.

—Mas esses homens não vos ouviram, e eu negarei.

—Illusão! Sabem que vim aqui, e não cogitam fosse para outro fim. Vamos, decidi-vos... quando não, abro aquella porta, dou-lhes entrada, aponto para essa prata que direi pertencer-vos, e o resto ficará por conta das justiças d'el-rei.

—E eu terei vozes para dizer que é vossa, e citarei mesmo a quem a comprastes.

—Nova illusão! Os denunciados juram que lhes não pertence, que sobejo interesse teem elles em conservarem as cabeças pegadas ao corpo, e a prata do mosteiro da Rosa unicamente a vós denunciará.

—As justiças d'el-rei não se illudem assim, inquirem provas, e uma d'ellas contra vós será achar-se a prata em vossa casa.

—Tranqueira! Tranqueira! Esse ponto ainda é um segredo para vós, e para todos, e não estou por ora resolvido a communicar-vol-o; mas considerae que sou homem que já andou por Ceuta e pelas Americas, e que nunca me deixei cair nos laços nem de mafamedes, nem de hollandezes, e que portanto me havia tambem acautelar contra as vossas denuncias quando vos associei a mim, porque conheço o coração do homem, e sei quanto n'elle podem a ambição, ou a vingança. Vamos, Tranqueira, decidi...

—Estou decidido, não juro falso contra ninguem.

—E tal é a vossa ultima resolução?

—Sem duvida.

—Veremos se novo argumento vos pode convencer, porque realmente hade custar-me ver-vos penar.

E assim dizendo, puxou de uma bolsa que despejou sobre a mesa.

Um monte de moedas de oiro rolou d'ella.

—Vêde, continuou, tudo isso vos pertencerá como paga do primeiro serviço.

O Tranqueira hesitou um momento, e respondeu resolutamente:

—Não.

—Paciencia!... Já que assim o quereis...

E caminhou para a porta.

Filippe, que lhe não descobriu a intenção, não se moveu.

Samuel, pondo a mão no fecho, gritou para o Tranqueira:

—A vossa ultima palavra?

—Não.

E Samuel abriu a porta, e um vulto appareceu no limiar.

A vista d'aquelle homem, e as palavras de Samuel fizeram vacillar Filippe, que rapidamente passou da hesitação ao medo dos ferros d'el-rei.

O recemchegado deu alguns passos avançando para a segunda casa, e Filippe tremeu.

Rapida foi a luta entre a consciencia d'este homem tantas vezes adormecida sobre outros capitulos, e o instincto da propria conservação. Esta venceu.

—Vinde cá, sr. Bulhões.

Samuel fez um signal ao novo personagem para se deter, e dirigiu-se para Filippe.

—Então, reconsiderastes bem? Decidistes-vos a ganhar esse dinheiro?

—Sois homem de fazer tremer... eu nunca dei testemunho contra ninguem!... mas que é mister?

—Seguir aquelle homem que ali vêdes, e cumprir ás cegas as suas ordens. Emquanto aos nossos negocios n'esta casa, nem uma palavra... senão...

—Bem conheço que me arrisco, e muito, comvosco. Serei, portanto, discreto.

—Levae d'ahi esse dinheiro que vos pertence todo... Tendes folga até á semana; porém de hoje a oito dias aqui sem falta; irei encontrar-vos, como de costume.

Filippe guardou a bolsa que Samuel lhe lançara sobre a mesa.

Parecia-lhe que o contacto d'aquelle dinheiro o abrasava, porque era a paga de um testemunho falso, o que elle nunca fizera em toda a sua vida; porém não tinha meios de resistir a Samuel, que estava de posse de todos os segredos da sua vida, e o podia perder para sempre com uma palavra que soltasse ás justiças.

Depois, aquella perspectiva de um serviço ao infante D. Pedro, que todos já tratavam e obedeciam como a rei, era o primeiro degrau para uma amnistia plena de todos os crimes passados, e isto o induzia tambem a involver-se na aventura, que principiava sob tão felizes auspicios, como o d'aquella ampla recompensa.

Estas considerações, que fez mais rapidamente do que as descrevemos, resolveram-no por fim, e agarrando no gorro que pouco antes tinha arremessado para cima de um banco, seguiu silencioso a Samuel, que apresentando-o ao desconhecido, disse:

—Eis o homem, podeis confiar n'elle, que respondo pela sua discrição. É mudo como um sepulchro, fiel como um cão, fino como uma raposa, e valente como um leão.

O desconhecido fez um leve aceno com a cabeça a Filippe, dando-lhe signal de o seguir, e apertando a mão a Samuel, retirou-se acompanhado do Tranqueira.

Continua. ***



EGREJA EM CHAMPION-PARK.

Os membros da congregação alemã lutherana, residentes em Camberwell e proximidades, formando um corpo já bastante numeroso, resolveram erigir um edificio accommodado á celebração de seus officios divinos, aos quaes até ali assistiam em uma sala que servia de escola. Escolheram para esse effeito o local n'uma propriedade particular em Champion-park, Denmark hill, e a primeira pedra foi collocada solemnemente no mez de Junho do anno passado.

Esta capella da communhão lutherana foi ha pouco aberta e sagrada; tem capacidade para duzentas pessoas, e consiste n'uma nave de quarenta e oito por vinte e oito pés, com seu presbyterio contiguo, e uma sachristia do lado do norte; o estylo d'architectura é o gothico primitivo com ornatos. As despezas da obra montaram para mais de duas mil libras esterlinas.

M.

CERCO DE TROYA.

I

Ahi, nas partes da *Phrygia*,
Ao Bosphero avisinhada,
De *Tróada* a capital
Estava então assentada;
E pelo nome de *Troya*
Era entre os homens chamada.

E *Teucro* foi o primeiro
Que n'estas partes reinou;
E *Dardano*, genro seu,
Os fundamentos lançou
D'essa *Troya*, tão famosa,
De que tanto se fallou.

Erictonio foi seu filho
E foi tambem seu herdeiro,
Que o mesmo throno deixou
D'entre os filhos ao primeiro,
E por signal *Trós* chamado,
Monarcha illustre e guerreiro.

Á cidade deu seu nome,
Deu-o tambem á nação.
E dos tres filhos que teve
Por fiança á successão,
Um, houve sorte de rei;
Os dois, varia condição.

Ganymedes, era um d'elles:
E moço tão tentador,
Que, p'ra divino escanção,
Destinado com primor
Foi por Jove omnipotente,
Dos ceos e terra senhor.

A deusa da juventude,
E que *Hebe* se chamava,
Era quem antes, no Olympo,
Cargo tal desempenhava;
Progenie illustre de *Juno*,
A quem ella muito amava.

E d'aqui—se pois não mente
Quanto diz a antiguidade—
Esses odios da mãe *Juno*
Contra a regia magestade,
Que na *Phrygia* então reinava,
E na troyana cidade.

Outro filho era *Assaráco ;*
De quem nada falla ou conta
Essa historia grandiosa,
Que tão antiga remonta:
Do que se pode inferir
Que não fez coisa de monta.

E *Ilo* foi o terceiro,
Que o sceptro e c'rôa herdou;
E no de *Ilion* famosa,
De *Troya* o nome trocou.
A *Laomedonte*, seu filho,
Excelso throno deixou.

Ás mãos de *Priamo* illustre
Esta herança foi parar;
E no seu tempo os troyanos
Foram tanto no medrar,
Que outro reino mais rico
Não era ali d'encontrar.

Cercou de fortes muralhas
Sua capital famosa;
Torres tão bastas lhe deu,
Que de forte a fez vaidosa;
E de fossos, bem profundos,
Cercou em roda a ciosa.

Hecuba foi sua esposa:
E era filha do rei
Que na *Thracia* imperial
Dava as ordens, dava a lei.
. . . .
Eu agora vou contar-vos
Um caso que d'ella sei.

Muitos filhos, muitas filhas,
Teve a boa da rainha:
E por extremos dos filhos
Lhe veiu a sorte mesquinha,
Não só d'ella, mas dos seus,
Bem triste, cruel, e asinha.

Quando *Páris* deu ao mundo,
Imaginou a princeza
Das entranhas lhe sair
Uma tocha muito acesa!
E scismou no caso infando,
Que bem era de estranheza.

Assim o disse ao marido,
Que tambem n'elle pensou,
E um orac'lo famoso
Sobre o caso consultou:
E a resposta foi tal,
Qu'ao pobre rei assustou.

«Esse filho»—assim lhe disse—
«Hade ser a perdição
«Do pae, da mãe, dos irmãos,
«Até da mesma nação;
«Porque trouxe já comsigo
«Uma eterna maldição!»

Pobre rei!... Tal sina ouvindo
Mandou o filho matar;
Pois desgraças tão subidas
Quiz a todos evitar....
Mas quem pode a lei dos fados
Por lei da terra frustrar!

Quando os intentos do 'sposo
A rainha presentiu,
Com taes artes, e taes manhas
Seu algoz tanto induziu,
Que salvado o tenro infante,
Tal mandado não cumpriu.

E filho d'el-rei que era
Foi creado entre pastores!
Assim na edade cresceu
Do campo exposto aos rigores
Por tal modo, que esforçado
Ganhou honras, e primores!

Á guerreira juventude,
Com grã premio de valor,
Dava o monarcha um torneio:
E lá foi por campeador
Páris gentil, a provar
Nobre esforço, nobre ardor.

A todos venceu, que ousaram
Com elle as armas medir.
Quem era p'ra forças ter
De o desmontar ou ferir!
Um primor era na liça
As armas vêl-o brandir.

Hector—o filho mais velho
Do rei, e muito esforçado—
Veiu tambem a combate,
Valente, forte, e ousado,
De tanto valor sentido,
De tanta força espantado.

Porém no fero combate,
Eil-o que as armas deixou.
Direito a *Páris* se foi,
E nos braços o tomou;
Tinha o irmão conhecido,
E ternamente o saudou.

E *Páris* foi descoberto,
Pela côrte festejado,
E logo no reino teve
Nobre emprego reservado,
A ir buscar sua tia
Foi a *Sparta* deputado.

Porém, ah! que triste sina
Não foi a d'esta embaixada!
Do pobre rei *Menelão*,
Helena — esposa adorada,
Por quem *Páris* se rendeu —
A *Troya* levou roubada!

Não entregal-a jurou,
Se não lhe dessem a tia
Que se achava lá captiva,
E que *Sparta* não queria
D'aquelles ferros soltar,
Em que a triste se morria!

Juntaram-se os gregos todos
Por sua *Helena* vingar,
E juraram furibundos
A *Troya* inteira arrasar...
Em breve tudo se apresta
Para em campo batalhar!

Tal foi a causa da guerra
Que todo o mundo espantou,
E do cerco tão famoso,
Que por dez annos durou,
E vencidos, vencedores,
Em mil damnos abysmou!

***

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

Organisado assim o prestito, inventaram os ordenadores da festa que os Santos, cujas reliquias já estavam em Lisboa, saissem a receber as novas reliquias. Ao passar a procissão pela rua da Padaria, mesmo no fim d'ella, saiu a recebel-as, a cavallo, Santa Engracia, virgem e martyr, com dezoito cavalleiros portuguezes, os quaes todos tinham sido martyrisados em Saragoça. Esta companhia de martyres, com palmas nas mãos, e vestidos á portugueza mui ricamente de côres differentes com muitas joias, cadêas de oiro, medalhas, pedras preciosas, e botas de côr com orelheiras ornadas de muitos botões de oiro, e rica pedraria, todos com terçados de punhos d'oiro e prata, vinha em formosos e bem ajaezados cavallos, com mais de vinte lacaios á moirisca, vestidos de marlotas, levando os corseis pela redea. Os Santos levavam os seus nomes escriptos no arção trazeiro da sella.

Santa Engracia ia montada n'um cavallo pombo. A fralda do vestido lhe fazia duas vasquinhas de tela, uma branca, outra verde, com barras e lavores de brocado. O gibão era lavrado de ramos de oiro com umas mangas largas de tela vermelha, barradas de broslado de muito rico feitio. Levava um saio alto de tela branca com muitos passamanes d'oiro; e o manto que a cobria era de tela de prata apassamanada de oiro. O toucado era á antiga, todo semeado de rubis, perolas, e mais pedraria. No pescoço levava um collar de dois fios de perolas.

Ia sentada n'uma sella de prata, que foi da infanta D. Maria, lavrada de bastiães, com taboas de cavalgar, todas de prata doirada, do mesmo lavor. Os arreios do cavallo eram peças ricas e lavradas de tarjas e carrancas de prata.

Esta cavalgada uniu-se á procissão, e foi com ella para S. Roque.

No Pelourinho velho estava levantada uma estancia de mais de cincoenta palmos em comprido, com varias columnas na frontaria, ornadas de damasco carmesi, e histriadas com rendas de oiro e prata; sobre as quaes se armava um ceo toldado de nuvens, feitas de volantes, sobre damasco azul, com muitos anjinhos, que saíam d'entre as nuvens, e se mostravam com muita arte e propriedade. O ceo estava cheio de grande multidão de estrellas d'oiro matte, e de prata. Da parte da parede desciam d'este ceo muitos doceis de brocado, em que se encostavam os anjos de cada hierarchia em tres ordens de degraus, a modo de throno. Do pavimento da gloria pendiam varias sedas e peças de brocadilho, que serviam de cobrir o travejamento e acompanhar a formosura da escada, que estava ornada de seda e veos fingindo nuvens. D'esta estancia desceram as tres hierarchias de anjos, cada uma por sua vez, a acompanhar as recem-chegadas reliquias.

Chegados ao Pelourinho velho os quatro primeiros andores, descerraram-se as cortinas da Gloria e appareceram mais de sessenta anjos da primeira hierarchia. Vestiam sedas de diversas côres; tinham azas doiradas; calçavam alparcas semeadas de rica pedraria, e na cabeça traziam uma capella de flores. Estavam divididos em coros, e cada côro com sua divisa nas mãos. Os da ultima hierarchia, que eram os *principados*, estavam no degrau mais elevado, vestiam de verde e roxo, e seguravam sceptros doirados: seguia-se na escala decrescente a segunda ordem, os *archanjos*, trajando branco e carmesi, com espadas na mão: no ultimo degrau estavam os *anjos*, adornados de varias côres, alguns segurando leques, outros com punhaes, e varios tangendo instrumentos musicos. Receberam as reliquias com um suavissimo canto, e depois desceram o throno para se incorporarem na procissão, adiante dos primeiros andores. Á frente de toda a hierarchia ia um anjo vestido de ricas armas, com morrião, peito, e espaldar doirado, segurando na mão um guião de seda branca; e no coice do esquadrão ia o principe vestido e armado com espada e escudo.

Ao apparecerem os quatro andores do centro, se deu vista novamente da Gloria, com muita musica. Agora era a vez da segunda hierarchia, representada em perto de cento e cincoenta anjos. As *denominações* vestiam branco e verde, com salvas de prata nas mãos, e corôas por insignias: depois as *virtudes*, trajavam azul, e seguravam espheras doiradas e prateadas: ultimamente as *potestades*, adornadas de carmesi e oiro, com varas doiradas nas mãos. As capellas de flores que lhes cingiam as cabeças eram de cera, as azas doiradas, e as alparcas ornadas de perolas e botões de oiro. Acompanharam como a precedente hierarchia a procissão, collocando-se na frente dos quatro andores do centro, iam á cabeça da phalange um com o guião que era de seda azul, e cerrava a comitiva o principe, com espada e escudo.

Finalmente ao dar-se vista dos quatro ultimos andores, correu-se novamente a cortina á Gloria, e appareceram os *seraphins* no mais alto logar, vestidos de oiro e carmesi, e nas mãos por divisa uns escudos doirados com corações assetados e lançando chammas. No centro estavam os *cherubins*, vestidos de tela e seda branca empunhando lyrios doirados. Por ultimo os *thronos* trajando de vermelho e amarello, com escudos onde se pintaram por divisa thronos reaes. Involveram-se na procissão levando na frente o seu guião, e no coice, como principe d'esta hierarchia, o archanjo S. Miguel.

Entrando a procissão na Rua Nova ahi encontrou levantado outro estrado, de comprimento de cem palmos, com doze columnas na frontaria, ricamente adornadas, e sobre ellas assente um ceo de carmesi, e da banda da parede ricos doceis de brocado, aos quaes se encostavam trinta cadeiras de velludo com pregaria doirada, sobre estrados de dois palmos de alto. N'estas cadeiras estavam assentados, pela ordem e dignidade das provincias, os Santos que Portugal tem particularmente por seus; e eram — de Braga, e Entre Douro e Minho — S. Gonçalo d'Amarante; S. Rosendo; S. Pantaleão; S. Victor; S. Gerardo; S. Fructuoso; Santa Suzana; S. Martinho arcebispo, e S. Pedro martyr: — de Coimbra, Santa Isabel, rainha; S. Theotonio; Santa Comba; S. Berardo, Pedro, Adjuto, Otto, e Accursio, da ordem de S. Francisco, martyrisados em Marrocos; S. Damaso: — de Santarem, S. Fr. Gil: — de Evora, S. Vicente; Santa Cristeta; Santa Sabina, e S. Manços: — de Lisboa, S. Verissimo; Santa Maxima; Santa Julia; Santo Antonio; e S. Vicente, martyr. Todos estes Santos receberam de pé a procissão, e se incorporaram n'ella, repartindo-se pelo acompanhamento dos andores, levando na frente anjos custodios e da guarda das cidades e provincias que representavam.

Na mesma Rua Nova, junto á ermida de Nossa Senhora da Oliveira, se levantava um arco, de quarenta palmos de largo, noventa de alto, e onze de grossura. Era corinthio, e de quatro faces: simples as duas que davam para as paredes, e adornadas as outras que olhavam para o seguimento da rua.

A primeira d'estas faces dedicava-se aos doutores da Egreja, bispos e confessores. Tinha dois pedestaes de dez palmos de alto, cada um com seu caixilho ovado, e dentro d'um representado um carro triumphante puxado por dois pavões, com ventos nas rodas, e por terra uma figura, que significava a *soberba;* e no outro representada a *cubiça* na allegoria tambem de um carro levado por grandes lagartos e sapos, e derrubado um horrendo monstro, com corôa na cabeça, a bocca aberta recolhendo dinheiro, e unhas muito compridas. Tudo isto era acompanhado de lettras que o explicavam.

Sobre os pedestaes elevavam-se quatro columnas, duas a cada parte, com cornijas, alquitrave e fechos do arco; e n'este a sua dedicação; e nos seguintes dos arcos uns anjos com allegorias. Por cima do friso corria um corpo com seu painel que representava Christo em uma nuvem, com os braços abertos, como a receber os Santos; e dos lados do quadro diversos doutores, bispos, religiosos, e Santos do estado secular. No alto do painel estavam muitos anjos, e nas faxas dois nichos com sua estatua da *sobriedade* e da *vigilancia*. Mais estatuas e emblemas adornavam esta face do arco, e que para o intento seria prolixo narrar aqui.

A outra face opposta a esta era dedicada á *pureza e castidade*. Egualava aquella nos ornamentos e obra. No painel circular do frontispicio tinha varias estatuas representando a *castidade*, a *vergonha*, etc. D'este lado o painel correspondente ao outro representava a historia do Apocalypse, com o cordeiro e a cruz, e coros de virgens e anjos. Nas faxas d'este painel as figuras do *temor* e do *amor*. Nos ovados dos pedestaes, de uma banda o diluvio e a arca de Noé; e da outra o incendio de Sodoma, e Loth conduzido por um anjo.

Por dentro do arco, na parte que formava a sua grossura, varios emblemas, divisas, tenções e figuras de José do Egypto, e S. José esposo de Maria.

Nas voltas das ruas e encruzilhadas por onde seguia a procissão estavam figuras como veremos. Logo ao sair da Rua Nova para entrar na ourivezaria, estava uma indicando por onde o prestito devia seguir: no principio da rua dos *Escudeiros*, onde se tomava para o *Poço do Chão*, e se começava a subir a *calçada de Pé de Navaes* para S. Roque, estava a estatua da virtude da *fortaleza:* no cimo d'esta calçada achava-se a da *justiça*.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

Purificada a religião christã dos abusos n'ella introduzidos pelos homens, nada ha mais eloquente, mais santo, e mais perfeito.



CHRISTO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS.

O coração conturbou-se dentro do corpo, e o medo da morte assalteou-me; o receio e o tremor apoderaram-se de mim, e fiquei coberto de trevas.

Porque vos retirastes, Senhor, para longe, e vos dedignastes olhar-me no tempo das minhas necessidades e afflicções?

PSALMOS.

A razão e a verdade para brilharem com mais esplendor na hora do triumpho, apuram-se nos martyrios suscitados pelos odios, pelo erro, e pelas más paixões. A Sabedoria Eterna permitte estes contrastes para maior exalçamento d'aquellas. Ao sair repentinamente das trevas para o vivo clarão de uma brilhante luz, a vista cega-se, e o homem deslumbra-se: já não succede assim quando a preparação para supportar o effeito da sua intensidade se opera por meio das gradações. Nos insondaveis mysterios da Redempção humana tambem Deus permittiu que esta se cumprisse seguindo a marcha e regularidade das coisas da natureza, para que a doutrina se estabelecesse pela convicção e não pelo deslumbramento, para que os olhos e a razão dos mortaes se achassem preparados a encarar e comprehender as verdades eternas sem se offuscarem. Na queda do primeiro homem prendeu o Supremo Poder do universo a augusta cadêa das revelações, cujos anneis, desenroscando-se pela successiva marcha dos tempos nas grandes epocas dos Prophetas, vieram soldar-se na existencia do Precursor; e preparado assim o espirito humano, permittiu, na occasião propria, se manifestasse o Verbo que devia evocar a uma vida de gloria os povos da terra, e as attribuladas gerações. O Verbo revelou-se. Poucos o acreditaram, e muitos o perseguiram! No

valoroso combate entre elle e o erro, este manifestou-se triumphante; e quando no delirio da vangloria se acclamou vencedor, caiu aterrado pela evidencia, e fulminado pela manifestação do mysterio! Haviam erguido bem alto a Cruz do martyrio para ser vista por toda a gente; e a gente viu-a, mas com os braços abertos convidando a todos para irem receber o seu amplexo, e ouviu ao mesmo tempo o brado que d'ella saia a percorrer o universo! Tinham corrido o veo do templo, e o veo rasgou-se de alto a baixo, para patentear a todo o mundo que a verdade e a razão, ali encerradas como um symbolo mystico, iam sair da guarda de uma tribu consagrada, para se communicar a todo o genero humano! Tinham encerrado n'um sepulchro o corpo que esse divino espirito animava, e as pedras rebentaram em horrorosas convulsões, porque não podiam conter em si tamanha immensidade! Até então, nunca estes signaes se haviam manifestado, nem no ceo que se velou de trevas, nem na terra que se agitou convulsa, nem na natureza que deu assim testemunho de que um facto extraordinario e maravilhoso se havia cumprido; e desde então até hoje nunca mais esses signaes se repetiram, nem se poderão repetir, porque os sacrificios augustos não se reproduzem no mundo; e este, que foi augustissimo, abrangeu em si uma eternidade! Era porque as prophecias se cumpriam n'aquelle momento solemne da expiação de milhares de gerações. O psalmista havia dito: — «a terra foi abalada e tremeu, e as montanhas revolvidas até aos seus fundamentos:» — outro propheta accrescentara: — « n'este dia o sol terá no zenith o seu occaso, e cobrirei a terra de trevas quando ella devia estar resplendente de luz.» — e assim succedeu como estava escripto. O Verbo elevou-se e ascendeu nas azas dos cherubins — voou sobre os ventos fendendo as nuvens com o esplendor da sua presença, e a terra liberta recebeu o espirito e o sopro divino que tinha de renovar-lhe toda a superficie! A razão e a verdade surgiam do martyrio do Christo!

Nos livros sagrados estão descriptas todas as grandezas da sua vida, todos os tormentos da sua paixão, toda a sublimidade do seu sacrificio; e descriptos n'essa linguagem da simplicidade que falla ao coração, á evidencia e á razão, com uma lingua de anjos que os homens nem hãode nem podem imitar: — nas solemnidades e officios da Egreja estão reproduzidos todos os actos d'esse sacrificio sobrehumano com uma verdade tão santa, que a alma, presenceando-os, rebenta nos trances de uma sublime dôr, e se desafoga nas saudosas e sentidas lamentações com que acompanha a desolada esposa na sua viuvez e orphandade. Se tentassemos reproduzir tudo aqui, faltar-nos-hia de certo a energia para tamanho assumpto; escolheremos portanto só um quadro entre tantos milhares d'elles que completam o immenso e augusto drama da Redempção.

Christo, depois de entrar triumphante em Jerusalem, ahi celebrou pela ultima vez a Paschoa com os seus discipulos: lavou-lhes os pés para lhes designar por este acto a pureza com que os homens se devem aproximar do banquete da vida a que os chama: e deu-lhes em iguaria o seu corpo e sangue transubstanciados nas especies de pão e de vinho! N'este momento havia instituido o sacramento que encerrava o mysterio do sacrificio incruento! Nada mais lhe restava do que consummar esse sacrificio; e preparou-se para elle orando no Horto. Ao jardim das Oliveiras foi só acompanhado por Pedro, Thiago e João; e esses mesmos ahi abandonou á entrada, e avançou sósinho para o seu interior, porque o espirito quer meditar no isolamento a intensidade dolorosa do sacrificio. Com os espiritos celestiaes se entreteve o espirito divino; mas a pouco e pouco tambem d'estes se isolou para deixar ao corpo todo o peso da dôr, todo o medo da morte! Suou a materia até se transformar em sangue o que havia de terreno n'aquelle Ser divino; mas a alma subjugou o corpo, venceu-o, e passado o tyrocinio da sua immensa dôr, ergueu-o do chão onde se prostrara vergado, para o entregar voluntariamente nas mãos dos instrumentos do seu padecer e da sua gloria. A razão a vontade e o amor sobrepujaram a fraqueza da materia, e n'este vencimento do Christo triumphou a humanidade.

E quanto não tem a philosophia para meditar só n'este passo? No recolhimento da solidão e da oração preparou-se a grande verdade que em breve tinha de ser manifestada. O peso d'essa verdade aterrou e confundiu a materia, que se rebellou, affrontou, e por fim se rendeu subjugada para obedecer ao espirito, que fez confessar-lhe a excellencia mesmo nos tormentos do patibulo!

Na reunião do espirito e do corpo para o seu triumpho moral, rebenta a manifestação da grandeza da Creatura-Creadora; nas oliveiras que assistiram á sua dôr, o symbolo da paz que tem de offerecer-se ao mundo; no calix da amargura que se esgota até ás fezes, as immensas dôres que se padecem pelo amor da verdade; e finalmente n'aquelle grito doloroso que o Homem-Deus eleva até ao Padre, o appello sublime á humanidade inteira!

Remidos e triumphantes, quem poderá aterrar os povos? Libertos pela razão suprema, quem os poderá escravisar? Egualados pelo sacrificio da Divindade, quem estabelecerá sobre elles mais elevada jerarchia? Chamados todos como irmãos aos braços de Deus, quem poderá suscitar discordias entre elles?

Ninguem; porque a Cruz symbolisa desde o Golgotha a verdade suprema que desceu dos ceos para renovar a face da terra; que se cimentou no Calvario pelo sangue do Justo; e que d'ahi tem marchado ha quasi dezenove seculos a abranger o universo inteiro entre os braços do Christo, que a proclamou!

***

HOSSANA!

I

Sonhei-te Jerusalem!... Santa cidade,
Onde os mysterios tinham de cumprir-se,
Em resgate da triste humanidade!

Vi alegre o teu ceo! — vi-o sorrir-se!
E de palmas festivas, verdes ramos,
Juncado o solo, em galas revestir-se!

O teu povo exclamou: — «Nós exultamos!
«É d'Israel o rei, por Deus mandado;
«É justo que em triumpho o recebamos!

«É Elle o santo, o rei annunciado,
«Ab æterno, por tantas prophecias;
«Pelo povo d'Abrahão tão suspirado!

«*Hossana!... Hossana!...* vão surgir os dias
«D'opulenta Israel os mais formosos!
«O reinado começa do Messias!!!...

. . . .

Ingrato povo! raça d'orgulhosos!
Miraste um rei no throno deslumbrante!
Fitaste altos empregos magestosos!

Invejaste-o de imigos triumphante;
Egoista qual tu: guerreiro; altivo;
Sobre as outras nações predominante!

Quizeste ver o mundo assim captivo,
D'impia subjeição grilhões rojando,
Á liberdade morto, ao crime vivo!

Ao desejo mentiu-te orgulho infando;
Um rei tiveste, não fingido á mente,
D'um despota cruel, abominando:

Mas sim um rei de paz, um rei clemente,
Qu'ao banquete chamou da liberdade
Povos da terra, a todos egualmente,
De laços fraternaes na santidade!

II

Vem, oh povo d'Israel,
Ao encontro do Messias,
E cumpram-se as prophecias
Da humana redempção!
Adornem santa Sião
Suas galas mais custosas;
Virentes palmas frondosas,
Verdes ramos estendidos
Sobre os mantos e vestidos...
Eil-o — o Christo, o Redemptor,
Ao sacrificio chamado!
Ahi vem, triumphador,
Sem soberba, sem vaidade,
Entrar na santa cidade,
Onde tantos peregrinos
Hãode, na futura edade,
Entoar-lhe os santos hymnos!

. . . .

Vinde oh povos, vinde vêl-o,
— O que serena a torménta,
Impera na magestade
Dos ceos, dos astros, da terra,—
Como prova d'humildade
Montado em pobre jumenta!
Oh, salve, Jerusalem!
As tuas portas descerra,
Porque as santas comitivas,
Entre hossanas, entre vivas,
Avançando p'ra ti vem!...
Salve, santas oliveiras,
Salve, frondosas palmeiras
Que tão bella festa ornastes.
E da victoria e da paz
Eterno emblema ficastes
Viva memoria serás!...
Vence o Christo — a liberdade!
Paz ao liberto, ao captivo;
Com ella a santa egualdade!...
Triumpha o Christo—o Deus vivo:
Foge espavorida, — insana
A vencida tyrannia;
E na fraterna alegria
Os povos bradam: Hossana!

III

Onde o Verbo que nos trouxe
Esta santa redempção,
Deslumbrante de verdade,
Liberrima aspiração?
Que soltou essa palavra
Que deu triumpho á razão,
Redimindo os opprimidos
Nos ferros da escravidão?
Que na mais pura doutrina
Que rebentou da affeição,
Escravo da terra ergueu,
Do rei proclamou-o irmão?
Onde a fronte omnisciente
Que teve tal concepção,
Que em dois preceitos sómente
Legislou ao coração?!

IV

Ergue teus olhos, fita-os nos espaços,
N'aquella cruz ali o tens cravado!

. . . .

Regia purp'ra cobriu-lhe o nudo corpo,
Um sceptro d'irrisão ergueu na dextra,
Por diadema tomou verga d'espinhos,
Foi rei, e no Calvario ergueu seu throno!

. . . .

Do superno poder a vil parodia,
Israel consummou!... Oh reis da terra
Como frageis que sois! Mirae no exemplo,
Que honras e poder assim fenecem;
— Só não morre a virtude—a liberdade!

V

Fraterna, livre egualdade,
Triplice applauso te dou;
Tu ės a luz da verdade
Que Christo ao mundo ensinou!

VI

O Verbo tinha de vencer na luta
Mas antes de vencer quantos tormentos!
Era a voz que troava a liberdade,
Ao mundo revelando um novo mundo,
E nos pulsos partindo as vis algemas
Os homens nivelava, eguaes nascidos
Do tronco antigo do primeiro humano!
Ferrenhas ambições, o despotismo,
Os prejuizos de classe, insano orgulho
Contra a nova palavra rebellados
Abafal-a tentaram no Calvario.
E quando em vil tripudio s'exaltavam
Julgando ter vencido — eil-os vencidos!...
Gloria, oh povo, a ti! — ao Christo hossana!
Das immergidas trevas, pavorosas,
Rebenta um mar de luz, que a luz afoga
E do tope da cruz troando immenso
O seu brado immortal da liberdade
Dos tyrannos o mundo corrompido
Roto e desfeito sepultou no abysmo.

***

OS GODOS NA PENINSULA.

Conclusão.

Esta ascendencia foi porém ganha a pouco e pouco, mas com arte; porque nas diversas conspirações que então houve contra os reis, nota-se que o clero sempre estava ao lado do partido vencedor; o que faz presumir, ou que elle as dirigiu e fez triumphar pela força de que já se achava revestido, ou que prudentemente se conservava afastado d'estas pendencias, espreitando o ensejo de se pronunciar pelo partido vencedor para o consagrar com a sua autoridade. Sizenando, que usurpou o throno a Swenthila, alcançou do clero que o rei deposto e os seus parentes fossem excommungados: Ervigio, cuja ascensão ao throno se não baseou nos meios mais honestos, foi por elle justificado. O seu successor, que com despreso do juramento da nação ao filho de Ervigio, usurpou o throno, obteve tambem que o clero o absolvesse a elle e á nação d'aquelle juramento. De nada valeu que Recaredo a quem o poder clerical tanto devia, introduzisse com o seu apoio a hereditariedade da corôa; o fim achava-se conseguido, e não devia haver duvida em despedaçar o instrumento; e assim foi que posteriormente, no quinto concilio toledano, reinando Swenthila, o clero annullou a hereditariedade, declarando que o rei devia ser eleito por todos.

O poder real que entre os godos, na occasião da sua entrada em Hespanha, era dependente do capricho dos magnates, não ganhou para a sua estabilidade, com a participação do clero na gerencia publica. O poder politico era então exercido pelo rei e pelos nobres, em assembléas, ás quaes concorriam os condes, os gardingos, juizes das villas e todos os senhores de terras. Estas assembléas, que tinham a apparencia de um conselho militar, reuniam-se, quando se não haviam fixado como em Hespanha, na tenda do rei, seu general em chefe, e elevado á suprema magistratura pela eleição. Aquelles altivos senhores, conscios da sua força, indoceis e insoffridos por natural condição, contrabalançavam e até mesmo annullavam a autoridade real; porque n'aquelles tempos o direito da força era o mais respeitado, e as pendencias com o rei se decidiam quasi sempre depondo-os, ou não lhe continuando o supremo cargo na linha recta da successão, porque os nobres escolhiam aquelle membro da familia real mais disposto a promover-lhes os interesses. Foi para abater este orgulho que serviu a admissão do clero no governo, e já vimos como o novo elemento serviu unicamente para mudar as influencias de uma para outra mão, ambas egualmente dispostas a tirar o maior proveito da força das circunstancias, e da posição que assumiam.

Alguma coisa dissemos dos privilegios do clero no codigo dos godos, bem é que digamos tambem algumas palavras dos da nobreza. Para darmos uma abreviada noticia bastará dizer que os nobres eram olhados como juizes natos nos seus districtos e senhorios de jurisdicção, que podiam exercer por si, ou delegados. Os seus juramentos nas causas eram de subido valor, e constituiam uma prova legal.

O povo era o unico sobre quem as leis caiam com mais peso. Não havia tido participação no confeccionamento d'ellas; nas curias e concilios tinha ficado sem defensores, e d'ahi nenhum melhoramento na sua condição. Vassallos, ingenuos, libertos e servos, não podiam hombrear com os grandes senhores, que os tratavam com immerecido despreso. Era uma classe reputada por elles aviltada, e como nascida para lhes ser subjeita. A pena de talião, a fustigação, a mão e o nariz cortado, a castração, e outros castigos eguaes, estatuidos mais para o terror e vingança arbitraria, do que para a emenda, foram preparando, com a desmoralisação das classes superiores, a degeneração da sociedade, e a sua degradação, a ponto dos arabes não carecerem de grande esforço para subjeitar a Peninsula, e passearem triumphantes o crescente sarraceno por onde a cruz do Christo se havia solemnemente hasteado. Assim acabou no occidente o imperio godo; e a nação—que o clero e a nobreza não souberam elevar, avultando-lhe os nobres estimulos que o povo sempre possue, e que unicamente esperam por um redemptor para brilhar á luz do dia — viu extinguir-se o som fes-

tivo dos sinos das suas aldêas, e calar-se no espaço o dobre dos campanarios, para dar logar á voz que saía dos minaretes chamando os infieis á mesquita. Desde essa hora a solemnidade do culto só teve um asylo—verdade é que o mais nobre e santificado — o coração dos fieis, que n'elle acolheram e salvaram a religião emquanto approuve a Deus fazer durar o cataclysmo. A falta de celebração dos augustos mysterios em commum afrouxou os laços que deviam unir e robustecer a sociedade christã, e d'ahi a indifferença com que foram curvando a cerviz ao jugo invasor, não se encontrando já com forças de soltar esse grito supremo dos povos, sua derradeira invocação — Patria!

* * *



A CEIA DO SENHOR.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

EUCHARISTIA E SACRIFICIO DA MISSA.

Continuação.

Depois da consagração e oração dominical, o bispo commungava, e dava a communhão aos padres que celebravam com elle, e depois aos diaconos e clerigos, aos asceticos e monges, ás diaconas, ás virgens e ás outras religiosas, ás creanças, e por ultimo a todo o povo. Para abreviar esta acção, que era sempre mui longa, muitos padres distribuiam ao mesmo tempo o corpo do Senhor, e muitos diaconos apresentavam o calix contendo o precioso sangue. Para evitar a confusão, os sacerdotes e diaconos levavam a communhão ás pessoas postas em fileiras; que do mesmo modo tinham elles ido receber as offerendas. Os homens recebiam o corpo de Jesus Christo nas suas mãos, e as mulheres em toalhas destinadas a seu uso, e que se chamavam *dominicaes*. Uns e outras commungavam por suas mãos com extrema precaução, para que lhes não caisse a menor particula. A communhão do calix fazia-se ao principio apresentando-o aos fieis para a beberem, porém depois introduziu-se o uso d'uma salva de oiro, ou de prata, para evitar o inconveniente de se entornar o precioso sangue, e por fim n'algumas egrejas ensopava-se um pedaço de pão consagrado no precioso sangue. Ás creanças davam-se as particulas que sobejavam da Eucharistia, e mesmo algumas vezes não se lhes dava senão a especie de vinho. Finalmente áquelles que não commungavam, o que era mui raro nos tempos primitivos, davam-se os restos do pão offerecido, e não consagrado, d'onde veiu o uso do pão bento.

No tempo dos apostolos, não se recebia a communhão senão depois de uma comida de caridade, a que se dava o nome de *agapa*, e que tinha por fim imitar a ceia de Jesus Christo, e induzir os ricos a contribuirem para o sustento dos pobres. Cada um trazia a sua ceia, e durante a comida, cantavam-se louvores a Deus, e faziam-se leituras santas. Apesar d'isto o costume de commungar em jejum é muito antigo, e Santo Agostinho o faz datar do tempo dos apostolos; generalisou-se no quarto seculo, se bem que as *agapas* continuaram. Ao diante não se celebraram os santos mysterios depois de ceia senão na quinta feira santa. Finalmente, estas comidas, verdadeiramente christãs na sua origem, tornaram-se abusivas; e a pouco e pouco foram abolidas em diversos tempos e differentes partes da Egreja.

Desde o decimo segundo seculo foi-se insensivelmente perdendo o uso de dar a communhão nas duas especies; porém só foi no concilio de Constança que se retirou aos fieis a participação do calix sagrado.

Áquelles que não tinham podido assistir ao sacrificio enviava-se a Eucharistia pelos diaco-

nos ou acolytos. Reservava-se uma porção para o viatico dos moribundos, isto é, para a provisão da grande jornada que iam fazer. Permittia-se aos fieis levarem para casa a Eucharistia para a tomarem todas as manhãs antes de qualquer comida, ou nas occasiões de perigo, como quando iam para o martyrio pois que não havia liberdade de se juntarem todos os dias para a celebração dos mysterios. Como porém unicamente se reservava para os sãos e doentes a especie de pão, prova-se por isto que em todos os tempos a Egreja creu que a communhão era tão completa sob uma especie, como em ambas, e que quem recebia sómente o corpo, ou o sangue de Christo, recebia sempre Jesus Christo. O uso de guardar cada um a Eucharistia em sua casa tem-se conservado até hoje na maior parte dos gregos e dos orientaes, porém acabou nos occidentaes pelo fim do quarto seculo e principios do quinto.

PENITENCIA.

Não se impunha a penitencia senão aos que a pediam; os quaes então eram recebidos com grande caridade, acompanhada de muita discrição. Fazia-se-lhes conhecer que era uma graça que se não devia conceder facilmente, e por isso experimentava-se o delinquente para se conhecer se o seu arrependimento era sincero e solido, mettendo-se de permeio algum tempo antes de lhe conceder a penitencia. Era ao bispo a quem pertencia designal-a para os peccados mortaes, e se devia ser publica ou secreta, e o tempo que devia durar, e até mesmo se era conveniente, para edificação da Egreja, que o peccador fizesse confissão publica, porque regularmente ella era feita secretamente ao sacerdote. O tempo da penitencia regulava-se pela grandeza e qualidade da falta. Ordinariamente era de dois annos para o furto, onze para o perjurio, quinze para o adulterio, vinte para o homicidio, e a vida inteira para a apostasia. O numero dos peccados da mesma especie influia no rigor da penitencia, porém quasi nunca influia no augmento da sua duração. Aquelles a quem se ordenava a penitencia publica, apresentavam-se no primeiro dia da quaresma á porta da egreja com vestidos pobres, rotos e sujos, em signal de luto, e recebiam das mãos do bispo a cinza na cabeça, e cilicios para se cobrirem: depois o prelado expulsava-os do templo. Os penitentes ficavam de ordinario encerrados, dando-se aos jejuns, ás orações, e a todos os exercicios de mortificação.

Havia quatro ordens de penitentes: os flebiles ou lacrimosos; os ouvintes ou auditores; os prostrados; e os consistentes, que quer dizer os que oravam de pé. Todo o tempo da penitencia era distribuido por estes quatro graus. Por exemplo, aquelle que tinha commettido um homicidio voluntario, ficava quatro annos no grau dos flebiles, quer dizer á porta da egreja nas horas da oração, e ficava fora, não no vestibulo, mas na praça, exposto ás injurias do tempo. Ia vestido de cilicio, levava cinza na cabeça, e deixava crescer os cabellos. N'este estado conjurava os fieis que entravam na egreja a terem piedade, e orarem por elle; e effectivamente toda a Egreja orava pelos penitentes. Nos seguintes cinco annos passava á classe dos ouvintes; entrava na egreja para ouvir a instrucção, ficava no vestibulo com os cathecumenos, e saía antes de principiarem as orações. Depois passava á terceira classe, e orava com os fieis, porém no mesmo logar junto á porta, prostrado no pavimento da egreja, e saía com os cathecumenos. Depois de estar sete annos n'este estado, passava ao ultimo, em que ficava quatro annos, assistindo ás orações dos fieis, e orando de pé como elles, mas não lhes sendo permittido nem offertar, nem commungar. Por fim, tendo cumprido os vinte annos de penitencia, era recebido á participação das coisas santas, isto é, á Eucharistia.

Durante o tempo da penitencia, o bispo visitava muitas vezes os peccadores, ou enviava algum sacerdote para os examinar, e tratar de diversos modos, segundo as disposições em que os encontravam. Uns eram excitados; outros amedrontados; outros consolados. Os prelados olhavam a penitencia como uma medicina espiritual, e persuadiam-se de que a cura das almas exigia tanta sciencia, observação, paciencia e applicação, como a cura dos corpos, e que se não podiam destruir os habitos viciosos já inveterados senão por via d'um exactissimo regimen. Tinham muita cautela em não desesperar o penitente por excessiva dureza, porque d'ahi resultaria voltarem de novo ao mundo e á vida pagã. Reprimiam-lhes as impaciencias, conhecendo quanto é prejudicial uma prematura absolvição: só concediam a perfeita reconciliação ás lagrimas, á reconhecida mudança de costumes, e nunca á importunação, nem ás ameaças.

O penitente não passava de um grau ao outro senão por ordem do prelado. Não era o tempo que decidia da penitencia; esta encurtava-se quando havia para isso alguma razão particular, como o fervor extraordinario do penitente, uma doença mortal, ou a perseguição. Esta dispensa, que abreviava a penitencia regular, chamava-se *indulgencia;* e S. Paulo dera o exemplo d'ella com o incestuoso de Corintho, a quem havia excommungado.

Quando o bispo julgava conveniente acabar a penitencia, fazia-o ordinariamente no fim da quaresma, para o penitente recomeçar na festa da Paschoa a participar dos santos mysterios. Na quinta feira de Endoenças, os penitentes apresentavam-se á porta da egreja, e o prelado depois de fazer por elles muitas orações, fazia-os entrar a pedido do arcediago, que lhe representava ser aquelle um tempo proprio para a reconciliação, e que era justo que a Egreja recebesse as ovelhas transviadas, quando ella augmentava o seu rebanho por via de novos bap-

tisados. O pontifice fazia então uma exhortação sobre a misericordia de Deus, e a mudança de vida que deviam ter, e fazia-os levantar a mão em signal de promessa. Finalmente deixando-se abrandar pelas supplicas da Egreja, e persuadido da sua conversão, deitava-lhes a absolvição solemne. Depois rapavam as barbas e cortavam o cabello, largavam os vestidos de dó, e principiavam a viver como os outros fieis.

Se, durante o curso da penitencia, se caía em novo crime, devia-se ella começar de novo. Se o penitente não mudava de vida, deixavam-no no mesmo estado, sem lhe dar os sacramentos; e se depois de receber a absolvição, ainda committia um crime capital, não havia para elle mais sacramentos; porque a penitencia publica não se concedia mais de uma vez. Contentavam-se com orar por elle, exhortal-o a converter-se, e esperar na misericordia de Deus que não tem limites. Aquelles que uma vez tinham estado na classe dos penitentes, não podiam receber ordens, nem ser elevados a nenhum ministerio ecclesiastico.

Este era geralmente o methodo de administrar a penitencia canonica, a que chamavam *baptismo laborioso*. Depressa perdeu porem o seu vigor, especialmente no decimo primeiro seculo. Imaginou-se então que cada peccado da mesma especie merecia a sua penitencia, de sorte que, por exemplo, um homicidio, devia expiar-se por vinte annos de lagrimas, e eram precisos duzentos annos para dez homicidios, o que fazia impossiveis as penitencias, e ridiculos os canones. Recorreu-se então a compensações e estimativas. Imaginou-se recitar psalmos, genuflexões, disciplinações, esmolas, e peregrinações. Até houve monges que se encarregaram de fazer penitencia pelos peccados alheios, e um d'estes foi S. Domingos o Cuiraceo. Raro era o dia em que este santo não recitasse duas vezes todos os psalmos, acompanhando isto de disciplinações. Tres mil golpes de disciplina faziam um anno de penitencia, e dava mil disciplinadas durante cada dez psalmos. Sendo o numero total dos psalmos cento e cincoenta, e emquanto recitava todos dando quinze mil golpes de disciplina, cumpria assim cinco annos de penitencia. Era mister portanto repetir vinte vezes os psalmos, e levar trezentas mil disciplinações para fazer uma penitencia de cem annos. S. Domingos cumpria-a em menos de seis dias, e como era ambidextro disciplinava-se ao mesmo tempo com ambas as mãos, não mettendo porém em conta o duplo golpe. Houve uma quaresma em que fez assim uma penitencia de mil annos. Quanto isto se apartava do verdadeiro espirito da Egreja primitiva! As penitencias do undecimo seculo e seguintes eram só proprias para produzir a hypocrisia e a superstição. Como crer que as disciplinações de um pobre religioso tinham para o peccador a virtude medicinal? O peccado não é como uma divida que fica quite pagando-a ao credor em qualquer moeda; é uma doença perigosa que se não pode curar senão na pessoa do proprio doente.

EXTREMA-UNÇÃO.

A Extrema-Unção é um sacramento celebrado na Egreja já no tempo dos apostolos, pois S. Thiago, dirigindo a palavra aos christãos em geral, disse:—«Algum de vós está enfermo? que chame os padres da Egreja, para orarem por elle, ungirem-no com o oleo em nome do Senhor, e a oração salvará o doente, e o Senhor o alliviará, e se commetteu peccados ser-lhe-hão perdoados.»

Até ao decimo sexto seculo era uso geral dar a Extrema-Unção antes do Viatico; e costumava-se levar o doente, ou ir elle proprio se podia á egreja, para receber este sacramento; pois não se esperava como hoje que chegasse a hora extrema para lhe conferir as graças que esta divina unção communica.

Administrava-se a Extrema-Unção confessando-se o doente dos seus peccados; depois os padres (porque eram uns poucos os que conferiam este sacramento) faziam-lhe a aspersão da agua benta, acompanhada de orações. Então o doente ajoelhava á direita do principal ministro. Egrejas havia onde se ajoelhava sobre cinza, emquanto se cantavam as antifonas, e recitavam as orações. Depois d'esta ceremonia, os padres impunham as mãos no doente; depois cada um d'elles o ungia com o oleo santo, applicando-lh'o em forma de cruz no pescoço, na garganta, no peito, nas espadoas, no sitio onde o enfermo sentia mais dôres, e nos orgãos dos cinco sentidos corporaes. Tudo isto era precedido e seguido de antifonas, cantigos espirituaes, e fervorosas orações. Em muitas egrejas terminava a ceremonia com a benção das cinzas, que se punham em forma de cruz sobre o peito, ou cabeça do doente, para lhe recordar o seu nada; e n'outras cobrindo-o com um cilicio para lhe inspirar sentimentos de penitencia. Vê-se que a administração d'este sacramento durava muito mais tempo do que hoje.

ORDEM.

As ordenações eram precedidas de um jejum, e acompanhadas de orações. Ordinariamente tinham logar em a noite do sabbado para o domingo. Velava-se n'essa noite; e celebrava-se depois a ordenação, cuja principal ceremonia era a imposição das mãos, seguindo-se depois o sacrificio da missa.

Escolhia-se o bispo em presença do povo, pelos bispos da provincia, reunidos na egreja vaga, pelo menos em numero de dois. Julgava-se necessaria a presença do povo, para que estando todos persuadidos do merito do eleito, lhe obedecessem de melhor vontade, pois que ordinariamente se escolhiam os baptisados na mes-

ma egreja, e que n'ella tinham exercido por muitos annos todas as funcções ecclesiasticas.

Os bispos escolhiam os clerigos entre os christãos cuja santidade mais brilhava, e de mais reconhecida virtude. Esta era a ordinária recompensa dos confessores, o que quer dizer, aquelles que tinham defendido a fé contra os pagãos e hereticos, e que haviam mostrado mais constancia nos tormentos. O prelado fazia muitas vezes esta escolha a pedido do povo, pelo menos com a sua participação, sempre com o conselho do clero, e depois de ter examinado, com os sacerdotes mais habeis, os que escolhia, para ver se tinham as qualidades requeridas. Pouco se attendia á vontade dos ordinandos. Não só se não esperava que elles pedissem a ordem, mas até os ordenavam contra sua vontade, por força ou por artificio. O bispo não ordenava nem sacerdotes, nem diaconos, nem outros clerigos, mais que os restrictamente precisos para o serviço da sua egreja. O numero não era grande. Em proporção havia mais bispos, porque se nomeavam para todas as cidades onde existia um numero rasoavel de christãos. Era prohibido ordenar n'uma provincia os que tinham sido baptisados n'outra, por não ser conhecida a sua vida. Depois da ordenação obrigavam-se os clerigos, não só á residencia, mas á estabilidade pelo resto de sua vida, ficando sempre em completa dependencia dos bispos, porque eram os discipulos que elles tinham cuidado de instruir, formar e educar, gradualmente, para os applicarem a diversas funcções, segundo os seus talentos.

MATRIMONIO.

Os christãos olhavam nobremente o casamento, como sendo o seu fim a producção das creaturas racionaes, que devem durar eternamente, e tornando o homem imagem de Deus d'um modo particular, no que concorre com elle para a producção do homem. Entre os principios para a educação das creanças, recommendava-se casal-as cedo, para prevenir a devassidão; e exhortavam-se aquelles que por caridade acolhiam e nutriam orphãos, a casal-os chegada a edade, de preferencia com os proprios filhos; e isto mostra que então o interesse não tinha parte nos casamentos dos christãos.

Consultava-se o bispo sobre os casamentos, como sobre todos os negocios importantes, para que se fizessem segundo Deus, e não segundo a concupiscencia. Quando as partes estavam de accordo, celebrava-se o casamento publica e solemnemente na egreja, e era consagrado pela benção do pastor, e confirmado pela oblação do santo sacrificio. Os esposos davam a mão, e a mulher recebia do marido um annel onde estava gravada uma cruz, ou a figura symbolica de alguma virtude. Os fieis abstinham-se do uso do casamento durante os dias solemnes de festa, ou de jejum, e d'ahi veiu a prohibição de celebrar nupcias em certo tempo do anno. Não era permittido o casamento com os infieis; porém se antes tinham sido casados podiam habitar juntos. As segundas nupcias, ainda que permittidas, reputavam-se uma fraqueza, e n'algumas egrejas obrigavam-se á penitencia os que se tornavam a casar.

JEJUNS.

Os christãos jejuavam mais vezes do que os judeus; porém emquanto ao modo do jejum era quasi o mesmo, dando mostras de afflicção. O essencial era não comer senão uma vez ao dia, de tarde ou jantar, e a abstinencia de vinho, e de comidas delicadas e nutritivas, passando-se o dia no isolamento e na oração. Juntava-se ao jejum a esmola, que saía da economia feita na despeza ordinaria. Até se julgava quebrado o jejum bebendo-se agua fora da occasião da comida.

Nos tempos primitivos da lei da graça, não havia jejuns obrigativos senão os da quaresma. A devoção instituiu outros, como as quartas e sextas feiras, e os que os bispos ordenavam pelas necessidades extraordinarias das egrejas, e finalmente as quatro temporas, para consagrar pela penitencia, as diversas estações do anno. Regularmente não era permittido jejuar ao domingo, por causa da excellencia d'este dia.

Distinguiam-se tres especies de jejum: os da estação, que acabavam ás tres horas da tarde, e se chamavam meios jejuns; os da quaresma que duravam até ás seis horas, ou pôr do sol; e o duplo jejum em que se passavam vinte e quatro horas sem comer. Tambem se jejuava no sabbado da alleluia; na sexta feira de Paixão; muitos passavam tres dias, outros quatro, outros toda a semana santa, sem tomarem nutrimento, segundo as suas forças.

Eram differentes os graus da abstinencia: uns observavam a *homophagia*, que quer dizer não comer nada cosido; outros a *xerophagia*, que significa limitarem-se ás fructas seccas, abstendo-se não só da carne e do vinho, mas tambem de fructos vinosos ou succulentos, e comendo portanto pão e nozes, amendoas, e outros fructos similhantes.

Dos jejuns solemnes da Egreja, especialmente a quaresma, ninguem era dispensado, e nem a condição e a edade passavam por escusas legitimas. Todos os negocios publicos cessavam; e viam-se as cidades, ainda as mais povoadas, tranquillas como as solidões. Os fieis passavam a maior parte dos dias nos templos orando, e ouvindo leituras santas e predicas. D'aqui provém serem mais extensos os officios d'estes dias. Não se celebravam nupcias, havia privação dos prazeres ainda os mais innócentes; não se julgavam os processos; não se usava de armas, e não se emprehendia nenhuma viagem sem grande necessidade.

Continua. A.



RESURREXIT.

Annuntiate hoc in universa terra.

Que foi feito das antigas philosophias? Recuaram vencidas ante a maxima sublime do amor de Deus e do proximo ensinada pelo Christo. Onde está hoje o fulgor d'esses celebrados nomes com que o paganismo por tantos seculos se ufanou? Eclipsou-se ante o esplendor do nome de Jesus! Qual sellou mais nobremente a proclamada doutrina com mais generoso sacrificio? Nenhum. A verdade, divina na sua essencia, carecia tambem de um poder divino para se revelar. Esse poder baixou á terra encarnado na figura mais enobrecida da creação — o homem, — que o Omnipotente havia formado á sua imagem e similhança!

A creatura humana, saida expressamente da mão de Deus para o glorificar; animada pelo seu sopro divino afim de se elevar á preeminencia de rei da creação, foi glorificada pelo sacrificio augusto da Redempção. Havia sido creada immortal, e pelo peccado entrava na duvida d'esta graça da sua creação. Era preciso um grande exemplo que autorisasse a doutrina, e o Lazaro foi evocado á campa, e os incredulos confessaram a evidencia que não podiam negar. Passaram então as duvidas da doutrina para a pessoa que a proclamava, e negaram áquelle que assim imperava sobre a morte, que a si proprio se podesse eximir d'ella. *«Oh morte! eu serei a tua morte; oh inferno! eu serei a tua ruina,»* havia dito a prophecia pela bocca de Ozéas. *Resuscitarei ao terceiro dia*, tinha repetido o Chris-

to; e os homens, allucinados, haviam sellado o sepulchro de Jesus, guardando-o com soldados, para que o corpo não fosse arrebatado pelos discipulos, e a impostura se não impozesse á verdade annunciando uma resurreição que não existia! Esta mesma guarda, porém, esta mesma vigilancia era precisa para testemunho do milagre entre os incredulos, que não poderam deixar de exclamar, confundidos pela evidencia: — «*Este homem era na verdade o Filho de Deus!*»

Tal é o assumpto que representa a nossa gravura. N'este momento solemne da resurreição, a humanidade folga, remida das cadêas do peccado. Regenerou-se por este modo a face da terra; os anjos e os santos entoaram a *Alleluia!* e nós os homens, abraçando-nos como irmãos, felicitamo-nos reciprocamente por tão augusta e solemne festa! Assim tambem vol-a desejamos, leitor, venturosa e feliz. ***

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXII.

VISITA AOS CONVENTOS DA SERRA. SCENAS DA COSTA MARITIMA.

Continuação. (*)

19 de Setembro de 1787.

Nunca tive um dia mais formoso, nem vi um ceo de azul mais aprazivel. Os marquezes já estavam comigo ás seis horas e meia, e divagámos por oiteiros incultos, sobranceiros a uma grande extensão de paiz apparentemente deserto, porque os logarejos, onde os ha, estão escondidos nas quebradas e covas da serra.

Intentando explorar as montanhas de Cintra de um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjunto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que naveguei pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito; vêdes, logo immediatamente abaixo, immensa expansão de mar, o vasto, illimitado Atlantico. Uma longa serie de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas, produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam, sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas que viessem surgindo da profundeza do seu elemento.

Não havia coisa verdadeiramente interessante nos objectos que proximamente nos cercavam. As reliquias moiriscas das circunvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum consideravel; foram provavelmente fabricadas com as dilapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se tivessem aproveitado de algum fano (egreja) punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado, e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

Por entre as rachas dos muros esbroados e particularmente na abobada de uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, gencianas e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas. Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeraveis hervas aromaticas e flores, parece que me infundiam nas veias nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

Como estivemos largo espaço em contemplação, não pude passar metade do tempo que eu desejava n'esta aeria e solitaria summidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpêa entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas um trilho estreito sobre os cumes de eminencias maninhas e agrestes até ao convento da cortiça (1), que corresponde exactamente, no primeiro relance d'olhos, á pintura que se pode imaginar da vivenda de Robinson Crusoé. Da banda de fora da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pelo gado, cujos tintinnabulos me recordaram antigos dias decorridos em meio da rustica paizagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitorio, tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro; em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tambem o soalho recamado do mesmo material, extremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas que jazem na mais silvestre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei de explorar aquelles recantos e voltas seguindo o curso de um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas (2), e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar que não pudemos desculpar-nos; como era ainda muito cedo cavalgámos com o intuito de ver a famosa arriba maritima chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio. Levava-nos o nosso caminho pelas beiras dos arvoredos

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

(1) «Cork-convent» assim chamam os inglezes o convento dos capuchos da serra.

(2) Não é exacto.

proximos da deleitosa villa de Collares até outra ordem de escalvadas eminencias que se dilatam até á costa brava do mar. Cheguei mesmo ao pino do rochedo, que é de grandissima altura e quasi perpendicular. Seguia-nos uma tropa de rapazes alcançando os cavallos; e cinco dos mais taludos desceram com todo o desembaraço pelo temeroso precipicio; um d'elles especialmente baixava de braços abertos e como individuo de ordem superior aos mais e á natureza.

A costa maritima é o que se pode chamar pittoresco, consistindo de bojamentos muito arrojados, que se entremeiam com penedos pyramidaes uns apoz outros em perspectiva theatral, avistando-se os mais remotos coroados por uma torre mui alta, que serve de pharol.

Não ha termos que expliquem a suavidade da atmosphera, e a luz prateada que o mar reflectia. Da orla do abysmo, onde nos demorámos alguns minutos como por encantamento, descemos uma ladeira tortuosa, obra de meia milha, até á praia. Achámo-nos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundos e interceptados esconderijos, um jogo assim da linha geral do perfil, e tambem nunca ouvi tão valente mugido das aguas que investem com a costa.

Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade, enthusiasmada pela paizagem das localidades, os persuadisse a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais autorisados e antigos lusitanos positivo declararam que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro ao imperador Tiberio annunciando-lhe o successo, e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

A maré começava a vasar e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam incrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos, não distante da bocca por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doceis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros côr da prata. As vacillantes espadanadas da luz pelas irregulares arcadas batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resonantes e quasi todos os tons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmosphera impregnada de particulas salinas, produziam tal desvario dos sentidos que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse ali á crença das apparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos antigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-me da sua existencia por uma apparição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam trasmalhado deixando-me inteiramente só; por meia hora estive secluso do mundo animado; a unica creatura viva que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empoleirado n'uma rocha, insulada a cincoenta passos da abertura da caverna.

Os sons complicados e susurros que me entraram pelos ouvidos atordoavam-me a ponto, que estive alguns momentos sem poder distinguir as vozes de Verdeil e D. Pedro, os quaes voltavam de uma colheita de algas e conchas, chamando-me estrondosamente para montar a cavallo e reunir-nos ao marquez e sua comitiva, que todos tinham ido á missa ao conventinho da Serra. Felizmente as pequenas nuvens soltas, que tinhamos visto do cume altissimo da Pena, em vez de se fundirem no firmamento azul haviam-se condensado e nos protegiam contra o calor do sol. Foi, portanto, deliciosa a cavalgata; assim que nos apeámos appareceu-nos o abbade velho que chegava na occasião com Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, cercado de todo o synodo de frades, pittorescos quanto podiam tornal-os as cabeças calvas e as barbas venerandas.

Logo que o marquez findou as suas devoções, serviu-se o jantar no gosto do que se pode esperar em Mequinez ou em Marrocos; cuscús e similhantes massas, saborosas codornizes, e pyramides de arroz córadas de açafrão. A nossa sobremesa, quanto a fructas e doces, foi mais opipara; nem a propria Pomona se envergonharia de trazer no regaço pecegos e abrunhos como os que rolavam com profusão por cima da mesa.

O abbade parecia animado depois do jantar pelo espirito de contradicção, e não queria conceder que o marquez ou Luiz de Miranda soubessem mais da côrte de D. João V do que da de Pharaó rei do Egypto. Para não ensurdecermos aos berros da disputa, em que dois ou tres frades com vozes de stentor começaram a metter-se com vehemencia, galgámos D. Pedro, Verdeil e eu pelas empinadas moitas de medronheiros e murtas até um terreirinho atapetado de mimosa relva, que á mais leve pressão recendia com perfumes suaves. Ali nos sentámos, acalentados pelo borborinho das ondas distantes que rebentavam na penedia da praia, que de manhã tinhamos visitado; as nuvens passavam vagarosas por cima dos oiteiros. Os meus companheiros partiam as pinhas e davam-me os pinhões, que teem agradavel sabor de amendoa.

A tarde ia muito adiantada quando deixámos este pacifico retiro e fomos ter com o marquez, que não fôra capaz de accommodar o abbade; o velho vozeador appellou tantas vezes para o guardião do convento em defesa das suas opi-

niões, que eu pensei que nunca d'ali nos despegariamos. Afinal partimos, e divagando entre nevoas e trevas espaço de duas horas, chegámos exactamente ás dez a Cintra. A marqueza e os meninos estavam inquietos com tão longa ausencia, e ralharam ao abbade por ter sido a causa.

Continua. M.



ARCOS NORMANDOS.

Winchester, capital do condado de Southampton e distante d'este porto cinco leguas para o nordeste, foi cidade importante no tempo dos reis saxonios. Teve uma celebre abbadia de benedictinos; ainda possue um collegio onde se educam muitos estudantes e se preparam a seguir os cursos d'ensino superior na universidade de Oxford; é patria do rei Eduardo I.

A cathedral, obra antiga e primorosa, carecia de alguns reparos e arranjos que ultimamente se teem feito, e o progresso dos mesmos deu logar a um interessante descobrimento archeologico em a cerca interior ou claustra mais recondita.

Removendo os trabalhadores o paredão que liga os aposentos do deão com o claustro escuro que em tempos antigos era passagem para a enfermaria do mosteiro, destaparam uma serie de cinco arcos maciços com suas pilastras, de architectura normanda, e sendo o central de muito maiores dimensões que os outros quatro; achamse em bom estado de conservação, e por esse do centro seguirá a communicação que se pretendia abrir. Não ha duvida que estes arcos são resto dos sustentaculos em que se estribava a antiga casa do capitulo, que era de noventa pés quadrados, vendo-se ainda grandes porções nas paredes do claustro acima referido.

Aqui se passaram graves acontecimentos historicos. O soberbo e irreligioso rei João aqui se humildou aos pés do arcebispo Langton para obter absolvição da sentença de excommunhão, e renovou o servil preito que d'antes rendera ao papa Innocencio III. Aqui seu filho, Henrique III prégou um sermão em forma, sobre um texto que havia escolhido, perante toda a communidade dos monges, para resolvel-os a escolherem seu co-irmão Ethelmar para prelado. Aqui tambem, por intervenção do abbade e monges, se ajustou felizmente a fatal desintelligencia entre Henrique de Winchester e seu brioso filho e libertador Eduardo I.

Os arcos, como estão situados, debaixo de algumas formosas arvores de tilia, quando o terreno estiver amanhado e plantado de arbustos, mostrarão, vistos de diversos lados, uma apparencia bastante pittoresca.

M.

OS ALEMÃES, E A SUA MODERNA LITTERATURA.

Para prova de como se avalia em França a litteratura dos outros paizes, vamos trasladar um esboço da apreciação feita por um escriptor d'aquella nação, ácerca da moderna litteratura alemã, d'essa litteratura que mostrou, em tempos não mui remotos, genios da elevação de Goethe, Schiller, Burger, Hoffmann, e tantos

outros, dignos rivaes dos melhores autores de todo o resto da Europa.

Eis em substancia o arrasoado do critico francez.

Se algum futuro bibliophilo se lembrar de dirigir um olhar retrospectivo sobre a Alemanha do decimo nono seculo, enxergará ahi maior numero de pequenos livros do que de grandes homens, podendo atravessar annos e annos, como se passeasse sobre as estantes carunchosas de uma velha e extensa livraria.

A posteridade de Arminio trocou o escudo pela estante, e a aguia de duas cabeças do brazão teutonico, pode vantajosamente substituir-se por um ganso.

Não me queiraes mal, caros visinhos d'além do Rheno, se esta imagem offusca a vossa gloria; ella saiu inteira de um cerebro alemão, pertence a Wolfgang Menzel.

Na verdade, a rude Germania trocou as suas armaduras de ferro pelo roupão e os pantufos; e será difficil de encontrar um fio de Ariadne, que nos ajude a descobril-a, adormecida, como está, debaixo das suas catacumbas de papel.

Deixando á Italia a sua ardente poesia, á Hespanha os seus esquecidos santos, á França as vaidades da gloria, á Inglaterra a sua fortuna commercial, a boa Alemanha bebe cerveja, fuma cachimbo, e perde a vista a ler. Não lhe disputeis a descoberta da imprensa; pois o uso que d'ella faz é tão uniforme, que não pode deixar duvida sobre a prioridade do seu direito. Passa metade da vida a sonhar; e a outra metade a pôr em ordem os productos das suas vigilias.

Esta accumulação de livros, que cresce todos os dias na Alemanha, estas muralhas descomunaes, erguidas por um povo inteiro, á maneira de uma nova Babel, este phenomeno de dez milhões de volumes, publicados todos os annos por cincoenta mil escriptores, promettem, por pouco que augmente a furia de escrever livros, uma estatistica de autores alemães, que virá a exceder muito o numero dos leitores.

De que provém isto? É que desde tempos mui remotos, os alemães eram um povo phantastico; na edade media tornaram-se mysticos; e á proporção que caminham para as modernas epocas, mais a sua organisação contemplativa se encerra nas regiões da intelligencia.

Em nenhum outro paiz se encontram tantos systemas, opiniões, gostos e talentos diversos; tão differentes estylos no pensador e no poeta. Nenhuma regra dirige aquelles espiritos; crescem aqui e ali, como plantas agrestes, dessimilhantes na natureza e na forma; e a sua reunião na litteratura apresenta, portanto, um aspecto irregular. Fallam a mesma lingua, assim como vivem sob o mesmo ceo, mas distinguem-se uns dos outros por uma pronuncia especial. O natural os arrebata, apesar da severa doutrina de certas escolas, que pretende extirpar esta pretendida barbarie.

A Alemanha tem pouca flexibilidade social, mas a sua individualidade é por isso mesmo mais energica; caminha livremente até ao capricho e á caricatura. O genio rompe todos os diques; e o espirito da mãe-patria predomina mesmo entre o vulgo.

Se olhamos para a litteratura dos outros povos, sempre vemos, mais ou menos, um certo amor pelas regras, pelos *jardins á franceza;* porém a litteratura alemã é como uma floresta virgem, como um prado coberto de hervas desconhecidas. Cada espirito parece-se com uma flor distincta pela côr e pelo perfume.

O que ha de rico e original no mundo phantastico dos alemães, deve attribuir-se á influencia immediata da natureza. O vôo do genio alemão é livre e arrebatado. Uma só coisa é commum á quasi totalidade dos escriptores germanicos; é o pouco caso que fazem da vida real, e a supremacia da contemplação interior.

Por isso mesmo diversificam tanto as idéas n'aquella região. Nos estreitos limites da vida pratica, as idéas teriam de grupar-se em um pequeno numero de partidos, que buscariam resultados simples; mas na esphera infinita da imaginação, todo o espirito original acha um terreno sem horisontes.

Os alemães procuram instinctivamente este elemento de liberdade. Os francezes servem-se das idéas para as applicar a experiencias; os alemães empregam as experiencias para deduzir d'ellas maravilhosas theorias. O francez inventa dramas ou tragedias para agradar ao espirito politico nacional; aos alemães não resta das suas acções e experiencias senão dramas ou tragedias. Os francezes teem uma lingua pobre, porém excellentes oradores; os alemães podiam fallar muito melhor, mas limitam-se a escrever: aquelles fallam porque obram, estes escrevem porque só pensam.

A actividade litteraria devora a Alemanha. A mais pequena cidade tem o seu gabinete de leitura, e a sua casa de conversação. Qualquer habitante, mediocremente rico, possue uma bibliotheca. Desde a arte de governar até ao modo de embalar uma creança, tudo é objecto de sciencia, e se estuda, além do Rheno. Os livros multiplicam-se com uma perseverança infatigavel; tudo ahi apparece estampado: as receitas do medico, as sentenças do juiz, os sermões do parocho, as lições do mestre-escola, e até o *pensum* do discipulo. Governa-se, cura-se, negoceia-se, viaja-se, cosinha-se com um livro na mão... sem livros, a mocidade alemã estava perdida.

Este juizo mais que severo de mr. Christian sobre os alemães e a sua moderna litteratura, acha comtudo apoio em um autor nacional, Wolfgang Menzel, o mesmo que já o escriptor francez havia citado em sua defesa.

Ouçamos o critico germano:

Em todas as epocas foram os alemães menos habeis na vida pratica do que outro qualquer

povo, porém mais *indigenas* no mundo interior; todas as suas virtudes e todos os seus vicios devem attribuir-se a essa concentração intima, a essas disposições meditativas. São ellas, mais que tudo, que fazem de nós um povo litterario, e que imprimem, ao mesmo tempo, á nossa litteratura, um caracteristico singular. Os escriptos das outras nações occupam-se mais de coisas positivas, como o seu genero de vida; os nossos teem um colorido sobrenatural ou antinatural, que não se liga com o mundo pratico, porque só temos diante dos olhos o nosso mundo interior e as suas maravilhas. Nós somos mais phantasticos do que os outros povos, não sómente porque a nossa imaginação se arremeça da vida real para um ambiente de prodigios, mas ainda porque tomamos os sonhos pela realidade. A nossa intelligencia perde-se no espaço, e somos apontados geralmente como especuladores e fabricantes de systemas. Não sabemos realisar as nossas theorias senão no campo da litteratura, e dando ao mundo das palavras uma superioridade desproporcionada com o mundo real, merecemos com razão que se nos prodigalisem os epithetos de pedantes e atormentadores de livros.

Todavia os resultados de nossas assiduas meditações, apparecem com um brilhantismo, que os estrangeiros não sabem apreciar. Nós tratamos da cultura universal do espirito, e não é debalde que lhe sacrificamos a energia, de que haviamos mister para obrar, bem como o nosso orgulho nacional. Os conhecimentos que nós adquirimos, podem tornar-se facilmente mais salutares ao genero humano, do que certas acções, alcunhadas de grandes; e o desejo de ensinar os estrangeiros, deve honrar-nos mais do que uma victoria alcançada sobre elles.

Ha em nosso caracter nacional uma tendencia particular para o bem da humanidade; pretendemos surprehender tudo que diz respeito ao genero humano, no seu proprio centro, e adivinhar na multiplicidade infinita da vida o enygma da unidade occulta. É por isso que trabalhamos ao mesmo tempo, e com egual fervor, em todos os pontos da sciencia. Temos um gosto innato por tudo, simultaneamente; o nosso espirito approxima as maiores distancias, quando tem avidez de conhecer os objectos, e devassa a profundidade de todos os mysterios da natureza, da vida e da alma. Nenhuma outra nação é dotada de um espirito encyclopedico como a Alemanha, e o que não pode conseguir o esforço individual, alcança-o um trabalho collectivo: numerosos orgãos estão espalhados entre o povo, e servem para alargar os horisontes do saber.

Das opiniões, homogeneas até certo ponto, que expendem o francez e o alemão, pode concluir-se, e conclue-se que é um povo original o da antiga Germania; mas de forma alguma se acha justificado que a moderna litteratura d'além-Rheno seja insignificante. A *douta Alemanha*, chamam os sabios de todo o mundo áquella parte da Europa; e outra prova da sua importancia litteraria é a maneira porque se tem generalisado o estudo d'aquelle idioma. Os seus livros não teem o brilhante colorido das obras francezas, nem a utilidade pratica dos escriptos britanicos; porém mostram o supremo esforço da intelligencia, são a arca santa da sciencia.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

No cabo da rua de Santa Catharina havia outro arco dedicado á gloria dos Apostolos e Martyres. Tinha quarenta e oito palmos de largo, e quarenta e quatro de alto; e sobre elle uma arvore de vinte e cinco palmos. Fundava-se sobre quatro pedestaes, cada um com duas columnas jonicas. De um lado do arco estava a porta da cidade, e do outro se fingiu pela pintura egual porta para symetria. No alto inscreveu-se a dedicação. Representava em paineis a gloria dos Apostolos, todos sentados em thronos, e tendo aos pés as quatro partes do mundo, e emblemas e tenções dos martyrios. Aquella arvore de que acima fallámos representava a arvore do martyrio: junto ao seu tronco estavam figuras de homens pondo-lhe fogo, e derrubando-a com varios instrumentos que significavam as perseguições da Egreja. Cada ramo vinha rematar nas pontas em um martyr, e no mais alto ramo ficava Santo Estevão como primeira flor d'esta arvore. Nos pedestaes estavam as estatuas e representações da *caridade*, *idolatria*, *tyrannia*, *sabedoria do mundo*, *heresia*, etc.

Passado o arco da porta de Santa Catharina, mesmo defronte do angulo da egreja do Loreto para S. Roque achava-se a estatua da *temperança*. Representavam-na segurando n'uma das mãos um freio, e com a outra indicando o caminho que a procissão tinha a seguir. Devemos aqui advertir que todas estas representações symbolicas das virtudes tinham suas poesias em latim, portuguez, e hespanhol.

No meio da rua de S. Roque, defronte do postigo da Trindade, se levantava outro arco triumphal. Era este dedicado á Santa Cruz, e á Virgem Nossa Senhora. D'este arco até ao largo de S. Roque havia uma rua de pinheiros.

O arco tinha quatro faces.

Aquella que dava de frente para o prolongamento da rua até ao Loreto era dedicada ao triumpho glorioso da Santa Cruz.

A outra que olhava para a egreja de S. Roque, á Virgem Nossa Senhora.

As duas faces lateraes estavam occupadas por duas pyramides, que tinham sete palmos de largo, e mais de cincoenta de altura. Os pedestaes d'estas pyramides eram em quadro de sete pal-

mos. Sobre elles se fundavam quatro columnas, duas a cada parte, com dezoito palmos de alto, além dos dois de moldura que tinham de emposta sobre os capiteis.

Entre os capiteis e frisos levantavam-se uns nichos, de dez palmos de alto.

Na face dedicada á Santa Cruz havia no meio do ovado do frontispicio uma cruz tendo ao pé sceptros, corôas, livros, e armas, o que significava os despojos do mundo, e suas lettras que o explicavam.

Egualmente a adornavam duas estatuas: uma de Moysés, e a outra de Jacob. Ambas similhavam bronze, e tinham escriptas as suas tenções, em versos latinos.

Em os nichos por cima dos capiteis representaram-se em vulto Constantino Magno, e D. Affonso Henriques.

Nos triangulos do arco assentavam-se dois anjos, apontando o primeiro para uma corôa, e o segundo para um sceptro.

Havia tambem pyramides n'esta face do arco, de mais de cincoenta palmos de alto, ornados os terços inferiores d'ellas com emblemas, e os pedestaes com figuras.

No remate d'uma d'estas pyramides achava-se representada a Phenix, e na outra o Pelicano.

Entre as allegorias e figuras que estavam no terço das pyramides notava-se esta de Adão em um naufragio, com a nau meio soçobrada, e a elle a nado com as ondas, e lançando mão de um madeiro em forma de cruz.

No lado do arco, dedicado á Virgem, era a traça da architectura egual ao opposto, diversificando sómente nas figuras e emblemas.

No ovado havia pintada uma imagem da Senhora, com o Menino Jesus nos braços. Ambos estavam derramando oiro, prata, e pedras preciosas ás mãos cheias; e todos esses thesouros eram recebidos pela grande copia de gente que se representava no baixo do quadro, com as mãos estendidas para a Virgem

Aos lados do painel representaram-se a Porta de Ezequiel, e a Arca da alliança.

Tambem ali se achavam as estatuas de David, e Salomão.

Nos triangulos ficavam as figuras da *pureza* com um cordeirinho nos braços; e a da *humildade*, com um hysope na mão.

Em os nichos collocaram-se as estatuas de Ester e Judith.

Em cada terço das pyramides havia um emblema da Senhora; e nos pedestaes pintaram-se as allegorias do peccado.

No vão do arco, pela parte interior havia tambem muitas allegorias e representações, todas allusivas á dedicação.

Entre os pinheiros que acima dissemos ornarem a parte da rua desde este arco até á egreja, armaram-se palanques.

A frontaria da egreja de S. Roque estava armada de telilha de oiro e prata, e sedas de lavores, com festões de murta.

Em um nicho da mesma frontaria se accommodou um quadro do Menino Jesus, segurando na mão esquerda um globo, e com a direita em menção de deitar a benção.

Sobre a porta principal da egreja achava-se a estatua de S. Roque, em vulto, e doirada.

No terreiro havia uma cruz de cera, de vinte e cinco palmos de alto, assente sobre um Calvario que descansava n'um pedestal de dez palmos. Esta cruz tinha muita diversidade de flores, fructos e folhas de cera. Foi offerecida pelos cereeiros da cidade.

O principe cardeal Alberto assistiu de uma das janellas da frontaria da egreja de S. Roque, á entrada da procissão na mesma egreja.

Os festejos por esta trasladação duraram oito dias, e para o livro do licenceado Manuel de Campos remettemos o leitor curioso de mais especificada relação, onde encontrará tambem um thesouro de poesias todas dedicadas a este objecto.

Continua. F. D. d'Almeida e Araujo.

MISCELLANEA.

Á primeira vista parece não vir a bons auspicios um artigo cuja epigraphe pode significar — confusão de muitas coisas. Mas depois de se attender um momento occorre a idéa de que miscellanea, é quasi tudo que nós vemos; é o mundo em geral.

Fatiga-se o observador em achar o nexo, e a relação das coisas, em classifical-as, e o diabo da miscellanea a confundir-lhe tudo. Vejamos se isto é assim, mediante alguns exemplos.

No *rez de chaussée* d'uma casa mora um cutelleiro, que mais adorna as suas vidraças com agudas navalhas de mola, d'estas que se encontram nas mãos do assassino, do que com garfos e facas de uso licito e commum; e no primeiro andar habita um medico homœopatha, que, com diminutissimas e milagrosas substancias, salva (diz elle) o doente, que morreria ás mãos da allopathia, se continuasse a engulir as formulas do codigo pharmaceutico.

Ora vá lá achar o nexo, ou a relação em que estão, debaixo das mesmas telhas, o cutelleiro aguçando navalhas para dar cabo da vida, e o partidario de Hahnemann receitando medicamentos para salvar da morte! Aqui, forçoso será confessar que procede, não a miscellanea simples, mas a revoltante.

Emquanto as doutrinas de Hahnemann, patricio do historiador, e poeta Schlegel, são seguidas, a despeito das que sustentaram os Hyppocrates, Galenos, e Brownes, e o apostolo da homœopathia entende que vae conquistando á morte as victimas que a medicina allopathica lhe legava, está o cutelleiro preparando instrumentos de morte violenta, quando passam ás mãos d'aquelles que lhes fazem bainhas de intestinos humanos.

Vamos ainda a outro exemplo menos repugnante.

Annuncia-se ahi um recemchegado de Paris, que tira dentes com a rapidez da electricidade, e logo em seguida do annuncio, para que não chega ás vezes todo o costado d'um jornal politico, assevera que faz queixos inteiros, que excedem os do dragão semeados por Cadmo rei de Thebas.

Entra-se em casa, ou melhor será dizer na vasta e cheirosa habitação d'um *coifeur;* e nos centenares de vidros, frascos, e boyões, lacrados com mais cuidado que um testamento, que lhe occupam os mostradores e armarios, diz elle, que estão os cremes da Persia e dos Alpes, que renovam a pelle velha, aformoseiam a feia cara, tiram, põem, encaracolam, aloiram, e azevicham os cabellos.

Passando d'aquellas composições já feitas, para os improvisos manuaes, reduz elle uma cabeça (por fora, já se sabe) á condição dos que habitam os hospitaes de *Hanwel*, e *Maréville*, na Inglaterra e França, ou mesmo cá em Rilhafolles, nos parcos minutos em que nivela outra aos respeitaveis rolos da cabelleira do marquez de Pombal.

E não será tudo isto uma verdadeira miscellanea? Pois se o é escreveremos n'este gosto, não improprio do Panorama, visto significar a palavra uma perspectiva circular.

E porque havemos de começar? Seja por versos, mas d'estes que não levem muito tempo a ler.

A VENTURA JÁ PERDIDA.

Harpa divina de Homero,
Tu de Apollo protegida,
Empresta-me sons que exprimam
A ventura já perdida.

Mas não! de Byron invoco
Musa forte e destemida,
Pois voz de ferro só canta
A ventura já perdida.

Não pode a sonora lyra,
Por amor ao ceo erguida,
Desferir nas cordas de oiro
A ventura já perdida.

Se a perda do bem é golpe
Da sorte mais desabrida,
Se é carpir dos desgraçados
A ventura já perdida.

Não mais oh musa! emmudece!
Pois não pode a voz da vida
Cantar o que excede a morte,
A ventura já perdida.

EFFEITOS DA SIMILHANÇA.

Quando hoje vi um joven
Como tu, da tua edade,
Aguçaram-se os espinhos
Da minha eterna saudade.

Chorei por aquellas horas
Que comtigo fui feliz,
Como foram venturosas
Riscal-as o fado quiz.

Aquelle fado iracundo
Que horrorisada esconjuro,
Porque a luz da minha esperança
Apagou-m'a no futuro.

Os laços que amor ligava
Puros de crime, e de erro,
Cortou-m'os aquelle monstro
Com a dura mão de ferro.

E como se não bastasse
Pena que nunca me esquece,
Veiu o barbaro mostrar-me
Quem comtigo se parece!

A UM ANNIVERSARIO NATALICIO.

Hoje as tres Graças, curvando
Ante Jove o niveo collo,
Desprenderam voz celeste
Ao som da lyra d'Apollo.

Pediram bens infinitos,
Aos altos deuses soberanos,
Qu'espalharam, entre flores,
Sobre o dia dos teus annos.

Nos altares da Ventura
Se elevou aureo lettreiro,
E os anjos proclamaram
=*Vint'e cinco de Fev'reiro.*=

ESCRIPTO N'UM ALBUM.

Tu queres que a minha musa,
Tão pobre de inspirações,
Escreva aonde se escrevem
Centenares d'illusões?

Eu idolatro a verdade;
E se ella é que me inspira,
Não sei dispôr d'essas galas
Com que se adorna a mentira.

Quantas vezes um poeta
Vae recamar de belleza
Aquella, que tão escaços
Dons lhe deu a natureza!

Pinta-lhe uns olhos de Venus,
Uns cabellos de setim,
Uns dentes como o aljofar,
E nada d'isto é assim.

D'estas ficções nada sei,
Por mais que attento as estude,
Não te illudas, não as creias,
A belleza é a virtude.

C.

Aos despotas nunca faltam mandarins, que sejam vis executores de seus decretos.



MERCADO DO TRIGO EM BOSTON.

Capital do estado de Massachussets na União Americana, está a grande e bella cidade de Boston edificada em amphitheatro n'uma peninsula dentro da bahia de Massachussets. Lançaram-lhe os fundamentos os habitantes da visinha Charles-Town em 1631 denominando-a Trimountain, nome que depois perdeu recebendo o que ora tem em veneração á memoria de M. Cotton, ministro do culto protestante na pequena cidade de Boston, do condado de Lincoln em Inglaterra, e que foi o ministro da primeira egreja estabelecida em Boston da America. É o porto da America septentrional, abaixo de Nova York, onde se faz mais commercio, e tem capacidade para quinhentos navios; em seus numerosos estaleiros se construem embarcações de todo o lote; só tem um canal seguro para a entrada, e tão estreito que mal podem passar dois navios emparelhados, mas dentro é excellente o surgidoiro. Á bocca da bahia ha muitos rochedos que se descobrem ao lume d'agua, e mais de doze ilhotas, algumas das quaes são povoadas. No fundo da bahia ha um soberbo molhe de dois mil pés de comprimento, guarnecido do lado do norte de vastos armazens para as fazendas; os navios de maior porte carregam e descarregam atracados ao caes.

Boston, que no principio d'este seculo contava vinte mil habitantes, tem hoje perto de cem mil, e acha-se n'um estado florescente com todos os estabelecimentos proprios de uma grande capital, inclusivamente os de instrucção publica. Uma soberba ponte a liga com Charles-Town e é para ver o mechanismo do alçapão e levadiça, que dá passagem aos navios; por outra ponte communica com a cidade de Cambridge tambem visinha. É patria de Benjamim Franklin, e

ahi tiveram logar os primeiros movimentos que geraram a independencia dos Estados Unidos. O edificio que a estampa representa foi concluido ha dois annos. M.

HOFFMANN (*)

Conclusão.

III

«O phantastico de Hoffmann está ao mesmo tempo na acção e na maneira de a pôr em scena. O ornato dos seus contos é tão rico como o fundo d'elles. A sua imaginação fecunda dá aos quadros um colorido, que exclusivamente lhe pertence, e os objectos mais simples tomam, na sua mão, a apparencia de maravilhosos.»

Bédollière avalia dignamente n'estas poucas palavras a collecção dos *Contos phantasticos* de Hoffmann; e Christian completa a apreciação no seguinte trecho:

«Hoffmann possue alternativamente a phantasia de Rabelais, o brando sarcasmo de Voltaire, a sensibilidade de Bernardin de Saint-Pierre. Nos seus *Contos* depara-se com a variedade chistosa de Le Sage, apar da agudeza de Molière, da pungente ingenuidade de Cervantes, do fino tacto do abbade Prèvost. É o livro de todos.»

Walter Scott criticou, todavia, com azedume, os livros do poeta alemão; mas é o unico homem de talento superior, que deixou de prestar homenagem ao genio do grande artista, que não segue nenhum modelo, nem pertence a nenhuma escola.

É longa a lista dos romances do nosso autor, e difficil de estremar aquelles, que devem entrar no numero dos *Contos phantasticos*. Cada uma das versões estrangeiras que adopta este titulo, contém as novellas que mais agradaram ao traductor; algumas, porém, d'estas excentricas creações, apparecem em todos os traslados.

Taes são, por exemplo, *Martim o tanoeiro de Nuremberg; Mademoiselle de Scudéry*, onde entre as galas da côrte de Luiz XIV. apparece o vulto sinistro de Cardillac, o assassino; *A banca, ou a felicidade ao jogo*, em que se pinta esta paixão com as mais vivas côres; *Salvator Rosa*, mistura do sublime e do burlesco, como só Hoffmann seria capaz de ligar; a *Annunziata*, em que se desenrola a tragica historia de Marino Falieri; emfim, o *Canto de Antonia*, e a monomania do conselheiro Krespel, fanatico rabequista.

Todas as mais obras do illustre poeta, teem comtudo esse colorido especial, que as torna inimitaveis. Os prodigios de uma imaginação exaltada, brilham egualmente no *Vaso de oiro*, sublime divinisação do poeta; no *Morgado*, em cujas paginas, segundo a feliz expressão de L. Spach, se respira o ar frio do Baltico, passeiando sobre uma costa arida, porém vivificada pelo sopro da poesia; no *Elixir do diabo*, longa composição de um genero sombrio, que o proprio autor condemnou como perigosa, pela sensualidade que n'ella predomina; nas *Minas de Falun*, conto sueco de tragico desenlace; nos *Retratos d'après nature*, aonde tão bem se pintam as paixões; na *Porta entaipada*, que nos arrasta com uma deliciosa curiosidade até á sua derradeira pagina; no *Reflexo perdido*, uma das mais extravagantes e graciosas concepções do autor; no *Rei Trabacchio*, cujas aventuras deixam a perder de vista as invenções da terrivel Anna Radcliffe; na *Cadêa dos destinos*, excellente scena comica da vida real; no *Coração de agatha*, cujo heroe é de uma excentricidade só imaginada por Hoffmann; em *Coppelius*, historia maravilhosa, onde se admira o seu talento no estylo epistolar; em *Bertholdo-o-louco*, supremo esforço de combinações phantasticas; nas *Aventuras do joven Traugott*, que é ao mesmo tempo um formoso drama, uma galeria de retratos, um quadro de paizagem, e um curioso esboço da vida commercial; na *Fascinação*, onde se discute o magnetismo e os sonhos, fallando pela bocca dos seus personagens a imaginação escandecida do autor; no *Mysterio da casa deserta*, cujo titulo, por si só, indicaria sufficientemente o genero da obra, ainda que não tivesse na frente o nome de Hoffmann; nas *Scenas da noite*, especie de gravura, onde os objectos claros destacam sobre um fundo negro; nas *Estranhas miserias de um director de theatro*, resumo das observações feitas pelo antigo chefe d'orchestra sobre o palco e entre os bastidores; nas palestras dos *Irmãos de Serapião;* na inimitavel historia do ministro *Cinabre;* na *Princeza Brambilla*, e finalmente no *Mestre Pulga* (*Meister Floh*), ultima obra completa do autor, que reproduz, com algumas modificações, a idéa motriz do *Vaso de oiro*.

Depois da morte de Hoffmann, ainda Hitzig publicou duas novellas ineditas, que deixara aquelle grande genio: *A janella de sacada*, e *A cura;* e a sua viuva deu ao prelo cinco volumes de *Miscellanea*, extrahidos de papeis avulsos que encontrou.

Ficou por acabar um livro, que tinha por titulo — *Exposição summaria do gato* Murr *ácerca* da vida, e *fragmentos da biographia do mestre de capella João Kreissler, achados por acaso em papeis de embrulhar.* — Kreissler era, como dissemos, o proprio Hoffmann; e *Murr*, o seu gato querido, que elle transformou em philosopho, era um ente real, creado em sua casa, e que vinha muitas vezes instalar-se, sem ceremonia, sobre a carteira de seu dono, e até sobre o papel em que elle escrevia. Perdendo este amigo irracional, em 1820, deu parte do acontecimento ao seu amigo racional Hitzig, na seguinte carta:

(*) De num. 13.

«Em a noite de 29 para 30 de Novembro, depois de uma curta, mas cruel enfermidade, o meu discipulo querido, o gato Murr, adormeceu para passar a melhor vida. Ainda não tinha quatro annos. Não posso dispensar-me de noticiar esta perda aos meus amigos e protectores. Quem conheceu Murr apreciará a minha dôr, e saberá respeital-a.»

N'esse mesmo anno traduziu Hoffmann a opera franceza *Olympia*, para a qual Spontini compozera a musica.

O seu derradeiro trabalho litterario, que a morte lhe não deixou acabar, foi uma novella, intitulada *O Inimigo*, que elle dictou já no leito da agonia.

Eis em summario, quanto o comporta a estreiteza dos limites de um jornal litterario, uma noticia das obras do profundo escriptor, que faz o objecto d'este nosso humilde estudo.

Rico com o producto da venda dos seus livros, Hoffmann, que odiava o geral dos homens, pelo muito que lhe tinham feito soffrer, quiz gosar da possivel independencia, fugindo quanto podia do contacto de falsos amigos. De manhã preenchia regularmente os seus deveres de magistrado, mas apenas vinha a noite, se não concorria ao *club de Serapião*, dirigia-se á taberna, aonde passava longas horas de isolamento. Preferia este passatempo, altamente censurado, ás reuniões da melhor sociedade de Berlin, para onde era convidado sempre, e solicitado com instancia.

N'aquella atmosphera de fumo, que elle contribuia para se tornar mais densa, via Hoffmann um mundo de phantasticas apparições. Deslumbrado pelo narcotico do tabaco, e pelas bebidas alcoolicas, esvasiando alternadamente uma taça de cerveja ou um copo de *rudesheim*, chegava a um grau de exaltação, que o seu cerebro se povoava de estranhas chimeras. Quando descia d'estas regiões sobrenaturaes, era para notar sobre a terra os typos mais excentricos, os caracteres mais singulares. Seguia os originaes, e surprehendia-lhes as feições moraes e physicas, por mais difficeis que fossem de apanhar. Implacavel para com os pedantes, folgava de os ridicularisar no meio de um grande auditorio, provocando estrondosas gargalhadas. Quando julgava impotente a palavra, reproduzia com o lapis o seu pensamento; e mostra-se ainda hoje, n'uma taberna de Berlin, uma collecção de desenhos, inspirados pelos caprichos d'aquella imaginação excitada.

«Enchei-lhe a taça de espumoso vinho de principes; apresente ella os aureos reflexos do Johannisberg, e a imaginação do poeta dispara a galope, como o corsel que arrebatava a Leonor de Burger. Apoz elle se arremessa em carreira doidejante todo esse turbilhão de seres phantasticos, que o seu cerebro creou, e que apparecem, apenas evocados pelo grande genio, aproximam-se, crescem, e perfilam-se ante o poderoso senhor. É um drama que elle cria entre o ceo e a terra; é o seu mundo, povoado de entes que só o poeta conhece.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e o seu pensamento, tantas vezes recalcado pelas aridas occupações do trabalho quotidiano, magoado tantas vezes pelo contacto de perdidas crenças, illuminar-se-ha de um magico clarão. Alarga-se a scena, e todas as artes vem com o seu contingente dar-lhe brilhantismo. A pintura traz as suas côres vivas e variegadas; a musica as suas vibrações que sobresaltam e pungem; a poesia os seus mais intimos thesouros.

«Enchei-lhe a taça de Johannisberg, e vereis a vida real, misturando-se com as phantasias do drama. Avançae n'esse terreno, desconhecido para vós, por entre esses personagens que nunca havieis encontrado em outro logar, e que todavia pareceis reconhecer: as mais disparatadas emoções vão surprehender-vos e fascinar-vos!......»

Da physionomia poetica, quasi sobrenatural do autor dos *Contos phantasticos*, desçamos a esboçar a physionomia do homem, como simples mortal. Servir-nos-hão de guia as biographias publicadas por Hitzig, e Loeve-Weimars.

Hoffmann era pequeno de corpo, tinha o nariz fino e arqueado, os beiços delgados, a tez biliosa, e cabellos quasi negros, que lhe cobriam a fronte. Seus olhos pardos, nada tinham de notavel, quando se fixavam tranquillamente sobre qualquer objecto, mas em casos excepcionaes denunciavam astucia e zombaria com seu continuo pestanejar. O corpo, apesar de magro, parecia de boa constituição, e o peito era largo e elevado. Durante a mocidade, vestia-se com apuro, mas sem excesso de tafularia. Depois gostou muito de vestir a sua farda de conselheiro, ricamente bordada, e que lhe dava a apparencia de um general francez.

Hoffmann tinha uma mobilidade extraordinaria de gestos, que augmentava ainda, quando elle fazia uma narração. Fallava com muita volubilidade, e como a sua voz era naturalmente rouca, havia difficuldade em comprehendel-o. De ordinario, usava de pequenas phrases e periodos soltos na conversação; mas quando fallava de bellas-artes, creava enthusiasmo, e a sua locução tornava-se fluente e harmoniosa.

Hoffmann lia mal; quando chegava ás passagens de mais effeito, assumia um tom guindado, e passeiava olhares prescrutadores sobre o auditorio, como para se assegurar que era comprehendido.

Difficultosamente se ligava amisade com este homem excentrico, mas tambem não era facil rompel-a, porque elle queria muito aos seus amigos. Não gostava da sociedade das mulheres, principalmente *des femmes savantes*, que o faziam sair, inclusivamente, dos limites prescriptos pela civilidade ao mau humor. Se alguma *dama-autor* tinha a desgraça de vir sentar-se ao pé d'elle, á mesa, e começava a dirigir-lhe a palavra, Hoffmann pegava no seu talher, e ia sentar-se na extremidade opposta. Quanto aos

homens, dava a preferencia aos que o divertiam, isto é, aos que contavam anecdotas com chiste, aos falladores de imaginação viva, e tambem áquelles que mostravam prazer em ouvir os seus arrazoados. Em sua casa, Hoffmann era por extremo amavel com as visitas; n'aquelle recinto supportava, com uma paciencia evangelica, todas as extravagancias e disparates, que o obrigariam a fugir em diversas circunstancias. O seu genio era assaz variavel; ás vezes a boa disposição de espirito levava-o até ao excesso da alegria; outras vezes o *spleen* arrastava-o a uma inconsolavel tristeza.

Hoffmann era constantemente dominado por uma idéa, que de alguma sorte explica a extravagancia das suas obras. Tinha a convicção profunda de *que o mal se occulta sempre atraz do bem*, ou, como elle dizia, *que o rabo do diabo se entremette em tudo*. Continuamente flagellado por presentimentos funestos, via em roda de si, quando escrevia, todas essas pavorosas figuras que apparecem nos seus romances e nos seus quadros: era tão forte a illusão, que chegava muitas vezes a acordar sua mulher, pelo meio da noite, pedindo-lhe que se sentasse a seu lado, e com os olhos abertos, emquanto elle trabalhava!... O homem que se ria das bombas á claridade do dia, tinha medo de sonhados phantasmas no silencio da noite. Extravagante aberração da natureza humana!

Poucos poetas teem existido tão identificados com os personagens das suas obras, como Hoffmann; quer pinte com energia as mais horrorosas scenas, quer folgue com as loucas creações das suas satyras e caricaturas. Este ente excepcional não tinha a menor predilecção pelas proprias obras, aonde as duas qualidades distinctivas do seu espirito se não reproduziam; d'este numero era o *Tanoeiro de Nuremberg*, avaliado por muitos como a sua melhor producção.

Hoffmann havia estudado os grandes poetas, mas não se occupava demasiado com a leitura, e importava-se muito pouco com as novidades litterarias da epoca. Buscava o objecto dos seus contos na propria imaginação, em velhas chronicas, ou nas observações da sociedade que frequentava. Despresava o juizo critico dos periodicos, e rara vez lia algum jornal. Só dos amigos apreciava as reflexões sobre as suas obras.

Deus não permittiu que o honrado conselheiro gosasse por muitos annos da felicidade domestica, e dos applausos dos seus admiradores. As miserias do passado tinham quebrado as suas forças. Aos quarenta annos começou a sentir ataques de paralysia nas extremidades; e depois, uma horrivel doença, o *tabes dorsalis*, veiu roubar aos seus amigos toda a esperança de o possuirem por muito tempo.

Durante cinco mezes soffreu Hoffmann uma agonia horrivel. No dia 24 de Janeiro de 1822, em que se celebrou pela ultima vez o anniversario do seu nascimento, ouviu elle citar a uma das pessoas que o rodeavam, este verso de Schiller:

«Não é a vida o melhor bem, decerto.»

E exclamou:

«Não! não!... Viver!!... Com tanto que se viva, pouco importam as condições!...»

O sensualista, que tanto saboreava o Tokai e o Johannisberg, o observador poetico da natureza, o caprichoso satyrico, o amigo dos homens de merito, sentia fugirem-lhe todos os seus gosos!

Prolongaram-lhe a vida por alguns dias, usando de um tratamento horrivel: o ferro em brasa applicado aos dois lados da columna vertebral. Quando Hitzig entrou no seu quarto, momentos depois da dolorosa operação, Hoffmann perguntou-lhe — se não sentia o cheiro de carne assada! — e começou a contar-lhe, detalhadamente, o processo de que usara o medico, concluindo por dizer — que o tinham *sellado*, para que não entrasse no paraiso como objecto de contrabando.

Emfim, no dia 25 de Junho do mesmo anno, tendo dito ao medico: — Vou ficar livre em pouco tempo, porque já não soffro... — deixou effectivamente de soffrer, inclinando a cabeça sobre o seio de sua inconsolavel esposa, e murmurando estas derradeiras palavras:

«É preciso pensar em Deus!»

Tinha quarenta e seis annos d'edade.

Toda a Alemanha o chorou; e a posteridade venera a sua memoria, como poeta, como pintor, como músico, como magistrado, como bom amigo, e como cidadão probo.

Paz ás suas cinzas.

F. M. Bordalo.

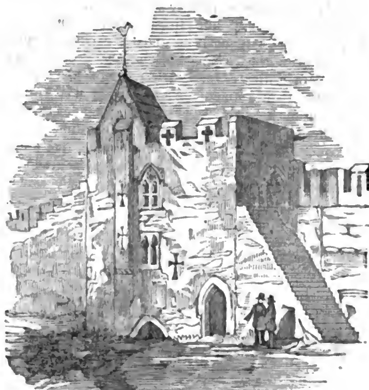
TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

Na pequena cidade de Alnwick em o Northumberland ha um castello memoravel na historia de Inglaterra. A nossa gravura mostra a torre da poterna, porta falsa ou postigo que é uma das dezeseis que flanqueiam a muralha do castello; a parte superior serve agora de museu de armas e armaduras antigas, e a inferior é um laboratorio.

O assedio mais notavel que o castello sustentou foi no reinado de Guilherme Rufo, sendo briosamente defendido por Mowbray, conde de Northumberland, contra o assalto dos Scotos commandados por Malcolmo III; estando, porém, a guarnição a ponto de render-se um soldado raso tentou livral-a. Saiu fora armado e a cavallo, levando as chaves da fortaleza penduradas da sua lança, e apresentou-se ao rei em postura supplicante como para entregar-lhe as chaves; Malcolmo adiantou-se a recebel-as e o soldado lhe jogou um bote de lança direito ao coração. O soberano caiu redondamente morto; o soldado aproveitando a confusão que se seguiu,

arremetteu á corrente do rio que ia muito caudaloso, e atravessando-o alcançou a salvo a fortaleza. O principe Eduardo, primogenito do rei, avançando temeraria e precipitadamente para tirar vingança da morte do pae, caiu tambem mortalmente ferido, e falhou a empresa. A tradição deu ao soldado audaz o nome de Hammond, e o sitio onde elle passou o rio, junto da ponte que existe hoje, é chamado «o vau de Hammond.»

M.



TORRE DO CASTELLO DE ALNWICK.

ESTUDO CRITICO.

FAZER FORTUNA

DRAMA ORIGINAL EM 5 ACTOS

POR

ANTONIO DE LACERDA.

Conclusão. *

VII

> Au siècle où nous vivons, l'horison de l'art est bien elargi. Autrefois le poete disait : le public; aujourdhui le poete dit : le peuple.
> V. Hugo — Préface de «Angelo.»

Traçado, ainda que pobremente, e com defeituosas linhas, o enredo e urdidura do drama — *Fazer fortuna*, — cumpre-nos agora, segundo promettemos, dizer a nossa opinião sobre a idéa que presidiu á sua composição, o modo porque foi desinvolvida e os instrumentos que obtiveram este resultado. Em resumo: *escrever-lhe a critica*, phrase que bem nos custou a proferir; porque sabemos quantas inimisades mesquinhas, ou despeitos, mais mesquinhos ainda, acobertados com a ridicula pretenção de conselho e tutoria não pedidos, nem desejados, veem ahi para a imprensa, alardeando justiças, traduzir desforras, ou servir compadres.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

Todavia, quem escreve este estudo, posto que longe de se suppor isempto de parcialidade, está convencido de que hade trilhar sempre estrada opposta. Na grande praça da publicidade ha logar para todos. Grandes vultos e intelligencias minimas todos ahi podem contar com um sitio, onde desassombrados recebam a animadora luz do grande sol da inspiração; e se alguns ha, que apesar dos seus esforços todos, tiritam de frio, e sentem gelar-se-lhes o sangue, não é porque a projecção visinha os involva em trevas, mas porque a frieza propria é tão intensa, que resiste a qualquer calor, por mais forte que seja, como as suas intelligencias resistem e se oppõem á comprehensão de qualquer idéa, por mais simples de natureza.

Vivam embora como melhor lhes aprouver. Contentem-se com a sua pequenez, ou, imitando o cego que negava as côres, reajam impotentemente contra o crescimento alheio que os acobarda; que não seremos nós quem os arranque a uma illusão tão doce, nem lhes procure converter o transviado animo.

Outro assumpto nos prende, e esse bem ou mal, agrade ou não a quem quer que seja, leval-o-hemos ao cabo como pudermos; não sem tropeçar repetidas vezes no caminho, mas orgulhosos ao menos por não pedir a cyreneo algum, por mais pintado que elle fôr, accrescimo de forças, para a conclusão do nosso trabalho.

Toda a composição dramatica, mais que ne-

nhuma outra, exige a demonstração de um principio, ou o desinvolvimento de uma idéa, que seja como um coração de que o corpo todo tire sangue, ou como um cerebro que lhe dê sentimento e acção.

Tirem-lh'o e desapparecerá o drama. Sem o pensamento originario, primitivo, radical de todo o contexto, origem de qualquer peripecia, poder-se-ha escrever tudo, menos uma obra, que satisfaça ás condições theatraes e ás exigencias das platéas. A pintura terá chiste e graça como uma composição de Hogart; terá critica e verdade como uma satyra de Boileau, terá amenidade e mimo como uma virgem de Raphael, se tanto quizerem; mas faltar-lhe-ha o que n'estas concepções todas excite, a conclusão final, a inducção requerida dos principios apresentados, a resolução do problema, o pensamento moral que Lafontaine tirava mesmo das suas fabulas todas, posto que despretenciosas em si, e singelas no seu correr.

Difficilmente se tornará a escrever um livro em que a mais fina critica, a maior ligeireza de toques, a suprema perfeição de desenho se liguem á maxima correcção de phrase e á maior elegancia de estylo, como a — Voyage autour de ma chambre — de Xavier de Maistre: e todavia se d'ali se pretendesse deduzir uma comedia em tres ou mais actos, o trabalho seria sobre esteril impossivel, o successo desastrosissimo, e o abandono geral o premio de similhantes porfias.

O celebre — Que est ce que cela prouve? — do mathematico distincto proferido tantas vezes pelos centenares de espectadores, que a novidade do titulo attrahe aos theatros, explica bem o desamparo da scena portugueza: na tenacidade de proposito, com que se pretende costumar o gosto de muitos ás inclinações de poucos, quem sabe se os melhor esclarecidos, está a causa dos dissabores a que se subjeitam os sectarios de uma escola, se o é, que não apraz, nem interessa os frequentadores dos theatros.

Os homens que se sentam nos bancos das platéas desejam, que lhes acatem as preferencias, como os que vão pela primeira vez a casas alheias estimam, que acquiesçam aos seus desejos; uns e outros, se são contrariados, abandonam a casa e o theatro; e diga-se o que se quizer, a comedia ou o drama em que a palavra simplesmente substitue a acção, e o dialogo não accidentado suppre a peripecia, não são do gosto do publico, nem podem convidal-o á comparencia.

Molière consultando Laforêt deixou sobeja lição aos seus seguidores nas lides theatraes. O illustre escriptor tinha comprehendido, havia muito, que uma composição dramatica destinada unica e exclusivamente a deliciar um serão litterario, ou a enlevar um concurso de homens de lettras, seja embora um primor d'arte, traje imponente de grandeza as vestes roçagantes da tragedia grega, ou a airosa tunica da comedia, se não tivesse a *approvação suprema* d'esse tribunal tremendo, que se chama — o publico, — poderia fazer pasmar as gerações futuras apregoando o talento do seu autor; poderia figurar com honra nas prateleiras de uma bibliotheca ou sobre a mesa de um gabinete de leitura; mas não conseguiria nunca esse viver especial, ephemero talvez como as trevas da noite, que um raio de sol do seguinte dia dissipa, fascinante e mentiroso embora como as scenas do theatro, mas o unico e exclusivo, que deve levar em vista o homem que procura apresentar a sua idéa ás turbas agrupadas e pendentes da sua palavra, e que deseja não ver o antojo apoderar-se da assembléa, nem os regelos das solidões arrefecer-lhe os commettimentos dos seus trabalhos.

Se o orador, que muitas vezes se acha incendido pelo fogo sagrado do genio, alquebrado pelas fadigas e pelo estudo, illuminado pelo resplendor da complacencia publica, procura ainda captar e prender a attenção ou as tendencias de seus ouvintes, e fallando-lhe a energica linguagem dos affectos busca leval-os apoz de si, tratando de sentir e de animar-se para lhes communicar sentimento e animação; se todos os que aspiram á publicidade se curvam perante a vontade soberana do publico, que por si, e só por si, construe e derruba reputações, para que hade o autor dramatico por um systema especial impor-se ás maiorias, e do alto do seu throno mais ou menos seguro paraphrasear o dito historico de Luiz XIV clamando: — o gosto, o genero, a arte, a litteratura, a sciencia e o mundo sou eu.

A resposta levou alguns annos a escrever; todavia mais tarde ao som dos canhões e ao estridor do desabar de um throno de seculos, o povo gravava nas ruinas da Bastilha, em réplica vehemente ao amante de madame Maintenon, esta antiphrase solemne: — o estado e o poder sou eu.

Quem sabe se o publico, trabalhando todos os dias na resposta, lhe escreverá um dia a ultima palavra abandonando o theatro de todo aos amadores do genero? Quem sabe se então uma geração nova, surgindo como em 89, sem se saber d'onde, lançará por terra os thronos quasi caducos dos reis do theatro?...

Mas cedendo a uma pecha maldita iamo-nos afastando insensivelmente do ponto principal; iamos escrevendo uma critica litteraria socialista ou humanitaria, que decerto nos viria acarretar maldições bem merecidas dos criticos das criticas. Uma vez em caminho as tendencias levavam-nos para o trilho preferido, e depois ver-nos-hiamos obrigados a retroceder, sem o que, attribuindo-nos intenções que não tivemos, ir-nos-hiam considerar um propagador de certas doutrinas, e que por já terem produzido aos que as professavam o mais que lhes poderiam produzir, se deixam para um canto, como uma farda velha que se envergou outr'ora para dar maior luzimento e valor á pessoa que a trajava, e que se expunha em almoeda.

Fazer fortuna tem um grande pensamento fundamental, a condemnação da escravatura, que se desinvolve e prova pelo modo e systema que aproximadamente deixámos ver no decurso d'este trabalho. Um dos mais vastos e propicios acha-se ahi tratado pela melhor forma que seria para desejar, attendendo ás dimensões de uma composição dramatica.

Baseado em antagonismos e antinomias, o autor pinta-nos primeiro o quadro de felicidade, que desvairadas ambições hãode annuvear em breve; leva-nos depois a presencear os horrores e infamias todas d'esse trafico inhumano, e quando nos tem carregado essas perspectivas hediondas, reconduz-nos ao ponto d'onde tinhamos partido, e faz-nos sentir as tristes consequencias da emigração por desejos de riquezas, na transmutação e mudança das alegrias e socegos em inquietações e tristezas.

Deixaremos em paz os preceitos da arte antiga sobre unidade de logar e tempo, tantas vezes citados fora de proposito, e tantas vezes calcados pelos que se dizem maiores veneradores seus. Para nós a unidade de logar acha-se conservada. Os tres actos intermedios são como a narração animada d'aquelles horrores e desventuras feita por um personagem qualquer, venerando pelos conhecimentos e pela edade. São, permitta-se-nos a phrase, a palavra em movimento, o discurso em acção; como um sonho, ou uma visão, que sobreviesse a Emilia no momento de abandonar a casa paterna.

Assim corre naturalmente o drama em todo o seguimento. O desenlace é preparado pouco a pouco, e de forma que se a arte e o effeito scenico ganham immenso, a logica e a naturalidade nada perdem. Tudo está calculado, não ha precipitação nem demora; o andamento é regular sempre, combinado e perfeitamente deduzido.

Quando se censurou no *Fazer fortuna* a pouca rasoabilidade do abandono da casa paterna da parte de Emilia, levou-se mais em vista exercer rigores mal cabidos e pouco legitimados, do que fazer justiça. A ambição, talvez de todos os sentimentos o que a maiores loucuras nos leva, que attingindo o immenso e o sublime em Napoleão e em Alexandre os obriga a derramar o sangue a torrentes, e a destruir milhões de homens; ou confrangendo-se nas acanhadas proporções do ridiculo em Empedocles impelle a commettimentos sobre loucos infructiferos; a ambição, aquentada e favorecida pela pessoa, que maior dominio exercia sobre a protogonista, tirando d'essa pessoa mesmo o apoio de um exemplo palpitante e concludente; a ambição, germinando aquecida pelos ardores desenfreados de uma imaginação exaltada, será porventura motor de menos força do que o amor ou o ciume, que tantas vezes afastam dos lares paternos os animos superexcitados que os abrigam e recolhem?

Ninguem de boa fé o poderá contestar; a ambição, que das paginas da historia (talvez nem uma só deixe de lhe servir) tira argumentos em favor da sua força, só pode ser combatida por um outro sentimento de egual alcance se não superior; mas esse, o amor, que de má fé ou por ignorancia se disse dever ligar Emilia á casa paterna, era o que na verdade não existia.

Emilia não cuidava nos requebros de Manuel; uma ou outra vez, se para elle se voltava, era quando, bem natural estimulo em mulheres, se sentia preferida, e soffria quebra no amor proprio ao ver o seu arrojado mostrando alguma predilecção por sua irmã mais nova. Fora d'isso coração e alma tinha-os ella de gelo, para que bem verdadeiro lhe fosse o caracter, e para que se conhecesse bem na obra do poeta a reproducção de tantos outros vultos que os annaes das nações conservam, onde a ambição, creando raizes e desinvolvendo-se á larga, abafa e destroe qualquer outro sentir, que porventura procurasse crescer-lhe ao lado.

É ao que não attenderam os criticos, que não são elles homens que attendam a similhantes bagatellas, e como de costume desfeiaram a composição com defeitos, que só provinham da sua cabeça, e se não devoraram, como Saturno, os proprios filhos, trataram pelo menos bastante de os flagellar e corrigir.

Não é este o defeito do drama. Tem-n'os elle, porém de tal natureza, que por insignificantes mal se apercebem, nem são para se mencionar, quando as bellezas os occultam pelo seu numero e magnitude.

O desenho dos caracteres é talvez uma das perfeições da composição, e que outro não fôra, o de Berenyce erguendo-se superior, com a magestade dos grandes vultos da tragedia, valeria por si só um titulo de mestre ao poeta que o creou.

Largo de mais vae este trabalho; a indole da publicação em que tem apparecido não se presta a maiores desinvolvimentos. Concluil-o-hemos pois pedindo ao autor, malqueiram-nos embora os criticos, nos dê muitas composições d'esta ordem, para que nós, os que não vemos as obras dramaticas de tão alto, possamos estudar e aprender.

R. Paganino.

SAUDADES.

. . . . É quanto pode
Do desterro enviar-te um pobre filho.
A. Herculano.

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração!
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação!
É por vós esta saudade,
Esta dôr, esta anciedade,
Que faz meu peito estalar!
É por vós que eu amo tanto,
Que sinto correr meu pranto,
Sem uma esp'rança gosar!...

Sois vós a terra encantada,
Dos meus sonhos infantis!
A mais bella, a mais formosa
Das terras do meu paiz!
Ai! de quantas alegrias,
Eu gosava n'esses dias,
Que tão cedo vi passar!
Quando ainda não pensava,
Que os logares que adorava
Eu havia abandonar!...

Deixei-os!... oh! quem me dera
Esquecer idéa tal!
Quem olvidar-te pudera
Ó minha terra natal!
Que não havia o tormento,
Que sinto n'este momento,
Meu peito dilacerar!
Esta dôr egual á vaga,
Que incessante a praia alaga
Sem nunca poder findar!...

Foram tempos bem ditosos
Os que outr'ora ali gosei!
Foram dias venturosos,
Que não mais olvidarei!
Quando a vida ali passava
Nem sequer imaginava,
Que existisse o padecer!
Mas ha muito estava escripto
O meu destino maldito,
Para um dia inda soffrer!...

Que me importam os prazeres
Que esta terra em si contém,
Se estancar elles não podem
O pranto que aos olhos vem!
Se eu trocara essa grandeza,
Esplendor, luxo e riqueza,
Que ante mim vejo passar,
Por essa aldêa isolada,
Onde em rustica morada
Vi a infancia deslisar!...

É aqui mui bella a lua,
É formosa a noite aqui;
Mas ainda é mais formosa
Lá na terra onde nasci!
Aqui brilhantes estrellas,
Sempre puras, sempre bellas,
Lá no ceo a scintillar;
Mas o ceo da minha terra,
Outros encantos encerra,
Que eu não posso aqui achar!...

Mil flores aqui se encontram
Em variado jardim!
Todas ellas são mui lindas,
Mas não as quero p'ra mim!
Todas tem varios odores,
Seduzem as suas côres,
Seu delicado matiz!
Mas as flores que eu lá via,
Achava-lhes mais valia,
Tornavam-me mais feliz!...

Ó minha formosa terra,
Terra do meu coração,
Logares da minha infancia,
Minha pobre habitação!
Possa um dia ainda ver-vos,
Minha vida offerecer-vos,
Meus dias ahi findar!
Possa eu ter a ventura,
D'encontrar a sepultura,
Onde o berço fui achar!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

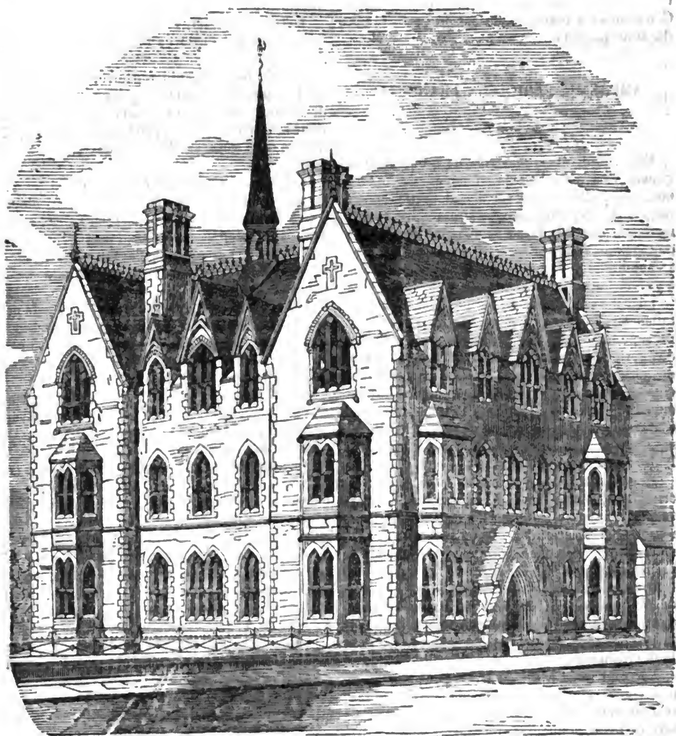
MEISSEN, E A INVENÇÃO DA PORCELANA.

Meissen é uma cidade da Saxonia Superior, na provincia da Misnia, da qual foi capital. Foi erigida em bispado no anno de 952, e Buchardo, capellão do imperador Othon, foi o seu primeiro prelado. Foi primitivamente cidade do bispo, e passou depois a sel-o do eleitor de Saxonia.

Entre as suas poucas raridades de que um escriptor nosso falla nas *Memorias das suas viagens*, vem a seguinte, a que verdadeiramente podiamos chamar uma extravagancia:—«Se não é praça fechada Meissen, tinha as portas fechadas quando aqui cheguei; porém abriram-se umas para entrar, e outras para sair ao toque da corneta do postilhão. Não foi possivel informar-me d'esta ceremonia, porém é coisa mui digna de riso ver abrir estas portas por um soldado descalço, e em camisa, que faz a guarda dormindo na cama. Parece-me um moço de mulas abrindo a porta de uma cocheira, nem mais nem menos.»

Effectivamente este inusado modo de metter sentinella não depõe muito em favor do serviço militar da guarnição de Meissen, e a cidade saxonia seria olhada com despreso pelos rigoristas da disciplina marcial, se ella não tivera um titulo especial á consideração dos homens de commercio. É a sua fabrica de loiça de porcelana, cuja bondade de pintura, e excellente invenção de a doirar, lhe dá preferencia á do Japão. Deveu-se esta notavel fabrica á direcção de um certo alchimista, que depois de enganar a muitos fez crer em Polonia, que elle tinha o verdadeiro segredo de converter em oiro todos os metaes. O rei para se segurar da sua pessoa o mandou encerrar no castello de Kunigstein, a tres milhas de Dresde; porém o alchimista, em logar de fazer ali o oiro solido que promettia, inventou a fragil porcelana, que não deixa de satisfazer de alguma sorte ao seu empenho, pois que pelo grande commercio que com ella se faz entra quantidade de oiro no paiz.

O vaidoso nunca chegará a ser sabio; mas muitos sabios chegam a ser vaidosos.



ASYLO EM BLACKHEATH.

Mudou-se para novo edificio expressamente construido em Blackheath o asylo com suas escolas para os filhos e orphãos dos missionarios inglezes.

A architectura da nova casa é no estylo e gosto do seculo XIII. O plano geral consta de um corpo central e dois lateraes. O material empregado foi dos melhores tijolos do Kent, e os angulos e revestimentos das portas e janellas de pedra de Bath; os tectos são altos, de duas aguas, correndo em todo o comprimento uma serie de trapeiras que lhe dão realce e um aspecto singular, e do centro dos mesmos levanta-se uma torrinha ou campanario alto, ordenado para a garrida ou sineta das escolas, e ao mesmo tempo para ventilar todo o edificio.

No pavimento inferior ha espaçosos logares cobertos para as recreações dos alumnos no inverno ou tempo chuvoso; no andar terreo estão as aulas, as classes, casas de jantar, e sala de visitas; e no andar superior os quartos de cama e de lavatorio com aposentos para o reitor e

a regente. Ha para todos facil accesso por meio de escadas de pedra e corredores largos, tambem de pedra, para salvação em caso de incendio. Attendeu-se muito a facilitar a luz e a ventilação, e a obra é construida com segurança. Celebrou-se a inauguração em 25 de Novembro do anno passado. M.

IMPRENSA PERIODICA FRANCEZA.

I

Entre as diversas materias de que se tem occupado esta encyclopedia, denominada *Panorama*, não podia nem devia deixar de ter logar a origem das *Gazetas*, essa poderosa alavanca que, nascendo humilde como os mais remotos troncos de todas as altas estirpes, se foi successivamente nobilitando, e empunha hoje o sceptro da opinião em ambos os mundos.

Logo no primeiro volume d'este semanario se fallou largamente dos *Acta Diurna* romanos; e no segundo se deu noticia das gazetas chinezas, dos periodicos manuscriptos de Veneza, e emfim dos jornaes impressos das nações modernas, inclusivè dos portuguezes, que, segundo ali se demonstra, não começaram muito depois dos francezes e inglezes, se é que os não precederam, como suppõe, com fundamento, o esclarecido João Pedro Ribeiro.

Menos competentes do que os distinctos escriptores que trataram do assumpto, vamos, comtudo, invocando o auxilio de respeitaveis autores, e com especialidade o de mr. Edmond Texier, traçar em rapido bosquejo a historia da imprensa periodica de França.

O nome de *gazeta* dado ás publicações periodicas foi importado de Veneza, aonde, no principio do seculo XVII, appareceu um jornal, por cuja leitura se pagava uma pequena moeda d'aquella denominação.

No primeiro d'Abril de 1631 saiu á luz a primeira gazeta franceza, publicada por Théophraste Renaudot, medico do rei; e parece que Luiz XIII escrevia tambem para este primeiro jornal do seu reino!... Apparecia uma vez por semana, constando de oito paginas de quarto, e dividida em duas partes, sob os titulos de *Gazeta*, e *Noticias ordinarias de differentes localidades*.

A *Gazeta de França*, publicada ainda em nossos dias, é a continuação da folha semanal de Renaudot; ella, o *Mercurio* e o *Jornal de Paris*, constituiam, quasi exclusivamente, a imprensa periodica de França até ao tempo da revolução.

Em 1665 começou a publicar-se o celebre *Journal des Savants*, cujo anniversario é sempre festejado em Paris. Outras folhas litterarias seguiram successivamente a orbita d'este brilhante planeta.

Quem não conhece a *Revista dos dois mundos*, a *Illustração*, a *Semana*, a *Moda*, o *Universo*; o *Amigo da Religião*, o *Jornal dos Economistas*, o *Conselheiro do povo* (de Lamartine), o *Mosqueteiro* (de Alexandre Dumas), o *Novo mundo* (de Luiz Blanc)? Não fallamos de muitas outras folhas litterarias, que nem mesmo em França são conhecidas.

Voltemos, porém, á *Gazeta de França*, que sobreviveu á revolução de 1789, e que chegou até nós.

Grande foi o espanto e o terror do herdeiro do sr. Theophrasto, quando se promulgou a liberdade de imprensa, e viu em roda de si um cento de rivaes a disputar-lhe o privilegio exclusivo, de que os seus gosavam havia cento e cincoenta annos!

Todavia, a *Gazeta de França* lutou corajosamente contra a concorrencia, e a datar do primeiro de Maio de 1792 appareceu todos os dias. Tres mezes depois, accrescentou o formato, escreveu na sua frente as palavras — liberdade e egualdade — e tomou o nome de *Gazeta nacional de França*.

Em Dezembro do mesmo anno, lê-se pela primeira vez no topo d'esta folha a phrase sacramental, seguida até hoje por todos os periodicos:

«Roga-se aos srs. subscriptores, cuja assignatura acaba no ultimo do anno, etc.»

E a *Gazeta* declara que admitte annuncios, correspondencias e communicados, em um supplemento do jornal; e começa a publicar os annuncios dos espectaculos.

No tempo de Luiz XV a *Gazeta de França* não julgava simplesmente limitada a sua missão a satisfazer a curiosidade publica; tinha pretenções a uma obra historica, a um archivo de successos e de datas; porém a revolução surprehendeu-a no meio d'este sonho doirado; desthronou-a; nivelou-a com a chusma dos novos jornaes; e a pobre *Gazeta*, depois de tenaz resistencia, resolveu-se a bradar, com a multidão, no dia 22 de Janeiro de 1793: — Morreu o tyranno!

A imprensa periodica do seculo XIX completou a obra dos philosophos do seculo anterior. Ainda antes que este acabasse, apenas convocados os Estados geraes, innumeros periodicos appareceram em França, possuidos do enthusiasmo da epoca, que lhe communicavam os seus redactores.

Mr. Eugene Hatin, na sua *Historia do jornal em França*, dá-nos a seguinte lista das principaes folhas periodicas d'esse tempo de agitação.

Appareceu primeiro o *Correio de Provença;* e em seguida o *Jornal dos Estados geraes*; o *Boletim das sessões* da mesma assembléa, por Maret, mais tarde duque de Bassano; a *Aurora*; os *Evangelistas do dia*; o *Patriota francez*, por Brissot; o *Correio de Versailles a Paris;* as *Revoluções de Paris*, por Prudhomme e outros; os *Annaes da Revolução*, tornados depois em *Jornal da municipalidade e dos districtos;* o *Observador;* a *Chronica de Paris*, por Condorcet e outros; o *Publicista parisiense* ou *Amigo do povo*, famosa publicação de Marat; os *Actos dos Apostolos*, a que se oppoz o *Discipulo dos Apostolos;* o *Jornal geral da côrte e da cidade;* o *Jornal universal*, de

Audouin; o *Jornal da cidade e das provincias*, por Fontanes; os *Annaes patrioticos e litterarios*; as *Revoluções de França e do Brabante*, por Camillo Desmoulins; o *Orador do povo*, por Freron; a *Gazeta universal*; o *Mercurio nacional*; a *Chronica da astucia*; a *Assembléa nacional*; a *Bocca de ferro*, do abbade Fauchet; o *Amigo do rei*; o *Amigo dos cidadãos*; o *Jornal de Luiz* XVI *e do seu povo*; o *Jornal da Sociedade de* 1789, por Condorcet, Dupont de Nemours, Pastoret, André Chenier, etc.; e mais duzentas folhas periodicas, das quaes duas ainda hoje continuam a sua tarefa: o *Jornal dos debates e decretos*, fundado por Barère e Louvet; e a *Gazeta nacional* ou *Monitor universal*, cujo primeiro numero saiu á luz a 24 de novembro de 1789. Occupar-nos-hemos mais de espaço com estes velhos lidadores da imprensa franceza.

Ainda depois appareceu a *Quotidiana*, jornal tantas vezes perseguido; o *Republicano*, que mudou de nome muitas vezes, como aquelle, e por identico motivo; o *Boletim dos amigos da verdade*, publicado pelos girondinos; o *Novellista*; o *Jornal da Montanha*, orgão dos jacobinos; o *Velho franciscano*, por Camillo Desmoulins; o *Tribuno do povo*; o *Conservador*; o *Memorial historico, politico e litterario*, por La Harpe, Vauxelles e Fontanes; e muitos outros viram a luz da imprensa, desde 1791 até 17 de Janeiro de 1800, que o consulado reduziu a treze o numero dos jornaes, cuja publicação era permittida no departamento do Sena; a saber: o *Monitor* (Admoestador); o *Jornal dos Debates*; o *Jornal de Paris*; o *Bem-informado*; o *Publicista*; o *Amigo das Leis*; a *Chave do gabinete dos soberanos*; o *Cidadão francez*; a *Gazeta de França*; o *Jornal dos homens livres*; o *Jornal da tarde*; o *Jornal dos defensores da patria*, e a *Decada philosophica*.

Depois da restauração, a *Gazeta de França* tornou-se ministerial, e em 1830 declarou-se contra a revolução de Julho e a dynastia de Orleans, o que lhe custou muitos milhares de francos de multas, apoz innumeros processos por abuso de liberdade de imprensa.

O *Monitor*, inflexivel como o destino, registra, com o mesmo sangue frio, os actos de todos os governos que se tem succedido em França, ha cincoenta annos! Os fundadores d'este jornal foram Sauvo, seu redactor em chefe até 1840, e Maret, duque de Bassano. Os papeis do primeiro, que morreu ha poucos annos, só serão abertos d'aqui a meio seculo, segundo uma determinação governativa. Foi homem da situação, este caro sr. Sauvo, com a assembléa constituinte, com a legislativa, a convenção, o directorio, o consulado, o imperio, a restauração, os cem-dias, a segunda restauração e o governo de Julho! Mr. Grun, que o substituiu, continuou em serena paz com o governo provisorio, a presidencia da republica e o novo imperio. O verdadeiro redactor em chefe do *Monitor* é o governo.

O *Jornal dos Debates*, fundado no mesmo anno de 1789, passou a ser propriedade dos srs. Bertin, em 1800, e na sua familia tem continuado até hoje.

Por occasião da coroação de Bonaparte, esta folha passou a denominar-se *Jornal do Imperio*; pela queda de Napoleão voltou ao seu primeiro titulo, que tornou a largar nos *cem-dias*, e retomou á segunda entrada dos Bourbons em Paris.

Este conhecido periodico tem por mais d'uma vez mudado de politica, como de titulo. Ouçamos como o avalia mr. Edmond Texier, nos seguintes extractos:

«O *Jornal dos Debates* nunca foi, em sua longa carreira, nem o cavalleiro errante de um systema, nem o paladino de uma idéa. Nunca se arriscou ao perigo de defender theorias, mas tambem jámais se enfeudou completamente ao ministerio que defende. Chamavam-lhe jornal ministerial, no tempo da monarchia, o que não era exacto. A folha ministerial é o instrumento servil de um gabinete, é o pilar aonde se affixa o pensamento do ministerio, é o prego aonde a administração pendura o seu systema. O jornal ministerial não tem opinião propria, não pertence a si mesmo, anda á vontade de um ou de muitos homens; porém o *Jornal dos Debates* nunca representou esse papel de subalterno. Pode mesmo dizer-se que elle não tem servido, mas sim protegido os gabinetes. Nunca prestou o apoio da sua influencia a nenhuma administração, sem haver discutido o seu programma e apresentado as suas condições; e tanto isto é verdade que mr. Guizot tentou libertar-se do protectorado do *grande jornal*. O *Globo* e a *Epoca* foram fundados para contrabalançar a influencia dominadora do *Jornal dos Debates*.

«A imprensa da opposição adoptou um tal habito de chamar a este jornal ministerial e vendido, e isto pelo espaço de vinte annos, que hoje tomar-se-ha como um paradoxo a affirmativa de que o *Jornal dos Debates* tem provado, por muitas vezes, uma certa independencia.

O *Jornal dos Debates* não abandonou jámais a questão da liberdade de imprensa; nem a causa da Polonia contra o czar, a quem o gabinete das Tuillerias cortejava; applaudiu as generosas reformas de Pio IX, as boas intenções de Carlos Alberto, e bradou desassombrado a favor da liberdade italiana.

A parte das noticias estrangeiras n'esta folha é sempre bem desinvolvida, e alheia a pequenas considerações de côrte ou de partido. Na collecção do *Jornal dos Debates* encontra-se toda a moderna historia da Europa.

Nas suas columnas escreveram successivamente Napoleão, Chateaubriand, Lainé, Bonald, Camille Jordan, Martignac, Casimir Périer, Royer-Collard, Guizot, Thiers, Cousin, Salvandy, Villemain, Saint-Marc Girardin, Michel Chevalier, Berlioz, Jules Janin, e ainda hoje escrevem outros distinctos litteratos e politicos.

Depois de havermos dado noticia d'estes decanos da imprensa franceza, vamos lançar um

rapido volver d'olhos sobre o jornalismo parisiense da actualidade, isto é, sobre aquella parte que merece as honras da analyse.

(Continúa.) B.

VIAGENS AO HEMISPHERIO AUSTRAL.

(ATÉ Á EPOCA DA DO CAPITÃO COOK.)

O portuguez Fernando de Magalhães foi o primeiro que atravessou o mar Pacifico.

Largando de Hespanha, com cinco embarcações, a 10 de Abril de 1519, descobriu o estreito que d'elle tomou nome; e foi no dia 27 de Novembro que entrou no mar do sul.

Descobriu n'este mar duas ilhas deshabitadas.

Passando depois a linha encontrou a ilha dos Ladrões, e avançou para as Philippinas.

N'uma d'estas ilhas foi morto, entrando n'uma escaramuça com os naturaes do paiz.

Victoria era o nome da embarcação em que este famoso descobridor deu volta em roda do mundo, e foi tambem este navio o unico da sua esquadra, que levou a cabo tão famosa empresa.

O caminho descoberto por Magalhães não deixou de ser trilhado successivamente por portuguezes e hespanhoes. A America do oeste foi explorada por estes intrepidos navegantes muitos annos antes de Alvaro Mendanha de Neyra, no anno de 1595.

As noticias que ha d'aquellas descobertas são vagas: em geral sabe-se que exploraram a Nova Guiné, as ilhas de Salomão, e muitas outras. Sobre a posição das ilhas de Salomão differem os autores em geral. Ha probabilidade de que seja o grupo das que depois se chamaram Nova Bretanha, Nova Irlanda, etc.

Foi com intentos de reconhecer estas ilhas que Mendanha deu á vela de Calais. Descobriu as Marquezas, a ilha de S. Bernardo, que foi denominada do Perigo pelo comodoro Byron, e as ilhas Solitaria e Santa Cruz, á qual Carteret chama d'Egmont.

N'esta ultima morreu Mendanha, e a maior parte dos seus companheiros. Levava elle por primeiro piloto a Pedro Fernandes de Quirós, que conduziu para a Manilha os restos d'esta expedição.

Foi depois encarregado este mesmo Quirós do descobrimento do continente austral, e hoje parece ter sido elle o primeiro europeu que concebeu tal idéa.

Saiu de Calais em 21 de Dezembro de 1605 como piloto de duas naus e um patacho, commandadas por Luiz Paz de Torres. Em Janeiro do anno seguinte descobriram a terra, que parece ser a mesma a que Carteret deu nome de ilha Pitcairn. Foram até á bahia de S. Filippe e S. Thiago na ilha do Espirito Santo, e ao sair d'aqui a expedição dividiu-se indo Quirós para a Nova Hespanha, depois de soffrer muito por falta de provisões, e Torres descaindo para oeste foi o primeiro que navegou entre a Nova Hollanda e a Nova Guiné.

Em 1615 seguiram-se as expedições de Maire e Schouten aos mares do sul. Deram de vela de Taxal em 14 de Junho com duas embarcações, uma das quaes se incendiou no porto Desejado. Foram elles os descobridores do estreito Le Maire, e os primeiros que entraram no mar Pacifico pelo cabo de Horn.

Descobriram tambem as ilhas dos Cães, de Sonde-Grondt, de Waterland, das Moscas, dos Traidores, dos Côcos, da Esperança, e de Horn. Chegaram á Batavia em Outubro de 1616, seguindo a costa septentrional da Nova Bretanha e Nova Guiné.

D'este anno até 1642, excepto algumas descobertas nas costas occidentaes e septentrionaes da Nova Hollanda, não houve nenhuma expedição importante. Foi então que partiu de Batavia o capitão Tasman, com dois vasos da companhia hollandeza, e descobriu a terra de Van Diemen, parte da costa occidental da Nova Zelandia, e as ilhas dos Amigos e do Principe Guilherme.

John Strong de Farewell descobriu em 1689 a Virginia ou Maiden-Land-de-Hawkins, assim chamada por Hawkins, que foi o primeiro que a viu em 1594.

Farewell reconheceu que esta terra se dividia em duas ilhas, e atravessou o estreito que as separa, dando a esse estreito o nome de Fakland. Este nome estendeu-se depois ás duas ilhas. Parece que esta terra era conhecida com o nome de Pepys.

Antonio da Rocha, mercador inglez, voltava do mar Pacifico em Abril de 1675 quando, impellido pelos ventos e correntes para éste do estreito de Le Maire, encontrou uma costa, a qual o capitão Cook entende ser a mesma a que elle depois denominou ilha Georgia. Largando d'aquella terra para o norte, Rocha descobriu outra ilha, aos 45° de latitude sul, com um excellente porto na parte oriental, e muito provida de boa agua e excellente pescaria.

Halley, famoso astronomo que em 1699 foi encarregado de varias observações n'aquelles mares, não descobriu nenhuma terra austral.

Em 1721 os hollandezes equiparam duas embarcações para tentar varias descobertas nos mesmos mares. Roggewin, que as commandava, saiu de Texel em 21 de Agosto, e torneando o cabo de Horn descobriu a ilha da Paschoa, que Davis já tinha visto, mas não reconhecido. Além d'esta apercebeu muitas ilhas, que se suppõem as mesmas descobertas depois por outros navegantes inglezes. Entre estas se contam as de Baumen e outra, a que Bougainville depois deu nome de ilhas dos Navegantes.

A companhia franceza das Indias orientaes apparelhou tambem em 1738 duas embarcações, cujo commando entregou a Bouvet, para seguir nas descobertas do oceano Atlantico meridional.

Em Janeiro de 1739 deu vista de terra. Cook

fez depois muitas tentativas para a encontrar, e não o conseguindo suppõe este navegante, que a descoberta de Bouvet não passou d'alguma ilha de gelo.

Byron principiou em 1764 as suas empresas no hemispherio austral. Em Junho d'esse anno entrando pelo estreito de Magalhães no mar do sul descobriu as ilhas da Desillusão, Jorge, Principe de Galles, Perigo, York e Byron.

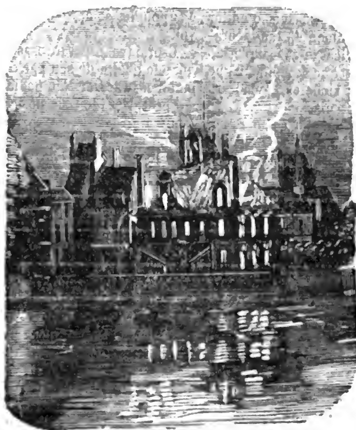
Wallis e Carteret seguiram-no em 1766. Separaram-se estes dois officiaes no grande mar do sul. Wallis descobriu as ilhas de Pentecostes, Rainha Carlota, d'Egmont, do Duque de Glocester, do Duque de Cumberland, de Maitea, de O-Taiti, É-Iméo, Tapamanou, How, Scilly, Boscawen, Keppel, e Wallis.

Carteret seguiu differente rumo, e descobriu as ilhas d'Osnabruy, Glocester, Carteret, Gover, e o estreito entre a Nova Bretanha e a Nova Hollanda.

No mesmo anno de 1766 Bougainville deu á vela de França, e descobriu no mar Pacifico as ilhas dos Facardins, Lanceiros, e la Harpe. Esta ultima, diz Cook parecer-lhe a mesma que elle depois denominou do Lagon. Tambem Bougainville descobriu a ilha Arc, e houve vista de muitas terras e ilhas que para elle eram novas, mas de que já alguns navegantes tinham noticia.

Foi depois d'este anno que principiaram as viagens de Cook, das quaes elle proprio escreveu uma extensa e minuciosa relação.

***



INCENDIO EM FONTAINEBLEAU.

Pelos seus extensos e formosos bosques e tapadas, onde os soberanos da França com frequencia procuram o recreio das caçadas, é Fontainebleau muito conhecida; grande numero de recordações historicas se prendem a estes sitios, onde Francisco I edificou uma soberba residencia real, que muitos de seus successores reformaram e embellezaram. Este palacio soffreu no anno passado um violento incendio; a nossa estampa figura a parte destruida pela conflagração, que foi o lado direito da Cour de Fontaine, que pega com o Lago, a avenida Maintenon, a Porte Douce, e tambem a galeria de Francisco I e a magnifica sala denominada das festas, onde foi a casa em que se faziam representações dramaticas. A sala das festas teria sido presa das chammas se houvesse vento; porém, felizmente, o tempo estava bonançoso, e a agua em grande abundancia ficava muito á mão; a tropa tomou opportunamente todas as providencias necessarias para atalhar o fogo, que ao cabo de tres horas achava-se vencido, concorrendo todas as classes de habitantes, inclusivamente mulheres e ecclesiasticos, a conduzir agua para as machinas, e a prestar outros valiosos serviços. O desenho foi tirado da longa alameda nos jardins inglezes. M.

O luto umas vezes é o symbolo da tristeza; outras é a mascara, com que a hypocrisia cobre os sentimentos da alegria.

UM DUELLO.

FRAGMENTOS.

E uma historia verdadeira a que se vae ler. Parte d'ella escreveu-a o protogonista de seu proprio punho; as explicações necessarias para ser comprehendida, e que constituem a outra parte, escreveu-as a pessoa que a dá á luz.

Confiou-lhe o moço, de quem se conta aqui parte da vida, um volumoso manuscripto, onde estavam notados, dia por dia, os mais importantes acontecimentos da existencia que vivera.

Só depois de acabada esta, lhe era permittido dar ao publico, do manuscripto que lhe entregara, a porção que melhor lhe aprouvesse, se o não quizesse porventura produzir na sua integra.

E merecia-o bem. Poucas obras tem o editor visto tão perfumadas de sentimento, tão laceradas de angustias, tão energicas e tão suaves ao mesmo tempo d'entre tantas que tem lido, e que por ahi se contam entre os modelos, como era aquella que desde então possuia.

Quem a escreveu tinha amado como René, padecido como Werther, morrido como Raphael. De todos elles tirava dotes e mimos; como d'elles todos partilhara a corôa de padecimentos.

Os seus escriptos encontram-se pois com elles em mais de um ponto.

Triste plagiato, que tão caro custou!

Por este preço a maioria, senão todos, dos que escrevem, quereria antes inventar, que de tudo é o que mais lhe custa, do que respigar no campo alheio tão duro de pisar, tão ouriçado de espinhos e silvados.

Largo seria o livro se todo apparecesse como o seu autor o escreveu; enfadonho de mais a mais, por particularidades pessoaes, que só a elle podiam importar.

Uma pequena parte apparecerá d'esta vez: o acolhimento que lhe fizerem decidirá do resto....

I

....

N'um d'esses bailes que pelo entrudo se costumam dar nas philarmonicas de Lisboa, poucos homens appareceriam tão elegantes e bem postos como Luiz de...

Era um gentil moço e uma grande alma. Superior á condição em que vivia, pobre gravador, um mero acaso o levara áquellas reuniões, que não costumava frequentar.

Vivia do seu trabalho, e não lhe era o tempo tanto de sobra, que o podesse perder nos desfastios das festas.

Aos dezoito annos morreu-lhe seu pae, deixando-lhe, com uma herança bem pequena, irmã e mãe, que só d'elle podiam esperar amparo.

N'estas circunstancias, o juizo vem breve, e a creança, carregada de ponderosos deveres, esquece-se de que o é, e procura ser homem.

Não era para tão humilde condição, que tinha sido destinado. Preparava-se para seguir um curso de escola superior, e já dava então voltas á intelligencia, consagrando-se aos preparatorios, que lhe reclamavam. Tinha tambem um tanto de poeta, na forma; que na essencia era-o elle muito.

Por uma ou outra vez tinha apparelhado mais de uma strophe, que por lhe não responderem em valentia aos arrojos de imaginação, que lhe escandeciam a intelligencia, puzera de parte como fracas e desgeitosas.

Sentia muito; tinha fé como poucos; talento como raros; só lhe faltava pois amar, complemento fatal da epopea do joven, e que elle presentia ao longe como o marinheiro presente a tempestade.

Não o desampararia essa sagração sublime das almas de vinte annos, e mais breve do que elle o suppunha se aproximava já mysteriosa e terrivel.

Espraiava esperançosas vistas para o futuro, quando a falta de seu pae o obrigou a pensar com maior madureza. Não podia contar com os recursos precarios de uma posição por vir n'um praso longo ainda, e precisava quanto antes lançar mão de um modo de vida, que lhe garantisse meios de existencia para si e para os seus.

Orgulhoso de mais para solicitar um emprego, que lhe seria certamente recusado, attenta a sua posição e pouca importancia, recorreu a si e aos seus braços, para de si e d'elles esperar o que carecia. Um tio lhe serviu n'essa occasião; e deixando aulas e livros, entregou-se d'alma e coração ao officio que exercia, onde a boa vontade lhe suppriu o tempo da aprendisagem, alcançando em mezes o que outros só podiam obter em annos.

Era, ao começar esta narração, um dos mais habeis no seu mister, e dos que mais ganho tirava do seu trabalho.

Pobres castellos no ar de creança, que tão embevecido o tinham trazido nos primeiros annos, haviam esmorecido de todo. O dia de ámanhã era para elle, como o de hoje, de fadigas e trabalhos. O futuro o mesmo que o presente, e a melhoria da condição nem ao menos lhe alegrava as magoas, segredando-lhe esperanças nas horas de desalento.

Versos soltados ao vento; aspirações de gloria e de nome; momentos, que se não pagam, do devanear intimo, de sentimento profundo diante dos esplendores da creação, ou dos primores dos homens, tinha tudo acabado para elle. Uma hora que n'elles gastasse, era uma hora que tirava ao trabalho, era um roubo que fazia a sua mãe e a sua irmã, que precisavam d'elle para o sustento do dia.

Passam desapercebidos por nós não poucos d'esses lutadores incansaveis, que lidam a vida toda para cavar como a toupeira a occultas morada e aninho para os seus, e a quem vem por fim a cheia ou a remoção de terrenos, deitar-lhes a perder o fructo de tantas fadigas, o consumo de tantos annos.

Todavia, quando aborrecido de trabalhar, desesperado de si, sem crença e sem ambições, quasi como morto, esmorecida a alma e perdidas as aspirações, entrava em casa á noite, e via sua mãe e sua irmã recebel-o de braços abertos, tão agradecidas ao que por sua causa fazia; desappareciam-lhe os dissabores, e o aborrecimento esvaía-se mais rapido do que o fumo da pobre ceia que o esperava na mesa sempre aceiada e alegre.

Paga e gloria encontrava-as elle então ali de sobejo; e se lhe dessem tudo o que mais queria nos seus sonhos desvairados, não lhe posporia aquella desvelada familia, aquella refeição modesta, e aquelle santo orgulho de poder dizer: sou eu quem sustento a minha familia.

Era por isso que raras vezes se via fora da officina ou de casa. Rogos reiterados de um amigo o tinham levado áquelle baile onde o encontramos no principio d'esta narração, e onde se achava tão estranho e alheio, quanto o eram aquelle mundo e aquelles costumes, aos que suspeitara e phantasiara nas suas concepções de poeta.

II

— Encostado á umbreira de uma porta — é elle quem falla — vi pela primeira vez hediondo e nú, apesar das suas vestes e atavios, aquelle mundo, que tão vestido e ornado suppozera. Vi aquella gente toda mover-se, agitar-se, animar-se como automatos, mais ou menos perfeitos, sem que em tantos rostos sem expressão, em tantas faces sem sentimento, me apercebesse de que tinha diante de mim os reis da creação. Mesquinhos e abjectos, intrigas pequeninas os demoviam; phrases estudadas e insulsas os enlevavam; olhares lascivos, cujo effeito de antemão se previra, os traziam enlevados e presos.

Para que fôra eu áquella festa, se não era ali o meu logar? Que tinha aquella gente comigo, que os não comprehendia, nem era dos seus? que podia eu ter com elles, que não tomava parte nos seus prazeres, nem procurava accommodar o gesto pela alegria geral?

Estranho a tudo e a todos, nem sabia de mim, nem do que me cercava. Eduardo, que me obrigara a acompanhal-o, seguia seus amores e entretinha-se com a mulher que o levara; e eu estava ali isolado e triste, malquerendo, mais do que nunca, a obscuridade em que vivia, e que me alheiava tanto á consideração d'aquella gente.

E os que ali eram tidos em grande conta, não valiam mais do que eu. Conhecia-os a quasi todos. Astros de clarão emprestado, o nome ou o dinheiro os fazia luzir e brilhar; por si, se os deixassem desamparados, figurariam tanto, quanto esses milhares de mundos, que o dedo do Senhor porventura semeou no espaço, e que passam sobre nós desapercebidos e involtos no sudario de trevas que nol-os encobre.

Ainda assim entre uns e outros uma differença existe. Estes teem uma missão propria para cumprir. Sustentam talvez outras creaturas, tem uma carreira marcada, uma orbita para descrever, um fim, um que quer que é, causa bastante da sua existencia e modo de ser; aquelles, pequenos e acanhados, sem nenhum d'esses preceitos, nascem, vivem, morrem sem saber a que vieram a este mundo, sem poderem dar razão da sua vida.

(Continua.) R. Paganino.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

Continuação.

COSTUMES DO CLERO.

A autoridade do bispo sobre o seu clero não era um poder despotico, e sim um governo de caridade. Os clerigos tinham parte no poder do bispo, porque não fazia nenhuma coisa de importancia sem se aconselhar com elles. Consultava os padres que eram assim como um senado da egreja. Tão veneraveis eram estes, e os bispos tão humildes, que no exterior pouca differença havia entre uns e outros.

Todos os clerigos, comprehendendo os bispos, viviam pobremente; pelo menos mui simplesmente, como as pessoas do commum, sem coisa alguma os distinguir. A maior parte nutria-se de legumes e viandas seccas, jejuando muitas vezes, e praticando toda a especie de austeridades, quanto lhes permittiam suas penosas funcções. Muitos depois da sua ordenação continuavam a viver do trabalho de suas mãos, a exemplo de S. Paulo. Muitos abraçavam a vida em commum, morando juntos na mesma casa, e comendo á mesma mesa. Não possuiam nada de propriedade, e unicamente subsistiam do que a egreja lhes fornecia. Era uma grande familia, sendo o bispo o seu pae.

O que especialmente se recommendava aos bispos, aos sacerdotes e diaconos, era a continencia. Quando o que se elevava ao episcopado ainda tinha mulher, seguia tratando-a desde então como uma irmã; e a egreja latina sempre fez observar esta disciplina aos sacerdotes e diaconos.

O bispo nunca deixava de presidir ás orações publicas, e explicar a Sagrada Escriptura, e offertar o sacrificio todos os domingos, e festas particulares. Elle e os sacerdotes estavam continuamente occupados em instruir os cathecumenos, consolar os doentes, exhortar os penitentes, e reconciliar os inimigos. Compunham todas as desavenças, porque não queriam que os christãos pleiteassem ante os tribunaes dos infieis. Era ordinariamente a segunda feira que os bispos destinavam a examinar os processos, para que, se as partes se não compozessem logo, tivessem tempo em toda a semana para se apasiguarem, e elle os congraçar antes do domingo seguinte em que deviam orar juntos e commungar. O bispo estava sentado com os seus padres, assistido dos diaconos, e as partes litigantes estavam de pé. De-

pois de os ter ouvido, fazia o possivel por concordal-os amigavelmente, e concilial-os antes de pronunciar o julgamento, que o prelado dava de accordo com os padres. D'aqui nascia a affeição e o respeito dos fieis para com os bispos; porque estes eram os paes dos pobres, e o refugio dos desgraçados; por isso se prostravam diante dos padres quando os encontravam, beijando-lhes os pés, e recebendo-lhes a benção. Chamavam-lhes santos, bemaventurados, piedosos, religiosos, amados de Deus. O nome de papa, quer dizer pae, foi por muito tempo commum a todos os bispos, e ainda hoje se dá a todos os sacerdotes na Egreja grega, como na Egreja latina o de *abbade*, que tem a mesma significação. Os bispos e os padres por sua parte tomavam muitas vezes por humildade o titulo de servos de Deus, e outros eguaes, que hoje passam em formula.

RELIGIOSOS E RELIGIOSAS.

Havia christãos que, sem serem obrigados, praticavam voluntariamente todos os exercicios da penitencia para imitarem os prophetas e S. João Baptista, para se exercitarem na piedade, castigando os corpos, e reduzindo-se á servidão. Chamavam-se *asceticos*, que quer dizer exercitantes. Encerravam-se de ordinario nas casas, onde viviam em retiro, guardando a continencia, e accrescentando á frugalidade christã as abstinencias e jejuns extraordinarios. Exercitavam-se em trazer o cilicio, andar descalços, dormir no chão, passar em vigilia parte da noite, ler assiduamente a Escriptura, e orar quanto fosse possivel.

Grande numero de mulheres solteiras consagravam a Deus a sua virgindade, ou por conselho dos parentes, ou por impulso proprio. Passavam a vida asceticamente, morando pela maior parte na casa paterna, ou vivendo duas ou tres reunidas, não saindo senão para irem á egreja, onde tinham logar separado das outras mulheres.

As viuvas que renunciavam ás segundas nupcias viviam quasi como as virgens; porém não estavam tão encerradas, porque se applicavam a obras externas, como visitar os enfermos e encarcerados, consolal-os, sustentar os pobres, enterrar os mortos, e geralmente todos os actos da mais viva e generosa hospitalidade.

Escolhiam-se para diaconas as viuvas mais edosas, prudentes, e experimentadas por toda a especie de exercicios de piedade. Recebiam a imposição das mãos, e eram contadas em o numero do clero, porque exercitavam para com as mulheres as funcções dos diaconos. Estava a seu cargo visitar as pessoas do seu sexo, a quem a pobreza, as enfermidades, ou qualquer outra miseria fazia dignas dos cuidados da Egreja. Repetiam ás cathecumenas as instrucções do bispo ou do padre; apresentavam-nas ao baptismo, ajudavam-nas a despir-se e revestir-se para que os padres as não vissem n'um estado indecente; conduziam depois as recem-baptisadas por algum tempo para as dirigirem na vida christã. Nos templos guardavam as portas do lado das mulheres, e tinham cuidado em que cada uma estivesse no seu logar, e guardasse o silencio e modestia convenientes ao logar e á religião. Davam conta de todas as suas funcções ao bispo, e por sua ordem aos sacerdotes e diaconos.

Pelos fins das perseguições da Egreja, e principalmente nos primeiros tempos em que esta desfructou paz, principiaram a edificar-se os mosteiros. Santo Antão, que vivera asceticamente, como S. Paulo que se olha como o chefe e modelo dos eremitas, foi o primeiro que reuniu discipulos no deserto, e os fez viver em commum. Não lhes chamaram simplesmente *asceticos*, ainda que se entregavam ás mesmas praticas; chamavam-lhes *monges*, que quer dizer solitarios, ou *eremitas*, habitantes dos desertos. Designavam-se por *cenobitas*, os que viviam em communidade, e *anacoretas* os que se retiravam a mais completa solidão, depois de viverem por muito tempo em commum, tendo aprendido a vencer as suas paixões. Os cenobitas eram mui solitarios, porque unicamente viam os seus confrades, estando separados de toda a habitação muitos dias de jornada pelos desertos de areia, e onde tudo é preciso levar, até a agua. Não se viam uns aos outros senão de tarde e á noite, ás horas da oração, passando o dia todo a trabalharem nas suas cellas, sósinhos, ou dois a dois, e guardando sempre silencio.

Havia tambem nos desertos mosteiros de mulheres, assaz proximos dos monges para receberem d'elles soccorro, e assaz distantes para evitarem perigo e suspeita. Os monges edificavam-lhes as cellas, e ajudavam-nas nos trabalhos mais rudes; as religiosas faziam os vestidos aos monges, e outros similhantes serviços; porém todo este commercio de caridade era exercitado por velhos escolhidos, que eram os unicos que iam aos mosteiros das mulheres.

A santidade da vida monastica foi tão resplendente, que dentro em pouco tempo se propagaram milhares de monges e mosteiros por todo o Oriente. Espalhou-se pela christandade, e pelo Occidente, onde successivamente appareceram as ordens de S. Bento, Cluny, e Cister, os religiosos mendicantes, e outras que seria longo enumerar.

Pela mesma occasião se formaram em muitas egrejas communidades de clerigos, que viviam quasi pelo mesmo theor dos monges, tanto quanto as suas funcções o permittiam. Estes clerigos tomaram o titulo de conegos. Havia pois duas ordens de religiosos, uns clerigos, e outros leigos, e a maior parte dos monges eram d'estes ultimos, sendo o fim do seu instituto trabalharem na sua salvação individual, conservando sua innocencia, ou reparando por via da penitencia as desordens e erros da vida passada.

Continua. A.



HOO-KIU-SHAN.

A arte de adornar um edificio na China não é mais comparativamente do que a empregada pelos europeus na confecção da mobilia ou de objectos de luxo caprichoso; e de facto ali tratam da decoração dos edificios como nós de uma guarda-roupa ou de um armario de loiça; o que entendem ser belleza é a precisão e aceio do trabalho; envernizam as columnas, dão colorido nos tectos, pintam todas as paredes; as côres mais lindas e brilhantes e mais inalteraveis constituem o principal merecimento dos palacios reputados mais formosos; mesmo nas figuras o menos a que attendem é ao desenho, todo o seu enlevo é no esplendor das côres. Os materiaes que empregam são madeira, tijolo, alguma pedra, e ferro; e não é a falta de boas cantarias e marmores que torna raras as construcções d'este genero, nem tampouco é o receio da despeza, porque a prodigalidade dos imperadores não admitte esta ultima supposição, e até as ruas de algumas cidades são calçadas com marmores de differentes castas que abundam em todas as provincias. Dão por motivo o receio de terremotos; mas parece que tambem se oppõe a essas construcções o clima. Os proprios palacios dos imperadores são de pouca importancia pelo lado da architectura, porque os chinas fazem consistir a grandeza só na quantidade, e este gosto explica-se tambem pelos seus usos e costumes: os imperadores, por exemplo, teem um serralho, e as suas mulheres habitam casas separadas umas das outras, cada uma com suas dependencias particulares; a saber, officinas, jardins com seus lagos, e mais accessorios. A casa de campo do imperador, denominada Hoo-Kiu-Shan, pode ministrar idéa do singular aspecto d'esta reunião de edificios. M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

I

«Tudo ameaça inevitavel p'rigo;
Tudo apresenta aos pavorosos nautas
Miserrimo naufragio, abysmo, e morte.»

ELPINO DURIENSE.— *Sobre o Infante D. Henrique.*

As tribulações, com que a Providencia castiga a audacia humana pelas solidões do mar, não

as viu todas a imaginação de Gessner; nem Cooper — o Walter-Scott do Novo-Mundo — chegou com a arrojada phantasia á verdade, que nós vamos, se pudermos, apresentar, sem enfeites postiços que a desfigurem, sem flores intempestivas que a desornem, disfarçando-lhe a terribilidade.

O successo, que vamos expôr, até na memoravel *Historia Nautica Tragico-Maritima* se apontaria como raro; e entretanto muitos dos que nos hãode ler o sabem como quasi testemunhas.

Nunca se viu a constancia mais heroicamente a braços com a adversidade; nunca o genio do homem triumphou mais nobremente da natureza! Assim, a modesta corôa que procuramos cingir com mãos desinteresseiras á memoria de dois Argonautas, que talvez já hoje não são dos vivos, não será inteiramente inutil. Pondo n'ella os olhos muito esforço quebrantado se reanimará porventura, e em muitos lances, d'esses em que o animo aturdido com o repentino, com o insolito, com o monstruoso dos trabalhos costuma succumbir, o exemplo de *Moraes*, e *Trajano* fará nascer da ousadia a esperança, da esperança a força, e da força o livramento.

A barqueta *Flora*, commummente denominada *Espada-de-ferro*, era uma pequena embarcação só destinada á communicação da ilha de San-Miguel com a de Santa Maria, nos Açores. O seu trafego era andar trazendo das pedreiras da ultima, para os fornos de cal da cidade de Ponta-delgada, na primeira, material necessario ao seu consumo. Quem tiver visto os barcos de serviço dos portos michaelenses, a que os naturaes chamam *da carregação*, melhor idéa formará do fragil batel, escusando-nos a pintura. Fal-ahemos, comtudo, não só para complemento d'esta memoria, mas para que mais devidamente se admire, á vista da pequenez do lenho, a constancia, que por tanto tempo resistiu ao furor das tormentas, e que a salvamento o poz no Tejo.

Fôra a barqueta nos seus principios uma lancha de carga e descarga no porto de Ponta-delgada, e depois transformara-se em barco de onze toneladas, com sua coberta, trajando galas de yacht. Pertencia a Alexandre Pereira de Moraes.

Fizera já esta pequenina vela com prospero successo varias excursões até á visinha ilha de Santa Maria, sómente mareada por Moraes, na qualidade de mestre; seu irmão Jeronymo Luiz de Moraes Pereira Trajano, distincto nautico, alma temperada de semi-estoicismo pela escola dos mares; e um moço appellidado Buzio Canhoto.

Iamos pelo anno mil oitocentos trinta e nove. Pelas cinco horas da tarde do dia dezoito d'Outubro, soprando um impetuoso nordeste, largava do porto da Calheta de Ponta-delgada a nossa *Flora*, com a sua invariavel tripulação, passando pela pôpa da corveta nacional *D. João I* fundeada em frente do castello de San-Braz, encaminhando-se ao seu até então immutavel destino.

Sobre a manhã do dia immediato, dezenove, começava a tempestade a manifestar-se para a parte do noroeste, com seu semblante azul ferrete, quando a barqueta, com menos de doze horas de viagem conseguiu tomar na ilha de Santa Maria o surgidoiro da villa do Porto onde ancorou.

Ali os deteve o vento até á tarde de vinte. Então, favoreceu-os para correrem a leste da ilha ao porto de San-Lourenço, aonde chegaram na manhã seguinte, e se conservaram até vinte e tres: pelas duas horas da madrugada com vento fresco, por lhe rebentar a pequena amarra, buscaram com incontestavel risco das Formigas um abrigo pelo nordeste da ilha, passando a oeste d'aquelles baixos, com as velas totalmente rinzadas, precaução necessaria ao nenhum lastro que havia o barco, e aos marouços do canal, perigo de que um sudoeste repentino acabou de libertal-os.

Para a ilha de San-Miguel os impelle o vento. Avistam-na em tempo escuro, pelas sete horas da manhã do dia vinte e quatro. Ás tres da tarde passam em frente do porto do areal de San-Francisco, de Ponta-delgada, e, com receio do vagalhão da costa, temendo entrar n'este ponto, puxam para leste da bahia, cuja ponta, a da Galé, montam não sem custo.

Tres dias se conservaram á capa ao sul de Villa-Franca-do-Campo, até que na manhã de vinte e seis, sobrevindo um forte oesnoroeste, e buscando tomar a bacia do ilheo d'aquella villa, lhe rebentam as driças da vela grande, pelo que, correndo ao longo da terra, demandam abrigar-se com a ponta da villa do Nordeste, onde repararam os estragos havidos; volvendo na manhã de vinte e oito ao porto do Fayal-da-terra, que não podem tomar, fundeando, e com alguma difficuldade, distante da costa, pelo fim da tarde do dia vinte e nove.

A extrema mingua de mantimentos lhes fez adoptar o costumado expediente d'annunciarem perigo com a bandeira ácolha. Resultou d'isto serem procurados por cinco homens em um batel, que para isso muito se expoz. É n'este jeque que tomam passagem o mestre da *Flora*, e o moço Buzio Canhoto, e vão a terra refazer-se de comedorias, ficando entretanto a barqueta entregue ao piloto Trajano.

Tem em si o perigo certa fascinação, que attrahe os animos heroicos, mas que repelle sempre os corações vulgares e pusilanimes. O marinheiro, que até ali acompanhou os dois irmãos, julga-se desatado de qualquer dever ao pisar o solo michaelense. Olha para os mares; calcula pela sua pratica as probabilidades; dá por inevitavel o perdimento de quem se lhe aventure; foge!

Moraes desamparado e só, vae bater á porta de Manuel Francisco de Rezende. N'essa casa encontra algum soccorro para a occasião — cinco broas, um pão de trigo, e uma cabaça de vinho, não esquecendo uma pedra volumosa destinada a melhor fundear a barqueta — sendo-lhe

promettida para a manhã seguinte mais abastada matalotagem.

Facil é de presumir a que ponto não subiria a impaciencia do dono do barco, logo que embalde esperara pelo moço até ás seis horas da tarde!... Via-se reduzido, para não desamparar a embarcação, a contár apenas com seu irmão, sobre cuja intrepidez não cabiam duvidas. Animou-se a tornar para bordo, levando os poucos viveres que alcançara, e a pedra que laboriosamente se affeiçoou para a ancoragem.

Pouco havia desde que os dois irmãos, refazendo-se de tamanhas fadigas eram a ponto de olvidar os passados perigos, quando um imprevisto accidente os fez acordar d'essa especie de lethargo. A maré corria pressurosa, e a *Flora* esteve em lances de se ir fazer pedaços contra os rochedos, garrando para leste, ao que ainda felizmente se pôde acudir fazendo-se de vela, e correndo, por impulso d'um fortissimo oesnoroeste, á ilha de Santa Maria, aonde chegou no dia immediato, penultimo do mez d'Outubro, abrigando-se na bahia do Santo-Espirito.

Pelo fim da tarde desembarcando o mestre nada mais pôde do que procurar o professor d'ensino simultaneo d'aquella freguezia, João Evangelista — natural da Madeira — e pedir-lhe soccorros na acquisição d'alguns mantimentos, ao que elle se prestou, promettendo-lh'os para o seguinte dia. Volvendo Moraes n'esta esperança para bordo, e conservando-se ao abrigo da terra, faltando-lhe infelizmente a provisoria amarrasinha, pelo quarto d'alva do dia trinta e um, deram a pôpa em arvore secca á vehemencia da procella do noroeste, sem comedorias algumas, no rumo da ilha da Madeira, em cujo caminho, fazendo tres singraduras, andaram perto de duzentas e sessenta milhas.

Na madrugada de tres de Novembro rondou o vento ao sudoeste, compellindo d'est'arte os dois infelizes navegadores a arribar, e deixar-se especialmente conduzir pelas laboriosas vagas, e pelo acaso do tempo, tão mudavel entre os canaes açorianos na estação invernosa. N'esta volta passaram obra de vinte leguas ao oriente das Formigas.

Em seis do mesmo mez na proximidade da ponta do Nordeste da ilha de San-Miguel se desinvolveu uma horrivel tormenta do oesnoroeste, que forçou a barqueta a correr á popa, só com um pequeno bolso de panno de proa. Foi então o primeiro periodo da afanosa e perigosissima crise d'este quasi naufragio. O piloto Trajano, ainda que mais acostumado ao aspecto medonho d'uma tempestuosa navegação, conhecedor do eminente perigo a que era exposto, não pôde comtudo dissimular-se a tal ponto, que não deixasse a seu irmão companheiro ler-lhe no rosto carregado uma amostra de seus secretos temores. Estes momentos eram pavorosos no meio d'um lenho aventureiro, entre os amortecidos corações de dois irmãos!..... Nada por certo melhor pinta o desfallecimento que os acompanhava, entre o abysmo e a esperança, do que este simples e natural trecho d'uma carta de Trajano:—«O pobre Alexandre arregalava os olhos e olhava para mim, quando vinham aquellas serras de mar pela nossa pequena pôpa... queria chorar... tolhia-se-lhe a voz... e dizia — *oh! Jeronymo... Jeronymo.... é agora...* — e eu fazendo-me mais forte do que as circunstancias permittiam, dizia — *não é nada, esconde-te para o porão, ou amarra-te para o mar te não levar.*»

Eram agora chegados á maior penuria! Faziam caminho de Lisboa, e no dia onze tinha-se-lhes acabado uma mui pequena porção de cuscús que levavam da ilha de Santa Maria para um particular de San-Miguel, do qual, depois de muito tempo e forçados pela necessidade haviam lançado mão, quando já estava no estado d'ardido.

Até quatorze — tres dias que decorreram desde onze — nada tiveram que comer ou beber, utilisando-se para satisfazer a esta ultima e poderosa precisão, d'alguma agua aparada no concavo d'uma vela na occasião d'aguaceiro. Foi n'este dia que começou de abonançar, e pelas onze horas da noite se fixou o vento do noroeste, com cujo sopro se encaminharam positivamente ao reino.

Continua. JOSÉ DE TORRES.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação. (*)

V

MYSTERIO.

Filippe Tranqueira seguia, engolphado em profundas cogitações, o guia mysterioso, que, caminhando em silencio adiante d'elle, parecia apressado em chegar ao seu destino.

Outro homem acompanhava o Tranqueira, lado a lado, olhando-o suspeitoso e desconfiado.

Já era bom caminho andado, e nem um, nem outro lhe tinham dirigido, sequer, uma falla.

Tranqueira, que era amigo de palrar, aventurou ao companheiro algumas d'essas phrases banaes, que, nada significando, servem para travar conversação; porém não recebia resposta nenhuma.

Enfadado por aquelle silencio, lançou mão vigorosa ao braço do desconhecido, e sacudiu-o com força.

Este, tomando a acção de Filippe por um acto de accommettimento, fez relampejar um punhal, que trazia escondido entre as vestes.

O nosso homem, que não esperava tão rude arrebatamento, tratou de o tranquillisar com palavras brandas e macias, explicando-lhe que não

(*) Do num. 14.

tivera intentos de o accommetter, e que só desejava matar o tempo conversando com elle.

Grande pasmo foi o seu, vendo que o companheiro continuava calado.

Encolheu os hombros despeitoso, propondo-se a seguir caminho sem dar mais palavra, quando reconheceu que o personagem que o acompanhava era mudo. Os signaes que este fazia para o induzir a seguir tranquillo, sem o incommodar com perguntas inuteis. por tal lh'o deram a conhecer.

O individuo que marchava na frente, e fallara com Samuel, entendeu que alguma coisa se passava á sua rectaguarda, pelo som rouco e gutoral que o mudo soltara quando guardara o punhal.

Parou, e quando os outros dois se lhe juntaram, disse para o Tranqueira:

—Vamos lá, sr. Filippe, que não é de cortesia atacar a quem vos não quer mal.

—Ao contrario de o accommetter, rogava-lhe que caminhassémos conversando em boa paz.

—Como quereis que converse o pobre Damião, que nasceu surdo e mudo?

—Deverieis ter-me prevenido, que escusado seria então de incommodal-o, e incommodar-me.

—E quando havia dizer-vol-o, se ainda não trocámos palavra?

—É verdade; e eu bem desejara fallar-vos, para conhecer a qualidade de serviço que devo prestar.

—Sobre esse ponto, sr. Filippe, nada por ora vos posso dizer. De outra bocca, que não da minha, o sabereis.

—Bem está, que hoje é a noite dos mysterios. Não tereis, porém, duvida em dizer-me para onde ímos?

—É facil de conhecer o caminho. Não vêdes que nos inclinamos para o mar?

—Acaso teremos de embarcar!?

—Sem duvida; e é no rio, sobre as formosas aguas do Tejo, mas que em Janeiro não podem ser appeteciveis, que conhecereis o segredo d'esta aventura.

—Vá de feito, que para tudo aqui me tendes apparelhado.

Assim fallando chegaram á beira do rio.

O som agudo e penetrante de um assovio feriu os ares, e logo outro som egual lhe correspondeu do meio do Tejo.

—Temos de esperar um pouco pela barca, disse o companheiro de Filippe.

—Parece-me pouco ajuizado, aventurou o Tranqueira, embarcarmos por uma noite d'estas, que ameaça outra trovoada como a da tarde.

—Mas é forçoso que embarquemos.

Filippe dizia bem; a atmosphera estava carregada, e o vento principiava a soprar do sul com espantosa violencia.

Repentinamente o vivo fulgor do corisco illuminou os ares, e á sua claridade viu-se uma barca remando para a praia.

A barca tocava em terra quando o estampido de um trovão rebombou no espaço.

Continua. ***

AS RUINAS.

Ruinas solitarias! tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações!
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Amargas e fataes recordações!...

Outr'ora esses imperios invenciveis,
Cidades e nações tão poderosas!
E hoje resta só de tal grandeza,
Ruinas e lembranças dolorosas!...

Carthago e Babylonia destruidas,
Restando apenas d'ellas a memoria;
Immensas maravilhas possuiram,
Tão grandes, que rivaes não tem a historia!

Na Asia essa Palmyra tão famosa,
Tão rica e opulenta n'outras eras!
Agora abandonada... já sem vida,
Servindo de guarida só ás feras!...

Pompeia e Herculanum sonhariam,
Que um dia haviam ser no pó lançadas?
Se alguem lhe predissesse um tal futuro,
Seriam taes palavras escutadas?!...

Que os tyrannos vos vejam, e conheçam
Que todas as grandezas d'este mundo,
O tempo estragador vae destruindo,
Lançando no abysmo o mais profundo!...

Dos grandes a soberba de que serve?
De que servem os odios e ambições?...
Se um dia tudo finda, tudo acaba,
Se tudo morre apoz as gerações!...

Ao ver, ao contemplar tantas ruinas,
Ás horas em que vae findar o dia;
O peito sente amarga anciedade,
Respira tudo só melancolia!...

Ruinas solitarias!... tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações!...
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Pungentes e fataes recordações!...

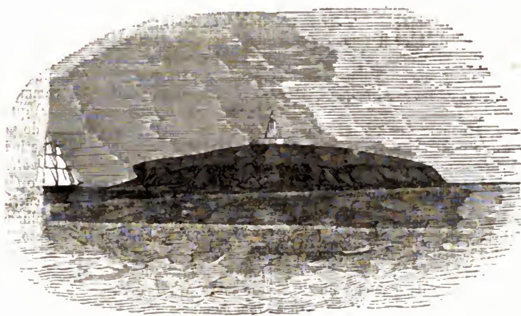
J. A. X. de Magalhães.

ILHA DAS SERPENTES.

Da parte de fora das boccas do Danubio, obra de vinte milhas, está situada a pequena ilha das Serpentes, que parece collocada alì pela Providencia para marcar a entrada do grande rio, cujas praias são baixas e perigosas para os navios que se lhes aproximam.

Aqui foi a primeira arribada da esquadra dos alliados que conduziu as tropas á Criméa; e ainda ha pouco foi este pequeno espaço de terra, semeado com outros ilheos menores ainda n'aquella paragem do mar Negro, objecto de contestação, porque os russos o tinham occupado arvorando ou restabelecendo um pharol para lhe servir de pretexto afim de terem ahi um destacamento militar, e espiarem e dominarem d'algum modo as boccas do Danubio. D'estas as que são accessiveis a navios de algum porte maior contam-se tres, a de Kilia ao norte, a de Sulina no centro, a de Khas-Flias ou de S. Jorge ao sul; Sulina é o braço mais consideravel d'este rio, o maior da Europa, e é tambem o caminho que tomam de ordinario os navios; os russos estavam de posse d'esta foz e podiam obstruil-a; o tratado de Paris deixou-a neutral, e livre a navegação para os vasos de todas as nações, vantagem de grande transcendencia, porque é mui importante o movimento commercial em ambas as margens do Danubio.

A ilha das Serpentes acha-se deshabitada, se exceptuarmos o pharol que é mantido pela commissão mixta das potencias que vigiam a execução do tratado recente e a navegação do Danubio; abunda, porém, em caça, e tem uma pequena lagoa na parte mais elevada. M.



ILHA DAS SERPENTES.

IMPRENSA PERIODICA FRANCEZA.

Conclusão.

II

A imprensa em França não gosa actualmente de verdadeira liberdade, e os jornaes que ainda se publicam em Paris, tiveram de modificar as suas opiniões, mais ou menos exaltadas, para continuarem a subsistir. Hoje nada representam as folhas politicas francezas, porém cada uma d'ellas tem sua historia assaz curiosa, e mesmo rica de episodios. Trataremos de esboçar, com o laconismo que demanda o semanario aonde escrevemos, o mais importante da vida politica de alguns valentes athletas da imprensa moderna, deixando de parte outros que ainda vivem quasi esquecidos, ou que morreram combatendo no seu posto de honra.

O mais antigo dos campeões, que não pereceram na luta, é o *Constitucional*. Alvo da fusilaria de quasi toda a imprensa, mereceu ao lapis de *Cham* o mais certeiro dos tiros, um retrato no *Charivari*. O *Constitucional* apparece ali na figura de um veneravel patriarcha, em muletas, e de barrete branco.

Este jornal data dos primeiros dias da restauração (1815), e diversos homens de estado, e altas intelligencias politicas e litterarias o tem successivamente redigido, sem lhe fazer attingir nunca a importancia de folha *universal*, como elle modestamente se intitula.

Seus fundadores foram Etienne, Jay e Saint-Albin; e este oraculo da burguezia teve successivamente os nomes de *Independente*, *Ecco da tarde*, *Correio geral*, e *Jornal do Commercio*, antes de se fixar, em 1819, no pomposo titulo de *Constitucional*. Thiers e Mignet, que foram seus redactores, desertaram-lhe, em 1829, para irem fundar o *Nacional*, com Armand Carrel; porém outros escriptores distinctos substituiram aquelles; Rémusat mesmo lhe deu alguns artigos avulsos, e ainda hoje apparece assignado nos seus folhetins o nome de Eugenio Scribe.

Depois de 1840, a direcção politica do *Cons-*

titucional voltou á mão de Thiers, porém Achilles Fould, como ministro das finanças de Luiz Napoleão, soube convencer o ultimo proprietario do jornal, o doutor Véron, de que nenhuma politica era tão util á França como a de seu amo.

O *Constitucional* chegou aos paroxismos da morte, como jornal politico, e deveu unicamente a sua salvação ao folhetim. O *Judeu Errante*, de Eugenio Sue, resuscitou, se pode dizer, o *Constitucional*.

O retrato de um dos principaes redactores d'esta folha, que se encontra na *Biographia dos jornalistas*, tem tanta similhança com pessoas do nosso conhecimento, que não podemos resistir á tentação de o reproduzir, ainda que em miniatura.

Boilay começou o seu tirocinio jornalistico em Clermont, n'uma folha da opposição, e fez-se temido do prefeito da localidade. Reconhecendo a sua vocação, trocou a provincia pela capital, e entrou na redacção do *Corsario*. Thiers, Guisot, e Luiz Filippe mesmo, eram as principaes victimas d'estes ultra-liberaes.

Porém um dia, achou Boilay que não seguia bom caminho, e apresentou-se a Thiers para collaborar no *Constitucional*.

Thiers recebeu Boilay de braços abertos, e ao cabo de dez minutos de conversação estava contentissimo do seu novo conhecimento. Thiers achara o jornalista por excellencia, o escriptor ideal! Boilay não possuia a sombra sequer de uma idéa politica!...

A datar d'esse dia, o novo redactor do *Constitucional* apparecia todas as manhãs em casa do ministro, em busca do thema para o artigo de fundo; e reproduzia no jornal, não só as idéas, mas as palavras de Thiers, até com a mesma pontuação.

Perguntando-se áquelle sabio estadista, qual era a sua opinião ácerca de Boilay como jornalista, respondeu: «Não é um jornalista, é um daguerreotypo.»

Boilay continuou a daguerreotypar Thiers emquanto este foi ministro: logo que o viu caido do poder, passou com armas e bagagens para o campo de Guisot, e foi pouco depois condecorado com a *Legião de Honra*.

Sob o regimen de Napoleão o flexivel Boilay foi elevado ao eminente posto de redactor em chefe do *Constitucional*, sob a vigilancia do habil doutor Véron.

Passemos agora a tratar do *Nacional*.

Este periodico foi fundado, como dissemos, por Thiers, Mignet, e Armand Carrel, em 1829; mas apenas rebentou a revolução de 1830, os dois primeiros largaram a redacção, e o ultimo ficou só á testa do *Nacional*. Aquelles suppunham terminada a luta, porque não aspiravam a mais do que á constituição ingleza; este considerava-a suspensa, porque entrevia a possibilidade da republica para a França.

Ha quem diga que o rei cidadão respondia ás vezes no *Jornal dos Debates* ao seu mais implacavel inimigo da imprensa, ao unico que elle respeitava e temia, o celebre Carrel.

Morto em duello, por Emile de Girardin, este infatigavel athleta, tomaram Bastide e Littré a redacção do *Nacional*, emquanto Trélat não acabava de cumprir uma sentença de prisão. Pouco tempo depois devolveu este a Bastide a redacção em chefe do jornal, e Armand Marrast veiu coadjuvar o trabalho da folha desde 1837 até á revolução de 1848. N'essa epoca collocou-se Leopoldo Duras á frente da collaboração do *Nacional*.

Paulo de Musset, irmão do mimoso poeta Alfredo de Musset, foi um dos activos escriptores d'este temivel periodico, e muitos outros nomes conhecidos, taes como os de Forgues (redactor da *Revista Britanica*), Alberto Terrien, Edmond Robinet, André Cochut, Caylus, e Alexandre Rey, appareceram nas columnas do *Nacional*.

Em 1835 operou-se uma grande revolução na imprensa periodica, com a diminuição do preço da assignatura, publicações commerciaes e folhetim, e foi a *Imprensa* (*Presse*) que fez desinvolver em maior escala o gosto do povo por este genero de leitura. Só a nobreza legitima comprava a *Gazeta de França* e a *Quotidiana*; só a burguezia reinante lia e pagava o *Correio francez*, o *Jornal dos Debates*, o *Constitucional*, o *Tempo*, e mesmo o *Nacional*; folhas republicanas, como o *Tribuno*, o *Bom-senso*, o *Reformador* e o *Jornal do povo* morriam á nascença, por falta de subscriptores, emquanto todo o povo lia e comprava a *Imprensa* e o *Seculo*, que custavam metade do preço d'aquelles, e davam folhetim, com os romances dos melhores autores francezes.

Posto que a *Presse* fosse desde o seu principio um jornal politico, Emile Girardin, que o fundou, em 1835, comprehendeu desde logo que a sua fortuna dependia mais das sobre-lojas do que do primeiro andar da folha. Por quarenta francos annuaes tinha o leitor romances de Dumas, Sue e Méry, além dos artigos politicos de Girardin e Granier de Cassagnac. O *Seculo*, que começou em 1836, seguiu a mesma esteira, e foi feliz tambem.

Duas palavras ácerca de Emile de Girardin.

Diz-se que nasceu na Suissa, em 1802 ou 1803, pobre e abandonado. Trabalhando em casa de um banqueiro, escreveu nas horas de descanso um livro intitulado *Emilio*, aonde conta a historia dos seus primeiros annos. Largou depois o commercio, e fundou successivamente dois jornaes, a *Moda* e o *Ladrão*. Em 1828 esposou Delfina Gay, já então celebre como escriptora, e que mais celebre se tornou ainda sob o nome de madame Emile de Girardin. Em 1831 publicou o *Jornal dos Conhecimentos uteis*, que chegou a ter cem mil assignantes; depois o *Pantheon litterario*, e tratou de outras empresas até 1835, epoca do nascimento da *Presse*.

Apoz uma viva polemica com o *Nacional*, ma-

tou em duello, com um tiro de pistola, o intelligente e valoroso Armand Carrel. Passado algum tempo é eleito deputado. Protege Guisot no começo da sua carreira parlamentar; depois guerreia-o de morte. Preso por ordem de Cavaignac, torna-se seu inimigo implacavel; é elle, que propõe a candidatura de Luiz Napoleão á presidencia da republica, e um mez depois de triumphar o seu candidato, declara-se em guerra aberta com elle.

Girardin acaba de comprar a propriedade da *Revista dos dois mundos*.

Texier conta que lhe ouvira estas palavras: Vinte e quatro horas de poder valem mais do que vinte e quatro annos de jornalismo; porém accrescenta que não suppõe que Girardin chegue jámais a ser ministro, porque tem idéas especiaes, e no governo das maiorias só se chega ao poder tendo as idéas de todos.

Além dos escriptores já mencionados, a *Presse* tem-se honrado com a collaboração de Theophilo Gautier, Eugenio Pelletan, e outros autores assaz conhecidos.

O *Seculo* tem contado egualmente no numero dos seus redactores muitas das celebridades litterarias da França.

A *Patria* data de 1841, e foi seu primeiro redactor em chefe Pagès (de l'Ariége). Um anno depois passou a ser propriedade de Delamarre, e tem mudado de politica repetidas vezes.

Já conta bastantes annos de existencia a importante *Gazeta dos tribunaes*, fundada por differentes summidades judiciaes e politicas, entre as quaes se encontram os nomes de Cormenin, Dupin, e Darmaing.

Não terminaremos este esboceto, sem dedicar duas linhas ao *Charivari*, especie de bobo da imprensa franceza, e que, em companhia de seus irmãos mais moços, o *Journar pour rire* e outros, faz a delicia d'aquelles que não são caricaturados.

Os desenhadores do *Charivari*, isto é os seus principaes redactores, são Daumier e Cham. Daumier, o autor dos *Robertos Macarios*, dos *Representantes representados* e dos *Idylios parlamentares*, é um artista de grande talento. Cham, filho de Noé, antigo par de França, adoptou aquelle pseudonimo, sob o qual tão conhecido é, lembrando-se do diluvio. Cham é o genio da caricatura, e as columnas da *Illustração*, como as do *Charivari*, se teem aformoseado com os seus primorosos desenhos.

Eis-aqui como era avaliada a imprensa franceza antes do imperio. Hoje, não se repetiriam, com verdade, a seu respeito estas enthusiasticas palavras:

«Para quem viu funccionar de perto esta intelligente machina (a imprensa), esta prodigiosa fera, cujo appetite augmenta na proporção do alimento que lhe dão, o jornal é a obra colossal do dia. Carece de trabalhadores infatigaveis, de espiritos activos, claros e laboriosos, de soldados sempre promptos na brecha, de homens que sacrifiquem o repoiso e o sangue a esta tarefa sem fim, mythologicamente representada pelo tonel das Danaides. O jornal é o motu-continuo, procurado ha quatro mil annos pelos mathematicos. Uma vez lançada esta locomotiva sobre o carril da publicidade, caminha sem descanso, a toda a força do vapor, mostrando o fumo das suas inspirações, coleras e enthusiasmos. Passa, ardente e rapida como os mortos da ballada alemã, e não parará, fatigada da carreira, senão quando lhe faltar o ultimo leitor, isto é no dia do juizo final.

«A imprensa chamou-se a si mesmo — o terceiro poder do estado. Parece-nos que foi muito modesta. Em nosso entender o unico poder do estado, é o serenissimo poder da opinião, representado pelos jornaes.»

B.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

Conclusão.

COSTUMES DOS FIEIS.

A oração era a primeira e principal occupação dos fieis. Faziam-na em commum. Era ordinariamente de manhã e á noite, a que hoje chamamos Laudes e Vesperas. N'ella se exhortavam a consagrar assim o principio e fim do dia, pois que as occupações temporaes só devem ser accessorios das espirituaes. Recommendava-se aos christãos que empregassem o tempo antes de adormecerem em recitar os psalmos, e a oração dominical, e o credo todas as manhãs, e nas occasiões de algum perigo. Todos os trabalhos, como a lavoira, a sementeira, a ceifa, a colheita etc., principiavam e acabavam com orações. A saudação no começo de uma carta, e quando se encontravam nas ruas não era unicamente um testemunho de amisade, era egualmente uma oração. Nas menores acções serviam-se do signal da cruz, como de uma benção mais abreviada.

O exterior dos christãos era severo e desalinhado, simples e ao mesmo tempo grave. Não usavam côres vivas, nem sedas, nem anneis, nem joias, nem cabellos frisados, nem perfumes, nem banhos muito frequentes, n'uma palavra de nenhuma d'essas coisas que podessem excitar o amor sensual e a voluptuosidade. Evitavam os espectaculos publicos, e os jogos. A maior parte dos fieis eram casados, porque odiavam o celibato dos pagãos, que induz á libertinagem e devassidão. Viviam em commum, chamando-se paes, filhos, irmãos, irmãs, conforme a edade e o sexo. Esta união mantinha-se pela autoridade de cada chefe de familia, e submissão ao bispo e sacerdotes, que eram os primeiros a servir de modelos ao resto do seu rebanho.

Havia grande cuidado em esmolar os pobres. Não se classificavam porém n'este numero os que podiam trabalhar.

Os christãos acudiam a soccorrer e assistir aos enfermos; e nas calamidades publicas eram os primeiros, talvez os unicos, que se expunham a consolar os seus compatriotas. Olhavam a morte como a porta da Eternidade. Como na maior parte viviam bem, mais a desejavam do que a temiam; menos se affligiam com a perda temporal dos seus parentes e amigos do que se regosijavam com a sua felicidade eterna, e esperança de os tornar a ver no ceo. Encaravam a morte como um somno, e d'ahi vem o nome de *cemiterio*, que em grego significa *dormitorio*. Para melhor testemunharem a fé da resurreição, tinham grande cuidado nas sepulturas: enterravam os corpos, depois de os embalsamarem, cobrindo-os com estofos mui finos, e telas preciosas: deixavam-n'os expostos por tres dias, durante os quaes se velava e orava junto ao cadaver: depois era conduzido ao tumulo, acompanhando-se o funeral com muitas tochas e fachos, cantando-se psalmos e hymnos, e offerecendo-se o sacrificio para impetrar a misericordia divina em favor dos finados: dava-se aos pobres o festim, a que tambem se chamava *agapas;* e varias esmolas: ao fim de um anno renovava-se-lhes a memoria, e assim annualmente, além da commemoração que se fazia todos os dias do santo sacrificio. Muitas vezes enterravam-se com os corpos differentes coisas, para honrar o defunto, como os distinctivos da sua dignidade, os instrumentos do seu martyrio, cruzes, o Evangelho, e medalhas com o seu nome gravado, d'onde veiu o uso dos epitaphios. O corpo deitava-se de costas, com a face voltada para o Oriente. Havia grande devoção em se enterrarem os corpos junto ás sepulturas dos martyres, e d'ahi proveiu o costume dos enterramentos nas egrejas.

Esforçavam-se os christãos em conservar-se em paz com todos, e viverem de modo que os seus mortaes inimigos nada tivessem que lhes dizer. Não fallavam de religião com aquelles que não estavam dispostos a ella, e limitavam-se a orar por elles, edifical-os por via da paciencia e boas obras, retribuindo-lhes incessantemente o mal pelo bem. Nunca se queixavam do governo, nem fallavam com despreso das autoridades; honravam-nas e obedeciam-lhes em tudo quanto não induzisse á idolatria; pagavam os tributos, não só sem resistencia, mas até mesmo sem murmurar. Longe de excitarem sedições e revoltas, nunca tomaram parte nas conspirações forjadas contra os imperadores; foram os unicos que não trataram de se desfazer de Nero, Domiciano, Commodo, Caracalla, e outros tyrannos.

Taes foram os primeiros christãos, os seus costumes, usos, e disciplina da Egreja primitiva.

A.

SAXONIA.

Dos antigos saxonios dizem os historiadores mais graves, que eram homens de aspecto terrivel, olhos irados, e de condições ferozes. Viviam com grande brutalidade, observando porém sempre exactamente a sua palavra. Costumavam jurar sobre as armas, e era-lhes prohibido comer ou conversar com os perjuros, sob pena de serem exterminados em tempo de paz, e condemnados á morte em tempo de guerra. Adoravam uma divindade a que chamavam Arro, e sacrificavam-lhe a decima parte dos homens que aprisionavam nas guerras que continuadamente traziam com os visinhos.

A maior parte dos seus templos e dos seus idolos foram destruidos quando Carlos Magno venceu e subjeitou estes povos, que, justiça é dizer, foram sempre bellicosos.

O padre Bouhurs, autor da *Historia secreta da Polonia*, descreveu o povo de que tratamos, e em geral o alemão, como homens que não teem mais officio do que comer, desafiando-se por apostas a quem hade beber mais. Verdade é que este defeito é excessivo nos saxonios, e especialmente no uso da cerveja, que mui galantemente pretendem não seja vicio embriagarem-se com esta bebida, porque dizem que S. Paulo só condemnara o excesso a respeito do vinho. Outros autores os descrevem de grande estatura, fortes, robustos, e de muito bom natural, sendo de todos os alemães os que mostram mais doçura, e mais agrado nas suas praticas.

Presam-se muito os fidalgos saxonios da sua nobreza; e bem que hoje alguma mudança haja na sua antiga ufania, comtudo no geral não tratam de commercio, nem fazem allianças com os mercadores ou homens de negocio, ainda que d'ellas lhes resultem grandes conveniencias. Quando um nobre casava com a filha de um mercador, ou de outro qualquer que não correspondia á sua qualidade, era despresado de todos, que por vileza lhe chamavam: — sacco de pimenta! Até n'estes casos chegavam a correr grande risco de serem mortos pelos parentes.

Quando casam, quando lhes nascem filhos, e tambem quando morrem, se fazem grandes festejos nas suas casas, onde concorrem todos os fidalgos e senhores, mesmo sem serem convidados.

A religião predominante é a lutherana, porém ha livre exercicio de culto. As pessoas de qualidade fallam quasi todas francez e italiano. Um escriptor do seculo passado diz que a Saxonia podia pôr em campo, em menos de quatro dias, mil e duzentos senhores seus feudatarios, com oito mil cavallos, e vinte mil homens de pé.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.



CAPELLA DE HARROW.

Muitos são os templos novamente erectos em Inglaterra para monumentos dos que morreram na campanha da Criméa; parece que na multiplicidade e fausto d'estas construcções se empenhou o orgulho nacional, além do desejo de render este preito á memoria dos que sustentaram em região remota a gloria da patria; demais é um tributo que recorda aos vindouros o sacrificio dos que morreram victimas da sua dedicação e do cumprimento de seus deveres; e, portanto, um incentivo para o exemplo; porque a nação ingleza não só remunera os que a servem com recompensas pecuniarias, condecorações e honras durante a vida, e os anima e excita pelas pensões e outros cuidados com que trata e ampara suas familias depois que perecem no serviço, mas tambem lhes erige monumentos que perpetuem a sua memoria. É d'este genero a nova capella de Harrow fundada no anno passado, de grande belleza no interior, como se mostra na estampa que representa a nave do lado do sul: é dedicada aos officiaes, que tinham sido educados no collegio de Harrow e morreram na guerra do Oriente. Harrow é uma povoação, aldêa grande, situada na collina mais alta do condado de Middlesex, distante de Londres para o no-

roeste pouco mais de duas leguas; a escola que ali foi fundada em 1571 reinando Isabel é celebre pelos estudos classicos; educa cem alumnos. M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

Conclusão.

II

«Em lenho nadador dobrar souberam
A inseparavel meta em que se oppunha
Á força dos mortaes a natureza.»
J. A. DE MACEDO — *O novo Argonauta.*

Um longo tormento, um continuado soffrimento de fome e sêde, durante vinte e oito dias de trabalhosa e aventurada viagem, haviam quasi totalmente exhausto as quebradas forças de nossos viajantes. Viam-se a cada instante entre os abysmos da morte e o desespero da miseria! A cada embate das ondas no costado da fragil *Flora*, se alevantava um novo perigo! Ainda, porém, lhes sobrava animo para que apreciando o salvamento da existencia, em muito houvessem a necessidade de se esforçarem por alcançar porto amigo e hospitaleiro. Assim, de quatro em quatro horas revezavam os quartos de governo da embarcação.

Em abono d'esta assiduidade não calaremos um tormento, que espontaneamente se impunha o valoroso mestre Quando no começo d'esta trabalhosa navegação, em trinta d'Outubro, Moraes saiu a segunda vez na ilha de Santa Maria, precisado a saltar em terra na escuridão da noite, houve a infelicidade de, ao tocar a praia, inopinadamente, entalar com o pé um dos despojos osseos d'algum peixe, pelo oceano arremessado áquellas costas, o qual rasgando-lhe o calçado foi entranhar-se pela planta do pé obra d'uma polegada de comprimento. Os successos que depois recresceram em cardume constrangeram Moraes a omittir o curativo da ferida, para se entregar todo, e pacientemente, aos immediatos negocios e precisões de sua viagem, deixando d'est'arte á chaga tomar consideravel incremento. Attenuado de forças, carecente de repoiso havia tantos dias, agora que já se iam desenganadamente caminho de Lisboa receando em seu quarto de leme ser accommettido d'alguma fortissima somnolencia, com resignação se tinha acostumado a irritar a ferida com os dedos da mão, para que a dôr o trouxesse desperto a despeito das vigilias!...

Retomemos o fio.

Ás oito horas do dia quinze de Novembro deparou-se-lhes, em direcção do nordeste, uma vela sobre a qual correram todo o dia, fazendo-lhe signal de perigo: pela tarde achavam-se na proximidade de duas leguas, o que não podia em tempo claro servir d'escusa á embarcação desconhecida e inhumana, que nenhum caso fez do pequeno baixel afflicto! Esta vela era uma escuna, cuja nação não conheceram.

Qual não seria o pasmo dos dois irmãos! Negava-se-lhes, e no meio do perigo e da necessidade, o soccorro usual entre os maritimos! De tudo pareciam desamparados!

Ao meio dia do immediato dezeseis apparecelhes outra escuna, ingleza. Tinha o vento amainado, inda que as ondas continuavam descompostas. A escuna avistou e reconheceu a situação da barqueta, e espontaneamente á capa aguardou a sua aproximação. Se voariam para ella Moraes e Trajano?!

Eram finalmente o mais juntos que permittia o grande baralhar dos mares: um aceno bastou a denunciar aos bemfeitores a fome e a sêde d'estes intrepidos marinheiros. O momento era precioso. Os da escuna compadecidos da situação da *Flora*, gostosamente lhe enviaram algum soccorro, mas este, ainda que destramente arremessado pelo ar, só deixava aos necessitados o desgosto de o ver bater sobre o convez, e com o restante impulso da carreira saltar ao mar por cima de sua pequena borda falsa! Conseguiram com tudo isto tomar ainda treze bolachas, e para os fornecer d'agua a escuna desparou a retranca da vela grande para sotavento, e por ella fez conduzir na mão d'um moço um balde, resultando d'esta manobra o ficar a mesma retranca embrulhada em uma abertura das enxarcias — perigo de que custosamente se livrou a barqueta, á qual a escuna quasi suspendia em seu balancear. Em seguimento d'este risco veiu um inesperado abalroamento da *Flora* com o navio inglez, de que nasceu perder aquella o gurupés — falta a que occorreram em continente e da possivel maneira.

Desfizeram os dois navios a capa e ouviu-se em altas vozes trocar entre os bemfeitores e protegidos sincero *God save you!* Cada qual continuava seu caminho.

No dia seguinte, dezesete, demandaram nossos mais resignados navegantes, bordejando com uma brisa de oessudoeste, o cabo da Roca em Portugal, — diligencia continuada mesmo com vento sul no dia dezenove, e até avistarem ás quatro horas da tarde de vinte e um a ponta do dito cabo. Enthusiasmados velejavam elles com todo o panno, quando lhes sobreveiu calmaria, só dissipada ás seis da tarde pela aragem do norte.

Em sua compassada carreira mais tranquillos admiravam o perigo de que saíam, ao ver semeadas as immediações da costa de não poucos borcélos de embarcações perdidas! N'este tempo só tinham uma bolacha, das com que haviam sido socorridos.

Apenas pela noite do dia vinte e dois poderam entrar o Tejo. Ás sete horas da tarde uma vigia do contrato do tabaco na sua agua os seguiu até á roca de Cintra, e só pelas nove fa-

voreceu o vento na proximidade de Cascaes, em que uma embarcação de pilotos da barra pretendeu que a barqueta tomasse um para a conduzir, ao que os d'esta se denegaram pela falta de meios para abonar a despeza, correndo com toda a força. O barco costeiro (vigia do contrato) resolveu-se finalmente fallar aos da *Flora*, que lhe deram um mui abreviado bosquejo de sua extraordinaria viagem, virando depois aquelle de bordo, e esta abocando ousadamente o rio pelo bem conhecido corredor do norte, levando comsigo a rasto algumas redes armadas pela foz, servindo a livral-a do furor dos pescadores por um tal exito a rapidez da sua corrida.

Pela uma hora da manhã de vinte e tres foram dar fundo diante de Belem; depois do que, julgando-se seguros em protegida ancoragem, e mui acabrunhados de cansaço, repoisaram ambos. Tanto se entranharam pelo somno que não sentiram o abalroamento, que quasi ás tres horas com a barqueta houve uma barca sueca desarvorada, que subia o rio, praticando-lhe graves avarias e concorrendo para que depois de livres do abalroamento, e de terem buscado novamente repoisar, a vasante levasse a barqueta na corrente aos cachopos da torre do Bugio. Para os esquivarem, não podendo marear o panno por causa do estrago da apparelhação, tomaram o expediente de suster-se com os remos, até aos seus brados acudir a tripulação de um falucho, que lhe lançou um dos seus marinheiros para os ajudar a sair do grande embaraço em que eram. E com effeito depois de varias diligencias conseguiram aproar para Paço d'Arcos, aonde esperaram a enchente para de novo subir o rio, vindo a ser a sua altima ancoragem em Belem ás quatro horas da tarde do mesmo dia vinte e tres, depois da falua haver demandado e recebido o seu marinheiro.

Pouco apoz, ás cinco e meia horas tiveram a primeira visita, a quem relataram em summario sua espantosa viagem, que a todos maravilhou a ponto de pôrem em duvida a inteira veracidade das declarações dos dois irmãos. Pedindo estes remedio para a fome que os devorava, do escaler foi ordenado que se lhes mandasse algum soccorro; e este não tardou. Mas qual, apoz tão trabalhosa inedia? Sete libras de pão, sardas, e algum vinho, que tudo foi alegremente recebido!

Cumpre que não se olvide uma boa acção passada no momento da visita. Achavam-se Moraes e Trajano quasi nus, que taes os pozeram o tempo e os trabalhos. Condoidos, dois dos remeiros d'aquelle escaler despiram as proprias camisas, e as entregaram aos recem-chegados! A beneficencia extrema é a virtude dos pobres.

Em um bordo pela uma hora da manhã do dia vinte e quatro levaram a *Flora* a amarrar em um dos argolões do caes d'alfandega. Das dez para as onze horas do mesmo dia a autoridade policiaria houve de tomar conhecimento de todo o successo maritimo da barqueta, chamando a repetidos interrogatorios os dois irmãos, que mui conformes foram em suas declarações. Fazia espanto e punha-se em duvida o esforço dos interrogados! Receando cavilosa falsidade na narração d'elles, quasi não podiam acreditar que barco de onze toneladas, ousado aventurasse caminhar atravez de duzentas e sessenta leguas d'oceano! N'este comenos appareceu um conhecido de Moraes e Trajano, que concorrendo entre os innumeros curiosos que buscavam ver a *Flora* e seus conductores, condoido da situação d'estes, os afiançou á policia, em reforço da verdade de quanto era deposto.

Desembaraçados iam já no meio da turba enthusiasmada os irmãos Pereiras!

Por este tempo um verdadeiro e diligente amigo dos desvalidos, promoveu uma subscripção voluntaria em favor dos dois arribados, cujo producto, cerca de duzentos mil réis, lhes foi competentemente entregue. Honra aos que não ensurdecem aos brados da humanidade indigente!

Assim acabaram trinta e sete dias de trabalhos não interrompidos!

Notaremos por fim, que ainda em cinco d'Outubro de mil oitocentos e quarenta, depois de composta em tudo o que carecia, e de uma viagem de treze dias, os nossos heroes com menos custo retornavam com a *Flora* á ilha de San-Miguel, d'onde haviam partido um anno antes!

Eis os soffrimentos dos dois intrepidos e ousados filhos do benemerito actual escrivão da camara municipal de Ponta-delgada, Manuel Francisco Luiz Pereira, quando a furia dos elementos pretendeu experimentar-lhes o valor: ahi estão os rasgos de sua coragem e atilada perseverança!

III

« Ainsi tombe une fleur avant le temp fanée...»
LAMARTINE.

Assim como nos successos que relatámos está a mais importante parte da historia da *Espada-de-ferro*, tambem depois de a trazermos em vista com tanto cuidado, parecerá desamor largal-a de estalo á borda do olvido. Poucas palavras mais nos pouparão esta ingratidão, contando o resto da sua vida, e seu desastroso fim.

Depois de chegar em mil oitocentos e quarenta á ilha de San-Miguel, a barqueta foi distratada, e começou a bem servir ao novo dono.... Acostumada já a viagens longinquas, passava do Atlantico ao Mediterraneo como zebra corre dessassombrada no deserto!...

Mas « tantas vezes vae o cantaro á fonte até que para sempre lá fica » : assim, em quinze de setembro de mil oitocentos e quarenta e tres, a *Flora* deu grande testemunho d'esta usual paremia. Foi nas aguas do logar dos Mosteiros, da mesma ilha de San-Miguel, apprehendida por um escaler da alfandega de Ponta-delgada, recheada de contrabandos, tendo em Gibraltar des-

pachado em lastro para a ilha Graciosa! Agora, tornada objecto da fazenda, chegou ao porto da cidade pela tarde do dia dezeseis; impozeram-lhe o novo nome de *Quinze de Setembro*, e depois de reparada e artilhada com uma peça de rodizio, entrou em exercicio fical e registo das costas da ilha.

De pouca duração foram porém estes novos serviços da barqueta.

Largando a cinco d'Outubro em demanda de uma vela que vagava nos mares de Villa-Franca-do-campo, pouco apoz, perseguida pelo fado, encalhou na praia dos Mosteiros com agua aberta, e quasi inutil. Arrematada e desmanchada depois começou, porventura antes de quinze dias, a alimentar o fogão dos arrematantes!

Será curioso ponderar duas notaveis coincidencias, que aqui se dão.

Primeira: — Foi no mesmo logar dos Mosteiros, em que a barqueta nascera para o estado, que depois de o ter tão mal servido entregou a alma a Deus, e acabou a vida!...

Segunda: — O destino d'este barco parecia atado ao piloto Trajano. Aquelle que a encaminhou ao Tejo, é o mesmo que tem d'assistir ao seu funeral! Trajano era ainda n'esta ultima conjuntura o official da *Flora;* e se primeiramente a livrou, guiando-a a porto de salvação na arribada a Lisboa, tambem ella agora o recompensa, porque estando a ponto de abrir e sepultar entre as ondas quantos a pejavam, resolveu-se fazel-o apoz ter posto incolume na praia o seu piloto. Notavel agradecimento da materia bruta e inanimada!...

Tal foi o termo do fatalissimo destino da barqueta *Flora!* José de Torres.



NOVA ENTRADA DO PARQUE DE S. JAMES.

É da banda de Pall-Mall, que faz frente á rua de S. James que ultimamente foi aberta esta nova entrada. No parque de S. James está situado o palacio de Buckingham, residencia ordinaria da rainha Victoria. Nota-se que os palacios reaes em Londres não correspondem pela architectura á magnificencia que se admira nos edificios publicos; são umas casas que exteriormente nada teem de notavel. Os parques constam de alamedas, jardins, tapadas, ruas; não são passeios para uma hora só, nem só para um relance de olhos que comprehenda todo o seu espaço: S. James park e Hyde park, por exemplo, teem mais de seis milhas em volta. Nos jardins inglezes não ha a exacção e o rigor do compasso, e (como diz um viajante) taboleiros de flores não parecem á vista uma só e immensa flor, ruas de arvores não parecem uma só, e as aguas não dormem nos tanques: não se guarda a mesma ordem e regularidade que nos jardins francezes; teem poucas linhas rectas e essas seguidas de curvas, que tão admiravelmente entretem sempre o espectador; não ha monotonia de planos e são aproveitadas as irregularidades que o terreno offerece; o gosto dos jardins inglezes consiste na recreativa variedade dos accidentes, na imitação da natureza, e já foram celebrados no bello poema de Delille, traduzido pelo nosso Bocage. M.

O governo, que domina pela força as eleições, reconhece n'isso a falta de popularidade.

O IMPERIO D'ANNAM.

Havendo nós, nos numeros 2 e 20 do *Panorama* do anno passado, fallado do templo de Fai-Fó, e das barracas annamitas, na India d'além do Ganges, apenas nos limitámos á descripção d'esses edificios, sem tocarmos na historia do paiz; o que, sem deixar lacuna no assumpto que então nos propozemos, ficava muito áquem das exigencias historicas.

Para satisfazer essas exigencias, começamos hoje a publicar resumidamente a interessante historia do imperio d'Annam, que, estamos certos, agradará aos nossos leitores, em vista dos accidentes que apresenta.

Já dissemos nos referidos numeros, que este paiz se estende desde o 9.° até o 23.° grau de latitude norte, e desde o 118.° e trinta minutos até ao 127.° grau e trinta minutos de longitude; que ao norte é limitado pela China, e seu mar, ao sul pelo mesmo mar, e ao oeste pelo reino de Siam; que estes estados compõem agora um só imperio — o d'Annam, abrangendo o Tunkin, a Cochinchina, Tsiampa, Camboja, Lao, Lac-Tho e Kan-Kao.

A porção d'este imperio, situada ao sul de Tunkin, é dividida em tres grandes partes; a primeira, comprehende a ponta meridional que forma a extremidade do golpho de Siam, e que occupa, pouco mais ou menos, desde o 9.° grau de latitude até ao 12.°, chama-se Don-nai; a segunda, que se estende d'ahi até ao 16.° grau, Chang; e a terceira, situada entre esta e o 17.° grau, onde começa o Tunkin, tem o nome de Hué. A costa maritima d'estas divisões apresenta bahias e angras seguras e commodas. O rio de Don-nai (Camboja, nas cartas) é navegavel para os maiores navios até á distancia de cincoenta kilometros pelo interior, onde se acha a cidade de Sai-Gong, que tem um porto vasto, e um grande arsenal para a marinha. Este rio divide-se em muitos braços larguissimos.

Na parte que contém Chang encontra-se a bahia e enseada de Chin-Cheu. Esta é vasta e perfeitamente abrigada dos ventos; mas os navios de grande porte não podem ahi fundear senão quando o mar está agitado, por causa da barra que ha na entrada bastante estreita da foz que da bahia exterior ali conduz. No cimo d'esta enseada está a cidade de Quin-Nong. A principal cidade da provincia de Hué tem este mesmo nome; está situada sobre a margem d'um grande rio navegavel por navios de consideravel porte, mas uma barra de areia obstrue a embocadura. A bahia de Han-San, uma das melhores de todo o Levante, é situada um pouco ao sul d'este rio. É esta mesma que ordinariamente é designada nas cartas pelo nome de Turanne.

O Tunkin, propriamente dito, tem ao sul a Cochinchina e Lao; ao norte, a China pela provincia de Kang-Tong; a éste, esta mesma provincia e o mar da China que forma um golpho a que Tunkin dá o nome; a oeste, Lao, Lac-Tho e as provincias chinezas de Yun-an e Kuan-si. Os pontos de contacto de Tunkin com a China são, pela maior parte, ermos, onde só ha aguas insalubres; e os limites dos dois estados ainda não foram determinados d'uma maneira positiva. Entre o Tunkin e a provincia de Kang-Tong ha montanhas inacessiveis, que deixam apenas um intervallo, cuja passagem é fechada por uma muralha, que tem porta guardada por soldados d'ambos os paizes; a fertilidade de Tunkin é devida principalmente ao Sang-Koi, vasto rio cujo curso não tem menos de seiscentos e quarenta mil metros. Notaremos, de passagem, que a denominação de Tunkin não é exacta. O paiz assim conhecido na Europa chama-se Kiao-Tchi. Este erro nasceu de se attribuir ao estado o nome da sua capital, que, por alguns tempos, se chamou Dong-Kinh (Dong, *éste*, e Kinh, *cidade*.) Depois da reunião de Tunkin aos outros estados que formam o imperio d'Annam, achando-se a sua capital ao norte d'este imperio tomou o nome de Bac-Kinh (*cidade do norte*); é tambem chamada Thang-Long-Thanh (*cidade do dragão amarello*).

A Cochinchina é uma lingua de terra, sobre a margem do mar da China, que, antes das conquistas que a engrandeceram, apenas teria trinta e dois myriametros de comprimento do noroeste ao sueste. Hoje, comprehendendo-se a parte de Camboja, que se lhe reuniu, e o Tsiampa, estende-se desde o 9.° grau de latitude até quasi ao 17.°; é muito desegual, pois que na maior largura tem oitenta a cem kilometros, em quanto que em algumas partes, desde o mar até ao sopé das montanhas deshabitadas, esta largura não é de mais de tres a quatro kilometros. A Cochinchina divide-se em alta, central e baixa. A capital da alta é Phu-xuan ou Hué-fou; a central tem duas, Quin-nong e Qui-phu; a capital da baixa é Sai-gong. Este paiz é tambem dividido em sete provincias que são, começando do sul, Bin-Thuan, Nah-Trang, Pha-yen, Quin-nong, Kang-ai, Kang-nan ou Han, e Hué. A Cochinchina confina ao norte com Tunkin, ao éste e sul com o mar da China, ao oeste com o reino de Siam, Camboja e Lao; é separada de Tunkin por uma cordilheira que deixa um intervallo de tres kilometros, pouco mais ou menos, fechado por uma muralha. O nome de Cochinchina talvez tenha sido formado pelos portuguezes, dos nomes de Kiao-Tchi, Tunkin, e Djinna ou Tsina, China; ao menos é esta a opinião de muitos viajantes: outros querem que Cotchin-Tsina signifique em japonez *paiz a oeste da China*.

Tchiem-Thanh, designado pelos europeus com o nome de Tsiampa, Tsiompa ou Ciampa, está incluido na Cochinchina, e é limitado por ella ao norte e ao meio-dia, a éste pelo mar da China, e a oeste por Camboja. É um pequeno paiz montanhoso, que se percorre em tres dias de jornada. Pode dividir-se de éste a oeste em tres partes: a oriental é um deserto, composto de montanhas, algumas das quaes são banhadas pelo mar. É preciso atravessal-as para ir da baixa

Cochinchina á central; mas não ha agua potavel em uma grande parte d'este caminho. O centro do Tsiampa é habitado e cultivado; a parte occidental é um paiz de montanhas pelo qual vagam alguns homens quasi selvagens. A primeira noticia d'este paiz acha-se em Marco-Polo; mas depois os escriptos dos missionarios na Cochinchina fallam muito d'elle. Foi um reino poderosissimo, que os europeus não conheceram senão na decadencia, e que não existe agora. O quarto rei da segunda dynastia tunkineza apoderou-se d'elle pelos fins do decimo quinto seculo, reuniu-o aos seus estados, e formou duas provincias a que chamou Thuan-hoa e Kouangnam.

Continua.

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS FLORES E ARBUSTOS MODERNOS.

Os *abutillons* são uns arbustos de folhas persistentes, de florescencia continua, e resistem ao calor e á secca. São proprios para os segundos planos dos bosquesinhos, e assaz rusticos em quanto ao ar, terreno, e exposição. O *insignis*, que é o mais bello, é tambem o mais melindroso.

As *acacias* são mui elegantes. A sua ligeira folhagem e profusão de flores, juntamente com a sua rusticidade, aspecto pittoresco, e facilidade de cultura, fazem-nas procuradas para composições de paizagens. O humus vegetal, exposição arejada, e regas moderadas são proprias á sua vegetação.

As *achiménes* (gesnerias) são estimaveis pela variedade do matiz das flores, que se succedem sem interrupção no verão e no outono. Convem-lhes muito o humus vegetal e a sombra. Na epoca do repoiso da seiva precisam abrigadas.

As *cyrtandáceas*, meias-epephyteas, são proprias para guarnecer vasos suspensos nas estufas, ou nas casas, onde com os seus ramos pendentes e flores tubulosas produzem lindo effeito. Precisam do humus vegetal, sombra e calor.

As *apocyneas* são originarias do Brasil. Querem no inverno o abrigo da estufa; trabalho que recompensam generosamente com a grande abundancia das suas flores côr de oiro. Gostam da luz directa do sol, e carecem do humus vegetal, e de regas moderadas.

As *astrópheas* devem ser abrigadas no verão. Tambem querem abrigo no inverno, raios directos do sol, e terra substancial.

As *aphelandras* são naturaes das sombrias florestas do Brasil. Cultivam-se em terra bruyère, reservando-as do sol, e do ar.

As *antocéreas* são uns formosos arbustos de folhas persistentes, que na primavera se vão cobrindo de folhas brancas e pequenas. Resistem ao calor e á seccura. Medrando em todos os terrenos, são proprias para formar abrigos contra o vento.

As *araliáceas* servem de ornato ás estufas e jardins, e teem um aspecto pittoresco. A maior parte d'ellas são originarias das regiões tropicaes, e exigem o abrigo da estufa durante o inverno, regas moderadas, e terra bruyère.

A *araucária* excelsa é originaria da ilha de Norfolk. É a mais pittoresca das coniferas. A sua forma pyramidal, a ramagem disposta horisontalmente por ordens continuas é de elegante effeito. Em Lisboa é tão rapido o seu crescimento, que uma da altura de um metro, plantada ha cinco annos no jardim do real palacio das Necessidades, já chegou á altura de dez metros. A *cuninghami*, a *imbricata*, e a *brasiliense* medram nas exposições frias. Pouco delicadas ácerca da qualidade de terreno, preferem todavia as terras substanciaes, nas quaes o humus vegetal se encontra misturado com a areia.

As *azaleas*, da China e da India, são arbustos de folhas persistentes, formando tufos elegantes, que se cobrem de uma profusão de flores notaveis pelo brilho e frescura das côres, variadas desde o branco puro até ao mais vivo escarlate. Pode prolongar-se-lhes a florescencia por mais de um mez, abrigando-as do sol. Exigem terra de bruyère pura, e uma exposição semi-sombria, e regas moderadas.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII.

PENHA-VERDE. — CARACTERES DA CÔRTE. — FESTAS.

22 de Setembro de 1787.

Quando me levantei a nevoa encobria os cabeços, e o mar distante apresentava o seu azul esplendido.

Não obstante esperar algumas visitas de consideração procedentes de Lisboa, a manhã convidava tanto que não pude resistir a montar a cavallo depois d'almoço, correndo o risco de não estar presente á sua chegada.

Tomei a estrada de Collares. O ar estava deliciosamente sereno e fragrante, algum chuvisco que havia pouco caira refrescou toda a superficie do terreno, e coloria os alcantis para lá de Penha-Verde de purpura e esmeralda; a numerosa tribu das urzes começava a florecer; e os pequenos plainos irregulares, sobre os quaes pendem tortuosos sobreiros, e que tão frequentemente se encontram por aquelle caminho, viam-se cobertos agora de avantajados lirios brancos raiados de carmezim.

Penha-Verde é de per si um sitio agradavel. A casa de campo com seus tectos baixos e chatos e um corpo saliente n'uma extremidade, assimilha-se exactamente aos edificios das paizagens de Gaspar Poussin: diante de uma das fronteiras ha um jardim quadrado com sua fonte no meio, e nas paredes nichos occupados por

bustos antigos. Acima d'essas paredes variedade de arvores sobem a grande altura, e compõem uma condensação da mais rica folhagem. Os pinheiros, que pelo seu lustroso verde deram o epitheto a este rochedo ponte-agudo (Penha-Verde) são tão pittorescos como os que eu costumava admirar tanto no jardim Negroni em Roma, e de certo tão antigos ou talvez mais; a tradição refere que foram plantados pelo afamado D. João de Castro, cujo coração repoisa n'uma capella de marmore á sua sombra.

Quantas vezes aquelle coração heroico, em quanto bateu dentro do melhor e mais magnanimo seio humano, se affligiu depois no seu socegado retiro! Aqui, pelo menos, aguardou aquelle repoiso que tão cruelmente lhe negava a cega perversidade de seus ingratos concidadãos; porque a sua vida foi uma ardua contenda, uma longa e trabalhosa luta, não só no campo debaixo de sol ardente affrontando os perigos e a morte, mas tambem na sustentação da gloria e boa fama de Portugal contra enredos da côrte e vis cabalas de invejosos inimigos domesticos.

Estas paizagens, postoque ainda encantadoras, provavelmente soffreram grandes mudanças desde o tempo do heroe.

Temos lido que os fechados bosques desappareceram, e com elles muitas das nascentes que alimentavam. Fontes architectonicas, alinhados terraços, e talhões regulares plantados de larangeiras usurparam o logar d'aquelles vergeis silvestres e borbulhantes ribeirinhos, os quaes bem podemos suppor que a phantasia lhe representava em sonhos, quando distante milhares de leguas do seu torrão patrio. Essas coisas mudaram; mas, os homens são o mesmo que os do tempo d'elle, egualmente insensiveis á voz fervorosa do puro patriotismo, egualmente dispostos a vergar de rastos sob a vara da corrompida tyrannia; e assim pelo despreso com que são tratados os sabios e virtuosos, pela vil subserviencia a tolos velhacos, as eras, que poderiam ser de oiro, se transmutam por alchimia maldita em ferro oxydado pelo sangue.

Impressionado com todas as recordações que este interessantissimo sitio não deixa de inspirar, custava-me separar-me d'elle. Uma e outra vez segui os musgosos trilhos, que vão em voltas por entre sombrios penedos até á pequena assentada da capella funeraria, acima da qual se agitam com stridor as copas dos pinheiros.

Não vos admirará, pois, que eu viesse preoccupado, em todo o caminho para casa, d'aquelles mysteriosos susurros, e que em tal disposição não me agradasse ver uma procissão de seges, e uma caravana de burros, encaminhando-se para o portão da minha quinta. É certo que eu estava preparado para esperar consideravel affluencia de visitas; mas, aquillo era uma inundação.

Não vos envio a lista da companhia porque vos enfadaria tal individuação, como a mim uma similhante invasão em massa.

Basta nomear-vos dois dos principaes caracteres, o piedoso ancião, conde de S. Lourenço, e o prior de S. Julião, um dos principaes validos do arcebispo confessor, e pessoa de muito respeito. Acontecendo estar sobre a mesa a biblia hollandeza de Mortier, folhearam-na de um modo muito grosseiro. Eu que aborreço ver os livros enxovalhados, e as estampas com as nodoas da pêga de um pollegar besuntado, ralhei ao conde velho, e lancei um olhar severo ao prior, que debruçava todo o seu peso clerical sobre o volume e dobrava os cantos das paginas.

Continua. M.

O PRINCIPADO DE NEUFCHATEL.

Os successos politicos de 2 e 3 de Setembro de 1856 tem chamado a attenção da Europa sobre as suas questões politicas. Deixando estas de parte, por não serem da indole d'este jornal, vamos dar alguns promenores sobre a historia particular do cantão.

O principado de Neufchatel, hoje da Confederação helvetica, compõe-se do condado de Valengin, e do referido principado, com uma superficie de quatorze leguas quadradas, e uma povoação de setenta e dois mil habitantes, que na maior parte fallam o idioma francez, e que com poucas excepções pertencem á religião protestante.

Quando em 1707 se extinguiu a familia dos Longuevilles, por decisão do conselho soberano de Neufchatel, assegurou-se este estado ao rei da Prussia, como herdeiro da casa de Orange, porque os seus direitos eram indisputaveis. Foram-lhe garantidos depois pela paz de Utrech, em 1713.

O poder real foi muito limitado pelos estados geraes do paiz ao conferir-lhe o respectivo senhorio. Em 1806 Napoleão induziu o rei da Prussia a ceder-lh'o, para o dar com o titulo de principe soberano ao marechal Berthier. Os acontecimentos de 1814 devolveram novamente o paiz, com augmento de territorio, ao rei da Prussia, que lhe outorgou uma constituição similhante á de Genebra, declarando-o ao mesmo tempo estado independente, e separado da Prussia propriamente dita. Alguns mezes depois foi encorporado como unico cantão monarchico na Confederação.

Emconsequencia das desordens occorridas em 1831, a constituição foi modificada por disposição regia, concedendo-se ao respectivo governo separar-se, querendo, da liga helvetica, e entrando para esse fim em negociações com a Dieta. Apresentada esta proposta á Dieta, foi rejeitada em 1834, ficando o principado na ambigua posição anterior, pagando ao rei uma lista civil de setenta mil francos annuaes, e dando-lhe um contingente de quatrocentos homens, sem embargo do que lhe correspondia como cantão suisso.

N'estas circunstancias se formou um partido realista, e outro republicano. Este ultimo ganhou supremacia no anno de 1847. Um governo provisorio declarou a definitiva abrogação do poder monarchico, decretando a immediata installação do systema republicano puro. Uma commissão especial redigiu uma constituição em sentido democratico, a qual foi approvada pela maioria do povo, e garantida a sua inviolabilidade pela Confederação. O rei da Prussia protestou solemnemente contra estas alterações, e reprovou especialmente a venda dos bens patrimoniaes e ecclesiasticos, a que se procedeu em 1850. Um congresso celebrado em Londres em 1852, ao qual assistiram os plenipotenciarios das grandes potencias, formulou e expediu um protocolo, que reportando-se ao tratado de 1815, declarou o direito do rei ao restabelecimento da sua soberania em Neufchatel. Esta disposição vigorou as esperanças do partido realista, e foi o motivo porque este, não podendo por outro modo conseguir o restabelecimento do antigo systema, lançou mão da força, combinando a surpreza, que teve em resultado tão infeliz exito.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.*

LXIII

De como foi enganar com similhantes enganos o dito Amador Vieira, a Francisco Gil, piloto, e outro piloto francez.

Havia nesta cidade um homem mancebo, natural della, piloto, por nome Francisco Gil, filho de Gil Rodrigues. Parece que Manuel da Silva tinha delle alguma suspeita, e o disse ao dito Amador Vieira, o qual se foi logo ter com elle, e lhe começou logo a descubrir o que tinha tratado com Gaspar Gonçalves de Utra, e com seu irmão; e que Manuel da Silva o tinha como preso, e o não queria deixar ir; que remedio teria para se poder ir desta ilha, para onde podesse ser. O pobre homem, enganado da maldade de Amador Vieira, em vez de lhe dizer que lhe daria remedio ao que lhe pedia, descubrio-lhe seu peito, e tudo o que sabia, e o que tinha determinado, e com muito contentamento lhe disse, que um piloto francez tinha um patacho, e elle havia levar cartas de certos homens desta cidade a el-rei Filippe, para que, quando viesse a armada no verão sobre esta ilha, por donde lhe haviam dar entrada; e que estavam esperando occasião de vento noroeste esperto, para a horas de meio dia, ou de noute por escuro botarem pelo meio das fortalezas, porque tinha o patacho fóra de todos os navios, e lho mostrou, dizendo-lhe quem eram algumas das pessoas que o faziam ir. Disse-lhe todas as que sabia, nomeando-lhe um Melchior Affonso. Disse-lhe o dito Amador Vieira que não fossem sem elle, porque lhes havia de importar muito, e que lhes havia fazer botar o habito, e muitas mercês. Ficou o dito Francisco Gil cheio de grande contentamento, dizendo-lhe: *Snr. Amador Vieira, eu direi a V. m. quando ha de ser: esteja V. m. aviado, e seu companheiro, porque depois de estarmos dentro no patacho fará V. m. que vae a folgar em um barquinho ás naus ancoradas, correndo-as, porque de V. m. não se ha de suspeitar cousa alguma.* E ficou isto assim, e Amador Vieira a fazer estas boas obras, tinha ainda que correr, já tinha este pobre descuberto.

LXIV

De como Amador Vieira se foi ter com Melchior Affonso, a descubrir-lhe seu falso e fingido intento, como aos outros.

Vivia nesta cidade um Melchior Affonso, natural della, que tinha andado nas Indias de Castella muito tempo, e vivia honradamente. Foi-se ter com elle o dito Amador Vieira, com a mesma toada atraz, para lhe descubrir seu peito á sua vontade. Como o dito Melchior Affonso não podia deixar de ser descuberto pelo muito cabedal que mettia, e os muitos a quem se tinha descuberto, sabendo que o dito Amador Vieira tinha vindo com cartas d'el-rei Filippe ao Snr. D. Antonio, teve-se por muito seguro. Descubrio quanto tinha imaginado, e a gente que tinha certa para o effeito que pretendia. Vivia elle perto de um forte na freguezia de S. Matheus, perto da cidade: disse que tinha escripto a Sua magestade, que vindo as armadas que se faziam sobre esta ilha, que viessem ter defronte daquelle forte, porque estavam appellidados cem homens do seu serviço, em vindo a armada defronte delle, para pegarem nos bombardeiros e soldados que dentro estivessem para os amarrarem, e que como estivessem senhores do forte haviam de pôr por signal uma bandeira branca, porque ficavam com a artilheria senhores do mar e da terra (*)......................
Continúa.

(*) Do num. 11.

(*) N'este logar faltam duas paginas no manuscripto, que comprehendiam o fim d'este capitulo, e o principio do capitulo LXV.



PONTE D'ALLAH-VERDI-KHAN.

Em Ispahan, sobre o Zendeh-Rouh, acha-se lançada a ponte de Djoulfa ou d'Allah-Verdi-Khan, a mais elegante das da Persia; tem duzentos e quarenta metros de comprimento e treze de largura. O centro é reservado para os viandantes a cavallo e bestas de carga; de cada lado ha uma galeria d'arcadas, para os que passam a pé, de tres metros de largura e de oito a nove d'altura. É sobrepujada por uma plata-forma, guarnecida de parapeitos, para a qual se sobe por uma escada situada nas torres que se acham nas extremidades das galerias. Pode tambem passar-se os arcos da ponte, quando a agua vae baixa, por meio d'uma galeria que os atravessa, e de pedras que se elevam do leito do rio, e estão distantes umas das outras obra d'um passo.

Esta ponte é construida de ladrilhos e pedras calcarias muito duras. Os arcos são trinta e quatro.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Camboja ou Cambodia começa um pouco acima do 9.° grau de latitude, e acaba no 12.° A éste tem a Cochinchina e o Tsiampa; a oeste, o reino de Siam; ao norte, Lao; e ao sul, a Cochinchina. Este paiz é agora chamado Kaomien ou Kao-m en pelos tunkinezes; antigamente chamavam-lhe Tchan-lap, o que é a mesma coisa que o Tchin-la dos chins. Camboja, designada pelos habitantes com o nome de Youdra-Skan, é uma região fertil, que só tem duas cidades principaes, Penom-Peng ou Ca-Lompé, a capital moderna, e Pontai-Pret, a antiga, mais conhecida pelo nome de Camboja. Camboja foi um reino muito poderoso, visto que no decimo seculo pôde conquistar a Cochinchina. Depois de diversas alternativas de elevação e decadencia, de conquista e submissão, foi, em 1809, encorporado definitivamente ao imperio d'Annam.

O Lao, ou Mi-lao, é um paiz pouco conhecido; estende-se do 12.° ao 18.° grau de latitude; ao norte confina com Lac-Tho e Tunkin, ao meio-dia com Camboja, a éste com Tunkin e a Cochinchina, ao oeste com o reino de Siam. A capital é Han-Niech. Este paiz é banhado por um grande rio, chamado Maykang.

O Lac-Tho é desconhecido na Europa. Ainda que pequeno, formou comtudo outr'ora um estado independente; é limitado ao sul pelo Lao, ao norte e a éste por Tunkin, e a oeste pela China.

Finalmente, Kan-Kao, chamado Ha-tien pelos

cochinchinezes e Palmerinha pelos portuguezes, é uma pequena soberania, situada na extremidade sul de Camboja, sobre a costa oriental do golpho de Siam. Ha muito tempo que o chefe d'este estado tem só o titulo de governador: é tributario do imperador d'Annam, tendo-o já sido do rei da Cochinchina.

A origem dos tunkinezes e dos cochinchinezes, como a de todos os povos que conquistaram as grandes ilhas do archipelago da Asia, tem estado occulta até hoje; comtudo alguma similhança na religião, nos costumes, e principalmente nos preconceitos que se perpetuam nas classes inferiores, e resistem ao tempo e aos acontecimentos, poderá fazer suppor que estes povos descendem dos chins, expulsos da sua patria pelas invasões successivas dos tartaros, e que viriam a esta plaga pouco mais ou menos dois seculos antes da nossa era. Os profugos acharam o paiz occupado por tribus negras, que defenderam o seu solo com a energia do desespero, e lutaram por longos annos. Obrigados a retirar-se diante dos vencedores e a abandonar o litoral, de que, conforme todas as apparencias, a natureza os fizera primeiros possuidores, os *Moyes* refugiaram-se nas montanhas do Lao, do alto das quaes, ha pouco ainda, estas tribus ferozes desciam como uma torrente sobre as terras, incendiavam as aldêas, talavam os campos, e matavam os habitantes.

Por muito tempo os tunkinezes, quasi selvagens, occupados unicamente em prover ás suas necessidades physicas, ignorando o uso da escripta, não poderam conservar a lembrança do passado senão pela tradição oral, sempre tão vaga, e incerta; ha só seiscentos annos, pouco mais ou menos, que elles começaram a escrever a sua historia. Todavia os seus annaes, verdadeiros ou falsos, reportam-se quasi ao tempo em que este paiz começou a ser habitado, e comprehendem perto de dois mil annos; mas nos primeiros tempos, só apresentam os nomes dos chefes do estado, sem tocar em nenhuns outros factos.

Os historiadores tunkinezes collocam á frente da sua historia uma dynastia de Hong-Mang, a qual, tendo sido fundada por um bisneto de Chin-Noung, imperador da China, reinou durante dezoito gerações. Esta primeira lista de reis pode ser tida como suspeita, por isso que n'ella se menciona um fundador descendente d'um d'estes antigos imperadores da China cuja existencia historica é pelo menos duvidosa. A estes reis succederam duas pequenas dynastias, a de Touk e a de Tricou, a duração d'ambas as quaes foi do anno 252 ao anno 106 antes de Jesus Christo. Depois a dynastia dos Trien reinou pelo espaço de noventa e sete annos; os Han occidentaes occuparam o throno por cento quarenta e nove; os Han orientaes durante cento quarenta e quatro; os Ngooli e os Luong por trezentos e quatorze. Os chins apoderaram-se então de Tunkin, e ahi governaram por vice-reis, durante mais de trezentos annos; mas pelo meado do seculo decimo, a dynastia dos Ngo foi fundada pelo genro d'um general chim, e reinou vinte e nove annos. Depois d'ella começaram as dynastias propriamente tunkinezas, a primeira das quaes, a dos Diah ou Dinh, teve por fundador, em 968, um zagal, chamado Bo-Linh, tartaro, que tendo-se retirado para as montanhas de Tunkin com alguns dos seus compatriotas, incitou-os a uma revolução, poz-se á testa dos tunkinezes, venceu os chins, e fez-se acclamar rei. Mas sobrevindo nova revolução, Bo-Linh foi assassinado, travaram-se guerras civis, e muitos tunkinezes disputaram o throno. Um d'estes, chamado Lé-Day-Hong ou Lé-Dai-Kanh, foi ahi collocado, e fundou, em 981, a dynastia dos Lé. Não gosou porém muito tempo do seu triumpho: atacado pelos chins, morreu em uma batalha que lhes apresentou. O seu successor, mais feliz, alcançou muitas victorias sobre elles, pondo-os em estado de não lhe perturbarem o reinado. Succedeu-lhe a sua posteridade, que sustentou a corôa por mais de dois seculos. Uma filha d'esta casa, unica herdeira do throno, o levou por casamento para a casa dos Han, que já o tinham possuido. Esta nova dynastia, conhecida tambem pelo nome de Tran, começou em 1226; durou cento oitenta e oito annos, mas foi n'esse tempo inquietada por muitas revoluções. Alguns partidos chamaram em seu soccorro o imperador da China, que enviou exercitos, restabeleceu o antigo dominio, e fez a sede d'uma vice-realeza. Tendo os vice-reis commettido grandes violencias, os tunkinezes rebellaram-se, mataram o vice-rei que então funccionava, e pozeram á sua frente um principe da antiga familia real dos Lé. Lé-Loi era grande guerreiro; ganhou muitas victorias, expulsou os chins do paiz, e, proclamado rei, fundou, em 1428, a segunda dynastia dos Lé. Obrigou o imperador da China a reconhecer a existencia da monarchia tunkineza, com o encargo d'um tributo pela exaltação de cada principe ao throno de Tunkin. Alguns historiadores, porém, não suppõem que isto tivesse effeito senão até ao sucessor immediato de Lé-Loi.

Continúa.

A COMPANHIA HOLLANDEZA DAS INDIAS.

Assim que os hollandezes começaram a animar-se para estabelecer uma patria livre sacudindo o jugo hespanhol, cuidaram logo nos meios de conservar-se, e considerando bem em que o seu paiz não podia sustentar commercio, que os interessasse com as outras nações, se determinaram muitos particulares com a protecção do publico a armar navios, e a tentar fortuna nos maiores perigos do mar, fazendo o possivel por se enriquecerem á custa dos barbaros, que n'esses principios começaram a despojar.

No anno de 1602 muitos d'aquelles particu-

lares interessados n'este negocio, trataram do estabelecimento de uma companhia, e alcançaram dos Estados Geraes ampla autoridade e poder despotico de inteira soberania no reino de Batavia, Jacarra, e de outros logares adjacentes, para exercitarem n'elles toda a qualidade de negocio, trafico, e commercio, com faculdade de elegerem governador e magistrados não só para a Batavia, mas para a mesma companhia que se formava em Hollanda.

Para o primeiro estabelecimento d'ella se fez um fundo de sessenta e tres toneis de oiro, cada um de quarenta mil escudos romanos, que eram cem mil florins, dividido em mais de mil e duzentas pessoas de diversas partes da Europa, havendo algumas que tinham n'este fundo mil e quinhentos florins sómente; ao mesmo tempo que outras tinham sommas muito consideraveis. Pode dizer-se que dos judeus era a maior parte d'este fundo. A quantia que cada um tinha na companhia chamava-se acção. Este dinheiro não se podia augmentar, nem diminuir, nem mudar, mas podia vender-se, e alienar, como hoje é uso n'estas empresas. Quando chegava alguma frota grande das Indias augmentava o preço das acções; quando se presumia alguma perda ou naufragio diminuia.

Do dinheiro do fundo não se pagava interesse ás partes, mas quando chegava a frota, depois de descontadas as despezas d'ella, se deixava um quinto para a companhia, e fazendo-se uma repartição de tudo o mais, se dividia pelas referidas partes á proporção. Dois e tres annos se passavam ás vezes sem os interessados tirarem proveito algum, porém havia annos em que recebiam vinte cinco por cento, ou mais.

Esta companhia, em attenção aos relevantes serviços que o principe d'Orange fez ao Estado, estabeleceu-lhe no anno de 1674 um fundo de dois toneis de oiro, que são 200000 florins. A companhia no seu principio tomou dinheiro a juro até á somma de sete milhões, a quatro por cento, podendo os credores retirar o capital quando quizessem.

Quando chegava uma frota repartiam-se as fazendas e mercadorias á proporção nos seis armazens de Amsterdam, Zelanda, Delf, Rotterdam, Horn, e Enckusen, logares onde havia assembleas geraes, tendo cada armazem seus directores particulares. Amsterdam tinha vinte directores com o salario annual de 3100 libras: Zelanda, doze com 2600 libras; e os outros armazens, sete cada um, com 1200 libras. Eram cargos vitalicios, e não podiam ser directores os judeus, nem dois irmãos, ou cunhados, ou primos co-irmãos. De todos estes directores nomeavam-se annualmente dezesete para o governo geral da companhia. Esta assemblea reunia-se tres vezes cada anno, em differentes tempos, e cada uma das reuniões durava tres semanas; vencendo cada director uma gratificação. Havia um director que servia de procurador da companhia, tendo em seu poder todos os livros e contas, subscrevendo egualmente todos os negocios concluidos.

Esta assemblea dos dezesete elegia o governador geral d'entre os seis conselheiros residentes na Batavia, onde o seu poder era soberano e despotico, podendo fazer guerras e pazes, enviar governadores a outras provincias, suspender e castigal-os. Um dos conselheiros da Batavia presidia no tribunal da justiça criminal e civil, cujas sentenças para se executarem careciam de confirmação do governador; mas o tribunal era tão supremo, que tinha jurisdição para condemnar á morte o mesmo governador, sendo convencido de traição.

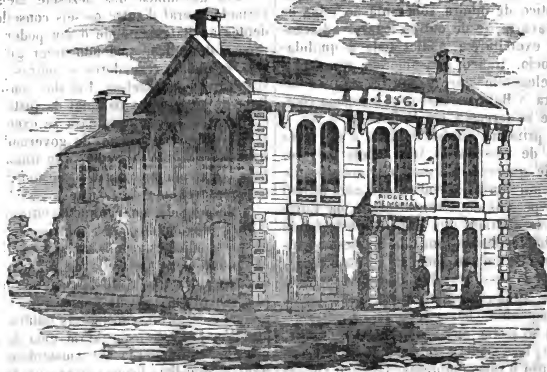
A despeza da companhia no entretenimento e fabrica dos navios, nos salarios de tantos ministros e officiaes, e em tantas expedições assim na India como na Hollanda, era enormissima. Chegou a ter trinta mil homens a soldo, e cento e cincoenta naus de guerra para as empresas e comboios. Muitas fortalezas edificaram na India. Em 1617 transportaram uma de pedra, fabricada e preparada em Amsterdam. O rei de Bantam deu-lhes licença para que fizessem nos seus estados um grande armazem, em que recolhessem as fazendas que traziam da Europa, e ajuntassem as que compravam no Oriente. Os hollandezes, que formaram o armazem de taboas e pranchas, tomaram um grande terreno, e começando nos annos seguintes a fazer lastro aos seus navios com as pedras talhadas em Hollanda, foram edificando uma cidadella dentro do armazem. Logo que a acabaram, guarnecida já de artilheria, abateram em uma noite toda a obra de madeira que a encobria, com grande espanto dos indios. O mesmo rei, que não podia crer aquelle impossivel, ficou tão contente de ver o edificio que o queria escolher para sua habitação. Então lhe declararam os hollandezes que não tinham ordem para tal, e seguindo a responderem com o ruido da artilheria ás queixas e ás representações do enganado principe, que veiu assim no ultimo conhecimento de que a fortaleza se não tinha construido para elle.

O governador de Batavia guardava a chave dos thesouros d'onde tirava todo o cabedal a seu arbitrio. Quando saía do palacio era precedido de cincoenta guardas de cavallo, uma companhia de infanteria, e doze pagens aos lados. As audiencias aos embaixadores dos principes indios eram executadas com grande fausto e magnificencia.

A aspereza na reprehensão só deverá ser empregada, depois de esgotados inutilmente os meios da docilidade, e brandura.

Grande parte de republicas tem perecido aos golpes de tyrannos, que souberam fingir-se democratas amantes dos povos.

A sabedoria é um mar sem fundo; não ha sonda, que lhe meça a altura.



EDIFICIO MONUMENTO.

No passado anno de 1856 erigiu-se em Masham no condado de York uma bonita capella destinada para memoria de Thomaz Riddell, respeitavel e sabio vigario d'esta pequena cidade, e presidente do instituto mecanico desde que foi fundado; por uma subscripção dos seus parochianos e de seus numerosos amigos, de quem era venerado e querido, foi erecto o templo, concorrendo muito o almirante Octavio Harcourt, principal proprietario de bens rusticos n'aquelle districto. O estylo da construcção é no gosto da architectura italiana, com vestibulo espaçoso e boa escadaria; contém uma bella sala de leitura, bibliotheca, casa para os empregados, e todas as mais conducentes a esta applicação, para que foi feita, com o intuito de facilitar a instrucção a todas as classes. No conjunto das obras se combinou a elegancia com a utilidade e a economica, sendo n'estas essenciaes condições que sobresae o caracter da nação britanica. M.

PARALLELO ENTRE AS LITTERATURAS ALEMÃ E INGLEZA.

Ha poucas semanas que apresentámos nas columnas do Panorama um pequeno artigo a respeito da moderna litteratura germanica, como complemento de um estudo biographico sobre Hoffmann, que pelo mesmo tempo reproduziamos no jornal; hoje vamos fazer um ligeiro parallelo entre aquella litteratura e a britanica, como introducção a outro estudo ácerca de lord Byron. Conscios da nossa insufficiencia, e sem pretenções a chamar nosso ao trabalho alheio, confessamos desde já que temos á vista uma excellente obra de Charles Remusat, que seguiremos n'esta apreciação litteraria.

A poesia ingleza e a poesia alemã tem ambas o cunho da melancolia, mas differem em que aquella se impressiona pelos objectos exteriores, e esta vive do aceso pensar, ou antes de visões, de delirio. Isto, porém, não quer dizer que seja impossivel a um poeta alemão descrever os objectos exteriores, nem a um poeta inglez penetrar nos mysterios do pensamento. Goethe e Burger apresentaram a verdade, a natureza, a ingenuidade mesmo nos seus versos; e sem ser discipulo de Kant, sem ter estudado em Heidelberg ou em Goetting, lord Byron soube, mais de uma vez, rasgar o veo que esconde a alma do homem.

Byron era pintor e pensador; mas se foi o maior poeta britanico dos tempos modernos (talvez de todos os tempos), pode considerar-se germanico pela ousadia da imaginação. Todavia, o seu caracter individual o distingue dos autores alemães, cuja vida pouco activa e uniforme se revela nas proprias obras.

Klopotock passou uma existencia socegada. Goethe, apesar de haver escripto o *Werther*, gosou dos prazeres do homem do mundo, e cumpriu os deveres de um ministro. Schiller teve uma vida menos tempestuosa do que a sua imaginação nos quer inculcar; porém Byron não pôde respirar no meio da sociedade aonde a sorte o collocara, precisava de sensações extraordinarias; obstaculos, perigos, escrupulos, tudo despresava. Os seus livros não revelam o homem de lettras fechado no gabinete de estudo; denunciam o poeta que se fez á vela do porto n'um dia de tempestade, que passa a nado o Helles-

ponto, que vae morrer á Grecia como soldado da liberdade

A vida ociosa dos alemães contrasta singularmente com a vida activa dos bretões. Por isso a poesia germanica é toda contemplativa. Reflexo da actividade nacional, a poesia ingleza revê-se nos campos cuidadosamente cultivados, verdes e risonhos; nos ribeiros artisticamente encanados; nos opulentos castellos da nobreza; nas machinas de vapor; nos caminhos de ferro; nas pontes suspensas; no telegrapho electrico. Os versos dos seus bons poetas parecem escriptos ao ar livre dos campos, pintando fielmente todos os objectos, e reproduzindo as impressões que elles causam. Transparece ali a simplicidade da vida de familia, a alegria campestre, em toda a sua pureza. As narrações são as mais das vezes tocantes e singelas, e mesmo quando versam sobre grandes acontecimentos, parece que estes são contados diante do lar de velho castello ou de humilde cabana, em longo serão de inverno.

Em geral, o talento descriptivo não falta a nenhum poeta inglez, mesmo aos pouco conhecidos, mas brilha com o maior esplendor em Burns, Crabbe e Walter Scott. Entre tantas qualidades poeticas que distinguem o celebre Byron, nenhuma possuiu, talvez, em tão alto grau. Nas proprias pinturas deslumbrantes de Thomaz Moore assoma aquelle talento; com a differença, porém, que Moore parece ver a natureza atravez de um prisma de côres brilhantes mas falsas.

A Inglaterra teve o seu grande poeta epico, o seu grande poeta dramatico, e ainda no ultimo seculo muitos poetas philosophos; mas tudo isso passou, e, o que é inexplicavel, sob o imperio da mais adiantada civilisação, a sua poesia voltou-se de novo para a natureza!

Parece isto um contrasenso, mas não é. Nenhum paiz, com effeito, deve mais á arte que a Grã-Bretanha; o aspecto mesmo do solo revela por toda a parte o esforço do homem. Uma cultura aprimorada tem mudado ali a face da terra: não se encontram cumes de montanhas inaccessiveis; nenhum ribeiro se despenha em torrente; as serras mesmo deixaram de ser selvagens. A industria humana apropriou-se de tudo: o fogo, a agua, a terra, tudo está submettido, tudo está domesticado. Os proprios animaes parece prestarem voluntariamente a sua força ao serviço do homem. O cavallo mesmo, o cavallo inglez tão vigoroso e corredor, não rincha de impaciencia, não pula com energia, a sua impetuosidade pode chamar-se docil.

O inglez tem habitos invariaveis, teme geralmente a mudança, professa a religião da ordem estabelecida: parece pois que devera ser o povo mais prosaico do mundo, e todavia a Europa inteira festeja o canto dos seus poetas.

Em meio dos milagres da industria, das profusões da riqueza, dos requintes do luxo, a imaginação não tem perdido o seu imperio na Grã-Bretanha, antes pelo contrario tem ganhado muito. A frescura da sua moderna poesia parece pertencer a outras eras. Más é que a Inglaterra é poetica porque é pittoresca, e a sua maravilhosa agricultura não trata só do util mas tambem do agradavel, dando mesmo ares, ás vezes, de que cuidou mais de aformosear do que de fertilisar o terreno.

Aquelles campos tão bem lavrados, aquellas arvores tão respeitadas, aquelles ribeiros que fertilisam as planicies, teem um aspecto risonho e até poetico. Aquelles castellos, onde a opulencia ostenta todas as pompas, são cercados de tapetes de relva em que pastam numerosas manadas; e a arte que traçou esses parques immensos parece haver tido unicamente em vista moldurar uma linda paisagem.

O luxo ali não consiste em abrir grandes lagos, inventar collinas artificiaes, e alinhar alegretes, mas em encanar ribeiras, cuidar do arvoredo, e fechar grandes tapadas. Em toda a Inglaterra se encontra uma decidida predilecção pelas bellezas naturaes; desde o mais rico até ao mais pobre cidadão, todos apreciam o campo; o que não succede em outros paizes, onde o aldeão só admira as cidades. Qualquer modesta *cottage* apresenta um bonito jardim, d'onde partem os jasmineiros e roseiras a forrar-lhe as paredes e a coroar-lhe a porta, creando uma encantadora perspectiva. Em meio dos thesouros de uma admiravel vegetação, vê-se uma ruina gothica, as torres de um antigo solar, os arcos ponteagudos de velha abbadia, a hera que forra exteriormente a parochia, a arvore abalada e secca á qual só a vetustidade dá valor, e todos estes monumentos das passadas eras são respeitados como taes, e como ornamentos da paisagem tambem, pelo commum do povo britanico.

Toda a população toma interesse pelos objectos que embellesam o logar da sua residencia; e esta nação, rainha do commercio e da industria, parece reconhecer com amor que deve á terra a sua opulencia, a sua gloria, e a sua grandeza.

A actividade, o goso da liberdade, e a affeição por todas as bellezas que o cerca, tornam o inglez muito differente do alemão, que está condemnado á inercia politica, que é, por caracter, inimigo do movimento, que, concentrado em si mesmo, despresa os objectos exteriores. Dois poetas, entretanto, que foram contemporaneos, e morreram já n'este seculo, como que se deram as mãos na carreira litteraria, e approximaram quanto era possivel, uma da outra, as duas poesias ingleza e alemã. Eram dois talentos excepcionaes — Hoffmann e Byron!

Ha uma grande analogia entre estes dois poetas, tanto na vida errante que levaram, ainda que por differentes motivos, como em parte das suas obras; o leitor, que não conhece de perto os inimitaveis livros d'estes autores, poderá comtudo avaliar a verdade da nossa asserção, comparando o estudo biographico sobre lord Byron, que vamos começar no seguinte numero do Panorama, com outro estudo que estampámos n'este mesmo semanario ácerca do immortal Hoffmann.

F. M. Bordalo.

OS DIABINHOS.

CONTRABANDO DE VISEU.

I

Era em tempo de segadas,
Grande aperto de serviço,
Descansar (mesmo ao domingo)
Era bom, nem fallar n'isso!...

Tinha o lavrador Fernandes
Uma campina de trigo,
Fazia mister segal-o
E ninguem tinha comsigo.

Scismava o bom lavrador
Roendo o cabo á foucinha,
Quando vê chegar á beira
Homem que de longe vinha.

—Amigo, diz elle á pressa,
Quer você ganhar jornal?
Fique comnosco e verá
Se lhe corre a vida mal.—

=Ha pois muito que fazer?=
Diz o tal recem-chegado,
=Minha gente de trabalho
Leva tudo n'um cortado.=(*)

—Que fazer?!... olhe esse campo
De trigo já a largar,
Que é preciso ser segado
A'manhã o mais tardar.—

=Ámanhã será segado,
Se promette pagar bem.=
—Pagar bem?!... *olé* se pago!...
Mas a gente aonde a tem?—

=Eu bem sei aonde a tenho,
Não lhe dê isso cuidado:
Terá em medas o trigo
Ámanhã logo ao sol nado.=

Fernandes correu a casa
E gritou ao ver Maria:
—Temos grandes novidades!...
Novidades de alegria!

Com homem desconhecido
Justei a grande segada:
Ha d'estar na eira o trigo
Ámanhã de madrugada.—

«Olha lá não vá ser isso
Tramoia do inimigo!...»
—Pois quer seja, quer não seja,
Quero ver segado o trigo.

(*) Termos proprios da gente do campo.

II

A lua nascia,
Os ventos sopravam,
Á porta dos heidos
Cachorros ladravam.

O gallo cantava,
Tornava a cantar,
Lá no campanario
Meia noite a dar.

De casa sózinho
Fernandes saía
Em casa resando
Ficava Maria.

Ao campo de trigo
Fernandes chegou.
Que tal foi a peça?!...
Ninguem avistou.

Encontra o coitado
O campo deserto;
Nem um segador,
Nem longe, nem perto.

O trigo c'o vento
Rugia e bailava:
Da magoa do dono
Parece zombava.

Retira-se á pressa,
Fernandes zangado,
Descobre um pipinho
Ao pé do vallado.

—Um pipo!... diz elle,
Tem vinho de certo!
Pois s'elle tem vinho,
A gente está perto.

Arreda!... é pesado
O tal barrilinho;
Vejamos então
Se é bom o seu vinho.—

E tira o batoque
O bom lavrador.
Jesus!... que tormenta!...
Que susto e pavor!...

Do pipo s'esgueiram
Rapazes aos gritos!...
São tantos e tantos,
E tão pequenitos!!!...

Parecem abelhas
Em sestas calmosas,
Buscando ligeiras
Boninas e rosas.

Camisas traziam
Tão frescas! e lavadas,
Que mais escurecem
Carinhas tostadas.

Barretes vermelhos
Com borlas caídas;
Nas mãos côr da noite
Foucinhas polidas.

Pulseiras e brincos
Da mais fina prata,
Anneis de brilhantes,
Fachas d'escarlata.

Os pescoços nus,
E nus os bracitos,
As pernas esguias,
Os pés de cabritos.

Guinchavam os demos;
—«P'ra onde... p'ra onde?»—
Cercando Fernandes,
Que nada responde.

Pois cuida vae ser
D'ali arrastado
Ás portas do inferno
Vestido e calçado.

Mas a vozeria
Cresceu tanto e tanto,
Que o mesmo terror
Lhe tira o quebranto.

E toca no pipo
Gritando assustado:
—Aqui!... no barril!
Ó rancho damnado!—

A chusma guinchando
Entrou no pipinho:
Á solta não fica
Um só diabinho.

Fernandes o pipo
Batoca apressado;
E foi-se esconder
Atraz d'um silvado.

E logo avistou,
(Favor do luar)
O homem do ajuste
Que vinh'a chegar.

Chegado que foi
O tal sugeitinho
Do pipo soltou
O bando damninho.

—«Aonde?—» repetem
Mil vezes em gritos,
Pulando em redor
Os taes diabitos.

O homem lhes brada:
=Ao trigo! e *caluda!*...
Segar e ajuntar!
Caterva miuda.

Em medas na eira
Depois arranjado.
Madraço nem um!...
Nem um desazado.=

Oh, que barafunda
No campo e no ar!
O trigo se via
Cair e voar.

Suava e tremia
O pobr'escondido:
Seu trigo julgava
De todo perdido.

Mas finda a tarefa,
O homem guardou
Os demos no pipo,
Que ás costas levou.

Fernandes na eira
Deu logo comsigo
Que gosto!... em medas
Viu lá o seu trigo.

A casa regressa
E diz á mulher:
=Hei d'ir a Viseu...
E dê o que der!

Irei lá buscar
Criados ladinos:
Trabalhem, e sejam
Embora mofinos.=

CONCLUSÃO.

É que lá na grande feira (*)
Se vendiam em canudo
Diabinhos a retalho
Que serviam para tudo.

Outros dentro de barris
Aos milheiros cada bando;
Mas negocio era este
Feito só por contrabando.

Porto, 26 d'Abril.

M. P. DE SOUSA.

OPTIMO EMPREGO DAS CONDEMNAÇÕES.

Francisco Xavier de Oliveira conta-nos, nas Memorias das suas viagens, o seguinte uso da Hollanda:

(*) Esta crença era geral nas aldêas, e d'ella nasceu esse conto que se narra ás creanças.

«Aborrecem os hollandezes em tal forma as blasphemias, as pragas, e as sem-razões que para evitar disputas entre uns, e outros se tem repartido as cidades em bairros, havendo em cada uma d'ellas um juiz, e um thesoureiro que tem a superintendencia de pacificarem os inimigos, provendo em tudo o que é necessario para quietação do publico, e do commum. O juiz procura accommodar todas as differenças que lhe constam: se o não pode conseguir remette-as aos commissarios estabelecidos pelos estados. Aquelle que se acha culpado dando principio, ou causa a similhantes desordens paga certa condemnação. O marido que dá em sua mulher paga um presunto, ou o seu valor. A mulher que dá no marido paga o dobro. O thesoureiro não só recebe estas condemnações, mas as que tambem pagam os que não acompanham os enterros dos seus visinhos a que estão obrigados. Recebe tambem dos herdeiros de cada defunto um presente voluntario de dinheiro, e o laudemio d'aquelles que compram terras, o qual é muito modico, ou para melhor dizer ao arbitrio do comprador. Logo que o thesoureiro tem bastante dinheiro em caixa, se ajuntam todos os moradores em casa do juiz do bairro, onde se elege o sitio e o dia em que se hade fazer um festejo com aquelle cabedal. Ordinariamente se escolhe uma aldêa, onde concorrendo os moradores do bairro por tempo de quatro dias, se não faz outra coisa que comer, beber, fumar, cantar, dançar, e jogar. Cada morador vae sómente com sua mulher, sendo-lhes prohibido levar creanças, nem cães, sob pena de novas condemnações. Para estes dias de divertimento convem todos em certas leis que se fazem, promettendo observal-as para socego, e commodidade do concurso. Entre outras se dispõe que se não obrigue pessoa alguma a beber contra sua vontade, que não haja disputas, nem blasphemias, e que se não argumente em materia de religião. Se o cabedal das condemnações não é bastante para a despeza do festejo, succede algumas vezes fintarem-se todos para inteirar o resto que falta.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXV

....

e outros muitos que já se não lembrarão. E todos foram mettidos na cadêa: e porque na cadêa estava já muita gente, não cabiam, e deram sobre tieis carcereiros todos aquelles que o dito Melchior Affonso tinha assentados, porque todos negaram, nem contra elles havia prova alguma, mais que saberem uns dos outros; e ficou na cadêa Melchior Affonso, Francisco Gonçalves, Alvaro Pereira, por haver delles algumas culpas, e foi preso no aljube por não caber na cadêa.

LXVI

De como foram soltos Gaspar Gonçalves d'Utra e Estacio d'Utra seu irmão.

Depois de presos os sobreditos, foi na cidade grande espanto, porque alguns d'aquelles homens serviam officios pelo Snr. D. Antonio, e tinham acceitado mercês suas; e logo se dice que Amador Vieira descobrira tudo. E mandou Manuel da Silva soltar a Gaspar Gonçalves d'Utra, e a seu irmão Estacio d'Utra, e os mandou ir aos paços e aposentos onde estivera o Snr. D. Antonio, e então estava o ditto Manuel da Silva; aos quaes em os dittos paços fez muitas honras, dando-lhes grandes agradecimentos de tal lealdade, de tão honrados vassallos; que se os prendera fôra por mexericos, que lhe vieram da ilha do Faial, dizendo-lhe que elles eram parentes da mulher de D. Christovam de Moura, e que eram muito poderosos na ilha, que nelles estava entregarem-na cada vez que quizessem; e outros mexericos; e que tudo tinha por falso, antes elles tinham dado de si tal testemunho, que tudo tinham bem desfeito, pelo que lhe tinha contado Antonio Vieira, que com elles fallara; e que el-rei seu Senhor lhes havia fazer grandes mercês, e elle em seu nome, e como seu logar tenente; e lhes botou a cada um o habito de Christo, com cem mil réis de renda e tença em cada um anno, os quaes elles tomaram, e trouxeram cruzes nos peitos, té a entrada desta ilha Terceira.

Continua.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRELUDIOS POETICOS

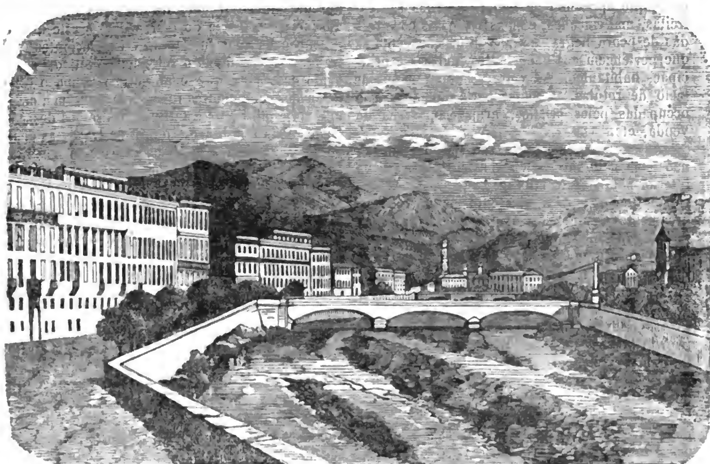
DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.º volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.



NICE, A PONTE NOVA.

Por occasião do desenho da egreja de Santa Reparata, já fallámos de Nice ou Nizza do Piemonte. O territorio de que é cabeça esta cidade, em geral montuoso e alpestre, cria comtudo na parte cultivada e productiva optimos fructos; porém, a sua mais notavel particularidade é que, encravado nos Alpes, participa do clima rispido e proprio de montanhas logo a pouca distancia da cidade, ao passo que esta gosa de tão amena temperatura que é procurada pelos doentes e valetudinarios para residencia no inverno, especialmente os achacados de doenças pulmonares; e tambem muitos opulentos, especialmente alemães e inglezes, a buscam como estancia recreativa nos outros periodos do anno. Provavelmente a causa de uma transição tão rapida e de assaz definido contraste em pequeno espaço nasce da proximidade do mar, sobre o qual Nice parece estar impendente. De facto vive-se em Nice como n'uma feira franca onde concorressem individuos de toda a parte da Europa, e o homem instruido e sabedor das principaes linguas acha sempre conversação variada e deleitosa.

Uma das boas vistas da povoação, que apresenta muitas e mui agradaveis, desfructa-se do lado da ponte nova.

Foi capital do condado do seu nome, e depois de passar pelo dominio de varios senhores, encorporou-se finalmente nos estados da corôa da Sárdenha. M.

FUNCHAL.

A 29 de Julho de 1772 a expedição commandada por Cook ao hemispherio austral, tocava n'este porto. É curiosa a noticia d'esta ilha, dada por M. Forster filho, que em companhia de seu pae, iam encarregados, pelo governo inglez, de observações de historia natural. Para vermos como os estrangeiros nos avaliavam n'aquelle tempo, damos aqui as suas palavras:

«Funchal está edificada em forma de amphitheatro, em roda da bahia, no declive das primeiras collinas. Logo do mar a vista abrange todos os edificios publicos e particulares. Estes, na maior parte são caiados, e constam de dois andares, com os tectos quasi horisontaes, n'essa elegancia d'uma architectura oriental que se não encontra em as nossas casas estreitas, de tectos escarpados, e com grande numero de chaminés.

«Do lado do mar ha diversas baterias e plata-formas guarnecidas de artilheria. O velho castello, que domina a bahia, eleva-se no alto de um negro rochedo, cercado de bastante agua. Outro forte, chamado de S. João, está postado n'uma visinha eminencia, sobranceiro á cidade. As collinas por traz do Funchal, cobertas de vinhas, varias plantações, bosques, quintas e egrejas, augmentam a belleza da paizagem. Isto chama ao pensamento os jardins das fadas, e assi-

milha-se ao que a historia conta dos jardins suspensos da rainha Semirames.

«A cidade, porém, não corresponde ao prospecto que apresenta na bahia. As ruas são estreitas, mal calçadas, e sujas; as casas construidas de pedra negra, e sem vidraças, excepto as que pertencem aos negociantes inglezes e principaes habitantes. As vidraças supprem-se por meio de rotulas. A maior parte das lojas são occupadas pelos criados, armazéns, casas de venda, etc.

«As egrejas e mosteiros são muito simples; não teem nenhuma ordem d'architectura; e no interior nota-se-lhes falta de gosto. A pouca claridade que penetra n'estes edificios só esclarece ornamentos amontoados uns sobre outros n'uma forma gothica. O convento dos franciscanos é accommodado e espaçoso, porém a cêrca mal arranjada. As religiosas de Santa Clara receberam-nos mui politicamente á grade.

«Principiámos na madrugada do dia seguinte as nossas excursões, seguindo um rio que corre pelo interior do paiz. Era uma hora da tarde quando chegámos a um bosque de castanheiros, quasi no pico mais elevado da ilha, e distante cêrca de seis milhas da quinta de mr. Loughan, onde haviamos pernoitado. Ali era o ar mais vivo que nas partes baixas, e uma agradavel brisa contribuia muito para a sua frescura. Servia-nos um preto de conductor, e ao cabo de um passeio de hora e meia regressámos á casa que nos offerecera tão generosa hospitalidade.

«Entrarei n'algumas observações que fiz durante a minha estada na ilha, e julgo que serão de interesse para o leitor, porque me foram communicadas por inglezes instruidos, e que habitam a Madeira ha muitos annos.

«A ilha tem de comprimento quasi cincoenta e cinco milhas, e dez de largo, e foi descoberta, em 1419, por Gonçalo Zarco, não tendo fundamento a noticia de que o foi por um inglez chamado *Machin*. Acha-se dividida em duas capitanias, Funchal e Machico: a primeira tem duas judicaturas, que são Funchal e Calheta; a segunda outras duas, que vem a ser Machico e S. Vicente.

«Funchal é a unica cidade. A ilha subdivide-se em sete villas, que são Calheta, Camara de Lobos, Ribeira, Brava, e Ponta do Sol na capitania do Funchal, que se divide em vinte e seis parochias: as tres restantes estão na capitania de Machico, compondo-se de dezesete parochias. Estas tres villas teem nome de Machico, S. Vicente, e Santa Cruz.

«O governador está á testa de todas as repartições civis e militares tanto d'esta ilha como das de Porto Santo, Selvagens, e Desertas, onde unicamente ha, em tempo proprio, companhas de pescadores. Quando tocámos no Funchal era seu governador D. Antonio de Sá Pereira.

«A administração da justiça depende de um corregedor, nomeado pelo rei de Portugal, e ordinariamente é enviado de Lisboa, e amovivel á vontade da côrte. A judicatura tem um senado, presidido por um juiz eleito na ilha, e na ausencia, ou morte do corregedor, é este quem preenche as suas funcções. Os negociantes estrangeiros escolhem o seu juiz privativo, chamado *provedor*; que é ao mesmo tempo o collector dos rendimentos reaes, que montam a cento e vinte mil libras esterlinas. Os soldos dos officiaes civis e militares, o pret da tropa, as despezas dos edificios publicos consomem a maior parte d'esta somma. O rendimento consta do dizimo de todas as producções da ilha, que o rei arrecada na qualidade de grã-mestre da ordem de Christo; de um imposto de dez por cento sobre todas as importações, sem exceptuar os generos de consumo; e finalmente de onze por cento sobre o que se exporta.

«A ilha tem de guarnição uma companhia de cem soldados de tropa de linha; porém ha egualmente uma milicia na força de tres mil homens, que não recebe soldo, apesar do que são muito invejados os seus postos em virtude da consideração que teem. Esta milicia reune-se uma vez por anno, e tem exercicio durante um mez.

«Ha na ilha cêrca de mil e duzentos padres seculares, e a maior parte d'elles são mestres em casas particulares. Depois da extincção dos jesuitas não ha nenhuma escola regular excepto um seminario, onde se educam dez estudantes á custa do rei. Estes pensionistas usam por distincção um manto encarnado por cima da batina que é commum aos outros escolares. Na Madeira ha tambem um deão, um capitulo, e um bispo, cujo rendimento é maior que o do governador, e consiste em cento e dez pipas de vinho, e quarenta moios de trigo. Pelos quatro mosteiros estão repartidos cincoenta ou sessenta frades franciscanos, e trezentas religiosas das Mercês, Santa Clara, Encarnação, e Bom-Jesus. Estas ultimas podem largar o habito e casar-se.

«Em 1768, os habitantes das quarenta e tres parochias da Madeira andavam por 63913, sendo 31341 homens e 32572 mulheres: morreram n'este anno 5243 pessoas, e nasceram 2198; de sorte que o numero dos obitos excedeu os nascimentos em 3045. É provavel que houvesse então alguma doença epidemica, porque se a mortalidade fosse sempre assim bem depressa a ilha ficaria despovoada. A excellencia do clima parece confirmar esta supposição. Em geral o tempo é doce e temperado no estio; o calor muito moderado nas partes elevadas da ilha para onde n'essa estação se retiram as pessoas abastadas; a neve dura ahi muitos dias, ao passo que nas partes mais baixas não atura mais de vinte e quatro horas. Sobre a exactidão do que narrei a respeito dos obitos e nascimentos, tenho a dizer que me foi communicado pelo proprio secretario do governador em presença do mappa das parochias.

«O povo é ordinariamente de tez cobreada e

de corpo bem feito, se bem que os pés são largos, talvez pela necessidade de trepar as escarpadas sendas d'este paiz montanhoso. Têm o rosto oblongo e olhos negros. Os cabellos, tambem pretos, annelam-se naturalmente. Alguns indios os teem crespos por causa do cruzamento com os negros. Em geral, as feições, ainda que duras, não são desagradaveis. A natureza não favoreceu as mulheres, pois falta-lhes aquella tez brilhante que é o complemento da belleza. São baixas, e trigueiras, com os ossos das faces proeminentes, pé comprido, e no todo faltas de graça. Estes defeitos, porém, d'alguma forma lhes são compensados pelas justas proporções do corpo, bem feito das mãos, e seus olhos grandes e animados.

Continua.

A REALIDADE DO INFINITO NO ESPAÇO, E NO TEMPO.

Á medida que os instrumentos astronomicos se tem ido aperfeiçoando, tem-se tambem descoberto milhares de estrellas desconhecidas, mais afastadas do que as que se haviam observado antes: e novos aperfeiçoamentos nos telescopios, produzirão novas descobertas. O certo é que o espaço não é limitado, mas realmente infinito.

O que é a verdade do espaço, tambem o é a do tempo. O geologo que estuda a succession das camadas do globo e dos seres que ellas encerram, desde as mais antigas até ás mais recentes, retrocede espantado ante os milhares de seculos a que o conduzem os menores calculos. Ha camadas a muitos centenares de metros de profundidade formadas de animaes microscopicos, muitos milhares dos quaes caberiam n'um dedal. Antes porém que vivessem na superficie do nosso globo seres organisados, já elle rolava em forma de bola incandescente, atravez os espaços. E esta incandescencia não é uma hypothese gratuita, mas um facto estabelecido pela astronomia, pela mechanica, pela geologia, e pelo estudo da temperatura da terra a grandes profundidades. Tudo mostra que desde os tempos historicos a temperatura do globo não tem mudado. Quantos seculos não teriam sido precisos para se perder o calor incommensuravel que sustentava as rochas mais infusiveis n'um estado quasi liquido! E uma vez tornado solido, quanto tempo não teria sido preciso antes de se poderem estabelecer n'elle os seres vivos! O infinito no tempo é portanto tão real como o infinito no espaço, e o homem que descansa na idéa de uma existencia sem fim para o futuro, deve concluir o mesmo a respeito do passado, e deve proclamar a eternidade do tempo.

A noção do infinito não é portanto uma noção do entendimento, uma forma das idéas, como dizia Kant, mas uma realidade cuja existencia foi demonstrada pelos progressos da astronomia, e da geologia.

F. D. d'Almeida e Araujo.

AMO A' NOITE.

É Deus um vate e o mundo o seu poema.

L. Pires.

Quando vae findar o dia,
Quando a lua quer nascer,
Quando as estrellas começam
Lá no ceo a apparecer;
Quando a brisa docemente,
Vem depois do sol ardente
Da tarde que vae findar:
N'essa hora de poesia
Tudo diz melancolia,
Tudo amor faz inspirar!...

A noite com seus mysterios,
Que mil bellezas contém!
Aqui deslisando a fonte
E o ribeirinho tambem!
Além n'um ramo visinho
O canto do passarinho,
Continuamente a soar!
E n'esses bosques frondosos
Ruidos mysteriosos,
Que não se podem contar!...

Tem immensa magestade
Essas horas de repouso!
Têm de certo mais encantos
Do que o dia mais formoso!
Quando se ouve a ramagem,
Impellida pela aragem
Brandamente se agitar!
Quando na haste mimosa,
A' violeta odorosa,
Faz seu perfume exhalar!...

N'esses momentos solemnes
Como é bello então viver!
Contemplar tanta grandeza,
E de Deus um tal poder!
Esse Deus que só podia
Crear a noite e o dia,
Do nada o mundo formar!
Esse Deus que se revela,
Na bonança e na procella,
No soffrer e no gosar!...

Amo a noite, porque sinto
Bem suave inspiração,
Ao ver a formosa lua
Com seu pallido clarão!
Ao ver as puras estrellas,
Tão brilhantes e tão bellas,
Matizando um ceo d'anil!
Sentindo a fagueira brisa,
Que mansamente deslisa
Nas lindas noites d'Abril!...

N'essas noites encantadas,
Que eu amo com tanto ardor;
N'essas noites que nos fallam
Constantemente d'amor;
Os olhos então eu fito
Lá n'esse espaço infinito,
Que nos separa dos ceos;
E admiro em tal grandeza,
Immensidade e riqueza,
A existencia de Deus!!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Os reis de Tunkin, que se chamam *Dovas* ou *Vuas*, tiveram, desde o estabelecimento do seu throno, grande poder. A nova dynastia dos Lé governou pacificamente pelo espaço de sessenta e sete annos; mas reinando o decimo rei d'esta casa, um nobre, chamado Mac, rebellou-se, assenhoreando-se do poder. Outro senhor tunkinez, Nquien-Phuoé, fiel a seus monarchas, derribou o usurpador e restabeleceu a familia dos Lé. Em recompensa d'este serviço, obteve para si e para os seus descendentes a dignidade de *Chuavua*, que lhe conferia o governo do estado debaixo das ordens do Dova. A creação d'um segundo poder hereditario, de algum modo contraposto ao do rei, é um dos factos mais singulares que apresentam os annaes de Tunkin, e que não tem talvez analogo nos de nenhum outro paiz.

A familia dos Nquien-Phuoé não conservou por muito tempo esta dignidade, que devia á sua dedicação e lealdade. Um Chua-vua deu a filha em casamento a um de seus escudeiros favoritos, chamado Trinh ou Trinq; o qual, destro, sagaz e perfido, concebeu o projecto de succeder a seu sogro em prejuiso dos cunhados. Com effeito, por morte d'aquelle, conseguiu fazer-se nomear governador de Tunkin, e bem depressa depois, por vontade ou por força, obteve o titulo de Chuavua.

Doan-Jong, o mais velho dos Nquien, esbulhado por Trinh, viu-se obrigado a fugir para a Cochinchina, onde, tendo reunido alguns partidarios, tentou submetter os Mac, os antigos usurpadores, que, expulsos de Tunkin, se haviam retirado para as montanhas da Cochinchina, conservando sempre algumas esperanças. Nquien, vencendo-os, expulsou-os da Cochinchina, e fez-se senhor de todo o paiz, que só governou sob o nome e autoridade do rei Lé. Desde então começou uma guerra civil, certamente sem exemplo nos fastos da historia. Viu-se dois vice-reis, reconhecendo ambos, ao menos apparentemente, a autoridade do mesmo soberano, combaterem-se cada qual á frente das tropas do paiz que governava. Esta rivalidade dos Trinh de Tunkin, e dos Nquien da Cochinchina, suspensa de tempos a tempos por tregoas e tratados, durou quasi dois seculos. Em um intervallo d'estas guerras, 1553, é que os direitos dos Nquien sobre a Cochinchina foram reconhecidos, sendo este estado erecto em monarchia, com o onus da homenagem, e tributos pagos ao rei de Tukin. Os Nquien, investidos na realeza, prestaram sempre a homenagem e pagaram o tributo, excepto em tempos de guerra, para que então este não fosse entregue aos Trinh, e lhes servisse para sustentar os exercitos que enviavam contra a Cochinchina.

Depois do estabelecimento d'um Chua hereditario em Tunkin, os reis d'este paiz, Dovas, não tiveram senão um poder illusorio. Era tal a nullidade do Dova, que não podia mesmo escolher entre os seus filhos o que queria por successor. Esta escolha era attribuição dos Chuas, que não deixavam de preferir o principe cuja incapacidade offerecia maiores garantias ao seu poder usurpado.

Em quanto Tunkin gemia sob o jugo tyrannico dos Trinh, que em vão repetidas vezes tentara sacudir, a Conchinchina, governada pelos Nquien, que quasi todos foram esclarecidos e virtuosos, começava a gosar os beneficios da civilisação, e tornava-se rival da potencia de que era tributaria. O mais celebre d'estes principes foi Hien-Nquien-Vuong, que reinou quarenta annos. A elle deveu a Cochinchina os maiores progressos, e a conquista d'uma parte do Tsiampa, e das provincias septentrionaes de Camboja.

Finalmente, chegou o momento em que Tunkin se viu livre da mão de ferro dos Trinh. Tendo um d'estes Chuas sido assassinado e morrendo sem filhos, muitos dos seus parentes pretenderam essa dignidade, e se pozeram á frente de partidos oppostos, que mais d'uma vez vieram ás mãos no espaço de oito annos. Com o favor d'estas discordias, o rei combateu os partidos divididos, e destruiu-os; a dignidade de Chua deixou de ser hereditaria, e a promoção a este cargo elevado dependeu d'ahi em diante da escolha do soberano.

A Cochinchina foi victima de acontecimentos ainda mais tragicos, e de maiores calamidades. Vo-Nquien-Vuong, que subira ao throno em 1732, infiel á antiga virtude de seus antepassados, tinha alienado o amor dos subditos, conferindo por testamento o imperio ao filho d'uma das suas concubinas, chamado Anh-Vuong, em prejuiso de seus filhos legitimos. Este transtorno na ordem da successão á corôa excitou descontentamento e indignação universaes; mas as medidas estavam tão bem tomadas que a resistencia foi impossivel, e a submissão inevitavel. Fraco, incapaz, devasso, abandonando o cuidado do imperio a um ministro que já se tornara odioso no tempo do governo de seu pae, Anh-Vuong opprimiu o povo e tornou aborrecido o seu reinado. Muitas insurreições foram então reprimidas; mas finalmente em 1774 rebentou a revolução, que, por uma guerra de vinte oito annos e uma incrivel alternativa

de acontecimentos, levou o paiz ao estado actual.

Os sublevados chamaram em seu auxilio os tunkinezes e lhes facilitaram a entrada no seu territorio. O general tunkinez, tão politico como guerreiro, advertiu o rei de que não tinha entrado nos seus estados para lhe fazer guerra, mas para livrar os seus subditos da oppressão do primeiro ministro; que se elle queria entregar-lh'o, retirar-se-hia immediatamente. Similhante aos carneiros da fabula, que julgam salvar-se dos lobos entregando-lhes os cães seus fieis defensores, o principe entregou o seu ministro ás mãos do inimigo. Quando o general tunkinez o teve em seu poder, marchou contra Anh-Vuong, que, privado de conselhos, e incapaz de defender-se, procurou a salvação na fuga. Retirou-se para a baixa Cochinchina com tanta precipitação, que não pôde levar os seus thesouros, sendo estes presa do vencedor.

(Continua.)



EGREJA DE GAMSTON.

O templo parochial de Gamston, em Inglaterra, é situado a tres milhas quasi de Retford, nas margens do rio Idle, e á borda do que foi antigamente bosque de Sherwood. Este edificio, notavel assim pelas recordações historicas, como pela architectura, foi agora reparado e melhorado, e restabelecido o portico do norte, que se achava em ruina.

É dedicado a S. Pedro. O corpo principal é de uma só nave, tendo outra ao sul, e a torre ao poente; as pilastras e os quatro arcos, que dividem o lado do sul da outra nave, mostram ser construcção do fim do seculo XIII, e são de bom desenho, sobretudo de um gosto particular e notavel os capiteis das pilastras. Os tectos, as frestas ou janellas, e toda a restante obra datam do seculo XVI. A torre, digna de menção por sua bella structura, é n'um estylo gothico primitivo, denominado perpendicular.

Foi originariamente mosteiro e priorado com seus conegos regulares, que viviam em communidade, e eram senhores do territorio circumvisinho: o actual proprietario é o duque de Newcastle, que concorreu com dois terços da despeza total de duas mil e trinta e cinco libras esterlinas na actual restauração da egreja, a qual se abriu novamente ao culto em 20 de Dezembro do anno proximo passado. M.

BYRON!

A apparição de lord Byron na litteratura europea, foi um d'estes grandes acontecimentos, cuja influencia se estende a todos os povos, e a todas as gerações; não que lord Byron creasse, como querem alguns criticos, um novo genero de poesia, pois não é dado ao homem ser creador de coisa alguma; mas porque ha sido o mais poderoso e inspirado interprete de todos os sentimentos, de todas as paixões, de todos os delirios emfim, que marcam a tempestuosa crise entre os ensaios de uma sociedade nascente, e as convulsões de uma sociedade que baqueia. By-

ron não inventou essa poesia, que estava na ordem das coisas; o que fez foi revelal-a.

Esta opinião de Charles Nodier ácerca do illustre poeta de que vamos occupar-nos, caracterisando devidamente o bardo inglez, justifica ao mesmo tempo o nosso desejo de apresentar aos leitores do Panorama, não um trabalho completo sobre a vida e escriptos de Byron, mas um esbocêto biographico e uma ligeira analyse das obras do grande poeta.

Genio excepcional, como Hoffmann, o autor de *D. Juan* e *Childe-Harold* tem feito desesperar milhares de imitadores, de todas as nações da Europa. N'este facto está o seu maior elogio.

Lord Byron nasceu em Londres, a 22 de Janeiro de 1788, e posto que pertencesse a uma familia quasi de estirpe real, a sua velha nobreza não o salvaria da obscuridade, se o talento o não immortalisasse.

Um funesto accidente o tornou côxo, apenas enxergava pela primeira vez a luz do dia.

Esta desgraça affectou-o dolorosamente toda a sua vida, a ponto de dizer uma mulher espirituosa, que lord Byron daria de bom grado metade da sua gloria, para ter os pés tão formosos como as mãos!

Moore conta que, sendo Byron ainda creança, e ouvindo exclamar uma pobre mulher, que o contemplava: «Bonita creança! Que pena ser estropeada!» pegara de um chicote e lhe batera, bradando colericamente: «Não falles em tal!»

Sua mãe tratava-o sempre por *coxinho;* os condiscipulos da escola chasqueavam-no por causa d'aquella deformidade: e é talvez por isso que lord Byron mostrou desde creança um genio concentrado e *spleenatico*.

O grande poeta começou o seu tirocinio litterario na escola de Aberdeen, aos cinco annos de edade; depois esteve na escola de Harrow, mas em nenhuma d'ellas fez grandes progressos no estudo; distinguia-se mais pelos exercicios gymnasticos.

Em 1796 fez uma viagem á alta Escocia (Highlands) e desde então mostrou grande sympathia pelas perspectivas da natureza alpestre. D'ahi data tambem uma paixão precoce, que inspirou ao poeta, durante toda a sua vida, a maior e melhor parte dos seus versos. Diz-se que o Dante se apaixonara por Beatriz, quando apenas contava nove annos de edade; porém Byron adiantou-se ao vate florentino, começou a requestar Maria Duff, sendo um menino de oito annos!

Em 1798 falleceu seu pae, na abbadia de Newstead, e o nosso poeta partiu de Aberdeen para tomar conta d'aquella habitação senhorial, que lhe cabia por herança, pobre herança, na verdade! Desde então começou a estudar com mais assiduidade, pelo menos a litteratura e a historia, e conseguiu que a cirurgia lhe minorasse a deformidade do pé, a ponto de poder calçar botins ordinarios, o que lhe causou a mais vehemente alegria.

Em 1801 acompanhou sua mãe a Cheltenham. O aspecto das montanhas de Malvern, diz Amédée Pichot, renovou-lhe a lembrança das suas primeiras impressões. Ao descair da tarde, o futuro poeta da *Parisina* e de *Zulieka* experimentava sensações estranhas, sonhava acordado pelos desvios da serra.

Uma casualidade veiu ainda, durante o curso d'esta viagem, alimentar a paixão de Byron pelo maravilhoso, paixão que elle nutria desde o berço, talvez devida ao caracter escocez de sua mãe, e que o poeta conservou até á morte. Mistress Byron foi um dia consultar uma cigana, annunciando-se como solteira; porém a bohemia respondeu-lhe que ella era casada, e que tinha um filho côxo, que estaria em perigo de ser envenenado antes de pouco tempo, e que se casaria duas vezes, sendo a segunda com uma estrangeira. Esta prophecia, que se não verificou completamente, influiu comtudo no cerebro de lord Byron.

Desde a escola mostrou o illustre poeta uma grande aptidão para orador e improvisador, e se a tribuna politica não registrou discursos eloquentes, pronunciados por elle na camara dos lords, é porque a sua vida errante o afastou sempre para longe da Inglaterra. Sir Robert Peel, seu companheiro de collegio, e mais tarde um famoso homem de estado e orador distincto, não excedia a Byron na viveza e facilidade da declamação.

Apenas entrado na edade dos doze annos, já lord Byron sentia uma segunda paixão amorosa; esta nova emoção ia fazer brilhar de toda a sua luz a centelha poetica, que o amor de Maria Duff havia despertado no coração juvenil de Byron. Sua prima, miss Parker, gentil menina de olhos negros e perfil grego, foi o objecto d'esta nova affeição do poeta, que pouco durou, porque a infeliz morreu desastradamente, dois annos depois.

Em 1803 apoderava-se d'elle um novo amor, mais serio do que os dois primeiros; uma d'estas paixões que lançam raizes fundas n'um coração de poeta. Miss Maria Chaworth, filha de um homem que o velho lord Byron matara em duello, foi a nova Laura d'este variavel Petrarcha; porém a bella desprezou a affeição do cantor de *Haydee*, e chegou mesmo a dizer, de maneira que elle ouvisse: Quem acredita que eu pense, um momento sequer, n'esse pobre côxo!?

Byron fugiu d'aquella mulher, que lhe não era possivel, todavia, deixar de adorar; e um anno depois, despedindo-se d'ella, na occasião de emprehender uma viagem, balbuciou estas palavras:

— Quando voltar, estareis, sem duvida, casada?

— Assim o espero, respondeu friamente a *coquette*.

Passado um anno tinha casado.

Miss Chaworth, tornada mistress Musters, foi tão infeliz no consorcio como, mais tarde, o proprio lord Byron.

O nosso grande poeta entrou então no collegio de Cambridge, mas sem augmentar de assiduidade ás disciplinas escolares. Tratava, com mais

fervor, de aprender a nadar, e o seu divertimento favorito era fazer manobrar um urso.

O excentrico bretão começou desde a mais tenra edade a viver em guerra aberta com o genero humano, e aos dezoito annos já vivia tambem mal com sua mãe; occupava-se por esse tempo, quasi exclusivamente, de atirar á pistola, nadar, adestrar cães para a caça, e representar em theatros particulares. Quasi ninguem o suppunha poeta, quando appareceram os seus primeiros versos, colleccionados sob o titulo de *Horas vagas*, em Newark. Este livro foi bem recebido do publico, mas violentamente atacado pela *Revista de Edimburgo*, em um artigo de M Brougham, que lord Byron tornou celebre pela famosa satyra com que lhe respondeu, obra assaz conhecida, e que tem por titulo: *Os poetas inglezes e os criticos escocezes*. Dizem os seus biographos que o illustre poeta bebera tres garrafas de vinho de Borgonha em quanto compoz os primeiros vinte versos d'esta satyra!

Byron achava-se n'uma situação singular. A aristocracia, a cujo gremio elle pertencia, despresava-o, e as dividas que tinha contrahido obrigavam-no a supportar quasi a miseria, por falta de recursos. Entre fidalgo e aventureiro, mais inclinado comtudo á carreira de par do reino do que á poesia, viu-se todavia forçado, por assim dizer, a abraçar a gloria litteraria.

Uma mulher decidiu do seu destino, como succede a quasi todos os homens. Uma amante, que o acompanhou a Brighton, vestida de homem, foi a origem de todas as historias escandalosas que se contaram a seu respeito, e que o resolveram a abandonar a patria, que o não apreciava.

Tencionava dirigir-se á Persia, porém antes quiz ir a Londres tomar assento na camara dos lords. A 9 de Março de 1809 entrou no parlamento, mas sem que um só dos membros da camara o acompanhasse, diz com indignação mr. Dallas. A sua intenção de deixar a Inglaterra creou desde então, se é possivel, ainda mais fundas raizes.

Pouco depois voltou á sua velha e solitaria habitação de Newstead, e ahi, segundo as suas proprias expressões, «destrahia-se em folguedos desregrados, n'uma alegria impia; apreciando só a companhia das prostitutas, e dos homens devassos e grandes bebedores, fosse qual fosse a classe da sociedade a que pertencessem.»

Em Junho, finalmente, deixou lord Byron o sólo da patria, e é d'essa *hegira* que data a sua gloria, como tem succedido a outros grandes homens. Lisboa foi o ponto do mundo que o illustre poeta escolheu para começar a sua longa excursão, mas não se deu muito bem com os ares da nossa terra, onde um boleeiro o zurziu com o pau do descanso da sege, como faria a qualquer estupido, por causa da sua insolencia de grão-senhor.

As viagens de Byron constituem uma epoca interessante da sua vida. O seu caracter, incomprehensivel para o vulgo, nada tinha de attrahente, todavia encontrou em varios pontos almas que o comprehenderam. Uma das suas idéas fixas era arranjar uma taça do craneo de algum frade! Mau sestro para viajar então na Peninsula.

No seguinte capitulo daremos noticia d'esta poetica Odissea de Byron, atravez de Portugal, do meio dia da Hespanha, Malta, Sardenha, Sicilia, a Albania, a Illyria, a Moréa, Thebas, Athenas, Delphos, o Parnaso, e Constantinopola.

(Continúa.) F. M. BORDALO.

O SACRIFICIO INTERROMPIDO.

Em o pagode que se encontra a uma milha de Serampor ha um idolo, ao qual passeiam em um carro uma vez cada anno. Mr. de Lanoye conta a este respeito o seguinte caso:

«Esta festa reune sempre immensa concorrencia de fanaticos, e muitos d'elles procuram uma morte religiosa debaixo das rodas do carro do idolo. Ha alguns annos, um *gentleman*, secretario particular do governador geral da companhia das Indias, passando a cavallo pelo mesmo sitio no momento da ceremonia, viu um d'elles deitado na estrada por onde o carro ia passando, e já as rodas quasi lhe tocavam, de que se seguiria infallivelmente ficar pisado. Mettendo o cavallo a galope, o inglez precipitou-se sobre o martyr ás chicotadas. O desgraçado levantou-se immediatamente e fugiu a bom fugir, clamando pela morte.

Inteiramente preparado para uma morte horrorosa, não o estava comtudo para as chicotadas!

QUE FIM LEVARAM OS BIGODES DE D. JOÃO DE CASTRO?

A historia transmittiu-nos este feito honrado do nobre vice-rei da India, este solemne testemunho do valor da palavra de um fidalgo portuguez. O penhor que pareceria, a quem fosse menos presador da honra, coisa de nenhuma estima, encontrou homens honrados que souberam avalial-o acima das mais excellentes joias. A confiança não foi trahida—nem podia sêl-o—por quem nos empenhos do patriotismo dava tão subidas provas de honra; e salva a possessão, que era uma joia da corôa portugueza, foi resgatada a palavra com o desempenho do penhor, que passou a conservar-se no thesouro da familia dos Castros, como veneranda reliquia da lealdade e da honra.

Folheando alguns manuscriptos da Bibliotheca Publica de Lisboa, encontrámos entre varios papeis o testamento original de D. Marianna de Noronha e Castro, viuva de D. Alvaro de Portugal, e que falleceu no anno de 1681. Achámos n'elle a seguinte verba, a respeito das barbas de D. João de Castro, e que nos pareceu bastante curiosa, e digna de publicidade:

«Quero mais e ordeno que os bigodes de meu «tresavô D. João de Castro, vice-rei da India os «tenham sempre para eterna memoria os ditos re-

« ligiosos theatinos da Divina Providencia, em lo-« gar decente da sua sacristia, com o mesmo or-« nato de prata e caixa com que lh'os deixo sem « o poderem mudar, nem desfazer-se delle, e a el-« les deixo o livro da familia dos Castros com o « mesmo encargo de se não desfazerem delle. »

O testamento teve seu cumprimento como examinámos em varias notas que acompanham outros papeis da referida D. Marianna de Castro; e portanto os padres theatinos, que no mesmo testamento não eram os menos favorecidos, collocaram as barbas em logar decente na sachristia, como se lhes ordenava. Conservaram-se ali muito tempo? Existiriam ainda quando em 1833 teve logar a extincção das ordens religiosas? Onde existirão hoje?

Não podemos satisfazer por ora a estas interrogações. **

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXVII

De como Manuel da Silva ordenou tormentos de fogo para dar tratos.

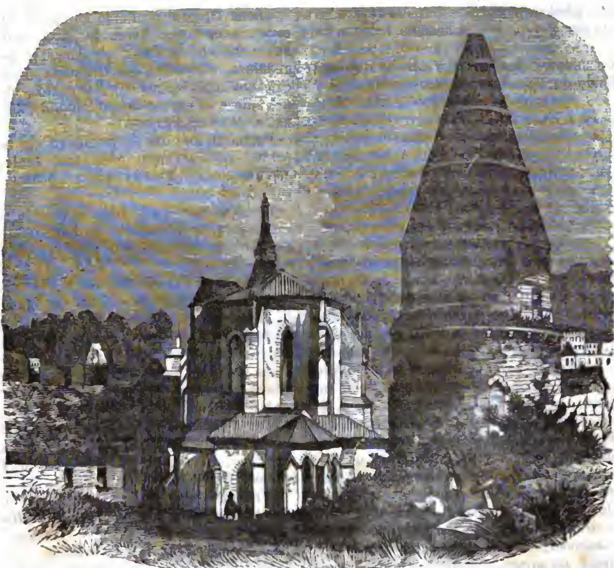
Ordenou Manuel da Silva, por traça de um francez, uma invenção de tormentos, que taes eram elles que tudo quanto elle quizesse que lhe descobrissem, sem ser assim o diziam. Mandava pizar carvão, e faziam-no em pó que parecia farinha coada, e o botavam em azeite de oliva, e faziam polme, e mandava fazer lume com boa lenha na cerca dos paços, e mandava descalçar os homens, e com os pés mettidos em um tronco direitos ao lume, com umas servilhas calçadas, e o polme alli posto, e com as mãos tomavam o polme e untavam por fora as servilhas, e pés, e os punham ao lume, como quem os assava; de maneira que se estavam vivos fregindo; e o ditto Manuel da Silva a passear e a perguntar; e os pobres a gritar. O primeiro que assim foi atormentado foi o pobre Melchior Affonso, o qual descobriu tudo o que tinha ditto e o mais que sabia. Tiraram-o encurtado, com os pés assados e fritos, que não ficaram mais homens, por que por alli lhe derretiam todos os tutanos do corpo. Como lhe confessou tudo o mandou retirar, e o mandou recolher para um aposento dos paços, e tudo mandou escrever por tabeliães, e escrivães que alli estavam, e eu que vi tudo. Ao outro dia o mandou metter na cadea, e isto era já no anno de 1583, e lhe mandou sequestrar todos seus bens, fazendo inventario, e lhe mandou que em breve tempo arrazoasse a final de sua defeza. Cuido que não arrazoou. Foi sentenciado que fosse arrastado pelas ruas publicas da Cidade, e enforcado, e esquartejado, e a cabeça posta e pregada no relogio da praça, na torre delle, e os quartos postos pelas entradas da cidade, e seus bens perdidos para a coroa, por traidor e cabeça de bando contra seu rei natural. E dada a sentença lhe foi publicada, e logo foram padres confessal-o e isto foi a um Sabbado pela manhan, e os padres estiveram com elle té a vespora, e á vespora o foram tirar do carcere com a bandeira, e um Crucifixo, e irmãos da casa da Santa Mizericordia, e ao rabo de um cavallo o levaram em um couro pelas ruas da cidade, e elle muito animado, e lhe lembraram algumas cousas pelo caminho de obrigação que tinha a outras pessoas, e se assentava no couro, e com sua mão escrevia tudo. E assim foi té a forca, que foi posta ao longo do mar, na ponta do caes, e alli enforcaram o desgraçado do Melchior Affonso, morrendo muito animado, pedindo perdão a todo o povo se lhe tinha dado escandalo no caso que tinha ordenado. E alli o esquartejou o algoz, e no mesmo cavallo foram postos os quartos, e os levou aos logares em que costumavam pôr-se, e a cabeça á praça pregada em um pau que estava atravessado em cima no relogio, ou na torre delle, aonde esteve té que se entrou a ilha, que foi em 26 do mez de julho do ditto anno de 1583.

LXVIII

De como foi muita gente pedir a Manuel da Silva mandasse tirar a cabeça de Melchior Affonso, e do que elle respondia.

Este homem era casado segunda vez com uma Izabel de Nabais, que ainda é viva té esta era de 1611, e havia pouco tempo que era com elle casada, e tinha dois meninos della, e da primeira mulher tinha outra filha, e um filho ausente. Depois de estarem alguns tempos os quartos postos pelas portas da cidade, com licença do ditto Manuel da Silva foram enterrados. Era elle natural da cidade, e tinha parentes; e a mulher de honrados parentes, e parte delles muito do serviço do Snr. D. Antonio. Metteram rogadores ao ditto Manuel da Silva, se lhe queria dar licença para tirarem d'alli a cabeça, que os mesmos moradores da cidade tinham compaixão de a verem alli; e destes rogadores iam os mais dos dias muitos sem se poder acabar com elle o tal. Continuou-se por espaço de tempo com os dittos rogos, era por demais: foram um dia muitas pessoas junctas para ver se o podiam abrandar d'aquella teima, onde foram alguns religiosos, por amor dos quaes o ditto Manuel da Silva tinha concedido algumas cousas. Deliberou-se o ditto Manuel da Silva com isto, porque lhe não fallassem mais, e dice: *Para que é já porfiar nisso? Se eu houvera de dar tal licença para se tirar a cabeça desse homem, já a houvera dar: mas porque me não porfiem, affirmo, que quando virem tirar d'alli a cabeça de Melchior Affonso, que se hade pôr a minha; e com isto vão todos desenganados, e não cancem mais.* Este ditto de Manuel da Silva se cumpriu á risca, e assim foi, porque a de Melchior Affonso se tirou, e se poz a do dito Manuel da Silva, como ao diante se contará em seu logar.

(Continua.)



SARLAT — LANTERNA DOS MORTOS.

No departamento de Dordogne, está Sarlat, cidade pequena e cabeça de uma comarca que por muitos é chamada o Perigord negro, formando parte do departamento o antigo Perigord. É situada n'um valle sombrio e fundo, rodeado de montanhas cobertas de castanheiros; deve a sua fundação a uma antiga abbadia de benedictinos que o papa João XXII erigiu em bispado, hoje transferido para Perigueux, capital de toda a provincia. Talvez que esta circumstancia de ser sé episcopal fosse a causa de não a abandonarem os seus antigos habitantes, visto ser exposta a frequentes inundações e estar muito distante das estradas reaes e outras mais importantes vias de communicação. Actualmente o commercio que n'ella se faz, e achar-se elevada a cabeça de cantão, conservam-lhe ainda sufficiente actividade. É triste, e as ruas tortuosas são todavia guarnecidas, pela maior parte, de elegantes casas do estylo, e sobretudo do tempo da chamada renascença; sendo as mais agradaveis as que pertencem á epoca dos reis Francisco I e Henrique II.

O templo principal de Sarlat, posto que vasto, pouco tem de notavel, algumas estatuas mutiladas por cima da portada e um cruzeiro do seculo XIV, mui despido de ornato, eis unicamente o que pode entreter por minutos a attenção. Porém, no cemiterio acha-se um monumento digno de ser conservado e examinado: é uma capella sepulchral, coroada pela cupula ou remate, a que ali deram o nome de *lanterna dos mortos*. Os edificios d'este genero são rarissimos; os fachos ou pharoes construidos nos seculos XII e XIII nos cemiterios consistiam de ordinario n'uma simples columna quadrangular, no sócco da qual se formava um altar de pedra. As capellas sepulchraes com fachos foram quasi todas destruidas; a do antigo cemiterio das religiosas de Fontevrault, que ainda ali se vê no passeio publico, é quadrada, flanqueada de escarpas, e na cobertura do alto, que é de cantaria, surge uma columna ôca de duas braças de elevação, rematada por uma lanterna octogona. A capella de Sarlat é inteiramente redonda; o pavimento terreo, do estylo byzantino, era alumiado por uma porta ogival e tres janellas da mesma forma, hoje tapadas, porque serve de paiol da polvora; havia dentro um altar e a abobada era em forma de cupula; o primeiro andar recebia luz de

quatro aberturas de figura curva, e na parte superior ou andar ultimo, e que termina em forma conica, passava por alguns buracos quadrados a luz do fogacho que ali se acendia todas as noites.

O seminario de Sarlat é o edificio que se vê no fundo do desenho e do lado direito.

M.

BYRON!

Continuação.

II

Em Julho de 1809, contando apenas vinte e um annos de edade, partiu Byron de Inglaterra, como dissemos. dirigindo-se a Lisboa, em companhia de mr. Hobhouse. Da nossa cidade escrevia elle a mr. Hodgson (provavelmente antes da desavença com o boleeiro) estas palavras, assaz lisonjeiras para nós: — « Sou felicissimo aqui. Como laranjas; fallo pessimo latim com os frades, que elles comprehendem como se fosse o seu; vou ás reuniões com pistolas na algibeira; atravesso o Tejo a nado (duvido, e creio que os leitores tambem!) e galopo sobre um burro ou sobre uma mula; praguejo em portuguez; e além de tudo isto tenho diarrhéa, e sou devorado pelos mosquitos Mas que importa? Quem corre atraz do prazer, precisa não attender muito á commodidade.»

Depois, no primeiro canto do *Childe-Harold*, ainda fallou assim do nosso paiz:

Ó Christo, como é bello contemplar-se
Quanto por essa terra de delicias
O ceo fizera! Que fragrantes fructos
De rubicunda côr as arvores pejam!
Sobre as collinas que formosas scenas! (*)

Mas logo, mais abaixo, accrescenta (e traduziremos em humilde prosa os excellentes versos do autor) estas expressões pouco lisonjeiras para o nosso amor proprio:

«Pobre povo de escravos, nascido em tão formoso clima! Ó natureza, para que prodigalisaste os teus dons a similhantes homens?»

Depois, quando passou á Hespanha, ainda nos mimoseia com esta delicada comparação:

« O mais pobre aldeão hespanhol, tão orgulhoso como o primeiro dos seus duques, conhece bem a distancia que o separa do escravo portuguez, o ultimo dos escravos!»

Isto ainda eram reminiscencias do *pau do descanso* do seu amigo boleeiro.

Deixemos porém de parte esta mesquinha vingança exercida sobre todo um povo, por causa de uma questão *ad hominem*, e tratemos do grande poeta, com a veneração devida ao seu alto talento.

«Bella Hespanha! Reino glorioso e romantico!...» exclamou Byron ao passar o Guadiana; e chegando a Cadiz, apaixonou-se por uma andaluza, d'aquellas que elle pinta enthusiasticamente «com longos cabellos negros, olhar penetrante e ao mesmo tempo languido, tez morena, e ademan gracioso.»

Porém Byron não se demorava em nenhum ponto; apenas Veneza pôde, mais tarde, reter por dois annos nos seus canaes e pontes o voluvel poeta.

Pouco tempo depois, tinha esquecido a gentil hespanhola, e nos braços de uma interessante compatriota, passava dias alegres sob o bello sol de Malta.

Saltando de ilha em ilha, ora açoitado pelo *siróco*, ora contemplando a calma das vagas azues do Mediterraneo, descansava um momento na Sardenha para colher a herva milagrosa que produz o *risus sardonicus*, e comer das suas deliciosas laranjas, que Byron tanto apreciava; depois ia extasiar-se na presença do Etna, e recordar a terrivel scena das *Vesperas* na propria Sicilia. Mais tarde recordava-se da mythologia, visitando o archipelago, sulcando as aguas do mar Egeo, cruzando o Peloponeso, e entrava na fabulosa Grecia.

«Vetusta cidade, augusta Athenas!» exclama o poeta (no segundo canto do *Childe-Harold*). «Aonde estão os teus grandes cidadãos, essas almas heroicas?... Já não existem... e só nos apparecem entre os sonhos do passado!»

As ruinas d'aquella poetica Grecia, os primores d'arte de seus monumentos derrocados, o aspecto do porto Pireo, a perspectiva do monte Parnaso, tudo que ha de sublime nas recordações d'esse paiz da sabedoria e da arte, arrancava do coração de Byron brados de fundo sentimento pelo estado da Grecia de então:

«Ó Grecia! Como será frio o coração do homem que ousar contemplar-te, e não sentir a dôr de um amante sobre as cinzas d'aquella que adorou!»

No sublime poema *Childe-Harold*, manifesta o poeta as diversas impressões que o assaltaram ao avistar Ithaca, «onde a triste Penelope suspirava contemplando o mar;» depois o cabo Leucade, e o seu promontorio «que foi refugio de amantes sem esperança, e tumulo da musa de Lesbos;» mais adiante as collinas selvagens da Albania, e o Pindo meio velado pelas nuvens; em seguida o golpho de Ambracia «onde o imperio do mundo foi perdido por uma mulher.»

Byron penetra até aos valles da Illyria, visita Ali-pachá, e depois de mais algumas excursões no interior da Grecia, embarca para Constantinopola.

«Que cidade do mundo offerece maior numero de divertimentos do que tu, Stambul!» exclama o poeta nos preciosos versos da *Peregri-*

(*) Estes versos são traduzidos pelo doutor Francisco José Pinheiro Guimarães.

nação do joven *Harold*; e em outro logar falla assim da antiga capital do imperio grego: «Vi as ruinas de Athenas, d'Epheso, e de Delphos; percorri uma grande parte da Turquia, e muitos outros logares da Europa e da Asia; mas em parte alguma encontrei uma obra da natureza ou da arte que me impressionasse tanto como Constantinopola.»

Tambem tinha visitado Thebas (a da Livadia, não a do Egypto), vira correr a Castalia, transitara pela Beocia, passara pela Arcadia, porém nenhuma perspectiva parece havel-o encantado tanto, como a que se gosa das ruinas de Phyle, que o poeta antepõe mesmo á magnifica vista de Cintra, e até á de Constantinopola.

A escassez de meios pecuniarios apressou o regresso de lord Byron a Inglaterra; mas então já não era o homem desconhecido do vulgo e da côrte, apesar de ser par do reino; era o poeta festejado no seu paiz.

Sua mãe morreu, pouco depois de elle chegar á patria, sem prever a immensa gloria que ia ligar-se ao nome do seu unico filho.

Byron publicou pouco depois d'esse triste acontecimento as *Imitações de Horacio*, satyra do mesmo genero que os *Poetas inglezes e os criticos escocezes;* e em seguida os dois primeiros cantos de *Childe-Harold*, que desde logo adquiriram uma grande aura, e deram uma bem merecida celebridade ao seu autor. Este poema-romance de uma originalidade inimitavel, por isso mesmo que se apartava de todas as regras sanccionadas pelas escolas, que despresava todos os modelos, foi recebido com o maior enthusiasmo pelo verdadeiro talento.

D'ahi a pouco era reputado o nosso poeta como uma das maiores illustrações litterarias da sua epoca, o que junto á sua bella presença lhe attrahia a affeição das mulheres e o odio dos invejosos. O seu espirito perdeu tambem por este tempo o caracter severo, orgulhoso, e até silvestre que se revela, em parte, nos seus primeiros escriptos, e dedicando-se a galantear o bello sexo, foi heroe de muitas anecdotas amorosas, e conquistador de algumas beldades. N'este numero entra a, não formosa, mas seductora, lady Carolina Lamb, para quem lord Byron foi o primeiro amante... porém não o ultimo.

Vivendo ora em Londres, ora na sua abbadia de Newstead, ora em Cheltenham, recordava-se a miudo do formoso sol da Peninsula e do Oriente, e acabou por se enfastiar da Inglaterra, e do *far niente* em que vivia. Quiz voltar de novo a viajar, porém as suas finanças estavam em pessimo estado. Por fim, saciado de gosos, com a saude deteriorada pelos abusos de uma vida desregrada, lembrou-se de casar, e a sua escolha recaiu em lady Elisabeth Forbes, porém esta dama rejeitou a sua mão.

Lady Melbourne, amiga e confidente de Byron, encarregou-se então de lhe arranjar o casamento com outra dama da sua escolha, porém ainda esta combinação falhou.

Em conclusão, no dia 2 de Janeiro de 1815 desposou miss Milbanke, e pelo teor das suas cartas a varios amigos, parece ter achado muito agradavel o seu novo estado ainda depois da lua de mel.

Por esse tempo travou elle conhecimento com o celebre Walter Scott, e as suas relações de amisade nunca soffreram interrupção.

Não succedeu o mesmo com sua mulher que lhe fugiu, suppondo-o doido, dizem alguns dos seus biographos!

A 25 de Abril de 1816 deixou lord Byron pela segunda e ultima vez o solo da patria, em companhia do seu medico, o doutor Polidori, de William Fletcher, Robert Rushton, e de um criado suisso.

Já então havia publicado, além das satyras e dos dois cantos de *Childe-Harold*, uma novella turca, intitulada *Giaour* (Infiel ou Christão, em lingua turca). *A Desposada de Abydos*, outra recordação do Oriente. *A Walsa*, pequena mas engraçada peça de poesia. O magnifico poema *O Corsario*, sublime quadro maritimo, que tem tido mil imitadores, quasi todos infelicissimos. *Lara*, outro poema de grande valia, que é considerado como continuação do *Corsario*. Ainda outro poema oriental, *O assedio de Corintho;* a *Parisina*, canto elegiaco de uma tragedia domestica, e o *Prisioneiro de Chillon*, funebre narração de um horrivel captiveiro. Estes dois ultimos poemetos acham-se traduzidos em excellentes versos portuguezes.

Todas estas obras obtiveram grande acceitação em Inglaterra e na Europa culta. Algumas d'ellas haviam sido escriptas, como o proprio autor diz, em trajo de baile, outras sob o peso de graves inquietações domesticas.

Deixando para sempre a patria, que honrara com o seu talento, o illustre poeta recordava com tristeza o que soffrera no seu paiz natal, aonde só a dignidade de par o salvara de gemer n'uma prisão... Fatal destino do genio. Em guerra com o mundo, e até com sua propria mulher, endividado, calumniado, perseguido, o nobre viajante confiou ao mar a sua sorte, e foi procurar a consolação em longinquas praias.

Acompanhal-o-hemos ainda n'esta nova peregrinação, até ao seu termo... o termo de todas as viagens!

Continua. F. M. Bordalo.

As paixões naturaes contidas nos limites, que prescreve a razão e a moral, são uteis; e podem ser virtudes: quando os ultrapassam, são vicios; e podem chegar a ser crimes.

A grandeza e poderio dos tyrannos não é de invejar: os perigos e os remorsos os pungem; o veneno, ou o punhal lhes encurta a vida: tal foi a sorte da maior parte dos Cesares de Roma.



VASO ESMALTADO DE JOIAS.

Na exposição franceza de 1855, entre outros productos das artes britanicas, figuraram pela primeira vez uns vasos que imitavam com bastante artificio o esmalte com pedras preciosas, sendo os materiaes empregados vidro e o papel denominado *maché*; eram obra de Messr.^s Jennens e Bettridge, que obtiveram privilegio de invenção. Agradaram tanto ao principe Alberto, quando visitou aquella exposição industrial, que encommendou dois de similhante natureza, e pelo desenho que a estampa mostra; ambos, antes de serem levados para o real paço de Buckingham, estiveram patentes no estabelecimento dos fabricantes em Halking-street, Belgrave-square; os ornatos em relevo são de electro-doiradura; a côr do fundo principal é de uma esplendida purpura, realçada em partes por toques escuros acastanhados; os ornatos imitam varias pedras preciosas com suas naturaes côres brilhantes; a forma não é etrusca nem classica, mas tem uma bella apparencia e produz o melhor effeito.

M.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Entre as insurreições que rebentaram antes da invasão tunkinesa, houve uma que não pudera ser sopeada: tinha começado na cidade de Quin-Nong, sob a direcção de tres irmãos que compunham uma familia, chamada Tay-son (*montanhas occidentaes*), sobrenome que tinha por ser originaria d'esta parte da Cochinchina. O mais

velho, chamado Nhac ou Yin-Yac, era um rico negociante; o segundo, um bonzo conhecido pela sua santidade; o terceiro, por nome Long-Niang ou Long-Nhu-ong, era um official general, a quem a aptidão e o valor tornavam digno de secundar os projectos ambiciosos de seu irmão mais velho, emquanto taes projectos se não oppozessem á sua propria ambição.

Tanto que os tunkinezes entraram na Cochinchina, Nhac aproveitou o odio natural dos cochinchinezes contra esta nação para declarar que elle queria tomar a defensa do rei; mas accommetteu os recebedores dos seus rendimentos, sob pretexto de que estavam de intelligencia com o inimigo, e roubou-lhes as casas e os cofres publicos. Estes manejos e roubos foram levados tão longe, que não mais foi possivel o engano sobre as intenções de Nhac, e o rei da Cochinchina reuniu grandes forças para marchar simultaneamente contra elle e contra os tunkinezes. Nhac, pelo ardil ou pela força, bateu ou corrompeu este exercito.

Durante estas batalhas, o joven rei, todo entregue aos seus prazeres, satisfazia-se em dar as ordens sem lhe importar a sua execução, e deixava invadir e saquear o paiz. A nação indignada derribou-o d'um throno que elle envilecia, matou-o, e levantou em seu logar um neto do ultimo rei legitimo Vo-Nquien-Vuong. O novo rei julgou achar um apoio em Nhac esposando sua filha; mas tendo descoberto os perfidos designios de seu sogro, desembaraçou-se de suas mãos. Levantando então um pequeno exercito, marchou a castigar este rebelde; porém, vencido, viu-se reduzido a entregar-se-lhe. Ainda que tratado com respeito, desappareceu bem depressa com os seus principaes officiaes, sem que se soubesse nunca o que fôra feito d'elles.

O filho d'este principe reuniu um exercito, e marchou contra os Tay-son para salvar seu pae que julgava ainda vivo; mas Long-Niang apresentou-se a este exercito, portador d'uma falsa ordem do rei que tinha desapparecido; ordenou-lhe que depozesse as armas, e entregasse o filho que assim faltava ao respeito que devia ao pae, e á submissão devida ao rei. O exercito obedeceu: o desgraçado principe foi entregue e decapitado na praça de Sai-Gong. A princeza sua mulher, que a acompanhava, fugiu com o seu segundo filho, Ong-Nquien-Chung, ao qual estavam reservados grandes destinos.

Este joven principe esteve algum tempo occulto com sua mãe, e só conseguiu evadir-se com o soccorro d'um missionario francez d'Adran, que devia em pouco fazer um papel bem importante.

Nquien-Chung chegou a reunir um exercito, e entreteve algum tempo a campanha contra os Tay-son; mas, em 1781, foi obrigado a retirar-se e a procurar refugio em Pulo-Wai, pequena ilha deserta do golpho de Siam. Ainda ali foi descoberto, e esteve quasi a ser preso. Então resolveu-se ir pedir asylo ao rei de Siam, a quem soube tornar-se tão util pelos seus talentos militares, que este em reconhecimento lhe confiou um exercito para tentar a reconquista dos seus estados: esta tentativa porém mallogrou-se pela falta de valor e má conduta dos siamezes.

Os Tay-son, nada tendo a temer pela baixa Cochinchina, trataram de expulsar da alta os tunkinezes que d'ella se tinham apossado. Animados pelo exito, Long-Niang levou mais longe as suas vistas. Aproveitando o descontentamento que os Trinh tinham excitado em Tunkin, ahi entrou, e fazendo-se passar pelo legitimo rei da Cochinchina Nquien-Chung, esteve a ponto de se assenhorear do paiz; mas a fraude foi descoberta, e elle obrigado a sair do Tunkin.

Então os tres irmãos, definitivamente senhores da Cochinchina, cuidaram em divídil-a entre si. N'esse arranjo estabeleceu-se que a Nhac pertenceriam as duas divisões inferiores de Chang e de Donnai; que Long-Niang teria o Hué, que se estende até o Tunkin; e o ultimo irmão seria grão sacerdote de toda a Cochinchina. Por esta disposição, Nhac collocava sagazmente o irmão entre os seus estados e os de Tunkin que podiam causar-lhe algum desassocego.

Long-Niang tinha-se apenas estabelecido em Hué-fo, sua capital, quando aproveitou a primeira occasião que se lhe offereceu de pendencia com o rei de Tunkin, então tributario do imperio da China. Este ao primeiro combate abandonou o seu exercito, e foi a Pekin pedir soccorro ao imperador. Kien-Long enviou o vice-rei de Kang-Tong, Fou-Chang-Tong, á frente de cem mil homens para expulsar o usurpador; mas Long-Niang, prevenido da sua marcha, tinha devastado o paiz que os chins deviam atravessar. Estes, depois de terem perdido mais de cincoenta mil homens pela fome e os combates, foram obrigados a retirar-se, e bem depressa o imperador se viu reduzido a reconhecer Long-Niang por soberano dos reinos unidos de Tunkin e da Cochinchina, sob o nome de Quang-Tung. O antigo rei de Tunkin foi feito mandarim d'uma das provincias da China.

Entretanto Nquien-Chung, depois de ter solicitado inutilmente do rei de Siam novos soccorros para tornar a entrar nos seus estados, viu-se obrigado a fugir de novo para a ilha de Pulo-Wai, que fortificou, acompanhado de mil e quinhentos cochinchinezes que seguiram a sua sorte. Elle tinha confiado a educação de seu filho ao missionario Adran, encarregando-o de acompanhar o joven principe á côrte de Versailles, e de solicitar soccorro do rei de França. Adran e seu discipulo chegaram a Paris em 1787, e a sua missão teve completo exito. Foi assignado um tratado offensivo e defensivo entre a França e a Cochinchina; e Adran, nomeado bispo *in partibus* d'este paiz, partiu levando as ordens pelas quaes o principe desthronado devia obter todos os soccorros necessarios para tornar a entrar nos seus estados. Porém as intrigas e a má vontade de Conway, governador de Pondichéry,

retardaram a empresa que a revolução franceza fez definitivamente abandonar.

Este concurso de circunstancias desgraçadas não fez desanimar Adran, que persistiu no projecto que formara de restabelecer o soberano legitimo, se elle vivesse ainda; ou, no caso contrario, de entregar ao joven principe o throno de seus maiores. O bispo, o joven principe, e muitos officiaes francezes, que se lhes uniram como voluntarios, embarcaram em um navio mercante que os levou ao cabo de S. Jaques, na embocadura do rio que conduz a Say-Gong. Ahi foi que pela primeira vez tiveram noticias do rei. Depois da sua partida, este principe estivera perto de dois annos na ilha de Pulo-Wai, vivendo de raizes como os seus companheiros.

Continúa.

ASTUCIA CONTRA ASTUCIA.

CONTO PERSA.

Um habitante da cidade de Bagdad, que, durante a sua mocidade, se deleitava em estudar as astucias dos ladrões, e muitas vezes em lh'as frustrar, viera a ser, quasi no fim da sua vida, um modesto *bezzaz*, isto é, tinha-se feito commerciante d'estofos d'algodão no bazar da cidade.

Ora uma noite, algumas horas depois de fechados os armazens, um habil ladrão, disfarçado em negociante, entrou no bazar. Era, sem contradicção, o nosso bezzaz em pessoa: o molho de chaves, o turbante, a bengala, o capote, o mesmo som da voz do velho, eram imitados com incrivel perfeição. O astuto gatuno foi ao encontro do guarda do bazar, e lhe disse com o maior socego do mundo:

— Toma este candeeiro: vae acendel-o; tenho contas a fazer esta noite.

Depois, sem esperar resposta do guarda, abriu a porta da loja do bezzaz. O guarda não se demorou com o candeeiro; e o velhaco pegou-lhe de maneira que a luz lhe não desse no rosto, e, sem dizer palavra, assentou-se diante d'um livro de contas.

Proximo ao romper do dia, chamou o guarda e disse-lhe:

— Vae procurar um moço, e recommenda-lhe que se não esqueça de trazer os seus utensilios, por que tem de levar alguns fardos de fazenda para minha casa.

E accrescentou:

— Esta noite velaste por minha causa; eis a minha bolsa, tira o que precisares para pagar o teu almoço, e avia-te.

O moço encontrou promptos muitos pacotes de panno de valor, carregou-os ás costas, e seguiu o ladrão.

O verdadeiro bezzaz chegou ao bazar algum tempo depois de nascer o sol, segundo o seu costume. Ahi estava o guarda que, saudando-o com rosto alegre e reconhecido, exclamou:

— Hoje os meus filhos, graças ao que me deste esta noite, regalaram-se como uns principes. Que Deus derrame as suas bençãos sobre ti e sobre a tua familia! Possas tu prosperar no mundo, e gosar no ceo uma felicidade eterna!

O bezzaz, admirado de tantos agradecimentos, teve a prudencia de não responder. Suspeitando porém alguma desgraça, correu a abrir o seu armazem. Logo á primeira vista conheceu que a mais rica parte dos seus estofos tinha sido roubada, e adivinhou tudo. Entretanto absteve-se de gritar; chamou tranquillamente o guarda, e, sem manifestar a menor alteração, perguntou-lhe com voz socegada:

— Dize-me, quem foi que me ajudou está noite ao transporte dos meus fardos?

— Que! Não te lembras que me mandaste procurar um moço, e que elle saiu comtigo? Eu só fiz o que tu me mandaste.

— É verdade. Mas eu tinha tanto somno, e a noite estava tão negra, que não me lembro muito bem do rosto d'esse moço. Vae procural-o e volta com elle aqui. Conhece-lo?

— Conheço.

Quando o moço chegou, o bezzaz fez-lhe signal de o seguir e fechou o armazem á chave. Depois de ter conduzido o homem para um sitio distante do bazar, poz-se a fazer-lhe perguntas confidencialmente e em voz baixa.

—Podes indicar-me o logar para onde esta noite levaste os meus pacotes? Olha, meu amigo, seja dito entre nós, é uma triste confissão que faço, mas eu tinha bebido de mais e tudo me esqueceu.

— Tenho melhor memoria, eu, que não tinha bebido senão agua. Conduziste-me ao embarcadouro da margem esquerda do Tigre, e ali ordenaste-me que chamasse um barqueiro, o qual me ajudou a arrumar os fardos no seu barco.

— É isso mesmo. Vamos ao embarcadouro. Farás com que eu fallo a esse barqueiro, sim?

— De boa vontade.

Chegados ao Tigre, encontraram logo o barqueiro. O nosso bezzaz despediu o moço. Depois, tendo entrado no barco poz-se ao lado do barqueiro, a quem disse:

— Ha apenas algumas horas que ajudaste meu irmão na conducção de muitos fardos de mercadorias.

— É verdade, foi ao romper do dia.

— Muito bem, vamos, leva-me ao mesmo sitio onde os desembarcaste.

A rapida corrente do Tigre e algumas vigorosas remadas conduziram em pouco tempo o barco ao seu destino. O barqueiro procurou o moço que o ratoneiro tinha encarregado, n'este sitio, do transporte dos fardos roubados. O bezzaz, tendo ordenado ao barqueiro que o esperasse até á sua volta, chamou o moço de parte, e lhe disse:

— Leva-me ao deposito onde, esta manhã, deixaste as mercadorias de meu irmão.

Encaminharam-se então para um edificio afastado da margem do Tigre, e construido na raia dos terrenos arenosos que cercam a cidade de

Bagdad. Chegados á porta, bateram: ninguem respondeu; mas o bezzaz, habil em conhecer o mecanismo das mais complicadas fechaduras, não esteve muito tempo sem abrir elle mesmo com um prégo o cadeado. Deixou o moço á porta, entrou, e achou todos os seus fardos intactos amontoados a um canto. Da parede pendia um tapete velho preso a uma corda. Estes objectos serviram para embrulhar os fardos que o bezzaz entregou em seguida ao moço, dizendo-lhe que os levasse para o barco.

A este tempo encontraram o proprio ladrão, que não tinha ainda largado o seu disfarce. Todo perturbado, não ousou fazer observação alguma, e a um gesto imperativo do bezzaz, aproximou-se-lhe e caminhou silenciosamente até ao barco. Não desdenhou mesmo ajudar o moço no embarque dos fardos.

O bezzaz, depois de ter entrado no barco, mandou pelo barqueiro entregar o tapete e a corda ao seu proprietario. Da parte de ambos passou-se tudo com perfeita conveniencia e politica. O gatuno deitou o tapete aos hombros, e fez as suas despedidas ao bezzaz n'estes termos:

— Deus te conduza a salvamento, irmão querido! Agora estamos, um e outro, na posse do que legitimamente nos pertence. O proverbio diz: A cada qual o que é seu. Em todo o caso, faço-te justiça, tu inteiramente procedestes como homem que sabe viver.

E separaram-se. O bezzaz voltou para o bazar com as suas mercadorias; e o ratoneiro, para sua casa com a corda e o tapete aos hombros.

BOHEMIA.

Este paiz, de que hoje apenas se falla, mas que foi reino que principiou com o dos egypcios e dos assyrios, e tão famoso como elles, é o mais alto de toda a Europa, pois que nascendo n'elle muitos rios, como são o Oder, o Elb, e o Vistula, nenhum outro entra n'elle. Não são dos mais sadios os seus ares, e por isso muitas vezes tem grassado n'elle horriveis pestes; porém é fertil em trigo, e em pastos. As vinhas não se criam ahi mui bem por causa dos frios.

Este reino tem setenta leguas de longitude, e quarenta de latitude, com cento e duas cidades, algumas das quaes são grandes e dignas de consideração, como Praga, sua capital, Cuttemberg, Pilsebg Egra, Bohmisbroda, Glatz, Tabor, Konigratz etc; trezentas e oito villas; e duzentos quarenta e oito castellos. Segundo os computos de graves autores, pode pôr em campanha dez mil homens de cavallo, e cento e trinta mil homens de pé.

É governado pela casa d'Austria. A religião dominante é a catholica; porém conservam-se ali muitas seitas, que apesar de grandes esforços não se poderam extinguir. Depois da batalha de Praga, na qual foi desbaratado o principe Palatino do Rhin, mandou o imperador Fernando II exterminar não só os lutheranos e calvinistas, que queriam dar a corôa de Bohemia ao dito principe, mas a todos os outros sectarios que havia em Praga. Sem embargo da diligencia com que se executaram as ordens, ficaram ainda muitos lutheranos e calvinistas, e entre elles muitos adamitas, pikards, taboritas ou hussistas. Os judeus eram os unicos que se permittiam com exercicio publico, pagando annualmente pela sua residencia em Praga uma somma muito forte ao imperador.

Esta nação, á similhança de todas muito antigas, tem as suas fabulas. Alguns autores graves da antiguidade, dizem que n'ella viveram as amazonas. D'ahi vem esses notaveis e singulares costumes que se contam, de serem as mulheres donzellas as que presidiam não só nos governos, mas nas campanhas, servindo-se dos homens como de escravos, e diz-se que não se submetteram ás suas leis senão depois da morte de Libusa, que casou com o primeiro duque Premissão.

Os bohemios d'esse tempo adoravam muitas divindades, e faziam sacrificios ás Orcadas, Driadas, Hamadriadas, á Agoa, ao Fogo, ás Florestas, e ás Montanhas. Enterravam os mortos no campo, ou no matto, e faziam sobre as suas sepulturas jogos e mascaradas.

No geral são de cabello loiro, olhos brilhantes, e o seu timbre de voz é um dos mais bellos. São fortes, robustos, subtis, ambiciosos, glotões, e amigos de vinho. O seu idioma é uma confusão do alemão e esclavonio. Tinham um modo exquisito de contar as horas. Ao pôr do sol era a primeira hora, e seguem-se as outras consecutivamente, dizendo treze, quatorze etc.

Este paiz foi antigamente todo coberto de mattos e florestas. Os seus primeiros habitadores de que a historia faz menção foram os da colonia chamada de Léche, que ali se estabeleceu no anno de 544. O primeiro que teve o titulo de duque foi Premissão, com quem casou em 632 Libusa, filha de Cróco, que era então governador d'estes paizes. Pela seguinte forma se narram os principios d'este reino.

Zechio Crovato, banido do seu paiz, retirou-se a estas terras, e achando que os seus habitadores eram homens brutaes, e costumados a viver de roubos e caça, os ensinou a cultivar a terra, e plantar arvores fructiferas. Esta foi a causa porque o elegeram seu governador. Por sua morte deram o mesmo cargo a Craco, ou Cróco, homem prudente, douto, e justo, que fez muitas leis para seu bom governo. Este Cróco deixou tres filhas: Brella, doutissima na medicina; Torba, adivinhadora e encantadora; e Libusa, que sendo a mais moça de todas, foi a mais scientifica, mais intelligente, e por isso a mais amada.

Estas seriam as razões porque se lhe deu o dominio em que governou com geral e admiravel satisfação. Sendo persuadida a que se casasse para que houvesse herdeiros de uma princeza tão sabia, foi mui solicitada, porém não acceitando ella nenhum dos partidos mais vantajosos que se

lhe propozeram, determinou que a fortuna fizesse a eleição. Mandou um dia soltar um cavallo, com ordem de que deixando-o correr á vontade o seguissem, e que conduzissem á sua presença aquelle homem junto a quem o cavallo parasse a primeira vez. Parou justamente diante de Premissão que lavrava a terra, e sendo este trazido diante de Libusa, ella o reconheceu por seu marido, e em memoria de que era um camponez o que começa a senhorear aquelle reino com o titulo de duque, mandou Libusa pendurar no templo os tamancos, com que Premissão foi achado na lavoira do campo.

No espaço de quatrocentos annos succederam dezoito duques a Premissão, sendo um d'estes Borsivolhio, que no anno de 890 se fez christão com a duqueza sua mulher, chamada Lumilla. Empregando o duque muita diligencia para a conversão de todo o reino, foi lançado fora do governo, mas por fim admittido outra vez, a fé e christandade se estabeleceu na Bohemia, sendo d'ahi por diante christãos todos os seus duques. Finalmente, succedendo no ducado Uratisláo, homem generoso, bom soldado e prudente, foi a Mayença ou Moguncia, onde todos os principes do imperio com Henrique III o proclamaram rei da Bohemia no anno de 1089.

Por mais de seis seculos foi este reino electivo; porém a casa d'Austria o reduziu a hereditario desde que o imperador Alexandre II, eleito rei de Bohemia, alcançou uma assignalada victoria contra o principe Frederico Palatino, genro de Jacob, monarcha de Inglaterra, que lhe disputava a corôa, tendo-a recebido em Praga no mez de Novembro de 1619.

Este paiz é cheio de montanhas e de bosques, e mui fertil, achando-se n'elle muitas minas de oiro, prata, arame, cobre e chumbo. Um escriptor nosso, viajando no seculo passado por este paiz, expressa-se do seguinte modo:

« Depois que entrei no reino de Bohemia pareceu-me sempre que caminhava por estradas de Portugal, achando n'estas muitas coisas similhantes, como por exemplo as searas, e todo o trabalho do campo feito com bois, coisa que até aqui não tinha visto praticar, mais do que com cavallos. As vinhas e os pomares tambem se parecem, e pelo que respeita a esta qualidade de arvores fructiferas, eu as não vi nas outras terras mais do que em jardins. A pobreza dos logares, e a quantidade de rapazes que correm a posta uma legua a pé atraz do carro para lhe darem alguma esmola, tambem é uma imitação de algumas estradas do nosso paiz. »

O SUPPLICIO DA RODA.

Um viajante do seculo passado descreve pela seguinte forma este supplicio, então muito usado na Alemanha:

« A primeira parte onde vi as chamadas *rodas*, em que se castigam os facinorosos, foi em Kondern, onde passei por tres antes de entrar n'aquella terra. Na entrada de Hall estavam tambem quatro, e na saida outras quatro, no mesmo sitio em que se vê a forca. Este supplicio tremendo com o qual se tem emendado as barbaridades iniquas de algumas nações, em que eram continuados os crimes insolentes de mortes, roubos, e outros similhantes, consiste em um madeiro cravado no chão, e em uma roda pequena das que se usam nos jogos dianteiros dos coches, a qual se põe na extremidade do mesmo madeiro. Sobre esta roda se ata o delinquente, ao qual estando vivo se lhe quebram as pernas e os braços, ficando depois exposto na roda não só até morrer, mas até o tempo o consumir. Em casos menos graves se concede a estes miseraveis o golpe chamado de graça, que é uma pancada sobre o coração, a qual subitamente os livra de padecer. Para cada delinquente se faz uma roda, e muitas vezes é executado no logar do delicto se este assim o pede, ou para exemplo, ou para terror. Todas as rodas que vi, conservavam ainda as caveiras, ossos, e parte dos vestidos dos miseraveis que n'ellas tinham acabado.»

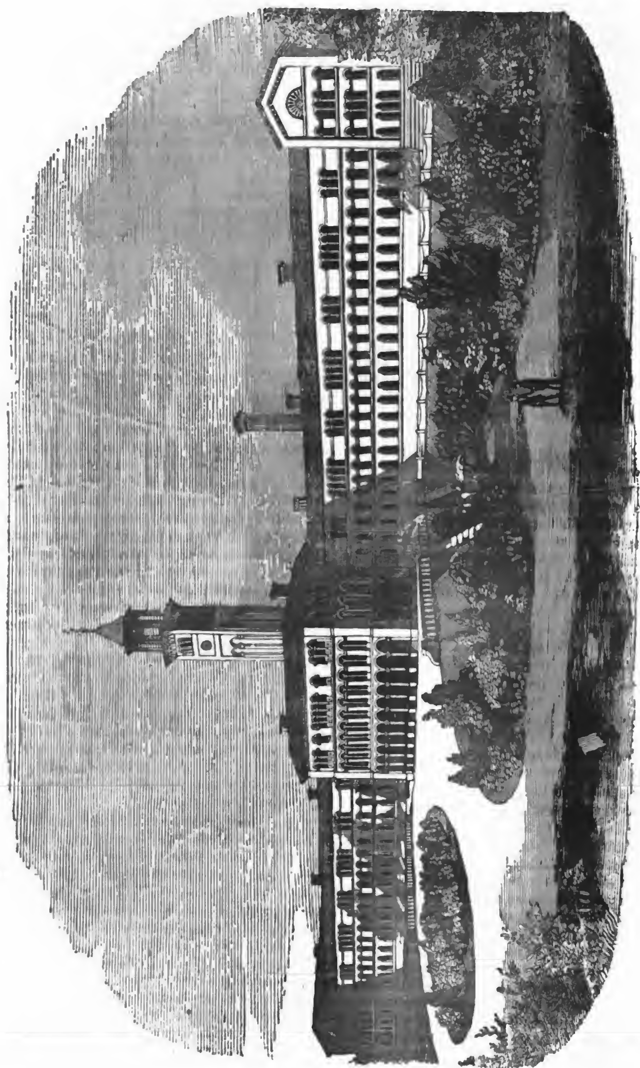
RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXIX

De como deram tratos a Francisco Gil, e de como o enforcaram

Mandou tambem Manuel da Silva que Francisco Gil fosse levado ao pomar dos seus aposentos, aonde estava o tronco, e logar ordenado aonde se tinham dado tormentos, e tratos de fogo ao ditto Melchior Affonso, e primeiro que os mettesse nos tratos os mandava confessar. E começou de dar tormentos ao dito Francisco Gil. Confessou tudo quanto tinha ditto Amador Vieira, e confessara quanto lhe perguntara. Teve-o pouco tempo nos tratos, e o mandou pôr logo em a cadea, e escripta sua confissão e por elle assignada, tudo em breve foi sentenciado, e lhe mandaram que arrazoasse de sua justiça em 24 horas. Mas pouco lhe aproveitou, porque a sentença foi de morte, e seus bens sequestrados e perdidos para a corôa, por ser contra o serviço d'el-rei, e querer fugir com o navio alheio, e levar re[illegible]s de traidores. Sobre este homem houve muitos rogos, foi por demais: dizendo Manuel da Silva que se lhe perdoava, que o mestre de campo dos francezes havia perdoar ao piloto francez, e que era bem que se não dissimulasse com cousa alguma; e que nestes casos nem peccados veniaes se haviam perdoar. E enforcaram o pobre Francisco Gil, o qual dice, quando o queriam enforcar, que se guardassem do diabo enfeitado, como a elle fizera um e o enganára e o fizera descobrir seu peito. (Continua.)



ESCOLAS CENTRAES DO DISTRICTO DE LONDRES.

Em 11 de Setembro do anno passado lançaram-se, junto de Hanwell, condado ou provincia de Middlesex, os fundamentos para a extensa linha de edificios que se estão construindo, cujo prospecto a nossa estampa representa como deve ficar depois de acabado.

Em 1849 creou-se por lei com seus estatutos a instituição das novas escolas do districto central de Londres, o qual comprehende a denominada *city of London union*, a *London union* oriental e occidental, S. Salvador, e a parochia de S. Martinho dos campos. A ceremonia da collocação da primeira pedra fez-se com toda a solemnidade em presença da commissão directora, creada na referida epoca, assistindo a este brilhante acto numerosa concorrencia de senhoras, e tambem conduzidos debaixo de formatura a testemunhar o mesmo os discipulos da escola de Harrow. Concluida a ceremonia, e depois de um eloquente discurso de mr. Whiteside, o capellão das aulas recitou as orações apropriadas ao objecto, e em seguida cantou toda a assemblea o psalmo 100, achando-se para mais de trezentas pessoas. Terminou a funcção com um banquete sumptuoso, dado á direcção e seus amigos por mr. Holt, de Radley-Hotel e só á sua custa. As aulas estão agora em Westow-hill, Norwood; o seu destino é receber as creanças da população pobre do districto, que ahi são mantidas e ensinadas, e depois se lhes manda aprender officios, havendo além d'isso uma fazenda, onde rapazes e raparigas aprendem respectivamente os trabalhos da lavoura e os misteres caseiros.

M.

BYRON!

Continuação.

III

O terceiro canto do *Childe-Harold* parece começado no momento de lord Byron emprehender esta nova viagem. Os primeiros versos que ahi se encontram são dirigidos á sua unica filha, á querida do seu coração, Aza. O poeta menciona em uma nota que este nome era o de uma das suas ascendentes, e tambem da irmã de Carlos Magno. Depois d'esta como invocação, aos olhos azues da gentil menina, passa a descrever uma d'essas scenas de mar, que ninguem pintou melhor do que Byron, e mostra o desapego com que vê fugirem do navio que o conduz as costas de Inglaterra. N'este terceiro canto, e no quarto e ultimo do poema, vae o poeta narrando a sua peregrinação, tornando-se ao mesmo tempo o heroe e o cantor das proprias aventuras.

Antes de admirar as bellezas do Rheno, descansa por um momento em Waterloo «o tumulo da França!»

«Pára! diz o poeta: são as cinzas de um imperio que estás pisando!»

E mostra sympathisar mais com o corso vencido do que com o bretão vencedor.

As margens escarpadas do grande rio, as bellezas naturaes do lago de Genebra, a corrente impetuosa do Rhone, foram successivamente impressionando o espirito de Byron, e alliviando-lhe mesmo o coração.

Foi na Suissa que elle compoz a sublime tragedia de *Manfredo*. Em uma carta a Murray diz o proprio autor que este poema dramatico é de um genero selvagem, metafisico e inexplicavel! Os interlocutores do terrivel drama são espiritos do ar, da terra e das aguas, um magico, uma fada, um abbade e caçadores; a scena passa-se nos Alpes.

Quasi do mesmo genero é *A metamorphose do corcunda*, outro poema dialogado do nosso autor, e fundado sobre a tragedia *Fausto* do immortal Goethe.

Depois de visitar os Alpes, Byron passou á Italia, em companhia do seu fiel amigo Hobhouse; parou em Milão, viu o tumulo de Julieta em Verona, e foi descansar para Veneza, a rainha do Adriatico.

«Estava em Veneza, sobre a ponte dos Suspiros, entre um palacio e uma prisão; via a cidade, saindo do meio das vagas, como se fosse tocada repentinamente pela varinha de um feiticeiro. Dez seculos estendiam suas sombrias azas em volta de mim, e uma gloria expirante sorria para esses tempos remotos, em que muitos paizes subjugados admiravam o monumento de marmore do leão alado de Veneza, que tinha assentado o seu throno no meio d'estas cem ilhas.» (*)

A cidade dos doges enthusiasmou o poeta inglez. Alojando-se a principio em casa de um mercador, apaixonou-se pela esposa d'este, a gentil Marianna, joven de vinte e dois annos. E não foi tão ephemero este novo amor de lord Byron, como os anteriores; nem o passeio que fez a Roma na primavera de 1817 lhe pôde fazer olvidar a formosa veneziana; o coração obrigou-o em breve a regressar para junto d'ella. Esta mulher lhe inspirou o quarto canto do *Childe-Harold*, que foi escripto em Veneza, na volta da sua excursão á capital da christandade.

A Italia tinha attractivos poderosos para seduzir o grande poeta. Ferrara, com as suas recordações do Tasso e do Ariosto; Florença, com as suas lembranças do Dante e de Petrarcha; Roma com as suas mil reminiscencias poeticas, não podiam deixar de impressionar vivamente o espirito de Byron; e mereceram-lhe, com effeito, alguns dos seus mais sublimes versos.

Voltemos porém a Veneza, logar de delicias para o mysterioso bardo.

Por muito que o rosto oriental de Marianna houvesse seduzido o voluvel poeta, não pôde elle esquivar-se ao seu destino, que o fadara para a versatilidade no amor; deixou pois a casa da gentil mercadora, e alugou um palacio na margem

(*) *Childe-Harold*: Canto IV. Estancia I.

do grande canal, onde, segundo Moore, passava um genero de vida só proprio a quebrar-lhe as forças physicas, e entorpecer-lhe as faculdades moraes. Na segunda parte enganou-se.

Não tardou muito que Byron não contrahisse novas relações amorosas n'esta cidade d'encanto; elle mesmo contou este episodio da sua vida, que vamos resumir em poucas palavras, como a estreiteza d'estas columnas exige.

Margarida Cogni era pobre, muito formosa, contando vinte e dois annos de edade, e casada com um tisico. Fugiu ao marido para se instalar no palacio de Byron; amava ternamente o poeta, mas tinha um genio tão desegual, ora tocando na ferocidade, ora no sentimentalismo, que fazia d'aquella casa um verdadeiro inferno. Ciumenta, como uma veneziana, arrancou o veo á *signora* *** e insultou-a na rua, logo que soube das suas relações amorosas com lord Byron; arrancou a mascara a *madame* Contarini no baile da opera, por que a viu pelo braço do seu amante; finalmente batia em todas as mulheres de quem desconfiava que quizessem seduzir o seu *signor*, interceptava as cartas que vinham para elle, apesar de não saber ler, suppondo sempre que fossem de namoradas, e quando se enraivecia quebrava tudo que encontrava á mão. Byron, enfastiado, resolveu-se emfim a mandal-a para casa de sua mãe, porém Margarida ameaçou-o com uma faca; agarrada pelos criados do lord, escapou-lhes e lançou-se ás aguas do canal; salva da morte, custou ainda a resignar-se, mas ao cabo de grandes esforços, terminou por deixar em paz a sua victima.

Foi no meio d'esta singular vida que lord Byron começou o seu *Don Juan*, talvez o mais brilhante florão da corôa do immortal poeta. Nos primeiros cantos d'este poema respira-se, como no *Childe-Harold*, o ar embalsamado da Peninsula; depois, ainda como n'aquelle romance, gosa-se o perfume das plagas orientaes; finalmente chega-se com o heroe á patria do autor do livro. Ahi parou a obra, no decimo-sexto canto, quando Byron, talvez por brincadeira, dizia que tencionava levar este poema até cento e cincoenta cantos!

No manuscripto do primeiro canto acha-se uma nota, em que o autor declara não se poder ter nas pernas na occasião de escrever aquelles sublimes versos, embriagado com vinho do Rheno, que todavia elle misturava com soda!

Apesar, porém, da vida desregrada que levava, não deixou de apaixonar-se, mais uma vez, e de ser correspondido. Esta nova musa do famoso poeta, foi a condessa Guiccioli, joven esposa de um velho nobre de Veneza.

Em Abril de 1819 partiu ella com seu marido para Ravena, e Byron não deixou de seguil-a. Logo em Agosto teve de dirigir-se a Bolonha, e o seu amante acompanhou-a. Como porém adoecesse ali, e lhe aconselhassem os ares de Veneza, voltou a esta cidade em companhia de lord Byron, a quem o marido a confiou, por não poder deixar Bolonha n'essa occasião. Já se vê que o conde italiano e o fidalgo inglez viviam na melhor harmonia! Porém não durou muito a paz, porque as circunstancias de Byron não lhe permittiram satisfazer a uma exigencia do nobre veneziano, um emprestimo de mil libras esterlinas. Então o velho fallou da sua honra... e a falta de oiro operou a separação dos dois amantes!

Os conjuges partiram de novo para Ravena, porém a condessa adoeceu gravemente; e tendo-se conhecido que o seu mal era a saudade do amante, foi este chamado para a acompanhar, por conselho dos medicos e dos parentes da condessa, e com autorisação do marido.

Byron residiu por muito tempo em Ravena, e tinha grande predilecção por esta cidade pouco ruidosa, e pelas sombrias florestas que a cercam. Ahi compoz elle as suas tragedias historicas *Marino Faliero*, *Sardanapalo*, e *Os dois Foscaris*, o mysterio *Caim*, um poema em quatro cantos *A prophecia do Dante*, que ficou incompleto como muitas outras das suas obras, o terceiro e quarto cantos do *Dom João*, e traduziu *Pulci*. Tanto as tragedias como o mysterio são pouco proprios para apparecerem na scena, pelo seu diminuto movimento dramatico, porém excellentes para serem lidos, porque encerram bellezas poeticas de toda a ordem. O poemeto *A prophecia do Dante*, inspirado pela vista do tumulo do grande poeta, em Ravena, como outro poema seu, *As lamentações do Tasso*, havia sido inspirado pela vista da prisão d'est'outro poeta em Ferrara, é egualmente digno do heroe e do autor; faz-nos lembrar os versos de Garrett cantando o nosso Camões.

Tendo-se separado de seu marido, em 1820, a condessa Guiccioli recolheu-se á habitação paterna, situada a quinze milhas de Ravena, aonde só uma ou duas vezes por mez recebia a visita de lord Byron. O poeta entregue pois á solidão e á melancolia o resto do tempo, teria morrido de tristeza, se a agitação da Italia não viera despertar-lhe os brios de homem livre e enthusiasta pelos descendentes dos antigos romanos O seu palacio tornou-se um foco de conspiração pela causa da liberdade italiana, e o refugio dos conspiradores da Romania.

É notavel uma carta escripta por lord Byron ao governo napolitano, offerecendo os seus serviços á causa da Italia; infelizmente, porém, nem este auxilio, nem os esforços dos patriotas, alcançaram o triumpho da liberdade italiana. Quando o exilio foi a recompensa do nobre proceder d'estes homens livres, os pobres de Ravena dirigiram uma petição ao cardeal legado, supplicando-lhe que deixasse residir ali o seu protector, lord Byron.

E é o nome de um homem d'estes, que gente covarde e infame tem querido denegrir... despresiveis invejosos!

Byron disse um dia: «Os que me perseguem constantemente, triumpharão emfim; e não se me fará justiça, sem que esta mão esteja tão fria como os seus corações.»

Entre o numero dos patriotas exilados contava-se o conde Gamba e seu filho, pae e irmão da condessa Guiccioli, que se retiraram para Pisa; e ahi os foi encontrar lord Byron, em Outubro de 1821.

N'esta cidade collaborou o nosso poeta na redacção de um jornal, *O Liberal*, com mrs. Hunt e Shelley, e nas suas columnas appareceram pela primeira vez o poema *A visão do juiso final*, e o mysterio *O ceo e a terra*, de lord Byron.

De Pisa passou o poeta para Genova; porém o ecco das batalhas que se pelejavam no oriente, pela liberdade da Grecia, veiu acordar de novo o enthusiasmo de Byron, e este amigo da humanidade decidiu trocar a Italia escravisada por aquelle formoso paiz onde se combatia para ser livre.

Entrou immediatamente em correspondencia com o *comité* grego, e declarou-se campeão d'aquella justa causa, muito a contento dos seus compatriotas, que só então descobriram no poeta calumniado um nobre caracter. Em Julho de 1823 deixou effectivamente a Italia, em companhia do irmão da condessa; e a pobre senhora ficou só!

Byron dirigiu-se a uma das ilhas Jonias, para tomar informações sobre o estado da guerra antes de desembarcar no continente; e partindo de Cephalonia, chegou á vista da costa da Moréa em fins de Dezembro. Apesar dos ventos contrarios, e da esquadra turca que bloqueava Missolonghi, entrou n'esta cidade, entre as vivas acclamações do povo, enthusiasmado pelo seu nobre alliado.

Este derradeiro periodo da vida do generoso poeta, e mais algumas noticias ácerca das suas preciosas obras, completarão o esboço que nos propozemos delinear, e serão o assumpto do quarto e ultimo capitulo d'este humilde estudo.

Continua. F. M. Bordalo.

FUNCHAL.

Conclusão. (*)

«É extrema a sobriedade e frugalidade dos camponezes. Nutrem-se de pão, batatas, cebolas, varias raizes, e são pouco carnivoros. Teem um tedio tão pronunciado pelas tripas dos animaes, que passa entre elles como proverbio dizer-se de um homem pobre: *está reduzido a comer tripas*. A bebida ordinaria é agua, e *agua pé* preparada com o bagaço da uva, depois de no lagar ter servido ao vinho. Esta agua adquire pela fermentação um gosto picante, que conserva por pouco tempo. Pouco vinho bebem elles do que preparam pelas suas mãos, e faz tão famosa e conhecida esta ilha.

«A cultura da vinha é sua principal occupação; porém, pedindo esta industria cuidados não muito assiduos, passam a maior parte do anno na ociosidade. Como o calor do clima obsta a conservarem-se por muito tempo as provisões, e é facil satisfazer ás necessidades do appetite, a indolencia é maior, e infelizmente as leis não procuram excitar o espirito de industria. Parece que o governo portuguez não adopta as necessarias providencias contra esta perigosa lethargia do estado. Ultimamente ordenou a plantação de oliveiras nos terrenos mais seccos e estereis para vinha, porém não se lembrou de coadjuvar os cultivadores, nem de offerecer-lhes recompensas para os estimular a vencerem a natural repugnancia ás innovações e aversão ao trabalho.

«Os lavradores não recolhem para si mais de quatro decimos do producto: pagam quatro em especie ao proprietario do solo, um ao rei, e outro ao clero. Trabalhando assim para os outros é tão pequeno o beneficio que gosam, que poucos melhoramentos applicam á cultura. Apesar da sua oppressão parecem comtudo contentes e felizes. Em quanto trabalham cantam, como dulcificando as suas rudes penas, e á noite reunem-se e dançam ao som d'uma guitarra.

«Os habitantes da cidade são ainda mais infelizes, e a prova está, além d'outras, na magresa e pallidez do rosto. Os homens vestem á franceza, ordinariamente de preto, o que lhes não assenta mui bem; as feições das mulheres expressam delicadeza e agrado, porém o ciume dos homens tem este sexo como encerrado, privando-o assim da felicidade que gosam as camponezas, ainda na sua miseria. Teem grandes pretenções á nobreza, e lisonjeiam seu orgulho n'alguns velhos titulos; são insociaveis e ignorantes, e tem uma ridicula affectação de gravidade. A terra pertence quasi toda a um pequeno numero de familias antigas, que vivem no Funchal, e nas differentes cidades da Madeira.

«A ilha é composta d'uma grande montanha; os flancos erguem-se, por todas as partes do mar, reunindo-se no cume e no centro. Diz-se que no meio ha uma cavidade natural, a que os insulares chamam o *valle*, sempre coberta de herva mui delicada e tenra. Toda a pedra parece queimada, é cheia de buracos, e de côr escura, sendo a lava a sua parte principal. O solo é misturado com greda, cal e areia. Estas circunstancias, e a elevação do cume da montanha, me fazem crer que em tempos antigos um volcão produziu a lava, e que o valle de hoje era a cratera.

«Muitos mananciaes d'agua e riachos descem das partes altas para os valles e quebradas que cortam a ilha. Não encontrámos na ilha as planicies de que alguns viajantes fallam, e se as houvesse a corrente da agua naturalmente se dirigiria para ahi. Os leitos das ribeiras estão cobertos de pedras de differentes grossuras, que foram arrastadas pela violencia das chuvas de inverno ou desgelo da neve. Ha canaes que conduzem estas aguas por entre as vinhas, e todos os proprietarios, por um tempo limitado, teem o

(*) Do num. 22.

usufructo d'estas aguas; alguns podem servir-se d'ellas todo o anno; outros tres, duas e uma vez por semana. A rega é absolutamente necessaria ás vinhas por causa do calor do clima, e a plantação de uma vinha nova custa muito. O proprietario pode comprar a agua, que é mui cara, áquelles que teem o usufructo d'ella.

«Onde quer que nas collinas ha um terreno compacto, os insulares logo ahi fazem uma plantação do *aurum esculentum*, de *Linn*. Cercam a plantação com um fosso, para conservar a agua estagnada; porque effectivamente esta planta se dá melhor nos terrenos pantanosos. As folhas alimentam o gado suino, e os homens comem as raizes.

«Plantam egualmente batatas doces (*convolvulus batatas*) de que ha grande consumo; e tambem de castanhas, que crescem nos bosques mais elevados da ilha onde não ha vinhedo. Semeiam trigo e cevada nas vinhas velhas, ou por entre o bacello; porém o producto d'estas searas não dá para mais de tres mezes, e os habitantes vêem-se forçados a recorrer a outros climas, especialmente á America, com a qual permutam o seu vinho por cereaes. Se a producção é tão pequena, deve attribuir-se á falta do marne, e inactividade dos habitantes; supponḍo porém mesmo que a agricultura ali chegasse á sua maxima perfeição, julgo que as colheitas nunca dariam para o consumo. Debulham o trigo n'um campo, muito calcado e varrido (a que se chama eira); estendem os feixes, e os bois arrastam um quadro guarnecido de pontas agudas. O conductor colloca-se em cima do quadro para lhe augmentar o peso, e assim fica cortada a palha, e separado o trigo do involucro da espiga.

«Onde o solo, a exposição, e o ar o permittem, ha uma vinha, aberta em ruas separadas por valados de pedra, de dois pés de altura. A vinha está em parreiras, que terão quasi sete pés d'alto, e estão sustidas por estacas de madeira, ou pilares em distancias regulares. Assim a uva fica levantada, e os cultivadores podem arrancar facilmente as ruins hervas que nascem de permeio. No tempo das vindimas trepam os trabalhadores ás parreiras, e cortam os cachos, e alguns d'elles vi que pesavam seis libras. Este methodo de conservar sempre o terreno fresco e humido, e fazer amadurecer a uva á sombra, contribue para dar ao vinho da Madeira esse excellente sabor e corpo que o faz tão celebre. É preciso destinar terrenos á cultura da canna necessaria para as latadas e parreiras, e diz-se que ás vezes por falta d'ellas se abandonam certas vinhas.

«Não sendo todos os vinhos de egual bondade, tem por isso diversos preços. O melhor é o que se extrahe de uma planta que o infante de Portugal fez transportar de Candia, e que se chama *malvasia da Madeira*. Uma pipa, comprada na ilha, custa 40 ou 42 libras esterlinas. D'este fabrica-se pouco. Ha outro vinho secco que se exporta para os mercados de Londres, a 30 e 31 libras esterlinas a pipa. As qualidades inferiores, que se exportam para as Indias orientaes, ilhas da America, e America septentrional, vendem-se a 28, 25 e 20 libras esterlinas. Anno commum fabricam-se 30 mil pipas, de 110 gallões cada uma. Exportam-se 13000 da melhor especie; e o resto consome-se na ilha, e distilla-se em aguardente para o Brasil.

«As vinhas teem ao redor seus muros e arvores fructiferas, como pereiras e romãs, e tambem murta, e plantas agrestes. Nos pomares e hortas plantam pecegueiros, alperceiros, e mais fructos da Europa, e plantas dos tropicos, como bananas, goiabas, etc.

«Ha na Madeira os animaes domesticos da Europa, e o carneiro e o boi, ainda que pequenos, são de excellente gosto. Os cavallos, tambem pequenos, são seguros e ageis, trepando facilmente pelos caminhos ainda os mais escabrosos. Não ha vehiculos de rodas, e os vinhos e as mercadorias são transportados de um logar para outro sobre duas pranchas unidas por meio de uma travessa, e formando na parte dianteira um angulo, aonde atrelam os bois.

«Ha poucos quadrupedes selvagens, e só encontrei o coelho ordinario. Os passaros são muitos. Não se encontra ali nenhuma serpente; porém as casas, vinhas e hortas abundam em lagartos, que chegam a destruir os fructos. As costas da Madeira, e das ilhas visinhas, as Selvagens e Desertas, teem pescaria, mas como não é assaz para o consumo da quaresma, usa-se muito do bacalhau e dos arenques fumados. Achamos poucos insectos, e esses de especie conhecida. Farei aqui uma observação geral. Os quadrupedes, os reptis amphibios, e insectos não são numerosos nas ilhas um pouco afastadas do continente, e os que se encontram n'ellas foram transportados pelos homens.»

O MORTO VIVO.

HISTORIA DE UM FAKIR QUE GANHA A SUA VIDA DEIXANDO-SE ENTERRAR.

No entanto que os sabios disputam sobre as propriedades da vida, referiremos a noticia de um homem, que depois de estar enterrado muitos mezes, volve ás funcções da vida. Por extraordinario que pareça o caso, não se pode qualificar de fabuloso, se as regras da fé humana merecem algum respeito, e o testemunho de pessoas graves — testemunhas oculares do facto extraordinario que vamos narrar. Entre estas pessoas figuram o agente inglez de Lodhiana, varios officiaes do exercito da India, e o celebre general Ventura, que na sua viagem a Paris confirmou a exactidão da relação de mr. Osborne, autor de um livro tão instructivo, como divertido, sobre a côrte de Rundjet-Sing, imperador de Lahoz.

Se desejassemos ultrapassar os limites de uma modesta narração, citariamos em apoio da possi-

bilidade d'este phenomeno varios exemplos de catalepticos que mais ou menos mezes permaneceram em estado de verdadeiros cadaveres. *A Gazeta Medica* franceza, de 1769, refere um caso d'esta especie, succedido no Berri. Um lavrador, chamado Mateo Anclerc, homem de caracter melancolico e taciturno, se bem que cuidadoso dos seus interesses, caiu n'uma completa catalepsia, e por tres mezes não deu signal nenhum de vida. Este acidente repetiu-se por varias vezes, sempre com a mesma duração, e a insensibilidade e paralysação geral das funcções vitaes resistiram a todas as experiencias que se ensaiaram. Ainda se podia citar outro caso mais recente que foi admittido na noticia das experiencias de mr. Seguin, em Blois, o que escusamos para entrar já no caso a que alludimos.

« Em 6 de Junho de 1838 (diz o autor do referido livro sobre a côrte de Rundjet-Sing) interrompeu-se felizmente a monotonia da nossa vida do campo com a chegada, a Pendjab, de um homem celebre. A veneração de que elle gosa é extrema, e funda-se em possuir a faculdade de estar sepultado o tempo que quer. Referiam-se no paiz lances tão extraordinarios d'este homem, e a sua authenticidade era abonada por pessoas tão respeitaveis, que anciosamente o desejavamos ver. Elle proprio nos certificou que havia já alguns annos que exercia aquelle *seu officio* (expressões proprias), fazendo-se enterrar, e effectivamente em muitas partes da India o viram repetir esta singular experiencia. Entre as pessoas formaes e fidedignas que certificam a sua authenticidade, deve citar-se o capitão Wade, agente politico em Lodhiana, que assistiu á resurreição do fakir, enterrado havia já alguns mezes em presença do general Ventura, do mahazadjab, e principaes chefes. »

Eis agora os pormenores do enterro, e as circunstancias da exhumação.

Os preparativos duraram alguns dias, e são de indole que se não podem enumerar sem excitar repugnancia das nossas leitoras. Concluidos estes preparativos, o fakir declarou estar disposto a subjeitar-se á prova da sepultura. O mahazadjab, os chefes indigenas, e o general Ventura reuniram-se junto a um sepulchro de ladrilhos, construido expressamente para receber e conservar o corpo que se ia enterrar. Em presença dos circunstantes o fakir tapou com cêra todos os conductos por onde o ar lhe podia entrar, excepto a boca; despiu depois toda a roupa que levava, e assim nu o involveram n'uma mortalha ou sacco, voltando-se-lhe, segundo elle proprio determinara, a lingua, de modo que lhe cerrasse a entrada da garganta. Terminada esta operação, o fakir caiu n'uma especie de lethargo. Então fecharam o sacco onde se tinha encerrado, e o mahazadjab poz-lhe o seu sello. Assim o metteram n'um caixão de madeira, que se fechou a cadeado, e sellou de novo, mettendo-se depois dentro da cova. Deitou-se-lhe por cima muita terra, que se acalcou, e semeou de cevada, pondo-se ao redor do sitio sentinellas para velarem dia e noite na guarda d'aquelle sitio.

Apesar de tantas medidas de prevenção, o mahazadjab, receioso e suspeitoso, como o são todos os orientaes, não deixava de ter suas duvidas, e foi por duas vezes visitar a sepultura no espaço de dez mezes que o fakir esteve enterrado. Quando mandou abrir a sepultura, viu com seus olhos e pôde tocar com as mãos o corpo exanime e gelado, tal qual o metteram no sacco e ataúde. Finalmente, passados os dez mezes procedeu-se á definitiva exhumação.

Acudiram a presenceal-a todos que foram testemunhas do enterro. O general Ventura, e o capitão Wade viram abrir o cadeado, romper os sellos, e extrahir o caixão da sepultura. Tirou-se o fakir, no qual nem pulso, nem coração davam o mais leve signal de vida. Só na extremidade da cabeça se percebia algum calor. Uma pessoa, introduzindo-lhe com muita cautela o dedo na bocca, voltou-lhe a lingua á postura natural. Derramando-se-lhe depois agua quente sobre o corpo, se foram obtendo, pouco a pouco, symptomas de vida. Finalmente, ao cabo de duas horas de um tratamento prolixo e adequado, o bom fakir levantou-se, e principiou a andar sorrindo-se.

« Este homem verdadeiramente extraordinario (accrescenta Osborne) conta, que durante a sua exhumação sempre tem sonhos deliciosos, mas que ao despertar sente dôres mui violentas. Antes de recobrar o conhecimento padece vertigens. »

A sua edade, na epoca a que nos referimos, seria de trinta annos, e o seu aspecto desagradavel, com certa expressão de astucia, que contrasta com a idéa que deve suggerir o seu estado frequente e prolongado de amortecimento.

Tal é o singular phenomeno que queriamos dar a conhecer aos nossos leitores. Citámos os nomes respeitaveis das pessoas que o presencearam; comtudo não estranharemos que se duvide de sua exactidão, por ser até racional duvidar-se dos factos que estão em aberta opposição com o curso ordinario das coisas; mas nem por esta razão nos parece que o caso se possa negar. Acaso sabemos se a vida é um movimento essencial continuo? Sabemos se é capaz de temporarias interrupções? Qual é a regra? Qual a excepção? O estado dos animaes que hybernam, a suspensão das funcções vitaes n'algumas enfermidades que affectam ou a vida de relação ou a vida organica, e ás vezes uma e outra, e, finalmente, a experiencia de factos ainda não bem classificados entre a patologia e a phisiologia, aconselham uma prudente circunspecção. * *

O IMPERIO D'ANNAM.

Conclusão.

Durante este tempo, os dois usurpadores tinham-se de tal modo enfraquecido por combates successivos, e os subditos fieis desejavam tan-

to a presença do rei em Donnai, que este determinou aventurar uma segunda invasão em seus estados. Os seus vassallos de todas as classes reuniram-se-lhe com ardor ás bandeiras; e elle transportou-se a Say-Gong, que immediatamente fortificou, pondo-a em estado de defesa. O acaso tinha-lhe apresentado o momento mais favoravel para o desembarque; porque os dois irmãos rebeldes, que estavam em guerra, achavam-se encerrados nas suas capitaes, onde cada um esperava ser atacado pelo outro. Além d'isso, o rei tinha conquistado uma parte de Camboja e do Lao; e soubera d'antemão tirar grande proveito dos soccorros que esperava do rei de França, annunciando por toda a parte a alta protecção que tinha grangeado, e inspirando assim confiança aos amigos, e terror efficaz aos inimigos. Estas felizes noticias reanimaram as esperanças do bispo e do seu pupillo, os quaes se juntaram ao rei em Say-Gong no anno 1790, levando um pequeno navio carregado d'armas e munições. Então concertaram o plano para proseguir vigorosamente a guerra contra o usurpador. Foram obrigados a empregar quasi todo o primeiro anno em fortificar Say-Gong, recrutar, disciplinar o exercito, pôr em ordem e esquipar uma frota.

No anno 1791, o rebelde Quang-Tung morreu em Hué, deixando um filho, chamado Canh-Thin, de doze annos de edade, pouco mais ou menos. Este acontecimento fez accelerar as disposições do rei legitimo. Nquien-Chung atacou a armada de Nhac no porto de Quin-Nong, e quasi a destruiu. Em 1793, todo o Donnai estava submettido, apesar dos esforços algumas vezes felizes de Canh-Thin, e principalmente do famoso general Thien-Pho, que commandava as suas tropas, guerreiro tão notavel pela intrepidez como pela elevação d'alma.

Nhac conservava ainda o centro do paiz; o reino de Hué, que comprehendia o territorio e as ilhas adjacentes á bahia de Turon, era governado por Canh-Thin. Nhac morreu brevemente, deixando por successor um filho que tinha todos os vicios do pae sem ter nenhum dos seus dotes.

Em 1796, Nquien-Chung resolveu investir a sua capital por terra. O inimigo tinha cem mil homens, mas não obstante, desbaratado completamente, perdeu Quin-Nong. O filho de Nhac foi submettido, e todos os seus estados entraram na obediencia do rei legitimo. O joven usurpador de Hué estava ainda de posse do reino de Tunkin em 1800. Em 1802, Nquien-Chung marchou contra elle, entrou em Tunkin, assenhoreou-se do reino, e tendo feito decapitar Canh-Thin, todos os chefes da familia Tay-son, o valente general Thien-Pho, sua mulher e filha, reuniu aos seus dominios os estados que compõem o actual imperio d'Annam. Foi reconhecido rei pelo imperador da China, em 1804, e sob o nome de Gya-Long reinou pacificamente até á sua morte, acontecida a 25 de Janeiro de 1820. Seu filho, o discipulo do bispo Adran, morrera sem casar: era o unico que Gya-Long tivera da imperatriz. Foi pois o filho d'uma das suas concubinas que lhe succedeu e subiu ao throno a 15 de Fevereiro de 1820. Tomou o nome de Min-Menh, *brilhante providencia*, nome que a sua bondade e virtudes podem justificar, mas não a sua capacidade e talentos.

Sobre a religião já demos resumida noticia nos mencionados numeros d'este semanario. Accrescentaremos unicamente que o christianismo foi introduzido no imperio pelos portuguezes nos fins do seculo XVI e principios do XVII. O numero de proselytos augmentou em pouco tempo, graças ao zelo dos jesuitas francezes; mas frequentes ordens contra o exercicio do culto, lhe impediram os progressos. Os jesuitas foram expulsos em 1772, e desde então augmentou a severidade contra os christãos, e ainda ha pouco muitos missionarios receberam ahi a palma do martyrio.

Nas diversas operações das bellas-artes, os annamitas não procuram de modo nenhum produzir as sensações moraes; vêem só a materia, e não tratam senão de impressionar os sentidos. Desprovidos de principios e modelos, entregam-se ás suas phantasias, que degeneram por vezes em extravagancias. Da mesma forma que na acção sobre o ouvido, preferem o estrondo á melodia; assim na acção sobre a vista, deixam a justa proporção pelo gigantesco, e a elegancia pela accumulação d'ornatos. As conveniencias, a graça, a simplicidade são-lhes desconhecidas; entretanto algumas das suas pinturas são agradaveis mesmo pela singularidade.

O desenho, sem o qual a pintura é nada, nunca dirige os seus pinceis. Não teem nenhuma idéa da perspectiva: pintam todos os objectos como se fossem isolados, e sem ter em conta as differenças da proporção causada pelo effeito da sua distancia relativa. A todos os quadros falta ordem e união; as figuras não teem correcção, elegancia, nem espirito; o colorido é vivo, mas sem graduação de côres; apenas conhecem o emprego das sombras, e ignoram completamente o do claro-escuro. Assim, nas obras d'estes artistas, debalde se procurará a illusão, e mesmo a apparencia da realidade. É verdade que as particularidades são representadas com exactidão e paciencia admiraveis; mas o que é esse merito d'execução mecanica em comparação da ausencia total dos principios da arte?

A esculptura n'este paiz é ainda menos cultivada que a pintura. Em todo o imperio ha só uma provincia, a de Xu-Thanh, onde se grava a pedra, porque ahi existe uma qualidade d'ella que se aproxima ao marmore. N'essa provincia, algumas familias applicadas a esta arte, representam bem os animaes, mas pessimamente a figura humana. Nas outras partes do imperio, trabalham em certas madeiras duras, proprias para a esculptura; mas aindaque o paiz apresenta os animaes da melhor apparencia, os artistas

preferem sempre representar animaes monstruosos, e phantasticos, aos quaes a sua imaginação liga algumas idéas supersticiosas.

Quanto á architectura, não está mais adiantada que as suas duas irmãs, e como ellas parece condemnada, no imperio d'Annam, a uma eterna infancia.

Algumas vezes, entre os annamitas, o templo não é mais que uma especie de casinhola com duas portas, collocada em uma arvore, contendo a figura de Bouddha. Nos bosques que cercam Turanne, vêem-se muitos cestos ou caixas de madeira suspensos nos ramos das arvores, tendo idolos de madeira ou figuras de papel pintado e doirado com inscripções sobre pequenas laminas. O povo offerece a estas imagens as primicias das colheitas depondo-as junto á arvore, ou suspendendo-as nos seus ramos.

Por esta especie de capellas, e por certos templos rectangulares, que são apenas simples alpendradas abertas de todos os lados, sem altares, nem outros ornamentos mais que alguns idolos suspensos, ou postos sobre cavalletes de pau, tinham acreditado certos viajantes que os annamitas não levantavam nenhum templo digno de ser classificado como monumento: é um erro. Se o imperio d'Annam não apresenta edificios sagrados que se possam comparar aos da India, ha comtudo ali alguns que são dignos de attenção. Um d'estes é o templo subterraneo que se encontra na cidade de Fai-Fo, na provincia de Cham, cuja descripção já demos. (*)

Todas as villas tem um templo, cuja simplicidade ou magnificencia depende naturalmente da riqueza ou pobreza dos moradores. Quanto aos templos de Confucio, ainda que a religião d'este philosopho não seja a reconhecida pelo estado, são os unicos para que o governo contribue: ha dois em cada provincia. A despeza dos outros templos está a cargo de quem os frequenta, ou é fornecida por fundos applicados ha muito tempo a este uso, e provenientes de legados.

(*) Vid. Panorama num. 2 de 1856.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRAZILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forém publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

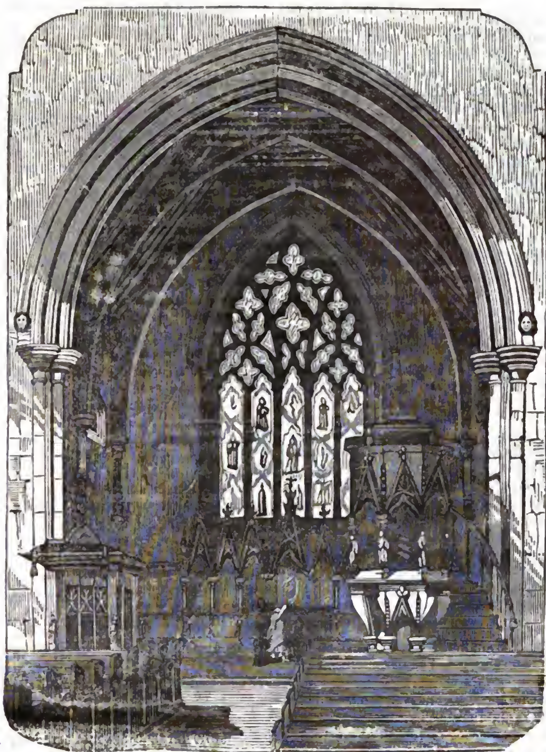
É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.



NOVA EGREJA DE S. SALVADOR.

Ha um anno tem-se erigido em Inglaterra, tanto na metropole e seus suburbios, como em as outras cidades e povoações, grande numero de edificios com differentes destinos; e de muitos d'elles este jornal tem dado desenhos e noticia; templos, escolas, monumentos, construcções particulares são fabricados com um despendio, que só uma nação assim poderosa e opulenta pode costear as avultadas despezas que demandam, principalmente sendo feitos quasi ao mesmo tempo. É para notar que pela maxima parte não entram n'isto os dinheiros dos cofres do estado, e tudo é á custa de associações e de individuos que promovem as subscripções, ou pagam da propria bolsa, e dirigem as obras e os institutos a que são applicadas. A nova egreja de S. Salvador em Warwick-road, sagrada no anno passado é de amplas dimensões e grandiosa structura no que chamam hoje estylo gothico, incluindo no mesmo gosto as vidraças de côres em repartimentos, apresentando uma serie de pinturas de assumptos escolhidos do Novo Testamento. O pulpito é uma peça rica de obra de talha em madeira de carvalho; e egualmente bem trabalhados são todos os ornamentos e adereços da egreja. M.

ALFAYAS DO KREMLIN.

No thesouro do santo castello da Russia, estão depositadas não só as corôas que teem cingido as frontes dos czares e czarinas nos dias da sua coroação, mas tambem os thronos, e as corôas dos reinos que no decurso dos tempos teem succumbido ás armas russianas, e que formam hoje parte integrante do imperio. Poucas d'ellas se distinguem pelo seu merito artistico, e sim algumas por sua antiguidade, e quasi todas por sua magnificencia e extraordinaria riqueza. Parte d'estas alfayas figuraram na cathedral de Moscow, na occasião da coroação.

Daremos a descripção das principaes.

Citaremos em primeiro logar a corôa da imperatriz Anna Iwanowna, guarnecida de dois mil quinhentos e trinta e sete diamantes, e um rubim que foi comprado em Pekin por 60000 rublos.

A corôa de Uladimiro serve na coroação do herdeiro ao throno. É lavrada em filagrana, sobremontada por uma cruz de oiro massiço, que tem em cada extremo uma perola. Tem incrustadas quatro esmeraldas, dois rubins, vinte cinco perolas, e é rodeada com uma tira de marta de Siberia.

A corôa de Astrakan tem a forma de tiara com uma assombrosa profusão de pedras preciosas; mas de gosto pouco agradavel. É ao mesmo tempo a corôa imperial de oiro de primeira ordem do czar, e do grã-duque Miguel Tendorowitsch, e está adornada com cincoenta e seis perolas grandes, uma safira de assombroso tamanho, doze gemmas de côr azul celeste de medianas dimensões, e doze mais pequenas de egual côr. Na parte inferior está como a precedente guarnecida de pelle.

A corôa da Siberia é de oiro massiço com adornos de preciosa obra d'arte. Tem sobreposta uma cruz adornada de perolas, e na parte inferior uma tira de velludo carmesim escuro.

Os dois sceptros — o imperial e o grande de estado — são riquissimos, se bem que alguma coisa de tosca construcção, guarnecidos com grande numero de pedras preciosas, e o ultimo rematado por uma formosa esmeralda.

A corôa de Kasan é de filetes de oiro, com esmaltes pretos. As pedras preciosas que a adornam são rubins e turquezas, e tem além d'isso muitas perolas engastadas em oiro. O remate é formado por um grande rubim que descansa sobre duas perolas, e sobremontado por outras duas. A borda inferior é forrada de pelle de zibelina. Kasan foi conquistada pelos russos em 1553, reinando Iwan IV. O valor da corôa está taxado em 884 rublos e 20 kopekes.

A corôa do czar e do grã-duque Pedro Alexiewitsch é geralmente chamada a gorra dos diamantes, por ter oitocentas e dezesete d'estas pedras preciosas, e mais quatro rubins e oito esmeraldas. Calcula-se o seu valor em 16930 rublos. Tem mais adornos, e tambem está forrada inferiormente com pelle de zibelina.

A corôa de primeira ordem, que é a do czar Iwan Alexiewitsch, excede em valor as outras por causa de um grande rubim avaliado em 700 rublos. O seu valor total é de 17211 rublos.

O pequeno globo imperial é o da Russia Menor, e denomina-se de oiro. Foi depositado no thesouro imperial em virtude de um ukase do imperador Pedro II, datado de 30 de Março de 1728. É rematado por uma cruz massiça de prata.

O grande globo imperial da Russia, é de estylo bizantino; data do seculo X, e serviu de modelo a outros, que mais tarde se construiram em Veneza. Consistem as suas joias em cincoenta e oito diamantes, oitenta rubins, vinte e tres gemmas de côr azul celeste, cincoenta esmeraldas, e trinta e oito perolas engastadas em oiro esmaltado. Sobre uns escudos de forma triangular ha pintadas a esmalte varias scenas da vida de David. No anno de 1725, exceptuando os rubins da cruz, duas esmeraldas, e seis grandes perolas, foi este globo avaliado em 1630 rublos.

A corôa do czar Pedro Alexiewitsch é uma corôa de segunda ordem, de oiro liso, e assim tambem a cruz com perolas nos extremos. Avalia-se em 450 rublos.

O vaso que contém o oleo para a sagração do imperador, é de forma oval com pedestal de oiro ricamente adornado; a tampa é do mesmo metal, e por dentro a taça é de jaspe.

Tambem ha no thesouro imperial do Kremlin tres cruzes adornadas com profusão de pedras, cujas insignias usam os czares em certos actos solemnes, e um terceiro globo, no genero bizantino, com abundantes adornos de esmalte e pedras preciosas.

As outras insignias do imperio russo, são: o escudo imperial, o estandarte, sello, e espada do imperio, com differentes pendões e varios solios de deslumbrante magnificencia.

O escudo imperial é feito de coiro forrado de velludo carmesim, e bordado a oiro. A espada do imperio, que está n'uma bainha de velludo carmesim com bocal e ponteira de oiro, tem uma folha muito larga e a ponta arredondada. O punho compõe-se de duas cabeças de aguia, cobertas com uma corôa, sobremontada d'um pequeno globo imperial com uma cruzinha.

Dos solios ou thronos mencionaremos os que serviram na ultima coroação. O que a imperatriz occupou é o mais antigo, e foi dado no anno de 1605 pelo shah Abbas da Persia ao czar Boris Godunow. Está tão perfeitamente coberto com uma chapa de oiro, que parece ser todo massiço d'este metal. Os adornos, que constam de pedras preciosas e perolas, são magnificos. O segundo throno, destinado á imperatriz reinante, e que se chama o throno de oiro, é uma cadeira com seu respaldar muito alto, adornado com mil e quinhentos rubins, oito mil turquezas, dois grandes topasios e ametistas de grande belleza. Data do tempo do avô de Pedro Grande, o czar Miguel Feodorowitsch.

O terceiro é o throno imperial propriamente

dito, e ordinariamente se lhe chama a cadeira de diamantes. Está incrustado de abundantes pedras preciosas e perolas, e foi dado de presente ao pae de Pedro Grande, o czar Alexis Michaaelowitsch. Tem no espaldar a seguinte inscripção:

«Ao poderoso e invicto Alexis, imperador dos moscovitas, que felizmente reina sobre a terra. Sirva-lhe este throno, obra distincta pela arte e formosa execução, de signal de benção e ventura n'este mundo, e no outro.» A.

Tratámos de traduzir esta legenda de um dos mais notaveis romancistas contemporaneos de Inglaterra, William Harrison Ainsworth, porque se refere a uma epoca pouco conhecida, e que tem passado quasi inappercebida aos estudos da erudição britanica, e mesmo ás inspirações menos profundas do drama, e do romance.

Walter Scott, que soube escolher sempre os assumptos mais dramaticos da historia de Inglaterra e de Escocia, que abrange com as suas admiraveis narrativas o longo periodo que decorre desde as cruzadas até ás derradeiras tentativas dos Stuarts, para reconquistarem o throno da Grã-Bretanha, nunca nos fez assistir á luta inevitavel que deveria travar-se entre o catholicismo e a reforma, durante o reinado de Henrique VIII.

«O ultimo abbade de Whalley», leva-nos exactamente ao seio dos acontecimentos, que occorreram logo que o monarcha inglez abraçou o protestantismo.

Não admira que o clero, excitado pelo seu proprio perigo, recorresse á revolta. Henrique VIII separando-se de Roma, cedia aos resentimentos do seu amor proprio, e ao desejo de engrandecer o estado, com os despojos das ordens monasticas. Os intuitos politicos, como as paixões individuaes, levaram-no a firmar o poder absoluto desvanecendo as resistencias da aristocracia, pelo largo quinhão que lhe offerecia, n'esta violenta expropriação das propriedades e riquezas do sacerdocio catholico.

A reforma, entretanto, lavrava ha seculos na Inglaterra e na Escocia depois de Wiclef. O clero, abandonado pelas classes superiores, com poucas raizes no espirito do povo, não pôde sustentar a sua causa. A *Peregrinação da Graça*, como a denominou a revolução, e de que trata o romance, caiu diante das armas do rei. A rainha Maria depois, pelas suas crueldades, e tyrannica perseguição em favor do catholicismo, condemnou-o mais depressa. Isabel, finalmente, opera a transformação religiosa, unindo ás crenças um raro talento para o governo, e tornando solidarios os destinos de Inglaterra na guerra emprehendida contra o poder desmedido de Hespanha.

Sem acreditarmos esta composição uma obra prima de pensamento e estylo, preferimol-a a outras, porque derrama uma grande luz sobre um dos pontos, não sabemos se mais obscuros, mas pelo menos mais ignorados da historia ingleza.

LOPES DE MENDONÇA.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

N'uma tarde de Novembro de 1536, estavam oito homens de vigia no cimo do monte de Pendle. Dois conservavam-se collocados a alguma distancia dos primeiros, de modo que podiam avistar todo o campo de um e outro lado da montanha; estavam armados de espadas e arcabuzes, e via-se pelo seu trajo que eram archeiros: traziam bordado nas mangas o nome de Jesus, cercado das cinco chagas, emblema da Peregrinação da Graça. Ao pé d'elles existia um estandarte, mostrando uma cruz de prata, o calix e a hostia; e por baixo uma figura de ecclesiastico, de capacete e espada, apontando para um edificio monastico, como para indicar que era em sua defesa que assim se havia armado. Esta figura representava João Paslew, abbade de Whalley, ou conde da pobreza, como se intitulou depois que se dedicara ao exercicio das armas.

Dos outros seis, dois eram pastores, e seguravam duas mulas e um cavallo ricamente apparelhado. Outro era couteiro, trazia faca á cinta, um clarim a tiracollo, e encostado a um arco de setta, olhava para os outros tres homens que estavam defronte d'elle. Dois d'estes vestiam o habito de monges cistercienses, e o terceiro, que pelo respeito com que o tratavam, parecia ser seu superior, estava embrulhado n'um grande manto de velludo preto, tendo bordado nas mangas o mesmo emblema que os soldados traziam.

O seu aspecto era severo, e as suas feições, já quebrantadas pela edade, indicavam energia, como tambem o brilho dos seus olhos, e o seu porte magestoso.

No meio d'elles estava amontoada uma grande porção de lenha, em termos de poder lançar-se-lhe fogo. Ao pé estavam archotes, provavelmente para o mesmo effeito: em sitio abrigado, e encoberto ardia uma pequena fogueira.

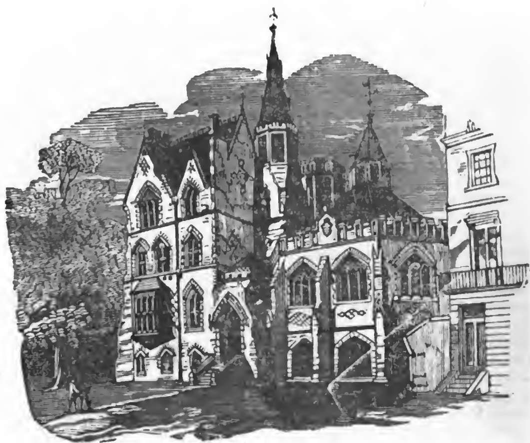
N'aquelle anno desinvolvera-se uma terrivel rebellião no norte de Inglaterra, cujos sectarios, respeitando a pessoa do monarcha Henrique VIII, tinham-se ligado para conseguir a restauração da supremacia papal, e a restituição dos bens ecclesiasticos. O seu fim era tambem castigar os inimigos da egreja romana, e supprimir heresias. Pelo seu caracter religioso tomou esta insurreição o nome de Peregrinação da Graça, e contava como seus partidarios todos aquelles que não tinham abraçado as novas doutrinas nos condados de Yorkshire e Lancashire. Não era para admirar que a suppressão

das ordens monasticas causasse uma insurreição d'esta natureza. A espoliação de tantos edificios sagrados, a destruição de altares, e imagens, olhados com veneração; a expulsão de tantos ecclesiasticos conhecidos pela sua hospitalidade, e respeitados pelo seu saber; as violencias e a rapacidade dos commissarios nomeados pelo vigario geral Cromwell, tantos desacatos eram mal vistos pelo povo, que se dispunha a auxiliar as victimas na sua resistencia. Até então tinham sido respeitados os mosteiros mais ricos do norte, e era para salvar estes das mãos dos visitadores, os doutores Lee e Layton, que a revolução havia rebentado. Um levantamento similhante tivera tambem logar no condado de Linconkire, commandado por Makesel, abbade de Baslings, que foi logo suffocado pelo rigor e actividade do duque de Sufforh, e o seu chefe fôra morto. Mas a insurreição do norte era melhor organisada, e de maior força, e contava agora trinta mil homens debaixo do commando de Robert Ashe, habil e resoluto general.

Os padres eram, deve-se suppor, os principaes promotores d'esta revolta, porque todo o resultado revertia em seu beneficio: e grande numero d'elles, seguindo o exemplo do abbade de Baslings, vestiam saias de malha em vez da de estamenha, e armavam-se para manter os seus direitos e pôr termo aos seus males. Entre estes notavam-se os abbades de Jervaux, Furness, Fountains, Risanlx e Salley, e ultimamente o abbade de Whalley, fogoso e energico prelado, que havia sido sempre constante na sua opposição ás medidas oppressivas do rei. Taes eram os designios, e os partidarios do movimento, que se denominou Peregrinação da Graça.

Já algumas cidades consideraveis pertenciam ao partido dos amotinados. York, Hull e Pontepact tinham cedido; o castello de Shipton estava sitiado, e defendido pelo conde de Cumberland, e aprestavam-se a dar batalha ao duque de Norfolk, e ao conde de Shrwenburg, que commandavam as forças do rei em Doncaster. Mas estes chefes realistas quizeram contemporisar, e offereceram uma amnistia aos rebeldes, que foi acceita por elles.

Continua.



ESCOLA PHILOLOGICA.

Foi fundada esta escola em Londres no anno de 1792 por um sobrinho do almirante Collingwood para dar educação das lettras e linguas aos filhos dos ecclesiasticos protestantes, dos officiaes do exercito e armada, dos professores, e de outros de empregos analogos que se achassem em circumstancias apuradas de falta de recursos. Originariamente estabeleceu-se proximo a Fitzroy-square, mas ha trinta annos foi mudada para Glou-cester-place em New-road. O numero dos pupillos cresceu tanto, que os reitores da casa entenderam ser necessario construir edificio amplo, o qual o nosso desenho mostra, e que é primoroso na execução da obra e com todas as precisas accommodações; forma um contraste notavel, mas agradavel á vista, com a County-Court e os banhos

publicos que lhe ficam exactamente fronteiros, dando assim um caracter architectonico áquella parte de New-road. M.

BYRON!

Conclusão.

IV

Deixemos por um momento o valente campeão da liberdade da Grecia, dedicando-se de coração á ardua tarefa que a si mesmo se impozera, defendendo os direitos do homem tão longe da sua patria, privando-se da sua pequena fortuna para armar a guarnição de Missolonghi, lutando com as difficuldades da guerra, com os desgostos da intriga e da desordem, com o perigo da peste que devasta a cidade: e lancemos um olhar retrospectivo sobre aquellas de suas obras, em que ainda não temos fallado.

Melodias hebraicas, suave canto inspirado pela poesia biblica, para o qual adaptaram a musica mrs. Braham e Nathan. *A Maldição de Minerva*, poema vingador da Grecia contra seus proprios compatriotas. *Beppo*, novella veneziana, de engraçadissimo tecido. *Mazeppa*, sublime romance, cujo assumpto o autor extrahiu da *Historia de Carlos XII* por Voltaire. *O Sonho*, pintura ideal do seu primeiro amor. *A Ilha, ou Christiano e seus companheiros*, scenas maritimas entre os archipelagos do Oceano Pacifico, com soberbas descripções de algumas d'aquellas formosas ilhas, e a narração poetica de extraordinarios successos que se encontram em duas relações de viagens ao mar do sul. *A Edade de bronze*, satyra do congresso de Verona em 1822, uma das peças litterarias menos eguaes, que apparecem nas obras de Byron. *As Trevas*, poema extravagante, no qual o autor suppõe a extincção de todos os corpos luminosos. *O Avatar irlandez*, desafogo de uma alma nobre contra o misero estado a que via reduzida a Irlanda. *Avatar* é uma superstição dos indianos, a encarnação de Brahma ou Vishnou, que Byron applica, por irrisão, como titulo de honra a Jorge IV de Inglaterra. *Werner ou a herança*, drama ou tragedia, que por ambos os nomes lhe chama o autor, confessando todavia que não destinou este escripto para o theatro, nem o julga susceptivel de ali ser admittido. O enredo d'esta peça é extrahido de uma novella alemã, intitulada *Kruitzner*, e foi dedicada por Byron ao illustre Goethe. *Oscar d'Alva*, poemeto. Innumeros fragmentos de novellas, cantos de diversos generos, e versos soltos de todas as medidas, preenchem a parte denominada *Miscellaneas*, na collecção completa das obras de lord Byron. Mencionaremos algumas de mais subido merecimento.

A perda d'Alhama, por exemplo, romance lamentavel do sitio e tomada da mesma cidade; imitação do arabe. Outras imitações do grego, do hespanhol, e uma do portuguez.

Promethеu; O tumulo de Churchill; O adeus, escripto quando o autor cria ver a morte mui proxima; a *Ode a Napoleão;* outra ode sobre a Estrella da Legião de Honra, vertida do francez; o *Adeus de um polaco a Napoleão*; poesias a Santa Helena e a Veneza; epygrammas; *O adeus á Inglaterra*, e muitos outros versos de valor, consagrados a differentes damas, ou escriptos em diversos albuns.

No corpo das obras de Byron tambem se encontram tres discursos parlamentares, unicos que pronunciou na camara dos lords, mas que lhe ganharam vehementes applausos; e egualmente algumas cartas a J. Murray, ácerca da vida e das obras de Pope, e outras correspondencias de interesse secundario. Emfim o *Vampiro*, historia absurda, attribuida a Byron, por elle a haver contado em uma sociedade, mas não escripto.

Para um homem cuja vida não passou além dos trinta e seis annos, e esses em continua agitação, escreveu muito mais do que devia esperar-se, o nosso poeta, e sempre com o cunho da originalidade.

Volvamos á Grecia, a assistir aos seus ultimos momentos.

A 15 de Fevereiro de 1824 teve um primeiro ataque de febre, que não durou muito tempo, mas que o enfraqueceu bastante. Desde então não deixou de soffrer mais ou menos, e de enfraquecer successivamente. Contribuiu para lhe aggravar o mal, a completa abstenção que adoptou de bebidas e comidas excitantes, e a inacção em que caiu. Um dia constipou-se, e a melancolia pintou-se-lhe logo no rosto com côres assustadoras; virando-se para o conde Gamba, disse: «Soffro muito. A morte não me inquieta, porém não posso supportar esta agonia.»

Se não existe nenhuma biographia completa de Byron, pois que nem as de Moore, Bolwer e Galt são consideradas como taes, possuimos ao menos uma relação historica dos seus ultimos momentos, escripta pelo seu fiel criado Fletcher. Seguil-o-hemos.

A doença fatal de Byron teve principio ostensivo no dia 9 de Abril, com uma grande febre, que se lhe desinvolveu, quando regressava de andar a cavallo, com tempo chuvoso. O mal progrediu a olhos vistos, mas ainda no dia 12 asseguravam os medicos Bruno e Milligen que não existia perigo para a vida do famoso poeta. Lord Byron dizia que os medicos não entendiam da sua doença, mas ia tomando os violentos purgantes que elles lhe receitavam, e não comia absolutamente nada. No dia 16 sangraram-no, e a 17 repetiu-se esta operação, sem apresentar resultados favoraveis para o enfermo. Byron não dormia, e algumas vezes delirava. A idéa de poder enlouquecer mortificava-o mais do que o pensamento da morte.

No dia 18, depois de um accesso de delirio,

o mysterioso bardo percebeu que se aproximava a sua derradeira hora. Chamou Fletcher para junto do leito, e communicou-lhe as suas ultimas disposições.

—A tua sorte está assegurada, Fletcher; murmurou o poeta.

—Supplico-lhe, mylord, que trate de objectos mais importantes; respondeu o fiel servo.

—Oh! minha querida filha! Minha Ada... Meu Deus, se podesse ao menos vêl-a! Abençoae-a por mim, e á minha querida irmã Augusta, e a seus filhos!... Tu irás a casa de lady Byron, dize-lhe... dize-lhe tudo!...

E continuou a fallar, por entre dentes, de tal maneira que Fletcher não podia entender o que lhe recommendava.

—Executarás tudo o que te disse? perguntava o moribundo.

—Se nada percebi, senhor!... respondia o bom criado. Tentae porém a repetição...

—Não posso! É muito tarde... Acabou-se tudo... Não é a nossa vontade, é a de Deus que se executa!

Ao meio dia houve junta de medicos, e receitaram-lhe vinho quinado. O poeta tomou o medicamento, e passado algum tempo manifestou o desejo de dormir. Desde as seis horas da tarde d'este dia até ás seis horas da tarde do seguinte (19 de Abril) não fez o menor movimento, e respirava como um agonisante. Então abriu os olhos, e tornou a fechal-os sem nenhum symptoma de dôr.

—Meu Deus! bradou Fletcher; receio que meu amo esteja morto!

Os medicos tomaram o pulso de Byron, e responderam:

—Tendes razão... está morto!

Os seus restos mortaes foram depositados na egreja onde já repoisavam o general Normann, e Marco Botzaris. As tropas de Missolonghi e uma grande parte da população escoltavam o cadaver do seu mais desinteressado amigo.

Sobre o grosseiro caixão que encerrava o corpo d'aquella grande alma, lançaram um panno negro, e collocaram-lhe em cima um capacete, uma espada e uma corôa de loiro.

Era singelo, mas sublime.

Algum tempo depois d'este fatal acontecimento, Walter Scott, a quem Byron chamava o Ariosto de Inglaterra, escrevia a seu respeito estas memoraveis palavras:

«Calaram-se as vozes de uma justa censura e as vozes da maledicencia. Dir-se-hia que um astro brilhante desappareceu do ceo, no momento em que se observavam, com um telescopio, as manchas que obscureciam o seu esplendor.»

Lamartine, o glorioso poeta da França moderna, dedicou uma das suas melhores odes á memoria do Dante da Grã-Bretanha.

A sua patria erigiu-lhe um monumento.

Como Homero, como Camões, como quasi todos os grandes poetas, Byron viveu perseguido e calumniado, e morreu longe do seu paiz natal. A gloria tem sempre por pedestal a pedra do tumulo.

Na edade de trinta e seis annos deixou de pulsar aquelle nobre coração, apagou-se a luz d'aquella intelligencia, calou-se para sempre a voz inspirada do poeta de *D. Juan* e de *Harold*, poeta tão original como Shakspeare e Hoffmann, amigo desinteressado da liberdade como Washington e Franklin.

F. M. Bordalo.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

No anno 34 da era de Christo, *Simão*, denominado o *Magico*, vendo que os apostolos communicavam o Espirito Santo pela imposição das mãos áquelles que recebiam o baptismo, offereceu-lhes dinheiro para ter o mesmo poder. S. Pedro rejeitou indignado esta proposta sacrilega, e Simão, para se vingar, tornou-se o chefe da primeira heresia que appareceu no christianismo. Dizia ser elle o poder supremo, que apparecia entre os judeus como Filho, na Samaria como Pae, e nas outras nações como Espirito Santo. Publicava além d'estas uma immensidade de extravagancias, que, apesar de tudo, lhe attrahiram sectarios. Até chegou a fazer-se adorar sob o nome de Jupiter, e á sua concubina sob o nome de Minerva. Esta seita não foi perseguida, e comtudo não durou mais de um seculo.

No anno 54, *Cerintho* levantou-se contra os apostolos, e combateu vivamente a sua doutrina. Reconhecia os milagres de Jesus Christo, porque tinham então um tal grau de evidencia que se não podiam contestar; mas para conciliar o estado humilde em que Christo appareceu, com todos os attributos de Filho de Deus, suppoz em Jesus Christo dois seres differentes — Jesus, filho de José e de Maria; e Christo, que descera em Jesus sob a forma de pomba na occasião do baptismo. Os apostolos expulsaram a Cerintho da Egreja, como corruptor da doutrina. Já então se reputava dogma fundamental do christianismo a divindade de Jesus Christo. O evangelista S. João escreveu o seu evangelho para precaver os fieis contra as heresias de Cerintho e seus discipulos.

Em 64, *Hymenèo*, *Philètes*, e *Alexandre* ensinavam que a resurreição já estava feita, e não reconheciam mais do que a resurreição espiritual do peccado á graça. Foram anathematisados por S. Paulo.

Em 66, alguns falsos doutores, escudando-se n'uma maxima equivoca de *Nicolau*, um dos primeiros diaconos, que dizia *ser mister abusar da carne*, no sentido da necessidade de a mortificar, ensinavam que tudo, até as mulheres, devia ser commum entre os christãos. Por este motivo nas suas assembleas se entregavam aos crimes mais infames. Chamavam-lhes *Nicolaitas*, e S. Pedro fulminou-os na segunda epistola.

Em 72, *Ebion*, chefe dos *Ebionitas*, intitulando-se discipulo de S. Pedro, rejeitava S. Paulo, e ensinava que se devia consagrar a Eucharistia unicamente com agua; negava a divindade de Jesus Christo, e a virgindade da Mãe, accrescentando que Deus entregara ao diabo o imperio do mundo, e o do seculo futuro a Christo, a quem elle distinguia, como Cerintho, do filho de Maria e José.

No anno 74, *Samaritano* adoptou os erros de Simão o Magico, e dos Nicolaitas. Sustentava que o mundo fôra creado pelos anjos; e que elle proprio era a omnipotencia de Deus Padre, e o unico salvador dos escolhidos que não podiam entrar no ceo sem o poder da sua arte magica. Seus discipulos viviam tão dissolutamente como a maior parte dos hereticos d'este seculo. Foi d'esta seita que saiu, trinta annos depois, *Saturnino*, que ensinava ser o casamento e a geração uma obra diabolica.

Em 105, *Basilidas*, querendo conciliar a origem do mal com a bondade de Deus, ensinava que o mundo não fôra creado immediatamente pelo Ser Supremo, e sim pelas intelligencias que o Ser Supremo tinha produzido, e que foi das imperfeições d'estas intelligencias que nasceu o mal que se encontra no mundo. O Salvador, segundo *Basilidas*, tinha feito os milagres de que os christãos fallavam; porém sustentava que elle não havia encarnado, que tivera um corpo phantastico, que não fôra verdadeiramente crucificado, e que se não devia expor por sua causa á morte.

Em 107, *Elxai*, de origem judaica, chefe dos *Elcefaitas*, mais conhecidos pelo nome de *Osseanos*, préga que se pode e deve dissimular a fé para subtrahir-se ás perseguições; e como ordinariamente um erro precipita em novo erro, ensina que Jesus Christo é uma virtude material, á qual deu noventa e seis mil pés de longitude, e espessura á proporção. Pelo que respeita ao Espirito Santo, representava-o como uma divindade femea, postada defronte de Christo como uma estatua, sobre uma nuvem entre duas montanhas, que tinham as mesmas dimensões. Este extravagante, e os seus discipulos aborreciam a continencia, e olhavam a virgindade como uma infamia. Juravam pelo sol, pela agua, pelo pão, pelo ceo, pelo azeite, pelo vento, e pelos santos anjos da oração; e estes juramentos eram inviolaveis e sagrados.

Foi no começo d'este seculo que a maior parte dos heresiarchas tomaram o nome de *Gnosticos*, palavra que significa *sabios* ou *illuminados*, e que prova que o orgulho era o unico facho que os esclarecia.

141. *Cerdon* e *Marcion* admittem dois principios; um bom, pae de Jesus Christo, que, segundo elles, nunca tinha encarnado; o outro, autor da lei judaica, e creador d'este mundo. Foram condemnados n'um concilio que alguns annos depois se reuniu no Oriente.

144. *Theodoto*, pessoa muito instruida, apostatou, para justificar a sua fraqueza, e negou a divindade de Christo, e a existencia do Verbo eterno. Este heresiarcha, e os seus discipulos, foram chamados *Alogeos*, ou *inimigos do Verbo*, e foram condemnados nos concilios de Roma, em 146, d'Hieraples, na Asia, em 173, e varios outros.

168. *Montano*, chefe da seita dos *montanistas*, era um eunuco phrygio. Dizia-se propheta, e parecia agitado de espirito maligno. Ensinava que Deus havia primeiramente querido salvar o mundo por Moysés e pelos prophetas, e não o conseguira; que depois encarnara, e não fôra melhor succedido; que finalmente descera n'elle *Montano* pelo Espirito Santo, de quem dizia que recebera a plenitude. Por isto intitulava-se *Paracleto*, que significa *espirito consolador*. Gabava-se de maior perfeição que os apostolos. S. Paulo permittira as segundas nupcias; *Montano* prohibia-as, como uma devassidão; e permittia dissolver os casamentos. Estabelecia novos jejuns. Os apostolos haviam instituido só uma quaresma, e *Montano* ordenava tres em cada anno. Prohibia fugir á perseguição, e queria que se procurasse o martyrio. Finalmente, quasi que não recebia os peccadores á penitencia. Os seus erros foram anathematisados nos concilios de Iconia e Synade, na Asia, no anno de 235; e apenas elles appareceram logo o foram por grande numero de bispos e sabios catholicos. A seita de *Montano* produziu uma infinidade d'outras.

175. *Apelles*, discipulo do heresiarcha Marcion, afastou-se do seu mestre em muitos pontos, e foi chefe de uma seita que de seu nome se chamou *Apellitas*. Entre outros absurdos dizia que Jesus Christo se formara um corpo de parte de todos os ceos por onde descera á terra, e que na ascenção fôra deixando a cada ceo a parte que d'elle tomara. Uma das grandes objecções que pretendia fazer ao livro do Genesis, era que Deus não podia ameaçar de morte a Adão, se comesse do fructo prohibido, porque Adão, não conhecendo o que era a morte, não sabia se isto era um castigo.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXX

De como o mestre de campo francez, tanto que viu enforcar o ditto Francisco Gil mandou enforcar o piloto francez.

Podera mui bem o piloto francez negar tudo o que Francisco Gil tinha ditto; mas cuidou que

nem a um nem a outro fizessem nada. Este piloto do patacho tinha nelle ametade, e o outro francez a outra ametade; e tinha o patacho fama de bem veleiro, e dizem que era um pensamento, porque alguns tinham já fugido do porto desta cidade, e lhe botavam outros, e os traziam; mas estes estavam seguros, que ainda que lhe botassem outros era por demais. E todos estes patachos e navios francezes não se podiam ir nem bulir do porto, sem licença do seu mestre de campo general, e capitães. O dito Francisco Gil como era piloto, não fallou mais que com o outro piloto, e não fallou com o francez que era dono da outra ametade; antes quando fallou ao piloto, o piloto o avisou que não fallasse ao seu companheiro, porque não havia de querer, e que sem elle iriam, pois lhe pagavam bem. E por esta causa o mestre de campo Bautista, sabendo já tudo, fez perguntas ao piloto francez, sem tratos, o qual confessou tudo, que era verdade. Acabada a confissão o mandou enforcar na ponta do caes; o qual piloto era christão, e catholico morreo, porque o Bautista o mandava enforcar sem ir com elle confessor algum, nem padre, nem irmãos da Casa da Santa Mizericordia, nem Crucifixo, que assim faziam elles antes a muitos. Souberam os irmãos da Santa Mizericordia que era catholico, e veio-o dizer o confessor, a quem elle tinha mandado chamar á prizão; e acudiram com pressa, com padres e irmãos, com bandeira e Crucifixo, e até o enforcarem o foram animando na nossa Santa fé, e elle nella morreu pedindo perdão a todos, se delle tinham algum escandalo; e não deixaram os moradores da cidade de terem delle muita lastima. Podia ser homem de quarenta annos.

Continua.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.

Publicou-se o 3.º volume da Eneida de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, Stambul, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

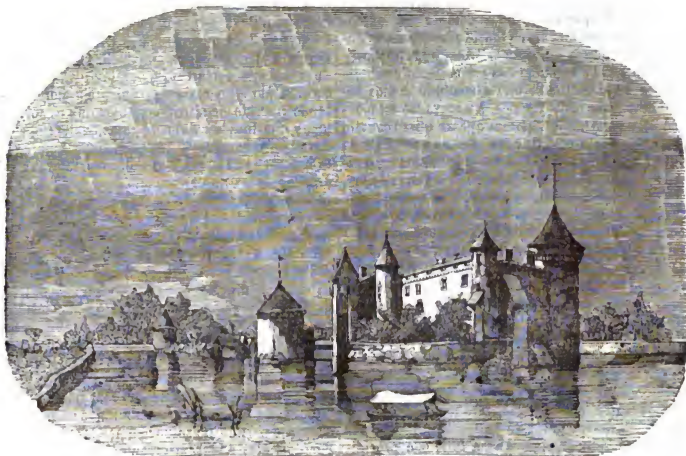
As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega	90 »

PROVINCIAS (*franco de porte*)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »



CASTELLO DE BREDA.

Este castello, situado no departamento da Gironda, é cercado de largos e profundos fossos, e tem a figura de um polygono. As muralhas, cujos alicerces estão cobertos pela agua, são defendidas a oeste por uma grande torre orbicular, coroada de seteiras de trinta metros de altura. Uma das casas d'esta torre, construida, no principio do seculo XV, para servir de prisão, está abaixo do nivel da agua.

Chega-se ao castello por tres pontes levadiças, defendidas pelas torres e muralhas. Sobre o fogão de uma casa do primeiro andar, onde está a bibliotheca, vê-se um grande painel dos fins do seculo XV, que parece representar o acto da tomada da posse da Guienne por Carlos VII. Uma porta d'esta bibliotheca dá para a capella em que João de Lande, senhor de Breda, foi autorisado, por bulla de Bonifacio IX, a fazer celebrar missa e administrar os sacramentos.

Montesquieu nasceu n'este castello, a 18 de Janeiro de 1689; e ahi compoz parte das suas obras. Ainda se mostra o seu quarto, os moveis, e o fogão, gasto, diz-se, pelo roçar dos seus pés.

AS CATACUMBAS DE S. PEDRO.

As catacumbas de S. Pedro entram na ordem dos mais admiraveis trabalhos que a mão do homem tem emprehendido. Principiando o subterraneo nas portas da cidade de Maestricht, vae perder-se por baixo das montanhas do Meusse, e chega até á cidade de Liége.

Nada mais mysterioso, nada mais imponente que este immenso subterraneo, onde se encontra uma immensidade de ruas e praçasinhas. Cavada pelos primeiros habitantes da provincia para extrahirem pedras para os edificios, foi aquella caverna um passadiço vulgar, antes do trabalho dos seculos a converter n'um objecto de assombro e admiração.

A sua origem e data perdem-se na noite dos tempos. Os aldeãos do Meusse contam curiosas tradições e historias, mais ou menos horriveis, que se prendem com a existencia d'este largo e tenebroso caminho. N'estas narrativas toma o diabo a sua competente parte; porém fora das lendas, e contos inventados pelo medo e pela ignorancia, ninguem sabe fixamente a epoca em que se construiram tão gigantescas profundidades.

A Roma subterranea não é tão curiosa e poetica como a caverna de S. Pedro. A maior parte das catacumbas que ha no mundo tiveram a mesma origem que a de Maestricht. Formadas com o fim de extrahir materiaes, converteram-se depois em cemiterios. O subterraneo de S. Pedro recebeu nas suas entranhas milhões de viajantes que encontraram a morte nos seus immensos labyrinthos. Em Catanea, Palermo, Agrigento, Siracusa e Napoles, é que se encontram os mais anti-

gos subterraneos. Nada ha tão extenso e magestoso como as excavações seculares d'estas cinco cidades da Italia. As catacumbas de Napoles são maiores do que as de Roma, tanto em extensão, como em largura. Quasi todas teem tres andares de altura de vinte palmos, pelo menos.

Não sendo tamanhas as proporções do subterraneo de Maestricht, não é comtudo menos gigantesco que o de Napoles. A excavação compõe-se só de um andar, porém apesar d'isso contém mais de cento e vinte ruas, e a sua vastidão é de duas leguas e meia. Tendo-se feito esta excavação n'uma epoca mui afastada (segundo dados, ha dois mil e trezentos annos) a maior parte das ruas formam um labyrintho tão intrincado, que internando-se uma pessoa no seu recinto carecerá de muitos annos para encontrar a saida.

Serve de entrada á caverna de S. Pedro uma excavação natural de cincoenta e dois pés de largo, e quarenta e quatro d'alto. As galerias, talhadas na rocha viva, são irregulares. Á direita e á esquerda da parede ha duas fendas symetricas, cujo fundo apresenta um cahos tenebroso e horrivel. Todas as ruas que crusam o subterraneo vão parar a estas duas saidas. A temperatura d'este logar, graduada pelo thermometro de Reaumur, é sempre de doze graus acima de zero. Abysmos sem fundo, e precipicios espantosos rodeiam o estreito caminho que conduz a esta mansão de silencio e morte. O ecco da voz perde-se na immensidade das altas abobadas, e a sua profunda escuridão causa pavor aos mais valorosos espiritos.

O desejo de encontrar o fim d'estes labyrinthos tem attrahido áquellas galerias homens emprehendedores. A maior parte sairam sem encontrar o resultado, e outros pereceram no seu insondavel abysmo. O subterraneo tem uma funebre celebridade, pois os curiosos a cada passo estão expostos a perder a vida, e morrer nas trevas. Os guias em quanto vão guiando com os archotes aos visitantes, contam-lhes mil historias horriveis a respeito de viajantes perdidos nas galerias, começando sempre a narração pela passagem mais tetrica. Assim conseguem dar maior prestigio áquelles abysmos, e ás vezes imaginam sanguinolentos dramas capazes de eriçar os cabellos aos pobres curiosos.

Entre as historias contadas pelos guias ha algumas que merecem credito: o tragico fim de quatro frades mortos n'este dominio das trevas, é verdadeiro: «Estes quatro religiosos que pertenciam ao convento de Selavande, situado na escarpa da montanha de S. Pedro, conceberam o projecto de edificar uma capella no fundo do subterraneo, onde grande parte dos habitantes costumavam passar o inverno por causa da agradavel temperatura d'aquelle logar. Na epoca d'estes acontecimentos havia uma devastadora guerra civil, e os pobres trabalhadores não tiveram mais remedio que refugiar-se nas cavernas, levando as suas provisões. Estes infelizes aldeãos tinham azeite para se alumiarem, legumes, farinhas, aveia, e forragens, e no subterraneo fizeram uns fornos para cozer o pão. Assim podiam ali viver muitos mezes. Vendo os religiosos que faltava um templo onde celebrar o santo sacrificio da missa e officios divinos, conceberam a idéa de edificar a capella. Com este piedoso objecto percorreram muitas grutas para a escolha do sitio mais conveniente; porém não tendo querido penetrar no labyrintho os dois homens que lhes serviam de guias, valeram-se de um meio engenhoso, que os gregos empregam com frequencia quando se querem internar nas profundidades de um abysmo desconhecido. Ataram na ponta de uma rocha a extremidade d'um fio, e providos d'um farto novello, continuaram andando. Depois de percorrerem diversos caminhos chegaram a uma especie de praça, onde não penetrara ainda pé humano. Depois de debuxarem com carvão n'uma das rochas o frontispicio da plataforma de S. Pedro vista do Meusse, no ponto onde se descobre o convento de Selavande, e de escreverem a data da sua descoberta, dispozeram-se a voltar, e então conheceram, com terror, que o fio estava partido.

«Durante o caminho tinham consumido as provisões e os fachos. Em tão afflictiva situação tomaram o partido de se encommendarem a Deus. Por dois dias andaram errantes por aquelles espaços sem limites; suas vozes perderam-se n'aquella immensidade, e as mãos não encontravam senão rocha ao procurarem novos caminhos. Tudo foi inutil, e para cumulo de infelicidade morreram separados uns dos outros, abatidos pela fadiga, extenuados de fome, soffrendo uma horrivel agonia sem poderem dar-se o ultimo adeus.»

Ao cabo de oito dias foram encontrados os cadaveres em diversos pontos do subterraneo.

A.

OS BALKANS.

Os sombrios e aridos desfiladeiros dos Balkans são ainda hoje tão impenetraveis como na epoca em que Dario os atravessou do sul ao norte, quinhentos annos antes da era christã.

Ha seculos que o fertil Delta, que se estende por entre os Karpatas, os Balkans, e o mar Negro, permaneceu na atonia, e os seus immensos recursos quasi que ficaram desconhecidos das potencias europeas; e, comtudo, a natureza dotara ricamente estas magnificas regiões, e o Danubio offerecia aos seus productos uma saida facil para todas as partes do mundo.

A sorte fadou estas planicies para servirem a todos os povos de campos de batalha; tem sido devastadas pela guerra em todas as grandes epocas da historia. Assim, os seus habitantes, longe de se queixarem das elevadas montanhas em que se encerram, mais as consideram como um baluarte contra a invasão, do que como obstaculo ás suas relações commerciaes.

Isto explica o motivo porque os Balkans são tão pouco conhecidos, e porque conservam o seu estado primitivo. O celebre historiador turco Her-Von-Hammer, reduz a sete os desfiladeiros da cadêa principal; porém uma memoria que ha pouco tempo se leu na sociedade geographica de Londres augmenta muito o seu numero.

O autor d'este documento, o general Jochmus, antigo ministro dos negocios estrangeiros, diz que para reconhecer toda a cadêa desde o cabo Ennish (*finis Hoemi*) até Tirnova, situado ao pé da montanha entre Schibka e Dransva, a atravessou sete vezes em differentes sentidos; a saber: de Misidria a Sudshib, d'ahi a Achly, de Achly a Dobral, de Dobral a Carnabat, de Carnabat a Kasan, de Kasan a Selimneh, de Selimneh a Tirnova. Assim procedeu tambem a respeito da pequena cadêa de Hoemus, crusando-a desde Tirnova a Osmanbazar, de Osmanbazar a Kasan, de Kasan a Czalikavak, de Czalikavak a Koprikoi, de Koprikoi a Schumla, de Schumla a Paraivadi, de Paraivadi a Varna.

O ponto mais elevado da cadêa, pelo outro lado de Monastirkoi, é de dois mil pés, e a passagem está a mil e oitocentos pés sobre o nivel do mar, na direcção de Bana, a quatro horas de Messenvria, aonde se chega, atravessando bosques, por caminhos de serventia ás carretas que transportam lenha e ferro a Messenvria, etc.

Schumla, collocada ao pé dos Balkans, é uma posição estrategica mui importante, fortificada pela natureza e pela arte, e tem augmentado muito em meios de defesa. Os turcos chamam-lhe Ghazi (a victoriosa). Esta cidade é a chave do valle, que jaz entre os Balkans e o mar: domina a principal passagem da cadêa, e é, juntamente com Rutschuk e Silistria, o caminho de Constantinopola.

Schumla contém trinta a trinta e cinco mil habitantes, e occupa uma area de duas a tres milhas de longitude, e uma de latitude. Está edificada ao pé de uma montanha, de seiscentos a setecentos pés de altura. Tem bellas mesquitas, espaçosos quarteis, armazens e lojas em grande numero. Já não existe a maior parte das antigas trincheiras, porém a montanha que protege a cidade é de difficil accesso, e n'ella se apoiam as fortificações construidas á europea.

Os fortes, reductos, e baluartes que tem, não só a defendem, como a tornam temivel. Os novos trabalhos que se fizeram agora fecham os desfiladeiros que podem conduzir ao acampamento. As mesmas precauções se adoptaram a respeito do caminho que dá accesso á grande passagem dos Balkans, distante trinta milhas de Schumla. **

A MUSICA ENTRE OS ANTIGOS.

Os gregos attribuiam a Dionisio o principio da musica; porém Eusebio remonta-a aos tempos de Cadmo, certificando que os inventores foram dois irmãos chamados Ceto e Amphion. Solino julga que foi introduzida na Grecia pelos ilheos de Candia. Polibio concede esta honra aos Arcades, e Diodoro attribue a Mercurio a invenção das vozes da harmonia. Isidoro certifica que a casualidade fez descobrir a Pitagoras as primeiras notas musicaes no som dos martellos e na vibração das cordas retezadas. Comtudo os modernos attribuem a sua introducção a Guido de Arezzo.

Atheneo refere que os Arcades tinham por lei aprender a musica desde meninos para cantarem os hymnos em louvor de Deus, segundo as regras dictadas pelos musicos Timoteo e Filoseno. Estava tão acceito o canto entre os gregos, que segundo Cicero, o celebre Temistocles foi tido por indouto, só por haver recusado n'um convite o canto, com acompanhamento da lyra. Epaminondas foi um excellente musico.

Deve-se a esta affeição á harmonia o proverbio grego citado por Quintiliano, segundo o qual os ignorantes se consideravam longe do trato das graças e das musas. O severo Lycurgo aconselhou-a aos seus adustos espartanos. Platão julga que a musica é necessaria ao homem politico, e Homero diz que Achilles cantava harmoniosamente os meritos e a gloria dos heroes. O astrologo Ptolomeu refere que os antigos tinham o louvavel costume de applacar as suas irritadas divindades com cantos e musica. Cicero e Boecio contam que o philosopho Pitagoras acalmou a loucura de um mancebo com o canto e com a suavidade de um instrumento. Teotrasiro e Aulo Gelvi julgam que a musica é sufficiente para acalmar a dôr da gota. Empedocles diz que obrigou a acalmar com a suavidade do seu canto um hospede seu, n'uma occasião de colera. Plutarco conta que o musico Timoteo exasperava, a seu bel prazer, com o canto phrygio o animo de Alexandre o Grande; e o mesmo historiador elogia a extraordinaria melodia da voz de uma dama por nome Lamia, que com seus cantos chegou a enternecer Demetrio, rei da Macedonia.

Entre os antigos eram tidos por grandes musicos Terprando que, segundo Eusebio, vivia na Olympiada 33, Agenor de Mitilene, Alcidamas discipulo de Gorgias Leontino, e Antigenes, que excitou Alexandre para a guerra contra Dario Codomano, rei da Persia. Ismenias, celebre musico de Tebas, feito prisioneiro, foi apresentado a Architas, rei dos scitas. Irritado o principe pela admiração com que os seus barbaros vassallos ouviam o som da flauta, tocada por Ismenias, certificou, cheio de colera, que preferia o relincho do seu cavallo áquellas harmonias. Todos os que o ouviram zombaram d'elle.

O monge inglez Heos Stephanus, autor da vida do bispo Vilfrido, era um excellente musico; e acredita-se que Euchiriades foi no seculo VIII o primeiro que escreveu um tratado sobre musica. Nos tempos barbaros foram celebres Theon, Alipio, Isacio, Apuleyo e Boecio.

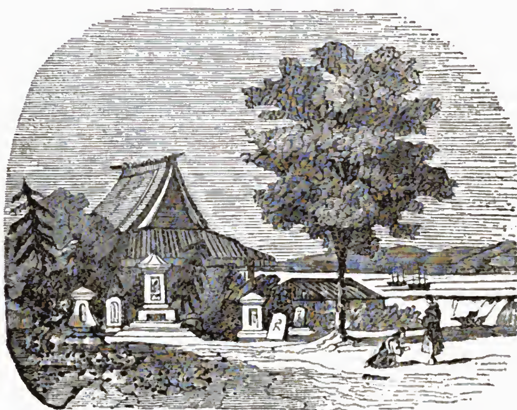
Epigone, mathematico, inventou um instrumento musico, que de seu nome se chamava na Grecia Epigonion, e Theodoro, pae do famoso tribuno e orador Isocrates, que vivia pelos annos 330 da fundação de Roma, inventou varios instrumentos, cuja industria lhe valeu grandes riquezas.

O historiador Mariano diz, que em muitas cidades gregas se publicavam as leis, acompanhando os pregões com a musica. Refere Thucidides, que os lacedemonios entravam em combate ao som de citharas e lyras. Tirteo reanimou o valor dos espartanos na guerra de Mesenia com o som da flauta.

Os lidios marchavam ao compasso da musica. Os gétas apresentavam os seus embaixadores de paz acompanhados de um tangedor de cithara. Socrates, tão severo como profundo philosopho, aprendeu a tocar lyra na edade de setenta annos. Cayo Graccho, um dos revolucionarios mais impetuosos da republica romana, quando fallava ao povo, tinha atraz de si um escravo, que com a flauta lhe dava a intonação necessaria para modular a voz com mais graça e doçura.

Finalmente, entre os gregos conheciam-se varios methodos de canto, sob as denominações de Hiarcio, Elio, Jonico, Hipermixolidio, Hipodomio, e outros, cujo numero chegava a quinze.

Na edade media escreveram sobre a musica Gregorio Tolosano, Angelo Policiano, João Thomaz Phrygio, Olomaro Luscinio, Pedro Aroon, João Maria Lanfranco, Jacobo Vercher, João Froschio, Ocheglem, e Abusnoi.



O PAGODE DE BUDHA EM KAKODAD.

Sobre o budhismo e seus sectarios já por vezes temos fallado n'este semanario, e dado alguns desenhos de seus monumentos e architectura religiosa. A vista d'este pagode de Kakodad, tomada do lado do cemiterio, é devida a um official de marinha embarcado na fragata franceza *Virginia*, o qual tirou outras de varios pontos das costas do Japão, que este vaso de guerra tem ultimamente visitado. A *Virginia* faz parte da expedição mandada pela França áquelles mares, não sómente para exploração e para rectificação dos muitos erros que se notavam nas antigas cartas geographicas, como tambem para promover conjuntamente com as outras potencias maritimas a abertura de alguns portos japonezes ao commercio da Europa e da America, e tambem operar de combinação com a esquadra ingleza, afim de obrigar a China a dar satisfação dos attentados commettidos por subditos do celeste imperio contra europeus, especialmente em Cantão e immediações. Já em Shangae a tropa de guarnição e a marinhagem dos dois navios, *Jeanne d'Arc* e *Colbert*, tiraram brilhante desforra. No dia 6 de Janeiro do corrente travou-se uma grave luta entre aquelles e os chinas insurgentes; tres mil d'estes foram derrotados com perda de perto de quatrocentos, pela gente das supracitadas embarcações, que além d'isso apeou e inutilisou toda a artilheria que os chinas tinham collocada nas muralhas; do que resultou infundir-lhes terror, e fazel-os mais prudentes e respeitadores da bandeira franceza.

M.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Durante a amnistia todas as hostilidades cessaram; mas faziam signaes nos cimos das montanhas, e o fogo d'estes devia ser considerado como um novo appello ás armas. Era isto que esperavam agora os oito homens da vigia.

— É quasi noite, disse impaciente o homem do manto de velludo, e não apparece o signal. Terá o Norfolk acceitado as nossas condições? É impossivel. O ultimo mensageiro do nosso acampamento em Scansty, trouxe a noticia que as unicas propostas que fazia o duque era dar perdão da parte do rei a todos os rebeldes, exceptuando dez pessoas, seis nomeadas e quatro em branco.

— E serieis vós um dos nomeados, senhor abbade? perguntou um monge.

— João Paslew, abbade de Whalley, era o primeiro nome da lista, respondeu o outro com um sorriso, depois seguia-se Guilherme Strafford, abbade de Salley, depois Adão Sudtiny, abbade de Jervaux, depois o nosso chefe Roberto Aske, e tambem João Eastgate, monge de Whalley.

— Como, senhor abbade, exclamou o monge, o meu nome não era esquecido?

— Não, respondeu o abbade. E o nome de Guilherme Haydocke era o ultimo da lista.

— Que tyranno! murmurou o outro monge. Mas estas condições não podem ser acceitas?

— Certamente que não, respondeu Paslew. Foram rejeitadas com desdem. Mas as negociações foram continuadas pelo Sir Ralph Ellerker e Sir Robert Bowas, que deviam pedir da nossa parte o perdão para todos, a convocação de um parlamento, e de tribunaes de justiça em Yorck; a restituição da princeza Maria aos seus direitos de successão ao throno; o restabelecimento da jurisdicção do papa, e a de nossos irmãos nos seus mosteiros. Mas isto nunca hãode conceder. Com o meu consentimento não haveria este armisticio. Nós perdemos com a demora, mas assim o quizeram os senhores arcebispo de Yorck, e lord Darcy. A opinião d'elles tem mais peso do que a do abbade de Whalley, ou se o quizerdes do conde da Pobreza.

— É esse titulo ironico que é causa de todo o resentimento do rei contra vós, senhor abbade; respondeu o padre Eastgate.

— Assim pode ser, disse o abbade. Tomei-o das mãos de Cromwell e dos commissarios ecclesiasticos, que tem reduzido á miseria a nossa Egreja, e milhares dos nossos irmãos a mendigar, ou a morrer á mingua. E os miseraveis a quem davamos de comer e agasalho, não estão com fome, e sem terem aonde descansar? E os doentes que soccorriamos, não teem morrido abandonados pelas estradas? Eu estou á testa dos pobres de Lancashire para remediar seus males, por isso me intitulei conde da Pobreza. E não achaes que fiz bem?

— De certo, senhor abbade; respondeu Eastgate.

— E não é só a Egreja que hade soffrer, tornou o abbade; mas todo o reino, se os designios do monarcha, e dos seus hereges conselheiros tiverem bom exito. Cromwell, Audeley, e Rich, fizeram bem em mandar que nenhuma creança se baptisasse sem pagar tributo ao rei; que nenhum homem que possua só vinte libras de renda possa comer pão de trigo, carne de porco e gallinha, sem pagar tributo; que todas as terras lavradas tambem o paguem; assim fica a Egreja arruinada, os pobres roubados, e todos padecem para engordar o rei e encher os seus cofres.

— Isso não pode ser serio, observou o padre Haydocke.

— É tão serio que ninguem tem vontade de rir, replicou o abbade; como o não terão tambem os conselheiros do rei, do conde da Pobreza em pouco tempo. Todo o paiz desde o Tweed até o Humber, e desde o Lune até o Mersey, está por nós, e a nossa causa hade vencer.

— Deus assim o queira, disse o padre Eastgate; mas temos muitos e poderosos inimigos, e tivemos hoje noticia de que o conde de Derby estava juntando as suas forças perto de Preston, com tenção de nos atacar.

— Que venha e será corajosamente recebido, respondeu Paslew; a abbadia está forte e bem defendida. Mas a noite está escura, e o signal não apparece!

— Pode ser que uma cheia no rio Don impedisse o nosso exercito de atravessar, disse Haydocke; ou então aconteceu algum desastre ao nosso general.

— Nada; supponho impossivel a ultima conjectura, respondeu o abbade. Roberto Aske foi escolhido pelo ceo para nos salvar; assim o diz a prophecia.

— E é sobre essa prophecia que se fez a canção que cantam hoje peregrinos da Graça, disse o padre Eastgate. Mas o ultimo verso foi-lhe accrescentado pelo Nicholau Demdike. Ouvi-lh'o eu cantar debaixo das janellas do mosteiro, ha dias.

— O Nicholau Demdike de Worston? disse o abbade: aquelle cuja mulher é bruxa?

— O mesmo; respondeu Eastgate.

— Assim lhe chamam, é verdade, mas não é; redarguiu um couteiro que escutara attento esta conversa. Acredite-me, senhor abbade, Elizabeth Demdike é muito bonita, e moça de mais, para ser bruxa

— Estás embruxado por ella, Cuthbert, disse seccamente o abbade. Hasde fazer penitencia para te salvares de maus olhados. Elizabeth Demdike é uma celebre e conhecida bruxa, e testemunhas que não podemos deixar de acreditar, tem-na visto assistir a um congresso do demonio, n'esta mesma montanha. Deus nos defenda! E é por isso que pronunciei contra ella a sentença de excommunhão, e prohibo a todo o meu clero o baptisarem a sua filha.

—Ai! é verdade, e bem lhe tem custado a ella, coitada! respondeu Cuthbert.

—Então que se arrependa, ou pode-lhe sobrevir maior castigo, disse Paslew zangado. *Sortilegam non patieris vivere* diz a Lei Levitica. E se houverem provas contra ella hade morrer. Que essa mulher agrada á vista confesso, mas a sua formosura é de filha do peccado. Conheceis o homem com quem é casada, ou se diz casada? Elle não é d'estes sitios.

—Não sei nada a respeito d'elle, senhor abbade, respondeu Cuthbert, senão que veiu para aqui ha um anno, e que alcançou a mais bonita rapariga de Lancashire, e mesmo de toda a Inglaterra.

—Que qualidade d'homem é elle? perguntou o abbade.

—Tem cara de poucos amigos, respondeu Cuthbert; é trigueiro, e possue uns olhos que fazem impressão. Mas ninguem lhe leva a palma em correr, e em jogar o socco. Traz quasi sempre comsigo um cão preto, e desconfio que se dedica, de vez em quando, á caça dos veados.

—Havemos de olhar por isso, tornou o abbade; mas é estranho não saberes d'onde elle vem!

—É um mal creado que não consente que se lhe façam perguntas, e responde mal, quando não nos apalpa com o cajado as costellas.

—Havemos de achar um meio para o fazer fallar, disse o abbade.

—Oh! elle sabe fallar e muito bem quando quer, observou o padre Eastgate, apesar de estar quasi sempre calado; mas não usa da linguagem do povo, e o seu porte é arrogante como o de um homem que houvesse feito bons serviços no campo da batalha.

—Excitaste a minha curiosidade, disse o abbade, desejava vêl-o.

—É dito e feito, exclamou Cuthbert. Pela minha fé eil-o ahi: mas como elle chegou, só o demonio sabe.

E apontava para um vulto alto no cimo da montanha, a alguma distancia d'elles.

—Fallae no mau, apparelhae o pau, observou o padre Haydocke. E traz comsigo o cão negro. Quem sabe se será a sua mulher debaixo d'essa forma!

—Nada, padre Haydocke, que eu bem conheço o cão, tornou Cuthbert, e bom caçador é elle; é o cão, senhor padre, de que estava fallando.

—Não me agrada o seu apparecimento n'esta occasião, disse o abbade; mas gostava de lhe fallar, e accusal-o das suas malfeitorias!

—Escutem. está cantando, exclamou o padre Haydocke.

E ouviram a canção dos peregrinos da Graça, accrescentada por elle, e em seguida uma gargalhada de escarneo.

—Pela Senhora de Whalley, escarnece de nós, disse o abbade. Manda-lhe uma setta para o calar, Cuthbert.

O couteiro assim fez; mas ou fosse que por acaso não fizesse bem a pontaria, ou porque a não quiz fazer, é certo que o Demdike ficou como estava. O reputado bruxo riu-se, tirou o barrete como agradecendo, e principiou a descer lentamente a montanha. Pouco depois parou, e traçou um circulo com o pau que sempre levava, pronunciou algumas palavras, que os seus espectadores supersticiosos tomaram por algum encanto, e poz uns boccados d'herva secca em tres logares dentro do circulo que tinha traçado, depois correu precipitadamente pela montanha abaixo, seguido do seu cão, e saltando o muro que se achava em baixo desappareceu.

—Vae ver o que elle fez, disse o abbade ao couteiro, que já não estou contente.

Cuthbert obedeceu; mas chegando ao logar marcado disse que não via coisa nenhuma, mas em breve accrescentou que a terra mexia como um mar debaixo dos seus pés, e parecia que estava a desabar. O abbade então disse-lhe que seguisse o Demdike, e que lh'o trouxesse ahi. O couteiro desceu correndo a montanha, e desappareceu saltando o muro como tinha feito o outro.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

240. *Noeto*, intitulou-se um novo Moysés, e chamou-se Aarão. Não admittia em Deus senão uma pessoa; o que fez chamar a esta seita *Monarchicos*; porém reconhecia diversas operações e denominações. Foi condemnado nos concilios d'Epheso, em 245, e de Roma, em 257.

251. *Novaciano*, sacerdote de Roma, fez um scisma contra o papa Cornelio, e recusava a penitencia aos que caíam em peccado depois do baptismo, e prohibia as segundas nupcias. Foi numeroso o seu partido, que subsistiu por muito tempo, e foi fulminado nos concilios de Roma, no mesmo anno; no de Carthago, em o anno seguinte; e especialmente no de Nicéa, em 325.

Manés, chefe dos Manicheos, seita muito extensa, que aturou por muito tempo, e dogmatisou. Era pagão, e persa de nação; porém converteu-se ao christianismo, e pouco depois se declarou seu mortal inimigo. Como outros muitos heresiarchas, que o tinham precedido, distinguia dois principios: um bom, e outro mau. Admittia tambem no homem duas almas: uma boa, e outra má. A carne era, na sua opinião, a obra do mau principio, e por conseguinte devia impedir-se o casamento e a procreação. Attribuia a lei antiga a este mesmo principio, e pretendia portanto que todos os prophetas estavam condemnados. Tratava de idolatria o culto das reliquias, e prohibia a crença de que Christo tivesse realmente padecido. Rejeitava todos os sacramentos, até mesmo o baptismo; e accrescentava a esta doutrina uma multidão de extravagancias. Sus-

tentava, por exemplo, que quem arrancasse uma planta, ou matasse um animal, seria transformado n'aquella planta ou animal. Por este motivo os seus discipulos, antes de comerem o pão, julgavam-se obrigados a uma especie de protestação. Lançavam o pão ao ar, e maldiziam aquelle que o tendera e forneara, desejando-lhe que fosse semeado, ceifado e cozido como o pão que iam comer.

Manés tomava o nome de Paracleto, e fazia-se seguir de doze fanaticos, a que chamava os seus apostolos. Dividia os seus sectarios em duas ordens: a uns chamava auditores ou ouvintes; e aos outros, eleitos. Eram estes ultimos os que possuiam o segredo dos seus abominaveis mysterios. Foram anathematisados n'um concilio que houve na Mesopotamia, no mesmo anno em que appareceram; e depois, Santo Agostinho descarregou o ultimo golpe n'esta seita.

312. *Donato*, bispo de *Casas Negras*, na Numidia, suscitou um scisma na Egreja de Carthago, e depressa se separou da fé catholica, negando a validade do baptismo dado pelos hereticos, e a infallibilidade da Egreja. Os seus erros foram combatidos fortemente por Santo Agostinho, e condemnados em muitos concilios.

315. *Ario*, sacerdote de Alexandria, pesaroso por não ser collocado na séde d'esta cidade, fez-se heresiarca. Ensinou que o Filho de Deus é a creatura e obra do Pae, capaz de virtude e de vicio pelo seu livre arbitrio; e apoiava-se n'estas palavras de S. João: — «No principio era o Verbo» — e eis como sustentava esta doutrina: — «Não é certo, dizia elle, não é mesmo artigo de fé, que o Pae Omnipotente engendrou a Jesus Christo? Mas para o engendrar era preciso que elle não existisse. Portanto, Jesus Christo teve um principio no seu ser; e não se pode dizer que é eterno, sem uma evidente contradicção. Se não é eterno, é uma creatura como nós; e portanto deve ser subjeita ás mesmas leis.» — Este argumento seduziu muitas pessoas, e tão rapido foi o progresso do erro, que foi necessario convocar muitos concilios para o sustar. O principal foi o concilio geral de Nicéa, em 325. A seita de Ario deu nascimento a muitas outras, que todas foram anathematisadas, e a maior parte refutadas por Santo Athanasio.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXI

De como Manuel da Silva ordenou de dar tratos dos sobredittos a Alvaro Pereira.

Neste tempo estavam presos leigos e clerigos, por serem contra o serviço do Snr. D. Antonio. Por não caberem na cadea estavam alguns no aljube; e nelle estava preso um Alvaro Pereira, homem velho, já todo branco, muito avisado, de nobre geração, e rico. Era nesta ilha mamposteiro-mor dos Cativos, e nas ilhas de baixo; e lealdador-mór dos pasteis. Parece tinha delle culpas Manuel da Silva, por fallar contra o serviço do Snr. D. Antonio publica e secretamente; e dessimulava com elle, porque lhe queria tirar primeiro o dinheiro que tinha da remissão dos Cativos, segundo parecia. Tanto que o achou no rol de Melchior Affonso, o prendeu com os mais, e não o quiz dar sobre fiel carcereiro. Ordenou de lhe dar tormentos, e foi em um dia que deu a quatro ou cinco homens de fora desta ilha, ou eram das ilhas de baixo. Mandou vir ao ditto Alvaro Pereira da prisão por um alcaide e escrivão, e elle tinha no mosteiro da Esperança duas irmans freiras, e uma dellas era Abbadessa. Emparelhando o alcaide e escrivão defronte da portaria, abriam ellas as portas, e de dentro pediram todas ao alcaide lhe deixasse alli chegar seu irmão, para se apartarem delle. Chegou o alcaide e escrivão, e seus homens, e as freiras todas postas da banda de fora, com as portas abertas, em pranto com o irmão, e elle com ellas, e o alcaide e escrivão mettido entre as freiras, sem ellas se lhes dar disso, com o pranto do irmão; e as mais freiras algumas eram parentas, e tudo era choro; e Manuel da Silva estava a esperar. Acordou-se o alcaide do perigo em que se poz, que bem o poderam as freiras metter para dentro, e fecharem as portas, porque elle era homem velho, e não havia que estranhar. Poz-se o alcaide em pé na porta, por donde todas tinham saido, e lhes pediu lhe dessem licença para levarem o preso, que não fossem causa de alguns trabalhos seus, porque estava o Conde ja esperando por elle. De má vontade o deixaram ir, e elle o mesmo; e o escrivão dice á madre abbadessa, que em quanto elle se confessava mandassem cartas ao Conde Manuel da Silva do que lhes parecesse, e que podiam pedir licença aos padres de S. Francisco para irem por cima dos seus muros, que estavam ao longo do pomar dos paços; o que ellas logo fizeram uma carta, porque se lhe davam tormentos nelles houvera o velho de morrer. E quando Manuel da Silva dava os tratos dentro, não se abriam as portas a pessoa alguma. A abbadessa e discretas fizeram uma carta, porque tinham ellas fama de grandes servidoras do Snr. D. Antonio, e com esses serviços pediam ao Conde dilação no caso. Chegou o ditto Alvaro Pereira; perguntou Manuel da Silva como tardaram tanto; deu-se-lhe a escusa; calou-se; começou a fallar com o ditto Alvaro Pereira; perguntou-lhe a quem se queria confessar; dice que ao Licenceado Melchior Gonçalves de Antona, o qual era um dos deputados da Meza da Consciencia. Mandou-o chamar. Nestas detenças as madres não acharam quem trouxesse a carta, porque nenhuma pessoa a queria levar. Tinham uma mulata por nome Ignez Ro-

drigues: esta atrepou os muros com duas cadeiras, e ajudas dos frades; e estando-se confessando o ditto Alvaro Pereira chegou a mulata e lhe metteu a carta na mão. Perguntou-lhe : *Por donde entraste? — Pela porta. — Quem te deixou entrar? — Ninguem. — Não te viram guardas?* E chamou o porteiro. Dice então o Licenceado Melchior Gonçalves de Antona : *Esta moça é das madres da Esperança, muito servidoras d'el-rei D. Antonio, pelo qual fazem muitas orações de continuo. Lea Vossa Excellencia a carta, e saberá o que é, e a que vem; e tempo tem para fazer essoutro exame.* Ficou elle quieto, e se assentou, e leu a carta. Depois de lida teve vontade de fazer o que nella se pedia. Poz-se com a mulata a zombar, dizendo, que pelo atrevimento que tivera de entrar lá, que lhe mettessem os pés no tronco, e lhe pozessem umas servilhas novas. A mulata nem zombando o quiz ouvir; mas respondeu: *Snr. se eu mereço pena aqui estou; antes eu a tenha que o porteiro, que não tem culpa, pois eu não entrei pela porta: fui ao pomar dos frades de S. Francisco sem elles saberem nada, e por meus modos me aventurei a subir e descer os muros; e Deus nosso Senhor me ajudou sabendo ao que vinha.* Ficaram todos espantados de tal affoiteza; e dice-lhe: *Ide; dizei ás Snr.as madres, que o que me pedem lhes concedo; que muito mais farei por amor dellas.* Foi-se a mulata depressa a dar o recado, e lhe deram bôas alviçaras, e o ditto Alvaro Pereira tornou para a prisão, onde esteve té a entrada da ilha.

Continua.

A mulher pode commetter a primeira falta por inexperiencia: se commette segunda, é por maldade; e então está habilitada para commetter mil.

A edade de oiro é um sonho: o mundo moral é, com pouca differença, o que sempre foi: o palco das ambições, o theatro de todas as paixões.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.



BUCHAREST.

Esta cidade, capital da Valachia, está edificada n'uma grande planicie, correndo-lhe pelo centro o rio Dimbowitza. Dista setenta leguas do mar Negro, e dezoito do Danubio. Segundo os recenseamentos modernos, Bucharest contém cem mil habitantes, posto que pelo espaço que occupa podesse ter o dobro.

As casas, quasi todas de um só andar, e de informe construcção, são fabricadas de tijolo cal e madeira; sendo feitas assim de proposito por causa dos tremores de terra, que são ahi mui frequentes.

As ruas, tortuosas, são pouco aceiadas, e, como em quasi todas as terras do Oriente, mal policiadas.

MISSÕES DA INDIA.

As missões da Asia tinham chegado ao seu maior esplendor quando se extinguiu a Companhia de Jesus. Como estes padres tambem foram despedidos das conquistas, ordenou-se no tempo do marquez de Pombal aos superiores das outras ordens religiosas, que arranjassem missionarios que occupassem o logar dos jesuitas. Effectivamente os mandaram, mas d'aquelles que melhor podiam dispensar; gente nova de quem a edade, as luzes, e a experiencia eram pouco convenientes a funcções tão penosas. Já por estas epocas grassava a relaxação n'aquellas ordens, que de dia para dia se foi augmentando com as isenções dos regulares, e mandarem-se geralmente para o Oriente por castigo os religiosos menos revestidos de virtudes apostolicas, e darem-se-lhes de propriedade muitas missões, para as administrarem quasi independentemente dos bispos. De todas estas causas, mais aggravadas ainda com a extincção das ordens religiosas em 1833, nasceram as questões que trazemos pendentes sobre o padroado da corôa portugueza no Oriente.

Para conhecermos quanto foi impolitica a extincção dos missionarios jesuitas em as missões da India, aqui apresentamos um documento, que não anda muito vulgar. Por elle se avaliará o estado das nossas ordens regulares em o Oriente no começo d'este seculo. É testemunho insuspeito, porque parte de D. Fr. Manuel de S. Gualdino, que em 1804 foi transferido da egreja de Macau para a coadjutoria e futura successão do arcebispo de Goa, D. Fr. Manuel de Santa Catharina. Assim se expressava este prelado n'uma representação que dirigiu ao principe regente em Janeiro de 1805:

«Senhor. Como V. A. houve por bem encarregar-me o governo da principal egreja da Asia, a quem presentemente está incumbido cuidar de todas as outras, que não teem bispos, acho ser da minha obrigação expor a V. A. o estado geral em que se acham, e em particular a de Macau, que ainda estou governando, e da qual me persuado ter todo o conhecimento, pedindo a V. A. providencias para todas ellas.

«Quando os portuguezes, senhor, conquistaram a India, cuidaram logo em fazer muitos conventos de religiosos, para que estes fizessem tambem conquistas para a religião: isto não podia deixar de ser muito util mesmo para o estado, pois só a religião christã é capaz de fazer doceis os povos, e subjeital-os de coração aos seus soberanos, e assim aconteceu com effeito em quanto vieram religiosos escolhidos, homens já determinados ao combate das paixões; porém logo que os provinciaes do reino entraram a não mandar senão aquelles que lá não podiam soffrer, ou mandaram umas recrutas de rapazes sem talentos, sem estudos, e o peior é, sem costumes, e dos que elles não queriam para ficarem nos conventos da Europa, depois que vieram para a India frades, que a virem deveriam vir soldados, as religiões decairam, relaxaram-se, e ficaram de bem pouca utilidade. As missões encarregadas a sugeitos tão pouco habeis desfalleceram, decairam, e á proporção decaiu tambem o amor dos povos ao nome christão, e ao nome portuguez, no que o estado tem soffrido uma perda, que não é facil de calcular.

«No principio foi preciso encarregar as missões aos religiosos, assim pela probidade d'estes, como porque o clero indiano (se o havia) é pouco apto para grandes coisas: cada religião teve districto assignado de missionar para evitar as intrigas, que nasciam da mistura de religiosos de diversos institutos nas mesmas terras; e pelo tempo adiante cada religião chamou seu ao districto, em que mais frequentemente missionava. Os bispos, contentes dos progressos, que então faziam, e temendo entrar em contestações, calaram-se e não disputaram os titulos, com que se chamavam donos d'aquellas missões; ficou pois sendo isto para as religiões uma prerogativa, e um direito de posse, que teem procurado sempre conservar bem contra a vontade dos ultimos bispos, que se acham sem forças de combatel-os, porque os bispos são sós, e as religiões em similhantes artigos fazem causa commum. Era preciso para conservarem-se n'esta posse, e prover cada uma o seu districto, terem gente; e como da Europa nem mesmo da incapaz lhes vinha, entraram a mandar buscal-a a bordo das naus do reino, e acceitarem não só alguns rapazes que vinham servindo nos navios, mas até dos soldados da guarnição, e alguns mesmo dos que vinham degradados. Não obstante a desordem d'esta escolha, as religiões não teem a gente sufficiente, e as missões que devem prover, estão com tão pouca e tão má pela maior parte, que não exagero em dizer que estão desertas.

«Os provinciaes de Goa á imitação dos da Europa, tambem não mandam para as missões, especialmente as mais distantes, e em paizes menos sadios, senão aquelles de que querem desfazer-se. Timor, por exemplo, que é o degredo dos degradados de Goa, o veiu a ser tambem dos religiosos de S. Domingos com a differença, que estes degradados vão a missionar, e parochiar.

Que parochos, e que missionarios! O menor mal que lá fazem é negociar. Eu sou testemunha de um padre, que no mesmo barco em que foi, mandou logo varias commissões de sandalo por sua conta.

«O arcebispo além de não ter clerigos que bastem a prover estas missões, os mesmos que tem, não pode mandal-os por serem as missões denominadas dos religiosos; e se se atrevesse a designar os sujeitos mais capazes de entre estes, e da propria autoridade os quizesse enviar, além de não ser obedecido, havia logo recursos por um abuso de poder, logo gritavam que eram isentos, que lhes quebravam os privilegios, etc., e estas isenções e privilegios que os summos pontifices lhes não concederam, senão para o melhor serviço da Egreja, veiu a ser presentemente, em especial na Asia, o meio de não serem as missões servidas, e de perder-se aquillo mesmo, que custou tanto a ganhar para a Egreja.

«Eu faço gloria, senhor, de ser religioso, preso-me muito do meu habito, e da corporação a que tenho a honra de pertencer, mas é por isso mesmo que me atrevo a dizer a V. A. que na Asia não deve haver religiosos isentos, ao menos d'estes pontos, e que para o bom regimen d'estas egrejas é preciso que V. A. determine que os bispos mandem para qualquer missão, pertença a quem pertencer, os individuos que lhe pareçam ou sejam seculares, ou regulares sem que os provinciaes possam oppor-se, salvo no caso que fosse immediatamente prejudicial ao governo economico dos conventos.

«Tão longe estou eu, senhor, de ser contra as religiões, que peço pelo amor de Deus a V. A. mande bispos para estes bispados extrahidos das mesmas corporações, que presumem pertencer-lhes, isto é, de S. Domingos para o bispado de Malaca, de S. Agostinho para o bispado de Meliapor, e arcebispado de Cangranor. Para Cochim, que agora não pertence a corporação particular, pode vir d'onde V. A. quizer, com obrigação porém de que os provinciaes destinem a cada bispo, pelo menos quatro religiosos sacerdotes da mesma corporação para acompanhal-os, aliás veem os pobres sem acharem ninguem que os ajude. A V. A. não querer mandar bispos, queira ao menos mandar religiosos, homens já feitos e capazes. Eu sei que os provinciaes teem razão de não quererem mandar d'estes, porque já mesmo são muito uteis; porém, senhor, ainda que o sacerdote bom é utilissimo em toda a parte, e sempre faz falta d'onde se tira, os provinciaes devem attender á maior necessidade da Egreja e do estado, e mandarem para a India ao menos homens serios.

«Em uma palavra, senhor, o que eu lembro a V. A., e encarecidamente rogo, é que determine que venham padres, e de probidade, aliás perdem-se de todo estas missões, e consecutivamente estas colonias.»

Quando isto succedia então, que não será hoje, em que desamparámos inteiramente as missões? Tem sido tão afflictivo a este respeito o estado da Egreja do Oriente, que n'estas longas negociações que estão pendentes com a côrte de Roma sobre o padroado, se tratou de incluir na concordata, como remedio a tamanho mal, o restabelecimento da Companhia para aquellas missões.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

I

Continuação.

Já era noite fechada, e o couteiro não tinha voltado; o abbade estava impaciente e inquieto, quando foi provocada a sua attenção pelo grito de um dos sentinellas, e viu um clarão ao longe n'uma das montanhas.

— É o signal! O signal! exclamou alegre Paslew, um archote, um archote, depressa! É o signal de Blackstone Edge, agora outro se accende na grimpa de Clidiger, outro sobre Ightenhill, outro no monte de Boulsnonlh, e agora segue-se o nosso. Possam elles allumiar a destruição dos inimigos da nossa santa Egreja!

Dizendo isto chegou o archote á lenha, que já estava preparada. Os monges fizeram outro tanto, e uma viva chamma ergueu-se illuminando tudo em torno. Em breve viam-se fogos similhantes por toda a parte; parecia obra de encanto tão repentina apparição. A cada novo fogo mais se animava o abbade e os seus companheiros, e tão extraordinario era o espectaculo, que dir-se-hia, que celebravam alguma festa ás fadas n'aquella noite.

O abbade montando então a cavallo, disse para os monges:

— Segui-me, meus irmãos, como puderdes. Eu irei a toda a pressa para o convento dar ordem para marcharem duzentos archeiros para Huddusfield e Wakefield. Os abbades de Jervaux e Salley estarão comnosco antes da meia noite, e ao romper do dia partimos todos para nos unirmos com o exercito. E o ceo esteja comnosco.

— Parae! disse uma voz imperiosa. Parae!

Com grande surpresa o abbade ao voltar-se viu Nicholau Demdike adiante de si. O seu aspecto não tinha nada de agradavel; e visto á luz da fogueira o seu ar selvagem, os seus olhos scintillantes, a sua grande altura, e trajo phantastico, davam-lhe um aspecto sobrenatural.

— Venho-vos avisar, sr. abbade, disse elle; ouvi-me antes de partir para que não vos aconteça mal.

— Mal me acontecerá se te ouvir, respondeu o abbade. Que fizestes a Cuthbert Ashted?

— Não o tornei a ver desde que elle me lançou a setta por vossa ordem, sr. abbade, respondeu Demdike.

— Toma conta, se lhe tiver acontecido alguma desgraça tu o pagarás, disse Paslew; mas

não tenho agora tempo para perder comtigo. Adeus, meus irmãos. Hade-se celebrar missa ámanhã na egreja do convento antes de partirmos, e ahi os espero ver.

— Não haveis de partir ámanhã, sr. abbade, disse Demdike, cravando o seu varapau no chão tão perto do cavallo que este assustou-se, empinando-se, e por pouco não atirou por terra o cavalleiro.

— Que queres fazer, villão? gritou o abbade furioso.

— Dar-vos um conselho, respondeu Demdike.

— Arreda-te e deixa-me passar, disse o abbade, cravando as esporas no seu cavallo, ou ficarás esmagado!

— Eu poderia deixar-vos caminhar para a vossa perdição, tornou Demdike, deitando a mão ás redeas do cavallo; mas haveis de ouvir-me primeiro. Digo-vos que ámanhã não partireis: digo-vos que antes de amanhecer o mosteiro de Whalley não estará no vosso poder; e se ateimardes em seguir o vosso caminho, seja á custa da vossa vida. Agora quereis dar-me attenção?

— Faço mal talvez em o fazer, respondeu o abbade, falla, que tens a dizer-me?

— Acompanhae-me aonde os mais não nos possam ouvir, e então vol-o direi, disse Demdike, encaminhando o cavallo para alguma distancia. A vossa causa está perdida, disse elle, de todo perdida!

— Perdida! exclamou o abbade impaciente. Perdida! Olha em torno de ti homem. Avistam-se mais de vinte fogos, mais de trinta, e cada fogo que vês chama, pelo menos, cem homens ás armas. E em menos de uma hora estarão quinhentos homens formados na frente do mosteiro.

— É verdade que estarão, respondeu Demdike; mas não reconhecem o conde da Pobreza por seu general.

— E quem o será então? perguntou o abbade.

— O conde de Derby, elle vem agora mesmo marchando de Restow para aqui, com o lord Mounteagle.

— Ah! exclamou Paslew, deixa-me partir. Mas para que te dou eu attenção? Nada poderás saber; d'onde tiveste essa noticia?

— Não vos fique duvida, respondeu o outro, a noticia é verdadeira. Digo-vos, orgulhoso prelado, que esse grande plano para a restauração do catholicismo caiu por terra para se não levantar mais.

— E eu digo-te que mentes, canalha! gritou o abbade, dando-lhe com o chicote na mão; larga a redea, e deixa-me passar.

— Quando acabar o que tenho para vos dizer, replicou Demdike, segurando a redea. Fizestes bem em tomar o titulo de conde da Pobreza, é o que vos fica agora; abbade de Whalley já o não sois. Hãode vos tirar os vossos bens, e tambem a vida. Se fugirdes, a vossa cabeça ha-de ser posta a preço. Eu só vos posso salvar, e salvar-vos-hei, mas com uma condição.

— Eu não acceito condições de ti, escravo de Satanaz! disse o abbade, arreda-te ou morres!

— Estaes de todo em meu poder, respondeu Demdike, recuando o cavallo para a borda de um precipicio. A surpresa e o terror sumiram a voz ao abbade. Podia, se assim o quizesse, lançar-vos d'aqui a uma morte certa, mas não é esse o meu desejo: ao contrario quero servir-vos, como já disse, com uma condição.

— A tua condição será a minha maldição eterna, disse o abbade. Tentas assustar-me em vão. *Vade retrò Satanaz.* Eu te arrenego e a todas as tuas obras.

Demdike desatou a rir.

— Os anathemas da Egreja não me assustam, disse elle; mas reparae agora como se apagam as vossas fogueiras: eu bem vos disse que a vossa tentativa estava acabada.

— Pela Senhora de Whalley que é verdade, exclamou o abbade, cujo terror augmentava: que nova feiticeria é esta?

— Não é feiticeria, tornou o outro. Houve outra cheia no Don; os rebeldes acceitaram o perdão do rei, e debandaram abandonando os seus chefes. Os abbades de Jervaux e Salley tentaram capitular, mas em vão. A Peregrinação da Graça está acabada, e os vossos esforços perdidos. Trinta annos tendes governado aqui, mas findou o vosso governo. Dezesete abbades teem havido em Whalley, o ultimo sois vós, e não haverá nunca outro.

— É o demonio em pessoa que me falla, exclamou Paslew, em suores frios.

— Pouco importa quem sou, respondeu o outro. Já vos disse que vos podia salvar; mas só com uma condição, e não é grande. Retirae a vossa sentença de minha mulher, e baptisae minha filha, é quanto vos peço. Nem isso pediria se não fosse por ella. Quereis fazel-o?

— Não, respondeu o abbade. Nunca baptisarei uma filha de Satanaz. Não venderei assim a minha salvação. Deixa-me: tentas-me em vão.

— Perdeis o tempo em querer desembaraçar-vos de mim, tornou o outro. E se eu vos livrar dos vossos inimigos, de modo que vos possaes vingar d'elles? Agora mesmo estão alguns homens armados á vossa espera em baixo d'esta encosta. Quereis que vos ensine como haveis destruil-os?

— Quem são? perguntou o abbade.

— São commandados por João Boaddyl, e Richardo Asskton, que hãode repartir os bens do mosteiro de Whalley entre si, se vós os não impedirdes.

— Que o inferno os possa queimar antes d'isso! exclamou o abbade.

— Essa praga que proferis denota o vosso consentimento, disse Demdike, vinde por aqui.

E sem esperar a resposta do abbade, principiou a encaminhar o cavallo para o outro lado da montanha. Os dois monges tinham presenceado de longe, e cheios de surpresa esta entrevista, sem ousarem interrompel-a; e agora in-

terrogavam o abbade com os olhos, mas elle caminhava silencioso, e aos archeiros que lhe perguntavam se deviam apagar o fogo como se tinha feito aos outros, respondeu enfadado que não.

—Aonde estão os inimigos de que fallaes? perguntou elle com bastante inquietação a Demdike, que levava o seu cavallo com cuidado pela encosta abaixo.

—Vêl-os-has dentro em pouco, respondeu o outro.

—Levas-me para o circulo que traçaste? disse Paslew, para ahi não vou.

—Nem eu o quero, respondeu Demdike. Ficae aqui, que não correis perigo nenhum. Agora mandae a vossa gente que se aproxime, e que prepare as suas armas.

O abbade sem perguntar para que, obedeceu; os frades a cavallo em duas malas, collocaram-se por traz do abbade, e os archeiros ao seu lado. Apenas estava isto feito, quando magotes de homens armados, com grandes brados, saltaram o muro, e começaram a escalar a montanha com rapidez. Elles subiam por um fundo canal, que parecia ter sido o leito de alguma torrente, agora secco, e que tinha vau no sitio aonde o abbade e Demdike estavam. Ao clarão do fogo viam-se distinctamente os homens que assim subiam, e o seu trajo indicava que eram soldados realistas.

—Não dês um passo se quereis salvar a vida, disse o feiticeiro a Paslew, e reparae bem nas ordens que vou dar.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

404. Apenas o Arianismo, e as seitas que elle produziu foram fulminadas pelas mais authenticas decisões, nasceu das suas cinzas uma nova heresia não menos funesta—o *Pelagianismo*. Os arianos pretendiam que a filiação divina de Jesus-Christo fôra a recompensa dos meritos previstos; os pelagianos pretenderam que a adopção divina dos seus membros era tambem a recompensa dos seus proprios meritos. Os arianos atacaram a propria divindade de Christo; os pelagianos atacaram a sua graça.

Pelagio, monge inglez, e *Celestio*, tambem monge, ambos habeis, insinuantes, e doutos, revestidos de especioso exterior de virtude, foram os principaes autores d'esta seita. Ensinavam que Adão fôra creado mortal; que o seu peccado unicamente a elle prejudicara; que não houve peccado original; que todos que nascem estão no mesmo estado que Adão antes da sua desobediencia, e que tem a vida eterna sem serem baptisados; que o peccado de Adão não é causa da morte do genero humano, nem a resurreição de Christo causa da resurreição de todos os homens; que a lei de Moysés envia ao ceo bem como a do Evangelho; e que mesmo antes da vinda de Christo houve homens impeccaveis, isto é, sem peccados: que o homem pode viver sem peccar: que o livre arbitrio lhe basta para fazer o bem, e evitar o mal; e restrictamente fallando, que o homem pode passar sem a graça. Muitas pessoas doutas se pronunciaram logo contra esta doutrina, tão favoravel ao orgulho, e contraria aos principios do Christianismo; e foi condemnada em repetidos concilios. O bispo de Hippona confundiu-a tão gloriosamente que por esta razão foi cognominado o *doutor da graça*.

422. Os *Semi-Pelagianos*, assim chamados, porque unicamente admittiam parte dos erros de Pelagio, e rejeitavam outra parte, principiaram então a apparecer na Egreja. Confessavam a existencia do peccado original, e a necessidade da graça; mas sustentavam ao mesmo tempo que o homem podia dar os primeiros passos sem esta graça; quer dizer, que sem ella podia, por exemplo, desejar fazer o bem, e merecer, pelas suas proprias forças, a primeira graça necessaria á salvação; que, portanto, o principio da salvação dependia da vontade do homem: opinião erronea, e contraria á doutrina da Egreja, que ensina que ella vem de Deus. Os concilios não a pouparam mais que á de Pelagio.

429. *Nestorio*, patriarcha de Jerusalem, homem eloquente, que ganhara uma grande reputação de doutrina e virtude, ensinou que havia duas pessoas em Christo: o Deus, e o homem. Negou que a Santa Virgem fosse a Mãe do Salvador, como Deus; «porque, dizia elle, acaso um Deus pode ter mãe? A creatura pode dar á luz o Creador? Maria podia fazer nascer o que era mais antigo do que ella? Acaso compartilhou a divindade? Assim era preciso, para dar á luz um Deus; porque uma verdadeira mãe deve ser da mesma natureza do que nasce d'ella. Maria não foi portanto a Mãe de Jesus Christo, senão como homem; ella não concebeu, pela operação do Espirito Santo, senão um corpo ordinario a que o Verbo se dignou unir para n'elle habitar como seu templo, e que se dignou fazel-o instrumento da nossa redempção.» Distinctos bispos se elevaram contra esta heresia; e foi anathematisada no concilio de Epheso.

447. *Eutyches*, abbade de um mosteiro de trezentos monges nos suburbios de Constantinopola, combateu com zelo os dogmas impios de Nestorio, e caiu depois n'uma heresia contraria. Concordava em que a Santa Virgem fôra Mãe de Jesus Christo, como Deus; mas negava que o corpo que ella concebera lhe fosse consubstancial, ainda que se chamasse um corpo humano. Na sua opinião não era um corpo vulgar: era um corpo, por assim dizer, divinisado; de sorte que depois da encarnação, a natureza divina, e a natureza humana não faziam mais do que uma só natureza. Esta doutrina erronea foi

condemnada pelo concilio de Constantinopola, em 418.

622. *Mahomet*, homem de vasto espirito, e genio audacioso, emprehendeu mudar a religião dos povos, e seduziu logo uma nação fanatica e credula, á qual apresentou, por unica prova de sua missão, a espada e a morte. *Mahomet*, genito do sangue dos principes da Meca, mas pobre, depois de ter sido conductor de caravanas da Syria e da Arabia, tomou o modesto titulo de propheta, enviado, e amigo do Altissimo; e por meio de uma ridicula mistura do judaismo e do christianismo, compoz uma doutrina que forçou os seus compatriotas a adoptarem, já pelos prestigios e imposturas, já com a espada em punho. Ensinou que não havia mais do que um Deus unico; que é eterno, e indivisivel; que predestina os homens ao bem, e ao mal; que Jesus Christo era o propheta do Senhor, crucificado unicamente em apparencia; que ainda que Jesus Christo não morreu, hade comtudo morrer e resuscitar; que os demonios hãode ser salvos; que só a circumcisão é necessaria; finalmente, assenta como dogmas da sua religião, que elle é o maior dos prophetas, e o primeiro depois de Deus. Permitte toda a casta de voluptuosidade dos sentidos, a polygamia, o divorcio, e promette aos seus sectarios um paraizo, cuja brutalidade faria corar ainda o mais devasso. Todos estes erros são conteudos n'uma obra cheia de pomposa obscuridade, que elle dizia ter-lhe sido dictada pelo anjo S. Gabriel, e á qual os seus discipulos dão o nome de *al-koran*, que quer dizer: — o livro por excellencia. Deu aos seus proselytos o titulo de *musulmanos*, que significa: — verdadeiros crentes.

Se o Evangelho é verdadeiro, Mahomet foi um impostor, porque estabeleceu uma religião contraria; se o Evangelho é falso, ainda é tambem um impostor, porque se autorisa, e diz enviado para o confirmar.

633. Nova heresia, não menos funesta que as precedentes, apparece no oriente, e os que a professam appellidam-se *monothelitas*, porque reconhecem em Jesus Christo só uma vontade. Eis como apoiam a sua opinião. Ha em Jesus Christo uma só pessoa. Ora n'esta pessoa não pode haver senão um principio que quer, que determina; portanto não pode haver em Jesus Christo senão uma só vontade.

Os catholicos respondiam-lhes que a unidade da vontade não dependia da unidade da pessoa, e sim da unidade da natureza; que não havia em Deus senão uma unica vontade, apesar de n'elle haverem tres pessoas; e que tendo a Egreja decidido que havia em Christo duas naturezas, tambem havia de ter duas vontades.

Apesar d'estas solidas refutações, a opinião dos *monothelitas* fez grandes progressos. O imperador Heraclio favoreceu-a; e Cyro, patriarcha de Alexandria, e Sergio, patriarcha de Constantinopola, fizeram-na approvar nos concilios. Sophronimo, patriarcha de Jerusalem, oppoz-se vivamente a esta doutrina, que apesar da protecção dos imperadores foi fulminada no concilio geral de Constantinopola no anno de 680.

724. *Leão de Isauria*, que foi imperador de Constantinopola, destruiu as santas imagens que estavam nas egrejas. Foi chefe dos *Iconoclastas*, ou quebradores de imagens, hereticos que causaram grandes perturbações na Egreja, e foram condemnados em muitos concilios, sendo os principaes, o de Nicéa em 787, e o de Constantinopola em 814.

Desde esta epoca não houve novas heresias, e principiaram então os scismas e as perseguições tão funestas como a mesma heresia.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXII.

De como Manuel da Silva deu tratos a outras pessoas, e do que com ellas passou.

No ditto tempo quantos homens de fora vinham a esta cidade Manuel da Silva os não deixava ir, e os fazia todos soldados; e os bombardeiros os mettia todos pelos castellos, e fortes; e os homens de mar para as armadas; os quaes como eram casados os mais delles, tinham pouco proveito de estarem retidos nesta ilha, e a risco de morrerem nas guerras, como muitos morreram. Não pretendiam senão buscar remedio para se verem fora da ilha, e muitos naturaes della desejavam o mesmo. Manuel da Silva tudo era metter medos e fazer-lhes pregações, dizendo-lhes que elle deixára a Condessa, gavando-lhes suas boas partes, e seus filhos muito formosos, por vir servir a el-rei seu Snr. com risco de sua vida, podendo estar muito quieto em sua casa. E isto dizia muitas vezes; e muito mais que se escusa contar-se, de maneira que estando aqui gente de fora, como tenho ditto, fallaram a um Salvador Fernandes, senhor de um barco, se queria levar dez ou doze homens para a ilha de S. Miguel com lhe pagarem muito bem, e um João Lopes foi o corretor. Descobriu um dos marinheiros, dizendo-lhe que não queria ir. Mandou Manuel da Silva ir ao pomar dos paços todos prezos, e juntamente o mestre; e logo poz a tormentos o ditto João Lopes, o qual confessou tudo, porque todos estavam presentes, e tal era o medo dos tratos, que só de os verem dar a outrem confessavam tudo, sem o terem feito, de maneira que logo mandou tirar o ditto João Lopes, e perguntou quem era o mestre do barco. Diceram-lhe quem era, o qual era um velho de perto de 80 annos, e muito desprezivel, e doente dos olhos. Quando o elle vio ficou espantado. Dice: *Para que é dar tratos a este ve-*

lho? Vós entendestes a pena que tinheis no que fizestes? Dice o velho: *Snr., não; nem a mim nunca me pozeram pena, que não levasse gente para a ilha, e sou pobre e ganho minha vida com o meu barco.* Quando Manuel da Silva vio a muita velhice delle, e o pouco entendimento, dice: *Velho, i-vos embora, e daqui por diante não façaes viagem para as ilhas sem primeiro me virdes dizer a gente que levaes; senão hei-vos de mandar enforcar; e i-vos logo.* Dice o velho: *Snr. Conde, já vou solto?* Dice elle: *Si.* Bota o velho a correr, que em dois saltos apanhou o caminho. Depois dizia que não havia tão honrado fidalgo no mundo como Manuel da Silva. E aos mais lhes perdoou, e só o que andou nos segredos da embarcação com o velho, que era João Lopes, ficou com os tratos, que nunca foi bem são dos pés, té que morreu. O velho era Salvador Fernandes.

LXXIII

De como veiu monsieur de Chatres com mil e trezentos soldados francezes para defensão da ilha.

Podiam nesta ilha estar como settecentos francezes e inglezes. Chegaram da França no mez de Maio, ou Junho do anno 1583, outo velas grandes, francezas, e vieram amanhecer defronte do porto desta cidade de Angra. Sabendo que navios eram, diceram que era monsieur de Chatres que vinha por mandado do Snr. D. Antonio com soldados, para ajudar a defender a terra, porque estavam feitas grandes armadas, que sem falta vinham para esta ilha Terceira, por mandado e ordem d'el-rei Filippe. E logo se desembarcaram, e lhes deram casas e alojamentos para capitães, e soldados, e a monsieur de Chatres lhe deram as casas, e aposentos de Fernão Garcia Jaques, aonde esteve Duarte de Castro; e assim estes francezes como os que cá estavam foram repartidos pela ilha, e Villas da Praia, e S. Sebastião; e as naus ancoraram em o porto, porque eram outo naus grandes, e muito bem artilhadas, e as não quizeram deixar tornar para fora, para com a gente e naus ajudarem a defender a ilha, porque eram naus de armadores, e não tinham obrigação mais que de botarem n'esta ilha a gente, e daqui haviam de ir á pescaria, que prouvéra ao Senhor dos altos ceus, que nem naus nem francezes cá vieram, porque elles foram parte para mais desmancho e desordem de tudo, e da ilha se não entregar. Diziam que monsieur de Chatres, era homem de muito respeito, e grande fidalgo, e Senhor de terras; mas elle não foi na occasião da defensão da ilha bom soldado, antes foi um grande cobarde judeu, como mostrou por obras, elle e Manuel da Silva, como adiante se dirá.

LXXIV

De como mandaram desta cidade á ilha de S. Miguel um batel com cinco soldados portuguezes, a tomar falla da ilha.

Como já se tinha por nova certa, que vinha o marquez de Santa-Cruz com grossa armada sobre esta ilha, e era já verão, não sabiam se seria já partida, e para o saber mandaram um batel de pescar com cinco soldados portuguezes, todos mancebos solteiros, que eram, um Francisco Pacheco, João Nunes, Pantaleão Dias, Manuel Gonçalves, Gaspar Gonçalves, todos espingardeiros; com quatro homens remeiros. E foram á ilha de S. Miguel, e chegáram a terra, e cuidaram que era batel da ilha que andava a pescar, não attentaram por isso, ainda que o vissem. E sairam como duas leguas da cidade de Ponta-delgada todos cinco, e andando um homem descuidado, sachando melões, pegaram nelle, e contra sua vontade o trouxeram, e o metteram no batel, porque posto que elle quizesse resistir pouco lhe approveitava; e mettido no batel deram á vela com vento leste, e em meio canal se lhe veiu ao norte, que era o mais contrario de todos. Pozeram-se a remar, e como o caminho era comprido e o vento fresco, quizeram dar á vela para ver se podiam tomar a ilha do Pico. Quando o homem que traziam lhes viu os trabalhos, e imaginações, e sendo de noite, lhes dice, que se elles o queriam tornar á ilha de S. Miguel a botal-o em sua casa, que lhes dava palavra de os não descobrir, e que em sua casa estariam té terem tempo, porque a elle se lhe não dava nada de vir á Terceira, senão a imaginação de sua mulher, filhos, e parentes, de desapparecer sem d'elle saberem parte; e que o batel o varariam onde elle sabia que estava secreto. Os soldados, e dono do batel, convencidos delle, e confiados em suas bôas palavras, tornaram a arribar; e como o vento era em popa, em breve espaço tomaram a ilha. Sendo já ás quatro da manhan, confiados se foram todos metter em sua casa, os quaes elle levava vendidos. E estando os soldados e remeiros muito seguros, dão com elles por ordem do Governador, que era um filho de Ambrosio de Aguiar, e os levaram presos á fortaleza da cidade; e o aviso veiu do proprio homem, que os enganou; e presos na fortaleza lhes deram tratos, para que lhe descubrissem o que lhes perguntavam, e ao que iam, e como a elles lhes ia pouco em o dizerem, tudo lhe diceram; mas os tratos foram fracos, porque d'ahi a poucos tempos foram vistos nesta ilha Terceira, sãos e da maneira que della sairam. E nesta cidade os tinham por mortos, por ser batel de pescar pequeno, e o canal ser de trinta legoas, e ventarem nortes, e rijos.

LXXV

De como a boras de meio dia fugiram cinco naus do porto.

As naus que trouxeram monsieur de la Chatres, com os soldados francezes, desejosas de se irem fazer sua pescaria, e tendo pouca vontade de esperarem a occasião da guerra, estando um Domingo por grande calma, no mez de Junho, ou no fim delle, do anno de 1583, recolhida to-

da a gente a horas de jantar, que podiam ser ás onse do dia, ouviram repicar, e tocar o sino do Corpo-Santo. Acudindo gente ás janellas e portas viram ir gente a correr para o mar. Perguntando o que era, diziam que eram as naus, que se acolhiam do porto. O vento era noroeste, que assoprava arresoadamente, e na fortaleza de Santo Antonio não estava mais que um bombardeiro, e estava jantando, bem fora do que era, que bem o amargou. Na de S. Sebastião nem um, porque só de noute iam lá dormir. Acudiram depressa os bombardeiros, e já iam longe cinco, porque ellas eram oito, e as trez estavam ja botando, e tanto que viram o rumor na cidade, e tanger o sino do Corpo-Santo, estiveram quedas, que se largaram o panno, como as cinco, bem lhes fora ainda, que quando chegaram os bombardeiros e gente á fortaleza de Santo Antonio, estava o bombardeiro jantando, e ficou morto. Logo o prenderam, e se pozeram a tirar de uma e outra fortaleza ás cinco velas, mas eram já longe; somente da fortaleza de San Sebastião atiraram uma colubrina duas vezes, e de um dos tiros deram no mastro do meio da capitania, e lho derrubaram em baixo, e com elle derrubado se safou com as mais.

Continua.

A astucia dos litigantes, as tricas dos advogadas, as suggestões da amisade, e do amor, e o attractivo do oiro, são inimigos da probidade do magistrado: com sciencia vence os primeiros; com firmeza os ultimos.

Os principios da moral philosophica são genericos, e absolutos; não se circunscrevem a pessoas, circunstancias, ou tempos; não admittem privilegios; são sempre os mesmos para o homem, para o cidadão, para os monarchas, para as nações.

Ministros do Deus de paz, se não renegaes o exemplo, e doutrina do Redemptor, reconhecei que a religião se firmou, e se deve sustentar pela verdade, e não pela impostura; pela virtude, e não pelo alfange!

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porém, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

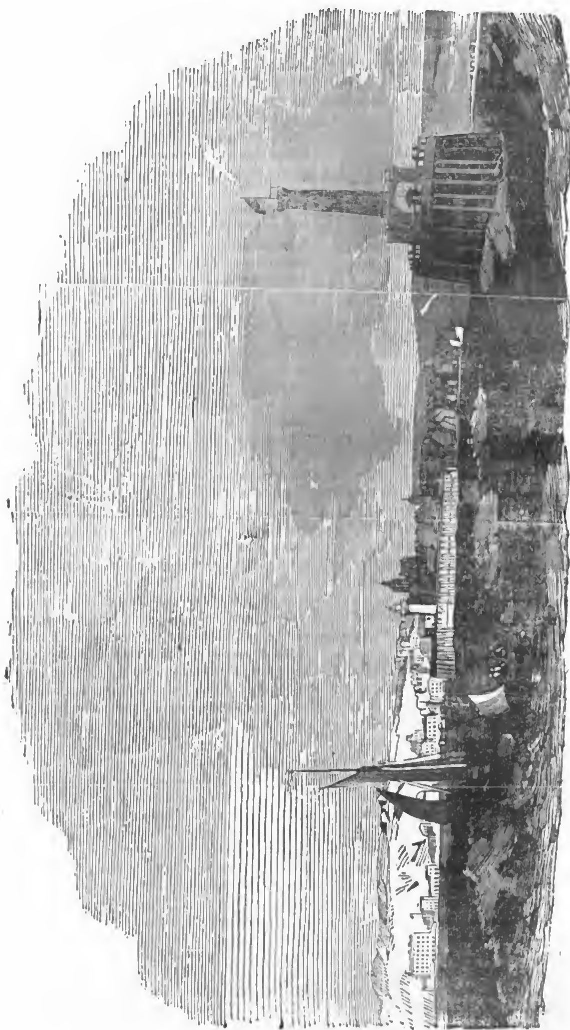
As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.º 52 1.º andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega.	90 »

PROVINCIAS (*franco de porte*)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »



BOULOGNE SUR-MER.

N'este porto, que é situado no canal da Mancha, e disputa a Calais a preferencia nas relações da França com Inglaterra, fez o imperador Napoleão I grandes aprestos, com o fim de executar um desembarque em Inglaterra, o que todavia não levou a effeito.

Bolonha mantem relações commerciaes não só com a Inglaterra, mas tambem com diversas nações, para o que se fazem grandes equipamentos de navios.

É muito concorrida pelos que tomam banhos, e posto que a moda tenha feito espalhar por differentes localidades os banhistas, ainda assim a flor da sociedade franceza não desamparou Bolonha.

PESCA NOCTURNA

DESCRIPTA POR UM PESCADOR ESCOCEZ.

Á medida que a noite se aproximava, o ceo tomava uma côr triste e carregada; o mar, agitado pela brisa em começo, projectava o ceo negro, e a sua superficie, desegual e sombria, absorvia os ultimos raios do sol no occaso. Um espaço bonançoso e prateado, pouco mais ou menos de vinte a trinta metros de extensão, agitava-se preguiçosamente no meio das trevas: dir-se-hia que sobre este ponto se lançara uma porção d'oleo. Obedecendo a algum outro motor que não a maré ou o vento, este campo movediço aproximou-se de lado ás nossas boyas um tiro de funda da prôa do barco, alongou-se, e fez a pausa d'um momento depois, tres d'ellas; levantando-se de repente sobre a estreita base com um abalo subito, afundiram-se.

«Uma, duas, tres! gritou um dos pescadores contando no momento em que ellas desappareciam; são dez barris certos.»

Deixámos correr alguns segundos. Desatando então uma corda fixa na prôa, e puxando-a d'esta para a pôpa, começámos a içar as redes. Á proporção que as tres primeiras se aproximavam da superficie, a luz phosphorecente das vagas fazia-as parecer ardendo em chammas d'um verde desmaiado. Aqui e ali, um arenque brilhava atravez das malhas, ou passava nas negras profundidades como um foguete, um momento visivel pela propria luz. Á quarta rede, a mais cheia de todas, reluzia por entre a agua que ainda estava a distancia de muitas braças. O verde desmaiado estava ali mesclado de pedaços de neve, que, fluctuando no meio da massa luminosa, parecia, a cada sacudidela dada pelos pescadores, desfigurar-se, dissolver-se, e restabelecer-se de novo, emquanto fora, nas trevas que nos rodeavam, se acendiam e apagavam um sem numero de raios verdes, que não eram senão os peixes escapos á rede, e retidos junto dos seus companheiros captivos até que o movimento da agua os advertisse do perigo. A rede continha uma quantidade consideravel de arenques. Quando os içámos, sentimol-os quentes ao tacto; porque no meio de grande copia de peixes, a temperatura é sempre mais elevada, circunstancia bem conhecida dos pescadores de arenques. Sacudindo-os das redes, percebemos um pequeno som agudo, egual ao grito do rato, mas muito mais fraco, causado de certo pela evacuação do ar, pois que nenhum peixe possue os orgãos do som. Algumas redes só tinham apanhado uma ou duas duzias de peixe miudo; mas as tres mais felizes rompiam-se com o peso. Esta primeira porção tinha-nos produzido uma duzia de barris, pouco mais ou menos.

. . . .

Acordando, proximo á meia noite, encontrámos, como anteriormente, o mar livre; mas o aspecto tinha mudado. Á brisa succedera uma calmaria podre; o ceo, perdida a côr sombria, resplandecia d'estrellas; e o mar, unido como um espelho, similhava um segundo ceo, tão brilhante e tão estrellado como o outro, com a só differença de que seus astros parecia terem-se mudado em cometas, porque o ligeiro tremor das aguas dilatava as imagens reflectidas e prestava uma cauda a cada estrella. Não se distinguia a linha do horisônte. Do lado da costa, onde se elevavam as rochas escarpadas, duplicadas em altura na sombra fluctuánte desenhada na agua, julgar-se-hia ver uma multidão de nuvens immoveis; mas esta apparencia não prejudicava a illusão. A sombria figura do barco estendia-se ao redor de nós como um fragmento de planeta quebrado, suspenso no espaço a egual distancia da terra e do ceo, e o orbe inteiro se desenrolava diante de nós do oriente ao occidente.

De facto, se as perspectivas sublimes fossem sufficientes para desinvolver as faculdades humanas, o espirito do pescador não permaneceria muito tempo inerte; mas assim como no daguerreotypo, a lamina de metal não retem as imagens senão depois de ter soffrido uma preparação que a torna *sensivel*, assim a intelligencia em que o sentimento do bello não tem sido despertado, não repara nem conserva nada dos sitios os mais maravilhosos.

A calma continuava, e a escuridão tambem. Só uma hora, pouco mais ou menos, depois de nascer o sol, é que a brisa caprichosa correu á superficie d'agua, communicando-lhe, em diversos sitios, uma côr cinzenta. Então formou-se uma mancha, seguida bem depressa de segunda, depois de terceira, e em um espaço de muitas milhas, a superficie prateada se cobria de pardo, como se a brisa, partida d'um ponto central, propagasse ao longe esta côr. Ao cabo d'alguns segundos, tudo tornou a estar tranquillo. N'este instante, de roda d'um novo centro, as manchas pardas restabeleceram-se, alargaram-se, e invadiram o golpho de Murray. Um ruido particular, similhante ao aguaceiro fustigando a terra com as suas multiplicadas gotas, se levantou em torno do nosso barco. A agua parecia feita d'uma multidão de pedaços de prata que scin-

tillavam um momento ao sol, depois cediam o logar a outros pontos vivos e escorregadios, aos quaes outros succediam ainda. Milhares de arenques saltavam, brincando, a algumas polegadas d'altura; depois caíam, e desappareciam para tornarem a apparecer e saltar. Em breve toda a bahia se cobriu d'escuma. Os sons, multiplicados ao infinito, imitavam o ruido do vento nas grandes arvores, e ouviam-se ao longe. Este cesto vivente occupava ao largo centenas de milhas; mas ainda que elles brincassem aos milhares proximo ás nossas boyas, nenhum arenque nadava tão baixo como a borda superior das redes. Um dos pescadores pegou n'uma pedra e atirou-a acima da segunda boya: os peixes dispersaram-se e desappareceram.

«Foram-se, gritou elle, não importa; com tanto que mergulhem bem baixo! Ha quatro annos que eu apanhei na minha rede trinta barris de peixe miudo sem mais trabalho do que atirar-lhe uma pedra.»

O effeito d'esta vez não foi tão prodigioso; mas a terceira e ultima arrecadação que fizemos recompensou largamente as nossas fadigas.

Içando depois a vela por uma fresca brisa d'éste, alcançámos a praia com uma carregação de vinte barris pelo menos.

Nem todas as noites dedicadas á pesca são tão tranquillas e prosperas. A borrasca vem ás vezes juntamente com esses immensos bandos de peixe, que ella sacode para a praia, com grave perigo dos barcos que o procuram, que ficam presos nos escolhos visinhos á terra. Sem coberta, cheios d'agua ao mais pequeno desvio da costa, estes frageis barcos, não podendo fazer-se ao largo nem alcançar o mar alto, só lhe resta aproar á enseada ou porto d'onde sairam de manhã. Se não conseguem entrar ahi, pobres d'elles e das tripulações. Os despojos das cavernas, os remos quebrados, e muitas vezes os cadaveres que as vagas lançam á costa, attestam o triste drama do qual nenhum actor sobrevive. Uma cantiga popular no Escocia, intitulada *o arenque fresco*, chama-lhe a *morte dos pescadores*.

E comtudo os filhos e irmãos dos pobres naufragos largarão ámanhã a vela e abrirão com os remos o sulco movediço que se fechou na vespera sobre aquelles que amavam. É que esta pesca, mortal para alguns, é a esperança e a riqueza de todos.

Na Escocia e na ilha de Man, emprega dez mil quatrocentos e oitenta barcos, tripulados por quarenta mil trezentos setenta pescadores e moços; em terra, sessenta e oito mil novecentas trinta e nove pessoas são occupadas em salgar e embarrilar o arenque. Se se accrescentar a esta cifra a das industrias que se prendem com ella, taes como a construcção dos barris, o fabrico das redes, das cordas, etc., teremos a enorme somma de 531324 libras esterlinas, ou 2.404:458$ réis.

O luxo destroe as fortunas, e deprava os costumes.

RETRATO DE CARLOS MAGNO.

FRAGMENTO TRADUZIDO FIELMENTE DA CHRONICA LATINA QUE ESCREVEU O SEU SECRETARIO EGINHARD, NO SECULO VIII.

«Vestia ordinariamente o mesmo trajo que os francos, a saber: camisa, e calçõesinhos de panninho, tunica de seda bordada, e calções; cobria as pernas com tiras, e o pé com um calçado muito apertado. A este vestuario costumava juntar no inverno outro de pelle, e segurava a espada n'um telim de prata ou oiro. Nas principaes festividades, e quando dava audiencia aos embaixadores, cingia uma espada guarnecida de pedras preciosas; porém nunca quiz usar trajos estrangeiros por mais magnificos que fossem: só duas vezes, a rogo dos papas Adriano e Leão, consentiu em vestir a tunica larga, a clamide, e calçado á romana. Nas grandes solemnidades e procissões usava uma tunica tecida de oiro, calçado cravejado de pedraria, e na capa um broche de oiro, e punha na cabeça um diadema onde brilhavam muitos diamantes. Parco no comer, e sobrio na bebida, olhava com horror para quem se embriagava, especialmente se era pessoa do seu sequito. Custava-lhe muito privar-se de alimento, e queixava-se frequentemente dos jejuns lhe deteriorarem a saude. Só dava banquetes nas grandes festas, e n'essas o numero de convidados era consideravel. A sua comida ordinaria era de quatro pratos, além do assado, do que gostava muito, e que se lhe servia na mesma frigideira onde o assavam. Durante a mesa gostava de ouvir contar as façanhas dos antigos, ou que lhe lessem as obras de Santo Agostinho, a que dava muito apreço, especialmente a *Cidade de Deus*. Raras vezes, quando comia, levava a taça tres vezes á bocca; porém no verão, ainda que só comesse fructas, bebia em seguida; logo se despia, e dormia duas ou tres horas. Durante a noite despertava quatro ou cinco vezes, e em cada uma d'ellas se levantava. Em quanto se vestia recebia os seus favoritos, e quando o mordomo do palacio lhe annunciava algum pleito, de que elle devia tomar conhecimento, chamava logo as partes, ouvia as suas razões, e sentenceava; depois distribuia a cada um os seus afazeres, e aos ministros os negocios de que se deviam encarregar. A eloquencia de Carlos Magno era tão fecunda, que podia expressar todos os seus pensamentos, sem recorrer á lingua materna. Sabia o latim, e fallava-o com tanta facilidade como se fosse o seu idioma nativo. Comprehendia muito bem o grego, porém expressava-se n'elle com difficuldade. Havia-se dedicado com muito afinco ás artes liberaes; e por isso venerava os seus mestres, e honrava-os com beneficios. O diacono Pedro Pisan deu-lhe algumas lições de grammatica, e dos outros estudos foi seu mestre *Albim*, por outro nome *Alcuim*, diacono bretão, homem muito instruido em todas as sciencias. Carlos havia gasto com elle muito

tempo a aprender a rhetorica, a dialectica, e especialmente a astronomia: tambem se applicou á arte do calculo, ao estudo do curso dos astros, e a escrever, tendo sempre á cabeceira da cama, para se adestrar na escripta, taboletas e livrinhos; mas pouco adiantou n'isto, porque se dedicou já tarde, e fóra de tempo.»

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

II

Continuação.

Demdike desceu um pouco a encosta, passando pelo centro do circulo que havia traçado. Cravou então o pau no chão n'um dos logares em que pozera os boccados de tojo secco, e com tal força que o enterrou tres palmos pela terra dentro. Quando o arrancou viu-se rebentar um repuxo d'agua negra como tinta. Cravou outra vez o pau no chão, e enterrando-o do mesmo modo appareceu novo repuxo d'agua tão negra como a primeira.

Entretanto os soldados continuavam a avançar, contemplando este espectaculo, mas sem pararem um instante. Outra vez se cravou o pau no chão, e rebentara terceira fonte, negra como as outras. Já estavam bem proximos os soldados realistas, já se distinguiam as feições dos dois commandantes João Boaddyll, e Ricardo Asskton, e ouviam-se as suas vozes distinctamente.

—É elle, é o abbade rebelde! bradava Boaddyll, avançando. Não nos enganaram. Estava tambem de vigia junto ao signal. É o diabo que o entrega ás nossas mãos.

—Andem! andem! bradou Demdike.

—Já não é abbade, redarguiu Asskton; podeis chamar-lhe agora conde da Pobreza; hade ser enforcado no sitio aonde levantou o signal, para escarmento de traidores.

—Hereges! blasphemos! ao menos posso-me vingar, exclamava o abbade cravando as esporas no cavallo.

Mas primeiro que desse um passo, Demdike tinha deitado a mão ás redeas, dizendo-lhe:

—Parae, ou morrereis juntamente com elles.

Ouviu-se então um estrondo similhante ao do trovão, e cedendo todo o espaço de terreno marcado pelo circulo, arrebentou com uma força irresistivel uma torrente negra, que, chegando á altura dos peitos dos soldados que avançavam pelo canal, levou todos e tudo comsigo na sua impetuosa corrente.

Era horroroso aquelle espectaculo. As aguas negras reflectindo as chammas pareciam ondas de sangue. Nem era menos medonho ouvir os gritos das victimas, acompanhados pelo rugido da torrente. Lutavam em vão com a agua, e as pedras que esta arrastava no seu impeto derribavam os que conseguiam tomar pé. Os que tentaram segurar-se ás hervas, sumiam-se para não tornar a apparecer, porque ellas eram um fragil apoio para vencer a força das aguas. Muitos morreram esmagados por grandes pedaços de rochedo que se deslocavam, e acompanhavam a corrente na sua descida, ou que encalhando por algum motivo era mais um perigo que encontravam.

Um homem pudera conservar-se n'uma d'estas pedras. Estendia ás vezes a mão para alguns dos seus companheiros que passavam, gritando junto d'elle. Mas não os podia soccorrer, e a sua propria posição era duvidosamente segura, e não a ousava abandonar, porque saltando para qualquer dos lados tinha inevitavel a morte.

As aguas saltavam espumando a muralha de pedra que se oppozera por um instante á sua força, mas esta cedera logo, e as suas reliquias acompanhavam-nas na sua carreira. Arvores, casas, gados, tudo desappareceu até que depois de encher um pequeno lago, encontraram o açude de um moinho. Aqui paradas, e não achando saida, formavam um redemoinho, aonde boiaram gados, homens, uns mortos outros meio vivos, até que com um estrondo immenso o açude cedeu, e a torrente rugindo e escumando continuou na sua obra de destruição, engrossada pelas aguas do ribeiro de Pendle.

O abbade e os seus companheiros contemplavam esta horrivel devastação com espanto e terror. Pallido, e com o sangue gelado nas veias, Paslew suppunha aquillo tudo obra dos poderes infernaes, e que elle estava de combinação com elles. Tentou proferir uma oração, mas os seus labios se recusaram a proferil-a. Queria mover-se, mas parecia que os seus membros estavam paralyticos.

Demdike soltava uma gargalhada estridente de espaço a espaço, o que ainda mais exacerbava, a elle e aos seus companheiros, a horrivel agonia, que os devorava diante d'aquella scena horrorosa e medonha.

Depois de um certo tempo, em que a agua continuava correndo tão impetuosamente como nunca, Demdike virou-se para o abbade, e disse-lhe:

—A vossa vingança está completa. Quereis agora baptisar a minha filha?

—Nunca, nunca, homem maldito! exclamou o abbade. Podes sacrifical-a aos teus impios ritos! Mas ali vae um infeliz lutando com a corrente, poderei ainda salval-o?

—É João Boaddyll, o vosso mais acerrimo inimigo; tornou Demdike. Se elle viver possuirá ametade dos bens de Whalley. Mas salvae tambem a Ricardo Asskton, que está agarrado áquella pedra que está além, e se escapar, ficará com o resto. Apressae-vos, porque em menos de cinco minutos já ahi não estará!

—Salval-os-hei se puder, aconteça o que acontecer depois! respondeu o abbade.

E sem dar attenção ao riso ironico do outro,

que lhe bradava: «Haveis de ser enforcado á porta do mosteiro,» correu pela encosta abaixo até ao sitio aonde se via a cabeça de um homem fora da agua, e que escapara em consequencia da sua elevada estatura.

—Sois vós, João Boaddyll! disse o abbade, chegando defronte d'elle.

—Sim, respondeu este. Perdoae-me o mal que vos queria fazer, e salvae-me agora.

—Venho com esse intento, respondeu o abbade apeando-se, e atirando para longe o manto que trazia sobre os hombros.

Os dois pastores haviam-se tambem aproximado, e o abbade segurando-se á vara de um d'elles, entrou pela agua, deu a mão ao desgraçado que se não podia mover, enterrado como estava dentro do lodo, e ajudado dos pastores conseguiu salval-o de uma morte inevitavel.

—Agora acuda-se ao outro, disse Paslew apenas viu Boaddyll fora da agua.

—Já perdestes metade dos bens da abbadia, bradou uma voz, que parecia estar longe.

O abbade aproximou-se do rochedo a que estava agarrado Ricardo Asskton, e que estremecia aos impetos da corrente.

—Pelo amor de Deus ajudae-me, senhor abbade, dizia elle.

—Não tenhaes medo, Ricardo Asskton, acabo de salvar João Boaddyll, e se Nossa Senhora me ajudar salvar-vos-hei do mesmo modo.

Mas era mais facil o desejo do que a execução. O abbade preparou-se, e segurando-se á mão do pastor, estendeu a vara para Asskton, mas quando este a agarrou, a corrente fel-a voltar com tal impeto que o abbade viu-se obrigado ou a largal-a ou a entrar mais pela agua dentro. Attento á salvação de Asskton adoptou o ultimo expediente e perdeu immediatamente o equilibrio; a vara voltou-se, e o abbade e Asskton foram levados pela corrente.

Desapparecendo juntos, os monges, os pastores, e os couteiros julgaram-n'os perdidos, mas o abbade apesar de ferido pelas pedras, animava com palavras de esperança o seu companheiro. Chegaram afinal ao lago, que as aguas haviam formado na base da montanha, nadando ambos com os sentidos amortecidos e as forças exhaustas, e pelo mero instincto da conservação. Asskton desfallecera de todo, e ia submergir-se, quando o cão negro de Demdike o agarrou pelos vestidos, e o trouxe para terra.

Então Demdike, alçando a voz, exclamou:

—Queres baptisar minha filha, abbade? Se o promettes, o meu cão salvar-te-ha como salvou o teu inimigo.....

Mas não era o seu destino morrer afogado. Quando tornou a si estava deitado n'um dos quartos do mosteiro, com o tecto custosamente doirado e pintado, e com as paredes cobertas de tapeçarias de Flandres, representando varios assumptos religiosos.

—Terei eu estado a sonhar! murmurou elle.

—Não, respondeu um homem alto que estava á sua cabeceira. Fostes salvo da morte para padecerdes supplicio mais affrontoso!

—Ah! exclamou o abbade, erguendo-se, e passando a mão pela testa; tu aqui!

—Sim, estou aqui para vos guardar, disse Demdike; estaes preso n'um quarto no vosso proprio mosteiro. Tudo quanto vos havia dito aconteceu. O conde de Derby é senhor da abbadia, os vossos partidarios foram dispersos, e os vossos monges expulsos. Os abbades de Jervaux e Salley, vossos complices na rebellião, estão presos no castello de Lancaster, aonde ireis tambem, assim que estiverdes livre de perigo.

—Entregarei bens, oiro, tudo ao rei, para que me deixem morrer em paz! balbuciou o abbade.

—Poupar-vos-hão esse incommodo, tornou o outro; convencido de traição, os vossos bens pertencem á corôa, e serão todos vendidos, e comprados, como já disse, por João Boaddyll e Ricardo Asskton, que ficarão senhores de tudo.

—Quem me dera ter morrido na corrente, disse o abbade.

—E bem o podieis desejar, respondeu o seu algoz; mas não devia ser assim. Haveis de ser enforcado como já vos disse á porta do mosteiro, e eu e a minha mulher assistiremos á vossa execução!

—Quem és tu? perguntou o abbade. Não me é desconhecida a tua voz. É parecida com a de alguem que eu conheci outr'ora, e as tuas feições são como as d'elle; mas estás desfigurado, muito desfigurado! Quem és tu?

—Dir-t'o-hei á hora da morte! respondeu o outro com um olhar que pintava o jubilo de uma vingança implacavel, e que ia ser satisfeita.

O abbade, abatido e prostrado, levantou-se da cama, e dirigindo-se a um oratorio, caiu de joelhos, e poz-se a orar perante a imagem da Virgem.

Continua.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Continuação.

1048. *Berenger*, arcediago d'Angers, foi o chefe dos *Sacramentarios*.

Esta palavra adoptou-se para designar os hereticos que negavam a presença real de Christo.

Foi Berenger um dos primeiros que ensinara que o Sacramento da Eucharistia era uma figura do corpo e sangue de Jesus Christo, não havendo porém mudança nas substancias do pão e do vinho.

Contra esta doutrina, que negava a transubstanciação, ergueu logo a Egreja a sua voz.

Tres concilios de Roma a fulminaram, e tam-

bem os de Verceil, Paris, Florença, Ruão, e Poitiers.

Berenger retractou-se finalmente, e morreu no seio da Egreja catholica apostolica romana.

Disse-se acima que elle foi *um dos primeiros*, porque nos fins do seculo IX, *João Erigeno*, appellidado *Scoto*, ou o *Escocez*, ensinou quasi os mesmos erros, sendo n'esse tempo refutado pelos mais eximios e famigerados bispos.

1106. *Pedro de Bruys*, natural do Delfinado, em França, atacou o baptismo, a eucharistia, as egrejas, e a cruz.

Os seus discipulos cognominaram-se *Petrobrussianos*, e depois da morte de Pedro de Bruys se appellidaram *Henricianos*, por terem tido então por chefe um tal Henrique, monge apostata, que propagou muitos dos seus erros, accrescentando-os.

Todos foram condemnados no segundo Concilio de Latrão, em 1139.

Continúa.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVI

Do ser desta ilha Terceira, e das villas e logares que tem.

Desta cidade de Angra ja tenho ditto o ser d'ella. Tem para a banda do ponente muitos pomares, e vinhas, e muitas fructas de diversas maneiras. Tem acima, aonde se chama o Porto-Santo, quintas de muito preço, de muitos e mui grandes arvoredos de toda a sorte, uma fresca ribeira de agua que mana de muitas fontes, e nasce dentro em uma quinta de um padre chamado Pedro Botelho de Souza, visinho da Villa da Praia, quinta de grande recreação, e de estima, e preço. Correndo para o levante está uma freguezia, e o orago é do glorioso San Bento. Mais adiante pouco espaço está outra freguezia, do apostolo S. Pedro. Correndo mais adiante, como meia legua, estão muitas quintas, que dão muito vinho, e arvores em algumas dellas de muita fructa. Logo ao diante uma freguezia que se chama o Porto do Judeu, e o orago é o glorioso Sant'Antonio de Padua. Mais ao diante, quasi nada longe, está a casa da Salga, onde D. Pedro de Valdez perdeu a gente. Acima está uma villa antiga, que se chama a Villa de S. Sebastião, porque o orago da egreja, que é uma formosa egreja, é San Sebastião; muitas quintas, e vinhas, e pomares, que se chamam as vinhas do Porto de Martin. Abaixo desta villa, e da casa da Salga, estão aquelles tão celebres como afamados picos da Contenda, entre os quaes saiu a gente do marquez de Santa-Cruz, quando se entrou a ilha. Ao diante da Villa de San Sebastião, por cima, está outra freguezia, que se chama Fonte do Bastardo, cujo orago é da gloriosa Santa Barbora. Mais abaixo está outra freguezia, ao longo do mar, e o orago d'ella é Santa Catharina. Mais adiante, pouco espaço, está a Villa da Praia, uma villa notavel, e grande, com suas fortalezas ao longo do mar, e a egreja grande, que é das melhores egrejas que ha nas ilhas; é Santa Cruz: tem outras muitas freguezias, e ermidas; como tem a Villa de San Sebastião nomeada atraz; tem um convento de frades, dois mosteiros de freiras, como na cidade. Ao diante desta villa está outra freguezia, que é o orago de Nossa Senhora da Pena. Mais abaixo outra freguezia; o orago della é de San Miguel, o Anjo. Ao deante está a Villa-nova, com sua casa da Santa Misericordia, como está nas outras villas, e o orago della é uma formosa egreja, que se chama o Espirito Santo. Acima della está outra freguezia, que se chama de Nossa Senhora da Guadelupe; esta freguezia é muito fresca, de muitas quintas de diversos fructos e bons, uma grande ribeira d'agua, onde estão muitos moinhos, e a Senhora da Guadelupe de muitas romagens, e muitos milagres. Ao deante está a freguezia de que é orago Santa Beatriz, logar muito fresco, e de muitos ribeiros. Ao deante está outra freguezia do apostolo S. Pedro: nesta freguezia ha muitas quintas, muitas vinhas, pomares de muitos fructos e bons, e pela ilha ha em outras muitas partes muitas vinhas e pomares que não declaro. Adeante desta freguezia está outra de S. Roque: é muito grande, e de ricos homens, como as mais atraz. Correndo ao deante para a banda do Sul está outra novamente feita, que se chama S. Jorge, e que é como curado. Tambem ha outro curado, acima da Villa da Praia, de S. João Baptista. Ao deante de S. Jorge está uma grande freguezia, e o orago é de Santa Barbara, com vigario, cura, e quatro beneficiados, como ha em S. Roque, e em outras atraz. Mais adiante, vindo ja para a cidade, ha outra freguezia do apostolo S. Bartholomeu. Abaixo mais perto da cidade, está outra do apostolo S. Matheus, ao longo do mar. Na cidade ha quatro freguezias, a Sé que é a maior egreja de todas as das ilhas; e Nossa Senhora da Conceição, outra grande egreja; e S. Pedro e Santa Luzia; e muitos conventos de frades, freiras, e o collegio dos padres da Companhia de Jesus. Haverá nesta ilha, afora as egrejas atraz nomeadas, de ermidas e outras que não nomeio perto de quarenta, que se tem por escusado nomearem-se. A ilha de si é muito alegre, muito fresca, de muitas aguas. Chama-se a Ilha Terceira de Jesu Christo, porque foi achada em domingo de Jesu, e está a ilha de Santa Maria primeiro, e logo a ilha de San Miguel, e logo esta que é a terceira, porque a ilha de Santa Maria foi achada por Santa Maria d'agosto, e a ilha de S. Miguel dia de S. Miguel o archanjo, e esta dia de Jesu, que foi domingo do anjo, e em tudo foi a terceira, e esse é o seu nome.

LXXVII

De como o marquez chegou á ilha de S. Miguel com armada, e tomou ahi os soldados que estavam, e os mancebos que foram no batel.

Estava esta cidade tão inquieta com os francezes e inglezes, que nella estavam de presidio, que já estavam bem arrependidos de os consentirem na terra, em tanto que dormiam companhias de portuguezes ás portas dos capitães com receios delles se levantarem contra a terra, que tão desatinada gente é. Em dia do Espirito-Santo se costumava nesta cidade, e nas freguezias della, fazer-se bodas do Espirito-Santo; e em dia do Espirito-Santo do anno de 1583 comeram todos os francezes e portuguezes nas bodas, os quaes, ou os mais delles, se embebedaram ou esquentaram, e alguns portuguezes pela mesma traça, e acabado de comerem veio a travar um portuguez com dois francezes por se levantarem sem darem graças ao Senhor Deus, e logo arrancaram, e uns de uma parte, e outros de outra. As espadas nuas eram muitas: não havia quem apartasse: tudo era baralhado: os francezes levantados com caixas tocadas, e a guerra levantada: os portuguezes da mesma maneira. Acudio Manuel da Silva com os mestres-de-campo francezes, e inglezes a apartar. Era fogo que se não podia apagar. As mulheres pelas janellas com pedras aos francezes: durou a bulha por duas horas: a cidade ardia toda com fogo, e armas: houve dose portuguezes mortos, afora os feridos, e francezes como trinta, e alguns quarenta feridos. Elles eram grandes ladrões, assim francezes como inglezes, porque tendo Manuel da Silva guarda delles, vindo um Simão Dias, da Agualva, a vender um cavallo ao ditto Manuel da Silva, pelo qual lhe contou quarenta mil réis, que os inglezes da guarda viram contar; quatro dos quaes foram esperar ao ditto Simão Dias ao caminho, sabendo que ia com o dinheiro, e lhe deram mais de cem estocadas, e o mataram, sendo lavrador rico e honrado, e lhe tomaram o dinheiro, e o deixaram morto; e se tirou devaça, acharam por inquerição os inglezes serem vistos naquella parte. Foram logo prezos, e sem tratos confessaram: levaram-nos todos quatro a enforcar, e haviam ser esquartejados. O principal, que indusio os outros, logo o enforcaram primeiro, e o esquartejaram; os tres, estando já para os pendurarem, por não matarem todos, os tornaram á prizão, e os metteram nas galés, porque havia uma galé feita, e outra que se estava acabando de fazer: nella andava gente que merecia morrer. Os portuguezes não andavam de noite sós pela cidade. Os francezes traziam suas rondas; os inglezes as suas; os portuguezes as suas. Uma noite vinha um Luiz Gonçalves de jogar: era homem esquerdo, alfaiate, e de muito esforço: encontrou com a ronda dos francezes, quizeram saber quem era, elle disse que se fossem embora; não quizeram senão saber quem era; metteram-se com elle ás cutiladas, e elle com elles, e os fazia ir recuando: levavam duas alabardas; buscaram-lhe tempo, e lhe deram por uma ilharga, e o atravessaram, e acabaram o pobre homem sendo perto de meia noite; e pela manhan o acharam morto; era casado, tinha dois filhos. Os francezes iam pelos pomares e vinhas e hortas. Foram dois a uma vinha de um Melchior de Cea, e contra sua vontade queriam entrar nella, e logo levaram das espadas. Fez o dono da vinha tiro a um com uma pedra, e lhe deu nos focinhos, e o virou de costas, e remetteu ao outro: fugio-lhe para a cidade: ao outro dia em amanhecendo foram quinse junctos: o da pedrada morreu: e elle Melchior de Cea se poz em um monte, que fazia em cima um pico alto, tudo de penedia, e não podiam ir acima senão por um só caminho: os francezes não levavam senão espadas: o sobreditto se pôs de cima ás pedradas, e os francezes não podiam ir senão um deante do outro, e em dando a pedra no primeiro, este caindo levava os outros abaixo, de maneira que durou a briga té passarem algumas pessoas, e os francezes estavam dois mortos, e os outros quasi todos feridos. Os mais portuguezes eram quatro; levavam bastões, foram-se aos francezes, e começaram a dar nelles, e mataram quatro, e os outros botaram a fugir, e os portuguezes atraz delles, e nisto cada vez havia mais portuguezes. Quando os francezes chegaram á cidade vinham sós dois, e bem feridos: os mais lá ficaram. Vivia um homem por nome Sebastião Alves, homem rico, cidadão da cidade, em uma sua quinta, aonde se chama a Terra-Chan, com sua familia, e escravos: á noute foram lá passante de vinte francezes: cercaram-lhe as casas, bateram ás portas: estes levavam armas de fogo, arcabuses, como ametade delles; dizendo-lhe que lhe abrissem: veio o ditto Sebastião Alves a uma janella saber o que era; vio muitos homens; perguntou o que queriam. Diceram que lhes abrisse senão que lhe haviam pôr fogo ás casas. Vendo-se o velho, e bem velho, mas bem disposto, nesta agonia, e tinha duas filhas, e sua mulher, e tres escravos, e um filho, não soube como se deliberasse. Sentio as casas cercadas, mas a uma porta estava um com uma alabarda. Não tinha por onde botar uma pessoa a chamar os visinhos senão por alli. Determinou-se um escravo sair: levou uma alabarda antiga de ferro largo, e abrio as portas, e de cima de uma janella deram com um remessão na cabeça ao francez, e o atordoaram, e gritou. O escravo saío, e o passou de banda a banda com a alabarda, e logo se fechou a porta, e acudiram ao grito todos os francezes; e acordou-se o filho de Sebastião Alves de uma panella de polvora, aviou dois arcabuzes, e muitas armas, e aviou dois cães grandes e bons, os quaes como viram tanta gente com os morrões acesos matavam-se todos, e se desfaziam no ladrar. Subio-se por dentro o ditto seu filho ao telhado e tomou a panella de polvora bem tapada, com os morrões acesos fez como alcanzia, e a botou entre os fran-

cezes, e tal lume e força de fogo deu que os abrazou a todos, e os queimou, de sorte que os viram espojar pelo chão para matarem o lume dos fatos. E nisto sem o senhor o saber sairam os dois escravos por uma porta, um com uma alabarda e outro com uma fouce roçadoura, e começaram a dar pelos francezes. E os cães como viram os negros cobraram coração, e se metteram a atassalhar pelas pernas os francezes. Elles estavam como pasmados porque o lume da polvora foi tão grande que crestou ao que o botou em cima no telhado, e ateou em os portões que estavam ardendo; e feridos todos, e queimados se pozeram em fugida, e os negros a dar e a derrubar, que não sabiam por onde iam. Veio abaixo o filho com um montante, e cortava, como queria, e no alcance foram á sua vontade; e já vinha outro negro com quatro vizinhos, que pouca mingoa faziam, e ainda feriram e mataram: de maneira que se affirmou que sós dois escaparam, e queimados, que foram os primeiros que fugiram. Estes dois, diziam que os mandou enforcar o seu mestre de campo, pelo que depois lhe contaram. Os francezes faziam de continuo moeda falsa, e os tropeavam. Ninguem se tinha por seguro em suas vinhas, quintas, e hortas, fora da cidade. Manuel da Silva, com gente em sua companhia, as mais das noites andava pela cidade vigiando os portões e sentinellas, e uma noite houvera de matar uma sentinella que não dice quem era como mataram alguns portuguezes.

Continua.

Os monarchas constitucionaes seriam sempre justos, se não encontrassem ministros dispostos a subscrever seus caprichos.

O herdeiro do rico arma a casa de luto, e o coração de gala.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DO IMPERIO BRASILEIRO.

O editor e proprietario do Panorama começou em Janeiro de 1856 a publicação da Illustração Luso-Brasileira, que, apesar de estar longe do que devia ser, o que não admira, se se attender a que foi uma tentativa, era incontestavelmente o primeiro jornal litterario do paiz.

O anno de 1856 foi, infelizmente, bastante calamitoso; porém tal circunstancia não fez descoroçoar o editor, que, encetando em Janeiro essa publicação, teve o gosto de concluir o volume em Dezembro do mesmo anno, tendo lutado com ingentes obstaculos.

No corrente anno quiz publicar o segundo volume, consideravelmente melhorado, o que lhe não foi possivel por falta de assignantes.

Tencionando continuar para o anno futuro essa publicação, o editor confia que será ajudado pelos seus concidadãos amantes das letras patrias. Ninguem ignora que uma grande parte dos assignantes, tanto de Portugal como do imperio do Brasil, teem sido fraudados com algumas publicações portuguezas, suspensas em meio, ficando assim sem o dinheiro que n'ellas empregaram, e sem as obras, porque um livro por concluir é inutil.

Para que não haja receio de similhante dolo, o proprietario da Illustração continuará esse semanario para o futuro anno de 1858, offerecendo a seguinte garantia, que attesta a sua lealdade, boa fé, e zelo pela nossa litteratura.

Qualquer pessoa que angariar no Brasil assignaturas para a mesma Illustração, deverá requisitar o numero de exemplares que precisa, para lhe serem remettidos regularmente á proporção que se forem publicando. As importancias das assignaturas deverão ser pagas no fim do anno; de maneira que, se o volume ficar incompleto, nada terão a pagar os correspondentes pelos exemplares que tiverem recebido, qualquer que seja o seu numero e valor.

Eis o que ainda ninguem fez!

O editor mostra assim que não a ambição, mas só o desejo de ser util ao seu paiz, o determina a continuar uma publicação, que demanda exorbitantes despezas.

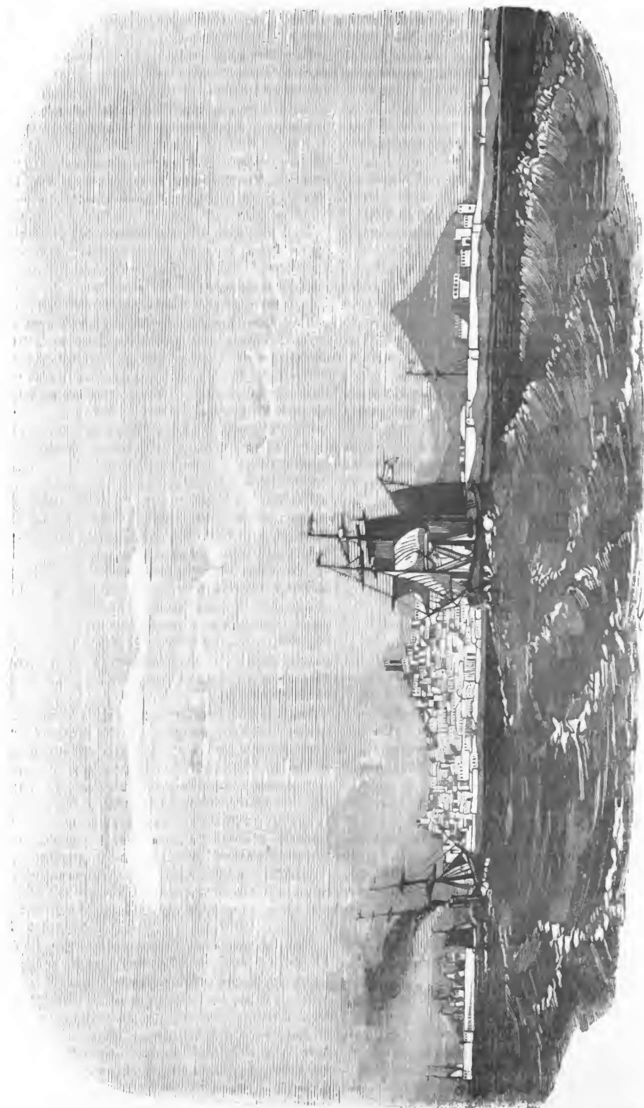
É justo porém, que quem assim dá seguranças, as tenha tambem por parte dos outros.

O editor portanto pede aos senhores que se encarregarem de solicitar assignaturas, que quando fizerem a requisição dos exemplares, indiquem logo pessoa de credito, n'esta cidade, que deva pagar, immediatamente depois da publicação do ultimo numero do anno, a importancia de todas as assignaturas que forem enviadas durante o mesmo anno. Sem esta clausula, não se farão as remessas.

Os srs. correspondentes devem participar, até o fim de Setembro do corrente anno, qual o numero de exemplares que pretendem; afim de se poderem fazer as encommendas dos materiaes necessarios para um jornal de tal ordem, se o numero de exemplares pedido bastar para as despezas da sua publicação.

O preço da assignatura, pago no fim do anno, é 4$000 réis fortes, livres de toda a despeza. Se porém algum sr. correspondente, confiando no proprietario, quizer pagar adiantado, tem o abatimento de 15 por cento.

Os srs. correspondentes terão a bondade de indicar o modo como desejam receber os exemplares.



BUSHIRE NO GOLPHO PERSICO.

A guerra entre a Grã-Bretanha e a Persia por causa da tomada de Herat acha-se agora terminada negociando-se a paz definitiva. Esta campanha attrahiu no anno passado a attenção da Europa para o golpho ou sino persico, como lhe chamavam os antigos, e que foi um dos theatros da gloria das armas portuguezas no oriente. A expedição dirigida da India britanica contra Bushire, renovou a lembrança d'esta ilha e porto, que é o principal d'aquellas paragens.

A ilha jaz fronteira á costa oriental do golpho, é bem povoada, e tem cinco leguas de comprimento e quasi duas de largura. A cidade de Bushire está na extremidade de uma peninsula arenosa, que o mar banha da parte do poente, tendo cavado ao norte e nordeste uma funda bahia; e assim a povoação occupa o triangulo formado pelo cabo em que tem assento, e que é separado por uma lingua de terra, ás vezes inundada. Vista do mar apresenta apparencia agradavel; porém, como a maior parte das cidades persas, essa illusão perde-se logo que se passeia dentro. Dista de Shiraz, com a qual mantem grandes relações commerciaes, obra de cem milhas. O porto é defendido por uma fortaleza, que tambem se vê no nosso desenho. Actualmente, e desde que Bunder-Abbas decaiu do poder, é o grande emporio persa do negocio da India. M.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

III

Continuação.

Como é sombrio e triste agora o aspecto da bella abbadia de Whalley, depois de expulsos os seus possuidores! Durante mais de dois seculos e meio que a riqueza, e formosura d'aquelle santo edificio crescera a olhos vistos. Dezesete abbades tinham ali exercido uma hospitalidade sem limites, e todavia o ultimo era accusado de traição e estava condemnado á morte. Os monges já não passeiam nos seus claustros, e as cellas estão desertas. As matinas e as vesperas já não se ouvem na egreja do convento. Os altares estão privados das suas cruzes de prata, das offerendas dos devotos, e das reliquias sagradas. Calix, mitra, castiçaes, salvas, bacias de prata, jarras, tudo desappareceu: a sachristia está tambem despida de todos os seus ornamentos.

Quão mudada está a abbadia de Whalley! A sua copiosa bibliotheca não escapou á destruição geral, e obras que custaram annos de trabalho foram lançadas ao fogo, e perdidas para sempre.

Na sua enfermaria já se não recolhem os doentes, e nas suas espaçosas cosinhas já não se faz o comer que alimentava milhares de familias indigentes. Nenhum porteiro convida agora o viandante a entrar. O vinho destinado pelo abbade para os seus hospedes de maior consideração e bebido pelos seus inimigos. A grande galeria está cheia de homens armados. O oratorio dedicado á Senhora de Whalley, aonde outr'ora rezava todas as manhãs, e todas as noites o abbade, está em completo abandono. O ecco dos claustros resoa com o tinir de espadas, com cantigas obscenas, e rixas entre os soldados. As praticas de hospitalidade e de religião findaram de todo. Só os monges que dormem no cemiterio o somno eterno é que ficaram: os outros foram expulsos com injurias para procurarem amparo, como e aonde melhor podessem.

O mosteiro de Whalley era um bello e magestoso edificio, e nunca se mostrou com tanta magnificencia exterior como no dia em que se fizeram as mudanças que referimos. O sol resplandecia nas suas antigas muralhas, fazendo realçar as delicadezas da sua architectura, e coando a sua luz atravez dos vidros de côres illuminava os tumulos dos De Lacies (fundadores do mosteiro,) dos antigos abbades, e dos monges que ali jaziam. Parecia respirar a paz e o socego quando foi convertido em fortaleza; o edificio sagrado aonde por tanto tempo tinham orado tantos prelados illustres devia ser em breve destruido por mãos sacrilegas, e já as suas abobadas repetiam o som da musica marcial.

O conde de Derby receiando alguma nova revolta tomara medidas para a defesa do mosteiro: na cêrca fôra collocada a artilheria, e o convento convertera-se n'uma praça de guerra. A cada uma das suas portas postara uma guarda dobrada. Os claustros e pateos estavam atulhados de tropas e de archeiros. Sobre a entrada principal tremulava o estandarte real. Mas não obstante estes preparativos militares a abbadia parecia tão bella como sempre, cercada de verdes encostas, e banhada pelas limpidas aguas do Caldeu.

Sobre a ponte, na pequena aldêa, viam-se reunidos alguns magotes de povo conversando uns com os outros, mas com o aspecto triste e melancolico, e olhando de continuo para a encosta fronteira, aonde existiam tambem alguns grupos com aspecto de quem aguardava algum acontecimento imminente. Eram, pela maior parte, pastores e operarios, e tambem entre elles se divisavam alguns habitos brancos dos monges cistersienses. Estes ultimos olhavam com saudade para a sua antiga habitação, e não diziam uma palavra quando algum soldado lhes dirigia insultos e ultrajes.

Este ajuntamento de povo teve logar no dia 11 de Março de 1537, tres mezes depois da epoca em que a nossa narração começa. O que esperavam todos, tanto os que estavam no mosteiro como os de fora, era a chegada do abbade Paslew, e dos dois monges Haydocke e Eastgate, que vinham de Lancaster para serem enforcados, na manhã do dia seguinte, á porta do mosteiro em cumprimento da sentença que os condemnara.

N'uma pequena eminencia fronteira á entrada principal do convento estava levantada uma forca de extraordinaria altura, que contrastava completamente com o pittoresco panorama que temos descripto. Este instrumento medonho visto com horror pelos camponezes, foi necessario cercal-o com tropas para impedir a sua demolição.

No meio de um dos grupos estava Cuthbert Ashbead, ex-couteiro do abbade, que tinha sido despedido como os outros criados quando se expulsaram os monges.

— Olá, Ricardo Roaphs, já foste ver a forca que armaram? perguntou elle a um dos que ali estava.

— Nada, não gosto de ver coisas tristes, respondeu Ricardo Roaphs, e mais, estava tanta gente ao pé da porta, e um d'aquelles malditos soldados deu-me com o coto de uma lança, e disse-me que me havia de enforcar juntamente com o abbade se me tornasse a encontrar ali

— E bem o mereces, respondeu Cuthbert, por teres medo, e não lhe teres resistido. Estão-me comendo as mãos para dar n'aquelles ladrões hereges. Ai de mim! Ai de mim! quem me diria que havia de ver os santos monges postos fora do seu mosteiro! E affirmam que o rei ordenara que não haveria nem frades, nem padres por toda a Inglaterra. Fico arripiado só em pensar n'isso! E não sabes que os abbades de Jervaux e de Salley foram enforcados terça feira em Lancaster?....

— Valha-nos Deus, disse outro que estava ouvindo. Temos um bello rei. Primeiro corta a cabeça á sua propria mulher, e agora enforca todos os padres. Em que virá isto a dar!

— Em que virá isto a dar? É verdade, disse Ricardo Roaphs, nem podemos abrir a bocca com medo da mordaça.

— Não? Pois eu heide abrir a minha quanto queira, respondeu Cuthbert, e se uma duzia de vocês me quizessem ajudar, soltariamos o abbade antes que chegue aqui.

— Antes quereria deixar isso para ámanhã, tornou Ricardo Roaphs.

— És um covarde como já te disse, replicou Cuthbert, mas que dizes tu, Henrique? virando-se para aquelle que tinha fallado ha pouco.

— Salve-se o abbade Paslew! respondeu este, eu pelo menos não heide ficar de mãos atadas vendo-o enforcar. Vamos soltar o abbade Paslew, rapazes!

— Vamos! vamos! responderam todos, menos Ricardo Roaphs.

Ouvindo isto um homem alto saiu do grupo, e encaminhou-se para a abbadia.

— Quem é esse que nos deixa? perguntou Henrique Nabs. Ai! já vejo, é o feiticeiro Nicholau Demdike.

— Elle aqui! disse Cuthbert assustado, e ouviu o que temos dito?

— Assim parece, respondeu Henrique, mas dize-me cá, Cuthbert, não te aconteceu um caso extraordinario com elle n'uma noite na montanha do Pendle?

— Aconteceu-me sim, disse Cuthbert Ashbead, eu t'o conto. Mandou-me o abbade em busca d'elle; depois de descer a montanha saltei o muro de O'Dannel, e encontrei-me com vinte ou trinta homens d'armas que me prenderam os braços, vendaram-me os olhos, e pozeram-me uma mordaça na bocca, em quanto o diabo esfrega um olho. Já que mais nada podia fazer, comecei a dar com os pés para um e outro lado com quanta força tinha, e sei que acertei bem n'uns poucos, porque os ouvi gritar, o que tambem eu teria feito se podesse quando elles me principiaram a bater com paus pelo corpo, pela cabeça, por toda a parte, até que perdi os sentidos. Tornei a mim e achei-me deitado no meio de um campo, mas já sem estar amarrado; levantei-me com difficuldade, e quando tinha dado alguns passos vejo uma luz adiante de mim caminhando tambem. Receiando que fosse o Santelmo parei para reconhecer aonde estava; mas a luz parou tambem: percebi então que procedia da velha torre arruinada, e aquillo que me parecia ser uma lanterna eram mais de vinte. Cheguei-me á torre, vi então o que talvez não tornarei a ver, uma roda de bruxas, sim senhor, de bruxas com as suas lanternas e paus de vassoura!

— Deus nos acuda! interrompeu Henrique Nabs. E que mais viste, homem!

— Olha, continuou Ashbead, duas d'ellas tinham entre as mãos uma estatua de barro, que pela mitra conheci que representava o abbade. todas ellas lhe espetavam um alfinete, e um homem alto atou-lhe uma corda ao pescoço, e o dependurou.

— E o homem alto era Nicholau Demdike? perguntou Henrique.

— Adivinhaste, respondeu Ashbead. Eu estava que não podia fallar, tinha o sangue gelado nas veias quando ouvi uma voz que perguntou a Nicholau pela sua mulher e sua filha.

— A creança não está baptisada, dizia a voz, e na proxima reunião deve ser sacrificada. Trazei-a aqui. Nicholau inclinou-se perante alguem que eu não podia ver, e perguntou quando teria logar essa reunião. «Na noite do dia em que se enforcar o abbade Paslew.» Ouvindo isto disse: «Bruxas! diabos! Deus nos salve de vocês todos.» E n'um instante apagaram-se as luzes, sinto uma bulha similhante á de um bando de perdizes que se levanta da seara, caiu-me uma pedra na cabeça, e fiquei outra vez sem sentidos; mas quando tornei a mim encontrei-me na casa do Nicholau, e sua mulher ao pé de mim com a creança nos braços.

Todas as observações e exclamações de espanto da parte dos camponezes ouvindo esta maravilhosa historia foram interrompidas pela chegada de um monge que lhes attrahiu a attenção para uma procissão que se encaminhava para o sitio aonde estavam. Os dois padres que vinham na frente tinham sido os esmoleres do convento

— Coitados! dizia o monge, agora necessitam elles das esmolas que ha pouco distribuiam.

— Ai de mim! dizia Ashbead, e algumas tenho eu recebido d'elles.

— E todos nós, diziam outros.

— Ajoelhemo-nos todos, disse Ashbead, para pedir a benção ao santo prior.

A procissão aproximava-se vagarosamente, os padres caminhavam com as cabeças curvadas e tristes. Chegando ao grupo o prior parou, e estendendo as mãos para o povo, ajoelhado, exclamou:

— O ceo vos abençoe, meus filhos. É um triste espectaculo aquelle que em breve tendes de presencear. Vereis quem vos tem sustentado e vestido, quem vos ensinava o modo de alcançar a salvação eterna trazido aqui preso para soffrer uma morte ignominiosa!

— Mas havemos de o livrar, sr. prior, disse Ashbead, estamos resolvidos a isso. Deixe-o vir!

— E eu vos ordeno que não façaes tal, disse o prior. De nada pode isso servir senão de pôr em risco as vossas vidas. Os nossos inimigos teem muita força. E o abbade se aqui estivesse vos diria outro tanto.

N'este momento uma companhia de archeiros dirigiu-se ao grupo para o dispersar. Alguns assustados fugiram logo, mas outros ficaram, e entre estes Cuthbert Ashbead, a quem o official mandára prender, por ser promotor do premeditado ataque para soltar o abbade. Mas Cuthbert oppoz resistencia a esta ordem, e travou-se uma luta entre elle e Demdike, que dirigia os soldados, na qual foi morto o infeliz Cuthbert.

No entanto chegara o abbade no meio d'uma forte escolta; arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas ao contemplar o interesse e amisade que o povo tinha por elle; os camponezes prostraram-se de joelhos para lhe pedir a benção, e de todos os lados se ouviam lamentações e murmurios, que demonstravam a profunda dôr que os pungia. Foi levado á presença do conde de Derby, por quem foi recebido com todas as attenções, e que desejoso de lhe mostrar a sua boa vontade, disse-lhe que em nome do rei lhe concedia qualquer favor que quizesse pedir, sendo compativel com o seu dever, e não ultrapassando os limites da sua jurisdicção. O abbade pediu apenas que lhe fosse licito ouvir uma missa antes de caminhar para o cadafalso. O conde de Derby, depois de lhe exigir que desse a sua palavra de honra, obrigando-se a não se aproveitar de qualquer ensejo para tentar fugir, ordenara que se celebrasse missa á meia noite na egreja do convento, e permittiu que a ella assistissem os monges que estivessem ainda nos arredores do convento.

Continua.

A educação pode guiar, e melhorar a natureza do homem; mas nunca invertel-a.

Quando o capricho é teimoso, não cede á razão.

A BARRA DO DOURO.

Ha muitos annos que a barra do Douro chama a attenção dos nossos governos, mas infelizmente ainda até hoje nada se tem resolvido, e posto em pratica satisfatoriamente, apesar das diligencias empregadas e despendios com engenheiros, tendo até ultimamente vindo ao paiz, estudado a localidade, e proposto planos dois engenheiros hydraulicos estrangeiros, Freebody e Rennie, que receberam não pequenas sommas, e cujos projectos se não aproveitaram.

As causas que tornam perigosa a barra do Douro, são:

Os ventos S. SSO. até ao NO. que mais predominam no inverno, e na primavera. São fortes e perigosos os temporaes d'estes rumos, e d'elles se segue accumular-se muita areia no Cabedello, e serem tamanhas as vagas na barra e entrada do porto, que os navios não se podem aproximar sem perigo.

D'esta acção das vagas e ventos, que arremessam a areia para o porto e barra, e da acção das cheias que combate aquella, provem a pequena e variavel altura na barra. Entre 23 e 12 pés se calcula a maxima profundidade na barra. Nas marés do equinocio anda por 10 pes e 9 pollegadas; e nas marés mortas por 4 a 5 pés. Attendendo-se ás variações que os estudos ali feitos tem encontrado, conhece-se que ainda nas mais favoraveis circunstancias não podem entrar n'aquelle porto navios que demandam mais de 19 a 20 pés de agua.

Outra causa do perigo d'aquella barra está, como dizem os entendidos da materia, na direcção curvilinea da entrada, proveniente da natureza movel da barra, e nas rochas encobertas em varios pontos, que demandam dos pilotos muito cuidado e pericia.

O grande banco de areia, denominado Cabedello, que forma a margem sul da entrada do Douro, augmentado pela grande quantidade de areia que levam os ventos de SSO., reduz algumas vezes no verão a largura na foz, onde ha pouca agua doce, o que augmenta a velocidade na corrente.

Ha opiniões de que para destruir estes perigos se deveria construir um molhe na margem norte até á extremidade da rocha sul de Felgueiras, concorrendo assim esta obra para dirigir a corrente a exercer maior influencia na barra. Outros são de voto, que o porto ficaria assim em peior estado, porque o molhe, repellindo as ondas vindas de NNO. em direcção á barra, augmentaria a sua violencia.

Para se evitar este segundo inconveniente propõe-se a construcção de outro molhe, correspondente áquelle na margem sul. Para isto era porém necessario conter o Cabedello, e as cheias, e regular a entrada do porto para dar livre passagem ás cheias e marés sem augmentar a velocidade d'aquellas. As sommas assim despendidas seriam enormes.

Ha tambem quem proponha destruirem-se até 14 ou 16 pés abaixo da baixamar de aguas vivas, alguns rochedos que ali estão, e o estabelecimento de um molhe em plano inclinado desde os Forcados até á Cantareira. Diz-se que se conseguirá assim, demolindo tambem parte do rochedo da Cruz, tornar mais direita a parte tortuosa do canal da entrada, facilitar a navegação, estabelecer melhor a corrente das marés na barra, e auxiliar a acção d'ellas sobre a extremidade norte do Cabedello. Orça-se esta obra em 160:000$000 réis.

Para evitar tambem a arrebentação das amarras, como hoje succede, sendo os navios impellidos para o mar, propõe-se a construcção de uma doca ou abrigo, entre Santa Catharina e S. João da Foz, ou defronte do Porto, ou mesmo entre o Cabedello e o molhe que hoje existe.

A grande idéa, porém, que parece mais seguida, e que talvez dentro em pouco se comece a pôr em execução, é o estabelecer um porto de abrigo em Lixões, defronte de Mattosinhos e Leça. O logar indicado é um recife de granito que entra pelo mar, e varía na profundidade de 47 pés na extremidade sul do recife a 30 pés na extremidade norte, e assim vae diminuindo regularmente até á praia, que é plana, de areia, e fica situada ao sul da foz do Leça. O ancoradoiro em geral é bom. Dista duas milhas e tres mil pés da entrada do Douro em S. João da Foz, e cinco milhas e meia noroeste da cidade do Porto. As varias obras projectadas para este porto de refugio calculam-se em 3.000:000$000 réis.

Construido este porto deve necessariamente ligar-se com a cidade, por via de um caminho de ferro, afim das fazendas e passageiros terem rapida conducção, o que seria de minutos. Esta via ferrea pode depois estender-se pela costa até Villa do Conde, Espozende, Vianna, e talvez mesmo até ao rio Minho, e seguindo pelos valles de Guimarães, Braga, Barcellos, Ponte do Lima, Valença, etc., ligar com o Porto as provincias do Minho e Douro.

Mas tudo isto não passa por ora de projectos que já nos tem custado muitos contos de réis. Quando veremos algumas d'estas coisas em execução?

SEMENTEIRA, E SEUS METHODOS.

A propagação das plantas tem chamado em todas as epocas a especial attenção do agricultor, e hoje que a sciencia tem dado passos agigantados n'este ramo, não vae fora de proposito n'um jornal da natureza do Panorama, lançarmos aqui algumas observações que podem servir de norma ao agronomo.

A multiplicação mais natural é aquella que a propria natureza está ensinando, a que se faz por via de sementeira, porque por ella se obtem grande numero de arvores sadias, e vigorosas. Sendo, como é, muito mais moroso este meio de multiplicação, por algum tempo esteve elle despresado; porém hoje depois que se reconheceu que a paciencia e os cuidados do semeador eram indemnisados pela variedade das especies provenientes de sementes, os homens competentes tem-se applicado ao seu estudo, e pode dizer-se que este modo de propagação é actualmente uma das mais importantes operações da horticultura.

O bom exito das sementeiras depende, na sua maior parte, da epoca e modo porque se fazem.

Em geral podem semear-se logo depois da colheita as sementes amadurecidas em Agosto. Os caroços e as amendoas conservam-se pela stratificação até Março, porém note-se que a sua conveniencia tambem está em se semearem logo depois de colhidas. As sementes seccas, como as siliquas, os casulos, as penachadas, e as aladas semeiam-se tanto no outono como na primavera, e conservam-se por alguns annos sem se damnificarem. As resinosas tambem se semeiam n'estas epocas, mas conservam-se pouco. As bagas e as pulposas semeiam-se em todo o anno, e conservam-se por muitos annos em saccos.

Quanto mais sãs, cheias, e bem formadas estão as sementes, mais se podem conservar. As da nespereira, daphne, rosas, etc., estão seis mezes, anno, e até anno e meio, antes de nascer.

É experiencia feita em Portugal que as plantas lenhosas, as vivaceas, as bis-annuaes, e a maior parte das annuaes se podem semear desde as primeiras chuvas de Setembro até fins de Outubro.

Basta, para conservar as sementes, evital-as do bicho, guardando-as em logar que não seja nem quente, nem humido; e a boa razão ensina que se lhes devem pôr lettreiros indicando a especie, qualidade, e anno da colheita.

Fallámos acima na *stratificação*, e este é o nome que se dá á operação pela qual se preparam as sementes para a germinação.

Esta operação executa-se em Novembro e Dezembro, e é indispensavel nos paizes frios; mas em Portugal pode dispensar-se semeando os viveiros em Outubro.

Procede-se assim á stratificação: — Lança-se areia no fundo de vasos; estende-se por cima d'esta uma camada de semente a cobrir a areia; e depois alternam-se as camadas de uma e outra até encher os vasos, advertindo-se que a ultima camada hade ser de areia. De tempos a tempos regam-se para lhes conservar a frescura, e conservam-se os vasos ao abrigo da geada e dos bichos. Em Fevereiro ou Março, quando a geada já não é de recear, despejam-se os vasos com cuidado, e as sementes que assim estão germinadas, semeiam-se em terreno apropriado e preparado. Quando a raiz mestra fôr comprida, dobra-se-lhe a extremidade para a obrigar a lançar raizes lateraes; o que se faz preciso e é favoravel á represa das arvores.

As sementeiras fazem-se: ou em canteiros,

espalhando as sementes em terreno lavrado a miudo e gradado, cobrindo-as levemente com estrume; e este meio é o mais proprio para as sementes miudas que se não cobrem muito: ou em regos, preparando-se o terreno com estrume e lavoira, traçando regos de tres pollegadas de fundo, na distancia de palmo e meio entre si, e lançando n'esses regos as sementes, encostando-as mais ou menos conforme a especie; e este é o methodo mais usado, para se amanharem as plantas com mais facilidade: ou, finalmente, em vasos, guarnecendo os fundos com areia, e lançando-se-lhes a terra conveniente ás sementes que tem de se lhes deitar. Estes vasos põem-se á sombra, regando-os se fôr preciso.

ARREPENDIDA.

Eis caminhando curvada,
Ao peso da sua dôr;
Essa mulher que agitada
Vae aos pés do confessor!...
Nas faces mostra o tormento,
Que sente n'esse momento,
Entrando já sem alento
Na morada do Senhor!...

É mui joven, mas revela
Que os seus dias tristes são!
Que apesar de ser tão bella,
Já soffre seu coração!
E não solta um só gemido,
Que nos diga o que ha soffrido,
Que o mundo teria rido
Da sua dôr e afflicção!...

Qual a causa da tristeza,
Que se vê no rosto seu?
Seria tanta belleza
O que no mundo a perdeu?
Julgaria em seus amores,
Encontrar sómente flores,
Nos protestos seductores,
Que o seu amante esqueceu?...

Ver-se-hia abandonada,
Pelo homem que adorou?
Tendo a alma já cansada
Das penas que suffocou?
Seu pensamento seria,
Que essa dôr que a consumia,
Minorar então veria,
Na confissão que buscou?...

Tão joven! já o martyrio
Dominando o seu viver!
Já o tormento, o delirio,
Ter seu peito que soffrer!
Já no começo da vida,
Ver para sempre perdida,
A esp'rança mais querida,
Que podia conceber!...

Lá falla!...— eis declarando
A causa da sua dôr!
As forças lhe vão faltando,
Vae-lhe faltando o valor!...
Nas palavras que murmura,
Se conhece a desventura,
Que o seu peito então procura
Revelar ao confessor!...

Mas agora quer erguer-se
Que é muita a sua afflicção!
No rosto podia ver-se,
Quanto soffreria então!...
— Oh! meu padre, eu sou culpada,
Exclamou; estou manchada,
Não devo ser perdoada,
Só mereço a maldição!...

E calou-se... de repente
As mãos ao peito levou!
É grande a dôr que ali sente,
Que a côr do rosto mudou!
Sua sorte está cumprida,
Pois n'esse extremo da vida,
Caindo desfallecida,
A desgraçada expirou!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

PRINCIPAES HERESIARCHAS, E CONCILIOS QUE OS REPRIMIRAM.

Conclusão.

1150. Os *Albigenses*, hereticos que tomaram o appellido da provincia de Albi, onde mais predominaram, appareceram n'esta epoca, ramificaram-se, e não poucas perturbações causaram na Egreja.

Os seus principaes erros consistiam em admittir a metempsycose; rejeitarem o Antigo Testamento; não admittirem os suffragios pelos defuntos, nem o purgatorio, nem o culto dos santos e imagens, nem as ceremonias e autoridade da Egreja, nem a presença real na eucharistia, nem a necessidade do baptismo, nem os sacramentos.

Acreditavam que as almas são demonios precipitados e encerrados nos corpos, em castigo dos seus peccados.

Em pouco tempo conseguiram ter grande numero de adeptos, pela influencia e protecção do conde Raymundo, de Tolosa.

Esta heresia mereceu a honra de uma cruzada dos principes catholicos.

O seu chefe, e a maior parte dos seus sequazes foram mortos ás mãos d'aquelles que, não os podendo converter, julgaram mais facil assassinal-os!

A Egreja reprova estes excessos de zelo.

1180. *Pedro Valdo*, que era um negociante de Lião, pretendeu obrigar os christãos a não

possuirem coisa alguma pelo direito de propriedade.

Ensinou que os leigos eram eguaes aos bispos; que se pode prégar sem caracter e missão; abolia o baptismo, o culto dos santos, os sacramentos, as indulgencias, e o purgatorio.

D'aqui se seguiram as heresias que, em França, se appellidaram *Vaudeses*, e *pobres de Lião*, em consequencia da pobreza que affectavam.

1377. *João Wiclef*, sacerdote, doutor em theologia na universidade de Oxford (Inglaterra), atacou a hierarchia ecclesiastica, o poder de Deus, os sacramentos, e quasi todos os objectos da nossa fé.

Foi condemnado no Concilio de Constança, em 1414.

1410. *João Hus*, natural da Bohemia, sustentou os erros de Wiclef, augmentando-os.

Pretendia, por exemplo, que a Egreja unicamente se compunha de predestinados; e que, portanto, o chefe da Egreja, e os outros pastores, não tinham autoridade real; que as leis ecclesiasticas, a excommunhão, e as censuras eram inuteis e vexatorias.

Foi anathematisado no Concilio de Constança, e condemnado ás chammas!

Apesar d'isso o numero dos seus discipulos cresceu abundantemente. Cognominaram-se *Hussistas*. Não poucas perturbações, e bem sangrentas, causaram na Bohemia.

Os principaes chefes d'esta seita, depois de João Hus, foram *Jeronymo*, de Praga, *Roquesane*, e *João Ziska*.

D'esta seita nasceram muitos hereticos, que não vale a pena mencionar pela sua pequena importancia. Comtudo foi esta a origem e tronco do lutheranismo e calvinismo.

1517. *Martinho Luthero*, monge da ordem de Santo Agostinho, despeitado, segundo se diz, por não terem encarregado o seu mosteiro de prégar as indulgencias, dogmatisou em Saxonia e na Alemanha; atacou a autoridade da Egreja, e a preeminencia da santa sé; negou o purgatorio, as indulgencias, e a efficacia dos sacramentos. D'estes só admittia dois.

A sua doutrina privava tambem o homem da sua liberdade; supprimia o culto e invocação dos santos, e rejeitava os votos monasticos.

Foi condemnado pelo papa Leão X, pelas universidades, e pelo Concilio de Trento.

1535. *João Calvino* rejeitou a infallibilidade da Egreja, e dos Concilios geraes.

Ensinou que cada um era juiz da fé, e soberano interprete das Escripturas.

Negou a invocação e culto dos santos, o livre arbitrio, e a possibilidade de cumprir com os mandamentos da lei de Deus.

Os unicos sacramentos que reconheceu foram — o baptismo e a eucharistia; mas do primeiro combateu a necessidade, e negou no segundo a presença real de Jesus Christo.

Os seus discipulos appellidaram-se *Calvinistas* ou *Reformados*.

Deu-se-lhes egualmente o nome de *Huguenotes*, que, pela sua derivação do alemão, significa *associados*.

De Luthero e Calvino nasceram tantos heresiarchas, que hoje é impossivel enumeral-os.

Eis os principaes:

Anabaptistas, que dizem ser necessario repetir o baptismo, quando este se conferiu antes da edade da razão.

Zuinglianos ou *Sacramentarios*, que negam aos sacramentos todos os seus effeitos.

Socinianos ou *Anti-trinitarios*, que negavam o mysterio da Trindade, e prégavam que tudo quanto se não entende se deve rejeitar.

Arminios, que toleravam todas as religiões, excepto a verdadeira.

1685. *Miguel Molinos*, jesuita de Saragoça, que ensinou ser sufficiente á beatitude o aniquilamento das funcções da alma.

Seguia-se, naturalmente, d'esta proposição, a rejeição da oração, e boas obras.

D'ella nasceram as heresias conhecidas pelos nomes de *Molinosismo* ou *Quietismo*.

1720. *João Toland*, inglez, que prégou o deismo.

Antonio Collins, e Thomaz Wolston, tambem inglezes, seguiram a sua opinião, e deram origem ás seitas, cujas doutrinas foram tão perigosas como aquella.

Thomaz Wolston chegou ao ponto de atacar os milagres de Jesus Christo.

Desde esta epoca se propagou o espirito de incredulidade, que ainda hoje ataca as sociedades modernas.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXVIII

De como chegou a armada do marquez a S. Miguel.

Chegou o marquez de Santa Cruz á ilha de S. Miguel com uma grossa armada de galeões de Portugal, e outras naus, dez galés, duas galeotas, muitas caravelas latinas, na entrada do mez de julho do anno de 1583, e ancorou, e tomou todos os soldados que o anno atraz tinha deixado, e achou todos os mancebos soldados, que tinham ido desta ilha no batel a buscarem falla, e novas á ditta ilha de S. Miguel; e o marquez folgou muito de os achar para os mandar com recados a esta ilha Terceira; e esteve esperando conjuncção de tempo na ditta ilha de S. Miguel para vir a esta, porque com vento noroeste não podia vir, que ventou por espaço de dias tanto que chegaram á ilha de S. Miguel; e tanto

que lhe deu tempo se levantaram com toda a armada.

LXXIX

De como foi vista um dia á tarde a armada do marquez de Santa Cruz.

Sendo vista a armada do marquez de Santa Cruz um dia á tarde, a 21 ou 22 dias do mez de julho, do anno de 1583, foi logo sabido nesta cidade, e de noite se pôz a gente em ordem, e a mandaram juntar nesta cidade, para verem a tenção da armada onde determinava botar a gente. Os carros da artilheria grossa foram postos na praça da cidade com todos os bois, e a gente de cavallo toda juncta com o capitão Gaspar de Graen, e os jumentos pequenos de carga com seu capitão, todos junctos, para levarem os mantimentos; e a gente toda juncta, cada um com o cargo que lhe tinham dado; e os cirurgiões junctos. Quando foi ao outro dia pela manhan amanheceu a ditta armada, galés, e galeões, juncto da Costa, e as galés ao longo da pedra. Enviou logo Manuel da Silva gente de cavallo a vigiar a Costa, e pôr gente por ella em ordem, e ficou em S. Bento com muita gente de cavallo. E estando alli vieram dizer que o marquez botava em terra os mancebos que achou em S. Miguel (que foram com o batel para tomarem um homem) com cartas para sua excellencia, e que já vinham por terra. Podia estar Manuel da Silva com os seus homens de cavallo, e chegaram os mancebos com uma carta: o ditto Manuel da Silva a tomou, abrio, e a leu para si só, e acabado de a ler se virou para a gente, aonde estava muita gente nobre, e os da governança da terra, e dice: *Vossas mercês saberão, que aquella armada não traz mais que sette mil soldados:* sendo falso. A alguns se lhes metteu em cabeça, a outros não. E dizendo isto o ditto Manuel da Silva se virou para os mancebos, e dice: *Ide dizer ao marquez, que digo eu, que confio em Deus, que antes de um anno heide pôr minha lança dentro em Madrid.* E tudo nada. Manuel da Silva toda a sua imaginação foi não entregar a ilha, e fugir, pelo que ao diante se dirá.

Continúa.

Os males alheios, que penalisam o homem compassivo, causam prazer ao invejoso.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES DE PORTUGAL.

O proprietario do Panorama, tencionando continuar para o futuro anno de 1858 a Illustração Luso-Brazileira, dirige-se aos seus assignantes actuaes, e aos que o foram do mesmo semanario, pedindo-lhe a sua coadjuvação.

É innegavel que uma publicação de tal ordem demanda excessivas despezas; mas é tambem certo que um paiz como o nosso precisa d'um jornal, que diffundindo a instrucção, sirva ao mesmo tempo de recreio. Eis a idéa que levou o editor a dar á estampa a Illustração Luso-Brazileira, e o induz agora a continual-a.

Mas todos os esforços que faça para conseguir o seu fim — a publicação da Illustração — serão baldados, se os seus concidadãos o não ajudarem n'essa tarefa, na verdade ardua, mas gloriosa.

Sabe-se que apesar das calamidades que Portugal soffreu em 1856, o proprietario da Illustração concluiu o volume que pertencia áquelle anno. Os obstaculos que para isso foi preciso vencer não se podem enumerar. Só, sem ajuda nem protecção, porque as assignaturas não chegaram á quarta parte das despezas, lutou, mas teve a satisfação de conseguir o seu mais ardente desejo, que era a conclusão d'aquelle primeiro volume.

Concluido porem, nada devendo aos assignantes, e cansado de lutar, faltaram-lhe as forças, e viu-se obrigado, com bastante magoa, a suspender uma publicação, que se era esteril quanto aos interesses, não o era pelo lado da gloria, alvo constante do editor, que tem enriquecido o catalogo das suas edições com obras nacionaes de merito, que a não ser elle, seriam sepultadas no pó das gavetas, e furtadas assim ao conhecimento dos amigos da nossa litteratura.

Em Janeiro de 1858 recomeçará, pois, a publicação da Illustração Luso-Brazileira, *consideravelmente melhorada*, se as assignaturas obtidas até o fim de Setembro do corrente anno cobrirem as despezas.

O editor não quer lucros: satisfaz-se não perdendo.

Seguiremos o plano annunciado nos nossos prospectos, que são bem conhecidos, com as modificações reclamadas pelas circunstancias.

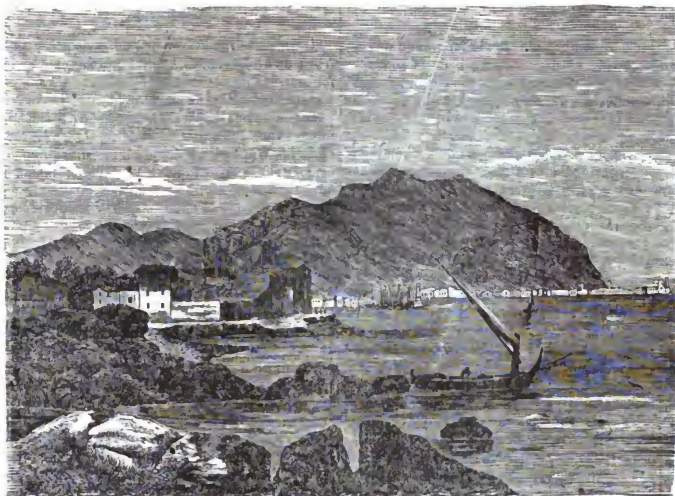
As assignaturas recebem-se desde já na loja do editor, rua do Oiro n.os 227 e 228 (numeração antiga), e no escriptorio da Administração, travessa da Victoria n.° 52 1.° andar.

LISBOA

Por anno	4:000 rs.
Semestre	2:100 »
Á entrega.	90 »

PROVINCIAS (*franco de porte*)

Anno	4:300 »
Semestre	2:250 »



O MONTE PEREGRINO.

Este monte domina o porto e cidade de Palermo; e deve a sua celebridade em grande parte á capella de Santa Rosalia, uma das romarias mais frequentadas das Duas Sicilias.

Durante muito tempo, a gruta consagrada hoje a Santa Rosalia não era visitada senão por pastores que iam ahi procurar abrigo. Algumas ruinas espalhadas sobre o cimo do monte não offerecem bastante interesse para tentar os archeologos. Conforme uns, são restos de fortes, muito tempo defendidos por Amilcar durante a primeira guerra punica; outros vêem ahi as reliquias d'um d'esses castellos que os sarracenos construiram sobre todas as eminencias do solo siciliano. Das tradições populares, não consta que se tenham encontrado nas cavernas do monte Peregrino ossadas gigantescas d'uma raça primitiva.

Emfim conta-se que no seculo XII, uma joven princeza, notavelmente bella, Rosalia, filha do rei Rogerio, desgostosa do mundo e dos prazeres da côrte, se refugiara em uma gruta do monte Peregrino para ahi se consagrar a Deus.

Segundo outra versão do mesmo conto, Rosalia era filha d'um conde Sinibaldo, e foi para se subtrahir ás violencias dos sarracenos que devastavam a Sicilia que ella se retirou primeiro para o monte Quisquino, e depois para a caverna do monte Peregrino, onde morreu ignorada.

A sua historia, o seu sacrificio, e o logar da sepultura eram completamente ignorados, quando em 1624, cinco seculos depois da sua morte, Palermo foi victima d'uma terrivel peste.

Prostrados junto aos altares, os habitantes invocavam o ceo: de repente um d'elles clamou que uma visão acabava de mostrar-lhe o logar onde repoisavam os restos de Santa Rosalia.

Elle subiu no mesmo instante o monte Peregrino, chegou á caverna, e ahi descobriu, com effeito, a preciosa ossada, que foi immediatamente levada a Palermo com grande pompa. A fé dos habitantes d'esta cidade em Santa Rosalia é tão ardente, como a do povo de Napoles em São Januario.

Construiu-se uma capella no proprio logar em que estas reliquias foram achadas. O declivio do rochedo fizera antigamente quasi impraticavel o accesso; hoje, graças á piedade dos habitantes e ás esmolas dos peregrinos, chega-se á capella por uma bella estrada. Este caminho, chamado *la Scala*, forma quinze zigue-zagues, e estabeleceram-se ahi muitas estações onde os fieis podem descansar e orar.

Quando se chega ao cume, a vegetação, que cessara, torna a apparecer, e a vista, fatigada da nudez da penedia, repoisa sobre um verde campo de relva que se estende em volta da capella.

DUAS GLORIAS.

I

Quem se lembra ahi de algum grande successo, occorrido no dia 23 de Abril de 1616?

De repente ninguem responde; o mundo é assim. esquecido, ingrato, apesar de todas as regras da mnemonica e de todos os tratados de moral!

Pois foi uma dupla perda a que a humanidade experimentou n'esse dia; dois dos mais conhecidos e gabados escriptores do mundo, dois dos maiores vultos litterarios do seu seculo, dois dos autores com que mais se ufanam os paizes que lhe deram o berço — a Inglaterra, e a Hespanha, — morreram n'esse dia... William Shakspeare, e Miguel de Cervantes Saavedra!!

O poeta de *Macbeth* e de *Othello*! O historiador de *D. Quixote!*... Quem ha no mundo que não conheça estes nomes? Quem não leu ainda as suas obras, que estão vertidas em todos os idiomas, que tem feito as delicias de tres seculos?

Shakspeare morreu com cincoenta e dois annos justos, no dia anniversario do seu nascimento. Cincoenta e sete annos mais tarde, expirou Molière, com a mesma edade de Shakspeare, unico homem que se pode comparar ao dramaturgo inglez, segundo a opinião de Dumas.

Victor Hugo disse a respeito de Shakspeare, e Alexandre Dumas repetiu, este sublime apothegma:

«É quem creou mais, depois de Deus!»

De facto, Julieta, Desdemona, Ophelia e Miranda, são tanto creaturas do immortal tragico inglez, como nós todos somos creaturas de Deus.

Cervantes, pelo contrario, em vez de crear destruiu, mas destruiu com a força de Satanaz. Fulminou pelo ridiculo a sublime instituição da cavallaria, elle cavalleiro tambem, mutilado em Lepanto, para se vingar da ingratidão dos seus.

«Cento e cincoenta annos depois da morte de Cervantes (diz um illustre escriptor contemporaneo) a historia de D. Quixote tinha chegado ao auge da sua reputação, e tambem a Hespanha tinha chegado ao fundo do abysmo em que a precipitara a perda dos velhos costumes e opiniões de seus filhos. A idéa que gerara a novella estava realisada emfim.»

Cervantes chorava talvez ao traçar as paginas de D. Quixote, essas paginas immortaes que tem provocado o riso de tantas gerações. Pobre e despresado, o cavalleiro d'Africa seguiu o exemplo de Sansão, fazendo desabar o edificio da cavallaria, para sepultar nas suas ruinas a nobreza hespanhola que o havia menospresado, embora com ella ficasse esmagado tambem, e preparasse a futura desgraça da sua patria: a vindicta do genio não foi menos terrivel do que a do gigante!

Contemplemos em rapido volver d'olhos cada um d'estes famosos vultos, separando-os, como em vida passaram, afastados um do outro; depois volveremos a unil-os.

II

SHAKSPEARE.

O grande dramaturgo inglez nasceu a 23 de Abril de 1564, em Strafford sobre o Avon, e ahi foi morrer, depois de haver passado em Londres a mais gloriosa parte da sua vida.

O pae de Shakspeare era luveiro, e exerceu alguns importantes cargos municipaes em Strafford, no Warwickshire; não era porém rico, e como tinha quatro filhos e uma filha, mandou educar o mais velho dos rapazes, William, na escola gratuita, d'onde passou a praticar com um advogado; porém o futuro dramaturgo tinha mais propensão para a caça do que para o fôro, e fugia continuamente do escriptorio para o campo.

Tendo casado aos dezesete annos, por obediencia a seu pae, e sem inclinação á noiva, que era mais velha do que elle sete annos e meio, passou até aos vinte e dois cruel vida de guerra domestica, um dos maiores martyrios d'este mundo. N'essa edade um acaso o livrou da companhia que detestava, e lhe abriu o caminho da gloria.

Apanhado em flagrante com outros caçadores desordeiros no parque de sir Thomaz Lucy, e ainda por cima dando o seu contingente para serem espancados os guardas da propriedade, teve que fugir de Strafford; tomando ao acaso o primeiro caminho que encontrou, encostado ao bordão de peregrino, e com muito pouco dinheiro na algibeira, chegou a Londres pelo fim do anno 1586, e alistou-se logo como ponto ou contra-regra n'uma companhia de comediantes.

De portas a dentro do theatro, Shakspeare sentiu desinvolver-se o seu talento dramatico, prodigioso talento que talvez nunca desabrochasse no escriptorio do advogado de Strafford, ou nas campinas cortadas pelo Avon. Então appareceu successivamente sobre a scena de Londres essa preciosa collecção de dramas inimitaveis, esses typos sublimes, desde Hamlet o pensador até Falstaff o truão, desde Julieta a apaixonada até miss Page a falladora.

Os dramas mais geralmente apreciados de Shakspeare são: *Macbeth*, *Hamlet*, *Othello*, *Julieta e Romeo*, *Rei Lear*, *Ricardo III*; as tragedias historicas *Julio Cesar*, *Coriolano*, e *Cleopatra*; as comedias *O mercador de Veneza*, e *As senhoras visinhas de Windsor*. Além d'estas peças mais conhecidas, os entendedores teem n'um alto apreço *A tempestade*, onde se encontra aquelle immortal typo de ingenuidade, a Miranda; *Cymbeline*, onde se admira a sublime creação de Imogene; e toda essa serie de dramas semi-historicos, que tem por titulos: *Rei João*, *Ricardo II*, *Henrique IV* (primeira e segunda parte), *Henrique V*, *Henrique VI* (primeira, segunda e terceira parte), *Henrique VIII*.

As suas outras peças theatraes intitulam-se assim: *Dois gentis-homens de Verona*, *A duodecima noite*, *Precaução por precaução*, *Muita bulha pa-*

ra nada. Os enganos, Penas d'amor perdidas, Troile e Cressida, Bom é o que bem acaba, A maldade corrigida, Conto de inverno, Como quizer, Timon de Athenas, Sonho de uma noite de estio; ao todo trinta e cinco, não contando *Pericles*, que apparece como obra de Shakspeare nas edições de Guizot, Laroche, Letorneur e outros, e *Tito* que tambem figura como producção do grande dramaturgo em algumas das mesmas edições, mas que é assaz duvidoso que lhe pertençam.

Vinte annos durou a sua gloriosa carreira de autor dramatico, até que, em 1610, se retirou do theatro, quando Corneille contava quatro annos de edade. Os seus ultimos dias em Strafford sobre o Avon são tão obscuros como os primeiros, passados no mesmo sitio. Similhante a um magnifico arco-iris, diz Alexandre Dumas, elle brilhou no mais alto do empyreo, sumindo-se entre nuvens nos seus dois horisontes.

Shakspeare teve duas filhas legitimas, Judith e Suzana, e um filho natural, William Davenant. Não existe, ha mais de um seculo, nenhum descendente do grande poeta. Mr. Guizot se encarregou, não ha muitos annos, de escrever a *Vida de Shakspeare*, isto é, a sua historia, o exame das suas peças, e a exposição da theoria dramatica a que ellas pertencem.

O poeta escreveu além dos seus dramas, alguns poemas e outras obras em verso e prosa, mas que não accrescentam nenhum florão á sua corôa litteraria.

III

CERVANTES.

O insigne autor de *D. Quixote* nasceu em Alcalá de Henares, em 1547. Viveu mais annos do que Shakspeare, não alcançando jámais a posse de uma existencia socegada, como aquelle adquiriu nos ultimos tempos da sua vida, nem uma fortuna colossal como obteve o poeta inglez. Pelo contrario, ao eximio escriptor hespanhol podem applicar-se as palavras d'aquelle singelo epitaphio de Camões: *Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu!*

Depois de ser camareiro de um cardeal em Roma, alistou-se nas tropas do papa, e foi combater com os turcos em Lepanto, sob as ordens de D. João d'Austria. Ahi perdeu a mão e parte do braço esquerdo, com um tiro de arcabuz, e foi captivo dos moiros. Resgatado pelos frades da Trindade, voltou d'Argel a Hespanha, aonde obteve um insignificante emprego em Granada. Tendo casado, sem melhorar de fortuna, arrastou uma existencia dolorosa no meio de privações, até que se finou em Madrid, com sessenta e oito annos de edade, no dia já apontado.

O grande padrão da gloria litteraria de Miguel Cervantes, é a sua historia do cavalleiro andante D. Quixote de la Mancha, e do gordo escudeiro Sancho Pança, não obstante haver escripto muitas outras novellas, tragedias, e demais obras em verso e prosa, todas de muito inferior merecimento ao do seu immortal livro, popular em toda a Europa.

Conta-se que entrando uma divisão do exercito de Bonaparte em uma aldêa hespanhola, onde lhe fizeram séria resistencia, e dispondo-se a incendial-a, o general perguntara o nome do logar; á resposta de *El Toboso*, o exercito inteiro soltou estrepitosa gargalhada, e a povoação escapou ao incendio em memoria de Dulcinéa. Se assim foi, o genio de Cervantes salvou com o seu livro de D. Quixote alguns de seus compatriotas, quasi duzentos annos depois de morto. Tal é o poder do genio, tanto para o bem como para o mal!

IV

Estes dois colossos das litteraturas, ingleza e hespanhola, que escreviam pelos mesmos annos, nunca se encontraram na terra, e talvez nem mesmo soubessem um do outro até que a hora da eternidade bateu simultaneamente para ambos.

Não succederia hoje assim.

A Inglaterra não possue agora nenhum Shakspeare, nem a Hespanha outro Cervantes; se os tivessem, já o vapor os houvera aproximado.

Menos ingratos do que os portuguezes, os nossos visinhos já fizeram erigir uma estatua ao autor de D. Quixote, em quanto o cantor dos Lusiadas deu apenas o nome a uma praça de Lisboa, e começa a esquecer o immortal Garrett, que ainda hontem vivia entre nós.

Shakspeare tem um rico monumento em Westminster, e os seus dramas ainda são hoje representados em Londres, e em toda a Inglaterra. Nenhum bretão deixa de ter orgulho em ser conterraneo do grande poeta, a quem todos os talentos do mundo hão prestado homenagem, á excepção de Voltaire, o mesmo que negou o merecimento de Camões.

F. M. BORDALO.

DE COMO SE PASSAVAM AS COISAS DA INDIA.

De Fernão Mendes Pinto extrahimos o seguinte excerpto, quando dá noticia das coisas de Liampoo:

«Havia ali um homem honrado e de boa geração, chamado Lançarote Pereira, natural de Ponte de Lima. Este, diziam que dera uns mil cruzados em ruins fazendas fiados a uns chins, homens de pouco credito, os quaes se lhe levantaram com a fazenda, sem lhe darem mais o retorno d'ella, nem elle ter mais novas d'elles, pelo qual, querendo-se elle satisfazer d'esta perda nos que lhe não tinham culpa, ajuntou para isso uns quinze ou vinte portuguezes ociosos e de má consciencia, e quiçá de peior siso, e deu uma noite em uma aldeia d'ali duas leguas, que se dizia Xipatom, e roubou n'ella dez ou doze lavradores que ahi viviam, e lhes tomou a todos

as mulheres e os filhos, com morte de treze pessoas sem razão, nem causa alguma justa que para isso tivesse. O rebate d'este tamanho insulto se deu logo ao outro dia por toda aquella comarca, e os moradores d'ella se foram queixar d'isto ao Chumbim da justiça, e tirando-se devassa do que passava o escreveram por petição de clamor do povo, a que elles chamam macalixau, ao Chaem do governo, que é o viso-rei d'aquelle reino, o qual mandou logo um Aitão, que é como almirante entre nós, com uma armada de tresentos juncos, e oitenta vancões de remo, em que iam sessenta mil homens, que se fez prestes em dezesete dias, a qual armada dando n'uma manhã n'esta desaventurada povoação dos portuguezes, a cousa foi de maneira que certifico em verdade que não acho em mim cabedal nem de ingenho, nem de palavras para contar por extenso o que alí passou; imagine-o o bom entendimento. Sómente direi como testimunha de vista que em menos de cinco horas que durou este horrendo e espantoso castigo da mão de Deus, e da potencia da sua divina justiça, não ficou cousa a que se podesse pôr nome, porque tudo ficou abrasado e posto por terra, com morte de doze mil pessoas christãs, em que entraram oitocentos portuguezes, os quaes foram todos queimados vivos em trinta e cinco náos, e quarenta e dois juncos, e em prata, pimenta, sandalo, cravo, maça, noz, e outras muitas sortes de fazendas se disse que se perderam dous contos e meio de ouro.

«E de todos estes males e desaventuras foi causa a má consciencia e pouco siso de um portuguez cubiçoso. E d'este mal nos succedeu ainda outro não pequeno, o qual foi, ficarmos tão desacreditados na terra, que não havia quem nos quizesse ver, dizendo que eramos nós uns demonios em carne humana; gerados por maldição da ira de Deos para castigo de peccadores.

«E isto aconteceu no anno de 1542, governando o estado da India Martim Affonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca Ruy Vaz Pereira Marramaque.»

BARRA DA FIGUEIRA.

O rio Mondego, que nasce perto da cidade da Guarda, na Serra da Estrella, depois de correr cento e vinte milhas, vem lançar suas aguas no Oceano Atlantico, em frente da villa da Figueira. Logo acima da foz dilata-se n'uma espaçosa bahia de mais de tres milhas e meia de comprimento. A bahia divide-se em dois canaes.

Ha poucos annos que se construiram duas grandes obras n'este porto para o melhorar, consistindo ellas em dois diques, e assim ficou cortada a communicação entre aquelles canaes, e evitada a pequena circulação das marés.

Na ponta occidental da rocha, que guarnece a entrada do lado norte, está um pequeno forte dominando a entrada. Esta rocha estende-se algumas milhas pela praia, e o terreno adjacente forma uma cordilheira que termina no Cabo Mondego.

O lado sul do porto é formado por um extenso cabedello que borda a costa em muitas milhas de extensão.

As grandes correntes produzidas pelas cheias, e pelos ventos do quadrante de SO. e NO. fazem variar a entrada do porto, porque as vagas são grandes, e a encapellação no mar perigosa, accumulando na barra tal quantidade de areia, que as enchentes ordinarias, e o movimento das marés não teem força para as arrojar novamente ao mar.

Ha tambem uma restinga de areia, a partir do castello, e correndo directamente ao sul, e por isso se apresentava a entrada do porto voltada directamente para o sul; mas desde que as ultimas cheias destruiram uma grande parte da restinga do norte, a entrada ficou voltada ao SO. A profundidade da barra varía entre 2 a 4 pés no baixamar, e a altura do preamar é de 8 a 10 pés. Periga-se com o vento SO. quando sopra rijo; e o norte tambem é prejudicial pela areia que conduz para a barra.

Antigamente havia um excellente ancoradouro com 6 a 8 pés de profundidade, no canal do sul contiguo ao cabedello; porém hoje está entulhado, não subindo a maré pelo Mondego tanto quanto subia primitivamente.

Propõe-se hoje para melhorar esta barra e porto restituir os dois canaes ao antigo estado, destruindo o dique superior que existe na bifurcação d'elles; porque a maior quantidade de agua que se introduzir no porto dará ao canal uma direcção mais recta e constante, e profundará a barra.

A construcção de um dique no extremo norte do cabedello do sul, aproximará ao castello a entrada do porto. Outro dique junto do castello protegeria a entrada, e evitaria o effeito das ondas dentro do porto, e ao longo do caes.

Espera-se bom resultado de alguns cortes no antigo dique central, e seu prolongamento para o lado da barra até certa distancia; assim como ha opiniões de que os diques interiores e exteriores não se devem elevar acima do nivel do preamar, antes devem ficar mais baixos, especialmente os interiores.

Cortando-se uma saliencia que existe na margem opposta do rio, os dois canaes se unirão mais facilmente com o leito superior do mesmo rio.

Tambem seria conveniente melhorar o leito do rio para o lado de Coimbra, para se obter maior altura de agua.

O amor proprio, que se estygmatisa, é aquelle que se confunde com o egoismo, com o orgulho, e com a vaidade; e não o amor de si, que todo o homem deve ter; que é a base da moral; e que lhe ensina, que a sua felicidade depende de ser virtuoso e justo.



TORRE INCLINADA DE S. MIGUEL EM PISA.

Quando se sae de Pisa pela porta della Piage, chega-se a uma avenida plantada de arvores que acompanha a margem do Arno, e é um dos passeios mais frequentados da cidade. A alguma distancia, um kilometro pouco mais ou menos, o passeante encontra a egreja de *S. Miguel degli Scalzi*, cuja torre está visivelmente inclinada do lado do Arno.

Todos sabem que existe em Pisa, na praça de Dome, uma celebre torre inclinada, da qual damos o desenho. Comtudo o que está ainda para decidir é se o pendor d'ella foi premeditado, ou é resultado de aluimento do terreno.

A egreja data do seculo XII; e pertenceu antigamente a um convento de Benedictinos, e d'ahi lhe vem o nome de S. Miguel degli Scalzi (dos descalços).

A fachada é ornada segundo o estylo da antiga architectura pisana; arcos semi-circulares descansam immediatamente sobre os capiteis das columnas. Por cima da porta ha um baixo relevo representando o Salvador; esta figura pertence ao tempo da antiga escola de João e de Nicolau de Pisa, artistas de grande merecimento, cujas obras se encontram em muitas cidades da Toscana. Ha a lamentar que o estylo da parte superior d'esta fachada fosse alterado pela abertura d'uma janella moderna.

O amor proprio torna insoffrivel o fatuo, e rebaixa o merito a quem o tem.

O ULTIMO ABBADE DE WHALLEY.

IV

Continuação.

Espalhou-se a noticia da missa, e os monges todos sairam do seu occulto retiro para se dirigirem ao mosteiro. Muitos receiavam que fosse uma cilada para os prender, mas não desistiram do seu proposito. Só faltaram alguns, que não vieram a tempo, por serem distantes as povoações aonde se tinham refugiado: o povo tambem quiz assistir; mas só se dava entrada a quem vestia roupas ecclesiasticas.

Os habitantes assim excluidos ajuntaram-se aonde podiam ouvir os sons do orgão, e ver a luz que allumiava o templo.

Dava meia noite quando o abbade entrava na egreja acompanhado de todos os monges que o esperavam á porta. Parecia-lhe um sonho ver as tochas no altar, os monges de quem estava ausente ha tanto tempo, a musica sagrada, os perfumes do incenso, e o aspecto da egreja, d'onde tinham desapparecido todos os signaes de abandono, e era a ultima vez que elle devia alli entrar, a ultima vez que teria de ver aquelles com quem habitara tantos annos.

Mas as suas meditações foram interrompidas por uma scena inesperada. Olhando por uma porta de lado que estava aberta, viu perante o altar de uma pequena capella que estava illumi-

nado dois esquifes. N'um d'elles reconheceu o cadaver de Cuthbert Ashbead, no outro o de Elizabeth Demdike, que tinha morrido n'uma convulsão, causada pela impressão que lhe fizera uma maldição que pronunciara o abbade sobre sua filha, quando ella lhe pedia que a abençoasse. Entre os dois corpos estava um monge, o capuz encobria-lhe o rosto. Quando o abbade fitou os olhos n'elle descobriu-se lentamente, e então estremeceu o abbade como se vira um espectro. Pensando que seria alguma illusão, produzida pela exaltação em que estava, fechou os olhos, e quando tornou a olhar viu ainda o monge no mesmo sitio, mas tinha deixado cair outra vez o capuz. Fazendo um esforço para distrahir a penosa recordação que esta vista lhe causava, o abbade encaminhou-se para o logar que lhe estava destinado, aonde se poz de joelhos, e a ceremonia começou.

Foi-lhe impossivel prestar attenção, e orar. Passou em revista todos os actos da sua vida. Lembrou-se de quando primeiro entrara n'aquelle mosteiro penetrado de zelo e piedade. De como tinha chegado a ser sub-prior, e da ambição que sentiu para governar de todo ali: mas appareceu-lhe um rival, que apesar de ser mais moço do que elle, era seu superior em saber e piedade, e havia por isso ganho tanta consideração entre as autoridades ecclesiasticas, que temeu que fosse preferido. Foi esta a causa da nodoa negra da sua vida, do crime que elle tentava debalde esquecer Lembrou-se das severas penitencias que tinha feito por tantos annos, da sua caridade e boas acções, mas este grande peccado erguia-se acima de tudo, e sentiu que se morresse sem o confessar, não podia esperar a salvação!

Acabada a missa, o conde de Derby perguntou-lhe se tudo tinha sido ao seu gosto.

—Tudo, e muito vos agradeço, respondeu Paslew; mas não me julgueis importuno se vos peço ainda outro obsequio. Desejava confessar-me antes de morrer.

—Eu já antecipei o vosso pedido, tornou o conde; e um confessor estará comvosco, no vosso quarto, em menos de uma hora.

—Se podesse ser, disse Paslew, queria confessar-me ao monge que foi prior d'este convento.

—Isso não vos posso conceder, respondeu o conde. Mas supponho que vos pode servir do mesmo modo aquelle que vou mandar-vos.

Com isto retirou-se, e todos sairam da egreja. O abbade achando-se só começou a passear pelo quarto, procurando socegar o seu espirito agitado, até que viesse o confessor. Quando este entrou, e que elle reconheceu o mesmo monge da capella, trazendo ainda o rosto encoberto, atirou comsigo para cima de uma cadeira, tapando a cara com as mãos. O monge conservou-se immovel esperando que elle fallasse; por fim Paslew lhe disse:

—Quem sois, e d'onde vindes?

—Sou um monge da vossa ordem, e venho da parte do conde de Derby confessar-vos, se quizerdes!

—E o vosso nome?

—Eu não vim nem para ouvir, nem para responder a perguntas, mas para vos confessar. Lembrae-vos que em pouco tempo tereis de dar contas perante o tribunal eterno de todos os peccados que possaes ter commettido, e talvez que os minutos que vos restam sejam poucos para o arrependimento.

—Tendes razão, e começarei já porque tenho muito que dizer.

Ha trinta annos era prior d'este convento: ate esse tempo não tenho muito de que me accusar; a ambição de governar n'esta casa era o meu maior peccado, que crescia de dia para dia. Entre os monges havia um chamado Boslace Alselham, homem de muito talento e extraordinario saber. Tinham todos por elle muita consideração e foi eleito sub-prior. Entrou-se a dizer que pela morte de William Kede, abbade n'aquelle tempo, Boslace Alselham seria seu successor; foi isto que excitou no meu coração contra elle um odio insaciavel, e o desejo de me desfazer d'esse homem por qualquer meio que fosse. Accusei-o pois de feiticeiro, accusação facilmente acreditada, e tanto mais quanto elle se interessava no estudo das sciencias occultas. N'uma noite em que elle estava ausente entrei na sua cella e mais outros, e examinámos-lhe os seus livros e papeis, muitos dos quaes estavam cobertos de lettras cabalisticas, e desenhos mysticos. Esperei a volta de Alselham para o prender. Na manhã seguinte foram examinados perante os irmãos reunidos na casa do capitulo: foram inuteis todas as suas protestações de innocencia, foi condemnado unanimemente. Para impedir um escandalo resolveu-se guardar segredo tanto sobre o crime como sobre o seu castigo, o que se tornava possivel por haver no convento um carcere construido de modo que nenhum grito ahi dado se ouvia cá fóra: era tão estreito que apenas dava logar para um homem se deitar: o infeliz habitante d'esta cella recebia o alimento por meio de uma pedra revoloente, e o ar por uma estreita fresta no tecto, por onde entrava tambem um debil raio de luz. Ali vi eu encarcerado Boslace Alselham: lembro-me hoje do olhar que me lançou quando entrara, e por muito tempo se repercutiu nos meus ouvidos o seu gemido, quando os pedreiros encostaram a pedra que se tinha deslocado para o admittir. Houve um longo silencio em que se ouviam só os soluços do abbade: por fim o monge perguntou-lhe:

—E o preso morreu na cella?

—Assim o julguei até hoje: mas se elle se escapou foi por algum milagre, ou ajudado pela arte de que foi accusado.

—Escapou, disse o monge. Olhae, João Paslew, e vêde a vossa victima. Abbade infame, olha para aquelle que tão falsamente accusaste.

—Boslace Alselham! exclamou o abbade aterrado: será possivel que sejas tu?

— Vês-me e podes duvidar? respondeu o outro. Vaes saber como escapei, porque meio estou aqui para me vingar do mal que me fizeste. Mudámos agora de logares, abbade de Walley: tu és o accusado, e sou eu que heide assistir ao teu supplicio!

— Perdoa-me! perdoa-me! murmurou o abbade.

— Ouve-me, João Paslew. Pelos peccados mortaes a que fui levado és tu responsavel: se não fosses tu poderia ter vivido até hoje livre de culpa. Quando me achei fechado n'aquelle carcere não posso dizer a desesperação que senti: atirando comigo para cima da enxerga, tentei não tomar alimento, esperando a morte como o unico allivio que me restava. Mas o instincto da conservação foi superior, e no segundo dia tomei a porção de pão e agua que me davam. Oh! como eu suspirava então pela liberdade! O que não faria eu para despedaçar aquelles muros que eram as paredes do meu sepulchro! Horrorisava-me a idéa de que podessem esquecer-se de mim, ou deixarem-me morrer voluntariamente de fome. Gritei para me soccorrerem, mas só me respondia o ecco; bati na parede com as mãos ate me escorrer o sangue, e desisti exhausto de forças. Não tinha fome: mas a solidão era mais terrivel do que a morte! Uma noite ouvi uma voz que me dizia:

— Para que te cansas com esses furores inuteis! se queres que eu te ajude, eu posso e quero fazel-o!

Na profunda escuridão percebi uns olhos que pareciam lançar de si faiscas de fogo.

— Queres a liberdade? podes tel-a se me seguires.

Senti pegarem-me no braço com tanta força que não pude resistir. Subi: e o tecto abriu-se para me deixar passar. N'um instante achei-me no telhado do convento, e vi ao meu lado um vulto indistincto que parecia pouco mais do que uma sombra.

— És meu, me disse a mesma voz; mas eu concedo-te um longo periodo de liberdade, e para presencear a ruina do teu inimigo.

— Para isso, para me vingar d'elle, nada ha que não esteja prompto a tentar! e ajoelhei-me perante o demonio.

—Mas terás que esperar algum tempo, replicou elle; não posso por ora vingar-te. D'aqui a trinta annos será o dia do seu castigo. D'aqui a vinte e nove annos podes voltar, vae ao monte de Rudle que ali te encontrarei, e saberás então o que terás de fazer.

— Com isto desappareceu e eu desci do sitio aonde estava. O ceo estava lindo. O mosteiro entregue á paz, ao socego: mas eu temia de sair pensando que por tua causa teria de andar errante longe dos sitios aonde julgava ter de passar a vida, e possuir uma dignidade que era o alvo da minha ambição: só essa ambição me tem sustido. É só para vingar-me: e vou vingar-me!

— Mas como pode ser verdade o que ouço? respondeu o abbade que tinha escutado com horror esta narração. Dois annos depois de entrares para o carcere, como o comer ficava intacto, abriu-se a parede, e achou-se um cadaver meio desfeito.

— Foi tirado do cemiterio, e posto ali pelo demonio, disse o outro. Como tambem para não perceberem a minha fuga, um cesto conduzia as provisões que me eram destinadas. O que eu tenho padecido não t'o posso contar: basta saber que o meu desejo de vingança não affrouxou nunca. Voltei aqui no praso marcado, encontrei-me com o demonio como elle me tinha promettido, e soube tudo o que te havia de acontecer, e a parte que tomaria n'isso. Por esse tempo é que me encontrei com Elisabeth, e agradei-me d'ella: estava para se casar com o Cuthbert Ashbead, teu couteiro. Os nossos amores não te importam: gostou de mim e seguiu-me. Todos se afastaram d'ella; então ficou com fama de ser bruxa, mas não se importava com isso: affrontava rindo-se o desdem do mundo, até que lhe nasceu uma filha. E então fui outra vez perseguido por ti, foi outra affronta que me fizeste recusando baptisar a minha creança, e foste causa da morte de Elisabeth!

— Ai de mim! Ai de mim! exclamou Paslew.

— E não foi tudo: não contente do que já tinhas feito, pronunciaste uma maldição sobre um innocente que bem sei que será irremissivelmente cumprida. Se me tivesses concedido o que eu te pedi, ter-te-hia salvado, e ainda te salvaria se podesses retirar essa terrivel maldição. Mas não podes, não está no teu poder. Deves morrer, João Paslew, e morrer sem absolvição. Essa população, nota quem dominaste, hade contemplar o teu cadaver no alto de uma forca.

E dizendo isto, soltou-se do abbade, que o segurava pallido e tremulo pelo braço, e desappareceu aos seus olhos. Continua.

OBRAS QUE SE VENDEM EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES, LIVREIRO, RUA AUREA, 227 E 228.

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837, e redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um número contendo 16 columnas de folio com excellentes gravuras em madeira. Preço por assignatura — em Lisboa — anno 1:300 rs. — semestre, 700 rs. — nas provincias (franco) anno, 1:570 rs. — semestre 830 rs.

As collecções completas, desde a sua fundação até ao presente, 13 volumes, acham-se unicamente em casa do Editor. Preço — em papel, 17:500 rs. — encadernados, 21:100 rs.

Illustração Luso-Brasileira, periodico universal, collaborado pelos nossos mais distinctos escriptores. Acha-se completo o volume de 1856 — folio grande — contém diversos artigos instructivos e de recreio, e mais de trezentas gravuras, assim de objectos nacionaes, como estrangeiros. Preço, em papel, 3:600 rs. — encadernado, 4:200 rs., em Lisboa.

Poesias de M. M. de B. du Bocage, colligidas em nova e completa edição, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas de um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por L. A. Rebello da Silva. Edição completa em 6 volumes de 8.° francez, com mais de 400 paginas cada um. Preço rs. 4320

Natureza das Coisas, poema de T. Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez por A. J. de Lima Leitão. 1851—1853, 2 vol. 8.° br. rs. 800

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, por L. A. Rebello da Silva, com censura e autorisação do patriarcado. Publica-se em cadernos de 150 paginas; cada volume comprehende dois cadernos. — Estão publicados 4 cadernos, que constituem o 1.° e 2.° volumes, contendo a Vida de Nosso Senhor Jesus Christo completa. Preço de cada volume em Lisboa, rs. 480
Nas provincias, rs. 520

Poesias de L. A. Palmeirim — 2.ª edição, correcta e augmentada, 1 vol. de 8.° francez, rs. 600

Os Homens de Marmore, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, um proloquio pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um esboço critico pelo sr. Lopes de Mendonça, 1 vol. de 8.° francez, rs. 480

O Homem de Oiro, drama em 3 actos (continuação dos Homens de Marmore), por J. da S. Mendes Leal Junior, com um prologo pelo autor, e um juizo critico pelo sr. Ernesto Biester, 1 vol. de 8.° francez br., rs. 300

Rudimentos de Economia Politica, para uso das escolas, por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.° br., rs. 200

Addições ao Manual do Tabellião, por F.V. da Silva Barradas, 1 vol. 8.° francez br., rs. .. 200

Memorias de Litteratura Contemporanea, por A. P. Lopes de Mendonça, 1 vol. 8.° fr., rs. 720

Medicina Legal, por Sédillot, traduzida pelo doutor Lima Leitão — 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. em 8.° francez, rs. 1200

A Cruz, drama em 5 actos, por Luiz de Vasconcellos d'Azevedo e Silva, 1 vol 8.° fr., rs... 320

Um Quadro da Vida, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, com um prologo pelo sr. L. A. Rebello da Silva, e um juizo critico pelo sr. L. de Mendonça, 1 vol. 8.° francez, rs. ... 480

A Herança do Chanceller, comedia em 3 actos e em verso, por J. da S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° br., rs. 400

A Redempção, comedia-drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introducção pelo sr. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.° fr., rs. .. 360

Othelo ou o Moiro de Veneza, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, 1 vol. 8.° francez, rs. 300

Dois Casamentos de Conveniencia, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° fr., rs. 360

Dalila, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs. 400

Camões e o Jáo, scena dramatica, por Casimiro Abreu, 8.° rs. 100

Duas Epocas da Vida, comedia em 3 actos, por Ernesto Biester, 8.° rs. 240

Camões do Rocio, comedia em 3 actos, por I. M. Feijoó, 1 vol. 8.° francez, rs. 300

Casamento e Despacho, comedia em 3 actos, por A. de Serpa, 1 vol. 8.° francez, rs. 320

Sermões do doutor Francisco Soares Franco Junior, 1 vol. em 8.° francez rs. 480

Eneida de Virgilio em portuguez, 3 vol. 8.° francez, br., rs. 2880
O 3.° volume só, rs. 1000

A Torre do Corvo, drama em 4 actos e um prologo, pelo autor do Camões do Rocio, com o parecer do ex.^{mo} sr. conselheiro Garrett, 1 vol. 8.° francez, rs. 400

A Mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.° francez br., rs. 480

Uma viagem pela litteratura contemporanea, por Ernesto Biester, 1 vol. 8.° fr. br. rs. ... 200

Uma viagem á Inglaterra, Belgica e França, por J. Mesquita da Rosa, 8.° port. br. rs. 120

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° francez br. ... 400

O Sapateiro d'escada, comedia de costumes em 1 acto, por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.° fr., rs. 160

Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire. — Candido Luzitano, 8.° br., 3 vol., rs. 720

Stambul, comedia em 3 actos, e 9 quadros, por Aristides Abranches, 8.° fr. br., rs. ... 300

Tambem se acham á venda no armazem de livros do Editor A. J. F. Lopes, rua Aurea, n.° 227 e 228, os primeiros oito volumes da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza de 1603 em diante, annotada pelo doutor José Justino d'Andrade e Silva. — Preço de cada volume 2:200.

No prelo:

Poesias de J. da S. Mendes Leal Junior.

Pedro, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.

Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de Antonio Cesar de Lacerda.

Alva Estrella, drama em 5 actos, por J. da S. Mendes Leal Junior.



Ruinas do castello de Machecoul

Lanços de muralha cobertos de herva, uma torre quebrada e abalada, um torreão cuja extremidade está destruida, eis o que resta do castello de Machecoul, edificado no seculo XIV, e incendiado no fim do XVIII, durante as guerras da Vendé.

Proximo ao anno 1240 Machecoul pertencia ao barão Gerard Chabot I, que estava aparentado com a casa de Retz. Tendo Gerard Chabot II morrido sem filhos, teve por herdeira Joanna a Sabia, que cedeu imprudentemente, sem compensação sufficiente, os seus dominios a João IV, duque de Borgonha. Comtudo ella tornou, depois de dezesete annos de litigio, a entrar na posse dos seus bens patrimoniaes, que legou, em 1406, a Gui de Laval II, neto da sua parenta Joanna a Louca. De Gui de Laval nasceu o feroz Gil de Retz, que manchou com os seus homicidios e com as suas horriveis extravagancias os muros de Machecoul. Conservava-se outr'ora, no castello, uma espada monstruosa, arma favorita d'este scelerado, cuja historia tem continuado, diz-se, no famoso conde *Barba-Azul*. No seculo XVII, Machecoul pertenceu successivamente aos Gondi e aos Crequi; depois tornou-se propriedade da familia Neufville-Villeroy, que o possuia ainda em 1789.

O castello de Machecoul era, por dentro, de uma grande magnificencia d'architectura. Por fóra, não se vêem senão seteiras estreitas, e torres com bésteiras; mas no interior, as janellas, as portas, as escadas, eram ornadas de esculpturas, e as grandes salas, cujas fortes partes salientes formavam arcos, eram decoradas com as armas senhoriaes em relevos coloridos.

Conta-se que na edade media todos os carniceiros de Nantes eram obrigados a pagar um imposto ao senhor de Machecoul no dia de entrudo. Um enviado do senhor chegava d'improviso diante de cada açougue, com um grande espeto de ferro na mão. Se o carniceiro, ausente ou distrahido, lhe não apresentava immediatamente o imposto, o enviado espetava um carneiro, um bezerro, ou um boi, e levava-o.

A cidade de Machecoul, antigamente capital do ducado de Retz, é hoje simples cabeça de districto, e está situada a 32 kilometros sudoeste de Nantes.

Antes pegureiro e livre, que cortesão e escravo.

O REFUGIO.

Em Londres, no coração do rico e poderoso bairro de Westminster, onde está o palacio, a abbadia, os tribunaes, e as camaras, quasi aos pés das torres que dominam a orgulhosa metropole, ha um grupo de casas hediondas, conhecido pelo nome de *Sitio do Diabo*. Ahi jazem as fezes de uma população de dois milhões de almas, e foi no centro d'esta podridão humana que a piedosa e infatigável caridade elegeu o seu domicilio.

Na rua de Sant'Anna, por cima da porta de uma casa pouco maior e menos desmantelada que as outras que a rodeiam, lê-se em grossos caracteres: *Dormitorio para os pobres; escola de industria preparatoria para as colonias; refugio aberto para os mancebos que quizerem emendar-se.*

Para a admissão é precisa a edade de dezeseis annos, porque até essa edade podem entrar nas casas de beneficencia. O *Refugio* é destinado principalmente para os vagabundos e ladrões, de dezeseis a vinte annos, que quizerem abandonar tal genero de vida, e entregar-se a honrada e laboriosa tarefa.

Como o bem sempre engendra o bem, esta excellente instituição é filha de outra, tambem mui fecunda em bons resultados, a *Escola dos proletarios*, fundada em Rye-Street, accessivel egualmente aos que desejem acolher-se n'ella.

O mestre d'esta ultima escola, surprehendido um dia de ver a insistencia de um mancebo de dezeseis annos que mostrava ardente desejo de se corrigir, animou-o a assistir ás classes com assiduidade.

— E de que me servirá ir de dia á escola, se á noite tenho de vagar pelas ruas roubando para viver, como actualmente faço — respondeu chorando o pobre moço.

Effectivamente o obstaculo era grave. Commovido por aquella sinceridade, o mestre resolveu-se a uma experiencia decisiva, e deu-lhe um quarto para viver, e pão para comer. Quatro mezes viveu o mancebo contente e feliz, subjeito a este regimen. Aprendeu a ler, escrever, e contar, e algumas pessoas caritativas lhe pagaram a viagem á Australia, onde se comportou perfeitamente, com probidade e intelligencia.

Este primeiro e feliz resultado foi uma recompensa e um impulso para os seus generosos protectores, que em vista d'este exemplo se decidiram á fundação do *Refugio*, onde sómente se admittem os que confessam ser vagabundos e ladrões, e declaram querer subjeitar-se ao regimen disciplinar da casa. Apesar d'esta clausula que parece devia afastar os pretendentes, ao cabo de dois annos da existencia da instituição já havia mais de duzentas solicitações para admissão.

Para uma precaução contra a má fé e preguiça fazem passar o recipiendo por uma dura prova. Junto ao telhado da casa ha um quartosinho sem outros moveis mais do que o enxergão e manta grossa: uma familia pobre que ali vivia antes da casa ter o seu actual destino, foi dizimada pela colera, em 1849, que fez infinitas victimas no bairro de Westminster. É ahi que se recolhe o adepto, e permanece quinze dias a pão e agua, sósinho, excepto quando vae ás classes, ás quaes assiste em sitio apartado, sendo-lhe severamente prohibido sentar-se com os internos.

Este noviciado é a pedra de toque de um sincero arrependimento. Muitos enfraquecem á prova, outros soffrem-na com paciencia um dia ou dois, e ao cabo d'elles se retiram, porque tendo entrado voluntariamente na casa, ninguem os obriga a permanecerem, e podem sair quando quizerem. Tambem ha quem persevere uma semana, porém unicamente se julgam dignos de ficar na instituição os que aturam até ao fim.

Então lhes dão vestidos decentes, porque quasi todos entram cobertos de andrajos; tiram-n'os d'aquella casa de provação, e começam a gosar dos mesmos privilegios dos internos. Levantados ao raiar do dia, é a sua primeira occupação limparem a casa; depois almoçam pão e café, e vão para a classe. Ha dois cursos; um para os principiantes, e outro para os mais adiantados, onde lhes ensinam as doutrinas fundamentaes da religião, leitura, escripta, calculo, e geographia, especialmente das colonias. O mestre tem a direcção de todo o estabelecimento. A classe superior é dirigida por um dos mancebos, dos primeiros que entraram no *Refugio*, e que tem muita aptidão para o ensino. A classe inferior é dirigida por outro já apto para passar á segunda classe.

É curioso e interessante o espectaculo que apresenta esta reunião de mancebos, saidos voluntariamente do foco do vicio, e trabalhando de boa fé para se rehabilitarem. Ainda que vestidos de diverso modo, porque os fatos são dados pelos professores da instituição, todos estão mui aceiados, porque os regulamentos da casa obrigam-n'os a lavarem-se amiudadamente. Nos rostos de alguns encontra-se ainda a expressão brutal que tinham antes de entrar ali. Ha muitas physionomias onde predomina a astucia, contrahida por habitos antigos. No ar intelligente e desembaraçado conhece-se facilmente os primeiros que entraram, humanisados já pelo estudo, e pela ordem e regimen interno da casa. Geralmente fallando, todos aprendem prompto e bem.

Comem no intervallo que separa as classes da manhã das da tarde. Tres vezes na semana é a comida de carne. Depois da ceia passam uma hora ou duas na escola preparatoria, especie de officina, onde aprendem os officios de alfayate e sapateiro. Se um discipulo quer aprender a carpinteiro ou marceneiro proporcionam-se-lhes os meios.

Deitam-se em camas separadas, e quando o edificio está cheio de alumnos, as casas transtornam-se de noite em dormitorios.

Todos são obrigados a assistir no domingo aos officios, cada qual segundo o seu rito, e n'esse dia podem sair em grupos. Cada companhia leva á sua frente o melhor conductor.

Era para desejar que entre nós instituissemos egual estabelecimento.

RETRATO D'UM HOMEM DESTINADO A VIVER MUITO TEMPO.

Sua estatura é mediana e bem proporcionada, ou mesmo um pouco reforçada; o rosto não é muito corado, porque, ao menos na mocidade, a côr excessiva d'esta parte do corpo raramente promette longa vida; os cabellos são mais loiros do que negros; a pelle é compacta sem ser aspera; a cabeça é de mediano volume; tem as veias bem marcadas sobre os membros; as espaduas são mais redondas do que chatas; o pescoço não é muito longo nem o ventre saliente; as mãos são grandes, mas não semeadas de sulcos profundos; o pé e mais largo que comprido, e a barriga da perna quasi redonda; tem o peito largo e arqueado; a voz forte e sonora; póde reter muito tempo a respiração sem ser incommodado. Em geral, reina harmonia perfeita entre as diversas partes do seu todo. Os seus sentidos são bons sem comtudo serem muito delicados; o pulso é lento e uniforme.

Tem excellente estomago; o appetite é muito bom, e a digestão facil. Os prazeres da mesa teem encantos para elle e levam a alegria á sua alma, que partilha dos gosos do corpo. Não come unicamente por comer, mas a hora da refeição é todos os dias uma hora agradavel para elle, e a mesa lhe offerece uma especie de voluptuosidade que tem sobre as outras a vantagem de lhe dar força em vez de o enervar. Come lentamente, e não experimenta muitas vezes a necessidade de beber: a grande sêde é sempre signal d'uma destruição rapida.

Em geral, é franco, affavel, dado, accessivel á alegria, ao amor e á esperança, mas inaccessivel ao odio, á colera e á inveja. Suas paixões nunca teem o caracter da impetuosidade e da violencia. Se alguma vez se enfada e encolerisa, é antes um estimulo util, uma febre artificial e salutar, do que uma effusão debil. Gosta de se occupar, e compraz-se principalmente em meditar com socego sobre objectos agradaveis. É optimista, amigo da natureza e da felicidade domestica. Não conhece nem a ambição nem a avareza, e não cuida do dia seguinte.

O HOMEM DAS BOTAS.

Não nos censurem pela credulidade de se atravessar o nosso Tejo com botas de cortiça. Muito primeiro do que nós, outros acreditaram a possibilidade do facto, e assim como nós ficaram burlados na espectativa; senão veja-se o que a este respeito, achámos em autores veridicos.

Em 1783, o *Jornal de Paris* annunciou que um relojoeiro inventara uns sapatos elasticos, com os quaes podia atravessar o Sena cincoenta vezes por hora. Para fazer a experiencia pedia que se lhe assegurasse por subscripção a quantia de 200 luizes, compromettendo-se a não tocar n'este dinheiro senão depois de atravessar o Sena em presença de quem quizesse assistir ao espectaculo. O periodico certificava que a descoberta era verdadeira. O rei abriu a subscripção enviando 45 luizes á redacção do periodico, e o seu exemplo foi seguido a tal ponto que o *Jornal de Paris* annunciou immediatamente estar completa a somma, communicando-o assim os seus redactores ao habitante de Leão que lhes transmittira as promessas do relojoeiro; porém uma carta do intendente d'essa cidade, M. de Flesselles, revelou que a pretendida experiencia era um chasco, e nada mais.

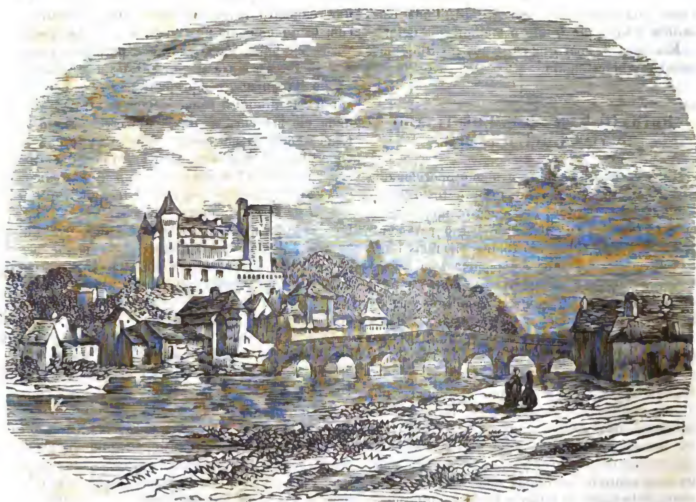
Dois annos depois verificou-se emfim a experiencia. Eis o que encontrámos na correspondencia de M. Grimm, datada de Setembro de 1785:

«Pelos fins de 1783 estavamos envergonhados do engano d'um individuo de Leão, que para experimentar a nossa credulidade annunciou com muita pompa a descoberta de uns sapatos elasticos com que andaria por cima da agua sem molhar os pés. Este milagre vimol-o finalmente ha dois mezes, e o prodigio causou tão pequena sensação, que quasi nem vale a pena fallar d'elle.

«Um hespanhol fez esta experiencia, a 5 de Setembro, no Sena. Collocou-se n'agua só com os sapatos; entrou pelo rio, ora seguindo, ora desviando-se da corrente, e muitas vezes se deteve, baixando-se para tomar agua nas mãos. Andava lentamente, e com cuidado, sem duvida pela difficuldade de conservar o equilibrio. Esteve n'agua vinte minutos, e apenas chegou á praia, descalçou os sapatos, e guardou-os n'uma caixa para occultar o feitio d'elles aos espectadores. A alguma distancia d'elle iam tres barquinhos para o soccorrerem em caso de perigo.

«Facil é comprehender que para isto se conseguir basta remover-se uma massa de agua egual ao peso de quem anda. O pé cubico da agua pesa 70 libras, de sorte que removendo-se dois pés pode sustentar-se á superficie um homem que pese 140 libras. Os taes sapatos são um barco dividido em duas partes, e a unica difficuldade que ha é conservar n'esta posição o equilibrio, para o que se precisa tanta destreza como para dançar na corda, e mais exercicios d'este genero. Não pudemos saber o nome d'este hespanhol, e só o que podemos dizer a seu respeito é que se lhe deu o titulo de academico de Barcelona, e pensionista de S. M. Catholica, titulos que lhe foram disputados de um modo bem humilhante pelo abbade Jimenez, n'uma carta enviada ao *Jornal de Paris*.»

A solidão serve de alivio ás almas apaixonadas.



O Castello de Pau.

O castello de Pau contava já bastantes seculos d'existencia quando um poeta o cantou, no tempo de Joanna d'Albret, em uma ballada. A origem d'este edificio, tão interessante por si mesmo e pelas lembranças que aviva, não remonta além do decimo ou undecimo seculo. Ignora-se o nome do fundador. Depois de ter escolhido este logar para edificar uma cidade, fixou, diz-se, os limites por meio de tres estacas; a do centro marcava o logar em que devia levantar-se o castello, que foi chamado o castello de *Pal*, e depois de *Pau*.

A construcção do castello precedeu, sem duvida nenhuma, a da cidade. Foi primeiro uma praça de guerra, junto á qual se gruparam successivamente as casas.

Ahi floresceram os viscondes de Bearn. Entre os principes d'essa familia, teriamos a citar mais d'um digno de memoria; mas só diremos duas palavras a respeito do celebre restaurador do castello de Pau, Gastão, appellidado *Phebo*, ou por causa da sua notavel formosura, ou por allusão ao sol, que tomara por emblema.

Elle nasceu em Bearn, no anno 1331. Tinha apenas doze annos quando perdeu seu pae, morto pelos serracenos. Gastão não tinha ainda quinze, e já fallava em o vingar. As dezoito annos, desposou Ignez de Navarra, irmã de Carlos o Mau. Prisioneiro do rei de França por algum tempo, foi em seguida combater nas fileiras dos cavalleiros Teutonicos.

Entrado nos seus dominios, foi feliz na luta contra o seu rival, o conde d'Armagnac, e o resgate de numerosos captivos lhe forneceu os fundos precisos para o embellezamento do castello de Pau.

Gastão avançava em edade, e comtudo conservava o mesmo vigor e os mesmos gostos. Os desenhos, feitos debaixo das suas vistas, representam-no, ou exercitando, como musico, muitas pessoas a servirem-se da trompa dos caçadores; ou, como mestre da arte, professando, no meio de numeroso auditorio, as regras da caça.

Um dia Gastão tinha caçado um monstruoso urso. Depois da captura do animal, poz-se a caminho para Orcin, onde era esperado. Havia supportado ardente sol, e encontrava prazer na fresquidão da casa em que estava. Cercado de Yvain, seu filho, e dos seus mais fieis cavalleiros, entreteve-se algum tempo a contar os felizes incidentes da caça. Depois, no momento de se sentar á mesa, pediu agua para se lavar. Apenas tinha molhado as mãos, seu rosto tornou-se pallido, os joelhos tremeram, e elle caiu proferindo estas unicas palavras: «Eu morro! Senhor Deus, obrigado!»

Voltando a fallar no castello de Pau, que os

nomes de Henrique II de Navarra e de Margarida de Valois, sua esposa; e os de Joanna de Albret e de seus dois filhos, Henrique IV e Catharina, illustraram entre todas as outras habitações reaes, diremos que o seu destino foi como opposto ao de seus senhores.

O castello de Pau tinha chegado ao maior grau de esplendor no reinado de Henrique II e Joanna d'Albret, despojados do reino de Navarra; e começou a cair em abandono no tempo de Henrique IV, senhor do reino de França. Henrique IV e Luiz XIII lhe tiraram já uma parte da sua mobilia. De decadencia em decadencia, tornara-se uma prisão no tempo do imperio e nos primeiros annos da restauração. Não se podia então entrar no castello sem se observar atravez das grades de ferro os presos, que lançavam sobre os que passavam um olhar doloroso, ou proferiam uma palavra de colera.

Este deploravel estado de coisas cessou emfim, e no reinado de Luiz Filippe o edificio foi restaurado com magnificencia; os entendedores lamentam porem que em logar de o repararem escrupulosamente, se fizesse por assim dizer um novo castello que Henrique IV teria muito trabalho em reconhecer.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^mo SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO

M. DALHUNTY.

Ao Leitor.

Conta-se, não me recordo ao certo, se de Alexandre Magno, que sendo-lhe apresentado um homem, o qual a todos admirava muito, vendo-o lançar de longe, com a bocca, um grão d'ervilha, que fazia passar com incrivel destreza muitas vezes successivas atravez de um pequeno orificio, o monarcha, com maior espanto ainda dos admiradores da habilidade, sómente presenteou o inventor, mandando dar-lhe meia quarta de ervilhas! Alexandre, se outro não foi, (e no nosso caso pouco accrescenta á moralidade do juizo, o juiz que deu a sentença); Alexandre, suppondo pois que foi elle, mui bem entendeu que tão mal empregara o tempo quem se tinha dado a tal exercicio, que já sua utilidade fôra generosamente recompensada com um punhado, muito mais com a medida significativa das ervilhas. Outro caso se conta de um rei do Oriente, que desejando presentear o inventor do xadrez, lhe propozera que pedisse alguma coisa. Pediu elle um grão de trigo pela primeira casa da taboa do mesmo jogo; dois pela segunda; quatro pela terceira; e assim seguidamente, dando-se por satisfeito que se lhe fossem duplicando os grãos de trigo, de casa em casa, até á ultima. Pareceu, como é natural, á primeira vista, mui insignificante o pedido; mas, chegando-se ao calculo das parcellas de uma tal progressão, acharam os mathematicos de el-rei que sua magestade não tinha em seus dominios trigo sufficiente para fazer tal donativo! A moral d'estes dois casos parece instruir-nos de que muitas coisas ha que exigem muito trabalho e muito tempo, sem passarem de puras futilidades; mas que muitas outras ha que se podem tratar á primeira vista de futeis, e que depois de melhor exame chegamos a achal-as de inesperado valor. Assim muitas vezes, o rubro fructo sobre a mesa do commerciante, esperando-o mui leve, achamos, ao tomal-o nas mãos, nada mais que uma pedra pesada, mas serviçal, que prime debaixo de si lettras de cambio, e papeis representantes de grossos cabedaes. Eis similhante áquelle fingido pomo, o trabalho que vou apresentar-vos: pode recrear-vos á vista primeira da alma, e parecer-vos depois de outro relance, e ao primeiro toque, como a pedra fria que foi brinquedo da arte; mas se considerardes os factos da Historia patria, tão dignos do conhecimento de todo o mundo, contidos na ordem que lhes prescreveu este artificio, como fixos para a memoria, certamente me persuado que de todo não tereis por inutil e mal empregado o tempo que puz na execução do objecto d'arte, que serve para retel-os; embora os comprima, e algumas vezes o acheis frio de mais ao tacto da vossa intelligencia. Reparae: seu valor está todo no serviço que presta á primeira de nossas faculdades intellectuaes; e na importancia dos thesouros de Historia portugueza que debaixo encontrareis ali coordenados, em uma especie de notas, com que podeis contratar no commercio polido e intellectual da sociedade.

ALGARISMO 1.

Portugal já pelo seu nome se define: alto e forte, como veiu a sel-o, em seus melhores tempos. Guiando-nos sómente pela etymologia do ouvido, confirmada pela da Historia, notemos as duas palavras — Porto Gallo — de que se compõe a que designa o reino.

Não estará em *porto* significada a origem, d'onde, com espanto do mundo todo, procedeu esse poder de naves alterosas, peso que sentiram,

D'exercitos e feitos singulares,
D'Africa as terras, e d'Oriente os mares?

Não estará tambem significado em *gallo*, *ave* nobre, que não consente rivaes; e que, por seu cantar altisono sauda o *primeiro* albor do dia — não estará significado, digo, em gallo — o timbre d'

Aquelles que no reino lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos?

Certamente a patria dos *primeiros* navegado-

res da Europa: a dos conquistadores d'Africa e do Oriente, acha-se como symbolisada no proprio nome do paiz que produziu taes homens. Portugallo significa — patria de navegadores assignalados que fazem calar a musa antiga, e

Inclinam seu proposito e porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

A *ave* sonora de Portugal, lembra o Ave, rio da *primeira* provincia que pertenceu inteira ao reino; nas margens do qual, está situada Guimarães *primeira* residencia real d'este estado, que successivamente se foi dilatando de norte a sul, figurando na carta, quasi como o algarismo 1: elle que tambem é o *primeiro* na Europa:

Eis-aqui quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano,
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

O *primeiro* dominador do territorio portuguez foi Henrique, proximo parente de Henrique *primeiro*, rei de França; e o *primeiro* homem distincto n'elle, foi Egas *Moniz*, pela tomada de Lamego, onde se rebellara o rei moiro Hecha. *Moniz*, appellido que tanto coincide com as iniciaes de muitas palavras gregas que significam *um* ou *primeiro*, bem estava ao aio de um principe como Affonso Henriques,

Que do mundo os mais fortes egualava
Que de tal pae, tal filho se esperava.

Este *primeiro* soberano antes de acclamado rei, chegando a fazer guerra a sua mãe que dizem tratara casamento com Fernando Peres, conde de Transtamara e

O filho orphão deixava desherdado,

achava-se cercado em Guimarães por D. Affonso de Leão seu *primo*, que soberbo viera a vingar a affronta de Valdevez (logar que de então se ficou chamando — campo da matança); quando,

O leal vassallo conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vae ao castelhano promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo
Fiado na promessa e consciencia
De Egas *Moniz*.

D. Affonso Henriques, Affonso *primeiro*, foi conquistador de muitas terras, e fundador da *primeira* ordem militar — S. Bento d'*Aviz* — em memoria da tomada de *Evora*: Aviz e Evora pelas *primeiras* lettras *av*, *ev*, recordando a palavra *ave* que primeiro notámos, e á qual mui bem associamos agora a ordem de *Ala*, ou Aza (S. Miguel d'Aza), que commemora a tomada da *primeira* villa do reino (Santarem), no assedio da qual imaginou ver o guerreiro Affonso *primeiro*, a aza do *primeiro* archanjo (S. Miguel) que combatia por elle nos ares. A palavra Ala começa e acaba pela *primeira* das vogaes, e *primeira* das lettras do *Al*phabeto; e figura n'ella a consoante que supprimiu a pronuncia portugueza em Alfonso, como costuma fazer em muitas palavras que no hespanhol tem esta lettra. Foi esta ordem creada em *Al*cobaça. A Santarem chama o poeta — Scabelicastro:

Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo, regas tão sereno...
....
E tu nobre Lisboa que no mundo
Facilmente das outras és princeza.

A cidade de Lisboa foi a conquista mais importante de Affonso *primeiro;* e o primeiro bispo que nomeou para ella foi D. Gilberto, theologo inglez. O mesmo rei obteve do papa *Alexandre* (*primeiro* depois do *primeiro* par de papas de egual nome) uma bulla pela qual se confirmava ao arcebispo de Braga o titulo de *Primaz* das Hespanhas.

No *primeiro* par de soberanos de Portugal são ambos *primeiros:* Affonso Henriques, Affonso *primeiro;* a quem succedeu seu filho, Sancho *primeiro*, denominado povoador. Depois do que conquistou a terra, bem foi que viesse quem a povoasse.

Continúa.

BOLSAS.

Admittiu-se o uso d'esta palavra para designar os logares consagrados nas grandes e populosas cidades á reunião dos negociantes, e transacção de valores publicos.

Entre estes edificios são os mais notaveis:

A' Bolsa de Paris, que é um vasto edificio, imitação da arte grega, e por isso falto de caracter de nacionalidade. Foi architectada por mr. Brongniart, e fazendo-se justiça ao architecto é merecedor de elogios, porque projectou a sua obra imponente na forma, e grandiosa no todo. Este edificio abriu-se ao publico em 1826.

A de Anvers tem uma structura peculiar. Compõe-se d'uma quadra rectangular, com o seu portico, formado de arcos de ferro, descansando em quatro ordens de columnas de pedra azul. Na parte superior estão as salas do tribunal e camara do commercio. Este edificio foi construido em 1531 pelo modelo da Bolsa de Amsterdam, que ha poucos annos acaba de ser destruida.

A de Londres, substituição da que se incendiou em 1666, foi construida logo em seguida áquella catastrophe. Tem uma fachada de lindo effeito, e n'ella avulta um magnifico portico sustentado por oito columnas corinthias, com um frontão de bellas proporções.

As de Manchester e Liverpool tambem se clas-

sificam entre os melhores edificios d'este genero.

A de S. Petersburgo, que está assentada nas margens do Neva, é um bello edificio, levantado pelo architecto francez, mr. Tomon. Acabou-se em 1811, porém sómente se abriu ao publico em 1816.

Data do reinado de Fernando o Catholico, a Bolsa de *Lonja* de Valencia, em Hespanha. Foi construida no estylo arabe. Tem uma sala de quarenta metros de comprimento, e vinte sete de largura, dividida em tres naves por uma columnata de grande elegancia sustentando a respectiva abobada.

A de Barcelona, que é um perfeito monumento do estylo moderno, foi construida no reinado de Carlos III pelo architecto João Solers.

Prima porém sobre a de Valencia, a Bolsa de Palma, na ilha Maiorca. É construcção do seculo decimo quarto, cem annos depois d'esta ilha entrar no gremio da religião catholica. Pouca reminiscencia offerece da arte moirisca; com tudo são arabes as suas ameias e seteiras, e é um puro modelo no estylo ogival applicado á architectura civil. A sua disposição interior consiste n'uma unica sala de immensa extensão, pasmando ahi os olhos como aquella grande abobada se possa sustentar só em seis columnas.

A Bolsa de Lisboa, por bem conhecida de nós todos, dispensa mais ampla descripção. É aberta em columnatas, e no edificio superior acha-se o Tribunal do Commercio.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXX

Da caravela que tinha feito Manuel da Silva, e do que succedeu quando a fazia.

Ordenou Manuel da Silva de fazer uma caravela muito ligeira, como fez na praia desta cidade. Com tanta curiosidade a fez, que não saia nunca da praia. Andando-a fazendo, dice que era para o que succedesse ou houvesse mister para qualquer recado. Dice um homem que se chamava o pinto vintem: *Fal-a elle para fugir nella, e alguem verá: nem hade pelejar, nem entregar a terra com bons partidos, e hade fugir na caravelinha.* Não faltou algum golhilheiro que logo lho foi dizer, e elle como lhe doeu, e fallaram verdade, mandou que logo o enforcassem; de maneira que moderando a sentença mandou o pobre homem açoutal-o pelas ruas publicas com um arrocho na lingua, e depois de açoutado lhe mandou pregar a mão no pelourinho, e esteve duas horas com ella pregada; e isto fazia a muitos por qualquer cousa que diziam contra elle, e como os homens não faziam o que elle mandava logo os mandava confessar, e depois com lhe revogar a sentença os mandava açoutar e pregar-lhes as mãos no pelourinho com um prego entre o dedo polegar, e o outro dedo, em o chumbo que estava no pelourinho. A gente da cidade e ilha era destruida de roupas, que pediam e tomavam para francezes e gente portugueza que vinha de fóra, e lha não tornava mais.

LXXXI.

Da ordem com que o marquez de Santa Cruz botou a gente em terra, e aonde.

Andou o marquez de Santa Cruz esperando alguns dias que Manuel da Silva lhe mandasse a resposta da carta que lhe tinha mandado, sem a Manuel da Silva se lhe dar de cousa alguma, podendo ajuntar-se com as camaras da ilha, e com gente nobre capitães e gente do povo, e ler-lhes a carta do marquez, e dar-lhes resposta, e pedir-lhes o mais que quizessem: nenhuma cousa fez; antes tornando a vir mais recados lhe atiraram ás espingardadas. Quando o marquez vio o desengano ordenou em dia de Santiago de botar ao dia de Sant'Anna, que é a 26 de Julho, gente em terra; e pareceu a Manuel da Silva que botasse a gente na Praia, villa, e toda a força mandou pôr lá, e no logar onde sairam não ficou mais que um capitão francez por nome Borgonhão. O marquez de Santa Cruz dizem que andou de noite em uma barquinha pela costa, olhando onde via menos morrões accesos, e no logar onde sairam estavam menos, que era entre os dois picos chamados os da *Contenda*, e vinham na armada homens da villa de S. Sebastião, que era um Aleixo Pacheco, Melchior Veloso, Diogo Gonçalves Ferreira, e Domingos Alvares, que sabiam ali todos os passos e pedras, e ajudaram a dar ordem como botariam gente em terra.

LXXXII

De como o marquez de Santa Cruz no dia de Sant'Anna pela manhã botou a gente em terra.

Em dia de Sant'Anna pela manhã muito cedo, que foram 26 dias do mez de Julho do anno de 1583, botou o marquez de Santa Cruz em galés e barcas e caravelas e com pranchas como cinco mil homens junctos em terra, e no logar onde os botou não estava mais que um capitão francez com sua companhia, o qual pelejou de tal maneira, que até em joelhos pelejou o mesmo capitão, e hi foi morto, e só de toda a companhia escaparam onze; e aquella noite estavam ali mais tres companhias, que com a do francez eram quatro; e os mandou ir d'ali Manuel da Silva para Santa Catharina que era no Cabo-da-praia, parecendo-lhe que lá saissem. Naquella entrada morreu muita gente do marquez, aonde morreu o capitão Rosado, e outros homens co-

nhecidos, e soldados castelhanos e portuguezes; e quando acudiu gente já estavam em terra cinco mil soldados com campo formado e iam botando fora por ficarem e estarem já senhores do mar, e brevemente foram despejando a armada, que quando veio as dez horas do dia teriam como quatorze mil homens, outros diziam que seriam mais de quinze mil ou dezeseis. Quando veio a horas de meio dia podiam estar de gente da terra, portuguezes, francezes, e inglezes, oito mil homens, outros diziam que seriam dez mil, o que não podia ser, porque na cidade ficaram companhias de gente que não foram lá, que era Miguel da Cunha, Sebastião do Canto, que era junctamente capitão de um forte, e Thomas de Porras, e na Villa da Praia duas. E formaram corpo de parte a parte, e sairam mangas a escaramuçar de parte a parte, e logo no principio mataram a Antonio da Silva, capitão dos creados do snr. D. Antonio, que por rei se nomeava. E quando foi ao meio dia podia estar gente de cavallo como quatrocentos homens, e com grande fervor, tocando caixas, pifanos, trombetas, e a gente de cavallo diante, queriam dar batalha embaixo sobre o marquez, e com tanto fervor e impeto queriam descer, que a grita e harmonia fazia pavor; e em querendo descer mandou Manuel da Silva que não dêssem batalha, que queria mandar vir muito gado, e que o amarrariam em Cobras, e que com menos morte de gente dariam sobre a tarde batalha. O cão do judeu com medo o fez, começando a buscar ordem para se chegar a noite, e se acolher, como fez, podendo muito bem fazer seus partidos com o marquez, que não esperava outra cousa. Aquietou-se a gente contra sua vontade, escaramuçando sempre com mangas que botavam de parte a parte, té ás quatro horas depois do meio dia.

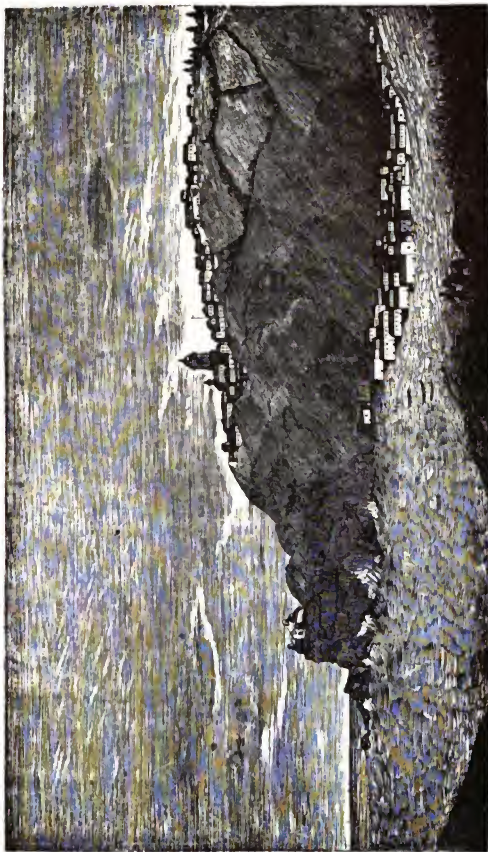
LXXXIII

De como veio muito gado, e do que succedeu.

Seria ás quatro horas depois do meio dia, quando chegou muito gado, que seria como duas mil rezes. Pozeram-se em ordem de amarrar e fazer cobras, para assim o botarem, e desmancharem o campo, e a gente de pé e de cavallo posta em ordem e com grande fervor como da primeira vez. Mandou outra vez o maldito Manuel da Silva com penas de morte que estivessem quedos, que não eram horas para dar batalha, porque queria de noite mandar vír toda a artilheria grossa da ilha, rodear com ella o campo e trincheiras, para que, quando viesse pela manhã, poder dar com a artilheria, e com menos perigo de gente desbaratar o campo do marquez, que o menos que houveram de vir eram 50 peças de artilheria grossa. Pareceu bem a todos se assim o fizeram, mas Manuel da Silva por se não pôr em risco de morrer na batalha fazia todas estas quimeras por fugir, porque tinha mandado recado á cidade que lhe mandassem a caravela ligeira, que elle tinha feito, porque appareciam perto de 80 velas, porque podiam ser de França, para as irem reconhecer; e o que trouxe o recado dice que as não vira, e logo os capitães das fortalezas de Sant-Antonio e San Sebastião e das mais entenderam o que era, porque mandava vir a caravela, e queria fugir; e a caravela estava já com os marinheiros dentro, e logo os capitães lhe mandaram atirar que dando á vela a mettessem no fundo. E largando ella a primeira vela foi tanta a artilheria nella, que os pobres marinheiros se metteram debaixo da cuberta, e largaram o leme, e ella se atravessou, e deixaram estar quedos com atirarem e botaram então ancora, porque davam em costa brava. E lhe não foi a caravela que provera ao Senhor que lhe fôra, e elle que fugira, porque então a gente da terra se entregaram com muito bons partidos. E porque d'onde estavam os campos formados á cidade eram duas leguas, e ouviram muito atirar na cidade, de uma parte e outra estavam suspensos: não sabiam a que attribuissem o caso, quando lá foi recado do que era ficou a gente espantada, logo murmuraram que a detença do dito Manuel da Silva não era outra cousa senão para fugir, indignados contra elle, o qual tinha descuberto seu peito aos francezes, de que haviam de fugir de noite, e que, como elles vissem atirar uma peça grossa, se fossem tomar sua estancia, e se fossem Quando um Diogo Dias, que era natural desta cidade, ouvio da caravela que mandava vir Manuel da Silva, para fugir, fingindo que era para ir reconhecer naus, se foi botar no arraial do marquez com seu cavallo, e lhes contou o caso, de que ficou o marquez contente, e soldados, e capitães. Quando foi de noite ouvio-se uma peça grossa. Não podiam imaginar o que seria. Então se acolheu Manuel da Silva e os francezes, e foi tão judeu que tendo 20 carros de artilheria grosas não quiz que de dia se atirasse ao campo do marquez; que lhes fizeram grande damno e morte de gente, porque não havia que errar; tudo de judeu por o campo não vir acima com agonia do estrago da artilheria; que tudo se soube depois. Logo de noite se murmurou, que elle Manuel da Silva era fugido, mas não attentavam pelos francezes, porque tinham sua estancia apartada, mas uns diziam, será, outros não será, e assim escutando de madrugada se ouviam o rugido dos carros, que haviam trazer a artilheria, não ouviram nada, antes acharam gente menos, e ida; e imaginando em um homem que vendeu a terra, e, de judeu, nem pelejou nem a entregou, e fez o que sempre delle se esperou.

Continua.

Maldizendo o tempo presente, louvamos o dos antepassados; elles maldiziam o seu; os vindouros louvarão o nosso: a razão é porque todas as eras presencêam vicios e crimes, cujo conhecimento nem sempre passa á posteridade.



A NAZARETH.

A NAZARETH.

A denominação de Nazareth procede da povoação assim chamada na Palestina, patria da Virgem, e onde Christo viveu na sua primeira edade. Esta invocação foi dada a um templo sumptuoso, no logar do mesmo nome visinho da villa da Pederneira, e bem conhecido pelas frequentes romarias de todos os povos da Estremadura. Diz-se que a primitiva fundação da egreja é devida a el-rei D. Fernando, sendo depois augmentada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e ainda mais por el-rei D. Manuel; certo é que em epocas posteriores se fizeram obras que o tornaram excellente.

Refere a tradição que a imagem da Senhora, objecto de piedoso culto e concorrida romagem, fôra trazida da propria cidade de Nazareth por um monge grego quando n'aquellas partes do oriente se levantou a heresia dos iconoclastas contra o culto das imagens. Sabido é que esta seita, nascida no fim do seculo V, chegou a ser

poderosa no tempo do imperador Leão Isauro, seculo VIII, e empregou para propagar as suas opiniões todos os meios violentos do fanatismo. Não pode, pois, em duas epocas tão distantes fixar-se qual fosse a da conducção da Virgem da Nazareth á Hespanha, se é certo o que a crença dos primeiros escriptores nossos transmittiu talvez sem exame. Este ponto, controvertido, como outros muitos, por exemplo, o milagre feito a D. Fuas Roupinho, que todos conhecem pelas estampas e paineis da Nazareth, e a vinda do rei godo, D. Rodrigo, áquelle sitio onde se pretende que fizera penitencia depois de derrotado pelos sarracenos invasores, é questão em que não pretendemos entrar; os curiosos podem consultar, além de outras fontes, a dissertação especial sobre o assumpto pelo chronista Fr. Manuel de Figueiredo.

Do cavalleiro, que foi tambem capitão de armada, diz o nosso Camões nos *Lusiadas* cant. VIII estancia 17:

E Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente
C'o fogo que accendeu junto da serra
De Abyla nas galés da maura gente;
Olha como em tão justa e santa guerra
De acabar pelejando está contente,
Das mãos dos mouros entra a felice alma
Triumphando nos ceos com justa palma.

VIAJAR... AO MENOS ATÉ CINTRA!

Toda a gente falla com enthusiasmo em viajar; mas fica parada, por mandreice.

Quantos exclamam, soltando profundo suspiro: Se eu podesse ir a Paris!... Podiam, se quizessem, e até muito economicamente; mas se elles nem ao menos vão a Cintra!

Aqui estou eu, e não sou dos que tem descansado mais no solo natal, que ardo em desejos de ver S. Pedro de Roma, e ainda não visitei a Batalha, que está aqui tão perto.

Deixa-se de anno para anno esta excursão, como coisa que se pode fazer logo que se queira; á chegada de cada inverno, diz-se: da primavera que vem não escapa; e vem a tal primavera, e depois o estio, e o formoso outono, e outra vez o carrancudo inverno, e sempre o estribilho: Para o anno, com certeza.

Ver Paris é o sonho de quasi todos os rapazes, que ainda não viajaram. Nem o formoso ceo da Italia, nem as fabulosas galas do oriente, nem as pittorescas margens do Rheno, nem a selvagem natureza da Suissa, attrahem um coração juvenil, como Paris—a cidade das mulheres travessas, dos homens buliçosos, do movimento continuo, da festa permanente!

Não me succedeu a mim o mesmo. Tinha apenas dezeseis annos de edade quando me achei a cento e vinte leguas de Paris, com uma optima estrada diante de mim, e não fui lá. Só quinze annos mais tarde é que visitei, e não de espaço, a seductora capital da França.

Viajar—foi, e é ainda hoje, e creio que será sempre, no meu entender, a suprema felicidade da terra, a unica maneira de viver aqui em baixo, debellando a monotonia.

Que sensação ha ahi comparavel á de avistar um ponto gloriosamente historico, uma terra de que ouvimos contar maravilhas; ver e admirar os usos e costumes de mil povos diversos; divagar por este mundo, que Deus fez para o homem, ora sentado na commoda poltrona do wagon, logo nos macios coxins de uma carruagem de molas, mais adiante nos bancos estofados de uma gondola, ou recostado no beliche de ligeiro barco de vapor, que desenrola todos os primores do conforto. Depois, para variar, correr sobre um veloz cavallo arabe, tão formoso como andador, ou seguir a passo, e mesmo a galope, sobre a corcova de um dromedario; e emfim subir as asperezas dos montes, encostado a um bordão ferrado.

Só quem viaja pode comprehender perfeitamente a omnipotencia do Creador. É diante das vagas espumosas do Oceano em tormenta, ou ante os bosques virgens do Novo Mundo, povoados de arvores gigantes, que se reconhece toda a magestade do poder soberano.

A idéa não é minha, mas tenho mais de uma vez sentido a verdade d'ella, e por isso a proclamo.

O meu primeiro sonho de viajante, ainda na juventude, era ver as pyramides do Egypto, e, como appenso, Alexandria com as suas agulhas de Cleopatra, o Cairo com suas recordações de todos os seculos, as areias soltas do esteril deserto, e Suez revendo-se no mar Vermelho. Tudo isso vi, mas um pouco tarde.

O meu segundo desejo era visitar a Alhambra... Está perto, e nunca logrei satisfazer este appetite.

Em terceiro logar estava Napoles, com o seu decantado porto, com o seu monte Vesuvio, com o tumulo de Virgilio; depois o resto da Italia, Constantinopola e o Rheno, e só em ultimo logar Londres e Paris.

Infelizmente, depois de cumprido o primeiro, inverteu-se a ordem na satisfação dos meus desejos.

Talvez que, antes de chegar a este ponto, já o leitor tenha perguntado, se o homem que escreve estas linhas as data de Rilhafolles.

Não, amigo leitor, *ainda* não dei entrada no asylo da loucura; porém talvez isso seja uma injustiça, das muitas que se vêem n'esta terra. Entretanto, vou-te explicar como nasceu este artigo.

Fui ha dias a Cintra; estava um tempo delicioso! Passei tão agradavelmente, na companhia de alguns amigos, que estranhei o pouco concorrido que se acha aquelle *Eden terrestre* (segundo lord Byron).

E fiz estas reflexões:

Pois uma visita ao palacio acastellado, a essa corporificação de um conto das *Mil e uma noites*; pois um passeio á sombra de copado arvoredo e ao lado de mimosas e aromaticas flores na quinta do marquez de Vianna; pois um delicado jantar no Victor com o espumoso Champagne e o refrigerante Collares; pois, emfim, ver, do penedo da Saudade, mergulhar-se o sol no distante horisonte... não é tudo isto lindo, encantador; pois não se passa assim melhor um dia, do que fazendo visitas de ceremonia em Lisboa, passeiando no jardim da Estrella, jantando em casa, ou mesmo no Matta, e vendo do Terreiro do Paço o ocaso do sol?

Que o Tejo é bonito não tem duvida; mas de Cintra vê-se uma nesga do aureo rio, e além d'isso a magestade do Oceano.

E afora o Tejo, que ha mais a ver de Lisboa?

Aqui está pois o motivo porque escrevi este artigo; foi para convidar os leitores a visitarem Cintra, sempre que possam; a fugirem d'estas ruas, onde impera o pó do mac-adam e a lama, para aquelle *throno de vicejante primavera!*

Oh Cintra! Oh saudosissimo retiro,
Onde se esquecem magoas!......
. . . .
Quem descansado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas?

Se estivesse feito o caminho de ferro para Cintra! Se ao menos tivessemos esperanças de que elle progredisse brevemente!... Mas qual historia!

Caminhem, pois, carissimos leitores, pela estrada de Bemfica, que não é feia; já se gosa um bello fresco no alto da Porcalhota, e ainda mais no Cacem, aonde lhes aconselho que almocem. Do Ramalhão em diante não encontraes senão bellezas, naturaes e artificiaes, até que, do alto da serra de Cintra, gosareis o mais formoso panorama do universo.

É necessario, porém, abandonar a proverbial indolencia nacional; não ficar na cama até ao meio dia; sair cedo e passear muito.

Nada de demorar na villa, depois de visto o palacio real e contemplada a bonita fonte da praça e o vetusto pelourinho. Não ha mais ahi que cheirar, senão a cosinha do Victor ou da Durand.

Mas lá vos espera em cima, além do fabuloso palacio e mosteiro da Pena, o castello moirisco com sua cisterna, antiquissima e bem conservada, n'aquella fabulosa altura; o convento de Santa Cruz, talhado na rocha, e forrado interiormente de rugosa cortiça; a Peninha, outro mosteirinho erguido sobre penedias, porém cercado de abundantes pastagens; Penhalonga, santuario profanado pelos modernos vandalos; Santa Eufemia, logar de romaria e devoção; o antigo convento do Carmo, hoje pertencente á casa de Lavradio; o palacio e quinta do duque de Saldanha; S. Pedro de Pena-ferrim e Santa Maria.

Volvendo á planicie e encaminhando para o bucolico local de Collares, saudareis á esquerda a fonte dos Pisões, e a formosa quinta da Regaleira; á direita as casas de Monte Christo, e de Roma; o campo de Sitiaes, com o palacio dos Marialvas e o Penedo da Saudade; as ruinas de Monserrate, que vão tornar-se em um palacio de cristal e n'uma quinta-modelo, sob a poderosa vontade do oiro inglez; Penha Verde, com suas recordações de D. João de Castro; a melancolica rua dos Amores na quinta dos marquezes de Pombal, e tantos outros logares aprasiveis, matisados de palacios e outras graciosas habitações, até chegardes ao mais suave logar de Portugal — a varzea de Collares!

Que bello é passar um dia, ora vogando em pequeno batel pela mansa corrente do rio das Maçãs, ora espairecendo a vista por essa grandiosa vegetação, sempre acompanhada de abundante agua que se despenha em grossos jorros, e que por todos os lados se encontra.

Alongae-vos na direcção de Almoçageme; ide contemplar o horrivel Fôjo, e a Pedra de Alvidrar inclinada sobre o abysmo das aguas, que vem quebrar-se com furia a seus pés, na poetica praia das Maçãs.

De volta ao hotel aconselho-vos um copo d'agua da fonte da Sabuga, ainda que não é natural terdes necessidade de aguçar o appetite, depois de qualquer passeio por estes sitios encantadores, frescos e sadios.

Por Deus... quem pode, não se deixe ficar em Lisboa nos dias de calor abafadiço, que ameaça de asfixiar um pobre cidadão; caminhem, ao menos, até Cintra, e quando puderem irão mais longe.

Não se deixem ficar á espera do caminho de ferro entre Lisboa e Madrid, se tencionam viajar; elle hade fazer-se algum dia, é certo; mas não sabemos quando estará prompto.

Os paquetes dão bom commodo para Cadiz, para Marselha, para Genova, ou para Southampton, e de lá vae-se facilmente a Londres, a Paris, a Bruxellas, a Amsterdam, a Berlin, a Vienna, a S. Petersbourg!

Se preferis a estrada aquatica do Mediterraneo, um solido vapor vos levará commodamente, ou á Hespanha, ou ao meio dia da França, ou á Italia, ou á Grecia, ou á Turquia, ou ao Egypto.

Quem não viu Sevilha, não viu maravilha, dizem os hespanhoes.

A Italia é o jardim da Europa, e Florença o jardim da Italia, dizem os toscanos.

Quem não viu o Egypto não viu a maior raridade do mundo, diz o autor das *Mil e uma noites*.

A Provença é o paraizo da França.

A Grecia é o paiz da mythologia, a patria de Homero.

Stambul é a cidade dos contos arabes.

Merece a pena ter algum incommodo para ver parte das maravilhas que Deus espalhou sobre a terra, e para admirar as soberbas obras do homem. . .

Mas se vós nem a Cintra ides!

Então, adeus, leitor.

Lisboa, 10 de Julho, 1857.

F. M. Bordalo.

AS MONTANHAS E OS INSECTOS.

As montanhas são muitas vezes as raias entre os insectos d'um mesmo paiz. Por exemplo, Mendoza, situada ao pé dos Andes, não tem quasi nenhuma especie de insectos communs em Santiago, no Chili, que é collocada sob o mesmo parallelo, e não está a cincoenta leguas de distancia em linha recta. Por um facto ainda mais singular, a forma entomologica não é a mesma nos dois lados do canal de Tende, na cadêa dos Alpes. As correntes d'agua, ao contrario, mesmo as mais largas, não são obstaculo á propagação dos insectos, e encontram-se frequentemente as mesmas especies sobre ambas as margens.

BARRA E PORTO D'AVEIRO.

Uma extensa lagoa, limitada pelo lado norte por uma ribeira, na foz da qual está Ovar, forma o porto d'Aveiro; ficando ao sul a nova barra que d'Ovar dista 16 milhas; ao nascente uma restinga de areia de tres quartos de milha de largura; ao sueste o rio Vagos; e ao nascente os terrenos baixos ao norte do Vouga. N'aquella lagoa ha muitas ilhas pantanosas, onde se colhe o sal, que é a exportação mais importante do districto.

O rio Vouga, que tem o seu curso afastado 6 milhas d'Aveiro com a nascente a 50 milhas de distancia, vem desaguar n'esta lagoa, e assim tambem o Couto, Agueda, Vagos, e outros ribeiros. Da juncção de todos estes ribeiros na lagoa resulta, conjuntamente com as aguas das marés, ser o porto tão abundante de agua, que navios mercantes de alto bordo, e até vasos de guerra da classe media, ali poderiam entrar.

A restinga que se forma sobre o Atlantico, pela accumulação de areias, difficulta a entrada e saida d'estas aguas para o mar.

Havendo actualmente duas barras, uma ao noroeste e outra ao sudoeste, podem ter, quando muito, nas marés vivas, a profundidade de 2,20 a 3,95 metros; profundidade que, nas marés do equinocio, regula por 3,5 a 4,0 metros, e nas ordinarias, por 2,5 a 3,0. Nas mortas, orça por 1,76. Advirta-se que a variação dos ventos muda este calculo; e influe sobre todos muito mais n'este porto o de oeste, que favorece a enchente das marés, e o de leste que coadjuva a vasante.

Ha calculos de que o canal (deixando á parte a variedade da sua profundidade) mede 1,76 metros de agua até 8,80. Desde Aveiro até á lagoa tem, no baixamar, a sobredita profundidade de 1,76 metros, sendo a sua largura media de 117 pés, o que vem a ser 36 metros: nas marés ordinarias, porém, sobe um metro. As marés mortas são de 0,66 metros. Na epoca das cheias eleva-se a agua nos canaes 0,60 metros acima do nivel ordinario.

Tem variado os projectos para o melhoramento d'esta barra, a ponto tal que hoje nada ha definitivamente assentado, segundo nos consta. E é antigo o empenho em melhoral-a, porque já em 1758 trabalharam n'este sentido distinctos engenheiros, como foram Francisco Jacinto Polchet, Francisco Xavier do Rego, Manuel Gonçalves de Miranda, e João de Sousa Ribeiro. Em 1777 occuparam-se do mesmo objecto o coronel Guilherme Elsden, o capitão Isidoro Paulo Pereira, e Manuel de Sousa Ramos: João Isepi teve a mesma empresa, desde 1780 até 1783: o general Guilherme, e Luiz Antonio Vallexe em 1788. Estevão Cabral encarregou-se d'este estudo em 1791. Luiz Gomes de Carvalho, e o coronel Oudinot chegaram a executar trabalhos n'esta barra, em 1802, e parecem hoje os mais apropriados. Finalmente, o director das Obras Publicas no referido districto de Aveiro, Agostinho Lopes Pereira Nunes, infelizmente fallecido hoje, occupou-se com tanto esmero no estudo d'esta barra, que o engenheiro inglez sir John Rennie, n'uma pequenina memoria sobre este porto, o cita com elogio.

E realmente o merecé este nosso engenheiro, quando vemos aproveitados n'essa mesma memoria os estudos d'este nosso finado compatriota, e o distincto engenheiro inglez que acabamos de citar nos apresenta nos seus apontados meios para o melhoramento da barra de Aveiro os projectados planos da antiga planta que ali existia, e que Nunes procurava desinvolver com aquelle aperfeiçoamento que a engenharia hydraulica exige actualmente, pelo maximo desinvolvimento a que chegou em os nossos dias.

Estes propostos meios de melhoramento consistem em augmentar o receptaculo das aguas salgadas e doces; na construcção de novas pontes que vençam a largura do canal; no alinhamento do sobredito canal, chamando o centro das aguas a um ponto fronteiro á barra; e, finalmente, na continuação do actual dique até ao baixamar, com a construcção de outro do lado norte.

Para evitar o movimento das areias, apresentam alguns engenheiros o pensamento de se plantarem pinheiros na restinga que separa a lagoa e o mar.

O melhor meio de prevenir e embotar a inveja, é declarar abertamente e provar pelo nosso procedimento que somos mais zelosos em merecer uma grande reputação do que em alcançal-a. — *Bacon*.



PESCADORES TARTAROS.

Em 1855, uma expedição franceza percorreu as costas da Corea e o mar do Japão, e visitou certas paragens ainda não exploradas desde os 44 graus de latitude norte até a uma bahia magnifica, á qual deram o nome do imperador. Reconheceram hydrographicamente as costas orientaes da Tartaria, e impozeram nomes francezes a varias terras. A expedição denominou archipelago Eugenia (em obsequio á imperatriz dos francezes) a um grupo de ilhas penhascosas na citada costa oriental, cujos habitantes, tartaros, e exercendo pela maior parte a profissão de pescadores, representa a nossa estampa.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO

M. DALHUNTY.

Continuação.

Um grande homem se distinguiu como general, no reinado de D. Sancho II (foi Payo Corrêa); outro. se distinguiu pela sua lealdade depois da morte do mesmo soberano. Defendendo Martim de Freitas o castello de Coimbra, não quiz entregar as chaves da cidade, sem que mui certo se convencesse de que seu amo era morto. Permittiram-lhe que fosse a Toledo, onde fallecera o rei; e lá, na sepultura, que mandou abrir, de D. Sancho, depositou as chaves da cidade. Um tal vassallo justifica o mal que pode suppôr do soberano. D. Sancho tinha voltado a Toledo depois do mal succedido auxilio que lhe prestara seu amigo D. Fernando. Ali falleceu no *primeiro* mez do anno de 1248, cujo numero se forma do *primeiro* algarismo *um*, duplicando successivamente.

O *primeiro* que se intitulou rei do Algarve, foi o *primeiro* Affonso que se seguiu ao *primeiro* par d'elles. Celebrou côrtes em Leiria, e mais tarde em Santarem; aqui, para examinar e emendar os aggravos do clero, pelo que foi ameaçado pelo papa. No reinado do mesmo soberano, *primeiro* que deixou a seus descendentes o reino inteiro, ausentou-se d'este o arcebispo de Braga, pondo-lhe interdicto por causa das contribuições que D. Affonso exigia dos prelados e cleresia.

D. Deniz, successor d'este Affonso, fundou em Lisboa a *primeira* universidade do reino. Indo passar alguns dias a Santarem ahi enfermou, e falleceu aos 7 de Janeiro de 1325; isto é, no fim da *primeira* semana do *primeiro* mez, com-

pletando o *primeiro* quarteirão d'annos do seculo que succedeu ao *primeiro* cento, depois da *primeira* duzia de seculos. Tinha de edade 64 annos, numero cujos algarismos sommam *uma* dezena, ou *dez*, *primeira* syllaba do seu nome, juntando-lhe *uma* lettra da segunda.

A D. Diniz seguiu-se mais um Affonso; e depois, D. Pedro *primeiro*, que falleceu no *primeiro* mez do anno, tendo passado d'elle *uma* semana e mais *um* dia. Se vivesse mais *um* par d'annos teria d'edade meio seculo, e a data da sua morte seria 1369.

Um valido. João Fernandes de Andeiro, que o foi de D. Leonor Telles, mulher de D. Fernando, successor de D. Pedro *primeiro*, obteve por ella o condado de Ourem, tendo fallecido o irmão da mesma. Foi este Andeiro, que tendo voltado de Inglaterra, quando era já fallecido D. Henrique de Castella, informou o rei das pretenções do duque de Lancastre á corôa d'aquelle reino. Por amor d'este valido tramou D. Leonor a morte do Mestre de Aviz irmão de el-rei; e a de Gonçalo Vasques de Azevedo. Mas falhou este plano e foi o Mestre, quem mais tarde, persuadido por Alvaro Paes, matou por sua propria mão o conde de Ourem, para evitar a união de Portugal com a Hespanha. D. Fernando *primeiro*, quando falleceu, já antes, isto mesmo quizera ter pedido ao Mestre de Aviz.

Um conselho do chanceller dos dois ultimos monarchas. Alvaro Paes, que fôra chanceller de D. Pedro *primeiro* e de D. Fernando, deu de conselho ao regente, Mestre d'Aviz — Dae o que não é vosso, e promettei o que não tendes!

Uma imitação de Martim de Freitas. Gonçalo Telles, irmão de D. Leonor Telles, tambem alcaide de Coimbra, negou a entrada da cidade a D. João de Castella; e, resistindo aos rogos da irmã, disse: que, quando algum rei de Portugal lhe pedisse as chaves da cidade, elle as entregaria. Foi este um dito, que Leonor Telles aproveitou, para armar uma conjuração contra o rei castelhano, com quem tinha chegado a indispor-se.

Um dito de D. João *primeiro*. De todos os divertimentos, a conversação é o que custa menos.

O *primeiro* capitão que D. João *primeiro* nomeou para governar Ceuta, foi D. Pedro de Menezes, conde de Alcoutim.

Um conselheiro. D. Duarte, na quebra que tiveram suas rendas com as desgraças d'Africa, foi aconselhado pelo chanceller João das Regras, a publicar, que passariam as doações feitas por seu pae, na falta de filho varão, do donatario para a corôa. Mas o proprio João das Regras, sendo o *primeiro* que se achava incurso n'esta sua sentença, por ter sómente *uma* filha, viu-se obrigado a pedir dispensa da lei, e obteve-a da generosidade do monarcha.

Um duque de Bragança. Por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, deu o regente D. Pedro aquelle senhorio a seu irmão (conde de Barcellos, filho natural de D. João *primeiro*), com o qual se tinha reconciliado depois do ajustamento de Guimarães, onde depoz as armas por intervenção do conde de Ourem, filho do de Barcellos. Este donativo não os tornou mais amigos, porque pretendia o conde de Ourem o cargo de condestavel que D. Pedro obtivera para seu proprio filho. Assim o novo duque de Bragança, aconselhado do arcebispo de Lisboa, e do conde de Ourem, resolveu aproveitar a *primeira* occasião, para conseguir a queda do regente.

Uma viagem á França. O ultimo Affonso de Portugal, rompendo guerra com a Hespanha, para sustentar os direitos da princeza D. Joanna a corôa d'aquelle reino (tinha-lhe sido proposto casar com ella), perde a batalha de Toro, e resolve-se ir a França pedir auxilio a Luiz XI, no qual não encontrou senão boas promessas e falta de palavra. Sentiu tanto D. Affonso, que Luiz XI tivesse feito pazes com Fernando e Isabel de Hespanha, que resolveu ir-se a Jerusalem, a viver na solidão o resto de seus dias. Mas soube dissuadil-o d'isto o mesmo Luiz, e fazer que voltasse para Portugal, não obstante ter ja ordenado por cartas a seu filho que celebrasse sua acclamação.

O *primeiro* rei que juntou livraria no paço foi D. Affonso V; e a *primeira* fortaleza que os portuguezes tiveram na Costa de Guiné foi o castello de S. Jorge de Mina, mandado construir por D. João II.

Um marinheiro esquartejado em Evora. Assim mandou D. João II castigar *um* de dois que se passavam á Hespanha, a dar alvitres sobre as coisas de Guiné, d'onde a este reino veiu em 1486 a *primeira* pimenta que n'elle se gosou d'aquella costa. E dizendo-se-lhe que murmurava muito sobre isto a gente do mar, respondeu: Ainda bem; attenha-se cada *um* ao seu modo de vida, que não gosto de marinheiros que viajam por terra. Por estes tempos exagerava-se muito o risco dos mares lá d'aquella costa, afim de affugentar d'elles, como se diz, os navegadores d'outras nações.

Um papagaio. Tendo os francezes de restituir uma caravela que haviam tomado no tempo de D. João II, porque n'ella faltava sómente um papagaio, não quiz o rei que se soltassem os navios d'aquella nação que se achavam arrestados em Lisboa: quero que se entenda, disse, que a bandeira portugueza defende e protege até um papagaio!

Este soberano de Portugal foi o *primeiro* que juntou aos seus titulos o de senhor de Guiné, terra d'onde recebia muito cabedal; e como era muito entendido no commercio, mudou de residencia conforme o pediam as circunstancias, fazendo que por onde estivera ficasse sempre lembrança d'elle. Setubal deve-lhe os seus aqueductos, e commercio florescente.

Uma commissão a dois, em 1487. A Pedro da Covilhã, e Affonso de Payva deu D. João II o encargo de irem por terra á India, e escreve-

rem sobre materias de commercio, e sobre tudo quanto descobrissem ou quanto podessem colher de informações uteis. Negou comtudo a Colombo os soccorros que lhe pedia para descobrimento de novas terras, no occidente.

Um piloto chorado. Chorou D. Manuel por um piloto do seu reino, e dizendo-lhe um cortezão que sua alteza o não havia de resuscitar com aquelle encerramento (tres dias esteve retirado), disse: tendes razão, e porque a sua perda se não pode reparar, é que eu me afflijo tanto.

Continua.

O KIAFAT.

Os arabes dos desertos africanos chamam assim á arte de conhecer pelos vestigios sobre a areia os homens e os animaes que tem passado, e de adivinhar, á primeira vista, a que raça, ou a que tribu pertencem.

GUIA DE CASADOS.

(EXCERPTO DE D. FRANCISO MANUEL.)

«Tinha hum homem principal sua filha donzella doente, guardava-a muito. Havia quem lhe quizesse bem. Escrevia-lhe; revolvia-se o papel, e sobre elle se armava hum ramalhete. Vinha huma ermitoa, fallava ao pae, dava-lhe aquelle ramo da parte de tal Santo; levava-lho elle mesmo com grande gosto, e era o proprio corretor de sua filha, servindo-lhe por sua mão a peçonha dissimulada n'aquelle ramalhete. Quem tal havia de cuidar? Quanto por este (e por muitos) bem se podia dizer o que diz o Romance: El aspid anda en las flores, alerta, alerta zagales: Tomado d'aquelle verso virgiliano, que diz, que entre as ervas mimosas latia o aspide peçonhento.

«Costumão alguns homens de grande sorte introduzir suas mulheres em suas pretenções, aprehendendo, que muitos, e grandes negocios se acabarão já por ellas. Poucos são os casos, a meu juizo, em que me pareça licito ficar um homem passeando, e mandar a sua mulher que vá fallar, e requerer por elle. A prisão do marido, a honra da sua casa, do seu officio, do seu titulo, a vinda do marido ausente, e risco de morte do filho: estas são, e não outras, as cousas que farão licita esta diligencia, sempre perigosa, e não sempre proveitosa.»

EXEMPLO PARA OS SOGROS.

«Trarei para exemplo de bons sogros, o que «succedeu quasi entre nós, e quasi em nossos «tempos. E foi, que havendo um homem rico «casado uma sua filha com um fidalgo honra«do, e querendo casar outra com outro, em na«da maior, que o primeiro; este segundo não «quiz fazer o casamento, sem que lhe desse em «dote mais dez mil cruzados, do que ao outro «havia dado; e como o sogro dissesse, que te«ria grande razão de queixa o primeiro genro, «dando elle mais ao segundo, e lhe não valesse «essa razão para effeituar o ultimo casamento, «houve em fim de convir n'elle, e effeitual-o, «com tal galantaria e primor, que no mesmo «dia, em que assignou as escripturas para o se«gundo genro, mandou outros dez mil cruzados «ao primeiro, dizendo-lhe, que não queria que «houvesse alguem, que cuidasse o estimava a «elle menos.»

Apresentamos este exemplo que D. Francisco Manuel nos cita nas suas obras, para se conhecer que entre gente briosa e portugueza vale mais a justiça do que o dinheiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXIV.

Do que aconteceu ao outro dia pela manhã.

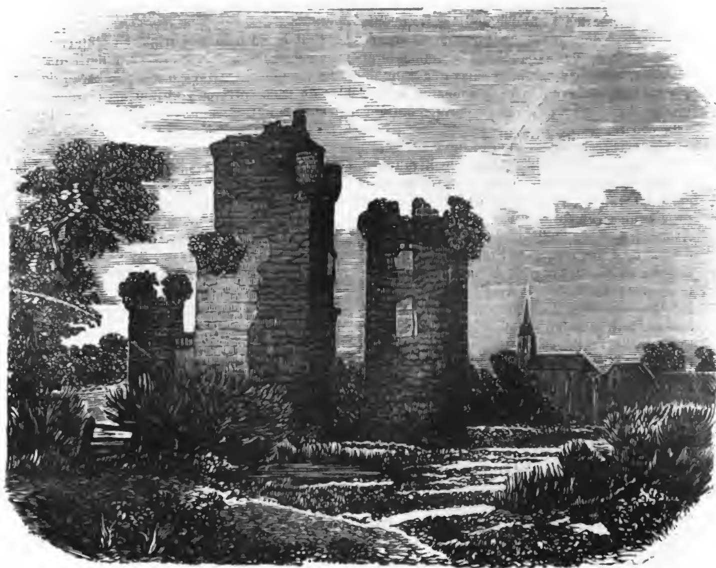
Quando foi ao outro dia pela manhã podiam estar como dois mil portuguezes, porque os francezes estavam da banda do levante, e do ponente ficaram os portuguezes, e em amanhecendo tendo as espias do campo do marquez visto que não havia gente onde estavam os francezes. Viram os portuguezes em amanhecendo irem soldados com uma ponta de lua por cima, e olhando viram homens de cavallo, dizendo: *Senhores, acolhei-vos e vos determinai porque aquella gente, que vem já por cima, são castelhanos, que vos vem cercando para vos tomarem no meio, porque o Conde Manuel da Silva com todos os francezes e inglezes se acolheu de noite, e os que souberam de sua fugida se foram depois; e aqui podem estar dois mil homens que é temeridade aguardar a força deste campo, que são ao menos 16 ou 17 mil homens, porque tambem lhes é morta alguma gente, que faço serem mil homens.* Quando os portuguezes ouviram isto o conselho havia ser breve, uns diziam que morressem todos; outros diziam que era desatino, e desordem; outros diziam que se o marquez havia pôr tudo a ferro e a fogo como se suspeitava pelo que lhe tinham feito contra sua magestade, se lhe tinham morto muita gente na Casa da Salga, e lhe tinham feito outros muitos aggravos, que vendessem logo as vidas bem vendidas. Estando os mais neste parecer, e estando já ahi muitas mulheres e filhos, que vinham contra a maldade do conde, e chamarem seus maridos, e outros seus filhos; achou-se ahi um padre da Trindade pregador: estava ferido e mal ferido, que nas ancas de um cavallo veio, e lhes dice muito alto de cima do cavallo, que da parte de Deus

lhes requeria, que não aguardassem mais, que estavam quasi cercados, e que o marquez era christão e el-rei Filippe muito catholico, que havia dar perdão a toda a ilha, porque isso era ordem e estilo entre reis christãos, e outras palavras bem compostas. E em o ouvindo os mais, se foi logo a gente de cavallo, alguma que ahi estava, deante, rompendo por deante do arraial, e lua que vinha por cima, e ali houve morte de gente de parte a parte. Foram todos passando, mulheres e meninos, à custa das vidas de muitos que ali acabaram; e assim se foram retirando, que a força era grande, e como havia muitas paredes e a gente de cavallo as não podia saltar, se pozeram muitos a pé, e largaram os cavallos com os freios nas bocas, e sellados, e assim andavam a correr sem gente em cima, e a gente se foi retirando cada uma para sua casa, e delles morriam nos caminhos por virem muito feridos, e com maginações de desgostos.

LXXXV

De como veio o marquez de Santa Cruz para a cidade, caminhando deante dos soldados.

Quando o marquez de Santa Cruz se viu senhor da terra sem impedimento algum, e a gente retirada, se veio caminhando para a cidade deante dos soldados, a qual cidade e ilha estava prospera e rica, porque nella nunca houve saque, antes a gente não tinha escondido nada, porque todos os que escondiam os tinham por traidores, e lhes tomavam os fatos, e tudo o que escondiam, e destes houve muitos que depois o pagaram. O marquez deu tres dias de saque. Os inglezes e francezes se foram para onde se chama a Agualva, que é freguezia de Nossa Senhora de Guadalupe, onde ha ribeira de agua, e moinhos, e mato, e gado de toda a sorte; nenhuma cousa lhe faltava. Manuel da Silva pudera muito bem ir com elles, mas houvera de pagar: não buscava outro remedio senão para fugir, e se foi, depois que se viu sem remedio de lhe ir a caravela aonde se chamam os Biscoutos dos Altares, ao porto da Cruz, porque havia ali dois ou tres bateis, para tomar um e se acolher nelle para a ilha Graciosa. E como a terra, homens, e meninos, e mulheres, estavam contra elle, se foram as mulheres aos bateis com pedras e martellos e os quebraram, de sorte que não approveitavam para botarem ao mar. Quando elle chegou com dois homens do mar e dois outros creados seus, os achou quebrados, e se retirou aos matos, a se esconder, que poucos dias se passou que não fosse preso como ao deante se dirá. O marquez de Santa Cruz se veio logo metter na cidade, e poz guardas nos conventos das religiosas freiras, nos quaes estava recolhida muita gente, e escravos, e fazenda dos que a poderam recolher; e assim poz guardas nas egrejas e mosteiros de religiosos. Os soldados vieram logo apoz elle saqueando tudo, por onde achavam, gados de toda a sorte, escravos, e cativando homens e mulheres para lhes darem resgate. O marquez se aposentou logo em as casas de D. Violanta da Silva, filha de João da Silva do Canto. Os soldados, entrando pela cidade, (viviam na entrada quatro ou cinco ferreiros) e d'ali tomaram os malhos, e com elles quebraram as portas das casas da cidade, porque me puz eu no castello della e via a matinada que ia. Os homens os mais delles ficaram como pasmados e desacordados de tudo, que nem lhes lembrava fazendas, nem mulheres, nem filhos; muitos se foram para a banda do norte. Os soldados, quando vinham, não deixavam de matar pelos caminhos alguns doudos desassisados: não intendendo o que era não fugiam, nem os soldados os conheciam por doudos, e os matavam a todos Não deixou de haver muitas desordens nos soldados da armada, porque sem ordem foram logo pelos mattos a buscar gente, gado, escravos, e alguns chegaram onde estava gente juncta, e não tornaram. E tomaram ainda na cidade muita gente, porque houve um engano, que veio um capitão por nome Miguel da Cunha, por lhe dizerem que estavam ainda pelejando, e viu a gente ir-se uma para uma parte, e outra para outra, sem elle ter ainda sabido da fugida de Manuel da Silva, nem dos francezes; e estava com a sua gente ao valle de Estevam Ferreira; vinha dizendo pela cidade *Victoria*, *Victoria*, em que se enganou muita gente, e se foram a repicar os sinos da Sé, e o marquez já vinha atraz, e cuidaram alguns portuguezes, que estavam pelo serviço de sua magestade, que repicavam pelo marquez; e alguns homens tomaram na cidade que mataram. O saque foi grande, e a ilha foi, parte della, virada em dez dias, e depois dos dez dias sempre durou o saque em quanto o marquez esteve na cidade, porque depois foi peor. porque os soldados por não serem descubertos, porque os castigava o marquez rigorosamente por tomarem depois dos dez dias, matavam a gente depois de saqueados do que levavam, e deshonraram muitas mulheres pelos mattos, e algumas se acharam mortas por não quererem, e muitos homens enforcados e mortos, e os francezes que achavam espalhados por fora não lhes davam mais vida; e os que vieram feridos da batalha, se se estavam curando ou pelos hospitaes, todos foram acabados. A cidade ardia, e o fedor das rezes mortas e dos porcos era grande, e as moscas eram tantas que neste tempo queriam comer a gente viva. Pelas ruas estavam homens mortos despidos. As mulheres não sabiam parte dos maridos, nem os maridos das mulheres, nem dos filhos, nem os filhos dos paes nem das mãis. Os homens lhes davam tormentos e tratos pelas partes vergonhosas, para descubrirem suas fazendas e dinheiro, e houve muitos resgates pelas pessoas pelas não matarem, e alguns mataram e enterraram em suas casas e quintaes, como tambem fizeram a Diogo Dias, que se hotou com seu cavallo no campo do marquez. Muitos homens nem vivos nem mortos appareceram té o dia de hoje. *Continua.*



RUINAS DO CASTELLO DE GARNACHE.

Garnache era antigamente o nome d'um governo, d'uma cidade, e d'um castello da Vendé. O governo comprehendia um quadrado de terra entre o mar, Bolonha, Machecoul e Apremont. Este senhorio parece ter estado quasi constantemente unido aos de Beauvoir-sur-Mer, Ile-Dieu e Noirmoutier. É provavel que se chamasse originariamente Ganache (*). É certo que nos documentos do seculo XII se lê *Gasnachia*, e que n'este tempo houve uma serie de quatro Pedros de Gasnache, possuidores do senhorio. O primeiro d'elles fundou, em **1110**, o mosteiro de Lande em Beauchene, induzido por Pedro II, bispo de Poitiers; seu filho, Pedro II de Gasnache, doou ás religiosas d'este convento ametade das sibas que os seus vassallos pescassem em Beauvoir. Depois da morte do ultimo Pedro de Gasnache, o senhorio passou successivamente para diversas familias: pertenceu a Pedro de Dreux, duque de Bretanha; a Mauricio de Belleville, senhor de Montaigne; aos Clissons, Montendres, Rohans, Penthievres, Guénégauds, Gondis, Villerois. Alguns annos antes da revolução, a terra de Garnache, que se tornara um marquezado, foi vendida á familia de Pas, acabando assim a sua historia feudal.

O castello e a cidade de Garnache estavam situados a quatro ou cinco leguas do mar. O geographo Nicolau Tassin desenhou-os nos seus *Planos e perfis das cidades e logares consideraveis de França*. Vê-se ahi que um e outro estavam cercados do mesmo contorno. O castello tinha seu contorno particular, inscripto no primeiro, e fortificado de torres e cortinas. Do lado de oeste, os muros eram banhados por um fosso que tambem cercava a cidade; do lado opposto, o contorno mergulhava n'um vasto lago. A cidade, collocada ao nordeste, não occupava maior espaço que o castello e seus jardins. Entrava-se n'ella por uma porta ao norte; e no castello por outra aberta no angulo do lago.

Reparada e renovada em diversas epocas, esta habitação foi incendiada durante as guerras da Vendé. Conservou comtudo até ao tempo do primeiro imperio os muros e a maior parte dos seus tectos com pyramides e cones elevados. Nada mais resta hoje que os despojos do torreão e al-

(*) *Gasnachia, Garnaspia, Ganaspia, Guannache, Garnesche*, segundo os diversos documentos da epoca. Os aldeãos dizem hoje simplesmente *Ganache*.

gumas torres: uma estrada departamental atravessa o contorno demolido.

Os muros do torreão, que parece datar do seculo XIII, não teem ornamentos: os fragmentos das torres redondas são, pelo contrario, ornados d'esculpturas; vastas janellas, ligeiramente arqueadas, allumiam grandes salas quadrangulares em cada andar. A torre que dominava o caminho do lago, e defendia a porta d'entrada, está coberta de hera.

Algumas recordações interessantes se ligam a estas ruinas. Em 1566, André de Rivaudeau, fidalgo do baixo Poitou, senhor de Groizardière em Chateauneuf, proximo de Garnache, fez imprimir uma composição em verso, intitulada: *Aman, tragedia santa*, tirada do setimo capitulo d'Esther, e dedicou-a a Francisca de Rohan, senhora de Garnache e de Beauvoir-sur-Mer.

Proximo ao anno de 1584, o mathematico Francisco Viète, natural de Fontenay, no baixo Poitou, retirou-se ao castello de Garnache, para junto de Francisca de Rohan, sua protectora. Em 1588, o castello de Garnache, defendido por Plessis-Gesté, sustentou contra os partidarios da liga, que o principe de Nevers commandava, um cerco longo e encarniçado, no fim do qual a guarnição, exhausta de viveres, de munições e de homens, capitulou, saindo com todas as honras da guerra. Em Maio de 1621, Garnache recaiu em poder dos protestantes, que combatiam no baixo Poitou sob o commando de Benjamin de Rohan. A praça foi retomada em 1622 pelo duque de Vendome, e arrasaram-se-lhe as fortificações por ordem de Luiz XIII. Ha muito tempo que uma pequena aldêa occupa o logar da antiga cidade.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII

Conclusão. *

Não posso abonar a erudição do prior, mesmo em materias ecclesiasticas, pois que elle positivamente affirmava ter sido o proprio Henrique VIII que fizera saltar os miolos de S. Thomaz Becket (ou de *Cantuaria*); e que na besta do Apocalypse era Luthero claramente designado. Aborreço altercações, e se não tivessem besuntado as minhas estampas eu nunca contradiria sua reverencia; mas, como me achava um tanto fora da minha pachorra rebaixei-o um pouco em a opinião do conde acertando a verdadeira data do assassinio de S. Thomaz, e com argumentos soffrivelmente especiosos arredando de Luthero os cornos da besta e pespegando-os muito tesos.... em quem pensaes que seria?... Em Ecolampadio. Um nome tão comprido, e que elles provavelmente nunca tinham ouvido pronunciar em sua vida, dando outro exemplo do triumpho do som sobre a intelligencia, abafou a disputa.

Eramos ao todo uns trinta ao jantar, e apenas começava a sobremesa veiu Berti dizer-me que a senhora Arriaga e um rancho de donzellas do paço corriam a quinta a cavallo em galizianos e burros; apressei-me a ir encontral-as; eram D. Maria do Carmo e D. Maria da Penha, com seus cabellos fluctuando sobre os hombros e os grandes e bellos olhos tão espertos e desinquietos como os de uma antilope. Mandei aprompptar o cavallo, e galopámos pelas lamedas, roçando por folhas, fructos, e flores; cada sopro da viração nos conduzia os sons dos oboés e trompas da musica da sala. As senhoras mostravam deleitar-se infinito com a novidade e isenção d'esta sortida, e pesava-lhes que tão pouco tempo durasse, porquanto ás sete eram obrigadas a voltar ao imprescriptivel serviço da rainha, e sendo a pena da desobediencia algum extravagante conto de fadas e metamorphose em abobara ou pepino, era forte o seu cuidado e ancia quando bateu a fatal hora das sete; felizmente não tinham de ir longe, porque sua magestade e a real familia estava tudo reunido na quinta de Marialva a participarem de uma esplendida merenda, e verem o fogo de artificio n'um conchegado camarim, que tem vista para o grande pavilhão, cuja festiva e phantasiosa scena ganhava realce pelas luzes de innumeraveis velas de cera, que dos lustres de cristal para todos os lados reflectiam. A pequenina infanta D. Carlota estava empoleirada n'um sophá conversando com a marqueza e D. Henriqueta, que ao modo oriental se haviam sentado no chão de pernas encruzilhadas; uma ranchada de damas d'honor commandada pela condessa de Lumiares, ficava a pouca distancia na mesma postura; a negrinha anã e valida, que chamam D. Rosa, vestida de escarlate mui vivo, não tão folgazã como eu tive o gosto de a ver no seu aposento de fada, estava agora mais sentimental encostada á porta, fazendo gaifonas a um esbelto moiro da casa do marquez.

Então a rainha, seguida de sua irmã e nora, a princeza do Brazil, levantou-se da merenda e tomou logar em frente da gelozia, por detraz da qual eu estava collocado; as suas maneiras me fizeram impressão por serem caracteristicas de magestade e agrado; parece nascida para mandar, mas, ao mesmo tempo para fazer aquella summa autoridade mais querida que temida. A justiça é clemencia, mote ou divisa tão enormemente mal applicada na bandeira da detestavel inquisição, pode ser transferida com a mais restricta verdade para esta boa princeza. Durante a fatal contenda entre a Inglaterra e as suas colonias, a prudente neutralidade em que ella perseverou foi do mais vital beneficio para os seus dominios, e até agora o commercio nacional portuguez tem-se elevado, sob os benignos

(*) Do num. 20.

auspicios da rainha, a um grau de prosperidade que não tem precedentes. Nada excede o profundo respeito e cortezania que a sua presença inspira. O conde de Sampayo e o visconde de Ponte de Lima ajoelharam perante as augustas personagens com veneração nada inferior, cuido eu, á dos mahometanos ante o tumulo do seu propheta, ou os tartaros acatando o Dalai-Lama; só o Marialva, que tomou o seu logar do lado opposto a sua magestade, parecia conservar-se no seu usual desembaraço e modo alegre. O principe do Brazil e D. João figuravam estar enfastiados, porque estavam encolhidos, com as mãos mettidas nas algibeiras, as boccas em perpetuo bocejo, e os olhos vagueando de objecto para objecto na pasmaceira de regia ociosidade.

A etiqueta mais rigorosa encerra os infantes de Portugal dentro dos seus palacios, e raro se encontram, mesmo de incognito, misturados com a sociedade geral; por isso, aquelles seus lisonjeiros sorrisos ou os confidenciaes bocéjos não se desperdiçam em observadores vulgares. Este modo de embalsamar principes em vida, não é, por fim de tudo, má politica; reveste-os de uma apparencia sagrada; concentra a sua real essencia, mui facil de evaporar-se pela franca exposição ao ar livre. Ainda que os individuos possam aborrecer-se d'este severo regimen, os apparatosos espectaculos d'estado terão a virtude de lembrar-lhes que por isso elles são cobertos de galas e reverenciados.

O conde de Sampayo, camarista, trouxe o chá á rainha, e apresentando-lh'o ajoelhou com ambos os joelhos. Finda esta ceremonia, porque o é qualquer coisa n'esta côrte fastosa, annunciou-se o fogo de vistas; e as reaes pessoas com sua criadagem transferiram-se para um proximo aposento. A marqueza com suas filhas e a condessa de Lumiares vieram para o quarto do toucador onde eu estava, e tomaram posse das janellas. Sete ou oito rodas de fogo de artificio, como outros tantos turbilhões começaram a gyrar e zunir, ao mesmo tempo que a profusão de admiraveis foguetes por cordas partindo em direcções encontradas faiscavam e estoiravam, com infinito recreio da condessa de Lumiares que, postoque contasse apenas dezeseis annos, tinha casado havia quatro: a sua alegria juvenil, cabello subtil, e côr mimosa, suscitaram-me tantas lembranças da minha Margarida, que não podia olhar para ella; estando com uma creança augmentava a parecença, e como occupasse o recanto da janella divisava-se por intervallos ao clarão azulado dos valverdes e pistolas que rebentavam subindo perpendiculares; senti agitar-se-me o sangue como se presenceasse uma apparição, e meus olhos arrasaram-se de lagrimas.

Deitadas as ultimas peças do fogo, partiram a rainha e infantes. A marqueza e as outras senhoras desceram ao pavilhão, onde tomámos uma refeição magnifica e verdadeiramente real. D. Maria e sua irmã pequena, animadas pela illuminação deslumbrante, tropeçavam nos leves vestidos de cassa com toda a folgança e brinquedo de umas fadas, taes como eu as supponho descidas das nuvens fluctuantes, que Pillement representou tão excellentemente nas suas pinturas a fresco.

Continua. ——— M.

O DENTE D'UM MACACO.

D. Constantino de Bragança, que foi um illustre varão, notavel pelo seu governo da India, castigou as perfidias do rei de Jafanapatão, saqueando-lhe a capital.

No thesouro d'este rei encontrou-se uma singular reliquia. Era um dente de macaco, objecto de geral veneração na India.

Contava-se que um deus, por nome Hanimant, commettera uma grave falta contra Brama, e fôra por isso degradado, e transformado em macaco, com muitos outros deuses seus complices.

Esta colonia expulsa do ceo fixou-se no paiz dos Badajes, e reconheceu a Hanimant por seu rei. Depois d'isto os deuses macacos dividiram-se, e o poderoso Hanimant escolheu Ceylão para seu refugio; mas não podendo no cabo Remanacor encontrar um batel para passar o estreito, o atravessou aos saltos, fazendo a cada salto surgir d'entre as aguas uma ilha, para não molhar as sagradas patinhas.

Morreu em Ceylão em grande cheiro de santidade; e como preciosa reliquia se lhe conservou o dente, que successivamente passou das mãos do soberano de Ceylão para as do rei de Jafanapatão, e por direito de conquista veiu emfim cair nas dos portuguezes.

Apenas o rei de Pegu foi informado d'esta circunstancia mandou offerecer grandes sommas aos portuguezes pelo resgate da reliquia. D. Constantino de Bragança já estava disposto a acceital-as, porque os cabedaes para proseguir nas guerras nunca sobravam na India, quando os jesuitas representaram que aquelle dente de macaco seria causa do christianismo correr ali grande risco.

Eis a força da sua argumentação: — Entregar a reliquia aos indios é mostrar-lhes que fazemos tanto caso d'ella como elles; e com ella, entregues assim á idolatria, não teremos força para os converter. Lançando-se ao fogo esse maldito dente, não teremos coisa que se opponha ás nossas prégações, e venceremos.

O argumento parecia forte, mas nem por isso o vice-rei e os homens graves queriam ceder; porém força lhes foi, porque em Goa havia um inquisidor geral, e os jesuitas achavam-se em todas as partes d'aquellas paragens.

O dente foi por fim condemnado a um auto de fé; e os embaixadores do rei de Pegu, que o vinham resgatar, tiveram o sentimento de se retirarem com a embaixada frustrada, tendo sido queimado em sua presença.



TOBIAS HOBSON.

Apresentando o retrato de Tobias Hobson, transcrevemos do n.º 509 do *Spectateur*, o que este jornal diz ácerca d'elle.

«Tobias Hobson era um homem distincto; porque nós qualificaremos sempre assim o homem que ganhou honestamente a sua fortuna. Elle foi o primeiro em Inglaterra que teve a idéa de alugar cavallos. Habitava em Cambridge, e, tendo notado a paixão com que os estudantes da universidade procuravam as occasiões de andar a cavallo, cuidou em estabelecer uma cavalhariça onde os jovens fidalgos tivessem a certeza de encontrar pouco mais ou menos quarenta bons cavallos, e as competentes sellas, estribos, redeas e chicotes. Mas quem se apresentava para alugar um cavallo, era obrigado, qualquer que fosse o numero dos disponiveis, a acceitar aquelle que estava mais proximo da porta da cavallariça. D'este modo, cada cavalleiro era servido segundo a sorte a que se expozera pela hora a que vinha, e cada cavallo tinha a sua vez regular de trabalho. Esta condição, rigorosamente imposta e observada, deu logar a um proverbio. Quando se estava reduzido a uma escolha forçada, dizia-se: «É a escolha de Hobson.»

Vê-se ainda o retrato de Tobias Hobson, pintado a fresco, na estalagem do Toiro, em Bishopsgate-Street; é uma especie de satyra. Hobson está ali representado tendo na mão uma bolsa com cem libras esterlinas, com esta inscripção: «Mãe fecunda de outras cem!»

Tobias Hobson morreu em 1630, durante a peste, com oitenta e seis annos d'edade. Tinha feito construir á sua custa um aqueducto. Os estudantes de Cambridge compozeram muitos epigrammas a este honrado homem. Cita-se tambem um poema intitulado *A escolha de Hobson*.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.mo SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Continuação.

ALGARISMO 2.

Dois principes francezes, Henrique e Raymundo, da mesma familia, vindos ambos á Hespanha em auxilio de Affonso, *segundo* do par que se seguiu a um par de pares de soberanos do mesmo nome, casaram com *duas* irmãs, filhas d'este rei de *dois* reinos (Castella e Aragão); e por morte de Henrique marido da *segunda*, que teve em dote com pouca differença *duas* provincias de Portugal, ficaram ambas as princezas viuvas, Tareja e Urraca, e *ambas* mães de um Affonso; uma de Affonso Henriques, outra de Affonso Raymundes.

As *duas* princezas, Tareja e Urraca, andaram em guerra depois de viuvas. Em suas desavenças, ambas prenderam por suspeita um arcebispo em seus estados; Urraca, o de Compostella; Tareja, o de Braga; e esta, que é a *segunda*, *duas* vezes tomou Tuy.

Os *dois* principes, filhos d'estas princezas, *ambos* desthronaram suas mães; e Tareja, vencida no castello de Lanhoso, morreu depois de *dois* annos de prisão, no dia anterior ao *segundo* de Novembro, *segundo* mez a contar do fim do anno, vinte menos *dois* depois de seu marido; governando a Egreja o papa Innocencio *segundo*, em 1130; isto é, na dezena que se seguiu á *segunda* do seculo decimo *segundo*.

..... Vencido de ira o entendimento
A mãe em asperos ferros atava:
Mas de Deus foi vingada em tempo breve
Tanta veneração aos paes se deve.

No anno 1179, ou 1177 e mais *dois*, prisioneiro de seu genro, casado com sua *segunda* filha, quebra D. Affonso Henriques uma perna, em Badajoz, que tinha tomado, e onde foi preso, de modo

Que estando na cidade que cercara
Cercado n'ella foi dos leonezes.
A pertinacia aqui lhe custou cara
Assim como acontece algumas vezes;
Qu'em ferros quebra as pernas indo acceso
Á batalha onde foi vencido e preso.

Dois filhos e *dois* paes — *Aben* Jacob, filho de Aben Joseph, rei de Marrocos, põe cerco a *Abrantes* (1180) para se vingar de que D. *Sancho*, filho de Affonso Henriques, tenha chegado com as armas portuguezas até aos arrabaldes de *Sevilha*.

E assim fazendo quanto mal podia
O que em partes podia fazer mal,
D. Sancho vae cercar a Santarem
Porém não lhe succede muito bem.

Aqui foi D. Sancho descercado por D. Affonso aos 24 de *Julho* de 1184, ficando morto na batalha o Miramolim (2 vezes 24, trocados, 84).

Duas vezes teve de haver-se D. Sancho I com o *S* primeira lettra do seu nome: Santarem, e Silves tomada, depois cercada por Aben Jacob, e finalmente perdida; bem como tambem perdida na batalha de Alarcos, a gente que mandou em auxilio de Castella. Em Santarem e Silves foi ajudado de cruzados inglezes em 1190.

Passados *duas* vezes *dois* annos mais, *dois* desgostos teve com a lettra *D* de sua esposa: morre D. *Doce;* e tem logar o *divorcio* de sua filha mais velha D. Thereza, casada com o rei de Leão.

Falleceu D. Sancho I depois de recuperar Elvas ao Miramolim em 1212, com 57 annos de edade; 5 e 7, algarismos que differem de um, e cuja somma é 12.

O *segundo* par de reis de Portugal são ambos *segundos:* D. Affonso II e D. Sancho II. D. Affonso no principio do seu reinado, por causa de Montemór e Alemquer guerreia suas *duas* irmãs; D. Thereza, viuva do rei de Leão, e D. Sancha, abbadessa de Lorvão.

Este monarcha teve de reconciliar-se com as irmãs para livrar-se da excommunhão que lhe lançou um papa Innocencio que se seguiu a Innocencio *segundo*. E no dia que precedeu o 22.° de Outubro, mez que precede os *dois* ultimos do anno (em 1217), com auxilio de cruzados alemães, alcançou victoria em uma grande batalha em que morreram os *dois* alcaides de Jaen e Cordova, que, com mais *dois*, os de Sevilha e Badajoz, e um exercito de *dois* quarteirões de milhares d'homens tinham vindo a defender Alcacer do Sal.

Foi D. Affonso II excommungado *duas* vezes; ambas por papas que se seguiram a segundos do mesmo nome: a primeira vez por Innocencio III, por desavenças com suas irmãs; a segunda por Honorio III, por ter feito sair do reino o arcebispo de Braga, a quem juntamente com outros prelados tinha querido constranger a contribuirem para as guerras. Morreu sem se reconciliar com o arcebispo, no 22.° anno do seu reinado, no dia que seguiu *dois* pares depois de *duas* dezenas d'elles, no mez que segue o 2.° do anno, e no anno que se seguiu a 1222. Fez *duas* bellas coisas: a primeira, leis geraes, e estabeleceu que a sentença de morte não podesse ser executada, sem que passassem 20 dias; segunda, prohibiu que se vendessem por preço excessivo as coisas necessarias á vida. Só foi tyranno, em não querer que os ecclesiasticos lhe opprimissem os vassallos. Succedeu-lhe seu filho Sancho II de edade de 20 annos.

Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem que mandava era mandado.
De governar o reino que outro pede
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia
Em todos os seus vicios consentia.

Este monarcha subindo ao throno decidiu *duas* questões: a do arcebispo de Braga, por meio de arbitros ecclesiasticos; a das tias por outros arbitros, com o rei de Leão, que ellas tinham chamado em seu soccorro.

Dois concilios houve n'este reinado, mandados ambos fazer pelo *segundo* papa do segundo par de *dois* que se compunham de Innocencios. No segundo d'estes concilios, celebrado em Avinhão aos 24 do 2.° mez dos *dois* seguidos em *J*, foi deposto D. Sancho, e nomeado em seu logar, regente de Portugal, o infante D. Affonso, que se achava então em Paris; no outro concilio, que fez n'este reino o cardeal, bispo de Sabina, teve-se por fim reformar a corrupção que se tinha introduzido, com o interdicto do predecessor d'este rei.

D. Diniz, fundador da ordem de Christo, estando em guerra com seu filho D. Affonso, pune de morte o governador de Leiria, que pelas desordens do infante, se fizera traidor. Tambem foi cercada e tomada Santarem ao mesmo infante; que, sendo ameaçado pelo arcebispo d'Evora, D. Girardo, cruelmente o mandou matar. Junto a Cintra se deram batalha, pae e filho; e ficando este desbaratado, passou a cercar Guimarães e tomou Coimbra. Aqui se dariam segunda batalha, se não fôra a intercessão de D. Isabel, vindo as pazes a ser feitas em Leiria.

Enfermou D. Diniz em Lisboa pela primeira vez; e tendo fundado por seu testamento a universidade de Coimbra, curou-se, mas para não ver curado de seus desvios o filho; que, depois de novas desordens foi *segunda* vez congraçado com seu pae, pela rainha D. Isabel. Caindo D. Diniz outra vez doente em Santarem, ali falleceu.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valoroso officio de Minerva;
E de Helicona as musas fez passar-se
A pisar do Mondego a fertil herva.

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros.

Continua.

BARRA DE VIANNA.

Descendo do rio Lima, que nasce da serra de S. Mamede, na Galliza, vamos encontrar no Oceano Atlantico, junto á cidade de Vianna, depois de um curso de perto de 100 milhas, um porto, que pouco acima d'este ponto tem nas

aguas do rio 150 metros de largura, e continua, em forma de esteira, pelo comprimento de mais de 6000 metros.

Vianna fica situada ao norte da foz do mesmo rio.

No esteiro d'este rio ha uma ponte construida pelo anno de 1819 que tem 900 metros de comprimento, e é formada de estacas, e com trinta vãos de 7,21 metros cada um.

Nas marés de agua viva, ficam cobertos os rochedos, que na maior parte formam a entrada do porto. O recife prolonga-se de SSO. a NNE.: e no comprimento de 1100 metros até á Lage do Ladrão. Tomando a distancia em angulo recto, desde a praia até á extremidade do recife, vão 1260 metros. No triangulo comprehendido entre o recife, o cabedello e o Bugio está situada a barra, sendo n'ella a altura de 4 pés. Na passagem exterior que conduz ao porto ha quatro rochedos, designados pelos nomes de Lage do Ladrão, Pedra de Polvos, Sarne, e Bugio. No recife ha um quebramar natural que protege a entrada do porto contra os ventos, exceptuando os de SSO. a SSE. Estes ventos soprando com grande força arremessam no porto grandes vagas e muitissima areia, augmentando-se assim o extremo do cabedello, que estreita o porto difficultando as passagens das marés e cheias, impedindo que a barra tenha a competente agua.

Tres passagens ha no recife, uma exterior, outra do centro, e outra interior. Estas passagens desviam a corrente, e evitam que ella exerça a sua força sobre a barra entre o recife e a praia.

Repetidos tem sido os estudos para melhorar esta barra, sem por ora, de quantas obras se tem emprehendido, se colher proficuo resultado.

DA SUSPEITA.

O conde de Oxenstirn escreveu um livro de pensamentos e maximas moraes, do qual extrahimos o seguinte:

«É a suspeita, ou desconfiança fructo de uma má consciencia, e effeito do receio, que cada um tem de ser pago na mesma moeda com que regala os outros. Crê o ladrão, que todos roubam, e só um espirito malfazejo é que facilmente julga os demais capazes de maldade. A inveja, e a desconfiança tem quasi sempre o mesmo effeito; porque assim como a primeira consome o seu senhor, a segunda causa-lhe continuadas inquietações e desassocegos.

«O homem que é desconfiado, não é menos incommodo aos outros, do que a si proprio, e serve de grande obstaculo á tranquillidade de uma doce conversação. Não se parece pouco com um animal feroz, que morde muitas vezes, quando o querem amimar. Mais facil é acautelar-se qualquer contra toda a casta de genios, do que do desconfiado: não ha cautela que tomar a respeito d'elle. O homem de virtude não é desconfiado: só o desalmado é que tudo explica com vantagem sua. A cada instante o offendem sem intento de offendel-o: pois elle se julga digno de opprobrio. Emfim, quanto a mim, estimo mais ter trato com um homem de espirito amesquinhado, que não é desconfiado, do que com aquelle, que desconfia com quantos ha no mundo. O primeiro pagà-se da razão, e o segundo a cada instante se desgosta sem motivo.»

HOMENS COM RABO.

Varios periodicos de Paris occuparam-se, não ha muitos annos, dos homens com rabo, considerando-os como uma raça; e por este motivo mr. de Tremaux, que viu os povos que parecem os apontados por varios dos narradores africanos, publicou um extracto das suas investigações de viajante, desmentindo o facto, e d'elle vamos tomar alguns pormenores.

Primeiramente vejamos com mr. Tremaux quaes são as narrações que podiam fazer acreditar na existencia de tal raça.

D'entre vinte negros do Haussa, e suas visinhanças, que poderam dar as noticias recolhidas por mr. Castelnau, só tres pretendem ter visto homens com rabo: outro diz que viu com elle alguns meninos, advertindo que o rabo tem 30 a 40 cent. segundo uns, e até 70 na opinião de outros; mr. de Coret diz que o rabo de tal raça de homens só tem 8 a 10 cent. de comprido. Tres d'estes negros viram os Niam-Niams sem rabo, e lhes disseram que outros os tinham; porém elles o que viram foi *que o seu vestido consistia unicamente n'uma pelle atada pela cintura*. Outros quatro negros ouviram dizer que os Niam-Niams eram homens com rabo.

N'um artigo do *Boletim da Sociedade geographica*, de Janeiro de 1852, resume-se do seguinte modo as noticias recolhidas sobre o assumpto: «mr. de Couvet annunciava como certa a existencia na Africa de homens com rabo, ainda que não justificava a asserção. Posteriormente mr. Rocher de Hericourt, viajante da Abyssinia, diz que não viu taes homens, mas ouviu fallar na sua existencia. Muitos annos antes alguns viajantes tinham escripto no mesmo sentido, e em 1677 um hollandez, por nome João Struys, homem pouco digno de credito, assegura ter visto um homem com um rabo de pé de comprimento.»

N'uma lenda china e japoneza se faz menção de homens com rabo, que segundo uns é comprido e aveludado, e na opinião d'outros curto e pellado, como o da tartaruga. Hornemann tambem cita os Niam-Niams, que colloca entre a Abyssinia e o golpho de Benin, e que lhe certificaram ter um tal apendice. Mr. Abadie falla de um sacerdote abyssinio que lhe contou existirem homens com rabo de palmo, coberto de pello, e dizia que estes homens iam todos os annos á feira de Berberah. As mulheres d'esse paiz, situado a quinze jornadas ao sul de Harar, são formosas,

e não tem rabo. Mr. de Abadie refere que estando em Tigray, em Godar, e em Gojjam assentavam o tal paiz ao sul; e em Kambate e em Kaffa o collocavam ao norte. Segundo taes noticias o paiz em questão devia estar situado ao oeste da linha que o viajante percorreu; isto é nas montanhas que separam as fontes do Nilo.

Em quanto ao paiz indicado pelos negros de mr. Castelnau, dizem que está mais proximo do golpho de Benin, e como mr. Tremaux penetrou n'estas mysteriosas regiões com uma expedição de Mehemet-Ali, que saiu em busca de oiro, dá elle a seus leitores algumas noticias sobre o assumpto.

«Estando eu em Fa-Zoglo (diz este autor) mais adiante de Sennar, tambem fiquei attonito com as narrações dos indigenas. As pessoas a quem pediamos noticia sobre os povos onde deviamos penetrar, nol-os designavam umas vezes com o epitheto de *homens com rabo*, e outras com o de *homens com pelles*. Apesar d'esta confusão não tardei em reconhecer que se tratava de uma coisa mui simples, e eis o que vi no paiz dos Gumuss, de Gurum, e de Homotehé.

«Os homens andam completamente nus, excepto uma pelle que assentam nos rins, e que termina em forma de um rabo. Tal rabo artificial pode ser curto ou comprido, liso ou felpudo, conforme a pelle está curtida; e n'estas comarcas não o usam as mulheres, o que talvez usem n'outras, pois a pelle parece destinada a fazer um molle assento. N'esta supposição as mulheres podiam tambem usar a pelle como os homens, se o estado de degradação em que vivem, não lhes impozesse mais duros costumes. Em quanto á ponta em forma de rabo, é para estirarem a pelle mais facilmente quando se sentam.

«Vemos pois que estes paizes não só correspondem aos indicados pelos srs. Hornemann, Abadie, e Rocher de Hericourt, mas tambem que o uso d'estas pelles foi causa do erro mais ou menos voluntario dos narradores africanos, que são muito affeiçoados a coisas maravilhosas. Estas relações contradizem-se em muitos pontos, se bem que se explicam perfeitamente pelo que acabamos de descrever.»

ALIMENTO DOS SELVAGENS.

O homem selvagem não experimenta a precisão d'uma variedade incessante d'alimentos que o aperfeiçoamento europeu tem creado. Cada povo selvagem ou barbaro tem uma alimentação limitada, que é a que lhe fornece o seu solo e da qual nunca se afasta. Assim os antigos designavam uma multidão de povos pelos nomes dos alimentos que elles usavam quasi exclusivamente. Diodoro de Sicilia, descrevendo as populações d'Africa, nos falla de *rhizophagos*, que vivem de raizes; de *spermatophagos*, que vivem do fructo das arvores; de *hylophagos*, que comem os renovos; de *struthophagos*, que se sustentam da carne do abestruz; de *acridophagos*, que comem gafanhotos; de *chelonophagos*, que vivem de tartarugas; de *ichtyophagos*, que se alimentam de peixe. Ainda hoje, á entrada do golpho persico, se encontram populações de que o peixe é, como no tempo de Herodoto, o sustento quasi exclusivo. Os groelandezes, e os tchutchis vivem unicamente de peixe ou da carne de animaes marinhos. Os povos caçadores preferem a veação; e os povos pastores ou creadores de gado, a carne dos seus rebanhos ou de animaes domesticos. Na America do Norte, os comanches e algumas outras tribus indias não tem outro alimento senão a carne dos bufalos, cujo caça constitue quasi o seu emprego. Da mesma sorte, as tribus da Siberia e da Laponia vivem da carne do rangifero, e os kalmukos, da carne de cavallo. Muitas povoações da Polynesia, entre as quaes os mamaes eram raros, comiam cão, cuja carne se tornava menos dura, por causa do alimento vegetal que exclusivamente lhe davam. Os garas de Assam, muitas povoações da Oceania, e certas tribus negras, comem serpentes, sapos, e outros reptís. Alguns, mais selvagens ainda, taes como os nagas de Assam e certas tribus da America, devoram até os insectos.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXVII

De como o marquez ao segundo dia de saque mandou tirar todos os escravos e gente do mosteiro de S. Gonçalo.

As freiras do convento de S. Gonçalo tinham fama de serem muito do serviço de sua magestade D. Filippe: por este respeito se metteram no mosteiro muitos homens e muitos escravos, e muitos d'elles eram do serviço do sr. D. Antonio: e como com o marquez vinham muitos homens que foram botados da terra, por serem contra o serviço do sr. D. Antonio, e outros estavam na ilha secretos, que se não descubriram; estes homens fizeram muito mal porque os soldados não conheciam a gente, nem o marquez os capitães, e elles lhes diziam tudo, porque muitos andaram com vinganças e fizeram matar muitos. Foram dizer ao marquez, que no convento de S. Gonçalo estavam recolhidos muitos homens contra o serviço d'el-rei D. Filippe, e estavam muitos escravos. Mandou o marquez, que todos os homens que estivessem dentro os levassem á cadea, e que depois se saberia os que eram do serviço de sua magestade. Já neste tempo havia muitos presos: foram todos levados á cadêa, que eram muitos homens doudos, que eram João Romeiro, e Domingos Gonçalves, e outros,

que por uma lança se subiram nos muros, e por ella desceram abaixo, e não foram presos. Os escravos eram muitos: o marquez os mandou tirar todos, que seriam cem. Alguns ficaram escondidos. Estes todos mandou o marquez tomar para si, e por seus foram embarcados. Tanto que veio a noticia de outros homens, que estavam recolhidos na Esperança, dentro e fóra se acolheram como poderam alguns, outros foram presos e levados ás galés. Tomaram as portas da egreja e eu vi um clerigo, natural da cidade e conego da sé, ir mostrar homens para serem presos aos capitães e sargentos que a isso iam, e tão indignado ia este padre, que estando ahi um homem mancebo, seu parente, que já estava malsinado, e se chegou a elle para que o livrasse da prisão, elle lhe não deu resposta, nem o escutou, nem se lhe deu delle cousa alguma. Vendo-se este homem mancebo nobre e fidalgo na agonia da prisão, temendo alguns trabalhos, tinha alli sua mulher, e tres crianças, dessimulou, e se aquietou tendo já commettido sair-se. O capitão dice: *Fidalgo, estae quedo, que não hade sair, que todos hão de ir presos.* Poz-se o dito conego em requerimentos com o capitão, que levasse preso a um clerigo que alli estava: o capitão dice: *Não trago ordem senão para prender leigos.* O conego a repetir que o podia prender, porque foi contra o serviço de sua magestade mais que outros; estando nesta referta o homem mancebo escapulio pôr detraz de outro padre que ahi estava. Depois da duvida acabada, comtudo, levou o padre preso ante o marquez, e quando pretendeu levar o sobredito era acolhido. Tornou-se o capitão ao conego, e a outro padre por nome Luiz d'Almeida, dizendo que se não foram clerigos os havia de matar, sem elles terem culpa alguma, antes se lhes dava pouco de o prenderem. Neste segundo dia já os presos não cabiam na cadea, e os mettiam nas galés, e todos, ou a maior parte delles, capitães, homens fidalgos, cidadãos, officiaes de justiça, e muitos clerigos e frades.

LXXXVIII.

De como os francezes e portuguezes da capitania da Praia, e soldados, determinaram dar na cidade sobre o marquez.

O terceiro dia, estando muita gente da capitania da cidade na capitania da Praia, e assim os moradores da villa da Praia, e toda a sua jurisdição, temorisados de serem presos, como tinham por nova todos os capitães, ou parte delles, da cidade e seu termo estarem presos, e outra muita gente, e o estrago que ia, e as mortes e affrontas dos soldados por homens e mulheres, trataram com os francezes, que se ajuntassem e dessem sobre a cidade, porque os soldados andavam espalhados, e os que estavam na cidade descuidados, e que facilmente seriam com o favor de Deus vencedores, porque podiam ajuntar-se cinco mil homens, e que dariam de madrugada, estando elles dormindo, e que dariam por duas partes, que começaria a metade da gente pela banda do ponente, e que acudiriam os soldados lá, virando as costas ao levante, sem se precatarem das espaldas, antes cuidariam serem soldados seus, e que com esta traça teriam victoria ou venderiam bem as vidas quando a desventura fosse grande, porque tinham por informação, que alguns dos capitães, que no campo estavam ao segundo dia com os dois mil homens portuguezes, que o seu conselho era venderem bem as vidas, que estavam presos, e arrependidos porque o não fizeram, e que sem falta os haviam matar, e o mesmo havia fazer a todos. Posta esta pratica com os francezes e inglezes; diceram que lhes parecia bem. e estando o caso consultado, e imaginando como havia de ser, no mesmo entreveio um dos capitães, e por ver se podia remir sua vida sem guerra veio dizer ao marquez o que se passava e estava determinado. Agradeceu muito o marquez, e logo lhe perdoou a vida e fazenda, e logo mandou lançar bando os soldados se recolhessem á cidade, e mandou que dentro em tres dias todos os capitães, alferes, sargentos, e officiaes de justiça, se viessem de toda a ilha apresentar, porque lhes havia por perdoadas vidas e fazendas; e os francezes viessem para a cidade entregar as armas de fogo, e seriam perdoados, e lhes dariam embarcação para se irem. Como os pregões foram divulgados em toda a ilha, tanto que viram a liberdade do marquez desfizeram o que tinham ordenado, não sabendo quem o viera dizer, nem sabiam que o marquez tinha noticia de seus intentos, senão depois d'ahi a muitos dias se veio a descobrir; mas os que tinha ja presos lhes não deu perdão, e vieram todos apresentar-se ao dito general, e os acceitava. Todos os francezes vieram, e largaram os arcabuzes, mosquetes, frascos, e polvora, e somente lhes ficaram as espadas: e ordenou tres ou quatro naus grandes, e os mandou embarcar, e lhes deu os mantimentos necessarios para irem té França, e havia francezes homens de mar que foram por pilotos, mestres, e marinheiros, e levaram muito boas naus, e era no fim do mez de Julho, e foram a França a salvamento.

Continua.

A loucura dos homens tem feito apparecer as galas do luxo, não só nos natalicios, e nos consorcios, onde respira a vida, e o prazer; mas até nos funeraes, onde só avulta a miseria, e o nada.



CASTELLO DE BARBEN.

O castello de Barben, no departamento das Boccas do Rhodano, pertence, desde 1443, á familia de Forbin. Anteriormente, tinha sido propriedade do principe de Lambesc, da casa de Lorena.

Na menoridade de Luiz XIII, os habitantes de Aix rebellaram-se contra o seu soberano. Os insurgentes, sabendo que o senhor de Forbin, logar-tenente general, partira de Barben para ir juntar-se ao exercito do rei que marchava contra elles, foram assediar este castello. Vêem-se ainda sobre uma das torres os buracos das balas que recordam que o sitio foi obstinado e ruinoso. Esta insurreição denominou-se «revolução dos *Cascavéous*» (palavra provençal que significa *guiso)* porque os insurgentes tinham no braçal uns pequenos guisos. Quando a ordem se restabeleceu, o parlamento d'Aix expediu a resolução em que condemnava a cidade d'Aix a reparar o castello de Barben, e a pôl-o no seu primeiro estado. Sirey conta, no seu Repertorio, que só as vigas custaram á cidade d'Aix um preço tão elevado como se fosse obrigada a fazel-as conduzir do monte Libano.

Em 1793, o castello de Barben foi de novo devastado. O marquez de Forbin o restabeleceu tal como se acha actualmente. Em 1825, o pintor Granet, sendo convidado pelo conde Forbin, director dos museus, a visitar Barben, encontrou ahi, na cosinha da velha habitação, assumpto para um encantador quadro que se via ainda, ha alguns annos, no Palais-Royal, e que é conhecido pelo titulo de *Benção das casas*. Na mesma occasião estavam mais alguns artistas reunidos no castello pelo conde de Forbin, e entre outros Constantino d'Aix.

Esta recordação pacifica contrasta com as antigas tradições do castello, quasi todas sinistras e sangrentas.

OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA. (1)

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.) (2)

Não falta quem abertamente affirme, ou pelo

(1) Este discurso foi este anno lido em portuguez, como está, em duas sessões da Academia da Historia de Madrid.

(2) O 2.º Tom. da Historia Geral do Brazil, que brevemente sairá á luz.

menos tacitamente creia, que os antigos indios do Brazil são os verdadeiros brazileiros *puritanos*, e os mais legitimos representantes, no passado, da nacionalidade actual. Como não partilhamos taes opiniões; e isto, não por obedecer a prevenções ou caprichos que não abrigamos; mas sim por impulsos de convicções, que a tal respeito se radicam tanto mais em nosso espirito, quanto mais no assumpto meditamos, vamos a apresentar as razões que nos assistem. E se não tivermos a fortuna de levar a convicção ao animo do leitor, e de estabelecer um systema que satisfaça a um tempo, como desejamos, á philosophia, ao direito e á propria historia, nos daremos por mui satisfeitos se conseguirmos justificar-nos de sinceros.

Bem meditadas todas as questões ácerca dos indios, quer em relação a elles unicamente, quer com respeito aos colonos, quer á partilha de gloria que lhes deve caber na historia de cada uma das nações americanas, podem ellas reduzir-se ás que se comprehendem nos seguintes pontos:

1.° Eram os que percorriam o territorio do Brazil, á chegada dos christãos europeus, os seus legitimos donos?

2.° Viviam, independentemente da falta do ferro e de conhecimento da verdadeira religião, em um estado social invejavel?

3.° Esse estado melhoraria, sem o influxo externo que mandou a Providencia por meio do christianismo?

4.° Havia meio de os reduzir e amansar, sem empregar a coacção pela força?

5.° Houve grandes excessos de abuso nos meios empregados para essas reducções?

6.° Dos tres principaes elementos de povoação, indio, branco e negro, que concorreram ao desinvolvimento de quasi todos os paizes da America, qual predomina hoje no Brazil?

7.° Quando se apresentem discordes ou em travada luta estes tres elementos no passado, qual d'elles devemos suppor representante historico da nacionalidade de hoje?

Occupemo-nos por ordem de cada um d'estes sete pontos:

1.° *Ponto*. Segundo os principios admittidos pelos publicistas, não é possivel reconhecer que os antigos indios do Brazil, pouquissimos proporcionalmente em numero, eram os legitimos donos das terras, que, em vez de habitar, percorriam nomades (1), desfructando d'ellas em quanto não espantavam a caça, ou em quanto com sua primitiva agricultura não haviam, ao cabo de uns quatro annos em que seus *tejupares* ou ranchos haviam apodrecido, cansado a terra, cujas mattas primitivas ou virgens haviam derrubado. Isto ainda suppondo que não eram d'ellas, como succedia, invasores, como os proprios christãos. Ora que os Tupis nada mais eram do que os ultimos invasores do territorio, hoje brazileiro, o evidenceiam as mais antigas tradições que recolhemos (1). — Os Tupinambás da Bahia diziam ter vindo do norte; os do Cabo-Frio e Rio de Janeiro egualmente; e os de S. Vicente reputavam por seus antepassados *(Tapuy)* os do districto ao norte, de quem se diziam netos *(Temiminós)*.

(1) Vattel, Droit des Gens, Liv. 1.°, cap. 7, §. 81.

2.° *Ponto*. Se era invejavel o estado de atraso social em que viviam os antigos Tupis, e vivem ainda esses que, com a nossa pseudo-philantropia, consentimos cruelmente que continuem devorando-se uns aos outros nas selvaticas beiras do Xingú e varios outros dos nossos rios, decida-o com a mão na consciencia o proprio leitor em presença da pintura fiel do estado em que elles se encontraram. Nem se quer mereciam o nome de barbaros: eram *selvagens*, com o que explicamos a condição social a que os philologos, independentemente da significação etymologica, applicam essa palavra. Mantinham a anthropophagia: desfiguravam-se horrivelmente, esburacando a cara: andavam geralmente nús; experimentavam toda a sorte de privações, passando até por vezes fomes, por excesso de imprevidencia; não castigavam vicios, nem premiavam virtudes; ou antes não reconheciam estas nem aquelles. Tratavam as mulheres como escravas: e eram viciosos *contra naturam*. Suas povoações consistiam em uns poucos de grandes ranchos ou casarões, em que viviam aquartelados, todos juntos, sem que houvesse repartimentos interiores: não usavam de nenhum metal. Emprehendiam a guerra por vingança ou por satisfazer outros instinctos, ou os appetites do chefe e senhor despotico, que era o que a si se proclamava tal, por mais valentão, em quanto outro, com alguma sequella, não lhe disputava o logar, perpetuando a guerra civil. Os prisioneiros eram sacrificados em meio de danças e bachanaes. Por outra: viviam (e alguns vivem ainda) no primitivo estado do homem caido e manchado (2); isto é no estado *natural* de familia ou tribu, sem leis preventivas, superiores ás paixões momentaneas, nem penas contra os infractores d'essas leis. Esse estado, que hoje pelos indios conhecemos perfeitamente de vista, tinha sido variamente apreciado pelos philosophos (comprehendendo n'este numero os socialistas e communistas), publicistas e historiadores por erradas abstracções, das quaes, nem que inspiradamente, alguns se desviaram (3). Se percorremos o sagra-

(1) Vej. a nossa Hist. Ger. do Brazil, Tom. I, pag. 105.

(2) O peccado original ou queda d'Adão da nossa religião, e a necessidade da redempção foram admittidos pela propria philosophia pagã, segundo provam graves escriptores, com textos de Timeo de Locres, de Platão, de Cicero e de Ovidio.

(3) O celebre Buffon deixou escriptas estas memoraveis palavras: «Cette réunion (trata da sociedade civil) est de l'homme l'ouvrage le meilleur; c'est de sa raison l'usage le plus sage. En effet, il n'est tranquille, il n'est fort, il n'est grand, il ne commande á l'univers, que parce qu'il a su se commander à lui-même, se domter, se soumettre et s'imposer des lois; l'homme en un mot n'est homme que parce qu'il a su se réunir à l'homme.» Eis como a vida de tribu é pintada pelo publicista Burlamaqui: «Perpétuellement divisés en guerre, les plus fort opprimait le plus faible: ils ne possédaient rien tranquillement, ils ne jouissaient d'aucun repos, et ce qu'il faut surtout remarquer, c'est que tous ces maux étaient principalement

do texto, foi n'esse regimen de tribu que o innocente Abel pereceu victima da inveja do irmão, que o velho Noé se viu escarnecido pela familia, e que as filhas de Loth peccaram incestuosamente. Por nossa parte, com toda a energia possivel, protestamos que não invejaramos viver em meio de uma tal sociedade escrava de sua propria liberdade, e cremos que fôra ingratidão e extravagancia, pensando assim, e estando a desfructar nas cidades policiadas de todos os beneficios da nossa sociedade civil, conspirarmo-nos contra ella, como viciosa e corrompida, para defender a selvageria, com as bellas phrases de Rousseau; que por certo se chega a viver entre os seus predilectos, procedendo logicamente com o que escrevia, e d'elles escapa vivo, se houvera retractado em suas confissões. — O proprio *direito* natural, que alguns julgam ser o do homem primitivo, não é pelos selvagens reconhecido, nem garantido.

3.° *Ponto*. Que o estado social dos indios, sem influxo externo, não tendia a melhorar-se, prova-se pelo que entre elles, ilhados em meio dos bosques dos tributarios do Amazonas, tem succedido ha mais de tres seculos. — Apesar de algumas idéas ou industrias, que poderão ter indirectamente adquirido dos christãos, acham-se como antes, se não peior; como aliás é natural, em vista dos elementos dissolventes de que se compunha a sua sociedade. Se o profundo e engenhoso Vico tivesse conhecido este facto, talvez houvera feito dar um passo mais á philosophia da historia e á do direito... Talvez houvesse admittido que a raça humana abandonada a certo grau de barbarie e degradação, n'um ou n'outro districto, pode chegar a exterminar-se e a tragar-se a si propria, como os filhos de Saturno. Argumenta-se que os indios possuiam idéas vagas de religião, quando viam no raio o poder de algum deus Jupiter, e sobretudo quando no respeito aos cadaveres dos amigos e no derrespeito aos dos inimigos, demonstravam crer na immortalidade da alma, e talvez nas penas de algum Averno, quando os corpos houvessem ficado insepultos. Embora! — Isso de nada servia a *moralisal-os*. E sem moral, sem a admissão das virtudes, com a certeza do castigo dos vicios oppostos a ellas, sem a subjeição das paixões do homem solitario em favor do genero humano, não ha civilisação possivel. É sómente do Ceo podem ter baixado os preceitos, revelados aos patriarchas, confirmados no decalogo, e acceitos pelos philosophos e pelos primeiros legisladores, que ensinaram ao homem caido a aproveitar-se, em beneficio proprio e dos similhantes, dos seus instinctos de odio e de vingança, de vaidade e de cubiça, para por meio de leis e penas, e por meio de premios *ideaes*, ou da esperança d'estes e temor d'aquellas, inverter esses instinctos destructores da humanidade em prol d'ella mesma; subjeitando-os aos limites do heroismo, e da dignidade, inventando a propriedade, e convertendo aquelles em sentimentos elevados em favor da gloria, do patriotismo, e da honra e probidade, ainda antes que o christianismo fosse mais ávante prégando a caridade e a abnegação.

Em nosso entender nem Cunhambebe, nem Ambiré houveram jámais pensado em nenhuma formula de virtudes, a menos que lh'a não inspirasse a Providencia Divina, que, aliás dispoz fazel-o por outra forma, enviando os mensageiros christãos; e não pobres pescadores, mas uma poderosa armada, e por conseguinte a força com todo o seu apparato. E se chegassemos a crer que o tradicional (1) Sumé fôra o apostolo S. Thomé, a cathequese e civilisação pela persuasão havia já sido em vão anteriormente ensaiada pela mesma Providencia Divina.

4.° *Ponto*. Não hesitamos em asseverar que sem o emprego da força não era, nem é possivel reduzir os selvagens; assim como não poderia haver sociedade sem castigos para os delinquentes. Separae do condemnado a força que o contém, e vereis como o instincto da resistencia predominará, ainda tratando-se de um soldado obediente durante vinte annos; e como a vossa justa sentença deixará de ser cumprida. Que succederia pois entre gentes sem anteriores habitos de subjeição e de obediencia, e sem idéas de uma religião que por si mesma é um codigo de moral? — «Ameaçam se vos não temem: intimidadas facilmente as contereis», dizia Tacito (2).

Em primeiro logar cumpre dizer que o selvagem cercado de outros selvagens, por quem teme ser devorado, como elle os devoraria se podesse, não comprehende a principio que ninguem o busque só para lhe fazer bem (3). Assim dos proprios missionarios são a principio desconfiados a tal ponto que muitas vezes tem estes pago com o martyrio sua confiada caridade. Os proprios Tupininquins que tão bem hospedaram aos da frota de Cabral, não tiveram n'estes confiança senão depois que appareceram, soltos em terra e ricos de presentes, os primeiros que haviam sido apanhados junto á praia. Porém depois seguiram dias felizes, replicareis. — Não ha duvida: reinou alegria e paz octaviana. Cabral era

causés par cette indépendance même dans laquelle les hommes étaient les uns des autres, qui ne leur laissait aucune sureté pour l'exercice de leur liberté; ainsi à force d'être libres, ils ne l'étaient point du tout, parce qu'il n'y a plus de liberté, dès que les loix n'en sont plus la règle.» «Il y a une immense ignorance (accrescenta mr. Guizot) de la nature de l'homme et de sa condition à croire que, laissée à elle-même, la liberté humaine va au bien et peut y suffire. C'est l'erreur de l'orgueil, erreur qui énerve du même coup l'ordre moral et l'ordre politique, le gouvernement intérieur de l'homme et le gouvernement général de la societe.»

(1) Vej. Sumé, lenda mytho-religiosa americana, pub no Panorama, n.° 44 de 1855.

(2) «Terrere, ni paveant; ubi pertimuerint, impune contemni», I, 29.

(3) «As viagens (diz J. B. Say), são o verdadeiro archivo de infortunios que dão uma idéa do homem. O viajante se apresenta e é recebido com desconfiança; e é uma fortuna que o não guerreem antes de o conhecer: se logra fazel-os amigos tratam de enganar se», etc «Onde quer que penetraram narradores (accrescenta Cantú), nos descobrem uma corrupção immensa diffundida pela extraviada descendencia d'Adão.»

hospede: entreteve os indios com a ceremonia de erguer a cruz de posse, com as duas missas, com o fazer agua e lenha, com as danças e instrumentos dos seus, com o ruido da artilheria, etc.; e não se propunha subjeital-os e civilisal-os, fazendo-lhes apreciar as virtudes, inclusivamente pelo castigo dos vicios e crimes. Houvesse Cabral, nos dias que em Porto Seguro permaneceu, tido necessidade de castigar um Tupininquim por algum roubo ou assassinato, e vereis como toda a chusma se houvera levantado em massa, para vingar o que elles creriam insulto feito ao seu parente. — Em quasi todas as nossas colonias a principio passaria o mesmo: na de Duarte Coelho, na de Francisco Pereira, na de Vasco Fernandes. Em todas, como na de Thomé de Sousa, os indios começariam por ser tratados com suavidade, por interesse dos proprios colonisadores em quanto não caíam em si, reconhecendo a impossibilidade de conter muitos homens sem a ameaça do castigo, e por conseguinte sem a coacção pela força; em favor da qual em vista da experiencia se declararam abertamente os padres dominicanos nas colonias hespanholas, os primeiros e mais respeitaveis jesuitas (1) que foram ao Brazil, e até o proprio P. Vieira (2), patrono dos indios, como se declaram os missionarios (3) de nossos dias, e os povos das provincias mais immediatas aos indios selvagens.

«A escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilisação das nações»: disse, com admiravel philosophia e coragem, o virtuoso e sabio bispo brazileiro Azeredo Coutinho. Esta verdade foi reconhecida pelos antigos, de modo que só por ella se explica a humilhação dos Parias na Asia, a escravidão dos Ilotas e outros barbaros na Grecia; a clientella ou feudalismo da Roma liberal e da edade media. E tanto a reconhecemos nós mesmos que só por ella podemos explicar o mantermos a escravidão dos nossos africanos (aliás com demasiado severas condições não essenciaes), e até a theoria do nosso direito penal que condemna os criminosos ás galés, que são uma escravidão perpetua com grilhões, ou aos ergastulos e casas de correcção, que se reduzem a uma escravidão temporaria, muito mais dura de levar do que quando se anda solto pelas ruas e campos.

E sem nos involver aqui nas debatidas questões de se a guerra é ou não civilisadora, se suavisa o coração dos guerreiros, em vez de os endurecer, se é ou não de influxo divino, temos por sem duvida que em geral ella foi entre os homens um grande meio regenerador. «Assim como o mar, pondera eloquentemente o humanitario e piedoso Cesar Cantú, que parece creado para separar os povos, os conchega, da mesma forma a *tremenda necessidade* da guerra effectua a mescla das raças, e concorre para melhorar a sua propria condição.» Assim tem de realisar-se algum dia na Argelia submettida ao civilisador dominio da christianissima França.

Continua. F. A. de V.

(1) Nobrega e Anchieta, Vej. Hist. Ger. do Brazil, Tom. I, pag. 179.

(2) Em C. de 14 de Dezembro de 1655, escripta ao secretario d'estado Pedro Vieira da Silva, diz que Vidal «ficava dispondo umas tropas que hão de ir ao sertão, do que esperamos «primeiro a quietação e paz, e depois uma grande conversão d'almas.

(3) O italiano Fr. Apolonio de Todi — Vej. vol I, p. 178. — Da mesma opinião era o veneravel bispo do Pará Fr. João de S José. Vej. ib.

UM GRÃO DE AREIA E AS ESTRELLAS.

Os immensos intervallos que separam as estrellas umas das outras servem de theatro a grande numero de phenomenos, e dão passagem á luz, ao calor, e a todos os movimentos ordenados que d'ahi resultam.

Examinando o ceo com attenção, vemos grupos d'estrellas, que não são de certo nem menos vastas nem menos complexas de que o planeta que habitamos, comprehendidos em um estreito espaço, graças á distancia, constituirem systemas dotados de formas determinadas e inteiramente similhantes aos corpos d'apparencia continua. Entretanto manifestaremos uma especie d'incredulidade, e não poderemos livrar-nos de surpreza, se nos perguntarem se não é possivel que os atomos d'um grão d'areia tenham entre si, guardada a proporção relativa ao proprio valor, tanta distancia como ha entre as estrellas, e porque se não darão, nos intervallos que separam estes atomos uns dos outros, phenomenos tão complicados e maravilhosos como os que teem logar nos espaços celestes.

ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM ALEMANHA.

A escravidão foi abolida:

No ducado de Bade em	1783
No Hohenzollern em	1789
No Schleswig e Holstein em	1804
Em Nassau, na Baviera, no ducado de Berg, em Erfurth, etc. em	1808
Na Prussia, em Hesse-Darmstadt, no principado de Lippe-Deltmold, no reino de Westphalia em	1809
No Schomburg-Lippe, e na Pomerania sueca em	1810
Na Austria em	1811
No Oldenburgh em	1814
No Wurtemberg em	1817
No Mecklembourg em	1820
Em Saxe, e em Lusace	1832
No Hohenzollern-Singmarigen em	1833

Quando a historia nos apresenta factos sobrenaturaes, só possiveis á omnipotencia divina; é necessario dissecal-os com o escalpello da critica; para não confundir os verdadeiros milagres com os erros da credulidade, ou com os inventos da impostura



PALACIO DE INVERNO EM S. PETERSBOURG.

O mais importante, se não é o mais bello palacio de S. Petersbourg, é o imperial denominado palacio de inverno, que teve em sua origem este nome para o distinguirem do palacio de verão que o imperador Paulo mandou demolir para erigir no mesmo chão o palacio Miguel; e assim aquelle ficou com o sobredito nome, postoque já não exista o de verão.

O actual palacio d'inverno não tem mais de dezoito annos, porque em 1837 um incendio devorou em poucas horas o antigo, o qual fôra edificado no reinado de Elizabeth pelo italiano Rastrelli, e diz-se que era tamanho que seis mil pessoas o habitavam; o intendente em chefe da casa imperial, não obstante estar no exercicio de seu cargo havia mais de doze horas, ainda não conhecia todos os aposentos e escaninhos d'aquelle verdadeiro labyrintho; oitenta mil operarios trabalharam em tão immensa habitação, que os seus regios possuidores não cessaram de aformosear e enriquecer por espaço de oitenta annos; talvez nunca se accumulassem tantos objectos preciosos no mesmo edificio, e o fogo destruiu tudo n'uma noite. Este desastre incutiu profunda dôr em toda a capital; parecia que todos tinham perdido suas proprias casas destruida a do imperador; os mais ricos fidalgos e proprietarios, o corpo do commercio, muitos particulares offereceram quantiosas sommas para a reedificação; mas o imperador, não acceitando tão generosos offerecimentos, fez reconstruir o palacio, e com tanta actividade, que ao findar um anno, no dia correspondente ao do incendio, o czar recebia a sua côrte n'um palacio inteiramente novo.

O actual palacio de inverno é um vasto parallelogrammo de quatro frontarias com cento e cincoenta metros de extensão por cento e quinze de largura. Comparado com as outras residencias reaes da Europa, é com o palacio de Madrid que tem mais similhança; a mesma forma geral, um quadrilongo, quatro fachadas, dois andares, e de columnas sobrepostas, um pateo interior, nenhum jardim. Muito mais espaçoso o de S. Petersbourg é de tijolos, e o de Madrid de granito e marmore; mas o palacio de Madrid deita para o humilde Manzanares e o de S. Petersbourg para o orgulhoso Neva, e ainda mais este ultimo compensa a inferioridade do seu material pela magnificencia inaudita de seus aposentos e salas interiores. A grande escadaria de marmore incrustado de oiro, a *sala branca*, de estuque, e onde se dão banquetes de oitocentas cobertas, a *sala de S. Jorge*, egualmente vasta e toda de marmore de Carrara, nada tem que invejar ainda mesmo ás prodigalidades de Luiz XIV de França. N'este edificio sumptuoso reside o czar oito mezes do anno.

COINCIDENCIAS NOTAVEIS DOS NOVE ALGARISMOS COM A HISTORIA DE PORTUGAL, EM QUANTO DOMINOU N'ESTE REINO A LINHA AFFONSINA DE SEUS MONARCHAS: PEQUENO TRIBUTO DEDICADO AO ILL.^{mo} SR. J. DA C. CASCAES, EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, POR SEU AMIGO M. DALHUNTY.

Continuação.

D. Affonso, *segundo* do *segundo* par d'elles,

logo no principio do seu reinado recebeu de um ministro sobre *dois* CC (Cintra e caça) uma lição que de certo não a tivera melhor em Coimbra na escola que lhe fundou seu pae. No verdor dos annos, amando com paixão a caça, não só esquecia nas mattas de Cintra os negocios importantes do estado, senão que, chegou a esquecel-os no meio dos proprios conselhos. Aqui, certo ministro respondendo-lhe com a severa censura a uma narração circunstanciada de uma caçada, terminou com estas palavras: Se vossa alteza quer acudir ás necessidades dos seus povos, e emendar os abusos, terá vassallos humildes e obedientes; senão... — El-rei perguntando colerico e prompto: senão o que? — Elles buscarão outro rei, replicou o ministro no mesmo tom. Foi grande o vassallo, que ousou: mas o rei mostrou-se muito maior, quando, caindo em si, confessou o erro, e se emendou.

Affonso IV e Affonso Sanches, *dois* Affonsos, *dois* irmãos estão em guerra: Sanches desbarata o Mestre d'Aviz, mandado contra elle; e faz as pazes a rainha Santa Isabel.

Mencionam n'este reinado *dois* casamentos feitos, e *dois* desfeitos. D. Beatriz, mulher de D. Affonso IV, faz com que Affonso XI de Leão desfaça seu casamento com D. Constança, filha de D. João Manuel, afim de receber D. Maria, sua filha; desmancha-se o casamento de D. Pedro, principe herdeiro de Portugal, com D. Branca filha de outro D. Pedro infante de Castella, e vem a casar o primeiro d'estes Pedros com D. Constança antes mencionada; sendo este *segundo* casamento concluido em Julho de 1340 pelo tratado de Santarem, depois de *duas* meias duzias d'annos, que se passaram em guerras ateadas pelo primeiro. D. Affonso IV em virtude d'este tratado achava-se na batalha de Tarifa ou Salado aos 30 de Outubro de 1340.

Camões suppõe que D. Affonso XI manda sua esposa D. Maria rogar a seu pae D. Affonso IV de Portugal que soccorra seu marido contra o exercito do rei de Marrocos; por isso diz:

Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a carissima consorte
Mulher de quem a manda e filha amada
D'aquelle a cujo reino foi mandada.

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados
Lindo o gesto mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados etc.

Foi ferida a batalha do Salado, faltando *dois* dias para terminar o mez, e *dois* mezes para terminar o anno de 1340, a que faltam *duas* vezes tantas dezenas para completar o seculo, quantas mostra o *segundo* algarismo do mesmo numero.

Fallecendo Affonso IV, ficaram reinando simultaneamente na peninsula *dois* reis *ambos* Pedros, *ambos* com egual epitheto; em Hespanha D. Pedro cruel, em Portugal D. Pedro crú. A este crú chamam tambem justiceiro, e conta-se d'elle, para justificar-lhe o titulo, a historia do *pedreiro*, por quem mandou matar o clerigo. D. Pedro cruel, depois de desenthronisado por Henrique, conde de Transtamara, vinha trazer a Portugal sua filha, para casal-a com D. Fernando, como tinha sido ajustado, mas este não a quiz receber.

Dois operarios, em *dois* reinados successivos, se tornam conspicuos: no de D. Pedro, um pedreiro justifica o epitheto que teve seu soberano de justiceiro; no de D. Fernando, successor d'este, um alfayate por nome Fernão Vasques (Fernando e Fernão) lhe amotina o povo por motivo do seu casamento com Leonor Telles. D. Fernando retira-se a Santarem, faz justiçar o alfayate, e acreditando na tranquillidade do povo, vae ao Minho celebrar publicamente suas nupcias.

D. Fernando rei de Portugal, e João duque de Lancastre, filho de Duarte III rei d'Inglaterra, foram *ambos* pretendentes á corôa de Henrique *segundo* rei de Castella; o duque João por direitos de sua mulher, D Constança, filha mais velha de D. Pedro, o cruel. Por Diogo Lopes Pacheco, que mandou a Lisboa, e pelo infante D. Diniz que se retirara de Portugal, soube Henrique as circunstancias d'este reino, e mandou a elle seu filho D. Affonso, com tropas, a invadil-o por uma parte, em quanto elle entrava pela outra. D. Affonso chegou até Cascaes; D. Henrique, até Lisboa; mas fez-se a paz, por intervenção do nuncio do papa. Findou tudo com *dois* casamentos: o infante de Castella D. Sancho, com a infanta de Portugal D. Beatriz; promettendo D. Fernando sua filha a D. Affonso, conde de Gijon, filho bastardo de Henrique, 1373. Mas como fallecesse D. Sancho, propoz D. Henrique seu filho natural D. Henrique para casar com a princeza de Portugal D. Beatriz; o que foi approvado pelas côrtes de Leiria.

Depois de *dois* casamentos, temos *dois* namorados. O infante D. João, irmão de D. Fernando, namora-se de D. Maria Telles, viuva de D. Alvaro Dias de Sousa, e irmã da rainha. Tramou esta uma intriga, cujo desfecho foi matar o infante aquella com quem por seu empenho casara, e retirar-se para Hespanha por evitar a vingança de seu cunhado, e a espada do Mestre d'Aviz que tambem procurava feril-o.

Falleceu D. Fernando em Santarem a 22 de Outubro, faltavam *dois* mezes para chegar ao fim do anno de 1384, tendo 44 de edade e havendo reinado 16 (4 vezes 4). Na *segunda* guerra que teve com os castelhanos creou *dois* grandes cargos: o de condestavel, que deu a Alvaro Pires de Castro; e o de marechal, que confiou a D. Fernando Coutinho.

No anno 1422 em que D. João primeiro mudou as datas de Augusto em datas do Nascimento de Christo, fez de *dois* infantes *dois* duques; D. Henrique, duque de Vizeu; D. Pedro, duque

de Coimbra; isto, para premial-os de como se tinham havido na conquista de Ceuta.

Ao infante D. Henrique devemos ligar *dois* factos notaveis, a descoberta da ilha da Madeira, e a fundação de Sagres.

Duas Leonores em Alemquer. Chegando o povo a declarar-se em favor do Mestre d'Aviz, e morto o conde de Andeiro, retirou-se Leonor Telles a Alemquer. Para este mesmo retiro se recolheu D. Leonor, esposa de D. Duarte, quando se viu na necessidade de entregar seu filho ao regente D. Pedro, a quem o povo obrigara a tornar para Lisboa, d'onde se havia apartado por desgostos que lhe dera o partido da rainha. A primeira Leonor falleceu encerrada em Castella por haver tramado uma conjuração contra a vida do monarcha; a *segunda*, tambem ali morreu, envenenada por D. Alvaro de Luna, havendo empenhado, para fazer guerra a Portugal, as joias que levara d'este reino.

Duas metades. Aos ministros que entendiam ser contraria ao commercio a lei de D. João II, que sómente ás mulheres permittia trazerem seda, oiro, prata, e pedrarias, respondeu este monarcha: vós enganaes-vos; porque basta que metade dos meus vassallos se trate com luxo, para a outra metade ter que fazer.

Durante a regencia de D. Pedro foram tratados *dois* casamentos. Esposou sua filha com D. Affonso V; e, mandando soccorros ao rei de Castella, capitaneados por seu filho D. Pedro a quem fizera condestavel, por morte de D. João seu tio, contratou D. Alvaro de Luna, entre si e o condestavel o casamento do rei de Castella com D. Isabel filha do infante D. João de Portugal: o que tudo depois confirmou o regente.

A esposa d'este Affonso seguinte a *dois* pares d'elles, falleceu em Evora aos *dois* do *segundo* mez do ultimo par d'elles em 1455; numero em que vem *duas* vezes o algarismo 5, sendo 14, valor de 2 vezes 5 mais 2 vezes 2. Suppõe-se que foi envenenada pelos inimigos de seu pae. Enterraram-na junto a elle no convento da Batalha; e para ali mandou D. Affonso vir tambem de Castella o corpo de D. Leonor.

Mais *duas* expedições á Africa por D. Affonso V. A *segunda* empresa de Tanger teve logar em 7 de Novembro (9) de 1463 (9 vezes 7 e 2 vezes 7). Foi D. Affonso V acompanhado de seu irmão D. Fernando, duque de Vizeu; de D. Pedro, condestavel, duque de Coimbra, filho do conde de Vianna que lá ficou morto, por querer livrar o rei de ser feito prisioneiro. Depois d'esta empresa mallograda de Tanger, o condestavel D. Pedro, é convidado pelos catalães para seu rei; passa por muitos trabalhos; e morre. Foi nomeado em seu logar, condestavel, D. Fernando, duque de Vizeu. Este infante commanda a outra expedição de Tanger, e toma Anafé, vindo a fallecer no anno seguinte 1470 aos 18 de Setembro; isto é, a 2 vezes 9 dias de *Setembro*, *sete* annos depois da anterior expedição que foi em 1463.

Queixoso o duque de Bragança de que D. João II tivesse quebrado certos privilegios da nobreza, e continuando, depois de reprehendido pelo soberano, em suas intelligencias de conspiração, com Castella, é mandado prender; processado em Evora, e ali publicamente degolado. O marquez de Montemor, e o conde Faro foram tambem declarados traidores, e tiveram confiscados seus bens. De outro duque (o de Vizeu), tempos depois, soube D. João II, em Santarem, pelo irmão de certa dama, com quem o bispo de Evora tratava amores, que conjurava contra sua vida; e, mandando-o chamar a Setubal, tomando-o á parte, como para communicar-lhe certo negocio, fallando-lhe da conjuração, o estendeu morto a seus pés, com uma punhalada. Este duque de Vizeu era irmão da rainha, esposa do mesmo D. João II.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXXXVIII.

De como ordenou o marquez mandar tomar a ilha do Faial, e as mais.

Estava na ilha do Faial por capitão mór um mancebo solteiro, por nome Antonio Telles, fidalgo e bem creado, e na ilha de S. Jorge um João Velho, por capitão-mór. Nesta cidade estava um Gonçalo Pereira, homem nobre da ilha do Faial, que tinha habito de Christo do Sr. D. Antonio, e Gaspar Gonçalves de Utra, que dantes fora capitão-mór da dita ilha do Faial, e estes dois homens, como eram possantes de bens temporaes, e os mais poderosos da dita ilha, e aparentados, diceram ao marquez, que elles queriam ir na armada que fosse ao Faial, e que se atreviam sem guerra fazerem entregar a ilha, e o Faial entregue nas outras não havia que fazer. Agradeceu-lhes muito o marquez, e lhes prometteu de lhes fazer mercês. Mandou o marquez ir todas as galés, que eram dez, e muitas caravelas pequenas, e mandou metter tres mil soldados, e foram ao Faial logo direitos, mandaram a terra dizer que a Terceira estava entregue, e que de todo tinha já dado obediencia a el-rei D. Filippe, e que o tinham já jurado por rei, que se entregassem sem guerra. Não o queriam crer: diceram, que não, que haviam pelejar. Quando o capitão-mór, que ia por general da armada, viu a contumacia, e pouco aviso da gente, mandou botar em uma barquinha o dito Gonçalo Pereira, e Gaspar Gonçalves de Utra, e os mandou botar em terra, em uma ponta onde não apparecia gente, para irem por terra a os desenganar. A gente vendo da terra ir a barquinha, foram-se lá alguns homens de pouco respeito, e em pondo os pés na arêa o Gonçalo Pereira elles

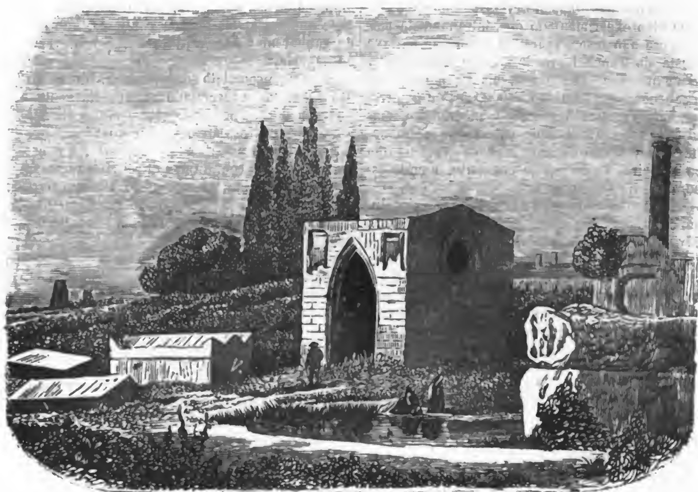
o passaram a estocadas e o mataram; e estando Gaspar Gonçalves d'Utra em pé para saltar após elle, se reteve e não saltou, porque tivera a mesma desgraçada sorte. Vendo o capitão-mór da armada e gente os desatinos botou logo tres mil soldados em terra, que para isso levava, e tiveram escaramuça, mas como a gente estava della de um parecer, e della de outro, facilmente foi a terra tomada e rendida, com alguma morte de gente, mas não muita, e os portuguezes se retiraram ao morro. O capitão-mór foi tomado, o qual foi em ajuda da morte de Gonçalo Pereira, e lhe cortaram a mão direita, e o enforcaram, podendo elle entregar a ilha sem guerra, e ainda o marquez lhe fizera mercês, que poder trazia para tudo. Depois da ilha de todo rendida e tomada, as mais ilhas se entregaram logo, e deram á obediencia, e levantaram por rei a D. Filippe, e não houve guerra em nenhuma das outras ilhas, que eram a ilha de S. Jorge, do Pico, Graciosa, Flores, e ilheo do Corvo.

LXXXIX

De como foi preso e tomado Manuel da Silva

Como Manuel da Silva estava odioso com a gente da ilha pelo estado em que a poz, e não era della embarcado, não podia escapar, porque os que estavam saqueados, e as mulheres viuvas, e os maridos de outros presos para os matarem, e outros para desterrarem, toda a ilha, e as mais estavam contra elle, desejando de o tomarem para o entregarem á prisão. Sendo elle assim bem buscado pela ilha mudou os vestidos e se vestiu á castelhana, e se metteu entre os soldados fallando castelhano; determinando de se metter desta maneira na armada por soldado dos que nella vinham. E vindo assim fallando com um capitão e soldados que o buscavam, e o traziam comsigo, perguntando a todos por elle, e elle lhe ajudava a perguntar, detendo o capitão té entrar de noute na cidade, para não ser visto da gente della, porque vendo portuguez buscava fingimento para não olhar para elle direito, encontrou o capitão uns soldados, que traziam cativa uma mulata, e se poz a fallar com elles, dizendo, que tinha já gastado dois dias em buscar o conde sem o achar. A mulata conheceu-o logo, e elle que a via olhar para elle e sorrir-se; temorisado della punha as mãos nos beiços, que calasse. Comtudo, como a mulata viu a occasião que lhe succedia para ser forra, e a empreza de que estava senhora, temendo-se que outrem o descubrisse e ella ficasse perdendo seu interesse, chamou o capitão de parte, e lhe dice: *V. m. que me fará se eu hoje lhe der o conde Manuel da Silva preso, porque bem sabe o marquez o que tem promettido a quem o der.* O capitão não suspeitou que elle ia na companhia; ficou alvoroçado e contente; dice á mulata: *Se tu isso fazes eu te prometto liberdade, e te dou minha palavra, e alem disso te darei dinheiro para remediares tua vida.* Tomou-lhe a mulata a mão e foi a pegar pela aba da roupeta a Manuel da Silva, e disse: *Capitão, vedes aqui o conde Manuel da Silva!* Elle ficou morto e enfiado. Desceu-se logo o capitão do cavallo, tirou o chapeo, e com muita cortezia dice: *Vossa Senhoria esteja preso.* E mandou aos soldados que se descubrissem: todos ficaram como pasmados. Dice Manuel da Silva á mulata: *Se tu me tiveras segredo o que se te offerece dobrado to houvera de dar.* Dice a mulata: *Sr. conde, bem lancei eu em mim toda essa conta, mas vossa excellencia houvera de ser descuberto por outros, e não houvera de escapar, porque a gente da terra está mais imiga delle que os soldados castelhanos, e eu perdia a occasião de minha liberdade, e vossa excellencia me perdoe.* Dice o capitão: *Vossa senhoria ha de subir no cavallo, porque eu hei de ir a pé por seu estribeiro, que é honra que recebo, e me tenho por mais ditoso, e venturoso de quantos capitães vem nesta armada.* A mulata fallava-lhe por excellencia, porque sabia que assim lhe fallavam d'antes. Dice Manuel da Silva: *Iremos ambos a pé e um soldado levará o cavallo pelo freio:* e como havia passar por mattos e ligeiramente podia o ditto Manuel da Silva transmontar-se por elles, não quiz o capitão, mas não lhe deu isso a entender, e lhe dice: *Antes com licença de vossa senhoria eu irei nas ancas.* Manuel da Silva por todos os modos o entendia, porque era bom homem de cavallo, e melhor escapuliria nelle; dice: *Sr. capitão bem entendo a V. m. Faz muito bem de não pôr em risco de lhe fugir a empreza. Nenhum aggravo V. m. faz em segurar o preso, mas só de uma cousa me espanto. O marquez tanto desejou de me prender, eu o mereço, porque elle não ganhou a Terceira, eu lha dei.* Dice o capitão: *Pois vossa senhoria porque a não dava sem guerra e pacificamente e não por outra ordem? — Porque* (lhe respondeu) *me não attrevi com o povo que receei de se alvoroçarem contra mim, como fizeram com um fidalgo chamado João de Bettencourt: e notorio é eu entregal-a agora, de que estão os moradores da ilha contra mim, que todos tenho por inimigos, e não achei quem me tivesse segredo para estar escondido, antes me buscavam.* A cavallo veio té á cidade, e o capitão nas ancas, e os soldados ao redor desbarretados, e deante vieram alguns dizel-o ao marquez, e mais foi a festa dos moradores da ilha que dos castelhanos, e foi outro cavallo para o capitão. E como vieram dentro das guardas se desceu o capitão das ancas e tomou outro cavallo, e na entrada da cidade começaram as mulheres a clamar contra elle, dizendo, que a rasto o haviam levar, que era um judeu, que botou a ilha a longe, e fez todos os males. Ouvindo elle isto dice: *Tragam-me cá aquellas chocalheiras.* Foram alguns soldados apoz ellas: esconderam-se. Elle vinha muito seguro, e com bom doairo. E a clamação contra elle grande, e cedo o pagou o desgraçado Manuel da Silva, e logo foi mettido em uma galeota.

Continua.



ALISCAMPS.

Arles tinha antigamente, como Roma, o Elyseu situado dos dois lados da estrada Aureliana, não longe das margens do Rhodano. Sobre a extensa planura dos *Campos Elisios*, d'onde deriva o nome d'*Aliscamps*, o chão está ainda juncado de tumulos antigos, ainda que ha muito tempo bastantes sarcophagos, dedicados pelo amor conjugal, pela ternura fraterna ou pela piedade filial, tenham sido arrebatados para servirem em usos domesticos, para guardar vinho, agua ou azeite; para a lavagem de roupa, e preparação do salitre que tem consumido os ornatos.

DOIS CONTRABANDOS.

I

IMPORTAÇÃO.

— Leva arriba... leva arriba!

— Que temos, patrão? Que ha de novo?

— Vae acordar o Mauricio, e apromptem a barqueta, que eu vejo um ponto negro no horisonte, muito perto das *Desertas*, a pairar... não pode ser senão o *Rapido*.

— Então temos pechincha?

— Não tens ficado satisfeito das outras vezes?

— É verdade; o patrão paga como um principe russo, ou como um lord inglez!... Vamos a isto.

E saltando da sua macia cama de palha, o barqueiro Joaquim envergou á pressa um collete, poz na cabeça o classico gorro de villão, e descendo como um gamo pela calçada da *Pontinha*, foi bater á porta de uma miseravel casa, similhante á que elle proprio habitava.

—Mauricio, arriba, clamou o barqueiro, dando estrondosos murros na fragil porta do seu camarada; arriba, que temos serviço de alto mar.

—Ahi vae, ahi vae: respondeu de dentro Mauricio.

E em menos de dois credos appareceu a porta da rua, trajando quasi como o seu camarada, isto e, camisa e collete, calça larga e curta, tudo de chita listrada; em vez, porém, do barretinho de villão, que só cobre o alto da cabeça, o novo interlocutor trazia um velho e roto chapeo de palha americana.

—Saltem á barqueta, disse o homem, a quem Joaquim chamara *patrão*, e que era um gordo burguez, de mais de cincoenta annos de edade: vão reconhecer aquelle navio, e se fôr o patacho *Rapido*, recommendem ao capitão que esta noite mesmo desembarque o contrabando. Em sendo uma hora estarei prompto com a nossa gente em *Camara de lobos*.

—Prompto, prompto, bradaram a um tempo

os dois barqueiros; e correndo para a *Pontinha*, desamarraram a barqueta, e fizeram-se ao largo na direcção das ilhas Desertas.

O olho experimentado do contrabandista madeirense não se enganara. O navio que pairava ávista do Funchal era de facto o *Rapido*, elegante patacho, que não desmentia pelas obras o seu nome de baptismo. Em gaveas e bojarrona, fingia querer demandar o ancoradoiro, mas só enganaria quem nada entendesse de manobra naval, o que succede a pouca gente na ilha da Madeira. Como porém era noite, e noite escura, podia trapacear.

A barqueta deixava atraz de si um sulco luminoso, na rapida carreira em que se dirigia ao navio, e em menos de duas horas estava atracada com elle. Reconhecendo o capitão, os barqueiros deram o seu recado, e os escaleres e lancha que já estavam no mar, receberam uma valiosa carga de differentes objectos francezes e inglezes; a sua tripulação, armada até aos dentes, lançou mão dos remos, e dirigiu as embarcações para Camara de lobos.

Esta pequena povoação fica, como todos sabem, pouco distante do Funchal para o lado de oeste, e tem um seguro portinho em forma de lapa ou *camara*, talhado pela natureza na rocha viva, onde o descobridor Zargo encontrou e matou alguns lobos marinhos, afugentando de tal forma estes temiveis hospedes, que nunca mais voltaram áquella paragem.

Cerca de uma hora da noite aproximaram-se da lapa as embarcações, e encontraram promptos os contrabandistas; mas tambem acharam alerta os guardas da alfandega, o que nem sempre acontece.

O *patrão* (a quem chamaremos Bittencourt, por exemplo) já estava dentro de uma barqueta, e informado de que os guardas fiscaes não dormiam, tinha traçado um audacioso plano. Dirigindo-se para a bocca da camara, atracou á flotilha, e fallou á sua guarnição n'estes termos:

—Os malsins estão álerta; creio que houve denuncia; mas já não é tempo de mudar o ponto de desembarque, nem convém tampouco adial-o. Ali (continuou, apontando para um dos lados da povoação) estão reunidos os guardas; é necessario por consequencia fazer o desembarque acolá (e apontou para a'outra extremidade da villa). Não ha tempo a perder: seis homens bem armados saltam na barqueta do Joaquim, e vão simular um desembarque na rocha, ao lado da casa onde estão os da alfandega, e sustentarão fogo com elles, que não pode ser mortifero, visto a noite estar escurissima, e como tal impropria para fazer boas pontarias; entretanto, com o resto da gente, faremos o desembarque das fazendas no local em que os meus homens estão promptos. A seus postos!

—Mas eu é que me não ajustei para entrar em fogo, objectou Mauricio.

—Nem eu, accrescentou Joaquim.

—Não se admittem reflexões, tornou o sr. Bittencourt, com a decisão de um chefe de salteadores ou de piratas. Pega em remos, ou manda-os deitar ao mar. Salta para a barqueta amigos; queremos seis rapazes corajosos, que hão de ganhar uma boa gratificação. E nós, vamos ao negocio.

Seguiu-se completo silencio; o sr. Bittencourt era conhecido e respeitado por aquella gente, a quem já dera, por varias vezes, muito dinheiro a ganhar. Os escaleres, pois, e a lancha encostaram-se todos aos rochedos do norte, e a barqueta coseu-se com a terra do sul. Os remos faziam pouca bulha, porque os tolêtes iam forrados de lona.

Não tardou que se ouvisse uma voz forte bradar distinctamente:

—Ó da embarcação, que buscas?

Da barqueta não responderam a este primeiro interrogatorio dos fiscaes da alfandega.

—Ó da embarcação, não ouves?

Repetiu a voz: e como ainda não obtivesse resposta, bradou:

—Fogo sobre elles!

Um rapido clarão e o assovio de uma bala seguiram de perto aquella ordem. Os da barqueta corresponderam civilmente com outro tiro, tão inoffensivo como o primeiro.

Como batedores de campo, emquanto se preparava uma embarcação da alfandega, vieram quatro dos guardas, saltando de penedo em penedo, reconhecer melhor a embarcação, que não podia deixar de ser contrabandista, pela concisa resposta que dera á sonora pergunta dos fiscaes da alfandega, attendendo a não haverem já piratas.

—São poucos, disse um marinheiro para os seus companheiros, e estão á queima roupa; vamos a fazer boa pontaria a estes, emquanto não chegam mais; e veremos quem caça melhor.

—Não faça tal, atalhou Joaquim, segurando a clavina do marinheiro, já engatilhada para matar um innocente; não faça tal: elles cumprem o seu dever, nós é que não cumprimos o nosso.

—Cala-te ahi, fracalhão, que la me fizeste perder uma boa pontaria; por tua causa deixei de matar aquelle morcego.

—Ó da embarcação... atraca! Tornou a bradar um dos guardas.

D'esta vez foi da barqueta que romperam as hostilidades: seis tiros successivos foram disparados sobre os fiscaes da alfandega; mas não tardou que quatro tiros simultaneos respondessem áquelles, partindo d'entre os cortes das penedias.

Estabeleceu-se em seguida um rijo tiroteio entre os guardas e os contrabandistas, mas sem haver ferimentos de parte a parte, graças á escuridão da noite. A povoação inteira acordou assustada ao som da fusilaria.

Depois de uma hora de combate, e sem que tivesse acudido á rocha mais nenhum guarda, de reforço aos seus camaradas, viram da bar-

queta que se aproximava uma embarcação.

—Deve ser algum dos escaleres, diziam entre si os marinheiros, e na verdade que já tiveram bastante tempo para desembarcar o contrabando... não era elle tão pesado! Rendas, sedas, relojos, bugigangas...

Raciocinavam assim, pouco mais ou menos, quando a embarcação desconhecida, que era de *bom pé* pelo que se via, chegou a meio tiro de pistola da barqueta.

—Rendam-se, bradou uma voz forte, no meio d'aquella sinistra mudez.

—Estamos perdidos, responderam em côrò os marinheiros, com desanimo; mas logo cobrando valor:

—Aos remos, gritou um d'elles; força de remos, Mauricio e Joaquim, vogar para fora d'esta maldita lapa, a ver se escapamos ainda; e nós, camaradas, fogo e mais fogo sobre estes perros de malsins.

Tudo se executou á risca. Uma descarga cerrada varou o escaler da alfandega; e um d'estes gritos pungentes, que a dôr arranca até ao mais valente dos homens, eccoou por todo o porto.

—Já lá fica um ferido, ou talvez morto, disse com indifferença o marinheiro que se arvorara em chefe; carrega as espingardas, e mais fogo... Puxa pelo remo, *mogango!*

Não era preciso tal recommendação aos barqueiros n'aquella hora; puxavam quanto podiam; os remos vergavam como vimes sob as suas mãos calosas.

Porém o escaler da alfandega tambem andava ligeiro, e o fogo das espingardas dos fiscaes não cessava um só momento. Os quatro que estavam nas rochas iam saltando como cabras sobre as pontas das penedias, e fazendo fogo de vez em quando contra a barqueta, que seguia perto da costa.

Era horrivel este combate nas trevas! E mais horrivel se ia tornar ainda!

—Estica!... Estica! clamava o marinheiro-chefe, animando com a voz os remadores, e carregando ao mesmo tempo a clavina. Vá, que já estamos livres d'aquelles diabos da rocha, e galgada a bocca da lapa! Rema força, que o mar está *padre e madre*... Pica a voga!

De facto tinham-se afastado da terra, e já nenhum mal lhe faziam os que lá ficavam; porém os do mar estavam quasi costado com costado.

—Rende-te! bradou outra voz differente da primeira.

—Qual render! E então agora que nos chega soccorro!... Fogo n'elles, camaradas, que ahi estão os nossos.

A lancha e os escaleres do *Rapido*, destacando da terra n'esse momento, saiam da bocca da camara, e mettiam a fiscalisação entre dois fogos.

Os recem-chegados disseram logo a que vinham com uma surriada de fusilaria.

Novos ais se ouviram a bordo do barco da alfandega, porém outro grito de agonia se escapou da barqueta; era Joaquim o barqueiro que caira ferido em um braço.

Aproveitando um momento que a barqueta ficou sem governo, o escaler da fiscalisação fez um supremo esforço, aproou a ella, e deu-lhe abordagem

Em vista do grande numero de gente que trazia o escaler, os marinheiros tomaram uma resolução desesperada, e executaram-na com a rapidez do pensamento; lançaram-se todos á agua, e nadaram para junto dos seus companheiros de bordo.

Só Mauricio ficou na barqueta ao lado do seu camarada, a quem não quiz desamparar.

O chefe da fiscalisação e mais dois guardas e um remeiro estavam mais ou menos gravemente feridos.

Tomada a barqueta, dirigiu-se o escaler para as outras embarcações; porém aquellas, apenas recolheram os marinheiros, içaram a um tempo as velas, e aproveitando o vento que era de feição, desfilaram por diante do inimigo, dando-lhe a ultima descarga, e safaram-se para o largo.

Chegando a bordo do *Rapido*, metteram a lancha dentro, puzeram os escaleres nos turcos, e marearam no bordo das Canarias.

O commercio de *importação* estava feito; faltava o de *exportação*. Descarregara; precisava carregar de novo; mas do mesmo modo, sem dependencia da alfandega.

O capitão levava instrucções para d'ali a oito dias estar em frente de *Porto-Moniz*, na costa do norte da mesma ilha da Madeira. O consignatario do navio, o sr. Bittencourt, lá devia apparecer. Entretanto o *Rapido* ia avistar o pico de Tenerife, por simples distracção, e viraria a tempo na volta do norte para não faltar ao *rendez-vous*.

O sr. Bittencourt ficou em terra em Camara de lobos; não lhe chegou ao nariz o cheiro da polvora, na occasião do tiroteio; e tendo disposto o seu *negocio* convenientemente, partiu antes da madrugada para o Funchal.

N'esse mesmo dia chegaram tambem á cidade os dois barqueiros presos; confessaram tudo; e o honrado sr. Bittencourt foi mettido na cadêa...

Não foi nada! No dia seguinte deu fiança, e estava na rua. D'ahi a seis mezes absolveram-no os jurados por *falta de provas*. Hoje é director de uma alfandega, ou coisa similhante.

Mas o conto não está acabado.

Ponho aqui ponto á primeira parte, e peço a benevolencia dos leitores para a segunda, que naturalmente apparecerá na proxima semana.

Continua.

F. M. Bordalo.

Ordinariamente os maiores inimigos dos homens, que se acham no poder, são aquelles que desejam subir a elle.



PORTA TRIUMPHAL NA ESTRADA DE MOSCOW.

Ha trinta annos a viagem de S. Petersbourg a Moscow era uma empresa tão custosa quanto de muita despeza; entre as duas grandes cidades só existia um caminho egual ao que se encontra n'outras partes do interior do imperio, coberto n'alguns sitios de traves assentadas transversalmente, e cortado quasi todo de fundas rodeiras. Só o inverno com os seus montes de neve aplanava as asperezas de simillhante estrada, que depois o degelo e as chuvas punham intransitavel. Era preciso tres semanas para andar os setecentos e setenta kilometros que separam da nova a antiga capital da Russia, e estragava-se uma carruagem nova n'este trajecto.

Agora, porém, uma calçada magnifica, um tanto dura por causa da natureza dos materiaes empregados, mas bem construida e conservada, percorrida diariamente por onze diligencias, a mala-posta, e innumeravel quantidade de carroças, liga as sobreditas duas cidades com facil communicação, de maneira que na mala-posta, partindo n'uma tarde de S. Petersbourg na manhã do terceiro dia está-se nas barreiras de Moscow.

Obra de tres quartos de legua distante das portas de Moscow acha-se o castello de Petrofski, palacio de uma construcção pesada, feita de tijolos toscos, n'um gosto extravagante, que mandou edificar Catharina II; a fórma é quadrada como um dado, o que não torna mais grandiosa a sua apparencia geral; está sobrecarregado de ornatos que com a sua côr branca resaltam do vermelho das muralhas, estes enfeites de massa de gesso, como é de presumir, e não de pedra arremedam o gothico, porém de mau estylo. Aqui faz alto o soberano quando tem de fazer entrada solemne em Moscow.

Ao contrario do edificio extravagante, que acabamos de mencionar, ha na mesma estrada, do lado de S. Petersbourg uma elegante obra moderna, que é a porta acima desenhada.

M.

OS INDIOS PERANTE A NACIONALIDADE BRAZILEIRA.

(PAGINAS DE UM LIVRO INEDITO.)

Conclusão.

6.º *Ponto*. Se o emprego da força era necessario, se era indispensavel, claro está que n'esse emprego alguns desmandes deviam occorrer; pois tal é a condição da nossa fragil humanidade que de nada sabe usar, sem abusar. Abusam os governos; abusam as justiças e até os tribunaes; abusa a força armada, convertendo-se ás

vezes no estado em guardas pretorianas; abusam os superiores; abusam os mesmos cidadãos da confiança dos seus eguaes. Não negamos pois que se commetteriam abusos: o que porém affirmamos e que esses abusos, em parte foram apresentados com exageração ante a Europa, e em parte cresceram na mesma America, em virtude das proprias ordens contradictorias das metropoles, quer para empregar-se a força, quer para não se fazer d'ella uso. Demonstremol-o.

Pelo que respeita á exageração ante a Europa, já foi ella advertida judiciosamente por um dos escriptores de bom criterio n'este seculo; — o illustre conde José de Maistre: ouçamol-o. «Duas causas bem differentes contribuiram a fazer que se julgue menos exactamente do estado dos selvagens: uma é antiga: a outra pertence aos nossos tempos. — Foi a primeira a immensa caridade do clero catholico que por vezes substituiu os proprios desejos á realidade... Do meio dos desertos banhados de seu suor e de seu sangue, voavam, a Madrid e a Roma, ecclesiasticos a implorar decretos e bullas contra a avidez dos que desapiedadamente pretendiam reduzir os indios á servidão. Por misericordia exaltavam estes para os fazer valer mais, attenuavam o mal, exageravam o bem, diziam tudo quanto desejavam: emfim Robertson, que não é suspeito, adverte-nos, na Historia da America, de que cumpria *desconfiar em tal assumpto de todos os escriptores que haviam pertencido ao clero, visto que eram geralmente demasiado favoraveis aos indigènas.* — A segunda causa de taes juizos falsos se encontra na *philosophia do nosso seculo*, que se serviu dos selvagens para *assoalhar suas vãs e culpaveis declamações* contra a ordem social. Porém pouca attenção basta para nos *ter prevenidos contra os erros da caridade e contra os da má fé*... (1)

Quanto ás ordens contradictorias das metropoles ácerca dos indios, appellamos para os textos d'ellas mesmas; — para toda a nossa legislação antiga e moderna a tal respeito. Em toda ella, excepto só na do tempo d'el-rei D. João VI, falta coherencia de principios, e falta franqueza; falta saber governar com o conhecimento dos homens, e a força de profundas convicções proprias. As leis eram feitas já sob o influxo do pedido dos povos; já sob o dos ecclesiasticos; faziam-se e revogavam-se; tornavam a pôr-se em vigor e logo se annullavam. A legislação a tal respeito resultava absurda; e todos sabemos que as leis absurdas produzem muitos mais males que as leis mais crueis: de uma legislação absurda só podia resultar (como tambem succede entre nós) a anarchia e a tendencia a procurar cada qual a justiça por suas proprias mãos; — e justamente porque faltava a força para conter os oppressores, e os opprimidos; cujos papeis aliás ás vezes se trocavam.

6.º *Ponto*. Se quereis saber que elemento de povoação predomina actualmente no Brazil, percorrei as cidades e as villas. Vereis brancos de typo europeu, vereis alguns negros, vereis gente procedente d'estes dois sangues, e raramente, n'uma ou n'outra figura, encontrareis rasgos physionomicos do typo indio, aliás por si bem distincto. E isto não porque se exterminasse esta raça, porém sim porque eram os indios em tão pequeno numero no paiz que foram absorvidos physicamente pelos outros dois elementos, como o foram moralmente. Isto pelo que respeita ao presente. Quanto ao futuro meditae no desejo que tendes de promover a colonisação europea, na necessidade reconhecida de a favorecer, e nas providencias que já se estão para isso tomando, e dizei se a nação futura poderá ser india ou conga.

Penetrae agora no seio das familias. Encontrareis todos os appellidos da Europa. E se ha alguns do paiz foram adoptados modernamente, em vez ou apar dos europeus que designavam o sangue dos avós. — Dirigi-vos ao pae, á mãe, aos filhos, aos criados em guarani. Ninguem vos entenderá. Pronunciae alguma palavra africana. Chamar-vos-hão algum dos escravos menos ladinos para ver se vos entende. Perguntae a cada qual como se chama. Proferir-vos-hão nomes de santos do kalendario. E concluireis d'ahi que não sois *brazileiros?* — Que Portugal ou a Hespanha vos *dominam* ainda moral ou intellectualmente? — Que absurdo! Fôra como dizer que continua sob o dominio materno o filho de todo emancipado, só porque se parece, como é natural, á propria mãe na cara e no genio, e porque tem os mesmos habitos, falla a sua lingua e pratica identica religião! Pois se o verdadeiro e real *brazileirismo* é isso mesmo que vêdes! Se o nome de brazileiro não foi inventado senão para designar os civilisadores do Brazil pelo commercio europeu, que a principio só o fazia a troco do pau *brazil*, palavra por certo não da America. E por outro lado se bem ponderamos a condição dos proprios selvagens de hoje, elles nem sequer são *subditos* do Brazil.

Não pretendamos pois fazer presente á nação d'aquillo mesmo que, em particular, para cada um de nós não tomamos. — Porque jus havemos de querer fazer a nação cabocla, antes de começarmos por blazonar de ser caboclos na gemma, e de proceder exclusivamente de caboclos? Ainda quando o fizessemos, quando deixassemos os appellidos de nossos paes, ficavam-nos religião e o governo, a lingua, as leis.... todas as heranças da civilisação de mais de tres seculos.

(1) «Como as substancias mais abjectas e mais revoltantes (prosegue este autor), são ainda susceptiveis de certa degeneração, assim os vicios naturaes da humanidade são ainda *viciados* no selvagem, que é ladrão, cruel, dissoluto; mas d'outra forma que os mais homens. Para ser criminosos, nós vencemos o nosso natural; o selvagem segue-o; tem do crime o appetite, não os remorsos. E emquanto o filho mata o pae para arrancal-o aos dissabores da velhice, a mulher destroe o fructo de seus brutaes amores para se poupar á fadiga de amamental-o. Arranca os cabellos ensopados no sangue do inimigo vivo; atassalha-o, assa-o, e o devora, cantando; e, se topa licores fortes, bebe até á embriaguez, até á febre, até á morte, sem os temores que dá a razão, nem o asco que aparta os animaes pelo proprio instincto.»

Quereis saber o que é a nação brazileira? Olhae para o proprio brazão d'armas que a symbolisa. N'elle vereis a esphera armillar, significando a origem da dynastia e a do estado, e n'elle vereis tambem a cruz da ordem de Christo, que representa por si só a historia da civilisação do paiz. E isto não escripto n'este ou n'aquelle idioma, inintelligivel aos demais povos; mas apregoado na bella linguagem heraldica, composta de hierogliphicos, que constituem, nos feitos historicos, uma especie de pasigraphia ao alcance de todas as nações civilisadas.

7.° *Ponto*. Claro está que, se o elemento europeu é o que essencialmente constitue a nacionalidade actual, e com mais razão (pela vinda de novos colonos da Europa) constituirá a futura, é com esse elemento christão e civilisador que principalmente devem andar abraçadas as antigas glorias da patria, e por conseguinte a historia *nacional*. Abrace embora exclusivamente os africanos e a sua causa o historiador do captiveiro, impiamente importado, d'esses infelizes; abrace ainda mais ternamente os indios, e defenda, com o allucinado P. Las Casas, a resistencia que oppozeram e oppõem a libertar-se da escravidão da anthropophagia selvagem, em que jaziam e jazem, o historiador dos indios;— a historia da actual nação,—a historia *geral da civilisação* do Brazil, deixaria de ser logica com o seu proprio titulo, desde que aberrasse de sympathisar mais com o elemento principalmente civilisador.

Um indio que escrevesse a historia *da conquista* não teria que cansar-se muito para nos dizer que *para elle* tudo quanto haviam feito os europeus fôra violencia, illegitimidade, usurpação; e com inscrever estas tres palavras no frontispicio de um livro em branco satisfaria a sua missão, sem rebuscar documentos nos archivos *inimigos;* pois que lhe faltaria tempo para contar-nos a miseria, degradação e anthropophagia dos seus.— Eis a historia *nacional* se os indios do matto conquistassem todo o Brazil, e se este tivesse por chefe a um Ambiré e por armas uma frecha india espetando a caveira de um christão.

Um infeliz africano, que escrevesse a historia do captiveiro hereditario, poderia tambem compendiar a sua obra exclamando: Engano, crueldade e escravidão!— E n'estas tres palavras se deveria resumir a historia da republica de Haity, anterior ao actual dominio n'ella da raça africana, se a sua forma de governo, os seus codigos, e a sua lingua permittissem ao historiador haityense renegar de todo da civilisação franceza.

Fora está do nosso animo a idéa de que na historia geral da civilisação do paiz não há que attender e muito aos elementos da povoação india e africana. E appellamos em prova para esta mesma obra; em que se encontram a tal respeito os trabalhos de mais originalidade e a que votámos mais estudo, maximè em quanto respeita aos indios, cuja lingua estudámos de proposito para este fim. No Instituto Historico do Rio, propuzemos (1) a creação da secção da ethnographia que n'elle existe, defendemos com afinco, que alguns qualificaram de exagerado, a necessidade do estudo (2) das linguas indias, e escrevemos até estas palavras; (3) «Convém que todos estejamos persuadidos que o nosso passado, o actual imperio mesmo interessará tanto mais ás outras nações civilisadas e instruidas quanto mais longe pudermos fazer remontar, *não as fontes da nossa historia*, mas os mythos de seus tempos heroicos,— mas as inspirações de sua poesia.» D'aqui até adorar historicamente a selvageria vae muita distancia. Nós tambem estudámos tudo quanto respeitava aos hollandezes, e sem embargo não sympathisamos com o seu dominio e applaudimos a sua expulsão.

Porém entenda-se: consignando que o elemento portuguez predominou como principal civilisador não affirmamos que a nossa nacionalidade não tem um cunho especial, (e o contrario fizemos ver) provindo do influxo dos proprios indios, dos africanos e dos hollandezes. Até pela adopção de muitas palavras que fizemos timbre de empregar n'esta obra o confirmámos. Tambem as linguas do sul da Europa guardaram palavras celtas, phenicias, carthaginezas, gregas, godas e arabes, e não ostentam de celticas, nem de phenicias, nem de carthaginezas, nem de gregas, nem de godas, nem de arabes. Alguns europeus, e principalmente francezes, pretenciosos até de darem, como fez De Prat, leis para a America, que de ordinario apenas conhecem superficialmente, imaginam aproximações dos indios com os civilisadores europeus, segundo elles identicas ás dos germanos e gallos com os conquistadores romanos. — Nem que os germanos e os gallos fossem anthropophagos, como os indios do Brazil, que aliás eram nomades e não cultivadores proprietarios do paiz, como os germanos e os gallos. A aproximação seria quando muito menos disparatada se os comparassem aos miseros povos da Italia antes do reinado de Saturno, mais verdadeiro do que talvez cremos, ou aos embrutecidos rutulos, antes da colonisação da terra lavinia pelos troyanos, dirigidos, segundo a poesia da fabula, por Eneas. Mas note-se que, tanto o influxo de civilisadores troyanos era considerado gloria da patria pelos romanos, que a sua epopéa nacional, — a *Eneida* — não teve outro fim mais do que cantar essa vinda de colonos de além-mar, que dera á Italia a geração dos latinos e chefes albanos:

«Genus undè Latinum
Albanique patres.»

D'esta mesma forma as sympathias, tanto actuaes como do passado (que são as historicas) dos subditos brazileiros sensatos estão pelo elemento civilisador, e com mais razão por

(1) Rev. do Inst., III, 62.
(2) Rev. do Inst., III, 53 e 130.
(3) Rev do Inst, XII, 370.

elle devem estar as dos europeus, que não queiram distinguir-se por idéas extravagantes. Isto independentemente dos naturaes sentimentos de piedade pelos nossos proprios antepassados e irmãos em Christo, a quem devemos respeitar no silencio do sepulchro, quando nenhuma justiça condemnou em vida, e quando pelo contrario em geral obraram segundo as idéas do seculo, e segundo julgaram de seu dever perante Deus e os homens.

Em resumo: os indios não eram donos do Brazil, nem lhes é applicavel como selvagens o nome de *brazileiros:* não podiam civilisar-se sem a presença da força, da qual não se abusou tanto como se assoalha; e finalmente de modo algum podem elles ser tomados para nossos guias no presente e no passado em sentimentos de patriotismo ou em representação de nacionalidade.

Cremos que estas verdades que antes eram para nós, e para muitos outros, apresentadas como por intuição ao espirito, acabam de ser systematicamente formuladas de um modo claro e facil de ser defendido pelos philosophos, pelos jurisperitos, e por conseguinte por historiadores mais consummados e talentosos que nós. Quanto aos politicos, principalmente europeus, as scenas de 1792 e de 1848 foram sufficientes para os desenganar do que é o homem sem os vinculos que o subjeitam civil, moral e religiosamente.

Ostente pois embora falsamente, á custa dos indios, o escriptor estrangeiro e não christão, todo o luxo de pseudo-philantropia que sacie o seu Rousseauniano enthusiasmo philo-selvagem; um historiador nacional e christão tem outros deveres a cumprir: e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Ramalhos, dos Lemes, dos Paes, dos Rendons, dos Toledos e de outros que alargaram, á custa de victorias sobre os bugres ou indios barbaros, as raias da civilisação da patria dos dois Gusmãos, e de tantas illustrações, que contribuem não pouco á gloria do imperio brazileiro.

F. A. de V.

OS NARCOTICOS.

O professor Johnson julga que o consumo dos diversos narcoticos, de que os homens usam habitualmente para entorpecer a vivacidade das idéas e das sensações, pode ser submettido á divisão seguinte: — O uso do tabaco é commum a 800 milhões de homens; o do opio, a 400 milhões; o do canamo, á 200 ou 300 milhões; o do bethel, a 100 milhões; o da coca, a 10 milhões. Existem ainda alguns narcoticos; mas são de emprego muito menos geral que os apontados.

Quanto mais intelligente, e illustrado fôr o homem, mais respeitará os seus deveres.

Coincidencias notaveis dos nove algarismos com a historia de Portugal, em quanto dominou n'este reino a linha affonsina de seus monarchas: pequeno tributo dedicado ao ill.mo sr. J. da C. Cascaes, em testemunho de consideração, por seu amigo M. Dalhunty.

Continuação.

Foram *dois* tambem os degolados por esta occasião: D. Pedro de Attaide, e D. Fernando de Menezes, irmão do bispo d'Evora, que morreu comido de bichos mettido n'uma cisterna em Palmella. D'estas coisas mandou D. João informar os reis catholicos, Fernando e Isabel, atalhando assim os projectos dos mal contentes, que fundavam suas esperanças na protecção de Castella; e cimentando por tal modo a amisade entre si e aquelles monarchas, que D. Fernando lhe pediu soccorros contra os granadinos, e lh'os mandou agradecer por uma embaixada extraordinaria, por tambem serem maiores do que pedira.

Duas fortalezas ergueu D. João II: uma grande torre em Olivença, no anno de 1488, com que se inquietaram algum tanto os reis de Castella; outra fortaleza em Africa, na foz do Lixa, onde veiu logo a combatel-a o rei de Fez com quarenta mil de cavallo, aos quaes teve de render-se.

Dois finados reaes. Em 1491, havendo a côrte passado algum tempo em Santarem, no meio de alegres festas, de justas e torneios, touros, e divertimentos pelo rio, em escaleres illuminados e cheios de musicos; o principe recemcasado é ferido mortalmente de uma queda do cavallo, quando corria um pareo com D. João de Menezes. Juntou-se a morte d'este principe, herdeiro da corôa, á que já era sentida da infanta D. Joanna, aguando e transformando em luto a pompa de tantos festejos.

Duas ordens a um menino. Quiz D. João legitimar seu filho natural D. Jorge, mas negou-lhe o papa Alexandre VI a supplica: se bem que lhe concedeu uma bulla para fazel-o, ainda menino, mestre das ordens de S. Thiago e Aviz.

D. Manuel restabelece a casa de Bragança em 1496. Manda em 9 de Julho (*segundo* dia da *segunda* semana do *segundo* de *dois* mezes seguidos que começam pela mesma lettra etc.) Vasco da Gama a descobrir o segundo caminho para a India com *duas* vezes *dois* navios. Casa com a infanta viuva de D. Affonso, filho de D. João II, e por tanto é *segundo* marido da infanta. Em 1498 (*dois* annos depois) é *duas* vezes acclamado com ella: em Toledo, pelas côrtes de Castella; em Saragoça, onde são jurados herdeiros d'Aragão. N'esta cidade deu a rainha á luz o principe D. Miguel, e falleceu aos 24 de Agosto, *segundo* mez que começa pela lettra A. Em 1499 volta Vasco da Gama, sómente segundo a D. Fuas em ordem chronologica, e nas lettras iniciaes *F G* dos nomes; não pela ousadia da empresa. N'este anno foi trasladado para a Batalha o corpo de D. João II.

Em 1506, *dois* frades de S. Domingos, por causa de um falso milagre, occasionaram grande matança de christãos novos em Lisboa. Durou tres dias: subiu a perda a 2000 pessoas. Os *dois* frades tiveram por punição ser queimados vivos.

Dois governadores da India e *dois* estreitos. Em 1508, Fernão Coutinho passou á India, com ordem de mandar para o reino D. Francisco de Almeida, e metter de posse do governo D. Affonso de Albuquerque, cujo braço veiu a dilatar o imperio portuguez, desde o estreito de Babelmandel, até ao de Malaca.

Dois tostões. Fernão de Magalhães, por D. Manuel lhe não querer accrescentar a moradia em dois tostões, passou com Ruy Faleiro á Hespanha, a offerecer-se a Carlos v para descobrir-lhe novo caminho para as Molucas, ilhas que dizia de sua conquista.

«........ Tambem dos portuguezes,
«Alguns traidores houve algumas vezes» ;

este teve motivo bem pequeno para trahir a gloria da sua patria por tal somma; se bem que, com ella, a 30 réis como estava o trigo por aquelles tempos, pudera comprar alguns alqueires d'elle.

Dois validos de D. João III: D. Luiz da Silva, e D. Antonio de Attaide. Este, dizendo-lhe o rei que faria bem em comprar as terras do senhor de Azambuja, seu visinho, respondeu: melhor faria vossa alteza se puzesse o senhor de Azambuja em estado de não necessitar de as vender; porque elle, e seus antepassados, empobreceram com os serviços que tem feito á corôa.

Solimão II, rei dos turcos, sae do mar Roxo com uma esquadra, onde vem embarcados 4000 janisaros, e 16000 soldados, contra os portuguezes. Frustra-lhes tal apparato de guerra o esforço d'estes, no tempo de D. João III.

Em 1539 e 40, morreram *dois* infantes, filhos de D. João III: D. Filippe, de seis annos d'edade; D. Antonio, de onze mezes. N'este mesmo anno tambem falleceram *dois* irmãos d'el-rei: o cardeal infante, D. Affonso, a 21 de Abril; e D. Duarte, a 20 de Outubro. Este D. Duarte era casado com a duqueza de Bragança, e por sua filha D. Catharina, passou á successão regia a casa de Bragança, em 1640.

D. João III em 1552 casou seu filho, o principe D. João, com a infanta D. Joanna, filha do imperador Carlos v. Em 1554 morre o principe aos 2 de Janeiro, com dezesete annos d'edade. Para encobrir á princeza a morte de seu marido, foi el-rei visital-a vestido de gala, e ella deu á luz, no dia de S. Sebastião, aos 20 do mesmo mez, D. Sebastião. A rainha, quando soube da morte do esposo, ficou inconsolavel; mas teve de partir depois para Hespanha, a tomar posse da regencia, e cuidar na educação do infeliz principe D. Carlos, seu sobrinho, e filho de D. Filippe, que depois o mandou matar.

Morreu a 27 de Novembro de 1555 o infante D. Luiz, delicias de Portugal.

De modo que, D. Sebastião teve pae e mãe do mesmo nome, João e Joanna; morreram-lhe em 1540 *dois* tios, um de 6 annos, outro de 11 mezes. A somma 17 d'estes numeros, é o numero de monarchas da sua linha, e o da edade em que morreu seu pae, ainda elle não era nascido. No mesmo anno de 1540 tambem lhe morreram *dois* irmãos do avô, como vimos, ambos quasi no mesmo dia do mez, que precede os *dois* ultimos em cada semestre. Seu nascimento, a 20 de Janeiro, 2 annos depois do casamento de seu pae, em 1552, succedeu tambem entre *duas* mortes: a de seu pae a 2 do mez em que nasceu; e a do tio, infante D. Luiz, quando lhe faltavam quasi 2 mezes para ter 2 annos d'edade.

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

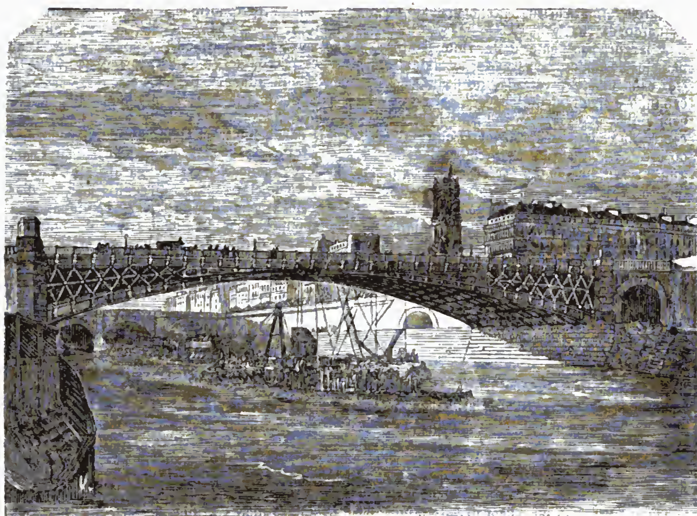
Continuação

XC.

Do que aconteceu a Manuel da Silva na galeota

Logo se contou publicamente em como Manuel da Silva dizia, que elle entregara a ilha, e que o marquez a não tomara, e se dice que alguns capitães e pessoas nobres que vinham na armada, que diceram ao marquez, que lhe convinha degolar Manuel da Silva, porque se o não fazia que não tinha ganhado honra alguma, e que foi o marquez persuadido a isso. Tanto que Manuel da Silva foi mettido na galeota logo se ordenou darem-lhe tormentos, mas dizem que lhos deram por terror, porque dice elle que não se davam a tal pessoa como elle tormentos: diceram-lhe: *Pois V. S. não nos dava de fogo a muitas pessoas?* Dice elle: *Pois isso era a pessoas grossas e robustas.* Comtudo dizem, que lhos deram para lhes serem perguntadas algumas cousas, mas não se lhe enxergaram depois em lhe verem signaes d'elles. Esteve na galeota dois dias: depois, ao terceiro dia, o degolaram com outros, porque acabados os tratos logo lhe diceram, que se confessasse, e ordenasse a salvação da sua alma. Cuidou elle que era zombaria. *A mim me hade o marquez mandar matar? não pode ser.* Comtudo desenganaram-no que havia morrer: mandaram os padres melhores lettrados que fossem lá estar com elle aquelles dois dias. Quando elle viu o desengano fez seus apontamentos do que quiz por sua lettra, confessou-se, começou a tratar com os padres a salvação da sua alma dois dias e duas noites, que não dormira, segundo se dice na cidade.

Continua.



NOVA PONTE D'ARCOLE.

Em 1828 construiu-se sobre o grande braço do Sena, entre o caes da *Cité* e a praça de *Greve*, uma ponte sustida por cadêas. Era a primeira ponte suspensa que se ensaiava em Paris. Chamou-se a Ponte do *Hotel de Ville*. Em 1830, tirou-se-lhe este nome, e deu-se-lhe o de Arcole, não (como se suppõe geralmente, e talvez o supponham sempre) em memoria da celebre victoria ganha, no mez de Novembro de 1796, pelo exercito francez junto d'Arcole; mas para perpetuar a lembrança d'um dos episodios mais admiraveis da revolução de 1830.

A 28 de Julho, o povo cercava a casa da camara; os suissos, postados nas janellas, dirigiam descargas formidaveis contra a ponte suspensa, que ao mesmo tempo era varrida pela artilheria, carregada de metralha, assestada na praça: um grupo de cidadãos armados, vindo da Cité com direcção á praça de Greve, hesitava em atravessar este chuveiro de balas que assoviavam sobre a ponte. De repente um mancebo desconhecido agarra uma bandeira tricolor, arremessa-se á frente da turba, guia-a até ao meio da ponte, desenrola e agita a bandeira, gritando: *Avante! Se eu morrer, chamo-me d'Arcole!* Apenas pronunciadas estas palavras, caiu mortalmente ferido por uma bala.

Nada mais se soube a seu respeito: ignora-se mesmo se elle com effeito se chamava *d'Arcole* ou se unicamente quiz alludir ao intrepido arrojo de Bonaparte sobre a ponte d'Arcole. No entanto julgou-se dever obedecer-se á sua ultima vontade: adoptou-se o glorioso nome que seus labios expirantes tinham pronunciado, e escreveram-se, sobre a arcada superior da ponte, estas palavras: 28 *de Julho de* 1830.

A ponte não podia servir senão para os passageiros a pé. Reconheceu-se em breve que o movimento da circulação, cada vez mais consideravel na linha paralella da praça *Notre-Dame* á do *Hotel de Ville*, tornava necessaria uma ponte mais solida, e que fosse accessivel a todos os transportes. Adoptou-se um projecto, apresentado por mr. Affonso Oudry, engenheiro de pontes e calçadas. Foi dado á execução, sob a direcção d'este engenheiro, auxiliado por mr. Cadiot, por conta da companhia de pontes de ferro.

Aberta ao transito no 1.° de Novembro de 1855, esta ponte, d'um só arco, tinha sido com antecedencia submettida ás mais solidas provas. Ella está, effectivamente, exposta, mais que nenhuma outra ponte da capital, a aguentar extraordinarios pesos, achando-se no caminho que tomam os cortejos, que, nas grandes solemnidades, vão á egreja metropolitana ou á casa da camara. Ha a idéa de se abrir, partindo da ex-

tremidade esquerda até á praça *Notre-Dame*, uma rua de dez metros de largura. A fachada da egreja formará assim o prolongamento do lado esquerdo da rua.

A largura da ponte é de vinte metros: os passeios dos lados, de asphalto, teem quatro metros cada um, e a calçada, de pedra, doze. O caminho é ligeiramente curvo, afim de egualar com ambos os caes, que são mais baixos que o centro do espaço comprehendido entre as bases do arco. Os quatro soccos collocados nos angulos serão dominados por estatuas monumentaes ou candelabros. O custo da construcção, metade do qual deve ser pago pela cidade de Paris, e a outra metade pelo estado, foi fixado em **1150000** francos, ou proximamente **207:000$** réis.

INDUSTRIA MANUFACTURARIA.

CURTIMENTO DE PELLES.

Mr. Knodérer (Carlos Christiano), fabricante em Strasburgo (Baixo Rheno) acaba de inventar um processo de curtimento economico e accelerado de pelles, para o qual tem òbtido o competente privilegio de invenção, e que merece ser conhecido por todos os que fixam a sua attenção n'este ramo industrial.

O novo processo pode bem dividir-se em duas operações, ambas com o mesmo fim, qual é a acceleração do curtimento. Descreveremos completamente a primeira; e depois explicaremos a segunda, que por fim não é senão o complemento d'aquella.

O primeiro meio consiste em metter, sem distincção, toda a especie de pelles, depois que são trabalhadas da ribeira, em toneis de tres metros de diametro, sobre outro tanto comprimento, para os coiros grossos; e de dois metros de diametro sobre o mesmo comprimento, para os coiros pequenos, taes como bezerros, cabritos, capottas, e garupas. Enchem-se previamente estes toneis um pouco mais de metade com sumo de casca, que marque zero no pesa-cortim: ajunta-se a este sumo um quarto de kilogramma de casca, por cada pelle pequena; e um kilogramma, por cada pelle grande, de bois, vaccas, ou toiros: depois fecha-se hermeticamente o tonel, que se faz gyrar com a celeridade de doze a quinze voltas por minuto, durante vinte e quatro horas: ajunta-se-lhe em seguida uma quantidade de casca egual á primeira, e continua-se da mesma forma durante tres ou quatro dias, no fim dos quaes as pelles estão tão adiantadas como se tivessem tido tres passagens.

Mal as pelles chegam a este estado, pode-se, segundo as circunstancias, mudal-as para outros toneis, onde se tenha lançado sumo marcando um ou dois graus, segundo a natureza dos coiros; e ajuntar-se-lhes a mesma quantidade de casca que receberam no começo, ou deixal-os nos toneis em que se acharem, dobrando-lhe a quantidade de casca que se lhe tinha deitado primitivamente, e reduzindo o numero de horas de rotação, sobre tudo quando, em consequencia do movimento continuo, os sumos chegam de dezesete a vinte graus de calor. Uma vez obtido este resultado, não se deixam gyrar os toneis mais do que de duas a seis horas, segundo a estação.

O curtimento das pelles pequenas, ou adelgaçadas previamente pela raspagem, ou sejam bezerros, peitos de cavallos, garupas, ou vaccas, pode completar-se em quinze a quarenta dias sem nova mudança de toneis, continuando a ajuntar pequenas quantidades de casca á proporção que o cortim da já dada é absorvido pelas pelles.

Quanto ás pelles grandes, taes como vaccas, bois, e toiros, é preciso, logo que chegam pouco mais ou menos ao mesmo grau de adiantamento em que estariam se tivessem recebido pós no tanque, mudal-as para um tonel limpo, onde se tenha lançado sumo marcando dois ou tres graus no pesa-cortim; e quinze a trinta kilogrammas de casca por pelle, conforme a qualidade da casca, e a força ou especie das pelles, que, uma vez assim refrescadas, não devem mover-se mais do que de duas a oito horas sobre vinte e quatro, conforme a estação. O tonel que contém estas pelles não se deve abrir mais antes de quinze dias. No fim d'este tempo as pelles estão de tal modo adiantadas, que o seu curtimento não pode progredir mais n'este tonel, e é preciso mudal-as para outro.

Se são vaccas, bois, ou toiros pequenos, por exemplo, o curtimento estaria acabado no fim d'este tempo; mas se as pelles são de força acima da média, é preciso recomeçar a mesma operação que acaba de ser descripta, e pode-se estar certo que ellas estarão perfeitamente curtidas no fim da segunda quinzena. Se pelo contrario são vaccas ou bois de primeira força ou bezerros grandes, é preciso dar-se-lhes uma terceira dóse, e fazel-os ainda gyrar durante quinze dias, para obter um curtimento perfeito. Quanto aos coiros grandes. que curtidos excedem cada um vinte e cinco kilogrammas, e aos toiros de primeira força para correias de machinas, dá-se-lhes trinta a quarenta kilogrammas de casca por pelle, em quatro vezes differentes, mas em logar de os não deixar andar senão quinze dias, deixam-se no tonel tres semanas de cada vez, e não se fazem gyrar senão de uma a seis horas, o mais, sobre vinte e quatro.

Quando um pellame por um tal systema chega a estar em plena actividade, as pelles saindo do trabalho da ribeira, nunca são mettidas em sumo fresco, e não recebem casca nova: mettem-se, pelo contrario em toneis, cujo sumo e casca não teem já quasi força nenhuma, que ellas absorvem no fim de vinte e quatro ou quarenta e oito horas fazendo-as gyrar constantemente. Quando a absorpção se completa vasa-se o tonel, no

qual depois se deita sumo e casca fresca, e pelles chegadas ao grau de adiantamento acima indicado. Quanto ás pelles de que se acaba de fallar, mettem-se n'um tonel que tenha sumo e casca um pouco mais forte que o em que ellas tinham estado precedentemente, onde se fazem ainda gyrar sempre, até que se observa que não adiantam mais. Então sómente se mudam para um tonel que tenha gyrado quinze dias, e no qual se não deixam gyrar mais que de seis a doze horas sobre vinte e quatro. Pode estar-se certo que operando-se assim as pelles grossas estão tão adiantadas no fim de dez ou quinze dias de demora n'este tonel, como se houvessem tido uma primeira dóse no tanque.

Conforme as explicações que se acabam de dar, é evidente, que além da celeridade do curtimento, uma das grandes vantagens d'este systema consiste, uma vez que a fabricação está em actividade, em supprimir as passagens, e os tanques, obtendo uma submersão mais perfeita sem mão d'obra, e chegando a levar as pelles ao mesmo grau de adiantamento que se tivessem já tido uma dóse, sem empregar um kilogramma de casca fresca, ou sumo, para chegar a cujo resultado, não ha senão uma coisa essencial a observar, que é operar gradualmente para não atacar mui fortemente as pelles que saem do trabalho da ribeira.

N'uma palavra é preciso seguir absolutamente os mesmos principios que para o curtimento ordinario, porque, o que é verdade para um é verdade para o outro, e as cinco grandes difficuldades a vencer, eram:

1.ª Crear um material que exigisse a menor força motriz possivel, ao mesmo tempo que podesse supportar um peso enorme, e dispensasse o emprego da menor parcella de ferro no interior das machinas.

2.ª Obter uma decomposição mui prompta, e entretanto gradual, da materia a curtir.

3.ª Produzir um calor natural variavel á vontade, segundo as necessidades da fabrica, e a qualidade das pelles.

4.ª Impedir o contacto do ar com a materia a curtir.

5.ª Utilisar até ao ultimo vestigio do cortim a materia que se emprega no curtimento.

Todas estas vantagens se acham completamente realisadas pelo emprego de toneis, e do material accessorio, e complementar d'este novo processo.

Com effeito os grandes toneis podem conter um peso de nove a dez mil kilogrammas de pelles, de cascas, e de sumo, sem que n'elles haja a menor parcella de ferro no interior, não exigindo senão uma força motriz comparativamente mui pequena.

A decomposição da casca faz-se gradualmente, e entretanto com muita promptidão, porque por effeito da rotação, e do attricto que d'ella resulta inevitavelmente, a casca acaba por se reduzir a polme cujo principio cortim é necessariamente absorvido muito mais facilmente que o liquido, que se acha em contacto forçado e continuo com todas estas moleculas.

Ao mesmo tempo que em consequencia da rotação a decomposição da casca se opera gradualmente, e entretanto com grande celeridade, o attricto produz um calor natural, de que se pode variar a intensidade, fazendo-se gyrar os toneis mais ou menos tempo, conforme as necessidades do fabrico, e é este calor que favorece tão poderosamente a combinação do cortim com a gelatina contida na parte cellular das pelles.

O contacto do ar com a casca e sumo, uma das principaes causas da lentidão do curtimento em tanques, assim como da grande quantidade de casca que necessita, porque occasiona a transformação de grande parte do acido cortim das cascas, ou d'outras materias cortins, em acido gallico; acha-se por força impedida no novo systema, porque estando os toneis quasi cheios não conteem mais que uma mui pequena quantidade d'ar, que decompondo-se no fim de mui pouco tempo, e não podendo renovar-se não pode por consequencia ter nenhuma influencia apreciavel sobre o curtimento.

Emfim, chega-se a utilisar até á menor parte do cortim contido na casca, não só porque como se acaba de dizer, elle se acha reduzido a polme, mas principalmente porque a casca e o sumo contidos n'um tonel, perdida a sua primeira força, substituem-se as pelles que já absorveram d'ella tudo o que o seu estado de adiantamento lhes permittia absorver, por pelles menos adiantadas, e por consequencia mais avidas do principio cortim.

Ainda que Knodérer não seja partidario do emprego do sumo para o curtimento, as cubas d'extracção são entretanto necessarias, porque é preciso ter sempre sumo de todos os graus possiveis, ou para os toneis novos, ou para reforçar algumas vezes momentaneamente o contido em toneis, cuja mercadoria se não pode mudar em tempo opportuno, por effeito de circunstancias, que sempre apparecem no fabrico.

Continua.

O MAREOMETRO DE SAINT-MALÓ.

A direcção hydraulica do porto de Brest mandou construir um poço mareometro nas aguas de S. Servan, em Solidor, junto a Saint-Maló, e na embocadura do Rance.

Este pequeno edificio estabeleceu-se para facilitar o estudo das marés, e pôr em pratica um instrumento inventado por mr. Chazallon, engenheiro hydrographo da marinha, e executado habilmente por mr. Wagner, mecanico de Paris.

De ha muito que a sciencia busca a lei que rege o movimento das marés, e até hoje não a descobriu. Mr. Chazallon, encarregado pelo governo de fazer as observações mareometricas que tem por fim descobrir aquella lei, obteve do ministro da marinha autorisação para estabelecer

poços mareometricos em diversos portos da Mancha, em Brest, S. Servan, e Cherburgo, onde a maré se eleva a differentes alturas á mesma hora (Brest, 8 metros; S. Servan, 14; Cherburgo, 10). Estes poços recebem a agua do mar por uma abertura praticada na base, e que permitte entrar a agua subindo tão depressa como vae pelo exterior: o liquido fica tranquillo ao nivel, apesar da agitação que reina na parte de fóra.

Estes poços acabam n'um compartimento de observação, onde está um instrumento chamado mareometro, inventado por mr. Chazallon, e que se compõe de um cylindro horisontal coberto com uma folha de papel, cujo movimento se acha regulado por um fluctuador, que sobe e baixa com a maré; um carrinho com um lapis que está adaptado ao cylindro, regulado tambem por uma machina de relojo, traça no papel as curvas descriptas pela maré na enchente e vasante.

Reunindo todas estas curvas que dão as series da progressão, mr. Chazallon promette descobrir a lei que rege as marés no globo, enriquecendo a sciencia com uma descoberta, e a navegação com um conhecimento de grande utilidade.

O mareometro de S. Servan é uma torre octogona da largura de 5 metros na base, e 3 metros e 50 cent. no cume; o que lhe da a forma um pouco pyramidal. Está edificada sobre um fundo de rocha. Da base ao cimo tem 18 capas de pedra, cada uma de 60 cent. de alto. Da cuspide pode dominar-se a mais alta maré. Um poço de 1 metro e 50 cent. de abertura, que está em communicação com o mar, atravessa a torre em toda a sua altura, e desemboca n'um compartimento onde está o pavilhão que a domina.

A construcção d'este mareometro hònra tanto o engenheiro que concebeu o plano, mr. Debargue, como o que dirigiu a obra, mr. Maduron. Está construido com pedra granito de Laber, tirada das pedreiras de Brest. Todos os materiaes estavam preparados de antemão, e foram transportados para o local. Uma ponte suspensa, de 19 metros de comprimento, estabelece a communicação entre a terra, e o edificio.

O fio empregado na construcção da ponte foi galvanisado, para neutralisar o effeito do ar salino que oxida o ferro. É a primeira ponte de fio galvanisado, que se fez em França.

***

ARBORICULTURA.

Já n'outra parte d'este jornal tratámos da propagação das arvores por meio da sementeira; hoje trataremos de outro methodo de as reproduzir. É por via de estacas; e este é mui proveitoso para as especies que não dão semente.

As estacas de certas arvores como os alamos, salgueiros, vinhas etc. deitam-se desde Novembro até Março; e a maior parte d'ellas rebentam só pela unica operação de as metter em boa terra, e conserval-as sempre humidas.

As das arvores resinosas, ou sempre verdes, tem logar em Março conservando-as á sombra, e mui recatadas.

Tem-se observado que os nós, os olhos, e os talões são os logares por onde ellas lançam as primeiras raizes; e d'ahi o cuidado que deve haver em cortal-as por estas partes. Deve preferir-sa o talão, que é a parte inferior da borbulha onde está presa aos ramos maiores.

As estacas, cuja represa é certa, como do alamo, dos salgueiros, e dos platanos, logo se collocam nos viveiros: aquellas que estão fracas, ou são duvidosas, como as maceiras e marmeleiros, mettem-se em regos até ao outono.

Ha algumas especies, como a figueira, que se deitam em pequenos fossos, vestidas com os seus raminhos, e deixando unicamente de fóra da terra o maior raminho que as estacas levam.

O terreno destinado á estacaria deve ser lavrado a miudo, e adubado com estrume bem putrido, regando-o amiudadamente se a estação o exigir.

Ha outro methodo de propagação, que é por via de *mergulhia*, que vem a ser enterrar um ramo sem o separar do seu tronco. Em muitos casos pode este methodo substituir o das sementeiras e estacas.

Executa-se a *mergulhia simples* abrindo um fosso em roda da arvore mãe, e enterrando n'elle as varas, que se seguram com ganchos de pau, e cobrindo-as depois com terra branda, e rica de estrume. As pontas d'estas varas que se enterram, levantam-se a conserval-as o mais verticalmente que fôr possivel. Este methodo é empregado n'aquellas plantas que mais facilmente se enraizam.

A *mergulhia por incisão* pratica-se como a precedente, fazendo-se além d'isto a incisão de uma a duas pollegadas no comprimento da vara que fica debaixo da terra, e logo abaixo de um olho, ou d'uma junta.

A *mergulhia de rebentos*, que está em mais uso pelo seu bom exito, consiste em plantar no melhor terreno do viveiro certo numero de arvores conhecidas por lançarem mais facilmente raizes. Cortam-se rente da terra, e em saindo os rebentos, ou renovos, apenas elles tem dois palmos de comprimento, lança-se-lhes ao redor um pouco de esterco bem consumido e terra, seguindo-se d'aqui logo as raizes penetrarem por essa terra. No inverno seguinte separam-se da arvore mãe, aplanando a terra que se lhe poz de roda. Esta operação renova-se todos os annos, e obtem-se assim um viveiro sempre fornecido de plantas novas, sadias, e vigorosas.

A *mergulhia de pimpolho* differe da antecedente em se buscarem as borbulhas na propria raiz, fazendo-se uma cova de algumas pollegadas de profundidade, e cortando as raizes que n'ella se encontram, recobrindo logo o tronco. ***

Assim como o ar comprimido não da logar a introducção de corpos solidos, tambem a vaidade não deixa penetrar a sciencia.



PESCADORES NORUEGUEZES.

A pesca é um dos recursos essenciaes de grande parte dos habitantes da Noruega, e, em muitas provincias, uma das suas condições d'existencia; porque este grande e importante paiz estende-se até aos ultimos confins do norte. Desenrola-se em uma especie de semi-circulo, desde o 58 até ao 71 grau de latitude. Se, nos seus districtos meridionaes, o lavrador chega ainda a colher cereaes e legumes, mais longe, como o filho dos Alpes de que falla o poeta Goldsmith, apenas tira com difficuldade mirradas espigas d'um terreno ingrato. Mais longe, este rude trabalho é completamente inutil. Mais longe, não ha florestas, nem vegetação. A terra, nua e arida, está, durante seis mezes no anno, sepultada debaixo de montões de neve, e nas trevas de longas noites; e, no verão, cobre-se de mui fraca relva.

Entretanto, mesmo n'estas frias regiões, e até nas ilhas norueguezas disseminadas ao longo das costas do oceano Glacial, ha domicilios de familia, habitações humanas, porque Deus deu ao homem o privilegio de poder aclimatar-se em todas as regiões e supportar todas as temperaturas. A cada povoação estabelecida no solo mais arido, reserva elle um alimento: ás tribus dos desertos arenosos, os fructos do oasis, os cachos nutritivos das tamareiras; aos insulares dos mares do sul, a arvore do pão; aos groenlandezes, a phoca; aos laponios, a renna; aos aldeãos do Norte, a pesca que se faz em certas epocas, no mar alto, e se prosegue constantemente nos rios, lagos e ribeiras.

A pesca nas ilhas Lofodden, situadas ao 68 grau de latitude, a umas vinte leguas de distancia da costa norueguesa, é nomeada em toda a Europa. Que de coragem é precisa! Esta pesca tem logar duas vezes por anno; no estio e no inverno: esta ultima é a principal. No mez de Janeiro ou Fevereiro, milhares de pescadores se reunem em torno d'este sinistro e temivel archipelago, e demoram-se ahi ordinariamente até ao mez de Abril.

Ao ver estas cabanas de madeira que apenas os abrigam contra o frio, este terreno nu em que elles descansam com os vestidos humidos, experimenta-se um profundo sentimento de piedade. Não obstante, é ahi, diz um viajante, que elles moram tres mezes, no meio do inverno, longe de suas familias, pobremente vestidos e pobremente nutridos, deitados de noite no lodo, e indo de dia, por espessos nevoeiros, com ventos borrascosos, tirar as redes da agua gelada.

A immundicie inevitavel, a humidade dos ves-

tidos, o mau alimento, originam entre elles graves enfermidades de que quasi nunca se curam: a sarna, a lepra, a elephancia, e principalmente o escrobuto.

Mas nem todas as pescas da Noruega se assimilham a esta. É que, pelo logar em que se fazem, pelo sol que as alumia, pela alegria que as anima, recordam algumas das mais festivas scenas da Suissa, e ás vezes mesmo das regiões meridionaes da Europa. Tal é a pesca nos rios interiores e nos pittorescos lagos da Noruega, nomeadamente no lago Miœssen, representada no nosso desenho.

DOIS CONTRABANDOS.

II

EXPORTAÇÃO.

No tempo em que se passava esta nossa veridica historia era o sr. Bittencourt um fura-vidas, tinha muito geito para o commercio, fazia negocios de oiro. Hoje está retirado do trafico: é *homem serio*... até dizem que tem commenda. O habito da Conceição lhe vi eu ha muito tempo; e ficava-lhe bem.

O pobre Joaquim perdeu o braço, que lhe foi amputado, em consequencia do ferimento em Camara de lobos; como tinha confessado a verdade, perdeu o seu bom protector; e depois de alguns annos passados na cadêa, em expiação do *crime* que commettera, anda hoje pedindo esmola. O Mauricio quando se pôde ver livre dos ferros d'el-rei, voltou á labutação do mar. Estes dois já não figuram mais na nossa historia.

Mas apparecerá gente nova.

Oito dias depois dos successos relatados no anterior capitulo, e que deram uma animação pouco vulgar á pacifica Camara de lobos, passeava, depois da meia noite, o sr. Bittencourt no caes de Porto-Moniz, quando, do lado do forte arruinado, veiu correndo um homem, participar-lhe que estava á vista o brigue *Rapido*, e não mui distante.

—Muito bem, disse o sr. Bittencourt, mergulhando as mãos nos bolsos; vae ver se a fazenda está prompta para embarcar; quero tudo a postos, para obedecer ao primeiro signal.

—Esteja descansado, patrão...

—Olha, Antonio; a fazenda que não saia toda junta dos armazens; que venha por partidas.

—Sim senhor.

E Antonio, ligeiro como rapaz que era, e sem o tropeço de botas ou sapatos, disparou como uma setta para as alturas da villa.

D'ahi a poucos minutos estava o *Rapido* abra-aberta com o abrigado fundeadoiro de Porto-Moniz, que conserva placidas e claras as suas aguas, quando o vendaval medonho do sul, arremessando-se em negras e revoltas vagas contra as praias do Funchal, afasta d'aquelle ancoradoiro todo o genero de embarcações.

O sr. Bittencourt chegou á ponta do caes, acendeu uma lanterna que para ali tinha mandado vir, e agitou-a tres vezes.

O *Rapido* içou e arriou *rapidamente* um pharol. O sr. Bittencourt apagou em seguida o seu.

D'ahi a pouco um bote, com a sabida precaução de remos e toleteiras forradas, largou do patacho e veiu atracar ao caes.

Dois moços davam impulso á embarcação; a ré vinha um homem governando.

—Olá, capitão, por cá? disse o sr. Bittencourt dando a mão ao recem-chegado, nas escadinhas do caes.

—Tudo ficou prompto abordo, amigo; vim adiante para conversarmos; queria saber se se arranjou aquella coisa...

—Maganão! interrompeu o velhote, fingindo rir com muito gosto. Maganão!... Arranjou-se, e papa muito fina!

—Obrigado. Bem sabe que eu estou tambem prompto para tudo.

—D'estes serviços ainda nunca me fez.

—É verdade. Mas posso agora trazer-lhe da Bahia uma mulatinha engraçada, ou uma moleca novinha.

—Nada, nada. Vamo-nos contentando com as brancas. Esta que leva no carregamento é bonita e tem quinze annos; vae acompanhada por um irmão, é verdade, meio bruto e desconfiado; mas isso mette-se no porão, sob qualquer pretexto, com bons machos de ferro aos pés para maior segurança, e... Ah! maganão! maganão!

Estes dois *homens de bem*, um negociante, outro official do mar, folgavam muito com esta innocente conversação, por horas mortas da noite, á luz tremula das estrellas, na beira do Oceano, aspirando a fagueira brisa do mar.

A evangelica palestra foi interrompida pela aproximação de varios escaleres do *Rapido*, que se dirigiam pouco ruidosamente para o porto.

Poucos minutos depois chegou o primeiro lote da carregação; compunha-se de umas vinte mulheres e outros tantos homens, quasi todos mal vestidos, e todos na flor da edade.

—Aqui estão, disse o sr. Bittencourt ao capitão, apresentando-lhe o par que vinha na frente, os dois irmãos que eu mais particularmente lhe recommendo: a menina Rosinha, e o sr. Pedro Corrêa.

—Muito bem; serão tratados como principes. Podem embarcar no meu bote, que eu mesmo os vou conduzir a bordo. Adeus, sr. Bittencourt, trate de fazer embarcar toda essa gente o mais depressa possivel.

—Adeus, Rosinha.

—Adeus, sr. Bittencourt; muito obrigado: Deus lhe pague a esmola que me faz.

—Muito agradecido, accrescentou Pedro.

E os dois irmãos saltaram para o bote, onde já os esperava o capitão com olhos de satyro, e que não tardou a dar a voz de *larga!*

Rosa chorava dizendo adeus á patria, e nutria ainda a esperança de ir alcançar no Brazil uma subsistencia honesta... que faria se soubesse o que a esperava — a deshonra, e a escravidão!

E Pedro tambem suspirava, lembrando-se do seu paiz, que talvez só bem tarde, ou nunca, tornaria a ver... Nunca; porque a miseria, os maus tratos, e a queda de sua irmã o arrastaram ao suicidio!

Os restantes colonos, que ficaram na praia, não tardaram a embarcar em dois dos escaleres do *Rapido*, seguindo a esteira do bote capitania.

— Antonio, disse o sr. Bittencourt ao moço descalço, vendo-o aproximar-se; porque não vaes tambem na embarcação? Olha que no Brazil cava-se oiro como aqui terra.

— Nada, patrão, eu não largo cá a Maria.

— Mas podem ir ambos, e serem muito felizes.

— Obrigado; as mulheres a bordo não provam bem.

— Faz o que quizeres. E as barquetas estão promptas?

— Ahi vem ja todas. Entretanto pode ir embarcando este segundo pacote de fazenda nos outros botes do *Rapido*.

Outra tribu de emigrados que se acercava do caes n'este momento, foi passando em seguida para as embarcações, que não tardavam em fazer-se ao largo.

Successivamente foram chegando os volumes da carregação, e as barquetas que os iam conduzir a bordo, até que, já sobre a madrugada, embarcou tambem alguma bagagem e comestiveis, agua, celhas, esteiras, e machos de ferro.

O *Rapido* mareou o panno á feição do vento, e arredou-se da terra, deitando as suas seis milhas por hora.

E o sr. Bittencourt esfregando as mãos, com ar de satisfeito, arredou-se da beira-mar pausadamente, não sem lançar de vez em quando um terno olhar para o navio que acabava de despachar sem intervenção da alfandega.

Deixemos, por uma vez, este honesto cidadão, e sigamos o patacho em sua fatal viagem.

Calmas, ventos contrarios, e avarias na mastreação, retardaram a viagem do *Rapido*, e por consequencia a escassez de agua e de mantimentos appareceu a bordo com todos os seus horrores. Os colonos amotinaram-se; e Pedro que desconfiava das relações de sua irmã com o capitão, collocou-se á frente dos revoltosos, dando assim mais que sufficiente pretexto para ser clausurado no porão, aonde o seguiram manietados alguns outros dos principaes amotinados.

O patacho levou sessenta dias a Pernambuco, aonde chegaram transformados em esqueletos todos os colonos, que dois mezes antes pareciam vender saude!

Os chefes da sublevação foram mettidos na cadêa, apesar de todas as reclamações que se fizeram n'aquella cidade a seu favor; e os seus companheiros, incluindo Rosinha, foram successivamente *alugados*, e passaram a servir differentes senhores.

O capitão voltava a Lisboa, e como era casado n'esta côrte com uma mulher de mau genio, de quem elle tinha medo, não se resolveu a trazer comsigo Rosinha, de quem muito gostava, é verdade. Portanto *alugou-a*, como os outros, para obter o dinheiro da passagem.

. . . .

Talvez o leitor esperasse outra coisa d'estes apontamentos; julgou, porventura, encontrar n'estas paginas um romance cheio de peripecias... sinto de coração se o enganei, involuntariamente. Mas, na realidade, só tivemos em vista esboçar algumas scenas de contrabando, em *coisas e pessoas*, e isso fizemos. Perdão, se não foi a contento d'aquelles a quem desejavamos agradar.

Agosto 1, de 1857. F. M. BORDALO

DANÇO-MANIA.

O *Nouveau Tableau de Paris*, publicado por *Mercier*, no fim da revolução franceza, explica-se nos seguintes termos sobre o objecto da nossa epigraphe:

«Depois do dinheiro, a dança é hoje o que o parisiense mais ama, adora, ou para melhor dizer idolatra. Cada classe tem a sua sociedade dançante, e desde o pequeno ate ao grande, isto é, desde o rico até ao pobre, tudo dança; é um furor, um gosto universal. Os parisienses dançam, ou para melhor dizer, redemoinham; porque nada é mais difficil para elles que obedecer ao compasso, e nada mais raro entre elles que um ouvido musical.

«No reinado do terror, os parisienses reservados, e tremendo, e não ousando então fazer um jornal, nem *suspender uma carreta*, sumiam-se nos espectaculos ou nos clubs, e não dançavam senão nas festas publicas, e algumas vezes á roda dos cadafalsos: de repente todas as paredes foram cobertas de numerosos cartazes, em estylo quasi academico, annunciando bailes de toda a especie, e alguns tão baratos, que uma creada pode ir a elles.

«Dança-se *aux Carmes* onde se degolava, dança-se no *Noviciat des Jesuites*, dança-se no convento *des Carmelites de Marais*, dança-se nas tres egrejas arruinadas da minha secção, e sobre as lages dos tumulos que ainda se não tem tirado: os nomes dos mortos estão debaixo dos pés dos dançadores, que os não percebem, eque se esquecem que pisam sepulchros.

«Dança-se em cada taberninha dos Boulevards, nos Campos Elisios, ás bordas do rio. Dança-se em todas as tabernas em que se refugia a corja dos traficantes que depois de ter enganado todo o dia os desgraçados particulares, dá ainda um *cheque e mate* á fortuna publica. Emfim, dança-se em casa de todos os professores de *riga-*

dous que se chamam artistas, como os bobos ou chocarreiros.

«Antigamente, nos bailes as mulheres tomavam refrescos, e quando muito, alguns biscoitos com um pouco de vinho. Hoje a gulodice as domina, e eu não cesso de admirar a sua firme incontinencia á mesa, e o ar sem ceremonia com que satisfazem o seu devorante appetite. As perdizes frias são dois bocados: as viandas desapparecem, e grandes copos d'agua refrescam de quando em quando seu paladar escandecido pelo fogo dos licores.

«Ha bailes para todas as condições: os aguadeiros e os carvoeiros tem os seus. Eu nada quero omittir. Nas adegas, no fundo mesmo de alguns passeios, em tascas immundas, ao som de grosseira rebeca, ou de uma rouquenha gaita de folles, todos os domingos, e mesmo nos intervallos, os beberrões dançam a abalar o sobrado, e a fazer receiar reparações locativas. O logar da dança é illuminado por um lustre feito de dois pedaços de pau em cruz, ou por alguns lampeões de barro postos por terra ao longo das paredes. No meio de uma nuvem de fumo de tabaco, e cheiro de aguardente, vêdes elevar-se e cair sem cadencia, sem compasso, dançadores inconceptiveis. Algumas vezes o sapato ferrado no meio dos saltos quebra o lampeão, que salpica toda a assembléa; não fazem caso d'isso. Não se distinguirá das meias, sapatos e anagoa; o cebo inflammado não faz impressão no coiro curtido d'estes *Vestrizes;* elles pegam das suas bandeirolas, e vão-se jogando os murros por divertimento.»

***

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCI

De como foi Manuel da Silva degolado, e Manuel Serradas, e Amador Vieira.

Mandou o marquez fazer um cadafalso na praça da cidade, e ao terceiro dia foi tirado Manuel da Silva da galeota em terra, e lhe levaram um cavallo, e sobre elle veiu té á praça, vestido de baeta, e parecia que trazia um capuz. E estava muita gente, em tanto que não podiam romper por ella: e posto o pobre e desgraciado Manuel da Silva em o cadafalso teve-se delle lastima, sendo elle causador de se pôr naquelle estado, havendo poucos dias que o tinham visto em outro bem differente. Primeiramente pediu perdão a todo o povo, e moradores da ilha, que elle tinha toda a culpa dos trabalhos da ilha, e que bem merecia aquella morte, e tratou outras cousas bem d'espaço, que se podem escusar escrever. O verdugo era um tudesco, e tão ligeiramente lhe cortou a cabeça, estando Manuel da Silva de joelhos, que de um talho a levou fóra com uma sua espada; e já estava um homem tirando a cabeça de Melchior Affonso, e tirada se foi pôr logo a de Manuel da Silva, por se cumprir o que elle tinha ditto; e ahi esteve a cabeça aquelle dia, e se tirou ao outro. E logo foram tirar Amador Vieira da cadea, e sobre o cavallo o trouxeram com padres, confessores, que o vinham consolando e animando. Amador Vieira pediu os mesmos perdões ás pessoas a quem fizera mal; dice que merecia aquella morte, pois se rebellara contra sua magestade; e o verdugo do mesmo modo lhe cortou a cabeça de um talho, como a Manuel da Silva. E logo veio Manuel Serradas sobre o mesmo cavallo: este dice que elle morria por el-rei D. Antonio, e que não conhecia outro rei, e que por elle o matavam. Não se quiz tirar desta opinião. Houve notavel escandalo entre os castelhanos, e assim foi degolado, e cortada a cabeça sem se desdizer do sobredito. E mandou degolar outros muitos.

XCII

Das pessoas que enforcaram no mesmo dia.

Mandou o marquez fazer uma forca ao longo da cadêa, quadrada, com quatro paus, e depois de cortarem as cabeças aos sobredittos enforcaram Fernão de Tavora, capitão e homem fidalgo por geração, e dizem que em livros d'el-rei, e tinha servido os reis passados de Portugal em suas armadas de capitão, e cidadão nobre desta cidade de Angra; e juntamente Thomaz Pereira, homem fidalgo de geração, e capitão de uma companhia; Pedro Cotta de Malha, capitão de outra companhia, e cidadão da ditta cidade; e o licenceado Domingos Onzel, fidalgo por geração, e um dos desembargadores que havia, e cidadão da mesma cidade; e Domingos de Toledo, capitão de uma fortaleza, e homem muito nobre por geração; e Gonçalo Pitta, capitão da fortaleza de San Sebastião desta cidade; e com elles enforcaram Gaspar Alves, o Chicharro, piloto; e o Barroso, sapateiro; e um homem baço por nome Balthasar Lopes, que era parteiro do concelho. Foi uma molestia que muito se sentiu na cidade, estes dez homens: enforcaram todos junctos: não deixou de se dar aviso que eram fidalgos, que os degolassem como fidalgos: não tiveram de ver com isso, e estiveram aquelle dia té ao outro pela manhã que os foram enterrar: e o Domingos Toledo era capitão da fortaleza da villa de San Sebastião, e nella se defendeu té o ferirem em uma mão e na cabeça, e o derrubaram, e ferido o enforcaram com os mais.

Continua.

O silencio cobre com o mesmo mysterioso veo o ignorante cauto, e o sabio modesto.



PFALZ. — CASTELLO DO RHENO.

Abaixo d'Oberwesel, as immensas relvas d'alguns prados apertados entre as montanhas da margem esquerda do Rheno são banhadas pelas aguas; mas as cadêas de montes servindo de muros, não deixam em breve ao rapido curso do rio senão um leito alcantilado.

O Rheno borbulha de roda do Pfalzgrafenstein ou rochedo dos Condes-Palatinos, base do castello que se chama Pfalz. Esta antiga fortaleza parece fluctuar á superficie do rio; as aguas resoam de dia e de noite vindo quebrar-se contra o seu talhamar coberto de ferro. Tem desafiado a raiva dos ventos, o choque das correntes furiosas, e os assaltos dos exercitos. Nunca foi accessivel senão por meio da escalada, e. como outr'ora, apenas tem a grande altura sua porta defendida por uma pesada grade que parece separal-a do mundo. No pateo interior, de forma irregular, o torreão eleva os seus diversos andares; um poço é ahi alimentado por uma nascente que profunda muito mais que o leito do Rheno.

Segundo um antigo costume feudal, era n'este castello que deviam nascer, em signal de possessão, os senhores palatinos d'esta parte do rio.

Construida desde 1326, no tempo de Luiz de Baviera, esta fortaleza pertence hoje ao duque de Nassau. Destinada primeiro para servir á recepção da portagem que os barcos deviam pagar, Pfalz tornou-se em prisão d'estado. Quem dirá quantas vistas se tem dirigido das prisões para os picos das montanhas que se arremessam em liberdade para os ares! quantos gemidos tem abafado o susurro confuso das ondas e tufões do rio!

Sobre a margem direita, as velhas habitações, e as torres das antigas muralhas da pequena cidade de Caub são banhadas pelo rio; e sobre uma das montanhas que parecem accumular-se para a esmagar, elevam-se as ruinas do castello de Goutenfels. Caub, depois de ter pertencido a diversas familias alemãs, passou ás mãos dos condes-palatinos quasi no fim do seculo XIII. Esta pequena cidade teve a sua parte de desastres na guerra dos trinta annos. Tomada em 1620 pelos imperiaes, um assalto a entregou em 1631 aos hessenses, que deviam abandonal-a onze annos mais tarde.

O castello de Goutenfels tinha os seus burgraves particulares. Depois de ter resistido intrepidamente, em 1504, ao landgrave Guilherme de Hesse, tinha saido quasi são e salvo d'estas lutas, quando, caido nas mãos dos exercitos francezes, foi arruinado em 1807.

Longas escadas conduzem da cidade a estas antigas muralhas. Sobre o caminho, vê-se um

rochedo mais adiantado d'onde Gustavo Adolpho deu as suas ordens em um ataque contra os hespanhoes, que se tinham fortificado sobre a margem esquerda do Rheno.

INDUSTRIA MANUFACTURARIA.

CURTIMENTO DE PELLES.

Conclusão.

O emprego da agua como motor é de grandissima vantagem n'um processo como este.

Os apparelhos que o motor tem de mover, compõe-se d'um pisoeiro ou tonel, onde se mettem para os pisar os coiros curtidos; depois, de grandes toneis de tres metros de comprimento, e tres de diametro, que servem a conter os coiros grossos, que se querem curtir pelo novo systema; emfim, de toneis menores com dois metros de comprimento e dois de diametro.

N'esta descripção seguiremos o plano da propria fabrica do inventor, em Strasburgo, exemplificando com ella.

Todos aquelles toneis, assim como o pisoeiro, são ali animados por um movimento rotativo pela acção de duas rodas hydraulicas.

A primeira transmitte o movimento a um eixo horisontal pelo intermedio de rodas direitas.

Este eixo é munido de pinhas d'angulo, endentando com rodas presas sobre os eixos do pisoeiro, e dos grandes toneis, que fazem gyrar com um movimento de nove a dez voltas pouco mais ou menos por minuto.

N'este mesmo eixo estão fixas as roldanas, que transmittem o movimento, por intermedio de correias, aos toneis pequenos, cuja celeridade é de cerca de quatorze a quinze gyros por minuto.

A segunda roda hydraulica faz mover um eixo por meio de rodas direitas, e este os toneis contidos n'uma secção annexa ao local anterior, pelas pinhas, rodas, e roldanas dispostas de modo analogo ao movimento dos apparelhos similhantes collocados na secção principal.

N'esta secção estão tambem collocados os toneis verticaes que servem á preparação do sumo concentrado da casca, dispostos em circulo á roda de uma bacia com a qual communicam por tubos.

Esta bacia recebe o sumo da casca durante a sua preparação, e com bombas o passam de uma a outra bacia e o distribuem em todos os toneis moveis.

Para operar esta distribuição, estão dispostos conductores de lata, de modo que estabeleçam uma communicação facil entre as bombas, os toneis de preparação nos quaes ellas servem, e cada um dos toneis moveis que particularmente servem á operação principal do curtimento.

Nos andares superiores do maior edificio estão collocados o moinho, e o corta-casca, os quaes são movidos por meio de um eixo intermediario. N'este eixo estão fixas uma roda direita, uma pinha d'angulo do moinho, a roldana, e o corta-casca.

As bombas são egualmente movidas pelo motor principal, por intermedio de roldanas e manivellas.

Deve intender-se emfim, que todas estas obras e disposições por menor, são insignificantes para o systema propriamente dito de *curtimento accelerado*.

Pode ver-se pelo que antecede, que uma das principaes causas da acceleração do curtimento, resulta do emprego d'estes novos processos, e reside no impedimento do contacto do ar com o cortim, e com as pelles que estão mergulhadas n'elle. Infelizmente dando-se que os toneis não estejam constantemente cheios, e contenham por isso mais ar do que o preciso para a decomposição do cortim, com o que se reduziria consideravelmente a acção que devia ter sobre as pelles, carece-se de remediar este inconveniente, e consegue-se pelo segundo processo, cuja descripção segue.

Sendo o problema a resolver não só impedir o contacto do ar com o cortim e com as pelles, mas tambem tirar a estas ultimas o todo que ellas possam conter, não havia outra solução senão operar o curtimento no vacuo.

A coisa era mui facil em pequeno, por meio d'uma machina pneumatica e d'um balão de vidro, mas apresentava serias difficuldades ao fabrico em grande, porque era preciso evitar todo o contacto do cortim com o ferro, fundido ou batido, que tem a propriedade de denegrir o cortim e por consequencia as pelles que se mergulham n'elle. — O zinco não podia servir porque o cortim o corrompia mui promptamente. — O chumbo era muito molle para resistir á pressão do ar em cima de grande superficie. — Restava o cobre, que era mui caro e carregava tambem a côr do coiro pelo decurso do tempo, e debaixo da influencia do calor.

Quanto á madeira não se podia pensar n'ella: a sua porosidade que mais augmentaria quando se fizesse o vacuo, não permittindo até certo ponto fazer vacuo pouco mais ou menos perfeito, que emfim não podia subsistir senão durante mui pouco tempo, em quanto as junturas das aduellas, e a porosidade da madeira não tivessem deixado infiltrar, como deixariam sempre, uma quantidade d'ar bastante consideravel; a madeira era, além d'isso, mui provavel que, salvo deixarem-se as aduellas e fundos dos toneis d'uma espessura enorme, não podesse resistir á pressão do ar sobre grande superficie.

A difficuldade teria sido muito menor se o curtimento se pudesse fazer n'um apparelho fixo; mas como era absolutamente necessaria uma machina rotativa para chegar ao resultado appetecido, o fim era muito mais difficil de attingir.

Chegou-se entretanto a resolver este problema, construindo os toneis d'um modo particularissimo.

Os toneis são armados de madeira; uns tem crusetas ou rosetas fundidas que supportam os quicios: outros tem sobre os dois fundos dois discos fundidos com travessas e quicios, tudo d'uma só peça e d'uma espessura sufficiente para supportar o peso do tonel segundo a sua dimensão, e resistir á pressão do ar exterior.

Cada disco fundido termina na circunferencia n'um rebordo, segundo as aduellas horisontaes do tonel, disco que revirado na extremidade, sobe verticalmente até metade da sua espessura. D'ahi por diante o rebordo recurva-se de novo horisontalmente por um comprimento de 0,03 a 0,04 metros para poder prender-se com cavilhas a uma capa ou camisa, que cobre inteiramente a parte cylindrica, ou as aduellas dos toneis.

Esta capa compõe-se de duas partes meio cylindricas fundidas ou de folha de ferro, encaixando mui exactamente sobre toda a roda do tonel.

Estes meio-cylindros tem um rebordo similhante ao dos fundos, de modo que os rebordos d'um e d'outro possam juntar-se e cavilhar-se, depois de se ter mettido entre um e outro uma folha de gutta percha. Os dois tem ainda, cada um, segundo rebordo acompanhando todo o seu comprimento no sentido longitudinal.

Unem-se os dois rebordos, e põe-se como precedentemente entre elles uma folha de gutta percha ou coiro, que se aperta fortemente por meio de cavilhas, de modo que operem juncção perfeita.

No meio da capa deixa-se um buraco quadrado da mesma grandeza que o praticado no tonel. A este buraco está preso um circo de bronze, engatado sobre a capa. Sobre este circo está fixa uma tampa de bronze ou cobre.

Esta tampa é munida d'uma especie de gargalo de parafuso, sobre o qual atarracha uma torneira. Esta torneira termina d'uma parte em rosca sobre a qual se adapta o tubo de chumbo que communica com a machina pneumatica, ou com a cuba cheia d'agua ou sumo de casca, de que se vae fallar.

O modo de operar é o seguinte. — Logo que as pelles saem do trabalho da ribeira submettem-se a uma grande pressão para se lhes fazer escorrer a agua que possam conter. Feito isto deitam-se nos toneis com a quantidade de casca ou d'outra materia cortim necessaria ao seu curtimento perfeito, com tanta agua ou sumo quanto fôr necessario para bem humedecer a casca. Aperta-se em seguida a tampa de bronze ou cobre na abertura do tonel. Depois faz-se o vacuo, tão perfeito quanto possivel. Á medida que o vacuo se vae fazendo os poros das pelles vão-se dilatando, e assim se acham perfeitamente preparadas a receber o cortim.

Logo que o vacuo está inteiramente feito fecha-se a torneira, e adapta-se á virola um tubo de chumbo communicando com uma grande cuba, ou reservatorio qualquer, previamente cheio de sumo de casca mais ou menos forte, segundo a qualidade das pelles, que estão no tonel. Estando a outra extremidade do tubo mergulhada n'este sumo, não é preciso mais do que abrir a torneira para que todo o sumo que se acha na cuba ou reservatorio seja impellido com grande força para dentro do tonel, simplesmente pela pressão do ar.

No caso em que o tonel que se quer encher levasse mais liquido que o da cuba ou reservatorio, era preciso ter o cuidado de fechar a torneira logo que o tubo conductor não estivesse mergulhado no reservatorio senão em 0,08 a 0,1 metro de liquido, para impedir a introducção d'ar no tonel. N'este caso encher-se-hia primeiro a cuba de novo sumo, para recomeçar depois a operação.

Logo que o tonel que contém as pelles para curtir está sufficientemente embebido de sumo, fecha-se a torneira, e põe-se o tonel em movimento, com o auxilio da pinha em correspondencia com uma roda durante um quarto de hora, meia hora, ou uma hora, conforme o tonel contém bezerros, vaccas, bois, ou toiros. Depois deixa-se repoisar uma, duas ou tres horas. Em seguida faz-se gyrar de novo duas vezes mais tempo que da primeira vez.

Continua-se assim, diminuindo de cada vez o tempo de descanso, e augmentando o do movimento, até que este seja continuo.

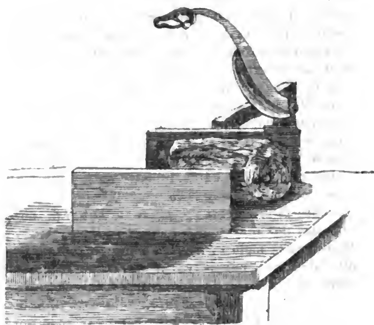
Assim, combinando-se os tres effeitos do vacuo, que dilata o tecido cellular da pelle, e impede a formação do acido gallico; que pelo movimento accelera a decomposição da casca, e opera um apisoamento continuo sobre as pelles; que pelo calor, que é a consequencia inevitavel do movimento, facilita consideravelmente a combinação da gelatina, contida no tecido cellular das pelles, com o cortim; chegam-se a curtir radicalmente as pelles de bezerro em tres a quatro dias, as vaccas em doze a quinze, e os bois ou toiros em vinte a trinta.

A mesma gelatina pode applicar-se ao curtimento em cubas ou tanques praticados no solo, mas com a condição de serem sufficientemente isolados uns dos outros.

Para chegar ao resultado desejado é preciso cobrir a cuba ou tanque com uma chapa fundida estanhada por baixo e que possa levantar-se á vontade. Esta chapa deve ser munida d'um simples gargalo com uma torneira, como se disse acima.

O modo de operar é o mesmo, sómente como não ha ali nem rotação, nem por consequencia attricto, nem calor, salvo se se empregar a agua quente, a duração do curtimento será de vinte a vinte e cinco dias para os bezerros, de sessenta a setenta para as vaccas, e de oitenta a cem para os bois ou toiros.

É em verdade um grande melhoramento, o que um tal processo realisa; e uma grande economia, a que resulta de reduzir a um mez um fabrico, que pelos processos ordinarios quasi levava um anno.



MACHINA PARA CORTAR PÃO.

Mr. Theodoro Marstrand, mechanico em Copenhague, expoz em 1855 um pequeno instrumento que, por ser quasi exclusivamente destinado ás herdades, não é menos util aos grandes estabelecimentos. É a machina para cortar pão representada no nosso desenho.

Nas occasiões dos grandes trabalhos, em que os lavradores ajustam os ceifeiros, e trabalhadores com a condição de sustental-os, os criados occupam-se meio dia exclusivamente em cortar o pão para a sôpa. Esta machina é destinada a abreviar este trabalho. Compõe-se ella, como se vê, d'uma caixa que se colloca sobre qualquer mesa, e na qual se mette o pão que se quer cortar em fatias. Uma folha de metal, bem afiada e provida de cabo, joga sobre um parafuso, e corta, quando desce, a fatia de toda a largura do pão.

Por este meio poupa-se muito tempo que pode ser aproveitado em outra coisa.

FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO.

Já em outro volume d'este semanario nós dissemos, com razão, a nosso ver, que nenhum outro assumpto epico se encontrava nos tempos modernos para emparelhar com o da descoberta da America; todavia, dos varios poemas que se occuparam do grande feito, nenhum satisfaz cabalmente á elevação do objecto. Alguns ha impressos, e até de um d'elles traduzido o primeiro canto em portuguez, pelo talentoso Bocage, cujo original, francez, era obra de uma prima do poeta, madame du Bocage. Começa assim:

Eu canto o Genovez, de Urania alumno,
Da inveja, e dos infernos perseguido,
O nauta que do Tejo foi tão longe
Desencantar os indicos thesouros,
Que da aurora ao poente o mar domando,
Para a Fé conquistou mundo ignorado.

Nós, porém, temos, manuscripto, outro poema sobre o mesmo assumpto, original portuguez, em oitava-rhyma, ao qual o seu autor, morto desastrosamente na flor dos annos, não pôde passar a ultima lima, como já tambem dissemos n'este mesmo jornal. Os laços de parentesco e amisade que nos ligavam ao seu autor, não nos cegam a ponto de reputarmos a sua epopéa rival dos *Lusiadas* ou da *Jerusalem*, mas parecendo-nos que ha no poema O NOVO MUNDO bastantes oitavas que revelam superior talento, vamos apresentar aos leitores do Panorama algumas d'ellas, que mais sympathias nos merecem.

Repetiremos a estancia com que abre o poema:

Eu canto o Genovez, e a grande empresa
Que este heroe immortal tenta animoso,
Commettendo com placida firmeza
Novo caminho aos homens duvidoso:
Acção pasmosa e de alta fortaleza,
Que faz eterno o nome glorioso
D'aquelle que, sulcando o mar profundo,
Deu ao mundo vetusto um novo mundo.

Depois de uma reunião de deuses no Olympo, imitação de quasi todos os poemas classicos, parte Mercurio a dispor Colombo para a grande empresa. Esta viagem do embaixador de Jove, voando sobre uma parte do mundo, que se encontra no canto I da epopéa, não nos parece destituida de interesse:

Sobre as azas s'equilibra, e vae sulcando
As raras ondas que lhe oppõe os ares;
Deixa a dextra o Cathay, não perpassando
Pelos da China portentosos lares;
Vê soberba Siam, que o Lama infando
Traz em dura oppressão... e além, nos mares,
Assombroso Tidor, Ternate ardente,
Que embalsamando estão um ceo fervente.

O aureo estreito passa, celebrado,
Onde eleva Sumatra a fronte austera;
Em frente se ergue, do contrario lado,
A terra adusta, onde Malaca impera...
Ali, onde depois Affonso ousado,
Brandindo a espada justiceira e fera,
Sem mostrar-se oppressor, por modo novo
Na cabeça de um rei castiga um povo!

Logo áquem magestosa observa a entrada
Que faz ao mar o Ganges sacrosanto,
Onde tem de elevar-se a decantada
Potente Calcuttá, da Aurora espanto!
Do temivel bretão a horrenda espada
Fará sobre o Mogol estrago tanto,
Que hãode rios correr tintos de sangue,
Nos pagodes Bramá julgar-se exangue.

Vê mais Coromandel que inda hade um dia
Sobre a plaga sentir Madrasta ingente,
E a santa casa onde Thomé fazia
Milagres, por mercê de um Deus potente:
Nem lhe escapa a que teve a primazia
Entre as ilhas gentis do rôxo Oriente,
Balsamica Ceylão, onde um conflicto
Tem de honrar dois heroes, Coutinho e Brito.

Já sobre o Malabar campêa airoso,
As azas divinaes batendo asinha;
As terras vê do Çamorim poderoso
E a opulenta Canará visinha;
Doirada Goa, emporio portentoso,
Á sombra de Albuquerque inda não tinha,
A omnipotencia disputando aos numes,
Coberto de terror persas e rumes.

Ainda não tem a torreada Diu
Enchido de Sumano o imperio escuro,
Nem a altiva Cambaia inda sentiu
Ferreo Silveira, Mascarenhas duro;
Ormuz e Baçaim, Damão não viu
Galgar potente o portuguez seu muro;
No regaço da paz Meca inclinada,
A continuo terror não está prostrada.

Cruza o madido golpho que separa
D'Asia e d'Africa as praias estridentes;
Vê Mombaça, Melinde, e essa preclara
Ilhota de conchinhas reluzentes:
Passa a ponta avernal que se creara
Para terror das undivagas gentes,
E onde d'alta Ulyssea a musa inda hade
Cantar Colombo, ao som da tempestade! (1)

(1) O autor trabalhava na confecção da sua epopéa, quando esteve quasi perdido no Cabo da Boa Esperança, em 1835.

Já sobre o mar Athlantico, profundo,
Desprega as azas Cyllenêo contente,
Vê entre sombras, para a esquerda, um mundo
Que vae já franco ao outro ser patente;
Em busca do Ligure sabio e jucundo
Apressa mais e mais o vôo ingente;
Pelo hemispherio norte emfim passando,
Eil-o já sobre o lar do heroe poisando.

Tambem nos parece digna de ver-se a seguinte galeria de heroes do Novo Mundo, que a America apresenta em sonhos ao seu futuro descobridor.

Olha, e fita o primeiro que zombando
Parece estar do fado preeminente,
Compatriota teu, que não tocando
Antes de ti no vasto continente,
Com soberba fallaz vae arrogando
De tão preclara acção a gloria ingente.
A ponto de negar teu nome á terra
Que em negras sombras o occidente encerra.

Olha o busto d'áquem, que um genio ousado
Te mostra, em tudo, singular, famoso;
Balbôa o nome seu; enthusiasmado,
Por não vistos cantões trilha vaidoso:
Subindo ao maior cume alcantilado,
Entre as nuvens de ceo caliginoso,
O mar descobrirá placido e brando,
Que outro genio maior irá sondando.

Eil-o d'além, que impavido, atrevido,
De um volver de olhos abrangendo a terra.
Tendo ao tumido mar audaz vencido,
Em longinquo paiz soberbo aferra;
Havendo em novo oceano emfim surgido,
De antipodas as duvidas desterra,
E enchendo de terror o mar profundo,
Primeiro, egual ao sol, dá volta ao mundo.

Olha est'outro d'aqui, tambem é luso,
Queiroz, o grão Queiroz, que hade afanoso
Quasi ao polo chegar, onde, confuso,
Em vez d'agua, vê gelo pavoroso.
Olha mais um de merito inconcuso,
É Pizarro, o guerreiro portentoso;
Vê junto d'elle Almagro levantado...
Ah! que misero fim lhe guarda o fado!

Com respeito, Colon, o busto encara
De assombroso Cortez, que heroe seria,
Se o brilho de seus loiros não manchara
Com a mais feroz, cruenta tyrannia.
Cabral mira de cá, que sorte rara
Ao Ophir do occidente impelle, ou guia;
E junto d'elle attenta Ercilla o vate,
Que ora as musas invoca, ora combate.

Olha mais Orellana, que primeiro
O Amazonas navega destemido;
Esse rio caudal e sobranceiro
Que repelle na foz o mar temido.
Olha Cook, o famoso aventureiro,
Que da fera Albion tendo partido,
Hade em fraco baixel, qual sol luzente,
Tres vezes descrever orbita ingente.

D'esta parte Vieira enxerga, ousado,
Que a Hollanda e o Brazil enche de espanto;
Eis seu digno rival d'este outro lado...
Washington immortal só pode tanto!
Vê mais Caramurú, que ignoto fado
Faz ser merecedor de epico canto;
E se o sabio te apraz, o gallo encara
Que ao nivel vendo o ceo, só então pára.

Porém o deprimir seria um crime
A gloria do mortal que assombra o mundo!
Vês este a quem Phaetonte a côr imprime?
É Dias portentoso, furibundo.
D'este sacro logar jámais se exime
Aquelle que em acções se vê fecundo:
É branca ou negra côr mero accidente...
Estatua lhe ergo aqui d'ebano ingente.

Vê mais La Maire, Chabot, Hudson valente;
Vê Francia, Bolivar na guerra ousado;
Las Casas singular, Franklin prudente,
Sabio Andrada, Dom Pedro sublimado;
Quem ha ahi que da abobada luzente
Tenha o numero de astros já contado,
Esse conte os heroes de Apollo e Marte
Que inda hãode abrilhantar a Ocidua parte.

O segundo canto do poema trata dos preparativos da empresa, conquista de Granada, e saida das tres naus *Santa Maria*, *Pinta* e *Nina* do porto de Palos. No terceiro canto, proseguindo a viagem da descoberta, encontra-se a descripção de um temporal, e as manobras de bordo, talvez com superabundancia de termos technicos; d'esse episodio copiaremos duas oitavas, escriptas com fogo, posto que conheçamos o hyperbolico das suas imagens.

Eis ribomba o trovão, que susto inspira,
Nuncio do raio, pela senda horrivel;
Os espaços do ar por onde gyra,
Crestando vae com o fogo inexhaurivel:
O mar espuma de raivoso, e em ira
Querendo ver do ceo seu reino ao nivel,
Com vagas furibundas salva os mastros,
Chega quasi a apagar a luz dos astros.

Emtanto aos remessões o lenho errante
Ergue-se além das nuvens um momento,
Rasga do ultimo ceo o veo brilhante
O tópe, a querer tocar no firmamento:
Agora desce ao pégo devorante,
E o fundo observa ao humido elemento;
Com pasmo a gente vê... oh maravilha!
Por tres vezes roçar no Averno a quilha!

No quarto canto encontra o heroe a ilha Athlantida de Platão, e vê-a submergir-se, deixando-lhe a passagem livre para a America, aonde chega. O quinto canto abre assim:

Qual a agulha polar, que buliçosa
Gyra a um lado e a outro, inquieta, errante,
E nos seus movimentos duvidosa,
Busca o arctico polo ver diante;
Mas logo que o divisa pára airosa,
Extatica ficando n'um instante...
Arcano que inda a natureza occulta,
Mysterio que nas sombras se sepulta!

Assim o nosso heroe ao ver a bella
Perspectiva do porto desejado,
Contempla extasiado e absorto aquella
Terra da promissão que havia achado:
Ah! que faria o vencedor de Arbella,
Que, porque um mundo só tinha encontrado,
Outr'ora já chorou, se visse ufano
Novo mundo surgir do vasto Oceano!

No sexto canto acha-se uma descripção da Europa, imitada dos *Lusiadas;* no setimo os amores de Colombo com uma indiana; o oitavo e nono não estão completos, e o decimo e ultimo termina assim:

Entanto no baixel o heroe fendia
Do velho Oceano o dorso prateado;
A terra no horisonte se escondia,
Deixando só patente o mar salgado:
Té que surgiu no oriente o dia
Em que pôde de rosto levantado,
Dizer ao rei de Hespanha, nos seus lares:
«Dou-te esse mundo, que encontrei nos mares.»

F. M. Bordalo.

HISTORIA DOS AMULETOS.

A palavra *amuleto* serve para designar os objectos que se trazem pendurados no peito, aos quaes se attribue a propriedade de livrar quem os traz, ou de dôres e enfermidades, ou de desgraças e infortunios. Da palavra latina *amuleta*, originariamente *amoleta*, que Vossius deriva de *amoliri* (apartar, afastar) procede a palavra amuleto.

Quando uma pessoa naturalmente credula e supersticiosa se encontra livre de grande perigo; quando repentinamente desappareceu alguma profunda dôr, ou sobreveiu um feliz successo que arrancasse da miseria a pessoa favorecida, poucas vezes o seu espirito attribue estes varios acontecimentos á sua verdadeira causa. Em logar de ver n'estes acontecimentos o resultado do encadeamento de circunstancias; o concurso de successos produzidos por outros anteriores; uma reacção em virtude das leis physiologicas; ao contrario julgará que são consequencias devidas a causas inteiramente estranhas, e attribuirá a producção d'estas vicissitudes, a que pelo seu imprevisto caracter dá uma certa appa-

rencia milagrosa, a um objecto que no fundo é completamente indifferente. Quando se misturam crenças religiosas, as preoccupações costumam ser mais arraigadas e perigosas; como que a ignorancia das causas reaes é profunda, e a imaginação pobre dos supersticiosos não alcança a razão das coisas, os erros são mais funestos. A crença na virtude dos amuletos é uma grosseira superstição, fructo da ignorancia das causas reaes, e cuja persistencia é devida ás casualidades que algumas vezes parece confirmar a efficacia do seu destino.

O Oriente é a patria dos amuletos, bem como de todas as crenças que mais fortemente tem dominado o espirito humano. Os judeus conheciam os amuletos com o nome de *Tothaphoth*. Moysés, para destruir esta superstição do seu povo, ordenou que ou na mão, ou sobre a fronte pozessem preceitos copiados da lei; que os mesmos preceitos se fixassem nos umbraes das casas, e nos pilares das portas; substituindo assim por um costume moral que a toda a hora devia recordar aos israelitas os deveres que tinham a cumprir, aquella pratica supersticiosa. Este costume de levar porém escriptas nos vestidos sentenças tiradas do Pentateuco (*Tephillim*, como diziam os hebreus) prompto degenerou n'uma superstição religiosa absolutamente similhante á que Moysés quizera desterrar; não tardou em se lhes attribuir uma virtude material e intrinseca, que os transformou em verdadeiros amuletos. As mulheres dos judeus tambem usavam certas alfayas que acreditavam como preservativos poderosos. Os *lekhaschim*, ou figuras das serpentes de que falla Isaias, entravam n'este numero; tinham a propriedade de afastar os maus espiritos e livrar de animaes venenosos. Em geral suppunha-se pelo principio *similia similibus*, que as imagens dos animaes maleficos conjuravam os animaes que representavam. A crença que fazia ás mulheres judias usarem estes amuletos, obrigou Moysés a erigir a serpente de metal para curar os que eram mordidos por estes reptis.

No tempo de Jesus Christo, o uso dos amuletos e encantos estava muito em voga entre os hebreus. Attribuia-se a Salomão a composição de alguns que se consideravam mais poderosos. Diz o historiador Joseph que com elles se conjuravam os maus espiritos, e se preservava de enfermidades. Similhante superstição provinha evidentemente dos antigos persas, entre os quaes os *tahvids*, ou *taahvids* representavam o mesmo papel. Applicavam-se tambem sobre diversas partes do corpo para se livrarem de differentes males. O que autorisa tal similhança, é, que estes *tahvids* se faziam em nome de *Feridoun*, celebre rei cuja historia offerece mais analogia com a de Salomão.

Os amuletos, propriamente ditos, foram pouco usados entre os gregos e romanos. Os primeiros traziam algumas vezes anneis magicos para se curarem de certas enfermidades; empregavam como encantos ou talismans certos objectos. Hervas reputadas magicas tinham propriedades analogas, e por isso cingiam com ellas as fontes da cabeça, como o lembra Virgilio na egloga setima. Por isso usavam tambem collares de certas conchas e coral, que penduravam ao pescoço das creanças.

Tarde foi porém que esta pratica se introduziu entre os gregos e romanos. Na epoca imperial foi que principalmente se vulgarisou o seu uso. Vieram acompanhados das doutrinas orientaes. Os gnosticos, que foram os introductores das crenças asiaticas no Occidente, davam muita fé á virtude dos amuletos. Na Persia, na Syria, e no Egypto foi onde se contrahiram tão supersticiosos costumes. Os cylindros persepolitanos, e as figuras que se encontram nos sepulchros egypcios, eram de certo amuletos, e os israelitas acostumaram-se ao seu uso emquanto estiveram na terra de Pharaó.

Os arabes, a cuja raça os hebreus pertencem, são muito supersticiosos, e até usam cobrir o corpo com sentenças do Alcorão, e trazer anneis com pedras preciosas, e varios objectos que imaginam ter virtude de curar enfermidades, expulsar demonios, e destruir os maus effeitos dos encantamentos.

Os persas fazem uns saccos pequenos dentro dos quaes encerram sentenças copiadas do Alcorão. Estes amuletos trazem-n'os ao peito, no pescoço, e até no braço; e mesmo os penduram nos animaes para os preservar de maleficios e enfermidades.

A maior parte dos musulmanos da India trazem ao pescoço, no turbante, no braço, ou no pulso o *Ism*, palavra sagrada escripta n'alguma placa de metal, ou pedaço de porcelana, ou em papel, ou bordada n'um pedaço de *kumkhwab*, que é uma seda tecida com flores de oiro e prata.

Os tartaros, chins, e os brahamistas usam tambem amuletos. Os buddhistas da ilha de Ceylão applicam nas partes do corpo, onde sentem dôres, figuras de demonios, e acreditam piamente que se curam com estas cataplasmas de nova especie.

Tambem os christãos adoptaram o uso dos amuletos. Poderiamos citar os concilios de Laodicéa, Ancira, Carthago e outros que prohibem taes usos, e condemnam taes superstições; porém limitar-nos-hemos a dizer que a Egreja sobre este ponto já deu terminantemente o seu parecer.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCIII

Do que succedeu a Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva

Marco Antonio parecia de nação italiano, e

fallava muito bem portuguez. Este homem era secretario do conde Manuel da Silva, e muito seu mimoso. Elle tinha escondido o dinheiro e peças do dito Manuel da Silva, e foi chamado por um capitão castelhano, e o não conhecia porque se mudavam os homens e trajos de ratinhos, e não faltavam malsins que por pouca cousa os descubriam, e os castelhanos os amarravam com as mãos detraz e os levavam ante o auditor geral, e o marquez, e seus capitães, como eu vi vir um fidalgo, por nome D. Manuel, e amarrado com as mãos detraz, e descalço ante o auditor, e d'ahi foi preso para as galés. Este Marco Antonio assim foi tomado demudado: perguntando quem era diceram ao capitão, que era Marco Antonio, secretario de Manuel da Silva. Ordenou de lhe dar tormentos, que confessasse onde estava o dinheiro, e o haver que tinha Manuel da Silva. Antes que lhos dessem confessou, e o foi mostrar. Recolheu o capitão, e folgou muito, e lhe deu os vestidos seus, e o largou. Quando o marquez soube que Marco Antonio estava na cidade mandou-o logo ir perante si, e lhe dice que entregasse o dinheiro de Manuel da Silva, ou dicesse onde estava, senão que lhe havia mandar dar tormentos. Dice-lhe Marco Antonio, que um capitão, morador na rua da Conceição, desta cidade, o tomara, e lhe começára a dar tormentos, e que temorisado delles lho descubrira e entregara, e que estava senhor delle. Ficou o marquez apaixonado: mandou logo chamar o capitão, e perante Marco Antonio lhe perguntou, e mandou que entregasse logo tudo, que não era seu, nem lhe tocava, porque além de serem passados os tres dias do saque, que tocava a sua magestade, que logo o fosse entregar. O capitão deu as razões que lhe pareceu, negando que Marco Antonio lhe não dera dinheiro. Mandou-o o marquez prender, dizendo que lhe havia dar grandes tormentos. Levou-lhe Marco Antonio testemunhas como o deu. Não quiz o capitão esperar os tratos, entregou tudo dizendo que a culpa fôra sua não matar Marco Antonio. Poz-se em cobro o ditto Marco Antonio, e o marquez mandou ao capitão o segurasse, e assim o fez o capitão, e mandava que andassem guardas com elle té que o ditto Marco Antonio se embarcou, e dizem que se foi nas galés, sem mais apparecer té hoje. Dizem que de Sevilha se foi para as Indias de Castella, e nunca mais houve delle novas.

XCIV.

Do que aconteceu a Melchior Gonçalves com o marquez.

Tinha sido nesta cidade um Antonio Soares muitos annos feitor da alfandega por el-rei D. Sebastião, e neste tempo havia feitor do contracto, e as feitorias eram de grande proveito. Este Antonio Soares era homem solteiro, não tinha gasto algum, ajunctou alguns onze mil cruzados em bom dinheiro. Tinha por muito seu amigo a um Melchior Gonçalves, mercador, e se fiou delle, dizendo-lhe que lhe havia esconder aquelle dinheiro, que buscasse aonde. Fez o ditto Melchior Gonçalves uma parede falsa, e entre ella e um secreto metteu o dinheiro. Tanto que o marquez esteve na cidade perguntou pelos feitores d'el-rei, assim pelos que tinham servido, como pelos que serviam. Elles estavam escondidos, não queriam apparecer. Diceram ao marquez que o ditto Melchior Gonçalves era grande amigo de Antonio Soares, o qual podia dar razão delle. Mandou-lhe o marquez que dentro em tantos dias désse razão delle, senão que por elle o havia de haver. Veiu o pobre temorisado e triste, e imaginativo, e veiu ver a sua casa, e achou nella soldados, os quaes andavam cavando toda a casa como faziam a muitos, e fizeram, que té os telhados viraram e forros de casas. O tempo que lhe dera o marquez ia-se acabando, e elle não sabia do ditto Antonio Soares seu amigo, e ainda que o soubera não havia fazer o tal, nem dal-o á prisão. Elle imaginava se lhe dariam os soldados com o dinheiro, e para lhe dizer que eram acabados os tres dias de saque, que não cavassem, era avisal-os, porque o marquez esteve 22 dias na cidade e em todos não havia que despedir soldados das casas, té que se embarcaram. Elle para commetter partido com os soldados que partiriam pelo meio o dinheiro, era peor, porque, descuberto, haviam de o matar, e tomal-o todo, e enterral-o como fizeram a muitos. Deliberou-se a se remir com elle para com o marquez, porque tambem lançou entre si conta, que se os soldados das casas déssem com elle, que Antonio Soares o não havia de crer, senão que elle o tomara, e que fingia aquillo. Foi se ter com o marquez no ultimo termo e lhe dice: *V. S. saberá que eu não posso ter noticia de Antonio Soares, nem sei onde é botado, nem escondido, mas eu sei onde estão onze mil cruzados seus em bom dinheiro, que se fiou elle de mim. V. S. faça nisto o que for servido, porque assim como descubro o dinheiro descubrira a elle, porque não sei se é morto se vivo, e sei que não tinha outro mais, e estes tinha junctos para elle e para dar suas contas.* O marquez em lhe ouvindo isto o abraçou, e lhe fez muita festa, promettendo-lhe mercês; e logo mandou um capitão e um seu secretario em busca do dinheiro. Quando os soldados que viviam nas casas viram o tal, ficaram mortos, dizendo que já determinavam furar todas as paredes das casas. E levaram o dinheiro todo, e o ditto Antonio Soares dizem que se embarcou ás escondidas, e que quando em Lisboa soube do dinheiro, que morreu de nojo. Isto se contou publicamente nesta cidade de Angra.

O passo mais arriscado da vida é o casamento; elle dá um anjo, ou um demonio; traz a paz, ou a guerra; conduz ou á habitação das graças, ou á das furias.



CASTELLO DE BEAUFORT.

O castello de Beaufort, no grã-ducado de Luxembourg, era antigamente uma das mais vastas e importantes habitações feudaes da Belgica. Hoje ainda as suas pittorescas ruinas dão elevada idéa da antiga magnificencia. Ignora-se a epoca da sua primeira construcção, que deve remontar ao seculo decimo-terceiro. Ao lado d'estas ruinas eleva-se um castello moderno que data do decimo-setimo. Deve a fundação ao general Beck, que, saido das classes mais inferiores da sociedade, chegou, unicamente por seu merecimento, aos cargos de barão, marechal de campo dos exercitos imperiaes, e governador do ducado de Luxembourg e do condado de Chiny. O illustre guerreiro morreu em Arras, em 1648, das feridas que recebera na batalha de Lens.

A destruição do castello de Beaufort é de recente data. Era ainda uma praça forte importante no seculo decimo-setimo, e até 1820 a maior parte das casas conservaram o telhado.

A familia Beaufort deu um grã-mestre á ordem Teutonica, e muitos senescaes e governadores á provincia. Em 1593, a terra de Beauford, que formava um dos quatro condados do Luxembourg, foi confiscada por Filippe II pelo crime de traição.

Tendo o senhor de Beaufort, em 1590, tomado parte na rebellião do principe Mauricio de Nassau, foi degolado: seus bens, dados a Pedro Ernesto, conde de Mansfeldt, passaram por successão á casa de Bois-Moulin, que os vendeu ao barão de Beck por 60000 florins. O conde

de Briey de Claireau comprou-os aos herdeiros do general. Mais tarde, pertenceram ao barão de Tornaco, que deu por elles 80000 florins. O condado de Beaufort pertence hoje ao conde de Liedekecke, antigo marechal do palacio de Guilherme I, rei dos Paizes-Baixos.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIV

A SÉ — O CONVENTO DOS CAETANOS — O POETA BOCAGE.

8 de Novembro de 1787.

Verdeil e eu ralhavamos das calçadas desconjuntadas indo esta manhã no meu coche tosco de viagem com o objecto de fazer exercicio: o pretexto da nossa digressão era vermos uma notavel capella embutida de jaspe e lapis-lazuli. na egreja de S. Roque; mas, quando chegámos celebravam-se tres ou quatro missas, e não havia uma creatura assaz desoccupada para correr a cortina que cobre o altar, de maneira que voltámos com cara de parvos.

Não tendo ainda visto a cathedral, ou egreja da sé, como lhe chamam em Lisboa, nos encaminhámos para aquelle bairro. É um edificio de dimensões nada maravilhosas, estreito e sombrio, sem comtudo ser respeitavel. O terremoto reduziu a pó as suas magnificencias, se é que as teve, e tão espantosamente despedaçou as capellas de que está incrustado, que mui tenues vestigios se podem perceber de terem feito parte de uma mesquita.

Postoque não fosse movido de esperança de grandes coisas, apesar das descripções das viagens e obras topographicas, que como os livros do pariato e de linhagens tem affectuosa inclinação para figurarem ser alguma coisa o que na realidade está mui proximo do nada, indaguei, segundo faz o viajante diligente, pinturas e ornatos de altares, e os tumulos, e não posso blazonar de descoberta alguma. Certo, não despenderiamos muito tempo com o que por ali havia; mas, os padres e sachristães pegaram de nós insistindo que de novo examinassemos o recanto do vão de uma escada, onde estão para se beijarem e venerarem os signaes dos dedos de Santo Antonio. Parece que o Santo vendo-se apertado pelo pae da mentira e origem do mal, por outra o perro Satanaz, gravou o signal da cruz n'uma parede do mais duro marmore, e assim poz ponto á tentação. Uma pequena pintura mui agradavel fica por cima da cruz milagrosa e memora a tradição.

Tudo isto era assombroso: porém, nada em comparação com algumas historias relativas a certos corvos sagrados. — «Existem os mesmos passaros», disse um sachristão. — «O que! (retruquei-lhe) os proprios que acompanharam S. Vicente?» — «Exactamente não, (foi a resposta segredada ao ouvido) mas os seus immediatos descendentes.» — «Muito bem (lhe disse); ainda n'esta tarde, querendo Deus, virei fazer-lhe os meus comprimentos e em boa companhia; por agora, adeus.»

O ponto onde em seguida nos dirigimos foi o convento dos theatinos. Demos uma vista d'olhos á livraria, que ainda jaz na mesma confusão em que a deixou o terremoto, metade dos livros tombados uns sobre os outros em montões pulverulentos. Um frade esperto e activo, que me disseram ter escripto uma historia da Casa de Bragança ainda não impressa, guiou os nossos passos n'este cahos de litteratura, e depois de procurar meia hora algumas viagens curiosas que desejava mostrar-nos, levou-nos á sua cella, e chamou a nossa attenção para um gabinete de medalhas que com sua diligencia e alguma despeza havia colligido.

Não sentindo em mim vocação para investigações numismaticas, deixei Verdeil com o frade abarbados com algumas legendas duvidosas, e fui recrutar de improviso quem me acompanhasse a ver os corvos sagrados. Encontrei primeiro o abbade Xavier, depois o famoso missionario prégador da Boa-Morte, logo o grão-prior, e por ultimo o marquez de Marialva; D. Pedro pediu que não o deixassem ficar de fóra, de maneira que fomos com o coche todo cheio, e eu conduzi toda a carrada a jantar em minha casa. Verdeil já estava de volta acompanhado do reverendo antiquario das medalhas, e tambem tinha arrebanhado o governador de Goa, D. Frederico de Sousa Calhariz, e o seu constante companheiro, um fanfarrão saboyano ou piemontez, por nome Lucatelli, e tambem um mancebo pallido, de compleição fraca, de olhar e modos excentricos, o sr. Manuel Maria, a mais fóra do commum, mas talvez a mais original das creaturas poeticas formadas por Deus. Succedeu acharse n'uma d'aquellas disposições de espirito, de enthusiasmo e de exaltação, que á similhança do sol no pino do inverno brilham quando menos se espera; milhares de ditos agudos, de expansões de alegria zombeteira, de repentes satyricos, disparava-os de chofre, de modo que todos andavamos a tombos com riso; mas, quando começou a recitar algumas de suas composições, nas quaes a profundeza do pensamento se mistura com os rasgos mais patheticos, senti-me abalado, commovido. Em verdade pode dizer-se que este caracter extravagante e versatil possue a verdadeira varinha de condão, com que, a seu belprazer, anima ou petrifica.

Percebendo o quanto me attrahia, disse-me: — «Não esperava que um cavalheiro inglez se dignasse prestar alguma attenção a um versejador moço, obscuro, e moderno. Vós outros julgaes que não temos outro poeta senão o Camões, e que o Camões não escreveu coisa digna de

memoria senão os Lusiadas; e tem um soneto que vale metade dos Lusiadas. Nenhuma imagem da belleza campestre escapou ao nosso divino poeta; e quão sensivelmente se transportam da paizagem para o coração! Que encantadora melancolia, como os derradeiros raios do sol no occaso, se diffunde em toda aquella composição! Se eu valho alguma coisa, fez-me este soneto o que sou: mas que sou eu comparado com Monteiro? Julgae.» Continuou elle entregando-me alguns versos manuscriptos d'este autor, de que os portuguezes são vehementes partidarios; postoque façam impressão, e sejam sonoros, devo confessar que o soneto do Camões e muitos dos proprios versos do sr. Manuel Maria me agradaram infinitamente mais; todavia é certo que eu não estou bastante iniciado na força e formas da linguagem portugueza para ser juiz competente.

O nosso jantar foi alegre e de bons convivas; á sobremesa o abbade apresentou uma immensa bandeja de fructas seccas e doces, que um dos seus cento e cincoenta protegidos lhe mandou, não me lembra de que exotica região. Todas estas iguarias elle reservava para nos mandar, querendo quasi empurral-as por nossa goela abaixo, como se fossemos perús e elle gallinheiro, cujo modo de vida dependesse de nos cevar bem. — «Já vistes (disse elle) em parte alguma tão admiraveis producções? A nossa rainha tem milhares de leguas de pomares, e rochas de oiro e diamantes; as riquezas e fertilidade de seus dominios não tem limites, e tambem o mar, o proprio mar deve pertencer-nos, se vos apraz, pois que temos immensos meios para construcção naval, mastros de duzentos pés de altura, madeiras incorruptiveis, corajosos marinheiros. D. Frederico vos pode contar as proezas de alguns de nossos heroes ainda não ha muito tempo contra os gentios em Goa: os vossos John Bulls não são metade tão activos nem metade tão valorosos.»

E assim foi por diante blazonando e ensúrdecendo-nos. Em patrioticas jactancias e gabos nenhuma nação leva a melhor aos portuguezes, e nenhum portuguez ao abbade.

Afinal, evaporados estes louvores e gosos, partimos equilibrados nas azas da santidade a satisfazer nossa obrigação para com os corvos bentos. Desde tempo immemorial está consignada certa quantia para mantença de dois passaros d'aquella especie, e os achámos commodamente aquartelados n'um esconderijo da claustra adjacente á cathedral, bem nutridos, e de certo mui devotamente venerados.

A origem d'esta singular costumeira remonta ao tempo de S. Vicente, que foi martyrisado junto ao Cabo que tem o seu nome, e cujo corpo mutilado foi conduzido a Lisboa n'um baixel, acompanhado pelos corvos; e os seus algozes foram perseguidos por estas aves, que abandonaram d'esta vez seus naturaes instinctos, e investiram aquelles com estridentes gritos, tirando-lhe os olhos ás bicadas (*). O navio e os corvos acham-se figurados ou esculpidos em todos os angulos da cathedral, e n'algumas laminas representam como brasão e perenne memoria de sua agudeza em descobrir os criminosos.

Já era tarde quando nós chegámos, e os plumosos santificados se tinham empoleirado tranquillamente; mas, os sachristães á espreita de que chegassemos, assim que nos viram, officiosamente os fizeram levantar. Como estavam nutridos, nedios, e lustrosos! A minha admiração por seu tamanho, plumagem, e retumbantes grasnidos, receio eu que me fez passar os limites do sagrado decoro; quando estendia a mão para afagar-lhes as pennas, o missionario reprimiu-me com um solemne olhar prohibitivo. Os mais da companhia, sabedores do ceremonial proprio, guardavam respeitosa distancia, em quanto o sachristão e um padre desdentado, curvo pelos annos, enfiavam um rosario de milagrosas anecdotas concernentes aos actuaes corvos bentos, os seus immediatos antecessores, e outros que em tempos remotos os precederam.

A todas estas sobrenaturaes narrações parecia o missionario estar attento com implicita fé, e nunca abriu os beiços em quanto nos demorámos na claustra senão para fortalecer a nossa veneração, e exclamar com pia compostura «*honrado corvo!*» Creio que estariamos até á meia noite, se não viesse um pagem de sua magestade chamar o marquez de M... e o seu capellão.

Satisfeita a minha curiosidade pelo que tocava aos corvos bentos, facilmente me persuadiu o grão-prior a retirar-me e passear as ruas principaes para ver as luminarias por festejo do parto da infanta consorte de D. Gabriel de Hespanha, que deu á luz um principe. Era grande a multidão de ociosos que vagueavam pelos mesmos sitios e por isso andavamos com difficuldade, e por pouco esteve que não saltassem fora as rodas da nossa carruagem quando tentou abrir caminho um anachronico e arrevezado coche, pertencente a uma dignidade da sé patriarchal. Não tenho de que espraiar-me em louvores a respeito das illuminações; mas, alguns foguetes deitados do Terreiro do Paço causaram-me admiração pela altura a que subiram, e o extraordinario numero de transparentes estrellas azues que espargiram. Os portuguezes primam nos fogos de artificio, tendo gasto muito e muito dinheiro em levar á perfeição esta arte o fallecido, baboso, e beató monarcha.

Do Terreiro do Paço fomos á grande praça onde está o palacio da inquisição; ahi achámos immensa multidão, á qual tres ou quatro prégadores capuchos apregoavam as glorias e illuminações do outro e melhor mundo. Teria prestado alguma attenção aos seus discursos, que pelas amostras que conheço seriam repassados de fogo e phrenesi, se o grão-prior com seu perpetuo medo de rheumatismo se não queixasse

(*) O A. aqui (como em outras coisas) falseia a tradição ou foi mal informado.

do ar da noite; e por isso recolhemos a casa. Todos os aposentos estavam mornos com a evaporação das luzes de cera, que em boa fé se podiam chamar lavaredas; enfadado sacudi a fumaça e abri as janellas. Saindo o grão-prior, veiu Polycarpo, o famoso tenor, que nos entreteve com algumas arias de vigor e pasmosa volubilidade antes da ceia, e durante ella em estylo egualmente professional com muitas anecdotas particulares da alta nobreza, e os principaes empregados, que de certo não lhes eram favoraveis. Tive tentações de estender o guardanapo sobre as aventuras dos corvos sagrados, mas a prudencia reteve o desejo; e assentaria mal a uma pessoa tão bem tratada pelos que os gabavam, trazer a terreiro similhantes assumptos com leviandade. M.

A CAUSA PORQUE OS MALVADOS ABORRECEM OS VIRTUOSOS.

Quando os homens viciosos chegam ao tempo da reflexão e do conhecimento de si mesmos; quando, procurando dentro em si, não encontram senão a tendencia para o bem estar pessoal; quando não teem o menor desejo de achar e de adquirir outra coisa, lançam os olhos sobre os entes da sua especie, e julgam observar que tambem n'elles não ha nada mais elevado do que esta mesma inclinação. Então firmam-se na idéa de que é essa a verdadeira essencia do homem, e desinvolvem em si esta essencia no mais alto grau por assiduo trabalho. Assim, tornam-se elles, aos seus proprios olhos, os homens mais distinctos e superiores, porque teem a consciencia de possuirem em si a virtualidade do verdadeiro valor do homem. Durante a sua vida, teem pensado e obrado assim. Mas se se tivessem enganado n'estas premissas do seu syllogismo; se em outros entes da sua especie apparecesse alguma outra coisa, incontestavelmente mais elevada e mais divina que a simples propensão para o bem estar pessoal, elles, que se haviam julgado até então os homens eminentes, seriam entes d'uma especie inferior, e em vez de se supporem acima de todos, como tinham feito até então, seriam desde logo obrigados a abater-se e despresar-se. Não podem pois fazer nada melhor do que atacar com furor a opinião de que alguma coisa ha mais nobre no homem, e todas as apparencias que podem dar-lhe algum fundamento. É preciso que elles façam o possivel para afastar e abafar estas apparencias. Pugnam pela sua vida, pela causa mais intima e mais profunda da sua vida; trabalham para a possibilidade de se tolerarem a si mesmos. O fanatismo e todos os seus furores, desde o principio do mundo, sairam d'este unico principio: *Se os meus adversarios tivessem razão, eu seria um perverso.* Se o fanatismo puder apoderar-se do fogo e do ferro, atacará o seu inimigo com o fogo e o ferro; se não puder, servir-se-ha da lingua, que, sem matar o adversario, lhe paralysa comtudo poderosamente a energia e a acção. Um dos enganos predilectos que a sua lingua põe a maior parte das vezes em pratica, consiste em dar um nome geralmente odioso ao que o não é senão aos fanaticos e perversos, afim de desacreditaI-o e tornal-o suspeito. O thesouro de reserva d'estes enganos e denominações é inesgotavel, augmenta continuamente, e não é possivel avalial-o.

SAUDADE.

. . . .
Que eu não queria de ti mais que adorar-te,
Viver de ti, morrer n'esta illusão.
***

Saudade, que me does, não fujas, crava
O teu pungente espinho sem piedade;
Grava em meu coração, ó deusa, grava
Os bellos quadros da florida edade:
Eu quero padecer. D'est'alma trava;
Assombra-a de tristezas, ó saudade.
Cala-me os hymnos do fallaz futuro:
Traz-me o passado, e aquelle amor tão puro.

Aquelle amor.... Não podem já dizel-o
Labios afeitos a mentir amores;
Recorda o coração o quadro bello,
Mas não podem pintal-o falsas côres.
A phrase é falsa, é vã, é vão desvelo
Querer d'arido peito haurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
Ungir-me a fé a juvenil palavra.

Comigo estás, mulher, sempre comigo;
Em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume;
Brilha o sorriso no teu rosto amigo,
Ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
O Lucifer maldito do ciume:
Em sonhos, és, qual foste, o dom extremo.
Que dispensa, na terra, o SER SUPREMO.

E pude-te perder, thesouro immenso,
Apoz tamanha luta de incerteza!
E pude arrefecer o fogo intenso,
Fundindo n'elle a unica riqueza,
Que n'este mundo tinha.... Ai! quando penso,
Que, n'este amor, senti mais que avareza,
Como Job na penuria transformado,
Suspeito que o SENHOR me ha castigado.

Recorda-te. Era o sol no occidente,
Beijavam-te seus raios moribundos.
Eramos dois, uma só alma ardente,
Voando d'este mundo a novos mundos.
O labio estava mudo; mas vehemente
Orava o coração: ambos jucundos,
Anhelantes d'amor, n'esse transporte,
Talvez a DEUS pedissemos a morte.

Pedimos, sim: tal foi nossa ventura
Que logo ali nos excrucia o medo
Do breve instante que a bonança dura
N'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
Á nossa doce crença a morte cedo:
Nos extremos da dôr, ou da alegria,
Pede-se a campa como a eu pedia.

Por que te amei eu tanto, se era crime
Que o meu amor egoista e delirante
Calcasse a impia lei que te reprime
Pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
De serva humilde o stygma aviltante,
Por que fui eu, em louco amor acceso,
Fazer-te dos grilhões sentir o peso?

Querida, o teu viver era um lethargo;
Nenhuma aspiração te atormentava;
Afeita já do jugo ao duro cargo
Teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
De novas sensações; teu peito anciava
Ouvindo-me contar entre caricias
Do «livre» e ardente amor tantas delicias.

Não te mentia, não. Sentiste-o, filha,
Esse amor infinito e immaculado,
Estrella maga, que, incessante brilha,
Da alma pura ao casto amor sagrado;
Affecto nobre, que jámais partilha
O coração de vicios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?!

Eu não! Se muitos crimes me desluzem,
Se póde trasviar-me o seu encanto,
Ao menos, uma só não me recusem,
Uma virtude só: amar-te tanto.
Embora injurias contra mim se cruzem,
Cuspindo insultos n'este amor tão santo,
Diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
O opprobrio aviltador da sociedade.

Eu disse-te: «Este amor não te condemna,
Perante DEUS, perante a consciencia;
Podes o mundo encarar serena,
Qual virgem soberana de innocencia,
O remorso cruel não te envenena
O sentimento d'esta «eterna ausencia»;
Se, porventura, de ti fôr olhado
Não volverás o rosto envergonhado.»

Não é verdade, pois, irmã querida,
Que não houve mulher mais adorada?
Escuta o coração: viste na vida
Consagrar-se affeição mais recatada?
Conheces que jámais foste trahida,
Nem podes ser com outra confrontada?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
Que foi meu ceo, e me é hoje inferno?

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



BAMPFYLDE MOORE CAREW

REI DOS GYPCIOS OU BOHEMIOS.

Este homem nasceu em 1693, em Bickley, no Devonshire. Era filho do reitor da parochia: sua familia, antiga e respeitavel. O seu baptismo foi uma solemnidade notavel no paiz: toda a nobreza dos arredores tomou por dever assistir a elle.

Na edade de doze annos, foi mandado á escola de Tiverton, onde travou amisade com muitos jovens fidalgos do Devonshire e dos condados visinhos. Durante os primeiros quatro annos dos estudos, distinguiu-se por sua applicação. Podia-se esperar que viesse a ser homem virtuoso e de merito superior; não era porem esse o seu destino. Tendo-se de repente apaixonado pela caça, entregou-se-lhe com tal ardor, em companhia de tres de seus condiscipulos, que começou depressa a descuidar-se dos seus trabalhos escolares e arriscou-se em muitas empresas más.

Um dia, os quatro estudantes fizeram consideravel estrago em uma seara; os rendeiros foram queixar-se ao director de Tiverton. Carew e seus amigos, para fugirem ás consequencias da sua loucura, commêtteram outra maior: uniram-se a um bando de dezoito bohemios e bohemias que passava, e desappareceram com elles.

Carew fez-se em breve notar pela sua rara habilidade em todo o genero de destreza e gatunice, unicos meios de vida d'estes vagabundos. Entretanto a familia, ignorando tudo, deplorava a sua perda, e, para desoobril-o, fizera publicar um aviso que chegou ao seu conhecimento. Mudou então de vestuario, veiu ver seus paes, sendo recebido com transportes de ternura; mas elle costumara-se ás agitações d'uma vida infame e criminosa entre os bohemios, e depressa abandonou outra vez a casa paterna. Começou desde então a zombar da credulidade publica e a exploral-a com o auxilio de diversos disfarces. Uma vez, representava um pobre marinheiro victima de naufragio; outra vez, um rendeiro da ilha de Sheppey, no condado de Kent, empobrecido pelas inundações. Em Newcastle, apre-

sentou-se como patrão d'um navio, raptou a filha do boticario mais rico da cidade, e foi casar-se com ella em Bath. Teve então a audacia de visitar um de seus tios, homem muito respeitado em Dorchester. Em seguida, disfarçou-se em ecclesiastico, dizendo ter muito tempo preenchido as funcções do seu ministerio em Aberystwith, no paiz de Galles; «mas, dizia elle, não quizera prestar o juramento exigido pelo novo governo.» O seu porte digno e piedoso, o interesse da sua conversação, faziam-no admittir nas melhores casas e viver abundantemente á custa do publico.

Por este tempo, o naufragio d'um navio, que devia transportar os quakers a Philadelphia, produziu grande sensação em Inglaterra. Carew aproveitou esta circunstancia, mudou de traje, e, apresentando-se aos quakers como um dos raros individuos escapos ao desastre, arrancou-lhes, por algum tempo, dinheiro e lagrimas. O rei dos bohemios d'Inglaterra, Clause Patch, muito edoso n'esta epoca, quiz vêl-o, e teve com elle frequentes conferencias. Carew aprazia-se em interromper de tempos a tempos a corrente de suas fraudes, para se confundir com as pessoas de bem, e ter parte nos seus prazeres, sem commetter delicto algum. Introduziu-se assim em casa do coronel Strangewasy, em Melbury, e acompanhou-o muitas vezes á caça.

Certo dia, fallou-se de Carew e dos seus celebres disfarces. O coronel propoz apostar que nunca seria logrado por similhante homem. Carew apostou; e uma manhã veiu, vestido de mendigo, á porta do coronel. Elle parecia tão velho, tão doente; chorava e queixava-se de modo tão pathetico, que os criados imploraram para elle a caridade de seu amo. O coronel desceu, e, depois de ter conversado com o mendigo, sentiu-se tão commovido, que lhe deu meia corôa. Na tarde d'esse dia, Carew, elegantemente vestido, e jantando com o coronel, tirou da algibeira a meia corôa, e deu-se a conhecer.

Como é que pessoas de bem não tomaram como um dever entregar este miseravel á justiça em vez de se admirarem e rirem das suas astucias? É o que difficilmente se comprehende hoje.

Por morte de Clause Patch, os bohemios dos tres reinos elegeram Carew para seu rei. A eleição foi conhecida de todo o mundo, e é ainda objecto de surpresa. Este supremo grau do vicio e do crime teve para Carew todo o encanto que teem para outros as verdadeiras corôas que os povos dão ou permittem que se acceitem. Seus parentes, e amigos, rogaram-lhe que abandonasse a realeza, offerecendo-se para assegurar-lhe uma fortuna: elle recusou, e começou a desinvolver tal variedade de velhacadas, que a historia d'ellas desde então, encheu tres quartos d'um volume que foi muito tempo popular.

Nota-se como singularidade que este homem tomasse grande affecto a um pequeno cão, e o trouxesse d'ordinario nos braços, muitas vezes mesmo quando podia ser um perigo para elle.

Carew morreu em 1770, com setenta e sete annos de edade.

INDUSTRIA FABRIL.

MEIAS.

São mui notaveis e dignos de uso geral os novos teares para manufacturar muitas meias ao mesmo tempo, aperfeiçoados por mr. Brocard (Joseph Nicolas), de Troyes (Aude), que para elles obteve privilegio d'invenção.

Aquelles aperfeiçoamentos consistem n'uma disposição particular, que permitte fabricar no mesmo tear as dimensões da barriga da perna, do calcanhar, e da biqueira; ao passo que até agora se era obrigado, depois de feita a barriga da perna, a transportar a meia, ainda não acabada, a outros teares, dispostos especialmente para operar a diminuição dos calcanhares e das biqueiras, o que occasionava perda de tempo e de mão de obra, e por consequencia augmento de despeza, que é preciso evitar.

Em primeiro logar mr. Brocard modificou a disposição do logar do governo do tear, com o fim de tornar a acção não só mais commoda, mas tambem mais facil.

Tudo o mais assenta n'um novo systema de barras moveis.

Cada uma das disposições da barra se compõe d'uma barra susceptivel de se aproximar ou afastar dos encaixes, sobre os quaes correm longitudinalmente outras barras mais pequenas, andando em sentido inverso uma da outra, e levando os ponteiros.

Estas barras são movidas ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mechanismo *Delarothiere*, etc.

O governo do tear tem logar pelo meio d'uma haste em cotovello, que sustenta uma roldana fixa, e uma roldana movel, assim como um rolante; mas que se pode mover á mão, e para este fim, em logar de fixar sobre esta parte as conchas suscitando os diversos movimentos do tear, a primeira haste ou barra tem duas curvas, e na sua extremidade uma roda fixa, que move por outra roda uma haste de conchas.

A barra de duas curvas permitte ao operario parar ou pôr em movimento o tear em todas as posições. Além de commodidade ha economia de tempo sempre que o operario pode parar o tear ou movel-o, sem ser obrigado a vir ao meio d'elle, como precedentemente. A haste de conchas annexa, é uma addição necessaria, depois da suppressão do exercicio das conchas sobre a haste curva.

Não descreveremos a marcha das platinas e dos orgãos, que formam a malha; observaremos unicamente, que a nova disposição permitte ao tear ser mais conjunto, menos incommodo, e ás differentes peças funccionarem no interior d'elle.

As alavancas curvas, que faziam parte do

mecanismo da diminuição, foram substituidas por barras moveis de diminuição. A parte superior do tear tem, como ordinariamente, uma barra ou porta-fusos, que é carregada de fusos, que fornecem o fio necessario á formação da perna e da palmilha. O tear contém mais (e isto constitue uma innovação mui importante) uma segunda barra ou porta-fusos, sobre a qual estão montados os fusos, que servem á confecção dos calcanhares e biqueiras, como se verá pela sequencia d'esta descripção. O numero d'estes ultimos é duplo do dos precedentes. Diante de cada uma d'estas duas ordens está um guia porta-fio.

Para a formação dos calcanhares n'este mesmo tear, juntou mr. Brocard ao antigo systema: 1.° um porta-fusos superior, e um dos guia-fios, de que se acaba de fallar: 2.° um porta conductor de fios, que distribue o fio dos fusos de uma das barras para a formação da perna e da palmilha: 3.° reguladores do movimento para a confecção dos calcanhares — reguladores que consistem em uma chapa, fazendo de mola, e apoiando-se sobre a barra, que n'estes logáres forma hastes dentadas, cujo numero no novo tear é de duas.

Uma das barras com conductores quando está em descanso, e são os outros conductores que trabalham para a formação da perna ou da palmilha, colloca-se sobre ganchos situados em qualquer ponto conveniente do tear. Quando porém é chegada a vez d'essa barra funccionar, põe-se parallelamente a outra, com a qual se torna solidaria por meio de ganchos. O movimento então é regulado por uns reguladores proprios, ou peças de molas.

A barra de ponteiros, que até aqui era movel, isto é, que se tirava do tear quando não servia, para depois a reporem, o que occasionava mui grandes perdas de tempo, está agora collocada permanentemente no tear, sustentada por meio de columnas por uma haste quadrada, que é tambem armada em almofadas. Esta barra, além d'isso, é munida de mais uma alavanca, por meio da qual a fazem manobrar, isto é, aproximar ou afastar os ponteiros dos encaixes. Uma barra com ponteiros serve para as diminuições; e esses ponteiros chegam-se ou afastam-se um do outro por meio de conchas graduadas na circunferencia.

Para fazer os calcanhares usa-se da barra que distribue o fio. Um gancho produz sobre ella o mesmo effeito que já outro produzia sobre a outra barra dos outros conductores; isto é, retem-na suspensa em quanto a malha se forma.

Para a formação das biqueiras utilisa-se a mesma barra de ponteiros, accrescentando-se-lhes outros, tendo um numero de agulhas illimitado, para lh'os poder applicar, conservando as agulhas que já existiam, e que, como já dissemos, servem a fazer as diminuições da perna e do calcanhar, assim como as barras moveis em que estão fixados estes ponteiros.

Todos elles, para que se não embaracem uns aos outros, são partidos e munidos cada um de uma charneira, que permitte dobral-os ou endireital-os á vontade.

As conchas são montadas sobre uma haste, que tem uma roda dentada que faz o officio de roda de roquete, nos dois sentidos. Uma alavanca oscilla sobre a barra por meio d'uma haste, que o operario faz andar por meio de uma pega, e cuja carreira, quer n'um quer n'outro sentido, é limitada por umas golas. A extremidade superior d'esta haste tem duas taramelas, trabalhando uma para a esquerda, outra para a direita: cada uma d'ellas em logar de cair livremente sobre os dentes da roda, é presa a uma pequena cadêa na extremidade da alavanca, que é sufficientemente grande e tem bastante alcance para dar impulso ás cadêas, que devem desprender as taramelas, em caso de necessidade.

Resulta de tal disposição, que, conforme esta ultima oscillar da sua posição do meio para a direita ou para a esquerda, assim fará andar a roda n'um ou n'outro sentido (estando parada a taramela opposta) e os ponteiros se aproximarão ou afastarão, por effeito das conchas, e das molas que tendem a attrahil-as, de modo que se pode diminuir ou augmentar.

A addição dos ponteiros para fazer as biqueiras obriga a augmentar as divisões das conchas que servem a fazer as diminuições, ou mates, da barriga da perna e do calcanhar. Para as diminuições das biqueiras pode-se substituir a barra acima, por outra dentada e de pinhos que preenche o mesmo fim, e cujos pontos d'apoio são dispostos como os da primeira barra. Esta disposição supprime naturalmente as conchas.

A pega do meio existe sempre. Assim estas hastes dentadas, movendo-se em sentido contrario, aproximarão ou afastarão os ponteiros um do outro.

Podia-se ainda chegar ao mesmo resultado applicando ao novo tear o mecanismo *Delarothiere*, ou pouco mais ou menos outro similhante, cuja funcção, tal como a applicaram aos teares ordinarios, é bem conhecida.

Em resumo, os aperfeiçoamentos que mr. Brocard acaba de introduzir nos teares de meias, são os seguintes:

1.° Formação, por meios mecanicos, das pernas, calcanhares, e biqueiras, n'um mesmo tear.

2.° Disposição, para este fim, de duas barras de distribuidores, ou conductores de fio, das quaes uma não trabalha senão para os calcanhares, em quanto a outra trabalha para a perna, para um dos dois fios do calcanhar, e para a biqueira.

3.° Disposição de novas barras de ponteiros, com ponteiros de diminuição necessarios ás pernas, aos calcanhares, e ás biqueiras, para fabricar muitas meias ao mesmo tempo, n'um mesmo tear.

4.° Disposição de novos ponteiros de char-

neiras, que permittem recolher os ponteiros, que não devem funccionar em quanto os outros trabalham.

5.° Novos meios mecanicos para governar os conductores e as barras de diminuição, ou por conchas, ou por hastes dentadas, ou pelo mecanismo *Delarothiere*, applicado á formação simultanea de muitas meias.

* *

A CERCA INCULTA.

John Thelwall pretendia, em uma conversação com Coleridge, que se não deve procurar inspirar nenhuma opinião na alma das creanças antes da edade da prudencia, edade em que elles proprios podem discutir as idéas, e adoptal-as ou rejeital-as com conhecimento de causa. Sempre conversando, Coleridge o levou a uma pequena cêrca inculta no lado posterior da casa.

— Eis o meu jardim, lhe disse elle.

— O vosso jardim, exclamou Thelwall, está todo coberto de silvas e hervas!

— É verdade, replicou Coleridge, mas é porque elle não chegou ainda á edade da prudencia. Tem sido do agrado do terreno deixar-se cobrir de hervas; não tenho culpa; talvez em alguns annos lhe convenha preferir as flores e os fructos. Não quero impor-lhe um jardineiro.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCV

De como vieram as galés e caravelas do Fayal, e se foram.

Cuido que a dez dias, ou onze, do mez de Agosto, chegaram as galés e caravelas da ilha do Fayal, e bem cheias de fato e fazendas que se saquearam na ditta ilha, e nella deixaram duas ou tres companhias de presidio. E depois de chegadas ordenou o marquez de as mandar, antes que se mettesse o inverno; e nellas mandou alguns clerigos e frades presos, enviados a sua magestade, e na capitania ia o doutor mestre Agostinho, que era presidente da Mesa da Consciencia, e assim o licenceado frei Manuel Marques, frade da ordem do serafico padre S. Francisco, e commissario destas ilhas. E as galés deram á véla com vento noroeste quieto, e com elle foram té á costa, onde se espalharam as galés, e as estava esperando um arrenegado por nome Moratrotray, e tomou duas, a capitania e outra, onde tomou os dois padres e os levou a terra de mouros. Dizem que o licenceado padre frei Manuel Marques, que viveu lá pouco tempo, e que era captivo, e que pregava aos mouros, e que fizera muito fructo. O mesmo fazia o doutor mestre Agostinho, o qual foi resgatado, e dizem que estava em França em Bordeos. Já se não falla nelle, porque ambos eram homens de perto de sessenta annos. As oito galés foram a salvamento, e com muitos despojos do saque que se deu nesta ilha Terceira, e ilha do Fayal.

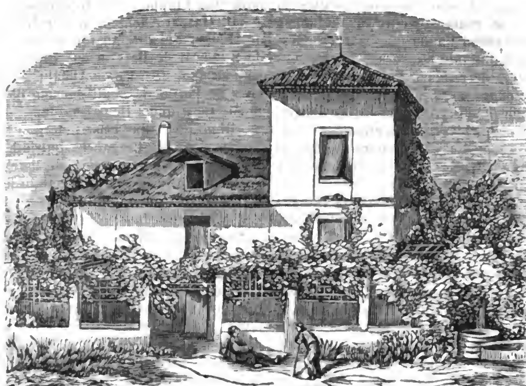
XCVI

Do que succedeu ao desgraciado doutor Gaspar de Gambaya.

Tanto que se entrou a terra, vinha na armada Christovam Soares d'Albergaria, que tinha servido de juiz de fóra na ilha de S. Miguel, e vinha para ser corregedor n'esta ilha, e nas demais. E da ilha de S. Miguel se embarcou com o marquez para esta, e estando em terra conheceu o ditto Gaspar de Gambaya por serem ambos de um tempo, e do estudo, e fizeram muita festa um ao outro, e vieram caminhando para a cidade, e em parelhando ambos defronte da casa donde pousava o ditto Gaspar de Gambaya, que eram as casas de Francisco Vaz Chama, dice Gaspar de Gambaya a Christovam Soares: *Eu aqui morava, e quero entrar, porque os soldados que estão nas casas dar-se-lhes-ha pouco dos livros, e tenho alguns bons, de que v. m. pode servir-se.* E nisto entrou, e Christovam Soares ficou na rua. Os soldados que lá estavam acharam em como elle era corregedor e desembargador, e elle em entrando lhes dice, que era o que pousava naquellas casas. Não quizeram elles mais: prenderam-no e levaram-no logo ante o marquez. Não lhe pode valer Christovam Soares, que se o ditto Gaspar de Gambaya levára alli algum dinheiro que os peitára escapára. O marquez o mandou metter em uma galé onde esteve alguns dias, e depois o mandou vir para a cadeia, que já estava com menos gente, e o pobre homem era estrangeiro, não teve quem sobre elle andasse, nem fizesse, que todos se arredavam e fugiam. Quando um dia pela manhã lhe mandaram que se confessasse e lhe mandaram os padres, e depois de confessado o tiraram e enforcaram ao longo da cadea, e o algoz o despio de todo, que té os sapatos lhe tirou dos pés, e o deixou em camisa, e com umas meias verdes nas pernas, velhas, e lhe tirou as de cima; e assim esteve na forca todo o dia, té o outro pela manhã, que o enterraram.

Continua.

Edificam-se casas para viver no seu interior e não para as contemplar por fora; porque é preciso que a commodidade seja preferida á symetria, salvo podendo ter-se ambas. As curiosidades superfluas que ahi se empregam para tornal-as agradaveis á vista, só são boas para os palacios encantados dos poetas, que os construem com pouco trabalho. — *Bacon.*



PEQUENA CASA DO ROSSILHÃO.

CONSTRUCÇÕES ANTIGAS E MODERNAS.

Percorrendo as provincias de França, e seguindo as numerosas estradas novas que substituiram os caminhos impraticaveis e atravessam as aldêas e povoações, nota-se por toda a parte uma immensidade de novas construcções, assimilhando-se todas ás commodas casas burguezas, entre as quaes se reconhecem as casas da camara, as escolas, os asylos, mosteiros de freiras, presbyterios, e finalmente as novas habitações dos rendeiros e mesmo dos simples aldeãos.

Quem se aproximar das diversas construcções que acabamos d'enumerar, vendo-as detalhadamente, estudando-as em suas differentes partes para comparal-as aos antigos casebres, ás cabanas d'outr'ora, apenas fechadas, humidas e baixas, immundas e cheias de fumo, sem ar nem luz, apreciará sem duvida o desinvolvimento dos progressos obtidos.

Nas aldêas de França, como em toda a parte, a porção de bem estar material que sobejava aos habitantes dos campos, ha cincoenta annos, não parece bastar-lhe agora; e ha motivo de pensar que, em um futuro proximo, se mostrarão ainda mais difficeis de contentar. Os jovens camponezes julgam-se com direito a serem mais exigentes do que o foram seus paes: o que pareceu bom ao pae e á mãe está muito longe de satisfazer o filho. O bem estar, a seus olhos, apenas começa. Este deverá desinvolver-se sem cessar para satisfazer em parte aos novos desejos dos mancebos habitantes dos campos. Entretanto, no maior numero das provincias de França, as aldêas que tem escapado milagrosamente ao fogo não mostram aos olhos surpresos e tristes dos viajantes senão um uniforme aspecto de immundicie, miseria e antiguidade, que parece esperar que o incendio venha consumir as habitações, ás quaes, ha longos annos, se descuidam de fazer qualquer reparação: os telhados estão quebrados, os muros rachados, as janellas destruidas, os moveis carunchosos; tudo emfim, n'estas miseraveis habitações, parece entregue ao abandono Tapar os buracos e as fendas, tornar sadia a casa e seus accessorios, são coisas que parecem inteiramente superfluas. Vive-se antes na esperança, do que no temor d'um desastre que dê facil logar a novas construcções. Este desleixo e negligencia culpaveis reconhecem-se principalmente a respeito das velhas choupanas que, até certo ponto, são, ou ao menos foram, mais commodas para habitar que as casas novas. Isto parecerá paradoxal, e entretanto nada é mais exacto. Eis por que: quando a casa, meio enterrada no solo, estava coberta d'um largo e espesso telhado, as intemperies das estações faziam-se sentir menos de roda da habitação, hoje mal protegida nas novas construcções pela pouca grossura dos muros e tectos.

No meio das altas e frias montanhas do Auvergne, dos Vosges e de Jura, os aldeãos montanhezes teem melhor sabido preservar-se do frio que os aldeãos da Picardia, da Turene e de Champanhe.

É esta a distribuição secular das casas dos paizes montanhosos: a habitação está assentada so-

bre um solo excessivamente inclinado e de maneira que os quartos baixos estejam enterrados do lado do norte. N'estas casas baixas existem as estrebarias, os redis e os curraes, e tambem um vasto reservatorio d'agua que, por isso mesmo, nunca gela durante o inverno, e é alimentado pelas neves derretidas. Em cima, isto é, no primeiro andar, cujas janellas são quasi invariavelmente voltadas para o meiodia, achamse os quartos, dominados por um eirado. Ao norte, éste e oeste, montes de madeira miuda são cuidadosamente dispostos ao longo dos muros e abrigados pelo tecto.

Nos valles superiores do Delphinado e dos Pyreneos, as mais pobres casas são cobertas d'ardosia: aqui a telha seria um luxo. A nossa terceira estampa pode dar uma idéa bastante exacta do todo das habitações isoladas dos valles. Muros baixos e muito grossos, esburacados por duas ou tres janellas allumiando o quarto contiguo ao curral, um recinto escuro para as provisões, e emfim um vasto palheiro, constituem quasi invariavelmente a morada dos montanhezes do Delphinado, dos Pyreneos e do Auvergne. A distribuição das casas edificadas nos valles inferiores é com pouca differença quasi a mesma.

Do Delphinado á Provença ha apenas uma linha de fronteira, e sem embargo nota-se uma differença bem sensivel no typo das construcções ruraes. Um quadro comparativo das casas do valle da Durance, entre Briançon e Avignon, offerecerá extraordinarias contradicções; não apresenta menor contraste do que um pinheiro com uma oliveira. Os nossos desenhos, que são todos tirados do natural, farão reconhecer em parte a diversidade da construcção, motivada antes pelo clima do que pelos habitos differentes das duas povoações. O primeiro recorda o typo adoptado em uma parte de Hespanha; e o segundo representa uma das construcções modernas na baixa Borgonha, onde se descobre um tal ou qual luxo que contrasta singularmente com a pobreza da casa que representa a nossa terceira estampa.

DESAFIO DO DUQUE DE MEDINA SIDONIA.

Quando D. João IV, o primeiro monarcha da casa de Bragança, subiu ao throno de Portugal, entre as varias conspirações que se tramavam em roda da sua pessoa para lhe arrancar a vida, não se descuidava elle de trabalhar por sua parte em enfraquecer o poder do rei de Hespanha, e por isso persuadia a seu cunhado o duque de Medina Sidonia, governador da Andalusia, a insurgir-se com o paiz que governava, e declarar-se independente. Um frade a quem se mettera na confidencia do projecto, foi declaral-o ao conde de Olivares, que, parente do duque, e não o querendo compromettér, unicamente fez dar a morte ao marquez de Aiamonte, e induziu o duque a enviar ao rei de Portugal o seguinte cartel de desafio, em prova de sua innocencia para com Filippe IV de Hespanha:

«D. Gaspar Affonso Peres de Gusman, duque de Medina Sidonia, marquez, conde, e senhor de S. Lucar de Barrameda, capitão general do mar oceano, e costas da Andalusia, e dos exercitos de Portugal, gentil-homem da camara de S. M. C. a quem Deus guarde:

«Digo que é uma coisa notoria a todos a traição de João de Bragança, outr'ora duque; e saiba-se mais que teve o detestavel intento de manchar de infidelidade a muito leal casa de Gusman, que por tantos seculos se tem conservado fiel, e continuará no futuro em obediencia ao seu rei e senhor, provada por tanto sangue de todos os seus derramado por este motivo. Este tyranno tratou de fazer acreditar aos principes estrangeiros, e aos vagabundos portuguezes do seu bando, afim de os animar em seu favor, e pôr-me mal (baldada tentativa) no animo de meu senhor (que Deus guarde) que eu sou da sua parcialidade; fundando e estabelecendo estas vozes no boato que fez correr, de que se elle podesse conseguir com que o rei de Hespanha duvidasse da minha fidelidade, então não acharia em mim a opposição, que sempre encontra aos seus designios. E para o conseguir, serviu-se de um frade religioso que a corporação de Aiamonte enviou a Castro Marim, em Portugal, para livrar um prisioneiro; o qual religioso sendo levado preso a Lisboa, foi induzido a dizer que eu era do seu partido, e para este fim publicou umas cartas a confirmal-o, dizendo que eu daria livre entrada e favor a todos os exercitos estrangeiros que viessem pelas costas da Andalusia.

«Tudo isto era com o intuito de facilitar a remessa de soccorros, que pediu aos ditos principes estrangeiros: e aprouvera a Deus que assim fosse, porque faria o mundo testemunha do meu zelo e da perda dos seus navios, como o teriam experimentado pelas ordens que expedi, se tal coisa elles tivessem emprehendido.

«Eis alguns dos motivos que tenho de affronta; mas o principal é ser do meu sangue sua mulher, que estando assim corrompido por esta rebellião, eu desejo derramar, sentindo-me obrigado a mostrar ao meu rei e senhor por esta acção o resentimento que tenho, pela satisfação que elle testemunha ter da minha fidelidade, e fazel-o publico para desfazer qualquer duvida que porventura se possa conceber d'aquellas falsas impressões.

«Por todos estes motivos desafio ao sobredito João de Bragança, outro tempo duque, como tendo falseado a fé ao seu Deus e ao seu rei, e chamo-o a combate singular, corpo a corpo, com padrinho, ou sem padrinho; o que deixo á sua escolha, como tambem o genero de armas: a estacada será junto a Valença de Alcantara, no sitio que serve de limite aos dois reinos de Portugal e Castella, onde o esperarei oitenta dias,

a principiar no 1.° de Outubro, e a findar em 19 de Dezembro do corrente anno: nos ultimos vinte dias estarei em pessoa na praça de Valença; e no dia que elle me emprazar, achar-me-hei nos limites dos dois reinos; e este tempo, bem que seja longo, eu o dou ao referido tyranno, para que elle o possa saber, e a maior parte dos reinos da Europa, e ver todo o mundo; com condição de que elle dará carta de seguro aos cavalleiros que lhe enviarei a uma legua dentro do reino de Portugal, como eu a darei tambem áquelles que vierem de sua parte a uma legua dentro de Castella; e prometto convencel-o então da infamia da acção que commetteu. Se elle faltar á obrigação que tem, como gentil-homem, de acceder a este cartel, para acabar com o phantasma pelo unico meio que posso, vendo que não terá o valor de se achar n'este combate, e de me deixar apparecer tal qual sou, e o tem sido os meus no serviço dos seus reis, e pelo contrario os seus sempre traidores; offereço desde já, com permissão de Sua Magestade Catholica (a quem Deus guarde), a quem o matar a minha cidade de S. Lucar de Barrameda, principal séde dos duques de Medina Sidonia, e prostrando-me aos pes da sobredita magestade, imploro que me não dê n'esta occasião o commando dos seus exercitos, por ser precisa uma prudencia e moderação que a minha colera não permitte n'esta conjuntura; permittindo-me unicamente servil-o em pessoa com mil cavalleiros meus vassallos, para que apoiando-me então só na minha coragem, não sómente sirva á restauração de Portugal, e punição d'este rebelde. mas tambem para que com minha pessoa e tropas, no caso de elle recusar este cartel, eu possa trazer morto ou prisioneiro esse homem aos pés de sua magestade.

«E pára nada esquecer que possa provar o meu zelo, offereço a melhor cidade dos meus estados ao primeiro governador ou capitão portuguez que render alguma praça da corôa de Portugal, ainda que pouco importante seja, ao serviço de S. M. C., ficando ainda assim pouco satisfeito de quanto possa fazer pela dita magestade, porque tudo quanto tenho lhe devo, e aos seus gloriosos antepassados.

«Dada em Toledo, a 29 de Setembro de 1641.»

Escusado é dizer que o duque de Medina foi o unico heroe d'esta ridicula comedia inventada por Olivares; porque baldadamente se apresentou no campo para que desafiara, sem lhe apparecer o contendor.

***

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

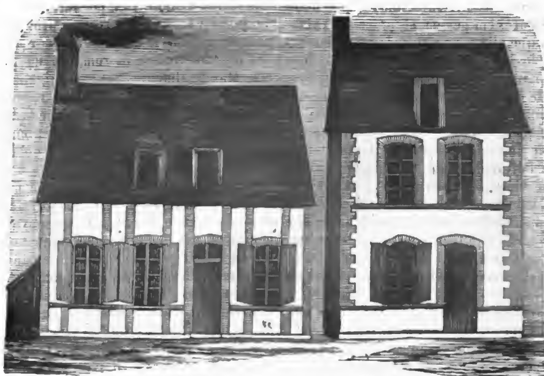
Todas as bellas provincias que constituem hoje o imperio francez, tinham outr'ora o nome de *Gallias.* Uma nação antiquissima, e cuja origem se ignora, veiu ahi estabelecer-se, e tinha-se feito famosa muito tempo antes do nascimento de Jesus Christo. Povo guerreiro, os gaulezes não conheciam senão as armas, e mais d'uma vez fizeram tremer os romanos na propria Roma. Mas finalmente, foram obrigados a ceder, como tantas outras nações, ao valor constante d'estes formidaveis conquistadores. Julio Cesar, o maior capitão do seu seculo, submetteu-os, e fez das Gallias uma provincia do imperio de que se assenhoreou.

Mais de quatrocentos annos depois da conquista das Gallias, e reinando o fraco Honorio, filho do grande Theodosio, um povo conhecido pelo nome de *francos*, encerrado nos estreitos limites da Franconia, paiz d'Alemanha, procurou um estabelecimento mais commodo. Conduzidos pelo rei *Pharamond*, os francos abandonaram os seus paúes e bosques, passaram o Rheno, e invadiram as Gallias; mas não poderam levar as suas armas além da Gallia belgica, a que chamamos Paizes-Baixos; e Pharamond morreu sem ter conseguido grandes vantagens. *Clodion*, seu filho, conservou, augmentou mesmo os paizes de que seu pae se apoderara, a despeito do valor do famoso *Aetio*, que commandava as tropas romanas n'estas regiões. *Meroveo*, que provavelmente era do sangue dos reis, mas não do ramo reinante, usurpou o throno, e mostrou-se digno d'elle pelas suas virtudes bellicas Este principe é tido como chefe dos soberanos da primeira raça, que do seu nome são chamados *Merovingianos*. Deixou a corôa a *Childerico* I seu filho, menos conhecido por suas acções, do que por ser pae do grande *Clovis*, que se deve ter como o primeiro dos reis de França, e fundador da monarchia.

481—493. *Clovis* tinha apenas quinze annos quando cingiu o diadema, e já mostrava o que seria. Cinco annos depois, desbaratou *Syagrio*, governador romano da Gallia, e apossou-se de Soissons, que foi por algum tempo a séde da nova monarchia. Pouco satisfeito d'este primeiro triumpho, o joven conquistador vôa de victoria em victoria. *Bazin*, rei de Turinge, é feito tributario; o paiz entre Somme, o Sena e Aine, submettido; e Reims abre as suas portas pela mediação de S. Remigio, seu bispo.

494. O monarcha francez suspendeu as suas conquistas, para contratar um casamento digno d'elle, desposando *Clotilde*, sobrinha de Gondeband, rei dos borgonhezes, princeza que, pela sua piedade, foi collocada depois no numero dos santos. Ella exhortou por muito tempo seu esposo a deixar os vãos simulacros do paganismo, para abrir os olhos á luz do Evangelho; e Clovis pendia já para a verdade, quando um acontecimento sem duvida milagroso consummou a sua conversão.

496. Os alemães, povos bellicosos, tinham invadido a Gallia, a exemplo dos francos, seus antigos compatriotas. Clovis soube-o, e correu ao seu encontro. Chegado ás planuras de Tolbiac, proxi-



CASAS NOVAS NA BAIXA BORGONHA.

mo a Colonia, travou o combate. Depois de longa resistencia, os francezes recuam; tudo estava perdido: o monarcha, conhecendo-o, levantou os olhos ao ceo, exclamando: «Deus de Clotilde, tu serás o meu Deus, se me concedes a victoria!» Disse, e tudo mudou. O terror passou para o inimigo: Clovis venceu. Fiel ao seu voto, recebeu o baptismo das mãos de S. Remigio; e tanto os povos como os principes de sangue imitaram á porfia o exemplo. O santo prelado deu-lhe tambem a sagrada unção dos reis, com o oleo que uma pomba, que, segundo a tradição, desceu do ceo durante a augusta ceremonia, trouxera n'uma redoma. Para que nada falte ao prodigio, accrescenta-se que este oleo, que serve ainda á sagração dos reis de França, nunca diminue.

A conversão de Clovis não afrouxou nem a sua ambição nem as suas victorias. Em 498, submetteu o paiz dos armoricos, ou a Bretanha. Em 500, fez a Borgonha tributaria. Em 507, ganhou sobre os visigodos a celebre batalha de *Voglé*, junto a Poitiers, e matou com a propria mão Alarico, rei d'esta nação poderosa. A fama d'esta victoria chegou a Constantinopola; e o imperador Anastacio I enviou ao soberano francez os titulos e insignias de Patricio, Consul, e tambem as de Augusto, que só pertenciam aos imperadores.

509. O principe não foi tão feliz contra Theodorico, rei dos godos. Tendo-o atacado junto a Arles, foi vencido; e, pela vez primeira, viu-se obrigado a pedir a paz. Clovis era feroz; mas a felicidade adoçara-lhe o caracter. O infortunio fel-o barbaro; e viram-no, até 511, murchar os antigos loiros, e macular a gloria do seu reinado, pelas crueldades que exercia com a maior parte dos principes da sua casa: immolou uns á sua brutal ambição, e invadiu os dominios de outros, de maneira que a sua morte julgou-se um bem. Foi sepultado em Paris, d'onde fizera a capital, na egreja de *Santa Genoveva*. Este principe era grande guerreiro e mau rei. O seu valor foi admirado; o seu humor sanguinario, aborrecido: edificou muitos mosteiros, e despojou muitos desgraçados. Um rasgo fará conhecer a sua piedade. Lendo-lhe um dia S. Remigio a paixão do Salvador, elle exclamou: «Que não estivesse eu lá com os meus francos para defendel-o!»

511. Depois da morte de Clovis, os seus quatro filhos dividiram os estados. *Thieri* I foi rei d'Austrasia, cuja capital era Metz; *Clodomiro*, d'Orleans; o reino de Paris pertenceu a *Childeberto* I; *Clotario* I teve o de Soissons. A historia d'estes quatro principes apresenta uma serie de guerras suscitadas pela ambição, a vingança e o odio, e um medonho tecido de crueldades ainda mais atrozes do que aquellas de que Clovis lhes dera exemplo. Nunca esquecerá a barbaridade que Childeberto e Clotario praticaram a respeito de tres filhos de Clodomiro, seu irmão, que fôra morto em uma batalha, e cujos estados queriam invadir. Clotilde tinha-se encarregado da educação dos jovens principes; induziram esta virtuosa rainha a enviar-lh'os; e apenas os tiveram em seu poder, Clotario apoderou-se do mais velho, e, lançando-o por terra, apunhalou-o. O segundo, atemorisado, lança-se aos pés de Childeberto, e implora-lhe a vida. Enternecido, o monarcha não pode suster as lagrimas. Clotario, exprobrando-lhe a fraqueza, arranca-lhe o me-



ESTALAGEM DO LAUTARET NO DELPHINADO.

nino, e degola-o sobre o corpo do irmão. O terceiro teve a fortuna de escapar ao furor d'este principe deshumano e desnaturado. Determinou consagrar-se ao serviço de Deus; e hoje invoca-se com o nome de *S. Claudio*.

558. Clotario viu morrer todos os seus irmãos, sendo a monarchia franceza toda reunida sob as suas leis. Mas foi então, no auge do poder, que elle experimentou as maiores amarguras. *Chramne*, o seu filho querido, levanta o estandarte da rebellião, e obriga seu pae e rei a dar-lhe batalha. O novo Absalão é vencido, e queimado com toda a sua familia em uma cabana onde se refugiara. Clotario, depois de tão funesto triumpho, viveu na profunda tristeza, que o precipitou finalmente nó tumulo em 562, um anno depois, diz-se que no mesmo dia, e á mesma hora em que tinha ordenado a morte do filho. O seu reinado, que foi de cincoenta e um annos, apresenta só adulterios, incestos, mortes, e horrores.

O reino foi ainda dividido, segundo a má politica d'este tempo, entre os filhos do defunto monarcha. *Cariberto* foi rei de Paris; *Gontran* d'Orleans e de Borgonha; *Sigeberto* I d'Austrasia; *Chilperico* I de Soissons.

563. Sigeberto atacou e desbaratou os abares que se tinham espalhado pelos seus estados, e veiu reprimir os projectos de Chilperico, que queria invadir as suas mais bellas provincias. Depois esposou Brunehaute, filha de Athanagilde, rei dos visigodos, que passava por ser a mais perfeita princeza do seu seculo.

567. Chilperico, seguindo o exemplo de seu irmão, e abandonando a devassidão, dividiu a corôa com Galsuinda, irmã de Brunehaute. Mas a esposa, tão virtuosa como bella, não lhe pôde fixar o caracter voluvel; em breve de novo nasceram em seu coração amores illegitimos. Galsuinda queixou-se em uma assemblea dos estados; e a nação obrigou o monarcha a jurar que seria fiel ás sagradas promessas do matrimonio. Alguns dias depois, a infeliz rainha foi achada morta na cama. As suspeitas recairam em Fredegunda, mulher de grande formosura, e de grandissima maldade. Foi isso completamente confirmado, porque esta passou a occupar o logar e o throno da sua rival.

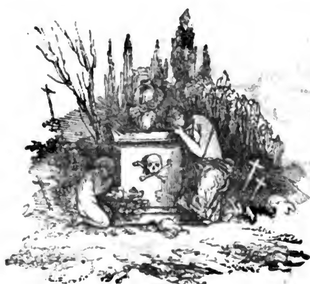
Cariberto não era mais sabio nem mais constante que Chilperico. Repudiou a sua primeira mulher para dar a mão á filha d'um artista. Esta foi substituida pela irmã que se tinha dedicado a Deus. Finalmente, despresou ainda esta ultima, para collocar sobre o primeiro throno do imperio francez a simples filha d'um pastor. Não obstante morreu sem deixar filhos varões, e os reis seus irmãos dividiram entre si os estados.

Continua.

ILLUSÕES.

«Um homem de merecimento, escreve mr. Droz, que, em nossos tempos borrascosos, esteve vinte mezes preso, me dizia que uma noite sonhou que sua mulher e filhos lhe levavam a liberdade. Este sonho deixou-lhe tão profunda lembrança, tão doce commoção, que elle formou o projecto de o renovar todos os dias. Ás noites, excitando a imaginação, procurava persuadir-se que era chegado o momento da reunião desejada; representavam-se-lhe os transportes de seus filhos, e de sua mulher; e só de chimeras enchia o espirito, até ao instante em que o somno lhe fazia esquecer tudo.

«O costume, dizia elle, tinha tornado as minhas illusões mais vivas do que se pode julgar: esperava a noite com impaciencia; e a certeza de que o dia acabaria por alguns instantes felizes, me fazia constantemente experimentar não sei que commoção que me distrahia das minhas penas.»



COMMEMORAÇÃO.

Á SAUDOSA E HONRADA MEMORIA DO SENHOR ANDRÉ JOAQUIM RAMALHO E SOUSA.

Correi lagrimas sentidas,
Que o peito não dá mentidas,
Onde hoje moram unidas,
Em modelo, sem egual

Sciencia, honra, virtude.
Ao som do triste alaude,
Casae-vos n'esse ataude,
Sobre a loisa sepulchral,

Que os restos mortaes abriga,
De quem, na vital fadiga,
Brilhante metal, sem liga,
Constante no valor seu;

Jámais, em sua alma rara,
A dôr do remorso entrara.
É que Deus, quando a creara,
Foi para si, para o ceo!

Oh que foi! — nem d'outra sorte,
Como luz, que aponta o norte,
Que affrontando a lei da morte,
Sempre immutavel ficou:

Se foge á culpa nociva,
Mas que bella, que attractiva,
A fraqueza nos captiva,
E a d'elle não captivou.

Não, que d'honra era evangelho,
Aquelle peito era espelho,
Onde, a luz do bom conselho
Fulgurava, sem senão.

Como dia, que amanhece
Puro, e puro assim fenece;
Que respirando parece
No sopro da viração.

Como da donzella pura,
O — que Deus, na desventura,
Concedeu — diz a Escriptura —
Casto leite virginal.

Deus, n'aquelle peito honrado,
Cá na terra consagrado,
Tinha culto, não manchado,
Tinha culto, sem rival.

Oh! quem pudera inda vel-o,
A um tempo, nobre, singelo,
Esse caracter modelo
Da verdade, e da razão.

Verdade, que noite e dia,
N'aquelle peito vivia;
Thebano, que não mentia,
Nem mesmo zombando — não.

D'agudo ver, alta a fronte,
Ar composto, o gesto insonte;
Similhava, nobre Archonte
A Athenas dictando a lei.

Mas, um sorriso fagueiro
De seus labios companheiro,
Dizia-o — pae verdadeiro
Contemplando a tenra grei.

Desculpa dando ao inimigo,
Recto juiz para o amigo.
Juiz severo comsigo....
Oh quem mais foi — quem foi tal!

— Esse dominio de ferro
Em que, o ser livre era erro,
Evita: soffre o desterro
Longe da terra natal.

A dura sorte quinhoa
Do mais somenos. Eis soa
Imp'rial grito revoa:
═ Vae ser livre o portuguez. ═

Punge-o da patria a saudade,
Nem se faz cargo da edade;
Do guião da liberdade
Segue a victoria, o revez.

Volta, combate, chega:
Do trabalho não socega;
Na privação, ou refrega,
Sobreleval-o não ha.

Triumpha. — Mesquinho int'resse
O vencedor não esquece.
Estranha terra — parece,
Conquistara — alguem dirá.

Que, das tendas, que improvisa,
Já com ellas s'indemnisa,
E a victoria solemnisa,
Da patria o *libertador!*

Aquelle não: ao contrario;
Da liberdade sacrario
Seu nobre depositario
Que se paga só d'amor;

Passados lucros rejeita;
Novo Castro, nem acceita
O que por lei lhe aprovnita:
= Que — se a patria é livre = diz:

= Cumprido está meu intento.
Não por outro pensamento,
A vida expuz vezes cento;
Que o bem da patria só quiz. =

Digno exemplo de memoria,
Na lusa, moderna historia.
Quaes, n'esses tempos de gloria,
Sohiam d'acontecer.

Nem mais recta consciencia,
Por entre vasta sciencia;
— Qual no aroma activa essencia —
Adornara humano ser!

Qual divina luz serena,
Que, s'espalha em cada scena,
É uma agreste, aquella amena,
Seu valor justo lhe dá.

— De facil, polido trato,
Um dizer, a todos grato....
Pintor, para tal retrato,
Oh não o houve — nem ha.

Não ha; — que n'esse modelo,
Do nobre ideal o sello,
Só pudera descrevel-o
Divina phrase — outra não.

De virtude, esse portento,
Eu descrever não intento.
Outro foi meu pensamento....
Foi dar tregoa ao coração,

Allivio á dôr, que sentia;
Que, parece, não cabia
No peito, — se a não dizia;
Tão grande, tamanha dôr.

Dôr do mestre esclarecido,
Dôr do amigo, não mentido,
Que mais, que tudo me ha sido
D'Walter Scott o traductor....

Foi, mostrar a divindade
Nos fastos da humanidade....
Para o mundo, uma saudade,
Para meus filhos, — lição....

— Minhas lagrimas — bem vindas!
Sois, quaes estrellas infindas,
Que brilham no ceo, mais lindas,
Ao passar da cerração.

Oh! correi.... — singelo preito,
Mais do que elle, nenhum val;
Que não é por homens feito,
E o de Deus não tem egual.

Mafra, Junho 57.

JOAQUIM DA COSTA CASCAES.

O DINHEIRO.

Fallas-me de dinheiro, coisa tão incerta! Se julgas que o teu deve sempre ser teu, guarda-o para ti, sê o unico possuidor d'elle; mas se não te pertence, se pertence á fortuna, por que não queres repartil-o? Quem sabe? talvez que a fortuna t'o arrebate em um bello dia para o dar a outro que d'elle seja indigno. Assim, aconselho-te a que lhe dês nobre emprego em quanto é teu — soccorrer os desgraçados, e enriquecer quanto fôr possivel os teus amigos. Um similhante procedimento far-te-ha honra immortal; e no caso de caires em desgraça, podes ter a certeza de ser soccorrido. As sommas que se despendem utilmente são applicadas melhor do que as que se guardam.

SENTENÇA.

Na adversidade, não desespereis nunca de ver um sorriso da fortuna dissipar-vos os desgostos.

Quantas vezes, com effeito, o sopro de ventos empestados tem cessado diante do doce susurrar da brisa! Quantas vezes formidaveis nuvens se tem dispersado antes de descarregarem as chuvas contidas em si!

Sêde pois pacificos na adversidade: o tempo é o pae dos milagres.

Esperae da misericordia de Deus bens cujo numero não sabereis contar.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

XCVII

Do desgraciado licenceado Domingos Pinheiro, que servia de juiz ordinario e desembargador.

Este licenceado Domingos Pinheiro era natural d'esta cidade de Angra, e muito apparentado nella, e era bom lettrado, e casado com uma mulher honrada, de bons parentes, natural de Lisboa. Advogava nesta cidade, na correição destas ilhas. Era homem muito grave, e muito dado ao serviço do sr. D. Antonio, e por ser muito do seu serviço foi feito juiz ordinario e desembargador; e elle e os mais tinham sentenciado homens á morte. Tanto que se entrou a terra determinou elle de fugir; e vinham na ar-

mada tresentos ou quatrocentos portuguezes soldados naturaes de Lisboa com seu capitão por ventureiros; vinham alguns parentes da mulher do ditto licenceado, entre estes e conhecentes. Deu-lhes a mulher a saber o perigo da vida de seu marido, se fosse tomado, porque se não apresentou nos tres dias por estar no logar dos Altares, e não poder vir, que remedio teria para escapar. Deram-lhe elles bom remedio, que foi peior. Mandaram que rapasse a barba e bigodes á navalha, e que cobrisse um manto, e se viesse em trajos de mulher, e que como passasse em trajos de mulher pelas guardas, e fosse embarcado, que seguro estava. Fel-o assim o desgraçado licenceado; e costumavam pelas guardas passarem para baixo, e para cima muitas castelhanas e tudescas que vinham com seus maridos. Vestiu-se o dito licenceado com manto e beitilha: costumavam os soldados das guardas retouçarem com as castelhanas, e pegarem nellas, e em outras não. Foi-se elle após umas que iam deante: como elle era homem, logo nos trajos de mulher ia pejado. Cuidaram os da guarda que era castelhana; pegaram nella dizendo: *Não podeis andar; hei vos de ver a cara*. O pobre lettrado não queria isso; deu ao andar depressa; escapolindo-lhes da mão, e da zombaria. Caio-lhe o manto para traz; para o concertar viram-lhe a mão grossa e conhecida por ser de homem: foram-lhe descobrir o rosto; viram-no todo rapado: tiveram-no mão: não havia ali que peitar, porque era em publico, e assim o tomaram e o levaram ante o auditor geral. Mandou-o logo metter na cadea, e que se perguntasse quem era. Foi o desgraçado para a cadea; havia pouco que fazer no saber quem era. D'ahi a dois dias o enforcaram ao longo da cadea, com barba e bigode tudo rapado; e na forca esteve té o outro dia, que foi enterrado como os mais.

XCVIII.

De como o marquez ordenou de se ir, e a gente que deixou de presidio, e a que levou na armada fora da terra, e de como mandou açoutar alguns homens

Antes que o marquez determinasse de se embarcar, mas aviava-se com a armada, estava preso um Thomé Gomes, homem nobre e cidadão, e era capitão de uma freguezia. E assim estava preso um Antonio Gomes, que era meirinho das execuções; a estes homens não se lhes achou culpa grave, somente serem muito do serviço do senhor D. Antonio: os mandaram açoutar pelas ruas publicas; e sendo um delles homem velho e muito honrado se teve lastima muito grande, e seus filhos e parentes o sentiram muito, e o ditto Thomé Gomes foi desterrado, e de nojo durou pouco tempo e morreu. Fizeram embarcar para fóra desta ilha muitos, e alguns não tornaram mais: a saber Simão Gonçalves de Tavora, capitão; Fernão Feyo, capitão; Diogo de Lemos de Faria, capitão; André Gonçalves Madruga, capitão; Alvaro Pires Ramires, capitão; Sebastião do Couto, capitão; Miguel do Canto, capitão; Francisco Dias Santiago, capitão dos oitenta; Lourenço de Moraes, Balthazar Gonçalves, Simão Gonçalves, Bartholomeu Gonçalves, Simão Gonçalves, Francisco Fernandes, Antonio Matela, Gonçalo Ennes, Braz Rodrigues, Antonio Alvares, Diogo Pires, Gaspar Ribeiro, o capitão Braz Dias Redovalho, e outros muitos. E deixou o marquez dois mil soldados de presidio nesta ilha, e por mestre de campo e governador João d'Orbina; e os capitães eram um sobrinho do marquez por nome D. Pedro, e o capitão Pedro Ximenes de Andrea, o capitão Antonio da Rocha, e o capitão Francisco de Veja, o capitão Martin de Aveira, e o capitão Soares, e o capitão D. Christovam, o capitão D. Antonio, e o capitão Angel, o capitão Christovam de Pax, o capitão Aroseo, o capitão Garailaco de la Veiga, e a companhia de João d'Orbina, e outros, que não lembram, e por sargento-mór Lopo Toxada, e assim o capitão Rosa, o capitão Manuel Gaspar, e o capitão Pacheco; e deixou escrivão e auditor, e seu meirinho; e se foi com a armada; ficando a ilha saqueada, e os homens pobres e destruidos, e outros que não tinham nada melhorados, e muita gente despida, sem terem em que dormir.

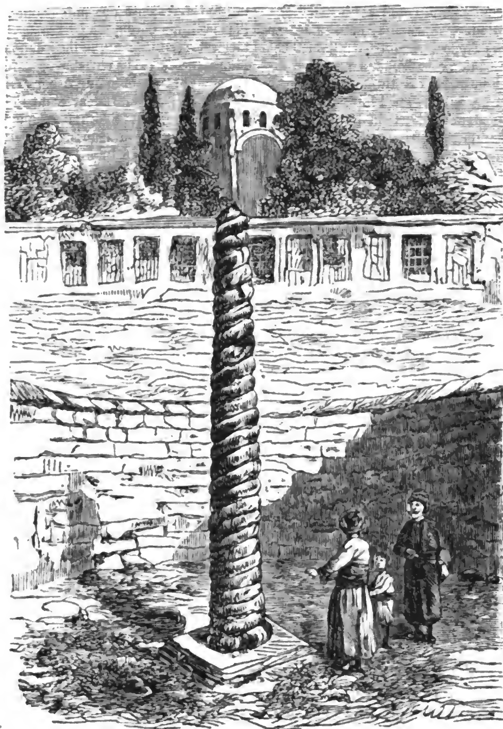
XCIX

Do que fez João d'Orbina depois que se foi o marquez, e o corregedor e outros.

Depois de embarcado o marquez de Santa Cruz e ido desta ilha, ficou por corregedor Christovam Soares de Albergaria, que tinha sido juiz de fora em S. Miguel. E depois de ido o marquez prenderam o capitão Trigueiros, homem mancebo e muito galhardo, que tinha vindo em companhia do senhor D. Antonio, e não se tinha apresentado dentro nos tres dias que deu o marquez, porque alguns se não quizeram confiar do pregão, mas o marquez o cumpriu da maneira que o mandou botar. Este capitão estando na cadea, tomou João de Orbina, mestre de campo e governador, por adjunto o ditto corregedor, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, bachareis, e Antonio Francisco, e o bacharel Roque Dias, e Alvaro Pereira, e sentencearam todos sete que morresse. E sem appellação, nem poderem ter tal alçada, nem el-rei tal lhe dar, nem conceder, logo o mandaram confessar ao ditto capitão Trigueiros, e o mandaram enforcar ao longo da cadea, em uma forca que tinham feito; de que houve assás lastima e pena, sendo já a ilha entrada, e quieta, e tudo pacifico e as ilhas todas, e o marquez ido, e não haver outra culpa mais que aquella por se não vir apresentar dentro nos tres dias. E dizem que era homem fidalgo, e o poderam mandar degolar.

Continua.

A felicidade é como as aves de arribação, se nos visita, breve se ausenta.



COLUMNA SERPENTINA DO TEMPLO DE DELPHOS, EM CONSTANTINOPOLA.

Esta columna, formada pelo enroscamento de tres serpentes, é de cobre. Devia ter antigamente maior altura que hoje, que se julga ser de sete metros. Terminava por tres cabeças de serpente que sustinham a tripode d'oiro. A tradição pretende que Mahomet II, o conquistador de Bysancio, cortou uma d'ellas com um golpe de cimitarra. Affirma-se que as outras duas cabeças foram roubadas em 1700; mas um ulema assegura que se conservam em Santa Sophia.

A columna Serpentina, transportada de Delphos a Bysancio por Constantino o Grande, para ornar o grande circo, estava em parte enterrada no entulho, quando toda esta multidão de estatuas, este immenso museu de columnas, marmores raros, obeliscos, etc., que ornavam o hippodromo, quebrando-se sob o furor musulmano, serviram para os palacios barbaros, ou para calçar o solo pisado pelo ignorante janisaro. Este nobre monumento d'antiguidade grego foi, durante seculos, insultado e injuriado pelo fanatismo e pelas creanças que brincavam enchendo-o de pedras. Constantinopola, associada hoje ao progresso europeu, não podia continuar a cobrir de lodo e despreso estas preciosas ruinas que a Europa illustrada cerca de veneração.

Duas versões existiam relativamente á columna Serpentina: uma não via n'ella senão um talisman levantado para exconjurar as serpentes, por Apolonio de Thyane, imitador de Moy-

ses expondo no deserto a serpente de bronze; a outra, fazia remontar este monumento a mais nobre origem, e a inscripção ultimamente descoberta vem plenamente confirmal-a.

Herodoto, Diodoro de Sicilia, Pausanias, Zosimo, Cornelius Nepos, e outros fallam d'esta columna. Eis como se exprime o primeiro historiador: «Tendo os gregos ajuntado todo o dinheiro, depois da batalha de Plate, guardaram a decima parte para o deus de Delphos. Com esta porção fizeram uma tripode d'oiro, que lhe offereceram. Esta tripode, firmada em uma serpente de cobre com tres cabeças, foi collocada junto do altar.»

Eis o texto de Diodoro de Sicilia: «Os gregos, tendo posto de lado a decima parte do saque, fizeram uma tripode d'oiro, que dedicaram a Delphos, com a inscripção seguinte: Os salvadores da vasta Grecia consagraram esta tripode, depois de terem libertado as cidades da escravidão abjecta.»

A tripode d'oiro não parece ter resistido muito tempo á cubiça; mas a columna de cobre ficou intacta, porque se lê em Pausanias: «Os gregos, em seguida á victoria de Plate, consagraram uma tripode d'oiro collocada sobre um dragão de cobre. Tudo o que havia de cobre n'esta offerta existia ainda no meu tempo; mas os reis da Phocida tinham arrebatado tudo que era d'oiro.»

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Depois que os judeus se mancharam com o crime da morte de Jesus Christo, operou-se n'elles uma transformação social, que bem pode attribuir-se a castigo.

No reinado de Vespasiano, e no de Tito, seu filho, fizeram os romanos perecer um numero prodigioso d'elles, e lhes arruinaram Jerusalem, e o seu templo. Expellidos da herança de seus antepassados, foram vendidos como vis escravos, e a maior parte dispersa pelo imperio romano, á excepção d'um pequeno numero que ficou em Palestina.

No reinado d'Adriano, sublevaram-se por conselho de Barcochebas, famoso impostor, que se dizia o Messias: mas este esforço passageiro e infructuoso não fez senão aggravar-lhes o jugo. Adriano fez n'elles horrivel carnificina, vedou-lhes a circumcisão, prohibiu-lhes a leitura da lei de Moyses, e a observação do sabbado, derramando-os inteiramente pela Europa, pela Africa, e sobretudo pela Asia, sempre despresados e odiados, depois de tentarem em balde reunir-se em povos.

Expellidos pelo imperador Severo, por movimentos sediciosos que excitaram, cerca do anno 202, foram-no tambem por Constantino, que os puniu de uma leve revolta, mandando cortar-lhes as orelhas, e dispersando-os por todas as terras do imperio, como outros tantos escravos revoltados; castigo dado para inspirar temor aos rebeldes, ou áquelles que fossem impellidos a imital-os.

Entre as muitas leis promulgadas por Constantino a respeito dos judeus, notam-se: a que lhes prohibia pôrem em perigo as vidas dos christãos convertidos; a que lhes defendia serem senhores de escravos christãos; a que inhibia estes de abraçarem o judaismo. Tambem depois da insurreição da Judea, e do tumulto de Alexandria, em que tiveram grande parte, impediu-os de casarem com mulheres christãs; sobrecarregou-os de impostos; e renovou formalmente o edito de Adriano, na parte em que lhes defendia aproximarem-se de Jerusalem.

Juliano *apostata* (IV seculo) foi favoravel aos judeus, e lhes propoz a reedificação do templo. Phenomenos extraordinarios, que relata Ammiano Marcellino, intimidaram os obreiros n'isso empregados, o que junto com a morte de Juliano lhes frustrou a realisação do intento.

Os subsequentes imperadores romanos protegeram os judeus, ainda que de quando em quando sempre fossem incommodados pelo zelo indiscreto de ecclesiasticos violentos. Arcadio e Honorio (fins do IV seculo) reconheceram a exemplo de Theodosio, seu pae, no patriarcha judeu jurisdicção para punir os membros refractarios da sua communhão, sendo vedado aos prefeitos interporem em casos taes sua autoridade judicial.

Nas contendas com os christãos, ambas as partes compareciam perante os tribunaes ordinarios; mas porque entre estes e os judeus se suscitavam collisões, occasionadas por certas festividades, Theodosio II prohibiu aos ultimos celebrarem-nas com publicidade.

No V seculo foram banidos d'Alexandria, onde se tinham estabelecido depois d'Alexandre, tornando-se o ludibrio das nações pelo seu fanatico enthusiasmo por um falso Messias, que então appareceu na ilha de Candía. Este impostor, chamado Moyses, pretendia ser o antigo legislador do povo de Deus. Dizia-se descido do ceo para fazer entrar os filhos d'Abraham na terra promettida, fazendo-os passar a pé enxuto atravez do mar. Muitos dos seus adherentes se lançaram ao Mediterraneo, esperando que a vara do novo Moyses lhes abrisse passagem miraculosa. A maior parte d'estes infelizes afogou-se: o seductor tinha já desapparecido. Entretanto os ludibriados ainda se consolaram, acreditando, ou fingindo acreditar, que o diabo tomara a forma humana para os enganar.

Theodorico, e outros reis godos da Italia protegeram os judeus. Quando as guerras e invasões eram frequentes, faziam-se elles senhores do commercio da escravatura na Europa. Não poucos concilios, e o papa S. Gregorio Magno foram incansaveis na prevenção do abuso do poder, que por tal arte tinham adquirido sobre as pessoas dos christãos. Digno de toda a estima e veneração se constituiu aquelle sabio e humano pontifice em tudo quanto a tal respeito obrou.

No começo do VI seculo (530), Juliano, ou-

tro falso Messias, se annunciou como conquistador que, á testa da sua nação, destruiria pelas armas todos os christãos. Muitos subditos do imperio foram victimas do seu cego furor. Justiniano enviou tropas contra elle. Deu-se batalha ao falso Christo, que foi prisioneiro, e condemnado ao ultimo supplicio. O seu partido desappareceu com elle.

Justiniano foi dos primeiros que promulgou leis realmente oppressivas e intolerantes contra os judeus, as quaes foram mitigadas depois por um subsequente edito seu, a instancias de Sergio, bispo de Cesarea. Desde então começaram a não ser conhecidos os samaritanos como povo separado, até que no seculo XVII se descobriu uma pequena porção d'elles na visinhança do seu santo monte Garizim, em posse ainda da lei escripta no antigo caracter samaritano, e cujos descendentes existem ainda.

Uma nova revolta assignalou, em principios do seculo VII, o phrenesi judaico. Phocas foi obrigado a expulsal-os d'Antiochia, e Heraclio de Jerusalem.

O mahometismo foi a principio desfavoravel ao judaismo oriental. Bem quizera Mahomet trazer os judeus ao seu partido: mas reconheceriam estes pelo maior dos prophetas um descendente da escrava Agar? Foi por isso que foram tratados sem misericordia na Arabia, onde n'aquelle tempo eram innumeros. Entretanto como depois se prestaram a pagar tributos e a coadjuvar os califas em suas conquistas na costa septentrional africana, foram por elles bem tratados, e até protegidos; concorrendo tambem, não pouco, para o triumpho do crescente na peninsula hespanica. Sizebuto, Egica, e outros monarchas hespanhoes, os perseguiram no VII seculo. Egual perseguição soffreram da parte dos concilios hespanos, se exceptuarmos o IV de Toledo em 633, que mitigando as leis e estatutos promulgados contra os judeus, declarou — «que ninguem devia ser compellido a crer por força; devendo comtudo ser obrigados a adherir á fé os que uma vez a tinham abraçado.»

Expulsos da Hespanha por Sizebuto, rei dos godos, procuraram abrigo em França; mas Dagoberto os forçou logo a optar entre o christianismo e o exilio.

Carlos Magno protegeu os judeus tanto como aos seus outros subditos, e desd'então ora perseguidos, ora tolerados em França por quasi dois seculos, foram, sob Carlos VI, expulsos de todo. Muito tiveram que padecer do fanatismo popular germanico! O povo os trucidava ao grito de *Hep! Hep!* iniciaes das palavras *Hierosolyma est perdita* (Hierusalem está perdida). S. Bernardo, e o papa Eugenio III reprovaram altamente taes atrocidades. Na Italia gosaram quasi sempre de tranquillidade. Onde porém conseguiram mais seguro asylo foi na Polonia. Ahi formaram a classe media entre os nobres e os servos, á sombra dos privilegios que lhes concedeu Casimiro Magno.

Uma parte dos reditos dos primeiros reis *capetos* (1030) consistia nas taxas sobre os judeus.

As suas calamidades recomeçaram na epoca das cruzadas, cerca do fim do XI seculo. Em todos os logares por onde ellas passaram, foram saqueados e degolados.

Cerca de 1190 (antes de Julho) a expedição dos cruzados do norte, mandados á Palestina, por Ricardo I d'Inglaterra, cognominado *Coração de Leão*, chegando ao Tejo, soccorrendo os apuros de D. Sancho I, e ajudando-o á tomada de Lisboa, procedeu egualmente com os judeus. «A fereza e perversidade d'aquelle tropel de malvados *(os cruzados)*, exercitou-se especialmente contra as familias dos judeus, que na occasião da conquista não tinham querido abandonar os seus lares...» Assim o diz o nosso distincto historiador A. Herculano no T. 2.°, pag. 58 da sua *Historia de Portugal*.

Os povos, alternadamente ferozes e fanaticos, atiravam-se aos judeus e os despojavam de todo o oiro e prata. A perseguição foi geral. Estendeu-se pela Alemanha, pela Inglaterra, pela Italia. O falso zelo, e a avareza queria estender o nome d'*Israel*, mas muitos dos que participavam d'este nome não escapavam á morte senão dando-a a si mesmos.

Em 1012 o papa Benedicto VII castigou os judeus com exemplar severidade por desacatarem em sexta-feira santa a imagem do crucificado.

No seculo seguinte, em 1138, um falso Messias reuniu grande exercito, com o qual deu batalha ao rei da Persia. Este principe pretendeu fazer depor as armas aos israelitas rebeldes, mas o impostor que os capitaneava entretendo-os na revolta, fez tudo dependente de negociação. Prometteu desarmar os seus partidarios se lhe reembolsassem todas as despezas d'esta guerra ridicula. O rei da Persia consentiu n'isso, e deu-lhe grandes sommas. Logo porém que o exercito do falso Christo foi dispersado, os judeus tiveram ordem para entregar no thesouro real o que lhe haviam tirado como preço da paz. **

Continua.

PENSAMENTOS DE DOMAT. (*)

Como o corpo se faz pesado e enfraquece pela duração da vida, assim o coração se faz pesado e enfraquece pela duração dos maus costumes.

O superfluo dos ricos deveria servir para o necessario dos pobres; mas, ao contrario, o necessario dos pobres serve para o superfluo dos ricos.

Os acontecimentos não são nossos; só a vontade é nossa. Não podendo dirigir acontecimento algum, devemos pôr-nos em estado de que nenhum nos perturbe e obste a que sejamos felizes.

(*) Jurisconsulto celebre; nasceu em 1625 e morreu em 1695.

Ha grande differença entre o modo porque sentimos as injustiças que nos tocam, e aquelle porque julgamos das que respeitam ao proximo.

Precisam-se mil coisas superfluas, nas quaes ha bastantes desgostos, perdas de tempo, vida mais difficil e fastidiosa.

O gesto é um esforço da alma para se communicar atravez do corpo e fazer entrar na de quem nos ouve o que a nossa sente e vê.

O louvor, ainda que falso, ainda que ridiculo, ainda que não acreditado nem pelo que louva nem pelo que é louvado, não deixa de agradar; e se não agrada por outro motivo, agrada ao menos pela dependencia e subjeição que mostra ter o que louva.

O bom tempo, uma boa palavra, um elogio, uma caricia, tiram-nos d'uma profunda tristeza de que não pudemos arrancar-nos por nenhum esforço de meditação. O que é a alma! que abysmo de miserias e fraquezas!

Desejamos agradar de tal modo, que não queremos desagradar aos outros ainda mesmo desagradando-nos a nós; e desejamos agradar áquelles que nos desagradam.

Cinco ou seis malvados gosam a melhor e mais rica parte do mundo: é bastante para comprehender o que valem as riquezas diante de Deus.

Não é pequena consolação para deixar este mundo, o livrarmo-nos do grande numero de parvos e maus de que estamos rodeados.

Os homens não julgam das acções e do coração do homem senão em relação ao que lhes respeita. Uma incivilidade a seus olhos parece-lhes mais criminosa que grandes peccados em presença de Deus que não offendem os homens. Ha infinitos exemplos.

Hoje a devoção e a virtude são coisas muito differentes.

Só ha dois meios para conseguir a felicidade e alegria: um, cumprir todos os nossos desejos; outro, limital-os ao que podemos possuir. O primeiro é impossivel n'esta vida: portanto é loucura emprehender ser feliz no mundo por este meio.

SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL.

Nasceu esta santa rainha em Saragoça, segundo uns autores, ou em Barcelona, na opinião de outros, em o anno de 1271, e foram seus paes D. Pedro III de Aragão, e D. Constança de Suabia. El-rei de Portugal D. Diniz a pediu em casamento, e aos 11 de Fevereiro de 1282 se celebraram por procuração as suas bodas em Barcelona, com extraordinaria pompa. Como princeza e como rainha foi sempre um modelo de virtudes, tão apuradas, que mesmo em vida ganhou o epitheto de *rainha santa*. Em tempo d'el-rei D. Manuel foi beatificada pelo papa Paulo IV, e em 1612, reinando Filippe IV de Castella, foi canonisada.

É talvez a esta santa rainha que Portugal deve a primazia no culto da Immaculada Conceição da Virgem, e conta-se assim como esta devoção teve logar — Achava-se a rainha em Coimbra por occasião da guerra civil, e de accordo com o bispo d'aquella cidade alcançou ella que o dia 8 de Dezembro fosse dedicado á Conceição de Maria.

Desde então para cá ficou este culto inoculado nos portuguezes. A universidade prestava-lhe homenagem tão solemne, que todos os que tomavam o primeiro grau academico juravam defendel-o; e á Conceição de Maria votaram as côrtes de 1641 a defesa e protecção de Portugal.

Foi ainda esta santa rainha que fundou a primeira capella da Conceição que houve no reino, a qual esteve assentada no convento da Trindade em Lisboa, logo no começo da sua fundação.

Outras foram tambem as suas fundações. O convento de Santa Clara de Coimbra, e o hospital da mesma cidade; o convento de Cister em Almoster; o hospital dos engeitados e doentes de Santarem, e de Leiria; e em Alemquer a egreja do Espirito Santo, onde se conta que teve logar o milagre das rosas.

Não ha um acto na vida d'esta rainha que deixe de ser um exemplo. Não era seu esposo D. Diniz muito regular de costumes, mas nem por isso a santa esposa deixava de tomar á sua conta os filhos bastardos do marido, educando-os como seus. Na guerra civil que se incendeu entre o rei e o filho, correu ella a arremessar-se entre as lanças dos exercitos contendores para evitar a serie de calamidades que ameaçavam o reino. Na peste que o assolou, encontravam-na sempre no meio do contagio para soccorrer os infelizes. Tão santas foram as suas esmolas, que o povo ainda as conserva em memoria.

Fez a rainha voto de vestir o habito de S. Francisco, quando seu esposo falleceu da enfermidade de que adoeceu gravemente. A desolada viuva cumpriu o seu voto, fazendo a pé a romaria de S. Thiago de Compostella. A 4 de Julho de 1336 recebeu no ceo a recompensa de suas virtudes na terra, que deixou em Estremoz onde se finou.

Determinara em seu testamento que se lhe transportasse o corpo para o seu convento de Santa Clara em Coimbra, e assim se fez, encerrando-o em tumulo de pedra, onde esteve até 1612 em que foi trasladado por occasião da sua canonisação. N'esse acto se lhe encontrou intacto; incorrupto, e fragrante o corpo; e o mesmo se verificou em 1696 em que se transferiu para o novo convento de Santa Clara, que substituiu o primeiro que ella edificara, e onde por ordem d'el-rei D. Pedro II se encerrou em mausoleo de prata; e ainda em 1832.

***

Se se não visse, não podia acreditar-se a immensa desegualdade que a maior ou menor riqueza faz entre os homens. — *La Bruyère.*



PEQUENA CASA DE SOISSONS.

No Panorama da semana passada, demos tres desenhos de construcções antigas e modernas, nas povoações de França, e mostrámos, descrevendo-as, a differença que havia entre as construcções dos dois diversos systemas.

Agora, concluindo o que então dissemos, apresentamos uma estampa que representa a pequena habitação d'uma familia de operarios em Soissons, bello e fertil paiz onde se encontram excellentes materiaes de construcção.

Parece-nos que esta humilde casa, de grande simplicidade, execução facil, e manutenção pouco despendiosa, deveria ser proposta como um dos modelos das pequenas casas de aldêa para uso dos operarios.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

568. Sigeberto e Gontran alliaram-se para vingar a morte de Galsuinda; mas depressa uma convenção socegou esta guerra em principio. O primeiro voltou as suas armas contra os abares; e, sendo vencido, foi feito prisioneiro; mas o rei d'esta nação barbara, commovido pela coragem do monarcha francez, deu-lhe a liberdade e accumulou-o de presentes.

569. Gontran, desbaratado pelos lombardos e saxonios, que assolavam a Borgonha, surprehendeu-os e desbaratou-os em outra batalha. Mummol, o maior cabo de guerra que houve em França, era quem commandava as suas tropas. N'esta conjuntura, dois bispos, o d'Embrun e o de Gap, de capacete na cabeça e a espada em punho, bateram o inimigo, e deram aos soldados o exemplo da carnificina.

575. Sigeberto e Chilperico começaram entre si uma guerra cruel. *Theodeberto*, filho do segundo, morreu n'um combate. O proprio Chilperico, abandonado dos seus, procurando a salvação na fuga, encerrou-se em Tournai. O victorioso Sigeberto marchou a sitial-o; e, a despeito das supplicas dos nobres dos seus estados, já se preparava para immolar o irmão á sua vingança, quando dois scelerados, mandados por Fredegunda, o apunhalaram. Não obstante grandes defeitos, este principe era o monarcha mais prefeito que ainda tinha apparecido sobre o throno de Clovis.

576. Chilperico e Fredegunda, escapos do maior perigo, apressaram-se em aproveitar a morte do seu inimigo. Brunehaute foi presa com os filhos; mas um vassallo fiel tirou da prisão o joven *Childeberto* II, filho do monarcha assassinado, e o collocou sobre o throno d'Austrasia. Chilperico, irritado com este contratempo, desterrou Brunehaute para Rouen, onde esta em breve lhe causou grandes inquietações. O principe soube que *Meroveo*, seu filho, a desposara; e, furioso, voou a Rouen para punir a temeraria paixão do joven principe. Os esposos refugiaram-se em uma egreja, e só saíram tendo a certeza de salvar as vidas. Meroveo foi, a seu pesar, ordenado padre, e Brunehaute reenviada para Austrasia.

Continua.

O gosto não é senão um bom sentido delicado; e o genio é a razão sublime.

AO INSIGNE POETA

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Irmão! recebe este canto
Como tributo, e não mais.
PALMEIRIM—Poesias.

Palmeirim, o meu intento
É mui ousado, bem sei!
Possuindo um estro humilde,
Cantar-te não poderei!
Mas ao ler tuas canções,
Petrarcha, Tasso e Camões,
Esqueci p'ra te admirar!
Senti n'alma a esperança
De te ver inda da França,
Um Béranger egualar!...

Poeta! tu nos revelas
Um genio superior;
Quando na lyra que pulsas
Cantaste a patria e o amor!
Offertando eternos cantos,
A esta terra de encantos,
Terra outr'ora tão feliz;
Cantaste as glorias passadas,
N'essas batalhas ganhadas,
Por heroes do teu paiz!...

Portugal! quanta poesia
Esse canto encerra em si!
Quanto amor, quanta saudade
N'aquelles versos eu li!...
Á patria hoje sem brilho,
Desejas como bom filho,
Despertar o seu valor!
A Portugal tão temido,
Que hoje pobre e abatido,
Jaz sem força e sem vigor!..

Não olvidaste os amores,
Tão desditosos de Ignez!
Cantando-os como devia
Um poeta portuguez!
Nas tuas inspirações,
Tu nos fallas de Camões,
Nosso poeta immortal!
D'esse vate tão lembrado,
Que p'ra nodoa do passado,
Foi morrer n'um hospital!...

Ao martyr napolitano,
Mazaniello o pescador;
Tributaste uma saudade
Como livre trovador!
De *Kossuth*, que a pobre Hungria,
Quiz livrar da tyrannia,
Nos fizeste recordar;
Trazendo-nos á memoria,
Essas paginas da historia,
Que a fizeram 'scravisar!...

N'esses quadros tão sublimes,
Que nos sabes descrever;
Gomes Freire apresentaste,
No supplicio indo morrer!
D'esses cantos tão singelos,
Harmoniosos e bellos,
Da guerra peninsular,
Quem ao ler o *Veterano*,
Não lhe sentirá ufano,
O coração palpitar?!...

Palmeirim! eu te admiro,
N'esses teus cantos sem par!
Tens a c'rôa de poeta,
Que mais podes desejar?...
Defensor da liberdade,
O teu nome ainda hade
Ser grande como Camões!
E os teus versos sublimados,
Com amor serão lembrados,
Atravez das gerações!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

SOBRE A MORTE DO DUQUE DE CLARENCE.

É verdade que o duque de Clarence, irmão do rei d'Inglaterra Eduardo IV, foi afogado n'um tonel de vinho de malvasia?

O duque de Clarence foi condemnado á morte por motivo de rebellião, pela camara dos lords, e o orador da camara dos communs insistiu vivamente para que esta sentença fosse executada.

O rei deu o consentimento; mas quiz evitar a seu irmão a vergonha d'uma execução publica.

Os unicos autores contemporaneos que fizeram menção do genero de morte imposto ao duque ou escolhido por elle, são Fabiano e Commynes.

«O rei Eduardo, diz Commynes, fez morrer seu irmão, o duque de Clarence, em um barril de malvasia, porque queria fazer-se rei.» (*)

Commynes tomou a anecdota de Fabiano, que era inglez e habitava em Londres. Eis o texto de Fabiano: «O duque de Clarence foi morto secretamente e afogado *(drown)* em um barril de malvasia *(barrel of malvesye)*, proximo á Torre.»

Um critico inglez, mr. James Gardnair, tendo recentemente commentado estas duas linhas do antigo historiador, chegou a concluir que muito provavelmente o seu verdadeiro sentido é o seguinte:

«O duque de Clarence foi morto secretamente, e o seu corpo, encerrado em uma pipa que tivera malvasia, lançado ao Tamisa, junto da Torre de Londres.»

Em outros termos, Clarence foi talvez estrangulado ou apunhalado na prisão; depois, para fazer desapparecer o seu corpo, metteram-no em uma pipa vasia, e lançaram-no ao rio.

Mr. Gardnair demonstra, com effeito, com

(*) Memorias de Commynes, liv. I cap. VII.

exemplos tirados dos melhores autores antigos, que a palavra *drown* era empregada ordinariamente no sentido de «deitar n'agua» e applicava-se não só aos mortos e aos vivos, mas ainda a todas as coisas. Na *Tempestade* de Shakspeare, Prospero diz: «Deitarei n'agua o meu livro» *(I'll drown my book)*. Na comedia *Bom é o que bem acaba*, Parolles diz: «Afogarei os meus vestidos» *(I'll drown my clothes)*. Por outra parte, é certo que as palavras «barril de vinho, pipa de vinho», não significam precisamente que o barril ou a pipa contenha vinho, mas unicamente que o tenha contido ou seja destinado a contel-o.

O autor da balada ou historia rimada de *ladye Bessie* (Isabel d'York, mulher de Henrique II) faz dizer a esta princeza: «Elle matou meus irmãos no leito em que estavam deitados e afogou-os ambos em uma pipa de vinho.» São as proprias expressões de que se serviu Fabiano, e aqui o sentido não é duvidoso; trata-se incontestavelmente de corpos inanimados e d'uma pipa vasia: era antigo uso servirem-se em similhantes circunstancias de pipas em vez de saccos.

Pode pois acreditar-se que o eterno gracejo bachico dos cancionistas de adega, que desejam «acabar a vida em um tonel de malvasia», é fundado n'uma falsa interpretação da narrativa de Fabiano.

MEIO PARA ESPANTAR OS CÃES.

Tomando de repente uma posição desusada ou extravagante póde-se algumas vezes fazer fugir os cães furiosos, ou outros animaes ferozes. Watterton conta a maravilhosa derrota d'um bando de bufalos, na America do sul, que não teve outra causa além d'um expediente d'este genero.

Outro viajante conta que, atravessando um dia uma ponte estreita, um cão d'aspecto ameaçador appareceu d'improviso diante d'elle na outra extremidade. Salvar-se, fugindo, era impossivel. Então, com grande presença d'espirito, poz-se a olhar afoitamente para o cão, depois a baixar a cabeça e a diminuir a estatura curvando-se, apoiando as mãos sobre os joelhos. O cão parou, pareceu admirado de ver este homem mudar assim de figura e bater com os pés ruidosamente: comtudo hesitava; mas tendo-se o viajante posto a andar para elle na mesma posição e sem cessar de sapatear com estrondo, o cão, cheio de medo, voltou-se, e fugiu a bom fugir. O autor da *Campanha de Roma*, atacado por um cão egualmente formidavel, teve a idéa d'abrir arrebatadamente o seu guarda-chuva e de fazer d'elle uma especie d'escudo: o cão saltou para traz, e fugiu latindo.

Os prazeres mundanos nunca satisfazem a alma: esse magico poder é só concedido ás almas virtuosas.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

C

De como foi preso o licenceado Balthazar Alvares Ramires, e o sentencearam que morresse.

O licenceado Balthazar Alvares Ramires foi preso depois de ido o marquez. Seria homem de setenta annos e lettrado antigo, e cidadão muito nobre, e tinha já servido por vezes de corregedor, e os melhores cargos da cidade, e os mais honrosos, e muito aparentado, e casado com mulher e filhos, e os cidadãos desta cidade gosam dos privilegios dos cidadãos da cidade de Lisboa. Servia elle de desembargador com os mais. Tanto que foi preso vieram com um libello contra elle. Deu sua defeza, e dizem que boa. Foi concluso; ajuntaram-se os adjunctos, tirado o bacharel Roque Dias, e em seu logar pozeram o licenceado Jorge Fernandes, porque Roque Dias era cunhado do dito Balthazar Alvares. E como todos eram suspeitos, Jorge Vaz Paes estava tido por homem mal inclinado, houve mais votos que morresse, que dizem foi o voto do corregedor, e de João de Orbina, e de Antonio Francisco e Jorge Vaz Paes. Houve muitos rogos de pessoas nobres, e religiosos que lhe recebessem appellação. Não houve remedio: mandaram confessar o dito Balthazar Alvares, de setenta annos. Tendo elle vindo com embargos não lhos receberam, e o mandaram enforcar ao longo da cadea, na forca antiga da cidade, que estava no monte do Brazil; de que houve grande lastima em toda a cidade e ilha; e na forca esteve té o outro dia, que o foram enterrar; e lhe tomaram seus bens, dos quaes lançou mão Melchior Estacio, por haver sentença contra a fazenda dos rebeldes.

CI

Do que aconteceu sobre uma nau que aqui veio de Flandres.

Depois do marquez ido desta cidade, d'ahi a alguns dias appareceu uma nau. Não se sabendo donde podia vir, e imaginando na cidade donde podia ser, não se podia atinar. Chegando a nau defronte da fortaleza de S. Sebastião, foi lá um barco da terra, em o qual foi Pedro Alvares Cabral, que servia de alcaide da cidade. A nau vinha de França, e por mercador della um portuguez. Parece que partiu de Flandres depois do marquez cá estar, e com os ventos contrarios e calmarias pôz perto de um mez na viagem. E o mercador o que trazia era dinheiro amoedado de cobre, moedas de quatro vintens, e de dois, e de vintem, que era o que se fazia nesta cidade. E levavam de cá a moeda, e por

ella faziam em Flandres muita copia, e a traziam em pipas para lhe pagarem o cobre, e custo, por conta do sr. D. Antonio, em pastel, ou em assucar, ou em outra mercadoria da terra. Perguntou-lhe Pedro Alvares, o alcaide, em chegando, donde era a vinda? Dice-lhe, que de Flandres, e que era enviado por el-rei D. Antonio. Perguntando mais, em que estado estava a terra? se a accommettera o marquez de Santa-Cruz? que havia lá por novas ter vindo com grossa armada, e que novas havia delle? Dice-lhe Pedro Alvares, que o marquez não ousara accommetter a ilha, e que havia estar na ilha de S. Miguel, ou ser já ido. Folgaram muito os da nau, e se metteram dentro no porto. E depois que estiveram mettidos das fortalezas para dentro, lhe diceram que a terra estava por el-rei Filippe, e o conde degolado com outros, e o marquez já ido, e que deixára presidio na terra. Ficaram pasmados, e suspensos, dizendo mal á sua pouca ventura, e desgraça. E com esta vinha outra nau atraz, e um homem da villa de S. Sebastião se botou a nado e poz uma bandeira branca, e o tomaram. Esta se acolheu logo. O alcaide lhe tirou as velas, e as levou para terra, e o mestre, e piloto, e mercador; e os metteram todos na cadea, e depois enforcaram o mestre, e o piloto; e o mercador foi com pregão pelas ruas publicas e degradado para galés pelos adjuntos que ao diante se dirá. E a nau e mais fazenda se tomou por sua magestade, e os marinheiros os deixaram andar soltos, e trabalharam nas obras d'el-rei.

CII.

Da ordem que tiveram os marinheiros para fugirem.

Tinha vindo Domingos Gonçalves, o *batarda*, piloto, com uma sua caravela de figo e passa, e outras cousas do Algarve. E tendo descarregado em terra parte da carga, mandou João de Orbina que os barris de atum, e a quarta parte dos figos e passa deixasse ficar dentro, que tudo havia mister por conta d'el-rei para ir para o Faial, por estar lá presidio; e juntamente lhe metteu dentro trezentos vestidos feitos de calções, roupetas, chapeos, meias, e sapatos, para 300 soldados que lá estavam; e lhes metteu muito biscoito feito, muita sardinha em quartos, jarras de azeitona, e pipas de vinho; e estava esperando por tempo para partir; e o piloto ia dormir á caravela, e o mestre e seus filhos; e tudo estava fechado debaixo de coberta; e os marinheiros flamengos, e outros que andavam nesta cidade, constrangidos ajudaram a remar nos barcos que levaram tudo á caravela. Em um domingo a horas do meio-dia, que estava o piloto, mestre, e marinheiros em terra jantando, e os artilheiros das fortalezas da mesma maneira, estavam a algumas naus flamengas, e inglezas onde elles costumavam ir muitas vezes a jantar nas suas barcas; sem attentarem por isso se foram todos metter em uma barca que estava amarrada no caes, e os moços a buscar agua ou vinho acima á cidade. Elles se metteram todos nella, por costumarem fazer assim os mais dos dias sem pessoa alguma attentar por isso. O vento estava noroeste rijo, e passaram pela caravela, e com muita presteza lhe ergueram as velas, e com o cabo por mão, e botaram a barca com uma fateixa que ella trazia, e a deixaram ancorada, e em um momento largaram todas as velas, e passaram pela fortaleza de S. Sebastião, estando as guardas olhando; a de Santo Antonio ficava longe que é a que tem as vigias dos navios que saem, e a de S. Sebastião se regula por ella. Quando de terra viram ir a caravela, logo os que sabiam que ella estava de caminho para o Faial diceram que ella ia fugindo com alguem dentro. Chamaram o dono e lhe diceram que ia a sua caravela pela barra fora. Acudiu, a ver o que era: ficou pasmado. Foi logo ao porto; soube que eram os flamengos que andavam na cidade. Sem das fortalezas lhe atirarem se foi desapparecendo como um passaro. Botaram após ella uma nau ingleza com muita pressa. Quando foi á noite não na viu mais, nem ao outro dia. Tornou para o porto, e os marinheiros foram ricos com a caravela carregada.

CIII

De como sobre a fugida da caravela fallaram algumas mulheres algumas cousas, e as açoutaram.

Uma mulher casada, por nome a *Cavaca*, e outra por nome a *Gameleira*, sobre a fugida da caravela, fallaram algumas cousas, dizendo que fizeram bem, e que o seu chorava por seu dono, e que ainda o sr. D. Antonio havia vir tomar a ilha, e ellas haviam haver suas pobrezas, por alguns ladrões da terra que ajudaram a entrar aos castelhanos. E destas cousas diceram o mais que quizeram. Não faltou, a quem ellas o diceram em segredo, que logo o foi dizer ao corregedor. Logo as mandou prender, e tiraram as testemunhas que as accusaram, e em breve tempo o corregedor com os adjunctos, sem mais appellação nem aggravo, as mandaram ambas junctas açoutar pelas rúas publicas. Uma dellas d'alli a pouco tempo morreu, dizem que de nojo.

Continua.

Examinar, no momento d'obrar, se a nossa acção pode ser imposta a todos os homens, erigida em lei e escripta nos codigos, é sem duvida o meio de julgar imparcialmente do nosso procedimento. Reid tinha já dado egual conselho, quando, para melhor nos fazer julgar do nosso procedimento para com o proximo, nos recommendou que em mente trocassemos com elle os papeis, suppondo-o em nosso logar e nós no seu, para nos desprendermos assim ficticiamente de todos os laços de interesse. — *A. Garnier.*



BUNDELKAND.

O Bundelkand, antigamente uma das provincias do Allahabad independente, estende-se desde o Agrah ate Malwa. A maior parte d'este territorio, invadido pelos inglezes, acha-se hoje comprehendido na presidencia de Calcuttá. Banda, capital do paiz, está situada na margem do Kiane. Uma das suas fortalezas, a de Adji-Gur, é notavel pela sua posição. Construida sobre uma rocha escarpada, de perto de trezentos metros de altura, seguem os seus muros os contornos irregulares do pincaro mais elevado. Antes da invasão ingleza, tinha sido sufficiente sempre para defendel-a um limitado numero de homens.

A paizagem de Bundelkand é de immensa belleza: a vegetação, rica e vigorosa, está em admiravel harmonia com os restos dos templos e sepulchros, testemunhas ainda do gosto e magnificencia da antiga India. Frequentemente o viajante, depois de ter atravessado sombrios desfiladeiros, e quebradas profundas entre montanhas, dominadas por grandes ruinas, chega de improviso a uma vasta planura, onde bellissimas superficies de aguas tranquillas e puras reflectem todos os esplendores do ceo. Mais longe atravessa immensos bosques cujo silencio é unicamente interrompido, de tempos a tempos, pelos espantosos rugidos dos tygres, uivos dos lobos, ou silvos das serpentes.

Uma viagem nocturna por aquelles paizes offerece a cada passo contrastes que produzem na alma impressões de indelevel encanto. O sol, mudando o aspecto da natureza, costuma tambem embellezal-a, mas ao mesmo tempo allumia as tristes scenas de decaida civilisação. Parece que tudo devia convidar á tranquillidade e á ventura em um solo fertil, que occulta em seu seio minas de diamantes, rivaes das de Golconda. Mas um só facto indica ao observador estrangeiro que não sabe o homem aproveitar-se das liberalidades da Providencia Divina. Os habitantes andam continuamente armados: o lavrador conduz o arado sem abandonar a espada, a lança, ou a espingarda. A ignorancia, a miseria, a escravidão, e as dissensões intestinas exercem os seus estragos ha muitos seculos n'aquelle bello paiz. A anarchia converteu em logar de soffrimentos esta mansão de delicias.

MODAS — TRAJES NACIONAES.

Em um jornal inglez deparámos com a noticia de estar em projecto na Alemanha uma associação de senhoras da alta jerarchia, que pretendem banir do uso os veludos, as sedas, e as rendas adoptando um traje nacional, e sobretudo proscrevendo as saias chamadas de balão, que actualmente tocam a meta do ridiculo! A imperatriz dos francezes, segundo as folhas que se publicam em Paris, não ha muito que tentou abolir esta tão extravagante moda, apresentando-se em um baile sem este traje de basilica, o que dera logar a ser felicitada pelo imperador, que a comprimentara jubiloso, por ver que ella havia abandonado o donaire de boneca para voltar ao antigo traje de senhora. Mas apesar dos esforços da imperatriz, e da approvação do imperador, a caprichosa moda voltou aos arcos de pipa, ás barbas de baleia, ás molas de aço, ás *crinolines*, e a toda essa farragem de fatos insuflados, que no nosso paiz tem chegado ao extremo da exageração!

A associação tem resolvido excluir dos seus quartos de vestir e toucar, conforme dissemos, os veludos, sedas e rendas de fabrico estrangeiro: as pessoas sensiveis favorecem tão bellos projectos, que sem duvida segundo antevemos não passarão de projectos, pois é facto indisputavel, que todos gritam contra o luxo, porém o luxo cada vez augmenta mais!

Seria de bastante interesse que senhoras de alta jerarchia, se tornassem legisladoras do imperio voluvel da moda! Isto seria novo! As senhoras reformando os seus toucadores, e cortando pelos seus gostos, caprichos, phantasias, e talvez pelos seus interesses, dariam mostras de uma rara abnegação! Acreditem essas senhoras que tal projecto conceberam, que isso lhes dá mais gloria do que para si ganharam as Zenobias, as Semiramis, e ainda a moderna madame de Stael com os seus romances metaphysicos. Nós, em nome do nosso sexo, podemos assegurar-lhes, que se ellas regulassem para elle o uniforme varonil, deviam contar com o seguirem á risca todos os homens, não só por obediencia, mas até por gosto e devoção. Quem não trajaria a bel prazer do sexo formoso e delicado? Pensamos que não haveria homem tão rude que a isto se negasse, quando nos lembra ter lido que existiu uma rainha, que alcançou do divino Hercules, que este para si tomasse as tarefas feminis, não seria pois muito o conseguir dos homens o trajar, como varões, segundo o gosto, e os preceitos do sexo feminino. Porém não é esse o argumento; as senhoras fazem uma pragmatica para as senhoras; e por isso é de crer que por ellas seja tão mal obedecida, como o foi dos portuguezes a que fez para elles el-rei D. João v.

Como poderão as senhoras (que naturalmente amam e se comprazem na variedade) soffrer a perpetua monotonia de um traje uniforme? Como renunciar aos caprichos encantadores do luxo, que as recommenda como abastadas para os satisfazer? Como sacrificar os mais caros interesses do seu coração? Como abandonar as *crinolines* que fazem as delicias da sua alma, e que levam até as mais provectas a apresentar a rotundidade de um tonel ambulante, do qual sae um chapeo de *varina*, com abas largas e descaidas!

Todos conhecem quanto seja commodo, facil e economico o arranjar-se uma senhora com um vestido, decente e simples, pois ha tanta abundancia, e variedade de generos baratos que n'esse mister se podem empregar; pelo contrario se á senhora dá a phantasia de trajar ricamente, não podem chegar as minas do Potosi, nem todo o oiro da California para satisfazer o seu luxo desregrado; um vestido de preço, uma manta, uma touca de baile, que algumas senhoras usam para saír a publico só por um dia, exigem despezas que poderiam matar a fome a muitas familias desgraçadas por todo o anno. D'aqui toma origem a pobreza da nação, que vê passar ás mãos d'estrangeiros todas as suas riquezas, em preço de luzentes bagatelas, que recebe d'elles; ao passo que a miseria dos nossos artistas e fabricantes cresce de dia para dia por não terem em que se empreguem, e a moral publica soffre pelo augmento dos crimes, dos roubos, dos perjurios, dos adulterios, das prostituições, e não poucas vezes dos assassinios!

Tudo isto por desgraça se dá em o nosso Portugal, aonde, ao lado da miseria publica, se vê brilhar escandaloso o mais desenfreado luxo. É certo que esta gangrena que lavra no corpo social, só poderia estancar-se com remedios que cortassem o mal pela raiz, reformando os nossos costumes, fim este que não se poderia alcançar por via de pragmaticas, ou de outras quaesquer leis de policia, que são remedios inuteis, ou quando muito palliativos. Por isso, e por outras razões obvias, muito nos arreceamos que sejam infructiferos os louvaveis esforços das senhoras que compõem a associação alemã, a qual nos parece não terá muitas sectarias no nosso Portugal.

Não sairemos d'este assumpto sem dizer alguma coisa sobre os trajes nacionaes em geral, não esquecendo os da nossa patria. Um traje nacional, é sempre mais ou menos analogo aos costumes, constituição do governo, religião dominante, e ao clima das terras; e sempre indica um caracter nacional, aonde este traje se não confunde com o de outras nações: portanto, quando se vejam duas nações, que não sejam visinhas, que não tenham origem commum, e todavia usem o mesmo modo de trajar, pode dizer-se desde logo, que a servil imitadora da outra ha perdido o seu caracter, pois que affecta uma ridicula imitação.

Tanto é verdade serem os trajes nacionaes nascidos d'algumas d'aquellas causas, que nós o poderemos verificar pelos padrões dos trajes de todos os povos. Os gregos, que tinham os cos-

tumes os mais polidos de toda a antiguidade, nascidos com uma imaginação sensivel, e delicada, com uma religião que lhes offerecia imagens salientes de todos os portentos da natureza; emfim habitando n'um clima temperado e doce, usaram o traje mais elegante que até aqui se tenha inventado; e ainda esse sobresaia mais ajudado pelas formas elegantes dos seus esbeltos corpos. N'esta parte, só nos ficou dos gregos a imitação das suas estatuas com seus ornatos e decorações; mas isto só (quando não fosse a sua historia) fallaria por elles a toda a posteridade. Os romanos, aproveitando-se muito da gravidade e elegancia dos gregos (que em tudo foram seus mestres) adoptaram todavia um modo seu e original, que muito respeito e acatamento concilia á gravidade republicana. Com muita discrição adoptaram as nações modernas para os seus tribunaes aquella toga veneranda que roçava pelos assentos do foro romano. Assyrios, persas, caldeus, usavam, como ainda hoje, roupas leves, largas e soltas, no que se conformavam á conveniencia do seu clima abrasador. Finalmente os chinas (nação moderna, e antiga, que não tem mudado) vestem-se, ou paramentam-se de opas de ceremonia (decentes de mais, e com excesso incommodas) como está nos seus costumes de enfadonha prolixidade, e etiqueta.

As drogas, e fazendas, hoje empregadas nos vestidos das nações modernas policiadas, differem por certo muito na qualidade (que não podia isso deixar de ser, habitando ellas em terras de tão variada temperatura); porém quanto ao talhe, feição e feitio dos trajes, ainda que estes conservem sempre alguma coisa de particular e original entre as nações que tem caracter, todavia não se poderiam hoje notar, comparando o trajar de todas ellas, taes são os extravagantes contrastes e differenças que n'outro tempo se notavam entre os povos do mesmo continente: é que o commercio, vinculo universal da politica social, communica a todas as nações até a uniformidade de gostos em coisas indifferentes, e a despeito das barreiras das montanhas, rios e mares, que separam os povos, as nações nas suas commodidades e habitos se tem assimilhado quanto pode ser.

O trajar dos inglezes é serio e grave, sem que se lhes possa notar ridicula affectação, no que é mui conforme á gravidade dos seus costumes, e á forma de sua constituição. Elles são escrupulosos, como o devem ser, em guardar a decencia, e ordem do traje, em suas visitas de comprimento, nos bailes, nos jantares, e nos theatros. O chapeo redondo, que era tido por jacobino pelo imperador Paulo da Russia, é na Inglaterra sempre usado no trato civil diario, por isso que é mais commodo e menos despendioso; chapeo armado não se vê na rua, e só é admittido nos coretos de musicos, ou nas audiencias dos ministros de estado, ou no paço etc., conforme as etiquetas. Os capotes tão pouco se vêem, usam-os as sentinellas de policia de noite, e os cocheiros quando chove. Fallando em geral, o trajar dos inglezes é serio, aceado, e commodo. O traje feminino, sobretudo o que usam de manhã e para passeio é grave, airoso, decente e simples, distinguindo-se pela nitidez.

O traje dos francezes é bem distincto, e muito mais mudavel, e mais subjeito ás vertigens de moda; além d'isso tem alguma coisa de mais garrido, ainda nas pessoas serias; accusa mais desleixo ou menos cuidado no povo; isto está ligado com a natural vivacidade franceza, e com os seus costumes mais folgados e menos subjeitos ao rigor da etiqueta. Quanto ás senhoras, dão a lei ao mundo no gosto, na elegancia, e nos ademanes.

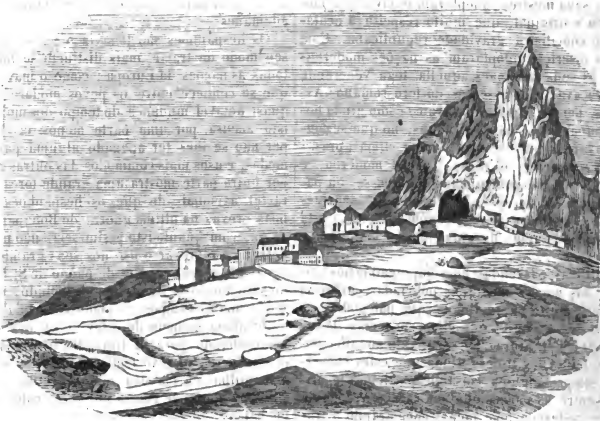
Os hespanhoes são todavia o povo, que pelo seu modo de trajar, mais distincto se faz entre todas as nações da Europa; como o mais antigo que se conhece entre os povos modernos, sem quasi notavel mudança do tempo dos moiros. Se isto accusa por uma parte menos civilisação, por não se lhes ter apegado alguma parte das modas, e usos mais commodos das outras nações, por outra parte mostra uma grande força de caracter nacional, de que os hespanhoes deram boas provas na ultima guerra de Bonaparte. Todavia, com quanto isto assim seja, não podemos deixar de reprovar o uso dos seus grandes chapeos, e dos seus capotes de panno de S. Fernando com forro ou dianteiras de veludo, em que nos ardentes campos e cidades da Andaluzia se embrulham no meio do calor do sol que os está aconselhando para os tirar dos hombros! Pelo que respeita ao sexo feminino, esse prima com a mantilha e a classica saia de setim, fazendo singular contraste com a mil vezes ridicula saia de balão!

Os trajes do nosso Portugal são bem distinctos dos dos nossos visinhos hespanhoes. Parece que as duas nações não tiveram origem, religião, costumes, e patria commum. Antigamente o nosso vestido de côrte e de ceremonia era a antiga moda hespanhola, que nós suppomos oriunda da polida côrte dos godos, tanto ella é airosa, grave, louçã, gentil e magnifica! Com ella appareciam nossos reis em todos os actos publicos da soberania; com ella os nossos governadores da India recebiam os reis e embaixadores das nações do Oriente; com ella o nosso Castro triumphou em Goa; e com ella se casou, e recebeu Maria Luiza com o imperador Napoleão, quando elle *macaqueava* Henrique IV. Consistia este traje em gorro de plumas na cabeça com um broche de diamantes, um manto, ou capa curta (pela feição do *paludamentum* dos generaes ou imperadores romanos), vestia e calção de veludo da mesma côr, e laços de fita nos sapatos. Quem d'isso quizer fazer mais clara idéa, pode ver Jacinto Freire, quando descreve o triumpho com que D. João de Castro entrou em Goa. D. João V, que tinha a vaidade de imitar o rei de França, introduziu todo o ceremonial da côrte de

Luiz XIV, e de todo aboliu aquelles trajes, que nos podiam fazer recordar os dias dos nossos antigos triumphos, e a nossa gloria nacional.

Quanto ao nosso traje nacional em a vida commum, como aquelle nosso rei deu exemplo das modas francezas em a nossa côrte, o povo de Portugal seguiu com furor desatinado o exemplo do seu rei, e os modelos que lhe vinham de França; e assim vê-se hoje que os nossos paizanos das provincias trajam da mesma feição que os paizanos francezes. Trajem como quizerem; mas seria bem util, que tanto os homens como as mulheres da classe secundaria da sociedade, largassem o uso moirisco dos capotes, que por mais de uma razão se deveria desterrar, como incommodo, e opposto ao espirito de um povo activo e industrioso.

E agora perdoem as nossas damas se porventura lhes não damos no fim d'este nosso artigo um logar separado; a razão já a ella alludimos no começo, e agora, ficando-nos pequeno espaço, esperamos nos desculparão accrescentar, que o não temos para accommodar as nossas modernas basilicas!



CELLORIGO.

A antiguidade da villa de *Cellorigo* é remotissima, e as moedas, os fragmentos de barro saguntino, e outros objectos de bronze e cobre que se costumam encontrar em suas immediações ao remover a terra para os trabalhos agricolas, attestam que pelo menos já existia no tempo dos romanos; e assim devia succeder, porque a sua posição é singular e inexpugnavel, parecendo que a natureza se esmerou em apresentar um phenomeno digno do estudo e admiração de todos.

Nós julgamos que *Cellorigo* se acha em um dos pontos mais elevados de Castella, sendo certo que de qualquer das suas ruas e casas se descortina um horisonte de muitas leguas, incluindo Rioja, as montanhas de Santânder, a costa de Cantabria, a afamada serra de San-Lourenço e outras da provincia de Burgos.

O aspecto da villa é mui pittoresco, e vista de longe parece suspensa das nuvens, contribuindo para aformoseal-a os eriçados penhascos que lhe servem como d'escudo, e que ao mesmo tempo parece que vão precipitar-se ao menor impulso, e destruil-a completamente.

Como não ha caminhos, nem pode havel-os, mas só sendas e más, gastando-se muito tempo para subir ao cimo do grande penhasco, chamado *Mata-asnos*, onde se acha a povoação, os habitantes d'esta vivem quasi sem trato nem relações, gosam d'uma paz invejavel, passando desapercebidos para elles os acontecimentos que commovem a Europa e ainda o mundo inteiro, e julgam-se felicissimos no anno em que suas terras lhes fornecem o trigo sufficiente para se alimentarem até á outra colheita.

O famoso castello de *Cellorigo* abateu por duas vezes, em fins do seculo IX, o orgulho e immenso poder dos reis de Cordova quando aspiravam á conquista da Europa. Ouçamos o monge Albelda na era 920, anno 882, reinando D. Affonso III:

«Almundar, enviado por seu pae Mahomat,

rei de Cordova, com oitenta mil homens, commandados por Abualit, depois de haver combatido as fortalezas de Saragoça e Tudela, sem rendel-as, possuidas pelos Zimaeles, filhos de Muza, inimigos do rei de Cordova, talando o exercito cordovez todo o paiz, chegou, reforçado com Ababdella, anteriormente nosso amigo, aos confins do nosso reino das Asturias; primeiramente accommetteu o castello de Cellorigo, defendido por Vela Gimenez, conde de Alava; mas foi rechaçado com perda de muita gente: d'ali passou com o seu exercito ao extremo de Castella a combater o castello de Pontecurbo, hoje Pancorbo, que atacou por tres dias; mas só conseguiu perder muita gente ao fio das espadas vingadoras dos sitiados: era conde de Castella Diogo, filho de Rodrigo. Na era seguinte de 921, anno de 833, fez a mesma expedição; correu desde Saragoça talando os campos, e saqueando quanto encontrava, mas sem poder render castello algum: voltou a combater o castello de *Cellorigo*, defendido pelo conde de Alava, Vela, vendo-se obrigado a renunciar á sua empresa com muita perda, succedendo-lhe o mesmo com o castello de Pontecurbo, defendido pelo seu conde Diogo.»

Do referido castello de *Cellorigo*, que estava situado sobre uma das pontas dos penhascos escarpadissimos que se vêem á direita da gravura que apresentamos aos nossos leitores, apenas existem os vestigios.

Á maneira que o castello de Pancorbo defendia a entrada pela foz do seu nome, o de *Cellorigo*, distante duas leguas, verificava o mesmo com respeito á garganta de Foncea e á foz de Morquera, ficando assim preservados os paizes de Alava e Castella, que depois se chamou Velha, das correrias e devastações que faziam frequentemente os exercitos nas terras de seus contrarios; e assim se vê, pela relação de Albelda, que Pancorbo era o extremo de Castella, e *Cellorigo* o dos condes de Alava, cuja villa ha bastantes annos é considerada Castella.

Posteriormente a tamanhos acontecimentos temos noticias da villa. No voto do conde Fernan Gonzalez, no foral de Miranda do Ebro dos fins do seculo XI, e no de Cerezo do seculo XII, falla-se em *Cellorigo*.

Tambem se menciona a sobredita villa na petição que os embaixadores do rei de Navarra D. Sancho VII, chamado o Sabio, apresentaram ao rei d'Inglaterra Henrique II contra o de Castella D. Affonso VIII, na quaresma do anno 1177, em compromisso feito em Agosto de 1176; advertindo que o citado rei de Navarra pretendia que o de Castella lhe entregasse Nágera, Grañon, Pancorbo, Belforado, Cerezo, *Cellorigo*, e mais algumas povoações.

Cellorigo é hoje uma pequena villa que se compõe de sessenta casas medianas, distribuidas em varias ruas, e uma pequena praça, e pertence á provincia de Logronho e ao districto judicial de Haro; dista dez leguas do primeiro ponto, tres do segundo, e duas pequenas de Miranda do Ebro. Tem uma antiquissima egreja; mas de nenhum merito artistico, e menos ainda desde que com um malfadado reboque de cal que lhe deram interiormente, desappareceram algumas pinturas, adornos e inscripções.

A situação elevada d'esta villa faz com que se denomine vulgarmente, mas com immensa propriedade, o *Pulpito da Rioja.*

CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO.

. . . .

JULIO.

Diz, Augusto, que juizo
Formas tu do sentimento
A que chama paraizo,
Ora um inferno lhe chama
A exaltação do talento?

AUGUSTO.

Não sei bem de que me fallas.

JULIO.

Fallo... fallo-te do amor.

AUGUSTO.

Ah! do amor?....

JULIO.

Achas que inflamma
Que tem tamanho calor
Essa luz do coração,
Como dizem por ahi
Os sectarios da poesia?

AUGUSTO.

Julio, tenho dó de ti.

JULIO.

Mas porque? Diz a razão,
Não te percebo a ironia.

AUGUSTO.

Ironia não é tal.
Tenho dó, repito-o agora,
Indagas, pois te devora
Um amor talvez fatal.

JULIO.

A mim!...

AUGUSTO.

Não queiras negal-o,
Deste-o logo a conhecer
Na pergunta que fizeste....
Sentes n'alma um fogo a arder,
E, como nunca o tiveste,
Como não sabes o que é,
Vens em segredo espreital-o
Na experiencia do amigo.
É provar que em mim tens fé.
Desabafa pois comigo.

JULIO.

Tu promettes não ralhar?

AUGUSTO.

Ralhar!... Eu!... Com que direito?
Por ventura és tu meu filho?
Tens-me acaso por tutor?

JULIO.

Tenho-te o mesmo respeito,

AUGUSTO.

Pois então socega... e vamos...
Prometto ser indulgente.
Anda pupillo innocente...
Anda, filho, principia.

JULIO.

Já tu começas brincando...
Nunca te vi serio um dia...
Sempre a rir, sempre zombando...

AUGUSTO.

Nem sempre zombo, meu Julio.
Muitas vezes, olha... — Adiante!
Conta o que ias a dizer,
E se de amigo constante
Os conselhos queres ter,
Que os posso dar tu verás.

JULIO.

Meu Augusto, jurarás
Que a historia que vou contar-te
A ninguem revelarás.
Promettes?

AUGUSTO.

Se tu tens medo
É melhor ficar calado;
Mas se me queres fazer
Alguma revelação
Desde agora te asseguro
Toda a minha discrição.

JULIO.

Obrigado. — Vaes tu ver
O que a mim me succedeu.
Era n'um baile uma vez...

AUGUSTO.

Era uma vez!... Dá seus ares
D'uma historia d'aia velha...

JULIO.

Diz... quem foi que interrompeu?...
Depois se tu te enfadares...

AUGUSTO.

Adiante!...

JULIO.

Hade haver um mez...
N'um baile, como dizia,
Vi um rosto de mulher!...

AUGUSTO.

Era um anjo disfarçado
Que andava em tua procura?!

JULIO.

Na celeste formosura
A candidez transluzia!..

AUGUSTO.

Custa pouco a perceber,
Ficaste ali namorado?

JULIO.

É verdade. Nunca vira
Tamanho e tal attractivo!
Quem ao vêl-a não sentira
Dentro d'alma...

AUGUSTO.

Um fogo vivo.
É já costume, bem sei. —
Não na foste convidar
Para uma polka, sequer?

JULIO.

Pois não fui! Logo que pude
Fui tiral-a para par.

AUGUSTO.

Conversaste?

JULIO.

Conversei.
Ai! que magia de falla!...
Que intelligencia elevada!
E que perfume que exhala!...

AUGUSTO.

Diz-me lá... é flor ou fada?

JULIO.

É anjo, é fada, é... é tudo

AUGUSTO.

Homem, tudo?!...

JULIO.

Quanto ha bello.

AUGUSTO.

E fallaste-lhe de amores?

JULIO.

Tanto estava allucinado
Que affrontando os seus rigores
Tive a audacia... de pintar-lhe
Da minh'alma o ancioso estado.

AUGUSTO.

Em resposta o que te disse?

JULIO.

Que havia sempre do amor
Feito idéa tão grandiosa
Que lhe custava a suppor
Fosse coisa d'este mundo.

AUGUSTO.

Tu então que respondeste?

JULIO.

Fui, pouco a pouco, buscando
Convencer a minha rosa...

AUGUSTO.

Foi o nome que lhe deste?

JULIO.

É o nome que ella tem. —
Busquei então convencel-a
De que a paixão fôra a herança,
Que Deus ao mundo legara
Que desde então era ella
Flor do mundo...

AUGUSTO.

Muito rara,
Eu dissera em seu logar.

JULIO.

Foi o mesmo que me disse...
Mas deixando perceber
Que não se tinha offendido
Com a minha confissão.

AUGUSTO.
Mas emfim... vamos a ver...
Que disse ella? Sim ou não?
JULIO.
Não ficou bem decidido.
AUGUSTO.
Não ficou?...
JULIO.
Não... e o motivo
Foi que a manhã traiçoeira
Fez o baile terminar...
Mas olhou-me de maneira,
Com tal saudade e pesar
Que inda mais me fez captivo.
E quando eu lhe perguntei
Se podia ter esp'rança...
AUGUSTO.
Respondeu-te?
JULIO.
N'um proverbio encantador:
« Quem espera »...
AUGUSTO.
« Desespera!... »
É rifão consolador.
JULIO.
Disse sorrindo, em vez d'isso:
« Quem espera sempre alcança! »
Mas com que graça e feitiço!
AUGUSTO.
E depois?
JULIO.
Depois... mais nada.
AUGUSTO.
Como assim!... Pois o romance
Não tem continuar-se-ha?
Já tens a historia acabada?
JULIO.
Acabada não... Não está.
AUGUSTO.
Então venha o seguimento
Que já me sinto curioso.
JULIO.
Dias depois encontrei-a...
AUGUSTO.
E fallaste-lhe?
JULIO.
Não pude...
Porque tive acanhamento.
AUGUSTO.
Creança!...
JULIO.
Fui cauteloso...
E quero crer que fiz bem.
AUGUSTO.
Mas o que foi que fizeste?
JULIO.
Assim como quem passeia
Fui seguindo-a...
AUGUSTO.
Para ver
Onde morava? — Isso tem
O seu tanto de rasoavel. —
E da morada soubeste?

JULIO.
Fui mais feliz do que julgas.
AUGUSTO.
Que me dizes?
JULIO.
A verdade.
Vê tu que alegria immensa,
E que alvoroço eu não tive
Quando a vi entrar em casa
De minha prima Piedade...
Tu conhecel-a?
AUGUSTO.
Conheço.
É senhora muito amavel,
E galante por signal.
JULIO.
Pois são ambas muito amigas.
AUGUSTO.
O negocio não vae mal.
JULIO.
Para encurtarmos razões...
AUGUSTO.
Fazes bem que as aborreço...
JULIO.
Começou a convivencia
E seguiu-se a intimidade.
AUGUSTO.
Então podeste á vontade,
Sem ser inconveniencia,
Indagar da tua sorte?...
JULIO.
Já se vê! Tanto insisti
Té que uma noite por fim...
D'aquelles labios ouvi
Um gracioso e terno sim.
Imagina o meu transporte...
Fiquei louco de contente!
AUGUSTO.
Isso por força.
JULIO.
Já vês
Que a datar d'aquelle instante...
AUGUSTO.
Lhe pozeste logo aos pés
Um coração delirante,
Fizeste trinta mil juras,
Disseste... o que toda a gente
Costuma em taes conjunturas...
Algumas vezes verdade,
As mais das vezes mentira..
JULIO.
Oh! este amor que ella inspira
Vêl-o extincto ninguem hade
Porque é toda a minha vida!
Se me enganasse... eu morria!

Continua. MENDES LEAL (ANTONIO).

O amor mais violento raras vezes resiste a uma prolongada separação.

Os applausos, e encomios do mundo, muitas vezes respondem ás exprobrações da consciencia.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

580. Fredegunda tinha jurado a perda dos filhos do primeiro matrimonio de Chilperico. Fez assassinar Meroveo, que ainda lhe fazia sombra. O que restava, Clovis, teve a mesma sorte. Finalmente, não achando outra victima a immolar além de seu esposo, a quem a sua fidelidade se tornara justamente suspeita, fel-o apunhalar em 584 por Landri, a quem ella amava. Tal foi o fim do Nero da França. Era tão avaro, que muitos dos vassallos, opprimidos com impostos, abandonaram os seus dominios. A sua tragica morte fez chorar d'alegria; e o seu corpo, abandonado de todos, ficaria no logar em que foi traspassado. se Malus, bispo de Senlis, não tivesse o cuidado de o transportar a Paris, onde foi enterrado na egreja de S. Germain-des-Près.

585 Chilperico deixou só um filho de quatro mezes, que lhe succedeu com o nome de Clotario II. Fredegunda, mãe do joven rei, soube ganhar a amisade de Gontran, que a declarou tutora e regente dos estados de seu filho. Debalde alguns nobres, inimigos d'esta princeza, quizeram dar a corôa a *Gondebaud*, que julgavam filho de *Clotario* I. Este aventureiro foi atraiçoado e morto pelos mesmos que o tinham acclamado, e este serviço foi ainda um beneficio de Gontran.

593. O reinado d'este foi longo e inglorio. Morreu em Chalons-sur-Saône, com mais de sessenta annos. A sua devoção, e principalmente os bens com que dotou os frades, foram a causa d'elle ser contado no numero dos santos; mas nunca será collocado no numero dos reis mediocres. Childeberto, que elle tinha adoptado, herdou os seus estados, reunindo assim o reino da Austrasia ao de Borgonha.

594. A morte de Gontran foi para Fredegunda e Childeberto um signal de rompimento. O monarcha austrasiano quiz aniquilar Clotario. O valor da regente augmentou com o perigo: juntou tropas, poz-se á sua frente, acompanhada do filho, enganou o inimigo por um estratagema, alcançou victoria, e, deixando por toda a parte os vestigios do seu furor, voltou a Soissons carregada de despojos.

596. O monarcha, vencido por uma mulher, vingou-se da derrota, exterminando os varnes, povos da Germania, que Fredegunda tinha excitado contra elle. Foi esta a ultima proesa do seu reinado: morreu alguns mezes depois, deixando os reinos a seus dois filhos, sob a regencia de Brunehaut, sua avó. *Theodeberto* II, o mais velho, foi coroado rei d'Austrasia; *Thieri* II teve em partilha o reino de Borgonha.

597. A guerra ateou-se de novo entre as duas côrtes d'Austrasia e Soissons. Fredegunda, á frente das suas tropas, apoderou-se de Paris e de muitas outras praças. Brunehaut quiz atalhar similhantes conquistas; mas a sua rival, mais feliz ou mais habil, derrotou-lhe os exercitos, e fez por toda a parte triumphar as bandeiras de Clotario. Fredegunda, no mais alto grau de prosperidade, via crescer a sua gloria com o poder do filho: chegava-se quasi a esquecer que esta mulher ambiciosa, vingativa, e cruel, tudo havia sacrificado á sua grandeza e segurança. Foi este momento de triumpho qué o ceo escolheu para leval-a d'este mundo, terminando a sua carreira: foi enterrada junto de Chilperico, na egreja de S. Germain-des-Près, onde se vê ainda o seu tumulo.

613. Á morte de Fredegunda seguiram-se algumas batalhas, em que Clotario não foi feliz. De tempos a tempos havia paz; mas foi absolutamente banida pelas dissensões que tiveram, entre si, os netos de Brunehaut. Theodeberto desterrou esta princeza, que se refugiou nos estados de Thieri, e induziu este á vingança. Os dois irmãos combateram muitas vezes: Theodeberto, vencido, foi morto. Thieri, ensoberbecido por este successo, voltou as armas contra Clotario; mas morreu em Metz d'uma disenteria. Clotario, então, tornou-se usurpador e feroz: mandou matar dois filhos de Thieri, e fez rapar o terceiro; escapando o quarto, que não tornou a apparecer. O tragico fim de Brunehaut poz termo a estas atrocidades: depois de a ter carregado de injurias, Clotario a abandonou aos insultos da soldadesca, á crueldade dos carrascos, e, por ultimo supplicio, fel-a arrastar pelas silvas e seixos por um cavallo bravo.

628. Clotario II, unico senhor da monarchia franceza, apagou, com rasgos de moderação e de justiça, as barbaridades de que era culpado. Dissipou as conjurações; convocou numerosas assembléas dos seus estados; submetteu os gascões e os saxonios, e morreu chorado dos povos, depois de ter associado *Dagoberto*, seu filho mais velho, á corôa. Feliz este principe, se não tivesse enfraquecido a sua autoridade em favor dos grandes! A dos *maires* de palacio começou, principalmente no seu reinado, a contrabalançar o poder real. Depressa veremos eclipsal-o inteiramente, e firmar-se emfim sobre as suas ruinas.

629. *Dagoberto* I tinha um irmão chamado *Ariberto* ou *Chariberto*, a quem deu em soberania uma parte da Aquitania, que se conservou na casa d'este principe com o titulo de ducado hereditario, até Luiz d'Armagnac, duque de Nemours, morto na batalha de Cerignoles em 1503, e que foi o ultimo d'esta illustre familia.

Se Dagoberto se não tivesse deixado corromper pelas paixões, e continuasse como começára, teria sido um modelo na arte de reinar. Fez ao principio florecer as leis e a boa ordem; mas logo o amor o precipitou nos mais horriveis excessos. Tres mulheres simultaneamente gosando do titulo de rainhas, e uma multidão de concubinas absorviam-lhe as rendas. Avexou os povos, e perdeu a sua estima. . . (Continua.)



A PONTE NOVA EM PARIS.

A ponte nova foi começada pelo architecto Ducerceau, no reinado de Henrique III, cujo monarcha assentou a primeira pedra. Mas suspenderam-se os trabalhos pelos alborotos da Liga, e não se continuaram até ao tempo de Henrique IV, que costeou as despezas do seu bolsinho particular, encarregando a direcção dos trabalhos ao architecto Marchand, e concluindo-se a ponte no anno de 1604. Compõe-se de duas partes deseguaes que se reunem ao extremo occidental da ilha da *Cité*, onde se confundem os dois braços do Sena. A parte que cae sobre o braço direito consta de sete arcos circulares, e a do braço esquerdo de cinco, sendo a sua longitude de trezentos e quarenta metros, e a latitude de vinte e seis. Os arcos são esbeltos e elegantes, e sustentam uma cornija esculpida em marmore. No extremo da ilha, na parte central da ponte das Artes, está a estatua de bronze de Henrique IV, que foi erigida pela sua viuva Maria de Medicis.

A ponte nova tinha uma bomba ou machina hydraulica que enviava a agua ao Louvre e ás Tulherias; mas foi destruida em 1813. Este monumento era antigamente um ponto de reunião de toda a relé do povo de Paris.

As perseguições no mundo são para os sabios, e não para os tolos.

O luto, que devia ser a demonstração do sentimento, e saudade, muitas vezes não é mais, que observancia de pragmatica.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

I

TORMENTA E REVOLTA.

Em uma quinta feira d'Ascensão, que se contavam treze dias do mez de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, 1649, reuniu-se muito povo na praia de Belem, para ver desaferrar do Tejo o galeão *Enxobregas*, uma das maiores naus do seu tempo, que por effeito de grossas avarias, não seguira para a India com o mais da frota d'esse anno, em 15 d'Abril; mas que, por ser veleiro e seguro, esperavam chegasse a Goa adiante d'aquelles que lhe tomaram a dianteira. A referida armada compunha-se apenas de dois galeões; já não eram aquellas grandes frotas do tempo de D. João III! Por capitania da viagem ia a nau *S. Lourenço*, construida na ribeira de Gôa, a qual se perdeu logo a 3 de Setembro nos baixos de Moxincale, como mui lastimosamente conta o jesuita Antonio Francisco Cardim, que era seu capellão; e por almirante um galeão novo, denominado *Nossa Senhora do Bom Successo do Povo*, que tambem se perdeu, cinco dias depois, perto das ilhas de Angoxa, no quarto da madorna, com vento em popa, amarras telingadas e vigias na sobrecevadeira, como egualmente conta o reverendo padre da companhia de Jesus. Com vento fresco e de feição, ao repontar da maré, desceu airoso o Tejo o nosso galeão *Enxobregas*, levando por seu capitão a Bastião de Moraes, *o dos oculos*, acanhado da vista mas desembaraçado do pulso. Por piloto ia Pero Dourado, velho navegador da India. Duarte Fernandes era o mestre da nau; e Pantaleão Vaz, *o cheira-dinheiro*, seu contramestre. De passagem levava varios fidalgos, officiaes e soldados, que iam a servir el-rei no ultramar; alguns missionarios da companhia de Jesus, e da ordem do seraphico S. Francisco; e duas senhoras de distincção, uma esposa, outra filha de Ruy da Cunha, provido com a fortaleza de Cananor.

Ao pôr do sol do mesmo dia da saida, já estes navegantes não viam terra da patria; e engolphando-se nas solidões do oceano procuravam o caminho da frondosa ilha da Madeira.

Viagem de rosas tiveram, não só até á altura de Porto Santo, que enxergaram de perto, e da Madeira, que avistaram ao longe, mas além da ilha de Santo Antão, uma das de Cabo-Verde, que marcaram ao cabo da decima oitava singradura.

Depois começaram-lhe a dar as trovoadas de Guiné, e no parallelo da Serra Leôa viu-se o galeão perdido, com os ventos furiosos e desencontrados que o assaltaram, com o mar bravio que se levantava em pyramides, e com os raios que caíam em roda do navio, fazendo horrivel estrondo, cegando com o brilho dos relampagos, e ameaçando de o incendiar.

Os timoratos já pediam confissão ao capellão da nau, padre Jeronymo da Conceição, e aos demais frades passageiros; porém os homens experimentados nas coisas do mar, trataram de metter dentro, primeiro as gaveas, depois os papafigos, a mezena e a cevadeira; arriaram, como poderam, os mastareos; e, em arvore secca, offerecendo o cadaste á furia do mar, lá foi correndo o galeão a Deus e á ventura, rociado pelas vagas, até que abonançou a tormenta.

Seguiram-se alguns dias de enfadonha calma na *Linha*, e afinal dobrando os Abrolhos, seguiu a nau *Enxobregas*, desviando-se da costa do Brazil, até se internar pelo sul dentro, muito além da latitude do Cabo.

Já um impertinente frio entrava com a maruja, que mal a deixava acudir á manobra, quando o vento virou de feição, para deixar que a nau aproasse ao Cabo da Boa Esperança; visto que o capitão, contra o regimento d'el-rei, queria ir fundear em Moçambique, para fazer veniaga, em vez de seguir as ordens que o mandavam ir pôr fóra de Madagascar.

Entrava já o mez de Agosto; o galeão fazia alguma agua pelos altos; não coisa de cuidado, é verdade, mas que o embaraçava de puxar com todo o panno; e o piloto questionava com o sota-piloto sobre ter-se passado ou não o Adamastor, quando as *mangas de veludo* começando a cruzar por sobre os mastareos, vieram dar testemunho de que estavam além do Cabo.

A vista do *Cabo Falso* confirmou no mesmo dia a alegre presumpção dos nautas. N'esse dia houve missa, banquete e dança a bordo.

Mas logo depois, correndo ao longo da costa de Natal, caiu tão dura refrega sobre a nau, e tão subita, que o mastro do traquete, já de si inclinado para vante, parecia querer ir beijar o gurupez; e o conseguira, se a vela se não rasgara em mil pedaços. Os mastros grande e da mezena, que caíam para ré, conforme a construcção do tempo, quasi que se pozeram a prumo; e as respectivas vergas soltaram de si as velas com a violencia da borrasca. O gurupez rendeu, e a verga da cevadeira partiu pela estagadura, ou, como hoje diriamos, pelo terço, se é que ainda ha navio que use de cevadeira!

O padre Jeronymo da Conceição acudiu ao chapiteo da popa, armado de um crucifixo, para exorcismar a tempestade, e os moços de primeira viagem, de involta com os soldados bisonhos, segurando-se ás roupetas dos filhos de Loyola e aos habitos dos franciscanos, clamavam, vós em grita: misericordia! O capitão, que nada entendia de nautica, ouvia os conselhos do piloto e sota-piloto, mestre, contra-mestre e guardião, e até dos marinheiros que sabiam tomar a altura do sol, não achando meio de conciliar os disparatados pareceres d'estes velhos navegadores. E a nau arfando, sem governo, por que os timo-

neiros mal podiam subjugar o leme, apesar das valentes talhas que lhe haviam dado.

A cerração era completa. O *cheira-dinheiro*, menando um calabre, zurzia de popa á prôa os grumetes que não andavam lestos. Um velho marinheiro que, em 1593, vira de perto a morte no galeão *Santo Alberto*, encalhando no penedo das Fontes, repassava na mente a triste historia d'aquelle naufragio, e os trabalhos que se lhe seguiram, supportados então com a coragem de mancebo imberbe, mas a que o ancião não resistiria agora; e cria já ouvir as pancadas que o galeão estava dando sobre o baixio. O piloto e o sota-piloto eram concordes (coisa rara n'aquelles tempos!) em que a nau de sua magestade estava mais amarada, apesar de não verem o sol havia tres dias, e n'estas paragens correrem as aguas *como sangue*, segundo a expressão favorita dos marinheiros.

A agua crescia no porão, e começava a invadir a coberta. As bombas, meio entupidas, não lhe davam vasão, apesar de trabalharem sem descanso, tocando a ellas os proprios fidalgos, e mais gente grauda que ia a bordo. Os escravos passavam de continuo gamotes cheios de agua do porão para a tolda, a qual voltava ao oceano d'onde viera.

A situação tornava-se de momento para momento mais assustadora. Não obstante a falta das velas, que poderiam fazer pendor ao navio se fossem largas, o galeão adornou a estibordo, sorvendo um grande mar, com o que augmentou a desordem e terror abordo.

Novos gritos de afflicção eccoaram pelas amuradas do *Enxobregas*; novos brados de misericordia! subiram ao ceo, entre o fulgor dos relampagos, ao estampido dos raios, contra torrentes de chuva, no meio da escuridão da noite.

« Alija! ... alija tudo ao mar! bramou do chapiteo de prôa o mestre Fernandes; e a maruja acudiu immediatamente a executar a ordem de salvação. Foi uma *safa-rascada!* Ricos estofos, trem de artilheria, bahus de senhores, caixas de marinheiros, foram de companhia para o incommensuravel abysmo do oceano; e tal era a pressa, que o capellão do navio lançou por descuido ao mar o seu breviario.

O capitão-mór partiu os oculos, ficando, como dizem os maritimos, a *ver navios*. O piloto, apesar de ser um velho *lobo do mar*, perdeu a tramontana; e se não fôra a coragem stoica dos officiaes de prôa, feito era da nau d'el-rei, que não tornaria a indireitar-se.

Foi Deus servido, porém, guardar estes peccadores para outras tribulações, e não lhes acabar logo ali com a mesquinha existencia. Um jesuita, que ia missionar no Japão, tratou de confessar em publico os que pretendiam a absolvição; e tão grande foi o numero de crimes e erros que os penitentes manifestaram, que começou a clamar: « Este temporal é castigo de Deus contra os reprovados que vão abordo da nau... e os justos pagarão, como se fossem peccadores, pela má companhia em que se acham!

Assim passou esta noite de agonia, sem luzir no tope o esperançoso lume de santelmo. E quando alvoreceu o novo dia, se bem que o mar estivesse mais applacado, e menos furioso o vento, enxergavam-se melhor as avarias da embarcação, e á claridade do sol desenganaram-se de que não estavam em proximidade de terra, pois que a nenhum rumo se avistava.

Então principiou uma scena de outro genero, não promovida já pela natureza, mas pelos homens, e talvez mais horrorosa ainda. Declarou-se a insubordinação nos mosqueteiros que iam a servir na India, e o medo dos perigos do mar arrastou-os a tornarem ainda maiores esses temerosos perigos.

Quando a tempestade já começava a abonançar, e que se podia apresentar ao vento um bolso do traquete, armaram-se alguns soldados, e invadindo o chapiteo da popa, intimaram o capitão da nau para que mandasse arribar sobre a terra.

Debalde o piloto lhes explicava que não tinham pelo travez nenhum porto onde podessem reparar as avarias da viagem, o que só poderiam conseguir em Moçambique, a cujo rumo navegavam; a estupida soldadesca, coadjuvada por alguns marujos de má-morte, gritava cada vez mais alto: « Vâmos para terra... aproemos a terra! »

Ruy da Cunha, o capitão de Cananor, pretendeu impor-lhes respeito; mas não o attenderam. Sua esposa, D. Leonor, offereceu-lhes as joias que lhe restavam, depois do alijamento, e nada conseguiu. A joven e formosa filha d'estes conjuges, a encantadora Magdalena, em vão tentou com lagrimas enternecer os sublevados; e baldadas foram tambem as diligencias dos padres, que invocavam o nome do Redemptor... O capitão, e os seus bons homens do mar, seguiram outro caminho.

Bastião de Moraes lançou mão da sua boa espada de Toledo, e atirou-se aos revoltosos, como Santiago a moiros. De cada cutilada fazia um profundo gilvaz, e quando Deus queria uma amputação. Mestre Fernandes, com um velho chanfalho, fazia o que podia. O *cheira-dinheiro* armou-se com um pé de cabra. Pero Dourado servia-se do astrolabio como de um ariete. O sota-piloto arremessava contra os insurgentes as balas que achava pelas chaleiras. Um estrinqueiro atirava ao monte com o poleame que encontrava á mão, tornando em projectis de guerra moitões, cadernaes, polés, sapatas e caçoilos. O condestavel distribuiu á pressa algumas espadas e chuços pela marinhagem; e a revolta foi suffocada em sangue.

Imaginem os leitores que horrivel não seria esta luta, no acanhado ambito de um navio, no isolamento do mar, e em vista dos estragos produzidos pela tormenta! Em vez de louvarem a Deus pela bonança que lhes mandavá, estes peccadores endurecidos confundiam o sangue de seus irmãos com as aguas do oceano, e escapa-

dos milagrosamente de um grande perigo, buscavam por suas mãos outro maior!

A golilha e as algemas adornaram os pescoços, mãos e pés dos delinquentes que o ferro poupou na refrega; os mortos foram lançados ao mar com os competentes pelouros amarrados ás pernas; e os feridos passaram a habitar nos catres da enfermaria, entregues ao cuidado de uma especie de licenceado que vinha a bordo.

Livre d'este obstaculo, o capitão-mór, que já havia encontrado outros oculos, chamou o carpinteiro e o calafate para lhes encarregar a faina de atamancarem o melhor possivel o navio, a ver se estancava a agua; ao mestre e contra-mestre recommendou o concerto do velame, e substituição do massame arrebentado e do poleame rendido; e encommendando-se mui devotamente a Nossa Senhora da Nazareth, ordenou ao piloto que soltasse o rumo para a ilha de Moçambique.

Continua. F. M. BORDALO.

A' maioria das nossas necessidades provêm dos nossos caprichos e desejos.



PINTURA EM FAIANÇA.

O prato de faiança que representa a nossa estampa, foi pago por 120 libras esterlinas, ou 540$000 réis, nos leilões feitos em Londres, em Março de 1856, depois da morte d'um celebre amador, Ralph Bernal, squire. Estava inscripto sob o numero 1848 no catalogo dos objectos d'arte que compunham esta magnifica collecção, hoje dispersa.

Executado em Faenza ou Urbino, no principio do seculo XVI, este prato representa o interior da officina d'um dos pintores de faiança cujas obras são tão procuradas hoje. O artista, sentado em uma poltrona, tem na mão um prato que enriquece de elegantes phantasias. Sobre um escabello, á direita, vê-se um vaso e copos sem duvida cheios de tintas; mais adiante, sobre uma mesa baixa, está um jarro e um prato. Dois compradores, um mancebo e uma senhora, estão sentados diante do pintor, cujo trabalho examinam com interesse.

O prato é de bello desenho, de côres notavelmente vivas, e o objecto que representa dos mais interessantes para a historia da arte. O seu diametro é de nove polegadas e um quarto, medida ingleza.

CONFIDENCIAS.

(Fragmento.)

JULIO — AUGUSTO.

Conclusão.

AUGUSTO.

Oh! doce illusão querida!
Oh! formosa edade de oiro
Que vê no amor um thesoiro
E não calcula, não pensa
Nos insoffriveis espinhos
Que mais tarde vem cravar-se
No coração de quem ama!
N'uma edade como a tua
Veiu n'esta alma atear-se
Um incendio como o teu...

JULIO.

Tambem?

AUGUSTO.

Tambem, é verdade.
Eu sei como se insinua
Esse voraz sentimento
Que d'um peito se apodera

Dominando-o sem piedade!
Que a vida torna em delirio
Que n'um cahos de martyrio
Nos sepulta o coração...
Que ora nos dá mil venturas
Ora zelos e torturas...
Que nos desvaira a razão!...

JULIO.

Com que ironica amargura
Me descreves a paixão!...
Amaste muito?

AUGUSTO.

Se amei!...

JULIO.

Foste infeliz, eu já vejo.

AUGUSTO.

Tive um triste desengano,
Soffri muito... mas calei...
Era muito o meu desejo
Para não vir em meu damno!

JULIO.

Pobre amigo! Imaginava
Que jámais tinhas amado.
Quando alguem diante de ti
Fallava em coisas de amor...
Via-te sempre sorrir...

AUGUSTO.

Era ironia... era dôr!
Esses que dizem que amam
Nos cafés ou nos passeios,
Não fazem mais que mentir
Tanto aos outros como a si.
Mas esses, Julio, que enganam
São quasi sempre os felizes!...

JULIO.

Não pode ser o que dizes.
Pois a mulher não distingue
A mentira da verdade?

AUGUSTO.

Não distingue, não, que a cega
Antes de tudo a vaidade,
Que é, meu Julio, quasi em todas
A sua corda sensivel.

JULIO.

Como assim? pois será crivel
Que não se encontre nenhuma
Que saiba ter coração?

AUGUSTO.

Entre mil encontra-se uma!

JULIO.

Acho-te injusto de mais.

AUGUSTO.

Não sou tal... conheço o mundo
E os seus costumes banaes.
As culpadas não são ellas
A maior parte das vezes;
São os homens que as illudem
Com mentidas phrases bellas
Nos romances estudadas...
Depois, ellas enganadas,
Vão enganar por vingança
Destruindo muita crença,
Muita nobre inspiração...
E o puro amor á nascença
Trocam logo em decepção!
Como tu, tambem fui crente,
Tambem sonhei... acordado,
Como tu... mais imprudente...
Fiz um mundo d'um affecto,
D'elle um eden encantado,
Onde encerrava, discreto,
As minhas esp'ranças todas
E a minha existencia inteira!
D'aquelle amor fiz um culto
Fiz da minha alma um sacrario,
E, velando o santuario,
Desvelado lhe puzera
O respeito e o mysterio.
Como tu tambem dizia,
Quando um vago pensamento
Me toldava o ceo de amor:
«Se me enganasse... eu morria!»

JULIO.

E enganou-te?

AUGUSTO.

E vês-me vivo!...
Ninguem morre d'uma dôr
Quando resiste ao momento
Em que o golpe se recebe...
A chaga é viva e profunda,
Doe... se doe! turba os sentidos,
Corpo e espirito embrutece;
Mas são remedio infallivel,
São um optimo cauterio
Os desenganos colhidos.
Depois... O tempo a final
Vem fechar a f'rida aberta...
Mas não lhe apaga os vestigios
Mas não lhe tira o signal...
E, onde era o coração,
Fica a duvida sómente,
Que do amor a lava ardente
Destroe tudo quanto encontra,
Quanto d'antes nos sorria....
E resume-se a existencia
N'uma perpetua ironia...
Algumas vezes porém
Nas horas mortas da noite
Só por só co' o pensamento
Á phantasia nos vem
A lembrança do passado
Em que tanto nós gosámos...
Em que tanto padecemos...
E a falta então deploramos
De tudo quanto perdemos
N'aquelle engano fatal!...
E sente-se uma saudade
Tão profunda, tão sentida,
D'essa epoca da vida
Tão povoada d'illusões,
Em que o bem vencia o mal!...

JULIO.

E, n'essas horas, não pensas
Que inda possas encontrar
Quem te avive as sensações
Dando-te alma para amar;

Quem te faça a crença antiga
D'essas cinzas renascer?

AUGUSTO.

Penso... Deus sabe se penso!

JULIO.

Pois então porque não buscas
Sair d'essa prostação?

AUGUSTO.

Ah! porque?... porque não posso....
Porque duvido de tudo,
Que foi severa a lição.
Se acaso podesse haver
Uma mulher que dissesse:
«Amo-te muito!... sou tua!...»
Que as leis do mundo esquecesse,
E, affrontando a sociedade
E os seus justos prejuisos,
Me offertasse a castidade
Dizendo: «não me acreditas...
Não crês ainda em tal paixão?...»
Assim mesmo duvidara
E respondera-lhe: «não!»
....

MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

O seculo XII offerece na França novas scenas de infortunios para o povo judeu. Filippe Augusto foi para elles um flagello. No meio dos seus embaraços pecunarios, appellou para um genero de recursos nimiamente estranho, mas inteiramente nos costumes e idéas do seu seculo. Havia muito tempo que os judeus habitavam o territorio feudal da França. Disseminados pelas cidades e campos tinham-se apossado de todas as industrias, e senhores das transacções commerciaes, haviam adquirido incalculaveis riquezas. Era então coisa mui curiosa a existencia de um judeu n'um senhorio, ou mesmo n'uma communa burgueza. Havia uma portagem, uma percepção de direitos, de impostos, de reditos? era o judeu, quasi sempre, que os arrendava. Queriam fazer um emprestimo, comprar alguns pequenos objectos de luxo? era ainda o judeu que iam procurar. Elle recebia, em penhor, em sua casa, arredada de todas as outras habitações, o calice da egreja, os ornamentos do barão, o carbunculo que o cavalleiro tinha trazido da Palestina, a charrua do lavrador. O barão que o encontrava no caminho, cuspia-lhe na cara, chamava-lhe *cão infiel*, mas no dia seguinte ia-lhe empenhar o feudo, ou o seu cavallo de batalha. Em quasi todas as cidades estavam os judeus submettidos aos costumes, não só mais extravagantes, mas tambem mais humilhantes. Em Toulosa deviam receber na sexta-feira santa uma bofetada; em Beziers montavam em cima d'elles uma vez no anno; nos estados do conde de Blois submetteram-n'es, como os porcos, a uma commum portagem; n'uma palavra, por toda a parte despresados, mas precisando d'elles por toda a parte. Quando haviam adquirido muitas riquezas, despojavam-n'os, e expulsavam-n'os. Mas a grosseira prodigalidade dos barões não podia por longo tempo privar-se dos recursos que facilmente lhes offerecia o judeu da visinhança; e tornavam então a chamal-os, por meio de resgate, para recomeçarem o trafico, e serem por seu turno expulsos outra vez.

«N'este tempo do bom rei Filippe habitavam judeus em Paris e por toda a parte em grandissima multidão. Os mais sabios, e os maiores na lei de Moyses, tinham vindo ao paiz da França e principalmente a Paris. Na cidade habitaram tanto tempo, enriqueceram-se tanto, que compraram quasi metade de Paris. Tinham meirinhos, e procuradores, que viviam comsigo, em suas casas, e que faziam judaisar. Tratavam vilmente os ornamentos das egrejas que pela necessidade do povo lhes empenhavam, como patenas d'oiro e calices, capas d'asperges, casulas, e muitos outros ornamentos. Conservavam-se em tamanho odio á santa egreja, que faziam sopas de vinho nos calices, para seus filhos pequenos. Em Paris havia muitos ornamentos d'altar, como cruzes d'oiro e pedras preciosas; mas todas estas coisas as tinham em montão em suas casas, sem respeito á sua santidade.» (1)

Os rumores populares espalhavam tambem a opinião de que os judeus, cheios de odio e crueldade contra os christãos, immolavam em certas epocas do anno, e particularmente na sua paschoa, creanças, que punham n'uma cruz, e atravessavam com uma lança em commemoração da paixão de Christo. Algumas pinturas, quasi contemporaneas, representavam uma d'estas reuniões mysteriosas. Os rabbinos com aspecto horrivel rasgam com pequenas facas o seio da victima, e recolhem o sangue em vasos, junto dos quaes jazem amontoados os corpos das creanças.

De qualquer modo que julguemos hoje estas prevaricações da multidão, não é menos verdadeiro que a expulsão d'uma classe de homens, objecto do odio geral, tinha em si mesma alguma coisa de popular, e podia felizmente começar o reinado do senhor do feudo. Entregar aos subditos as obrigações que haviam subscripto, e os penhores que tinham confiado aos judeus, era insinuar-se na mais viva paixão do coração humano, a cubiça. «Os burguezes, os cavalleiros, e os paizanos eram em tamanho empenho para com os judeus, pelos grandes dinheiros que lhes deviam, que os hebreus tomavam a uns os moveis, e os vendiam para se pagarem, retendo outros devedores como captivos e fianças em suas casas.» (2)

Já mui disposto a seguir os avidos conselhos que lhe davam contra os judeus, foi o rei consultar o irmão Bernardo, solitario de Vincennes,

(1) *Chronique de Saint-Denis*, an. 1811.

(2) *Ibid.*

personagem mysteriosa, que apparecia em todas as grandes circunstancias, para dirigir Filippe Augusto e governar a sua politica. Bernardo tinha escolhido um retiro, não longe do parque de Vincennes, na vasta floresta de Saint-Mandé, aonde levava vida de anacoreta. Considerava-o o rei como um d'éstes santos personagens em perpetua communicação com o ceo. A simplicidade grosseira de seus vestidos, seus jejuns, suas macerações, lhe haviam attrahido o respeito da multidão, e na visinhança eccoava o clamor de seus milagres. — «Irmão, lhe diz o rei, que me aconselhas a respeito d'estes incredulos, para proveito da egreja, e dos pobres christãos?» — «Senhor rei, eu te aconselho o tirar-lhes, e entregar aos christãos do teu reino, tudo o que estes devem aos judeus. Expulsa-os do bello paiz da França, e retem para ti a quinta parte dos seus teres.» — Filippe disse então aos seus barões — «Creio que o irmão Bernardo tem razão» — e como os barões lhe responderam — «Senhor, faze o que quizeres» — promulgou uma ordenança pela qual prescreveu aos judeus deixarem o reino da França antes da festa de S. João Baptista. Permittia-lhes que vendessem seus moveis, mas retinha para o fisco todas as casas ou propriedades que tivessem adquirido, seus feudos, seus campos e vinhas, suas granjas e lagares. Ao mesmo tempo como lh'o aconselhara o irmão Bernardo, absolvia todos os seus subditos das dividas por elles sobscriptas em proveito dos judeus. (1)

Logo que os judeus souberam d'este edito foram tomados de stupor. «Vão ao encontro dos prelados e barões, e promettem-lhes boa somma de dinheiro, se elles puderem obter do rei a sua persistencia.» Os barões propõem-se solicitar a revogação das ordens do soberano, mas Filippe foi inflexivel. «Quando os judeus viram que os prelados eram despedidos por Filippe, em quanto os outros reis tinham costume de se inclinarem facilmente á sua vontade, foram maravilhosamente pasmados e espavoridos: começaram a gritar *Scema Israel*, que quer dizer em hebreu *que Deus nos ouça*. Quando viram que não podia ser d'outra maneira, e que o termo em que deviam evacuar a França se approximava, começaram a vender seus moveis e alfayas em maravilhosa hasta.» (2)

Filippe Augusto não se contentou com esta expulsão: fez prender no mesmo dia todos os israelitas reunidos na synagoga. «Despojou-os do seu oiro, e de seus vestidos; como em outro tempo os hebreus tinham feito aos egypcios, e lhes prescreveu resgatarem-se por dez mil marcos de prata. É n'esta epoca que se diz que os judeus sempre industriosos, inventaram a lettra de cambio, para salvar do naufragio alguns restos da fortuna. Com effeito enviaram parte do seu oiro e da sua prata á Italia e á Alemanha,

(1) *Alberic moine des Trois-Fontaines*, an. 1182.

(2) *Chronica de S. Diniz*, an. 1182

por meio d'estas lettras de credito. Depois evacuaram o reino no termo prescripto, levando suas mulheres e creanças, e todo o seu trato domestico. Quando assim foram partidos, e a França foi evacuada por uma tal plebe, o bom rei ordenou que as synagogas dos judeus, aonde elles costumavam juntar-se, fossem limpas.»

A maior parte d'estas synagogas foram convertidas em egrejas. (1) O rei deu a d'Étampes aos clerigos da egreja, para n'ella cantarem as horas e viverem em conezias. (2) Muitas casas foram concedidas ao arcebispo de Paris, assim como ao clero d'Orléans.

Comtudo nem todos os barões seguiam o exemplo do rei. «Havia em *Brie* um castello chamado Bray, e n'este mesmo territorio a condessa de Brie tinha muitos judeus. Ora succedeu que um certo paizano, confessor da nossa fé, devia aos judeus um grande numero de *sous*, e como elle não lhe satisfizesse sua divida, a condessa lhes abandonou este infeliz para o punirem a sua vontade, entregando assim com a leviandade de uma mulher um membro da egreja de Christo, a seus inimigos. Este homem entregue á vingança dos judeus foi por elles despido todo, nú, pozeram-lhe na cabeça uma corôa d'espinhos e o conduziram de povoação em povoação, até que elevando-o n'uma cruz lhe atravessaram o lado com uma lança. Bem depressa esta triste nova se espalhou nos campos. O rei possuiu-se de uma grande colera contra a condessa de Brie; caminhou rapidamente sobre suas terras, e quantos judeus deparou (mais de 80) tantos fez entregar ás chammas.» (3)

Depois d'isto quem não dirá que é com grande justiça que o distincto historiador M. Capefigue, classifica estes procedimentos de Filippe Augusto *actos de violento fanatismo*, que o edito de 1198, revogando o outro porque os banira, não basta a desculpar? **

Continua.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Conclusão.

CIV.

De como do Faial veio preso um Pedro Antão, por ser muito do serviço do sr. D. Antonio, e do que lhe fizeram.

Nesta cidade havia um homem chamado Pedro Antão, grande official de fazer retabulos, imagens, e outras obras de preço. Foi-se viver ao Faial, e estando lá moveram-se as alterações do sr. D. Antonio. Metteu-se elle em seu serviço

(1) Ex chartulariis archiepiscop. Parisiens., Dubois, t. II, pag. 143

(2) Fleuriau, *Antiq. d'Etampes*, pag. 380.

(3) *Philipeidos*, de Guillaume le Breton, canto I.

o mais que pôde; e estando aqui Manuel da Silva veio cá com seus instrumentos tirados. Botou-lhe elle o habito d'Aviz, e o tornou a enviar para o Faial. Ficaram lá alguns invejosos de lhe verem o habito, e sempre lha tiveram té á entrada da terra; e n'este tempo o accusaram e prenderam. Quando elle se viu preso, fez petição ao corregedor o mandasse cá vir com as culpas. Mandou o corregedor que sim. Veio preso á cadeia desta cidade de Angra; poz-se em livramento; deu sua defeza; sentenciaram-no, que fosse pelas ruas publicas com baraço e pregão, e degradado por cinco annos para os logares de Africa. Appellou: não lhe receberam appellação, nem aggravo, antes em um dia pela manhã o mandaram ir com baraço e pregão pelas ruas publicas, e o fizeram embarcar a cumprir o degredo, e lá no reino teve perdão. E destes homens muitos julgaram desta maneira; e assim iam com tudo ao cabo; e em casos de morte sem appellação nem aggravo.

CV

Do que aconteceu a um Francisco Fernandes que foi na armada do marquez, e logo se tornou a vir.

Dos homens que foram desterrados, por serem muito do serviço do sr. D. Antonio, foi um Francisco Fernandes, carpinteiro, o qual por se achar doente em Lisboa se tornou a vir, cuidando que não fazia nada, e se veio sem licença. Tanto que foram sabedores, que elle estava no porto desta cidade, do navio o foram tirar, e o metteram na cadeia, e logo o sentenciaram que o enforcassem, e juntamente o mestre e piloto flamengos do navio que trazia o dinheiro. E assim sentenciaram um homem que se chamava o *peralcocheiro*, que vivia na ilha Graciosa, por fallar pelo sr. D. Antonio. Todos quatro mandaram confessar, e os mandaram juntos enforcar na forca da cidade, que é no monte do Brasil, e todos juntamente foram levados, e os deixaram estar um dia, e ao outro os tiraram e enterraram. Este Francisco Fernandes e o *peralcocheiro*, eram casados nesta cidade, e tinham mulheres e filhos. E houve muitos rogos de religiosos, e de muitas pessoas de respeito; mas nada lhes valeo, nem lhe quizeram receber appellação nem aggravo.

CVI

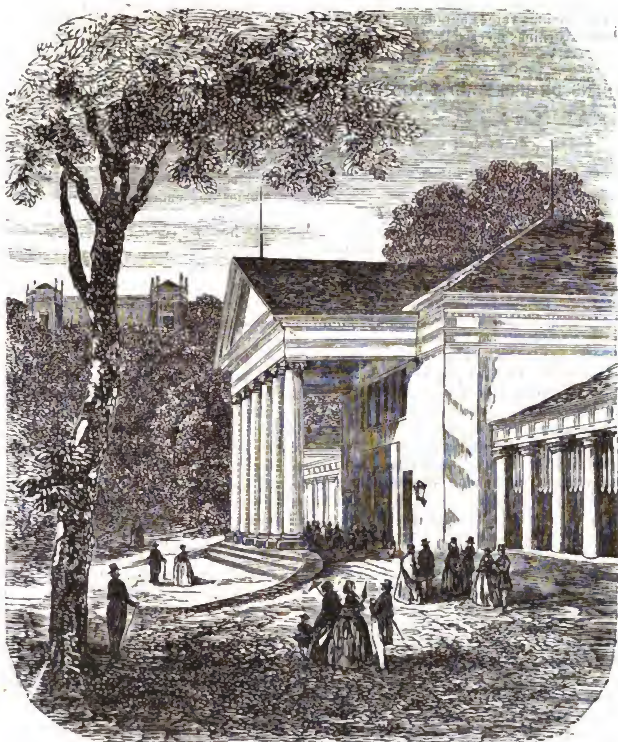
De como prenderam a Balthazar Gonçalves d'Antona, João Gonçalves Correa, e um Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, da Villa da Praia

Balthazar Gonçalves d'Antóna era um homem nobre, cidadão desta cidade. João Gonçalves Correa era lettrado e um dos desembargadores, e tinha servido de corregedor. E Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, eram capitães de gente da villa da Praia. E o sobredito Balthazar Gonçalves de Antona era o capitão da fortaleza de Santo Antonio. Estes homens se tinham apresentado por terceiras pessoas dentro nos tres dias, uns por estarem doentes, outros por sairem feridos na batalha, e não poderem vir por seu pé, nem a cavallo. E tinham disso suas certidões. Como elles tinham inimigos, que eram os que tinham vindo na armada naturaes da ilha, e outros a quem tinham aggravado com os cargos, os accusaram que se não vieram apresentar. Foram logo presos e trazidos á cadea. Vieram com libellos contra elles: deram sua defeza, e bem d'espaço; e vieram com suas contradittas ás testemunhas, que lhes não foram recebidas, dizendo, que era sobre caso de lesa-magestade. Vieram a dar sentenças os adjunctos. Balthazar Gonçalves de Antóna, e o licenceado João Gonçalves Correa, dez annos para Africa; e os dois Pedro Alvares, o frade, e Alexandre Pinheiro, cinco annos cada um para galés. Appellaram elles das sentenças, que cuido que tambem foram condemnados em dinheiro. Não lhes receberam appellação, antes o mestre de campo se tomava muito, quando diziam que appellavam. Pediram instrumento de aggravo: mandaram que papel nenhum lhes dessem; e os fizeram embarcar com muita pressa, e em chegando a Lisboa com cartas de guia foram logo mettidos no Limoeiro. Fizeram petição sobre o que era passado: mandou-se logo, que sendo assim como elles diziam em sua petição, que lhes recebessem appellação. Veio cá notificação aos bachareis Roque Dias, e Jorge Vaz Paes, e Heitor Coronel, e o corregedor, e Antonio Francisco, e Alvaro Pereira. Todos diziam que notificassem primeiro a João d'Orbina. Notificaram-no, e elle, como que lhe dessem alguma bombardada, vai-se a pelejar com os adjunctos, que deram os votos que não morressem, que eram uns Antonistas, porque se os enforcaram não viera aquillo: que não tinha de ver com os desembargadores; que havia vir assignado por sua magestade; que não havia receber appellação. Os que requeriam pediam ao escrivão lhes desse seu papel com as notificações: e o escrivão que era Luiz Mourato não queria. Elle já tirava instrumento de denegação: os adjuntos andavam com rogos com o mestre de campo pelo não aggravarem; e o que requeria a cada canto testemunhava com a gente. De maneira, que vieram a acabar com o mestre de campo, que lhes receberam appellação, e lhes deram os autos, e foram ao desembargo, e sairam todos soltos e livres; e os adjuntos, corregedor, e mestre de campo, dizem que muito reprehendidos. E d'alli por diante deram appellação e aggravo na forma da Ordenação; e o corregedor, e não houve mais adjunctos.

Christo será com todos.

Aqui acaba esta RELAÇÃO.

Os impostos representam o mel da sociedade, fabricado pelas abelhas, e algumas vezes comido pelos zangãos.



KURSAAL, EM WIESBADEN.

A praça Wilhelm, em Wiesbaden, é um lindo taboleiro de relva guarnecido d'arvores e cercado de muitas casas; acha-se ahi o theatro; umas columnatas cobertas onde se abrigam de verão os mercadores; e o Kursaal, cujo portico mostra a nossa gravura.

O Kursaal é a grande casa de campo de Wiesbaden. As seis columnas jonicas que ornam a fachada são dominadas por uma inscripção latina que ninguem achará prolixa; compõe-se de duas palavras e uma cifra: FONTIBUS MATTIACIS, MDCCCX; o que recorda ter sido edificado o monumento em 1810, mas as aguas hygienicas de Wiesbaden eram conhecidas dos romanos, e tinham recebido d'elles o nome de *Fontes Mattiaci*, porque esta parte da Germania era então habitada pela tribu dos Mattiaci.

Passando pelo portico, entra-se em uma sala de mais de quarenta e tres metros de comprimento, sobre vinte de larga, e dezeseis de alta. Ornada de columnas de marmore, estátuas e bustos, serve alternativamente para danças, concertos, e banquetes. Á esquerda, ficam as salas de jantar da casa de pasto; á direita, um gabinete de leitura e muitos salões de dança e jogo.

Do lado opposto á Wilhelmplatz, o Kursaal tem uma fachada que domina um lindo jardim, onde se pode tomar café e gelados, ouvir as symphonias e as polkas, ou, á sombra dos salgueiros

e acacias, deitar migalhas de pão aos peixes e gansos do tanque.

Subindo o ribeiro que desagua n'este tanque, vae-se ter, por uma vereda agradavel, ao moinho de Dieten e ás ruinas do castello de Sonnenberg.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

Continuação. *

CARTA XXV.

DIVAGAÇÕES NO VALLE DE COLLARES. — CAMINHADA AO ALTO DA SERRA.

19 de Outubro de 1787.

A minha saude melhora de dia para dia; o tempo sereno e jucundo que vamos desfructando esperta a sensação da existencia; ando a cavallo, passeio, subo ladeiras, quando e por onde me apraz sem me fatigar; o valle de Collares ministra-me objecto de perenne recreio; tenho descoberto variedade de trilhos, que por entre castanheiros decotados e pomares conduzem a pequenos rocios de formas irregulares e relvosos, e ahi loireiros nascediços e balsas de limoeiros bracejam livremente acima da beira pedregosa de um regato, largando flor e fructo na corrente d'agua. Podeis andar milhas pelas margens d'este arroio deleitoso, aproveitando interminaveis perspectivas de moitas floridas nos espaços que deixam os choupos e castanheiros. A paizagem é de certo a dos Campos Elysios, e tal qual os poetas designam para repoiso das almas bemaventuradas.

Os musgosos fragmentos de penedia, os brutescos toros de arvores, e pontes rusticas que encontraes a cada passo, traçam na imaginação a Saboya e a Suissa; porém, a apparencia exotica da vegetação, o verde lustroso dos limoeiros, os doirados pomos da larangeira, os palmitos da murta, a rica fragrancia dos torrões guarnecidos de côres ás mais brilhantes e das mais aromaticas flores. levavam-me a acreditar sem violento esforço da phantasia, que me achava no jardim das Hesperides, e esperava ver surdir um dragão debaixo de cada arvore. Não me passava pelo pensamento abandonar estes risonhos sitios, e vinte vezes n'este dia estive para revogar as ordens que dera para a minha jornada.

Quaesquer que fossem as objecções que eu pozesse á demora em Portugal, desvaneciam-se quando resolvia deixal-o; porque é tal a depravação da natureza humana que as coisas nos parecem mais estimaveis precisamente na occasião em que vamos perdel-as.

Havia esta manhã um brando luzeiro dos raios do sol e uma balsamica serenidade do ar, que infundiam o voluptuoso desleixo, o desejo de ficar endeusado n'um logar deleitavel, como em as ficções classicas se presume tornarem-se deslembrados da patria, dos amigos, e de todas as obrigações os que provaram o lotus. O que eu sentia não era dessimilhante, repugnava-me a idéa de retirar-me d'ali.

Não obstante haver-me embrenhado n'estes formosos pomares pouco depois de nascer o sol, os campanarios de algumas egrejas distantes bateram horas apoz horas, primeiro que eu me vencesse e decidisse largar os odoriferos e ramosos loireiros, debaixo dos quaes me recostava. Se as sombras frescas e fragrantes assim convidam a repoisar, devo tambem dizer que não ha veredas mais azadas para tentar a passeio os individuos ainda os mais mandriões, do que os caminhos que d'aqui abrem para todos os lados, e são compostos de uma areia macia e enxuta, tão ligada e compacta que forma uma superficie dura como cascalho.

Estes trilhos planos vão em voltas por entre um labyrintho de esbeltas e viçosas arvores fructiferas, amendoeiras, abrunheiros, e ginjeiras, lembrando as lamedas de Tonga-taboo, como as vemos descriptas nas viagens de Cook; e para augmento de similhança tapumes bem compostos de canavial, e telheiros baixos colmados de caniços se descortinam por intervallos, quebrando as linhas horisontaes das perspectivas.

Dilatei-me e vadiei muito a meu sabor quasi toda a manhã; mas, postoque a minha illusão me afigurasse como um habitante dos Elysios, quanto o podia autorisar a paizagem e o clima inspirar, não podia considerar-me individuo tão ethereo que existisse sem alimento; para fallar claro, achei-me esfomeado; e as peras, marmelos e laranjas baloiçadas sobre a minha cabeça não eram tão succosas e gratas ao paladar como se esperaria da sua promettedora apparencia.

Estando embrenhado mais de uma milha na floresta, sem guia, nem lembrança de caminho por onde me safasse, demorei-me meia hora pelo menos a cogitar por onde voltaria. Os telheiros e cercados, que mencionei, estavam feitos com diligencia e até primor; porém, mostravam não ter outros moradores senão uns bandos de gallinhas de Java, pavoneando-se, e destruindo os ovos e as esperanças de muitas familias de insectos. Estas aves lustrosas, como as suas eguaes, descriptas nas viagens de Anson, que animam as profundas solidões da ilha de Tinian, parece não terem dono.

Porfim, quando eu começava a desejar-me com todas as veras n'uma região menos romantica, ouvi os sons grossos, porém não desentoados, de uma forte voz feminina, retumbando pelas ruas cobertas de vicejantes arcadas; a esse tempo vinha saindo um mancebo camponez, robusto e corado, mui pittorescamente vestido de pardo e escarlate, tangendo uma besta muar, carregada com dois enormes cestos de uvas. Pedir um quinhão da sua preciosa carga e comprimentar o garrido conductor, foi acto instantaneo da minha parte, mas baldado. Respondeu-me piscando os olhos de matreiro: — «Pertencemos ao sr. José Dias, que tem a quinta d'aqui

* Do n.º 28.

meia legua ; se o senhor quizer vir por este caminho, indo sempre seguido sem desgarrar-se nem para a direita nem para a esquerda, lá chegará breve ; e afoito-me a dizer-lhe que o feitor terá gosto em lhe dar quantos cachos appeteça. Deus lhe dê bons dias ; que eu vou tratar da minha vida.

E assentando-se entre os cubiçosos cestos, partiu n'um instante. Eu tive a boa fortuna de ir parar direito ao portal de um muro de pedra secca, que torneava de alto a baixo irregular e rusticamente alguns oiteiros matagosos ; porém se o exterior do cercado era desabrido e não promettia coisa boa, da banda de dentro apresentava-se o mais aprasivel painel de opulencia rural, vendo-se ordenhar vaccas e as cabras em quantidade, os fornos d'onde se estavam tirando grandes e gostosos pães e bolos, fileiras de colmeias, e uns como alpendres sobre pilares, todos forrados de cachos purpurinos e do loiro moscatel, meio passados, dispostos em pendura para seccar.

Um jovial e classico *magister pecorum*, maioral, seguido por dois cães bem ensinados inda que de olhar bravio, e que um leve aceno de seu dono não deixava ladrar, saudou-me cordealmente, e com sincera hospitalidade não só me franqueou a sua fazenda, mas até andou mostrando o melhor d'ella. Á porfia dois ou tres rapazes bochechudos, de cabello emmaranhado, contendiam a qual primeiro havia de trazer-me nozes recem-descascadas, taças de leite, e queijos frescos, fabricados pelo melhor modo, isto é, ao uso do Alemtejo.

Senti-me tão abstracto do mundo n'este retiro, tão perfeitamente transportado aos primitivos tempos patriarchaes, que não me recordo de ter jámais gosado umas poucas de horas de placidez mais deleitosa. «Aqui (disse para comigo) estou livre do reboliço das côrtes e dos ceremoniaes, dos comprimentos e visitas de tabella, e das palrações de golhilheiros.» — Mas, ah! quanto o que pensamos e dizemos para comnosco falha noventa e nove vezes em cada cento.

Quando bemdizia a minha estrella por esta tregua no molesto tumulto da vida que tenho levado desde que sua magestade chegou a Cintra, subito me salteou do socegado recanto em que entrara e dissipou todas as minhas illusões uma estrondosa vozeria, acompanhada dos estoiros dos lategos e do estrepito dos cavallos. Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, confidente e mui valido do principe do Brazil, investiu-me com um sem numero de cortezes queixas por eu ter desamparado o Ramalhão na propria manhã em que elle vinha com tenção de jantar comigo, e propor para depois da comida um passeio a cavallo até um especial ponto da serra, sobranceiro, pelo que me assegurou, a uma vista como eu ainda não tivera a fortuna de descobrir em Portugal.

— «Ainda não é muito tarde (disse) ; trouxe os nossos cavallos, que achei impacientes e pateando debaixo da sombra de uma grande arvore, á entrada d'estas mesquinhas azinhagas. Venha ; e por Deus faça-me favor de pôr pé no estribo, que eu fico que se dará por bem compensado com a paizagem que vou patentear-lhe.»

Como era destino meu ser perturbado e empurrado para fora do elysio em que me embrenhara nas ultimas sete ou oito horas, não importava em que postura, se a pé, se a cavallo, annui por isso e logo mettemos a trote. Os cavallos eram seguros e firmes de cascos, senão, bem creio que rolariamos pelos precipicios abaixo ; o nosso caminho, se pode dar-se o nome de caminho onde nenhum ha, levou-nos por zigzags e atalhos em subidas ingremes costa acima por espaço de tres ou quatro leguas, até chegarmos a um ermo em que só crescem urzes, onde uma cruz solitaria, sobresaindo d'entre os mattos açoitados pelos temporaes, marca o mais elevado ponto d'esta agreste eminencia ; um dos mais dilatados conspectos de mar e campos e montanhas distantes desenrolou-se repentinamente aos meus olhos admirados, tornando-se ainda mais vasto, aereo, incommensuravel em razão do illusivo e magico vapor que cercava o sol no occaso.

Tendo gosado por alguns momentos o effeito geral, comecei a distinguir os principaes objectos quanto podiam desenhar-se atravez da nevoa deslumbrante, encandeada com os raios derradeiros do astro luminoso. Segui o curso do Tejo desde a sua foz até onde se derrama em esteiros apaúlados para além de Lisboa ; por outro lado avistei Cascaes com os seus lanços de muralha e quarteis á prova de bomba similhando uma cidade moirisca, e com auxilio de um bom oculo divisei uma crescida palmeira campeando sobre uma pinhota de casas caiadas.

— «Muito bem (disse ao meu guia), este painel tem de certo bellezas dignas de serem contempladas ; porém, não tanto que me faça esquecer de que é mais que tempo de voltar a casa e refrescarmos.»

— «Nem tanta pressa (foi a resposta) ; ainda temos muito para ver.»

Tendo adquirido, nem posso dizer porque nem como, um habito á moda dos carneiros de ir por onde vão os outros, dei de esporas atraz d'elle por uma aspera ladeira abaixo, juncada de bastos seixos e calhaus soltos ; ao cabo d'esta descida se estende para todas as bandas um chão raso, medonho, queimado do sol. Desmontando e fazendo alto por alguns minutos para dar respiro aos cavallos, não pude eximir-me de observar que tudo que estavamos vendo muito mal pagava o risco de partirmos a cabeça baixando a cavallo por tão rapidos declives. Elle sorriu-se, e perguntou-me se não divisava coisa interessante.

— «Agora sim (lhe tornei) percebo a distancia de quasi um quarto de milha uma especie de caravana, objecto que não deixa de ser curioso ; aquelles ranchos de gente vestida de côr

encarnada, com suas armas lustrosas, e azemolas carregadas, e aquelles toldos listrados, esticados e seguros nos muros velhos, offerecem exactamente uma pintura do que se poderia ver nos arredores do Cairo.»

— «Venha cá (me disse), é tempo de lhe aclarar o mysterio, e explicar-lhe porque nos demos ao trabalho de tão longa e fadigosa cavalgada. A caravana que se lhe afigura tão pittoresca compõe-se dos criados da comitiva do principe do Brazil, que foi passar todo o dia n'uma caçada, e é agora o momento de descansar alguma coisa á sombra dos toldos que acolá estão. Foi por desejo do principe que vos conduzi aqui, tendo-me incumbido de vos manifestar o gosto que teria de meia hora de conversação vossa, sem ser observado, e mantendo-se rigorosamente incognito. Passeae como se andasseis colhendo plantas, ou tirando esboços de paizagem; assim se fará saber a sua alteza real, e encontral-o-heis como por acaso, e sem formalidade alguma; ninguem se chegará tão perto que ouça uma só palavra do que ambos disserdes, porque eu me postarei a distancia pelo menos de cem passos, e afastarei todos os espreitadores e entremettidos.»

Continua. M.

QUATRO ESPIGAS D'OIRO.

Oysonville, hoje pequena povoação do districto de Chartres, possuia outr'ora um bello castello, que, no principio do seculo XVI, pertencia a Francisco d'Allonville.

Henrique IV, que estimava muito este fidalgo, foi um dia visital-o áquelle seu castello. Depois d'almoço, Francisco d'Allonville, conduzindo o rei ao jardim, folgava de o ver admirar as plantas raras de que tinha ornado os alegretes. Henrique IV demorava-se principalmente diante das diversas especies de roseiras, e dava os parabens ao seu hospede pela riqueza do jardim. Então um lavrador do paiz, chamado Cadot, o mais rico rendeiro do senhor d'Oysonville, aventurou-se a dizer ao rei que tinha ainda muito mais bellas flores e em grande quantidade, e que se sua magestade queria acompanhal-o, elle seria feliz em lh'as mostrar. Henrique IV era bom: consentiu em acompanhar o lavrador. Este conduziu o monarcha a um campo de trigo, e, mostrando-lhe as espigas, disse: «Senhor, eis as mais bellas flores que conheço.» — «Tens razão, meu amigo, respondeu Henrique, são tambem estas que eu prefiro.»

Voltando a Paris, o rei enviou ao lavrador quatro espigas de trigo d'oiro, que os descendentes de Cadot conservaram por muito tempo.

Os que na juventude barateiam a herdada fortuna em risos, e prazeres, tem de passar a velhice em privações e pezares.

RECORDAÇÃO.

Amei-a, muito! — Foi ella
A que primeiro plantou
Em minha alma a flor mais bella
D'um casto amor... que murchou.
Só por só, e feiticeira,
Vi-a eu a vez primeira,
Como a rosa em seu rosal,
Offuscando as outras flores,
Rescendendo aroma e amores,
E não tendo outra rival!

Tinha a vista embevecida
Fita dos ceos na amplidão,
Como quem buscava a vida
N'uma ephemera visão;
Quem a visse ali sósinha
Julgal-a-hia rainha
D'aquelle ameno vergel;
D'um cedro sentada á sombra
Tendo a relva por alfombra
E a ramagem por docel.

Em frente um lago espelhando
A margem toda em redor;
N'agua o collo mergulhando
Um cysne, todo elle alvor.
Ciciava tenue a aragem
Do docel entre a folhagem,
E trinava o rouxinol
Com sympathica harmonia...
Augmentava esta poesia
Linda tarde ao pôr do sol.

....

Côr de azeviche o cabello,
A tez alva de cegar,
Dentes um jaspe o mais bello
Vinham-lhe a boca esmaltar:
As faces de leite e rosas
Rubesciam pressurosas
Da côr do inquieto pudor,
Quando a pensar se engolfava,
E na mente lhe poisava
Um pensamento de amor!

Os olhos negros, rasgados,
Eram de languido olhar;
Mas uma vez animados,
Diziam mais que o fallar:
Que enlevo quando os fitava!
Se para a terra os baixava
Vendando-os do pranto o veo,
Eram elles um mysterio...
E era-nos magico o imperio
Se os erguia para o ceo!

O collo, eburneo e formoso,
Fazia como antever
O que o pudor receoso
Quer de todos esconder;
Guarda zeloso e discreto
D'aquelle foco d'affecto,
Que indiscreta ondulação
Diz ter ali prisioneiras
De amor as fontes primeiras
E a primeira tentação.

Talhe esbelto, cinta airosa,
Completavam o ideal
D'aquella visão graciosa
Que eu não julguei ser mortal:
O mesmo foi vêl-a e amal-a!
Largo espaço a contemplal-a,
Enamorado fiquei!
Por alcançar-lhe a belleza,
Rico, lhe dera a riqueza,
Throno e sceptro sendo rei.

Para a terra a vi pender-se;
E colhendo um malmequer
Indolentemente erguer-se
Desfolhando-o a estremecer;
A cada folha arrancada,
E no lago mergulhada,
Da prophetica flor,
Lhe corria pelo rosto
Uma nuvem de desgosto
Ou uma esp'rança de amor!

Uma só folha restava;
Que diria, não ou sim?
Vi que ás faces lhe assomava
Um vivissimo carmim:
Encarou-me... ao ver-me absorto
Não fugiu — e por conforto
Meigo um sorriso me deu;
Cobrei n'elle confiança...
No sorrir me dera a esp'rança,
Na esp'rança dava-me o ceo.

Não fallámos. Que diria
Mais do que os olhos a voz?...
Da instantanea sympathia
Veiu este amor logo apoz:
Não ha phrases eloquentes
Que a taes affectos nascentes
Possam dizer mais paixão,
Porque uns olhos scintillantes
Um livro são para amantes,
E lê n'elle o coração.

Perto uma cruz pequenina
Surgia d'entre um rosal,
Emblema que o affecto ensina
Como não existe egual:
Caminhando á cruz chegámos
E junto d'ella parámos;
Ella então ajoelhou,
E da proxima roseira
Flor entre as flores primeira,
Encarando-me apanhou.

Em silencio religioso
D'ella o exemplo segui,
Do mesmo arbusto formoso
Uma flor tambem colhi;
Depois os labios sorriram...
Depois... as rosas cairam,
Cairam... porque... não sei;
Mas nem eu fiquei co'a minha,
Nem ella com a que tinha...
E a nova rosa beijei!

A troca d'aquellas flores
Troca foi de corações
A trasbordarem d'amores
Palpitantes d'emoções!...
Durou-me pouco a ventura,
Porque em breve a sepultura
Deu-me o luto, o pranto e a dôr,
Murcha a rosa e a flor da edade,
Deixou-me eterna a saudade
D'essa tarde e d'esse amor!

Junho—57. MENDES LEAL (ANTONIO).

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação *

V

Ainda a barca não bem atracava ao caes, e já seis braços vigorosos e robustos seguravam o *Tranqueira*, o mudo, e o incognito que lhes dera signal quando a fragil embarcação se achava a meio do rio.

O mudo fez comprehender com seus gestos áquelle que o apertava entre as nervosas mãos, que viera ali como impellido por força maior.

O *Tranqueira*, insciente do que se cogitara, e da scena em que devia figurar, olhava estupefacto para o estranho modo com que o recebiam.

O incognito, fazendo um esforço por se desprender dos braços que tão rudemente o apertavam, soltou tres assovios, que, resoando na praia, e eccoando no espaço, se extinguiram lentamente confundindo-se com o susurro das aguas do Tejo.

A este signal viu-se destacar da parede que encostava á praia, uma sombra informe, que, avançando vagarosamente, a pouco e pouco se foi rareando e decompondo, até distinctamente se conhecer que eram seis vultos de homem.

Marchavam estes seis vultos tão vagarosa e pausadamente, como se fossem sombras evocadas pela força d'algum encantamento, para amedrontar aquelles contra quem se chamavam.

O seu perfil projectava-se em forma alongada por sobre as aguas do rio, e seguindo as ondulações dos rolos da negra vaga, que agitada pela procella vinha quebrar-se de encontro á areia, similhava espectros evocados pelo genio da tormenta.

* Do n.° 19.

Ao divisal-os, os olhos do incognito relampejaram como em signal de contentamento; e se á pallida claridade das raras estrellas que luziam no firmamento se pudera ver o sorriso que lhe assomara aos labios, penetrar-se-lhe-hia o pensamento da esperança que lhe inundava a alma.

Achava-se porém estreitado entre braços de quem não era para se assustar assim com o terror de phantasmas e apparições: razão para o pobre segurado sentir aquelles nervosos dedos enterrarem-se-lhe pelo corpo, como se garras de um demonio o estivessem rasgando.

— Contaste com a redempção e enganaste-te. Repara n'essas sombras que lentamente avançam para cá, e reconhece n'ellas, se podes, algum dos homens da tua traição.

— A mim!... bradou o incognito para os seis homens, que apenas já estavam distantes dez passos.

— A mim! repetiu mais ao longe outra voz, que mais gemebunda parecia pelo ecco da amplidão do espaço e das aguas.

Era a voz do *Tranqueira*, que debatendo-se, mas não podendo livrar-se do homem que o segurava, se sentia transportado para dentro da barca que ha pouco dissemos ter atracado ao caes.

E as seis figuras, a quem o incognito appellidara, continuavam a avançar para elle, silenciosas e mudas, como se não comprehendessem aquelle horrivel appello de agonia.

Ao chegarem junto d'elle, cruzaram os braços, e em mudo silencio pareceram preparar-se para a scena que se seguisse.

No entanto accendera-se repentinamente uma luz na popa da barca.

Esta luz projectava um vivo clarão sobre a figura, que, em pé sobre a abicada prôa, assistia áquella scena que se passava em terra, e que parecia dominal-a.

Um vestido negro, do feitio de uma tunica, lhe cobria o corpo, e as abas de um largo chapeo que lhe descaíam sobre a fronte, occultavam-lhe parte das feições.

Este homem estendeu o braço para a praia, e a este aceno toda a luta terminou. O mudo e o incognito foram transportados violentamente para dentro da embarcação: os seis desconhecidos, e os tres remeiros tambem n'ella se embarcaram; e levantada com presteza a vela, que se desfraldou ao vento, o vulto negro foi sentar-se á popa, e segurar o timão.

E quem o diria?! O timoneiro, o habil nauta que dirigia agora aquella embarcação que corria despedida rompendo as aguas do Tejo, era o padre Gaspar da Companhia de Jesus, a quem ha pouco encontrámos em casa de Aldonsa Peres, recolhendo-se ao collegio, e predispondo a sua confessada para a reconciliação do seguinte dia da Epiphania!

———

Os idolos populares hoje são adorados, ámanhã despedaçados.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS EFFEITOS GERAES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.

Nem os acanhados limites de um periodo, nem a vastidão do assumpto permittem expender agora quaes foram as causas d'esta espantosa revolução, que pela maior parte foram connexas com a forma do governo francez de então, estado publico da França, da Europa, e com o caracter particular dos francezes. A indagação, além de superior ás nossas forças, levar-nos-hia mais longe, do que o nosso alvo. A historia philosophica da revolução franceza ainda está para vir, e dois homens unicos na França, em nosso conceito, a teriam podido bem descrever: um era o abbade de Seyes, que não quiz metter-lhe seus hombros robustos, porque respeitos politicos lh'o vedaram; e outro o principe de Talleyrand que em obra posthuma deixou as suas Memorias para serem publicadas em longo praso depois da sua morte. Ambos estes grandes homens presencearam todas as miserias da revolução franceza, e por n'ella tanto terem figurado, podiam dizer como Eneas disse a Dido, quando esta pedia lhe desse parte das lastimas de Troya:

.... *Quæque ipse miserrima vidi,*
Et quorum pars magna fuit.

Lastimas que passaram por meus olhos,
Nas quaes boa parte tive.

Por certo que muito desejariamos viesse a effeito a publicação das Memorias do principe de Talleyrand, ou que algum bom engenho escrevesse a historia imparcial da revolução franceza, que só assim ficariam desvanecidas as sophisticas razões, com que os fautores da tyrannia e do despotismo forcejavam por classificar a liberdade da imprensa entre as causas mais efficazes da passada revolução, sem attenderem pela sua verdadeira origem, progresso e andamento, confundindo as causas, que a produziram, com os meios de que os revolucionarios se ajudaram; meios, que suppõem causas, e fins preexistentes; meios, que, em quanto se não fez abuso d'elles, eram em si mesmos tão innocentes, como os livros sagrados, de que hão feito os heresiarchas, em todos os tempos, abusivas interpretações. Em quanto porém os nossos desejos de uma historia imparcial da revolução franceza se não vêem estendidos em obra, não serão inuteis algumas reflexões, sobre a politica, moral, artes e sciencias, que foram obra da revolução que acabou.

Rebentou em França, nascida de muitas causas proximas e remotas, a revolução que levou ao cadafalso o mal-venturoso Luiz XVI, que passava pelo homem o mais honrado do seu reino, e parte da sua familia que nunca tal fim mereceram. Muitos foram os partidos tumultuarios, e as facções revolucionarias, que desde então laceraram o tão formoso, quão desgraçado territorio

de França, corrido a ferro e fogo, e inundado de sangue, sem alguma razão que lhe podesse ao menos servir de desculpa, nem mesmo um fim que sequer parecesse necessario. Todas as seitas politicas, que succederam, umas ás outras, como as vagas de um mar encapellado, que se degolaram entre si, e alcançaram o sceptro do poder, que muitas vezes só poderam guardar por alguns dias, ainda que todas estas *matilhas* de tartaros, apesar de varias em seus elementos, pretextaram ter por mira a regeneração dos homens, a felicidade renovada dos naturaes e singelos costumes, e por fim o estabelecimento da republica. Todos estes partidos concordavam tambem em outro ponto, e era derribar, mais ou menos, todas as instituições, e costumes antigos, sem previo exame, e até sem alguma outra razão, que não fosse a de terem sido do tempo dos reis. Na verdade custa a conceber como alguns homens, que figuraram na revolução, famosos por seu engenho e saber, como bem o mostram os seus escriptos; homens que tinham um analytico, e profundo conhecimento da natureza humana, se deixassem cegar e desvairar, a ponto de renunciar ás primeiras verdades da natureza, e da experiencia, pretendendo abolir nos cidadãos todos os habitos sociaes, leval-os até ao estado da natureza (que elles nunca haviam conhecido) para ao depois outra vez os conduzir a uma nova e chimerica sociedade da sua fabrica! Que misera illusão! Ainda nos parece um sonho! Tanto é certo quanto podem as paixões cegar os mais seguros juizos, e offuscar os mais claros entendimentos!

A santa religião, esperançosa, magnifica, e sublime consolação do povo desgraçado, rainha suprema das consciencias, como é o vinculo mais seguro entre os subditos e os governos, esta filha do ceo, desde o tempo de Clovis arreigada e domiciliada em França, onde resplandecia mais pura do que em parte nenhuma da christandade, foi de todas as publicas instituições a que mais affrontas soffreu das barbaras mãos dos anarchistas e demagogos, que levaram o seu furor vandalico, até ao ponto de destruir os primores da architectura, e outras bellas artes, que serviam ao culto e adoração! Fizeram mais, crearam uma nova religião sua sem passado e sem futuro, sem castigo ou sem recompensa, e aonde as divindades eram representadas (oh vergonhosa corrupção!) por mulheres, que em logares publicos de incontinencia vendiam prazeres e remorsos.

Esta ruinosa desmoralisação do povo influiu mais do que outra qualquer causa, como era de arrecear, na alteração do caracter nacional dos francezes; faltou-lhes um vinculo tão forte como o da religião, e desde então soffreu muita quebra a sua antiga generosidade, o seu franco e leal proceder, e a sua conhecida humanidade. Viam-se correr numerosos exercitos de francezes, de uma a outra extremidade da Europa, roubando, destruindo, espedaçando homens, velhos, mulheres e creanças sem contemplação de sexo ou edade! E como o não fariam elles, quando estavam certos de não serem castigados pelo seu governo, e tinham sido educados com as maximas envenenadas de que não havia penas na outra vida? Em verdade Bonaparte, depois que foi imperador, fez alguns fracos esforços para a restituição da religião christã; todavia estes esforços não foram continuados, e mal o podiam ser, perseverando elle no seu systema de conquistas: os soldados viam a irreligião, e o atheismo; era muito natural que os soldados acostumados á licenciosidade militar, e depois d'elles a massa do povo, deixassem de julgar um allivio o descarregar-se da religião, e seguissem todos a mesma vereda.

Não se pode duvidar que os francèzes foram pela revolução alliviados de muitos abusos em a disciplina ecclesiastica, como foram o emanciparem-se dos seus parochos, que andavam sempre á demanda com os freguezes, e os seus abbades *petits-maitres*, que pagavam continuas licenças de não residir, para irem escandalisar Paris, consumindo ali os pingues rendimentos dos seus beneficios em toda a perdição de costumes; mas nem estas reformas exteriores pertencem ao fundo da religião; nem esta, por um ou mais abusos em materia disciplinar, merecia ser abolida; nem as utilidades e proveitos, que aos francezes vieram d'estas reformas, lhes podem por algum modo compensar a ruina, e perdição que lhes veiu do seu pratico atheismo.

A impiedade dos chefes, e cabeças da revolução, que deitou a perder em França os costumes publicos, e alterou sensivelmente o caracter dos francezes, foi, segundo nos parece, de proveito para os outros estados da christandade, aos quaes quasi nenhum mal causou, antes fez o bem que podia. Isto parece um paradoxo, e comtudo não é senão uma verdade de facil demonstração. Os francezes, quando mais se desvairaram em os horrores da anarchia, da impiedade e do atheismo, foram nos primeiros tempos da sua revolução, quando eram de todas as partes investidos na sua propria casa, e quando os alliados com todas as suas forças poderosas haviam de todos os lados penetrado até ao coração da França; portanto a religião dos outros povos, arreigada como estava em seus corações por habitos inveterados, nenhum perigo correu de ser contaminada por exemplo tão mau, que mais servia de gerar horror, e escandalo, do que podia ser modelo para imitação. Quando os cabeças revolucionarios, largando a mascara da moderação, se deitaram no furor das conquistas avassallando a Hollanda, a Belgica, a Germania, a Italia etc.; quando o filho da revolução, Bonaparte, invadiu a peninsula das Hespanhas, já então havia passado a maior vertigem da impiedade, os exercitos francezes não eram apostolos capazes de converter os povos, e fazel-os mudar de religião; e até nem os invasores se embaraçaram com o fundo da religião, deixando a todos os povos, que invadiram,

as suas crenças, e seitas religiosas; todavia, se os francezes não se intrometteram com a parte essencial da religião, não deixaram de fazer em a lithurgia muitas reformas uteis a bem dos povos e dos estados, como foram a abolição de muitos dias santos, a extincção do horroroso tribunal da inquisição, a suppressão das ordens monasticas e religiosas, e o acabamento de procissões ridiculas, que por suas formas fanaticas e pagãs, serviam mais de desdoiro, do que de ornamento e honra á simples religião de Jesus Christo. Todas estas reformas, qualquer que fosse a sua origem, e viessem d'onde viessem, foram uteis, proveitosas, e mui conformes ás luzes e necessidades dos povos.

Continua. * * *

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

633. Um mercador francez, chamado *Sansão*, tendo-se feito rei dos esclavonios vinidas, povos estabelecidos junto do Danubio, provocou Dagoberto. A guerra ateou-se, e as tropas francezas foram vencidas, por culpa dos austrasianos, irritados da tyrannia do principe. Dagoberto, para animal-os a defesa das fronteiras, deu-lhes um rei independente. Este foi *Sigeberto* II, seu filho mais velho. O expediente aproveitou: os barbaros e seu chefe, ou não ousaram emprehender mais nada, ou foram sempre repellidos.

634. O monarcha francez, tendo um filho chamado *Clovis* II, quiz assegurar-lhe uma corôa depois da sua morte. Em consequencia, declarou-o, com o consentimento dos grandes do reino, seu successor nos estados de Borgonha e Neustria.

638. Pouco tempo depois de ter regulado esta partilha, morreu na edade de trinta e seis annos, sendo o primeiro dos reis de França que se enterrou em S. Diniz, egreja que tinha edificado. Encheu de beneficios as suas amasias e os religiosos; mas esmagou o povo; e o unico bem que fez á França, foi o de compilar e rever todas as leis dos povos subjeitos á monarchia. Apesar dos escandalos do seu comportamento, soube attrahir á sua côrte homens virtuosos: notavam-se ahi principalmente Pepino de Landen, *maire* do palacio, santo e habil ministro; Dadon, conhecido pelo nome de *S. Ouen*, referendario; e S. Eloi, que foi thesoureiro-mór.

639—654. Sigeberto foi bom principe, mas pouco activo. Mais occupado em fundar mosteiros do que em governar estados, nasceu antes para obedecer do que para mandar. *Dagoberto* II, seu filho, não herdou a corôa senão para a deixar arrancar por Grimoaldo, *maire* do palacio, que o desterrou para a Irlanda, depois de lhe ter feito cortar os cabellos. O ambicioso ministro collocou o proprio filho no throno de seus soberanos, e publicou por toda a parte a morte do joven Dagoberto, pelo qual fez celebrar magnificas exequias. Mas os povos revolucionaram-se contra o usurpador, prenderam-no e ao pretendido rei, e os conduziram a Clovis, a quem se submetteram.

660—673. O reinado d'este ultimo não foi mais brilhante que o de seu irmão. Morreu na edade de vinte e um annos, deixando tres filhos, o mais novo dos quaes, *Thieri* III, nenhuma herança teve por então. O mais velho, chamado *Clotario* III, foi rei de Neustria e de Borgonha; e ao segundo, *Childerico* II, coube a Austrasia; sendo ambos confiados á tutela da rainha *Batilde*, sua mãe. Esta sabia princeza governou algum tempo com muita prudencia; mas em breve, desgostosa do mundo e das grandezas, retirou-se a um mosteiro, que tinha fundado. Foi uma calamidade para o estado, porque deixou caminho livre á ambição d'Ebroin, *maire* do palacio. Clotario morreu moço, sem filhos varões. Succedeu-lhe Thieri III, seu irmão, por autoridade do ministro. Os nobres, offendidos com este acto arbitrario, sublevaram-se. Ebroin foi desterrado; Thieri derribado do throno; e Childerico, rei d'Austrasia, reconhecido por unico soberano. Porém, o abuso que fez do poder apressou a sua perda. Um nobre, chamado *Bodillon*, tendo-lhe um dia feito algumas advertencias, foi açoitado. Este ultraje induziu-o á vingança, e cumpriu-a assassinando o rei, a rainha, e um de seus filhos, na floresta de Livri.

674—688. A esta noticia, Thieri abandonou a abbadia de S. Diniz, para onde se tinha retirado depois da sua desgraça, e tornou a cingir o diadema; em quanto Dagoberto II, que voltara d'Irlanda, e a quem Chilperico cedera uma parte da Austrasia, se assenhoreou do resto d'este reino. Ebroin voltou, causou revoluções, intimidou Thieri, recobrou o seu antigo poder, e fez perecer S. Leger, bispo d'Autun, seu mortal inimigo, porque era virtuoso, e dava sabios conselhos ao monarcha. O despotismo do ministro sublevou toda a França, que não obstante se satisfez só com murmurações: unicamente a Austrasia, que a morte de Dagoberto, assassinado pelos sediciosos, deixara sem rei, sacudiu o jugo, e, em vez de reconhecer a autoridade de Thieri, escolheu por duque a *Pepino*, appellidado *Heristel* ou d'*Heristal*. Finalmente, um fidalgo, que Ebroin queria juntar a tantas victimas que immolara á sua ambição, anticipou-se, abrindo-lhe a cabeça com uma cutilada, e livrou o estado de um algoz, e o seu rei de um tyranno.

Continua.

É mais temivel do fraco a traição, que do forte a valentia.

Muitas vezes se lê — *merito e fidelidade* — nas medalhas, que ornam o peito, onde só existe traição e aleivosia.



FONTE DA PRAÇA ANTONIO-MARTIM EM MADRID.

«A praça Antonio-Martim, diz de la Borde no seu *Itinerario em Hespanha*, na rua d'Atocha, muito perto do Prado, e de mediano tamanho, e irregular; é propriamente uma dilatação da rua; está embellesada com um grande chafariz, cujos ornatos são de mau gosto.» Ha outros muitos chafarizes do mesmo estylo em Madrid. As fontes de conchinhas, com golfinhos e outros animaes, tritões, deuses e deusas, eram numerosas no seculo XVI, nas praças de muitas capitaes da Europa, e principalmente nas coutadas dos castellos.

Pode consultar-se, querendo estudar este objecto, a grande obra de Bocklern (*) e a de Giacomo Rossi (*), que ambas encerram muitos desenhos de fontes. Achar-se-hão ahi composições agradaveis, e outras que não passam de ridiculas. Estas ultimas não podem ser agradaveis, porque não é possivel agradar ferindo o gosto: parece-nos, pois, difficil que uma arte degenerada seja agradavel. Chama-se ordinariamente a isto arte exagerada, pretenciosa, e falsa. O chafariz de Antonio-Martim não é tão mau: é uma phantasia que se não pode condemnar.

(*) *A Architectura curiosa nova*, por Georges André Bocklern, architecto e engenheiro. Nuremberg, 1664. — Ou *Amœnitates hydragogices*. G. A. Boccleri; Noribergæ.

(*) Giacomo Rossi, *le Fontane di Roma*, com desenhos e gravuras de Falda e Venturini.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.*)*

Continuação.

II

NOVOS PERSONAGENS.

Vencendo com grande custo as indomitas correntes do canal de Moçambique, e bordejando a todo o panno entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço, foi o galeão Enxobregas aproximando-se a pouco e pouco do logar que demandava, não sem grande magoa dos seus tripulantes, que não tinham já negocio que fazer na ilha, visto que as mercadorias haviam todas ido ao mar, e não poderiam passar esse anno á India, por ir adiantada a monção; ficando assim expostos ao malefico clima de Moçambique, sem especie alguma de compensação.

Entretanto o calafate tinha conseguido vedar a agua dos altos, e calafetar o arruinado trincanis da nau; bem como desobstruir a casa das bombas, para se *tocar redondo*, e esgotar continuamente a agua que lhe entrava pelas obras vivas. O carpinteiro concertou, como pôde, a habita que soffrera com o temporal, arranjou novos pés de carneiro para substituir os que renderam, fez novas bonecras para o logar das que se partiram, e cuidou em tudo o mais da sua obrigação com verdadeiro zelo. Tambem o mestre Fernandes se não descuidou da sua parte, e ajudado pelo laborioso *Cheira-dinheiro* (que apesar de toda a sua actividade nunca chegou a tomar-lhe o *gosto!)* arrotou o gurupez, e passou-lhe uma *contra-trinca;* substituiu a cevadeira quebrada por uma verga da gavea grande, que era pouco menor; botou a riba os mastareos, envergou novas gaveas, e com as betas passadas *de longo* levou as vergas ao seu logar. Depois amurou-lhe os papafigos, caçou-lhe as gaveas e a mesena, largou-lhe a cevadeira, e deixou ir o barco n'agua.

O piloto e sota-piloto consultavam os astros e as cartas, a côr da agua e os horisontes, e não pareciam desanimados.

O condestavel tratou de pôr em boa ordem as armas de mão, e safar a artilheria para combate ou para salva, como necessario fosse; e o guardião encarregou-se de pintar as alcaixas da nau, com a ajuda de tres moços que tinham manha de borradores.

Os gageiros andavam sempre lá por cima a ver se enxergavam terra; os padres passavam a vida em devotas occupações; e o capitão, curvado ao peso da responsabilidade que pesava inteira sobre elle, dava-se a perros por ter emprehendido esta viagem da India, podendo estar na fronteira de Portugal a bater-se com os castelhanos.

Já tocava quasi o seu fim o mez de Setembro, quando do galeão avistaram a *Mesa*, alta montanha das proximidades de Moçambique; porém como era noite resolveram deixar para a seguinte manhã o investimento do porto.

Appareceu-lhes então uma vela.... Se seria de hollandezes, que viessem vingar n'estes portuguezes a perda de Loanda, que Salvador Corrêa lhes arrebatara das mãos, havia um anno!

Em quanto a gente de guerra se apparelhava para combate, os padres tiravam esmolas para confrarias, e acceitavam os votos dos timoratos a todos os santos da côrte do ceo, para que não houvesse perigo.

A embarcação aproximou-se; era ingleza. Já então tremulava o pavilhão de Santo André por estes mares!

Passou por gilavento do Enxobregas, e saudou os nossos com suas trombetas; mas não obteve resposta, porque estes não estavam agora para comprimentos.... e então a inglezes!

A nau lá se foi a rumo do Cabo, e a nossa pairou no canal, á espera da manhã, e enfadada de repetidos aguaceiros.

Ao alvorecer do novo dia entestou com a costa, cerrando á bolina, a rastear com a ilha de Goa; e perpassando rente da magestosa fortaleza de S. Sebastião, foi lançar ancora, em seis braças de fundo, ao nor-noroeste da mesma fortaleza.

No porto não estava uma só embarcação de alto-bordo; apenas alguns pangaios cosidos com a terra; e as ligeiras almadias que sulcavam as aguas, dirigindo-se algumas d'ellas para o galeão.

O Enxobregas tinha má sina: não se salvava de um perigo senão para se espetar em outro! Assim bramavam os matalótes que o guarneciam. A amarra que arrearam para o fundo, estava dada ao cabrestante da xareta, e com a força do esticão no fundear, levou comsigo o cabrestante! Não estava outra amarra telingada, e em quanto a alavam a cima, tinha tempo a nau de se fazer em pedaços na Cabeceira, para onde as aguas a empurravam. Valeu o batel e o esquife, que ajudados das almadias, tomaram viradores e ostaxas de bordo, com que rebocaram o galeão para fóra da costa. Á final largou outra ancora com mais cuidado, e o navio segurou de vez.

Como dissemos, não estava nenhuma nau no ancoradoiro, mas appareceu, com geral espanto, a bordo do Enxobregas, o capitão-mór do galeão *S. Lourenço*, saído de Lisboa um mez antes d'aquelle, e que, como dissemos, se perdera nos baixos de Moxincale, com grande extravio de pessoas e cabedal. Este cabo, por nome Diogo Leyte Pereira, commendador de Alegrete na ordem de Christo, vinha acompanhado pelo inquisidor apostolico, Paulo Castellino de Freitas, e outras pessoas de distincção, das que escaparam ao naufragio. Não sabiam porém novas do que devera ser seu companheiro toda a viagem, e que se apartou d'elles na altura de Guiné, o galeão novo *Nossa Senhora do Bom Successo*, de

que era almirante Vasco d'Azevedo. Esta duvida poucos dias durou; porque a 14 de Outubro seguinte chegaram a Moçambique dois homens d'aquelle galeão, que se perdera, como tambem já dissemos, abaixo das ilhas de Angoxa, morrendo trezentas pessoas de seu bordo, escapando só com vida cento e dez; durante a viagem já haviam fallecido de molestia ou accidente, cento e cinco homens, incluindo n'este numero o almirante.

Assim pois, em quanto se corrigiam as avarias do galeão Enxobregas, invernava a gente das tres naus n'esta doentia ilha de Moçambique, succumbindo muita d'ella ás febres da *carneirada*, e outra mesmo á falta de alimentos sadios. Os marinheiros ainda lá resistiam, mas os soldados *reinoes* caiam como tordos.

O fidalgo, que servia de governador na ausencia de Alvaro de Sousa de Tavora, que estava na terra firme, hospedou em sua casa o capitão do Enxobregas, e alguns passageiros de prol, como Ruy da Cunha e sua familia, do mesmo modo que o fizera já a Diogo Leyte, ao inquisidor, e a outros. Este hospede era mancebo ainda, de grandes brios, de gentil presença, e bem fallante. Chamava-se Luiz de Brito.

Com a vista quotidiana do formoso rosto e gracioso ademan de D. Magdalena da Cunha, acendeu-se no coração do joven governador interino uma invencivel paixão pela donzella; e resolvendo-se a pedil-a ao pae em casamento, obteve a sua mão, pois lhe não era inferior em fidalguia.

Foi um dia de festa para Moçambique o d'esse consorcio, que se celebrou a 10 de Março do anno 1650; e logo passados cinco dias se partiu a nau Enxobregas para Goa, aproveitando a monção pequena, e deixando em Moçambique a filha de Ruy da Cunha, que com mui grandes prantos se despediu de seus paes.

Não pense porém o leitor que perde de vista para sempre a formosissima Magdalena. Apesar de estarmos escrevendo uma veridica historia e não fabulosa novella, não podendo assim preparar surprehendentes peripecias, succede que a realidade teve n'este caso seus visos de romance, e que os principaes personagens que mencionamos voltam todos a encontrar-se, depois de separados em differentes pontos.

Largou pois a nau do porto de Moçambique a 15 de Março, pela manhã, com o terrenho; e deitando de barra fóra governou ao nordeste-meio-leste, em gaveas e papafigos, encontrando o mar de leite, algumas correntes a leste, vento do quadrante sueste, e ceo quasi sempre nublado.

Levava a seu bordo alguns dos naufragos dos galeões S. Lourenço e Bom Successo; outros d'estes infelizes seguiram logo a 10 de Abril para Goa no patacho do capitão de Diu; e o resto só deixou Moçambique na monção de Setembro. De mil e trezentos homens que n'estes dois navios sairam de Lisboa, só chegaram duzentos á India!

Tendo avistado a ilha do Comoro, continuaram sua derrota com cautela os do galeão Enxobregas, para se desviarem dos baixos de S. Lazaro e do Patrão; montado este, metteram á orça para leste quanto poderam, para afastar da costa da Deserta, aonde as aguas encostam com forte correnteza; e sempre com bom tempo foram navegando até avistar os *Ilheos queimados*, a melhor conhecença da proximidade de Goa.

Já antes haviam encontrado no mar as cobras, como enguias, de que fallam os roteiros, e que se afastam até cem leguas da costa, ás vezes; os bandos de corvas pretas e nedias, cascas de siba alvas, e aquellas escumas redondas, desovamento de peixe, a que chamam *tostões* e *vintens*, e que, segundo o nosso Pimentel, são signaes certos da proximidade da costa.

A 13 de Abril avistaram com effeito o pharol da *Aguada*, a fortaleza da mesma denominação, a egreja de S. Lourenço, edificada poucos annos antes pelo vice-rei conde de Linhares, o convento de capuchos de Nossa Senhora do Cabo, e emfim o rio Mandovi que conduz á cidade. O galeão surgiu proximo do morro de Bardez, a um tiro de mosquete da terra.

Chegados felizmente á desejada India, os reinoes embarcaram-se em *tônas* para a cidade, já com a mira nas *bailadeiras*, de que lhes fallavam a miudo os velhos navegadores do Malabar; em quanto estes observavam com tristeza o abatimento d'aquelle estado, que definhava a olhos vistos de anno para anno, de dia para dia!

O vice-rei, D. Filippe Mascarenhas, acolheu bem a todos; e D. Leonor da Cunha, á parte a saudade da filha, pôde emfim descansar em melhor clima, e com os regalos de senhora que ha muito lhe faltavam.

O galeão foi para a Ribeira das naus a forrar de novo, depois de prompto de toda a obra de carpintaria e calafeto. Passou-se-lhe uma rigorosa vistoria, e apesar de muito alquebrado, e de se lhe encontrarem partidos muitos vaus, curvas de convez e de revez, dormentes, entremixas, braços e hasteas, não o condemnaram; e a verdade é que ficou como novo, e que fazia linda vista quando appareceu de verga d'alto.

Não mui distante porém do logar em que jazia a nau, se deu um triste espectaculo por esse tempo. Com baraço e pregão foi conduzido á margem do Mandovi o mestre Domingos Henriques, do galeão S. Lourenço, e enforcado ahi como culpado da perda d'aquelle navio, por não ter as amarras telingadas quando foi o naufragio, o que contribuiu para se não poder salvar a embarcação, e outras culpas que lhe carregaram.

O piloto do mesmo galeão, de nome Diogo Tavares, foi condemnado em dez annos de galés; e outros officiaes soffreram prisões e incommodos. Desgraças sobre desgraças!

Em consequencia do grande naufragio que soffreram no porto de Goa em 1647 os navios que se destinavam para a China, e que todos se afun-

daram sem remedio, determinou agora o vicerei de enviar o galeão Enxobregas aquellas partes, com o resto da preciosa carga que ainda para ali não havia sido possivel transportar.

Achando-se lesta a nau, e tripulada com os mesmos officiaes, e quasi toda a mesma marinhagem que trouxera de Lisboa, abalou de Goa aos nove dias do mez de Setembro d'aquelle anno de 1650, abarrotada de mui importante carregamento para Macau.

Lá ficava na India Ruy da Cunha e sua esposa, que ainda tornaremos a encontrar no decurso d'esta historia; e bem assim os fidalgos, officiaes e soldados, que iam servir na India, bem como os jesuitas e franciscanos que iam para os seus conventos d'aquella cidade e estado. Seguiu, porém, na nau, o seu capellão, frei Jeronymo, e o missionario que se destinava ao martyrio do Japão.

Embarcaram mais, de passagem para a China no galeão, duas pessoas que tem ainda de figurar n'esta narrativa: eram ellas, D. Martinho, principe de Arracam, que fôra creado e baptisado na India, servindo por alguns annos nas armadas d'aquelle estado, e ultimamente como capitão de Goa; e sua esposa, uma gentil chineza, convertidá ao christianismo, que fôra roubada em pequenina a seus paes pelos nossos catholicos navegadores, e trazida a Cochim, onde foi acolhida e mui bem educada por um fidalgo portuguez. Esta formosa menina ia ver se descobria vestigios dos seus parentes, e seu marido acompanhava-a n'esta digressão, para voltarem juntos na mesma nau, e se transportarem a Lisboa, onde D. Martinho vinha requerer por seus serviços.

Deixemos pois a nau amarar-se da costa do Malabar, em quanto tomamos folego para a seguir na rota da China.

Continua. F. M. Bordalo.

A ***

Como este amor começou
Não no podemos dizer;
Eu sei que a paz me tirou
Dando-me um novo viver.
Tu, sympathica donzella,
Que este amor torna mais bella.
Tambem não sabes dizel-o.
Tu não sabes mais que amar,
E languidamente olhar
Quem tão devéras te quer!
Sabemos só que foi magico
N'essa noite aquelle instante,
Em que inquiri, delirante,
Em tom de voz tão sumido
Que não ouviu mais ninguem.
Se por mim tinhas amor!
E tu, n'um gesto sómente
Mas que fallava eloquente
«Sim» disseste.
Como a rosa,
Que abre o calix purpurino
Ao rocio matutino
D'onde espera vida nova,
E que em cada gota prova
O que mal conhece ainda,
Assim tu, p'ra mim pendida,
Entre esp'ranças e receios,
Beber qu'rias outra vida,
E fazias-te mais linda,
E tornavas-te mais qu'rida!
Ambos pois nos illudiamos!
O que nós ambos sentiamos
Ha muito que era paixão.
Eu perdera o coração,
Tu não sabias do teu,
E buscavamos distante
O que tinhamos tão perto;
Tu n'um sonhar incessante;
Eu n'um louco devaneio....
Ambos nós em desacerto.
E se não fosse um acaso
Inda estavamos perdidos!
Sem inda crer que era amor,
Tinhamos uma egual dôr
Se um ou outro se apartava.
Ambos nós tinhamos zelos
Se prestavamos desvelos
Indiff'rentes a qualquer;
E soffria-se em segredo
Sem o motivo saber.
Hoje a venda jaz rasgada,
Pois que já nos entendemos,
Que as nossas almas achámos,
E que trocadas as temos,
E trocadas ficarão;
E na troca mais se uniram,
N'uma prisão toda flores,
Nossas almas que não chegam
Para conter taes amores!
D'hoje em diante a vida é sonho!
Triste será ou risonho?
Deus que o deu que o abençoe!
O que sei dizer-te, e juro,
É que o meu affecto puro
Pode ser-te um infortunio;
Mas quebrar, não quebra não!
Se nasceu sem eu querer,
Sem mesmo n'elle pensar!
O que era ha pouco visão,
Hade agora, que tem nome,
Co'a minha vida acabar.
Se t'o digo é porque o sinto,
E eterna sinto a verdade
D'este indelevel amor.
Sinto-o na triste saudade
Que a minh'alma immerge em dôr,
Quando distante me vejo
De quem sempre qu'ria ver!
Sinto-o na louca alegria
Quando te vejo appar'cer!
Sinto-o até na inspiração
Que povôa a solidão

Em que hoje estou por meu mal!
Como este amor floreceu
Ai! não no posso explicar!
Só sei que esp'ranças do ceo
Não hade o mundo esfolhar.
Sei, ai! sei que és meu enlevo,
E que basta um teu olhar
Para matar a saudade
Que minh'alma immerge em dôr!
Sei que vivo por te amar...
Sei que vives d'este amor!

MENDES LEAL (ANTONIO).

DELHI.

Julgamos de interesse para nossos leitores offerecer-lhes uma idéa resumida d'esta cidade no Indostão, que hoje está sendo o theatro de tanto sangue derramado, na contenda entre a Grã-Bretanha, e a India sublevada, e onde as atrocidades commettidas por as castas barbaras e sanguinarias indianas, excedem os horrores perpetrados pelos povos os mais selvagens!

Delhi é a capital da provincia do Indostão, que tem o mesmo nome da capital. Confina pelo N. O. com Lahore; pelo N. com as montanhas de Himalch que a separam do Thibet; pelo E. com Kemaon e Oude; pelo S. com Agra; e pelo O. com Algimere e Moultan. A sua long. é de 17 9 E., e a sua lat. 28 43 N.

Por muitos annos foi considerada a mais bonita e a mais rica cidade de toda a India. Chamava-se antigamente Inderput, e em mahometano Shahjehanabed. Esta cidade é de singular nomeada historica pelas vicissitudes e desgraças porque tem passado, e actualmente tornou-se o sanguinolento theatro da guerra da India, achando-se sitiada por forças inglezas comparativamente diminutas, na presença de cincoenta mil sublevados que se conservam na cidade. Na epoca da sua prosperidade a cidade tinha dez milhas em circunferencia; hoje porém parte d'ella está em ruinas de antiga e moderna data.

No anno de 1193 foi tomada pelos mahometanos commandados por Cuttubadeen Khan que ahi fixou a sua residencia, e succedendo no throno da India, nomeou Delhi a capital do seu reino. Em 1398 foi tomada, saqueada, e reduzida a cinzas por Tamerlão. Foi em seguida reedificada, e recobrou depois parte da sua antiga grandeza, quando o imperador Akbar transferiu a séde da realeza para Agra. Porém em 1631 o imperador Shah Iehan começou a reedificar a nova cidade, que tencionava fosse um monumento duradoiro da magnificencia e riqueza de um monarcha do Oriente. Ajudado Iehan pelos mais habeis architectos da epoca, que eram francos de grande talento, projectou o plano da nova cidade que devia assumir o seu augusto nome. Os trabalhos e muros da cidade foram construidos com tão incrivel rapidez que os historiadores coevos attribuiram as obras ao poder magico do rei, e começou desde logo entre os indios fanaticos a affluir grande numero de moradores que ali vieram estabelecer-se, e outros procurar fortuna.

Delhi continuou a crescer em valor e poder até á celebre invasão de Nadir Shah em 1739, que depois de ter atravessado o coração da India, veiu acampar junto aos seus muros. Mohamed Shah, o rei da India, tinha reunido um numeroso exercito para se oppor aos invasores. O seu acampamento, que occupava um espaço de dez milhas em circunferencia, era defendido por baterias por todos os lados, e tinha cinco mil peças de artilheria. No centro d'este entrincheiramento gigantesco, se achava collocada a barraca imperial, coberta de bandeiras, flammulas, e peixes de madeira doirados, emblema favorito da realeza india. Elephantes, camellos, cavallos, enchiam o acampamento onde avultavam os arnezes e trens de guerra. A magnificencia do acampamento não impediu os progressos de Nadir, que em 20 de Março do anno mencionado, fez a sua entrada triumphante na cidade, passando em seguimento a apossar-se do palacio, que era então reputado o mais rico, e o mais sumptuoso do mundo.

Pouco depois de se haver Nadir Shah estabelecido na cidade de Delhi, arrebentou uma insurreição entre os habitantes, tendo Nadir entregue ao saque das suas tropas a cidade, e mandado matar perto de vinte mil pessoas, sendo tal a carnagem que os historiadores d'essa epoca a comparam ao dia do juizo final.

No dia 5 de Maio de 1740 Nadir carregado com os despojos de um imperio, partiu da capital do Indostão levando comsigo, segundo os annaes de então, o valor de 125 milhões sterlinos, além de mil elefantes, sete mil cavallos, e dez mil camellos. Em 1760 Delhi foi novamente saqueada por Ahmed-Abdallah, e subsequentemente tornou-se a residencia do Grã-Mogol, que até 1803, epoca em que Delhi ficou de facto sob o dominio inglez, ali conservou um phantasma de autoridade em nome.

A moderna cidade de Delhi contém ainda muitos palacios sumptuosos, e bonitas mesquitas em optimo estado, entre as quaes sobresae a chamada Iumnah Musjeed, que fôra construida por Shah Iehan.

A parte mais habitada da moderna Delhi tem duas ruas espaçosas, das quaes a principal se chama Chandy Choke, e é talvez a mais larga que se encontra em cidade alguma do Oriente. A cidade tem sete milhas de circumferencia, e é cercada por altos muros com seteiras, e defendida na actualidade pelos regimentos indios que se rebellaram. Delhi conta diversas casas bonitas de moderna construcção, as quaes foram todas edificadas durante o dominio inglez; tem boas mesquitas com os seus minaretes. A mesquita principal é a que se chama Iumah, e que passa por ser a maior que existe na India. As ruas da cidade, salvo as duas que deixamos men-

cionadas, são em geral estreitas e mal alinhadas. Nos bairros mais pobres encontram-se habitações, que mais parecem cabanas de aldêa, do que casas pertencentes a uma cidade importante: são de bamboo forradas de esteiras, offerecendo, como se pode suppor, mesquinha apparencia. A maior extensão da cidade é de quatro milhas sobre tres de largo, e a sua população orçava em 1850, data do ultimo censo, por cento e quarenta mil almas, a maior parte indios e mahometanos. Antes da batalha de 5 de Julho d'este anno, em que os inglezes lhe pozeram cerco, contava apenas noventa familias christãs, hoje porém nem isso, porque á excepção de algum europeu que pôde refugiar-se no castello de Delhi, os mais ou foram assassinados pelos indios, ou conseguiram escapar.

Desde que a cidade ficara debaixo da protecção ingleza tinha melhorado muito, e ia progressivamente prosperando, com particularidade na parte administrativa e judicial, que tinha chegado ao maior estado de decadencia nos ultimos annos. Hoje, segundo consta, impera ali a anarchia, no meio do ruido das armas, e na presença de um cerco, que apesar de ser por ora fraco, pelo pequeno numero dos inglezes sitiadores, hade estreitar-se logo que estes recebam os reforços que todos os dias lhes vão chegando, e de que a maior parte, segundo as ultimas noticias, está em caminho. A guerra da India parecia até aqui não ter chefe ostensivo, e proceder de uma revolta militar fomentada pelo fanatismo religioso; no entanto acaba de se conhecer que ella não foi produzida por um movimento espontaneo, e que tem um chefe, o qual é o rajah de Bisour, chamado Nina Saib, homem cruel e feroz, que por vingança jurou odio eterno aos inglezes. Este rajah é filho adoptivo de Peishaw Rajee Raow: vivia de uma pensão que por compensação o governo inglez concedera ao dito Peishaw, e com a qual se sustentava o filho adoptivo. Tendo morrido Peishaw, Nina Saib mandou um agente seu a Inglaterra, reclamar do governo inglez a continuação da pensão, a qual lhe foi recusada. Desde logo tratou Nina Saib de mandar prender os legitimos herdeiros de Peishaw Rajee, apossou-se dos seus bens, e começou a fomentar a rebellião entre as tropas nacionaes ao serviço da companhia, espalhando pelos seus agentes os mais absurdos boatos contra os inglezes para fanatisar os povos. Entre estes absurdos avulta o de terem mandado untar com banha de porco os cartuxos, para por este modo perderem aquellas *boas almas*, quando fossem morder os cartuxos que tinham sido untados com a gordura do animal immundo, severamente prohibido pela lei de Mafoma, que tão fanaticamente professam. O pretexto, por isso que era grande absurdo, foi acreditado por aquelles barbaros, e serviu para os fins do rebellado Nadir, que tornou Delhi a base principal das suas operações militares, fazendo marchar para ali a maior parte dos revoltosos, com todos os recursos que tem podido juntar, e que vae procurando reunir. Pela falta numerica de tropas inglezas em quem a companhia das Indias possa confiar, vão-se por ora limitando, como deixamos dito, á defensiva, e aguardando os reforços que lhe vão diariamente chegando, e que habilitarão os inglezes a suffocar a rebellião, por quanto não pode, a nosso ver, ser duvidoso o resultado, vendo a superioridade militar que elles teem sobre os indios, que em detalhe teem quasi sempre sido batidos até por forças dez vezes inferiores ás suas. N'esta contenda em que só os indios arregimentados teem tomado parte; com as rivalidades e odios de castas que existem entre si; continuando fieis as tropas das duas presidencias de Bombaim e Madrasta, e passivos os povos, o resultado final hade ser a favor da Inglaterra, que merece triumphar porque representa a causa da civilisação contra a da mais brutal ferocidade!

***

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

Por toda a parte a sorte dos judeus era quasi a mesma. Só por excepção apparecia um estado em que fossem tratados melhor que em França.

O nosso historiador philosopho A. Herculano, no tomo 2.º pag. 321 da sua *Historia de Portugal*, diz-nos que cerca de 1228 « na diocese de Lisboa davam-se com preferencia os cargos publicos aos judeus, em opprobrio do christianismo e com escandalo de muita gente. »— Mas nem em toda a parte desfructavam de egual favor. No reinado de Luiz IX (San-Luiz) no anno 1229, marcavam-n'os com grande execração. Uma assemblea dos bispos da provincia, reunida em Narbonna, ordenava que elles trouxessem sobre seus vestidos *a figura de uma roda de meio-pé de circunferencia*.

No anno seguinte, 1230, o mesmo rei Luiz IX publicou uma severa ordem contra os judeus, ora banidos, ora chamados ao reino, e sempre sanguesugas do estado. A França e os paizes visinhos estavam então cheios dos restos d'esta nação, e todos gemiam sob o peso de suas usuras. O que n'isto havia de mais horrivel erá tirarem os senhores tambem sua parte d'este ganho infame, pela protecção que lhes prestavam; protecção que aquelles infelizes compravam muitas vezes bem caro, e sempre com condições egualmente contrarias á sua fortuna e á sua liberdade.

Vê-se com effeito por um grande numero de actos, que todo o judeu estabelecido no reino « étoit serf ou main mortable, et justiciable des corps et de chastel des Seigneurs, dont il étoit couchant et levant » : isto é, que sua pessoa, seus bens e seus moveis pertenciam aos barões dos logares em que habitavam. A lei defendia-lhes mudarem de domicilio sem permissão do

amo que podia il-os agarrar como escravos fugitivos até nos dominios do rei. Parece mesmo que este povo infeliz era olhado como objecto commercial. Vendiam-n'os com a terra, ou mesmo separadamente, por mais ou por menos, segundo o numero, os talentos, e a industria. Matheus Paris conta que o rei d'Inglaterra, Henrique III, vendeu por alguns annos os judeus ao conde Ricardo seu irmão «afim de que este principe arrancasse as entranhas d'aquelles que o monarcha não tinha feito mais do que esfolar.» Imaginava-se apenas o proveito que d'elles vinha aos senhores. Logo que o thesouro estava exhausto ameaçavam expellil-os. No mesmo instante levavam elles sommas immensas para encher os cofres: a isto chamavam *beneficio de restituição*, beneficio tão consideravel, que Carlos II, rei da Sicilia, para indemnisação de os haver banido do condado d'Anjou e Maine, estabeleceu um fogal (tributo) de tres soldos em cada fogo, e de seis dinheiros em cada um de seus subditos christãos, que ganhasse a vida por seu mister. Um facto, mais singular ainda, é que o judeu convertido *caia em prevaricação*. Então o senhor ou o rei lhe confiscava todos os bens, e o deixava n'uma miseria absoluta. Dissereis que os christãos irritados, porque o judeu deixava de ser impio, procuravam indemnisar-se das taxas que não poderiam mais impor-lhe, tirando-lhe por uma vez tudo quanto possuia! Maxima barbara, sem duvida, e muito perniciosa em taes circunstancias, mas que subsistiu em França até ao reinado de Carlos IV, que a fez annullar e proscrever. Tanto é verdade que o uso, o exemplo dos outros, e d'antigas promessas, fazem desapparecer a nosso respeito o ridiculo por mais palpavel, e por mais excessivo que elle seja.

Nota-se comtudo, que esta nação proscripta, ainda que pertencesse aos barões, sem duvida pela permissão do monarcha, era o rei especialmente que tinha todo o poder sobre ella. «É a mim, fazem dizer a San-Luiz, que pertence velar sobre os judeus, para os impedir d'opprimir os christãos por suas usuras, e de abusar da minha protecção para assolar o reino.»

Os judeus tinham juizes e tribunaes particulares, um sello que lhe era proprio, possessões em terras e em casas, cemiterio fora dos muros das cidades, e synagogas onde comtudo não podiam rezar senão em voz baixa e sem o menor canto, sob pena de 300 libras *Parisis* de multa. Obrigaram-n'os ainda a trazer em cima de si algum signal que podesse fazel-os reconhecer: nas mulheres era um veo que lhes cobria todo o rosto, e nos homens um solidéo de feltro ou de panno de côr amarella, ou melhor «une grande ruelle *(roue)* bien notable, de la largeur de quatre doigts et de la hauteur d'une palme, d'autre couleur que la robe, pourtraite de fil ou de soye grossement, et telle qu'on pût l'appercevoir au vestement de dessus, soit mantel ou autre habit, en tel lieu qu'ils ne la pussent musser.» Se algum judeu apparecia em publico sem esta marca, devia ser condemnado em 10 libras *Tournois* de multa, e seu vestido confiscado em proveito do que o denunciasse. Prohibiam aos christãos todo o commercio com este povo reprobo; não era permittido ter judeu na qualidade de mordomo ou criado, nem ter alguma coisa d'elles, ou pela herança, arrendamento, ou emphyteuse; nem servir-se d'elles como medicos ou cirurgiões, nem tomar seus filhos para os amamentar e nutrir. Quando os judeus compareciam como testemunhas contra um christão, *obrigavam-n'os a jurar pelos dez nomes de Deus* com mil imprecações contra si mesmos se não dissessem a verdade. «Que o Senhor Deus, lhes diziam, vos mande febre continua, terçã ou quartã, se perjurardes; que elle vos destrua em sua colera, e á vossa familia, e a vossos bens: que vossos inimigos se apoderem de vossos haveres, e violem vossas mulheres: que a espada da morte, o temor e as inquietações vos persigam por toda a parte: que a terra vos engula como Datan e Aviron: que todos os peccados de vossos parentes e todas as maldades contidas na lei de Moyses recaiam sobre vossas cabeças.» «*Assim seja*», respondiam por tres vezes estes tristes objectos da execração publica.

Um christão convencido de commercio criminoso com uma filha ou mulher d'esta nação, era queimado vivo. O motivo que dá um autor, digno discipulo d'aquelles seculos de ignorancia, parecerá sem duvida singular, para não dizer ridiculo. *Manchar-se com uma judia* (diz elle) *é um crime egual áquelle que se commette com as bestas.*

Tão humilhantes servilismos não impediam estes infelizes de irem em chusma estabelecer-se na França, da qual insensivelmente invadiam todo o commercio. Dizem que sob Filippe Augusto eram possuidores de quasi metade de Paris. Já vimos que este grande principe não achou contra isso outro remedio senão declarar seus devedores quites, á excepção d'um quinto, que foi confiscado em proveito do monarcha, expulsando estas sanguesugas tão funestas ao estado, depois de as ter despojado de todos os bens de raiz.

Obrigado porém a chamal-os dezeseis annos depois, suppoz poder prevenir tudo com regulamentos preconisados então por tão sabios como severos: fracas barreiras contra a avareza d'um povo insaciavel, e cuja inefficacia o seu successor Luiz VIII reconheceu logo, vendo-se obrigado a ordenar «que nenhum interesse corresse para os judeus; que toda a divida que não exigissem depois de cinco annos, ficaria extincta; e que as outras seriam pagas nas mãos de seus senhores, em nove termos, de quatro mezes cada um.»

Finalmente o já citado Luiz IX em uma assemblea de barões em Melun «fez prohibir universalmente aos judeus toda a sorte de emprestimo; deu tres annos de termo a seus devedo-

res; e declarou nullas as obrigações que estes usurarios não tivessem feito ver no anno a seus senhores.»

Ao mesmo tempo o famoso monarcha proscrevia toda a usura, e os grandes, combinados, juravam dar-lhe soccorro contra os infractores de tal lei.

Os editos que em 1253 haviam banido os judeus de França, foram confirmados em 1295. Mais numerosos então do que quando tinham saido do Egypto, despojaram-n'os de quanto possuiam, e expulsaram-n'os de novo sem lhes deixarem mais que os vestidos. Muitos procuraram salvar-se na Inglaterra e na Alemanha, mas ahi foram tratados com egual deshumanidade.

Sempre objectos da animadversão do publico, que arruinavam, não só como usurarios, mas tambem como rendeiros dos impostos, os judeus estavam incessantemente expostos a todas as sortes d'insultos. Nas cruzadas, nas sedições, alguma vez mesmo no socego da mais profunda paz, viam-se atacados, perseguidos, despojados, degolados emfim. Não cessavam de os accusar, ou de haverem ultrajado a hostia santa, ou de terem crucificado creanças em sexta-feira santa, ou de haverem profanado a imagem de Nosso Senhor. Se escapavam á severidade da justiça, não se salvavam da populaça. Os mesmos principes, depois de haverem feito d'elles instrumentos de suas vexações, os expelliam muitas vezes, para lhes fazer comprar seu novo chamamento a peso d'oiro.

Filippe IV não fez esperar muito uma ordem, em virtude da qual os judeus foram presos por toda a França n'um mesmo dia, banidos do reino, com prohibição de ahi tornarem, sob pena de morte, e todos os seus bens confiscados. Alguns se fizeram baptisar, e ficaram: muitos d'entre os outros morreram no caminho, de fadiga, de pesar ou de miseria: não lhes haviam permittido levar senão o dinheiro que lhes fosse preciso para os conduzir fora dos limites do imperio francez. Duvida-se se foi o zelo ou a cubiça que dictou este rigoroso edito!

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

689—713. Thieri não foi bastante feliz ou habil para aproveitar esta circunstancia. Os descontentes, cujo numero augmentava de dia para dia, reuniam-se em tropel aos austrasianos. O monarcha, querendo, porém muito tarde, suspender esta retirada sediciosa, declarou guerra ao duque de Austrasia; mas foi vencido, e esta victoria submetteu toda a França a Pepino, que a engrandeceu. Thieri morreu, e Pepino continuou a reinar em nome de *Clovis* III filho d'este principe; depois em nome de *Childeberto* III, emfim, de *Dagoberto* III. No primeiro d'estes tres principes é que começa o reinado dos reis chamados *Preguiçosos*, isto é, que nada fizeram memoravel, porque, enfraquecendo-se sob a autoridade do *maire* do palacio, apenas tinham de reis o nome, e não se atreviam por si mesmos a executar qualquer coisa.

714 Pepino submetteu os inimigos do reino, cujos limites alargou, terminando a sua gloriosa carreira depois de uma administração de vinte e sete annos. Proximo á morte nomeou *Theodebaldo*, seu neto, ainda creança, *maire* do palacio, sob a tutela da sua viuva. Esta disposição desagradou; houve sublevação. Carlos Martel, filho natural de Pepino, que a regente tinha mandado prender, fugiu da prisão, e buscou asylo entre os austrasianos, que o receberam com transporte e o puzeram á sua frente.

717. Entretanto *Dagoberto* III morreu; e, ainda que deixasse um filho chamado *Thieri*, deram-lhe por successor *Daniel*, filho de Childerico II. O novo monarcha, que tomou o nome de *Chilperico* II, e que é preciso não confundir com os reis preguiçosos, quiz resistir a Carlos Martel. Foi duas vezes batido, em seguida entregue ao vencedor, que o tratou com respeito, e se satisfez com os titulos e autoridade que seu pae gosara.

721—732. Carlos, chegado então ao auge da grandeza, empregou o seu poder a bem dos povos e da gloria da nação. No reinado de *Thieri* IV, filho de Dagoberto III, e successor de Chilperico, desbaratou mais de trezentos mil sarracenos que, depois de terem subjugado a Hespanha, tinham vindo, sob o commando d'Abderame, seu chefe, tentar a submissão da França á lei de Mahomet.

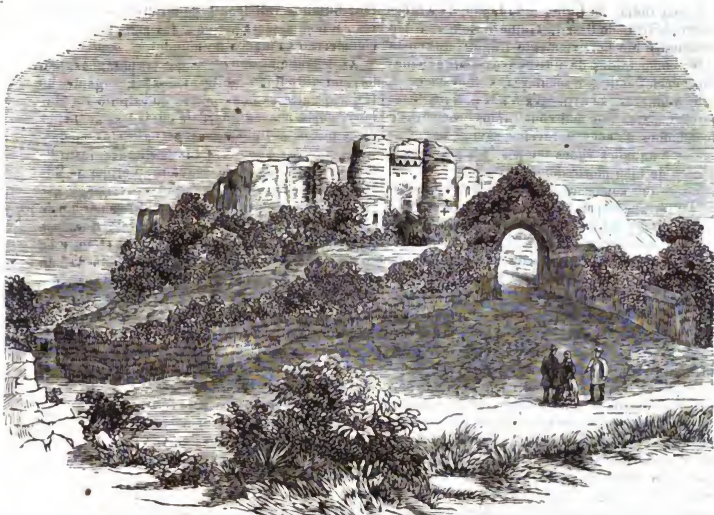
737. Tendo morrido Thieri, Carlos Martel continuou a governar, com o titulo de duque ou principe dos francezes, sem se dar ao trabalho de nomear outro rei. Elle conservou esta autoridade até á sua morte, succedida em 741. Antes de expirar, dividiu, com o consentimento dos nobres, o imperio francez pelos seus dois filhos *Carloman e Pepino o Pequeno*.

742-748. Carloman não governou senão quatro annos. Depois de ter alcançado brilhantes victorias, e creado alguns estabelecimentos uteis, renunciou ao poder supremo, para tomar o habito religioso em Monte Cassino, deixando a seu irmão todo o reino.

Pepino tinha outras vistas. Só lhe faltava a corôa: ambicionava-a; mas não ousava apossar-se d'ella. Era tal a fidelidade dos francezes para com o sangue de seus reis, que estavam desgostosos havia muito tempo por não terem monarcha. Pepino, para contental-os, deu-lhes um, tão proprio como os seus predecessores para ser o phantasma da soberana autoridade: era o filho de Chilperico II, e chamou-se *Childerico* III.

Continua.

Os louvores immerecidos são ironias insultantes.



CASTELLO DE CARISBROOK, NA ILHA DE WIGHT.

Apresentando a vista do castello de Carisbrooke, na ilha de Wight, aproveitaremos a descripção que d'elle nos faz madame Luiza Colet, que visitou este anno o mencionado castello, e o palacio d'Osborne, de que fallaremos proximamente, na mesma ilha, residencia de verão da rainha d'Inglaterra.

A cidadella de Carisbrooke remonta á invasão dos romanos, e parece ter occultado ao tempo os seus vestigios. A principal entrada é uma grande porta arqueada, flanqueada por dois enormes bastiões.

Esta porta abre-se sobre um vasto pateo, especie de campo de Marte, destinado ás evoluções militares; depois eleva-se o corpo principal do edificio mais moderno, que serviu de prisão a Carlos I, e mais tarde a seus filhos. Na parte posterior do outro pateo levanta-se a *torre romana*, construida no seculo VI, para o cimo da qual se sobe por uma escada quebrada de setenta e dois degraus. No angulo sueste d'esta torre estão as ruinas d'outra torre chamada *Montjoie*, cujos muros teem dezoito pés de grossura; finalmente, da cidadella desmantelada existe ainda a janella pela qual o rei Carlos I tentou evadir-se: no campo esperavam-no os cavallos, uma barca na praia, e um navio, enviado de Hollanda pela rainha, nas aguas visinhas de Southampton; mas ainda que esta janella da cidadella, proxima do quarto do rei preso, não tivesse em cada arco diagonal senão um varão, elle não pôde metter a cabeça. Assim mallogrou-se esta evasão. Depois pozeram dois varões n'esta janella, actualmente arruinada.

Do alto da torre romana avista-se o mar; á direita fica a floresta e a linda aldêa de Carisbrooke com a sua egreja, cuja torre sustenta um grande relojo; d'outro lado está a cidade de Newport, e para a esquerda planicies e collinas magnificas.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

Continuação.

III

FOME E SEDE!

Hoje é quasi um prazer o navegar. Prazer inteiro nunca direi que seja, por que sempre se soffrem algumas privações a bordo. Mas agora encontra-se o conforto, a velocidade, e até certo ponto a segurança que não havia no seculo XVII.

e que ainda muito tempo depois não houve. A relação das perdas de naus portuguezas nas carreiras da India, da China e do Japão, da Arabia e Sino persico, do Brazil, Guiné e Congo, é tão volumosa e tão horrivelmente tragica, que custa a crer como tantos de nossos avós, nobres e plebeus, ecclesiasticos e seculares, velhos e moços, e até mulheres, se arriscavam aos perigos de temerosos mares nos mal construidos, ronceiros e incommodos galeões, caravelas, zavras, patachos e galés d'aquelles rudes tempos, em permanente risco de uma morte dolorosa.

Desde que começaram as descobertas dos nossos conterraneos por todas as partes do mundo, não se passou talvez um anno, até á epoca a que se refere esta historia, sem que algum navio portuguez se perdesse, e com elle a vida de muitos homens, e preciosos cabedaes. A principio, a coragem dos nossos em se expor ás furias do Oceano, poder-se-hia explicar por um vehemente desejo de gloria, de ganhar nome honroso devassando novos mundos; porém no seculo XVII já não era mais do que a ambição que arrastava aos mares os filhos dos Gamas e dos Pachecos. Ao guerreiro substituira-se o negociante, ao descobridor o especulador, e até ao missionario já se ia substituindo o rico prebendado. O nosso imperio maritimo tinha de cair finalmente; e já se desmantelava por differentes partes em 1650, quando o galeão Enxobregas, alongando-se do Malabar, perdia o cheiro da pimenta, que diziam os marinheiros lisonjear o olfato por toda aquella costa, e procurava ver a, outr'ora nossa, ilha de Ceylão, aonde melhor aroma, o da canella, embalsama os ares até grande distancia da terra.

A 20 de Setembro, depois de terem apanhado bastantes trovoadas, mas poucas calmarias, por irem afastados da costa, enxergaram o cabo Comorim; e fugindo do golpho que separa o dito cabo da ilha de Ceylão, por causa da força das correntes que ahi se encontram, guinaram para fora de Ponta de Gallo, desviando-se assim do celebrado *Pico de Adão*, tão respeitado dos indianos.

Com viagem regular, sem agua de mais na bomba, nem de menos nos toneis, foram navegando por aquelle extenso golpho de Bengala, governando de modo a passar pelo canal das ilhas de Nicobar, onde tencionavam tomar alguns refrescos. D'ahi singrando pelo canal do *Sombreiro*, já com vento mais frescalhão, e que promettia crescer, diligenciaram abrigar-se no optimo porto de leste da ilha da *Pimenta*, e fazer ahi mais aguada, em quanto passava a maior força da borrasca.

Andados já dias de Outubro, embocaram pelo estreito de Malaca, deixando pela popa o então insignificante *Pulo Pinão*, hoje importante *Pinang* ou ilha do *Principe de Galles* dos bretões; e encostando-se mais á terra de Achem do que á peninsula malaia, para não avistarem aquelle soberbo emporio avassallado por Albuquerque, e que ha mais de dez annos jazia em poder dos hollandezes, surgiram ao cabo de alguns dias em face da ilha de Sincapura, logar quasi deserto então, humilde valhacouto de miseraveis pescadores, e hoje assento de uma das mais formosas e commerciaes cidades do mundo.

As decantadas *samatras* d'estas paragens, não haviam affrontado muito os nossos navegantes no trajecto entre as duas portas do estreito de Malaca, cujas chaves guardam cuidadosamente hoje os nossos *antigos e mais fieis alliados*, modernos herdeiros d'este vinculo portuguez, instituido por Diogo Lopes de Sequeira, Fernão de Magalhães, e outros.

D'aqui para o mar da China sae-se por um de tres estreitos, que se denominam: do *Governador*, de *Salete-Baró*, ou *Sincapura a velha*, e de *Sincapura*. Este ultimo preferiu o piloto da nau Enxobregas para passar avante, e governando a leste enxergou o alvo cume da *Pedra Branca*, aonde hoje existe um pharol. D'ahi navegando ao norte-quarta-de-nordeste, procurou reconhecer *Pulo Laor*. Com vento favoravel seguiu o galeão, prumando de meia em meia hora, á vista da enseada de Siam.

Quando porém se acercava de *Pulo Condor*, ante-manhã, e que o prumo marcava dezoito braças de fundo, arêa branca com caramujos e conchinhas, tratou o piloto de orçar, buscando maior fundo, para não ir por dentro dos ilhotes encostar-se á terra de Camboja, onde, quasi um seculo antes, se perdera Camões; mas de repente caiu sobre o navio tão rija samatra, que parecia acabar-se o mundo.

O mestre, muito pratico d'esta navegação, gritou logo da prôa: «Amaina tudo! Amaina! É ligeiro, que não é para graças esta trovoada!» «Andar com a mão, camaradas!» bradou em seguida o contramestre; fazendo tomar as velas, menos um bolso do traquete; e distribuindo alguns pescoções aos moços, para activar a manobra. Quando o capitão appareceu no chapiteo da popa, para dar força moral á tripulação, já o mar andava revolto, como se a borrasca durasse ha muitos dias; o ceo negro e pesado achatava-se sobre os topes dos mastareos; a chuva caia em grossas gotas sobre o convez da nau; e o vento, assoviando horrivelmente por entre os cabos e antenas, parecia querer derribar todos os obstaculos que encontrava.

Era um quadro medonho! E posto que repetido mais de uma vez n'esta viagem, e contemplado mil vezes pela maruja e officialidade do Enxobregas em outras occasiões, nem por isso deixava de aterrar.

As scenas da tormenta são sempre originaes! Os seus aspectos, peripecias e resultados variam de um para outro ponto do globo, de uma para outra estação do anno, e estão em parte subjeitos á qualidade das embarcações, e á pericia dos seus mareantes.

Não houve remedio senão dar a popa ao vento, e correr, sem norte, talvez a caminho da perdição!

O leme dava horriveis pancadas, e nem passando-lhe novos aldropes eram bastantes dez homens para o subjugar!.... A final, tão grande mar rebentou na popa do galeão, que os machos do leme partiram, e ficou sem governo o barco!

Começava a alvorada. O contramestre com alguns marinheiros mais experientes no seu officio, improvisava uma *espatrêla*, com tôros de amarra e uma antena, afim de substituir o perdido timão; e o mestre carpinteiro, com ajuda de alguns mancebos, tratava de concertar o *coice* da popa, e o *cadaste*, arruinados pelas pancadas que lhe dera o leme, quando se despegou d'elles. Mestre Duarte Fernandes corria a uma e outra parte do navio, *safando rascada*, e examinando se estava rebentado algum ovem da enxarcia, algum brandal ou estay, e se os cabos de laborar estavam claros para a manobra. O condestavel e o calafate fechavam, pregavam e calafetavam as portinholas das peças, em quanto os soldados de mar passavam contra-vergueiros á artilheria.

O sol raiou brilhante. A samatra havia fugido; mas, como uma maldição de Deus, deixara signaes indeleveis da sua passagem!

A nau pôde largar as gaveas; a esparrella foi collocada na popa, e governava com talhas dobradas, que passavam pelas portinholas dos guarda-lemes; porém Macau ainda estava muito longe!... Arribar; para onde? Seguir; e a tormenta?... Se lhe cae um tempo duro; sem leme!... O padre Jeronymo resolveu a questão, fazendo voto, em nome de todos os mareantes e passageiros presentes, de levarem a gavea do traquete em devota procissão aos pés de Nossa Senhora da Conceição, no seu altar de Macau, se Deus, por intercessão da Virgem, os conduzisse a salvamento á China; e que continuassem a navegar ao seu destino. Aprovada, por maioria, a moção, como hoje se diria, seguiu a nau a esteira do Oriente.

O tempo foi abonançando de hora para hora, por que o vento não era já de arrancar pinheiros, e só o baloiçar das vágas fazia enjoar a nau.

Achando com a sonda fundo de arêa preta, entendeu o sota-piloto estar com a *lagem de Matheus de Brito*, e posto que o piloto se fizesse já ao mar de *Pulo Cecir*, sempre foram deitando ao nordeste para *segurar a manobra*, e mesmo por desviar da costa de Champá, que se dizia andar suja de corsarios... bom estava agora o galeão para combates!

Passando a leste da *corôa de Santo Antonio*, e indo em demanda das primeiras ilhas da China, começou o vento leste a fustigar a nau, de modo que tornou a abrir agua. Ora n'um bordo, ora no outro, emfim, com as bombas na mão, lá iam barlaventeando para o seu caminho, em quanto elle durou; mas por dezoito graus de latitude septentrional, entraram umas impertinentes calmas com a embarcação, como se estivesse na Linha. Tomava-se o sol ao meio dia, e achava-se a mesma altura da vespera! A *barquinha* não trabalhava; e o panno, para se não romper, estava debaixo da gaxêta. Pairavam por força maior: não *como o hollandez á espera do bom tempo*.

Porém uma desgraça, maior do que todas as occorridas n'esta malfadada derrota, esperava ainda os miseraveis tripulantes da nau Enxobregas, e seus passageiros!.... Era a fome, com o dedo carcomido, apontando para as agonias de uma morte lenta.... Era a sêde, mil vezes mais horrivel do que a fome, acenando com os delirios da febre a esta turba desesperada!...

Desde que haviam fugido da barra de Champá, que a gente da nau vinha a dois terços de ração, e tres quartilhos de agua para beber, e meia canada para cosinhar em cada dia; porém vieram denuncias ao capitão de que o dispenseiro, um tal Gil Corrêa, lavava a sua roupa em agua doce, e banqueteava os seus amigos todos os domingos e dias santos. Vendo pois Bastião de Moraes que continuavam as calmas, sem se poder adivinhar quando teriam termo, mandou tomar contas ao dispenseiro, tanto da aguada como dos mantimentos, por um conselho de officiaes e passageiros, assim composto: o principe D. Martinho, o sota-piloto, o missionario do Japão, o *cheira-dinheiro*, e o calafate. Mas qual não foi o terror d'estes homens, e em seguida o de toda a gente de bordo, quando por toda a vitualha encontraram um barril de biscoito, já encetado, e algumas gulodices que o dispenseiro reservava para si!... Duplicado horror, pasmo, e logo desesperação, achando apenas meio tonel de agua doce, e esvasiados todos os outros cascos da aguada!...

E a calma na vela! E agua na bomba! E a terra distante!... Com os paioes e a dispensa vasios!!...

O capitão lançou logo um bando em que ordenava, que quem quer que tivesse nos seus camarins ou beliches alguma quartola de agua, e qualquer mantimento, marmeladas e confeitos que fosse, viesse entregar tudo sem demora aos cinco commissionados, que haviam estabelecido a sua administração junto ao cabrestante de ré, entre o mastro grande e o da mesena. E assim se fez; todos contribuiram para o monte grande, e desde esse momento repartiu-se egualmente o mantimento e a agua, em porções tenuissimas, por quantos vinham a bordo.

Porém a ultima moinha de bolacha estava engulida, depois de comidos todos os ratos, gatos, macacos e passarinhos que iam no galeão; a ultima sêde de agua fôra esgotada, de companhia com a que produzira uma copiosa chuva de algumas horas; e as pranchadas de chumbo da artilheria, cortadas em pedaços, serviam de unico refrigerio áquellas boccas escaldadas pela febre... e o vento sem chegar!

Ora pintava de um lado, ora apontava do outro, mas nunca passando de ligeira bafagem. Os bateis que rebocavam a nau, pouco a faziam adiantar; nem os marinheiros já tinham força para puxar dos remos.

Todos se admiravam, principalmente os velhos

navegadores d'estes mares, de achar tal constancia de calma em tão grande altura, e n'esta estação do anno; e só attribuiam este phenomeno a castigo de seus peccados.

Dois dias completos se passaram sem nada se comer nem beber a bordo do galeão. Um marinheiro, desvairado pela sêde, lançou-se ao mar a afogar; outro, aguilhoado pela fome, seguiu-o nas aguas para aproveitar o seu cadaver. Depois verificou-se na prôa uma horrivel scena de cannibalismo! Disputava-se ás facadas a posse de qualquer sevandija, que por acaso se descobria nas cobertas e porão!

A autoridade tinha-se annullado de todo n'aquelle microcosmo naval: a fome e a sêde faziam mais contra a disciplina do que a tormenta e a revolta!

Quando emfim uma aragem mais fresca e de feição veiu galvanisar aquelles cadaveres, encontrou a joven chineza prostrada, sem côr nem falla, no seu leito de agonia, tendo de joelhos a seus pés o extremoso principe de Arracam, e á cabeceira o padre Jeronymo que lhe lançava a absolvição.

Porém o vento refrescou pelo sueste, e o galeão fazendo força de vela, começou a deitar seis milhas por hora.

Era a salvação que chegava! Quasi que esqueceu a fome... a sêde é que era difficil de olvidar!

Porém o ceo, condoido affim dos mesquinhos nautas, mandou-lhes abundante chuva.

No dia seguinte pescaram algum peixe, que foi devorado mesmo crú! E, finalmente, no ultimo de Dezembro, avistaram em distancia de quinze milhas a ilha dos *Ladrões*, e tomaram pratico, mantimentos e agua de uma lorcha chineza.

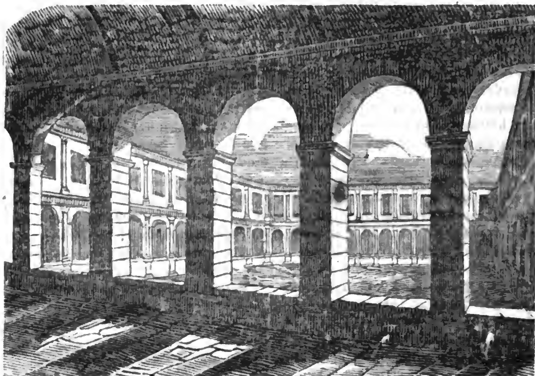
No primeiro dia do novo anno do Senhor, 1651, ancoraram a salvamento no porto de Macau, dando muitas graças a Deus de se acharem felizmente em terra de amigos.

Tratou-se logo de cumprir a promessa feita na occasião da tormenta; e aquelles que podiam arrastar-se, sairam em terra n'essa mesma tarde, conduzindo a gavea promettida a Nossa Senhora da Conceição.

Esperava-os na *praia Grande* o capitão geral, os membros do leal senado, cleresia, e povo da cidade, assim christãos como chins; e tomando a dianteira o missionario com a cruz alçada, poz-se a caminho o prestito para o templo catholico, a pequena ermida de S. Lazaro, onde mui devotamente resaram, com choros de alegria, os miseros aventureiros.

Assim terminou o terceiro acto d'este medonho drama, com o qual não finalisa ainda a acção. Novas peripecias se desenrolarão ante os olhos do leitor, não menos verdadeiras e interessantes do que as precedentes, até ao fatal desenlace, á pasmosa catastrophe do galeão Enxobregas.

Continua. F. M. BORDALO.



O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Quando os monjes de humildes ascetas se transformaram em senhores de terras e vassallos, variou em grande parte a sua condição social e politica. Em quanto estiveram entregues á meditação e penitencia, lavrando a terra pelas suas mãos e longe dos bens terrestres, bastaram-lhes a solidão e a pobreza. Mas depois que o baculo religioso foi substituido pelo sceptro feudal, que deixaram o ermo pela côrte, e a paz dos claustros pelo estrepito das batalhas, foi-lhes preciso o espectaculo do poderio e da mais elevada representação. D'esta metamorphose nasceu a de-

cadencia dos institutos monasticos. Todas as creações humanas degeneram ás mãos do tempo e do homem, e a degeneração é o primeiro symptoma de dissolução dos corpos collectivos. Matou os poderosos e heroicos templarios, acabou com as aristocracias, e tambem deu em terra com a grandeza monacal. Fazendo a civilisação, sempre progressiva, apparecer os inconvenientes d'aquelle desvio, e apresentando-as incompativeis com as novas necessidades, com as successivas aspirações da humanidade, e com os elementos principaes de cada seculo, ficam isoladas do sentimento social, e morrem pela propria caducidade. E por isso não resuscitam. E por isso se alguem, desconhecendo o espirito dos tempos, intentasse restituil-as á vida, não passaria isso de uma operação artificial e infecunda, similhante á do galvanismo sobre os hirtos e impassiveis membros do cadaver. Quem seria hoje capaz de emprehender uma cruzada?... O tempo é um rio que não retrocede.

D'aquella alteração soffrida pelo monachismo, procedeu tambem a mudança em suas condições d'existencia. As mercês regias e os favores aristocraticos, os feudos e senhorios, as jurisdicções e riquezas foram os elementos necessarios da sua nova posição. E passaram das retiradas cellas ás sumptuosas moradas; das privações asceticas aos regalos da mollicie; da pobreza evangelica á opulencia senhorial. E levantaram-se logo á custa de prodigos bemfeitores os alcaçares soberbos, com porticos de marmore e cupulas de cristal, debaixo de cujas pittorescas abobadas passavam vida regalada os que renunciavam ás vaidades mundanas, ao vestir a cogula de S. Bernardo.

Matallana foi um dos monumentos insignes de tal engrandecimento. Nascido á sombra da purpura real e da espada feudal, é um testemunho do prestigio e importancia que chegaram a conquistar os filhos de Cister, desviados da sua bandeira primitiva. A sua historia é a mais eloquente paraphrase da fortuna monacal, e diz por si só tudo quanto pode suggerir o estudo mais philosophico sobre este ponto de litteratura historica.

O poderoso senhor D. Tello de Menezes e sua esposa Gontroda fundaram este mosteiro, sob a invocação de Santa Maria de Mataplana. No anno de 1213 deu-se por concluida a obra, e os senhores fundadores e seus filhos o doaram á ordem cisterciense, com a protecção e autoridade do rei D. Affonso. Este monarcha outorgou o privilegio, cujo litteral contheudo é o seguinte:

Concedo tibi Telli Petri et uxori tuæ Guntrudæ et filiis vestris ipsam Mataplanam dari á Deo et Beatæ Mariæ de Christh. Ordin. Cisterciensis, et ipsam recipio sub custodia atque defensione mea.

Este pergaminho prova que o termo de Matallana tinha-o D. Tello em feudo da corôa, e que pediu e obteve a indispensavel licença para a sua transmissão aos monjes A phrase *ipsam Mataplanam* tem referencia naturalmente á petição, sobre que se outorgara o privilegio de sub-enfeudação. A necessidade d'esta licença explica-se pela organisação dos feudos, e em particular porque Mataplana, ao sair das mãos de D. Tello, entrava na jurisdicção espiritual em prejuiso da temporal. Pois ainda que os monjes como feudatarios ficavam subjeitos ao rei, costumavam valer-se de suas immunidades e preeminencia canonicas, para entorpecer-lhe a acção e desvirtuar-lhe a autoridade.

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

749. O duque dos francezes não tivera esta condescendencia com a nação senão para ganhar tempo. Amado dos povos, respeitado dos grandes, estimado do clero e dos frades, não via outra barreira entre si e o throno, senão a difficuldade de parecer subir a elle sem injustiça. O papa Zacarias, cujos predecessores tinham estendido a autoridade da santa sede sobre a França, soube aplanar este obstaculo. Pepino enviou-lhe uma especie de caso de consciencia, concebido n'estes termos: «É conveniente que um homem incapaz de reinar tenha em França o nome de *rei*, em quanto que o poder real é exercido por outro que faz d'elle bom uso?» O pontifice respondeu que valia mais dar o titulo de rei áquelle que tinha a autoridade. Esta decisão foi recebida como um oraculo, e os estados do reino conformaram-se com ella. Childerico foi rapado, e enclausurado, com *Thieri*, seu filho unico, em um mosteiro.

Assim acabou a raça Merovingiana, depois de trezentos e trinta e tres annos de reinado desde Pharamundo, e duzentos e setenta desde o grande Clovis. Deu trinta e seis reis á França, vinte e um dos quaes reinaram sobre Paris. Os primeiros quatro eram pagãos; os outros foram christãos, mas a maior parte mais de nome que de costumes. As dissensões domesticas, e as guerras civis abalaram ao principio o seu poder; a dissolução e o desleixo acabaram de o derrubar.

Quando, em uma reunião onde se ostente a opulencia, experimentardes vergonha percebendo que a simplicidade dos vossos vestidos é notada, perguntae a vós mesmo se trocarieis, com aquelles que vos cercam, o modo de vida, o caracter, o talento, e reassumi a altivez que fica bem ao homem honrado. — *Droz.*

O direito e o dever são como duas palmeiras, que não dão fructo senão crescendo ao pé uma da outra. — *Lamennais.*

A * * *

Que noite a de hontem, meu anjo!
O que nós ambos soffremos!
Tu choravas, eu chorava,
E no pranto mais a lava
Se ateava d'este amor!
Nada em phrases nós dissemos;
Mas os olhos, rasos d'agua,
Diziam bem quanta magua
Devastava as nossas almas!
Eu duplamente soffria,
Porque um remorso pungente
Vinha, por entre a agonia,
Tornar-me a dôr mais ardente!...
Sabes qual era o remorso?
Era o haver-te encadeado,
N'essa dupla primavera
De taes annos e do amor,
A mim, que a sorte severa
Fez que esteja desherdado
Da modesta independencia
Que me compete e sonhava.
Tu choravas, na innocencia
Do teu puro coração,
Anjo, o primeiro desgosto
Que te desbota do rosto
Rubida côr de attracção!
Mas eu, anjo, deplorava
Ver-te a ti mimoso lyrio
Debruçado n'um martyrio
Que não mereces por certo.
Eu chorava por te haver
Socia feito do tormento
Em que vivo de continuo,
Sem o dar a conhecer
E sem soltar um lamento.
Mais a dôr subiu de ponto
Quando ao pé de mim chegaste,
E em soluços murmuraste
Um ai que esta alma partiu!
E eu, com a voz afogada
De soluços mal contidos
E com a face alagada
Dos teus prantos doloridos,
«Foge» disse!
E ninguem viu
Esta crise dolorosa;
Só a lua, meiga e pallida,
Astro magico de amores,
Appar'cendo luminosa
Entender-nos parecia;
E, alagando o Tejo em luz,
Par'cia dar a taes dôres
A luz da resignação!
Tu não te lembras, querida?
Lembras sim, que me encaraste
Anjo meu de que feitio!
Dos olhos o pranto em fio
As faces te aljofarava,
E na minh'alma caía!
Ai que dôr e que poesia!
Eu então já não chorava;
E n'um impeto de egoismo,
Bebendo-as, amei-te as lagrimas,
Que vi n'ellas o baptismo
Do teu affecto primeiro!
Triste baptismo foi elle!
Nunca julguei tanto amar-te!
Minha rosa mal aberta,
Alvo lyrio feiticeiro,
Um desgosto foi preciso
Para mostrar-me e provar-te
O que tinhas indeciso.
Se tu viras de que modo
Os humbraes d'esse teu lar
Eu transpuz, tremendo todo
Nas angustias da saudade,
Mais te crescera a piedade
E mais me houveras de amar
Se inda mais se ama no mundo!
N'esta minha soledade;
Se o corpo é longe de ti
A minh'alma está comtigo!
Partindo deixei-t'a ahi
Trouxe-te a imagem comigo!
Por ella só penso e vivo,
E, cada vez mais captivo,
Soffro e preso o soffrimento,
Que é soffrer do nosso amor!
Terás tu amor bastante
Para n'elle achar valor
De luctar e sempre e amante
Até que a lucta se vença?
Tu tens muito que affrontar!
Anjo meu, calcula e pensa!
Se te não sentes com força
É melhor dizel-o agora,
Pois que o amor que me devora,
Se lhe falta o teu abrigo,
É capaz de me matar!
Ai! insensato o que digo!
A tua edade, anjo meu,
Dá sempre forças o ceo;
Apar do amor põe a fé;
E nas horas de afflicção
Dir-te-ha Deus «espera e crê!»
O mundo não te conhece,
Nem tu conheces o mundo,
Esse sarcasmo profundo,
Que da ternura escarnece
Luctaremos p'ra vencer.
A lucta é grande, bem sei!
Mas á lei dos que não sentem
Oppondo do amor a lei...
O triumpho hemos de ter.
Seja o astro da esperança,
Quem nos guie em tal conflicto,
E veremos no infinito
O santelmo da bonança!

Á PRIMAVERA.

Primavera, doce encanto,
Vem tu de novo reinar;
Traz da aurora o fresco pranto
Ricas perolas sem par,
A que as flores sequiosas,

Abrem o seio, contentes
Por tornar-se mais formosas,
Por tornar-se mais virentes.
Vem do rijo inverno a neve
Desfazer com grato amor,
E festivo torna, em breve,
O preterito rigor!
Vem, oh! vem, meiga deidade,
Que ao teu magico poder
Surge a esp'rança da saudade,
E do campo o malmequer;
Esse propheta gracioso
Que a quem o desfolha diz
Se pode crer-se ditoso,
Se deve crer-se infeliz.
Traz á rosa o seu perfume
Que nos dá tão casto goso,
E que faz morrer de ciume
O *amor-perfeito* invejoso!
Vem os despidos pomares
De galas brancas vestir;
Quanto mais os adornares
Mais nos devem produzir.
A seara ao ver-te se enfeita;
Vem trazer-lhe o teu calor,
Tornando em fertil colheita
O suor do agricultor.
Traz-nos os raios doirados
Do matutino arrebol,
E os gorgeios namorados
Do sentido rouxinol;
Que, escondido entre arvoredos,
Diz nas magicas canções
Muitos intimos segredos
Aos captivos corações.
Traz-nos as tardes fagueiras
Com a branda viração,
Que de visões feiticeiras
Nos povôa a solidão.
Traz-nos as noites queridas
De tanto goso e pesar,
Em que fogem, esquecidas,
Horas n'um vago scismar.
Em que a lua se namora
Da corrente nos cristaes,
Em que a chamma do amor cora
Muitos rostos divinaes.
Vem, Primavera divina,
Vem a alcachofra gentil
Fazer brotar da campina
Ao teu bafejo subtil.
Para queimada e ao relento,
Posta em noites de condão,
Reflorindo ao orvalho bento,
Responder ao coração.
Vem, oh! vem p'ra que a donzella,
Nos jardins colhendo as flores,
Com ellas forme a capella
Com que mais inspira amores!
Vem, rainha, doce encanto,
N'alma e no prado reinar,
Faz com teu orvalho santo
Flores e amores medrar!

MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

Luiz x, filho e successor de Filippe o *Bello*, reparou, em parte, as injustiças de seu pae. Tornou a chamar os judeus ao seu reino; mas fel-os pagar bem caro este acto de clemencia, mais approvado pela humanidade, que pela politica. Permittiram-lhes por 1315, e sob certas condições retornar á França, estabelecerem-se ahi por doze annos, fazerem um trafico honesto, viverem do trabalho de suas mãos, continuarem a cobrança de suas antigas dividas, das quaes todavia o monarcha se reservava dois terços, permittiam-lhes emfim recomprar as synagogas, os cemiterios e os livros, menos o Thalmud.

E o Thalmud era muito para elles porque pode ser considerado como uma especie de encyclopedia judaica, collecção que abrange as leis canonicas e civis, e geralmente todas as sciencias conhecidas no tempo em que foi publicada. A primeira compilação d'esta obra, redigida cerca do IV seculo, foi adoptada pelo pequeno numero de judeus que habitavam ainda na Palestina. No começo do VI seculo appareceu uma segunda, mais augmentada e menos escura que a primeira. É esta ultima que tem chegado até nós, e serve ainda de regra aos hebreus modernos. Mahomet no VII seculo, tirou d'este livro parte dos delirios mysteriosos que inseriu no seu Alcorão. O occidente estava então mergulhado em ignorancia tão grosseira, que em França se não aperceberam dos erros contidos no Thalmud senão por meiado do XIII seculo. Um judeu da Rochella chamado Thomaz, tendo abraçado a religião christã, emprehendeu de proposito a viagem de Roma para o denunciar ao papa. Gregorio IX, que reinava então, escreveu, em consequencia d'isto, a todos os principes christãos contra este livro perigoso. Innocencio IV, seu successor, o proscreveu tambem, e todos os exemplares que puderam apanhar-se foram queimados; perseguição que os judeus olhăram como uma das mais crueis. Emfim o Thalmud é obra que excitaria em nossos dias mais piedade que sustos. As fabulas absurdas, e as allegorias pueris e ridiculas de que está cheio, apresentam um modelo completo de irracionalidade. Lê-se ali, que as lettras do alphabeto hebraico pediram a Deus ser empregadas como instrumentos da creação do mundo. Que as lettras que compõem o nome de *Satanaz* formam o numero 364, para marcar o poder que este inimigo tem sobre o genero humano durante 364 dias do anno, sem ter as mãos presas senão no unico dia da expiação. Os numeros, os nomes, os caracteres, operam prodigios no Thalmud. Isto tem feito pensar que talvez fosse este livro que désse nascimento á cabala, sciencia posterior, que os judeus orientaes receberam dos arabes mahometanos, logo que estes conquistadores, depois de terem desmembrado o imperio romano, cultiva-

ram e corromperam a philosophia introduzida por seus califas nas academias do Cairo e das outras cidades de sua dominação.

Em desconto das mencionadas concessões disseram aos judeus que o termo de doze annos expirava se alguma razão obrigasse a desterral-os de novo, mas que lhes dariam um praso conveniente para transportarem seus haveres, estabelecendo-lhes dois *praticos*, auditores ou juizes de todos os seus bens. Entretanto a alegria que lhes devía inspirar uma graça tão vivamente solicitada, e longamente recusada, devia ser muito modificada pelo rigor das condições com que lhes era concedida! Constrangiam-n'os ainda a trazer a marca ordinaria, isto é, uma roda da largura de uma torneza branca de prata (moeda) e de côr diversa do vestido. Não lhes permittiam emprestar nem por usura, nem sobre lettras, mas simplesmente sobre penhores, dos quaes porém se exceptuavam os ornamentos sagrados, *e os vestidos ensanguentados ou molhados*, sem duvida por temor de algum maleficio! Defendiam-lhes tambem, com as mais graves penas, disputarem sobre a fé, em publico, ou em particular.

A indulgencia de Luiz x não diminuiu nem as prevenções, nem a colera dos povos. Em muitas cidades do Languedoc e da Provença era permittido perseguir os judeus desde sexta-feira santa até á pascoa, logo que se encontrassem nas ruas. Obrigados a trazer uma pequena roda sobre o peito, ou um chapeo amarello, ou qualquer outro distinctivo, facilmente se distinguiam dos christãos. Tinham-lhes expressamente defendido tomar criadas ou amas de leite christãs, e sobretudo concubinas; porque, segundo alguns jurisconsultos d'aquelles tempos barbaros, dormir com um judeu ou com um cão, era pouco mais ou menos a mesma coisa. Tambem, conforme esta bella jurisprudencia, faziam queimar, em qualquer paiz, as raparigas, das quaes o israelita tivesse abusado.

Os rigores que exerceram contra os judeus em Inglaterra podem dar idéa da maneira como elles eram tratados nas outras partes da Europa. O rei João precisando d'uma somma consideravel, e não ousando tiral-a da bolsa de seus subditos, fez prender os judeus ricos para lh'a extorquir. Alguns d'elles escaparam ás perseguições da camara da justiça. Um, a quem arrancaram sete dentes, um apoz outro, para haver d'elle o thesouro, deu mil marcos de prata pelo oitavo. Henrique III tirou d'Aarão, judeu de Yorck, quatorze mil marcos de prata, e mais dez mil para a rainha. Como já dissemos vendeu os outros israelitas de Inglaterra a Ricardo seu irmão por um certo numero de annos, *ut quos rex excoriaverat*, diz Matthens Paris, *comes evisceraret*. E taes principes se diziam christãos!

No reinado de Filippe v, de França (1320), um accesso de fanatismo se apossou dos camponezes e dos pastores. Queriam recobrar a terra santa, a despeito do pouco successo das tentativas anteriores. Os novos enthusiastas passaram á Aquitania, e de lá ao Languedoc; massacraram em toda a parte os judeus, roubando-lhes os armazens. Era um estranho modo de santificar a sua expedição. Não lhes deixando mais que a escolha entre a morte e o baptismo, os judeus fugiam por toda a parte diante d'elles, levando comsigo o que tinham de mais precioso e de mais caro. Uma multidão d'estes infelizes acolhera-se a uma torre mui forte e elevada, que pertencia ao rei, e estava no castello real de Verdun, sobre o Garonna, na diocese de Toulosa. Ahi mesmo foram assediados com furor, e se defenderam lançando contra os inimigos grossas areias, pedras, e até seus proprios filhos. Os pastores não se enfadavam com isto, até que chegaram a pôr fogo na porta da fortaleza. Então quasi abafados pelo fumo, conheceram os judeus que lhes não restava já meio de se escaparem; e para não cairem nas mãos dos incircumcisos, pediram a um de seus irmãos, moço forte e vigoroso, que a todos desse a morte. Acceita por elle a horrivel commissão, quinhentos israelitas foram degolados. Depois d'isto desceu o tremendo executor com algumas creanças que havia poupado, apresentou-se aos sitiantes, contou-lhes o que acabava de fazer, e pediu-lhes o baptismo. Horrorisaram-se da sua barbaridade, e fizeram-no pedaços. As creanças foram absolvidas e baptisadas.

Os pastores passaram d'ahi ao baixo Languedoc. Já estavam perto de Carcassonna quando o senescal Aymeri de Cros fez publicar um bando em que prohibia se fizesse aos judeus a menor violencia, visto que elles pertenciam ao rei. Muitos porém diziam a isso, que não se deviam oppor a christãos para salvar infieis. Foi preciso reunir tropas, e prohibir sob pena de morte que qualquer desse ajuda ou defendesse os pretendidos cruzados. O conde de Foix deu-lhes caça com tamanha pressa e coragem que embargou o passo a tantos allucinados. Grande numero d'elles foi preso e enforcado, nos proprios logares em que tinham commettido seus crimes, principalmente em Toulosa, onde haviam degolado todos os judeus sem que ninguem lh'o podesse impedir. Parte dos amotinados dispunha-se a marchar sobre Avinhão, onde o papa tinha então a sua côrte, mas achou todas as passagens tomadas. Muitos foram mortos: muitos expiraram sobre patibulos: o resto fugiu *e se dissipou de repente como o fumo.*

No anno seguinte, 1321, o mesmo Filippe v expulsou de novo os judeus do seu reino. Fez morrer grande numero accusado pelo odio e necedade, de haver conspirado com os leprosos, para envenenarem os poços e as fontes, lançando n'elles saccos cheios de hervas maleficas, e outras misturas perniciosas á saude.

Accusados em 1348, no reinado de Filippe VI, da mortalidade d'uma epidemia espantosa, foram mais uma vez massacrados e queimados em muitos sitios.

Continua.



RAFTATT.

Em um fertil valle da Alemanha Rhenana, rodeado de uma vasta cadêa de montanhas sem vegetação e de côr escura, acha-se situada Raftatt, pequena povoação d'escassa importancia pela população, mas notavel pelas fortificações que a rodeiam e lhe dão a consideração d'uma praça importante. A nossa estampa representa a povoação pelo lado por onde offerece uma vista mais completa.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.*)*

Continuação.

IV

TORNA-VIAGEM.

Reinava a paz em Macau: depois dos soccorros militares que haviam prestado os seus habitantes ao imperio chinez, adquirindo assim a complacencia dos mandarins; e já desassombrada a cidade de todo o receio das invasões de hollandezes, que bem escarmentados haviam sido em duas tentativas de conquista, alguns annos antes: tratavam unicamente agora os macaenses da sua labutação commercial, e não negavam gasalhado a quem quer que ali aportasse, carecendo de protecção e abrigo.

D. Catharina, a joven esposa do principe de Arracam, não chegara a succumbir á fome, á sêde e aos trabalhos de todo o genero d'aquella horrivel viagem; e encontrou, com seu marido, todas as commodidades para se restabelecer, sob o tecto hospitaleiro de um dos vereadores do senado de Macau, o velho Thomaz Vieira, que já fôra o terror dos batavos.

O missionario do Japão foi alojar-se com os seus irmãos da companhia de Jesus, em quanto não seguia a estrada do martyrio; Bastião de Moraes foi hospedado pelo capitão geral; o dispenseiro Gil Corrêa foi recebido no tronco pelo carcereiro, que lhe fez lançar grossas algemas, segundo a ordem que recebera do senado; e o resto da tripulação da nau, continuou a viver a bordo, salvo uma ou outra excursão que faziam até á *Pedra da Paciencia.*

O galeão, ancorado no porto interior de Macau, corrigia de novo as avarias, seu invariavel destino em todos os portos que afferrava!

Deixemos porem, momentaneamente, as ribas do mar, cuja vista talvez já fatigue de mais os nossos caros leitores; e caminhando terra a den-

tro (não para muito longe, porque o circuito de Macau é assaz limitado!) demos entrada na opulenta casa do nosso Thomaz Vieira.

Que é isto!... Lagrimas de naufragos no porto de salvação!...

Ah! são choros de alegria!

Como o filho prodigo, menos as culpas d'aquelle, a formosa D. Catharina apparecera, sem ser esperada, na casa paternal. Apenas contara a sua singela historia, como a ouvira em Cochim, de haver sido arrebatada de Macau por um capitão de navios, que a levara á India para a fazer christã; repetindo o seu primitivo nome chinez, que trocara na pia do baptismo pelo de Catharina, ergueu-se o ancião, o bom Vieira, apertando-a nos braços, e exclamando:

— *Aton!... Aton* é o teu nome?... Minha querida filha perdida!

E uma *tancar*, de meia edade, com seu alto penteado e sua cabaia azul, saiu ao mesmo tempo de um aposento interior, e lançando-se aos pés da joven chineza, bradou tambem, beijando-lhe as mãos:

— *Aton!...* Minha filha... achada!

D. Martinho contemplava em religioso silencio este bello quadro de familia.

Tão inesperado encontro parecerá phantasia de novelleiro, mas não é; o caso passou-se assim como o estamos contando.

Depois dos abraços e beijos correspondentes a tão feliz achado, o honrado Vieira tratou de reconhecer legalmente Aton como sua filha, e destinou logo o dia em que havia de casar com *Athoy*, a mãe de D. Catharina, para que esta se não envergonhasse do seu nascimento, e fosse sua natural e legitima herdeira. A china mãe já era christã, mas não mudara ainda o traje nacional pelo europeu, o que fez agora, para ir á egreja contrahir o sacramento do matrimonio, levando pela mão a sua Aton, a filha querida das suas entranhas.

A 28 de Fevereiro do mesmo anno de 1651, estando de todo descarregado o galeão Enxobregas das preciosas mercadorias que trouxera da India, e abarrotado de não menos importante carga de sedas, charões e artefactos de marfim e madreperola, soltou as velas ao vento (que para aquella gente era quasi sempre o vento da adversidade!) e largou do porto de Macau, conduzindo de novo a seu bordo os conjuges D. Martinho e D. Catharina, que, com muitas lagrimas, dirigiam um derradeiro olhar para a cidade, d'onde lhes acenavam com os lenços o bom Vieira e sua esposa, desejando-lhes de coração a *boa viagem!*

Se, por um lado, a joven Aton ia satisfeita por haver encontrado a sua familia, e por pae um honrado commerciante; por outro lado sentia a dôr da ausencia, depois de tão breve estada no lar paterno. Tambem D. Martinho desejaria ir ver as plagas onde nascera, porém o reino de Arracam ficava fora da derrota da nau, que voltava directamente a Goa. Entre tristes e satisfeitos, os dois esposos contemplavam em silencio a amplidão dos mares, quando a noite estendeu sobre elles o seu funereo crepe; e invocando a Virgem:

Ave, maris stella!

foram repoisar, confiados na sua protecção.

Com alternativas de melhor e peior tempo, veiu o galeão navegando por aquelle amplo mar da China; quasi sempre com vento do quadrante nordeste, e vagalhão, até avistar a *Pedra Branca*, e penetrar no estreito de Malaca.

D'ahi por diante foi apanhando algumas samatras de pouco peso, e com mais ou menos panno, sempre á *trinca* por achar ventos escassos, galgou finalmente o *Pulo Pinão*.

A navegação que continuou a fazer até Goa, foi aproximadamente pelas mesmas paragens da ida para Macau; e sem notavel accidente surgiu no ancoradoiro da *Aguada*, a 12 d'Abril do mesmo anno.

Desembarcou ali grande parte do carregamento da China; e não carecendo de concerto algum o galeão (coisa rara!) abarrotaram-lhe o porão com tres mil quintaes de pimenta, e ficou de novo *lestes* a navegar.

Por esses dias chegou a Goa a noticia de que o conde de Aveiras, João da Silva Tello de Menezes, que voltava segunda vez á India como viso-rei, havia fallecido na viagem; e achando-se D. Filippe Mascarenhas a governar aquelle estado desde 30 de Dezembro de 1645, e já mui alquebrado pela doença, resolveu abrir a via de successão, que vinha do reino com o novo viso-rei, onde se acharam designados para lhe succeder na governança o arcebispo primaz do Oriente, D. Francisco dos Martyres, e dois fidalgos que serviam na India, Antonio de Sousa Coutinho, e Francisco de Mello e Castro. Então o velho D. Filippe não hesitou em fazer entrega do mando aos tres homens designados por el-rei para substituirem a falta do conde de Aveiras; o que teve logar em Goa, com toda a solemnidade, no dia primeiro de Junho; embarcando-se em seguida o ex-viso-rei para bordo da nau Enxobregas.

O nosso antigo conhecido Ruy da Cunha tambem embarcou no mesmo galeão, preso, por causa de certos capitulos que levantara contra elle o feitor da capitania de Cananor; e seguia-o sua esposa, a fiel companheira de seus prazeres e desditas.

No outro dia, por volta das oito horas da manhã, suspendeu do porto de Goa a nau d'el-rei, ao som da artilharia das fortalezas, que saudava o antigo governador na despedida, e da artilharia do navio, que agradecia em seu nome os comprimentos da cidade.

Ao pavoroso som da artilharia
A nautica celeuma se mistura,
Em negro rolo o fumo ao ar subia,
Tapando a luz ao sol brilhante e pura:
Da reconcava, agreste penedia
Se repercute o ecco, o mar murmura;
Incha as velas o vento, a chusma exulta,
E fica a terra no horisonte occulta. (*)

(*) J. A. de Macedo: O Oriente, poema.

O galeão vinha muito carregado e avolumado, por causa da ambição dos officiaes de mar e dos passageiros, e por não haver n'aquella monção outra nau que trouxesse especiaria para o reino. Tambem inclinava para estibordo pelo mal alastrado da carga, o que tudo o fazia pouco boiante, ronceiro, e de mau governo.

Logo á saida de Goa começaram a dividir-se as opiniões sobre a derrota a seguir: uns queriam trilhar a carreira velha, por fóra de S. Lourenço; outros a nova, pelo canal de Moçambique.

Esta ultima é que prevaleceu; porque o visorei vinha muito doente, e desejava tocar em todos os portos de escala, para comprar refrescos.

Dando pois resguardo aos baixos, de que são muito sujos aquelles mares, veiu o galeão Enxobregas avistar *Cabo Delgado;* e correndo ao longo da costa, na conveniente distancia, lançou ferro na barra de Moçambique.

Depois de uma demora de alguns dias, e tomando os necessarios refrescos, fez-se de novo ao largo a embarcação, em demanda do sempre temeroso cabo das Tormentas!

A lista dos passageiros havia sido augmentada em Moçambique com a formosa Magdalena e o gentil Luiz de Brito, que já tencionavam voltar ao reino aquelle anno, e que muito satisfeitos ficaram de ir em companhia de Ruy da Cunha e D. Leonor.

Escusado é dizer que se travaram intimas relações de amisade entre estas senhoras e D. Catharina, pois que na estreiteza de um navio não podem haver pessoas desconhecidas umas das outras, ou indifferentes entre si. A bordo reina sempre ou a amisade ou o odio de individuo para individuo.

Logo veremos que funestos resultados teve aquella intimidade entre as duas familias.

Sigamos por ora a esteira do Cabo, acompanhando o galeão por entre o *baixo da Judia* e a ilha de Madagascar; e afastando os olhos do interior do navio, contemplemos o ceo que se apresenta escuro e pesado, e os horisontes que se rasgam em fusis.

O vento salta com furia de quadrante em quadrante; tomam-se as velas; e um rijo furacão do noroeste traz o galeão em arvore secca a dar vista do *Cabo das Correntes*.

Aproveitando depois um salto de vento ao nordeste, o piloto, que não desamparava a *cadeira*, foi-se amarando com a nau, para ir tomar a altura do Cabo da Boa Esperança, em grande distancia da costa, visto que os hollandezes se haviam apoderado da *Aguada de Saldanha*, depois que o Enxobregas por ali havia passado, na vinda para a India.

Com este vendaval appareceu alguma agua na bomba, e pequenas avarias na mastreação: a mais importante foi render o gurupez pelo *papa-mosca*; mas lá a atamancaram como poderam. Na forma do costume de todas as naus da India, alijou-se ao mar muita carga, e o navio ficou mais boieiro e doce de leme.

Emfim, a 16 de Julho ao meio dia, achavam-se na latitude das ilhas de Tristão da Cunha, porém muito a leste; d'ahi soltaram o rumo direito a *Cabo Negro*.

Em quanto se aproxima lentamente o galeão dos socegados mares tropicaes, vamos nós informar o leitor do que se passa n'aquelle recinto, tão acanhado para tanta gente, e que tantos peccados albergava!

Ninguem está contente com a sua sorte n'este mundo de enganos e tribulações! O mandamento da lei de Deus que prohibe desejar a mulher do proximo, foi duplamente violado a bordo do galeão com publico escandalo; e quem sabe tambem quantas vezes o foi em particular!... Porém o castigo do Senhor, severo e prompto, não se fez esperar; caiu logo sobre a cabeça dos peccadores, como uma espada de justiça, applicando-lhes a pena de Talião.

Luiz de Brito, que casara por paixão com D. Magdalena, começou agora a achar mais graça nos olhos pequenos, mas negros e vivos, de Aton, do que no meigo olhar das azuladas pupilas de sua esposa; mais donaire no talhe esbelto porém breve de Catharina, do que na figura alta e magestosa da sua consorte; mais encanto no pésinho acanhado da chineza, do que no pé comprido e estreito (como o da Venus antiga) da filha de Ruy da Cunha...

Mas, em compensação, D. Martinho, que desposara Catharina sem nome de familia, sem dote, sem protectores, captivado unicamente da sua belleza, tambem descobria agora mais formosura no rosto oval de Magdalena, do que nas faces proeminentes da filha de Vieira; mais formosura nos cabellos loiros cendrados da esposa de Brito, do que nas bastas e negras madeixas da sua propria mulher; mais mimo na alva cutis da portugueza, do que no gracioso moreno da oriental...

E, sem se aperceber de tal, Magdalena de Brito encontrava um prazer, novo para ella, na conversação do principe de Arracam, que lhe referia as façanhas cavalleirosas de seus reaes avós, e as proprias no mar e na terra; em quanto seu marido, desde que passara a lua de mel, só lhe fallava do resgate do oiro e do marfim, do preço da pimenta e da canella: contemplava o rosto bronzeado de D. Martinho, com todo o brilho do sol oriental, e, mau grado seu, achava-o mais varonil e franco do que o do negociante-guerreiro, outr'ora branco de neve, mas hoje amarellecido, ou antes esverdeado pelas febres de Moçambique e Sofala: emfim lastimava no intimo do seu coração aquelle principe indiano, por haver desposado a filha de uma *tancar* (barqueira), pois sempre ouvira dizer a seus parentes navegadores, que era aquella a ultima raça das mulheres chinezas...

Ai, tambem Catharina fazia comparações en-

tre Luiz e Martinho... e não eram ellas nada favoraveis ao seu consorte!

O orgulho do principe humilhava a descendente dos marinheiros, tornados negociantes em Macau; ao passo que, considerando-se europea por seu pae, sentia em si uma certa superioridade sobre o indio, embora elle fosse neto de reis. Brito era portuguez de sangue puro; e esta lembrança seduzia Aton, que se sentia attrahida para elle por um iman desconhecido.

Era amor... amor adultero!... o que sentiam estes quatro entes?

Talvez. Quem o poderá dizer hoje, quando nada resta dos seus cadaveres?

Só Deus o sabe.

Porém cada um dos quatro comprehendeu o que se passava no coração, ou pelo menos no espirito dos outros tres...

Desde esse dia, as mulheres odiaram-se com todo o rancor de duas rivaes, com o torpe rancor de adulteras!... Os homens mediram-se com furor, e sem dizerem de parte a parte uma palavra, levaram a mão ao punho das espadas!

D. Leonor, por sua prudencia, pôde evitar um conflicto vergonhoso entre Catharina e Magdalena. O viso-rei impediu que as espadas saissem das bainhas, e que houvesse a bordo um duello de morte entre D. Martinho e Brito.

Já então o mez de Julho tocava o seu termo; e ao descair de uma calmosa tarde dos tropicos, bradou da gavea do traquete o sota-gageiro:

«Terra, por barlavento da prôa!

Era o focinho do *Cabo Negro*, onde jaz o ultimo padrão das descobertas africanas de Diogo Cam.

Todos ficaram contentes a bordo, que vinham lassos da viagem, almejando repoisar alguns dias, e refazer-se de mantimentos e aguada.

Pouco, porém, durou a alegria, porque o mesmo marinheiro tornou a bradar da gavea, annunciando outra nova bem diversa.

« Duas velas, por gilavento!

« Grandes ou pequenos barcos? perguntou o capitão.

« Grandes, e veleiros; parecem-me naus de *ingrezes* ou *framengos*.

«Toca a postos! gritou o capitão-mór.

« A minha espada! tragam-me a minha espada! disse o viso-rei, que mal podia ter-se nas pernas, por effeito da doença.

« As nossas espadas! accrescentaram os dois cavalleiros rivaes, esquecendo momentaneamente os seus aggravos, para se unirem na defesa do pavilhão nacional.

As dez peças (cinco por banda) da tolda, foram logo guarnecidas com soldados e moços; outras tantas que havia na coberta foram confiadas aos passageiros e escravos; e as duas meias-esperas da popa (guarda-lemes) ficaram confiadas exclusivamente aos fidalgos. Os pagens conduziam a polvora do payol para a bateria; e as mulheres, inclusivè as de alta nobreza, encarregaram-se de acudir com agua aos combatentes sequiosos.

Em menos de meia hora tudo estava a postos e lestes; e já se enxergavam distinctamente os cascos dos dois navios, e as bocas das suas peças: eram naus de guerra, e procuravam o galeão.

« Içem a bandeira, e firmem-na com um tiro, bradou o capitão.

Assim se fez.

E os fogachos de dois tiros, seguidos do fumo e ribombo, responderam a este convite, em companhia do pavilhão neerlandez, que subia vagarosamente ao tope das naus.

O combate era inevitavel!

Continua. F. M. BORDALO.

A JULIA.

Que noite, ó Julia, que serena e bella!
Cada uma estrella, recamando o ceo,
Que de mysterios não révela ao ente,
Que tristemente seu pensar lhe ergueu!

Como da lua, que illumina o Tejo
N'um longo beijo de pudico amor,
Os tenues raios vem florir, contentes,
O amor nos entes e no prado a flor!

Mais cresce o affecto na tristeza amena
Meiga e serena d'esta luz sem par!
Nasceu a lua para o casto goso,
E o sol perigoso pode o amor tornar.

O dia é bello! Mas o sol que inflamma
Da casta chamma faz tambem vulcão;
Seus raios queimam, e da lua os raios
Nem dão desmaios, nem tormentos dão.

Prefiro a noite; sinto mais com ella...
Faz-se mais bella, mais e mais seduz
A ingenua imagem da mulher amada,
Illuminada da saudosa luz!

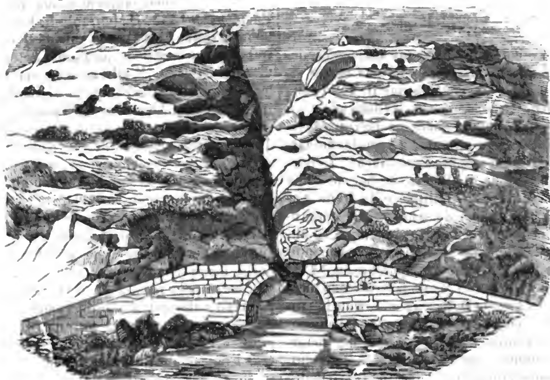
Julia, não achas que tem mais poesia
Esta magia meigamente ideal,
Que o lume ardente que o infeliz viandante
Prostra arrogante no deserto areal?

Pallido o astro que do ceo nos mira
Nada te inspira, minha Julia, diz?
Beija-te a face e não te diz, vaidosa,
Que és tu formosa e que me vê feliz?

Oh! diz de certo, n'esse olhar eu leio
Quanto o teu seio revelar não quer;
Mas lua e noite, mais a brisa pura
Dão-me a ventura... de indiscretas ser.

Os olhos baixas, e sorris e calas...
Oh! mais que as fallas, tudo falla aqui!...
Tua alma é d'anjo, teu olhar divino
És meu destino, vivo só p'ra ti!

MENDES LEAL (ANTONIO).



A SERRA DE FOZ.

Sobre a serra de Leire, na provincia de Navarra, cordilheira inferior das do grande Pyreneo, na direcção E. a O. em que se acha esta serra, no extremo O., distante meia legua da villa de Lumbier, encontra-se uma abertura formidavel que rompe a dita serra, apesar de ser toda de rocha viva até á base: a profundidade será de seiscentas varas perpendicular, sua largura de quarenta, cuja perspectiva é, ao passo que rara e maravilhosa, digna de observar-se detidamente; porque á sua vista não se pode calcular como e em quantos seculos póde o rio Irate formar similhante abertura para passar ao lado S. de toda a grande montanha. Na verdade é um phenomeno surprehendente da natureza, que detem o homem e o obriga a contemplal-o com admiração.

Do lado N. d'esta serra acha-se situada a villa de Lumbier, pelas immediações da qual passa o rio Irate, que segue seu curso até tocar na serra que atravessa, e sae á parte S. sobre a estrada que vae de Sanguesa a Pamplona, unindo-se emfim nas immediações de Sanguesa ao rio Aragão.

A Foz ou rotura d'esta serra, feita pelas aguas do Irate, apresenta a rara perspectiva egual á gravura que damos. A esta grande obra da natureza, unica e admiravel no seu genero, dá-se no paiz o nome de Foz de Lumbier por estar muito proxima áquella villa.

Em 1527 construiu-se na desembocadura do rio, na parte S. uma ponte que se chama do Diabo, e dava passagem para o caminho que tomavam os arreeiros de Jaca, e valles de Echo e Ansó, por onde faziam os seus transportes de Pamplona e S. Sebastião, evitando baixar a Sanguesa e passar o Aragão, para tomar d'ali a estrada que passa pela margem na Foz e ao S. d'ella.

Esta perspectiva dá logar a muitas reflexões, admirando-se o poder e sabedoria da natureza em todas as suas obras. Quantos milhões, quanto tempo teria empregado a arte para fazer outro tanto? Quantas vezes as aguas teriam devorado em seu caminho os povos da parte N., a não ter a sabia mãe commum determinado a sua sorte d'este modo, alcançando tal beneficio tambem a Sanguesa, porque o Irate, que se une ao Aragão já depois de sair em menor quantidade de aguas, impede, ao unir-se-lhe, o seu augmento de maneira a repetir-se outra inundação como a de 1787, que destruiu quatrocentas casas e fez perecer mais de quinhentas pessoas?

Em 1809 o general D. Francisco Espoz y Mina cortou a ponte do Diabo, quando situou o centro das suas operações entre Lumbier ou serra de Leire e os rios Irate e Aragão: desde aquella epoca conserva-se assim, como mostra a estampa.

Por ultimo, no mais alto da montanha, que está em segundo logar, ha uma ermida que se chama da Trindade, para subir á qual se gasta hora e meia.

A Foz tem duas mil setecentas varas de comprimento N. a S., e cento setenta e cinco na maior largura; o rio ordinariamente tem de cinco a seis varas de profundidade; e a montanha a elevação de oitocentas varas acima do nivel do rio.

Quanto mais me adianto na carreira da vida, mais vejo que o trabalho é necessario. Com o andar dos tempos torna-se elle o maior dos prazeres e substitue todas as illusões que se perderam. — *P. Corneille.*

O EX-MOSTEIRO DE MATALLANA.

Conclusão.

Fundado o mosteiro e entregue aos monjes, devia pensar-se na construcção de uma egreja digna da sua importancia. E já que D. Tello e sua esposa tinham costeado a sua instituição, e cedido para ella *o couto redondo com jurisdicção civil e criminal e mero imperio*, a casa dos monarchas quiz concluir a opulenta fundação. E effectivamente, a rainha D. Beatriz de Suevia (filha do imperador, duque D. Filippe e de Irene Angela), primeira mulher do santo rei D. Fernando III, fez principiar a fabrica do templo no anno 1228. Mas a morte atalhou os pensamentos d'esta senhora, levando-a ao sepulchro em 1235, quando começava a obra. Teria talvez ficado n'esse estado, se a grande D. Berenguela, mãe do santo monarcha, não abraçara o empenho de sua nora. Fez pois continuar a construcção, que se terminou felizmente, sendo abbade da casa Egidio. Em todos estes promenores concorda com o padre Florez a inscripção, existente entre os arcos da porta principal, e cujo theor é este em caracteres gothicos:

ANNO MILLESIMO DUCENTESIMO
VIGESIMO OCTAVO,
REGINA BEATRICE BONÆ MEMORIÆ CEPIT EDIFICARE
ECLESIAM, ET OBIT SUB
ERA MILLESIMA DUCENTESIMA SEPTUAGESIMA
TERTIA, ET EXTUNC REGINA
BERENGARIA CEPIT ECLESIAM FABRICARE:
ABBAS EJIDIUS.

Nos tempos do papa Leão X, no segundo anno da sua exaltação, sendo reis de Hespanha D. Isabel e D. Fernando, os Catholicos, e imperador de Alemanha Maximiliano XV, uniu-se este mosteiro á observancia de Castella, sob o reformador frei Valeriano de Olivença, e do abbade da casa frei Alonso de la Torre. Grandes e muitas eram as riquezas de Matallana em consequencia das numerosas e importantes doações de senhores e potentados. Além da primitiva, feita por D. Tello, seu fundador, el-rei D. Fernando, na era 1261, mandou por um privilegio que não podessem entrar no couto, senhor, nem justiça que não fosse a do monarcha. Queixavam-se os monjes de que os senhores seculares lhes arrebatavam as possessões e rendas, sem mais direito que a sua lança e poder. Parece mais natural ter sido por effeito das revoluções intestinas ou das vicissitudes publicas; pois n'aquelle tempo de grandeza theocratica, seria mui perigoso ter pendencias com os monjes, acariciados pela corôa.

Na mesma era fez D. Affonso X, sendo ainda infante, uma doação ao mosteiro. D. Tello deu-lhe tambem a villa de Fuentes de Ungrillo, despovoada hoje. Em 1300, D. Martin Affonso, filho d'aquelle rei, e sua esposa D. Maria Mendez, confirmaram e renovaram a doação. Thereza Peres, neta de D. Tello, senhora de Montealegre, Meneses e Villalba, doou tambem as suas possessões de Fuentes em 1333. O almirante D. Fadrique, primeiro no anno 1449, sendo abbade D. Garcia, deu tres mil *maravedis* de juro sobre as terras da sua villa de Palacios. E elle mesmo, em 1463, deu mais sete mil *maravedis* de juro, sobre as alcavalas da mesma. Além d'isso, os monjes tinham por outra doação seis mil *maravedis* sobre as terças d'ella. Outras doações de particulares se lhes fizeram em diversos tempos, de copiosos senhorios, rendas e pertenças, que por brevidade omittimos. As enumeradas bastam para provar a consideração e opulencia da cisterciense Mataplana.

Estava situado o mosteiro na confluencia das vertentes formada por uma porção de collinas, parte das quaes constitue a cadêa de Alcores, que corre pelo paiz a E. e O., e ao fim de um pequeno valle que desce do campo de Villalba, regado pelas silenciosas correntes do riacho Mijares, e guarnecido de alamos e freixos seculares. Esta melancolica alameda prestou pittoresco ingresso á portaria exterior, formada por um alçado de dois corpos doricos, atraz dos quaes se estendia um espaçoso atrio O mais notavel do edificio era a egreja, pertencente á escola gothica. dominante n'aquellas epocas. Era um formoso cruzeiro, com immensas columnas, que sustentavam elegantes arcadas e abobadas elipticas. Além das naves principaes, que formavam o corpo principal do templo, corriam parallelas á ellas outras cintas secundarias, com detalhes do estylo germanico. O comprimento era de duzentos e dez pés, sobre cento vinte e tres de largura; e altura proporcionada. O côro era junto ao cruzeiro, e n'elle estava o magnifico orgão, uma das primeiras peças d'arte no seu genero. A porta do templo, que caia entre N. e E., constava de dois arcos de baixo gothico, sobrepujados por outro, e ornados com pilastras diagonaes ao gosto bysantino. Tinha o edificio dois formosos claustros com seus pateos e jardins: um dorico, e o outro jonico, de que demos o desenho. Constavam de dois corpos com elegantes columnas e pilastras, que sustentavam vistosas galerias de arcos semicirculares. Este foi construido em 1592, e aquelle em 1760. O restante do edificio correspondia em solidez e circunstancias de commodidade ás pretenções de seus possuidores.

Mas a epoca dos monjes passou. E o espirito do seculo, que dirige a sua actividade por outras vias ao impulso da civilisação, não pode considerar estas construcções senão como monumentos de estudo sobre o tempo antigo, e de meditação ácerca das coisas da terra.

Os magistrados julgam da justiça dos homens; a opinião publica julga da justiça dos magistrados.

A moda tem um tal imperio, que chega a zombar das leis do pejo, e da honestidade.

FABRICAS QUE TINHAMOS NO FIM DO SECULO PASSADO.

A seguinte noticia, curiosissima sob todos os pontos economicos, e extrahida dos dados estatisticos officiaes, provará em que estado floresceram as artes entre nós, ha tres quartos de um seculo; e servirá para comparar com o nosso estado presente. Designamos as terras onde os productos se manufacturavam.

Abrantes. — Diversos tecidos de algodão simples, e com mistura.

Albarraque (immediações de Cintra.) — Chitas, e lenços estampados.

Alcanena (termo de Torres Novas.) — Sola, marroquins, e mais cortumes.

Alcobaça. — Cambraias lisas e lavradas; esguiões de todas as qualidades; lenços de cambraia lisos e lavrados; ruões de cafre; toalhas e guardanapos adamascados; acolchoados d'algodão; bombazinas d'algodão; fustões d'algodão; barretes d'algodão; meias d'algodão; velludos de algodão; velveretes d'algodão.

Alcolena. — Polvora fina e grossa.

Arguzello (comarca de Bragança.) — Grude.

Aveiro. — Baetilhas e pellucias d'algodão; linho; fustões; serafinas e varios tecidos d'algodão simples, e com mistura; loiça fina.

Azeitão. — Bombazinas d'algodão; fustões de algodão simples, e com mistura; velludos e velveretes; chitas e lenços estampados; fustões; baetilhas de lã estampadas, pelo que tinha privilegio exclusivo.

Alemquer. — Chitas e lenços estampados.

Batalha. — Grude.

Braga. — Sedas de matiz e lisas; fitas de seda, e galões, etc.

Bragança. — Diversos tecidos de seda, lisos e de matiz; algumas tinturarias de seda, etc.

Bucellas. — Chapeos finos.

Campo-Maior. — Sola, e mais cortumes.

Carnota. — Loiça fina.

Chacim. — Diversos tecidos de seda lisos, etc.; algumas tinturarias de seda, etc.; fiação de seda á piemonteza, e filatorio.

Chaves. — Chapeos finos e grossos.

Chellas. — Chitas, e lenços estampados, etc.

Coina. — Chitas, e lenços estampados; branquearia, e tinturaria, etc.

Cascaes. — Baetões; droguetes; cobertores de lã; limistes; pannos; silezias.

Coimbra. — Baetões; tecidos de seda lisos e de matiz; galões, e espiguilhas de oiro e prata, finos e falsos; fitas lizas e de matiz; loiça fina; cadinhos, etc.

Covilhã. — Agua-forte; baetas e baetões lisos; baetões de salpicos, no tear, e com agulha; droguetes, castores; pannos finos e ordinarios; silezias; serafinas; cobertores, e mais tecidos de lã; diversas tinturarias.

Covo (em Villa da Feira.) — Copos, garrafas, e mais vidros ordinarios.

Estremoz. — Loiça.

Elvas. — Chapeos finos.

Evora. — Chapeos finos.

Faro. — Sola e mais cortumes.

Freixo. — Diversos tecidos de seda lisos; diversas tinturarias.

Fundão. — Camelões; saetas; serafinas; tripes de lã.

Gaeyras (Obidos.) — Sola, e mais cortumes.

Guimarães. — Charneiras para fivellas; fustões; lenços lavrados; toalhas e guardanapos adamascados e atoalhados; cutelaria, etc.

Juncal (Porto de Moz.) — Loiça fina.

Lapa (Villa da Feira.) — Papel ordinario e fino.

Leiria. — Grude; tecidos d'algodão.

Louzã. — Papel fino.

Lumiar. — Fitas de linho, e nastros.

Lisboa. — Diversos tecidos d'algodão, simples e com mistura de seda, linho, etc.; assucar refinado; bezerros, com privilegio exclusivo; camurças e pellicas, etc.; cortumes de sola, etc.; botões de casquinha; botões bordados; bandejas de ferro e cobre, acharoadas; bombas para fogos, e diversas machinas; brochas e sovelas para sapateiros; caixas de papelão, com privilegio exclusivo; caixas, leques novos, e concertados; cadeiras de palhinha; cal; caracteres para impressão; cartas para jogar; chapeos finos; chapas para musica, etc.; charneiras para fivellas; charneiras para chapeos de sol; chitas e lenços estampados; doces de vidro para ornatos de mesas; espelhos; espiguilhas d'oiro e prata, finas e falsas; escovas de todas as qualidades; fios e palhetas d'oiro e prata, finos e falsos; folhetas para cravação de pedras preciosas, com privilegio exclusivo; folhetas para botões; ferragens para moveis; fundição de peças para relojos de torres; fitas lisas e de matiz; fitas de linho e d'algodão; fivellas de latão; fivellas de casquinha e de prata; ferrarias diversas; frocos; galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; instrumentos de cirurgia; lantejoulas; lacre; limas; loiça fina; marroquins; meias de seda; bolsas; barretes; cintas, e coifas de seda; obras de bijouteria; obras de cutelaria; obras de ourives; obras de funileiro; obras de latoeiro, de fundição, de lima, e de martello; obras de sirigueiros; obras de serralheiros; obras de torneiros, assim de metaes, como de marfim, madeiras, etc.; obras de surradores; ornatos d'oiro e prata, com embutidos e com pedras, assim para egrejas, como pessoaes; oleados grossos, e para chapeos de sol; papel pintado e estampado; perolas falsas e de vidro; pentes de marfim, com privilegio exclusivo; diversas quincalharias de estanho e latão; relojos d'algibeira, de parede, e de torre; rendas d'oiro e prata, finas e falsas; rendas de seda lavradas no tear; tapeçarias; tornos de torcer seda; tinturarias de seda; vidros adiamantados e lavrados; verdete; charões.

Na real fabrica das sedas, entre toda a sorte de tecidos, distinguiam-se as sedas brilhantes de matiz; cabaias á imitação das da Asia; cancelez lisos, de matiz, e abrilhantados; canotões;

carlés; damascos rasos, e com oiro; esperne-gões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; garça; lenços; lhamas; lustrinas: nobrezas de matiz, com metaes, lavradas, lisas, de riscas, e abrilhantadas; pellucias: primaveras; riços: sarjas lisas e lavradas: setins lisos, lavrados, de raminhos, de listas, matiz, salpicos, com metaes, e de ramos grandes; tafetás; tolotões; tiços; velludos lisos e lavrados a jardim.

Marinha Grande. — Vidros cristalinos e ordinarios para vidraças; adiamantar e lavrar vidros.

Moncorvo. — Fundição de ferro.

Mouta. — Sola, e mais cortumes; marroquins, etc.

Minho, Beira, e *Traz-os-Montes.* — Rezina extrahida dos pinheiros para deixar as madeiras similhantes ás de Flandres.

Odemira. — Sola, e mais cortumes.

Povos. — Sola, e mais cortumes.

Pombal. — Chapeos finos.

Penafiel. — Baetões e pannos.

Pernes. — Limas; diversas obras de serralheria; ferramentas de carpinteiro; verrumas; teares de meias.

Panasqueira. — Loiça de fogo, similhante á de Genova.

Portalegre. — Baetões; droguetes: pannos; silezias, e mais tecidos de lã.

Porto. — Assucar refinado: camurças, pellicas, e pergaminhos; diversos cortumes de sola; botões de casquinha; botões d'unha; bugias de cêra; chapeos finos; chitas e lenços estampados; folhetas para cravação; folhetas para botões; fitas lisas e de matiz; fivellas d'aço, ferro, etc.: galões d'oiro e prata, finos e falsos; grude; pannos de lã, finos e ordinarios; baetões e baetas; baetilhas; brins; lonas e meias lonas; loiça fina e de pó de pedra; meias de seda e cadarço; meias de laia, linha e algodão; obras de torneiro, assim de metaes, como marfim e madeiras; brilhantes de matiz; canelés; canotões; damascos rasos, e com oiro; espernegões; gorgorões lisos e de matiz; grodetus; lenços; lhamas; lustrinas; nobrezas; pellucias; primaveras; riços; sarjas; setins lisos, lavrados, de riscas, e de ramos; tafetás; tiço: velludos lisos e lavrados; troçal e retroz.

Rio de Mouro (Cintra.) — Chitas e lenços estampados.

Rio-Maior. — Loiça fina.

Sacavem. — Sola, e mais cortumes.

Sobral. — Tecidos d'algodão, tecidos de seda lisos e lavrados; fitas lisas e de matiz; cintas e lenços.

Setubal. — Rendas de linha; chitas e lenços estampados; sola e mais cortumes; sal.

Sete Rios (Bemfica.) — Chitas e lenços estampados.

Torres Novas. — Tecidos d'algodão; chitas e lenços estampados: azeite extrahido do bagaço da azeitona.

Trancão. — Antas; camurças e carneiras; pellicas, etc.

Tagarro (Alcoentré.) Sola e mais cortumes.

Tires (Cascaes.) — Chitas e lenços estampados.

Tavira. — Tapeçarias.

Thomar. — Meias, cintas e barretes de seda; meias de laia e barretes: coifas e bolsas de seda.

Unhos. — Sola e mais cortumes; grude.

Vianna. — Sola e mais cortumes; caixas de sola; loiça fina.

Valbom (Porto.) — Atanados e mais cortumes.

Vallongo (Porto.) — Tecidos de seda, lisos e de matiz.

Villa Nova d'Alverca (Trancoso.) — Grude.

Villa Nova (Thomar.) — Sola e mais cortumes.

Estes os principaes productos, porque as terras apontadas se tornavam distinctamente commerciaes, que muitas outras industrias deixámos de enumerar. Em presença d'esta estatistica official do anno de 1789, perguntamos se a nossa industria de hoje, especialmente a fabril, pode lançar injurias á do seculo passado?

F. D. d'Almeida e Araujo.

O SILENCIO.

Pode dizer-se em geral, a respeito do silencio, que faltam motivos para fallar, mas nunca faltam para calar; isto é, que basta, para guardar silencio, não ter obrigação de fallar.

BREVE DISCURSO.

Cicero não teve em todo o decurso da sua vida momento de maior gloria, do que no dia em que acabando o seu consulado, e preparando-se para arengar ao povo, segundo era costume, lhe foi cortada a palavra pelo tribuno Metello, que queria insultal-o. Cicero havia começado a fallar n'estes termos: — «Eu juro... quando o tribuno o interrompeu, e então lhe declarou, que não lhe permittia arengar. O orador olhando então para o povo, reduziu o seu discurso ás seguintes palavras: — «Eu juro que salvei a patria!» Todo o auditorio como arrebatado exclamou: — «*Nós outros juramos que disse a verdade.*»

***

Se destruirdes o direito de propriedade, o trabalho será substituido pelo ocio; a actividade pela inercia: o estimulo pela indifferença: a terra ficará inculta; as artes em abandono; a industria sem alento: o commercio sem effeitos.



UMA FAMILIA DE PESCADORES.

Este quadro de mr. Jeanron pertence ao duque de Luynes. Representa uma familia de pescadores tomando a sua refeição á borda do mar, junto a Ambleteuse.

Os desgraçados habitantes d'este paiz, de verão occupam-se na pesca, ordinariamente sem barcos, e com pessimas redes; e de inverno, em mendigar.

Temos a admirar a bella expressão das figuras, e suppomos que e um serviço que mr. Jeanron faz ao seu paiz natal o de familiarisar, pelo seu habil pincel, os parisienses com as physionomias e costumes d'aquelles pescadores, porque pode acontecer que os banhistas, tendo sido chamada a sua attenção por este meio, corram áquelle paiz onde podem satisfazer o seu gosto ou necessidade, concorrendo para minorar, por algum tempo, a sorte de taes infelizes.

Em consequencia do nosso gravador ter faltado com a estampa cujo artigo segue, damos a presente gravura, e para o numero seguinte estamparemos a que devera ser publicada hoje.

CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX.

No ultimo plano da gravura, vê-se a montanha Santa Victoria, que limita pelo éste a celebre planicie de Pourrières *(Campi Putridi)* onde Mario (102 antes de Jesus Christo) aniquilou um numeroso exercito de teutões. Conta-se que os romanos levantaram, no cume d'esta montanha, um pequeno templo dedicado á Victoria para perpetuar a lembrança da derrota dos barbaros. Na edade media, este templo foi convertido em egreja com a invocação de Santa Victoria. As muralhas de bello estylo, e verdadeiramente romanas, no meio das quaes se precipita a pequena ribeira *Cause*, parece serem os restos d'um grande aqueducto romano que condu-

zia as aguas, ainda muito abundantes hoje, da aldêa de Santo Antonino na colonia d'Aix. Esta aldêa está situada a oito kilometros da cidade. Algumas pessoas comtudo julgam ver n'esta muralha, que cerca ou devia cercar um vallesinho profundo, uma barreira destinada a formar um reservatorio ou lago artificial, como o que se construiu, ha alguns annos, a menos d'um kilometro, para levar a Aix, por meio do canal *Zola*, as aguas da mesma ribeira Cause. Não longe d'ali estão a aldêa e o castello, que teem âmbos o nome de Tholonet. O castello pertence ao marquez de Gallifet, cujo pae publicou a *Viagem na Provença*, onde se acha uma lithographia representando tambem este muro, esta cataracta e este sitio, um dos mais interessantes da Provença, e ordinariamente visitado pelos viajantes que se demoram em Aix.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(*Scenas navaes do seculo* XVII.)

Continuação.

V

GUERRA E PESTE.

As duas naus hollandezas, mais solidas, mais veleiras, e mais bem artilhadas do que a nossa, chegaram com todo o panno largo á prôa do Enxobregas; e manobrando com acerto, passou uma d'ellas a rastejar com o gurupez do galeão, que tambem as procurava, e prolongou-se-lhe com o costado de estibordo, em quanto a outra passando por bombordo lhe deu uma banda, e metteu em seguida a *virar*.

O Enxobregas achava-se entre dois fogos, e conhecia a vantagem que lhe levavam os contrarios; mas tambem contava muito com o valor da sua gente, principalmente se chegassem á abordagem, em que a valentia pessoal se podia experimentar nas armas brancas.

O capitão Moraes mandou pois diminuir de panno, o que se executou sem confusão, á voz de Pero Dourado, que estava á cadeira. O galeão ficou só em gaveas, e desembaraçado o convez das escotas e amuras dos papafigos. Em seguida ordenou bandas de fogo por um e outro bordo contra as naus inimigas, mas estas respondiam-lhe com outras bandas, e em seguida furtavam-lhe o costado virando por *d'avante*, com o que aproveitavam toda a sua artilharia, e não recebiam em cheio a metralha dos portuguezes. Ligeiras, com todo o seu velame largo, executavam esta manobra com presteza, em quanto o Enxobregas apenas guinava a um lado e a outro, com pesados movimentos; porém a guarda da sua bandeira estava confiada ao braço e ao estoque do visorei; a defesa da varanda e chapiteo da popa a cargo do ex-capitão de Cananor; promptos, os primeiros, a abordar, estavam no castello de prôa, de espadas na mão, D. Martinho e Luiz de Brito. Os outros fidalgos conservavam-se na tolda, para defesa d'aquelle logar e serviço dos guarda-lemes. O mestre e o contra-mestre vigiavam os portalós; e os artifices tapavam os rombos que fazia no costado a artilharia inimiga, e acudiam a atalhar qualquer incendio que se ateava em alguns dos muitos combustiveis de bordo.

Vendo, porém, o capitão, depois de meia hora de combate, que o plano dos contrarios era metter-lhe o galeão a pique, sem nunca se chegarem á abordagem, mandou içar de novo as velas que amainara, e ainda metter monetas; porém um tiro certeiro do inimigo cortou as ostagas do traquete, e veiu a baixo a verga, que se partiu em dois pedaços, ficando *empachada* a artilharia da prôa com a vela e os respectivos cabos. Estava pois perdida a ultima esperança de dar caça aos hollandezes.

A noite, entretanto, tinha fechado de todo, e a cacímba tornava opaca a atmosphera; mas os contendores ainda se viam, e o capitão formando á pressa conselho com os mais prudentes e autorisados officiaes e passageiros do galeão, propoz-lhes deitar direito á costa, para reparar a avaria na *Angra do Negro* ou em Benguella, visto que os batavos se não chegavam á abordagem, e não era possivel caçal-os.

Assim se resolveu, e o piloto mandou arribar para o norte.

Não tardou que os hollandezes percebessem a manobra; e julgando que os nossos lhe fugiam por medo, fizeram força de vela nas suas aguas, e em pouco tempo estavam na alheta do Enxobregas.

Então trabalharam devéras as *meias-esperas* da popa, e com acerto, que um pelouro seu quebrou o gurupez da nau que vinha mais proxima. Deixando esta para ré, a outra nau hollandeza veiu prolongar-se com o galeão, tentando, talvez, abordal-o finalmente.

Porém succedeu-lhe um horrivel sinistro! Ateou-se-lhe o fogo a bordo com uma rapidez e intensidade pasmosas, e em breves instantes toda a nau era chammas! O Enxobregas deitou á popa arrasada, para fugir do contacto d'este inimigo, agora perigosissimo; e a sua gente sentiu uma temerosa explosão, e observou com espanto fazer-se em pedaços o valente navio contrario, ao som dos gritos de desesperação que soltavam na derradeira agonia os seus tripulantes.

Os maritimos são sempre generosos. Qualquer acreditaria facilmente que o primeiro movimento do galeão Enxobregas seria dirigido sobre a nau hollandeza, que com a perda do gurupez, chave da mastreação, perdera os outros mastros, ficando rasa, e por tanto impossibilitada de navegar. Seria uma conquista facil. Mas não se tratou d'isso, em vista da perda da outra nau; pelo contrario, toda a guarnição portugueza, a uma voz, requereu que se lançassem ao mar os bateis, e que se salvassem da agua os inimigos que houvessem escapado do fogo.

Não succedeu assim aos nossos da nau *Chagas*, em 1591, pois que ardendo-lhe a embarcação, quando combatiam com tres vasos inglezes, foram recebidos nas pontas das lanças britanicas, e muitos d'elles assassinados, entre as vagas do Oceano! (*)

O esquife e os bateis desceram com effeito ao mar, e os marinheiros á porfia se lançaram a elles para irem salvar os naufragos. Com grande trabalho ainda conseguiram trazer para bordo do galeão uma duzia de infelizes, mas todos elles mutilados, e dos quaes nem um só escapou á morte, proveniente das feridas. Depois dirigiram-se, seguidos do galeão, para a outra nau, arvorando bandeira branca, e sem resistencia se apossaram d'ella, desarvorada, e que já se ia a pique, com a muita agua que fazia. Cento e doze prisioneiros, entre officiaes, soldados e maruja, entraram a bordo do Enxobregas, e foram ahi mui bem tratados, principalmente os feridos.

A perda dos portuguezes fôra pequena, em relação ao encarniçamento do combate. Dois mortos e onze feridos, tudo marinheiros e escravos. Dos hollandezes perdera-se o almirante, e mais de duzentos tripulantes da frota. Quanto ás suas embarcações, se uma se espalhara em pedaços sobre as ondas, como vimos, a outra não tardou em submergir-se nas aguas!

Assim terminou esta renhida peleja; e o galeão seguiu a sua derrota direitamente para Angola, pois que, desassombrado de inimigos, tinha occasião de *deitar acima* uma nova verga de traquete, em logar da que partira.

Seguindo ao longo da costa d'Africa, em distancia de cinco leguas d'ella, avistaram as barreiras escalvadas, onde o mar rebenta com furia ao sul da *Angra do Negro* (hoje chamada bahia de Mussamedes); depois o morro do *Sombreiro*, extremidade meridional da bahia de Benguella, onde começava a prosperar uma colonia portugueza, fundada ahi em 1617, e que se tornou em cidade muito commercial, mas assaz doentia; em seguida enxergaram o morro de *Benguella a velha*, que dá idéa do Cabo do Espichel, na nossa costa, apoz o Cabo *Ledo* (bem pouco ledo que elle é!). E logo a ponta da *Palmeirinha*, e a ilha de *Loanda*, e a cidade de S. Paulo.

Bordejando dobraram a ponta da ilha, e surgiram em frente da feitoria, aonde então se despachavam os negros para o Brazil.

Do outro lado via-se a cidade, adornada de bandeiras e galhardetes, por ser o dia 15 de Agosto, terceiro anniversario da restauração de Loanda, do poder dos hollandezes, por Salvador Corrêa de Sá e Benevides.

A mór parte da tripulação e passageiros, escoltando os captivos hollandezes, desembarcou pouco depois de amarrado o navio, e dirigiu-se ao palacio do governo, d'onde em companhia d'este, do veneravel bispo, conegos e mais ecclesiasticos da sé d'Angola e Congo, com acompanhamento tambem de muito povo curioso, foram render graças a Deus e á Virgem Santa de os trazer até ali a salvamento, e com perda dos inimigos da religião catholica, ante o altar de Nossa Senhora da Assumpção, que se festejava n'esse dia, e que dera sobrenome á cidade.

A noite passou-se em folgares; mas logo na manhã seguinte se tratou de reparar o galeão, para seguir melhor apparelhado na volta de Lisboa, do que viera até ali, tanto no que dizia respeito á navegação, como ao encontro de inimigos; porém a *carneirada*, que n'esse anno caiu com immensa força sobre Angola, começou a dizimar a gente da nau, a tal ponto que, uns mortos outros doentes, tiveram que deixar todo o carrego das obras de bordo aos artifices da cidade e gente das lanchas costeiras. Todavia o fabrico progrediu, Deus sabe como, é verdade!... e por meiados de Outubro estava a nau apparelhada, alcatroada e pintada.

Parece-nos que o leitor já terá notado, com desprazer, que abandonassemos por tanto tempo os personagens d'esta veracissima chronica por quem, seguramente, mais se interessa. Não é assim?

É de certo! Mas não os esqueceu o chronista... Elles é que dissimularam, os quatro adulteros, seus peccaminosos desejos, e seus criminosos planos, até á chegada a terra.

Logo que desembarcaram em Loanda mostraram todavia que não havia esquecimento de injuria, nem menos odio de parte a parte; porém o velho Mascarenhas fazia vigiar de continuo os dois mancebos, e D. Leonor não perdia de vista as jovens rivaes. Além d'isto, Magdalena enfermou com o mal da terra, e como o seu estado dava serios cuidados, tiveram ainda de se reprimir por mais algum tempo os dois implacaveis inimigos.

Aton, a chineza, nascida sob o tropico, e habituada a viver nos climas não menos ardentes da India, era talvez a unica pessoa, das que aportaram a Angola no galeão Enxobregas, isenta do menor ameaço de carneirada; pelo contrario estava nutrida, rosada, muito mais formosa; em quanto a sua rival pallida, abatida, se consumia em presa a uma febre lenta mas terrivel.

Luiz de Brito, o ingrato, o infiel, esquecia a esposa que agonisava n'um leito de dôres, para só se lembrar do seu amor e da sua vingança... mas já menos d'esta do que d'aquelle! Era cavalleiro e brioso, sim; mas a causa da projectada vingança estava prestes a sumir-se... e o alvo do amor cada vez mais bello, mais esplendido de attractivos!...

D. Martinho é que estava mais do que nunca empenhado em arrancar a vida ao fidalgo portuguez; porque a sua paixão por Magdalena esfriara, vendo-a no leito da morte, sem côr, sem falla, sem movimento... Sempre era amor de um indio!... E voltava de novo a adorar a ultrajada esposa, que o repellia com despreso, e amava ternamente o quasi viuvo da sua rival.

(*) Vidè Panorama. Vol. xi. Pag. 333.

A febre do amor e da vingança, junta á febre endemica do paiz, havia prostrado tambem no leito os dois cavalleiros, quando Magdalena deu o ultimo suspiro.

A quem achar prosaica esta morte da filha de Ruy da Cunha, lembraremos que não foi mais poetica a do apaixonado poeta da *Menina* e *Moça*, que tambem se finou da *carneirada* em S. Jorge da Mina.

Ruy da Cunha e Leonor, desesperados pela morte da sua filha querida, instaram com o governador de Angola para que obrigasse a ficar na terra o que elles chamavam assassino de sua filha; porém aquelle, apesar de amigo velho da familia Cunha, só lhe prometteu cumprir os seus desejos, no caso que Luiz de Brito desse algum pretexto para se fazer tal violencia.

O pretexto, e grave, não se fez esperar por parte do recente viuvo. Nas vesperas da partida do galeão, e achando-se já restabelecido das febres que soffrera, encontrou no *largo do Palacio* o seu rival e a sua amante, que vinham de visitar o governador; e furioso de ciume, de raiva, accommettido de subito delirio, arremessa-se a D. Martinho, separa-o da esposa, arranca-lhe a gorra, rasga-lhe o peitilho, e sacode-o pelas pontas de seus compridos bigodes!...

Isto foi rapido como o pensamento, e portanto impossivel de prever e de evitar.

O governador, que estava no balcão central do palacio, gritou para a sua guarda que prendesse o aggressor; e antes que D. Martinho tivesse tempo de desembainhar a espada, estava Luiz de Brito manietado, e interpunha-se entre ambos uma barreira de corpos humanos.

«Sangue! sangue! bradava o principe indio, de espada em punho, diante das janellas do palacio.

«Justiça se fará! respondeu energicamente o governador.

A moda dos duellos já tinha acabado n'esse tempo entre os portuguezes; e nunca mais voltou, a *serio*, até hoje... Deus louvado!

Como se vê, estava achado o pretexto, e mais do que pretexto, para reter em Angola a Luiz de Brito. Ruy da Cunha e sua esposa criam haver vingado a morte de uma filha querida; e posto que enfermos, como a maior parte dos seus companheiros de viagem, embarcaram mais satisfeitos do que o fariam apar d'aquelle odiado genro.

D. Martinho é que não tornou a ver um sorriso nos labios de sua esposa. Cada vez mais fria para com elle, a chineza, que escapara á carneirada, não evitou o *spleen* (como hoje se diria) e tornou-se quasi uma estatua. Ao principe, injuriado pelo rival, e despresado pela mulher, lembrou-lhe o suicidio... mas esse meio ainda não era então moda tambem! Quem escapou á febre, embarcou por fim no galeão, em dia de Finados, 2 de Novembro de 1651, mas quasi toda a gente mais para morrer do que para trabalhar! Quanto a Luiz de Brito, segundo dizia o governador, iria dar um passeio, pouco hygienico, pelas margens do Cuanza, e demorar-se em Massangano por algum tempo, onde provavelmente se finaria de doença.

Postas as ancoras em cima, soltas as velas, e dando e recebendo o costumado: *Boa viagem!* lá se foram os nautas afastando de Loanda no malfadado galeão Enxobregas, que singrava quatro a cinco milhas por hora, aproando ao nornoroeste e noroeste, com vento largo do quadrante sudoeste, e amura a bombordo.

Á vista da ilha da Ascenção lançaram ao mar com todas as solemnidades militares e religiosas o cadaver do velho D. Filippe Mascarenhas, a quem Deus já destinara que não tornasse a ver a patria, depois de seis annos d'ausencia! Melhor foi assim, que evitou os trabalhos que ainda estavam reservados para os seus companheiros de viagem.

Até ao Equador tiveram bom tempo, e vento na vela; mas ahi começaram-lhe as calmas, depois as trovoadas; e quando principiavam a convalescer das febres d'Angola, entrou com elles o escorobuto, fructo da ruindade do mantimento, e da má agua que apodrecia nos toneis, a ponto de fazer algumas victimas, e deixar muitos estropeados.

Quando chegaram pela altura de Cabo Verde, já não haviam a bordo mais do que cento e dez almas, mas nem cincoenta corpos em estado de supportarem as fadigas de um temporal ou d'um combate!

N'estas tristes circunstancias se aventuravam, no rigor do inverno, a demandar o procelloso mar dos Açores, quasi sempre salteado de naus de herejes ou de infieis!...

Que valentias se praticam cá em terra, comparaveis a estas temeridades navaes?

Vereis o resto.

Continua. F. M. Bordalo.

BREVES REFLEXÕES SOBRE OS EFFEITOS GERAES DA REVOLUÇÃO FRANCEZA.

Conclusão. (*)

As alterações, que a revolução franceza fez na politica, seja quanto ao estado publico dos governos, ou seja em quanto ás opiniões, idéas, e systema dos governados, e dos governos entre si, são mais sensiveis, e de maior peso, e influencia do que á primeira vista parecem. Em primeiro logar havemos visto (considerando a politica geral dos governos) uma nação que até então passava por meia selvagem, como era a Russia, condemnada pela natureza, e pela antiga politica dos gabinetes europeus, a não ser temivel e influente, senão para os tartaros da extremidade da Asia, vir hoje, por culpa da revolução franceza, influir não só em os negocios publicos do norte da Alemanha, e da Turquia, (que sem a concorrencia das outras potencias

(*) Do num. 43.

teria ultimamente perdido a sua nacionalidade), mas em os de toda a Europa, e ainda em os de todo o mundo, e concorrer, como um dos primeiros arbitros da terra, ao congresso dos reis. Da mesma sorte se ha visto a Inglaterra, por culpa da mesma revolução, e do louco systema seguido por Bonaparte, destruir todo o equilibrio do poder maritimo, dando cabo de todos os seus elementos com a ruina da marinha de guerra, e mercante da Hespanha, França, Hollanda e Dinamarca, e com isto e com os seus direitos maritimos, ficar só em campo, sem rival, que lhe podesse contrapesar o poder, constituindo um direito publico maritimo a seu modo, e dominando em todos os mares e suas dependencias, mais largamente do que nunca o fizera Bonaparte sobre o continente. Eis-aqui um dos maiores males que ha feito ao mundo a revolução de França, mal irreparavel ao qual não póde o congresso de Vienna dar cabal remedio, deixando á Inglaterra a pacifica preponderancia dos mares, contra a qual não ha pôr-lhe freio ou limite politico.

Passemos agora a considerar os effeitos da revolução franceza, segundo influiu nas idéas politicas dos povos. Quando rebentou em França a revolução, haviam lá em verdade numerosos abusos que reformar, como eram, a dilapidação das rendas publicas, que havia produzido um grande atraso, desde o tempo de Luiz XIV, e mormente na epoca do regente; o modo arbitrario de lançar tributos; o pessimo systema da sua cobrança; os excessivos privilegios feudaes, que alimentavam a insolencia da alta nobreza; a incerteza do direito, pela grande variedade das jurisdicções; o despotismo dos magistrados de policia; as famosas *lettres de cachet*, pelas quaes o cidadão, sem processo e sem sentença, era muitas vezes por toda a vida recolhido em um segredo, e diversas outras violencias que ao lêl-as ainda hoje causam horror. Os revolucionarios se fortaleceram com a existencia d'estes abusos; protestavam e proclamavam a todos os povos que elles só tinham no animo o extirpal-os, e substituir-lhes uma nova ordem de coisas, e um governo regular, que, pugnando pelos direitos e dignidade do homem, e do cidadão, quebrasse para sempre os ferros da tyrannia, e da escravidão, e estabelecesse para o diante as solidas bases de uma justa e legitima obediencia das nações, e de uma suave e paternal autoridade dos governos. Quem não abraçaria tão especioso partido, ou não cairia em tão lisonjeiros engodos? Os povos da Europa eram pela maior parte mal governados, e gemiam como os francezes, aeurvados ao peso insupportavel de todos estes abusos, e de outros vexames e tyrannias; portanto não é muito que então pensassem como os francezes, e a favor da causa d'elles, que então parecia a causa de todo o genero humano, fazendo votos secretos no fundo dos seus corações para que a revolução triumphasse. A isto se deve em boa parte attribuir a facilidade das conquistas dos francezes n'essa epoca.

Mas o prestigio foi de curta duração; em breve os cabeças da revolução deixaram descortinar os seus horrorosos fins, afogando a França em rios de sangue, e entregando este formoso paiz a todos os horrores da anarchia, e politica dissolução; então os povos das outras nações, perplexos com um tão novo espectaculo, vendo, em vez da liberdade politica, os tumultos e alvorotos dos pretorianos e janisaros; vendo reinar, em vez da republica, a licenciosidade militar, o orgulho, e a impudencia de uma plebe sem freio, o odio dos partidos, a anarchia, e a confusão, vacillaram em seus juisos e estremeceram. Bem depressa a anarchia foi seguida do mais brutal despotismo, que presencearam as edades, pois não se limitou ao paiz das Gallias, mas abrangeu, como se fôra uma rapida inundação, todo o continente da Europa de um a outro fim: então não só os povos tremeram; os reis e todos os governos, mais do que os mesmos povos, se horrorisaram, e receiaram a voragem e precipicio que se abria diante dos seus olhos; d'ahi nasceu tambem a conspiração de todos os governos, e a cooperação de todos os povos que atearam a guerra nacional europea, e acabaram com o despotismo do imperador dos francezes.

Este despotismo continental, ainda que por extremo pesado aos povos, na epoca em que o soffreram, não deixou todavia, depois de passado, de lhes ser util para a sua liberdade externa, e interna; — áquella, porque os governos tiveram todos uma boa lição para mais se não abandonarem á influencia de estrangeiros — e a esta, porque os povos, valendo-se da necessidade que d'elles tinham os seus governos, para repellir os ataques das forças estrangeiras, ousaram (o que até então nunca tinham feito impunemente) representar aos seus proprios governos, com energia e dignidade, as reformas internas e os melhoramentos que se faziam mister para sua felicidade, e melhor poderem resistir ao tyranno. (*)

Aonde menos podiam fallar e escrever abertamente os escriptores assim mesmo caminhavam aos seus fins, e formavam a opinião publica, amaldiçoando Bonaparte, e o seu governo, e reprehendendo-os de vicios e vexames, que muitas vezes eram em tudo simelhantes aos dos governos das terras aonde escreviam. O povo começou a ter politica, e a ser imbuido em todas as sciencias moraes, que com ella tem connexão, e por isso foi aprendendo os elementos naturaes, que ensinam o que os povos devem aos seus governos. Além d'isso o exemplo da França,

(*) Até no nosso Portugal, quando deitámos fóra os francezes, houve liberdade de escrever por algum tempo, em quanto o governo se não recobrou do susto, e de todo se não julgou bem seguro; e tanto assim, que á então imprensa regia, baixou um aviso do governo para lá se imprimir sem alguma censura, ou pelo menos sem o menor estorvo, ou escrupulo, tudo quanto se quizesse dar á luz.

victima primeiro da anarchia, e caida depois em um agigantado despotismo, extremos sempre funestos ás nações, e o documento vivo que offerecia a Inglaterra, que de ambos estes extremos soube livrar-se, e resistir ao poder colossal de Bonaparte, não podiam deixar de gravar no animo de todos os povos o desejo ardente de um governo modelado sobre o da Grã-Bretanha, que á sombra da sua constituição tem chegado ao grau de prosperidade em que se acha.

Os governos não tem estado todos concordes com as opiniões e necessidades dos seus povos, com as luzes do seculo, e com as lições da experiencia; todavia alguns ha que de todas estas razões se tem aproveitado, procurando melhorar a condição do povo; tal por exemplo é a Belgica sob o governo do illustrado Leopoldo, tal é o imperio do Brasil sob o governo do popular imperador D. Pedro, e tal é o nosso Portugal tendo á sua frente o esperançoso D. Pedro v, e continuando no estado de tranquillidade que desfructamos ha seis annos, vendo progredir os seus interesses materiaes, e melhorar os ramos da sua administração.

É por certo grande cegueira a dos governos absolutos, em não quererem ver o perigo que a todos os instantes os ameaça, como a espada de Damocles, que pende de um delgado fio sobre suas cabeças, sem quererem trocar a sua precaria e incerta condição por um destino seguro, estavel e venturoso.

Mas voltemos ao nosso assumpto, e consideremos agora os effeitos da revolução franceza no commercio e industria dos povos. É certo que por effeito do louco systema continental, algum tanto se cultivaram, como necessarios, os recursos do commercio, pois muitas nações se viram obrigadas a tirar do seu seio os productos e manufacturas, que não podiam haver do estrangeiro, e n'este ponto de vista, algumas artes, entre ellas a agricultura, foram cultivadas; porém ou fosse pela bastardia das producções exoticas, as quaes repugnam aclimatar-se em terrenos contrarios á sua natureza, ou seja pela falta de rivalidade e concorrencia, ou pelo menor consumo e extracção, que desanima o fabricante, e tolhe ás manufacturas a perfeição, ou pelas taxas de guerra, e estancos do monopolio, que deitaram a perder, ou seccaram muitas fontes de industria e prosperidade, ou finalmente por o concurso de todas estas causas, a verdade é, que o commercio em geral padeceu muito, e só ha poucos annos tem recobrado parte das passadas perdas.

A arte da guerra (arte infelizmente necessaria) dizem os entendidos ter sido levada á perfeição. Assim será, e não negaremos que a revolução produziu grandes capitães; mas porventura não os houve tambem no seculo de Luiz xiv? E como decidir quaes eram melhores quando se torna impossivel um exacto parallelo e comparação?

Quanto ao modo de fazer a guerra, que é o que propriamente se diz a arte da guerra, a ultima campanha do Oriente deixou pouco a invejar aos generaes republicanos.

Pelo que pertence ás bellas artes, que formam o polido gosto das almas delicadas em França, e em todas as partes da Europa, aonde tinham patria, esmoreceram encolhidas, e notavelmente decairam, como era de esperar, no meio do bulicio das armas, e confusão da guerra. Dir-se-hia com verdade, que as musas, que as presidem, fugiram então espavoridas ao rouco som das trombetas de Marte; a musica, a pintura, a architectura, e mórmente a divina poesia, apparecem, como de todos os tempos se notou, só em o seculo dos Augustos, quando vêem fechada a porta de Jano, quando os principes lhes dão *premio e favor que as artes cria*, e tambem quando a nação é feliz com o seu governo, e tem obrado gloriosos feitos que dá vontade de celebrar. É verdade que Bonaparte trouxe para França as producções milagrosas de Rafael, Ticiano, Velasques, Miguel Angelo e outros; mas de nada serviram para o adiantamento da arte, que não prosperou, nem podia prosperar em uma terra onde os artistas a todas as horas esperavam ser chamados ás armas.

A eloquencia, considerada entre as humanidades como uma das boas artes, padeceu notavelmente com as idéas, e mudanças da revolução. Os francezes tinham modelos de estylo, e de eloquencia, que todos os bons engenhos faziam por imitar. Montaigne, Racine, Bossuet, Arnaud e outros eram perfeitos modelos para imitar, mas a revolução confundiu o simples com o trivial, e como as idéas, que então atordoavam as cabeças, eram chimericas e extravagantes, d'ahi veiu uma eloquencia barbara e depravada, que felizmente acabou.

Quanto ás sciencias, estas houveram melhor sorte. Antes da revolução havia sabios illustres, que não se espantaram com o estrepito das armas, nem interromperam os seus estudos. Os chefes da revolução, ou por calculo, ou por amor ás sciencias fizeram caso d'ellas, e alguma protecção lhes concederam, no que Bonaparte quiz imital-os. Em verdade, porém, estas foram mais ajudadas das circunstancias particulares em que se achavam, do que dos favores dos homens do poder, porque a uns falleciam os meios para as favorecer, e outros não o faziam pela razão que da o nosso poeta

Que quem não sabe a arte não a estima.

Aqui poremos remate ás nossas reflexões, tendo apontado alguns dos effeitos geraes da passada revolução franceza, que nenhum proveito trouxe á moral, á politica, ás artes, e mui pouco ás sciencias. Agora ninguem pode gabar-se de colher da marcha das idéas, quaes serão as revoluções, ou progressos que todos estes objectos experimentarão para o futuro; porém se nos não erra o juiso, podemos esperar que as tremendas lições da revolução que acabou, o esgotamento geral das forças, o mutuo interesse, e de-

pendencia do commercio, e a perfeição progressiva das sciencias, e artes uteis, darão ás gerações futuras, senão uma paz geral não interrompida, ao menos tempos mais folgados, do que as epocas calamitosas que passaram. Assim aprasa á Providencia. * * *

PRESENTE E PASSADO.

Immersa em trevas a minh'alma inanime,
Nem tinha alentos p'ra gemer a dôr!
Nem tinha ao menos uma voz sympathica,
Que d'uma esp'rança lhe mostrasse a flor!

Perdido estava; qual perdido um nautico,
Que em mar em furias o sepulchro vê;
Assim minh'alma, desvairada e misera,
No ceo, no Eterno nem já tinha fé!

Buscara affectos e buscara-os avido,
Como o viandante que, perdido, quer,
Morrendo á sêde nas soidões d'America,
A fonte amiga bem que ao longe ver.

E nada achava! só mentira cynica,
Em vez de extremos encontrara então!
Apoz o engano veiu entrando a duvida,
Que pouco a pouco foi tomando acção!

E fui descrendo! — Se me achava sceptico! —
De tudo e todos, té descri de mim!
Nem tinha prantos, d'esses prantos intimos
Que a dôr minoram d'um soffrer sem fim!

Tortura immensa! De tal modo extatico,
Levava a vida sem um goso achar!
Que o mundo ao ver-me me dissera estatua
De escarneo viva d'um cruel zombar!

Á noite escura da existencia lugubre
Succede aurora de fulgente luz!
Que luz é esta, que se mostra subita?
Que luz é esta? porque assim seduz?

Que luz é esta, que me estala o marmore
D'est'alma afflicta? que me faz verter,
Sulcando as faces, uma doce lagrima,
Nuncia do Eterno que me ensina a crer?

Oh! Deus que importa! se esta luz benefica
Me aquece a vida! se dizer-me vem:
Recobra esp'ranças, e recebe o balsamo
Que âs magoas cura do desejo além!

E a luz que vejo, resplendendo vivida,
Oh! não, não mente... que a minh'alma a crê!
Fulgiu de uns olhos de ternura languidos
Ai! d'alma espelhos, onde amor se lê!

Já sinto e vivo porque a virgem pallida
Fitou-me os olhos e sorriu, tremeu...
E a virgem bella nos olhares pudicos
Ao triste um mundo de esperanças deu!

Minh'alma agora, n'uma crise rapida,
Trocou desgostos por ardente amor...
Tendo orvalhada d'uma aurora limpida
A flor do affecto, da esperança a flor!

Salvaste-me, anjo, dos abysmos horridos
Em que eu caira sem o teu sorrir!
Sorrir de virgem, na affeição sollicita,
Em que eu soletro: «crença, amor, porvir!»

MENDES LEAL (ANTONIO).

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Sob este titulo, publicou-se em um dos primeiros jornaes litterarios do visinho reino, o anno passado, um curiosissimo documento, que, posto tivesse já em 1820 visto a luz da imprensa, era pouco conhecido.

Este documento, que publicamos em seguida, vem no mencionado jornal acompanhado d'outro que era até então inedito, e que o senhor D. José Guell y Renté desencantou, procurando, como elle diz, dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Publicando-os, abstemo-nos de commentarios. Satisfazem-nos as reflexões que os precedem, escriptas pelo senhor Guell y Renté.

Devemos comtudo uma declaração aos leitores.

Omittimos algumas palavras que se acham no original, porque a decencia nos aconselhou a isso. O *santo* tribunal da inquisição, que, como todos sabem, *era por extremo escrupuloso*, não recuava diante de nenhuma infamia, de nenhuma torpeza, para conseguir os seus fins, que se não sabe ao certo quaes eram.

Os dois documentos, escripto o primeiro vinte annos depois do outro, mostram o espirito evangelico do rei Filippe II e dos que compunham toda aquella caranguejola chamada santo officio, e põem em relevo a illustração da epoca em que foram escriptos. São uma das mais brilhantes paginas da historia da inquisição.

«No anno de 1820 publicou-se na imprensa de Collado o auto de fé celebrado na cidade de Logronho nos dias 7 e 8 de Novembro de 1610, sendo inquisidor geral o cardeal arcebispo de Toledo, D. Bernardo Sandoval y Rojas, annotado por D. Ginès de Posadilla, que não era senão o celebre poeta D. Leandro de Moratin.

Esta relação extraordinaria no seu genero pela pontualidade com que está descripto o facto, em que figuram como foram os ministros e auxiliares da inquisição, e muitas pessoas de todas as condições; este auto da fé, famoso pela classe de delinquentes e pela crueldade das testemunhas, é digno da publicidade dos nossos tempos; mas ao desenterral-o do esquecimento, vou dar conta do notabilissimo documento que, so-

bre o mesmo assumpto escripto vinte annos antes, encontrei na bibliotheca de Madrid, buscando dados que se referiam a outras causas mui interessantes.

Tres seculos durou o tribunal da inquisição em Hespanha; tres seculos que passaram para nunca mais voltarem, deixando enlutadas e cobertas de sangue muitas paginas da nossa pobre civilisação.

Erros mui absurdos se propagaram durante o seu imperio. Delitos impossiveis de serem commettidos foram castigados com pomposa e cruel solemnidade. A autoridade dos poderes do estado caiu desfeita ante a vara do tribunal da fé. Atropellados os direitos dos homens, e as leis venerandas da Hespanha, a justiça perdeu o seu imperio, o fanatismo e a ignorancia levantaram os seus idolos e altares, e a propria razão, perturbada pelo medo e perseguição, dobrou o collo e fechou os olhos, sem levantar nenhum grito n'aquellas scenas lamentaveis e vergonhosas.

Só assim se comprehende que tantos engenhos, como n'esses seculos teve a Hespanha, não desfizessem com a sua poderosa intelligencia as nuvens de *barberie* que involveram aquelles lamentaveis tempos; mas que muito que calassem, quando entre elles mesmos houve quem cresse em apparições e mysterios incomprehensiveis e fabulosos?...

Deixemos suas fraquezas, covardias ou conveniencias: não queiramos exigir d'elles o que o seculo talvez necessitava: lembremo-nos d'algumas coisas que succedem hoje mesmo, que passados estes tempos serão motivo de escarneo e despreso. Cada seculo tem as suas extravagancias: aquelles eram d'inquisição, os nossos tem suas manchas, que não quero mencionar, porque o meu fim, ao recordar o auto da fé de 1610, é juntar-lhe a carta do inquisidor de Calahorra ao condestavel de Navarra, manuscripto famoso e que lança raios de luz sobre a barbaria e crueldade d'aquelles successos.

O leitor comprehenderá o interesse d'este escripto, util para esclarecer as duvidas dos que se dedicam a escrever as causas da situação actual e os motivos da barberie passada.

João Mongaston, impressor da cidade de Logronho, com approvação de frei Gaspar de Palencia, guardião do convento de S. Francisco e consultor do santo-officio, e com licença do doutor Vergara de Porres, chantre e conego de Nossa Senhora de la Redonda da mesma cidade, imprimiu no anno de 1611 este famoso auto, que celebraram com grande pompa e vaidade D. Alonso Becerra Holguin, cavalleiro do habito de Alcantara, os licenceados D. João Valle Alvarado e Alonso de Salazar y Frias, inquisidores apostolicos do reino de Navarra e seu districto, havendo concorrido a elle grande multidão de gente de toda a Hespanha.»

— No sabbado 6 de Novembro começou esta grande ceremonia. Um rico pendão do santo-officio era a cabeça da procissão em que iam mais de mil familiares, commissarios e escrivães, muito luzidos e adornados de seus habitos e cruzes d'oiro nos peitos. Depois ia grande multidão de religiosos das ordens de S. Domingos, S. Francisco, Mercês, Santissima Trindade, da ordem de Jesus, e da maior parte dos conventos da comarca. No fim d'ella ia a Santa Cruz verde, insignia da inquisição, que era levada aos hombros do guardião de S. Francisco, qualificador do santo-officio; diante a musica dos cantores e menestreis, e fechavam a procissão duas dignidades da egreja collegial e o aguazil do santo-officio com a sua vara, e outros commissarios e pessoas graves, ministros do santo-officio, que todos em muito boa ordem levavam a plantar a Santa Cruz no mais alto d'um grande cadafalso de oitenta e quatro pés de largo e outros tantos de comprido, que tinha sido feito para o auto: e com vistosos pharoes e familiares de guarda, esteve toda a noite, até que no dia seguinte, logo ao amanhecer, sairam da inquisição.

Em primeiro logar, cincoenta e tres pessoas que foram tiradas ao auto d'esta maneira. Vinte um homens e mulheres que iam em forma e com insignias de penitentes, descobertas as cabeças, sem cintos e com uma vela de cera nas mãos, e seis d'elles com sogas na garganta, o que significava que haviam de ser açoitados. Seguiam-se logo outras vinte uma pessoas com seus sambenitos de reconciliados, e que tambem levavam suas velas nas mãos, e alguns cordas ao pescoço. Em seguida iam cinco estatuas de pessoas fallecidas com sambenitos de relaxados, e cinco ataudes com os ossos das pessoas que eram representadas por aquellas estatuas. E por ultimo, iam seis pessoas com sambenitos de relaxados, e cada uma das ditas cincoenta e tres pessoas entre dois aguazis da inquisição, com tão boa ordem e luzidos trajes, os dos penitentes, que era coisa muito para ver.

Atraz d'elles ia, entre quatro secretarios da inquisição em mui luzidos cavallos, uma carreta, que em um cofre guarnecido de velludo de tres pellos levava as sentenças; e em ultimo logar iam a cavallo os senhores inquisidores, doutor Alonso Becerra Holguin, licenceado João do Valle Alvarado e licenceado Alonso Salazar y Frias, levando no meio o mais antigo, acompanhado do estado ecclesiastico ao lado direito, e da justiça e regimento ao lado esquerdo, e um pouco adiante ia, no meio da procissão, o doutor Isidoro de S. Vicente com o estandarte da fé, postos em mui boa ordem, que representava tudo grande autoridade e gravidade.

Continua.



CATARACTA DA RIBEIRA DE CAUSE E MURALHA ROMANA JUNTO D'AIX. *

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Sidonio, poeta celebre do seu tempo, e que morreu em 480, traça-nos assim o retrato dos francezes:

«Elles teem estatura alta, pelle muito branca, olhos azues; o rosto é inteiramente barbeado, á excepção do beiço superior, onde deixam crescer dois pequenos bigodes; os cabellos, cortados pela banda de traz, crescidos por diante, são loiros; o vestido é tão curto, que não chega a cobrir-lhes o joelho; e tão apertado, que deixa ver as formas do corpo. Trazem um largo cinto, d'onde pende uma pesada espada extremamen-

* Vidè n.° 47, pag. 369.

te afiada. De todos os povos conhecidos é o que entende melhor os movimentos e evoluções militares. São de tanta destreza, que acertam sempre aonde miram ; tão prodigiosamente ligeiros, que caem sobre o inimigo com a rapidez do tiro que disparam contra elle ; emfim teem tamanha intrepidez que nada os apavora: podem perder a vida, mas não o valor.»

Rapar um principe era, entre os francos, reduzil-o á classe dos vassallos : tornava-se assim inhabil para reinar. Clovis, querendo apoderar-se dos estados de *Cararic*, seu parente, rei dos morinos, fel-o rapar, bem como ao filho d'este infeliz principe. Tendo o filho dito que eram ramos verdes que rebentariam um dia, pois que o tronco não estava cortado, o usurpador fez-lhes decepar as cabeças.

As casas de recreio dos antigos reis de França não eram senão ricas granjas. Bosques, tanques, estrebarias, rebanhos, escravos occupados em fazer produzir, sob as ordens d'um *domestico* ou intendente, tudo annunciava mais o util que o agradavel. Contavam-se acima de cento e sessenta em todo o reino. Os primeiros monarchas de França passavam a vida a viajar. As aldêas, abbadias, e castellos que se achavam no caminho, eram obrigados a fornecer-lhes o necessario para o alojamento e viagem, ajuntando-lhe algum presente de prata.

A caça era o seu divertimento ordinario; mas este nobre exercicio era só permittido aos principes, ou quando muito a alguns nobres privilegiados, que comtudo não podiam caçar senão em suas terras, e nunca nas possessões alheias, senão com licença do dono.

As princezas filhas dos reis tinham o titulo de *rainhas*, titulo que presagiava a sua futura alliança com algum soberano, porque não houve nenhuma no tempo dos reis Merovingianos, que deixasse de guardar o celibato, ou d'esposar um soberano.

O *maire* do palacio, que representava o que mais tarde se chamou grã-mestre, governava no palacio do rei. O conde do palacio julgava os officiaes: o referendario-mór, que foi chamado chanceller no reinado dos Carlovingianos, assignava os diplomas reaes, e sellava-os com o annel do principe : o condestavel, isto é, o conde das cavalhariças, tinha unicamente a intendencia d'estas. Estes cargos foram estabelecidos á imitação dos romanos.

Todos os annos, no mez de Março, juntavam-se as tropas sob as ordens dos seus chefes, e o rei passava-lhes revista ; era a isto que se chamava *campo de Marte*. Regulavam-se ahi os interesses da monarchia : o rei, ou o *maire* do seu palacio, expunha as questões que deviam examinar-se, e a assemblea deliberava : a pluralidade dos votos decidia. O que a Dieta tinha pronunciado tornava-se lei do estado.

Clotario II reuniu muitas vezes assembleas nos seus castellos : chamava-se-lhes *placita*, d'onde veiu a palavra *audiencias*. Eram especies de parlamentos ambulatorios, compostos dos bispos, officiaes-móres da corôa, duques, condes, e barões. O de Bonneuil sobre o Marne foi um dos mais numerosos do reinado d'este principe.

693 — *Clovis* III juntou em Valencienne os estados do reino. O principe presidiu a elles com as vestes reaes. Era uma capa quadrada, algumas vezes toda branca, e outras bipartida d'azul, muito curta dos lados, comprida até aos pés por diante, e rojando pelo lado posterior. O throno, ou cadeira real em que estava sentado, era uma especie de tamborete sem braços nem costas, como para advertir o monarcha de que devia sustentar-se por si mesmo, sem o apoio de ninguem. A corôa, era um circulo d'oiro enriquecido de duas ordens de pedraria; o sceptro, uma vara do mesmo metal, de cinco a seis pés d'altura, e curva como um baculo.

Os francos combatiam a pé, com arco e flechas, espada, dardo, e uma hacha de dois gumes. O rei commandava o exercito; os duques e condes eram os seus subalternos. Estes duques e condes serviam de governadores das provincias e cidades, cuja administração tinham por commissão e em nome do principe. Não se conheciam então tropas regulares. Cada provincia tinha a sua milicia, e fazia-se marchar de ordinario a que estava mais perto dos logares onde o estado a precisava. Havia nas provincias, e particularmente nas fronteiras, viveres destinados ao sustento das tropas. Não parece que estas tivessem outro soldo além do saque. Era uso leval-o, e dividil-o em commum. A bandeira de França não era outra coisa mais que a capa de S. Martinho : um veo de tafetá, que tinha a imagem do santo, e se ia buscar em grande pompa ao seu tumulo. Guardavam-na respeitosamente em uma barraca, e passeavam-na em triumpho ao redor do campo, quando estavam proximos a pelejar.

Antigamente os reis de França nomeavam os bispos, sem esperar a approvação do povo e do clero. O povo tinha só o direito de reconhecer : os papas ainda não tinham arrogado a si o de confirmar. Enviava-se-lhes simplesmente uma profissão de fé, e pedia-se-lhes a communhão ; era a unica homenagem que então se prestava á côrte de Roma.

Clovis redigiu a lei salica, na qual o direito de successão á corôa não era expressamente regulado, como se crê commummente. Ella diz só que, *em attenção á terra salica, as mulheres não teem parte alguma na herança ;* o que nada tinha que ver com a casa real em particular, porque se chamavam *terras salicas* as que se derivavam do direito de conquista. A successão á corôa não foi concedida unicamente aos varões senão por uso, que se tornou lei constitutiva do estado.

A legislação dos francos limitava-se a fixar certas sommas para remir os crimes. O roubo e o homicidio estavam taxados. Só o crime d'estado era punido de morte. Purificavam-se pelo duello, ou se batessem em pessoa, ou tomassem um representante ; e a victoria decidia da innocencia do vic-

torioso, ou da legitimidade do direito que defendia. A religião e a razão fizeram por muito tempo inuteis esforços por annullar este barbaro costume, vindo do norte, prescripto pelos borguinhezes, adoptado pelos francezes, e que se sustentou quasi doze seculos, apesar dos anathemas fulminados contra elle.

Para certificar as coisas duvidosas, fazia-se prestar juramento a um numero maior ou menor de testemunhas, segundo a importancia do negocio, e o merito ou qualidade das pessoas. Foi assim que Fredegunda provou ao rei Gontran, que Clotario, seu filho, o era tambem de Chilperico: ella jurou, e fez jurar comsigo trezentas testemunhas. O juiz, para advertir as testemunhas a que prestassem attenção ao juramento que iam fazer, puxava-lhes uma orelha, ou dava-lhes uma pequena bofetada.

Quem feria um homem na cabeça, pagava a multa de quinze soldos d'oiro (o soldo d'oiro valia pouco mais ou menos quinze libras). Quem despia um morto, pagava trinta.

Continua.

O GALEÃO ENXOBREGAS.

(Scenas navaes do seculo XVII.)

Conclusão.

VI

CATASTROPHE!

O mar dos Açores não affrontou o galeão, nem os piratas do norte o insultaram n'aquellas paragens, pouco seguras então.

Já as ilhas ficavam pela popa depois de dez singraduras, e os pilotos se faziam com a costa de Portugal, quando ao anoitecer do dia 13 de Janeiro de 1652, a gente do Enxobregas viu com assombro e terror um corpo luminoso, cuja extremidade inferior se agitava no espaço como se fosse baloiçada pelo vento.

«Senhor Jesus, misericordia!» bradaram os marinheiros, caindo em giolhos no convez: «Misericordia, que se acaba o mundo!»

O padre Jeronymo da Conceição dispunha-se a dar absolvição geral áquelles peccadores, quando Pero Dourado acudiu, rindo, a socegar os espiritos da marinhagem.

O velho piloto era sabedor da sua arte, e não supersticioso.

«Amigos, disse elle com voz segura; aquillo é um cometa; não faz damno aos homens do mar. Anda longe, e não se mette comnosco.»

Pantaleão Vaz, ainda moço, posto que já bom contramestre, tambem não cria em contos de bruxas, e achegando-se dos timoratos com uma boa *róta*, ás chibatadas lhes acabou de sacudir o medo, que as palavras do piloto tinham começado a dissipar.

Hevelius notou n'este cometa, e depois no de 1661, fortes ondulações na cauda; como antes e depois outros astronomos affirmaram ter observado em differentes cometas.

A noite passou sem novidade; e ao primeiro alvor da manhã uma tarja negra que se enxergou no horisonte, pela prôa, veiu alegrar os nautas, patenteando-lhes a terra da patria.

Como é doce, ao cabo de trinta e dois mezes de ausencia, tendo arrostado com toda a sorte de perigos e trabalhos, avistar o paiz natal!

E que dôr, quando um contratempo protrahe ou aniquila a suave esperança de pisar esse solo querido, e abraçar os parentes e os amigos!

Que alegria reinava n'esse momento a bordo do galeão... quem diria que em poucas horas se ia transformar em profunda tristeza!!!...

Uma vela, duas, quatro, oito, doze, vinte... appareceram successivamente pela prôa do galeão, saindo de traz do Cabo da Roca!... E o Enxobregas estava tão perto d'esse Cabo que, a serem inimigos, não era possivel fugir-lhes.

E eram inimigos, e crueis!... As meias luas de prata destacavam no fundo vermelho das bandeiras que aquelles navios arvoravam!

Naus de turcos, inimigos da cruz de Christo que hasteava o galeão portuguez, cercavam aquella pobre gente, morta de cansaço, extenuada pelas privações!

«Oh!... O cometa! exclamaram então os supersticiosos marinheiros... Vejam se elle não annunciava desgraça!»

E o seu primeiro desejo foi lançarem ao mar o piloto e o contramestre, que não criam em presagios.

Porém o inimigo aproximava-se a alcance da artilharia, mais em tom de festa do que de guerra, ao que parecia, pois vinham embandeiradas todas as naus, e na capitania ou almiranta se tangiam ruidosamente varios instrumentos musicos.

A peleja era inevitavel, e o seu resultado pouco duvidoso.

Vinte contra um, e aquelles robustos, e este enfraquecido... taes eram as proporções da lucta que se apresentava.

Ali, tão perto, a patria, a salvação.... Aqui, quasi certa a morte, ou o captiveiro!

Bastião de Moraes, *o dos oculos*, o de forte coração, dirigiu-se á sua gente n'estas concisas palavras:

«Quem prefere a deshonra a uma morte gloriosa, arrie o batel, e vá entregar-se áquelles perros descridos... O resto ponha lestes a artilharia, as lanças ao alcance do braço... e fogo e ferro sobre os infieis.»

«Viva o nosso capitão-mór!» bradou unisona toda a tripulação: «Viva Portugal, e morramos todos com honra pelo serviço de Deus e d'el-rei!»

«Eis-aqui quem hade ajudar-nos» accrescentou o capellão alçando no ar um crucifixo.... «Elle morreu por nós; demos pois a vida pela sua santa religião!»

«A elles!... Que a capitania inimiga já está pelo nosso travez.»

«Fogo!»

E o galeão Enxobregas, alquebrado, fazendo agua, com uma guarnição diminuta, foi o primeiro a travar tão desegual batalha!

É que os seus tripulantes e passageiros sacudiram de si n'esse momento solemne e decisivo a doença, a debilidade, o temor da morte, e tornaram-se gigantes. As proprias mulheres, esquecendo a fraqueza do seu sexo, armaram-se para o combate. Em poucos momentos tudo estava a postos, e um bem sustentado fogo vomitava sobre o inimigo uma chuva de pelouros.

Gil Corrêa, o dispenseiro imprevidente, que vinha em ferros no porão para ser sentenceado em Lisboa, quebrou as algemas, e apparecendo na tolda, de espada em punho, pediu ao capitão-mór, pelas Chagas de Christo e por sua Mãe Maria Santissima, que o deixasse morrer pelejando contra os inimigos da fé, ao lado dos seus camaradas. Todos louvaram o nobre proceder do dispenseiro, e a licença foi concedida sem delonga.

D. Catharina, empunhando tambem um montante, e chispando fogo dos negros e brilhantes olhos, parecia o anjo do exterminio, alçado sobre o chapiteo do galeão. Alguns passos distante d'ella, o principe D. Martinho dirigia o fogo das *esperas* da tolda, e mostrava amplo prazer, contemplando o quadro de destruição que se desenrolava ante seus olhos. Ruy da Cunha estava á bandeira, e D. Leonor acompanhava-o, não com lagrimas que enfraquecessem o animo do esforçado cavalleiro, mas com palavras de consolação e esperança, e brandindo egualmente uma espada.

O capitão corria o navio de popa á prôa, de um bordo a outro, visitando ora o convez, ora a coberta, e determinando fogo continuo em ambas as baterias, a bombordo e a estibordo ao mesmo tempo, porque as galés e as naus dos turcos estreitavam o galeão em um circulo infernal.

Todos faziam o seu dever; mais do que o seu dever... prodigios de heroicidade! Velhos, moços, livres, escravos, creanças, mulheres rivalisavam em coragem! Porém o combate não podia ser de longa dura, pela differença numerica dos contendores e das boccas de fogo.

Uma das maiores naus inimigas lançou os arpeos da abordagem ao galeão, e a gente do Enxobregas deixando de responder ao fogo dos outros vasos contrarios, correu toda á borda a que se encostara o turco; e em quanto os mahometanos, de alfange na mão, saltavam ás enxarcias e ao convez da nau portugueza, os nossos abriam, com a espada e com a lança, caminho para a embarcação inimiga, pelas portinholas da sua artilharia; e davam um combate na coberta inferior d'aquelle alteroso navio, ao mesmo tempo que não menos cruenta batalha se pelejava na tolda do Enxobregas.

«Rende-te!» Era o grito furioso que se escutava n'aquelles recintos, ora proferidos em arabe, ora em portuguez.

Aquelles encarniçados inimigos não poupavam mutuamente nenhum meio de se hostilisarem, por mais horrivel que fosse. Os turcos buscavam incendiar o galeão, que não suppunham facil de apresar, em vista da tenaz resistencia que lhe oppunham os nossos; e os portuguezes, contando com a morte certa, faziam eguaes diligencias com relação á nau dos infieis, pois queriam, á similhança de Sansão, involver na propria ruina a destruição dos contrarios.

Moiros e christãos realisaram os seus desejos. O fogo appareceu simultaneamente nas duas naus, rompendo pelas escotilhas em espadanas de fogo, lambendo os mastros, e enredando-se nos óvens da enxarcia.

Nem a presença de tão horrivel quadro fez abrandar o combate. Em quanto alguns turcos acudiam a apagar o incendio da sua embarcação, diligenciando separar-se da nossa; os portuguezes, sem lhe importar com a propria ruina, perseguiam os inimigos em retirada, e obstavam á desunião dos dois vasos. Entretanto a capitania, atravessada a pouca distancia da popa do Enxobregas, começava a metter-lhe balas de coxia, que varriam o convez e a coberta.

Um pelouro de trabuco varou o peito de Ruy da Cunha, que vibrava a espada com a mão direita e segurava com a esquerda a driça da bandeira nacional. Baqueando sobre a varanda, e sentindo-se morrer, abraçou a querida esposa, e só teve força para lhe dizer estas palavras:

«Não te deixes aprisionar pelos infieis...»

E acabou!

D. Leonor, vendo o navio em chammas, abraçou-se com o cadaver do marido, e lançando-se com elle no mar, foi acompanhar no fundo das aguas, e por toda a eternidade, aquelle de quem nunca se separara em vida.

Já não restava a menor esperança de salvação, nem para os nossos, nem para aquelles que tiveram a imprudencia de se aproximar tanto de homens desesperados. Banhado em sangue, no seu posto, jazia o velho piloto; e o padre Jeronymo, depois de o ouvir de confissão, absolveu-o em nome de Deus, correndo em seguida a prestar as ultimas consolações a mestre Fernandes, que acabava de cair tambem, mortalmente ferido.

D'ahi, vendo abaterem-se os mastros de que o fogo se apossara, e conhecendo bem que era chegada a ultima hora para todos aquelles peccadores, o padre subiu á borda, lançou a absolvição sobre todos os seus companheiros de viagem, e com a nobre abnegação de um martyr do christianismo, passou á nau contraria, a metter-se no meio da refrega, com a cabeça inclinada sobre o peito, e abraçado á cruz do Redemptor, achando ali poucos instantes depois a morte que buscava da mão dos infieis.

O capellão não chegou a ver o ultimo acto d'este sanguinolento drama. Sem esperanças de parte a parte, os contendores pelejavam não já como

homens, nem como leões, mas como demonios!

Bastião de Moraes, mal ferido, ensanguentado, defendia-se só, e com a espada quebrada, contra vinte alfanges que lhe vibravam não interrompidos golpes. D Martinho cobria com o seu o corpo de Catharina, disputando aos sabres mauritanos o resto de vida que ainda animava aquella heroina, horrivelmente mutilada no combate. Era um quadro medonho!

As naus turcas não vinham em auxilio d'aquella que aferrara o galeão, porque temiam o contacto do incendio que lavrava a olhos vistos, e receiavam mais ainda alguma explosão dos paioes da polvora. Tinham-se amarado algum tanto, porque o vento e a corrente arrastavam para a enseada de Cascaes os dois vasos incendiados. O povo acudia á praia, armado de chuços, velhos mosquetes e espadas, para soccorrer, sendo possivel, os seus compatriotas do galeão, que luctavam com coragem heroica nos ultimos trances da vida; porem nenhum auxilio lhes poderam prestar, porque, antes de chegarem á terra, as duas naus, que successivamente se iam afundando, mergulharam de todo, e foram a pique.

Ainda entre as vagas, nadando com o braço esquerdo, e esgrimindo a espada com a mão direita, alguns dos contendores pelejavam um combate sem egual nos fastos da guerra; e um só d'estes desgraçados, cortado de mil golpes, rolava para a praia, seguro a um madeiro.

Os esquifes turcos que se aproximaram do logar d'aquella estranha batalha, já não recolheram senão cadaveres!

Pouco depois a armada do sultão fez-se ao largo, em busca de mais facil presa.

O homem arrojado á praia era um portuguez, o *Cheira-Dinheiro*, unico que escapou do galeão Enxobregas. Foi elle que contou os promenores da viagem e successos do mesmo galeão a um frade da Terceira Ordem de S. Francisco, o qual deixou escripta, mas não impressa, uma relação dos referidos acontecimentos, que por acaso nos veiu á mão, vasculhando nas ruinas de um convento da ordem, e que fielmente transportámos para as columnas d'este jornal.

FINIS LAUS DEO.

F. M.. BORDALO.

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Chegados ao cadafalso, os penitentes foram postos em uns degraus muito altos que estavam n'elle, por baixo da Cruz: as onze pessoas que haviam de ser relaxadas, que eram cinco homens e seis mulheres, no mais alto degrau, e logo os reconciliados, e no mais baixo os que haviam de ser penitenciados. E da outra parte do tablado, em frente, se subia por onze degraus ao sitio onde se pozeram os senhores inquisidores, tendo o estado ecclesiastico á mão direita, e a cidade e cavalleiros á esquerda, e no mais alto do primeiro degrau se sentou o fiscal do santo-officio com o estandarte. E os consultores e qualificadores, e os religiosos e ecclesiasticos se accommodaram nos ditos degraus, em que cabiam até mil pessoas. Todo o restante do tablado estava cheio de cavalleiros e pessoas principaes, e no meio levantava-se um pulpito quadrado em que se punham os penitentes quando lhes eram lidas as sentenças pelos secretarios do santo-officio, que para lêl-as se subiam a outros dois pulpitos que estavam em partes commodas do estrado.

Começou-se o auto por um sermão que prégou o prior do mosteiro dos dominicos, que é qualificador do santo-officio, e n'aquelle primeiro dia se leram as sentenças das onze pessoas que foram relaxadas á justiça secular, que por serem tamanhas e de coisas tão extraordinarias, occuparam todo o dia até que ia anoitecer, que foi quando a dita justiça secular se encarregou d'ellas, *e as levou a queimar*, *seis em pessoa*, e as cinco estatuas com seus ossos, por terem sido convencidas de que eram bruxas e tinham commettido grandes maldades. Excepto uma, que se chamava Maria de Zozaya, que foi confitente, e a sua sentença das mais notaveis e espantosas de quantas ali se leram. E por ter sido mestra e ter feito bruxas a grande numero de pessoas, homens e mulheres, meninas e meninos, ainda que foi confitente, se mandou queimar por ter sido tão famosa mestra e dogmatisadora.

N'este auto verificaram-se muitas sentenças, e antes d'acabar, o inquisidor Holguin com grande gravidade, tendo suspensa e admirada a multidão, tirou o sambenito á bruxa Maria de Yurreteguia para que fosse exemplo da misericordia do santo tribunal, e pela dôr com que havia sido boa confessada e animo com que se tinha defendido dos bruxos que a queriam tornar a reduzir á sua seita. E com isto se acabou aquelle auto.

Esta mulher tinha declarado que na seita dos bruxos os havia mestres e mui antigos, de quem o diabo se aproveitava para fazer proselytos, que logo levavam ao Aquelarre (que em vasconço quer dizer prado do cabrão, porque n'essa figura apparecia aos bruxos), e ali acabavam de ser instruidos nos maleficios. O mestre ou mestra que convence alguem para entrar na seita, em um dos dias que ha Aquelarre, duas ou tres horas antes da meia noite, vae ao logar onde está descansando o neophito, e depois de despertal-o, unta-lhe com uma agua verdenegra e hedionda as mãos, peitos.... e plantas dos pés, e logo o leva comsigo pelo ar, tirando-o pelas portas ou janellas que lhe abre o demonio, ou por qualquer abertura da porta, e com grande velocidade e presteza chegam ao Aquelarre, campo assignalado para as suas reuniões, onde em primeiro logar, apresenta o bruxo velho o seu noviço ao demonio, que está sentado em uma cadeira, que umas vezes

parece de oiro e outras de madeira negra; com magestade e gravidade; e com rosto muito triste, feio e irado (que por então se representa em figura de homem negro, com uma corôa de cornos pequenos, e tres d'elles são mui grandes, e como se fossem de bode, um dos quaes está na frente com que dá luz e allumia a todos os que estão no Aquelarre, e a claridade é maior que a da lua e muito menos que a que dá o sol; é a que basta para que todas as coisas se vejam e conheçam), tem os olhos redondos, grandes, muito abertos, acesos e espantosos, a barba como de cabra, o corpo e figura como entre homem e bode, as mãos e pés com dedos como de gente, mas todos eguaes, aguçados para as pontas com unhas rapantes, e as mãos curvas como ave de rapina, e os pés como se fossem de ganso. E tem a voz espantosa, desentoada, e quando falla sôa como um macho que zurra, e as palavras que falla são mal pronunciadas que não se deixam entender claramente, e sempre falla com voz triste, rouca, ainda que com muito grande gravidade e arrogancia, e o seu semblante é muito melancolico, e parece que sempre está desgostoso.

E quando a bruxa mestra lhe apresenta o noviço lhe diz: *Senhor, trago e apresento-vos este:* e o demonio se lhe mostra agradecido, e diz que o tratará bem para que com aquelle venham muitos mais. E logo o mandam pôr de joêlhos em presença do demonio, que renegue na forma e das coisas que a bruxa sua mestra o instruira, e dizendo-lhe o demonio as palavras com que hade renegar, as vae repetindo, e renega primeiramente de Deus, da Virgem Santa Maria, sua mãe, de todos os santos e santas, do baptismo e confirmação e d'ambas as chrismas, e de seus padrinhos e paes, da fé e de todos os christãos, e recebe por seu deus ao demonio, o qual lhe diz que d'ali em diante não hade ter por seu deus e senhor ao dos christãos, mas a elle, que é o verdadeiro deus e senhor que o hade salvar e levar ao paraiso.

E logo o recebe por seu deus e senhor, e o adora beijando-lhe a mão esquerda, a bocca e os peitos, em cima do coração... e logo se volta sobre o lado esquerdo, e levanta a cauda (que é como a que teem os jumentos) e descobre aquella parte que é mui feia, suja e fetida, e o beija tambem debaixo da cauda. E logo o demonio estende a mão esquerda, e baixando-a pela cabeça para o hombro esquerdo ou em outras differentes partes do corpo (segundo lhe parece) lhe faz uma marca, fincando-lhe uma de suas unhas, com que lhe faz uma ferida e tira sangue, que recolhe em alguma vasilha, e o bruxo noviço sente da ferida mui grande dôr, que lhe dura por mais d'um mez, e a marca e signal por toda a vida; e depois na menina dos olhos, com uma coisa quente como se fosse d'oiro, lhe marca (sem dôr) *um signal com que se conhecem os bruxos uns aos outros.*

E logo o demonio dá á mestra certas moedas de prata em preço e compra d'aquelle escravo, e um sapo vestido, que é um demonio n'aquella figura, para que sirva como de anjo da guarda ao bruxo noviço que renegou. E é coisa notavel, que pela maior parte as moedas desapparecem, e que a bruxa mestra não tira proveito d'ellas, principalmente se as não gasta dentro de vinte e quatro horas depois de as receber. E o sapo sempre fica em poder dos bruxos, tendo-o e sustentando-o a mestra muito tempo, até que o demonio lh'o manda entregar ao bruxo noviço. Tambem é coisa notavel, que a marca que o demonio lhes faz é de tal condição que com ella lhes insensibilisa a parte onde entra a unha: de maneira que ainda que por ella lhes mettam uma agulha ou alfinete não sentem dôr nenhuma.

Acabado o acto de renegar, o demonio e demais bruxos antigos que estão presentes, advertem o noviço que não hade pronunciar o nome de Jesus, nem da Virgem Santa Maria, nem se hade persignar nem benzer: e logo lhe mandam que vá folgar e bailar com os outros bruxos ao redor d'uns fogos fingidos que o demonio ali apresenta, e lhes diz que aquelles são os fogos do inferno; e que entrem e saiam por elles, e verão como não queimam nem dão nenhum tormento: e que assim, pois não ha mais pena do que aquella no inferno, folguem, tenham prazer, e não temam fazer o mal que puderem; pois os fogos do inferno não queimam nem fazem mal nenhum: com o que se animam a commetter todo o genero de maldades, e folgam e se entreteem bailando e dançando ao som de tamborim e flauta, que no Aquelarre de Zugarramurdi (do qual eram quasi todos os ditos), tangia um que se chamava João de Goiburu, ao som do tambor, que tocava outro por nome João de Sansin, ambos primos, que foram tirados do auto e reconciliados por terem sido bons confessados; e duram nas ditas danças e bailes, fazendo festa ao demonio (que os está vendo), até que é hora de cantar o gallo, depois de meia noite, que voltam todos a suas casas acompanhados dos seus sapos, e se desfaz a reunião, porque não pode estar mais tempo, e em muito pouco chegam a suas casas.

E o dito João de Goiburu algumas noites que vinha ao Aquelarre de outro logar que estava a duas leguas do de Zugarramurdi, confessa que quando voltava a elle, se era chegada a hora de cantar o gallo, o seu sapo desapparecia-lhe, e o seguia a pé até chegar a casa, porque não podia ir mais pelo ar.

Continua.

A MINHA ESTRELLA.

N'esse manto recamado
De parcellas luminosas,
Brilhando todas formosas,
Não vês um astro encantado
Melancolico appar'cer?
Como se espelha nas aguas
Que bem se casa c'o as magoas
Como attenua o soffrer!

Meiga a lua — astro saudoso
Que de mysterios murmura!
Muito mais á desventura,
Muito mais do que ao ditoso,
Ou de opulencia ou d'amor,
Na pallidez que a distingue
Nunca a tristeza se extingue,
Mas é tristeza sem dôr!

Ao pé não vês uma estrella,
Seguindo-a sempre constante,
Que brilha como o diamante
Tão radiante como bella
E de attractivo sem par?
Pois essa magica chamma
É que esta minh'alma inflamma
E a que sempre eu heide amar.

Não me apparece de dia
Se me vê, não posso vêl-a...
Porque se esconde assim ella?
É p'ra ter mais poesia
Quando á noite vem fulgir,
É p'ra mattar-me a saudade
E com mais intensidade
Sobre o triste reflectir.

Se ás vezes nuvem traidora,
Ou cerração traiçoeira,
Vem roubar-me a companheira,
Triste a minh'alma deplora
A terrivel privação;
Mas se ao depois me apparece,
Em mais santo amor me aquece,
Mais me exalta o coração.

Existem astros na terra,
Nenhum porém fulge tanto!
Nenhum tem tamanho encanto
Como o encanto que este encerra
Pelo menos para mim!
Ha-os na terra formosos,
Mas são todos caprichosos,
Nenhum é constante assim.

Oh! scintillante rainha!
Bem me vês, sou teu captivo...
Serei teu em quanto vivo
Como ahi no espaço és minha,
Minha só de mais ninguem.
Podem outros encarar-te,
Mas esses hãode deixar-te
Por astros que o mundo tem.

Não, como eu ninguem te admira,
Ninguem te chama incessante,
Ninguem ao ver-te radiante
Ai! como eu por ti se inspira
E na poesia e no amor...
Se és toda a minha alegria!
Se és a estrella que me guia
Nas trevas da minha dôr!

N'UM ALBUM.

Ai! donzella, tu suspiras,
Porque suspiras, diz lá?
Baixas os olhos e coras?
Porque motivo será?

São amores, querido anjo?
Pois tão nova, com taes annos,
Já tens o peito captivo
Amas, e choras enganos?

Infeliz e debil planta,
Te sacode o vendaval
D'um desengano immer'cido
Ou d'uma illusão fatal?

Chora, pois, chora, donzella,
Que os prantos na tua edade
São como orvalhos da aurora
E não regam a saudade.

Se o tormento hoje te punge,
Se o soffrer, se exhala em ais
Louva, tonta, a Deus e pede
Que t'os não dê mais fataes!

Chora, pois, chora, donzella,
Que o pranto na tua edade
Da vida lava o desgosto
Do peito arranca a saudade.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A GRATIDÃO.

A gratidão é a reminiscencia do coração; é a agradecida recordação de um obsequio recebido, combinada com o desejo generoso de produzir uma grata sensação.

A gratidão indica sempre grandeza d'alma, e nobreza de sentimentos; as acções que ella produz, são as que mais se distinguem, avultam, e brilham entre as virtudes humanas. Cumpre observar, que os maiores heroes foram em geral os mais gratos aos serviços recebidos. Pyrrho, Alexandre, e Affonso rei d'Aragão, recordavam constantes os serviços os mais triviaes que se lhes prestavam.

A terra dá thesouros abundantes aos que lhe confiam as sementes, e os rios restituem ao mar as aguas que d'elle receberam pelos vapores da noite. Os animaes que são os mais nobres em seus instinctos, são os que dão maiores mostras de gratidão.

Um coração verdadeiramente grato, encarece o beneficio recebido, recorda o favor, e esquece só os que faz. A verdadeira gratidão nunca deslembra o bem que lhe fizeram, e não deixa de patenteal-o, ainda quando o bemfeitor se torna seu inimigo. Ainda mais, se acontece este morrer, sobrevive a gratidão, e a acção se transfere para os descendentes do fallecido.

Quando se diz a um bemfeitor que lhe somos gratos, é esta uma phrase banal de civilidade commum, porém não é prova de gratidão, nem de retribuição adequada ao obsequio recebido. São os outros os que devem memorar a nossa gratidão, e pagar um justo tributo á virtude do bemfeitor. A gratidão concilia-nos o respeito e a amisade d'aquelles que a presenceiam, porque as almas generosas comprazem-se em apregoal-a, e as almas mesquinhas são obrigadas a respeitar a virtude que são incapazes de imitar. Com um exemplo de verdadeira gratidão, apregoado na Historia d'Inglaterra no reinado de Henrique VIII, deparámos hoje, que nos pareceu digno de ser repetido.

Quando o orgulhoso Walsey decaiu da graça de Henrique VIII, os seus eguaes abandonaram-o, e os seus inferiores despresaram-o todos, com excepção porém de um cavalheiro por nome Fitz-Williams, que o ministro havia protegido no meio do seu valimento, empregando-o em um logar rendoso. Williams continuou apregoando os talentos e altas qualidades do estadista sem se afastar do seu lado; fez mais, para manifestar o quanto lhe era grato, convidou o ministro decaido da graça real para a sua casa de campo, onde o teve por hospede por largos dias, tratando-o com o mesmo respeito e consideração com que o tratava na epoca do seu valimento.

El-rei sabedor do que se passava mandou chamar á sua presença Fitz-Williams, e recebendo-o com ar severo, perguntou-lhe com semblante irado—«Como ousara albergar em sua casa um homem que descaira da sua graça, e que vergava sob o peso de uma accusação de alta traição?» «Senhor, respondeu Williams com toda a placidez, e nobreza de animo, não recebi em minha casa o decaido ministro d'estado, nem o reo de alta traição; hospedei em minha casa o meu bemfeitor, o meu protector, aquelle que me deu o pão para meus filhos, e a tranquillidade de que tenho gosado. Ah senhor! se eu o tivesse abandonado no meio da sua desgraça, eu seria o mais ingrato de todos os homens.»

Esta nobre resposta desarmou a severidade do rei, que não pôde deixar de admirar a gratidão de que dava mostras Williams, que poucos tempos depois foi nomeado cavalleiro, e em seguida feito membro do *conselho privado*, em testemunho da real approvação pelo seu nobre procedimento. ***

UM BOM ECCLESIASTICO.

Passando um sacerdote por uma rua desviada, lançaram d'uma janella uma pouca d'agua a ferver que o molhou da cabeça aos pés. Limpou-se, enxugou-se o melhor que pôde, e chegou a sua casa com passo vacillante. Quando a ama o viu com a cara inchada e empolada em muitas partes, começou a gritar induzindo-o a vingar-se.

—Meu Deus! como v. m.ce vem, senhor padre! E que fez a esses miseraveis?

—Agradeci-lhes.

—Agradeceu-lhes!... Porque?

—Por não terem deitado a vasilha atraz da agua, pois n'este caso, em vez de me escaldarem, ter-me-hiam quebrado a cabeça.*

FRAUDE ENGENHOSAMENTE DESCOBERTA POR CHRISTIERNO IV REI DE DINAMARCA.

Rosenbranks, subdito dinamarquez sob o reinado de Christierno IV, exigiu da viuva Iull o pagamento de cinco mil duros, que pretendera ter-lhe ficado a dever o marido da viuva. A viuva que sabia conscienciosamente que seu marido não devia similhante somma, negou a divida, declarando que tanto a assignatura do fallecido marido, como a sua propria, que apparecia na declaração de divida, eram ambas falsas.

Começou-se uma demanda, e correndo os seus tramites, afinal Rosenbranks obteve sentença contra a viuva. Esta, protestando contra a injustiça que se lhe fazia, appellou para o rei Christierno, e apresentando-se-lhe invocando o testemunho da Providencia, declarou solemnemente que a obrigação era uma falsidade feita para se lhe extorquir similhante somma, por quanto nem o fallecido seu marido nem ella deviam coisa alguma a Rosenbranks, que por acto de vingança lhe intentara aquelle processo.

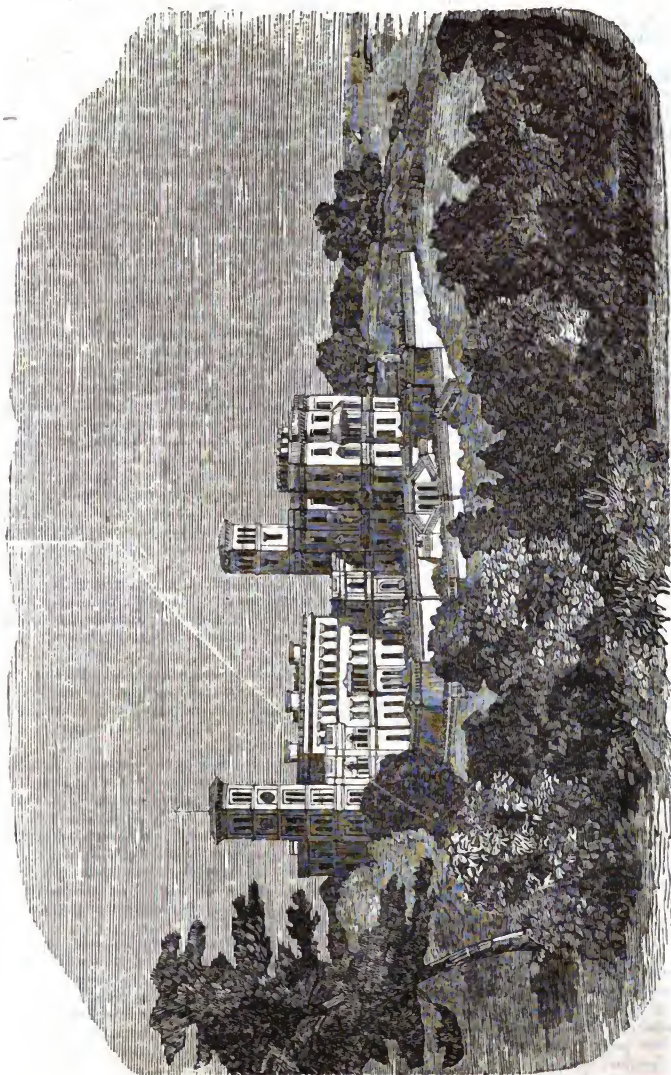
O rei informado cabalmente da probidade da viuva Iull, prometteu-lhe que mandaria indagar o caso, e que lhe outorgaria justiça. Mandou pois aconselhar Rosenbranks que desistisse da pretenção, e não podendo conseguir d'elle coisa alguma, chamou-o á sua presença, ordenando-lhe viesse munido com a obrigação de divida.

Rosenbranks obedeceu, e Christierno tendo exigido a obrigação, depois de a ler e examinar, lhe ordenou a deixasse em seu poder, e voltasse dias depois para lh'a restituir.

Christierno em seguimento mandou chamar o fabricante que tinha feito o papel, e mostrando-lhe o documento, quiz que elle declarasse se n'aquelle anno, que a marca d'agua inculcava, elle fabricara aquella qualidade de papel. O fabricante sem hesitação declarou que não, e foi buscar a qualidade de papel que fabricava na data do anno que figurava no documento, accrescentando que da qualidade em questão havia seis annos que não se fabricava. O rei, satisfeito com esta prova evidente da fraude, mandou processar Rosenbranks, e punil-o severamente. ***

A religião é tão necessaria, que até Voltaire disse, que—*se um Deus não existisse, seria necessario invental-o.*

As procissões são os actos da religião, a que se vae com menos devoção.



PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

PALACIO D'OSBORNE, NA ILHA DE WIGHT.

Ha dias apresentando a vista do castello de Carisbrooke, promettemos dizer alguma coisa sobre o palacio d'Osborne, residencia da rainha Victoria na ilha de Wight. Cumprindo agora a promessa que então fizemos, offerecemos aos nossos leitores o desenho do mesmo palacio, e a sua descripção feita por madame Luisa Colet, a quem já devemos a de Carisbrooke.

Osborne é a propriedade particular da rainha d'Inglaterra, e, de todas as suas residencias, a que prefere habitar. Apraz-lhe, d'accordo com seu marido, o principe Alberto, embellezal-a e augmentar as suas casas e jardins. Outr'ora Osborne pertencia a lady Blackford: era uma propriedade de familia cercada por uma tapada. A herdade visinha era do seculo d'Isabel; restaurou-se completamente sem se mudar nada do primitivo estylo. Outras propriedades adjacentes foram successivamente unidas á da rainha. O palacio é limitado a oeste pela grande estrada de *East-Cowes* a Newport, e a éste pelos rochedos chamados *King's-Quay*, que uma tradição indica como tendo servido de logar de refugio ao rei João, perseguido pelos barões rebeldes; ao norte está o canal de *Solent*, que serpeia por entre terras mattagosas.

Ao redor do palacio ha magnificos passeios. A *torre dos signaes* tem cento setenta pés d'altura, e a do *relojo* noventa. Dois largos terrados, um dos quaes — o da fachada principal — tem dezesete pés d'altura, e o outro dez, são um dos logares de descanso preferidos pela rainha. Os mais bellos quartos, ao *rez-de-chaussée*, são espaçosos e de elegancia verdadeiramente franceza; a *torre dos signaes* communica com uma galeria descoberta. que se estende sobre toda a fachada nordeste do castello. Do outro lado, a entrada das carruagens dá sobre um immenso taboleiro de relva, circundado d'arvores raras vindas da India e da Australia. A collina sobre que o palacio está situado é pouco mais ou menos da altura das que o cercam. Do cimo das torres, a vista é admiravel.

A rainha Victoria abandona em Osborne a etiqueta da côrte. Ahi, em um pavilhão especialmente destinado ás occupações mais familiares, assiste ao trabalho dos filhos, e assegura-se que as princezas ahi aprendiam a cosinhar, e os principes cada um sua profissão mechanica.

BASTIAT.

Quando se falla no autor das *Harmonias*, entende-se geralmente que é de Lamartine que se trata; porém ha um outro livro de *Harmonias*, menos conhecido do vulgo do que os versos do illustre poeta, e que todavia tem um merecimento superior, uma originalidade sem par no seu genero: é a obra prima de Frederico Bastiat.

Quem leu á frente das *Oeuvres completes* d'este autor a sua biographiâ, escripta por Miguel Chevalier, ou folheou a noticia sobre a vida e escriptos do mesmo por R. de Fontenay, ou finalmente passou pelos olhos algum outro dos muitos opusculos que se occupam d'este talento brilhante, que amenisou a economia politica, não se incommode a ler as seguintes linhas, despretenciosas de louvores, e unicamente destinadas a apresentar, aos que o não conhecem, este grande homem do nosso seculo, fallecido não ha muitos annos, e que se chamou na terra Frederico Bastiat.

O illustre economista nasceu em Bayona a 19 de Junho de 1801, quando as armas victoriosas de Buonaparte enchiam de pasmo e terror as nações da Europa. Orphão aos nove annos, e sem irmãos, o joven Frederico ficou sob a tutela de seu avô; e serviu-lhe de mãe sua tia, Justina Bastiat, que lhe sobreviveu ainda.

Tendo concluido os estudos no collegio de Sorrèze, em 1818, entrou na casa de commercio de seu tio em Bayona; mas apesar do prosaismo de tal occupação, Bastiat não deixava corromper-se o espirito com que Deus o dotara, estudando fervorosamente os idiomas, a musica, a litteratura franceza, ingleza, italiana, as questões religiosas e a economia politica.

Na edade de vinte e dois para vinte e tres annos dedicou-se á agricultura, tratando de fazer melhoramentos nas terras que herdara de seu avô, em Mugron, nas margens do Adour; o resultado, porém, d'estes esforços foi pouco satisfatorio para o emprehendedor.

N'este isolamento do campo encontrou um amigo verdadeiro, Felix Coudroy; como no collegio tivera outro, V. Calmètes; como depois possuiu um terceiro, Ricardo Cobden. O primeiro, amigo de coração; o segundo, de intelligencia; o ultimo, de politica. Coudroy foi collaborador de Bastiat nas suas estreias litterarias e economicas; e a intimidade entre estes dois homens durou mais de vinte annos, quasi sem interrupção, e sem discordancia!

O modesto juiz de paz de Mugron começou por escrever pequenos artigos de jornal; depois trabalhos mais serios, como o *Fisco e a Vinha* (1841), *A questão vinicula* (1843), *Memoria sobre a repartição do imposto nos bens de raiz em o departamento dos Landes* (1844) o occuparam, até que a questão da liberdade de commercio, que se debatia então com toda a força na Grã-Bretanha, lhe fez entrever novos e brilhantes horisontes de reforma para a França.

Principiou então a escrever aquelles famosos artigos, que todos admiraram no *Jornal dos Economistas*; os celebres *Sophismas economicos*, e a *Historia da Liga ingleza*. Em Maio de 1845 faz apparecer em Paris um livro intitulado *Cobden*; e em seguida passa a Inglaterra, para apertar a mão a esse homem que admirava e respeitava, e aos demais chefes da Liga.

Em 1846 organisa em Bordeaux uma associação promotora da liberdade de commercio, e vol-

ta á capital com o intento de agitar aquella Babylonia. Desprovido de fortuna, desconhecido em Paris, consegue, á força de perseverança, organisar uma commissão central, da qual fica sendo secretario, e um jornal hebdomadario que elle dirige, tudo no sentido d'aquella grande idéa que havia abraçado com enthusiasmo.

Lyão, Marselha, o Havre escutaram os seus discursos de reformador; e quem sabe a direcção que este negocio teria tomado, se não fosse a revolução de 1848, que o fez esfriar repentinamente.

Bastiat conhecia que era cedo para proclamar a republica em França, mas assim mesmo ligou-se á nova ordem de coisas. Eleito deputado á assemblea constituinte, e depois á legislativa, escreveu e imprimiu os discursos que a crescente fraqueza dos pulmões lhe não deixava recitar. Bastiat carecia das qualidades materiaes indispensaveis ao orador, mas nem por isso a sua força de persuasão era menos admiravel. Todavia os seus pamphletos politicos deram-lhe muito maior gloria do que as orações na assemblea.

A cada erro dos exagerados escriptores da epoca, Bastiat oppunha um dos seus persuasivos livrinhos: a doutrina de Luiz Blanc é combatida por elle com o opusculo *Propriedade e lei*; a de Leroux com o folheto *Justiça e fraternidade*; a de Proudhon com o *Capital e rendu*: ao *comité* Mimerel oppõe *Proteccionismo e communismo;* ao papel-moeda o *Maldito dinheiro*, etc.

Já bastante enfraquecido pela doença, Bastiat escreveu o seu famoso livro das *Harmonias economicas*, obra de grande alcance scientifico, porque tendia a fundir em um só os diversos systemas que se contrariam; mas que ficou incompleta, á espera de outro Bastiat que a conclua. Não era uma sciencia nova que o distincto economista pretendia crear, era tão sómente apresentar sob um novo aspecto a sciencia já creada.

Uma nota posthuma de Bastiat indica que o autor das Harmonias economicas se propunha a escrever mais tarde *As harmonias sociaes*, se a morte lhe não cortasse o vôo.

Não fatigaremos o leitor com o desinvolvimento das theorias economicas de Bastiat, que ficariam deslocadas em um semanario como o *Panorama*; e apenas daremos uma succinta idéa do resto das suas obras.

Publicado o primeiro volume das *Harmonias*, Bastiat lançou-se com ardor á confecção do segundo, que não acabou; e entretanto sustentava polemica nos jornaes com mr. Proudhon; escrevia o artigo *Abundancia* para o Diccionario de Economia politica, e occupava-se de outros trabalhos secundarios.

Os sophismas economicos é um dos livros de Bastiat mais conhecidos e mais justamente apreciados. *Cobden e a Liga; As considerações geraes sobre a liberdade de commercio; A questão das subsistencias*, são escriptos de grande alcance economico, e cuja leitura se tem vulgarisado em toda a Europa. O *Estado*, a *Lei*, *Propriedade e espoliação*, *Paz e Liberdade*, são opusculos destinados a combater ás demasias dos socialistas. Outros artigos, taes como as *Incompatibilidades parlamentares*, *O que se vê e o que se não vê*, etc., pertencem á parte da carreira politica do illustre economista.

Bastiat tinha agradavel presença, maneiras insinuantes, e uma ingenuidade pouco commum. Leclerc chamava-lhe o *Lafontaine da economia politica*.

Desde a primavera de 1850 sentiu Frederico Bastiat que se aggravava a doença do peito, que ha annos o perseguia; e buscando as aguas dos Pyreneos, que mais de uma vez o haviam salvado, encontrou, pelo contrario, accrescimo de mal, perda da voz, fastio, e falta de respiração. No principio do outono aconselharam-lhe os medicos uma viagem á Italia; e chegando a Pisa leu nos jornaes a noticia da sua morte e os competentes necrologios. Effectivamente foi expirar em Roma, pouco tempo depois, a 24 de Dezembro, sem ter attingido a edade de cincoenta annos.

Mr. Paillottet, que correu de Paris a Roma para receber as derradeiras instrucções de seu amigo, deixou-nos um interessante diario das ultimas horas da vida de Bastiat, horas de serenidade christã.

Murmurando duas vezes: *A verdade*!... expirou, sem concluir a phrase.

F. M. Bordalo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação (*)

VI

SOBRE AS AGUAS.

A barca vae correndo para a foz do Tejo, com a dupla velocidade da maré que vasa, e do vento que lhe sopra a favor.

Apenas na sua popa apparecera a luz que ha pouco dissemos, egual pharol se acendera n'outra barca que se via bordejando pela altura da rocha do conde de Obidos, se bem que mais chegada aos lados da outra banda, do que ás praias de Lisboa.

Dado aquelle signal por via dos pharoes, as duas barcas velejaram uma para a outra; e em quanto lidam por se encontrar, é justo que descrevamos a scena que n'esse momento tinha logar sobre as aguas.

Do mudo pouco caso se fizera; e a esse o deixaram sentar onde bem lhe pareceu. Não foi já assim com o incognito, e com o Tranqueira, que ficaram collocados entre aquelles estranhos que vimos apparecer na praia.

Houve um momento de pausa, que serviu aos dois prisioneiros para se repôrem da estranheza do caso, e ao padre Gaspar para se preparar ao interrogatorio que ia fazêr.

(*) Do num. 43.

— Mui bem, senhor fidalgo da côrte do regente o senhor D. Pedro. Sua senhoria não contava de certo com este leve transtorno nos seus planos.

Assim disse o padre Gaspar rudemente ao incognito.

Este replicou:

— E quem sois vós, homem da Companhia, para assim vos intrometterdes em caso que vos não respeita?

— Antes de responder, tenho de interrogar. Só uma palavra, e tudo findará. Está resolvido a abandonar a traça d'esses planos tão temerariamente urdidos, e com tão infernal manha postos em pratica?

— Não.

— Pois de mim lhe digo, senhor D. Gil, que tambem não abrirei mão do meu proposito em contrarial-os. A Companhia vela porque os seus irmãos sejam protegidos, e protege-os como vêdes.

— Mas que tem com a Companhia o mercador Simão Rodrigues?! Que eu saiba é para vós um estranho, e de mais a mais bem pouco affeiçoado.

— E que tendes vós com Beatriz Peres, a filha do honrado homem de negocio que não pouco testou de suas arcas á Companhia, e que transmittiu á velha Aldonsa essa veneração que nos tributa?

— Agrada-me, padre, e é quanto basta. Tereis entendido? A vontade de D. Gil nunca encontrou obstaculos, porque tem braços para os desfazer, e valimento para proseguir.

— Força que vos não valeu agora, D. Gil; e valimento que desde esta tarde perdeste. D. Pedro, que tem motivos para se não aggravar com a Companhia de Jesus, desde hoje vos baniu do seu real agrado.

— É impossivel!

— Nem tanto quanto vos parece. Credulo de mais é o que confia no valimento dos principes, porque a lisonja e a intriga que o fizeram alcançar, facil o deixam perder. Sabe, D. Gil, para onde navegamos?

— No poder de um padre da Companhia apostaria agora que velejamos para o inferno.

— Não vê D. Gil aquella barca que se nos aproxima?

— É a minha! Estou salvo.

— Vem n'ella homens d'armas que trazem ordem de conduzir D. Gil, como preso de estado, para os carceres da torre.

— Engana-vos o desejo, meu padré. Algum contratempo demorou a minha barca, e de longe reconheceu que eu corria perigo, e vem resgatar-me do vosso poder.

— Como é o coração humano!... sempre credulo, sempre esperançoso! Em poucos momentos recebereis o desengano. No entanto, D. Gil, aconselho-vos a desistir, se não quereis estar encarcerado por muito tempo. Bem sei que vos custa, porque o logro da empresa era excellente, e a fortuna de Beatriz Peres é d'aquellas que pode dar lustre á casa de um fidalgo arruinado; mas a Companhia tem sobre ella vistas mui differentes das vossas, e hãode cumprir-se.

N'isto a outra barca tinha-se prolongado com o costado da primeira, onde se passava a scena descripta, e ambas se atracaram.

A um signal do padre Gaspar, o meirinho das justiças d'el-rei tocou D. Gil com a sua vara, e lhe deu voz de preso.

O fidalgo, não se sobresaltando, puxou do bolso um papel, e o entregou ao meirinho, que lendo-o detida e silenciosamente, com vagar o dobrou, e o restituiu a D. Gil, acompanhando esta acção com um gesto imperativo de o seguir para a nova barca.

— Então não vêdes, aguazil, que é uma ordem do regente ás suas justiças, para me deixarem solto e livre, e prestarem-me auxilio quando lh'o demande?

— É verdade, porém est'outra, que esta tarde se expediu ás justiças, ordena que prendam a D. Gil, onde quer que o encontrem, e o conduzam á torre, a ferros d'el-rei, não obstante quaesquer ordens em contrario, que o mesmo D. Gil apresente, porque todas essas se dão por nullas, e como se nunca tivessem existido. Já vê, o meu bom senhor, que ao aguazil n'este caso só pertence o cumprir.

Durante esta scena o Tranqueira, aproveitando-se do interesse que o dialogo causava, vendo distrahidas as attenções, lançara-se a nado, porque seus motivos tinha para não gostar de ser preso.

O choque na agua chamara sobre elle a attenção; mas como não havia interesse em segurar similhante homem, ninguem tratou de o seguir.

Só D. Gil, como esclarecido pelo exemplo, pareceu espreitar o ensejo de tambem se lançar a nado; mas prevenido pelos que o acompanhavam, foi impellido para a outra barca, e n'esta intimado, que, se fizesse alguma tentativa de evasão, seria amarrado como um preso vulgar, sem attenção aos foros da sua classe.

Ao entrar na outra barca encontrou-se com o mercador Simão Rodrigues, que n'esse momento saltava para aquella onde se achava o padre mestre Gaspar.

Continua.

AUTO DA FÉ ÁS BRUXAS, CELEBRADO EM LOGRONHO NO ANNO DE 1610; SEGUIDO DA FAMOSISSIMA CARTA SOBRE EGUAL ASSUMPTO DO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO CONDESTAVEL DE NAVARRA EM 1590.

Continuação.

Deu logar a que se descobrisse esta seita de bruxos, segundo se refere na sentença de Maria Yurreteguia, uma mulher de nação franceza, que se tinha creado em Zugarramurdi, que ha-

via ido ao Aquelarre pondo-se de joelhos diante do demonio em quanto a rodeavam muitos bruxos insignes: ainda que esta mulher se entregou ao demonio não pôde este conseguir d'ella que renegasse da Virgem, pelo que os bruxos atemorisados a perseguiam; ella fazia todos os maleficios da sua condição; mas em suas acções não havia fé; por fim, depois de anno e meio caiu enferma, e tendo chegado a ponto de morrer confessou o seu officio, e o bispo de Bayona mandou que se lhe desse a communhão, e aquella bruxa começou a ser boa mulher. Por este resultado os bruxos perseguiam-na de morte: voltou a Zugarramurdi onde se havia creado, e foi então que disse onde se effectuava o Aquelarre, dando declaração das pessoas que o compunham: entre ellas accusou Maria Yurreteguia, a qual, presa pela santa inquisição, declarou sel-o desde menina, por a ter ensinado Maria Chipia, irmã de sua mãe, que tambem foi tirada no auto.

Sentindo o demonio os grandes damnos que d'esta confissão lhe haviam de resultar, participou aos seus bruxos o grande sentimento que tinha porque aquella tivesse saido da sua bandeira, e logo começaram a perseguil-a, e a ir de noite a sua casa para a tirar e levar ao Aquelarre, mettendo-lhe medos e ameaçando-a se não fosse. E em uma noite de Aquelarre, estando o demonio e todos os seus bruxos com elle, lhes disse o grande sentimento que tinha, e que era preciso que fossem todos para tirar de sua casa a dita Maria de Yurreteguia para a levar ao Aquelarre. E dando a todos diversas figuras de cães, gatos, porcos e cabras, e a Graciana de Barnechea (que era rainha do Aquelarre) a figura de egua, foram a casa de Maria de Yurreteguia, que era a de seu sogro, e havendo entrado na horta d'ella (deixando todos os bruxos moços na dita horta), o demonio se apartou com os bruxos mais velhos, e tornando a consultar o modo que seguiria para tiral-a de sua casa e leval-a ao Aquelarre, entraram na casa pelas portas e janellas abrindo-lh'as o demonio; e acharam que a dita Maria de Yurreteguia estava na cosinha rodeada de muita gente, que aquella noite tinha convocado para que a acompanhassem e guardassem pelo medo que tinham todos os de casa dos males que nas noites antecedentes lhes tinham feito os bruxos, e porque ella lhes disse que aquella era noite de Aquelarre, e iriam maltratal-a. E o demonio e Miguel de Goiburu, rei do Aquelarre, e outros bruxos, se puzeram de traz de um escabello, e por cima d'elle deitavam as cabeças para ver onde estava, e o que fazia a dita Maria de Yurreteguia, e para a chamarem fazendo-lhe signaes que fosse com elles. E Maria Chipia, sua mestra e tia, e outra irmã sua, se pozeram no alto da chaminé, e d'ali a chamavam com a mão, fazendo-lhe signal para que quizesse ir com ellas, e a ameaçavam pondo o dedo na fronte, jurando-lhe que lhe havia de pagar se não ia com elles, e ella se defendia gritando, e mostrando onde estavam os bruxos; mas os que estavam ali não podiam vêl-os, porque o demonio os tinha encantado, deitando-lhes umas sombras para que não os podessem ver, senão a dita Maria de Yurreteguia, a qual em gritos dizia: *deixae-me, traidores, não me persigaes mais, que muito tenho já seguido ao diabo*. E vendo o muito que a apertavam para que fosse com elles, tirando um rosario que tinha ao pescoço, levantou a cruz d'elle ao alto, dizendo: *deixae-me, deixae-me, que não quero servir mais ao demonio: a esta quero*, dizia beijando a cruz, *e esta me hade defender*; e benzeu-se chamando pelo nome de Jesus e da Virgem Santa Maria; desappareceram e foram-se todos fazendo grande ruido no telhado.

E tendo voltado com muita tristeza aonde estavam os outros bruxos, o demonio despeitado dava em si grandes pancadas com a mão esquerda nos peitos, para mostrar a grande pena e dôr que tinha por não ter podido reduzir á sua bandeira a dita Maria. E para vingar-se d'ella lhe arrancaram as hortaliças da horta, e lhe quebraram e destroçaram muitos pés de arvores, e logo se foram a um moinho que tinha arrendado o sogro da dita Maria de Yurreteguia, e para mais se vingar d'ella o destruiram rompendo e quebrando o pouso, desencaixaram o eixo, e o deitaram n'agua, arrancaram a galga, e a puzeram a um lado do moinho, e depois o demonio e grande numero de diabos (que ali appareceram, e todos os bruxos) levantaram todo o moinho, que estava posto sobre quatro pilares, e o levaram ao alto d'um cerro que estava ali perto, onde o tiveram algum tempo com muito regozijo e riso por ver que tinham levado inteira toda aquella machina, e porque as bruxas mais velhas (como trabalhassem tanto para o levar), iam dizendo: *aqui moças, e em casa velhas*; e depois trouxeram todo o moinho inteiro como o levaram, e os demonios o pozeram e concertaram como estava, deixando quebrado o pouso, e o eixo na agua, e a pedra de moer a um lado. Como o tinham posto, foram-se com muito sentimento e despeito por não terem podido fazer voltar á sua bandeira a dita Maria Yurreteguia; e no dia seguinte se acharam feitos todos os ditos damnos, e levaram officiaes que concertaram e repararam o moinho.

Porque esta Maria de Yurreteguia deu principio na dita forma a que se descobrisse esta seita e complicidade, e perseverou sempre em suas confissões, resistindo com muito animo ao demonio e aos mais bruxos que pretendiam reduzil-a ao seu gremio; o santo tribunal usou com ella de tão grande misericordia, e dispoz que se lhe tirasse o sambenito (estando no tablado) depois que foi reconciliada, e se lhe deu licença para que podesse voltar á sua terra, e fosse exemplo a todos os demais bruxos da misericordia que com ella se usava por ser boa confitente.

N'estes tempos existiam muitos Aquelarrès, e eram rainhas das legiões de bruxas de Navarra, Graciana de Barnechea e Estefania de Felechea,

que para dita do mundo e gloria da inquisição, morreram pomposamente queimadas.» —

Continua.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

USOS E COSTUMES DOS FRANCEZES NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

O que apertava a mão a uma mulher livre era condemnado em quinze soldos d'oiro; e em trinta se lhe tivesse apertado o braço.

Não se conhecia, no tempo da primeira raça, o que hoje se chama gente togada. Os juizes seculares administravam a justiça armados de espadas, hachas e escudos. A sua commissão, que era temporaria, prohibia-lhes qualquer acquisição de bens na area da sua jurisdicção.

Os juizes davam audiencia em um logar publico, todos os oito ou quinze dias, segundo a quantidade dos negocios. Cada particular advogava a sua causa; as viuvas e os orphãos, assim como os pobres, estavam sob a protecção da egreja, e nunca se sentenceava contra elles sem a intervenção do bispo.

Cada estado, e cada profissão tinha tribunal proprio, bem como leis e costumes: os ecclesiasticos eram julgados pelo clero; os militares, pelos militares; o povo, por centuriões nas villas e aldêas, nas cidades por condes, e nas metropoles ou capitaes por duques. Os francezes deviam ser julgados conforme a lei salica; os gaulezes d'além do Loire, segundo o direito romano; e os dos paizes septentrionaes, conforme o direito rutineiro. Não havia nenhum grau de jurisdicção entre os diversos tribunaes: das suas sentenças só se appellava para o rei. Se o appello era fundado, o juiz tornava-se responsavel pelas perdas e interesses; se o appellante tinha sido bem julgado, condemnavam-no em uma multa, sendo de classe distincta; aos açoites, se era plebeu. O principe enviava de tempos a tempos commissarios ás provincias, nunca menos de dois, sempre um bispo, um duque ou um conde, que se empregavam em ouvir as queixas, e dar conta d'ellas ao monarcha.

Algumas vezes o proprio rei administrava a justiça. A audiencia tinha logar sempre á porta do seu palacio. Quando não podia assistir pessoalmente, encarregava dois officiaes de receber os memoriaes, e responder immediatamente aos que não precisavam longa discussão. Havia, além d'estes referendarios, um *conde-juiz*. Este tinha por conselheiros militares como elle, que se chamavam *vereadores de palacio*. Este tribunal julgava de tudo que dizia respeito ao estado, ao principe e ao publico. Quando o rei o presidia, assistido dos bispos, abbades e duques, a causa era relatada pelo conde-juiz, recolhiam-se os votos, e em seguida sentenceava-se.

Os filhos não podiam casar sem o consentimento do pae e da mãe. O futuro esposo devia offerecer uma somma aos paes da donzella. Esta especie de compra dava tamanho poder ao marido, que, se elle dissipava o dote ou as heranças pertencentes a sua mulher, esta não tinha direito de lhe pedir a restituição.

A adopção era permittida, dava todos os direitos de filho legitimo, e fazia-se perante o rei, que dava as ordens para a expedição dos diplomas.

Distinguiam-se tres especies de bens: os *proprios*, de que se permittia a livre disposição; os *beneficios*, que se recebiam do principe ou da egreja, sob certos censos; as *terras salicas*, que se possuiam com a condição do serviço militar. As mulheres não herdavam senão os proprios; os beneficios devolviam ao rei por morte do possuidor; as terras salicas pertenciam só aos varões. É para notar que os reis de França, entrando nas Gallias, deixaram aos gaulezes os dois terços das suas terras, fazendo-os tributarios: o outro foi dividido pelas tropas victoriosas. O quinhão do soldado dependia do official. O que este possuia era com certa subordinação a outro, que tambem não fruia senão por autoridade do rei. Assim tudo dependia do monarcha.

Carlos-Martel, depois de ter vencido os serracenos, apoderou-se d'uma parte dos bens da egreja, pretextando que se tinha desfalcado combatendo os inimigos do nome christão. Não contente de chamar a si os beneficios mais consideraveis, dividiu os bispados e abbadias pelos principaes senhores do seu exercito, e deu as parochias aos officiaes subalternos. Os beneficios tornaram-se hereditarios; fizeram-n'os entrar em commercio; e partilhavam-se como os outros bens de familia. Em certos inventarios venderam-se egrejas, altares, sinos, ornamentos, calices, cruzes e reliquias. Levou-se ainda mais longe este horrivel abuso: quando se casava uma filha, dava-se-lhe em dote uma parochia de que arrendava o dizimo e todo o producto. Foram necessarios seculos para reformar estes escandalos. Julga-se que d'ahi vieram os dizimos enfeudados, isto é, possuidos como em feudo pelos nobres ou outras pessoas leigas.

Continua.

?

Acaso já viram na terra uma virgem,
De formas divinas, de olhar seductor;
Enlevo das almas, um astro radioso,
Luzindo discreto de um novo fulgor?

As phrases que solta são todas candura,
Infiltram-se n'alma com tanta impressão!
Desenham, traduzem, tão ampla virtude;
E tem sobretudo tão bom coração!

Segredos que eu saiba na vida não conta,
O mundo não pode manchar-lhe o pudor,
Piedosa e affavel a todos acolhe
Humana consola com prantos a dôr!

Instincto elevado, finura agradavel,
Augmentam-lhe ainda de fada o condão;
Presente uma angustia, vae logo abraçal-a,
Entende-a, e chorando lhe aponta a oração.

Na mão que a indigencia tremendo lhe estende,
Humilde implorando lhe abrande o rigor,
E a fome lhe mate, sollicita esmola,
Ingenua, a donzella sorrindo vae pôr!

Responde graciosa, e modesta evitando
O affecto importuno, n'um magico *não*;
Desfaz as esp'ranças, se um louco as concebe,
E dá-lhe em vez d'ellas fraterna affeição.

Vaidade — nem sabe que exista no mundo
A virgem formosa de immenso valor,
Seus paes que a estremecem adora e respeita,
Contente por elles só vive de amor!

O rosto é-lhe espelho de terna bondade;
Não nega, se a offendem um nobre perdão,
Concede-o depressa, que, meiga e affavel,
Esquece de prompto se vê contricção.

Lisonjas não julguem, são tudo verdades,
Louvando só digo, revelo o que sinto;
O nome não digo, procurem-no perto
Se querem sabel-o, verão que não minto!

A PESCA.

(CANÇÃO).

Pescador, barco ao mar sem demora,
Solta as velas ao brando frescor!
Redes promptas! Ávante! sem medo!
Barco ao mar! e sentido! e vigor!
E a companha repete contente:
Barco ao mar! e sentido! e vigor!

Este mar que se espelha é de leite,
E de rosas se off'rece a maré!...
Eia! á pesca! nos peitos levamos
Esperanças, saudades e fé!
Infeliz não é certo, quem leva
Esperanças, saudades e fé!

Já se afasta veloz a companha,
Sobre as ondas alegre a correr;
Mais de uns olhos a seguem saudosos,
Mais de um peito suspende o prazer.
Porque as vagas do mar inconstante
O sepulchro d'amor podem ser!

Já vão longe. Na terra mais de uma,
Ai! murmura fervente oração;
Por qual d'elles? Por quem? O seu nome
Não no diz a ninguem, isso não!
É segredo que o peito lhe guarda,
É mysterio do seu coração!

E em quanto o cuidado estremece
Mais de um peito nas ancias do amor,
Vae no barco da pesca cantando,
Satisfeito o gentil pescador.
É suave, singela e sentida
A canção do gentil pescador!

«Meus amores em terra ficaram,
A saudade me punge no mar,
Protegei-me, meu Deus, contra os p'rigos,
Que as saudades desejo matar.
Quero á terra volver, aos amores,
Quero, emfim, as saudades matar.

Não é minha metade d'est'alma,
E a minh'alma partida não qu'reis;
É-me a pesca meu pão, meu sustento,
Mas d'amor os cuidados são leis,
Quero á terra volver, aos amores,
Que de amor os cuidados são leis.»

De repente uma voz se levanta,
Que suspende trabalho e cantar:
Próa á terra! — É o arraes que lhes brada,
Boa pesca lhe vamos levar.
E airoso, mudando de rumo,
Vem o barco na terra aproar.

O terror trocou-se em folguedos;
As saudades murcharam então;
E floriram d'amor as esp'ranças,
E perdeu-se no amor... a razão.
E cantaram alegres, folgaram,
Dando largas á mutua paixão!

MENDES LEAL (ANTONIO).

TABELLAS CURIOSAS.

Não vae fora de proposito, nas columnas de um jornal que tem conservado a missão de instruir deleitando, apresentar as seguintes tabellas, colhidas dos estudos de graves autores. Será a primeira a das alturas, e a segunda, a das velocidades.

A altura da atmosphera até ao sitio em que reflectir a luz, é de 12 leguas e 20 graus.

A altura da atmosphera até ao logar em que ella pode conter a luz, é, segundo o calculo de Bouger, quasi de 2 leguas.

A serra Chimbaroso, no Peru, mede 3220 toezas de altura, acima do nivel do mar.

O fumo dos volcões eleva-se até á altura de 4400 toezas.

A elevação das nuvens na zona torrida sobre o nivel do mar sobe a 2400 toezas.

A altura do Monte Branco, na Saboia, é de 2391 toezas.

A altura do Pico de Tenerife, é de 1904 toezas.

A do Monte Ceny mede 1807 toezas.

A dos mais elevados montes dos Pyreneos é de 1763 toezas.

A do Monte Etna é de 1713 toezas.

A do Monte Neveira 1583 toezas.
A do Monte Libano 1500 toezas.
A da grande pyramide do Cairo 466 pés.
A da torre de Strasburgo 440 pés.
A da cruz de S. Pedro em Roma 378 pés.

Em quanto ás velocidades, tem-se calculado que um homem, que passeia naturalmente, avança 4 pés por segundo.

A velocidade de um bom cavallo de sege, é de 12 pés por segundo.

A de um cavallo da Laponia de 26 pés por segundo.

A de um bom cavallo de carreira, inglez, de 42 pés por segundo.

A de um galgo, ou bom cão de lebres, é de 88 pés por segundo.

A de um vento geral, e corrente entre os Tropicos, de 25 a 30 pés por segundo.

A de um navio bem veleiro, é quasi de 19 pés por segundo: advertindo que pode tomar os dois terços da velocidade do vento.

Nos furacões e tempestades, o vento corre algumas vezes mais de 100 pés; e n'este caso arranca as arvores pela raiz.

O som corre 173 toezas por segundo.

Uma bala de 24 libras corre 1300 pés por segundo.

A terra, no seu movimento diurno, o que quer dizer no ponto do Equador terrestre, corre 238 toezas por cada segundo: no seu movimento annual ao redor do sol, faz 7 leguas por cada segundo.

Mercurio faz 11 leguas em cada segundo.

Venus 8 leguas no mesmo espaço de tempo.

Marte percorre sómente 6 leguas; Jupiter 3; Saturno 2; e Horchel 1½.

Os corpos graves caindo para a terra, no primeiro segundo do seu descenço, descrevem 15 a 51 pés debaixo do Equador em 80 graus de latitude; fazem no mencionado tempo 15126 pés.

A sombra da lua em um eclypse decorre 12 até 15 leguas por minuto.

A velocidade de uma roda de moinho deve estar na razão da ametade da agua para produzir o maior effeito.

A luz deve gastar mais de tres annos em vir das estrellas fixas, que pelo menos estão 200000 vezes mais desviadas de nós que o sol.

F. D. d'Almeida e Araujo.

MUSEUS, GABINETES DE MEDALHAS, GABINETES DE PHYSICA, E JARDINS BOTANICOS.

Seria curiosa a noticia dos museus que hoje possuimos, se não houvesse tamanho descuido em fazer conhecidos estes thesouros, que parece uma especie de avareza nos seus proprietarios darem publico conhecimento d'elles.

Não succedia assim nos tempos passados; e por não recuar mais longe, tomaremos para exemplo o anno de 1807.

D'elles daremos uma abreviada noticia, que oxalá sirva de incentivo aos homens de hoje para fazerem conhecidos os que tão cuidadosamente occultam; que d'estes e outros similhantes descuidos de publicidade resulta o nosso atraso na estatistica, e d'ahi a falsa apreciação das riquezas do nosso paiz.

Não fallando no gabinete de Historia Natural, que era franco todas as quintas feiras de tarde, e situado na calçada d'Ajuda em Belem, havia o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, á Junqueira; o do marquez d'Abrantes em Bemfica; o de D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, ao lado do Passeio Publico; o do padre João Faustino, na Casa do Espirito Santo; o museu Maynense, em que se ensinava historia natural e botanica, instituida a aula pelo padre frei José Mayne, no convento de Nossa Senhora de Jesus; o da academia real das sciencias, no palacio do Calhariz; o de Adolfo Frederico Lindimberg, na rua Formosa; e o de Jorge Rei, aos Martyres.

Dos *gabinetes de medalhas e antiguidades*, tambem no mesmo tinhamos não pequena copia, e além do de sua alteza real o principe regente, havia o museu Maynense, onde existiam mais de 540 pinturas, comprehendendo muitas dos melhores autores; o da livraria publica, que então estava estabelecida na Praça do Commercio; o do marquez d'Angeja, na Junqueira: o dos padres theatinos; o dos monjes benedictinos; o do arcebispo d'Evora; o do desembargador João Vidal da Costa e Sousa, na rua de S. Bento; o de João de Magalhães d'Avellar, em Coimbra.

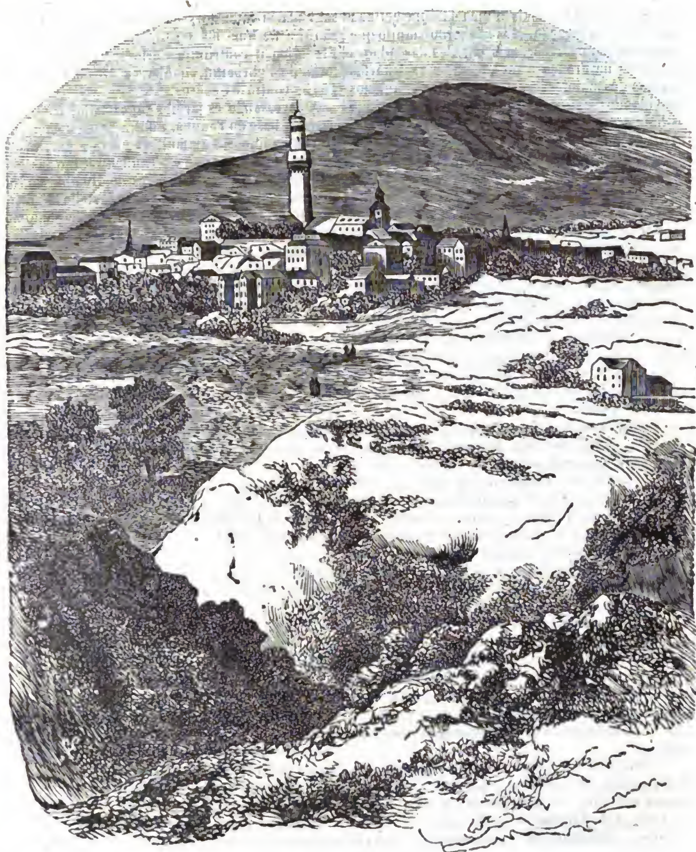
Gabinetes de physica contavam-se oito, a saber: o do principe regente; o da universidade de Coimbra; o do real hospicio de Nossa Senhora das Necessidades; o do marquez de Tancos, á Costa do Castello; o dos conegos regrantes, em S. Vicente de Fora; o da academia real das sciencias, ao Calhariz; o de Tiberio le Blanc, na rua nova de Jesus; e finalmente, o de João Diogo de Barros Leitão Carvalhosa, na sua quinta do Cabeço, a Sacavem.

Os jardins botanicos, além do d'Ajuda, contavamos o da universidade de Coimbra; o do marquez d'Angeja, ao Lumiar; e o do marquez de Abrantes, em Bemfica.

E por accessorios, como complemento d'esta honrosa lista de verdadeiros thesouros de sciencia, não podemos deixar de enumerar os nossos laboratorios chymicos, que eram, o de sua alteza real o principe regente; o de Antonio de Sousa da Silva Alcaforado, em Guimarães; o da universidade de Coimbra; e o da casa da moeda; e assim tambem os nossos observatorios astronomicos, que estavam estabelecidos na marinha real; na academia real das sciencias; no real hospicio das Necessidades, e na universidade de Coimbra.

Esta simples enumeração, consagrada nas paginas do *Panorama*, servirá de desaffrontar do epitheto de obscurantismo a geração que precedeu a actual.

F. D. d'Almeida e Araujo.



VISTA GERAL DA CIDADE DE HOMBURG.

O nome de Homburg soa desagradavelmente aos ouvidos honestos. Chama ao espirito a lembrança do jogo, dos ganhos illicitos, das paixões detestaveis, do desespero, e suicidios. É verdadeiramente um pensamento infernal escolher os logares onde a benefica natureza faz brotar fontes de saude para lhe collocar ao pé fontes de desmoralisação e miseria. Que se diria de um medico que estabelecesse em seu proveito, na casa onde os doentes vão esperar as suas consultas, jogo, musica, dança e refrescos? São mais innocentes os principes, ou as juntas de governo, que, por interesse pecuniario, deixam erguer, junto dos estabelecimentos de banhos, templos ao demonio do jogo?

No mez de Maio de 1849, a Confederação germanica, inspirada pelo pudor da antiga honra allemã, enviou um commissario imperial a Hom-

burg com ordem d'ahi fechar as casas de jogo. A opinião publica, em toda a Europa, applaudira esta medida; mais d'uma familia a tinha abençoado no coração. Mas não tardou muito que tornassem a apparecer, nas paredes das cidades populosas de França e Inglaterra, e nas quartas paginas dos maiores jornaes, pomposos annuncios convidando sem disfarce ás commoções do jogo os habitantes de todo o mundo. Segundo se disse, é porque o landgraviado de Hesse-Homburg, um dos dois mais pequenos estados da Confederação, supprimido em 1806, e restabelecido em 1815, estava muito endividado e precisava recursos extraordinarios, tanto para abastecer o contingente de quatrocentos oitenta e oito soldados que ministra ao exercito federal, como para dotar com a conveniente lista civil o seu soberano absoluto. Ora a sabedoria que governa este pequeno povo de vinte quatro mil almas, considerando que o dinheiro dos enfermos não bastava para acudir-lhes, concebeu a idéa de augmentar o orçamento com o dos jogadores e dissipadores de toda a especie, que estava certa de ver correr aos logares onde luzissem e tinissem os cartuxos d'oiro.

O edificio onde se joga, e que se chama, como todas as grandes casas de prazer d'Alemanha, o Kursaal, ergue-se mesmo no centro de Homburg; estende-se como alcatifa diante da sua frontaria um jardim de laranjeiras e flores. Por cima do peristilio ha um esplendido salão: é o salão dos principes; junto reservou-se uma elegante tribuna para o landgrave. Como se vê, é impossivel dar ao jogo, apoiado pelo governo por alto preço, canonisação mais official.

No andar baixo, a sala de baile, collocada entre o lado esquerdo onde se joga e o direito occupado pelo botequim e casa de pasto, pode conter obra de mil pessoas; é ornada de columnas de marmore e pinturas a fresco com brilhantes cores. Do outro lado do monumento, dispoz-se um pequeno jardim inglez, onde duas vezes por dia uma orchestra toca symphonias e walsas alemãs.

Á direita d'este perigoso palacio está o estabelecimento dos banhos a vapor e de chuva. As fontes mineraes, em numero de quatro — a fonte Luiz, a do Imperador, a de Isabel, e a Ferruginosa, rebentam em uma campina, a um kilometro pouco mais ou menos do Kursaal. Balaustradas polidas cercam os tanques de pedra que contém as aguas, recommendadas para as affecções d'estomago e figado; para a gotta, rheumatismo, e outras doenças.

Visto o Kursaal e as fontes, não ha mais que visitar, em Homburg, senão o castello do landgrave, cujo exterior e notavel pela mais completa ausencia de tudo que pode tornar um monumento agradavel á vista. No interior, mostram-se aos estrangeiros algumas armaduras e antiguidades romanas. No pateo ergue-se a torre *Branca*, de sessenta metros d'altura. É a parte mais antiga do edificio, e indica de muito longe aos viajantes a cidade de Homburg. O landgrave Frederico II fez edificar este castello na segunda metade do seculo XVII; a sua recordação é a de que mais se honra o landgraviado. Frederico II contribuiu gloriosamente para a victoria de Fehrbellin, ganha, a 18 de Junho de 1675, contra os suecos.

Atravessando os jardins do castello, chega-se perto da base do Taunus, e entra-se em uma grande rua de annosos alamos, que leva a uma vasta floresta de abetos que é o Tannenwald, o passeio mais agradavel dos arredores de Homburg. Na entrada, encontra-se o pequeno castello gothico, de que damos o desenho, servindo de ponto de reunião para caça, o jardim botanico, o viveiro das plantas, e o lago das trutas. Os abetos cobrem a montanha, d'onde estendendo a vista se descobre ao longe um lindo panorama, ou do lado de Wiesbade ou de Francfort.

As outras excursões que se podem fazer são: — a ascensão do Feldberg, a mais alta montanha da cadêa do Taunus, coberta de matto, penhascos e ruinas, — e duas aldêas, Friedrichsdorf e Dornholzhausen, fundadas por alguns protestantes francezes no seculo XVII. Diz-se que os habitantes actuaes fallam ainda a lingua franceza no estylo do seculo de Luiz XIV.

CATALOGO DAS PESSOAS QUE GOVERNARAM O ESTADO DO BRAZIL POR EL-REI DE PORTUGAL.

Governadores, sendo a sede do governo geral na Bahia, e datas da posse de cada um d'elles.

I. Thomé de Sousa, 1549.

Teve guerra com os indios do paiz.

II. D. Duarte da Costa, 1553.

Conquistou o Reconcavo.

III. Mem de Sá Barreto, 1558.

Expulsou os piratas francezes do Rio de Janeiro, bateu os indios, e falleceu em 1572. N'esse mesmo anno foi dividido o Brazil em dois governos independentes, e nomeados:

IV. Para a Bahia, Luiz de Brito; para o Rio, Antonio Salema, 1572.

Quatro annos depois acabou esta divisão, e continuou a sede do governo geral na Bahia.

V. Diogo Lourenço da Veiga, 1578.

Falleceu em 1581, designando a camara e o ouvidor por successores.

VI. Manuel Telles Barreto, 1582.

Perseguiu os francezes, e os indios revoltados que se lhe uniram: morreu em 1587, e ficaram governando o estado pela via de successão:

— D. Fr. Antonio Barreiros (bispo); Cristovão de Barros, provedor da fazenda, 1587.

VII. D. Francisco de Sousa, 1591.

Lançou os alicerces do arsenal.

VIII. D. Diogo Botelho, 1602.

IX. D. Diogo de Menezes, 1608.

Formou um estabelecimento no Ceará; e no seu tempo se installou a relação da Bahia.

X. Gaspar de Sousa, 1613

Expulsou os francezes do Maranhão.

XI. D. Luiz de Sousa, 1617.

XII. Diogo de Mendonça Furtado, 1622.

Já conhecido pelo seu valor no Oriente; mas caiu em poder dos hollandezes, que o levaram prisioneiro para os Paizes-Baixos em 1624, depois de haverem tomado a cidade.

XIII. Mathias d'Albuquerque, 1624.

Governou em Pernambuco, e restaurou a Bahia do poder dos hollandezes.

XIV. D. Francisco de Moura Rollim, 1625.

XV. Conde de Miranda, D. Diogo Luiz d'Oliveira, 1626.

Defendeu-se dos hollandezes, fortificou melhor a cidade, e estabeleceu uma fundição de artilharia.

XVI. Pedro da Silva, 1635.

Foi feito conde de S. Lourenço, pelos serviços que prestou n'este estado.

XVII. Conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, 1638.

Querendo expulsar os hollandezes de Pernambuco, não tomou o porto, e veiu ter a Lisboa; governou na sua ausencia:

— Conde de Obidos, D. Vasco Mascarenhas, 1639.

Foi depois vice-rei da India, e mais tarde vice-rei do Brazil.

XVIII. Marquez de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas (primeiro vice-rei do Brazil), 1640.

Foi preso, e enviado a Lisboa pelo governo intruso em nome de D. João IV; anno de 1641. Esse governo compunha-se assim:

— D. Pedro da Silva, bispo; Luiz Barbalho Bezerra, mestre de campo; Lourenço de Brito Corrêa, provedor-mór, 1641.

XIX. D. Antonio Telles da Silva, 1642.

XX. Conde de Villa-Pouca, Antonio Telles de Menezes, 1647.

Commandou para o Brazil uma forte esquadra.

XXI. Conde de Castel-Melhor, João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, 1650.

XXII. Conde d'Athouguia, D. Jeronymo de Athayde, 1654.

Capitularam os hollandezes em Pernambuco.

XXIII. Francisco Barreto de Menezes, 1657.

Já havia sido um dos heroes na guerra contra os batavos.

XXIV. Conde d'Obidos, D. Vasco, 1663.

Já havia sido governador interino d'este estado, como acima se vê, e vice-rei da India; foi depois governador do Alemtejo, e conselheiro de estado (segundo vice-rei do Brazil.)

XXV. Alexandre de Sousa Freire, 1667.

O seu successor, João Corrêa da Silva, naufragou e morreu antes de chegar á Bahia, 1669.

XXVI. Visconde de Barbacena, D. Affonso Furtado de Mendonça do Rio, 1671.

Falleceu em 1675, tendo previamente nomeado, de accordo com a camara, os seguintes governadores;

— Agostinho d'Azevedo Monteiro, chanceller; Alvaro d'Azevedo, mestre de campo; Antonio Guedes de Brito, 1675.

N'esse tempo se descobriu o Piauhy. Foi nomeado vice-rei o conde de Villa-Flor, D. Sancho Manuel, porém morreu antes de partir de Lisboa.

XXVII. Roque da Costa Barreto, 1678.

XXVIII. Antonio de Sousa de Menezes, o *braço de prata*, 1682.

XXIX. Marquez das Minas, D. Antonio Luiz de Sousa Telles de Menezes, 1684.

Era brigadeiro, e havia governado as armas no Minho, e o Rio de Janeiro.

XXX. Mathias da Cunha, 1687.

Falleceu, tendo antes reunido os principaes da cidade, que elegeram para governadores:

— D. Fr. Manuel da Encarnação, arcebispo; Manuel Carneiro de Sá, chanceller, 1689.

XXXI. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, 1690.

Passou a vice-rei da India.

XXXII. D. João de Lencastre, 1694.

Havia sido governador d'Angola.

XXXIII. D. Rodrigo da Costa, 1702.

Foi governador da Madeira. Estabeleceu a fabrica da polvora na Bahia.

XXXIV. Luiz Cesar de Menezes, 1705.

Tinha sido governador do Rio de Janeiro e de Angola.

XXXV. D. Lourenço d'Almeida, 1710.

XXXVI. Conde de Castel-Melhor, Pedro de Vasconcellos e Sousa, 1711.

Fôra governador das armas do Minho, Beira e Alemtejo.

XXXVII. Marquez d'Angeja, D. Pedro Antonio de Noronha, 1714.

Terceiro vice-rei do Brazil, depois de ter egual dignidade na India. Fez lançar ao mar a maior nau construida no arsenal da Bahia, que se chamou *Padre Eterno*.

XXXVIII. Conde de Vimioso, D. Sancho de Faro e Sousa, 1718.

Morreu logo em 1719, substituindo-o no governo pela via de successão:

— D. Sebastião Monteiro de Vide, arcebispo; João d'Araujo Azevedo, mestre de campo; Caetano de Brito Figueiredo, ouvidor, 1719.

XXXIX. Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 1720.

Quarto vice-rei do Brazil, depois de haver exercido egual cargo na India. Era filho de Luiz de Menezes (34.° governador do Brazil) e sobrinho de D. João de Lencastre (32.° governador.) Creou no seu palacio uma academia litteraria, com o nome de — Academia brazilica dos *Esquecidos*!

XL. Conde das Galveas, D. André de Mello e Castro, 1735.

Quinto vice-rei do Brazil.

XLI. Conde d'Athouguia, D. Luiz Pedro Peregrino Carvalho Menezes e Athayde, 1749.

Sexto vice-rei. Havia sido governador do

Algarve. No seu tempo se estabeleceu a relação do Rio de Janeiro, e se começou a cunhar dinheiro no Brazil. Instou pela sua demissão, e voltando a Lisboa foi pouco depois decapitado pela conjuração dos Tavoras. Governaram, pela via de successão:

— D. José Botelho de Mattos, arcebispo; Manuel da Cunha Soutomaior, chanceller, e provedor-mór da fazenda; Lourenço Monteiro, coronel, 1755.

XLII. Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, 1755.

Setimo vice-rei do Brazil.

XLIII. Conde d'Avintes e de Lavradio, D. Antonio d'Almeida Portugal, 1760.

Oitavo vice-rei. Falleceu no mesmo anno em que tomou posse. Havia sido governador de Angola. A camara, relação e clero nomearam para o substituir:

— Thomaz Ruby de Barros, chanceller, 1760.

Porém o governo da metropole desapprovou a escolha, e nomeou:

— José de Carvalho Andrade, novo chanceller; Gonçalo Xavier de Barros Alvim, coronel; D. Fr. Manuel de Santa Ignez, 1761.

XLIV. Conde da Cunha, D. Antonio Alvarez da Cunha, 1763.

Nono vice-rei.

Mudou-se o governo para o Rio de Janeiro; e d'ahi em diante foi sempre o estado do Brazil governado por vice-reis, que antes tinham de tirocinio o governo da Bahia.

Vice-reis, sendo a sede do governo no Rio de Janeiro.

XLV. Conde da Azambuja, D. Antonio Rolim de Menezes, 1767.

Decimo vice-rei.

XLVI. Marquez de Lavradio, D. Luiz d'Almeida Portugal e Mascarenhas, 1769.

Decimo primeiro vice-rei.

XLVII. Luiz de Vasconcellos e Sousa, 1779.

Decimo segundo vice-rei.

XLVIII. Conde de Rezende, D. José de Castro, 1790.

Decimo terceiro vice-rei. Achada do grande diamante de Portugal em 1800, junto ao arroio de Abaeté.

XLIX. Marquez d'Aguiar, D. Fernando José de Portugal, 1801.

Decimo quarto vice-rei.

L. Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, 1806.

Decimo quinto e ultimo vice-rei do Brazil. Governou até á chegada d'el-rei D. João VI, em 1808.

F. M. B.

Tiberio não se contentou de punir as acções criminosas, e as palavras; elle fez condemnar os suspiros, as lagrimas, e até mesmo o silencio: eis-aqui o typo da tyrannia.

ADEUS!

(CANÇÃO.)

Volta, volta o cabrestante!
Solta velas! Attenção!
Ai! despede-te, saudade
Do meu pobre coração!

Adeus, patria, adeus berço de infancia
Ai! que eu nunca pensara deixar!
Adeus, campos de amena fragrancia
Onde infante medrei a brincar!

Leva o ferro! presto! Ávante!
Prôa ao mar, embarcação!
Parte comigo a saudade
Fica em terra o coração!

Adeus, sonhos de ternos amores!
Sonhos só — porque tanto chamei!
Se vos fujo é que fujo aos rigores
Da má sorte em que sempre me achei!

Voga ao largo! Segue o rumo!
Vento assim! Vae de feição!
Levo esp'ranças e saudade...
Deixo em terra o coração!

Adeus! todos que eu amo na vida
Adeus todos que tanto choraes!...
O que soffro com tal despedida
Bem no dizem agora meus ais!

Ala os braços! Caça escotas!
Aproveita a viração!
Acompanha-me ó saudade
Já que vou sem coração!

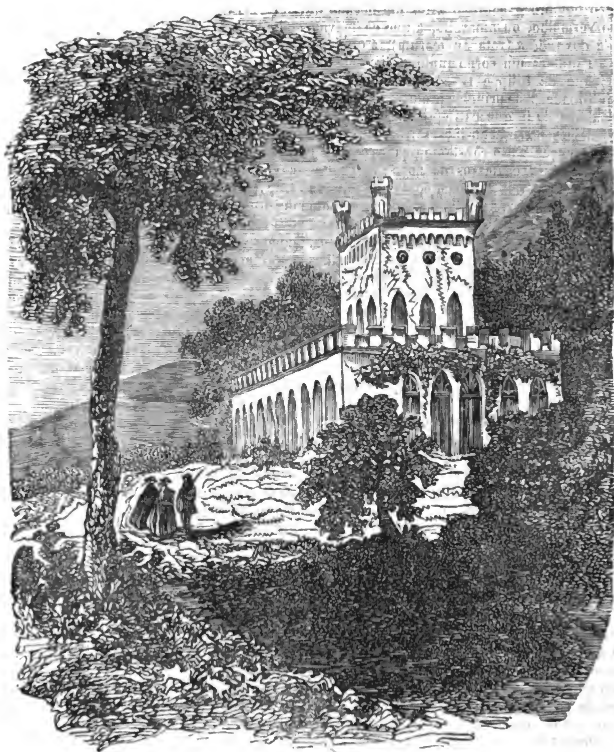
MENDES LEAL (ANTONIO).

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação. (*)

Em 1360, sob o rei João, julgaram os judeus ser chegado o momento favoravel para entrarem de novo em França. Banidos nos reinados precedentes, e mesmo depois da accessão do rei ao throno, não haviam depois gosado a permissão de ahi morarem mais do que por uma especie de tolerancia. Antes da libertação do rei, que quatro annos estivera preso em Inglaterra, tinham andado muito á roda do regente Carlos, filho do rei, que empregara todas as delongas para lhes não accordar uma graça, pela qual offereciam sommas consideraveis. Pouco tempo depois do livramento do rei, permittiu-lhes este retornarem á França e morarem no reino durante vinte annnos. A mesma ordem era acompanhada de cartas, que encarregavam a guarda e

(*) Do num. 44.



CASTELLO DE TANNENWALD, PROXIMO DE HOMBURG.

conservação de seus privilegios ao conde d'Etampes, principe de sangue do ramo d'Evreux.

Além da somma que esta nação industriosa sempre perseguida, sempre estrangeira no universo, e sempre rica, deu por esta liberdade, cada chefe de familia pagava doze florins d'oiro de Florença por sua entrada no reino, seis florins todos os annos por direito d'ahi habitar, e de mais um florim por cabeça de tributo annual, e imposto geral. Permittindo-lhes habitar em França, o rei julgou a proposito pôr freio á sua cubiça e moderar o interesse excessivo das sommas que elles prestavam a seus subditos. Foi-lhes por isso prohibido exigirem além de quatro dinheiros por libra, cada semana: usura tão exorbitante que assim autorisada por uma declaração do principe bem annuncia a que grau de miseria estava o reino reduzido.

Mais de uma vez tinham os judeus experimentado vicissitudes que lhes haviam alternativamente aberto ou interdicto a entrada no reino.

San-Luiz, antes de partir para a primeira cruzada os expellira de seus estados, e se apoderara de seus bens, dizem, que sem intenção de aproveitar os seus despojos, mas só com o fim de indemnisar seus subditos das usuras que lhes haviam extorquido.

De retorno ao reino chamou-os de novo, mas não tardou muito em expulsal-os outra vez, para alguns mezes depois lhes dar nova permissão para

volverem! Foi no tempo d'esta ultima revogação, que os subjeitaram á obrigação de trazerem sobre o hombro e sobre o peito um bocado de panno vermelho, ou amarello, a que chamavam *a roda dos judeus* (rota Judœorum), á qual Filippe III juntara um corno junto do bonnet. Até ao reinado de Filippe IV gosaram de alguma tranquillidade. Este principe prohibiu mesmo aos inquisidores da fé que os inquietassem. Alguns annos depois prescreveu-lhes sairem do reino, e não esqueceu o uso constante de lhes confiscar os bens. Luiz X chama-os de novo; permitte-lhes habitar no reino, tomando-os até sob sua protecção *especial*. A esta graça Filippe V junta novos privilegios, e permitte-lhes o herdarem. Carlos IV pelo contrario exila-os e despoja-os. Filippe VI consente que regressem, mas para lhes ordenar oito annos depois que se retirem. João logo que sobe ao throno os restabelece e assim passam até 1357.

Durante a prisão do rei são outra vez banidos. Liberto o monarcha, chama-os de novo, como acabamos de ver.

Em todo o reinado de Carlos V lhes é permittido permanecerem em França. A rodella de panno de côr que eram obrigados a trazer como distincção, foi-lhes mudada n'uma platina de estanho, do tamanho d'um grande sello real.

Em quanto cerca de 1375 a jurisdicção dos inquisidores obrava com rigor contra os hereticos, os judeus gosavam d'um estado pacifico ao abrigo de seus privilegios, e da protecção do soberano. Depois da permissão obtida no reinado precedente para habitarem a França durante vinte annos, o rei lhes accordara uma prorogação de seis annos. Esta graça acabava ainda de ser augmentada com a dilação de mais dez annos.

O domicilio de França era tão vantajoso a este povo activo e industrioso que elle punha todo o seu empenho em retardar quanto possivel a epoca da sua retirada. Só a peso d'oiro é que adquiria cada uma d'estas prorogações. As mais fortes imposições não eram capazes de o repulsar. Os judeus eram tão ricos que em muitas provincias, entre outras no Languedoc, puderam compor-se com o rei, e pagaram adiantadas uma parte das taxas a que eram subjeitos por todo o tempo que lhes era permittido fixar seu domicilio no reino. Estas composições, que não pareciam sobrecarregar o povo, enchiam os cofres do rei com sommas consideraveis. Entretanto a residencia assim permittida aos judeus em França produzia um inconveniente ao qual o governo não prestava então a necessaria attenção. Como é que não viam que um povo de usurarios privilegiados, cujo trafico illicito se autorisava assim, introduzia no reino a sêde injusta das riquezas, e o habito de crer que tudo era permittido para as conseguir?

Viver em França era tão vantajoso para os judeus, que elles pagavam sempre sem difficuldade as taxas que lhes impunham. Muitas vezes iam mesmo além d'isto, e de prorogação em prorogação elevavam as sommas já de si consideraveis para obterem novas permissões de domicilio. D'entre elles, durante esta longa residencia muitos tinham aberto os olhos e reconhecido as verdades do christianismo. Estes novos convertidos transportados por um zelo indiscreto, confundiam com a distancia da lei que haviam abjurado, uma inimisade pessoal contra os que persistiam na primeira cegueira. Não havia mais crueis perseguidores dos judeus, que estes christãos modernos. Diariamente citados ante os tribunaes por accusações quasi sempre destituidas de fundamento, os judeus exasperados levaram suas queixas ao pé do throno. O monarcha persuadido de que a justiça é um bem devido a todos os homens, sem excepção de seus sentimentos em materia de fé, prohibiu expressamente que os judeus regenerados pelo baptismo se tornassem delatores, a menos que não dessem caução, e fornecessem provas evidentes das suas accusações. Ao mesmo tempo tiveram os juizes ordem para não admittirem nenhum dos testemunhos que lhes tivessem feito, se não fossem certificados por informações juridicas.

No reinado de Carlos VI cerca de 1380, o duque de Anjou pouco zeloso em prevenir desordens, sonhava apenas em aproveitar todos os instantes de uma regencia limitada a tão curto espaço. Os judeus, pezadelo da nação que arruinavam por suas usuras, nocivos ao commercio que invadiam em prejuiso dos cidadãos, mas que pareciam uteis ao principe, pelas contribuições excessivas que pagavam, gosavam do direito de domicilio em França ao abrigo de cartas de permissão que obtinham; graça que como temos visto tinham grande cuidado de fazer renovar por um certo numero d'annos. Como estas prorogações eram adquiridas a peso d'oiro, o regente não os esqueceu, e concedeu-lhes a confirmação dos privilegios que tinham obtido no reinado precedente, augmentando o termo da sua residencia no reino de mais cinco annos além d'aquelle que Carlos V lhe havia prescripto. A esta dilação ajuntou em favor de muitos d'entre elles a isempção de trazer a *roda* que servia a distinguil-os; e de mais como se fosse uma economia perturbada, o lastimar as immunidades de gente que não as recebia jámais gratuitamente, expede-lhes uma abolição inteira de todos os crimes que geralmente pudessem ter commettido, ou contra o estado, ou contra o soberano. Esta concessão, quando os judeus eram tão despresados, que o simples testemunho dos delatores bastava para os culpar, a ponto das mulheres publicas chegarem a accusal-os de estupro, sendo cridas sob seu juramento, pode por isso julgar-se de que importancia não seria para gente fulminada pela execração publica. Se esta profusão de graças excitou, como não podia deixar de excitar, murmurios; o principe soube dissimulal-os em consideração das vanta-

gens que colhia. Isso porém não obstou que o povo não fosse pedir em massa ao chançarel João Desmaretz a expulsão dos judeus; e que o magistrado não respondesse que fallaria ao rei, e lhe daria satisfação.

Creram que esta nova exigencia não teria consequencias. Reforçados por outros successos que acompanhavam todos os seus passos, os amotinados tornaram a juntar-se no dia seguinte, excitados, dizem, por alguns nobres que tinham emprestadas sommas consideraveis dos judeus, que exerciam as duas profissões tão lucrativas como odiosas, de usurarios e de arrematantes dos impostos, sendo assim olhados com dobrado horror.

A sêde da pilhagem juntava-se a estes motivos de inimisade. A populaça avida e furiosa forçou as casas dos recebedores publicos, pela maior parte judeus ou lombardos; quebrou os cofres, espalhou o dinheiro nas ruas, rasgou as tarifas e os registos. Quarenta casas foram pilhadas n'uma só rua. Os fatos, os moveis, as baixellas, as pedrarias, tornaram-se presa do primeiro que se apossava d'elles. N'este tumulto não se esqueceram de deitar mão ás obrigações dos devedores. Os judeus espavoridos procuram desembaraçar-se com a fuga. Muitos são espatifados; outros salvam-se no *Châtelet*, antigo tribunal de primeira instancia, e prisão em Paris, cujas masmorras procuram como asylo. As mulheres d'estes infelizes israelitas, desgrenhadas, desfeitas em lagrimas, procuravam seguir seus maridos, com as creanças nos braços, quando lh'as arrancaram do seio materno para as levarem ao baptismo.

Esta ultima violencia pudera até certo ponto merecer louvor, vista á luz da civilisação d'aquelle seculo, se o furor e a avareza não lhe houvessem corrompido a santidade. Esta nova sublevação não foi mais reprimida que as precedentes: contentaram-se com fazer restabelecer os judeus em suas casas, e ordenar, sob pena de morte, a restituição do que lhes tinham furtado. No entanto sob um governo inconsequente e fraco ninguem se apressa a ceder. Os judeus despojados, viram-se ainda expostos ás perseguições dos que lhes haviam confiado penhores. Foi preciso que o rei os dispensasse de os apresentar, logo que affirmassem com juramento, que os penhores lhes haviam sido roubados na enorme commoção em que nada podiam fazer para os encontrar.

Como temos visto, depois da destruição do povo, seguia-se sempre a expoliação vingativa do judeu.

Alcançada a permissão d'exercer impunemente a usura mais iniqua, compravam diariamente novos privilegios ou pagavam a renovação dos antigos. Quantas graças lhes vendiam, tantas eram as contravenções ás leis. Entre o numero infinito de concessões que os judeus tinham obtido, merece olhada como uma das mais singulares a que lhes permittia, (1387) durante dez annos, exigirem de seus devedores o interesse dos interesses, com prohibição a qualquer juiz que fosse, de tentar deter o curso d'abusos, que pudessem commetter.

Em 1392 experimentavam na Alemanha a mesma sorte e revezes que na França.

* *

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

ANEDOCTAS E FACTOS PARTICULARES SUCCEDIDOS NO TEMPO DOS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Depois da derrota de *Syagrio*, dispondo-se a dividir o saque, Clovis viu nos despojos um vaso que pertencia á egreja de Reims, e que S. Remigio tinha pedido. O rei ia para lhe pegar, quando um soldado, oppondo-se-lhe, exclamou que a parte do rei devia ser tirada á sorte como a dos outros. Clovis dissimulou, e entregou o vaso ao santo bispo. Alguns mezes depois, passando revista ás suas tropas, notou que as armas d'aquelle soldado estavam em má ordem. Arrancando-lh'as, deitou-as no chão; e, no momento em que o desgraçado se abaixou para as apanhar, parte-lhe a cabeça, dizendo: *Lembra-te do vaso de Soissons*. Esta acção inspirou mais respeito do que horror.

Tendo o bispo Didaco levado a Theodeberto, rei d'Austrasia, uma grossa somma que este principe emprestara aos habitantes de Verdun, não quiz elle acceital-a, e disse ao prelado: *Somos ambos muito felizes; vós, por me terdes procurado occasião de fazer bem: e eu, por não a ter despresado.*

Dois ou tres rasgos farão conhecer a ignorancia d'aquelles tempos. O joven Meroveo havia sido vencido por Chilperico I, seu pae, e refugiara-se na egreja de S. Martinho de Tours. O monarcha, desesperado por não poder immolar uma victima que devia amar, depois de ter debalde empregado as ameaças para o tirar do seu asylo, emprehendeu arrancal-o d'ali á força. Mas temendo provocar a indignação de S. Martinho, escreveu-lhe uma carta, em forma de consulta, e depositou-a sobre o tumulo do santo bispo. Chilperico tinha tido a precaução de a fazer acompanhar d'um papel branco, onde elle esperava que o bemaventurado pontifice escrevesse a decisão. Mas o papel, no fim de tres dias, foi achado sem letras; e o supersticioso monarcha abandonou a execução do seu projecto.

No segundo concilio de Macon, um bispo sustentou gravemente que a mulher não podia ser chamada *homem*. Esta questão agitou os espiritos; e, para decidil-a, recorreu-se á Escriptura, que diz: *Deus creou o homem macho e femea.*

Virgilio, missionario de Germania, que era tido por santo, foi denunciado, por seu collega Bonifacio, como ensinando que *havia um outro mundo, outros homens sobre a terra, outro sol, e outra lua*. Tratava-se dos povos que habitam a parte do globo que nos é opposta, e que, por

esta razão se chamam *Antipodas*. O papa Zacarias ordenou a Bonifacio que excommungasse e degradasse Virgilio, no caso de elle persistir em doutrina tão abominavel.

O mesmo Chilperico, tendo tido um filho, determinou que fosse baptisado em Paris, e queria assistir ao baptismo. Mas segundo o tratado de partilha feito com Childeberto, rei d'Austrasia, e Gontran, rei de Borgonha, não podia entrar n'aquella cidade sem o consentimento d'estes sob pena da maldição de S. Polieucte, de S. Martinho e de S. Hilario, fiadores do tratado. Que fez Chilperico? Entrou em Paris, levando diante de si as reliquias de muitos outros santos, pensando que estes o defenderiam da vingança dos outros.

A barbara Fredegunda não podia tolerar Riguntha, sua filha; e as pendencias entre ambas eram tão violentas, que algumas vezes chegavam quasi a brigar. Um dia, fingindo a rainha querer dar-lhe o que lhe pertencia dos thesouros de Chilperico, seu pae, Riguntha inclinou a cabeça para um dos cofres onde estavam: no mesmo instante sua mãe fechou-o arrebatadamente sobre ella. Se a princeza não fôra promptamente soccorrida, seria uma nova victima immolada aos furores d'aquella desapiedada mulher.

Achando-se moribunda uma das mulheres de Gontran, rei de Borgonha, pediu ao marido que mandasse matar dois medicos, cujos remedios, pretendia ella, a levavam ao tumulo. O monarcha foi bastante fraco para lh'o prometter, e assaz cruel para cumprir a sua palavra.

S. Eloi, chegando, pelos seus talentos na oirivesaria, ao cargo de monetario ou thesoureiro de Dagoberto, para o qual fez um throno d'oiro macisso, trazia cintos d'oiro, guarnecidos de pedras preciosas. Mas, depois, despojou-se das suas immensas riquezas em favor dos pobres e da egreja; e, tendo-se consagrado a Deus, veiu a ser bispo de Noyon. Foi este santo prelado que inspirou a Dagoberto o gosto das fundações; gosto que durou depois muito tempo em França, mas que ninguem levou mais longe do que este monarcha. «Meu principe, lhe disse elle um dia, dae-me a terra de Solignac, afim de que eu faça uma escada pela qual vós e eu mereçamos subir ao ceo.» Esta escada foi um grande mosteiro onde elle estabeleceu cento e cincoenta frades.

Continua.

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Não será de certo conhecido de todos os leitores do *Panorama*, o direito publico germanico, e por isso não vae fora de proposito darmos aqui uma breve noticia d'este direito, para se conhecer até onde chegam os deveres e prerogativas dos imperadores da Alemanha, e dos seus eleitores.

Estes são os principes que teem direito de eleger aquelles. Os autores não concordam na origem da dignidade eleitoral; e Pasquier, nas suas *Investigações*, julga que depois da extincção da raça Carlovingiana, a eleição dos imperadores foi commettida a seis dos principaes principes alemães, juntando-se a estes algum mais quando os votos se empatavam.

Outros autores pretendem que a instituição dos eleitores remonta ao tempo de Othon III; varios a reportam a Othon IV, e outros a Frederico II.

Alguns pretendem que os eleitores receberam o seu direito do papa. Esta opinião é erronea, porque o soberano pontifice nunca teve direito algum sobre o temporal do imperio, nem podia conferir o privilegio de eleger um imperador.

Os autores mais graves concordam em que o collegio eleitoral appareceu pela primeira vez no reinado de Frederico II; e que se estabeleceu com o concurso tacito dos outros principes e estados do imperio, fatigados das desordens e confusões que na mais fera anarchia agitavam a Alemanha. Provinham estas desordens dos longos interregnos que se succediam na occasião da eleição do imperador — eleição que n'aquelle tempo tinha logar entrando n'ella todos os estados do imperio.

Opinam varios que os eleitores se arrogaram para sempre um direito, que não lhes fôra originariamente deferido senão pela necessidade das circunstancias, e unicamente por um tempo determinado.

O certo é, que a bulla d'oiro é a primeira lei do imperio que fixa o numero dos eleitores, e a cada um assigna as suas funcções.

Por esta lei o numero estava fixado em sete, sendo tres ecclesiasticos, e quatro leigos: porém em 1648, pelo tratado de Westphalia, creou-se um quinto eleitorado secular em favor do duque de Baviera; e finalmente, em 1692, creou-se sexto eleitorado em favor do duque de Brunswick-Lunebourg, sob o nome de *eleitorado de Hanover*. Este principe não foi, porém, admittido sem contradicção no collegio eleitoral, senão em 1708.

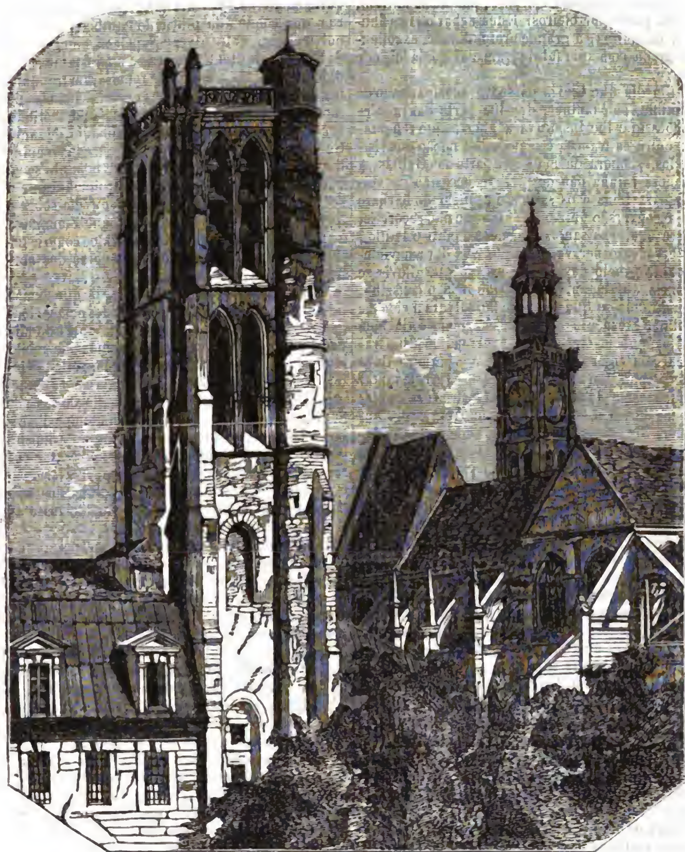
Assim está fixado o numero em nove eleitores; tres ecclesiasticos que são o de Moguncia, Treves e Colonia; e seis seculares, a saber: o rei de Bohemia, o duque de Baviera, de Saxonia, o margrave de Brandeburgo, o conde palatino do Rheno, e o duque de Brunswick-Hanover.

Estes eleitores exercem os grandes officios do imperio, e chamam-se *archi-officia-imperii*.

O eleitor de Moguncia é o archi-chanceller do imperio pela Germania. O de Treves tem o titulo de archi-chanceller do imperio pelas Gaulas e Arles. O de Colonia é archi-chanceller pela Italia. Estes tres eleitores são arcebispos.

Continua. A.

Como ha homens de bem, não devemos ser desconfiados; como ha muitos velhacos, cumpre que sejamos acautelados.



A TORRE DE CLOTILDE.

Remontando-nos na historia de Paris aos primeiros seculos da nossa era, os factos apparecem obscuros no vago da tradição, e é bem difficil apontar-lhes a data exacta. Quem é, por exemplo, o verdadeiro fundador de Thermes, construcção colossal, attribuida gratuitamente a Juliano, formada de diversas partes, em muitas epocas, e cuja importancia não era bem apreciada antes da destruição das casas que se foram multiplicando sobre as suas ruinas, e fortalecendo com as suas vastas muralhas? Não saberiamos dizel-o com certeza; sabemos só que foi a habitação sumptuosa do soberano, durante o dominio romano e no tempo dos reis barbaros.

Não é duvidoso, por exemplo, que Clovis habitou ahi, — bem orgulhoso, de certo, de tal residencia. A tradição conta que fizera construir uma casa de campo a pouca distancia d'esta mo-

rada real, sobre o alto da collina chamada depois montanha Santa Genoveva. Esta localidade era então occupada em parte por um cemiterio, e em parte por oleiros. Estes acharam nos flancos da collina, a grande profundidade, excellente greda com que fabricavam a afamada loiça de barro.

Um dia que Clovis passeava acompanhado de Clotilde, sua mulher, deu-lhe parte das inquietações que lhe inspirava a guerra que rebentara entre os francos e a poderosa nação dos visigodos, senhora da mais rica parte das Gallias. A piedosa rainha não despresava occasião de voltar para Deus e os santos o espirito do barbaro cuja conversão obtivera: «Porque não recorreis, disse ella, aos santos apostolos Pedro e Paulo? intercederão por vós, e Deus vos dará a victoria.» No meio das hesitações em que Clovis se achava abysmado, pareceu-lhe bom o conselho. Lembrando-se que um voto lhe salvara a vida em Tolbiac, esperou que o mesmo meio teria bom exito tambem d'esta vez; e, arrojando a sua framea com vigorosa mão a que a esperança dava ainda mais força, exclamou: — «Juro levantar aqui mesmo uma egreja a S. Pedro e S. Paulo, se me derem a victoria e proximo regresso.» Notemos, de passagem, que os grandes actos de devoção, nas epocas barbaras, tem muitas vezes o caracter d'um contracto. Clovis promettera a Deus, durante a batalha de Tolbiac, abraçar a religião christã, com a condição de derrotar os alemães. Troca por troca; se fosse vencido, ficaria talvez idolatra.

Seja como fôr, cumpriu, quando voltou de Vouillé, com o escrupulo que tinha, não em todas as negociações, como o prova a sua historia, mas nos empenhos que tomava com Deus e os santos; pagou a sua divida aos santos apostolos; edificou a egreja que tinha votado a S. Pedro e S. Paulo, no sitio onde caira a framea. Os chronistas contam que ostentou n'esta construcção extraordinaria magnificencia. O que se admirava mais nas obras d'arte que o imperio deixara, eram estes grandes quadros indestructiveis onde se empregava quantidade de pequenas pedras de côr, entalhadas regularmente. Comparada á da pintura, a representação era tosca, mas solida; vantagem inapreciavel. A egreja foi pois ornada no interior de vastos mosaicos. Existiam ainda vestigios no tempo d'Estevão de Tournay, no seculo XII.

O conquistador não teve tempo de acabar a obra começada. A basilica foi continuada e concluida pela rainha Clotilde, que ahi depositou o corpo de seu marido, e foi ella mesma enterrada. Para o mesmo logar foram conduzidos os restos de santa Prudencia, de santa Alda, e o corpo d'esta heroica menina, santa Genoveva, protectora de Paris, a pacifica Joanna d'Arc do seculo V.

É deploravel, diz o autor d'onde extrahimos este artigo, que a antiga egreja de Clovis tenha desapparecido; que este jazigo subterraneo, onde foram depositados o primeiro rei francez e a grande santa nacional, fosse entulhado, não no meio das tempestades revolucionarias, mas tranquillamente de 1807 a 1808! Quem passar pela rua que conduz da praça do Pantheon á escola polytechnica, entre o lyceu Napoleon, e a egreja de S. Estevão du Mont, demore-se um instante: tem debaixo dos pés o solo onde repoisaram tranquillas, pelo espaço de trezentos annos, as cinzas de santa Genoveva, de Clovis, e de santa Clotilde. Do meio dos edificios da antiga abbadia de santa Genoveva, ergue-se uma torre; a tradição uniu-lhe o nome de Clotilde. Mas a que hoje ahi se vê não data de tão longe; foi construida durante o seculo X (entre 970 e 980), sem duvida sobre o terreno d'uma torre mais antiga que remontava ao tempo de Clotilde, e tinha soffrido, como a antiga egreja, as excursões devastadoras dos normandos.

Os fundamentos do campanario, de que damos o desenho, foram postos por um dos conegos seculares que occupavam a abbadia antes do abbade Suger a reformar introduzindo-lhe, pelo anno 1148, os religiosos da ordem de S. Victor. Chamava-se Theobaldo e exercia as funcções de mestre do côro. O necrologio da casa de S. Genoveva diz-nos que não tivera tempo d'acabar a torre e que a levantara só até ao primeiro andar: *Obiit Thebaldus sacerdos et precentor qui turrim usque ad premium solium erexit*. Não é duvidoso, quando se observa a solidez dos fundamentos, que a intenção de Theobaldo fosse de lhe dar consideravel altura.

O mais superficial exame mostra que o segundo e terceiro andares são quasi tão antigos como o primeiro, e deveram ter sido edificados pelo mesmo tempo. Liga-se a esta construcção o nome d'um personagem, chamado Maignault, que foi provavelmente quem a acabou.

Quasi no fim do seculo V cairam dois raios, e com intervallos proximos, sobre a torre, que foi gravemente damnificada, assim como a egreja e o edificio visinho. Em 1483, um incendio fez fundir os sinos. Toda a cidade de Paris assistiu a este espectaculo; um mar de fogo e de metal em fusão involveu por muitas horas a antiga torre, sem a destruir. As unicas partes que soffreram seriamente foram a agulha, as balaustradas, e a escada desde o segundo andar. Para reparar os estragos occasionados por estes terriveis accidentes, o abbade de S. Genoveva obteve da côrte de Roma a permissão de recorrer ás indulgencias, cuja venda deu origem, por esta epoca, a tantos abusos. N'estas circunstancias, as grandes sommas que a abbadia recolheu da piedade dos fieis receberam excellente emprego, porque foram applicadas a levantar novas construcções, mais consideraveis e melhor executadas do que as destruidas. Reparou-se pois o alto da torre, a agulha, a balaustrada, e a escada cujas elegantes janellas de sacada se vêem da rua Clovis. O estylo d'estas construcções do reinado de Carlos VIII é o gothico.

A obra do seculo X ficou intacta, salvo a ja-

nella do primeiro andar que foi restaurada. A flecha desappareceu no seculo passado; os campanariosinhos dos angulos foram apeados. Uma das janellas de sacada não existe: demoliram-na por temerem que caisse sobre os viandantes. Em summa, só soffreu a obra do seculo xv.

Subindo a esta torre, encontra-se no primeiro andar o antigo relojo, que regula o emprego das horas da vida dos estudantes com a inflexivel exactidão com que dividia a existencia estudiosa e recolhida dos religiosos. O relojoeiro que o construiu chamava-se Galande; era perfeito. A machina, que foi dada pelo duque d'Orleans á abbadia em 1718, é hoje, como então, excellente.

No segundo andar, o guardião, mostrando duas escadas, alçadas perpendicularmente ao meio do formidavel madeiramento interior, pergunta-vos se quereis ir á sala dos frades. É raro experimentar-se o desejo de satisfazer a curiosidade pelo preço d'esta ascensão. Mas quando cedeis, chegaes, segurando-vos bem aos varões, como em uma escada de corda, e ajudando-vos de pés e mãos, a um alçapão praticado no meio do pavimento collocado a distancia d'alguns metros da plataforma da torre. Ali, em uma especie de sala, limitada pelos muros do edificio, que occupa toda a largura, vêem-se banquetas postas em ordem d'ambos os lados. Por baixo do alçapão, está um abysmo de cem pés, d'onde vem a luz. O vento assovia na floresta de madeira que tendes aos pés, e brame ao redor das muralhas; ao seu ruido misturam-se os gritos das andorinhas e morcegos. Mas qual podia ser o destino d'esta sala a que é tão difficil chegar? A quem esperam estas banquetas ordenadas ao longo da parede? Era um logar de refugio? Não se sabe que perigo tinham a correr, e por conseguinte a prever os religiosos. Era comtudo um logar de reunião; não se pode duvidar. Em todo o caso, quando se ignora qual era o objecto d'estas reuniões, acha-se que o logar foi singularmente escolhido, e não se comprehende que os negocios do convento podessem nunca tornar necessario tanto mysterio e isolamento.

Do alto da torre, descortina-se immenso horisonte.

CATALOGO DAS PESSOAS QUE TEEM GOVERNADO O ESTADO DA INDIA, DESDE A SUA DESCOBERTA ATÉ HOJE, E DATAS DA POSSE DE CADA UM.

I. Governador e vice-rei, D. Francisco d'Almeida, 1505.
II. Governador, Affonso d'Albuquerque, 1509.
III. Lopo Soares d'Albergaria, 1515.
IV. Diogo Lopes de Sequeira, 1518.
V. D. Duarte de Menezes, 1521.
VI. D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira (2.° vice-rei), 1524.
VII. D. Henrique de Menezes, o Roxo, 1526.
VIII. Lopo Vaz de Sampayo, idem.
IX. Nuno da Cunha, 1528.
X. D. Garcia de Noronha (3.° vice-rei), 1538.
XI. D. Estevão da Gama, 1540.
XII. Martim Affonso de Sousa, 1542.
XIII. D. João de Castro (4.° vice-rei), 1545.
XIV. Garcia de Sá, 1548.
XV. Jorge Cabral, 1549.
XVI. D. Affonso de Noronha (5.° vice-rei), 1551.
XVII. D. Pedro Mascarenhas (6.° vice-rei), 1554.
XVIII. Francisco Barreto, 1555.
XIX. D. Constantino de Bragança (7.° vice-rei), 1558.
XX. Conde de Redondo, D. Francisco (8.° vice-rei), 1561.
XXI. João de Mendonça, 1564.
XXII. D. Antão de Noronha (9.° vice-rei), idem.
XXIII. D. Luiz d'Athayde (10.° vice-rei), 1568.
XXIV. D. Antonio de Noronha (11.° vice-rei), 1571.
XXV. Antonio Moniz Barreto, 1573.
XXVI. D. Diogo de Menezes, 1576.
XXVII. D. Luiz d'Athayde, agora conde de Athouguia (12.° vice-rei) 2.ª vez, 1578.
XXVIII. Fernão Telles, 1580.
XXIX. Conde da villa d'Otta, D. Francisco Mascarenhas (13.° vice-rei), 1581.
XXX. D. Duarte de Menezes (14.° vice-rei), 1584.
XXXI. Manuel de Sousa Coutinho, 1588.
XXXII. Mathias d'Albuquerque (15.° vice-rei), 1590.
XXXIII. D. Francisco da Gama, conde almirante (16.° vice-rei), 1596.
XXXIV. Ayres de Saldanha (17.° vice-rei), 1601.
XXXV. D. Martinho Affonso de Castro (18.° vice-rei), 1605.
XXXVI. O arcebispo D. Aleixo de Menezes, 1607.
XXXVII. André Furtado de Mendonça, 1609.
XXXVIII. Ruy Lourenço de Tavora (19.° vice-rei), idem.
XXXIX. D. Jeronymo de Azevedo (20.° vice-rei), 1612.
XL. Conde de Redondo, D. João (21.° vice-rei), 1617.
XLI. Fernão d'Albuquerque, 1619.
XLII. Conde da Vidigueira, D. Francisco (22.° vice-rei), 1622.
XLIII. D. Fr. Luiz de Brito, bispo de Meliapor, 1628.
XLIV. D. Lourenço da Cunha; Nuno Alvares Botelho, 1629.
XLV. Conde de Linhares, D. Miguel (23.° vice-rei), idem.
XLVI. Pedro da Silva (24.° vice-rei), 1635.
XLVII. Antonio Telles, 1639.
XLVIII. Conde d'Aveiras, João (25.° vice-rei), 1640.

XLIX. D. Filippe Mascarenhas (26.º vice-rei), 1645.

Tendo morrido em viagem o conde d'Aveiras, que ia segunda vez governar a India, tomaram a governança por via de successão:

L. D. Fr. Francisco dos Martyres, arcebispo; Antonio de Sousa Coutinho; Francisco de Mello e Castro, 1651.

LI. Conde de Obidos, Vasco Mascarenhas (27.º vice-rei), 1652.

Foi deposto depois de uma sedição, e eleito para o substituir:

— D. Braz de Castro, 1653.

LII. Conde de Sarzedas (28.º vice-rei), 1655.

LIII. Manuel Mascarenhas Homem, 1656

LIV. { Francisco de Mello e Castro { 2.ª vez, Antonio de Sousa Coutinho { idem.

LV. Luiz de Mendonça Furtado, 1661.

LVI. D. Pedro de Lencastre, 1662.

LVII. Antonio de Mello e Castro (29.º vice-rei), idem.

LVIII. Conde de S. Vicente (30.º vice-rei), 1666.

LIX. Antonio de Mello de Castro, 1668.

LX. Conde de Lavradio, Luiz de Mendonça Furtado, segunda vez (31.º vice-rei), 1671.

LXI. D. Pedro d'Almeida (32.º vice-rei), 1677.

LXII. D. Fr. Antonio Brandão, arcebispo; Antonio Paes de Sande, 1679.

LXIII. Conde de Alvor, Francisco de Tavora (33.º vice-rei), 1681.

LXIV. D. Rodrigo da Costa, 1686.

LXV. D. Miguel d'Almeida, 1690.

LXVI. D. Fernando Martins Mascarenhas; Luiz Gonçalves da Costa; D. Fr. Agostinho da Annunciação, 1691.

LXVII. Conde de Villa-Verde (34.º vice-rei), 1693.

LXVIII. Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho (35.º vice-rei), 1698.

LXIX. Arcebispo D. Agostinho (segunda vez); D. Vasco Luiz Coutinho, 1701.

LXX. Caetano de Mello e Castro (36.º vice-rei), 1702.

LXXI. D. Luiz da Costa (37.º vice-rei), 1707.

LXXII. Vasco Fernandes Cesar de Menezes (38.º vice-rei), 1712.

LXXIII. D. Sebastião de Andrade Pessanha, arcebispo, 1717.

LXXIV. Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes (39.º vice-rei), idem.

LXXV. Francisco José de Sampayo e Castro (40.º vice-rei), 1720.

LXXVI. D. Christovão de Mello, 1723.

Ao qual depois foram adjuntos:

— O arcebispo D. Ignacio de Santa Thereza; o chanceller Christovão Luiz d'Andrade.

LXXVII. João de Saldanha da Gama (41.º vice-rei), 1725.

LXXVIII. D. Ignacio de Santa Thereza (segunda vez); D. Christovão de Mello (idem); o secretario do estado, Thomé Gomes Moreira, 1732.

LXXIX Conde de Sandomil, Pedro de Mascarenhas (42.º vice-rei), idem.

LXXX. Marquez de Louriçal, conde da Ericeira (43.º vice-rei), 1741.

LXXXI. D. Francisco Vasconcellos, bispo de Cochim; D. Lourenço de Noronha; D. Luiz Caetano d'Almeida, 1742.

LXXXII. Marquez de Castello Novo, depois de Alorna (44.º vice-rei), 1744.

LXXXIII. Marquez de Tavora (45.º vice-rei), 1750.

LXXXIV. Conde d'Alva, D. Luiz (46.º vice-rei), 1754.

LXXXV. D. Antonio Taveira, arcebispo; João de Mesquita Mattos, chanceller; Filippe de Valladares Soutomaior, 1756.

LXXXVI. Conde da Ega (47.º vice-rei), 1758.

Tendo morrido na viagem o vice-rei conde da Louzã, tomaram em seu logar a governança:

LXXXVII. D. Antonio Taveira (segunda vez); D. João José de Mello; João Baptista Vaz Pereira, chanceller, 1765.

LXXXVIII. D. João José de Mello (só), 1768.

LXXXIX. Filippe de Valladares (segunda vez), 1774.

XC. D. José Pedro da Camara (primeiro governador e capitão general), idem.

XCI. D. Frederico Guilherme de Sousa, 1779.

XCII. Francisco da Cunha e Menezes, 1786.

XCIII. Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara, tenente general, 1794.

XCIV. Conde de Sarzedas (1.º vice-rei e capitão general de mar e terra), 1807.

XCV. Conde de Rio Pardo (idem), 1816.

Deposto em consequencia da revolução de 1820. Governaram por eleição popular:

— O conselheiro Manuel José Gomes Loureiro; os desembargadores Gonçalo de Magalhães Teixeira, e Manuel Duarte Leitão; os marechaes de campo Manuel Godinho de Mira, e Joaquim Manuel Corrêa da Gama, 1821.

XCVI. D. Manuel da Camara, idem.

Nomeado governador pela côrte, foi obrigado a tomar por companheiros na administração do estado:

— D. Fr. Paulo de S. Thomaz, arcebispo de Cranganor; Antonio José de Mello Soutomaior Telles, brigadeiro, João Carlos Leal, desembargador; Antonio José de Lima Leitão, physico-mór, idem.

— D. Manuel da Camara (só) vice-rei, 1822.

XCVII. D. Fr. Manuel de S. Galdino, arcebispo; Candido José Mourão, chefe de esquadra; Antonio Ribeiro de Carvalho, 1825.

XCVIII. D. Manuel de Portugal e Castro, ultimo vice-rei, 1827.

XCIX. Bernardo Peres da Silva (prefeito), 1835.

Foi deposto pelo povo e tropa.

— Joaquim Manuel Corrêa de Sá e Gama, marechal de campo. (Serviu como primeiro conselheiro de prefeitura). Governou oito dias! idem.

— Coronel João Casimiro Pereira da Rocha; physico-mór Manuel José Ribeiro; padre Constantino de Santa Ritta, idem.

Por morte dos dois ultimos:

— Os tenentes coroneis João Cabral de Estifique, e Antonio Maria de Mello, idem.

c. Barão de Sabroso (governador geral), 1837.

— D. Antonio de Santa Ritta, arcebispo; José Antonio Vieira da Fonseca, coronel; José Cancio Freire de Lima, juiz da relação; Domingos José Mariano Luiz, escrivão da fazenda, 1838.

ci. José Antonio Vieira da Fonseca (só) governador interino, 1839.

cii. Barão de Candal, idem.

— José Antonio Vieira da Fonseca (outra vez); José Cancio Freire de Lima, idem; Domingos José Mariano Luiz, idem; Vigario capitular, Antonio João d'Athaide; José da Costa Campos; Caetano de Sousa Vasconcellos, 1840.

ciii. José Joaquim Lopes de Lima (interino) idem.

Foi deposto por uma sublevação, e ficou regendo o estado o conselho do governo, assim composto:

— Antonio Ramalho de Sá; Antonio José de Mello Sotto-maior; José da Cósta Campos (2.ª vez); Caetano de Sousa Vasconcellos, idem, 1842.

civ. Conde das Antas, idem.

cv. José Ferreira Pestana, 1843.

cvi. Visconde de Villa Nova d'Ourem, 1851.

cvii. Visconde de Torres Novas, 1855; ainda governa a India.

Dos vice-reis e governadores mencionados, morreram n'aquelle estado os seguintes:

Affonso d'Albuquerque, Vasco da Gama, D. Henrique de Menezes. D. Garcia de Noronha, D. João de Castro, Garcia de Sá, D. Pedro Mascarenhas, conde de Redondo (D. Francisco), D. Antão de Noronha, D. Luiz de Athaide, D. Duarte de Menezes. D. Martim Affonso de Castro, Conde de Redondo (D. João), D. Fr. Luiz de Brito, D. Lourenço da Cunha, Pedro da Silva, conde de Sarzedas, Manuel Mascarenhas Homem, conde de S. Vicente, D. Pedro de Almeida, D. Fr. Antonio Brandão, D. Rodrigo da Costa, D. Miguel de Almeida, Luiz Gonçalves da Costa, Francisco José de Sampaio e Castro, marquez de Louriçal, conde d'Alva, D. João José de Mello, D. Manuel da Camara, barão de Sabroso, e barão de Candal (!)

E falleceram na volta para o reino:

D. Francisco de Almeida, Nuno da Cunha, D. Filippe Mascarenhas, Manuel de Sousa Coutinho, conde de Lavradio, e Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho.

Se ajuntarmos a estes, os nomes de tantos outros heroes portuguezes que por lá ficaram, mortos ás mãos de moiros, de gentios e de cafres, victimas do mar, da fome e dos trabalhos de todo o genero, taes como D. Christovão da Gama, Manuel de Sousa de Sepulveda, Pedro de Athaide Inferno, Bartholomeu Dias, D. Lourenço de Almeida, o marechal D. Fernando Coutinho; os irmãos D. Affonso e D. Antonio de Noronha, sobrinhos do grande Albuquerque; D. Paulo da Gama, filho do descobridor; Heitor da Silveira, D. Fernando de Castro, D. Paulo de Lima, e muitos mais que não tornaram a ver a patria, e acabaram pelejando, naufragando, torturados pela doença ou pelos martyrios do captiveiro... acode logo á idéa o perguntar para que se derramou sangue tão nobre, em vista do estado actual da India portugueza!

Hoje só nos resta no Oriente a recordação de um nome glorioso, e a saudade dos tempos em que fomos grandes e respeitados!

F. M. Bordalo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

SOBRE AS AGUAS.

VI

Continuação *

Simão Rodrigues, sem ainda poder comprehender como aquelles estranhos successos se haviam passado, sentou-se na popa da barca, ao lado do padre Gaspar, e viu separar-se a outra, que foi velejando para a foz do Tejo, caminho da torre de S. Gião.

Reconheceu em D. Gil o personagem que o atacara quando se recolhia, e que ajudado de mais tres, depois de lhe taparem a bocca com mordaça, e o maniatarem, o conduziram por viellas e ruas pouco frequentadas até á beiramar, onde o obrigaram a metter n'um barco, andando no rio até serem alcançados por dois outros, que á força de vela o seguiram, manobrando com tal arte, que dentro em pouco seguraram entre si aquelle onde navegava.

Lembrava-se que uma das primeiras vozes soltadas pelos que tripulavam as segundas barcas, foram: «da parte d'el-rei, entregae-vos!» Que depois entre todos aquelles homens se travara uma luta; e que por fim entrada a barca á viva força, a sua tripulação se mudara para uma das outras, trocando-se alternativamente a equipagem.

Vira depois afastarem-se em opposta direcção as duas recemchegadas barcas, velejando uma para a praia, e seguindo a outra para a torre de S. Gião, como acima se disse; e conhecia que aquella em que se achava andava pairando, como irresoluta do rumo que seguiria.

Não dera pelo padre Gaspar em nenhuma das barcas que o vieram libertar; se bem que se recordava agora, achando-o a seu lado, ter visto n'uma d'ellas um vulto que no trajar se assimilhava ao padre.

Mas não podia comprehender porque estranho destino, ou casual providencia, o jesuita se encontrara áquellas horas no Tejo para o libertar; e menos acertava nos juizos que formava d'aquella concatenação de successos, tão variados no curto espaço de poucas horas.

O jesuita, estendendo a mão para Simão Rodrigues, fizera-lhe signal de que se sentasse junto a si; e dando-lhe, como acabamos de ver, as-

(*) Do num. 49.

saz tempo para reflectir sobre aquelles estranhos casos, pareceu absorver-se na contemplação dos astros, que n'este momento fulguravam destacando-se brilhantemente das trevas que obscureciam o horisonte.

Tudo ao redor era silencio.

— Á fé que não acerto com os successos d'esta noite, disse Simão Rodrigues voltando-se para o padre Gaspar.

— E bem confusos são, respondeu o jesuita sem despregar os olhos de sobre as estrellas, onde os fixara.

— Com o coração pulsando de alegria recolhia-me a casa...

— E especialmente satisfeito pela obra em favor do revendão.

— Que não é isso para se fallar em tal...

— Mas que d'ahi vos proveiu o salvamento, senhor Simão Rodrigues, disse o padre fitando as vistas no seu interlocutor. As boas obras são as sementes que se lançam á terra, e lá do ceo Deus as abençoa para fructificarem. Estranhareis, talvez, esta minha linguagem depois dos juizos que ainda esta tarde formastes a meu respeito...

— Eu!...

— Não me atalheis, senhor Simão Rodrigues. Um padre da Companhia lê no mais reservado pensamento, e aquelle modo frio com que me recebestes assaz me revelou o vosso sentir a meu respeito; mas louvado Deus, o padre Gaspar pode ter defeitos, e muitos, que tal é a natureza do homem; mas está longe de ter coração de fera, e de corresponder á idéa que o vulgo forma da nossa ordem. A companhia impera, e hade imperar, por estes sentimentos de humanidade, por esta acarinhação de vontades correndo em soccorro do afflicto. Ai d'ella, quando se transviar d'este caminho!... Isto em mim foi um desafogo, mancebo, que nada tem com os vossos trabalhos de hoje. Esquecei o que disse, e lembraevos só de que no perigo corrido, foi a roupeta de Santo Ignacio quem vos salvou.

— Padre Gaspar, disse o mancebo levantando-se, nunca eu sube ser ingrato.

— Assaz o sei, senhor Simão Rodrigues.

— Pois bem. Aqui, entre o ceo e as ondas, tomando por testemunhas as estrellas que nos illuminam, prometto a vós, e a Deus, que este beneficio nunca me será esquecido.

— E contae tambem com o nosso auxilio. A scena de hoje deve provar-vos que andaes cercado de inimigos, e que elles são poderosos. É mister por tanto acautelar-vos. O perigo não está só pela vossa parte. Ha outra pessoa que ainda o corre maior que vós.

— Beatriz!

— Sim, Beatriz. Bem sei que o vulgo accusa a Companhia de Jesus de ambiciosa em suas vistas, porque os seus membros são recebidos nas casas opulentas com favor... porém o vulgo não diz que a Companhia desce tambem á casa do pobre e do desvalido, e com elle reparte os thesouros que o rico lhe offerta! Bem sei eu que nos accusam da educação dos mancebos fidalgos, como meio de seducção para nos tornarmos poderosos; mas não dizem os invejosos que o filho humilde do homem do povo é instruido egualmente por nós como o filho do nobre, e que por nós é egualmente protegido e amparado para seguir os cargos publicos, porque não nos atemos a distincções, que as não fazemos nas nossas classes. Esse mal de que nos acoimam desmentem-no as acções; e se a Companhia é forte, se ella é poderosa, buscae-o no favor e protecção que lhe dispensam as agradecidas familias dos seus educandos, e não n'essas maximas insolitas que a impiedade nos attribue, porque não tem outra arma para nos combater, senão as da vilania! O pae de Beatriz fez bastante pela Companhia... fez muito. Aldonsa Peres é uma virtuosa senhora que reparte os dons de Deus, entregando-os ás nossas mãos para os derramarmos pela orphandade desvalida, e pela pobreza envergonhada: Beatriz é um lyrio de innocencia, que desabroxando apenas ao sol da primavera ainda não conheceu um dia de tempestade.... e vós, senhor Simão Rodrigues, sois um mancebo de honra.... Tanto basta para a Companhia proteger a todos. Ainda um outro motivo ha.... porém esse é pessoal para o interesse que vos dedico. Vossa mãe...

— Oh! minha mãe, minha mãe... Para que me fallaes d'ella, padre Gaspar?!

— Para vos dizer que foi um anjo, que mui cedo se desprendeu d'este mundo para voar ás regiões d'onde descera; e que de lá vos vigia e defende.

— Sim, padre... Nas auras que n'este momento passam deslisando-se em torno de nós... n'aquellas estrellas que acolá resplandecem sobre nossas cabeças... n'este murmurio das aguas que vão correndo para o Oceano, tão placidas agora depois da tormenta d'esta tarde, parece-me vêl-a, e ouvir-lhe a voz!... Quando ha pouco ainda o tufão rugia, e o raio estalava, confesso-vos que uma sinistra apprehensão me afastava de vós; porém agora, que a natureza cansada de tão horrenda luta voltou a repoisar, auras, estrellas e mar, tudo me impelle para vós, como para o meu protector!... Mas que tem minha mãe comvosco?.... Que perigo corre Beatriz n'este momento?.... Oh! fallae, fallae.

— Em quanto a Beatriz socegae, que a tempestade que a ameaça ainda vem remota, e ambos podemos conjural-a. O que teve vossa mãe comigo!... É uma historia mui longa, mas que breve resumirei. Ouvi.

E o padre Gaspar fazendo de novo sentar Simão Rodrigues junto a si, e dando uma pequena inclinação ao leme, para afastar a barca mais para o largo, assim principiou.

Continua.

F. D. d'Almeida e Araujo.

A mulher espirituosa tem mais valia que a formosa.

AMAR-ME-HAS?

CANÇÃO TRADUZIDA DO FRANCEZ.

Ai! Rosa, minha Rosa,
Vem dar-me o teu amor,
Terás quanto quizeres
Que eu sou grande senhor.
Tu dançarás
E walsarás,
Magica rosa;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Oh! gentil formosura
Rainha te farei,
E as flores d'esses prados
Em joias tornarei.
Tu dançarás
E walsarás,
Oh! formosura;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

Terás seda e velludos
Terás d'um grande o amor,
E dos jardins da côrte
Serás a melhor flor!
Tu dançaras
E walsarás,
Mas só na côrte;
Tu dançarás
E walsarás,
Diz: amar-me-has?

Ai! não, não, não devo, responde-lhe a Rosa,
Não sou tão formosa que o possa mer'cer;
Sou muito p'r'amante, sou pouco p'ra esposa,
E a pobre da Rosa vender-se não quer!

CONSOLAÇÃO.

Diz, ó virgem, porque inanime
Sobre o peito a fronte inclinas?
Porque as faces purpurinas
T'as desmaia a pallidez?
Porque suspiras tristissima,
Porque te vejo arquejante,
E o teu olhar scintillante
Se humedece em languidez?
Porque, triste e melancolica,
Scismas tu d'esse feitio,
E te vejo o pranto em fio
Pelas faces deslisar?
D'onde provém essas lagrimas,
Que, orvalhando o teu enleio,
Vão audazes ao teu seio
Discreto asylo buscar?

Soffres, vê-se: a dôr é intima
Mas qual? illusões perdidas?
Esp'ranças emmurchecidas
Ou mil saudades d'amor?
«É tudo!» murmura timida
A donzella feiticeira;
Da minha affeição primeira
Da saudade herdei a dôr!

Saudade, flor cruelissima,
Gosto amargo de infelizes,
Que vem firmar as raizes
Nas fibras do coração!»
Vê-se: da saudade és victima,
Soffres d'ella o acerbo trato,
Que por cego ou por ingrato
Amor pagou com traição!

Não chores, virgem, merecem-t'o?
Cobra alento e confiança,
Não nega Deus a esperança
Na terra aos anjos do ceo.
Pede ao Eterno em votos fervidos
Esquecimento e ventura;
Porque na terra a ternura...
A ternura... dou-t'a eu!...

MENDES LEAL (ANTONIO).

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Continuação.

O rei de Bohemia é *archi-pincerna*, que quer dizer copeiro-mór do imperio. O eleitor de Baviera é *archi-dapifer*, ou mordomo-mór. O eleitor de Saxe é *archi-marescallus*, grã-marechal. O eleitor de Brandebourg é *archi-camerarius*, camareiro-mór. O eleitor palatino é *archi-thesaurarius*, grã-thesoureiro do imperio. Quanto ao eleitor do Hanover não se lhe determinou officio.

Julga-se que a dignidade eleitoral, ou o direito de eleger o imperador, não se reuniu aos officios móres, ou principaes da corôa, senão porque os grã-officiaes eram os que annunciavam a eleição feita por todos os estados do imperio. No dia da coroação os eleitores exercem suas funcções junto ao imperador, por si, ou pelos seus substitutos, cujos officios são hereditarios em certas familias.

Os eleitores ecclesiasticos chegam á dignidade eleitoral pela escolha dos capitulos, os quaes elegendo um arcebispo, o fazem eleitor: d'onde

se vê que um simples conego de Moguncia, Treves, ou Colonia, póde chegar a esta eminente dignidade. Para os eleitores ecclesiasticos gosarem o direito de eleger imperador, basta que tenham sido eleitos, ou postulados legitimamente, sem carecerem para isso da confirmação do papa.

Os eleitorados seculares adquirem-se pelo direito de nascimento. São hereditarios; não se podem compartilhar; pertencem em inteiro aos primogenitos das casas eleitoraes, que são declarados maiores na edade de 18 annos, servindo-lhes de tutor na menoridade o parente agnado mais proximo.

O corpo mais augusto do imperio é o collegio eleitoral. Gosam de consideraveis prerogativas que os collocam acima dos outros principes da Alemanha: 1.º tem direito de eleger um imperador, e um rei dos romanos, só, e sem concurso dos outros estados do imperio: 2.º podem juntar-se para formar uma dieta eleitoral, e deliberar sobre os seus negocios particulares, e os de todo o imperio, sem para isso carecerem do concurso do imperador: 3.º exercem nos seus eleitorados uma jurisdicção soberana, sem que seus subditos possam appellar de suas decisões para os tribunaes do imperio; isto é para a camara imperial do conselho aulico; o que se chama na Alemanha, *privilegium de non appellando*: 4.º o imperador não póde convocar a dieta sem o consentimento do collegio eleitoral: 5.º cada eleitor tem o direito de apresentar dois accessores ou juizes da camara imperial: 6.º os eleitores são isemptos de pagarem direitos á chancellaria imperial, quando tomam a investidura dos seus estados.

Os eleitores pretendem marchar apar com as testas coroadas, e mesmo não cedem aos reis na côrte do imperador. Teem o direito de enviar embaixadores. O imperador quando lhes escreve, trata os eleitores ecclesiasticos por *sobrinhos*, e os seculares por *tios*. Querem ser os unicos no direito de redigir os artigos da capitulação imperial; mas este direito lhes é contestado pelos outros principes e estados do imperio; apesar do que sempre tem continuado de posse d'elle.

Além d'estes privilegios que são communs a todos os eleitores, ha ainda outros que são particulares a cada um d'elles. Os attributos da dignidade eleitoral são a corôa, que é um barrete escarlate, cercado de arminho, e com um semicirculo d'oiro coberto de perolas, com um globo e uma cruz em cima; a capa forrada d'arminho, a espada e a cruz para os ecclesiasticos. Dá-se-lhes o titulo de alteza eleitoral. O filho mais velho d'um eleitor secular intitula-se principe eleitoral.

Continua. A.

Se os militantes de Deus não quizessem ser militantes do mundo; os frades, e padres teriam sido mais respeitados nas guerras civis.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Pepino, o Pequeno.

Continuação.

751—754. Pepino fez-se sagrar em Soissons por S. Bonifacio, legado do papa, e arcebispo de Mayence. Por este acto de religião, até então desusado em França, e do qual só Clovis tinha dado exemplo, queria elle tornar a sua pessoa mais augusta, e mais respeitavel a sua usurpação. Em seguida o novo monarcha expulsou os sarracenos das provincias meridionaes onde se tinham conservado, e submetteu os saxonios que supportavam desgostosos o jugo da França.

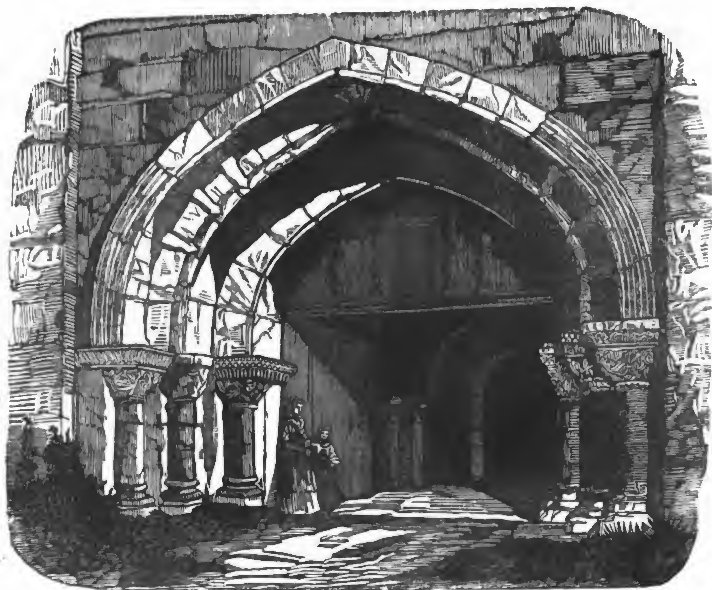
755—758. Começa aqui a epoca do poder temporal dos papas. Astolpho, rei dos lombardos, assenhoreou-se do exarchado de Ravenna, que pertencia ao imperador de Constantinopola, e emprehendeu tambem subjugar Roma. O papa Estevão III, muito fraco para lhe resistir, veiu a França pedir o auxilio de Pepino. Este retomou o exarchado, que restituiu ao papa, não reservando para si senão a homenagem. O pontifice, cheio de reconhecimento, tranquillisou, por meio d'absolvição, os remorsos de que o seu protector era victima depois que se sentara no throno do seu soberano, em despreso dos juramentos que fizera. Logo depois o papa conferiu-lhe de novo, na egreja de S. Diniz, a unção dos reis, e sagrou ao mesmo tempo a rainha Bertha, e seus dois filhos, Carlos e Carloman.

759—767. Pepino, sempre em guerra, quer contra os inimigos do papa, quer contra os do estado, era constantemente victorioso. *Gaifre* ou *Vaifre*, duque d'Aquitania, e um dos descendentes de Cariberto, segundo filho de Clotario II, tinha usurpado alguns bens que pertenciam aos ecclesiasticos, e recusava restituil-os. O monarcha francez voltou contra o rebelde as armas victoriosas; e, depois de muitas expedições motivadas por frequentes revoltas, despojou de suas provincias o desgraçado Gaifre, que foi morto por seus proprios soldados.

768. Esta conquista foi o ultimo acontecimento memoravel do reinado de Pepino. Este principe morreu na edade de cincoenta e quatro annos, tendo reinado dezesete. Foi enterrado á porta da egreja de S. Diniz, como tinha ordenado, com o rosto para a terra, na posição d'um penitente.

Bom rei, bom pae, bom amigo, guerreiro invencivel e profundo politico, fez esquecer que não tinha nascido para o throno. Teria passado por ser o maior monarcha da terra, se não tivesse tido por pae a Carlos Martel, e por filho a Carlos Magno. A sua administração foi dirigida com tão constante sabedoria, que depois, para dar a mais elevada idea de alguem, dizia-se em proverbio: *E' prudente como Pepino.* Pozeram-lhe no tumulo por epitaphio: *Aqui jaz Pepino, pae de Carlos Magno*; como se elle fosse ainda maior por seu filho do que por si proprio.

Continua.



PORTAL DE S. CYRO LA ROSIÈRE.

A freguezia de S. Cyro la Rosière, no cantão de Noce, districto de Mortagne, está hoje reunida á de S. Gauburge. Outr'ora era bastante consideravel, e por isso se dividia em duas partes, uma das quaes, *pro majori*, rendia 1800 libras, e a outra, *pro minori*, 1500. Ambas eram apresentação do senhor temporal. A architectura da fachada, que a nossa estampa representa, marca a transição do estylo romano para o ogival. A ogiva é obtusa, e annuncia a arte nova, em quanto as columnas conservam a forma pesada e os capiteis folhados e com figuras da arte que desapparece. É a parte mais curiosa e antiga da egreja. As abobadas são do seculo XV ou XVI. Em uma capella, nota-se um grupo, composto de oito figuras e representando o enterro de Christo. Esta obra, que não é destituida de merecimento, suppõe-se executada no seculo XVI, na cidade de Tours, onde existia então uma escola d'artistas esculptores. Distingue-se tambem, como digno d'attenção, na povoação de S. Cyro, o pequeno e forte castello de Langelardière, construido provavelmente no mesmo seculo.

A ANTIGA PAROCHIA DE SANTA CATHARINA.

Quem vos dirá, ao passar pelo pardeeiro que existe na extrema direita sul da rua da Cruz de Pau, que ali houve n'outros tempos uma sumptuosa parochia, que em eras mais remotas foi um formoso desvelo da alma piedosa da rainha D. Catharina, mulher d'el-rei D. João III? Para attestal-o não bastará o testemunho dos olhos tomado d'aquellas paredes que simulam a forma externa de um templo: ser-vos-ha necessario dar volta pelo formoso largo d'aquelle maravilhoso panorama do Monte de Santa Catharina, e retirando a vista d'aquelles enlevos do nosso poetico rio, e seus pittorescos montes da margem esquerda, engrandecidos pelo maravilhoso do infinito por onde ella se espraia além da barra, vir descansal-a, arrobada de tamanha maravilha, sobre uma lapida que mãos piedosas da geração que viveu nos fins do seculo passado, ahi fez assentar sobre a porta principal, para testemunho

futuro da piedade dos nossos avós, e escarmento cruel da incredulidade dos nossos dias.

Será a pedra, que a natureza creou muda, mas que a arte e a sciencia do homem ensinou a fallar, quem, em breves palavras, vos contará a historia d'aquellas ruinas, á porta das quaes se conserva como atalaya, assentada ali pela mão de Deus, para bradar o seu terrivel álerta aos ouvidos scepticos.

Ella vos dirá:

«Esta egreja fundou a rainha D. Catha- «rina no anno de 1560, e a doou aos livrei- «ros d'esta cidade, e no 1.º de Novembro de «1755 o terremoto a arruinou, e os ditos li- «vreiros como padroeiros perpetuos a fize- «ram á sua custa no anno de 1757.»

Vêde lá, se é ou não verdade a pedra fallar-vos aos sentidos e á alma! Olhae lá na ironia d'aquellas singelas palavras com que vos conta quem a reedificou depois do terremoto de 1755! Seria a corporação dos livreiros então mais numerosa e rica do que hoje? Menos numerosa sim; e mais rica tambem, não de capitaes, que esses supprеos o desejo vencedor de todas as difficuldades, e sim de crença, devoção e fé, que é o quilate mais subido do precioso metal de que se formam os homens e as sociedades.

Os mestres livreiros do terceiro quartel do seculo passado, encontraram na sua fé e na sua crença, as necessarias forças para a reedificarem; e os livreiros d'este terceiro quartel do seculo em que vivemos, levados ao principio pelo impulso de uma bemaventurada devoção, oppozeram-se a que a fazenda nacional incluisse a sua egreja na lista dos bens nacionaes para ser vendida em praça; mas conseguida a portaria de 1842, que lhes mandou restituir a egreja e suas pertenças, desanimaram no meio da empresa, e confessando-se sem meios para reedificar o antigo edificio, requereram licença para proceder á venda do terreno e material existente! Subjeitaram-se a viver da esmola que lhe offerta um templo estranho; e são elles pelas proprias mãos que apagam aquella honrosa legenda que J. B. de Castro lhes estampou, quando, ao narrar a transferencia da antiga confraria de S. José de Ribamar para a egreja de Santa Catharina, accrescenta que se lhes deu a administração d'ella, por serem ministros da sabedoria, de que esta Santa é protectora!

Assim retribuem os homens que constituem a corporação n'este seculo, os desvelos reaes de um infante e de uma rainha, que nos seculos alcunhados de obscurantismo primavam em reunir n'um esplendido gremio os homens, por cujas mãos tinham de passar a sciencia e o seu ensino! O primeiro compromisso foi feito no anno de 1540, e approvado pelo infante D. Pedro, filho do não menos heroico D. João I, e reformado depois por el-rei D. João III. Foi á esposa d'este, a rainha D. Catharina, que na regencia da menoridade de seu neto D. Sebastião, se deveu a fundação da que fôi ermida com a invocação de Santa Catharina do Monte Sinai, no chamado *Monte do Pico* ou do *Belver*: e em 1560 começou a regalia d'esta ser parochia, com padroado real, que cedeu em 1567 á confraria, encorporada em irmandade, com obrigação de servir sempre de juiz um fidalgo da primeira grandeza.

Era da attribuição da irmandade, como donataria, prover annualmente a um cura, tres coadjutores, e um thesoureiro. Havia na egreja cinco irmandades; tinha dezenove capellanias, e uma confraria da Senhora da Nazareth. No templo existiam oito capellas perfeitamente adornadas, e n'ellas resplandeciam duas reliquias de Santa Catharina. O rendimento era grande não só pela extensão da freguezia que augmentava muito o valor da fabrica, mas pelos legados, predios, foros, etc., que se encorporavam na irmandade.

A maior parte d'estas regalias perdeu-as a irmandade depois que a freguezia se transferiu para o templo dos Paulistas. Não seria ainda tempo de as rehaver, se a corporação dos livreiros, com confiança nas suas posses, sobeja de vontade e de energia, reconstruisse a egreja que por seu desleixo perdeu?

F. D. d'Almeida e Araujo.

LISTA DOS PRELADOS DA SÉ PRIMACIAL DO ORIENTE.

A cidade de Goa foi erecta em bispado no anno de 1531.

BISPOS.

D. João de Albuquerque, tomou posse em 1538.
D. Fr. Jorge de Santa Luzia, 1553.

Goa foi elevada a arcebispado em 1557.

ARCEBISPOS.

D. Gaspar de Ornellas, 1560.
D. Fr. Jorge Themudo, 1567.
D. Gaspar de Ornellas (segunda vez), 1573.
D. Fr. Henrique de Taura, 1578.
D. Fr. Vicente da Fonseca, 1583.
D. Fr. Matheus de Medina, 1588.
D. Fr. André de Santa Maria, bispo de Cochim, governador do arcebispado, 1594.
D. Fr. Aleixo de Menezes, foi governador do estado, e passou a arcebispo de Braga, 1595.
D. Fr. Domingos da Trindade, bispo de Salle, governador do arcebispado, 1609.
D. Fr. Christovão de Sá, 1616.
D. Fr. Sebastião de S. Pedro, 1623.
D. Fr. Manuel Telles de Brito, falleceu em viagem para a India, 1633.
D. Fr. Miguel Rangel, 1634.
D. Francisco dos Martyres, governou o estado, 1636.
D. Fr. Christovão da Silveira, falleceu na ida para a India, 1673.

D. Fr. Antonio Brandão, foi governador do estado, 1675.
D. Manuel de Sousa e Menezes, 1681.
D. Alberto da Silva, 1687.
D. Fr. Pedro da Silva, 1689.
D. Fr. Agostinho da Annunciação, entrou duas vezes no governo do estado, 1691.
D. Sebastião de Andrade Pessanha, foi governador do estado, 1716.
D. Ignacio de Santa Thereza, tomou parte na governança do estado por duas vezes, 1721.
D. Fr. Eugenio Fregueiros, morreu em viagem para Goa, 1741.
D. Francisco de Vasconcellos, bispo de Cochim, governou o arcebispado, e o estado, 1741.
D. Fr. Lourenço de Santa Maria, 1744.
D. Antonio Taveira de Neiva Brum e Silveira, foi governador do estado, 1750.
D. Francisco d'Assumpção e Brito, 1774.
D. Fr. Manuel de Santa Catharina, 1784.
D. Fr. Manuel de S. Galdino, tomou parte na governança do estado, 1812.
D. Antonio Feliciano de Santa Ritta, 1837.
D. José Maria da Silva Torres, 1840.

Governa actualmente o arcebispado, o bispo eleito de Cochim, D. Joaquim de Santa Ritta Botelho.

—

Em os proximos numeros do *Panorama*, daremos a relação dos bispos portuguezes d'Africa, nas dioceses de S. Thomé, Congo, Angola e Cabo-Verde, bem como o catalogo dos governadores e capitães generaes das mesmas provincias.

F. M. B.

YAUNG-COOMPON.

Por este nome se designa o Ser Supremo entre os habitantes da Costa d'Oiro. William Hutton refere na sua *Viagem pela Africa*, que quando troveja dizem estes povos que o Ente Supremo anda de carruagem lá pelos ares, do mesmo modo que a nossos infantes, na sua simples credulidade, dizem que são os anjinhos que andam no ceo jogando a bola.

Aquelle Ente Supremo tambem tem os seus sacerdotes, appellidados fetiches. São feiticeiros e jograes d'uma revoltante immoralidade.

Entre estes povos, uma pedra que os fetiches pendurem na via publica, é um deus. Tambem esculpem em pau qualquer imagem grosseira, que collocam nas portas, e todas as manhãs lhe tributam suas religiosas homenagens. Cabanas entretecidas de ramos e folhas são os seus templos, e n'elles depositam ovos, pedras e vasilhas de barro, invocando a *Yaung-Coompon* com muitos gemidos; e com o deus invocam seu pae *(Majeh)* ou sua mãe *(Minnachi)*.

As divindades variam, porém, segundo as localidades. N'umas adoram o crocodilo; n'outras a hyena; e em varias partes a serpente. O abutre é venerado em toda a costa.

Os sacrificios humanos formam uma importante parte das ceremonias religiosas, e tem logar especialmente quando morrém os reis, ou personagens importantes. No reino de Ashante, ou Achante, chega a milhares o numero de infelizes que se immolam n'estas occasiões, ou quando se solemnisa a colheita da batata, ou inhame. Em Dahomey ha exemplos de no principio das colheitas se torturarem e despedaçarem sessenta e cinco pessoas. Ás vezes empallam uma vestal para alcançarem dos deuses uma feliz navegação fluvial, e actividade de relações commerciaes.

Mr. Bowdich descreve assim o sacrificio d'um homem em Coomasia. Uma faca atravessava-lhe as faces; e alguem que ia adiante d'elle uma das orelhas: a outra pendia-lhe da cabeça presa n'um pequeno filamento. Em cada espadoa levava cravada uma faca. Varios homens o conduziam por uma corda que lhe atravessava as ventas. O desgraçado ia com as mãos amarradas atraz das costas. O cortejo é precedido de tambores.

Uma festa que tem logar no mez de Janeiro, é especialmente celebre pelo grande numero de sacrificios humanos. Mr. Hutchinson, encarregado dos negocios britanicos na Coomasia, conta, que no decurso de dezesete dias, o rei fez degolar milhares de homens para propiciar a divindade á mãe, e duas irmãs, que lhe morreram depois da sua ascenção ao throno. Este barbaro sacrificio era acompanhado de musica, e quando esta parava, soavam estridentemente as cornetas, e o povo bradava: Morte! morte! morte!

O povo d'Ashante acredita na immortalidade da alma, mas não admitte o inferno. *Yaung-Coompon* protege-os e pune-os durante esta vida; porém lá no outro mundo contenta-se em entreter relações unicamente com os personagens eminentes, aos quaes concede, como cá sobre a terra, auctoridade sobre a raça vulgar, que languida e somnolentamente se conserva nas cabanas dos fetiches.

É galante a tradição que elles tem da origem da especie humana.

Dizem que Deus creou tres homens pretos, e outros tantos brancos, e a cada um d'elles brindou com uma mulher da mesma côr. Deixou-lhes o livre arbitrio na escolha do bem e do mal, collocando na terra uma enorme cabaça, e um papel dobrado e sellado. Os pretos foram os primeiros que tiveram o privilegio de escolher, e lançaram-se á cabaça, que julgavam cheia de objectos preciosos, e só encontraram n'ella um pedaço de oiro, um bocado de ferro, e fragmentos de outros metaes, cujo uso ignoravam. Os brancos romperam o sello ao papel, e desdobrando-o aprenderam n'elle todas as sciencias. Então Deus conduziu os brancos para as costas do mar, e deixou os pretos nos bosques; e communicando todas as noites com os primeiros ensinou-os a construirem uma barquinha, em que os transportou para outros paizes, que tambem faziam parte da Africa, mas d'onde não voltaram senão ao cabo de um extensissimo periodo.

A.



APITO DO SECULO XVI.

Este apito, cujo tamanho exacto apresenta a nossa gravura, é de prata doirada, embutido de pedras preciosas. É um trabalho francez do seculo XVI. Não faz parte d'uma collecção assaz numerosa para ser conhecida. Suppõe-se que servia para chamar os criados no interior das casas, porque o uso das campainhas só foi introduzido em França no seculo XVII.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

Carlos Magno.

767—773. Os dois filhos de Pepino dividiram os estados; mas em breve a morte de *Carloman* tornou *Carlos Magno*, seu irmão, unico senhor da monarchia. As primeiras façanhas do novo soberano foram contra os saxonios. Estes tinham á sua frente um homem digno de se medir com elle — o famoso *Witikind*, a quem derrotou junto de Paderborn, e arrasando o templo d'estes barbaros, matou-lhes os sacerdotes sobre os despojos do idolo, e levou as suas conquistas até ao Veser.

774—777. Em quanto Carlos triumphava dos saxões, a Italia solicitava o seu auxilio. *Didier*, rei dos lombardos, invadira, governando o papa *Adriano* I, o exarchado de Ravenna. O monarcha francez voou contra o usurpador, aprisionou-o, e fez-se coroar rei da Lombardia. O vencedor renovou ao pontifice a doação do *patrimonio de S. Pedro;* Adriano conferiu-lhe, por gratidão, o titulo de patricio de Roma, com o direito d'entender na eleição dos papas e confirmal-a. Os romanos, por sua parte, submetteramse ao seu poder.

778—799. Carlos passou a Hespanha, para restabelecer *Ibinaralabi* em Saragoça, d'onde fôra expulso pela rebellião. Cercou Pamplona, e apoderou-se do condado de Barcelona. Mas, na volta, os gascões bateram, no valle de Roncesvalles,

a retaguarda do seu exercito. *Rolando*, que tão celebre se tornou, perdeu ahi a vida.

Os saxões aproveitaram a ausencia do principe francez para se sublevarem. Carlos marchou contra elles, e alcançando novas victorias, submetteu finalmente ao estado e á religião o infatigavel Witikind, que,havia trinta e tres annos, luctava só contra todas as forças da França. Este famoso general foi tão bom subdito, como tinha sido formidavel inimigo.

Os saxões foram dispersos, na maior parte, pela Suissa e Flandres, onde communicaram o seu espirito agitador aos novos compatriotas. Um antigo escriptor, fallando da maneira porque o monarcha francez se comportava para converter estes barbaros ao christianismo, exclama: « Oh benignidade de Deus! que lhes deu por doutor e mestre o illustre Carlos, que obrigava, com as armas na mão, os que não podia subjeitar pela razão, e os constrangia assim a salvarem-se a seu pesar. » As leis do principe contra estes desgraçados eram bem pouco conformes ao espirito do Evangelho, pois condemnavam á morte quem se occultasse para não receber o baptismo. Um dia fez matar mais de quatro mil que pediam perdão.

802. O illustre filho de Pepino, chegado pela sua coragem ao auge da gloria, marchou para Roma em triumpho, e foi coroado imperador do Occidente por *Leão* III, renovando-se assim o imperio dos Cesares, extincto havia mais de tres seculos. Declararam-no *Cesar* e *Augusto:* decretaram-lhe as insignias dos antigos imperadores romanos, principalmente a aguia imperial. Havia muito tempo que o universo lhe dera o sobrenome de *Grande:* elle merecia-o pelos seus feitos heroicos, conquistas, qualidades pessoaes, e emfim pela immensa extensão dos seusdominios. Lançando-se a vista para o imperio, vê-se que possuia toda a Gallia, uma parte da Hespanha, o continente de Italia até Benevento, toda a Alemanha, os Paizes Baixos, e uma parte da Hungria. O califa *Haroun-al-Raschid*, o mais poderoso principe do Oriente, enviou-lhe embaixadores, com magnificos presentes, como para prestar homenagem á sua grande celebridade; e cedeu-lhe a soberania da Terra-Santa, reservando para si o titulo de logar-tenente.

803—812. Logo que Carlos Magno foi proclamado imperador, affirma-se que *Irene*, imperatriz do Oriente, quiz desposal-o, para reunir ambas as monarchias; mas uma revolução repentina, expulsando do throno esta princeza, desvaneceu-lhe as esperanças. Vencedor por toda a parte, dedicou-se a policiar os seus estados, restabeleceu a marinha, visitou os portos, fez construir navios, e formou o projecto de reunir o Rheno ao Danubio por um canal, para a juncção do oceano com o Ponto-Euxino. As suas leis sobre as materias tanto ecclesiasticas como civis são admiraveis, sobretudo para tempo tão pouco illustrado. Ordenou que os pesos e medidas fossem postos em todo o imperio em egual pé; e regulou o preço dos estofos e vestuario de seus subditos segundo a condição e grau. Equilibrou tão sabiamente todas as classes do estado, que foram contrabalançadas, e elle ficou senhor. Tudo foi unido pela força do seu genio: o imperio manteve-se pela grandeza do chefe.

813. Este grande principe, sentindo proximo o seu fim, associou ao imperio *Luiz*, o unico filho que lhe restava. Em presença de todos os grandes do reino e de numerosa assemblea, fez um discurso, onde, entre outros conselhos, lhe disse: «Honrae os bispos como paes; amae os povos como filhos; obrigae pela força os maus e sediciosos a entrarem no seu dever; escolhei juizes e governadores a quem o temor de Deus faça incorruptiveis; e vós mesmo tornae-vos irreprehensivel perante Deus e os homens.» Depois ordenou ao principe que tomasse com a propria mão a corôa que elle tinha posto sobre o altar, para lhe dar a entender que a recebia de Deus só, e que os pontifices nenhum direito tinham de dispor d'ella. Deixou-lhe todos os seus estados, á excepção da Italia, que reservou para *Bernardo*, bastardo de seu filho *Pepino*. Carlos Magno não viu muito tempo o filho sobre o throno: um pleuriz terminou a sua longa e gloriosa carreira a 28 de Janeiro de 814, com setenta e um annos de edade, quarenta e sete de reinado, e quatorze d'imperio.

Vasto nos seus designios, simples na execução, ninguem possuiu em mais alto grau a arte de fazer as maiores coisas com facilidade, e as difficeis com promptidão. Brando e affavel com todos, sincero e modesto nos modos, amava a companhia das pessoas da côrte; governava a sua casa com a mesma sabedoria com que governava o imperio: fez crescer os rendimentos dos seus dominios, e tirou d'elles com que espalhar abundantes esmolas, e soccorrer o povo. Este principe era o homem mais robusto, alto e bem feito do seu reino: tinha olhos grandes e vivos, rosto alegre e franco, e nariz aquilino.

Foi enterrado na egreja d'Aix-la-Chapelle, que tinha edificado. Enterraram-no, ou, antes, metteram-no em um carneiro, onde o sentaram sobre throno d'oiro; adornaram-no com as vestes imperiaes, e pozeram-lhe o cilicio que trazia ordinariamente, espada ao lado, corôa na cabeça, o seu livro do Evangelho sobre os joelhos, o sceptro e o escudo aos pés: um e outro eram d'oiro, e o papa tinha-os benzido. Lançaram-lhe o manto real, e pozeram-lhe a grande bolsa de peregrino, que costumava usar nas viagens a Roma. Todo o sepulchro foi perfumado, e ahi metteram grande quantidade de peças d'oiro. Sellaram-no; e por cima levantaram-lhe um soberbo arco triumphal, onde se gravou este epitaphio: *Aqui repoisa o corpo de Carlos, grande e orthodoxo imperador, que augmentou gloriosamente o reino dos francezes, e o governou felizmente durante quarenta e sete annos.*

Continua.

